Ano IIX — Leiria, 13 de Janeiro de 1931 — N.º 100

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre António dos Reis.*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Crónica de Fátima

13 DE DEZEMBRO

O inverno em Fátima

Com o início da quadra triste e melancólica do Inverno é chegada a época do frio, da chuva e da lama, em que o movimento das peregrinações afrouxa consideràvelmente e quási desaparece por completo.

Já não se faz a procissão nocturna das velas, já não se adora, durante horas consecutivas, Jesus-Hóstia exposto num trono de flores e de lumes, já cessou o vaivém das multidões numerosas de romeiros que circulam na Cova da Iria nas quadras encantadoras da Primavera e do Estio, imprimindo-lhe aquela nota de vida intensa que é a feição característica dos grandes Santuários Marianos.

Mas, em compensação, os grupos de peregrinos e os peregrinos isolados que, neste período desagradável e por vezes lúgubre do ano, acorrem ao recinto das aparições, encontram um ambiente mais próprio para a prática dos actos de culto particular, um silêncio mais favorável ao afervoramento da sua piedade uma solidão propícia ao recolhimento interior e aos santos exercícios da oração mental e vocal.

Desta sorte, tudo quanto o incomparável laboratório de vida religiosa, que é Fátima, perde em extensão, ganha-o de-certo em intensidade, elevando sem cessar para o Céu as súplicas fervorosas de milhares de almas, sacudidas pela forte rajada do sobrenatural que sopra, como uma grande bênção de Deus, nas cumiadas da serra de Aire para salvação de Portugal.

É ali, naquele cantinho abençoado da terra de Santa Maria, onde a Rainha dos Anjos ergueu o seu trono de amor e de misericórdia, que os fiéis, cheios de fé e confiança no seu poder e na sua bondade maternal, vão buscar fôrça e coragem para as lutas da existência, resignação e conforto nas provações, remédio ou lenetivo para tôda a sorte de males físicos e morais.

Mais um ano

É já decorrido mais um ano sôbre os acontecimentos maravilhosos que se desenrolaram na Cova da Iria em 1917, a época bemdita das aparições da Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel.

Se volvermos um olhar retrospectivo para êsse longo período de treze anos, assinalado por tantas maravilhas divinas, as nossas almas de crentes exaltam de alegria e os nossos corações sentem instintivamente a necessidade de fazer transbordar em demonstrações de piedade ardorosa os seus sentimentos de profunda e vivíssima gratidão.

Fátima tem sido, com efeito, a escola mais alta, mais perfeita e mais completa de formação religiosa no nosso país, o foco intensíssimo donde irradiam constantemente as graças preciosas que inundam em caudais imensos a mimosa terra de Portugal.

Fátima, a Lourdes portuguesa, está posta na nossa querida Pátria como cidadela do bem, como fortaleza inexpugnável para a defesa do tesouro da fé e da moral cristã contra todos os ataques da impiedade e da corrupção, mantendo sempre a distância, a-pesar das suas formidáveis investidas, o exército dos inimigos de Deus.

Milhares e milhares de crentes ali conseguem fortalecer a sua fé e intensificar a sua piedade ou encontram, sem esperarem, a sua ditosa estrada de Damasco.

Através dos séculos ignorados do porvir, êsse nome uma e mil vezes bemdito, soará como um canto magnífico de triunfo em honra de Jesus-Hóstia, como um hino celeste de gratidão e de amor para com a Augusta Rainha do Santíssimo Rosário.

Sôbre os montes áridos e escalvados da serra de Aire, sopram dois ventos: um é o vento natural que purifica a atmosfera e tonifica os pulmões, o outro é a rajada fortíssima de sobrenatural que invade, penetra até às fibras mais íntimas, purifica e torna mais generosas as almas e os corações.

Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Teotónio, Patriarca das Índias e Arcebispo de Goa que, antes de partir para o Oriente foi, em peregrinação, ao Santuário de Fátima, onde celebrou a Santa Missa na Capela das Aparições

Os actos religiosos oficiais

No dia treze de Dezembro último, a-pesar da inclemência do tempo, os actos religiosos ofícios comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos de 1917 realizaram-se ao ar livre, no altar do pavilhão dos doentes.

Foram em grande número os fiéis que se aproximaram da mesa eucarística, tendo-se confessado muitos dêles na igreja da Penitenciaria, onde os confessionários estiveram sempre ocupados, desde alta madrugada até depois do meio-dia.

No Posto das verificações médicas compareceram alguns doentes, cujos nomes ficaram registados no livro respectivo e que depois da Missa oficial receberam a bênção do Santíssimo.

Efectuou-se, com a solenidade e o entusiasmo do costume a primeira procissão, em que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida aos ombros dos servitas da capela das aparições para a capela das missas.

Depois do sermão, começou a cair uma chuva miudinha e impertinente, que obstou a que se realizasse a «procissão do adeus».

Os peregrinos dispersaram pouco a pouco e antes do fim da tarde já não se via ninguém naquele lugar santificado pela presença da Virgem Santíssima e favorecido com as bênçãos mais preciosas e mais escolhidas do Céu.

Visconde de Montelo

Graças de N. Senhora de Fátima

Prisão de Ventre.

Rev.mo Sr.

Em cumprimento de uma promessa que fiz, peço a graça de publicar no jornal de Fátima a graça que obtive, por intermédio de N. Senhora de Fátima.

«Há dois anos que a fé me levou a Fátima na esperança, bem radicada, de obter de Maria Santíssima o que de facto estou plenamente convencida ter obtido, embora indígnamente. Sentia, já há muito, fortes dôres no ventre — lado direito — seguidas de vómitos e prisão de ventre. Consultei o meu médico Snr. Dr. Alberto Cruz que, durante 2 anos, me tratou do fígado, sem resultado sencivel.

Algum tempo depois peorei bastante, dando-me duas cólicas que me prenderam o andamento da perna direita. Receando que fôsse uma apendicite levaram-me ao Porto, ao Raí X, onde o Sr. Dr. Pinto Leite disse ser uma inflamação nos intestinos e ovários. Nova receita sem resultado.

Alzira da Costa Brito

Cançada de tantas consultas e, *sobretudo, levada pelo amor da pureza*, cheguei a pedir a Maria Santíssima que me levasse para Ela, livrando-me assim de nova consulta que, em razão da doença, para mim era custosa. Entretanto foi-me nascendo a esperança de que se fôsse a Fátima seria curada. Este desejo dominou-me tornando-se em certeza. Foi então que, obtida a licença de meus pais, encorporei-me com um irmão meu numa peregrinação que, em 13 de Maio de 1928, partiu do Porto. Voltei contente. Comecei a comer de tudo sem que isso me fizesse mal.

Os vómitos e a prisão de ventre desapareceram, só de longe em longe sentia as dores que antes me atormentavam. Na incerteza ainda do milagre, novamente invoquei com mais fervor ainda pedin-lhe que acabasse de realizar a cura que já sentia, afim-de cumprir as promessas que havia feito. E graças a minha Mãe Maria Santíssima já lá vão perto de 2 anos sem que note o minino sintoma do que antes padecia. Convencida, portanto, de que aquilo que os médicos não fizeram o Céu mo fez, venho por êste meio, humildemente agradecer, glorificando Aquela que debaixo da invocação de N. Senhora de Fátima é a consoladora dos aflitos.

E assim cumpro a última das minhas promessas.

De V. R.cia

M.to att.a ven.ra obrig.da

Freamunde, 16 de novembro de 1930.

Alzira da Costa Brito

ATESTADO DO MÉDICO

Alberto Carneiro Alves da Cruz — médico etc.

Atesto sob palavra d'honra ter sido o assistente da Ex.ma Sr.a D. Alzira da Costa Brito, filha de António José de Brito e de Henriqueta Moreira Dias da Costa de 29 anos de idade, natural e residente em Freamunde, do concelho de Paços de Ferreira, a qual desde 1926 vinha sofrendo de graves perturbações gastro-intestinais, manifestando-se por vezes complicações o fígado e rins que mais vinham sombrear o prognostico do seu estado. Ensaiaram-se vários tratamentos e solicitou-se o auxílio doutros colegas, sem que a doente experimentasse sensiveis melhoras do seu estado físico e moral. E, sem que os recursos profissionais lhe tivessem dado resultado, desde 1928 que ela se encontra em magnífico estado, com a sua fisiologia normalmente estabelecida, consoante o tenho confirmado.

E por ser verdade passo o presente que assino.

Freamunde 27 de Novembro de 1930

Alberto Carneiro Alves da Cruz

Sofrimento dos ouvidos.

Alvaro Pereira Soares, Major, S. Paulo — Brasil, diz o seguinte:

Desde a minha infância sôfro dos dois ouvidos (inflamação), sofrimento êsse agravado durante o período (14 anos) em que estive no serviço militar cuja arma foi — artilharia. Daí a causa da minha redusida audição, a qual a despeitó de rigoroso e prolongado tratamento, não logrei melhorar... Conformado e também resignado com êsse sofrimento, não mais deligênciei minora-lo.

Eis que últimamente comecei a sentir melhor as vozes e os ruidos, não sabendo a que atribuir êsse agradável facto. Verifiquei, pois, ter aumentado bastante a sensibilidade dos meus ouvidos, porquanto observei que estava ouvindo com maior facilidade, quer quando em conversas, quer o bater de horas, buzinas de automóveis, apitos de locomotivas e tráfego de veículos de qualquer espécie. O que até então, não me acontecia com a facilidade e nitidez de agora. Como acabo de expôr, conclui, que, efectivamente, estou com a minha audição muito melhorada, cuja causa acredito resultar de Nossa Senhora de Fátima ter atendido a promessa que a meu respeito lhe fêz a minha boa mãe.

E, crente como sou, na infinita bondade de Deus, espero que Êle me dará a alegria de recuperar inteiramente a cura milagrosa dos meus ouvidos como sempre desejei e desejo. Concluida como está a minha declaração, fica o amigo autorizado a fazer dela o uso que lhe convier para maior glória de Deus, e da Virgem Maria que sendo Raínha dos portugueses, se compadece também dos seus filhos das outras nações.

Um quisto.

É com grande satisfação e alegria que me dirijo a Vossa Reverência para mandar publicar no jornal *A voz da Fátima* um milagre que a Virgem Santíssima me fez.

Durante cinco anos sofri dum quisto na espinha.

Não cheguei a mostrá-lo aos médicos porque tive vergonha, mas em modo de conversa fiz-lhe saber do que sofria ao que me responderam que necessitava de ser operada.

Fiquei aflitíssima e temia as dores que tinha de sofrer. Recorri então a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, prometi fazer-lhe uma novena e ao terminá-la estava curada. Agora grata reconhecida à Virgem Santíssima (saúde dos enfermos) me confesso sua fiel serva *Beatriz de Barros Pinto Brochado*. — Forjães, *Espozende*.

Duas graças a favôr duma creancinha

Aparecendo numa minha filhinha, com poucos dias de edade uma infecção na pele de caracter suspeito, a qual depois dalgumas evoluções tomou o aspecto dum feio ecsema, em todo o corpo (principalmente nos olhos e naris) e sabendo-se de casos semelhantes que levaram anos a curar, começámos uma novena a N.a Sr.a da Fátima pedindo a cura da pequenina.

Prometi a N. Sr.a publicar a graça das suas melhoras se ao fim da novena elas se notassem.

Aconteceu mais e melhor: no fim da novena estava *completamente curada*. Seguimos, é verdade, as prescrições do nosso médico, mas isso não impede de considerar como uma verdadeira graça de N.a Sr.a as melhoras e cura tão rápida durante a novena, pois o tratamento que se lhe fez foi o que já se fazia antes, sem resultado favorável. Tomou água da Fátima e lavávam-se-lhe com ela os olhos e nariz, que, sendo o que estava peor foi o que primeiro se curou.

Sobreveio-lhe a terrível coqueluche e ao fim dum mes de bastantes sofrimentos provocados por tão má doença vimo-la um dia tão doentinha que a julgámos perdida. Recorri novamente a N.a Sr.a e começámos outra novena fazendo eu igual promessa à anterior. Ao segundo dia já tinha alívios grandes e estes acentuaram-se mais durante a novena. N.a Sr.a tomou êste anjinho sob a sua protecção, creio-o, e, cheia de gratidão o publico.

Se depois destas graças N.a Sr.a entender que o anjinho deve ir para o Céu curvar-me-hei submissa, e a minha confiança e gratidão para com a Mãe de Deus Nosso Senhor, será a mesma!

subscrevo-me

Maria do Carmo Ribeiro Correia

Duas graças espirituais obtidas por N. Senhora da Fátima com a imposição da medalha milagrosa.

Dois doentes, um homem e uma mulher, há muitos anos que não recebiam os Sacramentos mas, por uma graça especialíssima obtida pela Virgem Santíssima, a mulher recebeu os últimos Sacramentos no dia da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem, e o homem, 3 dias depois de colocar a medalha milagrosa, recebia-os também com muito boa disposição. Bemdito seja Deus e a Sua Mãe Imaculada!

Coimbra — *L. A.*

António Joaquim do Fétil da mesma frèguesia diz o seguinte: Tinha perdido a voz há já muito tempo e de tal maneira que dificilmente me percebiam a falar. Triste com isto pedi a Nossa Senhora de Fátima, que me curasse prometendo-lhe, se conseguisse a graça, dar uma volta de joelhos cantando por todo o recinto sagrado, junto às paredes interiores do mesmo, começando junto ao portão central e terminando lá também. Quatro dias depois já sentia algumas melhoras e dez dias depois estava a minha voz completamente clara!

A treze de Julho de 1929 fui a Fátima cumprir a minha promessa. Acompanhavam-me de pé algumas pessoas compadecidas de mim e que me davam água de vez em quando porque estava muito calor. No entanto eu continuei sempre de joelhos, cantando e graças à Virgem Santíssima, nem então nem daí em diante a minha voz tornou a desaparecer.

DOENÇAS INTERIORES

Maria de Jesus, de 60 anos, do lugar de Cadavais, frèguesia de S. Simão sofria há muitos anos de doenças interiores. Consultara já muitos médicos estando todos de acôrdo em que devia ser operada.

Repugnava-me imenso sujeitar-me a uma operação e por isso fui adiando-a mas por isso mesmo fui peorando de tal maneira que já nem podia ir à missa. Meu marido convidou-me a ir a Fátima, mas eu tão doente como estava não tinha coragem para empreender tal viagem. Enfim lá fomos. Ao passar por S. Catarina ia já mais morta do que viva, de maneira que foi necessário descançar aí um pouco. Entrei dentro da Igreja e foi lá deante de Jesus Sacramentado que tomei o meu descanço. Passadas algumas horas retomámos o caminho de Fátima onde chegámos algumas horas depois de novo quási desfalecida. Apenas fitei os meus olhos nos da Virgem Santíssima as lágrimas começaram a correr-me pelo rosto abaixo!

Rezei o meu terço e mais orações e o meu mal desapareceu sem mais medicamento algum!...

De então para cá já lá fui 6 vezes e sempre com relativa facilidade cheia de grande alegria pelo benefício que me concedeu Nossa Senhora a quem quero aqui agradecer pùblicamente.

Maria de Jesus

DORES NOS OSSOS

Sofria gravemente com um triste mal estar e com dores agudas nos ossos. Estes meus sofrimentos eram-me mais dolorosos ainda porque tinha duas criancinhas de peito e assim não as podia alimentar.

Depois de consultar, sem resultado, alguns médicos, comecei a tomar todos os dias umas gotazinhas da água de Nossa Senhora de Fátima e a rezar o terço e três avé-Marias em memória das dores que teve a Virgem Santíssima quando, sem lhe poder valer, via seu amado filho agonisando na Cruz. Ou por isso ou por outra coisa o certo é que me sinto completamente boa graça que já fui agradecer a Nossa Senhora de Fátima.

Cadavais — S. Simão.

Maria da Conceição

Por falta de tempo?

Não tenho tempo de me ocupar de religião, dizes tu.

Olha que desculpa! No entanto (fica sabendo) trata-se da eternidade e destas coisas ignora tudo quem cá no mundo passa sem religião.

Não. Não temos o direito *de tratar a religião como coisa de somenos importância, como uma questão acessória*, como um simples zero colocado em frente da unidade.

Poderemos na verdade chamarmo-nos homens se ignoramos o que somos, donde vimos e para onde vamos, — ou, se o sabemos, vivendo como se o não soubéssemos?

E tu a dizer que não tens tempo de te ocupar de religião!

Estarás tu mais esmagado de ocupações que o rei S. Luís que tinha todo um reino para governar? Havia quem o censurasse por dar tanto tempo aos exercícios de piedade, desprezando assim os negócios do estado. A isto respondeu êle: «se eu passasse o mesmo tempo a caçar ou a jogar, como tantos fazem, todos achavam bem».

Terás tu mais que fazer que Lamoricière que comandava os exércitos do Papa? Um dia Pio IX citou-lhe um texto de S. Agostinho. O general acabou a citação e fez o mesmo a um texto de S. Irineu. Pio IX admirado preguntou-lhe: «Onde é que o general estudou as Obras dos Santos Padres?»

— «Nos campos da batalha», respondeu Lamoricière. A gente não está sempre em fogo e eu consagro o tempo de descanso a estas leituras em que encontro sempre muito encanto. E tu não tens tempo?

— E olha que a religião não é coisa supérflua, *que tu possas dispensar*.

Estás tu ao abrigo da dor? Não tens paixões a combater, desgraças a prevenir, filhos a educar, mortos a chorar? Se hoje tens saúde e vives pròsperamente não estás livre das eventualidades de àmanhã: a morte de um filho querido, a ruína inesperada duma saúde de ferro, o esquecimento e a ingratidão dos teus semelhantes, a perda da tua reputação, um revez de fortuna... catástrofes de todos os dias, depois das quais não há outro apoio no mundo senão a cruz, nem outro asilo senão a igreja, nem outra consolação real senão a oração.

Eu vos lastimo, ó ricos e grandes do mundo, eu vos lastimo a vós, operários e servos se os vossos olhos ao levantarem-se da terra não sabem olhar para o lado da cruz, — se, quando tudo vos falta, os vossos pés não conhecem o caminho da igreja, — se, nas horas em que soluçais, os vossos lábios não teem o hábito da oração, — se, quando a terra já não tem nada que vos dar, a religião não é para vós uma porta à qual não sabeis bater, um país cujos caminhos vos são desconhecidos!

E tu não tens tempo de te ocupar de religião!...

— Mas que falar é êsse? A teu lado há outros que teem tempo para isso, para se ocupar de religião, não para a respeitar e praticar mas para a ferir e exterminar. Há no mundo, nestes tempos, uma vasta e misteriosa propaganda de blasfemias e impiedade, que não afrouxa nem um instante.

Aquele que a Sagrada Escritura chama o príncipe dêste mundo tem o seu exército de missionários que por tôda a parte anunciam que o céu está vasio, que nenhum Deus lá está a receber as nossas orações e que o nada é o fim de tudo. A religião é batida com um furor tal que espanta os próprios indiferentes e scépticos. Portanto se queres guardar a religião, *é preciso defendê-la*.

Casimiro Perier, no leito da agonia, assim dizia ao jovem médico que o tratava: «Meu caro e jovem doutor, a religião, a religião, isso é que é importante! Sem ela, nada! Sou eu que lho digo e tereis ocasião de o observar. Tenha, pois, cuidado!»

Falam assim os sábios quando encaram as realidades.

Não demos, pois, ao mal que nos rodeia um assentimento aparente calando-nos ou abstendo-nos. Não atraiçoemos a causa religiosa pela nossa inacção e nossas reticên-

cias. Ninguém tem hoje o direito de dizer que não tem tempo para se ocupar da religião.

• • •

«*Não tenho tempo de pensar em Deus nem na alma*» dizes tu ainda.

Não tens tempo? Ora vamos lá ver! O que é que Deus te pede? Ao ouvir certa gente parece que os deveres religiosos absorvem *um tempo imenso* e que só são possíveis para quem não tem nada que fazer. Nada disso! Cinco minutos para a oração da manhã e outros tantos para a da tarde; total: dez minutos. Uma hora ao domingo e dias santos de guarda para assistir à Missa de obrigação; total: sessenta horas (ou pouco mais). Juntemos a isto uma hora para a confissão e comunhão pascal e... pronto.

E depois, a religião é muito menos uma questão de tempo que *uma orientação* de pensamento e da vida.

Por muito que os teus deveres de estado te absorvam, quem é que te impede de levantar o teu coração para Deus algumas vezes por dia, de lhe ofereceres o teu trabalho, os teus cuidados, penas e privações? Quem é que te impede de lançar para Deus o grito das tuas dores e das tuas alegrias? O que é que te impede de lhe consagrares, por uma ascensão interior, os estudos da tua juventude, — os trabalhos e inquietações da idade madura, — os passos vacilantes da tua velhice, — a tua voz que desaparece, o teu ardor que se extingue, o teu último suspiro que se exala?

Quem te impede, ou quem te pode impedir de trabalhar e sofrer, de viver e morrer por Êle?

Não pode ser séria nem verdadeira essa tua desculpa de falta de tempo.

— Que não tens tempo de pensar na *tua alma?* Se isso é verdade, lastimo-te sinceramente.

Um missionário fazia um dia a seguinte pregunta: «Quantas horas gastas tu por dia a cuidar do teu *cavalo* para o teres em bom estado?

— Perto de duas — E a tua alma? Já pensaste nisto?

— Palavra, que não!

— Visto, pois, que gastas tanto tempo com o teu cavalo e nenhum com a tua alma, eu antes queria ser teu cavalo que tua alma».

—Tens tempo para comer? Com certeza. O teu *corpo* não poderia viver sem comer e se o teu patrão te não desse tempo tu o arranjarias ou lhe abandonarias o estabelecimento.

Faz, pois, tanto para a tua alma como fazes para o corpo, visto que ela é a parte mais nobre e principal de ti mesmo.

Sustenta-a com as crenças e práticas religiosas que são o seu alimento e vida. Olha que a *tua alma é imortal*. Assegura-lhe uma eternidade feliz. Nunca pensas nisto. De manhã até à noite preocupado sòmente com o trabalho, com os olhos fixos num fim a atingir, numa fortuna a adquirir, num papel a desempenhar, vais para a frente com um ardor que nada abate e que o caminhar dos anos parece aumentar. O sucesso corôa os teus trabalhos e uma alegria íntima, profunda, invade o teu coração ao ver que os teus negócios prosperam **e que a fortuna aumenta**.

E eu, cá por dentro, censuro-te e lastimo-te porque vejo que sacrificas o principal no acessório. As preocupações da terra fazem-te esquecer os pensamentos da fé. Ganhando um mundo, perdes a alma. Isto não é cristão; não é razoável.

E há na semana um dia que pertence a Deus e à alma. Que fazes tu nesse dia? Serás também dos que dizem:

• • •

«*Não tenho tempo de santificar o domingo*».

Se isto tivesse fundamento, seria grave. Não creio, porém, que o tenha, ao menos na maioria dos casos.

— Tu, rico, dizes que não tens tempo de santificar o domingo. Não acredito. Tu, que tens tempo para tanta visita inútil, de te entregar a tantos ajuntamentos de prazer que dão em nada, de fazer viagens de recreio ou de negócios que bem poderiam ficar para o outro dia, não tens tempo para santificar o domingo! Portanto, se quiseres, tens tempo de observar o repouso dominical e de o santificar.

— Tu, *operário*, não terás tempo de santificar o domingo, tu que ainda replicas que tendo de comer todos os dias, terás também de trabalhar todos os dias. E eu respondo-te que comendo todos os dias é forçoso descansar ao domingo e se não se descansa na igreja lá se irá para outra parte nesse ou noutro dia.

Conheço muitos operários arruinados pelo deboche e não conheço nem um que o esteja por guardar o domingo.

Quando se suprime o domingo, eu temo duas coisas para o operário: tenho medo do seu trabalho e do seu repouso. Receio o seu trabalho se êste não tem interrupção e receio o seu repouso se êle não é santificado, se não é protegido, tornando mais pesado o cansaço da alma e do corpo.

— E a *mãe de família* não terá tempo. Desculpa-te com os serviços da casa e os cuidados a dar aos filhos. Perdão! Primeiro que tudo o que tu deves a teus filhos é o exemplo do cumprimento de todos os deveres... e se desobedeces a Deus, como podes tu esperar que os teus filhos te obedeçam? E lá se vão por água abaixo todos os vossos cuidados e projectos. Os teus filhos te encherão de amargura e terás de responder no tribunal de Deus pela tua alma e pela dêles.

— E nós, *portugueses*, não teremos tempo de santificar o domingo? Será verdade? Há povos mais activos, mais industriais, mais ricos, para quem o tempo é dinheiro. E em muitos dêles, como na América, logo que o sino anuncia o dia do Senhor, cessa tudo. Forjas, carros, correios, apenas alguns comboios. Cafés, bilhares, tudo está fechado.

O presidente americano Grant dizia que o que tinha visto de mais belo na velha Europa eram as grandes catedrais, obras primas de arte religiosa e acrescentava: «O passado não produziu todas estas maravilhas senão por causa do domingo e o domingo é o dia em que Deus rega a planta do trabalho para que êste produza os seus frutos».

Belas palavras e grande lição!

— Demos à religião, a Deus, à nossa alma, ao domingo, o respeito que lhe devemos. Não perderemos o tempo com que compramos a paz da consciência, a honra do lar, a segurança social, as prosperidades da terra e as alegrias eternas do Céu.

Em vez de Deus...

O João Luís não era o mesmo rapaz.

Êle sempre tão alegre, tão jovial, tão aberto e franco...agora era certamente objecto de graves apreensões.

Por vezes vinha ter comigo, falámos longamente.

Nas longas tardes de férias grandes — tardes saúdosas que não voltam mais eu e êle com um outro íamo-nos para o adro da igreja paroquial absorver a largos haustros o encanto daquela mansão de paz.

Havia pela banda do norte um banco tosco, cavado na muralha da tôrre.

Era ali, naquele recanto isolado e silencioso, que, cansados de lhe passear em volta, nos íamos sentar na conversa.

Do que então se falava bem me lembro eu.

Recordações de infância histórias da vida de seminário entremeiava-as com doces sonhos de apostolado futuro e de trabalho atuado em prol das almas.

E os olhos dos meus amigos abriam-se abriam-se como se já lhes estivesse deante a visão gentil que eu lhes criava ao falar.

Parecia que as almas se lhes abriam como corolas de rosas brancas à luz do sol quando mais alvorece.

Calava-me e êles ficavam-se mudos em seguimento de alguma coisa que de lonje lhes acenava.

Depois cortava eu o silencio para os fazer falar com alguma das muitas lérias que gostavam de me ouvir contar.

Mas cá por dentro gosava eu também.

Com que carinho os não ia eu tratando e cuidando!...

O jardineiro, se tem flores de estimação, mal amanhece vai logo vê-las e o último raio do sol ao despedir-se deixa-o imerso nos cuidados que o absorvem.

Que havia de eu fazer se o Senhor mas confiara se as via crescer, desenvolver-se para daí a pouco florirem no altar do Senhor?

Com que amorosa ternura os ia vigiando, formando e instruindo!

Dentro daquela alma em botão ia pouco e pouco derramando o que na minha havia de menos mau.

Revia-me neles quando os imaginava a trabalhar na grande vinha do Senhor.

Ah! quando viria essa hora tão desejada deles e de mim!?

Quando o sol nos deixava e o sino tocava as Tvindades de fé resávamo-las e a seguir começava-se o terço ou de joelhos deante do SS.^m^ ou passeando em volta da igreja.

Era certa a repetição da visita que fizéramos ao chegar.

Não se compreendia que estando ali o Mestre tão perto o deixássemos sem lhe dizer adeus.

E com a bênção d'Ele se findava docemente o dia, partindo cada qual para sua casa.

• • •

O João Luís era um rapaz ingenuo e bom que me conhecia desde que, creancita, começara a conhecer alguém.

Não havia refolhos naquela alma. Alegria ou tristeza, medo ou confiança, socego ou inquietação tudo se lhe vinha espelhar nos grandes olhos castanhos dando-nos dele uma certeza que não falha.

Habituara-me a ler-lhe nos olhos. (que na verdade, não é tão difícil, ler nos olhos, como à primeira vista parece).

O que mais vezes se lia ali era a alegria confiada e tranquila da criança que por mais que pense nada vê que a preocupe.

• • •

Passaram-se anos. O João Luís estava então nos 18. Era uma linda estampa de rapaz.

A-pesar-de quaisquer dificuldades ia e ia bem.

Certo dia aqueles olhos deixaram de me fitar e de me permitir que os fitasse.

Porquê?

Não houve maneira de o descobrir.

Ficara meio sério, cabisbaixo demasiadamente socegado.

Não gosto nunca de ver um rapaz com geitos de homem. É mau sinal.

E naquele caso também.

Louca, a imaginação corria à rédea solta.

Com ela os sentidos prescindiam de freio.

A ruina era fatal.

«Quem ama o perigo nele perecerá.»

Um ano depois, o João Luís saia do Seminário.

• • •

Está casado tem já três filhos e vive do seu trabalho não longe daqui.

Que se passara?

Parece ressaltar do que aí fica. Contudo a história é bem diversa.

A companheira da sua vida nem sequer o conhecera em seminarista.

Que houve então?

• • •

Na igreja aonde todas as semanas ia ensinar a doutrina cristã prenderam-se-lhe os passos que o levavam ao altar.

Havia uma rapariga gentil como êle, mais piedosa do que êle mas sem saber o que são os 20 anos que ela contudo estava a fazer.

Também ela ia ensinar a doutrina.

Um olhar e outro...

De vez em quando duas palavras a fugir: eis o que se passava.

Pouco a pouco, atraz da simpatia veio a afeição e depois o amor.

Ràpidamente o João Luís deu ordem de despejo ao coração e instalou nele, o amor daquela rapariga.

• • •

— E o altar?

— E o sacerdócio?

— E as almas?

— E Deus?

Para o altar e o sacerdócio para cuidar das almas não faltariam rapazes.

Êle... ia já aspirando em devaneios a encantadora paz do ninho a fundar.

— E Deus?...

Deus olhou-os, esperou e... riu-se. Com Deus não se brinca.

Dois mêses depois, longe da família e dêle finara-se de morte quási repentina e misteriosa a rapariga que o transtornara.

Num momento tombava-se todo aquele castelo edificado no ar.

Ela conquistara-o a Deus.

Colhendo-a em flor, quebrava Deus o encanto de todos os sonhos doirados. E nada ficava naquela alma . em vez de Deus.

• • •

Esta história contou-ma há tempos um sacerdote cujo nome não estou autorisado a publicar.

Ao ouvi-la, ia pensando de mim para comigo.

Pelos sacerdotes há já, louvado Deus, muitas almas que se sacrificam e imolam fazendo subir as suas preces e mortificações junto de Deus

E pelos Seminaristas — os futuros ministros do Senhor?

Pelos Seminaristas — a esperança da Santa Igreja, os senhores da futura Evangelização?

Quem ora? Quem se imola e sacrifica?

Ah! Que de vocações se perdem porque nas férias vivem abandonados!...

Quantos que o demónio cresta ou quebra quando o Senhor estava prestes a fazê-las desabrochar!...

Oremos pelos Seminaristas!...

Outubro de 1930

Galamba de Oliveira

Movimento religioso na Cova da Iria

Comunhões mensais

Em *Agosto de 1927*, primeiro mês que na Cova da Iria existiu o zeloso Reitor — P.^e^ Manuel de Sousa, o número aproximado de comunhões foi de 12.000. Em Setembro de **1927,** 11.500; Outubro, 16.000; Novembro, 1.500; Dezembro, 900. Em 1927, houve aproximadamente 41.900 comunhões.

• • •

Em Janeiro de **1928,** 1.000; Fevereiro, 800; Março, 1.500; Abril, 4.000; Maio, 20.000; Junho, 13.000; Julho, 12.500; Agosto, 14.000; Setembro, 12.000; Outubro, 18.000, Novembro, 1.500; Dezembro, 800. Em 1928, houve aproximadamente 99.100 comunhões.

• • •

Em Janeiro de **1929,** 900 comunhões, Fevereiro, 1.000; Março, 1.200; Abril, 2.500; Maio, 26.000; Junho, 16.000; Julho, 13.000; Agosto, 12.500; Setembro, 9.500; Outubro, 10.000; Novembro, 2.000; Dezembro, 1.200. Houve, pois em 1929, aproximadamente 94.900 comunhões.

• • •

Em Janeiro de **1930,** 1.200 comunhões. Fevereiro, 1.800; Março, 2.000; Abril, 2.200; Maio, 18.000; Junho, 10.000; Julho, 9.500; Agosto, 8.500; Setembro, 7.000; Outubro, 11.000; Novembro, 2.200; Dezembro, 1.800. Houve, pois em 1930, aproximadamente 75.200 comunhões.

• • •

Extracto do Mapa do Movimento de doentes em dias 13 de cada mês, no *Santuário de Fátima*.

Ano de 1926, desde Maio, 965; 1927, 1346; 1928, 1639; 1929, 1336; 1930, 1195; Soma 6.681.

Dentre os 5.486 que foram observados desde Maio de 1926 até ao fim do ano de 1929, — 473 trouxeram atestados passados pelos respectivos médicos assistentes e dentre os 1.195 que foram examinados no ano de 1930, — 143 vinham munidos dos mesmos atestados.

• • •

Em Maio de 1928, visitaram e prestaram serviços no pôsto de verificações médicas, na Cova da Iria, os seguintes Ex.^mos^ Médicos: Dr. José Maria Pereira Gens, Dr. Eurico Lisboa, Dr. Américo Cortês Pinto, Dr. Francisco Cortês Pinto, Dr. Gilberto Veloso, Dr. Weiss de Oliveira e Dr. Gabriel Ribeiro.

• • •

Em Outubro de 1928, prestaram serviços ou visitaram o pôsto de verificações os seguintes:

Dr. José Maria Pereira Gens, da Batalha; Dr. António Paúl, do Pôrto; Dr. Weiss de Oliveira, de Lisboa; Dr. Jacob Magos Pinto Correia, de Tremés — Santarém; Dr. Pereira Continho, de Cascais; Dr. Manuel Pinto Moreira Ramos, de Vila Nova de Gaia; Dr. João Lopes Cardoso, de Gondomar; Dr. Américo Cortês Pinto, de Leiria; Dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, de Louzada; Dr. Augusto de Azevedo Mendes, de Torres Novas; Dr. António Parreira Cabral, de Lisboa; Dr. António Luz Preto, de Vila Nova de Ourém.

* * *

Em Maio de 1929 estiveram em serviço no pôsto médico na Cova da Iria os seguintes Clínicos:

Dr. Augusto Mendes, Torres Novas; Dr. António Luz Preto, de Vila Nova de Ourém; Dr. Eurico Lisboa, de Lisboa; Dr. Teles Sampaio Rio, de Leiria; Dr. Américo Cortez Pinto, de Leiria; Dr. Francisco Cortez Pinto, de Lisboa; Dr. António Santos Saraiva, de Leiria; Dr. Duarte Proença, de Tomar; Dr. Tavares da Mata, de Tomar; Dr. Weiss d'Oliveira, de Lisboa; Dr. Gabriel Ribeiro, de Lisboa; Dr. Gilberto Veloso, de Coimbra; Dr. Adriano Pimenta, de Alvorge; Dr. Jerónimo Carlos da Silveira, de Tomar; Dr. Reis Mata, da Barquinha; Dr. Vaz Pato, de Oliveira do Hospital.

(Dos outros mêses não há registo).

No livro respectivo faz-se já menção de 6 turnos dos exercícios espirituais dados na Cova da Iria por diversos sacerdotes notaveis por sua sciencia e virtude.

Estes exercícios têm sido dados aos servitas dum e doutro sexo (em turnos diferentes), a diversas pessoas que isso pedem, e ùltimámente houve também um turno dado a 11 distintos médicos da nossa terra.

Deram estes exercícios os Rev.^{dos} Padres — Raúl Dias Sarreira, António Vaz Serra e Luís Gonzaga da Fonseca.

O Pároco

Palavras de Lamartine:

«Há em cada paróquia um homem que não tem família, mas que pertence a tôdas as famílias; que se invoca como testemunha, como conselheiro, ou como agente, nos actos mais solenes da vida; sem o qual ninguém pode nascer nem morrer; que toma conta do homem no seio materno, e não o larga senão na campa; que benze ou consagra o berço, o leito nupcial, o da morte e o túmulo; um homem que as criancinhas se afazem a amar, respeitar e temer; aos pés do qual os cristãos vão derramar as suas mais intimas confidências, as suas mais secretas lágrimas; um homem que é por oficio o consolador de tôdas as dores da alma e do corpo; o medianeiro forçado da riqueza e da indigência; que vê o pobre e o rico vir alternadamente bater à sua porta, o rico para liberalizar a esmola, o pobre para a receber sem rubor; que, não sendo exclusivo de grau algum social, pertence igualmente a tôdas as classes, às classes inferiores por sua vida pobre, e muitas vezes pela humildade do seu nascimento, e às altas classes pela educação, pelo saber, e pela nobreza de sentimentos, que uma religião tôda de amor inspira e manda; um homem finalmente que sabe tudo, e tem direito de tudo dizer, e cuja palavra cai do alto sôbre as inteligências e os corações com a autoridade de uma missão divina, e como o império de uma fé sem réplica. Este homem é o Pároco.»

Estas palavras do grande poeta e escritor conservam ainda hoje tôda a sua actualidade.

Quantas pessoas que passaram a vida, nos dias de prosperidade, a perseguir a Igreja e o padre, quando chega a hora da desgraça é ao padre que vêem pedir auxílio, conselho e... pão.

Deus defende e livra o humilde; ama-o e dá-lhe consolação, inclina-se para êle, concede-lhe graça e depois do seu abatimento o levanta a grande honra.

Imitação, Liv. II, cap. II.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	238.272$55
Papel, composição e impressão do n.º 98 (63.500 exemplares)	3.448$50
Franquias, embalagens, transporte, gravuras, cintas, placas para endereços e gavetas para as mesmas	1.306$80
Despesa com a administração em Leiria	1.117$20
	244.146$05

Donativos vários

D. Rosalina de Jesus Batista (distribuição do Bento), 100$00; Joaquim Alves Tinoco — Pôrto, 20$00; Irene da P. Cruz Rocha — F. de C. Rodrigo, 20$00; Aurora Manso — M. Estoril, 20$00; P.e Augusto Durão Alves — Turcifal, 60$00; Diversos de Ilhavo, 110$00; Maria Silva — América, 40$00; Elisa de Lourdes Mesquita — Lisboa 40$00; Carmina Vieira — Palhaça (distribuição de jornais), 50$50; Aida de Aguiar Ferraz — Palhaça (distribuição de jornais), 75$00; José Gonçalves Governo — Casal J. Dias (distribuição de jornais), 15$00; Afonso de Albuquerque — Lirboa, 15$00; Inácio de M. C. da S. Montenegro — Lisboa, 20$00; Amélia Ferreira Peixoto — Leça de Palmeira, 20$00; Eugénia Gomes Melo e Costa — Pavolide, 15$00; P.e Virgínio Lopes Tavares — Açores, 80$00; Maria Luiza d'Amorim e Castro — Açores, 15$00; Margarida Monteiro Sousa — Pôrto, 20$00; Francisco Gonçalves Torce — Açores, 50$00; Guilhermina da Costa Freitas — Famalicão, 30$00; Olga M. Pereira, A. Nobrega da Fonte e Maria da Natividade Vieira — Madeira, 130$00; Umbelina Amélia Barbosa — Alqueribim (destribuição), 83$00; P.e José Rod. da Costa — Valbum, 122$00; Manuel Gonçalves Viana — Espozende, 20$00; Joana E. da Z. V. C. Branco — Pôrto, 15$00; Joaquina Rosa Ramalho — Lisboa (distribuição) 30$00; Elvina Nunes da Fonseca — Lisboa (distribuição), 50$00; Apostolado da Oração — Vila Viçosa, 50$00; António Guedes — Perosinho, 15$00; Margarida da L. M. Gomes — Sintra, 15$00; Angelina da C. Martinho — Sintra, 15$00; Joaquim A. Pereira — R. dos Moínhos, 20$00; Maria da C. M. Barrela — R. Maior, 50$00; Dr. Luís de A. e Silva — V. N. de Ourém, 15$00; João Sanches Barjona de Freitas — Lisboa, 15$00; Miss Belmira Rebelo — Estados-Unidos, 20$00; Maria dos Prazeres Santos — Roma, 20$00; L. Augusta da S. P. Esmoriz — Matozinhos, 15$00; Cadaval (distribuição), 20$00; Mariana J. R. Claudio — Açôres, 15$00; Casa de Saúde, de S. Miguel — Açôres, 40$00; P.e Xavier Madruga — Pico (distribuição) 120$00; Emília A. de S. G. e Castro — F do Zezer, 50$00; Maria G. d'Oli. Soares — Ovar, 20$00; António P. R. Teles — Coruche, 20$00; Almiro José Pinto — Macieira da Cambra, 70$00; Maria Julia M. Ferreira — Pôrto, 20$00; João J. Bruen de Silveira — Açôres, 20$00; Escola João de Deus — Braga, 30$00; Adelaide Braancamp de M. B. — Santarém, 20$00; Hortência de M Lemos e Menezes — Pôrto, 20$00; João Francisco Angelo — M. do Ribatejo, 30$00; Elvira A. M. M. Falcão — Lagôas, 50$00; Maria do C. Pires — Pôrto (distribuição), 15$50; Superior do Colégio da Serra — Gôa, 39$80; Manuel V. Tavares Junior — Portalegre, 50$00; Azilo dos Cegos — Castelo de Vide, 50$00; Madalena Rêgo — Lisboa 20$00; P.e António Joaquim Ferreira — Carvalhos (distribuição), 100$50; Manuel José L. Dias — Lisboa, 18$00; Distribuição em Pardelhas, 100$00; Maria Izabel M. da C. Russo — C. de Vide (distribuição), 25$00; Libania M. R. Peres — Lisboa, 15$00; José dos Santos — S. Martinho, 15$00; Izabel da Piedade Vieira — Torres-Vedras (distribuição), 42$50; Maria A. das Dores S. Almeida — Faro (distribuição), 65$00; Olinda V. Gonçalves — Pôrto, 20$00; Glória da Costa — Vouzela, 20$00; António José Valente — Mafra, 15$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas por ocasião da distribuição de jornais:

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Novembro de 1930, pela Ex.ma Sr.a D. Laura Gouveia, 10$00; Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Dezembro de 1930, pela Ex.ma Sr.a D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 27$80.

"O Jesus Pequenino"

Uma menina de 10 anos, que tinha sido levada por uma companheira sua a uma das nossas catequeses, estando um dia sòsinha na pobre mansarda da sua família, demasiadamente chegada ao fogão, pegou o fogo aos seus vestidos. Os visinhos correram aos seus gritos, e juntando-se à volta dela, procuram fazer-lhe bem.

O corpo da pobre criança é uma chaga viva... E' estendida sôbre um montão de farrapos, leito habitual de tôda a família. Os seus gemidos cortam a alma...

Seu pai e sua mãe, pobres jornaleiros, estão inteiramente desolados. Preguntam à criança o que lhe poderiam fazer para a aliviar. A pequena responde com grandes esforços, que queria ver a sua senhora catequista. Foi grande o espanto e embaraços desta pobre gente que nunca tinha ouvido falar dela, julgando mesmo que a sua filha não pensava nisso.

Uma companheira sua, atraída pelo acontecimento, explica-lhes o caso, e encarrega-se de chamar a senhora, não sabendo contudo a morada dela. Sabe ùnicamente que não habita aquele bairro; mas guiada pelo desejo de conseguir sabê-lo chega a encontra-la levando-a em breve a vêr a doente. A senhora mal reconheceu a sua aluna, de tanto que estava desfigurada. Aproximou-se dela, abraçou-a, e preguntou-lhe o que a poderia alegrar... A criança respondeu como num suspiro: «Jesus! Jesus!» Levantando-se com grande esfôrço, repetia ainda «Jesus!» e depois, estendendo os pobres bracitos cobertos de chagas exclamou:

— Mas, peço-lho, dê-me o Jesus pequenino, aquele que me prometeu no catecismo; eu não preciso senão dÊle, não quero senão a Êle.

A êste último apêlo a senhora compreende, e desligando o Crucifixo que trazia ao peito, dá-o à criança.

Então o rosto da criancinha ilumina-se com uma expressão de indefinível felicidade, agarra a cruz apertando-a ao seu coração, e depois levando-a aos lábios, murmura docemente, sem mais a deixar:

— Jesus, que eu amo tanto, que morreu por mim,... como eu sou feliz!

Algumas semanas depois, contra tôdas as provisões humanas, a criança estava curada. Seus pais, graças à caridade das senhoras catequistas deixaram o seu apôsento miserável. Pediram por sua vez, para conhecer também aquele, que tinha tornado a sua filha tão feliz, mesmo no meio dos maiores sofrimentos.

Como se perde a fé...

Uma menina declara um dia a um padre que lê muitos romances, e outras publicações frivolas, sem ter escrupulo algum na escolha.

— Mas porque procede assim? diz o padre. É tão perigoso para a sua alma!...

— Afirmo-lhe que não me fazem mal nenhum; servem-me até de distração.

— Está bem certa disso?

— Oh! perfeitamente.

— Se assim é, continue e lê-los; ùnicamente tôdas as vezes que fôr abrir um desses livros, ajoelhe-se e diga a Deus: *Meu Deus, vou ler um romance para Vos agradar; sei que contem más doutrinas, maus exemplos e maus conselhos, mas que me importa, vou lê-lo para cumprir as minhas promessas do baptismo, procurar a Vossa glória, e a salvação da minha alma.*

— Mas eu não posso dizer essa oração, seria escarnecer de Deus...

— Não, certamente; se essa leitura é boa, pode e deve fazer essa oração.

— Mas...

— Ah! certamente essa leitura não lhe é indiferente, como pensava antes. Fale-me com franqueza: Em outros tempos, não era mais piedosa e também mais feliz?

— Sim, na verdade.

— E lia então, esses romances?

— Não, nunca.

— Não gostava então mais dos estudos sérios, dos trabalhos úteis? Não freqüentava com mais gosto os sacramentos com mais fervor e alegria espiritual?

— Oh! É bem assim, confesso-o.

— Pois bem; nada mais quero dizer-lhe; acaba de se condenar, e reconhecer que é perigoso para a sua alma proceder como até aqui.

Depois da Santa Comunhão sejamos bem educados

«Receber um hóspede como Jesus-Cristo, não em uma hospedaria de passagem, mas na sua casa escolhida e, mal recebido, voltar-lhe as costas, como faz o convidado para o entêrro, que, mal baixado o defunto à cova, lhe volta o dorso e se retira!...

Jesus, ò inefável conviva, é filho de boa família e de pais nobres pela ascendência... Sejamos polidos. Não usemos para com Êle da grave descortezia de que não usaríamos para com um titular ou um cavalheiro qualquer da simples burguezia, que nos viesse visitar a nossa casa. Certamente o receberíamos com urbanidade, o mandaríamos sentar e lhe faríamos sala com os melhores termos de um carinhoso agasalho.

Façamos sala ao Filho de Maria, ao menos durante êsse curto espaço em que, atraído pelo amor e pela forma sacramental às espécies do pão e do vinho, estas permanecem incorruptas no nosso interior»

P.e Senna Freitas

Más companhias

Um pai tinha um filho, já grandote, e que parecia não enveredar por bom caminho.

— Anda cá, Manuel! Eu sei que andas por aí metido com a matulagem da peor espécie! Tem cautela, meu filho! Olha que os meninos são como as maçãs. Se pomos uma maçã bôa ao pé doutras podres, no fim tôdas apodrecem.

— Esteja descansado, meu pai, que eu não sou maçã nenhuma!

Se não quiser ser mau, não sou! E lá por andar junto com os outros, isso não faz ao caso, porque êles não são capazes de me obrigar a fazer o mal.

— Olha, filho, sei que não és maçã, mas acredita que raciocinaste agora como uma abóbara! Tenho pena de que assim sejas! Eu já não verei, mas agouro mal de ti.

E infelizmente assim foi. Como se não livrou dos amigos podres, apodreceu como as maçãs.

Dize-me com quem andas, dir-te-hei quem és.

Lembrai-vos bem desta máxima e não queirais nunca acompanhar nem tratar com aqueles que troçam de Deus e das coisas santas, que não freqüentam os sacramentos, que passam a vida nos cafés e nos bordeis, nos centros de cavaco e nas tabernas.

O REMORSO

Conta-se que um rei da Dinamarca tinha assassinado seu pai para reinar em seu lugar.

Parecia feliz, porém não o era.

Andava interiormente aterrado, o seu coração estremecia de pavor, negras visões se cruzavam diante dos seus olhos.

Uma noite, no meio de um baile, começaram a tremer-lhe as pernas, a sua fronte empalideu, e do peito escapou-se-lhe êste grito: Apaguem as luzes. O que fôra? — O rei parricida julgára ver a sombra de seu pai.

Mas, apagadas as luzes, a visão não desapareceu. Parecia-lhe estar vendo, ao fundo de um salão, iluminado com luz sinistra, um fantasma de olhos scintilantes que se dirigia para êle. Cheio de medo exclamou:

— Quem és, ó sombra, que me persegues? Es meu pai?

— Não, respondeu o fantasma com voz que o encheu le espanto: se fôra teu pai perdoar-te hia. Mas eu não te perdôo: sou o *remorso*.

UMA PROVA

Estava profetisado desde mais de 5 séculos antes de Jesus Cristo vir ao mundo que Êle havia de descender de Abrahão, Isaac, Jacob e David; que havia de nascer de uma Virgem, que havia de nascer em Belem, 70 semanas depois da reconstrução de Jerusálem; que se chamaria Emmanuel, o admirável, o conselheiro, o Deus forte, o Pai do século futuro, o Principe da paz; que entraria no segundo templo; que à sua voz os cegos, os surdos, os mudos seriam curados; que seria coberto de chagas, seria traspassado, que ficaria sem formosura como um leproso, que lhe jogariam os vestidos, que lhe dariam vinagre para beber; Que no sepulcro seria glorioso; e tudo se realizou à letra.

Ano IX — Leiria, 13 de Fevereiro de 1931 — N.º 101

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre António dos Reis.*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Crónica de Fátima

A epopeia sagrada de Fátima é um dos mais assombrosos prodígios de misericórdia e ternura do Imaculado Coração de Jesus

«Pode bem dizer-se que Fátima é um grande crisol onde a Virgem quere formar na piedade e na vida cristã o velho e glorioso Portugal dos missionários e dos navegadores, o Portugal que desperta hoje remoçado e fortalecido pela graça de Nossa Senhora.»

(Dum artigo de «L'Osservatore Romano» órgão da Santa Sé, no seu número de 14 de Junho do ano p. p., sob o título «Os prodigios de Fátima»).

O Inverno em Fátima — Frio, vento e chuva - A natureza morta — Tristeza e melancolia.

Mais uma vez, em pleno coração do Inverno, o dia treze amanheceu sombrio e triste. Durante tôda a noite — noite fria e tempestuosa, — fortes bátegas de água, acossadas pelo vento que sibilava furioso nas gargantas da serra, encharcaram as estradas e os caminhos, tornando umas e outros quási impraticáveis.

Raiaram entretanto os primeiros clarões da aurora. O frio era cortante e quási glacial. De repente, como por encanto, a chuva cessou de cair.

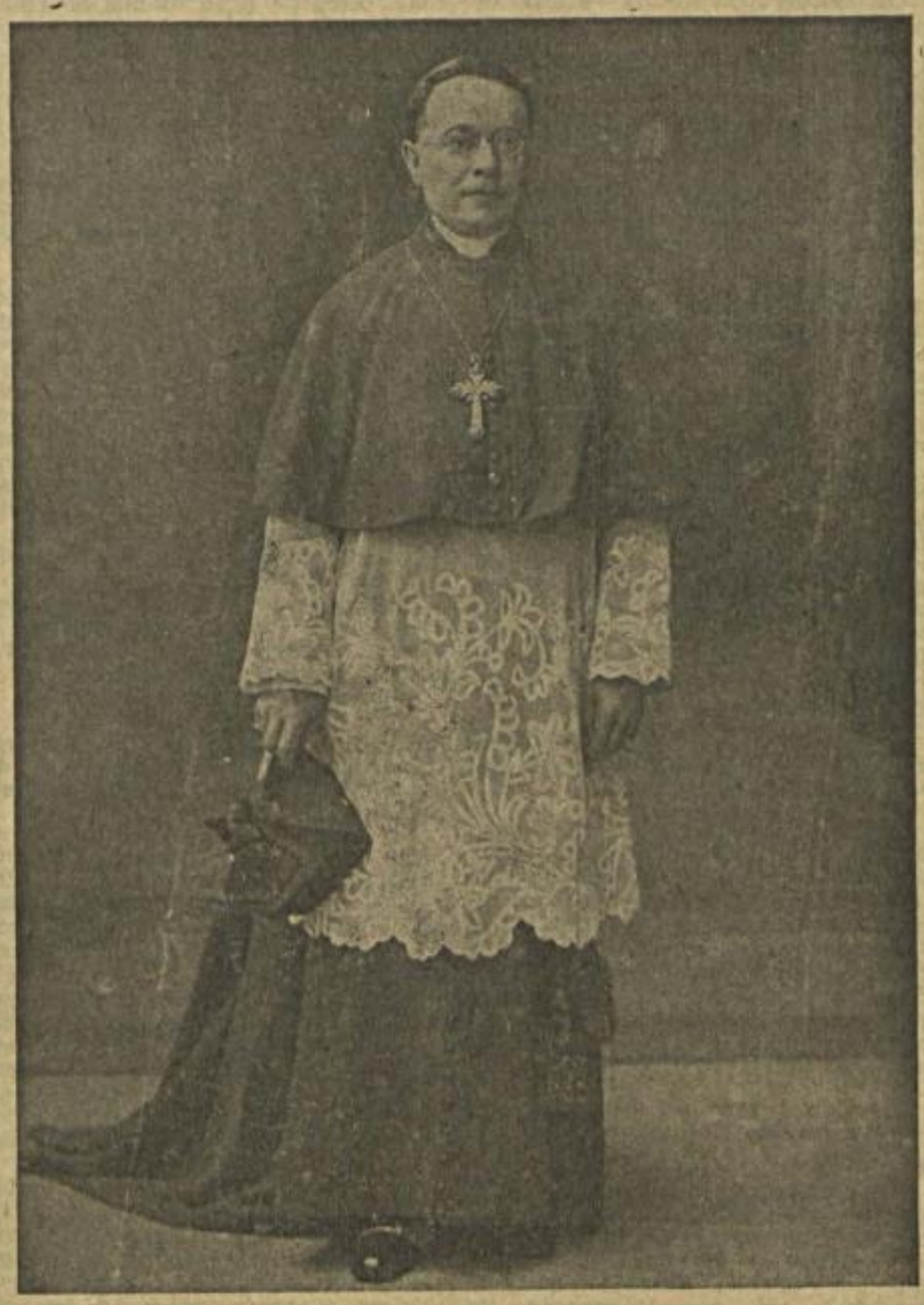
Mas as nuvens, negras e pesadas, continuavam a toldar o céu, côr de chumbo, parecendo envolver também a natureza morta num ténue e vaporoso manto de luto magoado e de suave melancolia...

Uma grande figura de Prelado — D. João Evangelista de Lima Vidal.

O facto culminante da peregrinação do dia treze de Janeiro foi a presença na Cova da Iria da augusta e veneranda pessoa do sábio e santo D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo-Bispo de Vila Real e Superior interino dos Colégios das Missões religiosas dos padres seculares portugueses. O nobre Antistite, que visitava pela primeira vez o Santuário Nacional de Fátima, dignou-se presidir às solenidades religiosas dêste dia, imprimindo assim um brilho e um realce extraordinário à comemoração festiva das aparições e dos sucessos maravilhosos.

Um ofício histórico — Inquérito paroquial.

Foi Sua Ex.ª Rev.ma, quando era Arcebispo de Mitilene e exercia o cargo de Governador do Patriarcado de Lisboa, na ausência do Ex.mo Cardial D. António Mendes Belo, de saüdosa memória, que redigiu o primeiro documento oficial, emanado da autoridade eclesiástica, sôbre a Lourdes Portuguesa. A título de informação, seja lícito transcrever aqui êsse documento, que é um ofício enviado ao



Ex.mo e Rev.mo Senhor Arcebispo-Bispo de Vila Real e actual Superior das Missões Portuguesas

Sua Ex.ª Rev.ma visitou o Santuário de Fátima no dia 13 de Janeiro p. p., em companhia de dois Rev.os Missionários Italianos, e ai celebrou a missa dos doentes e fez a Homilia

pároco de Fátima, rev. Manuel Marques Ferreira, encarregando-o de fazer um inquérito aos acontecimentos. É do teor seguinte:

«Il.mo e Rev.mo Sr.

Para os fins convenientes seja V. Ex.ª Rev.ma servido proceder a um inquérito conscienciosó sôbre os factos ocorridos nessa paróquia a seu digno cargo, no dia 13 do passado mês de Outubro, ouvindo testemunhas fidedignas, e principalmente as crianças que se dizem favorecidas de graças singulares do Céu.

Deus guarde a V. Ex.ª Rev.ma

Lisboa e Paço Patriarcal, 3 de novembro 1917.

Il.mo e Rev.mo Sr. Pároco de Fátima.

(a) João, Arcebispo de Mitilene»

Uma anedota histórica — O Conselheiro Campos Henriques — Acertada escolha — Defeito que depressa se corrige.

Quando o Senhor D. João era ainda professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Coimbra, já corria por todo o país a fama do seu talento peregrino, da sua vasta e sólida cultura e das suas preclaras virtudes.

Era na vigência do antigo regimen. Sobraçava então a pasta da Justiça e dos Cultos o Conselheiro Campos Henriques. Competia-lhe indicar ao régio Padroeiro o nome do sacerdote que devia ser proposto à Santa Sé para a vaga deixada em aberto na Sé de Angola pela transferência de D. António Barbosa Leão para a diocese de Faro. O ministro, atendendo às singulares virtudes e méritos que nêle concorriam, resolve apresentar o nome do novo mas já distintíssimo professor para o govêrno da igreja da nossa mais vasta provincia ultramarina. Alguém, que teve conhecimento disso, apressa-se a procurar o ministro e pretende convencê-lo de que era inconveniente e contra as praxes estabeledidas fazer ascender ao episcopado um sacerdote tam novo como o padre Lima Vidal.

Mas, — obtempera o titular da pasta da Justiça, depois de ouvir pacientemente a longa exposição do seu interlocutor sem o interromper, — o padre tem mais algum defeito além dêsse que lhe aponta da sua pouca

idade? — Não, não tem, respondeu o interlocutor — Então, se tem só êsse defeito, não importa, porque se emenda dêle de-pressa.

O outro calou-se e não ousou insistir mais.

Dois missionários italianos — Trinta e três anos na China — Gratas impressões — Flor da saúdade.

O Senhor D. João acompanhou a Fátima dois beneméritos sacerdotes italianos, portencentes à Associação Missionária Apostólica, os rev. Mário Parodi e José Carabelli, que durante trinta e três anos exerceu as funções do seu ministério na China, para onde tenciona voltar. Êstes dois ilustres peregrinos estranjeiros, que nessa madrugada tinham partido de automóvel, do Seminário das Missões, de Tomar, de que eram hóspedes, ficaram maravilhosamente impressionados com tudo quanto viram, a-pesar-de terem visitado o Santuário num dos dias treze em que o concurso de fiéis costuma ser menos numeroso. Gratas, gratíssimas até, foram as recordações que levaram da sua romagem a êsse centro de piedade, um dos maiores do mundo, recordações tanto mais vivas quanto é certo que as perfumava o aroma suavíssimo da saúdade, mimosa e delicada flor que só em Portugal ostenta em tôda a plenitude os seus incomparáveis encantos...

As confissões na Penitenciária — Piedade edificante — A primeira procissão de Nossa Senhora — A missa dos doentes.

Durante tôda a manhã, numerosos sacerdotes atendem os fiéis que na igreja da Penitenciaria purificam as suas almas, pela confissão sentida das culpas cometidas, para poderem receber com as devidas disposições o Pão dos Anjos e com êle o alimento, a fôrça, e a consolação de que precisam para as lutas incruentas, mas porfiadas e por vezes temerosas, da sua existência neste vale de lágrimas e de misérias que é a terra.

Entretanto o venerando Prelado de Vila Real, de joelhos junto do altar-mor, reza fervorosamente, com uma piedade edificante, fazendo a sua preparação próxima para a celebração do Santo Sacrifício da Missa.

É quási meio-dia solar.

A-pesar-do frio, a multidão que se aglomera em volta do altar do Pavilhão é enorme. Realiza-se a primeira procissão de Nossa Senhora de Fátima com a ordem e o entusiasmo do costume. O Senhor D. João paramenta-se, sobe ao altar e, acolitado pelos dois missionários italianos, celebra a Missa dos doentes, que é acompanhada de explicações, preces e cânticos.

O sermão oficial — Portugal é o reino da Mãe do Céu — Já não é preciso ir a Lourdes... Fátima, centro do culto Mariano — A Virgem, medianeira de tôdas as graças.

O nobre Prelado de Vila Real prèga ao Evangelho. São simples mas belas as palavras que saem do seu coração de Bispo devotíssimo de Maria. Um santo proclamou, diz êle, que a França era o reino da Mãe do Céu. Com mais razão nós podemos dizer o mesmo do nosso Portugal. A Virgem veio consagrar o amor que nos tem, fazendo do Santuário de Fátima o centro máximo do seu culto, dêsse culto que há tantos séculos os seus filhos lhe prestam nas sumptuosas catedrais, nas grandes igrejas e nas humildes capelas e ermidas espalhadas com profusão por todo o território nacional. Agora já não precisamos de procurar a Santíssima Virgem longe, fora das fronteiras, nos grandes santuários do estranjeiro; temo-la aqui, bem perto de nós, em Fátima, no centro do nosso País, no coração de Portugal!

Só o Senhor podia fazer tam grande maravilha: colocar entre êle e nós, como medianeira de tôdas as graças, a Santíssima Virgem, essa criatura admirável, que se aproxima dêle pela sua dignidade e poder incomparáveis de Mãe de Deus e que se aproxima de nós pela sua natureza, puramente humana como a nossa, para compreender as nossas fraquezas e misérias e condoer-se delas.

A bênção dos doentes — A trina bênção geral — A última procissão.

Terminado o sermão, realizou-se a tocante cerimónia da bênção dos doentes. Êstes, que eram em pequeno número, ocupavam um espaço muito restrito dentro do respectivo Pavilhão. A bênção foi dada a cada um deles em particular pelo Senhor D. João, que levava a Sagrada Custódia debaixo da umbela. Depois de cantado o *Tantum ergo* e de encerrado o Santíssimo, o venerando Prelado deu ao povo a tripla bênção do Pontifical. Terminaram as cerimónias oficiais do dia com a recondução, feita processionalmente, da branca estátua da Virgem do Rosário para a capela das aparições.

Definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora — Adesões do mundo católico — O México e a Santa Sé.

Os leitores da «Voz da Fátima», que se presam de ser devotos da Rainha dos Anjos, não podem deixar de acolher com o maior júbilo e alvoroço tôdas as notícias que, de longe ou de perto, se relacionam com a sua glorificação sôbre a terra. Uma das mais gratas e consoladoras é a da próxima definição do dogma da sua triunfal Assunção ao Céu.

Diàriamente estão chegando à Santa Sé novas e entusiásticas adesões do mundo católico a essa definição. Até agora tem manifestado a sua adesão 12 Cardiais, 209 Bispos, todos os Congressos Eucarísticos internacionais, as Federações das Juventudes Católicas de muitos países, mais de 150 jornais católicos, muitos católicos, associações e instituições religiosas, etc. Os votos individuais registados orçam por mais de meio milhão.

Do México acabam de chegar ao Vaticano 200 listas de adesões com mais de 130.000 nomes.

Os leitores da «Voz da Fátima» de certo hão-de pedir a Deus com todo o fervor das suas almas que chegue de-pressa o dia tão ardentemente desejado em que a Santa Igreja engaste na corôa de glória da Rainha do Céu mais êsse rico e explêndido florão.

A Divina Padroeira — Portugal sob o manto da Virgem — Testemunho de gratidão e preito de amor.

Maria Santíssima é a nobre e gloriosa Padroeira da nação, a celeste e imaculada Rainha dos portuguêses. Desde o berço da nacionalidade, em testemunho de gratidão e em preito de amor, Portugal quis constituir-se pela vontade dos seus Reis e pela vontade do seu Povo, feudo sagrado e perpétuo da augusta Mãe de Deus. Nas horas festivas de júbilo e de triunfo, como nos lances arriscados das grandes emprêzas da navegação e da conquista e nos transes angustiosos da adversidade, a alma da Pátria abrigou-se sempre sob o manto da Virgem, ofertando-lhe as palmas floridas das suas vitórias, as flores verdes das suas esperanças ou as lágrimas sentidas das suas dores.

A devoção dos portugueses a Nossa Senhora — Sumptuosas igrejas e humildes capelas.

Por tôda a parte, na vasta extensão do território nacional, dàquêm e dàlêm-mar, erguem-se, nas cidades, vilas e aldeias, ora alcandoradas no cume dos montes, ora escondidas no fundo dos vales, sumptuosas Igrejas ou simples ermidas, que atestam perante as gerações que vão surgindo a piedade das gerações que já passaram para com a Virgem venerada e bemdita.

Do Céu à Serra de Aire — O trono da Rainha dos Anjos — Fonte perene de graças.

Na crise mais dolorosa da nossa existência de nação livre e independente, como Mãe amantíssima que se condoi dos infortúnios dos filhos queridos do seu coração, digna-se baixar a um recanto ignorado da serra de Aire e ali, emquanto pela boca inocente de três crianças nos aponta o caminho do Céu, faz brotar um manancial perene e abundante das suas graças e das suas misericórdias.

Maria tem um trono em cada coração — Insultos e blasfémias — Justa indignação de Deus.

Em todos os corações portugueses se eleva um trono de devoção acrisolada à Rainha do Céu. Em todos... não infelizmente! Há filhos indignos e desnaturados que não se pejam de renegar a sua Mãe celeste, há-os até que, na sua cegueira e perversão inauditas, ousam insultá-la e blasfemar o seu nome mil vezes bemdito!

Nosso Senhor está indignado com as ofensas que se fazem à sua augusta Mãe, especialmente no adorável mistério da Imaculada Conceição...

Desagravo e reparação nacional — Filhos perversos e ingratos — Treze de Maio.

É mister desagravar a Virgem, Mãe purissima, cheia de graça e de encanto, urge dar uma satisfação condigna à justiça de seu Divino Filho, que clama vingança contra os ultrages de que ela é objecto por parte de tantos homens ingratos e perversos.

Impõe-se como indispensável um acto de expiação colectivo, um acto de verdadeira reparação nacional. E que dia mais próprio para essa *amende honorable* oficial e solene do que o dia treze de Maio próximo, em que se comemora o décimo quarto aniversário da primeira aparição da Rainha do Céu em terras de Portugal e em que se realiza a maior peregrinação depois de publicada a *Magna Charta* de Fátima, a carta pastoral do ilustre e venerando Bispo de Leiria «A Providência Divina»?

Meio milhão de peregrinos — Côrtes gerais da nação.

Nêsse dia, que ficará gravado a letras de oiro na história gloriosa de Portugal e nos fastos imortais de Fátima, cêrca de meio milhão de crentes, de tôdas as idades, classes e condições sociais, e de todos os pontos do país, encontra-se-ão reünidos no alto da serra de Aire, constituindo, por assim dizer, as grandes côrtes gerais da nação.

Plebiscito nacional — Junto do venerando Episcopado — Consagração de Portugal ao Sagrado Coração de Maria — Deus o quere.

Desde já, vamos todos, todos nós, que nos presamos de portugueses e de filhos de Maria, em cada diocese, junto dos nossos venerandos Prelados, suplicar que se dignem consentir que no dia treze de Maio Portugal inteiro, já consagrado ao Santíssimo Coração de Jesus, se consagre também, oficialmente, no santuário máximo da nossa Pátria, em protesto solene de desagravo, de veneração e de amor, ao Puríssimo e Imaculado Coração de Maria!

Iniciemos neste sentido, sem delongas, que não se compadecem e com o nosso amor à Virgem, um grande **plebiscito nacional!**

Avante, porque Deus o quere!

D. José, Bispo de Leiria Um aniversário natalício — Homenagem da «Voz da Fátima». — Chuva de graças e de bênçãos.

Na quinta-feira, quinze de Janeiro, passou mais um aniversário natalício de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

Ao nobre e apostólico Prelado, que a Rainha do Céu constituiu pregoeiro das suas glórias e executor dos seus desígnios maternais e que tem posto ao seu serviço os dons duma inteligência privilegiada e o mais dedicado esfôrço dum zêlo prudentíssimo e duma actividade incansável, a «Voz da Fátima», que lhe deve tantas finezas, obséquios e atenções, nos nove anos da sua existência, apresenta respeitosos e cordiais cumprimentos, pedindo a Deus que se digne prolongar por dilatados anos a sua preciosa vida tôda consagrada à causa da Igreja e da grei que lhe foi confiada pedindo à branca Rainha de Fátima haja por bem conceder-lhe as suas melhores graças e as suas bênçãos mais escolhidas.

Reitor Honório da Silva — Meio século de vida paroquial — À sombra do Santuário de Fátima Oração e apostolado — A hora da recompensa.

Um sacerdote venerando pela idade e distinto pelo talento e pelas virtudes que o exornam fixou no princípio do corrente ano a sua residência junto do recinto das aparições. É o rev.do Honório da Graça e Silva, antigo pároco de S. Sebastião da cidade de Setúbal e reitor e arcipreste de Estarreja na diocese do Pôrto, onde também pertenceu à prestimosa e benemérita Associação dos Prègadores-missionários, instituída pelo saudoso e grande Bispo D. António Barroso. Alquebrado pelos anos e pelas doenças e exhausto pelos seus árduos trabalhos apostólicos, de que foram teatro as duas dioceses mais vastas e mais importantes do país, resolveu ir acolher-se à sombra protectora do manto da Virgem bemdita, no santuário da sua predilecção.

Passando os dias entre a oração e o serviço do confessionário, no meio duma população profundamente religiosa que o venera e estima como êle merece, vai-se preparando, segundo as suas próprias palavras, para o chamamento do Senhor, quando soar a hora suspirada da recompensa. Que o Divino Rei de Amor, pelos méritos de sua Mãe Santíssima, prolongue a vida e melhor a saúde do digno e piedoso sacerdote para bem das almas, que tanto teem ainda a esperar do seu zêlo e da sua dedicação!

Diocese de Portalegre. — Peregrinação de três seminários. — Um grande Bispo — Missa solene de Pontifical. — Bela e feliz iniciativa — Banho de sol sobrenatural.

No dia vinte e cinco do próximo mês de Março, festa da Anunciação de Nossa Senhora, efectuar-se-á uma grande peregrinação diocesana ao Santuário Nacional de Fátima. É a peregrinação dos professores e alunos dos três seminários diocesanos de Portalegre: os pequenos seminários do Gavião e de Alcains e o grande seminário de Portalegre. Esta peregrinação será presidida pela extraordinária figura de Prelado, que é Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Domingos Maria Frutuoso, ilustre ornamento da gloriosa família espiritual do portentoso apóstolo do Santo Rosário, S. Domingos de Gusmão.

Não está ainda organizado o programa definitivo, mas já sabe que o venerando Bispo de Portalegre celebrará Missa de Pontifical no local das Aparições. É a primeira vez que ali se realiza um Pontifical.

Embora esta peregrinação seja próprìamente uma peregrinação dos seminários, o Senhor D. Domingos deseja que os fiéis da sua diocese tomem parte em grande número nesta romagem de fé e piedade à Lourdes portuguesa.

Bem haja o ínclito Prelado, modêlo de Prelados sábios e santos, pela sua bela e fecunda iniciativa de levar aos pés da Rainha do Rosário, no Santuário nacional de Fátima as esperanças da sua diocese para ali receberem o banho de sol sobrenatural que aquece e tonifica as almas e purifica e eleva os corações!

Visconde de Montelo

Uma receita... útil

Se quizerés gozar uma perfeita saúde, tanto na alma, como no corpo, tomarás os seguintes medicamentos: — Raízes de *fé*, fôlhas verdes de *esperança*, rosas da *caridade*, violetas da *humildade*, lírios da *pureza*, absinto de *contrição*, mirra de *mortificação* e lenho da *cruz*: tudo isto atado com o fio da *resignação* se põe a ferver ao fôgo do amor no vaso da oração, com licor de alegria e água mineral de temperança bem fechado com tampa de *silêncio*, deixarás tudo ao sereno da meditação e em seguida tomarás um copo pela manhã e outro à tarde, e assim ficarás gozando boa saúde que de todo o coração te desejo.

Amigo leitor

Graças de N. Senhora de Fátima

Meningite.

Elvino da Cruz Pinto, aos 13 anos de idade, foi atingido pela meningite que o levou a estado lamentável.

Sua família profundamente católica, vendo o progresso da doença manifestar-se de dia para dia, chamou o pároco para lhe administrar os sacramentos, o que êle fez imediatamente levado pelo seu zêlo incansável. Depois disto deram-lhe 3 ataques que o destituiram do uso dos sentidos ficando sem fala, vista e sem ouvir.

Triste era o seu estado actual. Sua mãe e família chorava e chorava muito ao ver

ELVINO DA CRUZ PINTO

o seu filho em tais sofrimentos. O médico tinha-a desenganado dizendo-lhe que a medicina não podia com todos os meios ao seu alcance curá-lo. Pobre mãe!...

Seu marido tinha sido assassinado há poucos meses ainda, injustamente. O seu único filho que Deus lhe dera e em quem punha tôdas as suas esperanças, entrara já em agonia.

O incansável pároco que desde o principio o não abandonara, assistia-lhe aos últimos momentos da vida, auxiliando-o na sua partida para a eternidade!

Ao ver tão triste desenlace aquela mãe com sentida mágoa e debulhada em lágrimas juntamente com algumas pessoas de família e amigas, ajoelharam-se às 11 horas da noite diante dum quadro da S.S. Virgem pedindo a cura para o agonizante, prometendo ir à Fátima se a Senhora o curasse.

A Senhora acolheu as preces e lágrimas da pobre mãe e restituiu ràpidamente a saúde ao seu extremoso filho.

Já foram a Fátima e agora reconhecidos à consoladora dos aflitos, mãe e filho querem por meio desta publicação honrar mais uma vez o poder da Rainha do Sacratíssimo Rosário.

Uma pessoa de família

Cegueira.

Venho pedir muito encarecidamente a V. Ex.ª se digne conceder-me um cantinho nas colunas do seu muito conceituado jornal, a-fim-de publicar um facto autêntico, que foi obtido pelo uso da água da Fátima.

Em certa aldeia das Flôres há uma senhora que vinha sofrendo horrivelmente duma vista há alguns anos, e depois de haver empregado todos os recursos da medicina, nenhuns ou quási nenhuns alívios experimentou, e passado algum tempo agravaram-se então mais os padecimentos, chegando em Abril último a estar quási cega da vista esquerda.

Foi então que essa senhora se lembrou de invocar o patrocínio da Virgem de Fátima, usando a sua água, e depois de haver lavado a vista durante dois dias com a mesma água, ficou completamente boa.

Este facto deu-se em Abril último numa aldeia das Flôres, facto presenciado por tôdas as pessoas da frèguesia e que deixou todos os habitantes da mesma aldeia assombrados e maravilhados.

A pessoa miraculada pediu-me para eu fazer conhecido êste facto já passado há quási um ano, pois que tinha feito o voto de publicar a graça caso obtivesse a cura; e como a Virgem lhe concedeu o grande favor de uma cura instantânea e completa, vem agora patentear e evidenciar como a Virgem de Fátima intercede sempre em favor daqueles que se lhe recomendam em horas de angústia e aflição, quando já não há nada a esperar dos recursos naturais.

Doença intestinal.

Há 10 anos que eu sofria duma doença horrivel nos intestinos, a-pezar-de ser tratada por muitos médicos distintos. Por isso abandonei os medicamentos todos, e cheia de fé recorri a Nossa Senhora de Fátima, pois é Ela que nos acode nas nossas grandes atlições. Comecei a beber a água miraculosa; e pouco tempo depois comecei a encontrar-me melhor mas muito lentamente. Em 13 de Maio de 1929 fui a Fátima e na vespera de partir fui apenas despedir-me duma uma amiga e voltei logo para casa por não poder andar. Nas estações tinham de me subir e descer da carruagem. Quando cheguei à Igreja da Fátima desci do automovel sòzinha e fui visitar N. Senhora. Ficámos lá naquela noite e no dia seguinte de manhã fui a pé à Cova da Iria.

Apenas avistei N. Senhora senti-me completamente curada e cheia de forças apesar-dos meus 73 anos.

Agradeço reconhecida esta grande graça à S. S. Virgem de Fátima e peço-lhe que continue sempre a dispensar-me a sua Bênção de Mãe!

Panarício.

Lucinda Viana, de Espozende, diz o seguinte: Depois de usar, sem resultado, um remédio indicado como excelênte para tôdas as feridas, como continuasse a sofrer sempre as mesmas dôres, recorri com a mais ardente fé, e cheia de esperança a N. S. do Rosário de Fátima.

Uma manhã ao levantar-me sem ter conciliado o sono, lembrando-me que havia trazido quando fôra a Fátima, uma pequena porção da milagrosa água dêsse Santuário, nela mergulhei o dedo doente, e qual não foi a minha admiração quando me senti sem dores e completamente boa.

Bendita e louvada seja Nossa S. do Rosário da Fátima.

Congestão.

Ribeirão Preto, 11 de Outubro de 1930

Ex.mo Sr.

É com a maior alegria, e cheia de reconhecimento para com a Santíssima Virgem, que venho relatar-lhe a grande graça que recebi, esperando da sua bondade, e para cumprimento da minha promessa vê-lo publicado no muito apreciado jornal da Fátima.

O meu filho de nome Rynaldo, foi acometido de uma congestão muito forte, vendo-o muito mal, a braços com a morte. Roguei a N. Senhora, sua protecção, e fiz uma novena em honra de N. Senhora de Fátima.

Por milagre, o meu filho ficou bom, não ficou defeituoso, e nuca mais se lhe repetiu o ataque.

Nunca deixarei de ter uma fé ardente na protecção de N. Senhora, que foi o meu sublime conforto nas horas da maior tristeza que pode ter uma mãe. Pedirei sempre à Rainha do Santíssimo Rosário, que me socorra e aos meus, nas horas de perigo, e que rogue sempre pelos que teem verdadeira fé.

Agradecendo subescrevo-me com tôda a consideração.

Irene Borgiami

Doença dos olhos.

Cipriano Marques, natural da frèguesia de Rio de Couros, concelho de Vila Nova d'Ourém, tendo ido ao hospital da Estrela consultar os Ex.mos médicos, especialistas das doenças dos olhos, pelos mesmos médicos foram-me receitados vários medicamentos os quais me deram poucos alívios.

Como se aproximasse o verão, eu e minhas filhas fomos passar os meses de Setembro, Outubro e parte de Novembro à minha terra natal; perto como estava da Fátima, resolvi fazer o tratamento dos meus olhos com água de Nossa Senhora, e, graças à Virgem Maria, as minhas melhoras foram-se acentuando gradualmente e aumentando à medida que mais lavava os meus olhos, achando-me hoje completamente curado e vendo tão-bem como anteriormente.

É, pois, a minha alegria tão grande que me torna um eterno devedor à Virgem, pois devo-lhe a minha cura repentina que me enche de mais saúde e de alegria.

Cipriano Marques

Palavras de reconhecimento

Leopoldo Augusto Mourato, casado, proprietário, natural da frèguesia da Ribeira de Nisa e residente na cidade de Portalegre, na frèguesia de S. Lourenço, rua Marquês de Pombal, n.º 9, padeceu de reumatismo mais de quinze anos, fazendo o tratamento que vários médicos da mesma cidade de Portalegre lhe indicaram e prescreveram, e tendo, durante quatro anos, ido a banhos, não obtendo nunca alívios para a sua enfermidade.

Nestas circunstâncias, bastante aflitivas, sujeito ao leito e tolhido de movimentos, nas pernas, recorri, com tôda a fé e confiança, a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Julho de 1927, prometendo ir, pessoalmente, agradecer-Lhe com a minha família, se me curasse.

Nossa Senhora atendeu o meu pedido e as minhas lágrimas.

Em outubro de 1927 fui à Cova da Iria, com a minha família, em reconhecimento da graça da cura que Nossa Senhora me fêz, pois até hoje nunca mais sofri de dores reumáticas e tenho continuado a ir à Cova da Iria.

Isto que declaro é a expressão da verdade.

Tôdas as graças que dou e a minha família são poucas em reconhecimento dêste benefício que Nossa Senhora me concedeu.

Leopoldo Augusto Mourato

Agradecem mais a Nossa Senhora as pessoas seguintes: —

— Albina dos Santos, a saúde alcançada para uma pessoa sua amiga.

— José Augusto B. C. Pinto, dos Açôres, uma graça temporal.

— D. Rosa M. de S. Vieira Marques, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora o ter proporcionado um médico que desse com a doença de uma pessoa sua amiga, que há três anos apenas se alimentava de leite porque tratamentos errados lhe haviam causado intoxicações e a obturação do piloro.

— Maria da Piedade Fernandes, agradece a Nossa Senhora o tê-la livrado de ser sugeita a uma operação cujo dia estava já combinado. Ao chegar êsse dia sentia-se quási restabelecida do seu mal anterior.

— Emília Cortez Marques, agradece a Nossa Senhora o ter um seu filho conservado a vista nos dois olhos a pezar de num deles ter entrado um estilhaço de metal dum tiro de espingarda com que fora atingido casualmente.

— Maria do Castelo Ribeiro Teles, agradece uma graça recebida por intercessão de Nossa Senhora.

— António de Almeida e sua esposa, dos Açôres, agradecem a saúde alcançada para sua filha Ana que há dois anos sofria continuamente.

— Maria do C. M. Barrela, agradece duas curas em favor de sua filha Maria Júlia.

— Augusta da Costa Lobo, agradece a cura duma doença que teve em Maio de 1929.

— Maria José Ida, Zeladora do Apostolado em Avis, agradece diversas graças que Nossa Senhora lhe alcançou.

— Maria José Zamitt de Passos, agradece uma grande graça que alcançou por intremédio de Nossa Senhora.

— Uma pessoa que sofria dolorosamente da garganta agradece a Nossa Senhora a sua cura e pede aos leitores da «Voz da Fátima» que lhe ajudem a agradecer também.

— Amélia Ferreira, dos Estados Unidos, agradece a cura duma menina filha dum protestante dos Estados Unidos a qual sendo doida e quási cega obteve de Nossa Senhora a cura destes dois males pelas orações da mesma Amélia Ferreira e de mais pessoas de bem.

Contas da Confraria de Nossa Senhora de Fátima

Como já fiz o ano passado, venho neste mês prestar contas do rendimento da Confraria e levar ao conhecimento de todos o fim que tiveram as mensalidades que para ela démos. Esta arvorezinha plantada debaixo das vistas da amavel Senhora da Fátima vai lançando suas raizes tanto entre nós como em terras estranjeiras, e lá, como aqui, vai dando os mesmos frutos de bençãos para os confrades que nela se obstam, e que fiéis a seus estatutos, se tornam mais dignos das bençãos do céu.

Os anais de Confraria de Nosso Senhora da Fátima que me foram enviados durante o ano de 1930 perfizeram um total de 4.495$62. Desta quantia foi necessário gastar 677$00, de maneira que houve um lucro de 4.428$62 a favor da Confraria. O artigo 4 dos estatutos determina que metade do redimento seja empregado em missas, segundo os fiéis da mesma Confraria, fins que vem empressos no artigo 2.º dos mesmos estatutos, e que a outra metade seja para o culto de Nossa Senhora. Em conformidade com êste artigo, com a quantia de 2.214$31, metade do total, fôram celebrados pelo Rev. Clero do Patriarcado 369 missas, e igual quantia 2.214$31 foi entregue ao Ex.mo e Rev.mo Prelado de Leiria, para ser aplicada no culto de Nossa Senhora da Fátima. Tiveram parte em tôdas estas 369 missas os confrades vivos e defuntos, e se, como a fé nos ensina, uma só missa é suficiente para santificar todo o mundo e até milhares de mundos, que riquezas espirituais nos não terão advindo só da confraria no ano que passou?! Mas estando no principio do novo ano procuremos aumentar nosso zêlo. E' certo que os Srs. Colectores e Colectoras teem sido muitissimo zelosos no espinhoso encargo que têem, mas a Virgem Santíssima não lhes deixará sem recompensa a mais pequenina acção que por ela fizerem, e com êste pensamento mais zêlo terão ainda se isso fôr possível.

* *

O pagamento dos anuais pode ser feito a qualquer altura do ano, mas talvez, para evitar complicações, aos colectores, porque muitos, não sabendo escrever, tem de pedir a quem lhes tome os apontamentos, para evitar essas complicações, digo, talvez fôsse pratico o seguinte: — fazerem-se os pagamentos das quotas, de preferencia em dois meses; por exemplo em Junho e Dezembro.

Se assim se fizesse tinham menos trabalho os Colectores e além disso teriam também suas contas bem organizadas, o que é muito para estimar.

Isto é apenas um parcere meu, de maneira que, praticamente, aceitar-se-hão essas esmolas em qualquer altura que venham.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	244.146$05
Papel, composição e impressão n.º 100 (61.000 exemplares)	3.277$00
Franquias, embalagens, transporte, gravuras etc...	1.475$70
Despeza com a administração em Leiria	798$90
Total	249.697$65

Donativos vários

Manuel da Silva Quintas — França, 50 francos; D. Cândida Mota de Jesus — Tramagal, 20$00; Mariano Lopes — Matozinhos, 20$00; P.e Joaquim Matias Simões — Avis, 100$00; Joaquim da Silva Carvalho Júnior — Lisboa, 15$00; D. Irene Borgiami — Brazil, 41$50; D. Maria Júlia J. d'Oliveira — Evora, 20$00; D. Rosa Pais Vieira — Fronteira, 20$00; P.e João R. Teixeira de Miranda — Brazil, 521$00; D. Maria Saturnino M. C. Barriga — B. Beira, 20$00; P.e Manuel Marinho — Foz do Douro, 100$00; D. Lucinda Magriço Coutinho Martins — Alvarelhos, 20$00; D. Feliciana P.e de Lacerda Cauper — Lisboa, 50$00; António Coelho de Sousa — Paredes, 105$00; António Gonçalves Varela Ramos — S. Combadão, 17$60; D. Alzira Pimenta de Sousa Gomes — Braga, 15$00; D. Maria das Dôres de Castro P.e Lopes — V. Nova de Foscôa, 20$00; Heitor P.e de Brito — Porto, 15$00; António Martins Pereira — Valado, 20$00; D. Amália Mendes de Macedo — Tras os Montes, 30$00! D. Maria do Carmo Côrte Real — Pôrto, 20$00; D. Fernanda Lopes de Melo — Pôrto, 20$00; D. Rosa de Oliveira Miranda — Lisboa, 20$00; Manuel Coelho de Bessa Borges — Penafiel, 50$00; D. Palmira C. Mourinho Seixas — Faro, 15$00; P.e José de Lima Machado — Vila do Conde, 272$50; D. Beatriz d'Assunção Cardoso P.e — Ilhavo, 20$00; D. Maria Rodrigues Macieira — Lisboa, 15$00; D Maria Filomena Macieira — Lisboa, 20$00; Um pobre policia de Braga, 20$00; Jaime de G. — Seminário de Funchal 60$00; D. Maria Cristina Vicente — Barcelos, 150$00; D. Maria Aurélia Franco Cunha Matos — Beira Baixa,

15$00; João Bernardo Matos — B. B., 15$00; D. Maria Emília Teixeira Berneaud — Lisboa, 20$00; Manuel Marques Morgado — Lisboa, 15$00; D. Elvira da Cruz Côrte — Funchal, 150$00; José Maria Malheiro — Maceira, 20$00; D. Conceição da Silva Povoas — Rio Tinto, 15$00; Elias da Silva Machado, — Guimarães, 50$00; D. Ema Santos Alves — Odivelas, 15$00; D. Maria Clementina Abreu Magalhães — — Lisboa, 15$00; Condessa de Nova Goa — Lisboa, 20$00; M.me Maria do Livramento — Senega, 15$00; D. Maximiana Vieira da Mota — Porto, 20$00; Directora do Hospital de Alpedrinha, 115$00; D. Rosa Gertrudes — Lisboa, 20$00; D. Maria Felicidade Figueira de Sousa e D. Felicidade Figueira de Sousa — Guimarães, 50$00; D. Rosa Seabra da Cruz — Curia, 15$00; P.e António Fialho Prego Calabote — Alcacer do Sal, 20$00; D. Herminia Teixeira Lencastre — Lisboa, 15$00; D. Maria Izabel Mendes da Costa Lopes Russo — Cabeço de Vide, 25$00; D. Maria das Dôres Guichar — Taboaço, 15$00; P.e José Dias Vaz Mapolesim — V. Franca de Xira, 25$00; Jacinto Correia — Geraldes, 20$00; P.e Tomaz de Aquino Silvares — Carvalhos, 150$00; Zulmira da Mota Galhardo — Penamacor, 115$00; D. Inêz da Fonseca — Foz, 25$00; Maria da Conceição Correa — Matozinhos, 15$00; Distribuição na Foz do Douro, 25$00; P.e Avelino Domingues — Tavira, 20$00; Manuel Sabino Marques — Oeiras, 70$00; Miss Flora Marques — América, 2 dolars; D. Candida Cortêz — Lisboa, 50$00; D. Maria Augusta Pato — Touro, 20$00; D. Maria Basto Vasconcelos — Porto, 20$00; P.e Raúl Camacho — China, 20$00; José de Limas Machado — Açores, 20$00; D. Maria do Nascimento Madruga — Açores, 20$00; D. Maria Correa — Ferragudo, 30$00; D. Belizanda de Jesus Miranda — Brazil, 30$00.

A Maternidade de Maria Santíssima

A QUINZE SÉCULOS DE ÉFESO

Santa Maria, Mãe de Deus...

O scetro de David passara para mãos de estranhos: governava, em Israël, Herodes o grande, idumeu.

As 70 Semanas de Daniel eram passadas: era chegada a plenitude dos tempos.

E foi enviado, da parte de Deus, o Anjo Gabriel a uma Virgem desposada com um varão por nome José, da Casa de David, e o seu nome era Maria.

E aproximando-se d'Ela o Anjo, diz: Avè, ó Cheia de graça, o Senhor é contigo, Bendita és tu entre as mulheres Tu conceberás e darás à luz um filho que chamarás Jesus. Este será grande e será chamado o Filho do Altissimo O Espirito Santo descerá sobre ti e por isso o que nascerá de ti, Santo, será Chamado Filho de Deus. E Maria disse: eis a escrava do Senhor: **faça-se** *em mim segundo a tua palavra.*

Estava consumado o mistério: o Filho de Deus, a quem o Pai gera desde tôda a Eternidade, será também, dòravante, o filho dos homens. A natureza divina e a humana, embora permanecendo sempre as mesmas e inconfundiveis, começarão a subsistir numa só e mesma pessoa, a Pessoa preexistente do Verbo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Jesus Cristo, *Aquêle Homem* que os Judeus apontavam como o carpinteiro e filho do carpinteiro, é verdadeiramente o Filho de Deus, é **Deus.** Maria, a esposa de S. José, Nossa Senhora, é a Mãe de Jesus, é a **Mãe de Deus.**

* *

Corria o ano 429 da era cristã. Ouvia-se ainda o eco das diabólicas afirmações de Ario e dos maniqueus.

Num dia de festa, em Constantinopla, os fiéis, ávidos de ouvir a sã doutrina, enchiam, por completo, as vastas naves da maior Basílica da Nova Roma.

O metropolita Nestório, a quem costumavam recorrer as suas ovelhas, que tremiam diante das blasfêmias «dos novos judeus e partidários de Caifaz» — os Arianos, acabara a função litúrgica e subia vagarosa e solenemente a Cátedra da Verdade. A sua eloqüência arrebatadora fascinava os ouvintes — o seu todo de majestade dominava a religiosa assembleia. Todos os ouvidos se preparavam para o escutar. Mas eis que, nêste dia, uma desilusão amarga ia ferir todos os corações. Nestório transforma a Cátedra de Verdade, em Cátedra de pestilência. Os fiéis entreolham-se: aquêle sentimento íntimo que o Espírito Santo derrama nas almas e as faz presentir o êrro, a mentira, não chegara ainda a compreender o alcance das obscuras afirmações do seu Bispo. Só se sentía que aquilo não estava bem. Momentos depois, tôda a dúvida se dissipa: Nestório blasfemava de Maria. Eusébio Dorileu, um simples fiel, levanta-se, no meio de ovações de tôda a assembleia e proclama as grandezas de Maria. Nestório, não responde: vocifera injúrias e ameaça.

Terminada a prègação, o povo sai. O assunto das conversas eram os acontecimentos daquêle dia.

Nestório, apesar de tudo, não tinha sido bastante claro e preciso nas suas afirmações. Mas avolumava-se a fama de que não eram rectas as suas ideias âcêrca da União Hipostática e da Maternidade Divina, de Nossa Senhora. Era necessário ouvi-lo, de novo, e vêr até onde chegaria a sua audácia e impiedade. O momento não se fez esperar. Nestório, por boca dum seu representante, afirma categòricamente a heresia: Nossa Senhora não é Mãe de Deus!!!

Um grito de horror e reprovação se levantou unânime em plena Basílica: Nestório, blasfemo! E os fiéis armando-se da única arma legítima em tais circunstâncias, protestam saindo da Basílica para não mais lá entrar enquanto ali fôsse o heresiarca.

* *

Passaram-se dois anos. Éfeso via entrar, pelas suas portas, cêrca de 200 Bispos de todo o mundo. Lá chegaram também os enviados do Papa S. Celestino: dois Bispos Arcádio e Projecto e o presbítero Filipe.

As sessões multiplicam-se; esclarece-se a doutrina, fazem-se repetidas tentativas junto de Nestório para que se submeta e se apresente ao Concílio. Tudo inútil. O heresiarca persiste no êrro: o seu orgulho não lhe permite baixar a cabeça.

Finalmente o dogma é defenido e Nestório deposto.

E' com o coração a sangrar, dizem os Padres do Concílio, que nós, instrumentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem Nestório ultrajou, o declaramos deposto da dignidade episcopal e de todo o corpo dos Bispos.

«Se alguém negar... que a Santíssima Virgem é Mãe de Deus, seja anátema».

A carta do Papa S. Celestino ao Concílio, mandada lêr por S. Cirilo, seu representante, confirma as decisões tomadas. Os Padres, ao findar a leitura do precioso documento, exclamam: Esta sentença é justa. Glória ao novo Paulo, Celestino. Glório a Celestino, guarda da Fé!...

Lá fóra, comprime-se a massa enorme dos fiéis que, ao ouvirem a boa nova da condenação do heresiarca Nestório, irrompem em gritos de alegria. Os Bispos, aclamados delirantemente, são levados, em triunfo, aos hombros dos fiéis, à luz de archotes. Cristo vencera a heresia, Maria, a dôce Mãe de Jesus, triunfara de Nestório. De todos os corações, saia êste grito unânime, em tom de saüdação e de súplica: **Santa Maria Mãe de Deus**...

* *

Eis, a leves traços, o acontecimento que, há mil e quinhentos anos, encheu de alegria a cristandade inteira e se repercutiu pelos séculos em fora, cujo Centenário é, para todos os cristãos, um motivo de renascimento espiritual, pela devoção a Nossa Senhora, sobretudo para nós, que somos o seu povo predilecto.

Muito cuidado!

Numa manhã da quaresma de 1870, entrou na igreja de Santa Maria, em Madrid, um operário, chamado João. Dirigiu-se para o confessionário dum bom religioso, que pelo seu zêlo e esmolas que dava, era o principal sustentaculo duma grande casa de Beneficência. Apenas ajoelhado, João disse ao confessor: Dê-me licença, padre, de dizer que não venho confessar-me. — Então, que fazer? — Ouça: Há muito tempo que minha mulher anda a instar comigo para me vir confessar. Todos os dias me repete a mesma cantiga, chamando-me hereje, ímpio e excomungado; e eu, não podendo viver nesta situação, resolvi vir ao confessionário, afim-de que minha mulher, que me acompanhou à igreja, imaginasse que me confessei e me deixe em paz desde agora. — Mas, diga-me, João, porque é que tendo cumprido todos os anos êste dever de cristão, vem hoje representar uma comédia? — Padre, já que mo pergunta, vou dizer-lho com franqueza.

De todas as verdades religiosas a do inferno era a que mais me fazia conter e andar mais direito..., mas, como está agora provado que não há inferno, disse comigo: Para que hei-de ir confessar-me? Tanto mais que nada fiz contra a lei natural... — E como que verifiquei que não há inferno? — Li-o num livro de Roque Garcia (livre pensador espanhol) e em outras fôlhas que no Club distribuem gratuitamente aos operários. — E fia-se no que dizem essas fôlhas e êsse livro? — Sim, padre, porque dizem a verdade e são o evangelho do povo, melhor do que os sermões dos Padres. — Obrigado pelo cumprimnto que me faz! Mas sabe quem é Roque Garcia e os outros, que ensinam tais coisas? — São homens sábios, tanto como vós! — Pois vá lá. Mas, diga-me: são mais sábios do que S. Agostinho, S. Tomaz, Balmes e todos os grandes filósofos de vinte séculos, que acreditaram e ensinaram o dogma do inferno? Isso, não o direi; mas dizem-nos tão sábios que nós podemos bem crêr neles, nós que temos estudos dessas coisas. — E diz-se igualmente que são tão virtuosos e tão santos, que para não dizerem uma mentira, são capazes de se deixar matar, e que fazem milagres para provar a verdade das suas novas doutinas? Isso ninguém o dirá. — Então, porque vos fiais nêles mais do que nos doutores da Igreja, nos Apóstolos e até mesmo em Jesus Cristo?... — Não sei que hei-de dizer a isso; mas asseguro-vos e tenho ouvido tantas coisas contra os padres e contra o inferno, têm-me dado tantas razões, que é impossível que sejais vós que tenhais razão. — Mas, quais são essas razões? — Nesta hora não as tenho bem presentes, mas dir-vo-las-ei quando quizerdes, e vereis que o inferno não passa duam lenda indigna de ser acreditada em nossos tempos. — Pois olhe meu filho, essa descoberta, interessa-me mais a mim do que a si.

Sabe que não ganho nada em estar aqui horas e horas, de manhã até à tarde, a gastar a saliva e a exercitar a minha paciência como Job.

Também pouco interesse tenho em ir confessar os andrajosos da casa de beneficência e os tísicos do hospital..., e, se me chamam a desoras da noite, outro não encontro que não seja algum catarro, ou uma pneumonia dupla, como a que apanhei à três meses, indo sob neve e água confessar um pobre velho que estava nas últimas... Enfim, encarrego-o, João, de penetrar bem nas razões que se tem descoberto para não acreditar no inferno. Voltará domingo que vem, com esses argumentos, pois quero aprecia-los bem. Se o inferno lhe impõe o dever de se confessar, a mim impõe a dupla obrigação de me confessar também e de ouvir de confissão os outros...

— Padre, fala a sério ou está a zombar de mim? — Sério, meu amigo. Que benefício posso eu tirar em confessar e em mentir, afirmando que há um inferno, se êle não existe! Simplesmente, lhe recomendo uma coisa. Não venha com duvidas, porque sabe que, em caso de duvida se há inferno, ou se não há, é preciso tomar o partido mais seguro, para se não expor a caír no fogo eterno. — Fique descançado. Eu interrogarei as pessoas mais ilustres a respeito do que há ao certo sôbre tal assunto e deixarei de lado tudo o que houver de incerto ou duvidoso. — Pois bem. Interrogue os seus sábios a respeito das coisas seguintes:

1.º Se eles podem provar com evidencia que Jesus Cristo (que tantas vezes falou do inferno), nos enganou ou se enganou a si:

2.º Se eles provam que também, foram impostores os doze Apóstolos e todos os Santos doutores, sábios e filósofos da Igreja, que, durante dois mil anos, tem vindo ensinando êste dogma;

3.º Se demonstraram que a infinidade de milagres, feitos para acreditar a verdade católica, que ensina a existência do inferno, não passa dum êrro e duma mentira.

4.º Se julgam e dizem se é contrário ou não á razão e justiça que os maus e os ladrões, que não foram castigados neste mundo, sofram noutro;

5.º Se eles provam, finalmente, que Roque Garcia, e companhia, tem mais autoridade para definir êste artigo e merecem mais crédito do que Jesus Cristo e do que os Apóstolos e todos os doutores e sábios do catolicismo. — Não sei, padre, se poderei obter tôdas essas provas que são em número de cinco, como os dedos da mão, mas chegando a casa, tratarei de as escrever para me não esquecer nenhuma.

Durante oito dias o pobre João trouxe a cabeça em apuros, lendo e relendo o livro de Roque Garcia, questionando com os seus amigos do Club. Entretanto, não pode encontrar nenhuma daquelas cinco provas, que desejava para satisfazer o padre e dar-lhe a certeza de que não há inferno. Voltou no fim da semana ao seu confessor e disse: — Meu padre, nunca temi tanto o inferno como nestes dias. Ninguém pode dar-me as provas claras e satisfatórias, que V. Rev.ma me pediu, para não crêr mais no inferno e V Rev.ma pode dedicar-se a outros trabalhos e ocupações.

Tenho interrogado os meus amigos do Club, e, em lugar de me apresentarem razões, responderam com mofas e insultos, rindo de mim e do inferno... Eu, porém, entendo que não basta rir do inferno para nos vermos livres dele. Sem o deixar findar, o padre abraçou estreitamente João e lhe disse: — Está bem, meu filho, vejo que compreendes o que resta fazer a um homem sensato, que se acha no horroro perigo da condenação eterna. João confessou-se e tôdas as suas dúvidas e receios desapareceram. Voltou para casa, e desde então teve alegria no coração e... paz com a mulher. Quantas pessoas há por aí nas mesmas circunstâncias, com as mesmas dúvidas que João no começo desta história!

BAILES

«Uma senhora da sociedade perguntou um dia a São Francisco de Sales se para fazer a vontade a seu marido, ela poderia assistir uma vez ou outra ao baile.

—Dou-lhe licença, respondeu o Santo, mas com a condição de pensar na morte durante todo o tempo que lá estiver.

Interrogado, um outro dia, sôbre o que êle pensava dos bailes, o santo respondeu:

«O que penso dos cogumelos; os melhores não valem nada»!

Encontramos as mesmas idéias, sôbre a dança, expostas por um mundano que sabia muito bem o que se passava no baile: as suas palavras são as seguintes: «Nunca duvidei de que os bailes e as danças não fôssem muito perigosas. Encontram-se aí pessoas que apenas poderiam resistir na solidão, e por isso elas não poderão sair vencedoras de um lugar onde tudo está disposto para excitar as suas paixões.»

Quem quiser viver como cristão não pode freqüentar os bailes.»

Ano IX — Leiria, 13 de Março de 1931 — N.º 102

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre António dos Reis.*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Crónica de Fátima

Fátima é o trono mais belo e mais esplendoroso de piedade e amor filial erguido sôbre a terra ao Sagrado Coração de Maria Imaculada, Rainha do Santíssimo Rosário.

"Dóra ávante Fátima é indestrutivel. Seguindo as pisadas de sua irmã mais velha — Lourdes, que há quási um século, do alto da sua basílica, lança um repto ao positivismo ateu, Fátima torna-se cada vez mais gloriosa e arrosta, também ela, vitoriosamente, com o ódio e a incredulidade."

Fêcho do opúsculo «Notre-Dame de Fátima» por *Gaspar Pizarro*, S. J.

A liturgia da Igreja no dia da primeira aparição.

A primeira aparição realizou-se no dia treze de Maio de mil novecentos e dezassete, à hora do meio dia solar, quando os pastorinhos andavam brincando e não podiam prevêr o que se ia passar de extaordinário.

Fátima estava, na ocasião das aparições. incorporada no Patriarcado de Lisboa. O calendário diocesano marca para êsse dia, como festa própria e privativa, a festa da dedicação da igreja de Santa Maria dos Mártires.

Na época da reconquista cristã da Peninsula Ibérica, o fundador da nacionalidade portuguesa, D. Afonso Henriques, tendo já conquistado aos mouros quási todo o território situado ao norte da foz do Tejo, pôs cêrco à cidade de Lisboa, e, com o auxilio que lhe prestou uma armada de cruzados que se dirigiam à Terra Santa, apoderou-se dela depois duma luta renhida, em que pereceram também muito cristãos.

A protecção da Rainha dos Anjos

O valoroso primeiro rei da dinastia afonsina tinha implorado fervorosamente a protecção da augusta Mãe de Deus para a sua heróica emprêsa e prometido que, se ela fôsse coroada de êxito, mandaria edificar duas basílicas em honra da Santíssima Virgem, uma na parte ocidental e outra na parte oriental da cidade conquistada. Concluída a emprêsa, com felicidade, deu-se pressa em cumprir o voto que fizera e ordenou que na basílica ocidental fôsse colocada a Imagem da Virgem Santíssima, cuja presença no campo de batalha, aonde fôra levada por um dos chefes, quando o êxito era ainda incerto, incutiu nos soldados cristãos uma coragem tam grande que lhes fez alcançar vitória.

Como nesse tempo era costume chamar mártires aos soldados cristãos que morriam em combate contra os infiéis e esta basílica tivesse sido construida no local onde os seus cadáveres estavam sepultados, começou a ser vulgarmente designada pelo nome de igreja de Santa Maria dos Mártires, titulo que se conservou até aos nossos dias com o consentimento dos Prelados diocesanos e com a aprovação do Santo Padre o Papa Urbano sexto, sendo a festa da sua dedicação celebrada em Roma no mesmo dia em que é celebrada em Lisboa.

Privilégios da igreja dos Mártires.

Esta igreja é a primeira da capital portuguesa em que, depois da reconquista, se celebrou o culto cristão. Por êsse motivo, a pedido dos Bispos seus titulares e dos reis de Portugal, os Sumos Pontifices conferiram-lhe privilégios extraordinários.

A partir do ano de mil oitocentos e cinqüenta e um, por concessão de Sua Santidade, o Papa Pio IX, de saüdosa memória, esta festa, que possui oficio e missa especiais, celebra-se com rito duplo de primeira classe e oitava na própria igreja e com rito duplex de segunda classe sem oitava em todo o Patriarcado.

Um grande sinal no Céu

As primeiras palavras do próprio, no oficio divino, são as que formam o versículo e o responsório de vésperas: «Saistes para salvação do vosso povo, alegrai-vos, para salvação com Cristo, alegrai-vos».

A primeira antífona de laudes diz que apareceu no Céu um grande sinal: uma mulher que tinha o sol por manto, a lua por escabelo e na cabeça uma corôa de doze estrêlas.

O hino de vésperas proclama que a Virgem Santissima se eleva entre os astros. O versículo e o responsório insistem no motivo da sua vinda. Finalmente a antífona do *Benedictus* diz: «Bemdito seja o Senhor, que por meio da bemaventurada Virgem Maria visitou o nosso povo e a nossa cidade e nos libertou da mão de todos aqueles que nos odiavam e dirigiu os nossos pés para o caminho da paz». De resto, por todo o oficio, são continuas as alusões à acção benéfica da Rainha dos Anjos em prol do seu povo, de quem é Padroeira, e à alegria, confiança e entusiasmo com que êle a aclamava nas suas apoteoses de Fé e piedade.

E' em extremo consoladora para todos os católicos portugueses a concorrência desta festa com o primeiro dia das aparições.

De-certo será permitido ver em tam singular coïncidência mais um indício da sua sobrenaturalidade.

Portugal e o Imaculado Coração de Maria.

No dia treze de Maio do corrente ano, em que passa o décimo quarto aniversário da primeira aparição da Virgem Santissima aos humildes e inocentes pastorinhos de Fátima, Portugal inteiro será consagrado, solene e oficialmente, ao seu Purissimo e Imaculado Coração. Assim foi, mercê de Deus, definitivamente resolvido, na mais perfeita unanimidade de vistas, pelos nossos venerandos Prelados, na sua última reünião extraordinária.

D. José da Cruz Moreira Pinto

Sua Ex.cia visitou o Santuário de Fátima, no dia 10 de Novembro de 1930 e aí celebrou a Santa Missa

Já consagrado ao Santissimo Coração de Jesus, cujas chagas estão gravadas na gloriosa bandeira das quinas, tornava-se mister que o nosso país fôsse igualmente consagrado ao Coração da sua Mãe Imaculada.

Esta noticia tão grata e tão consoladora, percorrendo de norte a sul e de leste a oeste todos os recantos do território nacional, fará sem dúvida vibrar de intensa alegria e de ardente entusiasmo a alma cristianissima da Pátria, tão profundamente piedosa e tão devota da augusta Mãe de Deus.

Impõe-se desde já, urgentemente, a organização duma cruzada de orações e de sacrificios, para que êsse fausto acontecimento constitua o penhor auspicioso duma chuva copiosissima de graças e bênçãos de tôda a ordem sôbre todos nós e sôbre o mundo inteiro. Nesta hora de grandes incertesas, em que se debatem os problemas mais angustiosos para a vida das nações e em que a humanidade desvairada se encontra à beira dum abismo sem fundo, no mais temeroso *tournant* da sua história multi-milenar, não há que contar senão com a fôrça espiritual e incoercivel dos imponderáveis para impedir que ela se precipite e pereça sem remédio e para sempre.

A sociedade portuguesa, dividida em numerosos partidos e facções, que se degladiam mutuamente com o mais vivo encarniçamento, assenta, como o resto do mundo, na sua calma aparente e ilusória, sôbre um vulcão aceso de ódios e de ressentimentos a custo represados.

Só a Virgem Bemdita, excelsa Padroeira de Portugal, que, desde o inicio da nossa nacionalidade, nos amparou sempre com a sua eficaz protecção maternal, nos poderá salvar de tantos e tão grandes perigos iminentes, restituindo às almas a paz e a

tranqüilidade perdidas e inspirando aos corações ulcerados pelo ódio e pela cólera sentimentos de benevolência e de caridade cristã.

Oremos, pois, para que, por sua valiosa intercessão, como celeste Medianeira de tôdas as graças, o Senhor, na sua infinita misericórdia, se compadeça das nossas desditas, fazendo que, a terra de Maria, em pleno coração da terra de Santa Maria, todos os prtugueses, prostrados a seus pés, numa homenagem solenissima de piedade e amor filial, se abracem e fiquem unidos para sempre num amplexo verdadeiramente fraternal.

As comemorações oficiais.

O dia treze de Fevereiro, ao contrário do que se esperava, amanheceu chuvoso e fro. A-pesar-disso, a afluência de fiéis ao recinto dos santuários, foi assás considerável, na medida em que costuma ser nos meses mais concorridos da quadra invernosa.

Mercê da chuva, os actos religiosos comemorativos das aparições realizaram-se na igreja da Penitênciária, que regorgitava de peregrinos. A missa oficial, celebrada por um dos capelães dos servitas, acolitou o sr. Dr. Fernando Ribeiro Vieira de Castro, juiz aposentado do Tribunal de Relações do Pôrto e presidente do Conselho Superior das Conferências de S. Vicente de Paulo de Portugal, que tem a sua sede naquela cidade. Êste ilustre, venerando e benemérito vicentino é irmão do grande Bispo Missionário o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, Patriarca das Indias Orientais.

A festividade das Cinco Chagas.

A estação da missa, prègou um substâncioso sermão o rev. Augusto de Sousa Maia, secretário de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e professor de sciências eclesiásticas no Seminário Epicopal da mesma cidade. O distinto orador dissertou durante cêrca de meia hora sôbre a solenidade litúrgica do dia, profundamente cristã e eminentemente patriótica—a festa das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não se efectuaram as procissões do costume, porque o tempo não o permitiu, nem foi dada a bênção aos doentes, mas só a bênção geral, porque nenhum tinha sido inscrito para êsse fim no respectivo registo pelo Posto das verificações médicas. Muito antes de cairem as primeiras sombras da noite, com a rápida debandada dos peregrinos, já a Cova da Iria tinha voltado a ser a estância silênciosa e recolhida propícia ao trabalho fecundo do espirito de todos os que a procuram para as grandes e salutares reformas da vida ou para os intensos e preciosos aferoramentos da piedade.

Apóstolos de Fátima.

O rev. Gaspar Pizarro, S. J., sacerdote português residente em Louvain, faz parte da numerosa pléiade de escritores e jornalistas, que no estranjeiro têem sido os apóstolos de Nossa Senhora de Fátima.

Dotado dum zêlo ardoroso e duma actividade incansável, publica e promove a publicação de artigos sôbre os acontecimentos da Cova da Iria em jornais e revistas dos países da Europa Central e Setentrional, especialmente na Bélgica e na Holanda.

Ao mesmo tempo, aproveitando todos os momentos livres das obrigações do seu ministério, percorre várias terras, fazendo conferências com projecções e distribuindo por tôda a parte estampas impressas em diversas linguas, à semelhança do principe dos apóstolos de Fátima, o grande historiador alemão e lente da Universidade de Bamberg, rev. Dr. Luis Fisher.

Há pouco encomendou cêrca de vinte e cinco mil estampas em cinco linguas e organizou, com fotografias, que lhe foram enviadas de Roma, um novo filme de Fátima em substituição do primeiro de que se utilizava nas suas conferências e que já era deficiente.

A génese dum opúsculo sôbre Fátima.

Ultimamente deu à estampa em francês um opúsculo com o titulo «Nossa Senhora de Fátima» e o subtitulo «Breve noticia das aparições da Santissima Virgem do Rosário em Portugal, no ano le 1917.»

Eis como o autor explica a génese desta publicação numa carta dirigida ao venerando Prelado de Leiria. «Por êstes dias enviarei a V. Ex.ª Rev.ma uma brochurazinha ilustrada sôbre os acontecimentos da Cova da Iria. Fizeram tantos pedidos de «notices des apparitions» que não tive outro remédio senão refundir e corrigir um pouso os artigos publicados, reduzindo-os à forma de brochura. Desta sorte, visto não se tratar de nova redacção, não foi necessária nova censura. E como Nossa Senhora abençoa visivelmente a propaganda, o impressor interessou-se pelo trabalho e tomou a peito fazer uma brochura tanto quanto possivel elegante, ilustrada com quatro fotografias. Mandei imprimir mil exemplares, que ficarão por uns oitocentos francos. Mas o editor disse-me espontâneamente que guardava a composição, pois estava certo de que teria de fazer em breve nova edição».

O folheto tem trinta e duas páginas e está dividido em quatro capitulos:

As aparições. — As peregrinações. — Curas prodigiosas. — Expansão da devoção no estrageiro. As gravuras esplêndidas e de página, representam *Nossa Senhora de Fátima. — Os três Pastorinhos. — A peregrinação de treze de Julho de 1930. — A peregrinação Nacional de treze de Maio de 1928.*

O humilde cronista de Fátima agradece muito penhorado a gentileza da oferta dum exemplar com que o distinto escritor se dignou honrá-lo.

Fátima na Bélgica.

Duma carta do sr. Bernardo Xavier Coutinho, português residente na Bélgica, para o venerando Prelado de Leiria, datada de 8 de Dezembro último, transcreve-se o seguinte trecho bastante interessante: «Recebi os livros a que V. Ex.ª Rev.ma se refere e a que resolvi já destino. Um irá no fim das férias para um colégio franciscano brasileiro aqui existente perto da fronteira alemã. Neste colégio falam quási exclusivamente o alemão.

Será um bom meio de penetração: o que dá mais resultado é mostrar a luz e deixar que os outros a consigam pelo seu esfôrço. Nós, os portugueses, temos de ficar atrás da cortina, aliás correremos o risco de passar por *chauvinistas*, patriotos exagerados, e o nosso esfôrço ficará sem resultado, pelo menos sensivel.

Os demais exemplares irão para onde Nossa Senhora quizer. Vou adoptar a prática de penetração por meio dos conventos e casas de educação. Um dos folhetos da «Revue du Rosaire» fi-lo circular pelos alunos do Seminário Leão XIII, outro vou entregá-lo com a tradução portuguesa do Dr. Fisher ao convento do Bom Pastor.

Uma enfermeira da Irmã Maria do Divino Coração.

Cousa interessante! Conseguimos descobrir três religiosas portuguesas exiladas há dezassete anos. Amam a Pátria, rezam por ela e estão separadas dela. Suspiram pelo dia em que possam respirar ar português. Aguardam os designios da Providência e esperam confiadamente. Fui já lá—ao Bom Pastor—duas vezes; na última falaram-me de Fátima... que tinham ouvido umas referências... As suas mãos pouco mais chegara que uma pequenina estampa com um resumo em francês. Era a propaganda do nosso P. Pizarro. Que nada sabiam... Nossa Senhora teria aparecido em Portugal?... Eu disse-lhes, contei-lhes o que sabia e como sabia.

Ficaram contentes, radiantes.

As pobrezinhas, coitadas, já não sabem falar a nossa lingua, uma sobretudo; e por sinal, uma destas pessoas, que no seu rosto, no seu todo, deixam logo transparecer qualquer coisa de extraordinário, é *assistente* no convento, esteve no *Bom Pastor* do Pôrto e durante a doença da Irmã Maria do Divino Coração foi sua dedicada enfermeira. E' natural de Gaia. Lembra-se de muitas coisas do Pôrto e entre elas do Cónego Correia da Silva de quem lhe falei como sendo o Bispo de Nossa Senhora de Fátima. Prometi voltar para cá falarmos e levar cousas sôbre Fátima. Oh! como elas falarão com entusiasmo dêste culto, que vai avassalando o mundo, às suas educandas e às suas companheiras em religião!...»

Visconde de Montelo

Graças de N. Senhora de Fátima

Garrotilho

Ovar 8 de Dezembro de 1930. Venho por êste meio agradecer à S. S. Virgem um grande milágre que fez a um filho meu de 8 anos de idade. No dia 23 de Fevereiro do ano passado às 9 horas da noite foi atacado por um grande ataque de garrotilho e eu, muito aflita, corri logo ao médico mais próximo que me disse já estar o mal muito adiantado; que lhe ia aplicar as injecções mas que de nada valeriam.

José de Pinho Saramago

Lembrei-me então de pedir a N.ª S.ª do Rosário de Fátima que lhe valesse. Comecei a fazer uma novena e a dar-lhe água de Fátima. Passadas algumas horas já podia falar e no dia seguinte quando o médico chegou ficou muito admirado de uma tão repentina mudança dizendo-me que o menino estava salvo o que foi verdade porque passados 3 dias estava completamente bom graças à Mãe do Céu.

Dor sciática

António Evaristo de Medeiros residente na Ilha do Faial frèguesia de Castelo Branco contando 50 anos de idade, venho por êste meio declarar, publicamente, que sofri durante 15 anos duma dor sciática numa perna, conseguindo com muito custo agenciar meios para sustentar a minha numerosa família.

Fui tratado pelos melhores médicos desta Ilha mas nunca foi possível obter a cura; e como a minha doença foi de longos anos fui peorando mais até ao ponto de ficar com uma coxa saida de maneira que quando ia para tomar as refeições não era possível sentar-me e só me podia servir do alimento deitado ou virado de lado.

Mais tarde cheguei a não poder trabalhar absolutamente nada. Resolvi abandonar os médicos por não obter cura alguma e porque sendo pobre não me era possível angariar dinheiro para comprar os medicamentos.

Sabia no entanto que um vizinho meu tinha mandado buscar uma garrafa de água à gruta de N. Senhora de Fátima e pedi-lhe uma pequena quantidade dessa água para tomar com a maior fé que me foi possivel ter.

Graças a Deus a minha fé não foi baldada pois logo que comecei a tomar umas gotas de água principiei a sentir alívios!

Agora graças e louvores sejam dados em todo o mundo e em todos os séculos à Nossa Mãe do Céu. Já vai em 2 anos que nunca mais senti dor na perna e o meu corpo está perfeitamente direito como era antigamente antes da doença.

Em acção de graças todos os meses no dia 13 me apoximo da Sagrada mesa da comunhão.

Meningite

Teresa Calhau Rolim muito reconhecida à Vírgem da Fátima vem publicar uma graça recebida: tendo uma filhinha com um ano de idade com uma meningite sifilitica e tendo o médico que a tratava considerado o caso fatal a Vírgem lhe concedeu a graça da cura por meio da água da mesma Senhora a quem recorreu muito aflita.

Graças infinitas à Virgem Santíssima.

Doença na garganta

Francisco Pereira, casado, cabo da guarda fiscal, natural da frèguesia do Caniço, Concelho de Santa Cruz, Ilha da Madeira, sofrendo há anos da garganta e recorrendo a alguns médicos do Funchal que me diziam uns ser da barriga outros da laringe, outros diziam-me que não apanhasse frios se quizesse que o mal passasse, o que não podia fazer devido ao meu serviço. Vendo-me assim pelos conselhos médicos impossibilitado de sair de casa lembrei-me, como eu não me confessava há mais de 25 anos talvez, de prometer à Vírgem N.ª S.ª do Rosário de Fátima que mandaria dizer uma missa e uma novena e me confessaria por essa ocasião e me continuaria a confessar pelo menos uma vêz por cada ano na Quaresma ou na Páscoa da Ressureição, se N.ª S.ª de Fátima intercedesse junto do nosso Pai Celestial para que me curasse pois já sofria há muitos anos sem ter na terra quem me curasse. Graças a N.ª S.ª de Fátima Mãe tão boa obtive do Nosso Pai do Céu a minha cura quási completa. Cumpri logo a minha promessa e hoje graças ao Altíssimo Deus e a minha Boa Mãe do Céu, ando de noite, apanho frio, e já não sofro como sofria. Às vezes ainda sofro um pouquinho mas sei bem que às vezes os que são saúdaveis também constipam, mas a minha tosse já não é como era dantes.

Graças à Virgem Mãe do Céu N.ª S.ª de Fátima que assim me concedeu a sua digna e amável protecção.

Lesão cardíaca

Rogo a V. Ex.ª a fineza de mandar publicar na *Voz de Fátima* a seguinte graça que recebi e atribuo a Nossa Senhora.

Todo o verão andei muito doente com faltas de ar e cansaço não podendo fazer nada, e quási não saindo de casa. O médico classificou a minha doença de lesão cardíaca.

Vendo eu que os medicamentos já pouco me faziam e tendo a minha primeira filhinha apenas com alguns meses, recorri com confiança à minha querida Mãe de Fátima, prometendo publicar esta graça se os médicos em Coimbra me não encontrassem nada no coração.

Graças a Nosso Senhor assim mo declararam quando lá fui, dizendo também o médico assistente que estou com o coração sem o aceleramento que tinha, e podendo já andar bastante, ler, rezar e ocupar-me todo o dia da minha obrigação de mãe, embora tenha ainda às vezes uns bocaditos dêsse mal estar que nada é para comparar com o antigo.

Julgo pois, cumprir assim um dever de consciência para com a minha Mãe do Céu e contribuir para sua maior glória.

Doença no sangue

Há 12 anos que venho sofrendo de uma doença forte no sangue, doença esta que me provocou várias outras: debilidade no peito, sofrimento no estômago, e por último uns suores frios que me retiveram de cama durante 5 meses, sendo necessário mudar de roupa constantemente. Fui primeiro tratada pelo sr. dr. Silva, médico que residia então em Ilhavo, depois pelo sr. dr. José Rito e vários outros, sempre sem resultado algum. Por último fui a Coimbra consultar o sr. dr. Rosête o qual me declarou que a minha doença era incurável.

Um dia falando com um homem meu conhecido, pai dum sacerdote, fui por êle aconselhada a que fôsse a Fátima e que de lá viria curada. Vim para casa e disse ao meu marido; mas êle não concordou dizendo-me que não aguentaria a viagem, devido ao grande estado de fraqueza em que me encontrava; mas eu tanto insisti que êle sempre cedeu. Fomos então lá no dia 13 de Maio de camionete. Ia cheia de fé no poder da Santíssima Virgem; porém fui sem me preparar porque eu nem mesmo sabia em que consistia a preparação.

Mas quando cheguei à Sé de Leiria senti tamanho desejo de me confessar que não pude resistir, e disse ao meu marido que fôsse chamar um sacerdote, porque compreendi então que o confessar-me era a verdadeira preparação. Confessei-me, pois, e segui para Fátima.

Logo que cheguei à Cova da Iria incorporei-me na procissão das velas conforme pude; porém sentia uma grande secura e queixei-me; então uma mulherzinha ofereceu-me água que recusei com receio de me fazer mal devido a estar muito suada; porém a mulherzinha insistiu comigo dizendo-me que bebesse pois aquela água não faria mal a ninguém. Bebi. Depois da procissão e de tudo estar concluído, chegou-me vontade de comer e comi com verdadeiro apetite, coisa que até ali não acontecia, e graças a Deus e ao poder da Santíssima Virgem nada me fez mal, ao contrário do que se dava dantes.

O que é certo é que vim de lá bem ficando apenas com uma afliçãozita no estômago, a qual acabou de desaparecer na visita que fiz em 13 de Maio passado a êste Santuário bendito.

Trabalho, governo a minha vida e como de tudo tanto frio como quente e nada me faz mal.

Peço-lhe, pois, mais uma vez que se digne publicar esta grande graça na *Voz da Fátima* para maior honra e glória de Jesus e da Santíssima Virgem Sua e nossa Mãe Bendita.

Quisto

Maria Guiomar M. Lobato de Sousa, tendo-me nascido um quisto na pálpebra superior do olho esquerdo e tendo-se desenvolvido extraordinàriamente e quási resolvida a deixar fazer a extracção que os médicos me impunham recorri com tôda a confiança e devoção a Nossa Senhora prometendo publicar a graça se ela permitisse que o mal desaparecesse sem intervenção cirúrgica. Principiei a colocar sôbre o quisto pasbos de água de Nossa Senhora e com tão feliz resultado que em breve o quisto abriu começando a despejar o pus até ficar inteiramente curado.

Hoje estou completamente bem. Bendita seja Nossa Senhora de Fátima.

Carta de agradecimento

Benguela (*Africa Ocidental*) 26 de Dezembro de 1930.

Ex.mo Snr.

Cheia de reconhecimento e gratidão para com a Santíssima Virgem, venho para sua glória e cumprimento da minha promessa, pedir para mandar publicar na *Voz da Fátima* a graça que Nossa Senhora me concedeu.

Estava em Coruche, havia já alguns meses em casa de pessoas de família. Adoeci em 15 de Fevereiro de 1929 com uma grave doença de rins, que me obrigou a estar alguns meses de cama, chegando as pessoas que me tratavam e as que sabiam o meu estado, a dizerem que era impossível escapar, a-pesar-do grande cuidado do meu médico, sr. dr. Virgílio de Campos, a quem eu fiquei também para sempre grata, pela alta sabedoria e carinho com que sempre me tratou. As crises continuavam. Julgando-me muitas vezes nos últimos instantes da minha vida cheguei a receber os últimos Sacramentos; enfim preparei-me para morrer. Tinha crises horriveis, e foi numa dessas aflições, que eu com o pensamento naquela que é a saúde dos enfermos, lhe pedi a graça de me curar, e que eu ainda tivesse a felicidade de voltar à minha terra natal, abraçar os meus entes queridos. Se Nossa Senhora ouvisse a minha súplica, mandaria publicar a graça no seu jornalzinho; e, ainda que muito indigna, a Santíssima Virgem ouviu-me. Fiz também a promessa de logo que pudesse ir ao Santuário da Cova da Iria aos pés da Consoladora dos aflitos, agradecer-lhe a graça recebida, o que já fiz em 13 de Outubro do mesmo ano.

Tanto o meu médico assistente como as pessoas que conheciam a minha doença, já depois de eu estar em convalescença diziam que teria que ter uma dieta permanente, evitar excessos e ter sempre um grande cuidado comigo, de contrário podia vir uma complicação e ser fatal.

A's vezes entristecia-me com isso, mas se Deus assim o quizesse resignar-me ia com a sua santa Vontade.

Regressei depois à minha terra natal ainda muito fraca e com febres lentas, ao mais pequeno excesso ficava fatigada, mas sempre com fé que a minha Mãe do Céu me havia de curar completamente.

Aproximou-se o mês de Outubro e eu já em sentia com fôrças para ir a Fátima cumprir a minha promessa. Nessa data já tinha abandonado quási tôda a dieta, e a-pesar-de ser uma grande distância de minha terra a Fátima, fiz a viagem de camioneta, sem me custar muito, e quando regressei sentia-me tão bem disposta, que comecei a comer de tudo e até ao dia pesente nada me tornou a fazer mal. Hoje, graças ao meu Deus e à minha Mãe Santíssima, encontro-me como antes da doença.

Estou em Africa desde Junho a-pesar-do clima ser mau tenho-me dado sempre bem, é muito raro sentir qualquer dor nos rins. Agradeço mais a Nossa Senhora a cura dum meu Tio.

Maria do Carmo Silva Portela

Diversas graças

— *D. Palmira da E. Mouzinho Seixas*, agradece diversas graças concedidas por N. Senhora em transes difíceis e perigosos que num parto sofreu.

— *D. Hortência Gomes*, do Funchal, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a cura de diabetes que há 3 anos sofria.

— *D. Maria da Assunção Sousa Pinto*, de Marco de Canavezes, agradece a Nossa Senhora uma cura de que foi objecto.

— *D. Generosa Farinha*, agradece a cura de uma sua filha que há muito tempo sofria com uma ferida purulenta.

— *D. Raquel da Encarnação Lopes*, de Lisboa, agradece duas curas, uma a seu marido e outra a sua filha Adélia.

— *D. Angelina Joaquina de Oliveira*, do Pôrto, agradece a Nossa Senhora o tê-la livrado de ser sujeita a uma operação cirúrgica, e os notáveis alívios em uma doença declarada incurável pelos médicos.

— *Uma Anónima* precisava uma operação e pediu a Nossa Senhora por intermédio das almas do Purgatório que lhe valesse e a doença desapareceu não sendo necessária a operação. A mesma agradece outra graça em favor de um moribundo.

— *A Senhora Condessa de Margaride*, Guimarães, agradece um favor que lhe foi concedido por Nossa Senhora.

— *Inácia de Jesus V.ª, da Tôrre*, e *Manuel Rodrigues da Silva*, do mesmo lugar, tendo recebido grandes favores de Nossa Senhora vêm agradecer-lhos pùblicamente.

— *D. Beatriz Amália dos Santos Cortês*, de Macau, sofria de reumatismo infeccioso a ponto de nem para comungar poder ajoelhar-se. Fez uma novena a Nossa Senhora e obteve a cura que vem publicar e agradecer a Nossa Senhora.

— *Maria Júlia Caceia Gaio*, de Leiria, agradece uma graça temporal alcançada por Nossa Senhora da Fátima.

— *José Luís Patrício*, de Póvoa de Varzim, agradece a cura de uma dor sciática que há 14 meses o afligia; e a cura de garrotilho e surdez de que durante muito tempo sofreu.

— *D. Laurinda do Carmo*, agradece a Nossa Senhora a vida de sua mãe de 94 anos que tendo dado uma queda mortal em cujo curativo houve a rutura duma artéria, se considera livre de perigo.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	249.697$65
Papel, composição e impressão do n.º 101	3.369$50
Franquias, embalagem, transporte, gravuras, etc.	98$80
Com a administração em Leiria.	62$50
Total...	245.116$45

Donativos vários

P.e Manuel Antunes Dourado, Lubanga, 200$00; Maria do Carmo S. Portela, Benguela, 17$50; Georgina Ramos Lopes, Azurara, 20$00; Joaquim Silva Carvalho, Vagos, 115$80; P.e Evaristo Correia Gouvêa, Açôres, 60$00; Luiza Maria Teixeira Borges, Lisboa, 50$00; Maria Noémia de F. Coelho, Açôres, 15$00; Guilherme do C. Pacheco, Vila Flor, 20$00; Maria de J. de P. B. do Amaral, Coimbra, 15$00; Virgínia Amália C. Lampreia, Salvado; 15$00; Inez M. Sequeira Coelho, Diu, 30$00; Doentes do Sanatório Rodrigues Semide, Porto, 35$00; João Caetano, Praia da Victoria, 24$00; Domingos de J. Barros, Marinha G., 15$00; Maria A de Oliveira, Soure, 15$00; Maria Leonor de Freitas, Soure, 15$00; Henriqueta do R. Coelho P.ª, Golpelheira, 20$00; Maria Amélia Marques, Viseu, 20$00; Maria Rosa Cunhal, Coruche, 20$00; Maria do Carmo Peres, Porto, 15$00; Roberto Luís Monteiro, Madeira, 20$00; Albertina Julia da Silveira, Lisboa, 30$00; Franscisco de Albuquerque e Ornelas, Alcains, 20$00; Maria Ribeiro da Silva, Guimarães, 20$00; Condessa de Margaride, Guimarães, 20$00; P.e Francisco F. da Silva, Póvoa do Varzim, 60$00; Margarida Vieira, Vila da Feria, 15$00; José Silva, California, 21$90; Maria Furtado, California, 21$90; Maria Rezendes, California, 21$90; P.e Etienne Heugebaert, *Palestina*, 20 francos; Igreja de Maceira, Leiria, 46$40; Angelina C. Rosa, Evora, 20$00; P.e Carlo Jorge de F. e Castro, Funchal, 250$00; Deolinda Pinto de Almeida, Gaia, 20$00; Manuel Pinto Moreira, Gaia, 20$00; Maria Leonor Coutinho, Viana do Castelo, 20$00; C.e Luís de Almeida, Braga, 100$00; Candido dos Santos Oliveira, Boticas, 17$50; Alberto Julio Monat, Lisboa, 212$00; Crianças do Colégio de Ponte de Lima, 16$00; João Albino Custodio, Moledo, 35$00; Maria da Encarnação Barão, A. de Pera, 17$50; P.e Joaquim Beirão, F. de Capareiros, 142$50; Corporação do Culto Católico, Bragança, 100$00; Henriqueta da F. T. Viana, Santarém, 15$00; Joaquim Duarte, Cortegana, 20$00; Graciano F. G. Palha, Cartegana, 20$00; Maria C. G. Palha, Quinta do Rocio, 20$00; Sofia de Melo, América, (1 dalor); Maria da Glória Medeiros, América, (1 dolar); Felizbela Henriques Loureiro, Nelas, 15$00; Franscisco C. Seramago, África (10 shilings); P.e Tomaz de Aquino Silvares, Gaia, 150$00; Casa de Saúde de «S. Rafael», Açôres, 50$00; Manuel Domingos Ferreira, Brasil, 50$00; Sofia Maria S. Regalão, Abrunheira, 15$00; Conceição Marques, Porto, 15$00; Manuel de Nobrega, Madeira, 20$00; Abílio Bandeira Dias, Ermezinde, 20$00; Luís V. P. da Costa, Coimbra, 20$00; José J. P. Ribeiro, Viana do Castelo, 20$00; José F. de Almeida, Brasil, 20$00; Izalina de Ab. Sarmento, Macedo de Cavaleiros, 20$00; Maria J. C. Frazão, Santarem, 20$00; Benjamim António Fereira, Borba, 20$00; António D. Falagueiro, Lisboa, 20$00; Filipa Eugénia e Silva, Fora, 15$00; Duqueza de Palmela, 100$00; Piedade Primavera, L. Marques, 50$00; Joaquim Lopes da Silva, Cabo Verde, 25$00; António Vicente, Chainça 15$00; Maria Izabel M. L. Russo, Castelo de Vide, 25$00; Guilhermina A. Lemos, Gaia, 15$00; P.e Manuel R. Pontes, Póvoa de Varzim, 117$50; P.e João Cesar de Lacerda, Penedono, 15.$00; Maria de Jesus P.ª, Penedono, 15$00; Margarida dos Santos Silva, Lagares, 21$00; Francisco de P. Rocha, Coimbra, 20$00; Guilherme Plantier Martins, Lisboa, 20$00; Igreja da Graça, Lisboa, 100$00; Maria dos Anjos F. da Silva, Parede, 15$00; Igreja de Pedrouços, Lisboa, 120$00; Igreja da Ajuda, Lisboa, 40$00; Maria Emília M. Rosa, Portalegre, 20$00; Catarina B. Peralta, Niza, 20$00; Júlia S. Ventura, Gáfete, 20$00; Clara Ferreira, Gáfete, 20$00; P.e José Dias V. Napoleia, V. F. de Xira, 15$00; Igreja da Madalena, Lisboa, 40$00; Beatriz Silva, Lourdes, 20$00 e P.e António dos Santos Alves, Córtes, 20$00.

Esmolas obtidas em diversas igrejas, quando da distribuição de jornais:

Na Igreja de São Tiago de Cezimbra, nos meses de Novembro e Dezembro de 1930 e Janeiro de 1931, pela Ex.ma Sr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, 86$00; na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, nos meses de Dezembro de 1930 e Janeiro de 1931, pela Ex.ma Sr.ª D. Laura Gouveia, 20$00; na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Janeiro de 1931, pela Ex.ma Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 17$70.

Aos pais

Há em tôdas as casas de educação alguma destas pestes vivas, dêsses demónios em carne, que só tratam de corromper o que há de mais amavel no mundo, um menino ou menina inocente.

Por uma desgraça muito frequente, travou um colegial relações com um companheiro corrompido, escravo dos actos mais vergonhosos, o qual acendeu no coração do companheiro o fogo criminoso que o abrasava.

Tornou-se desde então um grande libertino. Sentiu-se uma noite assaltado por uma doença desconhecida. A família, assustada, cerca-o de carinhos e cuidados.

Tentam socego-lo; um sacerdote chamado a tôda a pressa, inclina-se sôbre o seu leito e pergunta-lhe a causa do seu sofrimento repentino; e o jovem quási moribundo lança-lhe um olhar desvairado e pronuncia com voz terrivel estas lúgubres palavras: desgraçado daquele que me perdeu!...

—Socega, meu filho, disse-lhe o padre; e o jovem, desesperado, repetiu: desgraçado daquele que me perdeu.

—Meu filho tem confiança, volveu-lhe o sacerdote; e o mancebo, apenas de 12 anos, repetiu pela última vez: desgraçado daquele que me perdeu *e expirou torturado por horriveis remorsos...*

—Ah! se os pais vigiassem mais...

A Santa Missa

«Tôdas as boas obras reünidas não equivalem ao santo Sacrificio da Missa, porque são as obras dos homens e a Missa é a obra de Deus. O martirio não pode comparar-se-lhe: é o sacrifício que da sua vida o homem faz a Deus! A Missa é o sacrifício que Deus faz ao homem do seu corpo e do seu sangue. (diz o Santo cura d'Ars).

Oh! como o padre é alguma coisa de grande! (continua êle)! Se o compreendesse, morreria... Deus obedece-lhe: ditas duas palavras, Nosso Senhor desce do Céu à sua voz e encerra-se numa pequena hostia. Deus põe os seus olhos no altar e diz: «Eis aí o meu Filho muito amado em quem tenho tôdas as minhas complacências».

Aos méritos da oblação desta vitima nada pode recusar. Quem tiver fé, verá Deus oculto no padre como uma luz atraz dum vidro, como vinho misturado com água.

Após a consagração, quando tenho nas minhas mãos o santissimo corpo de Nosso Senhor e quando nas minhas horas de desanimo, não me julgando digno senão do inferno, digo a mim mesmo: «Ah! se ao menos eu pudesse leva-lo comigo! Junto dele, o inferno seria suave; não me custaria ficar lá tôda a eternidade a sofrer, se estivessemos juntos... Mas já não seria o inferno: as chamas do amor apagariam as da justiça».

Como é belo! Depois da consagração, o bom Deus está no altar como no Céu!... Se o homem conhecesse bem êste mistério, morreria d'amor. Deus oculta-se por causa da nossa fraqueza.

Um padre, depois da consagração, duvidada que algumas palavras suas pudessem fazer descer Nosso Senhor ao altar. No mesmo instante viu a hostia tôda vermelha e o corporal tinto de sangue.

Se nos dissessem: «A tal hora ha-de ressuscitar um morto, correriamos para ir vê-lo. Mas a consagração que muda o pão e o vinho no corpo e no sangue dum Deus, não é um milagre maior do que a ressurreição dum morto?»

Assim como o ferro metido no fogo perde a ferrugem e se faz resplandecente, assim o homem, que inteiramente se converte a Deus, é livre de tôda a tibieza e mudado em novo homem.

Imitação de Cristo, Liv. II, Cap. IV.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00; pelo correio, 5$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNIÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 18 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUARIO DE FATIMA.

Lágrimas bemditas...

Todos os sofrimentos ou decepções dêste mundo não são afinal senão meios de nos fazer compreender a única realidade: o amor de Jesus Cristo.

(Dum autor contemporâneo)

O João da Carvalheira era um rapaz de estatura mediana e bem apessoado.

Tez morena, cabêlo preto, olhos quási sempre encobertos pela aba do chapéu puxado sôbre a testa poucos o viam rir em público.

Na intimidade mudava um pouco e tomava por vezes atitudes que eram verdadeiros requintes de delicadeza mesmo com adversários.

De tal maneira sabia estampar no rosto a aparência dum sorriso sincero e amigo que muitos lh'o julgavam natural.

Ao prestar um serviço parecia querer humilhar-se como um servo diante do senhor.

Parecia...

Que na realidade o João da Carvalheira era muito diferente das aparências.

* * *

Conheci-o como aos dedos das minhas mãos

Somos da mesma aldeia. Brincámos juntos tanta vez... Tanta vez rimos e chorámos...

Já lá vão anos mas êsses dias despreocupados não passam da memória e, recordados, são de uma infinda doçura.

Chamavam-lhe como ao pai e ao avô o João ou o Joãozito da Carvalheira, porque, junto da casa, num pequeno largo, se levantava frondosa e gigantesca carvalheira que era ao mesmo tempo como que a protectora da família e o elo de ligação de muitas gerações.

Como eu gostava de lhe brincar à sombra!

Que doçura imensa a daquelas tardes, de verão passadas ao pé dela, em mil devaneios e passatempos infantis!...

Dávamo-nos bem. Eu tinha génio mas êle sabia levar-me. Os pequenos amúos, não duravam sequer o tempo dum Padre Nosso.

A infância liga sempre e muitas vezes para sempre. A carvalheira, a escola que ambos frequentámos a doutrina, a que fomos juntos aprender, primeiro, e depois ensinar, fizeram-nos sinceramente amigos.

* * *

Cada um depois seguiu para seu lado.

Ele para o comércio, eu para o Santuário.

Nunca mais nos vimos. Ouvi falar dele uma ou outra vez.

Escrevi-lhe a dar-lhe os parabens por ocasião do casamento.

Ha dias recebo esta notícia fulminante:

«O João da Carvalheira está preso...»

— É impossível!

— É o que te digo.

— Enganas-te com certeza.

Aí ha confusão...

— Qual confusão?! Acabo de o saber confidencialmente por uma pessôa que vem de X.

— O quê o João da Carvalheira preso?!...

Ele um rapaz tão assente em creança, tão bonzito, tão bem educado pelos pais...

— Que queres? São coisas...

— Mas afinal porque foi?

— Muito simples. Acusado de desviar umas dezenas de contos da empresa para que trabalhava.

— Que horror!... Pobres pais. Como hão de sofrer com isto.

— Ainda não sabem nada.

Mas quando o souberem...

... ...

Quem me contava isto conhecia-nos aos dois. Não havia que duvidar. Quis saber do que se tratava.

Convidei-o a sentar-se.

—«Mas afinal, continúa êle ao puxar a cadeira, afinal não ha que admirar. A semente estava lançada, o fructo havia de vir.»

Esmagado com a notícia não tive coragem para retorquir.

«De ha uma temporada já que eu seguia a vida daquele rapaz.

Fazia-me espécie aquele todo dele.

Custava a compreender.

Havia nele contradições flagrantes.

Não imaginas por exemplo a propaganda que êle fazia de ideias extremistas.

O filho dum pobre aldeão transformado em propagador de bolchevismo.

Mas era a valer.

Em questões sociais, em religião e não sei se em costumes também.

Era combativo.

Reunião onde êle se encontrasse durante meia-hora havia necessàriamente de lhe ouvir baboseiras, expostas porém com tal ardor que muitos se calavam, como se aquilo fôsse irrespondível.

A maneira sarcástica, escarninha de que se servia no ataque dava-lhe uma violência temível.

Desarmava o adversário mais bem preparado.

* * *

Um turbilhão de ideias de hipóteses e suposições fervia-me na imaginação quando o meu interlocutor como a advinhá-lo elucida:

— Era um rapaz mal formado.

— Ah! Isso não!

Pobres pais!... Foram sempre tão honrados tão cuidadosos na educação dos filhos. Não! Não os faças responsáveis das poucas vergonhas desse filho degenerado.

— Contudo...

— Contudo... o quê?

— Ora ouve...

* * *

Eu estava sufocado. Precisava de ar. Levantámo-nos e viemos para uma varanda donde a vista se perdia, ao longe, num horisonte límpido de céu e montes anilados e, alí ao pé podia descansar em dois lindos exemplares de roseira chá em plena floração outonal.

— Que lindas rosas!... E que fortes que estão as roseiras!

Mas como pelo meu silêncio julgasse que não ouvia reata a conversa.

— «Não é assim que se educa uma criança, que se forma um homem.

Pegaram nele e meteram-no entre caixeiros de moral fácil e de religião muito sua.

O rapaz era tímido. Tantas ouviu que por fim cedeu.

Prmeiro foram certas concessões vergonhosas a que os companheiros o arrastaram Depois da castidade, era inevitável, foi-se-lhe a fé.

Na livraria os piores autores eram para êle.

Emílio Rossi, Rénan, Zola, Strauss, Karl Marx, Lenine e os bárbaros idiologistas da Rússia eram seus conhecidos e amigos.

Fóra não tinha ninguém que o amparasse.

A família confiava estupidamente na santidade do pequeno anjinho que lhe saira a porta da casa, não imaginando sequér que não podia já reabrir senão a um grandíssimo diabo em carne e osso.

Abandono, companhias e leituras atiraram-no ao fundo da prisão».

Calou-se por um pouco e olhava-me demoradamente.

Eu precisava de descansar sôbre a agitação daqueles momentos.

Dei-lhe três dos mais lindos botões de rosa que êle levou à mão.

E fiquei-me alí...

* * *

Três dias depois, apoz grande luta fui à prisão visitar o João da Carvalheira.

Estava abatido.

O cabelo comprido, e desgrenhado, os cantos da bôca descidos, os lábios salientes, os olhos fundos mas vivos a scintilar irrequietos davam-lhe o aspecto dum verdadeiro criminoso.

Senti repulsa por êle.

Mas venci-me e entrei.

Mais do que nunca devia agora mostrar-lhe que era amigo.

Só quando me viu junto dele, me reconheceu.

Abracei-o afectuosamente.

Não queria...

— Não me toques, diz êle, sou um ladrão... A tua batina pode manchar-se de encontro à bata do recluso.

— Pelo amor de Deus não fales nisso. Esquéces-te da nossa amizade de infância.

— Não, meu amigo. Mas eu não sou o João da Carvalheira, da escola e da doutrina.

Tu não devias vir aqui.

— Se precisares de mim para alguma coisa...

— Não, eu enlamacei o nome de meus filhos e destruí a reputação de meus pais. Não mereço a tua amizade.

Duas lágrimas grossas só as senti caír, que em voz levemente nublada rematou:

— Olha. Quando poderes manda-me Os Evangelhos e as Epístolas. Queria ler.

E agora vai-te... vai-te embora... que isto faz-te mal.

* * *

Mandei-lhe o que me pediu e, juntamente aquela jóia de literatura e piedade que são as «Confissões de Santo Agostinho».

Visitava-o todos os oito dias e ia assim seguindo a acção da graça na alma dele.

A beleza sublime das páginas sagradas de que êle andava de há tanto tempo divorciado encantaram-no.

A cândida ingenuidade e franqueza de Santo Agostinho foram lavadas de lágrimas.

Pouco a pouco moveram-no...

Fez-se luz e luz esplendorosa.

* * *

Um dia dêstes, em companhia da mulher, que se conservara bôa, e dos filhitos, que choravam sem saber porquê, recebia a Sagrada Comunhão depois de se confessar.

Jesús desce àquela alma inesperadamente rehavida e faz da mansão do crime um novo trono donde, em fulgurante scintilação se apresenta às almas trabalhadas pela dôr, como a única fonte segura e inesgotável de perdão, de paz e Amor.

Leiria, Dezembro de 1930.

Galamba de Oliveira

"ENSINAI..."

Pelo sinal da Santa Cruz

O fim desta secção

Não há muitos anos ainda que em plena Lisboa ao longo duma rua freqüentada e ladeada de ricos estabelecimentos com montras, descia um grupo de rapazitos do povo.

Em frente duma dessas montras estacam de repente e ficam-se a contemplar admirados.

Era na Semana Santa.

No centro levantava-se magestosa e atraente a figura do Santo Crucifixo.

Um dos pequenos ante a admiração comovida mas ignorante do grupo explica a significação da imagem e a história de tal morte.

Ao ouvir a narração simples mas calorosa mais do que um chorava com pena dAquele Jesus a quem só agora começava a conhecer e que sofrera assim por amor dele.

A história contou-a numa linda página a pena scintilante dum sacerdote que só de vez em quando faz uma breve sortida do seu retiro para logo nos deixar cheios de saüdade e de pena.

... ...

Quantas almas não há que nos lêem, sem conhecer a pessôa Adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo nem a sua doutrina.

Pouco a pouco na humildade das suas páginas a «Voz da Fátima» será também a voz dum pequenito a falar de Jesus, das suas coisas e da sua doutrina a tantas almas pequeninas espalhadas por êsse mundo além...

Para que servia a Cruz

Dantes não havia pela cruz o amor que hoje há.

Entre os vários géneros de morte violenta: o apedrejamento, a decapitação etc., um dos mais cruéis senão o mais cruel era o da crucifixão.

Levavam o condenado fora da povoação e alí o atavam ou pregavam de pés e mãos aos braços da cruz.

Levantavam-na ao alto e nela deixavam a vítima. Porisso ela era nos tempos antigos objecto do mesmo horror e do mesmo ódio que ainda hoje se tem pela fôrca e coisas semelhantes.

Era um instrumento de morte: todos fugiam dela.

Porque a estimam hoje tanto?

Ao empreender a obra de nossa salvação e resgate quis Nosso Senhor Jesus Cristo completá-la com a sua Paixão e Morte dolorosíssima no alto do Calvário — uma pequena colina às portas de Jerusalém.

Por maldade e ódio dos Judeus foi o Senhor injustamente condenado à morte de cruz.

Levou-a aos ombros, através das ruas de Jerusalém e nela O pregaram de pés e mãos.

Porque a cruz foi o meio e instrumento de que o Divino Salvador se serviu para, morrendo nela, nos remir; porisso é que os cristãos lhe têem tanta estima e amor.

Assim como a gente olha com respeito para a espada dum guerreiro ilustre, ou para a pena dum escritor notável, assim também deve com razão olhar amorosamente para a cruz imagem daquela em que Nosso Senhor venceu o Seu e o nosso inimigo fidagal.

O sinal do cristão

Quando os cristãos tiveram de escolher um sinal e distintivo da nova religião não encontraram nenhum que melhor se prestasse do que o sinal da cruz.

E a cruz levanta-se hoje como um símbolo de amor e de paz no alto das nossas tôrres, na frontaria das igrejas, sôbre a campa e sôbre o leito, na casa cristã e no altar do Senhor.

Quando as nossas caravelas sulcavam os mares desconhecidos levavam nas velas impresso o sinal da cruz; era êle que marcava os limites do território descoberto ou conquistado e ainda hoje, se novos feitos de glória vêem honrar a Pátria, é ainda sob o signo redentor da Cruz de Cristo!...

Como é triste vê-la quebrada e suja, poluida e despresada pela nossa Terra e pela nossa Gente que, se alguma coisa foi e é o deve à Cruz.

E mais triste ainda quando êsses que a ofendem pertencem ao povo humilde. Ah!

.....«Deslembram-se
De que a paz doméstica a pureza
do leito conjugal bruta violência
não vem contaminar, se a filha virgem
do humilde camponês não é ludibrio
do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem!»

(Herculano — Harpa do Crente)

Como se há de tratar a Cruz

O bom cristão há-de, pois, mostrar sempre por ela um grande amor, veneração e respeito.

Na sala, na casa de fora, ou na casa de entrada e nos quartos deve estar sempre a santa cruz.

Deve-a trazer sôbre o peito como a coisa muito querida.

Mas não, como muitos a põem, irreverentes, à mistura com símbolos de bruxedo e superstição e outros objectos indecorosos, que é grande pecado tratá-la assim.

Hão-de descobrir-se ao passar por ela, à beira dos caminhos ou onde quer que seja.

Hão-de fazer com que a cruz, tornada objecto do seu entranhado amor, seja ao mesmo tempo o símbolo e a imagem de tôda a sua vida numa imolação constante, numa entrega absoluta de todo o seu ser nas mãos de Deus de maneira que, crucificado, com Cristo Nosso Senhor com Êle possam gloriosamente resuscitar e ser coroados.

Uma alma pequenina

Quanto melhor te dispões para padecer tanto mais prudentemente obras, e tanto mais mereces; e levarás tudo facilmente, tendo preparado o teu ânimo com o costume e a constância.

Imitação de Cristo, Liv. III, cap. XIX.

Ano IX — Leiria, 13 de Abril de 1931 — N.º 103

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Antônio dos Reis.*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

Maria Santíssima e Imaculada, excelsa Rainha do Céu e da terra, augusta imperatriz do universo

A Virgem Mãe de Deus é, pela lei de sucessão e por direito de herança Rainha do MUNDO

Uma das orações mais belas, mais vulgarizadas e mais queridas do povo cristão é aquela que é chamada a «Salve, Rainha», porque começa precisamente por estas duas palavras. Todos os devocionários e livros de piedade a inserem nas suas páginas e todos os fiéis a sabem de cor, não havendo nenhum que a não tenha aprendido, ainda na infância, dos lábios de sua mãe. Nessa oração, que traduz dum modo admirável os sentimentos mais vivos, mais íntimos e mais profundos da alma genuinamente cristã, nas suas relações de piedade com a augusta Mãe de Deus e Mãe dos homens, que são filhos adoptivos da sua dor legados pelo Filho único no transe da agonia, momentos antes de expirar, a Santa Igreja Católica, Mestra infalível da verdade, proclama a Virgem Santíssima pura e simplesmente Raínha, Raínha sem restrições nem reservas, e, portanto, verdadeira Raínha do Céu e da Terra, Soberana Senhora do universo. A Esposa mística do Cordeiro sem mancha, imolado na Cruz em expiação dos pecados da humanidade, não podia conferir àquela que, no inefável mistério da Anunciação, o mensageiro divino denominou «cheia de graça», outro título que fôsse, simultâneamente, tão sublime e tão pomposo. Com efeito, como diz o grande doutor S. Bernardo, «o nome de rainha é um nome de honra e de glória, de adôrno e de magnificência, de doçura e de piedade, de amor e da grandeza, de elevação e de poder, de govêrno e de justiça, de defesa e de graça».

O domínio supremo do universo pertence à Virgem Santíssima por título de nobreza, pela lei de sucessão e por direito de herança. Ela é, em tôdas as esferas da criação, a pessoa mais nobre que jámais existiu e, até ao fim dos séculos, jámais existirá, por impossível, quem a exceda em dignidade e perfeição. Dir-se-ia que o Senhor esgotou nessa maravilha da natureza e da graça todos os recursos da sua sabedoria infinita, todos os tesouros da sua bondade inetável e tôdas as energias fecundíssimas da sua omnipotência.

Maria Santíssima é a obra prima das mãos do Criador. Raínha como Mãe que é de Deus, — de Deus, Rei dos Reis e Senhor dos senhores, *Rex Regum et Dominus dominantium* — a sua grandeza e a sua perfeição, sob todos os pontos de vista, são de tal ordem, que, mesmo sem a excelsa prerogativa da maternidade divina, não deixaria de ser Soberana Senhora do universo.

Raínha, mercê da nobreza da sua condição, da grandeza da sua dignidade e da excelência das suas perfeições, é-o também, segundo as leis que regem o mundo, por direito de herança, porque seu Filho, desde o primeiro instante da sua existência como homem, mereceu e obteve o domínio do universo, segundo se lê no livro dos salmos: «A terra e tudo o que ela contém é do Senhor; o universo e tudo aquilo que o habita é dêle». *Domini est terra et plenitudo ejus; orbis terrarum et universi qui habitant in eo. (Psal. XXIII, 1).*

A concepção puríssima do Verbo Eterno, Filho unigénito do Altíssimo, é, pois, o título em virtude do qual compete à Virgem Santíssima o domínio supremo do mundo.

Além disso, quando Jesus expirou pendente da cruz de ignomínia no cimo do Calvário, não tendo mais ninguém que pudesse ser legitimamente instituído seu herdeiro sôbre a terra, sucedeu-lhe segundo todos os direitos, sua augusta Mãe, que por isso mesmo alcançou para si o domínio do mundo inteiro.

E êsse direito de suceder a seu Filho na realeza do universo nunca foi revogada, antes cada vez se torna mais evidente, à medida que a Virgem bemdita é proclamada, nos cânticos da liturgia e nas súplicas dos fiéis, Raínha e Senhora de todos.

Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, quis que o poder de sua Mãe igualasse dalgum modo o poder de seu Eterno Pai. Por isso todos os seres, seja qual fôr o grau que ocupam na escala da criação, como estão e porque estão sujeitos ao poder de Deus, estão igualmente sujeitos ao poder da Santíssima Virgem. E Jesus não abriu uma única excepção: êle, que era Deus, igual em tudo a seu Pai, *aequalis Patri secundum divinitatem*, como se lê no símbolo de Santo Atanásio, quis submeter-se a sua Mãe. «E estava sujeito a êles»: *Et erat subditus illis* (Luc., II). Todos estão sujeitos ao império de Deus, mesmo a Santíssima Virgem; todos estão sujeitos ao império da Santíssima Virgem, até o próprio Deus.

Portanto Maria, Mãe de Jesus, tem, por direito de herança, o alto domínio sôbre tudo quanto é inferior a Deus, isto é, a mais perfeita e a mais sublime realeza.

O nome de Maria significa *senhora, soberana;* e, em harmonia com esta interpretação etimológica, podemos com o grande doutor da Igreja S. Bernardo, no seu Tratado *De glorioso nomine Mariae,* considerar três cousas: primeiro, a natureza da soberania, depois a extenção dessa soberania e por último a sua multiplicação.

D. DOMINGOS MARIA FRUCTUOSO
VENERANDO BISPO DE PORTALEGRE
QUE PRESIDIU À PEREGRINAÇÃO DA SUA DIOCESE

Indole jurídica da realeza de Maria

Estudemos em primeiro lugar, a natureza da soberania. O domínio verdadeiro e propriamente dito é aquele que não tem igual, isto é, que não está sujeito ao domínio de outrem, não carece de auxílio es-

(Continua na página seguinte)

Apêlo aos devotos de N. Senhora de Fátima

O venerando Episcopado português, sob a presidencia de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, resolveu tomar parte na próxima peregrinação de maio, incorporando-se também S. Excelência Reverendíssima o Senhor Núncio Apostólico, representante do Santo Padre em Portugal.

Veem agradecer à Virgem Santíssima a preciosa visita que se dignou fazer à nossa terra e as graças imensas que tem espalhado sobre nós.

Nesse dia Portugal deve ser um só coração aos pés da boa Mãe do Céo.

Aos que não poderem vir, rogo que se unam em espírito a Sua Eminência e aos Excelentíssimos Prelados.

Leiria, 13 de Abril de 1931

† JOSÊ, Bispo de Leiria.

tranho, não depende de ninguém e é cheio de generosidade e munificência. E, como estas características se verificam no domínio de Deus, elas encontram-se também, necessàriamente, em Maria, o que se vê com clareza, desde o momento em que se examinem tôdas essas condições da verdadeira soberania. Com efeito, em primeiro lugar, a verdadeira soberania é aquela que não está sujeita a ninguém.

Tal é a da Santíssima Virgem, porque ela não é dominada por nenhuma simples criatura. Como poderia estar sujeita a uma criatura aquela que é a Mãe do Criador?

Mais ainda. A Mãe de Deus, que é o Criador e o Senhor Supremo de tôdas as coisas, tornou-se, precisamente porque é a Mãe do Criador, Soberana Senhora de tôdas as criaturas. E até, se é lícito dizê-lo, ela não se tornou só a Senhora de tôdas as criaturas, mas do próprio Criador, como atesta S. Lucas: «*Erat subditus illis*». Pode, pois, dizer-se com verdade, que tôdas as criaturas estão sujeitas a Deus, incluindo a Santíssima Virgem, e que tôdas as criaturas estão sujeitas à Santíssima Virgem, e também o próprio Deus. Maria é, pois, incontestàvelmente, Raínha e Soberana.

Em segundo lugar a verdadeira soberania não precisa de nenhum auxílio. Tal é a soberania da Santíssima Virgem. Efectivamente, de quem é que pode precisar auxílio aquela que é amparada e sustentada pelo próprio Deus, Rei omnipotente e eterno?

Ela é, misticamente, Ester, que quere dizer «elevada no meio dos povos», figura da Virgem bemdita, Raínha de tôdas as nações. A sua fôrça é a do braço de seu Filho muito amado, o Filho de Deus, origem de todo o poder, fonte de tôdas as graças, manancial de todos os bens, de tôdas as doçuras e consolações. Por isso os Anjos exclamam no auge da admiração. «Quem é aquela que se eleva do meio do deserto, cheia de delícias, apoiando-se no braço do seu muito amado?» (Cant. VIII, 5). *Quae est ista, quae ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?*

Portanto, Maria é, evidentemente, Raínha e Soberana.

Em terceiro lugar, a verdadeira soberania não necessita de se submeter a ninguém. Tal é a da Santíssima Virgem, porque ela tem o seu Filho, no qual estão tôdas as coisas. Possuindo, pois, tudo em seu Filho, como lhe poderia faltar alguma coisa? Que é que não possui esta Soberana do mundo, ela que é proclamada cheia de graça pelo Arcanjo S. Gabriel? Ela é a Mãe de todos os bens (Sapientia, VII, 12); portanto ela tem tudo.

Com tôda a razão, pois, Maria Santíssima é chamada Raínha e Soberana. Em quarto lugar, a verdadeira soberania é generosa e munificente. Tal é a soberania da Santíssima Virgem. E' próprio de quem exerce o poder supremo distribuir com profusão dádivas e benefícios.

Por isso S. Bernardo diz: «ela faz-se tôda para todos, ela abre a todos o seio da sua misericórdia, para que todos recebam da sua plenitude: *Omnibus omnia facta, omnibus misericordiae sinum aperit, ut de plenitudine ejus accipiant universi*».

E, se alguém não recebe um benefício de que precisa, não é por falta de bens, mas porque põe obstáculo à sua concessão. Emquanto há vasos, ela, com o auxílio de seu Filho, enche-os com o óleo da alegria e da misericórdia, como se diz, misticamente, a respeito dela no 4.º livro dos Reis, cap. IV. Como a Raínha da Sabá, que levou a Jerusalém preciosos perfumes, ela derrama na Santa Igeja todos os dons das virtudes sobrenaturais. (3 Reg. X, 2).

É, pois, com razão que Maria Santíssima é chamada Raínha e Soberana.

Extensão territorial do reino de Maria

Consideremos agora a extensão do reino de Maria, porque ela é grande como Raínha em proporção com a grandeza e imensidade do seu reino.

O livro do Eclesiástico, falando da Virgem, diz-nos qual é a extensão, dêsse reino, quando põe na sua bôca as seguintes palavras:

Sòzinha percorri o círculo dos céus, penetrei na profundeza dos abismos, caminhei sôbre as ondas do mar; sentei-me em todos os lugares da terra e no meio de todos os povos tive o império de tôdas as nações. (XXIV, 8-9-10): *Gyrum coeli circuivi sola, et profundum abyssi penetravi, in fluctibus maris ambulavi, et in omni terra steti, et in omni populo et in omni gente primatum habui.* Ela mostra nestas pelavras a imensidade do seu império, porque reina sôbre quatro reinos: no Céu, no Inferno, no Purgatório e sôbre a terra.

Ela reina no Céu; por isso diz: Percorri sòzinha a órbita do Céu: *Gyrum cicuivi sola.* Como Raínha do Céu, percorre-o em tôdas as direcções e por tôda a parte é considerada como Raínha; percorre o Céu porque ela está nos santos e envolve-os e excede-os na glória eterna, visto que é a Mãe de Deus.

Maria é a Mãe de Jesus, o Rei de tôdas as coisas, e, como Jesus, o Filho de Deus feito homem, só pode ter uma mãe segundo a natureza, a sua dignidade é incomunicável e necessàriamente única. Sendo assim, a Virgem Santíssima está sentada sôbre um trono real e colocada acima de tôdas as ordens dos servos e dos ministros, porque a sua dignidade se avantaja à de todos êles.

Além disso, a alma santíssima de Jesus e Jesus emquanto homem excedeu tôda a ordem da natureza criadá; mas, como o grau da dignidade da mãe não pode deixar de ser conforme com o grau da dignidade do filho, a Mãe de Cristo-homem excede o grau de dignidade de tôda e qualquer criatura, por mais elevada que seja.

Ela encarnou no seu seio virginal aquele que o universo não pode conter. Com razão, pois, disse a Santíssima Virgem: Só eu percorri a órbita do Céu: *Gyrum coeli circuivi sola.* Por isso S. Bernardo exclama: «O' seio mais vasto que o Céu, mais extenso que a terra, mais largo que os elementos, que pôde conter aquele que o mundo inteiro não é capaz de conter e que sustém o globo terrestre em três dos seus dedos (Homil. super «Missus est»).

O domínio de Maria é, pois, muito vasto; por isso ela merece o título de Raínha.

Maria Santíssima diz que reina no mais profundo dos abismos: *Et profundum abyssi penetravi.*

Não exerce o seu domínio apenas sôbre os demónios que pairam à superfície do abismo, nem apenas sôbre os que se encontram como que no meio do inferno, mas, também e dum modo especial, sôbre aqueles que estão no próprio pavimento do inferno. Efectivamente, não diz que penetrou na superfície ou no meio, mas na profundeza dos abismos. Ela é portanto Soberana, Senhora — *Domina*, porque doma, domina, subjuga as mãos cruéis do demónio e o seu poder. Por isso, depois da queda dos nossos primeiros pais no Paraíso terreal, o Senhor disse ao demónio que os tentara disfarçado em serpente: Ela te esmagará a cabeça: *Ipsa conteret caput tuum* (Gen. III, 15). E a mesma Virgem bemdita disse pela boca do Eclesiástico: Eu pisei aos pés com o meu poder os orgulhosos (Ecle. XXIV, 11). Porque, como a serpente venceu o género humano por meio do pecado de Eva que induziu Adão a comer do fruto proibido da árvore da sciência do bem e do mal, o que consumou a ruína, assim, pelo mérito da Virgem, que atraíu Deus a si a-pesar-de se revestir do pobre sendal da nossa carne, começou a obra do esmagamento de Satanás e da nossa reparação e operou-se a consumação dessa obra por meio da encarnação do Verbo de Deus.

Maria Santíssima acrescenta que reina no Purgatório. Por isso diz: Caminhei sôbre as ondas do mar: *In fluctibus maris ambulavi.* As penas do Purgatório são chamadas *ondas*, porque são tansitórias, e *ondas do mar*, porque são amaríssimas.

Ora a Virgem Santíssima livra dos tormentos do Purgatório os seus servos devotos e fiéis. E' exactamente o que ela afirma, quando diz: Caminhei sôbre as ondas do mar, isto é, consolo e alivio essas almas, mitigo os sofrimentos dos meus servos.

Ela é, pois, no rigoroso sentido da palavra, Soberana Senhora e Raínha.

Maria Santíssima acrescenta que é a Raínha da terra: Sentei-me em todos os lugares da terra e no meio de todos os povos, tive o império de tôdas as nações: *In omni terra steti, et in omni populo et in omni gente primatum habui.*

No mundo há três espécies de homens: os bons, os maus e os tíbios. Maria reina sôbre os maus, conduzindo-os ao arrependimento e à penitência. Por isso diz: «eu coloquei-me em todos os lugares da terra». Os pecadores, na verdade, são terra, não se ocupam senão das coisas da terra; ora a Virgem salva-os, protege-os, tira-os dos vícios.

Ela reina sôbre os bons, conservando a graça de Deus nas suas almas e fazendo crescer cada vez mais essa graça. Por isso diz: Eu detive-me no meio de todos os povos. Porque o povo é a multidão reunida em sociedade de direito, de consentimento, de comum acôrdo, o que significa os bons em que há união de vontades. Sôbre êsses Maria reina plenamente e os mantém na graça de Deus. Finalmente, ela reina sôbre os tíbios, arrancando-os à sua tibieza e elevando-os ao fervor da caridade.

Multidão dos súbditos de Maria

Em terceiro lugar, consideremos a multidão das pessoas sôbre as quais a Virgem Santíssima exerce o seu domínio. Podem reduzir-se êsses subditos a quatro classes: os servos, os amigos, os filhos e os inimigos. E' por isso que se diz misticamente no livro dos Cânticos, VI: «Quem é aquela que caminha como a aurora que nasce, formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército disposto em ordem de batalha?»

Reina sôbre os servos, isto é, sôbre aqueles que, deixando a senda do êrro e do pecado, voltam para Deus. Exercendo sôbre êstes o seu poder, Maria é como a aurora que se eleva, afastando e expulsando as trevas da culpa passada e trazendo a luz da graça.

Maria reina sôbre os amigos, isto é, sôbre as almas piedosas e devotas. A êste respeito, é bela como a lua, porque distribui por essas almas a luz da sabedoria divina e o orvalho da graça celeste.

Reina sôbre os filhos, isto é, sôbre os anjos. Assim brilha como o sol e ilumina a multidão dos espíritos bem-aventurados.

Sendo, como é, a Raínha do Céu e a Mãe do Filho de Deus, tem no Céu tantos súbditos quantos são os puros espíritos. Todos êles se prezam de ser os ministros da Virgem gloriosa e bemdita. E como não haviam de ser servos daquele cujo Filho os criou, adornou de tantas perfeições naturais, elevou ao estado sobrenatural e confirmou em graça?

Ela pode, pois, com tôda a verdade ser chamada Raínha e todos os espíritos celestes reconhecem esta realeza universal de Maria e a confessam, dizendo: «Nós somos vossos servos, nós fazemos tudo o que nos ordenardes: *Servi tui sumus, quaeque jusseris faciemus* (4 Reg. X.).

E', pois, com tôda a justiça que Maria é chamada Raínha e Soberana do Céu. Finalmente, é Senhora e dominadora dos seus adversários e dos seus inimigos; é por isso que se diz no livro dos Cânticos que ela é terrível como um exército disposto em ordem de batalha: *terribilis ut castrorum acies ordinata.*

Em conclusão: Se a Virgem Santíssima, augusta e gloriosa Mãe de Deus, possui um autêntico poder real, pleno, independente e superior ao de qualquer simples criatura, se a sua autoridade soberana se exerce em todos os domínios da criação, no Céu, no Inferno, no Purgatório e sôbre a terra, se a multidão dos seus súbditos compreende todos os seres saídos das mãos de Deus, ela é, verdadeiramente, **excelsa Raínha do Céu e da terra, augusta Imperatriz do Universo.**

P.e Manuel Servita do S. C. de Maria.

—**—

Portalegre na Fátima

No dia vinte e cinco de Março, dia consagrado pela Santa Igreja a comemorar o adorável mistério da Anunciação, realizou-se a peregrinação diocesana de Portalegre aos santuários da gloriosa Lourdes portuguesa. Presidia à peregrinação o ilustre e venerando Bispo de Portalegre, Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Domingos Maria Frutuoso, brilhante ornamento da Ordem Dominicana e honra e lustre do Episcopado Português.

Faziam parte da imponente romagem os professores e os alunos dos três seminários diocesanos, os de preparatórios do Gavião e de Alcains e o de teologia de Portalegre.

Além de alguns fiéis formavam o grupo de peregrinos o Rev. Cabido da Sé Catedral de Portalegre 12 Sacerdotes e 180 Seminaristas dos três seminários.

Do Entroncamento até aonde tinham vindo de comboio saíram cêrca das duas horas da tarde do dia vinte e quatro, em camionetes e automóveis em direcção a Torres Novas e daqui à Batalha por Minde e Pôrto de Mós.

Feita uma rápida visita às partes mais notáveis do Monumento encaminharam-se para a Fátima aonde chegaram cêrca das nove horas.

O primeiro acto foi a recitação do terço em comum na Penitenciaria.

* * *

No fim do terço S. Ex.ª Rev.mo o Snr. Bispo de Portalegre que chegara de Chão de Maçãs por volta das quatro horas da tarde dirigiu a palavra aos seus Seminariristas.

Mostrava S. Ex.ª o grande prazer de poder praticar a devoção da Senhora do Rosário nos domínios de N. Senhora.

Lembrava que N. Senhora apareceu na nossa Terra Portuguesa para nos pedir que fizessemos penitência.

«A terra que pisamos é terra de santos.

Atravessamos hoje uma das regiões mais históricas do nosso histórico Portugal.

Tudo aqui nos fala do Beato Nuno. Mas neste dia e neste lugar tudo nos fala da Virgem S.S.ma. Queria ter começado com o Magnificat e afinal velo a começar com o terço do Rosário— a devoção por excelência.

Mas é preciso terminar pelo Magnificat.

Incita ao agradecimento e à oração pelo Sumo Pontífice, pelos Senhores Bispos — pela Santa Igreja, pelos nossos parentes, pela nossa Pátria.

Pede que agradeçam à Virgem a sensibilíssima protecção dispensada aos seus Seminários que de 32 viram aumentar-se a população até aos 180 que hoje contam.

Pede pelos Bemfeitores dos Seminários e da Diocese.

Estava presente também Sua Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo de Leiria que ali acorrera a receber tão ilustre peregrino.

O Snr. Bispo de Portalegre saúda o de Leiria pedindo-lhe que aceite as suas mais íntimas felicitações por ser o Anjo da Diocese onde apareceu a Virgem S.S.ma.

Terminou aquela devoção pelo canto do Magnificat.

Foram em seguida cear e às onze e meia começavam a sua hora de adoração presidida pelo Snr. Bispo de Leiria.

«Como os antigos cristãos nas vigílias nós vamos meditar os mistérios do S.S.mo Rosário, desfolhar rosas ante os pés da querida Mãe do Céu.

E lá foram recitando o terço entremeado de piedosos cânticos e da explicação dos mistérios feita por S. Ex.ª Rev.ma.

À meia hora depois da meia noite o Snr. Bispo de Leiria dava começo à Santa Missa a que todos os Seminaristas comungaram.

* * *

As 6 1/2 da manhã já êles se encontravam espalhados por todo o local a visitar cada uma das construções.

As 7 1/2 depois de tomado o café começava na capela do Hospital o canto de Tércia e em seguida faziam a procissão com a imagem para o Pavilhão dos doentes onde logo começou o solene Pontifical ao trono.

Era a primeira vez que se realizava um pontifical nos domínios de Nossa Senhora do Rosário, na Fátima, e justo era que o celebrante fôsse o glorioso Bispo do Rosário.

Não se pode descrever a impressão que êsse acto tam solene e tam majestoso do culto católico produziu em tôdas as pessoas que a êle tiveram a ventura de assistir.

Ao Evangelho, S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo de Portalegre fêz uma homília sôbre o Evangelho do dia aplicado aos louvores do Rosário—a devoção das devoções—ou na frase de Leão XIII—a alma das devoções.

Com várias alusões à História Universal e à da nossa terra faz uma rápida explicação do sentido geral de cada grupo de mistérios e do valor dogmático desta grande devoção e tirando partido até da frase de N. Senhora «Eu sou a Senhora do Rosário» mostra a necessidade que há de intensificor e aperfeiçoar esta devoção.

No fim do Pontifical foi a imagem reconduzida à capelinha no meio dos cânticos dos Seminaristas e de muitos fiéis que já tinham chegado.

Houve cêrca de 1:000 comunhões. Depois do Pontifical foram almoçar.

Às 11 1/2 cheios de consolação e saúdade partiam de novo felizes por lhes ter sido dado pisar a terra bemdita de Fátima em dia tão solene como o da Anunciação de N. Senhora.

Visconde de Montelo

A *Voz da Fátima* foi visada pela comissão de Censura.

O Episcopado Português em Fátima

No dia treze do próximo mês de Maio, realizar-se-á, como nos anos anteriores, a grande peregrinação nacional a Fátima. Mas, no corrente ano, essa peregrinação revestirá, sob diversos aspectos, uma imponência e um esplendor singularmente extraordinários, assumindo as proporções duma apoteose sublime, colossal e incomparável à gloriosa Padroeira da Nação. A ela devem assistir todos os Bispos portugueses, sob a persidência do ilustre Cardial Patriarca de Lisboa, e o venerando Núncio de Sua Santidade o Papa Pio XI acreditado junto do Govêrno da Rèpública.

Nesse dia glorioso, que será para sempre memorável e ficará registado em letras de ouro nos anais do santuário máximo da Pátria, acorrerão de todos os pontos do país ao bemdito local das aparições numerosíssimas peregrinações, em que se hão de encorporar as *élites* crentes e piedosas das nossas cidades e das nossas aldeias.

A Cova da Iria reünirá almas das mais belas da nossa terra que, vencendo com coragem e generosidade todos os obstáculos, irão depôr junto do trono da Rainha do Céu as homenagens do seu respeito, da sua gratidão e do seu amor filial.

A missa dos doentes será celebrada, ao ar livre, no alto da escadaria que dá acesso à Basílica, activando-se os trabalhos para que ela já esteja apropriada nessa ocasião.

As cerimónias oficiais

No dia treze do mês de Março findo, o tempo apresentou-se frio e chuvoso, o que contribuiu para que a afluência de peregrinos fôsse mais reduzida do que era de esperar nêste fim de inverno. A-pesar-disso, as *camionnetes* de carreira fizeram apreciável serviço, sobretudo entre Vila Nova de Ourém e Fátima e entre Leiria e Fátima. Viam-se também muitos automóveis, tanto de aluguer como particulares, vindos de longe e de perto. Celebrou a missa dos doentes um dos capelães do Santuário. Ao Evangelho prègou o rev. dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria. Os doentes, que tinham sido inscritos no Pôsto das verificações médicas e ocupavam lugares reservados no Patamão para receberem a bênção de Jesus Sacramentado, não passavam de algumas dezenas.

Visconde de Montêlo

Indicações úteis aos Peregrinos

Nota — As indicações que aqui damos são sôbre os meios de transporte que existem quando êste guia é impresso e nos foram fornecidas oficialmente ou por pessoas amigas).

1.º — *Linha de Oeste — Estação de Leiria*. Leiria, Córtes, Reguengo do Fètal, Fátima.

2.º (caminho mais curto). Leiria, Barreira, Reguengo do Fètal, Fátima.

3.º (com vantagem de passar pelo Mosteiro da Batalha). Leiria, Batalha, Reguengo do Fètal, Fátima.

4.º (Por Alcobaça com vantagem de visitar os Mosteiros de Alcobaça e Batalha). Estação de Valado, Alcobaça, Batalha, Reguengo do Fètal, Fátima.

5.º *Linha do Lena* — Martingança, Batalha, tomando aí transporte ou seguindo a pé (16k) por Reguengo do Fètal, Fátima.

6.º — *Linha do Norte — Estação de Albergaria:* (com paragem de todos os comboios). Albergaria, Caranguejeira, estrada de Caldelas até perto dos Cardosos, estrada de Leiria a Vila Nova de Ourém até ao seu entroncamento com a desta vila à Fátima e daí por estrada até à Fátima.

7.º Estação de *Caxarias*, apeadeiro de Ceissa — Ourem, estação de *Chão de Maçãs* a Vila Nova de Ourém e daí à Fátima.

8.º Estações do *Entroncamento e Torres Novas* a esta vila; e daí pelo Pedrógão, Ameixoeira à Fátima.

Por Chão de Maçãs
Serviço combinado com a Fátima

Aos peregrinos que vierem a Fátima pelo caminho de ferro, convém saber que lhes é mais económico e fácil tirarem bilhete nas respectivas estações para *Fátima-Central*.

Este bilhete dá-lhes não só direito ao comboio até à estação de Chão de Maçãs *mas dá-lhes também direito ao transporte dessa estação até à Fátima* sem que seja necessário pagar mais além do bilhete de comboio. Este contrato feito entre a C. P. e o Sr. António Rodrigues de Deus, de Vila Nova de Ourém é, sem dúvida, digno de ser aproveitado pelos peregrinos que viajarem na linha do Norte. Só vale para quem, tendo tirado o bilhete para Fátima-Central, desembarcar em Chão de Maçãs. Na Fátima, também os peregrinos podem tirar o mesmo bilhete, bilhete que lhes dá direito ao transporte até Chão de Maçãs e ao comboio desta estação até àquela para onde tenham tirado bilhete. Actualmente de tôdas as estações se podem tirar bilhetes para Fátima-Central, assim como de Fátima-Central se podem tirar bilhetes para tôdas as estações do país.

Chegados à estação de Chão de Maçãs, os passageiros, devem dirigir-se ao Sr. António Rodrigues de Deus que os levará a Fátima.

Em Chão de Maçãs também se pode tirar bilhete para Fátima-Central, e êsse bilhete, se fôr só de ida, custa 15$00, e, se fôr de ida e volta, custa 25$00.

O Sr. António Rodrigues de Deus está na Estação à chegada de todos os comboios correios e nos dias 12 e 13 também faz carreira para os rápidos que parem em Chão de Maçãs.

Em algumas estações há à venda bilhetes de ida e volta e noutras só de ida, devendo os bilhetes para a volta ser tirados em Fátima-Central.

Nota — Os bilhetes de ida e volta de Lisboa, Campanhã e Porto são válidos por 4 dias. Os de Coimbra e Santarém são válidos por 3 dias.

Por Leiria

Há 2 careiras diárias de camionete entre a cidade de Leiria e Pombal para o rápido do Porto-Lisboa, às 11,31 e para o de Lisboa-Porto às 20,45 h.

O preço de Leiria a Pombal é de 10 escudos por pessoa.

Em Pombal há automóveis de aluguer.

Estação de Leiria à cidade

Há 4 carreiras de camionetes por dia ao preço de 1 escudo por pessoa.

Os automóveis custam 10 escudos.

Em Leiria há automoveis de aluguer.

O automóvel de Leiria à Fátima para 4 pessoas custa 90 escudos com pouca demora. A demora costuma pagar-se a 5 escudos por cada hora.

Há automóveis na praça de Leiria que se alugam com melhores condições de prémios.

Por Vila Nova de Ourêm

Automóveis da vila à Fátima 40 escudos.

De Caxarias ou Chão de Maçãs à Fátima 70 escudos.

Por Torres Novas

Os peregrinos que preferirem desembarcar nas estações de Torres Novas ou Entroncamento teem em qualquer dessas estações as camionetes dos Srs. João Clara & C.ª (irmãos) que os transportam à Vila de Torres Novas e daí a Fátima, sendo necessário. Prometeram ser atenciosos para com os peregrinos. As carreiras dessas estações são: do Entroncamento às 8.30 h., 10,15, 13.30, 14.30, 19,50 e 23,20 e de Torres Novas às 13,30 h.

Os preços de cada lugar são: ida ou volta 4$00; ida e volta 7$00.

Preços de serviços de automóveis em qualquer dia:

Automóvel da vila de Torres Novas a Fátima, ida e volta no mesmo dia, com 4 horas de demora na Fátima, para duas pessoas, 70$00. Idem, como acima, para quatro pessoas, 90$00.

Automóvel para ir buscar ao Entroncamento, até à Vila de T. Novas, para duas pessoas, 15$00; idem para quatro pessoas, 20$00.

Esta mesma sociedade «João Clara & C.ª» compromete-se a alugar por preços módicos, camionetes desde 9 a 36 lugares.

Aos senhores condutores de automoveis, camionetes, camiões, carros e quaisquer outros veículos.

Afim de facilitar a tôdas as pessoas e especialmente aos doentes o acesso ao Santário pede-se o seguinte:

1.º — Quer do lado de Leiria, quer do lado de Ourém os veículos seguem até ao Santário e dão a volta no terreno em frente à entrada, vindo em seguida juntar-se no lugar que lhes compete só dum lado da estrada, e aí ficam até serem reclamados pelos senhores Peregrinos.

2.º — Feita essa reclamação, vão buscá-los ao terreno reservado em frente do Santuário e seguem o seu caminho.

3.º — Em tudo os doentes teem a primasia.

NA FÁTIMA — Santuário

O Santuário não fica situado na povoação da Fátima, mas no sítio denominado Cova da Iria, 3 quilómetros àquém de Fátima para quem vem de Leiria e a igual distância além desta povoação para quem vem de Vila Nova de Ourém ou Torres Novas.

Hoteis

Perto do Santuário há um hotel e pessoas que fornecem comida e dormida, mas para os dias 12 e 13 é preciso reservar lugares com antecedência.

Eis a lista dos que existem actualmente:
— Hotel de Nossa Senhora de Fátima;
— Pensão Católica;
— Pensão Ouriense;
— Pensão modesta;
— Café Leiria.

Ofício menor de N. Senhora da Fátima

(Pede-se o favor de ensaiarem estes hinos nas diversas terras, para serem cantados no dia 13 de Maio pela multidão dos peregrinos diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima).

MATINAS

℣ — *Eia, entoai agora, lábios meus,*
℟ — *Glória e louvor à Virgem Mãe de Deus.*
℣ — *Em meu socorro acode já, Senhora,*
℟ — *Do inimigo me livra, vencedora.*
℣ — *Glória ao Padre, e ao Filho, e ao Espírito Santo;*
℟ — *Assim como era no princípio, seja agora e sempre por todos os séculos dos séculos. Amén. (Aleluia).*

Hino

Terra de Santa Maria!
E' na fôrça do teu mal
Que desce à Cova da Iria
Tua Rainha imortal.

Bemvinda, Virgem Senhora!
Nas pregas dêsse teu manto
Acolhe, Mãe, desde agora,
Portugal que sofre tanto!

Luz bemdita do Nascente,
Alumie o teu fulgor
Estas praias do Ocidente
Tão tristes como o sol-pôr...

Que o teu olhar, Virgem pura,
Como luz de madrugada,
Mal em Portugal fulgura
Faz das trevas alvorada!...

℣ — *E erguendo-se Maria foi caminho da montanha;*
℟ — *Donde a mim que me visite a Mãe do meu Senhor?*
℣ — *Protegei, Senhora, a minha oração.*
℟ — *E chegue até Vós o meu clamor.*

Oração

Senhor, que pelos mistérios da vida, morte e ressurreição de vosso Filho unigénito nos proporcionastes o prémio da vida eterna; concedei-nos que honrando êstes mesmos mistérios, ao comemorarmos o aparecimento em Fátima da Rainha do Santíssimo Rosário, imitemos os exemplos que êles conteem e alcancemos as graças que nos prometem. Pelo mesmo Jesus Cristo Senhor Nosso.

℟ — *Amén.*
℣ — *Protegei, Senhora, a minha oração.*
℟ — *E chegue até Vós o meu clamor.*
℣ — *Bemdigamos ao Senhor.*
℟ — *Dêmos graças a Deus.*
℣ — *As almas dos fiéis defuntos por misericórdia de Deus descansem em paz.*
℟ — *Amén.*

LAUDES

℣ — *Eia, entoai agora lábios meus, etc.*

(Como a Matinas)

Hino

A visão poisa ao de leve
Na azinheira, entre tojais,
Vestidos brancos de neve,
Feições do céu, divinais.

Nos lábios paira um sorriso
Abrindo em falas de amor
Ouvidas no Paraíso
A Jesus nosso Senhor.

Falas dos lábios divinos
Nos lábios de nossa Mãe...
Como filhos pequeninos
Vamos ouvi-las também!

Vem falar em voz amiga
Nossa Mãe, nossa Senhora?...
— Qual o filho que não siga
Falas de Mãe, vida fora?...

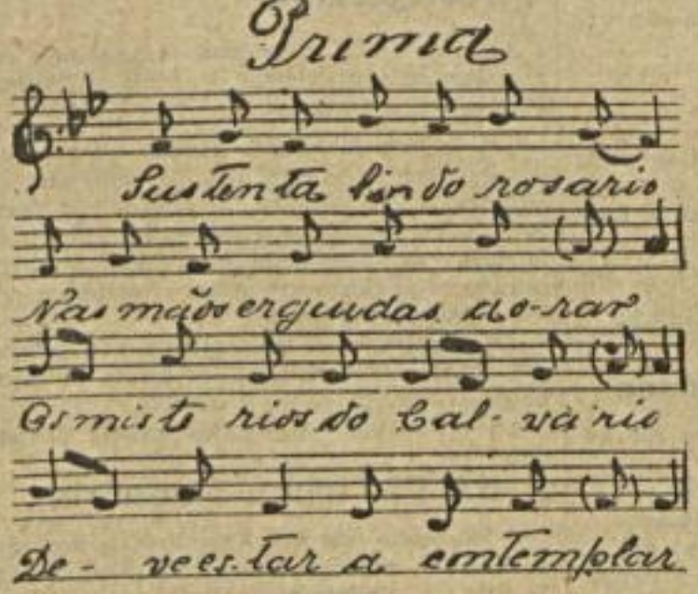
℣ — *A sua face resplandecia como o sol;*
℟ — *E os seus vestidos eram brancos como a neve.*

(**Oração**, etc., como a Matinas).

PRIMA

℣ — *Eia, entoai agora lábios meus, etc.*

(Como a Matinas)

Hino

Sustenta lindo rosário
Nas mãos erguidas a orar,
Os mistérios do Calvário
Deve estar a contemplar...

Aos pastores, inocentes
Como meninos de bêrço,
Lembra que façam ferventes
A santa reza do têrço.

Em seus mistérios ensina
Como havemos de viver
Da eterna vida divina
Que Jesus veio trazer.

Nossa mestra e nossa Mãe
Do céu nos vem ensinar,
Ensina como ninguém
Os filhinhos a rezar.

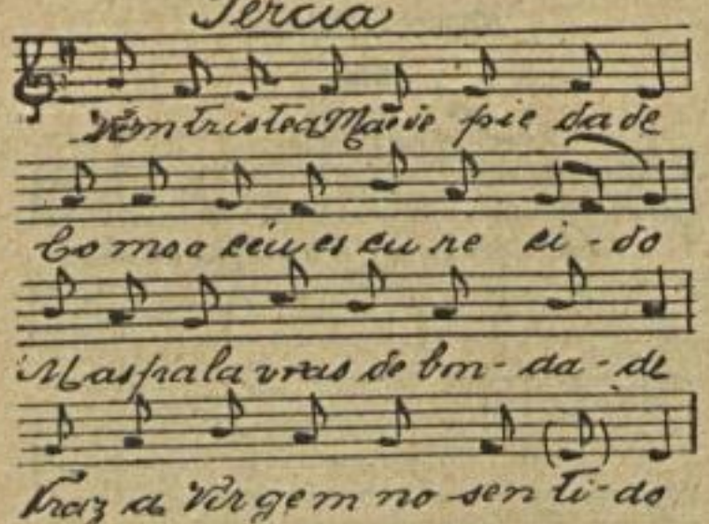
℣ — *Está em mim tôda a graça do caminho e da verdade:*
℟ — *Fiori como a rosa plantada à margem da água corrente.*

(**Oração**, etc., como a Matinas).

TÉRCIA

℣ — *Eia, entoai agora lábios meus, etc.*

(Como a Matinas)

Hino

Vem triste a Mãe de piedade
Como o céu escurecido?...
— Mas palavras de bondade
Traz a Virgem no sentido.

Ao ver-nos, filhos queridos,
Na senda da perdição,
Vem falar-nos com gemidos
De amor e reparação...

Penitência! Penitência!
Que Deus dará valimento.
A sua eterna clemência
Só pede arrependimento!

Como Deus é nosso amigo!
Amigo como ninguém...
— Em vez de eterno castigo,
Mandou-nos falas de Mãe!...

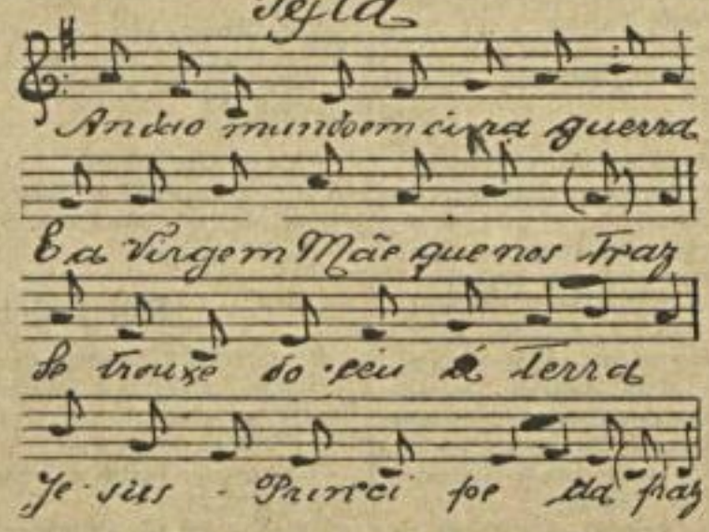
℣ — *Levantei os meus olhos à montanha,*
℟ — *Donde me virá o auxílio.*

(**Oração**, etc., como a Matinas).

SEXTA

℣ — *Eia, entoai agora lábios meus, etc.*

(Como a Matinas)

Hino

Anda o mundo em dura guerra,
E a Virgem Mãe que nos traz,
Se trouxe do céu à terra
Jesus, — Príncipe da Paz?

A paz, em côro celeste,
Cantada outrora em Belém
Foi êsse o dom que nos deste
Em teu amor, Virgem-Mãe!

Por nossa boa vontade
Em Portugal nos sorria
A paz que a Mãe de bondade
Em seus lábios anuncia.

Vivamos em paz, amigos,
Sem fazer mal a ninguém,
Que Deus, em vez de castigos,
Nos manda falas de Mãe!...

℣ — *Nas nuvens colocarei o meu arco;*
℟ — *Será o sinal da minha aliança convosco.*

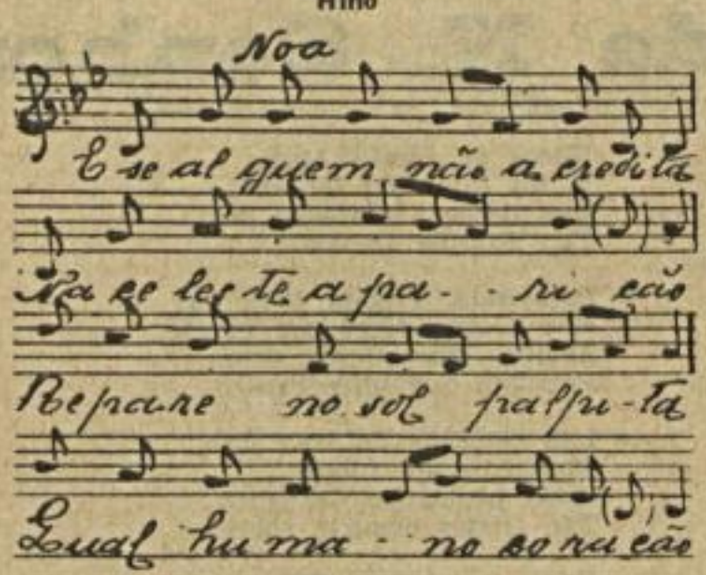
(**Oração**, etc., como a Matinas).

NOA

℣ — *Eia, entoai agora lábios meus, etc.*

(Como a Matinas)

Hino



E se alguém não acredita
Na celeste aparição,
Repare no sol, palpita
Qual humano coração!

Que milagre! que seria?...
Quem é que não adivinha?!
Confirma a Virgem Maria
A fala da Pastorinha.

A Pastorinha não mente!
A Senhora apareceu.
O que nos diz a vidente
Foi-lhe ditado no céu...

A esta divina Escola
Onde é a mestra, Maria,
Vamos pedir uma esmola
De eterna sabedoria.

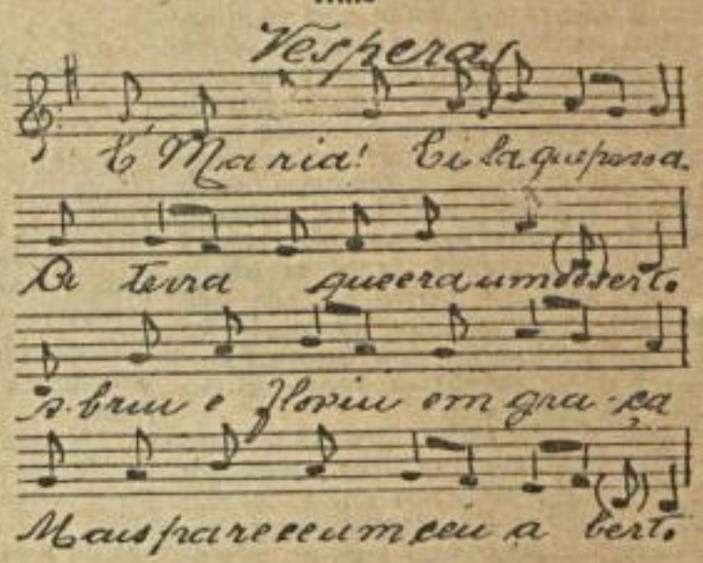
℟ — *Os céus narram a glória de Deus;*
℟ — *E o firmamento dá a conhecer as obras de suas mãos.*

(**Oração**, etc., como a Matinas).

VÉSPERAS

℣ — *Eia, entoai agora lábios meus, etc.*

(Como a Matinas)

Hino

É Maria! Ei-la que passa!
A terra, que era um deserto,
Abriu e floriu em graça,
Mais parece um céu aberto!...

São imenso santuário
Montes agrestes e nus,
Onde a Virgem do Rosário
Derrama bênçãos a flux:

Aos mudos — poder rezar,
Aos céguinhos — luz do dia,
Aos surdos — ouvir cantar
Louvor à Virgem Maria!

É alívio dos peregrinos
Que de tão longe aqui vem,
Dos grandes e pequeninos
Porque de todos é Mãe!

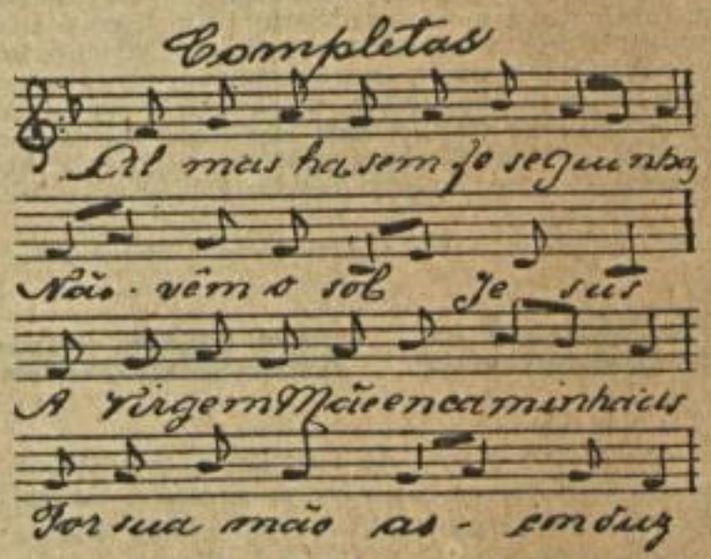
℣ — *Vinde a mim todos os que me desejais e saciai-vos de meus frutos;*
℟ — *Porque a minha lembrança é mais doce que o mel; e possuir-me mais doce que um favo de mel.*

(**Oração**, etc., como a Matinas).

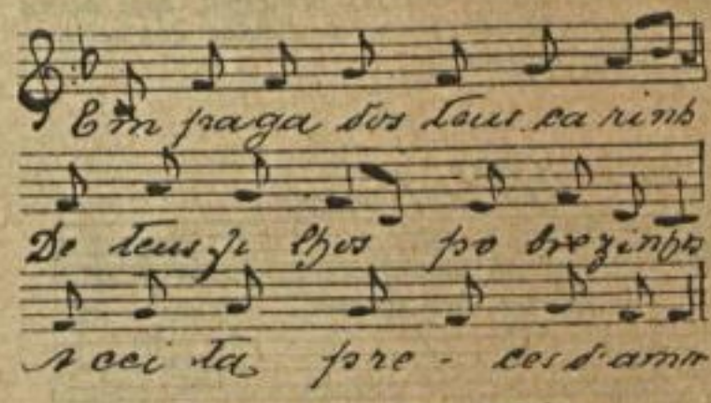
COMPLETAS

℣ — *Eia, entoai agora lábios meus, etc.*

(Como a Matinas)

Hino

Almas há sem fé, cèguinhas,
Não vêem o sol — Jesus?
A Virgem Mãe encaminha-as,
Por sua mão as conduz.

Sobe com elas em calma
A agreste senda da Cruz,
Matando-lhes sêdes de alma
Na fonte da Eterna Luz.



Em paga dos teus carinhos,
De teus filhos pobrezinhos
Aceita preces de amor.

Emquanto, Mãe de bondade,
A' Santíssima Trindade
Damos eterno louvor!

℣ — *Quem me encontrar, encontrará a vida;*
℟ — *E alcançará do Senhor a salvação.*

(**Oração**, etc., como a Matinas).

ANO IX — LEIRIA, 13 de Maio de 1931 — N.º 104

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

FÁTIMA, O PARAÍSO NA TERRA

Portugal aos pés da Virgem, Padroeira da Nação

PORTUGUESES, A FÁTIMA!

As aparições da Virgem

Quási três lustros são passados depois que a Rainha dos Anjos desceu dos esplendores da glória, e veio pousar, pela vez primeira, os seus pés virginais sôbre a copa duma pequena azinheira, no cimo árido e escalvado da serra de Aire.

Foi em 1917.

O mundo debatia-se, havia quási três anos, na mais espantosa das guerras de que até então tinha sido teatro e Portugal, dando o esfôrço generoso e a carne sã e forte da sua juventude para essa formidável hecatombe, erguia as mãos e os olhos ao Céu, numa prece colectiva e fervorosa, implorando o termo rápido do horrível flagelo.

Ao mesmo tempo, a Igreja, mãe carinhosa e mestra infalível da humanidade, gemia dolorosamente, entre os ferros da mais dura e cruel escravidão, neste país que ela fizera tam grande e tam respeitado.

Raiara, nesse ano de bênção, o dia treze de Maio, alegre e cheio de sol. Ao meio-dia, um zagalete e duas pastorinhas, humildes e inocentes, viram cortar o espaço o clarão fulgurante dum relâmpago e surgir de repente, circundado duma luz celestial o vulto encantador duma donzela, resplandecente de pureza e deslumbrante de graça.

Portugal em Fátima

E hoje, treze de Maio de 1931, que Portugal inteiro vai ajoelhar-se aos pés do trono de Maria, no santuário máximo da Pátria, numa homenagem de fé, confiança e amor filial, que revestirá as proporções duma verdadeira apoteose, para lhe agradecer efusivamente as graças e bênçãos derramadas sôbre esta terra que foi, é e será sempre a terra de Santa Maria.

O venerando Cardial Patriarca de Lisboa, rodeado da luzida côrte do nosso admirável Episcopado, fará com os seus lábios de fogo a consagração solene e oficial de Portugal ao Coração Puríssimo e Imaculado da sua augusta e excelsa Padroeira.

Estão reünidas as côrtes gerais da Nação nêste local bemdito que é o coração geográfico do país e o polo magnético das almas e dos corações portugueses.

Acham-se presentes inúmeros representantes de tôdas as classes sociais, vindos de todos os pontos do continente.

O apóstolo pobrezinho — As delegações estranjeiras

O rev.do P.e Matéo Crawley, o grande apóstolo do Coração de Jesus, prègando as glórias do Santíssimo Rosário, e as delegações estranjeiras, tomando parte nas manifestações colectivas, testemunham e ratificam perante o mundo, para os arquivos da história, êste acto solenissimo da nossa vida nacional.

A nação, e com ela o universo inteiro, aclamarão a Virgem, Senhora do Rosário, Raínha gloriosa e bemdita de Portugal.

O Núncio de Sua Santidade

O Vigário de Cristo, representado pelo seu embaixador, Monsenhor Beda Cardinale, porá o sêlo definitivo nessa grandiosa manifestação de fé e piedade para com a Virgem.

Adveniat, adveniat, adveniat regnum tuum... per manus Mariae!

Venha, ó Senhor, venha a nós o vosso reino pelas mãos de Maria, Raínha do Céu e da terra, Raínha de Portugal!

A Póvoa de Varzim em Fátima

No dia sete de Abril último chegou à Cova da Iria um grupo de sessenta e cinco pessoas, da Póvoa de Varzim, que iam em piedosa peregrinação a Nossa Senhora de Fátima.

Esta devota romagem foi promovida pela Pia União das Filhas de Maria e estreou um rico e lindo estandarte bordado pelas Irmãs Missionárias de Maria, de Barcelos. Organizou-a o sr. Joaquim Luis Monteiro e foi seu director espiritual o rev.do José Gonçalves Cascão de Araujo. Antes da partida para a Lourdes portuguesa, os peregrinos reüniram-se na capela de Nossa Senhora das Dores, onde ouviram missa e comungaram, dirigindo-lhes o rev.do Cascão uma pequena alocução, em que lhes explicou o significado daquela romagem e o modo como deviam proceder durante ela.

A despedida estavam presentes muitas pessoas e os sinos da capela repicavam festivamente.

Os peregrinos hospedaram-se no Hotel de Nossa Senhora do Rosário, de que é proprietário o sr. Marquês de Rio Maior, grande amigo de Fátima, sendo gentilmente servidos pelo respectivo pessoal e merecendo elogios a sua gerência, confiada à benemérita senhora D. Maria Francisca Palmeira.

A procissão do Santíssimo Sacramento que nos dias 8, 9 e 10, percoreu o vasto anfiteatro da Cova da Iria, foi uma cerimónia inédita nos anais de Fátima, tornando-a ainda mais semelhante a Lourdes.

Esta peregrinação foi a primeira que ofereceu ao Santuário o seu estandarte.

A missa solene do dia 10 foi cantada pelo Rev.do Reitor do Santuário, acolitado pelos rev.dos Reitor de Fátima e Carlos Francisco, que acompanhou a peregrinação.

Ao evangelho, prègou o rev.do José Gonçalves Cascão de Araujo director das Filhas de Maria, que falou sôbre esta passagem do Evangelho: «Façamos aqui três tabernáculos: um para ti, outro para Moisés e outro para Elias». Dissertou largamente àcêrca das aparições de Fátima e de Lourdes e incitou os seus ouvintes a recitarem o terço do Rosário, oração predilecta da Virgem, que ela recomendou tantas vezes aos videntes e por intermédio deles a todos os portugueses.

O dia 13 de Abril em Fátima—As peregrinações dos dias grandes

As solenidades religiosas oficiais dêste dia tiveram a emoldurá-las um tempo esplêndido e um céu cheio de luz e de côr. Já se adivinhava a proximidade do grande movimento de peregrinos que durante seis meses, de Maio a Outubro, fazem da Cova da Iria o santuário mais freqüentado do mundo inteiro.

Antes das torrentes caudalosas do estio, que transformam o local das aparições num vasto oceano de cabeças humanas, vêem-se agora os rios mansos e abundantes de águas, mas sem a violência formidável e irreprimível das avalanchas dos Alpes e das cataratas do Niagara.

A primeira peregrinação estranjeira

O facto culminante dêste dia, a sua nota mais saliente e mais característica, foi sem dúvida a presença da primeira peregrinação estranjeira. Coube à poderosa república imperial da Alemanha a honra sumamente apreciável de enviar, antes de qualquer outro país, uma embaixada a Fátima. Fazia parte do grupo de peregrinos aliás pouco numerosos, que trazia também alguns doentes, o ilustre médico, dr. Oscar Müller. Eram todos de Munich, na Baviera. Chegaram a Leiria às 12, h. 30 da noite de 12 para 13, tendo dormido naquela cidade. Às 10 h. da manhã, pisavam já a terra sagrada do local das aparições. Presidia à peregrinação o rev.do Mons. Miguel Hartig, cónego da Sé de Munich.

Tendo regressado no mesmo dia à cidade do Lis, visitaram no dia seguinte de automóvel os monumentos nacionais de Alcobaça, Batalha e Tomar, seguindo depois para Lisboa, donde partiram, pelo caminho de ferro, para o seu país.

A peregrinação paroquial do Socôrro

Na forma dos anos anteriores, a frèguesia de Nossa Senhora do Socorro, da cidade de Lisboa, fez, como de costume, neste mês e neste dia, a sua peregrinação anual a Fátima.

Organizou e dirigiu a piedosa romagem, em que tomaram parte cêrca de cem peregrinos, o rev.do João Filipe dos Reis, zeloso pároco da frèguesia e fervoroso devoto de Nossa Senhora de Fátima.

Os peregrinos chegaram na vèspera, às 4 h. da tarde, indo logo fazer uma visita ao santuário das aparições, onde rezaram e cantaram alguns cânticos apropriados.

OS VENERANDOS PRELADOS PORTUGUESES COM O REV. PADRE MATEO.

Da esquerda para a direita: sentados — Padre Matéo, Prelados da Guarda, Vila Real, Braga, Lisboa, Evora, Funchal e Coimbra. De pé — Bispo Coadjutor de Lamego, Viseu, Porto, Algarve, Coadjutor de Coimbra, Leiria, Portalegre, Beja, Bragança e Auxiliar da Guarda.

O significado da ida do Episcopado Português a Fátima, no dia 13 de Maio

Que vão fazer a Fátima, no próximo dia 13 de maio, os Bispos de Portugal?

Vão agradecer oficialmente, como os Pontífices do seu povo, a graça que Nossa Senhora lhe fez de descer até junto dêle.

A Raínha do Céu baixou à nossa terra — que desde o começo já era dEla: Terra de Santa Maria — *e pôs o seu trono de misericórdia em Fátima, donde a todos mostra Jesus, o Salvador do mundo.*

Fátima tornou-se em certo modo a nova Belém lusitana: aí se dignou aparecer a Mãe de Deus, para dar, por esta especial manifestação de graça, seu Filho Jesus ao nosso Portugal desvastado pelo tufão anti-cristão.

Depois de se ter pronunciado, após longo e escrupuloso exame, a Autoridade competente, que é o Bispo da feliz Diocese das aparições, já não há lugar para qualquer reserva por parte dos Chefes espirituais da Nação portuguesa.

Representantes consagrados e oficiais de Deus e do povo cristão, a sua voz era necessária no côro de acção de graças, para que êste tenha verdadeiro carácter católico e nacional.

Os Bispos de Portugal vão a Fátima para agradecer a Nossa Senhora a sua visita à terra portuguesa.

E consagrar-lhe hão, em homenagem de filial devoção, a nossa Pátria, a fim de que a Raínha do Céu a guarde e proteja como coisa sua.

† M., Card. Patriarca

Às 9, h. 30, realizou-se a procissão das velas, que foi seguida de exposição do Santíssimo e adoração nocturna, que durou desde as 11 h. até às 4 h. da manhã e terminou com missa e comunhão geral.

Na peregrinação tomaram parte dois doentes da frèguesia.

Os peregrinos regressaram no dia 13 à capital, tendo partido de Fátima às 2 h. e 30 da tarde.

Cèguinhos de Castelo de Vide — Um missionário doente

Nos registos do Pôsto das verificações médicas inscreveram-se cêrca de cincoenta doentes. No mesmo Pôsto inscreveram-se e obtiveram o cartão de ingresso no Pavilhão dos doentes seis cegos e seis cegas do conhecido Asilo dos cegos de Castelo de Vide, a pitoresca Sintra do Alto Alentejo, que eram acompanhados pelo respectivo regente, o rev.do Severino Dinis Pôrto. Entre os doentes inscritos merece especial referência o rev.do Jerónimo, que foi durante muitos anos missionário na nossa possessão de Timor e que está atacado de amnesia total.

A missa dos doentes

A missa oficial foi celebrada, ao meio-dia e meia-hora pelo rev.do Tomás Fernandes Pinto, ilustre vice-reitor do Seminário Episcopal de Coimbra e cónego da Sé da mesma cidade. Acolitaram à missa os rev.dos João Ferreira Quaresma, vigário geral da diocese de Leiria, e dr. Manuel dos Santos Canastreiro, pároco da importante vila de Alcobaça e vigário da vara do respectivo distrito eclesiástico.

Nas duas procissões a condução da veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi feita pelas servitas em quatro turnos.

O rev.do Marques dos Santos, càpelão director dos servitas, anunciou, no fim da missa, a ida do venerando episcopado português a Fátima, juntamente com a grande peregrinação nacional de Maio, e fez vários e importantes avisos relativos a essa peregrinação.

O sermão oficial

Ao evangelho da missa da hora das aparições prègou o novel sacerdote, rev.do Francisco Vieira da Rosa, que, há meses, celebrou a sua primeira missa. Eis um breve resumo da sua alocução:

«O coração humano pode viver sem as carícias dum filho, sem o amor dum marido, sem a ternura duma espôsa, sem o afecto dum amigo; mas há uma pessoa a cujo coração nos sentimos perdurávelmente unidos — a nossa querida mãe.

Porém Deus satisfez esta exigência do coração, dando-nos uma mãe incomparável; essa Mãe única, à sombra de cujo manto se veem refugiar as almas aflitas, os corações dilacerados pela dor, os corpos debilitados pela doença, — é a sua própria Mãe. Assumindo hipostàticamente a natureza humana, o Filho de Deus tornou-se nosso irmão. Desta forma, Maria Santíssima, sendo Mãe do nosso irmão Nosso Senhor Jesus Cristo, é igualmente nossa Mãe. Mãe da humanidade inteira, Maria Santíssima é também Padroeira de Portugal. Os inimigos das suas tradições não se poupam a esforços para derrubarem a Casa Lusitana, solar de grandes caracteres, fortes como o ferro, prontos a acudir à voz da Pátria, quando esta os chamava à luta em sua defesa.

Portugal não morrerá. Fátima é o campo sagrado de Deus, onde a Raínha apresta um novo arraial em demanda da grandeza da Pátria».

A morte dum justo

Faleceu no dia 12 de Abril e baixou à sepultura no dia 13 — os dias de Fátima — um jornaleiro do lugar da Moita Redonda, frèguesia de Fátima, de nome Manuel Carreira.

Êste exemplar chefe de família e fervoroso cristão foi uma das pessoas mais dedicadas à Obra de Fátima, podendo dizer-se com verdade que lhe cabe a honra de ser o iniciador fervoroso, embora humílde e obscuro, da devoção popular a Nossa Senhora nesse bemdito recanto de milagre, que é a Cova da Iria.

A-pesar da sua pobreza, meteu ombros à empresa, para êle gigantesca, de promover a construção da pequenina capela, padrão comemorativo das aparições.

Após a missa dos doentes, recitado o terço do Rosário, orou-se colectivamente pelo seu eterno descanso.

Que descanse em paz no seio de Deus a sua bela alma!

Fátima na Alemanha — A Fátima-Verlag de Bamberg

O rev.do dr. Luís Fischer, lente da Universidade de Bamberg (Baviera), continua a desenvolver uma actividade incansável e verdadeiramente prodigiosa na propaganda do culto de Nossa Senhora da Fátima nos países de língua alemã.

Ultimamente realizou na Tcheco-Slováquia treze conferências ilustradas com projecções sôbre as aparições e as grandes manifestações de fé e piedade do povo português na Cova da Iria.

O redactor do Wiener Kirchenblatt (Mensageiro eclesiástico de Viena) organizou uma série de conferências sôbre Fátima, que foram feitas pelo rev.do dr. Fischer no fim de Março e princípio de Abril.

No dia 11 de Fevereiro último, festa da aparição de Nossa Senhora de Lourdes, assinou como representante da Cúria Episcopal de Leiria os contratos, reproduzidos noutro lugar dêste mensário, para a constituição duma secção de propaganda de Fátima (Fátima-Verlag) na Ottoverlag, importante obra diocesana de Bamberg, fundada pelo respectivo Prelado e destinada à difusão de tudo o que interesse à acção católica na Alemanha.

Versão alemã da Carta Magna de Fátima

Escusado é encarecer as vantagens desta fundação, que de-certo contribuirá para que Nossa Senhora de Fátima seja cada vez mais conhecida e venerada nas nações da Europa Central.

Brevemente serão publicadas em França e na Hungria traduções do livro «Fátima, a Lourdes portuguesa», do grande apóstolo de Nossa Senhora.

O sábio professor está preparando a tradução alemã da Carta Pastoral «A Divina Providência», a Carta Magna de Fátima, que será a primeira publicação da Fátima-Verlag e que terá a precedê-la uma introdução do tradutor subordinada à epígrafe «Fátima, à luz da autoridade eclesiástica».

Fátima na Bélgica

O rev.do Gaspar Pizarro, S. J., apóstolo de Nossa Senhora de Fátima na Bélgica, tem continuado com extraordinário fervor a sua benemérita propaganda.

Por tôda a parte, êle tem espalhado, com um zêlo indefesso, água de Fátima, milhares de exemplares da sua brochura em francês «Nossa Senhora de Fátima» e dezenas de milhar de estampas, fotografias, estátuas, medalhas e postais.

Numa das suas cartas, com data de 13 de Abril, refere-se a uma cura obtida em Enghien e que é considerada por tôda a gente como miraculosa, tendo sido ocasião duma nova graça feita em favor duma pessoa paralítica havia quatro anos e que depois duma novena a Nossa Senhora de Fátima pôde levantar-se e começou a andar.

A propósito da notícia da ida de todo o venerando Episcopado Português ao Santuário de Fátima no dia treze de Maio diz que essa visita o enche de júbilo e acrescenta que tal acontecimento concorrerá grandemente para o aumento da devoção a Nossa Senhora de Fátima e que aos olhos dos estranjeiros terá o valor duma aprovação colectiva das aparições e do culto, sendo por isso de sumo alcance.

Uma cura em Enghien

Duma carta do grande propagandista, datada de 28 de Fevereiro, seja lícito transcrever o seguinte interessante trecho:

«Enviei há dias ao rev.do Director da «Voz da Fátima» mais 16 inscrições para a Confraria. Bem pode ser que o número dos confrades aumente, sobretudo depois de se tornar conhecida a graça concedida a uma mulher de Enghien, perto de Bruxelas. Estou à espera do relatório e do atestado médico, se o conseguirem, para publicar a referida graça. Esta mulher, que está prestes a ser mãe, começou a notar que a criança se deslocava no seio materno. Isto causava-lhe grandes dores, sem que o médico lograsse melhorar o seu estado com os remédios que receitou. Resolveu por isso chamar um especialista. Na véspera da visita dêste, à tarde, o marido da doente contou o caso a um sacerdote português do Colégio dos Jesuítas, onde êle é o alfaiate. O sacerdote falou-lhe de Nossa Senhora de Fátima e deu-lhe uma pequena porção de água da fonte do local das aparições, aconselhando-o a ministrar algumas gotas à mulher e a começar ao mesmo tempo uma novena. Assim fizeram e, quando, na manhã seguinte, veio o especialista, a criança tinha retomado a posição normal no seio materno.

Uma peregrinação da Flandres

A propaganda de Fátima vai despertando dia a dia novos entusiasmos. Ontem mesmo veio falar comigo um pároco coadjutor duma vila situada próximo de Louvain. Chamara-lhe a atenção um artigo em flamengo, publicado há dias num dos principais jornais da Flandres, e desejava pormenores. Pediu-me que lhe fornecesse todos os documentos que me fôsse possível arranjar relativos aos acontecimentos da Cova da Iria, tanto escritos como fotografias, e isto sem atender às despesas que seja preciso fazer.

Êste mesmo sacerdote de que venho falando pensa em organizar uma peregrinação de flamengos à Cova da Iria. Veem a ser uns quatro mil francos por pessoa, por êsse motivo não haverá muita gente; entretanto é de esperar que alguém possa dispôr da quantia necessária. Vamos a ver se podemos conseguir isto já para o próximo mês de Maio...

Desde que apareceu a brochura sôbre as aparições já se fizeram oito conferências e estão organizadas mais cinco ou seis».

Visconde de Montelo

Maria Santíssima e Imaculada, celeste Raínha de Portugal

Raínha por herança — Raínha por conquista — Raínha por defesa — Raínha por libertação — Raínha por eleição — Raínha por bondade — Raínha por amor — Raínha por consagração

Regnum Lusitaniae, Regnum Mariae

(A terra lusitana é um feudo de Maria)

Nossa Senhora de Fátima, rogai por nós e pela nossa Pátria!

Maria, Raínha por herança

Maria Santíssima e Imaculada, excelsa Raínha do Céu e da terra, augusta Imperatriz do universo, é, por título de ordem geral, Raínha de Portugal.

Efectivamente, sendo a Mãe do Filho de Deus feito homem, ela é, em virtude da sua maternidade divina, Raínha da nos-Pátria.

A Virgem Mãe de Deus é, pela lei de sucessão e por direito de herança, Raính do mundo.

Ela reina sôbre tôdas as criaturas, não só sôbre os Anjos e os demónios, mas também sôbre os homens. E, como no mundo há três classes de homens, os bons, os maus e os tíbios, a Virgem conduz os maus ao arrependimento e à penitência, conserva a graça de Deus nas almas dos bons e faz crescer cada vez mais essa graça e arranca os tíbios à sua tibieza e os eleva ao fervor da caridade.

Assim, em conclusão, se a Virgem Santíssima, augusta e gloriosa Mãe de Deus, possui um autêntico poder real, pleno, independente e superior ao do qualquer simples criatura, se a sua autoridade soberana se exerce em todos os domínios da criação, no Céu, no Inferno no Purgatório e sôbre a terra, se a multidão dos seus súbditos compreende todos os seres saídos das mãos de Deus, ela é, verdadeiramente, não só excelsa Raínha do Céu e da terra, augusta Imperatriz do Universo, mas também gloriosa Raínha de Portugal.

Maria, Raínha por conquista

Logo no início da nossa nacionalidade a Virgem Santíssima digna-se estender o seu braço protector sôbre o novo estado em via de formação e ajuda-o a constituir-se através de todos os obstáculos e dificuldades, em nação livre e autónoma. É sob a égide da Raínha do Céu que os reis valorosos da primeira dinastia conduzem os exércitos aos campos de batalha, para defender os seus domínios das pretensões dos monarcas de Leão e Castela e alargá-los à custa dos mouros, até que o pendão das quinas tremule ao vento, substituindo o crescente, nas ameias de todos os castelos ao norte e ao sul do Tejo até às praias meridionais do Algarve. Na tomada de Lisboa, D. Afonso Henriques, em perigo iminente de ser vencido, faz o voto de erigir uma igreja em honra de Nossa Senhora, se ela alcançar vitória para as nossas armas, e a Imgem da Virgem, transportada para o meio dos combatentes, alenta os portugueses, que infligem aos sarracenos, numerosos e aguerridos, uma formidável e inesperada derrota.

Conquistada aos mussulmanos, mercê da poderosa intercessão de Maria Santíssima, a cidade que mais tarde havia de ser, dum modo definitivo, a capital do país, a Virgem nunca mais deixou de ser invocada pelos reis, pelo exército e pelo povo, para a libertação completa de Portugal do poder dos sectários do Islam, inimigos implacáveis do nome cristão.

Maria Santíssima é, pois, Raínha de Portugal por direito de conquista.

Maria, Raínha por defesa

Nos transes mais dolorosos da nossa história, quando a independência da Pátria ou a integridade do território nacional corria grave risco, Maria Santíssima velava com maternal solicitude pela terra que é sua, defendendo-a eficazmente de tôdas as maquinações dos seus inimigos. São numerosos os monumentos erigidos em honra da Virgem bemdita e espalhados com profusão de norte a sul de Portugal, que atestam, com a fé e a piedade dos nossos reis e do nosso povo, a valiosa protecção que ela benignamente nos tem dispensado, através dos séculos.

No cume dos montes e no fundo dos vales erguem-se, com as suas tôrres esguias, lindas e pequeninas, voltadas para o Céu, como em súplica perene e fervorosa, capelas e ermidas, testemunho da gratidão dos povos, que a Virgem salvou da peste, da fome ou da guerra.

Quem percorrer os numerosos santuários Marianos que cobrem como uma vasta rede tôdas as parcelas do território português não poderá deixar de admirar na multidão dos *ex-votos* pendentes das paredes, a imensa bondade da Mãe de Deus, a efusão maravilhosa das suas graças e o profundo e eterno reconhecimento das almas favorecidas com os privilégios do Céu.

Maria Santíssima é, pois, Raínha de Portugal, por direito de defesa.

Maria, Raínha por libertação

As culpas individuais e as iniquidades colectivas, desafiando a cólera do Altíssimo três vezes atraíram sôbre nós os castigos do Céu.

Em 1383, por morte de D. Fernando, último rei da primeira dinastia, o monarca de Castela reclama para sua espôsa D. Beatrís o trôno português e pretende fazer vingar os direitos que lhe atribui com a fôrça imensa dos seus exércitos. A nação dividida em facções, desorientada e desmoralizada, parece não estar em condição de oferecer a mínima resistência às poderosas e disciplinadas legiões castelhanas. É então que a Virgem mais uma vez intervém e vale ao seu povo predilecto, suscitando na pessoa do Santo Condestável, D. Nuno Alvares Pereira, modêlo consumado de heróis e de santos, o salvador da Pátria.

Em 1580, Portugal cai nas mãos dos inimigos da Pátria, e em 1910, cai nas mãos dos inimigos de Deus e da sua Igreja.

Em ambos os lances, qual dêles mais angustioso, da vida nacional, a Virgem Santíssima, ouvindo as súplicas dos seus filhos, corre em seu auxílio e livra-os do jugo cruel que os oprime e esmaga.

As datas de 1385, 1640 e 1917 são três das datas mais gloriosas do nosso calendário patriótico e cristão, que assinalam a intervenção misericordiosa da Raínha do Céu em nosso favor, no meio das desditas e amarguras da Pátria.

Em 1385, 14 de Agosto, vigília da Assunção de Nossa Senhora, trava-se a batalha de Aljubarrota, em que seis mil portugues se defrontam heróicamente com trinta mil inimigos.

Graças à protecção da Virgem que o Santo Condestável com o seu exército invocara cheio de confiança, segundo uma tradição respeitável precisamente em Fátima, no local das aparições, o exército português derrota os castelhanos, nos campos de Aljubarrota, numa das mais memoráveis batalhas da história, consolidando assim definitivamente a independência de Portugal.

Em 1640, Maria Santíssima inspira uma pléiade de bravos portugueses, que, num esfôrço de audácia sobrehumana, despedaçam os grilhões que nos algemaram durante o longo cativeiro de sessenta anos.

Depois, nas lutas da Restauração, insufla nos peitos dos defensores da Pátria a coragem e o valor de que precisam para consolidar a grande empresa da libertação de Portugal do jugo castelhano.

E, por isso, concluídas as negociações de paz, D. João IV, em testemunho de reconhecimento, proclama a Virgem Santíssima, com júbilo e aplauso de todos os seus súbditos, augusta Padroeira da Nação.

E, por isso, por voto unânime do venerando Episcopado e em nome da Nação, Portugal é hoje consagrado, dum modo solene e irrevogàvelmente, ao Coração Puríssimo e Imaculado da sua ausgusta Padroeira.

Maria, Raínha por eleição

Portugal, nascido em Ourique sob a protecção especial do Céu e tomando para divisa do seu brasão de armas as cinco chagas de Cristo, colocou-se por isso mesmo sob o manto da Virgem Santíssima. Desde êsse momento, se Jesus foi o verdadeiro Rei de Portugal, Maria Santíssima ficou sendo a sua Raínha. Tôdas as classes sociais, o clero, a nobreza e o povo, assim o quiseram, escolhendo a augusta Mãe de Deus para essa altíssima dignidade. E, se Portugal reconheceu espontânea e livremente a realeza da Virgem, submetendo-se de bom grado a essa celestial Soberana, por sua vez a Virgem bemdita dignou-se aceitar Portugal como seu reino e os portugueses como seus subditos, exercendo os direitos que lhe competem e cumprindo os deveres que lhe incumbem, em virtude da sua soberania.

Maria, Raínha por bondade

Como ensina a filosofia cristã, o bem é por natureza difusivo de si mesmo — *bonum est diffusivum sui*.

Se Deus é a bondade por essência, o bem incriado e infinito e, como tal, o doador de todos os bons, Maria Santíssima é a criatura que, em mais larga medida, participa da bondade infinita, reproduzindo na sua augusta pessoa, tanto quanto é possível a um ser contingente, tôdas as inefáveis perfeições do Criador.

Por isso, a Virgem, invocada pelos pecadores com confiança filial nas calamidades públicas e nas necessidades particulares, foi sempre para com êles duma bondade e duma munificência a tôda a prova, esparzindo profusamente sôbre todos as graças mais preciosas e mais escolhidas dos tesouros celestes, de que é tam fiel depositária como generosa dispensadora.

Ela criou assim, nos corações dos seus filhos, um título irrefragável a uma gratidão profunda e perene para com ela, que é a Mãe de misericórdia e a Medianeira poderosíssima junto do trono de seu Divino Filho.

Maria Santíssima é, pois, pela sua bondade e munificência, Raínha de Portugal.

Maria, Raínha por amor

Depois do Sagrado Corção de Jesus, o Divino Rei de Amor, não há coração mais santo, mais terno, mais amante, do que o Puríssimo e Imaculado Coração de Maria Santíssima. O Coração da Mãe de Deus é uma fornalha ardente da mais viva e mais intensa caridade para com Deus e para com os homens.

Tendo-nos sido dada como Mãe por seu Filho pendente da cruz de ignominia em que agonizava, no cume de Golgota, ela aceitou-nos como filhos adoptivos da sua dor e desde então esmera-se em cumprir todos os seus deveres maternais para connosco.

Os portugueses, conhecendo a ternura imensa dessa Mãe divina para com os homens, e gratíssimos às inúmeras e incomparáveis finezas do seu amor, quiseram, pagando amor de Mãe com amor de filhos, que ela fôsse sua Senhora e Soberana e proclamaram-se, cheios de júbilo e entusiásmo, Raínha-Mãe de Portugal.

Maria Santíssima é, pois, por amor, excelsa Raínha de Portugal.

Maria, Raínha por consagração

Dia 13 de Maio de 1931.

Maria Santíssima, excelsa Raínha de Portugal, por vocação, por conquista, por defesa, por libertação, por eleição, por bondade e por amor, vai sê-lo também, desde hoje, por consagração pública, solene e oficial.

No cume da Serra de Aire, teatro de tantos prodígios do Céu, reúne-se todo o venerando Episcopado português sob a presidência do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, com a assistência do Excelentíssimo Senhor Núncio de Sua Santidade, para dedicar a nossa Pátria, por voto espontâneo e livre de todos os portugueses, ao Puríssimo e Imaculado Coração da augusta Mãe de Deus.

Neste dia, solene entre os mais solenes, celebram-se em Fátima as côrtes gerais da Nação, em que cêrca de meio milhão de pessoas, o escol de Portugal católico e devoto de Maria, proclama a Raínha do Céu e da terra Raínha de Portugal.

Eclesiásticos, aristocratas, oficiais do exército e da marinha, altos funcinários do Estado, representantes de tôdas as classes sociais, humildes filhos do povo, vão hoje, numa apoteose imensa, incomparável, única, constituir, por aclamação unânime, a Virgem Santíssima augusta Soberana da nossa Pátria.

À hora do contacto místico entre a terra e o Céu, quando a voz do ilustre Purpurado, que é o Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca, de Lisboa, D. Manuel II, pronunciar a fórmula da consagração à Virgem, todos os corações, cheios de júbilo, entusiasmo e reconhecimento, palpitarão em uníssono com o coração da Pátria ajoelhado na Cova da Iria, e desde êsse momento, Portugal ficará sendo mais que nunca a terra bemdita de Santa Maria!

P.e Manuel Servita do S. C de Maria

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS ÀS SENHORAS

No dia 20 de maio, à tarde, começam os exercícios espirituais para as Senhoras Servitas e outras que neles queiram tomar parte. Terminam no dia 25, de manhã.

Para inscrição e informações dirigir-se ao Rev. P.e Manuel de Sousa, Reitor do Santuário de Fátima.

Lembra-te sempre do fim, e que o tempo perdido não volta.

Bemaventurado o que entende o que seja amar a Jesus, e despresar-se a si, por amor de Jesus.

Não te dê cuidado saber quem é por ti ou contra ti, mas só deseja e procura que Deus seja contigo, em tudo o que fizeres.

(Da Imitação de Cristo)

GRAÇAS DE N.ª S.ª DE FÁTIMA

Estando prestes a dar à luz o meu 4.º filho, assumiu o facto tal gravidade que foi necessária a intervenção médica. Logo que o Ex.mo Sr. Dr. Arcosa chegou ao pé de mim, viu achar-se em frente dum caso excepcional e desesperado, recusando-se a operar-me.

Condescendeu, porém, instado por uma minha irmã, submersa na maior aflição por me vêr quási morta.

Depois da operação fiquei aflitíssima com muitas dôres e vómitos, julgando todos que me viam, ser chegada a minha última hora. O médico tanto disso se convenceu, que ao deixar-me nem ao menos prescreveu o tratamento necessário em tais casos; disse e repetiu mais duma vez:—«Tenho grande pena de não a poder salvar, mas é de todo impossível. Não resiste, ali só a morte».

O Pároco da frèguesia chamado para me administrar os Sacramentos, fê-lo a tôda a pressa, receando encontrar um cadáver, pois era só êsse o meu aspecto! Meu marido, dois filhinhos de tenra idade, e tôda a família, loucos de dôr pranteavam-me como se tivesse falecido. Enfim a triste scena da morte com tôdas as suas negras côres.

Sucedia isto na manhã do dia 18 de Julho.

Nessa altura apareceu a visitar-me certa pessoa de família que lembrou pedir-se a minha cura a N. Senhora do Rosário de Fátima. Só ela, a querida Mãe do Céu, a consoladora dos aflitos, podia valer-me, que dos recursos humanos nada tinha a esperar. Assim fiz, pedindo-lhe com a mais viva fé, e tomei água milagrosa da Fátima que uma piedosa senhora me forneceu. A primeira colher ingerida senti um grande alivio. No mesmo dia 18 se principiou a fazer pela mesma intenção uma novena a N. Senhora do Rosário, assistindo a ela tôdas as pessoas de família que podiam.

Desde o comêço da novena que eu ia melhorando; ao sexto dia, porém, sobrevelo-me um suor gelado, que alarmou todos, julgando-o precurso da morte. Mas, oh! boa Mãe! Ao contrário foi o sinal da misericórdia de Maria, a saúde dos enfermos!

Acabada a novena desapareceu o suor, a minha cura acentuou-se dia a dia, e no fim dum mês abandonei o leito, retomando quási logo as minhas ocupações habituais.

O meu reconhecimento para com Nossa Senhora será eterno, deligenciando não o ofender ao menos gravemente.

Arminda dos Anjos Gabriel—Ferradosa

Doença nos intestinos

Viseu, 22-Novembro 1930.

Havia já 12 anos que sofria fortes dôres no estômago e intestinos. Era rara a semana que não tivesse cólicas. A medicina recomendava-me grande dieta.

O ano passado, com a maior devoção que me foi possivel, fiz uma novena à Virgem Mãe do Céu Nossa S.ª da Fátima, e bebi três dias sua milagrosa água, encontrando logo rápidas melhoras, pois não mais tive cólicas. Agradeço de todo o meu coração à Virgem Nossa Senhora da Fátima, tão grande graça que me concedeu.

Fernanda Franco

Conversão

Maria do Carmo Moça — Lombameão—Vagos.

No ano de 1929 fui a Fátima e vendo lá tanta fé lembrei-me de um tio meu que andava há mais de sete anos em Lisboa sem se confessar nem cumprir os outros preceitos. Desde então nunca mais me esquèci de pedir a Nossa Senhora da Fátima que o converta e prometi ir outra vez visitar aquele Santuário, partir de minha casa e ir até lá sem comer nem beber qualquer coisa. No dia sete de Maio fui à nossa capela e ao sair encontrei-me com uma minha afilhada que me dizia: venha depressa que o meu pai veio agora. Fui ter com êle. Disse-me: pensei nunca mais aqui vir, mas ùltimamente não sei que lembrança me obrigou a voltar. —Não sabe o que foi? Foi N. Senhora da Fátima a quem tanto tenho pedido por si.—Pois quero confessar-me e comungar e também quero ir a Fátima.Confessou-se, recebeu a Sagrada Comunhão e a Extrema-Unção e pouco depois expirou na paz de Deus. Nossa Senhora a Mãe de misericórdia e o refúgio dos pecadores foi quem o converteu.

Uma anómina diz o seguinte:

Uma minha irmã há anos enfraquecida por longo tempo de trabalho e canseiras escolares viu-se a braços com uma tamanha enfermidade que receavamos por ela.

Passados mais de sete meses duma constante cura de repouso, uma recaída veio prostrá-la com tamanha veemência que o médico receoso por ela decretou uma cura na Serra da Estrela.

Receava-se a viagem, porque o mal havia-se agravado de tal forma que a não ser uma milagrosa interferência da Virgem a minha pobre irmã estaria em breve a braços com a terrivel doença que nada perdoa—a tuberculose...

Foi então que aconselhados por uma amiga nos valemos da Virgem e era tanto o fervôr com que viamos invocar a Mãe de misericórdia e dos aflitos que tinhamos de antemão a certeza da sua cura.

Passados quinze dias o médico auscultando-a admirou-se do progresso das melhoras e parecia desistir já da ida para a Serra.

Um mês mais tarde indo ao Raio X voltou animadissima não existindo das cavernas que a doença havia cavado nos pulmões senão leves cicatrizes.

Mêses passados um médico que a auscultou declarava que, se não tivesse a plena confiança no médico que lhe relatou os estragos da doença, não acreditaria nêles, pois dêles não restavam sequer vestigios alguns por mais leves que fôssem.

Doença do estômago

Sofria muito do estômago a ponto de não poder fazer nada nem conservar nêle as comidas. Meu Pai foi a Fátima em 1917 e chegando a minha casa disse-me: Nossa Senhora é que te podia melhorar; volta-te para ela com confiança e depois iremos a Fátima agradecer a tua cura a Nossa Senhora.

Daí por diante todos os dias pensava em Nossa Senhora, procurando saber quando lá podia ir.

Passados dois anos pouco mais ou menos, parti de minha casa no dia 11 de Outubro em companhia de meu pai e de minha mãe. Eu ia num estado tal que algumas pessoas consideravam-me quási morta. Chegando lá dei graças a Nossa Senhora; e no outro dia comi alguma coisa sentindo-me ainda peor, e quando foi à missa dos doentes vi-me tão aflita, e pedi a Nossa Senhora que me desse algum alivio, e acabado isto chega meu pai para nos irmos embora.

Por vontade de Nossa Senhora vim cheia de dôres. Quando cheguei a casa comecei a comer de tudo sem mais incómodo, e graças à Santissima Virgem nada me tem feito mal. Agradeço a Nossa Senhora a concessão de outras graças que do céu recebi por intercessão de tão boa mãe.

Maria José
Vila Cã

Paralisia

É com grande alegria e satisfação que me dirijo a V. Rev.ª para mandar publicar no jornal «A Voz de Fátima» uma graça que a Virgem Nossa Senhora da Fátima me alcançou:

Sofria duma doença de paralisia que me tolheu por completo os movimentos sendo preciso vestirem-me e despirem-me sempre que era necessário arejar um pouco a cama.

Fui tratada pelo Snr. Dr. Formosinho Sanches a quem sou devedora de muitas finezas pois empregou todos os esforços para me curar mas sem resultado. Visitou-me um dia uma filha que tenho para os lados de Tôrres Vedras.

Minha Mãe, disse ela; porque não recorre ao patrocinio de Nossa Senhora de Fátima? Tem feito tantos milagres!! Recorramos a Ela com confiança que há de ser servida a melhorá-la. Assim fiz, durante três dias recorri a Nossa Senhora com tôda a confiança e ao terceiro dia pareceu-me ouvir uma voz que me dizia: levanta-te e anda. Comecei de me vestir. No quarto apenas se encontrava um nètinho a quem pedi me trouxesse um pauzinho para me ir amparando, e fui ter com minha familia a uma outra casa, onde estava tomando a refeição do almôço, ficaram admiradissimos, ao verem-me ali. Depois de me ter vestido sem auxilio de ninguém convidei-os logo a darem graças a Nossa Senhora de Fátima pela grande graça que me acabava de conceder. De então para cá tenho continuado sempre a tratar da minha vida como se nada tivesse.

Amoreira de Óbidos.

Rosalina de Jesus Tomé

Diversas graças

—Angelina Cabral Rosa, agradece a Nossa Senhora a cicatrização de cinco feridas que uma forte queimadura lhe fizera num braço havia apenas 10 horas. Obteve êste resultado depois de aplicar às feridas água da Fátima. A mesma senhora agradece à Virgem Santissima o ter ficado sem lesão alguma depois duma queda mortal.

—Elvira Martins agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual e outra temporal que obteve por seu intermédio.

—Margarida dos Santos da Silva, agradece também uma cura que obteve tocando uma imagem de Nossa Senhora da Fátima.

—M. P. de S. agradece a Nossa Senhora diversas graças concedidas a si própria e a pessoas da sua família.

—Rosária da Silva de Alvaiazere, agradece a Nossa Senhora, a cura dum seu filho, mediante uma novena de visitas, terços e comunhões na Cova da Iria.

—Dr. João Correia da Silva, juiz de direito em Ponta Delgada, agradece a Nossa Senhora a sua cura radical duma doença que o teve às portas da morte bem como a cura duma sua filha.

—Uma devota dos Açôres, agradece reconhecidamente uma graça muito insigne que de Nossa Senhora da Fátima acaba de receber.

—Matilde Costa da Oliveira, agradece a saúde que alcançou de Nossa Senhora para sua filha e seu irmão.

—Maria Dias Moreira—Senhora da Hora, agradece a cura repentina que obteve para sua mãe que num braço tinha uma ferida que lhe causava a paralisia e dôres quási insuportáveis.

—Uma Anónima agradece a Nossa Senhora o desaparecimento rápido e completo das dores que interiormente a sacrificavam a ponto de passar grande parte do tempo gritando inconsoláveImente. Agora sente-se completamente bem, graças a Nossa Senhora da Fátima.

— M. A., agradece a cura duma sua bemfeitora, cura que obteve por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, do S.S. Coração e de St.ª Teresinha.

—Maria Inácia—S. Catarina da Serra, agradece a Nossa Senhora a cura duma doença interna. Os médicos de Coimba tinham-lhe aconselhado uma operação que ela regeitava, jamais que tinha 69 anos. Por intermédio de Nossa Senhora está completamente curada, dizem os médicos, sem ter sido operada.

—Maria Emília Rodrigues Brogueira — Golegã, agradece a Nossa Senhora o ter alcançado a cura para seu marido que há tempo sofria gravemente duma doença pulmonar. Agora, encontra-se bem, benefício que agradecem a Nossa Senhora.

Uma úlcera

Florinda Chaves Marujo, da frèguesia de Alcaravela, concelho de Sardoal, sofria de uma úlcera no estômago. Além do sofrimento constante tinha vários ataques com vómitos de sangue; não me podia alimentar com coisa alguma a não ser leite.

Consultei a medicina por várias vezes, tomei vários medicamentos, mas tudo sem resultado. Contava com a morte próxima e deixava sete filhos orfãos na miséria.

Com muita fé recorri à Santissima Virgem de Fatima e resolvi ir lá no dia 13 de Maio de 1927 pedir-lhe a minha cura.

Meu marido que então estava em Tomar com os meus dois filhos mais velhos esperava-me ali. Com muita devoção êles fizeram então uma novena a Nossa Senhora do Rosário da Fátima pedindo a minha cura. No dia 11 do mesmo mês quando eu devia partir para Tomar e Fátima com os outros peregrinos, senti-me pior, não pude marchar; fiquei prostrada na cama com um violento ataque!

No dia 14, próximo da noite ouvi uns cânticos, e preguntei, o que era? Responderam-me que eram os peregrinos que vinham da Fátima. Fiquei animada; Vieram dar-me água de Nossa Senhora, água que bebi com muita fé. De então para cá não mais tornei a sofrer do estômago; sou ainda bastante fraca como já antes o era, mas fiquei a poder comer de tudo e nada me faz mal.

Em Agosto do mesmo ano fui a Fátima com meu marido e meu filho mais velho agradecer a Nossa Senhora a graça da minha cura. Voltei muito bem; até hoje, e já lá vão quási quatro anos, nunca mais tive doença. Este facto torna bem evidente a graça de Nossa Senhora da Fátima em meu favor, de que venho dar testemunho público.

Maria do Fetal residente na Chainça, fréguesia de Santa Catarina da Serra, concelho de Leiria vem pedir a V. Rev. para ser publicada no jornal A Voz da Fátima uma graça que Nossa Senhora do Rosário da Fátima lhe alcançou.

Em 1925 comecei a sentir-me doente com muitas dores de estômago. Consultei vários médicos estando todos de acôrdo que era uma úlcera. Tomei vários remédios durante quatro anos mas nenhum me aliviava.

No dia 3 de Junho de 1929 deitei muito sangue pela boca. Fui novamente a Leiria consultar o Sr. Dr. Pereira e êle mandou-me imediàtamente para Coimbra para ser operada. Parti logo sem ir despedir-me dos meus 8 filhos que eu julgava não tornar a ver. Quando cheguei a Coimbra fui confessar-me e comungar à igreja de Santa Cruz e lá fiz a seguinte promessa a Nossa Senhora da Fátima, se melhorasse sem ser operada levaria em procissão a imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na capela da Chainça (uma légua distante da Cova da Iria) até ao Santuário de Nossa Senhora e receberia lá com tôda minha família Nosso Senhor.

Dei entrada no hospital no dia 29 de Novembro. Fui logo ao Raio X e todos os médicos declararam que eu tinha de ser operada. Repugnava-me imenso sujeitar-me a uma operação; continuei a ir receber Nosso Senhor na capelinha do hospital e renovava a mesma promessa que tinha feito em Santa Cruz. Pedi aos médicos para que experimentassem a curar-me sem operação. Aplicaram-me uma sonda pela boca mas eu sempre a vomitei. As dores eram sempre mais. O Sr. Dr. vendo que não me podia fazer o tratamento pelo meio da sonda disse que não havia outro remédio senão ser operada. Levou-me outra vez ao Raio X no dia 21 de Dezembro e fiquei sentenciada a ser operada daí a poucos dias. No dia 22 no meio de muitas dores renovei a promessa que já tinha feito. Ao concluir a promessa senti em mim alguma coisa estranha desaparecendo as dores inmediàtamente. Isto foi no dia 22 de Dezembro pelas 10 horas da manhã; no dia 23 o Sr. Dr. ao preguntar como tinha passado respondi que tinha melhorado ontem. Ele só se ria e nada mais disse.

Como eu continuasse a dizer que não era preciso ser operada e que estava melhor o médico não me levou à operação sem ir outra vez ao Raio X e qual não foi a admiração dos Srs. Drs. ao verem que estava curada.

No dia 13 de Janeiro pedi para sair do Hospital pois tinha a certeza de que estava completamente melhor. O sr. dr. Alberto Costa disse que saisse mas que voltasse lá daí a 2 meses para verificar se a cura tinha sido verdadeira. Voltei lá no dia 15 de março seguinte e fui outra vez ao Raio X não por ter necessidade disso, pois desde o dia que recebi a graça sentia-me sempre boa, mas para satisfazer o desejo do Sr. Dr. médico. Novamente confirmaram que, estava curada. Desde então tenho tido saúde, trabalho como antes, alimento-me bem, e já tive outro filhinho.

Afirmo que melhorei de repente nas vésperas do dia em que devia ser operada, sem tomar nenhum remédio e tenho a certeza de que foi Maria Santissima quem me alcançou esta graça.

Cumpri a promessa no dia 13 de Setembro próximo passado levando como prometi a imagem de Nossa Senhora em procissão da capela da Chainça ao local das aparições reconduzindo-a à tarde em procissão à mesma capela acompanhada por muitos vizinhos que também tinham pedido a Nossa Senhora por mim. Eu e tôda a minha família, nesse dia recebemos Nosso Senhor em Fátima.

Chainça, 13 de Março de 1931

Maria do Fetal

Em cumprimento de uma promessa e para honra e glória da Mãe de Deus, venho pedir a publicidade na Voz da Fátima da seguinte graça que Nossa Senhora me concedeu:

Há uns 34 anos que sofri uma tremenda pancada na cabeça sôbre a parte cerebral donde resultou abundante perda de sangue.

Com os tratamentos da ocasião a ferida sarou com facilidade.

Porém há uns 3 anos comecei a sofrer horrivelmente, não podendo tocar na parte afectada nem com uma pena ao de leve, tendo dias que julgava enlouquecer.

Consultei alguns especialistas mas todos os tratamentos aplicados foram nulos, até que me lembrei de fazer uma novena a Nossa Senhora da Fátima aplicando algumas gotas da sua milagrosa água, todos os dias da novena, finda a qual me encontrei radicalmente curada, podendo carregar com fôrça sôbre a parte doente, não sentindo a mais leve impressão.

Já lá vão 19 meses depois desta graça obtida, sem que tornasse a sofrer.

Graças infinitas sejam dadas à SS. Mãe de Deus e dos pobres pecadores.

Lourenço Marques 18/2/930

Evandra Conceição E. Ferreira

Loucura

Adelino Pinto, de 22 anos, filho de António Pinto e de Maria Pinto, de S. Romão dos Vales, Castendo, enlouqueceu em Setembro de 1928, fugia de casa dos pais, dormia no campo, aparecia todo rasgado e ferido.

A pobre Mãe muito desgostosa contou a sua desgraça a uma pessoa que a aconselhou a que fizesse uma Novena a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, dando-lhe uma medalha para colocar ao pescoço do filho, uma poucochinha de água da Fátima, e também uma estampazinha de N. S. do Rosário da Fátima, que elê no meio da sua loucura beijava.

Em Novembro do mesmo ano, recuperou a razão e até hoje está em perfeito juizo. Não tenho duvida em considerar êste facto uma das numerosas graças da Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

E. C. F.

—Maria J. Fernandes agradece uma graça que N. S.ª lhe alcançou e pede aos leitores uma oração pela conversão dum grande pecador.

—Uma anónima agradece também uma cura por intremédio de N. S.ª.

—Isaias Fernandes Sardo de Pardelhas, atribui a N. Senhora uma graça insigne que agradece.

—M.ª Pires, do Pôrto, agradece a intervenção de Nossa Senhora a seu favor, num incidente muito perigoso de que foi livre.

PROGRAMA

da peregrinação a Nossa Senhora da Fátima em Maio de 1931.

(Hora oficial)

Dia 12 — 10 horas da noite:

Terço do Rosário.

Ofício de Nossa Senhora da Fátima, cantado, rogando-se aos grupos das peregrinações o favor de o ensaiar conforme foi publicado no número de abril de «A Voz da Fátima», para ser cantado por todos.

Procissão das velas.

Dia 13 — À meia noite — Adoração nocturna.

5 horas — Missa para os servitas.

6 horas — Bênção do Santíssimo; Missa e Comunhão geral.

8 horas — Procissão com o S. Sacramento e Comunhão aos doentinhos.

11, 30 h. — Cumprimentos do Rev. Clero ao Em.mo Sr. Cardial Patriarca de Lisboa, ao Ex.mo e Rev.mo Sr. Núncio Apostólico, e aos Ex.mos Srs. Arcebispos e Bispos.

12,30 h. — Cortejo dos Ex.mos Prelados e Rev. Clero para a frente da nova Igreja em construção.

13 horas — Procissão de Nossa Senhora.

Missa e alocução por Sua Eminência.

Terço do Rosário.

Consagração a Nossa Senhora.

Bênção dos doentes com o S. Sacramento.

Bênção geral.

Procissão de Nossa Senhora.

Fátima, o Paraíso na Terra.

pelo Visconde de Montelo.

Preço de cada exemplar ... ... Esc. 7$50
Pelo correio... ... ... » 8$10

Todo o produto líquido da venda dêste livro é destinado à Obra de Fátima.

Depositários do livro para venda:

União Gráfica, T. do Despacho, 16, Lisboa.

P.e Joel de Deus Magno — Seminário Patriarcal — Santarém.

P.e Manuel Pereira da Silva, Câmara Eclesiástica — Leiria.

Também se encontra à venda nos estabelecimentos de Fátima.

Voz da Fátima

DESPESA

MARÇO

Transporte	245.116$45
Papel, composição e impressão do n.º 102	3.446$30
Franquias, embalagem transporte, etc.	807$40
Com a administração em Leiria	221$25

ABRIL

Papel, composição e impressão do n.º 103...	3.522$50
Franquias, embalagens, transporte, gravuras, cintas etc....	1.319$60
Com a administração em Leiria	320$00
Total...	254.753$50

Donativos vários

MARÇO

Elisa do Resgate Ferreira—Belas 17$00; Carminda de J. T. de Sousa —Montalegre, 20$00; Felicidade M.ª de Jesus—Lagos, 20$00; P.e João Goulart Cardoso—Açôres, 20$00; Maria Carmen Garcia — Faial, 15$40; Ana do Carmo Morais—Açôres, 20$00; José Paulo da Silva—Açôres, 20$00; Laura Soares da Fonseca—Pôrto, 20$00; P.e António Gomes S. Miguel—Penela, 100$00; Ana Garcia Pulido de Almeida—Vidigueira, 20$00; P.e Manuel Martins Cêpa—Alvarais, 51$00. Distribuïção em Louzada—, 70$00; António Martins dos Santos—Pôrto, 50$00; Luís Lopes Abegão,Tramagal 15$00; Distribuïção no Tramagal—,25$00; P.e Martinho Pinto da Rocha—Santarém, 20$00; António de Abreu—Lisboa, 15$00, Emília de Castro Frazão—Castendo, 20$00; Rosa Herdeira de Jesus—Ovar, 54$00; Francisco Marques—Benavente, 20$00; M.ª Joaquina de Al. Garret– C. Branco, 20$00; Distribuïção em Castelo de Paiva, 20$00; P.e Manuel Vieira—Ramalhal, 20$00; Distribuïção em Pardelhas, 80$00; Arminda Lencart da F. e Silva—Pôrto, 20$00; Manuel Abreu da Silva Neves — Lisboa, 30$00; Leonilde Belo Ribeiro—Aldeiada Mata, 15$00; Esmolas de «Ibo» África Oriental, 175$00. António Bernardo Tavares—F. da Fóz, 25$00; Colégio do Sacrée Cœur de Marie—Brasil, 50$00; M.ª Eugénia C. Braga Reis—M. Estoril, 20$00; Faustino Teixeira de Lima—Açôres, 20$00; P.e Ant.º da Fonseca P. Guimarães—Felgeiras, 20$00; Distribuïção na «Creação Velha»—Açôres, 90$00; Vasco Teixeira Dória—Aladeira, 20$00; P.e Manuel Joaquim Máximo—Açôres, 100$00; Dr. Clemente Ramos—Evora, 30$00; P.e Francisco Barreiro—Paredes de Coura, 20$00; Distribuïção no Paião —120$00; M.e José Aguiar Leal—Alvorninha, 20$00; Distribuïção—Cabeço de Vide, 25$00; Filomena Loni —Belas, 20$00; Maria da Conceição Lopes—Coruche, 30$00; José Matias de Carvalho — Portimão, 20$00. Carlos Costa—Brasil, 76$00; Júlia Simões de Carvalho—C. da Rainha, 25$00; Ana dos S. Antunes —Louzã, 25$00; Margarida S. Pedroso—Odivelas, 20$00; Esmolas em Paio Pires, 20$00; Esmolas em Lisboa, 20$00; João Martins de Freitas —Guimarães, 30$00.

Esmolas obtidas em diversas Igrejas por ocasião da distribuïção de jornais:

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Fevereiro de 1931, pela Ex.ma Snr.a D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 25$00.

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Fevereiro de 1931, pela Ex.ma Snr.a D. Laura Gouveia, 10$00.

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus no mês de Março de 1931, pela Ex.ma Snr.a D. Maria Matilde da Cunha Xavier 33$50.

Donativos vários mais avultados

ABRIL

Distribuição na C. da Sebastião — Viseu, 30$00; M.a Celeste Fabião — Idanha-a-Nova, 30$00; Maria Luisa Aguiar — Cte, 15$00; Distribuição na C. da Vera Cruz — Caudal, 50$00; Maria das M. Gou Cruz — Caudal, 50$00; Maria das M. Gonçalves — Açores, 156$00; Maria de Jesus M. J. Marques — S. João da Voz, 15$00; Alfredo Marques Barreiro—Lisboa, 15$00; Maria Izabel M. Reinas — Vilar Formoso, 15$00; Celestino José P. Leite — C. de Basto, 15$00; José Bastos A. S. — Lisboa, 20$00; Maria do Carmo Pires — Porto, 15$00; Maria do Carmo P.a — America, 21$65; Joseph S. White — America; 21$65: Maria C. Fazendeiro — Alenquer, 20$00; Alfredo C. Gomes — Açores, 20$00; Maria E. M. Rodrigues — Lisboa, 20$00; Maria Izabel dos S. P.a de Vasconcelos — Porto, 20$00; Maria de Conc. Maldona do P.a — Porto, 20$00; Doutor do Sanatório «Rodrigues Senide — Porto, 30$00; C.e M.el F. Nogueira — Coimbra, 20$00; P.e Francisco da Silva Geada — Lisboa, 20$00; José Galvão Canaveira — Brazil, 106$00; Henrique A. Nascimento — Setubal, 20$00; Marcelino Francisco — Mafra, 70$00; Raquel D. Serralha — Toliza, 20$00; Brigida Biscaia — Toliza, 20$00; P.e Joaquim Peralta —Niza, 20$00; Constantina Angela — Lisboa, 20$00; M.a C. C. Leal — V. N. de Ourém, 15$00; Balbina da C. Barata — Lisboa, 20$00; Frèguezia do Socôrro — Lisboa, 550$00; Ana da C. Azevedo — Torres-Vedras, 15$00; M.a C. B. A. Freire — Estarreja, 22$50; M.a Mesquita da Silva — Mação, 15$00; Distribuição — Canas de Senhorim, 30$00; Guilhermina de J. G. Rebóla — Estremoz, 15$00; José do J. Júnior — Estremoz, 20$00; Distribuição no Casal do Esp. Santo — Louzã, 50$00; Maria do Céu a Paiva — França, 20$00; Dr. Joaquim Reis Torgal—Lisgoa, 30$00; Lucrecia Pelegão — Pedrouços, 20$00; Jacinto da F. Braz — Pedrouços, 20$00; Maria José da Silva — Tortozendo, 20$00; Feliciana G. Hall — Oliveira do Hospital, 20$00; Henriqueta Tadeu — Almeida 20$00; Anonima agradecida — Lisboa, 20$00; Casa de Saude — Telhal, 30$00; José Mendes — Telhal, 20$00; Maria Rosa do M. Teles — Estremoz, 20$00; Carlota M. Teixeira — C. Verde, (1 dolar; Maria Helena Rocha B. J. C. da Costa — Porto, 20$00; Emilia Augusta de C. Costa — P. de Ferreira, 20$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas quando da destribuição de jornais:

Na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Abril de 1931, pela Ex.ma Sr.a D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 30$70.

A QUINZE SÉCULOS DE ÉFESO

A Maternidade de Maria Santissima

II

Se alguém negar... que a Santissima Virgem é Mãe de Deus, seja anátema.

Conc. Efesino, can. 1, D. 113.

E, de feito, só uma requintada má fé podia negar verdade tão claramente expressa nas Páginas Sagradas, como na Tradição Católica já desde os primeiros alvores do cristianismo.

Nem admira: se ela pertence aos dogmas fundamentais da Revelação Cristã!...

Íntima e indissolùvelmente ligada ao dogma da Divindade de Jesus, à verdade da Redenção, a Maternidade Divina de Nossa Senhora não pode negar-se sem desfazer, na inanidade dum puro mito, tôda a economia divina da Redenção do mundo.

O que dizia S. Paulo a propósito da Ressurreição de Jesus, podemos nós aplicá-lo, com igual razão, à Maternidade Divina de Nossa Senhora: se Maria não é Mãe de Deus, é vã a nossa prègação, vã é também a nossa Fé! É vã essa Fé que vinte séculos de lutas, de defecções, não alcançaram destruir; é vã a Fé que bebemos com leite de nossas mães, radiantes de nos ver balbuciar, em pequeninos, o doce nome da Mãe de Deus; é vã a Fé, tão lindamente cantada pelos poetas, tão fortemente proclamada pelos prègadores, tão estudada e sòlidamente provada pelos teólogos. Em vão se reüniram Concílios, em vão lutaram com a palavra e com a pêna os inumeráveis e invictos campeões das glórias de Maria, em vão o povo fiel, o cristianismo, invoca a Virgem — *Santa Maria, Mãe de Deus...*

Mas não. São claros demais os textos dos Livros Santos para que possam sofrer a mais leve dúvida.

E, de feito, quando eu leio no Evangelho de S. João que aquele mesmo Verbo, que no princípio estava junto de Deus e Êle mesmo era Deus, por Quem tudo fôra feito, que era a Luz que ilumina todo o homem vindo a êste mundo, digo, quando leio que êsse mesmo Verbo, chegando a plenitude dos tempos se fez carne e nasceu de Maria Virgem: posso, acaso, duvidar que Maria seja a Mãe de Deus? *Se Maria é Mãe de Jesus e Jesus é Deus, Maria é Mãe de Deus.*

É, afinal, o raciocinio dos Santos Padres.

Ouçamos já o imortal campeão da Maternidade Divina de Nossa Senhora, S. Cirilo de Jerusalém — de quem nos havemos de ocupar ainda, mais de espaço na Epistola 14, ad Acacium — «*Vejo que o Bispo Atanásio, de eterna memória, Lhe chama Mãe de Deus, como também os bem-aventurados Padres Teófilo, Basílio, Gregório, Atico e muitos outros Santos Bispos que viveram naqueles tempos. Porque, se Nosso Senhor Jesus Cristo é Deus, quem pode duvidar que Aquela que o gerou seja Mãe de Deus?*»

Mas temos mais na Sagrada Escritura.

É por demais conhecida a mensagem do Arcanjo S. Gabriel à Virgem de Nazaré.

— «*Avè, ó cheia de graça...*

Tu conceberás e darás à luz um que chamarás Jesus.

O Espírito Santo virá sobre ti e te cobrirá com a sua sombra.

E, por isso, o que nascer de ti, Santo, será chamado Filho de Deus».

Alguém, glosando estas, aliás claríssimas palavras, faz dizer ao Arcanjo.

— «*O Filho do Altíssimo, ó cheia de graça, Deus como Seu Pai, será teu filho; tu serás Sua Mãe, serás elevada à grandeza, quási infinita, de Mãe de Deus*».

E, se não fôra abusar da paciência do leitor insistindo na prova duma verdade de que nunca duvidou, os testemunhos da Escritura, embora indirectos, multiplicar-se-iam. Pois ninguém desconhece os freqüentes episódios da vida do Senhor em que Maria é proclamada Sua Mãe; os testemunhos tão solenes do Apóstolo das gentes: — *aos romanos* proclamando Jesus Cristo, da estirpe dos judeus segundo a carne, filho portanto de Maria, Deus bemdito por todos os séculos; *aos cristãos da Galácia*, perturbados por judeus menosprezadores da Divindade Infinita de Jesus, da Sua Divindade e por isso mesmo da Maternidade Divina de Nossa Senhora, escrevendo: «*mas, quando chegou a plenitude dos tempos, mandou Deus o Seu Filho, nascido da Mulher*», nascido de Maria.

Não admira, pois, que, desde os primeiors tempos, a S. Igreja, os Santos Padres, os fiéis não tenham cessado nunca de afirmar, de defender esta prerogativa inefável de Maria, prerogativa que é a fonte, o princípio de tôdas as suas glórias e a coloca, em dignidade, acima de tôdas as criaturas não só existentes, mas possíveis.

Assim é que, já no primeiro século, S. Inácio, o gigante da Igreja de Antioquia que, devorado pelo zêlo da salvação das almas, nos legou essas joias primorosas do seu coração, as suas sete cartas escritas na viagem para Roma, onde ia procurar o martírio, porque tanto ansiava, proclama, na Epístola aos Efésios, Nosso Senhor Jesus Cristo *Deus e Filho de Maria*, em cujo sacratíssimo seio fôra gerado, por virtude do Espírito Santo.

Pouco depois, no 2.º século, outro luminar da Igreja, S. Ireneu, afirma, por sua vez, no livro «*Adversus Haereses*»: — «*Aquele mesmo que nasceu de Deus Pai e não doutro, nasceu da Virgem... Filho de Deus, Nosso Senhor é, ao mesmo tempo, o Verbo do Pai e o Filho do homem*».

E Tertuliano, da Igreja Africana, em frase lapidar e enérgica — «*O que Ela* (a Virgem) *concebeu, êsse mesmo deu à luz... Ora o que nasceu é Deus*».

Mas, para que multiplicar os depoimentos em favor do Dogma Mariano, tão caro aos cristãos, se êles são tantos quantos os escritores, os apologistas, os Padres, os simples fiéis?...

Não admira pois que os cristãos do 4.º século, ao ouvirem as blasfêmias de Nestório e dos seus cúmplices, tapassem horrorizados, os ouvidos às suas impiedades e levassem, pelo contrário, em triunfo, os imortais defensores das glórias de Maria.

Fátima no Brasil

Se o que sob esta epígrafe veio publicado na «Voz da Fátima» de Novembro último demonstrava bem positiva e evidentemente o progressivo desenvolvimento que em Pernambuco ia dia a dia tendo a devoção a N.ª S.ª da Fátima e a benéficente e generosa correspondência da Mãe do Céu aos seus numerosos devotos, a pouco mais de 2 meses de então estamos agora e o entusiasmo sempre crescente não encontrou ainda limites, como muito menos os encontrou em seus maternais e portentosos benefícios a Virgem Mãe bemditíssima. Tanto assim é quanto à primeira parte desta dupla asserção, que o incessante crescimento da devoção mesmo quanto à sua parte extrínseca já fez se desse maior amplitude ao altarzinho, onde, ao menos nos dias festivos, se possa em maior escala mostrar aos olhos o que o coração dos devotos vai cada vez mais sentindo. Vê-se desta forma e sente-se ao mesmo tempo o sem parar da devoção, como se sente em seu doce aroma o recender das vicejantes flores que, nunca menos de 3 vezes por semana, devotas famílias ali trazem sempre novas em substituição umas das outras, mal lhes dando tempo de murcharem.

E que lindo êle estava no dia 13 de Outubro!... Qual gracioso trono à portuguesa ficou tão belo que alguém só soube compará-lo ao Santo Sepulcro. E disse bem, não porque inspirasse qualquer ideia fúnebre, mas porque copiava admirávelmente o sublime encanto e o fino primor de semelhantes tronos em que a arte rivalisa com o bom gôsto. Ao nosso emprestou-lhe o céu para forrá-lo o seu azulado manto que tanto realce dava à imaculada alvura das flores que de cima a baixo o adornavam e por entre as quais à guisa de estrêlas numerosas nelas irradiavam seu brilho!...

Se bem que menos esplendorosa, nem por isso foi menos devota a festinha de despedida que a N.ª S.ª de Fátima se fez no Domingo que serviu de encerramento aos catecismos para o povo que é de praxe interromper durante os meses de férias. Já acomodado à ampliação do altarzinho foi inaugurado um novo e vistoso frontal que com o conjunto das variegadas flores e o esplendor das velas constituia no seu todo um verdadeiro mimo, cuja lembrança não mais se apagará da memória, ao passo que o coração conservará dela a mais viva saüdade.

Pelo que toca à correspondência da Mãe bemditíssima, até que ponto é benéfica e exuberantemente generosa, fàcilmente o verá quem ler as narrativas seguintes.

I

Fôra um patrício nosso, de nome Plácido Alves de Faria, acometido de gravíssima doença que, apesar de uma solícita assistência médica e dos mais carinhosos desvelos da dedicada família, a nada cedia, ia apresentando sintomas cada vez mais assustadores, chegando a ter a garganta e a língua em tal estado de inflamação que inspirava deveras compaixão, impossibilitado não só de falar mas até de engulir ainda mesmo qualquer líquido sem gravíssimo incómodo. Foi neste estado que, um outro patrício, Tomás José Ribeiro, o foi encontrar, e tão grave o achou que lhe pareceu só por milagre poder-se salvar. Lembrando nesse momento de que no dia seguinte chegaria de volta de Portugal um amigo que lhe traria água de N.ª S.ª de Fátima, animou o doente com a promessa de que apenas a recebesse sem demora lhe traria alguma a ver se N. S.ª lhe restituia a saúde, o que os médicos, ou não conseguiriam, ou só com muitíssima dificuldade o viriam a fazer. Cumprida a palavra pelo dedicado amigo, não fez N.ª S.ª esperar o prodígio, pois tomar o doente as primeiras gotas e começar dentro em pouco a sentir e manifestar visíveis melhoras foi uma e a mesma coisa com espanto até do próprio médico assistente que, sem saber a causa, o veio contra tôda a espectativa encontrar notabilíssimamente melhorado. E estas melhoras se foram daí em diante cada vez mais acentuando, não tardando muito o querido doente a ficar completamente restabelecido, confessando-se então, como ainda hoje, sumamente grato pela feliz lembrança de tão bom amigo e por tão prodigiosa intervenção de N.ª S.ª do Rosário de Fátima.

II

No hospício da Tamarineira estava positivamente moribunda a Irmã Angela, estimada religiosa da benemérita Congregação de S.ta Ana. Fora já dos recursos médicos, não se lhe procurava mais outra assistência que a religiosa, tendo sido carinhosamente assistida por diversos Sacerdotes e até pelo próprio Prelado que também lhe quis levar a que com razão se podia supor última bênção de despedida. Sabendo quanto era estimada e quão sentida seria a sua perda, acabando de receber de Fátima um garrafãozinho da água milagrosa, tomando dela um frasco juntamente com uma novena da mesma Senhora fui levar uma e outra coisa à doentinha que já encontrei pouco menos que agonizante, assistida pela Superiora e diversas outras Irmãs. Consegui mesmo assim falar-lhe e ser por ela reconhecido, anunciando-lhe a água de N.ª S.ª de Fátima que ali lhe trouxera e que por intermédio da dita Senhora íamos pedir a sua cura. Deu-se-lhe logo um calicezinho e ali mesmo, acto contínuo, princípio a novena. Foi tão surpreendentemente eficaz o resultado obtido que a doente, que instantes antes quási não dava sinais de vida, começa com ar de gracejo, se bem que em tom de lamento, a dizer para os ali presentes com voz bem inteligível: «Ora eu já estava com um pé lá dentro e S. Pedro tornou-me a mandar para baixo; antes me deixassem entrar de vez, estando como estava tão bem preparada».

N. Senhor porém tinha outros designios: glorificár sua Mãe naquela tão evidentemente maravilhosa intervenção e poupar àquela Comunidade e Congregação o desgôsto de terem que chorar a perda de tão estimada Irmã. Melhoras que tais princípios tiveram, que muito é que se fôssem sempre mais e mais acentuando para maior satisfação de sua Superiora e Irmãs e para cada vez mais esplêndida glorificação de N.ª S.ª do Rosário de Fátima!...

III

Em meados de Julho de 1930 por ocasião de um retiro espiritual dado às Filhas de Maria do Instituto de N.ª S.ª do Carmo do Recife, tive conhecimento do grave estado de saúde em que se encontrava uma ex-aluna do mesmo Instituto, de nome Ligia, então normalista de 2.º ano. Na idade de 16 anos em que se encontrava, ainda não fizera a 1.ª Comunhão, mas tão sòmente a promessa de a fazer na primeira oportunidade. Acometida de um tifo de péssimo carácter, não foi preciso muito para que ficasse em estado gravíssimo. Foi neste estado que a pedido da Directora do dito Instituto a fui visitar, a ver se haveria possibilidade de assim mesmo a dispôr a fazer a sua 1.ª comunhão.

Muito bem acolhido pela família, fui encontrar a doente em tal estado que, abrasada em altíssima febre, entre continuados gemidos, de nada dava acôrdo do que se passava à roda de si. Com os olhos fitos em mim, não tinha consciência de nada. Impossível portanto fazer qualquer tentativa a não ser por intervenção sobrenatural. Ainda que, por motivos particulares, as circunstâncias não eram muito favoráveis, não hesitei em meter de permeio a Nossa Senhora da Fátima. Dei à mãe e à irmã uma novena e um frasquinho de água milagrosa que foi devidamente utilisada, e, com notável surpresa de todos, inclusive do próprio médico, a doentinha arribou e pôde muito à vontade preparar-se e fazer mais tarde com solenidade a sua 1.ª Comunhão na Capela do mesmo Instituto em que no coração lhe fôra anos antes lançada a semente que tais frutos de bênção, em tão excepcionais circunstâncias, ao diante havia de produzir.

P.e João de Miranda S. J.

O Brasil a N.ª Senhora da Fátima

Visão de Luz, Senhora aparecida
Em Portugal, barquinha à beira-mar;
Levanta ferro, a esteira é conhecida,
E à nossa Terra vem desembarcar!

Terra que é tua, a terra brasileira
Reconheceu-te estando ainda além...
Se é para todos terra hospitaleira
Como não sê-lo vindo sua Mãe?

A ti correram multidões ditosas...
Vão receber-te em ânsia febril;
Na capital caiu chuva de rosas
Com boas-vindas rosas do Brasil!

De Portugal-pequeno o amor intenso,
O culto e a língua, o sol e o céu azul,
Tudo aqui tens no Portugal-imenso,
Sob o Cruzeiro mágico do Sul.

Estrelas de oiro adornam teu vestido,
Contas de esmalte pendem-te da mão;
Contas nas mãos, te reza um povo unido,
Vinte estrelinhas tens no teu pendão!

Consigo trouxe outrora a independência
Vindo ao Brasil o rei de Portugal;
Vem pois também, Rainha de Clemência,
E independentes faze-nos do mal!

É mais florida a terra da beleza;
Sob os teus pés floriram os sertões;
Quão larga foi convosco a natureza
O seja a graça em nossos corações!...

(De «O Echo» de Porto Alegre — Brasil)

Este número foi visado pela comissão de censura.

ANO IX — LEIRIA, 13 de Junho de 1931 — N.º 135

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

A Sagrada Epopeia de Fátima

Portugal, terra de Santa Maria. - A grande peregrinação nacional de maio. - O venerando episcopado em Fátima. - Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. - Scenas paradisíacas.

PEREGRINAÇÃO DE MAIO DE 1931 — Procissão de Nossa Senhora com os prelados portugueses incorporados e presidida por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca.

O mais belo santuário do mundo

Dia 13 de maio de 1931!

Decorreu mais um ano depois que a augusta e gloriosa Raínha do Céu se dignou aparecer, pela primeira vez, aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel, Lúcia, Francisco e Jacinta, privilegiados e ditosos videntes de Fátima.

Há catorze anos ninguém era capaz de prever que aquele local árido e deserto conhecido pela designação popular de «Cova da Iriae, em que se elevava a azinheira sagrada, havia de ser, a breve trecho, teatro de tantas scenas bíblicas, estância de tão assombrosas maravilhas divinas, manancial perene e inexgotável de preciosas graças e bênçãos do Céu.

A voz débil de três crianças rudes e ignorantes, tornando-se mais poderosa e mais eficaz que a dos maiores potentados do mundo e a dos mais célebres generais de que nos fala a história de todos os tempos, fêz desfilar por essa terra virgem, no espaço de três lustros incompletos, como se essa voz fôsse uma voz dominadora de comando, exércitos pacíficos de centenas de milhares de homens, que já hoje constituem no seu conjunto uma soma de alguns milhões.

Fátima, com as suas peregrinações, com os seus mistérios, com os seus prodígios, com as suas graças, com os seus doces e inefáveis encantos espirituais, é hoje o mais extraordinário de todos os santuários da terra, o trono mais esplendoroso de culto à Santíssima Eucaristia e a mais bela estância de devoção à augusta Mãe de Deus.

Já não é apenas Portugal inteiro que ajoelha e reza na santa montanha das aparições; os demais povos, neste quadrante único da história, tão cheio de dolorosos pontos de interrogação, voltam-se instintivamente para o nosso sol de graças que desponta no horizonte por sôbre o coração geográficó da nossa Pátria e eis que dos grandes centros da Europa e do Próximo Oriente como dos palmares da India e das florestas do Novo Mundo e das Ilhas da Oceania, luzidas embaixadas sucedem-se umas às outras, cada vez mais numerosas, para virem depôr aos pés da misericordiosa Senhora Aparecida, preitos de homenagem, tributos de amor e petições de graças.

O' Virgem celeste, bemdita sejais, mil vezes bemdita, vós que em Fátima, entre urzes e azinheiras, levantastes o mais formoso santuário da terra, onde acolheis,

com ternura verdadeiramente maternal, todos os portugueses, filhos desta terra que é vossa, porque é e quere ser sempre, a gloriosa terra de Santa Maria.

A grande velada de armas

Portugal, pela voz do seu venerando Episcopado, — o mais admirável Episcopado do mundo, na frase do Eminentíssimo Cardial Locatelli, antigo Núncio em Lisboa, — vai consagrar-se, solene e oficialmente, ao Puríssimo e Imaculado Coração da sua Augusta Padroeira. Por isso, de todos os pontos do país, as multidões de fiéis dirigem-se para Fátima e aquelas, cujos recursos não lhes permite viajar doutro modo, fazem a pé longos trajectos, às vezes de dezenas de léguas.

No dia 12, véspera do décimo quarto aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora, a Cova da Iria transforma-se, logo às primeiras horas da manhã, num vasto oceano de cabeças humanas. Durante o dia e sobretudo às últimas horas da tarde, as *camionnettes* e os automóveis enxameiam as estradas que conduzem à Lourdes portuguesa, indo ocupar numa extensão de muitas centenas de metros, a um sinal dos polícias de trânsito, os terrenos adjacentes da grande estrada de Vila Nova de Ourém à Batalha.

O espectáculo que oferecem os campos marginais repletos de veículos de tôdas as formas e tamanhos impressiona pela sua grandiosidade. Parece que se está assistindo a uma gigantesca mobilização de tropas ou, para melhor dizer, ao deslocamento formidável dum povo que, por motivo de fôrça maior, tivesse de abandonar, aliás na melhor ordem, a região que até êsse momento habitara.

Graças ao Senhor, ainda há fé e piedade, ainda se crê e se reza nesta boa terra de Portugal!

A procissão das velas

É noite. São dez horas.

Estão presentes quási todos os Bispos de Portugal. Faltaram apenas três que, mau grado seu, não puderam comparecer: os Prelados de Lamego e Bragança e o Auxiliar da Guarda. O venerando Cardial Patriarca de Lisboa, exuberante de mocidade e de vida, atravessa a custo por entre alas compactas de povo, que, poucas horas antes, lhe fizera uma verdadeira apoteose, à sua chegada aos domínios do Santuário. Seguem-no os outros Prelados, que formam como que a sua côrte de honra. Vão todos ocupar os lugares que lhes estão reservados na varanda da capela das missas.

Rezado o terço, aquela imensa mole de fiéis, semelhante a um oceano sem praias, põe-se em movimento, dando assim início à procissão das velas. São dezenas, talvez centenas de milhares de lumes, que transformam de repente, como que por encanto, num lago de fogo, o recinto sagrado das aparições.

O espectáculo que então se contempla não se pode descrever e é daqueles que nunca mais se esquecem.

Entre dezenas e dezenas de outras peregrinações passam agora em frente da varanda do Albergue de Nossa Senhora, levando à frente os seus estandartes, as do Patriarcado, Juventude Católica Feminina de Lisboa, Bemfica, Pôrto, S. Mamede da Infesta, Grupo das Mulheres Cristãs aos pés de Maria, do Pôrto, Paredes de Coura, Fundão, Caldas, Almeirim, Portalegre, Evora, com mais de seiscentos peregrinos, Alvorge, Ancião, Troviscal, Vila Franca, Alhandra, Algarve com cêrca de oitocentos peregrinos, Várzea, Arrimal, Aguim (Curia), Vila Chã de Ourique, etc.

Do Minho e Trás-os-Montes ao Algarve, Portugal fêz-se presente em Fátima.

A meia noite, tôdas as luzes se concentram de novo em tôrno da capela das Missas.

Canta-se o «Credo» em latim, num côro formidável, em que milhares de vozes parecem fundir-se numa só voz — a voz de Portugal crente, de Portugal, que aclama Jesus, o Rei de amor, e Maria, sua Mãe Santíssima, excelsa Padroeira da Nação.

Extintos os últimos acentos do «Credo», vão-se apagando, pouco a pouco, os cirios que durante três horas encheram de luz e côr todos os recantos da vasta esplanada do recinto das aparições.

A adoração nocturna

Já passa da meia noite. Começa a tocante cerimónia da adoração pública e solene do Santíssimo Sacramento.

Reza-se o terço do Rosário. Na primeira hora, consagrada à reparação nacional, prega Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Évora, nos intervalos das dezenas, sôbre os mistérios gloriosos do Rosário.

As palavras do venerando metropolita são palavras estuantes de fé e de piedade. Êle recomenda que se ore pela nossa Pátria, que se faça penitência reparadora pelos erros e crimes dos portugueses.

Maria Santíssima é Rainha do Céu e da Terra, é Rainha de Portugal. Nós somos seus vassalos, mas prezêmo-nos sobretudo de ser seus filhos, amando enternecidamente a Mãe carinhosíssima que Ela é. Amêmo-la, cumprindo a lei de seu Divino Filho, proclamando a sua Realeza de facto nos corações, nas famílias e na sociedade de Portugal.

Amemos e soframos, imolando-nos, em expiação de tantos e tão grandes desvarios individuais e colectivos.

«Mãos em súplica», exclama o ilustre Prelado; peçamos à Virgem Santíssima que ouça êste brado e veja as nossas lágrimas e escute as nossas preces.

«Rainha do Céu, Rainha e Padroeira de Portugal, que Ela salve e redima a grande família portuguesa».

Cá fora, no recinto do Pavilhão e na esplanada, o côro das vozes, alastrando pela multidão imensa, correspondia, numa apoteose intraduzível, à súplica veemente do Venerando Antistite.

Advenia! Que o vosso Reino, ó Jesus, Rei de amor e de paz, venha a nós pelas mãos de Maria, a Virgem Padroeira da Nação, a augusta Rainha de Portugal!

Sucederam-se as adorações até às seis horas da manhã, sempre com a mesma assistência de fiéis, a-pesar-da baixa temperatura que fazia às primeiras horas da madrugada.

Mais de 200 missas — Trinta e três mil comunhões

Às 5 horas, Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria celebrou a missa, a que assistiram e comungaram os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, tendo feito ao Evangelho uma pequena prática sôbre a virtude da caridade. Às 6 horas, o venerando Primás das Espanhas celebrou, no altar em frente da Basílica, a primeira missa rezada nesse local. Noutros altares ofereceram o santo sacrifício os restantes Prelados e os sacerdotes peregrinos em número superior a duzentos.

Durante três horas e meia, vinte e cinco sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola distribuiram o Pão dos Anjos a mais de trinta e três mil pessoas.

Os fiéis estavam dispostos em longas filas, uma das quais media cêrca de trezentos metros de comprimento, pois extendia-se desde o limiar da futura igreja até ao pórtico principal do Santuário.

No Albergue de Nossa Senhora do Rosário foi o rev.do Augusto de Sousa Maia, secretário do Senhor Bispo de Leiria e professor no Seminário daquela cidade, quem distribuiu a Sagrada Comunhão aos doentes.

No Posto das verificações médicas.

Mercê da afluência extraordinária de doentes, foi preciso reservar o benefício da hospitalização e o direito de entrada no recinto correspondente ao do Pavilhão em frente da entrada da Basílica só aos doentes que se achavam em estado mais grave. No Albergue foram destinadas duas enfermarias para os homens e outras duas para as mulheres. Por falta de leitos, muitos doentes ficaram em camas no chão ou em cadeiras. As inscrições nos registos do Posto elevaram-se ao número de trezentas, sendo os casos mais vulgares os de tuberculose pulmonar, mal de Pott, tuberculose óssea, lepra, coxalgias, paralisias, hemiplegias, flebites, nefrites, doenças do coração, das artérias e do sistema nervoso.

Entre os médicos que prestaram serviço no hospital, gratuita e desinteressadamente, como sempre, podem ser mencionados os seguintes, que foram dum zêlo e dedicação inexcedíveis e duma paciência a tôda a prova: dr. Pereira Gens, da Batalha; Remo de Noronha, da India Portuguesa; Fernando Costa e Almeida, da Anadia; Américo Cortês Pinto, de Leiria; Manuel Sereto Moniz, de Evora; Artur Almeida e Melo, de Carnide; Luís Antunes Serra, de Lisboa; João Baptista Gonçalves, de Bragança; José de Carvalho, José Simões de Figueiredo, Armando Abreu Freire, de Avanca; Manuel Lopes Falcão, de Alhos Vedros; Abel Chaves, do Pôrto; Luís Adão, de Lisboa; D. Carlota Múrias, de Lisboa; Augusto Vaz Serra, de Coimbra; Laureano Sardinha, de Portalegre; Domingos José de Carvalho, de S. Brás de Alportel; Augusto Mendes, de Tôrres Novas; António Domingos da Silva, Gonçalo Peixoto de Bourbon, Manuel José de Macedo Barbosa, de Vila Verde; Gualdino Queirós, José Salvador Vieira, de Tortozendo, e Francisco Dias.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário rivalizaram com os médicos em solicitude e desvelo para com os doentes, quere transportando-os, quere atendendo-os nas suas múltiplas necessidades.

grande procissão de Nossa Senhora.

Pouco antes do meio dia, começou a organizar-se na capela do hospital o cortejo dos Prelados. Estes, de mitra e capa dourada, tomaram lugar na magnífica procissão pela seguinte ordem: Bispo titular de Gurza, Bispo de Vizeu, Bispo Coadjutor de Lamego, Bispos do Pôrto, Beja, Portalegre, Leiria, Algarve, Coadjutor de Coimbra, Bispo da Guarda, Bispo Conde, Arcebispos de Vila Real, Évora e Braga e Cardial Patriarca de Lisboa, rodeado de cónegos mitrados.

À frente seguem as dignidades eclesiásticas, sacerdotes de sobrepeliz, deputações dos seminários de Santarém, Évora e Leiria, irmandades e confrarias com os seus guiões ou estandartes. O majestoso e imponente cortejo, depois de ter passado pela capela das aparições para levar a Imagem da Virgem de Fátima, subiu pela avenida esquerda até à entrada do recinto dos santuários, descendo em seguida pela avenida central. Grupos de peregrinos estrangeiros de Espanha, da Inglaterra, da Alemanha e até da América, assistiam mudos de asombro e de comoção, àquele espectáculo paradisíaco.

Duarnte o percurso, a multidão, impulsionada pela sua fé e pela sua piedade, rompe de todos os lados em vivas e aclamações a Nossa Senhora, à Igreja, ao Papa, à Pátria e aos Prelados Portugueses. Repete-se, uma e muitas vezes, a scena clássica, sobremaneira comovente, do acenar dos lenços. Há momentos em que o entusiasmo sobe ao auge, atingindo as proporções de delírio.

Diversos aviões militares aparecem de vez em quando por sôbre a Cova da Iria e os tripulantes acenam com os seus lenços, sendo correspondidos pela multidão.

Num altar improvisado, em frente da átrio da Basílica, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, acolitado pelos rev.dos Cónegos Martins do Rego e Silva Garcez, celebra a missa dos doentes, que é acompanhada de cânticos pela multidão.

Terminada a missa, foi exposto num trono o Santíssimo Sacramento e recitado o terço do Rosário sob a presidência do rev.do Cónego João Francisco dos Santos, abade da Sé do Pôrto.

Alocução do Eminentíssimo Cardial Patriarca—A consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria

O venerando Cardial Patriarca aproxima-se depois do microfone e profere uma vibrante e sentida alocução.

Meio milhão de portugueses estão ali presentes, presos do verbo de fogo da sua bôca de oiro. É êste talvez o momento mais solene de tôda aquela jornada magnífica.

O ilustre Prelado não fala; com a sua voz comovida, fazendo a largos traços a história sublime de Fátima, canta um formoso, um extraordinário poema: o poema da bondade e do amor do Coração de Maria para com os portugueses, sintetizado na estrofe maravilhosa e incomparável da Cova da Iria!

Principia a leitura do texto da consagração. Aquela mole imensa de povo cai de joelhos. Faz-se um silêncio sepulcral. Parece que se aspiram eflúvios do Céu. Estão ali reunidas as côrtes gerais da Nação, em que tomam parte representantes de tôdas as províncias, tôdas as cidades, vilas e aldeias da terra de Santa Maria. Portugal, consagrado em Fátima por todo o venerando Episcopado, oficial e solenemente, ao Coração Puríssimo da Virgem Imaculada, sua augusta Padroeira, sob as invocações do Rosário, das Dores e do Carmo, como ela se manifestou aos três videntes, é hoje e será dora àvante, mais que nunca, e irrevogàvelmente, um feudo sagrado e inviolável da augusta Rainha do Céu!

A bênção dos doentes

Sua Eminência, após a consagração de Portugal a Nossa Senhora de Fátima, deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos numerosos doentes, que ocupavam a parte da esplanada junto da escadaria da futura igreja, abrigados por toldos que os preservavam dos raios do sol.

Esta cerimónia, sempre bela e sempre comovente, foi, desta vez, mais bela e mais comovente do que nunca.

Impressionavam sobremaneira a serenidade dos doentes, a sua fé viva e a sua piedade ardente. Em fervorosas súplicas, imploravam da Hóstia Divina, que os abençoava, de dentro da custódia que a continha, a esmola da cura ou a graça do confôrto celeste e da resignação cristã. Os olhos de todos os que asistiam a esta scena inolvidável marejavam-se de lágrimas. O venerando Cardial de Lisboa, sem embargo do esfôrço violento que fazia sôbre si mesmo, deixava transparecer no rosto a funda comoção que lhe ia na alma, na sua alma tão nobre como delicada e sensível em extremo.

Concluida a bênção dos enfermos, é dada a bênção geral com o Santíssimo Sacramento e em seguida os venerandos Prelados abençoam em conjunto a multidão.

O cortejo do adeus

Organiza-se por fim a procissão de despedida, o cortejo do adeus, em que a Imagem de Nossa Senhora é reconduzida, com a mesma solenidade e com o mesmo entusiasmo, da Basílica à Capela das Aparições.

De novo palmas, vivas, flores e lágrimas!

No momento em que a veneranda Imagem, precedida dos Prelados e do restante clero e seguida pelos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário e por uma incalculável massa de povo, passa junto da fonte miraculosa, alguém solta um numeroso bando de pombas brancas que voam em tôdas as direcções, indo muitas delas pousar no telhado do Albergue dos doentes.

Durante a procissão era quási incessante a chuva de pétalas que a multidão espargia sôbre o andor da Virgem e sôbre a cabeça do nobre Cardial Patriarca de Lisboa.

São três horas da tarde.

Estão concluidas tôdas as cerimónias oficiais desta jornada esplêndida e gloriosa.

As curas extraordinárias

Os Prelados vão tomar uma pequena refeição na Casa dos Servitas e depois fotografam-se em grupo. Na sala em que estão reünidos entra um venerando octogenário do Pôrto que, à bênção dos doentes se sentiu curado duma paralisia que havia um ano o retinha imobilizado no leito.

Fazia parte da peregrinação de S. Mamede da Infesta.

Um dos Prelados, ao vê-lo caminhar tão depressa, com uma agilidade e um desembaraço tão raros numa pessoas de idade avançada, exclama graciosamente: «Dizem que anda! Êle não anda, corre...».

Nos diversos grupos que se formam, antes da dispersão final, para troca fugitiva de impressões, comentam-se outras curas que corre terem-se verificado naquele dia também por ocasião da bênção dos doentes e, entre elas, a cura dum cego.

O êxodo dos peregrinos

Os peregrinos começam a retirar-se daquele local de maravilhas. Dos peitos, profundamente comovidos, sai o cântico:

Um terno adeus de saudade
Te dão hoje os filhos teus
. . . . . .
Adeus! Adeus!

O debandar da multidão, daquela multidão imensa que se assemelha a um poderoso exército faz-se em silêncio, no meio da maior ordem, quási automàticamente, como se tratasse de deslocar um grande acampamento militar à ordem imperiosa e prontamente acatada dos respectivos comandos.

Agora das centenas de milhares de vozes de peregrinos apenas ecoam nos nossos ouvidos, como rumor vago de oceano longinquo, o murmúrio das preces, os cânticos, os vivas e as palmas.

Portugal, desde hoje, conta mais um dia que ficará assinalado em letras de ouro nas páginas da sua história, dia de glória para Deus, de triunfo para a Virgem, e de promessas fagueiras, de esperanças radiosas e de inefáveis consolações para todos os filhos desta bendita terra de Santa Maria!

Visconde de Montelo

Notas várias

— Muitas senhoras trouxeram lindas flores dos seus jardins para desfolhar sôbre a imagem da SS. Virgem à passagem da procissão.

— O Rev. P.e Matéo que muito desejava tomar parte na peregrinação, mas não pôde por causa dos seus trabalhos apostólicos, mandou ao Sr. Bispo de Leiria o seguinte telegrama: — De joelhos no meio da multidão fervorosa peço com ela a Nossa Senhora da Fátima a santificação do querido e venerando clero português. P.e Matéo.

— O Sr. Bispo de Leiria resou com a multidão 5 Avé Marias pelas intenções do Rev. P.e Matéo e pela santificação do Clero.

— A-pesar-da multidão enorme da acumulação e veículos de tôdas as formas e lugares não houve a minima desordem nem desastres a lamentar.

— Pela estrada do Reguengo passaram desde o nascer do sol do dia 12 até à meia noite do dia 13 — 6582 veículos.

Não sabemos quantos passaram pelas estradas de Tomar, Ourém, Entroncamento, Torres Novas e Minde mas calculando por baixo outros tantos dá o numero formidável de 13.164.

— O Sr. Bispo de Leiria recebeu o seguinte telegrama do Ceará (Brasil): Colónia portuguesa inaugurando culto Senhora da Fátima sauda V. Ex.cia. — Comissão.

A Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria

Depois da missa dos doentes, no dia treze de Maio, terminada a alocução de Sua Eminência, todos os Prelados foram prostrar-se diante do altar de Nossa Senhora de Fátima. Ajoelhou-se, por sua vez, a multidão dos peregrinos. E o venerando Senhor Cardial Patriarca, em voz vibrante, transmitida pelos megafónios a todos os fiéis, leu o seguinte acto de consagração à Santíssima Virgem:

Nossa Senhora de Fátima que vos dignastes descer à nossa terra, como a bemdita estrêla da manhã, que anuncia depois da cerração da noite a aurora da luz e da esperança, elevando aqui o vosso trono de misericórdia para repetir a Portugal inteiro o que dissestes em Caná: «Fazei tudo o que meu filho vos disser!» para achardes perdão e paz e felicidade:

Vós que aqui vos manifestastes a olhos inocentes sob a tríplice invocação de Senhora do Rosário, das Dores e do Carmo — como se nos quisésseis mostrar que é na imitação dos mistérios da vida de Jesus, que o vosso Rosário recorda, que nos tornaremos semelhantes a Êle; e na compaixão das vossas Dores que aprenderemos o horror ao pecado e o amor à mortificação; e na oração e na penitência da mística montanha do Carmo que nos purificaremos e alcançaremos misericórdia:

Senhora do Rosário, cujo Coração é a fiel imagem do Coração de Vosso Filho, pois nele vivestes tão íntima e perfeitamente a vida de Jesus, que o Salvador brilha no vosso peito como uma Eucaristia sem véus, sendo certo que é por Vós que se chega a Jesus:

Senhora das Dores, cujo Coração foi trespassado por um gládio de dôr, sofrendo nele todos os sofrimentos de Vosso Filho, afim de com o preço do Seu sangue e das vossas lágrimas obterdes misericórdia para nós e nos livrardes do fogo do inferno:

Senhora do Carmo, cujo Coração maternal não esquece nenhum dos seus filhos, anseia por os reunir a todos no Paraíso, mesmo os que nós já esquecemos, aliviando as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas:

Os Pastores escolhidos por Vosso Filho para guardarem e apascentarem em Seu nome as ovelhas que Êle adquiriu com o Seu Sangue, nesta terra de Santa Maria, cujo nome se não pode pronunciar sem pronunciar o Vosso, veem hoje solenemente consagrar-vos, como os representantes ungidos e oficiais dos seus rebanhos, a Nação Portuguesa ao Vosso Coração Imaculado, num acto de filial vassalagem de fé, amor e confiança — afim de que vós, tomando-a de nossas mãos frágeis nas Vossas, a defendais e guardeis como coisa própria vossa, fazendo que nela reine, vença e impere Jesus, fora do qual não há salvação.

Nós, os Pontífices do nosso povo, sentimos rugir em tôrno a procela temerosa, que ameaça dispersar e perder o rebanho fiel dos que vos bemdizem por serdes a Mãe de Jesus, e aflitos erguemos para o Vosso Filho as mãos suplicantes, gritando-Lhe: salva-nos, Senhor, que perecemos! *Erguei-as connosco, ó Virgem Sacerdote, pois que elas são omnipotentes sôbre o Coração misericordioso de Deus, a Quem Vós oferecestes a Hóstia pura que dá ao Altíssimo tôda a honra e tôda a glória: afim de que se não perca para nós o Sangue de Vosso Filho e as vossa lágrimas:*

Intercedei por Portugal, Senhora, nesta hora gravíssima em que sopram do Oriente ventos furiosos que trazem gritos de morte contra Vosso Filho e a cultura fundada-sôbre os seus ensinamentos, desvairando as inteligências, pervertendo os corações e inflamando o mundo em chamas de ódio e de revolta, — Socôrro dos Cristãos, rogai por nós!

Intercedei por Portugal, Senhora, nesta hora conturbada em que as vagas imundas duma imoralidade já sem véus, que perdeu até a noção do pecado, prègando diante da Cruz de Vosso Filho a rehabilitação da carne, ameaça afogar no mundo o lírio da virtude que se alimenta do Sangue eucarístico de Jesus. — Virgem poderosa, rogai por nós!

Intercedei por Portugal, Senhora, nesta hora torva de paixões e de incertezas, em que até os bons correm risco de perder-se...

Uni todos os portugueses na obediência ao Vosso Filho e no amor da Igreja e no culto da virtude e no respeito da ordem e na caridade fraterna. — Raínha da Paz, rogai por nós!

Lembrai-vos, emfim, ó Padroeira da nossa terra, de que, Portugal ensinou tantos povos a saudar-vos bemdita entre tôdas as mulheres. Em memória do que fez pela Vossa glória, salvai-o, Senhora de Fátima, dando-lhe Jesus, em quem êle encontrará a Verdade, a Vida e a Paz.

Alocução de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa no dia 13 de maio em Fátima.

Terminada a missa dos doentes e rezado o têrço do Rosário, Sua Eminência Reverendíssima o Senhor D. Manuel II, Cardial Patriarca de Lisboa, dirigiu aos fiéis a seguinte alocução que lhes foi transmitida pelos megafónios:

Os Bispos de Portugal, os vossos Pastores, reüniram-se hoje aqui para agradecer a Nossa Senhora de Fátima a visita que se dignou fazer à nossa terra.

Para que seja completa esta cerimónia de acção de graças, êles vão consagrar os seus trabalhos e os destinos de Portugal ao Coração Imaculado de Maria. A consagração ao Coração Imaculado de Maria é o complemento da consagração nacional ao Sagrado Coração de Jesus feita pelo episcopado português.

Cristãos: Nossa Senhora, descendo a Fátima, fez dela como que a nossa Belem portuguesa.

Se a Virgem Maria em Belem deu Jesus ao mundo, Jesus que é verdade, vida, perdão e paz, descendo a Fátima como que nos fez uma nova doação de seu Filho.

Fátima tornou-se um santuário nacional de onde Ela repete a todos nós: — Fazei tudo que meu Filho vos disser.

Mãe de Deus, nós não recebemos a Jesus senão por seu intermédio, senão pelas suas mãos.

O seu Coração e o Coração de Jesus estão tão unidos que o dela é bem o reflexo do de Jesus. Jesus vive no seu peito como Eucaristia sem véu. É, pois, necessário que quem quere ir a Jesus vá a Maria.

A consagração que de Portugal inteiro os Pastores aqui reünidos vão fazer é um complemento da consagração que há três anos fizeram ao Coração Santíssimo de Jesus.

A fórmula então recitada e todos os anos renovada já invocava a Maria para que Jesus viesse por Ela.

Já que não somos puros e santos, hóstias santas a oferecer ao Pai Eterno, confiamo-nos nas suas mãos maternais, para que nos apresente, nos lave e purifique no seu sangue, e, tornados hóstia pura, santa, imaculada, nos ofereça de novo a seu Filho a quem é devida tôda a honra, todo o louvor e tôda a glória por todos os séculos dos séculos.

Indulgências concedidas pela Santa Sé. Sagrada Penitenciaria Apostólica

Beatíssimo Padre.

O Presidente da Pia União dos Servos de Nossa Senhora, canònicamente erecta no Santuário de Fátima, da Diocese de Leiria, prostrado aos pés de Vossa Santidade, humildemente pede, em favor da mencionada Pia União, as seguintes Indulgências:

I — *Plenária*, a lucrar, sob as condições ordinárias:

1) por aqueles que se inscreverem na Pia União, no dia da entrada;

2) por cada um dos associados, nas festas seguintes: — *a)* Sagrada Família; *b)* Imaculada Conceição, Natividade de Nossa Senhora, Apresentação, Anunciação, Visitação, Purificação, Assunção, Nossa Senhora das Dores (sexta-feira depois do Domingo da Paixão), Medianeira Universal de todas as graças, Nossa Senhora do Rosário.

II — *Plenária em artigo de morte*, a lucrar pelos associados que, tendo-se confessado e comungado ou, pelo menos, arrependidos de suas culpas, invocarem devotamente com os lábios, sendo possível, ou ao menos com o coração, o Santíssimo Nome de Jesus e aceitarem resignados a morte da mão do Senhor, como pena devida ao pecado.

III — *Parcial de 7 anos e 7 quarentenas*, a lucrar, em qualquer dos dias de peregrinação, por cada um dos associados, ao menos com o coração contrito, se cumprirem o seu ofício segundo os Estatutos da Pia União.

E Deus, etc...

11 de Março de 1931.

A Sagrada Penitenciaria Apostólica benignamente concedeu as graças, segundo o pedido, por sete anos, não obstante qualquer disposição em contrário.

Lugar do Sêlo

S.Luiso S. P. Reg.

P. R.

S. de Angelis, Substi.

Visto

† JOSÉ, *Bispo de Leiria*

Êste número foi visado pela comissão de censura.

Contas de Benção

Era à tardinha...

A grande multidão já tinha debandado havia muito.

Dos milhares de fiéis que, desde o alvorecer, alí tinham manifestado a sua fé, poucas dezenas restavam teimosamente apegadas às pedras duras da Serra.

Alguma graça importante que o Céu parecia negar, tribulações ou necessidades urgentes, quem sabe o que os prendia ainda naquela solidão ao declinar do dia?...

Humildemente recolhidos, deante da imagem na capelinha das aparições, oravam sem cessar.

De quando em quando, ora um ora outro, vão pondo fim à sua devoção, que o caminho é longo e o tempo não sobra.

E agora a vez dum rapaz esbelto e desempenado. De passo rápido e andar decidido vem-me passar em frente da barraca dos jornais.

Reconheci-o ao longe.

Raro é o dia 13 em que não vem à Fátima.

E sabe vir à Fátima...

Confessado da sua frèguesia é certo vir comungar à primeira comunhão.

E como êle comunga!?

Rapaz da aldeia põe contudo em todos os seus actos de piedade um tal aprumo, uma tal gravidade que a gente se compenetra de que elé sabe bem o que faz o porque o faz.

Foi porisso que, mal o vi, parei com o trabalho e chegando-me à frente o convidei a entrar.

—E impossível. Tenho ainda umas duas léguas para andar...

— Que é isso para as pernas de um rapaz?...

— Sério, sério! — E a minha gente pode ficar em cuidados... Já não vou nada adiantado. Cuidam que me fui fazer frade...

— E então?!...

— Por agora ainda não. Sabe vou para a tropa antes do fim do mês e vai quis-me vir despedir de Nossa Senhora.

Porisso é que me eu demorei mais um bocado.

Quem sabe quando cá voltarei?

E levo saudades da Fátima.

— Tens medo de por lá ficar...

— Medo não. Eu nunca me lembro de ter tido medo. Nem revoluções, nem a própria guerra me fazem impressão... talvez por não estar metido nela, mas é verdade.

— Outra coisa não há que temer.

— Ora essa?...

— Sim! Pode haver um desastre um atentado uma desordem uma doença: lá isso é verdade.

— É claro. Mas ainda não é isso que eu mais temo, na tropa. Isso também eu posso apanhar na minha terra.

— Não percebo.

— Percebe sim. Não lhe vem à lembrança agora.

Ora se percebe...

* * *

Tinham chegado entretanto mais dois rapazes conhecidos. Pararam perto de nós a ouvir. Depois duma pequena pausa como a reflectir, mais sério e mais concentrado o meu interlocutor continuava:

— Eu conheço, na minha terra, muitos rapazes que teem ido à tropa. Eram rapazes fortes, vigorosos, trabalhadores e crentes.

E vieram de lá alguns Deus sabe como...

Ora eu também gostava de ir para a tropa.

Quando mais tarde fôsse falar a uma rapariga para casar não queria que os pais suspeitassem que eu não pudesse trabalhar para a sustentar.

Quando apareci na inspecção e ouvi logo os oficiais todos à uma!

«Que belo rapaz! Dá um magnífico artilheiro!» foi uma alegria enorme para mim como se me tivesse saído a sorte grande.

Era certo que não tinha mazela nenhuma. Fiquei contente.

Vou para a tropa...

Mas queria voltar como vou: Com êste corpo forte que meus pais me deram, com a saúde ganha na minha aldeia e a fé e a virtude que eu amo tanto!

— Oh amigo, grita do lado um que voltara o ano passado, quem quere ser bom é-o em tôda a parte!...

— Bem sei! E Deus sabe se o quero ser...

— Pois bem! Fica descansado, atalhei eu, Deus hade ajudar-te. Não falta com a Sua graça a ninguém.

E a Virgem Nossa Senhora hade amparar-te...

Confia!

— Se me dás licença, volve-lhe o outro, quero dizer duas coisas sôbre a vida militar.

É necessário que tenhas sempre um grande amor à disciplina e respeito pelos superiores.

Acautela-te das companhias. Nem tudo o que luz é oiro.

Há por lá muito malandro com falinhas adocicadas que são só veneno.

Depois nem deante de camaradas nem deante de superiores seja de que patente forem, nunca tenhas medo de confessar e professar a nossa fé. Isto desde o princípio.

Mesmo os que não teem fé gostam de es encontrar com homens de carácter.

— E vive segundo a fé, rematei eu.

— Sim! continuou o outro: Hásde lutar e com que violência por vezes Santo Deus!

Mas fica certo de quem luta por Deus vence sempre.

* * *

O rosto do futuro soldado desanuviando-se daquela apreensão de momento retomava a sã alegria habitual. Acalorado o outro continuava ainda:

— Eu também fui tropa.

Já sei o que isso é.

Foram-me um cêrco até ao último dia para me perderem.

Nunca discuti com êles.

— E o que lhe dizia?

?...

— Oh rapazes tenho um amor muito grande ao meu corpo para o deixar por aí aos bocados».

É que ouvindo os repetidos conselhos de minha mãe eu soube defender-me sempre com galhardia: rezando a Nossa Senhora e comungando.

— Mas isso também eu heide fazer. Nossa Senhora bem sabe que eu sou devoto dela desde creancita.

Contou-me um dia minha mãe que, ainda pequenito, me Consagrara a Nossa Senhora.

Desde que me conheço tive sempre por ela uma grande devoção.

— Olha cá e rezas-lhe o terço.

— Todos os dias!

— Então descansa que a vitória é tua.

* * *

Ao largo e em frente da barraca ia apressado o «*Senhor da Fátima*» como o povo lhe chama.

Alto, forte, cabeleira farta, sobrancelhas habitualmente descidas a descansar sôbre os óculos, é na Fátima uma figura inconfundível.

Inconfundível também a sua personalidade moral.

Ao avistar-me de longe diz a despedir-se:

— Adeus oh doctor praeclarissime!»

— Adeus amigo! Bôa viagem!

* * *

— Vêem aquele cavalheiro que alí vai?

— Sim!

— Um dia aqui na Fátima não me lembro já bem em que sítio contou-me êle em duas palavras a história da sua vida de Coimbra.

É edificante e cheia de lições. Talvez te valha a ti e a tantos rapazes que dum salto se encontram arrancandos do seio da família e lançados em meios absolutamente contrários à sua fé, a sua moral, à sua virtude.

Ao recordar os tempos de Coimbra, dizia-me êle.

Olha, a luta é condição de vida. O Centro Académico de Democracia Cristã que nós fundámos, surgiu, numa época de luta, da necessidade de nos unirmos e defendermos.

Se a luta era viva tudo tudo ia bem; se esmorecia estagnava-se.

Os rapazes timbravam em se apresentar duma maneira irrepreensível por amor da sua Fé.

Havia uma virtude que então como hoje era brutalmente atacada e combatida — a Castidade.

Vi caír ao meu lado alguns dos melhores combatentes. Rapazes que nunca tinham saído do lar eram magnífica prêsa nas mãos da canalha.

Era necessária uma luta heróica de anos para um rapaz se manter puro.

Formei um plano, executei-o.

Foi Nossa Senhora que me defendeu — a arma foi o terço.

Depois de serenatas, de estórdias, de ceias prolongadas ou de passeios pelos arredores, por maior que fôsse o cansaço nunca me deitei sem rezar o meu terço.

Foi o terço que me guardou!

* * *

Enternecido e confiado, o futuro soldado despediu-se e com êle os outros dois rapazes envoltos na luz doirada que lhes vinha do poente.

E eu fiquei-me a pensar na epopeia bemdita do Rosário, na chuva de graças que êle faz descer sôbre o género humano.

Contas de vidro em mãos inocentes de criancinhas que mal sabem ainda balbuciar a Avé-Maria;

Contas de oiro ou prata em mãos roliças de burgueses ricos ou entre os dedos finos de damas gentis;

Contas de coquilho loiro em mãos calosas de camponeses pios: que lindo ornato, que magnífica prova de piedade cristã!...

Rezadas pelos pais à frente dos filhinhos, pelo operário ao findar do dia, lo padre entre os labores apostólicos; pela religiosa dentro do claustro ou pelo jovem—em sombra que avança são sempre —

Contas de bênçãos

Abril de 1931

Galamba de Oliveira

Nossa Senhora da Fátima e as Missões

Rainha dos Apóstolos, orai por nós

Tem sido admirável e abundante de frutos o apostolado exercido em Portugal pela devoção a Nossa Senhora de Fátima.

Povoações inteiras, adormecidas na prática da religião, vão sendo acordadas pela Santíssima Virgem que da Cova da Iria faz ouvir a sua voz por tôda a parte.

Os próprios pagãos começam a ser tocados pelo Coração da boa Mãe do Céu com a fundação de novas missões.

A conversão dos infiéis é a maior preocupação do Santo Padre Pio XI, hoje felizmente reinante.

O augusto Pontífice não perde ocasião alguma de manifestar o seu empenho e zêlo para que o nome e doutrina de Nosso Senhor se estendam por tôda a terra e o reino do Divino Coração penetre nas almas.

A preocupação do Santo Padre actual tem sido a preocupação da Igreja em todos os tempos

Pouco antes do nosso divino Mestre subir ao céu, ordenou aos seus discípulos e fiéis: *ide, ensinai tôdas as gentes* (Mat. 28.19), *prègai o Evangelho a tôda a criatura* (Marc. 16.15).

E os discípulos do Senhor cumpriram a sua ordem; foram por tôdas as terras então conhecidas e prègaram com tanto zêlo e com tanto fruto que, passados apenas trinta anos, S. Paulo podia dizer que a *fé era anunciada em todo o mundo*. (Rom. 1,8) e, volvidos 3 séculos, a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo hasteara-se por tôda a parte, substituindo as insignias gentílicas.

No 5.º século os missionários penetram na Asia oriental, nos séculos 11 e 12 evangelizam o norte da Europa e chegam até à América cujo caminho marítimo só mais tarde seria descoberto por Cristóvão Colombo e Pedro Alvares Cabral.

Com as descobertas dos Portugueses e Espanhois um campo de maior actividade se abriu aos trabalhos apostólicos dos missionários.

Continentes inteiros foram evangelizados.

Mas a seara é imensa e os operários são poucos.

Uma estatística recente diz que o exército missionário de Cristo-Rei se compõe actualmente de 121.752 pessoas, sendo 12.712 sacerdotes, 4.456 coadjutores, 30.756 religiosas, 73.828 coadjutoras.

Este exército missionário está distribuido pelo mundo da forma seguinte: 71.165 na Asia; 37.651 na Africa; 5.761 na América; 3.175 na Oceania.

Parece grande o exército?

Pois saiba-se que cada missionário tem diante de si para converter 80.000 pagãos Na Asia para 870.000.000 pagãos há só 8.155 sacerdotes cristãos.

Avaliam-se em 1.042.000.000 as almas que nunca ouviram falar em Nosso Senhor Jesus Cristo e que nem ao menos sabem dizer como o cego de Jericó:

«*Senhor, Filho de David, tem compaixão de mim.*»

Quem hade valer a tantas almas? Peçamos ao Senhor da seara que mande muitos operários, muitas vocações missionárias para a sua seara.

Cada um de nós tem de ser cooperador nesta grande obra.

Exige-o a *religião*, para chamar tantas almas imersas nas trevas do paganismo ao culto do verdadeiro Deus;

Exige-o a *caridade*, porque a conversão dos gentios é o maior beneficio que se lhes pode fazer;

Exige-o a *pátria*, porque havendo nas nossas colónias ainda tantos pagãos, a evangelização dêles ligava com o mais poderoso dos laços à nossa nacionalidade.

Exige-o *Nossa Senhora* que depois da Ascensão do Senhor ficou no meio dos Apóstolos para como reinha estender ao longe e ao largo o reino do seu divino Filho.

Esta missão augusta tem sido através dos tempos exercida pela Virgem Santíssima a quem os dedicados missionários recorrem nas suas aflições.

Ùltimamente correspondendo à visita que a Santíssima Virgem fêz a nossa terra pelo menos 2 missões já se cobriram debaixo da protecção de Nossa Senhora de Fátima.

A missão de *Nossa Senhora de Fátima* em Ganda, na provincia de Angola e a missão da *Fátima* na Zululandia, na Africa Meridional.

A primeira é dirigida pelos beneméritos Padres do Espírito Santo, a segunda pelos zelosos Padres benedittnos.

Em cartas que publicaremos patenteam os bons Missionários a visível protecção que Nossa Senhora da Fátima tem concedido às suas obras.

A missão em Ganda vai transformando-se pouco a pouco num centro de peregrinação onde os novos cristãos já fazem a procissão das velas, comunhões, cantos etc., tendo-lhes a Confraria de Nossa Senhora da Fátima oferecido um harmónio que será estriado nos dias 12 e 13 de maio.

Desde já recomendamos instantemente a todos os nossos leitores nos auxiliem com as suas orações e ofertas prontificando-nos a enviar aos beneméritos missionários tôdas as esmolas que nos queiram entregar para êsse fim tão nobre e tão santo.

Voz da Fátima

DESPESA

MAIO

Transporte	254.753$50
Papel, composição e impressão do n.º 104	6.203$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, fretes, etc.....	1.511$84
Com a administração em Leiria	290$00
Total	262.758$34

Donativos vários mais avultados

P.e Augusto da Silva, 50$00; Maria Isabel M. da C. Russo — Cabeço de Vide, 50$00; Francisco José V. Gomes — Lisboa, 20$00; José Maria de Amorim — Pombal, 20$00; Maria E. Rêgo — Rio de Janeiro, 25$00; Conceição Baptista — Rio de Janeiro, 25$00; Arminda M. Coelho — Porto, 20$00; Esmolas colhidas por Maria E. Coelho — Porto, 30$50; Ester M.a P. Santos — Fundão, 30$00; Celeste F.a Costa — Lisboa, 20$00; M.a J. Patrício — Coruche, 20$00; Laura T. C. Branco — Coruche, 20$00; Ana Bárbara Xavier — Porches, 20$00; M.a de J. L. P. da Silveira — Canelas, 20$00; Casa de trabalho de S. José — Caxias, 50$00; M.a Olivia de Santo António Neto — Cercal, 15$00; Leonor de Carvalho — Buenos Aires, 15$00; Maria Augusta N. Peixoto — Porto, 15$00; Henrique Elias — Coimbra, 100$00; Elvira de Carvalho — Lisboa, 50$00; Delmira Pais — Porto, 20$00; M.a da Encarnação Rocha — Lisboa, 15$00; Lourenço Paulo Pinto — L. Marques, 100$00; Emília Mouta — Porto, 20$00; Jornais em Ancora, 15$00; Luísa M. R. de Almeida — Paiol, 15$00; Assin. n.º 2410 — Matozinhos, 20$00; M.a da C. M. Lima — Carapinhal, 15$00; P.e António de J. Magaia — Moncarapacho, 45$00; Corino Pinto Abreu — Porto, 15$00; Alda A. Sepulveda — Porto, 20$00; M.a da Encarnação 20$00; Barôa — Ar de Pera M.a E. F. de S. Cabral — Baião, 20$00; Zita Gonçalves Raposo — Bragança, 20$00; Branca da S. e Silva — Estoril, 20$00; Egídio P. F. Barbosa — Vila do Conde, 15$00; M.a Isabel de Almeida — Serpa, 50$00; Adriana F. Rascão — Salv. do Extremo, 15$00; Rita de Jesus B. e Sá — Rio Maior, 15$00; José F. de Oliveira Mendes — Porto, 20$00; José F. de O. Mendes — Porto, 00$00; José F. da Costa Pinto — C. Daire, 20$00; Ana Patrocínio Neves — Lisboa, 50$00; Beatriz R. da Silva — Agueda, 05$00; Ana da Conceição Neves — Avenca, 125$00; Cecília Castro P.a — Lisboa, 20$00; Pompeu Vidal Portela — Lisboa, 20$00; M.a da G. Moreira — Ancora, 20$00; M.a A. Roquete — Salv. de Magos, 20$00; Francisco de Almeida Valério — Vale da Pinta, 20$00; P.e António F.a da S. Duarte — S. João do Monte, 50$00; Jornais em Paranhos, 50$00; José J. Ant. Lôpo — Portalegre, 650$00; José Lopes Conde — Gafanha, 20$00; Ant.o M. Palhares Junior — V. do Castelo, 15$00; M.a Rosa Magro — Lisboa, 40$00; Joana Aug. H. Nunes — Extremôz, 15$00; P.e Tomás da C. Ramalho — Caria, 78$00; Manuel J. Barros — Rebeloza, 20$00; P.e Julio Dias C. Soares — Espozende, 39$10; Julia M. Leitão — Idanha-a-Nova, 32$50; Manuel Fern. da Silva — Póvoa do Varzim, 15$00; Ant.o F. da S. Lage — Rio de Janeiro, 15$00; Manuel da S. Matias — Aveiro, 126$00; Manuel Vieira Verdasca — Gondemaria, 20$00; Joaquim C. Polido — Alentejo, 15$00; Clara da M. Mendes — C. Branco, 20$00; Francisco C. C. Leite — Arcos de Valdevez, 20$00; Francisco da C. Parente — Cartaxo, 30$00; José F. de Almeida — Vimeiro, 15$00; M.a Leonor Fialho — Evora, 15$00; José dos S. Barata — Fundão, 20$00; Luís N. Afonso — Castelo Branco, 30$00; Eugénio Barroso — S. V. da Beira, 20$00; Laura Quaresma — Porto, 20$00; Edmira Judit Afonso — P. de S. Iria, 30$00; Inácio M. da C. P.a — Felgueiras 20$00; Manuel Francisco L. Tavares — Ovar, 20$00; Augusta Alv. dos Santos — Lisboa, 20$00; Esmola, 32$00; Anselmo Alves Borges (distribuição) — Paços de

Sousa, 150$00; Manuel da S. Jordão — F. da Foz, 20$00; Igreja da Misericórdia — Póvoa do Varzim, 142$50; Vitória Massora — P. do Varzim, 15$00; P.e Aurélio M. de Faria — P. Varzim, 15$00; Esmolas no Sardoal, 15$00; José F. dos Santos — Gesta, 40$00; M.a B. Vinagre Preto — Setubal, 15$00; José de M. Sarmento — Chaves, 40$00; Angelina D. do Esp. Santo — Lisboa, 20$00; Emília V. Rebelo — Faro, 15$00; P.e Manuel Rib. Coelho (distribuição) — Fornos, 110$00; M.a do C. da S. Bartholo — Sernache do Bonjardim, 15$00; Eponina Teixeira — Brasil, 40$00; Maria Alzira de S. Nobrega, 15$00; Marquês de Rio Maior — Lisboa, 100$00; Hotel de N.a Senhora da Fátima, 100$00; António Baptista — Outeiro da Cabeça, 15$00; M.a Isabel M. Reinas — Vilar Formoso, 50$00; André Chichôrro Marcão — Monforte, 20$00; Distribuição em Vila F. de Xira, 35$00; Veridiana M.a Carneiro — Vendas Novas, 20$00; Celestina dos Santos Reinas — Vilar Formoso, 15$00; João Albino Custódia — Moledo, 50$00; Distribuição em Odivelas, 20$00; Distribuição na Igreja dos Anjos — Lisboa, 226$95; Colégio da Imaculada Conceição — Inhambane, 197$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas quando da distribuição de jornais:

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Abril de 1931 pela Ex.ma Snr.a D. Laura Gouveia, 10$00.

Na Igreja de S. Tiago de Cezimbra, nos meses de Fevereiro a Maio de 1931, pela Ex.ma Snr.a D. Gertrudes do Carmo Pinto, 108$00.

GRAÇAS DE N.A S.A DE FÁTIMA

Cancro

Maria Rosa Esteves, dos Altares, Ilha Terceira, mulher de João Coelho Esteves e mãe de dez filhos, obteve uma cura que, atendendo à natureza maligna da doença e às circunstâncias melindrosas em que se manifestou, bem se pode ter como uma graça extraordinária, devida à intercessão misericordiosa da Mãe de Deus, Virgem Nossa Senhora da Fátima.

Sofrendo duma bronquite desde tenra idade, não se pode dizer que gosasse sempre boa saúde, mas ia levando uma vida um tanto adoentada, umas vezes quási bem e outras bastante mal. Em Abril de 1927, sentiu-se, porém, fortemente abalada por dores no baixo-ventre; tão violentas eram que lhe provocavam vómitos profundos e gritos lancinantes.

Consultado o médico da família, a êsse tempo o Sr. Dr. Ramiro Machado, profissional distinto e gozando de geral simpatia entre clientes e colegas, várias vezes se manifestou indeciso no diagnóstico da nova doença, sempre misteriosamente velada ao saber proficiente do experimentado clínico. E assim se passaram alguns meses na alternativa de poucos alívios e muitos padecimentos.

Atingindo o mal o seu pleno desenvolvimento, pode-se enfim averiguar que se tratava dum tumor muito adiantado em região excessivamente melindrosa. A' ordem do médico a doente veio imediatamente para a cidade com o fim de ser operada e recomendada á cirurgia do Ex.mo Snr. Dr. Manuel de Menezes.

Uma vez examinada, foram-lhe receitados uns paliativos, e em conferência com seu marido, o médico declarou-a irremediávelmente perdida, anunciando para breve um desenlace fatal, visto o estado de muita debilidade da doente, a idade de 61 anos, e acima de tudo a natureza maléfica do mal,—que era um cancro.

A ciência tinha dado a sua ultima palavra e,.. perentóriamente. Mas a fé que tem asas e não desarma, voou e encontrou medicina mais alta. Participado ao doente o estado grave em que se encontrava, logo ela, com sua família e algumas pessoas devotas, se encomendou fervorosamente, numa novena, a Nossa Senhora da Fátima, fazendo ao mesmo tempo uso interno e externo da sua água miraculosa.

As dores foram desaparecendo a pouco e pouco, a inflamação passando, e, chegado o termo da novena, a doente encontrava-se sensívelmente curada por Nossa Senhora da Fátima.

Em Novembro do mesmo ano, o dito médico da Cidade, confirmava, admirado, a cura radical daquela que êle julgara incurável!!

Graças sejam sempre dadas a N. Senhora da Fátima! A ela devemos esta cura, a ela comovidamente a agradecemos.

(Um filho da curada)

Paz numa família

Havia numa das Beiras uma família que não vivia bem porque os esposos não se davam um com o outro. O marido acabava de intimar a esposa a que preparasse o que lhe pertencia e saisse de casa quanto antes. A pobre espôsa desolada e chorosa contava a sua mágua a suas amigas.

Eu, cheia de compaixão por ela, dirigi-me a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe, com o maior fervor que me foi possível, restituisse a paz àquela pobre família. Pedi a outras pessoas orações no mesmo sentido, e, graças a Nossa Senhora, passaram já **dois anos** e os esposos vivem ainda juntos e mais amigávelmente do que até então. Por isso, venho, reconhecidíssima, agradecer a Nossa boa Mãe, esta graça e pedir-lhe que nos conceda o seu divino auxílio em todos os transes da nossa penosa existência.

Uma filha de Maria, Maria Domingas

Doença nos intestinos, fígado e coração.

Para agradecer a Nossa Senhora da Fátima, cumprindo um voto, e por ventura associar-me ao côro geral de **hosanas** para Nossa Senhora, Herminia de Oliveira Pinto e Ermelinda Tavares, da Cidade do Porto, pedem que V. Ex.cia publique que Maria do Rosário Simas, da R. da Constituição n.º 236, desta mesma cidade, sofria horrívelmente uma complicação de afecção intestinal, fígado e coração, a ponto de receber os ultimos sacramentos e de se desenganar da vida.

Aquelas duas senhoras recorreram à Virgem da Fátima principiando uma novena segundo esta intenção; desde o primeiro dia da novena a doente sentiu melhoras, e, ao terminá-la estava livre de perigo e o seu estado continúa satisfatório, o que atribuem sòmente a Nossa Senhora, visto falharem tôdas as esperanças humanas.

P.e Joaquim A. dos Reis

Pleurite.

Cheia de reconhecimento e gratidão para com a S.S. Virgem Senhora da Fátima e em cumprimento da minha promessa venho pedir a publicação desta grande graça que Nossa Senhora me alcançou: — tendo adoecido minha mãe em 15 de outubro p. p. com uma *pleurite*, e encontrando-se gravemente enferma, aflita recorri à Nossa boa Mãe do Céu, implorando-lhe a saude e a vida para aquela que é amparo do meu corpo e também da minha alma.

Passados dias, começou a sentir alivios, afastando-se depois o perigo por completo. Durante os *vinte e dois* dias que esteve de cama, bebia quási só água da Fátima e dizia comigo esta jaculatória que eu lhe ensinava: — Nossa Senhora do Rosário da Fátima socorrei-me e melhorai-me. Agora já trabalha há quatro mêses, a-pesar-da sua idade avançada. Para honra e glória de Nossa Senhora cumpro hoje a minha promessa, dando mil graças à S.S. Virgem por se dignar atender e despachar o pedido desta sua indigna filha de Santarem.

Maria Lidia Cruz

Uma grande graça.

Conceição Soares da Silva, solteira e moradora no lugar de Ordenhe, frèguesia de S. Martinho de Argoeilhe, concelho da Feira, vem por êste meio patentear o seu reconhecimento profundo para com Nossa Senhora da Fátima de quem obteve um assinalado favor em um momento aflictivo da sua vida.

Vendo-se sem esperança de qualquer socôrro humano, no meio duma grande necessidade, voltou-se espiritualmente para a Cova da Iria, e, suplicando da Virgem o seu valioso socôrro sentiu imediatamente o seu efeito. Agradece, portanto, com o maior reconhecimento e humildade este importante favor do Céu.

Conceição Soares da Silva

Doença nos ouvidos

Em cumprimeito dum voto venho, no mensageiro dos grandes prodigios da Fátima tornar publico o testemunho da mais profunda gratidão à Virgem S.S. da Fátima. Durante ano e meio, devido a um tratamento errado que um clinico me fez, sofri cruciantes dôres nos ouvidos. Consultei muitos medicos e alguns especialistas e o resultado era nulo. Um dêles disse-me que, com o errado tratamento que me tinham feito, me haviam provocado uma infecção num ouvido. Desanimada já da medicina que não conseguia suavisar-me o Calvário em que vivia, recorri, com a maior devoção que me foi possivel, à Divina protecção de Nossa Senhora da Fátima. Tomei parte na peregrinação de 1928, e a 13 de Maio de 1929 levei a minha filhinha a fazer a sua 1.ª comunhão.

Por autorisação de Sua Ex.a o Venerando Prelado de Leiria, consegui que ela fizesse sua 1.ª comunhão no altar-mór da Capela das Missas e aí suplicasse à Mãe do Céu piedade e Misericórdia para a sua Mãe da terra. Então mais do que nunca eu confiei no auxílio da Virgem. Regressei da Fátima sem as melhoras que tantas creaturas ali tem começado a sentir, mas vim mais resignada com o meu sofrimento, mais cheia de coragem para o suportar, e mais animada a pedir a protecção do céu.

Desde então nunca mais deixei passar um só dia sem ter rezado o meu terço Nossa Senhora pedindo-lhe que me curasse por ela própria ou por meio de qualquer médico. Passados alguns meses um médico do Porto receitou-me um medicamento que suavisou logo as dores que continuamente me atormentavam. Continuei a aplicá-lo e a rezar com maior fervôr ainda, e graças a Nossa Senhora que abençoou este medicamento estou completamente curada.

Em testemunho do meu eterno reconhecimento à Nossa Mãe do Céu, ofereci à Catedral de Lamego uma imagem de Nossa Senhora da Fátima que aí é muito venerada.

Que o exemplo de tantas graças concedidas pela Virgem Santissima da Fátima ilumine todos os que sofrem para que ná santa e prodigiosa oração do *terço* encontrem a consolação para as suas amarguras, e a Fé e confiança na Virgem Santissima que a todos socorre como a mais terna e a mais querida das Mães.

Júlia de Castro Costa e Cunha
de Lamego

Criança que recupera uma vista.

Rev.mo Sr. Director
da «Voz de Fátima»

Rogo-lhe a fineza de publicar no seu jornal, para maior honra e glória da SS. Virgem a seguinte narração:

Há tempos uma criança de 4 anos, filha dos meus paroquianos Sebastião Didier e D. Maria Gonçalves Didier, apareceu com um defeito numa das vistas, supondo-se que fôra algum ferimento em brinquedos de criança.

O mal agravou-se, porém, e a criança perdeu a vista ferida

A mãe da criança, cujo pai estava ausente, levou a sua filha aos médicos e a um especialista do Porto, a vêr se conseguia remédio para um mal que tanto afligia o seu coração materno. As informações dos médicos foram péssimas, a sua filhinha não recuperaria a vista. Estas informações mais apunhalaram o seu coração.

Chorando, recorre cheia de confiança a Nossa Senhora de Fátima, cuja imagem se venera já nesta frèguesia com muita devoção — e com muita surpreza sua e com suma alegria vê a sua filhinha recuperar a vista, contra a opinião dos médicos e a espectativa de todos.

Prometeu publicar esta graça, o que pede agora por intermédio deste jornalzinho, órgão das maravilhas da Mãe do Céu e prometeu também promover uma festa em honra de Nossa Senhora de Fátima, o que fêz no dia 13 do mês de Abril.

Que esta publicação constitua mais uma pedrinha para o monumento de gratidão a Nossa Senhora.

Fão.

P.e António Alves Nogueira

Doença do estômago.

Padecia do estômago e intestinos desde criança, agravaram-se ùltimamente duma maneira terrível os meus padecimentos.

Considerava-me já sem cura, sendo também esta a opinião de todos os médicos que me tratavam.

Nesta aflitiva circunstância, estando já impossibilitado de sair de casa, recorri com muita confiança e fé a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, pedindo-lhe que me desse ânimo para me sujeitar a uma operação em que havia uma pequenina esperança de êxito. Animado e confiado em Nossa Senhora fui instar com o meu médico, assistente, o grande operador Ex.mo Sr. Dr. Joaquim Bartolomeu Flores a que me operasse.

Fui atendido e o dia 12 de Março, véspera de Nossa Senhora de Fátima, foi o dia escolhido para a operação.

Antes de começar a operação, o Ex.mo Sr. Dr. Joaquim Bartolomeu Flores, disse-me que, atendendo ao meu estado de fraqueza e à gravidade da minha doença, só por milagre escaparia.

E assim foi. Nossa Senhora da Fátima atendeu ao pedido do doente, e hoje passado um ano e achando-se de perfeita saude, vem publicamente agradecer a Nossa Senhora a grande graça que lhe fêz.

Angra do Heroismo.

Manuel Paula de Silva

Desaparecimento de bacilos de Kock.

Venho pedir a fineza de publicar na «Voz de Fátima a graça seguinte: — Adoeceu com uma infecção intestinal uma pessoa da minha família; quando esta enfermidade parecia quási debelada, mais quatro doenças ainda de maior gravidade vieram complicar o estado do padecente.

Como êste se encontrava num estado de fraqueza extrema, o Ex.mo Médico assistente mandou analizar a espectoração, cuja análise cusou bacilos de Kock.

Foi no meio da mais cruel angustia que me dirigi a Nossa Senhora de Fátima, pedindo-lhe cheia de confiança a cura de aquele ente querido.

Muitas graças a essa Mãe bemdita, porque a minha súplica foi ouvida porquanto o doente encontra-se completamente curado segundo a opinião de diversos abalizados clínicos, alguns especialistas.

Por isso venho cheia de reconhecimento publicar esta grande graça como prometi, sendo minha intenção dar honra e glória a Deus e à Virgem Santíssima da Fátima.

Uma devota de Nossa Senhora

Agradecimento à Santissima Virgem da Fátima.

No cumprimento do mais sagrado dever de reconhecimento e gratidão a Santíssima Virgem da Fátima venho hoje tornar público uma grande graça que à sua grande misericórdia devo. Ei-la: Em 31 de janeiro de 1927, meu marido, que há muitos anos vinha sofrendo de fortes dores no estômago, sofreu mais a rotura de uma úlcera com fortes hematemeses que o deixaram entre a vida e a morte durante três mêses. Na sua morosa convalescença, cortada de crises mais ou menos graves, continuou a sofrer violentas dores, que física e moralmente o definhavam e acabrunhavam. Sofria atrozmente e com ela sofria eu e os nossos quatro filhos que por uma extrema dedicação e amor por êle, vivemos horas de verdadeira angústia. Por mercê de Deus foi-se restabelecendo para no dia 22 de Abril do ano passado, se lhe agravar de novo o sofrimento. Com uma nova rotura da úlcera, a gravidade do seu estado foi maior ainda do que da primeira vez. Tanto bastava para isso o estado de fraqueza em que se encontrava, e por outro lado o adiantado da idade.

Teve durante quatro dias hematemeses até que ao quinto se lhe obstruiu o piloro. Não havendo livre comunicação do estômago com o intestino, tudo quanto ingeria lhe provocava vómitos, que obrigando as paredes do estômago a contrairem-se faziam que a ferida sangrasse mais intensamente. Havia, pois, além da grande dificuldade de obstar à perda de sangue a dificuldade de alimentação. O coração extremamente enfraquecido pulsava tão dèbilmente que não obstante as repetidas injecções, já mal se aguentava. O seu médico assistente, tão distinto como amigo, e mais dois abalizados colegas declararam não haver remédio. Foi nesta desesperada situação com todos os desenganos da sciência que o Rev.o Snr. P.e Arnaldo Henriques de Sousa que então paroquiava a nossa frèguesia e que sempre nos honrou com a sua amizade, junto do nosso querido doente moribundo já o preparava para a viagem à eternidade.

Em tão triste conjuntura cessaram as esperanças na terra mas não faltou confiança no Céu!-Em todos os cantinhos da nossa casa o eco repercutia o Santissimo nome de Nossa Senhora da Fátima. De dia e de noite, êste dulcissimo nome era invocado. E as nossas preces, — bemdita, mil vezes bemdita, a Nossa Augusta Mãe — foram ouvidas, e o nosso querido doente salvou-se!!! Em vinte de Novembro próximo passado, data em que foi radiografada pelo Ex.mo Snr. Dr. Pinto Leite, do Porto, constatou-se a úlcera cicatrizada.

Agora os nossos corações ardendo de amor pela Virgem Soberana, cheios da mais santa gratidão só desejam que o reconhecimento de todos nós corresponda ao benefício, à graça alcançada, vão assinar êste agradecimento público:

Ana Joaquina Fernandes Pereira
Maria da Conceição Fernandes Pereira.
Rosa Maria Fernandes Pereira.
Francisco Teixeira Pereira.
Albino Teixeira Fernandes Pereira

Agradecem graças a Nossa Senhora as pessoas seguintes:

Gertrudes Faustina agradece o bom resultado duma operação a que sua prima Rosalina da Conceição foi submetida. Tratava-se duma apendicite.

— António de Abreu, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora e ao SS. Sacramento a cura de sua filha Valentina que sofria em parte muito perigosa do seu corpo.

— Luisa da Conceição Pereira, das Côrtes, agradece a cura duma *dispepsia e intercolite*.

— Uma «filha de Maria» agradece uma grande graça particular que obteve por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— Alice dos Santos Monteiro, de S. Mamede de Infesta, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma grande graça temporal que por Nossa Senhora alcançou. Enviou uma esmola.

— Clotilde Raposo de S. d'Alte, de Alenquer, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça temporal que lhe alcançou. Enviou a esmola de 20$00.

— V. L. V. M. agradece a Nossa Senhora uma graça temporal e envia a esmola que prometeu.

—Mariana Vieira Pinto agradece uma graça que obteve de Nossa Senhora da Fátima.

— Carolina A. V. de Pinho, do Estoril, agradece duas graças temporais que obteve por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— Uma anónima agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura repentina dum seu filho de 7 meses que padecia muito.

— Um assinante da «Voz da Fátima», de Coimbra, agradece a Nossa Senhora a protecção que lhe dispensou no meio do seu infortúnio, pois que tendo perdido um braço quando andava no estranjeiro, viu-se sem esperanças de poder sustentar-se e à sua família. Nossa Senhora da Fátima abençoou-lhe uma humilde empresa que tomou e agora vive, não rico mas com o pão quotidiano para si e para os seus.

— Adelaide da R. Torgal, agradece a cura de alguns achaques que a afligiam.

— Uma devota, agradece uma graça temporal.

— M.a Têresa H. Simões, de Moínhos, agradece diversos favores que Nossa Senhora da Fátima lhe alcançou a si, a sua Mãe e a outra senhora sua amiga e por quem pediu a N.a Senhora.

— Ana Tôrres Monteiro, de Senouras, agradece a Nossa Senhora o tê-la favorecido numa situação muito aflitiva.

— Alcina L. Calejo, de Mogadouro, agradece a N.a S.a a cessação duma dôr que horrivelmente a atormentava e o restabelecimento completo depois duma doença que a deixara extremamente debilitada.

Famílias numerosas

Eis uma das glórias das famílias numerosas em que muito certamente nunca pensaram, e que contudo é bem lógica: é nelas que se recrutam os santos.

Citemos: S. Bernardo era o terceiro de sete filhos; S. Tomás de Aquino, o último de seis filhos; S. Vicente Ferrer, duma família de oito filhos; Santa Joana d'Arc, duma família de cinco filhos; Santa Teresa, a sexta de onze filhos; S. Carlos Borromeu, duma família de seis filhos; S. Vicente de Paulo, duma família de cinco filhos; S. Luís de Gonzaga, duma família de oito filhos; Santa Margarida Maria, quinta de sete filhos; Santo Afonso de Ligório, duma família de sete filhos; Santo Cura d'Ars, duma família de seis filhos; bem-aventurada Catarina Labouré, nona de onze filhos; Venerável Bernadette Soubirous, duma família de oito filhos; Santa Teresa do Menino Jesus, duma família de nove filhos.

Levam a palma a estas, as famílias de Santo Inácio de Loiola (treze filhos dos quais êle o mais novo); de S. Bento Labre (quinze filhos); de S. Paulo da Cruz (dezasseis filhos); de S. Francisco de Bórgia (dezassete filhos de dois matrimónios); de Santa Catarina de Sena (vinte e dois filhos).

FATIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg. (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00; pelo correio, 5$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na **UNIAO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUARIO DE FATIMA.**

Encontram-se à venda no «Santuário da Fátima» e na «Câmara Eclesiástica — Seminário de Leiria», *Opúsculos* com o Ofício Menor de Nossa Senhora da Fátima.

Custam $50. Pelo correio mais $15.

ANO IX — LEIRIA, 13 de Julho de 1931 — N.º 106

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

Fátima
flor da terra e perfume do Céu

Santo António de Lisboa — O sétimo centenário da sua morte

Santo António de Lisboa, o mais popular de todos os heróis da virtude que constelam o firmamento do Cristianismo, é, como justamente disse Sua Santidade Pio XI, felizmente reinante, «a glória de Portugal e a honra de tôda a Igreja».

O Papa Gregório IX chamou-lhe arca do Testamento, referindo-se aos profundos conhecimentos bíblicos de que dera prova, e S. Boaventura afirmava dêle que «abarcava todo o saber dos antigos». Foi sem dúvida o maior orador e o maior missionário do século XIII, dêsse século em que a Igreja teve grandes santos e grandes sábios, como S. Domingos, S. Francisco de Assis, S. Domingos, S. Tomaz de Aquino e S. Pedro Nolasco.

Sete séculos são passados depois que êsse grande vulto da história pátria, cujo nome encheu a sua época e cuja fama de virtudes e de milagres ainda hoje ecôa por todos os recantos do mundo, passou desta vida a gozar para sempre dos esplendores da bem-aventurança. Nunca, em tam pouco tempo, nenhum santo conquistou tam grande fama de santidade. No dia em que se comemorava o primeiro aniversário da sua morte, celebrava-se também a primeira festa religiosa à sua santidade heroica. Onze meses apenas após o seu ditoso trânsito, a Igreja elevava-o pela canonização solene às honras supremas dos altares — glorificação jàmais autorgada tam cêdo a qualquer outro dos seus filhos.

Portugal, a terra que lhe foi berço, e a Itália, sua segunda pátria, que guarda religiosamente os seus despojos mortais em rico e formoso altar de sumptuosa Basílica, iniciaram já as homenagens comemorativas do sétimo centenário do passamento do glorioso taumaturgo.

Semana Antoniana — O solene Pontifical em S. Domingos de Lisboa

Depois duma esplêndida semana antoniana, em que prègaram alguns dos nossos melhores oradores sagrados dos dois cleros, regular e secular, no dia treze de Junho último, no vasto e magestoso templo de S. Domingos, o maior de Lisboa, Sua Eminência Reverendissima o Senhor D. Manuel II, Cardial Patriarca, Legado do Papa às festas antonianas, celebrou missa de pontifical, seguida dum solene *Te-Deum*, com a assistência de Sua Excelência o Senhor Oscar Carmona, Presidente da Rèpública, Núncio Apostólico, quási todos os Senhores Bispos de Portugal, Govêrno, Corpo diplomático, Câmara Municipal, Reitores e Lentes das Universidades, altos dignatários das várias Ordens Militares nacionais e extrangeiras, oficiais de terra e mar, representantes da aristocracia e uma enorme multidão formada por pessoas pertencentes a tôdas as clases sociais.

Durante uma hora, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. António de Castro Meireles, Bispo do Pôrto, fez o penegírico do glorioso taumaturgo, versando as questões do capital e do trabalho, da autoridade e da liberdade, do amor da Pátria e da cooperação internacional, as grandes questões que, no dizer do sábio professor Yves de le Brière, caracterizam o nosso tempo.

O Congresso Nacional Antoniano

No dia catorze, à tarde, na igreja de S. Vicente de Fóra, transformada em salão para êste preito a Santo António, realizou-se, com uma assistência selecta e numerosíssima, sob a presidência do Chefe do Estado, que tinha à sua direita Sua Eminência o Senhor D. Manuel II, e à sua esquerda o Sr. General Domingos de Oliveira, Chefe do Govêrno da Nação e estando presentes ministros de Estado, a sessão inaugural do Congresso Antoniano Nacional, durante a qual discursaram alguns dos mais notáveis oradores do clero e do laicado católico português.

Sua Eminência o Senhor Cardial Legado fez um pequeno mas substancioso discurso de abertura, dando em seguida a palavra ao Ministro da Justiça, dr. Almeida Eusébio, que fez um magistral discurso sôbre Santo António, mestre de humildade, de bondade e de espiritualidade, apontando-o como o maior português de todos os tempos.

Falou depois o Senhor Arcebispo de Évora, sôbre a acção nacional do nosso Santo na idade média.

Nos dois dias seguintes fizeram também magistrais discursos os srs. dr. Luís Maria Lopes da Fonseca, ex-Ministro da Justiça, que falou sôbre Santo António, o Santo Português, Santo de todo o mundo; dr. Leonardo de Castro, que discertou sôbre S. Francisco de Assis e o Apostolado de Santo António; cónego dr. Joaquim Martins Pontes, que discursou sôbre o homem medieval e o homem moderno, e dr. D. António Pereira Forjaz, que desenvolveu o tema — Santo António, mestre da oratória cristã e da ciência portuguesa.

No fim o Eminentissimo Cardial Legado encerrou o Congresso, realizando-se em seguida um solene *Te-Deum* na igreja de Santo António da Sé em acção de graças pelo bom êxito do mesmo Congresso.

PEREGRINAÇAO DE MAIO DE 1931—Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca dando a benção do Santissimo aos doentes. Conduz a umbela o Snr. Dr. Lopes da Fonseca, ex-ministro da Rèpública Portuguesa.

Em tôdas as dioceses do país, assim como nás da Itália, efectuar-se-ão, dentro do ano do centenário, solenidades religiosas e cívicas destinadas a glorificar a memória veneranda do vulto mais grandioso e mais belo da nossa história, que se ergueu logo na manhã da nossa nacionalidade e que é, incontestávelmente, o maior e o melhor embaixador de Portugal, junto de tôdas as nações do mundo, o expoente máximo da nossa cultura e a síntese mais perfeita e mais admirável do génio, do valor e das virtudes da nossa raça.

Santo António, Padroeiro de Fátima

Fátima, que se orgulha de ter Santo António como seu augusto Padroeiro, rejubila com o esplendor extraordinário que revestiram as festas centenárias e faz votos ao Céu para que o exemplo das suas preclaras virtudes e o mérito da sua valiosa intercessão assegurem a paz e a ordem e o cumprimento dos deveres cristãos nesta terra que lhe foi berço e que o seu coração, grande como o coração dum santo, tanto amou e tanto engrandeceu.

O dia treze de Junho em Fátima

Dia esplêndido, verdadeiramente primaveril, o dia 13 de Junho, em que a natureza parecia querer emoldurar com as suas galas e louçanias as comemorações festivas do sétimo centenário do ditoso trânsito do grande taumaturgo português. Nem sequer o mais pequeno farrapo de nuvem embaciava a pureza imaculada do céu azul diáfano.

O ambiente era refrescado por uma leve brisa que soprava sem cessar, mitigando os ardores do sol quente de Junho.

A procissão das velas

Na véspera à noite a procissão das velas realizara-se com uma ordem perfeita e admirável. O terço que a precedeu e a adoração que se lhe seguiu decorreram no meio do maior recolhimento e piedade.

Era enorme a multidão postada junto dos megafónios e em volta do pavilhão dos doentes, onde se efectuaram todos os actos religiosos dos dias 12 e 13.

Os megafónios funcionaram sempre magnificamente.

A assistência, mesmo de véspera, era enormíssima por motivo da festa em honra de Santo António.

As peregrinações organizadas

Entre as peregrinações mereceu especial referência as seguintes: a da Confraria do Sagrado Coração de Maria do Convento da Encarnação, freguesia da Pena, Lisboa, com 70 pessoas, presidida pelo respectivo capelão rev.do João Nunes Monteiro, a de Sintra, com 100 pessoas, presidida pelo rev.do Carlos Augusto Teixeira de Azevedo, pároco de Santa Maria e de S. Miguel, a de Minde, primeira peregrinação oficial da freguesia, com 700 pessoas, entre as quais uma doente, presidida pelo pároco rev.do Manuel António Querido, a de Espite, segunda peregrinação oficial da freguesia, com 1.500 pessoas, presidida pelo pároco rev.do António Pereira Simões, que trazia um excelente grupo coral de cêrca de 30 elementos, a de S. Simão de Litêm, com 100 pessoas, a da Sé Nova de Coimbra com 68 pessoas, e a de Ameixial, Tôrres Vedras, também com 68 pessoas, que se tinham tôdas confessado nas suas terras antes da partida para Fátima.

Uma alcateia de «lobitos»

Punha uma nota extremamente simpática e encantadora no conjunto geral um grupo de 14 lobitos, dirigidos por dois chefes, da Alcateia de Nossa Senhora do Fêtal, do Reguengo do Fêtal, agregado ao Corpo Nacional de Scouts.

Por causa da festividade do Sagrado Coração de Jesus, realizada quási por tôda a parte na sexta-feira, houve falta de confessores e por isso no dia 13 foram relativamente poucas as comunhões, que se elevaram apenas a pouco mais de cinco mil.

No Pôsto das verificações médicas foram inscritos 128 doentes, dos quais 13 receberam hospitalização.

A missa dos servitas — A missa da Comunhão geral — A missa dos doentes

A missa dos servitas, às 5 horas, foi celebrada pelo capelão director dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário, rev.do Dr. Manuel Marques dos Santos.

A missa da Comunhão geral, às 6 horas, foi celebrada pelo Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Manuel Ferreira da Silva, Bispo titular de Gurza e coadjutor de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, Patriarca das Indias.

A missa dos doentes foi celebrada ao meio-dia solar pelo venerando Prelado de Leiria, Ex.mo e Rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva.

O sermão do Senhor Bispo de Gurza — A virtude da pureza—A bênção dos doentes

À missa dos doentes, o Senhor Bispo de Gurza falou durante meia-hora sôbre a virtude da santa pureza. Fez o elogio desta angélica virtude por meio duma série de lindas comparações que a definem e engrandecem. Refere-se à predilecção do Divino Mestre pelas almas castas: Nossa Senhora, S. José, S. João Baptista e S. João Evangelista.

Em seguida assinala os males do vício contrário, punido com terríveis castigos no Antigo e Novo Testamento.

Êstes males são para o indivíduo a cegueira da inteligência, o enfraquecimento da vontade e a dureza do coração, para a família discórdias, desordens e a desorganização, e para a sociedade o aviltamento, a perda do caracter e o enfraquecimento contínuo das energias vitais da raça.

O sábio e piedoso Prelado termina com uma ardente exortação à pratica da virtude da pureza a exemplo da Santíssima Virgem, apontando os meios que se devem empregar para isso: a frequência dos sacramentos, a fuga das más companhias e das más leituras e a devoção a Nossa Senhora, Raínha dos Anjos e das Virgens.

A bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes foi dada pelo nosso ilustre Prelado.

Fátima e Sua Santidade Pio XI — Mensagem ao Papa

Após a bênção geral sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria dirijiu-se nos seguintes termos à imensa multidão de fiéis que se extendia pela vasta explanada do local das aparições: «Vós sabeis qua várias vezes Sua Santidade o Papa Pio XI se tem recomendado às nossas orações neste Santuário de Fátima. Mas eu queria que nós hoje duma maneira especial orássemos pelo Santo Padre, pedindo a Nosso Senhor que lhe dê fôrças para sustentar como tem sustentado, intrépidamente, as lutas em defesa da liberdade e dos direitos da Santa Igreja.

Eu queria mandar um telegrama ao Santo Padre em meu nome e no de todos vós dizendo-lhe que estamos aqui todos unidos com Ele sentindo as suas máguas e sofrendo com Ele.

Uma salva de palmas e vivas abafaram a voz do eminente Prelado que a seguir rezou pelo Papa, pelo Senhor Bispo de Gurza, que tinha vindo despedir-se de Nossa Senhora de Fátima antes de partir para a India e finalmente pelos doentes.

Uma cura extraordinária

Em seguida, em conclusão dos actos oficiais, realizou-se a procissão com a Imagem de Nossa Senhora para a capelinha das aparições. Estava a Imagem a ser colocada sôbre o seu pedestal, quando de vários pontos da Cova da Iria começa o povo a correr em direcção ao pavilhão dos doentes.

Que se tinha passado?

Numa cama do lado esquerdo de quem sobe para o altar está uma menina cercada de várias pessoas. Tem dezasete anos de idade. É natural de Almoster, concelho de Santarêm, mas vive há muito tempo em Lisboa, onde mora na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, rua Marquês de Sá da Bandeira, N.º 14, 4.º D.to Chama-se Carmina da Conceição e é filha de Manuel Vitorino Júnior e de D. Inácia da Conceição Barlamachi. Tem dois irmãos e duas irmãs. Há cerca de cinco meses que está doente. Foi visitada e tratada por três médicos: os drs. João Gonçalves, Azevedo e Nazaré, que não eram concordes no diagnóstico da doença. Sofria dôres horríveis por todo o corpo e sobretudo nos pulmões, no peito e nos rins.

Perdeu a faculdade dos menores movimentos. Teve de ir para a cama, onde permaneceu quatro longos meses. Passados quinze dias começou a ter ataques convulsivos e a sentir dores fortíssimas nas costas e no peito. Não podia ter o tronco nem a cabeça erectos.

Apoderou-se então dela uma profunda e invencível tristeza. Os remédios receitados pelos médicos e que a desvelada família ministrava à doente não produziam nenhum efeito apreciável e até pareciam agravar o seu melindroso estado.

Purgatório de trevas

Entretanto a doença que o dr. João Gonçalves diagnosticou como sendo dôres nervosas no coração e reumatismo nos ossos, progredia de tal forma que a doente não podia suportar o menor ruido nem vêr o mais ténue raio de luz, chegando a pobre mãi a lastimar-se de viver, como ela dizia, num «purgatório de trevas». Aquele ilustre Médico, vendo baldados todos os outros recursos, empregou a sugestão como meio terapêutico e obrigou à fôrça a sua cliente a levantar-se da cama. Mas a doente ficou pior.

Esperanças perdidas — Incurável

Passaram-se êstes factos há um mês, pouco mais ou menos. Por fim, o mesmo clínico, depois de a ter auscultado cuidadosamente, diagnosticou uma tuberculose galopante, declarou à família que a doença era incurável e mandou separar tudo o que era do seu uso para evitar o contágio.

Carmina ainda não tinha recebido o sacramento do baptismo. Vendo-a às portas da morte, a família pediu os socorros espirituais da Igreja ao respectivo pároco, que lhe administrou o baptismo, o Sagrado Viático e a Extrema Unção. O seu estado inspirava a mais viva compaixão a todos os que se aproximavam do seu leito de dor.

Confiança na Virgem

No coração dos doentes há sempre doce esperança de cura. Carmina da Conceição possuia-a, bem viva, na intercessão, a seu favor, de Nossa Senhora de Fátima.

Com essa doce esperança, partiu de Lisboa, no dia 12, para Fátima, dizendo à família que tinha a certeza de que Nossa Senhora a curaria.

Cheia de dores foi instalada numa cadeira de viagem e conduzida para um automóvel. Que horrível sofrimento o da pobre menina durante aquela viagem em que se gastaram dez horas!

A cadeira ia suspensa por cordas e amparada pela Mãi e por sua irmã, de 22 anos, Maria da Conceição Barlamachi.

Do automóvel foi transportada em maca para o hospital por quatro servitas.

Na viagem teve várias hemoptises.

... ...

Tinha sido dada a bênção do Santíssimo. A branca Imagem de Nossa Senhora de Fátima fôra já levada procissionalmente, entre canticos e vivas e o acenar de milhares de lenços e uma chuva copiosa de flores para o singelo padrão comemorativo das aparições. Tôda a esperança de cura parecia perdida.

Um diálogo com a doente

Nesta ocasião aproximou-se da doente um sacerdote, o rev.do José Lourenço dos Santos Palrinhas, prior da Figueira da Foz, a quem a vista daquele espectáculo de tanta dôr tinha comovido profundamente e que lhe diz:

— Quere-se curar a sério?

— Eu queria.

— Não queira! Tem a melhor parte.

E rápidamente justificou a sua afirmação.

— Olhe: Jesus Cristo é o chefe da humanidade, da cristandade. Tem dois braços, um doente e o outro são. Qual dos dois Jesus Cristo estima mais?

— O doentinho.

— ... então?!

A cura inesperada

Convencida e resignada, a feliz privilegiada da Virgem entregava-se com inteiro abandono à vontade de Deus, quando de repente se acha melhor.

Senta-se na cama. Depois põe-se em pé. O povo acorre. Os servitas contemem-no a distância. Carmina da Conceição estava curada. Por duas vezes se levanta de novo a pedido dos circunstantes.

Acompanham-na ao Albergue, onde é examinada e interrogada pelo dr. Pereira Gens, director do Pôsto das verificações médicas, que antes da cura a tinha observado e constatado a extrema gravidade do seu estado. Ao vêr a doente ingressar por seu pé, sem auxílio de ninguém, o dr. Gens, pálido de surpreza e comoção, diz para os outros médicos presentes: «Que é isto?... Parece impossível uma doente que veiu de maca e volta por seu pé».

Terminado o interrogatório da feliz menina, são em seguida interrogadas a Mãi e a irmã.

Agradecimento à Virgem — Lágrimas de comoção

Após o interrogatório, deu algumas voltas por seu pé dentro do hospital e depois foi à capelinha das aparições agradecer a Nossa Senhora a sua cura. Muitas pessoas choraram de comoção ao vê-la de pé em cima duma cadeira a rezar com todo o fervor, em acção de graças.

No regresso à capital, já veio sentada no automóvel, entre a mãi e a irmã, e, ao apear-se à porta da sua residência, era objecto de admiração e de entusiásmo para os vizinhos que choravam quando partira para Fátima, julgando que não voltaria com vida. Sua avó, ao vêr a cadeira de viagem na rectaguarda do veiculo, supoz que sua néta tinha morrido.

Vida e saude

Felizmente, porêm, ali estava, cheia de vida e saude. Apenas amparada por uma senhora subiu as escadas do prédio até ao quarto andar. No dia 15 foi sózinha por seu pé à Igreja paroquial agradecer novamente a Nossa Senhora a sua cura.

Carmina da Conceição que é de constituição fraca, apresenta-se normalmente, sem vestígios da tosse que tanto a fazia sofrer, falando sem esfôrço e alimentando-se de tudo, causando o seu estado actual Áqueles que a tinham visto durante a sua doença a admiração e o assombro pelo poder e pela bondade da Santíssima Virgem que se dignou curá-la divinamente.

Fátima e a Ciência

A grande e importante revista portuguesa «Brotéria», na sua série mensal. Fé, Sciências e Letras, vol XII, fasc. V, de Maio do corrente ano, insere, em lugar de honra, um longo e substancioso estudo subordinado à epígrafe «Fátima e Lourdes», àcêrca das aparições e curas extraordinárias de que há catorze anos a esta parte tem sido teatro o que é actualmente, sem contestação, o mais célebre santuário do mundo.

Êsse primeiro trabalho histórico-crítico, que ocupa as primeiras treze páginas de texto da famosa revista, é devido à pena do ilustre filósofo e naturalista, dr. Joaquim da Silva Tavares, sócio efectivo da Academia das Ciências, de Lisboa, e sábio de renome universal.

Além da introdução e da conclusão, contêm o notável artigo sete capítulos com os títulos seguintes: *Águas abençoadas, As aparições em Lourdes, As aparições em Fátima, Os três videntes, Contradições, As peregrinações e O culto em Fátima.*

No mesmo número, fóra do texto do artigo, insere a revista uma linda estampa da Nossa Senhora que se venera em Fátima e mais dez gravuras, algumas de página, representando diversos aspectos do local sagrado e das peregrinações de Maio de 1926 e de Maio de 1929.

Bem haja o grande Naturalista pela publicação do seu precioso trabalho, tão conscencioso e autorizado, escrito com a veracidade, elevação e imparcialidade próprias do carácter do autor e da índole da revista que se honra inserindo-o nas suas páginas.

Do magnífico artigo foi feita uma «separata», recentemente publicada, que se encontra à venda nas principais livrarias.

Em terras de Santa Cruz — Casa de Nossa Senhora de Fátima

Na cidade de S. Luís do Maranhão, uma das mais importantes da nobre e gloriosa nação irmã de Além-Atlântico, acaba de se abrir uma casa de artigos religiosos, objectos de piedade e boa imprensa, que veio preencher uma lacuna que havia muito se notava na capital do estado do mesmo nome. O dono ou antes o chefe dêsse estabelecimento é o honrado e activo comerciante sr. Joaquim Pinheiro Gomes, proprietário da Agência Gomes com séde naquela cidade. Católico convicto e fervoroso, pondo na defesa das suas crenças todo o entusiasmo e tôda a energia dum convertido, aquele dedicadíssimo filho da Santa Igreja, que todo o norte de Portugal conhece pelas suas benemerências, deu à nova casa comercial, «por uma questão de fé e patriotismo», segundo a sua frase, a sugestiva denominação de «Casa de Nossa Senhora de Fátima».

O seu objectivo principal, como êle próprio diz, é inundar o Maranhão de bons livros, livros sãos, que tôda a gente possa lêr com real aproveitamento.

O sr. Pinheiro Gomes abalançou-se a mais êste empreendimento, tão útil como benemérito, de acôrdo com alguns amigos, todos bons católicos e até confrades da Conferência de S. Vicente de Paulo.

Bem haja o ilustre português, que nas terras longiquas de Santa Cruz tanto honra a sua Pátria, pela sua magnífica iniciativa que levou a efeito por uma questão de ética religiosa e que tem as bênçãos de Deus, a aprovação e o apoio moral da autoridade eclesiástica e o aplauso unânime dos católicos do Maranhão!

Como escreve justamente o jornal «O Tempo», diário que se publica na cidade do Maranhão, no seu número de 15 de Abril passado, em longo e primoroso artigo devido à pena cintilante do distinto jornalista brasileiro rev.do Arias Cruz, essa iniciativa constitui «uma edificação de propósitos nobilíssimos, em cujo ambiente a infância e a mocidade, carregadas de esperanças, só deparam elementos de vida, e não o tóxico violento, a corrupção da virtude, que tantas vezes se perde quando se pretendia adquirir garantias para as convicções e os bons sentimentos».

A «Casa de Nossa Senhora de Fátima» está instalada no número 251 da rua Tarquínio Lopes.

O «Tempo» termina o artigo acima citado com estas palavras: «Parabens aos católicos do Maranhão! Parabens à Igreja Maranhence!»

A «Voz da Fátima», fazendo também seus esses parabens, felicita cordialmente o sr. Pinheiro Gomes, pedindo a Nossa Senhora de Fátima se digne abençoar e coroar de feliz êxito a sua obra a que presidem os mais nobres e generosos intuitos.

Homenagem dos peregrinos da Fátima ao Santo Padre

O Snr. Bispo de Leiria antes de terminar a peregrinação de Junho e depois de orar pelo Sumo Pontífice, como Sua Santidade tem recomendado, propôs que fôsse enviado para o Santo Padre o seguinte telegrama:

Em.mo Cardial Secretário de Estado — Cidade do Vaticano.

Milhares de peregrinos Santuário Nossa Senhora Fátima sentindo amarguras Santo Padre pedem liberdade Igreja protestam filial submissão rogando Bênção Apostólica.

BISPO LEIRIA

O Santo Padre dignou-se responder por intermédio do Em.mo Cardial Secretário:

Cidade Vaticano, 23. 13. 15.

Agradecido pela filial homenagem de adesão o Santo Padre abençôa de todo o coração os peregrinos do Santuário de Fátima.

CARDIAL PACELLI

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM ROMA

Chega a Sua linda imagem no dia da festa de Santo António

Do ilustre correspondente das «Novidades» em Roma respigamos a seguinte notícia não transcrevendo o artigo todo por falta de espaço:

... ...

Foi a mãe que veio à procura do filho, disse o nosso Ministro junto do Vaticano. Foi Nossa Senhora de Fátima que veio cooperar na glorificação do patricio Santo António, digo eu. Foi por milagre, dizem todos.

E eu lhes digo porquê.

O Sr. Dr. Trindade Coelho havia encomendado ao Sr. José Ferreira Tedim, de Coronado, Santo Tirso, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para a igreja nacional de Santo António dos Portugueses. O generoso e hábil artista enviou-a; e, como são morosíssimas as *démarches* para levantar das alfândegas as encomendas, pensou-se que, só daqui a um mês, ela estaria na igreja, e isto com grande pesar para o Sr. Ministro.

... ...

E por isto projectava-se uma festa para mais tarde.

Nisto e de surprêsa vem o caixão. Vem minutos antes de se iniciar a solenidade do último dia. Abre-se o caixão e a imagem linda, branca, mimosa, portadora das saüdades de Portugal aos portugueses de Roma, aparece a encantar e a dar ensejo a ser logo benzida.

Ela chegou no último dia da festa a Santo António, nos últimos dias da estadia em Roma do Sr. Ministro, quando a igreja estava em grande gala, quando todos os portugueses estavam dentro dela, quando à porta do Instituto Português descia do seu automóvel, acompanhado da sua côrte, o Sr. Cardial Locatelli que eu e nós todos temos na conta de precioso amigo nosso.

Chamem a isto milagre; chamem-lhe coincidência; chamem-lhe acaso que é sinónimo de Providência; chamem-lhe o que quiserem; cá por mim classifico isto de gentileza do céu, elegância maternal daquela grande Senhora que resolveu em 1917 converter o nosso país e convidá-lo miraculosamente para reatar o fio histórico das nossas tradições de glória, ligar amorosamente o nosso passado de aristocráticas virtudes ao nosso presente que tem fome e sêde de Deus.

Seja como fôr, o facto é que Nossa Senhora chegou na hora em que devia chegar; e, foi no meio da mais intensa comoção de todos nós e da admiração da assistência italiana e com grande júbilo do Eminentíssimo Cardial que a imagem se benzeu e que os queridos alunos do Colégio Português entoaram com alma, com delírio de fé o hino a Nossa Senhora de Fátima, a Santa dos nossos pensamentos, a Santa que é a mesma Santa Maria dos nossos ataques à moirama, a mesma Santa Maria da nossa independência política, a mesma Santa Maria das nossas descobertas e conquistas, a mesma Santa Maria da nossa ressurreição para Cristo Rei.

Cá está em Santo António, chegada e benzida no dia máximo da festa do seu fidelíssimo servo que em terras de França e da Itália a cantou, a propagou, a defendeu e a exaltou com aquele entusiasmo de um santo que tem nervos portugueses, alma portuguesa, arrojo português e abençoado atrevimento português.

Cá está, dizia eu, na nossa igreja nacional. Não fazia sentido que ela cá não estivesse. Era preciso que estivesse para irradiar as suas graças pela capital do cristianismo, para ser nossa companheira, para falar a esta gente da nossa terra, como Lourdes fala da França.

Estou absolutamente convencido de que Nossa Senhora de Fátima, mesmo em Roma, vai fazer muito bem a Portugal. O Santo Padre já a conhece e não ignora os prodígios de fé que está operando em Portugal.

Daqui a pouco saber-se-á a sua história e como a nossa igreja nacional é uma das mais lindas de Roma, situada no seu antigo bairro aristocrático onde se encontram os mais imponentes palácios romanos e onde moram os descendentes das nobres famílias do sacro império, a fama de Nossa Senhora de Fátima correrá ràpidamente e contribuirá para que ela seja um centro de atracção, de conquista, de revigoramento de fé.

Começaram as festas maravilhosamente bem e a trezena de pontificais terminou com chave de ouro celestial porque Nossa Senhora de Fátima quis chegar no último dia para ter a presença do Ministro de Portugal, que teve a feliz lembrança de a mandar vir, e para ser benzida pelo Sr. Cardial Achilles Locatelli que, como antigo Núncio Apostólico de Sua Santidade em Lisboa e grande amigo nosso, quis dar-nos a honra da sua presença e, mais do que isto, da sua colaboração às nossas festas.

J. Santa Rita

MAIS TARDE VEREMOS

Palavras imprudentes que não tens o direito de pronunciar.

—Em primeiro lugar, a religião é uma coisa muito séria *e não é permitido a ninguém repeti-la como uma bagatela ou coisa de pouca importância. Talvez conheças as palavras históricas atribuídas a Archias, tirano da cidade de Thebas. Estava à mêsa, cheio de vinho, rodeado de companheiros alegres.*

Levaram-lhe um documento para êle lêr imediatamente.

Archias pondo a carta debaixo do travesseiro respondeu: «Negócios sérios teem de ficar para àmanhã». E continuou o festim que ia acabar por uma morte violenta.

Assim procede muita gente, pensando ter muito juízo. Só pensam nas honras, nos bens de fortuna, nas fantasias do bem estar. Adiam sempre as coisas sérias, isto é, o serviço de Deus e o cuidado da sua alma. Num belo dia chegam ao fim do banquete, vasios dos falsos bens que lhe escapam e dos verdadeiros bens de que não souberam enriquecer-se. Veremos depois!... *Terás tu o direito de dizer uma coisa destas? A religião é uma coisa séria, capital, essencial, que não podemos deixar para a semana dos nove dias.*

—Deus não quere esperar. *E Ele é o senhor da nossa vida tôda. Servindo-me duma expressão célebre venho perguntar-te: que lugar tem tido Deus até agora na tua alma?*

— Nenhum. E que lugar deve Êle lá ter? Todo. E tu a dizer que veremos depois. Dás a entender que desejas oferecer a Deus os restos da tua existência. Ora os restos, os ossos, sabe-se a que é costume lançá-los. Deus não pode descer até êste ponto.

Suponhamos que tens um devedor que combinou contigo pagar-te uma dívida importante durante cinco anos, trimestralmente. Todos os três meses vais a casa dele para receberes a quantia estipulada. Êle, porém, de cada vez, em vez de te pagar, dizia-te: «hoje não. Veremos outro dia». Perante esta brincadeira de mau gôsto, tu não te ficarias assim mas recorrerias aos tribunais. Pois bem! Nós somos devedores para com Deus. Reclama as nossas homenagens, exige as nossas adorações a nossa obediência e nós não temos o direito de lhe dizer: «mais tarde veremos».

Além disto, vendo-nos proceder e pensar assim, que dirão e que farão os nossos contemporâneos e os nossos visinhos, a quem damos um exemplo tão pernicioso?

Pensam que no fim de contas, podem bem dispensar-se de crer e praticar a religião, visto que tantos outros vivem na indiferença. Se se lhes pergunta a razão da sua abstenção religiosa respondem que fazem como os outros. Efectivamente, lá vão eles arrastados, na corrente *dos negócios e dos prazeres, insensíveis aos rebates da sua consciência, inatentos aos interesses da vida futura, embriagados pelo tumulto, pelo movimento e pelo barulho, ocultando, ou mal deixando vêr, o estandarte da fé.*

É assim que a causa religiosa vai perdendo terreno, por estas abstenções dos que por palavras ou por obras vão dizendo: depois veremos.

Malesherbes, que caiu tão nobremente sob os golpes da Convenção depois de ter defendido o infortunado Luis XVI, participara antes disso dos erros dos filósofos do seu tempo. Como director de livraria, êle mesmo tinha encorajado a Enciclopédia e tôdas as publicações de Rousseau. Depois, iluminado pelos erros da Revolução, exclamava um dia: «foi esta filosofia, de que eu fui também joguete, que nos precipitou neste abismo de destruição» Palavras tardias que mostram o mal mas não o remedeiam! Ah! quanta gente imita hoje os antepassados do século XVIII!!

Posto que não se associem directamente a projectos de impiedade, deixa que ela se organize e chegue ao resultado que deseja.

Se não atacam a religião, não a defendem. Calam-se, absteem-se, esperam e vão dizendo: «Mais tarde, veremos».

E depois? Depois, já será tarde, quando tudo já estiver por terra já não é ocasião de agir. Chorarás sôbre as ruínas mas não são as tuas lágrimas que conseguirão levantá-las. Dize então, se te parece: «veremos mais tarde».

* * *

Palavras imprudentes *estas, não só contrárias à consciência mas até à simples razão e mais elementar bom senso—Vais já vê-lo.*

1.º Praticarei a religião mais tarde. *Isto não é razoável. Ora ouve. Suponhamos que queres ir fazer uma viagem ao estranjeiro e que me vens pedir conselho. Levo-te à estação, enfio-te num vagon de 1.ª classe.*

— Um momento... Para onde vai êste combóio (perguntas tu)?

—Não te importes (respondo eu). Tens de passar cinco horas neste carro, senta-te à tua vontade. Aqui tens cigarros e jornais e... pronto.

— Está tudo muito bem, mas (só uma pregunta) onde é que eu hei-de desembarcar?

— Não te importes com isso, que são coisas que incomodam (respondi eu). Vive a hora presente, e hora da viagem. O resto depois se verá».

Feito isto, aperto-te pela última vez a mão fecha-se a porta e o combóio parte.

— Que dirias tu a uma coisa destas? uma coisa absurda.

Ora é isto o que se passa continuamente no mundo. Caminha-se ao acaso, sem se saber nem querer saber para onde.

Vive-se sem se querer saber para onde se vai depois de se ter vivido. Veremos depois, mas quando?

2.º Praticarei a religião à hora da morte. *Isto não é sério. Quem é que te disse que não morrerás de repente?*

Já lá vão tantos teus amigos de infância.

A erva cresce sôbre o túmulo de mortos mais novos e que pareciam mais robustos que tu.

Olha em volta de ti. Quantas mortes repentinas todos os dias!

Há seis mil anos que isto se diz. E na verdade um morre à mesa, outro é encontrado estendido à volta de uma rua, um outro que à noite se deitou na cama cheio de saúde, apareceu de manhã cadáver frio.

Aqui um pedreiro no andaime de um prédio em construção vai cantarolando uma canção da sua terra e não vê uma corda a desatar-se. Esses viajantes do caminho de ferro pensam que o maquinista vai só e não veem a seu lado a morte: e... pronto, dois combóios que se chocam em plena noite.

Quem quer que sejas *não podes dizer: «daqui a um ano, a tal hora, ainda estarei vivo».*

Luis XI era rei e tinha um mêdo horrível da morte, procurando barricar-se contra a sua visita, implorando, para a conjurar, todos os anjos do céu e todos os santos da terra. Nem os remédios, nem as orações, nem as precauções o impediram de morrer. Tinha de passar por onde passam todos os outros.

Um outro exemplo mais recente. O famoso romancista Balzac que, nos seus livros tantas personagens fizera morrer, nunca imaginou que também êle tinha de morrer.

Doente, pergunta ao médico: «quanto tempo poderei eu ainda viver? Seis meses... seis semanas... seis dias?...»

—Quem pode, nêste mundo, assegurar-nos uma hora de vida, diz o médico sorrindo enigmàticamente.

—Não viverei, pois, mais de seis horas (exclama Balzac espantado)! Cái sôbre o travesseiro. Estava morto.

Fia-te em sapatos de defuntos! É verdade que nem todos morrem de repente, mas sabes tu se não és um dêstes?

3.º — Praticarei a religião quando estiver doente, *teu último recurso de mau pagador.*

Sim. Pode acontecer que antes da morte tenhas uma doença demorada em que o frio da morte vai subindo gradualmente até atingir o coração.

Mas quem te diz que terás as forças e o conhecimento necessário para tratar da tua alma? A maior parte dos doentes ilude-se a respeito do seu estado e encaminham todo o seu pensamento para a esperança de se curar. A gente que o rodeia, os amigos e o médico, temendo desgostar o doente, não lhe falam com franqueza. E assim, por uma falsa delicadeza, para poupar emoções, lá deixam partir o pobre doente sem sacramentos. O doente irá decaindo a pouco e pouco numa depressão mental e prostração física de tal ordem que seria dificílima a sua reconciliação com Deus.

Além disto quem pode estar seguro de que Deus, repelido e desobedecido há tanto tempo, dará nos últimos momentos a graça da conversão?

Um dia perguntaram a um solitário:

—Quando é que devemos converter-nos?

—Um dia antes da morte.

—Mas eu não sei quando ela vem

—Portanto, a volta para Deus deve ser hoje, porque amanhã pode ser muito tarde.

LIRIO ENTRE ESPINHOS

(«Maria Filippetto» 1912-1927)

Um lírio, com a alvura das pétalas puríssimas, com o delicado do aroma, é um dos quadros mais belos que nos pode oferecer a natureza. E essa flor mimosa sobe ainda de prêço quando ostenta as suas galas entre espinhos que pungem, para entre espinhos vir a fenecer.

Um lírio, não da natureza mas da graça, desabrochado sob o céu da Itália, lírio de inocência virginal que entre os espinhos de um sofrimento atroz e prolongado, embalsama por 15 primaveras uma família modêlo, e hoje desde o céu difunde encanto por tôda a terra, vão contemplar por breves momentos os nossos estimados leitores.

Maria Filippetto era o nome da donzelinha santa, colhida para os jardins celestes aos 15 anos de idade no dia 3 de Junho de 1927.

Nascera em Pádua, à sombra propícia do taumaturgo português, na sexta-feira santa, 5 de Abril de 1912. Notável coincidência! Vinha ao mundo para *amar* e *sofrer* no dia consagrado ao sofrimento e amor mais sublimes.

Decorriam-lhe alegres em exuberância de vida os anos infantis, quando o seu Anjo lhe veio imprimir na fronte o sinal da Cruz. E ei-la passar repentinamente da estrada florida da primeira idade para o caminho duro e espinhoso do Calvário. Uma doença lenta mas inexorável inicia a obra fatal de destruir aqueles membros que pareciam prometer-lhe uma vida sã e duradoira. E' baldado o recurso a todos os remédios. Maria com o sorriso nos lábios presta-se a tudo pacientemente para contentar os pais aflitos, mas repete: «se Jesus quiser dar-me a saúde conhece bem o remédio». Aos 9 anos lê a «História de uma Alma» e faz-se imitadora da açucena de Lisieux chamando-lhe a sua «irmãzinha». A vida da inocente menina é de manhã à noite entretecida de sacrifícios que busca àvidamente e oferece a Deus pela salvação das almas, pelas Missões longínquas: são as injecções freqüentes e dolorosas, as dificuldades de respiração, a comida sempre amarga e de rigorosa dieta. Um dia que parecia livre do mal a mãi apresenta-lhe dois frutos saborosos. Maria que havia tanto tempo os não saboreava recebe-os, contempla-os e sem os levar à boca diz: «não seria melhor oferecê-los a Jesus?» A mãi enternecida, com as lágrimas nos olhos, admira a fortaleza da filha.

Dotada de um carácter demasiado viril e um tanto áspero, empenha-se numa luta corajosa contra êste defeito, recorre ao exame particular e vai de vitória em vitória até conseguir uma delicadeza e mansidão inalteráveis.

Nas crises da prolongada enfermidade, Maria Filippetto sobe três vezes ao leito operatório. O seu estado não permite anestesia. Cena comovente numa criança de tenros anos! cena digna de imortalizar no mármore o sofrimento cristão!

O ferro penetra-lhe nos membros delicados, raspa-lhe os ossos, e ela estreitando na mãozinha o crucifixo, saboreia o cális de agonia sem um lamento. Dos lábios sufocados pela dôr só brotam jaculatórias.

Mais tarde escreverá: «de olhos fitos no Crucifixo, pensando sòmente nEle posso suportar tôdas as provas. Que vem a ser o meu sofrimento defronte do de Jesus crucificado?»

A cruz da enfermidade é para ela fonte preciosa de méritos: «no meu leito, escreve, posso ser um Apóstolo, oferecendo de contínuo a Jesus os meus sofrimentos pela salvação das almas. Sou uma vitimazinha».

Quanto são comoventes os brados generosos desta menina-vítima! «A dor é uma bênção. Dizer: *Fiat* é muito pouco: devemos agradecer ao Senhor as cruzes que nos manda».

«Estou contente de sofrer; sou o cacho de uvas que se oferece nas mãos de Jesus para ser espremido».

«Jesus, fazei de mim o que vos aprouver... crucificai-me; estendo os braços, ofereço-me tôda a Vós, mas... dai-me almas».

Preguntei-me a mim mesmo ao ler a biografia desta angélica donzelinha, e preguntar-se hão os leitores: onde aprendeu tal generosidade, tal amor ao sofrimento e às almas uma criança de tenros anos? Quem lhe inspirou vibrações tão ardentes que nos trazem à mente Teresa de Jesus, Catarina de Sena, Maria Madalena de Pazzi e em nossos dias, a Virgem de Lisieux?

MARIA FILIPPETTO

A resposta dá-no-la um ilustre purpurado bem conhecido pela sua piedade e profundo saber, o Em.mo Card. Camilo Laurenti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos: «Nos fulgores eucarísticos viu a divina beleza do Filho da Virgem e consagrou-se-Lhe para subir com Êle ao Calvário. E teve a sua corôa de espôsa do Crucificado, corôa tecida de lírios e de espinhos».

O próprio Santo Padre Pio XI, que lendo a biografia de Maria Filippetto exclamara comovido: «Estas vidas de criancinhas santas fazem tanto bem!» acrescentou ainda: «eis um fruto da Comunhão freqüente!»

Maria era tôda para o seu Amado. Recebera-o a primeira vez com ardores angélicos, deseja depois acolhê-lo diàriamente no coraçãozinho puro.

Não lhe consentindo a doença conservar-se em jejum muito tempo, obtém do Sumo Pontífice a faculdade de comungar todos os dias ainda mesmo depois de tomar algum alimento em forma de bebida.

Outro favor insigne lhe concede Jesus, descendo do céu, Vítima Eucarística, ao altar pequenino do quarto onde se imolava a sua espôsa. Oh! a Missa junto ao leito de dôr como ela a recordava saüdosa e confundida!

Do Sacrifício de Jesus aprendia a sacrificar-se, do Pão dos Anjos tomava o confôrto que a fazia sorrir e exultar no prolongado martírio.

Ao lado de Jesus queria sempre a Mãe celeste. Dirigia-lhe ternos colóquios, celebrava-lhe o mês de Maio com fervor de anjo, falava dEla assim: «Sou a filhinha de Maria como sou o cordeirinho de Jesus. Maria ampara-me sob o seu manto. Oh! assim protegida não temo a tempestade! Como Vós pura, como Vós boa, mamã celeste!»

Num ímpeto de amor, ao alvorecer do último ano de vida consagra a Deus pelas mãos de Maria Santíssima a sua virgindade. Sublime espectáculo! Num quarto silencioso, soerguida na cruz do seu leito e amparada pela própria mãe, ante a Hóstia Sacrossanta que o sacerdote tem nas mãos, a vitimazinha entrega a Jesus o coração filiado que jámais amor terreno maculara.

Era o dia 11 de fevereiro, festa de Nossa Senhora de Lourdes. «Que prazer, escrevia depois ao seu Director Espiritual, que prazer estar sempre sob a protecção de Maria, da querida Mamã celeste, ser a sua filhinha, poder-me abandonar entre os seus braços, estreitar-me àquele seio puríssimo!»

A Virgem-Mãe não tardaria de facto em descer à terra para, em seus braços, levar para junto de Jesus a filhinha predilecta.

O mês das flores passara: a flor do céu, rica de méritos ia ser transplantada no celeste vergel. Assistamos-lhe aos últimos momentos dando a palavra, quanto possível, à mãi forte e generosa da afortunada menina na carta que escrevia ao seu filho, religioso da Companhia de Jesus: «a nossa Maria já não está entre nós. Quanta razão temos para chorar, não por ela que já goza da visão beatífica de Deus, mas por nós que a perdemos!

A febre consumia-a ràpidamente sem lhe alterar a serenidade. Seu meigo sorriso confortava-nos sempre. No dia 1 de Junho, nas horas em que a febre baixara pediu ao R. P.e Rosi S. J., seu confessor, que lhe administrasse a Extrema-Unção para ser completamente de Jesus, tôda pura, tôda abandonada a Êle. Enquanto o Padre a ungia, ela sorridente ia respondendo às orações. Tinha-se a doce ilusão de assistir a uma festa, não a uma cerimónia triste. E' um espectáculo que lembra o paraíso, dizia o sacerdote enternecido.

A nossa Maria que naquele raiar do mês do Sagrado Coração escolhera para todo êle a jaculatória: Fiat voluntas tua —faça-se a vossa vontade — sentia-se tão contente que ne repetia com voz comovida: «quanta suavidade, meu mãi, quanta suavidade!»

Na manhã do dia 3 recebeu como de costume a Sagrada Comunhão. Enquanto o P. Rosi erguia a Hóstia santa parecia querer devorá-la com os olhos. Preguntei-lhe pouco depois, se sofria muito. Fitando o Sagrado Coração respondeu-me: «E' o seu dia, a primeira sexta feira do seu mês. Disse-lhe que faça hoje de mim o que quiser, que estou pronta para tudo, mas que me dê alguma alma».

Às duas da tarde entrava improvisamente em agonia. Mandei chamar o P.e Rosi e o médico.

Conservava-se sempre calma. Preguntando-lhe o Padre, depois de falar-lhe longo tempo e de dar-lhe a absolvição e a Indulgência plenária, se desejava receber ainda o Sagrado Viático: «sim, sim, respondeu, traga-mo e dê-me tudo, tudo o que puder». O Padre saiu apressado. Na breve ausência, a moribunda com um supremo esfôrço tentou sentar-se no leito, e com os olhos scintilantes, o rosto iluminado, o sorriso nos lábios exclamou: «Que beleza! estou contente, muito contente... Estou contente de ter feito sempre o que pude para dar gôsto a Jesus. Oh! se o mundo todo fizesse o que pode, como Jesus estaria contente!... todos... todos anjos... todos... Mamã, mamã».

Foram as últimas palavras. Caíu sôbre o travesseiro, consciente ainda, mas incapaz de falar.

Entrava o Santíssimo naquele momento mas a nossa Maria já não o podia receber. Então o P.e Rosi inspirado do céu, colocou a sagrada Hóstia sôbre o peito imaculado da vitimazinha. Assim permaneceu por duas horas estreitando Jesus ao seio com a mão já quási fria. Às nove menos cinco minutos expirava docemente. Ante aquele corpo exânime, verdadeiro altar, onde ainda repousava Jesus Sacramentado, em vez do «De profundis» recitou-se em côro o «Te-Deum»: um novo anjo dera entrada no Paraíso».

Estava completo o sacrifício. Começava o dia eterno do triunfo. O corpo da angélica menina revestido de branco, esteve exposto durante quási 60 horas, sem a mínima alteração, coberto de rosas e lírios, no mesmo leito onde agonizara. Todos queriam tocar nele terços e medalhas. O entêrro foi uma apoteose. Deus, que na expressão do actual Sumo Pontífic, mostrou em nossos dias particular complacência em glorificar as almas simples, mostrou depressa quanto lhe fôsse grata a alma desta vítima pura e escondida.

Maria Filippetto prometera à sua mãi ao seu confessôr, pouco antes de morrer, que do céu «olharia sempre para a terra». Os três anos que decorreram após o seu passamento comprovam a realização da promessa. Graças de todo o géenro, curas extraordinárias, conversões notáveis ainda mesmo em países protestantes, lembram a mística chuva de rosas de S.ta Teresinha. O nome desta menina transpôs de há muito os confins da sua pátria A sua biografia singela e comovente repassada de um aroma celeste, as folhinhas impressas com a sua imagem e os seus pensamentos são pedidos não só para as várias nações da Europa mas até para a Africa e Austrália.

A biografia italiana vai já em 4 edições com 16.000 exemplares, a inglesa em três. Esperamos vê-la também para breve traduzida no belo idioma que falou S. António.

Portugueses, que neste ano centenário, ireis a Pádua venerar o filho mais ilustre da nossa terra, deponde também uma saüdade no túmulo já glorioso da angélica donzelinha que perpassou ante vossos

olhos; visitai o quarto, hoje veneranda relíquia, santificado pelo seu prolongado martírio; pedi-lhe que alcance para os meninos e meninas, para os jovens e donzelas de Portugal aquele ardente amor a Jesus e Maria que lhe abrasaram o coração puríssimo, num ideal sublime de sacrifício e de apostolado.

J. de T. F.

NOTA: Remetemos aos leitores que desejem mais pormenores sôbre a vida desta angélica menina a sua Biografia singela e comovente.

Consta-nos que a tradução portuguesa está sendo preparada em Lisboa.

E' um livro digno de ser lido por tôdas as meninas e donzelas da nossa Pátria.

Graças de N.ª S.ª de Fátima

Maria Isabel da Rocha, de Lisboa. Humildemente prostrada aos pés de N.ª Senhora da Fátima, vem agradecer-lhe uma grande graça relatando o seguinte:

Havia 15 anos que sofrera uma grave afecção do estômago e, tendo sido tratada por um dos melhores especialistas da Capital, melhorou consideràvelmente, observando, contudo, uma rigorosa dieta.

Porêm, a 7 de Janeiro de 1927, após ter ingerido um copo de chá muito frio, e muito forte, sentiu-se subitamente aflita, apresentando sinais aparentes de congestão cerebral.

Acudindo o médico, que se chamou imediatamente, êste declarou que se tratava de uma intoxicação, possivelmente provocada pelo chá fortíssimo, que bebera.

Os sofrimentos horrorosos por que passou durante o ano que se seguiu, são inteiramente indescritíveis!!! Chamados 3 dos mais abalizados clínicos de Lisboa, em vão esgotaram todos os recursos de ciência, procurando debelar afincadamente a doença, que se apresentava sob múltiplos aspectos...

Privada de alimentos, em conseqüência do estômago não poder suportá-los, alimentada apenas a' injecções, chegou a um grau de fraqueza geral, que causava espanto a todos: enfraquecimento, que lhe afectou intensamente o cérebro, produzindo crises medonhas e atingindo igualmente as pernas que, completamente imobilizadas, perderam tôda a acção.

Os médicos já sem esperança alguma de a salvar, mandavam, no entanto, aplicar-lhe contínuas injecções, chegando a levar 14 por dia.

A 7 de Março, um dêles declarou que ela não chegaria à noite, que a morte era certa e fatal!

As duas amigas com quem vive, não puderam conformar-se com o terrível diagnóstico, e cheias de aflição prostraram-se aos pés da Virgem da Fátima, suplicando ardentemente a salvação da amiga querida, fazendo beber à doente alguns goles da água milagrosa.

Melhorou um pouco, mas sempre sem esperança alguma.

Foi sacramentada por quatro vezes, pois os médicos todos os dias, quando a visitavam, diziam que não chegaria ao dia seguinte:

«Era uma lâmpada que lenta e fatalmente se extinguia» diziam êles.

A «Saúde dos enfermos» contudo, não a abandonava! os dias iam decorrendo e a predição médica não se confirmava, embora a doente continuasse abalada por terríveis crises cerebrais, o que levou um dos clínicos, a declarar que ela ficaria anormal, se porventura se salvasse...

A família, porém, esperava sempre, animada pela sua fé ardente, suplicando em lágrimas a intervenção de Nossa Senhora da Fátima.

Começou a melhorar, a entrar numa fase manifestamente mais serena, mais benigna, que fez reluzir muito ao longe, um ténue clarão de esperança!

As pernas, porém, continuavam imóveis parecendo desconjuntadas! Novamente lhe foram aplicados todos os tratamentos aconselhados pela ciência, sem resultado algum, dizendo um dos médicos que ela jámais andaria.

Nestas alternativas de esperança e desespêro, decorriam os dias, tristemente para a família e dolorosamente para a doente, até que as suas dedicadas amigas resolveram conduzi-la à Fátima a 12 de Junho de 1928. E, no trajecto, ora de combóio, ora de automóvel, encontraram ilustres cavalheiros que, com tôda a caridade cristã, a transportavam ao colo, como uma pobre criança...

Chegaram, enfim, a Fátima, a verdadeira terra de milagre para os enfermos do corpo e da alma!

Aí, foi transportada pelos servitas com todo o carinho, em maca, para o pavilhão dos doentes, aonde se conservou deitada tôda a noite.

No dia seguinte, assistiu à missa e à bênção dos doentes, chorando e implorando fervorosamente a sua cura, à Dôce «saude dos enfermos»...

Não experimentou, porém, melhoras algumas, e, tristemente desolada, mas fulgurante de fé; retomou o caminho de Lisboa, na companhia das suas amigas e desveladas enfermeiras.

Chegaram à Capital por volta das 2 horas da madrugada e as duas senhoras que a acompanhavam viram-se aflitas, ao constatarem que àquela hora tardia, não havia moços na praça e que elas eram impotentes para conduzir a doente ao 2.º andar, onde residiam.

Mas eis que, ao deliberarem mandar vir um colchão para ela passar o resto da noite, no patamar, esperando aí os primeiros alvôres da manhã — a doente que então, não se segurava de pé, levanta-se agarra-se ao corrimão e sobe lentamente a escada, sòzinha!!!

No dia seguinte — muito fatigada ficou de cama e, no outro dia, quando todos almoçavam na casa de jantar, aparece ela, sem auxílio do que quer que fôsse, apenas amparando-se com as mãos às paredes do corredor.

Todos extáticos, caíram de joelhos chorando e bendizendo à Virgem Santíssima da Fátima, que acabava de fazer mais uma das suas graças!...

A partir desse dia faustoso, começou a melhorar progressivamente dos seus sofrimentos, até hoje, que apenas conserva, dos seus terríveis e antigos males uma ligeira fraqueza no cérebro e um pequeno entorpecimento na extremidade dos dedos dos pés, o que a fôrça a apoiar-se a uma bengala quando anda na areia. De resto, move-se bem e vai a tôda a parte e, as pessoas que a viram nas suas crises medonhas, incluindo os próprios médicos, — ao contemplarem o seu belo aspecto, onde se divisa um infinito bem-estar, não podem deixar de constatar uma intervenção sobrenatural — uma graça singular de Nossa Senhora da Fátima

Reumatismo

Venho respeitosamente pedir se digne publicar no jornal «Voz da Fátima» a graça alcançada por intermédio de Nossa Senhora e que passo a expôr: Há 5 anos adoeci gravemente com um ataque de reumatismo. Estando tolhida, com fortes dôres chorava de noite e de dia sendo preciso pagar a uma mulher para me tratar, porque sou viuva e só tenho dois irmãos. Vendo que o mal cada vez era mais fui a uma cura d'aguas em Caldas da Raínha, mas nenhum resultado tirei, e de lá vim para a cama. Chorava inconsolàvelmente a minha triste sorte. Uma minha prima sabendo o meu estado veio trazer-me um frasco de água de Nossa Senhora da Fátima. Pedi à Mãi dos desamparados que alcançasse as minhas melhoras e prometi ir visitá-la no Santuário da Cova da Iria. Nossa Senhora atendeu-me e lá fui em Julho passado satisfazer essa promessa à Virgem Nossa Senhora.

Intestinos

Tendo tido meu querido filho Manuel Armando aos três mezes de idade com uma grave crise intestinal recorri à Santíssima Virgem pedindo-lhe que concedesse a saúde a meu filhinho, e prometi que no caso de ser atendida a minha prece daria testemunho público de gratidão à Virgem Santíssima por intermédio do jornal «Voz da Fátima».

Como meu filho recuperou rápidamente, graças à Grande Mãe de Deus, a sua saúde, venho com muita alegria e reconhecimento à Virgem do Rosário de Fátima cumprir a minha promessa.

Maria Helena Rocha Brito Guimarães Casimiro da Costa.

Reumatismo

Em cumprimento de uma promessa, venho pedir o favor de publicar no jornal «Voz da Fátima» uma graça que Nossa Senhora do Rosário de Fátima me concedeu e que passo a narrar:

No mez de Agosto do ano transacto, pelo dia 14 ou 15 pouco mais ou menos, minha mãi, Santana da Conceição Afonso Gonçalves, natural da frèguesia de Rabal, concelho de Bragança, caiu no leito vergada ao pêso de varias dôres reumáticas que, impedindo-lhe o movimento das pernas e dos braços, muito dificultosamente a deixavam respirar.

Empregadas tôdas as receitas medicinais, as dôres, em vez de afrouxarem, tornaram-se tão agudas e insuportáveis que ela dizia que só um milagre a poderia salvar.

Nesta conjunctura, com minha família, lembrei-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe entre outras promessas a de relatar a cura no Pregoeiro das suas misericórdias, se ela a obtivesse.

Oh! Maravilha! Tínhamos em casa água miraculosa de Nossa Senhora da Fátima que minha mãi começou a beber em pequena quantidade, mas repetidas vezes, e as dôres começaram a diminuir tão rápidamente, que passados apenas dois dias, minha mãe encontrava-se sem a mais pequena dôr!! Peço-lhe, pois mais uma vez se digne publicar esta grande graça no «Voz da Fátima» para honrar e glorificar Jesus e Maria Santíssima, Sua e nossa Mãe bendita.

Maximiano Augusto A. Gonçalves, aluno no Colégio das missões Ultramarinas de Cocujães.

Fractura duma rótula

É com grande satisfação e alegria que me dirijo a V.ª Reverência, para publicar na «Voz da Fátima» um milagre que a Virgem Santíssima me fêz:

Parti a rótula do joelho a meio há quatro mêses. Estive em casa 43 dias assistida pelo médico, depois levaram-me para o Hospital da Póvoa de Varzim onde vários médicos me assistiram e disseram que não passava sem fazer operação. O Rev.mo Sr. P.e Aurélio, capelão da Igreja da Misericórdia e do Hospital de Póvoa de Varzim, veio confessar-me, e trouxe-me uma garrafinha de água de Nossa Senhora da Fátima, e disse-me que pedisse com muita devoção à Virgem Santíssima, pois que ela me faria o milagre de não ser precisa a operação. E assim foi. A enfermeira D. Maria Amélia começou a lavar-me o joelho com essa água, e eu resava sempre três Ave-Maria com muita fé e devoção à nossa Mãe Virgem Santíssima, e ao fazer quinze dias comecei a andar sòzinha e não foi preciso fazer operação, e agora ando completamente bem, graças a Nossa Senhora da Fátima.

Laurinda de Jesus

Carmina da Conceição, a miraculada do dia 13 de Junho, a que noutro lugar nos referimos.

Uma Graça

Para maior glorificação da SS. Virgem do Rosário da Fátima, Gilberta e Célia Miranda, residentes em Recife (Brasil), vêm dar publicidade a uma especial graça, que a Virgem Maria lhes concedeu:

Estando Maria Eugênia de Miranda, sua progenitora, em estado gravissimo de disenteria bacilar, recorreram com fervor à Virgem da Fátima, afim de poupar vida tão preciosa. Quando a enferma atravessava a fase mais aguda da moléstia, tendo sido desenganada pelos médicos assistentes, rebentou a revolução de 4 de Outubro, que após vinte dias de combate, conseguiu substituir todos os governos do país. Um dos principais redutos revoltosos, ficara situado em local próximo à residência da enferma, havendo alí fortes fusilarias, privando-a assim do repouso absoluto aconselhado, e também de médicos e medicamentos, isto durante 48 horas, justamente no período em que Maria Eugênia exigia os maiores cuidados. Acrescentamos que a mesma tomou água de Fátima durante todo o decorrer da moléstia.

Felizmente após bastantes orações fomos ouvidas, pois terminou a revolução sem que a enferma sentisse nenhum choque e dentro de poucos dias entrava em franca convalescença, estando hoje perfeitamente curada. Por êste motivo vimos fazer públicar esta graça para provarmos à Raínha dos Céus a nossa infinda gratidão e aumentar em seus devotos a fé que lhe teem.

Recife, 29-3-1931.

Ferimento

Venho por êste meio pedir a V.ª Rev.cia a fineza de publicar no jornal a seguinte graça que Nossa Senhora nos concedeu. No princípio dêste ano apareceu-me uma ferida numa perna; a princípio não fiz maior caso, mas a ferida foi adeantando até que já não podendo suportar as dôres fui consultar o médico que me declarou ter de ser operado. Voltei para casa triste, e contei a minha mulher o que se passava, e ela respondeu-me:

Vamos fazer um triduo a Nossa Senhora da Fátima e ela te curará.

Assim, foi; fizemos o tríduo e lavou-me a ferida com água da Fátima. Depois fui ao médico e êle ficou admirado do estado em que me encontrou e disse-me que eu tivera uma úlcera mas que já estava bom. Continuei ainda o mesmo curativo alguns dias e graças a Nossa Senhora da Fátima estou bom.

Fernando de Santana Nunes

Angina diftérica

Maria Angelina Maia de Albuquerque — Viseu — tendo estado em perigo de vida com uma anghia diftérica — garrotilho — prometi a Nossa Senhora da Fátima, se escapasse, publicar esta grande graça no seu jornal e de enviar uma esmola para as obras do Templo.

Tendo sempre ao peito a medalha milagrosa, Nossa Senhora dignou-se ouvir-me nas minhas orações e às numerosas pessoas amigas que por mim pediram também.

Reconhecidíssima à boa Mãe do Céu, venho tornar pública esta graça.

Peritonite tuberculosa

Ana Rodrigues Tavares, de 15 anos, filha de Manuel Francisco Lopes Tavares, sofria de Peritonite tuberculosa.

O médico havia-lhe extraído por duas vezes o líquido do ventre, mas, a-pesar-de todos os cuidados clínicos, ela continuava sempre peorando.

Seus pais recorreram então a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura graça, se Nossa Senhora lha concedesse, e mandar celebrar 9 missas em nove primeiras sextas-feiras, ouvi-las e comungar nas mesmas. Foram atendidos, pois a rapariga está — na opinião do médico, Dr. Nunes da Silva — completamente curada. No próximo mez lá irão todos ajoelhar aos pés dA que é dispensadora de tôdas as graças.

P. António Sanfins Pinto dos Santos

Tumór

Tendo adoecido gravemente com um tumor maligno, que impedia o funcionamento regular dos intestinos e me causava dores agudíssimas, consultei o Sr. Dr. Raúl Cardoso, da Póvoa, que, depois de me tratar durante quinze dias sem resultado algum e agravando-se o mal, aconselhou-me a ir ao Porto consultar um especialista. Examinado pelo Sr. Dr. Abel Pachéco, foi-me dito por Sua Ex.cia que o meu estado inspirava sérios cuidados, e que resistisse de ser radiografado, porque, atento o meu mal, não me operava. Chegou até a aconselhar as pessoas que me acompanhavam a levarem-me para casa com cuidado, pois receava que morresse pelo caminho. Nesta conjunctura tratei de me preparar para a morte. Recebidos os Sacramentos, o meu Pároco, condoído de ficarem orfãos tão cêdo meus oito filhinhos, sugeriu-me a ideia de recorrer a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena. Comecei-a logo com minha esposa e filhos, mas durante ela as dôres aumentavam e a cada momento esperava o desenlace faltal. Acabada a novena as dôres agudíssimas, que me torturavam há tanto tempo, desapareceram como por encanto e comecei a tomar algum alimento, que me não causava os incómodos que durante dois mêses me fizeram sofrer horrivelmente. Aos dias de tristezas indiziveis sucederam dias de íntima alegria, e família, parentes e amigos proclamavam por tôda a parte que Nossa Senhora da Fátima havia alcançado mais um milagre.

Venho, pois, por êste meio, patentear a Nossa Senhora o meu reconhecimento por tão grande graça recebida. Embora ainda não esteja completamente bom já cuido da administração da minha casa e da educação de meus filhos, e espero ir a Fátima na peregrinação do mês de Outubro levar uma fotografia do meu estado de doente, de que fui curado por intermédio de Nossa Senhora, Saúde dos enfermos e Raínha dos portugueses.

Desejo muito que esta graça seja publicada na «Voz da Fátima».

António Eusébio Fontes

Diversas graças

Edmira Judith Afonso, agradece a Nossa Senhora uma graça importante que por ela alcançou do Céu. Enviou uma esmola.

— Maria Martins Ramos, de Torres Vedras, agradece a Nossa Senhora, o desaparecimento de um tumor num dos membros inferiores e a ação dum braço que há um ano tinha paralisado por completo.

— A. M. agradece duas graças a si concedidas.

— Maria da Conceição Folgado, agradece uma graça. Enviou uma esmola para o culto.

— Manuel Teixeira de Carvalho, de 59 anos, que desde criança sofria do estomago a ponto de ter de observar uma rigorosa dieta, agora vem publicar a cura radical que Nossa Senhora lhe alcançou. Já pode comer de tudo e nada lhe tem feito mal.

— Maria Carmelita C. da Albuquerque, do Recife — Brasil, agradece a cura duma ferida grave a uma doente que tratava.

— Aurélio Nunes Pardiza e sua esposa, agradecem à Nossa Senhora uma graça feita a sua filha Maria do Céu. Esta criança de 2 anos, nascera com um pé aleijado. Consultaram-se clínicos, sem resultado, e por fim conseguiram de Nossa Senhora o que já não esperavam conseguir, — o pé tornou a posição natural e tem-se mantido assim.

— M. da C. — Ponte da Barca, agradece a Nossa Senhora uma graça muito importante concedida a uma sua filha.

— Manuel Dionizio, de S. Eufemia, agradece a Nossa Senhora duas graças que Nossa Senhora lhe alcançou para si e outra para sua mulher.

— José Fernandes, de Loulé, agradece a Nossa Senhora diversas graças temporais e espirituais de muita importância.

AVISO

As pessoas que desejarem água da Fátima ou quaisquer objectos religiosos não devem dirigir-se a esta administração, mas sim ao Snr. *António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima — Vila Nova de Ourém.*

Voz da Fátima

Despesa

Transporte	262.758$34
Papel, composição e impressão do n.º 105,	4.643$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, fretes etc.,	1.522$40
Com a administração em Leiria,	292$00
Total	269.215$74

Donativos vários mais avultados: — Helena Gomes — Aldeia N. de S. Bento, 20$00; Igreja de S. M. Madalena — Lisboa, 40$00; M.ª dos R. X. Proença — Pinheiro da Bemposta, 25$00; Salazar X Coutinho — Sernancelhe, 25$00; M.ª E. F. de Vrissinfo — Lourinhã, 20$00; M.ª da C. R. Basto — Algarve, 30$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa, 80$00; Manuel d'Oliveira — Alpiarça, 16$90; Ana de Deus P.ª — Guarda, 20$00; Ermelinda de Melo — América, 22$00; Ermelinda Luz — América, 22$00; M.ª do Carmo C. F. Lindo — Coja, 20$00 P.e Ant.º de Mespia — S. Paio de Tavões, 20$00; M.ª Bettencourt Limas — Açôres, 20$00; M.ª Eugénia Sarmento — F. do Douro, 20$00; Marcolina L. Santos — Sintra, 20$00; Corina dos P. Ribeiro (distrib. em V. do Minho), 80$00; Distribuição em Monção, 120$00; Distribuição em Faro (D. Alice Almeida), 60$00; José Alves Sequeira — Açôres, 15$00; Maria da Estrela Dias — América, 21$00; «Sanatório Maritimo d'Outão, 650$05; M.el R. Gonçalves — Guarda — Gare, 20$00; P.e António Baptista de Miranda — Alcains, 20$00; «Belo Horizonte», 128$90; Adelia Costa Santos (distrib. em Bragança), 20$00; M.ª do P. Manso — Inhambane, 50$00; M.ª M. da Silva — Recarei, 20$00; P. José F. R. Novaes — Vila Cova, 42$90; M.ª A. V. Carvalho Vieira — Porto, 20$00; José da Costa Sampaio — Louzada, 15$00; «Club Lusitano» — Hong Kong, 20$00; Joaquim M. L. Junior — Campanhã, 20$00; Distribuição em Cofares (P.e Joaquim L. Seixal), 150$00; M. Inês F. A. Nogueira — Valadares, 20$00; P.e Bernardino da S. Ribeiro — Cebolaes de Cima, 20$00; José Gomes H. de Araujo — Funchal, 20$00; Raimundo Vicente da Silva — Alvega, 30$00; Filipe Cesar G. de Bocage — Atalaia, 20$00; Sebastião Henriques — Freixial de Cima, 15$00; Joaquim H. da Costa — C. de Besteiros, 20$00; M.el C. Bernardino — Brazil, 15$00; Benedicta do Carmo Branco — Alcains, 30$00; Julio Ant.º Cardoso — Lamego, 30$00; Distribuição em Beiriz, 30$00; América J. T. R. das Neves — Tomar, 20$00; Viscondessa de Camerati — Braga, 15$00; M.el da Silva — Braga, 20$00; Francisco de P. Boléo — Coimbra, 15$00; P.e Manuel Negreiros — Brasil, 138$10; Distribuição em C. de Vide, 25$00; José Cristovam Ourem — Coruche, 20$00; Francisco Vicente (distrib. em Vizeu), 25$00; Laura Vargas — Lisboa, 20$00; Margarida G. de Sousa — Negrelos, 15$00; M.ª dos P. Amaral — L. Marques, 15$00; Olivo V. der Meulen — L. Marques, 15$00; Bento J. M. Guerra — L. Marques, 15$00; Conceição C. P.ª — L. Marques, 25$00; Aurora M. de S. Valente — L. Marques, 100$00; M.ª Alice H. de Brito — L. Marques, 20$00; Guilhermina W. Martins — L. Marques, 30$00; Dr. José A. Soares — L. Marques, 50$00; Elvira B. Lobo — L. Marques, 30$00; Leonida Valente — L. Marques, 30$00; M.ª Amalia L. Fontes — L. Marques, 50$00; Evandra da C. Ferreira — L. Marques, 20$00; Laura da C. Graça — L. Marques, 15$00; Noemia Barata — L. Marques, 15$00; Olinda da F. T. Dias — L. Marques, 25$00; **Adelina F. Leitão — Cascaes, 20$00**; Henriqueta M.ª A. H. Gouveia — Funchal, 30$00; Teixeira & Castro L.da — Madeira, 50$00; Maria J. Viçôso — Merceana, 20$00; Ana T. Ferreira — Beiriz, 200$00; Leonor da C. Costa — Porto, 20$00; Leonor Rosa de Viterbo — Algarve, 15$00;

Importancias recebidas para assinaturas e donativos:

D. Julia de Sousa Nunes, 20$00; Marquesa do Funchal, 10$00.

Esmolas obtidas em diversas Igrejas quando da distribuição de jornais:

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Maio último pela Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 28$50.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ANO IX — LEIRIA, 13 de Agosto de 1931 — N.º 107

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos || Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa || Administrador: P. António dos Reis || Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

Fátima - Consolação dos que creem e lenitivo dos que sofrem.

A procissão das velas

Favorecida por um tempo esplêndido, em que o azul do céu, puríssimo e sem nuvens, se casava harmoniosamente com a amenidade da temperatura e com a serenidade da atmosfera, apenas perturbada por uma ligeira brisa, a procissão das velas desenrolou-se através das longas avenidas da Cova da Iria, constituindo com os seus milhares de lumes, uma apoteose entusiástica, imponente e formidável, à gloriosa e bemdita Raínha do Santíssimo Rosário.

Milhares de pessoas de ambos os sexos e de tôdas as idades e condições sociais tomaram parte nesse assombroso cortejo, rezando e cantando, em homenagem à augusta Mãe de Deus, que, em nossos dias, tão misericordiosamente se dignou manifestar o seu amor à nossa Pátria, agora mais do que nunca, terra de Santa Maria.

Antes de se pôr em marcha, a imensa mole de povo, que estacionava no local das aparições, a uma ordem do capelão-director dos servitas transmitida pelos megafónios, aglomerou-se em frente do pavilhão dos doentes e recitou com fervor o terço do Rosário. No fim da procissão, tornou a reunir-se no mesmo local onde cantou em unísono o *Credo*, como protesto veemente da sua fé contra as blasfémias soezes da impiedade e as negações gratuitas e impotentes da descrença. Durante a tarde, visitou o Santuário, tendo assistido também à procissão das velas, o ilustre Ministro da Marinha, sr. comandante Magalhães Correia.

As peregrinações

Entre as peregrinações que se incorporaram na procissão das velas, merecem ser postas em especial destaque a de Belêm, Lisboa, com 56 pessoas, dirigida pelos rev.dos Mons. Gonçalo Domingos Nogueira e Domingos Bernardino Videira, a do Pôrto, com 200 pessoas, sob a direcção dos rev.dos Matos Soares e Abade de Bomfim, a de Setúbal, com 200 pessoas, presidida pelo vigário da vara, rev.do Francisco Carlos Nunes, a de Gouxaria (Alcanede), com 130 pessoas, a de Rio de Couros, com 75 pessoas, sob as ordens do rev.do António Ferreira e a de Águeda, organizada e dirigida pelo rev.do José Bernardino dos Santos e Silva, com 70 pessoas, e composta, na sua grande maioria, de operários de fábricas.

A peregrinação de Gonçaria foi promovida pela Pia União de Nossa Senhora de Fátima, instalada na frèguesia e levava um guião e dois lindos e vistosos estandartes.

Os peregrinos de Rio de Couros fizeram a viagem a pé num percurso de mais de quatro léguas, tendo-se todos confessado na saída da frèguesia e comungado na Cova da Iria.

A adoração nocturna

Depois do sol posto, a temperatura do ar ambiente na Cova da Iria desceu consideràvelmente e mais ainda às primeiras horas da madrugada. Por êsse motivo a assistência aos actos religiosos nocturnos representava um penoso sacrifício para os peregrinos, mesmo para aqueles que tinham conseguido instalar-se, aliás bem pouco còmodamente, no pavilhão dos doentes.

A adoração nacional, que durou da meia-noite até às duas horas, foi presidida pelo rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, que rezou o terço do Rosário, alternadamente com o povo. Nos intervalos das dezenas, o rev.do José Lourenço dos Santos Palrinhas, pároco da Figueira da Foz, explicou os mistérios gozosos, fazendo reflexões e exortações apropriadas sôbre o cumprimento dos próprios deveres, a fuga do pecado e o exercício das virtudes cristãs.

As práticas durante a adoração nacional

Os megafónios, que funcionavam a primor, transmitiam a todos os recantos do local das aparições a voz clara e bem timbrada do distinto orador, que por vezes fustigava severamente as atitudes dúbias e os actos incoerentes de tantos e tantos que se prezam de bons católicos em face dos princípios doutrinais que professam e da orientação e das directrizes da autoridade eclesiástica, cujo poder reconhecem como legítimo e competente. Em seguida à adoração nacional, as diversas peregrinações organizadas, que estavam presentes, reùniram-se em grupos para fazerem as demais horas da adoração. Entretanto os altares e as suas imediações começavam a ser ocupados pelos sacerdotes que celebravam missa ou aguardavam a sua vez de a celebrarem.

A multidão era menos compacta que no dia treze de Junho. A-pesar-disso, as confissões foram numerosíssimas, durando tôda a noite as dos homens, e o Pão dos Anjos foi distribuído a muitos milhares de fiéis, devidamente preparados.

A estátua do Beato Nuno de Santa Maria que será inaugurada no mosteiro da Batalha no dia 14 de agosto de 1931

A estátua representa Nun'Alvares discursando ao exército português onde muitos havia tranzidos de mêdo à vista da multidão dos inimigos.

As procissões, a missa e a bênção dos doentes

Pouco depois do meio-dia solar, realizou-se a primeira procissão com a Estátua de Nossa Senhora de Fátima, a que se seguiu a missa dos doentes.

Acolitaram a esta missa dois servitas de elevada categoria social.

Em frente do altar, deitados em macas ou sentados em bancos, estavam os doentes, que prèviamente se haviam inscrito no registo do Pôsto da verificações médicas e que eram aproximadamente cento e cincoenta.

Ao Evangelho o rev.do Palrinhas fêz a respectiva homilia, que durou vinte e cinco minutos.

Depois da missa, rezou-se o terço e deu-se a bênção com o Santíssimo Sacramento, primeiro a cada um dos doentes e depois a todos os fiéis. Por fim encerraram-se os actos religiosos oficiais com a procissão do adeus, que reconduziu a Estátua de Nossa Senhora de Fátima à capela das aparições.

Assim concluiu, em Fátima, que é sem contestação a Lourdes Portuguesa, mais um dia de glória para Deus, de alegria para a Santa Igreja e de graças e bênçãos para tantas almas!

Um peregrino alemão

Entre os peregrinos estranjeiros, que no dia treze de Julho acorreram a Fátima, para assistir às imponentes manifestações de fé e piedade de que é teatro a Lourdes Portuguesa, merece especial referência um ilustre sábio alemão, que veio de-certo atraído pela propaganda intensa de Fátima que tem sido feita em todos os países de língua alemã pelo dr. Ludwig Fischer, lente de ciências históricas na Universidade de Bamberg. Êsse sábio alemão é o dr. Josef Sommer, de Hamburgo, lente do Instituto Superior do Comércio daquela grande cidade da Prússia oriental.

O ilustre peregrino não ocultava a admiração de que se achava possuído perante a série magnífica de espectáculos empolgantes que tivera a ventura de presenciar e que excederam sobremaneira a sua ansiosa expectativa, assim como a intensa e funda comoção que o dominava, fazendo vibrar as cordas mais íntimas e mais delicadas da sua alma.

Que a augusta Virgem do Rosário se digne cumular das suas melhores graças e bênçãos o estranjeiro ilustre, que de tam longe veio venerá-la no Santuário de Fátima, durante a longa viagem de regresso às regiões setentrionais da Europa onde habita, para lá ser uma testemunha entusiástica das suas maravilhas divinas e um apóstolo ardente das suas glórias incomparáveis.

Um novo livro do dr. Luís Fischer

O grande apóstolo da Lourdes Portuguesa nos países de língua alemã — o rev. dr. Luís Fischer, professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Bamberg (Baviera), — acaba de trazer à luz da publicidade mais um livro da sua autoria. É uma primorosa e rica brochura, edição da Fátima — Verlag, ultimamente fundada por iniciativa do distinto professor naquela cidade, e que honra sobremaneira a casa editora, pela perfeição técnica com que foi executada. O seu título é «Fátima im Lichte der Kirchlichen Autorität», que quere dizer, na tradução portuguesa, «Fátima à luz da autoridade eclesiástica». De grande formato e nítida impressão e em óptimo papel, consta de oitenta e duas página e é ilustrado com magníficas gravuras de página, entre as quais a da capa, que reproduz a côres a scena inefável das aparições, a fotografia da Imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na capela do Colégio Português, em Roma, e que é obra do escultor Tedim, de S. Mamede do Co-

DOM NUNO ALVARES

(*Camões* — Lus. canto IV est. XIV)

Reprovando as vontades inconstantes,
Aquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, trado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

«Como? da gente ilustre Portuguesa
Ha-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como, desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em tôda a parte,
Há-de sair quem negue ter defêsa,
Quem negue a fé, o amôr, o esfôrço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio reino queira ver sujeito?

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daqueles, que debaixo da bandeira
De grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a prêsa que tiveram?

... ...

E se com isto enfim vos não moverdes
Do penetrante mêdo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio
Que eu só, resistirei ao fogo alheio,

Eu só com meus vassalos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da fôrça dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada;
Em virtude do Rei, da pátria mestra,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei, não só êstes adversários,
Mas quantos a meu Rei fôrem contrários.»

... ...

(então) E as mãis que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

... ...

(Êle disse) «Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
De liberdade está na vossa lança.

ronado, o **retrato** de Sua Ex.a Rev.ma o Senhor D. **José** Alves Correia da Silva, Bispo de **Leiria**, e a estampa que representa a **grande** procissão do adeus no dia treze de Maio último, em que tomaram parte quási todos os Prelados portugueses. O livro, que é dedicado pelo autor ao venerando Prelado de Leiria, contêm, além do prefácio, oito capítulos, subordinados aos seguintes títulos:

Para a Pátria
Lírio entre espinhos (em latim)
O Anjo da Virgem (em latim)
O som da sua voz ecoou por tôda a terra (em latim)
Fátima na Cidade Eterna
A «Magna Charta» de Fátima
Dom José Bispo de Leiria—Carta Pastoral sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima
Não sei falar (em latim)

O novo trabalho do sábio professor de Além-Reno constitui um precioso contributo para a bibliografia de Fátima e um poderoso instrumento de difusão dos sucessos admiráveis da Lourdes Portuguesa nos países em que se fala a língua de Goeth e de Schiller.

É essencialmente uma obra de propaganda, que encerra um breve resumo da história das aparições, põe em justo relêvo a multipla e assombrosa actividade do «Anjo da diocese de Leiria» em prol de Fátima, insere na íntegra a Carta Pastoral «A Providência Divina» sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima, refere as visitas de numerosos Prelados e outros personagens ilustres à Cova da Iria, expõe episódios interessantíssimos sucedidos em Roma e relacionados com a Lourdes Portuguesa e finalmente descreve com as côres mais vivas e mais impressionantes as scena paradisíacas que se desenrolaram no local das aparições no dia treze de Maio último.

Bem haja o grande historiador alemão, tam benemérito da Igreja, de Portugal e da causa de Fátima, pelo amor inteligente, dedicado e indefesso, com que se entrega à propaganda da «Pérola de Portugal» e que justamente o consagra como «Príncipe dos Apóstolos de Nossa Senhora de Fátima!»

Peregrinação de Serra do Bouro (1)

No dia treze de Junho último, a pequena frèguesia de Serra do Bouro (Caldas da Raínha efectuou a sua peregrinação paroquial ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Tomaram parte nessa piedosa romagem setenta pessoas dos dois logares, que formam as frèguesias: Nadadouro e Foz.

A peregrinação levava dois estandartes, lindos e vistosos, de Nossa Senhora de Fátima, um de cada logar, e era acompanhada pelos seu zeloso pároco, rev.do João Henrique dos Santos Veríssimo, que promoveu e dirigiu tão bela manifestação de fé e piedade. Todos os peregrinos se prepararam para a peregrinação, confessando-se prèviamente, na igreja da sua frèguesia, e todos comungaram no dia treze no Santuário de Fátima.

Visconde de Montelo

(1) **Pede-se a todos os sacerdotes directores de peregrinações a fineza de comunicarem por escrito à «Voz da Fátima», o mais tarde até ao dia quinze do respectivo mês, tôdas as notícias que julgarem interessantes relativas a essas peregrinações, para que delas se possa fazer o devido relato no órgão oficial do Santuário. Assim o exigem a glória de Deus, a honra da Santíssima Virgem e o bem das almas, para quem tais relatos são doce confôrto, poderoso estímulo e justo motivo de edificação.**

CENTENÁRIO DO BEATO NUNO DE SANTA MARIA

O Beato Nuno de Santa Maria cujo centenário passa êste ano é incontestàvelmente uma estrêla de primeira grandeza no céu puríssimo da religião e da história portuguesa.

A sua crença viva pode resumir-se na linda estância que Camões põe na boca de Vasco da Gama:

«A Lei tenho dAquele, a cujo império
Obedece o visíbil e o invisíbil:
Aquele que *criou* todo o hemistério,
Tudo o que *sente*, e todo o *insensíbil;*
Que padeceu desonra e viturpério,
Sofrendo morte injusta e insufríbil;
E *que do Céu à terra* enfim desceu,
Por subir os mortais da terra ao Céu»;

(Lusíadas Cant. I. est. 65).

A pátria sacrificou tudo — a família, os haveres a vida que tantas vezes expôs aos golpes dos inimigos.

A mãi de Nun'Álvares temendo pela sorte dêste filho, aceita da parte do rei de Castela o encargo de lhe oferecer o condado de Via[illegible] e outras terras e rendas para abandonar o partido nacional e passar para o estranjeiro. A esta pregunta responde o Beato Nuno:

«Deus não queira que por dádivas e longas promessas eu vá contra a terra que me criou. Por ela darei os meus dias e derramarei o meu sangue».

Estas palavras calaram tão fundo no coração da Mãi que, não satisfeita com aprovar o procedimento do filho, ainda alistou o outro, chamado Fernando, no exército português.

À fé e ao esfôrço de Nun'Álvares devemos a nossa independência.

As hostes de Castela tinham invadido Portugal, país pequeno, pobre, sem exército e cujos principais chefes tinham ido engrossar as fôrças inimigas.

Como uma torrente que tudo leva diante de si, assim os castelhanos invadiram a Beira e, caminhando ao longo do vale do Mondego, apoderaram-se de Coimbra para se dirigirem a Lisboa.

Contra a opinião de todos, Nun' Álvares, então de 25 anos apenas, resolve pôr um dique à invasão.

Reúne um pequeno número de homens no Alentejo e vem a Tomar onde espera o rei com os elementos que conseguira recrutar no norte.

Nun'Álvares não perde um momento. De Tomár passa a Ourém e e dali a Pôrto de Mós para cortar o passo ao exército invasor.

Entretanto, os castelhanos passando por Soure e Pombal, invadem Leiria.

Temendo que o inimigo lhe fuja, transfere o seu arraial para as proximidades da Aljubarrota, na cumeada onde está a Capela de S. Jorge.

Aí passou a noite de 13 para 14 de Agosto de 1385 em oração com os seus companheiros de armas. Pela manhã receberam a Sagrada Comunhão e esperaram em jejum até à tarde. Eram ao todo uns seis mil e quinhentos homens.

O exército de Castela, que abandonara Leiria, seguia o caminho de Lisboa e compunha-se duns trinta e dois mil homens bem apetrechados, contando a flor dos cavaleiros espanhois e muitos de origem portuguesa.

Em condições tão diversas travou-se o combate entre os dois exércitos. A batalha durou pouco mais de meia hora.

O exército espanhol foi desbaratado, abandonando na fuga um rico espólio de que se guardam ainda hoje algumas preciosidades nas igrejas e museus.

Em reconhecimento à protecção de Deus por tão assinalada vitória, tôdas as Sés catedrais portuguesas foram dedicadas à Virgem Santíssima no mistério da sua Assunção gloriosa, e D. João I mandou construir o mosteiro da Batalha que é o mais formoso monumento de Portugal e um dos mais belos do mundo.

Por seu turno, o Santo Condestável quiz assinalar o lugar onde durante a batalha tremulou a bandeira portuguesa, erijindo a capelinha de S. Jorge que, pobre como Portugal, se conserva através dos séculos a atestar a fé dos gloriosos combatentes de Aljubarrota.

Ainda em comemoração da mesma batalha, o Beato Nuno mandou construir, no condado de Ourém, a igreja de Santa Maria de Ceissa que conserva ainda hoje traços de edificação primitiva.

Fé do Beato Nuno

A fé de Nun'Álvares era a chama de que se alimentava a sua dedicação patriótica — a alma da sua alma.

Antes de principiar a batalha dos Atoleiros, todo o exército — com o Condestável à frente — se pôs em oração, e, depois da vitória, fez construir a Igreja de Santa Maria de Armamar.

Em Valverde, em pleno território inimigo, é o exército português atacado por fôrças espanholas muito superiores.

Começa o combate muito cêdo, apenas bruxuleava a aurora.

Mesmo nesse momento crítico o nosso Bem-aventurado não omite oração. E de joelhos, diante da sua espada em cruz, onde estava gravado o nome de Maria Santíssima e junto à bandeira com as insígnias do Carmelo, Nun'Álvares ofereceu a Deus o seu coração e o mosteiro do Carmo que depois fez construir em Lisboa com a igreja magnífica hoje em ruínas.

Devoção à S. Eucaristia

Era muito devoto da Sagrada Eucaristia.

Ocorrendo o dia do Corpo de Deus quando estava em batalha, mesmo à vista do inimigo, não deixava de celebrar esta solenidade.

Ouvia duas e três Missas por dia às quais não se dedignava de ajudar.

Comungava freqüentemente e aos que estranhavam a freqüencia com que recebia Nosso Senhor, respondia: «Que se alguém o quizesse vêr vencido, pertendesse afastá-lo daquela Sagrada Mesa, em que Deus se dá em manjar aos homens, porque dela lhe resultava todo o esfôrço, e fortaleza com que vencia e debelava os seus contrários».

«Para que o S. Sacramento estivesse com a devida decência nos templos de que era donatário dava particulares esmolas para cálices, custódias e paramentos», alguns dos quais ainde se conservam hoje.

Tinha uma particular devoção a Nossa Senhora. Do afecto, da exímia piedade, diz o decreto da Confirmação de seu culto, com que amava a Santíssima Virgem são esplêndidos documentos e provas, a imagem da mesma Beatíssima Virgem que auspiciosamente trazia pintada nos estandartes militares; seis templos, dos sete por êle erguidos, consagrados à Virgem Mãi de Deus, as missas que perpetuamente se deviam celebrar nos altares-móres dêsses templos, e os jejuns rigorosos por Nuno fielmente observados nos sábados do ano e nas vigílias das festas de Maria, ainda quando destinados a combate».

Amor à pureza

O seu amor à santa virtude da pureza é outra característica do Beato Nuno.

Não só a praticava com entranhado afecto como não consentia a licenciosidade de costumes nos seus soldados expulsando as mulheres de mau proceder e tratando com decôro e respeito as dos vencidos.

Usava dizer aos seus companheiros de armas. «Que tanto teriam de vitoriosos como de honestos; e o Capitão que não amava esta angélica virtude, entrava na batalha meio vencido».

Exemplo bem a considerar por tantos de nossos contemporâneos que fazem dos prazeres, mesmo os mais grosseiros, o único fim da sua vida! São desgraçados que aos 20 anos estão gastos pelo vício!...

Como devem meditar no respeito com que o grande Capitão português cercava as mulheres, tantas que no nosso tempo ostentam mesmo públicamente modas inpúdicas e uma nudez que parece venal!...

Caridade

Dentre as outras virtudes que esmaltavam o coração do Beato Nuno, não devemos esquecer a sua caridade, o amor do próximo.

Quando alcançava alguma vitória, tirava logo do espólio a décima parte para os pobres.

Todos os anos vestia os nus. Nunca vendeu trigo que os seus imensos domínios produziam. Dava tudo. Em anos de fome estendia a sua caridade até aos inimigos reconhecendo que todos somos filhos do mesmo Deus.

Seguindo o conselho do Divino Mestre auxiliava a ocultas principalmente a pessoas horadas e nobres que tinham caído em miséria.

Dizia muitas vezes: «os pobres são os cofres dos ricos e que com nenhuma outra coisa se grangeia melhor a misericórdia divina que com a virtude da esmola».

Distribuiu pela filha e pelos companheiros de armas todos os seus haveres, e, não tendo mais que dar, entrou como humilde donato para o convento do Carmo, de Lisboa, ainda em pleno vigor da vida.

E então Nun'Álvares que tinha subido às culminâncias das honras, das grandezas e das opulências, êle que era o imediato do rei, o Condestável do exército vitorioso, Conde de Ourém, de Barcelos, de Arraiolos, percorria as ruas de Lisboa estendendo a mão à caridade pública para socorrer os pobrezinhos de quem era uma verdadeira providência.

Sua morte Santa

Tal vida, tal fim, e, por isso, a morte do Beato Nuno de Santa Maria foi preciosa na presença de Deus.

Transcrevemos o decreto da sua beatificação. «Vividos cêrca de dez anos de vida conventual, sentindo vizinha a morte, preparou-se com mais frequentes actos de virtude para a derradeira hora. Chegado o dia do falecimento, depois de feita a profissão de fé ortodoxa recebeu com grande devoção o S. S. Viático e a seguir a Extrema-Unção. Assim confortado e fortalecido, tendo na mão esquerda a vela benta e na direita o Crucifixo, que devotamente fitava e beijava, enquanto um religioso lhe lia a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo S. João, às palavras: *Eis aí a tua Mãi*, rendeu o espírito a Deus».

O Santuário da Fátima associa-se com todo o entusiásmo às festas comemorativas do centenário da morte do Beato Nuno não só porque foi um grande devoto de Nossa Senhora e êste Santuário está situado no Condado de Ourém que pretencia a Nun' Álvares, mas também, porque no centro de Portugal, faz suas as grandes glórias nacionais.

Graças de N.ª S.ª de Fátima

Coxalgia

António Nazaré de Castro Pinto, envia o seguinte atestado médico comprovativo da cura da doença a que o mesmo se refere, cura que atribue em grande parte à intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

ATESTADO

Eu, José Mendes Moreira, médico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto, atesto pela minha honra que tratei duma coxalgia (direita) o pequeno António de Nazaré, digo, António Nazaré de Castro Pinto, de 7 anos de idade, filho do Sr. Arlindo da Costa Pinto, da Freguesia de Castelões de Cepeda, Concelho de Paredes, Distrito do Porto.

Pode-se considerar clinicamente curado e talvez sobrenaturalmente, tão rápidas e completas foram as melhoras que experimentou, não obstante os prognósticos reservados que vários clínicos de nomeada fizeram.

Paredes, 10 de Março de 1931.

José Mendes Moreira

(Segue o reconhecimento)

Pulmonia

Ana Augusta de Castro Mata, de Lisboa, achou-se gravemente enfêrma com uma pulmonia (a 3.ª que teve)

Rodeada de 4 filhos menores, e com o seu infeliz marido com uma doença incurável, sem poder tomar conta dos filhos, nesta conjuntura aflitiva prestes a morrer, implorou a Virgem da Fátima com fé sincera e fervorosa confiança pedindo-lhe que se dignasse conceder-lhe a continuação da vida para amparo de seus filhinhos. A febre que até ali por vezes se elevara acima de 40 gráus, baixou agora rápidamente e dentro em pouco a doente estava restabelecida. Considerando que o que se passou fôra um favôr de Nossa Senhora de Fátima vem aqui agradecer à sua celeste Benfeitora.

Ana Augusta de Castro Mata.

Paralisia

Manuel de Araujo, guarda-fiscal, de S. Pedro da Torre, quando estava em serviço no quartel deu-lhe um ataque que lhe paralizou todo o corpo. Esteve 24 horas sem dar acordo de si. Chamou-se o médico que lhe receitou alguns medicamentos, sem resultado, repetindo-se o ataque 2.ª, 3.ª e 4.ª vez, Sua esposa vendo seu marido sem esperanças de melhorar, à meia noite em ponto lembrou-se de Nossa Senhora da Fátima a quem pediu com muitas lágrimas que o salvasse.

Fez-lhe o mesmo pedido duas noites seguidas e ao fim das duas noite fez à Virgem Santíssima uma promessa.

Desde esse momento, seu esposo começou a sentir melhoras consideráveis encontrando-se hoje completamente bem. Por este motivo vem cumprir a promessa que fez à Virgem Santíssima a quem jàmais poderá esquecer.

Dôr ciática

Permita que venha cumprir o sagrado dever de publicar mais uma grande graça que a Virgem da Fátima acaba de conceder na frèguesia do Sobral.

Tendo sofrido duma terrivel dôr ciática já desde um mês inteiro, mandei chamar o médico do meu concelho por várias vezes, mas não foi possível acertar com algum medicamento que me abrandasse a dôr. Tão aflita me vi que resolveram mandar-me para Coimbra a-fim-de me aplicarem um aparêlho de gêsso para levar a perna ao seu lugar porque com a violência da dôr a perna tinha descido seis centímetros. Fui aos especialistas de Coimbra mas o meu padecimento agravou-se ainda mais. Voltei para minha casa desenganado. Ao chegar lá aproximaram-se logo de mim os meus seis filhinhos, mas eu, pensando que por breves dias os deixaria orfãos só chorava diante deles. O meu estado era gravíssimo. Na cama nem podia voltar-me sem auxílio de alguém que me voltasse a perna; enfim, ninguém me julgava vida, mas como o poder de Nossa Senhora é grande, recorri a ela a procurar nova medicina.

Comecei a rezar o meu terço todos os dias, confessava-me e comungava todos os dias 13 de cada mês, e, graças a Nossa Senhora, de dia para dia as minhas melhoras eram mais sensíveis. Comecei a andar de muletas. Desde então minha mulher pediu com fé mais viva à Mãi dos aflitos e prometeu que iríamos visitá-la a Fátima logo que eu tivesse a saude suficiente para isso. Em outubro lá fomos. Para lá fui a cavalo, mas para aqui percorri todo o caminho a pé sem grande dificuldade! Hoje, graças à Virgem Santíssima, trabalho como se nada tivesse tido, e por isso, sempre que me seja possível, irei a Fátima agradecer a tão boa Mãi o grande favor que me fez.

Sobral de Mortágua.

Joaquim Martins.

Doença grave

Joaquim Gaspar, de S. Martinho de Arvore, diz o seguinte: encontrando-me com uma doença muito grave, recorri aos socorros médicos, mas o mal longe de diminuir aumentava cada vez mais. No dia 7 de Agosto encontrei-me de tal modo que perdi por completo as esperanças de cura, já não falava, dizem, e não tinha conhecimento algum de qualquer coisa deste mundo. Já nada podia tomar de maneira que a cada passo se esperava um desenlace fatal. Tôdas as pessoas amigas que me assistiam, tôdas diziam que o eu ter escapado fora milagre de Nossa Senhora. Com efeito, minha esposa e meus filhos, ajoelhados pediam com grande fé a Nossa Senhora de Fátima que me valesse prometendo-lhe a minha corrente de ouro e uma esmola em dinheiro, conforme lhe fosse possivel, esmolas que lhe haveríamos de ir levar a Fátima logo que eu o podesse fazer.

Louvôres a Deus, em boa hora ela pediu, pois que, dizem, daí a 5 minutos seu marido começou a falar e daí em diante suas melhoras aumentaram consideràvelmente dia para dia.

Intercolite

Peço me conceda um cantinho da *Voz da Fátima*, para que todos os seus leitores fiquem conhecendo uma graça, que Nossa Senhora me concedeu, e que é mais uma a juntar a tantas outras, que têm sido concedidas, aos devotos que com fé a invocam.

Sofria há muitos anos de uma *intercolite*, com perturbações renais. Como conseqüência da minha doença andava muito fraca, e não podia trabalhar.

Consultei 3 médicos, e todos classificaram a minha doença de *intercolite crónica*, não me dando portanto a menor esperança de cura.

O meu estado de fraquesa chegou a tal ponto, que era para mim um enorme sacrifício ir ao consultório médico, a pouco mais de um quilómetro de minha casa.

Recorri então, cheia de fé, e com tôda a devoção à Virgem Santíssima da Fátima, e, foram tão rápidas as minhas melhoras, que poude fazer a pé, e sem a menor dificuldade, o trajécto de Leiria a Fátima, e de Fátima a Leiria.

De então para cá; maio de 1929, não tornei a sentir a menor perturbação, estando agora convencida da minha completa cura.

Volto lá novamente no próximo dia 13 para cumprir a minha promessa em acção de graças a Nossa Senhora.

Aradas, (Aveiro).

Maria Rosa Dias da Conceição

Doença nervosa

Cheia de gratidão para com a Mãi de Deus Maria Santíssima, venho cumprir parte da minha promessa tornando público mais uma das inúmeras graças que Nossa Senhora da Fátima se dignou conceder, como tantas que tem concedido a todos aqueles que recorrem à sua protecção com verdadeira fé, com a certeza que, pedindo-Lhe, serão atendidos.

Há perto de 4 anos sofri de uma doença nervosa, que me levou a um estado de abatimento que me julgaram perdida, — cheguei a receber Nosso Senhor como sagrado viático. Tendo sido tratada por vários médicos entre êles os Ex.mos Drs. Simões Alves, Sobral Cid, João Faria e Virgílio Paula, que depois de algumas conferências, todos foram de opinião que minha doença era incurável, resolvi recorrer a Nossa Senhora da Fátima, pondo de parte todos os medicamentos para os substituir pela sua bemdita água, fiz uma novena, e após as minhas súplicas obtive a saúde que julguei para sempre perdida, grandiosa graça que eternamente fica devendo uma humilde serva de nosso Senhor Jesus Cristo, à sua Mãi Amantíssima que jàmais é invocada em vão.

Bemdita, para sempre seja bemdita; a carinhosa mãi de Deus e minha dignísima protectora.

Lisboa

Josefa Domingues de Fraga

Doença na pele

Engrácia de Jesus Tavares, casada, de 59 anos de idade do Pinheiro da Bemposta, sofria ha 36 anos de doença na pele causada por um resfriamento.

Durante muito tempo foi tratada por vários médicos sem resultado. Nas Caldas de S. Jorge onde esteve por muitas vezes sentia algum alivio, mas no principio da primavera voltava a agravar-se o mal. Tendo peorado bastante ha 4 anos voltou-se para a Virgem Santíssima a quem suplicou a graça da sua cura não tanto para deixar de sofrer como para não causar repugnância às pessoas com quem convivia e como uma senhora amiga lhe ofereceu um pouco de água da Fátima bebeu algumas gotas e aplicou o resto em loções sentindo-se curada rápidamente. No ano seguinte apareceram-lhe sintomas da mesma doença e então prometeu ir em peregrinação agradecer a sua cura a Nossa Senhora da Fátima e comungar no local bendito onde a boa Mãi se dignou visitar os 3 pastorinhos e ainda publicar esta graça para maior honra e glória sua.

Depois desta promessa ficou completamente livre deste padecimento e ha 3 anos não tornou a sentir o mais ligeiro incómodo pelo que pede se digne por intermédio do seu jornal publicar esta graça que Deus lhe concedeu por intercessão de sua Mãi Santíssima .

Infecção grave

Venho pedir se digne publicar a graça alcançada por intermédio de Nossa Senhora da Fátima e que passo a expôr: Em outubro de 1929, Jerónimo Mendes Basto, de 52 anos, de Portimão, devido a uma injeção que lhe deram numa côxa, ou porque a injeção estivesse estragada, ou porque o seu corpo não podesse recebê-la resultou uma infecção grave, que teve de ser lancetada em onze partes, falando-se que estava completamente perdido, e esperando a todo o momento um triste desenlace. Fizeram-se várias conferências, e durante cinco mêses que esteve de cama, num sofrimento doloroso, foi tratado por três médicos distintos.

A todo o momento desenganavam meu marido, sendo o seu estado cada vez mais desesperado. Como é de calcular perdida de dôr, chorei abundantes e amargas lágrimas, e sem esperanças na medicina, visto os próprios médicos me dizerem que já nada podiam fazer, recorri à SS.ma Virgem da Fátima, a quem fiz várias novenas, bem assim a Santa Rita de Cássia. Tôdas as noites, e a todo o momento eu pedia ao maior tesouro que possuo em minha casa, que é a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que me fizesse a graça de o curar, para irmos a Fátima.

Fui ouvida nas minhas súplicas, e convencida que foi uma verdadeira graça do Céu, a-pesar-de ainda hoje fazer-lhe o penso, porque tem uma ferida por fechar, já fomos a Fátima o ano passado agradecer a Nossa Senhora. Prometi dar publicidade a esta graça o que hoje faço.

Maria da Conceição Rocha Basto

Prof. Oficial em
Portimão

Dôr ciática

Palmira Maria atacada de dor ciática que a prostrou no leito, fez uso de alguns medicamentos receitados pelo seu médico Dr. Fernando da Cunha, mas, sem resultado. Receitou-lhe depois, pontas de fôgo, que já não utilizou porque, começando uma Novena a N. Senhora de Fátima e tomando a água milagrosa achou-se curada, e no seu estado normal.

Agradece humildemente a N. Senhora, tão grande graça que lhe alcançou.

Odivelas.

Duas curas e um pedido

Uma Anónima agradece do coração uma cura que o seu médico Dr. Fernando da Cunha julgou impossível; e outra cura na pessoa de sua filha que foi vítima dum entorce num braço e que, aplicando com muita fé a água de N. Senhora sentiu-se, na manhã seguinte, repentinamente curada. Dá público testemunho conforme prometeu, para glória de N. Senhora e pede às boas almas uma prece pela conversão de seu marido.

Agradecem graças a Nossa Senhora as pessoas seguintes:

Maria Preciosa dos Reis—Amoreira—Fátima, a cura de uma febre intestinal de que estava atacadíssima. Há dias que estava quási como morta. Recebera os Sacramentos e recebera a última visita do médico que, convencido de que estava perdida, já nada lhe mandou fazer.

Por fim unidos em oração a Nossa Senhora, seus Pais e visinhos obtiveram a sua cura.

A mesma criatura havia já recebido outro favor de Nossa Senhora, a cura de seu solhos de que sofreu muito chegando a estar quási sem poder ver.

—Maria Soeiro Paiva, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado umas feridas que há muito tempo a atormentavam, mediante lavagens com água de Nossa Senhora, uma missa na Cova da Iria e a publicação da graça se fôsse alcançada.

— Maria dos Remédios, agradece diversas graças alcançadas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— A directora do Colégio «Sacré Cœur de Marie» de Minas Gerais—Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima o restabelecimento de sua saúde e o ter vindo em seu auxílio em Outubro do ano passado, conseguindo levar a cabo um «desideratum» de grande importância para o Colégio. Envia por este motivo 100$00 para as obras do Santuário.

— Amélia Ferreira Peixoto, de Leça da Palmeira agradece a Nossa Senhora o ter livrado seu marido duma grave enfermidade.

—Maria da Anunciação, de Midões, agradece a Nossa Senhora a cura de uma ferida agravada num dos seus pés. Chegou a perder toda a possibilidade de mover a perna, dificuldade que desapareceu depois que pediu a Nossa Senhora da Fátima a cura e prometeu agradecer-lhe publicamente na Voz da Fátima e particularmente na Cova da Iria onde havia de ir em peregrinação.

— Joaquim Pinto da Rocha e sua irmã Luiza, de Viana do Castelo, agradecem diversas graças concedidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— Filomena Maria Martins, da Benedita, tendo sido desenganada pelos médicos que julgaram incurável uma doença que a atormentava, pediu a Nossa Senhora que lhe alcançasse a saude que queria empregar servindo a Deus num estado mais perfeito, e agora gosa de boa saude.

Várias graças

Tomo a liberdade de dirigir-me hoje a Vossa Rev.ma relatando-lhe diversas graças obtidas pela intercesão da Santíssima Virgem da Fátima.

Em 13 de Maio de 1929 fui visitar a N. boa Mãi ao Seu Santuário na Cova da Iria. Não sei descrever-lhe a comoção que senti nesse logar abençoado; apenas possa dizer-lhe que a SS.ma Virgem me curou dos meus padecimentos; — insomnias e nevralgias na cabeça quási constantes. Trouxe algumas medalhinhas tocadas na sua linda e milagrosa Imagem, medalhas que ofereci a pessoas amigas e a doentes. Uma sarou duma grave doença, outra, melhorou consideràvelmente.

Uma outra graça obtida no dia 13 deste mês, veio decidir-me a dirigir-me a V. Rev.cia.

O último caso foi o seguinte: tendo Fernanda Celeste (de 8 meses de idade) na sua imprudência infantil introduzido na boca um arame em espiral, este lhe escorregou para a garganta onde se fixou, mas de forma tal que se não via, e donde, em mãos enexperientes, era impossível tirar-se. Entretanto, a criança começava a asfixiar-se, tinha já as faces e olhos inchados. A mãi louca de dôr, leva-a a casa dum enfermeiro, (único recurso desta aldeia) mas não estava em casa. Então, nessa hora de suprema angústia, uma tia da criança prostra-se de joelhos ante uma imágem da SS.ma Virgem e invoca N. Senhora da Fátima! A sua súplica foi atendida! a criança, sem outro auxílio, expele o arame e depois estende os bracinhos para sua tia a quem sorri. E hoje encontra-se bem disposta.

Devo acrescentar que nesse dia tinhamos celebrado uma pequena festa em honra de SS.ma Virgem da Fátima, e essa senhora e outras tinhamos recebido a Sagrada Comunhão.

Que estas graças se tornem conhecidas para avivar a fé de nossos irmãos para com tam boa Mãi.

Bemposta do Douro

Ana Maria Guerra.

— Dorlinda Marques, da Ribeira de Frades, há 6 anos que andava em tratamento médico. Por fim, desenganada dos médicos que a declararam tuberculosa chamou por Nossa Senhora, e agora sente-se completamente boa. Cheia de gratidão agradece publicamente a Nossa Senhora.

— Justina Maria, de Bemquerenças, agradece a cura duma doença grave que há dois anos a flagelava. Esteve a morrer, recebeu os sacramentos e assim preparada esperava a cada momento partir. Entretanto começou a dar-lhe a beber água da Fátima rezando ao mesmo tempo por ela, e Nossa Senhora houve por bem dispensar-lhe seu auxilio.

— Maria da Piedade Vasco, agradece a Nossa Senhora a cura de diversas doenças que lhe martirizavam a vida. Andava continuamente cheia de pontadas e tosse fortíssima. Os medicamentos de nada valiam, de maneira que resolveu oferecer a Nossa Senhora uma novena de Comunhões e outros votos e agora sente-se curada.

— Virginia Pereira, de Lamego, agradece a Nossa Senhora a cura que obteve por sua intercessão, porque sofria do estomago há muitos anos. Agora sente-se perfeitamente curada. A mesma agradece o desaparecimento dum *quisto* de que estava para ser operada. Por intermédio da mesma criatura alcançaram de Nossa Senhora duas graças importantes os Srs. José Seabra e Manuel Pinheiro Guedes, mediante a promessa de se confessarem, —o que já fizeram e agora sentem-se felicíssimos com a saúde no corpo e na alma também.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO BRASIL

IV

O dia 15 de Agosto de 1930 assim como ficou memorável na história religiosa do Colégio Nobrega, assim também fôra, piedosa família houve para quem êsse dia, se por um lado evocará tristes e sentidíssimas memórias, não deixará por outro de constituir um marco indicador do primeiro elo de uma nova cadeia de sucessivos benefícios de Deus N. Senhor e da Mãe bemditíssima sob o auspicioso título de N.a Senhora do Rosário de Fátima. Desde a noite de 13 que D. Emília Lacerda de Menezes, em conseqüência de um laborioso parto cujo fruto felizmente se salvou, depois de ter perdido seu esposo vitimado por um implacável tifo, estava positivamente agonizante sem esperança humana de se poder salvar. Às 1 h. da noite fizemos na nossa Capela com a possivel pompa a inauguração solene da nova imagem de N.a Senhora de Fátima. A Capela estava literalmente cheia. Houve escolhidos cânticos, prègação acomodada e Benção do SS.mo. Já prestes a findar o acto, um dos nossos Padres, que dedicada e piedosamente vinha assistindo à prolongada agonia da supra-mencionada Senhora, pede-me que a recomende às orações dos fiéis ali reünidos, pedido que acto continuo teve a sua realização, elevando todos em unisono uma ardente e confiante prece até ao trono de N.a Senhora de Fátima, dando-lhe ensejo de assim solenemente evidenciar o seu poder comunicado sôbre a vida e a morte, e mais que tudo o seu desvelado amor para com os que sofrem. O primeiro efeito dêste pedido reconheceu-o bem depressa lá em casa a doentinha quando ao sentir os ameaços de violenta crise nervosa que muito naturalmente lhe poderia ser fatal, vê no mesmo instante contra tôda a expectativa entrar-lhe no quarto o médico que lhe pôde assim prestar o indispensável auxílio. Continuaram-se as preces por esta intenção na Capela e fóra, e a família em casa fazendo repetidas e ininterruptas novenas com o uso ao mesmo tempo da água milagrosa, e, se bem que lentamente, a doentinha foi constantemente melhorando, sentido paralelamente e como que apalpando a acção benéfica da incessante intervenção de N.a Senhora de Fátima.

Vai longe já o período do restabelecimento, mas como a paciente e piedosa Senhora se compraz em ir evocando a memoria das mais insignificantes minucias das suas ininterruptas melhoras! No primeiro período sentindo apenas sem, privada da fala, poder externar com palavras o que lhe ia na alma. Lá estava nos desígnios amorosos da Mãe bemdita marcado o momento em que à cristãmente resignada doentinha foi dado voltar também ao uso da fala. E que viva conserva ela tão sensacional lembrança com uma circunstância que com grato prazer se compraz em pôr bem em destaque, a de serem as primeiras palavras dirigidas a sua filhinha que por especial desígnio da Providência junto dela veio fortuitamente para lhas acolher, mais que nos ouvidos, no coração, como dos lábios ao coração da mãe também baixaram para nele, como em cofre seguro, permanecerem para eterna memória de tão assinalado benefício. Honra e glória e acima de tudo filial amor sejam por tôda a parte e sempre tributados à Mãe carinhosa que de Fátima estende até nós aqui tão longe os influxos do seu maternal carinho!...

V

A pedido de um amigo fui visitar um cavalheiro que, vítima, há já vários anos, de graves padecimentos, faltando-lhe a coragem para assim continuar a sofrer, ora dava livre curso a tétricos pensamentos de suicídio, ora, no auge da impaciência, se saía com imprecações e blasfémias que faziam arrepiar os cabelos. A isso era levado tão sòmente pelo excesso das dôres, pois fora dessas crises, seus sentimentos eram inteiramente outros, como me tinham informado e eu pude fàcilmente verificar logo à primeira entrevista.

Incutindo-lhe sentimentos de resignação e conformidade com a vontade de Deus, que por si mesmos muito lhe suavizaram os sofrimentos, procurei levantar-lhe ânimo com a ideia do prémio com que tudo lhe seria vantajosamente compensado.

Da bondade e generosidade de N. Senhor a conversa descaiu muito naturalmente nos mesmos iminentes predicados de N.a Senhora em todos os tempos e para com todos os povos, mas muito particularmente em nossos dias, e nomeadamente para com os portugueses, tanto os que ainda perseveram na ocidental praia lusitana, como os que há mais ou menos tempo, transpondo os mares, fizeram do Brasil um vastíssimo prolongamento de Portugal. Narrando-lhe as aparições de Fátima e algumas das maravilhas por N.a Senhora aí e mesmo cá operadas era sumamente consolador o vêr e quási apalpar a transformação que sensìvelmente se ia operando naquela natureza até ha poucos instantes cansada de sofrer e agora já animada e confortada por uma esperança nova de vir talvez a ser objecto dos carinhos de tão boa Mãe. Nem foram frustradas as suas esperanças.

Assentou-se logo que no dia seguinte eu voltaria para o confessar e dar-lhe a Sagrada Comunhão, que recebeu com reais mostras de sensível devoção. Aproveitei tão excelentes disposições para lhe levantar o espírito e exortá-lo à confiança em N.a Senhora de Fátima cuja novena lhe deixei, bem como um frasquinho da prodigiosa água, aconselhando-lhe que em qualquer das antigas crises, se por ventura lhe sobreviessem tomasse como lenitivo umas gotinhas dentro de um copo de água. Fiel a tôdas estas indicações, não só nunca mais voltou aos antigos excessos, mas, sem deixar de desejar que N. Senhor o chame para o descanso, mostra-se cristãmente conformado com a Sua Santíssima vontade, primeiro efeito bem manifestado da benéfica intervenção de N.a Senhora de Fátima Maior surpresa porem ainda o esperava, e que grandemente maravilhou a todos que, ou a presencearam (como os da família), ou dela tiveram conhecimento por informação da mesma. Foi o caso que 3 dias depois, às 11 h. da noite, sentindo que algo o incomodava na gengiva, com uma tesoira de unhas (único instrumento que encontrou à mão) tanto fez que conseguiu extraír uma lasca de raiz ocasionadora do mal estar, determinando porém conseqüentemente uma tal hemorragia que nem êle, nem as filhas de quem se pretendeu valer, nem os visinhos chamados em auxílio apesar do adeantado da hora, puderam estancar. No auge da aflição chegaram a tocar para a Assistência que só fêz aumentar a angustia com a resposta de não poder naquele momento intervir. Tudo designios da Providência divina para mais evidenciar a maravilhosa intervenção de N. Senhora. Só então, como recurso extremo, se lembra sua filha de valer-se da água de N.a Senhora de Fátima. Humedece no bocal do frasquinho uma mechazinha de algodão em rama e com um palito a leva ao lugar donde ainda em fio corria o sangue; e, o que a nada até ali tinha cedido, àquele simples contacto cessa instantemente, sem correr nem mais uma gotinha, e, para mais realçar ainda o prodígio, o algodão que aí fôra introduzido, a-pesar do muito sangue de que a boca estava cheia, alvo como entrou assim permaneceu sem uma minima mancha que lhe tirasse ou diminuisse a alvura. Bem haja tão boa Mãe que com seu exímio poder aproveita ocasiões como esta para ser a verdadeira «Consoladora dos aflitos» a quem os beneficiados não cessam de render os mais entusiásticos louvores, tributo da mais filial gratidão.

VI

Com uma perigosa e dolorosíssima infecção intestinal jazia presa ao leito D. Eugenia Miranda, que, àlém da qualidade da doença inspiradora de sérios cuidados sobretudo em países quentes, tinha contra si a já assás avançada idade menos apta para resistir às violentas crises que soem acompanhar a dita doença.

Sem descuidar os socorros médicos, uma das filhas achou mais seguro valer-se dos do alto e, debulhada em pranto vem à nossa Capela implorar com fervor a protecção de N.a Senhora de Fátima. Obtem a novena a que ali mesmo dá princípio ante a devota imagem e a vai depois repetir em casa com os restantes membros da família, dando ao mesmo tempo à doente umas gotinhas de água milagrosa. Isto foi perseverantemente repetindo sem cessar e acabou por conseguir o que desejava, ver sua mãe livre de perigo e não muito depois em franca convalescença. Piedosa como é a boa Senhora pediu e recebeu amiúdadas vezes o confôrto dos Santos Sacramentos, auxiliar poderoso sem dúvida para tornar mais ràpidamente eficaz a acção benéfica de N.a Senhora de Fátima.

VII

Maria Amélia Pires de 14 anos de idade começou não há muito tempo ainda a sentir uma inflamação na espinha dorsal que dia a dia lhe ia aumentando sensivelmente o mal estar. As dôres cada vez mais intensas iam subindo desde a região ilíaca até à altura da omoplata, mal podendo já a doentinha executar sem grandes dôres qualquer movimento de pé, quanto peor sentada ou deitada. Qual não foi o susto do desvelado pai quando à vista dos simples sintomas externos verificou, além do avolumado inchaço muscular, uma pronunciada curvatura da espinha de mais de 5 milímetros para a direita do seu eixo vertical.

Preguntando-se a si mesmo na sua ansiedade o que faria, hesitou em confiar sua filha aos médicos que lhe exigiram uma fortuna para muito provavelmente lhe acelerarem a fatal desenlace. Como pai genuinamente cristão e ardente devoto de N. Senhora de Fátima a ela correu ansioso e confiante em busca de remédio.

Morador a pequena distância do Colégio Nobrega, vem pressuroso ao mesmo solicitar uma novena de N.a Senhora conjuntamente com um frasquinho de sua milagrosa água.

Ao passo que com tôda a família vai fazendo a novena, vai por ocasião da mesma dando à doentinha umas gotazinhas do precioso liquido. O prémio da sua fé recebeu-o mais cedo que esperava. Estão apenas no 4.º dia da novena e com que surpresa não reconhece a filha que as dôres por completo desapareceram, o pai que a pronunciada curvatura da espinha retomara o seu primitivo aprumo, não restando de tão molesto e assustador incómodo mais que uma ligeira protuberancia muscular que nada afectava a doentinha tão prodigiosa manifestamente beneficiada pela Mãe benditíssima, N.a Senhora de Fátima?!... Após tal verificação, se com fé veio a abençoada família pedir a eficaz protecção do céu, com que sentimento de profunda gratidão não correu a mesma ante a imagem da Senhora a prestar-lhe o seu tributo de reconhecida homenagem com a assistência ao Santo Sacrifício e um fervorosa Comunhão colectiva?!... De então até agora não mais reapareceram tão assustadores sintomas, donde com razão se pode concluir a definitiva e radical eficácia de tão prodigiosa intervenção. Mil graças e louvores sejam dados a tão bôa Mãe que assim se compraz em tão maravilhosamente demonstrar que é realmente Ela a verdadeira «Saúde dos enfermos».

P.e João de Miranda, S. J.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NOS AÇORES

A *Voz da Fátima*, piedoso e lidimo pregoeiro da Glória da nossa Terra, não se dedignará de dar guarida a uma pequena noticia sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima nos Açores. É uma voz de longe, mas tão forte e tão fervorosa e tão portuguesa como as que sem cessar rezam na bendita Cova da Iria.

Foi no dia 13 de Maio p. passado, em Santo António do Monte, frèguesia da Caudelaria da Ilha do Pico. No mesmo dia em que todo o Portugal afluiu à Cova da Iria a fazer a Nossa Senhora uma apoteóse raras vezes presenciada na terra, na pequena aldeia de Santo António do Monte, da Ilha do Pico, inaugurava-se comovidamente o culto de Nossa Senhora da Fátima. A linda Imagem foi benzida por Sua Ex.a Rev.ma o Senhor D. José da Costa Nunes, venerando Bispo de Macau, figura de invulgar prestígio no Episcopado Português, e que presentemente se encontra em descanso na sua terra natal — Candelária do Pico.

A procissão das velas em que tomou parte Sua Ex.a Rev.ma, foi uma tocante manifestação de fé e amor. Cantava-se e chorava-se.

Ao entrar na linda Igreja o Avô

redobrou de entusiasmo e calor, à vista do pequenino sacrario! Eu tenho assistido já a muitas procissões de velas. É uma novidade para os Açoreanos, e que se casa bem com o seu temperamento melancólico e piedoso.

Resultam sempre destas procissões, comovidas manifestações de fé.

E, mercê desta sementeira de entusiasmos, o culto de Nossa Senhora da Fátima nos Açores vai tomando proporções consoladoras e que não são apenas um fervor estéril e momentâneo. Há vida religiosa, íntima e sincera nestas solenes manifestações da incomparável fraternidade cristã.

Foi assim a procissão das velas em Santo António do Monte da Candelária do Pico, nos Açores! A festa solene celebrou-se no Domingo seguinte, para maior comodidade, prègando com a competência e calor da sua alma de apóstolo o Rev. Pároco P.e João V. Xavier Madruga e assistindo o Senhor Bispo de Macau. A aquisição da famosa imagem de N.ª S.ª da Fátima deve-se aos esforços da Ex.ma Snr.ª D. Laureana de Castro Neves, irmã do saüdoso e falecido Bispo de Macau, D. João Paulino de Azevedo e Castro.

Aceite, Sr. Director, esta humilde e pequenina quota de água espiritual do mar dos Açores que vai juntar-se ao mar imenso de almas que em Fátima não cessam de rezar.

Voz da Fátima

Despesa

Transporte	269.215$74
Papel, composição e impressão do n.º 106	5.810$60
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, fretes, etc.	1.551$15
Com a administração em Leiria	284$00
Total	276.861$49

Donativos desde 15$00 — Porfírio Gonçalves--Lisboa, 15$00; Deolinda Charters — Lisboa, 50$00; P.e António J. Ferreira —Madeira, 200$00; José Porfírio da C. Jardim—Madeira, 20$$00; José Moreira Lopes—Lagares, 20$00; P.e António J. Ferreira—P. de Varzim, 60$00; P.e Augusto T. Soares—Açores, 20$00; Maria J. de Andrade—América, 22$00; Distrib. na Ermida da Fátima—Madeira, 107$00; Maria do C. Ol. Machado—Açores, 15$00; M.e C. Soares—Açores, 25$00; M.e do Carmo Tavares—Lisboa, 15$00; C.o Ant.o P.e Pinto—Paradela, 20$00; Distrib. em S. Cruz do Douro, 93$50; M.e Baptista L. Piedade—V. do Conde, 25$00; Ernestina Cortez Lapa—Barcelos, 20$00; José dos Santos—Coimbra, 15$00; Jesuína Aug. Vieira—Açores, 20$00; M.e Leonor Tomé —Cedovim, 20$00; Distrib. em Pardelhas, 97$00; Casa Sameiro—Oleiros, 30$00; P.e António M. Parreira—S. Eulália, 60$00; Distrib. em S. Pedro de Faro, 50$00; Dist. em Sever do Vouga, 30$00; Missão de Landana (212$00 angolares); Brazilina Junqueiro—Brazil, 15$00; P.e António Roliz—Macau, 375$00; P.e Joaquim Roliz—Macau, 375$00; Luís A. H. Neves—Vila de Rei, 20$00; Distrib. em Foz do Douro, 260$00; Domingos Silva Ferreira —Foz do Douro, 20$00; Delfina M. Fernades—F. do Douro, 20$00; Rosa Martins V.—Meadela, 20$00; Elisa da C. e Silva—F. do Douro, 20$00; J. de Almeida —França, 30$00; P.e Joaq. M. Simões—Sousel, 50$00; Ant.o C. de Oliveira—Matozinhos, 20$00; Maria H. Rigo—Benavila, 20$00; António dos S. Batalha—Sousel, 20$00; Luísa Ricoca—Ilhavo, 20$00; Manuel Ratola—Ilhavo, 50$00; António F. Saragaço—Fornos, 50$00; Emília Bonharde—Porto, 20$00; Rosa F. Machado —Porto, 50$00; Maria Vidal—Agueda, 80$00; Alice M. Osório—Açores, 20$00; Joana Serena—Ilhavo, 150$00; Maria Carlota—Ilhavo, 30$00; Maria Andrade—América, 22$00; Maria C. Peixe—Ilhavo, 20$00; Ana Ang.a de Oliveira—Evora, 20$00; Distribuição em Cabeço de Vide, 25$00; Joaquim da S. Carvalho—Vagos, 95$20; Distrib. em Paços de Ferreira, 50$00; Isabel de Almeida C. P.a—Lisboa, 20$00; Manuel de Oliveira—America, 20$00; Maria P. Rosa—America, 20$00; Distribuição em S. Tiago de Almada, 50$00; Doentes do Sanatório Rodrigues Semide—Porto, 32$50; Distribuição em Obidos, 25$00; Distribuição em Setubal, 100$00; Carmina Calixto—Ilhavo, 20$00; Distrib. no Colégio de Cucujães, 85$00; Distrib. em Pardilhó, 50$00,

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição de jornais:

Na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, nos meses de Junho e Julho, pela Ex.ma Sr.a D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 47$65; na igreja de S. Mamede, em Lisboa, nos meses de Maio e Junho, pela Ex.ma Snr.a D. Laura Gouveia, 20$00.

Este número foi visado pela comissão de censura.

AVISOS

— O preço anual da assinatura da *Voz da Fátima* são 10$00 para Portugal e colonias e 15$00 para o estranjeiro.

— Como os Ex.mos Srs. Assinantes e leitores viram, em Maio último, aumentou o formato do Jornal, e por conseguinte aumentaram as despezas, com poderão ver nas contas no mesmo jornal publicado. Porém, o preço da assinatura ficou sendo o mesmo, de maneira que muito se agradece qualquer esmola que a esta *administração* seja enviada para que a *Voz da Fátima* possa continuar a ser publicada e sempre em grande tiragem.

SERÁ VERDADE QUE NÃO TENS FÉ?

É esta uma objecção que a cada passo nós vem ter aos ouvidos.

Para se desculpar ou dispensar de praticar a religião há muita gente que diz: «não tenho fé»

Mas... será verdade que não tens fé? Haverá incrédulos convictos e serás tu um dêles?

* * *

— Que muitas pessoas se dizem incrédulas e assim se apresentam, é inegável. Às vezes uns rapazelhos, uns colegiais há pouco escapados da escola que se apresentam como incrédulos. Nada estudaram, nada examinaram. Atiraram apenas ao chão com um pêso que os esmagava, que lhe pesava enormemente sobre a consciência.

Cavalos fugidos, transfugas da moral, mais que do dogma. Não se pregunta por convicção onde há apenas apetites e paixões. São apenas uns fanfarrões da impiedade que se fazem peores do que na realidade são, que afectam desdêm pela religião para afirmar a sua independência. Não merecem ser tomados a sério.

— Entre os homens maduros que se proclamam incrédulos e procedem como tais, haverá centenas e até milhares cuja irreligião é puramente superficial.

Umas vezes é a ambição, outras é o medo que os leva a uivar como os lobos e a proclamar o seu livre pensamento

Ficariam embaraçados se se lhes pedisse que justificassem com argumentos sérios a sua falta de crença.

Simples poltrões que não teem coragem de resistir à corrente, ou vulgares arrivistas para quem o sucesso tem a primazia sobre a consciência.

A verdade é esta: um grande número de pessoas são incrédulas apenas por fóra, à superfície.

— Mas haverá incrédulos sinceros e convencidos a quem as qualidades de espírito, os seus talentos, a sua idade parecem dar direito de serem tomados a sério?

Parece-me poder afirmar que há bem poucas... e para o provar apelo para o testemunho da morte e para o da sua consciência.

* * *

1.º A *morte* é a grande reveladora dos corações. Ora, quantos que se dizem espíritos fortes, chegados a esse momento terrível não teem a coragem de sustentar as suas pretendidas convicções?

A sua incredulidade postiça desvanece-se e a sua fé que apenas estava adormecida aparece como por encanto. Chamam um sacerdote e estão em aflição enquanto não recebem os sacramentos. Algumas vezes retratam eleqüente e publicamente todo um passado sem religião e algumas vezes morrem desesperados se alguêm véda a entrada ao ministro de Jesus Cristo. Os exemplos abundam.

Voltaire, o príncipe dos incrédulos, na perspectiva de comparecer diante de Deus, mandou chamar o Padre Gauthier para se confessar. Mas os seus péssimos amigos Diderot e d'Alembert, apõem-se à visita do sacerdote e Voltaire morre num tal acesso de desespêro que os seus médicos declararam nunca ter visto nada tão medonho.

Cinco anos depois, o mesmo d'Alembert expirava punido do mesmo modo. Tinha êle dito a Diderot: «se assistires à minha morte não deixes entrar nenhum sacerdote para junto de mim». Chegada aquela hora suprêma e d'Alembert arrepende-se e suplicou ao seu amigo que não cumprisse aquela antiga ordem.

Diderot foi inflexível. «Se não estou lá, dizia êle, d'Alembert roía a corda».

O ímpio Toussaint, no seu leito de morte, retrata os escândalos e a sua vida e recebe com fervor os últimos sacramentos. «Atesto diz êle, diante de Deus que eu vou receber e diante de quem vou comparecer que se pareci pouco cristão nas minhas acções e nos meus escritos, não foi nunca por convicção».

Laplace, depois de ter pendido para a incredulidade durante tôda a vida, chama à hora da morte um sacerdote e recebe piedosamente o sagrado viático e a extrema-unção. A céptico Volney, ameaçado por uma tempestade no mar, recita devotamente o terço com os outros passajeiros

«Uma coisa (diz êle) é filosofar no gabinete de trabalho e outra estar em alto mar açoutado por uma tempestade».

Dupuytren, uma das maiores celebridades médicas do último século, depois de ter vivido como materialista, quiz morrer como cristão tendo-se confessado e comungado, piedoso como uma criança, entre os braços de um humilde sacerdote de aldeia a quem êle antigamente tratara e de quem ficara amigo.

Nos *Etudes* de fevereiro de 1902, M. Pedro Suan conta a respeito de Victor Hugo a seguinte anedota que fez o giro da imprensa: «um antigo actor, grande admirador de Victor Hugo e amigo do seu criado de quarto, foi admitido a ver o poeta uma hora apenas antes de morrer. Ficou surpreendido com a sua expressão de angústia terrível e desesperada, manifestada na sua face e na crispação das suas mãos de moribundo. «Mas em que estado êle está! diz êle ao criado de quarto. Ah! senhor, respondeu êste, no momento de morrer, M. Vitor Hugo levantou-se com um ar desesperado, mãos crispadas e gritou duas vezes: «um padre! um padre!» O actor retirou-se comovido e diz a sua filha: «Eu não quero morrer assim. Quando eu estiver doente, tu irás chamar o P.e Mousabré». E ajuntou: «eu não desejaria que isto se divulgasse, mas é o mesmo, é horrível». Não posso garantir a veracidade desta anedota. O que eu posso dizer sòmente é que ela foi contada pouco depois da morte de Victor Hugo pela filha do actor a uma pessoas que ma contou, dando-me nomes e detalhes que eu por descrição omito. O actor já morreu e a filha habita em Paris onde casou em 1894. Nada me permite duvidar da sua perfeita veracidade».

Poderíamos prolongar indefenidamente a lista de pessoas que á hora da morte deixaram a incredulidade que professavam.

Não, não existem muitos incrédulos sinceros e convencidos.

2.º — Apelo agora para o testemunho da *sua* consciência. Seja como fôr e digam o que disserem, o que é certo é que o incrédulo, em certas horas, não pode furtar-se à preocupação do problema do além, devorado pelo tormento do sobrenatural, em germen na sua alma pelo baptismo. É célebre o dito de Musset: «A-pesar-de eu não querer, o infinito me atormenta e eu não posso pensar nêle sem perturbação e sem esperança...»

Um livre pensador gabava-se a Diderot de ter chegado à certeza da não existência de sanções eternas e êste respondeu: «Aposto que não és capaz de o provar». E a um dos seus familiares que pretendia ter a mesma certeza Voltaire dizia: «Ês muito feliz, eu não tenho tal certeza».

Os renegados fazem todo o esforço possível para se esquecerem do que êles chamam terrores enfantis e das superstições deprimentes da religião. Não o conseguem. Ficam inquietos, tristes.

O filósofo Jouffroy contando o fim quási trágico da sua fé religiosa, diz que lhe parecia entrar numa existência sombria e despovoada. Êle acrescenta: «eu era incrédulo mas detestava a incredulidade.»

Que havemos de pensar de uma incredulidade que produz o mal estar, a tristeza, o desespêro? Tenho de dizer que tal incredulidade não tem fundamento, pois que a convicção produz a paz.

No segrêdo da sua consciência, a maior parte dos incrédulos confessam que a sua irreligião não repousa em nada e essa variedade de crenças e falta de convicções torna-os desgraçados. Portanto, se há incrédulos, devem ser em número muito reduzido.

* * *

Poderás, pois, tu ser um incrédulo sincero e convencido?

1.º Se isso fosse verdade eu te lastimaria e censuraria.

— Eu te lastimaria porque se não és católico, se não crês na Igreja, em que é que tu poderás acreditar? Na filosofia? Mas o que é a filosofia? Dúvidas, negações, trevas.

Escolherias a religião protestante, o judaismo, o islamismo, o budismo, a idolatria? E irias escolher ao acaso? Seria pouco rasoável isso e virias depressa cair na indiferença ou na abstenção total. Seria pouco glorioso e pouco firme, porque, afinal, os anos avançam, caminhando na vida sem guia e sem luzes para o futuro. Vem o termo fatal, abre-se a cova... faz-se silência a teu respeito e a justiça de Deus começa. Arriscar a eternidade? Que aberração! Se fosses, pois, um incrédulo convicto, eu te lastimaria sinceramente.

Além disso eu te censuraria também porque se não tens fé, já a tiveste e devias tê-la conservado. Ela te tem sido oferecida um cento de vezes.

Foi-te dada nos teus antepassados e na tua raça de cristão. Foi-te dada no nascimento e no baptismo. Recebeste-la nos primeiros anos pelos sacramentos da penitência, da eucaristia, da confirmação e mais tarde no casamento.

Foi-te oferecida em mil impressões, mil convites, mil episódios e atrativos exteriores ou interiores da graça que apenas era necessário seguir.

Desta forma, aquilo que te serve de desculpa é isso mesmo que te acusa. Mas serás na verdade incrédulo? Não me parece.

* * *

2.º Não é provável. Pelo contrário é bem provável que tenhas fé. O que pode é estar solapada, não ousa mostrar-se ou não tem coragem de se traduzir em actos.

— Em muitos homens ela está latente, escondida, adormecida, mas não está morta. O que é extranho nêles é a incrédulidade.

A-pesar-de se pensar que ela está de posse do campo por uma longa posse, não pode prescrever contra a fé contra os seus títulos imortais, contra o nosso amor inato pelas verdades santas. A incrédulidade para muitos é menos a morte de que o sôno da fé, cujo acordar tem às vezes logar duma maneira tão inopinada a tão súbita. Não é pois provável, que sejas um incrédulo convicto.

— Pode também ser que não ouses mostrar a fé que tens, o que hoje não é raro.

Os tempos estão difíceis para os cristãos. Tudo lhes é recusado ou regateado: os logares, as honras, o sucesso, a popularidade, a própria liberdade.

Que fazer? Ocultar-se, abster-se, tomar ares de anti-clerical.

Muitas pessoas dizem: «Não tenho fé». Mas deveriam dizer se fossem sinceros: «tenho mêdo de manifestar a minha fé». Não será a tua incredulidade apenas a máscara para te impores à galeria.

Poderá, pois, ser que a tua fé não tenha coragem de se traduzir em actos, ir até às suas conseqüências.

Eu me explico. Decerto acreditas em Deus. Não pode ser de outro modo. Custar-te-ia, porém, adorá-lo, agradecer-lhe, orar, pedir-lhe perdão, ajoelhar-vos no seu templo. Tens fé mas falta-te a coragem de a praticar.

De certo acreditas na alma nem dúvidas da sua espiritualidade, da sua liberdade, da sua responsabilidade, nem da sua imortalidade. Custar-te-ia, porém cuidar dela, preservá-la, purificá-la. Custaria evitar o mal e fazer o bem, humilhar-te e levantar-te depois das quedas.

Acreditas na Igreja Católica (é claro). Se tiveres um negócio embrulhado acreditas no que te diz o notário ou a advogado. «Faça isto» e tu faze-lo porque acreditas na sua probidade e saber.

Ora o Papa, os Bispos, os sacerdotes, em matéria espiritual, não merecem, com certeza, menos confiança.

Mas como a Igreja te manda coisas difíceis, laboriosas, cruciantes tais como o jejum, a abstinência, a confissão dos pecados, custa-te obedecer. A coragem é que te falta. Não és incrédulo mas um cristão inconsciente, tímido perante a opinião dos outros ou fraco perante ti mesmo. Esta é que é a verdade.

Pai criterioso

«Um pai vendo a filha pronta, para, com um belo vestido branco, assistir a uma reünião numa sociedade duvidosa, mostrou-lhe as inconveniências de tais reüniões e fez-lhe ver os perigos e seducções a que se expõem os que aí vão.

Às sérias objecções do pai, a filha respondeu:

— Não me farão mal!

O pai, tomando um carvão, apresentou-o à filha e, como ela recusasse a pegá-lo, com receio de manchar as luvas brancas, lhe disse:

— Pega, minha filha, não te queimará.

— Sim, não me queimará, mas enegrecer-me-á as luvas brancas.

— Pois assim — disse o pai — te acontecerá na sociedade aonde pretendes ir. Com certeza, não te perderá logo, mas exercerá uma má influência sôbre a tua alma.

Outro tanto, acrescentamos, sucederá com os bailes, teatros e divertimentos nocivos, que trazem, algumas vezes, fatais conseqüências, e que são outras tantas minas de carvão a enegrecer-nos a alma e a ser, muitas vezes, causa da ruína do nosso corpo.»

UMA LIÇÃO

Certo soldado, depois de vários anos de serviço, voltou para a casa paterna. Chega o primeiro dia santo.

— José, diz-lhe a mãe, vens comigo à missa?

— Eu! ora...! deixe-me cá. Olhe, minha mãe: eu tenho viajado muito, estive muito tempo em Lisboa e no Pôrto, etc., e aprendi por lá muitas coisas, adquiri muitos conhecimentos que a gente cá da aldeia não sabe. Eu acho-me já bastante instruido, para estar agora para aí a rezar, como fazem os beatos.

— De modo que quem já esteve em Lisboa, não tem mais precisão de pensar em Deus?

— Não é bem isso, minha mãe, mas... rezar, para quê? Olhe, assim, como assim, o que tiver de me acontecer há-de acontecer, e por isso é inútil estar a pedir e a incomodar a Deus.

— A mãe não respondeu e partiu só para a missa. Voltando a casa não preparou nada para o jantar. Chegou a hora da refeição e a mesa estava vazia.

— Como é isto, mãe? Vamos hoje jantar fóra?

— Não.

— Mas... não vejo nada na mesa!...

— E' porque... emfim... as tuas reflexões de há pouco, fizeram-me compreender melhor as coisas do que até agora; estou mais ilustrada, como tu. Eu deitei estas contas: para que hei-de eu fazer o jantar? Assim como assim, meu filho, se tiver de comer hei-de comer, e se não tiver, também escuso de me cansar. Já vês que as tuas doutrinas me aproveitaram.

O filho desnorteado compreendeu bem a lição e logo a pôz em prática, dizendo para a mãe: prepare o jantar, que domingo vamos ambos à missa.

Padre Nosso...

Um escritor célebre, Frederico Soubie, estava à morte. Educado fora da religião, nem o *Padre Nosso* sabia. No entanto mandou vir uma religiosa para o tratar.

Ora, uma tarde, ajoelhada à cabeceira do leito do enfermo, ela resava e, alto, dizia: «Pai nosso que estais no Céu...»

Que linda coisa está a dizer (fez notar o doente)! Faça favor de repetir, sim?

E a religiosa voltou a dizer: «Pai nosso que estais no Céu...»

Cada vez mais comovido com estas belas palavras o escritor quis também dizê-las. Pediu à religiosa que o ajudasse e, como uma criança que começa, dizia êle também: «Pai nosso que estais no Céu...»

Pouco a pouco, os sentimentos admiráveis que as palavras exprimiam iam penetrando a sua alma e comovido pediu que o instruissem na religião. Daí a pouco, algumas semanas depois, Frederico morria, tendo recebido os sacramentos nas melhores disposições.

FATIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00; pelo correio, 5$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNIÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.

Encontram-se à venda no «Santuário da Fátima» e na «Câmara Eclesiástica — Seminário de Leiria», *Opúsculos* com o Ofício Menor de Nossa Senhora da Fátima.

Custam $50. Pelo correio mais $15.

ANO IX — LEIRIA, 13 de Setembro de 1931 — N.º 108

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

HERÓI E SANTO

OURÊM -- FÁTIMA -- BATALHA -- ALJUBARROTA

A peregrinação de treze de agosto e o centenário da morta do B. Nuno de Santa Maria

Em Nun'Alvares, à bravura igualava-se a abnegação. Alma ardente e solitária, as grandezas da terra nenhuma presa tiveram sôbre êle. Quando o não ocupavam as armas, e sem nenhuma paixão ruim as tomava, absorvia-o a Fé, que de singular espiritualidade aureola a vida do singular soldado que foi o Santo Condestabre.

Junho de 1918.

DR. GINESTAL MACHADO
(Ex-presidente do Ministério e Professor e antigo Reitor do Liceu de Santarém).

Quem, como D. Nuno Alvares Pereira, aliou no mais alto grau o fervor religioso, a santidade da vida e o heroismo posto ao serviço e grandeza da Pátria, bem merece as consagrações da Nação e ser considerado como o mais genuino representante da raça portuguesa.

Junho de 1918.

DR. FERREIRA DA SILVA
(Lente da Faculdade de Sciências do Pôrto)

O SANTO CONDESTÁVEL

Neste quadrante, por ventura único na história do mundo, em que as ideias se entrechocam e os indivíduos se degladiam com uma violência nunca igualada, a humanidade tende a dividir-se em dois campos diametralmente opostos. Dum lado estão os defensores dos princípios fundamentais e eternos em que assenta uma sociedade regularmente constituída: Deus, família, pátria e liberdade, de outro todos os que preconizam a subversão omnímoda da ordem moral e social estabelecida pela eliminação pura e simples dêsses mesmos princípios. Catolicismo e bolchevismo são as duas únicas fôrças organizadas que se hão-de encontrar face a face num período mais próximo do que se pode imaginar, disputando palmo a palmo a hegemonia do universo, numa luta gigantesca e de conseqüências incalculáveis.

Os princípios e as doutrinas intermédias, que já fizeram a sua época, desaparecerão como por encanto e dos seus partidários uns aliar-se-ão com as fôrças conservadoras da Igreja ou irão engrossar as hostes extremistas que, à semelhança dos bárbaros da Idade Média, tudo hão-de assolar na sua marcha aterradora, ficando atrás delas só ruínas, devastação e morte...

As sociedades, que desprezaram os preceitos sublimes da moral cristã, deixando-se avassalar pela onda crescente dum paganismo mais hediondo que o de Grécia e Roma, porque mais refinado, mercê dos requintes da civilização moderna, receberão o justo castigo da sua prevaricação, expiando no sofrimento e no sangue os seus vícios, os seus crimes e as suas iniquidades.

Portugal, por bondade do Senhor, cujas chagas estão gravadas na sua bandeira, a gloriosa bandeira das quinas, e graças à protecção especial da Virgem Imaculada, sua augusta Padroeira, parece destinado a sair mais forte e mais remoçado do meio da tremenda conflagração geral que já se descobre no horizonte.

As aparições de Nossa Senhora do Rosário na Serra de Aire, em pleno coração da Pátria, com o seu interminável cortejo de mistérios, graças e milagres, são, incontestàvelmente, o doce e amoroso penhor da preservação dos males formidáveis que se acastelam no firmamento.

Dois vultos gigantescos — as glórias mais belas da terra heroica e cristã de Santa Maria — apontam o caminho a seguir, como guias poderosos e seguros, às gerações presentes e às gerações do porvir: Santo António de Lisboa e B. Nuno de Santa Maria.

Portugal, em união de sentimentos com as demais nações do orbe, e sobretudo com a Itália, pátria adoptiva do grande taumaturgo, celebrou já em esplêndidas manifestações de fé e piedade, a suas glórias, os seus méritos e as suas excelsas virtudes. D. Nuno foi Conde de Ourêm. Era justo que as comemorações nacionais do quinto centenário da sua morte tivessem início nos seus antigos domínios. A benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, na forma dos anos anteriores, tomou a iniciativa dessas comemorações, solicitando a cooperação valiosa e indispensável de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria. A convite do ilustre Prelado de Fátima, Sua Em.ª Rev.ma o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa dignou-se aceitar a presidência efectiva de todos os números do programa das festas, imprimindo-lhes com a sua presença um brilho e esplendor incomparáveis.

O Beato Nuno de Santa Maria é uma das mais belas e gloriosas figuras da nossa história. Como disse um grande escritor dos últimos tempos, Oliveira Martins, o Santo Condestável é a mais pura consubstanciação da alma nacional. Modêlo de tôdas as virtudes, como cidadão, como chefe de família e como religioso, êle apresenta-se como o protótipo de todos os portugueses, nos diversos estádios da vida social. Com uma juventude casta e generosa, que siga fielmente as pisadas do heroi e santo, — o mais santo dos herois e mais heroico dos santos, — Portugal há-de triunfar nas pugnas do futuro, há-de ser a nação predilecta de Cristo que a adoptou nos campos de Ourique, há-de ser sempre a terra bemdita de Santa Maria!

PEREGRINAÇAO DE AGOSTO DE 1931: A imagem de Nossa Senhora conduzida processionalmente e cercada pelas bandeiras da Victória, Mestre de Aviz, Cruz de Cristo, Aviz e Ala dos Namorados. Conduzem o andor os Srs. Doutores Trindade Coelho, ministro de Portugal no Vaticano, Afonso Lopes Vieira, Capitão Afonso de Miranda e Senhoras da Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira.

No castelo de Ourêm

Sôbre o cume esguio dum monte tão alto, que se avista de muito longe em tôdas as direcções, ergue-se o célebre e histórico castelo de Ourêm. Foi na Sé da pequena povoação assentada à sua sombra que se realizou a primeira parte do programa das homenagens solenes ao Santo Condestável. No dia doze, ao meio-dia, estando presente o venerando Prelado diocesano, celebrou a missa solene o rev.do Faustino Jacinto de Almeida, Vigário da vara de Ourêm.

O povo dos antigos domínios do Beato Nuno, restaurando um costume antiqüíssimo que com o decorrer dos anos desaparecera, foi prestar vassalagem ao herói e santo, levando-lhe em tabuleiros ricas ofertas de trigo.

Depois da missa, organizou-se uma vistosa procissão que deu a volta ao Castelo, conduzindo em triunfo a Imagem do Salvador da Pátria.

À tarde, cêrca das sete horas, cantou-se um solene *Te-Deum*, a que presidiu Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca. Proferiu um discurso, repassado de emoção religiosa e de entusiasmo patriótico, o Senhor Bispo de Leiria.

Concluídas as solenidades, a multidão dirigiu-se na sua quási totalidade para Fátima, precedida e seguida das peregrinações das outras frèguesias da vigararia de Ourêm, que abrange precisamente os domínios do Santo Condestável.

A procissão das velas

Durante tôda a tarde vão chegando numerosas peregrinações que desejam tomar parte na procissão das velas. Entre elas merecem especial referência as de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Setúbal, Válega, Mosteiró (Vila do Conde), Alvorninha, Aljubarrota, Gondomar e sobretudo a da vigararia de Ourêm. Desta última só a parte correspondente à frèguesia do Olival compreendia mais de mil e quinhentas pessoas. Tôdas as frèguesias enviaram com os seus peregrinos as crianças da primeira comunhão vestidas de branco, irmandades e confrarias e muitos e lindos estandartes.

A procissão das velas durou das dez horas até à meia-noite. Menos grandiosa e menos imponente que a de treze de Maio, constituiu, no entanto, um espectáculo deslumbrante com os seus milhares de lumes e com a ordem e a regularidade que teve e que não são possíveis nos dias treze de Maio e Outubro.

A ténue claridade das velas no meio da escuridão profunda que reinava na Cova da Iria, a uniformidade nos cânticos religiosos entoados pela multidão, a voz potente dos megafónios que funcionavam maravilhosamente transmitindo ordens e regulando os cânticos, as doces explosões da fé e piedade dos peregrinos produziram um conjunto admirável que encantava e comovia até às lágrimas todos aqueles que tinham a ventura de presenciar tão belo e tão sublime espectáculo.

A adoração nocturna

À meia-noite, pouco mais ou menos, começou a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento. E durante esta cerimónia, ao mesmo tempo tão solene e tão tocante, que a piedade dos fiéis se intensifica e as almas de *élite* se reúnem em volta do trono do Divino Rei de amor, oculto na Hóstia Santa, para lhe oferecerem tributos de fé, amor e reparação.

As duas primeiras horas são destinadas à adoração nacional recitando-se nesse espaço de tempo o terço do Rosário. Preside Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca e faz a explicação dos mistérios no intervalo das dezenas, em práticas cheias de elevação mas acessíveis a tôdas as inteligências, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria.

Das duas horas às três fizeram a adoração os peregrinos de Alvorninha, das

três às quatro as de Setúbal e Arrimal, das quatro e meia às cinco a de Aljubarrota, e das cinco às seis os alunos do Seminário de Beja, vindos de Tomar, onde estão veraneando no Convento de Cristo. Às cinco horas o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos celebrou a missa dos servitas. Às seis, fez-se o encerramento com a bênção do Santíssimo e o rev.do Vice-Reitor do Seminário de Beja celebrou a missa da comunhão geral.

Tôdas as peregrinações tiveram a sua missa oficial com comunhão, a hora prèviamente marcada. Disseram missa cêrca de oitenta sacerdotes e elevou-se a sete mil o número de comunhões. Às nove horas, o venerando Prelado de Leiria celebrou a missa dos peregrinos da vigararia de Ourêm.

Quem quiser estudar Fátima no que ela tem de mais belo e de mais íntimo — a fé viva e a piedade ardente das multidões — vá assistir com olhos de ver a essa solene velada de amor e prolongue a sua estada junto do pavilhão das missas até às nove ou dez horas da manhã. Que admiráveis exemplos de espírito de sacrifício que oferecem aos seus olhos êsses milhares de pessoas de tôdas as classes e condições sociais ajoelhadas nas pedras e sôbre a terra nua, fazendo a sua preparação e a sua acção de graças num recolhimento que comove e com uma devoção e um fervor que encantam!

A procissão da Virgem e a missa dos doentes

Ao meio dia solar, realizou-se, na forma do costume, a procissão com a imagem de Nossa Senhora de Fátima desde a capela das aparições até à capela das missas. Levavam o andor os srs. dr. Trindade Coelho, ilustre ministro de Portugal junto da Santa Sé, dr. Afonso Lopes Vieira, dr. Afonso de Miranda e Teodósio de Gouveia. À passagem do andor, os peregrinos lançavam flores sôbre a imagem e saudavam-na entusiásticamente com o acenar incessante dos lenços.

A missa dos doentes foi celebrada pelo Senhor Cardial Patriarca, que à estação do Evangelho fez a respectiva homilia, enaltecendo os singulares privilégios de Maria Santíssima, o valor da sua intercessão poderosíssima junto de Deus e a devoção do herói e santo D. Nuno Álvares Pereira à gloriosa Padroeira da Nação.

Durante a missa foram cantados vários cânticos litúrgicos acompanhados a órgão.

Terminado o santo sacrifício, fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento e diante dele rezou-se o terço, tendo em seguida Sua Eminência dado a bênção aos doentes e a bênção geral.

Depois da bênção, o Senhor Bispo de Leiria pediu duas Ave Marias, uma pelo Senhor Cardial Patriarca e a outra pela paz na Espanha.

Peregrinos estrangeiros

Entre as pessoas que no dia treze de Agosto visitaram o santuário nacional de Fátima, importa destacar um ilustre sacerdote belga, que ali foi pagar um voto que fizera. Êsse peregrino é o Cónego Dessain, irmão do burgo-mestre de Malines e secretário de Sua Eminência o Cardial Van Roey, arcebispo da mesma cidade, depois de ter sido também secretário do grande Cardial Mercier. O cónego Dessain era acompanhado de três sobrinhos: o rev.do José Dessain, aluno da faculdade de filosofia da Universidade Católica de Louvain, Carlos João Dessain, noviço da Congregação do Oratório do Cardial Newman em Birmingham (Inglaterra) e Patrice Dessain, estudante na abadia beneditina de Maredsous.

Hospedou-se no hotel de Nossa Senhora do Rosário e tomou parte em tôdas as solenidades religiosas oficiais uma distinta família espanhola, que veio de propósito a Fátima presenciar o espectáculo grandioso da peregrinação do dia treze.

Peregrinos portugueses

Entre os peregrinos portugueses além doutras pessoas de categoria, cujos nomes se omitem por brevidade, merecem especial menção o ilustre ministro de Portugal junto da Santa Sé, dr. Trindade Coelho e sua ex.ma Esposa, o grande poeta nacionalista Afonso Lopes Vieira, autor da letra da oratória «Fátima», de Rui Coelho, e chefe de servitas, e o venerando dr. Francisco Rodrigues Cruz.

Da peregrinação do Pôrto faziam parte representantes da Juventude Católica e dos Amigos de Santo António e a Ala dos Legionários do Santo Condestável que era presidida pelo rev.do dr. Costa Candal. Um dos grupos de peregrinos da Murtosa, em número de cem pessoas, presidido pelo rev.do António Fonseca, ficou em Fátima para assistir às solenidades do dia catorze na Batalha.

Ficou também em Fátima para o mesmo fim o grupo de Mosteiró (Vila do Conde), presidido pelo rev.do Moreira das Neves.

Assistiram aos actos religiosos oficiais de Fátima no dia doze e no dia treze, além dos seminaristas de Leiria, quarenta alunos do Seminário de Beja e os alunos do Seminário de Santarêm pertencentes à vigararia de Tôrres Novas, em número de vinte e cinco.

No dia treze às dezoito horas, êstes grupos de seminaristas fizeram uma hora de adoração ao Santíssimo Sacramento, na igreja da Penitenciaria, com a assistência do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca.

Na vila e no mosteiro da Batalha

A vila da Batalha, que teve a sua origem no recontro épico entre portugueses e castelhanos nos campos de Aljubarrota, há quinhentos e quarenta e seis anos, pagou uma dívida de gratidão para com o herói máximo da independência nacional, inaugurando a sua imagem no altar-mór do mosteiro de Santa Maria da Vitória e uma nova avenida com o seu nome.

A estátua do Beato Nuno de Santa Maria, de tamanho maior que o natural, foi feita nas oficinas do notável escultor sr. José Ferreira Tedim, de S. Mamede de Coronado, concelho de Santo Tirso, e representa o Santo Condestável, em plena juventude, empunhando numa das mãos a bandeira desfraldada e brandindo com a outra a espada, em cuja lâmina estão gravadas estas palavras da Sagrada Escritura: *«Excelsus semper omnes gentes Dominus»*.

Para a aquisição desta imagem e organização das comemorações do quinto centenário da morte de Nun'Álvares, formou-se uma comissão que era constituída pelas seguintes individualidades: rev.do Pereira Gonçalves, prior da Batalha, engenheiro Oliveira Simões, alferes Duarte Militão, dr. Pereira Gens, Nicolau Barreto, Joaquim Ferraz de Carvalho, Daniel Luís e Manuel Ferreira.

Chegada dos Prelados — Bênção da Imagem de D. Nuno — Cortejo para o mosteiro

Cêrca das dez horas da manhã, chegaram à Batalha, vindos de Fátima, o Senhor Cardial Patriarca e o Senhor Bispo de Leiria, que se dirigiram imediatamente para junto do edifício da escola primária oficial, onde se encontrava a veneranda imagem.

Além de muitas outras pessoas de representação, aguardavam alí a chegada dos ilustres Prelados os srs. Governador Civil substituto de Leiria, capitão José Pereira Pascoal, coronel Lacerda e Oliveira, comandante militar de Leiria, capitão Gomes Pereira, do regimento de artilharia 4, alferes Duarte Militão, administrador do concelho da Batalha, major Pereira dos Reis, uma deputação dos sargentos de infantaria 7 e artilharia 4, de Leiria, a corporação dos bombeiros voluntários de Alcobaça, a alcateia de lobitos do C. N. S. do Reguengo do Fetal, as confrarias de Nossa Senhora do Rosário, da Batalha, e de S. Vicente, de Aljubarrota, vinte e cinco seminaristas de Santarêm com os rev.dos António Campos, Fernando Duarte e Nunes Ferreira, vigário da vara de Tôrres Novas, a Cruzada Eucarística de Mosteiró (Vila do Conde), a Cruzada Eucarística do Reguengo do Fetal, etc.

Um piquete de bombeiros de Alcobaça fez continência à chegada dos Prelados e a multidão irrompeu em entusiásticos vivas.

Benzida a imagem por Sua Eminência com as preces do ritual, organizou-se o cortejo para o mosteiro, seguindo os Prelados debaixo do pálio, a cujas varas pegavam as pessoas de maior categoria.

A certa altura, o cortejo interrompeu a sua marcha para se proceder à inauguração duma avenida, aberta em frente do mosteiro por iniciativa do administrador do concelho e a que foi dado o nome do Santo Condestável.

O alferes Duarte Militão fez uma breve alocução em que evocou os feitos épicos do herói-santo e expôs o significado dos preitos rendidos ao campeão de tôda a grandeza do concelho da Batalha, e por fim convidou o comandante militar de Leiria a descerrar a lápide em que se leem estas palavras: «Avenida D. Nuno Álvares Pereira (1431-1931)».

Realizado êste acto, a multidão rompeu em aclamações e cantou com entusiasmo o hino do Santo Condestável continuando depois o cortejo a sua marcha.

No mosteiro da Batalha — A missa, a comunhão e o sermão

Quando o pálio transpôs as portas do templo, abertas de par em par, a «Schola Cantorum» do Seminário de Leiria, cantou o «Ecce Sacerdos Magnus».

Foi Sua Eminência que celebrou a missa. Ao «Communio» prègou o rev.do dr. Golamba de Oliveira que começou por dizer que lhe parecia estar contemplando um lindo sonho naquela maravilhosa comemoração. Mas era mais que um sonho — a graça de Deus numa realidade forte. Deus reunia êsses milhares de fiéis sob o signo de Nun'Álvares, para que melhor se realizasse a união de todos os portugueses. Depois de recordar a batalha de Aljubarrota, frisou que nessa luta se defrontaram apenas seis mil portugueses com trinta mil espanhois.

Como foi possível a vitória das nossas armas? Todos os soldados se tinham alimentado do Corpo de Cristo...

O momento que passa, continuou o orador, é também de luta e há-de ser de vitória. Vindes pagar uma dívida de séculos, colocando a imagem do Beato Nuno em lugar de honra neste mosteiro e vindes, como êle, comungar. É êste o segrêdo de todos os triunfos. O penhor das nossas vitórias está ali naquele altar. É Cristo. Recordai o que dizia Nun'Álvares: «Se quereis ver-me vencido, privai-me da Santa comunhão».

Aproximaram-se da mesa eucarística cêrca de mil e quinhentas pessoas, tendo sido distribuído o Pão dos Anjos por Sua Eminência e por mais quatro sacerdotes.

Na Sala do Capítulo — Homenagem aos Soldados Desconhecidos

Depois da missa, os dois Prelados, as autoridades e o povo dirigiram-se para a Sala do Capítulo, onde se encontram perenemente alumiados pela lâmpada da Pátria, as sepulturas dos dois soldados desconhecidos, mortos por ocasião da Grande Guerra, um em África e o outro em França.

Em nome da Cruzada Nacional Nun'Álvares falou o capitão dr. Afonso de Miranda, membro da direcção daquela benemérita colectividade.

Na sua curta mas vibrante alocução, afirmou que, se tudo passa no mundo, há uma coisa que perdura e se reveste de imortalidade — a virtude.

Os monumentos da arte e da inspiração não podem em rigor considerar-se obras imortais. Passarão também. A virtude, essa, permanece e é ela que nos liga aos heróis do passado.

Nós vimos, diz o orador, prestar homenagem ao soldado desconhecido e, através dêle ao exército português e através do exército a Nun'Álvares. Festeja-o, hoje como outrora, mais que as entidades oficiais, o povo humilde que tão bem compreende os exemplos de virtude e se empenha em os seguir. Nun'Álvares é um símbolo vivo e augusto da nossa independência nacional. Como diz um poeta nosso, «Portugal sublimado chama-se Nun'Álvares».

Bem cabidas são, pois, estas homenagens ao herói que nos legou tão altos exemplos de virtude.

O orador foi vivamente aplaudido, tendo o seu discurso, eloqüente e de fino recorte literário, calado fundo no ânimo dos assistentes.

Por último falou o Senhor Bispo de Leiria para agradecer a Sua Eminência o brilho que deu com a sua presença às festas comemorativas do quinto centenário da morte do Santo Condestável. Se em alguma parte de Portugal se devia evocar essa data, neste mosteiro que é «Os Lusíadas em pedra», tem a comemoração um significado especial. Nun'Álvares jurou à população de Lisboa que os castelhanos não iriam lá e cumpriu o seu juramentó aqui. Sua Eminência representava ali o povo de Lisboa e o seu Bispo que foi um valoroso herói da independência.

O Senhor Bispo de Leiria agradeceu ainda às autoridades civis e militares, ao clero e ao povo que quis comemorar o aniversário da gloriosa batalha de Aljubarrota com uma comunhão numerosíssima.

Em Aljubarrota — Na Capela de Santa Maria e S. Jorge

Cêrca das duas horas da tarde, a multidão aglomerava-se em volta da Capela de Santa Maria e S. Jorge erguida no próprio local onde esteve hasteada a bandeira do Santo Condestável durante a batalha de Aljubarrota.

Sua Eminência, acompanhado do Senhor Bispo de Leiria e das entidades oficiais, entrou na Capela por entre vibrantes aclamações da multidão e começou por benzer o novo estandarte dos Legionários de Nun'Álvares, da cidade do Pôrto.

Finda ésta cerimónia, o rev.do dr. Costa Candal, professor no Seminário Teológico daquela cidade, fez um breve discurso em que declarou que os peregrinos do Pôrto, cidade da Virgem, que se ufana de ter por brazão a imagem de Nossa Senhora entre duas tôrres, vieram a êste terreno duplamente sagrado hastear a sua bandeira e receber, com a bênção da igreja, uma lição de fé e patriotismo.

Concluiu agradecendo aos venerandos Prelados o bom acolhimento que lhes dispensaram.

O Senhor Bispo de Leiria, respondendo ao orador, agradece à Ala dos Legionários de Nun'Álvares a prova de religião e patriotismo que ali veio trazer. E, depois de se referir em termos carinhosos ao Pôrto, de cujos habitantes tece um caloroso elogio, fazendo eruditas divagações históricas, termina frisando que Sua Eminência é das proximidades da cidade invicta, fez lá alguns dos seus estudos e... foi seu aluno.

Alocução do Sr. Cardial Patriarca

Quando o Senhor Bispo de Leiria acabou o seu discurso, algumas pessoas manifestaram o desejo de ouvir Sua Eminência que se dignou satisfazer êsse desejo, que era o de todos os presentes, proferindo uma bela alocução, cheia de conceitos e de primores de estilo.

Nestes tempos em que o povo é soberano, disse o ilustre e venerando Cardial de Lisboa, até um Príncipe da Igreja lhe tem de obedecer... Curvo-me de muito bom grado a esta como que imposição do sufrágio popular... Tenho de dizer uma palavra que seja como que o fecho destas solenidades.

Uma festa religiosa e patriótica não pode deixar de enlear o príncipe da Igreja que, por mercê de Deus, eu sou.

Religião e Pátria são termos que sempre andam ligados. Nestes dias em que as bases da civilização cristã são minados, é refúgio seguro a Igreja que prèga a obediência à autoridade. E, assim, bem é que aqui se fizessem representar as autoridades. Tôdas as homenagens das autoridades à Igreja revertem a favor delas.

Quere também dizer uma palavra aos rapazes que se votaram ao culto do Santo Condestável. Não pode deixar de o comover a vista dêsses rapazes.

Eu já fui o que vós sois, diz Sua Eminência. Diz-se que a vida é a realização dum sonho da mocidade.

É na vossa idade que se faz a grande manobra de que depende a vida inteira. A sociedade portuguesa põe em vós os olhos, cheia de esperança. A Igreja põe também em vós os seus olhos. Na medida em que vos deixardes dominar pelo ideal de Cristo, contribuireis para melhorar, para elevar o mundo.

A própria Igreja de Deus, diante da mocidade, sente alvoroçar-se-lhe o coração.

É agora, nos vossos floridos vinte anos, que se faz a grande sementeira no vosso coração. Se deixardes que o vosso coração e o vosso espírito sejam enflorados por êsses altos ideais — e não há nenhum mais alto,—conseguireis modelar no barro humano a própria imagem de Deus.

A vós não é preciso prègar altruísmo, como agora se diz. Estais na quadra bela em que tudo se dá generosamente. As abelhas doiradas andam à volta do cálice do vosso coração. Mas, cuidado! Entre as abelhas andam as borboletas que foram vermes. Não consintais que elas vos façam o mesmo que às flores primaveris em que poisam.

Alumiai o mundo, erguendo bem alto o facho ardente da fé. E estareis sendo obreiros dum Portugal melhor que a todos nos reúna como um berço de amor e em que todos nos sintamos mais felizes.

Pouco depois de concluir o seu discurso, Sua Eminência, tendo-se despedido do Senhor Bispo de Leiria e das entidades oficiais, partiu no seu automóvel com destino a Lisboa, no meio de vivas e entusiásticas aclamações da multidão.

Assim terminou a tríplice jornada de 12-13-14 de Agosto, jornada de fé e patriotismo, de homenagem à Virgem de Fátima e ao Beato Nuno de Santa Maria, Padroeiros de Portugal, em comemoração do quinto centenário da morte daquele que foi a mais pura e a mais bela consubstanciação da alma nacional.

Visconde de Montelo

A quinze séculos de Efeso

A MATERNIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA

III

No modesto artigo que, com o título acima, publicámos na «*Voz da Fátima*» de Maio último, procurámos focar, à luz da Escritura e dos Santos Padres, o dogma belo e consolador da Maternidade de Nossa Senhora.

Nestas poucas linhas que vão seguir-se estudá-lo-emos nas suas conseqüências para a Virgem Santíssima.

* * *

A Maternidade Divina de Nossa Senhora com razão se pode comparar a um astro brilhante em volta do qual gravitam, como em tôrno do seu centro, tantos outros astros fulgurantes quantos são os privilégios de Nossa Senhora. É que, se Nossa Senhora é a Imaculada na sua Conceição, se Ela é a Rainha das Virgens, a cheia de graça, um mar sem fundo de virtude, de Santidade, a Bendita entre todas as mulheres—deve-o à dignidade quási infinita de Mãi de Deus.

Se Ela é a corredentora do Género humano, a Medianeira de todas as graças; se Ela é no Céu a Imperatriz do universo, a Omnipotência suplicante, se foi após sua morte levada ao Céu em Corpo e alma, é ainda à Sua Maternidade Divina que o deve.

De feito, decretando Deus Pai enviar Seu Filho ao mundo mediante a Virgem Santíssima, associando—A dêste modo a Sua Paternidade inefável, como a não encheria de graças, como a não prepararia para a tornar «digno habitáculo de Seu Filho»?! Por seu turno tendo o Filho de Deus—o Verbo que por geração eterna procede de Deus-Pai—a prerogativa de escolher a que dentre todas as mulheres deveria ser Sua Mãi — o que não é dado a nenhum filho dos homens —como não escolheria a mais bela, a mais rica em graça, a mais digna de si se, como é verdade, a glória dos filhos são seus pais?

E de facto, dos privilégios que ornaram a alma Santíssima de Nossa Senhora e enchem de intensa alegria todos os seus filhos, uns são exigidos—por conveniência ao menos—pela Maternidade Divina, outros são sua Corôa gloriosa.

Na verdade, não se compreende que a Mãi de Deus, a Mãi d'Aquêle que na luta com a Serpe Antiga deveria esmagar-lhe a cabeça com o Seu Pé, estivesse por um instante sequer sob o domínio titânio do eterno inimigo do Género Humano.

Não se compreende igualmente como Nossa Senhora, sendo a Mãi do Autor de toda a virgindade, por isso mesmo perdesse a Sua virgindade ou subseqüentemente a maculasse.

Não se compreende como a Mãi de Deus e por isso mesmo a Raínha de todos os Santos e Anjos, não fosse um abismo de graça, de virtude, de santidade.

Não se compreende como Maria, por quem nos foi dado Jesus e com Êle todas as graças, não continuasse êste ofício de Misericórdia até ao findar dos Séculos, Ela que, por ser Mãi de Cristo, é Mãi de todos os seus membros, de todos os homens.

Não se compreende, finalmente, como Nossa Senhora—*a Mãe*—não fosse, após Sua morte, gosar, em corpo e alma, da visão beatífica do *Filho* na Glória.

E se, como acabamos de vêr, a Maternidade Divina foi na ordem real, o princípio de toda a grandeza de Nossa Senhora—porque, para A preparar, ou para a enriquecer dignamente, Deus lhe concedeu os privilégios que a tornaram digna mansão de Seu Filho, e como conseqüência da Maternidade lhe outorgou as graças e privilégios subseqüentes,—na ordem lógica foi igualmente da Maternidade Divina que os Santos Padres e Doutores da Igreja deduziram o conhecimento de tais privilégios. Ela é o grande foco de luz com que se ilumina o Céu daquela alma Santíssima e os astrónomos que estudaram e estudam há 15 séculos as maravilhas nêle contidas, são os Padres, os Doutores, os teólogos, os mesmos fiéis.

É pois com razão que a Santa Igreja, ao contemplar, nêste ano centenário, a joia mais primorosa que engastou no diadema de Maria em Efeso, se enche de júbilo e, pela voz de Pêdro, do Papa Pio XI chama todo o mundo Católico a celebrar condignamente a glória imortal da Mãi de Deus.

A «Voz da Fátima» foi visada pela Comissão de Censura.

Graças de N.ª S.ª de Fátima

MILAGRES DE ONTEM E DE HOJE

Nem por isso mudaram os homens...

Os milagres mais bem fundados encontram sempre *incrédulos*, embora na realidade êstes incrédulos careçam de uma boa dose de credulidade para acreditar as explicações que dos milagres por vezes aí se dão.

Hoje a explicação da moda é a das *forças desconhecidas*. Estas fôrças ninguem as viu, ninguém as palpou—e comtudo preferem-nas à Omnipotência divina, cujos efeitos são tão manifestos.

Outróra ignoravam-se as forças desconhecidas, mas acreditava-se nos demónios e era *à magia* que se atribuiam os prodigios inverosimeis operados pelos santos.

S. Pantaleão, martirizado em Nicomedia à vista do próprio Diocleciano, triunfou dos animais ferozes, saiu indemne de um banho de chumbo derretido, restituiu os membros a um paralítico conhecido;—Diocleciano rendeu-se à evidencia, reconheceu os prodigios, mas atribuiu tudo isto à magia... E não se converteu.

* * *

Há hoje em dia pessoas que desejariam ver prodigios no Céu, como os fariseus do Evangelho.

Ora nós tivemos em França a cruz de Migné no princípio do século passado. Portugal teve em 1917 o grande prodígio da *Fátima*, de que foram testemunhas oculares mais de 70:000 pessoas.

—Estes factos maravilhosos trouxeram com certeza muitos pecadores ao caminho de Nosso Senhor; mas a multidão, a grande multidão passa indiferente sem nada ver, sem nada querer compreender.

Hoje como sempre se pode repetir o que dizia S. João no começo do seu Evangelho «*A luz brilhou no meio das trevas, mas as trevas não a compreenderam*»

Oh! Por favor não digais: «Quereriamos ver milagres!»

Abri os olhos—e ficareis deslumbrados!

Versão do Pilerin, *de 2 de agosto de 1931 — n.º 2836*

Uma cura na Bélgica

(Tradução)

Eu, abaixo assinada, espôsa de Gustavo Jauniaux, residente em Enghien (Bélgica), declaro que, estando grávida de há uns sete meses, comecei a sofrer contrac-

A miraculada de Enghien

ções convulsivas de estômago. Chamado o médico, averiguou êle que a criança, que eu trazia no seio, se deslocara comprimindo o estómago. Entretanto eu não podia conservar nenhum alimento, e bem depressa o mal degenerou em crise continuada, devendo o médico vir todos os dias dar-me injecções de morfina. Um dia, meu marido voltou do Colégio dos Padres Jesuitas (onde é alfaiate) com uma imagem e um pouco de água de Nossa Senhora de Fátima, que um Padre Português lhe dera, com recomendações de me dar algumas gotas e de começar comigo uma novena.

Assim fizemos, e uma hora depois todas as dores tinham desaparecido. No dia seguinte o médico, ao ver-me, mal podia acreditar na mudança em mim operada. Desde então pude continuar com as minhas ocupações de antes, sem ter sofrido até ao presente a mais pequena crise.

Em fé do que subscreve a presente declaração.

Laura Defrère

Tumor e fractura

Amélia de Matos Moreira diz ter sofrido muitas dôres na perna direita desde 28 de Dezembro de 1927, pelo aparecimento dum tumor na mesma.

Andou a tratar-se muitos mêzes com diversos médicos, que por fim lhe impuzeram uma operação. Diz: recolhi ao hospital de Vila Nova de Cerveira em 13 de Março. No dia 14 fui operada a 1.ª vez, mas fiquei sofrendo muito mais do que sofria. Em 13 de Maio fizeram-me a 2.ª operação mas continuei com cinco orifícios a purgar continuamente. Operaram-me pela 3.ª vez a 20 de Novembro de 1928, e sempre com o mesmo sofrimento. Estive 15 mêses no Hospital. Passado esse tempo vim para minha casa com 8 feridas a purgar continuamente e sem esperanças de melhorar. Neste estado, lembrei-me de N. S.ª da Fátima e pedi-lhe com grande fé e banhada em lágrimas que me desse saúde, que me tirasse de tão grande sofrimento, ou então que me levasse para si. Nossa Senhora atendeu-me e comecei a sentir alguns alivios, mas quando só tinha 2 buracos a purgar parti a perna de que sofria. Então é que me diziam estar perdida e os médicos eram de opinião que só cortada a perna poderia viver algum tempo.

Recorri então a Nossa Senhora com maior fé ainda a pedir-lhe a graça de não ser necessário que me cortassem a minha perna, e prometi ir a Fátima agradecer-lhe logo que fosse capaz de o fazer. Até então tinha dôres incalculáveis gritando e gemendo de noite e de dia, mas hoje, graças àquela Mãi do Céu estou curada! não me cortaram a perna e já trabalho, a ponto de causar admiração ás pessoas que me conheceram quando sofria. Venho, agora, agradecer a N. S.ª da Fátima a grande graça que me fez e pedir a todos os leitores que me ajudem a agradecer tambem.

Amélia de Matos Moreira, de Caminha.

Cura do corpo e da alma

Em 13 de Outubro de 1929 fui a Fátima pedir a N. Senhora a conversão de minha mãi.

A 26 do mesmo mês adoeceu esta com uma *pneumonia* e pouco depois mandaram chamar-me porque ela estava quási a morrer. Quando cheguei já ela me não conheceu. Correndo à Quinta dos Apóstolos onde reside, eu fui pedir a meu tio que me fôsse chamar um sacerdote.

Mas meu tio, descrente, recusou-se porque, dizia êle, minha Mãi já não necessitava dele porque estava moribunda. Vendo-me assim, só, e com minha mãi naquele estado, ajoelhei e pedi a Nossa Senhora da Fátima que não deixasse morrer minha mãi sem receber os Santos Sacramentos. Depois meti-a comigo num automóvel e trouxe-a para minha casa; deitei-a na minha cama e fui chamar o sacerdote da minha freguesia. Este sacerdote sacramentou-a e preparou-a para a última viagem. Depois fui chamar o Sr. Dr. Sérgio que, depois de examinar minha mãe me disse que a mandasse recolher ao Hospital porque o seu estado era muito grave, e eu, pobre, não tinha meios para a tratar.

Eu, porém, receando que minha mãe me falecesse no Hospital, recorri a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura de minha mãe, e fui fazendo uma novena tratando minha mãe com a milagrosa água de Fátima. Resava o terço todos os dias a Nossa Senhora, e ao fim da novena fui receber a sagrada comunhão como tinha prometido. Nessa altura já minha mãe se sentia melhor. Ao fim de 20 dias voltou o sacerdote dar-lhe a sagrada comunhão e achou-a extraordinàriamente melhor. Prometi então publicar na Voz da Fátima a graça que N. Senhora me alcançou e pedi-lhe muito que convertesse minha mãe e que a fizesse uma grande devota sua. Também aqui fui ouvida porque desde que pôde sair de casa tem assistido a muitas missas mesmo de semana e tem-se confessado e comungado freqüentemente, coisa que já não fazia *havia 37 anos!* Venho hoje, agradecer a N. S.ª tão grandes benefícios tornando-os publicos para sua honra e glória.

Escolastica de Jesus Nunes, de Lisboa.

Doença no nariz

Amalia Mateus, de Nozelas, sofria há muito tempo, do nariz, tendo ocasião em que nem podia respirar por ele.

Consultou um médico que lhe disse necessitar duma operação que só em Lisboa ou no Porto poderia ser feita. Consultou mais três médicos e todos disseram a mesma coisa. Nesta altura, uma pessoa amiga aconselhou-a a fazer uso de água da Fátima que lhe forneceu e a recorrer com fé a N.ª Senhora.

Assim se fez; começara o tratamento com essa água e as orações da doente e das amigas prometendo todos enviar-lhe uma esmola se a graça lhe fosse concedida dentro de 3 mêses. Mas, graças a N. Senhora, a doente sentia-se completamente curada 10 dias antes de findar o 3.º mês! Agora, diz nada sofrer e agradece a N.ª Senhora o tê-la livrado de tantas dôres e despezas.

M.ª da Conceição Lopes Malheiro

Cura dum pulmão

—Venho pedir a publicação duma grande graça que a Virgem Santíssima fêz à minha filha Maria da Assunção.

Adoeceu em Dezembro de 1929. Foi ao médico e o exame acusou a debilitação do pulmão direito. Começou-se logo um tratamento cuidado de alimentação e termo cautério. No dia 13 de Junho de ano passado fui à Missa à minha freguesia, e minha filha nesse dia não foi capaz de me acompanhar. Quando eu, nesse dia voltava para casa, ajoelhei no caminho voltada para onde julgava ser a Cova da Iria, pedindo a Nossa Senhora que, se se dignasse curar a milha filha, iria com ela a Fátima daí a um ano. Graças a Deus, Nossa Senhora atendeu-me e minha filha hoje está boa; — come bem, trabalha e nunca mais sentiu dores no pulmão. Lá iremos brevemente agradecer aos pés de Nossa Senhora tão grande graça que lhe devemos.

Maria Emília Firmo, de Torres Vedras

Tumor

Tendo-me aparecido um tumor no peito, consultei alguns médicos dizendo-me um médico radiologista que me examinou, que o tumor não desapareceria com o simples tratamento de radioterapia, mas que era necessário que fosse operada; no entanto, que experimentasse. Recorri então com fervôr a Nossa Senhora e comecei a aplicar sobre o tumor panos embebidos em água da Fátima, começando ao mesmo tempo umas boas religiosas a fazer a sagrada comunhão por minha intenção e uma novena de orações a Nossa S.ª da Fátima. O tumor começou também a diminuir a tal ponto que o médico ficou admirado e só com duas aplicações e sem intervenção cirurgica eu fiquei completamente curada.

Agora venho agradecer a N. S.ª da Fátima o favôr que me alcançou do Céu.

Uma devota, de Braga.

Tuberculose

—Pedro Francisco, de Alfeizerão, encontrando-se doente, diz, resolvi ir ao médico a Alcobaça. Examinado pelo médico, fui encontrado com os pulmões enfraquecidos. Os medicamentos receitados nada me fizeram, de maneira que resolvi consultar outros médicos. Fui a Caldas da Rainha e lá todos os médicos me declararam tuberculoso e em estado já bastante adiantado.

Tudo isto se passou em 1928.

Vindo para minha casa, muito triste, recorri a Nossa S.ª da Fátima. Toda a família da minha casa e com êles os meus parentes reuniram-se e prometeram rezar o terço um ano inteiro todos os dias seguidos e, se eu melhorasse, de tôda a família ir agradecer a graça a N. Sr.ª da Fátima. Agora encontro-me bem e fortalecido. Já fomos a Fátima e cheios de alegria agradecemos a N. Senhora a graça que me concedeu. Uma das pessoas da minha família foi de joelhos desde o portão até junto do altar de Nossa Senhora da Fátima, a quem devo a minha saude.

Pedro Francisco

Cura dum defeito de nascença

Artur Simões, da freguesia de Ancião, nasceu com um grave defeito. Os médicos, pouco depois, aconselharam uma operação imediata, sob perigo provável de morte dentro de pouco tempo no caso de se não sujeitar à operação.

A família, a quem a ideia da operação deveras atemorisava, recorreu N. S.ª da Fátima com muitas orações, promessas, e passado algum tempo o defeito desapareceu. Consultados novamente os médicos quási não acreditaram no que viam, não sabendo explicar como a cura se tinha operado sem intervenção cirurgica.

A família agradece muito a Nossa Senhora a queua sempre deseja amar.

José Simões, de Ancião

Meningite

Venho rogar-lhe o favôr de mandar publicar a graça que N. S.ª concedeu a meu filho José, de 5 anos de idade, curando-o em *cinco* dias, duma meningite.

Desde Agosto a Outubro, o pequeno teve vários ataques de dôres no estômago, ataques tão fortes que o deixavam prostrado. Consultámos 3 médicos de fama, nenhum deles conseguiu acertar com a doença.

Nos fins de Outubro teve novo ataque e mais forte Desta vez o médico declarou que se tratava duma *meningite* e mandou o doente para o Hospital e sem demora. Lembrámo-nos então de pedir a N. S.ª da Fátima que nos valesse. Começámos a fazer uma novena e logo no 3.º dia desapareceu a febre, e no 5.º dia foi autorisado a sair.

Hoje, está completamente curado sem ter mais dores de estomago desde então até aqui.

Atribuímos esta cura rápida duma doença tão perigosa sómente a N. Senhora da Fátima. — Shanghai, Maio de 1931.

Joaquim M.ª C. de Sousa

Duas curas

António de Oliveira, da freguesia de S. Catarina da Serra, de 5 anos de idade, estava entrevado havia um mês tendo sido inuteis os esforços do médico para o curar.

No dia 13, inesperadamente, ao ser colocado em casa depois de ser levado a Fátima, começou a andar ficando bem daí por deante.

Havia exactamente um ano que com uma pleuresia purulenta em eminência de intervenção cirúrgica, quando o levava para êsse fim ao Hospital, foi encontrado perfeitamente são pelos médicos que, dias antes, haviam afirmado que só 6 meses depois da operação ficaria curado.

Nevralgia

Josefina de Jesus dos Santos, de 70 anos, da frèguesia de Ourém, sofreu cêrca de cinco anos de fortes nevralgias na cara, que não obedeciam a nenhuns medicamentos. Além disso apareceu-lhe um carôço suspeito na cana do braço.

Ouvindo falar das curas da Fátima, prometeu publicar a graça e ir a Fátima em peregrinação em todos os dias 13 que lhe fôsse possível, achando-se quási logo curada, não voltando a sofrer da mesma doença.

Cura dos pulmões

Peço o obséquio de publicar no seu jornal a seguinte graça que recebi por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Há 19 anos comecei a sofrer dos pulmões pelo que fiz tratamento em sanatório e consegui grandes melhoras, embora continuasse a necessitar de viver com todos os cuidados costumados em casos semelhantes.

Em principios de Abril deste ano, devido a uma forte constipação peorei muitissimo tendo tosse e expectoração abundante. Tomei vários medicamentos, mas em vão.

Então pedi muito a minha cura à Irmã Maria do Divino Coração e ao S. Padre Pio X sem contudo ser atendida. Vendo-me cada vez mais doente e já quási sem esperanças de me passar a tosse e expectoração, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima começando em 3 de Maio do corrente ano a fazer uma novena em sua honra durante a qual não tomei medicamentos e prometi publicar a graça da minha cura se a boa Mãi do Céu ouvisse as minhas súplicas. Ao terceiro dia da novena senti-me muito melhor e a 13, último dia, desapareceu-me a tosse e a expectoração, pelo que venho cumprir o voto que fiz e agradecer publicamente para maior honra e glória da Virgem Santíssima.

Pinheiro da Bemposta—*Judith Mesquita Pacheco*

Agradecem graças a Nossa Senhora as pessoas seguintes

—Margarida Carmo e Cunha, de Lisboa, agradece a N. S.ª uma graça muito importante que lhe concedeu mediante a reza do terço.

—Madame Jorge Godinho, de Lisboa, agradece a N. S.ª duas graças temporais.

—Felix Ferreira, agradece a N. S.ª a paz dada à sua terra, há tempos agitada por fortes convulsões políticas.

—Maria Benedita de S. Sequeira, agradece reconhecida uma graça temporal.

—R. V. da Silva, que há muitos anos sofria do nariz, agradece a sua cura alcançada por intercessão de S. Filomena e Nossa Senhora da Fátima, depois de ter gasto muito com a medicina da terra.

—A. L. agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado a vista que já quási havia perdido. Deu a esmola de 100$00.

—Maria Batista Leal Piedade, agradece a cura duma pessoa da sua família que estava desenganada dos médicos. Fêz a promessa da publicação que hoje vem cumprir.

AVISO

—O preço anual da assinatura da *Voz da Fátima* são 10$00 para Portugal e colónias e 15$00 para o estranjeiro.

—Como os Ex.mos Srs. Assinantes e leitores viram, em Maio último, aumentou o formato do Jornal, e por conseguinte aumentaram as despezas, como poderão ver nas contas no mesmo jornal publicado. Porém, o preço da assinatura ficou sendo o mesmo, de maneira que muito se agradece qualquer esmola para que a *Voz da Fátima* possa continuar a ser publicada e sempre em grande tiragem.

Voz da Fátima

DESPESAS

Transporte	276.861$49
Papel, composição e impressão do número 107 (87.000 ex.)	5.929$50
Franquias, embalagens, transportes etc.	1.283$95
Com a administração em Leiria	527$25
Total	284.602$19

Donativos desde 15$00

Donativos desde 15$00—Distribuição em Santos Reis—Campo Grande, 50$00; Mariana M. B. Arruda—S. Maria, 15$00; João de Araújo—Açores, 20$00; Inácia S. Gomes—Braga, 20$00; Distribuição em Canelas — Régua, 100$00; P.e Alberto P. de Sousa, 30$00; Manuel Correia—Braga, 20$00; P.e José Porfírio—Funchal, 20$00; Distribuição em Cascais, 30$00; Glória Esquivel—Mourão, 20$00; Erminia A. Esquivel—Mourão, 20$00; M.a da C. Braz—Açores, 15$00; Jorge Lopes Marques—Alvega, 50$00; José O. Martins—América, 22$00; Joaquim de Oliveira—Carregal, 20$00; Distribuição em Paderne, 65$00; Maria da Piedade—Niza, 30$00; Amélia Rosa Falcão—Amarante, 20$00; Francisco J. G. Camelo — Extremos, 20$00; José Friães—V. N. de Gaia, 15$00; Maria Barbara Almeida—Ovar, 15$00; Laura Granado, 15$00; Distribuição em Manhente, 85$00; Mariana da S. M. Belo—Alandroal, 20$00; Judith Fernandes—Alandroal, 15$00; Elvina Nunes da Fonseca—Lisboa, 50$00; Joaquina Rosa Ramalho—Lisboa, 30$00; António F. de Melo—Guimarães, 15$00; Ventura José de Campos—Murtoza, 15$00; Distribuição em Murtoza, 100$70; Distribuição em Freamunde, 250$00; Etelvina de J. Cascalho — Lavre, 20$00; António Guedes—Gaia, 20$00; Distribuição em Vera Cruz—Aveiro, 35$00; Distribuição em Cabeço de Vide, 25$00; Maria do Carmo C. Real—Ponte da Barca, 20$00; Virginia Carrilho—Almodovar, 15$00; Georgina Almeida Tavares—Mafra, 20$00; Maria Carolina Caetano — L. da Beira, 183$00; João G. Júnior—Portalegre 100$00; Franc.º Martins—Alvorninha, 20$00; Helena T. Rebouxo—Setubal, 20$00; Josefa de Jesus —Casais Robustos, 80$10; Mariana de Jesus B. Casaleiro—Mafra, 30$00; Anselmo A. Borges—Paços de Souza, 15$00; Rosa Amélia da Silva—Lourinhã, 15$00; José M. Viana—V. do Castelo, 20$00; Maria da Encarnação A. e Silva—M. Redondo, 20$00; Joaquina Duarte—Rogel, 120$00; Maria da Assunção de Azevedo—Viseu, 20$00; Distribuição em S. Sebastião—Viseu, 20$00; Maria do Carmo Pires—Pôrto, 15$70; Julia de Moura e Costa—Sertã, 40$00; Josefina Manso P. de Melo—Pombal, 15$00; M.a Laura dos Santos—Cerdeira, 60$00; Olimpia Sequeira Canelas —Alpalhão, 15$00; Cristina de Jesus Santos—Varatojo, 15$00; Esmola de Bougado, 300$00; Distribuição em Anha—V. do Castelo, 250$00; H. da Misericórdia—Penafiel, 32$50; Distribuição em Avanca, 70$00; Ana M.a Morais—Mogadouro, 20$00.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO BRASIL

(Continuação)

VIII

D. Virginia Tavares agradece de todo o coração a N.a Senhora de Fátima uma importante graça obtida por intermédio da sua bemdita novena em favor de uma pessoa amiga que em risco iminente de perder a vista viu tão grave mal debelado pela prodigiosa intercessão de tão boa Mãe.

Semelhante prodígio se deu bem patentemente com o porteiro do Colégio Nobrega. Apareceu um dia inesperadamente com o olho direito de tal maneira infectado que totalmente perdeu a visão.

Vai ao hospital consultar um médico o qual lhe declara que com menos de 3 meses não recuperaria a visão.

Calmo e paciente me comunica o resultado da entrevista, o que me sugeriu a ideia de propôr-lhe o recurso a N.a S.a de Fátima. Começa nesse mesmo dia a sua novena utilisando além disso a água milagrosa de que botava no olho afectado umas gotinhas, e o prodígio não se fez esperar, pois o que o médico não dava por possível antes de 3 meses, N.a S.a o reduziu ao curto praso de 3 dias, começando desde logo a enxergar os objectos, se bem que não com toda a nitidez, a qual dia a dia se continua daí em diante a precisar cada vez mais para consolação do bom Flávio (êste é o seu nome) e de todos os que lhe apreciam os serviços e conjuntamente para glorificação de N.a S.a do Rosário de Fátima a quem o beneficiado não cessa de render as mais sentidas homenagens do seu incondicional reconhecimento.

IX

1) Humildemente agradeço a N.a S.a de Fátima uma graça que alcancei com a promessa de publicá-la no jornal «Voz da Fátima».

Recife

Maria José de Andrade — F. M.

2) Confesso-me devedora a N.a S.a do Rosário de Fátima de três importantes graças por seu intermédio obtidas: 1.a — a de, apesar de bem fundados receios, ter sido feliz na extracção de 7 dentes; 2.a —a de ficar bem depressa livre de um grave incómodo e cruciante dôr numa face; 3.a — a de me ver completamente restabelecida de uma enorme fraqueza e aflitivo nervoso que muito me fez sofrer. Por tudo rendo hoje mil acções de graças à bemdita Mãezinha do Céu que tão prodigiosamente me valeu.

Isaura Tavares

3) Tendo recorrido em ocasiões várias de grandes aflições á Virgem N.a S.a do Rosário de Fátima, implorando o seu socorro e sendo por Ela atendida, venho testemunhar-lhe a minha gratidão e proclamar o seu grande valor.

Envio 20$000

Rio de Janeiro — Outubro de 1930.

Maria S. de A. e Castro

4) Tendo eu sofrido 7 anos do fígado e tomado por êsse motivo muitos remédios sem nunca ficar boa, lembrei-me de recorrer à Virgem do Rosário de Fátima, o que fiz, achando-me hoje completamente curada.

Venho agradecer à SS.ma Virgem êste grande benefício, tornando-o público para sua honra e glória.

Recife — 12-10-930.

Estefânia Maria da Conceição

5) Agradeço a N.a S.a do Rosário de Fátima a grande graça que me concedeu de ter restituido a saúde ao meu sobrinho, Ernestinho Roesler, que se achava bem doente. Conforme a promessa então feita torno público tão assinalado benefício e ofereço a quantia de 10$000 para o Santuário da Senhora.

Recife, 17-10-930.

Maria Carmelita Carneiro de Albuquerque

6) Rosa Mendonça Santos Oliveira, residente na Soledade, n.º 26, agradece a N.a S.a do Rosário de Fátima uma graça especial obtida com promessa de publicá-la no jornalzinho «Voz da Fátima».

Recife, 3-12-930.

7) Agradeço de todo o coração a N.a S.a de Fátima a grande graça que por sua intercessão alcancei com promessa de publicá-la no jornal «Voz da Fátima».

Recife, 20-12-930

Jamília de Morais

X

maravilhosa protecção de N. S. do Rosário da Fátima

Bem pouco há ainda, por ocasião da recente revolução de Outubro que se viu e apalpou bem a real valia da protecção de N.a S.a de Fátima. E' do domínio público no Brasil e fóra dêle que no Recife os revolucionários fizeram o seu principal reduto e ponto de apoio no Colégio Nobrega, compreendendo tanto o prédio novo como o seu vasto quintal, ou sítio, como cá se diz, o que, se para êles constituiu uma enorme vantagem, que lhes assegurou e acelerou o triunfo, para nós com os aproximadamente 150 alunos internos que comnosco tínhamos e de quem nos não era por forma alguma possível desfazermo-nos, representava isso um incalculável perigo. Que fazer?- Retirar os ditos alunos do prédio ocupado que ficou à inteira disposição dos revolucionários, e concentrá-los nos baixos do antigo palácio, onde passámos as 48 horas que durou o mais acêso da revolução. Aí todos reünidos nos confiámos à valiosa protecção de N.a S.a de Fátima com a recitação em côro do terço seguido do «Lembrai-vos» com 3 A. M. precedidas da invocação «N.a S.a do Rosário de Fátima, rogai por nós».

O resultado foi quanto podia ser prodigiosamente manifesto. Quanto aos Sacerdotes, alguns dos quais no exercício dos seus ministérios andaram em evidentíssimos perigos, de todos saíram incólumes; e entre os alunos, bastantes dos quais crianças pequeninas, nem o pânico tão próprio da sua natural timidez. Se bem que do seu refúgio durante os sucessivos e violentos tiroteios, sobretudo da noite de Sábado, 4 para 5 de Outubro, repetiam sem cessar P. N. e A. M., terminados êstes, logo se sucediam os gracejos inocentemente pitorescos com que amenizavam a situação. Mercê de Deus nenhum correu o mínimo risco.

Ao menos o prédio, onde os revolucionários tiveram que sustentar freqüentíssimos e renhidos ataques dos 4 flancos ao mesmo tempo, era naturalíssimo que ficasse bem danificado; pois a verdade é que são rarissimos e insignificantes os estragos produzidos, o que por todos é, e com razão, tido na conta de insigne maravilha.

E que muito é que, se isto sucedeu com o prédio, outro tanto tenha sucedido com os respectivos combatentes? Milhares sem dúvida foram os que dali receberam e repeliram numerosos ataques; pois, dos de dentro, de dois apenas consta que fossem atingidos, e um tão levemente que, roçando-lhe ligeiramente a bala na cabeça, mal lhe tostou o couro cabeludo. Este no terraço superior. Um outro na galeria inferior foi inesperadamente ferido numa perna por uma bala perdida, mas após ligeiro curativo voltou logo à linha de fogo a vingar nos de fóra o insulto apesar de não propositado.

De outras famílias soube terem gozado de idêntico privilégio, atribuível da mesma forma a N.a S.a de Fátima. Uma sobretudo, a do Snr. José Gonçalves da Costa, residente em Tigipió, à rua de S. Miguel, 635, que em sucessivos ataques, cruzando-se-lhe as balas por cima da casa, tôda a família saiu incólume, benefício que dias depois com tôda a família êle veio à nossa Capela agradecer a N.a S.a de Fátima mandando celebrar uma Missa em acção de graças e oferecendo 5 quilos de velas para a mesma Senhora.

Este mesmo e respectiva família é assíduo em vir, a-pesar da distância, assistir à Missa em honra de N.a S.a de Fátima todos os dias 13, e como N.a S.a lhe vai pagando avalie-se entre outros pelo facto seguinte. Estava êle na sua casa comercial entregue aos seus negócios, quando é inesperadamente informado pelo telefone de que uma sua filhinha de tenra idade estava com assustador ataque. Na angústia de tão inopinada informação corre imediatamente a buscar o médico da família que por cúmulo de desdita não estava nem em casa nem no consultório, o mesmo sucedendo com diversos outros de quem se pretendeu valer, tendo assim que ir até ao extremo oposto da cidade e daí ainda à Assistência, conseguindo afinal depois de tanto tempo e trabalho obter um médico que em sua companhia se dirigiu à casa da doentinha. Com que ânsia porém não ia o bom pai receoso de que com tanta demora não fôsse mais tempo de prestar o necessário auxílio a sua filhinha. Necessário dizia bem e talvez até indispensável, se na sua ansiedade não se tivesse lembrado de meter de permeio a protecção de N.a S.a de Fátima. Ao mesmo tempo porém que ia procurando o natural socôrro, foi também fazendo a promessa de, se sua filhinha não corresse perigo, mandar celebrar uma Missa a N.a S.a de Fátima e oferecer para o seu altar 4 quilos de velas. O êxito não podia ser mais feliz, pois, chegado a casa depois de tantas canceiras e aflições, aí o esperava a agradável surpresa de ver sua querida filhinha não só fóra de todo o perigo, mas alegre, radiante e expansiva como nos seus melhores dias. Escusado é dizer com que satisfação a promessa foi logo após cumprida integralmente e com a assistência da beneficiada que com sua infantil viveza pareceu dar mais vida ainda ao piedoso acto, em seguida ao qual foi a mesma consagrada a S.ta Teresinha, segundo promessa também feita por outra pessoa da família.

Voem estes relatos além dos mares, ecôem pelas Terras de Santa Maria, repercutindo nesse abençoado céu-na-terra de Fátima, testemunhando aí à Mãe bemdita quanto lhe querem também os filhos da Terra de S.ta Cruz, e como, em troca dos seus insignes favores, com o mais intenso e filial amor lhe patenteiam a sua imorredoura gratidão.

Colégio Nobrega — Recife.

Dezembro de 1930.

P.e João de Miranda, S. J.

Mulheres, sêde assim!

Em vez da costumada história trá hoje um quadro vivo e vivido a servir de modêlo a tanta mulher, a tanta esposa cristã que, às vezes, arrasta uma vida inteira de sofrimento, sem tentar ou saber valorizar e aproveitar êsse tesoiro escondido que o Senhor lhe deu às mãos.

Para elas, as rainhas do lar, tornadas tanta vez em escravas, são as palavras que se seguem. Quando elas souberem sofrer caladas e alegres, curtindo em silêncio a sua dor, de que só elas e o Céu teem conhecimento, ter-se-hão transformado num poderoso iman que atrai as bençãos de Deus sôbre a família, serão uma hóstia viva a imolar-se continuamente por aquele a quem se entregaram, por aqueles a quem deram o ser—anjos de luz divinal no meio do lar.

Só, com sua mãi que, de há muito ficára viuva, com a mocidade dos seu 19 anos bem prendados de dotes físicos e morais, Amélia era a alegria da visinhança, o sol da sua casa e da mãi, o enlevo das irmãs já casadas. Não havia festa a que não fôsse. Descamizada nas eiras ou desfolhada nas terras por mais linda que estivesse a noite, por mais clara que a lua brilhasse, sempre lhe faltava alguma coisa se Amélia com as outras não cantava ao desafio.

Nas modas da aldeia, nos atavios do seu trajar, tinha sempre a primazia.

A mãi era doida pela filha, sem comtudo perder como outras os sagrados direitos da autoridade maternal.

Para a missa e oração como para o trabalho e divertimentos a sua companhia era a mãi. Prouvera a Deus que todas as mãis assim fossem!

Não teriamos certamente a lamentar tanta queda, tanta miséria...

Entre os rapazes que na aldeia aspiravam à mão de Amélia foi preferido um rapaz bem posto e bem-falante que, pela força e pelo garbo do porte exterior, não temia meças com ninguém.

E um belo dia, aljofarada com as lágrimas da mãi, sob os olhares húmidos das vizinhas, Amélia saia de sua casa pela varandita baixa toda cheia das suas flores e sob os olhos vivos e esperançosos das amigas que a iam acompanhar até à igreja.

Amélia casou.

•

• •

Passados anos o marido, que nunca fôra piedoso, levado por más companhias, apoz uma estada no estranjeiro, deixou de praticar.

E até ela para cumprir as suas obrigações de cristã e de educadora tinha de escolher as ocasiões.

Com o vinho, o marido tratava-a mal, disparatava diante dos filhos pronunciando palavrões.

O ganho do seu trabalho e do da mulher gastava-o na taberna e em grandes comezainas que a mulher tinha de preparar para êle e para certos amigos que logo aparecem nestas ocasiões.

Amélia estranhava de dia para dia; o trabalho aumentava porque ficava só; os cuidados e desgostos traziam-na oprimida. Aquela de quem todos dantes diziam que «vivia como peixinho na água» não parecia a mesma: magra, negra e por vezes até mal vestida.

Esta situação prolongava-se; quási se perpetuava.

A boca de Amélia porém nunca se abria numa queixa, numa lastima.

Os lábios não perdiam por um momento sequer aquele geito tão seu de sorrir. Se alguém a lastimava sorria-se; se a puxavam a terreiro mudava de conversa; se a interrogavam despedia-se sacudidamente.

Atacavam o marido?

Defendia-o ela.

Em casa nunca um vizinho ou alguém ao passar lhe ouvia uma palavra por entre os destemperos do marido.

Porisso também, êle, no meio da bebedeira tinha ainda razão suficiente para exclamar:

«Tenho uma mulher que não mereço a Deus.

A minha mulher é uma santa!»

E era. E é.

Que na verdade só a graça do Senhor servida por uma vontade de ferro, por uma virtude firme pode fazer com que uma rapariga cheia de mimos e transformada num farrapo tenha estampado no rosto sempre franco o sorriso perene que a dor não amortece nem a faga.

Que maravilhas se não passam na alma de uma mulher que, como Amélia, sabe sofrer e imolar-se por amor!...

O sofrimento regenera e dá vida O de Amélia converteu o marido.

•

• •

O segrêdo desta vitória reside num profundo amor conjugal.

Embora talvez no intimo reconhecesse sinceramente os defeitos que no marido não eram poucos nem pequenos, diante dos outros era ela a primeira e encobri-los, a ocultá-los.

Que linda atitude!

E quão diversa da de tantas que por impaciência, por falta de espirito de abnegação e de renúncia se tornam em verdadeiras profanadoras do santuário da família cujos segrêdos mais intimos vão assoalhar por ouvidos de vizinhas!

Que exemplo admirável o dessa mulher que forma os filhos no cumprimento do dever, no respeito da autoridade, no espirito de sacrificio e no amor do trabalho!

Mas também que corôa de glória a não esperava no céu quando há pouco o Senhor a chamou e a viu apresentar-se-lhe diante com a humildade do bom servo do Evangelho —somos servos inúteis — e com a alma do marido e o coração dos filhos que ela no sofrimento e na dor conquistara e educara para Deus! Dizia-o a dôr sincera dos que a haviam conhecido; dizia-o a tristeza quási louca do marido que desejava viver agora para a família e para Deus; dizia-o o tom do semblante angèlicamente composto num leve sorriso que nem a morte se atrevera a roubar-lhe.

•

• •

Sofre-se na vida matrimonial na vida de família?

Sofre-se muito até?

— Sim é verdade.

Há famílias cuja vida é um inferno de sofrimento?

— Só é inferno para quem não sabe sofrer.

O mais duro sofrimento se transforma em prazer quando se sofre em união com Deus — numa palavra, quando se sofre por amor.

Espirito de renúncia, de sacrificio, de abnegação — a resignação, a conformidade, a alegria no meio do sofrimento tudo isso vem com o amor

E tôda a dor se transforma assim com uma suave unção que a torna balsâmica.

Oh quem dera que tôdas as mulheres, tôdas as espôsas soubessem sofrer por amor — por amor de Deus e por amor dos seus!

Que de verdadeiros milagres se não dariam no mundo das almas dentro dos nossos lares.

Mulheres, sêde assim!

Leiria, Julho de 1931

Galamba de Oliveira

Se contra a ordem de Deus desejas os bens presentes e terrenos, perderás os celestes e eternos.

(Da Imitação de Cristo)

ANO IX — LEIRIA, 13 de Outubro de 1931 — N.º 109

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

FÁTIMA -- terra de mistérios, de graças e de milagres

A missa que celebrei na Cova da Iria no dia onze de Agosto constitui uma das impressões mais profundas da minha vida religiosa e por isso eu dou graças à Santíssima Virgem por me ter proporcionado tão grande ventura.

O espectáculo do povo em oração, a treze de Agosto, unido em volta dos seus chefes espirituais, encheu-nos de entusiasmo e foi para nós um motivo da maior edificação.

(Cónego Dessain, secretário do Cardial Arcebispo de Malines, em carta ao Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria).

Catorze anos atrás

Eram quási dez horas da manhã. Abertas de par em par as cataratas do céu, a chuva despenhava-se torrencialmente, inundando os campos e convertendo as estradas e os caminhos em lameiros intransitáveis. A voz débil de três pobres e inocentes crianças, Portugal despovoara-se. Contavam-se por dezenas de milhar os peregrinos de tôdas as idades, classes e condições sociais, que de tôdas as provincias acorriam, impulsionados por uma fé e piedade indescritíveis ao local bemdito das aparições. Parecia que tinha sido ordenada uma mobilização geral dos cidadãos válidos, na iminência duma guerra com alguma potência estranjeira.

Uma grande multidão, avaliada em setenta mil almas, estacionava na Cova da Iria, aguardando na mais viva ansiedade que se verificasse no céu o sinal tantas vezes predito pelos videntes e prometido pela gloriosa Virgem como prova da realidade das suas aparições.

Ao meio-dia solar, logo que os videntes acabam de rezar o terço, corta o espaço a claridade fulgurante dum relâmpago e a radiosa Visão pousa os seus pés virginais sôbre a copa da azinheira sagrada e fala aos humildes pastorinhos.

De repente, terminado o celeste colóquio, as nuvens rasgam-se, a chuva cessa de cair e o sol aparece glorioso e triunfante em pleno zénite, espadanando luz e calor.

Três vezes o astro-rei rodopia sôbre si mesmo, com uma velocidade assombrosa, parecendo querer desprender-se da abóbada celeste, e, em explosões continuas, emite feixes de luz viva e intensa que reveste sucessivamente tôdas as côres do arco-iris.

A multidão, como que electrizada à vista dêsse fenómeno inaudito, cai de joelhos, chora, soluça e reza, misturando-se, naquela hora única e inolvidável em terras de Portugal, os cânticos de louvor e gratidão das almas piedosas com as súplicas de perdão dos pecadores e com os gritos de júbilo dos incrédulos convertidos pelo golpe formidável da graça divina como Paulo de Tarso no caminho de Damasco...

A Virgem bendita, Padroeira da Nação, abrira, na ternura inexgotável do seu Coração maternal, mais uma fonte de misericórdia, de graças e de bênçãos para os seus filhos queridos, nesta terra que se preza e ufana de ser a terra de Santa Maria.

A procissão das velas

Recitado o terço do Rosário alternadamente pelo clero e pelo povo defronte do altar do pavilhão dos doentes, realizou-se a procissão das velas, conforme o costume. Eram cêrca de dez horas quando teve início a marcha feérica e deslumbrante da multidão imensa que ia percorrer os domínios da Virgem numa apoteose grandiosíssima de fé, amor e glória. A-pesar do vento que soprava e do frio que fazia, a concorrência foi grande.

A procissão das velas terminou à meia-noite pelo canto do Credo.

As peregrinações e os grupos de peregrinos

Entre os grupos de peregrinos que êste mês foram a Fátima merece especial menção o da Ilha da Madeira. Era presidido pelo rev.do Manuel Vasconcelos da Encarnação, vigário da Ribeira Brava. Da Ilha de S. Miguel (Açores) estava presente o rev.do Teófilo de Oliveira, pároco da diocese de Fall-River, nos Estados Unidos da América do Norte. Êste venerando sacerdote quis visitar o santuário de Fátima antes de partir para a sua terra onde vai descansar durante algum tempo das fadigas da paroquialidade, regressando depois à América.

Estes dois eclesiásticos prestaram bons serviços no dia treze, auxiliando tanto quanto puderam os capelães do Santuário.

A peregrinação de Vila de Rei, presidida pelo seu pároco, o rev.do Rafael Jacinto, era composta de 320 pessoas, das quais 130 fizeram a viagem em seis *camionnettes* e 190 a pé, num percurso de cêrca de oitenta quilómetros.

A frèguesia de Vila de Rei faz a peregrinação a Fátima em períodos consecutivos de três anos com interrupção doutros três anos. Por ser o ano da aprovação oficial das aparições, realizou-se uma peregrinação extraordinária no último ano do intervalo, tendo sido esta a mais numerosa de tôdas as que tem feito até hoje. Todos os peregrinos se tinham confessado antes da partida da sua terra e comungaram em Fátima.

As peregrinações de Vila de Rei distinguem-se pela gravidade e compostura e pela piedade fervorosa dos seus membros, o que é motivo de edificação para tôdas as pessoas que assistem aos actos colectivos dessas peregrinações.

A peregrinação da frèguesia de S. Julião, de Setúbal, era dirigida pelo respectivo pároco, o rev.do dr. Pedro Filipe dos Santos Gradil, distinto professor no liceu daquela cidade.

Setúbal, é sem dúvida uma das cidades do nosso país em que a devoção a Nossa Senhora de Fátima lançou raízes mais fundas. Por isso todos os anos ela envia a Fátima numerosas peregrinações, estuantes de fé viva e de piedade ardente.

Esta peregrinação visitou durante a sua viagem, feita em camionettes, o Santíssimo Milagre de Santarêm, a igreja e o mosteiro da Batalha e o convento de Cristo em Tomar.

A peregrinação da Serra (Tomar) era formada por 700 pessoas presidida pelo

PEREGRINAÇÃO DE AGOSTO DE 1931: — Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca dando a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes
Conduz a umbela o Sr. Dr. Trindade Coelho, Ministro de Portugal no Vaticano.

rev.do Teófilo de Oliveira, pároco da diocese de Fall-River, nos Estados Unidos da América do Norte. Êste venerando sacerdote quis visitar o santuário de Fátima antes de partir para a sua terra onde vai descansar durante algum tempo das fadigas da paroquialidade, regressando depois à América.

Estes dois eclesiásticos prestaram bons serviços no dia treze, auxiliando tanto quanto puderam os capelães do Santuário.

A peregrinação de Vila de Rei, presidida pelo seu pároco, o rev.do Rafael Jacinto, era composta de 320 pessoas, das quais 130 fizeram a viagem em seis *camionnettes* e 190 a pé, num percurso de cêrca de oitenta quilómetros.

A frèguesia de Vila de Rei faz a peregrinação a Fátima em períodos consecutivos de três anos com interrupção doutros três anos. Por ser o ano da aprovação oficial das aparições, realizou-se uma peregrinação extraordinária no último ano do intervalo, tendo sido esta a mais numerosa de tôdas as que tem feito até hoje. Todos os peregrinos se tinham confessado antes da partida da sua terra e comungaram em Fátima.

As peregrinações de Vila de Rei distinguem-se pela gravidade e compostura e pela piedade fervorosa dos seus membros, o que é motivo de edificação para tôdas as pessoas que assistem aos actos colectivos dessas peregrinações.

A peregrinação da frèguesia de S. Julião, de Setúbal, era dirigida pelo respectivo pároco, o rev.do dr. Pedro Filipe dos Santos Gradil, distinto professor no liceu daquela cidade.

Setúbal, é sem dúvida uma das cidades do nosso país em que a devoção a Nossa Senhora de Fátima lançou raízes mais fundas. Por isso todos os anos ela envia a Fátima numerosas peregrinações, estuantes de fé viva e de piedade ardente.

Esta peregrinação visitou durante a sua viagem, feita em camionettes, o Santíssimo Milagre de Santarêm, a igreja e o mosteiro da Batalha e o convento de Cristo em Tomar.

A peregrinação da Serra (Tomar) era formada por 700 pessoas presidida pelo pároco, rev.do José Dias Rodrigues, fazendo parte dela um numeroso grupo de Filhas de Maria.

Foram também a Fátima peregrinações do Pôrto, de Viana do Castelo, do Candal (Vila Nova de Gaia), da Ericeira, dos Marrazes (Leiria), etc.

Adoração nocturna

A adoração nacional principiou à meia-noite, assim que se extinguiram os últimos lumes da procissão das velas. As duas primeiras horas foram destinadas à adoração nacional.

Como de costume, rezou-se o terço do Rosário. Nos intervalos das dezenas, explicou os mistérios gloriosos o rev.do dr. Clemente Ramos, distinto professor no Seminário de Évora. Das 2 às 3 horas, foi a hora de adoração para a peregrinação de Vila de Rei. Das 3 às 4, para a peregrinação da frèguesia de S. Julião, de Setúbal. Das 4 às 5, para a dos Marrazes (Leiria). Das 5 às 6, para a do Candal. Das 6 às 7, para a da frèguesia da Serra, de Tomar.

Durante essas horas de bênção, passadas junto do Divino Rei de glória oculto no seu Sacramento de Amor, milhares de almas ofereceram em união com Jesus-Hóstia o incenso das suas preces, o ouro dos seus louvores e a mirra dos seus sacrifícios em reparação das ofensas feitas pelos homens à majestade divina.

Que imenso caudal de graças, mercê dessas súplicas e dessas expiações, desce do Céu como chuva bemdita sôbre Portugal e o mundo, apagando culpas, curando feridas, enxugando prantos, fortalecendo corações, banindo temores, estimulando energias, santificando e salvando muitas almas.

Missa dos servitas — Missa da Comunhão geral

A missa dos servitas foi celebrada pelo rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria.

A Missa da Comunhão geral foi celebrada pelo rev.do dr. José Galamba de Oliveira, professor de ciências eclesiásticas no mesmo Seminário.

A-pesar-de ser Domingo, celebraram-se mais de 40 missas e as comunhões foram em número superior a 5000. Como sempre, a piedade dos fiéis, ao aproximarem-se da mesa eucarística, era intensa, edificando e comovendo os que assistiam a essa cêna incomparável em que Jesus dá em alimento às almas a sua carne imaculada e o seu sangue preciosíssimo.

Missa dos doentes — A homilia

Celebrou a missa dos doentes, ao meio-dia solar, o rev.do António dos Reis, administrador da «Voz de Fátima», que, após a missa, deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a cada um dos doentes em particular e a tôda a multidão de peregrinos, cujo número entretanto aumentava consideràvelmente. Assistiram 179 doentes inscritos.

À estação da missa, fez a respectiva homilia o celebrante da missa da Comunhão geral, que, a propósito do evangelho do dia falou sôbre o mandamento da guarda do domingo e dos dias santos e das sanções terríveis para os que transgridem êsse preceito ocupando-se em trabalhos servis.

A super-produção, disse o orador, a falta de trabalho, a paralização das fábricas fazem à fôrça o que não se quis fazer a bem.

A violação do descanso dominical é

um acto de revolta contra Deus e uma fonte de maldição para todos.

Estiveram presentes e prestaram serviços durante a missa e os outros actos oficiais muitos seminaristas e os pagens do Santíssimo da frèguesia do Reguengo do Fetal.

Monumento ao Sagrado Coração de Jesus

Estão lançados os alicerces para um grandioso monumento ao Sagrado Coração de Jesus no centro do recinto das aparições.

A estátua será sustentada por uma pilastra, que ficará assente sôbre a parte superior da primeira fonte de água miraculosa.

Era justo que no mais belo centro de devoção à Santíssima Eucaristia em Portugal se erguesse a imagem do Divino Rei de amor, dominando o local sagrado, acolhendo todos os peregrinos e espalhando profusamente sôbre as almas torrentes de graça e de misericórdia que trasbordam do seu amantíssimo Coração.

Dora-àvante, portugueses e estranjeiros, ao entrarem na Cova da Iria, em visita ao Santuário predileto da Virgem Mãi de Deus, volverão, cheios de surpreza e de júbilo, os olhos, o pensamento e o coração, para Aquele que do seu trono parece repetir, dolorosa e ternamente, esta queixa tão sentida: «Eis aqui o Coração que tanto amou os homens e que da maior parte dêles não recebe senão ingratidões e desprezos!»

Uma cura extraordinária

Estavam concluidas as cerimónias religiosas oficiais da peregrinação mensal do dia treze. Os peregrinos, depois de se despedirem da Virgem na comovente cêna do adeus após a procissão final, foram-se retirando, pouco a pouco, para as suas terras, próximas ou distantes.

Eram já seis horas da tarde quando um pequeno grupo de pessoas transpõe o pórtico principal do Santuário. No meio delas dois servitas conduzem aos ombros uma maca em que estava deitada uma senhora. Era uma doente do Pôrto que, devido a uma *panne* do automóvel que a transportava a Fátima, onde ia implorar a graça da sua cura, chegou tarde demais para poder assistir a qualquer acto do culto oficial.

Havia muito tempo que se encontrava paralítica e sofrendo de doença dos rins e doutros incómodos de saúde, tendo-se submetido últimamente a uma operação bastante melindrosa.

Como devia ser grande a mágua da pobre enfêrma ao verificar que lhe seria impossivel chegar ao local das aparições a tempo de assistir à missa, comungar e receber a bênção dos doentes!

Conformada com a vontade de Deus, já não ousava pedir a sua cura e contentava-se de ir depor aos pés de Jesus Sacramentado e da Virgem Santíssima o tributo da sua devoção e do seu amor. Mas a Rainha do Céu, na sua bondade maternal, quis recompensar a sua resignação e a sua generosidade, porque, de repente, estando ainda na maca, a pobre doente achou-se curada.

Bendita seja a augusta Mãi de Deus que não esquece os seus filhos adoptivos que sofrem e os cura, alivia ou enche de consolação e confôrto!

Fátima na Bélgica

O rev.^do Cónego Dessain, secretário de Sua Eminência o Cardial Van-Roey, arcebispo de Malines, que no passado mês de Agosto visitou, acompanhado de três sobrinhos, o santuário de Nossa Senhora de Fátima, escreveu ao Ex.^mo e Rev.^mo Senhor Bispo de Leiria, em data de 5 de Setembro, a carta de que se reproduzem os seguintes períodos:

«Eu queria, antes de sair de Portugal, escrever duas palavras a Vossa Excelência para lhe agradecer todos os favores e atenções que se dignou dispensar-me, assim como aos meus sobrinhos, mas o navio que devia conduzir-nos ao Havre deixou Lisboa um dia mais cedo e assim a nossa partida foi precipitada. É-me grato comunicar a Vossa Excelência que nos penhorou imenso a sua condescendente bondade para connosco e que apreciámos devidamente as finezas de que fomos objecto da sua parte e aqui lhe renovamos o nosso mais profundo reconhecimento.

A nossa viagem foi uma série ininterrupta de impressões maravilhosas de que conservaremos uma recordação viva e indelével. Eu coloco, como é natural, acima de tudo o mais, os grandíssimos benefícios espirituais que nos proporcionou a nossa peregrinação a Nossa Senhora de Fátima.

... ...

Já espalhei, em tôrno de mim, a boa nova das maravilhas de Fátima, e, se Deus o permitir, espero organizar e dirigir um dia uma peregrinação belga à Cova da Iria».

Por sua vez o rev.^do Gaspar Pizarro, S. J., em carta endereçada ao mesmo venerando destinatário, datada do mesmo dia, escreve de Louvain:

«No passado dia 2 tive ocasião de falar, em Malines, com o sr. Cónego Dessain. Está encantado com Fátima e com o que viu em Portugal. Pensa em organisar uma peregrinação cada ano, se a Virgem Santíssima dispuzer bem as coisas. Sua Rev.^ma vai escrever a V.^a Ex.^a Rev.^ma e oferecer ao santuário uma lembrança da sua primeira peregrinação.

Encomendei ontem mais 45.000 imagens de Nossa Senhora de Fátima destinadas ao Brasil. O movimento está bem lançado, por isso já pouco tenho de me preocupar com êste assunto. Estou dispondo tudo para que a propaganda continue sem intervenção nenhuma da minha parte.»

Fátima na Alemanha

O rev.^do dr. Luís Fischer, professor do curso teológico da Universidade de Bamberg e autor de vários livros em alemão sôbre Fátima, escreveu também ao Ex.^mo e Rev.^mo Senhor Bispo de Leiria, em data de 19 de Agosto último, uma carta, da qual se transcrevem os trechos que seguem:

«O *Fatima Verlag* já encomendou o fabrico duma reprodução lindíssima da estátua com que Vossa Excelência teve a bondade de me presentear. A estátua tem estado para êsse fim em Munich, minha terra natal. Desde que o escultor deixou de precisar dela, encontra-se depositada em casa duma excelente senhora, viuva dum médico já falecido, o dr. Marie Grommes, München 19, Leonrodst 47. Esta piedosa viuva, organizadora de 15 grandes conferências que fiz em Munich sôbre Fátima, merecia ser honrada com uma estampa de Nossa Senhora de Fátima, rubricada por Vossa Excelência (ou com uma fotografia de Vossa Excelência). Ela tem cêrca de 60 anos de idade, é muito pobre, não tem rendimentos fixos e vive à mercê da Providência Divina, sendo grande devota do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora de Fátima. Duzentas e quarenta e seis pessoas visitaram a estátua entre 15 de Julho e 13 de Agosto. A estátua tem corrido alternativamente os conventos de Munich (Damas Inglesas, Capuchinhos, Irmãs do Bom Pastor). Presentemente está na posse das Irmãs do Bom Pastor. A senhora Grommes escreve-me o seguinte: «Munich, 15 de Agosto, 1931. Que dia poderia ser mais próprio do que o de hoje, festa da padroeira da nossa frèguesia, para agradecer a V. Rev.^a o favor de ter deixado ficar em nosso poder a sua bela estátua de Nossa Senhora de Fátima! Que a nossa boa Mãi do Céu lhe dê a recompensa do agradecimento de 246 visitantes e 56 órfãos, com que êles enfloraram as suas orações! Eu teria o maior prazer em enviar a V. Rev.^a o meu livro de hóspedes, em que mandei inscrever os nomes dos visitantes da Nossa Senhora de Fátima para lhe dar, meu Rev.^do Padre, uma traca ideia do grande reconhecimento, da veneração e do amor filial com que os nossos adoradores nocturnos, que assistiam quási todos à sua conferência, honraram a Rainha do Rosário de Fátima. O que terá esta estátua de extraordinário? Ela trouxe consigo muitos dos encantos de Fátima! Porque na verdade a estátua vive! Houve muitas pessoas, mesmo do sexo masculino, que deixaram correr as lágrimas enquanto rezavam diante dela.

Resumindo as nossas impressões, direi: nós pudemos sentir um pouco de Fátima. Graças a Deus pela bondade de V. Rev.^a.»

Reitor Honório da Graça e Silva

No dia 19 de Setembro rendeu a Deus a sua bela alma o rev.^do Honório da Graça e Silva, numa humilde casa da povoação situada mais perto do local das aparições — Moita Redonda.

Feitos os estudos eclesiásticos no Seminário de Portalegre e ordenado de presbítero, exerceu o ministério paroquial em várias frèguesias do Patriarcado, donde era oriundo, pois tinha nascido na frèguesia da Serra, de Tomar.

Pastoreou, entre outras as frèguesias de Carregueiros, S. Pedro da Beberriqueira e S. Sebastião de Setúbal. Nos últimos anos do antigo regimen foi colado na frèguesia de S. Tiago de Beduido, Estarreja, diocese do Pôrto, onde se conservou até 1919.

Neste ano, foi nomeado missionário diocesano, tendo percorrido a diocese no exercicio do ministério da prègação. Foram os trabalhos e fadigas do apostolado que nessa época já adiantada da sua vida mais contribuiram para o agravamento das doenças de que sofria.

Bastante enfêrmo e exausto de fôrças, foi, há cêrca dum ano, fixar a sua residência junto do Santuário de Fátima para, como êle próprio disse ao signatário destas linhas, de quem era grande amigo e que tanto lhe devia, descansar e preparar-se para a morte sob o manto da Mãi de Deus.

A população da Moita Redonda considerou como uma grande bênção do Céu a vinda para o seu seio daquela veneranda figura de sacerdote, notável pela sua cultura, pela sua virtude e pela sua piedade. Na Capela nova do lugar o rev.^do Honório celebrava diàriamente o santo sacrifício da missa, passava horas seguidas no confessionário e prègava a palavra de Deus.

Agora chora sem consolação a perda irreparável do homem de Deus que o Senhor lhe enviara para a edificar e santificar com a sua palavra, com os seus exemplos e com a sua acção sacerdotal.

Na manhã do dia 19 a sua alma, desprendendo-se do frágil invólucro da carne, voou para o seio de Deus.

Os leitores da «Voz da Fátima» não se esquècerão de a sufragar nas suas preces.

À sua irmã a senhora D. Antónia Serodio e a seu sobrinho sr. Domingos Gonçalves da Silva Dias apresenta êste humilde padroeiro das glórias da Virgem as suas mais sentidas condolências.

Visconde de Montelo

Estás a dormir, Mimi?

«Os caminhos de Deus são impenetráveis e, quando lhe apraz, do maior mal faz sair o bem. A confirmá-lo podemos aqui apresentar um episódio que se lê na vida dum santo religioso da ordem de S. Domingos, o P.^e Doussot.

Este sacerdote nasceu em Epernay, em França.

O pai, um excelente magistrado, era, como se diz agora, um livre pensador, ou, como se dizia então, um voltariano encarniçado. A mãi, que descendia em linha recta, de uma irmã de Richelieu, partilhava da incredulidade de seu marido. Por isto, Gaston Dousset não recebeu, na sua infância nenhuma instrução religiosa no lar doméstico.

Quando tivesse vinte anos, diziam os pais seguindo o critério de Rousseau, tratasse êle disso e seguisse o que lhe parecesse melhor.

Aos sete anos só tinha entrado uma vez na igreja na ocasião de um casamento.

Mas vêde os prodígios da graça! Por uma contradição comum a muitos burgueses a quem tudo corre às mil maravilhas, descrentes em religião, mas conservadores em política, Mr. Doussot, que não queria que se impusesse uma crença nem a seus próprios filhos (àlém de um filho tinha também uma filha), pensava no entanto que se devia dar uma religião aos filhos do povo e, com êsse fim, protegia os Irmãos das Escolas Cristãs e chamou um para ensinar em sua casa a gramática a seu filho.

A principiar no primeiro dia, êsse bom mestre desempenhou a sua função entremeando-a com reflexões piedosas, como era seu costume.

O aluno ouvia-as com a maior admiração e curiosidade. Soube assim que existia um Deus, criador e salvador, mandamentos divinos a cumprir, que existe a alma e que devemos merecer o céu.

Nada disse a seus pais mas a criança sentiu-se tão interessada que imediatamente quis de tudo dar parte a sua irmãzinha.

Por isso à noite, depois que a criada os deitou a ambos e se retirou, o pequeno Gastão (de sete anos) levantou-se sem fazer barulho e, a bicos dos pés, foi ter com a irmã Noemi (de cinco anos), entreabriu as cortinas do leito e, muito baixinho, num tom grave, diz-lhe ao ouvido:

— Estás a dormir, Mimi?

— Não, ainda não.

— Sabes uma coisa, Mimi? Olha: há um Deus que nos criou e é muito bom.

— Ah! E o que é?

E Gastão repetiu-lhe tudo o que tinha ouvido ao mestre.

No dia seguinte, a mesma cêna.

— Mimi, estás a dormir?

— Não.

— Ora ouve: o Irmão disse que era preciso rezar ao bom Deus.

— Pois sim, mas o que é rezar?

— Eu vou-te ensinar. Escuta e diz como eu:

«Padre Nosso...»

— Padre Nosso...

— «Que estais no Céu...»

— Que estais no Céu...

Depois do Padre Nosso, Gastão ensinou a Noemi a Avè Maria. E os dois inocentes fizeram assim durante muitos meses a sua oração da noite em comum.

Até aos nove anos a pequenita não aprendeu mais nada. Até então ela não tinha assistido à Missa nem uma única vez.

Assistiu depois a uma por acaso e Deus, revelando-se-lhe, conquistou-a duma vez para sempre.

Gastão foi para o colégio e como sua família o deixava à vontade como se fôsse um adulto, aos dez anos começou por sua livre e espontânea vontade a frequentar o primeiro catecismo da paróquia, depois a segunda parte, até ao momento em que declarou a sua mãi que queria fazer a sua primeira Comunhão.

Os pais, sem lhe responder nem uma palavra, deixaram-no à vontade.

A graça que assim tinha prevenido Gastão desde tão tenra idade, continuou a protegê-lo na adolescência e depois.

Esteve em Paris e ali conheceu Lacordaire, Ozanam e o P.^e Petitot. Entrou na Ordem Terceira de S. Domingos, tomou os seus graus universitários na Escola Normal Superior e, finalmente, fez-se dominicano.

A sua irmã foi chamada, como êle, à vida religiosa e passou por vias extraordinárias. Fundou os conventos das Carmelitas de Meaux, de Fontainebleau e de Epernay e morreu com fama de santidade».

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA E AS MISSÕES

Na Zululândia.

Por inspiração do Rev. Dr. Fischer, os R.R. Padres Beneditinos criando uma Missão na Zululândia colocaram-na debaixo da protecção de N. Senhora de Fátima.

Eis a tradução do apêlo que o zeloso apóstolo de N. Senhora na Alemanha dirigiu no jornal *Schildwache*.

«Anunciámos há tempo a fundação da Missão «Fátima» em África. Não obstante a crise económica actual vimos, mais uma vez pedir aos leitores da *Schildwache* se dignem oferecer uma pedra para a construção da pequenina Igreja. Os nossos leitores já conhecem a Boa Mãe de Fátima que, aliás, tão pouco conhecida é ainda e que nesta hora em que se decide da vida das Missões quere erguer o seu trono de glória, lá ao longe, entre os pagãos.

Desde o tempo das perseguições aos cristãos da Igreja primitiva, desde as invasões dos povos bárbaros, desde os tempor terríveis da reforma e da contra reforma talvez a Igreja não tivesse nunca atravessado uma hora tão grave para a vida das suas Missões como hoje. E' por isso mesmo que o Padre Pio XI, o grande papa das Missões diz:

«As missões são dia e noite o Nosso pensamento constante. A conversão do mundo, a propagação da fé, dizei-o a tôda a gente, proclamai-o por tôda a parte, é o Nosso pensamento dominante, é a coisa que mais preocupa o Nosso espírito e que faz pulsar mais intensamente o Nosso coração».

Não é sem comoção que lemos na Sua Encíclica de 28 de Fevereiro de 1926: «Enquanto Deus Nos conservar um sôpro de vida será esta parte do Nosso Apostolado cumprida sempre com temor e com tremor. Consideramos continuamente em espírito que há ainda mil milhões de pagãos e o Nosso coração não encontra repouso pois sentimos no Nosso íntimo estas palavras aterradoras: *Clama, não cesses, levanta como trombeta a tua voz. (Is. 58, 1.)*»

Praza a Deus que êste apêlo encontre eco nos corações dos amigos das Missões e dos devotos da Mãi de Deus. Os donativos devem ser enviados com a designação «Fátima» para a Abadia das Missões Beneditinas em Münsterscharzach, Nürnberg.»

Transcrevemos a seguir trechos duma carta que o Rev. Thomas Spreiter O. S. B., vigário apostólico na Zululândia dirigiu ao Sr. Dr. Fischer:

Inaugurei a dita missão no dia 13 de Agosto com a Santa Missa mas, infelizmente, só mais tarde soube pela *Schildwache* que nesse dia não houve aparição alguma.

Não temos ainda senão uma pequena casa de adobos com um telhado de zinco. A vida ali não é, por enquanto, nada agradável.

Uma senhora protestante, espôsa dum alto dignitário eclesiástico, manifestou, na Quaresma de 1930, o desejo de fazer alguma coisa por Deus N. Senhor e, depois de muito pensar, lembrou-se da nossa Missão, oferecendo-nos o terreno extraordinàriamente barato. E' claro que aceitei logo devido à sua excelente situação, perto do caminho de ferro. O terreno abrange uma superfície de 400 ares e presta-se admiràvelmente à cultura de açúcar e algodão e ainda à criação de gados. Desta forma tornamo-nos assim mais independentes da pátria para a sustentação do Vicariato. Só o terreno custou 28.000 marcos, ou seja, 70 marcos por hectare. Os terrenos visinhos custam mais do dôbro. E o dinheiro que se irá agora gastar com os amanhos... Tudo aqui é extraordinàriamente caro, o que dificulta imenso o trabalho das missões. As estampas de N. S. de Fátima que V. Rev.^a teve a bondade de me mandar ornamentam agora a sala onde se celebra a santa Missa. Incluindo a cosinha só há na casa 4 pequenos compartimentos. Confio, porém, absolutamente que N. S.^a da Fátima continuará a ajudar-nos.

Thomas Spreiter, V. A.

Em Angola.

Uma das maiores preocupações do Santo Padre são as Missões.

A exposição missionária no Ano Santo em Roma deu brado em todo o mundo, mostrando a todos a necessidade de trabalharmos pela conversão dos infelizes pagãos.

A exposição colonial de Paris onde uma grande parte é reservada às Missões católicas e entre nós o brilhante Congresso Missionário de Barcelos em que tomou parte o venerando Episcopado português, presidido por Sua Em.^cia o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, legado do Sumo Pontifice, mostram como os desejos do Santo Padre Pio XI se vão realisando, pouco a pouco. Nossa Senhora, a rainha dos Apostolos, visitando-nos em Fátima, não só avivou as almas para a fé em Portugal mas no estranjeiro e nos próprios países de Missão.

Já nos referimos à Missão de Nossa Senhora de Fátima de Ganda, na provincia de Angola.

Hoje queremos transcrever, traduzida, uma carta que um dos R. Padres da Congregação missionária do Espírito Santo escreveu ao Rev. Sr. Dr. L. Fischer, o grande amigo de Fátima, e que dá uma ideia das abundantes graças alcançadas pela sua excelsa Padroeira àquela Missão:

Ex.^mo Sr. Professor:

Permita V. Rev.^cia que um pobre missionário africano lhe dirija as poucas linhas que se seguem.

Li no n.^o 95 do jornalsinho português «A Voz da Fátima» que V. Rev.^a acaba de fazer um apelo no seu periódico «Die Schildwche» tendente à fundação duma missão africana sob a designação de «Fátima».

Cumpre-me, pois, dar a V. Rev.^a a grata noticia de que essa projectada missão é já hoje uma realidade. A dita missão foi por nós fundada em Ganda (prefeitura Apostólica de Cubango — Angola, da Congregação dos padres do Espírito Santo), tendo-a colocado sob a proteção de N.^a S.^a do Rosário da Fátima.

Já que V. Rev.^a se interessa tanto pelas missões mas duma forma muito especial pela missão «Fátima» permita-me que lhe dê algumas informações sôbre essa *sua* missão, se assim é lícito exprimir-me.

O território dessa missão abrange uma area de 27:000 K.^2 com uma população de 173:000 habitantes ainda todos pagãos no momento da sua fundação, em 1927.

Segundo o preceito de N. Senhor «lançai as vossas redes etc.» começamos imediatamente, na medida das nossas fôrças, a missionar essa extensa e povoadíssima região.

Quem estas linhas escreve, teve a felicidade de ser encarregado de proceder ao reconhecimento do território e de encetar os trabalhos preparatórios para o estabelecimento da missão. Mercê de Deus, encontraram-se logo muitos professores indígenas que, voluntàriamente, nos auxiliaram na nossa obra. O que com a sua ajuda (temos actualmente 75 catequistas) e com a proteção de Deus e de Maria, foi possivel conseguir nestes 3 anos consta da seguinte estatística:

Baptismos	1927/28	1928/29	1929/30
1) de moribundos:	5	48	92
2) de adultos:	3	17	144
3) de crianças:	115	374	176
Total	123	439	412
Comunhões			
1) 1.^as comunhões	8	31	163
2) Pascais	65	85	134
3) Durante o ano	3.568	7.620	12.605
Total	3.641	7.736	12.902
Confirmações	4	22	117
Casamentos	2	5	14

A proposito de baptisados de adultos julgo bom fazer notar que exigimos 2 anos completos, pelo menos, aos adultos externos, isto é, os que vivem nas suas libatas ou aldeias, e ano e meio a dois anos aos nossos internos da missão.

Duma carta de 18 de Jan.^o do corrente ano de 1930 copio para aqui o seguinte: A nossa festa do Natal foi linda e consoladora. Houve 49 baptisados de adultos (os primeiros das nossas escolas), 53 primeiras comunhões, 20 baptisados de crianças, umas 153 comunhões, de 700 a 800 pretos à «missa do galo», no dia 26 tivemos ainda 5 casamentos. Em todo o ano de 1929 (de 1 janeiro a 31 de dezembro) contámos 8826 comunhões, (sendo 92 primeiras comunhões), 467 baptisados e 64 confirmações. Glória a Deus.

Quatro meses mais tarde, com a data de 29 de maio, chegava-me outra carta, em que se lê: Louvado seja Deus, que tempera com as suas consolações, que não merecemos, os nossos dissabores! Assim, na festa da Páscoa tivemos 45 baptismos de adultos (de 7 escolas diferentes), 20 de crianças, 54 primeiras comunhões, e 108 à missa, 1 casamento, cêrca de 1.000 pretos à missa e à bênção. Para o dia 13, que é a nossa festa (Nossa Senhora da Fátima) houve um triduo de preparação aos 70 internos, a que assistiram também 50 catequistas e alguns catecúmenos. No dia 13 honrámos a Nossa Boa Mãi, oferecendo-lhe um ramalhete de 14 baptisados de adultos, 6 de crianças, 18 primeiras comunhões, além de cento e tantas ordinárias, 2 casamentos e 65 confirmações.

Na linda festa do natal deste ano, registamos:

50 baptisados de adultos,
54 primeiras comunhões,
5 casamentos.

Nas primeiras sextas feiras temos sempre para cima de 100 comunhões.

Para esta missão, à qual quero tanto como à menina dos meus olhos, tinha eu comprado uma estátua de Nossa Senhora da Fátima. Ao receberem-na ficaram lá todos encantados e escreveu-me o superior: Que bela! Que encanto! Quanto mais a contemplo, parece que mais me seduz. Quero ter aqui nesta missão todas as publicações relativas a Nossa Senhora da Fátima. Quero propagar esta santa devoção. É necessário forçar Maria Santissima a fazer desta sua missão um logar de peregrinação, cópia da de Portugal. Os brancos desejam fazer uma grande festa, a quando da bênção e inauguração desta estátua. Digne-se fazer a Santissima Mãi do céu com que êles voltem às práticas religiosas, de que andam tão arredios, desde que vieram para as colónias. Que grande milagre não seria!

Depois de isto tudo havemos de concluir que esta querida missão de Nossa Senhora da Fátima voga num mar de rosas? Oh! não. Há dificuldades, e grandes. O demónio, conforme acaba de me escrever o actual superior da Ganda, não se resigna ao ver que lhe escapa o domínio, que durante tantos séculos exerceu nesta terra da Ganda; trabalha como desesperado e serve-se dos maus para nos guerrear (às vezes até de elementos da nossa côr; e não só às vezes, sempre ou quási sempre); mas depositamos as nossas esperanças em Maria. Ela vencerá. E é com tôda a confiança, que no meio dos ataques, por desleais que sejam, entre as procelas por agitadas que se nos deparem, cantamos:

A ti, ó Mãi adorada,
Eis entregue a nossa sorte,
Ó linda Estrela do norte,
Ó linda Estrela do mar!
De olhos fitos em teu brilho,
Cativos do teu sorriso,
Ao porto do Paraíso
Havemos de enfim chegar.

P. J. M. Figueirêdo S. Sp.

Em Moçambique.

A alma cristã da Missão secular de Santa Ana de Munhuana vibrou, ardente de fé, no mês de Maio, em manifestações de devoção e amor por Nossa Senhora de Fátima.

Quando, em Janeiro de 1928, o seu actual superior, Rev. P.e Fernandes, um zeloso e antigo soldado voluntário no campo das Missões seculares, tomou posse da Missão, encontrou já o culto de N.a S.a de Fátima, e era então freqüente, nos baptismos, ser Ela escolhida para madrinha dos neófitos.

Na área desta Missão há famílias cheias de fé que, permanentemente, têem uma pequena lampada acesa em frente duma estampa ou pequena imagem de N.a S.a de Fátima. As suas medalhas são as mais procuradas; e, nas doenças graves, tais como partos difíceis e outros casos, a Ela recorrem com pleno êxito.

Assim foi crescendo a devoção à Virgem Nossa Senhora da Cova da Iria, que, em troca, multiplica as suas graças aos que nEla confiam.

A devoção tornou-se geral, e por isso se pensou na aquisição de uma imagem para a Igreja, diante da qual todos pudessem estimular a sua fé e elevar as suas súplicas confiadas e agradecidas.

Os Senhores Jacinto David dos Reis e sua Espôsa D. Maria V. Neto dos Reis, recentemente casados, foram os iniciadores desta piedosa ideia, logo patrocinada pelo seu zeloso Pároco, P. Fernandes. Os outros paroquianos aceitaram-na também com entusiasmo e, dentro em pouco, estava realizada tão santa aspiração com a aquisição de uma linda imagem de 1m40 pela avultada quantia de Esc. 3.600$00, nas oficinas do Snr. Fanzeres.

Em 19 de Abril o Senhor D. Rafael, Prelado de Moçambique benzeu solènemente a imagem de Nossa Senhora da Fátima, e logo então se fez uma numerosa comunhão, de umas 100 pessoas, para atraír as suas bênçãos sôbre a Missão da *Munhuana*.

Foi a imagem colocada num altar, simples, mas bonito, feito em *chanfuto*, madeira da terra, nas oficinas do grande industrial, Sr. Paulino dos Santos Gil, muito conhecido dos leitores do nosso *Missionário*.

Do lado do Evangelho, outro novo e igual altar foi oferecido ao S. S. Coração de Jesus.

São êstes os dois primeiros altares que, no género, se fazem em Lourenço Marques. As despezas de um foram custeadas por subscrição promovida pelo Rev. superior da Missão, as do outro (£. 100.0.0) pela Sr.a D. Maria Sant'Ana Lobo.

A cerimónia da bênção da imagem foi cheia de devoção, tendo prègado o Rev. P.e Fernandes. Resou-se o Terço, e cantou-se a Ladainha e diversos cânticos, terminando aquêle acto de amor à Virgem do Rosário pela Bênção do Santissimo e pela distribuição de 750 estampas e fotografias de N. Senhora.

Em 31 de Maio, ao fazer-se a conclusão do mês de Maria, de novo a devoção dos católicos da missão a N.a S.a da Fátima se manifestou por uma linda procissão, em que a linda imagem, e um andor lindamente enfeitado pelas Irmãs Missionárias de Maria, percorreu a esplanada do internato da Missão, por entre arcos e bandeiras, mostrando-se aos seus filhos, e espalhando as graças do seu maternal amor por todos eles.

Na procissão, S. Ex.cia Rev.ma o Prelado, que presidiu à encantadora cerimónia, levava o Santo Lênho, debaixo do pálio.

O Rev. P.e Fernandes prègou de novo sôbre a devoção a N.a Senhora.

De manhã tinha havido missa cantada e uma comunhão numerosa de fiéis.

Na procissão encorporaram-se as escolas, masculina e feminina, da missão com 280 crianças, tocando a banda da missão uma linda marcha.

Às boas Irmãs Missionárias de Maria cabe uma grande parte do brilhantismo desta linda festa a Nossa Senhora de Fátima, que ficou tendo, em terras portuguesas do ultramar, mais um altar, mais uma Cova da Iria, onde em todos os dias e especialmente todos os dias 13 de cada mês, os seus devotos da Missão de Munhuana vão orar, render louvores, agradecer favores e pedir graças.

Todos são portugueses! e onde está uma alma portuguesa, está um filho de Nossa Senhora de Fátima.

Oxalá que Ela proteja os pobres missionários e missionárias de Moçambique, lhe conceda muitas graças e benções, e salve e converta os infiéis.

(De O Missionário católico)

A SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

No dia 28 de Dezembro p. p., achava-se engalanada a capela da nossa casa da Baía. Ia entronizar-se a formosa imagem de Nossa Senhora da Fátima. Todos quantos são leais devotos de Maria culculam o que é a inauguração de um altar à Mãi Celeste; mas é necessário ser português, viver longe do país natal, ter ouvido narrar poemas de amor da Virgem bendita para a lusa gente, para fantasiar o que sente o coração ao erguer sôbre um altar a imagem da Senhora da Fátima.

Na ocasião da bênção, estava magestosa e cativante a linda imagem, entre profusão de flores naturais. As almas ferviam em santas alegrias, e os olhares fixavam-se demoradamente no vulto da prodigiosa Rainha, mensageira de um mundo de recordações e esperanças!

A bênção da imagem efectuou-se às 16 horas. A convite de um protector desvelado das Irmãs, o Ex.mo Snr. Armando Almeida, muitos portugueses compareceram ao acto, presidido pelo Ex.mo e Rev.ma Snr. D. Eduardo Herberhold, O. F. M., Bispo auxiliar da Prelatura de Santarém (Pará). Falou da Fátima, das aparições da Virgem, etc., o Rev. P.e Luís Cabral, que empolgou o auditório durante uma hora.

Ao entrar no Colégio, Sua Rev.ma declarou ùnicamente porque se havia comprometido. Afora a proibição médica de prègar durante êstes meses, achava-se doente, resultado de uma queda sofrida nesse mesmo dia. Portanto, acrescentou, o meu papel está fortemente comprometido. Contudo a protecção de Maria revelou-se bem manifesta. S. Rev.ma falou durante uma hora; e em vez de mostrar qualquer fadiga, à medida que o seu belo sermão prosseguia, parecia que cobrava novas fôrças; declarando no fim que se encontrava perfeitamente bom.

Mas, acima de tudo, causou grande júbilo a esperança que ficou em muitos corações do regresso do Snr. W. à religião de seus primeiros anos. Com geral surpresa observou-se que êsse venerando cavalheiro procurou informar-se se de facto ia expôr-se à veneração, no Colégio de S. José uma Senhora muito milagrosa aparecida no seu Portugal. Ciente da verdade, vai ao Colégio, pede que lhe mostrem a *Santa* e promete ir à bênção da imagem.

No dia prefixo lá está o Snr. W.; porém equivocou-se na hora: a festa era de tarde. — «Não há dúvida, diz êle, voltarei de tarde. Meus negócios urgem; sou intransigente no tocante às minhas refeições e horas de descanso; contudo hoje tudo será preterido porque, dê por onde der, quero assistir à festa da *Santa*».

E assistiu tão comovido que todos creram que o primeiro milagre da Senhora da Fátima, naquela capelinha, se estava operando. *Nem só em Portugal a Virgem filhos tem...*

Desconheço no Brasil se há um altar levantado à Virgem da Fátima; não afirmo que não exista. Quanto às nossas casas daqui, a da Baía tomou a vanguarda. Êste facto tem sua explicação; mas o que mais importa é que as férvidas preces dirigidas incessantemente ao coração da Gloriosa Imperatriz, transformem aquele humilde pedestal levantado à celeste Padroeira da lusa gente, em aqueducto de bênçãos para tantos e tantos filhos extraviados.

Uma Franciscana. H. P.

(Do Boletim mensal)

Ensinai...

Pelo sinal da Santa Cruz...

Uma das mais sugestivas gravuras que «L'Illustrazione Vaticana» tem publicado é a fotografia da cruz do Coliseu

No meio da arena, que se observa por um dos grandes vomitorios despido dos seus bronzes e dos seus mármores, levanta-se a dominar e atentar o mortal silêncio do conjunto o signo sagrado da Redenção.

Caíram as Tribunas das Vestais, ruiu o camarim Imperial, pulverisou-se o luxuoso velabro; aquela terra amassada com sangue de feras e de gladiadores, santificada com o dos mártires serve hoje de pedestal ao troféu glorioso dos grandes lutadores de outrora.

A cruz levantada sobre as ruínas daquele Monumento é um lindo símbolo: sôbre as ruínas do mundo Romano atacado pelos bárbaros ontem, hoje sôbre os destroços da reconquista pagã, dentro em breve talvez sôbre os restos da civilização do ocidente a cruz erguer-se-há como o sinal pacífico do dominio inauferivel e da vitória eterna do Bem sôbre o mal.

É fonte de graça e de defesa

Pelo sinal da cruz entra o homem na vida da graça com a regeneração do baptismo.

Pelo sinal da cruz impresso na fronte e indelevelmente marcado na alma o armam soldado de Cristo no Sacramento do Crisma.

Pelo sinal da cruz lhe lança o sacerdote a alma na posse renovada da graça e o reconcilia de novo com Deus no Sacramento da Penitência.

Com o sinal da cruz traçado pelo Corpo Augusto do Senhor se lhe acresce e intensifica a vida interior e se alimenta a alma neste vale de lágrimas.

É ainda o sinal da cruz que na ordem espiritual e na ordem temporal preside à formação daqueles a quem compete a continuação da vida nas almas (pela Ordem) e nos corpos (pelo Matrimónio).

Do berço ao túmulo, da Mesa da comunhão ao altar do sacrifício, da pia baptismal aos ritos nupciais o sinal da cruz é o sinal sensivel da protecção e acção de Deus sôbre nós.

Quanto amor não devemos pois ter a este santo e devoto sinal!

Não nos recorda só o drama augusto da Paixão e Morte do Redentor mas lembra-nos continuamente uma chuva perene de bênçãos que com êle e por êle o Senhor derrama sôbre as nossas almas.

Por ela os mártires faziam em pedaços os ídolos blasfemos.

Por ela se apaga o fogo devorador; por ela se muda em doce libação o mais violento veneno; por ela foge o demónio corrido de medo e vergonha, por ela cessam ou abrandam as tentações, por ela se desvanecem os perigos, por ela se robora a alma periclitante.

Como devemos fazê-lo

Como tantos que usam de trejeitos e momices ridículas? Como tantos que parece queimarem-se, tão depressa e a correr o fazem?

Pelo amor de Deus!

Esses nem sequer sabem o que estão a fazer.

Distraidos, inconscientemente movem o braço automáticamente e mal.

Se ao menos tivessem a intenção...

O demónio ri-se...

Como nos devemos benzer e persinar?...

— Com atenção, com fé, com piedade, com reconhecimento.

Cada sinal da cruz pode e deve ser uma prece um acto de adoração, um piedoso agradecimento, um acto de íntima convicção da presença de Deus.

E assim é impossível fazê-lo mal.

Ah como edifica ver um sinal da cruz bem feito!...

É que o exterior é a manifestação do interior.

O cristão que devotamente faz sôbre si o sinal da cruz mostra que tem a sua alma ordenada e a bem com Deus.

O sinal da cruz torna-se assim num magnífico atestado para aquele que o faz e um excelente instrumento de apostolado para aqueles que o vêem fazer.

Façamos bem o sinal da Santa Cruz! E ensinemos as creancinhas a faze-lo igualmente bem!

E quando?

Se ele é uma oração, que o primeiro acto do dia e o último ao tomar o descanso, seja o sinal da cruz.

Porque afugenta o demónio e afasta as tentações, devemos marcar-nos com esse sinal bemdito ao começar a nossa oração na igreja ou fora dela e sempre que precisemos de invocar o auxílio divino.

E não nos envergonhemos nunca do mais augusto, do mais nobre e mais honroso sinal e distintivo de quantos existem.

Quando tantos se orgulham de coisas degradantes saibamos nós ter no devido apreço uma que nos dignifica e eleva, pois nos torna assinalados para Deus.

Quando?

— Com muita freqüência! Muitas vezes ao dia!

Recordando...

Acompanhar-nos-á pela vida além a amorosa recordação de tanta cruz traçada sôbre a fronte pelo carinho de mãe ou descrita no ar com a autoridade paternal.

E esses sinais da cruz transformam-se-nos em bênçãos pela vida fóra.

Em bênçãos de Deus se hão-de transformar também os sinais de cruz que sôbre a multidão de centenas de milhar de pessoas apinhadas à sua volta, os Senhores Bispos de Portugal, todos à uma, fizeram na Fátima no último dia 13 de Maio e que pelo inesperado e imprevisto e constituiram um dos mais empolgantes e inolvidáveis espectáculos de fé e amor.

Uma alma pequenina

Graças de N.ª S.ª de Fátima

Congestão

Venho pedir a fineza de publicar o seguinte no Jornalzinho de Nossa Senhora da Fátima.

Há uns três anos, aproximadamente, implorei com a maior confiança possível a SS. Virgem em favor de um filhinho meu de 18 meses que estava muito aflito.

Estavamos todos à mesa quando a criancinha nos apareceu na sala de jantar congestionada e aflita com qualquer coisa que tinha engulido e que nunca soubemos o que seria. Chegou a cair por terra quási asfixiada!... Vendo o meu querido filho quási morto e num tormento tão grande, ajoelhei e pedi misericórdia Aquela a quem a Igreja chama a *Consoladora dos aflitos*, e daí a pouco a criancinha descançou e tudo lhe desapareceu para sempre. Nunca serei capaz de agradecer convenientemente tão grande graça que eu atribuo à intercessão de Nossa Senhora.

Quero agradecer-lhe também a cura de meu Pai que se encontrou muito doente do coração e de que já há tempo se encontra bem não tendo feito mais do que pedir a N.a S.a de Fátima o alívio para o seu padecimento.

Chalet Castelo Branco — Valadares

Maria Inez Figueira Andrade Nogueira

Diversas graças

Um meu filho sofria de albumina e de uma outra doença interior, e por causa duma dieta rigorosíssima que lhe impuzeram tornou-se tuberculoso.

Eu tinha uma doença num rim e estive no Hospital de Coimbra para sofrer uma operação, mas a bexiga e o rim estavam de tal maneira que o meu médico, um especialista de rins, disse que não podia fazer operação devido ao mau estado em que estavam. Como me vi e a meu filho único às portas da morte pedi muito a Nossa Senhora da Fátima que nos salvasse. Ela, sempre boa, ouviu-me salvando-me e a meu filho.

Continuo com o meus trabalhos escolares e só quando me sinto um pouco incomodada tomo um remédio para desintetar o rim, e o mau estar passa logo. Meu filho está completamente são dos pulmões. Continuou a estudar mas um pouco fraco de vista. Em setembro de 1930 quis ir a Fátima a cumprir a minha promessa de entregar o meu cordão de oiro que devia, mas no dia 11 o meu filho, que também devia ir, teve umas hemorragias na vista, e não foi possivel acompanhar-me a Fátima.

Antes de ir confessei-me e comunguei, e lá incorporei-me na procissão das velas, estive muito tempo junto de N.a Senhora, ouvi muitas missas entre outras a do Ex.mo Sr. Bispo de Leiria, assisti à bênção do SS. Sacramento, e durante êstes actos fui sempre pedindo a N.a Senhora pelo meu filho. Infelizmente, ao chegar a casa encontrei-o cego! Foi Nossa Senhora que assim o permitiu talvez para aumentar a minha perseverança em lhe pedir e depois o meu amor em lhe agradecer. Peço, pois, para publicar as graças já concedidas para que N.a Senhora seja honrada e me conceda agora a cura da cegueira de meu querido filho

Ceira, 25-6-1931.

Maria da Assunção Sant'Ana

Graça espiritual

Peço a fineza de tornar pública uma grande graça espiritual que recebi por intermédio de N.a Senhora da Fátima.

Ha ano e meio vi-me tão aflita e desconsolada que ninguém da terra era capaz de me valer. Comecei então uma novena a N.a Senhora da Fátima, e no último dia fui atendida pela *Consoladora dos Aflitos*. A vida em minha casa era tão desassocegada e cheia de martírios e inquietações que, se não fôra a minha fé, seria insuportável: — meu marido, então sujeito ao pecado que tira a paz a tantas famílias, transformou-se já no que deveria ter sido sempre. Por isso agradece hoje a Nossa Senhora com todo o coração esta indigna filha de Maria de

Torres-Novas. — J.

Inação nos ombros

Peço que tenha a bondade de publicar na *Voz da Fátima* uma graça que Nossa Senhora me alcançou.

Desde o dia 13 do corrente que me achava prostrado de cama com dôres tais que me impediam todos os movimentos do corpo, pernas e braços. Os meus membros pareciam de chumbo! Remédios e frixões aplicava-os continuamente mas sem o minimo resultado. Por fim veio-me uma febre muito elevada. Com esta impossibilidade grave e sendo chefe de uma família numerosa e em parte ainda menor, recorri à Virgem Mãi da Fátima e prometi que, se no dia seguinte me achasse melhor, havia de publicar o favôr do céu no Jornalzinho da Fátima. Isto foi prometido, ontem, e hoje estou de tal forma que parece não ter estado doente!... sinto-me bem disposto e sem dôres e môvo perfeitamente os membros; enfim, julgo-me curado, graças a Nossa Senhora da Fátima.

Brasil, Sant'Ana dos Olhos d'Agua, 18-6-1931.

Joaquim Ferreira Lavos

Doença no estômago

Maria Gouçalves, da freguesia da Cela, concelho de Alcobaça, diz:

Sofri há tempos do estômago. Por fim as águas espalharam-se-me no corpo a ponto de os médicos não conseguirem tirar-mas!...

Tive de estar coberta de gêlo o espaço de 15 dias, ao fim dos quais os médicos declararam a minha família que não se entendiam com a minha doença, jàmais que se tratava de uma doente de 61 anos de idade. Desenganada na terra, voltei-me então para Nossa Senhora da Fátima a quem hoje venho agradecer a minha cura, porque graças a Ela e a seu bendito Filho, sinto-me bem e julgo-me curada. Os remédios da minha cura foram orações, água da Fátima e a Misericórdia de Nossa Senhora a quem quero sempre louvar na terra enquanto viver e no céu depois da minha morte.

Maria Gançalves

Graça particular

José da Anunciação Alfaiate, aluno do Seminário de Nossa Senhora de Guadalupe, diocese de Beja, diz: «tendo recorrido com grande confiança à protecção de Nossa Senhora da Fátima numa circunstância bem difícil e aflitiva da minha vida, e tendo sido atendido na minha súplica, venho cumprir o grato dever de publicar esta graça para honra e glória da Santíssima Virgem e edificação de quantos isto lerem.

Seminário de Serpa.

José da Anunciação Alfaiate

Doença grave

A. Ferreira, de Lamego, em uma grave doença recorreu ao auxilio da Santissima Virgem da Fátima e tendo sido atendido vem patentear o seu profundo reconhecimento e enviar uma esmola para ajudar as despezas das obras.

A. Ferreira

Febre tifoide e bronquite

Cheia de gratidão para com a Augusta Mãi de Deus — Nossa Senhora da Fátima, venho pedir o favôr de publicar no Jornal *Voz da Fátima* a grande graça que a Virgem bendita se dignou conceder-me. Em 20 de Abril de 1930 um dos meus filhos foi acometido pela febre tifoide, sobrevindo-lhe pouco depois uma bronquite pulmonar. Consultei alguns médicos sem obter resultado sensível, até que um deles chegou a dizer-me que não conhecia remédio que o curasse. Que grande desgosto sofria eu e o pai, jàmais que êste meu filho tinha começado em Outubro último os seus estudos no Seminário de Leiria que teve de abandonar! Cheia de muita confiança voltei-me para Nossa Senhora pedindo-lhe a cura de meu filho para honra e glória da SS. Trindade. Prometi ir a Fátima os meses que pudesse e comungar em desagravo das muitas ofensas que se fazem a Nosso Senhor e pela conversão dos pecadores, e graças à SS. Virgem, as melhoras vieram ràpidamente. O Sr. Dr.

António da Luz Preto, delegado de saúde em Ourém já o declarou curado. Já freqüêntou novamente o Seminário durante todo o ano passado sentindo-se sempre muito bem.

Imensas graças e louvôres dou à SS. Virgem por se dignar atender ô pedido desta sua indigna filha

Pontes, frèguesia de Ceissa.

Carlota de Jesus

Diversas graças

Agradecem-se a Nosso Senhora as graças seguintes:

Augusta Lopes, agradece a Nossa Senhora a graça de uma pessoa, por quem se interessava, ter recuperado a fala que havia perdido. A graça foi pedida por intermédio de Santa Terezinha e de Nossa Senhora da Fátima.

Maria Lopes, agradece a Nossa Senhora uma graça particular que lhe alcançou.

Maria da Conceição Paula, dos Riachos agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a cura da garganta de que sofria havia muito tempo. Tomou algumas gotas de água da Fátima, fez algumas orações e Nossa Senhora atendeu-a. Agradece reconhecida.

Ana Maria de Morais, do Vale da Madre, agradece a cura de sua Mãi que estava desenganada pelos médicos.

Belmira Mendes, de Pousaflôres agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a cura do seu estômago de que sofria muito.

Maria Genoveva Drumond — Ilha Terceira — Praia da Vitória, agradece a Nossa Senhora o ter sido bem sucedida numa operação perigosíssima a que teve de sujeitar-se. A operação correu bem e a convalescença foi rápida o que vem agradecer a Nossa Senhora a quem deseja sempre amar.

AVISOS

I

Assinatura anual da «Voz da Fátima»:

Portugal e Colónias 10$00
Estranjeiro ... ... 15$00

Como os Ex.mos Snrs. assinantes e leitores notaram, em Maio último aumentou o formato do jornal e por conseguinte aumentaram as despesas, como se vê nas contas publicadas no mesmo jornal. O preço da assinatura ficou como era, de maneira que muito se agradece qualquer esmola para que a *Voz da Fátima* possa continuar a ser publicada com numerosa tiragem.

II

A pessoa encarregada de expedir água da Fátima e objectos religiosos é o Snr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima. É necessário que os pedidos venham acompanhados da *direcção bem legível* e que nela se indique a estação em que os Ex.mos Clientes desejam receber a encomenda que, por vezes, tem de ser despachada pelo caminho de ferro.

III

De hoje para o futuro só se publicam graças cujos relatórios venham assinados pela pessoa que as recebeu ou por outra pessoa a rôgo seu, sendo necessário também vir o nome de suas terras.

A redacção

TEMO QUE SE RIAM DE MIM

Muitas pessoas deixam de praticar a religião por esta simples consideração que fazem a si mesmas: *«rir-se-iam de mim»*.

Mêdo e mais nada. Muitas vezes temos observado êste fenómeno.

Vamos, pois, fazê-lo comparecer no tribunal da razão.

Ninguém quere passar por falto de inteligência e tôlo. Pois eu digo e vou provar que quem obedece ao respeito humano e tem mêdo da opinião dos outros pratica um acto de estupidez e loucura.

Ter mêdo da opinião é querer contentar todo o mundo e isto é uma insensatez.

Ouvi. Deixai-me contar-vos uma anedota muito conhecida mas que contém uma verdade muitas vezes esquècida. É a história do *moleiro, o filho e o burro*.

O moleiro e o filho conduziam o jumento ao mercado para aí fazerem as suas vendas. No caminho encontraram um homem que lhes disse que era asneira irem ambos a pé e o jumento assim tão leve. Montou um mas daí a pouco nova censura ao filho que deixava ir o velho a pé. Desce-se o filho mas daí a instantes outros censuravam porque a criança tenrinha ia a pé. Para nova experiência, montam ambos o burro mas não tardaram as censuras com tão grande *crueldade* para com o jumento.

Creio que ainda experimentaram levar o burro às costas mas então é que o público riu a bandeiras despregadas.

Obedeçamos, pois, a Deus, e pouco nos importa a opinião dos homens.

Contentar a tôda gente é absolutamente impossível. Lembram-se daquela sogra que dizia para o genro: «Porque mandaste cortar o cabelo tão curto? — Curto? Mas eu não mandei curtar o cabelo!

— Está bem, mas então porque esperas para o mandar curtar, que tanto precisas?»

Ou então o caso do encarregado do registo civil em uma aldeia que, fazendo um casamento, lia a lei aos noivos: «a esposa seguirá o seu esposo para tôda a parte para onde êle fôr».

— Mas isso é impossível (exclama a esposa) porque o meu marido é revisor no caminho de ferro!»

Eu lastimo aqueles que souberam ser possível seguir sempre a opinião dos outros. E' mais digno de dó que o genro que queria seguir a opinião da sogra ou que a esposa que fosse condenada a seguir por tôda a parte o seu marido, revisor de comboios.

A opinião de ontem não é a mesma de hoje e esta não será igual à de àmanhã. A opinião de Pedro é oposta à de Tiago e esta é oposta à de João. Sôbre o mesmo objecto um diz sim e outro diz não, e um terceiro nem uma coisa nem outra. Cada cabeça cada sentença.

Existe um Deus ou não existe? O homem tem uma alma ou não? O culto religioso é necessário ou é inutil? O cristianismo é verdadeiro ou não é? E' necessário ir à Missa ou não é?

Por favor não consulteis a opinião dos filósofos nem as multidões! Acreditai no que vos diz a consciência, na palavra da Biblia e na da Igreja. Socrates tinha-se acostumado ao mau génio e ralhos da mulher como nos acostumamos ao tic-tac dum relógio ou ao movimento de uma máquina de costura. Tratai assim a opinião dos outros. Ter mêdo delas é querer contentar a tôda a gente, querer o impossível. E' uma loucura.

* * *

Ter mêdo da opinião é temer uma quiméra, uma coisa vã.

Quem receia a opinião tem mêdo do nada ou menos que nada.

É uma aparência, um fantasma, uma imaginação, um nada. Um caçador pôs-se a caminho e, por um esquècimento imperdoável, não levou cartuchos para a espingarda. Levanta-se uma lebre, uma linda lebre. Quando o caçador se prepara para atirar diz-lhe o companheiro que a espingarda não está carregada. «Cala-te homem, que a lebre não o sabe». O caçador deu ao gatilho e a lebre... caiu. Estava morta de... mêdo!

Infelizmente não é no mundo dos quadrúpedes que o mêdo mata!

Um certo homem está em plena idade madura, na inteira posse da sua inteligência, da sua fortuna e da estima de seus semelhantes.

Terá mêdo de quem? E de quê? Será do seu subalterno, do seu criado, do filho? Será de ti que mal o conheces? E tu terás mêdo dum que te conhece ainda menos? E aí então os dois a tremer, um diante do outro, sem saber porquê, tirando um ao outro a liberdade do bem, matando um ao outro a dignidade da vida, pendência de uma alma honesta!

—Esse soldado doente lá vai para o hospital morrer sem sacramentos. Tem receio dos camaradas da enfermaria que se fiziam dêle.

Mas um dêstes aproximando-se do moribundo lhe segreda: «que pensas tu que nós somos? olha que não somos nenhuns pagãos. Ha já dois dias que nós preguntavamos que se tu querias para aí morrer como um cão ou como cristão.»

Uma hora depois, o moribundo, curado da doença do mêdo, confessava-se, recebia o Sagrado Viático e a Extrema-Unção e morria santamente.

O ídolo dos selvagens não é senão um bocado de pau ou de metal, mas o selvagem trata-o como se fosse um Deus, teme-o e resa-lhe.

O poder do ídolo não vem da sua natureza mas dos seus adoradores.

Da matéria, o idólatra faz um Deus. É assim a opinião. É uma ideia que nós mesmos forjamos e diante da qual trememos. Destruamos esta vã ideia.

— Uma batalha perdida é uma batalha que nós prèviamente julgámos perdida, dizia um general.

Numa batalha, quási derrotado, um general não querendo ser, não o foi. O general Frossard, sem razão nenhuma, pensando que perdia, foi vencido.

Assim é vencida muito boa gente e até cristãos nos combates da verdade e do bem.

Creem vêr um dar de olhos, um menear de hombros, um movimento de lábios, um sorriso equívoco e... aí ficam êles derrotados, num estado lastimoso.

Ficam sem pernas sem voz, sem coração, adeus convicções; já ali não está um homem!

Hesitam, recuam. Julgam-se vencidos e, porque assim o pensam, são vencidos.

* * *

No entanto aquilo que êle teme é menos que nada.

— Quem é que vos causa tão grandes sustos? um ignorantão que, com duas palavras, se reduzia ao silêncio.

Um valente soldado de artilharia fazia a sua oração da noite, de joelhos, junto do seu leito. Um camarada querendo fazer espírito e rir-se à sua custa, diz-lhe: «a tua mãi deve ter sido uma grande beata por ter feito de ti tão bom cristão.» Êste sem se perturbar, aproxima-se do escarnecedor, fita-o desde os pés até à cabeça e replica-lhe: «é preciso que tua mãi seja um réles animal para dar à luz um tal macaco.» Tôda a camarata desatou a rir.

— Quem é o que vos causa tanto pavor?

Uma desgraçada criatura que só merece o vosso desdém. Aqui está um jovem operário muito instruido que conhece bem a sua religião e os seus deveres. Sabe que todos os grandes tratantes, todos os fautores de desordens, tôdas as inteligências desviadas, todos os corações corrompidos gritam contra a religião e que quási todos os grandes pensadores, quási todos os grandes escritores e, em particular, todos os grandes benfeitores da humanidade foram homens profundamente religiosos, ou ao menos, profundamente respeitadores da religião. Sabe que o seu dever é ir à Missa e à desobriga pela quaresma. Sim, mas êsse operário de dezoito anos trabalha perto dum caixeiro de quinze anos. Ora o garôto, que traz já a marcar-lhe a fronte os sinais dos seus vícios, atirou um dia uma palavra contra a religião, contra as suas crenças e práticas.

Ora, uma palavra saída de tal boca que vale? Era despresá-la e... pronto.

— Terás mêdo da opinião dum fraco que foi educado cristãmente, que conhece o seu dever mas não tem a coragem de o cumprir, que vê na vossa fidelidade uma amarga lição e uma repreensão viva pela sua apostasia e que procura fazer-vos apostatar pensando que assim se livra de um remorso?

— Será o receio de um poltrão que se ri de ti em público mas te imita às escondidas?

A um galucho que não tenha as botas devidamente engraxadas preguntou o cabo: « que fazes tu de manhã quando te levantas?». O galucho respondeu: «Faço o sinal da cruz».

Tudo se largou a rir e o pobre rapaz ficou desconcertado.

O sargento que tudo tinha observado aproxima-se, aperta-lhe a mão e diz diante de todos em voz alta: «Por vêres os outros a rir talvez penses que disseste alguma asneira.

Desengana-te, meu amigo: o que tu fazes também eu o faço todos os dias. E os que se estão a rir também o fazem mas não teem a coragem de o dizer».

Só os maus se riem de quem cumpre o seu dever.

Ter receio da opinião é sacrificar o essencial ao acessório e portanto, uma insensatez.

Procede racionalmente aquele homem que transgride a lei divina para agradar a um imbecil cuja libertinagem reprova lá no fundo do seu coração?

E há-de perder a sua alma para obedecer a essa gente sem consciência e sempre sem mandato?

Sacrifica o essencial ao acessório, a sua eternidade a um interesse mínimo e passageiro, a aprovação de Deus à opinião dos homens.

— Será rasoável êsse doente que vai morrer e não se atreve a mandar chamar um sacerdote?

Mas êle tem mêdo. Recorda-se que num certo enterro um convidado censurou um dos seus amigos que recebeu os Sacramentos e treme da amanhã sêr objecto das mesmas céticas censuras.

Sacrifica o essencial ao acessório, o seu dever ao seu amor próprio mal entendido, o juízo de Deus à opinião dos homens.

É um insensato. É a inversão do mais elementar bom senso.

* * *

Em conclusão, não é rasoável ter mêdo da opinião, isto é, querer contentar tôda a gente, com mêdo duma quiméra, sacrificando o essencial ao acessório.

Imitemos antes o grande O'Connel. Um dia no parlamento inglês, quiseram injuriá-lo chamando-lhe papista. Êle levanta-se e exclama: «Sim, sou papista e glorio-me disso, porque papista quer dizer que a minha fé, por meio da sucessão não interrompida de Papas, remonta até Jesus Cristo, em quanto que a tua não vai àlém de Luthero, de Calvino, e de Henrique VIII e de Isabel.

Sim, sou papista. No entanto se tu tivesses uma faisca de bom senso, saberias que, em matéria de religião, é melhor depender do Papa que do rei, da tiara que da corôa, do báculo que da espada, da batina que da farda, dos Concílios que dos Parlamentos. Envergonha-te de não teres fé nem inteligência e cala-te».

O outro calou-se e não tinha outra coisa a fazer.

Imitemos **o general de Miribel**. Aconselharam-lhe que não praticasse ostensivamente os seus deveres de cristão para que isso não entravasse a sua ascensão às honras. A isto respondeu êle: «Tenho dois deveres a cumprir: o dever de cristão e o de soldado, que longe de se excluirem se ajudam e fortificam.

Estou sempre pronto quando fôr preciso, a dar o meu sangue e a sacrificar a minha vida, mas a minha consciência e a minha alma, isso nunca!»

Imitemos para terminar, um outro exemplo de mais perto, acontecido numa cidade visinha que um destes dias foi abordado por uma chusma de livres-bebedolas.

«Conheces o prior de?...

— Conheço sim, é o meu confessor».

E tôda aquela povoação do café meteu a lingua no saco. Os que iam para ir à lã ficaram tosquiados.

Aquelas simples palavras desarmaram aqueles que se julgavam espiritos superiores. Ah! O poder do homem, dum homem que tem fé e que tem a coragem da sua fé!

Sejamos, pois, homens de fé e confessemo-la sem mêdo!

VOZ DA FATIMA

Despezas

Transporte	284.602$19
Papel composição e impressão do n.º 108 79.000 exemplares..	5.458$80
Franquias, embalagens, transportes, .etc.	1.398$35
Na administração de Leiria.	134$50
Total... ...	291.593$84

Donativos desde 15$00

P.e Francisco Xavier — Torres Vedras, 50$00; Ilda Duarte Rodrigues — Lisboa, 50$00; Maria Silva — América, 21$10; Ana J. Corey — América, 21$10; Manuel Maria Lucio — Vila Nova de Gaia, 200$00; Um devoto do Pôrto, 20$00; José dos Santos e Silva — Balão, 20$00; P.e João Tavares Correia — Porto, 15$00; Henriqueta A. Rodrigues — Tarouca, 20$00; Azilo Calipolense — Vila Viçosa, 70$00; Assinantes em S. Tiago de Custeias — Porto, 110$00; Maria José M. C. da Silva — Porto, 40$00; João Vieira Vivo — California, 1 dolar; Leopoldina F. do Carmo — Palhaça, 90$00; Aida d'Ag. Ferraz — Palhaça, 65$00; Carmina Vieira — Palhaça, 38$00; Colégio Sacré Coeur de Maria — Brasil, 25$20; Esmola de Ilhavo, 20$00; Maria L. de Moura — Lisboa, 15$00; P.e António B. Gonçalves — Sem.o do Rachól, 355$10; Igreja de S.ta Maria Madalena — Lisboa, 40$00; Aires Gomes — S. Pedro do Sul, 30$00; P.e Vitorino José de Pinho — Louzada, 30$00; Maria Amélia S. de Albergaria — Foz do Douro, 50$00; Matilde Teixeira — Sabrosa, 20$00; Amadeu da Conceição Rôxo — Bragança, 20$00; Maria de Jesus Mendes — V. Nova de Baronia, 15$00; Igreja dos Anjos — Lisboa, 235$00; Teotonia Pamplona C. Real — Açores, 20$00; P.e Roberto Maciel — Braga, 20$00; Maria Izabel Fernandes — Braga, 20$00; Efigénia dos S. Carvalho — Gaia, 20$00; Georg Pfarrer — Oststmk, 31$38; Elena A. da Silva — França, 15$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa, 18$40; Dr. Henrique de Queiroz — Vizeu, 15$00; Manuel R. da Costa — Guarda, 100$00; Candido Prior — Vila de Rei, 20$00; Peditório em Alenquer, 40$00; Distribuição em Extremoz, 180$85; Maria Augusta Cunha, 15$00; Luís Lemos — Beja, 20$00; João Cofre — Madeira, 15$00; Maria da Conceição Vieira — Lisboa, 50$00; Dr. Carlos M. Ribeiro — Brasil, 15$00; Sancia de S. Moreira — Calçada, 15$00; Maria I. S. Batista — Montoito, 20$00; M. José dos Santos Moreira — L. da Palmeira, 20$00; Igreja do Mexial, 75$00; M. Urbano Alves — Faro, 20$00; Maria Rita P. da Cunha — Viana do Castelo, 20$00; Maria Bensande — M. Real, 50$00; Maria Ferreira Figueiredo — Lisboa, 130$00; Madame Encarnação — Lisboa, 20$00.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Cuidado! Com Deus não se brinca...

O semanário Católico espanhol *«Galicia Social»* de 22 de Agosto último contava o seguinte:

Numa das igrejas incendiadas há tempos, figurava o famoso Crucifixo debuxado por Pedro de Mena, grande escultor espanhol. Quatro desgraçados, pelas ideias professadas, foram buscá-lo ao sitio onde se encontrava e conduziram-no para a rua. Um dêles, despedaçou o divino rosto, e cada vez que depois de isto intentava dar-lhe novos golpes, retrocedia involuntàriamente, movido por uma fôrça desconhecida.

Dirigiu-se aos seus companheiros e disse-lhes:

— Voltai-o e colocai-lhe a face por terra, pois parece que me olha de uma maneira!...

Obedeceram os três amigos e aquele continuou a sua sacrílega destruição, partindo-lhe os braços e, por fim, as pernas.

Terminada a sua inqualificável obra, dirigiu-se a uma taberna onde fez gala da sua valentia, até que chegada a noite saíram para suas casas.

O que tinha destruido o artístico Crucifixo ao encontrar-se na rua, disse:

Que noite tão escura! Não se vê nada!

— Enganas-te! A noite está claríssima, — respondeu um dêles.

E não se falou mais durante o trajecto, ficando aquele em sua casa e seguindo os outros para as suas.

Deitou-se satisfeito pela sua obra e, no dia seguinte, como não se levantasse o que destruiu a imagem, sua mãi chamou-o e, abrindo as janelas, diz-lhe:

— Levanta-te que é tarde e está um dia formoso.

O filho abriu os olhos; porém, como não visse o formoso dia em que lhe falava sua mãi, sentou-se nervoso no leito, esfregou as pálperas fortemente, dizendo:

— Não sei que tenho na vista.

Levantou-se mais excitado ainda, dizendo à mãi que levantasse a cortina, pois êle não via o sol.

A mãi fez-lhe a vontade e êle fitando o firmamento, preguntou todo convulso:

— Aonde, aonde está o sol que eu não o vejo?

E, convencido que não o via, caiu nos braços daquela que lhe deu o sêr, exclamando angustiosamente:

— Minha mãi, estou cego!

— Por desgraça, é verdade, meu filho, trocando-se um estreito e demorado abraço de amargura!...

Assim foi castigada a sua maldade.

Meditem nêste caso todos os vândalos do século XX.

Um meio de exercer o apostolado

Um propagandista do excelente jornal *La Croix*, deu-se a correr mundo em busca de assinantes, e teve o seguinte diálogo numa aldeia com um velho pároco octogenário:

— Bons dias, senhor Prior. Então que me diz? Arranjam-se por aqui algumas assinaturas para o nosso jornal católico?

— Quem dera, meu caro senhor! Mas não acho elementos para isso.

— Quem sabe? Talvez com algumas visitas que fizessemos...

— Pois experimente.

Efectivamente o propagandista da boa imprensa pôz-se a fazer visitas tôda a tarde.

As oito horas da noite já tinha feito quinze e recolhido onze assinantes novos. Ao recolher-se a casa, encontrou-se com um grupo de mulheres, e disse-lhes que vinha de propósito de Paris para propagar o bom jornal. Foi o melhor meio que êle podia empregar para que logo em tôda a povoação se soubesse do fim a que vinha. Volta a casa do pároco.

— Boa noite, senhor Prior.

—Muito bem vindo. Então não lhe tinha eu dito que não arranjava nada?

— Não é tanto assim. Olhe que já tenho onze assinantes.

— Onze assinantes! Então ponha-me lá a mim também, e complete-se a dúzia.

No outro dia continuaram as visitas até às onze horas e recrutaram mais oito assinaturas, entre elas a dona da hospedaria e a vendedora dum jornal parisiense; e ainda se esperava a resposta definitiva de mais cinco pessoas. Em suma, de todos aqueles a quem o propagandista falou, só cinco o recusaram.

Quem déra à nossa imprensa religiosa propagandistas tão dedicados, activos e perseverantes!

Lembrem-se que a propaganda da boa imprensa é o grande apostolado dos tempos modernos.

ANO IX — LEIRIA, 13 de Novembro de 1931 — N.º 110

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Gerente e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

FÁTIMA, excelso trono da Mãe de Deus, em terras de Portugal

Fátima, logar querido dos católicos portugueses, pois não é centro de piedade meramente regional, é um santuário nacional, centro de que irradiam os eflúvios da graça até para além das fronteiras!

(Sr. Conselheiro Fernando de Sousa, em editorial do jornal «A Voz» número de 14 de Outubro último).

O dom do Coração de Maria

Mais uma vez, Fátima, a gloriosa Lourdes portuguesa, escreveu páginas de ouro, engastadas de trechos sublimes, no livro maravilhosamente belo da sua divina história de catorze anos.

É ali, no vasto recinto dos santuários, aos pés de Jesus-Hóstia e da Virgem Maria, que está piedosamente ajoelhada, em sentida homenagem de adoração e amor, a alma religiosa da Pátria, o coração católico de Portugal.

Os crentes, impulsionados pela sua fé e pela sua piedade, acorrem em multidão à Cova da Iria, para haurirem, na contemplação das grandes manifestações religiosas de cada dia 13 que passa e nas graças que irradiam daquele trono de amor e misericórdia da Mãi de Deus, a fôrça indispensável para as lutas da alma e para as tormentas da vida.

Há quási três lustros que Fátima, situada precisamente no centro geográfico do país, é o polo magnético poderosíssimo que possui o mago condão de atrair dum modo irresistível todos os que têem fome de ideal, sêde de virtude e perfeição, anelos de paz, ânsia infinita de luz, amor e vida.

Enquanto o mundo se agita e convulsiona, em mutações de cêna súbitas, inesperadas e formidáveis, derruindo tronos, desencadeando ódios, revolucionando povos, produzindo lutas fratricidas e suscitando em todos os espíritos as mais sérias apreensões acêrca do futuro da civilização, Fátima ergue-se para o Céu, sôbre a predestinada terra de Santa Maria, como um paraíso gigantesco, a desviar os golpes da justiça divina, irritada com as culpas individuais e as iniquidades colectivas e a atrair sôbre Portugal e o universo as misericórdias de Deus pelas mãos da Virgem sem mancha, Padroeira da Nação!

Fátima, páramo de luz, estância de paz, foco intenso de amor divino, que caldeia as almas e os corações, purificando-os e apontando-lhes os seus eternos destinos, bemdita sejas, como bemdita seja também, mil vezes bemdita, Aquela que te concebeu e fez nascer, numa explosão de ternura misericordiosa do seu coração maternal, em favor dos seus filhos queridos de Portugal!

A procissão das velas

Ao cair da tarde do dia 12, já uma multidão de muitas dezenas de milhar de fiéis cobria como uma enorme mancha negra a parte mais central do lugar das aparições.

Essa multidão foi engrossando cada vez mais, até às dez horas da noite com a chegada de novos peregrinos, vindos de tôdas as direcções.

A essa hora iniciou-se a procissão das velas, sempre antiga e sempre nova, que se desenrolou através das avenidas do recinto do Santuário, enchendo-o de luz e de vida.

Durante a procissão, em filas alinhadas, viam-se as peregrinações de Arrabal (Batalha), de S. Mamede de Infesta (Pôrto), de Extremoz, de Rio de Couros (Leiria), da Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus (Lisboa), de Cela (Alcobaça), da Lousã, de Benfica (Lisboa), do Patriarcado de Lisboa, de Pousaflores (Ancião), de Nespereiral (Sintães), de Alcobaça, de Valverde (Alcanede) e da Empresa de Cimentos de Leiria. Estas peregrinações precedidas dos respectivos estandartes e acompanhadas pelos seus directores espirituais, dirigiram-se primeiro para a capela das aparições, cantando em côro o *Ave*, juntamente com a multidão que, abrindo alas à sua passagem, assistia ao desfile cheia de entusiasmo e comoção.

Depois de recitado o terço do rosário, intercalado de jaculatórias, o maravilhoso cortejo percorreu o itinerário do costume e dissolveu-se em frente do pavilhão dos doentes, onde se cantou o *Credo* de Lourdes. Ao *Credo* seguiu-se a

Adoração nocturna

A adoração nocturna, que principiou à meia-noite, foi presidida pelo Senhor Bispo de Leiria, que teve a assisti-lo os Senhores Bispos de Macau e de Beja. Da meia-noite às 2 horas realizou-se a adoração nacional, tendo o Senhor Bispo de Beja explicado os mistérios do Rosário, das 2 às 3, a da peregrinação de S. Mamede de Infesta, das 3 às 4, a da peregrinação de Rio de Couros, e das 5 às 6, a da peregrinação da Ordem Terceira de S. Francisco, de Lisboa.

As missas e comunhões

Celebrou a primeira Missa, a Missa dos servitas, o rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director das associações de servitas.

Às 6 horas, o Senhor Bispo de Beja celebrou a Missa da Comunhão geral. Depois, entre outras, rezaram-se as missas privativas das peregrinações de Extremoz, de Rio de Couros, de S. Mamede de Infesta e da Ordem Terceira de S. Francisco.

Os homens e rapazes que se aproximaram da mesa eucarística para receberem o Pão dos Anjos tinham-se confessado durante a noite e pela manhã na capela da Penitenciaria, onde numerosos sacerdotes estiveram sempre à sua disposição para êsse fim.

Calcula-se em cêrca de quinze mil o número de comunhões, a avaliar pelas partículas consagradas que se distribuíram.

Missa, sermão e bênção dos doentes

A missa do meio-dia solar, vulgarmente conhecida pela designação popular de missa dos doentes, foi celebrada pela segunda vez no altar improvisado defronte da grande Basílica em construção. Foi celebrante o ilustre Bispo missionário, Senhor D. José da Costa Nunes. Momentos antes de principiar a missa, tinha sido feito processionalmente o transporte da imagem de Nossa Senhora de Fátima para um trono junto do altar.

Ao Evangelho o venerando celebrante proferiu um eloqüentíssimo sermão, que foi ouvido pela multidão imensa que àquela hora enchia a Cova da Iria graças aos potentes megafónios colocados em diversos pontos do vasto recinto.

O ilustre Prelado agradece à Virgem a graça que lhe concedeu de poder visitar Fátima, laboratório celeste, oficina de milagres. Fala das nossas tradições e das nossas glórias missionárias. Diz que vinha ali trazer as homenagens do povo cristão do Extremo Oriente e ao mesmo tempo aquecer a sua devoção ao contacto da de tantos milhares de portugueses. Tendo percorrido as regiões onde nasce o sol encontrou por tôda a parte, na Malásia, na Fokkim, na China, no Japão, um vivo sentimento de devoção para com a Virgem, cujo nome foi levado pelos portugueses àquelas longínquas paragens juntamente com a fé cristã.

Sem religião não há paz, não há ordem, não há respeito pelo próximo. Os católicos são a guarda avançada do exército da ordem.

Não existe vida cristã sem um alto pensamento de fé a presidir a todos os nossos actos. O catolicismo é um conjunto de verdades e preceitos que é preciso abraçar e praticar. Todos devem ser católicos em casa e fóra de casa, dentro e fóra de si, no templo e na praça. Importa cumprir sempre os deveres que Deus e a Igreja nos impõem. É mister que todos os peregrinos levem daqui por todo o Portugal o amor e a devoção à Virgem.

O distinto orador, que chorava e fazia chorar de comoção, terminou o seu monumental discurso, implorando a bênção da Virgem de Fátima para as cristandades do Extremo Oriente, especialmente para as da sua diocese.

Ao *Credo* um avião «Viker» passou várias vezes por cima da Cova da Iria, fazendo evoluções e saudando os peregrinos.

S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo de Macau celebrando a missa dos doentes em frente da nova Igreja em construção.

No fim da missa o Senhor Bispo de Macau deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes. Levava a umbela o sr. Conselheiro Fernando de Sousa.

Enquanto um sacerdote fazia as invocações do costume, correspondidas pela multidão dos peregrinos, os doentes rezavam e choravam, suplicando a Jesus-Hóstia a cura ou alívio dos seus males ou a resignação e o confôrto necessários para levar a cruz do seu sofrimento com mérito para o Céu.

A procissão da despedida

Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral com o Santíssimo Sacramento, o Senhor Bispo de Leiria pediu a recitação dalgumas Ave-Marias por diversas intenções, entre as quais a intercessão de Nossa Senhora de Fátima para se obter a paz religiosa em Espanha, como tinha sido solicitado pelos Senhores Bispos de Tuy e Barcelona.

Depois os três Prelados presentes benzeram os objectos religiosos apresentados pelos peregrinos e deram juntamente a bênção geral. Por fim realizou-se a procissão do adeus, afim de transportar a veneranda imagem da Virgem para o seu altar na capelinha das aparições. Esta procissão, que percorreu o itinerário do costume, revestiu, como sempre, uma beleza e uma imponência extraordinárias. O adejar contínuo dos lenços, os cânticos piedosos, as aclamações à Virgem, as lágrimas de intensa comoção que brotam de tantos olhos, a fé e a piedade de tantas dezenas de milhar de pessoas, tudo isso constitui um espectáculo sobremodo impressionante que prende, comove e encanta, enchendo as almas e os corações daqueles que teem a ventura de o presenciar, da mais pura e intensa alegria e das mais suaves e perduráveis consolações.

O monumento ao S. C. de Jesus

Uma surpresa das mais agradáveis e mais inesperadas para quási todos os peregrinos foi o monumento recentemente erigido na Cova da Iria em honra do Sagrado Coração de Jesus.

A formosíssima imagem assenta sôbre uma alta coluna de mármore branco, ao centro do depósito da água da fonte miraculosa, que tem a capacidade de cento e sessenta pipas, precisamente no ponto de convergência dos dois planos inclinados do recinto das aparições, em frente da Basílica.

Os peregrinos, ao entrarem no local sagrado, estacavam de súbito, admirados e extáticos, na contemplação muda e admirativa da linda e encantadora estátua do Divino Rei de Amor, que, de braços estendidos, parece estar convidando todos a acolherem-se sob o manto protector da sua realeza de paz, amor e misericórdia.

No albergue de N.ª S.ª de Fátima

Foram cêrca de duzentos os doentes que, depois de prévio exame no Posto das verificações médicas, obtiveram o respectivo bilhete de ingresso no Pavilhão para assistirem à missa do meio-dia e receberem a bênção do Santíssimo Sacramento.

Entre as enfermidades de que sofriam predominavam as do aparelho respiratório. Foram também constatados alguns casos de lepra e de cancro.

Durante a inscrição dos doentes prestaram gentilmente os seus serviços os srs. drs. Pereira Gens, director do Pôsto, Luz Preto, Augusto Mendes, António Lima, José Bonifácio, Luís Carlos da Conceição, Alberto Lôbo de Abreu e Abílio Tomé.

É digna dos mais rasgados encómios a dedicação dos servos e das servas de Nossa Senhora de Fátima, aqueles superiormente dirigidos pelo sr. Major Pereira dos Reis, coadjuvado pelo sr. dr. Carlos Mendes, e estas pela sr.ª D. Piedade Lemos, directora do Pensionato de Nossa Senhora de Fátima, de Leiria.

Prestaram também os seus serviços como «servitas» o sr. dr. Afonso Lopes Vieira e sua Espôsa, que raras vezes faltam em Fátima no dia treze de cada mês.

Visconde de Montelo

O culto de Nossa Senhora de Fátima

EM MACAU

Da revista — Religião e Pátria — que se publica em Macau, transcrevemos o seguinte para conhecimento e edificação dos nossos queridos leitores e como homenagem a S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo D. José da Costa Nunes, o grande devoto da Senhora de Portugal, como à Virgem da Fátima chamam os cristãos do Oriente.

O dia 13 de maio, 2.º aniversário da *Colonização* de N.ª Senhora de Fátima em Macau, foi um verdadeiro triunfo da mesma Senhora, e uma manifestação solene e entusiástica do bom povo Macaense para com Ela.

A igreja de S. Domingos que a Senhora escolheu para sua «Cova de Iria» aqui, esteve todo o dia, pode dizer-se, cheia de povo que ia orar diante dela. Em tôdas as Missas se distribuíram muitas comunhões.

De tarde, depois das Vésperas solenes, formou-se a procissão das velas. Eram 7 h. quando se começou a mover a procissão em direcção à Penha.

Encorporaram-se nela milhares de devotos, quási todos com velas na mão.

A estátua da Senhora ia num carro dos bombeiros, ricamente ornado de lírios e iluminado com profusão. Cercavam-no anjinhos lindamente enfeitados e as Filhas de Maria de N.ª Senhora de Fátima com o seu primoroso uniforme.

Durante o trajecto, o Seminário, os Congregados Estudantes, os colégios dos Salesianos, de Santa Rosa de Lima, da Beneficência com seus estandartes, bem como a Confraria do Rosário foram sempre cantando, sendo acompanhados entusiásticamente pelo povo.

Eram 8 1/4 quando o andor entrou no adro da ermida da Penha, que estava profusamente iluminada. No lado que olha para a cidade lia-se — **Protegei Portugal.**

A iluminação da fachada era rematada pelo *monograma de Maria* artisticamente debuxado, e encimado pela corôa que lhe é própria.

Feito silêncio no adro da ermida que estava coalhado de povo, bem como em baixo na esplanada, que se estende adiante da gruta, começaram os Sermões, em Português pelo R. P. António M. Alves, e em Chinês pelo R. P. Domingos Yim que foram ouvidos com grande atenção por tôda a multidão que se apertava em volta dos respectivos púlpitos, colocados defronte da capela e da gruta.

Seguiu-se dentro da Capela o *Te Deum* e a *Bênção do SS.mo*., que foi dada também aos enfermos.

A imagem da Senhora só à meia-noite recolheu para dentro da ermida, pois teve sempre até àquela hora muitas pessoas piedosas a orar devotamente junto dela.

A procissão de N.ª Senhora de Fátima como aparece daqui, está sendo a 1.ª procissão em Macau. Bem haja pois êste bom povo e todos aqueles que vêm trabalhando com zêlo de apóstolos em promover cada dia mais esta devoção entre nós.

Nos aterros conquistados ao mar, a nordeste da Ilha Verde, depois do violento incêndio de há dois anos que ali reduziu a cinzas centenares de barracas de ola, surgiu, como por milagre, nesse local purificado pelo fogo, com o valioso auxílio prestado pelo Govêrno da Colónia e por alguns chineses abastados, um formoso bairro, de espaçosas ruas, já arborizadas, as quais, crescidas as árvores, serão lindas alamedas. Conta já 420 casas de tijolo e é destinado a ser o maior bairro do operariado de Macau.

Foi nesta parte nova da cidade, habitada por uma população chinesa, quáse totalmente pagã, superior a 3.000 almas, que, no dia 13 de Maio, 13.º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima, Macau, depois de haver sido a primeira cidade do Extremo-Oriente a propagar entre os seus filhos o culto e devoção a N.ª S.ª do Rosário de Fátima, pode hoje ufanar-se também de ter sido a primeira a dedicar-lhe um santuário, pôsto que, por ora, seja simplesmente uma pequena e humilde capela construida pelo zêlo infatigável do Sr. Bispo de Macau auxiliado pelo seu cooperador Rev. P.e José Monteiro.

A sua superfície interior mede 11,m80 de comprimento por 5,m55 de largura, tendo anexos dois quartos que lhe servem de sacristia.

Na capela-escola em cujo altar se venera uma rica e linda estátua de N.ª Sr.ª de Fátima, oferecida por um grupo de devotos de Hongkong, celebra-se o Santo Sacrifício da Missa, nalguns dias festivos, e os cristãos recitam em comum as orações nos sábados à tarde e nos domingos; nos dias feriados funciona uma aula de chinês elementar, frequentada por 36 crianças de ambos os sexos, cuja professora exerce simultâneamente o munus de catequista.

Nas duas casas, alugadas, da aldeia, mais próximas da capela-escola, residem a mestra-catequista e a médica-catequista, encarregada do dispensário. Uma casa serve-lhes de dormitório para elas e criadas, a outra de sala de visitas, sala de doutrina e de dispensário. No dispensário foram já baptizadas 5 crianças, de pais pagãos, que, regeneradas pela graça baptismal, dali partiram para o céu.

MACAU — Capela de N. S. da Fátima, anexa à paróquia de S.to Antonio

É realmente visivel a bênção e a graça celeste, trazida a êste torrãozinho português, na China, pela Padroeira e Mãi dos portugueses, Nossa Senhora de Fátima.

A terceira casa é destinada a servir aos homens, de reünião, de recreio e de catequese.

A mestra-catequista é subsídiada pela paróquia de Santo António. A médica-catequista, o dispensário e aluguel das casas são pagos pela caridade dum grupo de Bem-feitores e Bem-feitoras, de Macau, de Hongkong e de Shanghai.

O número de famílias cristãs e catecúmenos presentemente ali estabelecidos vem a ser:

Famílias cristãs...	24
Famílias catecúmenas	8
Cristãos baptizados...	66
Catecúmenos	32

No dia da inauguração da Capela foi ali administrado o primeiro Baptismo a uma recém-nascida menina, a quem foi dado o nome de Maria do Rosário da Fátima, sendo também sua Madrinha, por devoção, Nossa Senhora da Fátima.

O copo de água ou ágape fraternal, tanto em uso entre os cristãos chineses em semelhantes festas, foi, pela escassês do tempo, celebrada com sumo júbilo de todos no domingo seguinte.

A muitos dos cristãos desta Missão circula-lhes nas veias o sangue de mártires, massacrados pelo ódio bolchevista na China.

Como os antigos cristãos fugiam para Macau no tempo das perseguições, assim estes, ainda hoje, vieram procurar nesta cidade um asilo seguro contra a perseguição comunista.

A escola fundada pelo R. Monteiro, encarregado desta Missão, é frequentada por crianças ainda pagãs, mas que aprendem a conhecer Deus, Nosso Senhor.

Está debaixo da protecção de N.ª Senhora de Fátima e é sustentada por benfeitores de Macau e Hong Kong.

O Sr. Bispo de Leiria enviou medalhas de Nossa Senhora de Fátima para as crianças, para a sua desvelada professora e para o R. Padre Missionário.

MACAU — Alunos da Escola da Missão de N. S. da Fátima.

O Rosário da irlandesa

«Durante uma missão prègada em Londres, o P.e Conway, velho missionário, foi convidado a visitar uma nobre família. A dona da casa trazia, junto com os seus adereços, um modesto Rosário de carvalho da Irlanda; e, como o missionário se mostrasse um pouco surpreendido, diz a senhora:

« — V. Rev.ª quere que lhe conte a história dêste Rosário?»

— «Com o maior prazer, minha senhora.»

E a nobre senhora começa assim:

Em primeiro lugar devo dizer-lhe que a família de meu marido era do número dos mais fanáticos entre os protestantes e que as minhas ideias a respeito dos católicos eram certamente falsas. Tinham-me ensinado que a ignorância e a idolatria eram os seus grandes defeitos. Por isso eu e meu marido tínhamos todo o cuidado para que nenhum católico viesse para nosso serviço ou tratasse dos nossos filhos.

Um dia a minha creada de quarto vem ter comigo e diz-me como que fora de si:

— «Ó minha senhora, quere ver o que eu achei?»

« — Que é isso?»

« — Não vê? É um dos terríveis ídolos dos papistas!»

E estendendo a mão entregou-me o Rosário que V. Rev.ª aqui vê.

« — À porta da entrada, a porteira diz que êle pertence a uma velha irlandesa que vem todos os dias vender agriões.»

Levei o Rosário ao salão onde estava Henrique, meu marido, com Clara, sua irmã mais nova, e, enquanto nós nos ríamos à vontade das superstições de Roma, foram anunciadas duas visitas.

O Rosário foi minuciosamente examinado. No fim, a minha cunhada exclamou:

« — Mandem cá vir a velha amanhã e vai ser um pagode, uma coisa pândega a valer».

Aprovei a ideia de Clara e, depois de algumas hesitações, o meu marido consentiu também.

As duas visitas foram convidadas a assistir à cêna para gozarem com ela e um dos criados foi encarregado de trazer a velha no dia seguinte de manhã.

Nesse dia a uma hora excepcionalmente matinal lá estávamos todos reünidos. Henrique tinha entrado em cheio no espírito da brincadeira e eu, cá por dentro pensava que seria facílimo converter esta pobre e ignorante criatura.

« — Aí vem ela, exclamou repentinamente o meu marido, e todos fomos para a janela para ver aquela velhinha, de fraca aparência, vindo pelo jardim fora ao lado do nosso criado, rapaz de alta estatura.

Ela parecia discutir e protestar vigorosamente.

« — Entrar assim nesse lindo salão com os sapatos cheios de lama, isso não o faço! Não, isso não. A senhora que faça favor de vir cá baixo e dizer-me o que quere.

« — Não, não, mulherzinha. Entre, entre, lhe disse eu encaminhando-a para a porta. Não tenha médo que nós não lhe fazemos mal».

Ela fez uma reverência à velha moda.

« — Fazer-me mal a mim? Quem é que no mundo me quererá fazer mal?»

« — Certamente ninguém, mas entre!»

Lá se convenceu e entrou, seguindo-se logo a seguinte cêna:

« — Boa mulherzinha, vocemecê perdeu alguma coisa?»

«— Se perdi, não o sei. E que é que eu posso ter perdido?»

« — Veja lá; vocemecê perdeu alguma coisa! Perdeu o seu Deus.

« — Perder o meu Deus! Êle me livre de tal! Que é que quere dizer com isso?»

« — Não se zangue. Perdeu uma coisa que vocemecês, os papistas, adoram». E apresentei-lhe o Rosário.

« — Oh! Acharam o meu rico terço? Que Nosso Senhor lhes pague, minha senhora, e é tudo quanto posso dizer-lhe.

« — Mas olhe lá: vocemecê não sabe, mulherzinha, que é pecado adorar os ídolos?»

« —Mas eu não adoro ídolos». E a pobre irlandesa, pondo-se muito direita, explicou que fôra o Padre Mahoney, que Deus haja, que lhe ensinara a rezar o Rosário e a sua significação.

Eu sorri com piedade e retorqui:

« — Leia a sua Bíblia, creaturinha, e não se deixe escravizar e enrodilhar pelos seus padres!»

A piedosa irlandesa, esquecida da sua timidez, desatou a rir:

« — Oh! minha senhora, eu não sei nem uma letra mas isso não me faz falta para conhecer a minha religião».

E entretanto ia deixando passar pelos dedos as contas negras do seu terço, dizendo:

« — Eu bem sei que as senhoras se riem de mim! Deixá-lo, mas vou dizer o que leio no meu terço e o que é que êle me ensina.

E com uma voz alta e firme, de olhar vivo, começa:

« — Veem êste crucifixo? Pois bem! Quando olho para êle penso como Jesus morreu por mim no Calvário, penso em tôdas as suas chagas, em todos os seus sofrimentos e digo: «Meu doce Jesus, livrai-me de vos ofender!»; e beijava com fervor a cruz do seu terço.

« — Vêem agora esta conta grande e estas três pequenas? Dizem-me elas que há só um Deus e três pessoas. Estas dez contas pequenas lembram-me que há dez mandamentos da lei de Deus que eu devo guardar.»

E a santa mulher se pôs a contá-los, e depois, parando um pouco para tomar fôlego continuou:

« — O Rosário em si mesmo é composto de quinze mistérios em honra da Mãe de Deus: *cinco gozosos* (e enumerou-os); *cinco dolorosos* (e nomeou-os) e *cinco gloriosos*, e, elevando a voz enquanto os contava, ajuntou:

« — Quando vou por êsse mundo a ver se ganho a vida honestamente digo os mistérios gozosos. Quando o dia corre mal e eu me pregunto a mim mesmo onde é que hei de cear, repito os mistérios dolorosos e digo a mim mesma: Maria Feenam, para que te inquietas? Um dia tudo há de acabar e Deus te dará a graça para acabares bem. E quando as minhas aflições estão passadas, o menos que posso fazer é recitar os mistérios gloriosos em honra daquela que é Mãi de nós todos. E é assim que eu passo os meus dias.

« — Está bem, já conversámos muito, murmurou meu marido, dá lá o terço a essa mulher e deixá-a ir.»

Nenhum de nós cuidou mais de falar das coisas admiráveis que tínhamos ouvido, mas eu me perguntava a mim mesmo se era esta a religião que me ensinaram a desprezar.

Muitas vezes mais voltei a falar com a velha Maria que, quando eu lho pedi, me deu da melhor boa vontade o seu Rosário.

E, finalmente, chegou o dia em que eu pedi a um sacerdote para me instruir e preparar para a recepção do baptismo.

Depois de o receber na Igreja Católica, disse-o a meu marido que ficou tão irritado como eu nunca o tinha visto. Mas eu esperei, rezei e no fim dalgumas semanas, êle me diz:

«Vai lá tu à tua igreja, se assim te apraz, que eu e os nossos filhos vamos à nossa».

O tempo foi passando até que um dia eu lhe digo:

« — Henrique, vem hoje comigo».

Êle cedeu e no fim dêsse ano tive a indisível felicidade de ver os meus sete filhos e o pai recebidos no seio da única verdadeira Igreja.

A senhora parou.

« — E é assim que V. Ex.ª traz todos os dias êsse Rosário da velha irlandesa? lhe disse eu, depois de uns momentos de silêncio.

« — Sempre, padre, e muitas vezes nas *soirées* ou recepções, algumas senhoras das minhas relações veem examinar as contas.

« — Que extraordinárias joias! Vieram da India?»

« — Não, não vieram da India.»

« — E valem muito?

« — Caríssimas! Para mim valem muitos contos.»

E logo que está satisfeita a curiosidade da minha interlocutora, conto-lhe a história que acabo de contar a si e é assim que o Rosário da minha boa velhinha irlandesa vai ainda fazendo bem e exercendo o seu apostolado».

A religião já fez o seu tempo

Não é muito raro ouvir por aí esta tola expressão.

Quererão talvez dizer que a religião não satisfaz já às necessidades modernas e que terão coisa que a substitua com vantagem.

Vamos provar que Jesus Cristo é indispensável ao mundo e que a sua religião é insubstituivel.

* * *

Temos *uma alma* e esta alma tem um destino que não pode regular-se fóra de Jesus Cristo. Qualquer dia desapareceremos mas a morte não é o nada. É a conclusão da vida presente e o princípio da vida futura.

Ora, nessa vida futura quem é que nos receberá e colocará no nosso lugar? Tôdas as vozes da terra, se calam e nós temos de responder à voz do nosso Juiz e este Juiz tem um nome: chama-se Nosso Senhor Jesus Cristo. E Jesus Cristo é o rei das almas.

— Temos *uma inteligencia* e esta põe questões que só Jesus Cristo pode resolver.

«Quando se não quer ouvir (diz Bossuet), cada um arma um tribunal dentro de si mesmo em que se torna o árbitro da sua crença e como a licença não tem freio, uns não cessam de disputar tomando os seus sonhos por inspirações, emquanto outros vão procurar um repouso funesto na indiferença e no ateismo. Os absurdos em que caem negando a religião tornam-se mais insustentaveis que as verdades cuja altura os espanta e para não seguirem mistérios incompreensiveis, vão caindo, uns atraz dos outros, em erros incompreensíveis.»

Ah! como com pena magistral Bossuet descreve bem os desvios intelectuais dos descrentes! Jesus Cristo é o Doutor das inteligências.

— Temos *uma vontade* e esta vontade tem deslizes, falhas, fraquezas que só Jesus Cristo pode curar. Bem sei que o homem honesto sem religião se traça um programa de dignidade moral. Mas, em presença das mil tentações que o agitam por dentro e o assediam por fóra, falta-lhe a força e a sua virtude acaba, pois que só Deus não acaba. E, novamente me vem à memória o incomparável Bossuet. «Causa horror e faz tremer, diz ele, quando se considera o que pode fazer o esquecimento de Deus e este terrível pensamento de não ter nada acima da cabeça.»

Procure-se fóra de Jesus Cristo alguma coisa que nos domine, que nos regule, que nos faça parar na ladeira, que nos reprima, que nos levante. Não se en-

contra nada ou quási nada. Jesus é o regulador das vontades vacilantes.

— Temos *um coração* e no coração ha feridas que só Jesus Cristo pode tocar com a sua mão acariciadora e divina.

Foje a fortuna, vem a doença, a calunia rásga-nos a reputação, as flôres que ornavam os berços fenecem, cavam-se sepulturas, fazem-se ruínas, abrem-se abismos, saltam fontes perpétuas de lágrimas dum coração já atravessado por mil espadas. Ó homens atingidos nos vossos bens, feridos na vossa hônra, na vossa carne, nas vossas afeições mais legítimas e mais santas, que será de vós? Em que braço vos ides precipitar?

Jesus Cristo que conta tantos inimigos porque é puro, porque é intransigente contra o orgulho e contra a malícia impenitente, tem, no entanto, um imortal defensor, um cúmplice impenitente que assegura o seu império neste mundo... É o pobre coração humano, são os olhos molhados de lágrimas! A impiedade nunca consolou ninguem. Só é boa para despovoar o ceu e tirar os encantos à terra. Jesus Cristo é o consolador de todos os corações rasgados.

— Nós não estamos sós no mundo. Pertencemos a *uma família*. E se a nossa família se escapa a Jesus, será esta mais unida, mais moralisada, mais feliz? Já se viu alguma vez algum lar de pé sem ser encostado ao altar? Já alguma vez se viu a mocidade deixar as crenças e as práticas religiosas para se tornar mais casta, mais disciplinada, mais amiga do dever?

Não, nunca tal fenómeno se passou debaixo do sol. Quando Jesus Cristo se vai duma alma joven, veem logo as paixões substitui-lo.

Quando a fé baixa na vossa casa, a virtude não sobe. Deixando de ser cristã, a família nada tem a ganhar e tudo a perder. Jesus Cristo é o conservador e restaurador do lar doméstico.

— Mais alto que a família está a *Patria*. E o que faz a prosperidade dum povo é, em primeiro lugar, o seu nivel moral. O abaixamento do nível moral é o sinal e a causa da decadencia mesmo material. São as crenças fortes que fazem os bons costumes. É Jesus Cristo que eleva o nível moral.

O que faz em seguida a prosperidade dum povo é o amor fraterno que une os cidadãos. Por muito ajustadas que estejam as engrenagens duma máquina, se o oleo não adoça os movimentos, as peças gripam-se e partem-se. Por muito bem aparelhadas que estejam as pedras dum edifício, enquanto o cimento ou a argamassa os não liga, não formam senão uma justa posição de materiais sem coesão. O oleo da máquina, o cimento do edificio social é a caridade e a caridade vem de Jesus Cristo.

Tudo isto é verdadeiro sobretudo no nosso país. Foi por Jesus Cristo que Portugal se formou e é quando se afasta d'Êle que se sente fraquejar. A pátria não desce quando é católica mas quando o é menos. Jesus Cristo é o agente necessário do ressurgimento nacional. Mas, subamos mais um degrau.

— Acima da patria está a humanidade e nós pertencemos a uma humanidade, a *uma civilização*. Quem a fez senão Jesus Cristo? O seu berço é o ponto de paragem do antigo mundo e o ponto de partida do novo. Quarenta séculos a êste o conduzem e vinte séculos daí procedem.

A origem é pequena, quási imperceptível mas tôdas as verdadeiras grandezas saem de lá. Desde que apareceu menino em Belém, milhões de homens teem derramado o seu sangue para atestar a sua divindade e proclamar os seus beneficios. Depois que apareceu Jesus, as letras, as artes, os costumes, as leis se depuraram e aperfeiçoaram. Desde então a escravatura começou a partir as suas cadeias e são os seus discipulos quem procura inutilizar os seus últimos e sanguinolentos anéis. Desde que apareceu, a mulher, a creança, o pobre, os pequenos, todas as fraquezas foram reabilitadas. O apostolo, o martir, a virgem, tôdas as belezas morais, tôdas as virtudes heroicas germinaram como uma seára de oiro na humanidade.

Produz homens novos e sociedades novas. Creou uma civilização que tem o seu nome.

Natal, Belem, Jesus Cristo... é aí que se firma a salvação das almas, a renovação dos lares, o futuro da pátria a civilização humana. É que Jesus Cristo é indispensável no mundo.

* * *

Além de indispensavel é insubstituivel. Nestes quási dois mil anos muitas vezes quizeram substitui-lo mas tôdas as tentativas cairam miseràvelmente. Ainda ha quem teime ainda mas não conseguirá mais.

Ruínas, ruínas é tudo quanto deixarão atraz de si.

Haverá alguma coisa superior à religião de Jesus Cristo? que é que poderemos pôr em seu lugar? *Nada*. Se se pretende extinguir a fé, que extranho meio de iluminar a terra e fixar os espíritos na luz!

Se expulsais o Evangelho, pensais que a humanidade possa viver das negações de Renan ou das porcarias de Zola?

Abatei a cruz, mas que mal vos fez ela e para que suprimir esse sinal adorável de imolação, esta única esperança dos que choram?

Se fechardes as escolas cristãs onde encontrareis o dinheiro e a dedicação que baste às necessidades do povo?

Se expulsais as almas consagradas a Deus, é a flôr da humanidade que se vai e quem é que ficará depois para rezar, para prègar, para ensinar, para se dedicar heroicamente?

Pretendereis passar sem o cristianismo mas fóra dele não há um sistema que tenha valor nem mesmo pedras para edificar um bocado de parede, um abrigo. Demolir sem poder construir. Uns bárbaros.

Em lugar da religião ides por a leitura, a escrita, as contas. E sereis assim mais honestos, mais fortes?

As letras, as ciências, as artes; mas o que são elas sem Deus, senão brilhantes inutilidades ou instrumentos de corrupção?

O bem estar! Mas ele não existe em parte nenhuma. Além disso não é com o bem estar que se faz uma civilização ou um grande povo.

Novas leis. Mas se estas não forem impregnadas de espírito cristão serão levadas como poeira deante do vento. Fora do cristianismo construis sôbre areia. Insensatos.

* * *

Falais-me da razão pura e da consciência. Palavras, só palavriado, pois que se a religião de Jesus Cristo não regula, depura e transfigura a razão e a consciência.

Falais de justiça, de caridade, de solidariedade. Mas fora dos países onde a cruz foi plantada ignoram-se esses bens e perdem-se desde que se afastam de Jesus Cristo.

Falais de liberdade, de igualdade e fraternidade. Palavras vãs se se isolam do Evangelho, o único que pode dar a estas palavras realidades verdadeiras e vivas.

Direitos do homem. Mas os direitos do homem são inferiores e posteriores aos direitos de Deus e o cristianismo que promulgou os direitos de Deus, restaurou os direitos do homem.

Falais de paz, de ordem, de progresso social. Mas tudo isso são frutos do cristianismo. Quereis os frutos e regeitais a arvore que os produz.

Foi a religião cristã que depoz na alma moderna tudo o que ela tem de melhor. Se um só dia a religião desaparecesse, se um só dia esta fortaleza pudesse ser derrubada, se Deus na sua justiça nos retirasse a luz, poder-se-ia então apreciar o que valem as crenças cristãs e pela obscuridade medonha que se seguiria medir-se-ia o esplendor do sol que se apagou.

O' homens, vós deveis ao cristianismo tudo o que tendes de mais precioso e voltais tôdas estas luzes, tôdas estas forças, todos êstes progressos que deveis ao Evangelho, contra a divindade do mesmo Evangelho. Ingratos. Em vez dele, palavras palavras, nada.

* * *

Há homens que nasceram ontem e morrerão amanhã mas que pretendem destronar Jesus Cristo e substituir a sua religião. O que são êsses homens comparados com Jesus Cristo? Os seus pensamentos realisaram maior soma de bem no mundo? As suas virtudes foram maiores, os seus costumes mais castos, a sua autoridade mais alta?... E todos juntos, um dia e numa ideia, pesarão eles tanto como Jesus Cristo com os séculos e as obras que dele dimanam? quando a impiedade tiver feito a décima milionessima parte do que Jesus Cristo fez no mundo, poderemos então conceder-lhe o direito de o discutir e a infantil ambição de o substituir.

Até lá, não, e nós ficaremos ajoelhados, enternecidamente reconhecidos deante do divino Menino de Belem. Vamos para Êle, permaneçamos junto dÊle, vivamos dÊle.

Duas mulheres...

O feitor voltou naquela tarde em um estado deplorável, molhado e a escorrer como um pinto; o vento tinha-lhe tirado o chapéu fazendo-o dar mil voltas pela lama; o guarda chuva virou-se para trás e êle, de bigodes eriçados, em que cada cabelo parecia um prego de enripar, mal podia ainda respirar de ofegante e cansado.

— Ora isto é que está o cão de um tempo!...

Sacudiu as botas cheias de lama e vendo a professora que descia com umas cartas na mão, diz-lhe à queima roupa:

— Menina!...

— Senhor João?...

— Alegre-se! Vá mandar acender dez velas!... vinte velas!...

— Porquê?

— Entrei hoje numa igreja.

E como a fisionomia da rapariga mostrasse admiração, aproxima-se dela e enfiando-lhe os bigodes nos ouvidos diz-lhe a rir:

— Mas olhe que foi por estar a chover e eu não tinha guarda chuva!

E mostrou o estado desgraçado a que o vento e a chuva lho tinham reduzido.

— Seja como fôr entrou... E vai ver que se vai converter!...

— Pobre pequena!...

E, indo-se, com um gesto de quem não acreditava e em tom paternal, passou-lhe o jornal pela cara, desceu ao pâteo a dar ordem a uns serviços enquanto a professora, vendo-o partir, murmurava:

— Pois sim, mas has-de converter-te, meu velho pagão... Tenho a certeza...

* * *

Uma pesca de primeira ordem. Um grande robalo. *Mação não era, mas quanto ao mais!... Ora imaginem. Havia trinta e sete anos que se não confessava, casado civilmente, três filhos por baptizar, além doutras inúmeras faltas mais pequenas que não impediam que dormisse a sono solto.*

Terei uma alma? Existe Deus?

Isso... não o preocupa.

A mulher é poupada, as acções do Banco vão subindo... isso é que o interessa. Isto é que são para êle questões sérias. Quanto ao resto... pode interessar a algum que esteja para dar o salto para a outra banda... mas ele, gordinho, cheio de saúde, todo pimpão, ganhando um belo ordenado, ele, de mãos nas algibeiras, segue descansado nó caminho da vida.

Além disso, não tem vagar, preso à sua ocupação de manhã até à noite. Dentro de alguns anos pensa em retirar-se para a sua aldeia, viver o resto da vida em paz. Depois lá irá o seu corpo aduhar os sete palmos de terra que ele comprou no respectivo cemitério.

E... pronto!

* * *

E não se lembrava da professora.

Ora quando se fazem certos calculos é preciso calcular duas vezes. É o caso. Ela tinha lá bem arreigada esta resolução na sua alma de cristã.

O feitor há-de este ano desobrigar-se, dê por onde der.

Ha-de ser, ha-de ser, ha-de ser!

Ha onze meses que ela o atanaza, o cerca, o pica, aproximando-se, recuando, ladeando, conforme lhe parece conveniente. Ha-de ser êste ano. É que no dia 10 de abril êle tem de ssir com o patrão e se o deixo, tenho depois de recomeçar novamente.

Chegada a quaresma a professora precipitou a sua acção: resou, jejuou, sofreu, mas a valer e não simples arranhaduras na epiderme, mas dêste sofrimento que atravessa a alma.

Isto lhe dava força para as grandes audácias, indo direita ao fim.

— Senhor João, quer dar-me um prazer?...

— Pois não, menina?

— Pois bem. Vá comigo esta tarde à Missão.

— Ao sermão? Nunca na vida!

— Não é ao sermão, é à Missão. Não é a mesma coisa.

— Que diferença ha?

— Vai ver.

Não gosto dos franciscanos.

— Não é franciscano.

— É um jesuita?

— Menos ainda.

— Seja como fôr é um prior.

— Não, não é um prior.

— Então quem é?

— É um missionário.

— E isso o que é?

— É um homem que tem viajado muito e conta muitas coisas interessantes. Estou certa que havia de o ouvir com muito prazer.

— As mulheres!...

— Nem mulheres nem meias mulheres; trata-se de ir ouvir um viajante.

— ... De batina!...

— E depois?

— E se me veem?

— Diga que é tarde e eu tinha mêdo e que para me ser agradável, por cortesia, me acompanhou...

E depois, com uma paciencia de anjo, tendo arredado uma a uma todas as pedras da fortaleza onde a irreligão do seu protegido se abriga, lá o conduziu à artilharia pesada dos missionários.

* * *

Logo ao primeiro assalto João ficou aturdido: prègou-se sôbre a necessidade da salvação.

Ao segundo, revoltou-se: falou-se da morte.

Ao terceiro estava vencido: o mais terrivel dos missionários pregara sôbre o inferno.

Ainda que vencido o feitor não estava convencido, resolvido. O homem velho *tentava ainda desesperadamente para defender a sua tranquilidade, numa luta terrivel lá por dentro, mas no fim de quinze dias de missão, mesmo na véspera de se retirar com o patrão, em um último assalto, João rendeu-se e de tal modo que êle mesmo disse que se queria confessar.*

A professora foi para êle um guia ao pé do qualquer o Baedeker não valeria nada, e quando o viu partir, sério, grave, livro na algibeira, a pobre pequena que ha oito dias jejuava a pão e água, chorou de alegria.

* * *

Uma igreja dia de desobriga.

Todos os confessionários estão cercados.

O feitor, que espera com paciencia já ha hora e meia, dá agora sinais de inquietação porque tem de estar ao pé do patrão às 11 horas.

Tira e volta a tirar o relogio: dez horas e meia... dez e quarenta... *e emfim, só faltam três mulheres.*

— Minha senhora, pergunta êle a uma que está ao lado, pode dar-me a sua vez?

Ela o olha um segundo e com esta intuição, esta presciencia, esta concepção elevada da religião que possuem certas cristãs, um pequeno sorriso cheio de atenção:

— Com todo o gosto, senhor

... Dez horas e cinquenta... A penultima mulher não acaba... Só faltam cinco minutos.

E então êle arrisca ainda humildemente um segundo pedido.

— Minha senhora, diz êle à última mulher que devia passar antes dele, não poderia fazer-me o favor de me deixar confessar antes de si?...

— Não, senhor.

— Mas eu tenho muita pressa.

— Também eu.

— Estou ha duas horas à espera.

— E eu ha mais tempo.

E enquanto o pobre homem, obrigado pela hora, toma tristemente o seu chapeu e parte todo preocupado, com os seus trinta e sete anos de pecados a carregarem-lhe na consciencia, a senhorinha que acaba de lhe recusar a sua vez, começa com serenidade a sua confissão:

— Meu padre, ha oito dias que me confessei!... etc.

(Adaptação de Pierre l'Ermite).

Graças de N.ª S.ª da Fátima

Tumor uterino

Laurinda Ferreira de Sousa, rua dos Bragas nº 103, Porto, vem agradecer muito reconhecida a Nossa Senhora da Fátima a grande graça da sua cura em 30 de junho de 1930. Sofrendo, havia 5 anos, de grande dôres no ventre com grandes e frequentes hemorragias, foi examinada pelo Ex.mo Snr. Dr. Abel Pacheco que constatou a existência de um tumor que era necessário extirpar. Tendo recorrido com muita fé a Nossa Senhora da Fátima, tomando um pouco de água de Fátima por ocasião da bênção do S.S. Sacramento, no referido dia, e na capela de Nossa Senhora dos Anjos, sentiu-se repentinamente muito melhor, julgando-se curada, não tornando a sentir dores nem aparecendo mais hemorragias.

Contudo a instancias várias deu entrada no hospital da Lapa para ser operada, mas não se realisou a operação porque o médico reconheceu que a causa do mál tinha desaparecido.

Laurinda Ferreira de Sousa

Abono a identidade da signataria e a veracidade do seu relato.

O Pároco de Sandim
P.e Artur da Assunção Saude

Graças temporais

Venho pedir o especial favor de publicar duas graças que recebi de Nossa Senhora da Fátima.

Sentindo no lado uma dôr importuna que não me deixava descançar nada, pedi a N.ª Senhora que me valesse, prometendo publicar a graça.

A dôr passou-me como por encanto e não voltou mais.

A confiança que tenho em N.ª Senhora da Fátima veio-me de outra graça bem mais importante, que recebi ha uns sete anos. Tinha um incómodo interior com sintomas de cancro a tal ponto que resolvi ir ao hospital católico da Lurinam (Guiana holandesa) onde havia um célebre operador que tinha curado várias pessoas que foram de Demerara.

Aquele médico começou em mim uma operação mas viu as coisas em tal estado que deixou tudo como estava e disse que não me dava senão um mez de vida.

O R. P. J. Nazareth S. J. veio visitar-me, quando voltei de Lurinam e ficou com muita pena de me ver tão mal e sem esperanças de ser curado.

Por esta ocasião pessoas da família que tenho na Madeira, fizeram-me conhecer N.ª Senhora da Fátima, mandando-me a água e fazendo uma novena por mim. Tomei a água e logo comecei a melhorar de maneira que agora já vou por meu pé confessar-me áquele dito Padre e não sinto nada do meu incómodo. Fiz viagem para a Madeira e da Madeira fui a Portugal visitar a Cova da Iria para agradecer a graça recebida.

Agora em agradecimento mando inclusa uma pequena esmola para o templo que se está edificando.

Georgetown — Guiana Britanica
Maria Amélia Lopes

Infecção intestinal

Tenho um filhinho de quatro anos que foi atacado de uma prolongada e perigosa doença: uma gravíssima infecção intestinal com várias complicações, que o pôz às portas da morte. Tanto o médico assistente como outros dois médicos, com os quais aquele conferenciou por duas vezes, — todos professores distintíssimos da Universidade de Coimbra e clínicos práticos e abalisados, — foram da opinião de que o meu filhinho não podia resistir a uma luta tão desesperada e violenta, como era aquela terrivel doença de quatro meses, que lhe exgotava hora a hora as suas fôrças cada vez mais débeis. Ainda se êle se alimentasse! dizia o médico.

Comecei então com algumas pessoas amigas uma novena a N.ª S.ª da Fátima, no quarto do doentinho, dando-lhe a beber da sua milagrosa água.

À medida que os dias da novena iam avançando, progrediam visivelmente as melhoras da criança. Começou a alimentar-se com apetite e no fim da novena radicou-se em nós a certeza de que N.ª Senhora o havia curado; parecia já outro!

Hoje está bem e considero-o milagrosamente salvo por intercessão de N.ª Senhora de Fátima.

Louvada seja Maria Santíssima.

Coimbra, 1931.

Maria Ester da Silva Pratas

Úlcera no estômago

Herminia Fernandes, 19 anos de idade, natural de Portimão, internada no colégio de Regeneração em Braga, sofria ha muito tempo duma úlcera no estômago, não podendo tomar nenhum alimento, apenas o leite mas não o conservava, tudo vomitava, deitando muito sangue pela boca. Tinha dores muito fortes. Se tentava tomar algum alimento, as dores no estômago eram insuportáveis tendo de passar horas deitada de costas. O Médico do Colégio, o Ex.mo Sr. Dr. Leitão, que a tratava com o maior interesse declarou que era absolutamente preciso fazer uma operação ao estômago, sem isso nunca teria melhoras. Então a doente recorreu a N.ª Senhora do Rosário da Fátima, fazendo uma Novena diante da Imagem que teem no colégio, pedindo-lhe com todo o fervor que a curasse. Ao fim da Novena estava completamente curada, já ha perto de 2 meses que come de tudo e alimenta-se muito bem sem sentir o menor incomodo. Está completamente curada o que vem publicar para manifestar a sua gratidão a N.ª Senhora do Rosário da Fátima que com tanto amor e misericórdia a atendeu.

Bemdita seja N.ª Senhora do Rosário da Fátima.

Herminia Fernandes

Graça espiritual

Sendo meu desejo há quási 7 anos entrar num convento, para poder cumprir com os meus deveres religiosos com mais facilidade, não me foi isso permitido, apesar de ter ido, a todas as Ordem Religiosas fazer êsse pedido. Tendo sempre muita confiança em Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe com muito fervor viesse em meu auxílio. Nos dias 10, 11 e 12 de Maio comunguei e jejuei rigorosamente e no dia 13, durante a sagrada comunhão, fui em espírito a Fátima, apesar de nunca lá ter ido pessoalmente, e pedi a Nossa Senhora com muito fervor que me concedesse a graça de entrar num convento, ainda que eu fôsse uma excepção à regra, porque não me aceitavam devido à minha situação um tanto inconveniente, e se fosse atendido prometi que mandaria celebrar uma missa e publicar a graça na *Voz da Fátima*. Pois logo no dia 15 de junho tive parte para entrar não num convento como pedi, mas noutra casa religiosa onde posso à minha vontade cumprir com os meus deveres religiosos como era meu desejo. Eu não tenho palavras com que possa agradecer êste grande favor à Nossa querida Mãi do Céu. A missa já foi celebrada. Pedia agora o favor de publicar esta graça.

Porto.

Manuel do S. Coração de Jesus

Fractura

Colégio «Sacré-Coeur de Marie» Copacabana, R. de Janeiro

Venho pagar um tributo de gratidão a N.ª Senhora de Fátima pela cura completa duma fractura que sofri na perna direita, em consequencia duma queda, a qual, no entender dos médicos, não só era dificílima, mas até quási impossivel devido à minha idade (63 anos) e a outras circunstâncias agravantes.

Prometemos então, minha boa Superiora e eu, enviar a N.ª Senhora de Fátima um dotativo de 40$ se houvesse por bem fazer-me a graça que lhe pediamos, a de ser curada. A nossa querida Mãi do Céu ouviu benigna as súplicas da sua filha portuguesa, ha vinte anos desterrada de sua pátria.

Mil graças sejam dadas a tão boa Mãi!!

Também não posso deixar em silêncio uma outra manifestação do poder misericordioso de N.ª Senhora de Fátima.

Foi o seguinte: Quando após a queda que dei tentava um esforço para me levantar, vi que até o minimo movimento me era impossivel porque espetando-se-me os ossos nas carnes causavam-me dores agudíssimas; minhas irmãs em religião em nada me podiam valer. Eu então, cheia de fé, exclamei três vezes: «Nossa Senhora de Fátima, valei-me!» E, caso maravilhoso! logo me pude levantar e seguir para o meu leito encostada a duas pessoas!!

Quanto a mim, penso que houve aqui graça extraordinária. Mas seja como for, o meu amor e a minha terna gratidão para com N.ª Senhora de Fátima não tem limites e render-lhe-ei eternamente continuos louvores pelas duas grandes graças recebidas na minha doença.

Que N.ª Senhora de Fátima, Raínha de Portugal, seja por todos conhecida e amada, eis o meu ardente anhelo.

Segue um atestado médico:

Eu, abaixo assignado Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro,

Atesto que em 12 de Janeiro do corrente ano tratei da religiosa do Colégio Sagrado Coração de Maria de Copacabana Irmã Marina, com 63 anos de idade, que vitima de um acidente sofrera fractura do collo do femur direito, — fractura confirmada pelo exame radiologico e que desta molestia a mesma senhora acha-se completamente restabelecida, tendo podido exercitar a marcha no fim de 30 dias.

Rio, 26 de Julho de 1931.

Dr. Estevão Gonçalves Castelo Branco

(Segue o reconhecimento)

Doença no estômago

Sofria do estômago havia mais de quatro anos; — tinha dôres quási continuas e o mais leve alimento aumentava os meus padecimentos. Tomei vários remédias, fui dois anos a Vidago, mas os resultados foram nulos. Por fim prometi a Nossa Senhora que durante um ano inunterrupto iria comungar todos os mêses e dar uma esmola para o culto. Deixei os medicamentos que até então usava e comecei a beber de vez em quando um pouco de água da Fátima rezando cada vez que bebia a água três *Avé-Marias* e uma *Salve Rainha*. agora julgo-me completamente curada, pois que como e bebo de tudo mesmo das coisas que o médico me proibira e, graças a Deus, nada me tem feito mal.

Aos pés de Nossa Senhora agradeço-lhe aqui publicamente a graça que me alcançou do Céu.

Maria Vieira Catarino

Graças diversas

Venho agradecer à SS. Virgem duas graças corporais e uma espiritual.

A 1.ª recebi-a ha 3 anos aproximadamente. Um dia ao receber a Sagrada do S. S. depois de ter já recebido a Sagrada Comunhão pedi, por intermédio de Nossa Senhora, a Jesus que suavisasse os meus sofrimentos ao menos os que mais me afligiam. Graças a Deus, a-pesar da minha indignidade, desde aquele dia fiquei livre de uma dôr agudíssima que me atacava todos os dias e que medicamentos diversos não conseguiram sequer minorar.

A segunda graça que quero aqui agradecer a Nossa Senhora foi o amparar-me numa operação do ventre a que fui submetida, e que ia sendo fatal a ponto de 4 horas depois da operação ainda estar sem sentidos.

Apenas os recuperei pedi muito a Nossa Senhora da Fátima que me alcançasse melhoras prometendo-lhe 12 missas e uma visita ao seu Santuário na Fátima.

Fui atendido e já lá fui cumprir as minhas promessas. Foi lá que a Virgem Santissima me alcançou uma graça espiritual que ha 12 anos lhe pedia e de que lhe ficarei eternamente grata.

Ana do Val Quaresma

Sintães — Pinhes.

Maria Teresa de M. B. de Portugal e Castro, de Fronteira do Alentejo agradece a cura duma inflamação que teve no pescôço, cara e cabeça. Esta inflamação renitente aos medicamentos humanos desapareceu logo que sôbre ela foi aplicada a água de N.ª S.ª da Fátima.

Marcelina Gomes Burnett Lapido, da R. de Pedrouços 29 — Lisboa, agradece a N.ª S.ª a protecção que lhe dispensou por ocasião em que teve de sofrer uma operação no figado donde lhe foi arrancado um kisto. Apesar da gravidade da operação, porque já havia outras complicações tudo correu otimamente e agora sente-se curada.

Maria dos Santos Almeida, da Amoreira — Fátima, agradece a N.ª S.ª a cura de sua filha que sofreu de graves ataques no coração. Chegaram a tê-la como morta, depois mediante várias promessas a Nossa Senhora cuja água lhe deitavam na boca recuperou a vida e agora vive bem de saúde para amparo de seus 6 filhos o mais velho dos quais tem apenas 11 anos.

Basilia Cabral T. de G. Menéres, da Praia da Água, agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual que muito estima.

Francisca de Jesus Ferreira, da Azoia Leiria, agradece a cura de um mal estar continuo motivado por tosse e falta de ar. Agora encontra-se bem, graça que atribui a Nossa Senhora.

Maria do Carmo da Rocha Peixe, de Ilhavo, tendo recebido diversas graças vem pedir que lhe ajude a agradecer a N.ª Senhora tão grandes favôres que lhe alcançou.

Maria Pereira Vilhena, de Aveiro, agradece a cura de uma pessoa da sua família que sofria dôres muito impertinentes.

José Fernandes Homem da Costa, da Ilha Terceira — Açores, sendo acometido por uma doença grave que chegou a ser considerada incurável, invocou Nossa Senhora da Fátima, e hoje encontra-se restabelecido.

Francisco Cardoso, do Vale de Canada Cadaval, agradece a Nossa Senhora a cura de dôres nervosas que chegaram a tirar-lhe a vista. Hoje, depois de fazer com sua família uma novena a Nossa Senhora e beber água da Fátima, encontra-se livre das dôres e a vista foi recuperada, favôres que agradece a Nossa Senhora da Fátima.

VOZ DA FATIMA

Despesas

Transporte...	291.593$84
Papel, composição e impressão do n.º 109 — 93.500 exemplares...	6.441$50
Franquia embalagens, transportes, etc...	1.576$75
Na administração de Leiria	145$50
	299.757$59

Donativos desde 15$00

Gracinda de Souza — C. de Senhorim, 15$00; Estamarinda Aug. Madeira — Rochoso, 20$00; Maria da Conceição Madeira — Jarmelo, 20$00; Distrib. em Reguendo Grande — Moledo, 50$00; Colégio Luso — Inglês — Évora, 20$00; P.e Ant.º Calabote — Alcacer do Sal, 30$00; Igreja de Guimarei, 17$50; Sanatório «Rodrigues Semides» — Porto, 45$00; Maria do C. da Rocha — Odivelas, 15$00; Maria da C. Vieira Alpiarça, 15$00; P.e José A. Dias — Cal. da Rainha, 20$00; M.e Isabel Raposo — Macáu, 15$00; M.e Filomena Miranda — S. Tirso, 15$00; Fr. Miguel A. de Aguiar — Brasil, 150$00; António Neto — Brasil, 15$00; António Lopes da Silva — Brasil, 15$00; Domingos da Assunção — Brasil, 15$00; Feliciano Ferreira — Brasil, 15$00; Maria Zelia de Morais — V. Benfeito, 20$00; António Rodrigues — Campo Grande, 30$00; Bernardino Gomes — Negrelos, 15$00; esmola de Celorico de Basto, 50$00; anónima de Évora, 20$00; Maria Izabel da Rocha — Lisboa, 40$00; Maria Neto — Anadia, 20$00; Lídia de M. Ferreira — Porto, 15$00; Distribuição em Praia da Ancora, 33$50; Maria da J. Leal — Carvoeira, 15$00; Joaquim P. Gomes — Maranhão, 100$00; Carolina M. Soares — Arcas, 20$00; Angela V. Taveira — Porto, 15$00; Amelia F. Peixoto — L. de Palmeira, 20$00; José Pires — Monção, 15$00; Adelaide Days — América, 26$50; Francisca Pamplona — Açores, 40$00; Luiza Fagundes — Açores, 30$00; Cesarina da Piedade — Lisboa, 25$00; José G. Papanate — Louzã, 20$00; Sindazunda Ribeiro — P. da Bemposta, 20$00; assinante n.º 3.047, 20$00; Artur Leitão — C. Daire, 20$00; Efigenia Pinto — Castro Daire, 20$00; Ermelinda Neto F.ª — Chamusca, 20$00; Amalia de Oliveira — Lisboa, 15$00; Deolinda Maia — Oiã, 78$60; José M.e C. de Oliveira — Nespreira, 20$00; Albina de Oliveira Coelho — Cascais, 15$00; Delfina Pires — Agueda, 20$00; Luciano de Almeida Monteiro — Lisboa, 300$00; P.e Joaquim Mota Pessoa — Cantanhede, 20$00; Augusto de S. Doria — Lisboa, 20$00; João Canavarro — Santarem, 20$00; Distribuição em Grigó — Gaia, 100$00; Dr. Weiss de Oliveira — Lisboa, 20$00; P.e Joaquim dos Reis — Porto, 100$00; distribuição em Alcobaça 303$20; P.e Manuel Coutinho — Espozende, 50$00; Maria de Seixas Patricio — Gavião, 15$00; Guilhermina Onofre — Alenquer, 20$00; Maria Eugenia Sarmento — Foz do Douro, 20$00; Mr. Manuel Marinho — Foz do Douro, 100$00; Elvira C. Real — Vizeu, 20$00; João H. de Figueiredo — V. N. de Tazem, 20$00; Candida Carvalho — V. N. de Tazem, 20$00; Ana Trigueiros — Alcains, 40$00; Maria A. Coutinho — Vouzela, 20$00; Margarida de M. Côrtes — Valega, 50$00; Luís M. Ribeiro — A. dos Francos, 20$00; Dr. Angelo Neves Tavares — Redondo, 20$00; P.e Silverio da Silva — Sêrro Ventoso, 20$00; Francisco L. Louro — Alcacer do Sal, 20$00; Distribuição em V. F. de Xira, 40$00; Distribuição em Cabeço de Vide, 50$00; Maria Pereira, — Espanha, 50$00; Colégio D. Maria Pia — Ponte do Lima, 35$00; Ana de C. Souza — Evora, 20$00; Distribuição em Obidos, 25$00; Maria da R. Barata — Alcains, 20$00; Ermelinda Quintela — Guarda, 15$00; Bernardino Alm. d'Oliv.ª — Bordonhos, 22$50; esmola da Sr.ª Prof.ª de S. Pedro Fins, 50$00; M.ª I. Sampaio — Lordelo, 75$00; António Monteiro — Lourada, 20$50; Mr. Carlos Costa — Lourdes, 100$00; Distribuição em Alcaria (B. Baixa), 100$00; M.ª Fonseca Godoy — Campinas, 30$50; Ant.º F. Vieira — Brasil, 29$60; Distribuição em S. Tiago de Cezimbra 80$00.

AVISO

Como estamos quási no fim do ano de 1931 e ainda há muitos Srs. assinantes que não satisfizeram a importância de suas assinaturas, muito se agradece que a satisfaçam mandando tal importância em carta ou vale do correio.

UM CASO ESPANTOSO!

O «Corriere della Sera» e outros jornais europeus descrevem um facto que se deu na Espanha, a 12 de Maio último por ocasião dos incendios e assaltos praticados contra as instituições católicas e conventos pelos impios, comunistas e anticlericais. Á furia diabólica destes reprobos não podia escapar nem o «Domo» de Sevilha, templo magnífico que se ergue naquela cidade, maravilhoso santuário para onde se convergem os fiéis em peregrinações de fé, piedade, e amor tributado à famosa imagem da Virgem do Carmo que ali se venera.

Justamente no momento em que alguns fiéis oravam diante da Virgem, penetrou na templo um grupo vandalico de comunistas e de scelerados que deram início aos seus trabalhos de destruição.

Eram cêrca de duas horas da tarde. Centenas de lampadas e cirios ardiam, como simbolos de fé e amor, cercando o altar da Virgem do Carmo.

Estrugiram na igreja, panteras do averno, os sacrílegos revolucionários aplicando logo fogo ao orgão, ao altar mór e à histórica capela da Virgem.

Alguns dos mais exaltados subiram acima do altar e atiraram ao chão a estatua fazendo-a em pedaços.

Um destes desgraçados profanadores pegou na cabeça da imagem e a levantou para cima, proferindo inauditas blasfemias e palavras de supremo ultrage.

Era o supremo triunfo do orgulho humano que tripudiava, com alegrias do inferno.

Deus, porém, não quiz mais ser paciente e disse: basta! Nem sempre a tolerancia é bondade!

Não havia ainda aquele satanaz em carne humana acabado de vomitar tôdas as suas blasfemias quando dá um uivo, como que um urro de animal feroz, e cái pesadamente no solo, fulminado, morto!

A assombrosa coincidencia de uma apoplexia tinha vindo pôr termo aos seus miseráveis insultos a Deus, que avisa, espera, mas castiga!

A esta scena pavorosa fugiram todos, gritando com desespero e terror.

Os bons fiéis, prostraram-se por terra, reconhecendo o milagre e rezando com os olhos banhados em lágrimas de contrição.

O miserável vandalo jazia cadaver ao pé de uma coluna, olhos esbugalhados, feições horrendamente contrafeitas no último espasmo daquela morte horrivel.

Tinha apertada nas mãos rigidas a cabeça da estatua. Foi durante a noite removido daquele lugar e sepultado.

Rápidamente se difundiu por tôda a cidade a voz do milagre espantoso, suscitando em tôdas as pessoas a mais pungente impressão.

Havia assim Deus manifestado a sua tremenda intervenção para punir a ousadia humana e defender a honra de sua S.ª S. Mãi ultrajada inselitamente por um impio incendiário tão miserável!

Lírios de inocência entre os espinhos do vício

Há 25 anos, um padre da cidade de Munich, na Alemanha, foi chamado para sacramentar uma doente. Soube, pelo portador, que a moribunda era empregada numa espelunca onde o vício reinava.

Era um caso extraordinário; mas não duvidou em acudir à chamada.

«No céu, diz o Evangelho, haverá maior júbilo por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos a quem não é necessária a penitência» (Luc., 15 7.)

Numa morada muito pobre, o jovem sacerdote foi alegremente acolhido.

Tendo recebido os santos sacramentos e rezado as orações que concedem a indulgência plenária no momento da morte, pediu a moribunda:

— Agora, Vossa Rev.ma tenha a bondade de abrir aquela gaveta e de me dar a minha grinalda da Primeira Comunhão.

O padre satisfez-lhe o desejo. Ela acariciou a grinaldazinha e disse:

Tinha apenas 11 anos, quando me vi forçada a ganhar o pão. Por 12 anos, fui empregada nesta estalagem onde não reina a virtude, mas o vício. Porém, levo a minha grinalda ao túmulo, tão intacta como no dia da minha Primeira Comunhão; posso guardá-la no sepulcro e também no céo. Tal felicidade devo-a às aulas de catecismo e a minha mãi, doente por longos anos, para quem me cumpria ganhar o dinheiro com que pagava ao médico».

Hoje, esta alma, que se conservou pura no meio do mais vil e impudente vício, com a sua grinalda, pode celebrar as bôdas de prata no céu, emquanto o seu exemplo preservou outras meninas da queda.

Prova-o êste mesmo sacerdote, com o seguinte facto:

Costumava contar êste acontecimento nas aulas de catecismo e, 15 anos depois da morte da referida jovem, foi sacramentar uma empregada que lhe disse:

— Agora dê-me a minha corôa da Primeira Comunhão, pois sempre me lembrava da história da rapariga que V. Rev.ma nos contou no catecismo, e foi esta lembrança que me guardou do mal.

Fale êste exemplo também às donzelas dos nossos dias que, com leviandade desnecessária, expõem ao maior perigo o tesouro mais precioso que possuem, o lirio da pureza, e curvam-se às ordens da moda imoral e anti-civilisadora.

UM CONSELHO DA «IMITAÇÃO»

Com muita sabedoria diz a Imitação de Cristo: — Não faças consistir a tua paz na boca dos homens; se pensarem de ti bem ou mal, não serás por isto homem diferente».

E o mesmo pensamento de S. Francisco de Sales, que costumava dizer: «Pouco se me dá que falem de mim bem ou mal. Com isto nem fico melhor, nem pior. Serei tão sómente o que sou diante do Deus».

Todo o nosso mal vem de nos preocuparmos em demasia com o que pensam e dizem de nós.

Daí, meu Deus! tanta intriga, tanta malquerença, vinganças, inquietações, e a paz do coração lá se vai.

A caridade cristã, é calma, pacifica, doce, suave; desculpa, perdôa, esquece as injurias; paira acima destas ninharias e ridículas intrigas, não se mete em tramas de enredos e mexericos. É mister um pouco de nobreza de caracter e de sentimentos para se afastar do ambiente dos intrigantes que hoje infelizmente são muitos.

Falam bem de nós?

— Deus seja louvado!

— Falam mal?

— Também... Louvado seja Deus!

Com isto não ficamos nem melhores, nem peores do que somos.

Há pessoas preocupadas em demasia com a opinião alheia, vivem a interrogar, a prescrutar, a inquirir ansiosamente:

— Que dizem? Que pensam de mim?

Nada mais inútil e por vezes até ridículo.

A opinião dos homens é variável, inconstante, arbitrária e tolo é quem nela crê.

Hoje, pelo mundo somos canonizados, declarados santos, elevados até às honras do altar. Amanhã, uma suspeita, uma calúnia é o suficiente para que venha abaixo todo o castelo do nosso elevado apreço e consideração, construido sobre a areia movediça da opinião alheia.

Portanto sigamos o conselho da Imitação:

—«Não faças consistir a tua paz na boca dos homens»...

O Santo Abade de um Mosteiro, déra a um frade que se queixava de injúrias recebidas êste lindo original conselho:

«— *Meu amigo, vá ao cemitério e grite bastante contra os mortos, fale mal deles, e injurie-os quanto puder.*

O frade obedeceu bem contrafeito, e veio dar conta ao Abade da ordem cumprida.

— Agora, meu caro, volte novamente ao cemitério e elogie os mortos.

Foi cumprida à risca a nova ordem.

— Desta vez, pregunta o Abade, que responderam os mortos, meu amigo?

— Nada, meu Padre, nada absolutamente...

— E da primeira vez?

— Também ficaram calados, como é natural...

— Pois meu caro irmão, faça também assim quanto à opinião alheia... Imite os mortos que ouvem em silêncio as injúrias e os elogios e terá socêgo e a paz do coração!!

Belo exemplo e útil lição! Aproveitêmo-la.

Na tocante biografia do Santo Cura D'Ars, escrita pelo P. Monin li êste facto que vem aqui, bem a propósito:

Num dos seus interessantes catecismos populares, o Santo Cura, disse ao povo:

— «Meus irmãos, hoje recebi duas cartas. Numa dizem que sou um homem virtuoso, um verdadeiro santo, noutra que não passo de um comediante, um grande charlatão».

E o santo leu ao povo as duas cartas bem interessantes e contraditórias, terminando:

«A primeira carta, nada me acrescentou; a segunda nada me tirou...

Sou ainda o mesmo».

E com esta filosofia tôda sobrenatural que os santos acolhem indiferentes, elogios ou injúrias, desprezos ou atenções.

Não somos santos, é verdade, mas tenhamos pelo menos, um espirito superior. Elevemo-nos acima de tôdas estas intriguinhas, êstes mexericos de aldeia.

Vença tudo a nosso paciência, e triunfe a caridade de Jesus Cristo em nossos corações!

(de a «Avé Maria»)

Uma mula compassiva

Havia em Roma um célebre filosofo, Martinho Azpilcueta, a quem pontífices e reis folgavam de prestar homenagem.

Era homem de saber e ao mesmo tempo de grande virtude.

Jejuava freqüentemente e com jejum tão rigoroso que muitas vezes não comia nada até ao sol pôsto.

Mas êste homem, tão rigoroso consigo, era liberalissimo para com os pobres. O que tinha de melhor à mesa, guardava-o para o dar aos pobres, e êstes já conhecedores da sua caridade, esperavam-no de um lado e do outro do caminho por onde êle tinha de passar, e às vezes tão sôfregos caíam sôbre êle que chegavam a atropelá-lo e a deitá-lo por terra. E êle, em vez de se zangar, ria-se ainda por cima do caso.

Quando às vezes sucedia passar por um pobre sem o vêr, ainda assim não ficava frustrada a sua caridade, porque a mula em que por via de regra andava montado, sabedora por experiência, dos usos e costumes do seu amo, mal topava com um pobre, parava, chamando assim a atenção de Azpilcueta, e só tornava a andar depois de o pobre ter sido remediado.

Ditosos aqueles que andam na graça do Senhor e a quem os próprios animais ajudam a fazer o bem!

São os mais ricos dentre os homens, mas dessa riqueza que os ladrões não podem roubar, nem a traça nem a ferrugem destruir, dessa riqueza que encanta sempre a vida.

Descanso dominical

«O Domingo é o dia marcado ao homem pela divina Providência, para fazer-lhe conhecer sua verdadeira grandeza. Nesse dia, tomando Deus pela mão o trabalhador dos campos ou das cidades — diz-lhe:—«Vem, deixa por um dia êsse fato grosseiro, fato do pecado, do trabalho, da penitência, das lágrimas; toma as vestes da alegria e de festa: Ouves êste sino que despertou com a aurora? É para chamar-te à minha casa, que é também tua. Somos chegados ao dia da oração das orações, ao dia do grande Sacrifício. Vem, ouvirás as minhas palavras, recolherás as minhas lições e, enquanto as tuas fôrças se restauram em repouso bem merecido, o teu espírito se alimentará de pensamentos graves e o teu coração gozará desta paz que só se encontra no meu próprio Coração.»

Este número foi vizado pela Comissão de Censura.

ANO IX — LEIRIA, 13 de Dezembro de 1931 — N.º 111

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

Crónica de Fátima

(13 DE NOVEMBRO)

A quadra invernosa — As peregrinações

Com o mês de Novembro, o Mês dos santos e dos finados, começou a quadra invernosa para o Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima e para os seus peregrinos, portugueses e estranjeiros. No vasto recinto do local das aparições, povoado de templos e monumentos, graças à iniciativa do ilustre Prelado diocesano e à munificência dos fiéis, já não se vê o movimento empolgante das grandes peregrinações do Estio nem se ouvem os vivas e as aclamações entusiásticas das multidões que desfilavam incessantemente, noite e dia, perante Jesus-Hóstia, no seu trono de amor, e perante a Virgem bemdita, representada pela sua linda Imagem, na capela comemorativa das mesmas maravilhas de 1917. Dir-se-ía que às torrentes caudalosas e rumorejantes dum grande e magestoso rio sucederam de repente as águas mansas e tranquilas dum lago pequeno mas encantador.

Sem embargo, porém, da intempérie da nova estação que, a breve trecho, vai e cujos prenúncios já se fazem sentir, o número de fiéis que tanto das povoações mais proximas de Fátima como das terras mais distante do país, acorreu à Cova da Iria no dia 13 de Novembro foi verdadeiramente extraordinário, e sobretudo ao meio dia e meia hora, durante a missa e a benção dos doentes, a assistência era bastante considerável, ocupando o espaço adjacente ao Pavilhão numa extensão de muitas dezenas de metros quadrados.

Bem hajam os fiéis devotos da Virgem Santíssima que não recuam diante de nenhum sacrifício que seja preciso fazer para poderem ir prestar as homenagens da sua fé e da sua piedade à Mãi de Deus no santuário da sua predilecção!

As cerimónias oficiais do dia 13

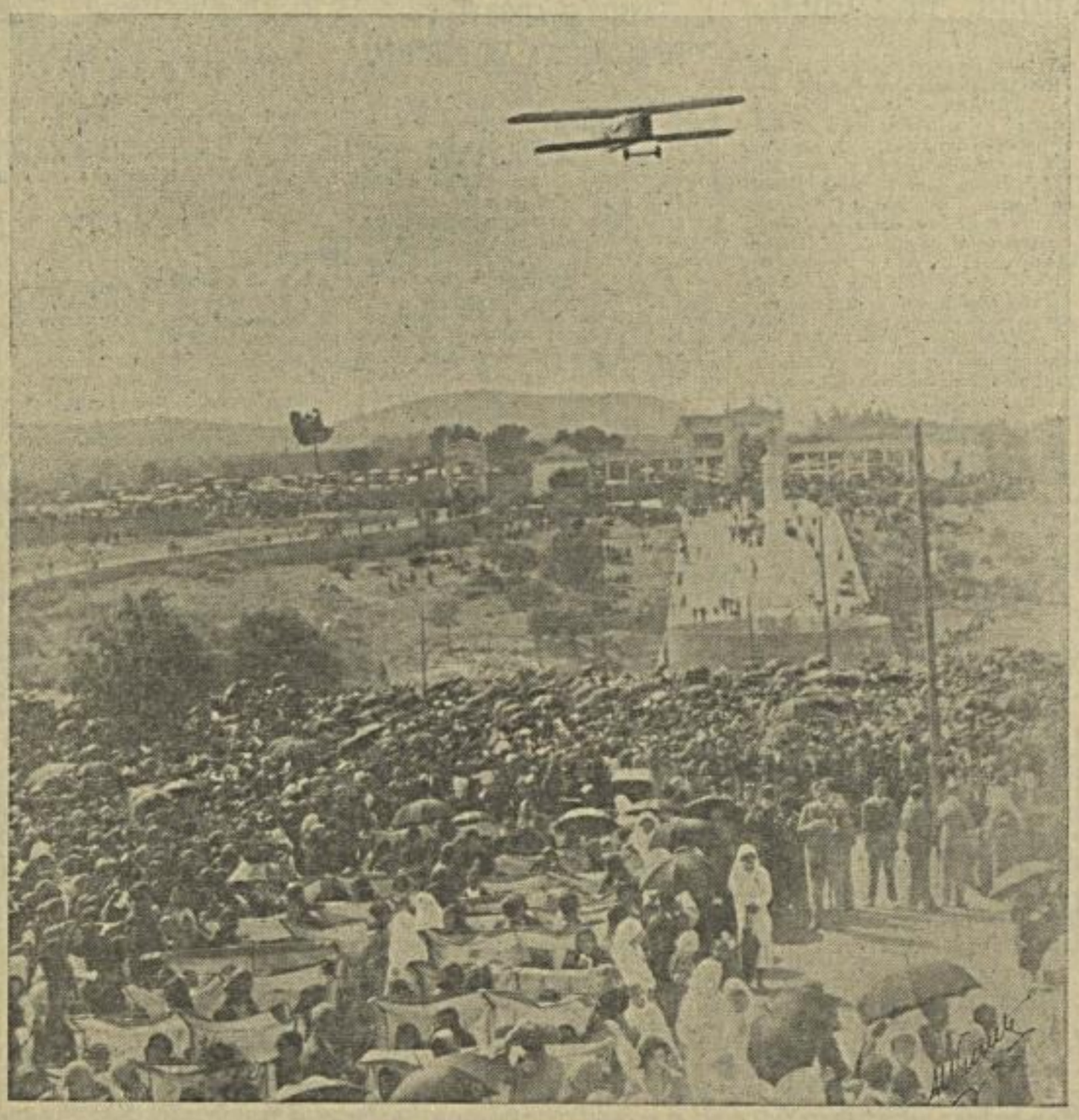
O programa usual dos actos religiosos oficiais no dia 13 foi integralmente cumprido. Não se realizou, na véspera, a procissão das velas, nem se fez, durante a noite, a velada de adoração e reparação ao Santíssimo Sacramento — cerimónias tocantes e imponentes que são suspensas em Novembro para só recomeçar em Maio ou, excepcionalmente e com carácter particular, em Abril do ano seguinte.

Desde as primeiras horas da manhã, numerosos sacerdotes atenderam na vasta igreja da Penitenciaria os fiéis do sexo masculino que querem purificar as suas almas no banho salutar do Sacramento da Confissão.

Entretanto, as missas sucedem-se umas às outras sem interrupção nos diversos altares dos santuários.

Ao meio-dia solar realiza-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na santa capela das aparições. Terminada a procissão, começa a missa oficial, que é seguida da recitação do terço do Rosário e da benção do Santíssimo Sacramento dada a cada um dos doentes presentes e por fim a todo o povo.

A estação da Missa prègou o Rev.do Arnaldo de Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria, sacerdote de rara piedade, e de notável cultura, que durante cêrca de vinte minutos teve o numeroso auditório suspenso dos seus lábios comentando o evangelho do dia em linguagem simples e acessivel a todas as inteligências.



PEREGRINAÇÃO DE OUTUBRO DE 1931
A aviação portuguesa presta homenagem a Nossa Senhora de Fátima
O monumento em construção ao S. Coração de Jesus cuja imagem já está colocada.

A procissão destinada a reconduzir solenemente a Imagem da Virgem do Rosário ao seu trono da capela das aparições pôs remate, como de costume, aos actos e cerimónias religiosas oficiais do dia 13 de Novembro.

A Imaculada Conceição

O mês de Dezembro, em que vai à luz da publicidade o presente número da «Voz da Fátima», humilde prègoeiro das glórias da Virgem sem macha, é o mês em que o universo cristão celebra, em transportes de júbilo e de fervente entusiásmo, a mais bela prerogativa da Mãi de Deus: a sua Santa e Imaculada Conceição.

Jesus, o Verbo de Deus incarnado em Maria, apareceu, por meio dela sôbre a terra, cheio de graça e de verdade. Semeando palavras de vida eterna, curando tôda a sorte de doenças e enfermidades, consolando tôdas as mágoas, passa fazendo só o bem e estabelece o seu império de verdade e justiça, de pureza e bondade, de santidade e amor, sôbre tôdas as criaturas, vencedor da morte, do inferno e do coração humano, que êle purificou e santificou.

Mas esta grande obra de reparação o Divino Salvador tinha-a já realisado em Maria, isentando-a por um dom singular, em virtude dos seus méritos infinitos, do pecado original, que todos os homens contraem em Adão.

Essa criatura priveligiada em que se acumulam com profusão os tesouros inefáveis do Céu, esmaga com o seu pé virginal a cabeça da serpente infernal que debalde tenta morder-lhe o calcanhar. Nela e por ela a morte e o inferno são vencidos e Deus reina nela pelo seu amor.

Desde o primeiro instante da sua Conceição, cheia de graça divina, mais que todos os anjos e que todos os santos, Maria é a Mãi da divina graça, o foco de luz e de amor cujos raios inundam o mundo inteiro.

Rainha dos Anjos, Rainha e Mãi dos homens, Coredentora do género humano, o Céu e a terra saudam incessantemente esta brilhante aurora do Sol divino, proclamando, num brado unisono de triunfo e de amor: «Bemdita seja a Santa e Imaculada Conceição da bemaventurada Virgem Maria!»

Fátima na China

«Religião e Pátria ou Estrela de Macau» é o título duma explendida revista que se publica na Pérola do Oriente, a cidade do Santo Nome de Deus de Macau. Com o número de 10 de Maio entra essa revista numa nova fase, passando a ser publicada semanalmente e continuando a ser distribuida gratuitamente todos os domingos em Macau e Hong-Kong.

É precisamente nesse número que se encontra um longo e importante artigo doutrinal e histórico subordinado à epígrafe «Devoção dos Macaenses a Nossa Senhora de Fátima».

O autor mostra a razão de ser dessa devoção, frisa que não é ofensivo para Jesus Cristo, nosso único Mediador, que se procure a intercessão da Santissima Virgem e prova que é licito não só invocar a sua protecção mas também prestar culto às suas imagens, não havendo na Sagrada Escritura passagem alguma que proíba o culto das imagens como o entendem e praticam os católicos.

Seja lícito transcrever alguns periodos da última parte dêste trabalho tão conscienciosо como útil:

«O Senhor Arcebispo de Braga, Portugal, num sermão que prègou na sua Catedral disse: — As nossas festas religiosas estão profanadas, estão viciadas, estão corrompidas. É preciso remediar tantos males graves, é preciso purificar as festas, para que Nossa Senhora do Sámeiro faça milagres como faz em Lourdes. A Virgem fugiu do Sámeiro... e fugiu porque não podia ver as danças desonestas, o toque de pandeiretas em requebros indecentes, as canções obscenas, o alarido satânico em um arraial desabrido no meio de pipas de vinho. A romaria é o baixo apetite satisfeito, é o desejo material atendido. As nossas romarias cultivam uma religião diabólica. Não digo que se acabe com elas; digo que se reformem, que se remedeie o mal. E podem voltar ao seu destino santificador.

Não se podia dizer o mesmo, *mutatis mutandis*, de tantas festas por êsse mundo fora?

Que edificante não é o que se passa em Fátima que conservou desde o primeiro dia o seu carácter exclusivamente religioso graças à vontade firme do Sr. Bispo de Leiria! Não há foguetes, não há arraial, não há bandas de música.

Em Braga organizou-se uma Comissão arquidiocesana de peregrinações que acaba de elaborar relativamente ao Santuário do Sámeiro o seguinte: «Sendo estas manifestações de fé destinadas a dar glória a Deus e à Virgem Santíssima, devem ser feitas com espirito de verdadeira piedade, penitência e caridade.

Não se vai ao Sámeiro por divertimento, mas mais para cantar louvores à Mãi de Deus, pedir as suas gaças e receber as suas bênçãos. Recomenda-se com o maior empenho a todos os peregrinos que, tanto na ida como na volta, evitem tudo quanto seja contrário ao espírito religioso e à modéstia cristã, sendo absolutamente proibidos descantes, bailados...

Todos os peregrinos marcharão pelas margens da estrada formando alas e pelo meio seguirão as bandeiras e o cirio. De

rante o trajecto reza-se o rosário e a ladainha de Nossa Senhora e cantam-se os cânticos Marianos que superiormente forem designados. Durante a marcha da peregrinação nunca será permitido deitar fogos, nem tocar qualquer banda de música ou tuna. É necessário que o Sámeiro, como Lourdes e Fátima, seja aos olhos de todos, para honra e glória da Santissima Virgem, salutar antídoto contra a religião das romarias pagãs.»

Fátima no Brasil

As «Vozes de Petropolis», revista quinzenal religiosa, scientifica e literária, que se publica na Sintra de Além-Atlântico, insere no seu número de 16 de Janeiro último uma longa e interessante carta de Portugal subordinada à epígrafe «Nossa Senhora de Fátima».

O autor da carta, que a subscreve com as iniciais C. V., refere-se à Magna Charta de Pastoral «A Providência Divina», da qual transcreve algumas das passagens mais importantes, fala com justo louvor do ilustre e venerando Prelado de Leiria, cuja acção criteriosa põe em devido relêvo e dirige os seus sinceros e fervorosos parabens a todos os portugueses e especialmente aos numerosos devotos que Nossa Senhora de Fátima tem no Brasil.

Depois de dizer que a Carta Pastoral sôbre os acontecimentos de Fátima ficará sendo deveras histórica e que consolou de maneira assombrosa os que tinham em Fátima o seu coração e as suas esperanças, escreve:

«A decisão do venerando Prelado veiu mesmo a tempo, nem podia ter vindo antes. Assunto de tanta ponderação e magnitude não podia ter uma solução rápida e açodada. Fazia mister pensar o caso maduramente, *entre o vestíbulo e o altar;* convinha consultar a Deus e consultar os factos; impunha-se um estudo sério, profundo, demorado, de circunstâncias e de factos, vulgares e extraordinários; era imprescindível ir ao fundo do assunto, tomá-lo sob tôdas as suas misteriosas facetas, interrogar as pessoas e descobrir a trama por vezes nebulosa de sucessos e de incidentes, que à primeira vista poderiam parecer indiferentes».

Fátima na Alemanha

A importante revista de Breslau «Katholisches Sonntagsblatt», no seu número de 21 de Junho, publica um artigo intitulado «Uma peregrinação a Fátima» devido à pena do rev.^do D. Schilling, distinto ornamento da Ordem de S. Francisco, de que é membro.

Nesse artigo descreve com côres brilhantes e vivas, embora a traços rápidos, a grande manifestação de fé e piedade de que a Cova da Iria foi teatro no dia 13 de Maio. A parte mais interessante é a sintese admirável que nela se faz de tôda a divina história de Fátima. Através das palavras do ilustre escritor alemão, a Lourdes portuguesa aparece aos olhos dos seus leitores como realmente é, um cantinho privilegiado da terra, em que o Céu se dignou estabelecer um manancial inesgotável de graças e bênçãos, uma fonte perene de consolações para as almas e de lenitivo para os corpos.

A peregrinação que justifica o título do artigo foi uma romagem que fizeram ao local das aparições alguns membros da colónia católica alemã de Lisboa, com o seu capelão o rev.^do Wurzer, o autor e o dr. Segmüller, lente da Universidade de Friburgo.

O «Herische Welt», semanário redigido em língua alemã que se publica em Lisboa para Portugal e Hespanha, dedica uma página do seu número de 26 de Junho à história dos acontecimentos de Fátima. O longo artigo em que se escreve essa história tem por título «Fátima, a Lourdes portuguesa» e é ilustrado com numerosas e esplêndidas gravuras.

Visconde de Montelo

Nossa Senhora de Fátima na Itália

Já mais de uma vez nos temos referido ao progressivo desenvolvimento que a devoção a Nossa Senhora da Fátima vai tomando àlém-fronteiras por êsse mundo fora, graças aos esforços de muitas dedicações generosas, fecundadas evidentemente com as bênçãos maternais dAquela que na Cova da Iria se chamou a Senhora do Rosário.

Hoje não resistimos à tentativa de dar aos nossos leitores e assinantes uma breve notícia dessa consoladora campanha de propaganda *pró Fátima*, que, há alguns anos a esta parte, se vem intensificando em vários centros de Itália, não excluindo o próprio coração da cristandade. E fazêmo-lo com o maior prazer e agrado, porque sabemos já por cartas vindas de Roma que o dia 13 de Outubro passado foi realmente mais um dia de glória e de triunfo para a Senhora da Fátima em terras de Itália.

* * *

Na Cidade Eterna o décimo quarto aniversário da última aparição de N. Senhora da Fátima foi celebrado com um brilho especial na Igreja de S. António dos Portugueses, onde desde Junho do corrente ano se encontra exposta à veneração dos fiéis uma linda estátua da mesma Senhora, quási em tamanho natural. Durante a *novena* de preparação o Rev. P.^e Dr. Teodósio de Gouveia, Vice-Reitor do Colégio Português em Roma, fez distribuir entre o povo algumas dezenas de exemplares dum livrinho publicado últimamente em Itália sôbre as aparições e acontecimentos de Fátima.

No dia 13 houve missa cantada às 10 horas, e à tarde Bênção solene com o Santíssimo. Assistiram alguns diplomatas portugueses acreditados em Roma, várias religiosas portuguesas e italianas e muito povo.

Alí, como em tôda a parte, N. Senhora soube desde a primeira hora, conquistar os corações dos fiéis. A atestar a piedade de muitos, é rara a hora do dia que não estejam, duas, quatro, seis velas ardendo e consumindo-se aos pés da bela «Madonna di Fátima», que a todos consola com a mesmo sorriso de mãi.

* * *

Em Gúbio, pequena cidade da Umbria, situada a uns 40^km ao norte de Assis, e onde os alunos do Colégio Português se encontravam em gôzo de férias, a festa em honra de Nossa Senhora da Fátima tomou por assim dizer uma feição genuinamente portuguesa, visto que aqueles bricsos rapazes há muito se consideram obrigados por gratidão e patriotismo a celebrar as festas da Senhora de Fátima com a maior solenidade, que lhes é possível num país estranjeiro.

O Tríduo preparatório foi prègado pelo Rev P.^e Gonzaga da Fonseca, professor no Instituto Bíblico de Roma. No dia 13 de manhã houve comunhão geral muito concorrida, não obstante ser dia de trabalho. Às 10 horas — Missa cantada. À tarde — têrço, bênção solene e sermão pelo mesmo ilustre professor, que descreveu cheio de entusiasmo as cerimónias do dia 13 na Cova da Iria, mostrando ao mesmo tempo e frisando bem que a missão de Nossa Senhora não fôra dirigida só para Portugal mas para todo o mundo. Sim, a missão da Senhora de Fátima é na verdade e tem que ser universal.

Por fim, o hino de Fátima, cantado em língua italiana por tôda a assistência, veio pôr saiidoso remate àquele dia de paraíso, passado todo nos pés, ou melhor, no regaço da Mãi Celeste, da Virgem Senhora da Fátima. Estava terminada a festa, mas não o entusiasmo pela nova devoção, que foi acolhida por tôda a parte como um mensageiro de paz, espalhando-se em poucos dias por uma grande parte da Umbria, mercê da intensa propaganda feita com uma dedicação admirável por aquelas almas da Acção Católica. Dissera-lhes o Sr. P.^e Fonseca que a missão da Senhora da Fátima não fôra só para Portugal, *mas também para a Itália*, para o mundo inteiro. Foi quanto bastou para fazer dêles outros tantos apóstolos da devoção à Senhora do Rosário da Fátima. Por sua vez os Párocos acolhem-na com todo o carinho, vendo nela um meio de fomentar a piedade e atrair o povo à igreja e à freqüência dos sacramentos, observando como noutras partes se aproxima tanta gente do tribunal da Penitência e da sagrada Mesa movida pela devoção a Nossa Senhora de Fátima.

* * *

A propaganda foi muito facilitada com a publicação de pagelas contendo, àlém da imagem da Senhora, um resumo da história das aparições e a novena à Senhora de Fátima, das quais já foram distribuidas cêrca de seis mil. De grande auxílio foi também o aparecimento dum livrinho em língua italiana, com o título: «As maravilhas de Fátima», relatando as aparições e os acontecimentos.

A primeira edição (de 2.000 exemplares) exgotou-se em dois meses; de modo que já estão preparando segunda edição muito mais desenvolvida e mais ilustrada, dado o interêsse com que o público recebeu tal publicação, que está destinada a fazer um grande bem e a atrair um sem número de devotos à Senhora do Rosário de Fátima.

* * *

Em Gúbio as senhoras da Acção Católica estão preparando uma bandeira com a scena da aparição aos pastorinhos, destinada a servir nas peregrinações que elas mesmas resolveram promover nos dias 13 de cada mês à capela onde os alunos do Colégio Português fizeram a festa à Senhora da Fátima, e na qual, antes de voltar para Roma, inauguraram um lindo quadro da mesma Senhora.

* * *

Em Pádua, junto ao sepulcro do maior santo português, encontrou a Senhora de Fátima uma propagandista admirável na pessoa da Sr.^a D. Emília Filippetto, ditosa mãe de Maria Filippetto de cuja biografia demos uma breve notícia em Julho do corrente ano.

Essa Senhora, que é sem dúvida uma das mais dedicadas e activas do grupo da Acção Católica Feminina de Pádua, acaba de publicar um longo e belo artigo sôbre Fátima na revista «La nostra via» (O nosso caminho), órgão daquele centro de Acção Católica.

* * *

Muitos outros jornais e revistas têm dado amplas notícias sôbre os acontecimentos do Santuário de Fátima.

Mas, de entre todos, o artigo que maior sensação causou nos meios cultos da Itália foi certamente o que publicou a «Civiltà Católica», revista scientífica de celebridade mundial, em 15 de Agosto passado.

Sôbre êste capítulo haveria ainda não pouco que dizer e contar. Mas, o não querermos gastar de uma vez a paciência dos nossos leitores levou-nos a deixar o resto para outra ocasião, se Deus fôr servido, e concluír êste, pedindo a N. Senhora de Fátima que se digne abençoar e tomar sob a sua protecção especial todos aqueles que tanto se esforçam por torná-lA cada vez mais conhecida e amada em terras de Itália.

ASSIM SE RESOLVE A CRISE ECONÓMICA EM PORTUGAL

«O nosso colaborador Rev. prof. Dr. Fischer, de Bamberg, recebeu de Portugal a seguinte carta que poz à disposição da *Schildwache*. A carta é do director técnico duma fábrica de cimento, e engenheiro X, que viveu longos anos na Alemanha, cuja lingua conhece perfeitamente e que em 13 de Maio de 1929 acompanhou o Dr. Fischer na destribuição da S. Comunhão em Fátima (veja-se o livro do prof. Fischer «Fátima, a Lourdes portuguesa» no capitulo «Tenho compaixão do pôvo»). Extraímos da referida carta o que se segue que muito deve interessar todos os devotos de N. S. do Rosário e os leitores da *Schildwache*, pois nos mostra como por meio da fé se resolve a crise económica em Portugal.

«Ao regressar do goso de licença encontrei aqui a sua oferta enviada por intermédio do Dr. I. Mil vezes obrigado. Causou-me imensa alegria a leitura da sua última obra «Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica.»

Interessam-me sobremaneira tôdas as publicações sôbre Fátima. Conheço Fátima desde 1920 onde vou quási todos os dias 13. Como director tecnico da fabrica de cimentos de Z. moro a 30 kilometros do local (e agora com as estradas reparadas!) e na minha qualidade de Servita não devo falhar.

Disse-me o Dr. I. que V. Rev.^a tencionava visitar-nos outra vez em Maio.

O facto causou-nos grande alegria pois V. Rev.^a é aqui, no meio católico, muito estimado e conhecido, por causa da sua obra «Fátima, a Lourdes Portuguesa». E para nada omitir cumpre-me informá-lo que ouço dizer a cada passo, associando-me eu também a esse côro de louvores: O livro do Dr. Fischer é a obra prima, até hoje, escrita sôbre Fátima.

Quando teremos então o prazer de o vêr de novo em Fátima? provavelmente dentro em breve.

Terei imenso prazer em lhe mostrar a nossa fábrica sob o ponto de vista católico A fábrica está em plena laboração desde 1923. Fátima e máquinas foram benzidas pelo Snr. Dom José. Em Junho de 1927 foi também a fábrica Consagrada ao S. Coração de Jesus, sendo a Imagem solenemente benzida pelo Ex.^mo Prelado no refeitório do operariado. A proteção de Deus tem sido tão visivel que mesmo agora, no meio desta horrível crise em que nos debatemos e que obrigou inumeras fábricas, aqui à volta, a paralisar total ou parcialmente, temos nós encontrado sempre rápida saida para os nossos produtos, não obstante a enorme produção (400 toneladas diárias).

Jesus prometeu esta proteção em paray-le-Monial, e por isso, nem outra coisa seria de esperar: «Quaerite primum regnum Dei et justitiam ejus et omnia adjicientur vobis. (Math. VI, 33). Na capela da nossa fábrica, dedicada a N. S. do Rosário da Fátima, temos uma Imagem precisamente igual aquela que foi benzida em Roma por S. Santidade, o Papa Pio XI, e cuja fotografia se encontra reproduzida no seu livro. A dita Imagem foi também executada pelo escultor Thedim e é do mesmo tamanho daquela a que me refiro.

Com os meus mais sinceros agradecimentos pela sua gentil oferta, subscrevo-me seu fiel companheiro na destribuição da S. Comunhão em Fátima.»

Será preciso sentirmos, na Alemanha, o pesado jugo da tirania bolchevista para que compreendamos, enfim, que só o regresso a Cristo-Rei e o reconhecimento franco, sincero e leal da Sua Realeza, não só na vida privada mas também na social e económica, nos pode salvar?»

(Traduzido da «Schildewach» que se publica na Alemanha).

Graças de N.^a S.^a da Fátima

Reumatismo nos ossos

Em dezembro de 1930 tive uma dor na espinha, que não me deixava fazer o menor movimento que me obrigou a estar de cama muitos dias. Consultei o médico que me disse ser reumático nos ossos. Apliquei os remédios indicados por êle, mas sem resultado. Cheia de confiança pedi a Nossa Senhora que me salvasse, tomei água da Fátima, e fiz uma novena. Tudo isto se passou sem que sentisse melhoras. Já muito desanimada comecei nova receita com remédios caseiros, mas sem esperança de obter resultado. No entanto recorri novamente ao auxílio de Nossa Senhora, fazendo a seguinte promessa: — que se me passassem as dôres mesmo com qualquer remédio, em prova de gratidão para com a Santíssima Virgem, mandaria publicar a graça, o que agora faço cheia de reconhecimento, pois fui ouvida. Passados dias já me levantava e, graças à Saúde dos Enfermos, já estou bem.

Vila de Rei.

Antónia de Sousa Dias

Bronco-Pneumonia

Havia na minha família um enfermo, com 78 anos, atacado de bronco pneumonia dupla e bastante perigosa. Preguntei ao médico assistente o estado do meu doente e respondeu-me que só um milagre o poderia salvar, de outra maneira lhe parecia completamente impossivel. Ora eu que não queria que o meu único tio me falecesse, pedi a Nossa Senhora da Fátima o milagre exigido pelo médico, dando ao meu doente água de Nossa Senhora e prometendo mandar celebrar uma missa e ir com tôda a minha família à confissão e comunhão em ação de graças.

Pois, por graça de Nossa Senhora, o meu tio está bem e a minha promessa foi já cumprida. Já lá vai muito tempo e a saúde do meu tio é boa graças a Nossa Senhora da Fátima que sempre nos acode e ouve as nossas preces.

Manuel do Senhor

Declaração do médico

Tratei o Sr. Agostinho de Sousa de bronco-pneumonia e em certa altura da doença julguei-o perdido. Hoje encontra-se perfeitamente curado e soube depois que tinha tomado água de Nossa Senhora da Fátima.

Manuel Viana

Úlcera

Em comprimento de uma promessa peço a V. Rev.^cia um cantinho na *Voz da Fátima* para ajuntar mais êste favor a tantos alcançados por intercessão da Santíssima Virgem: Havia 28 anos que sofria horrivelmente de uma úlcera no estomago; não podia socegar e todos os medicamentos eram inúteis. Com o piloro completamente tapado resolvi sujeitar-me a uma operação. Não podia viver mais. No dia 6 de abril de 1928 dava entrada no hospital de Santa Marta em Lisboa. Fui operado no dia 28 de Maio enquanto que aqui não cessavam os pedidos, orações e novenas. No dia 13 de junho já me encontrava no meio deste povo que chorava de alegria. Nos dias que se seguiram à operação nunca tive febre nem qualquer outro sintoma alarmente. Em agradecimento desta grande graça, nos dias 12 e 13 de agosto passado, cêrca de duas mil pessoas com a catequese desta feguesia, composta de 130 crianças vestidas de branco, foram à Fátima juntamente comigo agradecer à Santíssima Virgem êste favor que me alcançou. Ainda considero uma graça especial tanto povo e principalmente tanta criancinha sempre todo o caminho em duas fileiras sem se cançarem nem haver desastres de qualidade alguma o que deixou os povos, por onde passavam, muito admirados. Fica aqui exarado o meu profundo agradecimento à Virgem Santíssima da Fátima.

Freixianda.

P.^e Manuel Carreira Inácio

Tuberculose

São realmente verdadeiras as palavras que a «Voz da Fátima» dirije à Santíssima Virgem. Vós, ó Virgem, Pura e Imaculada, sois a consoladora dos que creem e o lenitivo dos que sofrem. Na verdade, radicada nesta santa esperança de que a Santissima Virgem da Fátima fosse o balsamo seguro e eficaz para os seus sofrimentos, Isabel Rodrigues pediu cheia de amor e confiança a sua cura à Santíssima Virgem da Fátima, que nós veneramos na nossa Igreja todos os meses, no dia treze, com comunhão de tôdas as filhas de Maria e demais povo. Começava a sofrer muito e a enfraquecer de dia para dia a tal ponto que seus velhos pais foram obrigados a ir com ela a um dos médicos mais distintos, da cidade de Chaves. Auscultando-a achou-a num tal estado de fraqueza que declarou aos pais ser inevitável a morte, porquanto os pulmões e intestinos estavam completamente sem concerto, e portanto a morte seria breve. Vendo-a tão nova e dotada de tão belas qualidades morais, amiga dedicadíssima de todas, as filhas de Maria fizeram promessas e novenas e todos os dias se orava por ela. O nosso director Sr. P.^e Elias Alves, prometeu uma missa a Nossa Senhora de Fátima, que seria celebrada quando ela sentisse melhoras, e nessa missa comungariam tôdas as filhas de Maria, seus velhos pais e suas irmãs. Nas vésperas do dia 13 de maio, deste ano, ela começa a sentir melhoras e no dia 13 de junho é cumprido o voto e ela aparece curada. De então para cá, cada vez se tem sentido melhor, julgando-se agora completamente curada.

Luisa Rodrigues Alves Calvão

Cura duma perna

Achei-me com os nervos duma perna esforçados e cheguei a um purgatório horrível. Isto foi peorando e, passado algum tempo, tinha uma parte da perna pôdre. No meio de tantas dôres, tantos ais e tantas lágrimas, lembrei-me de Nosso Senhora do Rosário da Fátima e pedi-lhe, do fundo da minha alma, que me valesse, e ela assim o fez, pois passado algum tempo levantei-me um bocadinho da minha cama. Depois cheguei a um horrível tormento. Passado mais algum tempo, apodrece-me mais um bocado da perna. No meio da minha aflição, pensei em morrer! Numa noite, aflitíssima, minha mulher e eu voltámo-nos para Nossa Senhora da Fátima, a quem prometemos ir ao Santuário da Fátima e levar as arcadas de ouro da minha mulher se Nossa Senhora me curasse. Agora graças a Deus e à Virgem Maria, já estou bem e já fui a Fátima cumprir as minhas promessas, eu que nem me podia mexer na cama!

Vila do Rei, Brejo.

António Domingos

Fimose

Em setembro de 1930, ao levantar-me notei, em certa parte do corpo, uma pequena escoriação não sabendo a que atribui-la.

Foi alastrando, e, com desinfectantes, fui-me tratando. Deu em resultado uma situação anormal. Consultado o médico, declarou que era uma «fimose» e para a qual não havia remédio sendo necessário uma operação cirurgia. Alarmei-me, embora me garantisse que era simplissima. Após esta cosulta ouvi mais quatro médicos. Todos eles me aconselharam diversos tratamentos, dos quais fiz uso, mas sem resultado algum. Então tomei a resolução de ir a Fátima, se Nossa Senhora me curasse e evitasse a operação, agradecer à Mãi do céu e dar-lhe 100$00 para as obras do Santuário.

No dia 14 de março último preparei-me e comecei uma novena a Nossa Senhora da Fátima, e precisamente no dia 23, último dia da novena, notei que me encontrava curado e completamente livre do incómodo que me afligia, pelo que venho hoje, 13 de outubro de 1931, agradecer de todo o meu coração à Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima as graças concedidas por sua divina bondade.

Viseu.

Casimiro Dias — Chefe dos Correios

Agradecimento a Nossa Senhora da Fátima

Sofria ha um ano dum abcesso. Depois de muitos tratamentos, banhos de sol, etc. fizeram-me duas punções.

Andei muito tempo em tratamentos sem resultado algum, enfraquecendo de dia para dia dum modo assustador, de maneira que uns julgavam-me tuberculosa e outros cancerosa. Um dia resolvi consultar os Srs. Drs. Antero Brochado e Mário Monterros que exigiram uma operação a uma costela que já estava caresda.

Realmente fiquei assustada, mas que fazer? Em 14 de Junho de 1929, parti para o Pôrto para o Hospital de Santa Maria, onde fui internada. Nesse mesmo dia, fui examinada pelo médico do Hospital e no terceiro dia fui radiografada. Constatou-se que havia um buraco na costela. Estive lá 25 dias em tratamento, mas sem resultado.

Desanimada, disse que queria ir morrer à minha terra.

Ao despedir-me, em Julho, da Sr.ª Directora, recebi desta uma medalha de Nossa Senhora da Fátima dizendo-me ao mesmo tempo que fôsse a Fátima logo que me fôsse possível. Para lá parti no dia 12 de Agosto com umas 22 pessoas e entre elas iam 4 sacerdotes. Feliz viagem para os sãos, mas de muito sacrifício para uma doente como eu a quem os balanços da camionete causavam dores horriveis.

Comungámos na Sé do Pôrto, donde partimos às 9 horas, chegando a Fátima precisamente quando se estava a organizar a procissão das velas. No dia seguinte não me foi possivel inscrever-me como doente, e pedi a um servita que me deixasse apróximar mais dos doentes, que queria ver Nossa Senhora pois que fôra ali, como doente. Teve compaixão de mim e pôs-me à frente dêle. Estando longe do SS. Sacramento, não poude receber a bênção directamente como os outros doentes, mas Nossa Senhora bem sabia que eu fôra ali e que estava com muita fé. A certa altura fui às torneiras embeber na água da Fátima um pouco de algodão que apliquei na parte afectada, e principiei a sentir algumas melhoras. Levei água que continuei a aplicar e hoje sinto-me muito bem! Bendita seja Nossa Senhora da Fátima!

A 17 de maio fui do Candal em peregrinação a Fátima agradecer a Nossa Senhora a graça que me concedeu. Durante a viagem rezou-se e cantou-se a Nossa Senhora. Houve uma novena de preparação e antes de partirmos, assistimos à Santa Missa, comungamos e tivemos benção do SS.

Antes de ir agradecer a Nossa Senhora fui aos mesmos médicos que me trataram para que examinassem se eu estava curada, e depois da resposta afirmativa é que fui agradecer a Nossa Senhora. Graças a Nossa Senhora já trabalho no serviço da casa e nada sofro presentemente desde que fui a Fátima.

Amarante.

Madalena da Purificação dos Anjos

Hepatite

Maria Joana Silva, residente na cidade de Setúbal, vem tornar público a graça da cura dum seu filho que se encontrava gravemente enfermo, em caso desesperado. Sofria já há 4 meses de uma hepatite, doença que o seu médico assistente Snr. Dr. Pereira Machado, dizia ser de difícil cura.

A ponto tal o estado se agravou que em certo dia o médico julgou-o tão mal que lhe déra vida só por 24 horas. Com a declaração dos médicos, a aflição na família foi tão grande que só pensou em um milagre por intervenção de Nossa Senhora, fórma única de salvar o perdido doente que sofria com resignação as dores atrozes que o torturavam, a tal ponto que as contrações faziam supor a todos os presentes que estava chegada a sua hora última da vida.

O inchaço que se apoderára do meu filho era de tal natureza que nunca mais o deixára repousar na cama, obrigando-o a permanecer só numa cadeira, e como o horrível sofrimento provinha do estomago, local onde se acumulavam as dores agudíssimas, foi ahi e já depois de o meu filho se encontrar quási inanimado e sem falar, que apliquei uma cataplasma feita com linhaça e água da prodigiosa fonte da Fátima; foi tão grande a confiança na Santissima Virgem, quando fiz a aplicação da cataplasma e tão fervorosamente lhe roguei a sua intervenção para que salvasse meu filho, que prontamente atendeu o meu rôgo a ponto do doente imediatamente falar, sentir alivios apreciáveis e tal transformação se operou que causou assombro no próprio doente que preguntou o que lhe tinham colocado no estomago que fizera desaparecer as dôres e a inchação. Foi, pois, grande a alegria e admiração de tôdas as pessoas, que conheciam o estado quási desesperado de meu filho, incluindo o próprio médico assistente que admirado o contemplou e disse que só um milagre o podia ter salvo. Em ação de graças por tão grande favor rendemos nosso tributo à Mãe de Deus e amparo dos que sofrem, não cessando de render elogios a tão grande benfeitora da humanidade e por isso, aqui venho apontar a todos os desesperados a quem a sciência da terra não pode valer, que implorem a Virgem da Fátima com fé e confiança, que estou certa, Ela não os desamparará, como não me desamparou em momentos de tão grande angústia.

Setúbal

Maria Joana Silva

Graças diversas

Isabel Ornelas de Oaklanda, Califórnia, agradece a Nossa Senhora duas graças que lhe alcançou.

Amélia Ferreira Peixoto, de Leça da Palmeira, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal.

Angela da Silva Vieira F. de Nevogilde — Porto, agradece a cura duma grave e prolongada enfermidade que teve e de que se encontra curada.

Umbelina Antunes, de Lisboa, agradece a cura do seu irmão Sebastião Antunes que sofria havia 6 anos e que presentemente se encontra curado.

Adelaide Vaz da Silva, do Estoril, agradece a Nossa Senhora o tê-la curado duma complicação interior que a ameaçava muito.

Maria da Graça Poças Carmona, de Castro Daire, agradece uma graça temporal.

António Gonçalves, do Montelo, agradece a Nossa Senhora o alivio muito sensível que lhe alcançou duma complicação interior. Sente-se muito melhor e com esperanças de recuperar a saúde para amparo de sua família.

Júlia Furtado Bulcão, de California, agradece a Nossa Senhora duas graças que lhe alcançou.

Joana V. Neves de Oliveira Menezes, do Porto, agradece uma graça concedida por Deus por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Maria da Glória Leal, Filha Boa, Carvoeira, agradece a cura dum seu padecimento. Fez entre outras a promessa de fazer durante um ano uma novena cada mês e agora encontra-se curada, favor que atribue a Nossa Senhora.

Maria de Jesus, da Bajouca, Monte Redondo, agradece a Nossa Senhora a cura duma mordedura dum animal. Esteve determinada uma operação que não chegou a ser necessária, favor que atribue a Nossa Senhora. A mesma agradece a Nossa Senhora a cura do seu filho que esteve muito mal com duas Pleurisias das quais agora se encontra curado.

Virginia Graça, Colégio da Providência, das Irmãs da Caridade, Brasil, agradece a Nossa Senhora o ter curado uma sua Prima Adyr Gomes Pereira, que se encontrava mal de saúde. Depois de algumas orações e votos recuperou a saúde que havia perdido.

UMA VISITA

Um dia sereno. Saí de casa e fui fazer uma visita. Uma scena edificante se me deparou.

* * *

Uma pequena casa de aldeia, a casa da tia Cristina, uma boa velhinha, doente há dez anos, sempre na cama, quási sem se poder virar, atacada de paralisia.

A tia Cristina passa o dia quási sempre só porque só tem uma filha para a tratar e esta passa quási todo o tempo no campo. No casebre reina a pobreza e a solidão, mas na parede defumada, perto do leito onde a paralítica agoniza há dez anos, vê-se um velho crucifixo e algumas imagens de santos.

Conheço que é um bálsamo para mim o entrar em casa da doentinha, tão edificado e consolado fico. Sempre a mesma calma, o mesmo sorriso, nunca um queixume.

— Como vai isso hoje, tia Cristina?

— Oh! Não vou pior.

— Tem sofrido muito?

— Um poucochinho.

— Não acha o tempo muito longo?

— No princípio, quando era mais nova, custou-me muito, mas agora tudo está bem.

— Como? Tudo está bem?

— Sim. Eu penso que Deus aceita o meu sofrimento como expiação dos meus pecados e dos pecados dos outros. Unindo a minha imolação à de Jesus na cruz, sinto coragem para sofrer e até isso me dá certo prazer na esperança de que por êste meio Nosso Senhor distribuirá graças espirituais e temporais a outras almas que delas careçam, não esquecendo nunca as almas do Purgatório, é claro.

— Mas há de lhe custar bastante estar há tanto tempo nesse pobre leito, não é verdade?

— É menor dor do que a cruz sôbre que Jesus morreu. Três horas esteve Êle na cruz com os pés e mãos cravadas. Já antes o haviam flagelado. Em volta dÊle os inimigos insultaram-O. E esta scena parece renovar-se todos os dias. E eu, na minha solidão, não tenho nada daquilo.

— Não tem alguns momentos, ao menos de desânimo?

— Não, porque penso que, depois disto, há de haver o Céu, e o Céu, o paraíso eterno, não se compra muito caro pelo preço que o pago.

— E essa solidão?

— A solidão também tem as suas alegrias porque, de tempos a tempos, trazem a Sagrada Comunhão e eu passo o meu tempo em união íntima e a dar graças a Jesus.

— Então a tia Cristina não se perturba?

— Para quê? Deus quere o meu bem. Basta isso para me consolar, apesar do meu sofrimento.

Aqui está como se pode viver alegre e feliz no isolamento, na pobreza e no sofrimento.

Na véspera do Natal

(CONTO)

«Era de noite; fazia frio; uma brisa glacial levantava por momentos nuvens de neve dura, que batia nos rostos dos numerosos parisienses que passeavam a esta hora tardia, por ser vespera de Natal.

As lojas numa luz deslumbrante, expunham com luxo os seus mais brilhantes artigos. Os brinquedos sobretudo, com maravilhosos mecanismos, tinham um grande exito e numerosas crianças se agrupavam junto das montras, solicitando de seus pais, alguns para a arvore do Natal e para os sapatinhos postos na chaminé.

Os sinos começavam a repicar alegremente para a missa da meia noite, e pareciam cantar a esperança e a alegria. A multidão ia, vinha, cruzava-se numa das ruas mais frequentadas da cidade, e ninguém prestava atenção a uma pobre mendiga, que segurando com uma das mãos um pequenito de cinco anos, com a outra implorava o socôrro dos que passavam.

«Uma esmolinha, por caridade, uma esmolinha, minhas boas senhoras!...»

Mas as bôas senhoras passavam indiferentes, senão desdenhosas diante da desgraçada. «Tenho fome, tenho frio, o meu filho não tem nada para comer; uma esmolinha por caridade». A súplica renova-se com angustia, o pedido torna-se mais instante «Uma esmolinha, uma esmolinha, por caridade!» E todos passavam sem ao menos olhar para aquela profunda misória...

De repente, a pobre estremeceu, como se uma idéa súbita lhe assaltasse o cérebro, e olhando em roda com olhos desvairados, tomou nos braços o filhinho e fugiu para longe desta gente deshumana. Para onde irá, assim com o seu tesouro?... Ai! toma a direcção do cáis, adianta-se para a ponte mais próxima, e pondo no chão o filhinho, depois de o ter beijado com transporte, a desgraçada, victima dum ataque cerebral, deita-se ao Sena. Ninguém ouviu o ligeiro ruído causado por êsse frágil corpo ao cair na água, senão a criança abandonada cujos gritos agudos lhe despedaçavam o peito. «Mamã, Mamã, porque me deixaste?... Mamã, mamã, vem buscar-me»

* * *

O cais estava deserto, e os gritos do pequenito ficavam sem resposta. Mas, como o bom Samaritano, um bom operário, voltando do seu trabalho, passou perto e o chorar da criança abandonada atraiu-lhe a atenção; aproximou-se e tomou-a nos braços.

— «Que tens, pequenito, para gritar dêsse modo?

— Quero a minha Mamã.

— Onde está a tua Mamã?

— «Ali, ali». E apontava para o rio que corria tranquilo por debaixo da ponte.

— «Como, a tua Mamã está ali?...»

— «Caiu à água! Aproximou-se da ponte e depois fez assim.» E esforçou-se como se quizesse atirar-se.

O operário então compreendeu que a desgraçada Mãi se lançara voluntáriamente ao rio, e uma grande compaixão lhe invadiu o coração. «E o teu papá, onde está?»

O pequenito levantou o dedinho para o céu.

— «Lá em cima!

— Como se chamava êle?

— Não sei.

— E tua Mamã?

— Fina.

— Queres dizer Josefina?

— Sim, sim.

— E o outro nome, o apelido?

— Não sei.

— E tu como te chamas?

— Menel.

— Como? Menel não é um nome; queres dizer Manuel?

— Sim, sim Manuel»

* * *

O operário, que era bom cristão, sabia que Emanuel quere dizer Deus connosco, e que era assim que o Messias era chamado e esperado. Pensou logo que, sem duvida, o menino Jesus esta noite de Natal, lhe enviara este desgraçadinho, e compreendeu que havia ali uma bôa obra a fazer.

— «Tens fome pequenito?

— Tenho sim, senhoro.

O bom homem tirou da algibeira um bocado de pão com queijo e depois de se ter sentado como poude sobre o parapeito da ponte, pôz a criança no colo, deu-lhe de comer, e agazalhou-a com a capa. O orfãozinho comeu avidamente e bem depressa adormeceu nos braços do seu benfeitor.

O operário levou-o cuidadosamente, e depois de um quarto de hora de caminho chegou enfim a sua casa que era num quinto andar. Via-se ali a pobreza, mas não a miséria.

* * *

Uma mulher ainda nova preparava cuidadosamente alguns cartuchinhos para os meter em duas botas que estavam junto da lareira. Quando o marido apareceu levantou-se vivamente:

— «Que tarde que vieste! Já começava a dar-me cuidados a tua demora. Mas, que trazes ai?

— Aqui tens, trago-te um presente do Natal, para ti e para os nossos gemeos: um Menino Jesus, um Emmanuel.»

A mulher soltou um grito de surpreza. «Como é isto?... Onde foste buscar esta criança?...»

O operário contou então a triste história que acabava de compreender e ajustou: «Amanhã irei à policia; farei o que me fôr possivel para que procurem os parentes do pequeno, e se ninguém o reclamar ficaremos nós com êle. Onde ha para quatro também haverá para cinco. Vês tu mulher, creio que esta caridade nos trará a felicidade. Se um dos nossos gemeos se achasse no caso desta criança, não ficariamos reconhecidos pelo que por êle fizessem? Pois bem, Deus, que é o Pai dos orfãos, nos recompensará tudo o que tivermos feito por êste pobre pequeno.

— Tens razão homem, devemos sempre fazer aos outros o que queriamos que nos fizessem». E pegando na criança beijou-a com ternura.

* * *

Esta não despertou. Lindos caracois loiros lhe pendiam da cabecinha, e a boca entreaberta parecia sorrir aos Anjos. «Como os pequenos vão ficar contentes! Será o seu melhor presente; vou deitar o pequenino num berço junto da cama dêles para que o vejam logo que despertem». Pela manhã, quando os gemeozinhos abriram os olhos, viram logo o novo irmãozinho, que a mãi, para tornar a surpreza ainda mais agradável, havia rodeado de rosas do Natal «Ah! um Menino Jesus vivo!... Que bonito! — Este não é de cera. — Nem de gesso.

— Mamã, quem no-lo dá de presente?

— Foi vosso Pai que vo-lo trouxe hontem, ou antes é Deus mesmo que vos manda êste presente.

— Oh! obrigado meu Pai, obrigado meu Deus!»

E cada qual se extasiava mais, no auge da alegria e do reconhecimento.

— «Eu hei-de ensinar-lhe a ler, quando êle tiver sete anos.

— E eu a escrever e a contar.

— Ensinar-lhe-hemos, sobretudo, meus filhos, a conhecer e a amar a Deus».

— Sim, sim, minha Mãi».

A policia não poude dar indicação alguma a respeito do orfãozinho, e foi adoptado completamente por aqueles que o tinham recolhido na véspera do Natal. E, como pressentia o caritativo operário, êle lhes trouxe a felicidade. Deus pôs o germen da vocação sacerdotal na alma dos dois gemeos. As benfeitoras duma escola apostólica, encarregaram-se de os fazer admitir nela e de lhes pagar as despezas com os estudos. Em breve terão ambos a felicidade de serem ordenados Sacerdotes, ambos no mesmo dia! Os pais estão cheios de alegria com êste pensamento, e o jovem Manuel, feliz e contente, aprende já para ajudar-lhes às suas primeiras missas».

Thérèse Borronne.

(Do Boletim da obra expiatória n.º 196)

VOZ DA FATIMA

Despesas

Transporte...	299.757$59
papel, composição e impr. do n.º 110 (65.000 exemplares)	4.759$75
Franquias, embalagens, transportes, etc.	1.190$10
Na administração em Leiria	160$00
	305.867$44

Donativos desde 15$00

P.º Horacio M. de Sousa — Vizeu, 70$00; Distribuição em Alquerubim — Aveiro, 75$00; Alice de Quintanilha — Guarda, 20$00; Virginia Lopes — Caldas da Rainha, 30$00; Igreja de Baltar, 21$20; P.º Xavier Madruga — Açores, 120$00; João Goulart — Açores, 20$00; Esmola de Lubango, 50$00; P.º José Ribeiro da Cruz — Oleiros, 25$00; Maria da Conceição H. da Silva — Oleiros, 25$00; Maria Pinto Antunes — Sertã, 15$00; Maria Alice Almeida — Faro, 50$00; Lourenço de Oliveira Machado — Braga, 30$00; Adelino Augusto Pires — Brasil, 15$00; Amélia Pequito Valente — S. Domingos, 23$00; Julio Dias Gonçalves — Brasil, 20$00; P.º Manuel Rodrigues de Carvalho — Sedielos, 160$00; Distribuição em Peniche, 150$00; Manuel Alves de Brito — Viana do Castelo, 15$00; José Vicente Pita — Madeira, 20$00; Maria da Piedade Antero — Porto, 20$00; Alzira de Almeida — Brasil, 15$00; José J. Fraga — América, 28$20; Maria dos Prazeres Meneses — Veiros, 20$00; Inês Coelho — Nova Goa, 30$00; Manuel Medeiros — América, 27$50; António D. Andrade — América, 27$50; Amélia Belindrinha — Agueda, 20$00; P.º Joaquim N. Barroso — Senhora Aparecida, 15$00; P.º João Abranches — Seminário do Fundão, 20$00; Maria José Sousa — Sabugal, 15$00; esmola de Braga, 50$00; Elvira Neves Ferreira — Estoril, 20$00; Maria da Encarnação Pinto — Cascais, 15$00; Cecilia C. Costa — Côja, 20$00; P.º Adelino Alv. da Silva — Vela, 20$00; Abade d'Anta, 20$00; Maria do C. Pires — Porto, 15$00; Maria da Assunção Figueiredo — Bemfica, 20$00; Manuel Alves Mateus — Mafra, 55$00; Fernanda C. Vivas — Vilar Formoso, 30$00; Mauricio Brochado Neto, 15$00; M. Rodrigues Palma — Sines, 15$00; Alice da Silva Palma — Sines, 15$00; Ana Machado e Serpa — Lisboa, 20$00 Laura de Esmoriz — Matozinhos, 15$00; Fernanda Alexandre Barreto — Trancoso, 20$00; P.º João de Oliveira Gomes — Ovar, 20$00; Maria Boaventura — Cadaval, 15$00; Angela Costa Idalina Nunes — Feira, 120$00; distribuição em Passos — Cab. de Basto, 55$50; Maria J. Polvora — Evora, 20$00 Angelina Espírito Santo — Lisboa, 15$00; João Marques — Viseu, 20$00; Norberta Monteiro Palma — Evora, 20$00; Carlos Aug. Sarmento — Campolide, 20$00; António de Figueiredo — Viseu, 20$00; Maria I. da Costa Russo — Cabeço de Vide, 25$00; Maria de Almada e Cruz — Lisboa, 15$00; Ana Virginia de Morais — Lisboa, 20$00; Adelaide Chambers — Boa Vista, 20$00; Maria José e Silva — Aveiro, 100$00; Emidio Sena — Lisboa, 20$00; Francisco Duarte — Lisboa, 15$00; Francisco Vicente — Viseu, 20$00; P.º Augusto Durão — Turcifal, 70$00; Armanda Batista — Evora, 15$00; Francisca Batista — Evora, 15$00; José Gonçalves Governo — C. João Dias, 15$00; Maria do C. da Rocha — Odivelas, 17$80; Clotilde Raposo — Alenquer, 20$00; Helena Carneiro — Porto, 15$00; Joana Emília C. Branco — Pôrto, 20$00; P.º David Fernandes — Vila Maior, 100$00; Emília da C. Sá — Vila do Conde, 25$00; M.ª Carolina de Melo — V. N. de Gaia, 100$00; M.ª Generosa — Veiros, 20$00; Confraria de N. S.ª da Fátima — Vila Viçosa, 100$00; Elísio Focha — Brenha, 15$00; Ana Abreu — Gouveia, 15$00; Amélia Roque — Gouveia, 25$00; M.ª Guimarães Correia — Mota, 15$00; António Farinha — Madeira, 20$00.

Arlete Nunes — Tete, 100$00; Rosa Azevedo, 50$00; Ilda Taveira, 50$00; A. A. Aires, 50$00; J. Rocha, 50$00; Beatriz Silva, 30$00; Jaime Lino, 30$00; Alda Pontes, 25$00; Rosa Fino, 25$00; J. Figueiredo, 25$00; Basílio Fisher, 25$00; M.ª A. Dias, 20$00; M.ª T. Abranches, 20$00; Francisco Bolotinha, 20$00; Henriqueta Sardinha, 20$00; Virginia Schwalbach, 20$00; Irene Lopes, 20$00; Dr. Silva Graça Júnior, 20$00; A. J. Fernandes, 20$00; F. Ribeiro, 20$00; J. Abreu e Silva, 20$00; M. Eiras, 20$00; J. Sampaio, 20$00; A. Fidalgo, 20$00; J. Marques, 20$00; L. Santos, 20$00; Sara Fernandes, 15$00; Adelino Gonçalves, 15$00.

M.ª Ferreira Rodrigues — Paredes, 20$00; Condessa de Margaride, 20$00; M.ª Ribeiro da Silva — Guimarães, 20$00; António da C. Melícias — Buliqueira, 20$00; Ludovina M. e M. Jorge — Vale Formoso, 20$00; Henriqueta de Morais Ferreira — Lisboa, 15$00; Emília Fernandes Carvalho — Estoril, 50$00.

A quinse séculos de Efeso

A Maternidade Divina de N. Senhora

Maria é Mãe de Deus — revela-o o Espírito Santo nas Páginas Sagradas.

Maria é Mãe de Deus — proclamam-no os Santos Padres, génios imortais da Igreja.

Maria é Mãe de Deus — definem-no os Concílios.

«Santa Maria Mãe de Deus...» — reza, por fim, a piedade cristã, a Liturgia Católica.

Demonstrá-lo, pareceria, por impossível, inútil. Pois, se há verdades que, por excessiva clareza, não sofrem demonstração, esta seria uma delas. Basta analisar, ao de leve, o Calendário eclesiástico, confrontá-lo com o depoimento constante da tradição, para ver como o culto à Mãe de Deus, nascendo com o dealbar do cristianismo, se foi espalhando e acentuando até penetrar tôda a vida litúrgica da Igreja; para ver como a piedade cristã não tem limites quando se trata da manifestação dos sentimentos mais belos, mais puros em honra da Mãe de Deus.

A par de cada festa em que a Liturgia celebra os mistérios de Cristo—centro de tôda a Sua vida — lá está também a memória dos princípais factos e prerrogativas da Mãe de Deus.

A Incarnação do Verbo no Seio puríssimo de Maria, tem, a seu lado, a festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora; o Natal de Jesus traz consigo a Natividade de Maria; a Paixão de Jesus pede a festa das Dôres de Sua Mãe; a Morte de Jesus — o Trânsito amoroso de Maria, a Ascensão de Jesus — a Assunção gloriosa de Nossa Senhora ao Céu.

Vê-se que a Santa Igreja não sabe glorificar o Filho sem glorificar a Mãe. Como é belo e fecundo êste paralelismo encantador, índice de graça e misericórdia, que o sentimento da Igreja propõe a Seus filhos!

Não se contenta a S. Igreja com estas festas em honra da Virgem Senhora; mas, zelosa das grandezas de Maria e agradecida de suas benemerências, todos os meses alegra os fiéis com repetidas festas Marianas.

Mais, a sua Fé e gratidão não lhe permite deixar passar a semana sem consagrar à Mãe de Deus um de seus dias, o sábado; e recomenda insistentemente aos seus filhos lhe consagrem os três momentos mais importantes do dia com a recitação das Avê-Marias.

Se do campo da Liturgia passamos ao da simples piedade cristã, que de monumentos, desde as mais soberbas e amplas Basílicas, às mais pequeninas e pobres ermidas que branquejam nos altos montes ou se escondem humildes nos vales, não têem sido erigidos em honra da Mãe de Deus!

A poesia, quer na sua forma culta, quer na não menos inspirada forma simples e sentimental do povo bom e cristão; a música, a pintura, tôdas as artes, como que à porfia, cantam e rezam as glórias da Mãe de Deus, as Suas prerrogativas, as suas misericórdias.

Nossa Senhora da Ajuda, do Amparo, da Guia; Nossa Senhora do Bom Conselho, da Luz, da Graça, da Boa Hora, dos Prazeres, das Vitórias... são outras tantas invocações que traduzem o agradecimento ou a prece à Mãe de Deus, em momentos difíceis ou de glória.

O que é Fátima, o que é Lourdes, o que são todos os Santuários do mundo, senão outros tantos teatros, não menos eloquentes que cheios de magnificência, onde a piedade do bom povo cristão se expande e então, agradecido, os louvores da Mãe de Deus?

Se louco é — no dizer da Escritura — negar a existência de Deus, louco seria também negar, diante de tão copiosa e insofismável soma de testemunhos, a fé da Igreja na Maternidade Divina de Nossa Senhora.

Cantem, pois, todos e sempre, em côro com a Igreja Universal, as grandezas da Mãe de Deus, na certeza de que serão correspondidos pelas vozes das gerações que passaram e de que o eco da sua voz será repetido, séculos em fora, pelas gerações futuras — «Santa Maria, Mãe de Deus...»

FÁTIMA À PROVA

NOTA PRÉVIA

Com o título supra indicado iniciamos hoje a publicação dum pequeno subsídio para a futura história dos acontecimentos da Fátima.

Ocupar-nos-hemos, só do que respeita às contrariedades e oposições levantadas contra a Fátima, abrangendo o período agitado das aparições e perseguições.

Mero subsídio, sem pruridos de grandeza ou de valor, êste trabalho vai contudo ao encontro dos desejos de muitos dos nossos leitores.

Feito aos pedaços no pouco tempo livre que de outras ocupações nos resta irá cheio de inevitáveis imperfeições de que já pedimos antecipada desculpa.

Uma qualidade porém queremos que tenha: será um estudo objectivo imparcial, fundado em documentos de que segundo as possibilidades se dará a citação ou a reprodução «in extenso».

Aos nossos assinantes, leitores e amigos oferecemos êste trabalho como prenda de Natal, desejando que por êle se conheça ou recorde o conjunto de circunstâncias que acompanhou ou seguiu de perto a Aparição de Nossa Senhora na terra bendita de Fátima e mais se aprecie a graça extraordinária que ali se dignou conceder-nos a nossa querida Mãe do Céu.

O clero e as aparições da Fátima

E não se diga que a Fátima foi uma invenção do clero...»

(Pastoral do Sr. Bispo de Leiria, «A Providência Divina», pág. 12 ac meio.)

Costuma Deus frequentemente permitir que as Suas obras ou as que Êle aprova e abençoa sejam contrastadas e contrariadas, durante algum tempo, por almas boas e rectas cheias de santas intenções.

Quere assim Deus ou permite que, muitas vezes, a maior cruz dos santos sejam outros santos.

As biografias de almas piedosas estão cheias dêstes exemplos que não aduzimos por abreviar.

Permitiu também o Senhor, na Sua Amorosíssima Providência, que os factos maravilhosos, desenrolados na Fátima de 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917, tivessem de sofrer a primeira prova donde humanamente menos se esperava — da parte do clero.

* * *

Pois não se tratava de coisas muito lindas e muito santas: A Virgem que aparecia, os videntes que rezavam o terço, a multidão ajoelhada em prece, etc!...

Como se compreendia então que o clero não estivesse à frente de tudo, dirigindo, orientando, guiando, incitando?

E havia na verdade leigos piedosos que se insurgiam contra o clero acusando-o de tímido, de comodista e não sei quantas coisas más.

Esta era a conclusão a que chegavam, os que, à primeira vista, pensavam melhor.

A verdade e a justiça, desta vez não estavam, porém, do lado dêles.

A atitude do clero nesta difícil conjuntura foi a mais nobre, a mais prudente, a única possível deante de Deus e dos homens.

Mal de nós se o clero se tivesse metido na questão.

Se assim não faltou, e talvez ainda hoje haja, quem afirme, que a Fátima é «uma exploração reaccionária e jesuítica» «invenção de padres» e intruíce arranjada «para fanatizar o povo ignorante», que não diriam, se desde *o princípio, se durante as aparições, vissem uma batina a «orientar e a dirigir».*

A atitude do clero foi em certo modo para os factos da Fátima o processo crítico que a incredulidade de São Tomé foi para a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo: A satisfação dos espíritos mais exigentes, dos hipercríticos.

* * *

Mas qual foi afinal a atitude do clero?

Resume-se em três palavras: prudente desconfiança, afastamento e tranqüila expectativa.

Isto em geral, pois houve, sobretudo entre o clero extranho à diocese de Leiria, alguns casos de curiosidade ou de estudo cuidadoso pela imparcial observação dos fenómenos cuja fama ia correndo de bôca em bôca em relatos talvez já adulterados.

Mas àparte essas rarissimas excepções, cujos nomes quási se poderiam citar, o grosso do clero seguiu o caminho acima exposto.

O Pároco

Era então pároco da Fátima o Rev.º Sr. P.e Manuel Marques Ferreira, hoje da freguesia de São Simão desta Diocese.

As primeiras notícias do que se passava na Cova da Iria deixaram-no perplexo e pensando na atitude a tomar viu apenas uma possível: observar fielmente e pôr-se por completo à margem de tudo.

De facto nunca o Rev.º Prior apareceu na Cova da Iria num dia treze.

O afastamento era premeditado, voluntário e sistemático.

A quem lhe extranhava tal atitude respondia que mais tarde tinha muito tempo de lá ir.

Desta sua maneira de ver e respectivo procedimento não fazia êle nem podia fazer segrêdo.

No depoimento de José Alves folha 2.ª — linha 10.ª, lê-se o seguinte que bem o comprova:

«Um dia o Senhor Prior esteve em sua casa e disse que aquilo ou era coisa muito má ou coisa boa. Achou-o bastante descrente.

Êle disse ao Senhor Prior: «Coisa má não, porque se fôsse não mandava rezar têrços nem fazer orações». E o Senhor Prior retorquiu: «Está enganado» E acrescentou: «o diabo serve-se até dos sacramentos» do que não gostei de ouvir».

Não se contentava do seu procedimento pessoal, senão que procurava, como se vê pela citação supra, criar a mesma mentalidade.

Recomendando e favorecendo a maior moderação seguia contudo o caminho que se propusera.

Porque a família de Lúcia não olhava bem o que se estava passando e porque alguma coisa desagradou à mãe esta censurou-a e bateu-lhe.

«O Pároco disse que não batesse na filha nem andasse a meter-lhe medo que ele a apanharia em mentira se realmente ela fosse mentirosa».

Interrogatórios oficiais: de Maria Rosa — *viuva — (Mãe de Lúcia) folha 3.ª —linha 9.*

Isto passara-se em Junho depois da aparição dêste mês.

Pode calcular-se a curiosidade da mãe em face do que ouvia dizer.

Pois na linha 15.ª do mesmo interrogatório poude com verdade afirmar-se: «A mãe de Lúcia não foi porque o Senhor Prior a aconselhava a que não fosse.»

Muito forte teria sido essa recomendação para vencer a curiosidade de uma mulher... e mãe!...

* * *

Tinha a consciência de que procedia bem e isso lhe bastava. E o que êle afirma num ofício enviado ao Ex.mo e Rev.mo Senhor Arcebispo de Mitilene, a 15 de Outubro de 1917, a dois dias após a última aparição, a dar-lhe conta do sucedido na sua freguesia e a pedir instruções.

«Tenho mantido o silêncio que a prudência me tem aconselhado.

Não tenho dado parte ao Ex.mo Prelado ha mais tempo porque esperava, no dizer das crianças, a última Aparição que foi no dia 13 próximo passado».

Documento: 1.º — pág. 1 linha 4.ª a contar do fundo.

E a Autoridade Eclesiástica que me conste nunca o censurou por isso. Muito ao contrário.

O povo porém sempre propenso a estremismos convenceu-se de que o pároco não via com bons olhos os acontecimentos da Cova da Iria. Esta opinião, de princípio encoberta, explodiu a quando da prisão dos videntes chegando o povo a tomar o Prior da Fátima por cúmplice do Administrador.

Acusaram-no publicamente disso e o pobre do padre teve de publicar uma carta a defender-se de tais acusações, que, escusado seria dizê-lo, careciam do mais pequeno fundamento.

Da carta publicada no n.º 104 do «Ourense» de 2-9-1917 e que mais adeante publicaremos na íntegra extraímos os períodos seguintes que veem a propósito.

«...venho repelir tão injusta como insidiosa calúnia bradando ao mundo inteiro que não tomei parte por mínima que fôsse, quer directa quer indirectamente no odioso e sacrílego acto.»

E a fundamentar e a explicar a sua ausência do local das aparições, diz:

Se a minha ausência, como pároco, no local, se faz sentir aos crentes, não menos se faria sentir a minha presença aos descrentes, em desprimor da verdade dos factos.

A Virgem Mãe não precisa do pároco para mostrar a Sua bondade, e é necessário que os inimigos da religião não possam deslustrar o brilho de Sua Benevolência atribuindo a crença dos povos à presença ou conselho do pároco porque a fé é um dom de Deus e não dos padres: — eis o verdadeiro motivo da minha ausência e aparente indiferença em tão sublime e maravilhoso assunto: — eis porque não tenho dado meu claro parecer às mil interrogações e cartas que se me teem dirigido.»

... ...

«Não foram os Apóstolos os primeiros a anunciarem a Ressurreição do Filho da Virgem!»

A acusação e desconfiança por parte do povo era tão grande que a vida deste sacerdote chegou a estar em perigo.

E êle próprio que no-lo afirma na mesma carta:

«...não foi menos providencial a acalmação dos ânimos excitados pelo diabólico boato — aliás teria esta freguesia hoje a lamentar a morte de seu pároco como cúmplice (do rapto das crenças).»

* * *

Difícil, a situação do pároco era realmente esta: ou passar por «um explorador» aos olhos dos incrédulos que aproveitariam tal atitude, fazendo-a render, ou passar por livre pensador deante dos fiéis por não tomar parte nas grandiosas manifestações de fé que se vinham realizando na sua freguesia.

Para sua honra e glória e melhor conhecimento do que ali se passava foi esta a escolhida. Ainda bem.

No próximo artigo veremos a atitude do restante clero.

«Um observador»

AVISO

Mais uma vez se pede aos Srs. Assinantes que ainda não satisfizeram as suas assinaturas de 1931 o favôr de o fazerem logo que lhes seja possível.

Agradece-se muito qualquer esmola para auxiliar nas grandes despezas da *Voz da Fátima*.

«ENSINAI...»

Orai assim. O Padre Nosso.

O Padre Nosso!... Quem ha aí que o não saiba, que o não oiça, que o não reze?

Dum extremo ao outro do mundo sobe esta prece continuamente deante do trono de Deus.

E os homens ao dizerem Padre Nosso — Pai Nosso — sentem-se realmente irmãos porque filhos do mesmo Pai — Deus — que está nos Céus.

Um doce sentimento os invade e penetra suavemente o da fraternidade não daquela fraternidade oca e falsa mas daqueloutra real e verdadeira cimentada com o Sangue de Cristo — que os faz sentir as dôres alheias e alegrar-se com o prazer dos outros.

Ao espírito e coração humano abre-se assim um horizonte de que os descrentes não podem gozar: o duma família imensa formada de tantos filhos quantos receberam a graça de invocar a Deus por Pai.

Quando o homem subiu a essa contemplação Divina da humanidade sente-se de momento mais perto de Deus do que dos homens e como arrebatado pelo amor de tão bom Pai só cuida no que Lhe diz respeito pedindo o que mais deseja que as creaturas dêem ao seu Deus: Amor, respeito, Obediência.

«Santificado seja o Vosso nome, Venha a nós o Vosso reino.

Seja feita a Vossa Vontade assim na terra como no Céu».

Porquê?

Porque a honra e *glória de Deus* sobrelevam tudo e tudo vencem.

* *

Depois de ter pedido para Deus na terra tudo o que pode pedir como que acorda e lembra-se de si e dos outros e pede para todos o pão que lhes sustenta a vida.

Não com a fúria do avarento que gasta de *ter* mas com a humildade do pobre que deseja *viver*.

«O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Mas ah! um tão bom Pai que com ternura infinita cuida do homem e da avesinha do céu e da florinha do campo, da parte de tantos a quem enche das suas graças e favores só recebe ofensas e agravos.

Até aquele que dia a dia para Êle estende as mãos e levanta o coração num grito de prece — até esse o ofende e esquece.

Ao aparecer como mendigo diante dele o homem recorda a sua situação miserável e sem mais ninguém a quem recorrer prostra-se por terra e clama com dôr e pezar:

«Perdoai-nos as nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores» isto é aos nossos irmãos que nos ofenderam pois não faz sentido que numa família o Pai perdôe aos filhos que se não perdôam entre si.

É bem triste a lembrança do tempo passado longe da casa paterna.

Que o diga o pródigo entre os animais imundos.

Se aqui no lar tudo é amor, luz e alegria...

Porisso o homem com remorso, e temor de recair, confiadamente se acolhe ao seio do Pai e implora o seu auxílio.

«Não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal»: do grande, do único mal que é o pecado, do grande *mau* que é o demónio: *inimigo nato dos filhos de Deus*.

Assim seja! Assim será porque não desampara nunca os que nÊle confiam.

* *

Que linda oração!

E como não havia de ser bela se o seu autor é a própria Beleza Increada?

Porisso lhe chamam também *Oração Dominical* e *Oração do Senhor*.

Um dia depois que o Senhor lhes prègou sôbre a oração os Apóstolos voltaram-se para Êle e disseram-Lhe: Ensinai-nos a orar.

E Êle então: Pois heis de orar assim.

E dos seus lábios Divinos saía essa maravilhosa oração do Padre Nosso.

Quando rezamos deviamos lembrar-nos que os lábios que primeiro a pronunciaram foram os lábios do Homem Deus.

Mas ha ainda faladores tão estragados que a não sabem saborear, que não sabem apreciar o encanto daquelas palavras bemditas.

Quem pode deixar de sentir a divina melodia de almas que vibram nos mesmos e mais altos sentimentos?

Repeti-la? Porque não? Quanto mais se repete mais agrada. Quantas mais vezes se pronuncia tanto maior sabor se lhe encontra.

Ah! que paz não lança na alma atribulada aquele *«seja feita a Vossa Vontade assim na terra como no Céu!?...»*

São dores, desgostos, calunias doenças, a morte?

Que importa se isso representa a Vontade de Deus?...

* *

Que ela seja de manhã e à noite e pelo dia adeante a nossa oração favorita?

Desatem as criancitas a língua a aprende-la.

Junte-se com ela a família em volta da mesa e com ela se separe terminada a refeição.

Rezem-na ricos e pobres, novos e velhos que todos alí teem que pedir.

Mas rezemo-la bem.

Ah que glória imensa não poderiamos dar a Deus se rezássemos essa oração em condições.

Deixemos a rotina e rezemo-lo com atenção e com fé, com amor e confiança

Então sentiremos tôda a beleza inefável dessas palavras benditas a balsamisarem-nos as agruras da vida:

Padre Nosso que estais no céu...

Uma alma pequenina

ACABA DE APARECER

A PÉROLA DE PORTUGAL

pelo Visconde de Montelo

Subsídios para a história da Lourdes Portuguesa. — *Preço 5$00 — Pelo correio 5$70.*

Depositários: — *União Gráfica* — Trav. do Despacho, 16 — Lisboa; *P.e Joel de Deus Magno*, Seminário Patriarcal — Santarém; *P.e Manuel Pereira da Silva*, Câmara Eclesiástica — Leiria.

A oração da noite

— Joaninha, deixa tudo e vai dizer ao paí que vamos já rezar.

— Mãesinha, porque é que fazemos juntos as orações da noite?

— Por três motivos, minha filha.

Primeiro, para maior união da família, pois mais unidos estarão, com certeza, os corações que se juntam numa mesma prece, pedindo as mesmas graças, agradecendo os mesmos benefícios, num mesmo acto de adoração.

Em segundo lugar porque Nosso Senhor prometeu que «se dois ou três se unirem para orar, em meu nome, em verdade vos digo que meu Pai os atenderá...»

— É verdade! Há dias o snr. Prior explicou lá isso no catecismo.

— Então não te devias admirar dêste nosso costume.

O terceiro motivo da nossa oração em comum é a edificação mútua que devemos dar e sobretudo quando conseguimos que os criados também tomem parte.

— Então, mãizinha, vou também chamar a cosinheira?

— Certamente. Mas, como temos de dar bom exemplo, é preciso teres mais cuidado contigo e não estares a brincar com os cabelos como fizeste ontem. Além do mau exemplo serves de distracção aos outros.

— Então é pecado?

— Claro! Antes de irmos para a oração devemos-nos recolher e pensar no que vamos fazer que é agradecer a Deus as graças e os favores que nos concedeu durante o dia, pedir perdão de nossos pecados e encomendarmo-nos à sua protecção durante esta noite.

— E porque é que devemos pedir perdão dos pecados antes de dormir?

— Porque podemos morrer durante o sono e devemos estar preparados para comparecer diante de Deus.

— Mas, se tivermos algum pecado mortal e não nos pudermos confessar?

— Mais uma razão para nos excitarmos a uma verdadeira e sincera contrição considerando a bondade de Deus para connosco e a nossa ingratidão, prometendo confessarmo-nos logo que seja possível.

E já que estamos neste ponto quero dar-te alguns avisos que servirão para tôda a tua vida. Convinha que depois da oração da noite cessassem tôdas as distracções. Se temos necessidade de fazer algum trabalho bom era fazê-lo religiosamente, diante de Deus, como uma homenagem e em resgate das nossas culpas.

Depois, tendo-nos despido com tôda a modéstia, deitar-nos-emos fazendo o sinal da cruz, invocando o nome de Jesus e Maria, dizendo qualquer jaculatória até que venha o sono.

— E se acordarmos de noite devemos também rezar?

— Sem dúvida. Devemos logo voltar o coração para Deus e recitar algumas orações se o sono custa a voltar.

— E se tivermos mêdo?

— Nesse caso, filhinha, chama pelo teu Anjo da Guarda, entrega-te à protecção de Nossa Senhora e repete as palavras de Nosso Senhor na cruz: «Meu Deus, nas vossas mãos entrego o meu espírito».

Este número foi visado pela Comissão da Censura.

Ano X | Leiria, 13 de Janeiro de 1932 | N.º 112

VOZ DA FÁTIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 DE DEZEMBRO)

Chegou Dezembro, o mês tradicional do frio, da chuva e da neve, não, como nos demais anos, com o seu cortejo interminável de dias enevoados e tristes, mas cheio de luz, de côr e de alegria, e semelhante aos meses mais tépidos e mais formosos da quadra primaveril.

Por isso, o dia treze foi, sem contestação, entre todos os dias treze de Dezembro, desde a época inolvidável das aparições da augusta Virgem do Rosário, aquele em que o concurso de peregrinos à Cova da Iria assumiu proporções mais grandiosas.

O sol, um lindo sol de Inverno, iluminava e aquecia levemente com os seus formosos raios o recinto maravilhoso dos santuários, convertido pela varinha de condão dum grande Prelado, de charneca árida e estéril, onde só medrava a urze e a azinheira brava, em escrínio riquíssimo de templos, de monumentos e de imagens sagradas.

Já durante a noite precedente, alguns piedosos romeiros, chegados na véspera à tarde, tinham passado a noite nas imediações, uns hospedados no Hotel de Nossa Senhora do Rosário e os outros dentro dos seus automoveis, o que a temperatura do ambiente, por via de regra, só nos meses da quadra estival permite fazer sem prejuizo para a saúde e sem incómodo apreciável.

Com o mês de Novembro findo começou a época menos movimentada mais tranquila do ciclo das peregrinações mensais.

Os fiéis que acorrem a testemunhar à gloriosa Senhora Aparecida a sua filial devoção são em menor número, mas há no seu conjunto mais homogeneidade, a fé é mais viva, a piedade mais ardente, o silêncio mais profundo e o recolhimento mais fácil e por isso mesmo mais intenso.

A torrente humana dos grandes dias da Primavera e do Verão transformou-se, de repente, quási que por encanto, num rio que corre suavemente e sem ruído, até que, voltando, na roda do tempo, o mês de Maio, que inicia o periodo comemorativo das aparições, êsse rio manso e tranquilo, se converte de novo num Ródano impetuoso, num Nilo trasbordante ou num Amazonas largo e imenso como o mar.

Uma numerosa peregrinação de colegiais

Quem, no dia doze de Dezembro, de manhã cêdo, se dirigisse a Fátima pelas estradas que de Leiria ou de Tôrres Novas lá conduzem, ficaria agradàvelmente surpreendido ao ver numerosos bandos de meninas, alegres e buliçosas, rezando e cantando, em louvor da Virgem.

Eram alguns dos mais acreditados colégios femininos do nosso país que, de comum acôrdo, tinham promovido um passeio do seu pessoal, mestras e alunas, ao mais célebre e mais concorrido santuário nacional, — à Lourdes Portuguesa.

Entre outras terras, Anadia, Coimbra e Tôrres Novas fizeram-se representar no *rendez-vous* aprazado para o dia doze de Dezembro na Cova da Iria.

Algumas centenas de pessoas, na sua grande maioria crianças entre os oito e os quinze anos de idade, ajoelharam naquele dia aos pés da Virgem para lhe ofertar o singelo tributo da sua gratidão e do seu amor filial, no meio dum sossêgo e dum recolhimento que não é possivel encontrar se não fora dos dias treze.

A alegria das crianças viva e intensa mas comedida nas suas manifestações, o talhe e as cores diversas dos seus uniformes ao mesmo tempo simples e elegantes, a sua piedade sincera e ardente, a ordem e compostura que guardavam em todos os seus actos colectivos, a solicitude verdadeiramente maternal das mestras, tudo punha naquela peregrinação *sui generis* uma nota característica de fervor de mocidade, de exuberância de vida e de irradiação de paz e ventura que encantava e comovia em extremo.

Às oito horas, pouco depois da chegada dos primeiros grupos de jovens peregrinas, o rev. João Nunes Ferreira, abalisado ecónomo do grande Seminário Patriarcal, rezou a santa missa na capela das aparições, administrando o Pão dos Anjos a numerosas pessoas.

Às onze horas, o rev. Manuel de Sousa, zeloso e activo Reitor do Santuário, celebrou na igreja da Penitenciaria o santo sacrifício a que assistiram todas as colegiais que no fim ouviram uma breve prática sôbre as aparições.

Às três horas, na mesma igreja, acompanhadas pelas suas mestras, rezaram em comum o terço do Rosário, ouviram uma prática do rev. Nunes Ferreira e receberam a bênção do Santíssimo.

A procissão que antes da bênção se organizou, partindo do pórtico em direcção à igreja da Penitenciaria, e em que tomaram parte tôdas as colegiais com os seus lindos e vistosos estandartes, revestiu um brilho e uma imponência especiais no meio da mais encantadora simplicidade.

Pouco depois, antes que o sol se escondesse por detrás da serra, aquelas almas juvenis iniciaram a viagem do regresso, tristes e saudosas, presas para sempre do encanto portentoso das divinas maravilhas de Fátima.

Os actos oficiais do dia 13

Como já se disse, a concorrência de fiéis à Cova da Iria neste último dia treze do ano foi considerável graças à amenidade do tempo devendo ter contribuído também para êsse facto a circunstância de o dia treze ser Domingo.

Durante a manhã, desde as primeiras horas, celebraram-se numerosas missas e administrou-se freqüentes vezes a Sagrada Comunhão nos diversos altares do Santuário. Os homens e os rapazes, em grande número, enchiam a igreja da Penitenciaria, esperando pacientemente a sua vez de se aproximarem do Sagrado Tribunal.

Ao meio dia e meia hora, depois de realizada a primeira procissão de Nossa Senhora, rezou-se a missa dos doentes, que eram muito poucos, tendo-lhes sido dada no fim a bênção com o Santissimo.

Ao Evangelho, na forma do costume, houve sermão, sendo orador o rev. dr. Galamba de Oliveira, ilustre professor no Seminário Episcopal de Leiria.

O grande apóstolo de Fátima rev. dr. Luís Fischer, lente da Universidade de Bamberg, Alemanha, que em boa hora a Santíssima Virgem permitiu viesse a Portugal visitar o seu maravilhoso santuário, para celebrar as suas glórias principalmente nos países de lingua alemã, continua a fazer a mais intensa e a mais larga propaganda da Lourdes Portuguesa pela imprensa e por tôdas as outras formas de apostolado moderno, sob o impulso dum zêlo esclarecido e duma dedicação tenaz e incansável.

Para a «Voz da Fátima» enviou expressamente o ilustre professor, em data de 16 de Dezembro, um interessante comunicado, que ela se compraz, com muita satisfação e reconhecimento, em inserir nas suas colunas.

«Na Baviera do Norte, especialmente nas dioceses de Bamberg e de Würzburg, há um formosíssimo e encantador costume no santo tempo litúrgico do Advento. Desde o dia da Imaculada Conceição (8 de Dezembro) ou desde o dia 16 de Dezembro (novena do Natal) até ao dia 24 leva-se uma estátua da Santíssima Virgem cada dia de casa em casa ou de família em família, de maneira que Nossa Senhora «procurando pousada» (S. Luc. II, 7) encontre alojamento para um dia e uma noite. A família que recebe no seu lar essa querida hóspede venera-a e honra-a rezando em comum, cantando e adornando a imagem com velas e flores.

Para cumprir um tão santo costume, no dia 16 de Dezembro veio a minha casa o meu caro amigo rev. João Diember, pároco de Zeil, cidade pouco distante de Bamberg, e vigário da vara, e levou consigo a pequena estátua de Nossa Senhora de Fátima, que Sua Excelência Reverendissima o Senhor Bispo de Leiria teve a bondade de me oferecer. É a primeira vez que Nossa Senhora de Fátima é honrada com êste costume verdadeiramente digno de ser imitado. Nós temos razões de bastante peso para expiar os ultrages dos Betlemitas modernos (S. Luc., II, 7) que não querem dar pousada à sua misericordiosa Mãe do Céu nem nas suas casas nem nos seus corações.»

Distribuição, mensal gratuita da Voz da Fátima, *no Santuário, nos dias 13*

Fátima Madeirense

O jovem missionário rev. Agostinho Vieira, actualmente pároco do Paul, na Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, teve a feliz ideia de fundar junto ao Cabo Girão, na Ilha da Madeira, um pequeno templo a que deu o nome de Ermida da Cruz de Fátima. Eis como o «Correio da Madeira» no seu número de 31 de Outubro, se refere à grandiosa manifestação de fé e piedade que alí se realizou no dia 13 do mesmo mês com a assistência das autoridades e convidados de categoria, tendo à frente a figura respeitada e querida do Governador:

«Uns curtos chuviscos vieram embaciar a manhã rutilante do dia esplendoroso de 13 de Outubro do ano corrente, na nossa querida e formosa Ilha da Madeira.

Eram 7 horas da manhã já a Ermida minúscula e o vasto Adro se encontravam repletos de fiéis.

A pouco e pouco engrossava a onda do povoléo, que invadia em avalanches, depois em catadupas, as imediações do Santuário de Fátima na Cruz da Caldeira, limite ocidental da extensa e populosa freguesia de Câmara de Lobos.

Às nove horas principiou a Missa, acompanhada a órgão e cânticos.

Comungaram cêrca de 200 pessoas, debaixo duma imensa aglomeração de gente. A custo, a muitíssimo custo, rompia-se por entre a multidão compacta; por essa razão inúmeros fiéis ficaram privados de abeirar-se da Sagrada Mesa do Pão Celestial, descido do Céu à Terra.

Decorreram pausadas tôdas as Cerimónias do Santo Sacrifício da Missa.

Às dez horas principiaram as tocantes, emocionantíssimas invocações de Fátima, que terminaram pela bênção dos enfêrmos, comprimidos no apertão da plebe.

Ermida da Cruz de Fátima

Viam-se cegos, aleijados, paralíticos, gotosos, diabéticos, tuberculosos, etc. aos quais a Virgem Santíssima lançava um sorriso de bálsamo nas suas almas sofredoras e nos seus corpos doentes.

Bastante comovedora esta scena, que

arrancou lágrimas a muitos corações doridos e fez explodir muitíssimos soluços de fé, contrição e amor.

Bemdita e louvada seja a Virgem Senhora do Rosário de Fatima!—exclamou a multidão em côro unissono, por três vezes.

Senhora do Rosário de Fátima obtende a cura dos nossos doentinhos! tornou a repetir a multidão, prostrada de joelhos em terra.

Num impulso irresistível de Amor à Virgem Santíssima, o povo irrompeu em côro formidável o cântico tão popular e conhecido do *Salvé Nôbre Padroeira*.

As onze horas eram já passadas, quando o povo se acoitou à sombra acolhedora dos pinheiros para comer dos seus farneis, arranjados à pressa em casa antes da partida.

...Entre todos escolhido
Para o povo do Senhor

Estes versos sonoros e harmoniosos ecoavam como tímbales, constantemente, nos nossos ouvidos, enlevados de tanta fé e entusiasmo religioso.

Outro grupo recomeçava:

—Oh! glória da Nossa Terra
Que tens salvado mil vezes...

Inesquecíveis momentos passados junto à Ermidinha humilde e singela de Nossa Senhora de Fátima...

...Enquanto houver portugueses
Tu serás o seu amor!

Depois rompe um côro de vozes argentinas:

No cimo do Pico
Alveja branquinha,
A Ermida de Fátima
Tôda galantinha.

Respondem todos:

Avé, Avé, Avé Maria.

Indescritível o entusiasmo que se apoderou de todos os corações e o enlêvo que enterneceu tôdas as almas quando, à hora exacta do meio dia solar, saíu da Ermida em Procissão a Imagem da Senhora do Rosário.

Aquela hora solene perfazia catorze anos certos que a Celeste Aparição se revelou aos três rudes e inocentes videntes de Fátima, na Sagrada Estância da Cóva da Iria.

Muito a custo seguiu a procissão, entre cantos e rezas, devido à grandíssima aglomeração de povo e à estreiteza do caminho. Durou uma hora no curto percurso de cêrca dum quilómetro.

A cena que mais empolgou a massa compacta dos crentes foi o sentido acenar dos lenços, qual bando alado de pombas brancas, em despedida à Virgem, que entrou recolhida na sua linda capela, depois de a circundar, levada em triunfo pelo povo que chorava, rezava e cantava:

Um terno adeus de Saüdade
Te dão hoje os filhos teus;
Adeus, ó Mãe de Bondade,
Rainha do Céu, adeus!

A tarde do dia 13 de Outubro foi de cânticos e preces, em honra da Senhora do Rosário, da Bemdita Mãe de Jesus».

Visconde de Montelo

N.ª SENHORA DA FÁTIMA EM CABO VERDE

De «O Missionário Católico» transcrevemos com a devida venia a seguinte carta dirigida pelo Rev.^do P.^e Lucas Machado a um seu colega.

«A minha última carta fachava com a notícia dos preparativos de uma festa em honra de Nossa Senhora da Fátima, e hoje venho dar-lhe algumas notas do que se passou, que certamente alegrarão os numerosos devotos daí. Tivemos uma deslumbrante procissão das velas no dia 13 de Maio, e era tal a concorrência do povo, tão grande o entusiasmo, e tamanha a devoção e piedade dos assistentes, que eu cheguei a ter a impressão de que estava na Cova da Iria! Concorrência, pompa, brilhantismo e entusiásmo, nada faltou.

Nunca esperei tanto nem melhor. Foi simplesmente admirável e comovedor.

Como preparação desta festa realisou-se um tríduo, que foi sempre muito concorrido. Chegado o dia 13, logo de manhã a Igreja regorgitava de fiéis, a tal ponto que, à hora da missa, muita gente ficou de fora, por falta de lugar. Eram 9 horas quando começou a festa solene, tendo sido destribuida a comunhão a numerosas pessoas devidamente preparadas. O altar de Nossa Senhora estava um primor. No fim da missa cantada fiz uma prática adequada, e logo então pude ver pela comoção e pelas lágrimas dos assistentes, entre os quais se viam as pessoas gradas da cidade, que esta festa tinha caido admiràvelmente no ânimo de todos. O gupo de cantôres já muito numeroso, acompanhado a orgão, deu, como sempre, um realce extraordinário à festa.

Às 9 horas da noite começou a desfilar pelas ruas da cidade a procissão das velas, empunhadas por milhares de pessoas, dentro de balões e copos de papel de côr. Dentro em breve aquela multidão enorme, computada em 10.000 pessoas, espraiava-se pelas ruas do precurso, comunicando-se, continuamente, um tal entusiasmo e ardor nos cânticos, que, dir-se-ia, tôdas as classes sociais da terra queriam primar em mostrar a sua devoção a Nossa Senhora da Fátima. Para maior realce, o andor em que era levada a linda imagem, (de que junto uma fotografia), iluminado a luz eléctrica, por meio duma bateria especial, era de um efeito surpreendente, atraindo por isso os olhares embevecidos de tôda a gente. Quatro devotos rapazes ofereceram o andor, que lhes custou 700$00, e a Virgem resplandecente de luz parecia sorrir para a multidão como a estrela da manhã no meio das trevas da noite, que é esta vida. Um côro forte e numeroso, de homens, rapazes, senhoras e meninas, prèviamente ensaiadas cantavam os hinos, «*Avé de Lourdes* e *Sôbre os ramos d'Azinheira*» e outros, alternados com a reza do Terço. Chegados à praça em frente da Igreja, subi ao corêto da música, transformado em púlpito, e dali, recitado o «*Deus seja bendito*» e cantado o «*Credo*» pelos cantores que estavam a meu lado, falei com ardor e satisfação ao maior auditório da minha vida sôbre o motivo daquela jornada gloriosa. Do púlpito senti, ainda mais viva, a impressão de estar na Cova da Iria deante daquele «*mare magnum*» de gente, e do tremular dos milhares de velas que mais pareciam um lago de fogo agitado de contínuo pela fé que abrazava as almas de todos. Belo e surpreendente espectáculo! Levantámos vivas à Religião Católica, a S. Santidade, ao Prelado Diocesano, à Pátria portuguesa e ao bom povo de Cabo Verde, que foram delirantemente correspondidos. Bateram as 11 horas e ainda se cantava o «*Avé, Salvé nobre Padroeira*» etc... mas cantava tôda a gente, professores e estudantes do Liceu, Doutores, gente humilde e pessoas de maior representação; o «*frisson*» da fé, e a grandeza do espectáculo tiveram o condão de não deixar uma alma indiferente.

Esta expansão de amor a Nossa Senhora prolongou-se até à meia noite, que foi quando a procissão deu entrada na Igreja. No fim todos se olhavam admirados e surpreendidos dêste verdadeiro milagre de fé em S. Vicente, comentando cada um a seu modo êste facto extraordinário. Foi realmente uma apoteose à Religião e à Virgem Santíssima, e como tal, mais uma prova do milagre, incontroverso das *Aparições da Cova da Iria*. Aqui, os mesmos indiferentes ficaram subjugados e comovidos perante a grandeza da manifestação e com a piedade e ordem que nela reinou. Portugal é verdadeiramente a terra de Santa Maria, e por isso Ela nos guarda e defende dos seus inimigos. Não me admiro pois de duas notícias, que agora me chegam e aqui deixo como remate desta carta: o centro espírita fechou, e o Pastor protestante, que aqui estava há muito, retirou para a Inglaterra... Ajude-me a honrar a SS. Virgem, e a pedir-lhe as suas bênçãos para êste bom povo, e creia-me todo seu in C. J.

P.^e Lucas Machado

Nossa Senhora de Fátima no seu lindo andor

DA MISSÃO DE N.ª SENHORA DA FÁTIMA, DA GANDA

Com a devida vênia transcrevemos aqui uma carta do Rev.^do P.^e José Breitenstein, dirigida ao Rev.^do P.^e Figueiredo, e publicada nas «Missões de Angola e Congo» n.º de Dezembro de 1931.

Caro P.^e Figueiredo

«A Deus sejam dadas muitas graças, que a nossa Boa Mãi do Rosário da Fátima, continua-nos as suas bênçãos.

Entre vários benefícios, de que somos devedores a tão excelsa Rainha e Senhora, conta-se o seguinte que nos fêz subir aos olhos lágrimas de agradecimento: A Confraria de Nossa Senhora da Fátima ofereceu-nos um harmonio para a nossa capela. Com tôda a franqueza, agradecemos muito, mas contávamos com esta ajuda da nossa Padroeira. Quere crer que não me atrapalham as dificuldades? Digo à Senhora da Fátima, que esta Missão é dela. E sempre me tem valido. Como não tenho tempo para longos artigos (não é assunto que me falta, pode crer), aqui lhe resumo só o número das comunhões. De 1 de Julho de 1930 a 1 de Julho de 1931 distribuimos 20.168 comunhões (é bom notar que estamos numa missão fundada em 1927), sendo 290 primeiras comunhões. Acabo de passar quatro semanas fóra, em excursão apostólica, e distribuí umas 600. Vá lá mais outra notícia: A festa de Nossa Senhora de Fátima foi muito linda.

Deu-nos 75 novos cristãos, que fizeram logo a seguir a primeira comunhão. Durante a minha última viagem baptizei mais 42 adultos, sendo esta cerimónia precedida de retiro na escola rural.

Fundaram-se mais 20 escolas novas. Tôdas as libatas (aldeias) dos vimbundos querem ter a sua escola; a maioria da gente nova (rapazes e raparigas de 12 a 25 anos) querem ser cristãos. Entre outros, tive a felicidade de administrar o baptismo a dois velhos de mais de 50 anos, os quais encontrei muito bem preparados e respondendo às diferentes preguntas do catecismo, como talvez o não pudesse fazer muita gente na Europa, apesar de nascida e criada no meio de cristãos, e onde nada falta para se chegar ao conhecimento das verdades eternas. Um dêstes velhos todo se ufanava por ver ao seu lado, baptizada também, ao mesmo tempo que êle, a mulher, com quem casara, nem êle sabe dizer há que tempo. São sinais dos tempos. Se houvesse por aí velhas revistas, em português e como muitas figuras, como seria por exemplo, a Almanaque de Santo António ou outros semelhantes, e se encontrasse quem os quizesse mandar para a Missão da Ganda... Olhe diga-lhes que não teem que se enganar. Basta irem ao correio e remeterem com a seguinte direcção: — Angola. — P. Superior da Missão Católica da Ganda

por Lobito — Ganda.

É o que de mais simples uma pessoa pode imaginar. Também receberia da melhor vontade, e com muito reconhecimento, santinhos, com os dizeres no verso em português. Teem-me chegado da minha terra, mas com palavras em francês, ou em alemão e os nossos pretinhos não os percebem.

Daqui a três dias, se Deus quizer, torno a sair e tenciono visitar as escolas rurais de Balombo e Bocolo, que parecem andar ao desafio, qual se mostrará melhor.

Recomendo tôdas estas obras às fervorosas orações dos amigos das missões».

P.^e José Breitenstein

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Sofrimento no coração

Em Março deste ano, encontrava-se minha esposa gravemente enferma, passando as noite sentada numa cadeira, sem poder descançar por lhe faltar a respiração, devido aos graves sofrimentos cardiacos acompanhados de horriveis crises que quási lhe faziam parar o coração. Os médicos julgavam a doente perdida e afirmavam que o desenlace era inevitável, pois naquelas condições a vida era impossível. Nesta conjuntura e já sem esperanças na medicina implorei o auxílio de Nossa Senhora da Fátima. Prometi-lhe uma visita de agradecimento na sua capelinha e uma pequenina oferta, caso me concedesse a graça que implorava, e a publicação da sua misericórdia.

De facto, poucos dias volvidos, minha esposa principiou a melhorar e hoje passa bem apesar dos seus 73 anos. Devo pois as suas melhoras a Nossa Senhora da Fátima por cujo motivo, com o maior prazer venho hoje dar público testemunho.

S. Vicente de Pereira.

José Maria da Fonseca

Bronco-pneumonia

António Alexandre, casado, de 67 anos, de Vila Cova, concelho de Ceia, deseja tornar pública a seguinte graça que a Virgem Nossa Senhora da Fátima lhe alcançou. No dia 20 de Abril do corrente ano, adoeci gravemente. Chamado o médico Snr. Doutor Ferrão, declarou ser uma bronco-pneumonia. Empregou todos os meios para destruir tão terrível doença, e não lhe foi possivel, pois o meu mal chegou ao maior extremo, a ponto de o médico declarar que não havia esperança de melhoras. Na noite de 29 para 30 do mesmo mês, rezam-me o ofício da agonia, preparam-me a mortalha e arrumaram uma sala para ser para lá conduzido logo que expirasse.

Mas eu, assistido pela Virgem Mãe de Deus, Senhora da Fátima, em quem todo o meu pensamento se concentrava, pedi às pessoas que me tratavam com todo o carinho, um copo de água de Nossa Senhora da Fátima, que elas também com muita fé tinham já ido buscar e então uma delas chegou-me aos lábios uma pequena colher de água. Eu bebi parte dela, e disse que queria beber o resto. Imediatamente comecei a cantar a Avé Maria, e depois disse que me dessem mais água e elas imediàtamente me sentaram na cama e estando a segurar-me como sempre, a conselho do médico, eu disse que me deixassem e fiquei sozinho, sentado, como se tivesse saúde, peguei no copo de água da Fátima e disse que se retirassem para eu ver bem a claridade que penetrava na meu quarto. Tôdas as pessoas obedeceram e eu ràpidamente levei o copo à altura da vista e da luz e disse com satisfação e a voz clara: ai que linda! Cheguei o copo aos lábios e bebi tôda a água. Tôdas as pessoas presentes disseram umas para as outras: Já não morre. As minhas melhoras foram aumentando, e hoje sinto-me bem, é à Virgem Nossa Senhora da Fátima que eu devo a minha vida. De parte do que fica dito tenho eu plena lembrança e a outra parte contaram-me as pessoas que trataram de mim.

Agradecendo a publicação do que fica exposto subscrevo-me

António Alexandre

Pleuresia

Por considerar uma graça extraordinária o que comigo se passou e que vou relatar, muito grata lhe ficarei se publicar no seu jornalzinho o seguinte:

«Adoeci; o que tinha não sabia explicar. Dores nos pulmões e um estado de grande fraqueza geral levaram-me a supôr que estaria tuberculosa. Fui observada por sete médicos cujos nomes não cito porque lhes não pedi autorização para o fazer. Todos disseram a mesma coisa. Uma pleuresia estava declarada. Quiseram obrigar-me a entrar num hospital para fazer operação imediata. Estremeci... Horrorisei-me ao pensar num hospital, e eis que me lembro da «Salus infirmorum». Voltei-me para ela com tôda a confiança e começo uma novena à Senhora da Fátima. Acabada a novena achava-me restabelecida. Para provas concludentes procurei novamente, os médicos que confirmaram a cura. Estava realmente curada apresentando apenas os sinais interiores de que em mim tinha havido uma pleuresia.

Por uma tão grande graça recebida venho assim publicamente agradecer à Virgem Santíssima, para sua maior honra e glória.

Consuelo Alvares Rodrigues

Rua da Caes do Tojo 14-1.º (Conde Barão) Lisboa.

Doença na boca

Peço o favor de publicar na Voz da Fátima uma grande graça que pelas mãos de Nossa Senhora da Fátima, recebeu minha filha Gormecinda Fernandes. Esta criança chegou a um estado horrendo, — caíram-lhe não só todos os dentes da maxila inferior, mas até o próprio osso dentário!

Graças a Nossa Senhora vive sem dores, o que agradecemos com o maior contentamento.

Joaquim Fernandes Bugalho

Serra de Santos — Brasil.

Tumor aderente ao ôsso

Venho pedir-lhe o favor de publicar na Voz da Fátima, o favor seguinte que recebi de Nossa Senhora. Minha mulher — Luísa Silva Gomes esteve gravíssimamente doente. Dois médicos esforçaram-se por lhe debelar o mal, mas por fim, vendo que a doença era resistente declararam a medicina impotente perante doença tão grave. Uma operação seria o único remédio, mas no sitio onde se encontrava o tumor era quási impossível fazê-la. A doente esteve nove meses sem comer absolutamente nada e dêsses, um mês nada bebeu também, sendo alimentada apenas por injeções! Em estado tão desesperado voltámo-nos para Nossa Senhora da Fátima a quem fizemos muitas promessas, que apesar da nossa indignidade foram ouvidas. Já fomos a Fátima agradecer a Nossa Senhora a graça que nos alcançou, porque embora minha mulher esteja ainda muito fraca, considera-se já livre do terrível mal. Fez a viagem de ida e volta de Vila de Rei e Fátima, de camionete, sem sentir abalo apesar da sua fraqueza. Rendo, pois, graças infinitas a Nossa Senhora pelo grande favor que nos alcançou.

Joaquim de Matos Gomes

Relva, Vila de Rei.

Angina diftérica

Venho agradecer à Santíssima Virgem do Rosário da Fátima a grande graça que me fez concedendo a vida a minha

Menina Maria Otília Ferreira

filha Maria Otília Ferreira de 4 anos de idade.

Estava ausente em Castelões, Beira-Alta, no dia 31 de Agosto quando foi atacada com o garrotilho, chegando a estar na agonia, e dizendo o médico «estar por momentos».

Nestes transes prometi publicar no jornal da Fátima, a graça da cura de minha filha se a Virgem Nossa Senhora lha concedesse. Momentos depois, com

grande admiração de todos, a criança via-se como que reviver a pouco e pouco!

Por êste motivo venho cumprir o meu voto, e juntamente agradecer outra graça de restabelecimento de outro meu filho, que há anos vinha sofrendo.

Rua das Flores 281. Porto.

Teodemira Pinto Ferreira

Atestado

Carlos Luís Gonzaga Braga Real, Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Facultativo Municipal do Partido do Campo de Besteiros — Tondela. Atesto que pelas dezasseis horas do dia 30 de Agosto de 1931 foram reclamados os meus serviços clínicos para a menina Maria Otília Ferreira de 4 anos de idade, residente acidentalmente em Falorco, onde constatei ser portadora duma angina diftérica, que se tinha já declarado no dia anterior mas a que a Família não ligou importância julgando ser uma angina banal, em conseqüência do estado adiantado da doença e do estado da doente já cianosado, falta de conhecimento do mundo exterior, etc. fiz-lhe uma aplicação de 30 centímetros cubicos de sôro antidifterico, coramina 1/2 c. cubico, mas com poucas esperanças no resultado da terapeutica, às dezanove horas voltei a ver a doente o estado mantinha-se na mesma,estando mais cianosada e as falsas membranas aumentadas em superficie, nova aplicação de 20 cc. de sôro. No dia seguinte de manhã o estado da criança agravou-se; repito a terapeutica da vêspera e aguardo os resultados, com tôda a esperança de salvação perdida, às 15 horas como o estado da criança se mantivesse peor repeti mais 10 cc. de sôro e dispuz a Família para o desenlace que esperava dar-se e fatal e a pouco mais duma hora, pois a cianose era enorme, o estado respiratório na mesma, o pulso fraquejava havendo uma tiragem enorme.

Com grande admiração minha e de todos os que assistiam àquele quadro horrivel, pelas 15 horas e 30 minutos, vemos a criança começar a reanimar-se e pelas 19 horas estava completamente boa, só bastante cançada e com sono. Hoje está perfeitamente boa, tendo eu atribuido esta quási ressurreição à virtude que Nossa Senhora de Fátima lançou na minha terapeutica em conseqüência dos pedidos que à Virgem todos os presentes faziam.

Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assino.

Campo de Besteiros, 24 de Setembro de 1931

Carlos Luís Gonzaga Braga Real

Anemia

Humildemente peço a fineza de publicar no jornal a «Voz da Fátima» a graça que de Nosso Senhor recebi por intercessão de sua Mãe Maria Santissima.

Maria Nogueira Coelho, solteira, de 32 anos, da freguesia de São Martinho de Lagares, Penafiel, declaro que, adoecendo no ano de 1927 com fraqueza geral, seguida de hemoptises freqüentes e muito abundantes, cheguei em breve espaço, a um tal estado de prostação, que me impossibilitava o menor movimento, chegando por vezes a julgar terminada a minha existência na terra. Outra coisa não esperava minha família e todas as pessoas que me visitavam, inclusivé o Rev. Pároco que, por vezes me administrou os Santos Sacramentos. Com muita fé em Nossa Senhora, no leito, me contavam os prodígios maravilhosos que por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, se operavam no lugar da sua aparição. Tendo resolvido o digno pároco organizar uma peregrinação a Fátima, desde logo senti imenso desejo de nela me incorporar. A dificuldade, porém, estava em suportar a longa viagem até lá, em camionete (há dois anos que não saía da cama), pois convencida estava que uma vez lá, e aos pés de Nossa Senhora da Fátima, a minha cura seria uma realidade. Organizou-se essa peregrinação em Setembro de 1929. Nela tomei parte, fiz-me acompanhar do atestado médico, que entreguei a quem de direito. Ali fiquei hospitalizada do dia 12 para o dia 13 do dito mês. Passei a noite muito mal sem alimentação alguma, por não poder recebê-la.

Assisti à missa e bênção dos enfermos, com grande dificuldade. Recebida a bênção do Santíssimo Sacramento, pareceu-me recuperar algumas fôrças. Comecei a comer, sabendo-me bem os alimentos que me deram, e já na tarde dêsse dia, sem custo algum ou fadiga, percorri todo êsse largo espaço destinado às manifestações de Fé a Nossa Senhora.

No regresso suportei a viagem admiràvelmente; dia a dia sentia mais fôrças, mais apetite, terminando as hemoptises até hoje, graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Enfim, julgo-me e sinto-me completamente curada. Propositadamente, e a conselho do meu pároco, demorei êste relato, para melhor se acentuar a minha cura. Passados já dois anos, sentindo-me cada vez mais forte, voltando aos meus afazeres quotidianos, fazendo caminhadas (nem à minha igreja pude ir durante dois anos). Obtida a declaração do ilustre facultativo, que me tratou durante essa longa doença e com o assentimento do meu pároco que sempre me acompanhou e tudo testemunhou, interessando-se muito pela minha cura, ingrata seria se publicamente não viesse render as minhas homenagens e a minha gratidão de filha submissa de Maria, que o sou, a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Maria Nogueira Coelho

(Segue a declaração do médico)

Eu abaixo assinado, médico-cirurgião do Porto, atesto e juro que Maria Nogueira Coelho, solteira, de trinta e dois anos de idade, natural e residente na freguesia de Lagares, concelho de Penafiel, tendo sofrido de hemoptises durante dois anos, desde junho de 1927 até maio de 1929, se encontra desde então completamente curada, o que por ser verdade atesto e juro.

Font'Arcada, 10 de outubro de 1931.

Aloysio José Moreira

Pneumonia

Peço-lhe encarecidamente a publicação desta carta nas colunas do seu jornal para que, sendo lido o seu conteúdo, seja conhecida do público mais uma das grandes graças que a tôdas as horas a Virgem Santíssima nos dispensa.

Minha irmã, Maria da Glória Ferreira, em janeiro do corrente ano foi atacada por uma paratifoide e por uma pneumonia, elevando-se a febre a 40 graus, e durante cinco dias permaneceu coberta de gêlo e já sem haver esperanças de a salvar daquelas terríveis doenças.

Foi então que recorri à Virgem Santíssima da Fátima pedindo-lhe que me dispensasse esta graça e que a mandaria publicar no seu jornal. Nessa altura, após a entrada da doente no Hospital Walter Bensaude, começou a entrar em convalescença e continuou dia a dia a ficar melhor, e graças à Virgem Santíssima está perfeitamente bem. Cumpre-me agora agradecer reconhecidíssima à Virgem tão grande graça que julgo ser devida à sua intercessão.

Horta, 15 de Outubro.

Margarida do Rosário Ferreira e Silva

Nevralgia, pleuresia e tifo

Albina Pereira Valente sofreu durante 4 anos a princípio de pleuresia algo sanguinea e por fim de tifo em que durante dois meses apenas se alimentou da farmácia sobretudo a injecções.

Resignada no meio do sofrimento com que a doença tanto a martirisou, falava da morte contente, a sorrir, porque após ela, dizia, «vou para o céu» e resava com a irmã todos os dias o têrço do rosário a Nossa Senhora da Fátima.

Carregada de febre, sem se alimentar há dois meses, já com os últimos sacramentos e julgada de todos perdida, pois que lentamente lhe desapareciam os sentidos e arroxeavam as pontas dos dedos, pede água de Fátima que bebe com muita fé e acompanha com o pensamento a irmã que junto do seu leito resa o terço do rosário. Não comia há dois meses; e depois de beber a água da Fátima tem vontade de comer e pede que lhe tragam. Come contra o preceito do médico e o alimento nunca lhe fez mal; lentamente readquiriu a saúde que fervorosamente pedira e pede à Mãe do céu. Hoje, completamente de saúde, muito grata a Nossa Senhora da Fátima a quem atribui a saúde, torna pública, em cumprimento dum voto, a graça da sua cura com que a Mãe do céu lhe dera a saúde e a vida.

Tordilho.

Albina Pereira Valente

Pleuresia purulenta

No ano de 1928, nos princípios de março, adoeceu uma afilhada minha, Amada Maria de Lourdes Nunes.

Durou a doença mais de um mês, no fim do qual, o médico declarou tratar-se de uma pleuresia purulenta que só por meio de uma operação poderia ser curada. Sujeitou-se a ela no mês de Abril seguinte, mas continuou sempre mal, sendo preciso fazer nova operação.

Eu então lembrei-me de Nossa Senhora da Fátima, arranjei um pouco da sua água que levei ao hospital e disse a sua mãe e família que fizessem uma novena a Nossa Senhora, e que todos os dias nessa ocasião lhe dessem a beber um pouquinho daquela água de devoção, que tinha fé que Nossa Senhora da Fátima havia de curar a doente.

E, assim aconteceu; em pouco mais de um mês ficou restabelecida de todo!...

Não mandei publicar esta graça há mais tempo, conforme tinha prometido, porque me diziam que ela não ficaria como tinha sido, mas que havia de ficar com algum defeito. Não aconteceu, porém assim. Hoje tem 7 anos, está de saúde perfeita, forte e esperta como era antes da doença, por isso rendo muitas graças a Nossa Senhora da Fátima por tão grande benefício recebido.

Francisca Nunes do Couto

Ilha Terceira — Açores.

Angina Pectoris

Maria Ferreira Leandro e Irene Ferreira Coelho.

Tendo nosso pai sido atacado de doença súbita angina *pectoris*, chamamos o médico que nos desenganou. Aflitas recorremos imediatamente à Santíssima Virgem oferecendo-lhe as nossas orações e prometendo publicar esta graça o que hoje fazemos. Nosso pai encontra-se bem, continúa nos seus trabalhos e dá grandes passeios sem que se canse. Mais uma vez prestamos os nossos reconhecimentos à Santíssima Virgem.

Lavre.

Maria Ferreira Leandro e Irene Ferreira Coelho.

Agradecimento

Encontrava-se minha bis-tia, Ana Luisa Dias, de Valdreu, Vila-Verde, doentíssima já havia muitos dias. A doença avançava dia a dia. Como ela tinha 87 anos esperavamos já o desenlace fatal. Nem remédios nem orações a melhoravam...

Entretanto parece entrar em agonia!... Tôda a família desanimou e já chorava aquela que tanto amava.

Eu lembrei-me da minha Mãi do céu que nunca me tem desamparado nos dificeis transes da vida e voltei-me de joelhos para Fátima, prometendo publicar a cura de minha tão querida bis-tia se ela lhe fosse concedida. Fui atendido. Minutos passados, entro no aposento onde ela se encontrava e disse: «voltem-se para Fátima»... Ela principiava a falar, a rir-se e daí a dois dias estava completamente bem!... Agradeço-vos, Mãe Santíssima, o favor concedido, continuai a rogar por nós que recorremos sempre a Vós.

Braga

J. Amadeu Dias

Graças diversas

Maria Rodrigues, de Berçô Laguaça, agradece a Nossa Senhora uma graça que obteve por sua intercessão.

Inês de M. Sequeira e Coelho, de Pondá, India, agradece a cura duma pessoa de suas relações, vítima dum ataque de paralisia.

Deodato A. Cabral de Melo, Seminário de Angra, diz o seguinte: — Cheio de gratidão venho publicamente agradecer à Rainha de Portugal, Nossa Senhora da Fátima, uma graça particular que se dignou alcançar para êste seu indigno servo.

Joana V. Neves de Oliveira Menezes, R. do Breyner, Porto, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe concedeu.

Maria Fonseca Godoy-Campinas — Brasil, agradece uma graça que por Nossa Senhora alcançou e que muito estimou alcançar.

Emília Mendes — Gaia, agradece a cura dum sofrimento que há 4 anos a tormentava. Rebelde à medicina, desapareceu com a intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Gertrudes da Conceição Martins, dos Casais do Vale Bemfeito, agradece a cura dum atroz sofrimento que tinha nos rins. Atribue a cura à água de Nossa Senhora da Fátima.

Francisco da Silva Costa, de S. Tiago de Estarreja, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe restituido a saúde que, devido a uma queda, havia perdido há muito tempo. No 3.º dia, depois que começou a pedir o auxilio de Nossa Senhora, sentiu-se capaz de retomar os seus trabalhos.

Confraria de N.ª S.ª da Fátima

Mais uma vez vimos perante os leitores dêste jornal, e duma maneira especial perante os membros da Confraria de Nossa Senhora da Fátima, apresentar as contas do rendimento dos anais no ano de 1931 próximo passado.

Durante o ano de 1931 o rendimento total foi de *5.402$65*.

Com as correspondências relativas à mesma confraria foram gastos *42$00*, ficando livre um total de *5.360$65*. Ora, segundo o artigo 4.º dos estatutos da mesma Confraria, o lucro total deve ser dividido em duas parte iguais, uma das quais será aplicada no culto de Nossa Senhora da Fátima, e a outra em Missas celebradas por todos os confrades vivos e defuntos, cujos anuais tenham sido satisfeitos.

Foi o que se fêz;—foram entregues para serem gastos no culto de Nossa Senhora da Fátima *2.680$32* e com igual quantia foram celebradas *432* missas, dez das quais foram por alguns confrades reünidos, e as restantes por todos os confrades vivos e defuntos.

Tão grande riqueza espiritual deve-se à fé e generosidade dos bons confrades, mas também ao zêlo dos Snrs. Colectores e Colectoras a quem publicamente se agradecem todos os trabalhos e talvez desgostos, — quási sempre a única recompensa que neste mundo alcançam os que trabalham pelo bem das almas.

O bom Jesus Sacramentado, descendo *432* vezes ao altar com as mãos cheias de graças, tê-las-á espalhado abundantemente no coração de todos os confrades da sua querida Mãe a Virgem Senhora da Fátima, graças que, um dia, no céu perante todos os eleitos serão trocadas por glórias e gozos que não mais acabarão.

Esperamos em Deus e na Virgem Maria, que daqui a um ano se poderá anunciar que foi celebrado um número de Missas mais elevado do que o dêste ano.

Não ficou em caixa dinheiro absolutamente algum pois que a Confraria não quere as esmolas de seus confrades se não para as mudar em graças em benefício de suas próprias almas.

Movimento religioso no Santuário de Fátima
Ano de 1931

13 de janeiro — Missas 22. Comunhões cêrca de 1:200. Comunhões nos outros dias, 528. Comunhões em todo o mês, 1.728.

13 de fevereiro — Missas 18. Comunhões cêrca de 900. Comunhões nos outros dias, 561. Comunhões em todo o mês, 1.461.

13 de Março — Missas 15. Comunhões cêrca de 1.200.

25 de Março — Missas 10. Comunhões cêrca de 1.000. Comunhões nos outros dias, 505. Comunhões em todo o mês, 2.705.

13 de Abril — Missas 12. Comunhões cêrca de 2.000. Comunhões nos outros dias, 856. Comunhões em todo o mês 2.856.

12 de Maio — Comunhões cêrca de 1.600.

13 de Maio — Missas 250. Comunhões cêrca de 32.000. Comunhões nos outros dias, 1.135. Comunhões em todo o mês, 34.735.

12 de junho — Comunhões cêrca de 300.

13 de junho — Missas 15 — Comunhões cêrca de 7.000.

21 de junho — Missas 12. Comunhões cêrca de 1.000. Comunhões nos outros dias, 814. Comunhões em todo o mês 9.114.

13 de julho — Missas 32 — Comunhões cêrca de 8.000. Comunhões nos outros dias, 1.324. Comunhões em todo o mês, 9.324.

13 de agosto, Comunhões cêrca de de 10.000. Comunhões nos outros dias, 866. Comunhões em todo o mês 10.866.

13 de setembro — Comunhões cêrca de 9.000.

14 de setembro — Comunhões cêrca de 200. Comunhões nos outros dias, 539. Comunhões em todo o mês, 9.739.

11 de outubro — Comunhões cêrca de 400.

12 de outubro — Comunhões cêrca de 900.

13 de outubro — Comunhões cêrca de 13.000.

14 de outubro — Comunhões 308. Comunhões dos outros dias, 827. Comunhões em todo o mês 15.435.

13 de novembro — Comunhões cêrca de 900. Comunhões nos outros dias 695. Comunhões em todo o mês, 1.595.

13 de dezembro — Comunhões cêrca de 1.600. Comunhões nos outros dias até 24, 492. Comunhões no mês de Dezembro (até 24) 2.092. Número total das Comunhões no ano, 101.650.

24 de dezembro de 1931.

P.e Manuel de Souza

Movimento de doentes no Santuário de Fátima
Ano de 1931

Em 13 de janeiro foram observados 16 doentes. Não traziam atestados Médicos.

Em 13 de fevereiro foram examinados 11 doentes. Não traziam atestados Médicos.

Em 13 de março foram examinados 13 doentes. Não traziam atestados médicos.

Em 13 de abril foram examinados 58 doentes. 4 traziam atestados médicos.

Em 13 de Maio foram examinados 274 doentes. 53 traziam atestados médicos.

Em 13 de Junho foram examinados 128 doentes. 6 traziam atestados médicos.

Em 13 de julho foram examinados 143 doentes. 22 traziam atestados médicos.

Em 13 de agosto foram examinados 135 doentes. 11 traziam atestados médicos.

Em 13 de setembro foram examinados 139. doentes Não traziam atestados médicos.

Em 13 de outubro foram examinados 129 doentes. 13 traziam atestados médicos.

Em 13 de novembro foram examinados 17 doentes. Não traziam atestados médicos.

Em 13 de dezembro foram examinados 25 doentes. Não traziam atestados médicos.

Foram pois examinados durante todo o ano 1:151 doentes dos quais 109 traziam atestados de seus médicos assistentes.

No dia 13 de Maio prestaram serviços no Albergue 25 médicos.

Quanto aos outros dias 13 não existe nota alguma dos médicos que hajam prestado serviços.

RESPONDENDO
Porque é que tantas pessoas não têem religião?

Porquê? São fáceis de encontrar os motivos. Haverá quem se desculpe com a falta de tempo e outros não terão a liberdade precisa para a praticar. O maior número não pratica a religião porque a desconhecem. Ignoram as verdades, as provas e até a necessidade da religião e ninguém pode desejar o que desconhece.

* * *

E uma triste verdade que muita gente ignora as verdades da religião. Nada mais fácil de verificar.

Que é que o povo sabe destas coisas? Quási nada. Aprendeu-se (quando se aprendeu) alguma coisa até aos doze anos. Aos quinze já cada um tomou o seu lugar na fábrica ou na oficina. Aos vinte, serviço militar. Vem depois o casamento com as consequentes necessidades do pão de cada dia. Nesta altura quási tudo está esquecido e entre cem operários ou aldeões apenas haverá meia duzia que conserve uns restos de catecismo.

E as classes médias? Não vão mais além, se é que atingem a altura do simples povo.

Encontram-se industriais e comerciantes inteligentes, médicos habeis, homens experimentados em negócios, administradores muito seguros e competentes. Em geral a sua sciencia religiosa, se existe, é rudimentarissima.

A um dêstes que um dia se poz a discutir religião houve quem replicasse: Olhe, meu amigo, para se falar duma sciência é preciso conhecê-la. Conhece a religião? Sabe as suas verdades elementares? Sabe dizer-me quais são os seus principais mistérios? Pode recitar-me os doze artigos do credo?»

Balbuciou umas coisas ininteligiveis e queria prosseguir na discussão. «Não, não, meu amigo, estude e mais tarde veremos.»

E as classes cultas? Bem pouco sabem às vezes.

Não é difícil que um professor da universidade ou de qualquer escola superior saiba menos de religião do que qualquer humilde pessoa do povo, completamente analfabeta.

Falando dos seus colegas, o ilustre sábio Chevreul dizia:

«São, em geral, excelentes pessoas, gente cheia de espírito, sábios notáveis na sua especialidade mas que supina ignorância em tudo que diz respeito a Deus! E difícil imaginar até onde ela chega!»

* * *

Muitos homens ignoram as provas da religião.

— La Harpe, convertido à religião depois de longos anos de incredulidade, dizia a seus camaradas: «Comecei a crer porque examinei; examinai como eu e crereis também.» Ora, entre os que não praticam a religião quantos ha que não a examinaram ou examinaram mal!

Não estudam. São incredulos sem saber porquê. Nem seriam capazes de justificar a sua incredulidade.

Esta religião tão magnífica nas suas promessas, tão pura na sua moral, tão fecunda em virtude, tão potente sobre o coração dos povos que ela sucessivamente vem chamando a si... esta religião tão admirável pela sua extensão que abraça o mundo e pela sua imobil duração no meio das revoluções humanas... esta religião tão imponente pelo número e qualidade dos seus adeptos... merece-lhes um interesse muito secundário.

Os seus partidários representam o que em vinte séculos tem havido de mais eminente no génio como na virtude, de mais extraordinário pelo saber e pelo talento de mais exigente nas provas... isto não lhes merece atenção.

Não vale nada para eles a opinião de tão sublimes espiritos.

«Que ignorância a sua (exclama Bossuet)!..., pensam ter visto melhor as dificuldades a cujo peso sucumbem e pelas quais os outros passaram sem fazer caso!

Não, não viram nada, nem perceberam nada...» E se realmente tinham dificuldades deviam procurar resolvê-las, interrogando e estudando.

Os ministros da religião são os seus doutores e interpretes autorizados. Nas questões espinhosas das leis, dirigimo-nos a um jurisconsulto: nas sciências

naturais ouvimos os sábios que lhes penetraram os segredos; em assuntos agrícolas, industriais ou militares, interrogamos os agrónomos, os engenheiro os oficiais.

Em tôdas as controversias a última palavra pertence às capacidades e às competencias e, se eu quero mostrar que tenho juizo, não vou mandar fazer uma porta a um alfaiate mas a um carpinteiro.

Ora, em assunto de religião, há quem se dispense desta regra elementar, desdenhando das luzes, do saber e da direcção dos ministros da religião.

Se consultam alguém, com quem vão êles ter? com qualquer livro frivolo que dá gracinhas em vez de razões, — com qualquer camarada imbecil que procura na descrença a justificação da sua conduta, — com um patrador qualquer que de tudo fala sem nada saber.

O que é verdade é que entre com pessoas extranhas à vida cristã, mais de noventa e cinco não estudaram a religião ou a examinaram muito superficialmente, tendo dito lá para si mesmos: «A religião é exigente de mais. Impõe muitos deveres e sacrificios. Deve ser regeitada. E será ela necessária, não se poderá viver sem ela? Fulano e fulano fazem-no. Não poderei eu fazer o mesmo?» E assim se passa a vida fazendo como tanta gente sem nunca se inquietarem com a solução dum problema tão sério.

•
• •

Muitos nunca chegaram a perceber que a religião é necessária. Necessária ao individuo, à família, à sociedade. Ela é uma muralha de defeza e é uma fonte.

Uma muralha contra o invasão do mal que nos ameaça e contra essa onda de sensualismo que vai manchar até a candura das crianças. Uns ventos de independência e insubordinação impelem a juventude.

Os caracteres amolecem, os crimes... são um pavor. A população diminue. A luta entre as classes é cada vez mais aguda. A febre do ouro e dos praseres excita febrilmente todos os cérebros. Posto isto, eu desafio quem quer que seja a que ponha um dique a este trasbordar de paixões que não seja dentro dos principios religiosos.

Mas a religião é também uma fonte viva que produz a virtude, a probidade, a união, a paz, a felicidade pública.

Se, correndo de tôdas as partes sôbre êste solo invisível que se chama a alma duma nação, ela forma como que a corrente geral, tudo caminha bem. Se esta fonte sagrada baixa e, sobretudo, se séca, tudo caminha mal, tudo vacila, tudo morre.

O ceu tem ainda o seu azul, os seus raios e as suas claridades, a terra conserva ainda a sua primitiva fecundidade, as montanhas estão ainda de pé em tôda a sua magestade, as mesmas ondas veem bater contra as mesmas praias, as mesmas brisas fazem ondear as searas, as muralhas das cidades estão ainda intactas, a raça transmite ainda, com o sangue, os seus sinais caracteristicos, a lingua tem ainda a mesma harmonia... mas a alma do povo deixou de palpitar como antigamente. A fonte secou, as tradições sagradas e as crenças augustas morreram e deante da nossa vista temos apenas os aparências e o cadáver de um povo. Isto é evidente.

— No entanto muitos homens não vem isto, não compreendem a importância nem a necessidade da vida religiosa, nem para êles nem para a nação.

Fogem e ninguém os vê nos templos, nem nas festas solenes, nas grandes assembleias religiosas, não dando assim exemplo da sua fé actuante, opondo a vista das suas crenças santas às conjurações do inferno.

Assistem apenas como expectadores, à grande batalha do bem e do mal, como um habituês dos teatros vendo desenrolar-se diante de si as peripécias do drama ou o movimento dos actores. Quando muito lançarão sôbre as nossas ruínas sociais e religiosas uns estéreis e passageiros gemidos. Se alguém os importuna e adverte do perigo, encolhem os hombros e... deixam-se afogar.

•
• •

Ora esta abstenção não prova nada. A noite é a noite e ela não diz que o dia não seja o dia. Por muito numerosas que sejam as pessoas que não praticam a religião porque a não conhecem, isto em nada invalida as razões dos que a conhecem e praticam. A incredulidade de muitos funda-se na ignorância. Não tem, pois valor.

Quantas vezes não opõem à religião argumentos tam estúpidos como êste: «Para que me hei-de ir confessar? Seria preciso ter cometido pecados e eu não os tenho».

«Senhor, responde um sacerdote, há duas qualidades de pessoas que não pecam: os que não chegaram ainda ao uso de razão ou os que já a perderam.» Quási sempre uns cegos os descrentes.

•
• •

Cuide cada um, dentro das suas possibilidades, de fazer cessar esta cegueira, procurando com as suas palavras e sobretudo com os seus exemplos, fazer um pouco de luz em volta de si.

Façamos-lhes vêr que a religião e a sociedade são solidárias e que os perigos duma ameaçam também a outra.

Uma palavra dita a propósito, a leitura dum bom livro podem abrir largas clareiras, discipando muitas trevas, trazendo confôrto a tantas almas que só esperam alguém que as guie..

VOZ DA FATIMA

Despezas

Transporte	305.867$44
Papel, comp. e impr. do n.º 111 (60.000 ex.)	3.290$00
Franquias, embalagens, transportes, etc.	1.369$50
Na administração em Leiria	357$00
Total... ...	310.883$94

Donativos desde 15$00

Maria Augusta de Oliveira — Soure, 20$00; António da C. Ruivo — Porto, 20$00; José Gonçalves Duarte — Viana do Castelo, 20$00; Afonso de Albuquerque — Lisboa, 15$00; Aida de Figueiredo — Feira, 15$00; José Urbano de Andrade — Açores, 50$00; Francisco da Silva — Beira Baixa, 15$00; Distribuição em Vila Nova de Foscôa, 60$00; José de Sá Couto — França, 22$40; Clara Monteiro — Pombal, 20$00; Maria do Carmo — Pombal, 20$00; Nicolau de Almeida—Covilhã, 20$00; Rosa da Cruz—Curia, 15$00; Maria da Costa Martins — Mamadeiro, 20$00; António Pereira Rosa—Brasil, 20$00; Augusta Nogueira — S. Mamede, 15$00; Maria Assunção — Funchal, 25$00; Rosalina Gorges — Cascais, 15$00; José Cardoso—Douro, 20$00; António Inácio Henriques—Lourinhã, 40$00; Assinantes de S. Cruz—Madeira, 141$50; Dr. Joaquim Mendes — Lousada, 20$00; P.e Hermano Mendes — Lousada, 20$00; Maximina Brás — R. de Monsaraz, 20$00; João Lopes—Vizela, 15$00; Maria Júlia Ferreira — Pôrto, 20$00; Esmola no Pôrto, 20$00; José Correia de Sá — Ermida, 20$00; Brites Alves — Setúbal, 15$00; Padre Francisco Fernandes — Póvoa de Varzim, 60$00; António Fonseca— Dice-France, 15$00; Júlio António—Macau, 106$00; Maria da Encarnação—Arm. de Pêra, 25$00; Joaquina da Cunha—Mau, 28$00; José João Nunes — Beira-África, 15$00 Benta Madeira — Evora, 20$00; Maria Carlota — Fundão, 20$00; Maria Urbana- Alf. da Fé, 20$00; Emília Augusta— Vila Nova de Ceira, 30$00; Maria Almeida — Mirandela, 20$00; Maria da Conceição—Açôres, 20$00; Dr. Manuel Rocha, 30$00; Maria de Faria—Açores, 20$00; M.a da Silva Angelo—Barcelos, 180$00; Francisco Rodrigues — Açores — 15$00; P.e José Pinho—S. M. de Infesta, 20$00; P.e Joaquim da Rocha—Infesta, 15$00; Inácio Moura—Lisboa, 20$00; Ana Cardoso — Estremoz, 30$00; Manuel Martins — Brasil, 15$00; José dos Santos — Brasil, 15$00; Ana Candida — Brasil, 15$00; Manuel Duarte—Brasil, 15$00; Maria J. Pereira— Beira Alta, 20$00; Francisco Fernandes—S. Tiago, 20$00; Maria Emília—Mangualde, 20$00; Maria Leal—Vila Nova de Famalicão, 20$00; José Dias—S. Paulo-Brasil, 15$00; José dos Reis—Brasil, 15$00; Manuel de Assis—Evora, 15$00; P.e João Mascarenhas — Algarve, 50$00; Margarida da Silva — Cascais, 20$00; Artemisia Cunha—Sabugo, 20$00; Emília Augusta — F. do Zêzere, 50$00; Adelaide de Melo — Santarém, 20$00; João Ferreira — Braga, 100$00; P.e Francisco Lucas — Fuzeta, 112$40; Isaura Nunes — Ribatejo, 15$00; Fr. Bruno de Lima—Espanha, 62$50; Maria Dolorosa—Coimbra, 20$00; Elvira Falção — Douro, 50$00; Maria Isabel Russo — Alpiarça, 25$00; P.e José Augusto—S. Pedro de Alva, 50$00; Isabel Sousa — Lousada, 25$00; Albano Costa—Bragança, 20$00; Natália Canêdo — Vouzela, 20$00; Francisco Boléo — Coimbra, 15$00; Padre António dos Santos — Ericeira, 50$00; Maria Fernandes — Lisboa, 100$00 Joseph Fraga—América, 31$10; Esmola de Fátima, 62$65; António Dias — Lisboa, 20$00; Olinda Eugénia — Porto, 20$00; Maria da Cunha—Lisboa, 15$00; Elvira do C. de Jesus—Cadaval, 20$00; Elisa Rios — Estremos, 60$00; Francisco Vargos—Santarém, 15$00; Maria Alzira — Penafiel, 40$00; José da Rocha — Viana do Castelo, 20$00; José Fernandes — S. Marta, 15$00; Distribuição em Viana do Castelo, 95$00; Manuel da Silva—Figueira da Foz, 20$00; Maria Silva — Sertã, 81$00; Directora do Hospital de Alpedrinha, 115$00; Maria Henriques—Funchal, 20$00; Elvira de Sousa — Lisboa, 40$00; Maria Matos—Lisboa, 66$00; Igreja de Belém—Lisboa, 216$30; Sancha da Conceição—Lourenço Marques, 20$00; Bernardo Fernandes — Lourenço Marques, 20$00; António de Sousa—Lourenço Marques, 20$00; Armando da Costa—Lourenço Marques, 15$00; Lourenço Fernandes—Lourenço Marques, 15$00; Benedito de Sousa — Lourenço Marques, 15$00; João de Sousa—Lourenço Marques, 15$; Inês Pinto — Lourenço Marques, 15$00; Maria Santana—Lourenço Marques, 15$; Rosada de Sousa — Lourenço Marques, 15$00; Paulo Pinto — Lourenço Marques, 15$00; Esmolas de Lourenço Marques, 24$00;; Maria do Carmo—Pôrto, 25$00 Esmola de Matacães — Tôrres Vedras, 50$00; Igreja do S. S. Coração de Jesus — Lisboa, 26$00.

FÁTIMA À PROVA

A frieza do clero

No artigo precedente vimos a atitude do pároco de Fátima ao tempo das aparições.

As vezes há porém certos feitios que só estão bem na oposição, que tudo vêem ao invez dos outros deixando-se tomar do espirito de contradição...

Quem sabe, pensará alguém, quem sabe se o antigo prior de Fátima não era um dêsses feitios?...

Era possivel que êle procedesse asim sem contudo ter consigo o clero das redondezas

Possivel cra sem dúvida. Mas como do poder ser ao ser, vai sua diferença, não se afirmará que foi assim sem para isso haver argumentos suficientes.

Ora êsses argumentos faltam em absoluto.

Há porém argumentos muito sólidos para afirmar o contrário.

Senão vejamos qual foi a atitude do clero da vigararia de Ourém a que Fátima e o seu prior pertencem.

O Vigário da Vara

Presidia então à vigararia de Ourém o Rev.º Sr. P.e Faustino José Jacinto Ferreira, prior do Olival.

Figura distinta dos velhos tempos, o P.e Faustino entrava com o mesmo à vontade e cercado da mesma simpatia na côrte, no Paço Patriarcal e no mais humilde casebre da sua freguesia.

Trabalhadas com o seu labor apostólico, tinha visto surgir muitas gerações e dos padres que então pastoreavam as freguesias da vigararia, a muitos dirigira-lhes êle os primeiros passos no caminho do santuário.

O clero formava ali uma como grande família, cujo chefe, não por simples disposição da autoridade, mas por eleição de amisade, reverência e estima, era o P.e Faustino.

Todos confiavam plenamente nêle: determinação que tomasse, bastava ser sua para ser acatada e a sua opinião seguida sempre com respeito e amor.

Era para êles mestre, modêlo e amigo.

Basta lembrar as grandes reuniões do clero na sua residência do Olival, para se ter disso as mais inequivocas provas.

Que a sua figura se destacava entre o clero paroquial prova-o facto de ter sido escolhido para o primeiro grupo de consultas diocesanas.

De rara memória e inteligência perspicaz, conhecia de nome cada um dos seus quási 7.000 paroquianos e tinha sempre presentes as várias circunstâncias da sua vida física, moral, civil ou religiosa.

A virtude excedia no P.e Faustino os dons da natureza.

A notável piedade, a devoção a Nossa Senhora e às almas do Purgatório, o zêlo pela casa de Deus e pelo esplendor do culto divino fizeram dêle a honra da sua terra e o ídolo do seu povo.

Porisso é que na mudança de instituïções ou pouco depois por 1911 quando os jacobinos locais quizeram afrontar a religião católica não tiveram melhor meio do que enxovalhar a venerando figura do Prior do Olival conservando-o preso por umas horas nos calaboiços da séde da Comarca.

•

Era grande o seu conhecimento das coisas e dos homens, e sabia dar tempo ao tempo.

Foi porisso um dos escolhidos pelo Sr. Bispo de Leiria para fazer parte da grande comissão encarregada de averiguar o que se passava na Fátima e de formar o respectivo processo.

Não quis Nosso Senhor dar-lhe cá na terra a consolação de ver terminados os trabalhos dessa comissão pois o chamou à Sua Santa Glória a 10 de Julho de 1924.

•

A sua atitude em face dos acontecimentos da Fátima encontra-se espelhada na do Rev. Prior, que êle fomentava, animava e apoiava.

Mas podemos vê-lo mais claramente ainda.

O «Ouriense».

Publicava-se ao tempo em V. Nova de Ourém com o nome de «Ouriense», com o sub-titulo de «Boletim do concelho de Vila Nova de Ourém» um pequeno jornal de propaganda religiosa.

A primeira aparição dera-se em Maio, a segunda em Junho e a terceira em Julho. Pois passa-se Maio e Junho e só no número de 29 de Julho vem a primeira referência.

Referência entusiástica e apaixonada?

Era natural se tudo aquilo fôsse obra do clero...

Ora a notícia vem tôda numa pequena local em metade da primeira coluna da 4.ª página.

Desejamos reproduzi-la na íntegra dada a autoridade especialissima do jornalzinho — órgão do vigário e do clero da vigararia.

«Real Aparição ou suposta... ilusão Fátima»

Esta frèguesia experimentou no passado dia 13 o espectáculo mais maravilhoso e comovente, que a imaginação podia idealizar.

Quererá a Rainha dos Anjos fazer desta frèguesia uma segunda Lourdes?!...

Ah! Quem o merecera?!

A Deus e à Virgem Mãe não é impossivel.

Não foi possivel fazer o cálculo aproximado do número de pessoas que vieram à distância de tantas léguas, desde o humilde pastorinho, rude lavrador, aos que fazem agradáveis passeios em velozes automóveis para tomarem fé de alguma prova de tão propagada Aparição de N. Senhora a 3 crianças desta frèguesia.

(3.ª vez 13-7-1917).

Tôdas as pessoas ou, pelo menos a maior parte, ficaram satisfeitas só em verem a maneira como as crianças se apresentaram e falaram — perguntando... pedindo... e esperando tempo de resposta sem que mais ninguém as ouvisse.

Isto — dizem, pois não fui testemunha — na presença, segundo os diversos cálculos, de 800, de 1.000, de muito mais de 1.000 e de mais de 2.000 pessoas que no mais admirável dos silêncios ora rezavam, ora suplicavam, ora choravam; por último foi necessário que almas piedosas, para livrarem as crianças de confusos interrogatórios e de graves incómodos que poderiam ter no meio de tão grande multidão, pegassem nelas e as metessem em automóvel e as afastassem a distância de 2 e meio quilómetros para junto da igreja onde foram fotografadas.

Foi simplesmente admirável, por ora mais nada digo.»

•

Até aqui o «Ouriense» com uma tal economia de espaço e de pormenores como o faria qualquer jornal neutro da época.

Não se pode, na verdade, dizer que a dois meses e tal da primeira aparição, e já após a terceira o cronista esteja apaixonado pelo que escreve!

Era assim que o clero do Arciprestado falava pelo seu órgão oficial de larga difusão no concelho.

Quando me ponho a pensar nesta admirável atitude e reflito que não havia entre os seus membros nem grandes teólogos nem profunda cultura fico convencido de que jun'o a uma prudência singular e a um notabilissimo bom senso também havia sôbre aqueles padres uma especial acção do Espirito Santo.

Não se pode com efeito atribuir só a dotes naturais esta placidês e fleugmática tranqüilidade de espirito com que assistem ao mais extraordinário dos fenómenos do seu século.

•

Com o Prior o restante clero da Vigararia procurava estudar, inquirir, certificar-se.

Parecia terem-se deixado tomar de certo feitio inquisitorial.

A este respeito quero aduzir aqui parte do depoimento do Ex.mo Snr. Dr. Carlos de Azevedo Mendes folha 1, verso, linha 18 e seguintes que nos trás muita luz.

Era na 1.ª sexta-feira de Agosto de 1917.

O depoente viera em passeio até à Fátima e quisera ouvir a opinião do Rev.mo Clero ali reunido para confissões no tríduo de preparação para a festa do S. Coração de Jesus.

Conversou largamente e dessa conversa entre outras coisas que refere, diz:

«Lembro-me mesmo que um dos Rev.os Padres cujo nome não conservo, me disse — «no meu interrogatório fiz de polícia, procurei por muitas vezes atrapalhá-las mas mantiveram sempre as suas afirmações.»

Não se tratava de meros inquéritos frios como os oficiais em que friamente se pregunta e friamente se redige a resposta do interrogado.

Nem também de habilidosas preguntas lançadas à maneira de rede para apanhar a vitima.

Ancioso por descobrir a fraude ou a ilusão passavam até, talvez, um pouco além dos justos limites que deante de uma criança de 10 anos é necessário respeitar.

O zêlo do bom nome da Igreja empresta a alguns dêstes Sacerdotes um certo calor que demonstram, sobretudo, nos interrogatórios.

A onze anos de distância quando já o Senhor chamou a Si parte dêstes Sacerdotes apraz focar nestas linhas essa nobre atitude de amor à verdade.

É Lúcia, a vidente mais velha, que, na sua linguagem simples de serrana nos vai pintar a tintas fortes o quadro em que revivem essas venerandas figuras de padres e no centro o vulto impreciso e indefinido da própria vidente.

Depois da aparição de Junho *«fui visitada por muitas pessoas, e entre elas alguns Sacerdotes que me apertaram com preguntas e me ralharam muito, dizendo-me pessoas da minha família que eu mentia e a minha Mãe chegou a bater-me com o cabo de uma vassoura»*

(Interrogatório oficial de Lúcia de Jesus, feito em 8 de Julho de 1924 pag. 3 — linhas 2.ª e seguintes.

• • •

Vigário da Vara, pároco de Fátima e restante clero da Vigararia seguiam pois a mesma norma sem esmorecimentos e sem excepções.

Não parece que durante as aparições nem nos primeiros tempos depois o clero da Vigararia que mais devia exultar com os sucessos se destacasse entre o doutros centros...

Muito pelo contrário!

Um Observador

AVISOS

I

A Voz de Fátima é distribuída gratuitamente na Cova da Iria todos os dias 13. Ninguém deve levar para a mesma casa mais do que um jornal. Levá-los para embrulhos seria um roubo feito às esmolas de Nossa Senhora. As pessoas que de lá levam rôlos dêles não dêm mais do que um a cada família, poque dizendo todos as mesmas coisas seria um desperdício louco dar um ao pai, outro à mãe e outro a cada filho. São dados gratuitamente mas agradece-se muito qualquer esmola porque as despezas são todos os meses de alguns contos.

II

Nos dias de Carnaval haverá no Santuário da Fátima um turno de Exercícios Espirituais destinados aos Servitas e aos membros masculinos das Conferências de S. Vicente de Paula, podendo ser amitidos outros homens se houver lugar.

Os exercícios começam no dia 6 de Fevereiro à noite e terminam no dia 10 de manhã com a imposição das cinzas.

Quem desejar ser inscrito deve, **até ao fim de Janeiro,** dar o seu nome e morada ao Sr. Dr. Carlos Mendes — Torres Novas, ou ao Sr. Reitor do Santuário da Fátima, ou ao Sr. P.e António dos Reis — Seminário de Leiria.

Uma lágrima de arrependimento basta para aplacar o Coração de Jesus.

Santo Afonso

Este número foi vizado pela Comissão de Censura.

Ano X — Leiria, 13 de Fevereiro de 1932 — N.º 113

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 15-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Janeiro)

Três lustros de história

Na vida gloriosa do Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima, principia, com o mês de Janeiro, um novo ano que será de-certo cheio de graças e de bênçãos, como foram todos os outros que o precederam.

Em Maio próximo quinze anos terão decorrido depois da primeira aparição da Virgem bemdita aos humildes videntes de Aljustrel.

Renovar-se-ão, a partir dêsse mês, as grandiosas e imponentes manifestações de fé e piedade, em que tomam parte centenas de milhar de pessoas de todos os pontos do país, de tôdas as idades, classes e profissões, para testemunhar o seu amor ao Rei dos reis no augustíssimo Sacramento do altar e a sua devoção à Virgem Santíssima, padroeira e advogada dos portugueses.

Entretanto, numerosos fiéis acorrerão todos os meses, no dia treze, ao planalto sagrado de Fátima, e ali darão desafôgo à sua devoção, em louvores, preces e cânticos, num silêncio mais profundo, num recolhimento mais íntimo, numa paz mais suave e mais tranqüila.

Naquela estância de mistérios e de prodígios, as almas crentes e piedosas, imersas numa atmosfera saturada de sobrenatural, renovam as suas energias espirituais, voam mais alto e sentem-se mais longe da terra e mais perto de Deus.

Um ilustre Prelado

No dia doze de Janeiro a imprensa noticiou que na véspera tinha chegado pelo vapor *Sierra Morena* a Lisboa, vindo da Madeira, o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. António Manuel Pereira Ribeiro, venerando e ilustre Bispo do Funchal.

O nobre Antístite, que era acompanhado pelo rev.do António Félix de Freitas, ilustrado e zeloso pároco da freguesia dos Prazeres, do concelho da Calheta, logo que desembarcou, foi instalar-se no Grande Hotel Borges, na Rua Garrett, donde partiu, no dia seguinte, para Leiria.

Na estação do caminho de ferro, aguardava a sua chegada o venerando Prelado de Leiria, que o acompanhou até ao Paço Episcopal, onde ficou hospedado.

No dia treze de manhã cedo seguiu de automóvel para a Lourdes portuguesa, onde celebrou o santo sacrifício e, no fim da missa oficial, deu a bênção do Santíssimo aos doentes.

O Senhor D. António, depois de se ter demorado alguns dias na capital, seguiu para Viana do Castelo, a-fim-de visitar sua extremecida Mãe, tendo regressado directamente, no dia vinte e dois, pelo vapor «Massília» à sede da sua cristianíssima diocese.

Os actos religiosos oficiais

Posto que o firmamento se conservasse sempre nublado e ameaçando chuva, os fiéis acorreram em grande número no dia treze à Cova da Iria.

Desde muito cedo celebraram-se várias missas e os confessionários da igreja da Penitenciaria estiveram ocupados tôda a manhã por penitentes do sexo masculino.

Próximo do meio-dia solar, a multidão, que rodeava o pavilhão dos doentes, era mais compacta.

À estação da missa oficial, fez a respectiva homilia o rev.do Benjamim Lourenço, pároco da Serra, falando cêrca de meia hora sôbre o evangelho do dia.

Como acima se disse, foi o venerando Senhor Bispo do Funchal que deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes que, apenas em número dalgumas dezenas, ocupavam em filas as primeiras bancadas do Pavilhão.

Terminaram as comemorações oficiais com a procissão *do adeus*, presidida pelo mesmo ilustre Prelado.

O andor de Nossa Senhora de Fátima foi conduzido aos ombros de quatro beneméritas religiosas da Casa de Saúde da Idanha, entre as quais a sua ilustre e santa Superiora.

Entre os sacerdotes peregrinos via-se a figura ascética do venerando e venerado dr. Cruz, que passou longas horas na igreja da Penitenciaria confessando homens e rapazes que em grande número se aproximaram do sagrado tribunal.

Fátima na Alemanha

Com a devida vénia arquivam-se nas colunas da «Voz da Fátima» os seguintes interessantes documentos, demonstrativos da extensão e intensidade do culto de Nossa Senhora de Fátima no grande país da Europa Central que é a Alemanha:

De D. Ida Fischer, irmã do rev.do Luís Fischer, o grande apóstolo da Lourdes Portuguesa nos países de língua alemã:

«Ex.mo e Rev.mo Snr. D. José Alves Correia da Silva — Bispo de Leiria

Excelência:

Há dias partiu meu irmão o Dr. Fischer de Bamberg para Munich, afim de realizar ali conferências sôbre Fátima, e, nessa ocasião, entregou-me o presente que V. Ex.a Rev.ma se dignou enviar-me.

Que imensa alegria me causou a linda imagem de N.a Senhora do Rosário de Fátima!

De todo o coração, pois, agradeço a V. Ex.a Rev.ma a sua bondade e prometo-lhe — a-pesar das grandes dificuldades que meu irmão e eu encontramos a êsse respeito — continuar a colaborar, para o futuro, na medida das minhas forças na propagação do culto de N.a Senhora da Fátima, como «dedicada e fiel secretária de meu irmão».

Com o máximo respeito, permita-me V. Ex.a Rev.ma que, com os meus cumprimentos, lhe beije o sagrado anel

Ida Fischer»

Do sr. Fritz Thüringer, director do Banco Comercial Italiano de Carrara (Itália):

«Carrara, 23 de Dezembro de 1931.

Ex.mo e Rev.mo Sr. Dom José Alves Correia da Silva Leiria

Li o livrinho do Dr. Fischer «Fátima, a Lourdes Portuguesa» e como residi em Lisboa de 1912 a 1914, permita-me V. Ex.a Rev.ma que lhe envie junto uma pequena oferta para N. S.a do Rosário da Fátima, com o pedido de me recomendar às orações dos peregrinos.

De V. Ex.a Rev.ma com a máxima veneração

Fritz Thüringer»

Da grande devota de Nossa Senhora de Fátima D. Maria Grommes:

«Ex.mo e Rev.mo Snr. Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria

Feliz com a alta distinção com que V. Ex.a Rev.ma se dignou honrar-me — a mim pobre creatura — enviando-me a Sua bênção Episcopal, permita-me que ajoelhe a Seus pés e lhe diga: muito obrigada, muito obrigada, muito obrigada.

Hoje, no lindo dia da Imaculada Conceição, depuz eu as minhas orações e o meu agradecimento junto do Tabernáculo do Senhor pelas intenções de V. Ex.a Rev.ma

Confesso-me, porém, envergonhada pelo pouco que até hoje tenho feito em louvor de Nossa Senhora do Rosário da Fátima. Tudo isto me faz lembrar a Verónica, que, só pelo simples trabalho de chegar o Sudário ao Senhor, recebeu uma tão grande recompensa.

Teresa Neumann diz a cada passo que «Jesus é bom». Sim, Êle é bom, imensamente bom para comigo.

Eu não sei, nem tenho palavras para agradecer suficientemente a V. Ex.a Rev.ma, mas fá-lo-ei todos os dias nas minhas orações.

Ajoelhada, pois, aos pés de V. Ex.a Rev.ma e possuída do mais profundo respeito e agradecimento, peço-lhe, mais uma vez, me conceda a sua bênção em honra da Rainha do Rosário de Fátima.

A mais humilde serva da Mãe de Deus

Maria Grommes»

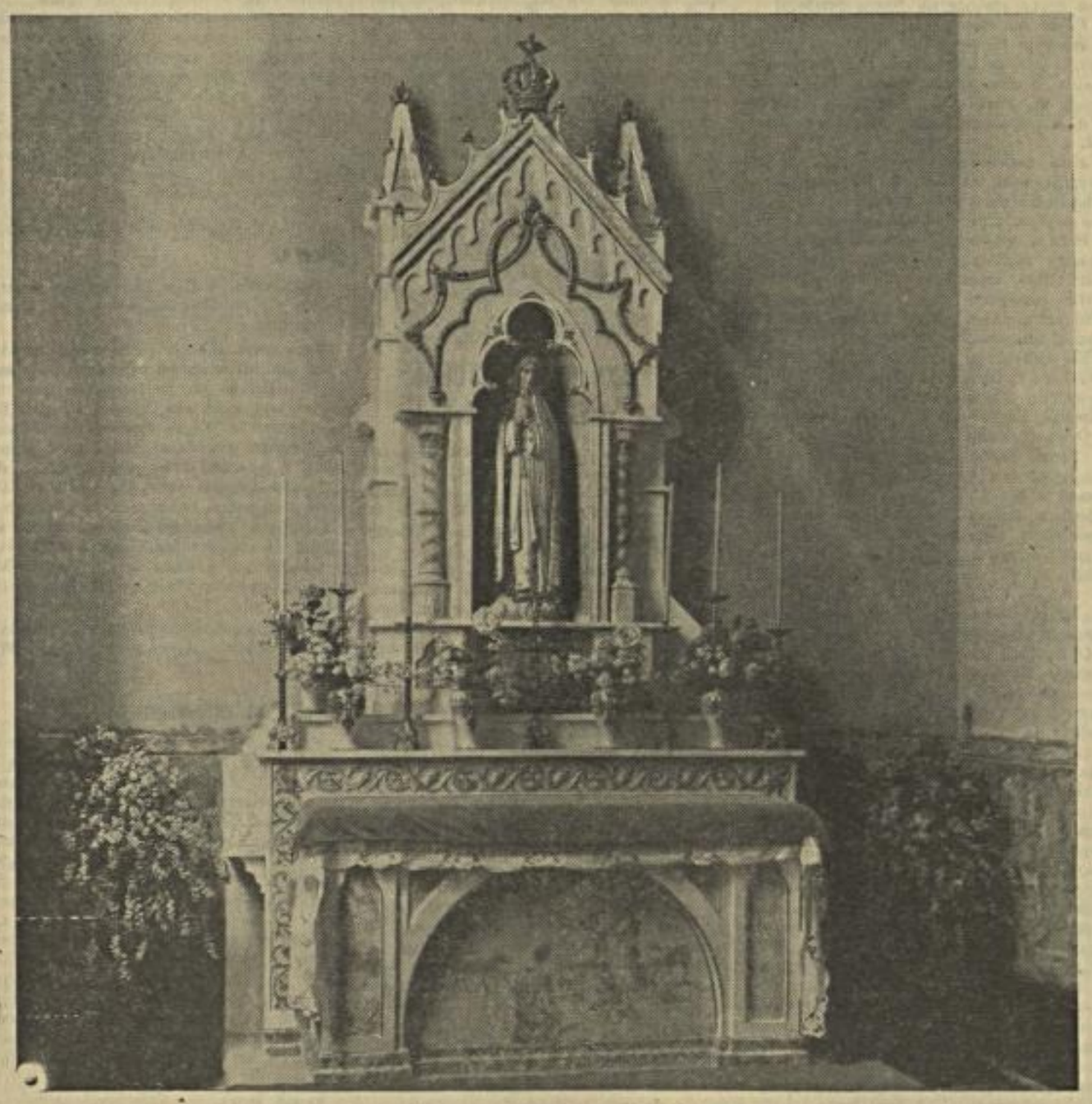
Do sr. Mielert, digno êmulo do dr. Luís Fischer na propaganda do culto de Nossa Senhora de Fátima:

«Maria vence!

Breslaux Werderstr, 35
Dia de Natal de 1931.

Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo:

Por intermédio do meu querido amigo e director espiritual, prof. Dr. Luís Fischer, de Bamberg, recebi eu a admirável fotografia da Imagem de N. S. do Rosário de Fátima com uma dedicatória de V. Ex.a Rev.ma. Do mais íntimo do coração agradeço a V. Ex.a esta tão alta como imerecida honra. A referida fotografia, benzida por V. Ex.a Rev.ma, ficará sendo doravante um inestimável tesouro de família, e constituirá para mim mais um incentivo para levar a consoladora



Altar de Nossa Senhora da FATIMA na cidade de CAMPINAS, Estado de S. Paulo, BRASIL, no Santuário no Sagrado Coração de Jesus

nova das benemerências de N. S.ª do Rosário da Fátima, aos mais afastados recantos da Alemanha.

Até hoje fiz já 23 conferências sôbre Fátima e no dia 31 dêste mês parto para Viena onde, no dia de Ano Bom, realizarei mais uma. Fui convidado pela «Liga dos Católicos Alemães da Polónia» para ali falar de N. S. da Fátima.

Por tôda a parte se nota um grande entusiasmo da parte do bom povo católico por tudo o que diga respeito a Fátima e as conferências e fotografias ficam-lhe para sempre gravadas na memória como mo teem asseverado.

Em geral preguntam-me sempre se eu já fui a Fátima. Infelizmeate sou obrigado a responder-lhes com um «não», mas talvez que Nossa Senhora permita ainda que visite um dia o seu Santuário.

De todo o coração desejo a V. Ex.ª Rev.ma felizes e santas festas e para terminar peço a V. Ex.ª a bênção episcopal para mim e para tôda a minha família

M. Mielert

Doutro fervoroso apóstolo da devoção a Nossa Senhora da Fátima, o rev.do Pedro Maria Weilmann, pároco de Lambsheim:

«Lambsheim, 24 de Dezembro de 1931

Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo

Permita-me V. Ex.ª que venha, por êste meio, testemunhar-lhe o meu mais profundo agradecimento pela Imagem de N. S.ª do Rosário da Fátima com uma dedicatória de V. Ex.ª Rev.ma.

Esta especial deferência de V. Ex.ª Rev.ma constituirá mais um incentivo para de futuro, me dedicar com maior fervor à propagação do culto de N. S.ª da Fátima e para, por meio dela, contribuir para o advento do Reino de Cristo.

Não encontro palavras com que possa agradecer ao meu querido amigo, Dr. Luís Fischer, o haver-me relacionado com Fátima e o ter-me facultado fotografias relativas ao Santuário.

Estas conferências sôbre Fátima derramam torrentes de bênção.

Tenho encontrado por tôda a parte o maior entusiasmo, não passageiro efémero, mas autêntico amor de Maria que reverte sempre em amor de Jesus.

Com estas conferências sôbre Fátima tenho eu muitas vezes preparado o terreno para futuras missões Eucarísticas.

V. Ex.ª Rev.ma ha de, por certo, sentir grande prazer em ouvir falar das bênçãos de N. S. da Fátima sôbre a Alemanha.

Há cêrca de um ano escreveu V. Ex.ª ao Dr. Fischer: «praza a Deus que N. S.ª de Fátima derrame também as suas bênçãos sôbre a Alemanha assim como as tem espalhado sôbre Portugal».

N. Senhora cumpriu inteiramente os desejos do seu fiel Bispo e continuará, de-certo, a cumpri-los para o futuro.

Na primeira semana de Janeiro farei duas conferências sôbre Fátima e um tríduo Eucarístico.

Como apóstolo de N.ª S.ª da Fátima peço a V. Ex.ª Rev.ma me envie uma bênção muito especial e que se lembre sempre de mim junto de N. Senhora.

Ligado a V. Ex.ª Rev.ma no grande amor para com N. Senhora de Fátima subscrevo-me com o máximo respeito.

Pedro Maria Weilmann, pároco.»

N.ª S.ª DA FÁTIMA NO BRASIL

Na cidade de Campinas, estado de S. Paulo, Brasil, inaugurou-se em 13 de outubro último um altar dedicado a Nossa Senhora de Fátima, que cremos ser o primeiro erguido em território brasileiro, posto que haja já várias imagens recebendo culto em algumas capitais dos estados da união e até mesmo em cidades do interior.

A igreja escolhida para êsse altar foi, por indicação do ilustre Prelado de Campinas, D. Francisco de Campos Barreto, o Santuário do Sagrado Coração de Jesus, onde uma comissão patrocinada pelo prestigioso médico português Dr. Falcão de Miranda, levou a efeito a edificação, havendo conseguido os necessários fundos para a dispendiosa obra e para a escultura da imagem, graças à acção persistente de madame Falcão de Miranda, incansável em remover tôdas as dificuldades que se antepunham.

O traçado da obra, desde o desenho da imagem, baseado em fotografia vinda de Portugal, até o projecto do altar, estilo gótico-manuelino, deve-se ao pai do mesmo Dr. Falcão, António Bernardo de Miranda, que, como amador, se prestou a executá-lo. Nesse projecto foi incluído, como detalhe ornamental, um painel em azulejos formando o frontal do altar, cujo assunto é a adoração dos pastorinhos, após a primeira aparição na Cova da Iria. Foi confiada a execução dêsse detalhe ao exímio pintor português Jorge Colaço, especialista em tais decorações, que produziu um encantador e artístico quadro, digno do maior aprêço.

O conjunto, de um belo efeito estético, é ainda realçado por acessórios e adornos, entre os quais figuram belas jarras de faiança artística, com o emblema da Cruz de Cristo, feitos expressamente em Portugal, e que são uma feliz imitação das antigas e afamadas faianças portuguesas do século XVIII.

Revestiu grande solenidade o acto da inauguração e bênção da imagem, em que foi celebrante o Snr. Vigário Geral da diocese de Campinas, Monsenhor Luís Gonzaga de Moura, havendo prègado ao evangelho, com muita elevação e geral agrado, o padre português, Rev. Francisco Cruz, ilustrado Vigário de S. Pedro de Piracicaba. Um numeroso grupo de distintas meninas, portuguesas e brasileiras, executou belos trechos de música sacra e os cânticos próprios dêste culto, como os que se ouvem na Fátima.

Foi um dia de festa para Campinas, cidade aliás de grande religiosidade, e em que a colónia portuguesa, bastante numerosa, poude realizar uma fraternal reünião de piedade, iluminada pela saudosa lembrança dêsse recanto querido da pátria longínqua — Fátima.

Fundou-se uma *Liga* cultual que em todos os dias 13 de cada mês promove devoções apropriadas, missa e recitação do terço.

FÁTIMA EM ROMA

A Senhora de Fátima escolheu em Roma uma dedicada propagandista e infatigável zeladora do seu culto na piedosa menina Elena Del Giudice.

Esta excelente donzela que conta na sua família três irmãs Carmelitas e um irmão sacerdote da Companhia de Jesus, logo que teve notícia dos prodigiosos acontecimentos da Cova da Iria sentiu-se atraída para a bela Senhora e deu-se a torná-la conhecida e amada não só entre os seus, mas no vasto e distinto círculo das suas relações. Foi a primeira a espalhar em Roma imagens da Senhora com a oração por Ela ensinada aos pastorinhos, e a promover a prática de recitá-la entre os mistérios do Rosário. Fez girar de mão em mão, de família em família o livrinho italiano editado pelos R. R. Padres Lazaristas de Casale Monferrato «Le Meraviglie di Fatima» e distribuiu entre as pessoas amigas numerosas pagelas-imagens editadas últimamente em Gubbio, com a novena da Senhora e um resumo das aparições.

Não ficou por aqui o zêlo empreendedor desta amante de Nossa Senhora:

Promoveu uma conferência na vasta e florescente paróquia de S. Teresa de Jesus, a que pertence, uma das maiores de Roma (conta 60.000 almas) situada não longe da Porta Pia, num dos melhores e mais populosos bairros da Cidade Eterna.

Esta realizou-se no Domingo, 10 de Janeiro, festa da Sagrada Família, subordinada ao têma *«As Maravilhas de Fátima* — Aparições, peregrinações, milagres».

Para a conferência fizera a menina Del Giudice inúmeros convites. Tinha sido, além disso, anunciada na igreja e no Boletim paroquial que publicara também um artigozinho sôbre Fátima ilustrado com a imagem da Senhora.

Foi convidado para fazê-la o Rev. P.e Dr. Luís Gonzaga da Fonseca S. J. Professor no Pontifício Instituto Bíblico e Director Espiritual do Colégio Português.

O vasto salão anexo à igreja de Santa Teresa ficou repleto de pessoas de tôdas as idades, sexo e categoria social. Lá estava o M. R. P.e Geral das Carmelitas descalços com vários membros da Cúria Generalícia, estudantes do Colégio Internacional Carmelitano, membros do clero secular, as diversas associações paroquais da «Acção Católica», oficiais do exército de Itália, numerosas famílias da aristocracia romana etc. etc.

O orador, testemunha ocular das maravilhas da Cova da Iria, com sua palavra entusiásta e vibrante prendeu durante hora e meia o numeroso e selecto auditório. As belíssimas projecções a côres, que em número de 75 passaram na tela permitiram aos assistentes viver a realidade consoladora dos acontecimentos de Fátima. O Rev. Dr. Gonzaga da Fonseca depois de conduzir os seus ouvintes através de Leiria, Ourém, Batalha, Tomar e Alcobaça e de lhes mostrar os grandes monumentos de arte disseminados por aquelas regiões e que recordam os melhores feitos da História portuguêsa, subiu com êles à Serra de Aire, pobre de belezas naturais e sem atavios de arte, e, transposta a pequenina freguesia da Fátima entrou no anfiteatro abençoado da Cova da Iria. Descreveu com viveza as cênas encantadoras das aparições, a prudente e longa reserva do clero, a oposição sem tréguas dos inimigos do sobrenatural. A assistência foi depois convidada a associar-se em espírito a uma dessas grandiosas peregrinações que em Maio e Outubro transformam Fátima num recanto do céu, no maior teatro das glórias e do amor de Maria. A procissão das velas, adoração nocturna, as comunhões sem número, as apoteoses à imagem milagrosa entre cantos, lágrimas, flores e esvoaçar de lenços brancos, a bênção com o Santíssimo a cada doente, tudo perpassou ao olhar extasiado e atónito do numerosíssimo auditório.

A última parte da conferência foi destinada a relatar algumas das curas extraordinárias principalmente dos últimos mêses. Por fim, enquanto a tela se iluminava com a artística e expressiva imagem do Colégio Português, benzida pelo Santo Padre Pio XI e a primeira venerada em Roma, o orador exortava os ouvintes que o tinham seguido com o maior interesse, a colocarem a sua confiança, nesta hora de amarguras e incertezas n'Aquela que é a salvação do povo cristão, vida, doçura e esperança nossa.

Um prolongado aplauso acolheu as últimas palavras do orador.

A Virgem SS.ma terá recebido com ternura de Mãi esta homenagem dos seus filhos de Roma.

Desde o seu trono da Fátima a Senhora do Rosário cobrirá sempre com as melhores bençãos do seu coração materno a paroquia de Santa Teresa que foi a primeira a prestar-lhe na cidade Eterna um solene tributo de amor, os RR. Padres Carmelitas que tão dignamente a dirigem, e a piedosa menina que com sua iniciativa e amor a Maria foi a promotora e a alma desta homenagem à celeste Raínha no coração do orbe católico.

Missões de Nossa Senhora da Fátima

Para as Missões colocadas debaixo da protecção de Nossa Senhora da Fátima foram mandadas as seguintes esmolas:

Sr.ª D. Joaquina Martins, dos E. U. da América do Norte, 5 dolares	182$00
Um anónimo	27$50
	209$50

Que foram distribuidas:

Missão de Nossa Senhora da Fátima, de Landa...	82$00
Missão-escola chineza de Nossa Senhora da Fátima, na Ilha Verde, (Macau)	82$00
Escola de Nossa Senhora da Fátima na missão de Angoxe...	45$50
	209$50

Da melhor boa vontade distribuiremos as esmolas que nos enviarem para êste fim tão santo e tão de agrado do Sumo Pontífice.

Se nos fôr possível ajudemo-las para que os maus nos não vençam em zêlo.

Ajudêmo-las com a oração pedindo ao Senhor da Ceara que envie para ela muitos e bons trabalhadores, e ajudemo-las também com as nossas esmolas para que possam adquirir o necessário para instrução daquelas pobres almas.

Quão poucos são os nossos missionários para converter tantos infiéis! — um missionário apenas para 71.500 almas!! Se Deus os não ajudasse pouco poderiam fazer.

Oremos muito pedindo à Raínha dos Missionários — N.ª S.ª da Fátima, que abençoe de tal maneira os seus trabalhos que o Sangue de Jesus não seja inútil para êles.

A PÉROLA DE PORTUGAL
pelo Visconde do Montelo

Apareceu há pouco pelos prelos da benemérita «União Gráfica» mais um livro com que o ilustre sacerdote mal encoberto sob o pseudónimo de Visconde de Montelo veio enriquecer a já abundante bibliografia da Fátima.

Mal nos ficaria a nós não dizer duas palavras sinceras que o autor e sobretudo os nossos leitores esperam como apreciação crítica da obra.

Aí vão pois despretenciosas, como sempre.

Do valor literário de *A Pérola de Portugal* diz eloqüentemente a pena brilhante que pouco a pouco o burilou com arte e carinhoso amor de poeta e zêlo de escritor vernáculo.

Do seu valor intrínseco diremos que embora não seja ainda a tão ansiosamente esperada história crítica dos acontecimentos da Fátima, *A Pérola de Portugal* é contudo mais um subsídio de valor para essa história.

Nesta obra enfeixa o autor uma série de Crónicas já publicadas na *Voz da Fátima*.

Porque a muitos não chega o jornalzinho ou tendo-o lido o não conservam, é útil na verdade coleccionar em volume êsses riquíssimos e opulentos retalhos da vida da Fátima para que se não percam.

Através dessas páginas revivem alguns dos mais deliciosos momentos da nossa vida e da vida religiosa da nossa querida Pátria nos últimos tempos. Relembrá-los, lendo-os é um prazer e um dever.

Custa 5$00.

Deus tudo sabe aproveitar

Sorriso, lágrima, perdão,
A mais pequena e humilde acção,
Um beijo, um gesto, um bom olhar
Nada se há de esperdiçar,
Nada na vida será vão...
Deus tudo sabe aproveitar.

Elora Passolo
(Poetisa brasileira)

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Agradecimento

Em sinal de reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima pela cura duma doença grave, venho pedir se digne publicar esta graça alcançada por intercessão de Nossa Senhora.

Quando estava para sofrer um dos maiores desgostos da minha vida, a morte humanamente inevitável, da minha filhinha, dirigi-me a Nossa Senhora da Fátima, rogando-lhe fervorosamente a graça de ma curar. A medicina tinha sido impotente, pois eu tinha já recorrido a vários médicos, especialistas até, sem obter resultado algum, e, por isso, com

Efigénia dos Santos Carvalho

a fé confiante que uma mãi religiosa pode sentir, dirigi-me a Nossa Senhora da Fátima. Prometi que mandaria publicar esta graça se me fôsse concedida, juntamente com a fotografia da minha filhinha e que assinaria a «Voz da Fátima», enquanto ela existir. Durante nove dias, à meia-noite, rezei o terço diante da imagem de N.ª Senhora e como medicamento fiz uso da água da Fátima. A cura foi rápida, pois em breves dias a minha filhinha estava completamente bem, — favor da Virgem que nunca esquecerei.

Perosinho — Gaia.

Efigenia dos Santos Carvalho

Úlcera

Esta carta tem o fim de lhe pedir a fineza de publicar na «Voz da Fátima» o seguinte:

Tive uma filhinha que desde os dois meses de idade sofreu o incómodo de uma úlcera. Esteve tão mal, que os seus dejectos contínuos era apenas sangue! Então recorri a Nossa Senhora da Fátima implorando que desse melhoras à minha filha, e prometi fazer uma novena, dar à minha filha o nome da Maria da Fátima e mandar publicar esta graça.

Graças à Nossa Senhora as minhas súplicas foram ouvidas. Minha filha está muito melhor e tenho fé na Virgem Mãi do Céu que ela há-de restabelecer-se depressa.

Elvira Coelho Teixeira de Sousa
Vila Lobito — África Ocidental Portuguesa.

Úlcera no estômago

Manuel Tavares, de Águas Boas, concelho de Oliveira do Bairro, pede que se publique o seguinte: Em 7 de Novembro fui consultar o Snr. Dr. Albano Pereira dos Santos, de Agueda, por causa de uma úlcera que me atormentava. Receitou-me alguns remédios. Comecei a tomá-los e ao mesmo tempo recorri a Nossa Senhora da Fátima e ao milagroso Santo António que ali se encontram numa capelinha próxima. Comecei também duas novenas; uma a Nossa Senhora da Fátima e outra a Santo António para que os remédios fossem abençoados, e graças a Deus, agora encontro-me muito bem, curado por completo. Aos pés de Nossa Senhora agradeço-lhe aqui publicamente à graça que me alcançou do Céu.

Águas Boas.

Manuel Tavares

Tumor

Tendo minha sobrinha Maria da Conceição Fernandes, um tumôr de mau carácter, pedi a Nossa Senhora da Fátima que a curasse sem que tivesse de sofrer operação alguma, e prometi que depois mandaria publicar a graça. Sem a operação encontra-se curada e hoje venho publicamente agradecer a Nossa Senhora tão grande mercê.

Logar dos Governos — Pombal.

Maria da Conceição Rodrigues

Dispepsia

Uma minha filha, Maria Candida Novais, sofria muito do estômago, dispepsia, ocasionando-lhe enjôos, vómitos, dôres, etc. Também sofria do pulmão esquerdo. Durante muito tempo pediu e fez promessas a Nossa Senhora da Fátima que lhe obtivesse a graça de se curar, ou ao menos de melhorar de maneira que pudesse governar a casa e cuidar da sua família. Graças a Deus, as dores no pulmão passaram-lhe completamente já há muito tempo; e dos incómodos do estomago melhorou tanto que, diz, quási se pode dizer curada.

Por isso peço o favor de fazer chegar ao seu destino a esmola de 100$00 e de publicar esta graça na «Voz da Fátima».

Marco de Canaveses.

António Augusto Novais

Febre e paralisia

Peço o favor de relatar no seu jornal uma graça alcançada por Nossa Senhora da Fátima: Tive um filhinho gravemente doente. Uma febre violenta acompanhada de privação de movimento fez com que o distinto médico que cuidadosamente o tratava o julgasse em perigo de vida. Pedi então a Nossa Senhora da Fátima, à qual tenho especial devoção, que mo salvasse: comunguei, e comecei a fazer uma novena, ao mesmo tempo que dava ao pequenino umas colherinhas de água da Fátima. A febre até aí tão teimosa, desapareceu depressa e a criança começou a alimentar-se. Além desta, muitas outras graças tenho obtido por intercessão da Virgem da Fátima, pelo que desejo por êste modo, manifestar-lhe a minha gratidão.

Canas de Senhorim.

Maria Pessoa de Campos Monteiro

Doença no coração

Peço o favor de publicar no seu jornalzinho a graça que recebi da SS. Virgem.

Sofria de uma doença de coração; palpitações aceleradas, muita canceira a ponto de já não me ser possivel o fazer qualquer trabalho por mais leve e simples que fôsse. Consultei alguns médicos aqui em Setúbal, onde resido, mas não vendo resultado, fui a Lisboa consultar um médico que me indicaram como especialista em doenças de coração. Disse-me que fosse vivendo como pudesse, que não trabalhasse nem me incomodasse, mas que era necessário resignar-me porque o mal era incurável.

Tendo uma casa de família que precisava dos meus cuidados, vim para casa cheia de dor por me ver em tão triste situação. Chegado que foi o dia 13 dêsse mês, fui assistir com a maior confiança possível à procissão das velas na igreja de S. Julião desta cidade; de lá trouxe um jornal «A Voz da Fátima» que me puz a ler com tôda a atenção. O mal agravava-se, mas eu não desanimava. Ia sempre rezando e pedindo à SS. Virgem a cura do meu mal. Tanto pedi, tanto chorei que um dia ao levantar-me, depois de ter passado uma noite muito tranquila, senti-me muito bem disposta. Tinham desaparecido todos os meus sofrimentos.

Corri a casa de uma irmã que tinha água de Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe que me desse um copo dela, e de joelhos, entre lágrimas de alegria, fui bebendo e rezando em agradecimento à SS. Virgem por tão grande graça que me alcançou restituindo-me a saúde.

Agora sinto-me bôa de todo. Já há mais de 3 anos que isto se passou. Tencionei logo publicar a minha cura no seu jornalzinho, mas só agora me foi posível fazê-lo. Já há 3 anos seguidos que tenho ido em peregrinação à Fátima, e tenciono ir lá enquanto puder. Alistei-me na confraria de Nossa Senhora da Fátima, nas associações das filhas de Maria, das almas, do S. Coração de Jesus e mais algumas em prova de gratidão para com tão bôa Mãi.

Delfina Rocha Simão

NOTA — O Pároco confirmou esta narração.

Tifo

Venho hoje tornar público na «Voz da Fátima» duas grandes graças que devo à intercessão de Nossa Senhora.

Ha aproximadamente 6 anos, esteve meu marido atacado da terrível febre tifoide. Foi tratado pelo seu médico assistente, Snr. Dr. Manuel Francisco Alves, já falecido. Declarado incurável por êste clínico, só o céu lhe podia valer. Eu, numa grande aflição, recorri, cheia de confiança à protecção de Nossa Senhora, que ouviu a minha suplica, alcançando a saúde para meu marido. Há pouco mais de um ano tendo 4 filhos atacados fortemente pela tosse convulsa, com grande fé e confiança em Nossa Senhora, meu marido dirigiu-se à Cova da Iria, a pé, buscar água da Fátima. À medida

que iam tomando essa água, ia a tosse desaparecendo. Prometi ir com minha família à Cova da Iria e dar uma esmola conforme pudesse, o que sumpri no dia 13 de Outubro p. p.. Por isso venho reconhecidíssima, agradecer à Nossa bôa Mãi, estas graças, além de tantas outras, e pedir-lhe que nos conceda o seu divino auxílio em todos os transes da nossa vida .

Marinha Grande.

Júlia Rodrigues Fonseca

Agradecimento

Herminia Neves e filhas, de Lisboa vem por êste meio agradecer a Nossa Senhora do Rosário da Fátima a graça temporal e espiritual que lhe concedeu por intercessão de S. José, de Santa Terezinha e diversos outros Santos assim como pede a tôdas as pessoas que as ajudem a agradecer a Nossa Senhora.

•

Meu marido sofria duma apoplexia nos intestinos, e por intermédio de Nossa Senhora do Rosário da Fátima obteve também a sua cura completa. Glória à SS. Virgem .

Graça temporal

Venho pedir-lhe o favor de dizer na «Voz da Fátima» o seguinte:

«*Caetana Ferraz Alves* vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça temporal de muita importância e que a livrou de grandes tormentos. Num momento de grande aflição recorreu a Nossa Senhora prometendo dar uma esmola e publicar a graça e, pouco depois, via os seus desejos realizados».

Galégos — São Martinho.

Caetana Ferraz Alves

Maria Marques de Sousa de Valongo, diz o seguinte: «tendo-me Nossa Senhora da Fátima concedido uma graça tão grande que lhe pedi, envio como prova de reconhecimento esta esmola para o seu culto em Fátima».

Graças diversas

— *Manuel Furtado da Rosa*, da Ilha do Faial — Açores, vem cheio de alegria, agradecer a Nossa Senhora da Fátima duas graças especialíssimas que por sua intercessão alcançou.

— *Maria Augusta da Silva*, de Montijo, agradece a Nossa Senhora o seu maternal auxílio em circunstâncias difíceis da sua vida e da de sua família.

— *Maria Assunção*, do Funchal, enviou uma esmola a Nossa Senhora agradecendo ao mesmo tempo duas graças que diz ter alcançado do céu por sua intercessão.

— *Maria Irene de Moura Coutinho*, de Braga, agradece a Nossa Senhora, o ter-lhe alcançado uma graça particular que com grande interesse lhe pediu.

— *Albina dos Santos*, de Coimbra, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado dum tifo uma creancinha de Extremôz com cuja família viveu algum tempo. O menino estava desenganado pelos médicos e todos esperavam a sua morte que parecia próxima. Mas perdidas tôdas as esperanças na terra, ainda lhe restava o auxílio do céu, e êsse veio por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria das Neves Barbosa*, de Póvoa de Varzim, vem agradecer a cura dum sofrimento rebelde à medicina, e que há muitos mêses a incomodava horrivelmente o estômago. Agora sente-se, diz, perfeitamente bem.

— *Maria da Conceição dos Santos*, de Ponte do Rol, «agradece, diz, profundamente reconhecida à Virgem Santíssima da Fátima, diversas graças que lhe têm sido concedidas.

— *Jaime Dória Brazão Gomes*, da Calheta, Madeira, agradece a Nossa Senhora o ter corrido bem uma operação muito perigosa a que teve de sujeitar-se. A convalescença foi rápida, encontrando-se, diz, agora completamente boa.

— *Faustino Lopes de Sousa*, do Olival, encontrando-se no Brasil, achou-se com uma nascida muito perigosa na cara. Diz serem poucos aqueles que tendo tais nascidas não morrem com elas, apezar de, regra geral, serem operados. A sua desapareceu em pouco tempo, graça que êle atribuiu a Nossa Senhora a quem pediu muito desde que notou em si tal flagelo.

— *Maria do Carmo*, de S. Martinho do Bispo, agradece duas graças, recebidas de Nossa Senhora uma por si e outra por sua filha. Depois de durante 3 mêses estar de cama sem esperança alguma de melhorar encontra-se agora quási bem.

Missionário sem o saber

Jerry Dinovan não era mais que um simples oficial empreiteiro de obras de pedreiro. Desempenhava esta ocupação com tanta habilidade, honestidade, e bondade que os proprietários que queriam fazer alguma casa, e os respectivos engenheiros — todos disputavam o seu auxílio e os operários consideravam-se felizes em poderem ganhar o pão de cada dia às ordens dêle.

É que êle, além de empreiteiro conscienciosо e competente, era também um católico fervoroso.

Na sua fé fielmente praticada obtinha êle as virtudes que atraiam a si tanto os que êle empregava como os que trabalhavam às suas ordens.

Era freqüentissimo começar o dia pela assistência à Santa Missa e recepção da Sagrada Comunhão, donde voltava, cada dia, com maior soma de energias para o trabalho e mais compassiva caridade para com os operários.

Exercendo êle a sua arte em New-Iork não tinha um momento de descanso.

Naquela época as construções faziam-se em séries de dez, quinze e vinte casas, tão parecidas umas com as outras como gémeos, ás vezes na mesma rua, dando-lhe um ar de monotonia.

Jerry dirigia por vezes quási um bairro e se se não faziam coisas belas, faziam-se construções sólidas que era o que os proprietários então mais desejavam.

A sua aplicação tão constante valeu-lhe o que agora se chama neurastenia.

A palavra é nova mas a doença é velha, desde que depois do paraíso terreal os homens tiveram de trabalhar e suar para ganharem o pão de cada dia.

A mulher de Jerry não o largava para que descansasse afim de poder trabalhar para ela e para os filhos. Mas como arrancar-se à multidão de pedidos que de tôda a parte o assediavam e que o reclamavam para dirigir construções?

A Providência, que não abandona os seus, veio em seu auxílio. Um missionário andava colhendo esmolas em New-Iork para a construção de uma igreja católica em Charleston, na Carolina do Sul, Estado ainda hoje em grande parte protestante.

Jerry deu-lhe uma generosa esmola, pedindo, em troca, as orações do sacerdote pela sua saúde. Travando-se depois conversa entre os dois veio o sacerdote a saber a origem do mal e a inadível necessidade que o empreiteiro tinha de deixar a cidade por algum tempo.

— É Deus que vos envia para mim, respondeu o missiondrio. Tenho necessidade de um homem hábil e de confiança para a construção que eu sonho. Venha comigo e terá só uma obra e poucos operários a dirigir.

Não terá engenheiros a importuná-lo. Tenho cá uma planta cuja execução só eu dirijo. Eu mesmo poucas vezes poderei estar consigo. Eu exerço um ministério ambulante. O Vigário Apostólico confiou-me uma parte do seu vasto distrito; deu-me um cavalo e um carro dizendo: «Aqui tem um altar portátil e vá de quinta em quinta onde houver católicos. Numa sala, se tiver quem lha empreste, ou ao ar livre, pregue, diga Missa, confesse, dê a Santa Comunhão, abençoe os casamentos e baptize as crianças. Os seus anos vão passar-se neste caminhar continuo sem residência fixa».

Naquelas regiões as coisas passam-se ainda hoje assim, a não ser quanto ao carrinho que foi substituído por um «Ford» já passado de moda mas que faz ainda belo serviço.

Jerry aceitou. Iria assim descansar para o campo sem deixar de ganhar a sua vida e a dos seus, ao mesmo tempo poderia e estes prazeres juntar o de ir trabalhar pelo seu Deus e pela sua fé.

Graças às facilidades de navegação entre New-Iork e Charleston poderia ir ao seu trabalho e voltar de vez em quando a ver os seus. Na aldeia onde ia trabalhar não havia hotel. Os poucos católicos que por lá havia trabalhavam em casa de protestantes.

O empreiteiro terá, pois, de procurar hospitalidade em casa de uma família dirigida por uma robusta matrona (Isabel O'Sullivan).

Ainda que êle pagasse adiantadamente a sua pensão da primeira semana, foi recebido com bastante dificuldade.

A senhora Isabel e os seus eram todos protestantes a quem os católicos só inspiravam desconfiança e desprêzo. Sem o saber, era minuciosamente vigiado na sua conduta. Catarina, uma filhita ainda bem nova da senhora Isabel, espiava-o mesmo durante a noite pelas fendas das portas e da casa, que era de madeira.

O empreiteiro vivia ali do mesmo modo que em New-Iork: um cristão prático, completo, sem respeitos humanos.

No retiro do seu quarto começava e acabava o dia pela oração. Não se punha à mesa nem a deixava sem se benzer devotamente. Nos dias de abstinência só comia alimentos de magro. Os domingos e dias de preceito, eram para êle tempo de repouso, de orações mais longas, de leituras sérias e, quando lá havia sacerdote, ajudava à Missa e recebia a Sagrada Comunhão.

As maldições blasfematórias tão habituais nas conversações inglesas, nunca vinham aos seus lábios. Afável para tôda a gente, ganhava os corações de todos. A família O'Sullivan ia, a pouco e pouco, perdendo os seus preconceitos contra os católicos e com os que compartilhavam de sua fé e quando Jerry ia a New-Iork ver a família sentia sinceramente a sua ausência.

Os seus louvores foram até à admiração quando um amigo da casa, que fornecia a pedra, a areia e o tijolo para a construção, lhes disse:

— É um homem singular êste papista que vocês teem em casa! Quando eu lhe apresentei a factura das coisas fornecidas, êle comparou-a cuidadosamente com o seu livro de contas e entregou-ma dizendo: «Verifique essa lista, que ela não é exacta».

Efectivamente, lhe repliquei eu olhando-o maliciosamente, não está, mas de-certo a não acha muito elevada; quanto quere que se aumente?

«Ao contrário, replicou êle, tem de ser diminuída de mais de 300 dólares que na sua factura veem a mais».

— Eu bem o sei (lhe disse eu), mas é costume que o fornecedor e o empreiteiro dividam entre os dois estas quantias que vão marcadas a mais.

«Eu sou católico, me respondeu êle, secamente, e não aceito essas combinações. Não recebo senão o que ganhei e não consinto que se pague a ninguém senão o que se lhe deve. Não sou um cristão de nome sòmente, mas de facto, aqui, na igreja, em minha casa, em tôda a parte.

Apresente-me uma factura nas devidas condições se quere que eu a assine e lhe seja paga».

Este homem é um fenómeno (exclamava êle) e não encontrei ainda ninguém como êle.

Muito tempo depois de Jerry se ter já retirado para New-Iork a retomar a sua vida ordinária, falava-se ainda dêle com tôda a estima em casa da Senhora Isabel cobrindo-o de louvores, admirando a sua fé católica que o fazia tão virtuoso.

Há apenas só alguns meses que morreu Catarina O'Sullivan, já de idade avançada. Foi na igreja construida por Jerry que se celebraram as exéquias, tendo em volta do seu caixão uma centena de pessoas entre filhos, netos e bisnetos, todos católicos. Converteu-a a vida tão irrepreensivel do empreiteiro que tão vigiado fôra.

Ela ganhou os seus pais à nova fé, não quis por marido senão um católico praticante e os seus descendentes foram fiéis à verdadeira Igreja.

Nó sítio onde êle tinha construido o templo material, Jerry, que só tinha prègado com o exemplo, tinha ganhado almas para o encher. Um grande missionário sem o saber e que podem e teem o dever de imitar.

ENSINAI...

A Avé Maria

O que é a Avé Maria?

É uma saudação e uma prece, um louvor e uma oração.

Louvor e oração a que os lábios cristãos de tão longa data se acostumaram que nem sabem de quando a começaram a recitar.

Se ela já existia em parte antes de haver cristãos...

Prece e elogio tão meigo e amoroso que a boca cristã o saboreia longamente, quando o recita, como se fôra um delicioso favo do mais fino mel.

Mas porque assim?

Porque tudo isto o faz a alma cristã em louvor de sua Rainha e Mãi que é, ao mesmo tempo, a Mãi do próprio Deus, a quem nomeia logo à segunda palavra.

• • •

Lábios angélicos a compuzeram em parte, em parte os Santos e a Igreja, e a Avé Maria tornou-se o cântico agradecido e entusiásta em honra da Virgem.

Ao aparecer-lhe diante, para tratar do Mistério Augusto da Incarnação saudou-A dizendo: «Avé (eu Vos saúdo) Maria cheia de graça. O Senhor é convosco. Bendita sois Vós entre as mulheres!»

Depois, quando a Virgem se encontra com a prima Santa Isabel saúda-a esta. «Bendita sois vós entre as mulheres e bemdito é o fruto do vosso ventre».

E o resto lho ajuntou a Igreja, no decorrer dos tempos. Se os ceus e a terra se juntam e se é preciso que decorram séculos para se pôr o fecho a uma prece tão pequenina é forçoso que dessa longa elaboração tenha saído uma verdadeira maravilha.

• • •

Canta-lhe a glória, a grandeza e a beleza, dizendo de Maria o que de maior se lhe pode atribuir.

Cheia de graça não num momento mas sempre, desde que é.

Cheiga da graça porque nela não teve nunca o demónio poder algum.

Cheia de graça porque a graça do Senhor a tem repleta.

E dito isto mais não há a dizer pois que uma alma assim chegou aonde podia subir.

Os dogmas sucedem-se e permeiam-se ao longo dela.

A Imaculada Conceição, a sua realeza incontestada abaixo de Deus, a sua poderosíssima intercessão Maternal tudo é focado, para mais fazer resaltar a grandeza e glória de Maria, e poder, alfim, descansar tranquilamente entre o seu manto acolhedor, ao longo da vida e na hora decisiva em que se nos abre a eternidade.

• • •

Em lábios de filho que mais linda palavra se pode ouvir do que o elogio da própria mãi?

É porisso que a piedade cristã com uma santa indústria vai intensificando a reza da Avé Maria, tornando contínuo o cântico das glórias da Senhora.

• • •

Formemos das Ave-Marias como doutras tantas rosas uma grande corôa que dia a dia a família lhe vá ofertar.

Rezemos com fidelidde e amor a devota cadeia de orações que A prenda a nós e nos prenda a Ela.

Rezemos a Avé Maria com o piedoso recolhimento e devoção do Divino Mensageiro diante da Virgem.

Que ao menos, o terço do rosário seja diàriamente em família uma cadeia forte a unir, em Cristo, todos os seus membros.

• • •

Dantes ao toque do sino, de manhã, ao meio dia e à noite tôda a gente parava e se descobria para rezar as Avé Marias.

Que encantadoras recordações de infância me não acorrem agora à memória!...

O labor dos campos paralizava num momento; os mercados refreiavam a febre do negócio e tôda a gente se recolhia para rezar.

Que lindo e que cristão!

É em honra da SS.ma Trindade e em lembrança dos Augustissimos Mistérios da Redenção; mas é também por amor à Virgem.

Renovemos o fervor antigo nessa tão formosa devoção das Avé-Marias ou Trindades.

Longe com o respeito humano!

• • •

E de manhã e à noite que a lembrança de Maria e a certeza do seu valimento nos acompanhe sempre.

É Mãi...

Avé Maria!

Se os Anjos a cantam, se a rezam os santos com angélico fervor rezemo-la nós também muitas vezes ao dia.

Uma alma pequenina

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	310.883$94
papel, comp. e impr. do n.º 112 (60.000 ex.).. ...	3.290$00
franquias, embalagens, transportes, etc....	1.295$00
Na Administração em Leiria	899$90
Total...	316.368$84

Donativos desde 15$00

Joaquim Honorato — Richaldeira, 20$00; Salvador N. de Oliveira — Richaldeira, 20$00; esmola de Longos Vales, 15$00; esmola em Pardêlhas, 27$00; distribuição em Pardêlhas, 134$00; Maria Rosalina Rocha — Açores, 17$00; Elisa P. S. Gomes—Braga, 20$00; João S. G. da Câmara—Açores, 20$00; P.e Manuel de Ávila—Açores, 400$00; José Maximiano — Almeirim, 20$00; Maria Lucila Menezes — C. de Besteiros, 15$00; Tiberio Teixeira — Castro Daire, 30$00; Ana dos Prazeres e Val — Mouraz, 20$00; José de Medeiros — Açores, 152$50; Bento Delgado — Luso, 20$00; Distribuição em Ilhavo, 50$00; Abade do Olival — Gaia, 90$00; José Antunes Júnior — Alvaiazere, 25$00; Benjamim António Ferreira — Borba, 20$00; Coronel Sande de Lemos — Lisboa, 20$00; Amadeu S. de Passos — Mafra, 15$00; António D. Canas — Mafra, 15$00; António J. Valente — Mafra, 15$00; Júlio Ivo — Mafra, 20$00; Maria S. do Passo — Mafra, 15$00; Eugénia Gomes Pereira — Pernes, 25$00; Abel G. de Freitas — Brasil, 20$00; Amadeu R. Amado — Brasil, 20$00; José Ribeiro — Brasil, 20$00; Pedro P. Santiago — Brasil, 20$00; Augusto P. Santiago — Brasil, 20$00; José Pereira Nobrega — Brasil, 20$00; Maria da C. Saraiva — Brasil, 20$00; Manuel da Silva — Brasil, 20$00; Maria S. de Freitas — Brasil, 20$00; Domingos Ribeiro — Brasil, 30$00; António J. Pacheco — Brasil, 30$00; Manuel R. do Vale — Brasil, 30$00; Francisco P. Ferreira — Brasil, 30$00; José Teixeira — Brasil, 30$00; José Gonçalves — Brasil, 27$00; Adriano Ferreira — 20$00; João J. Felício — 20$00; Manuel Dias — 20$00; António R. Cristovão — 20$00; David Artur — Brasil, 20$00; esmola, em Santos — Brasil, 17$00; Elisio Costa — Pôrto, 30$00; Joaquim Manuel — Pôrto, 20$00; Maria José P.a — Igreja, 20$00; Maria S. Barriga — Tinalhas, 20$00; Maria das Dôres Lopes — Fozcôa, 20$00; Elmina da Cruz — Madeira, 150$00; Ana da C. Neves — Avanca, 60$00; Maria de J. de Pina — Coimbra, 15$00; Maria E. Berneaud — Lisboa, 20$00; Cacilda Mota — Aveiro, 15$00; Maria do Céu Lopes — Pôrto, 20$00; Maria da C. Coelho — Olivais, 15$00; Mons. Manuel Marinho — Foz do Douro, 100$00; Elvina N. da Fonseca — Lisboa, 70$00; Adelino de Oliveira — Póvoa de Lanhoso, 20$00; Olimpio Rebelo — Póvoa de Lanhoso, 20$00; José Calvário — Valhascos, 25$00 Cónego Virgilio Pita — Évora, 20$00; Elise Marie — Chile, 15$00; Maria Guielsarol — Tabuaço, 15$00; Maria Leal Rodrigues — Barbacena, 30$00; António dos S. Vieira — Brasil, 145$87; Maria J. de Oliveira — Évora, 20$00; Carlos Victoriano — Válega, 192$50; Manuel Marques — Grandola, 20$00; José A. Calado — Gavião, 15$00; P.e Domingos Fragoso — Brasil, 75$00; P.e André Avelino — Faial, 132$00; Carmen Garcia — Açores, 24$00; Manuel M. Morgado — Belém, 20$00; Maria J. Miranda — Açores, 15$00; Casa de Saúde de S. Miguel — Açores, 40$00; Angelina Martinho — Sintra, 15$00; Margarida Gomes — Sintra, 15$00; Maria de Vasconcelos — Sintra, 15$00; Aristides Mendes—Louvain, 50$00; Sanatório «Rodrigues Semidi» — Porto, 25$00; José Luís Raposo—Açores, 25$00; Ana C. Antunes — Lousã, 27$50; Julia C. Carvalho — Caldas da Rainha, 27$50; Elisio Costa — Porto, 20$00; Luís Lopes Abegão — Tramagal, 15$00; José F. Evaristo — Ovar, 25$00; José Valente — Almofala, 17$00; Pedro Correia — Lisboa, 20$00; Igreja da Graça — Lisboa, 100$00; Duas esmolas, 28$55; Maria Henriqueta Lobo — Lisboa, 20$00; Maria J. Patrício — Coruche, 20$00; Laura Teixeira — Coruche, 20$00; Ana H. Barreto — Pedrogam Grande, 35$00; Zulmira Galhardo — Penamacôr, 130$00; Augusta C. Macedo — Lisboa, 15$00; Rosa Miranda — Lisboa, 20$00; Colégio de S. António—Caminha, 100$00; António Loureiro — Pôrto, 20$00; Distribuição em Baltar, 102$50; Virginia Gomes — Monção, 30$00; Belizanda Miranda — Brasil, 30$00; Custódio Lopes — Pôrto, 15$00; Maria Paiva — Lisboa, 40$00; Matilde Cabral — Lisboa, 40$00; Corina Ferrão — Coimbra, 15$00; Hilário Barbosa — Brasil, 20$00; «Avé Maria» — Brasil, 50$00 António Miranda — Brasil, 15$00; Laura Barbosa — S.a da Hora, 15$00; Guilhermina Lemos — Gaia, 15$00; Distribuição em Cabeço de Vide, 25$00; Joaquina Calado — Aldeia da Mata, 20$00; João Hilário — Borba, 20$00; Dr. Roberto Luís — Madeira, 20$00; P.e Manuel Rodrigues — Valada, 50$00; Ir. Maria da Redenção — Brasil, 15$00; Distribuição em Escapães, 50$00; Frauleim Hocber Bavière, 15$00; Distribuição em Avanca, 80$00; Firmiano Alves — Mouramorta, 20$00; Joaquim da Silva Carvalho — Vagos, 108$50; P.e Manuel Sabino — Oeiras, 72$00; Bento Gomes — Braga, 20$00; Ana de Sá Carneiro — Barcelos, 15$00; Condessa de Azambuja, 15$00; Maria de Almeida Garrett — C. Branco, 20$00; Tenente P.a Gomes — Alandroal, 20$00; Igreja da Madalena — Lisboa, 25$00; Etelvina B. dos Santos — Lourosa, 15$00; Eugénia do Sacramento Clímaco, 20$00; Igreja de Matacães — Torres Vedras, 50$00; Igreja de S. Tiago de Cezimbra, 105$00;

AVISOS

I

As pessoas que desejarem obter, pelo correio, água ou outros objectos da Fátima, devem dirigir-se ao Snr. António Rodrigues Romeiro — *Santuário da Fátima*, e enviar em letra bem legivel o nome da estação para onde querem que vá a encomenda.

II

Na Semana Santa haverá no Santuário da Fátima, um turno de Exercícios Espirituais reservados aos Ex.mos Snrs. Médicos que a êles queiram assistir. Começam no dia 19 de Março, à noite, e terminam no dia 23 de manhã. A inscrição deve ser feita *até ao dia 13 de Março* e para isso os Ex.mos Snrs. Médicos dirigir-se-ão ao Ex.mo Sr. Dr. Henrique Bernardo Gonçalves — Cem Soldos — Tomar, ou aos Rev.dos P.e Manuel de Sousa — Reitor do Santuário da Fátima ou P.e António dos Reis — Seminário de Leiria.

Santa Teresa de Jesus encontrava-se em Medina del Campo. Visitavam-na muitas pessoas. Dentre estas certo cavalheiro disse-lhe:

— Venho ver-vos, porque me disseram que sois formosa, discreta e santa.

— Se sou formosa vós o vêdes; se sou discreta... não me parece que sou parva; se sou santa, a Deus pertence sabê-lo.

FÁTIMA A PROVA

A Autoridade Eclesiástica

Na longa e vastissima Diocese de Lisboa a Vigararia de Ourém, desmembrada do bloco da antiga Diocese de Leiria, era como que a guarda avançada da Extremadura média e do Patriarcado.

Bem conhecida em Lisboa pela generosidade dos seus filhos, pelo número do seu clero e pela abundância de vocações, era tida como uma das mais preciosas joias e um dos melhores pontos de apoio para tôda a acção religiosa.

Podia-se contar com o clero e os fiéis de Ourém em qualquer conjuntura.

Por ocasião da publicação da Lei de Separação, porque alguns párocos se evidenciaram na resistência a essa lei injusta, foram presos e enviados para o Limoeiro como quaisquer criminosos comuns.

Assim prenderam os Rev.dos P. P. Faustino Jacinto de Almeida e Abel Ventura do Céu Faria — aquele, prior da Freixeanda e êste, ao tempo, prior de Ceissa, e actualmente, de Santa Margarida do Arrabal.

Da prisão, onde foram visitados por muitos amigos e especialmente pelo Venerando Snr. Dr. Cruz, escrevia um deles com tôda a liberdade a respeito das suas declarações:

«O que disse foi sempre com muita dignidade, firmeza e sem respeitos humanos alguns e ao mesmo tempo sempre com respeito para tudo e para todos. O que fôr soará esperando em Deus que os nossos inimigos hão de ser confundidos e rolhados».

(Carta de 30 de Maio de 1911 escrita do Limoeiro ao Snr. Arcipreste de Ourém).

Clero e fiéis formavam um bloco formidável que enraivecia os seus inimigos impotentes.

Quando, presos de súbito e levados a correr, os padres passavam para a séde do Concelho as freguesias, como outrora a Igreja de Jerusalém em favor de Pedro, elevavam, com lágrimas, a sua prece ao céu, pelos pastores queridos.

Eram dias de luto e de oração.

Pelos caminhos joelhavam os fiéis numa linda evocação da cêna bíblica à porta da Cidade Santa, tantas vezes reproduzida pelos cristãos da primeira idade diante dos seus heróicos irmãos na fé — os mártires de então.

A união faz a força!

Nunca nem a mal nem a bem, se conseguiu durante êsse período agitado, organizar o arrolamento dos bens da Igreja, no território da Vigararia.

Que eu saiba, foi a única de Portugal! Tanto podem os fiéis em perfeita união com os seus pastores!...

* * *

Sabia-o bem Sua Eminência e porisso não extranhava que, por fora, a Maçonaria e, por dentro, o próprio demónio, procurassem perder aquela terra quási sagrada que fôra outrora de Nun'Álvares e onde nascera, vivera e morrera a simpática figura de Santa Teresa de Ourém.

Quando leu o ofício do Rev.do Prior da Fátima em que sumáriamente lhe dava conta do que ali se ia passando Sua Eminência teve um estremeção de angustiosa incerteza.

O Seu coração de Português e de cristão faziam-lhe adivinhar a realidade mas a inteligência e prudente vigilância do Pastor punham-no de sôbreaviso.

E assim ficou.

Que fazer?

Confiar no bom senso do clero da Vigararia?

Sim. E podia fazê-lo como vimos.

O clero pagava-lhe com uma estima profundamente sincera o amor que o ilustre Cardial lhe dispensava.

Quando, à restauração da Diocese de Leiria e entrega à jurisdição do novo Prelado, o clero se teve de despedir de Sua Eminência, não o fez secamente.

O clero da Vigararia todo reunido enviou-lhe uma mensagem nos seguintes termos:

Em.mo e Rev.mo Senhor

Os abaixo assinados, párocos e mais clero da Vigararia de Ourém sentindo apróximar o dia em que devem separar-se de V. Em.cia Rev.ma, em virtude da restauração da Diocese de Leiria, a que hoje pertencem, vêm respeitosamente declarar a V. Em.cia que não é sem intenso desgosto e viva saudade que se separam do seu Amantíssimo Prelado de quem sempre têm recebido eloquentes provas de paternal estima e muita consideração sem que para isso tenham merecimentos próprios.

Ao clero e mais fiéis desta Vigararia tem V. Em.cia Rev.ma sempre e em tôda a parte feito as melhores referências sendo porisso maior o nosso profundo reconhecimento para com V. Eminência.

Vai V. Em.cia desligar os signatários de Sua jurisdição Prelatícia mas esperam os mesmos que V. Em.cia se digne continuar a honrá-los com Sua estima e amor Paternal.

Prostrados submissa e reverentemente a Vossos pés imploramos os abaixo assinados o perdão de V. Em.cia para as nossas faltas.

Que o Céu ouça diàriamente a prece que todos os dias Lhe dirigimos junto do altar e que a bênção de V. Em.cia cáia sôbre êstes filhos que pela última vez vêm ajoelhar aos pés de V. Em.cia e beijar-lhe o sagrado anel como a seu Prelado muito Amado e querido».

A saudade da separação empanava a alegria imensa da restauração da sua diocese.

* * *

Era natural, pois, que os cuidados redobrassem e aumentasse a cautela quando viu que parte do rebanho estava em fóco.

Friamente organisou-se um plano e começou de se pôr em execução.

Devagar porque a Igreja nunca tem pressa.

Deus é paciente porque é eterno, *diz Santo Agostinho e a Igreja compartilha da paciência divina.*

A Igreja sabe esperar.

Era preciso porém investigar, saber o que se passara.

A 19 de Outubro em resposta ao ofício do Rev.do Pároco da Fátima S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Arcebispo de Mitilene oficiava as Rev. Snrs. Arciprestes de Ourém e Porto de Mós e ao Rev.do Prior da Fátima, pouco mais ou menos nos mesmos termos, mandando receber e remeter para Paço Patriarcal os depoimentos que pudessem alcançar sôbre a Fátima.

O do Snr. Vigário da Vara de Ourém único que temos presente é como segue:

Ill.mo e Rev.mo Snr.

Para os efeitos convenientes seja V. S. R. servido receber, enviando-no-los depois, os depoimentos do maior número possível de pessoas fidedignas que tenham sido testemunhas presenciais dos factos ocorridos em Fátima no dia 13 do corrente mês de Outubro.

Deus guarde a V. S. R.

Lisboa e Paço Patriarcal, 19 de Outubro de 1917.

Ill.mo Rev.mo Snr. Vigário da Vara de Ourém

† João *Arcebispo de Mitilene*

O papel tem ao alto um sêlo branco que diz «Patriarcado de Lisboa Secretaria Particular».

* * *

Podia o clero num mal entendido movimento de zêlo fomentar a crença nas aparições.

Era preciso impedir a todo o transe um tão grande inconveniente.

Foi então que, segundo o Seu próprio testemunho em conversa com o sr. Bispo de Leiria,

«Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca D. António Mendes Belo, que Deus haja, proïbiu o Rev. Clero de animar e tomar parte em quaisquer manifestações religiosas relativas à Fátima, sábias prescrições que conservámos ainda algum tempo depois da nossa entrada nêste Bispado».

(Pastoral do Snr. Bispo de Leiria «A Providência Divina» sôbre o culto de N. Senhora da Fátima edição oficial pag. 12).

O Senhor Bispo de Leiria

Uma vez entrado na posse da diocese, que ansiosa o esperava, S. Ex.cia Rev.ma teve de defrontar o estudo do mais interessante e transcendental problema religioso do nosso tempo e da nossa terra.

Que atitude tomou o Prelado?

A prudência que sempre o caracterisara quando simples padre tinha agora um magnífico campo onde se exercer.

De facto a primeira impressão de contacto com a questão da Fátima foi md.

O aspecto rude de Lúcia a única vidente que conhecera, certas contradições aparentes, o ridículo que à primeira vista apresentavam certos factos e ditos, a gândncia de alguns possuidores de terrenos do sitio onde se dera a aparição, uma tal ou qual semelhança do que se contava com outras aparições antigas, o pulular por esse tempo de falsas aparições e visões através de todo o Portugal, a responsabilidade tremenda duma decisão intempestiva, o vazio parecer dos seus colegas no Episcopado tudo obrigava o Snr. D. José Alves Correia da Silva a proceder com muita circunspecção.

Todos, embora com vária intenção, se preguntavam: «Que fará o Snr. Bispo?»

Em volta da Fátima já a esse tempo (5 de Agosto de 1920) se haviam formado as clássicas categorias de pessoas.

A nós interessa-nos de momento apenas a dos apressados que julgavam que o primeiro acto do Prelado era subir ao púlpito e proclamar «urbi et orbi» que Nossa Senhora realmente aparecera na Fátima.

Ora valha-nos Deus!

Havia nesta classe gente muito piedosa e boa mas pouco esclarecida e até mesmo alguns sacerdotes.

Foi uma desilusão quando perceberam que o novo Prelado queria ir devagar para ir com segurança.

Era ainda em resposta a essa maneira de ver, que julgava a demora um prejuiso para a fé, que, a páginas 5 da sua célebre pastoral, escrevia:

«Devemos notar que a Santa Igreja nunca tem pressa, especialmente nestes assuntos melindrosos, por maiores que sejam as impaciências dos homens.

Caminha através dos séculos numa lentidão majestosa, assistida pelo Divino Espírito Santo, com a consciência da sua perpétuidade, ouvindo a todos, tudo apreciando, para resolver conforme as leis sapientíssimas que lhe deixou o seu Fundador».

Que queria ir com segurança mostra-o o facto seguinte.

Entrara em Agosto de 1920.

Passa-se o resto dêsse ano, todo o de 1921 e só a 6 de Maio de 1922 publica a notável Provisão nomeando uma comissão oficialmente encarregada de ouvir todos quantos quizessem depôr àcêrca dos acontecimentos da Fátima «a favor ou contra, na mais ampla liberdade» e apresentar-lhe em seguida o relatório dos seus trabalhos.

Através das páginas dessa Pastoral, sóbria de expressões mas cheia de sentido, adivinha-se a tranqüila satisfação com que pode afirmar (pag 3).

«A Auctoridade Eclesiástica tem-se mantido na expectativa. O Rev. Clero desde o principio absteve-se de tomar parte em qualquer manifestação: apenas ùltimamente permitimos que houvesse lá uma Missa rezada e sermão nos dias de grande concorrência popular».

Foi também essa a ideia que de Sua Ex.cia Rev.ma formou o Snr. Dr. Luis Fischer e que exprimiu nas seguintes palavras:

Não serei indiscreto se disser que o Bispo Snr. D. José se mostrou, a princípio, bastante reservado relativamente às Aparições da Fátima. E a prova é que só dez anos depois das Aparições, em 26 de Junho de 1927, a quando da bênção das estações da Via-Sacra, ao longo da estrada Leiria-Fátima, S. Ex.a ali foi oficialmente, pela primeira vez. (Fátima, a Lourdes Portuguesa, pág. 65).

E logo mais abaixo, explicando a acção do Prelado, conclue:

Esta prudente reserva do responsável, perante Roma e o orbe católico, pela evolução dos acontecimentos, corresponde perfeitamente aos usos da Igreja. Sòmente a seqüência dos acontecimentos, os frutos abundantes de Fátima e, sobretudo, a mensagem de Maria ao Bispo por intermédio de Jacinta, a mais nova dos pastorinhos, conseguiram fazer de S. Ex.a o grande amigo de Fátima que hoje é, na sua qualidade de Prelado Diocesano. (Op. cit. Ibidem).

Ah! sim uma razão ponderosíssima o levava a um porte à primeira vista tão estranho diante dos factos da Fátima.

Queria dizer com verdade e com razão qu *só «depois de termos estudado atentamente durante dez anos os acontecimentos vimos dar a nossa sentença...»*

(A Divina Providência: pág. 8).

Dez anos, dez longos anos se passaram na expectativa.

E durante êsses 10 anos a Providência foi suavemente trabalhando o ambiente e o espírito do Prelado de maneira que a verdade emergisse clara e insofismável.

Mas, após êsses 10 anos, não foi ainda sem uma nova moção do alto que se abalançou a dar a sentença tão ansiosamente esperada.

O nome da Fátima galgara as fronteiras e voara de nação em nação.

Chegou a Roma. E Roma fez entender que desejava uma solução.

Só então a solução veio.

Não se pode na verdade dizer *que a Fátima foi uma invenção do clero...»*

(A Divina Providência, pág. 12).

Um observador

ALGUMAS OBRAS PUBLICADÁS SOBRE FÁTIMA

Em Português:

Visconde de Montelo

Os episódios maravilhosos de Fátima — 1921 (esgotado).

Os acontecimentos de Fátima — 1923 (esgotado).

Dr. Gonçalo de Almeida Garrett

Fátima — A miraculosa nuvem de fumo — 1922 (esgotado).

P.e Dr. Joaquim da Silva Tavares S. J. da Academia das Ciências de Lisboa.

Fátima e Lourdes (Separata da Brotéria) — 1931.

Da Pastoral *«A Divina Providência»* há além da edição oficial: uma edição portuguesa em Macau; uma tradução inglesa edição de Madrasta e de Bombaim.

Augusto de Santa Rita

Poema de Fátima.

Leopoldo Nunes

Fátima.

D. Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos

A minha peregrinação a Fátima — 1917 (esgotada).

D. Maria Feio

Romagem de Fátima — 1931.

Em lingua francesa:

Vicomte de Montelo

Les grandes merveilles de Fátima — 1931.

G. Pizarro S. J.

Notre Dame de Fátima — 1930.

Révue du Rosaire — «Notre Dame du Rosaire de Fátima».

Em italiano:

Le meraviglie di Fátima — 1931.

Em espanhol:

P.e César Fernandes

Nuestra Señora del Rosario de Fátima. — Sus maravillosas apariciones.

Em flamengo:

G. Pizarro S. J.

Fátima — 1931.

Em alemão:

Dr. Ludwig Fischer

Fátima — im Lichte des kirchlichen Autorität.

Fátima — Das Portugiesische Lourdes.

P.e Heinrich Wohmaas S. S. C.

Fátima.

Nota. — A Administração encarrega-se de mandar vir do estranjeiro as obras aqui anunciadas, sujeitando-se os que as pedirem às oscilações do câmbio.

Obras publicadas sôbre Fátima com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo de Leiria

Visconde de Montelo

As Grandes Maravilhas de Fátima — 1927.

Fátima, o Paraíso na Terra — 1930.

A Pérola de Portugal — 1931.

Ofício Menor e Novena de Nossa Senhora da Fátima — 1930.

Manual do Peregrino da Fátima — 3.a edição — 1931.

Doutor Luis Fischer

Fátima a Lourdes Portuguesa (Tradução de 2.a edição alemã), pelo Rev.do Dr. Sebastião da Costa Brites — 1930.

Nota — Estas obras que se encontram à venda na *Administração* da *Voz da Fátima* — Leiria e que serão enviadas à cobrança a quem as pedir, são utilíssimas a tôda a gente e indispensáveis a quem quiser conhecer de algum modo os factos da Fátima.

FILHOS...

Era em Lourdes, há cinco anos.

Já de noite o campo fechado e dado o toque de silêncio profundo, com licença do chefe scout, resolvi saír com o meu amigo Dr. X a cumprimentar no hotel alguns padres amigos.

Abafava-se com o calor.

Entrar àquela hora numa cervejaria não quisemos.

E, como a sêde era grande, vá de entrar numa casa de fruta a comer uns cachos de uvas.

Atráz de nós entrava uma pobre mulher do povo com uma criancita pela mão.

—Queres uvas? diz-lhe o meu companheiro.

E, a apagar a alegria daqueles olhitos francos e sinceros que aceitaram, a mulher não deixou que lhas déssemos.

—Tem graça. Porque não deixa a pequena comer uvas?

—Fazem-lhe mal.

—Qual?! Não acredito.

Olhe eu sou médico.

Tenho já quatro filhos e dou-lhes fruta todos os dias.

—Quatro filhos?!... — pregunta a mulherzita com espanto.

—Sim e espero mais.

—Ui! Santo Deus.

—A propósito. Porque será que aqui em Lourdes se vêem tão poucas crianças?... Fomos hoje a Gavarnie. Gostámos imenso. Pelo caminho e lá muitas crianças por tôda a parte. Eram um encanto... Aqui não.

Porquê?...

* * *

A mulher cala-se e entra em cêna o dono da casa um bazulaque para quem a beleza da vida e a grandeza das ideias se mediam pelo diâmetro do bôjo.

Encostado a uma cantareira respondeu cinicamente:

—Os filhos não são precisos.

Uma série de argumentos morais, humanos e patrióticos que o meu companheiro e eu descarregamos sôbre o homem obteve num sorriso bestial uma frase semelhante:

—Os filhos são bons para os ricos.

* * *

Revoltei-me contra aquela poltroneria aviltante e deante dos cinco, o meu companheiro, a freguesa, e a pequenita, o patrão e a mulher que acorrera com interesse dei largas à minha indignação.

«Não sabe quem fêz a guerra?

Pois vá lá pedir soldados quando daqui a anos a Alemanha lha declarar de novo.

A Alemanha aumenta continuamente de população; vocês deminuem.

A Itália tem cá 1.300.000 homens. A Saboia está quási ocupada por italianos. A indústria, o comércio, o operariado é italiano. Só falta a bandeira.

Você percebe?

Dentro em pouco alemães e italianos hão-de dizer-lhe se os filhos são precisos ou' não».

E retirei-me enjoado com tudo aquilo. Era repelente.

Era apenas um quadro do mundo hodierno.

Egoísmo, comodidade, gôzo, prazer bestial — o materialismo mais grosseiro levantado como norma de vida.

* * *

Há três anos numa família amiga. Marido, mulher e duas filhitas encantadoras de vida e de graça.

Enquanto as pequenas, feitos os cumprimentos, brincavam numa outra sala, os três iamos recordando pessoas de família coisas passadas quando, de repente, a conversa recai sôbre os filhos.

E a rematá-la, porque iamos almoçar, numa delicada intimativa, volto-me para êles dizendo:

— Muito bem! Mas... sabem? Quere-se uma casa cheia. Só dois não tem geito.

—Não os peço nem os mando. Se Deus mos mandar aceito-os, termina a esposa.

Era a penetração materialista em muitos lares cristãos.

—Nosso Senhor há-de ajudá-los creia.

Um ano depois enflorava-se aquele lar com uma nova vida e já outra o veiu aumentar.

Um lar cheio de filhos é a maior riquesa, a maior honra e glória dos pais que a formam.

Bemditas as esposas que compreendem bem e amam deveras a sublime missão de mãe e a ela sacrificam beleza física, socêgo e descanso.

A mãe só descansa bem ao pé do berço do filho.

Ser mãe é ser comparticipante da sublime dignidade do Creador pois que aos pais, Deus os tornou dispensadores e multiplicadores da vida no mundo.

Bemditos os pais que, no cumprimento dum dever sagrado vão, quando preciso, até sacrificar a própria vida para não sacrificar a do filho!...

Vozes do mundo, ídolos de carne, sentir de animais tudo se curve ante a dignidade heroica das que morrem por não deixarem ceifar uma vida!

São mártires que o Senhor corôa e que pela eternidade fora sentirão a divina beleza, o inefável encanto e a glória imortal da maternidade!

* * *

Agora a atitude genuinamente cristã, a única que se coaduna com os sentimentos de mãi, com os princípios da razão, com as luzes da fé e com a Vontade Santíssima do Senhor.

Estava a Raínha D. Filipa de Lencastre gravemente doente e eram os médicos de opinião que só com o sacrifício do filho se poderia salvar a mãi e, mesmo assim, em dúvida.

Prepararam a droga assassina e aprestavam-se para lha dar quando a virtuosa Raínha se volta para El-Rei seu marido e com nobreza lhe diz assim:

«Senhor! Não queirais que onde eu em nenhum caso consentira de ser homicida agora o queira ser de minha própria carne.

E mais vos digo que, por viver o filho eu haveria minha morte por bem empregada, e quando a Deus aprouver, com o filho morra a mãi, mórmente que Deus é poderoso para a ambos dar vida se sua mercê fôr...»

E entendeu El-rei seu bom e santo propósito; lançou em terra o xarope que na mão tinha para lhe dar a beber e mandou... pelo precioso lenho da cruz... e aprouve a Deus que ao cabo de dias a Raínha houve mui bom e seguro parto».

E assim ficámos devendo ao heroismo dessa mulher, grande Raínha e grande mãi a vida preciosíssima que os médicos queriam ceifar, a vida do Infante Santo.

Praza a Deus que do lar e do Matrimónio, todas as esposas que não querem ser monstras se resolvam a colher não só fáceis rosas mas também os espinhos que exigem por vezes duros sacrifícios, mas que Deus corôa sempre com a Sua protecção!

Que elas saibam ser mães e sentir que tôda a glória lhes vem dos filhos a quem por Deus e para Deus tiverem dado a vida e a educação!

Dezembro de 1931.

Galamba de Oliveira

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Ano X — Leiria, 13 de Março de 1932 — N.º 114

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

13 DE FEVEREIRO

Sob o manto da Padroeira

Três lustros são passados depois que o relâmpago precursor das celestes aparições da Virgem bemdita inundou de caudais de luz suavíssima os páramos desertos e áridos da Lourdes Portuguesa.

Desde então, a gloriosa terra de Santa Maria, saindo do profundo letargo em que jazia havia quási cem anos, sem esperança de humano remédio, foi caminhando, com passos seguros e firmes, numa marcha verdadeiramente prodigiosa, até à fase presente de intensa vitalidade e pujança religiosa de que numerosos e consoladores episódios são ao mesmo tempo o sintoma e o expoente.

Não foi debalde que a Raínha do Céu baixou à Cova da Iria e pousou os seus pés virginais na copa da azinheira sagrada.

Aos humildes videntes, surprezos e embevecidos perante a Visão de celestial beleza, fez avisos e deu conselhos, em colóquios divinos da mais encantadora simplicidade e do mais elevado alcance.

A palavra da misteriosa Aparição, galgando os espaços, chegou a breve trecho aos confins de Portugal e o seu eco, doce como uma esperança, mavioso como uma promessa, foi ouvido com alegria e alvoroço nos quatro cantos do mundo.

Basta volver um olhar retrospectivo sôbre a situação religiosa do nosso país antes das aparições e cotejá-la com o seu estado actual para se conhecer desde logo a mudança profunda, radical, operada na sociedade portuguesa, em cujo seio existe hoje uma *élite* católica mais saturada de espírito cristão, mais esclarecida e fervorosa na sua piedade, mais unida entre si e mais perfeitamente sujeita à hierarquia.

A-pesar da tremenda crise religiosa, moral e económica em que o mundo presentemente se debate, provocando a instabilidade das instituições políticas e sociais e agitando e convulsionando os povos, Portugal, a nação fidelissima, terra de Santa Maria, olha com serenidade o futuro, pondo uma confiança inabalável e ilimitada no poder e na bondade da sua excelsa Padroeira que, vindo a Fátima, mais uma vez o protegeu e salvou.

Os actos oficiais do dia 13

O dia treze de Fevereiro apresentou-se frio, agreste e chuvoso. Durante grande parte da manhã, um vento áspero e cortante, que sibilava furioso por entre as gargantas da serra, trouxe consigo grossas bátegas de água que inundava as estradas e regelava os corpos. Às dez horas, pouco mais ou menos, a chuva impertinente deixou de cair, o céu desanuviou-se quási por completo e o sol, com os seus raios pálidos e levemente tépidos, com a sua ténue poalha dourada, iluminou as manifestações de fé e piedade que se realizaram no local das aparições.

Como de costume, os homens aproximaram-se em grande número do tribunal da Penitência.

As comunhões, de pessoas de ambos os sexos, elevaram-se a algumas centenas.

Só as primeiras filas de bancadas do Pavilhão estavam ocupadas por doentes, que tinham sido prèviamente observados e inscritos no registo do Pôsto das verificações médicas.

Celebraram-se bastantes missas. Ao meio-dia e meia-hora, realizada a procissão da Virgem, um capelão do Santuário celebrou a missa oficial, que foi acompanhada a *harmónium* e cânticos em que tomou parte tôda a assistência. Ao evangelho subiu ao púlpito o rev.^do^ Francisco Vieira da Rosa, pároco de Alvavos, que fez a respectiva homília, falando durante cêrca de vinte minutos. Depois da missa rezou-se o terço e, exposto solenemente o Santíssimo Sacramento, deu-se a bênção aos doentes e a todo o povo, que, à estação da missa, era mais numeroso do que no dia treze dos últimos três meses.

Regresso da imagem de N. Senhora da Igreja em construção à Capela das Aparições, em Outubro de 1931. Ao centro veem-se os Ex.^mos^ Prelados de Macau, de Leiria e de Beja.

Por fim, efectuou-se a procissão do *adeus*, tendo a formosa estátua da Virgem de Fátima sido levada processionalmente aos hombros das servas de Nossa Senhora do Rosário para a capela das aparições.

Fátima em Espanha

Acaba de sair à luz da publicidade em Vergara, Espanha, a tradução do opúsculo «Notre-Dame de Fátima», publicado em francês por iniciativa da «Revue du Rosaire», dos Padres Dominicanos de S. Maximino. (Var).

É uma explêndida brochura de 88 páginas, nitidamente impressa em ótimo papel e ilustrada com numerosas e magníficas gravuras de página.

O tradutor é o rev.^do^ Rafael Cesar Fernandes, religioso da benemérita Ordem dos Padres Prègadores e membro do corpo redactorial da conhecida revista «El Santíssimo Rosario».

Escreveu um breve prefácio expressamente para a tradução o rev.^do^ Paulino Alvarez, da mesma Ordem.

O rev.^do^ Fernandes dedica o seu trabalho «a la buena memoria do P. Fr. Benito Mateos, O. P., primer apóstol de Fátima en nuestra querida Patria».

O prefaciador, depois de se referir às aparições de Fátima e de lamentar que não seja ainda conhecida em Espanha como devia sê-lo essa obra da Onipotência de Deus e da bondade maternal da Virgem, realisada, não a mil léguas de distância, mas a quatro passos da fronteira espanhola, escreve:

«Correm aos milhares os nossos compatriotas a caminho de França para vêr e venerar a Virgem de Lourdes e não vai sequer uma alma à vizinha Fátima a prostrar-se aos pés da Virgem Portuguesa, porque França é França... e Portugal é Portugal... ainda que uma Virgem não seja mais digna de veneração do que a outra».

Faz votos por que, lendo o livro do rev.^do^ Fernandes, os católicos espanhóis se resolvam a ir em peregrinação ao logar que a augusta Mãe de Deus se dignou escolher para a santificação dos povos.

O ilustre prefáciador conclui o prólogo do livro encarecendo as vantagens da devoção ao Santo Rosário, tão recomendada pela Santíssima Virgem nos santuários de Lourdes, Pompeia e Fátima, que êle considera os mais célebres santuários Marianos de todo o mundo nos tempos modernos.

Fátima em França

Na magnífica revista «Notre Dame» um distinto jornalista que se encobre com o pseudónimo de *Max Roub* publicou um estudo pormenorizado sôbre os acontecimentos de Fátima. O grande diário católico de Paris «La Croix», nos seus números de 6 a 14 de Novembro findo, reproduz em roda-pé, dando-lhe assim um especial relêvo, êsse esplêndido trabalho, verdadeira joia literária tão valiosa pelo fundo com pela forma.

O belo estudo de *Max Roub* que bem merece ser reimpresso em *separata*, tem por título «Fátima, a Lourdes portuguesa» e ocupa-se, em breves mas numerosos capítulos, das aparições, dos videntes, dos interrogatórios dos videntes, da atitude da autoridade religiosa perante os acontecimentos, das grandes peregrinações das cerimónias oficiais dos dias treze e da influência crescente de Fátima sôbre a vida religiosa em Portugal. «La Croix» viu-se obrigada a transcrevê-lo nas suas colunas, mercê da pressão exercida sôbre ela por muitos dos seus leitores que lhe manifestavam o desejo de conhecer Nossa Senhora de Fátima, a «Lourdes portuguesa».

•

A «Revista paroquial de Nossa Senhora da Boa Nova», de Paris, *Le Sentier* no seu número 54 correspondente ao mês de Janeiro do corrente ano, inicia uma série de artigos àcêrca de Fátima devidos à pena magistral do rev.^do^ P.^e^ Richard, vigário da freguesia do mesmo nome e escritor e jornalista de vasta e sólida cultura.

O primeiro artigo é precedido duma gravura que representa uma rapariga tuberculosa amparada por um servo e uma serva de Nossa Senhora do Rosário e subitamente curada no dia 13 de Outubro de 1931 no momento em que recebia a bênção do Santíssimo Sacramento.

O ilustre autor descreve a traços largos a visita que fez ao Santuário de Fátima num Domingo do mês de Julho de 1931, traduzindo em termos da mais íntima comoção e do mais vivo entusiásmo as fundas impressões que essa visita produziu na sua alma sacerdotal.

O artigo, que vai transcrito em vernáculo noutro lugar do presente número da «Voz da Fátima», é dedicado, como diz o rev.^do^ P.^e^ Richard, «a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, o digno Pastor a quem a Virgem do Santíssimo Rosário de Fátima confiou os destinos do seu novo Santuário».

O douto articulista conclui prometendo que, se aprouver a Deus, em artigos subsequentes falará novamente de Fátima-«Fátima, terra da Hóstia que resplandece, Fátima, terra da legenda dourada (porque êste nome era o duma princeza moura), Fátima, terra de intensas recordações históricas, Fátima, terra das aparições da *Bela Senhora* luminosa, terra de maravilhas e de bênçãos.

Fátima na Alemanha

Com a devida vénia reproduz-se a seguinte carta do director da Fátima-Verlag de Bamberg para o venerando Prelado de Leiria:

Bamberg, 1 de Fevereiro de 1932.

Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. Bispo de Leiria.

Por intermédio do rev.^do^ dr. Luis Fischer recebi uma Imagem de Nossa Senhora da Fátima com uma dedicatória de V. Ex.^cia^ Rev.^ma^. Por esta prova de bondade venho manifestar a V. Ex.^cia^ o meu mais profundo agradecimento.

A dita Imagem ocupará na minha casa o lugar de honra, a-fim-de ter sempre presente a bondade de V. Ex.^cia^ para comigo.

Até hoje nada me tem sido possível fazer na Alemanha em prol de Nossa Senhora da Fátima. O que está feito é devido única e exclusivamente à actividade extraordinária do dr. Fischer.

Em todo o caso, para juntar ao pouco que tenho feito, prometo, para o futuro, trabalhar com redrobrada actividade nesse sentido. Mas para isso peço a V. Ex.^cia^ Rev.^ma^ a sua bênção para que Deus proteja a Fátima-Verlag a-fim-de que ela possa cumprir a missão que se propõe.

Meixner

Fátima na India

O importante mensário *The Catholic Register*, que vê a luz da publicidade em S. Tomé de Meliapor, insere nos seus números de Abril e Maio do ano findo longos artigos sôbre os acontecimentos de Fátima. Neles faz a descrição pormenorizada das aparições da Virgem do Rosário, reproduzindo em grande parte os interrogatórios dos videntes. Os artigos estão subordinados às seguintes epígrafes respectivamente: «As aparições de Nossa Senhora do Rosário aos três pastorinhos em Fátima» e «As aparições de Nossa Senhora do Rosário em Fátima», ocupando o do número de Abril cinco colunas e o do número de Maio quatro colunas em tipo miudo. Este útimo artigo é ilustrado com o retrato dos videntes e com três gravuras que representam o maravilhoso fenómeno solar de treze de Outubro predito pela Rainha do Céu e presenciado por cêrca de setenta mil pessoas de tôdas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país.

As fotografias do sol, que *The Catholic Register* reproduz, ao contrário do que diz o articulista, não foram tiradas no dia treze de Outubro de 1917, mas só alguns anos mais tarde, num dia treze, em que o fenómeno se repetiu, como algumas vezes tem sucedido.

Visconde de Montelo

FÁTIMA NA ITÁLIA

Sobranceiro a Gubbio, num dos ridentes montes que lhe servem de diadema, ergue-se num fundo verdejante o antigo convento de S. Jerónimo, outrora centro das lides missionárias de S. Leonardo de Porto Maurício. Foi naquêle remanso de paz que os alunos do Colégio Português de Roma passaram as férias do último verao. Como lembrança da primeira festa lá celebrada a 13 de Outubro, ficou na igreja de S. Jerónimo um belo quadro da Senhora da Fátima. Foi quanto bastou para que um grupo de fervorosas senhoras da Acção Católica de Gubbio irmanadas com os peregrinos da Cova da Iria, se lembrassem de organizar mensalmente no dia 13, uma devota peregrinação àquele santuário.

Àcêrca da última, assim escrevia para o Colégio Português a Snr.ª Lúcia Smacchi, alma de apóstolo e devotíssima da Senhora da Fátima:

«Hoje, 13 de Janeiro, tenho grande prazer em comunicar-lhe que a festa religiosa no monte de S. Jerónimo, em honra da querida Senhora da Fátima, se pôde realizar devotamente com plena ratisfação de todos os que nela tomaram parte. Até ontem, 12, o tempo deixava-nos na incerteza de poder efectuar-se a piedosa romagem, porisso não se fez publicação oficial como da vez passada em que a neve e o gêlo vieram a desiludir-nos; mas limitámo-nos a convites sob condição, às pessoas mais intimas e devotas que acudiram de boa vontade ao nosso apêlo em número de 35.

Tôdas, tirando uma ou duas, receberam a Sagrada Comunhão com muito recolhimento. Às 7 1/2 começaram-se as orações da manhã, como usamos fazer no Oratório de S. Domingos, seguindo-se a recitação do Rosário de 15 mistérios, intercalados com a oração ensinada pela Senhora. Celebrou a seguir a Santa Missa o Rev. P. Luiz Cencetti, na ausencia em Aquila, por motivo de prégação do Rev.mo Snr. Cónego Origenes Rogari.

Ao fim da Missa, o Sacerdote leu as três orações da Novena, cantou as ladainhas e deu a bênção. Encerrou-se a cerimónia com o canto do hino da Senhora.

O altar estava bem preparado e a igrejinha asseada. Eu mesma lá tinha ido três vezes com um seminarista a dispor e arranjar tudo. Coloquei o quadro da Senhora numa peanha doirada e mandei vir de Perúgia jarras para flôres. Porisso o altar dava um belo efeito.

... ...

Voltarei lá tôdas as semanas a renovar as belas flores do altar. Esperamos assim poder repetir cada mês, no dia 13, a querida festa, até à volta do Colégio.

Estou preparando um estandarte para a procissão que espero organizar no Domingo 13 de Março na qual também tomará parte o Oratório.» Até aqui a dedicada cronista de Gubbio. Nossa Senhora da Fátima deixe caír sôbre ela e sôbre as suas cooperadoras da nobre causa da Acção Católica, as bençãos mais eleitas do seu coração de Mãe e Rainha.

FÁTIMA NO BRASIL

E consolador o incremento que vai tomando em terras de Santa Cruz a devoção à celeste Senhora da Fátima.

A importante revista «Maria» orgão das Congregações marianas, no Norte do Brasil regista freqüentemente graças obtidas pela intercessão da milagrosa Senhora.

A colónia portuguesa do Ceará acaba de oferecer uma bela estátua da Senhora da Fátima para a sumptuosa igreja do Cristo-Rei, acabada de construir pelos Jesuitas portuguêses na cidade de Fortaleza.

Da correspondência particular de um Padre brasileiro da Companhia de Jesus, residente no Santuário do Sagrado Coração, em Santos, transcrevemos com a devida vénia a seguinte notícia:

«Não é para se passar em silêncio um facto que muito nos consolou Levantaram na Catedral um altar em honra de Nossa Senhora da Fátima.

A pessoa que ofereceu a estátua teve a feliz ideia de pedir que a procissão que devia levar Maria Santíssima para o seu novo trôno de misericórdias, saísse do Santuário. Na véspera, com efeito, para cá veiu Maria Santíssima sobre rico andor, passar por assim dizer a noite, carregando-se de tesoiros que ao depois haverá de derramar, tirados do Coração de seu bemdito Filho, sôbre a cidade de Santos. No dia seguinte às 4 horas, começou a desfilar a imponente procissão, vindo no fim a Mãe das Misericórdias aos ombros dos nossos Congregados, vestidos todos em traje de rigor, orgulhosos por tão grande honra, entoando hinos e cânticos e formando batalhão compacto em redor da sua celestial Raínha».

Bem hajam os que assim sabem atraír para a Nação irmã tantas bençãos da Mãe Comum de todos nós e do nosso amável Jesus.

FÁTIMA EM ANGRA DO HEROÍSMO

Foi em novembro de ha três anos, que o atual Senhor Bispo de Angra, D. Guilherme Augusto, benzeu, na Igreja da Misericórdia, uma linda Imagem de Nossa Senhora da Fátima, destinada à Sé de Angra, adquirida pelo Rev.º Pároco da Sé, por subscrição aberta entre pessôas amigas.

Em seguida à benção, foi a Imagem conduzida processionalmente para a Sé, acompanhada pelo clero da cidade, seminaristas, e muito pôvo, que depois encheu, literalmente, o vasto Templo da Sé, onde houve missa e sermão pelo Rev.º Pároco.

Já antes a devoção à Virgem da Fátima, se começava a espalhar, pelas almas crentes, por meio de notícias de jornais, sobretudo pela «Voz da Fátima.»

Mas uma nova era de Fé e amôr, se abria nos corações dos angrenses e mesmo em tôda a ilha, com essa nova Imagem da Santíssima Virgem, que, na Sé de Angra ia ocupar lugar no altar que era da Virgem do Rosário, junto ao altar do Santíssimo, e perante os quais se confundiriam as súplicas a Jesus e a Maria Santíssima.

Em todos os dias há sempre uma concorrência de fiéis a orarem perante os dois altares.

No dia treze de cada mês a concorrência é sempre muito numerosa desde o alvorecêr do dia até à noite. As comunhões nesse dia contam-se por centenas.

Às oito e meia há missa no altar da Virgem, aplicada pelos doentes que, pessoalmente, se recomendam, ou por intermédio de alguém foram recomendados às nossas orações junto da Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

De tarde há sempre devoção, com o Santíssimo Sacramento exposto, pratica e cânticos pelas creanças e pôvo.

Que para esta terra, chamada desde o seu alvorecêr, Ilha Terceira de Jesus Cristo, a Santíssima Virgem alcance de Deus muitas graças para as almas, e a saúde tão suspirada para tantos aflitos que a Ella recorrem.

P. Eduardo de Sousa Marques

AVISO

Constando-nos que se fazem subscrições a favor do Santuário de Fátima, albergue, etc. estamos autorisados a declarar que o Santuário nunca as promoveu nem delas toma a responsabilidade.

As ofertas que os devotos oferecem voluntàriamente são empregadas nas obras e no culto de Nossa Senhora.

Os que dos próprios bens derem a Cristo nos seus pobres, receberão abundantíssima recompensa do Senhor quando vier a julgar o mundo. Os que assim não procederem serão castigados.

(S. Mat., XXV 34.)

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Tétano

Em Agosto de 1930, tendo minha mãi, Placidia do Amaral Espinho, de 52 anos de idade, dado uma queda no quintal, feriu-se, espetando um gravêto na costa da mão direita. A-pesar-de se lhe terem prestado todos os socorros e desinfeções que nestes casos se aplicam, isto não impediu que o ferimento agravasse. Não obstante ter dores horríveis, e a inchação ser tanta, que nem mal podia mover os dedos, nada nos fazia prever as tristes conseqüências que podiam advir do nosso deplorável descuido em mandar chamar o médico, por supormos que não seria coisa de gravidade. Continuámos sempre com os tratamentos e saragens três vezes por dia, até que passados 15 dias, numa das saragens, deitou uma farpa de 2cm de comprimento sentindo-se muito aliviada das dores terríveis que até então tivera.

Placidia do Amaral Espinho

Mas nessa noite, como já nas outras anteriores, por diversas vezes, sentira grandes contrações no braço lesado, a ponto de ficar quási num arco, e na manhã seguinte, tinha os queixos muito presos, a ponto de mal poder falar, por ter também a língua muito inchada. Chamámos o médico, que ao examinar a doente, declarou estar atacada do «tétano». Imediatamente mandou à farmácia buscar uma injeção de sôro auti-tetónico, e aplicou-lha, prescrevendo o tratamento a seguir. No dia seguinte veiu aplicar-lhe nova dose, mas como o mal progredia tomando-lhe parte do corpo, verificou que as injeções a aplicar tinham de ser mais enérgicas, pois que estas já não debelariam o mal.

Sem esperanças nenhumas o médico assistente, empregou todos os esforços ao seu alcance, injectando 4 ampolas de cada vez, a ver se atenuava o mal.

Falhados os recursos da ciência apenas nos restavam os do Céu.

E foi então quando vi minha mãi perdida, sem que nada podessemos fazer para a salvação de tão horrorosa enfermidade, de que só por um milagre podia escapar a uma morte tão cruel, que com o coração dilacerado pela mais pungente das amarguras, caí de joelhos aos pés de Maria, implorando com todo o fervor dum coração amantíssimo de filha que pede a vida de sua mãi, oferecendo a sua em troca, para que a salvasse e não a lavasse duma maneira tão cruel.

E no auge da aflição recorri a todos os santos da Côrte Celeste suplicando-lhes que juntassem as suas e minhas petições, para, junto do trono da Rainha dos Céus, terem mais valimento os meus rogos.

A todos rezava. A todos pedia. E cada gemido que ouvia, eram outros tantos punhais a atravessarem-me o peito, e mais ainda redobrava de fervor nas minhas preces, até que exausta de forças, cheguei a perder a noção de tudo o que me cercava; tal era a minha angustia! Que horas amargas passei! Amparada porém por amigas dedicadíssimas, que me incutiam coragem, cheia de fé na misericórdia daquela que é a Saúde dos enfermos, ia-lhe misturando em todos os remédios e nos alimentos que ingeria, água de Nossa Senhora da Fátima, na qual era fervida também todos os dias a seringa para a injeção.

A SS. Virgem fez-nos passar por uma provação bem dolorosa, querendo experimentar até onde chegava a nossa fé, e atendendo às centenas de preces que se dirigiam ao Céu por intermédio de tantas almas boas que, condoidas da nossa aflição, pediam também o prolongamento desta vida tão preciosa.

Graças à Virgem Santíssima, que atendeu tantos pedidos, o mal desapareceu e hoje está completamente bem como até ao momento em que deu a queda. É grande a minha gratidão a Nossa Senhora e que desejava agradecer o melhor possivel. Como posso tão pouco, peço a todos os bons leitores da Voz da Fátima uma «Avé Maria» a Nossa Senhora em acção de graças por êste benefício que me concedeu.

Lubango

Angela do Amaral Candeizeiro

Tifo e pneumonia

Venho agradecer à Virgem Nossa Senhora da Fátima a cura duma febre tifoide que me obrigou a estar 7 semanas no hospital. Tive também uma pneumonia.

Senti-me muitas vezes tão mal que me parecia, a cada instante, que a morte me tirava a vida. Pedi à Virgem que me desse a saúde e ela ouviu a minha prece e concedeu-me essa graça tão grande.

Como prometi, agradeço à Virgem Senhora da Fátima estas e muitas outras graças que dela tenho recebido.

Agradeço também muito reconhecida a cura do meu irmão Manuel Ferreira da Silva.

Maria da Glória Ferreira

Cura de um entrévado

Meu marido, Manuel Apolinário Ferreira e Silva, em 1926, nos meus braços e nos de um homem que nos levou no seu automóvel, das Caldas da Rainha, onde estava a fazer tratamento, pois estava completamente tolhido, entrou na pequenina Capela das aparições em Fátima. Depois de uma pequena súplica, mas cheia da fé ardente daquelas ocasiões, de lá saiu perfeitamente bom, e graças à puríssima Virgem, já lá vão 5 anos, sem ter tido a mais pequena ameaça de tão grande mal. Peço-lhe que publique no seu jornal êste facto, mencionando os nossos nomes, pois não devemos deixar ignorados os milagres que Nossa Senhora com a sua grande caridade e poder, se digna fazer aos pobres pecadores!!

Mangualde

Maria Emília Silva

Graças diversas

Em 1927 vi-me numa aflição muito grande; e como não encontrasse solução possivel recorri cheia de fé a Nossa Senhora, e no dia seguinte vi realizados os meus desejos.

Mais tarde tendo uma pessoa de família com uma doença na garganta e receando um caso grave, pois estava sofrendo muito, recorri cheia de fé a Nossa Senhora da Fátima implorando as suas melhoras e principiei uma novena; a-pesar de ser grande pecadora Nossa Senhora ouviu-me, pois o doente melhorou repentinamente, causando surpreza a todos, até ao próprio médico que não esperava melhoras tão rápidas, pois um abcesso que estava na garganta desapareceu completamente. Venho, pois, agradecer a Nossa Senhora estas e outras muitas graças que me tem dispensado, e pedir-lhe que a minha fé aumente dia a dia pelas graças que me dispensa.

Lisboa.

Elisa Miranda

Hemoptises

Júlio Domingues, de 41 anos, casado, do lugar de A-do-Borbas, freguesia de Maceira (Leiria) estando dois anos a sofrer dos pulmões, com hemoptises, cansado de tomar medicamentos deixou-os; recorreu mais tarde a Nossa Senhora e no mês de Junho último começou a achar-se melhor. Agora encontra-se bem e vem agradecer a Nossa Senhora.

Febre intestinal

José de Mendonça Elias e sua mulher, Maria Elena Elias, veem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu filhinho, Mateus José Elias, de 21 mêses de idade, que esteve quási morto com febres intestinais, e hoje, graças a Deus e à Mãi Santíssima, está curado.

Conceição — Faro — Algarve.

José de Mendonça Elias

Graça particular

Peço o favor de publicar um benefício dispensado por Nossa Senhora à minha irmã, nêste ano, curando-a duma muito grave doença que a acometeu. Seu nome é Antónia Duarte. Peço confiadamente, para ser publicada esta grata notícia, para maior honra e glória da Nossa Mãi do Céu, e aumento de fé nestes sitios. Eu é que sou testemunha do que ela sofreu, sendo visitada por médicos de Bombarral, Caldas da Rainha e até um de Lisboa, e nenhum poude dar-lhe alívio. Recorreu à SS. Virgem da Fátima, e logo se sentiu melhor, e por fim curada.

Columbeira (Oeste).

P.e Marcelino Notário

Duas graças

Peço a fineza de publicar duas graças de Nossa Senhora que prometi fazer publicar na *Voz da Fátima* se me fossem concedidas. Estando meu sobrinho, António Gregório Neves, aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa, muito doente com febre tifoide, na altura em que ali se encontrava em estado muito grave, com vómitos incessantes, recorremos confiados no poder de Nossa Senhora da Fátima que por intermédio da miraculosa água da Fátima nos concedeu a grande graça de o melhorar ficando competamente bom.

Recebi uma outra graça que foi concedida a minha mãi, Amélia de Jesus Simões: em março foi acometida de um fortíssimo ataque cardíaco, tão forte que por três vezes esteve prestes a expirar.

Julgando-a às portas da Eternidade recorri à Virgem, confiada no seu grande poder, dando-lhe a beber a milagrosa água de Nossa Senhora da Fátima, e as melhoras não se fizeram esperar; entre três dias estava em convalescença tendo ela todos os sintomas de morta. Graças à minha querida Mãi do Céu pela grande ventura de conceder a preciosa vida à minha boa mãi da terra.

Moledo—Reguengo-Grande.

Helena de Jesus Simões Neves

Apendicite

Em 1925 descobriu-se que uma prima minha tinha uma apendicite em estado perigoso. Os médicos diziam que tinha de ser operada. Sujeitou-se então à operação e eu recorri a Nossa Senhora da Fátima prometendo, se ela se curasse, ir com ela de joelhos, aos pés de Nossa Senhora visitá-la e rezar o terço. Graças à Mãi Santíssima, minha prima agora está completamente boa. Minha promessa já foi cumprida. Já lá vai muito tempo e a saúde de minha prima é boa, graças a Nossa Senhora da Fátima que sempre nos atende nas nossas súplicas.

Campêlos — Tôrres-Vedras

Gertrudes de Jesus Faustino

Túmor

No dia 10 de Outubro, encontrei-me com muita febre e na parte onde há um ano havia sido operada pela 2.ª vez, comecei a sentir imensas dores. Chamei o médico, constatou novo tumor, que era necessário extraír por meio duma operação daí a dois dias. Cheia de dores, gritando tôda a noite, encomendei-me com fervor a Nossa Senhora da Fátima e prometi publicar esta graça se não fôsse necessária intervenção cirúrgica. Nossa Senhora ouviu as minhas súplicas e na madrugada que o médico devia vir, abriu-se de repente um buraco no lugar do tumor e todo o meu mal desapareceu. O médico, avisado, ficou surpreendido, e dentro dum mês fiquei radicalmente curada. Venho hoje cheia de reconhecimento agradecer a Nossa Senhora a graça que me alcançou.

G. A. — Rua de Cedofeita. 205. Porto.

Agradecimento

José Moreira Fernandes, solteiro, aprendiz de serralheiro, de Abrantes, quando trabalhava na sua oficina, saltou-lhe um pedaço de ferro para o olho direito, ficando de tal forma maguado que tôdas as pessoas e a própria enfermeira do hospital de Abrantes, onde recebeu o primeiro curativo, receava que perdesse a vista! A mãi do sinistrado, no meio da sua aflição, invocou Nossa Senhora da Fátima, e em tão boa hora o fez que o seu filho ficou completamente curado e sem o menor defeito na vista. Prometeu mandar publicar esta graça no jornal a «Voz da Fátima», que vem cumprir e desde já muito agradece.

Maria do Carmo Moreira

Doença nervosa

Como prometi à nossa boa mãi do Céu, venho cumprir a minha promessa, e oxalá que o meu humilde agradecimento possa fazer palpitar de cincero e ardente amor a Deus, o coração de todos os que lerem, pelas esmolas contínuas que do Céu recebemos sem que sejamos merecedores. Durante um ano sofri duma doença que os médicos classificavam de nervosa, mas a que os medicamentos nunca davam completo alivio; eram umas afrontas, um desassocêgo tal que tinha momentos que parecia perder a vida, o que me fazia gemer e chorar de dor aos pés da minha Santa Mãe da Céu, pois tinha um filhinho de 2 anos e esperava outra criança em breves tempos. Nos momentos de mais angústia, graças a Deus, era o meu maior consolo e fé a minha Virgem Santíssima da Fátima, mas não sentia melhoras e via aproximar-se a altura do nascimento da criança sem quási ter fôrças para andar. Porém, oh dita do Céu! deu-me Deus a esmola duma filhinha que na maior tranqüilidade veio ao mundo e que logo entreguei à proteção da Santíssima Virgem Senhora da Fátima que é sua Madrinha e cujo nome tem. Sen-

tia-me muito feliz com os meus queridos filhos, mas o meu mal-estar continuava em parte, até que fiz uma promessa à Mãe Santíssima, àquela que junto de Deus tudo pode. Hoje, encontrando-me bem, venho cumprir a minha promessa, agradecendo publicamente a Nossa Senhora da Fátima as graças que me dispensou e protestar perante todos quantos estas linhas lerem que sempre a quero amar e servir, ensinando quanto possível os meus filhinhos na santa escola dos dois grandes amores — o de Jesus e o de Maria.

Idanha-a-Nova.

Maria Balbina

Graças diversas

— António Vaz Rato, de Alter do Chão, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe alcançou para si e para seu filho Manuel.

—Matilde Costa de Oliveira, de Amarante, agradece a Nossa Senhora graças temporais e espirituais que por sua intercessão alcançou.

—Delmira da Cruz Sousa, de Vila Nova de Gaia, pede que pela «Voz da Fátima» se agradeçam a Nossa Senhora as graças que dela recebeu.

— Ilda Simões, de Mafra, pede que se publique a cura que Nossa Senhora alcançou para o Pai de uma sua amiga. Esta Senhora pede uma oração para alcançar a conversão dum pecador de sua família.

—Maria da Purificação Godinho, orfanato de N. Senhora do Milagres, agradece muito a Nossa Senhora o ter-lhe dado grandes sofrimentos agradecendo também a fôrça que lhe alcançou para os suportar com alegria.

—Palmira Ribeiro Lopes, de Monte Estoril, agradece a cura de Ida Lousada, de Lisboa, cuja saúde muito recomendou a Nossa Senhora. Hoje não sofre, favor que vem agradecer.

—Maria P.ª da Cunha, R. das Janelas Verdes, 88—Lisboa, agradece uma graça temporal concedida por Nossa Senhora da Fátima a uma pessoa da sua família.

—Luís Augusto P.ª Dias, aluno do Seminário do Lamego, agradece a Nossa Senhora a cura dum incómodo grave na garganta que se não desaparecesse ràpidamente lhe causaria grande transtorno. Com a intercessão de Nossa Senhora tal incómodo passou dum dia para o outro.

—Maria Teresa da Silva, de Leiria, agradece a cura duma infecção geral no corpo motivada pela picada duma silva. Os remédios não me curavam, diz ela, mas curou-me o poder de Nossa Senhora.

—José do Rêgo Barbosa e Estefania Amélia Barbosa, de Ponta Delgada, Açores, agradecem a cura de sua filhinha Maria da Fátima, que esteve quási morta por falta de alimento, falta motivada por uma doença que atacando sua mãe a impediu de aleitar sua filha. Agora, mãe e filha encontram-se em óptimas condições de saúde, graça que, cheios de reconhecimento, agradecem a Nossa Senhora da Fátima.

—Maria dos Anjos Pereira, S. Miguel, Açores, agradece a Nossa Senhora a sua cura e a dum seu filho, agradecendo também uma graça particular muito importante que Nossa Senhora lhe alcançou.

RECOMEÇA A PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA NO MÉXICO

Novos Mártires

Não vão longe ainda os últimos ecos da perseguição violenta e brutal, movida pela crueldade de Calles contra os católicos do México, e já naquela infeliz Rèpública se está desencadeando mais uma tempestade de ódios, tiranias e opressões sem número, espèzinhando impunemente os interêsses mais legítimos, os direitos mais sagrados de tantos milhões de almas cujo único crime é professarem a fé e a doutrina de redenção, de paz e de justiça que o Filho de Deus veio ensinar aos homens.

* * *

«Não se pretende, dizem, combater a religião, nem fazer guerra à Igreja Católica, mas só acabar de uma vez para sempre com o fanatismo».

Sim, não se pretenderá combater a Igreja; mas, entretanto, nós vemos que em pleno século XX se repetem mais uma vez no México as bárbaras cenas de perseguição, que assinalaram os primeiros séculos do cristianismo.

A luta anti-religiosa aumenta de dia para dia na imprensa, nos comícios, no próprio Parlamento. Os atentados e violências, reais ou pessoais, pode dizer-se que estão na ordem do dia. Incendeiam-se os templos, lançam-se bombas em muitas igrejas e até em casas particulares de famílias católicas que desaprovam a política antireligiosa do Govêrno. Assassinam-se barbaramente os sacerdotes, depois de terem lançado contra êles, e até contra o Vigário de Cristo, as mais vergonhosas calúnias.

«Não se pretende combater a Igreja», mas volta-se à guerra aberta, à violação infame da liberdade, à opressão da consciência dum povo inteiro», ao qual se procura arrancar à viva fôrça o que êle tem de mais caro. «Depois de tantas promessas e declarações oficiais de tolerância e liberdade, depois do célebre «*Modus vivendi*» de 1929, que «agora se rasga como um simples bocado de papel», sem respeito algum pela palavra dada nem pela honra dos contratos, *volta-se de novo à aplicação rigorosa das injustas como impias e sacrilegas disposições da tristemente célebre Constituição de 1917*, que, além de outras prescrições contrárias à doutrina católica, *desconhece a Hierarquia Eclesiástica, declara as igrejas propriedade do Estado, atribuindo também aos governadores dos Estados o direito de regularem a seu talante a actividade dos sacerdotes católicos, obrigando-os a dar os seus nomes à autoridade civil fazendo-se inscrever num registo especial — o registo civil do clero;* e isto, note-se, não com fins de recensamento ou estatística», mas para que o poder civil podesse escolher à vontade os ministros do culto, *sem qualquer intervenção da Igreja.*

E, como se estas determinações ainda não bastassem, o Parlamento acaba de votar uma lei segundo a qual não poderão continuar abertas ao culto senão 25 igrejas na cidade e no distrito federal do México, que conta 1.300.000 habitantes.

Determina outrosim que sòmente vinte e vinco sacerdotes — escolhidos sempre pela autoridade civil, sem intervenção alguma, nem respeito pela Hierarquia Eclesiástica — possam exercer o sagrado ministério e só na Igreja que a cada um for determinada pelo govêrno. Conseqüentemente 400 sacerdotes ficarão proïbidos de exercitar qualquer actividade pastoral; serão fechadas cêrca de 200 igrejas. Em fôrça de tais disposições, um único sacerdote e uma só igreja hão-de bastar para as necessidades religiosas de 50.000 habitantes.

Convém advertir que noutros Estados da Confederação Mexicana a liberdade de culto tem sofrido restrições semelhantes e nao menos arbitrárias, pois em alguns dêles, e a-pesar-do «*Modus vivendi*», a que aludimos, não só não conseguiram os Bispos reentrar nas suas Dioceses, mas nem sequer foi possível restabelecer o culto público.

No Estado de Vera-Cruz, onde a perseguição tem sido mais violenta e porfiada, os sacerdotes têm sido fusilados uns, e exilados outros; de modo que naquele Estado já o culto público se encontra suspenso e o povo privado de tôda e qualquer assistência religiosa.

No Estado de Chiapas foi estabelecido um sacerdote para 40.000 fiéis.

No de Yucatan hão-de bastar 9 sacerdotes para 360.000 habitantes. Etc. etc.

* * *

Ora quem não vê que tais atitudes e disposições vão directamente contra a constituïção divina da Igreja, ferindo-a nos seus direitos mais essenciais?

E sendo assim, claro está que os Bispos mexicanos não podiam deixar de protestar e repelir indignados tão injustas como sacrilegas vexações da consciência católica no seu país.

É certo, que esta atitude não deixará talvez de exasperar ainda mais a audácia dos partidos extremos, que nas suas maquinações satânicas não têm outro fim em vista senão a descristianização completa do pobre México, dêsse belo país bem digno de melhor sorte. Mas não importa; porque os católicos mexicanos, sejam êles sacerdotes ou leigos, que durante três anos souberam defender tão galhardamente o tesoiro da sua fé contra as violências de Calles, lá estão prontos outra vez a dar o sangue e a vida na defesa dos seus direitos de cristãos e soldados de **Cristo-Rei**.

* * *

Invicta coragem e generosa oblação de um Bispo

S. Ex.ª Mons. Guizar Valencia, Bispo de Vera-Cruz, irá até oferecer a sua própria cabeça para que a trôco da sua vida seja garantido aos cidadãos católicos o direito de praticarem livremente a sua fé e religião.

Citarémos apenas algumas das passagens mais comoventes da carta, que êste grande Bispo dirigiu ao Governador de Vera-Cruz, em data, de 25-7-1931, após as barbaridades cometidas naquele Estado contra os católicos—sacerdotes e leigos.

«Recebi pelo telefone a triste notícia de que, em virtude da lei tirânica que V. Ex.ª está disposto a aplicar contra a Igreja *e por motivo de ordens expressas vossas, dois dos meus queridos sacerdotes foram assassinados na presença de 2.000 crianças no momento em que êles lhes ensinavam a doutrina cristã* na igreja da Assunção, da cidade de Vera-Cruz.

Não podia ser mais bem escolhida a ocasião para exaltar a Igreja de Jesus Cristo, fundada sôbre o sangue de tantos mártires, vítimas do mesmo ódio que vós tendes a Deus e a sua Igreja.

... ...

Sr. Tejeda; Vera-Cruz foi ensopada no sangue de mártires, e êste, ha-de frutificar para que resplandeçam a Verdade e a Justiça; e para que a Religião, regada com o sangue dos dois mártires, floresça ainda mais viçosa nesta minha amada Diocese.

Nunca, como hoje, desejei mais que Deus me conserve a vida para seguir, passo a passo, a subida do meu Redentor para o Calvário. No entanto, pela forma mais solene, perante todos os habitantes da nossa Rèpública e do mundo inteiro, em tôda a parte onde esta minha mensagem for conhecida, eu me comprometo a apresentar-se pessoalmente diante de vós para que me tireis a vida, se em troca vos comprometeis a deixar ao meu povo católico o livre exercício da sua Fé e poupardes o sangue dos meus queridos sacerdotes e do meu amado povo.»

... ...

* * *

Como desafronta das violências que sofre injustamente nesta hora a consciência católica do povo mexicano, não deixará a «Voz da Fátima» de unir também o seu protesto aos clamores que de tôda a parte se levantam, protestando contra a tirania sectária que está oprimindo não só a liberdade religiosa, mas até enxovalhando a própria dignidade humana dos nossos irmãos católicos do México.

E, enquanto não chega a hora do resgate e da justiça, dirijamos todos, unidos pelo mesmo sentimento de solidariedade cristã, as nossas preces fervorosas a Nossa Senhora do Rosário de Fátima; para que Ela, como auxílio dos cristãos e consoladora dos aflitos, faça chegar bem depressa essa hora de liberdade e de paz, que será ao mesmo tempo glória e triunfo de **Cristo-Rei**.

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZAS

Transporte	316.368$84
Papel comp. e impr. do n.º 113 (61.000 ex.),... ...	3.630$00
Franquias, embalagens, transportes, etc.	1.026$75
Na administração em Leiria	263$00
Total	321.288$59

Donativos desde 15.00

Amélia L. Alves — América, 2 dolares; Conceição Moura — Rio Tinto, 15$00; Maria Malato — Castelo de Vide, 40$00; Azilo dos Cegos—Castelo de Vide, 55$00; Maria Fialho — Peniche, 15$00; Distribuïção em Vila Franca de Xira, 20$00; Distribuïção em Moledo, 30$00; Maria de Penalva — Lisboa, 20$00; António Salazar — Bragança, 20$00; Carminda Teixeira — Montalegre, 20$00; Julie Fabre — França, 28$30; Maria Garcia — Bicas, 20$00; Rosária de Magalhães — Porto, 20$00; José Nunes — Cadaval, 15$00; Georgina Ramos — Azurara, 20$00; Mariana Júlia — Açores, 20$00; Mariana Machado — Açores, 15$00; Maria Olímpia — Porto, 15$00; Ermida da Fátima — Açores, 90$00; Clara Leandro — Açores, 20$00; Maria Virgínia — Açores, 15$00; P.e Virgínio Lopes—Açores, 15$00; Emília Rêgo — Rio de Janeiro, 25$00; Conceição Batista — Rio de Janeiro, 25$00; Maria Barros Alexandre — Malveira, 15$00; Maria Rosa Cunhal — Coruche, 20$00; Alzira Vieira — Viseu, 20$00; Delfina Cortez — Porto, 20$00; Distribuïção em Ovar, 180$00; P.e Carlos de Antas — Funchal, 75$00; Felicidade de Jesus — Lago, 20$00; José Malheiro — Madeira, 20$00; José Camilo — Viana do Castelo, 20$00; António Martins & Irmão — Carrozelas, 20$00; P.e Raul Camacho — China, 25$00; José Machado — Açores, 25$00; Francisco Camacho—Açores, 25$00; Bernardo de Figueiredo—R. de Janeiro, 15$00; D. Sebastião Cunha—Rio de Janeiro, 15$00; Constança Barroca — Rio de Janeiro, 15$00; Constança Machado — Rio de Janeiro, 15$00; Edith de Barros — Rio de Janeiro, 15$00; Elisa Castro — Rio de Janeiro, 15$00; Evelina Silva — Rio de Janeiro, 15$00; Hortencia da Silva — São Paulo, 15$00; Hugo da Silva — Rio de Janeiro, 15$00; P.e José Nunes — Rio de Janeiro, 15$00; Leonor Pinto — Rio de Janeiro, 15$00; Rita Liberato — Rio de Janeiro, 15$00; Sára de Castro — Rio de Janeiro, 15$00; Distribuição em Feira, 50$00; M.ª Pontinho — Viana do Castelo, 20$00; Distribuição em Castelo de Neiva, 62$50; Lucinda Guerra — Tras-os-Montes, 20$00; Celestina Cesar — Elvas 15$00; Serafim de Matos — Coruche, 15$00; P.e José da Costa — Porto, 100$00; Venda de dinheiros estranjeiros, 65$00; Distribuição em Arganil, 35$00; Maria da Rocha — Odivelas, 17$50; Distribuição em Carvoeira, 32$50; Joaquim Pereira — Rio de Moínhos, (Leste) 20$00; Francisco Teodosio — Santarém, 20$00; Maria Gonçalves — Porto, 110$00; M.ª Cunha Pio — Algarve, 22$50; Plácido Pinho — Brasil, 20$00; Maria Délivrande — África Ocidental, 18$50; M.ª Borges — A-dos-Cunhados (Oeste), 30$00; Maria Augusta Baldo — América, 50$00; Igreja de Cascais — Cascais, 20$00; Maria do Carmo Pires — Pôrto, 15$00; Rosalina Tinoco — Pôrto, 20$00; Maria da Conceição Freitas — Açores, 20$00; Maria Constantina Soares — Açores, 20$00; Maria do Carmo Machado — Açores, 15$00; P.e Evaristo Gouvêa — Açores, 120$00; João Batista — Brasil, 15$00; José Lusitano — Brasil, 15$00; António Português — Brasil, 15$00; Sá Pinto — Brasil, 15$00; José das Pedras — Brasil, 15$00; Benedito Pellegini — Brasil, 15$00; Rosalina Simões — Brasil, 15$00; Albino R. Júnior — Brasil, 15$00; António Portela — Trófa, 275$00; Leonor Branco — América, 31$50; Maria Viegas Dias — América, 15$00; Margarida Martins — Douro, 20$00; M.ª Queiroz de Lima — Matozinhos, 20$00; Maria de Magalhães — Lisboa, 15$00; Esmola na Cova da Iria, 20$00; P.e Francisco Nunes — Setúbal, 100$00; Felisbela Loureiro—Nelas, 20$00; José A. Cesar — Rezende, 20$00; Distribuição em Manteigas, 115$00; Margarida Vieira — Feira, 15$00; P.e Domingos e três assinantes — Guimarães, 50$00; Margarida Gomes — Aviz, 15$00; P.e Basílio Morgado — Penacova, 20$00; André Braga — Braga, 15$00; Maria da Cunha Matos — Beira Baixa, 20$00; Maria da Conceição Machado — Monção 20$00; M.ª Costa Russo—Cabeço de Vide, 25$00; Francisco Gomes — Mafra, 20$00; Maria da Dôres Chantre — Cabo Verde, 15$00; João Sanches de Freitas — Oeiras, 25$00; Maria Corrêa — Companhia do Douro, 20$00; Francisca Marques — Benavente, 20$00; Ana da Costa — Pôrto, 20$00; P.e Salvador do Prado — Mafra, 40$00; P.e António Calabote — Alcácer do Sal, 20$00; Ana Rodrigues — Lagôa, 20$00; Sára Oliveira — Paiol, 20$00; Luísa de Almeida — Paiol, 20$00; Albertina J. Albuquerque — Lisboa, 15$00; Adelaide Dias Cardeal — 20$00; Joaquim Manuel de Sequeira — Brasil, 50$00.

Obras publicadas sôbre Fátima com a aprovação de S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo de Leiria

Visconde de Montelo

As Grandes Maravilhas de Fátima — 1927.

Fátima o Paraíso na Terra — 1930.

A Pérola de Portugal — 1931.

Ofício Menor e Novena de Nossa Senhora da Fátima — 1930.

Manual do Peregrino da Fátima — 3.ª edição — 1931.

Doutor Luís Fischer

Fátima a Lourdes Portuguesa (Tradução de 2.ª edição alemã), pelo Rev.do Dr. Sebastião da Costa Brites — 1930.

Nota — Estas obras que se encontram à venda da *Administração da Voz da Fátima* — Leiria e que serão eviadas à cobrança a quem as pedir, são utilíssimas a tôda a gente e indispensáveis a quem quiser conhecer de algum modo os factos da Fátima.

Sôbre o culto de Nossa Senhora da Fátima

De a «Acção Católica», boletim da Arquidiocese de Braga, Fevereiro de 1932 n.º 2, pag. 89, transcrevemos com a devida vénia a seguinte consulta e respectiva resposta, que em casos idênticos livrará de dúvidas e embaraços os Rev.mos Párocos que porventura não tiverem bem presente a legislação relativa a tal consulta.

Sôbre Nossa Senhora da Fátima

P.) «António deseja oferecer uma imagem de Nossa Senhora da Fátima para ser exposta à veneração dos fiéis na minha Igreja. Mas, como há nela uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, com confraria canónicamente erecta, desejo saber se posso aceitá-la ou não.

(De um pároco da Diocese de Portalegre)

R.) É proïbido colocar na mesma Igreja e a *fortiori* no mesmo altar duas imagens do mesmo Santo ou de Nossa Senhora sob a mesma invocação (S. C. dos Ritos, 20 de Maio 1890, n.º 3732).

Ora a Senhora do Rosário e a Senhora da Fátima não são a mesma invocação.

Até ao dia 13 de Outubro de 1930 ainda se podia ter a dúvida que atormenta o Rev. Consulente, porque nas conversas, nos púlpitos e na imprensa Nossa Senhora da Fátima era invocada ou designada sob o titulo de *Nossa Senhora do Rosário da Fátima*, mas nêsse dia desapareceu o fundamento da dúvida, visto que o Ex.mo Senhor Bispo de Leiria publicou uma Pastoral *permitindo oficialmente o culto de Nossa Senhora da Fátima.*

Portanto Nossa Senhora da Fátima oficialmente não tem a invocação *do Rosário.*

É certo que o vemos nas suas imagens. Mas não acontece o mesmo com as imagens de Nossa Senhora de Lourdes, cuja invocação ninguém até hoje confundiu com a do Rosário?

Portanto a estátua, que António quere oferecer, pode ser exposta à veneração dos fiéis, mas sòmente depois de se ter obtido a licença exigida pelo c. 272 do C. P. P.».

Sonho de uma mãi

«Puro entre os puros»

«Puro entre os puros» *tal é o desejo que forma o meu coração inclinado sôbre o berço de meu filho nesta noite de inverno.*

«O meu filho, o meu menino» *como esta palavra é dôce à minha boca e ainda mais ao meu coração de mãe!*

Contemplando o azul dêstes olhos que fazem lembrar o firmamento acima duma paisagem, esta boca encarnada como uma rosa, estas covinhas encantadores que se desfazem em sorrisos, esta fronte tão pura que não foi ainda empanada nem pelos cuidados nem pelo pecado, eu ponho-me, a sonhar tempo esquecido: (creio que é permetido a uma mãe sonhar junto do berço de seu filho!...)

No entanto êste sonho é freqüêntemente interrompido. O menino solicita uma carícia ou reclama alimento em altos gritos. Dou-lho da melhor vontade mas ainda de melhor vontade lhe ofereceria o alimento da alma, o leite espiritual que fizesse dêle um santo.

Tem uns mêses apenas e já esboça o sinal da redenção, talvez dum modo pouco litúrgico mas (ou estarei eu iludida?) convicto.

Junta as suas mãosinhas rechonchudas e balbucia com a sua voz angélica, esta oração tão agradável ao Sagrado Coração de Jesus: «Jajus, abençoae o Papá».

Com os dedinhos, passados primeiro pela boquinha em flor, envia um beijinho a esse «Jajus» que o menino supõe estar ali perto, invisível, a olhá-lo atentamente.

Depois cresce.

Daqui a alguns mêses o bébé saberá o Padre Nosso. *Ensino-lhe a saudar a mãe do Céu: «Ávé Maria, cheia de graça...» Aos quatro, se Deus quizer, já há-de saber o* Credo.

Já quatro anos! Como o tempo passa!

O menino vai crescendo. Já folheia com todo o interesse a Bíblia em imagens, sabe já uns rudimentos de catecismo.

Levo-o muitas vezes à igreja e êle não se cança de preguntar: o bom Jesus está escondido atrás daquela porta pequenininha? Êle ouve-me, Êle está a vêr-me?

— Sim, meu filho, Jesus vê-te, ouve-te e abençoa-te tanto mais quanto melhor tu fôres. Tu has-de ser sempre muito amiguinho dÊle, não é verdade? De todo o teu coração?

—Oh! sim, mamã.

Aos seis ou sete anos o Joãosinho (chama-se João como o Precursor S. João Baptista) fará a sua primeira comunhão.

Preparo-o para êsse grande acto com tôda a minha alma.

Faz já uns belos sacrificiosinhos, pois que, querubim ainda, a sua mãe lhe ensinou a servir-se contra si mesmo da arma da mortificação. Preparo assim a sua felicidade no futuro. É que só a alma fortemente temperada, rude para consigo mesma, será feliz e serena no meio das provas.

Tôdas as minhas instruções e exortações no momento da Comunhão e no seguinte, que êle conservará gravado no fundo do seu coração e que tantas vezes lho tenho repetido são estas: «Jesus que tu vais receber, ama-te com um amor imenso, um amor maior que o da tua mãesinha que tanto te quer, maior que o do papá, o do avó, de tôda a gente.

Em troca Êle quer que tu lhe dês todo o teu coração. Oferece-lhO e nada temas senão desgostá-lO e ofendê-lO.

A maior das desgraças, a única mesmo, é ofender a Deus.» João fixa-me com os seus lindos olhos azues por onde passa um clarão de gravidade. João compreendeu.

* * *

O sonho segue.

O meu filho tem agora dez anos. O pai quere que êle vá para o colégio (e talvez tenha razão).

Vai aprender português, inglês, francês, latim, matemática e tantas outras coisas de que eu pouco ou nada sei.

A esta ideia senti o meu coração apertado. O meu filho longe de mim, longe da sua mãezinha! Não posso, é um sacrifício demasiadamente duro. No entanto o meu marido exige-o. É verdade que escolhemos um colégio excelente, onde, com

uma instrução sólida se dá também uma educação cristã. Alguns professores são até sacerdotes. João pode escrever tôdas as semanas e depressa veem as férias para êle se retemperar junto da família, no afecto dos seus. Respirará alguns dias junto do seu papá (quando o papá puder atendê-lo, livre de outras ocupações,) junto de sua mãe, de seus irmãozinhos e de suas irmãzinhas, já em número respeitável.

Contar-nos-á então os seus progressos escolares, os seus jogos que encherá de entusiasmo os irmãos mais novos dir-me-á que, segundo a sua promessa, tem tôda a confiança em seu director espiritual a quem diz tudo, que comunga frequentes vezes, muitas vezes, todos os dias! Ora comungando êle todos os dias (como eu me sinto feliz) o meu filho será um santo, o meu coração tem a certeza disso.

* * *

No auge.

Quinze anos: O meu filho tem quinze anos, a idade do despontar das paixões.

Com bastante inquietação minha descobri núvens na sua fronte até aqui tão pura. Fala menos. O seu humor tornou-se um pouco caprichoso, zanga-se algumas vezes. Ontem bateu rudemente na irmãzinha Rosa que lhe fazia meiguices.

O meu filho! Ah! meu Deus! ter-se-ia êle afastado do caminho da virtude? Os seus companheiros, talvez? É que até nos melhores colégios se encontram por vezes companheiros detestáveis. Mas eu espero que o meu filho teria o bom senso de fugir desta gente. Pedi tanto a Deus que mo guardasse puro! Tantas vezes repeti a Jesus-Hóstia na minha Comunhão dária:

«Antes a morte que meu filho caia em algum pecado». E no fim de contas...

Nada, não pode ser. João, nas suas férias de Natal, com uns ares misteriosos que me intrigaram e bastante me angustiaram veio procurar-me para me falar.

«Entra aqui para o meu quarto para falarmos à vontade».

Como no tempo da sua meninice, o meu filho sentou-se sôbre os meus joelhos. Já me parecia demasiado grande para se sentar sôbre os joelhos da sua mãe, mas para uma mãe um filho é sempre pequeno. Lançou-me os braços ao pescoço e com uma voz trémula, disse-me ao ouvido: umamã, tenho pensado muito êstes dois mêses e... quero ser sacerdote. Se o papá e a mamã aprovarem eu considerar-me-ei muito feliz se puder dar-me todo a Deus».

Oh! inefável notícia! Como o meu coração batia apressado. Foi um instante emquanto chamei o papá a quem disse tudo. A sua alma como a minha ficou nadando num mar de alegria. Com tôda a ternura apertou o seu Joãsinho contra o coração, beijando-o quási religiosamente.

Sacerdote! A vocação do nosso filho satifaz os nossos mais íntimos desejos. Não ha alegria egual à nossa nêste mundo.

Os irmãos e irmãsinhas, ao corrente desta novidade saltam de alegria.

Só a Rosa, a mais novinha, fês esta restrição: «mas tu, depois, não me bates quando eu fôr ao teu catecismo?»

O irmão mais velho sorriu, ainda que um pouco maguado.

Mas... todos os sonhos teem o seu despertar...

Eu... sonhava acordada.

O menino está ainda ali no seu berço...»

Josefina Payret

Fátima, terra eucarística

Impressões dum peregrino parisiense à Fátima

Pequena povoação, ignorada outrora e hoje tão célebre, Fátima encontra-se providencialmente quási ao centro de Portugal. Tomamos uma carta geográfica e sigamos a linha internacional do caminho de Ferro:

Biarritz, Irun, Medina, Vilar Formoso, Coimbra. Desta cidade partem camionetes que por Pombal numa magnífica estrada nos conduzem até Leiria, residência episcopal e de Leiria faz-se um pequeno trajecto da 27 quilómetros que nos leva a Fátima, na árida serra de Aire.

Mas ninguém se canse a pretender descobrir Fátima nos seus mapas de geografia: é pequena demais para que possa neles figurar. Se nos dirigirmos, porém, à *Casa de Portugal*, na sua Scribe, em Paris, serão postas à nossa disposição prospectos de propaganda turística que contêm já cartaz em que a Agência oficial inteligentemente mandou notar Fátima, pequena aldeia que se tornou em terra de maravilhas eucarísticas e que se encontra a uma escassa meia hora da igreja paroquial, no sitio denominado «Cova da Iria» um terreno pedregoso que não é amenisado pelo menor múrmurio de qualquer fio de água. Nenhum ser humano se sentiria atraido para lá estabelecer a sua morada.

* *

Seria a existência destas duas particularidades — centro do país e aridez do solo—que determinou a Mãe de Deus a fazer aqui as suas aparições de 13 de maio a 13 de outubro de 1917?

É um segrêdo de Deus.

Mas o que é certo é que as orações (aliresadas) fizeram jorrar água cristalina em abundância; o que é certo é que na hora actual (actualmente, presentemente, hoje em dia) a aridez de milhares de almas se transformou em floração de vida cristã. E a maior maravilha da Fátima é que êsses milhares de almas que voltaram a ser cristãs ou se afervoraram mais no Divino Amor — deixaram-se conduzir pela mão da Mãe do Céu até junto do Divino Filho, Cristo Eucarístico, Hóstia que irradia salvação.

Êste é que é o fruto da Fátima.

E que dizer das impressionantes cênas miraculosas operadas no momento da bênção do S.S.mo Sacramento?

Mas não nos antececipemos.

* *

Eu nunca esquècerei a estranha comoção que senti quando pude verificar — que digo? palpar êste facto eucarístico por ocasião da chegada duma peregrinação à Cova da Iria.

Era um domingo do mês de julho de 1931. Logo de madrugada, alguns peregrinos isolados tinham vindo animar a ampla cova rochosa: homens e mulheres (algumas destas com os seus filhinhos ao colo) davam voltas de joelhos em roda do pequeno Santuário das aparições; a capela das confissões não se esvasiava; outros iam beber água à fonte miraculosa.

Entretanto já por algumas vezes lá ao longe, o eco das colinas parecia trazer-me versos da «Avé» de Lourdes.

Seria ilusão?

Não, não era. De ouvido à escuta, eu ia percebendo cada vez mais distinto o cântico tão simpàticamente popular em todo o universo; Mas lá nessa «Serra d'Aire» êle tinha uma vibração especial por causa da melodia que é muito pura, mas sobetudo por causa da lentidão excessiva com que os portugueses cantam o «Ave».

Eu não posso deixar de confessar que êste «Avé cantado tão lentamente, tão vagarosamente (nós, os franceses, cantamo-lo demasiado depressa, quási como uma canção)—produzem em nós uma sensação surpreendente e agradável, é como se fôra uma carícia da alma.

Finalmente — eram pouco mais ou menos 11 horas — depois de descrever vários zig-zags, eis que chega a procissão que passa sob os pórticos da entrada para se dirigir ao abrigo provisório em que devia ser celebrada uma missa ao ar livre.

Eu esperava um certo desassocego da parte daquelas pessoas que, tendo partido de suas casas, às 6 horas da manhã, deviam estar um pouco fatigadas; contudo um silêncio impressionante nos revelava a piedade dêsses peregrinos e, o que é mais, tendo partido em jejum quási todos comungaram à missa. E eram perto de 400, sendo de notar que muitos tinham feito o trajecto a pé. E não foram só mulheres: era um espectáculo sumamente edificante ver aqueles homens em tais circunstâncias comungando o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, Filho de Maria.

* *

Sim, o facto de Fátima é o facto eucarístico provocado pela devoção marial.

Todos os peregrinos mais ou menos letrados que confiaram à pena as suas impressões —são unânimes em descrever êste feliz acontecimento.

O Jornal do Santuário, *Voz da Fátima*, no seu número de 13 de janeiro de 1931. muito bem punha em relêvo êste mesmo facto num artigo de elevada inspiração mistica, do Visconde de Montêlo, tão conhecido em França:

Se volvermos um olhar retrospectivo para êsse longe período de treze anos, assinalado por tantas maravilhas divinas, as nossas almas de crentes exaltam de alegria e os nossos corações sentem instintivamente a necessidade de fazer transbordar em demonstrações de piedade ardorosa os seus sentimentos de profunda e vivíssima gratidão.

Fátima tem sido, com efeito, a escola mais alta, mais perfeita e mais completa de formação religiosa no nosso país, o foco intensíssimo donde irradiam constantemente as graças precisas que inundam em caudais imensos a mimosa terra de Portugal.

Fátima, a Lourdes portuguesa, está posta na nossa querida Pátria como cidadela do bem, como fortaleza inexpugnável para a defesa do tesouro da fé e da moral cristã, contra todos os ataques da impiedade e da corrupção, mantendo sempre a distância, apesar das suas formidáveis investidas, o exército dos inimigos de Deus.

Milhares e milhares de crentes ali conseguem fortalecer a sua fé e intensificar a sua piedade ou encontram, sem esperarem, a sua ditosa estrada de Damasco.

Através dos séculos ignorados do porvir, êsse nome uma e mil vezes bemdito, soará como um canto magnífico de triunfo em honra de Jesus-Hóstia, como um hino celeste de gratidão e de amor para com a Augusta Rainha do Santíssimo Rosário».

E mui recentemente numa carta datada de Leiria (Portugal) em 2 de Janeiro de 1932, dirigida ao cronista destas linhas, o próprio Bispo diocesano escrevia esta frase... encantadora: o movimento da Fátima continua sempre com maior grandeza assim como com maior piedade. É uma insigne graça que a Virgem Nossa Mãe se digna conceder-nos, chamando tantas almas a Jesus *no Sacramento*»... em português «sacramentado» termo sublime pela qual a língua do Camões exprime a presença real, na Hóstia, do Filhe de Deus feito Homem.

Este particípio — sacramentado — resume só por si (que riqueza nesta palavra única!) todo o dógma da vinda de Jesus pelas palavras sacramentais, transubstanciando o pão, de que não fica senão as aparências.

Entre mil assinalamos aqui duas estatísticas do «facto da Fátima» Entre o mês de agosto de 1927 e dezembro de 1929, as comunhões distribuídas foram: 1.240:000.

E notemos imediatamente que êste número representa sòmente as comunhões feitas no dia 13 de cada mês! dia de grande peregrinação segundo o desejo da Santíssima Virgem.

Em 13 de outubro de 1930 (data histórica em que foi promulgada a célebre pastoral o Senhor Bispo, declarando autênticar as aparições) 28:000 fiéis se aproximaram do banquete divino, havendo saído um númeroso grupo de sacerdotes a distribuir o maná celeste entre a enorme multidão.

Fátima, terra eucarística!

* *

Esta revista nunca se cansará de repetir que ninguém pode agradar à Mãe celeste sem se dedicar pelo Filho que ela gerou e que continua a residir nos nossos Tabernáculos, onde Êle não tem senão um desejo, o desejo imenso de irradiar o seu amor sôbre as almas.

Deviamos, pois, dar a primazia às considerações sôbre Jesus-Hóstia por Maria, nesta nova série de artigos. Era um dever de honra, era uma dívida de reconhecimento; era uma homenagem da Boa Nova à Fátima!

Se a Deus aprouver, nós voltaremos a falar ainda de Fátima, terra da Santa Hóstia, Fátima, terra da legenda dourada (êste nome de Fátima é o duma princesa moira), Fátima terra de intensas recordações católicas, Fátima terra das aparições da Bela Senhora, luminosa terra de maravilhas e de bênçãos.

E que o digno Pastor a quem a Virgem do santo Rosário de Fátima confiou os destinos do seu novo Santuário, S. Excelência Reverendíssima D. José Correia da Silva, Bispo de Leiria, em seu coração tão paternal, se digne aceitar estas linhas que nós respeitosamente lhe dedicamos.

(Tradução da revista — *Le Sentier* — Paris)

Três amigos

Um homem tinha três amigos que andavam sempre a oferecer-lhe os seus serviços.

— Vê lá! Se eu te fôr prestável para alguma coisa...

Ora sucedeu que um dia, acusado dum crime teve de comparecer perante o tribunal, e foi-se ter com os amigos para lhe irem servir de testemunhas de defesa.

Mas um dêles escusou-se logo, dizendo que tinha afazeres, no campo.

Outro ainda aceitou, mas no dia do julgamento fingiu-se doente e não apareceu no tribunal.

O terceiro, finalmente, aceitou, compareceu no tribunal e de tal maneira falou em favor do seu amigo que conseguiu do juiz a absolvição.

— Ora, agora sim, disse então o reu absolvido, agora já sei que tenho só um amigo verdadeiro!

São assim os amigos desta vida!

Muita festa, muita festa, quando nós não precisamos dêles; quási todos a fugir, quando procuramos o seu auxílio.

Só há um amigo que nunca nos abandona, nem na felicidade, nem na desgraça, nem na vida, nem na morte, nem no tempo, nem na eternidade: é Deus!

Amemo-lO, pois, de todo o nosso coração e sôbre tôdas as coisas, se queremos cumprir os deveres que nos são impostos pela gratidão, e garantir a nossa felicidade.

Infelizmente poucos se importam com êstes deveres e por isso o Senhor que é o mais dedicado, o mais terno, e o melhor dos nossos amigos, é o mais desprezado e até injuriado.

FÁTIMA A PROVA

IV

Ainda o Clero

Nos artigos anteriores vimos a atitude do Pároco da Fátima e restante clero da Vigararia e da Autoridade Eclesiástica.

Hoje para encerrarmos o nosso estudo sôbre a Fátima nesta primeira parte que se refere ao clero veremos como procederam os eclesiásticos de fóra da Vigararia de Ourém.

É claro que não podemos hoje sem um trabalho que as nossas ocupações nos não permitem fazer uma investigação pessoal de sacerdote em sacerdote.

Os poucos documentos que temos à mão irão basear as nossas considerações e fornecem preciosas indicações.

Padres e seminaristas

Era em 13 de Setembro de 1917. As férias grandes iam terminar dentro em breve e nós, os seminaristas de então, não queriamos de fórma alguma voltar ao Seminário sem ter pisado num dia 13 essa terra da Fátima de que tanta coisa se ia contando já ao longe e sobretudo nas aldeias das freguesias limítrofes.

Num grupo de 4 ou 5 fomos, a pé, a ver o que se passava.

Fomos e voltámos cansados mas contentes.

Havia na Fátima muitos seminaristas — perto de 30 — de vários Seminários.

Nem admira. O mesmo sentimento os levara lá.

Padres só me recordo de ter visto dois ou três.

Se havia mais não os vi.

Durante muitô tempo andámos de pedra, em pedra saltando muros e moitas, a observar e comentar o que se nos deparava.

Um dos padres porém chamou-nos e recomendou-nos que não nos puzéssemos muito em fóco porque isto podiam ser coisas do diabo e que certamente ia dar um grande «fiasco».

Esta era a mentalidade de muitos.

De facto retirámo-nos para o alto onde hoje surge a frontaria da igreja e dali ficamos a olhar.

Mas daí a pouco não foi possivel refreiar a curiosidade e à hora da aparição muitos tinhamo-nos aproximado das crianças tanto quanto no-lo permitia o aglomerado de gente que as cercava.

* *

Na visinha freguesia de Santa Catarina da Serra o Rev.do Pároco sentia-se no dever de publicamente acautelar os seus fiéis contra os acontecimentos da Fátima fazendo-lhes do altar certas considerações que escandalizaram algumas almas piedosas.

«Que não fossem lá à Cova da Iria porque ás vezes também o demónio se veste de Anjo da Luz».

Os Padres e a Imprensa

De regresso da Fátima aonde «como curioso» fôra no dia 13 de Outubro de 1917, a pedido de «A Ordem», de Lisboa o Ex.mo Senhor Dr. Domingos Pinto Coelho descreve as suas impressões em dois artigos assinados por A. de F.

A orientação geral dos artigos que acabo de reler era um eco da orientação do clero.

Tôda a imprensa falava dos acontecimentos da Fátima; sob o nervosismo das notícias da guerra e das dificuldades internas a Fátima era o assunto obrigado de tôdas as conversas.

É porisso que os artigos publicados a 16 e 17 de Outubro querem «assentar algumas ideias» para «não deixar que a opinião se desvaire».

Admite «a plena possibilidade do milagre» mas quere provas. E em abono da sua atitude aduz o procedimento da Igreja nestes casos e particularmente no caso de Lourdes.

Contra o que viu na Fátima e depois de referir que observara num outro dia um fenómeno semelhante ao verificado no dia 13, na Fátima, diz:

«Eliminado pois o único facto extraordinário, que fica?

«Por ora as afirmações de três crianças, e mais nada.

«É muito pouco»

«Continuemos pois na expectativa benévola se quizerem, mas nada mais».

E no segundo artigo para resolver dúvidas que haviam surgido:

«Ora que dissemos nós àcêrca do caso da Fátima?

«Que nós, obscuro autor destas linhas, não tinhamos observado facto algum que nos levasse a supor o sobrenatural».

E no fim:

«Terminemos pois como ontem; Convém substituir ao entusiásmo prematuro a mais prudente reserva. Se em Fátima alguma coisa ha de sobrenatural não será essa reserva que impedirá a marcha dos acontecimentos que Deus tenha determinado em sua infinita Sabedoria».

... ...

Os artigos levantaram grande celeuma.

Houve quem as taxasse de inoportunos num jornal católico e até quem sôbre a doutrina deles lançasse o labéu de menos ortodoxa.

Em defesa desta atitude surge ainda o clero.

Dois párocos veem apoiar os artigos mencionados.

Do bilhete do Rev.mo Senhor P.e José Gomes Loureiro pároco do Pedrógão (Torres Novas) extraiu os seguintes períodos:

«Nem tudo sejam censuras.

Estou perfeitamente ao seu lado e ainda por aqui está mais alguém. *Parabens* e muito sinceros pelo seu artigo.

Sou pároco de uma freguesia vizinha de Fátima; muito propositadamente me tenho abstido de ir aquelas manifestações: não fui a nenhuma, não estou arrependido de lá não ter ido; parece-me que foi imprudentíssima a presença lá *de colegas meus...*

E o Senhor P.e António Coelho de Barros, pároco da Azambuja escreveu a 23-X:

Ex.mo Senhor

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente a V. Ex.cia mas em virtude do artigo de hoje... não posso deixar de comunicar a V. E.cia que como sacerdote católico que me préso de ser... estou plenamente de acordo com o modo de ver de V. Ex.cia a respeito do caso da Fátima.

Milagres não se presumem, provam-se; e a Igreja não precisa da benevolência de seus filhos para impôr a sua autoridade.

Considero mais pernicioso afirmar que um acto é miraculoso, sem provas suficientes, do que admiti-lo tal como se deu na expectativa de provas ulteriores».

Era assim que escrevia a Ordem — *«jornal dos padres», era isto que êles sentiam a respeito da Fátima.*

Um Observador

Há homens piores que as feras

Leiam esta notícia:

Há perto de cinco anos, uma pobre mulher de uma aldeia, na Turquia da Europa, tendo deixado sózinha, enquanto ia procurar lenha numa floresta vizinha, uma filha, da idade de alguns meses, não a encontrou quando regressou pouco depois.

Ora, há uns dias, uns caçadores tendo ouvido a um canto dessa floresta, gemidos, descobriram num covil duma loba, então ausente, uma criança, de quatro a cinco anos, em estado semi-selvagem, que recolheram à aldeia mais próxima onde sua pobre mãe a veio procurar, louca de prazer e de ventura.

Esta loba, tomando conta da criança e criando-a, deu lição a muitas mães, revelando instintos mais humanos do que certas mulheres desnaturadas que matam os próprios filhos, antes de nascer ou depois de nascidos».

De «A Cruzada» 6-12-1932

Lição tremenda

«As mães que tudo permitem às suas filhas, como os caprichos da moda, os perigos da dança, as inconveniências do cinema, a liberdade dos passeios e o venenos das más leituras, leiam isto com tôda a atenção, leiam pelo amor de Deus.

Uma mulher franceza, chamado Nagin, condenada a três anos de galés por ter morto um filho disse no tribunal: «Perdôo aos juízes a sua sentença é justíssima. Perdôo igualmente à polícia: cumpriu a sua obrigação, levando-me ao cárcere. Nesta sala, porém, está presente uma pessoa, uma senhora, à qual não quero perdoar. Aí está. Olhem para ela: É minha mãi. Cometeu o crime de educar-me no meio de mil frivolidades, alimentando a minha vaidade e favorecendo o desenvolvimento de tôdas as minhas paixões, satisfazendo todos os meus caprichos».

Que lição tremenda! Talvez sirva a tantas mãis que não sabem dar às suas filhas uma conveniente e cristã educação.»

Este número foi visado pela Comissão da Censura.

Ano X — Leiria, 13 de Abril de 1932 — N.º 115.

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

13 DE MARÇO

Estão quási passados os meses mais rigorosos do inverno, em que o frio, a chuva, a geada e a neve impedem as grandes peregrinações ao magestoso santuário da serra de Aire, a custo permitindo que alguns centos de romeiros isolados lá vão satisfazer as exigências da sua fervorosa e acrisolada piedade.

Tudo anuncia a chegada iminente da encantadora quadra primaveril.

A partir do próximo mês de Abril, o vasto anfiteatro da Cova da Iria anima-se e movimenta-se cada vez mais com as imponentes manifestações de fé e piedade das multidões vibrantes de entusiasmo e com as scenas empolgantes das cerimónias religiosas oficiais dos dias treze.

Portugal, pátria de heróis e de santos, criada e engrandecida sob o manto da Virgem sem mancha, sua augusta Padroeira, prepara-se desde já para as grandiosas e incomparáveis peregrinações dos meses esplendorosos do verão. Fátima, estância de graças e de prodígios celestes, continua a ser o polo magnético das almas, o iman poderoso que atrai e empolga dum modo irresistível milhares e milhares de corações crentes e devotos de Maria.

O corrente ano será decerto assinalado por um excepcional concurso de peregrinos e por um maior fervor de devoção nos actos do culto, visto como a treze de Maio se comemora o décimo quinto aniversário da primeira aparição.

É êste, por excelência, o ano rosarista de Fátima, o ano que perfaz exactamente o número das dezenas e dos mistérios do santo rosário.

A Virgem Santíssima, gloriosa Padroeira de Portugal, há-de por certo derramar, durante o ano que passa torrentes de graças e de bênçãos sôbre as multidões reünidas na Cova da Iria para lhes renderem as suas homenágens e para lhe testemunharem o seu amor e a sua dedicação filiais.

* * *

Após uma noite tempestuosa, de vento agreste e de chuva abundante, o dia treze de Março amanheceu cheio de luz, formoso e tépido, permitindo que as cerimónias religiosas se realizassem sem incómodo para os peregrinos que eram em número dalguns milhares. Por motivo da solenidade do dia, Domingo da Paixão, não se fez a procissão com a Imagem de Nossa Senhora.

Foram poucas as missas que se celebraram nos diversos altares do Santuário, porque, ocorrendo o dia treze num Domingo, os sacerdotes, presos pela obrigação de dizerem a missa nas suas igrejas paroquiais ou nas suas capelas, ficaram impossibilitados de ir êste mês a Fátima. Por isso, também houve falta de confessores, tendo ficado por confessar muitas pessoas do sexo feminino. Auxiliou com muita dedicação o serviço de confissões o rev.do Artur Gonçalves, de Macau, membro da missão de Singapura. Já de véspera tinha atendido muitos penitentes. No regresso êste zeloso missionário passou por Leiria, onde disse que levava de Fátima as melhores impressões e que as havia de tornar conhecidas na missão em que trabalha.

Celebrou a missa oficial o rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria. Ao Evangelho, o piedoso e ilustrado sacerdote falou por espaço dum quarto de hora, desenvolvendo êste tema: «necessidade e maneira de santificar os sofrimentos.»

À bênção dos doentes dada pelo celebrante, levou a umbela o sr. dr. Lino Neto, professor no Instituto Superior Técnico e presidente do Centro Católico Português. Terminados os actos religiosos oficiais, começou de novo a chover, o que concorreu para que a multidão debandasse mais depressa, deixando a Cova da Iria entregue ao silêncio e à solidão habituais.

* * *

No dia sete do próximo mês de Maio, ao mesmo tempo que doutros pontos do país partirá da estação do Rocio um comboio especial conduzindo vicentinos, pessoas de suas famílias e subscritores que se tenham prèviamente inscrito, para Fátima, em peregrinação, sob a presidência de honra de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor D. Manuel II, Cardial Patriarca de Lisboa.

As inscrições podem ser feitas por intermédio dos Presidentes das Conferências. Como nos anos anteriores, é de esperar que esta peregrinação seja uma esplêndida e comovente manifestação de fé e piedade, que contribua em larga escala para a santificação dos membros das conferências de S. Vicente de Paulo que nela tomaram parte e para o aumento do seu zêlo e da sua dedicação pelo bem espiritual e material dos desprotegidos da fortuna.

* * *

Com a devida vénia transcrevem-se a seguir três cartas do rev.do Sebastião Rodrigues dos Santos, missionário na India e director da Escola-Liceu de São Tomé de Meliapor.

Peregrinos de 13 de Outubro de 1931, cumprindo os seus votos na Cova da Iria

S. Tomé, de Meliapor, Madrasta, India, 13 de Maio de 1931.

Ex.ma Snr.a Baronesa de Alvaiazare

Escrevo estas letras com o pensamento nas multidões de Fátima, nas Servitas onde V. Ex.a ocupa um lugar de honra que a Virgem do Rosário não deixará de marcar. Nêste dia de glória da Mãe de Deus, quando a Igreja Portuguesa e todo o Portugal presta, pela primeira vez, oficialmente as honras da Liturgia à Padroeira de Portugal — também eu me associo em espírito a êsse brado de Fé que piamente creio háde chegar ao Céu aos pés da Virgem cujas Imaculadas Mãos o irão depôr nas de seu divino e amado Filho que fará descer mil bênçãos sôbre todos nós.

Destas paragens longínquas estou recordando as atenções que V. Ex.a e Ex.ma família aí me dispensou neste mesmo dia, faz hoje um ano, indo até ao extremo de me convidar para sua casa onde fui recebido com essa gentileza, igual à qual só conheço a da Quintã.

Não me esquece também a atmosfera de piedade que encontrei nesse seu solar das lídimas tradições; sinto apenas que essa visita fôsse tão curta mas a culpa foi tôda minha ou antes das circunstâncias em que me encontrava, em ablativo de viagem de regresso a esta minha Missão, onde, graças a Deus, nada me tem faltado.

Conservo como souvenir de V. Ex.a, o seu Credo Eucarístico que recito depois da Missa. Vou também agora escrever à M.a Celeste e ao Fernando a quem quero comunicar alguma coisa do que por aqui se tem feito para propagar o culto de N. S. de Fátima.

Muito estimarei receber notícias da Quintã, apesar de há pouco ter recebido carta de lá.

Mais uma vez me recomendo às suas piedosas orações.

São Tomé de Meliapor, Madrasta, India, 13 de Maio de 1931.

Meu prezado amigo Fernando Alvaiazare,

Escrevo-lhe do cume de uma frondosa floresta tropical do Sul da India onde me encontro a veranear na companhia de outros colegas missionários (Nilgiris).

É assim que anualmente conseguimos refazer-nos das agruras do resto do ano escolar, visto as férias coincidirem naturalmente com o período mais esquentado do ano (maio e junho).

Já agora o meu prezado amigo se deve ter lembrado da minha promessa de propagar por estas paragens o culto de N. S. de Fátima: remeto pelo correio uma separata da Tradução da Pastoral do Snr. Bispo de Leiria publicada por extenso no Órgão mensal da Diocese, há já uns meses; falando com o Redactor dêste Jornal chegámos à conclusão que era esta uma boa base para propagar a devoção. O mesmo jornal traz quási todos os meses qualquer referência que se julgue oportuna e edificante. Está agora (Abril, Maio...) publicando uma tradução quási literal das aparições e do exame feito às criancinhas Videntes.

Temos aqui agora um Seminarista de Seissa (oriundo de uma igreja agregada a Seissa, (Aljustrel?), Inácio Lourenço Pereira) que recebe de Fátima 100 exemplares da Voz todos os meses que eu tenho estado a endereçar a pessoas e Instituições conhecidas; o que mais vale é que a minha devoção a N. S. do Rosário de Fátima também tem aumentado bastante desde que no ano passado por aí estive e principalmente desde que a Igreja estampou o seu sêlo sôbre essa devoção — tão lisongeira ao nosso coração...

Acabo de ler na imprensa portuguesa àcêrca da — Oratória-Fátima representada no S. Carlos; como o meu amigo percebe mais de dramas do que eu, seria favor se me remetesse um exemplar.

Aguardo com pressa antecipado a sua resposta a estas linhas ditadas por uma grande saüdade.

São Tomé de Meliapor, Madrasta, 13 de Maio de 1931.

Ex.ma Snr.a D. Maria Celeste,

Ao fim de um ano inteiramente preocupado com a Direcção temporal e espiritual de 160 Órfãos que freqüentam uma das nossas Escolas-Liceus onde tenho de também dar aula, encontro-me agora com mais 3 Colegas da mesma Escola (High School) a passar as férias (Maio e Junho) numa das regiões mais pitorescas da India (Nilgiris) que fica a 8.500 pés de altitude (3000 m.), refúgio dos calores da planície, que custa a cada um de nós à razão de 32 escudos por dia. Tudo por aqui fica caro a quem tem gôstos e necessidades de Europeu.

Nêstes dias o tópico das nossas conversas e a nota das nossas orações tem sido a *Grande Peregrinação* de Fátima que para mim tem a recordação viva de um Aniversário de família... pois é assim que eu gosto de olhar tudo isso: Festa de Família Nacional, de Famí-

lia Cristã, quero dizer, Festa de tantos irmãos e irmãs da Fé, que ali vão a rezar aos pés da Virgem do Rosário com a simplicidade de uma grande família reünida, como eu rezei faz um ano.

Agora que as aparições foram declaradas *Fidedignas* por quem de direito, deixe-me dizer com o nosso poeta: «Cesse tudo o que a antiga musa canta, que outro poder mais alto se levanta».

É por isso que venho pedir à minha Ex.ma Amiga, a fineza de me dar as suas impressões pessoais, não só desta Grande Peregrinação, mas também de qualquer fenómeno extraordinário de que tenha sido testemunha, visto ter tido o privilégio de ter presenciado a maior parte deles desde o princípio.

Para não parecer que lhe estou a pedir um livro, peço que ao mesmo tempo dê ordens para me ser mandado, a pagar pelo correio, o melhor livro que V. Ex.ª conheça sôbre as Aparições.

Como sabe, sou assinante da Voz, li também o livro do Dr. Fischer, mas confesso que estou longe de conhecer bem o assunto, tanto mais que tenho oportunidade de o divulgar aqui na imprensa.

Sôbre êsste assunto de propagação do culto de N. S. de Fátima, alguma coisa aqui tenho conseguido directa e indirectamente como passo a dizer a seu irmão Fernando.

Em conclusão peço a fineza de me recomendar à Snr.ª D. Júlia Campeão e ao Snr. Capitão Patacho, assegurando-lhes que me não tenho esquecido de rezar pelo seu vivíssimo Petiz; também me recordo com saüdades da capela onde celebrei esperando que me recomendará também ao Ex.mo Dr. Alvim e Ex.ma Esposa, bem como a irmã da Snr. D. Júlia Campeão. Sobretudo peço que se não esqueça de rezar por mim a N. S. do Rosário da Fátima.

* * *

Do número correspondente ao dia 3 de Dezembro último de «O Jornal Gráfico», suplemento ilustrado de «O Jornal», que vê a luz da publicidade na cidade do Funchal, reproduz-se um artigo que insere e enche as três colunas da primeira página.

Essa página contém quatro gravuras que representam Guilhermina de Jesus Pereira, a miraculada por intercessão da Virgem de Fátima, o panorama do Cabo Girão, onde, no ponto denominado Pico do Galo, foi levantada a ermida em honra de Nossa Senhora de Fátima, no alto da Cruz da Caldeira e o Rev.º Agostinho Vieira, a cuja iniciativa se deve a construção da capela Cruz de Fátima.

Segue o artigo:

A ermida que serve de crista ao Pico do Galo, no Cabo Girão, construída e dedicada a Nossa Senhora de Fátima pelo Padre Agostinho Abreu Vieira, atraiu a si o condão sobrenatural da Cova da Iria e a fé viva do povo da Madeira. É um santuário com três meses apenas de existência e mais de três séculos já de popularidade. Ungiu-o a graça da Virgem, que todos os meses, comemorando a aparição de Nossa Senhora em Fátima, o povo corre em peregrinação de tôda a parte cantando e rezando louvores à Mãe de Deus. E a maré-cheia de fé que se levanta pelo impulso sobrenatural da crença popular, cresce cada vez mais em volta da Cruz de Fátima, alcandorada no mais lindo miradoiro da Ilha, arrastando milhares de peregrinos, a 13 de cada mês, às mesmas práticas religiosas da Cova da Iria.

O ambiente é de penitencia e de oração. Ali só se ajoelha, canta, reza e chora.

E a Virgem, dizem, afeiçoou-se tanto àquêle lugar, é-Lhe tão grato morar ali, que agradece já ao povo com milagres e outros dons.

Visinha da ermida vive Guilhermina de Jesus Pereira, que esteve quási dois anos no grabato da sua miséria, sem se poder mover. Aos 70 de idade tolheram-se-lhe todos os membros e nunca mais pode comer nem agasalhar-se sem as mãos da irmã. Quando soube que a Virgem de Fátima vinha morar à sua beira, encheu-se-lhe o coração de alegria e a fé resuscitou-lhe na alma a esperança da sua cura.

— Senhor, — disse-nos a Guilhermina, enclavinhando as mãos para o céu — eu vivia num mar de dores e não me podia mexer...

— Não podia sequer compor o roupa sôbre si — acrescentou a irmã.

— E nunca se tratou,

— O meu mal não tinha cura, disseram-me os doutures. Bem chorei... quando me tráziam em braços e me sentavam ao sol por ali, sem nada poder fazer...

— E como se sente agora?

— Como o senhor vê, já posso andar...

— Graças a Deus, — corroborou a irmã — já trabalha e ganha alguma coisinha para a gente comer!

— E a que atribui a sua cura?

— À graça de Nossa Senhora. Quando me disseram que se ia fazer a capelinha de Fátima, respondi; — Se eu chegar ao dia dela se abrir levem-me lá antes que seja num lençol. Comecei a rezar e prometi a Nossa Senhora alumiá-la com um círio da minha altura a primeira vez que ouvisse missa no seu altar. No dia que benzeram a capelinha pedi para a vêr. Trouxeram-me em braços e, chorando e rezando olhei para lá. Desde então comecei a sentir menos dores. Já lá fui cinco vezes à missa e àmanhã lá torno, por meu pé, outra vez.

À nossa roda um grupo de visinhas, erguendo as mãos, disseram em côro: — Foi graça de Nossa Senhora! Bendito seja Deus!

Na Quintã Grande todos conheceram esta infeliz e a graça que a Virgem de Fátima, — é fé do povo — nela obrou.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

Quando em Janeiro do pr. findo fui transferido de Pernambuco para a Baia forçoso me é confessar que não obstante a mais integral conformidade com a vontade dos Superiores, um pesar, e mui profundo, eu não soube dominar, pela simples lembrança de deixar a N.ª S.ª da Fatima, cujo culto pelos relatórios anteriores bem se deixa ver que desenvolvimento ia tendo, e sobretudo com que fruto comprovado pelos factos.

No Colégio «António Vieira» da Baia, minha nova residencia conhecia-se N.ª S.ª de Fatima, ou não fosse seu Director o R. P. Luis Gonzaga Cabral que, tendo presidido a uma das mais importantes peregrinações a de Maio de 1930, de lá veio, como era naturalissimo, possuido de um indisivel entusiasmo que não sabia ocultar quer nas palestras quer mesmo nas prègações que, com sua natural e conhecida eloqüência, sôbre N.ª S.ª da Fátima teve ocazião de fazer.

Fóra do Colégio soube logo por entrada que havia dela uma estatua de 80 cms. num Colégio de umas Irmãs Franciscanas portuguesas residentes na Calçada, um dos arredores da Baia, perto da celebre Basílica de N. Senhor do Bonfim.

Lá a fui visitar, verificando porém que o seu culto quási se limitava ás pessôas de dentro, dando-lhe o pessoal de fóra por muito favor o nome de *S.ta Fátima*. Lá lhe ia mesmo assim um ou outro trazendo de vez em quando uma velinha, sinal de graça implorada, ou mais geralmente agradecida. Fóra dali, que eu chegasse a saber, havia umas estatuasinhas pequeninas para culto intimo trazidas mesmo de Portugal pela familia Pedreira, algumas, ainda mais pequeninas, trazidas ou recebidas por poucas pessôas mais, nomeadamente da familia do Snr. Comendador Catarino, e temos dito.

* * *

Confrontando pois o que encontrava com o que deixara, ainda que só no Colégio «Nóbrega», que saüdades!... Graças a Deus, que encontrei dentro e fóra as melhores disposições para a aceitação e desenvolvimento de tão simpática devoção para quemquer em cujas veias corra sangue português. Dentro fomos dêsde logo começando com a mesma pequenina imagem de 23 cms. com que teve inicio o culto do Recife. Para fóra, o tempo propicio foi o Mês de Maio. Coube-me a sorte, que eu tive por suprema ventura, de o prégar inteirinho na nossa Capela pública. E a quem o havia eu de dedicar, senão a N.ª Sr.ª da Fátima? Encomendadas de Recife com a necessária antecedência duas estátuas de 60 cms., uma rica, em tudo igual à do Colégio «Nóbrega» para a Capela, e a outra com pintura mais simples para ser colocada num nicho ao lado do portão de entrada do Colégio, ambas tiveram a sua inauguração solene no dia 1.º.

A da Capela teve-a logo depois da Missa dos alunos com a bênção da Imagem em altar acomodado lindamente adornado com plantas e flores naturais, oferenda e trabalho de pessôas já anticipadamente ganhas à causa de N.ª Sr.ª da Fátima. Não é para se passar em silêncio uma circunstância por não poucos observada de, terminada a benção da Imagem, ao ser colocada no nicho do altar, ao mesmo tempo que no côro se dava principio ao hino de N.ª Sr.ª, por uma das portas laterais do Altar-Mór entrar uma réstea de sol que, incidindo exactamente sôbre a estátua, deu ao conjunto um verdadeiro aspéto de visão, que mais e mais fêz realçar a beleza da já de si linda Imagem. Seguiu-se logo a prègação, terminando, como todos os mais dias do mês, com a Bênção do SS.mo e a repetição do hino de N.ª Sr.ª da Fátima.

* * *

A do portão, destinada principalmente aos alunos externos, teve lugar de tarde ao terminarem as aulas, sob a presidência do P. Director, R. P. Cabral, que em caloroso improviso mais uma vez patenteou as impressões que da Fátima trouxera.

O nicho, se bem que rustico, fôra artisticamente preparado e enfeitado pelo R. P. António Simas, ao tempo prefeito dos externos.

No seu conjunto é um trabalho mimoso e inspirador de devoção, tendo até o Padre no seu génio de artista ideado para servir de base à peanha da Imagem uma imitação da histórica azinheira feita de um galho seco, se não milagrosa, ao menos graciosamente reverdecido pelo bom gosto das Irmãs de Salette. Se bem que, como fica dito, esta Imagem era particularmente reservada aos externos (com cujo dinheiro aliás foi adquirida), e de facto lá vão êles numerosos, quer na entrada, quer na saida, a implorar as valiosas bênçãos da Mãe do Céu. Além dêles, avultado número de pessôas de tôdas as classes ali vão sem respeito humano, de manhã à noite, fazer suas preces. Ao escurecer é o nicho iluminado por 4 lampadas eléctricas, uma delas aos pés clareando um transparente em que se lê:

«Maria, sêde o meu amparo e a minha guia». Outra iluminação tem ainda para os dias de festa, a dos contornos do nicho, imitando uma capelinha rural, feita por numerosas lampadazinhas em series, trabalho executado às custas do Ex.mo Snr. Frank Hart, pai de dois alunos externos. Numerosas velas além disso ali deixam acesas os próprios devotos, na máxima parte reveladoras de beneficios recebidos. Dia e noite ali arde uma lampadada de óleo, sem com isso sobrecarregar as despesas do Colégio, pois um cofrezinho que ao lado do nicho se encontra, e em que os devotos vão lançando o seu tostãozinho, dá para isso, para a iluminação, para comprar flores, e ainda sôbra para o mais que fôr mistér. Além de quê flores poucas vezes é preciso comprar, pois mui freqüentemente as trazem e geralmente por suas próprias mãos ali as dispõem os ofertantes. Nem tem sequer faltado quem, por dedicação a N.ª Sr.ª, por suas próprias mãos se tenha encarregado de fazer a mais escrupulosa limpeza no nicho e suas imediações, deixando tudo um primor de aceio, até o próprio chão, na frente e à volta do nicho, ciscando (como aqui se diz), varrendo, etc. etc. Isto da parte das pessôas de fóra, não faltando porém também de dentro quem se esmere em competir com elas. Quero referir-me a um empregado, camareiro da divisão dos Medios, que por devoção, logo depois da Missa, antes de entrar no serviço obrigatório, vai consagrar as primicias de seus quotidianos labores com o primeiro arranjo do que toca ao nicho de N.ª Sr.ª, varrendo, endireitando, regando as plantas, etc. Para terminar só acrescentarei que tudo ali é estimulo à devoção, sem excluir os restos e pingos das velas ali ardidas que, tantos, quantos, são levados por pessôa ou pessôas devotas que, derretendo-os os transformam em novas velas para ali voltarem a alumiar N.ª Sr.ª Para se avaliar da afeição que o povo já lhe tem, e precisamente àquela Imagem, tendo sido necessário tira-la por breve espaço, substituindo-a aliás por outra bem mais rica, apesar disso os devotos durante essa curta ausencia, sem deixarem de continuar as suas devoções, não cessavam também de patentear as suas saüdades pela que ali se acostumaram a ver e a venerar, e, tanto assim, que na ocasião em que se efectuou a restituição da antiga, um grupo de pessôas que ali se achava, após efectuada a transferência, levantando para ela as mãos e expandindo o seu regosijo, exclamaram: «ah! esta sim... é ela mesmo!!... como esta não há outra!!!...» E assim ficaram longo espaço como em extatico arroubo.

(Continúa)

Não te dê cuidado saber quem é por ti, ou contra ti, mas só deseja e procura que Deus seja contigo, em tudo o que fizeres.

(Da Imitação)

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Apendicite

A 23 de Abril de 1929, minha filha Maria Adelaide Dias deu entrada no hospital de S.ta Marta em Lisboa para ser operada de uma apendicite. A análise acusou uma grande fraqueza no sangue. Sabendo eu o grande sofrimento que minha filha tinha, julguei que ela não agüentaria a operação, e nessa altura dirigi-me à Igreja de S. José, ajoelhei deante de uma imagem de N. Senhora da Fátima, e com muita fé pedi-lhe por minha filha e prometi ir com ela a Fátima se ela fôsse feliz na operação. No dia 15 de Maio foi feita a operação, e graças a N. Senhora correu tudo bem. Já fomos a Fátima agradecer tão grande graça que N. Senhora me concedeu e hoje venho publicamente agradecer tão grande favor, bem como outra insigne graça que N. Senhora me fêz tirando-me umas dores que há muito me atormentavam horrivelmente.

Maria Adelaide Dias
Torres-Vedras

Carvalhal de Torres-Vedras

Maria Antónia Dias

Agradecimento

António Bernardes, de Covelo Penacova, diz o seguinte: Em principios de 1929, quando já a crise começava a fazer-se sentir encontrava-me no Brasil, doente e sem recursos para voltar para Portugal. Havia 6 meses que nada fazia. Em tão grande aflição fui prostrar-me aos pés de N. Senhora na Igreja do Bom Jesus do Braz, em S. Paulo, onde todos os domingos ia à missa, pedindo-lhe me deparasse algum meio para que pudesse ir para junto da minha familia. As minhas súplicas foram ouvidas, graças a N. Senhora. Embarquei em Santos no dia 15 de Março de 1929 e no dia 28 do mesmo mês estava em Lisboa.

E não só a viagem foi uma dificuldade, mas ao chegar a Lisboa encontrava-me curado! Não sei como agradecer a N. Senhora tão grande beneficio. Além dêste outros mais tenho recebido de N. Senhora e é minha intenção deixar aqui o agradecimento por todos êles.

António Bernardes

Pneumonia

Um meu filhinho de 2 anos apenas foi acometido duma cruel pneumonia e juntamente duma infeção intestinal.

Recorri logo à medecina, mas a doença tornava-se renitente. Vendo meu filho em tão grandes sofrimentos recorri à SS. Virgem N. S. da Fátima cujo jornal prometi assinar. E graças a Ela meu filho começou a sentir saúde, graça que se reconhecidamente agradeço.

Sevres, França.

Lúcia Alves Barata

Queimadura

Tenho recebido de N. S.ª diversas graças que muito desejava fossem publicadas.

A primeira foi que estando uma pessoa amiga em perigo de vida com uma das faces queimada e já tão inchada que nem via nem podia falar, tendo-a recomendado muito a N. S.ª da Fátima, quando todos esperavam a noticia da sua morte vieram dizer-nos que quási repentinamente tinha desinchado e estava livre de perigo.

Recebi diversas outras graças que cheia de gratidão quero confessar serem devidas à intercessão de N. S. da Fátima.

Candida Sanches

Conversão

Nota — Por ser interessante reproduz-se a carta seguinte cuja direcção perdi com grande pesar, e que há tempo foi enviada a esta redacção.

«São inúmeras as graças que tenho recebido de N. S. da Fátima nesta terra e por isso desejava ver propagada por cá a sua devoção. Nossa Senhora da Fátima arrancou-me das mãos do demónio, nessa diabólica feira de fantasias do espiritismo, de que fui grande influente. Só Nossa querida Mãe do céu me poderia arrancar de tão grande precipicio em que estava irremediàvelmente perdido, como tantos outros que lá deixei, e pelos quais choro. Perante mim o demónio foi desmascarado; pena é que o não seja por quantos militam em tão grande desgraça. Ficou o mesmo satanaz muito raivoso contra mim, pela perda da preza, mas nunca mais foi capaz de me fazer o mal que me fazia antes de eu o conhecer. Resta-me a pena de não saber escrever condignamente, pois que sou fraco de cabedais scientificos, para lhe expor devida e detalhadamente as graças que tenho recebido de N. S. da Fátima, a dar-lhe também uns tópicos dos ataques do dragão quando vê ir-se-lhe a presa.

São muitas as pessoas a quem tenho dito isto e por isso se V. Rev.ma achar que vale a pena referi-los por escrito no jornalsinho a «Voz da Fátima» pode fazê-lo que eu tenho muito prazer nisso.

Não me proponho agradecer por êste meio a N. S. da Fátima, porém tudo me parece pouco para o fazer. Não seriam bastante a vida e os haveres se porventura tudo isso lhe desse.

Não obstante, ofereço-lhe o meu Coração, como mais uma graça que dela espero, coração que ela aceitará e dará a Seu Santissimo Filho. Rogo por tudo isto a V. Rev.ma a fineza de pedir uma Avé Maria em acção de graças pela minha conversão ou pelo livramento de minha alma das mãos do demónio, onde por sem duvida, se encontrava, irremediàvelmente perdida.

Guilherme da Costa Brites

P. S.—Faltou-me dizer a V. Rev.ma que mais se me abriram os olhos da alma depois da confissão e comunhão que não recebia já há 20 anos, e é ponto de fé para mim que são, pelo menos em parte, estas faltas a causa de tantas almas perdidas por aquele lamentável caminho.

Brites

Doença pulmonar

Humildemente rogo o obséquio de publicar na «Voz da Fátima» uma extraordinária graça que a Virgem Santissima pela sua infinita bondade me concedeu. Adoencendo em maio de 1931 com dôres nos pulmões e fraqueza geral, chegou-se à conclusão que os dias da minha vida na terra seriam breves, pois tão fraca me encontrava que o menor movimento me cansava extraordinàriamente. Tinha as forças completamente perdidas; nem falar podia! por pouco que falasse e em voz baixa que fôsse era o suficiente para me deixar num grande estado de prostração. Recorri então, cheia de confiança, à boa Mãe e Senhora da Fátima que atende sempre tão carinhosamente as preces fervorosas e sinceras que lhe dirigem os seus filhos, por mais indignos que sejam, e comecei com a minha mãe uma novena, bebendo todos os dias um pouco de água da Fátima que uma Senhora muito boa fêz o favor de me dar. Sempre ao fim de cada dia da novena sentia ligeiras melhoras, até que ao fim dos nove dias comecei a aumentar de pêso e a febre desapareceu quási por completo readquirindo as fôrças. Em novembro os Ex.mos médicos que me tratavam, com admiração declararam que de facto a minha cura era completa.

Já lá vão alguns meses e sinto-me como se nada tivesse tido, de perfeita saude. Por isso muito singularmente venho reconhecidissima agradecer do coração a N. Senhora tão grande graça. Bendita seja mil vezes a Augusta Rainha do Céu Saude dos enfermos e nossa doce esperança.

Maria Teresa Neves Claro, de Beja

Quisto

Cheia de reconhecimento e gratidão à Virgem Santissima, venho

pedir para publicar na Voz da Fátima uma graça que N. Senhora me concedeu. Havia já 7 anos que sofria dôres horriveis no ventre. Por conselho de meu marido fui consultar o médico. Receitou-me alguns medicamentos, mas não obtive resultado, cada vez os sofrimentos eram maiores. Meu marido faleceu e eu com o desgosto não fiz mais tratamento durante 4 anos. Passados estes 4 anos por já não poder sofrer tanto fui consultar a médica Snr.ª D. Maria de Freitas Pimentel que disse ser um quisto nos ováriios que em breve se tornariam cancerosos não podendo já ser operada, tendo por isso o quisto de ser destruido a pontas de fogo.

Com a ajuda da Mãe Santissima, agora, acho-me completamente boa, e venho agradecer a N. S. da Fátima a grande graça que me fêz e pedir a todos os leitores que me ajudem a agradecer também.

Flamengas

Maria da Luz Garcia

Abcesso

Peço publique no seu jornal esta graça: «Minha filha Isabel, de 4 anos de idade, foi há pouco acometida duma doença, que pelo seu médico assistente foi julgada incurável. Nasceu-lhe num dos cotoveios um abcesso de tão mau carater que lhe prendeu completamente o movimento do braço. Tratada pelo médico, chegou a cicatrizar, mas ficou o braço sempre sem movimento e ainda com a agravante de que êste estado se comunicou à perna do mesmo lado que também não podia mover-se. O médico aconselhou-me a que fôsse com a pequena aos raios, X mas quási sem esperança dela se curar. Na contingência de ver minha filha paralítica para sempre, ou de ter de a sujeitar a uma operação, talvez dispendiosa e de resultado duvidoso, recorri com muita fé à poderosa intercessão de N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se ela a curasse, fazer em sua honra uma novena de terços, missas e comunhões, dar-lhe uma esmola em dinheiro e mandar publicar no seu jornal esta graça. N. Senhora ouviu-me, pois logo no dia seguinte minha filha já tinha movimento no braço e na perna. Levei-a ao médico que ao vê-la ficou tão surpreendido com tão rápida transformação, que declarou, depois de lhe constar o que se passou, que realmente só por milagre tal facto se podia ter dado.

E, como o prometido é devido, já fiz a novena referida, envio agora a esmola e peço a fineza de publicar esta graça, o que muito agradeço.

Ovar—Rosa Maria de Oliveira Leite

Quisto

Achando-me com um quisto cebaceo na cabeça, há 13 anos, fizera diversas novenas sem nunca obter a graça que pedia. Já estava conformada com a vontade de Deus quando de um momento para outro o quisto começou a crescer muito e a inflamar. Tive então de ir ao médico que declarou ser necessário uma operação. Não tendo coragem para deixar rasgar o meu corpo, pedi ao médico que me desse um remédio a ver se não era necessária a operação. Deu-me um remédio mas disse que nada valeria por que três quistos só se extirpam cortando e raspando para não voltarem. Apesar do desengano voltei com o remédio para casa, entretendo-me no caminho a ler a Voz da Fátima. Lendo lá tão grandes graças, recorri a N. S. com uma novena e prometendo um pequeno óbulo para ajudar as obras do Santuário. Durante algumas semanas fui orando e aplicando o remédio até que apareceu um pequeno orifício junto ao quisto, orifício que pouco tempo depois fechou por si mesmo. Voltei de novo ao médico que confirmou o que tinha dito;—era necessário a operação. Ainda agora não tive coragem e recomecei as novenas e o mesmo tratamento. Na terceira novena, com grande alegria de tôda a família, quando se estava fazendo o curativo o quisto saiu inteiro e sem eu sentir a menor dôr! O médico disse que era o primeiro caso que se dera com êle.

Tão grande graça deve ser atribuida à mãe de Deus. Hoje completamente curada, venho pedir a publicação para honra e glória da Virgem Santissima e para animar os que sofrem. Aproveito também a ocasião para agradecer a saude que N. S. alcançou para uma netinha que tenho e que durante muito tempo surportou graves sofrimentos.

S. Paulo—Brasil

Nicolina Lopes da Silva

Tuberculose

Queixava-me há muito dos pulmões. Já não descansava de noite, tinha temperaturas elevadas, deminuia de pêso e enfraquecia a olhos vistos. O médico que até ali me dava certas esperanças, agora desenganou-me dizendo que só por milagre poderia ser curado. Voltei-me então para o céu já que a terra nada me podia fazer, e agora sinto-me completamente bem. Como de tudo, trabalho todos os dias, descanço bem e até agora nada me tem feito mal. Nunca serei capaz de agradecer a N. Senhora da Fátima tão grande graça que me alcançou, pois que foi por meio dela que Jesus se dignou curar-me

Arneiro Merceana

Joaquim de Sousa

Graças diversas

—António Nunes Romualdo, de Ermida, agradece a N.ª Senhora o ter curado sua esposa antes de ser submetida a uma operação que os médicos lhe haviam imposto como indispensável. Poucos dias antes daquele em que a operação devia ser feita desapareceu o mal que a motivara.

—Amélia Lopes, do Rio Mau, agradece a N.ª S.ª uma graça espiritual que por ela recebeu de Nosso Senhor.

—Júlia Antunes Barrôso, de Torres Novas, agradece a N.ª Senhora o ter seu irmão recuperado a vista que quási havia perdido. O remédio, diz, foram orações e algodão embebido em água da Fátima.

—Maria Luisa Teixeira, de Pernambuco, Recife, agradece a N. Senhora diversas graças que dela alcançou para a sua terra em momentos de graves apreensões político-religiosas.

—S. Ramos Vermelho, de Cadaval, agradece muito a Nossa Senhora da Fátima a cura duma enfermidade que durante 15 anos teve na boca. Hoje, diz, encontra-se completamente curada, graça que atribue a N.ª Senhora da Fátima.

—Maria Dias Moreira, de Leça do Balio, agradece reconhecida a saude que sua mãe obteve por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

—Custódio dos Santos, de Senouras (Almeida) agradece a N.ª Senhora uma grande graça recebida e vem cumprir a promessa de publicar a graça e entregar uma esmola para o culto na Fátima.

—Arminda Eulália do Amaral, de S. Cruz das Flores, agradece diversas graças temporais concedidas a sua mãe e a uma sua visinha muito necessitada.

—Ana da Glória Silva, da Ribeirinha, Açores, agradece a N.ª Senhora a cura duma enfermidade que há tempos a molestava.

—Francisco Manuel Pacheco, de Beja, agradece a N.ª Senhora uma graça espiritual que considera a maior da sua vida.

—M.ª Moreira Freitas, de Campanhã, agradece muito reconhecida uma graça temporal.

—Maria Garcia, de Riba Mar, sofreu durante 10 anos ataques apoléticos. Desenganada pelos médicos foi a Fátima implorar a N. Senhora a sua cura. Levou água que bebeu em sua casa durante alguns dias, e então os ataques nunca mais voltaram.

AVISOS

I

A crise pecuniária chegou também à **Voz da Fátima.** Em diversos meses já a despesa tem sido superior à receita. Mais uma vez apelamos para a generosidade de seus leitores para que se possa conservar êste jornal que só vive das esmolas que lhe dão.

II

Mais uma vez se lembra a todos que seria roubar as esmolas de Nossa Senhora o levar para cada casa mais do què um jornal cada mês. Procedem, pois, mal as famílias que querem um para cada pessoa da sua casa quer saibam quer não saibam ler.

Graças de N.ª Senhora da Fátima no Brasil

1) Um jovem dos seus 18 anos foi acometido de um paratifo que por bastante tempo pareceu sombar da perícia dos médicos, inspirando por isso mesmo sérios receios à família. Começou por êsse tempo a ser conhecida na Baía a devoção a N.ª S.ª da Fátima, e uma sua irmã, piedosa Filha de Maria, obtem uma novena e um frasquinho da água milagrosa, e lá vai confiada dar com a família principio à dita novena, dando conjuntamente umas gotinhas da água ao doente, que poucos dias após começou a manifestar sensiveis melhoras, diminuindo-lhe ràpidamente a febre e entrando pouco depois em franca convalescença, não tardando muito a ficar completamente bom.

* * *

2) O mesmo jovem, pouco tempo passado, vê-se a braços com uma pleuresia, que de si já inspirava cuidados, quanto mais vindo-lhe a pouca distância do paratifo, do qual, se bem que estava curado, era natural não obstante que lhe restasse ainda uma bem sensível fraqueza. E foi precisamente isto que fez mais recear. O tratamento mais simples que ocorria era o da punção, para extrair a água da pleura, teria, porém, êle, resistência para a suportar? Na ansiedade da família e do próprio médico, lembrada do feliz êxito do anterior recurso a N.ª S.ª da Fátima, por inspiração da mesma irmã começam outra novena acompanhada do uso da água milagrosa, e de um dia para outro com grande surpresa e satisfação notam que sem punção nem qualquer outro remédio o líquido desapareceu e o doente passou a um estado absolutamente normal.

* * *

3) Na mesma família ainda, um sobrinho da mesma piedosa Senhora, de idade de 11 anos, havia tempo já que vinha sofrendo de uns ataques que o prostravam por terra entre convulsões que por vezes custavam muito a terminar fazendo sofrer, tanto ao doentinho, como à família, que não acertava, por mais diligências que para isso fizesse, com o remédio. Após os dois casos do jovem acima, é a criança acometida de um novo ataque, cujo remédio desta vez procuraram em N.ª S.ª da Fátima por meio de terceira novena e da água milagrosa, e com tão feliz êxito que, bebidas as primeiras gotas, voltou o doentinho a si, cessando-lhe por completo o ataque, e, o que é mais, de então para cá, há já bons 8 meses, não se lhe tornou a repetir.

* * *

4) Um caso indêntico a êste se deu numa outra família em que uma menina também de 11 para 12 anos era vítima de freqüentes ataques epiléticos que lhe davam quando menos se esperava, em casa, na rua, em qualquer parte, a ponto de nunca poder andar sem alguém que a acompanhasse.

Conhecedora a mãe dos prodígios que por tôda a parte vinha operando N.ª S. da Fátima, assentou consigo implorar dela a cura de sua filha, dando para isso princípio a uma novena conjuntamente com o uso da bemdita água. E tão feliz foi, que logo após a primeira vez que bebeu umas gotinhas da água milagrosa, ficou completamente livre dos mencionados ataques, em pleno uso de todos os seus movimentos, e assim me foi apresentada dias depois para se confessar e no dia seguinte comungar em acção de graças a N. S. por tão insigne benefício.

* * *

5) Um jovem do povo, casado não havia muito ainda, cai um dia no terreiro em frente de sua casa com um ataque que por todos os que acorreram foi tido como de mau carácter. Infelizmente não era católico, mas sim espírita, o que mais fazia recear com relação à sua alma. De uma casa visinha uma Senhora de distinção advertindo no sucedido, chama uma creada, corre ao oratório onde tinha uma estátuasinha de N.ª Sr.ª de Fátima e, dando-lha, diz-lhe que vá com ela para onde está o doente e que lá junto dele vá resando o terço para que N.ª Sr.ª não o deixe morrer sem confissão. Oh! valiosa protecção de Maria! Quando todos o julgavam expirando, o doente volta a si e, dirigindo-se com intimativa a sua esposa que ali estava desfeita em pranto, «já chamaste o Padre, diz-lhe, manda pedir-lhe que venha já... já» Deu tempo a que o Padre viesse, recebeu tranquilamente os Sacramentos, e, como quem nada mais esperava, plàcidamente expirou.

(continua)

Colégio Ant.º Vieira, Baía.

P.º João Miranda S. J.

Missões de N.ª S.ª da Fátima

Já nos foram entregues mais três esmolas para as *Missões de Nossa Senhora da Fátima*, esmolas que serão distribuídas em benefício de tão santas obras.

Uma delas veio da América do Norte, outra da Ilha da Madeira e uma outra de Ilhavo.

As três esmolas dão o total de Es. 36$50. Esperamos em N. Senhora que outras esmolas venham aumentar esta quantia, e «A Voz da Fátima», terá prazer de ser a distribuídora das esmolas da caridade já dos fiéis de Portugal, já dos lá de fora em benefício de obras muito do agrado de N.ª Senhora.

Peregrinação vicentina ao Santuário de N.ª Senhora da Fátima e assembleia de Vicentinos no mesmo Santuário

O Boletim Português da Sociedade de S. Vicente de Paulo, n.º 285 a páginas 68 e 69, diz o seguinte, que com a devida vénia e para conhecimento do maior número de Vicentinos, aqui transcrevemos os períodos seguintes:

—«Nos dias 7 e 8 de Maio próximo deve realizar-se mais uma Peregrinação Nacional de vicentinos e uma assembleia geral vicentina aos pés de Nossa Senhora, lá nêsse lugar bendito onde Ela se dignou aparecer aos pastorinhos, desde Maio a Outubro de 1917, e onde desde então até hoje tantas graças tem dispensado.

Os programas da peregrinação e assembleia geral vicentina serão publicados no nosso Boletim de Abril.

No mesmo Boletim deverão vir as indicações de comissões locais encarregadas de organizar a peregrinação nos vários pontos do país.

Digna-se presidir a esta Peregrinação, acompanhando-a, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca.

Tudo leva a crer que esta iniciativa resultará brilhantíssima e levará aos pés de Nossa Senhora da Fátima a grande maioria dos vicentinos do país. Na mesma data deve realizar-se a V Assembleia Nacional.

O Presidente do Conselho Particular de Lisboa

José Augusto Paes Ferreira

Nota — a correspondência respeitante à Peregrinação deve ser dirigida ao Ex.mo Sr. Dr. Mário Neuparth—R. Nova de S. António, a S. Mamede, 61, 2.º Lisboa.»

Nossa Senhora, amparo dos operários

O nosso estimado colega, «Ecos do Sameiro» publicou no seu número de Março p. p., em artigo de fundo intitulado «Obras do Sameiro», a resolução caridosa que a confraria dêsse Santuário tomou sôbre si de dar desenvolvimento às obras a realizar ali, tendo em vista êstes dois fins bem dignos de nota e imitação — aumentar o culto a Nossa Senhora pelo aproveitamento dêste seu Santuário, e dar aos operários ocasião para que honradamente possam ganhar o necessário sustento para si e para os seus. Honra seja dada a esta confraria que assim diàriamente dá pão a uma centena de operários: Certamente aqueles cem operários ao regressarem a suas pobres choupanas cançados de seus trabalhos sentiram o doce prazer de com aquelas bágas de suor transformadas em moedas poderem matar a fome a uma esposa talvez enfraquecida pela falta de alimento e a um mais ou menos numeroso grupo de crianças a quem a fome tornou raquíticas e fêz perder o frescor juvenil.

A Nossa Senhora do Sameiro devem os operários êste benefício, porque **se não fossem as graças** que esta Mãe bondosa alcança a seus devotos a sua confraria não teria com que pagar aos operários. É a gratidão dos devotos de Nossa Senhora que os leva a oferecerem-lhe os seus dinheiros em agradecimento dos favores dela recebidos e são êsses dinheiros que depois vão ser a justa recompensa dos suores dispendidos pelos operários nas obras do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro.

* * *

Mas não só no Sameiro Nossa Senhora, é amparo dos operários; é-o também em muitas outras partes e sobretudo na Fátima. Pois se Nossa Senhora é a mesma e as necessidades dos operários geralmente são as mesmas, igual é também a caridade para com elas, caridade alimentada com as esmolas que à Virgem são oferecidas.

Mais de 150 operários trabalham diàriamente, regra geral no Santuário querido de Nossa Senhora da Fátima. Em cada semana é distribuida uma média de cinco a sete contos no pagamento das folhas dos diversos trabalhadores. E não se julgue que o dinheiro está amontoado; não está: por durante a semana receia-se não haver para pagamento no fim da mesma semana. Mas N. S. a divina Mãe da Caridade sobretudo para com os necessitados lá sabe os meios de a descobrir e é então que quando parece que as obras não poderiam continuar por falta de meios a Virgem traz a seus pés criaturas generosas que, a trôco de favores que do Céu receberam, oferecem de suas joias ou dinheiro—o necessário para que por falta de meios as obras não sejam interrompidas. Embora não fôsse por outros, só por êstes motivos a Fátima seria digna do carinho de todos.

Mas considerada no seu conjunto de espiritual e temporal a Fátima é actualmente um admirável centro de caridade em Portugal; Caridade de Jesus que todos os meses ali desce a centenas e por vezes milhares de corações que ou ali retemperam energias perdidas, ou se esmaltam com novos fulgores da virtude; Caridade de Nossa Senhora que ali atende as súplicas dos que sofrem física ou moralmente, levando ao céu os pedidos dos homens a quem depois os vem trazer transformados em graças, vindas do céu também; Caridade dos homens, que ao sentirem-se beneficiados pela Mãe de Deus dão largas à sua generosidade, e assim são levados a sacrificarem suas comodidades, seu descanço e seu dinheiro até, para se mostrarem agradecidos aos favores de Nossa Senhora.

Se a caridade é a unica virtude que há-de subsistir por tôda a eternidade no meio dos eleitos do Eterno Pai, bom é que todos os que desejamos ser no céu do número dessa multidão de escolhidos, que no dizer de S. João, na terra ninguém pode contar, bom é digo, que comecemos, não só no Sameiro e na Fátima mas em todo o Portugal, porque todo êle é Terra de S.ta Maria, bom é digo ainda que comecemos a exercer tão nobre virtude cujo cumprimento ou não cumprimento motivará no grande dia de juizo as sentenças de Deus a respeito de cada um de nós. — Afastai-vos de mim... porque não fostes caridosos. Vinde comigo... porque tivestes caridade.

Nota—Ainda há poucos dias o diário católico «Novidades» nos deu a notícia da inauguração de dois institutos de caridade em favor dos pobres. Foram êstes:

«a obra de Assistência médica aos pobres da freguesia de Santos-o-Velho» em Lisboa. Esta obra, iniciativo do Rev.mo Prior Mons. Fernandes Duarte, foi colocada sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima e propõe-se fornecer gratuitamente assistência médica e respectivos medicamentos aos doentes pobres da freguesia. A inauguração assistiram além de outras individualidades de destaque cinco Ex.mos médicos e uma Ex.ma médica bem como Sua Em.cia o Senhor Cardial Patriarca que proferiu um discurso todo repassado da sua caridade paternal. Depois da inauguração dirigiram-se todos ao consultório onde sua Em.cia observou minuciosamente os vários objectos de uso clinico.

A outra obra de caridade foi «A cozinha económica» instituida na freguesia da Sé, no bairro mais pobre da cidade do Pôrto. Assistiu também à inauguração Sua Ex.ia Rev.ma o Snr. Bispo do Pôrto que na ocasião teve palavras de louvor e incitamento a esta obra de caridade em benefício dos pobres desempregados. Oxalá Nossa Senhora da Fátima cubra de bênçãos estas e outras obras semelhantes a estas que porventura noutras partes se venham a fundar.

É que, realmente como diz São Paulo, a caridade é **engenhosa.**

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte	321.288$59
papel, comp. e imp. do n.º 114 (60.000 ex.)	3.710$00
Franquias, embalagens, transportes, etc.	1.270$40
Na administração — Leiria	229$50
total	326.498$49

Donativos desde 15$00

Irene Fernandes — Lisboa, 15$00; Maria Ramos — America, 15$00; Virgínia Teixeira — Chaves, 50$00; Maria Vitorina — Chaves, 20$00; Maria Ramalho — Aiamonte, 15$00; Luzia Fontes — América, 31$00; Maria Maldonado — Pôrto, 20$00; Maria de Vasconcelos — Pôrto, 20$00; Adelaide Daz — América, 31$00; Manuel de Oliveira — América, 30$80; Maria Rosa — América, 30$80; Maria Resende — América, 30$80; Maria Furtado — América, 30$80 Norberto Sá — América, 30$80; Frank Santos — América, 30$80; António Rocha — América, 30$80; Joaquim Martins — América, 156$80; Maria Macieira — Lisboa, 15$00; Igreja dos S. Reis — C. Grande, 60$00; P.e Tomás de Aquino — Carvalhos, 100$00; António Martins — Recarei, 25$00; Francisco Vicente — Viseu, 25$00; Heitor Brito — Pôrto, 15$00; Maria Gonzaga — Cabeçudos, 20$00; Maria Mesquita — Figueira da Foz, 20$00; P.e António Ceiça — Paião, 135$00; Maria da Glória — P. de Varzim, 15$00; Georgina Amaral — P. de Varzim, 20$00; P.e Aurélio Martins — P. de Varzim, 15$00; Igreja da Misericórdia — P. de Varzim, 210$30; Maria Engrácia — Lisboa, 20$00; Elvira Ramos — Açores, 22$50; João Ormonde — P. da Vitória, 25$00; Maria Romba — Mertola, 20$00; Francisco Braga — Açôres, 15$00; P.e Manuel de Medeiros — Angra, 20$00; Adelina Faria — Caldas da Raínha, 30$00; Elisa do Resgate — Belas, 15$00; Graciano Palhas — Cortegana, 20$00; P.e Manuel Cêpa — Capareiros, 55$00; Angelina Rosa — Evora, 20$00; Feliciana Caupers — Lisboa, 20$00; Hortense de Barros — Lisboa, 15$00; Maria da Graça — Negrelos, 20$00; Igreja da Vera Cruz — Candal, 30$00; Mário Jordão — América, 23 dolars; Josefina Fernandes — Bragança, 20$00; Maria Silveira — California, 1 dolar; Distrib. em Óbidos, 25$00; Maria Marques — Angola, 17$50; Angelina dos Santos — Sabugo, 15$00; Arminda da Fonseca — Pôrto, 20$00; Francisco Saramago — África, 10 scilings; Esmola de Lisboa, 20$00; Rosa Erdeira — Ovar, 51$30; P.e Braco Michele — Genova, 16$20; Julieta Morais — Pôrto, 15$00; João de Deus — Chaves, 20$00; Maria Eugénia — Estoril, 20$00; Jerónimo de Melo — Moçambique, 15$00; Maria de Samões — P. de Ferreira, 20$00; Henriqueta Adelaide — Tarouca, 20$00; Eulália de Sá — Cortegana, 30$00; Ilda de Sousa—Campolide, 35$00 P.e José de Avila — Açôres, 100$00; P.e José Alberto — Açôres, 30$00; Distrib. em Avanca, 75$00; Filomena Leoni — Belas, 20$00; Amélia Lourenço — Açôres, 15$00; Carmelita Ferreira — Madeira, 15$00; José da Luz — Cadima, 15$00; Distrib. em Vila N.a de Fozcôa, 50$00; P.e Santos Alves — Cortes, 20$00; Tomás Pôrto — América, 60$00; Celestino Leite—C. de Basto, 20$00; Maria Gil—Canelas, 70$00; Maria Medeiros — América, 1 dolar; Agostinho Ribeiro — Guimarães, 20$00; Maria Trigueiros — Fundão, 15$00; Manuel de Nobrega — Madeira, 20$00; Beatriz Silva — Lourdes, 20$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 25$00; Guilherme Porfírio — Açôres, 15$00; Maria Veríssimo — Turcifal, 20$00; Gertrudes Pinto — Estoril, 20$00; Artur Fernandes — L. Marques, 50$00; Maria Bastos — Barcelos; 20$00; Anónimo de Parada — Braga, 15$00; P.e Gerard Marie — França, 20 francos. Anónima 20$00; P.e Artur Gonçalves — 15$00; P.e José Pinto Pimentel—Douro, 20$00; Maria Guilhermina Sampaio 15$00.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS EM FÁTIMA

O «Boletim Português da Sociedade de S. Vicente de Paulo» publicou no seu n.º 288, relativo ao mês de Março p. p., o relatório dos exercícios espirituais em Fátima dados nos três dias da Carnaval aos sócios masculinos das Conferências de S. Vicente de Paulo, e que é do teor seguinte:

— «Como fôra anunciado, realizaram-se em Fátima os exercícios espirituais no Santuário de Nossa Senhora, por ocásião do Carnaval, começando na tarde de 6 de Fevereiro e terminando na madrugada do dia 10.

Neles tomaram parte além de outras pessoas, confrades da Conferência de Nossa Senhora da Encarnação, de Nossa Senhora do Socorro, de S. Domingos, de S. Sebastião da Pedreira e da Obra da visita aos presos da Penitenciária, tôdas da cidade de Lisboa; das Conferências de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria, de Santa Catarina da Serrra e de Cristo Rei, de Ceiça, todas da diocese de Leiria; da Conferência de Nuno Alvares, de Santarém, de Nossa Senhora do Pópulo, das Caldas da Raínha e do Pedrógam (concelho de Torres Novas), tôdas também do Patriarcado; da Conferência de Nuno Alvares de Elvas (arqui-Diocese de Évora) da Conferência de Nossa Senhora da Conceição da Marça (diocese de Portalegre) e da Conferência de São Nicolau da cidade do Porto.

Foi conferente o Rev. P.e Magalhães, S. J. Na primeira conferência na tarde do sábado de 6 de Fevereiro, o piedoso e douto conferente fez salientar o quanto de bem moral se obtem nos retiros, principalmente num retiro fechado. Na meditação e na conferência de cada manhã e de cada tarde dos três dias de Carnaval foram sucessivamente tratados os grandes assuntos dos retiros: as relações do homem para com Deus, seu princípio e seu fim; a enormidade do mal do pecado; a morte; os meios de readquirir a graça, a confissão; a necessidade de orar para se libertar de maus hábitos e adquirir as virtudes, etc.

Os exercitantes ficaram instalados nas dependências do Hospital do Santuário, em cuja capela se realizaram as conferências e tiveram lugar as meditações e onde, de manhã eram recitadas em comum as orações e era celebrado o Santo Sacrifício da Missa; de tarde era feita também uma leitura espiritual por um exercitante e as visitas ao SS. Sacramento, e à noite, o terço glorioso, e Bênção com o SS. Sacramento, antes do exame e oração da noite. O terço gozoso, de manhã, e o terço doloroso, de tarde após o jantar, eram recitados fora do Hospital, na Capelinha das Aparições.

Que saudosas recordações dessa vida em comum dos exercitantes, guardando recolhimento e silêncio mesmo nos momentos de «tempo livre» e no passeio pelo vasto recinto do Santuário, mas vivendo na mais perfeita comunhão de recíproco afecto como se todos fôssem irmãos! Que saudades desses felizes momentos, quando todos juntos, no Alpendre da Capelinha das Aparições se prostravam aos pés de Nossa Senhora, no mesmo local em que ela se dignou aparecer.

No último dia, ao fim da tarde, apareceu no Santuário o Venerando Prelado da diocese, o Ex.mo e Rev.mo Snr. D. José Alves Correia da Silva, o que foi motivo de todos os exercitantes acudirem a saudá-lo. Passado algum tempo realizou-se, como no fim do retiro do ano anterior, uma reünião dos exercitantes presidida por Sua Excelência Reverendíssima. Foram recitadas as orações como se fôsse para o começo de uma sessão vicentina; foi feita também a leitura espiritual que recaiu sôbre uma folha solta mandada imprimir pelo Conselho Superior, como meio de propagação vicentina, e intitulada «História da fundação de uma conferência». A seguir tendo sido concedida a palavra ao presidente do Conselho Superior, êste agradeceu ao Venerando Prelado a subida honra de vir tomar parte no encerramento dos exercícios espirituais e de presidir à sessão; congratulou-se com os demais exercitantes pela graça concedida pela Divina providência de poderem ter feito um retiro; falou sôbre a necessidade de se celebrar no ano próximo, em 1933, o primeiro centenário da fundação da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e anunciou para o próximo mês de Maio uma peregrinação nacional vicentina àquele Santuário, estando já organizada uma comissão em Lisboa para tratar dos trabalhos preparatórios.

Uma das melhores formas de solenisar o centenário da fundação da nossa querida Sociedade, disse o orador, será a de aumentar mais e mais o número das conferências. E por êsse modo corresponderíamos também à intensificação da vida de caridade tão necessária no momento presente, tão instantemente recomendado pelo Santo Padre na sua carta Pontifícia de 2 de Outubro de 1931, «*Nova impendente*».

Depois falaram vários exercitantes, anunciando um confrade de Lisboa que estava em via de formação mais uma conferência naquela cidade, a Conferência de Queluz. Outro exercitante de Mangualde, diocese de Viseu, comunicou à assembleia que se estava também preparando o aparecimento de uma conferência naquela vila de Mangualde.

Por vários exercitantes da diocese de Leiria foi feita a promessa de novas conferências rurais nas freguesias de Amor, Maceira, Pousos, Souto da Carpalhosa. O Presidente do Conselho Superior lembrou ainda que por ocasião da referida peregrinação vicentina a Fátima, em Maio, houvesse também uma reünião dos vicentinos para se tratar da celebração do centenário vicentino, o que mereceu plena aprovação.

Por lembrança do Venerando Prelado procedeu-se a uma colecta entre os assistentes em favor do cofre do Conselho Superior, que produziu 55$75.

A esta reünião seguiu-se a refeição da noite presidida pelo Venerando Prelado e em que tomaram parte os exercitantes. São de tôdas as idades e posições sociais: o velho magistrado aposentado e o estudante de capa e batina; oficiais do exército, advogados, engenheiros, proprietários e negociantes a par dos modestos agricultores e empregados. Durante esta refeição não houve já leitura como nas outras, nem foi já guardado o silêncio, antes houve mais animada conversação entre os convivas. Aqueles que faziam o retiro pela primeira vez revelaram a sua grande satisfação. Os outros principalmente os que haviam vindo ao retiro do ano passado recordavam-o evocando com saudade os nomes dos exercitantes que haviam faltado.

ENSINAI...

O sinal do cristão

O sinal do cristão é a Santa Cruz porque nela morreu Cristo Nosso Senhor.

•

• •

Assim no-lo ensinaram os nossos pais porque lho haviam ensinado a êles; assim ensinamos nós e será ensinado sempre porque é a Igreja que assim ensina, ou o mesmo Jesus por ela pois só Ele é Mestre.

E contudo quanta ignorância sob êste ponto de vista, quanta falta de lógica quanta falta de caracter,

Ah! sim, é bem verdade que a grande crise é a crise de caracter em que hoje se está.

A cruz é o sinal do cristão, o seu distintivo externo, físico, material, pois que o verdadeiro sinal constitutivo da distinção entre o cristão e o gentio tem de estar muito acima dum simples sinal exterior.

E está.

•

• •

Foi o Divino Mestre que um dia pronunciou aquelas benditas e tantas vezes tão esquecidas palavras: Todos hão-de conhecer que sois meus discipulos pelo facto de vos amardes uns aos outros.

É a caridade fraterna e recíproca, a caridade sobrenatural e sem excepções que nos há-de destinguir dos pagãos, que nos há-de tornar conhecidos no meio deste mundo perverso e odiento em que temos de viver.

Sem caridade — o amor do próximo por amor de Deus — é impossivel agradar a Deus.

Sem caridade não ha cristianismo.

Um cristão sem caridade é pelor do que um pagão e gentio; porque êste, se não conhece a Cristo Nosso Senhor, como Lhe há-de seguir a doutrina?

Mas o cristão que, conhecendo-a a não segue, despreza-a.

Amemo-nos pois uns aos outros como manda o Senhor e como se amavam os primeiros cristãos a ponto de os gentios exclamarem admirados:

«Vêde como se amam!»

•

• •

Mas não vos esqueçais nunca de que a cruz é o *sinal do cristão*.

Sinal exterior mas... sinal.

Sinal físico mas... verdadeiro e real.

Distintivo autêntico do cristão, porque foi a cruz o instrumento da nossa Redenção e o Troféu da vitória de Jesus sôbre o demónio êsse sinal pertence-nos como a seus discipulos e coherdeiros do reino dos céus.

A nós — a mais ninguém!

Se não sois cristão porque usais um sinal que vos não pertence?

Se as vossas obras são obras de pagãos porque quereis aparentar do que não sois?

Isso é hipocrisia e falta de caracter.

Ah! E ver agente senhoras despudoradamente decotadas, impudicamente desvestidas a ostentar sôbre as carnes nûas a cruz de Cristo!...

Melhor fôra que trouxessem a imagem de Cristo sem cruz que de cruz e grande Lhe servem elas!

Que escárneo!

Não se recordam ou não sabem que para ser cristão não basta ter recebido o baptismo mas é preciso viver em Cristo, viver em união com Cristo cumprindo a Sua santa Lei?

•

• •

Ao peito das crianças quem não tem visto uma pequenina cruz graciosa e elegante como um pequenino brinquedo?

Mero adorno? Não.

É o resto duma funda tradição que levava santos a gravarem-na a ferro ou a fogo sôbre o próprio peito para assim se consagrarem àquele Deus cuja memória recorda.

Como eu gosto de a ver assim pendente de um fio subtil na airosa formosura, duma tão grande simplicidade!

Mas como me enerva também quando a vejo supersticiosamente misturada com figas e meias luas e cinco saimões numa promiscuidade aviltante!...

Não a uzeis assim nem permitais que assim a uzem os de vossa casa e familia!

•

• •

E nas casas e nas fazendas uzai da mesma simplicidade ilustrada respeitosa.

Não poluais, não mancheis a santidade da cruz de Cristo com a presença de simbolos e de coisas contrárias à fé ou vergonhosamente opostas à razão e à decência.

A cruz é o sinal do cristão!

•

• •

Dantes, pelas nossas aldeias, nos largos, nos caminhos nas bifurcações, nas frentes das casas, a cada passo se via o sinal da nossa Redenção.

Ao encerrarem-se as missões levantava-a o povo fiel como padrão comemorativo dessa chuva de graça.

E como os fiéis respeitavam saüdando com amor essas cruzes benditas.

Pequenito, lembro-me ainda de, cada vez que lhe passava deante, me ir ajoelhar no sóco duma dessas venerandas cruzes levantada a dois passos da minha igreja e ali, com minha avó, rezar pelas almas.

Que de perfumada lembrança se evolam saüdosas dessas pedras negra, sombreada de carvalhos gigantes!

De iguais ou mais interessantes recordações são tesoiro outras cruzes, todas as cruzes dêste nosso querido Portugal.

Cruzes velhas de granito com o seu Senhor enegrecido pelo tempo semeadas pela terra cristã do Minho e das Beiras; cruzes, brancas como noivas, do coração de Portugal a iluminarem de esperança a alma do viandante; cruzes artisticas e garridas dos pelourinhos e catedrais; cruzes singelas de cantaria, cruzes de bronze e de ferro de mármore e de pedra tosca: tôdas foram levantadas pela fé dos nossos maiores e são um sinal de que é cristã esta terra que pisamos.

•

• •

Quantas delas baquearam à mão sacrílega que já Deus a esta hora castigou!

Erga-as de novo a nossa fé.

Fazei ressurgir, com amor, as cruzes de Portugal!

Uma alma pequenina

Obras publicadas sôbre Fátima com a aprovação de S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo de Leiria

Visconde de Montelo

As Grandes Maravilhas de Fátima — 1927.

Fátima o Paraíso na Terra — 1930.

A Pérola de Portugal — 1931.

Ofício Menor e Novena de Nossa Senhora da Fátima — 1930.

Manuel do Peregrino da Fátima — 3.ª edição — 1931.

Doutor Luís Fischer

Fátima a Lourdes Portuguesa (Tradução de 2.ª edição alemã), pelo Rev.do Dr. Sebastião da Costa Brites — 1930.

Nota — Estas obras que se encontram à venda na *Administração da Voz da Fátima* — Leiria e que serão enviadas à cobrança a quem as pedir, são utilíssimas a tôda a gente e indispensáveis a quem quiser conhecer de algum modo os factos da Fátima.

Este número foi visado pela comissão de censura

Liberdade do Domingo

A primeira e mais necessária de tôdas as liberdades populares é a liberdade do Domingo.

Homens há que não compreendem a necessidade que a alma e o corpo teem de descanso. São os que mandam trabalhar e não trabalham, os que em descanso recebem os lucros, os que não ensanguentam as mãos nas oficinas, nas duras asperezas da matéria, os que não curvam, durante seis dias, a fronte molhada em suor, e sôbre um terreno ingrato; compreendem-se as suas objecções contra a lei do repouso, as suas oposições à liberdade do Domingo.

Mas o operário sempre que se vê livre da violência material ou moral, sempre que o deixam entregue a si mesmo, reclama como direito seu e mui sagrado a guarda dêste dia que o torna livre verdadeiramente, esposo e pai, e filho de Deus. É o sentimento da dignidade humana que o requere, é a exigência da família, é a necessidade religiosa das almas, é o grito de tudo o que há de mais nobre e imperioso na nossa natureza.

Arautos da democracia, vós que lisongeais o povo desprezando-o ao mesmo tempo, acreditai que êle tem alma. Sim, a lei do Domingo, tão religiosamente democrática, é hoje por muitos desprezada... e em nome da liberdade!

Voltai um olhar aos países de maior liberdade: todos observam o preceito Dominical. Demos o Domingo ao operário, demo-lo para o seu Deus, sua família e seu repouso.

De interêsse para as que buscam noivo

Havia muita animação numa sala de baile. Via-se retirado a um canto um jovem muito simpático, que parecia estar indiferente a tudo quanto ali se passava.

Uma menina desembaraçada e um pouco atrevida, que mal o conhecia, aproximou-se dele e disse-lhe:

—Então o Senhor não quere dançar?

—O baile não é digno do homem, disse o jovem.

—O senhor vem com chalaças?

—Não; um homem não deve chalacear nem dançar!

—E porquê?

—Porque Jesus Cristo que é o nosso modêlo nunca dançou nem chalaceou.

Esta resposta pôs meio envergonhada a menina, no entanto prosseguiu.

—Se Jesus Cristo é o modêlo dos homens, quem é o das mulheres?

—A Virgem Maria, minha senhora.

Aqui a menina baixou os olhos, agradeceu ao jovem e retirou-se. Desde aquêle dia sempre se mirou no espelho do modêlo das mulheres.

Um ano depois os interlocutores estavam ligados pelos sagrados laços do matrimónio, sendo perfeito modêlo de esposos felizes.

Um exemplo

Nem sempre castiga Deus desde logo as injúrias que lhe são irrogadas: tem a eternidade tôda para isto. Às vezes porém o castigo é imediato, para manifestação do seu poder e para escarmento dos homens.

Há não muito tempo, ocorreu em Castelnuovo, perto de Lodi, na Itália, o seguinte facto, narrado pelo próprio vigário da localidade:

— O sino da igreja anunciava a benção do Santíssimo.

Na venda ao lado, os freguezes interromperam por um momento o seu jogo de cartas. Um deles, rapaz forte, de 28 anos, não gostou disto e começou a blasfemar e, repreendido pelos companheiros, gritou:

«Eu digo o que quero contra o Sacramento, e êle que me mande um cancro à garganta, se é capaz».

A tão horrível blasfêmia, todos sentiram gelar-se-lhes o sangue.

Pouco tempo depois, o pároco é chamado com urgência para sacramentar um doente. E' o blasfemador, a quem um cancro fulminante fecha e roe a garganta e lhe faz correr um sangue escuro da boca e dos ouvidos. Êle vê e reconhece o castigo de Deus, e recebe os últimos Sacramentos com viva fé e arrependimento profundo. Munido pelos confortos da Religião, pede ainda ao pároco para dizer no seu enterro algumas palavras, publicar os sentimentos com que morreu e desfazer assim o escândalo que dera.

Ano X — Leiria, 13 de Maio de 1932 — N.º 116.

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 18-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA, estância bemdita de mistérios, de graças e de prodígios

«Em Fátima, terra de maravilhas e de bênçãos, Maria Santíssima atrai as multidões a seu Filho adorável, a Jesus presente na Hóstia Eucarística».

Rev.do P.e Richard, redactor da revista *Le Sentier*, de Paris

Um novo Tabor e um pequeno jubileu

Fátima! Três lustros... quinze anos — tantos quantos os mistérios e as dezenas do Saltério de Maria, o Santíssimo Rosário — correram já na roda do tempo, desde que a Raínha do Céu se dignou pousar os seus pés virginais sôbre a copa da azinheira sagrada, na scena encantadora e inolvidável da primeira aparição.

O relâmpago precursor dessa aparição —raio fulgurante e esplendoroso do Sol Divino — que inundou de caudais de luz celestial o vasto recinto da Cova da Iria, havia de projectar, a breve trecho, um clarão intenso sôbre Portugal e o mundo inteiro para iluminar as almas e aquecer os corações, atraindo-os até junto do trono da Virgem, Mãe de misericórdia e Medianeira de tôdas as graças, e aos pés de Jesus, Rei de Amor, presente na Hóstia puríssima e imaculada do Sacrifício Eucarístico.

Alí, naquele formoso cantinho do Céu, outrora desconhecido, sem movimento e sem vida, e hoje célebre entre os mais célebres da terra, as previsões humanas falharam, a ironia e a mentira, a blasfêmia e a impiedade foram desarmadas, o impossível tornou-se realidade e as profecias de três crianças, rudes e ignorantes, cumpriram-se.

Seis aparições da Virgem do Rosário, constatadas em virtude dum rigoroso processo canónico, fenómenos maravilhosos presenciados por dezenas de milhar de pessoas, um sem número de prodígios verificados e reconhecidos pela sciência como humanamente inexplicáveis, águas salutares abundantíssimas, admiráveis e suntuosos monumentos que povoam o local das aparições, uma esplêndida Basílica que se está elevando impulsionada pela fé e grandeza de alma dum ilustre Prelado e pela generosidade dum povo crente e devoto da Virgem como nenhum outro, uma multidão incalculável de peregrinos que se sucedem sem interrupção, transpõem longas distâncias e chegam à Cova da Iria: tais são as primeiras páginas dos anais de Fátima, tais são as suas legítimas e incontestáveis glórias.

Fátima é, na realidade, um novo e perene Tabor, onde as almas crentes e piedosas se comprazem em estar: *bonum est nos hic esse*. Alí também se vê o invisível, alí também se respira o sobrenatural, alí também Deus se revela, quer pelo poder da sua graça, operando autênticas ressurreições morais, quer pela fôrça do seu braço onipotente, realizando curas assombrosas de corpos triturados pela doença, de míseros e confrangedores farrapos humanos.

Fátima, terra mil vezes bemdita, que só fala de Deus e da sua glória, de Jesus e do seu amor, de Maria e da sua bondade e misericórdia! Quantos tesouros nela se encontram, quantos benefícios ela nos depara!

É a cidade dos desejos e é a cidade das saudades. Quem lá entra uma vez, exulta de alegria, quem de lá sai, chora e suspira e só anseia por lá voltar.

Nossa Senhora de Fátima! Neste dia de triunfo e de glória, em que, faz quinze anos, vós, sob a invocação de Raínha do Santíssimo Rosário, vos dignastes aparecer pela primeira vez no planalto sagrado da Serra de Aire, como penhor seguro de novas graças e de novas bênçãos, — neste dia, em que as multidões vindas de todos os pontos de Portugal, terra de Santa Maria, vão depôr a vossas pés o tributo da sua fé, do seu amor e das suas esperanças, estendei as mãos generosas sôbre esta grei que vos é tão cara e derramai com profusão sôbre as ovelhas e sôbre os pastores as riquezas espirituais dos tesouros inexauríveis do Céu!

Ó augusta Raínha de Portugal, piedosíssima Senhora de Fátima, perdão para as ingratidões da Pátria! Justiça, glória, independência, liberdade para a Santa Igreja e para o seu augusto Chefe, o grande Papa Pio XI, felizmente reinante!

Luz, coragem, fé ardente, esperança, concórdia, amor para todos os católicos portugueses, de sorte que, abrigados sob o vosso manto maternal, êles tenham sempre como divisa, nas pugnas incruentas mas acérrimas e dolorosas da vida um só coração é uma só alma: *Cor unum et anima una!*

Nossa Senhora de Fátima, Senhora do Rosário, Senhora das Dores, Senhora do Carmo,—rogai, rogai por nós, pobres pecadores, agora e na hora da nossa morte...

O Embaixador do Papa em Fátima

Hoje, treze de Maio, décimo quinto aniversário da primeira aparição, Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Beda Cardinale, Núncio Apostólico de Sua Santidade o Papa Pio XI junto do Govêrno português, a convite do venerando Prelado de Leiria, digna-se assistir aos actos oficiais da grande peregrinação nacional comemorativa dessa data gloriosa.

Fátima, a Lourdes portuguesa, honra-se e ufana-se sobremaneira de possuir neste dia jubiloso dentro dos muros do augusto santuário da Virgem Aparecida a figura gentil e distinta do nobre Antístite e ilustre diplomata.

Monsenhor Beda Cardinale, passando hoje, uma e muitas vezes, através das multidões reunidas na Cova da Iria, que lhe prestarão as suas mais respeitosas homenagens como a embaixador do Vigário de Cristo na terra, tornará mais íntimos e mais afectuosos os doces laços de amor filial que desde o início da nossa nacionalidade prendem os corações dos portugueses ao coração do Papa.

Alí, naquele lugar de maravilha, em que a Pátria ajoelha e reza aos pés de Maria, num êxtase perene de Fé, confiança e amor, o Príncipe da Igreja põe-se em tacto directo e íntimo com a alma popular, crente, piedosa e amiga do Pontífice, e, vendo a alegria e o entusiasmo despertados em todos os peregrinos pela presença da sua augusta Pessoa, irá dizer depois ao Papa e ao mundo que Portugal continua a ser a nação fidelíssima e que sôbre a terra não há povo algum que tenha mais amor ao Papa e seja mais dócil aos seus ensinamentos e aos seus preceitos do que o nobre, leal e heroico povo português.

E, ao partir dos páramos misteriosos de Fátima, ao apartar-se, por ventura para sempre, do bemdito local das aparições, com as lágrimas a embaciar-lhe os olhos e o espinho agri-doce da saüdade a pungir-lhe o coração, preso, eternamente preso, do encanto supremo das scenas inolvidáveis de que foi testemunha, o ilustre Prelado ouvirá ainda ecoar aos seus ouvidos a voz sincera e sentida de milhares de peitos lusitanos bradando, como uma promessa, como uma reparação e como um protesto:

Viva o Papa-Rei!

Viva o Núncio de Sua Santidade!

Aos peregrinos da Fátima

Aos peregrinos da Fátima concedemos no dia 13 de maio dispensa da abstinência dentro da Diocese de Leiria.

Leiria, 1 de maio de 1932.

† JOSÉ, *Bispo de Leiria*

Imagem de N. Senhora de Fátima

Foi benzida no dia 8 de Maio por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa e encontra-se à veneração dos fiéis na capela do Albergue a bela imagem de Nossa Senhora de Fátima, do insigne escultor Snr. Teixeira Lopes.

Missa nova na Cova da Iria

No dia 2 de Abril, dia da festa da Anunciação de Nossa Senhora transferida do dia 25 de Março, por ser a sexta-feira Santa, cantou a sua primeira missa, no santuário de Fátima, o novo presbítero Augusto de Sousa, aluno do quarto ano do curso teológico do Seminário Episcopal de Leiria.

O celebrante foi acolitado pelos seus dois irmãos sacerdotes, os rev.dos Manuel de Sousa, reitor do Santuário de Fátima, e José de Sousa, professor no Seminário, sendo presbítero assistente o rev.do Agostinho Marques Ferreira, pároco da freguesia.

Ao evangelho o rev.do Joaquim Lourenço, pároco da Mendiga, fez um sermão àcêrca da solenidade que se estava realizando.

Antes da missa, a Imagem da Virgem foi levada processionalmente aos ombros de quatro sacerdotes, da capela das aparições para a igreja da Penitenciaria de Nossa Senhora do Carmo.

Na procissão incorporaram-se, além do celebrante e de todos os outros sacerdotes presentes, muitos seminaristas, zeladores e zeladoras do Apostolado da Oração, catequistas, crianças da Cruzada Eucarística e muitas outras pessoas.

Depois de ter comungado por suas próprias mãos, pela primeira vez, o rev.do Augusto de Sousa deu a Sagrada Comunhão a seus irmãos e outros membros da sua família.

No fim da missa foi exposto o Santíssimo Sacramento, cantou-se o *Te-Deum* em acção de graças e deu-se a bênção eucarística.

Seguiu-se a tocante cerimónia do beija-mão que correu com muita ordem e encheu de lágrimas os olhos de grande número de pessoas presentes.

Após o beija-mão, a imagem da Virgem foi conduzida novamente para a capela das aparições. Alí orou-se por diversas intenções, leu-se um acto de consagração a Nossa Senhora e cantaram-se vários cânticos.

Tôdas as cerimónias foram dirigidas pelo rev.do dr. Marques dos Santos, vice-reitor e professor de Teologia do Seminário diocesano.

Tocou o órgão o rev.do Manuel de Oliveira, pároco de Albergaria dos Doze, tendo sido a parte coral desempenhada por um grupo de sacerdotes e seminaristas sob a regência do rev.do dr. Venâncio, prefeito e professor no referido Seminário.

A grande peregrinação vicentina

Nos dias seis e sete do corrente mês realizou-se, como estava anunciado, a grande peregrinação nacional das conferências de S. Vicente de Paulo.

Como os leitores sabem, estas simpáticas e beneméritas instituições, devidas à iniciativa duma grande alma do século passado, Frederico Ozanam, professor na Universidade de Paris, teem por fim a santificação individual dos seus membros pela prática da caridade espiritual e material para com a pobreza envergonhada.

O conselho superior das conferências de Portugal, que tem a sua séde no Pôrto, resolveu, de acôrdo com o conselho central de Lisboa e com os diversos conselhos particulares disseminados pelo país, organizar êste ano uma numerosa peregrinação em que tomassem parte representantes de tôdas as conferências a-fim-de fortalecerem a sua fé, afervorarem a sua devoção e intensificarem a sua caridade para a maior eficiência e expansão do espírito de S. Vicente de Paulo.

Ao grupo de vicentinos do sul dignou-se presidir Sua Eminência o Senhor D. Manuel II, Cardial Patriarca de Lisboa, e ao do norte Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. António, Bispo do Pôrto.

A peregrinação nacional vicentina distinguiu-se pela ordem, pontualidade e fervor, com que executou todos os números do seu programa, constituindo uma esplêndida e edificante manifestação de fé e piedade, que de-certo produzirá abundantes frutos de bênção.

As comemorações religiosas do dia 13 de Abril

Na véspera à tarde tinha chegado a Fátima um numeroso grupo de romeiros de Lisboa. Era a peregrinação da freguesia do Socôrro que há três anos sucessivos se realiza no mês de Abril e precisamente nos dias 12 e 13. Organizada e dirigida pelo rev.do João Filipe dos Reis, activo e zeloso pároco daquela freguesia, distinguiu-se pela ordem e regularidade dos seus actos colectivos e pela piedade edificante dos seus membros. Transportados em *camionettes* e automóveis, desde a capital, ao contrário dos anos anteriores, em que fizeram a maior parte do percurso em combóio especial, os peregrinos, logo que chegaram à Cova da Iria, apearam-se, iniciando, pouco depois, a procissão das velas. Incorporaram-se nela algumas centenas de fiéis que se encontravam já no local das aparições entregues aos exercícios religiosos inspirados pela sua devoção.

Aquelas horas mortas da noite, no planalto árido e deserto da serra, sob um céu estrelado e sem nuvens, imersa numa atmosfera impregnada de fé viva e de piedade ardente, a linda e encantadora procissão desenrolou-se majestosamente ao som mavioso do canto do *Avé* de Fátima, no meio duma comoção e dum entusiasmo indescritíveis.

No dia 13 a multidão dos peregrinos aumentou consideràvelmente logo às primeiras horas da manhã.

Entre outras peregrinações, que então chegaram, merece especial referência a de Cem Soldos (Tomar), presidida pelo pároco, rev.do Manuel Caetano, antigo capelão militar e herói da Grande Guerra.

Durante muitas horas seguidas, os sacerdotes disponíveis ouviram de confissão homens e rapazes, que se aproximavam do tribunal da Penitência, a-fim-de se prepararem, purificando as suas almas, com o arrependimento dos pecados e o perdão dado em nome de Deus pelo seu ministro, para a recepção do Pão dos Anjos. Entretanto nos diversos altares da Igreja de Nossa Senhora do Carmo celebravam-se missas, distribuindo-se a Sagrada Comunhão no altar-mor daquela igreja e no altar principal da capela do pavilhão dos doentes.

Ao meio dia solar, a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima é conduzida processionalmente da capela das aparições para o Pavilhão. Seguiu-se a missa oficial, fazendo ao Evangelho a costumada homilia o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos.

Depois da missa o celebrante deu a bênção aos doentes inscritos que ocupavam a maior parte dos bancos alinhados na vasta área daquele recinto de dor, comovente exposição de tôda a sorte de misérias físicas que afligem a pobre humanidade.

A procissão do «adeus» pôs um remate condigno aos actos religiosos dêste dia de bênçãos, que foi, inegàvelmente, um prelúdio dos dias maravilhosos e incomparáveis do Verão, — época das grandes peregrinações nacionais e das mais imponentes manifestações de fé e piedade de que é teatro o maior dos santuários portugueses.

O monumento ao Sagrado Coração de Jesus

Precisamente no meio do vasto anfiteatro da Cova da Iria e em frente da capela das aparições, cortando em dois troços iguais a avenida que conduz do pórtico até ao limiar da suntuosa Basílica em construção, ergue-se, sôbre uma coluna de mármore branco da serra, cujo pedestal assenta no depósito superior da fonte miraculosa, uma grande e bela estátua do Sagrado Coração de Jesus que, de braços estendidos, parece repetir as dulcíssimas palavras que saíram dos seus lábios divinos durante os dias da sua vida mortal: «Vinde a mim todos os que sofreis e estais oprimidos e eu vos darei consolação e confôrto».

Ali, naquele recinto maravilhoso como não há outro em terras de Portugal, seis vezes consagrado pela presença da Rainha dos Anjos, Jesus estabelece e firma o seu domínio nas almas, empolgando-as com a fôrça misteriosa da sua graça e com os encantos suavíssimos e irresistíveis do seu amor.

No centro geográfico do nosso país, no local abençoado, que Maria Santíssima, lação e confôrto».
Mãe de Deus, converteu num polo magnético dos corações e escolheu para trono de glória de seu Filho e para teatro das suas misericórdias, Jesus vence, Jesus reina, Jesus impera.

Do santuário formosíssimo de Fátima, onde pairam eflúvios misteriosos do Alto, onde se respira uma atmosfera saturada de sobrenatural, onde as almas se caldeiam no cadinho da fé, da contrição e do amor de Deus, partem para tôda a parte, até aos limites da Pátria, até aos confins do mundo, torrentes invisíveis de graças e bênçãos, que purificam e transfiguram, que elevam e consolam.

Ó terra incomparável de Fátima, preciosíssimo escrínio de mistérios, de graças e de milagres, que a augusta Padroeira de Portugal sagrou para altos e inefáveis destinos, bemdita sejas tu que és, no deserto do mundo, um verdadeiro oasis espiritual, para onde convergem em multidão sem conto, almas inocentes, consciências arrependidas, corações aflitos, corpos macerados pela dor, existências sedentas de ventura, de paz, de bondade, de vida, amor e luz! Ó Fátima, bemdita sejas, mil vezes bemdita!

Fátima em França

O rev.do P. Richard, antigo peregrino de Fátima, continua, a fazer, com inteligência e com zêlo, a propaganda da Lourdes portuguesa em terras de França.

No número da revista *Le Sentier*, de Paris, correspondente ao mês de Fevereiro último, publica um novo e interessante artigo, em que remonta às origens da povoação que tem o nome de Fátima e fala da *lenda dourada* que se prende com aquele nome.

O mesmo número insere uma carta de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, em que o venerando Prelado felicita o rev.do Richard pelos seus magníficos artigos sôbre Fátima, «recordação escrita da sua bela peregrinação ao Santuário das maravilhas da Santíssima Virgem», e pede à Rainha dos Anjos que se digne alcançar do Coração de Jesus tôda a sorte de graças para êle e para os seus queridos leitores de «Le Sentier».

O distinto escritor, nas breves linhas de que faz preceder a carta de ilustre Antístite, exprime o seu profundo reconhecimento pela prova de benevolência paternal, concedida pelo grande Bispo de Fátima, considerando-a como um precioso incentivo para a tarefa que uma revista de Nossa Senhora deve realisar: «fazer conhecer e propagar o culto de Maria que conduz os seus filhos da terra ao seu Filho do Céu eucarístico».

Fátima na China

Do número de Março do boletim da diocese de Macau, «Religião e Pátria», transcreve-se a seguinte interessante notícia relativa a uma festa realizada na Missão de Nossa Senhora da Fátima:

Escola de Nossa Senhora de Fátima

No bairro «Tamagnini Barbosa», junto à Ilha Verde, no último domingo, 21 do corrente, foi inaugurada, na Missão de Nossa Senhora de Fátima, a escola aí recentemente construída. Às 8,30, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo, celebrou o santo Sacrifício da Missa na Capela da Missão. A comunhão aproximaram-se da sagrada mesa cêrca de cincoenta pessoas, notando-se entre elas um bom número de bemfeitores e bemfeitoras da Missão. No fim da missa, o Senhor Bispo agradeceu aos cooperadores e cooperadoras presentes desta obra de evangelização, nascida nêste bairro povoado de gentios, como por milagre de N. Senhora de Fátima, o valioso auxílio que lhe estão prestando. «O Senhor Bispo de Leiria, acrescentou Sua Ex.cia Rev.ma, conserva com grande carinho e estima a fotografia desta capelinha, o primeira Santuário erguido em tôda a China e consagrado a Nossa Senhora de Fátima». A seguir dirigiu-se o Senhor D. José à nova escola que êle próprio benzeu. Um mimoso *Copo de água* foi oferecido e servido ao numeroso grupo de alunos da nova escola (cêrca de cento e vinte) pelas activas e zelosas cooperadoras desta Missão. Dignaram-se também assistir a esta festa missionária o Senhor Vigário geral da diocese, Manuel Patrício Mendes e os rev.dos Jaime Garcia Goulart, secretário particular de Sua Ex.cia Rèv.ma, e António Ngan e Grogan e o respectivo Missionário que sumamente penhorado agradece o bom êxito da inauguração a tôdas as pessoas amigas e bemfeitoras desta missão de Nossa Senhora de Fátima.

A grande peregrinação do Brasil

Os jornais de larga circulação de Portugal e do Brasil já há meses que anunciam a vinda duma grande peregrinação da nação nossa irmã de Além-Atlântico ao Santuário máximo da nossa Pátria, à gloriosa e bemdita terra de Fátima.

Essa luzida e numerosa embaixada deve trazer ao nosso país alguns milhares de brasileiros e de portugueses emigrados em terras de Santa Cruz.

Devida à iniciativa dum dos mais importantes jornais da grande Rèpública da América do Sul, que já contractou alguns transatlânticos para êsse fim e que não se tem poupado a esforços para que essa romagem religiosa e patriótica seja coroada do mais brilhante êxito, será presidida por um dos mais ilustres e eloquentes membros do Episcopado brasileiro.

Há a fundada esperança de que o maior orador sagrado do Brasil, o rev.do dr. Luís Gonzaga Cabral, tome parte nessa peregrinação, o que lhe permitirá ser, com o seu verbo fluente e inflamado, o intérprete da alma do Brasil e da alma de Portugal, duas nações irmãs, perante o trono augusto da branca e bela Raínha de Fátima.

Bem hajam os nossos presados irmãos de Além-mar que, em formosa romagem de fé e piedade, estreitando ainda mais os vínculos que ligam os dois povos, veem depôr aos pés de Maria, a doce e querida Mãi do Céu, o preito da sua vassalágem, o tributo das suas súplicas e dos seus agradecimentos e as homenagens do seu acendrado amor filial!

Visconde de Montelo

AVISOS

I

A assinatura da «Voz da Fátima» custa por ano, no continente e ilhas 10$00 e no estranjeiro 15$00. Agradece-se qualquer donativo que possa ser enviado a esta administração, pois que a «Voz da Fátima» já tem um *deficit* de algumas centenas de escudos.

II

Quem desejar água da Fátima ou qualquer objecto religioso que se refira ao Santuário deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima — Vila Nova de Ourém.

III

Na Cova da Iria só queremos dar um jornal para cada casa, por isso aqueles que para a mesma casa levarem mais dum jornal roubam assim as esmolas de Nossa Senhora.

Obras publicadas sôbre Fátima com a aprovação de S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo de Leiria

Visconde de Montelo

As Grandes Maravilhas de Fátima — 1927.

Fátima o Paraíso na Terra — 1930.

A Pérola de Portugal — 1931.

Ofício Menor e Novena de Nossa Senhora da Fátima — 1930.

Manual do Peregrino da Fátima — 3.ª edição — 1931.

Doutor Luis Fischer

Fátima a Lourdes Portuguesa (Tradução de 2.ª edição alemã), pelo Rev.do Dr. Sebastião da Costa Brites — 1930.

Nota — Estas obras que se encontram à venda da *Administração da Voz da Fátima* — Leiria e que serão enviadas à cobrança a quem as pedir, são utilíssimas a tôda a gente e indispensáveis a quem quiser conhecer de algum modo os factos da Fátima.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Bacilose pulmonar

No dia 23 de Junho de 1930 dei entrada no Hospital de Santo António dos Capuchos para ser operada de uma apendicite já muito adiantada. A operação foi feita pelo Ex.mo Sr. Dr. Balbino Rêgo.

Graças a Deus, correu muito bem, e saí no dia 14 de Julho apenas um pouco fraca por ter perdido muito sangue. Passados 15 dias fui para a Covilhã, minha terra natal. Passei uns dias muito bem, mas depois comecei a sentir-me um pouco mal: muita tosse e alguma febre. Fui peorando até que foi necessário chamar um médico e então já estava bastante mal. Constatou o Médico que eu tinha uma pneumonia. Julgaram-me perdida irremediàvelmente. Chamaram meu marido a tôda a pressa a ver se ainda me encontrava com vida, e no dia seguinte lá estava êle junto de mim a ver quando o deixaria ficar viúvo. Deus não permitiu que eu morresse ainda e comecei melhorando até que ao fim de duas semanas estava convalescente. Meu marido já me não deixou ficar, e vim com êle para Lisboa. Passados mais alguns dias, voltei novamente a sentir-me mal com fortes dôres no peito e costas do lado direito, aumentando a tosse bem como a febre; fui novamente consultar o Ex.mo Médico que me tinha operado. Aconselhou meu marido a que me mandasse tirar uma radiografia. Assim se fêz. Após a radiografia tirada, meu marido levou-a ao Ex.mo Sr. Dr. Balbino Rêgo, que ao ler o relatório e ver a chapa disse a meu marido: não lhe mostre esta carta; e nunca a contrarie em nada; pode ser que ainda se ache boa, porque é nova... e meu marido muito aflito, leu o relatório da chapa que é do teor seguinte: «Exame Radiológico do torax feito em inspiração e com incidência postero-anterior.

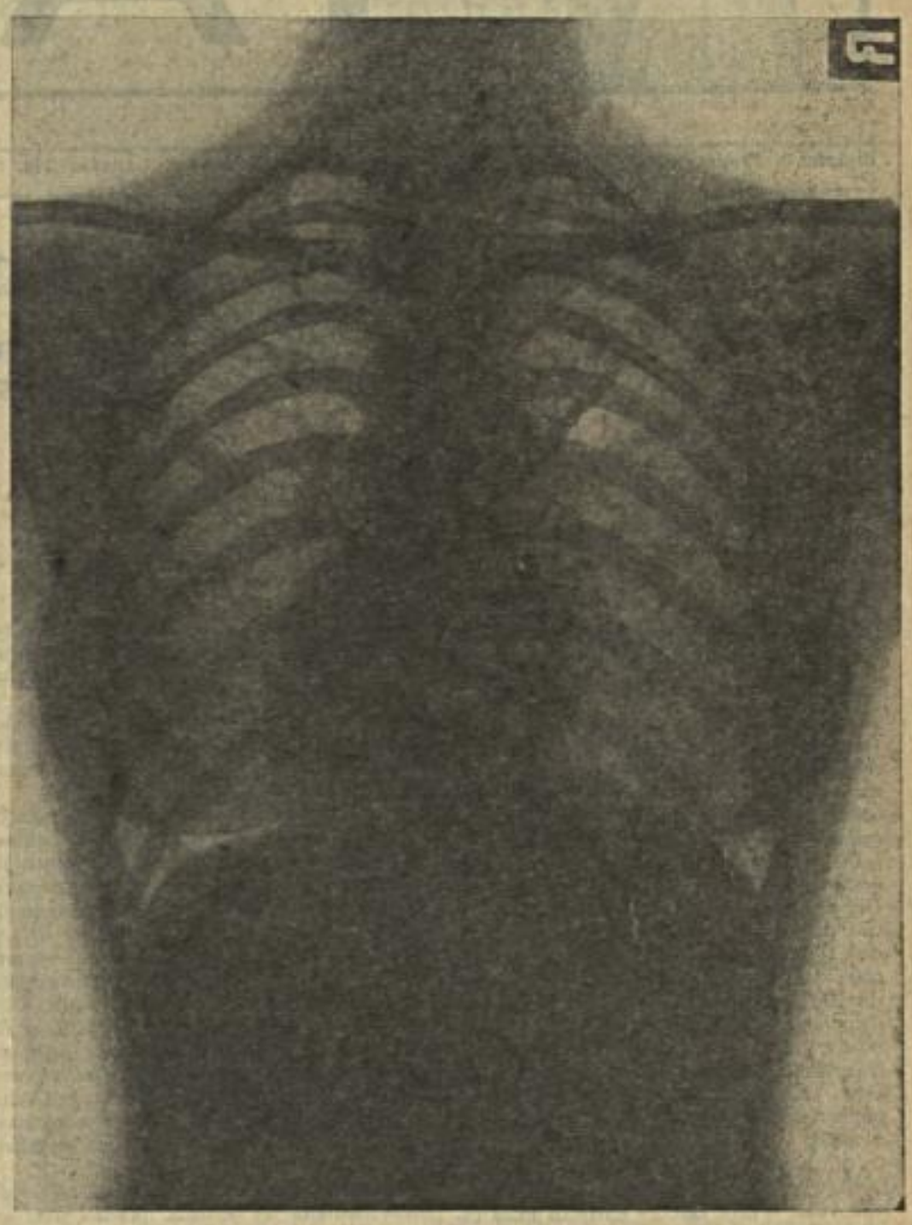
Torax ligeiramente assimetrico por escoliose esquerda com predominência dos diametros longitudinais, do tipo lonjilenio. Na região infraclavicular direita, vemos uma imagem cavitaria de grandes dimenções, de contornos muito bem marcados por um anel de tecido fibroso. Sôbre o vertice dêste mesmo campo pulmonar e em volta da imagem cavitaria já descrita, notamos a existência de sombras opacas bem limitadas do tipo fibrôso. O limite inferior da alteração do parenquima pulmonar é marcado pela scisma superior, que se encontra esclerosado.

No campo pulmonar esquerdo não notamos a existência de sinais radiológicos que possam corresponder a lesões da pleura ou do parenquima.

Conclusão: — Imagem cavitaria à direita com sinais de lesões do tipo produtivo em todo o lobulo superior e concomitante scisurite. Meu marido nunca me disse o resultado da radiografia.

Entretanto caí de cama com uma pneumonia, que não chegou a desenvolver-se muito, por ter sido logo atalhada pelo meu médico assistente sr. Dr. Raúl de Oliveira Feijão, que não mais se abandonou; Ele sabia já o meu estado, pela radiografia, e fêz tudo quanto poude para me pôr bôa.

Meu marido vendo-me já muito desanimada disse: não te aflijas, acima da sciência dos homens, está a misericórdia de Deus; se ele o quizer pode dar-te a saúde e eu como sou um servita de nossa Senhora de Fátima, vou pedir-lhe em paga dos serviços que lhe tenho feito, a tua cura, e ela ha de ouvir-me.



Radiografia de Aurora Cardona Sêna

Fomos a Fátima na peregrinação do dia 13 de Abril de 1931. Chegados a Fátima, passei muito mal. Estive essa noute até às 2 horas no pavilhão adorando o SS. Sacramento. Depois recolhi ao Hospital por estar muito frio, mas a tosse não me deixava. No dia 13 apresentei-me ao médico do Hospital sr. Dr. Pereira Gens, e meu marido apresentou-lhe o relatório da radiografia para assim ele me admitir no pavilhão dos doentes e ao acabar de o lêr, disse-me: mal empregada, ainda com um pulmão tão bom!

Chegou o momento da missa dos doentes. Meu marido nesse momento não se separou de mim: que lágrimas tão cheias de súplicas eu e meu marido não chorámas em frente do Rei de amôr que nos estava a abençoar!...

Acompanhei Nossa Senhora na procissão para a sua capelinha, e pouco depois regressámos à estação de Torres Novas.

Na estação enquanto esperavamos o comboio os meus companheiros de viagem preguntaram-me onde ficara a minha tosse pois já não tossia. Cheguei muito bem disposta a minha casa, comecei a sentir-me mais alegre, e a tosse e a febre tinham desaparecido quási por completo; ao fim de 8 dias meu marido arranjou para que eu fosse novamente radiografada para ver se assim teria melhoras. Veio a radiografia e fui então ao meu médico assistente Ex.mo Snr. Dr. Raul de Oliveira Feijão. Auscultou-me como sempre, e ficou admirado em encontrar melhoras tão sensíveis. Foi então que lhe mostrei a radiografia últimamente tirada, e viu pelo seu relatório que as melhoras eram de facto grandes dizendo-me: dou-lhe os meus parabens, encontro-a completamente curada; agora não arranje outra porque desta está livre. Graças a Deus e à Virgem Santíssima desde que regressei de Fátima não mais me doeu o peito, não tive mais pon-

tadas nem mais qualquer outro incómodo: cada vez me sinto melhor; tôda a impressão que sentia no peito desapareceu; de mês para mês aumento de pêso, emfim, sinto-me completamente bem.

Aurora Cardona Sêna—R. Josefa d'Óbidos, 27, 2.º, D.—*Lisboa.*

ATESTADO

Raúl d'Oliveira Feijão, Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina de Lisboa. Atesto que a Ex.ma Snr.ª D. Aurora Cardona Séna, moradora na R. Josefa d'Obidos 27-2.º — D.to, foi por mim observada em outubro de 1930, constatando a presença de sinaes clinicos de bacilose pulmonar. Esta doente esteve em observação e tratamento permanente sob o meu contrôle clinico tendo sido últimamente por mim observada e constatando que se encontra presentemente curada clinicamente, como de resto se observa numa radiografia mandada fazer.

Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assino e juro nos termos da lei.

Raúl d'Oliveira Feijão

(Segue o reconhecimento).

Úlcera no estômago

O Snr. P.e António Luís da Cunha Coutinho, pároco da frèguesia de Formariz do concelho de Paredes de Coura, Minho, sofrendo há cêrca de 25 anos de uma dispepsia ácida, padecia dores horríveis, vomitava a cada instante, já não conservava alimento algum, nem sequer as pequenas quantidades de leite que os médicos lhe aconselhavam misturado com alcalinos, e arrastava uma vida cheia de me-

P.e António Luís da Cunha Coutinho

lancolias e tristezas porque já julgava impotentes os recursos da medicina para debelar o seu mal. Em julho de 1930 por conselho médico, procurou no uso das águas minerais do Pêso de Melgaço, o alívio do seu enorme sofrimento. Em 19 do mesmo mês foi de repente acometido de uma dôr tão violenta, seguida de hemorragias, que julgou chegada a hora suprema da sua vida. Socorrido imediatamente com grande dedicação pelo director clínico das Águas, o Ex.mo Snr. Dr. Gomes da Costa, juntamente com mais dois médicos dos mais distintos do país, um de Lisboa e outro de Évora, que faziam a sua cura de Águas na mesma estância, foi reconhecida a gravidade do mal, e, diagnosticando uma úlcera perfurante, julgaram ser urgente uma intervenção cirúrgica imediata, para o que, movidos de muita caridade, removeram o doente para o hospital de Monsão. Enquanto Suas Ex.cias se preparavam para lhe fazer a operação, estando o doente já deitado sôbre a mesa das operações, eu e mais algumas pessoas piedosas oravamos junto dum altar consagrado à SS. Virgem: elas pedindo o bom êxito da operação e eu pedindo que a operação se não fizesse porque o debelitamento do doente era tal que julgava impossível sobreviver-lhe... Não sei que dificuldade surgiu no momento Ex.mos clínicos desistiram do seu bom intento e a operação não se fêz!! Era a Providência Divina que velava! Pedimos, então, a todas as pessoas nossas amigas que orassem com fervor. Fizeram-se novenas, comunhões, celebraram-se muitas missas e fizeram-se imenso votos. E tôdas as vezes que passava em frente da igreja matriz da vila de Monsão, entrava e orava diante da imagem da S.S. Virgem com todo o fervor de que era capaz. De dia para dia o doente ia melhorando e dando novas esperanças de salvação de sua vida.

Foi numa destas visitas à S.S. Virgem que eu prometi uma peregrinação, a pé, ao local das aparições na Cova da Iria, se Ela se dignasse interceder perante Seu Divino Filho pela vida de meu irmão. Fomos atendidos! Tendo percorrido a pé os *360 quilómetros* que neste dia me separaram do meu lar, aonde deixei a mulher e os filhos, eis-me na Cova da Iria aos pés da Nossa Mãe do Céu a pagar a minha dívida porque meu irmão está salvo e no pleno exercício do seu munus paroquial. Bendita Ela seja.

Na Cova da Iria aos 13 de Abril de 1932.

Manuel Narciso da Cunha Coutinho, de Paredes do Coura.

Tumôr

Tenho uma nora que pouco antes de ser mãe, foi acometida por um tumor de muito mau carácter.

O médico dizia ser um caso perigoso visto o estado em que a doente se encontrava. Eu, muito aflita, pedi a Nossa Senhora em nome dos Mártires do México, e prometi se o tumor rebentasse e não fôsse preciso ser lancetado, de mandar publicar esta graça; e naquela madrugada o tumor rebentou e purgou muito. Agradeço também outra graça que Nossa Senhora alcançou a uma filha minha que há muito sofria duma infecção no peito.

Moncorvo.

Maria das Dores

Úlcera no estômago

Peço a fineza de publicar no jornal «Voz da Fátima» a seguinte graça: Minha filha, Maria da Conceição, casada, do Vale do Porto, freguesia de Ourém, havia mais de dois anos que se achava muito doente. Foi consultar diversos médicos que lhe declararam ter uma ulcera no estomago e que tinha de ser operada. Quando eu tal coisa soube, e vendo a grande falta que ela fazia a seu marido e 4 filhos pequeninos, pedi-lhe que rezassem todos os dias o terço a Nossa Senhora. Eu fiz também uma novena a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe as melhoras para minha filha. Graças a Deus e à Virgem S.S., a doente melhorou sem ser operada.

Para cumprimento da minha promessa peço a finesa de publicar esta graça e ainda outra particular que já há tempo recebi de Nossa Senhora.

Fátima,

Anastácio Ferreira da Moita

Eczêma

António Matias da Costa, de Vale de Matouco (S. Martinho da Cortiça) tendo um eczema num ortelho, durante muitos anos, não houve medicamentos de que não fizesse uso, mas sem resultado. Mais tarde, lavou-o com água da Fátima e implorando a protecção da Virgem, achou-se completamente curado. Dá por isso muitas graças a Maria Santíssima.

António Matias da Costa.

Quisto

Tendo minha filha mais velha um quisto, consultou diversos médicos: Todos diziam que tinha de ser operada. Estava já marcado o dia da operação e como o médico mandasse dizer que só podia fazê-la daí a um mês, invoquei confiadamente a protecção de Nossa Senhora para que ela ma curasse sem ser preciso ser operada.

Aplicou-se a água de Nossa Senhora da Fátima e resámos todos o terço durante mais de um mês.

Graças à Virgem Santíssima está completamente curada.

António Matias da Costa

Cura duma chaga

É com o maior reconhecimento para com Nossa Senhora da Fátima, que venho contar-lhe uma valiosa graça — ia a dizer milagre — que a Mãe do Céu se dignou conceder a uma pessoa de minha família: Há cêrca de 20 anos que o meu irmão mais velho, António Xavier Madruga, ausente em California, se viu quási impossibilitado de trabalhar e ganhar o pão para a sua numerosa família, por causa duma funda e purulenta chaga numa perna. A medicina americana, a quem repetidas vezes recorreu, torturado, foi sempre impotente para o livrar dos seus males.

Alguém da minha família lembrou-se de lhe enviar desta ilha para a California uma gotas de água da Fátima. Em poucos dias, o meu feliz irmão se encontrou curado e apto para, de novo, prover ao sustento de sua família. Êle e nós todos, reconhecidíssimos à nossa Divina Mãi, desejamos ver publicado êste favor celeste no Mensageiro das glórias da Virgem, que é a «Voz da Fátima» que aqui é muito apreciada.

Candelaria — Pico — Açores

P.e Xavier Madruga

Flegmão na mão direita

Isaura Pinto, de 20 anos de idade, natural de Felgueiras, presentemente internada no Colégio de Regeneração, em Braga, devido a uma infecção na palma da mão direita, que, de repente, se transformou numa *flegmão* a ponto de lhe infecionar todo o braço, por ordem do Ex.mo Snr. Dr. Leitão, distinto médico do Colégio, teve de recolher-se no Hospital de S. Marcos. Como o caso urgia, imediatamente foi radiografada, resolvendo-se proceder à amputação do braço direito, *único* meio para lhe poupar a vida!

Foi nesta dolorosa conjuntura, a mais grave da sua vida, que, debulhada em lágrimas e cheia de muita confiança recorreu a Nossa Senhora da Fátima, para que lhe valêsse, curando-a miraculosamente, pois, tam nova como era, ficaria inutilisada para tôda a sua vida trabalhar, como desejava, no meio das suas companheiras do Colégio! A sua prece chegou ao trôno da Virgem, que, como Mãi e Refúgio dos pecadores, ouve sempre os que n'Ela confiam! No dia seguinte, examinada a ferida da mão e o braço pelos médicos operadores, reconheceram êstes não haver já necessidade de intervenção cirurgica, e, desde então até hoje, sente-se, graças à Santíssima Virgem da Fátima, completamente curada. Fiel à solene promessa de tornar publica esta graça no jornal a «Voz da Fátima» assim o faz, proclamando, bem alto, aos crentes e descrentes em religião — Bemdita seja Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Isaura Pinto

Graças diversas

Albino Ribeiro de Deus, de S. Pedro, Brasil, quando transportava sôbre si um grande pêso, caiu, ficando durante três dias com dores horríveis e sem poder mover-se.

Quási desanimado recorreu a Nossa Senhora da Fátima e hoje atribue a Ela a cura que obteve, pois encontra-se, diz, perfeitamente bem.

Rosa Martins Moreira, de Fanzeres, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado o seu marido duma forte cólica no figado que há muito a martirisava.

Laurinda Carvalho, dos Carvalhos, diz o seguinte: tendo Nosso Senhora da Fátima ouvido a minha súplica para a cura duma doença que muito fazia sofrer minha filha, venho agora mostrar a Nossa Senhora todo o meu reconhecimento pelo grande favor que nos alcançou.

Rita de Oliveira da Graça, de Ovar, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças, uma temporal concedida a si mesma, e outra espiritual concedida a uma sua irmã.

Maria Angelina do Couto Garcia, de Guimarães, diz: «humildemente agradeço à minha boa Mãi do Céu, Nossa Senhora da Fátima, a cura duma doença que tive em janeiro de 1929. Fiz a promessa de publicar a cura, o que hoje venho cumprir.

Maria Isabel Covas Lima, de Beja, agradece a Nossa Senhora uma graça particular de grande utilidade para si.

Jerónima Zulmira Marques Madeira, do Seminário dos Meninos desamparados — Pôrto, agradece a Nossa Senhora a grande graça que lhe alcançou curando seu filho Fernando Manuel duma bronco-pneumonia.

Estava desenganado pelos médicos e quando parecia estar já no extortôr da agonia sua mãi, cheia de dôr lembrou-se de lhe dar a beber umas gotas de água da Fátima rezando ao mesmo tempo com algumas pessoas amigas. A criança começa a descançar, a reanimar-se e passados alguns dias, estava salva. Hoje está completamente cheia de saúde.

Alice Ubaldo dos Reis Duarte, de Porches, agradece a Nossa Senhora o ter curado sua mãi que por graves complicações se encontrava prestes a exalar o último suspiro.

Maria P. Freire de S. Paio, agradece a Nossa Senhora da Fátima, diversas graças concedidas a si própria e a pessoas da sua família. Uma foi concedida a uma criancinha de 2 anos que com um obceso no peito estava para ser operada. Um dia antes do dia marcado para a operação imploram o auxílio de Nossa Senhora e ela alcança a saúde para aquela criancinha inocente.

Graças de N.ª Senhora da Fátima no Brasil

(Continuação)

6) Um outro jovem académico de medicina em princípios de Dezembro próximo passado, sentindo uma indisposição gastrica, por conselho de pessoa que se supunha entendida, tomou um laxativo de que lhe resultou nada menos que um envenenamento geral. Chamou-se o médico que pôs em campo tôda a sua solicitude sem que o doente desse sinal de melhoras. Residia êle no pavimento inferior de um prédio em cujo 1.º andar morava outra família com quem estava nas melhores relações. Desta uma moça com quem se habituara a tratar como se fôra sua irmã, aproveitando-se desta sempre respeitosa intimidade, sugeriu-lhe o recurso a Nossa Senhora da Fátima que tantos milagres vinha fazendo, e que se êle quizesse lhe arranjaria um frasco de água milagrosa da mesma Senhora, a qual, se êle achasse bem, lhe poderia ser trazida por um Padre muito influído na propaganda da devoção à dita Senhora. Sob religião era êle infelizmente o que são tantos outros da sua idade e no seu meio. Concordou por isso fàcilmente na 1.ª e 2.ª parte da proposta, rejeitando porém a 3.ª Alguma coisa sempre era, e assim a moça sem demora cumpre a sua promessa, vindo ao Colégio buscar o frasquinho. De volta, junto ao leito do doente, pregunta-lhe se quer que ela ali junto dele rese as orações da novena de Nossa Senhora para depois tomar a água. A tudo anuíu, contentando-se porém com ouvir resar. Pouco a pouco a mesma necessidade foi nele aumentando o interêsse de ganhar a benevolência de Nossa Senhora, e não foi preciso muito para que já também por si mesmo se associasse às orações. A noite após o 1.º dia que assim passou, foi para o doente, e por causo dêle para a família, extraordinàriamente agitada. Ao amanhecer, porém, manda que todos os da família se retirem para a sós com a moça de que acima falámos lhe comunicar uma visão que de noite tivera, em que N.ª S.ª da Fátima já o ia levando para o céu dos meninos, mas depois resolveu novamente deixá-lo, com a promessa porém de que às 10 h. do dia ficaria de todo bom. Nisto a confidente lhe pregunta se nesse caso êle não teria gôsto em que o Padre de que antes lhe falara viesse assistir à sua cura. Obtendo resposta afirmativa, corre logo ao Colégio a prevenir-me de tudo, a ver se a minha ida lhe poderia fazer algum bem. Eram cêrca de 9 h. Com a devida autorização dispus as coisas para ir quanto antes, chegando junto do doente aí pelas 9½. Ver-me e mandar saír a todos para ficar só comigo foi uma e a mesma coisa. Começa por me contar a mesma visão já acima referida, sugerindo-lhe eu sem mais demora a ideia de se preparar para melhor merecer tão grande favor. Compreendendo a que eu me queria referir, retorquiu: «ah! sim, já prometi que apenas ficar bom irei logo com tôda a família confessar-me e comungar na Capela do Colégio em acção de graças a Nossa Senhora da Fátima». Isso está muito bem, replico eu, mas uma coisa não tira a outra; esta agora é para como que forçar a Nossa Senhora a cumprir a palavra, pois já suponho que... Compreendendo o alcance da minha reticência, «sim, acrescenta, é o meio...» Agora porém que estamos fóra dêsse meio, continuei, é sumamente oportuno aproveitar o ensejo, e eu mesmo o irei ajudando. Está de acôrdo? «Pois não, Reverendo..., e sem mais demora entramos no assunto. Fez a sua confissão com as melhores disposições, e o acto de Contrição, que supunha êle não sabia, disse-o sósinho sem lhe faltar uma palavra. Preguntando-lhe eu ao terminar se era contente de que lhe fôsse logo buscar a Nosso Senhor, e sendo afirmativa a sua resposta, fui sem mais demora, de modo que poucos minutos passavam das 10 quando estava de volta e antes das 10¼ estava êle inteiramente confortado com os Santos Sacramentos, realizando-se assim quanto à alma o que êle esperava para o corpo. Na tarde do dia seguinte começou a perder o acôrdo e veio a falecer durante a noite após uma agonia muito suave durante a qual sentia prazer em abraçar e beijar, como repetidas vezes fêz, um quadro de Nossa Senhora da Fátima que tinha junto do seu leito, e bem se pode esperar dêste cunjunto de circunstâncias que então se realizasse a 1.ª parte da sua suposta visão.

* * *

—7) Um empregado do Banco Italiano ao voltar um dia do Banco, após ligeiro descanço foi tomar banho. Quando porém dentro da banheira, sentiu uma aflição e princípios de vomito saguineo. Saíu como pôde o mais ligeiro possivel, mas apenas conseguiu alcançar um sofá que ali junto estava onde já eram golfadas sôbre golfadas, perdendo assim enorme quantidade de sangue, o que o levou a enfraquecer tanto que chegaram a dá-lo pôr perdido. Uma Senhora, sua parenta, muito piedosa e devota de Nossa Senhora da Fátima de quem possuía uma pequenina estátua, informada do sucedido, corre junto dêle com a referida estátua a ver se por meio dela conseguia salvar o querido enfermo. Tinha êle pouco antes tido uma crise mais violenta em que chegaram a dá-lo por morto, comunicando para fóra a notícia pelo telefóne, chegando até a comparecer parentes e amigos já de luto e outros a mandar corôas mortuárias.

Com a entrada porém de Nossa Senhora tudo mudou. No meia da aflição em que estavam, com fé viva a invocam em favor do doente. Ei-lo pouco a pouco reanimando-se, volta inteiramente a si e aceita de muito boa vontade que lhe chamem um Sacerdote amigo da família, o qual após a confissão feita com excelentes disposições lhe administra também o Viático que o doente recebe com sensivel piedade. Pareceu depois disso melhorar bastante, chegando a inspirar confiança de o salvar, porém a influência de Nossa Senhora consistiu em lhe assegurar o principal, que foi a salvação da alma, como piamente, dadas as circunstâncias, se pode crêr.

* * *

—8) Digno também de mensão é o caso que me foi narrado por uma Senhora que havia pouco perdera seu noivo, mas em circunstância tais que, longe de considerar isso como uma desdita, o tinha na conta de uma ventura. Estava êle já bem doente, quando ela o levou a recorrer a Nossa Senhora da Fátima, conselho que êle aceitou até com entusiasmo. Sumamente resignado, vendo que o mal ia seguindo seu curso, aceitou de muito boa vontade os Sacramentos que recebe com nada vulgar piedade, e no decurso da doença, longe de esmorecer na confiança em Nossa Senhora, creou-lhe antes uma tal devoção que, quando já lhe ia faltando o acordo, e, aproximando-se dêle a noiva, lhe dizia com carinho: «olha que é tua noiva quem aqui está» êle indicando com a mão a imagem de Nossa Senhora da Fátima, dizia com sentida ternura: «esta é que é agora a minha noiva, é ela quem me vai fazer feliz!...» e dizendo isto abraçava carinhosamente a dita imagem, acrescentando freqüentes vezes com os olhos fitos nela como em ar de visão: «oh! beleza!... maior formosura eu nunca vi!!...»

E assim entre os mais ternos colóquios com Nossa Senhora, com os olhos nela e um meigo sorriso nos lábios, entregou por mãos de Maria sua bela alma a Deus.

(continúa)

Colégio António Vieira — Baía.

P.e João de Miranda

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte...	326.498$49
papel, comp. e imp. do n.º 115 (60.000 ex.)	3.711$60
franquias, embalagens, transportes, etc....	1.028$15
Total	331.238$24

Donativos desde 15$00

Igreja da Anunciada — Paio Pires, 45$00; Confraria de Nossa Senhora do Carmo — Braga, 100$00; António Lourenço —Certã, 30$00; Maria Alodia—Armamar, 20$00; M. Carneiro—Armamar, 20$00; José da Graça — Estremôz, 20$00; Guilhermina Rebolo — Estremôz, 20$00; Manuel Bezerra — California, 56$80; Clotilde do Bercelo — Açores, 160$00; Cândida Mota — Tramagal, 20$00; Maria Carlota — Casais dos Penedos, 20$00; doentes do Sanatório R. Semide — Pôrto, 40$00; Esmola do Brasil, 50$00; Maria Alice — asilo de Santa Isabel — Faro, 65$00; Margarida Vieira — Matozinhos, 50$00; Francisco da Silva — Coruche, 20$00; Albertina Morel — Lisboa, 20$00; C.º M. Fernandes Nogueira — Coimbra, 60$00; M.ª Almeida — Brasil — 20$00; Maria Pereira — Lisboa, 50$00; Brazilina Junqueiro — Brasil, 15$00; Henriqueta Tadeu — Almeida, 20$00; Ilda Rodrigues — Lisboa, 50$00; Leonilla Rangel — Brasil, 15$00; André Marção — Alentejo, 20$00; Freguesia do Beato — Lisboa, 95$00; Maria do Carmo Pires — Pôrto, 15$00; António de Castro — Pôrto, 20$00; Cristina Gomes — Gaia, 20$00; Maria Mercês Gonçalves — Açores, 127$50; M.ª Aguiar Leal — Alvorninha, 20$00; Maria Vasconcelos e Sá — Abrunhosa Velha, 25$00; Maria Simas — Açores, 20$00; José Dutra — Açores, 20$00; Amélia Dias — Pôrto, 30$00; Joaquim Forte — Açores, 30$00; Maria Paiva — França, 20$00; P.e Joaquim Maria Falcão — Seminário Gavião, 30$00; Distribuição em Seixo de Côa — Guarda, 65$00; Joaquim Negrão — Lourenço Marques, 15$00; Convento do Bom Sucesso — Belém — Lisboa, 50$00; P.e José Augusto da Costa — Alvorninha, 20$00; José Bastos — Lisboa, 20$00; Maria Tinoco — Oliveira do Hospital, 20$00; Ana da Conceição — Torres Vedras, 15$00; Joaquina da Silva Gameiro — Brasil, 15$00; Esmola de Lisboa, 25$00; Casa de saúde S. João de Deus — Barcelos, 30$00; Distribuição em Barreiro, 50$00; Virgilio Ferreira — Lisboa (n.) 70$00; esmola de Paredes de Coura — 147$20; Constantina Carvalho — Lisboa, 20$00; Marquês de Rio Maior — Lisboa, 100$00; Hotel de Nossa Senhora da Fátima, 100$00; Maria Clementina Leal Vila Nova de Ourém, 15$00; P.e António Carreira Bonifácio — Louriçal, 30$00; uma paroquiana do Socôrro, 50$00; Maria Isabel Russo — Alentejo, 25$00; P.e Horácio Fernandes — Coimbrão, 20$00; Ermelinda Leão — Paços de Ferreira, 45$00; Maria Luísa Coelho — Cete, 15$00; Assinaturas do Brasil, 256$00 Deolinda de Almeida, 15$00; Cecília Morais—Moncôrco, 15$00; António Tavares—Figueira da Foz, 25$00; Maria Martins da Silva — Pôrto, 30$00; António Simões — Brasil, 30$00; Director da C. de S. — Telhal, 30$00; Maria Carvalho, Telhal, 20$00; José Mendes — Telhal, 20$00; Clotilde Sá — Telhal, 15$00; P.e António S. Miguel — Pudentes, 112$50; Ana Luna — Tendais, 20$00; João Coelho Reis — Lisboa, 50$00; Emília Queirós — Faro, 30$00; Alfredo Barreiro — Lisboa, 20$00; Carlos Garcia — Congo Belga, 100 francos; Igreja de S. Tiágo de Cezimbra, 90$00.

A perseguição à Fátima

«As aparições da Fátima não faltou tou também o argumento das perseguições que são um sinal das obras de Deus».

(Pastoral «A Divina Providência» pág. 11)

A evolução fatal

Diante dos fenómenos, que se iam realizando na Cova da Iria, todos ficavam maravilhados e de tal maneira tomados de espanto, que, nem entre os católicos nem entre os jacobinos, se tomava uma atitude definida.

Quando muito, podemos dizer que, no primeiro momento, o católico e o jacobino duvidam igualmente embora por motivos diversos: êste por má vontade, aquele por prudência.

Depois, o católico estuda e observa para ver, o jacobino admite e aceita tudo, na expectativa de escândalo grosso, que lhe vá servir para mais uma exploraçãosinha contra a Religião Católica.

Finalmente, diante da evidência dos factos, o católico curva-se humilde e agradecido, emquanto o jacobino se enraivece.

A fúria cega-o. É o diabo a trabalhar. Jornais, revistas, panfletos, comícios, violências, despotismos, ataques criminosos, calúnias e sacrilégios eis o vasto arsenal das suas armas que iremos passar em revista.

A batalha começa. Uma perseguição em forma, decretada nas lojas maçónicas e levada a efeito, ponto por ponto.

Era forçoso abafar êsse movimento da Fátima que, por três criancitas, bem poderia vir a ser para o colosso do livre-pensamento e do indiferentismo a pedra bendita e fatal.

Meios?...

— Todos servem.

O Plano

Dentre todos, o plano de mais fácil realização era levar as crianças a desdizerem-se e desmentirem-se e assim cobrir tudo de suprêmo ridículo.

Crianças rudes, incultas e analfabetas, simples como a vida da serra, tímidas como as ovelhitas que pastoreavam, quem não via o sucesso da semelhante tentativa?...

Depois... sendo feito tudo de chofre... pela autoridade... longe da família e de todos os conhecidos... muito melhor ainda.

Far-se-iam promessas, depois ameaças... e a tão desejada confissão de impostura havia de ser feita pela certa!...

Se bem o pensaram melhor o fizeram.

O Protagonista

O administrador de quem se vai falar era ao tempo o Snr. Artur de Oliveira Santos um rapaz relativamente novo, já casado e com filhos.

Vivia duma pequena oficina de funileiro e latoeiro em Vila Nova de Ourém.

Naturalmente vivo e hábil inclinado à acção e ambicioso, embora com um fundo naturalmente recto, cêdo foi desencaminhado, pondo-se de alma e coração ao serviço da Maçonaria que em Vila Nova de Ourém tinha um triângulo.

As poucas ideias adaptou-as à nova orientação.

Os filhos só foram baptizados sem êle saber e, no registo civil punha-lhes nomes que bem mostravam os seus amores.

Atrevido e seguro da protecção do alto, fêz, durante alguns anos, um sem número de tropelias, mandando prender párocos, um dos quais esteve incomunicável durante oito dias, proïbindo o exercício do culto público e externo, o toque dos sinos, as funções religiosas depois do sol posto etc.

Donde lhe vinha tal ousadia? Era o dono do concelho.

Dominava então na política o partido democrático que sempre se distinguiu pelos seus furores anticlericais.

Nas suas fileiras militava êle e com tal ardor que de facto se tornou o chefe do partido, no Concelho.

De frente encontra apenas duas fôrças: uma aparente, em decomposição, a dos que ainda quebravam armas pelo antigo regimen, sob a bandeira do partido monárquico; a outra, cheia de coesão e dedicações do clero e fiéis — o grupo católico que pugnava pelas doutrinas do Centro, à ordem dos Senhores Bispos.

Da sua acção, influência e propaganda a sede do concelho sofreu um grande abalo.

A vida religiosa diminuíu.

Muita gente deixou de praticar.

Mêdo? Ameaças? Falta de convicções? Respeitos humanos? Talvez um pouco de tudo.

Nas freguesias rurais, porém, da luta veiu a união e da perseguição o amor.

A vida religiosa intensificou-se e o povo, já muito cristão, uniu-se mais, cerrando fileiras em volta dos seus pastores, — sacerdotes zelosos, trabalhadores e amigos do seu povo que os estimava profundamente.

Os acontecimentos da Fátima foram na história da vida dêsse homem apenas um episódio da luta travada pela Maçonaria contra a Igreja em Portugal e em que êste personagem representou de títere ou roberto manobrado pelas lojas.

Primeiras tentativas

É a própria Lúcia que conta no interrogatório oficial feito no Pôrto a 8 de Julho de 1921, páginas 3 ao fundo.

Antes do dia 13 de Agosto, eu e meus primos fomos chamados à administração; o meu tio não levou lá os filhos, mas eu fui com meu pai. O Senhor Administrador interrogou-me, quis insistentemente que eu lhe revelasse o segrêdo da Senhora, o que eu não fiz; depois de escrever, mandou-me embora.

O rapto dos videntes

Chegou o dia 13 de Agosto.

A multidão composto de devotos, de curiosos e descrentes vinha aumentando de mês para mês. Nêsse dia estavam na Cova da Iria umas cinco a seis mil pessoas anciosas pela vinda das criancitas afim de examinarem o que se ia passar.

Mas Deus escreve direito por linhas tortas, diz o ditado.

Na verdade o que devia reverter em desprestígio dos factos e desautorização das pessoas foi antes a mais perfeita demonstração do carácter dos pequenitos e do desinteresse do pároco e das famílias dos videntes.

O que se passou?

Muito antes da hora de partirem para a Cova da Iria o Administrador do Concelho vem a casa dos videntes a quem interroga longamente.

Em seguida fá-los vir ao presbitério sob o pretexto de ali colher novas informações.

Mas demos a palavra a Lúcia:

No dia treze, iamos para o sitio da carrasqueira, quando nos disseram que primeiro tinhamos de ir a casa do senhor Prior. Lá fomos subindo para a varanda da casa. Depois de estarmos algum tempo à espera, apareceu o senhor Administrador que nos mandou entrar para um carro, dizendo que assim iamos mais depressa para a Cova da Iria.

Meu pai disse que nós iamos a pé, mas o Senhor Administrador teimou que era melhor irmos no carro, porque iamos livres do povo. Então por ordem do meu pai, subi para o carro com os meus primos.

O carro deu uma volta e seguiu na direcção de Vila Nova de Ourém. «Não é para êste lado» disse eu, mas o Senhor Administrador respondeu que iamos a Ourém a casa do Senhor Prior e que ainda viriamos a tempo, porque vinhamos de automóvel.

O pároco que, com alguns parentes das crianças e amigos, presenceára o facto da varanda da residência paroquial fica estupefacto.

Não sabia que dizer e conhecendo a má vontade de muita gente contra êle pelo facto de **nunca** aparecer na Cova da Iria estava muito preocupado.

O povo revoltou-se realmente contra êle tomando-o por conivente e esteve a ponto de o agredir.

A Impressão geral

A notícia do rapto correu veloz levada à Cova da Iria por um biciclista.

Ao ter conhecimento do facto o povo ficou irritadíssimo.

Muita gente chorava de pena e de indignação.

A mãi da Lúcia chegara, havia pouco, da Fátima à Cova da Iria e estava convencida de que o Snr. Administrador lhes não faria mal.

— *A minha Lúcia fica lá*, respondia ela a alguém, *para irem a preguntas à Fátima e êle disse que depois as trazia cá.*

Apesar de Mãi, a notícia da prisão não a transtorna.

Conserva a tranqüilidade.

Reinava nela a serenidade de uma alma pofundamente cristã. Bem sabia que Deus vela continuamente pelos seus.

Só assim se explicam os seus sentimentos de então.

Quando lhe disseram que a filha fôra presa respondeu: *Se foi por Deus, Deus os guardará! Se mentiu é bem feito para não ser mentirosa.*

Admirável confiança na Providência fortíssimo amor da verdade e da luz, que a essa mulher forte lhe faz recalcar, no fundo da alma, os mais fortes e mais legítimos sobressaltos de um coração de mãi!

A atitude dos videntes

Chegados a Vila Nova de Ourém o Administrador levou as crianças à Administração do Concelho.

Queria êle a tôda a fôrça descobrir a interferência e manejos secretos dos padres e jesuítas.

Usou os clássicos meios de que sempre se teem servido todos os perseguidores.

Alguns choram com mêdo mas nem assim conseguiu o seu intento: não cairam na mais pequena contradição.

A narrativa de Lúcia, a mais velha dos videntes, é simples e colorida ao mesmo tempo.

Entendemos que é melhor reproduzir as suas próprias palavras na íntegra.

«Quando chegámos a Ourém fecharam-nos num quarto e disseram que não sairiamos dali enquanto não declarássemos o segrêdo; depois levaram-nos para a Administração, onde fomos de novo interrogados, oferecendo-nos peças de ouro para revelarmos o segrêdo. Voltámos para casa do Senhor Administrador, onde tinhamos ficado na noite anterior, e de tarde fomos outra vez interrogados sôbre o segrêdo.

Levaram-nos à cadeia e ameaçaram-nos de lá ficar, se não disséssemos. Tornamos para a Administração e, como não dissessemos o segrêdo, prometeram que nos iam fritar em azeite.

O senhor Administrador mandou-nos retirar e disse a um homem que aprontasse uma caldeira com azeite quente. Chamou depois a Jacinta dizendo que era a primeira a ser queimada. Ela foi prontamente sem se despedir. Interrogaram-na e meteram-na num quarto. Chamaram a seguir o Francisco; disseram-lhe que a Jacinta já estava queimada e que êle teria a mesma sorte se não declarasse o segrêdo. Interrogaram-no e mandaram-no para o mesmo quarto. Foi depois a minha vez; disseram que os meus primos já estavam queimados e que eu teria a mesma sorte se não dissesse o segrêdo. Embora pensasse que era certo, não tive mêdo. Mandaram-me para o pé dos meus primos e um homem disse que não tardava a sermos queimados todos três.

Levaram-nos para casa do Administrador, e lá ficámos aquela noite no mesmo quarto.

No dia seguinte foi quási a mesma coisa: interrogatórios de manhã e de tarde, com muitas promessas e ameaças. No dia dezasseis, fomos outra vez à Administração pelas dez horas, mas nada conseguiram de nós, como das outras vezes. Então o senhor Administrador mandou-nos subir para um carro, e deixou-nos em casa do Senhor Prior, na varanda».

É posível que nem tudo tenha sido dito e feito pelo Snr. Administrador mas é absolutamente certo que as ameaças de que falamos lhe foram feitas ou directamente por êle ou por alguém da Administração do Concelho.

A negação gratuíta da parte dos interessados não tem fôrça alguma.

Não devo omitir um particular interessante.

É que, durante o tempo que estiveram em sua casa, a esposa do Administrador despensou aos pequenos os maiores carinhos.

* *

Aí fica a reevocação simples, despretenciosa e até talvez deselegante mas verdadeira duma das mais comovedoras páginas da história da Fátima. Encerrá-la-emos publicando na íntegra a carta em que Rev. Prior P.e Manuel Marques Ferreira se desculpa e defende da acusação de cumplicidade no rapto das crianças.

É um decumento notável pelo nervosismo que o domina.

Veio publicado no «Ouriense», n.º 104 4.ª página 3.ª coluna, «Mensageiro», e «A Ordem», **de Lisboa.**

Ex.mo Snr. Redactor

Venho rogar a subida honra de publicar em logar comum do Ouriense o seguinte:—Aos crentes e não crentes.

Com tôdo a repulsão do coração de padre católico, venho tornar patente e asseverar perante todos os que tiveram conhecimento ou o possam vir a ter do boato tanto mais infamante e repelente quanto mais perigoso para a minha existência e dignidade paroquial de que fui cumplice no brusco arrebatamento das crianciñas, que dizem ver Nossa Senhora nesta freguesia, à autoridade de seus pais e à satisfação que desejavam as 5 a 6000 pessoas (segundo os cálculos) que, muitas à distância de tantas léguas e com enormes sacrifícios, vieram para as ver, falar e ouvir falar — digo — venho repetir tão injusta como insidiosa calúnia bradando ao mundo inteiro que não tomei parte por mínima que fôsse, quer directa quer indirectamente no odioso e sacrilego acto.

O Administrador não confiou o segrêdo de suas intenções.

E só foi Providencial—que foi—a autoridade levar furtivamente e sem ocasião de resistência as criancinhas, não foi menos Providencial a acalmação dos ânimos excitados pelo diabólico boato—aliás teria esta freguesia hoje a lamentar a morte de seu pároco como cumplice.

Mas desta vez ainda a cilada do demónio não logrou ferir de morte devido certamente à Virgem Mãe.

A autoridade depois do longo interrogatório das criancinhas em suas casas, as fez conduzir a título de informações para minha casa; diz, para elas lhe descobrirem um segrêdo que ainda lhe não haviam revelado—donde em tempo que julgou oportuno as mandou subir para o carro e, dizendo aos pais e circunstantes que as levava ao local das Aparições, parte à desfilada para Vila Nova de Ourem.

Escolheu a minha casa com que fins?

Para se furtar às vias que seu acto iria provocar?

Para que o povo se amotinasse, como amotinou contra mim como cumplice?

Para... outro fim?

Não sei. — Mas só o que sei, é, que declino tôda a responsabilidade que cabe a tal modo de proceder, e, que Deus pode sempre velar pelos seus.

As obras de Deus ninguém pode pôr entraves.

Não foram necessárias, dizem milhares de testemunhas, as crianças para a Rainha dos Anjos revelar o seu poder, vão elas mesmo, atestar os factos extraordinários e os fenomenos de que deram fé e que mais arreigaram sua crença.

Agora não são as 3 crianças de 9 a 11 anos, são os milhares de pessoas de tôdas as idades, classes e condições, vindas dos diferentes pontos do país.

Se a minha ausência como pároco no local se faz sentir aos crentes, não menos se faria sentir a minha presença aos descrentes, em desprimor da verdade dos factos.

A Virgem Mãe não precisa da presença do pároco para mostrar a sua bondade, e é necessário que os inimigos da religião não possam deslustrar o brilho de Sua Benevolência atribuindo a crença dos povos à presença ou conselho do pároco porque a fé é um dom de Deus e não dos padres:—eis o verdadeiro motivo da minha ausência e aparente indiferença em tão sublime e maravilhoso assunto:—eis porquê não tenho dado meu claro parecer às mil interrogações e cartas que se me têm dirigido.

O inimigo não dorme. Ruge como o Leão.

Não foram os Apóstolos os primeiros a anunciar a Ressurreição do Filho da Virgem.

Abstenho-me de fazer a narração dos fenómenos dados no local das Aparições porque esta já vai longa, de que peço desculpa, e, porque certamente a esta hora já a imprensa se deve ter feito eco disso.

Creia-me muito agradecido.

De V. Ex.ª

M.to At.º V.or e Ob.º

P.e Manuel Marques Ferreira

P. S. — Chegou no dia 15, a autoridade com as crianças a minha casa onde se ajuntaram os pais das mesmas e muitas outras pessoas perante as quais pretendeu com tôdas as amabilidades explicar o seu modo de proceder».

No próximo número descreveremos o célebre *«comício da Fátima»*

Um Observador

Missões de N. Senhora da Fátima

Em carta de 22 de Fevereiro último, dizia o Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Macau ao Ex.mo e Rev.mo Prelado de Leiria, o seguinte:

«Recebi ontem a presada carta de V. Ex.cia Rev.ma e juntamente os 82$00 para a escola chinesa anexa à capela de N. Senhora da Fátima, Junto da Ilha Verde.

Precisamente ontem fui àquela incipiente missão celebrar missa e, terminada esta, benzi e inaugurei a referida escola. Por ocasião destas cerimónias tive ocasião de me referir às Maravilhas da Fátima e à minha peregrinação em Outubro à Cova da Iria. Estou trabalhando no desenvolvimento da Missão de Nossa Senhora da Fátima, tendo esperanças de em breve inaugurar outra escola e um asilo para inválidos, que serão entregues às religiosas Canossianas».

Da Missão Católica, da Ganda, foi-nos enviada a 13 de Fevereiro último, a carta seguinte que transcrevemos por se referir aos leitores da Voz da Fátima.

«A Ex.ma Redacção da «Voz da Fátima».

Êsse jornal tão lindo e consolador referiu-se já várias vezes a esta missão de Nossa Senhora da Fátima da Ganda (Angola). — Muito gratos ficamos aos caros bemfeitores que, no seu amor às missões e à Nossa boa Mãi, nos mandaram um harmonium, e contribuíram assim muito para o culto da Raínha da Fátima nestas terras longínquas de Portugal ultramarino. É um modo de Apostolado.

O outro modo, basilar, é o ensino do catecismo, fazendo conhecer a Boa Nova a êstes pobres filhos pretos do sertão. Espalhamos nêste intuito as nossas escolas de catequese por tôda a parte, às vezes a 100 km. e mais de distância da sede da missão. Catequistas indígenas ensinam a Doutrina cristã, voluntàriamente, por amor de Deus e do próximo, contando só com a recompensa dos Apóstolos no outro mundo. São actualmente, depois de 4 anos e meio de existência desta missão, 98 os centros de catequese. — O missionário, encarregado destas escolas, vai visitando-os, animando catequistas e alunos, administrando os Sacramentos, lutando também o melhor que pode, contra as trevas do paganismo e os erros do protestantismo. — Em muitas missões nossas os missionários já recorrem, e com ótimo resultado, a um meio moderno de Apostolado do ensino, (muito importante para os nossos primitivos que teem sempre olhos, mas nem sempre ouvidos): *o cinema*. Trata-se de um pequeno aparelho da casa da «Bonne Presse» em Paris (Representante em Portugal: 20, Rua dos Carmelitas, Lisboa). Com uma despesa mínima em proporção com o bem obtido mostram aos pretinhos da mais recuada aldeia: a Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Santa Teresinha, de S. Tarcisio, etc. — Também nesta missão, tão nova ainda mas tão cheia de esperanças (caso conseguirmos «tomar» a terra antes dos Protestantes) precisariamos bastante dêste meio moderno de Apostolado. Confiamos à Nossa boa Mãi, Nossa Senhora da Fátima, êste nosso desejo, que, estamos certos, inspirará almas generosas que nos ajudem a fazer conhecer e amar ao Seu Divino Filho e a Ela.

Antes de terminar queria aproveitar a ocasião para pedir, por intermédio da «Voz da Fátima» a cada peregrino do dia 13 de Maio de 1932: uma «Ave Maria» por esta missão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, da Ganda.

Depois de escritas estas linhas vem-nos um registo com Impressos da Casa Nuno Álvares, do Pôrto, e com a carta seguinte:

«Pera — Algarve — Portugal — 13-I-32.

Ex.mo e Rev.mo P.e

Sentindo no coração o vosso apêlo, remeto, por êste correio, 195 Novenas da Nossa Mãi da Fátima para serem distribuídas pelos seus muito queridos pretinhos, e nossos irmãos em Jesus Cristo, pedindo a Nossa Senhora da Fátima, que me conceda a graça de sempre a poder louvar com verdadeira fé.

De V. Rev.cia sua humilde serva

Uma assinante da «Voz da Fátima».

A. do C. R.»

Em nome dos nossos pretinhos agradeço comovido; vou distribuir estas lindíssimas Novenas por todas as nossas escolas afim que todos — cristãos e catecúmenos — façam uma novena de preparação a cada dia 13 do mês, e peçam muitas graças e bênçãos para a cara bemfeitora.

P.e José Britenstein C. S. S. P.

Retiro espiritual aos Médicos no Santuário de Fátima, de 19 a 23 de Março de 1932

Sôbre a direcção do Rev.mo Sr. P.e Mariano Pinho, sábio director de «O Mensageiro de Maria» houve três dias de exercícios espirituais, no Santuário da Fátima, a que assistiram alguns Ex.mos Médicos de Portugal. Encerrou o retiro o Ex.mo Prelado de Leiria.

No dia 22 pelas 20 h. e meia, foi pelo Ex.mo Médico, Dr. Henrique Bernardo Gonçalves — Cem Soldos — Tomar, lida uma conferência feita pelo Ex.mo Médico Dr. Paiva Boléo, que infelizmente não pôde assistir porque nesse mesmo dia teve de ir assistir à morte de sua Ex.ma Esposa. A conferência foi em seguida posta à discussão dos Médicos presentes, cêrca de 15, presididos pelo Ex.mo Sr. Bispo de Leiria.

A tese — *O abortamento chamado terapêutico*, foi sàbiamente dividida e tratada nos pontos seguintes:

1.º — Posição do problema e sua importância

2.º — A interrução da gravidez por indicação médica, e a Moral Católica.

3.º — Razões de ordem Moral e sociológica da condenação da terapêutica abortiva, pela Igreja.

4.º — Conseqüências físicas e morais do abortamento terapêutico.

5.º — Razões clínicas a favor e contra o abortamento terapêutico. Valôr dos argumentos proibitivos.

6.º — Conclusão:

O abortamento terapêutico não se justifica nem sob o ponto de vista moral, nem social, nem clínico.

Quando Jesus está presente, tudo é suave e nada parece dificultoso; mas quando Jesus está ausente, tudo é desabrido e pesado.

(Da Imitação)

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Ano X — Leiria, 13 de Junho de 1932 — N.º 117

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 15-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA, assombrosa e incomparável lição de Fé

A GRANDE PEREGRINAÇÃO NACIONAL

«Nunca assisti a um espectáculo como o que se me apresentou em Fátima no dia 13 de Maio. Fátima é uma verdadeira bênção para Portugal».

(Das impressões de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Núncio Apostólico escritas expressamente para a «Voz da Fátima»).

Fátima e a oração da Igreja

Maio, mês de Maria, mês das flores, mês de graça e de encantos! Foi nesse mês bemdito que a Rainha do Céu quis iniciar a série das suas aparições aos humildes e inocentes pastorinhos da Serra de Aire. No dia treze, quando o astro-rei, no seu carro de triunfo, atingia o zénite, um relâmpago de luz deslumbrante cortava o espaço por cima da Cova da Iria como sinal precursor da Virgem radiosa que, logo depois, vestida de áureos esplendores e nimbada de graça divina, pousava os pés imaculados na copa da azinheira sagrada. Nesse dia para sempre memorável, a Santa Igreja Patriarcal, de que fazia então parte o condado de Ourém, feudo do Santo Condestável, onde está engastada a joia preciosa de Fátima, celebrava uma das suas festas mais solenes, a da dedicação de Nossa Senhora dos Mártires, de Lisboa, comemorativa da conquista daquela cidade aos mouros por D. Afonso Henriques, auxiliado em tão difícil e arriscada empresa pelos cruzados duma armada que se dirigia à Terra Santa.

No ofício próprio de Vésperas, as primeiras palavras, as da primeira antífona, parecem uma alusão clarissima ao prodígio estupendo que a Virgem predisse e que, meses depois, a treze de Outubro, se havia de verificar perante uma multidão maravilhada de cêrca de setenta mil pessoas de tôdas as idades e de tôdas as classes e condições sociais, e aos sucessos assombrosos que desde então até hoje se teem desenrolado na Cova da Iria: «Um grande sinal apareceu no Céu; uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma corôa de doze estrêlas na cabeça.»

A capitula contém esta sublime declaração atribuida à Virgem e dirigida ao seu povo: «Ouvi as súplicas que fizeste na minha presença; santifiquei esta casa que edificaste para que puzesse nela o meu nome para sempre, e os meus olhos e o meu coração hão-de permanecer aí todos os dias até ao fim dos tempos.

O hino proclama-a *Estrêla do Mar, feliz Porta do Céu, Virgem singular, gloriosa Mãe de Deus,* e nela se implora que nos livre do pecado, converta os pecadores, afaste de nós todo o mal, nos alcance todos os bens, se mostre nossa Mãe e nos conduza ao Céu.

O versículo e o responsório constatam que ela desceu da mansão dos eleitos para salvação do seu povo, para reconciliação das almas com seu Divino Filho mediante a graça santificante.

Em Matinas, no versículo e no responsório do primeiro nocturno, afirma-se que não só o povo, senão também os nobres e os ricos, a hão-de invocar, nos do segundo nocturno anuncia-se que ela, como Mãe, nos acolhe nos seus braços misericordiosos para nos defender dos perigos, e, nos do terceiro, é a própria Virgem que reclama de nós uma devoção ardente e filial para com ela, prometendo-nos em recompensa a graça de querermos o bem e a fôrça de o praticarmos.

Na antífona do *Benedictus,* bemdiz-se o Senhor, «que por meio da Bemaventurada Virgem Maria visitou o nosso povo e a nossa terra e nos libertou do poder dos que nos odiavam e nos concedeu o dom da paz.» Na capitula de Sexta, roga-se à Augusta Senhora que afaste para longe das nossas cabeças os castigos iminentes e obtenha o perdão dos pecados para todos os que se arrependerem dêles, fizerem penitência e orarem naquele lugar.

Na capitula de Nôa declara-se que aos verdadeiros e fiéis devotos de Maria serão dispensadas não só as graças espirituais, mas até grande número de graças temporais.

Finalmente, nas segundas Vésperas, na antífona da *Magnificat,* invoca-se a «Virgem sem mancha, ditosa Mãe nossa e gloriosa Rainha do Mundo», suplicando-se a sua poderosa intercessão junto de Deus a nosso favor, como Medianeira de tôdas as graças.

Misteriosas e felizes coincidências verdadeiramente providenciais, que teem o condão de avivar a nossa fé, robustecer a nossa confiança e acrisolar a nossa devoção para com a branca e bela Senhora de Fátima, Rainha e Mãe dos portugueses, que, através de dez séculos de história, nos tem cumulado de graças e mil vezes salvado!

Nossa Senhora de Fátima — Senhora do Rosário, das Dores e do Carmo, — bemdita sejais, para sempre bemdita!

O Núncio de Sua Santidade em Fátima

Acompanhado por Mons. César Ferreira dos Santos, secretário da Nunciatura, o augusto embaixador do Papa junto do nosso Govêrno, D. João Beda Cardinale, Arcebispo Titular de Quersona, dignou-se visitar no dia treze de Maio último o recinto sagrado e os santuários da Lourdes portuguesa.

Foi a primeira vez que o Núncio Apostólico presidiu oficialmente às cerimónias comemorativas das aparições e dos sucessos maravilhosos da Cova da Iria.

Monsenhor Beda Cardinale nasceu em Génova, Itália, no dia 30 de Julho de 1869. Entrou no mosteiro de S. Julião, sito naquela cidade, da Congregação Beneditina Cassiana da primitiva observância, tendo feito a sua profissão solene em 10 de Fevereiro de 1893. Foi ordenado sacerdote no dia 1 de Abril de 1893 por Monsenhor Tomás Reggio, Arcebispo de Génova. Deixou depois o mosteiro de S. Julião para exercer o cargo de Abade da Grande Abadia de Pragila, próximo de Pádua, onde recebeu a bênção abacial no dia 3 de Maio de 1905, ficando desde então sujeitos à sua obediência e vigilância os mosteiros beneditinos da Istria e da Dalmácia.

Em 1907, foi eleito por Sua Santidade o Papa Pio X Bispo de Corneto e Civitaveccquia, tendo sido, durante o exercício dêste cargo, Visitador Apostólico dos Seminários do Piemonte, Lombardia e outras dioceses.

Foi promovido a Arcebispo titular de Laodicea em Fevereiro de 1910 e transferido para a arquidiocese de Perusa em Novembro do mesmo ano.

O Santo Padre Bento XV nomeou-o Arcebispo de Quersona no dia 25 de Julho de 1922, enviando-o como Núncio Apostólico junto dos Govêrnos das Repúblicas da Argentina, Uruguay e Paraguay.

Sua Santidade o Papa Pio XI, gloriosamente reinante, nomeou-o Núncio Apostólico em Portugal no dia 21 de Junho de 1928, tendo-se realizado a cerimónia da apresentação das credênciais ao Presidente da República, Senhor General Oscar Carmona, no dia 16 de Agosto de 1928.

O ilustre e venerando representante do augusto Pontifice no nosso país, tão respeitado e considerado nas esferas oficiais e entre o corpo diplomático acreditado junto do nosso Govêrno, mercê dos seus dotes superiores de inteligência e de coração e das suas peregrinas e acrisoladas virtudes, assim como do seu trato extremamente afável e cativante, trouxe do santuário máximo de Portugal as mais vivas e mais gratas impressões que se dignou traduzir nalgumas linhas pedidas para serem publicadas no presente número da «Voz da Fátima».

A procissão das velas, a Comunhão geral, a bênção dos doentes, a procissão do «Adeus», e, sobretudo, a fé viva e a piedade ardente do nosso povo, manifestadas por tantas formas no recinto sagrado das aparições, gravaram com traços indeléveis no seu nobre e gentil espírito a lembrança suavissima dêsse dia inolvidável, cravando para sempre no seu coração o espinho agri-doce duma funda e indizível saüdade.

Bem haja o venerando Antistite por se ter dignado honrar a Lourdes portuguesa com a sua presença oficial, que era, já agora, por assim dizer, a única nota que faltava à consagração religiosa de Fátima por parte da hierarquia eclesiástica!

Monsenhor Beda Cardinale, tendo regressado nesse mesmo dia à capital, expediu ao Senhor D. José Alves Correia da Silva um telegrama do teor seguinte:

Ex.mo Bispo de Leiria

Comunico santas e inesquecíveis recordações. Agradeço vivamente Vossa Excelência acolhimento afectuosissimo, fazendo votos pelas prosperidades Vossa Excelência e sua diocese privilegiada de Maria.

Núncio Apostólico».

O Ex.mo e Rev.mo Senhor Núncio Apostólico dando aos doentes a bênção com o SS. Sacramento, a 13 de Maio de 1932.

Leva a umbela o Sr. Ministro da Justiça e acompanha o Santissimo Sacramento e Sr. Governador Civil de Leiria.

Confesso sinceramente que nunca assisti a um espectáculo como o que se me apresentou em Fátima no dia treze do corrente mês.

Aquela multidão enorme aclamando a Virgem Mãe num delírio de fé e de amor, multidão em que desaparecem tôdas as distinções sociais, porque todos se sentem filhos de Maria e todos estão unidos em invocá-la e honrá-la, é coisa que, comovendo até às lágrimas, exerce sôbre o espírito uma impressão profunda, inesquecível.

Nada há em Fátima que possa atrair sob o ponto de vista humano. A peregrinação a Fátima constitui um verdadeiro sacrifício; e, não obstante, o número de peregrinos aumenta continuamente. É uma fôrça interior que os atrai a êste lugar bemdito, onde a Virgem Mãe dispensa os seus favores, onde as almas que tornam a Deus são inumeráveis, onde todos vão haurir uma fôrça espiritual que, renovando as suas energias e fortalecendo a sua vontade, lhes assegura a perseverança na prática das virtudes cristãs.

Fátima é uma verdadeira bênção para Portugal. E eu estou convencido de que Maria protegerá sempre esta Nação, que conta na sua história milenária tantas glórias sinceramente cristãs, e a salvará dos perigos que nesta hora grave ameaçam a sociedade inteira.

Lisbôa, 15 de Maio de 1932.

† João Beda Cardinale
Núncio Apostólico

A procissão das velas

Quando as primeiras sombras da noite caem sôbre a Cova da Iria e as estrêlas começam a aparecer no firmamento, o espectáculo que se contempla é já assaz impressionante.

Centenas de velas acendem-se como por encanto e brilham quais pirilampos ou esquivos fogos-fátuos em tôda a vasta extensão do local das aparições.

Pouco depois das dez horas, os megafónios fazem ouvir as vozes de comando e aquele exército de peregrinos, que se extende desde a Basílica até ao portão central do recinto sagrado, inicia a recitação do terço do Rosário.

São momentos de fé vibrante e de piedade viva e intensa, em que as preces de dezenas de milhares de almas sobem para o Céu, cheias de unção e fervor.

Do alto do seu pedestal, na Santa Capela, a Virgem bemdita parece sorrir de bondade e de amor para os filhos do seu coração que de todos os pontos de Portugal, vão ali, a seus pés, levar-lhe piedosamente, depois duma longa e penosa jornada, os testemunhos da sua devoção filial.

Mas a recitação do *Saltério Mariano* chega ao seu termo e aquela mole gigantesca de povo movimenta-se em passo cadenciado e grave, formando uma linda e magestosa procissão, dum efeito ao mesmo tempo surpreendente e emocionante.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário, de correias a tiracolo, vão dirigindo, bondosa e pacientemente, êsse cortejo tão grande e tão belo como nenhum outro jàmais se viu em terras de Portugal.

Milhares de velas abrasam num grande incêndio de luz tôda a colina sagrada que tem a Basílica por corôa e remate.

Milhares de vozes enchem o espaço de melodias celestiais cantando com a mais ardente devoção o *Ave de Fátima*.

Milhares de almas vibram de entusiasmo e elevam para as alturas os anelos mais veementes e as preces mais fervorosas.

Pelas avenidas da nova Lourdes vão passando sucessivamente, entre outras, as peregrinações de Alvôrge, Abiul, Açores, Pousa Flores, Mação, Olivais (Lisboa), Ourém, Ancião, Carvide (Leiria), Válega, diocesana do Algarve, Carris de Évora (Alcobaça), Bomfim (Pôrto), Santa Eufémia (Pinhel), Bemfica (Lisboa), Ribamar, Vila Franca de Xira, Alhandra, Coruche, Albergaria dos Doze, Jarmelo (Guarda), Oliveira do Hospital, Idanha-a-Nova e Vidual, dirigidas pelos respectivos párocos e levando à frente os seus ricos e vistosos estandartes em número de cinqüenta aproximadamente.

Por fim todos os peregrinos, concentrando-se em volta da capela do Pavilhão dos doentes, rezam em voz alta o *Credo*, como protesto veemente da sua fé e testemunho solene da sua esperança, em face das blasfêmias da iniqüidade e dos sofismas do septicismo e da descrença.

Adoração, reparação e amor a Jesus-Hóstia

A meia-noite astronómica principia a hora de adoração e reparação nacional. Na varanda do Pavilhão vêem-se os Senhores Núncio Apostólico e Bispos de Leiria e do Algarve. O Divino Rei de Amor, oculto sob os véus eucarísticos, é exposto à adoração dos fiéis num pequeno trono de luzes e de flores no altar-mor da capela dos doentes. O venerando Prelado de Leiria começa a rezar o terço, alternadamente com os fiéis, explicando, nos intervalos das dezenas, em linguagem clara e acessível a tôdas as inteligências, os mistérios dolorosos do Rosário. A multidão, pendente dos lábios do ilustre orador, comprime-se em tôrno do Pavilhão, imersa num grande silêncio e no mais completo recolhimento. Sua Ex.ª Rev.ma conclui o seu formoso discurso, pedindo as orações dos fiéis pelas necessidades da Santa Igreja, pelo Sumo Pontífice, por todos os Bispos, pelas missões e por várias intenções particulares.

A adoração nacional segue-se imediatamente a adoração por peregrinações ou por grupos de peregrinações: das 2 às 3 horas, Açôres e Alvôrge; das 3 às 4, Olivais; das 4 às 5, Ancião; e das 5 às 6, Carvide, Mação e Oliveira do Hospital.

Outras peregrinações associam-se a estas para a adoração nocturna, entre as quais a de Jarmelo (Urgueira), Guarda-Gare, dirigida pelo rev.º Manuel dos Santos, e de que faziam parte a Juventude Católica e a Pia União das Filhas de Maria da respectiva freguesia.

Os Açores em Fátima

A segunda hora de adoração preside o rev.º Canto e Castro, director espiritual da peregrinação dos Açôres, que o vapor Carvalho Araujo transportou de Ponta Delgada a Lisboa e que se compõe de cêrca de cincoenta pessoas. Disse o distinto orador oficial da peregrinação que, pela primeira vez, a alma insular de Portugal, a alma Açoreana, vinha juntar as suas preces às da alma de Portugal continental, aos pés da sua Padroeira, também a Virgem Santíssima, porque, se Portugal era a terra de Santa Maria, os Açores o eram dum modo muito particular, pois os seus descobridores, portugueses de lei e almas cristãs, quiseram chamar à primeira ilha descoberta Ilha de Santa Maria, por ser êsse o dia 15 de Agosto, festa da Assunção da Mãe do Céu.

Fala em seguida da fé portuguesa e de como Fátima era a resposta do Céu, verdadeira e directa, ao grito blasfemo que ousara proclamar que em duas gerações a Religião desapareceria de Portugal. Não, Portugal, vive agora, mais que nunca, de fé, e essa fé aumenta cada vez mais, porque a Virgem em Fátima, naquele lugar (apontando para a capela das aparições), aparecendo aos três humildes pastorinhos, veio dizer: «Rezai, rezai, fazei penitência e Portugal será salvo».

A comoção que sente, acrescenta o distinto orador, é grande ao ver êste imenso espectáculo de piedade e fé nacional. Depois refere-se à fé dos portugueses na sua querida terra Natal, os Açôres, especializando as duas grandes devoções açoreanas ao Senhor Santo Cristo dos Milagres e ao Divino Espírito Santo. E, naquele dia, véspera da festa da terceira Pessoa da Santíssima Trindade, chamaria a Fátima um verdadeiro cenáculo, onde os portugueses, continentais e açoreanos, reunidos, perseveravam *unanimiter* em oração, juntamente com Maria, à espera das graças do Céu, do orvalho celeste que viria encher os corações dos dons divinos. E, virando-se para Jesus-Hóstia, disse:

«Vós, meu Jesus, numa queixa tão sentida dissestes aos três Apóstolos no Jardim das Oliveiras: «Não pudestes vigiar comigo uma hora?» Essa queixa não podeis fazer a êstes vossos filhos que, tendo vindo de tão longe, estão, não uma hora, mas duas, três, tôda a noite, orando, vigiando comvosco, e, numa prece cheia de confiança pedem os dons do Espírito Santo para os governantes de Portugal e para a sua terra dos Açôres. Alude dum modo especial à saúde do seu Prelado, suplicando ao Senhor que lhe dê muita para que a diocese de Angra tenha o seu Bispo com fôrças para trabalhar e pede em seguida pelos Seminários, pela imprensa, pelos pobrezinhos, por todos os enfermos que trazia na sua peregrinação, pela salvação dos Açôres, para que a Rainha do Céu os defenda do terrível protestantismo e espiritismo, que tantos males vão fazendo. Termina com um apêlo ao Espírito Santo, para que espalhe, como no Cenáculo, as suas luzes e os seus dons, da sabedoria, da castidade, do entendimento, sôbre todos. O orador, no decorrer do seu discurso, provou à evidência que só a Igreja Católica, só o Evangelho, poderia resolver o grande problema social, dizendo aos ricos: «olhai para os vossos irmãos pobres», e a êstes: «sofrei com resignação a cruz que Deus vos deu!»

A tocante cerimónia da adoração nocturna, em que tomou parte a grande maioria dos peregrinos, terminou às seis horas com a bênção do Santíssimo Sacramento.

O Senhor Núncio — As Missas — A missa da comunhão geral

Como era bastante elevado o número de sacerdotes que desejavam celebrar o santo sacrifício, as missas, por uma concessão especial, começaram às duas horas e meia, tendo o seu número subido a mais de duzentas.

As seis horas, no altar exterior da Basílica principiou a missa celebrada pelo Senhor Núncio que era acolitado por Mons. dr. Silveira Barradas, director da peregrinação de Évora, e pelo rev.º Curado. Foi a esta missa que se realizou a Comunhão Geral. Vinte e cinco Sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola, distribuiram durante horas consecutivas o Pão dos Anjos a cêrca de vinte cinco mil fiéis. Foi esta, sem dúvida, uma das scenas mais encantadoras e mais empolgantes dêste dia inolvidável. Jesus-Hóstia, o Rei do Céu, oculto sob os véus eucarísticos passa, como outrora, cheio de bondade e de misericórdia, fazendo o bem, e desce às almas, unindo-as a si, no seu sacramento de amor, para que vivam mais intensamente da sua vida sobrenatural e divina.

Pouco depois subiu ao altar o Superior dos Dominicanos do Luzo, seguindo-se-lhe vários outros sacerdotes.

Emquanto êstes actos se realizavam, unindo intimamente a Deus sacerdotes e fiéis, três aviões do grupo de esquadrilhas de bombardeamento evolucionaram por cima da Cova da Iria, deixando cair ramos de flores sôbre vários pontos do recinto dos santuários.

No Pôsto das verificações médicas

Entretanto no Pôsto das verificações médicas, instalado numa das salas do Albergue de Nossa Senhora de Fátima, desfila, durante horas a fio, a série interminável dos doentes, que, de todos os recantos de Portugal, veem suplicar à Virgem bemdita, no seu santuário privilegiado, a graça da cura, das melhoras ou do confôrto e da resignação cristã.

Os serviços de observação e inscrição são feitos pelo dr. Pereira Gens, director-chefe do Pôsto e por muitos outros médicos, coadjuvados por alguns enfermeiros e servitas.

Entre os médicos que gentilmente prestam serviços no Pôsto, vêem-se os drs. Eurico Lisboa e Weiss de Oliveira, de Lisboa, Augusto Mendes, de Torres-Novas, Abel País Cabral, de Nelas, Manuel de Oliveira Barbosa, de Viatodos, José de Azevedo Antunes, de Silves, Quirino Ribeiro, de Portalegre, e José Euséblo Pontes, de Olhão.

Diante dos médicos passaram muitas centenas de doentes, dos quais apenas trezentos foram inscritos para terem o direito de receberem individualmente a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Sôbre as mêsas e nas prateleiras dos armários acumulam-se os atestados médicos, muitos dos quais firmados pelas maiores sumidades clínicas do nosso país. As numerosas doenças de que a esplanada da Basílica vai ser dentro em pouco a patética e confrangedora exposição, são, entre outras, as seguintes: gastro-entrostonia, tetânia, úlcera juxta pilórica, ptase visceral, atetose dupla, paralisia, lesões no estômago, paraplegia espástica, paraplegia flácida, tumor cerebral, paresia, coxalgia, artritismo, diabetes açucarada, cólicas epáticas, encefalite, mielite, hiporpadios feminil, epilepsia, cegueira incurável, bronquite crónica, varizes, cordiopatia, lesões bacilares, meningo-encefalite, artério-esclerose, hemiplegia, óstio-mielite crónica, aritmia completa extra-sistolica e crises de hipossistolia, colite mucomembranosa, fribromioma uterino e neoplasia.

Pessoas cultas e de elevada representação social, homens e mulheres do povo, velhos, rapazes, meninas e crianças, tôdas as idades e condições sociais estão largamente representadas nesta embaixada dolorosa, mas crente e confiante, dos grandes doentes de Portugal à Virgem de Fátima, Saúde dos enfermos e Mãe de Misericórdia.

A procissão da Virgem — A bênção da Imagem do Coração de Jesus

Aproxima-se a hora solenissima da missa oficial. Os venerandos Prelados saem da capela do Albergue, em cujo altar se ergue uma linda e artística estátua de Nossa Senhora, obra do grande escultor Teixeira Lopes, que foi benzida no dia 8 de Maio por S. Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, durante a peregrinação nacional vicentina. Organiza-se, pouco a pouco a procissão da Virgem. O Senhor Núncio, revestido de capa de asperges, rica e reluzente, preside ao grandioso, imponente e interminável cortejo. Êste, depois de descer a Avenida Central, pára junto do Fontenário, e o ilustre representante do Vigário de Cristo procede à bênção da linda Imagem do Sagrado Coração de Jesus que encima a gigantesca coluna assente sôbre o depósito superior da fonte, rezando as orações do Ritual Romano apropriadas ao acto. A cerimónia tem o que quere que seja de simultâneamente simples e tocante. As almas vibram de entusiasmo fremente e exultam de vivíssima alegria, que se reflecte em todos os rostos. De repente, concluida a cerimónia, de entre a multidão imensa, aglomerada no vasto anfiteatro da Cova da Iria, irrompe um grito veemente, caloroso, entusiástico, síntese admirável do sentimento unânime de tôdas aquelas almas: «Viva o Coração de Cristo-Rei, Senhor do mundo!»

Milhares de mãos, num movimento febril, agitam, sem cessar, lenços brancos, que parecem pombas ensaiando o vôo para as alturas. Soam vivas e aclamações, que se repercutem ao longe e ao largo, acordando os ecos da montanha. A branca e formosa estátua da Virgem de Fátima, em que o inspirado escultor Tedim, de Santo Tirso de Coronado, gravou, tanto quanto o seu talento artístico e a sua piedade acrisolada lho permitiram, os traços mais salientes da celeste Aparição fixados pelos videntes, parece sorrir de novo, do alto do seu andor, contemplando o triunfo magnífico de seu Divino Filho sôbre aquelas dezenas de milhar de almas que o aclamam por seu Rei. Efectivamente, hoje como nunca, mais do que nunca, e a-pesar-de tudo, firmando o seu trono de amor nos corações dos homens, Cristo vive, Cristo reina, Cristo impera!

A missa campal — A bênção dos doentes

Defronte da Basílica em construção, ao fundo da escadaria, em longas e multiplicadas filas, sentados em bancos ou deitados em macas, estão centenas de doentes, assistidos com uma dedicação inexcedível pelos servos de Nossa Senhora do Rosário.

O cortejo sobe, através da esplanada, até ao átrio. A imagem da Virgem é colocada sôbre um pedestal improvizado. Os estandartes das diversas peregrinações, em numero de muitas dezenas, ocupam os dois lados do átrio, diante do altar. O Senhor Núncio ajoelha num genuflexório do lado do Evangelho, logo abaixo do supedâneo.

Próximo vê-se o sr. Governador Civil de Leiria. Do lado da epístola estão, junto dos Senhores Bispos de Leiria e do Algarve, o Ministro da Justiça, sr. dr. Almeida Euséblo, e o ex-Ministro sr. dr. Ribeiro Castanho. O Senhor D. Marcelino Franco, Bispo do Algarve, que acompanhou a Fátima seiscentos peregrinos da sua diocese, celebra a missa oficial, acolitado pelo rev.do cónego Veiga.

A Cova da Iria está literalmente coberta de gente. A multidão, piedosamente recolhida, reza e canta, alternadamente. Após a missa, o Senhor Bispo de Leiria aproxima-se do microfone e faz a consagração solene do Santuário de Fátima ao Sagrado Coração de Jesus.

Eis a fórmula da Consagração, cuja leitura o ilustre Prelado fez preceder de algumas palavras, breves mas eloquentes, apropriadas ao acto que se ia realizar:

Senhor Deus Onipotente, que por um mero acto da Vossa vontade nos criastes à Vossa imagem e similhança para Vos conhecermos, servirmos e amarmos;

Vós, que, por nosso amor, deixastes a Vossa glória e assumistes a natureza humana nas purissimas entranhas da Virgem Maria, Mãe nossa, e vivestes pobre, derramando o Vosso sangue e morrendo por nós na Cruz;

Vós, que permaneceis no Santissimo Sacramento da Sagrada Eucaristia, embora muitas vezes abandonado e sujeito aos mais horrendos sacrilégios...

Eis-nos aqui aos Vossos pés humilhados e contritos.

Nós vos reconhecemos como nosso Deus, Bemfeitor e Rei, e pela grandeza do Vosso amor vos pedimos que nos perdoeis as nossas faltas e que não nos trateis, conforme a Vossa justiça e nossas iniquidades, mas conforme a Vossa misericórdia.

Por Maria, Vossa Mãe, perdoai-nos, Senhor!

Grandes teem sido as nossas faltas, mas infinitamente maiores são os extremos de amor do Vosso Coração, santuário de misericórdias infinitas, fonte perene de graças e bênçãos.

É dêsse manancial inexaurivel que nós esperamos a graça de sermos preservados da ruina e morte eterna das nossas almas.

Somos cristãos e portugueses, descendentes dos heróis e santos que conquistaram esta terra aos inimigos do Vosso nome e levaram a Santa Hóstia por todo o mundo: por aqui passou, aqui orou o Vosso servo Beato Nuno de Santa Maria; esta terra é de Vossa Mãe, Senhor, que aqui reune os seus filhos para os entregar a Vós. Por Maria, perdoai-nos, Senhor!

Vossa bemdita Mãe recomendou: «fazei tudo quanto Jesus vos disser» e assim queremos ser Vossos, observar a Vossa Lei, protestando que de ora em diante procuraremos corresponder às finezas do Vosso amor sem fim, nada fazendo que não seja para honra e glória Vossa.

Protegei, ó amantissimo Senhor, a Vossa Igreja, o Santo Padre, Vosso Vigário na Terra, os Bispos de todo o mundo, o Clero, os Seminários, as Ordens e Congregações religiosas.

Abrasai no Vosso Santo Amor, ó Divino Coração, os nossos Bispos, os nossos Párocos, os nossos Padres, para que mais e mais se santifiquem e se empenhem em promover a glória do Vosso Amor.

Abençoai-nos, Senhor, nós Vo-lo suplicamos pela intercessão da Vossa Mãe e Mãe Nossa, pelos merecimentos da Vossa Paixão e Morte e pela Vossa Infinita Misericórdia. Assim seja.

Coração divino de Jesus: perdoai-nos, porque confiamos em Vós (3 vezes).

Coração divino de Jesus, perdoai-nos, salvai e reinai em Portugal que em Vós confia (3 vezes).

Coração divino de Jesus, convertei para Vós e dai a paz a todo o mundo (3 vezes).

Terminada a Consagração, o Senhor D. José, a pedido, do rev. dr. Luis Fischer, professor da Universidade de Bamberg, na Baviera, e grande apóstolo de Fátima nos países de língua alemã, reza juntamente com o povo uma Ave-Maria por sua intenção. Depois expõe-se o Santíssimo no trono, canta-se o *Lauda Jerusalem*, música do Maestro Darros, de Lourdes, faz-se a incensação litúrgica e o Núncio de Sua Santidade, tomando nas mãos a Sagrada Custódia, procede à bênção individual dos doentes, levando a umbela o Sr. Ministro da Justiça.

É a mais comovente, a mais impressionante, a mais patética de tôdas as scenas que se desenrolam na Cova da Iria. Os olhos de todos os circunstantes estão marejados de lágrimas. Chora-se e soluça-se. Brados de fé e confiança saem de mil peitos, fazendo doce violência ao Céu. Reza-se fervorosamente.

O Senhor Núncio, a seu pesar, deixa transparecer no rosto a comoção intensa que lhe vai na alma.

É já finda a piedosíssima cerimónia.

O nobre embaixador do Papa volta para o altar. Canta-se o *Tantum ergo* e dá-se a bênção geral. Os venerandos Prelados benzem em conjunto os objectos religiosos apresentados pelos fiéis. Forma-se de novo o cortejo e a estátua da Virgem é reconduzida à Santa Capela das Aparições. Pela bôca do rev.do dr Marques dos Santos, a multidão consagra-se a Nossa Senhora e por fim canta em côro o *Salve nobre Padroeira*.

Com êste acto ficou concluida uma das mais belas e mais gloriosas jornadas de Fátima.

Pouco a pouco, os peregrinos deixam a Cova da Iria, felizes e saudosos, com a sua fé mais viva e com a sua piedade mais afervorada, levando a todos os recantos de Portugal as impressões dêste dia maravilhoso e incomparável e despertando em muitos milhares de almas o desejo ardente de visitar a estância bemdita onde a Rainha dos Anjos se dignou aparecer e falar a três pastorinhos palavras de salvação, convertendo-a em trono augusto das suas glórias e em fonte perene e inexgotável das suas misericórdias.

Piedoso gesto duma majestade no exílio — O Senhor D. Manuel II e o Santuário Nacional de Fátima

Em carta datada de 27 de Outubro findo e dirigida ao venerando Prelado de Leiria, o Senhor D. Manuel II dá testemunho da sua devoção para com a nobre Padroeira de Portugal e, em seu nome e no da sua augusta Esposa, oferece um valioso donativo para o altar-mor da Basílica de Fátima.

Essa carta, que a «Voz da Fátima» se honra de arquivar nas suas colunas, é do teor seguinte:

«Reverendissimo Senhor:

Dirijo-me ao ilustre Bispo de Leiria para lhe pedir que aceite o modesto óbulo que a Rainha e eu lhe enviamos para a Igreja, que se está construindo, de Nossa Senhora de Fátima: há mais tempo que o devia ter feito; infelizmente, as circunstâncias não o permitiram. O Dr. Fernandes de Oliveira, meu Administrador Geral, entregar-lhe-á a soma de

dez contos de réis, que V. Excelência Reverendíssima dedicará ao altar de Nossa Senhora de Fátima, pela qual temos uma tão profunda devoção.

Pedimos unicamente ao Reverendíssimo Prelado que, diante de Nossa Senhora de Fátima, reze por nós e lhe rogue que nos abençoe.

Com o maior respeito, beijo o Sagrado anel do Reverendíssimo Bispo de Leiria.

Manuel R.»

Comoveu-nos e respeitosamente agradecemos a carta do augusto exilado Senhor D. Manuel que, como é sabido, usa no estranjeiro o titulo de Conde de Ourêm a que pertence a Fátima.

Visconde de Montelo

FÁTIMA NA ITÁLIA

De Gubbio é-nos comunicada a seguinte noticia:

«Celebrámos esta manhã, 13 de Abril, a função no monte de S. Jerónimo, em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Ontem, como de costume estive lá a preparar tudo e esta manhã às 7 1/2 começámos o S. Rosário, inteiro, depois das orações da manhã, como costumamos fazer no Oratório de S. Dom.n.os. Muito silenc.o olhimento.

As pessoas presentes eram em maior numero que nos meses passados. Houve umas 40 comunhões. Celebrou Missa o Snr. Cónego D. Origenes Rogari que fez um belo discurso. No próximo 13 de Maio, apezar de ocupado com prégações em Perúgia, voltará para oficiar na festa, que deseja seja mais solene visto recorrer o mês da primeira aparição.

Pensamos portanto em celebrar também uma procissão com o estandarte da Senhora.

Será uma festinha com duas Missas, muita gente e muitas flores...»

Uma graça da Senhora em Napoles
Cura de pleurisia

Em fins de Janeiro do corrente ano, uma fervorosa devota da Senhora da Fátima, a Sig.ra Cicellyn Concettina assim escrevia para o Colégio Português de Roma: «Rev.mo Padre: Envio-lhe esta pequenina oferta em nome da Senhora De Benedictis, cuja filha foi curada pela Virgem da Fátima de uma longa doença. Recomende-me ao Senhor e à Virgem Santissima.»

Tendo-lhe sido pedidas informações pormenorizadas assim tornava a escrever-nos:

Nápoles 30—3—32

Rev.mo Padre

Peço mil e mil desculpas por não lhe ter escrito antes: não o pude fazer porque quando recebi a sua carta a agraciada da Senhora da Fátima tinha mudado de ares para melhor se restabelecer. Tendo ela voltado, comunico-lhe os pormenores do milagre para que o possa inserir no jornalzinho «Voz da Fátima». São os seguintes, melhor, são as autenticas palavras da miraculada:

«Maria de Benedictis foi acometida de forte pleurisia, com um litro e meio de liquido. Tratavam-na os dois médicos Dr. Deliponte e Dr. Capaldi; êste queria por força extrair o liquido. A doente e sua mãi começaram a novena à Senhora da Fátima, recebida da Sig.ra Cicellyn Concettina que tinha voltado de Roma, creio que em Outubro ou Novembro do ano passado. No segundo dia da novena a febre começou a baixar e o liquido a absorver-se gradualmente até desaparecer por completo sem ser mais precisa qualquer operação ou extração. Mãi e filha agradecem sempre à Virgem por esta graça, e esperam ainda receber outras pelas quais prometem uma oferta. Agradecem também os lindos santinhos recebidos.

Estas as notcias pedidas. Recomende-me ao Senhor e à Virgem de Fátima, respeitosos obséquios.

Dev.ma C. Cicellyn

AVISO

Mais uma vez se repete o que tantas se tem dito: — só é permitido levar um jornal da Fátima para cada casa, embora lá haja muitas pessoas que saibam ler. Quem para a mesma casa levar mais do que um, rouba as esmolas de Nossa Senhora. —

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Úlcera

Desde 1924 que sofria horrivelmente do estomago, não podendo alimentar-me e tendo frequentes vómitos sanguíneos. Recorri a vários médicos, sendo radiografado pelo Snr. Dr. Donas Boto, que verificou ter uma úlcera no estomago. Fui depois tratado pelo Snr. Dr. Abel Pacheco, mas sem resultado. Consultei depois o Snr. Dr. Morais Sarmento, que novamente me radiografou, verificando egualmente a existência da ulcera. Novamente segui o tratamento do Snr. Dr. Abel Pacheco até que perdi a esperança de me curar com os médicos e voltei-me para Nossa Senhora da Fatima.

Em 13 de Maio de 1928, depois de me recomendar com uma novêna de orações e comunhões de minha espôsa, filhos e pessoas amigas fui a Fátima com grande sacrificio mas com tôda a confiança na «*Saúde dos Enfermos*». Aí, logo depois da Sagrada Comunhão, senti um grande alivio mas ainda algumas dôres persistiam.

Estas porém, depois da Bênção, desapareceram completamente. Fui para minha casa ainda com tôdo o cuidado, mas sentindo-me completamente bem. Comecei a comer de tudo e nunca mais sofri do estomago.

Por mais de uma vez fui examinado pelo Sr. Dr. Abel Pachêco que um ano depois da cura me passou o atestado que envio. Como êste era duvidoso ainda *deixei passar o largo espaço de quási quatro anos* e não tornei a sofrer do estomago. Por isso venho publicar a graça recebida como prometi.

Avenida—Lousada, *Joaquim Cardoso P.to da Cunha.*

ATESTADO

Abel de Sousa Pacheco, médico cirurgião pela Escola Medico cirurgica do Pôrto.

Atesto sob palavra de honra que o Sr. Joaquim Cardoso Pinto da Cunha foi por mim tratado de ulcera gastrica, tendo tido um longo periodo de silencio até que vo tou de novo a exacerbar-se, tendo recorrido a Fátima. São passados doze mezes durante os quais o doente se supõe curado, pois que de nada se queixa. Convem registar que há por vezes longos periodos de calma em doencas de ta natureza. Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assino.

Porto, 8 de Maio de 1929

(a) *Abel de Sousa Pachêco*

Paralisia

Estive no leito, sem me poder mexer, durante 13 meses seguidos. Fui tratado por diversos médicos de Arcos de Val de Vez e de Paredes de Coura, mas sem resultado sensivel. Por fim já nem queriam vir, dizendo ser inútil, pois tinham já feito tudo quanto lhes era possivel. Assim desanimado e cheio de dores, pedi, com minha familia, a Nossa Senhora da Fátima que me alcançasse melhoras ou me levasse para o céu.

A Virgem Mãe atendeu-me, e comecei logo a sentir alivios. Hoje estou perfeitamente bem, conseguindo já ir a Fátima agradecer a Nossa Senhora tão grande graça, sem dificuldades maiores do que as que teria se não tivesse estado paralitico.

Arcos de Val de Vez

Narciso Dias de Araujo

Tumôr

Padecendo minha mãe graves dores provenientes dum tumor maligno que tinha nos intestinos, eu cheia de aflição por ver o seu sofrimento, recorri com todo o fervôr a Nossa Senhora de Fátima, pedindo-lhe o seu divino auxilio em favor de minha pobre mãe.

Fiz uma novena de comunhões, dando sempre à doente a beber água trazida do Santuário da Fátima. A Virgem Santissima compadeceu-se de minha mãe pois que as dores desapareceram o que causou verdadeiro espanto ao médico que a tratava. Bendita seja a Mãe do Céu por esta tão grande graça que me fez e de que lhe ficarei sempre devedora de gratidão.

R. do Registo Civil, 34. 5.º Lisboa

Capitolina de Nápoles Braga

Pneumonia

O meu único nètinho de 3 anos e meio esteve em perigo eminente de vida com uma bronco-pneumonia com os dois pulmões atacados, e sobreveio-lhe também uma congestão.

Vendo seu grave estado recorremos cheios de fé e confiança à S.S. Virgem por intermédio de S. Rita e S. José.

Principiei a dar-lhe água da Fátima e hoje tenho o prazer de ver o meu nètinho já bom. Venho agradecer a Nossa Senhora o favôr que me alcançou e pedir-lhe que continue sempre a ajudar-nos nas nossas dificuldades.

Armamar

Maria Alodia da Silveira

Infecção

Estando em Vila do Conde adoeceu repentinamente meu marido com uma infecção num pé que lhe provocou uma linfagite horrorosa com phlebite, tomando a perna até acima do joelho umas proporções e côres tais que causavam mêdo. Sentindo-se tão mal chamou imediatamente o Sacerdote e o médico, e tendo-se confessado foi examinado pelo médico que achando-o gravemente doente desejou que mais dois médicos o examinassem. Vieram, conferenciaram e disseram que se tratava, realmente, dum caso grave que, dentro em pouco, podia ser fatal!! Aflitissima recorri a N. Senhora de Fátima, e antes de mais nada ensopei um lenço em água da Fátima e atelo-o na perna doente acima da inchação, pedindo a N.ª Senhora que não permitisse que a infecção subisse mais e se generalizasse, como os médicos receavam.

Nossa Senhora ouviu a minha prece, e, com espanto dos médicos, a infecção não passou além do sitio em que estava, e o mal começou a declinar. Tenho a convicção de que devo a sua cura a N.ª Senhora da Fátima, e por isso, em prova de gratidão, venho tornar público êste insigne favôr. Hoje meu marido encontra-se completamente bem.

Guimarães.

Condessa de Margaride

Tumôr

A meu filho Mário, que na Póvoa de Varzim estava a banhos, apareceu um tumôr junto a um ouvido.

Consultados três médicos todos disseram ser necessária uma operação sem o que, era provável que o tumôr purgasse para o interior. No dia 13 de Outubro fui mais uma vez ao médico que disse ser absolutamente necessário fazer-se a operação no dia seguinte. Pedi ao Sr. Prior de Barcelos que fôsse conosco à Igreja rezar o terço diante da Imagem de Nossa Senhora da Fátima. Assim se fez, muita gente amiga rezou o terço conosco à hora do meio dia em união com os peregrinos da Fátima, e, nêsse mesmo dia o tumôr purgou abundantemente para a parte exterior, evitando-se assim a operação.

Quanto não devo a N.ª Senhora!! A ela quero agradecer pùblicamente esta e outras graças que me tem feito.

Barcelos.

Maria Bastos

Úlcera

Havia 15 anos que sofria incómodos no estomago. Alguns médicos diziam ser *dispepsia*, outros, que talvez fôsse uma úlcera. Há três anos agravou-se de tal forma a doença que resolvi consultar o Dr. António Câmara, operador em Ponta Delgada. Aconselhou-me a que mandasse tirar uma radiografia. Poucos dias depois voltei com a radiografia que acusava realmente a existência duma úlcera de que era necessário ser operado. Fiquei deveras consternado, mais pela falta de meios do que pelos sofrimentos que iria suportar. Comecei com minha familia a pedir muito a N.ª Senhora que nos auxiliasse. Três meses depois disse o médico que eu estava muito melhor mas que seria bom ser operado, não fôsse caso que o mal se agravasse repentinamente e a operação depois se tornasse impossivel.

Assim se fêz. Tudo correu muito bem, 15 dias depois já passeava pela rua sem incómodo algum. O médico que me operou não era meu conhecido nem alguém lhe pediu por mim e depois da operação disse-me que não queria que lhe desse absolutamente coisa alguma, favôr que ainda atribuo a Nossa Senhora a quem tanto pedi porque sou muito pobre.

S. Miguel — Açôres.

Guilhermina Porfirio Cabral

Doenças nos rins

Maria Abilia de S. José, religiosa portuguesa, hoje residente em Bombaim, foi acometida por um grande mal estar nos rins. Consultou o médico que, depois de a examinar e fazer o diagnóstico da doença, lhe disse: se, dentro de 5 horas, não se encontrar melhor, é urgente transportar-se a um hospital e sugeitar-se a uma operação. Foi nêste tranze que eu, por ordem da minha Superiora, fiz uma promessa a Nossa Senhora da Fátima, orei com todo o fervôr da minha alma para que me valesse. E Ela—bendita seja para sempre!—não se fêz esperar, acudiu pronta com o seu auxilio e a operação não foi necessária.

Maria Abilia de S. José

Tetano

Albina Martins de Figueiredo, achando-se doente, foi observada por dois médicos que declararam estar atacada por um tétano, e que só por milagre se salvaria.

Sabendo isto fui com outra pessoa a sua casa levando água da Fátima, e ao vermos o seu sofrimento, começámos a fazer uma novena a N.ª Senhora dando todos os dias um pouco de água da Fátima à doente.

Durante os dois primeiros dias a pobre doente sofreu dores horrivels, mas ao terceiro já se sentia melhor, achando-se no fim da novena, diz, completamente curada, graças a Nossa Senhora da Fátima.

Alquerubim.

Maria Lucinda da Graça

Cólica renal

No dia 24 de Julho de 1926, achei-me imensamente incomodada com cólicas nos rins, que aliás eram freqüentes, mas agora duma intensidade única. Sofri horrivelmente. Foi chamado o Sr. Dr. Branco, de Santarém Enquanto esperava o médico, ia pedindo a Nossa Senhora da Fátima, com a maior fé possivel, que me aliviasse de tão grandes sofrimentos. O que foi não sei, mas o que sei é que as dores começaram a desaparecer de forma tal, que quando o médico chegou estava já completamente bem, e desde então até hoje passaram já quási seis anos sem que tais dores se tenham manifestado.

Santarém.

F. C. Teodósio

Tifo

Em Outubro do ano passado, encontrando-me com minha familia na minha terra natal (Pedrógão de Torres Novas) ai adoeceu gravemente um meu filhinho de 4 anos de idade com febre tifoide. Durante os primeiros oito dias conservou sempre a temperatura de 40 a 41,5 graus. Por duas vezes julgámos que estava para expirar. No meio da maior aflição recorremos a N.ª Senhora da Fátima, fazendo-lhe algumas promessas, e, graças a Ela, desde êsse dia meu filho começou a melhorar. Dentro em pouco o médico declarou-o livre de perigo e a convalescença foi rápida.

Hoje está muito bem.

S. João do Estoril.

António da Silva Geada

Graças diversas

— Adelaide Gomes Pelóte — Casevel de Santarém, agradece duas graças temporais.

— Eugénia Carvalhal, — Monforte, agradece uma graça concedida a uma pessoa de sua familia.

— Maria da Conceição Melo, — de Santarém, agradece a N.ª Senhora uma graça temporal.

— Lino Cardoso Rodrigues, de Espozende, agradece a cura de D. Palmira Gonçalves, para amparo de quatro filhinhos que tem.

— Maria Carlota Trigueiros, do Fundão, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado melhoras para uma aguda dôr que há muito tinha num dos ouvidos. Fêz uma novena de orações, lavando também diàriamente o ouvido com água da Fátima, e hoje, diz, está completamente bem.

— António de Paiva, — Gondomar, agradece a N.ª S.ª uma graça particular.

— Maria Lidia Cruz, de Santarém, agradece diversas graças temporais.

— Josefina Martins Moreira, de Gondomar, agradece uma graça temporal concedida a seu marido.

— António de Almeida e sua mulher, da Ilha Terceira, Açores, agradecem diversas graças temporais que Nossa Senhora lhes alcançou.

— Maria Augusta de Oliveira, de Avança, agradece uma graça temporal.

— Maria Felicidade Leite da Silva, de Póvoa de Varzim, agradece a N.ª Senhora o tê-la curado duma doença que diz ter tido.

— Zulmira Galhardo, de Penamacôr, agradece a N.ª Senhora diversos favores que por Maria alcançou.

— Josefina Helena Matias, de Sabugo, agradece a N. Senhora uma graça espiritual.

— Maria do Rosário Casanovas, — Av. da Liberdade — Lisboa, agradece a N.ª Senhora o ter curado seu marido que sofria de anemia cerebral e que já estava desenganado pelos médicos, pois diziam que certamente morreria dentro em pouco ou acabaria por completo de enlouquecer.

— António Pinheiro — Montargis— France, agradece uma graça temporal que Nossa Senhora lhe alcançou.

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte	331.238$24
papel, comp. e imp. do n.º 116 (93.000 ex.) ...	6.581$00
franquias, embalagens, transportes, etc.	1.181$25
Na Administração em Leiria	265$00
Total	339.265$49

Donativos desde 15$00

Esmolas de Galveias, 70$00; esmolas de Viseu, 40$00; Duarte de Oliveira — Alenquer, 20$00; Domingos Vicente — Foz do Douro, 20$00; Distrib. em Foz do Douro, 230$00; Ant.º Marinho—Rio de Janeiro, 15$00; Dr. A. de Lacerda — Rio de Janeiro, 15$00; Beatriz de Azevedo — Rio de Janeiro, 15$00; Carolina Cardoso— Rio de Janeiro, 15$00; Laura Cardoso — Rio de Janeiro, 15$00; Casas & C.ª — Rio de Janeiro, 15$00; Clemente Armando — Rio de Janeiro, 15$00; Hercilia de Castro — Rio de Janeiro, 15$00; Josefa Fragoso — Rio de Janeiro, 15$00; Julia Salvini—Rio de Janeiro, 15$00; Sup.ras do Col.º de S. Teresa — Rio Janeiro, 15$00; Manuel Tomé — Rio de Janeiro, 15$00; Manuel Marinho — Rio de Janeiro, 15$00; Manuel Torres — Rio de Janeiro, 15$00; Manuel Magalhães—Rio de Janeiro, 15$00; Maria Xavier—Rio de Janeiro, 15$00; Mosteiro de S. Bento — Rio de Janeiro, 15$00; Miguel campos — Rio de Janeiro, 15$00; Noémia de Castro — Rio de Janeiro, 15$00; Luis Cardoso — Valença do Douro, 15$00; José Meireles — Valença do Douro, 15$00; Distribuïção em Colares, 100$00; Margarida da Silva — Fão, 35$00; Jonh Souto — América, 15$00; António Maciel — América; 15$00; P.e António de Sousa — Recarei, 20$00; Ant.º Apolinário — Carviçais, 20$00; Dr. Ant.º Taborda—Carviçais, 20$00; João Aguiar — Satan, 20$00; Joaquim Ramalho — Lisboa, 25$00; Maria Julia — Funchal, 100$00; P.e Manuel Augusto —Açores, 50$00; Albano Machado — Açores, 15$00; Joaquim da Cunha — Lousada, 35$00; Maria da Glória — Lamego, 15$00; Adelaide Engracia —Torres Vedras, 15$00; Carlota Teixeira — Cabo Verde, 1 dolar; Isabel Vieira — T. Vedras, 25$00; Distrib. em S. André — Extremôs, 156$00; P.e Ant.º de Sousa — Lufrei, 100$00; M.e do Carmo — Odivelas, 22$50; Joaquim de Lencastre —Lisboa, 210$00; Maria da Silva — Recarei, 20$00; Francisca Lopes — Aldeia da Mata, 20$00; Venina Peixoto — Braga, 15$00; Porfirio Gonçalves — Lisboa, 15$00; José de Oliveira — Coimbra, 20$00; Sofia de Freitas — Coimbra, 20$00; Ester de Oliveira — Portalegre, 20$00; P.e Ant.º Miranda — Alcains, 15$00; Brites Teles — Fronteira, 20$00; Anónimo — Fronteira, 25$00; P.e Manuel Ribeiro — Fornos, 110$00; N.º 5.601 — América, 1 dolar; N.º 6910 — América, 1 dolar; N.º 3237 — América, 1 dolar; Inês Guimarães —F. do Douro, 20$00; P.e Cesário da Silva — C. d'Aire, 20$00; Fernando de Araujo — Grijó, 50$00; Farmácia Marques — Nespereira, 50$00; Maria Mesquita — Mação, 15$00; Joaquim de Sá Couto — Oleiros, 30$00; Guilherme Pacheco — V. Flor, 20$00; Maria Rocha — Lazareto, 15$00; Rita de Jesus — Rio Maior, 15$00; Manuel Rebelo — Açores, 20$00; Perpetua Furtado— Lisboa, 20$00; Ant.º Baptista—Bom Sucesso, 15$00; Emidio Gomes —L. da Palmeira, 20$00; António Moreira — L. da Palmeira, 20$00; Duarte Figueiredo — Satan, 20$00; P.e António Casteleiro — Sabugal,

30$00; Ester Cabral — Nelas, 15$00; João Mendes — Chão do Couce, 15$00; P.e Cesário da Silva — Mões, 20$00; esmola pelas almas, 50$00; João Simões — Foz-Porto, 20$00; Henrique Pinto — Caldas de Aregos, 15$00; Clara de Matos — Castelo Branco, 50$00; Maria Trindade — T. Vedras, 25$00; Josefa de Jesus —Alcanena, 20$00; Manuel Estudante — Alpiarça, 20$00; Maria de Carvalho — Favais do Douro, 20$00; José Monteiro — Guarda-Gare, 20$00; P.e Abilio Jericota — Beira, 30$00; P.e Joaquim Domingues — Bogas de Cima, 100$00; Manuel Vilarinho — Aveiro, 15$00; Ana Roldana — Cuba, 15$00; P.e Julio Soares — Marinhas, 60$00; Manuel Matias — Aveiro, 108$00; P.e João Lourenço — Caparrosa de Besteiros, 20$00; esmola, 20$00; Ernestina Lopes — Avis, 20$00; Pompeu Vidal —Lisboa, 20$00; Anónimo, 50$00; José J. Antunes Lopes — Portalegre, 740$00; José dos Santos— Giesta, 42$50; Maria Fernandes —Barcelos, 20$00; Luciano Almeida Monteiro — Lisboa, 420$00; Delfim Ruela — Oliveira de Azemeis, 20$00; Igreja da Madalena — Lisboa, 50$00; Adelaide Canadas — Santarem, 15$00; Anselmo Alves — P. de Sousa, 115$00; Sebastiana Nogueira — V. Chã de Ourique, 15$00; João do Carmo — Taberna Sêca, 15$00; Maria da Silva — Guimarães, 50$00; Amélia Rodrigues — ? 15$00; P. David Ramos — Aradas, 70$00; Ana Patrocinio — Lisboa, 100$00; Luisa Faria — Lisboa, 20$00; esmolas na Fátima, 262$10; José Duarte — Angola, 50$00; Angelina da Conceição — Lamego, 200$00; Manuel Ribau — Gafanha 20$00; José Ribau — Gafanha, 20$00; P.e José Ribau — Moita, 25$50; Américo de Queirós — Braga, 50$00; Isabel Brás — Vilarinho da Mó, 20$00; Ana Ferreira — Beiriz, 100$00; Cipriana Vicente — Sabugo, 15$00; Abilio Dias — Algena, José Melo — Cantanhede, 20$00; 20$00; Luis Cipriano —Alenquer, 15$00; Laura Quaresma —Porto, 15$00; Maria Amorim — Porto, 15$00; Distrib. em Belinho, 227$50; Albertina Nogueira — Ribeiradio, 15$00; Corina de Abreu— Revogato, 15$00; Ermelinda Miranda —S. Tirso, 20$00; Maria Filomena — S.to Tirso, 15$; Egidio Barbosa—Vila do Conde, 15$00; Maria do Carmo— Porto, 20$00, Maria Izabel — C. de Vide, 25$00; P. António Colabote, 15$00; esmola de José P.e — Valença do Douro, 85$00; José Ourém — Coruche, 20$00; Clotilde Antunes— Tondela, 20.00; Clotilde Almeida — Candal. 15$00; Maria de Figueiredo — Bemfica, 20$00; Alda Sepulveda — Porto, 20$00; Baroneza de Samo-Correia, 50$00; Júlia Nunes — Lisboa, 25$00.

NOVAS PUBLICAÇÕES SOBRE A FÁTIMA

«FÁTIMA À LUZ DA AUTORIDADE ECLESIASTICA»

Pelo *Dr. L. Fischer*, professor universitário em Bamberg (Alemanha) Tradução do P.e Sebastião da Costa Brites, doutor em Direito Canónico, ex-aluno da Universidade de Innsbruck (Austria), Pároco da Sé Catedral de Leiria.

O Sr. Dr. Fischer, peregrino da Fátima, tem sido um ardente apóstolo das maravilhas de Nossa Senhora em todos os países de lingua germanica.

Em conferências feitas na Alemanha, Austria, Polónia, Techecolovaquia e Suissa, em artigos de revista e jornais, em sermões e práticas e em livros o Sr. Dr. Fischer tem apregoado os assuntos das peregrinações à Fátima como únicas no mundo.

A sua primeira publicação. «*Fátima a Lourdes portuguesa*» tem já 2 edições em alemão de 10.000 exemplares cada uma e foi vertida em várias linguas. A tradução portuguesa de 5.000 exemplares está quási exgotada.

O Sr. Dr. Fischer quiz num novo livro descrever os antecedentes da Pastoral do Sr. Bispo de Leiria aprovando oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima e as consequências que daí resultaram e de uma maneira especial a romagem de todos os Ex.mos Prelados portugueses a Fátima, presidida por Sua Eminência, o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, em Maio de 1931.

É um livro cheio de vida e colorido.

O seu espirito observador levou-o a rebuscar nos documentos que pôde haver à mão a explicação da predileção da Virgem Santissima pelas crianças a quem se dignou aparecer e por nós os portugueses apesar de tão ingratos ao seu amor.

Cremos bem que êste novo livro do Sr. Dr. Fischer terá a mesma aceitação que o primeiro entre os devotos de Nossa Senhora de Fátima.

A tradução portuguesa clara e cuidada deve-se ao Sr. Dr. Sebastião Brites, pároco da Sé de Leir que mais uma vez revela os seu conhecimentos da lingua alemã e sobretudo o amor a Nossa Senhora.

«OUR LADY OF FATIMA»

By *Mrs. H. Concannon, M. A. D. Litt.*

DUBLIN 1932

Aprovado por Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Eduardo, Arcebispo de Dublin e Primáz da Irlanda, foram reunidos em livro os artigos que os Senhores H. Concannon, M. A. e D. Litt publicaram primeiro no «Irish Messinger».

É uma narração resumida dos acontecimentos de Fátima, a principiar nas Aparições de N. Senhora às crianças e a terminar nas curas maravilhosas que Nosso Senhor por intermédio de Maria Santissima, ai tem realizado, em doentes da alma e do corpo.

Os zelosos Autores dêste livrinho têem principalmente em vista espalhar estre os católicos a devoção do Rosário recomendada tão instantemente por a Virgem Santissima aos felizes videntes de Fátima.

«LE MERAVIGLIE DI FATIMA»

Novo lhe chamamos e com razão, pois que de tal maneira se apresenta aumentado e refundido que mais parece um novo livro do que a segunda edição do primeiro.

Em poucas semanas, os editores —a benemérita «Propaganda Mariana» de «Casale Monferrato—viam exgotar-se a 1.a edição. Quizeram a segunda.

Com o entusiasmo de português, com o ardor de jesuita e com a piedade ardente que lhe dá um grande amor e devoção à Nossa Querida Mãe, a Virgem SS.ma, o ilustre professor do Pontificio Instituto Bíblico da Universidade Gregoriana de Roma, que, há anos, ali vem cobrindo de glória a sua terra, o Rev.mo Snr. P.e Luis Gonzaga da Fonseca S. J. tratou de preparar materiais para esta segunda edição, que acaba de sair dos prelos.

Não vimos fazer do livro nem uma critica porque nos faltecem qualidades e autoridade para isso, nem um aparatoso elogio, porque a obra não precisa dêle.

São apenas umas impressões de leitura. Bastaria o nome do Snr. P.e Fonseca na portada do livro para garantia do seu valor intrinseco.

O apuro do artista e o cuidado do homem de sciência revelam-se, ao longo do livro, no meticuloso da observação imparcial e da informação pormenorizada, emolduradas naquela maneira de dizer simples e elegante que o italiano não conseguiu encobrir apesar da correcção vernácula com que está redigido.

Espiritos cultos e gente simples do povo devorarão, com igual prazer, do Trentino à Sicilia, e, quiçá às próprias colónias americanas de emigrantes italianos, as 120 páginas dêste opúsculo, gentil pregoeiro das graças de N.a Senhora da Fátima e arauto das glórias de Portugal em terra estranjeira.

Bem haja o Snr. P.e Fonseca, pelo carinho com que tratou esta sua obra, de tão grande alcance para a difusão do culto de N.a Senhora na Terra de Itália e reabilitação da Pátria esquècida ou ignorada!...

E Deus queira que, em breve, possamos ver vestida em bela linguagem portuguesa essa joia que a piedade e a arte do Snr. P.e Fonseca quís ofertar aos nossos irmãos — os católicos italianos.

Na verdade o livro parece-me uma das melhores sinteses históricas da Fátima feitas até hoje.

Abre o livro pela evocação da formosa lenda de Fátima e Gonçalo Aermingue, acompanhado da enumeração dos grandes feitos que tiveram por teatro a região de que Fátima ocupa o centro.

Depois vêem as aparições, interrogatórios e exame dos videntes.

Em capitulos sucessivos trata numa forma atraente e sugestiva dos efeitos das Aparições, sorte dos videntes, perseguições da autoridade civil, acção da Autoridade Eclesiástica, desenvolvimento do culto e grandes peregrinações, curas fisicas e morais, Fátima e as Missões.

Um pequeno devocionário com a novena, invocações e cânticos, encerra o precioso livrinho.

A edição é em papel semi-couché e esmaltada de magnificas e numerosissimas gravuras que tornam o livro ainda mais encantador.

Tais são as impressões que nos ficaram após uma primeira e rápida leitura.

FÁTIMA À PROVA

A PERSEGUIÇÃO

II

O Comício da Fátima

(Agosto de 1917)

O primeiro ponto do programa da perseguição contra a Fátima fôra da mais completa ineficácia como vimos no último número.

Nem as promessas nem as mais temiveis ameaças lograram qualquer pequeno efeito.

As crianças, com a morte diante dos olhos, não se desdiziam, não se contradiziam.

Aquelas caras de escárnio e de ódio, aquelas salas e prisões que nunca tinham visto, aquelas insistências temerosamente repetidas, a própria certeza de que iam morrer, fazem-nas chorar, contradizer, não.

A prisão revestia assim num «fiasco» monumental para o Administrador num aumento de prestigio e notoriedade para os videntes e acontecimentos da Fátima.

Era urgente neutralizá-lo de qualquer maneira.

Foi assim que surgiu a ideia de um comicio no próprio local aonde os fiéis acorriam.

Ali diante da multidão desfariam tôda a glória da Fátima numa linguagem despejada e conscientemente insultuosa.

Os preparativos

Realmente, poucos dias após a reentrega das crianças às familias, em Torres Novas e noutras terras em volta, e provàvelmente também em Vila Nova de Ourém, foram largamente distribuidos uns panfletos em que José do Vale «dizia mil impropérios contra as aparições» alcunhando-as de «obra dos jesuitas» e terminava por convidar o povo liberal a comparecer no Domingo seguinte na Fátima, à saida da Missa paroquial, às 11 horas, a fim de se fazer um comicio para desiludir os fiéis a respeito das Aparições e da ida à Cova da Iria.

A hora marcada fêz-se ali uma concentração de policia de Vila Nova de Ourém, Torres Novas e Leiria e foram intimados a comparecer à porta da igreja os cabos de ordens da frèguesia.

Acompanhava-os o Administrador que era a alma de tudo aquilo.

Pelo caminho tudo eram cautelas contra ataques imaginários.

Qual não é porém o seu espanto quando, ao chegarem à Fátima, vêem tudo deserto.

Imaginam a principio que estarão ainda à missa, mas, quando, passadas as primeiras casas e entrando no adro, o vêem sem ninguém e a igreja fechada e fechada a residencia paroquial, barafustam enraivecidos.

A uns «mirones» que queriam ver em que aquilo ia dar e alguns dos quais haviam sido enviados pelo pároco preguntam por êste e, desconfiados, mandam pôr guardas à residência.

Que sucedera?

Avisado com antecedência de dois ou três dias, o pároco à missa d'almas determina que a missa do dia não seja celebrada ali na igreja mas na Capela de N. Senhora da Ortiga e, em conformidade com esta determinação, pede a todos os capelães que, às missas da manhã, disso previnam o povo.

Não admira pois que, à hora da missa, o povo se ajuntasse, não no adro da igreja, mas em volta da pequena capela da Senhora da Ortiga, a dois bons quilómetros da Fátima.

O Pároco não voltou a casa em todo aquele dia nem lá ficou na noite seguinte e veiu depois a saber que a casa, onde se recolhera, fôra, naquela noite, rondada, às ordens ou, pelo menos, sob o olhar complacente de Francisco da Silva, influente democrático da terra e talvez ao tempo, regedor da frèguesia.

O plano abortava mais uma vez.

O lógro era completo.

A única solução razoável, num casa dêstes, era, ou mandar chamar os seus partidários politicos da frèguesia—fraca meia dúzia espalhada pelos lugares e cordialmente detestada pela sua vida e relações — ou dar meia volta e ir fazer o comicio na vila onde os apaniguados do Administrador dariam fartos aplausos ao palavriado de José do Vale.

Mas isso brigava com o seu orgulho.

O fim da farça

Ei-los pois, policia, Administrador e o orador do comicio, José do Vale em «devota» peregrinação a caminho da Cova da Iria.

Queriam ver o célebre lugar e, (quem sabe?) talvez o «povo liberal» tivesse antes acorrido ali como lugar mais apto à realização do comicio.

Da igreja à Cova da Iria são dois quilómetros. Quem hoje faz êsse percurso apesar da aridez da serra já dificilmente imagina o cenário de então.

Estrada deserta, cercada dos mesmos mures de pedra solta que ainda limitam e defendem do gado os pequenos talhos cultivados.

Estrada tão deserta e pouco trilhada que ao longo do macadame se via verdejar em certos mêses do ano.

Só uma casa-taberna quási à beira da estrada cortava, por um pouco, a eremitica monotonia da paisagem a que várias construções, embora desalinhadas já hoje dão vida e côr.

A Cova da Iria era uma enorme depressão de terreno que descendo de todos os lados fazia lembrar pela conformação uma pequena cratera extinta ou a abertura dum algar monumental.

Como os terrenos em volta, parte, no fundo, era cultivada parte estava a mato, para creação de azinheiras e pasto do gado.

Muros caracteristicos numa rede emmaranhado cortavam-na em todas as direcções, marcando assim, pela divisão, os vários donos da terra.

O mato esgachado e a erva esmagada pelos pés dos caminhantes, montes de pedras desmoronadas e um arco rústico formado de três barrotes pregados em forma de u, invertido sôbre a cepa da azinheira indicavam-lhe com precisão o centro topográfico dos já tão célebres acontecimentos da Cova da Iria.

Nem paredes em volta, nem casas dentro ou fóra do recinto, nem barracas, nem avenidas, nem caminhos, nem poços, nem monumentos, nem sequer um principio da capela que só mais tarde foi edificada.

Um particular humorístico

A quem vem da Fátima depara-se já perto da Cova da Iria e encimando uma lomba que porisso mesmo dá ao lugar o nome de Lomba da Égua *uma pequena povoação da freguesia da Fátima.*

Há gente que mesmo nos momentos solenes não perde a bôa disposição de espirito. Foi o caso que um engraçado habitante dêsse lugar contando com a vinda dos «comiceiros» à Cova da Iria resolveu pregar-lhes uma partida.

Em virtude da configuração do terreno e da facilidade de alimentação usam ali muito os burros para os serviços do campo e sobretudo para transportes.

Era fácil juntar em pouco tempo um grande número deles.

Foi o que fez indo depois prendê-los nas próximidades da estrada por onde os visitantes deviam passar.

A passagem dêstes um burro começou a ornear e com êle todos os outros com grande arrelia para os viandantes.

... ...

Junto da azinheira a assistência era a mesma da Fátima. Ninguém!...

José do Vale toma contudo a palavra e faz um discurso aos cabos e policia.

Entretanto o povo voltava da missa da Ortiga e chegando a um outeiro próximo, talvez aquele onde hoje se acha plantado um eucaliptal na direcção de sudeste faz-lhe uma tremenda apupada.

José do Vale perde a linha exalta-se e, a berrar, manda que prendam os populares.

Os cabos de ordens retiram-se como para cumprir o mando, mas uma vez junto do povo fazem causa comum com êle e provocam uma algazarra ensurdecedora.

Foi assim que terminou o segundo ponto do plano de perseguição à Fátima retirando-se todos ao som dos apupos da multidão do alto do outeiro e ao compassado ornear dos burros à beira da estrada.

Como final de comicio maçónico estava bem.

Mais uma vez o demónio saia vencido!

Um Observador.

FÁTIMA á Luz da Auctoridade Eclesiástica

Pelo Dr. Luis Fischer, professor da Universidade de Bamberg (Alemanha)

Tradução do Rev. Sebastião da Costa Brites, doutor em direito Canónico, ex-aluno da Universidade de Innsbruck (Austria) Pároco da Sé Catedral de Leiria. — **Preço 5$00.**

Este livro encontra-se à venda na **União Gráfica** — *Trav. do Despacho — 16—Lisboa*, na **Voz da Fátima** — *Seminário de Leiria*, e no **Santuário da Fátima.**

No mesmo Santuário encontram-se também à venda, *por conta de Nossa Senhora*, quási todos os artigos religiosos que até agora têm aparecido sôbre Fátima; como estampas, medalhas, placas, terços, imagens de diversos tamanhos, etc.

Dirigir-se a António Rodrigues Romeiro. — Santuário da Fátima — Vila Nova de Ourém.

Devoção a Nossa Senhora do Rosário da Fátima na Freguesia de Paranhos — Pôrto

No dia 22 do passado mês de Novembro realizou-se com tôda a imponência na Igreja paroquial desta Freguesia a festividade anual a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Esta festa tam cheia de piedade e devoção para com a Mãe de Deus, foi precedida de uma novena e triduo preparatório que foram extraordinàriamente concorridos.

Comungaram cerca de 200 pessoas e durante o dia não só de manhã como de tarde a Igreja encheu-se por completo.

A linda imagem de Nossa Senhora ostentava pela primeira vez um terço, cujos Padre-Nossos e Ave-Marias eram simbolisados por lampadas eléctricas respectivamente azuis e brancas, formando no seu conjunto um todo belo e admirável, terço que foi oferecido por piedosas zeladoras.

As práticas durante o triduo e os sermões no dia 22 foram feitos pelo sr. Dr. Francisco Rodrigues da Cruz, de Lisboa, que nesta freguesia tantas e tantas simpatias tem conquistado, pela sua extrema bondade e pela santidade que se revela em todos os actos da sua vida apostólica.

Este centro paroquial, já agregado a Fátima, conta presentemente cêrca de 300 associados e todos os meses, no dia 13, manda resar uma missa havendo comunhão geral e no fim ladainha e bênção com o SS.mo Sacramento.

O homem vê as aparências e Deus o coração: o homem considera as obras, mas Deus pesa as intenções.

Aquele que não busca o testemunho dos homens em seu abôno, evidentemente mostra que se há de todo entregado a Deus.

(da Imitação)

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Ano X — Leiria, 13 de Julho de 1932 — N.º 118

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 18-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

O Santo de todo o mundo—Padroeiro de Fátima

(13 DE JUNHO DE 1932)

«Fátima é um santuário único no seu género. Há uma só Fatima no mundo».

(Dr. Luís Fischer, lente da Universidade de Bamberg na Alemanha, no seu livro «Fátima, a Lourdes portuguesa»)

Fátima, a pérola de Portugal, alcandorada com os quarenta povoados da sua freguesia nas abas da Serra de Aire, ufana-se de ter como seu Padroeiro Santo António de Lisbôa.

O glorioso taumaturgo português, a quem Sua Santidade o Papa Leão XIII, de saüdosa memória, chamou «o Santo de todo o mundo», nasceu a 15 de Agosto de 1195 e expirou docemente no Senhor no dia 13 de Junho de 1231. Passa, pois, êste ano o sétimo centenário do seu ditoso trânsito.

A vida dêste herói da santidade, que enche o mundo com a fama das suas virtudes e o explendor dos seus milagres, é, mesmo liberta da poeira das lendas que a envolvem, uma das mais belas e mais admiráveis, constituindo uma síntese completa da perfeição cristã de que ela atingiu as mais elevadas culminâncias.

Por isso não há templo grandioso ou modesta ermida que não tenha sôbre algum dos seus altares a simpática efígie do mais popular de todos os santos e não lhe renda um culto fervoroso todo feito de simplicidade e candura.

Neste ano do sétimo centenário do seu glorioso passamento, a cristandade inteira ergue o seu nome aureolado de mil bênçãos num magnífico pedestal de glória, prestando-lhe todos os povos homenágens nacionais que revestem as proporções duma verdadeira apoteose.

Nas imponentíssimas solenidades religiosas, que serviram de remate às festas comemorativas do centenário realizadas na cidade de Pádua, que recolheu o seu último suspiro e guarda ciosamente os seus despojos mortais, o Govêrno Português fez-se representar condignamente, enviando à segunda pátria do Santo uma embaixada especial presidida pelo ilustre Ministro de Portugal junto da Santa Sé, o sr. Dr. Trindade Coelho, espírito largo, coração de ouro, nobre figura de patrióta que, junto do maior poder moral que existe sôbre a terra, tem sabido, com o raro talento de grande diplomata que é, sublimar tão alto o nome auguso e bemdito de Portugal.

Fátima, a Lourdes portuguesa, que é, por títulos diferentes, feudo do Santo Condestável e feudo de Santo António de Lisboa, une-se de alma e coração, neste ano inolvidável, aos preitos de admiração, amor e reconhecimento que o mundo inteiro depõe aos pés do glorioso Taumaturgo.

As cerimónias religiosas do dia 13

Ao fim da tarde do dia 12, era já considerável a multidão de peregrinos que estacionavam na Cova da Iria ou se cruzavam, num contínuo vai-vêm nas suas imediações. Às 10 horas, depois da recitação do terço do Rosário, em frente do pavilhão dos doentes, organiza-se a procissão das velas que percorre o itinerário do costume. Menos numeroso que no mês anterior, êste cortejo nocturno distinguiu-se pela fé viva e piedade ardente das pessoas que nele tomaram parte, oferecendo à vista um espectáculo tão encantador como emocionante.

À meia-noite oficial os peregrinos, tendo cantado o *Credo*, dirigem-se para o pavilhão dos doentes, onde pouco depois começa a hora de adoração e reparação nacional.

Durante a recitação do terço, o rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria explicou nos intervalos das respectivas dezenas os mistérios dolorosos do Santo Rosário.

Diversas peregrinações dividiram entre si as horas seguintes, constituindo-se em grupos que faziam, por turnos, a adoração e reparação de Jesus-Hóstia.

Às 6 horas principiou a missa da Comunhão Geral, aproximando-se da sagrada mesa milhares de pessoas.

Ao meio-dia solar, realizada a primeira procissão da Virgem, sobe ao altar Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que celebra a missa oficial.

À estação do Evangelho, faz a homilía do costume o rev.do dr. Galamba de Oliveira, que prendeu a atenção do auditório durante cêrca de vinte minutos.

Após a missa fez-se a exposição do Santíssimo e recitou-se o terço do Rosário.

Em seguida o augusto celebrante procedeu à bênção dos doentes, levando a umbela um ilústre oficial superior do nosso exército com o peito constelado de numerosas e altas condecorações.

Por fim realizou-se a procissão do «Adeus», tão bela como comovente, em que a Imagem da Virgem de Fátima foi reconduzida ao seu pedestal, na capela das aparições, aclamada pela multidão e incessantemente alvejada por uma chuva de flores.

Durante as cerimónias oficiais algumas bátegas de água incomodaram bastante a assistência que a-pesar disso se conservou sempre firme no seu posto, dando assim uma prova inequívoca da sua viva piedade e do seu espírito de sacrifício.

Entre as peregrinações organizadas que êste mês acorreram a Fátima, presididas pelos respectivos párocos, viam-se as da Figueira da Foz, Águeda, Santa Eufémia (Tôrres Novas), Vila Maior (S. Pedro do Sul), Postigo do Sol (Pôrto), Valado de Vouga, Cintra, Carapinheira do Campo, Vagos, Valado de Frades e Espite.

Duma carta do rev.do dr. Luís Fischer, o grande apóstolo de Fátima nos países de língua alemã, dirigida ao venerando Prelado de Leiria, reproduzem-se os trechos seguintes, que os leitores da «Voz da Fátima» de-certo gostarão de ver arquivados nas colunas do humilde pregoeiro das glórias da Virgem:

«Durante as últimas semanas estive em Viena, capital da Áustria, onde fiz muitas conferências sôbre Fátima. O povo daquela cidade é bom e recebeu com entusiasmo a mensagem de Nossa Senhora de Fátima. Estou convencido de que uma peregrinação de devotos de Nossa Senhora de Fátima irá a Portugal, a-pesar da grande pobreza daquele país. Convidaram-me a voltar a Viena e à Áustria no outono. Foi pena que Sua Eminência o Cardial Piffl, arcebispo de Viena, tivesse morrido a 21 de Abril. Sua Eminência quis assistir pessoalmente à primeira conferência e já há muito tempo que se enteressava pelas coisas de Fátima.

Viena é uma cidade de mais de dois milhões de católicos. Há paróquias de 60 e 70 mil almas. A mais bela conferência foi a de 23 e 24 de Abril, a que assistiram os 160 teólogos austríacos do Grande Seminário de Viena e 46 teólogos húngaros do «Parmancum» (Colégio Húngaro em Viena). Os húngaros querem traduzir os meus livros em húngaro. No outono quero ir à Ungria, especialmente a Budapest para me encontrar com um padre, que faz as conferências com as minhas gravuras e o meu texto entre o povo.

Nesta ocasião tomei conhecimento pessoal do bom D. Prior P.e Alberich Rabensteiner, da Ordem de Cister, que já esteve em Fátima. Assistiu com grande interesse a duas das minhas conferências e queríamos escrever a Vossa Excelência um cartão postal, mas por causa das minhas ocupações contínuas não nos reünimos para realizar o nosso plano. Êle incumbiu-me de o recomendar a Vossa Excelência.

Fiz também o conhecimento pessoal do Conselheiro escolar Trippner. Deixei-lhe uma série de projecções luminosas e o meu texto e êle fará agora as conferências em Viena, Áustria superior e Inferior (Oberund und Niederoessereich e na Styria (Steierwark). Ele não é uma Miclert ou um cura Weilmann com o seu profundo amor Mariano, mas parece-me que tem boa vontade. A viagem foi muito fatigante. Fiz duas conferências na Suissa, uma em Salzburgo (Áustria) e uma em Linz (Áustria), em Viena onze conferências, cada uma de três horas. Tive de recusar muitas conferências, porque fui atacado, em plena viagem, por uma forte constipação que durou quinze dias

Dentro de poucos dias espero poder enviar a Vossa Excelência a edição alemã do pequeno ofício de Nossa Senhora de Fátima. Será uma bela edição do Fatimaverlag.

Peço instantemente a Vossa Excelência o favor de me fazer chegar às mãos fotografias de scenas tocantes de treze de Maio próximo (uma vista tirada de avião, se fôr possível, e da nova estátua do sr. Teixeira Lopes. As scenas tocantes, que Vossa Excelência me enviou depois de 13 de Outubro, fazem uma grande impressão no povo nas conferências. O auditório está perfeitamente tranquilo e contendo a respiração quando mostro essas fotografias. Antes de tudo recomendo-me especialmente às orações de Vossa Excelência e de todo o povo a 13 de Maio.

Eu peço, se é possível, que faça rezar simplesmente uma Ave Maria por todo o povo por minha intenção. Tenho presentemente muitas dificuldades. É claro que aquele que quere ser um apóstolo de Nossa Senhora tem contra si tôda a raiva do inferno. Sinto-o claramente Além disso o bom povo recomendou-se instantemente às orações de Vossa Excelência, especialmente o bom povo de Viena».

Peregrinação de 13 de Maio de 1932

O Senhor Núncio Apostolico e os Srs. Bispos do Algarve e Leiria abençoam o povo.

Fátima na França

No número de **Maio** último da revista *Le Sentier*, boletim paroquial da freguesia de Nossa Senhora da Boa Nova (Paris), o rev.do P.e Richard, um dos mais distintos redactores dessa magnífica revista, insere um novo artigo sôbre a Lourdes portuguesa. É já o quinto artigo da série que tem por título geral «A boa nova de Fátima» sendo a epígrafe do presente artigo «Fátima, terra das aparições». No alto da primeira página, antes de principiar o texto, vê-se uma linda gravura que representa uma procissão em Fátima com a estátua miraculosa da Santíssima Virgem.

O ilustrado autor começa por fazer uma síntese viva e animada dos acontecimentos de Maio de 1917. Frisando que não é sua intenção relatar to-

dos os pormenores das seis aparições, procura descobrir o que nelas há de característico e próprio para estimular os redactores duma revista de Nossa Senhora, no desempenho da sua tarefa que é fazer conhecer cada vez mais a Virgem Santíssima na sua missão maternal de conduzir os homens, seus filhos, a Jesus. O meio de que se serve para êsse fim é a recitação do terço, que ela recomenda com particular empenho, quere expressamente, quere proclamando-se por ocasião da última aparição, a Senhora do Rosário.

Descrevendo a atitude da imprensa anti-católica e a acção das autoridades civís, especialmente no dia treze de Agosto, o articulista põe em relêvo a inspiração maçónica da perseguição desencadeada desde o princípio contra a obra maravilhosa da Rainha do Céu.

Referindo-se à firmesa assombrosa dos videntes em manter as suas afirmações, não obstante as promessas mais fagueiras e as ameaças mais terríveis que lhes foram feitas pelo administrador de Vila Nova de Ourém quando os teve presos em sua casa, exclama no auge da admiração:

«Que heroicas crianças, nas quais um funcionário público, abusando da sua autoridade, não tinha podido surpreender nem mentira, nem contradição, nem retratação, nem felonia!»

Depois de afirmar que a perseguição teve o mérito de reforçar a convicção geral de que as crianças diziam a verdade e que de-certo a devoção que elas tinham ao Santo Rosário foi um título ao privilégio das aparições da Virgem, o rev.do P.e Richard conclui o seu magistral artigo nos seguintes termos:

«Que tudo isso nos recorde a obrigação filial de rezar à Mãe de Deus Uma das mais doces consolações do cristão deve ser o *terço*. Que uma dezena do Rosário se acrescente tôdas as noites à *oração da família;* que ela venha *utilizar* espiritualmente os nossos momentos livres, os nossos deslocamentos nas ruas tumultuosas em que tantas almas teem necessidade duma graça de Deus: graça de luz, de conversão, de coragem na provação e de confiança n'Aquele cuja bondade nos espera incessantemente no limiar do seu Tabernáculo Eucarístico».

Visconde de Montelo.

FÁTIMA EM ROMA

10 de Maio!... Em pleno mês de graças e flores e sorrisos de Maria, começa o tríduo preparatório para a grande festa do dia 13 em que se comemora o tríplice lustro desde que a Augusta Senhora desceu dos Paços celestes à Terra de Santa Maria, cuja Raínha e Soberana é, e fixou a sua côrte na Cova da Iria.

O Colégio Português, no centro da cristandade uma fibra do coração que ao rimo das águas do Oceano deveria pulsar estuante nêsse grande dia, ajoelhado ante o verdadeiro altar da Pátria Lusa,—a montanha de Fátima,—não poderia olvidar aquela Mãi bondosa que veiu até Roma a estabelecer nelo uma sucursal dos seus carinhos da Cova da Iria.

No primeiro dia do tríduo prègou o aluno do 4.º ano de teologia Rev.do Francisco Maria da Silva, sôbre a lição de recolhimento e oração que a Virgem Santíssima nos deu em Fátima.

* * *

11 de Maio! É um dia todo de preparação externa, sobretudo no meio académico. Sendo o último dia de aulas antes das férias do Espírito Santo, é necessário aproveitá-lo! Os alunos do Colégio, transformados em paladinos da Virgem, inundam a Universidade Gregoriana de folhas volantes contendo, além da gravura da Nossa Senhora, o programa da festa no Colégio e o convite aos estudantes para no dia 13 virem rezar ante a Senhora da Fátima. Os programas desaparecem num instante sob o quadripórtico magnífico da Aula Máxima, despertam o maior interêsse, voam de mão em mão, correm tôdas as Faculdades e—oh! audácia juvenil—sobem até às cátedras dos lentes! Uns falam como de coisa notória, outros prometem não faltar, êstes pedem ulteriores informações, aqueles procuram conciliar a sua presença—sem milagre de bilocação,—à festa de Nossa Senhora e ao Pontifical de S. Roberto Belarmino que ocorria no mesmo dia, e a que a Universidade deveria assistir, honrando assim o grande Doutor da Igreja, seu exímio professor.

A prègação no tríduo coube hoje ao aluno de 2.º ano de direito Rev.do P.e António Maldonado Pires, que nos entreteve sôbre o amor materno de Maria manifestado em especial nas aparições da Fátima.

* * *

12 de Maio!... Activa preparação interna. O altar da encantadora Senhora da Fátima é um mimoso canteiro primaveril de rescendentes flores, transplantado ali do «*Campo dei Fiori*», mas que antes parecia arrancado no «jardim da Europa à beira-mar plantado»...

No sermão do tríduo o Rev.do P.e Manuel Nunes deliciou-nos sôbre as maravilhas de salvação que a Rainha do Rosário trouxe a Portugal descendo à Serra de Aire.

* * *

13 de Maio! Eis chegado o grande dia! À mesma hora em que na Cova da Iria dezenas de milhar de almas, recebendo a Jesus Sacramentado na mais íntima—e por isso mesmo, mais estupenda — apoteose eucarística, rezavam cantando e cantavam chorando, em que longas e intermináveis filas de sacerdotes esperam a sua vez de celebrar o Augustíssimo Sacrifício, também o altar florido de Nossa Senhora da Fátima do Colégio, via quási ininterruptamente desde as 5 e meia da manhã até ao meio dia sucederem-se os sacerdotes celebrantes, e não só os alunos mas outras pessoas estranhas receberem ali o Pão dos Anjos em comunhão de afecto com a Cova da Iria.

Um favor, porém, especial nos reservava o carinho de tão boa Mãi: Chegada há pouco de Portugal essa figura prestigiosa de missionnário de missionários, que é o Sr. D. Moisés Alves de Pinho, Bispo eleito de Angola e Congo, digna-se S. Ex.a Rev.ma de nos vir celebrar a missa da comunidade e dirigir algumas palavras nêste dia de festa para todo o Portugal. E essas palavras transbordando de um coração inflamado de zêlo e experimentado nas lides de uma profícua sementeira de vocações missionárias, calam bem fundo no nosso espírito. S. Ex.a Rev.ma que é um ardoroso apóstolo de Nossa Senhora da Fátima, fala-nos de como ao ver de perto ainda há pouco a sêde de luz que devora as almas na nossa colónia de Angola, e a falta de obreiros para tão vasta messe, mandou intensificar nos seminários do Espírito Santo em Portugal, o culto da Virgem da Fátima, especialmente nos dias 13. Era a esperança que lhe sorria para uma abundantíssima colheita.

Fala-nos ainda S. Ex.a Rev.ma da grande apoteose colectiva de Portugal, desde há um século, da sua vocação missionária, para a qual a Providência lhe preparara um império colonial que ainda hoje causa inveja às grandes potências.

Mas Portugal ressuscita e acorre ao seu posto de honra, graças à Mai Divina, que para o salvar desceu a Fátima. Diz-nos enfim, de como se pode e deve ser missionário, sem ir para as colónias, com os auxílios materiais e sobrenaturais e sobretudo com a oração—mola-real da acção do missionário.

As dez e meia celebrou a Missa solene Mons. Reitor do Colégio, acolitado pelos Rev.dos P.e Manuel Nunes e Francisco Maria da Silva. Na assistência luzida e selectíssima avultava S. Ex.a o Sr. Dr. Trindade Coelho, Ministro de Portugal junto da Santa Sé, e sua Ex.ma Esposa, Conselheiros e Consultores das duas Legações portuguesas, muitos membros distintos da Colónia Lusitana, uma deputação brilhante de alunos brasileiros do Colégio Pio-Latino Americano e muitos outros alunos de Colégios e Congregações religiosas que freqüentam a Gregoriana. Estava ali a Pátria inteira ajoelhada em preito de homenagem e gratidão aos pés da Virgem, com o ilustre representante da Nação à frente; e num mesmo côro de hosanas estavam os nossos irmãos de Além mar e outras nações que acorreram ao convite apesar de se realizar à mesma hora o Pontifical em honra de S. Roberto Belarmino.

Ao Evangelho, Mons. Porfírio Cordeiro fez em italiano a homilia sôbre o Evangelho da festa, relacionando-o com a maternidade divina e humana de Maria mostrando em Fátima o seu amor materno.

O último número do programa deveria à tarde encerrar com chave de oiro as comemorações da Fátima. Já ao começar da recitação do têrço os alunos do Colégio não puderam ocupar os seus lugares na Capela por estar literalmente cheia. A Congregação Mariana do Colégio—que em tôdas as festas de Nossa Senhora vai sempre na vanguarda do fervor— também tinha um número especial para aquela hora. Era a admissão de um congregado, que se fez com tôda a solenidade.

Terminada ela, ia agora falar o seu Diretor delegado e Director espiritual do Colégio, o Rev.do Dr. Luís Gonzaga da Fonseca, lente do Instituto Bíblico de Roma, cujo recente livro em italiano sôbre as Aparições, não é mais que um capítulo,—brilhantíssimo, diga-se de passagem— de uma grande obra que tem sido o seu apostolado incansável e abnegado sôbre a Virgem da Fátima na terra das *Madonnas*. S. Rev.ma é um Mestre—perdôe-me a sua modéstia—e quando fala suspende dos seus lábios os auditórios. Foi assim que, revestindo o pensamento das roupagens finíssimas dum italiano clássico, entreteve cêra de meia hora, a numerosa assistência, coligindo primeiro num só ramalhete as circunstâncias que concorrem para a solenidade de então, desfolhando depois as pétalas da flor que campeia nêsse ramalhete: o XV aniversário da 1.ª aparição de Nossa Senhora em Fátima. E tomando para tema adequado a um auditório na grande maioria académico, uma pétala—simples na aparência mas fecunda de ensinamentos,—vai buscar a uma das palavras dirigidas por Nossa Senhora a Lúcia, sua confidente: «Quero que aprendas a ler». Mostra como Maria a «Sedes Sapientiae» nos ensina o apreço da Sabedoria Increada,—o Seu Divino Filho, —da sabedoria virtude, da sabedoria dom do Espírito Santo. E de como em Fátima essas lições de sabedoria se vêm aproveitadas, descreve-nos S. Rev.ma em traços de fulgurante eloqüência: 20 ou 30.000 almas que hoje na Cova da Iria se aproximam da Mesa Santa a receber o Filho de Deus e Filho da Virgem; centenas de milhar que ali vão render suas homenagens à sua Senhora e à custa de inauditos sacrifícios—porque a Fátima vai-se para orar e fazer penitência; enfim o ressurgir de todo um povo para uma vida integralmente cristã—o maior milagre da Fátima ao lado dos grandes milagres físicos.

Terminando, exorta-nos a gravar no espírito estas lições para nos tornarmos bem a *força apologética* da Igreja, como se expressava ontem o Santo Padre na audiência à Universidade Gregoriana.

Que as palavras do douto filho de Santo Inácio, lustre de Portugal no estranjeiro, não foram em balde, estamos certos. O amor da Virgem da Fátima arreigou-se mais nos corações daqueles jovens que ali representavam quási a terra inteira e que nos seus países serão os arautos das maravilhas da Fátima. Estava a Europa representada pela nossa vizinha Espanha (que a saudar a Virgem enviou quási todo o seu colégio), França, Itália, Alemanha e por quantas nações escondidas sob a roupeta da Companhia de Jesus, sob o cordão dos mínimos ou sob as vestes talares dos Escolápios, do Verbo Divino, e de tantos outros que não acodem à memória. Estava a Ásia inclitamente representada pela Arménia, a gloriosa nação aureolada de um Martírio constante sob o alfange da Meia Lua. Estava ainda a pleiade de nações americanas com o Brasil irmão na vanguarda. Estavam enfim, para complemento da guarda de honra da Mãi Santíssima da Fátima, as irmãs daquela que Ela escolheu para sua embaixatriz junto do povo Luso—as Doroteas.

A romagem, porém, não cessou, mas prolongou-se pelo dia seguinte. E prolongar-se-á num crescendo continuo porque essas 300 pessoas que nestes dias desfilaram ante a linda imagem de Nossa Senhora da Fátima ficaram presas do seu encanto e tornar-se-ão apostolas daquela *belissima Madonnina* que do seu trono na capital do orbe católico se dignou desdobrar o manto de sorrisos e graças sôbre a cidade e sôbre o mundo.

* * *

Também Gubbio, a pitoresca cidade do vale da Umbria e terra de santos, não esqueceu a sua *casa Madonna di Fátima* que os alunos do Colégio Português lá deixaram no altaneiro monte de S. Jerónimo ao findar das férias estivais.

Eis como a Sr.a Lúcia Imacchi a alma da devoção a Nossa Senhora de Fátima na «Cidade do Silêncio», nos refere como celebraram ali o dia 13 de Maio:

«Hoje, 13. XV aniversário da aparição de Nossa Senhora em Fátima, tivemos a cerimónia do costume, assistindo maior número de pessoas, com duas missas e a procissão com o estandarte benzido pelo Sr. Cónego Origenes Rogari que prégou um sermão apropriado sôbre Nossa Senhora e o Seu Rosário. Comungaram quási todos os assistentes.

Assistiu também o Sr. Luís Minelli, Vice-Podestá (autoridade civil) a quem se atribue a graça que vos foi narrada pelo fotógrafo Rossi (de Gubbio) e de quem eu procuro haver uma declaração formal.

Entre os que se aproximaram dos santos sacramentos estava um joven transviado, ali conduzido pela própria mãe.

Esperamos poder aumentar cada vez mais a devoção a Maria Santíssima e ao seu Rosário, no lindo Monte de S. Jerónimo, onde todos desejam que volteis na próxima estação de verão, comprando até a casa, para poderdes estar entre nós todos os anos.

O quadro que deixastes está em cima, muito adornado de flores naturaes. Mais; Uma pessoa piedosa quere engrinalda-lo com 15 rosas que fará com as próprias mãos.»

Eis como o amôr dos *engubinos* progride cada vez mais para com a Senhora da Fátima, que do seu trono verdejante erguido na mais linda e mística região da Itália, deixará jorrar sôbre ela as bençãos copiosas do seu materno coração.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

(Continuação)

Já é tempo porém de voltarmos à Imagem da Capela que, por todos os motivos, justo é que tenha, como merece, a preferência. A Imagem dali, das mesmas dimensões da do portão se bem que, como fica dito, muito mais rica, foi custeada pelos alunos internos e por diversas pessoas de fóra dentre as mais dedicadas à nossa Capela.

Desde o 1.º dia de Maio, que todo o tempo que a Capela permanece aberta, quer de manhã, quer de tarde, numerosas são as pessoas que, umas após outras, se vém ajoelhar em fervorosa prece ante o Altar da Senhora, rezando umas sua Novena, outras o Terço, ou qualquer mais breve súplica, trazendo não raro flôres para lhe adornar o Altar, ou, mais freqüentemente ainda, velas para lho iluminar. Há até quem desde o começo todos os Sábados mande lindo e farto ramalhete de brancas rosas. À medida porém que com as prègações do Mês de Maio iam tendo cada vez mais exacto conhecimento da história das aparições, e, acima de tudo, pelos feitos narrados, iam como que apalpando os benefícios tão exímios com que N.a S.a ia cumulando seus devotos, não só lá em Fátima e em Portugal, mas já em tão grande escala também no Brasil, tudo isso constituiu um cada vez mais poderoso incentivo ao rápido desenvolvimento da devoção nêste novo meio. De facto fazia gosto e era em extremo consolador vêr como à porfia se esmeravam em obsequiar a N.a S.a, quem angariando donativos para a aquisição de ricas e elegantes jarras para o seu Altar, quem doando-lhe lindo tapete, quem oferecendo e obtendo doutros abundância de flores que no Mês inteiro, como nunca dantes, adornaram copiosa e elegantemente o Altar da Senhora, sobrando ainda para os restantes. Merecem nêste particular mui singular e elogiosa mensão as Filhas de Maria, que, apesar de terem como Padroeira especial N.a S.a de Lourdes, isso não obstou a que dessem as mais insignes demonstrações da sua generosa dedicação a N.a S.a da Fátima. Seja disto boa prova, além do que já fica dito, o terem-se habilitado (não certamente sem notável sacrifício) a no dia 13 de Maio se unirem tão realmente aos córos da Fátima cantando na integra o Novo Ofício de N.a S.a que viera publicado na «Voz da Fátima» do mês de Abril. Outra demonstração, bem positiva também, da sua adesão à causa de N.a S.ra da Fátima, foi o pedido que me fizeram de, enquanto eu permanecesse na substituição do seu Director, comigo terem sempre presidindo às suas reüniões uma linda e rica estátua de N.a S.ra da Fátima que me havia sido oferecida de presente pelo artista, patrício nosso, que fizera a encarnação da do Colégio «Nóbrega» e a vinha fazendo, além das duas já mencionadas, de muitas outras de que, após as nossas, vinha sucessivamente recebendo encomenda. É êste aliás um outro sinal bem demonstrativo do rápido e intenso desenvolvimento da dita devoção no povo de São Salvador. São nunca menos de oito as casas de artigos religiosos que têm vendido estátuas de N.a S.ra da Fátima, desde 13 cms. até 1,m20. E, tanta extração têm elas tido, que sendo pouco efectuar sua contagem por dezenas, é já mister fazê-la por centenas. Basta dizer que, para não faltar aos quási incessantes pedidos, resolveu o artista criar na Baía um depósito permanente na Agência da C.ia Luso—Brasileira. Relativamente à nossa Capela os progressos da devoção podem aferir-se pela comparação feita entre a 1.ª estátua com que se inaugurou o culto a N.a S.ra em Maio, e a actual que a substituiu a partir de 13 de Outubro.

Enquanto a 1.ª media 60cms, já a 2.ª mede 1,m20. E, como perfeição de trabalho, no pensar de todos os que a têm admirado, não deverá ficar atrás das que até agora tenham merecido maiores elogios. Foi feita com verdadeira mestria aliada a um bem sensível carinho, pois o seu autor não só é artista consumado, senão conjuntamente um antentico devoto de N.a S.ra da Fátima. Dado pois o entusiásmo geral sempre crescente lançou-se a ideia de para Outubro fazer a substituição da Imagem pequena pela que agora está, com a intenção de que a sua inauguração coincidisse com a celebração do aniversário natalício do R. P. Cabral que tinha lugar no dia 1, e a quem a estátua seria oferecida como prenda de aniversário.

Tão bem acolhida foi a ideia, que a proposta e execução foi quási uma e a mesma coisa. Sòmente por um imprevisto atraso a estátua não chegou para o desejado dia, tendo que se fazer a festa do dia 1 ainda com a antiga. O Altar porém já próprio, integralmente preparado para a nova, estava um verdadeiro primor, transformado num mimoso canteiro de alvíssimas e odoríferas angélicas, felicíssima ideia, generosa oferta e artístico trabalho de uma insigne e assidúa devota de N.a S.ra da Fátima e de há muito já dedicada e generosa bem-feitora. Falhando pois a dita inauguração para o dia 1, tomaram-se desde logo as necessárias providências para que por forma alguma faltasse para o dia 13, como de facto não faltou. Desígnios da Providência para N.a S.ra tomar posse do seu Altar no dia a Ela especialmente consagrado. Desde a véspera que puzeram em campo tôda a sua actividade as Filhas de Maria como era de esperar, mas sem faltarem a associar-se-lhe outras e outras pessoas, não só como auxiliares, mas como quási competidoras à porfia quem melhor demonstraria a sua dedicação à causa de N.a S.ra E o resultado foi que, enquanto no dia 1 a zelosa e ardente devota se encarregava sósinha do Altar de N.a S.a, as demais distribuíam o seu zelo pelos outros altares, não se dando relativamente ao dia 13 mais que uma simples inversão de termos, sem faltar assim campo apropriado para a como que necessária expansão do ardente, melhor diria apaixonado afecto de todos a N.a S.ra da Fátima.

A benção da nova Imagem foi com tôda a solenidade feita pelo R. P. Cabral imediatamente antes da Missa dos alunos, sendo logo pelo mesmo celebrada a S.ta Missa no seu Altar, havendo durante ela comunhão geral e em seguida Benção solene do SS.mo

O resto do dia foi uma contínua romaria de gente que de todos os pontos da cidade vinha venerar a Senhora e admirar o verdadeiro encanto de tão linda e rica Imagem. À noite, mais uma vez as Filhas de Maria quizeram solenizar o dia cantando pela 2.ª vez o Novo Ofício de N.a S.a da Fátima, cujo complemento, aliás bem merecido, foi a Benção do SS.mo.

Porém o remate mais simpático das solenidades do dia foi a procissão das velas que dentro do Colégio realizaram à noite os alunos internos. Partindo da Capela, onde, após uma invocação a N.a S.ra e umas estrofes do «Avé da Fátima» demos princípio ao terço que continuámos a rezar processionalmente em direcção ao nicho do portão farta e elegantemente iluminado, entoando sempre alguma estrofe entre um e outro mistério.

Saudada N.a S.ra do nicho com uns versinhos, fiz aos alunos uma ligeira alocução alusiva ao acto, recitámos um mistério e continuámos dando a volta pelo páteo interno, para na mesma ordem de novo recolhermos à Capela, onde diante de N.a S.ra se recitou a ladaínha e se rezou um Acto de Consagração, terminando com as últimas estrofes do Avé. Foi um pequenino arremedo do que com tanto esplendor e imponência soe fazer-se em Fátima, mas já deu para atear mais nos corações dos nossos jovens o amor a N.a S.ra Quem no meio de tudo isto ficou com bem sentida pena foi o povo devoto a quem forçoso foi contentar-se com apreciar de junto do portão, por o acanhado do espaço não permitir se associassem ao cortejo.

Pelo que fica dito (e muito se poderia ainda acrescentar) parece facilmente se poder concluir que não têm sido baldados os esforços e dedicações a tão santa propaganda. Por minha parte não deixo de com humildade reconhecer quão superabundantemente N.a Senhora me compensou o sacrifício da saída do Recife, o que aliás mais clara e explicitamente ainda se deduzirá do relato que a seguir envio das multíplas e importantes graças já até agora recebidas.

Já leu a última novidade literária e crítica sôbre a Fátima?

Mande 5$00 ao SANTUÁRIO DA FÁTIMA ou à VOZ DA FÁTIMA — LEIRIA.

e peça já a tradução portuguesa do

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

pelo Dr. Luís Fischer.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Úlcera no estômago

Tenho 49 anos. Outróra era robusto forte, saúdável.

Há uns 18 anos, comecei a sentir dôres e azedúmes no estômago. Consultei vários médicos que constataram ser dilatação no mesmo. Fiz vários tratamentos sem que chegasse a obter um resultado eficaz, e há aproximadamente nove que tive uma hemorragia formidável, que se seguiu a trinta e tal horas consecutivas de contracções espasmodicas do diafragma. Obedecendo ao diagnóstico do meu médico assistente, não havia dúvidas de que uma úlcera gerada no meu estômago acabava de rebentar, de tal sorte que o referido clínico declarou ser «êste um dos casos em que só um por cento dos atingidos poderia escapar à morte». Com tratamentos, porém e rigorosas diétas, consegui algumas melhoras.

Chegado o inverno de 1930 encontrei-me novamente mal e com muita dificuldade eram digeridos os alimentos que tomava. Os sofrimentos aumentavam dia a dia, a digestão cada vez mais dificultosa e a crise acentuava-se momentaneamente.

Consultei alguns especialistas do Pôrto e, conquanto houvesse divergências entre as suas opiniões, concluía-se que todos se inclinavam para uma doença de estômago em grau assaz adiantado. Muitos medicamentos, muita diéta. A doença teria de seguir o seu curso? Já nem pequenas porções de leite com águas de Vidago podia ingerir. O meu estado era doloroso. Sentia extinguir-se-me a vida. Como baldados eram todos os meios que procurava na sciência, e por certo por inspiração celestial, recorri à Virgem do Rosário da Fátima, rogando-lhe instantemente se dignasse curar os meus padecimentos. Fiz, com todos da minha casa, a Novena a Nossa Senhora da Fátima na Igreja paroquial desta freguesia, fazendo também uso da água milagrosa. À maneira que iam decorrendo os dias no período da Novena, assim ia sentindo alívio em meus padecimentos. Convém, porém, notar que terminada a novena não me encontrava curado. Antes, porém, uma crise maior se fêz sentir e a morte parecia avizinhar-se. Mas nem por isso deixei de ter confiança na Virgem, e alguns dias depois incorporo-me na peregrinação de 13 de Maio (1931) promovido pelos irmãos de S. Francisco, de Lamêgo. A viagem era feita em camionetas. Durante as primeiras horas da viagem senti uma disposição maravilhosa, chegando a esquecer-me dos meus sofrimenos. Súbito, ao chegar perto de Viseu, sinto uma transformação inesplicável! Vómitos horrosos e uma segregação de matérias vêrdes, coloca-me numa espécie de letargo. Era impossível continuar a viagem. Chegado a Viseu, fui carinhosamente conduzido ao Hospital da Misericórdia onde com carinho me foram ministrados os socorros de que carecia.

De manhã, um pouco melhor, procurei meio de seguir viagem, na esperança de poder incorporar-me em Coimbra na minha peregrinação.

Baldadamente o procurei fazer, seguindo então para o Pôrto, na espectativa de ser operado, pois desoladamente pensava que Nossa Senhora me havia abandonado. Não deixo também de dizer que a minha viagem até ao Pôrto foi horrorosa. Chegado porém à casa onde me hospedei, sinto uma manifesta vontade de comer. Jantei com excessivo apetite, o que já não fazia havia alguns meses. Comi de tudo, inclusivamente refogados. Só depois pensei no disparate cometido, pensando também que seria aquela noite a derradeira da minha vida.

Antes de deitar-me não deixei de fazer as minhas orações, como se ainda continuasse em peregrinação para Fátima.

Acordei de manhã ao toque dos sinos da igreja da Trindade. Fiquei admirado por não ter morrido, pois não pensára de véspera que assim me acontecesse. Duvidando ainda do meu estado, fiz uma ligeira análise ao meu corpo, e pareceu-me não sentir mal algum. Como se uma mola oculta me impelisse, saltei fora o leito e dirigi-me ao referido templo onde tomei a Sagrada Comunhão, assistindo seguidamente à Santa Missa.

Sinto-me cada vez mais transformado. Dirigo-me novamente à casa onde estava hospedado, almoçando com o mesmo apetite com que de véspera jantara. Em seguida acompanhado do meu particular amigo Ex.mo Snr. Francisco da Mota Torres, então quartanista de medicina, fui consultar o Sr. Dr. Azevedo Maria e depois fui analisado ao acrau do raio X pelos Ex.mos Srs. Drs. M. da Silva Leal e Espregueira Mendes, que verificaram não haver no meu estômago qualquer doença, mas apenas uma pequena inflamação na ponta do figado. Dos medicamentos receitados, quási não cheguei a fazer uso, e desde então sinto-me bom, cômo de tudo e continuo na minha vida activa.

Glória, pois, à Virgem Nossa Senhora da Fátima, que se dignou fazer-me um tão extraordinário favor!

Valença do Douro.

Luís dos Santos Cardoso

Melhoras súbitas de uma doença pulmonar

João Meireles, de 18 anos de idade, natural da freguesia de Valença do Douro, do concelho de Tabuaço, sofria desde há bastantes meses de uma doença pulmonar. A-pesar-dos esforços empregados por alguns médicos dêstes arredores para sua extinção, nem porisso deixou de ser prostrado no leito, lançando por diversas vezes hemoptizes. A-pesar-de pouco versado em medicina a minha opinião inclinava-se para tuberculose em último gráu. Depois de estar os últimos dias sem tomar qualquer alimento, os pais viam quebrar-se-lhe o fio da vida. Desoladamente recorrem à bondade infinita da Virgem do Rosário da Fátima, prometendo-lhe que seu filho iria a seus pés agradecer-lhe, se se dignasse curá-lo... Oh! extraordinário favôr. Quási momentaneamente o doente sente-se aliviado, pede a confissão, e depois de tomar o Pão dos Anjos muda-se para outra cama, pede de comer e começa a sentir sensíveis melhoras.

Decorridas algumas semanas estava curado continuando activamente no seu mister primitivo. Esta miraculosa cura, foi constatada por muitas pessoas dêstes sítios.

Valença do Douro

Luís dos Santos Cardoso

Graças Diversas

— Laurinda de Castro Guimarães, de Sobradêlo, diz o seguinte: — «agradeço publicamente a N.ª S.ª da Fátima várias graças que obtive por sua intercessão, e mais uma vez imploro o seu maternal auxílio diante de Deus.

— Olimpia Cruz, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de um seu filho perigosamente doente, como diz.

— A Cruz, R. Arroios, Lisboa, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça que lhe alcançou e envia uma esmola para o culto.

— Maria da Conceição Cardoso,—Terceira, Açôres, declara-se devedora a N.ª Senhora, duma grande graça alcançada.

— Ilde de Lemos Soares — Funchal, Madeira, atribue também a N.ª Senhora o ter alcançado do Céu um grande favor.

— Virgílio Antunes Ferreira — Lisboa, agradece a cura de uma doença que por três meses o atormentou renitente a tôda a medicina.

— Francisca Caetana, da Batalha, agradece a cura dum sofrimento interno.

— Adelina Filipe — de Coimbra, tuberculosa desenganada pelos médicos voltou-se para Nossa Senhora da Fátima que lhe alcançou a cura.

Veio a Fátima durante um ano todos os meses em acção de graças, e agora sente-se bem.

— Florência Jamens, de Albergaria, agradece a cura de um sofrimento interno que lhe atormentava todo o lado esquerdo. Prometeu rezar um terço todos os dias da sua vida e Nossa Senhora tirou-lhe as dôres que e medicina não conseguira minorar.

— Maria de Sousa — Rio de Janeiro, Brasil, agradece a cura de uma sua amiga que há muito sofria de *erisipela*.

Fizeram um tríduo de orações durante o qual só bebia água de Fátima e desde então nunca mais sentiu o mal antigo apesar de já ter passado muito tempo.

— Laura Domingues de Almeida — Grijó, Faia, agradece a Nossa Senhora o tê-la livrado de terríveis cólicas renais que horrivelmente a faziam sofrer.

— João Souto, América do Norte, agradece a N.ª Senhora a cura duma sua filha que sofria há muito de uma lesão no coração. Estando desenganada dos médicos recorreu a Nossa Senhora bebendo água da Fátima durante alguns dias, e agora encontra-se bem.

O movimento da Fátima, conhece-se pelo livro

Fátima a Lourdes Portuguesa

do Dr. Luís Fischer

Peça-o já à cobrança, ou envie 5$00 ao SANTUÁRIO DA FÁTIMA ou à VOZ DA FÁTIMA — LEIRIA.

Graças de N.ª Senhora da Fátima no Brasil

(Continuação)

15) Dentre os casos reveladores da protecção de N.ª Senhora da Fátima no que diz respeito à saúde corporal, o que passo a narrar merece seguramente uma prependerante primazia.—Uma Senhora já de avançada idade, após várias fazes de uma pertinás doença, apesar de todos os esforços humanos por sua dedicada filha empregados, o mal foi sempre por diante, levando a doente a tal extremo que chegou a ser declarada por morta. Já os circustantes a pranteavam e começava a circular a notícia do seu passamento o que parecia confirmar, entre outros sinais, o ter já os lábios e as extremidades dos dedos com aquele arroxeado cadavérico, quando sua filha inconsolável, lembrando-se no meio da sua angústia dum prodigioso caso dêste género por mim narrado no mês de Maio e que já veio publicado na «Voz da Fátima», com fé viva invoca também ela em favor de sua mai a protecção de N.ª S.ª da Fátima, e de um frasquinho que possuía da água milagrosa deita-lhe nos lábios umas gotinhas. Olha anciosa a ver qual o resultado; apesar porém de não notar alteração alguma, nem por isso desanima. Intensifica mais ainda a sua confiança, e com mais ardor repete a súplica, deitando pela 2.ª vez outras gotinhas nos lábios da mãi. Espera alguns instantes como da 1.ª vez, porém, como então. também agora tudo persevera na mesma. Longe, porém, de desanimar a piedosa filha concentra em si tôda a energia do seu afecto para com as duas mais, e com todo o fervor de que foi capaz invoca em transe tão angustioso a Mãi do Céu em favor da da terra, deitando-lhe pela 3.ª vez outras gotinhas nos lábios resequidos. Afinal a constância e a confiança triunfaram. Mal haviam aquelas últimas gotas humedecido os lábios da mãi, quando o inferior faz uma dupla contracção o que despertou uma bem fundada esperança de ver realizada a graça pedida. Sem despregar os olhos da mãi, vê logo que, à maneira de quem se espreguiça, vai suàvemente distendendo os braços e pouco a pouco o corpo todo, parecendo assim que a vida ia lentamente tomando posse dos membros que parece havia abandonado. O entusiasmo que tudo isto ia produzindo na filha cada vês mais cheia de fé, fácil se rá supô-lo, e mais ainda quando instantes depois ela reabria os olhos ainda que com um olhar vago, que se ia tornando mais consciente, até, não muito depois, reconhecer as pessôas e poder pouco após falar-lhes. É o que é mais, as melhoras foram-se constantemente acentuando, e a doente só espera a necessária restauração das forças para poder vir assistir a uma Missa de acção de graças a N.ª S.ª de Fátima por tão assinalado favor.

16) Bem revelador da valiosa protecção de N.ª S.ª da Fátima é também o caso seguinte que me foi narrado por um Religioso do Convento do Carmo da Baía, Fr. Luís Gonzaga. Vém um dia ao Convento chamá-lo com a máxima urgência para ir vêr, e se possível fôsse sacramentar uma moça normalista que diziam estar nas últimas, tornando-se por isso mister ir logo, logo, sob pena de com qualquer demora muito provàvelmente não a encontrar mais com vida. Dada a extrema urgência, dispõe-se a partir sem mais preparos assim mesmo como estava com um hábito de serviço, perguntando-se a si mesmo de que se poderia valer para em tal situação salvar a pobre moça. Tinha-lhe poucos dias antes chegado às mãos um exemplar das «Grandes Maravilhas da Fátima» conjuntamente com um frasquinho de água milagrosa. Tão entusiasmado ficára êle com a leitura do livro e os prodígios aí relatados, que não hesitou em confiar o caso a N.ª Sr.ª da Fátima. Leva o frasquinho e lá vai confiado. Ao entrar em casa da doente, reconhece, como lhe disseram, a gravidade da doença que parecia de facto ter a doente nas últimas. Invoca junto dela em seu favor a N.ª Sr.ª da Fátima, dando-lhe acto contínuo umas gotinhas da prodigiosa água. O efeito foi tão surpreendente que, tendo isto sucedido no Sabado, no dia seguinte a febre a abandonára por completo, e sentia-se tão bem disposta que o pai chegou a pensar em tirá-la do leito e trazê-la a passar o Domingo na sala, só não o levando a efeito por conselho do mesmo Fr. Luís que achou mais prudente não precipitar os acontecimentos. O que porém não se fez no Domingo, 2 dias depois, 3.ª feira. já era uma pura realidade, não só descendo a doente a passar o dia na sala, mas andando à vontade pela casa tôda alimentando-se bem e sentindo-se disposta como nos seus melhores dias. Reconhecida à sua excelsa Bemfeitora, confessa-se-lhe devedora de tão portentoso benefício.

17) Por essa mesma ocasião é o mesmo Fr. Luís chamado com não menos urgência a casa de uma família, onde por causa de umas divergências estavam iminentes *duas* e provavelmente até *três* mortes. Em taes extremos, diz consigo Fr. Luís, só N.ª Sr.ª da Fátima me poderá auxiliar. Vai pelo caminho invocando-a com a fé mais viva e o maior fervor de que era capáz, e tão feliz despacho teve a sua prece, que logo a 1.ª pessôa implicada a quem se dirigiu, rendendo-se, às poucas palavras tira do bolso um frasco de *cianureto* e entregando-lho, diz: «aqui estava a minha liquidação; dou porém por minha parte o caso por solucionado e só desejo que tudo se harmonize.» Faltava o outro comparte da iminente tragedia, o qual informado pelo mesmo Fr. Luís da decisão da outra parte também não custou muito a se render, entregando uma pistola com que provàvelmente liquidaria um 3.º, voltando-a em seguida contra si mesmo. E quem à vista de semelhante prodigio não proclamará bem alto, por tão maravilhosa intervenção a excepcional valia de N.ª Sr.ª da Fátima?!...

18) Era aí por fins de Novembro. Uma criancinha de poucos anos andava muito entretida nos seus brinquedos infantis, correndo e saltando num páteo onde havia uma quantidade de lenha rachada. Em dado momento tropeça e cai sôbre a lenha. Aos gritos agúdos da criança acodem a levantá-la e verificam que tão desastrada foi a queda que ficou com várias farpas espetadas no globo ocular, e uma delas mesmo rente à retina. Que horror para os pobres paes!...

E que fundado receio de que aquele olho estivesse perdido, sobretudo por causa da farpa que encostava à retina!!... E, se não estivesse já ofendida, não o viria a ser com a extração? Chama-se com tôda a urgência um especialista; por menos porém que êle demorasse a chegar, que momentos de anciedade para os carinhosos pais?!...

Devoto de N.ª Sr.ª da Fátima e leitor assíduo do seu jornal, o pai em transe tão angustioso confia-lhe desde logo a sorte de seu filhinho, invocando-a com todo o fervor e confiança. Mais uma vez N.ª Sr.ª comprovou com um novo e singularíssimo prodígio a incomparável eficácia da sua protecção. Fez-se a extração com a máxima felicidade sem que a criança ficasse com a mínima lesão; e nem só isso, senão que, para complemento do insigne prodígio, tendo-lhe o pai lançado umas gotinhas da água milagrosa, no dia seguinte o olho estava completamente são, sem restos sequer de inflamação. Quem com o venturoso pai da criança não há-de aqui com todo o entusiasmo exclamar: bendita mil vezes seja, por todos e para sempre glorificada Nossa Senhora do Rosário da Fátima!!!...

19) Procurava eu por indicação de um amigo de Pernambuco uma família residente em Brotas, quando, logo por entrada, recebo a triste notícia dada pelo dono da casa, de que sua Senhora, vítima de um ataque cerebral, tinha, havia pouco tempo, sido internada no Hospício de S. João de Deus. Compadecido da sua sorte, a título de confôrto, logo me ocorreu indicar-lhe o recurso a N.ª Sr.ª da Fátima, contando-lhe para o mover alguns dos muitos prodígios de tôda a sorte por ela operados em favor dos que a invocam. Isto foi das 3 para as 4 da tarde, e à noitinha já lá estava no Colégio o dito cavalheiro em busca da novena e do frasquinho d'água. Leva-o no dia seguinte ao Hospício pedindo às enfermeiras que, quando a Senhora pudesse, rezassem com ela, dando-lhe em seguida umas gotinhas d'água milagrosa; quando porém ela não pudesse rezassem elas junto dela, dando-lhe sempre as ditas gotinhas. O resultado não podia ser mais satisfatório. Ainda a novena não findara e já a doentinha se achava completamente bôa. Avisado disto o marido para que a viesse buscar, a custo se resolveu a convencer-se de que era verdade, achando mesmo mais prudente deixá-la mais algum tempo a ver se seria cura definitiva.

Interveio nisso o médico do Hospício dizendo que dado o modo como se efectuou a cura não podia ser efeito do tratamento, nem o tempo que lá passara era para isso suficiente, mas que podia levá-la com segurança pois a cura era radical. Fê-lo assim o marido, e o tempo já decorrido desde então vae confirmando a veracidade da asserção. E o mais interessante é que a Senhora lembra-se de tudo: quando resavam, (sabendo que era por ela), como lhe davam parte da água a beber e a outra lhe aplicavam nas fontes, quando se sentiu completamente bôa, etc. Tanto assim que, quando da 1.ª visita que lhe fiz depois do sucedido, nem por sombras lhe queria tocar no caso, depois de termos conversado bastante sôbre N.ª Sr.ª da Fátima, a certa altura mostrei-lhe um frasquinho de água perguntando-lhe se sabia da eficácia da dita água, ao que ela respondeu com ênfase: «oh! se sei!... Pois então quem me pôs bôa senão ela?! E começou narrando tudo pormenorisadamente como acima fica exposto. Bem se pode imaginar quão reconhecida a Nossa Senhora da Fátima está a família tôda e mais que todos quem foi objecto de tão extraordinário prodígio, bem como seu desvelado marido.

(continua)

P.e João de Miranda

Mudanças de endereços

Os Srs. Assinantes quando necessitarem de qualquer mudança nos seus indereços, é *absolutamente necessário* que enviem o número de sua assinatura que vai no mesmo endereço. Sem êste número não nos responsabilisamos pelas mudanças que desejam lhes sejam feitas.

VOZ DE FÁTIMA

DESPESA

Transporte	339.265$49
papel, comp. e imp. do n.º 117 (72.000 ex.)...	4.314$00
Franquias, embalagens, transportes, etc....	1.678$70
Na administração—Leiria...	175$00
	345.433$19

Donativos desde 15$00

Mariana Vilar — V. Santarém, 15$00; Antónia Romão — Pera, 15$00; Celina Pais — Paderne, 15$00; António Madeira — F. da Espada à Cinta, 20$00; Carmina Azevedo — California, 1 dolar; Maria da Luz — Lisboa, 20$00; Josefina Manso — Pombal, 20$00; Margarida da Conceição — Cascais, 25$00; P.e Tavares Correia — Pôrto, 17$50; Leonor Costa — Pôrto, 20$00; P.e António Ferreira — Mogege, 20$00; Manuel Dutra — Açores, 15$00; João Agostinho — S. Cruz, 20$00; P.e José Tavares — Sever do Vouga, 30$00; José d'Almeida — França, 15$00; Irene Rocha — Figueira da C. Rodrigo, 20$00; Distribuição em Midões, 50$00; Maria Amélia — Foz do Douro, 15$00; P.e José Cacela — Nova Iorque, 2 dolares; Maria Marques — Pôrto, 50$00; Maria Guimarães — Paredes de Coura, 20$00; Maria da Purificação — Castelo Branco, 15$00; António da Rocha — Cete, 50$00; Mariana da Mota—Pôrto, 20$00; Dr. Eurico Lisboa—Lisboa, 20$00; D. António—Bispo do Funchal, 142$00; Celestina Reinas—Vilar Formoso, 20$00; Maria Izabel — Vilar Formoso, 50$00; Ana Machado — Lisboa, 20$00; Lúcia Revocata — Belver, 15$00; Manuel de Jesus — L. Marques, 20$00; Lucinda Aguiar — Avintes, 20$00; P.e Manuel Dourado — Hufla, 200$00; Laura Fonseca — Pôrto, 20$00; Alunos do Colégio de Ermezinde, 105$00; Manuel Tavares — Carreiras, 60$00; Joana Neves—Amoreira, 15$00; Luciano Pires — Braga, 50$00; Adriana Rascão — Salv.a do Extemo, 15$00; Henriqueta Bazalôco — Freixo de Espada à Cinta 50$00; Filomena Peurry — América, 1 dolar; Maria Barão — Armação de Pera, 25$00; Augusta Pinto — Arganil, 20$00; Izabel Constança — Pôrto, 20$00; Sebastião do Rezende — Milheiros, 105$00; Maria C. Real — P. da Barca 20$00; Maria da Figueiredo — Oeiras, 20$00; P.e Manuel Pontes — P. do Varzim, 110$00; Maria Candida Dias — Angra do Heroismo, 50$00; Apostolado da Oração — Vila Viçosa, 100$00; Maria Fernandes — Angra do Heroismo, 40$00; P.e Manuel Máximo — S. Luzia, 100$00; Mariana Parreira — Angra, 20$00; Assinantes de S. Tiago de Custoias, 100$00; Lucinda Valente — Coimbra, 15$00; P.e Francisco Limas — Açores, 20$00; Manuel de Sousa — Açores, 20$00; João da S. Mendes — Brasil, 50$00; Leonor de Carvalho — Buenos Aires, 5 pesos; José J. Henriques — Brasil, 15$00; Maria Vidal—Agueda, 25$00; Ana Antunes — Lousã, 50$00; Manuel Simões — Sintra, 20$00; Assinantes da Aguada de Baixo, 80$00; Luiza Ricóca — Ilhavo, 20$00; Quilhermina Tavares — Tomar, 20$00; Júlio Cardoso — Lamego, 20$00; Manuel C. Bernardino — Brasil, 15$00; Maria Portilheiro — Portalegre, 20$00; Catarina Peralta — Nisa, 20$00; Júlia Barrôso — Riachos, 30$00; Amélia Soares — Borralha, 30$65; P.e António Palhares — Lambeses, 20$00; P.e Manuel Feliciano — Outil, 50$00; José da Costa — Lousada, 15$00; Ana Reinão — Covelas, 20$00; P.e Heinrich Wehnhaas — Alemanha, 30$00; P.e Manuel Fernandes — Envendos, 30$00; Maria da Conceição — Envendos, 20$00; Hospital de Alpedrinha, 80$000; Distribuição em Vila Nova de Fozcôa, 50$00; Helena Gomes — Aldeia Nova de S. Bento, 20$00; P.e Augusto Durão Alves — Turcifal, 30$00; Maria C. Russo — C. de Vide, 25$00; Júlia de Castro — Tondela, 20$00; Maria da Conceição — P. de Lima, 20$00 e Zulmira Ferreira — Brasil, 15$00.

Agradecemos

Agradece-se muito a oferta que nos foi feita de alguns livros para a *Voz da Fátima*, bem como algumas esmolas pequeninas e grandes para ajuda dêste pobre jornal.

Raínha dos Apóstolos

Missão de Nossa Senhora de Fátima na Zululândia

Os Rev.dos Padres beneditinos alemães fundaram, há pouco tempo, na Zululandia uma missão para a conversão dos gentios e protestantes colocando-a debaixo da protecção de Nossa Senhora da Fátima.

da protecção da Santa Maria Virgem que apareceu em Portugal.

Esta missão está ainda na sua infância, mas com a protecção de Deus há-de vencer e converter os pagãos destas regiões.

Os neo-cristãos agradecem em Zululu a estátua de Nossa Senhora da Fátima

O Sr. Bispo de Leiria enviou para a igreja da Missão a estátua de Nossa Senhora da Fátima.

O Rev.do Padre Gordian Schmid, superior da missão, agradeceu com a seguinte carta cuja tradução publicamos:

Missão de Santa Maria de Fátima, 4 de Maio de 1932.

O número de católicos já convertidos é de 64 e temos 40 catecúmenos.

O número de missionários é de 3 sendo um sacerdote e 2 irmãos leigos com um catequista.

A Santíssima Virgem atraia sobre nós as graças de Deus para a conversão destas pobres almas.

As meninas da Missão agradecendo a imagem de Nossa Senhora da Fátima

Excelentíssimo Senhor:

A estátua de Santa Maria da Fátima chegou a esta missão no dia 15 de Abril e foi solenemente inaugurada no nosso oratório no dia 1 de Maio.

Agradecemos de todo o coração a linda estátua, prometendo orar pelos bemfeitores e pelas necessidades do Santuário.

A estátua da Santa Maria da Fátima está patente a todos e os próprios pagãos gostam muito de a ver.»

Por seu turno, o Senhor Bispo titular de Thaenit, Thomas Spreiter, vigário apostólico de Eshouwe na Zululandia, a cuja jurisdição está sujeita esta missão, agradece também e diz que em breve espera visitar aquela missão, administrar o Santo Crisma aos nossos cristãos e terá então ocasião de venerar a nossa imagem.

A nossa missão foi colocada debaixo

Altar dedicado a Nossa Senrora da Fátima na Missão da Zululândia

FÁTIMA À PROVA

A PERSEGUIÇÃO

O roubo dos objectos da Cova da Iria e a paródia da procissão em Santarém

A viagem para a Fátima

Na tarde do dia 22 de Setembro de 1917 partia de Santarém, em direcção à Fátima, um grupo de individuos daquela cidade, que, à passagem por Vila Nova de Ourém, levaram dali mais alguém em sua companhia.

A grei maçónica anunciava, ao mesmo tempo, grandes festas em honra da Senhora da Fátima, em Santarém, e convidava o povo a ir esperar os automóveis que mandara à Fátima buscar a carrasqueira.

Quem eram os heróis?

Os mandantes não sei nem será fácil vir a sabê-lo.

Os executantes êsses dizem os jornais do tempo (A Ordem de 31-X-1917) que eram: «António Fialho, regedor da freguesia do Salvador, António Ganto e outro indivíduo vulgarmente conhecido pelo Francisco do Cemitério».

E no número de 28 dêsse mês (segundo creio) sob o título «Uma nova torpeza» diz que os que tomaram parte na procissão eram autênticos democráticos e que tudo foi patrocinado por certa autoridade que, na sua taberna, distribuia vinho à larga.

A ida decorreu sem incidentes.

Iam munidos de um machado com o qual cortaram não a carrasqueira ou azinheira (de que apenas existia um resto do tronco rente ao chão tendo o resto sido levado como relíquias pelos peregrinos) mas ramos de várias outras que depois fizeram passar como sendo da azinheira sôbre a qual se dizia ter aparecido Nossa Senhora.

Assim deve ser corrigido o relato do Diário de Notícias transcrito na «Ordem» de 27-X-1917 sob o título: «Uma torpeza livre pensadeira com o consentimento da autoridade».

Demos agora a palavra ao correspondente do D. de N. enquanto se respeita a verdade dos factos.

«Trouxeram uma mesa sôbre a qual alguns crentes haviam armado um modesto altar, onde foi encontrada a fotografia de uma imagem religiosa (Nossa Senhora), um arco que a encimava feito de rama de murteira, duas lanternas de folha, duas cruzes, sendo uma de madeira e outra de cana envolta em papeis de seda.»

«Todos êstes objectos assim como dois vasos com plantas deram entrada» em Santarém às 9 horas da manhã do dia 23, «encontrando-se em exposição num primeiro andar do largo do Seminário».

À vinda — O dedo de Deus?...

«O automóvel, na ocasião da partida do referido local teve uma «panne» não ganhando o «chauffeur» e seus companheiros para o susto, receosos de serem alí encontrados».

Que foi?... Que houve?...

É o próprio «chauffeur» e proprietário do carro, mecânico muito conhecido em Santarém quem nos vai contar.

Há uma pequena divergência quanto à altura da viagem mas o facto fica de pé.

É numa taberna de Santarém na presença de alguns amigos, à noite, que a propósito de vários disparates ditos pelos colegas a respeito de milagres conta o que segue.

«A saída da Fátima para a Cova da Iria o carro pára-me de repente apesar de o motor continuar a trabalhar.

Às instâncias dos passageiros três vezes e já com mêdo tento fazer andar o carro.

A terceira vez deu-me a impressão de que a parte dianteira se levantava e depois começou a andar.

O resto da viagem decorreu sem novidade.

No dia seguinte quiz tirar o carro da garage para trabalhar mas não consegui pô-lo a andar.

Examinei o carro e não encontrei nenhuma avaria.

Desmonto-o, examino-o e trato dêle durante 15 (quinze) dias!

Só depois dos 15 dias é que o carro começou a trabalhar.

Lá o que foi não sei mas o que sei é que a minha gente e eu considerámos isso como um castigo».

A exposição

A visita à exposição era a dinheiro, revertendo o produto a favor das Cantinas Escolares da cidade mas a direcção não quiz aceitar.

Pouca gente lá foi e essa da laia deles.

A cidade estava indignada com tudo isso.

Quando se apresentaram ao Provedor da Misericórdia a oferecer-lhe o produto das entradas, êste recusou-se terminantemente a aceitar pois era *«o produto dum insulto e duma mixórdia»*.

E não aceitou.

Apezar de tudo ainda havia gente de caracter e de coragem em Santarém...

A procissão

(Da «Ordem» de 27-X-1917 e informações particulares).

Às 9 horas da noite de 23 para 24 um grupo de populares forma um cortejo à laia de procissão pelas três principais ruas da cidade de Santarém, conduzindo alguns deles os objectos trazidos da Fátima.

Um levava os ramos de carrasqueira, um outro acolitado por dois a fingirem de eclesiásticos, conduzia sob um chapéu de sol uma cruz e por fim uns outros transportavam a estampa de uma imagem religiosa; por cima ia o arco e as duas lanternas ao lado.

Ao som do badalar duma campainha e do rufar de um tambor cêrca de 100 (cem) populares entoavam as ladainhas à desgarrada.

Pedaços de linhagem fingiam de opas e um pano de azeitona em cima de varejões fazia as vezes do pálio.

De quando em quando paravam, um orador empoleirava-se diante do grupo e fazia com afectação grandes elogios à Senhora da Fátima, rindo-se todos em seguida, às gargalhadas.

A autoridade

«Tôda a gente estranha ao cortejo e especialmente os católicos comentam verberantemente a indiferença ou consentimento de tal desacato por parte da autoridade administrativa».

«O facto de ontem que representa um vibrante desacato à lei de separação da Igreja do Estado e ao livre pensamento dos que não pensam como o Snr. Administrador do concelho deveria ter-se evitado, porque desde manhã que se tornou do domínio do público».

Assim falava a «Ordem» loc. cit.

Ficava portanto bem fundamentada a convicção da maioria, de que todo o desacato fôra, senão fomentado, pelo menos, permitido pelo Administrador do Concelho e Governador Civil, de acordo com as «chafaricas» da terra a talvez com as de Lisboa.

Uma mulher forte

Indignada com tudo aquilo, uma mulher da cidade, quando a procissão de escárneo lhe passava junto da casa, próximo da ourivesaria Lemos, despejou um balde de água ou qualquer outra coisa sôbre os manifestantes e um policia civil.

Houve grande borborinho com insultos e blasfémias.

Foi multada.

Chamada à Administração do concelho no dia seguinte, recusou-se terminantemente a pagar a multa enquanto a não pagassem também os promotores daqueles insultos e ofensas à sua religião.

O marido manteve a resolução da mulher no propósito de fazer escândalo no tribunal.

E não pagaram.

A impressão geral

O facto produziu grande pena e revolta no espírito dos católicos da Fátima e suas cercanias, de Santarém e de tôda a parte aonde a notícia chegou.

A imprensa de grande informação e acatólica dividiu-se, aprovando uns o facto atacando-o outros com energia.

Eco dessa indignação de tôda a gente séria e principalmente dos católicos é o manifesto que a 28 de Outubro um grupo de católicos publicava, em Santarém, protestando contra os factos acima transcritos.

Com a sua transcrição na íntegra encerramos êste artigo pelo qual se vê como a perseguição à Fátima não era obra de meia dúzia de exaltados num momento de fanatismo mas plano minuciosamente delineado e realizado sob os auspícios das próprias autoridades que, tantas vezes, eram apenas simples mandatárias das lojas.

O manifesto é como se segue:

Um Protesto

Como crentes e como cidadãos, como filhos duma pátria que foi grande, pela fé dos nossos guerreiros e pelo heroísmo dos nossos santos; como habitantes duma cidade que timbrou sempre em manter fóros de culta e civilizada, vimos levantar bem alto o nosso protesto, sincero e sentido, enérgico e vibrante, contra o ignobil cortejo que, na noite de 24 do corrente, percorreu as principais ruas da cidade de Santarém, com a tolerância dos representantes da autoridade.

Nêsse cortejo macabro eram exibidos, com uma irreverência própria de selvagens, os objectos que alguns carbonários capitaneados, segundo consta, por António Fialho, regedor da freguesia do Salvador, António Ganto e outro indivíduo vulgarmente conhecido pelo Francisco do Cemitério, tinha ido arrebatar furtivamente na ante-véspera à noite à freguesia da Fátima, próximo de Vila Nova de Ourém, no local a que no dia 13 dêste mês, concorreram, na atitute mais pacífica, ordeira e correcta, cêrca de cincoenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e dos pontos mais distantes e opostos do país.

Perante uma população inteira, assombrada, à vista de tão vil degradação do sentimento moral de meia dúzia de indivíduos que são verdadeiras pústulas do organismo duma sociedade, desfilou êsse arremêdo hediondo de procissão religiosa, em que a veneranda cruz do Redentor, que cobre, com a sua sombra protectora, as sepulturas de nossos avós e a augusta imagem da Virgem que, em todas as épocas da História pairou sempre como uma benção, sôbre os destinos da nossa nacionalidade, foram alvo dos mais infâmes sacrilégios e das mais insólitas e horrendas profanações.

A ladainha da Virgem, cujo nome é a esperança e conforto dos nossos soldados que se estão batendo, como heróis, nos campos da batalha, era entoada, com voz escarninha e avinhada, pelos energúmenos que compunham a satânica bacanal.

Não há memória dum atentado tão abjecto e repugnante contra as crenças do povo e contra as tradições e a dignidade duma população que se preza de bem educada e de respeitadora das crenças alheias!

Ai de nós se não erguessemos altivamente o nosso protesto indignado contra tão inaudita provocação!

Ai de nós se não repelissemos com a maior energia das nossas almas tôda e qualquer solidariedade com os miseráveis promotores e autores de tão horrível paródia!

Ai de nós se não traduzissemos de um modo bem público e bem solene a amargura que dilacera os nossos corações, em face da inqualificável infúria infligida à Religião dos nossos maiores, que é também a nossa, e ao brio e pundonor dos habitantes desta cidade, que alguns garotos de pé descalço pretendem, à viva fôrça, fazer passar por intolerante, fanática e selvagem!

Se o não fizéssemos, se não desagravássemos as nossas crenças e a nossa dignidade vilipendiadas, dariamos jus a nacionais e estranjeiros para que nos considerassem os mais cobardes e os mais desprezíveis de todos o portugueses.

Bendita a Religião, que fêz grande e gloriosa a nossa pátria e que é o conforto da imensa maioria dos portugueses nas agruras da vida individual e nas calamidades públicas!

Bendita a Cruz de Cristo que outrora tremulava ovante no topo dos mastros das nossas caravelas, quando iam conquistar novos mundos para a fé e para o convívio dos povos civilisados!

Bendita Virgem, excelsa Padroeira de Portugal, que, através de todas as desgraças e provações, velou sempre com materna solicitude pela sorte da nossa querida Pátria e pela realização dos seus destinos imortais!

Deus perdôe aos impios sem delicadeza e sem educação que, dominados por uma raiva de precitos, tão cega como impotente, blasfémam alvarmente do seu nome adorável, e não permita que a sua justiça fulmine os terríveis castigos que os sacrilégios e as profanações públicas costumam atrair sôbre as nações que tais crimes consentem.

Santarém, 28 de outubro de 1917.

Um grupo de católicos»

Um Observador

Recomendamos

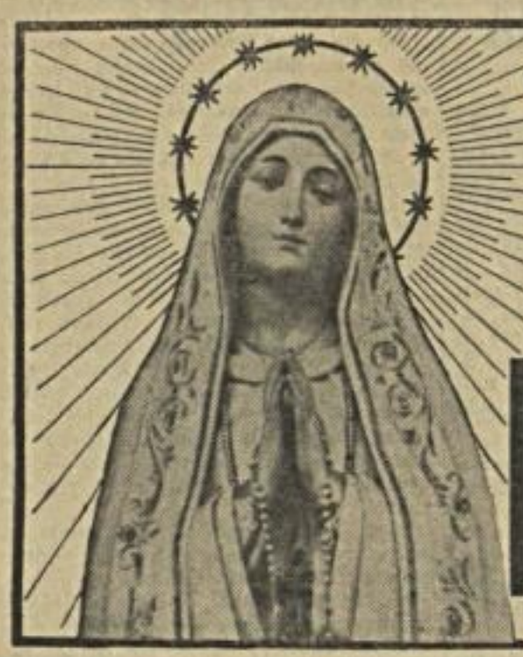
Que a importância das assinaturas bem como as esmolas colhidas na distribuição dos jornais pelas pessoas que recebem rôlos dos mesmos, devem ser enviadas para a Administração da *Voz da Fátima* — Seminário de Leiria, em carta registada ou vale do Correio.

Fiquem só com um jornal!

Já não devia ser necessário recomendar que não peçam mais do que um jornal para cada casa, mas como ainda há tantas pessoas que vão à Cova da Iria roubar as esmolas de Nossa Senhora levando mais do que um jornal para cada casa, por causas deles se recomenda de novo: *levem só um.*

Este número foi visado pela Comissão da Censura.

Ano X — Leiria, 13 de Agosto de 1932 — N.º 119



VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 18-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

FÁTIMA, o novo Saltério de Maria

«E Fátima traduz a devoção mais bela,
do povo português que a Virgem anela».

Do *Poema de Fátima*, por Rui Cordovil.

Dom Manuel II, «o Desditoso»

Quando a «Voz da Fátima» reproduziu nas colunas do seu número de Junho a gentilíssima carta que o Senhor Dom Manuel de Bragança escreveu ao venerando Prelado de Leiria, comunicando-lhe a oferta de dez contos de reis para o altar-mór da Basílica nacional de Nossa Senhora de Fátima, ninguém sequer suspeitava que, decorridas apenas duas semanas, o nobilíssimo espírito do seu autor, desprendendo-se dos frágeis liames do corpo, voaria, em suave adejo, para o Céu, a cingir uma corôa mil vezes mais bela e mais rica do que a do reino que na terra fôra seu.

Grande no trono, donde uma revolução o despenhou, maior ainda no exílio, que lhe permitiu patentear aos olhos de todos, nacionais e estranjeiros, os preciosos quilates da sua alma de ouro, o último rei de Portugal foi sempre um católico fidelíssimo e um exímio patriota.

Inúmeros rasgos de bondade cingem de luz intensa e brilhante a sua fugaz existência sôbre a terra, tôda consagrada à prática das mais sublimes virtudes religiosas e cívicas.

Em todos os lances delicados da vida da nação, o amor da Igreja e o amor da Pátria eram a nota dominante das suas palavras e dos seus actos. Dom Manuel morreu apenas com 43 anos de idade, de uma morte santa, piedosamente abraçado à cruz, símbolo daquela que durante a vida tanto lhe pesara sôbre os ombros e que com tanta resignação e nobreza de sentimento soubera levar.

As exéquias que por sua alma se realizaram em Londres, na Catedral de Westminster, assistiram milhares de pessoas, entre as quais, em lugares de destaque, as Raínhas, Viuva e Mãe, D. Augusta Vitória e D. Amélia, os reis Jorge da Grécia e Afonso XIII de Espanha, o duque de Gloucester, representante do rei de Inglaterra, o almirante Miraglia, representante do rei de Itália, e os embaixadores de Portugal, França, Brasil, Bulgária, etc.

Por iniciativa do Govêrno da República, serão oportunamente trasladados para Portugal, a-fim-de repousarem no solo dos seus antepassados, os restos mortais daquele Rei, grande na virtude e grande no infortúnio, que fechou com chave de ouro a última série de soberanos pertencentes à Serenissima casa de Bragança.

Para as duas augustas Senhoras, Viúva e Mãe do Senhor Dom Manuel, feridas por um golpe tanto mais duro quanto inesperado, vai a expressão sentida da dor e da piedade dos redactores e dos leitores da «Voz da Fátima», como católicos e como portugueses que se prezam de ser.

Que Deus, infinitamente misericordioso, se tenha dignado acolher entre os esplendores da sua glória a bela alma do último rei fidelíssimo!

Pie Jesu, dona ei requiem sempiternam!

Os actos religiosos oficiais

No dia doze de Julho, às últimas horas da tarde, era já considerável a multidão que, num vaivém contínuo, circulava na Cova da Iria, na estrada adjacente e nas suas imediações. Todavia, como, a-pesar-de se ter já entrado na quadra estival, o frio naquele logar e àquela hora do dia, era intenso e o vento soprava rijo, foi resolvido efectuar os actos religiosos nocturnos do costume na capela do Albergue de Nossa Senhora de Fátima, em cuja entrada se armou um altar para êsse fim.

A procissão das velas, menos concorrida que nos dois meses anteriores, percorreu o itenerário habitual, mas não teve o brilho e a imponência que reveste quando o tempo é favorável.

Entre as peregrinações organisadas, viam-se as de Setúbal, Alcanede, Póvoa de Varzim, a Juventude Católica Feminina de Leiria e um grupo de alunas do Patronato de Alcanena envergando os seus uniformes.

À meia-noite começa a adoração nocturna de Jesus Sacramentado.

Durante a primeira hora destinada à adoração nacional, prègou o rev.do Joaquim Lourenço, prior de Mendiga, com a assistência de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria.

À segunda hora, reservada para a peregrinação de Setúbal prègou o Vigário Geral, rev.do Francisco Carlos Nunes.

À quarta hora prègou o rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria. Pouco depois das seis horas, terminada a adoração nocturna com a bênção do Santíssimo, o mesmo sacerdote que naquele local tinha celebrado, havia precisamente anos, a sua primeira missa, rezou a missa da comunhão geral.

Às nove horas e meia o Senhor D. José celebrou missa por alma do Senhor D. Manuel de Bragança, que como sua augusta Esposa, era tão devoto de Nossa Senhora de Fátima e que tão generoso se tinha mostrado para com o Santuário.

A peregrinação de Junho tinha trazido a Portugal e a Fátima um distinto escritor alemão, o rev.do Heinrich Wohnhaas, da Congregação dos Filhos do Coração de Jesus, professor no Seminário das Missões de S. José, em Ehwangen, Württemberg.

Por sua vez com a peregrinação de Julho veio outro sacerdote alemão, o rev.do Ludwig Valdmüller, de Hilpoltstein, Baviera.

Este mês estavam também presentes três minoristas austríacos, estudantes da Companhia de Jesus, que se destinam às missões da grande República do Brasil. Eram os rev.dos João Dornstander, de Wels, Francisco Gaismayer, de Pyrosvorth, e Jobaim Trachta, de Linz, Urfahr.

Já depois de concluídas as cerimónias oficiais, chegou um *jocista* holandês, pintor, que pesaroso pela demora involuntária que o inibiu de assistir aos actos da peregrinação, resolveu ficar em Portugal até ao dia treze do próximo mês de Agosto.

Ao meio dia solar principiou a missa dos doentes, que foi celebrada no altar provisório exterior da Basílica. Acolitaram a essa missa os rev.dos Cónego Francisco Maria Felix, Reitor do Seminário Patriarcal em Santarém, e Francisco Carlos Nunes, prior da freguesia de Setúbal e director da peregrinação daquela cidade.

Na esplanada em frente da Basílica tinham sido armados catorze toldos que abrigavam dos raios do sol cêrca de cem doentes, alguns dos quais se achavam em estado bastante grave. O venerando Prelado de Leiria assistiu ao santo sacrifício próximo do altar. O prègador, que foi o mesmo da hora da adoração nacional, à estação da missa falou ao microfone, explicando o evangelho do dia.

Após a Missa, o Senhor D. José deu a bênção com o Santissimo aos doentes.

Peregrinação de 13 de Maio de 1932 — *O Snr. Núncio benze o monumento do S. Coração de Jesus diante da Imagem de N. S. de Fátima. Junto do Sr. Núncio estão os Snrs. Bispos do Algarve e Leiria.*

Assistiram à missa dos doentes o rev.do dr. Francisco Cruz, vários professores e prefeitos do Seminário de Santarém, numerosos alunos dêste Seminário e do de Leiria e o rev.do José Ferreira de Lacerda, pároco da freguesia dos Milagres e director do semanário «O Mensageiro», de Leiria, antigo capelão do Corpo Expedicionário Português em França e uma das pessoas que primeiro e dum modo mais completo interrogaram os videntes sôbre as aparições e os sucessos maravilhosos de Fátima.

A J. C. F. de Leiria

A Juventude Católica Feminina de Leiria enviou a Fátima, na peregrinação dêste mês, uma numerosa e brilhante delegação.

Tendo por sua padroeira especial Nossa Senhora de Fátima, essa benemérita colectividade resolveu ir depôr aos pés da Virgem o tributo do seu amor e da sua gratidão filial.

Tendo chegado à Cova da Iria ao cair da tarde, as piedosas jovens católicas da cidade de Leiria dirigiram-se processionalmente, precedidas do seu estandarte, para a capela das aparições, rezando o terço do Rosário durante o percurso. Em seguida fizeram a visita ao Santíssimo na capela do Albergue. Incorporaram-se na procissão das velas e tomaram parte na adoração nacional. No dia treze, às oito e horas e meia, assistiram à missa celebrada pelo seu zeloso assistente eclesiástico, o rev.do Augusto de Sousa Maia, secretário do venerando Prelado e professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria. Tôdas receberam nessa missa o Pão dos Anjos.

Juntamente com o grupo conduziram a Fátima duas doentes, sendo uma delas sócia da Juventude. À tarde, depois da procissão final, retiraram para Leiria por Ourém, aonde foram, em visita de estudo, a-fim-de vêr os monumentos que se relacionam com a história do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira.

A direcção da prestimosa Juventude Católica Feminina de Leiria é atualmente constituída pelas senhoras D. Rafaela Leitão Rito Estrêla, presidente, D. Bemvinda do Carmo Goes, secretária, e D. Maria Idalina Marques da Cruz, tesoureira.

Peregrinação diocesana de Leiria

Por iniciativa de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, realiza-se, nos dias 12 e 13 de Agosto corrente, a primeira peregrinação da sua diocese ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima.

A escolha daqueles dias para a realização da peregrinação tem por fim comemorar o centenário do Beato Nuno de Santa Maria, Condestável de Portugal, vencedor da Batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385.

No dia 13, às nove horas e meia, haverá, pela primeira vez no Santuário de Fátima, Missa de Pontifical seguida da procissão do Santíssimo Corpo de Deus.

As pessoas que queiram tomar parte na peregrinação devem confessar-se antes, dar os seus nomes aos rev.dos Párocos cujas indicações seguirão, e, durante o caminho, rezar o Rosário, entoar cânticos, se passarem por alguma igreja, entrar e visitar o Santíssimo e, se passarem pelos cruzeiros, fazer a *Via Sacra*.

É bem conhecido o zêlo inteligente e indefesso do venerando Pastor da diocese e do seu clero, como é bem conhecida igualmente a piedade esclarecida e a devoção acendrada dos habitantes da diocese de Leiria para com a Santíssima Virgem.

Atentas estas circunstâncias e tendo-se em linha de conta o privilégio singularíssimo com que a Raínha do Céu distinguiu aquela diocese, dignando-se aparecer numa nesga abençoada do seu território, é de esperar que essa peregrinação revista as proporções duma grandiosa manifestação de fé e piedade, digna da Virgem e honrosa para a diocese, para os seus fiéis, para o seu clero e para o seu Prelado.

A peregrinação da diocese de Leiria é

o pagamento da divida de gratidão que a mais pequena diocese de Portugal contraíu para com a augusta Mãe de Deus, que se dignou baixar os olhos para a humildade da sua serva, *quoniam respexit humilitatem ancillae suæ*.

Qual será o habitante da diocese de Leiria que prezando-se de crente e devoto de Maria, se recuse a pagar a sua quota parte desta divida sagrada, ficando em casa, quando nada o iniba de se incorporar em tão piedosa romagem?

Raio de luz

Esta magnífica publicação, revista mensal de Senhoras, órgão de comunicação e propaganda da Liga de Acção Social Cristã nas suas diferentes secções, insere no seu número correspondente ao mês de Maio último três artigos sôbre Fátima. O primeiro, intitulado *A Jornada de Fátima*, encerra a descrição pormenorizada da peregrinação da Liga — Senhoras e Juventude — ao Santuário de Fátima nos dias 12 e 13 de Maio, peregrinação em que tomaram parte grupos da Liga de Lisboa, Pôrto, Leiria, Viana, Tôrres Novas, Santarém e Algarve.

Com o grupo de Lisboa foram também a Fátima o Assistente Geral, rev.^do^ dr. Cónego Carneiro de Mesquita, secretário de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, o Promotor Nacional, rev.^do^ Sebastião Pinto da Rocha, a Senhora Presidente Geral, D. Maria Amélia de Lemos Santos, e a Senhora Tesoureira e Correspondente Geral da Liga, D. Maria do Carmo Ferreira de Mesquita de Moura. Dentro dos muros da Basílica efectuou-se uma reünião em que falaram sôbre os trabalhos e os interesses da Liga os rev.^dos^ Assistente Eclesiástico Geral da Liga, Promotor Nacional e Assistentes eclesiásticos de Leiria e Braga e os dirigentes dos vários núcleos da Liga e Juventude ali representados.

A missa celebrada pelo rev.^do^ Assistente geral comungaram duzentas e cinco sócias.

Noutro artigo, subordinado à epígrafe *Fátima, trono da Virgem*, uma ilustre escritora tece um hino de amor e gratidão à Virgem, que se dignou aparecer em Fátima para justificar mais uma vez o seu título de *celeste Padroeira da Lusitânia*.

Estas linhas escritas numa bela forma literária e cheias de conceitos e imagens felizes, são repassadas dum vivo sentimento de piedade unido a um amor acrisolado da Pátria.

Finalmente, na secção *Notícias da Juventude* uma jovem e distinta escritora traduz as suas impressões sôbre a peregrinação de Maio num primoroso artigo, que revela em cada período uma alma feminina, plena de vida e mocidade e de santo e salutar entusiasmo.

Poema de Fátima

Escritor de raro mérito, jornalista de vastos recursos, músico exímio, crítico musical distintíssimo, mimoso e inspirado poeta, o sr. Rui Cordovil, que alia à sua fé viva e activa de católico integral uma fervorosa piedade filial para com a Virgem Santíssima, de quem é *servita*, no seu Santuário máximo, quis pagar-lhe o tributo do seu talento e da sua devoção escrevendo e dando à estampa um formosíssimo esboceto a que pôs o título de *Poema de Fátima*.

Em dísticos de rima emparelhada, distribuidos por sete pequenos cânticos, o autor celebra as aparições de Fátima e faz a história de alguns dos episódios maravilhosos que se teem desenrolado, naquele teatro admirável do poder e da bondade maternal de Maria.

O Sr. Rui Cordovil pertence incontestàvelmente à pleiade, infelizmente pouco numerosa, daqueles ditosos filhos das musas que escrevem com a inteligência e com o coração em versos que ressumam verdadeira poesia. Dificilmente, em tão poucas páginas seria possível dizer tanto e tão bem, a quem não tivesse um autêntico temperamento de artista, como na realidade tem o mavioso cantor dos prodígios assombrosos da Virgem de Fátima.

Nessas estâncias, feitas de tintas simultâneamente simples e fortes, vibra com intensidade a alma portuguesa e patriota, estuante de amor à augusta Raínha do Céu e de gratidão pelas graças que ela se tem dignado derramar sôbre esta terra que se preza de ser a terra de Santa Maria.

O *Poema de Fátima* é um gracioso ramilhete de flores, puras, belas e fragrantes, deposto aos pés do trono da Mãe de Deus, no seu santuário predilecto, pela devoção dum poeta, crente e piedoso, cuja alma de artista a cidade da Virgem enleou e prendeu para sempre com os seus suavíssimos e celestiais encantos.

Dêsse magnífico hino sagrado, finíssima e preciosa joia literária, cujo quilate ortodoxo é garantido pelo *imprimatur* de sua Ex.^cia^ Rev.^ma^ o Senhor Bispo de Leiria, transcreve-se a seguir a introdução, para que os leitores da *Voz de Fátima*, por essa pequenina amóstra, possam avaliar o mérito de tôda a obra.

«Num vasto campo agreste, um pouco ao sul de Ourém,
era a Cova da Iria. E é certo inda ninguém
pensava, um só instante, em visitar, na serra,
tal ponto sem valor, tão solitária terra.
Sòmente algum pastor, ao ver a erva maninha,
levara o seu rebanho alí, pela tardinha.
Mas essa terra brava, assim, triste e sombria,
em terra de milagre ia tornar-se um dia!
A Virgem do Rosário, a Santa Mãe de Deus,
pedindo penitência, alí desceu dos Céus!
E falou e sorriu a uns pobres pastorinhos,
almas brancas e sãs quais outros cordeirinhos!...
O milagre ecoou na sua singeleza
e Fátima surgiu na terra portuguesa!...»

Verdadeira chave de ouro de abertura do *Poema de Fátima* esta deliciosa e magnífica introdução, que bastaria, só por si, para consagrar o seu ilustre autor como

«inspirado cantor, rei da harmonia».

Visconde de Montelo

OS POBRESINHOS

Depois dos pecadores, eram os pobres quem mais ocupava o pensamento do santo Cura d'Ars. E pobres não são só os que andam de porta em porta, sendo às vezes êstes os que teem uma vida menos aflitiva.

Ora o santo Cura d'Ars amava-os porque Nosso Senhor também os tinha amado e porque êle compreendia que não tendo nêste mundo senão privações, penas e repulsas de tôda a ordem, tinham mais necessidade de ser auxiliados, honrados e consolados.

Muitas vezes lhe ouviam dizer:

Como nós somos felizes em que os pobres venham assim pedir-nos caridade. Se não viessem, deveriamos nós ir procurá-los, e para isto nem sempre há tempo».

«Há quem não faça esmola senão para que os vejam, os louvem e admirem... e há quem imagine que os pobres lhe não agradecem suficientemente. Isto não deve ser assim!...

Se é pelo mundo que fazeis a esmola, tendes razão de vos queixar, mas, se é por Deus, que vos agradeçam ou não, que importa! É necessário fazer todo o bem que pudermos e a tôda a gente, sem esperar recompensa senão sòmente de Deus.

«Quando nós damos esmola é preciso imaginar que a damos a Deus e não aos pobres. Pode acontecer que imaginemos estar a consolar um pobre e ser Nosso Senhor. Vêde S. João de Deus: tinha o costume de lavar os pés aos pobres antes de os pôr à mêsa.

Um dia inclinando-se sôbre os pés dum pobre, viu que êsse pobre tinha os pés atravessados por uma chaga. Levantou a cabeça cheio de emoção e exclamou:

«Sois Vós, Senhor!» (e aqui o santo cura d'Ars estava banhado em lágrimas). Nosso Senhor lhe replicou: «João, tenho prazer em ver como tu tens cuidado dos meus pobres...»

E desapareceu.

«Vêde êsse bom S. Gregório que sentava todos os dias doze pobres à sua mesa. Um dia viu que eram treze e disse ao criado: «olha que são treze». O criado, no entanto respondeu que só via doze.

O santo notou então que o décimo terceiro mudava de côr, aparecendo umas vezes encarnado, outras branco como neve.

Acabada a refeição, o Papa, chamando o pobre à parte, pergunta-lhe: «quem sois?» — «Sou um anjo (novas lágrimas do santo Cura d'Ars) e Nosso Senhor me enviou para vêr de perto o cuidado que tendes com os seus pobres. Sou eu quem apresenta a Deus as vossas orações e as vossas esmolas». A estas palavras desapareceu.

Esta mêsa, à qual o anjo esteve sentado, vê-se ainda em Roma.

«Há quem diga aos pobres que êles teem cara de saúde, que são preguiçosos e podiam muito bem trabalhar, que são novos e teem bons braços».

Ora vós não sabeis se a vontade de Deus é que eles mendiguem o seu pão e vos expondes assim a murmurar contra a vontade de Deus.

«Vêde S. Bento José Labre: todo o mundo o repelia. Diziam que era um mandrião. Os pequenós atiravam-lhe pedras. Ora êsse bom santo sabia que fazia a vontade de Deus e por isso nunca respondia nada.

Um dia, o seu confessor disse-lhe: «meu amigo, eu penso que farieis melhor em seguir outra vida, porque assim dais ocasião a que se ofenda a Deus. O mundo diz que é só a preguiça que vos leva a mendigar».

S. Bento Labre lhe respondeu com tôda a humildade: «Meu Padre, é vontade de Deus que eu mendigue. Afaste um pouco as cortinas do confessionário e verá...» O sacerdote assim fêz e viu uma luz que iluminava tôdas as Capelas. Depois disto, o confessor não voltou a insistir...

Pois bem, meus filhos, quem sabe se não estaremos deante de um caso semelhante? É preciso, pois nunca repelir os pobres. Se nada pudermos dar-lhes, pediremos, ao menos, a Deus que inspire outros a dar.

«Outros dizem: «Não lhe dou esmola porque êle faz mau uso dela». Que êle faça o que quizer, que N. Senhor lhe tomará contas disso. Vós só sereis julgado da esmola que podieis e devieis dar e não destes.

«Não devemos desprezar os pobres porque êste desprêzo vem recair sôbre Deus e é como se fôsse feito a Êle».

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Pleuresia purulenta

Irene Henriques Antunes, de Marruas — Torres Novas, aos trinta meses de idade foi acometida duma pleuresia purulenta. A criança definhava de dia para dia. Todos os que a viam a julgavam em breve na sepultura.

Em fins de Agosto de 1931 agrava-se ainda mais a sua doença. É chamado o Sr. Dr. Carlos, de Alcanena, que lhe tirou da 1.ª vez meio litro de puz, e doutra vez mais de um litro!

Não obstante isto, o seu estado era cada vez mais grave, de maneira, que já desenganada pelos médicos, foi levada ao Hospital onde foi sujeita a uma operação cirurgica no dia 19 de Outubro. Dois meses depois, depois de muitas orações e votos a Nossa Senhora a criança adquire o seu estado normal, encontrando-se agora perfeitamente boa, graça que atribuimos a N.ª S.ª da Fátima, que nos atendeu quando no meio da nossa dôr lhe pediamos que abençasse os medicamentos, a operação e o tratamento com a água do Santuário da Fátima.

Maria do Ó Cordeira — Marruas

Dores nervosas

Venho pedir-lhe o favor de publicar no jornal da Fátima a seguinte graça que N.ª Senhora me alcançou.

Um meu filho sofria horríveis dôres nervosas que, parecia, lhe queriam arrancar a vida. Numa dessas aflições pedi com grande confiança à Mãe do Céu que nos valesse e prometi ir com êle a Fátima agradecer à SS.^ma^ Virgem a graça da cura, se esta lhe fôsse concedida.

Desde então, graças a Deus, não tornou mais a ter aflições nervosas e hoje está, diz, de todo restabelecido, favor que nunca quero esquecer.

Teresa Júlia Varela Vieira — Algarve

Dores

Há meses, de noite, fui atacada de dôres tão violentas numa perna, que parecia m'a esmigalhavam a martelo! Tais dôres foram aumentando com tanta intensidade, que eu, não podendo já aguentar mais, recorri à Minha Mãe Celeste — Nossa Senhora da Fátima, prometendo-lhe uma pequena esmola e publicar esta graça, se Ela me valesse. Poucos minutos depois, passaram-me as dôres, podendo desde logo descançar. Nunca mais senti dôres horríveis como as que até ali me amarguravam a vida, por isso, venho agradecer a tão Boa Mãe, cheia de reconhecimento o grande favor que me alcançou.

Maria das Dôres Botelho — Cabeceiras de Basto

Doença no coração

Havia já muito tempo que era empregado Comercial em Taboaço; mas no ano de 1928 comecei a sofrer no coração. As dôres eram horríveis e o mal estar geral. Parecia que o coração se me despegava do peito! Consultei a medicina, mas sem resultados sensíveis porque os sofrimentos aumentavam cada vez mais. Nêste estado grave e quási desanimador, resolvi ir a Fátima numa camioneta que daqui foi a essa terra bendita. A viagem foi muito incomoda para mim que sofria, e para os peregrinos que tiveram de me ouvir e de gastar mais tempo na viagem.

Em Fátima assisti às cerimónias tôdas, embora com alguma dificuldade, mas à volta, senti-me muito bem já.

Comia, rezava e cantava com os outros companheiros de viagem, e desde então até agora não mais senti sofrimento algum no coração, graças a Nossa Senhora da Fátima que foi quem me curou.

Uma outra graça temporal que alcancei quero também agradecê-la a Nossa Senhora da Fátima.

Pinhão — Oliveira de Azemeis

Manuel Dias da Silva

Apendicite

Em 5 de Agosto de 1930 fui violentamente atacado por uma cólica nos intestinos que durante 5 horas me atormentou o corpo.

O meu médico Dr. Franklin, disse-me ser necessária uma operação em virtude de uma apendicite de que sofro.

Como sempre tive horror às intervenções cirurgicas, invoquei como o maior fervor possível a N.ª S.ª da Fátima, para que não tivesse de ser operada.

Passei alguns meses muito mal, mas nunca desanimei, e em 13 de Maio de 1931 estive em Fátima muito doente e sob uma dieta muito rigorosa.

«Depois de rogar à Virgem a graça desejada e de beber a água Milagrosa, operou-se nesse mesmo dia a minha cura radical.» Nunca mais senti qualquer mal estar interior não sendo necessária a operação. Estas palavras não só traduzem o meu eterno reconhecimento de gratidão, confessando-me devedor a Nossa Senhora, duma dívida que jamais poderei pagar, mas também servem para testemunhar publicamente perante os crentes e os que o não são o que S. Bernardo diz de N.ª S.ª — «que ninguém recorre a Ela que não tenha sido ouvido.»

Alberto Leal Junior — Guarda Livros Diplomado — R. de S. Braz, 30 — Porto

Salpingite

Tendo minha irmã sido atacada gravemente de uma «salpingite» recorreu a N.ª S.ª da Fátima, prometendo-lhe, se fôsse curada, mandar publicar a graça obtida e assinar o jornal «Voz da Fátima», o que gostosamente hoje vem fazer porque se considera curada.

P.e José da Costa Leonardo — Faial — Açôres

Diabetes

Sofri muito da terrível doença — «Diabetes» — e já sem esperança em médico algum, pedi à Virgem Maria da Fátima que viesse em meu auxílio, prece que foi ouvida por Nossa Senhora da Fátima.

Graças a Ela e a Deus hoje estou curada e sinto-me muito bem.

Agradeço à Virgem Maria a minha cura nesta doença, como também muitas outras graças que dela tenho recebido do Céu e que nunca espero esquecer.

Rosa Amélia do Amaral — Faial — Açôres

A uma mãe cristã

Encontrando-se minha mulher grávida, em Maio de 1931 principiou a sofrer horrivelmente por causa de ser cardíaca, doença esta em tal adeantamento, que vários médicos me tinham afirmado que um parto lhe causaria a morte.

Vendo pois que minha mulher sofria tão atrozmente, levei-a a Coimbra a um médico que, depois de a examinar, receitou qualquer coisa, recomendando que voltasse 8 dias depois, para ver o efeito do medicamento. Voltámos. O clínico encontrou-a em estado que lhe aconselhou a que entrasse no Hospital para aí lhe ser provocado o abôrto, mas que, não querendo sôbre si a responsabilidade, lhe dava uma carta para outro seu colega especialista em partos. Este, depois de examinar a doente, declarou ser da opinião do seu colega, e com uma carta devolveu minha mulher ao primeiro médico, que insistiu com que minha mulher desse entrada no Hospital para lhe ser expelido o feto, visto ser esta também a opinião do seu colega.

A isto respondi eu: — «pois se é essa a opinião de V. Ex.ª e de seu Ex.^mo^ Colega, não é a minha.

Não consinto em tal. Matar um inocente?! Nunca.»

Ralhou comigo chamando-me assassino de minha mulher, etc. (e não se lembrando que queria cometer o mesmo crime num inocente).

Vendo, pois que a medicina só salvaria a minha mulher a troco dum crime, recusei-a e saí para me dirigir... a quem? — À Consoladora dos aflitos, à Virgem do Rosário da Fátima.

Desde então a minha vida, em tôdas as horas que as minhas ocupações me deixaram livres, pode dizer-se que tem sido uma prece contínua. Por esta intenção orava continuamente e comungava tôdas as vezes que me era possível, não falando já nas orações que pedia a almas piedosas e que se interessavam no bom despacho, deste pedido.

Pus de parte todos os medicamentos para simplesmente dar à doente, como remédio, água do Santuário da Fátima.

Apesar da opinião dos médicos de que ela morreria fatalmente no parto, a minha fé e esperança eram tão grandes que por diversas vezes e a diversas pessoas afirmei como certo que minha mulher havia de ser feliz. No dia 18 de Janeiro deste ano acabei uma novena a Nossa Senhora da Fátima, a cuja novena, assistiram minha mulher, minha sógra, e meus três filhos, e, no dia 19 de madrugada, minha mulher, num parto felicíssimo dava-me mais uma filhinha que 8 dias depois era purificada das manchas do pecado original na Igreja da minha freguesia — S. Martinho do Bispo — sendo madrinha a Virgem Nossa Senhora da Fátima, recebendo a criancinha o nome de sua Madrinha — Maria do Rosário da Fátima.

No dia 8 de Fevereiro deste ano, como minha mulher me dissesse que se sentia tão bem como se nada tivesse tido, aconselhei-a a que com sua mãe, fôsse à Igreja, onde se achava exposto o SS. Sacramento, e que lhe agradecesse lá tão grande graça.

Saíram com esse destino, mas andados alguns minutos, minha mulhr sente dôres tão violentas nas pernas que tem de retroceder e recolheu à cama, onde à noite, surpreendido, a vim encontrar gritando e contorcendo-se. Estava minha sógra preparando panos embebidos em água quente para lhos aplicar nas partes mais doridas quando eu entrei. Eu então disse: — o remédio que a cura está aqui; — e pégo num pouco de água da Fátima, aplico-lha nas regiões doridas e as dôres cessam como por encanto!.

Hoje, minha mulher vai criando a criancinha e fazendo com regularidade os seus serviços domésticos.

«Virgem Soberana: o meu reconhecimento será eterno, e não tendo mais que vos oferecer, ofereço-Vos o meu coração de filho agradecido, os corações de minha mulher e de meus filhos, suplicando-Vos os abrigueis sob o Vosso Manto e vos digneis abençoar a vossa inocente afilhada.

Joaquim Lopes David — Mata do Choupal de Coimbra

Confirmo a veracidade do que fica dito.

S. Martinho do Bispo, 24 de Abril de 1932.

O prior — *Mons. José Rodrigues Madeira*

Graças diversas

— Maria do Carmo — Ancião, agradece a N.ª S.ª da Fátima a cura de sua filha Maria do Céu.

— Hermínia Melo — New Bedford — América, agradece a cura de sua mãe Maria C. Luís e oferece três dolares para o Santuário.

— Alda Machado da Silva, Santarém, agradece a N.ª S.ª da Fátima, o ter-lhe concedido as melhoras duma pessoa de família.

— Maria do Carmo da Rocha — Odivelas, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado de Seu Amado filho uma graça muito importante.

— Maria Olívia de S. António Neto — Cercal, agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual.

— Manuel Augusto Vieira e Rosa da Conceição — Alqueidão da Serra, agradecem a cura de seu filho Alécio, então de tenra idade. Por duas vezes, aos três e aos oito meses, foi desenganado pelos médicos, mas graças a Nossa Senhora que atendeu várias promessas dos pais desta criança, hoje encontra-se a mesma completamente bem.

— Maria Folesta Barosa, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe concedido a saúde de que muito carecia bem como a sua família.

— Margarida Jorge Sequeira — Figueira do Castelo Rodrigo, tendo sua filhinha com um eczema que não cedeu a vários tratamentos médicos, agradece a Nossa Senhora a sua cura rápida depois de uma novena que fêz em honra da Mãe do Céu.

— Quiteria de Jesus — Espite, agradece a Nossa Senhora a cura de seu irmão mais novo que esteve prestes a morrer. A família, cheia de mágua orou a Nossa Senhora e no dia seguinte a criança pede para se levantar. Hoje está completamente boa.

— Albertina de Jesus — S. Tiago da Guarda, agradece a Nossa Senhora a graça que lhe alcançou em favor da sua Mãe doente num Hospital. Hoje está boa graça que atribue a Nossa Senhora mais do que à medicina da terra.

O movimento da Fátima, conhece-se pelo livro

Fátima a Lourdes Portuguesa

do Dr. Luís Fischer

Peça-o já à cobrança, ou envie 5$00 ao SANTUÁRIO DA FÁTIMA ou à VOZ DA FÁTIMA — LEIRIA.

VOZ DA FÁTIMA

Preço da assinatura por ano

Continente e ilhas... ... ... 10$00
Estranjeiro ... ... 15$00

* * *

Não se faz a cobrança pelo correio, e por isso a importância dos assinantes deve ser entregue nos dias 13 na Fátima, ou enviada a esta administração em vale ou carta.

Graças de N. Senhora de Fátima no Brasil

20) Uma respeitável Senhora, Viuva Isabel Ariani Machado, tem um filho que havia 6 anos já vinha lutando com uma impertinente lesão que bastante o faxia sofrer, sendo-lhe infrutíferos todos os remédios empregados.

Tendo conhecimento da devoção a N.ª Sr.ª da Fátima e das insignes graças que por meio da sua novena e água milagrosa se vinham obtendo, adquirindo uma e outra coisa, começa desde logo com todo o fervor a implorar o seu prodigioso auxílio. Tanto bastou para, em bem curto praso, obter d'Ela a cura radical de seu filho, graça que com o mais profundo reconhecimento de todo o coração agradece a tão bôa e compassiva Mãe, pedindo seja publicada no seu jornalsinho «A Voz da Fátima».

21) O R. P.e João Batista Gonçalves S. J., natural de Coimbra, antigo Superior da Missão dos Jesuitas portuguêses no Norte do Brazil, era ainda em principios de 1931 Superior de uma Residencia em S. Carlos do Pinhal, Estado de S. Paulo. Havia muito que ele vinha sofrendo de umas dôres no figado, que, nem ele, nem o médico sabiam bem a que atribuir. Sendo já cada vez mais sensivel o seu mal-estar, foi transferido para o Colégio «António Vieira» da Baía, onde às 1.as auscultações o médico da casa, Dr. João Pondé, fàcilmente reconheceu tratar-se nada menos que de um *cancro* e em estado já tão adeantado que não hesitou em declarar naturalmente impossivel a sua cura. Trouxe ainda um outro colega, insigne especialista em doenças daquele género, o qual nada mais fez que confirmar plenamente o diagnostico já feito. Empregaram-se daí em diante todos os meios, se não para o curar, ao menos para proporcionar ao querido doente o maior alívio possível. Na certeza moral de que os remedios pouco ou nada fariam, deu-se princípio a uma verdadeira campanha de orações, não só no Colégio, como em tôdas as demais casas da Missão e Província, reforçadas ainda pelas fervorosas preces de inumeras pessôas de fóra que lhe dedicavam subida e merecida estima. Interpôs-se mui especialmente a valia de N.ª Sr.ª da Fátima a qual, se bem não nos concedeu integralmente a graça pedida, da conservação e saúde do doente, nem por isso deixou de lhe dispensar bem insigne favor. Logo da 1.ª vez que o médico acima reconheceu a natureza da doença, disse para o enfermeiro: «se êle agora já sofre, o que será quando entrar no período agúdo?» Pois a verdade é que ele levou o dito período até mesmo a extremo, sem que o cancro, que atingiu proporções desmesuradas, produzisse nêle outro efeito mais que um sempre progressivo definhamento, que o não impediu de manifestar sempre o mais inalterável socégo, conservando até quási ao último alento um ar expansivo que lhe era mui peculiar. E a quem, senão a N.ª S.ª da Fátima, se deve atribuir tão extraordinário e inesperado efeito? Mil vezes seja Ela e para sempre bemdita, que por modos tão diversos sabe beneficiar seus devotos!

22) Por causa da enorme crise que no Brasil, como em quási tôda a parte, se vem sentindo, não poucas casas se viram, por motivo de economia, forçadas a dispensar alguns dos seus funcionários, os quais por isso mesmo ficavam não raro lutando com seriissimas dificuldades, sobretudo os que tinham que responder pela sustentação e mais interesses da família. Um destes, que por mais diligencias que empregasse não via saída para os apertos em que se encontrava, teve a sorte de ter entre os membros de sua família uma irmã muito devota de N.ª S.ª da Fátima. Subjugado pelo mais completo desânimo, vai, mais para desabafar, que com qualquer esperança, conversar com ela sôbre o assunto. Esta porém, longe de esmorecer com êle, lembrou-lhe o recurso a N.ª S.ª da Fátima. Dão nêsse intúito princípio a uma novena, e com tanta felicidade, que donde menos esperavam lhe veio o necessário auxílio, sendo fàcilmente aceite para uma excelente colocação numa casa, onde êle estava muito longe de supôr pudesse obter tão feliz despacho. Quão reconhecido não está êle hoje, a sua irmã por tão acertado conselho, e mais ainda a N. S.ª da Fátima por tão inesperada solução!...

23) Diz também respeito ao lado económico, sem por isso merecer ser tido como de somenos importância, o caso seguinte: — Uma Senhora de distinção tinha, havia já tempo uma dívida de 1.200$000; que, por causa precisamente da crise geral e de outras circunstâncias particulares, se via absolutamente impossibilitada de pagar emquanto não conseguisse melhorar a sua precária situação. Diversas vezes instada pelo crédor, que havia de fazer a angustiada Senhora, se não tinha, ao menos por então, donde pudesse haver a necessária quantia? Êle, porém, intransigente e impiedoso, decidido a não esperar mais, entrega a questão a um advogado, o qual, sem mais contemplações a intima a no prazo máximo de 3 dias, dar entrada com 200$000, para o mais tardar. 8 dias depois, depositar o resto da quantia isto é, 1.000$000.

Por mais tentativas que a Senhora fizesse para procurar qualquer airosa solução, estava na véspera para a entrega da 1.ª verba, e sem ter nem sombras de possibilidade para isso. Em extremo aflita, como é natural, por inspiração certamente do céu, lembra-se de confiar o caso a N.ª S.ª da Fátima. Vem para isso ao nosso Colégio e diante da Imagem do nicho da entrada resa com o maior fervor de que foi capaz, o terço de N.ª S.ª pedindo-lhe que lhe valesse em tão angustioso transe. Isto foi quási ao anoitecer. Volta em seguida para casa confiada em que não seria frustrada a sua súplica. Era já bem noite quando lhe chega a visita de uma pessoa muito amiga que nem por sombras poderia então esperar.

Como conseqüência da natural intimidade, pouco após os usuais cumprimentos, entrou a angustiada Senhora em desabafos àcêrca da sua triste situação, não sendo preciso mais para que a visitante que, àlém de amiga, era de posses, lhe resolvesse sem mais demoras o embaraço relativo à 1.ª verba para o dia seguinte.

Restava, porém, o *conto de réis* que deveria impreterivelmente ser entregue no princípio da semana seguinte. Onde ir buscá-lo? À mesma fonte... não tinha coragem para tanto. Lembrava-se de que uma outra Senhora tinha para consigo uma dívida muito superior. Mas essa estava residindo no Pará, e, peor que isso, mesmo emquanto na Baía, diversas vezes instada para a satisfazer, pareceu sempre desdenhar de semelhante instância, e às cartas que sôbre isso lhe escrevera depois da transferência, nem resposta sequer dera. Inutil, portanto parecia querer interpôr novo recurso, nem sequer o tempo para isso seria suficiente.

Assim permaneceu na crítica e ao parecer insoluvel situação, quando no sábado daquela mesma semana lhe é entregue uma carta do Pará vinda por avião, contendo nada menos que o pagamento integral da supra mencionada dívida de 6.000$000, com que a já ditosa Senhora pôde solucionar a sua e ficando com um, tanto mais apreciado, quanto menos esperado subsídio para as demais despesas da casa. Quem pudera sequer imaginar tão prodigiosa intervenção?!...

Reconhece-o e sente-o bem a piedosa Senhora, não perdendo desde então, ocasião de manifestar o seu mais íntimo reconhecimento para com sua Soberana Bemfeitora, já por meio de freqüentes e fervorosas preces de acção de graças, já cuidando com particular carinho de que não faltem flôres nem velas para ornar e alumiar sua Imagem diante da qual em tão boa hora fez a sua prece que tão maravilhoso despacho teve.

24) Idêntico a êste, se bem que em muito menor escala, é também o caso que passo a narrar. — Uma piedosa negrinha vivia em suma paz na sua pobre casinha alugada, quando lhe bate à porta o senhorio exigindo quanto antes o pagamento do aluguel, sob pena de lhe pôr os trastes na rua. A pobre negrinha, sem o necessário para o exigido pagamento, e sem saber que geito lhe dar, acostumada a rezar diàriamente à N.ª Senhora do Nicho, lá vem com mais fervor que nunca implorar da mesma Senhora lhe desse um geito para não passar por um tal vexame, rezando nessa intenção um terço. Terminado êle, sai confiada de que N.ª Senhora lhe valeria; senão quando, de volta da sua prece passa por uma casa onde havia um jogo que aqui chamam «*jogo do bicho*». Olha casualmente para dentro e vem-lhe êste pensamento: «e se N.ª Senhora abençoasse um n.º que eu alí fôsse tirar?» E, sem esperar resposta, entra e tira ao calhar um n.º com tão feliz sorte, que de facto saíu premiado, dando o prémio não só para a dívida, mas para ficar ainda com uns cobrezinhos que lhe fizeram muito bom geito. A boa negrinha estava radiante de alegria! Com que entusiasmo me não contava ela o sucedido?!... E isto depois de ter passado a manhã quási inteira resando fervorosamente sem cessar diante de N.ª Senhora. Ainda não eram 8 horas quando lá chegou, e só depois do meio dia, passando eu lá por perto, é que saíu para me contar o que fica dito, terminando a narrativa com a seguinte pregunta: «agora diga-me uma coisa, P.e Mestre, êle é pecado jogar no bicho?» A tão inesperada como pitoresca pregunta, achei que a mais adequada resposta era: «por esta vez certamente que não, do contrário N.ª S.ª não abençoava, mas para o futuro é mais seguro não jogar senão a polícia pode prendê-lá.» O certo é que ela ficou tão agradecida a N.ª Senhora, que dificilmente lá faltará um só dia a resar-Lhe com visível piedade.

25) Havia já tempo que D. Elza Santos de Aragão, moradora no Rio Vermelho, sofria de uma inflamação nos olhos, que, por mais diligências que para isso fizesse, e por mais remédios que empregasse, não só não tendia a diminuir, mas cada vez se ia agravando mais, tornando-se-lhe por isso mesmo cada vez mais penosa a aplicação a qualquer trabalho. Tendo notícia das muitas e especiais graças que na Baía mesmo se vinham conseguindo por intermédio de N.ª S.ª da Fátima, obtem uma novena e um frasquinho da água milagrosa, e, sem perda de tempo, introdua também ela a sua súplica.

Não só não foi frustrada a sua fé, senão que, com o prosseguimento da novena e o uso de umas gotinhas da água, já eram sensíveis as melhoras que ia experimentando, e terminada ela, nada mais lhe restava já da antiga e tão incomodativa inflamação, pelo que rende as mais afectuosas graças a N.ª Senhora do Rosário da Fátima.

26) Priciliana Evangelina de Jesus agradece a N.ª Senhora da Fátima uma importante graça que por meio de sua santa novena alcançou.

27) A seguinte graça, como a anterior sem especificação, foi-me pelos próprios peticionários comunicada em carta particular. É do teor seguinte:

Ex.mo e Rev.mo Snr.

Temos à grata satisfação de comunicar-vos que obtivemos a vitória de alcançarmos *uma graça particular* pela eficacíssima protecção da Bemaventurada Virgem Maria do Rosário da Fátima. Muito nos tinhamos já anteriormente recomendado à valiosa protecção de todos os Santos e Anjos, e com mais particular devoção ainda ao nosso especial Protector, o S. C. de Jesus. Tomámos finalmente como nossa especialíssima medianeira a Bemaventurada Virgem Maria do Rosário da Fátima e logo obtivemos o feliz despacho do nosso pedido. A Jesus e Maria pois que tão benignamente nos ouviram, pedimos nos abençoem e façam felizes nesta vida e no *Céu*. Em cumprimento da *promessa* que fizemos a N.ª Senhora, dirigimo-nos a V.ª Rev.ma com todo o respeito, pedindo-vos façais publicar na «Voz da Fátima» acreditado o santo jornalzinho, esta carta a vós dirigida...

Baía, 26 de Novembro de 1931.

Pericles Andrade Costa e *Maria C. L. de Athayde*.

(Continua)

Já leu a última novidade literária e crítica sôbre a Fátima?

Mande 5$00 ao SANTUÁRIO DA FÁTIMA ou à VOZ DA FÁTIMA = LEIRIA.

e peça já a tradução portuguesa do

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

pelo Dr. Luís Fischer.

Nossa Senhora lhes pague

Têm-nos sido enviadas algumas esmolas para auxiliar êste pobre jornalzinho que só vive da caridade de seus leitores. A todos os benfeitores dizemos um sincero «muito obrigado» desejando sinceramente que Nossa Senhora lhes pague.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte...	345-433$19
Papel, comp. e imp. do n.º 118 (69.000 ex.)..	4.188$00
Franquias, embalagens, transporte etc.	1.230$40
Na Administração — Leiria..	255-50
Total	351.107$09

Donativos desde 15$00

Candida Ribeiro — Moncôrvo, 20$00; Guilhermina Rosa — Macau, 20$00; Maria Dias — Borba, 20$00; Maria Pereira — França, 30$00; José Barbosa — Brasil, 15$00; Dr. Luís Baldaque — Porto, 20$00; Deolinda Lacerda — Penela, 30$00; Maria Lucia — Açores, 15$00; P.e António Avelar — Açores, 80$00; Casa de S. Rafael — Açores, 30$00; Ermelinda da Luz— América, 15$00; Maria Ferreira — Pedrouços, 160$70; Maria S. de Matos — Lisboa, 75$00; M. L. V. P. — Lisboa 50$00; Emília da Oliveira — Lousã, 50$00; Maria G. da Cunha — Porto, 50$00; P.e Joaquim Simões — Sousel, 20$00; Joaquim T. de Carvalho — Avís, 30$00; Manuel Tavares — Ovar, 15$00; Maria Bartholo — Sernache, 20$00; Ernesto Leite — Braga, 150$00; Armando Batista — Évora, 20$00; Francisca Batista — Évora, 15$00; Sanatório Rodrigues Semide — Pôrto, 32$50; Elvira de Sousa — Pôrto, 15$00; Firmino Abrantes — Mangualde, 15$00; Maria da Conceição — Carapinhal, 20$00; Maria V. Vivo — California, 15$00; Fr. Bruno de Lima — Espanha, 30$10 Sebastião Henriques — Freixo de Cima, 15$00; Filipe Carneiro — Atalaia, 20$00; Sr. Bispo do Funchal, 130$00 António Antão— Veiros, 40$00; Sebastião de Jesus Macau, 30$00; Francisca Vitipaldi — Leiria, 50$00; Eduardo Amado — Paredes da Beira, 15$00; Maria Xavier — Madeira, 15$00; Maria L. e Castro — Açores, 50$00; Ana Augusta de Oliveira, — Évora, 20$00; Joaquina Carneiro — Porto, 15$00; P.e José M. da Cunha — Covilhã, 42$20; Maria Viçoso —Aldeiagavinha, 15$00; António da Cunha — Pedralva, 15$00; Igreja da Conceição— Porto, 100$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa, 105$00; João de Almeida — Guarda, 30$00; Tereza Ferreira — Bragança, 20$00; José Henriques — Pecegueiro de Vouga, 25$00; Benedicta Antunes — Oleiros, 20$00; esmola dum anónimo, 20$00; P.e Henrique Garcia — Almalaquês, 15$00; Anunciação Rocha — Ilhavo, 89$00; Luís Peixinho — Viana do Castelo, 20$00; Prior de S. Pedro — Funchal, 20$00; *P.es António e Joaquim Roliz — Macau e Shanghai, 1.000$00;* Maria Izabel Russo — Castelo de Vide, 25$00; Joaquim da Rocha — Valpêdre, 20$00; Maria Caramonete — Ilhavo, 120$00; Joana Serena — Ilhavo, 100$00; José M. Lopes — Loriga, 20$00; Zulmira de Magalhães — Lisboa, 15$00; *P.e João de Miranda — Col.º Ant.º Vieira — Brasil 1.312$50;* Maria da Luz — Lisboa, 30$00; Joaquim da S. Carvalho — Soza, 88$30; Ermelinda C. Ribeiro — Cambridge, 3 dolares; Mary Gaspar — América, 1 dolar; José de Morais — Vila Flôr, 15$00; Natividade de Jesus — Porto, 20$00.

UMA HISTÓRIA INTERESSANTE

Sôbre o sinal a Cruz

A Cruz foi o berço da nossa redenção; por isso, quão grande será a virtude do sinal do cristão!...

—Um dia, o Reverendíssimo Padre Jandel (da Ordem dos frades prègadores, mais terde Geral da mesma Ordem), ao prègar na Catedral de Leão (França), teve a inspiração de falar aos fiéis sôbre o sinal da cruz.

Ao saír da igreja, aproxima-se um homem que lhe diz: — Senhor abade, você acredita no que acabou agora de ensinar? — Se eu não acreditasse, não o teria ensinado, respondeu êle; a virtude do sinal da cruz é reconhecida pela Igreja e eu proclamo-a verdadeira. —É verdade... replica o interlocutor admirado... está certo disso? Pois bem! eu sou maçónico e, por conseqüência, não creio; mas, visto que fiquei tão surpreendido pelo que V. nos ensinou, venho convidá-lo a pôr à prova o sinal da cruz... Nós, os maçónicos, reünimo-nos tôdas as tardes em tal rua, na casa número tal... e é o próprio demónio que vem presidir à reünião. Ora, venha comigo hoje à tarde: V. faz o sinal da cruz sôbre a assembleia, e então hei-de ver se é verdade...—Para isso, responde o Reverendo, preciso de um consentimento superior; permita-me três dias. O sectário concordou e deu a sua direcção ao dominicano.

Contado o caso ao Arcebispo, alguns teólogos foram consultados; e por fim, o Ex.mo Prelado deu-lhe, com a sua bênção, a seguinte résposta: «Vá, meu filho, Deus seja consigo».

Faltavam dois dias, e o Rev.do P.e Jandel começou a orar e a fazer penitência. Na tarde do terceiro dia, sem dar sinais de Religioso, (porque tinha vestido um fato de leigo) levando todavia um Cruxifixo escondido, o dominicano, cheio de confiança em Deus, põe-se a caminho, com o maçónico levado pela curiosidade. Depois de alguns minutos de viagem, entram em uma sala luxuosa, tôda iluminada, e ficam junto da porta, prestes a saír quando julgarem conveniente.

Dentro em pouco tôdas as cadeiras ficam ocupadas, excepto a do presidente; mas esta vai ser ocupada pelo demónio que apareceu logo magestoso em forma humana. — Pobre traste!... nem sonhou que a confusão o esperava alí...! Logo que o viu, o disfarçado dominicano puxou pelo Crucifixo e fêz com êle o sinal da cruz sôbre a assistência. —Ápre! nem a rapidez de um corisco!!... No meio de um ruído infernal, as luzes apagam-se, as cadeiras caem umas sôbre as outras; e quanto a seres humanos... tudo foge. Os dois culpados do acontecimento foram os primeiros a saír; e quando já se encontravam longe, sem saberem como tinham escapado à raiva diabólica, o adepto de Satanás —o maçónico, caí aos pés do Venerando P.e Jandel, dizendo-lhe estas palavras: —«Agora creio, meu padre!... ore por mim!... Converta-me!... Ouça-me!...»

(Da vida do Venerável P.e Jandel)

O noivo escolhido

Nunca a minha amiguinha Regina tinha parecido mais bonita e graciosa.

As suas primeiras palavras foram para me dizer:

— Sabes? vou casar-me.

— O quê?...

— É verdade. Está o caso decidido.

—A tua notícia dá-me imensa satisfação, tanto mais que te vejo tão cheia de alegria...

— Encontrei, finalmente, o noivo por quem esperava, o que vai ser uma felicidade para mim.

— Será indiscrição preguntar-te quem é?

— Nada disso. Tu conhece-lo...

— Eu conheço-o?

— Conheces! É o Cipriano.

— Quem? O Cipriano?

— Não digas que não o conheces. Sei que o conheces pessoalmente e, além disso, tôda a gente por cá o conhece.

— Não admira. É um dos nossos grandes sábios. É o nosso maior químico e ainda há dias os jornais falaram da comunicação de uma descoberta sua apresentada à Academia das Sciências:

— Pois é com êle que eu vou casar!...

Peguei na mão da minha amiga, fitei os seus lindos olhos e disse-lhe:

— Minha querida Regina, tu tens muito espírito, mas a gente nunca sabe se estás a brincar ou se falas a sério. Essa história do teu casamento com um... sabio, parece-me uma brincadeira. Nem sei o que hei de pensar...

Regina não evitou o meu olhar e respondeu-me com a maior seriedade, frisando bem as palavras:

— Vou casar com o Cipriano. E porque não havia eu de casar com êle?

Enquanto ela falava desenhava-se no meu espírito a imagem de Cipriano:

Um homem alto, de quarenta anos, magro, um pouco curvado, mas com uma voz insinuante e uns olhos admiráveis; mãos longas e finas e uma conversação encantadora, apesar de um certo acanhamento. Enfim, um homem destinto e um espírito superior, porém muito longe do aspecto que se poderia imaginar no noivo duma menina nova e linda como Regina.

— Não percebo bem!... Que razões tens tu para casar com êle?

— Tenho uma e muito grave.

— Muito gostaria que ma dissesses.

— Vou dizer-ta já. É que não posso suportar os cumprimentos dos rapazes que me fazem a côrte. E Cipriano seguiu outro caminho...

— É a primeira vez que ouço uma rapariga a lastimar-se de ouvir cumprimentos!...

— Já estou cansada de elogios aos meus cabelos e aos meus olhos...

— Mas como é que tu queres que não reparem e admirem os teus cabelos de ebano, finos como a sêda, e os teus olhos de um azul profundo, como safiras emolduradas nos cilios negros?...

— Ah! Também tu? Queres pedir-me em casamento?...

— Não, minha Regina, mas tenho de confessar a verdade.

— Mas para que falas tu nessas coisas? que importância tem isso? Será por eu não ter outro valor nem melhores qualidades?

—Não, não é isso, mas...

— Conhecendo-me tu desde criança foi só nisso que reparaste. Nunca pensaste se eu seria boa e inteligente, afectuosa e dedicada; nunca reparaste se eu teria da vida uma ideia sã e séria, o que podem valer para mim a religião, o casamento, a família...

— Não digo que não, mas...

— Ora eu queria um marido que pensasse mais nisso do que nos meus olhos azues e nos meus cabelos pretos...

— Então Cipriano soube encontrar assim o caminho do teu coração?

— Exactamente.

— Nunca te falou na côr dos teus olhos? Nunca reparou no contraste admirável dêsse azul transparente com a noite profunda dos teus cabelos?

— Não sei se reparou... mas o que é certo é que nunca me falou nisso. Em tudo quanto me disse, na gravidade e doçura das suas palavras e das suas ideias fêz-me avaliar bem a diferença que existe entre um homem superior e um homem vulgar.

— Para não vêr a tua beleza, naturalmente deve ser miope!

— É possível, mas viu muito melhor que todos os outros porque viu a minha alma, em que nenhum dos outros pretendentes tinha pensado.

— Não admira. Anda sempre tão fora do mundo...

— É porque sabe conhecer o mundo do pensamento que muitos outros ignoram. Julguei que ao menos tu fôsses capaz de me compreender...

— Tens razão, minha querida Regina, creio que acertaste na tua escolha e que encontraste realmente o caminho da felicidade...

Este número foi visado pela Comissão da Censura.

OBRAS...

A Marquinhas é uma rapariga de sociedade, alegre e franca como uma criança, cheia de zêlo e de amor das almas, ardente num altissimo espirito de apostolado.

Mal imagina, quem a vê, de que estofo é aquela alma cujo corpo toma, por vezes, aspectos verdadeiramente infantis.

Tem 22 anos mas, por enquanto, não pensa em casar.

A sua vida é a mais simples que se pode imaginar.

Levanta-se de manhãzinha, na aldeia em que vive, e vai à missa e à comunhão, demorando-se depois largo espaço, em acção de graças, mergulhada na contemplação do seu Jesus.

E é talvez daí que lhe vem ao olhar um não sei quê de profundo e misterioso.

As ocupações da casa e algumas piedosas leituras durante o dia ocupam-lho todo pois a não ser no verão as visitas não lhe tiram tempo.

Uma visita ao S.S.mo à tardinha, na igreja paroquial, num outeiro, a um pequeno quilómetro da casa, o terço em família já muito reduzida e lá se lhe vai o dia.

* * *

Mas a Marquinhas, aqui há uma temporada, sentiu que não tinha o direito de viver assim, inutilmente ou quási, para si e para os outros.

Alguém a chamava naqueles doces colóquios do sacrário e êsse alguém era Jesus.

Que lhe queria?...

— Que lhe desse almas. Só isto.

— E ela?

— Ouviu, quis pensar, resolver...

No dia seguinte no fundo da alma o mesmo pedido insistente.

De dia para dia parecia-lhe que o Senhor lhe exigia êsse serviço e começou de ficar um pouco concentrada, sem saber como satisfazer êsse pedido Divino.

* * *

À volta dela tantas almas abandonadas e sós no meio do mundo como barquitos à tona da água!...

Tantas criancinhas ainda inocentes e boas mas que, dentro em breve talvez, estariam perdidas de todo.

Parecia-lhe em sonho vê-las todos no meio dum fogo enorme que as consumia envolvendo-as por todos os lados.

Como dum pesadêlo levantou-se dum salto e encostou-se à parede do alpendre da capela lá no alto.

Lançou a vista sôbre o campo e deixou-se como embriagar do odor acre que dali lhe vinha.

Dum lado o rio que já alagara os campos marginais; do outro a mancha interminável de pinhais a que uma grande alameda de acácias em flor punha, ali perto, uma nota colorida e formosa como barra de chita em saia simples de riscadilho.

Entrou de novo e a sós na capela silenciosa e doirada pelos raios do sol poente, aproximou-se da balaustrada e deixou cair a cabeça sôbre as mãos apoiadas na grade.

Sentiu a inefável doçura que antecipadamente o Senhor lhe fazia provar por lhe cumprir o Vontade e satisfazer os anelos.

Quando ao depois se levantou lembrava Saulo a caminho de Damasco.

Do fundo da alma também ela dissera o seu: «Senhor, que quereis que eu faça?»

* * *

Já lá vão mêses.

De acordo com quem de direito, uma casa visinha abriu as portas e deixou-se enxamear de crianças de que ela iria cuidar com carinhos de mãi.

Pouco depois de começar já ela escrevia:

«Venho dizer-lhe que já comecei a minha obrasinha de que lhe falei e fiz precisamente como me ensinou.

Não calcula como as crianças estão contentes!

Teem vindo a pouco e pouco e já temos trinta e duas eu e a minha amiga Ifigénia: ela ensina costura e eu doutrina e as primeiras letras. Nos recreios brincamos com elas.

Algumas crianças costumam ir comigo visitar e fazer um bocadinho de companhia a Jesus.

Um dia dêstes levei-as, como de costume, e expliquei-lhes que Nosso Senhor, o Bom Jesus, quando andava cá na terra, gostava muito dos meninos e pegava-lhes e fazia-lhes meiguices.

Uma das mais pequenas diz: oh Marquinhas faça-me lá como Êle fazia.

Acarinheia-a e aconcheguei-a ao peito.

As outras olhavam com certa pontita de inveja tanto que uma não se teve que não exclamasse: «Eu também queria...»

Sinto-me tão bem com as criancitas, gosto tanto delas... tudo são graças que Jesus me dá.

Quero ver se com a graça de Deus consigo desviar as criancinhas do mau caminho Jesus não desampara os que nÊle confiam!...

* * *

Esta rapariga vive hoje muito mais feliz do que há mêses porque conseguiu aumentar a felicidade daquelas três dezenas de criancitas.

Tem um pouco mais de trabalho!...

Que lhe importa isso se o fruto dêsse trabalho lhe perfuma a existência e lhe doura a vida?...

Não toma parte com as raparigas da sua idade e condição nos divertimentos e passatempos do costume?

Que se lhe dá de todas essas coisas se afinal encontra ali um encanto que o mundo não tem, nem pode ter para ela?

Alegria, a alegria comunicativa e sã, alegria real e contínua tem-na ela como ninguém.

Por mais que andem à caça do gozo e do prazer nunca uma rapariga do mundo pode ter uma parcela sequer da alegria,: intensa de que ela goza.

* * *

A sua piedade é uma piedade fecunda e activa, zelosa e caritativa.

Ao mesmo tempo que, pela frequência de sacramentos recebidos com amor, procura formar a Cristo em si, vai com alma de apóstolo dando almas a Deus.

Canalizou a sua actividade, deu uma nobre finalidade à sua vida, sôbrenaturalizando-a.

Vive.

Dá vida a outras almas.

* * *

Bem sei que nem todos são chamados às obras, que nem todos teem geito para elas...

Mas, entre os que frequentam os sacramentos, quantos que poderiam, fazer muito bem se se deixassem inflamar de amor de Deus e das almas?!...

Que de frutos se não poderiam colher se muitos quizessem ocupar-se um pouco dos outros que não teem fé ou que estão em perigo de a perder!?

Almas deslocadas, incompreendidas e incompletas

Almas sem amor, sem abnegação sem dedicação...

Almas fechadas, estéreis, inúteis para os outros... e talvez para si...

Procurai a Deus nos outros e fazei que eles vejam a Deus em vós.

É o segrêdo de todo o apostolado!...

Leiria, Maio de 1932.

Galamba de Oliveira

ENSINAI (Euntes docete...)

Mandado divino

Ao assumir a nossa natureza e viver como homem nesta terra de exílio e de miséria, não veiu o Filho de Deus pôr de parte a Lei eterna dada por Deus ao homem mas apenas aperfeiçoá-la e realizá-la.

E nessa missão sublime de nos revelar os mistérios inefáveis da vida Divina em si mesma e em nós e de nos inculcar os preceitos dulcissimos da Sua Vontade quis o Filho de Deus passar os três anos da Sua Vida pública.

Podia o Senhor ter prègado a todo o mundo mas não quis.

Prègou apenas às ovelhas da Casa de Israel a quem especialmente fôra prometido como Salvador e deixou aos Apóstolos, que escolhera, os cuidados de evangelização dos povos gentios.

Ao subir para Seu Eterno Pai uma das recomendações que lhes repetiu foi essa: Ide, ensinai todas as gentes.

Em que consiste

É no cumprimento desse preceito especial do Senhor que a Igreja vem, desde a sua fundação, desenvolvendo uma admirável obra de ensino e de apostolado missionário.

Em todos os tempos, e hoje pode dizer-se em todas as nações e linguas do mundo, se prèga o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e a doutrina bemdita do seu Evangelho.

Bispos e padres, religiosos e irmãos leigos, espalhados pelos quatro cantos da terra, vão chamando as almas à luz da fé. É a missão da Igreja é o seu dever.

E em terras cristãs não cessa êsse trabalho de instrução.

Crianças, jovens e adultos são sucessivamente tomados como sujeito do ensino da doutrina cristã.

Dever sacratissimo que incumbe aos pais e à Igreja.

Sim aos pais como gravissima obrigação compete dar aos filhos, juntamente com o alimento do corpo, os alimentos duma fecunda e poderosa educação e formação cristã.

Os pais que o não sabem ou não querem fazer são pais a meias, pois desprezam nos filhos a mais nobre e valiosa parte do seu ser.

São criminosos, porque defraudam os filhos num direito de que nem os filhos podem abdicar, pois se trata dum direito natural que promana das próprias relações de paternidade.

A formação cristã começa no lar, na família, embora haja de ser aperfeiçoada pela Igreja.

Os pais são, pelo ensino e pelo exemplo, os primeiros e os mais eficazes obreiros do caracter e da virtude dos seus filhos.

Beleza de tal ocupação

E que linda, que sublime não é essa missão de, em certo modo, «gerar para Cristo» essas almas cujos corpos geraram para o mundo!...

Como devem sentir-se felizes os pais cristãos, tornados, assim, cooperadores de Deus na obra da Criação e, agora, na do Apostolado!

Que inefavel consolação a da mãe que, com o leite, dá ao filho, no exemplo e na palavra, o inebriante perfume de vida cristã—«bonus odor Christi!»

Rejubila o pintor quando ao fim de mêses de trabalho pode contemplar terminada a obra prima que o cobrirá de glória.

Com quanto maior razão não devem alegrar-se os pais que, formando na alma dos filhos a imagem do Filho de Deus, podem dizer, com mais verdade do que o Imortal Grego, «Pinto para a eternidade» «Aeternitati pingo?!...»

Necessidade de catequistas

Mas, sendo indispensável, o ensino dos pais não é suficiente.

É preciso que, na Igreja, se completem êsses principios de instrução, dados na família.

Daí a necessidade de catequistas que ajudem os sacerdotes e sobretudo os párocos nessa missão nobilissima da catequese ou ensino da doutrina cristã.

É preciso que acorram homens e mulheres, rapazes e meninas que tomem as várias classes em que, com método, se tem de dividir os discípulos.

Um padre, só, que pode fazer deante de 50 ou de 100 crianças?

Facilidade de ensinar

A ciência—*Fácilmente se adquire. Com cuidado, atenção, método e muita piedade aprende-se depressa, depressa se compreende bem.*

Piedade sôbretudo...

As vezes o crucifixo e uns momentos em frente do sacrário ensinam coisas que os livros não trazem e os lábios humanos não são capazes de dizer.

Experimentai.

Procurai sentir.

Depois—ah! depois... deixai que o coração fale a essas criancitas daquilo e d'Aquele a Quem sentis e amais, e vereis maravilhas.

Quem não sabe falar de quem ama?...

Amai a valer e sabereis ensinar.

Não sabeis ler?

É pena mas... paciência!

No Coração de Jesus todos podem ler: até os analfabetos...

Tempo? Tempo não falta quando se quere.

Requisitos do catequista

O primeiro, o fundamental é essa piedade sincera, consciente mas piedade de sacramentos.

Depois, espirito alegre e amigo das criancitas como era Nosso Senhor quando com a alma a sangrar, suplicava: «Deixai vir a Mim os pequeninos».

Depois, um grande espirito de renúncia, uma grande dedicação trabalhando para Deus e por amor de Deus sem a mais pequena esperança ou desejo de glória mundana que iria estragar tudo.

Um grito

E grito de angústia é o que me sái da alma quando estendo os olhos sôbre uma multidão imensa de crianças de todas as classes e condições nas cidades, nos burgos e aldeias, crianças famintas de Deus, sedentas de doutrina sem terem quem as ensine.

Ocorre-me o queixume sentido do profeta: Os pequeninos pediram pão e não havia quem lho partise!...

Os padres?

—São tão poucos e tão ocupados em mil obrigações do seu ministério, muitos com duas, três e mais freguesias...

Os pais?

—Mas se tantos nem sequer suspeitam ter semelhante obrigação?!...

Se outros são absolutamente incapazes de, por falta de preparação, ministrar êsse ensino...

Se outros finalmente, ou contradizem a doutrina com a vida, ou procuram até positivamente afastar os filhos de quem os pode ensinar...

... ...

Almas de eleição, predilectas do Coração de Jesus vinde, acorrei a engrossar o número dos que ensinam a doutrina cristã nas igrejas e capelas, nas casas e escolas particulares, nos cantos das fábricas e até nas praças públicas.

Graças a Deus já há de tudo isto na nossa terra—almas bemditas que se deixam contagiar da sublime loucura da Cruz.

Mas queremos mais, muitas mais!

Se o demónio tem tantos que o servem...

Não será o Senhor Jesus mais digno de que o sirvamos?...

Não haja sacrificio que se não faça por amor d'Êle.

Ah! Como Êle paga generosamente a quem o serve com amor!...

As consolações que se recebem depois de um pouco de trabalho, acreditai, são tantas e tamanhas que há até o perigo de a gente trabalhar por amor delas.

Nunca esquecerei os prazeres inefáveis que, ao contacto dessas almas a florir, o Senhor me deu nos anos ainda próximos da minha juventude e até agora me continúa e dar fazendo-me ver que bênçãos reserva aos que se entregam a essa faina divina de ensinar as criancitas.

Ponde-vos desde hoje à disposição do vosso pároco.

Vinde e ensinai-as por amor de Deus!

Docete!... Ensinai!...

Uma alma pequenina

Peregrinação da Diocese de Leiria ao Santuário de N. S.ª da Fátima

Nos dias 12 e 13 de Agosto de 1932

Comemorativa do Centenário do BEATO NUNO DE SANTA MARIA, Conde de Ourem. Condestabre de Portugal, vencedor da Batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385

PROGRAMA

Dia 12—A' tardinha—Entrada dos peregrinos no Santuário, presididos pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Leiria.

A's 22 horas (10 da noite)—Terço em comum e procissão das velas.

A' meia noite—Exposição do Santissimo Sacramento e Adoração nocturna.

Dia 13—A's 6 horas—Missa e comunhão geral.

A' 7 horas—Missa e comunhão aos doentinhos albergados.

A's 9 horas e meia—Missa de Pontifical seguida da procissão do S. Corpo de Deus recomendando-se aos peregrinos que acompanhem Nosso Senhor com vela.

A's 12 horas—Terço em comum e procissão de Nossa Senhora.

A's 13 horas—Missa dos doentes, seguida de Benção aos peregrinos.

OBSERVAÇÕES—As pessoas que quizerem tomar parte na peregrinação devem:

1.º Confessar-se antes;—2.º Dar com antecedencia os seus nomes aos Rev. Párocos cujas indicações seguirão;—3.º Durante o caminho rezam o Rosario, entoam canticos e, passando por alguma Igreja, entram, visitam o Santissimo. Os que passarem pelos cruzeiros, fazem a *via sacra*.

Fiquem só com um Jornal!

Mais uma vez se repete êste pedido que se fôr posto em prática representa uma economia de algumas centenas de escudos nas despezas da Voz da Fátima.

Por isso cada família fique com um *e só com um* Jornal cada mês.

O poder da esmola

Na vizinhança de Ars residia uma família que dêsde algum tempo se descuidava do cumprimento dos seus deveres religiosos. O pároco esforçava-se por a converter, mas em vão. Não sabendo que mais havia de fazer, o pároco foi visitar o santo cura d'Ars.

—Que devo fazer, perguntou-lhe, para converter essa família?

—Manda-lhe um pobre (foi a resposta).

—Mas talvez o não queiram receber.

—É possivel (retorquiu o santo) mas talvez lhe deem alguma coisa ainda que fôsse sòmente para se verem livres dêle. Se o fizerem, Deus se compadecerá dêles, dando-lhes a graça da conversão.

Assim foi. O pobre recebeu uma esmola e pouco depois a família estava convertida e levava uma vida edificante.

É que «a esmola (diz a Sagrada Escritura) livra do pecado e da morte» (Tobias IV-11).

Atenção

Quando necessitardes de alguma mudança nos endereços das vossas assinaturas, não vos esqueçais de enviar com o pedido para a mudança o número da vossa assinatura. Doutro modo é quási impossível o serdes atendidos.

A confissão pública duma bruxa

«Eu Enriqueta Hohemberger, declaro aos habitantes de Helmbrecht e circunvinhanças que durante anos, desnorteada pelo poder da mentira e das trevas, menti conscientemente a todos os que quiseram conhecer o seu futuro por meio das cartas. Por uma maravilhosa intervenção divina, reconheci o meu êrro e renunciei às minhas obras de pecado. Rogo a todos que enganei que me perdoem.»

Tal é a confissão pública duma célebre bruxa, dentre as mais célebres da Baviera.

Veio há pouco publicada num jornal de Helmbrecht, cidade bávara da Alta Francónia, localidade onde Henriqueta Hohemberger explorava a crédulidade pública pela especial aptidão para ler o futuro por meio de cartas. Um dia a sua consciência clamou mais alto e lembrou-lhe que o seu modo de vida era incompativel com a honestidade. Arrependeu-se, lealmente quiz reconhecer e confessar a sua culpa num jornal da sua terra, dando como motivo da sua conversão, uma maravilhosa intervenção divina. Esta intervenção foi simplesmente o que no catecismo chamamos a graça de Deus.

Ano X — Leiria, 13 de Setembro de 1932 — N.º 120

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA — terra da Virgem e do Beato Nuno

A grande peregrinação diocesana de Leiria

Fátima, assombrosa e incomparável lição de beleza moral!
Fátima, estância bemdita de prodígios e de graças!
Fátima, flôr da terra que traz perfume do Céu!

(Rev.mo Ricardo Boshmans, director da revista «Le Sentier», de Paris, na sua alocução em Fátima à missa de Pontifical do dia 13 de Agosto último).

A diocese de Leiria em Fátima

Como tinha sido anunciado e constava do programa publicado no último número da «Voz da Fátima» e profusamente distribuído em *separata*, realizou-se nos dias 12 e 13 de Agosto a primeira peregrinação diocesana de Leiria ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima. Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, foi quem teve a iniciativa dessa bela e piedosa romagem, não se poupando a trabalhos e sacrifícios, para que ela redundasse, como de facto redundou, numa grandiosa e magnífica apoteose da augusta Raínha dos Anjos.

Pode dizer-se com razão que foi esta a primeira peregrinação oficial verdadeiramente diocesana que se efectuou até hoje ao Santuário da Lourdes Portuguesa. Algumas dioceses, como o Patriarcado, Évora e Faro, enviaram já, por várias vezes, grupos de peregrinos à terra santa das aparições da Virgem, mas o número dêsses peregrinos elevava-se apenas a algumas centenas, ao passo que a peregrinação diocesana de Leiria conduziu a Fátima dezenas de milhar de fiéis.

Era um espectáculo bastante comovente o daquela multidão imensa que durante dois dias enxameou recolhida e devota, na Cova da Iria, edificando os crentes que ali acorreram também, em grande número, doutros pontos do país.

Cincoenta e cinco freguesias, que são as que constituem o bispado, fizeram-se representar pela grande maioria dos seus habitantes, naquela, se assim se lhe pode chamar, assembleia geral diocesana. Houve algumas que se despovoaram quási por completo, como a freguesia de Amor, pertencente à vigararia de Leiria e uma das mais próximas da cidade do Lis. As peregrinações paroquiais, presididas pelos seus pastores e levando à frente os seus estandartes, com as irmandades, as confrarias, as congregações de Filhas de Maria e as crianças da Cruzada Eucarística oficialmente encorporadas, lá iam subindo, durante a tarde do dia 12, as estradas da serra, rezando o terço, fazendo a devoção da Via Sacra ou cantando os louvores da Virgem bemdita.

E no dia seguinte, essas torrentes que, tendo convergido para o vasto anfiteatro da Cova da Iria, formavam um vasto mar de cabeças humanas, realizavam uma das manifestações de fé e piedade mais bem organizadas e mais encantadoras de que o local das aparições tem sido teatro.

Na manhã do dia 14, sob as abóbadas históricas e sagradas do templo-monumento da Batalha, a grande peregrinação diocesana tinha o seu lógico complemento e o seu fecho de ouro, quando, em comemoração do centenário do Beato Nuno, Conde de Ourêm, Condestável de Portugal, vencedor da batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385, a Hóstia Santa era erguida por sôbre o altar pelas mãos ungidas do Bispo-missionário, D. Moisés, o mais novo dos Prelados da terra de Santa Maria, e Jesus descia ao peito de centenas de fiéis, que agradeciam fervorosamente a sua misericórdia e a protecção da Virgem dispensada à nossa querida Pátria.

Os preparativos da peregrinação

No dia 7 de Junho último, a convite do venerando Prelado, reuniu todo o clero da diocese no edifício do Seminário Episcopal de Leiria para festejar a conclusão das obras do referido edifício e a inauguração da nova capela, dedicada a Nossa Senhora de Fátima.

Foi nessa reunião que ficou assente a organização da primeira peregrinação a Fátima de tôda a diocese de Leiria.

Como o Condado de Ourêm, o vasto feudo do Santo Condestável, tinha a sua sede na diocese e Fátima está situada na área dêsse Condado, foi também determinado que a peregrinação seria comemorativa do centenário do Beato Nuno de Santa Maria, conde de Ourêm, vencedor da Batalha de Aljubarrota.

Durante cêrca de dois mêses houve em tôda a diocese um trabalho intenso e contínuo a-fim-de preparar e organizar tão importante manifestação de fé e piedade que devia constituir uma das páginas mais belas e mais gloriosa da mais pequena das grandes circunscrições eclesiásticas do país.

Ensaiou-se a «Missa dos Anjos», aprenderam-se vários cânticos religiosos e fizeram-se as bandeiras que haviam de acompanhar as peregrinações paroquiais ao Santuário de Fátima.

Tais preparativos feitos com ardor e entusiasmo por um povo profundamente crente e fervorosamente devoto da Virgem Santíssima não podiam deixar de atrair com profusão as bençãos do Céu e de ser coroados do mais completo e feliz êxito.

FATIMA — Peregrinação de Agosto de 1932. Procissão Eucarística

A procissão das velas

Na tarde do dia 12, de todos os pontos da diocese, principiou a concorrência de peregrinos organizados por freguesias em procissões que demandavam a pé e com a maior ordem o recinto sagrado da Cova da Iria. Reunidas junto do pórtico fazem solenemente a sua entrada, sob a presidência do venerando Prelado.

Ao pôr do sol, já se encontram milhares e milhares de pessoas no vasto local das aparições.

Pouco depois das 10 horas efectuou-se a procissão das velas que revestiu extraordinária imponência e teve a valorizá-la em extremo uma ordem, uma compostura e uma piedade verdadeiramente edificantes.

Que lindo espectáculo o dessa multidão inumerável que, rezando o terço do Rosário ou cantando o Ave de Fátima, sobe e desce como uma longa e interminável fita de fogo pelas avenidas do vasto anfiteatro ou ajoelha, humilde e contrita, aos pés da Virgem bemdita, num transporte de júbilo indizível e de santa e dulcíssima confiança na sua protecção maternal.

Entretanto escurece rápidamente. Tudo indica que o tempo vai mudar. Sôbre a Cova da Iria caem, a espaços, algumas gotas de água, grossas e pesadas. O firmamento, carregado de nuvens densas e negras, que a escuridão da noite torna ainda mais densas e mais negras, ameaça, nuns prenúncios temerosos de tempestade, perturbar a magnífica apoteose e converter a noite de vigília de doce passagem pelo Tabor em dolorosa cruz de martírio.

De repente, porêm, o vento, mudando de feição, varre as nuvens e limpa o céu como qu' por encanto e a lua aparece, melancólica e meiga, emprestando ao quadro maravilhoso da procissão das velas, para maior beleza e realce, os tons brandos da sua luz ténue, suave e pura.

Do alto da varanda da capela do Pavilhão três ilustres Prelados contemplam presos de doce encanto o imponente e formosíssimo espectáculo: Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, D. António Antunes, Bispo Coadjutor de Coimbra, e D. Moisés Alves de Pinho, Bispo de Angola e Congo.

Terminada a procissão das velas e reunidos os fiéis em frente do pavilhão dos doentes, o clero e os alunos do Seminário de Leiria cantam o *Credo de Lourdes*, produzindo êsse côro de centenas de vozes um efeito admirável que simultâneamente entusiasmava e comovia as almas.

Já passa da meia-noite oficial. No altar-mór da capela do Pavilhão é feita a exposição do Santíssimo Sacramento.

Começa a adoração nocturna de Jesus-Hóstia. A primeira hora de adoração e reparação nacional é reservada para a peregrinação diocesana de Leiria. Principia a recitação do terço do Rosário. Nos intervalos das dezenas Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Angola e Congo explica o respectivo mistério.

O venerando Prelado, depois de descrever a largos traços a nossa gloriosa epopeia missionária, fala das missões nos vastíssimos territórios das nossas colónias e possessões ultramarinas: sua necessidade, sua organização e pessoal docente e discente. A segunda hora de adoração é privativa da peregrinação de Setúbal e a última da peregrinação de Alvorninha (Caldas da Raínha). Às três horas e meia principia nos doze altares disponíveis a celebração das missas que são em grande número.

Às cinco horas, houve a Missa e a Comunhão dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário. Às sete horas o Senhor D. Moisés reza a Missa da Comunhão geral, sendo o Pão dos Anjos distribuido ininterruptamente durante duas horas por dezenas de sacerdotes a cêrca de vinte mil fiéis, devidamente preparados para êsse acto pela confissão sacramental.

Foi o augusto celebrante que deu a Sagrada Comunhão às crianças da Cruzada Eucarística e a outras que, uniformizadas, assistiram à sua missa.

Às sete horas foi administrada a Sagrada Comunhão aos doentes internados no Albergue de Nossa Senhora de Fátima.

Missa de Pontifical

Às nove horas e meia o Senhor Bispo de Leiria celebra a Missa de Pontifical. Tem como diácono e subdiácono da missa os rev.dos dr. Fernandes de Almeida, de Leiria, e dr. Manuel Antunes, de Coimbra. Ao sólio tem como presbítero assistente o rev.do João Quaresma, Vigário Geral da Diocese de Leiria, e diácono e subdiácono assistentes respectivamente os rev.dos Augusto de Sousa Maia, secretário do venerando Prelado, e Faustino Jacinto de Almeida, pároco de Freixianda e Vigário da Vara de Ourém.

A «Missa dos Anjos» é cantada por sacerdotes e seminaristas e pelos peregrinos da diocese que, como acima se dis-

se, se tinham ensaiado durante dois meses para êsse fim.

Ao Evangelho sobe ao púlpito o rev.do Ricardo Boshmans, flamengo, vigário da freguesia de Nossa Senhora da Boa Nova, da cidade da Paris, e director da revista paroquial «Le Sentier» que, pela segunda vez, veio expressamente a Portugal para assistir às scenas maravilhosas e empolgantes dum dia treze no bemdito local das aparições.

O ilustre e piedoso sacerdote e notável escritor e orador sagrado, expressando-se em português ao microfone, canta as glórias da Santíssima Eucaristia aliadas às glórias da Mãe de Deus e às maravilhas estupendas da Lourdes portuguesa.

Procissão eucarística

A Missa de Pontifical foi seguida da procissão do Santíssimo Corpo de Deus, que percorreu as avenidas do recinto do Santuário, sendo, no fim do imponente cortejo, o augustíssimo Sacramento da Eucaristia aclamado por muitos milhares de pessoas que se comprimiam, enchendo de lés-a-lés as largas e longas avenidas.

Na procissão iam cincoenta e seis bandeiras, seguindo à frente a do Reguengo do Fetal e depois as de Barreira, Albergaria, Alvados, Olival, Arrimal, Leiria, Regueira de Pontes, Coimbrão, Colmeias (2), Souto da Carpalhosa, Pôrto de Mós (2), Arrabal (2), Benedita, Amor, Mendiga, Alvorninha, Espite, Azoia, Batalha, Calvaria, Carnide, Minde, Serra de Santo António, Vila Nova de Ourém, Barrosa, Parceiros, Juncal, Caranguegeira, Côrtes, Vermoil, Alcaria, Pataias, S. Simão de Litêm, Milagres, Seissa, Freixianda, Marinha Grande, Maceira (2), Santa Catarina da Serra, Ourêm, Marrazes, Alqueidão da Serra (3), Aljubarrota (Prazeres e S. Vicente), Pouzos, Fátima, e a da Cruzada Eucarística do Reguengo do Fetal que era seguida de crianças da Diocese agremiadas na Cruzada.

Seguia-se o clero e, debaixo do pálio, conduzindo a Sagrada Custódia com a Hóstia-Santa, o venerando Prelado de Leiria.

Por fim foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Procissão da Virgem, Missa e bênção dos doentes

Terminada a bênção de Jesus-Hóstia, chega à Cova da Iria a peregrinação muito numerosa da freguesia de S. Mamede da Serra (Batalha).

Ao meio-dia oficial, é recitado o terço em comum e em seguida realiza-se a procissão de Nossa Senhora da Capela das aparições para a Basílica. Alí Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. António Antunes, por volta das trezes horas, celebra a Missa dos doentes, auxiliado pelos rev.dos Augusto de Sousa Maia e Jacinto Faustino de Almeida.

Assistem à Missa os Senhores Bispos de Leiria e de Angola e Congo, prégando êste último à estação do Evangelho.

Segue-se o *Tantum ergo*.

A bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes que eram em número de cento e dezasseis, e no fim a todo o povo, é dada pelo Senhor Bispo Coadjutor de Coimbra acompanhado pelos Senhores Bispos de Leiria e de Angola e Congo.

Os três venerandos Prelados benzem os objectos de piedade que os fiéis teem consigo e a seguir abençoam os peregrinos.

Por fim a augusta imagem de Nossa Senhora de Fátima é reconduzida para a sua capela, onde é feita a consagração de todo o povo à Virgem Santíssima e é cantado o «Salvé nobre Padroeira».

A Festa da Pátria

As solenidades religiosas dos dias 12 e 13 em Fátima tiveram o seu lógico complemento no dia seguinte sob as grandiosas abóbadas do templo-monumento da Batalha. Ao mesmo tempo que em Lisboa, junto das ruínas do mosteiro do Carmo, os contingentes da guarnição da capital apresentavam armas às preciosas relíquias do Heroi-Santo, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Moisés, Bispo de Angola e Congo, celebrava a sua primeira Missa de Pontifical em honra do glorioso Paladino da Independência Nacional, o Beato Nuno de Santa Maria, à sombra das pedras do sumptuoso monumento cimentado com o sangue dos heróis de 1385 que tão generosamente o ofereceram em defesa da Pátria querida.

Às onze horas e meia, os Senhores Bispos de Leiria e de Angola e Congo entraram no templo, acompanhados de numerosos sacerdotes e seminaristas.

A Missa de Pontifical começou ao meio-dia oficial, depois de cantadas a hora de terça e a saudação «Ecce Sacerdos Magnus» pela *Schola Cantorum* do Seminário de Leiria e pela multidão dos fiéis, em número de alguns milhares.

Serviram de diáconos assistentes ao sólio os rev.dos Masse, missionário de Lille, e Boshmans, vigário de Notre-Dame des Nouvelles, de Paris, e de diáconos da missa os rev.dos dr. José Fernandes de Almeida, professor no Seminário de Leiria e Manuel do Carmo Goes, pároco da freguesia da Barreira.

Foi mestre de cerimónias o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário.

Dirigiram o canto, antes e durante a Missa, os rev.dos dr. Correia, professor no Seminário, e Manuel Pereira da Silva Gonçalves, pároco da Batalha.

Pela manhã tinha sido distribuido o Pão dos Anjos a seiscentas pessoas.

A comissão administrativa do município da Batalha fêz-se representar nesta solenidade pelo seu presidente, o ilustre médico dr. José Pereira Gens.

À estação do Evangelho subiu ao púlpito o Senhor Bispo de Leiria, que, tomando por tema as palavras gravadas na espada do Santo Condestável, cuja imagem é venerada no altar-mór da igreja, falou largamente sôbre aquela grande figura da nossa história, as suas principais virtudes e os seus três grandes amores: Deus, manifestado na Eucaristia, Nossa Senhora e a Pátria. As cerimónias religiosas comemorativas da Festa da Pátria e do Centenário do Beato Nuno de Santa Maria terminaram com o hino do Santo Condestável cantado por todo o povo.

A poucos passos de distância, na Sala do Capítulo do velho mosteiro rosariano, em campa singela e rasa, o soldado desconhecido dorme tranquilamente o sono da morte, proclamando com o seu silêncio, porque os mortos também falam, que é um nobre e doce dever lutar e dar a vida pela Pátria.

E no altar-mor da histórica igreja votiva, a bela e máscula imagem do heróico vencedor de Aljubarrota, de olhos erguidos para as alturas, desfraldando a bandeira e empunhando a espada, parece, querer lembrar a todos os portugueses, repetindo os versos do poeta, que

«quando Roma em culto alçava
Dom Nuno a trono de luz,
veio a Fátima sorrir-nos
a doce Mãe de Jesus,

veio dizer-nos, na bruma
da nossa tarde sombria,
que ora do Céu por nós velam
frei Nuno e Santa Maria!»

D. Manuel II

Como se disse na crónica do último número da «Voz da Fátima, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José, venerando Bispo de Leiria, na peregrinação de Julho, celebrou no Santuário de Fátima a Santa Missa por alma do Senhor D. Manuel II, assistindo muitos peregrinos.

Tanto a Rainha Mãe Senhora D. Amélia de Bragança como a Rainha Viúva Senhora D. Maria Vitoria escreveram ao Senhor Bispo de Leiria, agradecendo a Santa Missa e as orações em sufrágio do Senhor D. Manuel no Santuário de Nossa Senhora de-Fátima de quem era muito devoto, como as duas augustas Senhoras notavam.

Fátima na Itália

Duma carta do rev.do António Antunes Borges, aluno do Seminário de Leiria actualmente no Colégio Português em Roma, para Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria recortam-se e transcrevem-se os seguintes períodos:

«Há dias recebi uma carta da Sicília, na qual um sacerdote daquela ilha dizia que, depois de ter lido vários artigos referentes a Nossa Senhora de Fátima, ansiava por adquirir o livro sôbre as aparições. Tendo-o alcançado, depois de revolver vários catálogos, segundo dizia, começou a passá-lo por diversas famílias, em que a sua leitura produziu grande impressão. A oração ensinada por Nossa Senhora aos pastorinhos tornou-se comum naquela região. A seu pedido enviei-lhe diversas imagens e pagelas de propaganda e uma ampliação de 50 x 60 da fotografia de Nossa Senhora de Fátima.

Semelhante a esta recebi uma carta em que me pediam várias imagens e um quadro grande de Nossa Senhora de Fátima para expôr numa igreja da Sardenha em cumprimento da promessa duma senhora que obteve por sua intercessão a cura dum filho.

Odisseia dum jovem peregrino holandês

Há meses, numa das maiores e mais lindas cidades da Holanda, um prestigioso sacerdote daquele país membro da benemérita Companhia de Jesus, fez, perante numeroso e selecto auditório, uma notável e interessante conferência sôbre as aparições e os sucessos prodigiosos de Fátima.

Entre os seus ouvintes, que o escutaram atentos e maravilhados, achava-se um jovem imberbe que, encerrada a sessão, se dirigiu ao conferencista, manifestando-lhe o desejo de ir a Fátima e solicitando o seu precioso concurso a-fim-de angariar os meios indispensáveis para a viagem.

O sábio e virtuoso sacerdote, não conhecendo pessoalmente o mancebo e receando qualquer possível intuito de exploração da sua parte, recusa-se sob fáceis pretextos a favorecer a realização de semelhante empreza tão difícil como arriscada e por ventura só própria dum espírito irrequieto e aventureiro.

Mas o moço herói, confiando no poder e na bondade da Mãe de Deus, não desfalece um só instante nem desiste do seu intento.

Uma senhora protestante, rica de bens de fortuna e rica de generosidade, que êle põe ao corrente do que se passa, prontifica-se a pagar-lhe as despesas da viagem até Paris.

Naquela vasta e grandiosa capital, onde todas as pessoas lhe são completamente estranhas, um pastor protestante, com quem se encontra por acaso e a quem comunica o seu grande embaraço, abona-lhe a quantia de que há mister para se fazer transportar até Lourdes, a mística cidade da Imaculada.

Alí, outra alma caritativa, condoida da sua situação assaz angustiosa, oferece-lhe tresentos francos e com êsse valioso donativo, o jovem peregrino consegue chegar a Leiria no dia treze de Julho último.

Logo que se encontra dentro dos muros da formosa princeza do Lis, parte sem demora para Fátima, mas só logra transpôr o pórtico do recinto do Santuário precisamente no momento em se que se apagavam de todo os últimos ecos da peregrinação dêsse dia.

Bastante contrariado com tal decepção, tão dolorosa como inesperada, depois de tantos trabalhos e sacrifícios, não perde o ânimo a-pesar disso e, contando com os recursos inexgotáveis da caridade cristã, resolveu demorar-se um mês em Portugal para poder assistir ao espectáculo da grande peregrinação diocesana de Leria em treze de Agosto.

Nesse dia, o jovem e piedoso romeiro, cheio de júbilo e de reconhecimento para com Deus e para com a Virgem Santíssima, engolfa-se de alma e coração na atmosfera saturada de sobrenatural da Cova da Iria para se deliciar com o doce perfume de milagre e de graça que se evola dos altares sagrados do Santuário máximo da nossa Pátria.

E agora, o novo e denodado campeão da Virgem de Fátima em terra estranjeira, qual cavaleiro andante da Idade Média, vai com o seu vivo e ardente entusiasmo conquistar novos devotos para a Rainha do Céu, vai cantar num hino perene as glórias de Deus e os triunfos de Maria na estância bemdita das aparições, vai espalhar por tôda a parte o aroma suave e delicado das místicas flores que se colhem, vivas e belas, no Eden delicioso e encantador da maravilhosa Lourdes de Portugal!

Visconde de Montelo

A voz da França em Fátima

Alocução proferida pelo rev.do Ricardo Boshmans, vigário da freguesia de Nossa Senhora da Boa Nova e director da revista «Le Sentier», de Paris, à estação do Evangelho da Missa de Pontifical, em Fátima, no dia 13 de Agosto último, por ocasião da grande peregrinação diocesana de Leiria.

Pulchra ut luna.
Electa ut sol.
Terribilis ut castrorum acies ordinata.
Bela como a lua
Eleita como o sol
Terrível como um exército em ordem de batalha

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria
Excelências Reverendíssimas,
Reverendos Padres,
Queridos irmãos,

Pulchra ut luna.

Talvez seja a primeira vez que ressôa a voz, fraca demais, dum padre estranjeiro, nêste recinto bemdito de Fátima.

Desde já peço desculpa da imperfeição desta minha palavra.

Porém, o que fica catòlicamente certo, é que êstes dizeres, sem eloquência, são dizeres de sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo, de servo humilde da Mãe de Deus.

O que eu sinto comvosco, é a mesma crença num Deus todo poderoso, cheio de bondade, único Deus em três Pessoas!

O que eu sinto, é o mesmo carinho pela Verbo de Deus, feito homem no seio puríssimo da Santíssima Virgem, e sacramentado na Hóstia que adoramos e de que nos alimentamos.

O que eu sinto, é o mesmo carinho pela mais terna das mães: Rainha do Céu e da terra: Maria que é mãe dos Lusitanos como é mãe dos Flamengos, aos quais pertence o meu sangue, como é mãe de todos os fiéis.

Se quiserdes, pois, prestar alguns instantes de atenção ao mais indigno dos sacerdotes, falaremos da nossa querida Mãe, sob o ponto de vista da sua doce influência nos destinos das almas.

HOMENAGEM.

Antes de mais nada, desempenhar-me-ei dum dever imperioso e público: isto é, oferecer as minhas homenagens de respeito filial e de carinhosa gratidão ao venerando Bispo de Leiria, Sua Ex.cia Rev.ma Dom José Correia da Silva. Julgo como favor assinalado a gentileza indizível com que fui acolhido pelo Prelado que preside aos destinos desta Lourdes portuguesa. Considero como vindo de Nossa Senhora êste favor que me faz viver momentos inolvidáveis, tam perto dos encantos celestes de Fátima!

FATIMA — Peregrinação de Agosto de 1932. O Rev. Père Boshmans, de Paris, a prègar na Missa de Pontifical

INTRODUÇÃO:

Talvez seja a primeira vez que ressôa a voz, fraca demais, dum padre estranjeiro, nêste recinto bemdito de Fátima.

Desde já peço desculpa da imperfeição desta minha palavra.

Porém, o que fica catòlicamente certo, é que êstes dizeres, sem eloquência, são dizeres de sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo, de servo humilde da Mãe de Deus.

O que eu sinto comvosco, é a mesma crença num Deus todo poderoso, cheio de bondade, único Deus em três Pessoas!

O que eu sinto, é o mesmo carinho pela Verbo de Deus, feito homem no seio puríssimo da Santíssima Virgem, e sacramentado na Hóstia que adoramos e de que nos alimentamos.

O que eu sinto, é o mesmo carinho pela mais terna das mães: Rainha do Céu e da terra: Maria que é mãe dos Lusitanos como é mãe dos Flamengos, aos quais pertence o meu sangue, como é mãe de todos os fiéis.

Se quiserdes, pois, prestar alguns instantes de atenção ao mais indigno dos sacerdotes, falaremos da nossa querida Mãe, sob o ponto de vista da sua doce influência nos destinos das almas.

HOMENAGEM.

Antes de mais nada, desempenhar-me-ei dum dever imperioso e público: isto é, oferecer as minhas homenagens de respeito filial e de carinhosa gratidão ao venerando Bispo de Leiria, Sua Ex.cia Rev.ma Dom José Correia da Silva. Julgo como favor assinalado a gentileza indizível com que fui acolhido pelo Prelado que preside aos destinos desta Lourdes portuguesa. Considero como vindo de Nossa Senhora êste favor que me faz viver momentos inolvidáveis, tam perto dos encantos celestes de Fátima!

DISTRIBUIÇÃO.

Nunca houve, nunca haverá alma mais bela do que Maria.

Pulchra ut luna.

Por causa desta beleza, foi eleita para que nela se realizasse o mistério da Incarnação.

Electa ut sol.

E, Mãe de Deus, foi o instrumento do Poder divino, não sòmente em favor de seus filhos, mas também, contra os inimigos do nome cristão.

Terribilis ut castrorum acies ordinata.

— Séde dogmática de formosura moral;
— Receptáculo eleito para receber as graças divinas e irradiá-las;
— Fortaleza inexpugnável, cujas armas são rosas perfumadas; Maria é tudo isso.

Facto que várias circunstâncias da história põem em relêvo.

Facto que novamente se realizou nesta «Terra de Santa Maria», que é a linda terra portuguesa, nêste recanto da Serra d'Aire, onde se dignou aparecer a Santíssima Virgem, Nossa Senhora da Fátima!

Logo, por favor de Maria, proclamar-se-á:

I **Fátima!** *assombrosa e admirável lição de beleza moral!*

II **Fátima!** *estância bemdita de prodígios e de graças!*

III **Fátima!** *flor da terra que trás perfume do Céu!*

I

Todos vós sabeis de que maneira intrépida, a bela e casta viuva *Judite* conseguiu salvar o seu povo da deshonra da escravidão com que o ameaçava o sanguinário Holofernes.

Conheceis também a epopeia de *Ester*, que expôs a sua vida para obter a vida de seus conterrâneos exilados e já condenados pelo despótico tirano Aman.

Emfim, quem ignora a conduta varonil da *Mãe dos Macabeos*, que, pela sua palavra doce e forte, animava os seus filhos, até o mais novo no terrível momento da morte do martírio?

Pois, estas três figuras, tam sublimes na sua tocante realidade, não são o retrato vivo de Maria, Mãe dos homens?

É impossível relatar tôdas as vezes que a Mãe de Deus intervém para salvar os seus filhos dum terrível flagelo, duma escravidão diabólica, duma morte infame. Êstes factos históricos de solicitude marial perante os seus devotos em perigo, lêem-se não sòmente nas crónicas dos povos, mas também nos anais íntimos de tantas e tantas almas.

Nessa ordem de ideias, que dizer das Aparições da Virgem em Fátima? Que são elas? Nada menos do que uma resposta — suavemente maternal, sim — à Revolução perseguidora da Religião de seu Filho. Aí, como em tantos outros acontecimentos da história humana, onde se vê o triângulo demoníaco esforçando-se por esmagar almas de Jesus Cristo, aí, de novo, Maria mostra-se *Judite*, formosamente casta, *Ester*, intrépidamente dedicada, *Mãe de Macabeus*, heròicamente maternal!

A mais bela entre tôdas as mulheres escolheu uma pequena azinheira da Cova da Iria e três humildes pastorinhos iletrados devotos do Terço, para nos lembrar-mos das verdades necessárias à vida:

a) a formosura espiritual que é a castidade, não se alcança senão pela humildade, cantada nos versos da *Magnificat marial!*
b) as graças divinas são canalizadas por intermédio de Maria, Mediadora — Corredemptora.
c) O Terço é uma arma terrivil contra os inimigos que nos assaltam de tôda parte.

Fátima! pois, é uma assombrosa e incomparável lição de formosura moral!
Virgem formosíssima, ensinai-nos!

II

O quadro que apresenta o mundo actual é assombrosamente triste.

A nossa época que se ufana de ser ultra-moderna, que é senão corrução? Aquilo que os versados em Economia Social chamam «crise» não é crise, mas infelizmente uma epidemia de putrefacção de consciências. Pondo de parte o verdadeiro Deus, são adoradas tôdas as divindades do vil paganismo. Ouve-se na bôca de homens de govêrno, universitários, jornalistas, industriais e outros o grito infernal: «Não precisamos de Deus! Nós-outros somos deuses». A sociedade, doente de nervosismo irrequieto, fala constantemente em paz. E não há paz! Porquê? Porque a humanidade na sua loucura, despreza o Único, capaz de trazer a paz, o Príncipe da paz, que nesceu da Virgem-Mãe e que, na noite do seu nascimento, mandou cantar aos anjos: «Paz aos homens de boa vontade». E os diplomatas, em lugar de seguirem a estrêla dos Magos que conduz a Belêm, parecem fechar os olhos à luz do Alto.

Estranho seria que nestas condições o mundo não se tivesse transtornado. O mal estar de nossos dias é uma consequência horrorosamente lógica das criaturas que, expulsando o Criador, estão entregues a si mesmas. Eis a desgraça! Não é económica, nem monetária, nem de superprodução. É crise de almas!

E para nos convencermos dêste facto, não é preciso descrever: a imoralidade pública que está animalizando os corpos — a falta de honestidade que reina nos negócios, — a impiedade insolente que asfixia os espíritos. Basta lançar um olhar para o campo dos próprios católicos! Quantas coisas podíamos dizer sôbre certas atitudes que deviam ser fustigadas severamente, sôbre actos incoerentes de tantos e tantos que se prezam de bons crentes e que não põem em prática os princípios doutrinais professados!

O mal é profundo!

Não obstante, é impossível que um devoto de Maria, considerando o que desenvolvemos na primeira parte dêste discurso, não tenha confiança!

Dissemos que em tôdas as épocas difíceis, Maria, consultando o seu coração, cuja ternura é inexgotável, vela em socorro da humanidade à beira do abismo. Pois é certo que há de intervir também no nosso século que sofre de abatimento nunca atingido até agora.

Que digo? Mas já interveio! Mas já apareceu! Foi nas suas próprias terras (a «terra de Santa Maria») terras ilustradas pela Rainha Santa Isabel, mãe dos po-

bres, — por Santo António de Lisboa, o Santo do mundo inteiro, — pelo varão heróico Gonçalo de Ourêm, morto cistercime da Abadia de Alcobaça, — pelo santo Condestável, Nuno Álvares, que vibram tôdas juntas, de lembranças históricas, na terra encantadora da Fátima!

E falou a três pastorinhos de Aljustrel e neles a todos os portugueses e nestes aos fiéis de tôda a terra.

E todos aqueles que escutaram a voz celeste e ofereceram preces ardentes à Virgem de Fátima, receberam graças.

Assim a Cova da Iria ficou sendo testemunha de prodígios inúmeros.

Prodígios nos corpos, pelo número incalculável do dia 13 de Outubro de 1917.

Prodígios no solo, pelo jorrar de águas cristalinas nesta serra, onde nunca se tinha achado nem sequer uma gota.

Prodígios nos corpos pelo número incalculável de curas que surpreendem a sciência.

Prodígios nas almas, pela obtenção de benefícios inefáveis, de conversões inesperadas, de restabelecimentos de seres doente da tuberculose da impureza, do cancro da ambição das riquezas, da paralisia do orgulho.

Mas, o facto mais prodigioso que nos transporta aos tempos fervorosos das Catacumbas, o facto de Fátima é o grandíssimo número de comunhões, é o facto eucarístico.

Pois o papel mais verdadeiro, mais augusto, mais maternal da Mãe dos homens, não é o de convidá-los para o banquete da Hóstia sagrada que é o seu próprio Filho adorado?

Fátima! Estância bemdita de prodígios, de bênçãos e de graças!

Virgem eleitíssima, guiai-nos.

III

De que maneira Nossa Senhora quere conduzir os seus filhos? No meio e a-pesar das misérias mundiais que nos cercam, quais são os meios preconizados por Maria, para que gozemos de fôrça, de luz, de lenitivo?

A resposta a estas preguntas achamo-la aqui em Fátima!

É dupla: a Hóstia! O Rosário!

Um crente não pode agradar a Maria, se não agrada ao Filho de Maria.

Um crente não pode ser objecto de complacência aos olhos de Jesus, se não se empenha em sê-lo aos olhos da Mãe de Jesus.

Ora, qual é o desejo de Maria?

Qual é o voto de Jesus?

É claro que o ente que ama, deseja comunicar algo de si mesmo ao ser querido. Que prazer, por exemplo, para uma jovem mãe, dar o seu leite ao filhinho que acaba de nascer!

Assim, Maria! A sua grande felicidade é vêr que os homens aceitam o que ela lhes apresenta com sorrisos de ternura: isto é, a carne puríssima que o Filho de Deus tomou no seu ventre virginal; isto é, o sangue rutilante que de suas veias correu para as veias de Deus feito homem. Este alimento de anjos, é o nosso, se tomamos a Hóstia, consagrada pelo milagre eucarístico.

Por outro lado é incontestável que será um incenso de louvores à Trindade, se saudarmos a Filha de Deus Padre, a Mãe de Deus Filho, a Espôsa de Deus Espírito Santo, com as mesmas palavras com que o arcanjo S. Gabriel se desempenhou de sua missão de embaixador divino.

Ave Maria, cheia de graça!

Estas saudações, pronunciadas, dez vezes, em cada uma das quinze dezenas do Rosário, durante a contemplação dos episódios da vida de Maria, nos mistérios da sua alegria, da sua dor, da sua glória são como outras tantas rosas com as quais coroamos a nossa Raínha.

E que estas corôas constituem um presente agradável a Maria, está provado pelas aparições da Fátima!

E como poderia suceder que a Raínha Mãe, recebendo as homenágens dos seus súbditos, não as apresentasse perante o trono de seu Filho Rei?

E o trono de Cristo-Rei é o tabernáculo eucarístico, onde de dia, onde de noite, onde a cada instante, o seu amor nos espera com delicadeza e solicitude.

Sim! O Rosário não é sòmente uma saudação, mas também uma consolação, e ainda uma arma terrível contra os inimigos (Fátima nos convence disso — repetimo-lo —); a Comunhão frequênte, fervorosa e frutuosa, ensina-nos a formosura como a fôrça da religião de Jesus Cristo, que não é uma fórmula fria, mas essencialmente uma *Vida*.

Vida, a-pesar das contradições do inimigo;

Vida, que ama a cruz de Cristo;

Vida, que se desenrola entre as Rosas de Maria na irradiação da Hóstia branca.

Esta vida foi Fátima que a renovou e é Fátima que a renova em dezenas de milhares de seres humanos.

Fátima! Flor da terra e perfume do Céu!

Virgem fortíssima, defendei-nos.

PERORAÇÃO.

Está acabada a nossa tarefa. Estamos penetrados da verdade no tocante à influência de Maria sôbre as almas.

1. *Beleza marial — Pulchra ut luna!* Uma linda Senhora luminosa veio do Céu para nos ensinar em Fátima a formosura moral — *Judite castissima!*
2. *Mediação marial. — Electa ut sol!* A eleita de Deus na economia da Redenção escolheu Fátima para aí distribuir graças assinaladas. *Ester dedicada!*
3. *Poder marial. — Terribilis ut acies* Judite castíssima, Ester dedicada, mostrou-se em Fátima, *Mãe incomparável de Macabeus cristãos*, declinando o seu nome:

Nossa Senhora do Rosário:

— arma certeira contra os inimigos;
— lenitivo dos que sofrem;
— introdutora do Palácio eucarístico de Jesus!

Logo:

— Perante a indiferença com que a ignorância nos envolve; —
— no meio dos espinhos que cercam o caminho da vida;
— em presença da imoralidade ímpia que se levanta pelo mundo;
— temos que prestar uma acção pública, solene e forte de fé, temos que fazer apostolado de tudo o que é belo, óptimo e nobre!

Este apostolado exerce-se por meio das duas devoções inseparáveis:

devoção a Nossa Senhora do Rosário, devoção a Jesus Sacamentado.

Virgem castíssima, ensinai-nos!
Virgem eleitíssima, guiai-nos!
Virgem fortíssima, defendei-nos!

Assim seja!

P.e Ricardo Boshmans

Fátima, o Paraíso na terra
e
A Pérola de Portugal,

são dois livros sôbre Fátima, pelo Sr. Visconde de Montelo, que pelo preço de 5$00 cada um se enviam do Santuário ou da Redacção da «Voz da Fátima», a quem os pedir e enviar a respectiva importância.

São interessantes, principalmente para quem não tem sido assinante da «Voz da Fátima».

TUDO VEM DE DEUS

Um bom homem, sapateiro por sinal, para todos os incomodos e tribulações tinha êste invariável estribilho: «isto vem de cima».

Assim o ouvira muitas vezes a sua velha mãe e assim se habituára a dizer. Às vezes caçoavam-no mas êle não se importava.

Um dia estava com os companheiros na oficina, quando de repente entra um cão pela porta aberta e lhe roubou a carne do almôço.

— Deixa ir, homem, que isto vem de cima *(gritaram os companheiros, caçoando).*

No entanto êle correu atrás do cão e, mal tinha chegado fóra, caíram três tábuas do forro que feriram bastante os companheiros.

O nosso homem, porém, ficou ileso, continuando a pensar que tinha vindo de cima o auxílio.

— Deus mandou o cão para me livrar dêste perigo, por intermédio do meu Anjo da guarda, pensou êle.

Agora, os outros que digam se não veio tudo de cima, *nem mesmo as tábuas. O que é verdade é que não voltaram a caçoá-lo.*

Atendam

Quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Cura na vista

Sofri dos olhos durante dois anos. Depois de muitos tratamentos inúteis aconselharam-me a fazer uma novena a Nossa Senhora da Fátima. Fi-la, mas sem resultados sensíveis. No entanto, senti mais fé em Nossa Senhora e comecei logo outra novena com o maior fervôr que me foi possível. Durante os dias da segunda novena comecei a sentir sensíveis melhoras, e agora, graças a Nossa Senhora, leio já sem incómodo algum, o que até então me era impossível fazer.

José Pires — Angola África Ocidental

Asthma cardíaca

No princípio do mês de Abril tive o primeiro ataque desta terrível doença.

Pedi à minha Mãe do Céu que me acudisse, resando-lhe, e bebendo da água que a presença de Nossa Senhora da Fátima ali abençoára.

Durante a novena tive uns assomos do mal, e, no último dia um ataque muito maior ainda do que o primeiro; — foi a minha Mãe do Céu a chamar a minha atenção para a graça que ia conceder-me — o libertar-me de tão terrível sofrimento. Daí em diante nunca mais senti absolutamente incómodo algum.

A minha alma se eleva aos pés de N.ª S.ª da Fátima num acto de agradecimento que desejo exteriorisar publicando na Voz da Fátima esta graça que para mim foi tão apreciável.

Henrique Marques de Carvalho (Farmacêutico) — Nespereira

Agradecimento

Em princípios de Agosto comecei a sentir-me doente. Fui consultar o Sr. Dr. Sepulveda que me receitou umas injéções das quais se originou na minha boca uma infecção tal que me impediu completamente o comer. A minha cara tornou-se completamente disforme; nem a boca podia fechar. As gengivas cobriam-me os dentes e pedaços de carne pendiam-me da boca exalando dela um cheiro nauseabundo ao mesmo tempo que dela saía uma baba nojenta!

Durante dois meses não consegui deitar-me, descançando às vezes um pouco recostado a um almofadão.

Chamaram-me o Sr. Dr. Craveiro Lopes que, ao ver-me, ficou admirado do estado em que me encontrou. Nunca, diz, tinha encontrado uma boca como a minha.

Receitou-me uns comprimidos mas, nenhum bem me fizeram também.

Não falava, não comia, não dormia, de maneira que todos se admiravam como ainda podia viver.

Por fim o médico declarou-me perdida.

Então, não podendo falar, dirigi-me em espírito a Nossa Senhora da Fátima para que me salvasse como já outra vez fizera curando-me duma doença interior considerada como fatal.

Cheguei a desanimar com tantas dôres e por não ser atendida tão depressa como desejava. Mas Nossa Senhora não me esqueceu. Atendeu as minhas súplicas, e fêz-me a grande graça de me curar, graça que causou admiração ao próprio médico e às pessoas que foram testemunhas dos meus padecimentos. Por não poder alimentar-me cheguei a extrema fraqueza.

Agora, por Misericórdia de Nossa Senhora, a quem quero sempre louvar na terra, enquanto viver, e no céu depois da minha morte, estou completamente bem. Ando a cumprir as minhas promessas que julgo muito pequenas para tão excelente favôr.

Lisboa, R. do Arco da Graça, 55, 4.º

Maria do Céu Morais Portelinha

Dôres e inchação

Um meu filho, ainda novo, foi atacado de fortes dôres na côxa esquerda, acompanhadas de grande inchação.

Fui com êle ao médico da família.

Depois de algumas semanas em que fiz contínuo uso dos medicamentos que êle prescrevera, poucos ou nenhuns alívios se fizeram sentir.

Nesta altura, pessoa amiga, deu-me um pouco de água da Cova da Iria, água que, com muita fé, comecei a aplicar ao membro afectado da criança, pondo de parte o uso de qualquer outro remédio. No dia seguinte, sensíveis melhoras se manifestaram, e passados três dias, o mal tinha desaparecido por completo.

Atribuo simplesmente à intervenção de Nossa Senhora esta graça que, como prometi, peço seja publicada na Voz da Fátima para o que mando uma pequenina esmola.

Ilha das Flores, Açores

Luisa G. de F. Castelo

Abcesso

Sofri uma grave doença de que resultou um abcesso de grande profundidade e muito perigoso. Se fôsse feita qualquer pressão sôbre a pele o puz saía imediatamente por um orifício junto a uma costela do lado direito. Estive quarenta e seis meses de cama tendo um abcesso três anos a purgar! Durante êsse tempo lia quási todos os meses na «Voz da Fátima» as graças que Nossa Senhora fazia a seus devotos. Desde então comecei também a pedir-lhe o favor da minha cura; mas os meus rogos não eram despachados. Um dia, porém, em que o meu desgosto era mais profundo por estar assim tão doente, há tanto tempo no Hospital e tão longe de minha família, tendo junto do meu coração uma imagem de Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe com o maior fervôr possível que me concedesse também a mim a graça da cura desejada.

Agora Nossa Senhora ouviu-me e as minhas melhoras foram tão rápidas que no espaço de três meses obtive licença para sair do Hospital, onde estive tantos anos, e ir juntar-me a minha família.

Já passaram quatro anos e até agora nunca mais voltei a ter o mínimo incómodo. Por tudo isto dou ardentes graças a Nossa Senhora que se dignou ouvir e despachar a minha pobre oração.

T. dos Poiais, n.º 45, Lisboa

Elisa Marques da Silva

Quisto

Venho pedir um cantinho no jornal que V.ª Rev.da dirige para publicar, agradecendo, uma grande graça que alcancei por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, graça que em mim ficará gravada com letras de ouro e que nunca mais esquecerei.

Minha filha, Deolinda Guerra Brito Morais, há alguns anos que com pequenas intermitências sofria um mal horrível.

Pouco a pouco o mal agravou-se tendo sido aconselhada, depois de devidamente observada pelo seu médico assistente—Dr. Mascarenhas de Melo, a ser operada de Apendicite.

Porém, apesar de todos estes trabalhos, em fins de 1931 voltou a sentir-se gravemente mal, tendo sido internada, com tôda a urgência, no Hospital da «Estefânia» por determinação do mesmo médico.

Pelo cirurgião Dr. Vasconcelos Dias foi sujeita a uma operação que pode ser considerada uma das mais difíceis da ciência cirurgica. Foram-lhe encontrados dois úteros, um dos quais contendo dois quistos.

Em face disso cheguei a perder as esperanças duma possível salvação.

Aflito, orei aos pés de Nossa Senhora da Fátima e do Santíssimo Sacramento implorando piedade e pedindo auxílio para um caso tão grave e monstruoso. Graças à Misericórdia de Jesus e de Maria, não foi em vão que fiz os meus rogos.

Condoída com os pedidos constantes dum pobre pai aflito, a Virgem Santíssima alcançou a saúde para aquela por quem tanto pedi.

Sem dúvida foi uma grande graça esta salvação que todos julgavam impossível. Aqui fica a expressão sincera dos factos que prometi publicar na «Voz da Fátima», para glória de Nossa Senhora e consolação de todos os que sofrem doenças embora muito graves.

Terminando, deponho nas mãos de V. Rev.da êste donativo para ajudar as obras de Nossa Senhora da Fátima.

Estrada de Benfica, 450 r/c — Lisboa.

José de Brito

Graças Diversas

— Firmino Marques — R. do Paraíso, Lisboa, agradece a Nossa Senhora a cura de um mal-estar que por muito tempo o atormentou.

— Abílio Antunes dos Santos, de Ferreira do Zezere, agradece a Nossa Senhora um grande favor que lhe alcançou.

— Maria Nunes da Rocha, — de Aveiro, agradece uma graça que lhe foi concedida por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— Manuel Nunes Batista — de Copa, agradece diversas graças que atribue a Nossa Senhora.

— José Gonçalves dos Santos — de Alcaria, Fundão, agradece a Nossa Senhora uma graça que dela alcançou numa doença que o afligia.

António Baptista — Outeiro da Cabeça, agradece a cura duma grave doença de que sofreu durante muito tempo. Foi marcado o dia para uma operação, pois tinha os intestinos deslocados, mas fazendo com tôda a família muitas orações e promessas a Nossa Senhora obteve a saúde antes do dia marcado para a operação. Hoje sente-se muito bem.

— Luís Matias — Ferreira do Zezere, agradece a Nossa Senhora a cura duma doença depois de ter sido desenganado pelos médicos.

— **Aurora de Jesus** — Sanatório Rodrigues Semide, Pôrto, agradece a Nossa Senhora a cura que lhe alcançou, contra todas as esperanças, porque tinha uma tuberculose já muito adeantada. Hoje trabalha diàriamente, ganhando o seu pão para si e para os seus.

— Maria José Gomes Coutinho — Gouveia, agradece a Nossa Senhora o ter recuperado a sua vista que havia nove anos lhe tinha quási desaparecido. Os remédios foram o lavar os olhos com água da Fátima, e o encomendar a sua cura a Nossa Senhora.

— José Ferreira — Carrís, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe concedeu. Sofria há muito dos intestinos, incómodo que os médicos não conseguiram tirar-lhe, e por fim alcançou de Nossa Senhora a graça que tanto desejava.

— Maria Rosa Vagos Richão, — Ilhavo, agradece uma graça temporal concedida a sua filha Deolinda, por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— Raquel Xavier Pereira — Viseu, agradece a Nossa Senhora a cura de uma furunculose rebelde aos medicamentos e que durante muitos mêses a inutilizou para os trabalhos domésticos.

Graças de N. Senhora da Fátima no Brasil

(Continuação)

28) Não quisera de modo algum omitir uma outra graça que também me foi comunicada por escrito, nestes ingénuos e singelíssimos termos: «Milagre de N.ª Sr.ª da Fátima a Graziela e Waldemar Gomes. —1-11-1931». Vem isto escrito num postal em cujo verso está o retrato dos 2 irmãosinhos no dia e trajes da sua 1.ª Comunhão. E foi de facto a sua 1.ª Comunhão a insigne graça (que não duvidam chamar milagre) de que com razão se confessam devedores a N.ª Senhora da Fátima. Havia já bastante tempo que pelejavam com seus pais para que lhes concedessem fazê-la, sendo porém infrutíferos os seus rogos e baldados todos os esforços. Insistiam *opportune et importune*, já com carinhos e meiguices, já com lágrimas e soluços, sem nunca obterem outra resposta senão o sistemático e frigidíssimo *não*.

Isto só um milagre, disseram consigo, o que foi o mesmo que lembrarem-se de Nossa Senhora da Fátima, a quem desde logo confiaram a solução do caso. Começam nêsse sentido uma novena, terminada a qual, fiados no apoio de Nossa Senhora, afoitam-se a reiterar o pedido tantas vezes regeitado. E que alegria não foi a deles quando, depois de uma intérmina seria de *nãos*, desta vez ouviram em lugar deles o mais confortante e consolador *sim!* Com semelhante desenlace, não cabiam em si de contentes. Daí até o dia 1 de Novembro, em que viram realizadas suas ardentes aspirações, mais que na terra, só lhes parecia viverem no Céu com os Anjos! E que diremos do momento ditoso em que de facto pela vez 1.ª deu entrada em seu peito o verdadeiro pão dos mesmos Anjos?! Comunhão, abençoado fruto de tão insigne «milagre», bem se pode supor com que piedade e fervor não deve ter sido feita! Bem haja Nossa Senhora da Fátima que tão prodigiosamente abrandou a dureza dos pais, e parabens às piedosas crianças que tão portentoso favor alcançaram da Mãe do Céu!...

29) Fecharei a já bem longa série de especialíssimas graças de Nossa Senhora da Fátima com uma outra carta em que a sinatária atribue a sua especial mercê a resignada e piedosa morte de uma sua irmã. Quando já ela estava muito mal mandou-me a dita sinatária pedir ao Colégio uma novena e um frasquinho da água da Fátima, a ver se Nossa Senhora quereria fazer-lhe o milagre de a salvar ainda. Foi-lhe integralmente satisfeito o pedido, cujo resultado a mesma carta no-lo dirá.

Ei-la:

Rev.mo Senhor

Venho comunicar-vos que minha irmã, que se achava enferma, faleceu ante-ontem, 18, e se enterrou ontem, dia de S. José. Nossa Senhora da Fátima, se não quiz que ela vivesse, é porque bem sabia que estava preparada para ir ter com Ela e Jesus. Comungou freqüentes vezes durante a moléstia e teve uma morte muito resignada. As suas últimas palavras foram recomendar ao Vigário o marido e os filhos para que não deixassem de fazer a Comunhão pascal, acrescentando em seguida: «Meu Jesus, eu Vos pedi a minha cura, Vós não quizestes, seja feita a vossas vontade». Beijou o Crucifixo e a medalha de Filha de Maria, e, passados 10 minutos, estava nas mãos de Deus. Agradeço a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe dado tanta resignação e desapego. Recomendo a V.ª Rev.ma a alma dela (Alice), e peço, se fôr possível, me envie umas novenas e uns registos de Nossa Senhora da Fátima, pois foi um dos pedidos da falecida, que nós propagassemos a devoção de tão boa Mãe. Donde lhe veio uma resignação tão santa e uma morte tão edificante? Foi de Nossa Senhora, não resta dúvida. Bendita seja pois a Virgem Maria Nossa Senhora da Fátima!

Itapagipe, 20-3-931

Hermelinda Valverde

Colégio António Vieira—Baía, 13-3-932.

P.e João de Miranda S. J.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte...	351.107$09
Papel, comp. e impr. do n.º 119 — (70.000 ex.)... ...	4.218$00
Franquias, embalagens, transportes	1.828$25
Na administração — Leiria...	280$20
Total...	357.433$54

Donativos desde 15$00

Zulmira de Carvalho — L. de Palmeira, 50$00; Maria do C. Tavares — Lisboa, 15$00; Francisco Goes — Aveiro, 25$00; Maria L. Lopes — Lourenço Marques, 50$00; Lucinda Coelho — Lourenço Marques, 15$00; Bento de Moura — Lourenço Marques, 25$00; Conceição Camila — Lourenço Marques, 100$00; Vivelinda Leão — Lourenço Marques, 30$00; Noemia Barata — Lourenço Marques, 15$00; Laura da Costa — Lourenço Marques, 15$00; Olinda da Fonseca — Lourenço Marques, 25$00; Dr. José Alberto Soares — Lourenço Marques, 60$00; Maria Alice Henriques—Lourenço Marques, 20$00; Aurora Mimoso Valente — Lourenço Marques, 100$00; Leonida dos Prazeres Valente — Lourenço Marques, 30$00; Olive Van der Mulen — Lourenço Marques, 15$00; Maria A. Leão — Lourenço Marques, 50$00; Evandra Ferreira — Lourenço Marques, 20$00; esmolas avulsas — Lourenço Marques, 38$40; Clarice Carvalho — Lourenço Marques, 20$00; Hortencia Augusta da Silva — Lourenço Marques, 50$00; Berta Pestana — Lourenço Marques, 25$00; Olivia Pinto — Lourenço Marques, 20$00; João Albino — Lourinhã, 50$00; Mons. Manuel Marinho — Foz do Douro, 100$00; Joaquim M. Grilo — Porto, 20$00; J. C. V. Ribeiro — Hongkong, 34$65; C. O. Batista — Hongkong, 34$65; J. E. Rocha — Hongkong, 34$65; J. J. Remedios — Hongkong, 34$65; José N. Coelho — Tortozendo, 20$00; Joaquim Vicente — Tortozendo, 30$00; P.e José Rodrigues dos Santos — Anha, 250$00; Brites Andorinha — Setúbal, 15$00; Alberto Quita-Quita — Alc. do Sal, 20$00; Confraria de Nossa Senhora da Fátima — Vila Viçosa, 100$00 Lourenço Machado — Braga, 40$00; José F. Melo — América, 30$50; José dos Reis — Brasil, 15$00; Maria Barbosa — Gondomar, 20$00; Alda M. de Noronha — Aveiro, 25$00; Deolinda de J. Charters — Lisboa, 50$00; Luísa Manso — Monte Estoril, 30$00; Maria Carmen — Faial, 25$00; António Pais e Jerónimo Vieira — Piães (esmola), 20$00; Dr. Carlos de Oliveira Pegado — Nova Gôa, 40$00; António da S. Oliveira — Ervedosa, 15$00; M. P. Henriques — América, 45$00; Jesuina Rodrigues — América, 45$00; esmola de Izabel Louro — Lisboa, 50$00; Josefa A. de Araújo — Régua, 20$00; Luciano Augusto Rosa — Evora (esmola avultada); P.e Francisco Xavier da Silva — T. Vedras, 50$00; Fernanda Jasmins de Freitas — Funchal, 30$00; Sibila P. Fernandes — Monção, 22$50; Belmira Vieira — Viseu, 15$00; esmola de Joaquim Castro — Guimarães, 40$00; Miguel M. Correia — França, 20$00; Augusto João de Carvalho — Gerês, 15$00; Rita Linhares Brum — Biscoitos, 20$00; P.e Agostinho Vieira — Paúl, 50$00; Manuel de F. Lucio — Flores, 20$00; Ant.º Rodrig. Palmeira—Tomar, 15$00; José Bernardo — Vila de Rei, 50$00; Artur da Silva — Gaia, 15$00; P.e Manuel Pita — Chaves, 50$00; Maria José Vieira — Pardelhas, 70$00; Distribuição em Pardelhas, 62$00; Henriqueta Santos — Varatojo, 30$00; Mariana Coelho — Borba, 20$00; Maria do C. Pires — Porto, 15$00; P.e António de Freitas — Vila Verde, 20$00; Rosa Amélia — Vimieiro, 15$00; José F. de Almeida — Vimieiro, 15$00; esmola duma anónima, 20$00; Maria L. de Moura — Lisboa, 15$00; Maria S. de Matos — Pedrouços, 50$00; Dr. António Victorino Coelho — S. do Bom Jardim, 30$00; esmola de Ernesto Dias — Ceissa, 55$00; Joaquina Vieira — Barcelos, 60$00; Dr. Francisco P. de Almeida—Coimbra 20$00; Francisco Luís Louro — Alcácer do Sal, 20$00; António Rodrigues — Caldas da Rainha, 27$50; Ester Pimentel — Brasil, 15$00; Mary Cordeiro — América, 2 dolares; Mariana Rosa Palma — Vila Viçosa, 20$00; António M. Almeida — Lages, 20$00; Casimira da Luz — Satão, 30$00; Maria de Oliveira Soares — Ovar, 20$00; Maria Elvira C. Branco — Foz, 15$00; Maria de Quadros Almeida—Ovar, 15$00; Almiro José Pinto — Arões, 110$00; Distribuição em Almada, 50$00; Manuel Roque — Gonçalbocas, 15$00; Distribuição em Cesimbra, 97$00; D. Maria Vilas Boas Miranda, 20$00.

Deus não morre

Por nos parecer interesante para todos os católicos, transcrevemos aqui os seguintes dados históricos publicados nas «Novidades», de 30 de Maio de 1932.

Embora conhecidos de muitos, são interessantes, assim juntos, como os vemos no Jornal da Beira, *os seguintes factos:*

A cada passo lemos em jornais inimigos da Igreja que esta já fêz o seu tempo e está a dois passos da ruina definitiva. Há mil e seiscentos anos que frases semelhantes a essa se repetem no mundo. E quem cai na ruina e no olvido são precisamente aqueles que as pronunciaram.

Vejamos os factos:

No ano 305 da nossa era, Diocleciano, um dos maiores imperadores de Roma, mandou cunhar uma medalha com esta inscrição:

— A memória do cristianismo desaparecido.

Alguns anos depois, o paganismo ficou ferido de morte na batalha da Ponte Milvio e desapareceu. O cristianismo triunfava definitivamente.

* * *

Três séculos depois, um génio surge na Arábia. E Maomé, Tomando o Crescente como simbolo, erguendo-o contra a Cruz, substituindo o Evangelho pelo Alcorão e avançando contra o ocidente garante aos seus que o cristianismo desaparecerá da face da terra.

Os campos de Poitiers, das Navas, do Salado, as muralhas de Viena e de Belgrado e as águas de Lepanto demonstraram ao mundo que a Cruz continuava a iluminar os homens com os seus fulgores divinos.

* * *

Nos começos do século XVI, Martinho Lutero, revoltando-se contra o catolicismo, apoiado nas paixões e nas fôrças de muitos principes alemães, escreve orgulhosamente ao Papa Martinho V:

— «Durante a minha vida fui o vosso flagelo. Depois da minha morte, serei a vossa ruína».

De Martinho V a Pio XI, cinqüenta e três Papas se sucederam sem interrução na cadeira de Pedro. Pio XI terá um sucessor também. E assim até ao fim dos séculos. O Catolicismo triunfa, deslumbrando o mundo com os esplendores do Papado.

Ainda nêsse mesmo século, Henrique VIII e Isabel de Inglaterra afirmavam ter feito desaparecer a Igreja Romana, afogada em torrentes de sangue.

A Igreja Romana não morreu. Se ressuscitassem êsse pai e essa filha, veriam actualmente, só em Londres, mais de cem igrejas católicas. Veriam o desfile triunfal do Santissimo Sacramento pelas ruas da capital da Inglaterra. E morreriam de novo no desespêro, vendo, no dia 3 de Dezembro de 1926, a Câmara dos Comuns restituir todos os direitos aos católicos ingleses, numa lei que aprovada dai a pouco pela Câmara dos Lords e sancionada pelo Rei, dava à Inglaterra a paz religiosa e ao catolicismo mais uma retumbante vitória.

* * *

No dia 30 de Maio de 1758, Voltaire ousou escrever:

— «Em vinte anos, o Galileu terá morrido **de vez».**

Precisamente vinte anos depois, no dia 30 de Maio de 1778, — note-se a coincidência das datas — Voltaire morria desesperado e o Galileu, Jesus Cristo, continuava a reinar gloriosamente no universo.

* * *

Em 1854, Vitor Cousin, meteu-se também a... profeta.

— «O cristianismo durará quando muito cinqüenta anos».

No fim do século, isto é, cinqüenta e cinco anos depois, desfrutava em todo o mundo uma pujança de vida como jamais até então conhecera.

* * *

Em 1903, o livre pensador francês, Artur Ranc, escrevia no «Radical» de Paris o seguinte:

* * *

— «Em 1905, ou o mais tardar em 1906, o catolicismo será enterrado.

Em 1908, o... profeta morria, sem ter tido a satisfação de assistir ao enterro que predissera. O catolicismo continuava a sua carreira gloriosa.

* * *

Em 1904. Emilio Combes dizia num discurso:

— «Dentro de dez anos não haverá um só religioso em França».

Em 1914 precisamente, ao som do canhão, todos os religiosos exilados voltavam para a pátria chamados pelo govêrno que lhes pagou as despesas da viagem. Para lá foram e lá estão ainda e apoiados pelas massas da população francesa.

Combes morreu em 1921. No dia em que o encarniçado perseguidor exalava o derradeiro suspiro em meio da indeferença dos franceses, Jonnart partia para Roma, afim de reatar com o Vaticano as relações oficiais que Combes rompera...

* * *

Há uns bons dezoito ou desanove anos, o ministro da Justiça do Govêrno provisório da República portuguesa, garantia a desaparição do catolicismo de Portugal em duas ou três gerações.

O catolicismo reina, ilumina, civiliza e prospera na Pátria portuguesa.

Há vinte séculos, S. Paulo escrevia ao povo que crucificára o Divino Nazareno:

—Jesus Cristo era ontem e é hoje, e êle será o mesmo também em todos os séculos.

Eis a profecia que nem os séculos nem os factos desmentem.

Se os Govêrnos ou os homens ousam fazer outra, predizendo a morte do Eterno Vivo, não anunciem o dia dos funerais dÊle, porque acontecerá talvez que o povo, acumulando-se à beira dos caminhos para ver passar o entêrro de Jesus, assista sem o pensar aos funerais dêsses Govêrnos, dêsses homens, dêsses sistemas...

Já há poucos exemplares do livro «**Fátima a Lourdes Portuguesa**» *pelo Dr. Luís Fischer.*

Quereis ainda obter algum exemplar dêsse interessante livro? fazei já o respectivo pedido e enviai 5$oo ao Santuário da Fátima, — Vila Nova de Ourém, ou à «Voz da Fátima» — Seminário de Leiria.

Cênas de Heroísmo

(Pureza ou morte)

Os leitores da «Voz da Fátima» hão-de lembrar-se ainda com certeza dum caso contado nêste mesmo jornalzinho duma donzela que, vendo-se assaltada por um vencido da carne, preferiu morrer como mártir nas águas do rio a perder o tesoiro imenso da sua pureza e virgindade intemerata. Foi uma prova sublime do que pode uma vontade forte guiada pela Graça e pelo amor à virtude, a propósito do qual aqui vamos deixar arquivados outros de igual beleza e fulgor.

Há tempos, em Monza (na Itália) uma jovem teve a nobre coragem de expôr a própria cabeça às balas despedidas pela mão criminosa do sabujo que pretendia manchá-la; e, há menos tempo ainda, em Castegnato (também na Itália) se repetia a mesma cena com uma outra. Eis como o órgão oficioso da S. Sé, «*L'Osservatore Romano*», se ocupa dêstes dois casos.

—«Não se extinguiu ainda o eco do bárbaro crime de Monza, onde uma rapariga, pertencente à Acção Católica, se deixava varar o cérebro de preferência a consentir nas desatinadas propostas dum miserável devasso.

A altas horas da noite, no amplo edifício, encontraram-se frente-a-frente duas vontades: a do vicioso que de há tempos esperava a solidão para consumar a sua orgia; e a da pobre rapariga que rodeou o seu frágil corpo de tôdas as barreiras num ímpeto de superior energia. Ninguém teria notado a sua derrota, se tivesse cedido; o mundo estava talvez pronto o usar de compaixão — fácil como é em conceder o perdão às vítimas da brutalidade humana. Mas naquela intemerata donzela ergueu-se, como instinto, a vontade férrea de salvaguardar a todo o custo a sua honra, ainda à custa da própria vida. E não trepida no meio da batalha; no esfôrço da sua suprema tenacidade contra a fôrça bruta, disposta até ao extermínio; no inesperado assalto, sem os auxílios e protecção da prudência humana, assistida ùnicamente do seu anjo e do sublime ideal duma vida pura imolada a Deus como hóstia de sacrifício, deixou-se aniquilar e matar.

Venceu, morrendo. A sua alma pura entrou no Seio de Deus como os mártires dos primeiros tempos, como Inês de Roma e Luzia de Siracusa, ao mesmo tempo que os anjos desciam àquela morada deserta, a cobrir de lírios brancos o corpo imaculado sôbre cuja fronte a malvadez humana tecera inconscientemente a coroa rubicunda do martírio. O povo pôde contemplar no facto não só o horroroso do crime inqualificável, mas também um episódio de supremo heroísmo, e vinte mil pessoas prestaram homenagem à inocente que se abraçara à morte para repelir de si a culpa. Magnífico exemplo o da vítima; eloqüente a voz e o gesto da multidão que inundou de lágrimas o féretro duma sua filha, heroína da pureza, ceifada apenas de quinze anos pela mão assassina duma fera humana.

* * *

O caso de Monza não é único. Uma jovem de Breseia—da freguesia de Castegnato —, para salvaguardar a sua inocência, afrontou uma pistola armada.

Não se trata já do assalto dum desconhecido violador que busca as trevas para a realização dos seus intentos; trata-se dum rapazote da aldeia, bem conhecido da intrépida heroína que ganhara por êle profunda e sincera simpatia...

Um pedido impossível, uma cilada à honestidade daquela rapariga; — um «não» sêco, decisivo, sem apelação, da parte dela; e o ódio sucede ao amor e o idílio passa a tragédia. O namorado transforma-se em aventureiro ocasional e, já que a prêsa tenta escapar-se, êle procura aniquilá-la, disparando um tiro que podia ser fatal, se a mão trémula do criminoso não tivesse desviado involuntàriamente o projéctil do alvo escolhido.

A rapariga, ensangüentada, recolheu ao hospital e aí passa longas semanas no meio de cruciantes dores; ao mesmo tempo uma interminável romagem de raparigas da vila vem junto ao seu leito branco saüdar a mártir gloriosa e a partilhar com ela as alegrias da pureza conservada no seu primitivo candor, ainda mesmo debaixo da prova do fogo.

A jovem de Castegnato pertencia também à Juventude Católica; como também era glória da nossa juventude feminina a professora de Albizzate morta e pisada, há cêrca de um ano, a alta noite, nas ruas de Brianza, por se ter recusado a ceder às loucas pretenções dum desgraçado; como se ufanava do título de, «jovem católica» a rapariga assassinada em Gorla, perto de Milão, numa quinta solitária, durante uma nevada no inverno passado».

Até aqui «L'Osservatore Romano». Se dum lado é desolador vêr a corrução e licenciosidade de costumes em que apodrece a sociedade de hoje, também é grande motivo de esperança vêr como ainda hoje há heroínas que sabem pôr acima da própria vida física, a desabrochar como o sorriso duma rosa, o ditame da sua consciência e a glória que a morte não consegue apagar de guardar intemerato o maior tesouro que o Senhor lhes confiou: a virgindade e a pureza.

Casos de atentados contra a honestidade de almas moças não são só da Itália ou de outras partes do mundo; há-os também entre nós, e, infelizmente, num tal grau progressivo que nos deixa deveras alarmados. Parece até ser êsse um dos aspectos mais característicos dessa guerra mundial que o comunismo tem levantado contra tudo o que é de Deus e tem o sinete de virtude. Jovens donzelas, estai atentas. Também entre nós há feras humanas — e nem sempre inconscientes—que, servindo-se até do seu munus social, que tem sempre a clamar um título de justiça, espreitam ocasião própria para conduzir consigo ao inferno as almas para quem a vida é talvez uma aurora sorridente, porque ante-vêem o Sol de Infinita Justiça que as há-de guiar e conduzir à realização do supremo ideal da vida — a santidade.

É pois bem oportuna a lição que aí fica. Oxalá que tôdas as raparigas saibam enfrentar com a mesma coragem e constância os inimigos que porventura lhes possam surgir deante.

Em tais contingências deve-se pôr acima de tudo o amor de Deus, a própria honra e glória imarcessível de guardar intacto o maior tesouro e a maior fonte de energias da mocidade.

Às que se deixam arrastar pela triste e vaporosa ilusão dum prazer momentâneo, posto acima de interesses bem mais nobres, ou de dôces palavras que só têm um sentido verdadeiro: *corromper, enganando;* a essas, digo, cabe apenas uma herança: chorar irremediàvelmente por tôda a vida a perda da sua maior riqueza e penhor, quando não têm ainda de pagar no outro mundo o mau uso que fizeram daquilo que devia constituir o maior título de glória, mesmo aos olhos do mundo.

Para essas aqui ficam êstes exemplos de heroísmo sublime que as deveriam envergonhar vendo-se tão cobardes ou talvez tão levianas, desculpando-se com um «não pude» — verdadeira resposta de poltrões que provocará da parte do Coração Castissimo de Jesus êsse outro «não», terrível e funesto pelas suas irremediáveis conseqüências: «*neseio vos*», *não vos conheço.*

Às donzelas que souberam ou souberem pôr acima de tôdas as contingências—até mesmo deante duma bala assassina — a estima da sua própria honra e honestidade, respondendo com um «não quero» impelável as diabólicas sugestões dum coração cego, aqui ficam ainda os mesmos exemplos de fortaleza para que se consolem e animem a prosseguir com alegria generosa no maior combate da vida — o da pureza — na certeza de que a consciência do dever cumprido gera mais paz e doçura no coração do que a satisfação de milhares de paixões do porte inferior do nosso ser.

Oxalá que tôdas as jovens, que lerem êstes edificantes episódios, lhes pusessem como remate e conclusão uma promessa solene e eterna feita aos Pés da Virgem, que apareceu em Fátima a recomendar mortificação e pureza, de serem antes mil vezes mártires do que flôres emurrecidas.

A Cruz é um navio; ninguém pode atravessar a salvo o mar dêste mundo, fora da barca de Cristo.

Se hei-de converter-me ànanhã, porque não há-de ser hoje?

Alguns favores

1.º — levar só um jornal para cada casa.

2.º — Mudar de direcção o menor número de vezes possível.

3.º — enviar sempre o número da assinatura quando for necessário fazer-se qualquer mudança nas direcções.

4.º — auxiliar as grandes despezas dêste jornal com as vossas generosas esmolas.

EXAME FINAL

Conta-se que um estudante de medicina, que durante o ano não pegara em livro, assediado com preguntas dos examinadores, via-se na eminência de apanhar uma raposa.

—Quantos meios há de excitar ou provocar o suor?—Depois de o estudante cábula indicar alguns, insiste o examinador: E se êsses meios não fossem eficazes para activar a transpiração? — que venha para aqui o doente fazer exame, que, decerto, há de suar.

* * *

Por êstes apêrtos de suores passam todos os estudantes preguiçosos quando não sabem dar conta de si e apenas podem esperar a linda nota de reprovado.

Mas quem poderia calcular o grande terror com que os maus tremerão quando chegar a hora do exame de tôda a sua vida no supremo tribunal de Deus? que poderá responder o malvado quando lhe fôr lançado em rôsto aquilo mesmo de que já a sua consciência o acusou tantas vezes?

Maldito! lhe dirá Nosso Senhor com terribilíssima indignação, que imperfeição encontraste tu na minha santa lei para a desprezar com tanta insensatez? Não sabias por ventura, que devias respeitar a Deus que te criou e tirou do nada? E blasfemavas dÊle arrastando seu santíssimo nome pela lama das ruas.

Ignorarias que os domingos e dias de guarda deviam ser santificados? E tu esperavas por êsses dias para te embriagares e entregares a tôda a casta de vícios!

Não é verdade que o teu próprio senso natural reprova a tua vida tam licenciosa?

E apesar disso, lá te deixavas ir sem te importares comigo nem... contigo mesmo.

Não é verdade que o teu próprio coração repudiava o furto e a cobiça dos bens alheios?

Foste a vergonha de teu pai, o verdugo de tua esposa e a perda de teus filhos.

Renegaste a minha religião, amaldiçoaste a minha Igreja, profanaste os meus Sacramentos, foste a ruina dos inocentes, o mau exemplo dos novos e o escândalo dos mais velhos.

Julgas talvez que vieste ao mundo para praticar o mal? E que tem sido a tua infame vida senão uma continuada cadeia de crimes e maldades?

Nasceste num país cristão e tens obrado sempre como um mouro infiel.

Dei-te pais, mestres e sacerdotes que te apontassem a estrada do bem e não os quiseste ouvir.

Muitas vezes bati à porta do teu coração mas fizeste-te surdo. Esperei ali o último momento da tua vida pela tua conversão e, obstinado e insensível, até os últimos Sacramentos desprezaste, preferindo morrer com um réprobo. Afasta-te, pois, de mim, maldito, que as tuas próprias obras te condenam.

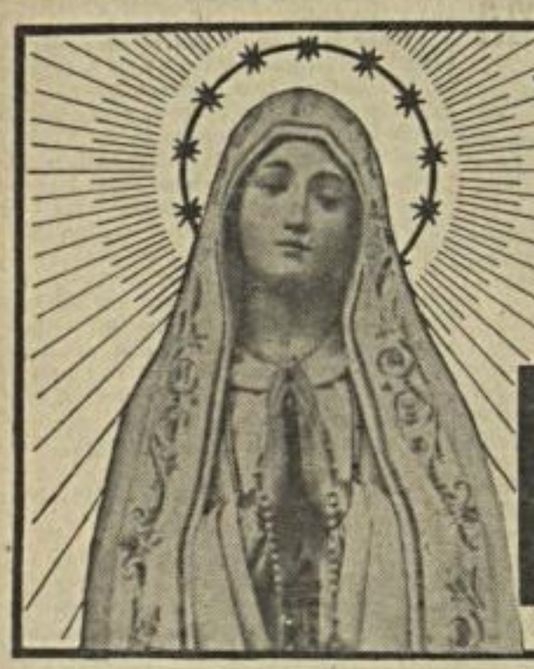
No Santuário encontra-se já à venda a última novidade literária sôbre Fátima

Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica, *pelo Dr. Luís Fischer.*

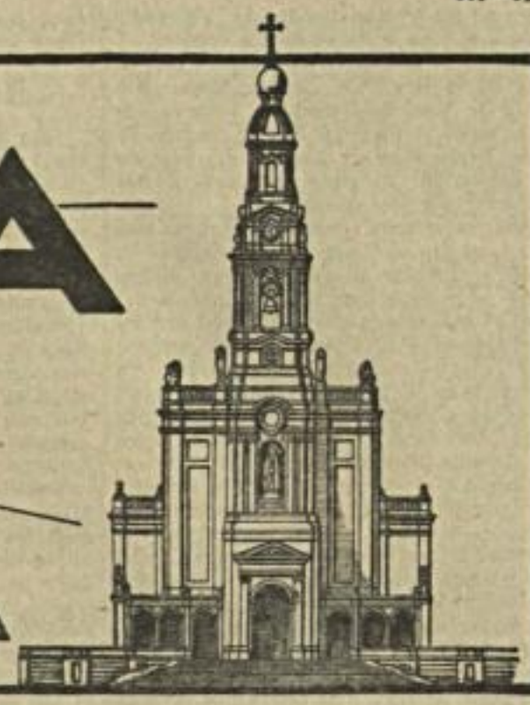
Êste livro será enviado livre do porte do correio a quem o pedir mandando juntamente 5$oo.

Também se encontra na Redacção da «Voz da Fátima», — Seminário de Leiria.

Ano XI — Leiria, 13 de Outubro de 1932 — N.º 121



VOZ DA FATIMA



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa Administrador: F. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA – puríssimo raio de luz e de amor do Coração Imaculado de Maria

«A Rainha do Céu baixou à nossa terra — que desde o comêço era dela: Terra de Santa Maria — *e pôs o seu trono de misericórdia em Fátima, donde a todos mostra Jesus, o Salvador do mundo».*

(Palavras do Em.mo Senhor D. Manuel II, Cardial Patriarca de Lisboa).

O mês de Setembro em Fátima

No formidável movimento de vaivém, tumultuoso e incessante, das grandes multidões que, durante a quadra mais bela do ano, acorrem, de tôda a parte, ao recinto sagrado da Cova da Iria, há, todos os anos, no mês de Setembro, como que uma pequena pausa, uma suspensão brusca que fàcilmente se explica, caracterizada pela diminuição considerável do número de peregrinos.

De Maio a Agosto, Portugal inteiro vomita no vasto anfiteatro do local das aparições dezenas de milhar de peregrinos que vão pedir à Raínha dos Anjos, no seu santuário predilecto, doce lenitivo para os males físicos de que sofrem ou precioso confôrto para as provações morais que os assoberbam.

Espectáculo admirável e sobremodo comovente!

No dia 13 de cada um dêsses meses vê-se e dir-se-ía que se apalpa a alma nobre e piedosa da Pátria, do velho e cristianíssimo Portugal doutras eras que, naquela nêsga incomparável da serra de Aire tantas vezes santificada pela presença da Virgem sem mancha, dobra os joelhos, põe as mãos e franze os lábios, erguendo fervorosamente as suas preces para o Céu.

Tôdas as classes sociais confraternizam pelos seus representantes, ali, naquela estância bemdita, junto do trono misericordioso de Nossa Senhora de Fátima, rivalizando nas homenagens de filial devoção a prestar-lhe e suplicando-lhe que guarde e proteja esta terra de que ela é a augusta e excelsa Padroeira e que se preza e ufana de ser a gloriosa *terra de Santa Maria*.

No mês de Setembro, o fluxo e refluxo das peregrinações afrouxa e atenua-se sensivelmente, mercê do esfôrço extraordinário feito nos meses precedentes, graças à intensificação dos trabalhos agrícolas nesta época do ano e em virtude da preparação para a segunda das grandes peregrinações anuais, a peregrinação nacional de Outubro, destinada a comemorar o encerramento do ciclo das celestes aparições de Fátima.

É então, nêsse mês de graças e de bênçãos, o mês por excelência do Santíssimo Rosário, que, pela segunda vez no ano, um vivo sentimento de amor e piedade faz vibrar de santo entusiasmo, até às fibras mais íntimas, o coração generoso de Portugal fidelíssimo, impelindo dos quatro pontos cardiais multidões sem número para o lugar abençoado que, sendo o centro geográfico do país, é, ao mesmo tempo, e será sempre, o seu polo moral e religioso.

O mês de Setembro em Fátima é, verdadeiramente, o átrio, o vestíbulo, a antecâmara do mês de Outubro, que, há dezasseis anos, foi assinalado pela derradeira aparição da augusta Mãi de Deus aos humides e inocentes pastorinhos de Aljustrel-e pelo maravilhoso fenómeno solar predito pela Virgem e presenciado com assombro por uma multidão de cêrca de setenta mil pessoas de tôdas as classes e condições sociais e de todos os pontos, ainda os mais distantes, de Portugal.

Peregrinação diocesana de Vila Real

O facto culminante e mais digno de registo nas comemorações festivas do dia treze de Setembro foi sem dúvida a parte activa e preponderante que nelas tomou a peregrinação diocesana de Vila Real de Trás-os-Montes.

Presidida por Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, ilustre e venerando Prelado daquela diocese, que era acompanhado pelo seu jovem Bispo auxiliar o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. António Valente da Fonseca, recentemente elevado às honras do Episcopado, e organizada pelo grande prègador, rev.do Luís de Azevedo Castelo Branco, sobrinho do célebre escritor, Camilo Castelo Branco, a peregrinação diocesana de Vila Real foi a mais numerosa de tôdas as peregrinações diocesanas que até hoje se teem efectuado ao Santuário Nacional de Fátima, à excepção da de Leiria, que levou ali cêrca de quarenta mil almas.

A peregrinação, composta de setecentas pessoas aproximadamente, partiu de Chaves na segunda-feira, 12, às 6 horas da manhã, em comboio especial, fazendo-se acompanhar de grande parte do clero da região e reunindo-se-lhe em Vila Real os dois venerandos Prelados da Diocese.

A maior parte dos membros desta peregrinação nunca tinham visitado o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, sendo por isso grandes e profundas as impressões que receberam e inolvidáveis as recordações que levaram da sua longa e piedosa romagem.

O combóio especial que conduziu os peregrinos a Fátima só regressou a Trás-os-Montes no dia 14, para que pudessem vêr e admirar o templo e monumento da Batalha, comemorativo do heróico feito de Aljubarrota, o mais glorioso da nossa história, e visitar piedosamente o túmulo do soldado desconhecido, cujos restos mortais repousam na sala do capítulo do vetusto mosteiro, à luz pálida e mortiça do lampadário da Pátria.

Mons. Jerónimo do Amaral

Da peregrinação diocesana de Vila Real fazia parte entre outras pessoas de destaque o ilustre Vigário Geral da diocese, Ex.mo Mons. dr. Jerónimo Teixeira de Figueiredo e Amaral, Protonotário Apostólico «ad instar participantium».

Respeitável pela sua idade, venerando pelas suas acrisoladas virtudes, benemérito pelos relevantes serviços prestados à causa da Santa Igreja na sua diocese, aliando aos mais peregrinos dotes de inteligência e de coração uma grande afabilidade de trato, essa extraordinária figura de sacerdote que desfruta de justo e inegualável prestígio em tôda a região de Trás-os-Montes, impõe-se ao respeito e à admiração de crentes e descrentes como um modêlo de abnegação, zêlo e solicitude pastoral de tôdas as virtudes cívicas, morais e religiosas.

Grupo dos Rev.dos Sacerdotes Superiores e Professores em alguns dos Seminários de Portugal, que de 4 a 11 de Setembro fizeram na Fátima os seus Exercícios Espirituais, prègados pelo Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Viseu e P.e Marinho.

Outras peregrinações

Como guarda avançada da peregrinação do dia treze, chegou no dia 5 a Fátima um grupo de romeiros de Pico de Regalados da Arquidiocese de Braga.

O grupo era composto de cêrca de sessenta pessoas e presidido por dois sacerdotes.

Os piedosos romeiros retiraram no dia 7 de manhã, depois de terem realizado colectivamente e com um fervor edificante os actos religiosos próprios das peregrinações.

No dia 12 à tarde fizeram a sua entrada solene no vasto recinto dos santuários pera a Cova da Iria. Veiu também a Fátima, a-fim-de tomar parte nas comemorações religiosas do dia 13, o Patronato de Santa Teresinha, de Tortozendo.

Compunha-se êste grupo de piedosos romeiros de vinte e quatro educandas que eram acompanhadas por tôdas as suas professoras e pelos rev.dos António dos Santos Figueiredo e José Alfredo da Cruz e Sousa.

A procissão das velas

Às dez horas da noite, depois de rezado o terço em frente do altar do Pavilhão dos doentes, realizou-se a procissão das velas, que percorreu o itinerário do costume. A noite serena e aprazível, duma amenidade encantadora, concorreu sobremaneira para o bom êxito desta piedosa manifestação em honra da Virgem Santíssima.

Terminada a procissão, a grande massa dos peregrinos, em número dalguns milhares, reune-se de novo diante do altar do Pavilhão e canta com fervor o Símbolo dos Apóstolos, professando pùblicamente, à face de todos, a sua crença firme e inabalável em tôdas as verdades reveladas por Deus e ensinadas pela Santa Igreja.

Lá ao longe, nas cidades do mundo, bramem raivosas as imprecações da descrença e rugem formidáveis as blasfémias e as vociferações da impiedade.

Aqui, na mística cidade da Virgem, milhares de peitos entoam um hino de fé, vibrante e entusiástico, como protesto veemente contra as negações impotentes do ateísmo e os vãos sarcasmos da incredulidade!

A adoração nocturna

À meia noite oficial foi exposto o Santíssimo Sacramento no altar-mor do Pavilhão dos doentes para a adoração dos fiéis.

Do lado da epístola estão quatro ilustres Prelados que vieram dar com a sua presença um realce extraordinário aos actos religiosos comemorativos do dia treze.

São os Ex.mos e Rev.mos Senhores D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo-Bispo de Vila Real e Superior Geral das Missões do Clero secular português, D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, D. José da Cruz Moreira Pinto, Bispo de Viseu, e D. António Valente da Fonseca, Bispo titular de Céramo e auxiliar de Vila Real.

Já dali, da varanda do Pavilhão dos doentes, tinham todos êles assistido ao desenrolar da procissão das velas, espectáculo sempre belo, sempre novo e sempre comovente, que os olhos jàmais se cansam de contemplar.

Depois dalguns actos de desagravo a Jesus Sacramentado, feitos pelo rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário Episcopal de Leiria e capelão-director das Associações de Servos e Servas de Nossa Senhora de Fátima, foi rezado o têrço, expondo, em forma de meditação, nos intervalos das dezenas, os mistérios dolorosos do Rosário, o rev.do Luiz de Azevedo Castelo Branco, organizador e prègador oficial da peregrinação diocesana de Vila Real.

A primeira hora, destinada à adoração e reparação nacional, prolongou-se até depois das duas horas, tendo tomado parte nela os peregrinos da diocese de Vila Real.

A esta hora de adoração seguiram-se outras para as peregrinações de Setúbal, Atouguia da Baleia e Serra de Tomar.

A piedosa velada nocturna, que durou até cêrca das seis horas, terminou com o canto do *Tantum ergo* e a bênção do Santíssimo Sacramento.

Missa e bênção dos doentes

Desde alta madrugada os sacerdotes, que nêste dia 13 eram em grande número, uns celebravam a santa missa e os outros ocupavam os confessionários preparando os homens e os rapazes para a grande Comunhão Geral da manhã.

Às dez horas houve missa cantada, mandada celebrar por um devoto de Beja, sr. Manuel Guerreiro da Costa Branco, em cumprimento duma promessa.

Ao meio-dia, depois de rezado o terço em honra de Nossa Senhora defronte da capela das aparições, foi a veneranda

Imagem da Virgem conduzida processionalmente para o Pavilhão dos doentes.

Alí, no altar-mor da respectiva capela, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo Auxiliar de Vila Real celebrou a missa oficial, tendo o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal prègado ao Evangelho, dirigindo a palavra principalmente aos seus diocesanos.

Aos sacerdotes presentes lembrou que esta geração de levitas é destinada ao martírio, atentas as duas grandes fôrças que hoje se degladiam sôbre a terra. É necessário que se preparem para êle e por isso recomenda-lhes a perfeita união com os seus Prelados e com a Santa Igreja. Alí devem fazer a Nossa Senhora a promessa de ler e meditar dois Breviários: o das horas canónicas e o das determinações do Concílio Plenário Português.

Dirigindo-se depois aos fiéis quere que êles prometam sair dalí desprezando as seduções da moda e com o propósito de cristianizar as festas de Portugal, não concorrendo, não subsidiando festas que não sejam feitas em conformidade com as instruções dos Senhores Bispos, que não descansarão, êles e os seus sucessores, emquanto Jesus Cristo não fôr entronizado, mas perfeitamente, nas festas que se realizem em terra portuguesa.

Refere-se ainda o sábio e piedosíssimo Prelado aos Seminários das missões e à devoção missionária, encarecendo a necessidade de tôdas as pessoas, incluindo as crianças, se inscreverem nas diversas associações missionárias.

Muito a propósito conta o caso dum Bispo que na sua diocese não favorecia as vocações missionárias com o fundamento da necessidade de clero para a sua diocese. Emquanto assim procedeu, o Seminário não tinha frequência, afluindo grande número de candidatos ao sacerdócio quando o Prelado mudou de atitude para com as missões.

O Senhor Bispo Coadjutor de Vila Real celebrando a missa dos doentes.

Assistem à Santa Missa os Ex.mos Prelados de Leiria, Vila Real e Viseu.

Depois da missa, o Senhor Arcebispo-Bispo de Vila Real deu a bênção eucarística a cada um dos doentes, sendo acompanhado nessa tocante ceremónia pelos outros Ex.mos Prelados.

Pegava à umbela o sr. dr. António Lino Neto, ilustre presidente do Centro Católico Português, e levava uma das lanternas o rev.do dr. Luiz Fischer, professor catedrático na Universidade de Bamberg.

Depois da bênção dos doentes, foi cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral a todos os fiéis.

Em seguida, os venerandos Prelados benzeram os objectos religiosos que os peregrinos tinham consigo e que ainda não haviam sido benzidos e por último abençoaram todo o povo.

Após vários avisos, feitos pelo rev.do dr. Manuel Marques dos Santos por meio do microfone, a Imagem de Nossa Senhora foi recondzida para a capela das aparições, onde se rezou o acto de consagração à Santíssima Virgem, começando em seguida a dispersão dos peregrinos.

Imediatamente antes da recondução da Imagem, o Senhor Bispo de Leiria rezou com os fiéis por intenção do Sumo Pontífice, dos Senhores Bispos presentes e pelas suas dioceses e por algumas outras intenções.

As comunhões foram aproximàdamente 5.000.

O número de doentes foi de 128, sendo 47 homens e 81 mulheres, tendo sido hospitalizados 2 homens e 11 mulheres.

Entre os médicos que visitaram o Pôsto das verificações médicas, instalado no Albergue de Nossa Senhora de Fátima, contam-se os srs. drs. Alexandre Correia de Lemos, de Franzoeira, Ferreira do Zêzere, e Luís Monteiro da Costa Soares, tenente-coronel médico, sub-director do Hospital Militar da Estrêla, de Lisboa. Êste ilustre clínico, a-pesar da fadiga da viagem, apresentou-se no Pôsto às primeiras horas da noite da dia 12, oferecendo os seus serviços profissionais aos doentes pobres.

Nos dias 12 e 13 funcionou em benefício dos peregrinos o novo posto telegráfico-telefónico-postal instalado num edifício pertencente ao Santuário e situado em frente da entrada da avenida central.

O rev.do dr. Luiz Fischer

Não há de-certo nenhum católico em Portugal que não conheça, ao menos de nome, êste grande e infatigável apóstolo de Nossa Senhora de Fátima nos países de língua alemã.

O rev.do dr. Luís Fischer, leute da cadeira de História Eclesiástica na Faculdade de Teologia da Universidade de Bamberg (Baviera), tendo vindo há dois anos a Espanha, a-fim-de consultar os livros e os códices das suas bibliotecas e, ouvindo alí falar do Santuário de Fátima, resolveu não regressar ao seu país sem fazer primeiro uma breve visita a êsse célebre Santuário.

Tendo estado em Fátima no dia 13 de Maio, onde presenciou as grandes manifestações de fé e piedade que nêsse dia alí se desenrolaram com o maior esplêndor e magnificência, reüniu, alguns meses depois, as suas notas e impressões num livro admirável, que foi vertido e publicado em português, numa primorosa tradução, pelo rev.do dr. Sebastião da Costa Brites, pároco da Sé Catedral de Leiria.

Todos os leitores da «Voz da Fátima» se deliciaram já com a leitura da primorosa joia literária que é «Fátima, a Lourdes Portuguesa».

Mas, não satisfeito com a publicação dêste valioso subsídio para a história das maravilhas de Fátima, o sábio e piedoso escritor, ainda há poucos meses, a propósito da Carta Pastoral, «a Providência Divina», em que o venerando Prelado de Leiria declara como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria e permite oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima, nos deu uma nova e não menos bela e valiosa produção literária igualmente traduzida em vernáculo pelo rev.do dr. Sebastião da Costa Brites e subordinada ao título de «Fátima, à luz da autoridade eclesiástica».

No dia 11 do corrente mês, pelas 8 horas da manhã, o ilustre professor universitário alemão, depois de ter atrevessado em caminho de ferro a Europa Ocidental e de ter embarcado em Bolonha no «Sierra Nevada» com rumo a Portugal, entrava no pôrto de Lisboa, seguindo no Domingo à tarde pela linha de Oeste para Leiria e na segunda-feira de automóvel de manhã para Fátima, a terra dos seus encantos.

O rev.do dr. Luís Fischer tenciona demorar-se dois meses no nosso país, onde veiu colher os elementos necessários para o seu livro em preparação «As aparições de Nossa Senhora de Fátima».

Que Deus lhe prolongue a preciosa vida e lhe dê a saúde e fôrças de que carece para continuar a ser o apóstolo de Nossa Senhora de Fátima, zeloso e indefesso na propaganda do seu culto, e a mimosear-nos com as produções admiráveis da sua inteligência privilegiada e do seu piedosíssimo coração!

Visconde de Montelo

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Surdêz

Venho pedir a publicação de uma grande graça que Nossa Senhora fêz a um do meus filhos: — Ficando surdo, por uma grande constipação que teve, fui com êle ao médico que me disse que meu filho precisava de ser operado no nariz o que só depois da operação ficaria bem.

Fêz-se a operação, e ficou bem por algum tempo, mas pouco depois voltou a surdez. Corri novamente aos médicos especialistas que me disseram que a primeira operação tinha sido mal feita e que necessitava duma outra. Com muito sacrifício fêz o pequeno segunda operação. Sentiu-se um pouco melhor mas durante pouco tempo. Voltei-me então para Nossa Senhora da Fátima.

Comecei a rezar o resário durante nove dias e durante esses nove dias tive uma Imágem de Nossa Senhora alumiada e ofereci-lhe um fio de ouro que êle tinha trasido ao pescoço quando pequeno e prometi publicar a graça da cura se a Boa Mãi do Céu ouvisse as minhas súplicas. Nossa Senhora atendeu-me e hoje venho cumprir e agradecer a Nossa Senhora.

Figueirà da Foz

Albertina Correia

Cegueira

Venho por êste meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima a grande graça que concedeu a meu filho Artur Amaral de 5 anos de idade. Já tinha sido declarado incurável, por 3 médicos. Uma vizinha mandou-me umas gotas de água da Senhora da Fátima, água que lhe dei a beber e com que lhe lavei os olhos porque o meu filho estava cego. Coisa admirável: momentos depois de ser aplicada a água o ceguinho começou a ver!!

Eu *Maria P. Amaral* e meu marido João Amaral — seus pais, com tôda a família agradecemos a Nossa Senhora da Fátima a grande graça.

East Providence — América.

Tuberculose

Fui visitar Nossa Senhora da Fátima, e quando cheguei a casa fiquei muito desgostosa, porque meu filho Manuel de Carvalho, doente até alí, estava agora a deitar sangue pela boca. Tratou-se com alguns médicos mas não alcançava melhoras Primeiramente trataram-no dum pulmão; em segundo lugar procuramos tratar-lhe do coração e por fim os intestinos tiveram também o seu tratamento próprio. Mas o mal continuava e já me diziam que meu filho estava tuberculoso.

Pedi a Nossa Senhora que abençoasse a medicina para saúde do meu Filho de 11 anos de idade. Prometi-lhe de o levar a Fátima logo que as melhoras se sentissem. Hoje, graças à Santíssima Virgem, já se acha com saúde.

Nunca poderei agradecer tantas graças que por sua intercessão tenho alcançado, pois foi Ela quem mo curou.

Ventoso Bêco— Ferreira de Zezere.

Maria Rosa Freitas

Graças de N.ª S.ª da Fátima em Valega

I

Em Março de 1931, o Sr. P.e Domingos José dos Reis, então pároco de Valega, concelho de Ovar, adoeceu gravemente, sendo empregados em seu favor todos os recursos da medicina. Já não sentia a última injeção, que se lhe podia aplicar em caso tão desesperado; irmãos e sobrinhos, acercando-se do enfermo esperavam o próximo passamento! até por fora, já se dizia que tinha expirado. Duas zeladoras do S. C. de Jesus e filhas de Maria, sem uma se entender com a outra e quási no mesmo momento, como depois se verificou, em acção de graças, prometeram a Nossa Senhora da Fátima fazer-se uma peregrinação ao seu Santuário, acrescentando uma delas, o rezar-se o rosário e via-sacra em viagem e lá rezar-se o terço e haver missa celebrada pelo referido doente, se êste recuperasse a saude, e apezar dos seus 71 anos, podesse continuar a exercer o seu sagrado ministério, Nossa Senhora da Fátima atendeu seus pedidos. E por isso com grande satisfação foram cumprir o seu voto, tomando parte nas procissões as filhas de Maria, zeladores e zeladoras do S. C. de Jesus, muitas outras pessoas da freguesia e outras limitrofes, levando na frente asteada a bandeira de N.ª S.ª da Fátima, no dia 13 de Maio de 1932.

II

Glória da Piedade, natural e residente na freguesia de Valega, concelho de Ovar, vem pedir o favor de publicar na «Voz da Fátima» uma cura por intervenção de N.ª S.ª, pela qual se confessa imensamente reconhecida a Nossa Senhora. Dera à luz uma criança e ficara bem; mas passadas horas, sobrevieram-lhe uns ataques, que a deixavam como morta, sem ver, nem ouvir, nem falar.

Chamado o pároco e o médico a tôda a pressa, êste disse que se os ataques se repetissem, aprontassem o que devia levar para a sepultura, e se sobrevivesse, ficaria doida. Os ataques continuaram a repetir-se durante três dias e três noites, a ponto de todos se admirarem de ser possível o viver.

Foi então que a família e amigos invocaram Nossa Senhora da Fátima.

Molhando os olhos e lábios da doente com água e colocando-lhe a medalha ao pescoço, prometeram, se N.ª S.ª lhe restituisse a saúde, pedir esmola pela freguesia e entregar o produto para as obras do Santuário, indo em peregrinação a mãe e o filho. Graças mil à Mãe do Céu! Dentro em pouco a doente abre os olhos e começa a articular palavras melhorando ràpidamente até que hoje acha-se completamente sã. Muito agradecida cumpre o seu voto.

Agradecimento, glória e louvor a Nossa Senhora da Fátima!

Valega

P.e Domingos José dos Reis

Agradecimento a Nossa Senhora

Cheia de gratidão para com a Mãe de Deus, Maria Santíssima, venho cumprir a minha promessa de agradecer na «Voz da Fátima» a grande graça que Nossa Senhora se dignou conceder-me: a cura de um grande erisipelão que me obrigou a estar umas semanas de cama.

Senti-me muitas vezes tão mal que me parecia a cada instante que a vida desaparecia. Recorri à Virgem Santíssima que me acudisse em tão grande aflição, graça que Nossa Senhora foi servida conceder-me, assim como outras graças que me tem dispensado, e que eu do coração lhe agradeço.

Portalegre

Dalila de Jesus Mamão Morgalho

Doença nervosa

Em 1917, quando a pneumónica devastava uma grande parte da população de Portugal eu, caí de cama; e como se apoderasse de mim o horror da morte, apanhei uma terrível doença nervosa, que no meu entender não há pior, pois cheguei a pensar em pôr termo à existência, visto não encontrar remédio para tal doença. Apesar de ter consultado vários médicos da Capital e de fóra, bem como vários «curandeiros» que várias pessoas me indicaram, andei assim até Outubro de 1927 não conseguindo encontrar remédio para lenitivo do meu mal. Aproveitando a licença que anualmente me é concedida, bem como o ensejo do médico que últimamente me tratava, fui passar esta licença a Maíra. Uma vez alí, como a doença ainda mais se me agravasse, aconselharam-me, algumas pessoas de Fé, a que eu procurasse remédio para a minha doença em «Nossa Senhora da Fátima», pois só ela certamente me podia curar, visto os médicos serem impotentes para isso. Como não era crente nem descrente em religião alguma naquela data, foi difícil convencerem-se a tomar tal resolução, acedendo por fim, visto que desejava experimentar por ser êste o último recurso que me restava. Prometi, então, a Nossa Senhora da Fátima se ela me curasse, fazer-lhe uma visita durante cinco anos seguidos e dar-lhe uma certa esmola e além disso fazer publicar a graça que me fôsse concedida.

Tenho feito isto todos os anos, terminando esta promessa em 13 de Maio corrente. Cumpri com rigor todas as minhas promessas pois só alí encontrei a verdadeira cura, graças à S. S. Virgem, bem como as de minha mulher que tanto padeceu pela minha cura, o que julgo ter sido ela a atendida visto ser muito devota e dedicada à mesma Rainha dos Céus.

Actualmente não possuo ainda a verdadeira fé, apesar da graça maravilhosa que desde o 1.º dia em que fui a Fátima se apoderou de mim, pelo que peço a N.ª Senhora me perdoe e me ilustre o espírito com a luz da fé se disso me julgar merecedor.

Lisboa — Campo de Santa Clara, 55. 4.º Dt.

Martinho Cândido

Quisto

Humildemente prostrado aos pés de N.ª Sr.ª da Fátima venho agradecer-lhe uma grande graça relatando o seguinte. Apareceu-me um quisto na garganta sendo eu ainda criança. Meus pais não compreenderam a gravidade do mal, mas à medida que eu ia crescendo o meu mal ia agravando-se cada vez mais.

Fiz tanto pela minha saúde, que me internei no hospital de S. José em Lisboa para ser operada. Os médicos declararam-me que visto o mal ser já tam antigo poderia reaparecer-me e seria então necessário sugeitar-me a segunda operação. De facto reapareceu o meu mal, mas à operação é que me não atrevi a sujeitar-me. Recorri fervorosamente à Mãe Celeste Senhora da Fátima que não esperou que eu lhe terminasse uma novena, porque ao fim de três dias estava curada.

Já lá vão três anos depois desta graça e encontro-me perfeitamente boa. Peço-lhe, pois, mais uma vez, se digne publicar esta grande graça na «Voz da Fátima» para honrar e glorificar Jesus e Maria Santissima sua e Nossa Mãe bendita.

Ilhavo

Maria Serrôa de Castro Magano

Crupe

Venho prestar o meu grande reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima publicando uma grande graça que Ela me fêz:

— Minha filha, de 3 anos de idade, esteve gravemente doente com a terrível doença, chamada «Crupe». Tinha fortes acessos de falta de ar, ficava completamente rôxa, rebolava-se pela cama, numa aflição terrível. Eu receava que numa dessas ocasiões minha filhinha morresse; invoquei então N.ª S.ª da Fátima com muito fervor, pedindo-lhe, não só a cura do seu mal como também para que essa molestia não contaminasse os meus outros dois filhos. N.ª S.ª da Fátima quiz ouvir-me alcançando-me tam grande graça: — Minha filha num prazo de 15 dias ficou boa e os outros nada tiveram.

Recife — Pernambuco

Olivia Teixeira Reis de Sousa

Pleurisia

No dia 15 de Outubro de 1930 dei entrada no hospital de Santa Marta, em Lisboa com uma pleurisia purulenta, no lado direito.

Estive 3 meses na enfermaria do Snr. Doutor Polido Valente, tratado pelos assistentes, Snrs. Doutores Camacho e Raúl de Sá. No fim dos 3 meses, sentindo algumas melhoras, pedi para me deixarem sair do hospital, mas o director Snr. Doutor Polido Valente não queria deixar-me sair por ter ainda um bocadinho de febre. Por fim dizendo eu que iria para a Beira-Alta, minha terra natal consegui deixarem-me sair. Passados 2 dias depois de chegar à minha terra, comecei logo a sentir-me muito mal não podendo andar tendo por isso de voltar novamente ao médico. Fui ao Sr. Doutor António Augusto dos Santos, de Mangualde. Disse-me que a sua opinião era que fôsse para um sanatório.

Fiquei muito desanimada. Quis ainda conhecer a opinião de outro médico e fui ao Sr. Doutor António da Costa Pais, de Viseu, com quem me tratei muito tempo. Mas não encontrando melhoras e vendo-me já sem recursos, recorri a Nossa Senhora da Fátima, ao seu Patrocínio e junto fiz uma novena, tomando umas gotinhas da sua água milagrosa. Passado algum tempo voltei ao mesmo médico, que ficou admiradissimo de me ver tão rápida e completamente curada.

Como já há um ano que me encontro boa, já fui a Fátima, agradecer à Virgem Mãe do Céu, a grande graça que me concedeu. E para maior honra venho publicá-la no seu jornalzinho.

Córga — Beira Alta

Maria da Conceição Andrade

Lesão cardiaca

Em 1915, meu pai João Manuel Afonso Gonçalves foi atacado de uma pneumonia-dupla. Como conseqüencia dessa

---

Um Rei Cristão

A alocução do pároco de Twickenham, ao anunciar o falecimento do Senhor D. Manuel

O rev. O'Brien, pároco de Twickenham amigo e confessor do senhor D. Manuel de Bragança, ao anunciar aos fiéis, congregados na igreja de S. Jaime, o falecimento do rei de Portugal, teve para a memória dêste estas sentidas palavras.

«Veio para nós ainda quási imberbe, esmagado sob o pêso da dupla tragédia que sofreu, antes mesmo de perder o trono. Herdeiro de elevadas e nobres tradições, encontou uma nova vida num país estranho, onde a maioria do povo mal conhecia a sua Pátria e desprezava a sua Fé.

«Aqui, pondo de parte as tentações mundanas que se ofereciam como panacea para o seu sofrimento, vimo-lo seguir uma vida de recluso, de estudante, de modesto católico. Assistia à missa paroquial, como o mais simples cidadão, confessava-se ao padre desta igreja, e ajoelhava-se com os demais para receber, com recolhida piedade, êsse Deus que morreu para redimir os príncipes e o povo.

«Quem poderá falar das horas que passou, a sós, com os seus pensamentos? Com as recordações de dores sofridas, de ambições legítimas esmagadas e saudades dos da sua raça e da sua Pátria? Os padres a quem êle confiava os seus pensamentos não podem ainda que o desejem, revelá-los. Bastará afirmar que na verdade era assim que essa alma sofria, e que os anos não puderam mitigar essa dôr constante, nem alimentar qualquer esperança na vida. Pode ser — quem sabe? — que êste estado de espírito apressasse a sua morte. Todavia, a sua inabalável fé em Deus e na igreja católica acompanharam-no sempre até ao fim. A Casa de Bragança, que tantas paginas brilhantes escreveu na história da Europa morre com um padrão de fé triunfante, dominando a dôr, que representa uma das páginas mais brilhantes dessa história. Que o último príncipe dessa nobre Casa descance em paz!»

doença, ficou-lhe uma lesão cardíaca, cujo primeiro ataque se lhe manifestou nos primeiros dias da convalescença. Foi seu assistente o Sr. Dr. António Gonçalves Rapazote, de Bragança, que, aplicando-lhe a terapêutica aconselhada pela medicina recomendou que, quando os ataques lhe sobreviessem, se lhe friccionasse também fortemente o peito a-fim de reanimar o coração. Assim sofreu, com ataques sucessivos durante cêrca de 10 anos, chegando por vezes a perder os sentidos. Um dia, vendo no jornal de Nossa Senhora da Fátima as miraculosas graças que a Mãi Santíssima concedia aos que sofrem, mandei vir água da fonte maravilhosa. Com fé a bebeu e se recomendou à protecção da Virgem. Nunca mais sofreu os perigosos ataques ficando pois a louvar a Deus e Sua Santíssima Mãi por tão grande graça.

Vinhais.

Cremilde da Glória Gonçalves

Eczêma

A mesma Senhora diz o seguinte:

Na mesma ocasião, uma sua filha e minha irmã Ana Augusta Gonçalves, que vinha sofrendo, há mais de 12 anos, de um terrivel «eczema» que começando por uma perna, lhe invadia já quási todo o corpo, tornando-se verdadeiramente aflitivo, principalmente entre os dedos das mãos, que não podia meter na água, vendo que os medicamentos e recursos médicos lhe não valiam, chegando mesmo, um dos médicos que a tratava nos últimos tempos, o Snr. Dr. Alípio Albano de Abreu, de Bragança, a prevenir a família de que o mal não tinha cura e que o futuro apezar de meros paleativos formacologicos viria a ser dolorosamente fatal preparou-se durante uma novena com orações e o terço de Nossa Senhora da Fátima, lavando as feridas, que penetravam já até aos ossos, com a água miraculosa da Virgem.

Poucos dias depois, feita uma pequena oferta a Nossa Senhora, viu-se com as feridas completamente cicatrizadas, nunca mais sofrendo de tão terrivel doença. A ama que a amamentara quando criança, morrera completamente minada por tão doloroso mal.

Vinhais.

Cremilde da Glória Gonçalves

Tumôres nas accilas

Ao mesmo tempo, eu, que estava sofrendo de dolorosíssimos tumores accilares, que há mais de meio ano me apareciam todos os meses, consultados vários médicos, como o Snr. Dr. Alvaro Leite, de Vinhais, que foi de opinião ser tal doença proveniente de uma enterite que me ficara depois de uma penosa febre tifoide, animada de grande fé e confiança na bondade infinita de N.ª Senhora da Fátima, ao saber que meu pai tinha mandado vir água miraculosa e que já se encontrava na estação do correio, orei a N.ª Senhora, e nessa mesma ocasião, antes mesmo da água ter chegado a casa, os tumores suporaram espontaneamente deixando-me um grande alívio. Lavei no dia imediato as feridas com água de N.ª S.ª as quais logo me cicatrizaram e nunca mais me apareceu tal doença.

Por tantas graças fiquei eu e tôda a minha família louvando N.ª S.ª da Fátima, à qual nos recomendamos diàriamente com o seu terço pedindo-lhe nos continue a amparar com a sua Protecção oferecendo-me, em prova de gratidão, para tudo como sua filha e zeladora.

Vinhais

Cremilde da Glória Gonçalves

Graças diversas

— Rosa da Rocha, de Valbom, Gondomar, agradece a N.ª Senhora diversas graças temporais alcançadas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— Maria de Almeida Pestana, Valega, agradece a cura de ataques estéricos que freqüentes vezes a atormentavam.

— Maria do Rosário Jorge, Praia do Almoxarife, Açores, agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual em favor de seu pai pouco antes de expirar.

Morreu depois de recebidos os sacramentos, graça que se atribui a N.ª S.ª da Fátima que no leito da morte o dispôs para isso.

—Maria Irene Guerra de Andrade Costa Brego, R. de Brito Capelo 246 Matozinhos, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura alcançada para sua filha que diz estivera muito mal.

— Maria do Carmo Amorim de Queiroz Pinto Montenegro, de Marco de Canaveres, agradece a N.ª Senhora a cura de um eczema de que sofria, diz, há mais de vinte anos.

— Henrique Leal, de Fontelas, agradece a N.ª Senhora o auxílio prestado a um seu vizinho, que por ter espetado num pé uma agulha de costura suportou gravíssimos padecimentos.

— João Maria da Fonseca, Lourenço Marques, sofrendo de bilis, agradece a N.ª S.ª a sua cura, de que sofria horrivelmente.

— Rosa de Jesus, Calçada de Santana Lisboa, agradece a Nossa Senhora a sua cura duma doença muito incómoda.

— Agradeço reconhecidamente a Nossa Senhora da Fátima, diversas graças que dela alcancei. Figueirosa, *S. Pedro do Sul*, Maria Carolina de Almeida.

— Maria Branco, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças que por ela alcançou.

— Carolina Serrano de Sousa, do Vale de Santarém, agradece a N.ª S.ª da Fátima diversas graças concedidas a si própria e a pessoas da sua família.

— Mariana Castro Pereira, de Angra do Heroísmo, agradece a Nossa Senhora três graças que lhe foram concedidas.

— Rosa Lopes Varela, de Aviz, agradece a N.ª Senhora diversas graças que dela tem recebido em seu favor e em favor de outras pessoas de sua família.

— Luiz de Oliveira, de Lourais—Colmeias, agradece a N.ª Senhora diversas graças temporais.

— Emília da Conceição, de Lisboa, tendo implorado uma graça tão necessária e tendo-a alcançado, agradece a N.ª Senhora da Fátima, e com a maior gratidão a publica no seu jornal «Voz da Fátima» como prometeu.

— Laura Ferreira, de Paço de Sousa, agradece a N.ª Senhora a cura de uma *bronchite asmatica* que, rebelde a todos os medicamentos, a atormentou durante 19 anos. Por fim, começou uma novena a N.ª S.ª da Fátima, e durante ela sentiu-se rápidamente curada.

— Eglantina Vergas Rocha de Matos, agradece a Nossa Senhora a cura de sua filha Maria Leonor, bem como outras graças que de Nossa Senhora alcançou.

— Maria Emília da Silva Santos Gonçalves, de Almeirim, agradece uma graça particular, alcançada por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— Maria da Conceição, de S. Tiago da Guarda, agradece a Nossa Senhora o desaparecimento de horriveis dores que continuamente a atormentavam. Assim doente, foi a Fátima, lavou-se lá com a água do Santuário, e, diz, de então até hoje, nunca mais sentiu as suas dôres.

— João Lucas Moreira, da Mata do Rei, — Alcanede, agradece a Nossa Senhora uma graça que por sua intercessão recebeu do Céu.

— Maria das Dôres Marques, do Bário, — Cela, agradece a Nossa Senhora a cura de um grande sofrimento do estômago de que há muito tempo sofria continuamente.

Alguns favores

1.° — levar só um jornal para cada casa.

2.° — Mudar de direcção o menor número de vezes possível.

3.° — enviar sempre o número da assinatura quando for necessário fazer-se qualquer mudança nas direcções.

4.° — auxiliar as grandes despezas dêste jornal com as vossas generosas esmolas.

UMA VINGANÇA

«Então, que é que teu pai te disse?

—Disse que não me dava licença».

O bom do sacerdote ficou pasmado:

Que é que tu me dizes, Augusto? Não te dá licença? Ora aí está uma coisa que nem pela cabeça me passou!

— Mas é verdade!...»

O venerando sacerdote mirava e remirava a criança... Boa presença, alma aberta e franca... mas sobretudo uma joia de coração e firmeza de vontade...

Este Augusto, que só tinha quatorze anos, era um rapaz que prometia...

A pároco voltou a preguntar:

«Ora vamos lá, em que termos falou teu pai? Que palavras te disse?»

A criança, depois de se recolher um pouco a pôr em ordem as suas reminiscências, respondeu.

«Disse-me assim: Tu queres ir para o Seminário para seres padre?... Pois não vais!» Depois repetiu: «ouviste bem; não vais!» Ah! êste «não vais» sinto-o cá ainda a fervilhar nos ouvidos!

— E disse-te só isso?

— Não, senhor prior. Disse mais o seguinte: «Tenho também os teus dois irmãos, Felix e Jaime e a tua irmã Maria para mandar educar. Tu serás carpinteiro como eu e irás trabalhar para a oficina!»

— Podia ter sido menos rispido! E tu que respondeste?

— Que é que lhe respondi? Foi assim: «ah! o pai não quer deixar-me ir para o Seminário? Pois fique certo que vou vingar-me!»

— Tu disseste-lhe isso?

— Disse, sim, senhor prior.

— Sim, mas tu não fazes nada disso, porque isso não é modo de pensar de quem aspira a ser sacerdote.

Augusto voltou para o seu pároco aqueles seus dois olhos negros, onde se lia a decisão e replicou:

«Disse e faço-o».

— Isso é que é mau!

E dito isto despediram-se.

* * *

O Augusto lá se foi a ruminar a sua vingança e apressadamente procurava subir a encosta no cimo da qual está uma estátua de Maria.

Junto ao monumento estende-se um largo e formoso panorama. O Augustito contempla mais uma vez esta admirável paisagem que tantas vezes o tinha entusiasmado. Depois lançando as vistas para o lado da cidade episcopal que dorme lá em baixo, atraz das colinas, saúda de longe o Seminário, essa terra da promissão que êle talvez nunca lograsse disfrutar... Ele tinha escrito ao Sr. Reitor e o seu lugar estava reservado mas... iria ficar vazio...

E no entanto, que grande necessidade havia de sacerdotes na diocese!... Augusto conta as torres das igrejas que dai se descortinam... duas, três, cinco, sete... que magnífico campo de evangelisação!...

Nestas férteis planices, nestes vales aprazíveis, nas cidades, nas aldeias... quantas almas se perdem por falta de sacerdotes!...

Tinha sonhado que havia de ser um dêles... e lá se vai êsse belo sonho pela água abaixo, desvanecido como fumo.

— Fumo? Não, não pode ser. E levantando a voz a tôda a altura da sua idade de criança, repete:

«Hei de vingar-me!»

Lançando-se depois de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora, rezou assim:

«Mãe do Céu, Rainha dos Sacerdotes, ajudai-me a realizar esta minha vingança!»

Augusto, certo de que a sua extranha oração ia ser atendida, deixa aquele planalto, desce rápido a encosta e segue para a casa paterna.

* * *

Passados alguns dias, o bom pároco, inquieto com as disposições de Augusto, vai, sob qualquer pretexto, à oficina do carpinteiro. Sabia que o pequeno tinha um temperamento resoluto e estava a temer a tal famosa vingança.

— Bom dia, snr. Baptista.

— Bom dia, snr. Prior.

— Venho pedir-lhe o favor de me ir colar novamente uma gaveta do aparador da casa de jantar.

— Às suas ordens.

— E, como vai isto por cá, snr. Baptista?

— Tudo muito bem, snr. Prior.

— O Augusto trabalha?

— Como um anjo, se é que os anjos trabalham, respondeu rindo o bom do homem. Nunca imaginei que êle se amoldasse tão depressa, nem... tão alegremente, ao serviço!

— Ah! Ah! exclamou o Sacerdote, então êle tem geito?

— Espléndido! É inteligente e brioso!»

E o pai sublinhava esta frase com um certo orgulho.

«Mas à noite, depois do trabalho, lê, ou o que faz êle?

— Nada disso, snr. Prior! Brinca com o irmão Felix, aquele que anda sempre com êle e que, como V.ª Rev.ª sabe, anda aí pelos treze anos... um brincalhão!

— Sim, sim; bem conheço. Aprende òtimamente o catecismo!»

O pai, todo lisonjeado, continuou:

— É verdade, snr. Prior, o Augusto e o Felix são dois inseparáveis. À tarde brincam, ao domingo passeiam, nunca questionam; estou encantado.

— Ora isso é que é uma coisa ótima! Adeus Baptista...

— Adeus, senhor prior, e sempre ao seu dispôr! Logo que possa por lá passarei para lhe concertar o aparador.

— Está dito».

O sacerdote afastou-se mas ia triste:

«Augusto, que parecia ter abandonado tudo para ir para o Seminário, é agora um bom aprendiz... amigo de brincar... não abre um livro...

É a vingança ao avesso. Quando eu o vir, quero saber o caso a sério e tirar daqui o sentido...»

E o bom pároco concluia assim:

«É bastante difícil o recrutamento sacerdotal.»

* * *

Passou-se um ano. Vem aí outubro. Uma manhã, em fins de setembro, Augusto e Felix, os dois inseparáveis, voltam de casa do pároco e entram na oficina onde seu pai está entregue ao seu trabalho.

Os dois rapazes não riem e mostram até ter o ar de quem tem alguma coisa séria a comunicar.

«Pai, (diz respeitosamente Augusto), Felix e eu vimos, com a aprovação do senhor Prior, pedir-lhe uma licença.

— Que é que querem?

— Queremos entrar ambos no dia quatro de outubro, para o Seminário, para sermos padres.

Se um raio caisse na ocasião na oficina, não teria causado maior espanto.

Ficou para ali imóvel uns bons dois minutos a olhar para os filhos. Pelo seu espírito passou repentinamente uma luz que lhe explicou mil coisas: esta camaradagem... êste ardor no trabalho para o contentar e prender... esta obediência que o admirava... estava agora tudo explicado!

«Pois sim! Toca a andar já para o Seminário, abandonem-me a casa porque se os deixo por cá continuar são capazes de me levar também o Jaime para os padres e a vossa irmã Maria para o convento!

— Muito obrigado, pai,» exclamaram os dois irmãos.

E saindo imediatamente da oficina diz Augusto ao irmão:

«Vês? Já estou vingado!»

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Este belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiràvelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para êsse fim enviar 5$00 ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

ABJURANDO O PROTESTANTISMO E VOLTANDO À VERDADE

Do diário católico «Novidades» temos o prazer de transcrever as seguintes honrosas retratações, já nele transcritas de «O Jornal», do Funchal.

Publicou «O Jornal», do Funchal, com muito aprazimento os documentos que se lêem a seguir, assinados pelos seus próprios autores, o sr. Júlio Viterbo Dias e sua esposa a sr.ª D. Maria E. Viterbo Dias, que depois de haverem durante muitos anos praticado e ensinado o protestantismo naquela diocese, acabam, felizmente, de reconhecer a senda errada que haviam trilhado e voltam à prática do catolicismo.

Nada mais honroso, mais nobre, do que o arrependimento e a retratação depois da culpa. Sòmente as pessoas de má fé ou escravas de soberba satânica não confessam o êrro.

O acto que praticam o sr. Viterbo Dias e sua esposa é sumamente honroso para êles, porque é um acto que reabilita e regenera, e a Igreja Católica, fiel depositária e intérprete do espírito do Evangelho, só pode regozijar-se com êste feliz regresso à Casa Paterna de filhos que dela se haviam afastado, talvez levados por meras dúvidas que o tempo, o estudo e a graça de Deus dissiparam.

Sejam bem-vindos e que o seu exemplo frutifique!

RETRACTAÇÃO

Depois duma longa jornada de 17 anos num caminho de êrro e de apostasia e após diversas discussões, estudos e conferências particulares com um mui virtuoso e sábio teólogo da Santa Igreja e isto por um período de 11 anos, durante o que percorri diversas seitas, analizando os princípios de quási tôdas, venho publicamente fazer a retractação de todos os meus erros, abjurando o protestantismo e voltando ao grémio da verdadeira Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lamento que como prègador e escritor tivesse atacado tanto e tão violentamente a Igreja de Deus, tendo mesmo arrastado muitos para o mesmo abismo em que me havia afundado; retracto-me de todos êsses ataques dirigidos contra a Igreja tanto pela palavra como pela imprensa, pedindo a Deus sabedoria para que eu possa trazer novamente ao bom redil todos aqueles que, com a minha acção dissolvente, como é o protestantismo, afastei dos braços de Jesus para os da Reforma.

Choro o meu êrro, lamento profunda e sinceramente a minha apostasia e por isso peço primeiramente perdão a Deus e publicamente a todos quantos escandalizei com o meu desvio da Verdade e com todos os erros que dai provieram.

Tendo-me Deus dado a sua graça que operou em mim e em minha família uma conversão verdadeiramente maravilhosa e miraculosa, confesso também publicamente que:

a) creio que a única e verdadeira igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo é a Igreja Católica, Apostólica Romana;

b) creio que a Igreja Católica, tendo como Seu Chefe visível o Papa, é a única verdadeira Igreja fora da qual não há salvação;

c) creio tudo quanto a Santa Igreja ensina e repudio tudo quanto condena.

Abandono pois a heresia, absoluta e sinceramente convicto de que a Igreja Católica Apostólica de Roma é a única verdadeira, o que demonstrarei nalgumas obras que darei à estampa, nas quais também narrarei a minha conversão para completo esclarecimento de todos e para honra e glória de Deus e da Santa Igreja.

Em cumprimento de uma promessa feita desejo glorificar também publicamente essa flôr do Carmelo Santa Teresinha do Menino Jesus, *porque foi a sua influência na minha alma o que mais concorreu para a minha sincera conversão, bem como o amor misericordioso da Santíssima Virgem que nunca me abandonou mesmo nas noites mais sombrias da minha apostasia.*

Muitas almas, incluindo sacerdotes piedosos, oraram sempre pela minha conversão durante êste longo período de trevas e êrro; quero agradecer-lhes comovidamente, pedindo a Deus que recompense o seu sacrifício e o seu amor pela salvação do mais vil pecador que agora volta bastante arrependido à Casa Paterna.

Funchal, 5 de Agosto de 1932.

Júlio Viterbo Dias

Depois de 13 anos num caminho de êrro e apostasia e convencida de que a Igreja Católica Apostólica Romana é a única verdadeira fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo, abandono a Igreja Protestante retractando todos os meus erros, voltando arrependida ao seio da Igreja Santa de Deus fora da qual não há salvação.

A Deus a quem ofendi e a todos quantos escandalizei com o meu desvio da Igreja Católica peço humildemente perdão.

Retracto-me também de tudo quanto pela imprensa ou pela palavra fiz contra a Igreja Católica, prometendo trabalhar para que o tempo perdido no êrro e na heresia seja recuperado pela penitência e por um trabalho constante em favor da Santa Igreja de Deus.

Creio firmemente tudo quanto ensina a Santa Madre Igreja e rejeito tudo quanto ela condena, crendo sem dúvida alguma que a Igreja Católica é a única verdadeira.

Funchal, 5 de Agosto de 1932.

Maria Espiridia Viterbo Dias

Bons conselhos

Carlos! Deus pode castigar-te!

«No combóio nocturno, de volta da visita ao sogro, a esposa acorda assustada.

—Não me achas muito nervosa, Carlos? Desde que tenho a certeza de termos em breve o segundo filho, que vivo em constante desassocêgo.

—Não sei para quê. Não será hoje nem amanhã.

—Mas chegará o dia e será preciso decidir se queres baptisar o teu segundo filho ou se o deixas crescer como o primeiro — sem Igreja nem religião.

—Crio meus filhos como me convém — foi a condição do nosso casamento!

—Então, será possível? não baptisar tam pouco esta criança? Não estás vendo que sôfro com isto? Não suporto a educação pagã.

—Tolices! Não acabarás de tomar juizo?

—Carlos, não blasfemes! Deus pode castigar-te.

—Ora, Zuleika, sempre a mesma lenga-lenga! Pois, que o teu Deus me venha castigar e converter!

Horrorizada, a esposa deita a mão à boca do marido blasfemador. Nisto o combóio vai entrando na estação da Capital. Recebe-os um velho criado pálido, de lábios trémulos, sem poder proferir uma palavra.

—Que há?

—Patrão, seu filho...

—Pelo amor de Deus, João, que há com meu filho? interrompe a senhora.

—Há cêrca de meia hora a ama tinha saído do quarto, um momento só, o Carlinhos trepou a uma cadeira, a janela estava aberta...

D. Zuleika solta um grito, chamando a atenção dos passageiros.

—Caíu da janela à rua?

—Sim, senhor; o médico ainda está com êle.

—O automóvel leva-os, num instantes, ao palacete. D. Zuleika voou para o quatro do filhinho. O médico embarga-lhe o passo:

—Desculpe, minha senhora, por ora não a posso deixar entrar.

Ela cambaleia e cai sem sentidos nos braços do doutor.

O pai, penetrando no recinto, vai à caminha do pequenino e não o encontra. Mas sôbre o divan jaz alguma coisa, coberta com um lençol. Apróxima-se, estende o braço para afastar o pano. Vacila um momento — suspende — e cai de joelhos ao pé do cadáverzinho do primogénito, balbuciando com a língua em convulsão: — «Deus! Meu Deus»!

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

AVISO

Passando no dia 13 de Outubro o décimo quinto ano depois da última Aparição de Nossa Senhôra na Fátima, como agradecimento a tantos benefícios concedidos, manda Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria que além dos actos ordinários da peregrinação haja uma solene procissão com o Santíssimo Sacramento, precedida de Missa às 9,30 horas.

Leiria, 13 de Setembro de 1932.

TRISTE RESULTADO DE UMA MENTIRA

Cecília tinha o defeito de falar muito e de nem sempre dizer a verdade. Ao contrário, a irmã mais nova, a Julieta não a imitava e era uma pequena muito ajuizada e discreta.

Um dia, as duas irmãs foram com os seus pais jantar a casa de uns amigos íntimos.

Foi um jantar pouco alegre porque os donos da casa tinham os seus negócios muito embrulhados.

Quando se levantaram da mesa, Cecília, a irmã e a filha dos donos da casa foram brincar para a sala enquanto os pais conversavam. Às 10 horas retiraram-se os convidados.

No dia seguinte estavam Cecília e a irmã a conversar na sala quando apareceu à porta uma senhora muito amiga da mãi das pequenas.

A senhora entrou na sala e depois de beijar as meninas, disse que sabia que a sua amiga tinha saído com pouca demora e que esperaria por ela.

Esta senhora tinha também os seus defeitos.

Era tão faladora como Cecília, invejosa e pouco benévola.

Cecília pensou logo que poderia entreter a sua amiga contando-lhe o que se tinha passado no dia antecedente.

— Estou admirada! — exclamou a senhora, a quem parecia interessar muito o que a pequena dizia. — Então esses senhores dão agora jantares?...

Cecília que não gostava de D. Maria de Mendonça, lembrou-se de a arreliar por lhe parecer que estava contrariada por não ter sido convidada.

—E que jantar, minha senhora!... Explêndido (disse a pequena).

— O quê? um jantar explêndido!... (repetiu D. Maria empalidecendo).

— Se a senhora visse!... que luxo! A mesa estava coberta de cristais e de pratas, de rosas e orchideas...

E que explêndidas iguarias!... Perús, gelados... Devia ter-lhes custado muito dinheiro!...

—Não acredite no que a Cecília está a dizer, minha senhora (interrompeu Julieta). Não foi nada disso.

—Acredito no que diz a Cecília porque deve ser verdade (respondeu imediatamente D. Maria).

Com que então o Snr. Guimarães oferece aos amigos tantos jantares!... E eram muitos os convidados?

—Estava realmente muita gente. Eu até fiquei admirada de não vêr lá a D. Maria...

—Depois do jantar dançou-se porque o Snr. Guimarães não se esqueceu do indispensável jazz band.

Depois foram servidos licores, champagne, etc. Não faltou nada.

— Tudo isso é muito interessante, disse ainda D. Maria vermelha de indignação. Fiz bem em vir aqui hoje.

— Mas não acredite no que diz minha irmã, minha senhora (repetiu Julieta). É para se divertir que ela inventa estas histórias.

— Eu bem sei que a menina gosta de desculpar aqueles que procedem mal (continuou D. Maria).

— Mas (disse Cecília radiante com o efeito causado pela sua mentira) não percebo porque é que o Snr. Guimarães andou mal dando um jantar...

—O snr, Guimarães é que precisa saber se andou bem ou mal respondeu D. Maria despedindo-se das pequenas.

— Quando a senhora saiu, Cecília deu uma gargalhada e disse à irmã: a D. Maria está furiosa por não ter sido convidada.

Foi bem feito.

— Fazes mal em mentir assim, respondeu Julieta.

— Ora! Fartei-me de rir e não fiz mal a ninguém...

— Fazemos sempre mal quando mentimos e murmuramos, (retorquiu Julieta).

Cecília não suspeitava sequer o tremendo mal que as suas mentiras iriam causar...

O snr. Guimarães devia quarenta contos ao snr. Alves e êste, depois de muitos pedidos, tinha-se resolvido a esperar quinze dias, resolução que tinha salvo o comerciante porque devia ganhar num negócio, dentro desse tempo, a quantia necessária.

O snr. Guimarães, que era muito honesto fazia todos os sacrifícios para endireitar a sua vida.

Vivia-se em casa com a maior economia, privava-se de tudo e apenas comprava o que lhe era absolutamente indispensável.

No dia seguinte ao da visita de D. Maria às duas pequenas o senhor Alves entrou na loja de modas do senhor Guimarães e disse:

— O senhor sabe que me deve quarenta contos.

— Mas (respondeu o snr. Guimarães muito admirado) o Snr. Alves tinha-me prometido esperar quinze dias.

— Tinha feito essa promessa mas mudei de opinião.

— Mas eu não posso pagar essa quantia de um dia para o outro!

— Quem tem dinheiro para dar lautos jantares, deve estar em condições de satisfazer os seus compromissos...

— Eu?... Dar lautos jantares!...

— Eu sei tudo. Não tem de que estar admirado. D. Maria de Mendonça, que é minha cunhada, contou-me com todos os pormenores a festa que se realizou em sua casa há três dias. Quem assim faz deve estar pronto a saldar as suas dívidas.

E saiu furioso sem querer atender o snr. Guimarães que se defendia inutilmente.

Daí a instantes a Cecília entrou em casa do snr. Guimarães e vendo a esposa a chorar perguntou-lhe o que tinha.

—Nêste mundo há gente muito má, minha filha. Disseram ao snr. Alves mentiras abomindveis a nosso respeito. Disseram-lhe que em lugar de economizarmos para pagar as nossas dívidas, gastavamos o dinheiro em festas, jantares e bailes. Agora exige que paguemos imediatamente os quarenta contos e como não os temos, vai ser declarada a falência e estamos arruinados para sempre.

Que maldade a dessa pessoa que nos caluniou!

Cecília caiu então em si e ouviu tudo com o coração angustiado...

Sem ter a coragem de dizer a verdade à desditosa senhora, saiu sem dizer nada e, quando chegou a casa, foi ter com os pais a quem contou a chorar a falta que tinha cometido, pedindo ao pai para reparar o mal que ela tinha feito.

Depois de a repreender severamente disse-lhe o pai:

— É preciso que repitas ao snr. Alves o que me acabas de dizer. E, não se importando com as lágrimas da filha, levou-a à presença do cunhado da D. Maria, obrigando-a a confessar o que tinha dito.

— O senhor Guimarães continua a ser para mim um homem honesto (disse o snr. Alves depois de ouvir a humilhante confissão). Vou já dizer-lhe que esperarei pelo dinheiro não só quinze dias mas um mês se fôr preciso, mas a menina tem de que se envergonhar! Por causa das suas mentiras ia arruinando um comerciante honrado...

Cecília ficou tão desgostosa que adoeceu.

A pequena resolveu emendar-se e empregou todos os esforços para isso mas teve de esperar muito tempo para voltar a readquirir a confiança e estima dos seus amigos.

É que, uma mentira descoberta, desacredita quem a disse.

Atendam

Quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

Fátima, o Paraíso na terra
e
A Pérola de Portugal,

são dois livros sôbre Fátima, pelo Sr. Visconde de Montelo, que pelo preço de 5$00 cada um se enviam do Santuário ou da Redacção da «Voz da Fátima», a quem os pedir e enviar a respectiva importância.

São interessantes, principalmente para quem não tem sido assinante da «Voz da Fátima».

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	351.107$09
Papel, comp. e imp. do n.º 119 (70.000 ex)....	4.020$00
Franquias, embalagens, transportes...	1.305$18
Na administração—Leiria...	167$50
Total... ...	356.599$77

Donativos desde 15$00

P.e Joaquim Matias Simões — Benavila, 64$50; Maria Queiroga — Évora, 20$00; Francisco Vicente — Viseu, 35$00; Maria Rosa Teles — Extremôs, 20$00; Manuel de Almeida — Lourenço Marques, 50$00; Maria Luiza — Almodovar, 21$00; João Lima — Funchal, 50$00; Maria da Assunção Lopes — Brasil, 15$00; Maria Amélia Vieira — Pôrto, 20$00; P.e António S. Miguel — Pudentes, 102$00; Alunos do Colégio de Cucujães, 115$00; P.e António Duarte — Tondela, 15$00; Florinda da Conceição — Tondela, 65$00; P.e Luiz de Sousa Rodrigues — Porto, 137$50; Carmina Calisto — Ilhavo, 15$00; Joaquim Francisco Veloso, 20$00; Manuel Victor — Ribaldeira, 20$00; Maria da Rocha — Odivelas, 25$00; António J. Martins — Angola, 15$00; José Gamboa — Olhalvo, 15$00; Elvira Cardoso — Braga, 20$00; P.e José M.e da Cruz—Bragança, 100$00; Joaquina da C. Duarte — Rogel, 116$50; Alberto Abranches — Lisboa, 20$00; Manuel Lourenço — Algarve, 15$00; Sr. Bispo do Funchal, 325$00; José de Oliveira — Ermida, 15$00; Maria Alice das Dôres — Faro, 60$00; Cecília Simões — Cuba, 20$00; José da C. Sampaio — Lousada, 100$00; P.e Augusto da Silva — Covão de Lobo, 42$00; João Lage — Pôrto, 15$00; Manuel Inacio — Guarda, 20$00; Viscondessa de S. Gião — T. Novas, 40$00; Distribuição em Coruche e Salvaterra de Magos, 225$00; Maria Relvas — Crato, 30$00; Manuel Godinho — Alvito, 15$00; José Friães — Vila Nova de Gaia, 15$00; Esmola de Vila Nova de Gaia, 35$00; Glória Esquivel — Mourão, 50$00; Maria R. — Chaves, 20$00, Margarida de Almeida — Lisboa, 200$00; Júlio de Almeida — França, 123$00; Arminda Pereira—Lisboa, 20$00; Maria da Conceição — Lisboa, 100$00; Josefina da Conceição Macêdo, 15$00; Madalena Folgado — Porto, 15$00; Mário Justino — Maxial, 45$00; P.e António Calabote — Alcácer do Sal, 25$00; Manuel da Costa — Brasil, 45$00; Tereza Berta — Lebução, 20$00; Maria Sequeira — Sanguinheira, 25$00; 2 esmolas, 40$00; Esmola do Brasil, 30$00; C.o Luiz Carvalheiro — Moncorvo, 20$00; Aida Florinda — Macau, 36$75; P.e António Alagaia—Moncarapacho, 75$75; C.o Manuel Nogueira — Coimbra, 20$00; C.o Augusto da Trindade — Viseu, 35$00; C.o João Crisostomo — Viseu, 20$00; C.o António Carreto — Guarda, 20$00; P.e João de Matos — Soalheira, 20$00; Olimpia Sequeira — Alpalhão, 15$00; P.e Virgilio Pita — Évora, 85$00; Bernardino Gomes — Negrelos, 15$00; M.a I. Batista — Montoita, 20$00; M.a L. Malheiro — Vila Flor, 35$00; Amélia Peixoto — L. da Palmeira, 20$00; Sofia de Melo — América, 31$40; Maria Ferreira de Figueiredo — Lisboa, 83$30; Amélia Val do Rio Henrique — Lisboa, 15$00.

O MESTRE DA PACIÊNCIA

«Houve em tempos dois esposos, ricos de bens da fortuna, senhores de vastos teres e rodeados de todos os confôrtos da abundância, mas comtudo infelizes, porque as suas indoles eram o mais diversas e mesmo adversas que imaginar-se pode.

Mal entendidos, disputas, dissenções contínuas azedavam-lhes todos os dias a vida. A mulher, apezar de jurar cem vezes por dia não dar ensejo a novas desavenças, não tinha mão em si que moderasse o seu génio impetuoso, chorando depois, sempre, amargas lágrimas.

Entre os seus livros, havia um manuscriptó, intitulado o *Livro de família*, do punho de sua avó, contendo um grande número de conselhos, receitas e expedientes para tôdas as circunstâncias, quer na ordem física, quer na ordem moral. Uma tarde, em que a atribulada dona de casa procurava neste livro, determinada receita, encontrou, escritas à margem estas palavras: —*«O melhor remédio contra os desgóstos da vida, escondi-o eu na nossa capela, atraz da imagem de Jesus padecente».*

Impaciente por saber o que significavam aquelas enigmaticas palavras, a jovem senhora dirigiu-se na manhã seguinte à capela familiar, afastou a imagem chamada «Jesus padecente» e começou a procurar com actividade. Ao cabo de pouco tempo, encontrou um papel em que logo reconheceu a letra de sua avó e no qual se liam estas palavras: — *«Sempre que vos encolerisardes, contemplai atentamente esta imagem, durante três minutos, recitai três Padre Nossos e ir-vos-eis contentes e a paz habitará no vosso coração. É conselho que me deu o meu confessor e há trita anos que eu fiz a sua feliz experiência. 1794.* Ana Semblach.»

—A boa senhora limpou a imagem do Salvador da espêssa camada de poeira que a cobria, contemplou-a atentamente e sentiu-se singularmente comovida.

Dêsse dia em diante seguiu escrupulosamente o conselho de sua avó e tôdas as vezes que se levantava uma disputa entre ela e o marido retirava-se para a capela e ajoelhando-se deante da imagem do Ecce Homo, contemplava a face do Salvador, tão dolorosa e todavia tão doce e tão calma, e sentia uma serena e suave tranquilidade descer sôbre a sua alma e o seu coração tornava-se pacífico e resignado.

Esta singular e completa mudança não passou despercebida ao marido. Sua mulher, que era tão irascível, dum têmpera de fogo, tornada de repente tão condescendente, tão amável e resignada, era na verdade singular. Um dia perguntou-lhe, num tom cheio de complacente naturalidade, como conseguira vencer e modificar tão súbita e radicalmente a sua índole exaltada.

—Encontrei um excelente mestre de paciência — respondeu ela com um sorriso.

—Um mestre?! Como um mestre?!

—Vais vêr. Vem comigo.

E conduziu-o à capela, diante da piedosa imagem do *Ecce Homo* e mostrou-lhe o bilhete de sua avó, que junto encontrára.

O marido compreendeu a lição. Daí por diante também êle se tornou discípulo do divino Ensinador da paciência. E quando algum acontecimento vinha perturbar a paz da família, não era raro vêr os dois esposo ajoelhados ante Jesus padecente.»

Já há poucos exemplares do livro «**Fátima a Lourdes Portuguesa**» *pelo Dr. Luis Fischer.*

Quereis ainda obter algum exemplar dêsse interessante livro? fazei já o respectivo pedido e enviai 5$00 ao Santuário da Fátima, — Vila Nova de Ourém, ou à «Voz da Fátima» — Seminário de Leiria.

E DEPOIS?

—«Como és feliz!—dizia S. Filipe de Nery a um jovem. Estudas direito e, sem dúvida, breve virá o doutoramento; Em seguida... grandes serão os lucros; serás rico, tornar-te-ás ilustre... Oh! serás feliz!»

Apertando depois contra o peito o jovem que tomara a serio as palavras do Santo, disse-lhe ao ouvido:—«E depois?»

Nunca mais essa palavra saiu do seu ouvido.

Francisco Lazara, reflectiu seriamente, entregou-se ao serviço de Deus e morreu como um justo na Congregação do Oratório.

De mil maneiras nascem as vocações. Ás vezes, ouve-se a voz inconsciente das cousas: a voz da dôr que instrue, da alegria que cansa, do perigo que ameaça ou do mundo que engana.

Em todos os lugares se podem encontrar eleitos de Deus, até mesmo nas casas ou paróquias menos religiosas. Muitas violetas brotam até em terreno pedregoso ou mata espessa.

Lacordaire *abandona a advocacia, ordena-se dominicano e vem conferenciar em Notre-Dame de Paris, onde se eleva aos mais altos graus da eloqüência cristã.*

Ravignan *resigna suas funções de advogado e vai esconder seu nome, talentos e fortuna na roupeta de jesuita.*

Schouvaloff, *habil e sábio diplomata, abandona a côrte da Russia e os salões da aristocracia parisiense e vai encerrar-se numa cela barnabita.*

Este depois é que converteu Francisco Xavier, laureado estudante da universidade de Paris naquele grande santo e apostolo que mais tarde foi.

E tu jovem amável que sentes em teu coração outras palpitações que as do egoismo... pensa.

— Não desejas seguir o Mestre mais de perto?

Vem, e junto de um Sacrário poderás dizer aos que te rodeiam:

— Não terei êsses prazeres que vos transportam; mas, também essa vaga inquietude e essas esperanças desfeitas que vos acompanham não me afligirão mais.

Não verei mais o brilho das festas nem a pompa das praças; mas, essas intrigas vis, e essas invejas baixas não me farão entristecer jamais.

O mundo que me seduziu, a glória que encheu o meu coração não me agitarão mais; mas, um outro amor que não o passageiro, uma outra glória que não a que tanto chôro e sangue custa, encherão minha alma, dar-me-ão nova vida.

Visão pavorosa

Segundo informações colhidas nos livros de registo dos presos, só nos últimos dez anos, passaram pela Cadeia da Relação, do Pôrto, nada menos de 6.427 mães, assassinas dos próprios filhos.

É pavoroso! 6.427 filicidas, e isso só na região do Pôrto! Estenda-se o pensamento por êsse país além, avalie-se o número de mães desnaturadas, que logram ocultar o seu crime e avalie-se que tragica visão, se não desenrola aos nossos olhos!

Ora êste mar de crimes e de sensualismo necessita de um contrapêso de pureza, de amor e de imolações voluntárias.

E ai do mundo se elas não existissem!

TESTEMUNHOS AUTORISADOS

Quando rezais não sentis o vosso coração mais aliviado e a vossa alma mais contente? A oração torna a aflição menos dolorosa e a alegria mais pura: a uma mistura um não sei quê de fortificante, de doce, e a outra um perfume celeste. Que fazeis no mundo? E não tendes nada a pedir Aquele que vos criou? Sois um viajante que procura a pátria.

Não caminheis de cabeça baixa; é preciso levantar os olhos para reconhecer o caminho. A vossa pátria é o Céu; e quando contemplais o Céu, dentro de vós não se agita nada? Nenhum desejo vos constrange? Ou êste desejo é mudo? Alguns dizem: «Para que serve rezar? Deus está muito acima de nós para ouvir criaturas tão miseráveis?» E quem criou estas criaturas miseráveis? Quem lhes deu o sentimento, o pensamento, a palavra, se não Deus? E se Êle foi tão bom para com elas, seria para depois os desamparar e repelir para longe de Si? Em verdade vos digo, quem pensa no seu coração que Deus despreza as suas obras, blasfema Deus.

Ha outras que dizem:

«Para que serve rezar? Deus não sabe melhor do que nós aquilo que carecemos?» Deus sabe melhor do que vós do que careceis, e é por isso que Êle quere que lho peçamos: porque Deus é por excelência a vossa primeira necessidade, e pedir a Deus é principiar a possuir a Deus. O Pai conhece as necessidades do seu filho; e por causa disto o filho não deve nunca ter uma palavra de súplica e de agradecimento para seu pai?

Quando os animais sofrem, quando sentem temor, quando sentem fome, soltam gritos queixosos: estes gritos são a oração que êles dirijem a Deus, e Deus ouve-os. Havia de ser o homem, na criação, o único sêr cuja voz nunca devesse subir aos ouvidos do Criador? Às vezes passa nos campos um vento que seca as plantas, e então veem-se as astes murchas inclinadas para a terra; mas humedecidas pelo orvalho retomam a frescura e levantam a cabeça abatida.

Há sempre ventos abrasadores que passam sôbre a alma do homem e a secam.

A oração é o orvalho que refresca.

Lamenais

VOZ DA FÁTIMA

Preço da assinatura por ano

Continente e ilhas...	10$00
Estranjeiro	15$00

* * *

Não se faz a cobrança pelo correio, e por isso a importância dos assinantes deve ser entregue nos dias 13 na Fátima, ou enviada a esta administração em vale ou carta.

A cruz formamo-la nós, atravessando a nossa vontade à de Deus, que é sempre uma linha recta.

Se a nossa vontade caminha paralela à de Deus nunca formará uma cruz porque duas paralelas jàmais se cruzam.

(Paula Frassinetti)

Ano XI — Leiria, 13 de Novembro de 1932 — N.º 122

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 15-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

A grande peregrinação nacional de Outubro

FÁTIMA é uma nova época na história de Portugal

«Apenas quinze anos são decorridos depois da aparição de Nossa Senhora e já hoje a divina mensagem de Fátima se espalhou por todo o mundo, da Índia à China, da América à África».

(Da alocução proferida pelo rev.do Dr. Luis Fischer, lente de Teologia da Universidade de Bamberg, no Santuário Nacional de Fátima, em 13 de Outubro último).

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Dr. Jacobus Von Hauch, Arcebispo de Bamberg, Sucessor do grande Apóstolo da Baviera S. Otão, Edificou o grande Seminário Arquidiocesano e aprovou em 11 de fevereiro de 1931 a fundação da Fátima — verlag.

Terra de Santa Maria

Foi precisamente há quinze anos. Era em 1917. Portugal e o mundo atravessavam nessa época de tristíssimas recordações uma das crises mais pavorosas de que reza a história.

Três flagelos terríveis, a peste a fome e a guerra, açoitavam cruelmente a humanidade, produzindo formidáveis hecatombes, ceifando milhões de vítimas.

Dir-se-ia que o anjo de exterminio que, na época dos Faraós, por ordem de Jeovah, feriu de morte, numa só noite, os primogénitos egípcios, descera de novo à terra para com o seu gládio de fogo renovar, em larga escala, a última e a mais terrível das pragas bíblicas. Por tôda a parte reinavam a dor, o luto, a maior consternação. Súplicas fervorosas, gritos dilacerantes de angústia, subiam sem cessar para o Céu, procurando fazer violência ao Coração compassivo de Deus.

Foi, então, nesse ano para sempre memorável, que a Virgem Santíssima, augusta Padroeira de Portugal, se dignou baixar dos esplendores da glória a uma charneca árida e estéril da Serra de Aire para aí estabelecer o seu trono de misericórdia, donde irradia uma nova luz sôbre Portugal e sôbre o universo, luz, cujo fulgor inicial foi tão intenso que chegou a ofuscar a do próprio sol.

A Rainha dos Anjos seis vezes falou a três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, verdadeiros anjos da terra, desvendando-lhes, nas poucas palavras que proferiu, os desígnios adoráveis do seu coração maternal.

Uma nova época começa na história de Portugal. O exército da Virgem, dos que combatem em prol do seu reino, que é o reino do seu Filho, tem em Fátima o seu quartel general.

Debalde o inferno assesta as suas baterias contra o baluarte formidável da Lourdes portuguesa, debalde o mundo e a carne enviam para o conquistar as suas melhores tropas de assalto.

Cada dia que passa traz novos florões para a coroa de glória de Maria, que alcança triunfos sem número sôbre os seus encarniçados inimigos.

Como outrora na Palestina, durante a vida pública do Divino Redentor, os cegos vêem, os surdos ouvem, os mudos falam, os paralíticos andam, os leprosos são curados e aos pobres é anunciado o Evangelho. Da rocha viva da Cova da Iria brotam águas salutares que correm até à vida eterna...

Nas piscinas miraculosas da penitência operam-se assombrosas ressurreições morais...

Jesus, oculto na Hóstia Santa, é levado em triunfo, por entre as multidões de peregrinos, cheios de fé e de amor, que se curvam à sua passagem, adorando-o e aclamando-o. A Virgem do Rosário passeia igualmente por meio do seu povo, saudada e abençoada em verdadeiras apoteoses de piedade e ternura filial.

E milhares, milhões de almas, recuperando ou intensificando as energias espirituais naquela atmosfera sobrenatural em que mergulham as suas fibras mais íntimas, vão por êsse mundo fóra, irradiando luz e calor, num apostolado intenso e constante, que, prendendo e transformando os corações, dilata o império de Jesus e o reinado de Maria sôbre a terra.

Ó Virgem mil vezes bemdita, porque escolhestes vós êste pobre e pequeno país, tão esquecido e tão desdenhado das grandes potências do orbe, para trono das vossas glórias e para teatro das vossas misericórdias?! É um segrêdo inexplicável da ternura imensa do vosso Coração maternal para com os filhos prediletos de Portugal, desta terra privilegiada que é e foi sempre e sempre há-de ser a *terra de Santa Maria!*

Procissão das velas

O dia doze de Outubro foi um verdadeiro dia de inverno. O vento, o frio e sobretudo a chuva, que nesse dia caiu por vezes com abundância, tornaram, como é natural, muito menos numerosa que de costume, a peregrinação nacional de Outubro, que é a que mais se assemelha à de Maio em concorrência e em esplendor.

Todavia, a-pesar do mau estado do tempo, elevou-se a muitos milhares o número de peregrinos que à hora habitual da procissão das velas se reuniam na Cova da Iria para se incorporarem nessa grandiosa manifestação de fé e piedade.

Nessa procissão, que começou cêrca das 11 horas, tomaram parte algumas peregrinações muito bem organizadas, presididas pelos respectivos párocos ou seus representantes e levando as suas bandeiras à frente.

Entre essas peregrinações, merecem especial referência as seguintes: S. Mamede de Infesta, da diocese do Pôrto, Alcobaça, Extremôs, Bemfica de Lisboa, Lamego e Alijó, Louzã, Tortozendo (Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria), Águas, da diocese da Guarda, e Mosqueiros e Casal Velho, da freguesia de Alfeizerão.

A bandeira da peregrinação de Alcobaça era levada pela senhora D. Maria José, que foi instantaneamente curada, o ano passado, no Santuário de *Fátima*, duma tuberculose pulmonar em terceiro grau.

A procissão das velas constituiu, como sempre, um espectáculo impressionante, tendo decorrido com a maior ordem e compostura, não obstante o terreno da Cova da Iria estar em vários pontos do percurso encharcado e enlameado por causa das chuvas que tinham caído durante o dia.

Após a procissão, a multidão dos peregrinos, reunida em frente do pavilhão dos doentes, cantou o *Credo*, dando assim um testemunho público e solene da sua fé sincera, viva e ardente, como foi sempre a fé de todos os bons e verdadeiros filhos de Portugal.

Adoração nocturna

Pouco depois da meia-noite, no altar do pavilhão dos doentes, foi exposto o Santíssimo Sacramento para a adoração dos fiéis. Feita a exposição, o rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, leu alguns actos de desagravo a Jesus Sacramentado. Seguiu-se a hora de adoração nacional, que foi presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria.

Porque se estava no mês do Rosário e, especialmente, porque se completavam então quinze anos— o número das dezenas do Rosário — depois da última aparição da Santíssima Virgem, foram rezados todos os mistérios do Rosário, tendo o ilustre e venerando Antistite prègado nos intervalos das dezenas, meditando cada um dos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos.

A esta hora de adoração nacional seguiram-se horas de adoração privativa para diversas peregrinações.

Na prática de introdução à recitação do primeiro terço do Rosário, o Senhor D. José Correia da Silva convidou os peregrinos a bemdizer o Santíssimo Sacramento pela aparição de Nossa Senhora que se realizara quinze anos antes e que naquele dia se comemorava com particular solenidade.

Nossa Senhora, disse o augusto Prelado, não veiu apresentar-nos doutrinas novas, veio apenas recordar os nossos deveres. As provas da realidade da sua aparição são, entre outras, o concurso assombroso de peregrinos ao local das aparições, a propagação rápida e inesperada do seu culto em Portugal e no mundo inteiro, as curas miraculosas, as ressurreições morais, a admirável resignação dos doentes no meio dos seus sofrimentos e os actos heróicos de muitos enfermos que renunciam à cura dos seus males para que essa graça seja concedida a outros enfermos. Que efusão de amor do Imaculado Coração de Maria, que derrama graças a flux sôbre a nossa querida Pátria e sôbre todos os povos do mundo.

Por tôda a parte a gloriosa Mãe de Deus é invocada com amor e confiança sob o título de Nosso Senhora de Fátima.

Ela desceu dos esplendores imarcessíveis da glória à estância bemdita da Cova da Iria para consagrar dum modo definitivo o seu título de Rainha dos portugueses.

Três pontos sobretudo ela inculcou nos seus colóquios com a vidente privilegiada: a prática da penitência, a necessidade de combater o pecado da carne e a oração.

É preciso que ouçamos a voz da Santíssima Virgem.

A luxúria perde tantas almas! É especialmente pela imoralidade que o demónio procura actualmente arrastar os homens à sua condenação eterna.

Fóra, pois, com as modas indecentes, livros maus, cinemas de scenas lúbricas.

E Sua Excelência Reverendíssima, numa breve e quente peroração, concluí a magistral introdução às suas práticas explicativas dos mistérios do Santíssimo Rosário, proclamando que o divino Saltério de Maria é uma luz que ilumina a nossa alma se o soubermos rezar e cantar, se o soubermos principalmente meditar e viver.

As missas da manhã — A procissão do Santíssimo Sacramento

As cinco horas da manhã do dia 13, celebrou-se na capela do Albergue de Nossa Senhora de Fátima a missa destinada aos servitas e às servitas, que uma hora depois precisavam de estar livres para começarem a exercer a sua tão benemérita como simpática missão.

As seis horas houve a missa de comunhão geral no altar do Pavilhão dos doentes. Comungaram a esta missa milhares de fiéis, devidamente preparados pela confissão para êsse acto, tendo-lhes sido o Pão dos Anjos distribuído por numerosos sacerdotes revestidos de sobrepeliz e estola.

Muitas outras missas foram celebradas nêste dia nos diversos altares do Santuário.

Às nove horas e meia, como estava anunciado, realizou-se uma procissão eucarística, levando o Senhor Bispo de Leiria a Sagrada Custódia. Esta procissão, que poucas vezes se tem feito no local das aparições, era destinada a comemorar o número rosariano dos anos que decorreram depois das aparições e revestiu um grande brilho, mercê do bom tempo que fazia e do grande número de peregrinos que àquela hora já se encontravam na Cova da Iria.

Foi simplesmente belo e dum efeito sobremaneira encantador, o espectáculo daquele cortejo imponente em que Jesus, no seu sacramento de amor, era levado em triunfo, nos sagrados domínios de sua Mãe Santíssima, através das multidões que o adoravam e aclamavam como seu Deus e seu Rei, rezando e cantando à porfia...

A missa oficial — A bênção dos doentes

Ao meio-dia, depois de rezado o terço do Rosário na capela das aparições, foi a veneranda imagem da Virgem Santíssima conduzida processionalmente para o átrio da grande Basílica em construção, onde Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria celebrou a missa dos doentes. Por tôda a rampa descendente da vasta esplanada do Rosário, extendia-se, ao longe e ao largo,

O Ex.mo e Rev.mo Senhor Dr. Adam Senyer, Bispo auxiliar de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo, vigária geral, dedicado summus custos da catedral de Bamberg que, entre outras preciosidades, guarda as reliquias do santo Imperador Henrique 2.º (1002 a 1024) e o túmulo do Papa Clemente 2.º (1046 a 1047).

uma massa enorme e compacta de peregrinos, em número de muitas dezenas de milhar. Eram pessoas de tôdas as classes e condições sociais, irmãmente misturadas e confundidas, perante o altar cristão, o altar da verdadeira igualdade, onde só as virtudes e as boas obras constituem títulos de valia, de mérito e recompensa. A multidão, religiosamente silenciosa e recolhida, assim que se desvaneceram os últimos ecos das aclamações à Virgem feitas durante a procissão, assistiu com uma piedade edificante ao acto mais sublime da nossa Santa Religião, a renovação incruenta do augusto sacrifício do Calvário.

Ao Evangelho, subiu ao púlpito o rev.^do dr. Luís Fischer, professor de história eclesiástica na Universidade Católica de Bamberg (Baviera).

O grande apóstolo do culto de Nossa Senhora de Fátima nos países de língua alemã proferiu então, junto ao microfone, o formosíssimo discurso que vem reproduzido integralmente noutro logar dêste mensário.

Na sua magistral alocução, o ilustre orador focou, além doutros pontos também interessantes e dignos de relêvo, a fidelidade dos portugueses a Jesus e o seu amor à Virgem Santíssima.

Depois demonstrou dum modo admirável a sua tríplice vocação de cruzados e cavaleiros de Cristo contra os infiéis, de missionários através dos mares e dos continentes até aos confins do orbe, e de apóstolos e defensores do reino de Maria que é também o reino de Jesus. Por fim, sublinhando que a Lourdes portuguesa é uma nova época na história de Portugal, disse que a divina mensagem de Fátima se espalhou por todo o mundo, da Índia à China, da América à África, e mostrou que Fátima é o caminho directo para Jesus pelas mãos de Maria Santíssima. Terminada a missa, que foi, como de costume, acompanhada a harmónio e cânticos, o ilustre celebrante deu a bênção eucarística a cada um dos doentes, levando a umbela, a convite do venerando Prelado, o sr. Tenente Carvalho Nunes, Ajudante de ordens de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, general Oscar Carmona. Os doentes eram 177, sendo 38 homens e 139 mulheres, os quais todos tinham sido prèviamente inscritos no respectivo registo do Pôsto das verificações médicas.

Terminada a comovente cerimónia, foi cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção eucarística a todo o povo.

A seguir o ilustre Prelado benzeu os objectos de piedade que os peregrinos tinham consigo e deu a bênção episcopal à multidão ajoelhada a seus pés. Depois rezou, com os peregrinos, por várias intenções sem esquecer Sua Santidade o Papa Pio XI, que tanto se tem recomendado às orações dos peregrinos de Fátima.

Em seguida agradeceu ao rev.^do dr. Fischer a sua dedicação e os seus trabalhos, proclamando-o justamente o maior apóstolo de Nossa Senhora de Fátima no estranjeiro.

Por último, foi feita a recondução da imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições, onde se leu o acto de consagração final à Santíssima Virgem, depois do qual começou a debandada dos peregrinos.

Uma graça de milagre

O Anjo da diocese de Leiria vai abençoando, um a um, na vasta esplanada, sob um céu banhado de luz, os míseros farrapos humanos, alinhados em filas intermináveis que ali tinham ido implorar, animados de doce confiança, o poder de Jesus pela intercessão de Maria.

O Divino Rei de amor passa oculto na hóstia branca e pura exposta na custódia de ouro, semeando bênçãos, difundindo graças, consolando e confortando, fazendo o bem.

Que espectáculo comovente e confrangedor o daquelas centenas de vítimas desditosas de todos os flagelos que afligem a pobre humanidade e que são o fruto da maldição lançada no Éden contra uma raça herdeira do pecado!...

Olhos hermèticamente fechados à luz, ouvidos para sempre obturados, lábios emudecidos, rostos deformados por lupus e cancros, braços e pernas atrofiadas, pulmões a desfazerem-se em sangue e pús, carne e ossos carcomidos pela lepra, corpos paralizados, eis o vasto estendal, aliás incompleto, das grandes enfermidades e misérias que se viam naquela estância de dor e angústia e de que a pena mal pode dar uma pálida ideia.

A bênção já vai bastante adiantada. A multidão, impulsionada por uma fé viva e por uma piedade ardente, implora com veemência a compaixão do Senhor.

— Salvai-nos, Jesus, aliás pereceremos!

— Senhor, se quiserdes, podeis curar-me!

— Senhor, dizei uma só palavra e eu serei salvo!

— Jesus, Filho de Maria, tende piedade de nós.

A oração torna-se mais intensa e mais fervorosa. A confiança aumenta nos corações de todos, sãos e doentes.

Dir-se-ia que aquelas dezenas de milhar de almas, tomadas de santa audácia, resolveram fazer violência ao Coração de Deus e arrancar-lhe uma graça de milagre,..

— Ó Deus, vinde em nosso auxílio, vinde depressa socorrer-nos!

— Senhor, aquele a quem amais está doente!

— Senhor, fazei que eu veja!

— Senhor, fazei que eu ande!

— Senhor, fazei que eu oiça!

E o *Adoremus in aeternum*, o *Parce, Domine* e o *Monstra te esse matrem* interrompem, de espaço a espaço, as invocações, como se as cordas mais íntimas da alma se partissem súbitamente, soltando gemidos e soluços de dor.

A multidão volta-se agora para a Virgem bemdita e invoca, em preces veementes, a Divina Medianeira de tôdas as graças, que os Padres e Doutores chamam a *Omipotência suplicante* e a Santa Igreja proclama *Saúde dos enfermos* e *Mãe de misericórdia*.

E daquele templo imenso, que tem por pavimento a charneca árida e escalvada da Cova da Iria e por cúpula gigantesca a abóbada celeste coroada dos esplendores de astro-rei, sobem para as alturas novas invocações plenas de fé viva e repassadas da mais doce confiança filial.

— Raínha do Santíssimo Rosário, rogai por nós!

— Ó Maria consoladora dos aflitos, rogai por nós!

— Minha Mãe, Maria Santíssima, tende piedade de nós!

— Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dai-nos saúde por amor de Deus e para glória da Santíssima Trindade!

— Nossa Senhora do Rosário de Fátima, convertei os pecadores!

— Saúde dos enfermos, rogai por nós!

— Socorro dos doentes, rogai por nós!

— Nossa Senhora de Fátima, salvai-nos e salvai Portugal!

De repente, do meio da coorte inumerável dos enfermos, ao descer sôbre um grabato de dor a bênção de Jesus-Hóstia, sôa um grito de esperança e de júbilo, prontamente sufocado.

«Virgem Santíssima, fazei que seja esta a minha última dôr!»

Meia hora depois a doente que soltara êsse grito comparecia no Pôsto das verificações médicas, radiante de alegria e transbordando de reconhecimento.

Alí tinha entregado de manhã, ao ser inscrita, a declaração do médico assistente necessária para ser internada no Albergue durante a noite e admitida no recinto reservado aos enfermos na ocasião da missa oficial e da bênção eucarística.

Hospitalizada há catorze meses no hospital duma cidade importante da Beira-Baixa, minava-lhe o organismo já bastante combalido pela doença, a tuberculose pulmonar, de que sofreu durante dezanove meses. Nesse longo espaço de tempo, a febre oscilava entre 38 e 39.°5. Respirava com muita dificuldade e não podia despir-se sòsinha.

Na ocasião da bênção sentiu no peito uma pontada muito fina, como ela dizia, que era bastante freqüente e que nunca mais tornou a repetir-se.

Era-lhe quási impossível andar, tão falta de fôrças estava e tão grande era o incómodo que lhe causava a marcha.

Agora, graças a Deus e a sua Mãe Santíssima, já caminha de-pressa e sem custo, já respira com facilidade, já pode despir-se sem auxílio de ninguém, sentindo fôrças, apetite à comida e uma boa disposição física e moral.

O pai, que acompanha a feliz privilegiada da Virgem, exulta de alegria ao vêr sua filha curada da terrível doença que a teve às portas da morte e objecto das atenções dos peregrinos assombrados e comovidos perante uma manifestação bem patente do poder e da bondade da augusta Virgem do Santíssimo Rosário.

A excelsa Raínha de Fátima não podia deixar de assinalar com um traço inconfundível da sua ternura maternal o dia treze de Outubro do décimo quinto ano depois das aparições, o ano rosariano do Santuário Nacional de Fátima.

Bemdita seja ela, para sempre bemdita!

Um missionário peregrino

Entre os sacerdotes portugueses que no dia 13 de Outubro último visitaram o Santuário de Nossa Senhora de Fátima e assistiram aos actos litúrgicos que alí se realizaram com um brilho e uma imponência invulgares, merece por todos os títulos uma referência especial o rev.^do José Vicente do Sacramento, benemérito missionário da nossa importante colónia de Moçambique.

O ilustre e venerando sacerdote é, como se sabe, o autor da letra e da música do célebre hino popular, hoje conhecido em todo o Portugal e no mundo inteiro, que começa pelas palavras *Sôbre os braços da azinheira*.

Devotíssimo de Nossa Senhora de Fátima, acompanhou sempre, cheio de interêsse e santo entusiasmo, lá das longínquas plagas africanas, o movimento religioso de Fátima e por várias vezes contribuiu para o culto e obras com avultados donativos que a sua piedade aliada ao seu coração generoso o levavam a oferecer.

Depois de quarenta anos de trabalhos apostólicos nas regiões do ultramar, o rev.^do José Vicente do Sacramento, voltou pela segunda vez a Fátima e nesta ocasião com a demora que a sua devoção acrisolada há muito exigia.

Alí, aos pés da sagrada imagem da radiosa Visão de Lúcia de Jesus, naquele cantinho privilegiado da terra portuguesa, o fervoroso devoto de Maria — coração de ouro e alma de diamante — havia de sentir, mercê do seu temperamento de artista— mavioso poeta e músico inspirado — que o amor de Deus e da Virgem sublimou, impressões vivas e fortes, havia de experimentar sensações das mais altas e das mais puras, que os lábios humanos não sabem traduzir e que só o coração tocado pela graça divina, é capaz de compreender.

Que a branca e bela Raínha de Fátima haja por bem dispensar ao grande bemfeitor do seu Santuário, com a restauração da sua preciosa saúde abalada pelos rigores do clima africano, as melhores graças e as bênçãos mais preciosas e mais escolhidas do seu coração maternal!

Uma carta da Alemanha

Uma das senhoras que na Alemanha muito tem difundido o conhecimento das Aparições de Fátima e o culto da Santíssima Virgem é a Senhora Maria Grommes que escreveu ao rev.^do dr. Luís Fischer uma carta que recebeu em Portugal e da qual se reproduz aqui o seguinte excerto:

«Venho participar-lhe que estivemos em Munich, onde fizemos a vigéssima terceira conferência sôbre Fátima. Realisámos também a primeira conferência em Augsburgo na presença de trezentas senhoras.

É à Senhora Asain que se deve esta honra tributada a Nossa Senhora de Fátima.

A referida senhora levou em 13 de Setembro a sua linda imagem de Nossa Senhora de Fátima para Hobel onde o rev.^do Oblinger a colocou na sua igreja, sôbre um altar, fazendo, em seguida, uma prática a propósito das aparições de Fátima.

Disse que as mulheres de Lechhauser já há anos que vão todos os meses, no dia 13, a Kobel fazer a sua devoção a Nossa Senhora de Fátima.

A Senhora Asain vai oferecer para Kobel uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Voltei ontem de Rosenheim, onde a minha conferência sôbre Fátima teve um grande êxito. Ao regressar a casa, encontrei o seu lindo postal de Portugal. A v.ª rev.^da e a Sua Ex.^da Rev.^ma o Senhor Bispo de Leiria os meus mais sinceros agradecimentos».

Visconde de Montelo

Sermão no Santuário da Fátima, à Missa dos doentes no dia 13 de Outubro de 1932, e prègado pelo Rev.^do Dr. Luiz Fischer, alemão.

Louvado seja Jesus Cristo!

Nossa Senhora da Fátima, rogai por nós.

Ex.^mo e Rev.^mo Prelado:

Rev.^os Confrades:

Caros peregrinos:

Desde há muito que era meu desejo ardente voltar de novo em peregrinação a esta maravilhosa, a esta única e inolvidável Fátima onde, depois da minha primeira visita, em Maio de 1929, deixei impresso um pedaço do meu coração.

Dr. Ludvig Fischer, sua irmã Ilda Fischer, Elisabeth Geldner e Elisabeth Hoechner, de Munich-Alemanha.
Olímpia, mãe da Jacinta e Francisco Marto.
Maria, mãe da vidente Maria Lúcia de Jesus, hoje religiosa de Santa Dorotea.
Maria Filomena, servita, que serviu de madrinha, no Crisma, à Lúcia.

Se me apresento hoje diante de vós, como embaixador de milhares e milhares de veneradores de Nossa Senhora da Fátima em países de língua alemã, devo-o antes de tudo, ao amável convite e à nunca desmentida bondade de S. Ex.ª Rev.^ma o Senhor Bispo de Leiria, o «servo fiel e prudente que Nossa Senhora constituiu sôbre a sua família para dar a cada um, a seu tempo, a ração de trigo».

Por isso cumpre-me, em primeiro lugar, agradecer, de todo o meu coração, a S. Ex.ª Rev.^ma, o amável e hospitaleiro acolhimento que teve a bondade de dispensar-me.

Digne-se, pois a Virgem Maria recompensar o guarda e protector do seu Santuário cumulando-o de graças e bênçãos sem fim.

Os portugueses e a sua fidelidade a Jesus e o amor a Maria Santíssima

«Não era menor o desejo acalentado por mim, há muito, no mais íntimo do meu coração, de ter um dia o grato ensejo de dirigir algumas palavras aos piedosos peregrinos da Fátima, a-fim-de agradecer a êste bom e sincero povo o sublime exemplo de fé e piedade, de espírito de penitência e de caridade, de fidelidade a Jesus e de amor a Maria que os meus compatriótas, e com razão, tanto têm admirado por ocasião das minhas conferências.

Mas como poderia eu ousar, meus caros peregrinos, falar-vos na bela língua de Camões e de Vieira, com algumas semanas de permanência neste lindo país?

Foi, mais uma vez, S. Ex.ª Rev.^ma o Senhor Bispo de Leiria que me animou a subir a êste púlpito confiado na bondade maternal de Maria.

Agradeço-o, em segundo lugar, ao amável representante da língua alemã na Cúria Episcopal de Leiria, Rev. dr. Sebastião da Costa Brites, o brilhante tradutor dos meus livros sôbre Fátima, que deu às minhas pobres palavras a linda forma portuguesa.

Para os êrros de pronúncia que vier a cometer e para aqueles que já cometi, antecipadamente vos peço perdão. Boa vontade não me falta e o resto será suprido pela vossa benevolência.

Depois o orador diz:

— «Em 1929, ao regressar de Fátima com o coração a transbordar de alegria e felicidade por me ter sido dado o altíssimo prazer de ajoelhar aos pés de Nossa Senhora do Rosário, visitei um santo sacerdote, o padre Julio Joseph, que, na fronteira de três nações — da Alemanha, da França e da Suíça — era o guia e conselheiro de milhares e milhares de pessoas.

Este venerando ancião recebia, por ano cêrca de 15.000 cartas de pessoas de todos os estados e condições sociais e possuia não só o prestígio mas também os dons sobrenaturais do santo Cura d'Ars. Era, no dizer de Mons. Roberto Maeder, escritor católico de reputação mundial e grande venerador de Nossa Senhora de Fátima, o maior taumaturgo do século XX.

Quando aquele santo patriarca me olhou com uns olhos que penetravam até o fundo da alma para nela descobrirem os mais íntimos e reconditos mistérios, exclamou: «Senhor Professor, o Senhor bebeu numa boa fonte.» A fonte a que êle se referia era a fonte de graças de Nossa Senhora da Fátima.

Em tôda a parte onde Maria, de facto, aparece, brota sempre uma fonte. Essa fonte é o sinal externo e sensível daquela fonte invisível da graça com que Maria dessedenta os filhos seus quando estes, cheios de confiança e amor, se prostram a seus pés, «Haurite aquas in gaudio de fontibus matris».

Como vós sois felizes, caros peregrinos da «Terra de Santa Maria», por poderdes vir tão amiúde junto desta «boa fonte», onde Maria, dum modo muito especial, acorre, pressurosa em vosso auxílio.

Não resta sombra de dúvida: Vós sois os filhos queridos de Nossa Senhora da Fátima.

A vós pois, caros peregrinos, e a todos os portugueses, dum recanto ao outro de Portugal, desejaria eu dizer: vós bebestes numa «boa fonte».

Não é raro assediarem-me com a seguinte pergunta: porque razão é que Nossa Senhora apareceu em Portugal? Porque não teria ela antes aparecido no centro do Europa, num lugar fàcilmente acessível a todos?

A tais perguntas costumo eu responder:

É uma verdade de fé e da experiencia quotidiana que cada individuo tem a sua vocação especial. A vocação é aquele lugar, aquela esfera de acção que Deus atribui a cada um para o decurso da sua vida mortal. Feliz, pois daquele que é fiel à sua vocação. Esse cumpre à risca aquela súplica do Padre Nosso, «seja feita a vossa vontade».

Tem havido sempre, mas especialmente nos nossos dias, criaturas infelicíssimas por não quererem abraçar ou por não corresponderem à vocação para que Deus as destinou. Assim como os indivíduos, teem também as nações a sua vocação. E isto uma verdade da história. E senão vejamos:

Ao vocações das nações segundo a vontade de Deus

«Ao império Romano, que no tempo do nascimento de Cristo vivia em paz, outorgara Deus a vocação de aplanar o caminho do Evangelho. Porém, quando, mais tarde, o paganismo do Estado se opoz, com tôdas as suas fôrças, à difusão do crisitianismo nascente, chamou Deus, lá do norte, as tribus germanicas que, nas suas emigrações, aniquilaram o Império, preparando assim o caminho à livre expansão do cristianismo. Sôbre as ruinas das emigrações dos povos edificou depois a Igreja a idade média católica.

Na idade média, tinha o povo alemão a vocação do império. O Santo Império Romano da Nação Alemã presidia ao equilíbrio católico dos povos de então. Na Catedral de Bamberg está sepultado o Imperador Henrique, o mais nobre representante desta monarquia católica-romana.

Na idade média, tinha o povo italiano, duma maneira eminente, a vocação do sacerdocio. Roma incarnava nesta época a ideia do sacerdócio abrasado na ansia de anunciar a verdade aos povos.

Na idade média, tinha o povo francês a vocação da ciência. A Universidade de Paris foi, durante séculos, o empório da ciência católica. Era dali que as luzes do Catolicismo irradiavam para todo o mundo.

Também as duas nobres nações da península Ibérica — Portugal e Espanha — tiveram na idade média, a sua vocação especial que lhes fôra outorgada por Deus.

A sua vocação era a de Cruzados e Cavaleiros de Cristo. Causa assombro como êstes dois povos, numa cruzada de mais de 800 anos, foram, em duros prélios conquistando, palmo a palmo, terreno aos mouros, até os expulsarem da península.

— «É um designio da Providência o estarmos aqui, em Fátima, sôbre um terreno onde, a pequena distancia, se desenrolaram os feitos mais heroicos da história de Portugal. O Céu colocou Fátima precisamente no centro dos monumentos nacionais deste povo, como o sol no meio dos planetas.

Não devia haver um só português que fechasse os olhos a esta consoladora realidade.

Aqui, sôbre êste chão bemdito, saudam-vos as sombras dos cavaleiros de Cristo, de Tomar, os mais nobres e lidimos representantes dos portugueses da idade média.

Aqui, a dois passos, evoca-nos a Batalha uma vitória de Maria — uma vitória que demonstra a superioridade da fé sôbre a força numérica e material.

Aqui, através destes sêrros, passou outrora o Santo Condestável, Nuno Alvares Pereira, herói máximo da vossa epopeia e precursor dos portugueses no caminho das missões e dos descobrimentos marítimos.

Principia então uma grande e gloriosa época para o povo português—a sua segunda vocação. Esta segunda vocação consiste em levar o nome de Cristo através dos mares e dos continentes até os confins do orbe. Pela segunda vez ganha êste povo a cruz vermelha do seu escudo de armas.

O período dos descobrimentos é, simultaneamente, o período áureo das missões.

A êste, seguiu-se infelizmente para o povo português, um período sombrio que vai do meado do século XVIII até o século XX. Nomes não citarei, porque êste lugar é sagrado de mais para os pronunciar aqui. É o tempo do absolutismo. Manieta o clero com indignas algémas e ainda por cima o censura por não possuir aquela maleabilidade que lhe era necessária como mestre educador do povo. É o tempo do pseudo liberalismo em que os grandes santuários nacionais da Batalha e Alcobaça, e, com estes, inúmeros outros, foram convertidos em desoladoras ruínas.

A Itália já hoje reconhece que a Cartuxa de Pavia é, sem monges, um corpo sem alma.

A França começa também a reconhecer que a grande Chartreuse é, sem monges, uma mancha negra no manto de arminho da sua cultura.

O Portugal de hoje, tolerante e progressivo, ha-de decerto, apressar-se também a festejar o centenário da extinção das ordens religiosas, em 1934, dando, de novo, alma aos seus santuários nacionais da Batalha e Alcobaça.

Fátima é uma nova época na história de Portugal

«A aurora de 13 de Maio de 1917 sobe de novo no horizonte e com ela uma nova luz irradia sôbre Portugal. Seis vezes brilhou essa luz neste bendito local, e faz hoje precisamente 15 anos que o fulgor dessa luz foi tão intenso que ofuscou a do próprio sol.

«Quem é esta que vem raiando como a nascente aurora, formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército ordenado em linha de batalha?»

É Maria, a rainha do Rosário.

Portugueses, ouvi! Ouvi, dum recanto ao outro de Portugal, o que vos diz um estranjeiro, um que não é vosso:

Com o ano de 1917 começa uma nova época na história de Portugal. Eu não sou profeta nem preciso sê-lo ao dizer: Com o ano de 1917 principia uma nova vocação principia a terceira vocação de Portugal. A bandeira de Maria foi desfraldada na pátria portuguesa. O seu reino, que os santos dos últimos séculos tão saudosamente predisseram, terá, em Fátima, o seu quartel general.

Supondes, talvez, que exagero? Pois bem, irei provar que não.

A Igreja diz, de Maria, que ela é *«terribilis ut castrorum acies ordinata»* — que ela é terrível como um exército ordenado em linha de batalha. Sim, Maria é terrível não para seus filhos, mas para os seus inimigos.

O Inferno previu que, da Fatima, o havia de ameaçar um perigo, que Fátima havia de ser o acampamento onde a rainha do Rosário concentraria os combatentes em prol do seu reino. Por isso, o inferno se aliou, presto, aos inimigos da Igreja e principiou então aquele terrível combate contra o Santuário que ainda está na memória de todos, sobretudo dos mais velhos.

A Igreja chama a Maria *«aurora consurgens.»* Quando raia a aurora dissipam-se as trevas, onde Maria poisa os seus bemditos pés, é mister que o pecado ceda. Ora é isso que vemos em Fatima.

Como são admiráveis as conversões aqui operadas! Como são frutuosos os exercícios espirituais aqui realizados!!

Que quererá Maria com estas extraordinárias manifestações de graça?

Maria quere, em primeiro lugar, santificar-vos, meus caros peregrinos, para que leveis de Fátima o seu reino impresso nos vossos corações, o implanteis nas vossas famílias, o transmitais ao vosso próximo e o torneis amado e respeitado no campo, na fábrica e na oficina.

Fatima, é hoje, a aurora da vossa Patria, mas Maria projecta para ela coisas mais assombradas ainda.

A Igreja chama a Maria *«pulchra ut luna»* — formosa como a lua por causa da sua suavidade e doçura. Esta suave e meiga luz é o símbolo da doçura e bondade de Maria.

—No dia da minha chegada a Portugal, ao percorrer, em hábitos talares, as ruas de Lisboa fui, por diversas vezes, insultado duma forma tão extraordinária e insolita como jámais me aconteceu no decurso dos meus 18 anos de sacerdócio, tendo-me acontecido o mesmo ùltimamente em Pombal. Provàvelmente fui tomado, por êsses infelises, por algum jesuita espanhol. Não era esta, decerto, a linguagem de Maria. Maria detesta ódios, abomina paixões. A honra e o bom nome da vossa Pátria não estão naqueles que ensinam o povo a destruir Igrejas e a insultar sacerdotes; a honra e o bom nome da vossa Pátria estão nos vossos bispos e nos vossos sacerdotes que ensinam o povo a ver na Igreja e nos seus ministros os guardas das verdades eternas a os dispensadores da vida divina.

Temos que resar e trabalhar ainda muito até que, em todo o Portugal, brilhe aquela suave e meiga luz que irradia do coração de Maria e que cura as feridas que as passadas décadas abriram no coração do povo.

A divina mensagem da Fátima espalhou-se por todo o mundo, da India à China, da América à África

A Igreja chama a Maria *«electa ut sole»* — brilhante como o sol. Apenas quinze anos são decorridos depois da aparição de N. Senhora e já hoje a divina mensagem de Fátima se espalhou por todo o mundo, da India à China, da América à Africa.

Sabeis o que nos outros países se diz hoje da vossa Pátria? É o seguinte: «Louvado seja Deus, que já se ouvem coisas consoladoras de Portugal! Até aqui só se ouvia falar em regicidios, revoluções, disturbios e perseguições».

O brilho celestial de Nossa Senhora da Fátima inunda a vossa Pátria.

E para terminar permiti, meus caros peregrinos, que vos agradeça do fundo do coração a vós e a todos aqueles que até hoje têm vindo em peregrinação a Fátima, pelo exemplo altamente consolador que nos dais.

Desejo ainda agradecer-vos em nome de milhares e milhares de ouvintes meus na Alemanha, na Austria, na Suiça e na Checo-Eslovaquia.

Quando eu lhes falo no espírito de penitência das camponesas de Portugal e nas suas fatigantes caminhadas, a pé, até à Fátima; quando lhes falo na caridade dos Servos e Servas de Nossa Senhora para com os pobres doentinhos; quando lhes falo na humildade de alguns peregrinos que, rastejando pelo chão, envoltos em nuvens de pó, se encaminham de joelhos para a capelinha das aparições; quando lhes falo do fervor na recepção da S. Eucaristia; quando lhes falo da perseverança durante a adoração nocturna; quando, finalmente, lhes falo das procissões triunfais com a Imagem de Nossa Senhora, ficam profundamente edificados, comovem-se até às lágrimas e admiram esta fé ardente, êste entusiástico amor a Maria, do bom e piedoso povo português.

E, todavia, êste vosso nobre exemplo, que projecta ondas de luz sôbre o vosso Portugal, não passa ainda duma infima parcela dos óptimos frutos que, ainda um dia, hão-de vir a ser produzidos pela árvore frondosa e gigantesca plantada aqui por Maria.

Ninguém, ainda que se trate do maior e mais profundo místico, é capaz de prever ou calcular os frutos de graça destinados por Maria a esta árvore.

De ano para ano se irá vendo, mais claramente, que Fátima é o ponto de partida duma nova missão mariana, em Portugal.

Ainda mais uma palavra, meus caros peregrinos: Não deixeis arrefecer o vosso entusiásmo na difusão do reino de Maria por causa do desdem e mofa dos inimigos da Igreja.

Maria, esta boa Mãi, recompensa sempre com amor inegualável o mais pequeno obséquio que se preste a seu divino Filho na propaganda do seu reino que, aliás, é também o seu.

Fátima — caminho para Jesus pela mão de Maria Santíssima

O caminho directo para Jesus é pela mão de Maria.

Que venha a Fátima quem o não acreditar.

Fátima, com os seus milhares de comunhões, com as suas noites Eucarísticas, com as suas grandiosas peregrinações, com a sua comovente bênção dos doentes, é uma formidável resposta a todos aqueles que receiam que Jesus fique diminuído honrando-se sua Mãe Santíssima.

Terminando:

—«Caros peregrinos, também na minha pátria se trava hoje uma luta tremenda. Fundámos por isso, há dez anos, em Bamberg, a cidade do santo imperador Henrique, a Ordem dos Cavaleiros de Maria.

O seu fim é a renovação espiritual da nossa pátria. A pátria é um dom de Deus e o amor da pátria uma virtude cristã. A nossa linda divisa é: Maria vence!

Que admirável divisa para vós também, homens e jóvens de Portugal!

Assim como, daqui, deste chão abençoado, partiram, outrora, os cavaleiros de Cristo para combater o bom combate, parti vós hoje também, caros peregrinos de Fátima, não para conquistardes novos países mas para conquistardes almas imortais para Cristo-Rei e para Maria sua Mãe. Maria vence!»

FÁTIMA NA ITÁLIA

13 de Setembro.

O firmamento apresentou-se logo de manhã triste e nublado, conservando sempre até à noite o seu sobrecènho carregado e ameaçador. Todavia, durante o dia inteiro, nem uma gôta de chuva orvalhou a terra.

Acabavam de soar, nos sinos da igreja de S. Jerónimo, compassadas e graves, as badaladas que anunciavam as 6 1/2 horas. Ia começar o primeiro turno de missas que será seguido de mais três.

Por tôda a extensão da estrada, que da cidade de Gubbio, serpeia o monte de S. Jerónimo, numerosos peregrinos caminham vagarosamente, imersos na contemplação da dolorosa paixão de Jesus, representada ao longo da íngreme subida.

A igreja está já quási cheia. Ouvem-se suaves rumores que, a pouco e pouco, vão aumentando, distinguindo-se finalmente as maviosas palavras da Saudação Angélica. E um grupo de senhoras que em piedosa romagem vêm tributar à Virgem de Fátima os seus louvores. À frente vem um lindo estandarte representando a Senhora de Fátima com os pastorinhos.

São já sete horas. Vai começar a missa da Comunhão Geral. Sobe ao altar a celebrar o Santo Sacrifício Sua Rev.cia o Snr. P.e Luís Gonzaga da Fonseca, ilustre lente do Instituto Bíblico em Roma.

Continua-se o Rosário iniciado pelas piedosas senhoras ao transporem a última porta da cidade. Inesperadamente, tôda a assistência emudece.

Acabava S. Rev.cia de lêr o santo Evangelho e ia agora falar.

Começa por recordar como, no entusiásmo ardente da sua fé viva e no fervor intenso da sua devoção acrisolada, a diocese privilegiada da Virgem em piedosa romagem, comemorou no mês de Agôsto p. p. os maravilhosos sucessos de 1917, precipitando-se em torrentes caudalosas sôbre os páramos áridos e escalvados da serra d'Aire.

Foi assim que à mesma hora em que nós comemorávamos aqui a 4.ª aparição da Virgem, lá, na Cova da Iria, em comunhão de afecto, numa grandiosa e magnífica apoteose à Augusta Rainha dos Anjos, dezenas de milhar de almas, vindas de todos os recantos do país, como um exército que obedece à ordem de comando, recebiam a Jesus na mais íntima apoteose eucarística, rezavam cantando e cantavam chorando.

Passa depois o ilustre orador a descrever em breves traços a 5.ª aparição.

Exorta-nos a gravar no coração as lições que a celeste Senhora nos dava: a perseverança na recitação do rosário para obter a cessação da guerra. Sim, é preciso orar ainda hoje e talvez mais do que nunca, para que a Virgem de Fátima atraia sôbre nós as bênçãos celestes e afaste tantos males que ameaçam a sociedade moderna, que loucamente desprezou e expulsou do seu seio o Creador, entregando-se a si mesma. Vamos a Maria, saüdemo-La com as palavras com que o Arcanjo S. Gabriel se desempenhou da sua divina missão e Ela virá em socorro da humanidade que cegamente caminha para o abismo: Avé Maria cheia de graça!

Eis a oração mais bela, a oração por excelência, que podemos dirigir à nossa Mãe Celeste.

Finalmente, S. Rev.cia termina parafraseando o Padre nosso, a oração das orações que podemos fazer a Nosso Senhor, não só por têr sido ensinada pelo próprio Filho de Deus, mas porque nela está contido tudo o que desejamos, quer para a vida espiritual, quer mesmo para a temporal.

Nela, Jesus nos ensina que Deus é nosso pai — e que bondoso pai — sempre pronto a satisfazer aos nossos pedidos; a tributar os louvores, de que somos devedores a Deus;—a pedir o pão cotidiano: não apenas o pão material mas principalmente o pão eucarístico, para alimento das nossas almas, para que com o seu auxílio e graça não caiamos nas ciladas que continuamente o mundo, demónio e a própria carne nos armam. Finalmente, Jesus ensina-nos a pedir a Deus que nos livre de todo o mal e nos conceda todos os bens. Oração esta, a mais sublime, a mais bela de todas as orações. É Jesus quem no-la ensina, e é Maria quem no-la recomenda ao falar aos pastorinhos de Aljustrel. Ofereçamos a Maria a linda coroa de cento e cincoenta cândidas rosas, marchetadas de outras quinze rosas purpúreas, representadas pelos quinze Padre Nossos, nos quais se comemoram os merecimentos de Jesus; presente êste, sem dúvida, agradável à Augusta Rainha do Céu como está provado pelas múltiplas aparições e ultimamente pelas de Fátima. Maria Santíssima apresentará as nossas homenagens a Jesus seu divino Filho e virá Ela mesma a preparar os nossos corações, para, dentro em breve, nos podermos, menos indignamente, avizinhar do Santo Tabernáculo, onde, com seu paternal amor, Jesus nos espera dia e noite e a cada instante. Vamos a Jesus por Maria. O seu Coração e o de Jesus estão unidos que o dela é o reflexo do de Jesus. É pois necessário que quem quere ir a Jesus vá a Maria.

—Continua-se a recitação do terço, agora com mais devoção, amor e esperança, na expectativa de que serão atendidas as súplicas, pois que todos aqueles que escutaram a voz celeste e ofereceram preces ardentes à Virgem de Fátima receberam graças.

Chega finalmente a hora em que Jesus vai descer aos corações famintos e sequiosos do seu amor.

Emquanto o Rev.mo Celebrante destribui a Sagrada Comunhão, canta-se em italiano a incomparável melodia eucarística tantas vezes repetida nos páramos celestes da Cova da Iria:

Santos Anjos e Arcanjos
Vinde em nossa Companhia
Ajudai-nos a louvar
A Divina Eucaristia

Apesar de ser dia de trabalho, a igreja não esteve deserta nos dois turnos de Missas que seguiram à da Comunhão Geral. Terminou, finalmente, a última Missa e Jesus descera a repoisar em cerca de 85 corações amigos.

À tarde houve a recitação do terço e bênção solene com o SS. Sacramento, fechando-se assim com chave de oiro as comemorações da quinta audiência da Virgem aos vegentes de Fátima.

Oxalá a Virgem da Fátima continue do seu trono verdejante, erguido na mais linda e mística região de Itália, a atrair a si os engubinos e a jorrar as copiosas bênçãos do seu materno coração.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Agradecimento

José da Silva Santos, ajudante do Oficial do Registo Civil na freguesia de S. Mamede da Serra, Concelho da Batalha, vem por êste meio prestar público testemunho de agradecimento a Nossa Senhora da Fátima.

Estando em abril passado completamente desenganado dos médicos que o trataram e o consideraram inteiramente perdido — o que mais tarde tenciona provar com os respectivos atestados, se lhe forem passados,—e a tal ponto que, para se avaliar a gravidade da sua doença, se pode citar, entre outras, esta frase de um dos seus médicos mais assistentes, dita a um seu irmão: *«Então que quere, o seu irmão tem o coração pôdre!»* recorreu a Nossa Senhora da Fátima.

Acabando de tomar um medicamento que em último recurso lhe foi receitado, com a mais rigorosa prescrição de que nessa noite e dia seguinte não tomasse o quer que fôsse depois do remédio, nem mesmo água, mandou a altas horas da noite—obrigado pelas securas que o dito medicamento lhe produziu e movido pela sua fé viva,—buscar água à Cova da Iria, resolvido a morrer com menos aflição. Durante largos dias e noites até ali não tinha tido posição nem alivio.

Enquanto o portador foi e veio, as Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus —Maria Fernandes de Oliveira e Diolinda da Silva — recitavam piedosamente o terço em volta do seu leito, e rogavam mais com lágrimas do que com palavras, a protecção de Nossa Senhora em favor do moribundo. Ele mesmo, abraçado ao Crucifixo, e já várias vezes sacramentado, pedia com instancia a brevidade da morte.

Tinha já disposto a sua vida e havia-se despedido de todos os conhecidos. Veio a água. Apenas a bebeu, sentiu-se aliviado.

No dia seguinte, todos quantos o tinham visitado por vezes e que o consideravam no mundo apenas por horas, ficaram admirados. O mesmo aconteceu com os médicos.

Ainda hoje sofre, mas anda de pé e já foi à Cova da Iria, e também nunca pediu a Deus a cura completa, para, diz êle, se não esquecer que tem de morrer, mas sòmente que possa ir ver as suas propriedades.

Ainda hoje o povo exclama: «Como a gente o viu! Bemdito seja Deus que dos mortos faz vivos!»

S. Mamede 13 de Julho de 1932

P.e José da Cunha Gomes

Doença no figado

Havia mais de quatro meses que sofria uma doença grave, que os médicos diziam ser doença de figado e com sintomas de gravidade. Tomava diversos medicamentos, mas não sentia melhoras algumas. No dia 20 de Março tive uma crise gravíssima seguida de vómitos de matérias escuras.

Acalmados os vómitos recebi os Sacramentos e despedi-me dos meus, pois julgava-me na hora da partida para a eternidade. Restava-me, porém, ainda a confiança em Nossa Senhora da Fátima; e então, com minha família, recorremos a Ela com viva fé. Minutos depois adormeci, o que já não fazia há muitos dias. Durmo durante algumas horas e, graças a Nossa Senhora, acordo já sem dôres. Passaram-se já alguns meses de então até agora sem que as dôres me tenham causado o menor incómodo.

Apesar dos meus 84 anos, faço ainda alguma coisa na minha oficina de marceneiro, sendo o meu primeiro trabalho um quadro para Nossa Senhora de Fátima. Agora, reconhecidíssimo, venho manifestar a minha gratidão a tão carinhosa Mãe por me ter tirado tão graves sofrimentos que quási não podia suportar.

Algarve.

Manuel Miguel

Confirmo o que acima se diz. O Pároco — *P.e Gabriel Duarte Martins*

Doença de rins

Sofrendo há meses uma dôr de rins que me perseguia havia uma porção de tempo, em uma noite, quando ela mais me afligia por ser mais intensa do que nunca, lembrei-me de recorrer à Virgem Mãe—Senhora da Fátima implorando-lhe a minha cura com a promessa da publicação da mesma na *Voz da Fátima*. Oh! favôr da minha Mãe! desde a manhã seguinte, ao levantar-me, não mais senti dôr alguma em meus rins.

Carlos da Rosa, — Shangai — China

Fraquesa geral

Valentina do Nascimento Catarina, de Ferreira—Macedo de Cavaleiros, diz, em carta, o seguinte:

«Valentina do Nascimento Catarina, adoeceu gravemente com fraqueza geral. Esteve assim durante três meses, não recorrendo a médicos por falta de recursos. Recorreu, porém, a Nossa Senhora da Fátima, prometendo, se melhorasse, pedir uma esmola para o Santuário. Graças à Virgem Santíssima, dentro em pouco estava restabelecida, com fôrça como dantes, bom apetite e com fôrças para trabalhar. Aqui fica esta declaração e junto com ela o meu agradecimento a Nossa Senhora».

Valentina do Nascimento Catarina

Doença nervosa

Um dos meus filhos sofria duma doença nervosa que lhe causava umas aflições tão grande que, por vezes, parecia estar à morte. Numa dessas aflições violentas voltei-me para Nossa Senhora da Fátima e prometi-lhe, se meu filho obtivesse a cura do seu mal, irmos ambos agradecer a graça a Nossa Senhora da Fátima publicando no seu jornal o favor recebido.

A Mãe do Céu atendeu-nos, curando meu filho, graça que já lhe fomos agradecer há dois anos no seu Santuário da Fátima, agradecendo-lha hoje publicamente por meio do seu jornalzinho.

Estombar — Algarve

Teresa Julia Varela Vieira

Tuberculose

Em Março, a minha única filhinha de 21 meses, adoeceu gravemente com uma *pneumonia* e *interite sêca*. Comecei a tratar dela o melhor possível segundo as indicações do médico, mas a criança parecia-me cada vez pior.

Passados oito dias, os dois médicos do concelho—Drs. Henrique Souto e Licinio de Abreu Freire, de novo auscultaram a doente, afirmando, depois do exame, que se tratava de uma *tuberculose* na espinha, cuja cura julgavam impossível. Vendo a minha dôr, uma pessoa minha amiga e vizinha ofereceu-me um copo de água da Fátima para que minha filha a bebesse se fôsse possível.

Antes de lha dar pedi a Nossa Senhora da Fátima, com a maior fé e confiança com que fui capaz, a cura da minha pobre doente, prometendo ir a Fátima agradecer a Nossa Senhora e publicar o favôr no jornalzinho de Nossa Senhora. Fiz estas orações e esta promessa de manhã, começando a dar-lhe a água na tarde do mesmo dia. No dia seguinte voltaram os dois médicos, examinaram novamente a doente, e, com grande espanto seu, encontram-na muito melhor dizendo-me em seguida:—«sua filha ressuscitou!»

Contei-lhe então o que se passou, e êles, que são bons cristãos, declararam haver ali um auxílio sobrenatural, sem o qual a doente não poderia ter recuperado tão depressa a saúde tão estragada ainda na véspera.

Hoje, minha filha, encontra-se de perfeita saúde. Já fomos a Fátima agradecer a Nossa Senhora o favôr que nos alcançou, e agora peço o favor de tornar público esta tão grande graça de que me confesso devedora a Nossa Senhora da Fátima

Salreu — Estarreja

Ana Marques da Silva

Úlcera na estômago

Durante todo o ano de 1929 o meu marido sofreu horrivelmente. Os médi-

cos, após maduros exames, deram com a causa do seu mal:—era uma úlcera no estômago. Aflita e quási desesperada ao ter conhecimento do grave mal do meu marido, num último esfôrço, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima, cheia de confiança na sua bondade e na fôrça de sua intercessão junto de Deus em favôr de todos os que sofrem.

A Mãe do Céu ouviu os nossos rogos e alcançou-nos o que desejavamos obter. Hoje meu marido encontra-se perfeitamente curado, graça que devemos sòmente a Nossa Senhora da Fátima.

R. do Nogueira, 127 — Porto.

Natividade de Jesus Pereira

Graças diversas

— Maria A. Souto, da América, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de sua filha Ana, que sofria atrozmente com uma inflamação nos intestinos, mal que os médicos diziam não conseguir curar.

— Mariana de Mendonça, de Arruda dos Vinhos, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal.

— Raimundo António de Macedo, de Alvarães, Viana do Castelo, agradece a Nossa Senhora uma graça particular para si de grande importância.

— Manuel de Oliveira, da América do Norte, gradece a cura de seu filho João, que durante muito tempo sofreu de tal maneira que nem descansava um momento nem deixava descansar pessoa alguma da casa. Fizemos uma novena a Nossa Senhora da Fátima no fim da qual se começou a sentir melhor. Agora, diz, encontra-se completamente bem.

— José Tomás de Freitas Júnior, de Morros das Lages — Açores, agradece a N.ª Senhora a cura de uma sua filha que sofria muito da garganta. Depois de vários medicamentos inúteis tomou água da Fátima e obteve a saúde desejada.

— Mrs. Poggi, da Califórnia, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado sua filha Anita com a água do Santuário da Fátima.

— Maria José Lourenço, de Vilar Formoso, agradece a Nossa Senhora diversas graças particulares que dela tem alcançado.

— Margarida da Conceição, de Lisboa, agradece a cura de seu Pai, que, sofrendo do coração, estava desenganado pelos médicos. Em duas crises que teve julgaram-no já morto. Reanimou-se, contudo, e, com o auxílio de Nossa Senhora da Fátima, agora consideram-no curado.

— Luciana Joaquina de Jesus, de Arouca, agradece a Nossa Senhora a cura de seu marido, forte e frequentemente atormentado por violentas e insuportáveis cólicas.

— Maria das Dores Pessanha, de Lagôa, Algarve, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura duma infecção num dedo e que muito a afligiu.

— Tereza Júlia Varela Vieira, de Braga, agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual.

— Margarida Maria Varela, de Braga, agradece a Nossa Senhora da Fátima a conversão duma pessoa de família.

— A directora do Colégio da Pena, Sintra, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal feita às alunas do seu colégio.

— Maria da Conceição Matias Lima, do Carapinhal, agradece a Nossa Senhora da Fátima o tê-la curado duma cólica renal que frequentemente a atormentava.

— Elisa Pessoa de Lacerda, do Recife, Brasil, agradece a Nossa Senhora uma graça muito importante concedida a sua filha Maria das Dores, que Deus acaba de chamar para si.

• • •

Graças de N.ª Senhora da Fátima no Brasil

1.ª — Um paralítico, vendo-se condenado a passar o resto dos seus dias prêso ao leito, recorreu a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena em sua honra e tomando com fé umas gotas da água do seu Santuário. As melhoras vieram ràpidamente, favôr que vem publicamente agradecer.

2.ª — Levada pelo desespêro, uma pobre senhora lembrou-se de ingerir um pouco de veneno para se suicidar. Uma outra senhora, zelosa propagandista de Nossa Senhora da Fátima, ficou profundamente contristada ao saber o infortúnio da suicida que o médico julgava irremediàvelmente perdida. Veiu-lhe à *lembrança levar-lhe umas gotinhas da* água da Fátima, mas, receando não dar bom exemplo, ficou pedindo a N.ª Senhora da Fátima que, ou livrasse da morte ou, pelo menos, não permitisse que a infeliz criatura não morresse sem ter arrependimento do seu pecado e ter dado reparação ao escândalo por si causado.

Enquanto assim rezava alguém lhe bateu à porta pedindo um pouco de água da Fátima. A infeliz já quási a expirar bebeu essa água, e, graças à Mãe do Céu, o veneno não sentiu o efeito que era de esperar.

3.ª — Luísa Cavalcanti Marinha agradece enternecidamente uma graça a Nossa Senhora da Fátima.

4.ª — Família Amiga vivia em grande angústia por desgostos causados por uma filha. Recomendou-se o caso a Nossa Senhora da Fátima e desapareceu imediatamente a causa do desgôsto.

5.ª — Celina Guedes de Barros vem penhorada agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma grande graça alcançada em favor do seu marido José Francisco de Barros, mediante uma novena feita em honra da mesma Senhora.

6.ª — Guiomar de Melo Serpa, agradece a N.ª Senhora da Fátima uma graça particular.

Colégio Nobrega — Brasil.

P.e Manuel de Azevedo Mendes

A pobreza é digna de compaixão

e por isso a «Voz da Fátima», já com alguns contos de *déficit*, pede os seguintes favores:

1.º que levem só um jornal para cada casa.

2.º que mudem de direcção o menor número de vezes possível.

3.º que enviem sempre o número da assinatura quando for necessário fazer-se qualquer mudança nas direcções.

4.º que auxiliem as grandes despezas dêste jornal com suas generosas esmolas.

Oratória da Fátima

Entre as obras publicadas à roda da Fátima, ocupa, sem dúvida, pelo seu caracter e pelo seu valôr, um lugar primacial o livro ha pouco saído a lume sob o nome de «Oratória da Fátima».

É com o maior prazer que vimos hoje dar aos nossos leitores a agradável notícia do aparecimento dum livro pelo qual havia a mais justa expectativa.

Foi no dia 13, décimo quinto aniversário da última aparição de Nossa Senhora na Fátima, que o livro foi posto à venda.

A edição da casa alemã Breitkopf e esmeradissima.

Do valor intrinseco da obra está dito tudo pelo público que, em sucessivas exibições, encheu por completo o teatro de S. Carlos em Lisboa e o do S. João no Porto, onde a Oratória foi por várias vezes executada. A culta assistência que a escutou desde a estreia, levantando-se em exclamações entusiásticas aos dois ilustres autores, deu bem a entender quanto a Oratória agradou e se impôs no ânimo de todos os portugueses dotados de critério são e indiferente.

Mas, porque apelar para os sentimentos dos ouvintes e opinião dos críticos?!

Bastava olhar para os dois nomes que a assinam para sabermos de antemão do seu grande e indiscutível valor. Os merecimentos e a obra realizada de um e outro são penhor de que atendendo às suas responsabilidades produziriam obra que de cada vez mais os firmasse.

Passando a uma sumarissima analise da obra diremos apenas que na letra, simples como o canto do serrano pegureiro, se vê estilizada a carinhosa devoção e o apaixonado culto de beleza que não passa, da alma do Sr. Dr. Lopes Vieira. É na verdade uma pequena obra prima, se é que as obras primas teem tamanho.

Da parte musical do Maestro Ruy Coelho, àlém duma perfeita adaptação ao teatro e interpretação dos sentimentos nela expressos, devemos notar como, sobretudo os córos, são uma admirável explosão da alma portuguesa que o autor tão formosamente soube compreender.

É de esperar, portanto, que a edição (muito restricta) dentro em pouco esteja esgotada, sendo adquirida por tantas pessoas que nem sempre teem para o seu piano ou para os seus orfeões músicas sérias.

A parte musical contém as vozes com acompanhamento para harmonium ou piano.

A letra é em português com tradução francesa de M.me Guite de Sousa Lopes.

O preço é de 40$00 escudos.

Será remetido franco de porte a quem, enviando esta importância, o pedir ao Santuário ou à administração da *Voz da Fátima*.

É BOM

não esquecer que quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	356.599$77
Papel, Comp. e imp. do n.º 121 (85.000 ex). ...	5.056$40
Franquias, embal. transportes etc.	1.985$00
Na administração	210$00
Total	363.851$17

Donativos desde 15$00

Leopoldina Curado—Obidos, 25$00; Club Lusitano — Hongkong, 20$00; Manuel A. Mateus — Maíra, 60$00; António Ferro — Pernes, 20$00; António Carreira — S. Martinho do Porto, 20$00; Quintino de Gouveia — Madeira, 20$00; M.ª do C. Pires — Fôrto, 20$00; José P.ª Loureiro — Castanheira, 15$00; P.e Júlio Cesar—Pôrto, 20$00; Elisa Ogando—Lisboa, 20$00; António X. Falcão—Arcos de V. de Vez, 20$00; M.el D. Lage—Arruda dos Vinhos, 20$00; António D. Andrade — América, 30$00; Luisa Leão — Lousada, 15$00; Aida Ferraz —Palhaça, 53$00; Leopoldina Ferreira — Palhaça, 50$00; Carmina Vieira — Palhaça; 58$00; Rita Pimentel —Taipas, 20$00; Júlio de Assis — Macau, 100$00; Artur Borges — Macau, 100$00; Teotónia Pamplona — Açôres, 20$00; Margarida Medeiros— Açôres, 20$00; Manuel Alfaiate — Mouriscas, 20$00; Adriano Mendes — América, 60$00; Carlos Miranda — França, 18$20; Lucia Barata—França, 18$20; Matusalem Gomes — Gaia, 20$00 José Furtado —Açores, 20$00; Matilde de Almeida — Candal, 30$00; P.e António C. Poças — Lourinhã, 30$00; Joaquim da Guarita — Brazil, 15$00; Dionisio de Abreu — V. Figueira, 20$00; Distrib. em V. de Figueira e S. Vicente de Paúl, 120$00; Joaquim T. da Fonseca — Sabugal, 60$50; P.e Francisco de Assis—Cascais, 96$00, Amélia Brochado — Amarante, 20$00; Carolina Soares — Arcas, 20$00; Distrib. em Praia de Ancora, 15$80; Missão de Cabinda — Congo Português, 100$00; Distribuição em Freamunde, 362$50; Sanatório Rodrigues Semide —Porto, 32$50; Guilhermino Borges— Açôres, 50$00; Ermelinda C. Leite — América, 15$70; Leopoldina Moraes — América, 15$70; Júlia Bulcão — Califórnia, 43$00; Francisco de Carvalho— Baião, 15$00; Maria Lizardo—Coruche, 30$00; Beatriz Brandão—Porto, 50$00; Maria Osório — Penajoia, 50$00; Angela Taveira — Porto, 15$00; P.e Manuel Coutinho—Paços de Arcos, 50$00; Igreja de S. André—Extremôs, 110$00; Manuel Jordão — Carritos, 20$00; Augusto Lopes — Brazil, 15$00; Maria da G. Guedes — Lamego, 15$00; Maria da L. Napoles, 30$00; António Valente — Mafra, 15$00; António Canas —Mafra, 15$00; Maria Pereira—America, 150$00; Virginia L. Neto — Gavião, 15$00; Maria Perpetua — Gavião, 15$00; José Monteiro — Rochoso, 15$00; Igreja da Graça — Lisboa, 100$00; Francisco Duarte — Lisboa, 15$00; Tenente Alípio—Braga, 20$00; Henrique Fernandes — Setúbal, 20$00; Laurinda de Sousa—Gondomar, 35$00; Distrib. em Grijó, 100$00; Acácio Lopes — Junqueira, 20$00; Júlia Leitão —S. Miguel de Acha, 25$00; António de Carvalho — P. do Botão, 20$00; José da Silva — Costa do Valado, 20$00; P.e Daniel Roma — Aveiro, 35$00; Ermelinda da Gama—Chamusca, 20$00; António Alexandre—Ceia, 30$00; João Canavarro — Santarém, 20$00; Elvira de Sousa — Pedrouços, 70$00; Eugénia Núncio — Alcacer do Sal, 20$00; António de Melo — Guimarães, 15$00; Carlos Alberto — Vizeu, 15$00; Narcisa da Silveira — Porto, 15$00; M.ª da C. Russo — C. de Vide, 75$00; P.e Joaquim Grave — Arronches, 50$00; M.ª S. Bernardes — T. Vedras, 20$00; Maria Meireles — Baião, 20$00; P.e Franc.co C. Nunes — Setúbal, 100$00; Henriqueta da Fonseca — Santarém, 15$00; Maria Rita da Cunha — Tortuzelo, 20$00; M.ª de J. Pinto — Luz de Tavira, 15$00; Glória G. Grilo — Ernêlo, 20$00; Francisco Vicente — Vizeu, 25$00; M.ª Inês Vieira — Lisboa, 50$00; P.e Martinho P. da Rocha — T. Novas, 40$00; Ana da C. Sousa — Evora, 20$00; Júlio do Amaral — Chamusca, 20$00; Carlos A. Sarmento — Campolide, 25$00; Amancio dos Santos — Rio de Janeiro, 15$00; Ana Mac-Dowel — Rio de Janeiro, 15$00; Carmen de Castro — Rio de Janeiro, 15$00; Chiquita de Melo — Rio de Janeiro, 15$00; Djanira Coelho —Rio de Janeiro, 15$00; Elvira de Oliveira Silva —Rio de Janeiro, 15$00; Felicidade da Fonseca — Rio de Janeiro, 15$00; Inácia de Castro — Rio de Janeiro, 15$00; Superiora do Col.º de S. Izabel — Rio de Janeiro, 15$00; Maria Elotária — Rio de Janeiro, 15$00; M.ª de M. Ribeiro — Rio de Janeiro, 15$00; M.ª José Soares — Rio de Janeiro, 15$00; M.ª Dutra e Silva —Rio de Janeiro, 15$00; Erdras Viana—S. Paulo — Brazil, 15$00; Madame Encarnação — Lisboa, 20$00.

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Este belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiràvelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para êsse fim enviar 5$00 ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

Tende amor ao vosso terço

Não será porventura o terço, ou melhor, o rosário uma contínua e fiel recordação de Jesus? Não será êle Jesus meditado, Jesus contemplado?

Tôda a vida e mistérios de Jesus ali estão encerrados.

A alma ali contempla o Verbo de Deus, saído do seio do Pai, atravessando como um gigante o abismo que o separa da sua criatura culpável, aniquilando-se de amor por ela até morrer na Cruz, subindo depois ao Céu à direita do Pai, seguido do formidável cortêjo das almas resgatadas que permanecerão sempre na visão da Trindade e que são os gloriosos troféus do seu amor misericordioso.

O Rosário é Jesus contemplado à luz do Evangelho. É esta a razão porque êle leva tão alto e tão depressa aos cimos da Santidade, as almas que por meio dêle aprenderam a viver da lembrança de Jesus.

Uma Santa Germana, humilde pastora de Pibrac, não sabendo nem uma letra nunca teve outro livro senão o Rosário. Foi aqui que ela alcançou o seu profundo conhecimento das coisas divinas. Foi no Rosário que uma multidão de santos encontraram a ciência dos mistérios de Cristo.

Com S. Carlos Borromeu, todos o teem considerado como «a devoção mais divina depois do Sacrifício da Missa». A razão é simples. É que o Rosário é o Evangelho meditado e nada, depois da divina Eucaristia, nos faz tocar melhor Jesus que o Evangelho.

«Eu gostei sempre imenso das palavras do Evangelho, dizia Santa Teresa, porque elas recolhem a minha alma melhor que outra qualquer coisa por mais bem composta que seja».

Santa Teresinha do Menino Jesus fazia uma afirmação semelhante: «É sobretudo o Evangelho que me alimenta durante as minhas orações».

Fátima, o Paraíso na terra e A Pérola de Portugal,

são dois livros sôbre Fátima, pelo Sr. Visconde de Montelo, que pelo preço de 5$oo cada um se enviam do Santuário ou da Redacção da «Voz da Fátima», a quem os pedir e enviar a respectiva importância.

São interessantes, principalmente para quem não tem sido assinante da «Voz da Fátima».

DE CATEDRÁTICO A DOMINICANO

O professor Georges Renard, titular da cadeira de direito administrativo na Universidade de Nancy, cuja mulher morreu num desastre de automóvel, tinha-se decidido há já algum tempo, a abandonar a sua cátedra de professor de ensino superior para entrar na Ordem de S. Domingos.

Com a idade de 56 anos, acaba, com efeito, de ser admitido ao noviciado dos Padres Dominicanos da Provincia de França, perto de Amiens.

Georges Renard, cuja mãe era sobrinha do antigo arcebispo de Paris, e cujo pai, advogado em Nancy, se apresentou várias vezes no Parlamento como representante do partido conservador, ocupou-se durante tôda a sua vida de acção social e de política.

Publicou numerosos artigos de revista e várias obras sôbre filosofia do direito, em que acentuou a actualidade em direito natural da doutrina de S. Tomás de Aquino.

O professor Renard que foi, durante muitos anos, conselheiro municipal de Nancy, nunca teve filhos.

O ilustre catedrático é ainda cunhado do professor Gény, deão honorário da Faculdade de Direito, e do rev. P.e Pedro Gény, S. J., e tio de Lexot, também professor na Faculdade de Direito.

Entre os seus numerosos cunhados e cunhadas, já falecidos, contavam-se ainda a antiga Superiora geral das Irmãzinhas dos Pobres, e o rev. P.e Paulo Gény, professor de filosofia na Universidade gregoriana, assassinado por um louco, numa rua de Roma, em 12 de Outubro de 1925.

A «mascotte» do doutor

Num quarto do hospital está há dias a D. Felisbela, recentemente operada. O Dr. Parral realizou nela um dos maiores prodígios da ciência médica.

D. Felisbela é viuva, nova ainda mas muito piedosa.

Antes da operação, D. Felisbela pediu que a empregada lhe trouxesse uma medalha de Nossa Senhora de Fátima.

O Dr. Parral, que era ateu, deu uma risadinha significativa e olhou de soslaio para os colegas.

— Acha graça, doutor (perguntou D. Felisbela)?

— Efectivamente não esperava que a senhora acreditasse nessas patacoadas dos Padres.

Uma senhora instruída e que tem viajado tanto, ainda prêsa a essas bagatelas!...

— Mais admirada estou eu que o doutor, homem de ciência, ignore que o retrato de uma pessoa amiga nos seja alívio nos momentos críticos da vida.

E, se não, diga-me, doutor, não leva no seu automóvel a imagem de S. Cristóvão, padroeiro dos chauffeurs?

— O que eu levo é uma boneca ou um macaquinho que me acompanha noite e dia.

— Agora compreendo a razão porque naquela sua grande viagem de há dias fez retroceder o carro depois de ter já andado três quilómetros.

— Efectivamente a «patroa» tinha-se esquecido de colocar a mascotte no carro e eu, sem isso, não dou um passo.

— Ora aí está: o doutor não acha ridícula a protecção de um macaco e tem nele tôda a confiança; eu tenho-a em Maria Santissima, Mãe de Deus e dos homens.

O doutor, ria, se quiser, da minha crença racional e científica que eu em troca só lhe digo isto: nunca imaginei que a cegueira e fanatismo do doutor chegasse a tal ponto. Crê na protecção de um bicho e descrê da mediação de Nossa Senhora!

Uma desgraçada

Acaba de morrer, quási repentinamente, uma mulher espanhola que dera que falar pelas suas propagandas dissolventes contra a Igreja e demais coisas sagradas.

Quando um dia dêstes falava num comício sôbre o problema sexual, advogando a falta de pudor como *virtude* moderna, sentiu-se tocada pela morte súbita que a levou em poucos minutos à presença do Supremo julgador dos vivos e dos mortos.

Que triste morte a desta desventurada mulher.

Que Deus lhe tenha perdoado os seus desvarios!

S. João Crisóstomo: «Se alguém me oferecera o Céu ou as cadeias de S. Paulo, preferia estas. Se alguém me desse a escolher um trono no meio dos Anjos, ou estar com Paulo prisioneiro, preferia o cárcere; e se alguém me desse a escôlher o estar entre aqueles espíritos celestiais que rodeiam o trono de Deus, ou com Paulo entre cadeias, preferiria estar encarcerado com êste. Nada há mais feliz do que semelhantes cadeias».

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Ano XI — Leiria, 13 de Dezembro de 1932 — N.º 123

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Novembro)

A noite de doze para treze de Novembro foi uma noite de forte ventania, que ameaçava transformar-se em tempestade.

O dia 13, porém, amanheceu sem nuvens, fazendo bom tempo.

A concorrência de peregrinos foi como costuma ser no dia 13 dos meses de inverno.

Como êsse dia era Domingo, houve apenas sete missas. A dos doentes foi celebrada pelo rev. dr. Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria.

Prégou o sermão o rev. Dr. Maurício de Oliveira, redactor da revista «Brotéria» de Lisboa.

As comunhões foram aproximadamente em número de 2:500.

Deu a bênção a 31 doentes inscritos o celebrante da missa, levando a umbela o sr. dr. Américo Cortês Pinto, médico de Leiria.

Um ilustre peregrino holandês

Por indicação do rev. Van der Sheer, apóstolo de Nossa Senhora de Fátima na Holanda, veio de propósito ao Santuário o Sr. Wim Dreesmau acompanhado do rev. Leon Oosterlaou, no dia 15 de Novembro. É jovem ainda.

Foi em casa dêste ilustre membro do laicado católico da Holanda que se hospedou o Eminentíssimo Senhor Cardial Van der Rossum, legado do Santo Padre ao Congresso Eucarístico de Amsterdam.

O ilustre visitante e o seu respeitável companheiro da viagem levaram do Santuário as melhores recordações, embora não tivessem presenciado nenhum dos admiráveis espectáculos de fé e piedade que se desenrolam no dia 13 de cada mês no recinto das aparições.

COLÉGIO DAS MISSÕES DE TOMAR

Romagem de piedade e jornada de patriotismo

Em correspondência de Tomar para as «Novidades» número de 14 de Novembro, faz-se a descrição, que a seguir se transcreve, da peregrinação do Colégio das Missões de Tomar ao Santuário Nacional de Fátima:

«A seis dêste mês, data em que se comemorou o encerramento do V centenário do passamento de Fr. Nuno de S. Maria, foi o Colégio das Missões Ultramarinas de Tomar a Fátima fazer a sua Consagração à Virgem, Mãe de Deus e dos portugueses. N.ª S.ª é invocada pelos fiéis como Rainha dos Apóstolos Protectora desvelada das Missões e Missionários e de facto, do alto trono que em Fátima lhe consagra Portugal a Virgem SS. prega a Verdade e o Bem a tantos infiéis e chama filhos seus às lides do Apostolado.— Não podia faltar ao chamamento esta pequenina grei, e eis que em dia tão auspicioso se põe a caminho do Santuário Nacional, seguindo o trilho de Nuno Alvares Pereira das margens do Nabão para o campo de Aljubarrota. Tempos e pessoas diversas mas o espírito que anima é o mesmo de D. Nuno. A mesma fé em Deus, a mesma confiança em Maria, o mesmo amor a Portugal.

A partida do Convento de Cristo, outrora viveiro de Navegadores e Missionários, estava indicada no programa da viagem para as 8 horas. Às 10 horas chegaram a Fátima e às 10 e meia estava ao altar o rev. P.e Reis Lima, Reitor do Colégio, para celebrar solenemente o Santo Sacrifício da missa.

A parte coral estava ao cuidado dos noveis seminaristas, tendo acompanhado ao harmónio o Rev. P.e Corti, auxiliar do Sr. D. João Evangelista na direcção dos Seminários da Sociedade Missionária Portuguesa.

Depois do almôço que generosamente lhes foi oferecido pelo sr. Bispo de Leiria, desceram à capelinha das Aparições, onde recitado o terço, se fêz a Consagração Colectiva do Colégio a N. S. de Fátima.

Nas passagens pelas várias terras que recordavam D. Nuno, o Rev. P.e Joaquim Lourenço ia mostrando aqui S. Maria de Ceissa, àlém a Quinta dos Namorados, onde estacionava na véspera do grande encontro de Aljubarrota a famosa Ala dos Namorados, acima a histórica Vila de Ourém solar de D. Nuno seu Conde, mais próximo de Fátima, Atoguia das Cabras, onde veio morrer às mãos de D. João I o veado foragido.

Ei-los agora avançando para a Batalha. Padrão de vitória, cujas pedras deixam em vibrações a nossa alma para cantar hinos de louvor ao B. Nuno de S. Maria! Viu-se o Monumento, por instantes se deu graças ao Senhor dos Exércitos, que assistiu com sua graça e Misericórdia, aos heróicos esforços dos nossos homens para deixarem livre a sua terra. À vista da Coroação de N. S. das Vitórias os jóvens Seminaristas ofereceram a S. Maria o incenso de suas préces e o perfume de seus corações em flôr, pelas necessidades da Pátria. S. Jorge à vista, coração fremente; era bem o mesmo sangue, o das suas veias e o que decerto em 14 de Agosto de 1385 borbulhou do corpo dos portugueses, tingindo as armas e ensopando a terra! Mais uma lição de glórias de luz, de feitos sublimes que só podem explicar o Milagre de Céu e um entranhado amor à Pátria, não movido de prémio vil mas alto e quási eterno.

5 horas da tarde: à frente surge o Castelo de Leiria que desperta novas energias e novo coração tôda a sua vida a Portugal!

O sol declina, devemos aproveitar bem o tempo para visitar a cidade. Às 6 horas e meia celebram-se na Sé as Misericórdias de Deus em favor de Portugal e as virtudes heróicas do Condestável Santo. Fr. Nuno de Santa Maria; não poderíamos faltar e eis que o Colégio com a sua Bandeira toma parte oficial nas solenidades Religiosas. Às 8 horas e meia realizou-se no Salão da Biblioteca do Seminário daquela cidade uma Academia em honra do B. Nuno. Por especialíssima deferência do Sr. Bispo de Leiria, foi o Colégio das Missões convidado a assistir.

Que tal sessão foi verdadeiramente solene e brilhante já se sabe a estas horas em Portugal inteiro, pelas «Novidades». Era de esperar porque os oradores convidados eram muito distintos e a Assembleia o não era menos. Acabada que foi a Sessão regressaram a Tomar. Tôda a viagem correu bem. Os jóvens seminaristas ficaram satisfeitíssimos. Durante a viagem cantaram rezando e rezaram cantando a Deus e à Virgem.

Foi na verdade romagem de piedade e uma jornada de fé e patriotismo, que ficará indelevelmente gravada nos corações de todos.

Grupo de operários do Santuário de N.ª Senhora da Fátima que em número de 140 fizeram, voluntàriamente, o seu retiro espiritual fechado desde o dia 9 a 12 de Setembro de 1932. Foi director o Rev. Maurício.

O Senhor Bispo de Leiria foi no dia 12, à tardinha, encerrar os exercícios, fazendo uma prática, dando a Benção do Santíssimo e depois ceou com os operários.

Exercícios espirituais

Do número de 17 de Novembro do diário católico de Lisboa «Novidades», transcreve-se a seguinte correspondência de Fátima, datada de 14 de mesmo mês:

No dia 9 dêste mês, à noite, começaram, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, exercícios espirituais aos operáros que trabalham nas obras do mesmo Santuário, dados pelo Rev. P.e Domingos Maurício Gomes dos Santos, que durante três dias, falou aos operários sôbre o cumprimento dos seus deveres, para se tornarem cada vez mais perfeitos para que, dando honra e glória a Deus, cá na terra, o vão, depois, gosar no Céu.

Falando a solteiros, casados e viuvos, lembrou bem, a cada um, os deveres do próprio estado.

Que a casa de cada família deve ser como a casa de Betânia, em que todos os seus moradores se amem mútuamente e amem a Jesus.

Que deve ser como a casinha de Nazaré onde S. José manda, Maria Santíssima obedece-lhe, e Jesus obedece a José e Maria — *erat subditus illis* — mas para que assim seja, é necessário que os filhos imitem a Jesus, obedecendo a Deus, aos pais e que êstes saibam mandar como mandava S José.

No dia 12, às 17 horas, chegou ao Santuário o Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Leiria, para encerrar êstes santos exercícios.

Falou aos operários lembrando-lhes que são servos de Nossa Senhora, e que é Ela que paga a todos, pois o salário que recebem provém das esmolas que lhe ofertam os seus devotos.

Disse-lhes que eles têm ali construído grandes casas, feito grandes obras, e que outras, ainda maiores, hão-de construir, mas que a maior casa que cada um ha-de construir, deve ser «a casa da sua alma».

Dizendo que a tôrre da grande Basílica ha-de ter, aproximadamente, 70 metros, disse que «a casa da alma» de cada um deve ser, incomparàvelmente, mais alta, tão alta, tão alta que chegue ao Céu.

Ao terminar disse que lhes não pedia dinheiro, nem trabalhos gratuitos, mas sim lhes pedia que cada um trabalhasse de forma a tornar-se digno do salário que recebe; que obedecessem aos seus superiores; se amassem e respeitassem uns aos outros; que dessem empre bom exemplo em todo o seu módo de proceder; que visitassem todos os dias e, podendo ser, mais de uma vez, o Santíssimo Sacramento, que todos os dias rezassem o terço, em comum, podendo ser, junto da Capelinha de Nossa Senhora.

Em seguida foi exposto o Santíssimo Sacramento, e, depois de se rezar pelo bom fruto dos santos exercícios e pelas intenções recomendadas ao Santuário, foi dada, por Sua Ex.ª Rev.ma, a bênção eucarística, e, por fim, a bênção Apostólica com indulgência plenária, e assim foram encerrados estes santos exercícios.

Seguiu-se a ceia, tendo o Sr. Bispo ceado com os operários, mostrando, mais uma vez, que é «o grande amigo do operariado».

Foram em número de 138 os operários que tomaram parte neste santo retiro (mais 2 do que, por engano, foi comunicado ao Jornal «Novidades» pelo telefone, no dia 12).

Todos se mostravam muito satisfeitos, bendizendo os três dias passados no santo retiro, e desejosos de que, em breve, lhes seja proporcionado novo retiro.

Os operários, que tomaram parte neste retiro, pertencem a 15 freguesias, 6 concelhos e 3 dioceses, a saber:

Freguesias de Fátima, Ceissa, Vila Nova de Ourém, do concelho de Vila Nova de Ourém, Santa Catarina da Serra, Souto da Carvalhosa, Arrabal do Concelho de Leiria, Batalha, São Mamede, do concelho da Batalha, tôdas estas da diocese de Leiria.

Assentis, Pedrógão, Santa Eufémia, Vila do Paço, do concelho de Torres Novas,

Besélga, do concelho de Tomar, estas do Patriarcado.

Alvorge, do concelho de Ancião, da Diocese de Coimbra.

Dos 138 operários, são 2 empregados na venda de artigos religiosos por conta do Santuário, 1 pintor, 32 canteiros, 28 pedreiros, 11 carpinteiros, 2 serradores, 17 cabouqueiros, 5 carreiros, 40 serventes.

Fátima na Itália

É com o maior prazer que a «Voz da Fátima» arquiva nas suas colunas a seguinte carta do rev.do dr. Luís Gonzaga da Fonseca, lente do Instituto Bíblico e director espiritual do Colégio Português em Roma, que é justamente considerado o apóstolo máximo das maravilhas da Lourdes portuguesa em terras de Itália. A carta é endereçada a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria.

«Ex.mo e Rev.mo Senhor:

«Recebi a última carta de V. Ex.cia Rev.ma, (10 de Outubro) e depois a Oratória-Fátima. Quando da minha passagem a caminho da Inglaterra, encontrei aqui os exemplares de «Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica» que V. Ex.cia teve a bondade de me enviar.

V. Ex.cia desculpar-me-á todo êste atrazo em agradecer tantas finezas; mas há quási mês e meio que não tenho meio dia

livre. Primeiro os exercícios em Leicester, depois os meus, depois duas conferências em Gubbio sôbre N. Senhora de Fátima, logo a seguir, de 16 a 23 de Out. os exercícios aos Alunos do Colégio, e de 23 de Out. a 1 de Nov. outros aqui em Roma, não me deixaram vagar nem cabeça para outra coisa.

Nossa Senhora recompense a V. Ex.cia Rev.ma por toda a sua bondade.

As 1000 estampas de N.ª Senhora de Fátima suponho que são como a amostra, a côres. Se fossem das outras (só Nossa Senhora), temos agora alguns milhares de duas novas edições: uma em fototipia (ou coisa parecida), outra em fotografia. Creio que o Borges enviou a V. Ex.cia as primeiras amostras. Saíram bonitas, as mais bonitas que até agora se puderam obter. — Vou escrever ao editor das estampas em fototipia que mande 1000 a V. Ex.cia Rev.ma — e que se ponha em relação directa com V. Ex.cia.

— É o Sr. Santiago Mumbrú, Barcelona. Êste desejava que o pozessem em relação com livrarias ou casas de objectos religiosos, em Portugal para colocar a edição das estampas de Nossa Senhora de Fátima e talvez outra. Queria também saber que título poderia pôr em português. Eu respondo-lhe que se ponha em comunicação com V. Ex.cia, porque as estampas de Nossa Senhora é melhor, que se vendam em Fátima, e quanto ao título, é preciso ver se não aumenta demais as despezas de alfândega. Estas estampas saem muito baratas, talvez mais do que feitas aqui em Roma.

V. Ex.cia não me disse a quem destinava os exemplares de «Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica». Até agora só dei dois ou três, esperando ordens.

O P. Avidans, director da Propaganda Mariana, e editor das «Maraviglie N. S. F. tornou-me a falar nas medalhas de Nossa Senhora de Fátima, e parece-me que está com vontade de mandar cunhar algumas, pois que me preguntava que imagem devia ter no verso, e se poderia pôr o Coração de Jesus. Nós não temos aqui exemplares das que se vendem em Fátima, e talvez fôsse bom, se V. Ex.cia assim o julgar, mandar-lhas das mais bonitas, para que as faça semelhantes.

Creio que já escrevi a V. Ex.cia que o Sr. Arcebispo de Bombaim me propôs imprimir lá a tradução inglêsa das Maraviglie. Já deve estar pronta; logo que o esteja mandar-se-lhe-á. Se depois aparecer quem a imprima em Inglaterra, também não haverá dificuldade.

Prometeram-me fazer uma tradução em polaco até ao fim dêste ano. Vamos a ver.

Por aqui na Itália a devoção vai-se propagando, como o «Comité pro Fátima» terá informado a V. Ex.cia.

Queira V. Ex.cia Rev.ma abençoar o seu ínfimo servo em J. C.

Luiz Gonzaga da Fonseca

Fátima e o Colégio Português de Roma em Gubbio

O antigo seminarista de Leiria, hoje aluno do Colégio Português em Roma, rev. António Antunes Borges, em carta datada de 13 de Outubro último, e dirigida ao Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria, que a seguir se transcreve, fala duma festa realizada pelos alunos do Colégio em honra de Nossa Senhora de Fátima durante as últimas férias grandes e da propaganda do seu culto na Itália:

«Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo

O dia de hoje, 13, foi todo de Nossa Senhora de Fátima, não só para os alunos do Colégio mas também para muita gente da cidade de Gubbio. A festa devido a várias circunstâncias entre as quais avultava a do mau tempo, que tornava muito difícil o acesso ao Colégio, não poude ser precedida de tríduo solene. Entretanto a falta dêste foi compensada com duas conferências com projecções feitas pelo Snr. P.e Fonseca, sempre incansável pela difusão do culto de Nossa Senhora de Fátima.

A primeira realizou-se no dia 26 de Setembro, no seminário de Gubbio, à qual assistiram todos os alunos, superiores e alguns cónegos da cidade. Levar-me-ia muito longe se tentasse descrever as expressões manifestadas espontâneamente ao passar no alvo quer os belos monumentos pátrios quer as grandes peregrinações.

O certo é que a admiração pairava sôbre todos e terminada a conferência, enquanto se punham as coisas em ordem, vários dos assistentes vieram patentear verbalmente a sua admiração, dizendo que não sabiam que em Portugal houvesse coisas tão belas, sobretudo monumentos tão finamente trabalhados como o da Batalha.

A segunda conferência foi realizada no dia 9 do corrente mês no círculo dos jovens da Acção Católica. Assistiram além dos jovens, suas famílias e muita gente da cidade. O salão estava repleto. Aqui mais do que na primeira se manifestou a admiração de todos a ponto de interromper a conferência, de quando em quando, pelas espontâneas exclamações.

Foi tal o agrado que só preguntavam se havia mais alguma,: porque desejavam conhecer melhor todos os acontecimentos.

Devido à falta de tempo não se poude fazer mais nenhuma, ficando porisso reservadas para o próximo ano.

A festa de Nossa Senhora de Fátima foi muito concorrida. Ainda não eram 6 horas da manhã e já várias pessoas se encontravam junto da Capela. Às 7 houve missa rezada com Comunhão geral. Ao Evangelho o Snr. P.e Fonseca fêz uma prática, narrando a última aparição em breves palavras, passando depois a explicar o valor do S. Rosário.

Esta missa que fora precedida duma outra, foi seguida de mais duas. As comunhões atingiram o número de 80, número, sem dúvida, bastante elevado se se considerar que o dia 13 era dia de trabalho. Às dez horas houve missa cantada e ao Evangelho Mons. Reitor falou novamente durante 20 minutos. Às três da tarde recitou-se o terço, seguindo-se a Bênção solene do SS. Sacramento.

Terminada esta Mons. Reitor de novo toma a palavra e agradece a todos em nome de Nossa Senhora de Fátima a concorrência à sua festa. A Capela mesmo ao terço estava quási cheia. Famílias houve que passaram o dia todo aqui no monte de S. Jerónimo.

A devoção a Nossa Senhora de Fátima vai-se difundindo com grande intensidade, não só por aqui, mas por tôda a Itália. Ainda há pouco recebi da Sicília uma carta dum sacerdote de quem falei já a V. Ex.cia Rev.ma noutra carta, dizendo ter lido o livro do Snr. P.e Fonseca, no quinzenário que precede a Assunção; pedindo ao mesmo tempo que lhe enviasse estampas grandes porque o povo queria ter em casa a imagem de N. Senhora de Fátima. Na mesma carta anunciava que continuaria a preparar o povo para a festa de Outubro.

Apareceu também agora uma revista —«Maria in Famiglia» onde dôravante se publicará todos os meses duas páginas sôbre Fátima — assim haja tempo. Satisfazer-se-à deste modo aos constantes pedidos que de todas as partes nos dirigiam pedindo-nos a «Voz da Fátima» em italiano. Nesta mesma revista começou-se já a publicar uma reprodução scénica musical das aparições, em três quadros, tendo como actores os três pastorinhos, o governador de Vila Nova de Ourém e um côro representando a «Voz de Nossa Senhora). Esta composição musical começou a publicar-se em Julho passado, mas apenas há dias tivemos conhecimento dela. Ainda não terminou.

Envio duas amostras de imagens que acabam de ser publicadas. As fotografias foram feitas em Monza— Milões. Embora a edição não fôsse feita à conta do Comitato, o que seria difícil, entretanto para que esta se pudesse fazer, tivemos de nos comprometer a ficar logo pela primeira vez com 6.000. Quanto ao preço foi estabelecido de princípio entre 20 e 22 centésimos cada uma, mas o fabricante houve por bem elevar-nos o preço até 30 centésimos. Mas nós estamos na nossa e não as aceitamos por tal preço, como nos foi aconselhado pelo Snr. P.e Adriano, editor do livro do Snr. P.e Fonseca ao menos até os 25 cent.

As gravuras foram feitas em Barcelona, mas o preço ao certo ainda não sabemos porque ainda não chegou a factura.

Falaram-nos antes de as fazerem em 5 liras ao cento — De maneira que com o transporte irão quando muito para 8 Liras.

Mandarei também o relato da festa para o Snr. Dr. Carreira para ser publicada na «Voz de Fátima» se o acharem conveniente.

As férias estão a acabar e dentro em breve partiremos para Roma para começar o nosso labor. Domingo, 16 começarão, ainda aqui em Gubbio, os exercícios espirituais de maneira que só para o dia 24 ou 25 partiremos.

Graças a Deus, as férias correram maravilhosamente, conservando sempre o meu bom estado de saúde.

Queira V. Ex.cia Rev.ma desculpar o ter-me alongado demasiadamente.

Beijo humildemente o S. Anel de V. Ex.cia Rev.ma e peço se digne abençoar êste vosso muito grato filho em Nosso Senhor

Gubbio, 13 de Outubro de 1932.

António Antunes Borges»

VISCONDE DE MONTELO

Renovação do privilégio de celebrar a Missa do Rosário no Santuário de Fátima

O Ex.mo e Rev.mo Ordinário da Diocese de Leiria, em Portugal, humildemente prostrado aos pés do Santíssimo Padre o Papa Pio XI, pediu reverentemente, lhe fôsse prorrogada por mais cinco anos, a faculdade que lhe fôra concedida, pela qual todos os sacerdotes podiam todos os dias celebrar a missa votiva de Nossa Senhora do Rosário, no Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

A Sagrada Congregação dos Ritos, pelas faculdades que lhe foram especialmente concedidas pelo mesmo Santíssimo Padre, dignou-se benignamente prorrogar por mais cinco anos o Rescrito concedido em 31 de janeiro de 1927 sôbre a Missa de Nossa Senhora do Rosário celebrada na Igreja ou Santuário de Nossa Senhora da Fátima pelos sacerdotes peregrinos e chefes de peregrinações; observadas, porém, as cláusulas e condições da Concessão precedente, Contrariis non obstantibus quibuscumque. Aos 9 de Julho de 1932.

(Lugar do sêlo) C. Camil. Laurenti

VISTO

Leiria, 23 de Outubro de 1932

† *José, Bispo de Leiria*

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NA AUSTRIA

O Rev. Dr. Fischer recebeu de Burgenland, na fronteira hungara da Austria, a seguinte carta muito interessante que, com a devida vénia, publicamos:

St. Margarenthen — Burgenland—Austria 18 de Setembro de 1932.

Senhor Professor:

Como grande venerador de N.ª S.ª do Rosário da Fátima cumpre-me fazer a V. Rev.ª a seguinte agradável comunicação:

A primeira vez que ouvi falar em N. S.ª da Fátima foi num artigo de V. Rev.ª publicado no Mensageiro do S. Coração de Jesus, de Innsbruck.

Na primavera dêsse ano li, nos jornais católicos, que V. Rev.ª fizera, em Viena, uma série de conferências sôbre Fátima e que na Volksbund — Verlag *estavam à venda livros, estampas e medalhas de N.ª S.ª da Fátima. Obtidos os livros li, com interêsse, a maravilhosa descrição das Aparições que deram origem ao novo Santuário.*

É sempre no momento oportuno que N.ª S.ª vem em nosso auxílio.

Facultei os livros sôbre Fátima ao nosso Rev. Pároco que, por sua vez, ficou também profundamente sensibilizado com a história do Santuário e com o culto ali prestado a N. Senhora.

Prontificou-se logo a fazer também, nas noites de 12 para 13, a adoração nocturna com exposição do S. Sacramento, se fôsse possível conseguir para êsse fim um pequeno grupo de adoradores. Dias depois, numa prática aos fiéis falou-lhes sôbre Fátima e convidou-os para uma hora de adoração nocturna. Contra o que era lícito esperar, muitas pessas corresponderam ao apêlo e por isso na noite de 12 para 13 de Junho, da meia noite à uma hora, realizou-se na nossa Igreja paroquial a primeira adoração nocturna com exposição do S. Sacramento. No primeiro dia assistiram 80 pessoas e, no último, êsse número elevou-se já a 160. Entre a assistência viam-se homens, mulheres, jovens de ambos os sexos e até crianças das escolas. Era um espectáculo encantador ver todos os fiéis com velas acesas na mão. O nosso Rev.º Pároco aproveita sempre estas ocasiões para fazer uma prática sôbre N. S.ª da Fátima e para explicar os mistérios do santo Rosário. O Terço é sempre rezado com a oraçãosinha «Ó meu Jesus perdoai-nos etc». Por último são rezadas as invocações e é dada a bênção do S. Sacramento. O «Ave» da Fátima é também cantado sempre.

Assim festejamos nós, em união com os milhares de peregrinos da Fátima, «uma santa noite no meio dum mundo corrupto».

Oferecemos esta hora de adoração pelas intenções do Santo Padre, pelas necessidades da santa Igreja, pelos doentes, pecadores, etc. Oramos em particular por uma pobre doente da nossa freguesia declarada incurável por todos os médicos. Sofre duma doença no sangue.

O pêzo do baço é quatro ou cinco vezes superior ao normal. Para cúmulo de infelicidade perdeu ainda, a partir da festa do Espírito Santo dêste ano, completamente o sentido do ouvido.

As pessoas de família só se podem fazer compreender escrevendo tudo numa lousa. A sua idade é de 28 anos.

Dei-lhe uma estampa e uma medalha de N. S.ª da Fátima as quais ela muito venera e traz sempre consigo. Antes disso estava continuamente de cama mas agora já se pode levantar indo todos os dias à missa e comungando com freqüência.

O nosso pároco é de opinião que N. S.ª da Fátima tem alguma coisa em mente a seu respeito, e que logo que concluamos a 6.ª noite de adoração se há-de operar qualquer transformação no seu estado de saúde.

Que a vontade de Deus seja feita!

E agora uma outra notícia consoladora.

A minha filhinha, de idade de três anos, sofria, de nascença, duma deslocação nos dois quadris. O ano passado foram êstes ajustados num hospital de Viena sendo-lhe colocado então um aparelho de gesso, que foi obrigada a trazer durante oito meses. Esse aparelho foi-lhe tirado em Janeiro passado.

Porém, agora está completamente curada e já pode andar e correr durante todo o dia.

Ha três semanas voltei, de novo, com ela a Viena. O seu médico assistente disse-me que estava definitivamente curada e que só necessitava de voltar lá daqui a uns seis meses para observação.

O ano passado prometi eu a N. S.ª de Fátima de lhe construir uma capela, como penhor de gratidão, se Ela se dignasse curar-ma.

Logo que o médico me comunicou a consoladora notícia, dirigi-me imediatamente a um escultor de Viena a quem mandei executar uma estátua com tudo igual à que se venera em Fátima. De combinação com o meu pároco será a dita estátua benzida em minha casa no próximo dia 12 de Outubro, à noite, e em seguida transportada processionalmente para a Igreja paroquial e ali exposta sôbre o altar à veneração dos fiéis. Na noite de 12 para 13 haverá adoração nocturna e, de manhã cedo, será celebrada a santa Missa em honra de N.ª S.ª da Fátima.

Com a bênção da Imagem será também lançada a primeira pedra da capela dedicada a N. S.ª da Fátima que, no próximo ano, se Deus quiser, já deve estar concluída.

Queremos assim festejar condignamente o 15.º aniversário da última aparição em que a Virgem declarou ser N. S.ª do Rosário.

A Imagem continuará, de futuro, a ser transportada processionalmente para a Igreja paroquial nas noites de 12 para 13 dos respectivos meses.

Fôra disso quero-a na minha capela para que eu e minha família a possâmos venerar todos os dias.

Até agora já destribui para cima de cem estampas e medalhas de N. S.ª da Fátima.

No outono do ano passado estive em Konnersreuth de visita a Tereza Neumann.

De então para cá tenho recebido vários convites para fazer, a êsse respeito, conferências com projecções luminosas tanto aqui como nos arredores. Nessas ocasiões levo sempre comigo algumas fotografias da Fátima e nunca me esqueço de dizer alguma coisa sôbre êsse Santuário. O povo mostra sempre vivo interêsse por tudo o que lhe diga respeito.

Se os prometidos livros «Aparições de N. Senhora aos três pastorinhos» e «Curas miraculosas da Fátima» já estiverem publicados peço a V. Rev.ª o favor de mos enviar.

Duma maneira muito especial peço a V. Rev.ª o obséquio de me conseguir uma pequenina pedra, um ramo ou um pedacinho de madeira da árvore sôbre a qual N. Senhora apareceu aos pastorinhos.

Quando V. Rev.ª tiver a felicidade de se encontrar de novo em Fátima, peço-lhe — e nêste pedido vai todo o meu coração — para se lembrar lá de mim no «memento» da sua Missa, mas dum modo muito especial daquela pobre doentinha em que atraz lhe falei.

Por tudo, de antemão, lhe agradeço com um sincero «Deus lhe pague».

Emmerich Unger

Irmão da ordem 3.ª dos «Servos de Maria»

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

É pároco da freguesia da Cachoeira—S. Paulo, Brasil, há já 15 anos, o Rev. Mons. José Soares Machado. Em 8 de Dezembro de 1930, por iniciativa sua, foi na freguesia inaugurado o culto a Nossa Senhora da Fátima cuja imagem, sôbre uma coluna simples e humilde como humilde foi sempre a Virgem Santíssima e a verdadeira fé do povo cristão, ficou publicamente exposta junto da Igreja Paroquial.

Monumento a Nossa Senhora da Fátima, ao lado Igreja Paroquial de Cachoeira — Estado de S. Paulo — Brasil.

O povo, em grande número, tomou parte nas devoções então realizadas em honra de Nossa Senhora da Fátima, e mostrava imensa satisfação ao saber que a imagem de N.ª Senhora da Fátima iria para sempre ficar junto da sua Igreja, de mãos erguidas para o Céu como que a enviar para lá as orações que na Igreja e fóra dela seus filhos costumam dirigir ao bom Jesus.

Há graças muito importantes alcançadas por Nossa Senhora aos povos desta freguesia. Doentes da alma e do corpo por Ela teem sido curados. Uma das últimas graças, foi a cura dum alienado já internado num hospício próprio para tais doentes. A família, já quási sem esperanças de o ver curado, ao ouvir falar das graças de Nossa Senhora da Fátima nesta freguesia, num último esforço começou uma novena, durante a qual só davam a beber ao doente a água da Fátima. Em todos os dias da novena se faziam orações em tôda a família pelo pobre doente, e o que é facto é que *acabada a novena a doença acabou também.* Agora goza perfeita saúde e é a alegria e o amparo da sua família.

Uma outra graça que em comum todo o povo desta cidade atribue a Nossa Senhora da Fátima, é o tê-lo livrado dos horrores do bombardeamento na época da última revolução brazileira apezar de se encontrar em situação muito perigosa. Estas e outras graças tornam Nossa Senhora cada vez mais querida e estimada pelo povo da freguesia da Cachoeira.

Às vezes Deus castiga mesmo neste mundo

«O Colégio das Artes e Ofícios de Madrid, quando da queima dos conventos, tinha uma linda capela e nela uma imagem de S. José. Após a consumação do crime, um infeliz operário gloriava-se, no meio de grosseiras e blasfemas galhofas, de haver cortado as mãos à formosa e piedosa estátua. E gritava, em ar de grande triunfo: e dizem que os santos castigam os que os maltratam...

E ria, ria, brutalmente.

Dias volvidos, o desventurado operário deixou de freqüentar a associação. Ninguém mais o viu em manifestações jacobinas e revolucionárias.

E um dia, o operário entra num dos hospitais de Madrid, servido por religiosas. Ia pedir remédio às Irmãzinhas, que insultara, para uma chaga asquerosa que, em dôres horríveis, lhe comia tôda a mão direita.

O caso era grave, e o padecente foi levado à presença do médico que, após ligeiro exame, declarou que era mister cortar a mão, que estava cheia de gangrena, e já, para não comprometer o braço e a vida.

O infeliz curvou a cabeça em gesto de um constrangimento estranho. E chorou, chorou copiosamente.

E, como o médico quizesse inquirir da razão da estranha atitude, o desgraçado, em soluços convulsos, tirou do bôlso, onde a guardara até então, a outra mão, hirta, sêca, sem movimento nem vida, e mostrou-a ao médico, dizendo com o seu silêncio: veja que desgraça a minha. O médico, tomando na sua a mão do operário, exclamou: infeliz! Essa mão tem de ser igualmente cortada, se quizer conservar a vida.

E na sala das operações do Hospital, no dia seguinte, eram amputadas as mãos, que haviam cortado as da imagem de S. José.

Simples acaso? Eventual coincidência? Não queremos responder, que não podemos entrar nos segrêdos da justiça de Deus.

Mas são já tão numerosos os casos em Espanha, que bem parecem castigo de Deus.»

Oratória da Fátima

Vozes corais e piano ou harmonium

A letra, do Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, vem em português como foi composta pelo poeta, e traduzida em francês por M.me Guite de Sousa Lopes.

A música, do maestro Ruy Coelho, vem, como a letra, òtimamente impressa tanto as partes corais como o acompanhamento.

Encontra-se à venda no Santuário e na Redacção da «Voz da Fátima».

Será enviada a quem a pedir e enviar a quantia de 40$00.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Sofrimentos nos rins, pele e reumatismo

Há meses, sem que eu saiba a razão, comecei a sofrer horrivelmente dos rins. Tinha também fortes ataques de reumatismo. A violência das dôres provocou alterações no meu sangue, a ponto de se abrirem feridas no meu corpo! Durante 3 meses estive de cama sem poder descansar quer de noite quer de dia por causa da violência dàs dôres reumáticas, nos rins e nas feridas que tinha no corpo. Nêste estado lastimoso invoquei Nossa Senhora da Fátima que cheia de bondade me atendeu, encontrando-me agora já completamente bem, favôr que quero publicamente agradecer a Nossa Senhora da Fátima porque foi Ela quem me valeu.

São Verissimo de Tamel — Barcelos

Pablo Vicente (Espanhol)

Tumor na cabeça

Sofrendo horríveis dôres de cabeça, consultei alguns médicos que me disseram que precisava de ser operada, porque tinha um tumôr na cabeça; que, se fôsse operada ficava bem, e, se não fôsse, em pouco tempo ficaria cega ou demente. Isto foi-me dito por médicos de Lisboa, onde fui de propósito para consultá-los.

Regressando a minha casa, em Chaves, onde resido, apossou-se de mim tal fraqueza cerebral, que fiquei no leito quatro meses e meio, perdida tôda a minha lucidez, não conhecendo ninguém, nem as pessoas de família, e de nada me lembrando. Não falava e nem abria os olhos — estava como um corpo morto! Era preciso virarem-me na cama, meterem-me a comida na bôca, não me sustinha assentada, e, quando o fazia era só encostada a muitas almofadas e, assim mesmo, caía para todos os lados! Uma miséria, realmente!

Meu marido e filhos, desenganados da medicina e não tendo mais recurso nenhum, voltaram-se para a Senhora da Fátima, pedindo a minha cura. A bondosa Mãe do céu atendeu-os, pois, que, desde logo, comecei a vir a mim, recuperando os meus conhecimentos, vendo nitidamente os objectos e falando bem, parecendo-me que tinha ressuscitado dum sepulcro!

As pessoas da minha família, bem como tôdas as das minhas relações, diziam a uma voz: milagre! milagre!

Foi uma grande graça que a Virgem me fêz, na verdade!

Eu, continuei a pedir a saúde completa, publicando a graça que me fêz e começando a assinar desde hoje o jornal «A Voz da Fátima», onde são publicadas tantas e tão extraordinárias graças.

Por êste meio, pois, eu quero agradecer à Senhora do Rosário da Fátima tão grande graça que me concedeu.

Chaves

Isabel Baptista

Dirijo-me a V.ª Ex.ª a pedido de uma pessoa muito minha amiga pedindo a fineza de publicar na Voz da Fátima duas graças alcançadas por intercessão de N.ª Senhora.

I — Sifilis

Ilda Ernestina Frutuoso, de 22 anos, de Adegante—Moncorvo, sofria desde os 8 anos de idade duma doença a que os médicos chamavam «sifilis». No mês de Outubro os seus sofrimentos aumentaram consideràvelmente. Durante sua doença foi tratada pelo Snr. Dr. Francisco Rodrigues, de Moncorvo que empregou todos os esforços para a curar. No dia 5 de junho deu entrada no Hospital de Moncorvo onde foi tratada por 3 médicos. Aí permaneceu 3 meses de cama, sempre de costas sem se poder voltar para qualquer lado. Tinha no seu peito e ventre dez orifícios a purgar!

Apesar de todos os esforços do pessoal do Hospital não obteve melhoras algumas, até que a família, temendo que a doente morresse no Hospital, a levou para casa no dia 3 de Setembro. Aí se conservou, sempre na mesma posição sem se poder voltar.

Era um sofrimento horrível chegando a ter 20 orifícios a purgar nauseabundo puz!! No mês de Outubro começou a ser tratada pelo Snr. Dr. João Baptista Lopes Monteiro, desta Vila, mas sempre sem resultados sensíveis. Todos julgavam a morte próxima. No entanto, a 4 de Outubro de 1931, a família, as pessoas amigas e a própria doente começaram uma novena a Nossa Senhora da Fátima e a fazer uso de água do Santuário. Ao mesmo tempo fizeram-se à Virgem várias promessas em favor da pobre doente.

Graças a N.ª Senhora da Fátima, desde o primeiro dia da novena começou a melhorar progressivamente, e hoje encontra-se completamente curada. Já passaram 10 meses e não teve mais qualquer sofrimento. Come de tudo e já trabalha até no campo. Graça tão grande causou admiração em todos quantos conheceram o grave estado da pobre doente.

II — Quisto

Minha Avó, Angélica Teresa Jacob Malheiro, de Cabreira, Alfândega da Fé, havia já 4 anos que tinha um *quisto* no nariz, sem a incomodar muito. Depois começou a inflamar e todos os anos rebentava. Consultou um médico que lhe aconselhou a não tocar no quisto que era de mau carácter, a ver se atendendo à sua idade (78 anos) podia passar sem operação. Assim se fez, mas o quisto cada vez aumentava mais e já lhe dificultava a respiração. Passaram assim outros 4 anos. Comecei então a assinar a Voz da Fátima e costumava ler-lhe as graças aí narradas. Ela principiou logo uma novena a Nossa Senhora da Fátima que também se venera na nossa Igreja, mas parecia que o quisto cada vez aumentava e a incomodava mais. Minha avó não desanimou e pedia cada vez com mais devoção e esperança em Nossa Senhora.

Um dia de manhã, estando a lavar-se sentiu que o quisto se despegava pouco a pouco, e daí a momentos êle caía inteiro na bacia onde se estava lavando.

Começou logo a chamar-nos para que fôssemos ver o acontecimento que foi admirado por todos os presentes.

Desde então para cá anda completameonte bem e sem vestigios do seu sofrimento a não ser uma pequena cicatriz.

Vila Flor.

Maria da Conceição Lopes Malheiro

Angina infecciosa

Minha neta, Outubrina de Almeida Monteiro, já casada, adoeceu gravemente recolhendo ao Hospital da Ordem do Carmo no dia 2 de Abril próximo passado. O Sr. Dr. Angelo das Neves afirmou que o estado da doente inspirava sérios cuidados. Dias depois declarou-se uma *angina infecciosa* e pouco depois um outro sofrimento. Mal podia falar e a muito custo engulir alguns goles de leite.

Teve várias hemoptises que muito a prostraram, e o seu médico, reconhecendo a gravidade da doença mandou-a para a enfermaria dos *tuberculosos* dizendo que a julgava irremediàvelmente perdida. No domingo do Bom Pastor foi sacramentada, e o Rev. Capelão daquela Ordem, P.e Alberto Pinto de Sousa, teve a caridade de lhe dar depois da Comunhão um frasquinho com água da Fátima, recomendando-lhe que todos os dias, ao tomar uma colherinha daquela água, rezasse três Ave-Marias a Nossa Senhora da Fátima.

A doente agradeceu e cumpriu isto religiosamente. O bondoso sacerdote todos os dias ia à enfermaria visitar os doentes animando-os sempre a confiar na bondade de Nossa Senhora.

Com minhas duas filhas fiz em casa uma novena a N. Senhora da Fátima implorando-lhe a cura da minha neta. Passavam-se os dias e a-pesar-de todos os cuidados e carinhos prestados naquele Hospital a doente peorava sempre Não vacilou, porém, a nossa fé na *Consoladora dos Aflitos*, e começámos segunda novena. Agora a febre começa a declinar lentamente, não havendo ainda esperanças fundadas de salvar a doente.

Desanimada, minha neta pediu à Mãe para a levar para casa, contra a opinião do médico que receava que ela sucumbisse no trajecto. Não obstante, a mãe fez-lhe a vontade e retirou-a do Hospital no dia 1 de Maio.

Poucos dias depois a febre e as hemoptises desapareceram e a doente começou a comer com excelente apetite.

No mês seguinte foi examinada pelo Dr. Angelo das Neves que ficou admirado de a encontrar tão bem disposta e livre da doença que êle julgou fatal.

Graças a N.ª Sr.ª da Fátima continua bem, entregando-se aos mesmos trabalhos domésticos que desempenhava antes de adoecer. Muito reconhecida à Mãe do Céu por tão grande benefício, venho pùblicamente testemunhar-lhe a minha eterna gratidão.

Porto

Guilhermina da Conceição Monteiro

Pneumonia

Meu marido, já de 69 anos, em Março teve em sua vida uma pneumonia pela 4.ª vez. Tão grave se tornou o seu estado que o médico que o tratou não duvidou dizer-me claramente que certamente desta vez o doente não seria capaz de recuperar a saúde. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima, em honra da qual, em companhia de pessoas de bem, minhas amigas, comecei uma novena de orações. Durante a novena, o seu único remédio era água do Santuário da Fátima, até que, no último dia da novena a febre desapareceu de todo. De então para cá meu marido tem continuado sempre bem, a-pesar-da sua idade avançada, graça que já fomos agradecer a Nossa Senhora no seu Santuário da Fátima.

Lamego

Maria de Jesus Peixoto

Apendicite

O meu neto António José Carneiro Jorge, de 9 anos foi fortemente atacado de *apendicite* a ponto de o médico lhe impor como necessária uma operação.

Eu, com dó de que meu neto tão novinho tivesse de ser operado, recorri a Nossa Senhora da Fátima a quem fiz diversas promessas se o menino se curasse sem ser operado. Assim aconteceu. Os sofrimentos abandonaram-no por completo já há mais de um ano sem que neste espaço de tempo tenha sofrido qualquer ligeiro incómodo.

Rua da Cruz da Carreira — Lisboa

Gertrudes da Conceição Jorge

Agradecimentos

No Paço de Ilhas, freguesia de S. Isidoro, Mafra, uma mãe aflita ao ver um filhinho de poucos meses fortemente atacado de tosse convulsa agravado com uma bronquite de que já sofria e com convulsões de dentição, recorreu a Nossa Senhora da Fátima que atendeu seus rogos, curando-lhe o filho de cuja vida já tôda a família desesperava.

Em Ribamar, da mesma freguesia, uns pobres pais que tinham um filho militar no meio dos revoltosos, na revolução de 26 de Agosto, imploraram para êle a protecção de Nossa Senhora da Fátima, prometendo-lhe ir agradecer-lhe pessoalmente no próprio Santuário das aparições, caso lhes fôsse restituido são e salvo aquele filho querido, o que felizmente aconteceu, graça que já foram agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

O mesmo fazem a respeito dum outro filho gravemente doente e que melhorou graças à poderosa protecção da Virgem Nossa Senhora da Fátima a quem se acostumaram a recorrer no meio das suas aflições e desgostos, e sempre com ótimos resultados.

P.e Salvador Pedro do Prado
Prior de Santo Izidoro

Graças diversas

Ana Pinto, de Lourenço Marques, agradece reconhecidamente a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado para si e para sua família a si confiada diversas graças que lhe pediu.

— *Inês Alves Pinto*, de Lourenço Marques, envia também a N. Senhora os protestos da sua gratidão por diversas graças que por Ela alcançou do Céu.

—*Leonel da Piedade*, de Alcanede, estando gravemente doente, pediu a Nossa Senhora a cura de que tanto carecia, e hoje encontrando-se bem agradece o favor recebido.

— *António Daniel Igino*, do Arelho de Óbidos, estava gravemente doente. Recebera já os últimos Sacramentos. Os médicos Drs. Adriano Carvalho e José Rodrigues, receavam que a doença fôsse fatal. Invocou-se Nossa Senhora da Fátima, e pouco depois o mal começou a desaparecer e hoje encontra-se perfeitamente bem aquele que então sofria os incómodos da doença.

— *Maria Celeste dos Prazeres Monteiro*, de Caxaria, Dois Portos, diz o seguinte: «tendo estado muito doente, depois de ter recorrido a vários médicos, sem resultado, obtive as melhoras tomando água da Fátima e recorrendo a Nossa Senhora.»

—*Maria Alice dos Santos*, freguesia da Feteira — Açores, escreve dizendo: «humildemente agradeço à minha boa Mãe do Céu Nossa Senhora da Fátima, a cura duma doença que tive. Fiz a promessa de publicar a cura o que hoje desejo cumprir».

— *Maria Glória C.* — Olivais-Lisboa, agradece a Nossa Senhora uma graça concedida em seu favor.

— *Maria Teresa da Silva*,—Leiria, agradece a N. Senhora a cura duma ferida muito perigosa provocada pela mordedura dum suino.

— *Teodora de Jesus Gomes Lima*, — Prossas do Minho, agradece a cura de Gervásio António Pereira. Rebelde à medicina, a doença desta criança desapareceu ràpidamente após a intercessão valiosa de sua família a Nossa Senhora da Fátima.

—*Hortense Pinheiro*, de Lisboa, tendo-lhe sido concedidas três graças, vem sinceramente agradecer a Nossa Senhora da Fátima. Uma delas foi a cessação total duma dôr que há dez anos a atormentava no lado esquerdo. Fôra-lhe aconselhada uma operação, mas a doente antes de a ela se sujeitar recorreu à bondade de N.ª Senhora da Fátima, em cuja honra começou uma novena de orações. Em cada dia da novena aplicava pachos embebidos em água da Fátima no lado onde sofria, e desde o último dia da novena, a dôr que durante 10 anos a martirizava continuamente, não mais a atormentou.

—*Maria Luisa C. de Sousa Mesquita*, de Lisboa, agradece a N. Senhora da Fátima uma graça particular que por sua intercessão o céu lhe concedeu.

—*Ermelinda Soares de Melo*, da América do Norte, agradece três graças a Nossa Senhora da Fátima. Uma delas foi concedida a si mesma, outra a seu genro e a terceira a um de seus netos. Tanto o genro como o neto estiveram gravemente infermos, chegando a ser desenganados pelos médicos. Hoje, que se sentem bem, atribuem sua cura só à virtude de Nossa Senhora da Fátima e à água do seu Santuário.

— *Ana E. Reis*, — Matozinhos, escreve o seguinte: «Venho por êste meio agradecer à Virgem Nossa Senhora da Fátima a graça que me fêz restituindo-me a vida num momento em que com várias complicações interiores, estava prestes a sucumbir. Tendo alcançado de Maria outras graças, embora aparentemente de menos importância do que esta, quero hoje agradecer-lhas todas publicamente no seu jornalzinho.»

—*Narciso Dias de Araújo*, de Padroso-Arcos de Val de Vez, agradece a N.ª Senhora da Fátima uma graça muito grande concedida em favôr de sua esposa em uma ocasião muito grave e perigosíssima da sua vida de mãe de família.

—*Maria da Anunciação do V. Santos*— Ponto do Rol—Torres Vedras, agradece a Nossa Senhora a cura de seu marido já desenganado pelos médicos.

A pobreza é digna de compaixão

e por isso a «Voz da Fátima», já com alguns contos de *déficit*, pede os seguintes favores:

1.° que levem só um jornal para cada casa.

2.° que mudem de direcção o menor número de vezes possível.

3.° — que enviem sempre o número da assinatura quando for necessário fazer-se qualquer mudança nas direcções, sem o que se não pode responsabilisar pela execução do pedido.

4.° que auxiliem as grandes despezas dêste jornal com suas generosas esmolas.

VOZ DA FATIMA

DESPEZA

Transporte	356.599$77
Papel, comp. e imp. do n.° 122 (58.00 ex.)	3.630$90
Franquias, embalagens, transportes	1.411$80
Na Administração—Leiria ...	185$00
total	361.827$47

Donativos desde 15$00

Mons. Portugal — Ericeira, 66$00; Elvira Ferreira — S. Pedro do Estoril, 25$00; Blandina Rubiños — Tuy, 39$00; Adelaide Braancamp — Santarém, 20$00; José Pires — Monção, 20$00; Igreja do Campo Grande, 70$00; P.e João T. Correia — Pôrto, 20$00; Manuel de Oliveira Martins — Campolide, 50$00; Uma anónima, 20$00; Ana Pinto — L. Marques, 675$00; Maria Macedo — Castelo de Vide, 15$00; José F. Potes — Evora, 100$00; Amélia Ramada — Pôrto, 15$00; Maria J. M. Ferreira — Porto, 43$00; N.ª 8859 — P. de Brandão, 18$90; Distrib. em S. Roque — Funchal — 320$00; João Goulart — Açores, 20$00; Henriqueta Godinho — Barcelos, 40$00; Maria Filomena — S. Tirso, 15$00; Estevão Proença — Covilhã, 20$00; Corina Baptista — Açores, 20$00; Joaquim P. Gomes — Travassô, 20$00; José Maria Gomes — Travassô, 20$00; Inês A. Pinto — L. Marques, 107$50; Satira de Mendonça — L. Marques, 20$00; Lourenço Pinto — L. Marques, 87$50; Virgínia Lopes—Caldas da Rainha, 15$00; Elvira Corte Real — T. Vedras, 20$00; Ana da C. Neves — Avanca, 200$00; Maria da Silva — Guimarães, 20$00; Maria do C. Nunes — Campolide, 10$00; João I. Teixeira — Califórnia, 1 dolar; Guilhermina e Apresentação — Peniche, 97$50; Albertina Lagoa — Lisboa, 20$00; Rita do Sacramento — Covilhã, 20$00; Maria da C. Vieira — Alpiarça, 20$00; Coronel Sande Lemos — Lisboa, 20$00; Virgínio Ferreira — Pôrto, 15$00; anónima — Torres Vedras, 20$00; Maria S. Matos — Lisboa, 55$00; Isabel Seixas — Pôrto, 20$00; Henriqueta C. Pereira — Golpelheira, 20$00; Eduarda Sant'Iago — Laja do Lobo, 16$00; Maria de Sant'Iago — Lapa do Lobo, 15$00; Maria da Ascensão — Lapa do Lobo, 15$00; Gracinda de Sousa — Lapa do Lobo, 15$00; Amélia de Pina, — Lapa do Lobo, 25$00; Ana Augusta — Lapa do Lobo, 15$00; Francisco Capêlo — Madeira, 20$00; Distrib. em Manhente, 65$00; P.e Domingos Fragoso — Brasil, 272$50; Alice de Quintanilha — Guarda, 20$00; Hospital de Penafiel, 40$00; Maria Polvora — Evora, 20$00; Maria Isabel — Macáu, 15$00; Manuel da Silva — P. de Gondarem, 40$00; Maria Sarmento — Gondarem, 20$00; Matilde de Nobrega — C. de Lobos, 15$00; P.e David Coelho — Vila Maior, 82$00; Ilda Rodrigues — Ajuda, 50$00; Maria J. Leandro — Lavre, 15$00; Francisco Maria Ferreira — L. Marques, 50$00; Antónia C. Varela — Estombar, 50$00 P.e Manuel de Matos Lages — Godim, 30$00; Maria Monteiro Lamas — S. M. d'Infesta, 20$00; Distrib. em Ervedosa do Douro, 162$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 25$00; 2 esmolas do Ceará — Brasil, 20$00; Maria Aguiar — Alvorninha, 20$00; Maria das Dôres — Lisboa, 20$00; Margarida Mota — Veiros, 15$00; Francisco J. Pinho — Almada, 20$00; Luciano Almeida Monteiro — Lisboa, 200$00; Maria de J. Graça — Ramalhal, 50$00; Horácio de Gouveia — Goujoim, 50$00; Nicolau Ferreira — Covilhã, 15$00; Carlos Teixeira de Azevedo — Cintra, 150$00; Maria Apolináro Leal — Abrantes, 15$00; P.e José de Oliveira Gomes — Ovar, 20$00; António Nunes da Rocha — Califórnia, 32$50; Maria Matos — Corvo Rezende, 50$00; Virgínia Barreiros — Carrazede de Anciães, 20$00; Maria Viriato — Algarve, 20$00; Maria da Ponte — Almodovar, 60$00; Glória Fernandes — S. Tirso, 15$00; Maria Rodrigues — S. Tirso 15$00; Maria José e Silva — Aveiro, 80$00; Fernanda Zamora — V. Formoso, 50$00.

Uma combinação

«Olha cá, Joãosinho, aquilo que tu me disseste hoje de manhã não era a sério, pois não?»

A mãi, com um gesto de possuidora ciumenta e inquieta, apertava contra ela a criança que se conservava silenciosa. Vendo obstinação naquela estranha reserva, animava-o e, brincando, dizia:

«Essas lembranças costumam vir, de vez em quando, à cabeça dos meninos bonzinhos da tua idade, mas duram pouco tempo. As meninas também isso acontece. Talvez tu não saibas que eu, na tua idade, aos 14 anos, também pensei em ser religiosa!»

Perante a admiração do pequeno, ela desatou a rir.

«Pois é verdade: veio-me um dia de repente à cabeça como costuma aparecer uma dôr de dentes, e isto atormentava-me tanto que nem podia dormir. Felizmente, um dia confiei êste grande segrêdo à minha professora e esta levou-me ao capelão do colégio e deixou-me a sós com êle. Era um bom paizinho espiritual que conhecia todas as ideias divertidas que podem germinar no cérebro de uma pequena como eu era. Agarrando-me as mãos e esforçando-se por adoçar o mais possivel a sua voz de natureza áspera, diz-me assim: «Tu, religiosa? Seria tão engraçado como se me fizessem a mim cabo de esquadra!»

«— Mas, senhor Padre, olhe que eu estou a falar a sério.

«— Está bem, minha menina, acredito, mas, como és nova, temos muito tempo de pensar nisso. Agora vai dormir, vai para a caminha que já para lá estão as tuas companheiras. Daqui a um ano, se êsse desejo persistir, voltaremos a falar no caso. Por agora, bôa noite e vai sonhar com os anjinhos».

«No dia seguinte já tudo aquilo tinha passado e fazia-me rir só o lembrar-me. Contigo há-de acontecer o mesmo.

A todos os meninos bons vem um dia à cabeça serem padres. E, depois, sem darem por isso, aquilo passa-lhes como passa uma constipação. Percebeste? Deixa lá todas essas histórias».

E apertando-o mais fortemente, proguntava:

«Prometes?» João, que tinha um coração muito terno, encolheu-se e depois, levantando os seus límpidos olhos respondeu:

«Sim, mamã. — Peço-lhe principalmente que não diga nada ao papá».

* * *

Daí por diante, João poucas vezes se lembrava do caso e sobretudo nunca falava nele.

Também êle, como todos, imaginou o incidente liquidado.

Às vezes até se ria ao pensar como é que uma tal lembrança lhe veio à cabeça. E quando uma ou outra vez a ideia acordava no fundo da alma, era êle mesmo quem retrucava: «é como a mamã, que também quiz ser religiosa».

No entanto, uma coisa o impressionava e era que nem o sono das suas noites tranqüilas, nem o estudo, nem as férias, lhe varriam completamente da alma aquela antiga aspiração

As férias! Este ano vão ser uma delicia! Percorrerá meio Portugal. Passará algum tempo na praia, talvez na Figueira ou S. Pedro de Muel, onde poderá à vontade vêr o mar que tanto falava à sua alma pela nota de grandeza e imensidade.

Passará por Leiria, visitará a Batalha e Alcobaça, onde, por uns momentos como que reviverá mais de metade da nossa gloriosa história.

Estava-se nos princípios de agosto quando já por tôda a parte se tratava dos preparativos para a peregrinação do dia 13 a Fátima.

Joãosinho não teve grandes dificuldades a vencer para que os pais o deixassem ir.

Às vezes o pai preguntava à mulher:

«Tens a certeza de que o pequeno já não pensa em ser padre?

— Olha para êle e repara naquela desenvoltura, naquela vivacidade, naquela cabecinha. Ah! Estou bem certa que tudo aquilo passou».

E era assim mesmo.

Tudo tinha sido varrido pela aragem iodada do mar e pela convivência alegre com os outros companheiros da mesma idade.

Nada ou quási nada.

De vez em quando, apenas um vago e brusco apêlo da sua «ilusão» e sòmente para se rir das estranhas ideias dos tempos felizes da sua ingénua e inocente bondade. «A mamã tinha razão; estas coisas vão-se como vieram, sem a gente dar por isso».

... ...

«Onde está o João?

— Não sabes que o chamaram (estava-se na Fátima) para o serviço de servita auxiliar? Ficou doido de alegria por encontrar alguns outros rapazes conhecidos. E tudo isto — êste belo movimento da multidão, êste viril entusiásmo dos servitas, esta decisão dos jovens, a piedade fervorosa dos fiéis, tudo isso correspondia aos seus sonhos de actividade e de... generosidade.

Por isso os pais o viram todo entregue ao serviço dos doentes, ajudando-os a transportar nas macas, dispensando-lhes todos os serviços, tôda a atenção e carinho.

Êle também pode ser útil no mundo sem ser padre».

— E até mais, respondeu a mulher».

— Enquanto que padre, perdido lá no fundo de uma aldeia, em um casinholo infame... Nada, não pode ser».

E a voz da mãe afinava nas mesmas ideias:

«Não, não, lá sacerdote não».

... ...

... Como êle estava comovido, o nosso Joãosinho, quando entrou a primeira vez nas salas do hospital e viu depois, num conjunto que lhe apertava o coração, tantos doentinhos, no pavilhão respectivo, a assistir aos actos oficiais do meio dia e à espera da bênção do Santíssimo, da passagem de Jesus vivo, que tem ainda a mesma ternura antiga e que, só Êle, pode curar ou consolar tantas misérias!

Nunca êle tinha podido imaginar que se sofresse tanto e houvesse no mundo tantas coisas tristes.

Tôda essa gente, novos e velhos, alguns da sua idade, como êles tinham um aspecto dôce e resignado! Meu Deus, porque é que eles estão assim cheios de enfermidades e eu não?

Um, está de cabeça e membros hirtos sem poder nem sequer volver os olhos.

Outro, parece antes um esqueleto provisòriamente coberto com a pele. Além, uma figurinha pálida com um olhar tão doce, reflectindo ternura que lhe turva o coração.

Como eram atraentes e eloqüentes esses dois grandes olhos ardentes que sorriam! João não deixou mais êste doentinho por quem sentiu logo uma particular e inexplicável estima. Parecia-lhe que já o conhecia há muito tempo posto que nunca o tivesse visto.

Tinha o terço entrelaçado nos seus dedos brancos e via-se logo que resava com todo o fervor.

João quiz afastar-se, libertar-se desta tristeza que o enternecia, ao mesmo tempo receioso e fascinado por aquele olhar que parecia chamá-lo com o seu estranho sorrir silencioso. E eis que uma pequena mão se levanta e, com um gesto suplicante, atrai-o sem que êle ouse resistir.

Depois, com uma voz dôce, quási imperceptível, diz-lhe ao ouvido: «Como foi providencial o vir aqui, pois tenho tantas coisas para lhe dizer!...»

E os seus dedos apertavam os dêste rapazinho cuja alma perturbada procurava em vão a razão duma tal confidência.

«Eu estava à sua espera e tinha a certeza que havia de vir».

Desta vez, João ficou na maior estupefacção:

«À minha espera? Não pode ser, pois que nem sequer me conhece!...»

O enfêrmo levantou lentamente os seus grandes olhos azues para o céu e disse: «Foi Nossa Senhora da Fátima que vos trouxe a mim. Não, não estou enganado!

Pedi-lhe com tanto fervor que me fizesse encontrar aqui aquele que devia ficar no meu logar!...

— No seu logar?»

Alguém o chamou de lado para qualquer serviço mas não houve forças que o arrancassem da beira do doente onde se conservava por uma fôrça superior à sua vontade. Então o doente, fazendo-o sentar junto do colchão, com um olhar luminoso de uma alegria radiante, disse-lhe baixinho:

«Sim, substituir-me porque eu vou partir... Vou, como por cá se costuma dizer, para a nossa casa... para sempre. Olhe que é um milagre o eu estar ainda vivo. Eu vim com a esperença de me curar porque Deus me chamava ao sacerdócio. Êle, porém, resolveu melhor e permite que eu vá morrer.

Mas é o mesmo, porque alguém me substituirá. Olhe que uma promessa é uma coisa sagrada; eu já não posso, mas...»

João tinha-se aproximado do moribundo.

Novamente o seu antigo sonho acordou na sua cabeça aturdida e iluminou a sua alma, onde estas palavras passavam como um éco da vóz de Deus: «...mas... já que, sem me conhecer, aqui vieste guiado por Aquele a quem se não resiste... já que és tu quem Êle escolheu... façamos uma combinação...»

João estremeceu. Esta palavra... êste convite, esta ordem, era a sua vida inteira que êles reclamavam... um compromisso supremo, um dom que se não pode retomar.

Uma vaga inquietação inundou o seu coração, mas depois, uma onda de alegria o levantou.

Agitado, não ousou no entanto pronunciar o «talvez» da incerteza. Esta mão, que estreitava a sua, o retinha prisioneiro dum juramento que êle não tinha ainda pronunciado mas que sabia que seria de futuro inevitável e definitivo. A voz, ouvida há tempo, vibrava agora, imperiosa e solene, ao hálito quási apagado daquele cuja morte próxima suscitava o começo duma estrada nova... para o sacerdócio.

Inclinou-se para o amável agonisante e depois, num esfôrço enérgico, recalcando o soluço que lhe apertava a garganta, disse:

«**Sim**... pometo... podes contar comigo. Tu serás o meu **Anjo** lá em cima e eu serei o **teu padre** cá em baixo».

Então, tendo longamente contemplado aquele rosto predestinado em que o resplendor do olhar reflectia uma alegria imensa, João o beijou na fronte, dizendo:

«Até à vista. Vou confiar à Mãe do Céu o objecto da nossa promessa.

— E eu vou dizer a Nosso Senhor que desde agora seremos irmãos por tôda a eternidade».

Fátima, o Paraíso na terra
e
A Pérola de Portugal,

são dois livros sôbre Fátima, pelo Sr. Visconde de Montelo, que pelo preço de 5$oo cada um se enviam do Santuário ou da Redacção da «Voz da Fátima», a quem os pedir e enviar a respectiva importância.

São interessantes, principalmente para quem não tem sido assinante da «Voz da Fátima».

A BOA NOVA DA FÁTIMA
Fátima, terra de belos ensinamentos

«Seria necessária uma pena de cristal para transcrever as lições, as admirdveis lições da Fátima.

É que na base dos acontecimentos, que desde 1917, se desenrolam naquele recanto bendito da terra portuguesa, e donde decorrem essas lições — como água fresca duma fonte fecunda, — está a aparição d'Aquela a quem a Escritura proclama «bela como o sol», Maria, nossa terna Mãe.

E essas lições são ditados com uma clareza tão suave, com uma eloquência tão irresistivel, que necessitariam efectivamente de um estilete de fino cristal para que possam ser dadas com tôda a sua suave lucidez!

Fátima pode resumir-se numa palavra única: maravilha!

Diamante resplandecente, não foi ela lapidada pela própria solicitude de Maria para que o fogo das suas diversas facetas se reflita na alma de todos os que se abandonam ao seu amor maternal?

Nesta modesta revista temo-nos nós esforçado por mostrar os seus diferentes aspectos, qual dêles mais maravilhoso.

* * *

O que era a Fátima antes daquele dia memorável da primeira aparição? Pequena aldeia ignorada, perdida numa dobra da montanha, a 27 quilómetros da cidade de Leiria. Num dos seus pobres logarejos, em Aljustrel, viviam, uma vida simples, três pastorinhos, analfabetos mas devotos do terço: apascentavam as suas 20 ovelhas num sitio próximo chamado Cova da Iria, terra drida e inculta, sem nenhum atractivo, completamente desprovida de água apesar das tentativas feitas para a encontrar.

Foi ali, no tôpo de uma modesta «azinheira» que a Virgem lhes apareceu seis vezes, de 13 de maio a 13 de outubro, indicando o seu nome:

«Eu sou Nossa Senhora do Rosário»...

...E aquele canto escondido tornou-se um canto do céu! E os prodígios se acumulam em tão grande número e com uma tal rapidez que não nos parece supérfluo resumir o que lá se passa e tem passado, numa palavra só: maravilha!

Maravilha de favores celestes *que o foi a série de aparições de Maria, Rainha do Santo Rosário!*

Maravilha nos ares, *que o foi o fenómeno metereológico astronómico de 13 de outubro de 1917, em que o sol se torna em uma roda magnífica de fogo deante de 60.000 espectadores, entre os quais havia muitos curiosos e até descrentes.*

Maravilha nas terras *que o foi o aparecimento de uma fonte clara e abundante de água a alguns metros da «azinheira» das aparições, no dia em que em 1922, ali foi celebrada a primeira Missa!*

Maravilha nos corpos, *constituída pelo número incalculável de curas admiráveis que desafiam a ciência!*

Maravilha sobretudo nas almas, *efectuada pelo número ainda mais incalculável de inefáveis benefícios espirituais! Quantas conversões inesperadas!*

Quantos corações indiferentes se têm voltado para Deus! Quantas tibiezas transformadas em fervor!

Até mesmo punições desconcertantes infligidas a criaturas que, desviadas por um sectarismo odioso tinham ousado manchar com a lama das suas injúrias a Virgem Imaculada!

Tudo isto — sem falar nas maravilhas operadas no mais recondito das consciências ao conhecerem a Deus — tudo isto provocou uma torrente, um rio, um oceano de almas humanas que invadem agora, a 13 de cada mês, as dôces colinas de Fátima.

Todas essas almas, às dezenas de milhar, se sentem ali fundidas em uma só, palpável, edificante, comunicativa, oferecendo um espectáculo tão empolgante de que não poderiamos adivinhar o encanto se o não tivessemos visto com os nossos próprios olhos.

É tanto mais verdade quanto todos quantos teem tido a felicidade de assistir a essas diversas cénas: à entrada solene, *imponentíssima, dum cortejo que nunca mais acaba, de peregrinos, precedidos do Bispo do lugar, entrando pelo pórtico principal na estância do santuário, cantando num conjunto tocante, num tom plangente:* — à procissão das velas, *que, ao cintilar das estrelas, se movem sob a brisa, ondeando em meandros excessivamente graciosos, que sobem aqui, se inclinam ali, se abaixam acolá, seguindo as largas e belas avenidas artisticamente desenhados naquele imenso teatro natural da Cova da Iria;* — aos exercícios de Adoração nocturna, *entrecortados de terços, meditações, cânticos de uma melodia tão penetrante que, passadas semanas e até meses ainda as sentimos no ouvido:* — à Missa pontifical, *cantada em pleno ar, num profundo recolhimento, por todos os milhares de vozes dêsse povo;* — à Missa tão comovente dos doentes *e a bênção de Jesus-Hóstia a cada um em particular;* — e finalmente à procissão do adeus, *em que a estátua de Nossa Senhora da Fátima, voltando para a sua minúscula capelinha edificada pela piedade popular, é saudada não sòmente por milhares de lenços brancos, que, vistos de longe parecem bandos de pombas brancas, mas principalmente por tantas lágrimas de suave alegria que descem de todos os olhos como pérolas de reconhecimento;... todos os que encheram os olhos com estas cênas (e nós omitimos muitas outras) são unânimes em declarar que só em Fátima lhes foi possível experimentar emoções tão suaves e profundas! Sentiram a sua alma vibrar com a alma dessa massa de peregrinos de quem saborearam o espírito de penitência e reparação, de quem viram o entusiásmo crescente da fé.*

Subamos um pouco acima destas manifestações, que algumas vezes poderiam ser consideradas como tendo um valor só exterior!

Em Fátima do santo Rosário, tem-se a impressão clara de que esses milhares de almas — no meio do murmurio das «Avé-Marias» quando elas evocam, na meditação, a vida de Maria nos mistérios das suas alegrias, das suas dôres e dos seus triunfos — ouvem interiormente um bem dôce convite: o de se deixar conduzir pela Mãe Celeste para a morada do Filho adorável, para a Hóstia que irradia, viva e vivificante...

... E o convite foi bem aceite. Na verdade, o que constitue o facto mais empolgante da Fátima, é precisamente a prodigiosa multiplicação dos pães eucarísticos, é bem o número extraordinàriamente elevado das comunhões.

Quando se reflete nisto, vê-se que é lógico. É que o papel mais verdadeiro, mais augusto, mais maternal de Maria não será o de conduzir os seus filhinhos ao Banquete dos Anjos em que Ela lhes pode dar o seu próprio Filho feito Hóstia? É esta, na minha modesta opinião, uma prova suficiente da veracidade das aparições.

Oh! sim! A maravilha mais sublime criada pela maravilha marial de Fátima é a maravilha eucarística.

* *

Doutrina bela que transporta a imaginação aos fervorosos tempos das Catacumbas e aos tempos evangélicos.

Fátima, o vale encantador dum novo Caná.

Fátima, o punhado de colinas do acolhedor albergue de Emmaús.

Fátima, o planalto das sublimidades reconfortantes do Tabôr.

Será necessário recordar aqui o episódio de Caná, que nos pinta, com fortes detalhes, a feliz intervenção de Maria junto da omnipotencia de seu Filho?

O facto é por si mesmo bem eloquente para que a Mãe divina seja proclamada: canal dispensador das graças.

As crónicas de todos os povos cristãos nos relatam em quantas outras circunstâncias a Rainha do Céu veio em socorro de seus filhos aflitos. A terra portuguesa que os séculos chamam a «terra da Virgem e do Santíssimo Sacramento» *achava-se à beira de um abismo, em seqüência da revolução franco-maçónica de 1910. Quando tudo já parecia perdido, a Esperança dos desesperados faz em Fátima as suas aparições, tendo nas mãos não armas mortíferas mas um terço branquinho.*

Sete anos de perseguição se tinham passado. E, repentinamente, graças à devoção a N. Senhora, uma formidável renovação cristã sacode tôda a nação e isto apesar de tôdas as fôrças postas em acção pelas Portas do Inferno (censuras oficiais, atentados, panfletos diabòlicamente idiotas, escritos por «homens livres»). Em poucos anos, Fátima converte-se num centro magnético para todos os fiéis da terra, devotos do Rosário.

A lição a tirar é esta: Por intermédio de Maria, dispensadora de todas as graças, o terço é uma arma terrível contra os inimigos que nos assaltam de tôda a parte; é também um poderoso lenitivo nas nossas penas. *Mas se realmente Fátima é um outro Caná em que a Virgem Mãe se dignou intervir em favor de seus filhos, no interior dos corações deve ter resoado a ordem outrora dada aos criados do banquete: «Fazei tudo o que Êle (Jesus) vos disser».*

Ora, o que é que o Mestre nos pede? «Comei o meu corpo, bebei o meu sangue e tereis vida em vós».

Já dissemos e voltamos a repetir que o que em Fátima dá melhor nota é justamente esta edificante florescencia do culto eucarístico sob todas as suas formas. É porque a ordem de Maria: «Fazei o que Êle vos disser», foi executada com tanta delicadeza em Fátima, Caná delicioso, tornado, cada vez mais, em um Cenáculo de ardor eucarístico. Aí, as almas caminham para um ideal de verdadeira beleza, precisamente porque se alimentam com o Pão dos fortes, do vinho que faz germinar as virgens.

É o albergue de Emmaús onde os fatigados do caminho, os tristes, os descoroçoados, se saciam finalmente, reconhecendo também eles o Mestre ao partir do Pão.

Que os cansados modernos que não teem podido saciar-se com os prazeres do nosso mundo corrompido, — que os tristes que não foram favorecidos com bens da terra, — que os desenganados arrastados pelo orgulho incomensurável do nosso século, que todos invoquem — a Estrêla da Fátima! Que recuperem confiança.

Maria, para salvar os seus filhos, ata-os com o seu terço e introdu-los assim na habitação eucarística de seu Filho que lhes dará a paz.

Dôce Fátima, *porque é que quando nós pomos os pés sôbre o teu solo sagrado e que passiamos no meio das tuas «azinheiras», irmãs da que serviu de pedestal à tua Bela Senhora luminosa, porque é que o coração sente então emoções inefáveis, porque é que êle se torna tão pequenino e bate tão forte?*

Dôce Fátima, *porque é que debaixo das telhas da tua capela tão minuscula mas tão grandiosa na sua inexpressivel pequenez, porque é que nos sentimos com vontade de chorar, perto da estátua miraculosa que nos olha com uma indisivel ternura, em que o sorriso se alia a uma compadecida melancolia?*

Dôce Fátima, *amável aldeia de Caná, acolhedor albergue de Emmaús, serás tu ao mesmo tempo um Monte Tabor de Maria em que sabe tão bem estarmos?*

Sim! No vosso ambiente celestemente singular, a alma sente-se transportada, persuadida que Aquela que ali apareceu é bem a Eleita da Santíssima Trindade para a obra da Redenção humana, a cheia de graça, saudada por um Arcanjo em missão de Embaixador, a Mãe divina em que o Salvador tomou esta carne virginal e êste sangue rutilante que nos alimenta na Comunhão.

Na tua atmosfera saturada de sobrenatural, a alma sente o braço da Mãe de Deus que o sustém, que aperta o filho contra o seu coração virginal.

Nêsse teu vale, nos flancos dessas colinas, sôbre êsse planalto, a alma pensa numa viageira que no termo dum longo trajecto através dos montanhas, entoa os inimitáveis versinhos do «Magnificat», cântico de humildade. Ela aproxima-se assim da humildade da «azinheira» como com a simplicidade dos pequenos videntes, tão puros e conclui com esta terceira lição marial:

A beleza moral que é a castidade não pode ser alcançada senão pela humildade, cantada no Magnificat.

(P.e Richard, no Sentier, de Paris, n.º 6o, de setembro de 1932).

Leiam e cumpram

Para evitar atrazos é necessário não esquecer que:

Quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

A tempo...

Um pequenito, tendo acompanhado seus pais a um sarau, ali adormeceu.

Acabada a festa, a mãi trouxe-o ao colo para casa e deitou-o sem que êle acordasse.

Quando ela se preparava para se deitar ouviu chamar:

— Mamã!

— O que é isso, Julinho? que queres?

— Que coisa engraçada! Ainda há pouco estava noutra casa e agora estou na minha cama!

— Tu adormeceste e eu trouxe-te ao colo e deitei-te.

— Mas eu, mamã, ainda não fiz a minha oração da noite.

— Amanhã a fares. Quando a gente se esquece duma coisa, fá-la depois.

— E se a mamã se esquecer de me dar o almoço também guarda para o outro dia?

Vencida por êste argumento, a mãi apressou-se em fazer recitar as orações da noite a êste anjinho que ela abraçou com efusão.

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Êste belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiràvelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para êsse fim enviar 5$oo ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

RESPEITO PELOS SACERDOTES

Bonald, filósofo ilustre da França, tinha um filho padre. Conta-se que certo dia um dos seus amigos foi encontrá-lo a conversar com o filho, conservando-se respeitosamente de chapéu na mão.

Retirou-se o filho e Bonald, ficando a sós com o amigo, disse para êste:

— Entre nós não há cerimónias, não é verdade? Ora com meu filho o caso muda de figura. Depois que êle recebeu a unção sacerdotal é maior do que eu.

Já nos podemos cobrir.

FAMÍLIA AO SERVIÇO DE DEUS

No mosteiro de Beneditinas do Rochette, próximo de Lião, França, tomaram, há pouco, hábito duas jovens irmãs, que pertencem a uma família privilegiada.

O pai fôra farmaceutico em Orleans. O único filho que tivera, foi para o seminário. Veio a guerra, e o seminarista foi mobilisado e morreu em combate, defendendo a Pátria.

Pouco depois morreu-lhe a esposa e o farmaceutico entrou no Seminário e ordenou-se. Foi êle que teve a ventura de conduzir as filhas ao convento e de rezar a missa da cerimónia da tomada do hábito.

É uma família totalmente dedicada ao serviço da Igreja.

Infelizmente são tantos os católicos que se recusam dar os filhos a Deus!...

Este número foi visado pela Censura.

Ano XI — Leiria, 13 de Janeiro de 1933 — N.º 124

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

Monsenhor R. Maeder, pároco da paróquia do Espírito Santo, em Basileia (Basel) na Suissa, editor da Die Schildwache (Sentinela), semanário de reputação e difusão mundial.

Esta revista publicará a partir de 13 de Janeiro de 1933 um suplemento mensal à Sentinela *com uma tiragem de 10000 exemplares. Será a edição em alemão da «Voz da Fátima» e intitula-se* Na escola de Maria—Mensageiro de Fátima.

Monsenhor Maeder pos à disposição do Rev. Dr. Fischer as páginas da sua revista onde foram publicados os primeiros artigos em língua alemã sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Bem haja!

A grandeza de Fátima

Com o triste e sombrio mês de Dezembro, o primeiro da quadra invernosa, mês do frio, da chuva e da neve, é chegado ao seu termo mais um ano, o décimo quinto depois das aparições e dos fenómenos maravilhosos.

O ano de mil novecentos e trinta e dois, o ano rosariano por excelência, ficará para sempre assinalado nos fastos gloriosos da Lourdes portuguesa por uma série de acontecimentos importantes que merecem ser postos em relêvo.

Nunca talvez como durante o ano que ora finda, nos sermões, homílias e práticas, que se fizeram por ocasião das cerimónias religiosas que tiveram por teatro a Cova da Iria, foi sublinhada tantas vezes e com tanto encarecimento e tão vivo entusiasmo a extraordinária grandeza da graça inefável que a Rainha dos Anjos se dignou conceder aos filhos queridos da terra de Portugal, justamente chamada a terra de Santa Maria.

Seis vezes, de Maio a Outubro, no dia treze de cada mês, descendo dos páramos da glória, ela pousou os pés virginais sôbre a copa da azinheira sagrada, para derramar profusamente com as suas mãos puríssimas nas almas e nos corpos os dons mais preciosos dos tesouros do Céu.

Por isso, dum extremo ao outro da nossa Pátria, as multidões acorrem, impulsionadas pela fé e pela confiança, a depôr as homenagens da sua piedade filial e as súplicas dos seus corações ansiosos ou angustiados aos pés da Virgem bendita, Mãi de misericórdia, Refúgio dos pecadores e Medianeira de tôdas as graças. Foi durante o ano de 1932, precisamente no dia treze de Maio, que o venerando Núncio de Sua Santidade em Lisboa, Monsenhor Beda Cardinale, Arcebispo titular de Chersona visitou oficialmente o Santuário de Fátima e presidiu às grandiosas manifestações de fé e piedade que alí se realizaram nesse dia memorável.

Foi também nesse ano que a Cova da Iria viu dentro dos seus muros a maior peregrinação diocesana até hoje efectuada, a grande peregrinação diocesana de Leiria, que conduziu até junto do trono da Virgem cêrca de quarenta mil pessoas de ambos os sexos e de tôdas as classes e condições sociais.

Foi ainda no ano rosariano que os mais distintos personagens estranjeiros das diferentes nações da Europa e da América vieram presenciar, no meio da maior comoção e assombro, scenas maravilhosas que nunca imaginaram fôssem tão belas e tão tocantes.

Mas é absolutamente impossível fazer neste logar uma resenha dos factos mais notáveis ocorridos no decurso do ano que findou.

Três lustros são já passados depois que Fátima, a Lourdes portuguesa, nasceu, entre afectos, súplicas e lágrimas, para glória de Deus, para honra da Virgem, e para bem das almas.

Fátima é hoje um facho ardente que paira por sôbre Portugal e o mundo, iluminando as inteligências com as luzes explendorosas da fé e abrasando os corações com as chamas purificadoras da piedade e do amor.

Fátima não é apenas uma risonha esperança ou uma promessa fagueira, é uma realidade palpável, viva e palpitante, sobremaneira consoladora, plena de frutos sazonados e abundantes, que depuram as consciências, elevam as almas, confortam os corações, refazem os corpos, redimem os indivíduos e salvam os povos.

Salvé, Fátima, mil vezes salvé!

O dia treze na Cova da Iria

O dia treze de Dezembro amanheceu imerso numa neblina densa e húmida que cobria a surperfície da terra e não deixava vêr os objectos a distância.

À medida que se subiam as estradas da serra que conduzem ao local das aparições, o nevoeiro tornava-se cada vez mais espesso e mais opaco, obrigando os automóveis a uma marcha menos veloz e por isso mesmo mais segura à beira de precipícios profundos e talhados quási a pique nos contrafortes da montanha.

Mas às dez horas, o sol rompe as nuvens, o nevoeiro desaparece como que por encanto e o dia apresenta-se formoso e brilhante, como se fôra um verdadeiro dia de primavera.

Desde alta madrugada os sacerdotes atendem os fiéis que em grande número se aproximam do santo tribunal da penitência, para se reconciliarem, por meio da acusação sincera e sentida das suas faltas, com o Deus de bondade e de misericórdia que pouco depois vão receber nos corações escondido sob as espécies de pão no seu sacramento de amor, a Santíssima e Augustíssima Eucarística.

Entretanto, no Pôsto das verificações médicas, o dr. Pereira Gens director do referido Pôsto, procede ao exame e registo dos doentes, coadjuvado pelos enfermeiros Joaquim de Sousa e António Pereira das Neves.

Foram ao todo inscritos neste dia no respectivo livro de registo vinte e sete doentes que sofriam de diversas doenças: laringite crónica, bronquite asmática, adipose, doença da espinha, diabétes, parquinson, rinite, lues, reumatismo, asma, paralisia da face, surdez, parafimose, lupus tuberculoso na face, cegueira, pleurisia, enterocolite, artrite do joelho e mal de Pott dorsal.

Os doentes eram na sua grande maioria das povoações limítrofes de Fátima:

Vila Nova de Ourém, Loureira, Ademó (Alqueidão), Boleiros, Ourém, Olival, Breiro, Vermoil, Tormal, S. Mamede, Toucinhos (Ourém) e Azoia.

Ao meio dia oficial, depois de rezado o terço do rosário, organizou-se a primeira procissão, sendo conduzida a Imagem de Nossa Senhora de Fátima da capela das aparições para a capela do pavilhão dos doentes.

Cantado o *Credo* pelo clero e pelo povo, principiou a missa oficial, que foi acompanhada a harmónio e cânticos. Terminou a missa, como de costume, com a bênção dos doentes e a procissão do adeus.

Ao evangelho subiu ao púlpito o rev.do Francisco Vieira da Rosa que fêz uma breve alocução da qual aqui se arquiva um largo resumo.

O sermão oficial

«Mais alguns dias e a Santa Igreja celebrará a grande festa do Natal, o nascimento do Deus Menino, que à terra vêm para resgatar a humanidade pecadora.

Logo que êste acontecimento se realiza, abrem-se os céus. Os Anjos descem em revoada, anunciam a boa nova da chegada do Salvador e cantam: «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade». E os pastores, que lá vão tangendo os seus rebanhos, encaminham-se em direcção à gruta de Belém.

«E os Magos do Oriente, guiados pela estrêla que lhes aparecera, na orla do horizonte, deixam as suas terras e partem em demanda da Palestina.

Mas, afinal, a que vão os Pastores e os Magos, os humilde e os grandes, os rudes e os sábios?

Vão vêr Jesus, prestar os tributos da sua vassalagem ao Rei Imortal dos séculos que Maria lhes mostra.

Em Fátima, rincão sagrado de Portugal, terra bendita, santificada pela presença da Virgem, perfumada pela oração dos fiéis, rubricada pelo sangue da penitência, regada pelas lágrimas da dôr e do arrependimento — neste logar, onde se respira uma ambiência saturada de sobenatural — congregam-se milhares de fiéis, vindos de todos os recantos do país e de várias partes do mundo, de tôdas as classes e condições sociais.

Porém, a que veem êsses peregrinos, visitando esta Cova árida e triste, sem comodidades nem atractivos como Belém?

Vêm chorar, cantar e rezar aos pés de Maria Santíssima que lhes aponta a Jesus: Jesus que opera milagres, dando a saúde aos enfêrmos; Jesus comungado e vivido pelas almas boas, onde o seu amor faz maravilhas de piedade e apostolado fecundo; Jesus que aperta ao seu coração tantos pródigos que, perseguidos pela graça, aqui veem bater à casa paterna, esmolando a paz e a ventura que o mundo lhes negou. Tôdas as cerimónias litúrgicas que se desenrolam aos nossos olhos e que tanto falam à alma, são coroadas pela bênção do Santíssimo Sacramento que é a Vida dos Corações.

O coração foi feito para amar, mas o amor sem Deus é ilusão e mentira.

A vida que há-de informar e engrandecer o coração humano tem que baixar do Céu, já que a terra a não possui. Essa vida já desceu; chama-se a Eucaristia. No fundo dos seus Sacrários, onde é prisioneiro de amor, repete às almas que passam: Tomai e comei, a minha carne é verdadeira comida... Eu sou o vosso Mestre, o Caminho, a Verdade e a Vida... As almas que se assentam à mesa dos Anjos tornam-se participantes da luz e da fôrça de Deus. Só o pão dos fortes lhes dá a fôrça sobrehumana com que se há-de vencer o bom combate. Comunguemos todos os Domingos, todos os dias, se puder ser. Que a nossa vida no exílio da terra, vivificada e enobrecida e gloriosa pela comunhão freqüente, seja o começo da Comunhão Eterna que teremos um dia no Paraíso».

Peregrinos do estranjeiro

Entre os peregrinos que estiveram no dia treze de Dezembro em Fátima, merece especial referência Monsenhor Antonino di Maria, de 65 anos de idade, de nacionalidade italiana, que, no regresso do Brasil, onde esteve alguns anos, quís visitar o Santuário da Lourdes Portuguesa.

O ilustre romeiro ficou maravilhado com tudo quanto viu e que excedeu a sua expectativa e prometeu voltar novamente do Brasil, para onde parte em breve,

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Dezembro)

O Rev. Dr. Fischer celebrando a Santa Missa no dia 13 de Outubro de 1932 no Santuário da Fátima.

O Rev. Dr. L. Fischer, ardente apóstolo de Nossa Senhora da Fátima na Suissa, na Alemanha, na Austria, na Chekoslovachia, na Polónia onde fêz mais de 200 conferências, autor dos livros: — «Fátima a Lourdes Portuguesa»; — «Fátima à luz da autoridade eclesiástica» — com numerosas edições e versões e que trabalha num novo livro — História crítica das aparições de Fátima—, é o fundador e redactor principal do Mensageiro da Fátima — «Na escola de Maria», *suplemento mensal à* Sentinela, *de Basileia. O primeiro número é publicado em 13 de Janeiro de 1933.*

Pedimos aos nossos queridos leitores as suas orações para que o novo orgão das glórias de Maria na Fátima atraia as almas e as aqueça no amor de Deus por intermédio da Boa Mãe do Céu.

a-fim-de mais uma vez visitar o logar abençoado pela Virgem de Fátima.

Visitaram igualmente o Santuário de Fátima, no mesmo dia, D. Leão Dias Ferreira, monge beneditino, e o rev.do José Rodrigues Coimbra, de Viseu, que tinham regressado poucos dias antes do Brasil no vapor «Monte Sarmento». Foi a primeira vez que estiveram em Fátima e levaram consigo desta nesga de terra da Pátria santificada pela presença e pela graça da Virgem as mais doces e mais profundas recordações.

Fátima no Brasil

Dum ilustre sacerdote português que se encontra actualmente no Brasil recebeu o rev.do Arnaldo de Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria, uma carta interessante, da qual se reproduzem neste lugar alguns períodos:

«Fortaleza, 25 de Maio de 1931.

Rev.mo em C.to P. Magalhães

« Na semana passada enviei a V. R.a « o jornal católico dêste Estado de Nor« deste que fala da festa que a colónia « portuguesa daqui fêz a N.a S.a da Fáti« ma. Houve um tríduo na Igreja do Ro« sário desta capital, que fica no centro « da cidade, nos dias 14,15 e 16 dêste « mês e no dia 17 foi a Imagem de N.a « S.a da Fátima conduzida processional« mente da Igreja do Rosário para a nos« sa Igreja de C.to Rei. Foi grande a « concorrência no tríduo, mas muitíssimo « maior na procissão. Nela se incorpora« ram quási tôdas as associações piedosas « desta capital, predominando as das Fi« lhas de Maria, que durante o percurso, « iam cantando o *Ave de Fátima*.

« Depois de entrar a procissão na Igre« ja de C.to Rei, prégou o R. P. Celesti« no, superior da Missão, como já o tinha « feito no tríduo. Em seguida ao sermão « foi dada a bênção do SS.mo e como con« clusão cantou-se o hino de Fátima.

« A nossa Igreja é ampla, pois tem 50 « metros por 24, mas ficou completamen« te cheia, o que ainda não tinha aconte« cido noutras ocasiões. A multidão não « se cansava de contemplar a Imagem da « N.a S.a de Fátima e muitas pessoas não « saiam da Igreja, enquanto lhe não da« vam alguma flôr das que serviram para « enfeitar o andor.

« A colónia portuguesa, como o mesmo « jornal notou no outro dia, portou-se « bem».

Visconde de Montelo

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NA AUSTRIA

Publicamos mais uma carta dirigida ao ilustre Professor da Universidade de Bamberg Rev. Dr. L. Fischer, benemérito apóstolo de Nossa Senhora de Fátima em países de lingua germânica.

A carta vem de Burgenland que, como dissemos no número anterior da «Voz da Fátima», está situada na fronteira hungara da Austria.

St. Margarethen
3-11-1932

Senhor Professor:

Acabo mesmo agora de chegar da Igreja onde fui assistir à «Hora Santa» que se realiza na véspera das primeiras 6.as feiras. Êste dia é destinado exclusivamente a homens e jovens. Assistem sempre de 80 a 100.

Que consoladora devoção! É exposto o S. Sacramento e o nosso pároco faz sempre uma pequena prática. O resto do tempo é preenchido com meditação, oração e cânticos extraídos do livrinho a «Hora Santa» do P.e Matheo. Procedendo assim julgamos cumprir, na medida do possível, a vontade de N. Senhor. São homens, sobretudo, que Êle deseja ver reünidos em volta do seu Tabernaculo.

Êstes, apesar de serem lavradores, trabalhadores de enxada e operários vêm sempre da melhor vontade mesmo nos dias de maior trabalho. E, louvado Deus, vem também o nosso professor!

A freguesia tem uma população de 2.500 habitantes, todos católicos. Mas os católicos de verdade não vão, infelizmente, além da terça parte. O pior, porém, é termos uma Igreja tão acanhada que comporta, quando muito, 700 a 800 pessoas. Este facto deve contribuir, em parte, para que metade dos habitantes da freguesia seja remissa no cumprimento do preceito dominical.

Dito isto é fácil compreender a luta que somos obrigados a travar mas, graças a Deus, já muito temos conseguido.

Em compensação concedeu-nos a Providência um pároco zelozissimo. A sua divisa é: «S. C. de Jesus, eu confio em vós!» Tomou posse desta freguesia no dia da festa de N. S.a do Rosário de 1916.

Fazer uma resenha da sua acção como pároco desta freguesia, seria de todo impossível. A seu lado vou eu, na medida das minhas forças, exercendo o apostolado laico. Já conseguimos associar todos os habitantes da freguesia. Os rapazes na Juventude Católica; as raparigas nas filhas de Maria; os homens na União Popular Catolica e as mulheres na União das Mães Christãs.

Por esta pequena amostra já V. Rev.a pode fazer uma ideia do trabalho com que está sobrecarregado o nosso pároco. O seu ideal é o preconisado por S. Santidade o papa Pio XI — *Acção Católica*.

E para pôr em prática êste ideal construímos, ha três anos, um grande edifício destinado às nossas associações e dêle fazemos a nossa *oficina*.

Todo êste arrazoado tem por fim fazer-lhe ponhoder, em rápidas palavras, o lugar que N. S.a da Fátima escolheu para ser venerada neste recanto da Austria.

E agora permita-me que passe a responder à sua muito estimada carta recebida aqui no dia 31 de Outubro com indescritivel alegria. Deus lhe pague, centuplicado, o raminho da azinheira sôbre a qual N. Senhora apareceu ha 15 anos aos pastorinhos. Venera-la-ei sempre como uma reliquia muito querida. O livrinho junto intitulado «Der Klingende Tag» servir-nos-á de muita utilidade.

O nosso pároco agradece do coração os cumprimentos que V. Rev.a se dignou enviar-lhe e pede-me para lhe dizer que logo que venha à Austria não se esqueça de nos visitar para fazer também aqui uma conferencia com projecções luminosas sôbre N. S. de Fátima.

Como já disse, temos aqui uma grande sala com tudo o que é necessário para êsse fim, incluindo um cinema. Convidariamos nessa ocasião não só os habitantes da freguesia mas também os das freguesiaa circunvisinhas, pois ha aqui um vivo interesse por tudo o que diz respeito a Fátima. A curta distância daqui fica Eisenstadt, a capital da região, onde V. Rev.a seria também recebido com prazer.

E agora algumas palavras sôbre a forma como decorreu a nossa festa em honra de N. S.a de Fátima. A estátua foi feita por Angelo Bertolli, o mais acreditado escultor de Viena. A execução é soberba imitando perfeitamente o original de Fátima. Chegou aqui no dia 10 de Outubro e no dia 12, à tarde, foi solenemente benzida pelo nosso pároco. Foi, para êsse fim erigido um altar no centro da Igreja. Durante a benção entoou o nosso orfeão masculino um cantico a Maria, tendo em seguida o Rev.o Pároco prégado um comovente sermão.

Pouco depois foi a Imagem conduzida em procissão até à praça principal tendo-se encorporado nela inúmeras crianças das escolas, juventude Católica, filhas de Maria, homens e mulheres, todos com velas acesas na mão. O orfeão entoou o «Avé de Fátima» sendo secundado por todos, em côro. Era um espectáculo comovedor até às lágrimas mesmo para os nossos adversários que o contemplavam de longe. Uma coisa assim nunca a nossa freguesia tinha visto. Vieram também muitas pessoas das freguesias limítrofes. A noite estava calma e serena, de sorte que os cânticos chegavam ao longe dizendo depois as pessoas que os ouviram: «até parecia que o Céu tinha descido à terra». À meia noite houve adoração nocturna com a Igreja quási repleta e de manhã cêdo foi celebrada a santa Missa em louvor de N. S. de Fátima. A Imagem encontra-se outra vez no lugar de honra da minha casa.

Estou convencido que N. Senhora me auxiliará na execução do meu plano e que a capela que prometi erigir em sua honra estará concluida no próximo ano. Até lá irá a Imagem todos os dias 13 para a Igreja paroquial a-fim-de ser exposta à veneração dos fiéis. Também aqui, estou certo, Ela espalhará abundantes graças.

E para terminar peço a V. Rev.a o obsequio de me enviar um livro em que se descrevam, com exatidão, as Aparições de N. Senhora e bem assim um outro que trate das curas miraculosas. O nosso pároco poderia servir-se dêles para as suas prégações. «Fátima, a Lourdes portuguesa» e «Fátima à luz da autoridade eclesiástica» já nós possuímos.

Antes de me deitar vou ainda rezar o meu Terço a N. S.a de Fátima e não me esquecerei de V. Rev.a junto de N. Senhora.

Eu, e tôda a minha família nos encomendamos às orações de V. Rev.a Cumprimentos do nosso pároco.

De V. Rev.a

Emmerich Unger

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA SOBRE O ATLÂNTICO

(Excerto de uma carta)

No dia 8 de Outubro, embarcámos em Lisboa com o Sr. D. Moisés, novo bispo de Angola e Congo, dez sacerdotes, todos destinados às Missões da provincia de Angola, a saber: P.e João Antunes Duarte Serra, da diocese da Guarda; P.e Cândido de Sousa Maia, do Pôrto; P.e João Martins Lopes, de Portalegre; P.e Alberto Domingues Barata, idem; P.e Joaquim Martins dos Reis, idem; P.e Luís Roque Antunes, idem; P.e Adriano da Rocha, do Pôrto; P.e Isalino José Alves Gomes, de Braga; P.e José Domingues Terças, idem; P.e Eugénio Hablitz, da Alsácia, sendo êstes últimos quatro da Congregação do Espírito Santo e outros seis seculares. Seguem também um terceiranista do curso teológico — José Gonçalves Martins, da diocese de Braga, e dois segundanistas — Albino Martins de Sousa Fernandes e José Gomes Tavares, ambos do Pôrto, que completarão os seus estudos no Seminário de Angola. Acompanham-nos ainda seis Irmãos Auxiliares que, além do mais, vão ensinar aos indigenas a grande lei do trabalho.

Nos primeiros dias tivemos de defrontar-nos com um mar tempestuoso que nos fêz passar um mau bocado, não havendo quem não enjoasse: foi o nosso baptismo de água... salgada. Mas tudo se modificou a partir do terceiro dia.

No dia 10, começamos, pelo fim da tarde, a avistar a ilha da Madeira, mas, com grande arrelia de todos, só às sete horas e meia, já noite serrada, o «Mouzinho» lança ferro no pôrto do Funchal. Como não podiamos fàcilmente e proveitosamente ir a terra, veio o Snr. Bispo do Funchal, D. António Pereira Ribeiro, visitar o Ex.mo Snr. D. Moisés, com quem se demorou algumas horas.

Vieram também alguns sacerdotes da cidade do Funchal, um dos quais está preparando as suas coisas para vir ter connosco a Luanda. Oxalá não se demore!

Pouco antes do «Mousinho» levantar ferro, o Ex.mo Senhor D. António despediu-se do Sr. Bispo de Angola e de todos os novos missionários, abençoando-nos e encorajando-nos.

Do Funchal a S. Tomé são dez dias de viagem ininterruptos, sem que o «Mouzinho» se digne visitar qualquer outro porto. Mas estes longos dias passados aqui a bordo, contemplando apenas mar e céu, não têm sido desperdiçado por nós, e alguns até mesmo têm sido bem aproveitados: estão neste rol os dias 12 e 13 de Outubro.

No dia 12, o Snr. D. Moisés reuniu-nos a todos no salão que foi adaptado a capela, e fez-nos uma substânciosa conferência em que falou longamente de Nossa Senhora da Fátima, sob cuja protecção deviamos colocar os nossos trabalhos apostólicos, para serem mais frutuosos, e convidou-nos a fazer a nossa velada de orações em união com todos os peregrinos que nessa noite estariam reunidos na Cova da Iria, entre os quais devia encontrar-se o rev. Padre Provincial da Congregação do Espírito Santo — Dr. Clemente Pereira da Silva, que seria dos mais fervorosos, e com a maior devoção e interesse pediria por nós.

Combinou-se que no dia seguinte (dia 13 Outubro) as onze missas fôssem celebradas em quatro turnos, para que os passageiros que desejassem assistir à missa neste dia tão solene e tão grato ao coração dos portugueses, podessem comodamente fazê-lo.

A mim tocou-me o turno das nove horas que foi bastante concorrido. Eu tive a felicidade de celebrar a missa mesmo em honra de Nossa Senhora da Fátima, em cumprimento dum voto.

Durante a celebração do santo Sacrificio experimentei uma estranha comoção que não sei exprimir: um mixto de amarga saüdade e de doce confiança — saüdade de Portugal, minha estremecida pátria, que Nossa Senhora tanto protege, a qual deixei, já no declinar da vida; com uma firme confiança no seu valimento para levar a cabo os trabalhos de evangelisação, na nossa magnífica provincia de Angola. Ela abençoará os nossos esforços e fará frutificar a boa semente que generosamente lançaremós àquela terra, ainda tão inculta e tão carecida da operários!

Todo o nosso empenho será levar ao coração dos Angolanos — afinal também portugueses — uma grande devoção a Nossa Senhora — Mãe e rainha de todos os portugueses, certo de que Ela os levará logo aos pés de Jesus — seu Filho e nosso Redentor, cujas Chagas ainda brilham na bandeira de Portugal.

Que Nossa Senhora da Fátima nos guarde, nos proteja, e abençõe os nossos trabalhos, tão entusiásticamente empreendidos!... E, em todos os dias 13 dos mêses em que tiveres a felicidade de subir à serra de Ayre, não te esqueças de ajoelhar piedosamente na Cova da Iria e pede fervorosamente a Nossa Senhora pelos pobres missionários que vieram para Angola com o firme propósito de aumentar o número dos subditos de Cristo-Rei, fazendo dos povos angolanos bons portugueses; mas portugueses de lei — amantes devotados do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Fátima!

P.e Cândido Maia

Eu quizera...

O ilustre jornalista Louis Wemillot deixou escrito no seu testamento o seguinte:

«Eu quizera que assim como antigamente se dava o caldo à porta dos conventos assim se destribuisse hoje à porta e dentro das igrejas o jornal católico.

«Eu quizera que os testadores crentes deixassem legados para a imprensa católica.

«Eu quizera que nas lojas, nos armazens, nas farmácias, nas oficinas, principalmente em todos os sitios de vendas se comprasse o jornal católico, como se faz provisão de artigos de alimentação e mais coisas da vida.

«Eu quizera que no livro de contas de cada familia houvesse esta verba: para assinatura de jornais católicos, tanto...

«Eu quizera que os meus companheiros de fé se compenetrassem bem desta verdade: a boa imprensa é a maior necessidade actual.

«Eu quizera trazer os bolsos cheios de escritos e folhas soltas católicas para as distribuir pelos combóios, pelos carros, pelas ruas, pelas visitas, pelos templos, pelos mercados, pelas escolas, por tôda a parte.

«Eu quizera que nenhum pobre pudesse fazer esta queixa: não leio jornais católicos porque não tenho dinheiro para os comprar.

«Eu quizera que, ao passar pelas ruas, tôda a minha popularidade, tôda a minha fama, se resumisse nestas palavras: «Olha: ali vai um jornalista católico».

«Eu quizera que quando o meu corpo descesse ao seio da terra, a mão de um amigo gravasse ao pé da cruz bemdita que há de guardar a minha transitória morada, esta inscrição:

«Aqui espera a esmola de uma oração um jornalista católico».

CÂNTICO DAS CRIATURAS EM HONRA DO MENINO JESUS

A noite

Benedicite, noctes, Domino

Abandonada do calor e da vida, eu chorava a minha negra sorte,—e Vós, ó Divino Infante, ao descerdes à terra, escolhestes-me por companheira, porque viestes para salvar aqueles que desfalecem ou morrem — vós que sois a resurreição e a vida.

Vós me preferistes à luz do dia, apesar da minha escuridão—é que vindes curar os cégos e sôbre a noite das almas transviadas, fazeis romper a aurora do esplendor do Pai.

Na minha pobreza e na minha solidão, Vós não me desprezastes, porque vindes recolher no amplexo do vosso amor todos os desamparados e todos os oprimidos, para fazer deles um tesouro de alegria eterna.

As estrêlas

Benedicite, stelae coeli, Domino

Fostes Vós, Verbo de luz, que acendestes no firmamento os nossos fachos cintilantes, para espancar as trevas da noite e anunciar a paz infinita do Ceu.

Mas era preciso que Vós baixásseis até à terra—até junto das almas entenebrecidas para irradiar sôbre elas as bênçãos da vossa paz e as chamas do vosso amor.

Fostes Vós, Verbo creador, que nos semeastes pela amplidão dos ceus e enchestes o espaço com o fulgor dos nossos clarões — É para Vós, Senhor, que agora mais que nunca queremos brilhar; mas a mais bela de nós tôdas é apenas um pálido reflexo da pura claridade do vosso olhar divino.

Com a vossa mão omnipotente formastes os coros harmoniosos das constelações para guiar a humanidade pelos caminhos do mundo; mas apesar do brilho das estrêlas as almas podem extraviar-se no caminho da salvação e Vós viestes, Divino Farol, apontar o rumo seguro que leva ao Paraíso.

A vaca e a jumentinha

Bos cognovit possessorum suum

Bemdito sejais, Senhor, que nos fizestes servos fiéis do homem, creado à vossa imagem e semelhança; — mas hoje a nossa condição humilde e o nosso humilde préstimo são postos ao serviço do Homem-Deus.

E vós, ó Virgem Mãe, já que não tendes um berço para reclinar o vosso Amantíssimo Filho, — dignai-vos aceitar o melhor recanto da nossa mangedoura: E porque estamos aqui junto d'Aquele de quem tudo recebemos, ofereçamos-Lhe ainda o dôce calor da nossa vida e o sopro tépido do nosso hálito. Menos insensível que os habitantes de Belem, o frio há-de abrandar-se assim para o Menino Jesus.

E nós Vos rendemos graças, Jesus, pelos dons de graça e docilidade com que entre os outros animais nos distinguistes e nos dispuzestes para o trabalho. Contudo êste dons não passam de singelas imagens dêsses maravilhosos dons divinos que em Vós adoramos: a vossa omnipotência velada sob a pobreza das vossas faxas e a vossa submissa obediência a Deus Pai e aos homens—obediência que Vos há-de levar por ásperos caminhos de Belém ao Calvário.

Os pastores

Benedicite, humiles corde, Domino

Nós Vos bemdizemos, Divino Pastor, que pela voz dos anjos reünis os pastores para lhes revelar o caminho do celestial aprisco. Vós sois, ó Jesus Infante, o Senhor do universo: dai às ovelhas a lã e o pasto, guardai-as dos lobos vorazes—Vós que sois o amigo e salvador dos rebanhos e dos pastores.

Como o proclamaram os anjos no seu cântico, Vos vindes restituir a Deus a sua glória desconhecida e trazer o fogo do seu amor aos homens de boa vontade. Oxalá os nossos lábios possam repetir sem fim a mensagem angelica: Glória a Deus por Jesus Cristo e paz na terra entre os homens.

Deixai-nos, Senhor oferecer-Vos as primicias dessa paz na serenidade desta velada santa e na simplicidade dos nossos corações, e não deixeis de dar a todas as almas—assim as desassocegadas como as tranqüilas—essa paz do céu que brota do vosso amor e que há-de saciar os bem-aventurados por tôda a eternidade.

Os anjos

Benedicite, Angeli Domini, Domino

Adoremos e exaltemos a Jesus Cristo, nosso Senhor e nosso Rei: que a alegria do céu inunde a terra como os nossos jubilosos cantares enchem de gôso as colinas de Belém.

Mas como receberá a terra o seu Redentor? Reconhecerá n'Êle o seu Rei Pacifico? Ah Jesus- que trôno vos reserva a triste humanidade:—as táboas duma mangedoura e depois o lenho duma cruz!

Oh! Que um hozanna sem fim glorifique nos ceus a Trindade Santíssima por esta grandiosa maravilha da sua Misericórdia, no passo que na terra hinos triunfais irromperão dos nossos lábios perenemente! Sim, a nossa adoração fervorosa há-de acompanhar o Menino Jesus ao exílio, o Messias ao deserto e a Vitima ao Calvário.

Depois virão os Aleluias da Ressurreição e os vossos primeiros adoradores não são mais que os arautos dêsse cortejo deslumbrante de santos e santas que exornam a vossa Igreja. Mensageiros fiéis através dos séculos, nós guiaremos para Vós os povos regenerados; sentinelas vigilantes do novo paraíso nós franquearemos de par em par a entrada às almas que Vós reconquistardes para a bem-aventurança eterna.

A Virgem

Magnificat, anime mea Dominum

Mistério gozoso: Aos melodiosos canticos do céu correspondeu na terra o inefável sorriso do Divino Infante—e a Terra inteira estremeceu de alegria, porque segundo a promessa do profeta, a iniquidade foi destruída, e o hino dos anjos é bem o preludio de acções de graças que perpetuamente entoará o amor vencedor da morte.

Mistério doloroso: A humanidade recusou pousada à Mãe e ao Filho. A vossa vinda ao mundo, ó Jesus, é a entrada no sofrimento; Vós vindes abrir as portas do Ceu aos degredados filhos de Eva e êstes oferecem-Vos um estábulo e preparam-Vos um sepulcro.

Mistério glorioso: Em sua Providência quís o Divino Salvador velar a sua glória ao descer a esta terra mortal; mas a glória de Jesus Cristo há-de encher do brilho os séculos e as nações: As estrêlas revelam-na à noite, os anjos revelam-na aos pastores— e os pastores acorrem pressurosos a ofertar ao Cordeiro sem mancha os nedios cordeirinhos dos seus rebanhos, e lá do fundo do Oriente os Santos Reis Magos afoitam-se a uma longa viagem para render o preito devotado das suas homenagens ao Rei dos Judeus e fazer a oferenda das suas mais opulentas dádivas ao Rei Imortal dos séculos.

E esta glória há-de resplandecer deslumbradora no dia da ressurreição triunfante e ela há-de ser a luz e alegria do Paraíso.

D. L. D.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Pleurisia

Rio de Janeiro, 18-9

Achando-me hoje perfeitamente restabelecida da grave enfermidade que sofri, escrevo a êste jornal com o fim de levar ao conhecimento de todos, o poder verdadeiramente milagroso da bondade de Maria, sob a particular invocação de Nossa Senhora de Fátima.

Era aluna do colégio da Assumpção em Santa Teresa, e aí achava-me estudando no mês de Junho de 1929, quando fui acometida do mal terrivel, cuja cura foi desacreditada pelos melhores médicos desta Capital.

Findos os exames do Trimestre e, sentindo-me um tanto indisposta, dirigi-me à Irmã Enfermeira pedindo-lhe que me desse algum remédio. Deitei-me, sem que nada de maior acontecesse.

A meia-noite, porém, acordei com muitas dores pelo ventre e lançando sem cessar. As duas horas da tarde do dia seguinte cheguei à minha casa, pois era dia da saída geral das meninas.

Oito dias depois tornaram-me as dores agudíssimas, sendo então chamados os dois médicos da família: Dr. Frederico Mac Dowell e Dr. Afonso Mac-Dowell. O que sentia então é indescritível, qualquer movimento acarretava como conseqüência dores em todo o corpo. Perdi o sono e assim passava noite e dia a gemer, sem que melhoras aparecessem para alentar-me com as suas esperanças.

Disseram os médicos, a princípio, tratar-se de uma colite aguda; porém, os sintomas desta desapareciam e o caso complicava-se assustadoramente.

Feitos todos os exames bacteriológicos exigidos pela medicina, seus resultados de nada serviram para esclarecer a causa do mal aos olhos observadores dos médicos assistentes.

Chegou o dia 4 de julho, quinta-feira, vespera da primeira sexta-feira do mês. Pedi então ao meu Pai que trouxesse um padre Jesuita, porque desejava comungar. Meu Pai acedeu prontamente a êste meu pedido, o que me aliviou um tanto. Nesta mesma noite de quinta-feira deu-se um facto de máxima importância: às 9 horas da noite, minha tia D. Gina Mac-Dowell foi ao meu quarto ver-me e preguntou-me se já tinha ouvido falar nos milagres operados pela Virgem de Fátima.

Disse-lhe eu que na verdade já tinha lido no refeitório do colégio diversos artigos referentes à Fátima, mas que sinceramente, não me haviam despertado maior atenção. Minha tia insistiu muito para que eu tivesse fé, dizendo-me que se confiasse em Nossa Senhora de Fátima, Esta certamente haveria de curar-me. Tirou da bolsa um pequeno frasco contendo água da gruta de Fátima, deu três colheres de chá do liquido para beber e em seguida, repetindo três vezes a invocação: Nossa Senhora do Rosário de Fátima curai-me. A intervenção da Virgem Santa foi imediata: dormi, cousa que não fazia havia vinte dias e ao acordar, às duas horas da manhã da sexta-feira, percebi que estava bem, aliviada das dores. Notei então que havia eliminado durante o sono uma grande quantidade de matéria cebosa, a qual estava ainda sôbre a minha cama.

Por motivo de força maior os meus tios, chamados, não puderam comparecer vindo um médico da Casa de Saúde Pedro Ernesto. Feitos os primeiros curativos e aplicados os medicamentos de maior urgência disse o doutor tratar-se da rutura de um abcesso localizado na trompa, do que podiam resultar gravissimas conseqüências, se não houvesse uma intervenção cirurgica imediata. Meu Pai deliberou esperar até às 9 horas da mesma manhã para saber a opinião dos médicos, a cuja assistência estava confiada.

Às sete horas recebia eu a Sagrada Comunhão, dada por um Padre Jesuita o que me ocasionou sensível bem estar.

Para conferências com meus tios foram chamados vários médicos, entre outros o Dr. Queiroz de Barros, grande ginecologista. Meus tios concordaram no tratamento que se devia fazer, opondo-se a qualquer operação cirurgica. A opinião geral era ser o caso muitíssimo melindroso e de cura assaz duvidosa, não contribuindo a operação a não ser para abreviar o desenlace. Como vedes, foi Maria a quem depois da noite de quinta-feira não mais deixei de invocar, que, fazendo vasar o abcesso orientou os médicos que desde aí, conhecendo o mal empregaram remédios eficazes.

Começou-se a fazer uma novena à Nossa Senhora de Fátima segundo as orações do fasciculo impresso, com o fim de obter de Maria a minha cura.

Passados alguns dias, prosseguindo a moléstia em sua marcha a inflamação atingiu à plena, do que resultou uma pleurisia.

Com isto muito sofri, pois eram freqüentes os acessos de tosse e asfixia que muito me molestavam e enfraqueciam, pois sentia-me quási sem vida, que era sustentada por grandes doses quotidianas de oleo canforado, sôro glicerado e muitíssimas outras injeções empregadas para cura e sustento do organismo. Meu Pai a pedido de minhas irmãs, chamou então o Dr. Henrique Roxo, acreditado professor de psychiatria, o qual aconselhou punções, as quais se tivessem sido feitas teriam apressado o desenlace. Neste estado desesperador a sciência deu-se por vencida, pois foram estas as palavras dos médicos: Agora só milagre, disse um; outro disse que dentro de vinte e quatro horas estava indubitávelmente morta.

É necessário dizer que nem um só dia a partir da referida quinta-feira de julho, deixei de tomar diàriamente pela manhã e pela noite uma colherzinha de chá de água santa; dizendo: Nossa Senhora do Rosário de Fátima curai-me. Comunguei diversas vezes, sempre fazendo a mesma súplica à Virgem Santa e Ella no fim da novena dignou-se ouvir-me. Eis que com espanto geral dos médicos comecei a melhorar visivelmente dia a dia, sem que se realizassem as hipoteses sustentadas pelos médicos: estado crónico do mal existente ou morte certa.

Diziam que a cura radical era de todo impossível, a não ser milagre.

Vejo-me hoje radicalmente curada, e como prova de meu agradecimento a Maria S. S., faço esta comunicação ao santuário para os devidos efeitos.

Maria de Jesus Mac-Dowell Passos Miranda

Hemorragia

«Um devoto de N.ª S.ª da Fátima, sofrendo duma hemorragia há mais de oito anos e tendo consultado vários médicos, apesar das indicações e tratamentos clínicos, não obtinha a cura desejada recorrendo Àquela que é Saúde dos enfermos, dentro em pouco achou-se muito melhor e há já mais de dois meses, que não tem aquela hemorragia.

Agradece também à S. S. Virgem outra graça mui especial que lhe concedeu, pelo que reconhecido por êstes grandes benefícios que atribue à intercessão de N. S. de Fátima, vem por êste meio tornar público o seu reconhecimento e agradecimento.»

Paredes da Beira,

Manuel Paiva Castilho

Tumor canceroso

Em agosto de 1929 apareceu-me no seio esquerdo um caroço com todos os sinais característicos dum tumor canceroso. Fui examinada pelos Ex.mos Drs. Abel Pacheco, director clínico e operador no hospital da Lapa, no Pôrto, e Couto Soares, operador no hospital do Terço também da cidade do Pôrto, e pelos Ex.mos Drs. Eduardo Torres e A. de Souza, clínicos do hospital do Bom Jesus, de Matozinhos.

Todos foram unânimes em que eu tinha de ser operada imediatamente, ficando o prazo marcado para a operação, daí a 8 dias.

Na minha grande aflição roguei a Nossa Senhora de Fátima que me valesse, fazendo-lhe a promessa da publicação do seu milagre e juntamente o voto de lhe rezar todos os dias um têrço emquanto fôsse viva e um rosário nos dias 13. Tal foi a fé com que lhe pedi e a crença que tive na minha Santa Mãe do Céu, que o caroço de dia para dia ía desaparecendo até que foi por completo. Quando compareci no dia designado para ser operada (no hospital do Terço) já o meu mal quási não existia, ficando todos os médicos admirados com o *fenómeno*.

Em virtude do que o meu médico operador, Snr. Dr. Couto Soares, observou, ficou a operação adiada *cinco dias*.

Voltei lá passada mais uma semana dizendo-me êle que me encontrava completamente curada. Desde êsse dia até hoje nunca mais notei nada de suspeito, apesar dos exames minuciosos que tanto os médicos como eu temos feito. Agradecendo, etc...

Maria Almerinda Guimarães Carvalho

Rua do Alto-Mearim 99—Matozinhos.

Tuberculose ossea

Rosalina Alves, de 23 anos, de Castelo Branco, veio no dia 13 de Maio a Fátima pedir a Nossa Senhora a cura de tuberculose com fistulas em uma cóxo. Ela, que havia tempo tinha temperaturas muito altas, chegando a mais de 40 graus, voltou sem febre a Castelo Branco onde era creada do médico Ex.mo Sr. Dr. José Lopes Dias. Em um mês aumentou cinco quilos de pêso.

Em outubro estava a servir no hospital de Abrantes.

Chagas

«É com o maior reconhecimento para com Nossa Senhora de Fátima, que venho contar-lhe uma grande graça, que peço a fineza de publicar no jornal «Voz da Fátima» porque tenho muito que agradecer a Nossa Senhora de Fátima. E é a seguinte:

Já havia mais de 20 anos que sofria dumas chagas que me martirizavam horrivelmente todo o corpo. E a minha filha mais velha, chamada Ana Carolina Afonso, padeceu também das mesmas chagas por espaço de 2 anos. Eu e minha filha já não sabiamos o que haviamos de fazer, pois já nos tinhamos utilizado de muitos remédios e nenhum nos fazia bem.

Então um meu filho que está no seminário de Macau, vendo os tantos milagres que Nossa Senhora de Fátima tem feito, lembrou-se de me mandar vir uma garrafinha de água de Fátima, aconselhando-nos a que nos servissemos dela e que dentro em breve ficariamos curados. Pois se bem no-lo disse, melhor aconteceu. Eu comecei a tomar todos os dias algumas gotas dessa água milagrosa e minha filha fazia o mesmo molhando também com a milagrosa água as chagas e fez duas novenas. Passado um mês, já, tanto eu como a minha filha, não tinhamos mal nenhum. As chagas, que estavam espalhadas por todo o nosso corpo e que já havia tantos anos que nos martirizavam horrivelmente, desapareceram por completo, para nunca mais virem. Já passou um ano e as feridas sem voltarem.

Como prometi publicar esta graça, se se realizasse dentro dum ano, venho com o maior reconhecimento para com a Virgem, cumprir a minha promessa.

Muitas graças sejam dadas à Virgem Santíssima pelos muitos favores que nos tem feito.

Remondes, 21-8-32.

Maria da Anunciação Varis

Tuberculose

Maria da Conceição dos Reis Correia, de Lisboa (Travessa da Senhora da Glória, à Graça, 30-1.º), teve no dia 15 de junho de 1930 uma pneumonia de que resultou uma afecção pulmonar, chegando a ter uma caverna, o que foi observado por dois médicos. Teve algumas congestões pulmonares que a faziam expectorar sangue. Ela e os tios recorreram a N. Senhora, usando da água de Fátima. Há um ano que se considera curada, continuando, no entanto, todos os meses a fazer uma novena a Nossa Senhora. Em outubro veio a Fátima agradecer e pedir a cura duma irmã.

•

João Francisco da Cruz, de Santo Antão de Cabo Verde, sofrendo, há muitos anos, quási sempre, de uma angina, diz que:—Tendo constatado as inúmeras curas obtidas pela intercessão da Santíssima Virgem do Rosário de Fátima, à Mesma recorreu com espírito de confiança orando quási sem cessar, e o mal desapareceu. Conta já 8 meses em paz e, como prometêra a publicação de mais uma graça obtida quando visse a cura realizada, vem rógar a caridade de a mesma ter lugar na Voz de Fátima.

Só Ela me concedeu o que por entre a medicina, debalde, procurei.—

Santo Antão, (C. V.) Ribeira da Tôrre—Freguesia de N.ª S.ª do Rosário.

João Francisco da Cruz

Doença grave na garganta

Venho mais uma vez pedir a publicação duma grande graça que N. S. concedeu a uma pessoa minha amiga:

Manuel António Valente Paulo, de 14 anos, filho de José António Paulo e de Deolinda Valente Paulo, de Adeganho, concelho de Moncorvo, adoeceu no dia 5 de Abril do ano corrente.

Apareceu-lhe na garganta um furúnculozito de que os pais não fizeram caso. No dia sete de manhã a mãe olhou por acaso e viu-lhe a garganta muito inchada e o dito furunculo já com grandes dimensões. Alarmada, participou o caso às vizinhas que a aconselharam a partir imediatamente para o médico. Ela assim fez. Partiu para aqui, para Vila Flôr, a procurar afita um médico. Encontrou o senhor Dr. António de Azevedo que logo que examinou a criança disse que era uma fistula e se recusou a queimá-la por já estar muito adeantada, pois a inchação já lhe tomava quási todo o peito. A pobre mãe (imagine-se a aflição dela!)pediu, suplicou debulhada em lágrimas que fizesse o possível para salvar o seu filhinho. O médico, condoído da aflição e das lágrimas daquela mãe disse-lhe: olhe, eu vou queimar-lha mas quási era escusado martirizar a criança porque com estas feridas poucos são os que não morrem, queimando-as imediatamente, quanto mais depois de estar no estado em que êle está. A morte é quási inevitável. Mas a novas instâncias da mãe e das pessoas presentes o médico queimou-lhe a ferida e fez-lhe o curativo. Quando se retirou ainda repetiu; é escusado gastar mais com êle porque êle morre. Com efeito a criança teve logo na farmácia, onde foi feita a operação, uma violenta crise e o percurso daqui para casa foi muito dificultoso. Assim esteve entre a vida e a morte até que a mãe, no dia 10, num momento em que o viu mais aliviado, lhe disse que era melhor chamar o sacerdote, ao que êle anuiu gostosamente, confessando-se e recebendo todos os sacramentos, que tôda a gente dizia seriam os últimos.

Nesse mesmo dia teve outra crise ainda mais violenta que metia compaixão a todas as pessoas presentes.

A pobre mãe estava como louca com quási a certeza da perda do filho extremecido quando a miraculada Ilda Frutuoso lhe trouxe umas gotas de água de Fátima e lhe disse: dê-lhe esta água a beber e vamos fazer uma novena. Não vê que N. Senhora também me curou a mim?

A pobre mãe deu-lhe logo umas gotas de água ao doente e ali mesmo, com os vizinhos e os outros filhos, começou a novena.

De repente o doentinho começou a melhorar a olhos vistos e passados poucos dias deixou o leito, cheio de vida e saúde, graças a N. S.ª que se dignou operar tão grande milagre de que a mãe e tôda a família se reconhecem indignos. Veem pois agradecer humildemente a N. Senhora êsse insigne favor pedindo-lhe que continue a derramar as suas graças sôbre êles e sôbre mim que escrevo estas linhas.

Mario da Conceição Lopes Malheiro.

Confraria de N.ª S.ª da Fátima

Mais uma vez vimos perante os leitores dêste jornal, e duma maneira especial perante os membros da Confraria de Nossa Senhora da Fátima, apresentar as contas do rendimento dos anuais no ano de 1932 próximo passado.

Durante o ano de 1932 o rendimento total foi de 6-883$50.

Com as correspondências relativas à mesma confraria foram gastos 44$50, ficando livre um total de 6.839$00. Ora, segundo o artigo 4.º dos estatutos da mesma Confraria, o lucro total deve ser dividido em duas partes iguais, uma das quais será aplicada no culto de Nossa Senhora da Fátima, e a outra em Missas celebradas por todos os confrades vivos e defuntos, cujos anuais tenham sido satisfeitos.

Foi o que se fêz; — foram entregues para serem gastos no culto de Nossa Senhora da Fátima 3.419$50 e com igual quantia foram celebradas 549 missas, 14 das quais foram por alguns confrades reünidos, e as restantes por todos os confrades vivos e defuntos.

Tão grande riqueza espiritual deve-se à fé e generosidade dos bons confrades, mas também ao zêlo dos Snrs. Colectores e Colectoras a quem publicamente se agradecem todos os trabalhos e talvez desgostos, — quási sempre a única recompensa que neste mundo alcançam os que trabalham pelo bem das almas.

O bom Jesus Sacramentado, descendo 549 vezes ao altar com as mãos cheias de graças, tê-las-á espalhado abundantemente no coração de todos os confrades da sua querida Mãe a Virgem Senhora da Fátima, graças que, um dia, no céu perante todos os eleitos serão trocadas por glórias e gozos que não acabarão.

Esperamos em Deus e na Virgem Maria, que daqui a um ano se poderá anunciar que foi celebrado um número de Missas mais elevado do que o dêste ano.

Não ficou em caixa dinheiro absolutamente algum pois que a Confraria não quere as esmolas de seus confrades senão para as mudar em graças em benefício de suas próprias almas.

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Êste belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiràvelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para êsse fim enviar 5$00 ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

MOVIMENTO RELIGIOSO E DE DOENTES NO SANTUÁRIO DE FÁTIMA NO ANO DE 1932

Movimento religioso

Realizaram-se no decorrer dêste ano seis turnos de Retiro Espiritual, sendo o primeiro para os servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, o segundo para Médicos, o terceiro para as servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, o quarto para magistrados e professores, o quinto para sacerdotes professores dos seminários do país e o sexto para o pessoal empregado no Santuário.

Nestes Retiros tomaram parte duzentas e sessenta e oito (268) pessoas.

Movimento religioso nos dias 13 de de cada mês

13 de Janeiro — Missas 15. Comunhões cêrca de 1.300.

13 de Fevereiro — Missas 14. Comunhões cêrca de 1.350.

13 de Março — Missas 7. Comunhões cêrca de 1.400.

13 de Abril — Missas 14. Comunhões cêrca de 1.500.

13 de Maio — Missas cêrca de 200. Comunhões cêrca de 25.000.

13 de Junho — Missas 17. Comunhões cêrca de 10.000.

13 de Julho — Missas 57. Comunhões cêrca de 9.000.

13 de Agosto — Missas 23. Comunhões cêrca de 9.000.

13 de Setembro — Missas 45. Comunhões cêrca de 7.000.

13 de Outubro — Missas cêrca de 150. Comunhões cêrca de 12.000.

13 de Novembro — Missas 7. Comunhões cêrca de 1.500.

13 de Dezembro — Missas 9. Comunhões cêrca de 1.700.

Número aproximado de Missas celebradas em dia 13.=558.

Número aproximado de Comunhões em dia 13=80.750.

Número de Comunhões nos restantes dias de cada mês

Janeiro — 904; Fevereiro — 1.095; Março — 941; Abril — 1.048; Maio — 5.208; Junho — 1.132; Julho — 1.164; Agosto — 980; Setembro — 1.151; Outubro — 1.487; Novembro — 988; Dezembro — 507 até ao dia 20.

Número exacto de Comunhões fora dos dias 13=soma 16:605.

Número aproximado de comunhões em todo o ano=97.355.

Movimento de doentes

Foram observados no posto Médico do Santuário durante êste ano mil cento e sessenta e dois doentes, assim distribuídos:

Mez de Janeiro 15, Fevereiro 17, Março 32, Abril 70, Maio 345, Junho 137, Julho 67, Agosto 116, Setembro 128, Outubro 177, Novembro 31, Dezembro 27.

Dêstes foi grande parte albergada no hospital do Santuário sendo tratados pelos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, sob a assistência do Ex.mo Snr. Dr. Pereira Gens, médico do Santuário.

Santuário de Fátima,
20 de Dezembro de 1932.

P.e Manuel de Souza

Oratória da Fátima

Vozes corais e piano ou harmonium

A letra, do Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, vem em português como foi composta pelo poeta, e traduzida em francês por M.me Guite de Sousa Lopes.

A música, do maestro Ruy Coelho, vem, como a letra, òtimamente impressa tanto as partes corais como o acompanhamento.

Encontra-se à venda no Santuário e na Redacção da «Voz da Fátima».

Será enviada a quem a pedir e enviar a quantia de 40$00.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	361.827$47
Papel, comp. e impr. do n.º 123 (58.000 ex.)	4.175$00
Franquias, embal., transportes, etc.	1.371$65
Na Administração — Leiria	350$00
Total	367.724$12

Donativos desde 15$00

Caridade Monteiro — Moçambique, 75$00; Cassiano Leal — Porto, 110$00; P.e Francisco Farinha S. Eulália, 70$00; Maria Saraiva — Figueira da Foz, 15$00; Francisco Pedro Júnior—Merceana, 20$00; Maria Rosa Moura — Porto, 15$00; Bernardino de Oliveira — S. Pedro do Sul, 20$00; Floras Vargas — América, 2 dólares; José Govêrno — Pedrogão, 15$00; Maria da Rocha — Odivelas, 15$00; Manuel da Silva — América, 44$00; Maria da Silva — América, 33$00; P.e José Leal — Algarve, 45$00; Francisco da Silva — Proença-a-Nova, 15$00; Berta Madeira — Évora, 20$00; Angelo Neves — Redondo, 20$00; José Gomes — Madeira, 20$00; P.e António Figueira — Madeira, 200$00; Joaquim Rodrigues J. — Madeira, 20$00; Isabel de Almeida C. Pereira — Lisboa, 20$00; Bispo do Funchal — Madeira, 213$95; Esmolas de Mirandela, 50$oe; Devotos de Paderne, 30$00; P.e Artur Saude — Carvalhos, 60$00; Maria Pires — Porto, 30$00; Inês Sequeira — India Portuguesa, 30$00; P.e Joaquim Barroso — Douro, 15$00; Helena da Silva — França, 15$00; Helena Moreira — França, 15$00; Maria Barreto — Guimarães, 41$00; Alguns assinantes — Porto, 120$00; Afonso de Albuquerque — Lisboa, 15$00; Joana Emília Viegas —Porto, 50$00; Alunos do Seminário de Viseu, 121$00; Francisco Vicente —Viseu, 27$50; Rita de Jesus Dias — Cartaxo, 15$00; Emília Rebêlo — Faro, 15$00; Distribuição em Fragoso, 59$00; Joaquina Rosa — Lisboa, 30$00; Rosalina Gertrudes — Lisboa, 15$00; Amadeu Roxo—Porto, 20$00; Leopoldina Moris — América, 4 dolares; Sancia Moreira — Douro, 15$00; Maria Guerra — Casteleiro, 50$00; Miquelina de Assunção — A. de Cima, 20$00; Leonor Viterbo —Algarve, 15$00; Maria Gouveia — Madeira, 25$00; Distem S. Cruz — Madeira, 102$50; P.e António Ferreira — Goia, 90$00; Ana Formigal — Lisboa, 20$00; António Carvalho — Ermesinde, 20$00; Emília Augusta — F. de Zezere, 50$00; Maria Coelho — Olivais, 15$00; Casa de Saúde de S. Miguel, 40$00; P.e António de Sousa — Recarei, 20$00; P.e Martinho da Rocha — T. Novas, 20$00; Clotilde Almeida — Gaia, 20$00; Etelvina Carvalho — Lavre, 20$00; Olinda Gonçalves — Pôrto, 20$00; Maria Olinda Faria — Açores, 20$00; Esmola duma pessoa de Arronches, 20$00; P.e Agostinho Nunes — Baião, 27$50; Maria da Piedade F. — C. de Besteiros, 20$00; Maria Castelino — Lisboa, 20$00; Corpo Nacional de Scouts de V. do Conde, 460$00; P.e Jorge Lima — V. do Conde, 20$00; Maria J. Mendes — Cabeço de Vide, 25$00; Elvira Falcão — Lagôas, 50$00; José Alves — Brasil, 15$00; Maria Olívia Neto — Cercal, 15$00; Izaura Nunes — P. do Ribatejo, 20$00.

Igreja das Flamengas — Lisboa, 21$95; Ana M. Lurine da Silva — Lisboa, 20$00; Teresa Cardial — Lisboa, 20$00.

Leiam e cumpram

Para evitar atrazos é necessário não esquecer que:

Quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

Muito obrigada

Há pessoas que cheias de caridade procuram angariar esmolas dos leitores da «Voz da Fátima» para que êste jornalzinho se possa manter através da crise que a todos amedronta. A tais pessoas, que por sua humildade não querem seus nomes publicados, tôda a redacção da «Voz da Fátima», fica muito obrigada.

FÁTIMA À PROVA

A violência

Preparando o terreno

Estáva-se em Maio de 1920.

De 1917 a 1920 haviam-se passado no Concelho de Vila Nova de Ourém outros acontecimentos que se integravam perfeitamente no quadro das perseguições à Fátima.

Prisões de padres e intimações despóticas da parte da autoridade sucediam-se quási ininterruptamente.

O Administrador pretendia a tôda a fôrça esbulhar o pároco da Fátima da posse da residência e nesse sentido multiplicava os ofícios e as intimações a comparecer na Administração do concelho.

Ser-lhes-ia o presbitério preciso para alguma obra de utilidade pública?

Nos documentos que tenho à mão não aparece isso nem por sombras sequer.

E nesta inglória tarefa cada Administrador queria exceder o antecessor.

Artur de Oliveira Santos de quem nos temos de ocupar largamente ao longo deste artigo teve no seu antecessor de Abril de 19 a princípios de Maio de 20 um digno competidor.

E dêsse personagem cujo nome não pude obter o seguinte documento que o honra até como exercício de redacção em português.

Manuel Marques Ferreira
Pároco da Fátima

12-V-1919

Queira V. Ex.cia tomar as suas providências para que no mais curto praso de tempo abandone o presbitério em que estando, digo, que está residindo que é como V. Ex.cia sabe, propriedade do Estado, embora ainda não esteja feito o respectivo arrolamento que vai fazer-se dentro em breve.

Caso V. Ex.cia se entenda com direito a continuar residindo no referido presbitério queira V. Ex.cia apresentar os respectivos documentos.»

E, não contente com isto, sete dias depois pede novamente a informação da data em que pode abandonar o presbitério.

No fim do mês, e precisamente a 30, intima o pároco a comparecer na Administração no dia 2 de Junho.

Havia certamente uma grande mola embora oculta a fazer agir a autoridade desta maneira.

De facto porém o pároco não saiu da residência que o seu sucessor ainda ocupa.

A acção das alfurjas maçónicas ia alastrando e crescendo de intensidade de dia para dia.

Preparava-se na sombra um ataque em ponto grande.

Não se perdia um ensejo não se desprezava uma arma.

Foi assim que os próprios católicos inconscientemente foram lançar mais lenha na fogueira.

A imagem

Ia para três anos que Nossa Senhora, aparecendo na Cova da Iria revolucionara Portugal, agitando-o numa grande onda de fé e de afervoramento religioso, e, nesse local bemdito, os fiéis não tinham ainda uma imagem que lhes concretizasse os factos ali ocorridos.

Resolveu-se então um torrejano recentemente convertido, a mandar fazer uma imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Foi essa encomenda feita à casa Teixeira Fânzeres e a execução do trabalho confiada a um jovem artista o Snr. José Ferreira Tedim.

Piedoso e culto, embora ainda então sem nome feito, soube sentir, conceber e realizar a veneranda imagem santificada e canonizada pelas lágrimas, ósculos e fervorosos toques de milhões de peregrinos como a feliz perpetuação da mais querida e sublime glória da nossa terra, através dos tempos.

Seja muito embora nulo o seu valor artístico, concentra-se nela e desprende-se para nós um profundo sentido místico que faz reviver dentro da alma a evocação das inolvidáveis cenas a que a rama verde escura das azinheiras serviu de fundo, em 1917.

A imagem — a mesma que hoje se venera na capelinha das Aparições na Cova da Iria — chegara a Tôrres Novas uns dias antes do dia 13 de Maio que, naquele ano de 1920, caía à Quinta-feira e precisamente a da Ascenção de Nosso Senhor ao Céu.

Tôda a gente a ia ver e vinha depois dar largas à sua admiração contando aos amigos e vizinhos como era linda.

Foi uma autêntica romaria.

Eis sendo quando o Administrador do concelho de Torres Novas chama o devoto à Administração e lhe proíbe que sáia com a imagem para a Fátima.

Cercam-lhe o casa com tropa para o obrigar a cumprir a ordem recebida.

Mas a imagem sempre saiu... e pelo meio da tropa, como outrora Jesus por entre os seus patrícios junto do despenhadeiro de Nazaré.

O pai do devoto vendo o apêrto em que se encontrava o filho vai ao páteo, põe os bois ao carro e neste, logo no fundo, o caixote com a imagem, coberto com várias alfaias agrícolas como se fôsse para uma fazenda aonde realmente se encaminha.

Fóra do alcance da tropa o caixote é mudado e levado para a Fátima em cuja igreja se benze a imagem.

«A grande parada reaccionária»

Dum lado e doutro da Cova da Iria, formando cordões, havia-se postado, de manhã, um forte destacamento militar composto de infantaria e cavalaria, do exército e da Guarda Rèpública, com ordens de não deixarem passar ninguém em direcção à Cova da Iria.

Era ordem do govêrno por intermédio da autoridade concelhia.

E os pobres peregrinos tinham de sair da estrada e atravessar o barro das terras, saltar os muros das sebes e escolher um ou outro carreiro que, livres da tropa, os deixasse seguir.

Uma forte trovoada com chuvada abundante obriga o povo a mexer-se e a procurar seguir o caminho natural.

Ha no adro um princípio de desordem por os soldados distribuirem espadeiradas sôbre os peregrinos que, em grande número, se refugiam na igreja.

Mas a chuva também molhava a tropa e esta, por sua vez, retira deixando livre o caminho a quem quería passar.

Era interessante ver os soldados a marchar e lendo ao mesmo tempo as estampas que alguém distribuira pelo povo e que continham os dados das aparições.

Na Cova da Iria já um outro núcleo militar fôra pela lama e pela chuva obrigado a retirar.

Antes de partir, os soldados, tendo destroçado por um pouco, corriam a dar largas ao coração, rezando naquele lugar bemdito, e a procurar alguma recordação da sua estada ali.

A um bom camponês, estugando o passo para a forma se ouvia dizer:

«Num quero chaber... a chantinha já eu cá lebo...»

Foi nisto que deu a «grande parada reaccionária» de 13 de Maio de 1920 em que o próprio exército acaba por se fazer peregrino!...

A Maçonaria em campo

Quem, desde o princípio tiver acompanhado o que se tem passado na Fátima já a esta hora terá formado o seu juizo sôbre a origem da perseguição odienta de que a Fátima tem sido objecto. A perseguição à Fátima é apenas um capítulo da história da Igreja em Portugal.

E uma demonstração da influência maçónica de mais de um século nas nossas esferas governativas.

E mais uma prova da nefasta acção da Maçonaria no ataque contra a Igreja e contra a nação.

Se alguém ainda tinha dúvidas deponha-as, de hoje em deante. A Maçonaria perde a cabeça e, levatando a máscara, põe-se em campo claramente para acabar de vez com «a torpe exploração religiosa», como diziam os adversários.

O boato

é o primeiro passo na realização dêste novo ponto do largo programa.

Em Lisboa, ai por meiados de Abril, desencadeia-se uma forte campanha de boatos adrede creados para desprestigio da Fátima.

E o boato, filho da rua, corre veloz, sempre remoçado sempre mais crescido, sempre atrevido e caluniador quando não ridículo:

«que de Tôrres Novas para a Fátima em Quinta Feira de Ascenção se faría uma grande romaria a acompanhar a imagem comemorativa das aparições;

«que viriam milhares de automóveis de Lisboa e outras partes e muita outra gente em carros, a cavalo e a pé; tomariam parte nessa romaria centenas e centenas de padres, jesuitas e crianças vestidas de anjos;

«emfim que a reacção se ia pôr em campo em centenas de milhar, fazendo uma parada de forças reaccionárias, como nunca se vira outra igual.

Tal era o boato em que alguma verdade se misturava com muita invenção.

O fim emerge logo do meio dessas alarvidades que aí ficam: obter a proibição da peregrinação como realmente obtiveram.

Era necessário ir pelo seguro. Do mais alto ao mais baixo todos afinavam pelo mesmo diapasão.

Agora só faltava a última demão. E a «Maçonaria» vem dá-la.

A 24 de Abril recebia o Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém uma carta que transcrevemos na íntegra, pelo extraordinário interesse de que se reveste.

Aí vai.

Ex.mo Senhor

Por intermédio do seu e nosso amigo Snr. Lino de Sousa soubemos que os elementos reaccionários desse concelho se preparam para consagrar a vidente de Fátima, já falecida, continuando assim a torpe exploração religiosa já em uso: Pedimos, pois, a V. Ex.a a fineza de se dignar informar-nos até que ponto vão esses manejos afim de vermos se em conjunto nós, o governo e V. Ex.a podemos realizar aí alguns trabalhos que neutralisem essa mancha jesuítica.

Certos de que nos não negará o seu valioso auxílio subscrevemo-nos com a maior consideração desejando-lhe Saude e Fraternidade.

O Secretário Exterior
Júlio Bento (?) Ferreira (?)

A «vidente de Fátima» de que se fala era a pequena Jacinta cuja trasladação se pretendia efectuar e se efectuou para o cemitério de Vila Nova de Ourém onde está.

Foi como quem deita azeite na candeia.

Sem fins políticos (e que fins políticos podia ter o entêrro duma pobre criança!) uma das mais distintas famílias do termo de Ourém a família dos Barões de Alvaiázere promoveu a trasladação dos restos mortais da pequena Jacinta, de Lisboa, donde Deus a chamara a Si, para o concelho donde fôra natural, e para mais depressa mandou-a colocar no seu jazigo privativo.

Era e é monárquica esta família.

Tanto bastou para, á volta dum inofensivo cadaver, se fazer nos sectores opostos, sectários e jacobinos, a mais estúpida exploração política e religiosa.

A carta que aí fica queria ser, e era, numa espécie de toque de clarim a sentido.

O Administrador com todo o seu anticlericalismo não precisava de ânimo para agir. Açulado vejam aonde ia dar!...

Toca logo a reunir para formar as hostes dos seus e marchar contra a negregada reacção.

Do que ele tenha respondido e em que termos, bem o podemos conjecturar pela maneira como opera.

A 30 de Abril enviava a todos os regedores a seguinte circular:

«Por motivos de serviço público venho rogar a V. Senhoria compareça nesta Administração na próxima Quinta-Feira 6 do corrente, digo, de Maio.»

Realizou-se a reunião em que o grande esteio do regime terá eloquentemente discreteado sôbre o grande perigo que na Fátima surgia para a Rèpública e da necessidade urgente que havia de extinguir por completo esse foco da reacção etc., etc.

Os homenzinhos foram para casa e ele, desconfiando do êxito da sua alocução, envia no dia 8 uma nova circular, insistindo nas ideias apresentadas e nas resoluções tomadas dois dias antes, e trazendo talvez mais alguma coisa que os ventos do sul lhe fizeram lembrar em noites de pesadelo.

A circular é concebida nestes termos:

«Por ordem de Sua Ex.a o Ministro do Interior é determinado que se evite repetição mistificação caso da Fátima que se prepara para o dia 13 do corrente.

Queira V. Senhoria informar desde já esta Administração quais os dirigentes e propagandistas nessa freguesia, que pretendem organisar qualquer manifestação sob aquele ponto de vista, afim de, em caso de desobediência à Lei, lhes serem aplicadas as penas respectivas, remetendo-os ao poder judicial como desobedientes.»

Deixamos ir tudo com o mesmo sabor original para que os nossos leitores possam melhor ajuizar do estôfo intelectual, moral e cultural de quem escreve tais coisas.

A peregrinação realizou-se como vimos; a acção da autoridade foi extensa e intensa a mais não.

Pois a Federação Portuguesa do Livre Pensamento, a mais velha filha da Maçonaria, resolveu agradecer-lhe.

E envia-lhe a 15 de Maio o seguinte ofício.

Ex.mo Senhor

A Federação Portuguesa do Livre Pensamento vem perante V. Ex.a patentear-lhe a sua mais profunda simpatia pela forma altamente republicana e livre pensadora como agiu dentro da questão do pretendido milagre de Fátima com que a reacção jesuítica e clerical pretende explorar a ignorância popular.

Certos de que V. Ex.a saberá avaliar quão certa e dedicada é a nossa admiração pelo seu procedimento confessamo-nos com a maior consideração.

De V. Ex.a

etc.»

Era a maior recompensa que Artur de Oliveira Santos podia desejar.

Se ele ficava nesse documento com direito exclusivo à coróa de glória conquistada pelo esforço conjunto do Estado, da Maçonaria e do latoeiro...

Podia agora descansar socegadamente à sombra dos lóuros conquistados.

Não era porém da raça de estar quedo e parado.

Coberto de tão triste glória o homem não se esquece das obrigações da vida social e agradece.

E assim o agradecimento datado de 5 de junho de 1920.

«Federação do Livre Pensamento»
Largo do Intendente 45-1.º-Lisboa.

Acuso a recepção do ofício de 15 do mez findo próximo passado e agradeço as felecitações com que se dignaram honrar-me embora imerecidas.

A reacção sofreu no dia 13 de maio graças às providências do govêrno da presidência do grande patriota e républicano ilustre cidadão António Maria Baptista um grande golpe que lhe destruiu a projectada parada com que pretendiam não só explorar mais uma vez com a ingenuidade do povo inculto como também preparar um fio de onde faziam os seus ataques odientos contra a Rèpública.

Não desarmaram ainda os *prometores* (sic!) da Fátima (todos êles autênticos inimigos da Rèpública) pois que pretendem fazer com todo o aparato a trasladação de um cadaver de uma infeliz creança falecida à tempos em Lisboa a quem atribuem *intermedora* (sic!) da Virgem e ainda se servem da chamada vidente Lúcia de Jesus creança de 13 anos, uma pobre doente, para melhor explorarem o povo ignorante.

Mas os seus negregados projectos ficaram (sic) de vez sem efeito emquanto no nosso País govêrnos como o atual e Associações como o Livre Pensamento cumprirem com a missão augusta de combaterem a mentira e defenderem a Liberdade.»

E, como bom bom organizador desejando imortalizar o seu feito, dá ordens ao cooperador-mór—o regedor da freguesia da Fátima enviando-lhe ordens precisas neste sentido.

«Para os devidos efeitos devo informá-lo de que, de futuro, nenhuma (sic) préstito religioso se poderá realizar nessa frèguesia sem que esta Administração seja ouvida. Pelo exposto de (talvez deve) V. S.a prevenir o *parecho* (sic) da freguesia e promotores de qualquer manifestação religiosa, desta minha determinação devendo V. S.a informar-me devidamente de qualquer mistificação ou especulação da natureza do chamado milagre da Cova da Iria».

Foi o canto do cisne na gloriosa acção da Fátima.

Um ano depois já a administração do Concelho estava ocupada por outro.

E a «reacção» da Fátima contra a cretina estupidez livre pensadora continua ainda.

Um Observador

SABEM?

A «Voz da Fátima» tem tantos assinantes que há um e dois anos não pagaram as suas assinaturas e que se o fizessem a livrariam da crise!!!

— E alguns recebem rolos tão numerosos aumentando assim tanto as despesas do jornal!!!

— Ao menos não os deixem por lá sem os distribuírem por quem os leia.

Este número foi visado pela Censura.

Ano XI — Leiria, 13 de Fevereiro de 1933 — N.º 125

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 DE JANEIRO)

Extinguiram-se já de todo os derradeiros ecos das solenidades religiosas comemorativas do ano rosariano de Fátima por antonomásia — o décimo quinto aniversário das aparições da augusta Raínha do Céu aos humildes e inocentes pastorinhos da serra de Aire.

Precisamente há três lustros, a gloriosa Padroeira da Nação escolhia nos vastos domínios do Santo Condestável a nesga de terra em que se dignava erguer o trono esplendoroso da sua glória, das suas graças e do seu amor de Mãe de Deus e Mãe dos homens.

Quem poderia dizer, nessa data memorável, a repercussão retumbante que o facto assombroso de Fátima, passados poucos anos, havia de ter em Portugal, na Europa e em todo o mundo?

De norte a sul do país, dum extremo ao outro do universo, o nome de Fátima é pronunciado com respeito e ternura por milhões de lábios e a Virgem de Fátima invocada sob êsse nome por tôda a parte, com uma confiança constante, inabalável e ilimitada na sua bondade, na sua misericórdia e no seu amor.

Para aquele recanto abençoado da montanha sagrada volvem-se os olhares de todos os crentes, suplicando graças e bênçãos, curas do corpo e da alma, a salvação dos povos e a paz das nações. Fátima é, sem contestação, o pólo magnético das almas e o centro de atracção de todos os corações, portugueses e estranjeiros.

As multidões acorrem em ondas compactas ao Santuário Nacional por excelência e, ali, aos pés de Virgem sem mancha, lançam-se de joelhos, prestando-lhe com fervor o tributo do seu respeito, o testemunho da sua devoção e o preito do seu amor filial. E, no recinto das aparições, cada dia treze que passa, desenrolam-se scenas comoventes, verdadeiramente patéticas, que recordam os tempos bíblicos, avivando a fé e afervorando a piedade dos peregrinos, preparando-os para as pugnas incruentas da vida cristã sôbre a terra.

Começa agora um novo ano. O augusto Santuário de Fátima vai ser outra vez, sobretudo depois de terminados os rigores do inverno, estância de graças, teatro de prodígios, fonte inexhaurível de grandes e inefáveis misericórdias. Dir-se-ia que, ainda hoje, como há quinze anos, a Virgem bendita sorri, cercada de esplendores e divinamente bela, do alto da copa da azinheira sagrada, esparzindo, profusamente, ao longe e ao largo, com as mãos virginais, os dons preciosos da sua munificência de Raínha e os doces carinhos do seu coração de Mãe.

O dia treze em Fátima

O dia treze de Janeiro, a-pesar da quadra invernosa em que está enquadrado, foi encantador e delicioso, cheio de sol e de alegria, como um dia verdadeiramente primaveril.

Não obstante, porém, a amenidade do tempo, o concurso de peregrinos ao local das aparições não excedeu o número normal dos meses do Outono e do Inverno. Só ao meio-dia é que os fiéis dos diversos lugares da freguesia de Fátima e das freguesias circunvizinhas abandonaram em massa as suas terra para irem assistir, naquela estância de graças e de maravilhas divinas, à procissão de Nossa Senhora, à missa oficial e à bênção dos doentes.

Durante tôda a manhã, os sacerdotes presentes estiveram quási todos atendendo nos confessionários da Penitenciaria dos homens os peregrinos que desejavam preparar-se, com a confissão sincera e contrita das suas faltas, para receber frutuosamente, à mesa do banquete eucarístico, o Pão de Vida, descido do Céu.

No Pôsto das verificações médicas, a partir das nove horas, o dr. José Pereira Gens, director-chefe do Pôsto, examina os doentes que se apresentam para receber a bênção especial do Santíssimo Sacramento e, depois de inscrever os seus nomes no livro de registo, entrega a cada um dêles uma senha que lhe confere o direito de entrada no respectivo Pavilhão.

Ao meio-dia oficial, o rev.mo dr. Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário Episcopal de Leiria, preside à recitação do terço do Rosário, feita pùblicamente na histórica capela das aparições.

Concluida a recitação do terço, realiza-se a procissão da Virgem, cuja veneranda Imagem é levada aos ombros dos servitas para a capela do pavilhão dos doentes.

Pouco depois, em seguida à recitação do Simbolo dos Apóstolos, feita por todo o povo, celebra-se a missa oficial, assistindo a ela, entre outras pessoas de destaque, o rev.mo João Francisco Quaresma, Vigário Geral da diocese de Leiria. Após a missa, o rev.mo Higino Lopes Pereira Duarte, prègou um breve sermão, discorrendo sôbre a mesquinhês da vida presente comparada com a do Céu, pondo em relêvo as virtudes da Santíssima Virgem e apontando-a como modêlo que devemos imitar e como poderosa intercessora a quem devemos recorrer confiadamente em tôdas as nossas necessidades espirituais e temporais.

Terminado o sermão, foi exposto solenemente o Santíssimo Sacramento e, depois de cantado o *Tantum ergo*, foi dada a bênção com a Sagrada Hóstia a todos os doentes, que estavam desta vez reduzidos apenas a algumas dezenas, e por fim a todo o povo.

Durante tôda a manhã e mesmo de tarde, depois da missa oficial, numerosos fiéis confessaram-se e receberam ainda a Sagrada Comunhão, na Penitenciaria e na capela do Albergue de Nossa Senhora de Fátima.

As cerimónias religiosas oficiais, comemorativas do dia treze, tiveram o seu remate na procissão do *adeus*, em que a augusta e veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi reconduzida para a capela das aparições, onde foram rezadas as últimas preces e feitas as despedidas dos peregrinos à Virgem.

Mensageiro de Fátima

Como os leitores da *Voz da Fátima* já sabem, o semanário *Die Schildwache* (A Sentinela), revista de reputação e difusão mundial, que vê a luz da publicidade em Basel (Basileia), Suiça, foi o primeiro periódico que inseriu artigos escritos em língua alemã sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Por iniciativa do rev.mo dr. Luís Fischer, lente de Sagrada Teologia na Universidade de Bamberg, na Baviera, autor dêsses artigos, e graças à generosidade de Monsenhor Roberto Maeder, pároco da freguesia do Espírito Santo em Basileia, e editor e director do referido semanário, começou êste a publicar, a partir de treze de Janeiro do corrente ano, um suplemento mensal com uma tiragem de dez mil exemplares. É uma espécie de edição da *Voz da Fátima* em língua alemã e intitula-se *Na escola de Maria — Mensageiro de Fátima*.

O fundador e redactor principal do novo pregoeiro das glórias da Lourdes portuguesa, cujo primeiro número saíu à luz da publicidade no dia treze de Janeiro, é o rev.mo dr. Luís Fischer, o granle apóstolo de Nossa Senhora de Fátima na Suíça, na Alemanha, na Áustria, na Chekoslováquia e na Polónia, onde fez mais de duzentas conferências, e autor dos livros *Fátima, a Lourdes Portuguesa* e *Fátima à luz da autoridade eclesiástica*, traduzidos em várias línguas, incluindo a portuguesa.

O primeiro número do *Mensageiro de Fátima* é um verdadeiro mimo de graça e encanto, tanto sob o ponto de vista técnico como sob o ponto de vista literário. De formato um pouco mais pequeno que o da sua irmã mais velha *Voz de Fátima*, rivalizando com ela na qualidade do papel e em nitidez gráfica, abre com um primoroso artigo de introdução, devido à pena de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, o qual em duas largas colunas, emoldurando uma linda gravura de Nossa Senhora de Fátima, ocupa a primeira página da esplêndida revista em tôda a sua extensão.

A segunda página e parte da terceira inserem a crónica do dia treze de Janeiro na Cova da Iria. O resto da terceira página e a quarta página publicam várias notícias relativas ao culto de Nossa Senhora de Fátima na Alemanha. Além da gravura de Nossa Senhora de Fátima, contêm mais duas estampas, cuja nitidez é impecável. Uma delas representa o Senhor Núncio Apostólico de Sua Santidade, Mons. Beda Cardinale, Arcebispo titular de Chersona, e os Senhores Bispos do Algarve e de Leiria, no acto de darem, conjuntamente, a bênção ao povo, depois da missa dos doentes, no dia treze de Maio do ano próximo passado. A outra reproduz um grupo de missionários da estação missionária beneditina de Nossa Senhora de Fátima, na Zululândia, tendo ao centro o Bispo Mons. Tomás Spreiter, e tirado o ano passado, por ocasião da celebração das suas bodas de diamante sacerdotais.

A *Voz da Fátima* rejubila com o aparecimento da sua irmã mais nova e faz seus os votos do venerando Prelado da Lourdes Portuguesa para que sôbre o novo pregoeiro das glórias de Maria Santíssima e sôbre o seu benemérito fundador desçam incessante e copiosamente as melhores graças de Jesus-Hóstia e as bênçãos mais escolhidas da Raínha do Céu.

Altar e trono de N. S.ª da Fátima na Missão da Zululândia.
Esta missão foi fundada sob a protecção e invocação de N. S.ª da Fátima.

Duas grandes figuras de sacerdotes

No número dos sacerdotes peregrinos que no dia treze de Janeiro foram a Fátima depôr aos pés da Virgem das Aparições o preito do seu amor filial há dois que merecem referência especial. São os rev.dos drs. Tomás Fernandes Pinto e Manuel dos Santos Canastreiro. O primeiro, que o sábio e piedoso Senhor Bispo Conde de Coimbra houve por bem escolher para vice-reitor do seu Seminário, é um dos sacerdotes mais inteligentes e mais cultos da sua diocese, que êle honra sobremaneira com as fulgurações do seu talento, o prestígio da sua piedade e o exemplo das suas virtudes.

O segundo, que o venerando Senhor Arcebispo-Bispo de Vila Real veio buscar a uma das mas importantes paróquias do Patriarcado, para fazer dêle o reitor dum dos seus três Seminários, o Seminário de Sernache do Bomjardim, é dos melhores elementos do clero diocesano, que honrou sempre com o seu admirável tacto e bom senso, com as suas extraordinárias faculdades de trabalho e, dum modo especial, com a sua inteligência e com o seu *savoir faire*, no govêrno da vasta circunscrição eclesiástica de Alcobaça, onde foi pároco e vigário da vara.

Praza a Deus que êstes dois venerandos sacerdotes, preclaros ornamentos do clero secular português, possam ir muitas vezes à estância bendita de prodígios e de graças, que é o augusto Santuário de Fátima, atear nos seus peitos o fogo sagrado da devoção à Virgem Santíssima, a-fim-de o irradiarem para os corações dos futuros ministros do Senhor, cuja formação intelectual, moral e religiosa, os seus respectivos Prelados se dignaram confiar ao seu zêlo e à sua dedicação.

Grande Peregrinação diocesana de Coimbra

Datada de oito de Dezembro último, festa da Imaculada Conceição, acaba de ser publicada nos números de nove a onze de Janeiro do diário católico *Novidades* uma carta Pastoral de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Manuel Luís Coelho da Silva, ilustre e venerando Bispo Conde de Coimbra, pela qual o apostólico Prelado consagra a sua diocese ao Sagrado Coração de Maria Santíssima e ordena uma peregrinação oficial ao Santuário Nacional de Fátima nos dias doze e treze do próximo mês de Julho. Nessa estância bendita, êle ou o seu digníssimo coadjutor recitará o Acto de Consagração da diocese a Nossa Senhora, renovando assim a consagração que será feita em Coimbra, solenemente, na Sé Nova, no dia 4 de Junho, primeiro Domingo do mês, na conclusão da devoção do Mês de Maria.

A seguir transcreve-se um trêcho da magnífica Pastoral, que traduz a piedade ardente e o zêlo admirável do grande Prelado que ora preside felizmente aos destinos do Bispado de Coimbra, trêcho em que o clero e os fiéis de tôdas as classes e condições sociais são paterna e veementemente exortados a tomar parte na grande romagem que deve ter, segundo a vontade do nobre Antístite, um caracter especial e acentuado de reparação e penitência:

«Maria Santíssima, aparecendo em Fátima, na Cova da Iria, transformou êsse logar árido e deserto num imenso templo, talvez na maior basílica do mundo, onde Portugal inteiro deve pedir perdão e clemência.

Vamos nós todos os que pudermos, vamos a Fátima em espírito de penitência e reparação; vamos a essa terra sagrada testemunhar a nossa gratidão à Mãe de Deus e pedir-lhe que nos conduza todos a Jesus.

Vamos... todos os que pudermos, que esta manifestação colectiva de fé e amor fará bem aos nossos corações, levantará as nossas almas.

Quem confessa publicamente a Maria Santíssima, Mãe de Deus, confessa a Jesus, e Jesus disse: Aquele que me confessar perante os homens, também eu o confessarei perante meu Pai». (Mat. 10, 32).

Vinde por isso a Fátima... vinde vós, *chefes de família*, vinde, mães cristãs; e no auxílio de Maria Santíssima, encontrareis o antídoto contra o veneno daqueles que querem desorganizar o vosso lar, contras aqueles que porfiam em corromper o vosso coração, contra aqueles que querem estancar as fontes da vida para assim dar a morte à sociedade, vinde, e colocai os vossos filhos sob a protecção da Mãe do Céu, e na vossa casa haverá obediência, ordem e paz.

Vinde a Fátima, jovens de *ambos os sexos*, vinde; a Mãe de Deus aceitará essa especial prova de amor e vos alcançará fôrças para imitardes as suas virtudes: — a humildade, a pureza, a modéstia...

Vinde a Fátima, *académicos* desta grande Diocese; vinde, representantes do comércio, da indústria, dos operários, de tôdas as associações de apostolado, de caridade e piedade; e Maria Santíssima abençoará os vossos trabalhos e será a vossa protecção no meio de tantos perigos e seduções.

Vinde, rev.dos *Párocos e mais Sacerdotes*, vinde a Fátima; e aí mais uma vez vos convencereis de que não deveis ter outra paixão que não seja amar a Deus e fazê-lo amar; aí se inflamará o vosso *zêlo* para a instrução e salvação das almas que vos estão confiadas, compreendendo bem que, como pastores, pertenceis ao vosso rebanho, deveis-lhe tôda a vossa existência; aí se fortificará a vossa *coragem* para aceitardes todos os sofrimentos pela salvação dessas almas; aí reconhecereis melhor quanto o culto fervoroso de Maria Santíssima é um grande auxílio para conduzirdes essas almas a Jesus, tomareis a resolução de aumentar êsse culto nas vossas freguesias, fazendo especialmente com tôda a devoção os meses de *Maio e Outubro;* ensinareis com todo o carinho as crianças e os jovens a bendizerem e amarem a Nossa Senhora, promovendo, o mais que puderdes, as Congregações Marianas; aí vereis os prodígios da graça operados nos seus confessionários; aí vereis quanto é grande a clemência de Maria, quanto é útil prègar aos pecadores a sua misericórdia.

Vamos a Fátima, todos os que pudermos; e, com tôdas as energias da nossa alma, com uma só voz saída de milhares de bôcas, clamaremos: «*Esperança nossa, salve*.

Vamos a Fátima, todos os que pudermos; e, naquela terra santificada pela Mãe de Deus digamos uma e muitas vezes: «Bendita sois vós entre as mulheres, porque bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus».

A Carta Pastoral insere no fim a fórmula *do Acto de Consagração* e o programa dos actos religiosos colectivos da peregrinação da Diocese de acôrdo com o Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria.

Visconde de Montelo

FÁTIMA NA ZULULÂNDIA

Do — Bote von Fátima — (Mensageiro de Fátima) que começou no mês passado a publicar-se na Suissa, transcrevemos o seguinte:

«A boa-nova da Fátima tem-se espalhado por todo o mundo. Até os pobres cafres da Zululândia possuem uma missão intitulada «Missão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima».

Na primeira oportunidade se referirá o «Bote von Fatima» à fundação desta missão alemã em Africa. Por hoje, limitar-nos-emos a publicar uma carta de S. Ex.a Rev.ma o Bispo Tomás Spreiter.

Missão Inkamana P. O. Vryheid, Natal 19 de Novembro de 1932.

Senhor professor:

Como penhor de gratidão envio a V. Rev.a duas fotografias da nossa missão. Uma é a da Imagem de N. S.a de Fátima recebida aqui por intermédio de V. Rev.a, e a outra é a do altar onde está colocada a dita Imagem, feito na nossa carpintaria.

Fotografias iguais enviei eu também a S. Ex.a o Senhor Bispo de Leiria.

Aproveito a ocasião para lhe desejar um novo ano cheio de prosperidades e de triunfo para Nossa Senhora da Fátima.

Na nossa Missão não correm, infelizmente, as coisas tão bem como seria para desejar. Em muitas regiões, sobretudo aqui, não tem chovido e por isso iremos ter outa vez uma péssima colheita. A colheita espiritual seria também mais abundante se tivessemos meios para abrir todas as escolas que são necessárias. Mas as necessidades são tão grandes que em vez de edificarmos teremos, talvez, que destruir.

Espero, todavia, que a Divina Providência venha em nosso auxílio já que pouco podemos esperar dos homens.

Não se esqueça de se lembrar de mim nas suas oações por ocasião das suas conferências sôbre Fátima.

Seu irmão muito agradecido em N. S. Jesus Cristo

† *Tomas Spreiter*

O Bispo Tomas Spreiter é não só um grande amigo da «Schildwache» mas também um grande venerador de N. S.a de Fátima. Por isso, nós, os católicos alemães, devemos considerar como ponto de honra contribuir na medida do possível para a manutenção da missão beneditina de N. Senhora da Fátima.

Para que ela pois não desapareça e para que milhares de almas não morram espiritual e temporalmente fica, desde hoje, aberta no nosso jornal uma subscrição intitulada «Subscrição Bispo Spreiter». Os donativos devem ser enviados à «Schildwache» com a designação «für Fatima im Zululand». Abrimos a subscrição com o donativo de 50 fr. dum anónimo».

• •

Secundando a apostólica iniciativa do *Bote von Fatima* faremos chegar ao seu destino quaisquer donativos que os nossos presados leitores nos queiram mandar para socorrer espiritual e temporalmente os pobres infiéis abrido as suas almas à luz da verdade cristã, tanto mais que o zeloso Bispo desta região colocou a missão debaixo da protecção de Nossa Senhora da Fátima.

FÁTIMA NA BAVIERA

Perto da cidade de Augsburg (100.000 habitantes), onde os protestantes apresentaram a célebre — confissão de Augsburg, reüniram-se no Santuário de Kobel 1200 peregrinos no dia 13 de outubro passado, comemorando a última aparição de Nossa Senhora em Fátima.

O Rev. Dr. Fischer realizou em Augsburg nos dias 4 e 6 de dezembro 2 magníficas conferências com projecções luminosas sôbre a Fátima.

Em 20 de novembro o mesmo incansável R. Dr. Fischer fêz uma conferência em Hassfurt, cidade de 6000 habitantes — na sua maioria católicos sôbre a Fátima, assistindo 500 pessoas. Ficou exposta à veneração uma estátua de Nossa Senhora da Fátima ida de Portugal.

FÁTIMA EM MALANGE

Nesta cidade de Malange, capital do distrito do mesmo nome, são veneradas duas imagens de Nossa Senhora da Fátima: uma na capela do Seminário da Missão Católica dos RR. PP. da Congregação do Espírito Santo, e outra na capela do Colégio-anglo, das Irmãs de S. José de Cluny.

No dia 13 de Novembro p. p. lá fui encontrar a imagem de Nossa Senhora da Fátima, no seu altarzinho, tôda rodeada de velas e adornada de flôres que as meninas internas dispuzeram com todo o carinho e arte que a sua devoção lhes inspirou.

Nossa Senhora da Fátima,
Formosa Estrêla do mar!
Vossas graças, neste dia,
Vimos crentes implorar.

... ...

A Missa da Comunidade foi, nêsse dia, celebrada em honra de Nossa Senhora da Fátima, em satisfação dum voto, fazendo o celebrante uma pequena alocução, tendente a interessar as educandas pela sorte das almas do Purgatório (era o mês da Almas), *principalmente das mais abandonadas*, como recomendára N.a Senhora.

Terminou esta fervorosa devoçãozinha com a Bênção do SS. Sacramento.

Grupo de asiladas educadas pelas irmãs de S. José de Cluny, em Angola. Estão na sua lição prática de agricultura.

Nossa Senhora de Fátima é invocada neste colégio desde 1928, sendo, na recitação do terço pela comunidade, intercalada nos mistérios a jaculatória: «Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno; — aliviai as alminhas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas».

Mas só em 1930 foi a imagenzinha entronizada no seu logar. Trouxera-a mesmo do Santuário da Fátima a zelosa e dedicada Superiora, de regresso da sua viagem a Portugal, onde fôra descançar alguns meses para refazer as suas fôrças, gastas em activo e prolongado labor, nesta nossa tão importante e esperançosa colónia de Angola.

Actualmente, no dia 13 de cada mês, as educandas internas adornam o seu altar com as mais lindas flores do jardim da Missão e cantam com entusiásmo e fervôr cânticos em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Lá ouvi, em Novembro, com emoção intraduzível, cantar aqueles versos, tão conhecidos em Portugal (aqui então cantados pela primeira vez):

Sôbre os ramos da azinheira,
Tu vieste, oh Mãe clemente!

.....

Que impressão tão agradável eu senti, quando, pouco depois de dar os primeiros passos em terras de África, na cidade de Luanda, ouvi cantar na catedral, então repleta de fiéis (sendo os de côr em grande número) aqueles mesmos versos, à saída do Sr. D. Moisés do templo!

Não há dúvida! Nossa Senhora da Fátima conquistou amorosamente o coração de todos os portugueses, mesmo o dos portugueses de Além-Mar em África!...

P.e Cândido Maia

FÁTIMA NA ITÁLIA

O Sr. D. João, Arcebispo Bispo de Vila Real e Superior dos Seminários das Missões portuguesas, passando em Napoles em direcção a Roma para a visita *«ad Sacra Limina»*, realizou no Seminário uma conferência sôbre as Aparições de Nossa Senhora da Fátima.

Tanto os Superiores como os alunos do Seminário, em número de 120, ficaram admirados e contentíssimos.

O Sr. Bispo de Leiria mandou para os Seminaristas estampas de Nossa Senhora da Fátima e o belo livro do R. P.e Luís Gonzaga, dignissimo Professor do Instituto Bíblico na Universidade de Roma *«Le maraviglie di Fátima»*.

Fátima em Narni — Umbria

Duma correspondência de Itália recortamos os passos seguintes referentes à aceitação ali do Culto de Nossa Senhora da Fátima.

10 de Janeiro de 1933.

O Cónego Penitenciário da Catedral de Narni, na Umbria, D. Michele Cominola, prègou, por ocasião do Natal, na Igreja paroquial de Rocchette, comuna de Torri na Sabina, uma Missão, encerrada no dia 8 de Janeiro corrente.

Como suave parêntesis na explanação das grandes verdades Cristãs, S. Rev.a narrou, à massa rural do pequeno centro aldeão, os maravilhosos acontecimentos de Fátima.

Foi grande o entusiasmo daquele povo simples, cuja devoção a Nossa Senhora é bem conhecida. Logo 190 pessoas do burgo assinaram o seu nome num pequeno registo e o enviaram ao Reitor da Fátima, para ser colocado aos Pés da Virgem Mãe de Deus, no seu grandioso Santuário.

Particular curioso:

No dia do encerramento da Missão, 8 de Janeiro, houve a Primeira Comunhão das crianças. Tinham sido diligentemente preparadas 37. Por motivos diversos, 7 não apareceram. E foram exactamente **15** meninos e **15** meninas que se aproximaram, pela primeira vez, do Banquete Divino!!!

Não seria uma homenagem, casual talvez, mas não menos real, aos **15** mistérios do S. Rosário, tão queridos da Rainha Celeste que triunfa na Fátima?»

Marcellino

Fátima em Gubbio

Gubbio, 13 de Outubro

O XV aniversário da última aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos da Fátima revestiu um explendor desusado.

Apesar da festa não ter sido precedida de tríduo solene, devido sobretudo às chuvas torrenciais nos dias precedentes, a concorrência a todos os actos litúrgicos foi muito elevada.

Deve-se isto a duas conferências com projecções feitas por S. Rev.cia o Snr. P. Fonseca, incansável apóstolo de Nossa Senhora da Fátima.

A primeira realizou-se no dia 26 de Setembro no Seminário de Gubbio, a que assistiram todos os alunos, superiores e alguns cónegos da cidade. A segunda foi feita no dia 9 de Outubro no círculo dos jovens da Acção Católica. A esta assistiram, além dos jovens, suas famílias e grande quantidade de pessoas da cidade. O Salão estava literalmente repleto.

A admiração, quer numa, quer noutra, pairava sôbre todos os assistentes ao verem passar sôbre o alvo os principais monumentos da região de Leiria e as grandes peregrinações. Foi sobretudo na segunda conferência onde mais claramente se patenteou a admiração, sendo por vezes interrompida pelas expontâneas exclamações. A estupefacção atingiu o seu auge quando apareceram projetados o monumento da Batalha e as grandes peregrinações, abeirando-se de nós vários dos assistentes, quer numa, quer noutra conferência, a dizer-nos que não sabiam que em Portugal houvesse tão belos e tão ricos monumentos e tanta fé, pedindo ao mesmo tempo que lhes continuassem a fazer mais conferências.

O dia 13, que fôra precedido de caudalosas e contínuas chuvas, apareceu límpido e alegre, permanecendo assim até à noite, continuando nos dias seguintes a chuva a caír. É que a Virgem SS. da Fátima ao descer à terra há 15 anos, não veio para ensinar o caminho do céu só a Portugal, onde se dignou baixar, mas a todo o mundo, proporcionando por isso no dia do XV aniversário da última mensagem, um fácil acesso ao monte de S. Jerónimo, onde êste se comemorava. E o povo engubino correspondeu a êste convite da Virgem. Ainda não eram dadas as 6 horas da manhã já vários dos seus devotos esperavam junto da capela. Às 6 1/2 horas celebrou-se a primeira missa.

Seguiu-se imediatamente a missa da Comunhão Geral. Ao Evangelho, o Snr. P.e Fonseca, dirigiu a palavra ao povo. Começa por descrever a última aparição, passando depois a explicar o Rosário assunto já começado a tratar nos meses anteriores. O Rosário, diz S. Rev.cia, é a oração mais bela, quer pelo conteúdo, quer e sobretudo porque encerra em si a oração vocal e mental. Explica em seguida, pormenorizadamente os Mistérios do Rosário, e termina exortando a todos a honrar a SS. Virgem diàriamente com a recitação, ao menos, do terço do Rosário, como outrora em tôdas as famílias se faria, o que hoje se tem desprezado, tornando-se, por isso, estas, de santuários à sombra dos quais floresciam tôdas as virtudes, em centros de desunião e ódios.

Seguiram-se depois mais duas missas. As comunhões feitas neste dia foram 80, número, sem dúvida bastante elevado se se considerar que era dia de trabalho.

Às dez horas houve missa cantade. Ao Evangelho, Mons. Reitor novamente toma a palavra, aproveitando um versículo do Evangelho da festa do dia para texto da homília. Exorta a todos os cumprimento dos seus deveres de cristãos, mostrando claramente a obrigação que todos temos de os cumprir. Se Nosso Senhor, diz S. Rev.cia, tanto sofreu, oferecendo-se voluntàriamente pela satisfação dos nossos pecados ao seu Divino Pai a quem somos devedores de tudo e por isso obrigados a cumprir os seus mandamentos, se até Sua Mãi SS. tanto quis sofer, cooperando na Redenção, indicando através dos séculos o caminho mais recto do paraíso e há quinze anos pela última vez em Fátima, não teremos nós obrigação, o dever de cumprir os mandamentos de Deus e seguir os conselhos de nossa Mãi celeste? Vamos pois a Jesus por Maria, certos de que nos levará a gozar eternamente no Paraíso.

Às três horas da tarde começou-se a recitação do terço seguindo-se depois a benção solene com o SS. Sacramento. Também desta vez o povo acorreu em grande quantidade. Mons. Reitor aproveitou a ocasião, para agradecer, em nome de Nossa Senhora, a concorrência à sua festa. Mais uma vez cita a mensagem celeste da Virgem SS. da Fátima: «que era Nossa Senhora do Rosário, que viera a exortar os fiéis a mudar de vida e que não afligissem mais com o pecado a Nosso Senhor já tão ofendido! que recitassem o Rosário e fizessem penitência pelos seus pecados».

Assim terminou a festa em comemoração do XV aniversário da última aparição, e com tal contentamento de todos que continuamente se nos dirigiam a perguntar se continuavamos a passar as futuras férias aqui em Gubbio, para se poder mais e mais divulgar a devoção a Nossa Senhora da Fátima.

• • •

A devoção à Virgem SS. da Fátima, não se estende sòmente a esta região, mas também se vai dilatando com grande intensidade por tôda a Itália como o atestam as contínuas cartas e postais que afluem ao Colégio pedindo imagens, livros, quadros, água da Fátima etc....

Eis um excerpto duma carta, enviada por um Sacerdote da Sicília, contando como celebrou o mês de Outubro em honra de Nossa Senhora da Fátima:

«...muitas vezes falei sôbre as aparições, e no terço rezado em público intercalava sempre entre os mistérios a jaculatória: «Ó meu Jesus, perdoai-nos...»; fêz-se a novena em preparação do dia 13; convidou-se o povo a comemorar o XV aniversário da última aparição com a Sagrada Comunhão; os hinos da Fátima eram cantados por todo o povo. Soube que no dia 13 se fêz a Comunhão e houve prègação sôbre Nossa Senhora da Fátima. Na manhã do dia 13 lembrei-me de pedir aos fiéis para que ao meio dia se recitasse o Rosário ou algumas dezenas, ou mesmo as «Ave-Marias» em recordação da última audiência de Maria.

Eu mesmo andei de família em família, por amor a Nossa Senhora da Fátima, a pedir que efectuassem a minha ideia.

Soube depois que cumpriram quanto recomendara e eu com minha mãi e minha irmã recitámos, àquela mesma hora, o terço diante do belíssimo quadro que representa a estátua de Nossa Senhora da Fátima do Colégio Português. À tarde agradeci, em S. Domingos, ao povo o ter aceitado e cumprido estas devoções, narrando-lhe depois a primeira e a última aparição.

O mês de Outubro concluiu-se solenissimamente no dia 1 de Novembo. O templo, na função da manhã, estava repleto, em grande parte da Juventude Católica. Todo o povo se abeirou da S. Mesa. A Missa foi cantada pela «Schola cantorum» espalhada por todo o vasto templo. De tarde, novamente a igreja se encheu; recitaram-se dois têrços do Rosário, sendo o terceiro cantado como de costume. Houve sermão seguido da Ladaínha, Te-Deum, e Benção, fechando-se o mês com o canto do Hino de Fátima: A treze de Maio...

Nossa Senhora dignou-se conceder duas graças: A uma família que de há muito vivia no meio de tribulações e trevas, levei um dia uma imagem de Nossa Senhora da Fátima. No dia seguinte a Virgem levou-lhe a paz e a luz. A pessoa a quem me dirigi vendo a mudança operada no seu lar, não podia deixar de manifestar-me o seu contentamento.

(Continua na pág. 3)

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Tisica bronco-pulmonar

— *Gavino Sechi*, de três anos de idade, em Março passado, foi acometido de uma tisica bronco-pulmonar.

Os pais, vendo que o menino emagrecia de dia para dia e que a doença permanecia estacionária, levaram-no à visinha cidade de Sassari para aí consultarem os médicos da Universidade Pediatrica.

No pimeiro exame os médicos atestaram que não podiam pronunciar-se sôbre a doença, porque o menino estava muito mal.

Foi necessário, por isso, deixá-lo internado no Hospital das crianças. Depois de 14 dias de permanência aí, os médicos declararam que o menino tinha uma tisica bronco-pulmonar, com incerteza de completa cura, e na melhor dos hipoteses, só depois de dois anos de assíduo tratamento.

Os pais, consternados deixaram o filho no Hospital, mas a 17 de Junho a doença agravou-se tanto que se receava a morte dum momento para o outro. A pobre mãe, louca de dôr, volta-se para Nossa Senhora da Fátima e começa uma novena juntamente com sua irmã e duas criancinhas irmãs do doente. Como é poderosa a oração duma Mãe crente e das inocentes criancinhas! Nossa Senhora atendeu-os, e na manhã do dia seguinte quando os médicos foram visitar o menino, julgando encontrá-lo no fim da vida, cheios de admiração, notaram que estava melhor:—tinha desaparecido a respiração ofegante, a febre diminuira, e a afecção nos pulmões (constatada pelos raios X) estava calcificada. A 4 de Julho a febre desapareceu completamente. O menino foi reconduzido para a sua terra, fraco sim, mas livre da sua anterior doença, e hoje salta, joga e corre como qualquer criança que nunca esteve doente.

O próprio menino quando lhe perguntam quem o curou, responde:—«foi Nossa Senhora da Fátima». De então para cá traz sempre consigo a imagem daquela Mãe que o salvou.

Codrongianos — Sardenha

Andreana Sotgin

Paralisia, cistite, etc.

Sinto-me feliz por poder, em nome de minha família dar públicas graças a Nossa Senhora da Fátima que, na sua bondade, se dignou alcançar-nos do Coração amabilissimo de Jesus, a cura verdadeiramente miraculosa de nossa Mãe que, na idade de 73 anos, nos longos meses da sua doença, esteve por três vezes no fim da vida, recebendo o SS. Viático e a Extrema-Unção.

Basta contar simplesmente os factos para a graça refulgir clara.

Começo por notar que, apenas conhecida a gravidade da doença, todos os sete filhos que criou e tantas boas almas que a nós se uniram, voltámo-nos com a maior fé possível para Nossa Senhora da Fátima, incomendando-lhe ininterruptamente a querida enférma. Nos remédios, nos alimentos, nos actos operatórios e nos dolorosos tratamentos usou-se sempre água de Nossa Senhora da Fátima; e quando a esperança se alternava com o temor, todos diziam: — *«Sim, faça-se a vontade de Deus! Mas Nossa Senhora não pode fazer fraca figura!»*

E a Virgem Santissima, na sua bondade dignou-se conceder-nos o que humanamente não seria possível.

A grave doença fêz-se sentir precisamente no dia 13 de Maio, dedicado à suave recordação da primeira Aparição de Nossa Senhora em Fátima. Tinha nossa mãe, como de costume, voltado da Igreja paroquial onde fôra assistir à Bênção do SS. Sacramento. Todo o dia andou bem. Depois da ceia, porém, foi acometida duma *paralisia facial* que, paralisando-lhe o esófago, tornava impossível a deglutição. Era um tormento o fazer-lhe tomar uma simples gota de água! Na tarde do dia 21 de Maio a febre subiu a 41 graus, sendo-lhe imediatamente administrados os S.tos Sacramentos.

— «Se sou necessária ainda a meus filhos, — dizia a moribunda ao seu confessor — de boa vontade continuarei ainda sôbre a terra; se porém, já não sou necessária, estou pronta a ir para o Céu: levai-me, pois, Senhor!...»

Nêsse dia, oh! com que fervor redobrámos as nossas súplicas!

A visita do médico no dia seguinte, deu-nos algumas esperanças. Temia-se, entretanto, que se viesse juntar alguma pneumonia. Assim, entre as mais dolorosas alternativas se passaram os meses, — meses de angústia para os filhos, e do sofrimento, mas também de grandes méritos para a doente que a todos edificava com a paciência e docilidade com que sabia sofrer.

Sobreveio depois uma «cistite» com a perigosa conseqüência da «diabetis».

A fraqueza era extrema e as insonias terríveis! O médico assistente dizia: — *«Se não intervier o sobrenatural, não poderá curar-se;* não tem já fôrças; a não ser que haja naquele organismo alguma energia oculta que se disperte com esta vida artificial que se lhe inocúla, não vence o mal; *«só a fôrça da oração lhe pode valer!...»*

A «cistite» agravou-se de tal forma que se teve de recorrer a injecções, intervenais. Em Agosto, devido a uma injecção mal dada, um dos braços começou a inchar e a febre a elevar-se: — temia-se a gangrena.

A 17 do mesmo mês foi preciso recorrer-se a uma operação, declarando os médicos que a ferida não sararia antes do Natal. Mas, não foi assim, porque nos primeiros dias de Outubro, o braço estava curado e a enfêrma sem sinal algum de doença. Actualmente mostra-se cheia de vida, como dantes, e voltou a dirigir e governar a casa de que é o sorriso e a benção.

A doença começada a 13 de Maio, pode dizer-se que terminou a 13 de Outubro, dia em que nossa mãe, acompanhada dos filhos pôde ir, pela primeira vez, à Igreja fazer a prometida Comunhão de Acção de graças. Quantas vezes Jesus a tinha ido visitar no seu leito de dôr! Neste dia foi ela pagar as visitas ao médico Celeste.

Nossa Senhora da Fátima, que tanta predilecção tem mostrado para com o meu Instituto, ao qual se dignou honrar com a vidente da Cova da Iria, proteja sempre a minha família e Instituto que lhe prometem eterna gratidão, fidelidade e amor.

Roma, 1932.

Ada Fontanelli
(Religiosa de S. Doroteia)

Bronco-pneumonia e meningite

Maria e Celeste de Jesus Pereira, avó e mãe de Henriqueta Pereira dos Santos, vimos agradecer reconhecidamente a cura desta criança de 3 anos de idade, que durante dois dias tivemos quási morta.

O médico assistente, o Sr. Dr. Joaquim Francisco Alves, de Vila Nova de Ourém, desenganou-nos por completo. Nós, cheias de fé, recorremos então a Nossa Senhora a ver se nos valia ao menos até que o Pai da criança regressasse do Brasil. Jesus Cristo dignou-se atender as preces de sua Amada Mãe, e hoje esta criança que fôra tão doente está completamente bem, correndo, brincando e crescendo como se nunca tivera estado doente.

Alqueidão de Ourém

Maria e Celeste de Jesus Pereira

Agradecimento

Estando minha mãe gravemente doente com uma *paratifoide e congestão pulmonar*, durante sete meses conservou temperaturas elevadas. Devido à gravidade da doença e à sua idade de 66 anos, os Snrs. Drs. José Augusto Veiga da Fonseca e Ladislau Patrício, fazendo uma demorada conferência, deram-na como perdida. Numa noite em que a crise foi mais intensa, não falando nem ouvindo, e ficando sem temperatura alguma, a minha dôr de filha amantíssima subiu ao auge.

Mergulhada nessa tão grande dôr, ao ver que ia ficar sem mãe, mas crente como sou ajoelhei junto ao seu leito. Num estase de súplica, pedi a Nossa Senhora da Fátima as melhoras precisas; pedi que salvasse a minha mãe. E se assim acontecesse iriamos pessoalmente agradecer à Virgem tão grande graça levando-lhe a oferta da nossa gratidão. A crise passou. No dia imediato esteve quási todo o dia sem febre, quando de costume todos os dias tinha de 39 a 40 graus.

Ao cabo de algum tempo não tinha febre alguma, e principiava a entrar em convalescença. Hoje está completamente curada graças à Virgem Mãe.

Folgosinho — 1932

Maria Martins Coelho

Pleuresia

No dia 15 de Setembro de 1930 dei entrada no Hospital de S. Marta em Lisboa, com uma pleuresia liquida no lado direito.

Estive 3 meses na enfermaria do Sr. Dr. Pulido Valente, tratada pelos assistentes Srs. Drs. Camacho e Raul de Sá. No fim de 3 meses sentindo algumas melhoras, pedi para me deixarem sair do Hospital mas o Sr. Director não queria deixar-me sair porque tinha ainda um pouco de febre, mas dizendo eu que vinha para a Beira Alta — minha terra natal, consegui que me deixasse saír.

Passados dois dias depois de chegar à minha terra comecei logo a sentir-me muito mal. Foi necessário voltar novamente ao médico.

Consultei o Sr. Dr. António Augusto dos Santos, de Mangualde.

Disse-me que a sua opinião era que fôsse para um Sanatório. Fiquei muito desanimada.

Querendo conhecer a opinião doutro médico consultei o Sr. Dr. António da Costa Pais, de Viseu. Tratando-me bastante tempo com êle sem encontrar melhoras e vendo-me já sem recursos, recorri a Nossa Senhora da Fátima fazendo em sua honra uma novena durante a qual tomava algumas gotas da água do seu Santuário.

Passado algum tempo voltei ao mesmo médico que ficou admiradíssimo de me ver tão rápida e completamente curada.

Como já há um ano me encontro bôa já fui a Fátima agradecer à Virgem Mãe do Céu a grande graça que me concedeu.

Corga — Beira Alta

Maria da Conceição Andrade

Reumatismo

Estando empregada na Pensão de S. Lazáro, do Porto, de repente adoeci com um ataque de reumatismo que me paralisou em todos os movimentos sendo necessário meterem-me o alimento na boca. Em 27 de Janeiro recolhi ao Hospital de S. António desta mesma cidade, e nessa noite às 11 horas, vendo-me muito aflita, recorri a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe misericórdia.

E qual não foi o espanto de todos quando na manhã seguinte me levantei saindo da cama sem ser amparada por alguém.

Agradecendo muito penhorada a Nossa Senhora da Fátima esta grande graça venho publicá-la para honra e glória da Mãe do Céu e consolação de todos os que sofrem.

Maria da Conceição de Castro — Porto

Tifo exantemático

Encontrando-se minha mãe gravemente doente com o tifo exantemático que nela tomou um caracter muito perigoso por sofrer do coração, e tendo-me o médico feito conhecer que a doente podia fàcilmente morrer de grave enfermidade, recorri cheia de confiança a Nossa Senhora da Fátima e prometi à SS. Virgem publicar esta graça no seu jornalzinho, se, terminada a novena que nêsse mesmo dia comecei em sua honra, minha mãe se encontrasse livre de perigo. A Mãe do Céu dignou-se ouvir a minha prece, porque no próprio dia em que terminava a novena, o médico declarou-a livre de perigo continuando desde então a melhorar progressivamente, pelo que rendo infinitas graças a Nossa Senhora da Fátima que nunca deixa de valer aos aflitos que a Ela recorrem com fé.

Bequião

Herminia Alice Pimenta

Paratifoide

Em meados de Março de 1931 fui acometido pela febre paratifoide.

Requeri imediatamente a intervenção dum clínico que me tratou com muito carinho e disvélo. Não obstante já eram decorridos 20 dias e não havia sinal de melhoras. O médico assistente desanimou por momentos. Eu, porém, num impulso de viva fé, implorei a intervenção de Nossa Senhora da Fátima para me salvar da morte que se me deparava eminente. Num dos momentos mais críticos da minha doença pedi fervorosamente que me dessem a beber água da Fátima.

Dias depois da intervenção da Virgem Nossa Senhora da Fátima as melhoras começaram a acentuar-se. Hoje, graças a Nossa Senhora da Fátima, encontro-me gozando da saúde que anteriormente disfrutava. Estando plenamente convencido que a minha cura foi essencialmente devida à intervenção da Virgem Santíssima Nossa Senhora da Fátima, solicito um bocadinho do seu jornal para a publicação dêste favor.

Inácio Cunha

(Estudante da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa).

Agradecimento

Cheia de reconhecimento para com a Mãe Santíssima, venho, para sua glória e cumprimento da minha promessa, publicar a cura completa duma dôr quási contínua que me sobreveio a um parto em 25 de Abril de 1931. Vendo-me rodeada de muitos filhinhos de tenra idade, e que necessitavam da minha saúde, pedi a Nossa Senhora da Fátima que se apiedasse de mim por causa deles, e, tomando algumas gotas de água do seu Santuário comecei logo a ter alivios progressivos.

Já lá vão 15 meses sem ter sentido vestigio algum da dôr que por tanto tempo me afligiu.

Glória e louvor sejam dados a Nossa Senhora da Fátima.

Cartaxo — 1932

Maria da Conceição Crespo

Tifo e dispepsia

Quási no fim das férias grandes do ano passado, tendo sido acometido por uma febre tifoide, pedi à Santíssima Virgem me obtivesse a graça de me restabelecer a tempo de regressar ao Seminário de Angra, onde sou aluno, com os demais seminaristas.

Em pleno estado febril, tomei mais duma vez água de Nossa Senhora e a febre desceu um pouco.

Quinze dias antes da abertura do Seminário já estava levantado, todavia, receava não obter licença do médico para poder entrar com os outros.

Na sua primeira visita depois de me levantar, encontrou-me tão bem que foi logo de opinião que poderia entrar com os demais alunos.

No Seminário, ainda no primeiro trimestre comecei a sentir umas perturbações no estomago bastante incómodas. Tive manhãs quási sucessivas cheio de nauseas e cheguei a experimentar algumas vertigens. Um dos médicos que então consultei disse-me que certamente sofria de uma «dispepsia».

Tendo procurado os recursos da medicina não deixei de impetrar o auxílio, do Céu, e todos os dias no momento da acção de graças após a Comunhão, pedia ao Divino Hospede que, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima e de Lourdes, me restituisse a saúde para a empregar no seu santo serviço, se isso fosse do seu agrado. Nosso Senhor ouviu a voz dêste seu indigno servo e agora, de saúde perfeita, escrevo a essa redacção rogando a fineza da publicação das graças mencionadas, pois o prometi, para maior honra e glória de Deus e da Santíssima Virgem a quem ficarei eternamente devedor e reconhecido.

Água do Alto — S. Miguel — Açores

José Pacheco de Lima

Antrás

Um meu irmão que sofria dores horríveis motivadas por um antrás, tendo sido obrigado a recolher à cama, depois de muito sofrimento foi resolvido pelo médico que o antraz devia ser lancetado no dia seguinte. Nesta ocasião aflitiva, pedi com grande confiança à Santíssima Virgem da Fátima que o aliviasse das dores e prometi ir a Fátima agradecer à Santíssima Virgem a graça da cura, se não fôsse necessária a intervenção cirúrgica. No dia seguinte, graças a Deus e a Nossa Senhora, o *antraz* tinha rebentado e as dôres diminuido não sendo precisa a intervenção médica, favor êste que nunca esquecerei.

Quinta do Tronco — Pôrto.

Maria da Glória Seabra Pinto Leite

Fátima em Gubbio

(Continuação da pág. 2)

A uma outra família consternada por ver um filhinho nos últimos momentos, uma menina correra a consolar, levando-lhe ao mesmo tempo uma imagem de Nossa Senhora da Fátima. Convidou os amargurados pais a recomendarem-se à Virgem SS. da Fátima. Pouco depois o menino começou a melhorar e hoje já está bem.

—Carissimo snr, tenho lido o jornal, «Voz da Fátima» e compreendo tudo; entretanto uma grande mágoa me segue: é que a «Voz da Fátima» que podia ser o orgão de verdadeira e eficaz propaganda entre nós, não possa ser lida pelo povo. Peço-lhe e aos seus companheiros que se esforcem, para glória da SS. Virgem, por conseguir uma edição da «Voz da Fátima» em italiano, porque segurissimamente encontrará numerosos leitores. Várias vezes me têm dito que a leitura das maravilhas da Fátima, uma vez conhecidas, despertam o interesse a todos».

Ciminna (Sicília)
Sac. Michelangelo Calcagno

Aos Srs. assinantes

Lembra-se a todos que a *Voz da Fátima* não faz a cobrança das assinaturas pelo correio, esperando que seus amáveis assinantes lhe enviem a importância de suas assinaturas em carta ou vale de Correio.

Util e necessário

1.º — Os pedidos de água devem ser feitos ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário.

2.º — Esta administração não se responsabilisa pelas mudanças das direcções em cujos pedidos não venha a número da assinatura.

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte...	367.724$12
Papel, comp. e imp. do n.º 124 (56.400 ex.)...	4.965$65
Franquias, embal. transp. etc....	1.225$40
Na administração — Leiria	249$00
Total...	374.164$17

Donativos desde 15$00

Adelaide F. da Silva — Óbidos, 15$00; Maria E. Garcês — Cascais, 15$00; M.ª do C. da Rocha — Odivelas, 20$00; Adorinda Saldanha — Nova Gôa, 80$00; José M. de Matos — Alpedrinha, 100$00; Júlia de Sá — Colégio da Póvoa, 60$00; José Gil — Cadima, 20$00; Laura Barbosa — S. Gens, 15$00; Prior das Caldas da Rainha, 30$00; Elvira Luz — Braga, 20$00; António Lopes da Silva — Brasil, 50$00; A. M. Lage — China, 15$00; Fr. Bruno de Lima — Saragoza, 67$00; Amadeu Simões — Mafra, 15$00; Maria Simões — Mafra, 15$00; Artur Costa — Paris, 38$40; Guilhermina Amorim — Gaia, 20$00; P.e Ant.º José Júnior — Outeiro, 15$00; Felismina Teixeira — Gões, 20$00; João Alb. Custódio — Moledo, 35$00; Inácio de Moura — Lisboa, 20$00; Mariana Júlia — S. Miguel, 20$00; Maria Teles — Ilhavo, 20$00; P.e Manuel Alvernaz — Açores, 20$00; Maria Dutra — Açores, 20$00; Josefina Godinho — Ourém, 128$00; Tiberio Teixeira — C. Daire, 28$00; Ana Cardoso —Estremoz, 30$00; Emília Mouta — Estremoz, 20$00; Manuel Marques — Oeiras, 72$00; Frank Caetano — Califórnia, 32$50; Augusto Macedo — Lisboa, 15$00; Roque Rodrigues — Gôa, 15$00; Aloísio Viegas — Damão, 15$00; Maria Leiria — Algarve, 15$00; Margarida Sousa — Pôrto, 20$00; Maria Guicharel — Taboaço, 15$00; Augustin Bernardo — B. Aires, 5 pesos; Ana Neves — Avenca, 50$00; Asilo de S. Isabel — Faro, 50$00; Elísio Tocha — Brenha, 15$00; José Pinto Rib.ª—V.ª do Castelo, 40$00; Rosária de Magalhães — Pôrto, 35$00; António Falagueiro — Lisboa, 20$00; Cecília Costa — Cója, 15$00; Joaquina da Silva — Alandroal, 40$00; Distrib. em Penamacôr, 125$00; Hospital de Alpedrinha, 60$00; Maria Peixoto —Pôrto, 20$00; Elvira da Fonseca — Lisboa, 50$00; M.a das Dôres Lopes — Fozcôa, 20$00; Puresa Loureiro — Paredes de Coura, 20$00; Ant.º F. Braga — Paredes de Coura, 20$00; Luís Abegão — Tramagal, 20$00; Leonor Manuel — Cascais, 20$00; Ana de Deus. P.ª — Guarda, 40$00; M.ª Olímpia Margarida—Pôrto, 15$00; Júlia Pedroso — Bougado, 15$00; Angelina Martinho — Sintra, 15$00; Margarida do Livramento — Sintra, 15$00; Bernardino de Matos — Tourigo, 20$00; Filipa E. Serrão — Faro, 15$00; Maria C. e Castro — Chamoim, 20$00; Elmina da Cruz — Funchal, 150$00; Fernanda de Melo Lopes—Pôrto, 20$00; José Valente — Almofala, 30$00; M.ª da C. Borges — Angra, 20$00; P.e André Avelino — Capêlo, 162$00; Alexandrino Ramos — Pecegueiro, 15$00; Neves Nunes & C.ª—Feira, 135$40; Sofia Reis — Elvas, 20$00; Distrib. em Lagos, 130$00; Deolinda Mascarenhas — N. do Cravo, 170$00; Francisco Vargas — Vilgateira, 15$00; Conceição Povoas — Rio Tinto, 15$00; Adelaide Bastos—Lisboa, 15$00; António da Silva — Sem.º do Pôrto, 27$50; Celestina de Matos — Elvas, 15$00; Manuel Morgado —Lisboa, 20$00; Valerio da Silva — Évora, 15$00; Luiza de Freitas — Caide, 50$00; Beatriz Vasconcelos — Lisboa, 20$00; Sanatório Rod. Semide — Pôrto, 32$50; Igreja de S. M.ª Madalena — Lisboa, 30$00; Maria Barão — Armação de Pera, 21$40; Maria Berneaud — Lisboa, 20$00; Maria Caetana — Lagares, 20$00; Adelino de Oliveira — Póvoa de Lanhoso, 20$00; Hermínia Vasco — Lisboa, 20$00; Etelvina dos Santos — Lourosa, 20$00; José de S. Esteves — C. Branco, 20$00; Adelino Francisco — Igreja Nova, 20$00; P.e Abílio Mendes — Barreiro, 100$00; Hortencia de Melo — Pôrto, 20$00; Joaquina Martins — América, 1 dolar; Maria Dias — América, 1 dolar; Aurora Avelar — América, 1 dolar; Distrib. em Mouriz — Pároco de Baltar, 51$20; Georg Muhr — Wieu, 1,50 dolar; Dr. Domingos Pulido Garcia — Serpa, 40$00; M.ª Lopes Brás — Lisboa, 20$00; Distrib. em Varziela, 90$00; Ant.º Luís — Longos Vales, 20$00; P.ª Rafael Jacinto — Vila de Rei, 30$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 25$00; Feliciana Caupers — Lisboa, 20$00; Joaquim da S. Carvalho — Sosa, 94$00; Ermelinda Guimarães — Moçambique, 50$00; Distrib. em Valega, 180$00; esmola de Ovar, 20$00; António S. Dias — Brodosske, 15$00; Ant.º M. Português — Brodosske, 15$00; Albino Ribeiro — Brodosske, 15$00; Sá Tanoeiro — Brodosske, 15$00; Albino de Deus — Brodosske, 15$00; João Baptista — Brodosske, 15$00; Benedito Pelegrini — Brodosske, 15$00; Ant.º Jorge — Brodosske, 15$00; Rosalina Simões — Hotel Aurora — 15$00; Salvadora Marques — Brodosske, 15$00; 2 esmolas do Brasil, 25$00; M.ª L. Olazabal — Granja, 50$00; Colégio Luso Inglês — Évora, 15$00; Convento do Bom Sucesso — Lisboa, 50$00; n.º 3573 — Guimarães, 20$00; Ana Delf. Pereira — América, 65$00; Francisco Lucas — Fuzeta, 96$45; Teresa da C. Gonçalves — Loanda, 15$00; Ir. Maria do Livramento — Dakar, 15$00; José Dias — Lisboa, 20$00; José Raimundo — S. Romão, 60$00; José Mendes—Telhal, 15$00; Delfina de Almeida — Fundão, 80$00; Candida Cortez — Lisboa, 40$00; José Brás — Pôrto, 25$00; Maria Júlia—Évora, 20$00; Joana Pedroso — Dafundo, 50$00; P.e José da Costa— Mafra, 15$00; Maria Marcos — Ribaldeira, 20$00; Igreja de S. Tiago de Cezimbra, 104$00.

Exercícios Espirituais

Nos dias 26, 27 e 28 de Fevereiro haverá no Santuário Exercícios Espirituais para os Servitas (homens) a que poderão também assistir outros homens que se inscreverem e forem admitidos.

Devem começar no dia 25 à noite e terminar no dia 1 de Março com a imposição das Cinzas.

Quem quiser inscrever-se deve dirigir-se ao Sr. Reitor do Santuário, *pelo menos até ao dia 15 de Fevereiro.*

Nos três primeiros dias da Semana Santa haverá um outro turno de Exercícios, no Santuário, para Médicos.

A morte de uma filha de Maria

Parecendo-nos de grande utilidade espiritual para os nossos leitores, não resistimos ao desejo de lhes contar aqui os ultimos momentos e morte edificante da menina Maria da Conceição Pedrosa Matias Ferreira, de Pedrouços, que completara 19 anos no dia 22 do Dezembro ultimo e faleceu no dia 28. Neste intuito, pareceu-nos ainda que o melhor seria transcrever para aqui a carta em que a própria mãe, dirigindo-se a um sacerdote amigo, conta a morte da sua filhinha.

Diz assim:

«Deus sabe quanto agradeço as vossas palavras de amizade e as orações pela minha filha. Ela não vos esquecerá junto de Deus.

A minha dôr? Ai! a minha dôr!... Mas no meio dela sinto-me imensamente feliz!

Vou descrever-lhe os ultimos dias da minha menina, pois só me sinto bem a repetir sempre a mesma coisa.

Ultimamente faltava-lhe muito a respiração e ela começou por compreender que estava perto do fim. No dia em que fez 19 anos pediu a Santa Unção e no dia seguinte (23) disse ao nosso Prior (que lho trouxera Nosso Senhor) que viesse dar-lho no dia seguinte (24).

Este comoveu-se muito, veio trazer-lhe Nosso Senhor em viático e deu-lhe os mais sacramentos. Ela recebeu-os tão bem e tão alegre que por gôsto se assistia a tão tocante cerimónia.

À tarde, dêsse mesmo dia, chamei o médico que me disse que a achava tão mal que talvez nem chegasse ao fim da noite. Calcule como eu fiquei! Não fraquejei. Fui para junto dela, embora nada lhe dissesse, nem ela a mim. Compreendeu o seu estado e mostrou-se sempre muito animada.

Às 9 horas da noite teve uma crise que era de se fugir de ao pé dela. Tivémos de a acentar na cama e, nessa altura, ela pensou, e nós também, que era o fim.

Pediu que a ajudassemos a rezar (porque ela mal podia falar com a falta que tinha de respiração) e disse: «digam a Confissão». Acabada esta pediu o Acto de Contrição e, em seguida, começou com jaculatórias; mas sempre Jesus à frente.

Eu vi-a tão aflitinha que lhe rezei o Ofício da Agonia. Isto durou uma meia hora, e, passada esta, diz-me ela: «ainda não foi agora, mas breve será».

Os irmãos estavam a chorar e ela chamou-os, principiando pelo mais velho, e disse-lhe: «anda cá, não sejas tontinho, tem sempre muito juizinho, nunca desprezes a nossa santa religião e, quando um dia pensares em formar um lar, procura uma menina em termos, não dessas que andam nuas e pintadas, mas muito honesta e religiosa, mas que não seja só religiosa porque vai à missa ao domingo. Não; isso só não é religião. Que pratique mais.

(Depois quis ficar só com êle e não sei o que mais lhe diria).

Depois disse à Maria de Lourdes: «tu, meu amor, sê sempre humilde, nunca vaidosa nem orgulhosa, que o Menino Jesus não gosta de quem tem tais defeitos, e tu, Nuno, sê bom estudante, não estragues papel, apidos, lapis e tudo o mais que puderes poupar, não rales a mãezinha, foge das más companhias, e, quando alguma vez vires que vais ceder a qualquer tentação, recorre com fé à Santissima Virgem e Ela te ajudará a vencer.»

Mas isto dito com muita dificuldade mas muito sereninha. Passado isto, diz-me ela: «ai! amanhã fico sem Nosso Senhor; só há ali missas à meia noite e o Monsenhor amanhã não terá tempo de vir.» Eu disse-lhe que socegasse porque havia prevenido o Sr.º D. Lucrecia para o Sr. P.e Rocha lhe vir trazer Nosso Senhor depois das três missas, caso ela estivesse melhor. Ficou animada, mas sempre mais ou menos em aflições.

Eu joelhei-me junto da cama (como fazia sempre) e beijei-lhe muito as mãozinhas e caiu-lhe numa das mãos uma das minhas lágrimas, que ela beijou, e disse-me: «é uma lágrima da minha mãezinha! Não chore, mãezinha, não vê que eu sou do Menino Jesus? Coitadinha, é mãe, tem razão: chore, chore, ao menos desabafa, mas só a minha mãezinha têm direito de chorar; mais ninguém. Eu não quero que chorem ao pé de mim, porque a carne é fraca e nos ultimos momentos, posso prender-me, e eu quero ir tôda para Jesus. Depois pedirei no Céu por todos, mas peçam muito por mim, sim? E que eu posso, por qualquer pensamentozinho de vaidade, ainda ir estar alguns dias privada do Céu. Não quero mais visitas, quero despreender-me de tudo, de tudo.»

— Eu não tornei a chorar ao pé dela e proibi que alguém o fizesse. As duas horas da manhã recebeu Nosso Senhor, esteve sempre ancelosa até que chegou o sacerdote.

O resto da manhã não passou pior. O dia de Natal passou-o como Nosso Senhor quis.

O meu filho mais velho nunca mais saiu de ao pé dela (era êle e eu). Na 2.ª feira cada vez pior, nova crise, e desta vez mais demorada. Novamente muitas orações e ofício (que ela sempre me pedia). O suor que a inundava corria em fio pelos cabelos como se tivesse metido a cabeça numa bacia com água (já só se podia alimentar por um bule próprio e, assim mesmo, com muita dificuldade). Passada esta nova crise, ficava prostrada mas sempre com pena de não ter sido o fim.

Escrevemos nesse dia a minha sogra para vir na 3.ª feira e ela ficou contente, mas como a víssemos cada vez mais aflita, chamou-se o médico. Ele, ao vê-la, disse-lhe que o melhor era mandar buscar um balão de oxigénio para a aliviar um pouco.

Resposta dela: «não quero, Doutor, não quero fugir ao sofrimento porque Nosso Senhor pode ficar triste».

O Doutor ficou admirado (é católico) e disse que resignação assim ainda não tinha encontrado; era a primeira na sua vida de médico.

Como, porém, as aflições fossem aumentando, eu aconselhei-a a que quizesse o ar, ao menos para vêr se a avó ainda a encontrava viva, visto chegar daí a horas.

Aceitou, mas viu-se que não foi de vontade. Quando o meu pai ou o meu irmão (êste sofre o mais que se pode imaginar; adorava a sobrinha) iam junto dela comovidos dizia-lhes: «não chorem, eu vou para Jesus e de lá pedirei muito por vós, mas não vos esqueçais de pedir por mim».

Nunca dizia: «eu morro». Era sempre: quando fôr para o Céu, ou, quando eu fôr para o Jesus...»

Emfim, assim se foram passando os dias e as horas.

A minha sogra chegou e ela, já mais aflita (nem um só dia passou sem rezar o terço e, ao sabado o rosário, comnosco, e em chegando áquela hora, se via que tardavamos, já ela perguntava se não rezavamos o terço) e às três e um quarto da manhã começou em nova crise, mas desta vez, meu Deus, que horror! Começou logo a dizer: «vessem (que eu não posso) a confissão, acto de contrição, o ofício, mãesinha, ajudem-me todos que eu quero ir bem para Jesus».

Dizia então muitas vezes: «meu Jesus, eu vos amo». Depois: «Jesus, José e Maria, o meu coração Vos dou e alma minha; Jesus, José e Maria expire entre Vós a alma minha; Jesus José e Maria, valei-me na minha agonia; meu Jesus eu Vos amo; Santissima Virgem, ajudai-me a ir para Jesus.» Isto dito com muito amor que pasmava, no meio do seu grande sofrimento.

Parou um bocadinho e começou a subir-lhe o estertor; ela quis arrancar a expectoração e eu, cheia de coragem, disse-lhe: «não tentes, meu amor, porque o não consegues; pois não vês que se aproxima a hora de Jesus vir buscar-te?»

Ficou socegada, mas redobrou nas jaculatórias e de repente diz-me: «mãesinha, o Ofício». Ajoelhámo-nos (estavam todos os de casa), tudo me acompanhou e, no fim, com o pulso dela agarrado, eu ia dizendo: «filha, falta pouco, coragem, Jesus vem» e quando alguém tentava chorar alto eu fazia sinal para calarem.

Agora começa o fim. Ela: «meu Jesus, eu Vos amo, meu Jesus eu Vos amo muito, muito, muito, muito!...; Santissima Virgem, santos e anjos do Paraíso, santas virgens e viuvas, vinde buscar-me para Jesus. Não compreendo; porque ainda não fui para Jesus?! Ah! que surpresa tão agradável, (aqui sorriu-se).

A Conceição está contente, pensava que deixava cá alguma coisa mas não deixa nada, leva tudo, tudo para Jesus. Ainda bem; bem feito!... (tornou a sorrir).

Agora, meu Jesus, que eu vou comvosco, coitadinha da mãezinha vai sofrer tanto!... Dai-lhe coragem porque, se Vós lha dardes dias tudo podem». Eu disse-lhe: «minha filha, tem coragem, vais partir; o teu pulso está a parar, meu amor», mas eu sempre cheia de coragem. (Deus sabe como estava o meu coração!)

«E agora, mãezinha? Então adeus, adeus, adeus...» e ficou-se a sorrir. Nem foi preciso fechar-lhe os olhinhos, nem a boca nem amarrar os queixos. Tôda a gente diz que nunca viu uma caddver tão lindo, não deitou nem seguer a mais leve humidade pelo nariz ou boca e quando se beijava não se achava fria, era como estando a transpirar.

As unhas, que ao morrer estavam rôxas, tornaram à côr natural e os lábios reparam perfeitamente como quando ficava recolhida depois de receber Nosso Senhor.

Esteve sempre com uma imagem de Nossa Senhora do Carmo em cima da mesa de cabeceira para, de vez em quando, a abraçar e beijar, e dizia-me: «ponha-a de maneira que Ela me veja e eu a veja a Ela, sim, mãezinha?»

No meio das suas grandes aflições não se esqueceu de beijar o crucifixo que lhe deu o snr. P.e Rocha (seu último confessor) que tem indulgencia para a hora da morte e que foi mesmo benzido pelo Santo Padre.

O confessor disse-me que tem muita pena de a não ter conhecido há mais tempo, porque a teria feito escrever algumas coisas, pois alma como aquela ainda não encontrou. Veio cá, assim que soube da morte, hontem e celebrou (por ordem do snr. P.e Durão) no dia do funeral, por alma dela.

Este só a viu e deu a Comunhão uma vez mas ficou a gostar muito dela. Hontem fez uma prática à missa sôbre a forma como ela morreu. Emfim, no meio da minha dôr, sinto-me muito feliz.

...Foi vestida de virgem com a sua fita de Filha de Maria (adorava-a tanto que a tinha sempre em cima do travesseiro) e foi beijada por tôda a gente, como se fôsse uma santa exposta à veneração dos fiéis. Houve quem lhe tocasse nas mãos e nos pés com os terços e tirasse pétalas das flôres que tinha na cabeça e lhas chegasse aos lábios.

Porquê, meu Deus?

O que acharam na minha filha? Não sei. Houve pessoas que nunca viram, por não poderem, um cadaver e beijaram a minha filha e dizem que se sentiram felizes. O comercio fechou todo aqui no sitio e o acompanhamento, dizem, não ha memória de outro por aqui, e chovia bastante.

Esqueci-me de vos dizer que, no fim da minha filha dar o último suspiro, rezei-lhe a oração final e disse Te Deum laudamos, graças Vos dou, meu Deus, porque levaste a minha filha para Vós. Então é que começaram as minhas lágrimas. Fui eu e a Maria Angela que a vestimos. Não quiz que ninguém lhe tocasse senão nós. Agora sinto-me doente, porque queria chorar mais e as lágrimas não correm, de modo que sinto mais a dôr».

Noutra carta diz a mãe:

«Sofri muito mas prefiro sofrer êste golpe por todos os filhos, a saber que cometem um pecado mortal.

...Entrou para Filha de Maria no dia 11 de dezembro de 1927 e poucos dias depois adoecia. Nossa Senhora qui-la só para Si e para o seu Jesus»

— Não é verdade que assim até apetece morrer?

Para isso é preciso também assim viver e... ter assim uma mãe.

Fazem mal

A *Voz da Fátima* custa em cada mês dos de menor movimento na Cova da Iria, de *cinco a seis contos* de reis, por isso os que o levam, de graça, para embrulhos fazem muito mal.

FÁTIMA À LUZ DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Este belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiràvelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para êsse fim enviar 5$00 ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

FÁTIMA À PROVA

O RESCALDO DUM LOGRO

A peregrinação de 13 de Maio de 1920

Constituiu um dos monumentais fiascos em que, a respeito da Fátima, continuamente estavam a cair as autoridades de Vila Nova de Ourém, Santarém e Lisboa.

O homem põe e Deus dispõe, diz o ditado, mas, nesta questão, a autoridade parecia esquécer-se da segunda parte.

Daí as tristes figuras que se sujeita a fazer.

Figuras ridículas que, examinadas hoje a sério e a frio, à distância de uma dúzia de anos, inspiram pena e dó para com os pobres que as quizeram representar e sobretudo para com os que se viram forçados a representá-las.

Andariam todos metidos nisto de sua livre vontade?

A Maçonaria dominava então, por nosso mal, todas as esferas governamentais desde o Terreiro do Paço à miserável Administração do concelho.

A Maçonaria (quem o ignora?) atrái com miragens de liberdade que embriagam e estontelam, capta com enganosas promessas os que se não acautelam e depois domina-os e manobra-os a seu talante.

Oculta-se no mistério e dali envia os seus, quer queiram quer não.

Assistimos então ao curioso espectáculo dos títeres ou robertos de feira.

A Maçonaria mexe os cordéis mas em vez de bonecos são homens escravizados que ela move.

Que triste e profundamente dolorosa não é uma tal situação!

Pobres loucos!...

O Govêrno e a Maçonaria

Quem mandava era a Maçonaria não há dúvida.

É ver a acção dela junto do Administrador do Concelho com os documentos apresentados no último número.

Vejamos agora como ela chega a todos os sectores.

Foi o Govêrno realmente manobrado?

Absolutamente.

A 7 de Maio de 1920 enviara o Governador Civil de Santarém Dr. José Dantas Baracho ao Administrador do Concelho de V. N. de Ourém o telegrama seguinte que deu à acção do Administrador um caracter legal.

«N.º 356

Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém

Sua Ex.cia Ministro Interior determina que se evite repetição mistificação caso Fátima que se prepara para êste mês devendo intimar dirigentes e principais responsáveis para não organizar cortejo ou qualquer préstito religioso sob as penas da Lei que aplicará em caso desobediência remetendo juiso desobedientes com autos noticia devidamente testemunhados acompanhados intimações prévias. Mais determina Ex.mo Ministro que êste assunto seja tratado comigo directamente sem intervenção outras pessôas».

Governador Civil

Foi realmente o Govêrno que assim determinou?

Decerto. Como se atreveria o Governador Civil a dizê-lo em documento oficial se assim não fosse?

E não teria o Govêrno protestado, nêsse caso, contra o abuso de autoridade do seu subalterno?

Como é que então não aparece tal documento do Ministério do Interior entre a correspondência recebida pelo Govêrno Civil de Santarém?

É muito simples.

Estes assuntos eram tratados por via confidencial e os documentos logo destruidos.

Provas?

O texto do telegrama.

Pois que quere dizer aquela recomendação final?

Cada peça de correspondência devia pois ser cuidadosamente arrecadada pelo interessado mas, como «o demónio tem uma manta e um chocalho» ao passo que o Ministro e Governador Civil se serviam da Manta (e que manta!) o Administrador preferiu o chocalho, e é por isso que hoje podemos tomar conhecimento destas coisas que, aliás, ficariam para sempre envolvidas no mistério das alfurjas.

Eram tudo valores entendidos. Dantas Baracho ficou célebre.

Triste celebridade...

Ao menos é lógico: opera e vive como bom maçon. Vida e ideias casam-se ás mil maravilhas.

Quem não conhece o seu ódio vesgo a tudo o que é católico?

Quem ignora que êle é no meio onde vive o expoente máximo de toda a acção maçónica disfarçada mas perseverante?

Torres Novas inteira o conhece como tal e como tal o evitam os católicos daquela vila.

Estes documentos não veem pois senão a confirmar a opinião geral que vê nele um dos tais que ela manobra. Não trazem novidade de maior.

Os pormenores

O Administrador recebera e comunicara as ordens, preparara tudo para «esmagar a reacção».

Mas precisava de tropa, muita tropa.

Contra uma parada daquelas...

Era razoavel...

Pediu-a naturalmente, e o Governador Civil babadinho pela docilidade do seu coperador envia-lhe com a data de 10-V-920 esta notícia telegráfica:

«N.º 378

Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém

Vão ser postas sua disposição força armada **Guarda Municipal** *para ocupação estrada pontos apropriados impedindo trânsito para Fátima procissão.*

Governador Civil

José Dantas Baracho»

e a 12 na véspera do *grande* dia telegrafa de novo (n.º 392) sôbre o mesmo assunto

«Administrador C. V. N. de Ourém

Conforme combinação ontem aqui comandante da fôrça apenas se prohibirá qualquer manifestação religiosa que será impedida ai, para o que se reforça posto, e no local, para onde foi numerosa força armada.

Governador Civil

José Dantas Baracho»

O primeiro telegrama (n.º 378) é reproduzido tal qual, respeitando até a falta de concordância que não poupariamos a um pequeno do 1.º ano de português e que podemos atribuir à pressa do telegrafista.

Mas aquela «*guarda municipal*» em 1920 está mesmo a matar...

No segundo (n.º 392) que era quási ininteligivel puzemos duas virgulas, acrescentámos um a a *prohibir* (ficando *prohibirá)* e tirámos um r a *reforçar* ficando *reforça*. O resto é do Sr. Governador Civil — *a numerosa força armada* e tudo...

Da acção dêles na Fátima e Cova da Iria já vimos no número anterior.

A respeito de tudo isso que nada interessava, na aparência, nem à nação nem ao mundo porque eram coisas da Igreja e porque eram contra os católicos, a imprensa de grande circulação não tugiu nem mugiu.

Apenas um diário da capital O Século de 14 de Maio de 1920, se dignava dizer na segunda página ao fundo, em tipo miudissimo:

a 13 de Maio de 1920
Milagre de Fátima

Apenas foi permitida a entrada na igreja (da Fátima) onde se notava muita devoção, impedindo forças de cavalaria e infantaria da Guarda Nacional Republicana, para aqui destacadas, que os crentes se aproximassem do local da aparição.

Consta que nalguns lugares chegaram a prohibir a saida de vehiculos.»

e em correspondência de Santarém ainda a 13 juntavam:

«Foram dispersos à coronhada alguns individuos que provocaram a fôrça da Guarda Républicana» sem dizer, é claro, que a provocação consistia apenas num direito que a Lei de Separação reconhecia, sob o nome de liberdade de cultos...

...E que as coronhadas eram dadas com as espadas, como por ex. por um sargento da Guarda que teria matado um homenzinho, se êste lhe não apara o golpe com um guarda chuva.

Instantâneos

Chamamos nós às impressões que dêsse dia deixou ficar no seu livrinho «Episódios Maravilhosos da Fátima» (1921) pag. 60—70, o Sr. Visconde de Montelo.

Em Vila N. de Ourém:

...carros enormes «carregados de gente a rir como perdida, da figura do administrador que eu vejo agora espécado no meio da rua... de palhinhas... muito embaraçado... com um sorrisinho amarelo a desfranzir-lhe as comissuras dos lábios...

No caminho:

«Passa veloz, vindo de cima um automóvel que deixa ver dum lado e doutro carabinas em leque, ameaçadoras...

É o administrador do concelho e a sua escolta»

Fôra das ordens para não passar ninguém da Fátima para deante.

Uma grande multidão, milhares de pessoas, enchiam a igreja e o adro

Nisto vejo eu — continua V. de Montelo — *a guarda républicana, de espadas desembainhadas, descarregando pancada a torto e a direito nalguns pacíficos camponeses que, de guarda-chuvas abertos, olhavam melancólicos para aquilo tudo... e que, surpreendidos da agressão inesperada, desatavam a correr sem saber porque eram agredidos.*

Alguém se dirige aos guardas a indagar do que se tratava... Queixam-se de que um homem do povo queria passar à força e, como o impedissem disso, os ameaçava, e daí aquele alvoroço em que pagava o justo pelo pecador, como sucede quasi sempre.

Explicado o caso e restabelecida a ordem, converso com alguns camponezes a quem prudentemente aconselho a que se abstenham de passar, visto que é mais meritória a obediência a ordens mesmo injustas desde que não ofendam a nossa consciência do que a resistência temerária.

Um dos guardas républicanos diz-me então num assomo de sinceridade: — Se o senhor soubesse o que me custa estar aqui!

Cumpro ordens e cumpro-as à risca; mas creia que cá por dentro, tudo isto me revolta!

Eu sou religioso, senhor, e não compreendo que utilidade haja em estar a proibir essa pobre gente de ir rezar lá abaixo!... Isto até dá vontade de chorar!...

—Tenho uma irmã, que foi a Senhora da Fátima que lhe salvou a vida!

E de facto, pela cara tisnada do pobre guarda que ali estava cumprindo ordens, bem contra a sua vontade, deslisava vagarosamente uma gota de água que não era positivamente irmã daquelas que escorriam em borbotões do seu capuz de oleado...

Era a fé sincera e forte do bom povo português que o levava ali a despeito de todas as prohibições e que com sacrifícios e lágrimas como as dêsse soldado da Guarda Republicana punham a mais linda corôa na secular devoção de Portugal à sua Rainha contra a quel não ha carabinas nem metralhadoras que possam resistir.

Um benemérito

Quando anos depois lhe falavam na Fátima o bom do Administrador explicava a sua acção.

«Tive medo que aquilo desse em superstição e fanatismo e foi porisso que eu me lá meti»

E um amigo íntimo entre sério e jocoso rematava assim:

«Tens razão oh Artur. Quando mais tarde estudarem bem a tua acção a respeito da Fátima hão-de reconhecer em ti o mais benemérito de tudo aquilo e devem levantar-te uma estátua.

Afinal foste tu que sem querer fizeste a Fátima.

Aquilo deve-se a ti».

Algum bem se lhe deve decerto. Pelo menos o torná-la mais conhecida e amada.

É que Deus escreve direito por linhas tortas.

Só falta agora pôr o remate na obra e joelhar-se contrito aos pés daquela Senhora que o ama com amor de Mãe e que amorosamente lhe dá a mão salvadora que êle por ignorância queria fazer fechar e que teimosamente se vai abrindo numa perene chuva de graças na terra bendita da Fátima.

Um Observador

Oratória da Fátima

Vozes corais e piano ou harmonium

A letra, do Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, vem em português como foi composta pelo poeta, e traduzida em francês por M.me Guite de Sousa Lopes.

A música, do maestro Ruy Coelho, vem, como a letra, òtimamente impressa tanto as partes corais como o acompanhamento.

Encontra-se à venda no Santuário e na Redacção do «Voz da Fátima».

Será enviada a quem a pedir e enviar a quantia de 40$00.

Fazem bem

A *Voz da Fátima*, custa cada mês dos de menor movimento na Cova da Iria, de *cinco a seis contos de reis* e vive só da caridade dos seus leitores, por isso os que a ajudam com suas esmolas fazem muito bem.

Este número foi visado pela Censura.

Ano XI — Leiria, 13 de Março de 1933 — N.º 126

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Fevereiro)

Os segredos da Virgem

Desde que o relâmpago precursor da primeira aparição da Raínha dos Anjos aos anjos da terra, os humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel, raiou nas alturas por sôbre a Cova da Iria, Fátima ficou sendo, em terras de Portugal, um alvo perene de contradição.

O espírito das trevas quís, logo de princípio, apagar o foco intenso de luz sobrenatural que êsse clarão divino acendeu nas cumeadas da Serra de Aire e que, dentro de poucos anos, havia de iluminar o mundo inteiro, enchendo-o de alegria, de admiração e assombro.

E então, à medida que os dias, os meses e os anos, se sucedem e a devoção à branca e bela Visão de Fátima se intensifica e se propaga por tôda a parte, as potências do Inferno desencadeiam os ódios mais implacáveis, as campanhas mais ignóbeis e as perseguições mais ferozes, contra o santuário que, a breve trecho, viria a ser o Santuário máximo da nossa Pátria, a gloriosa terra de Santa Maria. E seguem-se, formando uma série ininterrupta e interminável, atentados de tôda a ordem, que, numa verdadeira fúria iconoclasta, visam a destruir a obra daquela que com o seu pé imaculado esmagou a cabeça da serpe infernal: a prisão dos videntes, a dinamitação da capela comemorativa das aparições, as paródias sacrílegas, as calúnias torpíssimas, os panfletos de crítica e de combate, as proíbições das autoridades administrativas, os comícios promovidos pelas associações maçónicas e anti-clericais, a intervenção violenta dos altos poderes do Estado e os cêrcos militares feitos por destacamentos de infantaria e esquadrões de cavalaria a multidões indefesas de centenas de milhar de peregrinos.

Mas a raiva espumante do demónio e dos seus apaniguados ruge impotente contra o trono de graças e de bênçãos que a Raínha do Céu ergueu misericordiosamente na pequenina nesga de terra destinada a ser a Lourdes portuguesa.

Para essa estância bendita, transformada num autêntico cantinho do Céu, volvem-se, cheios de júbilo e da mais viva confiança, milhões de almas e corações.

Fátima, pólo magnético espiritual dos crentes, é teatro dos mais admiráveis e mais comoventes espectáculos de fé e de piedade que se têm realizado sôbre a terra.

Neste cantinho do Ocidente da Europa até ainda há pouco ignorado repetem-se, como em Lourdes, a mística cidade dos Pirineus, para glória de Deus, prestígio da Igreja e salvação das almas, as scenas bíblicas da Palestina de há vinte séculos.

Os cegos vêem, os surdos ouvem, os mudos falam, os paralíticos andam, tôda a sorte de doenças e enfermidades são curadas e o Evangelho é prègado aos pobres, que têm fome e sêde de verdade e de virtude.

Do Céu chovem graças a flux sôbre as almas bem dispostas e as consciências iluminam-se, os corações comovem-se, os ímpios rendem-se, os pecadores convertem-se e os justos avivam a sua crença e afervoram a sua piedade.

As multidões acorrem cada vez mais numerosas à Cova da Iria, a devoção à Virgem de Fátima invade as cidades, vilas e aldeias, empolgando todos os corações, e os povos, tomados de pasmo à vista de tantas maravilhas divinas e confiados na bondade maternal da Raínha do Céu para com todos os seus filhos, volvem os olhos da alma para a Lourdes portuguesa e enviam contingentes de peregrinos a apresentar-lhe em seu nome homenagens de veneração e preitos de amor. Dos Pirineus e dos Alpes às vertentes do Himalaia, dos sertões adustos do continente negro às selvas do Novo Mundo e às plagas da Austrália, do Atlântico ao Mar das Indias e ao Grande Oceano, em todas as regiões do globo se elevam vozes de júbilo, hinos de gratidão e de amor, em honra da augusta Virgem de Fátima, Refúgio dos pecadores, Saúde dos enfermos, Mãe de misericórdia.

E, todavia, o poema sublime e maravilhoso de Fátima, prodígio incomparável de ternura do Coração maternal de Maria, ainda não é conhecido nos seus mais belos cantos, nas suas estâncias mais admiráveis, nos seus versos mais comoventes...

Os segredos que a Virgem se dignou confiar aos videntes reservam de-certo para o futuro surpresas reconfortantes e profundamente consoladoras, e inefáveis mistérios de expiação e reparação destinados a prepará-las se estão realizando no recinto inviolável das consciências.

Almas de *élite* imolam-se continuamente sôbre o altar em união com a Vítima divina para fazerem violência ao coração de Deus e atraírem sôbre a terra torrentes de graças e misericórdia.

O fermento divino, que a Raínha dos Anjos depôs com as suas mãos puríssimas junto à azinheira sagrada, está levedando, dum modo portentoso, embora ainda invisível, os corações dos indivíduos e as entranhas das sociedades.

Portugal e o mundo serão salvos pela Virgem de Fátima...

O dia treze em Fátima

O dia treze de Fevereiro amanheceu triste, frio e chuvoso. Logo às primeiras horas da madrugada, o céu se cobriu de nuvens que uma aragem ligeira mas áspera rasgava em farrapos e fazia correr lentamente nas alturas. De vez em quando, algumas gôtas de água caíam sôbre a terra, apagando o pó dos caminhos e tornando o piso mais suave aos peregrinos.

Na estrada distrital adjacente à Cova da Iria, num percurso de cêrca de quinhentos metros, vêem-se já, às nove horas, numerosos veículos, entre os quais predominam os automóveis e as *camionnettes*. No vasto anfiteatro do local das aparições, desde o pórtico do Santuário até ao Albergue de Nossa Senhora do Rosário, à igreja da Penitenciaria e à escadaria monumental que conduz à grande Basílica em construção, circulam grupos de romeiros, sobressaindo, naquela imensa esplanada, a mancha negra da multidão reunida em frente do altar do Pavilhão dos doentes.

FATIMA, 13 DE OUTUBRO DE 1932 — Alguns automóveis estacionando, fora dos muros do Santuário, enquanto os peregrinos estão satisfazendo suas devoções.

Durante horas a fio, naquela manhã fria e chuvosa, os sacerdotes, que ocupavam os confessionários da igreja da Penitenciaria, graças a Deus, não tinham, como se costuma dizer, mãos a medir.

Centenas de homens e rapazes sucediam-se uns aos outros, em séries sem fim, de joelhos junto do representante de Deus, no sagrado tribunal da Penitência, para alcançarem o perdão das suas faltas e irem, reconciliados com o Divino Rei de amor, receber o seu abraço à mesa eucarística.

As horas passam rápidamente e as mulheres debalde aguardam que acabem as confissões dos homens. Êstes parecem ser cada vez em maior número e, às quatro horas da tarde, os confessionários ainda estão cercados de fiéis em jejum, ansiosos por comungar nesse dia no Santuário.

Entretanto, celebram-se missas nos diferentes altares, ao passo que os fiéis, cheios de fé viva e piedade ardente, rezam e cantam ou recebem o Pão dos Anjos com um recolhimento e um fervor edificantes.

No posto das verificações médicas o dr. Pereira Gens atende os doentes que se apresentam a-fim-de lhes solicitar o cartão de ingresso no respectivo Pavilhão, interrogando-os e examinando-os cuidadosamente, com o seu comprovado zêlo e a sua nunca desmentida competência.

Ao meio dia oficial o rev.do dr. Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário Episcopal de Leiria, preside na capela das aparições à recitação pública do terço do Rosário, após a qual se realiza a procissão em que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima é conduzida para o Pavilhão. O clero e o povo rezam o *Credo* em solene profissão de fé e em seguida começa a missa dos doentes, acolitada por um distinto oficial superior do nosso brioso exército. À estação do Evangelho, sobe ao púlpito o rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor no Seminário Episcopal de Leiria, que prèga um substancioso e eloqüente sermão sôbre a solenidade do dia litúrgico no Patriarcado de Lisboa — a comemoração das cinco chagas do Divino Redentor simbolizadas nas quinas da bandeira da Pátria.

Terminada a missa, é dada a bênção a cada um dos doentes e a bênção geral a tôda a multidão, efectuando-se por fim a última procissão, destinada a repôr a veneranda imagem de Nossa Senhora sôbre o seu trono de amor e misericórdia na capela comemorativa das aparições.

Peregrinação Nacional Vicentina a Fátima

Do diário católico de Lisboa «Novidades» transcreve-se a seguir uma local publicada no seu número de 5 de Fevereiro último acêrca da próxima peregrinação nacional das Conferências de S. Vicente de Paulo à Lourdes Portuguesa.

«Informa-nos a comissão delegada do Conselho Superior para a organização desta peregrinação que ela se realiza em 6 e 7 de Maio.

É esta a 4.ª Peregrinação Vicentina que se realiza ao Santuário de Fátima e tôdas elas têm marcado pelo cunho de espiritualidade que as tem revestido.

Todos os Vicentinos que nelas se têm incorporado têm reconhecido no seu regresso para junto dos pobres que novas fôrças os ajudam na sua cruzada de Caridade.

Outro resultado das preces dos Vicentinos junto da Virgem de Fátima tem certamente sido o aumento do número de conferências notado nos últimos anos.

Em Lisboa são raras as freguesias que não teem a sua conferência e algumas teem três e quatro.

A peregrinação dêste ano sobrelevará a todas as precedentes.

Decorre o centenário da fundação das Conferências por Frederico Ozanam e o Conselho Superior de Portugal resolveu comemorar êsse centenário com uma Semana Vicentina, de que a peregrinação a Fátima será o encerramento.

Oportunamente publicaremos mais pormenores sôbre a organização desta peregrinação, mas desde já podemos informar que a ela presidirá Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca e que nela se podem inscrever ùnicamente os Vicentinos e suas famílias e os membros protectores das Conferências.

A inscrição, que está desde já aberta, faz-se por intermédio dos Presidentes das Conferências, que a transmitirá à comissão organizadora».

FÁTIMA NA ITÁLIA

O ilustre e sábio lente do «Pontifício Instituto Bíblico de Roma», autor do magnífico livro «Le meraviglie di Fátima», em que descreve magistralmente as aparições da Virgem e as curas miraculosas realizadas na Lourdes portuguesa, escreveu, datada de 2 de Novembro findo, uma longa e interessante carta a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, carta, da qual se reproduzem aqui alguns períodos:

«Creio que já escrevi a V. Ex.ª Rev.ma que o Senhor Arcebispo de Bombaim me propôs imprimir lá a tradução inglesa das «Meraviglie di Fátima». Já deve estar pronta; logo que o esteja, mandar-se-lhe-á. Se depois aparecer quem a imprima em Inglaterra, também não haverá dificuldade. Prometeram-me fazer uma tradução em polaco até ao fim dêste ano. Vamos a ver.

Por aqui na Itália a devoção vai-se propagando, como o «Comité pro Fátima» terá informado a V. Ex.ª Rev.ma».

Duma carta do rev.do António Antunes Borges, aluno do Colégio Português em Roma, para o mesmo ilustre Prelado, transcreve-se para as colunas da «Voz de Fátima» o seguinte trecho:

«A devoção a Nossa Senhora vai-se difundindo com grande intensidade, não só por aqui, mas por tôda a Itália. Ainda há pouco recebi da Sicília uma carta dum sacerdote de quem já falei a V. Ex.ª Rev.ma noutra carta, dizendo ter lido aos fiéis o livro do Sr. P.e Fonseca, no quinzenário que precede a Assunção, e pedindo ao mesmo tempo que lhe enviasse estampas grandes, porque o povo queria ter em casa a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Na mesma carta anunciava que continuava a preparar o povo para a festa de Outubro.

Apareceu também aqui uma revista — «Maria in Famiglia» — onde dorávante se publicarão todos os meses duas páginas sôbre Fátima, se houver tempo. Dêste modo se satisfará aos constantes pedidos que de tôdas as partes nos dirigiam pedindo-nos a «Voz da Fátima» em italiano. Nesta mesma revista começou-se já a publicar uma reprodução duma peça musical em três quadros, tendo como actores os três pastorinhos, o administrador de Vila Nova de Ourém e um côro representando a «Voz de Nossa Senhora»: Esta composição começou a publicar-se em Julho passado, mas apenas há dias tivemos conhecimento dela. Ainda não terminou.»

FÁTIMA NA INGLATERRA

Em data de 16 de Junho do ano passado, o rev.^do F. M. de Zulueta escreveu de Roehampton, Inglaterra, ao proprietário e director da «Voz da Fátima», comunicando-lhe a notícia duma graça temporal obtida por uma pobre viuva depois de ter invocado a protecção da misericordiosa Padroeira da Lourdes Portuguesa. A carta é do teor seguinte:

«Para a glória de Nossa Senhora de Fátima envio a V. Rev.^a esta informação duma graça temporal obtida depois de novenas feitas em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Uma pobre viuva do povo, de saúde bastante precária, desejava ardentemente ser admitida no Asilo das pobrezinhas, dirigido pelas Irmãs de Nazaré, na cidade de Manchester, Inglaterra.

Ela não tinha, porém, os recursos suficientes para essa admissão. Então aconselheia-a a que fizesse uma novena a Nossa Senhora de Fátima.

No fim desta novena, solicitou o auxílio do Senhor Bispo de Salford, diocese a que pertence Manchester. Como não obtivesse resposta, repetiu a novena, e, durante ela, duas Irmãs de Nazareth procuraram-na para lhe comunicar que o referido Prelado tinha falado com a reverenda Madre Superiora, e que ela estava admitida.

Talvez interesse a V. Rev.^a ter conhecimento de duas brochuras em inglês sôbre as aparições na Cova da Iria, uma que foi escrita por Mrs. Concannon, doutora em letras, e últimamente publicada pelo «Apostolado da Oração» em Dublim, Irlanda, e outra que está sendo preparada para a «Catholic Truth Society» inglesa pelo signatário desta carta».

«Mensageiro de Fátima»

Em suplemento à revista semanal «A Sentinela», de Basileia, saiu já o segundo número do mensário alemão «Mensageiro de Fátima», cujo aparecimento a «Voz da Fátima» anunciou com justificado alvoroço no número de Dezembro e festejou com o mais vivo júbilo no número de Janeiro. É tão magnífico o seu aspecto gráfico, como são interessantes os assuntos que versa e esplêndidas as gravuras que o ilustram.

Além de diversas correspondências acêrca do culto de Nossa Senhora de Fátima, enviadas de vários pontos da Alemanha, onde êsse culto está tomando um incremento extraordinário, insere dois longos artigos, um sôbre a «Cova da Iria», e o outro sôbre o livro do rev.^do dr. Luís Fischer, «As aparições de Fátima», prestes a sair do prelo.

Na primeira página estampa um lindo trecho duma das imponentes procissões de Nossa Senhora, que se realizaram na Cova da Iria em treze de Maio de 1931 e em que tomou parte quási todo o venerando Episcopado Português, que com a sua presença deu um realce e uma imponência extraordinários às manifestações de fé e piedade de que Fátima naquele dia foi teatro.

Vê-se distintamente nessa gravura a nobre e esbelta figura de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, seguindo à frente do andor da Virgem, conduzido pelas servitas vestidas de branco, e abençoando a multidão dos peregrinos, que se ajoelham à sua passagem.

Na terceira página vê-se a reprodução da scena mil veres repetida e sempre nova, sempre bela e comovente, da bênção dos doentes, no dia treze de Outubro do ano findo, dada por Sua Ex.^a Rev.^ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, e em que a umbela era levada pelo sr. Tenente Carvalho Nunes, ajudante de ordens de Sua Excelência o Senhor General Carmona, Presidente da República.

Grato e comovido, o «Mensageiro de Fátima» fecha a sua terceira página, dizendo que a irmã mais velha «Voz de Fátima» escreve no número 124 de 13 de Janeiro último, àcêrca do seu irmão mais novo o «Mensageiro de Fátima», as palavras que a seguir reproduz em destaque e que são estas: «Pedimos aos nossos queridos leitores as suas orações para que o novo órgão das glórias de Maria na Fátima atráia as almas e as aqueça no amor de Deus por intermédio da Boa Mãe do Céu».

Consta que o «Mensageiro de Fátima», edição alemã, cuja tiragem é de cêrca de quinze mil exemplares, vai ter muito brevemente uma edição francesa.

Bendita seja Nossa Senhora de Fátima, a celeste Raínha dos portugueses, que é cada vez mais venerada, mais querida e mais glorificada, nas cinco partes do mundo, graças aos apóstolos das suas graças, dos seus prodígios, das suas misericórdias e do seu amor.

Visconde de Montelo

COVA DA IRIA

Do artigo do fundo do «Bote von Fátima» — Mensageiro da Fátima, na Alemanha, traduzimos e publicamos o seguinte:

«Refere uma velha legenda portuguesa que no tempo do arcebispo de Braga, S. Fructuoso, vivia num convento, em Nabância (Tomar), uma linda e santa freira chamada Iria ou Irene. A suprema aspiração da sua alma consistia em santificar-se e instruir-se.

Era seu mestre o monge Remigio, do convento de Santa Maria, de Nabância, que tinha como abade seu tio Célio. Uma única vez por ano abandonavam as freiras a sua clausura para irem assistir aos ofícios divinos na Igreja de S. Pedro de Nabância.

Numa dessas ocasiões foi vista por Britaldo, filho único do Conde Castinaldo, senhor de Nabância. O nobre mancebo sentiu-se irresistivelmente atraído para a linda Iria.

A paixão que dêle se apoderára fê-lo cair em tão profunda melancolia que se chegou a reciar pela sua vida.

Os médicos mais afamados da época não atinavam com a causa da doença, pois o mancebo a ninguém revelára o segrêdo da paixão que o consumia.

Sobrenaturalmente advertida, e cheia de comiseração pelo mancêbo, saiu a santa do seu convento e acercou-se do leito do enfermo a-fim-de o consolar e dissuadir dêsse amor pecaminoso e terreno. Então Britaldo, com palavras repassadas de dor, exclamou: «Se tu alguma vez, ofereceres a outro o coração que me recusas a mim serás atravessada pela minha espada pois não és digna de viver mais um instante». «Longe de mim o pensamento, ó meu irmão, respondeu a donzela, de te oferecer a ti ou a alguém um coração já oferecido a Deus». Em seguida poisou-lhe as mãos sôbre a cabeça, orou por êle e voltou de de novo para o seu convento.

A partir dêsse momento recuperou Britaldo a saúde e abandonou o seu leito de dor.

Dois anos decorreram. O demónio, que não dorme, apossou-se do monge Remigio. Umas vezes com palavras de doçura e outras com ameaças de violência procurou o monge conquistar o coração da sua discípula. Como, porém, nada conseguisse ministrou-lhe secretamente uma poção misteriosa tendente a fazer-lhe inchar o ventre. Em seguida começou a língua perversa de Remigio a completar a sua vil acção. Em vão proclamava Iria a sua inocência. Por fim acabou também Britaldo por dar ouvidos à calúnia e enfurecido por aquilo que julgava uma traição e um perjurio da Santa mandou-a assassinar secretamente por um soldado de seu pai e lançar o seu corpo ao rio.

Foi em 20 de Outubro de 653. A corrente arrastou o cadáver até ao lugar onde hoje é a cidade de Santarém, cujo nome é uma corruptela de Santa Irene.

* * *

Uma das particularidades de Fátima consiste nas numerosas covas espalhadas à volta do lugar que Nossa Senhora escolheu, em 1917, para local das suas aparições. Assim, a leste do Santuário, existem as cóvas denominadas do Chão Barreiro, da Cebola e do Zambujo; a oeste, a Larga e a das Tormentas; a norte, a da Pereira, e a sul, a dos Outeiros, a da Raposa e a das Parreiras.

A única cova que possue um nome nobre e distinto é a da Iria, precisamente a escolhida por Nossa Senhora para local das suas aparições.

É possível que esta cova tivesse pertencido outrora a uma pessoa com o lindo nome de Iria, mas não repugna nada a acreditar que o nome lhe provenha directamente de Santa Iria por êste terreno ter sido pertença de sua família. O lugar do seu nascimento (Tomar) dista apenas 20 quilómetros de Fátima.

De positivo, nada se sabe a êsse respeito, mas o que nenhum português ignora é que santa Iria é uma heroína de pureza.

Neste nome pode considerar-se um duplo símbolo. Como Cova da Iria é o símbolo da pureza, e como Cova da Irene (Paz) é o símbolo da paz.

Porque razão teria Nossa Senhora escolhido esta inóspita montanha para dali falar aos filhos seus?

Foi para lhes oferecer ocasiões em barda de fazerem penitência e por meio dela combaterem o espírito de sensualidade e de prazer, e ainda para restabelecer de novo entre os homens a pureza e a paz que Iria e Irene simbolizam.

O celestial programa da Cova da Iria consiste pois na subjugação da sensualidade e do prazer por meio da oração e da penitência.

Que os povos da terra recebam, com humildade, das mãos de Maria o celestial programa da Cova da Iria. Se assim fôr o mundo de hoje atascado no lodaçal do vício e do prazer converter-se-á numa grande e feliz Cova da Paz.

Quem quizer fugir ao castigo de Deus inscreva no seu coração êste celestial programa e deixe-se conduzir pela mão bemdita de Maria».

Nossa Senhora da Fátima no Santuário do Santissimo Salvador, em Hollfeld, antiga e pequenina Cidade situada a 30 quilómetos ao Oriente de Bamberg.

Em 1007 o Santo Imperador Henrique II criou o bispado de Bamberg para cristianizar e germanizar os Eslavos pagãos que habitavam naqueles arredores — «Ut Slavorum paganismus inibi destrucretur...»

Diz a tradição que um pobre pagão eslavo viera ao sitio onde hoje se eleva o Santuário e que ali lhe aparecera o Santissimo Salvador.

Narrada esta aparição ao Clero de Hollfeld baptizou-se e morreu Cristão. Desde êsse tempo o Santuário, cuja Igreja é linda, é centro de muitas peregrinações.

Consagração da diocese de Coimbra ao Sagrado Coração de Maria Santíssima.

DOM MANUEL LUIS COELHO DA SILVA, POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SE APOSTÓLICA BISPO DE COIMBRA.

Ao Rev.^mo Cabido, Rev.^mos Arciprestes, Rev.^os Párocos e mais clero e fiéis, nossos amados diocesanos — Saúde, Paz e Benção em Jesus Cristo nosso Senhor e Salvador.

Carissimos Cooperadores e Diocesanos:

I

Pouco mais de ano e meio depois da minha entrada aqui como Bispo de Coimbra, pela minha Pastoral de 19 de janeiro de 1917 (1) consagrei esta Diocese ao Sagrado Coração de Jesus, e tive a felicidade de vêr os ótimos frutos dessa consagração.

O meu acto, porém, está incompleto. Devia já ter feito explicitamente a consagração da Diocese também a Maria Santissima. Deus uniu inseparàvelmente no tempo e para a eternidade os Sagrados Corações de Jesus e de Maria. Não separemos nós o que Deus uniu.

Esta omissão não foi devida à falta de devoção para com Maria Santíssima. Tive sempre uma devoção muito terna à nossa Mãe do Céu. Bebi dos lábios da minha boa mãe da terra aquele benditissimo nome, e a Ela recorri sempre durante a minha vida.

Depois de Bispo invoquei-a fervorosamente logo na minha primeira Pastoral (abril de 1915) (2), e propaguei quanto pude o seu Escapulário do Carmo (3). Nas Comunhões solenes a que presidi (e não foram poucas), recomendei sempre às crianças a devoção e amor à Santíssima Virgem, especialmente a jaculatória — *Ó Maria Santissima, minha boa Mãe, fazei que eu hoje não cáia em pecado mortal* — com a prática das três *Avé-Maria*, que se está agora propagando geralmente.

As *Constituições do Bispado*, de que muito esperava e espero para o bem desta Diocese, foram por mim colocadas sob o patrocínio de Maria Santissima; pus-lhes a data final de 15 de agosto de 1929 (festa de Assunção de Nossa Senhora); promulguei-as a 8 de dezembro seguinte (festa da Imaculada Conceição), e a sua impressão tinha sido concluída no mês do Rosário anterior.

E nessas *Constituições* inculquei, quanto me foi possível, o culto da Mãe de Deus, e êsse mesmo culto procurei defender na última *Pastoral contra o Protestantismo*.

Mas... mas não fiz explìcitamente e solenemente a consagração da Diocese ao Sagrado Coração de Maria (4), e dessa falta venho agora penitenciar-me; essa falta procuro agora remediar.

II

Maria Santíssima é *Mãe de Deus. Dela nasceu Jesus;* (5) no seu seio imaculado o Verbo de Deus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, assumiu a natureza humana.

Sendo por isso Jesus verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, formando pela união hipostática dessas duas naturezas uma só Pessoa, Maria, Mãe de Jesus, é realmente Mãe de Deus.

A maternidade divina, baseada na Sagrada Escritura e na constante Tradição, foi definida solenemente no concílio de Éfeso, de que ainda há pouco se celebrou o XV centenário com o maior brilho em tôda a Igreja; e, como recordação dêste centenário, o Santo Padre Pio XI decretou para todo o Orbe Católico o Ofício e Missa dessa Maternidade, *para o dia 11 de outubro de cada ano* (6).

Maria Santíssima é Mãe de Deus; é êste o princípio e motivo de todos os seus previlégios, incluindo o da sua Imaculada Conceição; é êste o fundamento de todo o seu poder no céu perante o seu Divino Filho.

Que poderá êste recusar a sua Mãe? Êle que disse — *honra o teu pai e a tua mãe!* (Mat. 15, 4).

Maria Santíssima portanto pode proteger-nos.

Maria Santíssima, realmente *Mãe natural* de Deus, é por isso mesmo *mãe espiritual* dos homens.

É mãe dos homens porque nos deu Jesus, nosso Redentor e Salvador, e por meio dêle nos fêz nascer para a vida sobrenatural. Maria, ao gerar Jesus na Incarnação, gerou juntamente com êle todos os homens à vida da graça.

O *fiat* ou consentimento da Incarnação involvia já o *fiat* do Calvário. Maria era mãe de Jesus, não duma pessoa particular, mas de Jesus Redentor e Salvador (7).

A Incarnação, para a qual foi pedido o consentimento de Maria, é a Incarnação Redentora; donde resultava logo para Maria Santíssima uma participação nos sofrimentos do seu Divino Filho e na sua obra de Redentor e Salvador.

Consentindo em ser mãe de Jesus, pelo mesmo acto consentia em ser mãe de todos aqueles que deviam fazer parte do seu corpo mistico (8).

«No mesmo seio de Maria, diz o Santo Padre Pio X (9), o Verbo não só tomou a carne que uniu a si hipostàticamente, mas,além disso, assumiu um corpo *espiritual* formado por todos aqueles *que haviam de crer nele;* de modo que se pode dizer que, tendo Maria em seu selo o Salvador, traria também todos aqueles cuja vida estava encerrada na vida do Salvador. Todos, pois, quantos estamos incorporados em Jesus Cristo, do seio de Maria nascemos à maneira do corpo unido à sua Cabeça; pelo que dum

FÁTIMA EM ITÁLIA

O culto de Nossa Senhora de Fátima vai-se unindo cada vez mais a tôdas as festas em honra da S.S. Virgem.

Eis como o correspondente de Narni-Umbria — nos descreve a festa da Imaculada Conceição:

Narni, 8 de Dezembro

Rev.^mo P.^e

Hoje com enorme concurso de povo, que desde o primeiro dia da novena foi sempre aumentando, concluiu-se solenemente a comemoração anual da Imaculada Conceição, estando presentes S. Ex.^cias Rev.^mas Mons. Cesare Boccolesi, Bispo de Terni e Narni e Mons. Paolo Galeazzi, Bispo de Grosseto.

Uma caraterística especial veio tornar mais atractivos os argumentos dogmáticos sôbre o milagre e mistério da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, característica que consistiu na descrição diária do culto e manifestações no grandioso Santuário mariano da Cova da Ira.

Agradaram até ao entusiasmo as breves práticas com que o orador descreveu as aparições, as curas e as conversões.

Agradou também muito a aproximação que o orador fêz de Santo António de Pádua e Nossa Senhora da Fátima: a coïncidência das duas devoções no dia 13 do mês; os treze anos que passaram entre as aparições e a aprovação episcopal do culto de Nossa Senhora da Fátima; os nomes do baptismo dos pais de Lucia: António e Maria.

* * *

Em conseqüência disto os livros do Rev. P.^e Fonseca e de D. Rolando são procuradissimos.

Os bons narnenses pedem a caridade duma «Avé Maria» aos piedosos portugueses que lerem estas linhas no gracioso jornal que não é apenas «Voz» mas um «Livro» poderoso de reconhecimento e de glória; e esperam confiados a benção da Augusta Raínha do Céu.

(Marcelino)

Em carta particular de 8 de Dezembro o Rev.^mo Cónego Penitenciário, Michele Caminola de Narni diz: «Aprouve a Nossa Senhora servir-se de mim para fazer grande bem às almas. Tive ocasião de sentir grandes consolações de que rendo graças a Nossa Senhora da Fátima.

O CULTO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NA INDIA

Carta de Malabar

Recebemos de Cochim um opusculo em inglês intitulado «Our Lady of Fatima» (Nossa Senhora da Fátima) no qual o zeloso Missionário Rev.^do J. Martins, da Companhia de Jesus, conta as Aparições de Nossa Senhora na Fátima e relata curas extraordinárias, graças obtidas pela intercessão de Nossa Senhora quer na Fátima quer em Cochim.

Na secção respectiva reproduzimos algumas dessas graças a favor dos devotos de Cochim.

O livrinho trás o *imprimatur* do Rev. Administrador Apostólico Fr. D. J. de Nazareth.

O culto a Nossa Senhora da Fátima tem tomado tamanho desenvolvimento que os católicos pensam em levantar em Cochim um Santuário e continuar periòdicamente a publicação de brochuras sôbre a Fátima.

modo espiritual e místico, mas verdadeiro, somos chamados filhos de Maria, e ela é mãe dos membros de Cristo que somos nós».

Esta maternidade foi solènemente promulgada no Gólgota, quando Jesus, já prestes a expirar, dirigindo-se a Maria Santíssima, lhe disse, referindo-se a S. João: — *eis aí o teu filho*, e ao discípulo — *eis aí a tua mãe* (Joan. 19. 26 e 27). E S. João representava a humanidade inteira, como afirmou o Santo Padre Leão XIII (10) baseado em toda a Tradição Católica.

III

Desta dupla maternidade de Deus e dos homens resulta que Maria Santíssima é para nós a Medianeira de todas as graças.

É certo que o único Mediador de direito entre Deus e os homens é Jesus Cristo que a si mesmo se entregou para redenção de todos (1.ª Th. 2, 5 e 6). «Não há salvação em nenhum outro, nem abaixo do céu outro nome foi dado aos homens pelo qual devamos ser salvos» (Act. 4. 12). «Sempre vivo para interceder por nós, pode salvar perpètuamente aos que por meio dêle se aproximam de Deus» (Ad. Hebr. 7. 25). Foi êle o Redentor, que, oferecendo-se ao Eterno Pai, como vítima em nome da humanidade decaída, selou com o seu sangue na Cruz o tratado de paz do céu com a terra. É êle portanto, Jesus Cristo, o único Mediador principal. Nenhuma graça se pode obter senão pela sua intercessão onipotente.

Isto, porém, não impede que haja mediadores secundários, e a Escritura e a Tradição provam-nos que a grande Mediadora secundária é a Virgem Maria, a Mãe de Deus e dos homens. «Mediadora de todo o mundo depois do Mediador» (11); «Mediadora junto do Mediador» (12); Mãe da divina graça, Medianeira universal de tôdas as graças (13).

O Evangelho mostra-nos Jesus Cristo distribuindo as suas graças por intermédio da sua Mãe (14). Assim, foi pela sua *saudação* a Santa Isabel que S. João Baptista foi santificado no seio materno (Luc. 1, 44); foi ela quem apresentou Jesus aos Pastores e depois aos Magos (primícias da gentilidade); foi ela quem o levou nos seus braços para o Egito, onde lançou a semente fecunda da posterior civilização cristã; foi por intermédio dela que Jesus operou o seu primeiro milagre nas bodas de Caná, *apesar de não ter chegado ainda a sua hora* (Joan. 2. 3). E no Calvário, Jesus, proclamando, como já vimos, Maria Santíssima nossa Mãe, diz a S. João: — *eis aí a tua Mãe*, sem limitação de tempo, lugar ou modo, isto é, eis aí aquela que será a Mãe de todos os homens na ordem da graça. A Mãe de Deus é nossa Mãe na ordem sobrenatural. A missão principalíssima dessa Mãe será sustentar, defender e desenvolver a vida dos seus filhos espirituais pelas graças de seu Divino Filho, que por ela nos serão difundidas.

«Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho único». Mas, se é Deus que nos dá assim o seu Filho único, êle no-lo dá por Maria; e se o dom de Jesus, segundo a palavra de S. Paulo, importa todos os bens da graça, desde o nosso baptismo até ao nosso céu, Deus, dando-nos Jesus por Maria, dá-nos tudo por Maria.

Maria é indissoluvelmente unida a Jesus na nossa Redenção. Mas a acção de Jesus não terminou à sua morte: no céu êle não cessa de oferecer os seus méritos para nos obter as graças de santificação e salvação. É preciso pois dizer o mesmo de Maria. Com Jesus na terra para fazer a obra da Redenção; com êle no céu para a continuar em nós.

Maria estava com Jesus na 1.ª parte da obra Redentora. Se êle ficasse só na 2.ª parte, a unidade do plano divino ficaria rompida. É preciso que a intervenção actual de Maria se una à intervenção actual de Jesus; estavam unidos no sacrifício, devem estar juntos na glória. Se o Rei do céu actua por nós, a Rainha deve actuar com êle. Seria estranho que a missão de Maria terminasse no céu; que ela fôsse lá menos do que na terra, uma rainha que não reina (15).

(1) *Boletim da Diocese*, 2.º, pag. 383 e seg.
(2) *Boletim da Diocese*, 1.º, pag. 9.
(3) *Boletim da Diocese*, 1.º, pag. 85; 10.º, pag. 132. Publiquei também um opúsculo sôbre o *Escapulário do Carmo*.
(4) Fi-la *colectivamente* com os outros Ex.mos Prelados, a 13 de maio de 1931. Vid. Dr. Luiz Fisher — *Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica*. — Lisboa, 1932, pág. 126.
(5) «...de' qua natus est Jesus (Math. 1. 16).
(6) D. S. C. dos Ritos, de 6 de jan.º de 932, na *Acta Sedis* de maio do mesmo ano; pag. 151 e 169.
(7) «E dará à luz um filho, e o chamarás pelo seu nome Jesus, porque ele há de salvar o seu povo dos seus pecados» (Mat. I, 21).
(8) P. José Bover — *A Mediação Universal de Maria*, trad. port., Pôrto 1930, pág. 97; *Dict. de Théol. Cath.*, Paris, 1927, art. *Marie Médiatrice*, pág. 2389; *Dict. Apol. de la Foi Cath.*, Paris, 1916, art. *Marie*, pág. 293.
(9) Enc. *Ad diem illum*, de 3 de fevereiro de 1904.
(10) Enc. *Adiutricem populi*, de 5 de setembro de 1895.
(11) Santo Efrém, transcrito no Of. de Maria, *Medianeira de tôdas as graças*, concedido por Bento XV às dioceses da Bélgica, para o dia 31 de maio.
(12) Leão XIII, Enc. *Fidentem*, de 20 de setembro de 1896.
(13) L. Carriguet — *La Vierge Marie*— Paris, 1924, pág. 372 e seg.; *Primeiro Congresso Mariano Nacional* — Braga, 1926, pág. 168 e seg.
(14) *Dict. Apol. de la Foi Cath.* cit., pág. 295.
(15) *Dict. Apol.* cit., pág. 295.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Ulcera Cancerosa

Venho pedir um cantinho ao Jornal de Nossa Senhora para publicar o agradecimento de uma grande graça que alcancei por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Em meados de Março do ano passado apareceu-me no pé direito uma pequena ferida, que, suponho, fôra feita com o contraforte ou algum prégo do sapato. A princípio não fiz grande caso, limitando-me a untar a ferida com uma pomada receitada pelo farmaceutico desta Vila. Mas a ferida foi-se agravando pouco a pouco. Passados alguns meses e depois de ter consultado quatro médicos, dois dos quais eram especialistas, veio a saber-se que se tratava duma ulcera cancerosa.

Os dois médicos especialistas eram de opinião que se devia recorrer urgentemente a uma operação e disso preveniram minha família. Eu não consenti em tal e em 12 de Outubro do ano passado fui a Fátima pedir a minha cura a Nossa Senhora. Não foi em vão que eu fiz os meus rogos, porque Ela condoída com os meus sofrimentos, ouviu os meus pedidos constantes e alcançou para mim a saúde, encontrando-me com o pé completamente curado e sem o mais leve indício de ferida.

Sem dúvida foi esta uma grande graça que muitos, especialmente os médicos, julgavam impossível.

Aqui fica a narração sincera dos factos que prometi publicar na Voz da Fátima para glória de Nossa Senhora e consolação dos que sofrem.

Vila Nova de Famalicão.

Virginia Gomes Loureiro.

Sofrimento na bexiga

Uma pessoa a quem muito devo, durante três anos, teve o sofrimento acima apontado, sofrimento que ultimamente se agravou dum modo assustador, e que por três médicos abalizados foi declarado grave. Recorri à Virgem Santíssima e com mais algumas pessoas fizemos novênas para que Ela corroasse de bom êxito a operação a que o doente tinha de sujeitar-se, e que era muito perigosa. Graças a tão bôa Mãe tudo correu muitíssimo bem e os próprios médicos admiraram-se de tão bom êxito. Felizmente o doente encontra-se hoje perfeitamente bem e sem o mais leve sofrimento.

Rua da Pereira—Lamêgo.

Maria Izabel dos Santos

Tuberculose

Um meu filho, aluno do Seminário de Santarém, há anos sentiu-se um tanto constipado e com tosse, sem que ao princípio fizesse grande caso dela.

A sua constipação continuada foi tomando porporções que a certa altura me começaram a alarmar, pois que meu filho emmagrecia e enfraquecia a olhos vistos.

Consultou dois médicos que lhe disseram ambos ser apenas um ligeiro cansaço para o que ordenaram o tratamento recomendado para tais casos.

Eu, porém, não estava satisfeita com a transformação rápida, para pior, que se ia operando em meu filho; e em vista disto, resolvi consultar algum médico mais especializado. O diagnóstico deste Senhor foi que se tratava de uma fraqueza geral em estado muito adeantado, sendo absolutamente necessário um tratamento cuidadoso e descanso durante algum tempo. Isto disse-o a mim, mas a outras pessoas minhas visinhas disse que houvesse toda a cautela «porque se tratava *evidentemente* de um caso de tuberculose já bastante graves.

Sabendo isto por uma pessoa amiga, e vendo assim perdidas tôdas as esperanças, recorri com todo o fervôr que me foi possível a Nossa Senhora da Fátima, ajudada nisto por algumas pessoas amigas, e, passados que foram dois ou três dias, o meu filho começou a sentir sensíveis melhoras.

Pasados oito dias o médico socegou-nos mais um pouco.

Começou então um tratamento rigoroso e metódico, e hoje meu filho encontra-se capaz de continuar os seus estudos.

Este favôr tão grande quero atribuí-lo à medicina *mas abençoada* por Nossa Senhora sem o que de nada seria capaz.

Mais duas graças me foram concedidas por Nossa Senhora. Por tôdas elas aqui quero testemunhar o meu agradecimento a Nossa Senhora. Já fui a pé ao Santuário da Fátima agradecer a Nossa Senhora tão grandes graças.

Várzea-Santarém

Francelina da Graça

Doença no fígado

Em Dezembro de 1931, uma doença grave no fígado, fez-me sofrer horrorosamente. Tive crises sucessivas com dôres atrozes. Foram empregados vários medicamentos para debelar o mal sem resultado apreciável.

Um dia, a conselho de pessoa amiga tomei água da Fátima, prometi a Nossa Senhora comungar em acção de graças no dia 13 de cada mês, rezar-lhe todos os dias 13 Avé-Marias, e publicar esta graça na Voz da Fátima, se Ela me curasse.

Hoje que me encontro perfeitamente curada venho cumprir a última parte da minha promessa.

Recebi de Nossa Senhora uma outra graça, — a cura de minha querida mãe, que depois de ter estado às portas da morte com uma grave enfermidade, se encontra presentemente de ótima saúde, o que ninguém já esperava.

A Nossa Senhora da Fátima o meu eterno agradecimento.

Pico-Açores

José Muniz Soares

Graça espiritual

Vivendo um pobre homem com uma mulher, sem serem casados, e não havendo maneira de ele querer casar com ela por mais esforços que se fizessem, mandámos celebrar uma Missa por sua conversão. Poz-se-lhe ao pescoço uma medalha de Nossa Senhora da Fátima, continuou-se a pedir por ela, e, graças a Deus, dentro em pouco a graça do céu teve entrada em seu coração.

Casaram já religiosamente, é claro, com grande alegria dos dois e de quantos trabalharam na sua conversão.

Faial-Açores

Maria C. Garcia

Agradecimento

Meu marido sofre ha muitos anos de bronquite asmática tendo por vezes graves ataques. O seu médico dissera já que, se alguma vez tivesse juntamente com as crises de asmático alguma pneumonia, ou pleuresia, certamente não poderia resistir.

Em Março do último ano, com um ataque de asmatico, teve uma pneumonia; e esteve tão atacado das duas doenças que numa noite o julgámos no fim da vida.

Na minha grande aflição recorri a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que nos valesse, livrando o meu marido daquela crise tão grave dando-lhe resignação e as melhoras de que tanto carecia. Assim aconteceu: — o seu mal estar passou e de então para cá tem vivido bem, cheio de saúde e alegria para êle e tôda a família que o estima.

Alvorninha-Caldas da Raínha

Maria da Conceição

Loucura

Tinha um filho completamente impossibilitado havia dois anos: — perdêra o juizo, e, humanamente, já nada o salvaria. Gastei com êle muito dinheiro, e agora queria ir com êle a Fátima a ver se Nossa Senhora lhe alcançava de Jesus a saúde de que tanto necessitava, mas não tinha já meios para as despesas necessárias para a viagem. Fiz daqui os meus pedidos e promessas a Nossa S.ª da Fátima, e logo daí a poucos dias o meu filho começou a sentir-se bem.

Agora trabalha, come, e canta como se nunca tivesse tido semelhante doença, graças que quero agradecer a NossaSenhora da Fátima.

Valpassos-Senim

Manuel Joaquim

Tuberculose

Sofri dos pulmões durante 8 anos, chegando por diversas vezes a deitar sangue pela bôca.

Consultei diversos médicos e todos me diziam que, certamente, mais tarde se me manifestaria uma tuberculose.

Todos os remédios que tomava eram de nenhum valôr. Vendo, pois, que os remédios de nada me valiam, encomendei a minha saúde a Nossa Senhora da Fátima prometendo publicar a graça, se ela me fosse concedida, e rezar o terço todos os dias, a não ser que isso me seja inteiramente impossível.

Agora, sentindo-me melhor peço o favôr de publicar na Voz da Fátima esta graça que tanto estimo.

S. Paulo-Brasil

Augusto da Costa Lopes

Agradecimento

Tendo minha filha bastante doente, recorri a Nossa Senhora da Fátima para que por intermédio de S. Terezinha do Menino Jesus e de S. Filomena lhe alcançase a saúde de que tanto necessitava.

Fui ouvida na minha súplica, e tendo prometido publicar a graça neste jornalzinho aquí venho agradecer-lha cheia de alegria e reconhecimento.

S. Martinho do Bispo

Maria do Carmo Augusta Madeira

Flebite

Meu pai, por causa duma *hernia*, teve de sofrer uma operação cirurgica, e quando estava quási curado sobreveio-lhe uma *flebite*. Vendo-o em tão grave perigo, recorri a Nossa Senhora a quem fiz diversas promessas, e tendo o meu pedido sido despachado venho agradecer publicamente tão grande favôr que nunca mais quero esquecer.

Chaves

Ermelinda dos Santos

Graças diversas

— *Elvira da Encarnação*, da Benedita, em prespectiva duma operação aconselhada pelo médico em um parto dificil, invocou a Nossa Senhora a quem fez algumas promessas e tudo correu bem.

— *Beatriz Ilharco de Moura*, de Coimbra, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe alcançou.

— *Henriqueta Blanc de C. e Lemos*, Av. Elias Garcia — Lisboa, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado uma creada de uma grave apendicite, e uma sua filha dum mal também perigoso.

— *P.e José Pereira dos Santos* — Alcobertas, agradece a Nossa Senhora diversos benefícios espirituais e temporaes.

— *Maria Manuela D. Braga*, de Coimbra, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado uma pessoa de família que sofria gravemente. A cura foi alcançada mediante uma novena feita em honra de Nossa Senhora da Fátima e durante a mesma novena.

— *Renata dos Santos Leão*, da Vestiaria — Alcobaça, agradece a Nossa S.ª a cura de seu neto Armelino. Esteve muito perigoso com um absesso numa gengiva, e com água da Fátima aplicada sôbre ele obteve ràpidamente a sua cura.

— *Maria da Conceição Moniz e Sousa*, de Alpedriz, agradece a Nossa Senhora uma graça muito importante.

— *Bemvinda Martins* — Portalegre, agredece uma graça temporal que Nossa Senhora de Fátima lhe alcançou.

— *Maria da Conceição Vieira* — Guimarães, agradece a cura de uma grave doença uterina que muito lhe fez sofrer.

— *Margarida da Conceição Medeiros* — Pico-Açores, agradece uma graça muito importante obtida por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria Tereza Simões* — Moinhos, agradece a Nossa Senhora a resignação numa grave prova a que foi sujeita por Deus.

— *Deolinda Coelho Caetano* — Santarém, agredece uma graça particular que lhe foi concedida.

Gualdina da Graça Costa — Lobito, agradece uma graça que alcançou mediante a intervenção de N.ª Senhora da Fátima.

— *América Marques Granja e Silva*— Lisboa, agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual muito importante para si e para tôda a família.

— *Laura do Carmo de Sousa* — Coimbra, agradece a N.ª Senhora diversas graças temporaes que lhe foram concedidas.

— *Maria de Lourdes Gomes* — Olival-Gaia, vem agradecer publicamente o restabelecimento duma séria doença do peito.

— *Maria da Conceição Henriques Nunes* — Mogadouro, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado seus padecimentos no estômago e intestinos de que sofreu durante 11 anos. Agradece também a cura de seus sobrinhos Amaro e Maria da Conceição, — o primeiro dos quais esteve quási irremediàvelmente perdido, — que recuperaram ràpidamente a saúde depois de algumas promessas feitas a Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria R. S.* — Chaves, agradece a Nossa Senhora diversas graças temporaes.

— *Rosa Delfina* — Terceira-Açores, vem agradecer duas graças que Nossa Senhora lhe alcançou do Ceu.

— *Maria da Glória Matias* — S. Martinho da Cortiça, agradece muito reconhecida a Nossa Senhora a cura dum seu filho muito doente. Com ataques de reumatismo e febre intestinal, rebelde a todos os medicamentos só melhorou quando sua mãe entregou a saúde do filho à Misericordiosa intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria da Conceição* — Olhalvo, obteve de Nossa Senhora a graça do desaparecimento de dôres muito agudas que a atormentaram durante muito tempo.

Não sentindo melhoras com a aplicação dos medicamentos, pediu e obteve de Nossa Senhora a cura completa.

AVISOS

Como no dia 13 de Abril é 5.ª feira Santa a Nunciatura Apostólica dignou-se autorizar que nesse dia se celebre uma missa no Santuário da Fátima.

Haverá Comunhão de manhã, terço às onze e meia e Missa pelos doentes ao meio dia solar.

Não haverá procissões com Nossa Senhora nem benção com o SS. Sacramento, mas apenas Comunhões e uma só Missa.

Confessores também não haverá certamente, sendo por isso necessário que os peregrinos que lá quiserem ir comungar vão confessados das suas freguesias.

Oratória da Fátima

Vozes corais e piano ou harmonium

A letra, do Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, vem em português como foi composta pelo poeta, e traduzida em francês por M.me Guite de Sousa Lopes.

A música, do maestro Ruy Coelho, vem, como a letra, ôtimamente impressa tanto as partes corais como o acompanhamento.

Encontra-se à venda no Santuário e na Redacção do «Voz da Fátima».

Será enviada a quem a pedir e enviar a quantia de 40$00.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	374.164$17
Papel, comp. e imp. do n.º 125 (55.500 ex.)	3.078$70
Franquias, embal., transporte etc.	1.127$80
Na administração — Leiria	217$70
Total...	378.588$37

Donativos desde 15$00

Alda de Noronha — Aveiro, 20$00; Igreja da Misericórdia — Póvoa do Varzim, 185$00; P.e Aurélio de Faria — Póvoa do Varzim, 15$00; M.e dos A. Ferreira — Caminha, 70$00; M.e F. de Melo — Lisboa, 50$00; Emília Adelaide — Proença-a-Velha 30$00; Augusta Order Rocha & Irmãs — Proença-a-Velha, 30$00; A. Cunha — Proença-a-Velha, 20$00; Distribuição em S. Domingos — B. Baixa, 24$00; Anónima do Rio de Moinhos, 20$00; Angelina do Espírito Santo — Olivais, 15$00; Ermelinda Melo — América, 1 dolar; Ermelinda Leite — América, 2 dolares; Ema Nunes — Odivelas, 15$00; Distribuição em Arganil, 132$00; Superiora do Colégio da Covilhã, 50$00; M.e da C. Ferreira — Açores, 15$00; João Severino — Açores, 20$00; António Cabral Pinto — Lisboa, 55$00; P.e Victorino de Pinho — Lousada, 30$00; Distribuição em Conceição Velha, 128$00; Catarina S. de Mira — Cano, 15$00; Leonel de Medeiros — Açores, 15$00; P.e Claudio do Rosário — L. Marques, 15$00; Maria da Conceição Basto — Portimão, 40$00; Maria Cunhal — Coruche, 20$00; Distribuição em S. Tomé de Covelas, 102$00; Maria Engracia Rodrigues — Lisboa, 20$00; Francisco Vicente — Viseu, 32$50; Beatriz Cardoso — Vista Alegre, 20$00; Ana Barros Lamas — Lisboa, 100$00; Eugénia do Rosário — Óbidos, 25$25; Dulce Moreira — Arrifana, 20$00; João de Almeida — Vale de Santarém, 15$00; Margarida Pinto Ferreira — Vila do Conde, 20$00; Matilde dos S. Costa — Pôrto, 20$00; Maria Manuela Teixeira—Molares, 15$00; Ermelinda dos Santos — Chaves, 20$00; Maria Correia Rego — Valverde, 15$00; Elvira do C. de Jesus—Cadaval, 20$00; Gáudêncio Gomes — Carreiras, 20$00; Maria Eugénia Costa — Estoril, 20$00; Laura Teixeira — Coruche, 20$00; Maria Patrício — Coruche, 20$00; Maria Alves do Rio — Coruche, 15$00; Distribuição em Pardêlhas, 190$00; Ana Cagigal de Fig.do — Chaves, 200$00; Maria Leonor Coutinho — Viana do Castelo, 20$00; P.e Manuel Cêpa — Alvarães, 100$00; Alcino Coelho — Baltar, 115$00; J. José da Costa — Pôrto, 15$00; Margarida Simões — Odivelas, 15$00; Maria Adel. Lapa — C. de Paiva, 80$00; Matilde de C. da Fonseca—Pôrto, 20$00; Maria Leonor de Oliveira—Soure, 17$50; Maria Augusta de Oliveira — Soure, 17$50; Distribuição em Castelo de Vide, 35$00; Gertrudes de Oliveira — Estoril, 20$00; P.e António Quartilho — Rio Maior, 20$00; André Braga — Braga, 15$00; João Edra—Martingança, 25$00; Distribuição em S. Martinho da Ganda-

ra, 100$00; Ana da Costa—Pôrto, 20$00; P.e Jorge de Lima — Vila do Conde, 15$00; Benjamim Ferreira — Borba, 20$00; António C. da Rocha — Melres, 100$00; Júlia de Moura — Sertã, 20$00; Ester Airosa — Macau, 30$00; José Estima — Brasil, 20$00; P.e José de Pinho — Infesta, 20$00; P.e José da Rocha — Infesta, 15$00; José Dias — Gaia, 15$00; António Cerqueira Lopes — S. Leocádea, 20$00; Distribuição em Pedrouços, 52$50; Distribuição em Avanca, 20$00; M. Gonçalves Viana — Espozende, 20$00; anónimo de Fronteira, 100$00; Distribuição na Matriz da P. da Vitória—Açores, 300$00; P.e Eduardo de Sousa — Açores, 20$00; Apostolado da Oração em Vila Viçosa, 50$00; Amélia Tavares — Coriscada, 40$00; Conceição Marques — Pôrto, 20$00; Aida Figueiredo — Feira, 22$50; Emília Bonharde — Pôrto, 20$00; Alfredo Augusto — Tondela, 100$00; Marquês de Rio Maior, 100$00; Albergue de Nossa Senhora da Fátima, 100$00; José Gomes — Brasil, 30$00; Rosa F. Machado—Pôrto, 20$00; Distribuição em Vera Cruz — Aveiro, 30$00; P.e Edgard C. Branco — Açores, 290$00; André Chicharro — Monforte, 20$00; Perpétua Fialho — Portalegre, 15$00; Maria Serejo Matos — Zebreira, 50$00; Ana Augusta de Freitas — Lamego, 60$00; Maria dos Desamparados — Braga, 20$00; Maria Silva — Reguengo Grande, 20$00; Joana de Menezes — Barcelos, 20$00; Henrique da Conceição — Bragança, 20$00; Maximiana Vieira — Pôrto, 50$00; Emília Frazão — Castendo, 20$00; Victorino Coelho — Fiães, 15$00; Duarte Teixeira — Almeida, 30$00; Henrique Elias—Coimbra, 50$00; Carmen Pousa, 50$00; Alzira Adelaide — Ovar, 20$00; Corina Fontes — Lisboa, 20$00; Maria Segurado — Vila Alva, 25$00; P.e António Calhabote — Alcácer do Sal, 15$05; João Hilario — Borba, 20$00; Maria da C. Russo — C. de Vide, 25$00; Celeste Costa — Lisboa, 50$00; P.e João Vinha — Braga, 100$00; António de Almeida— Lomba, 20$00; Libania das Neves — Vouzela, 20$00; Esperança Barros - Vouzela, 20$00; Augusto Machado — Vouzela, 20$00; António Henriques — Vila do Rei, 25$00; P.e António Campos — Condeixa, 15$00; Maria da Glória de Sousa — Guimarães, 50$00; Amélia F. de Sousa — Guimarães, 20$00; João Luís — Bragança, 20$00; Ana Magalhães — Paredes, 20$00; Abílio D. Cardoso — França, 70$00; Angelina Cabral — Evora, 20$00; Manuel A. Correia — Miôma, 20$00; Manuel de Olveira — América, 31$60; Maria P. Rosa — América, 31$60; Maria Rezendes — América, 31$60; Norberto de Sá — América, 31$60; Francisco Santos — América, 31$60; António Rocha — América, 31$60; Laura Pires Ferreira — Castelo de Vide, 30$00; Alvaro Alves Monteiro — Brasil, 20$00; Distribuïção em Runa e Matacães, 100$00.

FÁTIMA À LUZ DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Este belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiràvelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para êsse fim enviar 5$00 ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

SEREI PADRE?

«Sentado no largo terraço da casa paterna, Silvio meditava sósinho, disimulando a custo a excitação que lhe ia na alma:

Ser padre! sepultar no negror de uma batina tôda a sua mocidade ardente e vigorosa! Não teria sido apenas uma fantasia que lhe passara pelo cérebro inexperiente de criança aquele desejo ardente que arrancara dos pais o consentimento para ir em demanda do Seminário logo ao completar os seus doze anos?

Não encontraria no mundo um meio de praticar o bem, sem o sacrifício de todo um futuro que se lhe deparava tão brilhante e feliz?

E se êle fôsse um médico, satisfazendo assim a aspiração única do pai e o natural orgulho da Mãe querida? E depois, o mundo é tão bom, oferece tantos encantos, tantos actractivos, principalmente a êle filho único, herdeiro de um nome ilustre, esperança da família, podendo brilhar tanto na sociedade pela riqueza e pelo talento!

Mas, lá no seu íntimo, uma voz retrucava: — De que vale o ouro, se não é o da virtude? De que servem os prazeres e as alegrias da terra, se êles são como a poeira que se levanta e brilha ao sol, mas não deixa de ser pó e nada? Que medicina é mais sublime do que aquela que trata de curar as enfermidades da alma?

E o terrível dilema permanecia de pé: seguir novamente para o Seminário, fazer violência à oposição dos pais e renunciar para sempre a todos os bens da terra, ou deixar-se ficar no mundo para viver uma a uma, as alegrias tôdas de uma futil existência.

Entretanto, era preciso decidir, as férias terminavam em breve e muitos de seus colegas já se preparavam para partir. A luta prosseguia naquela consciência atribulada.

Súbito, porém, um rumor de azas que passavam e de qualquer cousa a arrastar-se por entre a folhagem do jardim atraiu a atenção do jovem, que, rápido, se chegou ao gradil.

As azas eram as de uma pomba tôda branca e que, voando assustada rumou para o pombal vizinho, de onde pouco depois partiu pela amplidão em fora, inundada de luz.

O que se arrastava por entre a folhagem era um lagarto imundo e repelente, fauces escancaradas, dorso tremeluzindo ao sol. Como se acordasse de um sonho, Silvio reflectiu:

Aquela pomba branca é a imagem de minha alma que, mercê de Deus, não se contaminou ainda nas impurezas da terra. O lagarto asqueroso e ameaçador são os prazeres do mundo, que pretendem traçá-la e que, agora, deram o assalto definitivo. Como a pomba inocente e pura, é preciso que ela tome o vôo para o seu «pombal» e, de lá, possa partir para as alturas sublimes do sacerdócio, inundada da luz da graça tranqüila e feliz;

Estava ganha a batalha. Silvio partiu para o Seminário e, alguns anos depois, um padre a mais subiu os degraus do altar e uma legião imensa de almas teve garantida a sua salvação pelos méritos e pelo zêlo do novo ministro do Senhor».

Exercícios Espirituais

Nos três primeiros dias da Semana Santa haverá no Santuário um turno de Exercícios Espirituais destinados aos Ex.mos Médicos que nêles se queiram inscrever.

Também podem assistir os Srs. enfermeiros.

Tanto a uns como a outros pede-se o favor de prevenirem disso o Sr. Reitor do Santuário com alguns dias de antecedência.

Pelas vocações

«Da porta lateral da sacristia, surge, paramentado, o novo padre: vai celebrar a primeira missa.

Um mundo de santas comoções lhe invade a alma... É que está prestes a viver os mais sublimes instantes de tôda a sua vida.

Ei-lo diante do altar. «Meu Senhor e meu Deus!», diz aquele olhar que se crava no Santuário, penetrante e amoroso. Bate-lhe o coração, descompassado, enquanto os lábios pronunciam: «Lançai sôbre mim Vossa luz e a Vossa verdade, porque elas me conduziram e me introduziram no vosso monte Santo e nos Vossos Tabernáculos.

Acordes divinos enchem os ares e das almas em prece sobem rosários de orações, orações que se multiplicam ao terno mandato: «Orai, ó irmãos, para que o meu e o Vosso sacrifício se faça aceitável a Deus Padre Todo Poderoso».

Dentre os ouvintes Alguém há que lhe segue minuciosamente os passos e lhe devassa os invios sentimentos que lhe agitam o ser — é sua mãe, que ali está, de joelhos, contemplando o filho privilegiado...

A missa está na parte culminante. Percebe-se já no olhar do jovem ministro aquela flama ardente, mixto de assombro e confiança, de felicidade e temor...

As mãos trémulas seguram a particula, e o coração, mais que os lábios, pronuncia as místicas palavras da Consagração.

Insolito calor se comunica então aos dedos gelados — aquela Hóstia Imaculada é Sol ardente de Amor que abrasa e alumia... Ei-lo absorto na contemplação do inefável mistério.

E a sua voz, pausada, sincera, ecoa por três vezes no amago dos nossos corações: «Domine non sum dignus»...

Por momentos, inteiramente se apaga a figura do sacerdote: corre-lhe nas veias sangue precioso; a alma luminosa do Salvador integra-se-lhe na alma; dentro daquele minuto divino a personalidade do padre desaparece como a gota de água no oceano infinito...

É Jesus quem vive!

Sedentãs, os infiéis se aproximam do extraordinário Banquete; como é bom pensar que para tôdas as criaturas Êle concede as mesmas honras.

...Das mãos do filho querido a Mãe vai receber a Santa Comunhão. É impossível conceber-se mais bela scena: duas almas iguais, unidas por um luminoso traço de união: Jesus.

Mas porque está chorando tanto essa boa Mãezinha, se é tão feliz?»

FÁTIMA, O PARAÍSO NA TERRA FÁTIMA, A PÉROLA DE PORTUGAL

Estes dois livros, interessantes sobretudo para quem não tiver a coleção da Voz da Fátima, enviam-se do Santuário ou da Redação da *Voz da Fátima* a quem os pedir e enviar para cada um a quantia de 5$00.

FÁTIMA À PROVA

Uma carta

Recebemos há dias, em confirmação do que escrevemos no número anterior, a seguinte carta que gostosamente publicamos:

Ex.mo Sr:

Nos termos do Decreto N.º 12.008, de 2 de Agosto de 1926, artigo 53 e seus §§, venho solicitar a publicação desta carta, no N.º 126 da «Voz da Fatima», de 13 de Março proximo futuro, na quarta pagina, terceira coluna, a fim de rectificar factos erroneos, ou inveridicos, ofensivos da reputação e bôa fama, relatados no N.º 125 deste mesmo Jornal, de 13 do corrente, na local epigrafada «Fatima á prova».

Atribui-me beliscões na gramatica, quando redigi os telegramas ali publicados. Não é verdade. Em telegramas cifrados ha apenas algarismos que indicam determinadas palavras, frases feitas, ou grupos de palavras, constantes do Diccionario Cryptgraphico, onde os verbos estão no infinitivo e os substantivos no singular. Compete ao decifrador conjugar os verbos e fazer a concordancia. Como o Diccionario era antigo não continha o grupo «Guarda Republicana», mas sim o que designava a corporação sua antecessora. Folgo em vêr que o articulista é mais republicano do que eu, o que representa o cumulo do exagero.

Afirma que os católicos me evitam. Não é exacto. Toda a gente me aperta a mão e mantenho as melhores relações, com os católicos, desde os mais categorizados aos mais modestos, sem quebra das opiniões minhas e deles. Com alguns sacerdotes tenho relações de cortezia. Algumas vezes fui convidado para jantar (tendo aceitado uma vez), pelo meu colega Dr. Alberto Diniz da Fonseca, católico altamente categorisado. O meu caracter impõe-me á consideração de amigos e inimigos.

Mas nem tudo é mau, na local referida, porque na mesma é posta em destaque a minha coerencia, o que com muito desvanecimento agradeço, pois me sinto elevado nestes tempos em que a falta de caracter é apanágio de um infinito numero de safardanas, que por este processo fazem carreira lucrativa.

Torres Novas, 17 de Fevereiro de 1933.

José Dantas Baracho

O melhor comentário da carta são as vírgulas do Snr. Dr. Dantas Baracho antigo Governador Civil de Santarém...

À bomba

Na noite de 5 para 6 de Março de 1922 um formidável estampido acordava os povos da Lomba de Égua e Moita que guiados pelo som e pela luz dum fogo acorriam apressados às alturas que dominam a Cova da Iria e daí reconhecem a Capelinha a arder.

Agora era à bomba.

E poderosas deviam ser essas bombas cujo rebentar se ouviu longe pela calada da noite.

O povo aproximou-se mas já não encontrou senão as paredes aluídas e os restos do madeirame a arder.

E a imagem de Nossa Senhora que seria feito dela?

Estaria queimada também?

Te-la-iam roubado?...

Tal foi o primeiro pensamento daquela boa gente.

Mas logo alguém os socega dizendo que fôra providencialmente retirada na véspera por causa da humidade que ali é intensa e a poderia estragar.

Como foi praticado o atentado

«Os desgraçados arrombaram a porta da capela e a golpes de alvião, abriram quatro buracos nas paredes, a distâncias iguais dois palmos acima do pavimento, introduzindo em cada um dêles uma bomba de grande potência.

Essas quatro bombas rebentaram comunicando o fogo ao madeiramento do tecto e fazendo-o abater.

Uma quinta bomba foi colocada na cova, em que se encontra a raíz da azinheira sôbre a qual, no dizer dos videntes, pousavam os pés da Aparição, mas não explodiu.

As paredes da capela embora bastante danificadas ficaram de pé» (1).

A quinta bomba não rebentou.

Um homem de Santa Catarina da Serra teve-a na mão, depois de lhe ter sido tirada a dinamite e desentarrachou-a tirando a metralha, limas, ferros etc.

Porque não rebentou esta quinta bomba?

Simples acaso?

Pelo país

«A notícia do hediondo e sacrílego atentado voou com a rapidez do relâmpago do norte ao sul do país e provocou em tôdas as almas bem formadas um sentimento unânime de indignação e de protesto, pondo mais uma vez em foco essa pitoresca aldeia, graciosamente alcantorada num dos contrafortes da serra de Aire».

«No dia treze do mesmo mês, por iniciativa do rev. Pároco, realizou-se em Fátima uma solene procissão de desagravo. Quatro a cinco mil pessoas acompanharam o majestoso cortejo desde a igreja paroquial até ao lugar das aparições, num decurso de cêrca de três quilómetros. Nesse local estavam já naquele momento mais de seis mil pessoas. Num altar improvisado em frente da capela celebrou-se uma missa campal, durante a qual a multidão ajoelhada rezou, com recolhimento e fervor, o terço do Rosário.

Era sobremaneira comovente o espectáculo daquela imensa multidão de mãos postas e orando, em que se viam pessoas de tôdas as classes e condições sociais. Foi uma grande e edificantíssima manifestação de fé e amor à Virgem, que não teria revestido tamanho brilho e imponência, se não fôra o repugnante e execrando atentado».

(Visconde de Montelo em «As Grandes Maravilhas de Fátima» pág. 140).

Quem eram os bombistas?

Nunca nêstes atentados contra pessoas ou coisas da Igreja se põe a verdade a descoberto.

Contudo não há ninguém que não saiba que foi gente de Santarém e Vila Nova de Ourém.

A voz do povo indica-os claramente e afirmava que o promotor deste atentado fôra o dos anteriores.

Houve até quem lho disesse de cara a cara sem que êle o negasse.

A dois que tomaram parte nesse feito suicidaram-se a cada um, um filho.

Um destes, arrependido, tomou isso como um aviso e um castigo e mandou baptizar os filhos.

Outro, em virtude das mudanças políticas, tendo continuado a tramar foi preso e, posto de novo em liberdade, julgou mais conveniente retirar-se para o estranjeiro.

Em Vila Nova de Ourém apontam-se a dedo os que tomaram parte no atentado.

«Tôda a imprensa se referiu a êsse atentado com palavras de viva reprovação, cujo eco se repercutiu nas duas casas do parlamento, tendo o govêrno prometido pela voz do ministro das colónias castigar os seus autores com todo o rigor das leis e sem nenhuma espécie de contemplação».

Visconde de Montelo ibidem.

Foi em virtude dessas vozes católicas do Parlamento e do Senado que o Snr. Ministro do Interior deu ordens ao Sr. Governador Civil de Santarém que por sua vez as transmitia ao Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém.

Ao Administrador porém não convinha pôr-se mal com os magnates democraticos da terra e vai daí a sinceridade das informações dadas ao Governador Civil e o lindo êxito das investigações.

Ah verdade, verdade como andas pisada e desprezada!...

A seguir e encerrando damos a série de telegramas trocados por necessidade política entre o Govêrnado Civil e várias entidade sôbre o atentado da Fátima:

Em data de dez de março de mil novecentos e vinte dois envia o Sr. Governador Civil o seguinte telegrama:

«Administrador Concelho — Vila Nova Ourém. Excelentíssimo Governador civil, digo, Governador, roga comunique urgência, o que há sôbre atentado capela Fátima e se ordenou diligências para descoberta autores.

Secretário Geral — *Serra Ferreira*

Em data de onze de Março de mil novecentos e vinte dois:

«Excelentíssimo Ministro do Interior — Lisboa. Referência telegrama Vossa Excelência hontem telegrafei administrador Ourém, perguntando providências havia tomado para descoberta autores atentado Fátima, aguardando informações aquela autoridade que transmitirei Vossa Excelência».

Governador Civil — *Augusto de Castro*

Em data de treze de março de mil novecentos e vinte dois:

«Excelentíssimo Ministro do Interior. Lisboa. Administrador Vila Nova de Ourém informa sôbre atentado Fátima, que foi praticado dia seis corrente por três horas pouco mais ou menos por indivíduos cuja identidade desconhece e que capela é situada num êrmo muito distante da mais próxima povoação, razão por que se torna difícil descoberta autores e infrutíferas investigações sôbre caso.

Telegráfo: àquela autoridade ordenando que apesar tudo não desista investigações e pondo sua disposição polícia se dela carecer».

Governador Civil — *Augusto de Castro*

Em data de treze de Março de mil novecentos e vinte dois.

Administrador Concelho Vila Nova Ourém Apesar sua informação constante ofício vinte e cinco rogo não desistir investigações comunicando urgentemente se precisa polícia para prosseguir nelas.

Governador Civil — *Augusto de Castro*

Em data de desasseis do indicado mês de março.

Excelentíssimo Ministro Interior. Lisboa — Sôbre atentado Fátima Administrador Concelho de Ourém requisita dois agentes investigação Lisboa para o auxiliarem descoberta criminosos rogando Vossa Excelência se digne atender pedido mas sem encargos êste Govêrno Civil que não dispõe da verba suficiente para despezas.

Governador Civil

(a) *Augusto de Castro*

Em que pararíam as investigações e a que conclusões chegariam os agentes de Lisboa.

Era interessante saber-se.

Porque emfim alguma conclusão haviam de tirar.

Se as paredes das adegas e das tabernas tivessem ouvidos e língua...

Um observador

(1) Os Acontecimentos de Fátima pelo Visconde de Montelo pag. 20.

O que é?! O que é ?!

1.º — É a Redacção da Voz da Fátima que está muito agradecida a diversos bemfeitores que lhe têm enviado quantias superiores ao que lhe deviam.

2.º — é que espera durante êste mês poder registar iguais ou maiores quantias enviadas por outros bemfeitores.

3.º — é que se todos a auxiliassem embora poucochinho poderia viver sem medo da crise pecuniária.

4.º — que mandem sempre o número da assinatura quando fôr necessário fazer-se alguma mudança no endereço.

5.º — que façam os pedidos de água e objectos religiosos ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima.

Valentias de quem não crê em Deus

O famoso incrédulo Volney fazia a travessia do Havre para Nova York. O tempo estava sereno, soprando apenas uma suave brisa. Na coberta do navio, rodeado de numerosos passageiros, aquele impio fazia estendal da sua insolente descrença.

De repente desencadeia-se uma tempestade e o mar levanta-se em ondas furiosas. O perigo é eminente e todos pensam ter chegado a sua última hora.

Nêste momento supremo, Volney, a um canto do navio, tinha-se apoderado do terço de um religioso, companheiro do perigo, e... rezava.

Acalmada a tempestade, os viajantes puzeram-se a rir e preguntaram a Volney o que é que tinha feito ao seu ateismo:

Êle respondeu ingenuamente: «uma coisa é ser ateu, quando se está à lareira a aquecermo-nos à fogueira, sem perigo e outra é quando o raio estala a nossos pés e o mar abre os seus abismos e nós vimos a morte diante dos olhos.

BEM HAJAM

Para a Missão de Nossa Senhora da Fátima na Zululandia, recebemos de um anónimo a esmola de 50$00 que para lá vão ser enviados.

Para as Missões de Angola e Congo encontram-se à venda no Colégio de Fruião — Braga, colecções de 12 postais sôbre as Missões pelo preço de 3$00 cada coleção.

Coisas tristemente alegres

Conta a Publicitat *de Barcelona o seguinte: «Há dias celebrou-se um casamento civil em Gerona. Isto nada tem de especial. O que tem de particular é que a noiva, vestida de branco, levava na mão o livro de Missa e o terço». E juntava: «Este facto ficou eclipsado por outros ainda mais curiosos.»*

Há pouco celebrou-se um entêrro civil na aldeia de Montanha, na região de Cerdanha, onde era costume rezar o terço.

Pois bem: fêz-se o entêrro civil rezando o terço.

Em algumas regiões do Sul da Catalunha reclamam o toque dos sinos no entêrro civil se a família o pede.

O alcaide de uma terra quando chegou o tempo de uma sua filha fazer a primeira Comunhão, não quis opôr-se ao laicismo oficial e perguntou ao governador como havia de ser o rito para celebrar-se uma primeira comunhão... laica...

Este número foi visado pela Censura.

Ano XI — Leiria, 13 de Abril de 1933 — N.º 127

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 15-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 DE MARÇO)

Os milagres da graça

Se Lourdes, a mística cidade dos Pirineus, ou, como há anos lhe chamou um grande diário da capital, «a Jerusalém do Ocidente», é, por excelência, segundo o consenso unânime dos crentes, o santuário dos prodígios de ordem física, Fátima, essa deslumbrante ante-câmara do Céu graciosamente alcandorada nas faldas da serra de Aire, é, sobretudo, e sem contestação, o santuário dos milagres de ordem moral. Alí, dentro daquele recinto santificado pela augusta presença e pelas bênçãos maternais da augusta Virgem do Rosário, todo o dia e tôda a noite, na capela do Albergue de Nossa Senhora e na igreja da Penitenciaria, milhares de pessoas purificam as suas almas na piscina probática do Santo Sacramento da Confissão, acusando e detestando as suas culpas de joelhos aos pés do sacerdote que, como juiz de misericórdia, em nome de Deus, as absolve e perdoa.

Quantas curas espirituais se teem verificado naquela estância portentosa, verdadeiras e instantâneas ressurreições morais, cujo conhecimento ficará para sempre sepultado entre as quatro tábuas dum confessionário.

Se um sigilo, ainda mais rigoroso que o segrêdo mais sagrado e mais inviolável que possa haver sôbre a terra, não fechasse herméticamente os lábios dos confessores, que prodígios estupendos nos seria dado contemplar operados nas almas pela misericórdia infinita do Senhor!

Sôbre a Cova da Iria as graças celestes parecem descer com mais profusão, formando uma atmosfera intensamente sobrenatural, em que a fé se aviva e a piedade se acrisola, desabrochando em flores de tôdas as virtudes cristãs.

É quási impossível resistir ao influxo salutar dêsse ambiente saturado de eflúvios divinos em que as inteligências mais obcecadas se abrem à luz da verdade e em que os corações mais endurecidos se rendem à fôrça do amor.

Por isso, de perto e de longe, as almas inquietas, que o hábito do pecado inquinou e os espinhos do remorso torturam, vão buscar ao santuário da Lourdes portuguesa a paz e a alegria por que anseiam e a graça e a amizade de Deus, que, numa hora de desvário, haviam perdido.

Que espectáculo encantador essa transformação assombrosa que o sangue precioso do Cordeiro Imaculado Cristo Jesus realiza dum modo invisível nos corações, em virtude dos méritos infinitos da sua paixão e morte.

Únicas testemunhas dessas scenas incomparáveis, que se desenrolam continuamente no recinto sagrado das aparições, os espíritos celestes hão-de exultar de júbilo, ao considerarem a compaixão misericordiosa e a ternura inefável do coração de Deus para com os homens.

Dezenas de sacerdotes, sentados nos bancos dos confessionários, atendem, durante horas consecutivas, as pessoas que querem reconciliar-se com Deus.

A igreja da Penitenciaria regorgita de fiéis. Junto dos confessionários, formando verdadeiros cachos humanos, apinham-se dezenas de pessoas, esperando paciente e tranqüilamente a sua vez de se confessarem. Às portas aglomera-se a multidão que, ao frio, ao sol ou à chuva, aguarda horas inteiras licença para entrar no templo.

E, depois, quando os penitentes, apagadas as suas culpas, rezam com fervor junto do altar e fazem os últimos preparativos para regressar aos seus lares distantes, é altamente consolador vêr neles a alegria da alma e a paz do coração estampadas no rosto transfigurado pela graça divina que os santificou, inundando-os de felicidade.

O fogo celeste que os abraza vai comunicar-se ao longe e ao largo, provocando às vezes maravilhosos incêndios de amor. E as almas e os corações, estimulados pela fé e pela esperança, procuram, numa ansiedade imensa, aproximar-se, cada vez mais, da Cova da Iria, para alcançarem ao menos algumas migalhas do maná espiritual que ali é distribuído gratuitamente a todos os que teem fome de verdade, de pureza e de amor.

Sursum corda! Corações para o alto! A excelsa Rainha dos Anjos, baixando dos páramos esplendentes da glória à humildade da Cova da Iria, cobriu com o manto da sua protecção maternal Portugal e o mundo, para fazer descer do seu Coração Imaculado sôbre os filhos da sua dor, nascidos à sombra da Cruz no alto do Calvário, caudais de graça e torrentes de misericórdia...

O dia treze em Fátima

No dia treze de Março realizaram-se, como de costume, os actos religiosos prescritos pela competente autoridade eclesiástica e destinados a comemorar as aparições da Rainha do Céu aos humildes videntes de Aljustrel.

O tempo, contra a espectativa de tôda a gente, apresentou-se formoso e esplêndido, duma amenidade verdadeiramente primaveril. Não corria a mais ligeira viração que agitasse os ramos esguios dos pinheiros ou a folhagem quási microscópica das azinheiras. O firmamento, dum azul purissimo e duma transparência admirável, sem o mais pequeno farrapo de nuvem a ensombrar-lhe a superfície, constituia um espectáculo, cuja contemplação deliciava os olhos e encantava as almas. O sol, dardejando os seus raios sôbre a Cova da Iria, enchia de luz e tonificava o ambiente do recinto bendito das aparições, dispondo os fiéis para a oração e para os outros exercícios de piedade próprios daquele dia.

Durante tôda a manhã, celebraram-se algumas dezenas de missas nos diferentes altares do Santuário.

Grupo de servitas, vicentinos, operários e outros homens que fizeram o seu retiro Espiritual na Fátima, nos dias 26, 27 e 28 de Fevereiro.

Foram em grande número os peregrinos que, depois de se terem confessado, se acercaram da mesa eucarística para receberem com o mais vivo fervor o Pão dos Anjos.

Após a recitação pública do terço do Rosário na capela comemorativa das aparições e a procissão de Nossa Senhora para o pavilhão dos doentes, foi rezada a missa do meio dia, a que ajudaram um brioso oficial do nosso exército e um distinto engenheiro.

Ao evangelho, subiu ao púlpito o rev.^do^ dr. Galamba de Oliveira, brilhante professor do Seminário Episcopal de Leiria, que prègou durante vinte minutos, explanando com proficiência o evangelho da missa e fazendo a propósito uma breve referência às bemaventuradas Sancha e Mafalda, ilustres e santas princezas, filhas de D. Sancho I, que foi rei de Portugal.

Em seguida à missa efectuou-se a cerimónia da bênção dos doentes, que eram pouco mais de três dezenas, e por fim a procissão do *adeus*, em que a linda imagem de Nossa Senhora de Fátima foi reconduzida para o seu altar na capela-monumento das aparições.

Padre José Vicente do Sacramento, Missionário

Faleceu um dos maiores amigos do Santuário de Nossa Senhora da Fátima o Rev. José V. do Sacramento.

Desde a primeira hora afeiçoou-se à Fátima e esperava vir passar os seus últimos dias junto do Santuário e ali exalar o último suspiro. Deus dispôs doutra forma.

Presando a vida Missionária, propagara especialmente na nossa África Oriental o culto a Nossa Senhora da Fátima. A primeira imagem que apareceu em Lourenço Marques foi a sua que venerava no seu oratório e o acompanhava por tôda a parte, nas suas viagens, como reconhecimento por tantas graças que Nossa Senhora lhe concedera e de que falava com emoção.

A linda imagem que se venera na Catedral de Lourenço Marques foi oferta sua.

Queria que Nossa Senhora da Fátima fôsse considerada como a protectora das Missões portuguesas, pedindo à Santíssima Virgem que amparasse as sociedades missionárias em preparação no nosso país.

Ideara a decoração do monumento ao S. Coração de Jesus que coroa as fontes do Santuário, com quadros alusivos às Missões presididas pela imagem de Nossa Senhora da Fátima, sob a invocação de Nossa Senhora das Missões, obra que não poude principiar.

Foi o falecido P.^e^ Vicente quem mandou cunhar as primeiras medalhas de Nossa Senhora de Fátima depois de proceder a estudos no local.

Compôs o hino *«sôbre os ramos da azinheira»* que é cantado nas festas e peregrinações, por tôda a parte.

Em outubro passado pôs à disposição do Rev. Dr. Fischer a sua pessoa e automóvel para percorrer as partes mais importantes ligadas com a história das Aparições que em breve será publicada originàriamente em alemão.

Do «Missionário Católico» transcrevemos as seguintes palavras para serem arquivadas na *«Voz da Fátima»:*

«O nossos leitores já sabem, pela notícia publicada à última hora no último número do «Missionário Católico», que faleceu no Estoril êste velho missionário, cujo nome se tornou tão conhecido em Portugal, e mesmo além de Portugal, pelas suas extraordinárias generosidades e benemerências, sobretudo em favor das nossas Missões e dos seus Colégios. Conquanto a sua morte não tenha sido uma inteira surpresa para aqueles que conheciam o estado melindroso da sua saúde, após o insulto apoplético que o acometera há dois meses pouco mais ou menos, não se contava ainda assim que, em tão breves dias, estaria para terminar a vida mortal do pranteado sacerdote. Quem escreve estas linhas teve a consolação de o visitar pela segunda vez, poucos dias antes do desenlace, na sua casa do Estoril; encontrou-o prostrado no leito, parcialmente tolhido e com certa dificuldade e arrasto na fala, mas perfeitamente lúcido e até mesmo com uma fagueira jovialidade de espírito, ocupado e iluminado pela devoção a Nossa Senhora de Fátima, que parecia, ao aproximar-se da morte, tomar um fogo ainda maior e mais abrasador na alma sensível do P.^e^ Vicente. Este aspecto da sua piedade à Mãe da Fátima mereceria, de quem está mais ao corrente dos seus grandes traços e dos seus detalhes, uma página especial, que não seria com certeza das menos tocantes e de menor brilho no livro da vida que se extinguiu. E foi porventura esta devoção, esta filial ternura, que lhe mereceu da Senhora da Fátima a graça, que êle ambicionava e pedia, de morrer num Sábado, como que à sombra da sua azinheira.

Todos conhecem o rasgo intrépido que teve o Padre Vicente, quando, um dia, numa estância de águas, soube que, poucas horas depois, ia ser arrematado em hasta pública o convento Beneditino e a cêrca de Cucujães, que o tesoiro público, com aquela desenvoltura e sem-cerimónia moral que os seus homens põem tantas vezes em casos idênticos, chamara a si da mão dos seus legítimos proprietários. Então faiscou-lhe na mente a ideia de adquirir êsses bens tranquilos para melhor instalação dos Colégios das Missões, que renasciam ao tempo, com auxílios do Estado; e preparar qualquer coisa à pressa, e partir como uma andorinha para o local das operações, bater os pretendentes até às últimas trincheiras, e finalmente ficar senhor de todo o campo, foi por assim dizer uma realização fulminante! a sua alma em triunfo pôde cantar ao céu o cântico da esperança, o hino da maior alegria! E nem todos saberão porventura da série de benemerências e de larguezas com que êle foi completando, com o andar dos tempos, o seu acto inicial de Cucujães.

Por estes motivos todos, nós sentimos dolorosamente o desaparecimento de tão insigne benfeitor; nós cumprimos, com uma espécie de magoada satisfação, o dever de prestar à sua memória a nossa singela mas bem sentida homenagem. Os sufrágios que as nossas três Casas têm feito, logo que chegou a cada uma delas a infausta notícia, terão sempre

piedosa continuação; e esperamos ensejo oportuno de perpetuarmos por qualquer forma condigna a gratidão dos corações.

O Padre Vicente morreu, colados os lábios ao seu crucifixo missionário dando-lhe o último beijo.

Paz à sua alma!

Cocujães, 3 de Março de 1933.

† *João Evangelista, Arcebispo Bispo de Vila Real, Superiore.*

O Senhor Bispo de Leiria, que era muito reconhecido ao Rev. Missionário pelo seu interesse a favor do Santuário e pelas suas generosidades, quando soube do seu falecimento estava em exercícios espirituais com o venerando Episcopado português. Celebrou logo 3 Missas pela sua alma e recomenda-o às orações dos peregrinos no dia 13 de abril como a todos os leitores da *Voz da Fátima*.

Deus lhe dê o eterno descanso!

Fátima em Tete (Moçambique)

Do número 41 do semanário «Missão Africana» órgão da Missão de Nossa Senhora do Rosário da Beira, que vê a luz da publicidade na cidade do mesmo nome, reproduz-se a seguir uma carta de impressões enviada àquele semanário por um devoto de Nossa Senhora de Fátima àcêrca duma festa realizada em Tete:

«O Pároco desta vila e freguesia de S. Tiago Maior de Tete, Rev. Santana Sebastião da Cunha, proporcionou-nos mais uma festa de efeitos deslumbrantes inaugurando no dia 12 de Maio dois novos altares laterais e uma Imagem de N.ª S.ª da Fátima que adquiriu por meio de subscrição e celebrando a respectiva festa no dia 13 do mesmo mês. Conta assim no seu activo alem de vários melhoramentos já introduzidos na Paróquia, como construção do Altar-Mor e da casa paroquial, instalação da luz eléctrica e abertura da escola paroquial, aquisição de um sino e várias imagens, paramentos e vários objectos do culto de que a Igreja carecia, mais êsses que a Paróquia e a freguesia devem aos seus esforços de missionário zeloso e infatigável.

Devido à distribuição de 100 exemplares do jornal «Voz da Fátima» que, de há cinco anos para cá, o Rev. Pároco, cada mês, vinha fazendo na Paróquia, de tal maneira se arraigou a devoção a N.ª S.ª da Fátima que os fiéis estavam ansiosos por verem erigido um altar e nêle colocada a Excelsa Raínha para melhor tributarem a sua homenagem e agradecerem os benefícios recebidos, alguns dos quais, de curas maravilhosas, já foram publicados no referido jornal «Voz da Fátima.» E esta vontade foi-lhes feita pelo Pároco adquirindo no Porto, na casa José da Silva França, uma linda Imagem e designando desde logo a sua festa para o dia 13 de Maio, data da 1.ª aparição da Senhora na Cova de Iria.

Como preparação da festa começou a Novena no dia 4 a que assistiu muita gente. No dia 12, às 19 horas, a Igreja regorgitava de fiéis, a ponto de muita gente ter de ficar de fóra, por falta de lugar. O Rev. Hen Dich, Superior da Missão de Mwanza, deu começo à inauguração benzendo a Imagem colocada no meio do corpo da Igreja, num rico andor, decorado pelas Ex.mas Senhoras D. Alda Pontes e D. Rosa Fino e presidiu à procissão das velas, que formada em duas alas pelas crianças da escola, Senhoras e imenso povo, precedido do andor que era conduzido, à vez, pelas pessoas gradas de um e outro sexo, e da banda da música da Missão de Boroma, acompanhando o «Ave» e outros hinos cantados com todo o ardor e entusiasmo pela assistência, — percorreu todo o adro da Igreja, lindamente enfeitado de verdura e bandeirolas, iluminado a electricidade e lampeões de variegadas cores.

Uma vez dentro a procissão e colocada a Imagem no Novo Altar, ricamente ornamentado pelo Snr. António A. Pontes subiu ao púlpito o acima referido Superior da Missão de Mwanza que comemorando a gloriosa data, 13 de Maio de 1917, arrebatou o auditório à Cova da Iria, lugar escolhido pela Raínha do Céu para manifestar à Nação Portuguesa, de que é Padroeira, o seu carinho maternal, cumulando-a de imensos benefícios espirituais e temporais. Rematou o seu belo discurso exortando a assistência a afervorar cada vez mais a sua devoção para alcançar graças ainda maiores.

Terminou o acto com o hino «Ave Maris Stela», cantado a três coros, acompanhado a Harmonium, sob a direcção do Rev. Pároco da freguesia que no fim distribuiu pela assistência lindas estampas com a novena de N.ª S.ª da Fátima.

No dia seguinte, 13, começou às 9 horas a missa solene, cantada pelo mesmo Superior da Missão de Mwanza, acolitado pelos Revs. Párocos e superior da Missão de Boroma. Um grupo de cantores da Missão de Boroma cantou a missa «Tertia» acompanhada a Harmonium. Houve comunhões e Benção do SS.mo Sacramento e no fim da Missa foi distribuido um bodo aos pobres à porta da Igreja.

À tarde, às 7 horas, fêz-se com fé viva e piedade ardente a consagração da população de Tete a N.ª S.ª da Fátima, a que assistiu imenso povo.

Tete, 24 de Junho de 1932.

Um devoto de N.ª Sr.ª da Fátima».

Visconde de Montelo

No Santuário

Desde a tarde do dia 25 de Fevereiro até à madrugada do dia 1.º de Março estiveram reünidos no Santuário da Fátima em Exercícios Espirituais cêrca de 60 homens entre os quais se viam algumas figuras de alta posição que, enquanto outros dissipavam a sua vida com as loucuras do Carnaval, se acolheram debaixo do Manto misericordioso de Nossa Senhora da Fátima preparando as suas almas para gosarem maior glória no Céu depois de na terra terem servido melhor a Deus.

Bem hajam, e Deus queira que muitos lhes sigam o exemplo na gloriosa conquista da perfeição.

O culto de N. Senhora da Fátima em Macau

Com o fim de mais glorificar N. Senhora de Fátima vamos, em breves palavras, falar do seu culto em Macau, — Fátima do Extremo Oriente — desde que se estabeleceu aqui a 13 de Maio de 1929 até ao presente.

Todos nos lembramos ainda com imensa saüdade dêsse dia memorável em que o falecido Cónego Pintado, missionário zeloso, abrasado de grande amor a N. Senhora da Fátima, amante de Portugal e de tudo o que era português, aqui implantou tão simpática devoção. Só pode avaliar bem a imponência das solenidades religiosas com que a cidade de Macau iniciou o culto de Nossa Senhora da Fátima quem a elas assistiu desde os primeiros dias e nós, embora nos faltem outros dotes, tivemos a dita de ver e quási palpar com as mãos o fervor que se ateou em todos os corações dêste bom povo macaense, com o advento desta nova devoção para com N. Senhora, por isso podemos com tôda a verdade dizer o que se vem passando aqui nestes três anos decorridos.

1929. — Inaugurou-se o culto de Nossa Senhora de Fátima com um tríduo que constou de orações e prègações feita pelo Rev.do P.e António Roliz, S. J. que logo no primeiro dia benzeu uma linda estátua de N. S. da Fátima. A igreja esteve sempre cheia de fiéis. No terceiro dia Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo dignou-se presidir, dando maior realce aos actos religiosos. Raiou emfim o dia 13 de Maio. De manhã houve muitas comunhões em todas as missas que se rezaram. Às 9.30 Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo celebrou *solenemente de pontifical*, expondo-se no fim o Santíssimo no trôno. Acudiram muitos fiéis a fazer companhia a Jesus e desagravá-lo das muitas friezas no seu amor. De tarde, às 17 horas, *começaram as vésperas presididas pelo Snr. Bispo*. Findas elas, subiu ao púlpito o Rev. P.e António Maria Alves, S. J. que, durante uns 25 minutos teve o auditório suspenso com as suas palavras quentes de amor à Virgem Senhora da Fátima. Pediu o orador, que o dia 13 de cada mês fôsse consagrado à Virgem com culto e preces especiais nesta cidade. Findo o sermão foi dada a bênção do SS. organisando-se em seguida uma devota procissão que, saindo de S. Domingos percorreu o Largo da Sé, Largo do Senado, recolhendo de novo a S. Domingos. Nela tomaram parte todos os estabelecimentos religiosos da cidade, as confrarias, o Seminário e todo o clero. Foi levada em triunfo a linda estátua de Nossa Senhora da Fátima, pouco antes chegada de Portugal. Ia num andor primorosamente enfeitado pelas catequistas. Para Ela convergiam todos os olhares. A multidão do povo que a acompanhava era grande e o recolhimento extraordinário. Tanto na missa como nas vésperas e pocissão cantou a «Capela de Nossa Senhora da Fátima».

Assim terminaram as solenidades com que se inaugurou em Macau o culto de Nossa Senhora da Fátima, deixando em todos profunda impressão. A promessa feita de honrar a Nossa Senhora da Fátima todos os meses no dia 13 tem-se cumprido à risca, louvores a Deus. A alma de tudo isto foi o Rev Cónego Pintado, coadjuvado pelo Rev. P.e A. Roliz, S. J.

Os cultos à Senhora foram crescendo de mês para mês até Outubro, em que se festejou com grande pompa o dia 13, último das aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos. Bem desejou o Rev. Cónego Pintado organizar nêsse dia a procissão das velas até à Penha, mas não pôde levar a efeito. Nos dias 13 de cada mês nunca faltou em S. Domingos o terço e a prática de tarde.

1930. — Nêste ano com o falecimento do Rev. P.e Pintado, tomou conta do culto de N. Senhora da Fátima o Rev. P.e António Roliz, que continuou a obra começada com não menos ardor que êle. Chegado o mês de Maio de 1930 notou-se ainda maior fervor e entusiásmo do que no ano pasado. Em vez de tríduo houve novena solene. O Rev.Promotor das festas obteve autorisação de Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo para dedicar um dos altares laterais, do lado do evangelho, a N. S. da Fátima e tratou logo de o embelesar, começando a celebrar-se nêle todas as missas da novena. O altar está actualmente um primor. Colocou-se ali um retábulo de Nossa Senhora da Fátima que foi substituido mais tarde pela lindíssima estátua que agora lá se encontra. A novena começou no dia 4, constando de missa às 7.30 com cânticos apropriados. Às 5 da tarde rezava-se alternadamente com o povo o terço, depois havia prática e bênção do SS.

As comunhões de manhã foram sempre muito numerosas, como tive ocasião de ver diàriamente. Tanto de manhã como de tarde a igreja enchia-se sempre de fiéis. A novena foi prègada por três missionários, Rev.dos P.es António Roliz, João Lucas e Luís G. de Garcia. No dia 13, dia da festa, missa da comunhão geral às 7.30, sendo muito mais numerosas as comunhões. *Às 10 houve solenissimo pontifical*, expondo-se a seguir o Santíssimo. A adoração pelo dia adiante foi muito concorrida.

Às 6, houve vésperas, sermão pelo Rev. P.e Luís Garcia, S. J. e bênção do SS., pondo-se em marcha a primeira e solenísima procisão das velas até à Penha, organisada pelo Rev.do P.e António Roliz.

Para haver boa ordem na procissão publicaram-se algumas instruções, aprovadas pelo Snr. Bispo. Nela tomaram parte, sem exagero, todos os católicos de Macau além de muito povo de fóra, de Hong-Kong, Cantão e Shanghai. Tocaram duas bandas e cantaram os seminaristas e todo o povo sem respeitos humanos. Iam todos com a sua vela acesa e com as suas insígnias de peregrinos. A estátua era levada num lindo andor aos ombros das Filhas de Nossa Senhora da Fátima. Chegados à Penha, a estátua foi colocada perto da de N. S. de Lourdes. Seguiu-se o sermão por Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo, com a eloqüência que lhe é própria. Deu-se depois a bênção no interior da capela aos fiéis e fóra nas salas aos doentinhos, que terminou esta devota e imponentíssima procissão das velas, à semilhança das que se fazem em Fátima. A estátua ficou exposta à veneração dos fiéis até à meia noite. Foi sem dúvida a maior, mais concorrida, solene e devota procissão realizada em Macau desde 1904, ano do jubileu da defenição dogmática da Imaculada Conceição, como dizem todos os sobreviventes. Durante a novena e no dia da festa milhares de cordões, velas, insígnias e outros objectos de N. S. da Fátima se venderam e distribuiram em S. Domingos, tudo para aumentar o culto da Senhora, cujos devotos entre portugueses e chineses são numerosíssimos ou melhor, são todos.

Entre os chineses tem sido grande apóstolo de Nossa Senhora da Fátima o Rev. Cónego Domingos Jim. A ornamentação do altar, que esteve sempre lindo durante tôda a novena, foi executada pelas Filhas de Nossa Senhora da Fátima, incansáveis trabalhadoras e promotoras desta devoção. Antes da novena fêz-se um apêlo que foi plenamente ouvido e correspondido, pois muitas e grandes foram as esmolas dadas pelos fiéis. Pela grande concorrência à novena e festa se vê que a devoção aumentou consideràvelmente.

Continúa

O culto de Nossa Senhora da Fátima na Inglaterra

Our Lady of Fatima by F. M. de Zulueta S. J.

Mais um livrinho sôbre o culto de Nossa Senhora da Fátima publicado na Inglaterra pelo R. P.e Zulueta, da Companhia de Jesus, Manreza House, Rochampton, S. W.

Foi editado pela «Catholic Trusth Society», de Londres.

O piedoso autor descreve a origem da Fátima e depois as aparições de Nossa Senhora com os elementos colhidos nos livros que em diferentes línguas se têm publicado e principalmente na carta Pastoral do Snr. Bispo de Leiria traduzida para inglês, pelo menos, em 4 edições.

Esta e outras publicações levam aos fiéis o conhecimento das maravilhas que a Santíssima Virgem tem realizado em Portugal e as graças de que somos devedores ao Celeste patrocínio da nossa boa Mãe.

Este número foi visado pela Censura.

Consagração da diocese de Coimbra ao Sagrado Coração de Maria Santíssima.

(Continuação da Carta Pastoral de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Coimbra)

Maria é a Mãe, no seio da grande família cristã, a distribuir os bens que ganhou com o seu Filho; continúa no céu a cumprir a missão que por Deus lhe foi confiada até à consumação dos séculos.

«Assim como durante a noite a lua transmite à terra os raios que recebe do sol, assim, durante a noite desta vida, Maria, colocada entre Deus e os homens, transmite-lhes os raios da divina graça que ela recebe de Deus. Deus é o princípio da graça; Maria é o meio ou instrumento pelo qual Deus comunica aos homens a mesma graça». (1)

Desta Mediação universal de Maria Santíssima dá-nos testemunho bem claro tanto a Igreja Oriental, como a Ocidental.

Santo Efrém, diácono da igreja da Síria, chama a Maria Santíssima, como já vimos, «Mediadora de todo o mundo depois do Mediador» (2).

S. Germano, Bispo de Constantinopla, dirigindo-se à Virgem Mãe de Deus, diz: «Ninguém, ó Santíssima, consegue a salvação senão por vós. Ninguém, ó Imaculadíssima, é live dos males senão por vós. Ninguém, ó Castíssima, a quem se conceda qualquer dom senão por vós. Ninguém, ó Gloriosíssima, a quem a Misericórdia distribúa o benefício da graça senão por vós» (3).

Santo Anselmo, dirigindo-se a Maria Santíssima, diz-lhe: «Ó Medianeira nossa, recomenda-nos a vosso Filho». (4)

S. Bernardo, o grande Doutor de Claraval, dizia assim: — Considerai com que afecto de devoção quere que honremos a Virgem Maria Aquele que nela depositou a plenitude de todo o bem. Por conseguinte, tudo o que há em nós de esperança, tudo o que há de graça, tudo o que há de salvação, saibamos que dela redunda sôbre nós. Portanto do mais íntimo dos nossos corações, com todo o ardor das nossas afeições e desejos veneremos a Maria, porque tal é a vontade d'Aquele que tudo quis nos adviesse por Maria». (5)

Santo Alberto Magno chama a Maria «Medianeira da nossa reconciliação com Deus». S. Boaventura diz que «a Bem-aventurada Virgem Maria é Medianeira entre nós e Jesus Cristo, como Jesus Cristo é medianeiro entre nós e Deus seu Pai» (6). E S. Bernardino de Sena escreveu estas palavras que depois fez suas o Santo Padre Leão XIII: «Tôda a graça concedida ao mundo segue esta tríplice gradação: — de Deus a Jesus Cristo, de Jesus Cristo à Santíssima Virgem, da Santíssima Virgem aos homens: tal é a ordem maravilhosa da sua disposição» (7).

Tudo por Maria (8).

IV

Consultando a história da Igreja, vemos como os grandes actos comprovam esta doutrina. Recordemos alguns apenas (9).

Logo no princípio, depois da Ascensão do Senhor, por ordem dêste os Apóstolos reünem-se no Cenáculo, e aí, no recolhimento e na oração, durante dez dias, preparam-se para receber o Espírito Santo. E a Sagrada Escritura, sempre tão sóbria a respeito de Maria Santíssima, diz-nos expressamente que com os Apóstolos estava em oração «Maria, Mãe de Jesus» (Act. 1, 14). Maria Santíssima, no meio dos Apóstolos, oranda por êles com inefáveis gemidos, obtem-lhes os dons abundantíssimos do Espírito Santo, que os confirmam na fé e lhes permitem o milagre da conversão do mundo.

Depois vemos Maria Santíssima descer às catacumbas e inspirar coragem aos seus filhos, os primeiros cristãos, e obter-lhes as fôrças para o martírio (10).

Depois, na época das heresias, é ela que vence e conserva a unidade da Igreja (11).

Depois das grandes heresias o Islamismo ataca furiosamente a cristandade, quere apoderar-se da Hungria e passar daí à Itália para destruir o Papado na sua própria séde. Então Maria Santíssima corre em socorro dos cristãos, e as hordas muçulmanas são miraculosamente vencidas pelo exército de Estevão, rei da Hungria e êste, como prova de gratidão, decretou que daí em diante o seu reino se chamaria «reino de Maria Santíssima.»

No século XIII Maria Santíssima dá o Escapulário ao Bem-aventurado Simão Stock, e o Rosário a S. Domingos de Gusmão, e o Escapulário e o Rosário são as mais belas provas da aliança de Maria com os seus filhos queridos.

Mais tarde nova irrupção muçulmana tentada na Itália para tomar Roma ao Sumo Pontífice. O Papa S. Pio V ordenou preces públicas, invocando o socorro da Santíssima Virgem. Sob a sua inspiração organizou-se a *Liga dos Príncipes Cristãos*. E pouco depois a grandíssima frota turca é submergida em Lepanto pelas poucas naus às ordens de D. João de Austria (12). Começara a batalha na tarde de sábado, 7 de outubro de 1571. S. Pio V em reconhecimento desta prodigiosa vitória de que miraculosamente teve conhecimento, foi em procissão com todo o povo romano à Basílica de Santa Maria Maior, e ordenou que à Ladainha de Nossa Senhora se juntasse a invocação: «Auxílio dos cristãos (auxilium christianorum), orai por nós.»

Já no princípio do século XIX Napoleão, tendo-se apoderado de todos os Estados da Europa, quis também assenhorear-se de Roma. Manda um exército à Itália, e traz prisioneiro para a França o Soberano Pontífice Pio VII. Este santo velho, na sua via dolorosa, passou por Savona, e poude ir ajoelhar-se perante a imagem de Maria no célebre santuário dessa cidade. Diante dela pediu com tôda a sua alma o socorro da Mãe de Deus. E lá seguiu para o castelo de Fontainebleau, onde ficou prisioneiro.

Mas pouco depois Napoleão, vencido pelas potências aliadas, é encerrado naquele mesmo castelo. O Papa volta triunfalmente para Roma, e em reconhecimento desta tão grande graça de Maria Santíssima vai em peregrinação a Savona, e com grande solenidade êle mesmo coroou a imagem da Santíssima Virgem dêsse histórico santuário.

Em 1848 o grande Papa Pio IX viu-se obrigado a fugir de Roma, ameaçado de morte pelos revolucionários. No seu exílio em Nápoles ordenou preces públicas para obter da Santíssima Virgem o seu regresso à Cidade Eterna. Em 1850 Pio IX volta para Roma no meio das aclamações de todos os cristãos, e em 1854, na presença de 300 Bispos e de enorme multidão de fiéis, na Basílica de S. Pedro, definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição.

Quatro anos depois a *Imaculada Conceição* apareceu em Lourdes, e aí estabeleceu o milagre permanente.

E Portugal?

(Continua)

(1) P. Bover — *Obra cit.*, pág. 19.
(2) Of. referido, na lição 4.ª — Vid. Dict. *de Théol.* cit., pág. 2390.
(3) Of. referido, na lição 5.ª
(4) O mesmo Santo ensino que Maria é Mãe de todos os que creem em Deus e que sem ela *nihil pietatis est nihilque benitatis.*
(5) Quia sic est voluntas ejus qui totum nos habere voluit per Mariam. Haec, inquam, voluntas ejus, sed pro nobis. (Of. ref., na lição 6).
(6) Diz ainda que Maria é chamada *porta do céu* quia nullus potest jam coelum intrare nisi per Mariam transeat tanquam per portam.
(7) Leão XIII — Enc. *Jucunda semper*, de 8 de setembro de 1894.
(8) Esta mediação universal de Maria, esta doutrina de que todas as graças sobrenaturais nos são obtidas pela intercessão de Maria Santíssima, não encontrou mais oposição notável depois da defesa de Santo Afonso de Ligório (*Les Gloires de Marie*); e com Leão XIII, Pio X e Bento XV obteve a aprovação da Igreja.
Tal mediação não torna inútil nem suprime a mediação dos outros Santos. Os Santos depõem as suas petições nas mãos de Maria para que ela as apresente a Jesus. Sempre que se ora aos outros Santos, ou mesmo imediatamente a Deus, esta oração é acompanhada das orações de Maria Vid. *Dict. de Théol.* cit., pág. 2404 e P. Bover — *ob. cit.*, pág. 54.
(9) *Primeiro Congresso Mariano* cit., pág. 46 e seg.
(10) P.e S. Auraches — *Flores de Mato* — Porto, 1916, pág. 283.
(11) ...*cunctas haereses sola interemisti in universo mundo* (Of. B. Marie Virg., 3.ª Noct.).
(12) Eram 300 os navios turcos e 209 os comandados pelo filho de Carlos V. Os turcos perderam 275 navios e 30.000 homens; os nossos apenas 15 galeras e 8.000 homens, e libertaram 15.000 cristãos cativos (L. Marion — *Hist. de l'Egl.* — Paris 1913, t. 3.º pág. 189 e 190).

«Bote von Fátima»

As pessoas que conhecendo o alemão ou outras que desejem assinar o Mensageiro da Fátima (Bote von Fátima) podem dirigir-se à Administração da «Voz da Fátima», em Leiria.

A assinatura anual custa 10 escudos, incluindo o correio.

As direcções devem vir muito claras para não haver enganos.

Lembra-se aos devotos de Nossa Senhora que o jornalzinho publicado em alemão, na Suissa, além da propaganda, pode ser um meio de chamar para Deus almas transviadas da verdadeira fé.

Dádiva generosa

Para a Missão de Nossa Senhora da Fátima na Zululândia, chegou a esta Redação a quantia de 500$00 que um caridoso anónimo houve por bem enviar.

O seu nome será conhecido dos homens apenas no dia das grandes recompensas.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Paralisia

A minha irmã, Ana da Silva, adoeceu gravemente no mês de Outubro a ponto de não poder mover os membros do lado esquerdo. Chegou a achar-se tão mal que à meia noite lhe foram administrados os Sacramentos da Comunhão e Extrema-Unção.

Passados alguns dias, quando ainda estava de cama, foi-lhe dada alguma água de Nossa Senhora da Fátima, que tiveram a bondade de me dar, continuando a tomar algumas gotas durante alguns dias.

Graças a Nossa Senhora da Fátima, a minha irmã melhorou consideràvelmente podendo já caminhar sem dificuldade, favor que quero agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

Cochim — 1932.

M. da Silva

Tifo

O Sr. Agostinho Fernandes veio chamar-me para tratar da cura de seu filho José. O pobre jovem estava sofrendo duma febre tifoide com tão graves complicações que senti faltar-me a coragem para tomar a responsabilidade da sua cura, e sugeri que seria melhor chamarem algum outro médico. Como porém êles quizessem que eu e não outro tratasse do caso, resolvi aceitar pondo a minha confiança em Cristo Jesus e na Virgem Maria, Saúde dos enfermos.

Comecei a tratá-lo com todo o cuidado prescrevendo ora um ora outro remédio conforme os sintomas.

Com admiração minha, o jovem começou a melhorar com uma rapidez fora do comum porque os sintomas eram dos piores. Eu mesmo disse aos pais do doente que considerava esta cura como um caso extraordinário. Julgo-me, porém, hoje justificado em pensar assim, porque um pouco mais tarde a mãe disse-me ter administrado ao filho água de Nossa Senhora da Fátima a quem estava fazendo uma novena para que os meus medicamentos fôssem eficazes.

Estou convencido que houve aqui uma intervenção especial de Nossa Senhora da Fátima sem a qual, estou plenamente convencido, o meu trabalho teria sido completamente inútil. Agora sinto-me feliz por poder apregoar, como médico, a todos os meus amigos a valiosa protecção da Mãe de Jesus. Sempre, mas agora duma maneira especial, os meus ardentes votos são que a devoção a Nossa Senhora da Fátima se difunda largamente, assim em Cochim bem como por todo o mundo para bem das nossas almas e até mesmo dos nossos corpos.

Cochim — 1932

Dr. P. George

Mão deslocada

Alegro-me por poder informar a V.ª Rev.cia que a minha filhinha Celina está muito melhor desde que começou a usar a água de Nossa Senhora da Fátima. Agora já pode conservar as coisas na mão que já pode elevar um pouco o que até aqui não podia fazer.

Não aplico nenhum outro remédio senão a água da Fátima em fricções, o que tem dado resultados maravilhosos. Agradeço a Nossa Senhora tão grande Misericórdia para com a minha filha que tanto sofreu.

Cochim — 1932

Agnal Gomes

Pneumonia

De uma carta escrita ao Snr. P.e Martins, de Cochim, foi enviado à Redacção da *Voz da Fátima* o seguinte excerpto:

«A Dr.ª M. de Sousa adoecera com uma pneumonia a que se seguiram outras complicações. Para aumentar ainda o mal, os médicos, incluindo o Médico oficial Maior do Estado de Cochim e o nosso Médico-Cirurgião declararam unanimemente que a doente sofria também do coração, tendo por conseguinte poucas esperanças de a salvar. A minha filha e uma cunhada da doente foram visitá-la no último domingo levando consigo água de Nossa Senhora da Fátima. Depois de lhe darem a beber a água que levavam e de lhe entregarem uma estampa e uma medalha de Nossa Senhora da Fátima, a doente começou a melhorar tão sensivelmente que, com admiração dos médicos assistentes, hoje considera-se radicalmente curada».

— Noutra carta ao mesmo Sacerdote diz-se o seguinte:

«A minha nóra, M. da Cruz, diz ter sido ela mesma quem deu a água da Fátima duas vezes à Médica Dr.ª M. de Sousa, quando estava sem sentidos, e que foi nessa mesma tarde que começou aquela maravilhosa mudança para melhor no estado da doente».

Rotura de veias

A minha esposa sofria últimamente duma rotura nas veias da perna esquerda pelo que sangrava abundantemente.

Tinha consigo um pouco de água da Fátima que pessoa amiga lhe mandára por favor. Com essa água lavou por algumas vezes a ferida e dentro de alguns minutos o sangue estancou para sempre!

Tanto eu como a minha esposa acreditamos que a cura se deve sòmente à aplicação da água da Fátima e por isso aqui agradecemos a Nossa Senhora a sua maravilhosa proteção.

Pode V. Rev.cia dar a esta carta tôda a publicidade que entender, tudo para maior glória de Nossa Senhora da Fátima.

Cochim — 1932

J. A. Gomes

Apendice e tumor nos intestinos

Há quatro anos deu-me uma forte cólica cuja causa desconhecia. Por indicação do meu médico Dr. Alberto Cruz fui ao Pôrto consultar o especialista Dr. Alberto Ribeiro.

Fui por êste aconselhada a internar-me no Hospital do Carmo onde, com brevidade, devia ser operada da apendicite. Assim o fiz embora com muito custo.

Se até aqui muito tinha pedido a Nossa Senhora, agora mais do que nunca recorri e confiei na sua protecção, e estou certa que não deixei de ser atendida, pois que, apezar da operação ter sido feita não só à apendicite mas também a um tumor nos intestinos com que os médicos não contavam, de tudo sarei como uma brevidade que surpreendeu os próprios médicos que me disseram não contar já comigo.

Em tudo isto, vejo a mão bendita de Maria Santíssima Minha boa Mãe, e portanto quero proclamar aqui no seu jornalzinho as suas misericórdias para com todos os que sofrem.

Freamunde

Aurora Taipa Coelho de Brito

Ataques

Um filho meu, hoje com sete anos, sofria desde criança de ataques nervosos que o atormentavam muito, e por sua vez faziam sofrer os outros com um sem número de impaciências. Esta doença torturava-me, não tanto por ter de sofrer os desarranjos do meu filho, como porque já se ia julgando que êle seria real e habitualmente doido.

O ano passado resolvi levá-lo a banhos do mar que o serenaram um pouco, mas não por muito tempo, pois em Março dêste ano, apoz a vinda do pai que regressou do Brasil, senti-o mais agitado tornando-se quási insuportável. Esgotados todos os remédios, comecei no fim de Maio, a Nossa Senhora da Fátima, uma novena que terminou já em Junho. Finda esta, o pequeno sentiu melhoras totais não conservando hoje absolutamente nada do que antes o atormentava.

E como esta graça para mim tão surpreendente continúa a dar-me a certeza da cura de meu filho, apresso-me a enviar o meu agradecimento que muito desejo ver publicado no jornalzinho *A Voz da Fátima*.

Freamunde.

Maria da Conceição Costa

Agradecimento

Estando eu ausente em França, recebi da minha aldeia natal um telegrama em que me era comunicado que minha querida mãe se encontrava prestes a morrer.

Desolado com a notícia, lembrei-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima a quem fiz algumas promessas.

Parti imediatamente para Portugal pedindo sempre a Nossa Senhora que ao menos me deixasse encontrar ainda a minha Mãe viva.

Nossa Senhora da Fátima alcançou-me não só o que eu lhe pedi mas mais ainda, e foi que quando cheguei a doente encontrava-se já um pouco melhor. Hoje, graças a Nossa Senhora, ainda vive e goza perfeita saúde, favor que devo e quero agradecer a Nossa Senhora aqui publicamente depois de ter já cumprido as minhas outras promessas.

Aldeia de S. Antônio.

Joaquim Tavares da Fonseca

Graça espiritual

Fazia o meu noviciado em terras estranjeiras. Aproximava-se já o dia em que regularmente devia emitir os meus primeiros votos, mas eu sofria imensamente, porque os escrúpulos se haviam apoderado de mim. O meu sofrimento aumentava ao lembrar-me que, certamente, com tal doença não seria admitido à profissão. Como recebia o jornal da Fátima, a minha confiança em Nossa Senhora aumentava cada vez mais dando-me isto alguma consolação no meio da aridez dos escrúpulos.

Depois de tomar conselho, resolvi fazer a Nossa Senhora da Fátima o voto seguinte: *«prometo publicar esta graça no seu jornal, se Nossa Senhora da Fátima me curar e eu puder ser admitido no dia determinado a fazer a profissão religiosa».*

Nada mais foi necessário para que Nossa Senhora me concedesse esta graça tão insigne, graça que muito desejava ver publicada na *Voz da Fátima* o mais brevemente possível.

Viana do Castelo

João Miguel de Barros

Queimadura

Estando sósinha sentada no lar aleitando uma criancinha de 7 dias, caí sem sentidos no lume e ficando com o peito e as mãos horrorosamente queimadas. A criancinha nada sofreu, felizmente.

Os vizinhos algum tempo depois me acudiram. Julgavam ser impossível que eu escapasse depois de tão cruel queimadura.

Quando recuperei os sentidos, com as lágrimas nos olhos e com a maior devoção possível, pedi a Nossa Senhora da Fátima que me curasse para eu poder acabar de criar os meus pobres filhinhos.

Prometi a Jesus Sacramentado ir comungar com o meu marido e com a minha filha mais velha, na primeira sexta feira do 1.º mês em que eu pudesse ir à Igreja, e continuariamos todos os meses fazendo as nove primeiras sextas-feiras.

Prometi também ir à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora a minha cura se ela me fôsse concedida, desejando também que ela fôsse publicada na *Voz da Fátima*.

Depois de algum tempo de sofrimentos bem cruéis cicatrizaram por completo as feridas, de maneira que já posso cuidar da administração interna da minha casa, do meu marido e dos meus filhos. Com a publicação desta graça ficam cumpridas tôdas as minhas promessas.

Honra, glória, louvores e graças sejam sempre dadas a Jesus Sacramentado e a N.ª Senhora Maria Santíssima Mãe de Deus e Nossa Mãe!...

Rexaldia

Maria Cabeleira Lopes

Tifo, enterite, bronquite, etc.

Peço para agradecer a Nossa Senhora da Fátima, no seu jornalzinho que tanto estimo, a graça extraordinária de me ter curado de várias doenças graves.

Estando simultâneamente atacada de febre tifóide, enterite, bronquite e uma pneumonia, e tendo sido pelos médicos declarado incurável, a minha boa espôsa recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo a minha cura e foi imediatamente atendida pela Mãe do Céu.

Dois anos mais tarde, atacado de uma tuberculose óssea, os médicos impuseram-me repouso absoluto. Cumpri por muito tempo a prescrição médica mas sem resultados sensíveis absolutamente alguns. Recorremos depois a Nossa Senhora da Fátima e mais uma vez obtive de sua poderosa e bemfazeja mão a graça tão grande de me ver livre daquela tão grave doença que, sem uma raspagem dos ossos, quási se pode chamar incurável.

Tavarede

Manuel de Jesus Rodrigues

Quisto

Na minha terra — Pôrto de Mós, tive há tempos um *quisto*, cujo tratamento confiei ao Sr. Dr. Roque, médico nesta Vila. Julgava-me perfeitamente curado, e por isso e porque necessitava de angariar mais alguns meios com que me sustentar e à minha família — mulher e quatro filhos, o mais velho dos quais tinha apenas sete anos, resolvi ir ao estranjeiro. A 23 de junho estava em Montevideu, no Uruguay, e a 7 de julho do mesmo ano estava já empregado.

Trabalhava havia apenas 3 dias quando o quisto, que eu julgava havia desaparecido por completo, começou de novo a crescer.

Numa terra estranjeira, sem família, sem dinheiro e sem poder trabalhar, vendo-me assim doente, resolvi confiar-me a Nossa Senhora da Fátima pois só Ela me poderia ali valer. Rezei-lhe muito e fiz algumas promessas, mas não perdi o tempo, porque apesar da minha indignidade, a Mãe do Céu atendeu-me. Uma ocasião em que eu, lastimando a minha sorte, mostrava o quisto que tinha na clavícula a um meu companheiro e amigo, com surpresa e alegria para mim o *quisto começou* a purgar com excessiva abundância. Desapareceu desde então sem nunca mais me incomodar, podendo agora sem dificuldade trabalhar para meu govêrno e de minha família que deixei em Portugal.

Montevideu

Manuel Augusto Vieira

Graças diversas

— Rosa da Silva Santos, de Matozinhos, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de sua Mãe para quem os recursos da medicina foram absolutamente ineficazes durante muito tempo.

— Maria do Rosário dos Santos, de Bruscos, pede para que na *Voz da Fátima* seja agradecida publicamente uma graça temporal que de Nossa Senhora da Fátima alcançou para uma sua irmã que se encontrava perigosamente doente.

— Tendo implorado a intercessão de Nossa Senhora da Fátima para as melhoras do meu marido que se encontrava gravemente enfermo, venho agora manifestar a minha grande satisfação e profundo reconhecimento pela graça recebida.— *Helena Viana de Meira* — Coimbra.

— *Cândida de Sousa Nogueira Azevedo*, — Souto-Leiria, teve uma congestão pulmonar em Dezembro de 1929. Recorreu a N.ª Senhora da Fátima e tendo melhorado, vem agradecer.

— *Maria do Rosário de Oliveira Lavrador*, de Beja, agradece a N.ª Senhora uma graça particular.

— *Madalena dos Santos*, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora duas graças temporais concedidas uma a sua filha Maria Felícia e outra a seu marido João dos Santos.

— *Amélia Soares*, da Nazaré e moradora em Peniche, vem agradecer a cura de seu filho Júlio. Sofria há muito duma fraqueza tal que era tido como tuberculoso. Aos 12 anos depois de inutilmente ter tomado diversos medicamentos, bebeu da água do Santuário depois de ter abandonado a medicina, e pouco depois começou a sentir-se melhor. Hoje encontra-se perfeitamente bem.

— *Emília Guedes de Oliveira*—Olival, Gaia, agradece a Nossa Senhora da Fátima as melhoras que alcançou para seu marido até então doente.

— *Regina Rosa Borges*, da freguesia da Ajuda—Lisboa, cheia de alegria vem publicar e agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter levado o seu marido a autorizar a celebração do seu casamento religioso.

Por muitos anos, diz, viveram ilegitimamente. Agora, por graça especial de Nossa Senhora, legitimamente unidos desde o dia da primeira Comunhão de sua filha mais velha, sentem mais felicidade do que nunca até então haviam sentido.

Falecimnto de um devoto de N.ª S.ª da Fátima

Em Augsburg faleceu a 19 de fevereiro passado o Rev. Joseph Rösch, vítima da tuberculose e por quem várias vezes se orou nas peregrinações, sendo sua Família bemfeitora do Santuário.

Da carta em que a sua desolada Mãe participava o triste acontecimento ao Rev. Dr. Fischer, muito amigo daquela família, boa e piedosa, recortamos o seguinte trecho:

«O nosso bom filho tinha uma grande confiança em Nossa Senhora e faleceu com os olhos fixos na imagem de Nossa Senhora da Fátima que veio de Leiria.

Está agora com o Divino Salvador que recebeu, uma hora antes da morte, no seu coração puro. Pedimos as vossas orações sacerdotais para que a Santíssima Virgem nos dê conformidade nesta grande dôr».

Aos nossos leitores rogamos se lembrem dêste devoto de Nossa Senhora nas suas orações.

Justo castigo da justiça de Deus

O facto é autêntico.

Em 1926, quando era intensíssima a perseguição movida pelo Czar Negro Calles contra os católicos do México, alguns oficiais federais iam de viagem no rápido do México.

Era alta noite, e o espresso corria, atravessando a imensa planície, precedido da luz despedida pelo farol da locomotiva. A alturas tantas, um dos militares que trazia os galões de capitão, depois de fitar demoradamente um dos passageiros que lhe chamara a atenção, exclamou, dirigindo-se aos companheiros de viagem:

—Vocês vêem aquêle sujeito sentado ali ao fundo do carro? Aposto que é um Padre.

— Ora essa! você está com a mania de ver Padres em tôda a parte.

— Creio que não me engano: é um sacerdote disfarçado à paisana que procura evadir-se.

— Isso diz você, mas como o prova?

— Vou já prová-lo e ainda havemos de dar boas gargalhadas à custa do homenzinho.

Picados pela curiosidade e desejosos de passar alguns momentos divertidos, os oficiais foram-se aproximando do passageiro suspeito.

Houve uns sussuros... A ver como acaba a comédia.

O jovem capitão cai em contorções, tomado de tremores convulsivos. Geme, os companheiros procuram valer-lhe, quando o infeliz entre espasmos murmura:

— «Vou morrer... estou a morrer... depressa... um padre! quero confessar-me».

— Que mudança repentina, mas tardia!

Em redor dêle, os viajantes confusos acódem pressurosos a ver o desenlace do caso, outros sobem aos assentos do carro para verem melhor o que se passa. Um dos oficiais dirige-se então aos passageiros, preguntando se porventura não haveria entre êles algum sacerdote, que podesse atender o doente e dar-lhe a absolvição.

Muitos olhos se volvem instintivamente para o misterioso viajante que está a um canto do carro.

Será talvez um Padre?... E se o fôr realmente que partido tomará nestas circunstâncias críticas?

Era efectivamente um sacerdote, que acabava de escapar de uma província onde a perseguição era particularmente atroz, e onde se havia dado ordem expressa de fuzilar todos os eclesiásticos. Teria a coragem de se dar a conhecer e de arriscar a liberdade e a própria vida em favor daquele perseguidor?

O perseguido hesita um instante apenas.

Poderia êle, sacerdote, deixar morrer um homem, que está em pecado e em iminente perigo de se condenar ao inferno por tôda a eternidade?... Poderia preferir a própria vida à salvação eterna daquela própria alma?...

Recomenda-se a Deus, levanta-se resolutamente e exclama sem temor: «Senhores, eu sou um sacerdote. Façam o obséquio de se afastar, para que possa ouvir a confissão dêste militar».

Enquanto os presentes se iam afastando respeitosamente, os oficiais trocavam sinais entre si...

O capitão está estendido no chão, como se um espasmo supremo lhe tivesse distendido os musculos. O sacerdote ajoelha-se ao seu lado e diz-lhe ao ouvido:

— *«Meu filho, arrependa-se dos seus pecados e reze o acto de contrição; Meu Jesus, Misericórdia!»*

Silêncio de morte!

«Vamos, meu filho, tenha confiança na infinita misericórdia de Deus e confesse os seus pecados».

Sempre o mesmo silêncio, nenhuma sílaba, nem um sinal sequer de vida.

Em momento de tanta aflição, o sacerdote passa a mão pela fronte do capitão. Está gelada!... o rosto lívido... nem o mais leve movimento!...

Não há lugar para dúvidas: o Padre está ajoelhado ao lado de um cadaver! A farça sacrílega e de mau gôsto terminou em tragédia. Deus acudiu imediatamente em defêsa do seu ministro e fulminou o militar mistificador com um castigo tremendo para si e exemplar para os outros.

O rápido continuava na sua corrida vertiginosa por entre as trevas da noite. E que noite tão trágica!... O oficial que havia interpelado os passageiros e pedido um sacerdote para assistir ao capitão, estupefacto com a cêna inesperada, cai de joelhos e confessa-se sinceramente àquele mesmo sacerdote, cuja perda planeara. Mais tarde valeu ao Ministro de Deus e facilitou-lhe a fuga.

Sempre é verdade que Deus vela carinhosamente pelos seus filhos e Ministros, e sabe transtornar os planos satânicos dos seus perseguidores.

(De «O nosso Seminário»)

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte	378.588$37
Papel, comp. e imp. do n.º 126 (53.500) ex.),...	2.996$20
Franquias, embalagem, transporte, etc.	1.308$00
Na administração — Leiria	249$50
Total	383.142$07

Donativos desde 15$00

P.e Martinho da Rocha — T. Novas, 20$00; Cristiana da Silva — Cascais, 20$00; Clotide de Almeida—Gaia, 30$00; Maria Sampaio — Lordelo, 70$00; Rosa de Oliveira Miranda — Lisboa, 20$00; José António Antão — S. Pedro, 40$00; Deolinda Pinto — Avintes, 20$00; Manuel P. Moreira — Avintes, 15$00; Manuel Vieira — Avintes, 30$00; Francisca Marques — Benavente, 20$00; Mariano Lopes — Matozinhos, 30$00; José Gonçalves — Póvoa do Varzim, 20$00; Felizbela Henriques — Nelas, 20$00; Maria Albertina — Murtoza, 15$00; Distribuïção em Lousã, 50$00; Ana dos Santos — Lousã, 25$00; Júlia de Carvalho — Caldas da Raínha, 25$00; António Marques — Varzielas, 42$10; Maria Rego — Rio de Janeiro, 25$00; Conceição Baptista — Brasil, 25$00; Olimpia Teixeira — Ipanema, 20$00; P.e José Augusto Ferreira — S. Pedro da Alva, 35$00; Isabel Viera — Assenta, 35$00; Luciano José Cutileiro — Lavre, 120$00; Júlia Marques — Ermezinde, 20$00; Maria Constantina —Ponta Delgada, 50$00;

Maria do Carmo — Ponta Delgada 15$00; José F. Evaristo — Ovar, 30$00; Amélia Guiot — Elvas, 20$00; Distribuição em Vila F. de Xira, 70$00; Maria José — Vila Franca de Xira, 30$00; Matilde Noronha — Madeira, 30$00; Mariana Guilherme — Nova Gôa, 40$00; Maria Pegado — Nova Gôa, 20$00; José Lagôa — Brasil, 30$00; António Antunes — Brasil, 15$00; António M. dos Santos — Recarei, 32$50; Emília Rosa Sá — Vila do Conde, 25$00; Adelaide Bernardo — Proença-a-Nova, 20$00; Maria Eugénia — Turcifal, 20$00; Esmola do Turcifal, 50$00; P.e Joaquim Manso — Lisboa, 20$00; José das Neves — Brasil, 30$00; Elisa do Resgate — Belas, 15$00; Dr. António Manuel Pereira — Lisboa, 70$00; Júlio Manuel Pereira — Lisboa, 70$00; Maria do Carmo Pires — Pôrto, 28$20; Distribuição em Orvalho, 25$00; P.e Tomás de Aquino — Orvalho, 20$00; Angelina de Abranches — Bélgica, 20$00; Helena Tavares — Setúbal, 20$00; Capitolina Novais — Pôrto, 20$00; José J. Nunes — Beira, 15$00; Joaquina Novais — Moreira do Rei, 25$00; Aurora do Carmo—Braga, 15$00; Apostolado da Oração — Vila Viçosa, 100$00; Emília de Camões — P. de Ferreira, 20$00; Helena Lobo — Lisboa, 30$00; Lucinda de Jesus—Lisboa, 20$00; Francisco Brandão — Pôrto, 20$00; P.e Lourenço F. da Silva — Pôrto, 50$00; Feliciana Hall — Penalva, 20$00; Abade de Esmoriz, 86$60; Luísa Soares — Chaves, 30$00; Filomena Leoni — Belas, 20$00; Eduarda Marcarenhas — C. do Sol, 20$00; Prior do Beato — Lisboa, 70$00; António Farinha — Sertã, 50$00; Visconde de Landal — Vila Nova de Ourém, 20$00; Augusta Alvares — Lisboa, 20$00; António da Costa — Pôrto, 20$00; Malaquias da Silva — Brazil, 15$00; José M. Dias — Brasil, 15$00; Maria Vigária — Brasil, 15$00; Amélia Ribeiro — Brasil, 15$00; José dos Reis — Brasil, 15$00; P.e José Castanheira — Brasil, 15$00; António Pinto—Brasil, 15$00; Joaquim Moreira — Brasil, 15$00; Manuel Abreu — Brasil, 15$00; Júlio Marques—Brasil, 15$00; Manuel Calças—Brasil, 15$00; Maria Clementina Abreu—Lisboa, 15$00; Glória Cruz — Zafra, 50$00; Dr. Alfredo Saraiva — Amaral, 15$00; Ana de S. Menezes — Açores, 20$00; Elias Machado — Guimarães, 50$00; Joana Lobato — Évora, 20$00; Amélia Lourenço — Açores, 15$00; Amélia Belindrinha—Agueda, 50$00; P.e Martinho Forner—Brasil, 29$60; N.o 7616—Moura, 50$00; Maria da C. Forjaz — Açores, 15$00; Francisca Delfina—Açores, 20$00; Inês Alma — Açores, 45$00; Maria J. Miranda — Açores, 20$00; Maria Isabel Russo — Castelo de Vide, 25$00; P.e Evaristo Gouveia — Açores, 90$00; P.e António Baptista — Alcains, 15$00; Isabel Farinha — Redondo, 20$00; Maria S. Romba — Mértola, 20$00; Saturnina Barriga — Figueira da Foz, 20$00; Felicidade de Jesus — Lagos, 20$00; Bela Pulido — Barrancos, 20$00; Maria Blanco Fialho — Barrancos, 20$00; Maria dos Remédios Peres — Barrancos, 20$00; Maria Peres, Barrancos, 20$00; D. Cacilda Vasconcelos—Tete, 100$00; D. Alda Pontes—Tete, 50$00; António Joaquim Fernandes — Tete, 50$00; Olencio Teles — Tete, 50$00; D. Arlete Nunes — Tete, 40$00; Mário Colimão — Tete, 40$00; D. Eugénia Rebelo Cardoso — Tete, 35$00; Anónimo — Tete, 30$00; D. Maria Virginia Schwalbach — Tete, 30$00; D. Lucinda Monteiro — Tete, 30$00; D. Maria Martins — Tete, 30$00; Arnaldo Ribeiro — Tete, 30$00; D. Maria do Carmo Almeida Raposo — Tete, 25$00; D. Alice Beirão — Tete, 25$00; Anónimo — Tete, 25$00; Lucena Coutinho — Tete, 20$00; Joaquim Luís Carrasco — Tete, 20$00; Agapito Fernandes — Tete, 20$00; Frederico I. Ribeiro — Tete, 20$00; A. Fonseca Serra — Tete, 20$00; D. A. Carvalho — Tete, 20$00; J. N. — Tete, 20$00; J. Alberto Rodrigues — Tete, 20$00; Mário Pancas — Tete, 20$00; Ilidio da Silva—Tete, 20$00; José da Rocha — Tete, 20$00; Luís dos Santos — Tete, 20$00; Albano Augusto — Tete, 20$00; Augusto B. Rodrigues — Tete, 20$00; José Marques — Tete, 20$00; Manuel S. Dias — Tete, 20$00; De 6 subscritores — Tete, 60$00; Lucinda Guerra — Açoreira, 20$00; Filomena Fernandes — Açoreira, 15$00; Teresa Abreu — Açoreira, 15$00; Carolina Mariz — Montenegro, 25$00; Dr. Roberto Monteiro — Madeira, 20$00; Isabel Gonçalves — Guarda, 15$00; Joaquim Moreira — Gaia, 15$00; Natalia Canêdo — Vouzela, 20$00; Guilherme Pacheco—Vila Flor, 20$00; P.e Alípio de Almeida — Cerdeira, 20$00; D. Carolina Lopes Quintas Lourenço Marques, 50$00.

PORQUE TE VEJO TÃO TRISTE?

1.º — é porque soube que na terra de... recebem-se 100 jornais que não só não são pagos mas nem sequer são lidos. A pessoa para quem êles vão utilisa-os só para embrulhos.

2.º — é porque alguns Senhores assinantes estão continuamente a mudar a direcção do seu jornal, às vezes sòmente porque vão passar um mês a outra terra. Não seria possível uma pessoa de família receber e entregar-lhe o jornal sem ser necessário mudar-se aqui a direcção?

3.º — é porque por mais que se peça que mandem o número quando necessitarem de qualquer mudança nos seus endereços, são muitíssimo poucos os que o mandam e por isso às vezes torna-se impossível atender os seus pedidos.

4.º — é porque às vezes os relatórios das graças recebidas vêm duma maneira tal que custa a perceber o que querem dizer aqueles que as receberam.

Uma primeira Comunhão no alto-mar

Narrativa de um Sacerdote

«Há doze anos o navio mercante Saint Colombant, vindo da Oceânia, e dirigindo-se ao Havre nagegava no mar Indio.

Manhã serena. O barco brincava, altivo, com as ondas. Os passageiros — dois só — espaireciam na ponte.

Um era o P. Joseph, missionário marista, já gasto de trabalhos na evangelização dos selvagens.

Regressava agora, para descanço, à França.

O outro, era um orfãozinho que êsse padre tomara à sua conta, por o vêr só no mundo.

Criança encantadora!

Só sonhava na sua primeira comunhão.

Essa era a sua aspiração suprema. Falava dela com tanta graça e doçura que a todos os que o ouviam, comovia.

O bom padre sorria com as doces e inocentes expansões dêste menino, um dia, talvez, missionário, como êle, nas terras onde passara o melhor da sua vida.

* * *

Entre os marinheiros, notava-se o bretão Zvou Le Braz, velho lobo de mar, bom e valente cristão.

As suas delicias eram o menino de bordo. Muitas vezes, nas horas de ócio, o acariciava com estas palavras: «Sabes, meu pequenote? Parece-me que estás fadado para seres um famoso marinheiro do Senhor e navegares, velas despregadas, para o Paraizo.

Como já disse: manhã serena; mas ao meio da tarde céu nublado. Não tardou horrivel tempestade.

Ouviu-se um ranger sinistro. O navio fucinhou nos escolhos e começa a tomar grande soma de água pelo bordo.

O mar, todo com serras, já sobe às nuvens, já desce aos abismos. O capitão, a grandes brados, chama pelos marcantes. Todos fóra de si, sem juizo, sem advertência, e sem tino, porque sua arte e ciência náutica se tinha perdido.

Não tardou em os escaleres de bordo serem assaltados.

Segundos depois, no alto da ponte, só alguns marinheiros, o missionário, e o orfãozinho.

— «Capitão», exclama o P.e Joseph, apertando contra o peito o Relicário que trazia consigo, «quanto tempo teremos ainda de vida»?

«Dentro de vinte minutos o Saint Colombant ficará submergido, a não se dar um milagre por Deus! Absolva-nos».

«— Um momento» e dirigindo-se ao menino assim lhe fala:

«— Meu filho, vamos morrer. Queres receber Jesus Sacramentado, fazer tua primeira comunhão?

«— Oh! sim, padre. Que felicidade a minha!»

E cai de joelhos, transfigurado.

A morte não o assusta.

«— Reza, meu filho, reza ao Pai do Céu e a Nossa Senhora. O momento de receberes pela primeira vez seu Divino Filho Sacramentado, chegou; e vós, meus irmãos, meus amigos, aponta, voltando-se para os marinheiros, rezai por êle; rezai por vós; pensai em Deus!»

Todos em voz alta:

«— Padre, absolva-nos».

O perdão desceu sôbre aquelas frontes inclinadas.

As ondas crescem mais e mais O mar todo em serras levantado... O P.e Joseph, absorto em muda acção de graças por Jesus ir entrar no coração angélico do seu protegido

«— Padre, observou por último o capitão, não há que esperar, vamos já ser devorados pelas ondas.

O bom Missionário vendo o navio quási submerso, tira do seio o sagrado Relicário, onde reservára uma particula consagrada, destinada ao menino. Êste, nos braços de Ivou, ao vê-la, exulta pela sua tão grande felicidade.

* * *

No meio do Oceano que ruge, ouvia-se então uma voz grave. Era o P.e Joseph a dizer:

«Corpus Domini nostri Jesus Christi custodiat animam tuam in vitam aeternam.»

«Amen!» — respondeu o velho almirante, a chorar.

Realizou-se o dôce mistério... celebrou-se a tão desejada primeira comunhão, cuja acção de graças se fêz no céu.

* * *

Chegou o último instante...

Os marinheiros fazem o sinal da Cruz. O Padre levanta a mão para os abençoar. E o Saint Colombant desaparece no meio das ondas embravecidas.

De todos os actores dêste drama, ajuntou o da narrativa, só o capitão sobreviveu, salvo num couraçado inglês.

Fêz-se padre e êsse padre, meus amigos, sou eu».

«Lampe du Sanctuaire.»
Versão de
MONS. B.

AVISO

As subscrições para empresas e obras exteriores ao Santuário na Fátima têm-se multiplicado extraordinàriamente no país nos últimos tempos.

Umas de caracter piedoso outras de carácter turístico.

O Senhor Bispo de Leiria e todas as pessoas que, sob sua direcção, trabalham desinteressadamente na Obra do Santuário da Fátima, desejam que aos peregrinos seja dado toda a assistência espiritual e mesmo o confôrto compatível com a aridez do local e com o carácter de penitência que a Santíssima Virgem recomendou, mas não se responsabilisam por nenhuma dessas subscrições nem pela sua aplicação, a que são completamente estranhos.

«Ordinário... Marche...»

«Estavamos nos fins do mês de Maria do ano de 1925...

A minha Igreja paroquial estava repleta de fiéis e eu preparado na sacristia para seguir para o altar, quando uma senhora vestida de luto, com os olhos cheios de lágrimas se aproximou de mim, pedindo que naquele dia rezasse uma Avé-Maria pela conversão de seu marido, um grande pecador.

— Onde mora? — perguntei eu.

— Aqui perto da igreja: uma úlcera no estômago fá-lo sofrer horrivelmente e de seus lábios só saem blasfémias. Quanto sofro, Sr. Padre!... Em breve êsse desgraçado comparecerá diante de Deus sem arrependimento, e que será da sua alma?!...

— Mas, minha senhora, porque não me comunicou há mais tempo o estado de seu marido; tê-lo-ia visitado, e quem sabe o que faria a graça de Deus?...

— Não ponha lá os pés, Sr. Padre! Êle já me disse que se lá aparecia algum padre, lhe atiraria à cabeça com uma bota, porque o não podia correr a ponta-pés...

— Credo, minha senhora, que homem tão mau; mas descanse que êle não me fará galo nenhum na cabeça com a bota. São horas de ir para o altar, vou pedir uma Avé-Maria pela sua conversão e amanhã sempre o vou ver.

— Por amor de Deus, não vá! Olhe que êle já me disse: — «Mulher, quando me levantar da cama, vou comprar dois cartuchos de dinamite e vai igreja, padres, sinos... e tudo pelos ares... É um desgraçado; nem os sinos quere ouvir...

— É a doença, minha senhora, que o faz dizer isso, mas verá como êle não me trata mal. Hoje oremos por êle e amanhã veremos o que Deus faz com a sua graça.

Segui para o altar, rezou-se a Avé-Maria pelo pecador dinamitista, resolvendo eu, custasse o qeu custasse, aproximar-me no dia seguinte do grande impenitente.

No dia seguinte, de manhã, não me esqueci no Santo Sacrifício de pedir a Jesus a conversão do desgraçado, e pedi ao mesmo tempo luzes para levar ao fim a minha emprêsa. Comecei a arquitectar planos, procurando pessoas piedosas para investigar da vida do pobre doente e das suas condições sociais.

Vim a saber que era Major reformado do exército, que estivera em África e que entrara em várias campanhas.

Fiquei radiante. Óptimo! — dizia com os meus botões.

Falo-lhe de África, de pretos, de caçadas, de guerras; êle, como africanista não resiste.

Se me receber ao princípio de má catadura logo mudará, ao recordar-lhe as suas façanhas de África.

Não obstante todos me aconselharem que deixasse preparar o caminho, pois a minha ida tão repentina podia deitar tudo a perder, mas eu, temendo que a morte viesse mais depressa do que esperavam os médicos, dirigi-me à casa do doente, encomendando o negócio a Nossa Senhora e às Almas do Purgatório.

Bati e apareceu a Senhora da véspera, que ficou como aterrada ao ver-me tão depressa à porta da sua casa.

— Padre, por amor de Deus, vá-se embora... Êle hoje ainda está pior; foi buscar a pistola e diz que se as dôres aumentarem dá um tiro na cabêça, para tudo acabar duma vez... Meu Deus, que desgraçada eu sou!... Não é possível arrependimento para aquela alma! Vá-se embora antes que êle adivinhe a sua vinda!...

— Tenha paciência, minha senhora; mas, já que vim, hei-de vê-lo e não se importe com o que suceder.

— Êle vai tratá-lo mal; vá-se embora que eu depois o chamarei.

Falávamos baixo, mas o quarto do doente era perto, e êle lá conheceu que alguém estava à porta, porque gritou com voz sonora, como se comandasse um esquadrão de cavalaria:

— Mulher, que diabo de barulho é êsse? Quem está aí?

A mulher do major empalideceu, e eu respondi cheio de coragem:

—É um amigo, major, que o deseja ver. Dá licença?...

— Entre com seiscentos..., e vamos lá a conhecer êsse amigo...

A mulher escapulira-se para a rua, aterrorizada; e eu entrei, ensaiando um sorriso agradável embora o caso me parecesse um pouco complicado.

O doente recebeu-me de má cara. Cofiando umas grandes suiças já pigarças, atirou-me esta à queima-roupa:

— Sim senhor, um padre que se atreve a entrar aqui, a dizer-se amigo!... Sim senhor, e se eu lhe dissesse já: Padre, meia volta... ordinário... Marche... que é o que faria?

— Que faria, meu major?

Como tenente miliciano, obedecia, marcava passo por aí fora: um dois... um, dois...

O major deu uma gargalhada e mandou-me sentar.

— Sente-se, Padre, que Você não é como os outros padres... Esta maldita úlcera do estômago dá cabo de mim, e já há muito tempo que não me lembro de rir. O reverendo fez-me rir a valer com essa história de oficial miliciano, inventada...

— Perdão, major, não é inventada, mas real; porém enganei-me ainda não passo de alferes.

— Mau, mau, reverendo! daqui a pouco chega a furriel...

Rimo-nos ambos a valer e continuei:

— Já lhe conto, major, a minha carreira militar e como cheguei a alferes sem marcar passo e sem andar com a mochila às costas. Foi muito simples; na grande guerra fizeram-me ir de novo à inspecção e fui logo apurado para enfermeiro. Depois, passado pouco tempo, recebo do quartel general de Lourenço Marques comunicação de que pertencia ao quadro dos oficiais, ficando desde logo considerado oficial miliciano, com a patente de alferes.

— Então, também andou por essas terras malditas de África?

— Dezasseis anos, meu major, e passei-as boas, por lá.

— Como eu, Padre; não tenho tantos anos de África, mas vim de lá com o estômago arruinado; cheguei a êste estado em que estou, e agora é marchar para o outro mundo. Os médicos andam-me enganar, mas eu bem sinto a morte aproximar-se e o remédio é marchar...

— Mas o Major, que já viu a morte diante dos olhos nas campanhas de África, deve encará-la com serenidade, sem temor.

— Isso é bom de dizer, reverendo, mas o pior é êsse mistério, existente para além da sepultura.

— Nada mais fácil; o meu amigo põe-se de bem com Deus...

— Pois aí é que está a dificuldade...

O major calou-se, fechou os olhos, vendo-se claramente que uma luta singular se lhe travou dentro da alma. O rosto cobriu-se de uma profunda nuvem de tristeza, as rugas apareciam e desapareciam na testa, indicando a tempestade que surgia no interior de seu coração, a respiração era funda, angustiosa. Eu encomendava a sua conversão a Deus, quando reparo que sôbre uma mesa estava uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

— Temos homem, disse para o meu íntimo. O revoltado da dinamite e da bota desaparecia, para só aparecer um pobre doente torturado por atrozes sofrimentos, que no auge da dôr dizia palavras incoerentes como um desabafo nervoso, mas nunca como um ultrage blasfemo. Quebrei o silêncio e preguntei ao major onde tinha adquirido uma imagem tão linda.

— É herança da minha mãe, respondeu comovido, tem-me acompanhado por tôda a parte.

Lá em África, em pleno sertão, nas horas tristes da vida, quantas vezes não lhe rezei a Avé-Maria ensinada pela minha mãe, quantas vezes não beijei os seus pés, pedindo alívio para as minhas dôres.

— E Nossa Senhora ouviu-o sempre, meu major?

— Sempre, sempre... E quantos milagres ela não me fêz, não obstante ser um desgraçado selvagem que desde a minha primeira comunhão só me tenho contentado em rezar de longe em longe uma Avé-Maria.

Um chôro convulso se apoderou do doente procurando eu com palavras consoladoras socegá-lo; fui orientando a entrevista para o ponto principal onde queria chegar:

— Meu major, socegue: pense bem na sua vida e querendo, hoje mesmo me tem às ordens para o ouvir de confissão.

— Sim, eu quero confessar-me; mas há tanto tempo que deixei êsse dever?!...

— Não se perturbe, eu o ajudarei e verá como é fácil fazer uma confissão depois duma longa vida de pecador.

— Obrigado reverendo; vou pensar e logo o mandarei chamar. Isto não vai longe; portanto será hoje mesmo de tarde. Agora não me abandone.

— Esteja socegado; mande-me chamar quando quizer.

Cheio de alegria, despedi-me do pobre doente, e quando cheguei à rua, já havia um grupo de mulheres à volta da senhora do major, comentando naturalmente a minha demora com o pecador impenitente.

Ficaram espantadas, quando eu disse, sorrindo :

— Minha senhora, até logo.

— Até logo, Sr. Padre?... Então volta cá?

— Volto, minha Senhora. Repare bem, que não apanhei com nenhuma bota nem fui atingido por nenhum tiro!...

Quando o major mandar, cá estarei para o confessar. Podendo, evite visitas que o possam perturbar no exame que vai fazer da sua consciência.

Foi como se rebentasse uma bomba, no meio daquele conciliábulo feminino. Afastei-me ràpidamente para fugir a preguntas indiscretas, e fui direito à igreja paroquial, agradecer a Maria Santíssima mais êsse milagre do seu amor aos pecadores.

A confissão foi dolorosa e cheia de lágrimas. A comunhão, a segunda comunhão de sua vida, encantou todos os assistentes, pela sua fé e amor... Era o regresso do pródigo a seu Pai, depois, duma longa ausência.

Às nove da noite dêsse dia, pediu a imagem de Nossa Senhora, que beijou ternamente, apertando-a a seguir contra o coração. Abriu os olhos, que tinha cerrados, e perguntou-me com voz segura:

— Estou pronto, reverendo... Tudo em ordem!?...

— Tudo em ordem, meu major, nada falta...

— Obrigado, respondeu e que Deus se compadeça da minha alma.

— Deus é cheio de misericórdia, confie nêle.

— Tenho muita confiança nêle, porque é Pai, e na minha Mãe do Céu!...

Então tudo pronto?...

— Sim, meu major.

— Avante pois... ordinário, marche... para a Eternidade.

Foram as suas últimas palavras.

A fronte tem os vislumbres da angustia agónica, e, sem mais dôres, entregara a alma a Deus...

P.e A. Teixeira de Carvalho.»

(Do Boletim Mensal da Ordem 3.ª franciscana).

... E VEREIS!

Para crer é preciso querer, disse Lacordaire. Já se viu alguém que negasse a existência de Deus antes de haver desejado que Êle não existisse?

E quem negasse a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo antes de haver desejado que a moral evangélica não fôsse divina? — Não!

Chateaubriand arrancou esta confissão insuspeitissima a vários amigos livres pensadores em ocasião bem solene, em uma assembleia.

Mas podem-se dar ordens à inteligência? Mais do que se pensa.

Era por isso que S. Filipe Nery, aos que o procuravam para que os esclarecesse, dizendo que tinham dúvidas sôbre a religião, exigia antes de tudo que se confessassem. Depois, êles próprios se admiravam de se desvaneceram a tais dúvidas como por encanto.

Humilhai-vos, confessai-vos, fugi do pecado, «praticai o bem, e evitai o mal» e... vereis!

Tudo o que se faça pela imprensa católica consideramo-lo feito à Nossa própria Pessoa. (Papa Pio XI.)

Ano XI — Leiria, 13 de Maio de 1933 — N.º 128

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA, o Santuário dos milagres

(13 DE ABRIL)

«Os Corações de Jesus e de Maria, do Rei e da Rainha de Fátima, fazem a unissono o milagre da renovação moral e religiosa de Portugal.»

P.e Mateo

Fátima e o Ano Santo

A munificência admirável de Sua Santidade o Papa Pio XI, felizmente reinante, houve por bem conceder à Cristandade, pela bula «Quod nuper», um Ano Santo geral e extraordinário, a-fim-de celebrar dum modo condigno o décimo nono centenário da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como o declarou o próprio Vigário de Cristo na terra, ao promulgá-lo solenemente, é êste o maior de todos os jubileus, porque comemora a Redenção do género humano, realizada pelo Augusto Sacrifício do Calvário, em que o Verbo eterno, filho de Deus e Deus como seu Pai, tendo assumido a nossa natureza, se imolou pelas suas pobres criaturas, morrendo como homem no patíbulo ingnominioso da Cruz e oferecendo como Deus o preço infinito do seu resgate.

Esta comemoração jubilar principiou na entrada das solenidades da Páscoa do corrente ano e terá por igual seu termo no tempo pascal do próximo ano.

Dela espera o Sumo Pontífice abundantes frutos de santificação, graças e bênçãos de tôda a espécie, paz e prosperidade para o mundo, se nos unirmos numa cruzada universal e fervorosa de orações e penitências, que comova o Coração de Deus e o faça volver sôbre nós os seus olhos misericordiosos.

Por isso Êle apela para todos os fiéis, no universo católico, exortando-os a evocar com a alma atenta e a venerar com uma ardente caridade as grandes e consoladoras recordações dos divinos mistérios da Redenção e recomendando-lhes com particular empenho que estimulem em si o zêlo da oração, da penitência e da reparação pelas faltas próprias e pelas faltas alheias, individuais e sociais. Sendo o augusto Santuário de Fátima o maior de todos os santuários de Portugal e, neste momento da sua existência, dezasete anos após as aparições, um dos mais célebres e mais queridos santuários do mundo, todos os seus peregrinos e todos os seus devotos, que se contam por muitos milhões, devem unir-se com as intenções do Sumo Pontífice e, ouvindo o seu apêlo, celebrar com o mais acendrado fervor êste Ano Santo extraordinário.

Depois da queda dos nossos primeiros pais, Adão e Eva, no Paraíso terreal, a humanidade jazia no abismo do pecado sem esperança de sair jámais dêsse abismo. Foi então que o Verbo de Deus, condoído da sua sorte, se ofereceu ao Eterno Pai, dizendo: «Eis-me aqui, enviai-me à terra: eu repararei a culpa de Adão com a minha morte e restituirei a todos os homens a possibilidade de reconquistarem o Céu». E o Filho do Altíssimo, descendo dos esplendores da glória, revestiu o pobre sendal da nossa natureza, apareceu entre nós como um gracioso menino, sujeitou-se a tôdas as fraquezas da infância e, depois de trinta anos passados na pobreza, no trabalho e na obscuridade de Nazaré, realizou o adorável mistério da Redenção.

É esta a história de quási vinte séculos — história emocionante da humanidade regenerada escrita com letras de sangue e de dôr pela bondade misericordiosa do Coração do Filho de Deus compadecido das nossas desgraças.

Durante o Ano Santo, que agora começa, recordemos, como recomenda o grande Pontífice, a sucessão dêstes benefícios divinos, origem da civilização cristã, a mais bela e mais perfeita de tôdas as civilizações, que felizmente desfrutamos e de que tão justamente nos ufanamos.

É a instituição da Santíssima Eucaristia e do sacerdócio da Nova Lei, é a Paixão, a Crucifixão, e a Morte de Jesus pela salvação da humanidade prevaricadora, é a Virgem Santíssima, constituida, ao pé da Cruz do seu Filho, Mãe de todos os homens, é a admirável Ressurreição do Senhor, condição e penhor seguro da nossa própria ressurreição, é a colação aos Apóstolos, e na pessoa dêles aos seus legítimos sucessores, do poder de perdoar os pecados, é o verdadeiro Primado de jurisdição conferido ao Vigário de Cristo na terra, é, finalmente, a gloriosa Ascenção do Senhor, a vinda do Espírito Santo e a seguir a triunfal e prodigiosa prègação dos Apóstolos, que converteu e transformou o mundo.

É êste conjunto de maravilhosas obras divinas, é esta série incomparável de factos estupendos, é esta cadeia imensa de dons celestes, que o nosso espírito, recolhido do tumulto da vida quotidiana, deve meditar atentamente, sobretudo durante êste ano, para que, conhecendo melhor quanto o Senhor nos amou e com que ardor nos libertou da escravidão do pecado, se inflame numa maior caridade e seja levado por ela a amar, por sua vez, Aquele que, derramando o seu sangue e cumulando-nos de inúmeros benefícios de tôda a ordem, nos chamou a partilhar eternamente da sua própria felicidade no Céu.

É assim que todos nós, peregrinos e devotos de Fátima, havemos de celebrar o Ano Santo da Redenção, correspondendo ao apêlo do Santo Padre Pio XI que, como justamente disse um grande Prelado português, tanto tem prestigiado a Cadeira de S. Pedro pelos fulgores do seu peregrino talento, pela intrepidez dos seus gestos fulminantes, pelo desassombro das suas atitudes nobilíssimas e pela sedução das suas excelsas virtudes.

Aos pés da Virgem de Fátima, presentes de corpo ou de espírito, e em união com as intenções do augusto Pontífice, ergamos suplicantes as mãos ao Céu e, por intercessão da gloriosa Mãe de Deus, Medianeira de tôdas as graças, peçamos que êste Ano Santo, que deve ser um Ano Santo de Reparação, como ardentemente deseja o sucessor do Príncipe dos Apóstolos, traga a paz aos espíritos, dê à Santa Igreja uma universal liberdade e conduza todos os povos à concórdia e verdadeira prosperidade.

Sua Em.cia o Sr. Cardial Patriarca de Lisboa, o Sr. Bispo de Leiria e o Ex.mos Médicos que assistiram ao Retiro Espiritual na Fátima e ficaram pertencendo à Associação dos Médicos Católicos Portugueses, ali mesmo fundada.

O dia 13 em Fátima

Pela primeira vez depois das aparições da Raínha do Céu aos videntes de Aljustrel, — já lá vão quási dezasete anos — o dia treze de Abril coincidiu com um dos dias mais santos e mais santificados da liturgia católica —a quinta feira de Endoenças.

É nesse dia que a Santa Igreja comemora a instituição do Augustíssimo Sacramento dos nossos altares.

Era na última ceia — a ceia pascal — que Jesus quís celebrar com os seus Apóstolos, no cenáculo de Jerusalém, para se despedir dêles antes de iniciar a sua dolorosa paixão, que estava iminente. Prestes a separar-se daqueles a quem mais amava no mundo, a-fim-de ir, após a sua gloriosa ressurreição, para junto de seu Eterno Pai, o Rei Divino encontrou nos recursos inexgotáveis da sua sabedoria e do seu amor o meio de ficar sôbre a terra, entre os seus, sem deixar ao mesmo tempo de subir ao Céu. Tomando nas suas mãos santíssimas o pão e o vinho, ergueu os olhos para o Céu, abençoou-os e distribuiu-os pelos Apóstolos, dizendo respectivamente: «Tomai e comei: isto é o meu corpo; tomai e bebei; isto é o meu sangue». E acrescentou: «Fazei isto em memória de mim».

À sua voz onipotente, sob as duplas espécies consagradas encontram-se de todo velados, mas tão realmente como no Céu, a sua carne imaculada e o seu sangue preciosíssimo, tornados alimentos espirituais das nossas almas. Operou-se então, pela primeira vez sôbre a terra; a maior fineza de amor do Coração de Deus para com os homens—o milagre assombroso da transubstanciação, isto é, a conversão da substância do pão e do vinho no corpo e no sangue do Filho de Deus humanado.

E, graças a esta maravilha da caridade do Homem-Deus, nós temos a ventura de possuir a Santa Missa, renovação incruenta, mas verdadeira, do Sacrifício da Cruz, e tê-la-emos até ao último dia do mundo, porque Jesus prometeu que não nos deixaria orfãos, que ficaria conosco até à consumação dos séculos.

E Jesus assim está presente, ao mesmo tempo e todo inteiro, e sem ser percebido pelos nossos sentidos, mas manifesto aos olhos do espírito iluminado pela fé, em tôdas as igrejas do mundo, em tôdas as hóstias e em tôdas as partículas de hóstias consagradas, verdadeiro Pão vivo descido do Céu para alimento e confôrto das nossas almas.

Cada ano que passa, em quinta-feira maior, a Santa Igreja, pela voz dos seus ministros e de tôdas as almas fiéis, agradece, dum modo bem público e bem solene, ao Divino Rei de amor êste testemunho sublime e irrefragável da sua bondade, esta prova delicada e tocante do seu amor para conosco.

* * *

Fátima, que é, incontestávelmente, o maior santuário eucarístico nacional, onde Jesus-Hóstia é, tantas vezes, alvo das mais imponentes e carinhosas manifestações de fé e amor, não podia deixer de se associar neste grande dia às demonstrações de regosijo e de gratidão do orbe católico.

Com licença especial da Santa Sé, o rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria, celebrou, ao meio-dia solar, o santo sacrifício da missa, a que assistiu uma numerosa multidão de fiéis.

Ao evangelho, o celebrante fez uma substanciosa prática sôbre o adorável mistério do dia, a instituïção do Santíssimo Sacramento, e sôbre as disposições necessárias para bem comungar.

Depois da missa, foi dada a bênção eucarística aos doentes.

Nessa ocasião rezou-se pelos enfermos presentes e ausentes, pelo Sumo Pontífice e por diversas intenções recomendadas ao Santuário.

Todos ou quási todos os peregrinos, como se tinham confessado préviamente, puderam apróximar-se da mesa eucarística, recebendo com edificante piedade o Pão dos Anjos.

Por causa da solenidade do dia, acorreu à Cova da Iria, como era de esperar, menos clero e menos peregrinos que de costume.

Estavam presentes pessoas vindas de muito longe, entre as quais algumas dos Açôres e quatro senhoras inglesas, a quem foram dadas breves notícias sôbre a história das aparições e sôbre os monumentos do Santuário.

O dia treze de Abril, duplamente sagrado para os fiéis que nesse dia visitaram a Lourdes portuguesa, ficará gravado na alma de cada um dêsses piedosos devotos da branca Raínha de Fátima como um dia de santo e inefável prazer espiritual, de graças e bênçãos especiais, de doces, saudosas e perduráveis recordações.

Fátima e o Rev.do P.e Mateo

Como de-certo os leitores da «Voz da Fátima» já sabem, o rev.do P.e Mateo Crawley, o grande apóstolo mundial da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, dirigiu últimamente um longo e vibrante apêlo aos «adoradores nocturnos do lar» em Portugal, no qual lhes recomenda a perseverança e o fervor na

sua velada perene de amor e os convida, assim como a todos os demais portugueses, a agradecer o dom de Deus, a paz que, como diz o apóstolo pobrezinho, «quando foge de todo o mundo atormentado, parece refugiar-se na vossa pátria».

O indefesso missionário do amor e das glórias do Rei Divino, que uma grave doença reteve últimamente no leito durante longos meses, deseja a todos os fiéis amigos e consoladores do Coração de Jesus um santo, feliz e fecundo Ano Santo, frisa que o Papa prèga antes de tudo o mais e de pleno direito a penitência — penitência-reparação, penitência desagravo — declara que tem por evidente que o Coração de Jesus abençôa dum modo especial a nossa querida Pátria e lhe dá sérias esperanças duma paz estável, paz cristã —a sua paz, dom inefável, e aponta como causa dêsse mistério de graça a fidelidade ao Coração de Jesus, a quem, por forma tão solene, em geito de voto nacional, Portugal inteiro foi consagrado pelo Episcopado há três anos, com a promessa de renovar todos os anos essa consagração, em união com o povo, e com a mesma solenidade.

E conclui a sua entusiástica e tocante exortação, que o diário católico de Lisboa «Novidades» insere no seu número de 19 de Abril e em que se sente palpitar o amor de Cristo-Rei que trasborda do seu coração de apóstolo do Amor, com os seguintes períodos, formosos e eloqüentíssimos, que traem a sua dedicação pelo Rei Divino, por Nossa Senhora de Fátima e pelo nosso Portugal.

«Foi bela, foi esplêndida a consagração, mas não basta: é preciso que o povo português complete o gesto dos seus Bispos: dai vós o exemplo, caros adoradores nocturnos, tomai a dianteira dos portugueses gratos, arrependidos, reparadores!

E, como se essa consagração não fôsse já uma graça extraordinária para o vosso e meu querido Portugal, eis que se levanta Fátima!

Fátima, Fátima: estou a vêr o Santuário dos milagres — do milagre estupendo — onde a Raínha do Amor vos atrai os corações, os enche de novos benefícios e ratifica e multiplica as bênçãos do Coração de Jesus — Ela, a Dispensadora, a Medianeira de tôdas as graças!

Pio X, falando do Congresso Eucarístico de Lourdes, pouco antes da guerra, dizia:

«A torrente dos milagres escachoará das mãos de ambos, do Rei e da Raínha, de Jesus e de Maria...»

Pode dizer-se o mesmo de Portugal: os Corações do Rei e da Raínha de Fátima fazem a uníssono o milagre da renovação moral e religiosa do Portugal querido, que eu conheço tanto e do qual tenho imensas saudades...

Caros adoradores, ouvi a última palavra: confirmai a obra dos vossos Bispos, que é, antes de ser dêles, a do Coração de Jesus, de Nossa Senhora de Fátima; confirmai essa obra de graça por um novo fervor na vossa abençoada Cruzada de penitência e de oração nos lares!

Cuidado! Não afrouxeis no vosso zêlo! Portugal conta convosco, pequeno e grande exército da salvação nacional! Perdoai a minha insistência: os Bispos fizeram o gesto salvador: pertence-vos o torná-lo eficaz, *quererdes*, pelo Portugal que não quere, a sua salvação em Cristo.

Fidelidade, mais fidelidade: procurai novos consoladores do Coração amargurado de Jesus, mas *escolhidos:* antes bons do que muitos; sobretudo amigos, amigos verdadeiros de Jesus, e não daqueles que lhe acendem uma vela, dão lindas flores a Maria, e o coração, sim, o coração ao mundanismo da sua sociedade pervertida...

* * *

Hei-de voltar a falar-vos para a festa do Coração de Jesus; prometo-vos uma carta de incitamento. E deixai-me esperar que, quando eu oferecer ao Papa a estatística dos Adoradores nocturnos em todo o mundo, como dádiva do Ano Santo, Portugal tenha nela um lugar de honra. Mais ainda do que aos olhos do Papa, haveis de tê-lo aos olhos do Rei que vos amou tanto que vos enviou com o seu doce sorriso de Mãe, Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Dai, oh, dai, no meio de tanta dor, alegria ao Coração de Jesus; — com generosidade, deixai-me dizer, «à portuguesa».

Fátima em Espanha

Temos presente o número 944, de 15 de Fevereiro último, do «Adail Seráfico», revista católica quinzenal, que vê a luz da publicidade em Sevilha, a grande e formosa capital da Andaluzia. Dirigida pelos padres Capuchinhos da Província Bética, abençoada por Sua Santidade e dedicada a fomentar a Religião e a piedade nas famílias cristãs, essa esplêndida revista, que insere magníficos artigos e primorosas gravuras, rivaliza incontestavelmente com as publicações congéneres, nacionais e estranjeiras, na qualidade do papel de impressão, em nitidez e perfeição técnica, na elevação doutrinal dos seus artigos, na beleza da sua forma literária e em modicidade de preço.

O número acima citado contêm, em série já iniciada num dos números anteriores, um artigo subordinado ao título «Fátima, Lourdes portuguesa», em que o seu piedoso e ilustrado autor, o rev.^{do} José de Castro, religioso capuchinho, descreve a largos traços a vida de Lúcia de Jesus, a protagonista das aparições, no Asilo de Vilar, onde esteve como aluna durante alguns anos, e narra o episódio comovente da sua profissão religiosa, na casa do noviciado das religiosas de Santa Doroteia, em Tui, histórica cidade da Galiza, que em tempo foi côrte do rei godo Witiza e é actualmente sede dum Bispado.

Intercalada no texto do artigo insere uma gravura, duma nitidez impecável, que representa a multidão de fiéis e peregrinos assistindo à missa dos doentes no Santuário de Fátima, no dia 13 de Outubro de 1932.

A série de artigos sôbre as aparições e sôbre os demais acontecimentos extraordinários de Fátima continuará nos números seguintes da excelente e prestimosa revista, segundo a promessa do seu venerando autor, e constitui uma valiosa propaganda da Lourdes portuguesa e da devoção à gloriosa Virgem de Fátima, augusta Padroeira da Nação.

Bem haja o benemérito filho espiritual do Seráfico Patriarca de Assis pelo seu esplêndido e utilíssimo trabalho e que Nossa Senhora de Fátima se digne cumulá-lo das suas melhores graças e das suas bênçãos mais preciosas e mais escolhidas.

A grande peregrinação nacional

No decurso dos últimos meses, a imprensa periódica tem publicado numerosas e circunstanciadas notícias àcêrca de diversos grupos de peregrinos que se estão organizando em muitos pontos do país e que constituem no seu conjunto a grande peregrinação nacional de Maio.

Como nos anos anteriores, o nosso Portugal, tão devoto da mãe de Deus, prepara-se para vir, em comovente romagem de fé e piedade, depôr aos pés da sua gloriosa Padroeira, no maior dos Santuários Marianos nacionais, um tributo bem solene e bem sentido de dedicação e de amor filial.

De treze de Abril a treze de Maio, que alvoroço, que ansiedade, que entusiasmo vivo e ardente, por tôdas as cidades, vilas e aldeias, da nossa querida Pátria!

Fátima é durante êsses trinta dias, o nome bendito que se desprende de todos os lábios e cujo eco faz palpitar de intensa alegria e de doce comoção as almas crentes e os corações piedosos!

E, como outrora ,na época das Cruzadas, os homens válidos corriam, à porfia, a alistar-se sob a bandeira da Cruz para formarem o exército cristão que havia de libertar os lugares santos do domínio do Crescente, assim nestes dias de graças e de bênçãos, os devotos de Maria dão o seu nome para a cruzada de paz e de amor, alistando-se no piedoso exército de trezentos mil soldados cristãos ,que irão ao planalto sagrado de Fátima revigorar as suas fôrças e exercitar-se nas armas espirituais para combater com mais eficácia nas pugnas incruentas da vida de cada dia os seus grandes inimigos: o mundo, o demónio e a carne.

E dessa sublime e imponente manifestação de fé e piedade, dessa cruzada pacífica e altamente encantadora, dessa apoteose imponente e incomparável de Jesus-Hóstia e da Virgem do Rosário, que é a grande peregrinação nacional de Maio, sem dúvida resultará mais glória para Deus, mais proveito para as almas, mais paz e mais prosperidade para a nossa querida Pátria, que será agora e sempre, como sempre foi, a bendita e gloriosa terra de Santa Maria.

Visconde de Montelo

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS PARA SENHORAS

A principiar no dia 24 de maio à tarde terminando no domingo 28, de manhã, haverá no Santuário de Fátima exercícios espirituais para servitas e outras senhoras que neles queiram tomar parte e emquanto houver lugar.

Prevenirão com a devida antecedência (bom seria que o fizessem até ao dia 15 de Maio) o Snr. Reitor do Santuário da Fátima, ou o Snr. P.e António dos Reis — Seminário de Leiria.

Culto de Nossa Senhora da Fátima no Estranjeiro

No Tyrol

O bom povo de Tyrol, antiga província Austriaca e hoje pertencente à Itália, depois da Grande Guerra tem grande entusiasmo por Nossa Senhora da Fátima.

Damos a seguir algumas notas que demostram como devemos ser reconhecidos a Nossa Senhora pelo progresso desta santa devoção em países tão longínquos e afastados de Portugal.

Nova Zelândia (Oceania)

O Rev. P.e Jacobus Augustinus Eccleston, pároco de Tuakau, South Auckland (New Zealand) tem sido um devotado apóstolo da devoção a Nossa Senhora da Fátima na sua frèguesia e em geral entre os católicos da Nova Zelandia.

Auxiliam-o nêste santo apostolado os Irmãos Maristas e as Meninas do Colégio das Irmãs de Nossa Senhora das Missões estabelecidas em Tuakau.

Recomendamos aos leitores da «Voz da Fátima», aos peregrinos e devotos de Nossa Senhora as necessidades da paróquia a cargo do Rev. Eccleston e a conversão da Nova Zelandia cujos habitantes são na sua maioria protestantes.

India (Ásia)

Já nos referimos na «Voz da Fátima» aos prodigios operados por intermédio de Nossa Senhora da Fátima na India.

Estes factos veem narrados numa pequena revista intitulada «Our Lady of Fátima» The miraculous Fontain cujo 2.º número foi publicado há pouco tempo em Cochin.

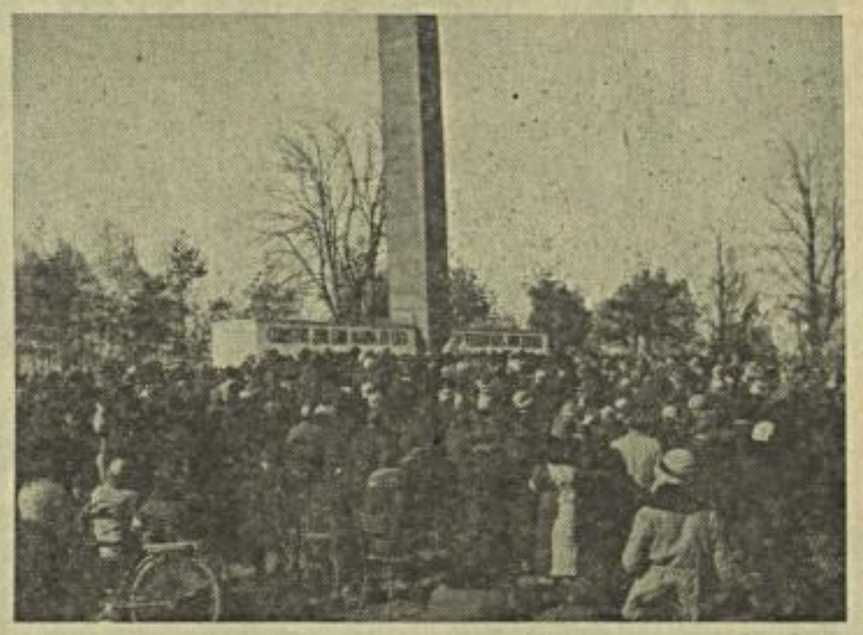
Algumas das curas, que teem feito conversões de pagãos e protestantes, serão publicadas no nosso jornalzinho para edificação dos nossos prezados leitores e para todos darmos graças a Deus pelas maravilhas que espalha no mundo por intermédio de Nossa Senhora de Fátima.

ALEMANHA

Peregrinação a Kobel — Augsburg

Augsburg, cidade da Baviera, com perto de 100.000 habitantes, foi uma das povoações da Alemanha que recebeu com mais entusiasmo a boa nova de Fátima.

Há perto dessa cidade um belo Santuário Mariano e o povo começou a concorrer ali nos dias 13 de cada mês em união com os peregrinos de Fátima.



Peregrinos de Kobel ouvindo o sermão do Rev. P.e Oblinger

Presidiu à peregrinação de 13 de março passado S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} Mgr. Dr. D. José Kumpemueller, Arcebispo de Augsburg; prègou o Rev. P.e Charles Oblinger, director do Santuário, a uma peregrinação de 3 a 4 mil pessôas.

Recomendamos aos nossos peregrinos que nas suas orações não esqueçam êstes nossos bons irmãos na fé, para que Nossa Senhora lhes alcance todas as Bênçãos do Céu.

Em Bolsano

Nos dias 29 e 30 de março o grande amigo e devoto de Fátima Rev. Dr. Fischer fêz duas admiráveis conferências em Bolzano muito concorridas.

Entre os assistentes a estas conferências havia 3 creança de 6 anos — 2 alemãs e 1 italiana — A descrição das Aparições do apostólico conferente fêz tal impressão nos ouvintes que as 3 crianças reproduziram em quadros a Aparição de Nossa Senhora em Fátima.

Vestiram os videntes à moda tirolesa e substituíram a azinheira por árvore da sua terra.

A Virgem Santíssima as tome debaixo do seu patrocínio.

Em Trento

É universalmente conhecida a cidade de Trento por aí se ter realizado um dos mais notáveis concílios ecumenicos (de 1545 a 1563), no qual tomaram parte muitos Bispos e Teologos portuguêses e entre outros Fr. Bartolomeu dos Mártires, venerável Arcebispo de Braga e Fr. Gaspar do Casal, bispo de Leiria que num livro célebre defendeu a doutrina católica da Presença Real de Nosso Senhor na Sagrada Eucaristia, contra os protestantes e especialmente Calvino.

As definições dogmáticas dêste concílio e as suas reformas disciplinares constituem uma das páginas mais brilhantes da história da Santa Igreja.

O Rev. Carlo Zacchia, pároco de Oltrizarco (Bolzano), povoação da arquidiocese de Trento, alcançou de S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Snr. D. Celestino Endrici, Arcebispo de Trento, licença para a construção duma igreja em honra de Nossa Senhora do Rosário de Fátima cujo projecto grandioso teve a bondade nos enviar.

A Virgem Santíssima abençôe o seu empreendimento.

Em Bressanone

A 9 e 10 de abril o Rev. Dr. Fischer fêz duas magníficas conferências em Bressanone, no Tyrol italiano, sôbre o culto de Nossa Senhora da Fátima.

A segunda conferência, com projecções luminosas sôbre Portugal e Fátima, foi realizada no Seminário, assistindo S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} Monsenhor D. João Geisler, Bispo-Príncipe que muito se interessou pelas aparições de Nossa Senhora em Fátima.

A primeira fôra perante uma enorme multidão que chorou ao ouvir a descrição das peregrinações e milagres de Nossa Senhora.

Não tendo muitas pessôas podido assistir por falta de lugar e não podendo o Rev. Dr. Fischer, pela sua precária saúde e muitos trabalhos, repetir as conferências, foi convidada a Senhora Grommers, doutora, de Munich, devotada apóstola de Fátima.

Esta Senhora tem feito já muitas conferências sôbre a Fátima e organizado outras em diferentes cidades da Baviera — Bem haja!

Em Gries

Na abadia benedictina de Gries, cujo Superior, o Rev. Alphonse Augner, tem uma grande devoção por Nossa Senhora da Fátima, o Rev. Dr. Fischer fêz uma conferência sôbre Portugal e culto de Fátima.

O Rev. Superior do convento de Gries é o autor dum «cinema do Rosário» tendo tido a gentileza de nos oferecer um exemplar que muito agradecemos. São 72 imagens, uma para cada 2 Avè do Rosário na forma da antiga «Bíblia pauperum».

Na Suíssa — Basileia

Mgr. Maïder grande auxiliar do Rev. Dr. L. Fischer na publicação do «Mensageiro de Fátima» em alemão, inaugurou no dia 23 de abril, na Basileia, a primeira escola livre dos católicos depois da abolição das escolas católicas por Bismark, na perseguição religiosa conhecida pelo nome de Kultur Kampf, após a guerra. Assistiram à abertura da escola o Snr. Bispo de Basileia e muitos católicos que exteriorizavam o seu entusiasmo e alegria.

Felicitamos vivamente Mgr. Maïder e Nossa Senhora da Fátima acumulará de graças a santa iniciativa de seu bom servo.

Este número foi visado pela Censura.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

(Baía de S. Salvador)

Pelo relatório do ano anterior, publicado na «Voz da Fátima» a partir de Abril, já se começou a ver, não só a aceitação, mas até o entusiasmo com que, dêsde a sua introdução, aqui foi acolhida a devoção a Nossa Senhora da Fátima. Nêste 2.º ano da sua divulgação, não só não desmereceu, senão que o interêsse com que todos a abraçam se torna cada vez mais manifesto e, dia a dia, mais se intensifica, à medida que os prodigios se vão multiplicando em número sempre crescente. Quando no Mês de Maio de 1931, na nossa Capela, dedicado na íntegra a Nossa Senhora da Fátima, eu contava como exemplos os prodigiosos factos operados por Ela nos 2 anos anteriores em Pernambuco, achava o R. P.e Cabral, Director do Colégio, que tais narrativas estavam pedindo no ano seguinte idêntico Mês de Maria para comunicação dos factos de cá, da Baía. Quando assim falava é bem crivel que S.a Rev.a estivesse bem longe de prever-lhes o número, bem como a importância.

A verdade é que o Mês de Maria de 1932 foi, como o anterior, todo dedicado a Nossa Senhora da Fátima, e os exemplos de cada dia todos escolhidos entre os factos nêste 1.º ano de propaganda por Nossa Senhora operados aqui na Baía. Só os publicados no relatório anterior, correspondentes ao 1.º ano, já chegaram a 29, e quanto não vai já ultrapassado êsse número no que diz respeito ao 2.º, isto é, o próximo findo? De mim confesso que, apesar de esperar muito, nunca imaginei houvessem de chegar a tanto. E note-se que ainda o relatório não vai completo, faltando diversos factos, aliás bem importantes, que os mesmos beneficiados me prometeram enviar narrados de mão própria.

* *

No momento em que isto escrevo estamos dispondo as coisas para efectuar brevemente a mudança do antigo para o novo Colégio António Vieira, recém-construído num outro bairro da cidade um tanto distante dêste. E de ver os numerosos devotos que de manhã à noite aqui vém a venerar Nossa Senhora e a implorar suas bençãos, com que áncia perguntam se Nossa Senhora também vai; e à resposta afirmativa como manifestam o seu pesar; e isto todos sem distinção de idade ou condição. Ainda não há muito um negrinho dos seus 4 anos, desprendendo-se da mão da mãe, vem ter comigo e, com a ingenuidade própria de tal idade, me pergunta: «quando os Padres forem para o Garcia (é assim denominado o novo bairro) Nossa Senhora também vai?»

Claro está que sim, lhe respondi, ao que êle acrescentou: «eu fico com tanta saüdade!...» Ora se êste é o sentir dos pequeninos, qual não deve ser o dos demais que na proporção da idade melhor sabem dar às coisas o seu valor? Acostumados já a virem ali desabafar com Nossa Senhora, nos momentos de angústia, e a receber d'Ela o conforto e tão assinalados benefícios, bem justo é que tenham saüdades e manifestem o mais profundo pesar.

A diversos já, ricos e pobres, eu tenho ouvido que, só se não puderem arranjar uma casinha lá perto, é que comnosco se não mudarão.

Digno de especial reparo é também que, de preferência à da Capela, é à pequenina estátua do portão que dedicaram maior carinho, nem é raro ouvir-se dizer: «a de dentro é maior e mais importante, mas a mais milagrosa é a de fóra!» Nem admira, pois foi essa mesma que dêsde o princípio ali se acostumaram a venerar.

A de dentro são de preferência as Filhas de Maria que por Ela se interessam, já cantando-Lhe o seu Ofício próprio em Maio e Outubro, e o comum em todos os Sábados do ano, já ornamentando-Lhe o seu altar em todos os dias 13, mas com particular esmero e primor durante o Mês de Maio inteiro e na 1.ª quinzena de Outubro. Pela de fóra o interêsse é de todos e constante: uns lhe oferecem flôres, quer naturais, quer artifíciais, outros óleo para a lamparina que dia e noite ante Ela arde, muitos velas que em grande número de manhã à noite alí ardem, e boa parte também o seu óbulozinho pecuniário, dêsde o minusculo tostãozinho à prata de 1.000 ou até mesmo de 2.000 reis.

Nem só os de perto, senão que não poucos de bem longe ali vêm quotidianamente; de dia uns, desde o abrir do portão, às 5 e meia da manhã; à noite, outros, até à hora de fechar, às 8 horas e meia. Uns ali vêm de propósito, outros (muita gente de serviço) aproveitando a passagem, não poucos depositando o fardo, ou com o taboleiro à cabeça, ali entram estendendo para a Senhora a mão a implorar a sua bênção.

Com quanto interêsse não tenho eu diversas vezes presenciado calorosa exposição de pesares em eloqüente desabafo com a Senhora?!

Como não deve lá do alto sorrir benignamente a Mãe bemdita a almas tão bôas e ingénuas por mais escura que seja a côr de seus corpos?!

Agora, com a mudança, um novo campo se vai abrir. Os já ganhos à causa, sem dúvida, apesar da maior dificuldade, perseverarão; e do novo meio outros muitos advirão a engrossar as fileiras dos adeptos de tão excelsa Raínha, Padroeira e Mãe dos Portuguêses d'alem como d'aquem oceano.

Baía — 6/1/933.

P.e João de Miranda S. J.

O Culto de N. Senhora da Fátima em Macau

(Continuação)

ANO DE 1931

— De Maio a Outubro dêste ano houve todos os mêses, no dia 13, missa com cânticos e à tarde têrço, prática pelo Director concluindo-se tudo com a bênção do Santíssimo.

De Novembro a Abril continuou a haver missa mas sem cânticos e à tarde o terço e o mais, cumprindo-se assim a promessa feita em 1929. A nova estátua de madeira, vinda do Pôrto, que é linda e encanta a todos os que a contemplam pela expressão do rosto e sorriso que lhe poisa nos lábios, foi benzida pelo Director no dia 13 de Novembro e colocada no altar em substituição do retábulo. Foi comprada com as esmolas dos fiéis, bem como outros objectos do culto e embelesamento do altar.

É ainda com estas esmolas que se reza missa todos os sábados no altar da Virgem por todos os bemfeitores e devotos que de algum modo concorrem para aumentar o culto de N. S. da Fátima. A elas assiste bom número de fiéis. Nêstes dias comparece sempre o Rev. P.e Promotor para ouvir de confissões a todos os que se apresentam.

Nêste ano também o mês de Maio foi celebrado como antes e mais ainda. Logo no dia 2 e 3 se notou grande movimento em S. Domingos. De tôdas as partes chegavam flôres e ornatos para dar maior realce à novena e à imagem recém-chegada.

O Rev. P.e Promotor dos festejos auxiliado pelas congregadas e outras pessôas vai dispondo tudo com o bom gosto de que é dotado e o altar apareceu ornado com a maior profusão de flôres e luzes. No dia 4 começa a novena, havendo de manhã missas com cânticos no altar da Senhora e de tarde o terço, prática, feita nos três primeiros dias pelo Rev. P.e Elias Marçal, nos três seguintes pelo Rev. P.e Patrício Mendes e nos três últimos pelo Rev. P.e Luís G. de Garcia. Os actos religiosos foram concorridíssimos, sobretudo nos últimos dias.

Também êste ano a parte musical da novena esteve a cargo da «Capela de Nossa Senhora da Fátima», que executou variados cânticos com perfeição. Durante tôda a novena houve à venda cordões, velas e vários objectos de Nossa Senhora da Fátima, vindos de Portugal e doutras partes da Europa a pedido do Rev. P.e Promotor, para espalhar mais e mais o culto de Nossa Senhora. Os festejos sobem de ponto no dia 13. No altar da Senhora, lindamente adornado, celebram-se várias missas, comungando em tôdas centenares de pessôas. Às 10 h. iniciou a missa solene o Rev. P.e Patrício Mendes, executando no côro os seminaristas a missa «Salve Regina», a 4 vozes, de Sthle. O vetusto e amplo templo estava repleto de fiéis. Finda a missa foi exposto o SS. no trôno, sucedendo-se os adoradores uns aos outros em grande número até às 18 horas, em que o Rev.mo Sr. Governador do Bispado deu começo às vésperas, cantadas pelos seminaristas. Logo após a bênção do SS. com um novo e artístico ostensório, como também eram novos os paramentos, pertencentes a N. S. da Fátima, formou-se a procissão em que tomaram parte todos os católicos de Macau. A imagem da Senhora foi levada êste ano em carro triunfal até à rampa da Penha e de lá à ermida pelas Filhas de N. S. da Fátima. O carro ia lindamente enfeitado de flôres brancas e luzes. Todo o povo levava velas e insignias de peregrinos, cantando-se com entusiasmo o «Avé», o hino de N. S. da Fátima e outros cânticos apropriados. Chegada a estátua ao alto da Penha foi colocada ao lado da de Nossa Senhora de Lourdes, recordando ambas, as visitas de perdão e amor com que a Virgem honrou a França e Portugal. Subiu ao púlpito colocado no adro, o Rev. P.e António Maria Alves, S. J., que durante uns 30 minutos nos deliciou com a sua palavra fluente, sendo ouvido com tôda a atenção que merecem os seus dotes oratórios.

Lembrou o que se estava passando em Fátima naquele mesmo dia, em que Portugal era consagrado ao Sagrado Coração de Maria e convidou-nos a unir nossas preces às dos nossos irmãos em Fátima. Em baixo, junto às grutas, prégou aos chineses o Rev. C. Domingos Jim, pároco de S. Lázaro. Terminados os sermões dirigimo-nos à capelinha onde se cantou o Te Deum, seguindo-se a bênção aos fiéis que estavam dentro e no adro, e por fim deu-se a benção aos doentinhos que se encontravam nas salas visinhas esperando a visita e o confôrto celeste, vendo-se muitos olhos marejados de lágrimas. Os seminaristas rezaram ainda o terço diante da sorridente imagem da Virgem, seguindo-se outros grupos até à meia noite.

A Penha esteve tôda a noite iluminada, vendo-se na frente, formado de luzes, o monograma de Maria encimado por uma corôa; do lado da cidade lia-se «Protegei Portugal». Eis o que foi a segunda imponentíssima procissão das velas de N. S. da F. de 1931. Este ano receberam-se também muitas esmolas com que se cobriram superabundantemente tôdas as despesas, a-pesar de não ter sido feito apêlo à generosidadade dos fiéis. O amor a N. S. da Fátima vai aumentando visivelmente, como se vê na grande concorrência a tôdas as cerimónias religiosas e na freqüência dos sacramentos. Esta sementesinha, lançada à terra em 1929, germinou, desenvolveu-se, já deu e está dando frutos ubérrimos. N. Senhora apoderou-se dos corações dêste bom povo de Macau e e êste povo fervoroso tem correspondido à visita da Mãe do Céu. Que consolação ver Macau em pêso diante da Virgem, entoando-lhe cânticos, dirigindo-lhe incessantes preces, no meio dum entusiasmo santo que brota de corações portugueses, devotos de Maria! Terminada a grande festa de Maio não terminou o fervor, pois todos os meses no dia 13 e nos sábados lá se reünem os devotos em S. Domingos.

ANO DE 1932

A devoção a N. S. da Fátima continua crescendo sempre. Todos os sábados lá comparece em S. Domingos o R. P. Promotor desta devoção para presidir às reüniões, fazer a prática e ouvir as confissões dos penitentes que querem receber a Sagrada Comunhão. O sacrário é novo e de bom gosto, feito de teca. Nêle, com licença do Snr. Bispo, se conserva sempre o SS.mo

Em Novembro do ano passado foram agregadas à Prima Primaria de Roma duas congregações das Filhas de N. S. da Fátima, uma para meninas de 15 anos para cima, outra para as de menor idade. É protectora secundária da primeira S.ta Teresinha e da segunda a Beata Beatriz da Silva. Estas congregações têm produzido optimos frutos. Trabalham em conformidade com as regras das congregações, na santificação própria e dos outros.

O grande amor a N. S. de Fátima vai novamente expandir-se no dia 13 de Maio de 1932. Eis-nos de novo na novena que foi também êste ano solenissima. Às 7.30 houve a missa rezada pelo Governador do Bispado, R. P.e Patricio Mendes. À tarde, às 5, terço, prática e bênção do SS. dada pelo R. P. António Barreto, digno vice-reitor do Seminário. As práticas foram feitas pelo R. P. António Maria Alves, encontrando-se a igreja sempre cheia de fiéis, ávidos de ouvir falar de N. S. da Fátima.

No dia 12 chegaram de Portugal as estátuas de S.ta Teresinha, Beata Beatriz, e S. Luís Gonzaga, sendo logo postas no altar da Senhora. Vieram várias de N. S. da Fátima, vendendo-se logo quási tôdas. O R. P.e Promotor teve a feliz ideia de alcançar licença para a adoração nocturna, como se faz em Fátima. Foi uma ideia do céu. A igreja foi tôda a noite muito freqüentada de adoradores, sobretudo das 11 à meia noite, hora em que se encheu o templo. O Director não abandonou a igreja, lá esteve todo o tempo. Também os seminaristas lá foram, aos grupos, demorando cada grupo uma hora em adoração, rezando-se o terço e fazendo outras devoções em comum.

Rompe o suspirado dia 13. Logo às 5,30 houve uma missa, às 6,30 outra e às 7,30 foi a do oferecimento. Em tôdas houve comunhões em grande número, aproximando-se da sagrada mesa homens, mulheres, jovens e donzelas. Os confessionários estiveram sempre cercados de penitentes. Que grande consolação é ver tanto fervor! Como N. Senhor e N. Senhora estariam contentes!

Às 10 começou o Pontifical. O amplo templo, primorosamente ornado, estava cheio. Lá se encontravam também as Filhas de N. S. da Fátima com o seu uniforme branco. Elas é que cantaram de manhã e à tarde durante a novena, produzindo grande efeito e devoção os cânticos que executaram. Às 6 da tarde começaram as vésperas, presididas por Sua Ex.a Ex.a o Snr. Bispo e cantadas pelos seminaristas. Às 6.45 saiu, pela terceira vez, a procissão das velas, encorporando-se nela todos os estabelecimentos, confrarias, o Seminário e clero. De Hong-hong, Cantão e arredores veio muita gente assistir à festa. Na procissão os seminaristas, o povo, as Filhas de N. S. de Fátima as catequeses, tôda a gente cantava, não indo êste ano, bem como no ano passado, filarmónica alguma. Lindo espectáculo na verdade, ver tanto povo rezando, cantando, louvando assim a N. S.a que foi levada num lindo andor de teca lavrada, pelas Filhas de N. S. da Fátima.

Às 8,30 chegou a procissão à Penha. A estátua ficou também êste ano virada para a cidade como que a abençoa-la. Tivemos êste ano o prazer de ouvir prégar o Snr. Bispo sôbre a devoção a N. S. de Fátima. Narrou com vivas côres o que se passa em Fátima, o que se sente ali, o que êle próprio experimentou quando lá esteve ainda há pouco.

Ao mesmo tempo prégou em baixo, na gruta, aos chineses o R. C. D. Jim. Houve a seguir a bênção do SS.mo aos fiéis e por último aos doentes. A Senhora ficou até à meia noite à veneração dos fiéis. De Maio a Outubro celebrou-se o dia 13 com certa solenidade e houve missa em sua honra todos os sábados. Em Outubro celebrou-se o dia 13, último das aparições, com missa cantada às 7,30 no altar da Senhora. A «Capela de N. S. de Fátima» executou a missa «Quarta» de Haller, sob a direcção da Snr.a D. Angelina Borges que, desde a fundação até hoje, tem sido duma actividade rara em preparar a cantoria que sempre se ouve com prazer. Foram muitas as comunhões. De tarde terço, prática pelo Rev. P.e Promotor e benção do SS.mo.

No mês de Novembro houve no altar da Virgem missa em tôdas as segundas feiras por alma dos bemfeitores de N. S. da Fátima. Eis a que ponto chegou em Macau a devoção à Senhora de Fátima. Muitas coisas omitimos, mas creio que isto basta para ver que também aqui no Oriente lançou profundas raizes esta devoção e se estendeu já até Hong-Kong e Shangai, graças ao zêlo com que tem trabalhado o seu Director — o Rev. P.e António Roliz — na propagação dela. O esplendor das festas desde 1929 até hoje são prova evidente do grande amor, fé viva e profundo reconhecimento para com N. S. da Fátima de todo êste Extremo Oriente.

— «Não nos apareceu Ela aqui, mas transladou-se para o meio de nós, colonizou-se nesta querida Macau, atraida também pela inocência do bando infantil das catequeses, das Cruzadas Eucarísticas, das Congregações, da fé dêste bom povo de Macau», como muito bem disse o Rev. P.e António Maria Alves, S. J., no seu sermão da Penha em 13 de Maio de 1931. Escolheu aqui a igreja de S. Domingos como a Cova da Iria em Portugal. E com regosijo santo que recordamos o feliz dia 13 de Maio de 1929 e tudo o que até hoje se tem dado aqui. Quantas graças temporais e espirituais não tem N. Senhora concedido nêsses dias em que a vamos honrar! Aqui, como em Fátima, passam-se momentos sobrenaturais nêsses dia. Bem haja o povo de Macau por tão grandes manifestações de fé e religião para com a Virgem da Fátima! E graças infinitas também à Senhora por ter feito reaparecer entre nós êste espírito tão português de devoção para com Ela.

Mas importa não esquècer que Ela pediu em Fátima penitência, oração e pureza. Oremos pois, façamos penitência e conservemo-nos limpos de alma e corpo para assim a honrarmos cada vez mais e nos prepararmos para celebrar com mais devoção e pompa ainda o dia 13 de Maio de 1933. Sejamos apóstolos desta devoção para que ela aumente mais e mais em todo êste Extremo Oriente e unamo-nos todos em espírito com o Rev. P.e Promotor dêste culto de N. S. da Fátima para conservar sempre acesa em nossos corações esta chama sagrada.

Macau/13/12/932.

P. A. Roliz

Importantíssimo

Durante os meses do verão desde Maio a Outubro a Voz da Fátima sairá com uma tiragem muito maior do que nos outros meses, necessitando por isso muito da caridade dos seus leitores.

Atenção

Quando necessitardes de alguma mudança nos endereços das vossas assinaturas, não vos esqueçais de enviar com o pedido para a mudança o número da vossa assinatura. Doutro modo é quási impossível o serdes atendidos.

Consagração da diocese de Coimbra ao Sagrado Coração de Maria Santíssima.

(Continuação da Carta Pastoral de S. Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Coimbra)

V

Portugal é o filho dilecto de Maria Santíssima. Um amor especial a prendeu sempre à nossa Pátria, em cuja bandeira vê sempre as chagas do seu Filho.

Devemos-lhe a formação da nacionalidade, e por mais duma vez a nossa independência, assim como a expansão dos nossos dominios. A nossa Pátria nasceu da devoção à Santissima Virgem, nela se desenvolveu e engrandeceu (1).

a) As primeiras terras de Portugal conquistadas aos Mouros tomaram o nome de *Terra de Santa Maria*. O Porto, ainda antes de dar o nome ao nosso País, já era a *Cidade da Virgem*.

Foi ela quem com maternal carinho guiou o heróico fundador da nossa nacionalidade, o miraculado de Cárquere (2), D. Afonso Henriques.

D. Afonso Henriques, quer nas lutas com Castela, quer nas guerras com os Mouros, recebeu auxílios singulares de Maria Santíssima. E por isso mesmo, para cumprimento do voto que lhe fizera na jornada de Santarém, mandou-lhe levantar o grandioso templo de Santa Maria de Alcobaça.

b) Quando a independência de Portugal esteve em perigo por morte de D. Fernando, foi Nossa Senhora que nos fez evitar o jugo de Castela, ouvindo os rogos e votos do Mestre de Avis e do seu grande Condestável, D. Nuno Alvares Pereira. Foi na vèspera da Assunção que se feriu entre Portugal e Castela a batalha de Aljubarrota. D. João I fez voto de erigir um mosteiro à Mãe de Deus no lugar onde ia dar-se a batalha, se a vencesse. Ele mesmo o diz no seu testamento.

D. Nuno lembrava a todos que a «Mãe de Deus, cujas Vésperas então eram, seria advogada por eles». E foi. E lá se levantou logo o mosteiro de Santa Maria da Vitoria, ou da Batalha, dedicado à Assunção de Nossa Senhora.

c) Depois, o Infante D Henrique, dessa *inclita geração, altos Infantes*, consolidada a nossa independência, volta-se para os mares e antevê novos mundos. Antes de iniciar os descobrimentos marítimos, creou em Sagres a escola primária dos nautas, mas levantou ao mesmo tempo a ermida do Restelo, dedicada a Santa Maria de Belém (3).

A essa ermida iam buscar coragem todos os nossos navegadores. Nas suas naus e caravelas ía sempre a imagem da Virgem, e com a sua protecção Portugal suplantou Veneza e Génova, descobriu novos povos e novos mundos, e, *se mais mundo houvera, lá chegara.*

Em substituição da pequena ermida do Restelo, D. Manuel mandou edificar o grandioso mosteiro de Santa Maria de Belém, para eternizar a gratidão dos Portugueses a Maria Santíssima, a estrela guiadora dos nossos navegadores missionários.

d) Mais tarde, depois do desastre de Alcacer-Kibir, perdemos a independência; mas recuperámo-la depois por Maria Santíssima. Foi no grito de — *viva a Imaculada Conceição* — que no 1.º de dezembro de 1640 aquele pequeno grupo dos Restauradores quebrou as algemas da Pátria e fez ressuscitar Portugal.

D. João IV, não chegando já um templo para testemunhar à Virgem a sua gratidão e a gratidão do seu povo, depõe a corôa real aos pés da Imaculada Conceição, proclama-a não só Padroeira, mas Raínha de Portugal, e quere que ela tenha um santuário tão grande como a nação, com tantos altares quantos os corações dos Portugueses.

e) E depois a protecção da Virgem para com o nosso País fez-se sentir ainda na gloriosa batalha de Amoixeal em 1662, nos combates contra as hostes Napoleónicas e mêsmo nas não muito remotas campanhas de Africa (4).

VI

Era grande o amor de Maria Santíssima para com os Portugueses, mas também era grande a devoção dos Portugueses para com a sua Mãe do céu.

Era grande, como vimos, a devoção dos monarcas, dos guerreiros, dos navegadores; mas não era sòmente dêstes, era também grande a devoção de tôdas as outras classes sociais, era grande a devoção de todo o povo.

A arquitectura, a escultura, a pintura honravam-se ao serviço de Maria. As classes ilustradas defendiam o seu culto, os poetas cantavam as glórias da Filha de Deus Padre, Mãe de Deus Filho, Esposa do Espírito Santo.

Ela Filha, Mãe e Esposa; e se alcançaste,
Uma só, três tão altas dignidades,
Foi porque a três d'Um só tanto agradaste.

(Camões)

Portugal era um grande *santuário mariano*.

Em todo o nosso território, nos montes e nos vales, o povo levantou a Maria poéticas ermidas, capelinhas brancas como bando de pombas, onde especialmente lhe fazia as suas festas, lhe dirigia as suas preces e cumpria os seus votos (5).

Na costa marítima, de Norte a Sul, quási tôdas essas capelinhas eram dedicadas a Nossa Senhora da Boa Viagem, à Senhora dos Navegantes; no resto do país são outras as invocações em que se ouve o grito de tôdas as necessidades: — Senhora das Dôres, Senhora dos Remédios, Senhora do Pranto, Senhora da Agonia, Senhora da Saúde...

A 15 de agosto (Assunção de Nossa Senhora) e a 8 de de setembro (sua Natividade) Portugal inteiro era um só templo, uma basílica imensa com grandiosas festas à Mãe de Deus.

Maria Santíssima era o orago de grande número de freguesias, e aparecia no brazão de muitos concelhos.

As nossas Misericórdias tinham-na como Padroeira (6) e celebravam especialmente a sua Visitação.

Muitos pais e padrinhos davam aos seus filhos e afilhados o sobrenome de Maria — António Maria, José Maria... —; e mais vezes ainda as suas filhas e afilhadas honravam-se com êsse nome — eram Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Pureza, Maria da Piedade, Maria do Carmo...

Ao toque das *Ave Marias* não havia quem se não descobrisse e não resasse, celebrando os mistérios da Anunciação e Incarnação.

À noite todos os chefes de família resavam com os seus filhos e com os creados (que da família eram também), a Corôa, ou o Terço do Rosário de nossa Senhora, e em algumas povoações essa Corôa ou Terço era resado às portas das casas, com os visinhos, em côro.

Não se ouviam blasfêmias. As impaciências desfaziam-se em invocações como estas: — *Valha-nos nossa Senhora, Jesus nos valha!*

* * *

Coimbra distingiu-se sempre no culto de Maria Santíssima. Será sempre para ela glória imorredoura o culto e defesa da Imaculada Conceição.

No século XIV um meu antecessor, o Bispo de Coimbra, Dom Raymundo Evrard, em Provisão de 17 de outubro de 1320, instituiu e ordenou a festividade da Conceição Imaculada de Maria, mandando que todos os anos, a 8 de dezembro, ela fosse celebrada na sua catedral — Santa Maria de Coimbra (a Sé Velha como hoje se diz). Essa festa celebrou-se efectivamente aí pela primeira vez a 8 de dezembro daquele ano. Foi a velha catedral de Coimbra que teve a honra de ser a primeira igreja de Portugal e talvez da Península, onde se festejou êste singular previlégio de Maria (7).

A nossa Universidade, sempre, desde a sua fundação em 1290, sempre professou a doutrina da Conceição Imaculada de Maria Santíssima, e é bem conhecido o seu juramento depois de 1640 (8). A mesma Universidade em 1854 nomeou três Doutores seus que a representassem em Roma nas solenidades daquela definição dogmática (9).

Podemos pois dizer afoitamente que tôdas as gerações portuguesas, desde as mais ilustradas às mais humildes, passaram, conclamando num côro imenso: *Bendita és tu entre as mulheres*, realizando-se assim o assombroso vaticínio de Maria Santíssima (10).

Havia como que um pacto de amor entre Maria Santíssima e os Portugueses. Maria Santíssima era dos Portuguêses, e os Portuguêses eram de Maria Santíssima.

E hoje?

(continua)

(1) *Primeiro Congresso Mar.* cit., pág. 135 e seg. e 263 e seg.

(2) Freguesia do concelho de Resende, Diocese de Lamego.

(3) Em Belém Santa Maria deu Jesus ao mundo; de Santa Maria de Belém partiram os Portugueses para dar Jesus aos que ainda o não conheciam. Vid. *Primeiro Congresso Mariano* cit., pág. 268.

(4) Não devemos esquecer que à protecção de Maria Santíssima se deve certamente a ineficácia da invasão protestante entre nós até ao século XIX.

(5) *Primeiro Congresso* cit., pag. 150 e seg.

(6) Quando, pelo ano de 1496, na ausên-

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

(Pelo Rev.º P.e J. M. Zulueta S. J. — de Cochim, foram enviados à Redacção da «Voz da Fátima», os relatórios de algumas graças de N.ª S.ª, cuja publicação continuaremos)

Abandonada dos Médicos

«...É com o maior prazer que peço licença para publicar algumas graças recebidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

A minha esposa, *asmática crónica* por muitos anos e já desenganada dos médicos, seguindo o seu bondoso conselho começou a fazer uso da água da Fátima que V. Rev.ª teve a bondade de nos mandar. Com surpreza e admiração minha notei que logo desde o princípio ela começou a sentir sensíveis melhoras, e desde então até hoje, já lá vão mais de dois mêses sem que algum ataque a tenha atormentado.

Do memo modo um dos meus filhos que sofria de desarranjo mental obteve uma cura miraculosa com a aplicação da mesma água da Fátima.

Comunico a V. Rev.ª esta alegre notícia pedindo a publique em agradecimento das graças que alcancei do Céu por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

Baía do Salvador

(Relatório enviado pelo Sr. P. Miranda S. J.)

Tumor cancerôso

D. Libania Bastos de Silva — Portão da Piedade, 21, ha 7 anos que teve um tumor canceroso num dos seios, sendo-lhe necessário sujeitar-se a uma operação, da qual resultou a completa extração do seio invadido. Ficou, diziam, livre do terrível mal, mas não definitivamente curada porque, 4 anos depois, outro tumor da mesma natureza reaparece do mesmo lado. Reconhecida a realidade do novo tumor, o mesmo médico que a havia operado afirma ser necessária nova operação da qual resultou a mais completa excarnificação de todos os musculos adjacentes ao local do tumor.

Passaram-se mais três anos sem notável alteração, até que o pertinás tumor reaparece mas agora no outro seio. O médico, ao verificar êste 3.º tumor, sem exitação optou por 3.ª operação. A pobre Senhora, porém, é que não acabava de se resolver, dizendo consigo: de um lado já estou completamente descarnada, se me fazem o mesmo do outro lado, em que estado irei ficar?!...»

Na anciedade em que estava, sem saber que decisão tomar, antes de sujeitar-se a esta nova operação, resolve interpôr o recurso a Nossa Senhora da Fátima.

Não exita em pedir-lhe a cura sem nova operação, o que fêz em dias sucessivos fazendo ao mesmo tempo uso da água de Nossa Senhora da Fátima. E tão bem sucedida foi, que, sem ulterior remédio, em 4 dias o tumôr desapareceu por completo com notável satisfação da venturosa Senhora, e singular surpresa de todos os que tiveram conhecimento de tão maravilhoso facto, inclusivé do próprio médico, que, em presença de cura tão assombrosa, intimou imediatamente a Senhora a dizer-lhe qual o incógnito remédio tão prodigiosamente eficaz, para em tão pouco tempo produzir tão extraordinário efeito.

E maior foi ainda a surpreza quando ela lhe disse que nenhum remédio empregara, mas tão sòmente o recurso a Nossa Senhora da Fátima com a simples aplicação de umas mínimas gotinhas da água do seu Santuário na Cova da Iria.

Por um tostão 50$000 brasileiros

Uma piedosa negrinha estava em tempo de tirar o luto que vestira por um seu parente falecido, mas não tinha dinheiro para comprar outra roupinha com que substituísse a que trazia. Vem implorar o auxílio de Nossa Senhora da Fátima, lançando depois da prece um tostãozinho no seu cofre. Tão feliz foi e rápido o despacho que, de volta a casa, logo aparece quem lhe dê 50$000. Pode bem imaginar-se o jubilo da beneficiada, cuja primeira acção foi voltar imediatamente a agradecer a N.ª Senhora nêstes singelos mas expressivos termos: «Oh! Minha rica Senhora, como sois bôa! Eu boto no vosso cofre um tostão, e Vós dais-me 50$000!... bem haja, minha boa Senhora, bem haja, e cá fica outro tostãozinho;...» Que pêso não devem fazer na balança da Mãe do Céu tostõezinhos dados com êste amôr e fé?!...

Fraqueza geral

Uma Senhora, já nos seus 84 anos, achava-se muito mal em conseqüência de grave e já prolongada doença.

Sem poder alimentar-se ia enfraquecendo a olhos vistos. Havia dias que não se movia, não falava, nem os olhos abria. Informado disto um dos netos que tinha no nosso Colégio antes de partir para férias invocou o auxílio de Nossa Senhora da Fátima, e ao ir para casa levou consigo uma estampa da mesma Senhora para oferecer à sua avó doente.

Uma vez junto dela com a estampa na mão, a doente que antes nem falava nem abria os olhos, virando-se para o lado do recem-chegado, diz-lhe com voz assás inteligível: «*Deus te abençoe*». Metendo-lhe êste a estampa na mão, começa a doente a examiná-la, contemplando-a demoradamente, e tocando com ela em si mesma, na cabêça, no rosto, no peito, sentia que as fôrças lhe iam voltando progressivamente, e daí a poucos dias já se levantava do leito e andava pela casa, e aos que disso se admiravam ela respondia mostrando ao mesmo tempo a estampa de N.ª S.ª da Fátima: «foi Esta quem me deu tais melhoras».

Tumor

D. Maria Cândida Sousa Ferreira, moradora na Ladeira da Palma, tinha de há muito já na face direita aquilo a que vulgarmente chamam espinha carnal. Esta porém foi-se desenvolvendo até formar um verdadeiro tumor maligno que suporava abundantemente com muito incómodo para a pobre doente.

Durante dois anos e meio ela procurou tôda a sorte de recursos médicos sem o minimo resultado.

Recolheu por fim ao hospital onde passou 3 mêses, tendo que sujeitar-se a 3 operações de bisturi e pontas de fôgo que só lhe aumentaram consideràvelmente as dôres sem qualquer outro resultado positivo.

Intrigados já os médicos por não acertarem sequer com a causa da doença, fotografaram-lhe o rôsto no estado em que se encontrava, resolvidos a mandar tais fotografias para o Rio de Janeiro, S. Paulo e outros Estados onde a ciência médica estivesse mais desenvolvida, e até para clinicas estranjeiras, a ver se de qualquer delas lhes vinham indicações que podessem orientá-los. Entretanto, enquanto não vinham as desejadas indicações já tinham por inútil qualquer outra tentativa.

Existe na Capela do hospital uma estátua de Nossa Senhora da Fátima a que freqüentemente recorrem os doentes, sobretudo os de mais gravidade. Desesperada como estava do valor da medicina terrestre, a doente assenta consigo interpôr como recurso extremo a intercessão da mesma Senhora da Fátima. Vai-se à Capela, ajoelha ante a mencionada estátua, e reza com fervôr dando princípio a uma novena, e, sòzinha, sem que a podessem observar, afoita-se a tocar com a mão o manto da Senhora levando-a em seguida, uma e mais vezes, ao rôsto, na parte ferida.

Se a estátua falasse, sem dúvida teria dito como outrora o Salvador: «*alguém me tocou; sinto que de mim saí virtudes*». E saíu de facto também desta vez, pois que a ferida daí em deante deixou de suporar, e, tomando desde logo um aspecto inteiramente diverso do que dantes tinha, começou a cicatrizar a olhos vistos, cessando por completo as dôres e podendo já a doente dormir, coisa que de há muito já não podia fazer por causa das continuas dôres e incessante suporação.

Passou-se isto na 1.ª sexta feira de Fevereiro de 1931 e poucos dias bastaram para ficar de todo curada com grande assombro de todos, inclusivé dos próprios médicos que para estabelecerem o confronto a fizeram fotografar neste mesmo estado. Completamente restabelecida, entrou de novo na sua vida de actividade, sem que a antiga ferida desse mais sinal algum de si, se não quando, 4 meses mais tarde, por causa duma queda, a ferida reabre-se de novo cicatrizando em cêrca de 15 dias. Daí para cá a doente tem sempre ido de bem em melhor, e não cessa de tributar a Nossa Senhora da Fátima a sua mais profundo e sentida gratidão.

(Continúa).

P.e J. Miranda S. J.

VOZ DA FATIMA

DESPEZA

Transporte	383.142$07
Papel, comp. e imp. do n.º 127 (53.000)	2.967$00
Franquias, embalagens, transportes, etc.	1.015$45
Na administração—Leiria	343$50
Total	387.468$02

DONATIVOS DESDE 15$00

Miguel Baia Coelho — Porto, 50$00; Emília Friães — S. Tirso, 30$00; Beatriz Silva — Lourdes, 20$00; Perpetua Furtado — Lisboa, 15$00; Maria da C. Rocha — Odivelas, 15$30; Ana Pires da Costa — Porto, 15$00; Maria da Anunciação — Guarda, 15$00; Corina Ribeiro — Vieira do Minho, 100$00; P.e Manuel José Pita — Chaves, 50$00; Henriqueta Adelaide — Tarouca, 20$00; José Luiz Raposo — Açores, 15$00; P.e Manuel de Melo — Açores, 20$00; Distribuição no Paião, 140$00; M.ª do Céu da Silva — Boticas; 20$00; esmola de Campanhã, 20$00; Ant.º de Almeida Cabral — Fornotelheiro, 60$00; Deolinda Malico — Samora Correia, 15$09; Casa de Saúde de Trapiche — Funchal, 40$00; Joaquim Torgal — Lisboa, 20$00; Josefina Fernandes — Bragança, 20$00; Joaquim Negrão — Lourenço Marques, 15$00; José de Almeida — França, 49$60; Graciano Palha — Cortegana, 20$00; Laurência Freitas — Madeira, 20$00; Rosa Herdeira — Ovar, 67$50; Inês Redim — Pôrto, 30$00; P.e Manuel Dourado — Lubango, 230$00; Virginia Teixeira — Chaves, 150$00; Henriqueta Couto — Arcos de V. de Vez, 20$00; Hortense Barros — Lisboa, 15$00; Leonilde Belo — Aldeia da Mata, 15$00; Maria José Alves — Mampula, 20$00; Joaquim da Palma — Messines, 30$00; Um grupo de Confrades — Porto, 36$00; Maria Guimarães da Cunha — Porto, 20$00; Maria Alves da Cunha — Porto, 50$00; Helena Carneiro — Porto, 15$00; Joana de Faure C. Branco — Porto, 20$00; Maria de Carvalho — Lamego, 24$10; Arminda Lencart — Porto, 20$00; Maria Tomás — Açores, 30$00; Francisco R. Ferreira — Açores, 20$00; Jesuina Vieira — Raminho, 20$00; C. Vergilio Pita — Evora, 20$00; P.e M.el Teofilo de Sousa — Açores, 50$00 M.el d'Almeida e Costa — L. Marques, 50$00 M.ª Leitão — Espozende, 55$00; Inês Sequeira — Mapuçá, 44$00; Candida Ferreira — V. P. d'Aguiar, 20$00; M.ª Alves e Silva — Monte Redondo, 20$00; Narcisa d'Oliveira — Souzela, 50$00; Maria do R. e Cunha — Alvelos, 20$00; Celestino Leite — Cab. de Bastos, 20$00; Maria d'Almeida Garret — C. Branco, 20$00; Adriano José F. — Lourinhã, 20$00; Freixieiro de Soutelo — Praia d'Ancora, 90$00; Francisco Barbosa — Praia d'Ancora, 51$00; Dr. Judice d'Oliveira — Lisboa, 100$00; Distribuição em S. André — Estremoz, 113$80; Florinda Rosa — Porto, 30$00; Efigénia dos Santos — Carvalhos, 15$00; António Fonseca — França, 254$20; Maria do Céu — França, 20$00; M.ª da C. Russo — Cabeço de Vide, 32$00; Luiz M. Ribeiro — A. dos Francos, 20$00; Ana de V. Trigueiros — Alcains, 30$00; Abílio Bandeira — Alfena, 50$00; Emília Rodrigues — Vinhaes, 15$00; Augusto Pires — Vinhais, 20$00, José da Graça — Estremoz, 20$00; Guilhermina Rebóla — Estremoz, 20$00; Lucinda Amaral — Sever do Vouga, 20$00; Mariana de Matos — Espite, 20$00; Joaquim Alvaro — Rio de Moínhos, 20$00; Maria Luisa Ferreira — Paredes, 15$00; P.e António Calabote — Alcácer do Sal, 15$00.

PROGRAMA DA PEREGRNAÇÃO de 12 e 13 de Maio

Dia 12 — *Às 22 horas (10 da noite) — Terço em comum e procissão das velas. À meia noite — Exposição do Santissimo Sacramento e Adoração Nocturna.*

Dia 13 — *Às 4 horas começam as missas havendo 30 altares preparados à disposição dos Rev.dos Sacerdotes.*

Às 5 horas — Missa e Comunhão para os Senhores e Senhoras Servitas.

Às 6 horas — Missa e Comunhão geral aos peregrinos distribuida por uns 30 sacerdotes.

Às 7 horas — Missa e Comunhão aos doentes albergados no Hospital.

Às 9 horas — Missa de Pontifical seguida da procissão do S. Corpo de Deus, recomendando-se aos peregrinos que acompanhem Nosso Senhor com uma vela acêsa na mão.

Às 11 e meia — Têrço em comum, procissão de Nossa Senhora, e Missa seguida de Benção aos doentes e peregrinos.

RETIRO ESPIRITUAL A MÉDICOS

Fundação da Associação dos Médicos Católicos

A Santíssima Virgem, a quem na Ladainha chamamos *Trono de Sabedoria*, quiz também levar junto de Si, no seu Santuário da Fátima, os representantes da Ciência Médica para que, ilustrados pela divina graça, em união com Ela trabalhem com maior eficácia na cura dos pobres doentes. E que Ela também é chamada a *Saúde dos enfêrmos* a quem deseja valer.

Juntaram-se no Santuário em Retiro Espiritual 13 médicos. À semelhança dos Apóstolos com Nossa Senhora no Cenáculo em preparação para a vinda das luzes do Espírito Santo, assim êstes 13 homens da ciência, debaixo da proteção de Nossa Senhora da Fátima, pelem luzes para si mesmos e bençãos para o seu Ministério. Não resistimos ao gôsto de registar nas colunas da «Voz da Fátima» os nomes dos ilustres exercitantes — Dr. João Bentes Castelo Branco, Dr. José d'Oliveira Xavier, Dr. Antonino Vaz de Macedo, Dr. António Reis e Mata, Dr. José Maria P.ª Gens, Dr. Júlio Gonçalves Cerejeira, Dr. Bernardo de Brito Ferreira, Dr. José de Paiva Boléo, Dr. Diamantino Ferreira Godinho, Dr. Júlio Alves Vieira, Dr. Henrique Bernardo Gonçalves, Dr. Augusto d'Azevedo Mendes, Dr. José Tavares da Mata.

Além dêstes médicos alguns enfermeiros assistiram também ao Retiro que durou 3 dias — de 9 a 12 de Abril.

Depois do jantar do último dia, a que assistiu também o Sr. Cardial Patriarca de Lisboa, o Sr. Bispo de Leiria, que também estava presente, dirige palavras de agradecimento aos Conferentes salientando a Acção do Rev.do P. Pizarro sôbre N.ª S.ª da Fátima na Bélgica.

Terminado o jantar reuniram-se com Sua Em.cia e o Sr. Bispo de Leiria todos os médicos que assistiram ao Retiro, discutindo sôbre a notabilíssima tese do Sr. Dr. Mário da Silva Mendes, sôbre a grave questão do *Eugenismo*, cujo sumário reproduzimos aqui.

I — Definição;
II — O Eugenismo actual;

Metodos que usa:

a) Exame prenupcial;
b) Limitação de nascimentos;
c) Esterilisação;

III — Argumentos que apresenta;
IV — Crítica dos argumentos;
V — O Eugenismo e a Igreja Católica.

Foi lida pelo dr. José de Paiva Boléo porque o autor não pôde assistir.

Antes da leitura Sua Em.cia anima todos os presentes dizendo que tal reünião ficará célebre em Portugal porque dela sairá a *Associação dos médicos Católicos Portugueses*, fundada ali por poucos, como é próprio das obras de Deus, mas debaixo da proteção de Nossa Senhora. A tese que foi muito apreciada será publicada na futura revista dos médicos católicos.

Foi em seguida presente o projecto dos Estatutos da Nova Associação, cujos artigos foram discutidos, sendo unanimemente aprovados.

A nova Associação ficou com a seguinte direcção:

Snr. Dr. Melo Breyner (Conde de Mafra), professor da Faculdade de Medicina, na Universidade de Lisboa, Presidente. Dr. João Porto, professor da Universidade de Coimbra e Dr. Rodrigues, professor da Universidade do Porto, Vice-Presidentes.

Secretário — Dr. Henrique Gonçalves.

Tesoureiro — Dr. José de Paiva Boléo.

S. Em.cia tomando a palavra mostrou a importância que esta Associação tem sob o ponto de vida religioso, social e científico sob as Bençãos de Deus e debaixo da protecção de Nossa Senhora de Fátima, em cujo Santuário tem a sua primeira reünião e é inaugurada.

Foi escolhido como patrono privativo da Associação dos Médicos, S. Lucas.

Era meia noite quando terminou a reünião sendo em seguida tirado o grupo fotográfico que reproduzimos na 1.ª página dêste jornal.

S. Em.cia admitiu solenemente os médicos presentes como servitas de Nossa Senhora impondo-lhes as respectiva insígnias.

A Hora Santa em presença do S. Sacramento foi presidida pelo Em.mo Senhor Cardeal Patriarca, prègando o Rev. P.e Pizarro.

S. Em.cia celebrou a santa missa e administrou a S. Comunhão aos Senhores Médicos exercitantes e a outras pessoas presentes.

De manhã o Senhor Cardeal Patriarca visitou as obras com o Sr. Bispo de Leiria, retirando-se para o Patriarcado.

Sua Em.cia o Sr. Cardial Patriarca, no lugar onde deve ficar o púlpito na Igreja em Construção na Cova da Iria

cia de El-Rei D. Manuel, era Regente do reino sua irmã, a Rainha D. Leonor, viúva de D. João II — Frei Miguel Contreiras instituiu a *Confraria de Nossa Senhora da Misericórdia* na capela de Nossa Senhora da Piedade (Claustro da Sé de Lisboa), também chamada de Nossa Senhora de Terra Solta por ser de terra o seu pavimento. D. Manuel, ao regressar, aprovou esta bela Obra e pediu ao Papa Alexandre VI a sua confirmação. E desde logo as Misericórdias se difundiram extraordinàriamente. (Dr. Fortunato d'Almeida — *História da Igreja em Portugal*, tomo III, parte II, pág. 476).

(7) Vid. Dr. António de Vasconcelos — *O Mistério da Imaculada Conceição e a Universidade de Coimbra* — Coimbra 1904, págs. 11 e 12.

(8) Dr. António de Vasconcelos, *ob. cit.*, págs. 41, 44, 45 e 49.

(9) Dr. António de Vasconcelos, *ob. cit.*, pág. 57 e 97 a 99.

(10) «Tôdas as gerações me chamarão bemaventurada» (Luc. I, 48).

Ano XI — Leiria, 13 de Junho de 1933 — N.º 129

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário da Leiria„

FÁTIMA, dom inefável do coração da Mãe de Deus.

A grande peregrinação nacional de Maio

«Fátima é hoje um grande centro de peregrinação, o maior de tôda a Península Ibérica».

(Do Osservatore Romano, *n.º 129, de 3 de Junho de 1928).*

As radiosas maravilhas da Fé

O rev.mo P.e Mateo, que o Santíssimo Coração de Jesus, dignando-se aparecer-lhe no santuário mais antigo e mais célebre que lhe é consagrado, o Santuário de Paray-le-Monial, constituiu apóstolo das suas glórias e dos seus benefícios e mensageiro dos seus desejos e das suas promessas em todo o mundo, ao dirigir-se, ainda há pouco, na linguagem sublime da sua alma profundamente sacerdotal, aos «adoradores nocturnos do lar» na nossa Pátria, pôs em relêvo a munificência infinitamente misericordiosa do Divino Rei de Amor que nos amou tanto, tanto, a nós, portugueses, que «nos deu, com o seu doce sorriso de Mãe, Nossa Senhora do Rosário de Fátima».

Foi esta graça incomparável, foi êste dom preciosíssimo, foi esta fineza tão mimosa, tão delicada e tão encantadora, do Sagrado Coração de Cristo-Rei que, no dia treze de Maio último, Portugal inteiro, de norte a sul, pela voz dos seus embaixadores, os peregrinos de Fátima, quís ir agradecer, rezando, cantando e chorando, na grandiosa e imponente manifestação de fé e piedade que, mais uma vez, teve por teatro êsse lindo e delicioso cantinho do Céu que se chama a Cova da Iria.

Como sempre, é pelas mãos virginais de Maria, Medianeira de tôdas as graças, que Jesus nos dispensa as riquezas opulentíssimas dos seus celestes tesouros. Êle bem sabe que sua Mãe Imaculada é a gloriosa Padroeira de Portugal. Êle bem sabe que os portugueses, num transporte de confiança e de amor, a elegeram por sua Rainha. Êle bem sabe que a veneram e amam, rendendo-lhe o culto mais terno e mais acendrado que lhes inspira a sua piedade filial aliada à sua imensa e indelével gratidão por tantos e tão grandes benefícios recebidos das mãos generosas da sua celestial benfeitora.

A Fé viva e ardente dos peregrinos, que de todos os pontos do país acorrem, em cada dia treze que passa, ao local bendito das aparições, correspondendo ao maternal apêlo da Virgem, multiplica-se por tôda a parte, na terra querida da nossa Pátria, as graças e bênçãos do Céu arrancadas pelas preces, suspiros e lágrimas, depostas aos pés daquela que é justamente chamada «a Onipotência suplicante», «a Saúde dos enfermos», «a Mãe de misericórdia», «o Refúgio dos pecadores», «a Medianeira de tôdas as graças».

À medida que as orações dos fiéis, devotos da augusta Rainha de Fátima, sobem para o alto, em misteriosas espirais de fé, em místicas volutas de amor, fazendo doce violência ao Coração da Mãe de Deus, os dons sobrenaturais e os favores celestes descem a flux sôbre as almas de boa vontade, iluminando-as, confortando-as e acrisolando-as...

Felizes daqueles a quem é dado contemplar ou pelo menos sentir, durante as longas horas da manhã dum dia treze da quadra estival, no maior e mais belo dos nossos santuários nacionais, as maravilhas portentosas e inefáveis da fé!

E felizes, mais felizes ainda, — e, mercê de Deus, são muitos — os que logram ser objecto dessas maravilhas divinas, que iluminam e fortificam, que amparam e consolam, que purificam e aformoseiam, que elevam, santificam e salvam!

A procissão das velas

Pela primeira vez no decurso dêste ano, o recinto paradisíaco da Cova da Iria é teatro dum espectáculo que comove profundamente a alma e satura de suave e mística alegria o coração de todos os peregrinos: a procissão das velas.

13 DE MAIO DE 1933
A aviação saudando Nossa Senhora da Fátima, deixando cair sôbre a Capelinha lindos ramos de flôres.

Às dez horas da noite do dia doze vêem-se já as primeiras ondulações dêsse rio de luz e de fogo, formado por dezenas de milhar de fachos, que, num fluxo e refluxo incessante, vai deslizando pelas largas avenidas do grandioso e magnífico anfiteatro que é a esplanada das aparições.

Depois, à medida que o caudal de luzes se adensa, num deslumbramento extraordinário, e a multidão de fiéis engrossa cada vez mais, o espectáculo torna-se soberbo, empolgante, indescritível.

Neste oceano humano, prodigiosamente colossal, há pessoas de tôdas as idades e de tôdas as classes e condições sociais procedentes dos diversos pontos do país. São, de-certo, mais de cem mil peregrinos.

Hinos de fé, cânticos de esperança e hossanas de glorificação enchem o espaço ecoam pelos montes e quebradas da serra, e sobem para o Céu, no mais belo e mais grandioso dos corais, traduzindo confiança, gratidão e amor.

Debalde se tenta pôr em ordem o imenso cortejo. Tôda a organização se torna impossível sempre que a multidão assume tamanhas proporções quanto ao número de pessoas que a compõem e à extensão de terreno por ela ocupado.

Espectáculo estranho, verdadeiramente assombroso, que eleva e enternece, que delicia e encanta, ao mesmo tempo que demonstra a pujante vitalidade da fé e devoção dum povo que crê firmemente em Deus e ama com ternura a Virgem, a-pesar das blasfêmias horríveis da impiedade e das negações cínicas e alvares da descrença!

As portas do Inferno, segundo a promessa do Divino Redentor, não prevalecerão jámais contra a sua Igreja! Êle assegurou-lhe a sua perene assistência, a sua protecção onipotente, até ao último dia do mundo. E a palavra de Jesus é infalível.

No recinto portentoso da Cova da Iria, junto do padrão comemorativo das aparições, nesse logar encantado em que a Rainha do Céu esmagou, mais uma vez, com o seu pé virginal a cabeça da serpente maldita, a santa Espôsa do Cordeiro sem mácula, que, depois de crucificado e morto pela maldade dos homens, ressuscitou, glorioso e triunfante, solta um brado entusiástico e vibrante de alegria e confiança: «Nossa Senhora de Fátima, rogai por nós!»

A adoração nocturna

O cortejo imponente e majestoso pára, finalmente, e a multidão vai-se concentrando, pouco a pouco, em frente do pórtico da futura Basílica de Nossa Senhora de Fátima. No átrio, estão, além do venerando Bispo de Leiria, o ilustre Chefe da Província eclesiástica de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora, e os dois Prelados seus sufragâneos, D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja, e D. Marcelino António Franco, Bispo do Algarve.

Na esplanada, vêem-se as peregrinações de Lisboa, de Benfica, dos Olivais, do Pôrto, de Évora, de Extremôs, de Beja, de Faro, de Areias, de Lagarinhos, de Icanede, de Teixoso, de Fridão e Mangualde, de S. Torcato de Guimarães, de Leiria, enfim, de todos os pontos do país, donde vieram centenas de milhar de romeiros em automóveis, *camionnettes* e combóios, para depôr aos pés da augusta Senhora Aparecida o testemunho da sua fé ardente e o preito da sua devoção acrisolada. Acaba de soar a meia noite. E é, exactamente nesse local e nessa hora, das mais solenes e mais impressionantes de Fátima, que Portugal inteiro, pela voz dos seus representantes, Bispos, párocos e fiéis, proclama, dum modo mais íntimo e mais sentido, a sua crença em Deus e sua confiança na Virgem.

Dos lábios de tôdas estas almas irrompe, de repente, em uníssono, estuante de sinceridade, de calor e de vida, êsse hino de fé, maravilhoso e sublime, que é o Símbolo dos Apóstolos. *Credo in unum Deum... qui natus est de Maria Virgine...*

Após o canto do *Credo*, expõe-se o Santíssimo Sacramento na custódia sôbre o trono de luzes e de flores do grande altar exterior e principia a tocante cerimónia da adoração nocturna.

Ao lado, num púlpito móvel, em que foi colocado o microfónio, ergue-se a figura nobre e imponente do preclaro Antístite de Évora, frente a frente dos seus setecentos súbditos, que êle teve a inefável consolação de trazer à Lourdes portuguesa na grande peregrinação da sua diocese, que organizou e a que presidiu.

O primeiro período da adoração, da meia-noite às duas horas, pertence à Peregrinação Nacional conjuntamente com a de Évora.

O rev.mo dr. Marques dos Santos, a alma do Santuário, inicia a recitação do terço. O venerando Prelado de Évora faz a meditação dos mistérios gloriosos do Rosário no intervalo das dezenas.

Palavras de doce serenidade, de firme energia, de apostólico fervor, que os altifónios difundem pela vasta esplanada.

Oração de assombrosa eloquência, fremente de entusiasmo e ouvida em rigoroso silêncio. A esta hora de adoração seguiram-se outras, assim distribuídas pelas peregrinações particulares: das 2 às 3, Lisboa e Beja; das 3 às 4, Teixoso e Alcanede, das 4 às 5, Fridão, e das 5 às 6, Olivais.

Portugal é reu de grandes crimes, individuais e sociais. A Justiça Divina exige que êsses crimes sejam expiados. Jesus é ofendido no seu Sacramento de amor.

Muitas blasfêmias são proferidas contra a augusta Rainha do Céu. As videntes de Fátima comunicando as mensagens da celeste Visão, proclamam que é mister desagravar Nosso Senhor, reparando essas ofensas contra a sua adorável Pessoa e essas blasfêmias contra sua Mãe Santíssima.

Na nova Betânia de Fátima, o escol das almas boas e generosas da terra de Santa Maria, em espírito de reparação e desagravo, levantou o mais belo trono de amor a Jesus-Hóstia e acendeu o foco mais ardente de devoção à Rainha dos Anjos.

E é, sobretudo, no dia treze de cada mês, que o formidável pára-raios, formado por uma gigantesca peanha de corações puros erguidos para as alturas na cumeada da Serra de Aire, faz doce violência ao Céu, desarmando a justa cólera do Altíssimo e canalizando para esta terra de iniquidade torrentes de graça e de misericórdia.

As Missas — A Comunhão geral

O Santuário de Nossa Senhora de Fátima dispõe já, a partir dêste mês de Maio, de trinta altares. Doravante, pois, na Lourdes portuguesa, por ocasião das grandes peregrinações nacionais, cada dia treze, de hora em hora, a Vítima Divina é sessenta vezes imolada às mãos dos sacerdotes que celebram o Santo Sacrifício da Missa e oferecida em expiação dos pecados individuais e das iniquidades colectivas. Às 6 horas da manhã, começa a Missa dos Servitas. A devoção simples e fervorosa da assistência, constituída na sua totalidade por pessoas piedosas, edifica e comove. As Servitas, com os seus vestidos duma alvura imaculada, reflexo da pureza das suas almas, põem uma nota alegre em todo aquele admirável conjunto.

Na capela de Nossa Senhora do Carmo, a grande piscina probática de Fátima, numerosos sacerdotes ouvem durante tôda a noite as confissões dos peregrinos do sexo masculino, homens e rapazes.

Foram consagradas trinta mil particulas.

A breve trecho, trinta mil peitos se acharão convertidos em outros tantos sacrários vivos da Divindade. Jesus-Hóstia, o Pão dos Anjos descido do Céu para alimento e confôrto das almas, terá descido

aos seus corações, fazendo dêles tronos das suas misericórdias e escrínios das suas graças.

No Albergue de Nossa Senhora do Rosário, sacerdotes, médicos e servitas, porfiam em solicitude, dedicação e carinho, para com os doentes. No Hospital e no Pôsto das verificações médicas, além do director clínico sr. dr. José Pereira Gens, prestaram serviços e assistência, entre outros médicos, os srs. drs. Eurico Lisboa, Weiss de Oliveira, Bernardo de Brito Fernandes, Corsivo Dias e Bernardino dos Santos Freire, de Lisboa, Arlindo Soares, do Pôrto, Pereira Coutinho, de Cascais, António Martins da Costa Rangel, de Rebordosa (Paredes), e José Azevedo Antunes, de Alcantarilha.

Às 6 horas, principiam as Missas da comunhão geral. Os Ex.mos Prelados de Évora e Beja celebram as Missas privativas das suas respectivas peregrinações.

Em filas vastíssimas, pelo campo fora, os peregrinos começaram nesse momento a receber o Pão Eucarístico, prolongando-se durante algumas horas a distribuïção, que foi feita por trinta sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola.

Às 7 horas, um cortejo, sublime na sua encantadora singeleza, percorria os corredores e as enfermarias do Albergue. Era um sacerdote que, acompanhado por um grupo de servitas, levava, dentro duma píxide de ouro, Jesus no seu Sacramento de amor, aos enfermos hospitalizados.

Todos os doentes receberam o Pão dos Anjos com a mais edificante piedade. Um dêles, convenientemente preparado pelas servitas, comungou pela primeira vez, cheio de devoção e fervor.

Próximo das 8 horas, voaram por cima do recinto sagrado dois aviões que, formando círculos concêntricos, desceram até pequena altura, deixando, num gesto piedoso e gentil, cair flores e ramos de flores sôbre a santa capela das aparições.

A Missa de Pontifical e a procissão do Santíssimo Sacramento

Às 9 horas, o Senhor Bispo de Leiria celebra a Missa de Pontifical, no altar exterior da Basílica.

Em lugares especiais reservados, assistem à imponente solenidade litúrgica os seus veneráveis irmãos no episcopado, os Senhores Arcebispo de Évora e Bispos de Beja e do Algarve. A multidão dos fiéis, silenciosa e recolhida, acompanha atentamente as cerimónias rituais, empolgantes de majestade e beleza.

No fim da Missa, organiza-se a procissão do Santíssimo Sacramento, que dá a volta ao enorme recinto. Abrem o cortejo os estandartes das diferentes peregrinações, seguindo-se os membros das irmandades e confrarias, os seminaristas, os sacerdotes e os Prelados, entre duas alas, largas e extensas, de fiéis.

O venerando Prelado da diocese de Leiria leva a Sagrada Custódia sob o pálio, a cujas varas pegam as pessoas de maior representação social. Atrás caminha uma multidão interminável que se prosta de joelhos à passagem de Jesus-Hóstia.

Devem estar presentes mais de duzentos mil peregrinos.

Durante o percurso reza-se o terço e entoam-se cânticos.

Surgem nas alturas novos aviões.

Agora, durante a procissão do Santíssimo, é uma esquadrilha de 8 aeroplanos que veem trazer saudações aos peregrinos de Fátima. Dir-se-ia que chega no momento preciso para fazer a guarda de honra ao Divino Rei de Amor no seu cortejo triunfal.

No avião-chefe, exerce o comando supremo da esquadrilha uma glória da aviação militar, o sr. Tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, ilustre e brioso oficial da quarta arma do nosso glorioso exército. Os aparelhos fazem numerosas e interessantes evoluções, baixando o mais possível por sôbre a Cova da Iria e lançando ramos de flores. Depois de terem voado, durante bastante tempo, em acrobacias arriscadas, retiram-se em fila, saudados pela multidão que os segue com a vista até aos confins do horizonte.

A missa dos doentes

É já meio-dia solar. Os doentes, que são cêrca de trezentos, estão alinhados, em filas sucessivas, no sopé da grande escadaria que conduz ao átrio da Basílica, sob toldos que os defendem dos raios candentes do sol.

A veneranda estátua de Nossa Senhora de Fátima é transportada, aos ombros dos servitas, da capela das aparições para o altar campal. No seu novo andor, de talha dourada, a branca e linda imagem da gloriosa Raínha de Fátima recebe as homenagens dos seus filhos que a saúdam e aclamam, num entusiasmo tão vivo, tão sentido e tão fremente, que as palavras não são capazes de o traduzir.

Com o astro-rei no zenite, a temperatura do ambiente é elevadíssima, quási insuportável. Mas ninguém procura fugir à acção ardentíssima dos raios solares que queimam e abrasam.

O Senhor Bispo do Algarve principia a Missa dos doentes, assistindo os demais Prelados peregrinos.

Do lado da epístola, um côro formado por numerosos sacerdotes e seminaristas canta os *Kyries*, o *Credo* e alguns motetes religiosos. Ao Evangelho, o Senhor Arcebispo de Évora profere um sermão eloqüente, repassado do mais vivo sentimento. «Estamos na hora da partida — frisa o apostólico Prelado — hora de saüdade, mas de consolação, por sabermos que todos os peregrinos levam os melhores propósitos de vida cristã, piedosa, superior». Em seguida, procede à leitura da fórmula da consagração solene da Província Eclesiástica Eborense a Nossa Senhora de Fátima.

É essa, sem dúvida, a nota característica da peregrinação dêste ano, pois que, à consagração nacional, feita há três anos, vem agora juntar-se a consagração duma das províncias eclesiásticas da nossa Pátria — a de Évora, com as dioceses que a constituem, as três dioceses meridionais de Évora, Beja e Faro.

Após a missa, expõe-se o Santíssimo Sacramento sôbre o trono do altar e, feita a tríplice incensação litúrgica, enquanto o côro canta um motete piedoso, inicia-se a cerimónia da bênção dos doentes.

É esta uma das scenas mais belas e mais comoventes que a olhos humanos é dado contemplar sôbre a terra.

O Senhor Bispo do Algarve, sob a umbela, com a Sagrada Custódia nas mãos, vai traçando lentamente uma cruz sôbre cada enfermo. Entretanto difundem-se pelo espaço os sons vibrantes das invocações:

Senhor, fazei que eu veja!
Senhor, fazei que eu ouça!
Senhor, fazei que eu ande!
Saúde dos enfermos, rogai por nós!

E a multidão imensa, prêsa duma comoção íntima, profunda, irreprimível, repete as invocações, rezando e cantando, entre lágrimas e soluços. No rosto dos doentes, emaciado pela dor, nos seus olhos febricitantes, nos seus lábios ressequidos, divisam-se clarões de fé ardente, laivos da mais viva confiança, traços bem vincados de paz, resignação e amor.

São cêrca de duas horas. Terminaram as cerimónias oficiais. A imagem da Virgem regressa à sua capela, na linda e tocante procissão do *adeus*. A multidão principia a debandar. A breve trecho, como que por encanto, a Cova da Iria imerge de novo no silêncio e na solidão dos seus dias ordinários. Os trens, os automóveis e as *camionnettes* rodam, uns após outros, ao som de preces e de cânticos, pelas estradas adjacentes, envoltos em densas nuvens de poeira que os raios escaldantes do sol transformam em fina poalha de ouro.

E, como escreve a pena brilhantíssima e de másculo vigor dum dos nossos mais distintos jornalistas, (a) «lá dentro, no seu Santuário, a Imagem da Virgem, muito alta no seu pedestal de glória, manto alvíssimo, rosário pendente, olha docemente, tristemente o seu povo...»

Dir-se-ia que à dor inconsolável dos filhos queridos que partem para longe, saudando-a, no lance angustioso da despedida, com as lágrimas e os soluços dum adeus sem fim, corresponde a Virgem bendita, chorando e soluçando também, enquanto, esparzindo sôbre êles mil graças e bênçãos tiradas do escrínio do seu peito, sacrário de amor, os convida a voltar em breve ao seu santuário predilecto, perto, bem perto, do seu trono de misericórdia, junto, bem junto, do seu Coração de Mãe...

Visconde de Montelo

(a) O sr. Artur Portela, em artigo de página, publicado no número de Domingo, 14 de Maio, do «Diário de Lisboa».

Uma valiosa oferta da Diocese de Évora ao Santuário

No fim das cerimónias da peregrinação, uma Comissão de ilustres peregrinos da Diocese de Évora procurou o Sr. Bispo de Leiria.

Depois de manifestarem o seu contentamento e entusiasmo por tudo quanto tinham presenciado, agradeceram as deferências havidas para com os peregrinos e ofertaram para o Santuário os seguintes objectos:

1 calix, 1 bolsa de corporais bordada, veu, amitos, sanguínios.

O Sr. Bispo de Leiria agradeceu a bondade dos peregrinos de Évora e de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo, fêz os mais ardentes votos para que os bons peregrinos alentejanos levando as suas almas cheias de graças de Deus as espalhem entre os seus conterrâneos.

Terminou desejando-lhes a melhor viagem esperando que a peregrinação alentejana cresça cada vez mais nos anos futuros.

MAIS UM LIVRO SOBRE FÁTIMA

The wonders of Fatima — The Apparitions and Miracles of Our Lady of the Rosary of Fatima

by Fr. Louiz Gonzaga da Fonseca, S. J. Professor in the Pontifical Biblical Institute at Roma.

Translated from the Second Italian Edition.

by Rev. Garrett-Daniel Sweeney

Referimo-nos em tempos, à obra original em italiano: «Le Meraviglie di Fàtima» do sábio professor do Instituto Bíblico de Roma, grande amigo da Fátima onde já prègou e de Portugal cujas glórias divulga por tôda a parte.

A obra do Rev. Doutor Fonseca é uma das mais interessantes que se teem publicado sôbre a Fátima.

Foi agora traduzida para inglês pelo Rev. Sweeney e publicada em Bombaim com aprovação do Ex.mo e Rev.mo Senhor Arcebispo desta cidade.

É uma bela edição em ótimo papel e profusamente ilustrada.

Estamos certos que a tradução inglesa das «Maravilhas de Fátima» do Rev. Dr. Fonseca há de concorrer imenso para propagar na Inglaterra, sobretudo na Índia—nas antigas possessões portuguesas — o culto a Nossa Senhora da Fátima, fazendo acordar nos corações dêsses bons católicos a gratidão para Portugal que lhes levou a luz do Santo Evangelho.

Alguns avisos e Direcções para o futuro

(Em uma brochura ingleza sôbre N.ª S.ª da Fátima encontrámos êstes avisos que julgamos útil aqui sejam publicados).

1.º Quando se aplicar a água da Fátima é bom começar-se também uma Novena a N.ª Senhora, rezando o têrço, e, o que seria melhor, recebendo a Sagrada Comunhão em graça de Deus, para alcançar do Céu o favôr que se deseja receber.

2.º Vêde se ha alguns caminhos tortuosos ou alguma reforma a fazer na vossa vida de Cristãos — observância dos mandamentos, fervorosa recitação do terço diàriamente em família, e freqüência de Sacramentos. Depois devem ser tomadas as resoluções necessárias para que desapareçam dos cristãos êstes impedimentos às graças do Céu.

3.º Não podendo alcançar-se a água da Fátima, comece-se uma novena a Nossa Senhora com fé, fervor e confiança na sua protecção maternal. Ha exemplos de muitas graças que se obtiveram de Nossa Senhora mesmo quando é impossível aplicar-se a água da Fátima.

4.º — A todos, mas duma maneira especial aos que receberam graças de Maria se recomenda instantemente uma fervorosa Comunhão no dia 13 de cada mês, unindo-se em espírito aos milhares de peregrinos que na Fátima se reünem saquele dia e lá recebem a Sagrada Comunhão. Isto já se está praticando em várias das Nações do Mundo, com grande glória para Deus e proveito espiritual para as almas.

Quem me dera ser assim

Na história dos martírios que os Turcos Mussulmanos fizeram sofrer aos cristãos lê-se o seguinte caso pelo qual ao mesmo tempo causam admiração tanto a fé e perseverança dos cristãos como a ferocidade e maus instintos dos perseguidores: os turcos, inimigos dos cristãos, apoderam-se duma pobre mulher católica da Caldea e dizem-lhe:

— Não tenhas mêdo de nada: nós queremos salvar-te a vida e tornar-te feliz; mas é necessário que renegues o catolicismo e te faças mussulmana. A mulherzinha responde sem demora: — «eu sou cristã! e cristã hei-de ser sempre».

— «Tu recusas os nossos conselhos?! pois bem, fica sabendo que vais morrer queimada».

— «Pois queimai-me, mas eu não renegarei a santa doutrina de Jesus Cristo a quem quero servir até à morte».

Recebida esta resposta, aqueles maus embeberam-lhe os vestidos em petróleo e pozeram-lhe fôgo!...

— «Em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo, — disse então, benzendo-se, a heróica defensora e mártir da sua santa fé.»

Na meio da fogueira cruza os braços e permanece de pé, silenciosa e impassível.

De lado os perseguidores esperavam anciosos o momento de se poderem consolar com o espectáculo da mártir gritando e revolvendo-se nas chamas, e ao vê-la assim, serena e impassível, um dêles pregunta: — «estás em chamas e não gritas? porventura não sentes o fogo?»

— «Não! respondeu a santa mártir».

—«A! não sentes nada? pois bem, com as nossas armas conseguiremos mais depressa o nosso fim — que pagues com o sofrimento e a morte a firmeza na tua fé».

Imediatamente tomam uma espada com a qual abrem diversos golpes nas carnes da santa mártir que, escorrendo em sangue sem tentar defender-se, entrega fiel e liberalmente a sua vida a Deus em defesa da sua fé.

Este número foi visado pela Censura.

Consagração da diocese de Coimbra ao Sagrado Coração de Maria Santíssima.

(Continuação da Carta Pastoral de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Coimbra)

VII

Hoje êsse pacto de amor parece ter-se rompido.

Da parte de nossa Senhora? Não.

Da nossa parte? Ai! assim o parece.

Hoje ainda se fazem festas que se dizem dedicadas a nossa Senhora, mas parte, talvez uma grande parte, são mais pagãs do que cristãs; não concorrem para a glória de Deus nem para a salvação das almas, antes pelo contrário; não são meios de santificação; são meios de corrupção dos costumes; como dizia, não há muito, um ilustre Prelado Português, a religião faz as despesas dessas festas, mas o proveito e honra são para o demónio.

Hoje, em muitos lugares, nem se guarda já o dia santo comemorativo da principal festa de nossa Senhora — a sua Assunção gloriosa ao céu.

Os homens, as famílias, a sociedade, afastaram-se de Maria Santíssima, dessa admirável escola de virtudes cristãs. O espírito de laicismo e de impiedade tem invadido tudo. Tudo se conjuga para abalar a fé e suprimir a moral.

A licença e paganisação dos costumes é fomentada pelo cinema e teatro maus, por leituras péssimas, pela moda despudorada, pelas danças à maneira dos selvagens.

Um vendaval de loucura, de insubordinação, perpassa pelas classes sociais e anarquiza-as; um egoismo feroz, um desejo insaciável de riqueza, de luxo e prazer asfixia tudo.

E talvez nunca se tenha sofrido tanto como agora, física e sobretudo moralmente.

A decadência moral está à vista de todos, e faz-nos prever dias de maior desgraça.

Somos ainda filhos de Maria Santíssima? seremos filhos pródigos?

O pacto rompeu-se evidentemente. Da parte de nossa Senhora? Não, repito, ainda não.

Maria Santíssima, vendo-nos assim... redobra a sua ternura e zêlo, aparece em Fátima, no coração de Portugal, e de lá nos chama, a nós especialmente os Portugueses, seus filhos queridos, pedindo-nos oração e penitência.

Correspondamos ao seu chamamento, renovemos o nosso antigo pacto de amor.

VIII

Caríssimos Diocesanos:

Volte esta Diocese, tôda esta Diocese a ser de Maria Santíssima. Consagremo-la todos ao seu Imaculado Coração. *Ela mostra que é nossa Mãe;* mostremos nós novamente que somos seus filhos.

S. Francisco de Borja temia muito pela perseverança e salvação das pessoas que não consagravam uma devoção especial à Virgem Santíssima, porque, segundo a expressão de Santo Antonino, «quem pretende obter as graças sem a intercessão de Maria, tenta voar sem asas». E Santo Anselmo chega a dizer, dirigindo-se a ela: «Todo aquele que vos abandona, perecerá necessàriamente». S. Boaventura diz o mesmo: «quem negligenciar honrá-la, morrerá nos seus pecados». «Pelo contrário, o servo fiel da Santíssima Virgem certamente se salvará», assegura Santo Afonso (1).

* * *

Maria Santíssima aparecendo em Fátima, na Cova da Iria, transformou êsse lugar árido e deserto num imenso templo, talvez na maior basílica do mundo, onde Portugal inteiro deve pedir perdão e clemência.

Vamos nós todos os que pudermos, vamos a Fátima em espírito de penitência e reparação; vamos a essa terra sagrada testemunhar a nossa gratidão à Mãe de Deus e pedir-lhe que nos conduza todos a Jesus.

Vamos... todos os que pudermos, que esta manifestação colectiva de fé e amor fará bem aos nossos corações, levantará as nossas almas. Quem confessa pùblicamente a Maria Santíssima, Mãe de Deus, confessa a Jesus, e Jesus disse: «Aquele que me confessar perante os homens, também eu o confessarei perante meu Pai» (Mat. 10, 32).

Vinde por isso à Fátima... vinde vós, *chefes de família*, vinde *mães cristãs;* e no auxílio de Maria Santíssima, encontrareis o antídoto contra o veneno daqueles que querem desorganizar o vosso lar, contra aqueles que porfiam em corromper o vosso coração, contra aqueles que querem estancar as fontes da vida para assim dar a morte à sociedade; vinde, e colocai os vossos filhos sob a protecção da Mãe do Céu, e na vossa casa haverá obediência, ordem e paz.

Vinde à Fátima *académicos* desta grande Diocese; vinde, representantes do comércio, da indústria, dos operários, de todas as associações de apostolado, de caridade e piedade; e Maria Santíssima abençoará os vossos trabalhos e será a vossa protecção no meio de tantos perigos e seduções.

Vinde, Revs. *Párocos e mais Sacerdotes*, vinde à Fátima; e aí mais uma vez vos convencereis de que não deveis ter outra paixão que não seja amar a Deus e faze-lo amar; aí se inflamará o vosso *zêlo* para instrução e salvação das almas que vos estão confiadas, compreendendo bem que, como pastores, pertenceis ao vosso rebanho, deveis-lhe toda a vossa existência; aí se fortificará a vossa *coragem* para aceitardes todos os sofrimentos pela salvação dessas almas; aí reconhecereis melhor quanto o culto fervoroso de Maria Santíssima é um grande auxiliar para conduzirdes essas almas a Jesus; tomareis a resolução de aumentar êsse culto nas vossas freguesias, fazendo especialmente com toda a devoção os meses de *maio e de outubro;* ensinareis com todo o carinho as crianças e os jovens a bendizerem e amarem a nossa Senhora, promovendo o mais que puderdes as Congregações Marianas; aí vereis os prodígios da graça operados nos seus confessionários (2); aí vereis quanto é grande a clemência de Maria, quanto é útil prègar aos pecadores a sua misericórdia (3).

Vamos à Fátima todos os que pudermos; e com tôdas as energias da nossa alma, com uma só voz saída de milhares de bocas clamaremos: «Esperança nossa, salvé».

Vamos à Fátima todos os que pudermos; e naquela terra santificada pela Mãe de Deus digamos-lhe uma e muitas vezes: «Bendita sois vós entre as mulheres porque bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus».

IX

Em conformidade com tudo isto havemos por bem determinar e dispôr o seguinte:

1.º Desde já consagramos esta Diocese ao Sagrado Coração de Maria Santíssima.

2.º No domingo imediato ao dia 31 de maio próximo (4 de junho), se nosso Senhor o permitir, celebraremos de Pontifical na Sé Velha (igreja catedral de Santa Maria de Coimbra). À tarde, na Sé Nova haverá diversos actos religiosos e aí recitaremos o *Acto de Consagração* que vai no fim desta Pastoral.

§ único. Na cidade de Coimbra, depois do meio dia do referido dia 4, não haverá solenidade alguma religiosa fóra da Sé Nova para que seja lá o maior possível o concurso de Clero e mais fiéis.

3.º No mesmo dia todos os Revs. Párocos de fóra da cidade de Coimbra na conclusão do mês de Maria, que deve ser celebrado com a maior solenidade possível, diante do SS. à boca do Sacrário, ou exposto solenemente, devem recitar o referido *Acto de Consagração* em voz alta de forma a serem compreendidos e quanto possível acompanhados pelo povo.

4.º Do mesmo modo procederão os Rev.os Capelães de fóra desta cidade nas igrejas e capelas onde houver conclusão do mês de Maria, e, não a havendo, recitarão aquele *Acto* à Missa depois da homília.

5.º Muito desejamos que esta consagração seja renovada todos os anos no dia 31 de maio se fôr domingo, ou, não o sendo, no domingo seguinte.

6.º Muito recomendamos aos Rev.os Párocos e Capelães que exortem os fiéis a aproximarem-se da Sagrada Mesa da Comunhão naquele dia, e lhes facilitem prèviamente a recepção do sacramento da Penitência.

7.º Àqueles que assistirem ao nosso Pontifical a 4 de junho, concedemos por Faculdades Apostólicas (Faculdades Quinquenais) indulgência plenária com as condições do costume.

8.º Haverá uma Peregrinação Diocesana à Fátima no dia 12 do próximo mês de julho. Lá, eu ou o meu dignissimo Coadjutor, ou Sucessor, recitaremos o referido *Acto de Consagração* da Diocese a nossa Senhora.

Muito desejo que tôdas as paróquias se façam representar nessa Peregrinação de reparação e penitência.

9.º No dia 13 haverá na Fátima *Comunhão Geral* para todos os nossos queridos Diocesanos que lá a possam receber. Aos que a receberem lá nas devidas condições, concedemos indulgência plenária, por Faculdades Apostólicas (Faculdades Quinquenais).

10.º Para comemorar esta consagração da Diocese solicitaremos à Santa Sé o Ofício e Missa de Maria Santíssima *Medianeira de tôdas as graças*, já concedidos a outras dioceses para o dia 13 de maio.

Esta Instrução Pastoral será publicada

Graças de N. Senhora de Fátima

Lesão cardíaca

Proveniente dum grande desgôsto, sofri, durante muito tempo, duma lesão cardíaca que, por vezes me punha às portas da morte, com pequenos intervalos de sucessivos ataques. Procurei, na medida do possível, os recursos da medicina, mas sempre sem êxito.

Por fim lembrei-me de Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a sua protecção de Mãe, rezando-lhe todos os dias uma Avé-Maria e prometendo ir ao próprio local da sua aparição agradecer-lhe, o que cumpri gostosamente no dia 13 de Outubro, por me sentir quási completamente curada.

Hoje venho acabar de cumprir a minha promessa publicando esta graça na «Voz de Fátima».

Monte — Murtosa.

Maria do Patrocínio de Almeida

Pneumonia e peritonite

Uma pessoa de minha família adoeceu gravemente com uma pneumonia dupla e uma peritonite, elevando-se a febre a 41 graus. Agravou-se de tal modo o seu mal que lhe foram administrados os últimos sacramentos. Esteve dois dias com vida artificial e em perfeito estado comatoso, chegando por vezes a correr o boato da sua morte.

Tratado por dois médicos que empregaram todos os esforços para debelar o mal, acabaram por declarar que só um milagre o salvaria. Em tão triste conjuntura, cessaram as esperanças na terra, mas não faltou confiança no Céu.

Uma noite, de tal maneira se agravou o estado do doente que se esperava a cada momento um desenlace fatal, mas a Santíssima Virgem, Saúde dos enfêrmos, concedeu mais uma graça, salvando-o, e hoje está completamente bom.

Venho, pois, patentear publicamente o meu reconhecimento para com Nossa Senhora da Fátima, pela graça recebida, bem como a cura doutra pessoa de família, duma gravíssima doença, e várias graças temporais que tenho obtido por intermédio de Nossa Senhora, Consoladora dos Aflitos.

Freixedo.

Dionísia do Céu Gouveia da Siva

Infecção e gangrena

Venho publicamente agradecer a Nossa Senhora da Fátima as melhoras de meu marido, João Inácio Teixeira, de Hauford — Califórnia, de uma infecção e gangrena que seguiram a uma operação na perna esquerda, em Janeiro de 1931.

Perdida tôda a esperança de melhoras, o doente preparou-se para a morte, com todos os sacramentos, e nesta aflição recorri a Nossa Senhora da Fátima com a promessa de publicar esta graça se me fôsse concedida. Dei a beber ao doente algumas gotas da água da Fátima, que por felicidade me deu uma pessoa amiga, e feita uma novena à Virgem, melhorou meu marido com surpresa dos médicos, enfermeiros do hospital e de todos os que o julgaram perdido!

Mil louvores e eterna gratidão à Virgem da Fátima.

Califórnia

Maria S. Teixeira

Infecção

Minha cunhada Felicidade Faria Silva, estando muito doente, foi sujeita a uma melindrosa operação a um *mioma* e *apendicite* e sobreveio-lhe uma infecção geral no sangue.

Não havendo esperanças de a salvar, seu médico assistente chamando o marido declarou-lhe que ela se encontrava perdida e que só uma grande graça a podia salvar. Eu vendo-me tão aflita com tão grande desgraça pois deixava 3 filhinhos orfãos, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima, chorando mais do que rezando, e de todo o meu coração pedi-lhe a sua cura, e prometi, se Nossa Senhora me ouvisse e me concedesse essa grande graça, ir 9 dias à Capelinha da minha aldeia acender a sua lâmpada e rezar o meu terço diante da imagem de Nossa Senhora da Fátima que lá se venera.

Agora já se encontra na sua casa em companhia dos seus e completamente restabelecida, favor que eu agradeço a Nossa Senhora de Fátima. À mesma Senhora quero ainda agradecer uma outra graça concedida a uma minha irmã.

Tendo minha irmã Mariana estado muito doente tendo sido sujeita a uma melindrosa operação a uma «mastoid» e vendo-a eu tão doente prometi a Nossa Senhora, se ela ficasse boa, publicar esta graça na «Voz da Fátima», o que hoje venho fazer, agradecendo-lhe muito reconhecida.

Tôrres Vedras — Ermigeira

Maria Silva

Tuberculose

Encontrando-me tuberculosa no sanatório Rodrigues Semide, onde estive 8 meses internada, em 1928, vendo-me desanimadíssima lembrei-me de recorrer à Virgem Nossa Senhora da Fátima.

Fiz uma novena durante 9 noites, e Nossa Senhora da Fátima atendeu-me fazendo-me tão grande graça que até ao dia de hoje não tenho tido sintôma algum da mesma doença.

Pôrto.

Isabel Seixas

Infecção nos rins

Depois de uma aturada e pertinaz doença que durante muitos meses prostrou minha mãe na cama, manifestou-se-lhe uma infecção no rim direito. O médico asisstente fêz recolhê-la ao hospital da Lapa, da cidade do Pôrto, para ser operada. Esteve aí vinte dias. Temeu a operação e pediu para saír. Voltou para casa, mas sempre muito doente. Passou dois meses um pouco melhor; mas em Fevereiro dêste ano agravou-se a doença por tal forma que a infecção ocasionou-lhe um tumor no mesmo rim.

Internou-se então no hospital da Trindade, no Pôrto, para se proceder à extracção do rim.

Depois de radiografada, foi-lhe extraído o puz do tumor pelo lado do ventre. Passando um mês passou a infecção para o outro rim, que tomou maior gravidade.

Então os médicos desistiram de a operar por a julgarem irremediàvelmente perdida; voltou novamente para casa onde tôdas a chorávamos. Eu implorei sempre da Virgem Mãe Imaculada da Fátima, a graça de melhorar a minha pobre mãe que tanto sofria. Mas quando pela segunda vez regressava do Pôrto, parecia já um corpo a decompor-se, pois havia 19 meses que a doença a atormentava.

A minha dôr foi muito grande, mas a esperança e a fé que tinha na Mãe Santíssima da Fátima, foi muito maior ainda. Volto-me novamente para a Mãe de Deus e disse-lhe: «Se eu não sou merecedora da vossa graça, atendei a minha irmãzinha; pois eu com 16 anos e ela com 11, o que faremos sem nossa Mãe?!» Durante o mês a seguir à sua vinda do Pôrto, o sofrimento foi grande, mas eu sempre confiante na Virgem Mãe, nunca desanimei.

Passado êsse mês, os tumores fecharam passaram as dores a pouco e pouco e a febre que era sempre de 38 a 40 graus, desapareceu e desde Julho até agora, as melhoras são quási completas, tendo já a minha querida Mãe retomado a sua missão de administrar a casa.

Tão grande graça agradeço-a a Nossa Senhora da Fátima.

Castelo Melhor

Maria Odett Mano

Meningite

Em princípio de Março do ano corrente, adoeceu gravemente o meu filhinho Eugénio Augusto, de 4 anos de idade.

Chamando o médico, disse êste tratar-se dum caso gripal, com carácter meningitico. Aplicado imediatamente o tratamento prescrito pelo ilustre clínico, a doença não cedeu, agravando-se dia a dia o estado do doentinho, a ponto de não poder dobrar o pescoço nem as pernas. As temperaturas eram altíssimas e tinha aparência cadavérica.

Vendo o menino tão mal, resolvemos de acôrdo com o médico assistente chamar um outro clinico. Êste disse-me directamente, que entendia não haver ali nada a fazer pois devia declarar-se brevemente uma meningite tuberculosa, e que o melhor era dispôr-me a perdê-lo.

Cheia de dôr e angústia e ao mesmo tempo de confiança na Virgem Santíssima Nossa Senhora da Fátima, pedi uma imagem da mesma Senhora que coloquei no quarto ao pé do doentinho e implorei com o maior fervor possível que salvasse o meu querido filhinho.

Prometi à Nossa Mãe do Céu que, se o salvasse e êle ficasse sem qualquer defeito, o levaria ao seu bendito Santuário, mandando celebrar uma missa e comungando eu e todos os que me acompanhassem.

Várias pessoas juntaram às minhas as suas orações, e ao menino foram dadas duas pinguinhas de água de N. S. da Fátima. No dia seguinte, foi feita segunda visita pelo médico assistente e por um especialista que veio de Lisboa. Êste fêz ao menino uma punção para o liquido extraído ir à análise, a verificar se havia prova de meningite tuberculosa.

Graças a Deus e a N.ª Senhora da Fátima a quem pedi com todo o fervor que se não confirmasse essa doença, a análise nada acusou.

O menino foi melhorando, mas passados dias apareceu-lhe ainda uma paralisia no ôlho direito proveniente da doença. Novamente implorei à Mãe Santíssima que mais uma vez me atendeu não permitindo que o menino ficasse defeituoso. Hoje encontra-se completamente bem.

Fui a Fátima a 13 de Junho agradecer à Virgem tão enorme graça.

* * *

Também publicamente quero agradecer a Nossa Senhora da Fátima à cura de meu Pai que há 3 anos esteve em perigo de vida e que por sua bendita intercessão se salvou. Glórias infinitas sejam sempre dadas à Virgem Nossa Senhora que assim atende a quem a Ela recorre com confiança apesar da nossa indignidade.

Bulegueira, Torres-Vedras, Alexina.

Maria Dias Melicias

Sofrimento no útero

Sofrendo há mais de 20 anos de uma doença no útero, consultei vários médicos, sendo todos últimamente de opinião que era necessário submeter-me a uma operação sem a qual da minha doença em breve se formaria uma ferida cancerosa.

Convencida de que não sobreviveria à operação, não só por o meu organismo se encontrar bastante depauperado devido à doença, como também atendendo à minha idade, (pois já conto 60 anos), no auge da minha aflição recorri à Virgem Senhora da Fátima para que me concedesse com bom êxito, ou ao menos permitir que eu voltasse, para morrer no seio de minha família; prometendo-lhe entre outras coisas, tornar pública esta graça caso me fôsse concedida.

Ao abandonar a minha casa, renovei a minha promessa e com uma grande confiança na Virgem Santíssima, parti para Lisboa a fim de sujeitar-me ao tratamento que me havia sido prescrito.

Graças à Virgem Nossa Senhora não só me decorreu tudo bem mas encontro-me agora radicalmente curada da doença que tão longos anos me martirisou.

Em cumprimento da minha promessa, venho tornar pública esta grande graça.

Vidual de Cima.

Maria da Assunção de Almeida e Silva

Cistite

Meu Pai, Francisco José de Miranda, chegou do Rio de Janeiro no dia 30 de Março do corrente ano, vindo completar 82 anos na casa de sua filha em Lisboa, no Palácio da Atalaia. Vinha com uma «Cistite» incurável devido à sua muito avançada idade, desenganando-o os melhores e mais conceituados médicos, logo que êle chegou cá à terra.

Sofria horrivelmente com a gravidade da Ureterite pois até os meios mais convenientes da cirurgia, haviam falhado, dando-nos mais a certeza de que nada mais havia a fazer.

Principiámos uma novena de comunhões a Nossa Senhora da Fátima, que se venera numa capela bastante longe daqui, e no dia 13 de Maio, dia em que findava a novena, eis que ao regressarmos a casa se dá o grande milagre: — Meu Pai que durante tanto tempo vivia com as urinas detidas, no meio de tantos sofrimentos, ei-lo normalmente, começando ao mesmo tempo a diminuir a inflamação, e a convalescença foi breve.

Loucas de alegria por uma graça tão grande corremos ao altar da Vigem chorando de contentamento. Examinado pelos médicos verificou-se a sua cura e até hoje não mais sentiu incómodos.

Queriamos que com esta notícia a fé na Santíssima Virgem fôsse avivada em muitos corações, para que pudessem em qualquer tribulação recorrer a Ela, na certeza de que as preces sinceras e fervorosas são por Ela bem acolhidas.

Vieira do Minho.

Elisa Carmen Miranda

Graças diversas

— *Maria Angelina Rocha* — Angra, agradece reconhecidamente a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado a cura duma infecção e diversas graças concedidas a uma família a si confiada.

— *Maria do Rosário Nunes* — Brunheiro, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado sua filha Maria que sofria graves incómodos no ventre.

— *Candida Veiga das Neves* — Loanda, tendo sua filha Maria Teresa atacada com uma bronco-pneumonia e sem esperanças já de a salvar, deu-lhe a beber água do Santuário encomendando-a ao mesmo tempo a Nossa Senhora da Fátima. Passadas poucas horas a doente começou a sentir um bem estar desusado e alguns dias depois sentia-se já bem de saúde. Sua Mãe agradece reconhecidamente a N.ª S.ª da Fátima tão grande graça.

— *Cacilde Braga de Vasconcelos* — Tete, agradece a Nossa Senhora o ter livrado um seu filho dum grave incómodo com febres palustres.

O remédio foi a água do Santuário e a invocação a Nossa Senhora da Fátima.

— *Ana Pereira* — S. Tirso, agradece a N.ª Senhora o ter alcançado a saúde à doente Lucinda Alves de Oliveira por quem muito se interessou. Prometeu publicar a cura se lhe fôsse alcançada e hoje vem cumprir a promessa.

— *António Mendes R. Fernandes* — Viseu, funcionário público vem por êste meio agradecer a Nossa S.ª da Fátima uma graça temporal que alcançou por sua intercessão.

— *Inês de Matos Sequeira* — Mapuçá — India, deseja agradecer a N.ª S.ª duas graças que lhe alcançou em favor de dois doentes.

— *Ludovina dos Santos Miranda* — Algueirão, agradece uma graça que recebeu do SS. Coração de Jesus, por intermédio de N.ª S.ª da Fátima e de S. Teresinha do Menino Jesus.

— *João Rodrigues Júnior e sua esposa* — S. Martinho, Madeira, agradecem a Nossa Senhora da Fátima uma grande graça recebida para um seu filhinho recem-nascido.

— *Teresa Fernandes Moita* — Faro, agradece um favor muito grande concedido por Nossa Senhora da Fátima a um seu sobrinho orfão de Pai e Mãe.

— *Leonor Corvelo* — Angra do Heroísmo, agradece a Nossa Senhora da Fátima um favor muito apreciável que lhe alcançou durante uma doença.

— *Lucinda Ferreira Velasco* — Esposende, agradece diversas graças cuja aquisição atribue a Nossa Senhora.

— *Armenia Neto* — Esposende, tendo recebido de Nossa Senhora uma graça temporal pede para que aqui seja agradecida publicamente.

— *Lídia Calisto Sequeira* — Açores, diz o seguinte: «declaro que só principiei a sentir melhoras duma inflamação na garganta, gargarejando e tomando água da Fátima, o que reconhecidamente agradeço a Nossa Senhora».

— *Maria das Mercês da Bianchi C. Borges*, agradece a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe feito cessar um grave incomodo logo que tomou a água do seu Santuário.

— Maria Nazaré de Sousa e Teresa Bacelar, Ceará-Brasil, agradecem a Nossa Senhora diversas graças.

Teresa de Jesus Peixoto — Unhas, agradece a Nossa Senhora a cura de seu marido que esteve paralítico pela segunda vez.

Durante uma novena em que aplicou água da Fátima obteve a cura desejada. Hoje trabalha como se nada tivesse tido.

— Mons. António dos Santos Portugal — Ericeira, agradece a Nossa Senhora diversas graças particulares.

— Maria Ribeiro — Sobral do M. Agraço, diz o seguinte: tendo recebido de N.ª S.ª da Fátima uma graça muito importante venho por intermédio deste jornalzinho agradecer a tão extremosa Mãe o ter-me valido numa tão difícil situação.

— António do Nascimento — de Semíde, agradece a Nossa Senhora duas graças concedidas a si e a sua esposa que se encontravam doentes.

— José Francisco Coelho — de Baltar, agradece a N.ª Senhora a saúde concedida à sua mulher e à sua filha mais nova.

— Maria Rosa Aguiar — Rossas Arouca, deseja tornar público o seu agradecimento a Nossa Senhora por lhe ter alcançado a saúde para sua mãe.

— Maria da Luz Maranho Fernandes — de Póvoa de Varzim, sendo há muito tempo atacada por freqüentes e fortes cólicas no ventre, por intercessão da Nossa Senhora da Fátima sente-se bem já há tempo para cá.

— Rita de Cassia Linhares Brun, de Biscoitos — Açôres, agradece a Nossa Senhora duas graças concedidas a seu filho Fernando, que, até ao momento em que as graças lhe foram concedidas, foi sempre muito doente. Hoje encontra-se bem e deseja tornar pública a sua gratidão.

— Maria Adelina de S. Garcia — Madalena Açôres, tendo alcançado de Nossa Senhora a graça da sua cura vem agradecer êsse benefício que nunca mais, diz, ha-de esquecer.

— Alice Barros Moreira — Marrocos-Brasil, diz o seguinte: — tendo o meu marido na garganta uma doença que os médicos tinham por grave, recorri a N.ª Senhora da Fátima, fazendo-lhe uma novena e oferecendo uma comunhão em acção de graças se êle obtivesse a cura. Não se fez esperar a graça de Nossa Senhora, e hoje o meu marido encontra-se perfeitamente bem como antes da doença se declarar, favor que nunca quero esquecer nas minhas devoções diárias a Nossa Senhora da Fátima.

— Emília da P. Lima, agradece a Nossa Senhora uma graça muito importante que por sua intercessão obteve.

— Manuel Pedrosa — Souto da Carpalhosa, agradece a Nossa Senhora da Fátima as melhoras duma grave doença, de cuja cura estava desenganado. Uma pessôa amiga fêz por êle uma novena a Nossa Senhora e obteve dela a saúde que desejavam alcançar.

— Belmira Valente de Almeida — Pardilhó, vem cheia de gratidão agradecer a Nossa Seshora o ter-lhe tirado uma dôr forte que há tempo tinha no peito e que lhe dificultava a respiração e paralisava o braço direito. Hoje, dia nada sofrer, trabalhando sem dificuldade na sua vida doméstica.

— Maria Monteiro Lamas — S. Mamede d'Infesta, agradece a Nossa Senhora da Fátima o desaparecimento de um quisto que teve num braço. Estava marcada uma operação que não chegou a efectuar-se, visto o quisto ter desaparecido entretanto, contra a opinião dos próprios médicos e sem outro medicamento além da graça de Nossa Senhora da Fátima.

— Laura da Encarnação Campos — Caldas da Raínha, agradece reconhecida a Nossa Senhora o tê-la curado de uma doença de ouvidos que por muito tempo a fêz sofrer a pontos de quási desanimar da cura. Depois de algumas orações e promessas a Nossa Senhora da Fátima obteve a saúde que lhe agradece reconhecidamente.

— Ana Albertina Dias de Brito — Porto, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular que lhe foi concedida por sua intercessão junto de Deus.

— Palmira Ferreira Godinho — Alcanhões, agradece a Nossa Senhora da Fátima um favôr muito importante que de Deus alcançou por intermédio da Virgem Maria.

— Maria da Conceição Vaz Coutinho — Rojão Grande, agradece a Nossa Senhora a cura de uma sua filha que estava desenganada pelos médicos. Assim desenganada pela ciência recorreram a Nossa Senhora da Fátima e hoje vêm agradecer a graça que lhe foi concedida.

EM COCHIM

(Continuação)

Congestão

D. Felizmina, moradora na Rua dos Aflitos teve um ataque de Congestão que, apesar dos recursos médicos, durante 8 dias a teve em estado gravissímo. Não obstante a gravidade do caso ninguém ousava falar-lhe em sacramentos com receio de mais a indispôr. Começam entretanto a interpôr a prece a Nossa Senhora da Fátima ao mesmo tempo em que à doente aplicavam água da Fátima, e... graça sôbre graça!... à primeira palavra que timidamente lhe é dirigida sôbre confissão a resposta da doente é: não só afirmativa mas entusiástica. Recebeu os Sacramentos e como se não esperasse por outra coisa para melhorar, ràpidamente o mal a deixou encontrando-se já completamente restabelecida.

Tifoide

Maria Manuel caiu gravemente doente com febre tifoide. O médico tinha-me informado particularmente que se certos sintomas reaparecessem não teria mais esperança alguma na cura. Foi então que ela começou a aplicar a água de Fátima. Hoje encontra-se completamente curada vivendo já no seu convento onde estáva internada antes do aparecimento do seu mal.

Cura inesperada

Um aluno da nossa Escola, Eduin Roberto, caiu gravemente doente e recebeu os últimos Sacramentos numa sexta-feira à noite. No sabado foram visitá-lo dois dos nossos Padres, levaram-lhe água vinda do Santuário da Fátima e recomendaram a tôda a família uma novena a Nossa Senhora da Fátima. Depois de três dias estava o jovem já fora do perigo e no oitavo dia aparecia ele aqui na Escola para agradecer a Nossa Senhora da Fátima a sua cura admirável.

P.e J. Martins

Engano involuntário

O relatório de algumas graças concedidas em Cochim e que vieram publicadas nos n.os 127 e 128 foram enviadas a esta redacção pelo Rev.do P. J. Martins, e não pelo Rev.do P. Zulueta.

---

no *Boletim da Diocese* e lida aos fiéis pelos Rev.os Párocos num ou mais domingos depois da sua recepção, à estação da Missa respectiva.

Dada em Coimbra, na Nossa residência do Seminário Episcopal, aos 8 de dezembro de 1932 (Festa da Imaculada Conceição).

† MANUEL, *Bispo de Coimbra*

(1) *A Selva*, de Santo Afonso — trad. de Mons. Marinho — Porto, 1928, pag. 475 e 476.

(2) Por concessão do Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Leiria os Sacerdotes das outras dioceses gosam, nas peregrinações ao Santuário de Fátima, de tôdas as faculdades que possuam na diocese própria.

(3) Os maiores Santos e insignes prègadores nunca faziam qualquer *missão* que não prègassem sôbre êste assunto, e diz S.to Afonso que era êsse sempre o sermão mais frutuoso, realisando-se aquelas palavras de Maria Santíssima a S.ta Brígida: «assim como o iman atrái o ferro, assim eu atrairei a mim as almas mais duras». Pecadores endurecidos, insensíveis a todos os outros sermões, voltam a Deus ouvindo celebrar a misericórdia da Sua Mãe.

GRAÇAS DE N. S.ª DE FÁTIMA NO BRASIL

(Continuação)

Pulmão enfraquecido

Artur Sampaio, filho de uma distinta família da Baía e antigo aluno do nosso Colégio, em meados do ano passado, começou a sentir um mal estar sempre progressivo acompanhado de febre quási constante, ora mais ora menos alta. Daí a pouco reconheceu-se que tudo provinha do pulmão já atacado, o que deixou o doente muito acabrunhado e a família sèriamente apreensiva. Uma sua irmã, conhecedora disto vem ao Colégio contar a sua amargura a um Padre muito íntimo da família, por meio do qual obteve um frasquinho de água vinda do Santuário da Fátima, com a intenção de começarem uma novena em honra de Nossa Senhora a ver se recebiam o benefício da cura do querido doente. O próprio doentinho, de sentimentos piedosos associa-se aos demais membros da família, todos esperançados no benefício da proteção de Nossa Senhora da Fátima.

Para não desprezarem os meios naturais que se lhe ofereciam, deixando a Capital vão com êle para uma fazenda que possuiam no sertão de Nazareth, cujos ares têm fama de notàvelmente sadios. Uma vez aí, não foi preciso muito para o doente começar a sentir sensíveis melhoras que cada vez se têm acentuado mais, o que tôda a família e o próprio doentinho não cessam de atribuir à benéfica intervenção de Nossa Senhora da Fátima.

Em sinal de reconhecimento resolveram restaurar uma antiga capelinha que na mesma fazenda existia, dedicando-a a Nossa Senhora da Fátima, cuja estátua de 60cm adquiriram na Baía e cuja inauguração teve lugar em Dezembro de 1931.

A propósito do insigne favor concedido por Nossa Senhora da Fátima ao supra mencionado Artur Sampaio, e da processional condução da imagem de Nossa Senhora para a Capelinha restaurada em sua honra, quando junto à Estação se estava organizando o cortejo, um protestante que ali se encontrava entre a multidão diz para o Chefe da Estação e os que junto dêle estavam: «se é verdade que a Santa é assim tão poderosa, que ela nos mande a chuva que tanta falta está fazendo».

Era realmente tempo de grande seca ali, como geralmente no sertão. Assim falava para alardear a sua descrença nos Santos de pau ou de pedra, como êle dizia, mas mal imaginava êle que com tais palavras zombeteiras se estava preparando a mais solene das confusões.

Finda a procissão, ainda os fiéis estavam concluindo as suas preces diante da Imagem da Mãe bemdita já colocada no seu novo trono, quando o céu começa a toldar-se com ares prometedores de chuva.

Terminadas as devoções, quer colectivas quer individuais, mal tiveram tempo de chegar a casa os últimos devotos sem que fôssem alcançados por uma chuva torrencial que por bom espaço de tempo caiu sôbre aquela zona, o que por todos foi tido na conta de verdadeiro prodígio de poder de Maria e solene protesto do Céu contra a insolência do protestante.

Êste, porém, em vez de se render, preferiu mais e mais evidenciar a sua falta de carácter negando ter proferido a supre-mencionada insolência.

Graças temporais

No mais aceso da revolução de S. Paulo, *o Tenente Luís Teixeira* foi intimado a seguir para o campo da luta onde certamente correria grave risco a sua vida, como a de tantos que ali sucumbiram varados pelas balas de seus próprios irmãos. Sabedora disto a sua família, recorre a Nossa Senhora da Fátima, senão quando 2.ª intimação o manda seguir com urgência.

Longe de desanimarem, duas suas irmãs começam a intensificar o seu pedido a Nossa Senhora da Fátima com uma novena de Orações e Comunhões; e tão satisfatório foi o despacho que inesperadamente cessaram as hostilidades não sendo já necessário ir expôr-se a tão grave perigo.

Isaura Weyll, residente em Matatú Pequeno, bem precisada para o Govêrno da casa do concurso de seus 2 filhos maiores, via-os desempregados, um há 4, outro há 3 anos, sem ver meio de encontrar-lhes colocação.

Informada por pessoa amiga de valor da intercessão a N.ª Senhora da Fátima, começa sem demora a fazer-lhe uma novena durante a qual continuaram a procurar colocação.

E qual não foi a satisfação da Mãe quando, terminada a novena, logo no dia seguinte, vê um dos filhos colocado, e com um ordenada que estavam longe de esperar, tendo o outro igual sorte 7 dias depois! Animada a boa Senhora com tão feliz despacho, e anciosa por obter a aposentação do marido, recorre neste sentido a N.ª S.ª de Fátima, e dois meses depois realizado estava o que pedira, com júbilo e reconhecimento de quem com tanta confiança no tríplice caso a havia invocado.

Coqueluche

Rubria Aragão, de 9 anos de idade, de dia e de noite era turturada por uma impertinente coqueluche, mais ainda agravada por diversas outras complicações que já começavam a tomar uma feição perigosa, com febre alta que a nada queria ceder.

Resolve então sua mãe, interpôr o valioso recurso a N.ª S.ª da Fátima.

Era numa segunda feira. Obtém um frasquinho de água da Fátima da qual dá à doentinha umas gotas cuja prodigiosa eficácia bem depressa se manifestou na sensível e rápida diminuição da febre, e tão rápida que na quarta feira tinha completamente cessado, cessando conjuntamente os seus cruciantes efeitos.

A pequena passado pouco tempo estava completamente bem como antes da sua doença. Por tão grande favor a Mãe não cessa de render graças à Virgem Senhora «Saúde dos Enfermos».

Graça temporal

Uma Senhora já idosa tinha um filho que, terminados os estudos superiores de Medicina, se formara aqui na Baía, em fins de 1931.

Precisando absolutamente do arrimo dêle procuram uma colocação aqui mesmo na Capital. Baldados eram porém os seus esforços. Aqui, absolutamente nada havia a esperar.

Fechadas uma a uma tôdas as portas cá de baixo, decide-se a bater às do alto e fá-lo por intermédio de Nossa Senhora da Fátima. Invoca-a nesse sentido com todo o fervor, e com tão feliz êxito que, ao voltar para casa, sai-lhe ao encontro um dos médicos da Capital, antigo professor de seu filho, oferecendo-se para o tomar como seu ajudante, oferecimento em todo o sentido vantajoso, e que a mãe e o interessado aceitaram com reconhecimento, como um verdadeiro mimo vindo do céu.

Recurso de um prêso a N. S.ª da Fátima

Em fins de maio, fazia eu uma prática aos doentinhos e demais pessoal do Hospital «Santa Isabel». Entre os ouvintes havia um prêso cuja causa estava correndo no tribunal, e com andamento nada lisonjeiro. Quási certo de que a sentença lhe seria desfavorável, pensava em apelar, porém faltavam-lhe os recursos para isso. Ouvindo a narrativa dos múltiplos prodígios operados por Nossa Senhora da Fátima pensou e disse consigo: «e se eu tomasse a Nossa Senhora como advogada minha ante o *Tribunal-Supremo*, não me asseguraria isso muito melhor êxito?» Apresenta isso à Irmã enfermeira, e com o auxílio dela começa uma novena a Nossa Senhora da Fátima, terminada a qual sem que ninguém soubesse da sua resolução, apresenta-se-lhe inesperadamente o médico com um documento acabado de chegar em que o doente era considerado e declarado como absolutamente isento de qualquer responsabilidade no caso em que andava envolvido o seu nome.

Bem se pode imaginar a entusiástica alegria da pobre doente que, por tão insigne benefício se confessa absolutamente devedor à valiosa intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

(Continúa)

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	387.468$02
Papel, comp. e imp. do n.º 128 (75.00 ex.)	3.910$00
Franquias, embal. transporte etc....	1.451$70
Na administração — Leiria	191$50
Total ...	393.021$22

Donativos desde 15$00

P.e Basilio Morgado — Presa de Mira, 20$00; Distribuição na freguesia de Belém, 136$90; Distribuição na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 129$00; Inês Guimarães — Foz, 25$00; Candida de Jesus — ?, 20$00; esmolas arranjadas em França por António Benedito, 126$40; António Benédito — França, 15$00; Tereza Frazão — Alpiarça, 20$00; Herminia Frias e sua criada — Pôrto, 60$00; Maria Vahia — Fundão, 20$00; Profírio da Silva — Pôrto, 30$00; Ana Azevedo — Torres Vedras, 15$00; Maria Pedrosa Ferreira — Pedrouços, 20$00; Maria Soares de Matos — Pedrouços, 65$00; José Carreira Júnior — Brasil, 44$00; Joaquim Amado — Brasil, 15$00; Carlos F.ª da Costa — Brasil, 21$60; Serafim Machado — Açores, 15$00; Anónimo de Angra, 80$00; Maria Angelina — Angra, 15$00; Liceu de D. José de Castro — Lisboa, 50$00; Manuel da Encarnação — Brava, 50$00; José de Sequeira — Açores, 20$00; Ermelinda Ormond — Açores, 20$00; P.e Domingos e Pinho — Amarante, 100$00; Paroquianos de Paio Pires, 32$50; Maria Aguiar — Cete, 15$00; Izilda da Conceição — Pôrto, 20$00; Maria do C. Pires — Porto, 17$00; Coronel Sande Lemos — Lisboa, 20$00; Inês Pessoa— Algés, 20$00; Maria Vitória — Vila Moreira, 20$00; M.ª Paiva Andrade — Belmonte, 20$00; António Pinho — V. da Cambra, 20$00; Cristina Nunes — California, 1 dolar; Caridade Monteiro — Góa, 396$50; Porfiro Gonçalves — Lisboa, 15$00; Francisco Ramos — América, 27$00; António Marinho — América, 27$00; Maria Umbelina — Brasil, 27$00; N.º 6910 — América, 27$00; Maria Silveiral — América 27$00; P.e Francisco Fernandes — P. do Varzim, 60$00; Helena Teles — Vizeu, 20$00; Maria Laia — Sernache, 20$00; 5 asinantes de Cochim (P.e José Soares Machado), 75$00; Pároco e asinantes do S. Tiago do Custoias, 100$00; Maria Gomes Martins — Pôrto, 80$00; Freguesia de Castelo Branco — Faial, 410$00; Manuel Silva e José Serpa — Faial, 20$00; Maria Marques — Pico, 20$00; Maria de Oliveira Pires Amendoa, 15$00; Maria Mesquita — Mação, 15$00; Maria Matos Dias — Marieira, 36$00; Ana Rêgo — Montalegre, 30$00; esmola de Fanzeres—Gondomar, 20$00; Maria do C. Penalva — Lisboa, 20$00; Corino de Abreu — Porto Antigo, 20$00; Maria Generora — Gaia, 20$00; M. Carolina Melo — Gaia, 20$00; Daniel Machado — França, 20$80; José Menino — Serra de El-rei, 20$00; Joaquim Toste — Açores, 15$00; Viscondessa da Granga e Luísa de Pina, 100$00; «Açoriano Oriental» — Açôres, 20$00; Faustino Lima — Açôres, 20$00; Perpétua Barradas — P. do Sôr, 20$00; Purificação Lopes — Celorico da Beira, 20$00; Maria Xavier — California, 15$00; António Teodoro — C. dos Lobos, 20$00; P.e António Pinto — S. Vicente, 20$00; Maria A. dos Barros — Câmara de Lobos, 20$00; Safra Sá — C. de Lobos, 20$00; Maria António — C. de Lobos, 20$00; Alzira de Nobrega —C. de Lobos, 15$00; Eugénia de Nobrega — C. de Lobos, 30$00; P.e Artur Saúde — Sandim, 200$00; Adriana Rascão — Salvaterra, 15$00; António B. Tavares — Figueira da Foz, 25$00; Rita e Sá—Rio Maior, 15$00; P.e Joaquim Ramos — Pardilhó, 20$00; Julia de Castro — Tondela, 20$00; Tereza Prata — S. Braz d'Alportel, 20$00; Maria Isabel Ramos — Silves, 15$00; P.e Joaquim dos Reis — Pôrto, 100$00; P.e Joaquim Carneiro — Salzedas, 30$00; Filipe Dias — Benavente, 15$00; Octavia Marini — Coimbra, 50$00; Egidio Barbosa — Vila do Conde, 15$00; Delfina da Conceição — Foz do Douro, 20$00; Amélia do Vale — Gemezes, 30$00; António Peres — Viseu, 15$00; Maria Azevedo — Viseu, 20$00; Francisco Vicente—Viseu, 55$90; Maria dos Santos — Gondomar, 20$00; Manuel da Silva Matias — Vilar, 116$00; A. J. M. — Pôrto, 25$00; Maria Joaquina Araújo — Braga, 100$00; Ana Clemência — Campelhos, 21$50; José das Mascaranhas — Faro, 20$00; António R. Xavier — Beira Alta, 30$00; Herminia da Silva — Gondomar, 30$00; Virginia Emília — Bendada, 20$00; Manuel F. de Sousa — Gondomar, 15$00; Adelaide Canadas — Rio Maior, 20$00; *José Joaquim Antunes Lôpo — Portalegre, 787$00;* Maria da Piedade — Lisboa, 20$00; António da C. Portela Bougado, 350$00; *Um anónimo, 1.000$00;* Distribuição em Coruche e Salvaterra de Magos, 100$00; Cecilia de Castro — Lisboa, 20$00; Pompeu Vidal — Lisboa, 30$00; Maria Izabel de Castro—Lisboa, 120$00; José F. de Almeida — Vimeiro, 15$00; Ana do Patrocínio Neves — Lisboa, 100$00; Maria Augusta Ferreira — Oliveira do Bairro, 20$00; Maria Olinda Magalhães — Pôrto, 60$00; Maria da Piedade — Castelo Branco, 20$00; Joaquim Pulido — Niza, 20$00; Maria Alice Roquete—Salvaterra de Magos, 20$00; Maria Borges — Louzada, 20$00; Joaquim Vieira — Barcelos, 60$00; João Germano — Portalegre, 50$00; Emidio Sena — Lisboa, 20$00; Duarte Figueiredo — Satan, 30$00; Maria Izabel da Silva — Cascais, 20$00; P.e Francisco Andrade — Cascais, 32$00; Laura Quaresma — Pôrto, 15$00; P.e Alvaro de Morais — S. Verissimo, 137$50; Francisco Mendes — Albergaria Velha, 20$00; Francisco Parente—Vale da Pinta, 20$00; Rosa da Rocha — Valbom, 22$50; Rosa Zélia Vita — Espinho, 50$00; Jaime Antero — Nespereira, 30$00; António Alexandre — Vila C. de Cea, 20$00; P.e Albino Alves Pereira — Belinho, 200$50; Teodina Pinto — Pôrto, 20$00; Henrique Pinto — Caldas de Aregos, 15$00; Maria de Sousa — Caxias, 15$00; Maria Huet Bacelar —C. de Aregos, 30$00; Manuel Pitinha — Cascais, 20$00; Ivone Serra — Cascais, 20$00; Saladina Suarés — Lisboa, 20$00; Maria Sampaio — Anadia, 20$00; P.e António de S.ª Duarte — Tondela, 25$00; Maria Leonor Fialho — Évora, 15$00; P.e José do Rosário — C. da Rainha, 30$00; C.e Manuel Cebólas — Évora, 50$00; Conceição Queirós — Custoias, 20$00; Ernestina Lopes — Aviz, 20$00; Maria José Pereira — Estarreja, 50$00; Miguel Carvalho — Almeida, 50$00; P.e Júlio Cubelo Soares, 50$00; D. João de Portugal, 100$00; Henriqueta da P. Cesar— Lisboa, 100$00; esmola dos Açores, 50$00; Dr. Weiss de Oliveira — Lisboa, 20$00; Baronesa de Samora, 50$00; Angelina S. de Matos — Louzada, 200$00; Distrib. na Cova da Iria, 740$90; Maria Lucinda Matos — Braga, 25$00; Victorino Alves — Montalegre, 25$00; Francisco Ribeiro — Cast.º Branco, 20$00; Subscrição no Sanatório Semide — Pôrto, 20$00; António da Costa — Pôrto, 20$00; António Baptista — Out.º da Cabeça, 15$00; Amélia Martins — (?), 40$00; Dr. Eurico Lisboa, 20$00; P.e Manuel Coutinho — P. de Arcos, 50$00; Lucinda Valente — Caminha, 15$00; Maria Eug.ª Fragoso — M. de Cavaleiros, 20$00; Francelina do Esp. Santo—Coimbra, 20$00; esmola de Carreiras — Portalegre, 50$00; Rosa Simões — Barcelos, 30$00; Maria José Boto — Carmões, 30$00; assin. n.º 4590, 20$00; Ermelinda Cruz — América, 27$00; Maria Brown — América, 27$00; Carlota M. Teixeira — Brava, 1 dolar; M. B. R.— Pôrto, 30$00; Ermelinda Leão — P. de Ferreira, 50$00; C.º Moisés Nora — Brasil, 40$00; Cristiana de Magalhães Pinto, 15$00; Maria Alice Almeida — Faro, 60$00; José Rafael Marques — C. Branco, 30$00; Maria Cavaco — Olhão, 20$00; Maria C. Cordeiro — Califórnia, 27$70; Pároco de Baltar, 26$00; Maria Amorim Pinto — Pôrto, 15$00; P.e José de Ceissa — Marrazes, 20$00; José da Cunha — Meinêdo, 20$00; Maria Isabel Russo — C. de Vide, 27$00; António Romão — Pera, 15$00; Assinantes de Montalegre (Georgina Morais Silva) — 740$00; Alunos do Colégio de Ermezinde — 127$50.

NO SILÊNCIO DO TEU QUARTO

(Do semanário «A Folha do Domingo» com a devida vénia transcrevemos as seguintes considerações próprias não só para a Juventude mas para todos os Cristãos).

«O grande inimigo da tua alma, querido jovem, é o *pecado mortal*.

E todavia com que facilidade tu o admites ao teu convívio! Talvez até durmas com êle! É uma víbora que acalentas, amigo. É um veneno que sorves.

Foge da víbora, lança fora o veneno.

Evita e teme o pecado mortal.

E, para melhor o evitares e temeres, pensa bem no que êle é.

Terás deficuldade em vêr a malícia do pecado em si mesmo, mas vem comigo e vamos ter com um mestre da vida espiritual.

Não te atemorises com a sua roupeta, que é uma veste de glória, apenas odiada por aqueles que odeiam a mesma verdade e o mesmo Deus: é Santo Inácio de Loiola.

Vem comigo à sua presença e olha bem para o que êle te mostrar.

É um tríptico. Inácio to aponta. Olha o primeiro quadro. Que encanto!...

Anjos no Céu, belos, felizes, obras primas do poder criador.

Que há agora para baixo? Uma chuva! Mas chuva horrível!

São raios, são chamas do fogo sinistro!

Repara bem. As figuras são as mesmas. Sòmente o que tinham de celestial em cima teem agora de repelente. A causa? Procura-a. Lê essa palavra escrita no meio do quadro: **Pecado.**

Olha mais abaixo: Que vês? O horror do inferno, não é verdade?

Eis o efeito do pecado.

Torna a olhar para o meio e vê, antes da palavra **pecado, um.**

Um pecado mortal faz de Anjos demónios, de Lucifer, Satanaz!

Pensa bem nisto e tira conclusões.

* * *

Contempla agora êste segundo painel.

À esquerda é um paraíso onde duas belas flôres humanas se desenvolvem bebendo felicidade. Mas... à direita, que tristeza! As lágrimas correm em rios. As dôres avançam em ondas. E, ao fundo, vê aquêle espectro, aquele esquêleto alado: é a morte, a horrível morte que aparece.

Busca ainda a causa da mudança de cenário e lerás as seis letras que tudo isto explicam: — **pecado.**

O pecado causa das lágrimas.

O pecado causa das dôres. O pecado causa da morte.

Mas, ha! ouves tu dizer por aí. «O pecado? — Não se morre disso». Não se morre? Mas é a única causa porque se morre.

Pensa bem que tu mesmo morrerás por causa do pecado de Adão e Eva. Por causa dêle morrem em cada dia 140.000 homens! Cada minuto 97!!

A falta de Adão e Eva é portanto punida 140.000 vezes por dia!

Julga lá, amigo, qual será a malícia de um pecado que assim é castigado por Aquele a quem S. Paulo chama «Justo Juiz».

* * *

Contempla ainda o último quadro.

Olha primeiramente para o fim. Vê êsse condenado no meio do inferno. Fixa-lhe as feições.

Examina agora o princípio e retém o grito de admiração que vais soltar ao reconheceres o condenado nêsse antigo homem de bem, nêsse justo que tens agora diante de ti. Procura sempre a causa da transformação e treme ao leres mais uma vez as palavras: um só pecado mortal.

Um só pecado mortal plenamente deliberado faz de um justo um réprobo.

Será então uma coisa pequena o pecado mortal?

* * *

Desvia os olhos do tríptico e levanta-os agora para a cabeceira da tua cama. Olha para o teu crucifixo, e vê nêle o que é o pecado. O pecado *matou* o Homem-Deus.

Diante do Cadáver de Cristo compreenderás enfim, querido jovem, quão grande mal seja o pecado?

Que o Senhor t'o conceda.»

Amigo da Juventude

LEIAM TODOS

Quereis as vossas encomendas de água e artigos do Santuário despachados com maior urgência?

Fazei os pedidos ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima, e não a esta redacção que dista 5 léguas do Santuário.

Daqui só deveis pedir livros sôbre a Fátima e estes ser-vos-ão enviados com a brevidade possível. Há 4 diferentes a 5$00 cada um.

A Oratória custa 40$00.

LIÇÃO CONJUGAL

Numa casinha humilde morava uma família composta dos pais e um filhinho que era o encanto daquele lar.

A esposa era muito religiosa, e rezava o terço tôdas as noites com o filhinho. O marido, porém, pouco ou nada rezava.

—Olha cá, Pedro, porque é que não rezas connosco? (perguntou um dia a esposa).

— Sabes, Margarida, não tenho vagar, tenho muito que fazer.

— Grande trabalho! Passas horas e horas na taberna a jogar a bisca, na conversa... Não seria melhor rezar para que o nosso filhinho se edificasse e aprendesse com o bom exemplo do pai?

Olha que êle já tem oito anos e repara em tudo!

— As mulheres não querem que os maridos deem um passo sem lho dizer.

Ora... Não é a mulher quem manda em casa. Reza para aí quanto quizeres. A mim doe-me a cabeça de estar a ouvir essa interminável cantilena de Padre-Nossos e Avé-Marias.

* * *

Este homem que assim falava não era mau e era bastante carinhoso para a família mas indiferente em religião.

No dia seguinte o pai chama o Pedrinho e pergunta-lhe:

— A quem é que tu queres mais: a mim ou à mãesinha?

— Quero melhor ao paisinho.

— E a quem mais queres tu bem?

— A mais ninguém.

— Ora diz lá outra vez, diz alto para a mãezinha ouvir a quem é que tu queres mais?

O pequeno ficou aborrecido e não respondeu.

De repente ouve-se lá de dentro, da sala de costura, a voz de Margarida:

— Pedro, estás bem maçador. Não tens tu dito que a repetição duma coisa te faz doer a cabeça? Para que estás tu, pois, para aí a enjoar a criança com perguntas?

A oração, a reza do terço é filha do amor e o amor está sempre a repetir o mesmo.

É por isso que o terço não cansa aqueles que teem amor a Nossa Senhora.

O TEMPO É PRECIOSÍSSIMO

e por isso mandem-nos sempre o número das suas assinaturas que nos poupais assim muito tempo.

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Fátima, o Paraíso na Terra

A Pérola de Portugal

São 3 belos livros sôbre Fátima. Indispensáveis a quem deseje conhecer bem os prodígios de Fátima. Custa cada um 5$00, incluindo já a despesa do correio. Os pedidos devem ser dirigidos ao Santuário ou à Redacção da *«Voz da Fátima»*.

Ano XI — Leiria, 13 de Julho de 1933 — N.º 130

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 18-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA – Mensagem de misericórdia

(13 DE JUNHO)

«A mensagem de misericórdia que a Virgem Santissima trouxe a Fátima não era só para Portugal, como a de Lourdes não era só para França».

(Do rev.mo P.e Luis Gonzaga da Fonseca, S. J., professor do Instituto Bíblico Pontifício, de Roma, no seu magnífico livro: «As maravilhas de Fátima».)

Maria, Mãe de misericórdia

«Quando, no extremo oriente da Europa, o Anti-Cristo desencadeava, não só contra a verdadeira religião, mas *contra a própria ideia de Deus* e contra a sociedade civil a guerra mais formidável que a história regista; no extremo ocidente aparecia a grande e eterna *Inimiga da serpente infernal*».

Portugal, que enviara aos campos de batalha na Flandres e em África algumas dezenas de milhar de soldados, estava prestes a sofrer as terríveis conseqüências da guerra na esfera da moralidade pública e particular, que viriam agravar sobremaneira os efeitos deletérios duma revolução anti-cristã que, tendo logrado derrubar um trono oito vezes secular, pretendia também destruir sacrilegamente o templo e o altar.

A peste do laicismo grassava por tôda a parte, invadindo os diversos sectores da vida social. Nas escolas públicas e particulares era estritamente proíbido o ensino da Religião, mas, em vez de se manter em tôdas ao menos uma digna e respeitosa neutralidade, muitas delas eram focos de hostilidade manifesta e odienta contra a Igreja, contra as suas instituições e contra os seus ministros. Associações anti-clericais ostentavam despudorada e impunemente, à frente dos cortejos formados por alunos dos seus colégios, em bandeiras desfraldadas ao vento, legendas como esta: «Sem Deus nem Religião»! Na imprensa, no parlamento, nos estabelecimentos de ensino, nos quartéis e nos comícios, falava-se ou escrevia-se sem a mais leve sombra de respeito pela Religião e muitas vezes até pelas regras mais elementares da moral.

Por outro lado, os quadros da acção católica e da acção social cristã achavam-se ainda por organizar. A Igreja, intimamente unida ao Estado, como jàmais o fôra em país algum do mundo, manietada, oprimida e quási asfixiada por êle, não possuia a liberdade indispensável para proceder à depuração dos seus elementos humanos e à intensificação do seu apostolado redentor.

As regiões do centro e do sul do país reganizadas, grande número de templos profanados ou destruídos, o clero reduzido nas suas fileiras, os seminários desfalcados na sua população, os Bispos e os párocos vexados, presos ou perseguidos, a onda da impiedade e da dissolução dos costumes avançando assustadoramente e ameaçando subverter a religião, a família e a própria sociedade civil, eis o sudário das calamidades nacionais durante o longo período de perturbação que sucedeu à queda do antigo regimen.

Foi então que a augusta Raínha do Céu, empunhando novamente a arma invencível do Santo Rosário, se dignou aparecer, entre nós, portugueses, num pequeno rincão, ermo e árido, da Serra de Aire, para nêle estabelecer o seu quartel general e de lá assestar as suas baterias, a oração, a penitência e a fuga do pecado contra os exércitos formidáveis do mal, numerosos, aguerridos e inauditamente violentos nos seus ataques.

* * *

Mãe piedosa e compassiva dos portugueses, por êles eleita como sua Padroeira, a Virgem sem mácula, mostrando-se sucessivamente sob a tríplice invocação do Rosário, das Dores e do Carmo, estabelece na Cova da Iria, precisamente no centro geográfico, histórico e monumental da nossa Pátria, o seu trono de graça e de misericórdia.

A sua mensagem celeste, confiada a três humildes e inocentes crianças, dirigida a Portugal e comunicada às cinco partes do mundo, constitui um facho de luz que ilumina as almas com o explendor das verdades eternas, um foco de calor que abrasa os corações no fogo do amor divino, um fermento de vida sobrenatural, assombroso e único, que faz levedar os indivíduos, as famílias e os povos, convertendo-os, santificando-os e salvando-os.

13 DE MAIO DE 1933
Chuva de flores sôbre o andor de Nossa Senhora da Fátima

Bendita seja a augusta Raínha de Fátima, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, que, nesta terra de Santo António, o glorioso Taumaturgo, e do Beato Nuno de Santa Maria, o Santo Condestável, fez reviver nos nossos dias as grandezas e as glórias doutras eras, avivando a fé, acrisolando a piedade, reformando os costumes, purificando as almas, restituindo à nação a ordem, a paz e a prosperidade, prestigiando a Igreja, impondo Portugal ao respeito e admiração do mundo e reproduzindo, como que por encanto, nos seus vastíssimos domínios de além-mar, a maravilhosa e sublime epopeia missionária de antanho!

Procissão das Velas

Vai realizar-se o grandioso acto preparatório das comemorações oficiais do dia treze. No firmamento, limpo de nuvens, brilham miríades de estrêlas, que se distinguem a olho nú.

São pouco mais de dez horas.

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, que tinha chegado poucos momentos antes ao local das aparições, encontra-se já na varanda do pavilhão dos doentes, onde se ergue o grande altar das missas solenes. Os peregrinos rezam em comum o terço do Rosário. Começa em seguida a procissão das velas.

Na tribuna, em frente do microfónio, o rev. dr. Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão director do Santuário, dirige as preces e os cânticos da multidão. A voz clara e bem timbrada do sacerdote, que oito potentes megafónios reforçam e multiplicam, ouve-se distintamente por tôda a vasta esplanada: cem mil vozes respondem em côro e a oração e o canto proseguem numa ordem perfeita e admirável.

Às onze e meia o magestoso cortejo chegou ao termo do seu longo percurso. A enorme massa compacta de povo, reunido junto do Pavilhão, canta o *Credo* com fé viva e santo entusiasmo.

Esta melodia entoada por um côro imenso é simplesmente sublime.

O maravilhoso cortejo nocturno, que circula durante cêrca de duas horas nos extensos domínios do Santuário, constitui um soberbo e tocante espectáculo, em que a multidão ora, canta e aclama a Virgem, numa apoteose explêndida, única e indescritível.

Adoração nocturna

Pouco depois das onze e meia, Jesus é exposto sôbre o altar no seu Sacramento de amor. Principia então a linda e comovente cerimónia da adoração nocturna.

O Senhor Bispo de Leiria, que preside à recitação do terço, explica nos intervalos das dezenas os mistérios dolorosos do Rosário.

É nesse instante que, melhor do que nunca, se pode apreciar a fé viva e a piedade ardente dos peregrinos de Fátima. Que silêncio e que recolhimento! Que fervor nas súplicas que partem bem do fundo da alma. Que amor e devoção à Virgem!...

A primeira hora é destinada à adoração e reparação nacional. No fim o venerando Prelado recomenda às orações dos fiéis o Papa, os Bispos, a Pátria, tôdas as intenções confiadas aos peregrinos de Fátima.

E aqueles milhares de peitos, pulsando em unísono ao impulso de caridade cristã, rezam, com fervor, pelas necessidades alheias, como se rezassem pelas suas próprias necessidades.

Fazem em seguida cada uma a sua hora de adoração particular as principais peregrinações presentes, enquanto o grosso dos fiéis procura tomar um pouco de repouso, uns deitando-se na terra nua, outros, um pouco mais felizes, recolhendo aos seus automóveis ou *camionnettes*.

As peregrinações tiveram a sua hora de adoração pela ordem seguinte:

Lourinhã, da 1 às 2; Socorro, das 2 às 3; Covilhã (freguesia de S. Martinho), e Nadadouro (Caldas da Raínha), das 3 às 4; Lamego das 4 às 5.

A Missa da Comunhão Geral

Às 5 horas principia a missa da Comunhão Geral, na capela do Pavilhão dos doentes, sendo administrada por vários sacerdotes a mais de cinco mil pessoas.

Que scena encantadora a daquela Comunhão Geral na Cova da Iria, em que a multidão dos fiéis ciciava baixinho, mas cheia de fervor as súas orações e o numeroso côro entoava os cânticos mais apropriados à solenidade daquele grandioso acto!

Às 9 horas celebra a Santa Missa o Senhor Bispo de Leiria. Acolitaram o venerando Prelado os rev.dos dr. cónego Francisco dos Santos, abade da Sé do Pôrto, e dr. Joaquim Carreira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria.

Às onze horas e meia no monumento comemorativo das aparições, o rev.do dr. Marques dos Santos preside à recitação do terço do Rosário, em que tomam parte milhares de peregrinos. Ao meio-dia, realiza-se a primeira procissão de Nossa Senhora, em que a Imagem da Virgem de Fátima é conduzida processionalmente pelos servitas da capela das Aparições para o Pavilhão dos doentes.

A Missa dos doentes

Em seguida celebrou-se a missa oficial, a que assistiu o Senhor Bispo de Leiria. O celebrante é acolitado por dois ilustres médicos, os drs. Gualdino de Queirós, de Sernache do Bonjardim, e Henrique Bernardo Gonçalves, de Cem-Soldos (Tomar), que, depois de terem prestado os seus serviços profissionais no Pôsto das verificações médicas, quiseram coroá-los com aquele piedoso acto em honra do Rei e da Raínha de Fátima.

Ao Evangelho subiu ao púlpito o venerando Prelado de Leiria que diante do microfónio, proferiu uma bela e comovente alocução, que os megafónios transmitiram com uma clareza admirável a todos os grupos que constituiam o auditório e que no seu conjunto perfaziam o número de muitas dezenas de milhar de pessoas. Após a missa, o Senhor Bispo de Leiria paramentou-se no altar e, depois de exposto e incensado o Santíssimo Sacramento, deu a bênção eucarística aos doentes.

Estes estão uns deitados em macas e outros sentados nos bancos do Pavilhão. São em número de algumas dezenas.

É esta a mais tocante de todas as scenas.

Choram os doentes e choram os circunstantes. Mas as lágrimas que brotam de todos os olhos umas são lágrimas de esperança e de confôrto e as outras são lágrimas de caridade e de compaixão. Jesus, presente na Hóstia Santa, pura e imaculada, passa através daqueles corpos quebrantados e torturados pela dor e o seu Coração Divino, cheio de piedade e de ternura, espalha a flux as suas graças sôbre as almas bem dispostas e, como outrora na Palestina, passa fazendo o bem. Leva a umbela um dos nossos mais distintos homens de sciência, dr. Carlos Lima, director da Faculdade de Medicina do Pôrto.

Assistiu a todos os actos do culto um peregrino estranjeiro, o rev.do Caspar Hutter,, missionário alemão, que é actualmente reitor duma capela em Reichenau, na Áustria, e que veio expressamente de tão longe para visitar o Santuário de Fátima.

Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral, os servitas reconduziram à ca-

pela das aparições a Imagem da Virgem de Fátima num cortejo a que presidiu o Senhor Bispo de Leiria e em que tomam parte as irmandades e confrarias com os seus estandartes, os sacerdotes e os servos e servas de Nossa Senhora do Rosário.

O convite e a recomendação da Virgem

Estão terminadas as comemorações do dia treze.

Os peregrinos vão retirando pouco a pouco para as suas terras distantes.

As almas apartam-se da Cova da Iria com mágua intensa e funda saüdade daquele abençoado cantinho do Céu.

O silêncio e solidão voltam a reinar soberanamente na Cova da Iria e, a breve trecho, a noite envolverá nas dobras do seu manto de trevas os templos e monumentos do maior santuário nacional.

E, do seu trono de amor e de misericórdia, na santa capela das aparições, a branca e bela Rainha de Fátima fica apontando a todos, peregrinos de facto e peregrinos de desejo, a todos, portugueses e estranjeiros, o único caminho de salvação: com o seu convite à penitência e à fuga do pecado, especialmente do vício impuro e das modas imorais; e com a sua recomendação insistente e tantas vezes repetida de rezar todos os dias devotamente o Santo Rosário, que é a chave dos tesouros de Deus.

Visconde de Montelo

MISSÕES PORUGUESAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Do Venerando Bispo de Angola e Congo recebemos uma carta que aqui transcrevemos em parte para conhecimento dos nossos presados leitores.

Diz assim o Senhor D. Moisés:

«No dia 13 de cada mês celebro sempre o Santo Sacrifício em honra de Nossa Senhora da Fátima, em união com os peregrinos que lá se reünem nesse dia.

Que a Nossa Boa Mãe do Céu se compadeça de tantas almas abandonadas e admiràvelmente bem dispostas, como ainda nesta última viagem tive ensejo de constatar. Por tôda a parte, portugueses e nativos, insistiam comigo pedindo uma missão, um sacerdote.

Repete-se por aqui a sena descrita por Jeremias «Parvuli petierunt panem et non erat qui frangeret eis.»

Tenho uma grande confiança na eficácia das orações e sacrifícios de tantos milhares de neófitos cujo fervor e generosidade recordam os tempos primitivos do Cristianismo.

Agradeço, muito reconhecido, a oferta de «A Voz da Fátima» e envio a lista dos endereços.

Na Ganda vai construir-se uma igreja dedicada a N.ª S.ª da Fátima em substituição da capela provisória na qual já se venera a sua imagem».

Até aqui a carta do Sr. Bispo d'Angola e Congo.

A Sua Excelência enviámos a esmola de 437$50 para a Missão de Ganda, sendo 350$00 do Snr. Manuel de Saavedra de Carvalho, de Lamego, a pedir orações por alma de Abel Ferreira.

Aos nossos leitores lembramos as necessidades de Missões em geral e especialmente das Missões portuguesas e estrangeiras de Nossa Senhora da Fátima, prontificando-nos a enviar-lhes qualquer esmola que nos entreguem com êste fim.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA EM ÁFRICA

(Extracto duma carta)

... ...

No dia 15 de fevereiro cheguei ao Golungo-Alto, uma vila importante do distrito do Quanza-Norte, em serviço missionário de visita às catequeses e com grata surprêsa vi a imagem de Nossa Senhora da Fátima (de meio metro de altura e rasoavelmente trabalhada) a presidir ao ensino da doutrina cristã (ministrado em português e kimbundo), e aos actos de culto que todos os dias e mais demoradamente ao domingo se realisam numa pobre capela.

Foram os catecúmenos do Bondo — uma *sangála* grandemente povoada, nos arredores de Golungo — que construiram com muitos sacrifícios de trabalhos e de *angolares* esta capela e a dedicaram a Nossa Senhora da Fátima. E depois, quando comecei os meus trabalhos de missionário, tive a grande satisfação de dar á primeira pretinha que lá batisei — o nome de Maria da Fátima.

Fiz lá 115 batismos, administrei a comunhão a 945 cristãos (pretos e mulatos) e assisti a 9 casamenos. A messe é vasta, mas são poucos os operários.

... ...

Malange-Angola

P.e Candido Maia

FÁTIMA no Estranjeiro

No Colégio Português em Roma

Fátima é um nome já conhecido, pronunciado e venerado com muito carinho e afecto por quantos em Roma vivem. E a prova está no que se passou no último dia 13 de Maio.

Como nos anos anteriores e, principalmente, no ano transacto, o «Comitato Pro Fatima» envidou os mais solícitos cuidados em mimosear sua Mãe amorosíssima com uma festa tôda portuguesa, tôda suavidade e encanto.

Nem faltou o tríduo a prepará-la, nem se regateou dinheiro e esforços em a reclamar devidamente.

O tríduo foi confiado aos Revs. P.es José Soares da Rocha, Adão Salgado de Faria e Sebastião Soares de Rezende. Num plano lógico e bem elaborado foram apresentados três aspectos da Fátima: Sobrenatural, Missionário e Social.

O orador do primeiro dia apresentou o aspecto sobrenatural desenvolvendo o tema «Mihi vivere Christus est».

Viver Cristo, formar Cristo em nós para o darmos às almas e as darmos a Jesus é a vida mais sublime porque tôda sobrenatural e divina. Maria como ninguém realizou em si esta vida, realizá-la em seus filhos é sua obra na Fátima. Realizá-la em nós com Maria e por Maria, para com a S.ª da Fátima sermos seus mais devotados cooperadores na salvação de Portugal tal deve ser o ideal sublime dos Alunos do Colégio Português.

O aspecto Missionário traçou-no-lo o orador do segundo dia.

Desde o Cenáculo, quando dos pés da Virgem partem os primeiros Missionários Maria sempre tem sido a Protectora das Missões.

Portugal, como o prova a história, recebeu de Deus uma especial vocação Missionária e tem por isso especial protecção de Maria, que em Fátima o veio chamar à antiga Fidelidade, a qual é impossível se Portugal não cumprir a sua Missão Evangelizadora. A rápida propagação do culto da Virgem de Fátima nas Missões é uma prova evidente do aspecto Missionário da sublime epopeia da Fátima.

Traçou o aspecto social o terceiro orador:

Fátima é o foco intenso duma revolução, duma grande revolução reconstrutora; combate o laicísmo, gera o Apostolado e restaura para a sua linha histórica as forças da intelectualidade portuguesa. O nosso voto bem firme, a nossa ramelhete espiritual na festa da S.ª da Fátima há-de ser o de sermos em Portugal segundo as directivas dos nossos Ex.mos Bispos, revolucionários reconstrutores, cooperadores fiéis da grande revolucionária da Fátima. Cada um, segundo o seu carácter, seguirá talvez um S. Roberto Belarmino, D. Bosco, S. Francisco de Paulo ou S. Bento, todos grandes revolucionários sob a protecção da Virgem Santíssima.

* * *

No dia 12 pelos bancos das aulas da Gregoriana, pelo átrio, pelos quartos dos professores com santo ardor e entusiásmo filial lá vão os ardorosos Congregados de N.ª S.ª espalhando artísticos programas — convites para a festa do dia seguinte.

E oh! que bem acolhidos foram!

No dia 13 de manhã celebrou a Missa da Comunidade o nosso queridíssimo Padre Espiritual, Rev.mo P.e Luís Gonzaga da Fonseca, S. J., acompanhando ao órgão com suaves e melodiosos cânticos a Schola Cantorum do Colégio.

O altar era um mimo de primor e fino gôsto das mãos gentilmente filiais dos Congregados.

Quando o admirei pela primeira vez deu-me a impressão dum canteiro mimoso de flôres de alma balsamicamente perfumadas, cuidadosamente cultivadas pelos devotos da Virgem e a ela ofertadas no dia lindo de sua Festa.

De feito viam-se a candura e pureza de alma no branco níveo do odorífero jasmim; a humildade no azul dos lírios, a caridade apostólica no rubro escarlate das rosas — todas sustentadas na Fé viva das velas hirtas para o Céu, na esperança do verde das folhas que entremeavam o conjunto de um efeito surpreendente e encantador.

À hora da Comunhão abeiraram-se da Mesa Santa além dos Alunos algumas Religiosas portuguesas, de S.ta Dorotea. Sucederam-se as Missas até tarde celebradas por alunos do Colégio e outros sacerdotes de fora.

Às 10 horas dirigiam-se para o altar os Ministros da Missa solene cantada por Mons. Porfírio Cordeiro, Reitor do Colégio, que ao Evangelho fêz uma Apostólica homília incitando os alunos a serem Apóstolos da Senhora da Fátima, como ela foi, pela simplicidade, prudencia e santidade sacerdotal.

A nota dominante do dia 13 passa-se, tarde feita, à hora precisa em que na Fátima os peregrinos rezam e cantam, o adeus da despedida.

A capela está literalmente cheia. E a colónia portuguesa, são os alunos da Universidade Gregoriana com larga representação de todos os Colégios merecendo especial mensão—o Colégio Americano do Norte, Colégio Pio Latino, Espanhol e alunos de diversas Congregações Religiosas.

Depois de rezado o terço dirige-se para o altar, na sua proverbial simplicidade e modéstia encantadoras, o Rev. P.e Fonseca, que num italiano elegante, estilo persuasivo e bem cuidado, desenvolve, sob um aspecto todo original, o tema: Fátima e o Ano Santo.

Celebrar Fátima, uma Aparição, num ano em que todas as atenções do orbe se convergem para Roma a ganhar o Jubileu, não parecerá cousa extranha?

Mas que é Fátima? Não é Fátima um Jubileu perene, um Ano Santo de Redenção que promulgado há precisamente 16 anos se prolonga e prolongará ininterrupto a todos quantos a Fátima se aconchegam? E em reptos eloqüentes de uma oratória Apostólica e finamente literária demonstra lògicamente o tema:

Ano Santo é ano de Jubileu, de graça, de conversão, de reparação, de reforma, de vida sobrenatural, Eucarística, Divina.

Mas não é Fátima precisamente isto, todos os dias em todas as partes em que Fátima é conhecida que são já todas as cinco partes do mundo?

Que outra cousa faz a Senhora da Fátima senão converter, reformar, santificar, dar Jesus às almas, torná-las outros Cristos para que sendo Eucaristias vivas espalhem em redor de si por montes e vales de Portugal, por tôda a parte o bom odor de Jesus Cristo. E numa preroção tôda transbordante o fôgo duma alma intensamente Eucarística convida os presentes a serem Eucaristias vivas, para com a S.ª da Fátima espalharem as graças singulares do Ano Santo de Redenção da Fátima.

Seguiu-se a bênção terminando assim esta festa tão simples mas tão filial que deixou em todos as mais gratas impressões e que de certo foi ternissimamente aceita pela Virgem Santíssima.

Sicília

Cimina, 16 de Maio de 1933.

Rev.mo Snr. A. Borges

Recebi a sua «cartolina» ilustrada do dia 2 do mês passado; no dia seguinte chegou a bilha com a água da fonte milagrosa da Fátima, que o Snr. me havia prometido no postal.

Extraí a bilha e reputo-me afortunado de a haver recebido exactamente como tinha sido expedida. Beijei-a e conservei-a.

Reservei-me porém para a abrir no dia tão caro aos devotos de Maria Santíssima da Fátima — 13 de Maio, 16.º Aniversário da Aparição.

Entretanto andava a pensar no melhor modo de celebrar festa tão singular e a propósito falei com poucos mas assiduos freqüentadores da igreja onde celebro quotidianamente — o Carmelo.

Um dia avisei os fiéis para que se juntassem no Carmelo às 11 1/2 da manhã do dia 13 de Maio.

Aos pés da Virgem Santíssima do Carmo podia recitar-se juntamente o Santo Rosário: Lúcia na última Aparição viu a Senhora do Carmo.

Prometi sortear pelos circunstantes a Imagem da Virgem do Colégio Português.

Na manhã do dia 13 celebrei a Santa Missa (pelos zeladores e zeladoras da Virgem Santíssima da Fátima) no altar de de N..S.ª do Carmo.

Antes da Missa os fieis cantaram a Salvé Rainha, durante a Missa uma cançãozinha e a Ladainha.

De volta a casa abri a bilha de água milagrosa e com tôda a minha família fizemos o sinal da Cruz com ela.

Levei imediatamente depois a água a quatro pessoas enfêrmas e às 11 1/2 encontrava-me na Igreja para a funçãozinha. Contra tôda a espectativa, atenta o incómodo da hora, grande foi o número das pessoas que estavam presentes na Igreja.

Fiz a leitura da primeira Aparição; em seguida diante da Imagem do Carmo (que parecia sorrir-nos por entre lumes e flôres) recitámos cinco décadas do Santo Rosário. Terminei o Santo Rosário às 12 e quis saudar com o Angelus a Virgem. Cantou-se a Ladainha e depois o «Oremus Deus cuius Unigenitus». Abri o tabernáculo para recitar as nove partes da Novena a Nossa Senhora de Fátima. Agrada-me muito esta Novena mas, diante do Santíssimo, encontrava-a mais bela ainda, mais exacta: ad Jesum per Mariam.

Invocávamos Maria para encontrar-mo-nos juntamente com ela a invocar Jesus com a doce jaculatória por ela ensinada a Lúcia. Ao Tantum Ergo seguiu-se a bênção e o canto do Hino «Il 13 Maggio *su treze de Maio*». Enquanto se cantava o hino algumas sócias da Acção Católica distribuiram pelos presentes bilhetes com números para sortear a Imagem de Nossa Senhora. Não bastaram porque vieram mais pessoas que as que se haviam previsto.

Enquanto se faziam outros bilhetinhos cantaram-se outras cançõesinhas.

Uma menina tirou um bilhete com um número, tirou outro: tinha o nome da Virgem Santíssima do Rosário.

Cresce a atenção de todos. O número que saisse depois designava a pessoa afortunada a quem estava reservada a Santa Imagem. A Senhora quis ir para as mãos de uma menina a quem jamais coubera a dita de haver em sorte Imagem alguma.

A funçãozinha agradou tanto e deixou tão bela impressão que, imediatamente, diversas pessoas manifestaram o desejo de a ver repetida no dia 13 de cada mês.

Recitou-se a Avé Maria pelos doentes, pelos zeladores e zeladoras do culto de N. S.ª de Fátima, pela pacificação do mundo, pelo Santo Padre, pela Acção Católica, pelas Missões Católicas e santificação do clero e pela conversão dos pecadores a fim de que a Virgem Santíssima os chame a fazer a Comunhão pascal.

Noutra igreja recitou-se o Santo Rosário para que a Virgem Santíssima suscite outros zeladores do seu culto.

E a «Voz da Fátima» em Italiano publicar-se-á?

Encontraria numerosos leitores.

Muito obrigado por tudo.

Sac. Michelangelo Calcagno

Austria

O Rev. Gaspar Hutler, da Diocese de Viena d'Austria esteve na Fátima nos dias 12 e 13 de junho onde veio em peregrinação.

Ficou encantado com o que viu e vai escrever as suas impressões no novo jornalzinho — «Bote von Fátima» que se publica na Suissa.

Espanha

A magnífica revista El Adalid Seráfico que se publica em Sevilha, tem publicado uma série de artigos subordinados ao título — Fátima, Lourdes portuguesa.

É seu autor o Rev. Fr. J. de Castro.

São muito interessantes porque o seu autor que tem vindo várias vezes à Fátima, observou conscienciosamente os factos que narra.

Esperamos fazer uma referência mais detalhada quando estiverem todos os artigos publicados.

Brasil (S. Paulo)

(Extracto duma carta)

Antes de mais nada vou dar-lhe uma novidade sensacional, muito sensacional: vi ontem aqui em S. Paulo o Ex.mo Senhor Dom José, Bispo de Leiria!

Não julgue que estou fantasiando ou inventando uma história.

E ainda não é tudo. Ha algo de mais sensacional, mais empolgante: S. Ex.ª o Senhor Dom José ergueu o seu braço e levantou a sua voz e também deu a benção ao povo que o rodeava!!!

Calcule, se pode, o meu entusiasmo— ao ver-me aqui no Brazil em frente dum Prelado português, o Bispo de Nossa Senhora da Fátima. Calcule a minha emoção ao ver erguer o Senhor Bispo de Leiria o seu braço e ao ouvir a sua voz — aquela voz que eu também conheço — a cantar a sua bênção: *Sit nomen Domini benedictum*, etc...

Mas quere saber como foi? Foi assim: Passando por uma rua da capital Paulista, vi anunciada a fita cinematográfica «*Fátima Milagrosa*» Muito naturalmente comprei uma cadeira. Estava longe de pensar que ia ver um belo trabalho cinematográfico; mas qual não foi o meu espanto ao verificar que se tratava de uma soberba obra do Cinema português — *Fátima Milagrosa* — desenrolando diante dos nossos olhos o quadro maravilhoso de uma peregrinação em Nossa Senhora da Fátima, e destacando no meio daquela onda humana a figura querida e bondosa do Venerando Bispo de Leiria.

Desde que o progresso tornou o Cinema sonoro, aqui tem V. a chave do enigma que transportou a Fátima para S. Paulo, permitindo-me ver o Senhor D. José e ouvir a sua voz aqui na terra de Santa Cruz.

Resta-me dizer-lhe que gostei imenso e que a «Fátima Milagrosa» é uma peça que honra o cinema português.

S. Paulo-Brasil

P. Ramos Paiva

(Pará)

A magnífica revista — Legionário de Maria — que se publica em Belem do Grão Pará — Brasil — consagra quási todo o número de Maio a Nossa Senhora da Fátima.

Transcrevemos para conhecimento dos nossos leitores o artigo principal da citada revista:

«Facto internacional, acontecimento mundial, o mais extraordinário dêste século como lhe chama quem sabe dar o nome às coisas, a aparição de Nossa Senhora em Fátima, cujo décimo sexto aniversário ocorre a 13 do corrente mês, dá margem a considerações proveitosíssimas.

Maio, o mês consagrado à Mãe de Deus, *trêze* do mês, número fatídico que assusta a tantos e tantos, e escolhido êste e preferido aquele, não quer dizer que *nacionalismos intransigentes* como *prevenções desarrazoadas* não devem ter-se em conta?

Não é Maio *internacional*, a começar pela festa do trabalho, festa que deverá ser tôda cristã, porque o grande *operário* é Deus, e o Filho de Deus, Cristo Senhor Nosso, vindo à terra era chamado «Filius Fabri» o filho do Carpinteiro?

Maio *internacional*... onde não é conhecido êsse mês pelas homenagens à Mãe de Deus, se é que lá chegou, por alguma via, a doutrina da verdade?

Entremos, pois, nos designios da Mãe do Céu ao ditar-nos a sua mensagem por intermédio de três pastorinhos.

Foi no meio dum povo quási desconhecida pelo seu pequeno número, um povo que se ia varrendo do cenário do mundo pelos erros dos seus governantes, foi num ano em que isso mais se acentuava porque o mundo se achava revolto, como nunca, devido a uma guerra que parecia interminável, que a *Rainha dêsse* povo que seus maiores elegeram sua, dando à terra que iam conquistando o nome de *Terra de Santa Maria*, vem dizer-lhe: Confiança; vai findar a guerra, e *mudando de vida*, o mundo retomará seu curso normal.

Sim, *mudando de vida*, terá perdão. E o povo não duvidou um instante, foi logo à prática do ensino, e os frutos dessa prática eram patentes a todos. Foi então que a Igreja tomou conta do facto, averigou-o maduramente, viu-o transpôr ràpidamente as fronteiras dêsse povo, entrar nas cinco partes do mundo, dando sempre os mesmos resultados de bênção.

Assim se cognominou logo de *facto internacional*, de *acontecimento mundial*, destinado a renovar a humanidade.

E não pode ser senão assim.

Qual a causa do mal estar geral? Não é porque o *egoismo do individuo* passou a ser *egoismo social*; o homem em *ponto grande*,—cada nação, se arma de ponto em branco para suplantar as demais, esquecendo que nelas vivem *irmãos*, filhos do mesmo pai — Deus!

Não é verdade que a caridade mútua, o amor desapareceu ou tende a desaparecer da terra.

Mudemos de vida, como ensina Nossa Mãe do Céu, façamo-nos cultores da caridade e da justiça, tomemos por norma o preceito do Senhor: «*Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei*» e tôda a gente e a humanidade inteira tomará rumos novos e os indivíduos, como as nações deixarão de dar o espectáculo triste, que nos apresenta diante dos olhos nesta metade do século vinte.»

PENSANDO EM TUDO... MENOS NA SALVAÇÃO DA SUA ALMA!

«Atravessando o deserto, um viajante viu um árabe sentado ao pé duma palmeira. A pouca distância repousavam os seus camelos pesadamente carregados com valiosos objectos.

Aproximou-se dêle e disse-lhe:

— Pareceis muito preocupado. Posso ajudar-vos em alguma cóisa?

Ah! respondeu o árabe com tristeza. Estou muito aflito porque perdi a mais preciosa de todas as joias.

— Que joia era essa? — preguntou o viajante.

— Era uma joia, respondeu o árabe, como jàmais haverá outra. Estava talhada num pedaço de pedra da Vida e tinha sido feita na oficina do Tempo.

Adornavam-na 365 brilhantes, em volta dos quais se agrupavam 24 mais pequenos, circundados ainda por 60 muito mais pequeninos.

Já vêdes que tenho razão para dizer que joia igual jàmais poderá reproduzir-se.

— De facto, disse o viajante, a vossa joia devia ser preciosa. Mas não será possivel que com muito dinheiro se possa fazer outra igual?

A joia perdida, respondeu o árabe, voltando a ficar pensativo, é um ano, e um ano que se perde não se torna a encontrar.

E quantos homens há que não perdem um ano, mas perdem a vida inteira, pensando em tudo, menos no que deviam pensar — na salvação da sua alma?!...»

Este número foi visado pela censura

Graças de N. Senhora de Fátima

Dores nervosas

Em 1927, sofrendo já havia bastante tempo de horríveis dôres de cabeça e não podendo tomar mais remédios com receio de ensurdecer de todo, como me diziam, ia sofrendo com a maior resignação possível. Uma manhã, porém, depois de uma noite de tormentos, levantei-me aflita, ajoelhei em cima da cama defronte de uma imagem da Santíssima Virgem e bebendo um pouco de água do seu Santuário, com muita fé lhe pedi que me levasse para o Céu ou me tirasse aquelas dôres. Nossa Senhora atendeu-me, pois que, graças a Ela, as dôres desapareceram imediatamente e são já passados cinco anos sem que elas tenham tornado a martirizar-me nem mesmo brandamente.

Em 1928, encontrando-me muito mal tive de recolher ao hospital para ser operada. Durante 15 dias estive de cama, sempre de costas e sem poder dormir. Tinha comigo um pequeno rosário que me trouxeram da Fátima êsse ano, e rezava-o constantemente, pedindo a minha Mãe do Céu que me livrasse de operação e depressa me puzesse junto de minha filha. A Virgem Santíssima não me desamparou porque, pouco depois, já estava na minha casa ao pé de minha filhinha. Agradeço a Nossa Senhora diversas outras graças que obtive por sua intercessão.

Recolhimento de S. Cristóvão.
Rua da Achada — Lisboa.

Ida da Silva Bastos

Meningite

Nos fins de Março do corrente ano adoeceu minha filha única, Maria de Lourdes Dias, que então tinha de idade treze meses. Tendo alguma febre, vómitos e falta de apetite, fomos com ela a um médico que nos disse ter sido excesso de sol, recomendando à mãe bastante dieta, por causa do leite com que havia de alimentar a doente e receitou um frasco de remédio para friccionar a Mãe e a filha. Como o mal fôsse sempre aumentando, passados dois dias fomos a outro médico, Sr. Dr. Joaquim Francisco Alves, de Vila Nova de Ourém, que nos disse logo, ainda mesmo antes de a auscultar que ela tinha uma meningite, já em estado muito perigoso; já tinha a cabeça inclinada para trás e ainda não tinhamos dado por isso.

Ficámos deveras aflitos ao ouvir falar nesse mal.

Cêrca das 6 horas da tarde dêsse mesmo dia parecia que minha filha nos ia deixar para sempre, até tôda a família se chegou a despedir dela; as suas faces, horas antes coradas, apresentavam agora uma côr cadavérica; os olhos cerrados, as pálpebras denegridas, o corpo todo morto, nem mesmo a respiração se percebia sem dificuldade, e chegando até, por algumas vezes, pessoas presentes a preguntar se ela já tinha exalado o último suspiro.

Por muito que a chamássemos nem os olhos abria, tal era o estado em que minha filhinha se encontrava.

Nesta altura lembrei-me de lhe fazer beber umas gotas de água de Nossa Senhora da Fátima que sempre tenho em casa, e ao dar-lha, minha filha abriu os olhos. Como vimos que ela ainda conservava um sopro de vida, entre lágrimas e suspiros fizemos algumas promessas a Nossa Senhora da Fátima, se Ela curasse a minha filha, e ficasse sem defeito algum.

Ao meio do têrço que à noite rezava com tôda a família minha filha começou a chorar e depois da reza do têrço fomos encontrá-la com os olhos abertos, as faces coradas, parecia que tinha ressuscitado. Minha filha conservou a cabeça inclinada para trás até ao dia 27 do mesmo mês. Durante a sua doença, não abandonei de todo a medicina indo algumas vezes eu só, dar informações ao médico para que se ela falecesse eu não ficasse com pena de não ter empregado sequer alguns meios para a salvar. Todos nos diziam que não pedissemos a sua cura a Nossa Senhora porque ela não escaparia, e se escapasse que não ficaria sem defeito.

— Quem sabe, dizia eu, se Nossa Senhora me não concederá esta graça? Ela que tem feito tantos milagres, tenho fé que também nos concederá esta graça. Ninguém dos que a viram quando ela estava prestes a morrer se convencia que ela viesse a escapar de tal doença. O próprio médico o disse. Graças a Nossa Senhora da Fátima a minha filha está completamente boa, pois já lá vão 7 meses e não lhe encontro defeito algum. Mil graças sejam dadas à Nossa Mãe do céu que se dignou ouvir-nos.

Casais de Abadia, Ceissa, 1932

João Dias

Tifómalaria

Meu marido adoeceu em 26 de Dezembro de 1930 com uma doença que só passados dias o seu médico assistente diagnosticou de «Tifómalaria», aparecendo-lhe em seguida um obcêsso no fígado seguido de uma infecção intestinal e uma hemorragia nasal.

Quando no dia 6 de Fevereiro de 1931 o seu médico me disse que mais nada tinha a fazer-lhe, dizendo mesmo que não chegaria ao outro dia, como êsse dia fôsse a primeira sexta-feira do mês, foi-lhe ministrado o sagrado Viático pelo Rev.º Abade, que o encontrou tão mal que em seguida lhe ministrou a Extrema-Unção. Eu vendo a ciência médica esgotada e sabendo que a Misericórdia de Deus é inexgotável recorri a Nossa Senhora da Fátima para que Ela salvasse o meu marido.

Continuando ainda doente no dia 13 de Maio de 1931 improvisei um pequeno altar no seu quarto com a imagem da Santíssima Virgem acompanhando todo o dia em espírito os peregrinos em Fátima. A Virgem Santíssima querendo provar talvez a minha fé, foi nêsse dia que consentiu que meu marido mais sofresse com uma segunda hemorragia nasal, e com um ataque de reumatismo agudo.

Não desanimei. Pedi sempre à Santíssima Virgem que lhe desse saúde e foi Ela quem lha deu pois hoje encontra-se quási completamente restabelecido. Muitíssimo reconhecida venho agradecer a Nossa Senhora da Fátima que me alcançou tão grande bem.

Gonjoim.

Adosinda Martins de Castro e Gouveia

Agradecimento

Maria Joaquina e sua filha Maria da Glória Amaral, das Sete Cidades, Ilha do Pico, vendo que o estado de saúde de seu filho e irmão António, era grave, chegando os médicos a duvidar de uma cura radical, lembraram-se de recorrer à Senhora da Fátima, implorando a cura.

Dias depois entrou o mesmo em segura convalescença, ficando, dentro em pouco, livre de perigo e perfeitamente bem.

Verdadeiramente reconhecidas para com a Senhora da Fátima, por nos haver atendido, pedimos para que a «Voz da Fátima» se torne eco da nossa imensa alegria.

Maria Joaquina e Maria da Glória

Tifoide

Há meses, o meu paroquiano Manuel Francisco da Rosa adoeceu gravemente com febre tifoide, de carácter perigoso. Da 2.ª para a 3.ª semana o enfêrmo piorou de dia para dia.

Ministrei-lhe os Santos Sacramentos da Confissão, Viático e Extrema-Unção, depois de o médico assistente me declarar que não tinha esperança de o salvar e que a sua vida estava no fim.

Nesta altura, a Mãe do Manuel Francisco, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e fêz a promessa de publicar na «Voz da Fátima» a graça da cura, se a obtivesse.

Imediatamente o doente começou a sentir-se melhor.

Hoje, a piedosa mãe e o filho, radicalmente curado, agradecem e tornam público êste favor recebido do Céu.

Candelaria — Pico — Açores.

P.e Xavier Madruga

Agradecimento

Tendo eu adoecido gravemente e estando de cama havia já quatro meses, declararam os médicos que me tratavam que tinha de sujeitar-me a uma melindrosa operação; mas devido ao meu estado de fraqueza, era necessário ir para Lisboa, afim de me fazerem uma transfusão de sangue. O meu estado era tal que mal podia mexer-me no leito.

Recorri então com mais viva fé a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a graça de poder ser operada na Covilhã, e prometendo a Nossa Senhora publicar esta graça, uma vez que da Mãe do Céu a alcançasse.

Eu e minha família fizemos novenas a Nossa Senhora da Fátima, bebendo eu, ao mesmo tempo, da água do seu Santuário.

Dignou-se Nossa Senhora ouvir as nossas ardentes preces, vindo a ser operada no hospital da Misericórdia desta cidade, onde estive durante 3 semanas,com feliz êxito.

Regressando, depois, a casa estive ainda na cama durante 2 meses mas já em convalescença.

Desde então tenho gozado de saúde permitindo entregar-me já às minhas ocupações antigas.

Reconhecida para com a Mãe do Céu, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e cumprindo a minha promessa venho tornar pública esta graça e agradecer todas as outras que Nossa Senhora me tem concedido, pedindo que nos proteja sempre.

Rua Conde do Refugio — Covilhã.

Rosa de Jesus Mouta

Uma graça da Virgem da Fátima

«Nos momentos atribulados da existência, a alma crente encontra sempre um lenitivo que lhe suavisa as dores físicas e tranqüilisa o espírito perturbado por tristes e multiplices apreensões, na esperança da protecção de Deus.

Neste cantinho de Portugal, onde a fé ainda se encontra viva, com todo o ardor dos antigos tempos de apostolização, desde há muito que se presta culto à Virgem de Fátima solícita Medianera das graças do Céu..

A gloriosa padroeira de Portugal tem correspondido aos extremos de afecto da gante açoreana, com rasgos eloquentíssimas de amor maternal, concedendo copiosas graças aos que em horas aflictivas, à sua generosidade recorrem.

Nas últimas férias grandes, retido no leito por uma incómoda febre, a Ela recorri, pedindo-lhe a cura.

A gloriosa Mãe de Deus mui justamente chamada a «Salus infirmorum» ouviu minhas preces e os rogos dos entes queridos que me rodeavam, achando-me completamente restabelcido a tempo de poder continuar os meus estudos no corrente ano lectivo.

Como prometi tornar pública esta graça venho por êste meio cumprir meu dever, e ao mesmo tempo agradecer a Nossa Senhora da Fátima a sua benemérita protecção, e protestar-lhe pública e sinceramente o meu indelevel reconhecimento.

Ribeira Grande — Ilha de S. Miguel — Açores.

Artur Botelho de Paiva.

Cura de alma e corpo

No dia 25 do mês de Junho do ano de 1925, adoeci com três doenças: Ceguei, depois tive uma paralisia e fiquei entrevada de pés e mãos; finalmente tive um eczema sifilítico, a pontos de estar cheia de chagas, deitando tôdas pus. Como estava muito mal mandei chamar o médico. Vendo êle que eu era pobre, aconselhou-me a que desse entrada no hospital. Entrei no hospital de S. José, onde durante dez meses fui tratada pelo Sr. Dr. Simões Ferreira que empregou todos os esforços para me salvar. Porém, encontrava-me cada vez pior.

Um dia encontrando-me quási à morte apareceu junto da minha cama, uma senhora religiosa e aconselhou-me a que me dirigisse com muita fé à Virgem da Fátima e que lhe pedisse a minha cura.

Como não sabia rezar, só lhe pedi que me curasse e prometi-lhe que andaria a pedir uma esmola para ir visitar o seu Santuário.

No dia seguinte, comecei a sentir-me melhor e daí a poucos dias comecei a levantar-me. O Sr. Dr. entretanto mandou-me embora, dizendo que a minha donça não tinha cura. Fui depois ter com outro sr. médico o qual me receitou muitos banhos para o eczema, mas nada valeu.

Depois fui ao Sr. Dr. Luís Sá que me fêz muitos tratamentos, mas tudo sem resultado sensível.

Uma noite, estando muito mal, foi uma pessoa informar o meu médico do estado em que me encontrava. A resposta foi desanimadora em absoluto, dizendo que nada havia a fazer, que me cortassem o cabêlo e que me dessem morfina. Vendo-me perdida recorri à Virgem Nossa Senhora da Fátima, e no dia 12 de Maio de 1927, parti para Fátima com o Sr. António Cabral Pinto. Chegados lá levaram-me para junto do altar da Virgem Santíssima da Fátima e lá fiquei tôda a noite. No dia seguinte fui receber a bênção dos doentes e imediatamente me senti melhor e graças a Virgem Santíssima encontro-me curada.

Já visitei doze vezes a Virgem Santíssima e espero continuar as minhas promessas.

Por isso ao dever de uma piedosa acção de graças, juntei a resolução de registar neste jornalzinho o reconhecimento da minha alma que jámais poderá esquecer tão preciosa graça.

Beco de S. Luís da Penha, n.º 6 — Lisboa.

Escolástica Nunes

Tuberculose

Sendo eu assinante dêste jornal, vi as grandes graças que Nossa Senhora tem concedido aos tristes pecadores que a Ela têm recorrido com as suas preces.

Em 15 de Setembro de 1931, minha mãe, que já havia 13 anos que esteve prestes a morrer, ficando sempre com ataques de tosse, declarou-se-lhe nesse dia uma pneumonia.

Era tal o seu estado que o médico declarou que estava tuberculosa e que não mais se levantaria do leito, pondo logo muitas cautelas com o tratamento; que não se chegassem para junto dela, senão com uma máscara e bem desinfectados; escarros e mais dejectos, tudo fôsse enterrado imediatamente. Eu, ouvindo tudo isto, fiquei com o coração despedaçado e virei-me então para a imagem de Nossa Senhora da Fátima e fiz-lhe uma novena juntamente com os meus alunos da escola do curso nocturno e duas irmãs que eu tinha fizeram em casa sòzinhas, também uma novena.

Prometi rezar um terço a Nossa Senhora da Fátima, um ano inteiro e publicar na «Voz da Fátima» a cura de minha Mãe, se ela lhe fôsse concedida. E então qual não foi a minha admiração, quando ao começar a novena a minha querida Mãe sentiu logo algumas melhoras que foram sempre continuando. Hoje encontra-se bem, como antes da sua doença de há 13 anos.

Leonel de Medeiros Vieira Ponte Garça

Penarício

Uma das nossas pagãs convertidas, mãe de numerosa família, e cuja filha mais velha está na nossa missão, teve um penarício num dêdo, logo depois do nascimento do seu último filhinho.

Alguns dias depois, vieram dizer à sua filha mais velha que sua mãe estava muito doente duma mão. Uma das nossas irmãs foi com a pequena a casa da mãe para vêr o que havia.

Viram logo que a mãe estava ameaçada de gangrena; e a pobre mulher com uma criancinha pequenina e rodeada de outros filhos, via-se só, porque o marido estava longe a trabalhar.

A nossa irmã aconselhou-a a ir ao hospital, mas ela recusava-se a isso por causa dos filhinhos.

Obrigaram-na; à fôrça, a ir e elas mesmas a acompanharam, pois o caso era urgente.

O médico examinou a mão e disse que, se passasse assim mais uma nolte, não escaparia à morte e que seria provàvelmente obrigado a cortar-lhe a mão, pois a gangrena já estava no dedo.

Pobre mãe de família com uma só mão!...

Imediatamente começámos uma novena a Nossa Senhora de Fátima para obter a cura sem que a mão fôsse cortada. Terminada a primeira novena começámos outras e graças a Deus não cortaram a mão nem mesmo o dedo que já estava atingido pela gangrena. Que mãe tão bondosa e tão terna nós temos no céu! Graças infinitas lhe sejam dadas para sempre! Vimos hoje cumprir a promessa que fizemos de publicar esta grande graça no pequenino jornal «Voz da Fátima».

Também fizemos celebrar uma missa em acção de graças e em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Irmãs de S. José de Cluny da missão de Landana. — (Congo Português)

Tumôr

Pelos princípios de Janeiro de 1932, comecei a sentir um incómodo numa perna. O mal agravou-se de tal modo que me forçou a deixar o trabalho.

Consultei o Snr. Dr. Alexandre Lima Carneiro, das Caldas da Saúde, onde me encontrava trabalhando, o qual declarou tratar-se de um tumor perigoso no cimo da articulação do lado posterior da côxa. Passados alguns dias foi lancetado, segregando mais de meio litro de pús.

A coisa, porêm, ia de mal em pior. Tirada uma análise clínica, a resolução dos distintos médicos foi que era forçoso entrar num hospital para me sujeitar a uma operação. No dia 30 de Março dei entrada no hospital da Povoa.

Os médicos, porém, negaram-se a fazer a operação, em face do meu grave estado. Os dias iam-se passando e o meu mal piorando. Com poucas esperanças na minha cura, resolvi sair daquele hospital, com intenção de entrar num do Pôrto. Soube depois que o Sr. Dr. Carneiro tinha declarado na minha ausência que eu já não tinha cura.

Por isso desisti.

Vendo esgotados os meios humanos, implorei os divinos. Uma pessoa aconselhou-me que recorresse a Nossa Senhora da Fátima, que lhe fizesse uma novena, dando-me um frasquinho de água da Fátima. Com a fé de que fui capaz, pedi à Boa Mãe, consoladora dos aflitos, que me curasse ou me levasse dêste mundo— que se fizesse o que fôsse mais do seu agrado. Prometi publicar a graça, se fôsse ouvido, e de assinar o jornal da Fátima, porta-Voz de tantas graças maravilhosas da Mãe do Céu em favor de seus filhos.

Experimentei melhoras logo nos primeiros dias da novena, usando como único medicamento a bendita água! Passados 15 dias, estava completamente bom, apenas com fraqueza na perna.

Que reconhecimento eterno devo a tão grande Benfeitora!...

Glória para sempre à Mãe de Deus, que assim vela pela nossa Terra que foi e será sempre sua, e pelos seus desditados filhos!...

Este prodígio deu brado nos meus conhecidos, que, incrédulos, duvidavam da realidade da cura, devido à gravidade da doença.

Para me certificar, consultei o Sr. Dr. Matos Moreira, da Póvoa de Varzim, voltando a consultá-lo passado um mês, afirmando-me que me encontrava bem.

Passados alguns meses, consultei o Sr. Dr. Araújo, de Vila do Conde, dizendo-me o mesmo. Agora, passados 8 meses sem o mínimo sinal de fraqueza, estou radicalmente curado, devido à bondade da «Saúde dos Enfermos». Hora e glória a Ela para sempre.

Instituto de Nun'Alvares.
Caldas da Saúde — Minho

João Baptista Rodrigues Leite

Inflamação

Armando Nunes de Carvalho, residente em Alpedrinha, tendo sido atacado de grave inflamação nos pulmões, pedi por várias vezes a Nossa Senhora da Fátima e a Santa Filomena a graça de me curarem, pois não só era desgôsto para meus Pais, como também se aproximava o novo ano lectivo de 1932-1933 que assim certamente iria perder.

Fiz promessas, acompanhado de meus queridos Pais, as quais a Mãe Bendita ouvia sem visìvelmente conceder a graça. Vindo o meu médico, o Sr. Dr. Alvaro Gambôa, para me auscultar, qual não foi a minha alegria, ouvindo-o dizer que estava curado!?...

Em Outubro, recomecei o meu 5.º ano em Castelo Branco e agora que me encontro em férias venho cumprir o voto de publicar a grande graça que a Mãe Santíssima e Sta. Filomena me concederam.

Nunca poderei agradecer tantas graças que dela tenho recebido.

Alpedrinha, 30-12-932.

Armando Nunes de Carvalho

GRAÇAS DE N. S.ª DE FÁTIMA NO BRASIL

(Continuação)

Graça temporal

Uma Senhora, dona duma pensão, precisando fazer as compras do necessário para o jantar, achava-se absolutamente desprovida do necessário dinheiro para as efectuar.

Recorre sucessivamente a diversas pessoas que lhe deviam, mas a resposta era invariàvelmente esta: «também não tenho». Recolhe-se então para desabafar com N.ª Senhora da Fátima, implorando dEla ao mesmo tempo o necessário e urgente auxílio. O feliz despacho não se fêz esperar, pois, chamada inesperadamente ao telefone, achou-se com uma das pessoas que lhe deviam e se dizia disposta a pagar já parte da dívida, quantia necessária para livrar a Senhora dos apuros em que se encontrava.

Colite

Edith Sant'Ana Mascarenhas, — Largo da Palma, n.º 3, há cêrca de 2 meses que vinha sofrendo atrozmente de uma Colite que não cedia a remédios alguns dos muitos que inutilmente lhe iam sendo receitados. Pessoa amiga lhe sugere o recurso a Nossa Senhora da Fátima, o que a doentinha com a família fizeram, começando desde logo uma novena de orações com a aplicação da água do Santuário.

Dois dias apenas são passados, e, do 2.º para o 3.º, com surpreza e grande regozijo de todos, começa a doente a sentir sensíveis melhoras que de dia para dia cada vez mais se vão acentuando e confirmando.

Fraquesa Geral

Teodora Maria do Sacramento, — Rua da Fonte Nova, Senhora já de avançada idade, sob o pêso de vários achaques, sentia-se desde há bastantes anos impossibilitada de aplicar-se a qualquer trabalho aturado, sem o qual lhe faltavam os necessários recursos para a vida. Ouvindo em fins de Setembro falar de Nossa Senhora da Fátima e dos prodígios por Ela operados em favor de tantos necessitados, confiadamente introduz desde logo a sua súplica, e com tão feliz êxito que, poucos dias depois, já com relativa facilidade se podia entregar aos necessários labores quotidianos sem notável incómodo, continuando sempre a sentir-se cada vez melhor, o que tudo confessa dever à maravilhosa protecção de Nossa Senhora da Fátima, a cujos pés é freqüente ve-la ajoelhada na mais fervorosa acção de graças.

Fígado, rins, coração, etc...

Isbela Viana, quando ainda presidente das Filhas de Maria, secção das moças, existente no nosso Colégio, foi acometida de uma série de complicações qual delas mais grave, afectando o fígado, os rins, o coração, etc., receando-se ainda que tivesse um tumor interno. À medida que iam surgindo novas complicações, cada vez mais aumentavam os receios de a não poder salvar e o próprio médico chegou a dá-la como perdida. Foi nessa altura que com o Director da Congregação a fui visitar, encontrando de facto a doente e todos os seus na maior desolação. Singularmente devota como era, a doente, de Nossa Senhora da Fátima, cu-

ja imagem de 40cm possui e tinha deante de si, disso nos servimos para lhe levantar o ânimo, levando-a à confiança em Nossa Senhora, perante a qual possuia particulares títulos de especial crédito pela sua dedicação à causa da mesma Senhora, zelando e ornamentando com particular esmêro e carinho o seu altar. Assentou-se logo que, tanto a doente como todos os que por ela se interessavam começassem com particular empenho a implorar o valimento de Nossa Senhora da Fátima. Entretanto a doente iria bebendo da água do Santuário; e o facto foi que os receios de fatal desenlace se foram desvanecendo e já dentro em breve se considerava livre de perigo. Pouco depois já tôdas as preocupações se dirigiam apenas a fazer recuperar as fôrças em que ficou extremamente abatida. Recuperadas estas em pouco tempo, a sua 1.ª viagem foi à Nossa Capela a assistir a uma Missa em acção de graças no altar de Nossa Senhora da Fátima, mandada celebrar pela Congregação das Filhas de Maria.

* * *

Para comprovar que as alegrias dêste mundo nunca são completas, no mesmo dia em que a doente mencionada assistia com intenso regozijo de todos a uma outra missa festiva da Congregação, sentia ao mesmo tempo grande dôr por causa de uma sobrinha que acabava de chegar de S. Paulo e que, sujeita a uma operação melindrosíssima, se encontrava em gravíssimo risco, sem esperança humana alguma de se salvar. Animada, porém, com o que em si acontecera, confia também a sorte da sua sobrinha a Nossa Senhora da Fátima. Aceite por tôda a família o conselho de a Nossa Senhor entregarem a doente, todos à porfia imploram com o maior fervôr que podem a protecção da Mãe bendita, acompanhando as súplicas com o uso da água do Santuário que repetidas vezes a doentinha ia tomando, e o facto foi que, contra a esperança de todos, ela começou a melhorar de tal maneira que dentro em breve já era declarada livre de perigo.

Apezar disso continuou no leito por causa da extrema fraqueza a que ficou reduzida. Passado algum tempo, aproximadamente 3 meses, pede para se levantar. Auxilia-a nisso sua Mãe; quando porém, ao pôr os pés no chão se pretende firmar nêles, são tais as dores que experimenta, que as lágrimas lhe saltam dos olhos e desiste dos seus intentos. Resigna-se a permanecer ainda mais tempo no leito e a mãe volta a entregar-se aos labores domésticos. Sózinha como estava, alguns momentos mais tarde, vem à doente êste pensamento provocado pela visão de um frasquinho de água da Fátima: «e se eu friccionasse com umas gotinhas desta água as juntas e os tornozelos onde senti as dores agudas?...»

Lembrar-se e fazê-lo foram actos contínuos. Terminada a singularíssima operação, chama novamente sua mãe, dizendo-lhe desejar experimentar novamente se já podia andar, sem nada lhe dizer do que tinha feito, nem do pensamento que a isso a levou. Como era naturalíssimo, após o resultado da experiência momentos antes feita, procurou a Mãe dissuadí-la, persistindo sempre a filha em fazer nova tentativa sem querer por então declarar em que é que para isso se fundava.

Finalmente, dada a persistente recusa da mãe, abriu-se com ela, declarando-lhe o que tinha feito relativamente à água da Fátima, o que decidiu a Mãe a permitir-lhe nova tentativa, que felizmente surtiu o mais satisfatório efeito, podendo a doentinha, amparada pela Mãe, locomover-se em diferentes direcções dentro do próprio quarto e sem dôres de espécie alguma.

A mesma doentinha, animada com êste primeiro sucesso, no dia seguinte pede para ir até ao Oratório da casa, cêrca de 20m distante. Vai, reza lá de joelhos e volta sem a mínima dôr, o que ela e todos consideram como mais uma maravilha de Nossa Senhora da Fátima, não se cansando a beneficiada de dizer aos pais e a todos: que, tão desenganada como esteve da vida, a que tiver até morrer será tôda de Nossa Senhora da Fátima.

(Continua)

P.e J. de Miranda S. J.

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte	393.021$22
Papel, comp. e impres. do n.º 129 (64.000 ex.)... ...	3.486$45
Franquias, embal., transporte etc.	1.144$95
Na administração — Leiria	267$80
Total	397.920$42

Donativos desde 15$00

José Augusto Pires — Mangualde, 15$00; Beatriz Pires Rebelo — Viseu, 15$00; Lino Veiga — Samões, 20$00; Maria do C Lopes — Pôrto, 15$00; Glória Esquivel — Mourão, 20$00; Maria das D. Vasques — Barrancos, 20$00; Maria das D. Vargas — Barrancos, 15$00; José Vasques — Barrancos, 20$00; Luís L. Perdição — Évora, 20$00; P.e A. Gonçalves — Singapura, 20$00; P.e António Calhabote — Alcácer do Sal, 15$00; José A. Mendes — Felgueiras, 20$00; Maria Bandeira — Faro, 30$00; Brazelina Junqueira — Brasil, 15$00; António C.a Martins — Pôrto, 50$00; António das Almas — C. de Neiva, 40$00; José M. Plácido — C. de Neiva, 50$00; Maria Zélia de Oliveira — Vale Bemfeito, 50$00; Margarida de Almeida — Lisboa, 20$00; Margarida Gomes — Avis, 15$00; Maria de S. José Naldo — Vila Nova de Fozcôa, 50$00; Maria de S. José Monteiro — Vila Nova de Fozcôa, 40$00; Josefina Manso — Pombal, 20$00; Distribuição em Fornos, 140$00; Clara de Pinho — Aveiro, 20$00; P.e António Monteiro — Fafe, 50$00; Maria Rocha — Lazareto, 20$00; Augusto Sinde — Pôrto, 20$00; A. M. — Angola, 31$50; M. Duhão — Inhambane, 100$00; P.e José Lourenço — Sobrado da Paiva, 20$00; Matilde Chuquere — Albergaria-a-Velha, 15$00; José Sarmento — Chaves, 20$00; Ermelinda Leite — América, 2 dolares; Ana da Azambuja—Lisboa, 20$00; Purificação Carneiro — Fundão, 15$00; Deolinda Chartrs — ?, 50$00; Henriqueta Godinho — Barcelos, 40$00; Celina Pais — Paderne, 15$00; Maria Martins — Recarei, 20$00; Pároco de Arrifana, 50$00; Maria Adelaide Lapa — C. de Paiva, 20$00; Joaquim Ramalho — Lisboa, 30$00; Anónima da Fronteira, 50$00; João da Cunha — Chaves, 15$00; Júlio Assis — Macau, 100$00; Mariana de Castro — Santarém, 15$00; Manuel de Nobrega — Madeira, 20$00; Seminário Conciliar — Braga, 100$00; António Madeira — F. de E-à-Cinta, 20$00; Alfredo Barreiro — Lisboa, 20$00; Maria C. e Castro — Chamoim, 100$00; Maria Madalena — Ródades, 15$00; Ir. Laura Pereira — Missão de Cabinda, 100$00; Manuel da Rosa — California, 1 dolar; 2 esmolas da California, 2 dolares; Custódio Lopes — Pôrto, 15$00; 2 senhoras do Pôrto (esmola), 15$00; uma devota — Açores, 20$00; Lúcia Revocata — Belver, 15$00; Aurora Antunes — Alhandra, 100$00; Manuel Crisologo — Lourenço Marques, 50$00; Manuel de F. Lúcio — Flôres, 15$00; Guilhermina Pinheiro — Lisboa, 100$00; Gertrudes Penaforte — Cascais, 50$00; Julieta de Moura — Pôrto, 20$00; Maria do C. Pires — Pôrto, 16$20; esmola de Barrancos, 20$00; Ana Luna — Tendais, 15$00; Directora do Hospital — Alpedrinha, 100$00; Margarida Rosado—Aviz, 15$00; Manuel Estudante — Alpiarça, 30$00; Elvira N. da Fonseca — Lisboa, 75$00; Distribuição em Paranhos, 20$00; Lucinda Sousa — Paranhos, 25$00; Artur Lobo — Gaia, 20$00; Maria da P. Pombo — Cartaxo, 30$00; Albertina Simões — Cartaxo, 20$00; Inácia da Cunha — Felgueiras, 20$00; José Rodrigues Pinto — Brasil, 15$00; Francisco Joaquim — Aldea Grande, 30$00; Jacinto Melicias — Buligueira, 30$00; esmola de Buligueira, 100$00; Manuel Melicias — Buligueira, 20$00; Manuel Pires — Sob.a Formosa, 20$00; Jorge Vareta — Foz do Douro, 50$00; Júlio Carloso — Lamego, 20$00; Francisca Rosa — Alvega, 20$00; Maria Clementina Leal — V. N. de Ourém, 15$00; António Cêrca — Ancião, 35$00; Alda Sepulveda — Pôrto, 20$00; António Homem de Gouveia—Madeira, 25$00; António de Melo — Guimarães, 15$00; Distribuição em Midões, 50$00; Maria Amélia — Foz do Douro, 20$00; Maria da C. Russo — C. de Vide, 37$00; Manuel Brilhante — Lisboa, 20$00; Helena Gomes — Al.a Nova, 20$00; Emília F. M. Carvalho, 20$00; Maria Ferreira Figueiredo, 76$00.

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Fátima, o Paraíso na Terra

A Pérola de Portugal

São 3 belos livros indispensáveis a quem desejar conhecer bem os prodígios da Fátima. Custa cada um 5$00, incluíndo já a despesa do correio. Os pedidos devem ser dirigidos ao Santuário ou à Redacção da «*Voz da Fátima*» — Leiria.

LEIAM TODOS

Quereis as vossas encomendas de água e artigos do Santuário despachados com maior urgência?

Fazei os pedidos ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima, e não a esta redacção que dista 5 léguas do Santuário.

Daqui só deveis pedir livros sôbre a Fátima e estes ser-vos-ão enviados com a brevidade possível. Há 4 diferentes a 5$00 cada um.

A Oratória custa 40$00.

Acto de Consagração da diocese de Coimbra ao Coração Imaculado de Maria Santíssima.

Santíssima Virgem, Imaculada Conceição, Nossa Senhora das Dôres, do Carmo, do Rosário e da Fátima, Mãe de Deus e dos homens, Mãe da divina graça, Medianeira de todas as graças: — a Diocese de Coimbra representada pelos seus Prelados, pelos seus Párocos e mais Sacerdotes e pelas suas corporações e diversas classes sociais, neste dia tão solene vem aos vossos pés renovar o seu pacto de amor.

Queremos ser o que fomos outrora: crentes, obedientes e agradecidos. Queremos e prometemos cumprir as leis do vosso Divino Filho, nosso Redentor e Salvador, e os preceitos da Igreja por êle instituida para nos guiar e para continuar a sua missão na terra.

Fazei que os fiéis vivam sempre unidos aos seus Párocos, fiéis e Párocos unidos ao seu Bispo, e todos unidos ao Sumo Pontífice, para vossa maior glória e nossa salvação.

Mater admirabilis, Mãe admirável: lançamo-nos nos vossos braços como o filho nos braços da sua mãe; protegei-nos a todos, protegei especialmente as nossas famílias, os pais e mães cristãos e os seus filhinhos, as criancinhas que tão queridas foram de Jesus.

Mater purissima, Mãe puríssima: abençoai os nossos jovens de ambos os sexos; fazei que todos procurem imitar as vossas virtudes; ponde uma barreira indestructível a essa onda de sensualismo que ameaça submergir-nos.

Mater boni consilii, Mãe do bom conselho: abençoai a nossa boa imprensa, as Conferências de S. Vicente de Paulo, as Noelistas, e todas as Obras sociais ou de piedade para que a sua acção seja cada vez mais fecunda. Inspirai tôdas as nossas emprezas e associações para que nunca abusem dos seus direitos, nunca esqueçam os seus deveres, nunca percam de vista o fim último de todos os seus membros.

Sedes Sapientiae, Séde da sabedoria: abençoai os nossos Professores e estudantes, abençoai a Universidade, a nossa gloriosa Universidade que outrora vos deu tanta glória, abençoai o Centro Académico e o Círculo Académico Feminino, para que todos sejam preservados da falsa *e pouca ciência que afasta de Deus.*

Regina Apostolorum, Rainha dos Apóstolos; abençoai o nosso Seminário, viveiro de Sacerdotes; fazei que todos estes sejam verdadeiros Apóstolos. Ó virgem piedosíssima: vêde como esta Diocese sofre por falta de Clero; dai-nos muitos e bons Sacerdotes, Sacerdotes de fogo, com uma autoridade de ciência capaz de dominar todos os espíritos, com uma autoridade de virtude e santidade capaz de arrastar todos os corações.

Suscitai também muitos apóstolos leigos de ambos os sexos, que cooperem com o Clero na restauração da ordem social cristã pela reconciliação das classes, dedicando a sua acção especialmente aos nossos operários tão carecidos, tão abandonados.

Salus infirmorum, Saúde dos enfermos: curai os nossos doentes, dai-lhes especialmente a saúde da alma, a paciência e resignação no sofrimento.

Refugium peccatorum, Refúgio dos pecadores: todos nós o somos, ó Maria Santíssima, mas vós sois Mãe de misericórdia, e a misericórdia não supõe méritos nem direitos; pedimo-vos especialmente pelos nossos irmãos extraviados, alcançai para todos a graça do perdão e da perseverança.

Janua coeli, Porta do céu: guiai-nos no caminho estreito da salvação; fazei-nos compreender que o sofrimento e as tristezas do tempo presente preparam as alegrias da eternidade; e no fim desta vida dolorosa abri a todos nós as portas do céu, e aí cantaremos eternamente os vossos louvores e os louvores do vosso Divino Filho. *Amen.*

Coimbra, 8 de dezembro de 1932 (Festa da Imaculada Conceição).

† MANUEL, *Bispo de Coimbra*

Emquanto espera um noivo

Um dia um sacerdote da cidade veio procurar-me a vêr se lhe indicava uma catequista. Tinha ali todo um mundo de crianças, umas abandonadas da rua e também muitas outras de boas famílias da sua freguesia.

Infelizmente (dizia êle) não tenho catequistas para todos aqueles miudos. O meu amigo, como assistente da juventude católica e outras associações femininas, talvez possa indicar-me alguma rapariga suficientemente instruida, com geito e zêlo por esta santa missão.

—A coisa não é lá muito fácil. Umas não estão livres quando é necessário e outras não sentem ainda em si a necessidade de dar aos outros da luz que já sentem na alma.

É possível, no entanto, que mesmo fóra dessas associações se encontre alguém nas condições.

— Isso é que era um achado!

— Farei o que me fôr possivel.

* * *

Passados poucos dias, no lidar dos meus trabalhos, encontrei uma menina dos seus vinte anos, viva, saudável, séria, religiosa, de boa família e suficientemente ilustrada.

— A Cristina quer ser Filha de Maria (perguntei eu)? Olhe que já pertencem à Congregação muitas raparigas da sua idade e condição. Há de gostar.

— Se fôr só para dar o nome... estou às ordens.

— Isso assim só, não, menina. É preciso trabalhar e eu destinava-lhe a igreja de...

Olhe que não pode dar melhor destino aos seus vinte anos do que, por meio da catequese, revelar Jesus às almas das crianças. E pensar depois que há alminhas de crianças que nos ficam devendo a luz espiritual que as ilumina é uma grande consolação.

A Cristina vai assim contribuir para tornar essas crianças felizes nêste mundo e na eternidade...

Mas emquanto eu ia cantando, o menos desafinadamente possivel, a beleza da missão de catequista, a Cristina esboçou uns leves gestos de recusa.

— Não, agora não, senhor Padre.

— E porquê?

— E que... (vou dizer-lho em segrêdo) estou para casar...

— Ah!... então não digo mais nada.

E vencido por êste argumento bati em retirada diante do futuro marido.

* * *

Depois de três mêses encontrei casualmente a Cristina na sacristia da igreja de S. Pedro:

— E então, êsse casamento?

— Simplesmente um boato, senhor Padre, um falso alarme e mais nada.

— Então é agora que vai tomar conta do seu lugar de catequista e auxiliar o pobre pároco cada vez mais atarefado de trabalho.

— Ainda não, Snr. Padre. Não pense que é má vontade da minha parte mas... vou esperar mais um bocado.

— Por quem?

— Pelo noivo.

— E se não vier?

—Há de vir.

Está bem. Desejo-lhe tôdas as venturas e ainda esta por cima de tôdas. Veja lá, porém, o que vai fazer pois que não deve passar os mais belos anos da juventude numa sala de espera sem fazer nada de geito.

— Desta vez tenho um palpite que conto não falhará. Se não fosse isso, de muito boa vontade. Gosto até muito de me dedicar às criancinhas.

— Não duvido.

* * *

Mais três meses e a Cristina veio procurar-me à sacristia.

Vem triste, vê-se que sofre. Mete dó.

— Então as coisas não correm bem?

— Vão cada vez pior. Os rapazes já me não interessam. São realmente estúpidos demais!... Parece-me emfim que não sou tão feia que meta mêdo e tenho alguma coisa de meu.

—Tudo isso é certo mas quere-me parecer que Cristina é exigente demais.

— V. Rev.ª ha-de concordar que não devo ligar a minha existência a um estrôina qualquer. O que eu pretendo é um rapaz de bons costumes, inteligente e educado. Sendo, não.

— A Cristina tem tôda a razão.

— Não é que não tenha sido pedida algumas vezes, mas quando tomo informações um pouco concretas, fico desgostosa às vezes, e até enojada! Preso demais a minha dignidade para ir viver com um imoralão ou um imbecil.

Mas com tudo isso sinto-me insatisfeita e triste. Sinto um vazio no coração. Sofro, sofro imenso!

— E eu que tenho tão belas ocupações a dar-lhe-...

— Espere ainda mais algum tempo, sim?

— Sempre a sala de espera!

— Não acha isto exquisito?

— Muito exquisito até, mas de quem é a culpa?

— Minha?

— Julgo que sim.

* * *

Mais seis meses. Cristina esteve sempre à espreita, à espera do principe encantado que teima em não aparecer.

Sempre de atalaia, sempre vigilante na torre da sua esperança que se obstina em não morrer.

E que Cristina é realmente exigente: Este é baixo demais, aquele é muito gordo. Fulano não é elegante, o nome de sicrano é muito exquisito. Um outro precisa de ir para o sanatório ou, ao menos, uns tempos no campo.

— Já sei o que é que lhe convém. Um rapaz talhado conforme aos seus desejos.

— Que quer? Coisas destas só se fazem uma vez na vida. Devem, pois, fazer-se bem. Esperarei pois o tempo que fôr preciso.

E Cristina fica esperando quási que contra a esperança.

* * *

Outros seis meses. Um quadro desolador. Todos os registos da harpa de Jeremias abertos. Lagrimas em fio. Uma dór de alma. Cristina está abatida de todo e tenho até de fechar a porta da sacristia para que de fóra não percebam os seus lamentos e desespêro.

— Pobre Cristina!

— Sim, sim. Pode bem dizê-lo. Coitada da Cristina que já ninguém quer saber dela, ninguém se interessa por ela.

— Ora essa! Interesso-me eu e estou desolado de a vêr passar os mais belos anos da vida sem fazer nada, murchar como uma linda flôr do campo.

— Obrigada pela flôr a murchar.

— O dia de ontem já não existe mas existe o dia de hoje e, se Deus quiser, ha de existir o de amanhã. Utilise-os. Não perca a bela ocasião que se lhe oferece.

Trabalhe, amanhe, colha os frutos sazonados que pode colher. A vida das obras religiosas e sociais está à sua espera.

Volto a repetir-lhe: Há tantas criancinhas que seriam tão felizes em tê-la por mestra.

— Sim, não duvido...

Mas então é dizer adeus a tudo. A gente que entra nas obras já não casa. Fica-se prêsa na engrenagem...

—A Cristina está muito enganada.

— Não me parece.

— Digo-lhe que está. Então não se lembra da Matilde, da Francisca e da Fernanda e outras que trabalharam a valer na Juventude católica e associação das Filhas de Maria e com isto despertaram a admiração de tôda a gente, inclusivé dos rapazes sérios e bem dotados E encontraram assim um marido e Deus sabe quanto são bons maridos.

— Sim, afinal V. Rev. tem razão. Ainda assim vou esperar mais algum tempo.

— Sempre esta sala de espera. Parece que lhe está na massa do sangue.

— Então porque se ri de mim como se eu não fosse já bem desgraçada?

— Eu não me rio. Tenho compaixão da sua cegueira.

* * *

Outros seis meses. E ainda outros seis. E já lá vão onze anos. E a Cristina sempre à espera. E agora uma senhora avinagrada, azeda, desbotada que vai secando, e amarelecendo.

Para querê-la era preciso ser cego. Quem ha de querer a obra de uma pessoa que em mais de onze anos não fez nada? Pode até duvidar-se que o próprio Deus queira agora aceitar alguma coisa dela.

Ainda assim, vou experimentar ainda esta vez, uns pobres a visitar, alguns trabalhos de costura para igrejas pobres, mas receio a fatidica frase:

— Não, ainda não.

E nunca mais foi.

— Coitada da Cristina!

(Adaptado de «Pierre l'Ermite»)

Entendam

Esta redacção não se responsabilisa pelas mudanças nas direcções cujos assinantes não mandarem o número da sua assinatura junto ao pedido para a mudança.

* * *

Façam os pedidos da água e de objectos religiosos ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima, e não a esta administração.

Ano XI — Fátima, 13 de Agosto de 1933 — N.º 131

VOZ DA FÁTIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 18-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

Fátima — Estância de Oração e Penitência

A grande peregrinação diocesana de Coimbra

Apoteose de fé e apoteose de amor!

«Maria Santíssima, aparecendo em Fátima, na Cova da Iria, transformou êsse lugar árido e deserto num imenso templo, talvez na maior basílica do mundo, onde Portugal inteiro deve pedir perdão e clemência».

(Da Carta Pastoral do Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo-Conde de Coimbra sôbre a consagração da sua diocese ao Sagrado Coração de Maria e sôbre a peregrinação diocesana de Julho ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima).

As Peregrinações Diocesanas a Fátima

Corria o mês de Agosto de 1909, precisamente o ano imediato ao das grandes festas jubilares comemorativas das bôdas de ouro das aparições de Nossa Senhora à pobre e humilde vidente de Lourdes, Beata Bernadette Soubirous.

De 19 a 22 dêsse mês, realizou-se, com extraordinária grandiosidade e imponência, a peregrinação nacional francesa, que costuma levar à cidade da Virgem mais dum milhar de doentes incuráveis e cêrca de cem mil peregrinos.

A peregrinação nacional é precedida e seguida de numerosas peregrinações diocesanas durante os seis meses da Primavera e do Verão em que as condições atmosféricas da região montanhosa dos Pirineus permitem efectuar ao ar livre os actos religiosos colectivos.

Pela tarde dum dêsses dias de inolvidáveis recordações, um jovem sacerdote português, recentemente ordenado, que regressava da capital da Cristandade, onde passara seis anos a fazer os seus estudos universitários, assistia, na margem direita do Gave, a um sermão que o sábio e piedosíssimo Bispo de Valence prègou do púlpito da Gruta de Massabielle a uma peregrinação de novecentos homens da sua vasta diocese.

O nobre Prelado, depois de dizer que aqueles homens que ali estavam presentes tinham ido já quási todos a Lourdes no ano anterior, e que, depois dessa primeira visita ao Grande Santuário da Virgem Imaculada, se tinham tornado, de bons cristãos que eram, em católicos de fé viva e de piedade ardente, comprazeu-se em acentuar no tom da mais profunda convicção que a França devia a sua recristianização às peregrinações diocesanas anuais à mística cidade dos Pirineus.

Essa afirmação foi como que uma luz que se acendeu no espírito do referido sacerdote, mostrando-lhe o segrêdo da restauração cristã de Portugal, cuja situação, sob o ponto de vista religioso, era, a êsse tempo, simplesmente deplorável, porque não se enxergava de modo nenhum a possibilidade de cessarem os males incomportáveis de tôda a ordem que oprimiam cada vez mais a Igreja e a Pátria, ameaçando conduzir a uma total descristianização aquela terra que foi, é e será sempre, a-pesar-de tudo, a ditosa terra de Santa Maria.

Desde então, jámais se desvaneceu o sonho, que êsse eclesiástico começou logo a acalentar, de ver a breve trecho Portugal imitar a França, constituindo-se em cada uma das suas dioceses uma comissão de carácter permanente que assumisse, com a aprovação do respectivo Ordinário, o encargo de promover anualmente uma peregrinação diocesana a Fátima, que é verdadeiramente a Lourdes portuguesa.

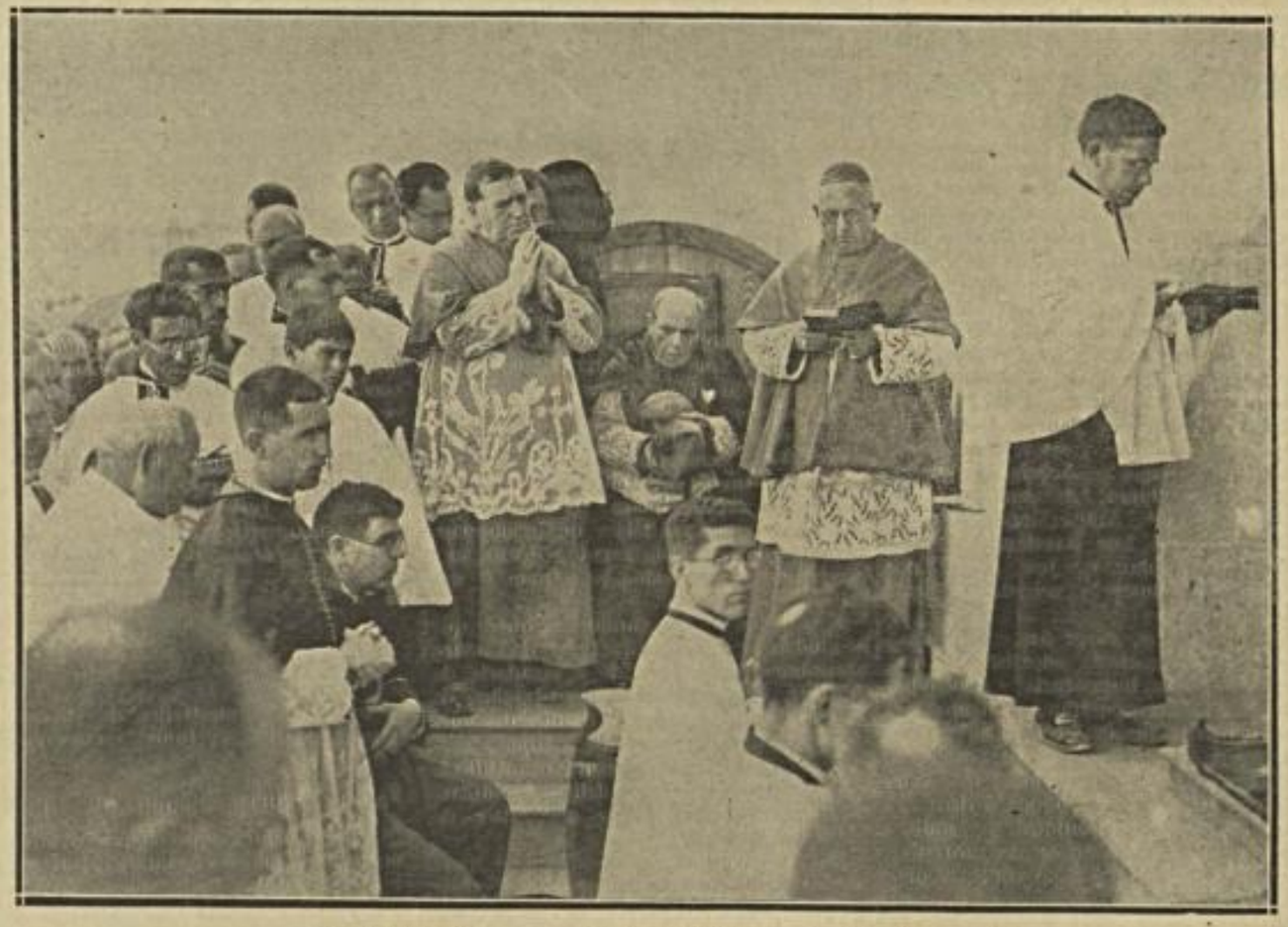
Êsse sonho tão fagueiro é hoje em dia quási uma realidade imensamente consoladora. As dioceses do centro e sul do país, que são as regiões onde lavra em mais larga escala a impiedade e a descrença, todos os anos enviam a Fátima, em peregrinação oficialmente organizada, dezenas de doentes e centenas de peregrinos.

Lisboa, Coimbra, Portalegre, Leiria, Évora, Beja, e Algarve, com os seus ilustres e venerandos Prelados, teem ido, cada ano que passa, prestar, por meio de numerosos representantes das suas populações, à gloriosa Virgem aparecida sôbre o planalto bendito da Serra de Aire, a homenagem bem sincera e bem sentida da sua veneração e do seu amor filial.

Ainda está na memória de todos o êxito colossal da grande peregrinação diocesana de Leiria, que teve o condão de fazer ajoelhar aos pés da augusta Rainha de Fátima mais de quarenta mil almas, numa apoteose indescritível de fé e de amor, produzindo os mais abundantes e preciosos frutos de santificação e salvação.

Coube agora a vez à nobilíssima diocese de Coimbra, que ao zêlo indefesso de duas eminentes figuras de Prelados deve, em grande parte, a sua actual vitalidade religiosa e que, oficial e solenemente, foi depôr aos pés da Virgem, no santuário privilegiado das graças celestes, o testemunho da sua fé vigorosa e da sua devoção acrisolada.

Assim, a Igreja em Portugal, ameaçada de ser extinta em duas gerações por um falso profeta que a expoliou dos seus bens e dos seus direitos e a perseguiu descaroàvelmente, na pessoa dos seus Bispos e dos seus párocos, com a prisão, o destêrro e tôda a sorte de vexames, esteia-se e firma-se nas *élites* crentes e piedosas formadas em cada diocese sob o doce e salutar influxo da forte rajada de sobrenatural que sopra da santa montanha de Fátima, e caminha, mercê de Deus, serena e imperturbável, cheia de vida e de fôrça, como nunca, através das blasfêmias e imprecações e dos esforços impotentes dos seus inimigos, perdoando, esquecendo e abençoando, incessantemente dedicada à sua tarefa divina de ensinar os ignorantes, de consolar os tristes, de aliviar os que sofrem, de apagar os pecados, de moralizar o indivíduo, a família e a sociedade, numa palavra, de santificar e salvar as almas, por entre os louvores e as aclamações dos homens e sob as bênçãos vivificantes de Deus.



13 DE JULHO DE 1933. — *Os Ex.mos Prelados de Coimbra e Leiria assistindo à Missa dos doentes no Santuário.*

Leiam e atendam todos

De hoje em deante a Redacção e a Administração de «A Voz da Fátima» ficam instaladas dentro do Santuário da Fátima para onde deve ser enviada tôda a correspondência ao Administrador — P.e António dos Reis.

Os vales de Correio que sejam pagáveis em Vila Nova de Ourém e não em Leiria.

A Diocese de Coimbra em Fátima

Raras vezes de-certo o Santuário Nacional de Fátima terá visto prostrar-se aos pés da augusta Padroeira e Rainha de Portugal, erguida em trono de amor e misericórdia na Cova da Iria, uma peregrinação tão numerosa e tão bem organizada sob todos os pontos de vista como a peregrinação oficial diocesana de Coimbra de 12 e 13 de Julho último.

Coimbra, a nobre e gentil princeza do Mondêgo, a lusa Atenas, ainda hoje embalsamada com o perfume suavíssimo das virtudes da Rainha Santa, possui a honra e a ventura de ter à frente da diocese, de que é a gloriosa séde, um Prelado apostólico, cuja fronte veneranda é cingida pela tríplice corôa da prudência, do saber e da virtude.

Rosto de bronze, carácter de diamante, coração de ouro, Dom Manuel Luís Coelho da Silva, Bispo de Coimbra e Conde de Arganil, é no govêrno da sua querida diocese a imágem de Deus no govêrno do universo: dirige e encaminha para o Céu com firmeza e suavidade — *fortiter et suaviter*, — pela senda do dever e da virtude, a porção avantajada da grei cristã que Sua Santidade o Papa Bento XV, de saudosa memória, houve por bem confiar à sua indefessa solicitude pastoral. Português de rija têmpera, como os portugueses de antanho, de antes quebrar que torcer, alia à doce candura duma alma profundamente cristã e sacerdotal, a energia inquebrantável, o nobre desassombro e a rude franqueza do apóstolo, que não sabe transigir com o êrro, que não é capaz de se mostrar pusilânime, que segue impertérrito os ditames da sua consciência, amando acima de tudo a verdade e a justiça e promovendo o seu triunfo através de todos os obstáculos e de tôdas as dificuldades.

Espírito medularmente jurídico, mas ao mesmo tempo caldeado pelo fogo da caridade de Cristo, contempla, à semelhança do Divino Mestre, as misérias materiais e morais da sociedade e com o mesmo interêsse e o mesmo disvêlo pronuncia o *miserror super turbam*.

Abrazado no amor de Deus e das almas, tendo uma ardente devoção filial para com a Santíssima Virgem, a sua vida é uma rêde interminável de serviços relevantes à causa sacrosanta da Igreja e da Pátria, que êle presta generosamente, a-pesar dos sofrimentos cruciantes duma antiga doença que sempre o acompanha, num desprendimento heróico de si mesmo, numa solicitude e dedicação ilimitada pelo bem do próximo.

O Venerando Antístite, que, ao iniciar auspiciosamente o exercício do seu munus pastoral, tinha consagrado a diocese ao Sagrado Coração de Jesus, quis consagrá-la também ao Imaculado Coração de Maria Santíssima, coroando essa piedosa homenagem com uma peregrinação diocesana a Fátima, donde, como êle próprio escreve, «a Rainha do Céu nos chama, a nós especialmente os portugueses, pedindo-nos oração e penitência.»

A peregrinação diocesana de Coimbra, que levou ao grande Santuário Nacional Mariano mais de vinte mil pessoas e mais de cem associações religiosas com os seus estandartes, foi na verdade uma cruzada de reparação e penitência, como desejava o venerando e querido Prelado.

Sua Excelência Reverendíssima deve estar sobremaneira satisfeito com o êxito incomparável dessa encantadora romagem de fé e piedade que pelo esmero que houve na sua organização, pela devoção acrisolada dos peregrinos para com a Virgem bendita e pelo grande espírito de sacrifício que os animava, foi de-certo largamente abençoada por Deus e deve ser ubérrima em frutos de santificação e salvação para a nobre diocese de Coimbra.

Que a augusta Rainha de Fátima, Medianeira de tôdas as graças, se digne re-

compensar a piedade e o zêlo do ínclito Prelado, prolongando a sua preciosa existência, fortalecendo a sua saúde combalida e esparzindo profusamente sôbre a sua veneranda Pessoa, sôbre o seu lial e dedicado Bispo Coadjutor, sôbre o seu querido Seminário e o seu não menos querido C. A. D. C., enfim sôbre o clero e fiéis da sua diocese, as bênçãos mais preciosas e mais escolhidas dos inexhauríveis tesouros celestiais de que Ela é a munificente e misericordiosa dispenseira!

No dia doze à tarde

Os peregrinos da diocese de Coimbra chegaram a Fátima no dia doze, uns de manhã, outros à tarde. Comboios especiais, comboios ordinários, automóveis, caminheiras, enfim, tôda a espécie de meios de transporte conduziram a maior parte dêles até junto do trono da Virgem no seu santuário predilecto. Mas houve freguesias do Bispado, como as de Alvôrge, Pombalinho, S. Tiago de Litêm e Abiul, que, na sua quási totalidade e tendo à frente os seus zelosos párocos, realizaram todo o caminho a pé, percorrendo muitas dezenas de quilómetros e gastando dois e três dias na viagem.

A entrada solene da peregrinação oficial da diocese de Coimbra nos domínios do Santuário efectuou-se às sete horas e meia da tarde.

Eram inexcedìvelmente perfeitas a ordem e à disciplina que reinavam entre os romeiros e exuberante o fervor religioso que os animava, traduzido nas manifestações sentidas e entusiásticas da sua fé e da sua piedade.

Formou-se um grande cortejo que se dirigiu, entoando cânticos, para a capela do Pavilhão dos doentes, onde, feita a exposição do Santíssimo Sacramento e rezado o terço do Rosário, o rev.^{do} cónego dr. Trindade Salgueiro proferiu uma alocução adequada ao acto e às circunstâncias.

Em seguida o Senhor D. António Antunes, Bispo Coadjutor de Coimbra,—encarnação viva do zêlo e da caridade do discípulo amado — renovou o acto de consagração da diocese ao Sagrado Coração de Maria, como tinha sido prescrito pelo Senhor Bispo-Conde na sua Carta Pastoral, no meio do maior silêncio, recolhimento e devoção, da selecta e numerosa assistência.

O Senhor D. Manuel, devido ao seu precário estado de saúde, não poude acompanhar os peregrinos, mas não podendo tão pouco resignar-se a ficar em Coimbra, porque o seu coração não lho consentia, apareceu de surpresa em automóvel na Cova da Iria, acompanhado do seu médico assistente, sr. dr. Vergílio Saraiva, o que impressionou profundamente os seus diocesanos, dispondo-os melhor para as horas de oração e penitência que iam passar naquele abençoado cantinho do Céu.

No fim da tocante cerimónia da apresentação oficial dos peregrinos, o Senhor Bispo-Conde, visìvelmente comovido, solicitou a protecção de Nossa Senhora de Fátima sob a tríplice invocação do Rosário, das Dôres e do Carmo, consagrada pelas aparições, e dirigiu algumas palavras de agradecimento aos seus diocesanos presentes por terem correspondido ao apêlo que lhes fizera na Carta Pastoral para irem em piedosa romagem ao Santuário da Lourdes portuguesa.

Terminou o acto com a bênção do Santíssimo Sacramento.

A procissão das velas

Às dez horas e meia começou a procissão das velas, que decorreu na forma do costume.

Tinha sido precedida da recitação do terço do Rosário, a que presidiu o rev.^{do} dr. Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria

A procissão seguiu o itenerário habitual, numa ordem tão perfeita, num recolhimento tão profundo e num fervor tão grande que bem mostrava a satisfação e o entusiasmo dos peregrinos por se encontrarem no maior santuário nacional, ao pé do trono de graças da nobre Padroeira e Raínha dos portugueses. Punha no vasto cortejo uma nota vibrante de alegria, de animação e de vida, o grande número de bandeiras e estandartes das colectividades que nela se tinham incorporado.

Ciciando preces ou entoando cânticos, especialmente o Avé de Fátima, sempre cantado com fervor e entusiasmo, vai-se desenrolando através das avenidas do local das aparições, numa longa e interminável fila de lumes, êsse magnífico cortejo extra-litúrgico, que constitui, cada vez que se realiza, uma autêntica manifestação de fé e piedade, uma verdadeira apoteose de amor e devoção à Virgem

A adoração nocturna

À meia noite oficial principiou a bela e tocante cerimónia da adoração nocturna.

Exposto o Santíssimo Sacramento no trono, profusamente adornado de lumes e de flores, o rev.^{do} dr. Marques dos Santos inicia a recitação do terço do Rosário. O Senhor Bispo Coadjutor de Coimbra, no intervalo das dezenas, explica os mistérios dolorosos do Rosário, usando duma linguagem acessível a tôdas as inteligências, piedosa na forma e profunda nos conceitos. As horas de adoração que se seguiram à primeira, da meia-noite à uma hora, destinada à adoração e reparação nacional, foram distribuídas pelas seguintes peregrinações: da 1 às 2, Coimbra; das 2 às 3, Alvorge e Pombalinho; das 3 às 4, Setubal e Alvorninha; das 4 às 5, Lisboa e Tôrres Vedras. Durante a hora de adoração destinada especialmente à peregrinação diocesana de Coimbra, prègou o rev.^{do} cónego Júlio António dos Santos, que foi ouvido com a maior atenção e o mais vivo interêsse, a-pesar da chuva miudinha e impertinente que caía. Aos actos desta hora de adoração assistiram, além do Senhor D. António Antunes, muitos sacerdotes e seminaristas. Quási no fim dêste piedoso exercício, rezou-se pelas necessidades espirituais e temporais dos peregrinos e de suas famílias, pelas do Seminário de Coimbra, pelas dos sacerdotes da diocese e, talvez com mais fervor e mais comoção, pela saúde do Senhor Bispo-Conde.

As Missas no Santuário

Terminada a cerimónia da adoração nocturna, a que pôs remate a bênção do Santíssimo Sacramento, principiou a Missa da Comunhão Geral, às cinco horas. Foi celebrada pelo rev.^{do} cónego dr. Tomás Fernandes Pinto, ilustre vice-reitor do Seminário Episcopal de Coimbra. Durante ela, um grupo coral da diocese de Coimbra, sob a regência do rev.^{do} Abílio Costa, executou diversos cânticos religiosos. Ao Communio desta missa começou a Comunhão Geral, que foi distribuída por vinte e cinco sacerdotes, durante hora e meia, tendo recebido o Pão dos Anjos vinte e duas mil pessoas.

Algumas das peregrinações tiveram missa especial e privativa: Setúbal às 7,30, Alvôrge e Pombalinho às 8, Tôrres Vedras às 8,30 e Lisboa às 9 horas.

Com que fé e piedade, com que devoção bem viva e bem profunda, êsses milhares de fiéis de tôdas as classes e condições, numa promiscuidade que faz tábua rasa de tôdas as distinções produzidas pelas honras, pelas riquezas e pela categoria social, se aproximavam da mesa eucarística, ajoelhando na terra nua, pedregosa e fria, para receberem o alimento sobrenatural e divino que suscita as almas fortes e gera as virgens puras!

A Missa de Pontifical e a Procissão Eucarística

As nove horas e meia, num altar provisório, armado no pórtico central da grande Basílica em construção, celebra-se com todo o explendor litúrgico que lhe é próprio a Missa de Pontifical.

O celebrante é o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. António Antunes, que tem como presbítero assistente o rev.^{do} cónego dr. Tomás Fernandes Pinto, como diácono o rev.^{do} cónego dr. Trindade Salgueiro e como subdiácono o rev.^{do} cónego Júlio António dos Santos. Serviu de mestre de cerimónias o rev.^{do} cónego José Antunes e regeu a *Schola cantorum*, formada por alunos do seminário de Coimbra, o rev.^{do} Abílio Costa. Assistiu à missa no sólio Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

Depois da missa, cêrca das onze horas, realizou-se a procissão eucarística, que revestiu a maior imponência e esplendor e em que se incorporaram elementos de tôdas as peregrinações presentes, representantes de cêrca de trezentas freguesias da diocese de Coimbra, mais de cem associações com os seus lindos e ricos estandartes, muitos sacerdotes e seminaristas e numerosas crianças das cruzadas eucarísticas de Alfarelos, Alvôrge, Águeda e Verride, com as respectivas bandeiras.

Muitos milhares de pessoas, talvez mais de cinqüenta mil, numa atitude de respeito e piedade que sobremodo edificava e comovia, assistiram, sob os raios ardentes do sol no zenite, ao desfile do magestoso cortejo que constituiu uma sentida homenágem de amor, glória e reparação, a Jesus-Hóstia.

A Missa e a bênção dos doentes

As onze horas e meia, após a recitação do terço na santa capela das aparições, efectuou-se a procissão em que foi conduzida a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para junto do altar exterior da Basílica, no cimo da grande escadaria do Rosário. Celebrou a missa dos doentes o rev.^{do} cónego Júlio António dos Santos, assistindo os três venerandos Prelados peregrinos. Ao evangelho prègou o rev.^{do} cónego Liberato do Nascimento Tomé, que falou das dôres de Nossa Senhora e da devoção de Portugal à sua nobre e excelsa Padroeira.

A bênção aos doentes foi sem dúvida a cerimónia mais impressionante e mais comovente. Cêrca de cento e cincoenta vítimas de todos os males de que enferma a pobre humanidade jaziam prostradas em macas ou estavam sentadas em bancos sob toldos impermeáveis na vasta esplanada que se extende defronte da escadaria monumental da Basílica.

Era uma exposição interminável das doenças mais variadas e mais exquisitas, muitas das quais humanamente incuráveis, cuja vista confrangia até os corações menos acessíveis à compaixão: paralisia infantil, sifilis, nefrite, diabetes, tumor branco no joelho, mal de Pott, epilepsia, tuberculose, coxalgia, idiotia, eczema dos pés, cardiopatia, doença de Litte, conjuntivite, hepatite, pantoplose, pleurisia, enterocolite crónica, blefarite, artrite no joelho, bronquite asmática, cegueira, aortite, paraplegia, flebite, dispepsia hiperclorídica, hemiplegia, descalcificação óssea, anquilose dos joelhos, embolia cerebral, reumatismo, lupus do nariz, hérnia operatória, deslocamento da retina, bócio, úlcera do estômago, etc., etc.

À medida que Jesus-Hóstia passa, encerrado em rutilante custódia de ouro, sob um rico pálio de seda branca, e envolve numa bênção carinhosa e reconfortante cada um dos doentes, a fé aviva-se, a piedade inflama-se, a confiança anima-se, e dos olhos de todos os que teem a ventura de presenciar êste espectáculo de inefável beleza espiritual brotam copiosas lágrimas de dulcíssima e invencível comoção.

Do alto do púlpito, à bôca do microfone, o rev.^{do} capelão-director dos servitas profere, numa voz forte e vibrante que parece fazer violência ao Céu, as piedosas invocações de Lourdes, que a multidão repete cheia de fé ardente, de confiança viva e de santo entusiasmo:

«Senhor, fazei que eu veja!»
«Senhor, fazei que eu oiça!»
«Senhor, fazei que eu ande!»

O Senhor Bispo-Conde, sem embargo das dôres violentas que sofre, ajoelha e recebe também a benção do Divino Rei de Amor oculto na Hóstia Santa, Pura e Imaculada. Os doentes pedem, mais que a saúde do corpo, a resignação do espírito. Há olhos marejados de lágrimas, há soluços, há emoções íntimas e profundas. Todos pedem a cura dos doentes, todos pedem a conversão dos pecadores, que são também doentes, doentes da alma.

«Senhor, nós temos confiança em vós!»
«Senhor, se quizerdes podeis curar-me»!
«Nossa Senhora do Rosário da Fátima, convertei os pecadores»!
«Nossa Senhora do Rosário de Fátima, salvai-nos e salvai Portugal»!

Episódio sensacional

Na vasta esplanada, onde os enfermos, dispostos em filas, vão recebendo a visita de Jesus no seu Sacramento de Amor, está deitada na maca que lhe foi designada uma rapariga de 23 anos de idade, de nome Joaquina Bessa, de Alfarelos, que, há cêrca de sete anos, estava de cama, imobilizada, atacada de tuberculose óssea (mal de Pott). Poucos momentos depois da passagem do Santíssimo Sacramento, essa doente que experimenta em si o que quere que seja de inexplicável, ergue suplicante as mãos para o Céu, invoca a Santíssima Virgem e dispõi-se a sair da maca. As pessoas que se encontram perto dela e que conheciam perfeitamente o seu estado, ficam surpreendidas em extremo ao verem a sua atitude.

E, quando lhe preguntam se quere que a ajudem a levantar-se, sai da maca abruptamente, e, subindo a escadaria da Basílica com grandes demonstrações de alegria, vai dar graças diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Rodeiam-na imediatamente os médicos, enquanto o povo, num delírio estonteante, tenta acercar-se dela aos gritos de «Milagre! Milagre!»

Para a livrar da curiosidade justificada da multidão que com vivo interêsse desejava vê-la e falar-lhe, tratou-se mister fazê-la seguir imediatamente para o pôsto das verificações médicas, onde foi observada, por vários clínicos presentes, que sem demora acorreram a êsse local.

Quem estas linhas escreve, poude vê-la nessa ocasião reconhecendo que tinha recuperado todos os seus movimentos e parecendo-lhe que estava perfeitamente bem.

O *Correio de Coimbra*, no seu número de 18 de Julho, depois de fazer um breve mas sugestivo relato dêste episódio extraordinário, conclui, dizendo: «Esperamos que a medicina, que conhecia o estado da doente e que agora verificará o estado actual, se pronuncie sôbre êste facto».

Nesse mesmo dia, um ilustre médico que tinha tratado a doente e que tencionava observá-la aos R. X. logo que lhe fôsse possível, depois de verificar que o fenómeno sucedido em Fátima se mantinha ainda nesse dia, formulou nestes termos, em carta dirigida ao articulista, a sua opinião baseada tão sòmente nos elementos clínicos que um breve exame lhe forneceu:

«No momento presente temos apenas de verificar um fenómeno que não é frequente e é muito pouco natural em casos clínicos desta ordem. E por agora não posso avançar mais».

Terminada a procissão eucarística, o Senhor Bispo Titular de Ritima deu a bênção com o Santíssimo a tôda a imensa multidão de peregrinos.

A procissão do «Adeus»

Estão já prestes a findar as scenas grandiosas e comoventes dêste dia inolvidável que ficará para sempre assinalado em letras de ouro nos fastos gloriosos de Santuário Nacional de Nossa Senhora da Fátima.

Vai realizar-se o último acto — dos mais belos e mais tocantes — do espectáculo sublime e incomparável da peregrinação de Julho.

Os servitas transportam aos ombros o andor com a estátua de Nossa Senhora de Fátima para a Santa Capela das aparições num cortejo imponente, cheio de grandiosidade, de brilho e de beleza.

A augusta Raínha de Fátima é aclamada por milhares de vozes na sua marcha triunfal e milhares de lenços a saudam numa apoteose imensa e incomparável de respeitosa veneração e de acendrado amor filial.

E a Virgem bendita, que passa majestosa e bela, parece sorrir maternalmente, distribuindo graças e semeando bênçãos.

No monumento comemorativo das aparições, onde fica definitivamente a Imagem Sagrada, no seu pedestal de amor e de misericórdia, até ao dia 13 de Agosto próximo, terminam os actos oficiais da peregrinação com a linda e emocionante cerimónia do Adeus.

É a Mãe que se despede dos filhos queridos, são os filhos que se despedem da Mãe estremecida.

É uma despedida afectuosa e terna que a todos impressiona e comove profundamente, fazendo vibrar as cordas mais íntimas da alma. E todos quereriam ficar aí sempre, sempre, naquela deliciosa ante-câmara do Céu, a rezar, a chorar e a cantar, junto do trono da Virgem resplandecente de pureza e deslumbrante de graça, Raínha e Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa...

Visconde de Montelo

O culto de N. S. da Fátima no Estranjeiro

Guiana inglesa

Na British Guiana o Rev. P.^{e} J. Nazareth, natural do Pôrto, recomenda-se às orações dos devotos de Nossa Senhora de Fátima.

Tem espalhado entre os católicos da Guiana livrinhos inglêses tornando conhecidas as maravilhas que Nossa Senhora tem espalhado em Portugal e no mundo debaixo desta invocação.

Na China

Onze Bispos tomam parte numa procissão em honra de Nossa Senhora da Fátima em Kowloon Tong, em 14 de Maio de 1933

Transcrevemos da revista: «Religião e Pátria» que se publica em Macau a seguinte interessante notícia:

Antes da saída da procissão, houve no adro da igreja de Santa Teresa uma espécie de recepção em honra dos peregrinos que pelo paquete *Conte Verde* iam seguir para Roma: 3 Bispos eleitos, chineses, e mais 6 Bispos, inclusive o Bispo auxiliar de Cantão, 12 sacerdotes, 21 outros peregrinos, entre os quais há 4 senhoras chinesas. Ao todo onze Bispos, contando os nove acima mencionados, tomaram parte na procissão que saiu às 5,30, percorrendo, durante meia hora, as graciosas avenidas de Kowloon Tong. A comunidade católica — mórmente a portuguesa, concorreu tôda em pêso, em homenagem e culto tradicional a Nossa Senhora, Padroeira de Portugal, que sob a nova invocação de *N. S. do Rosário de Fátima*, vem despertando nos corações dos portugueses daquem e dalém mar, novos impulsos de piedosa devoção. Oxalá os católicos, a começar pelos portugueses, se dêm com fervor e devoção ao cumprimento da idêntica recomendação que há 75 anos a Raínha do Céu fêz em Lourdes: «Orações e penitência». Logo que as meninas portuguesas filhas de Maria, tomando aos ombros o andor da Senhora de Fátima assomaram à porta da igreja, e a procisão começou a marcha, sentiu-se um estremecimento de alegria, e todos começaram a rezar o têrço, emquanto um numeroso grupo de meninas e meninos sob a direcção do zeloso pároco Snr. P.^{e} Graneli, entoavam o *Avé Maria*, acompanhado pela banda dos Salesianos. Pelas 6 h. subiu ao púlpito o Venerando Bispo Valtorta, que prègou durante um quarto de hora. No fim, o Sr. Bispo auxiliar, que presidiu à festa, deu a bênção do SS.^{mo}.

«O facto de Nossa Senhora ter aparecido em Fátima, terra de Portugal, faz-me recordar, com saüdades, das tradições que a nós — os portugueses — nos unem a Portugal!...» Falou-me assim, com comoção um venerando ancião, membro duma ilustre família macaense.

Na Baviera

O R. Dr. L. Fischer continúa na sua propaganda da Fátima.

Entre outras fêz uma bela conferência no Convento do Bom Pastor em Ettamnnsdrf (Palatinado Superior, da Baviera) com uma grande assistência — A conferência foi ilustrada com projecções luminosas não só sôbre os acontecimentos de Fátima como também dos monumentos e panoramas de Portugal.

Em Trento

A magnífica revista «Bolletino del Clero» que se publica em Trento começou uma página mariana no número relativo a Junho dêste ano, sôbre a história das Aparições de Fátima.

É órgão da Congregação Mariana «Regina Apostolorum» do Seminário Teológico de Trento.

Em Macau

Do Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, relativo a Junho, transcrevemos a descrição:

Festa de Nossa Senhora da Fátima

Os imponentes espectáculos e ao mesmo tempo impressionantes manifestações de piedade que, desde poucos anos, vem assinalando o dia 13 de Maio nesta cidade do Santo Nome de Deus, tiveram neste ano mais uma repetição que não desmereceu das festas dos anos atrasados, pois vimos o mesmo fervor, igual entusiasmo e crescente amor à Virgem Senhora de Fátima.

No dia 4 de Maio começava a igreja de S. Domingos a encher-se de gente, para a missa da novena e para os actos religiosos da tarde: — têrço, prática, orações próprias da novena e bênção do Santíssimo Sacramento. Presidiu à novena o muito Rev. Sr. Cónego Barreto, cantou a «*Capela de Nossa Senhora de Fátima*» e fizeram as práticas, que versaram sôbre os mistérios do Rosário, os muitos Revs. Srs. P.^{e} António Henriques S. J. e P.^{e} Elias Marçal S. J.

No dia 12, finda a novena, foi exposto o Santíssimo Sacramento num lindo trono de lumes e flores naturais. Começou então a adoração nocturna, feita por alguns Sacerdotes, Seminaristas e fiéis.

Amanheceu o dia 13 de Maio. Se durante a novena foram numerosas as comunhões, numerosíssimas foram no dia da festa de Nossa Senhora de Fátima, pois em tôdas as missas celebradas no altar da Virgem de Fátima (e foram quatro: a do Rev. P.^{e} Roliz às 5,30 horas, a do Rev. P.^{e} Revelard às 6,30, a do Rev. P.^{e} Alves, às 7,30 e a do Rev. P.^{e} Goulart às 8,30,) a grade da comunhão estava sempre povoada de devotos que se sucediam quási continuamente.

Às 10 horas começava a Noa. Depois seguia-se o solene Pontifical de Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Sr. D. Henrique Valtorta, Bispo Titular de Leros e Vigário Apostólico de Hong-Kong, que gostosamente se prontificou a vir cantar o Pontifical. Foi, porém, com pesar que se ausentou para Hong-Kong, sem poder assistir à piedosa e solene procissão do dia 13, pois, no dia seguinte, ia de novo festejar a Virgem de Fátima com um solene Pontifical no seu Vicariato.

Ao Pontifical assistiram o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Deão Patrício Mendes, Vigário Geral da Diocese e Governador do Bispado, o Rev.^{mo} Cabido, Clero, Seminário e uma multidão de fiéis.

Pelas 18 horas, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Sr. Governador do Bispado dava princípio às Vésperas, seguidas de bênção do Santíssimo. No côro a «*Capela de Santa Cecília*» do Seminário, que durante o Pontifical cantara uma bela missa de Perosi para sopranos e baixos, cantou um *Tantum Ergo* de Zanietti, a três vozes viris.

Começou então a procissão a movimentar-se. Encorporaram-se nela todos os estabelecimentos dirigidos pela Autorida-

de Eclesiástica, a Confraria de Nossa Senhora do Rosário, a Congregação das Filhas de Nossa Senhora de Fátima, o Seminário, Clero, Rev.mos Cabido e Ex.mo e Rev.mo Sr. Governador do Bispado, que levava o Santo Lenho. Atrás uma multidão imensa de fiéis.

Não se ouviu nenhuma banda de música, mas ouviram-se cânticos a Nossa Senhora, ouviu-se a recitação do santo têrço. Foi, pois, uma romaria que se assinalou pela sua piedade e recolhimento. Aquele orfeão de vozes cantando a plenos pulmões cânticos à Virgem de Fátima e dirigindo preces a Maria deve ter sido ouvido no céu, onde N. Senhora terá sorrido, encantada com a fé de seus filhos.

Mas a procissão lá vai serpeando pela Penha acima.

A ermida está iluminada. No muro do edifício que olha para a cidade lê-se, em caractéres luminosos, esta invocação: «*Virgem de Fátima, rogai por nós*», e, entrelaçado nos caracteres de lâmpadas brancas, está um têrço de lâmpadas verdes. No cimo do torreão da Penha, uma cruz luminosa. No frontispício da ermida duas cruzes de Cristo feitas de lâmpadas vermelhas, e, no tôpo da graciosa capela, o monograma mariano. Junto da Cruz da ermida a corôa da Raínha dos Céus e da Terra.

Recolhida a procissão, prega o muito Rev. Sr. P.e Alves em português, e em chinês o muito Rev. Cónego Yim. Depois é dada a bênção do Santíssimo. Começa então o povo a retirar-se. Mas a linda imagem da Senhora de Fátima lá fica, sorridente e encantadora, na *Turris Davídica* da Penha. Mas não fica só. Fica entre flores e luzes. Fica acompanhada de suas Filhas e dalguns devotos. Ficam junto dela os corações de todos os habitantes de Macau, que tão belamente a souberam homenagear. Ficam a seus pés virginais as preces de todos!

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	397.920$42
Papel, comp. e imp. do n.º 130 (65.000 ex.)	3.492$00
Franquias, embal. transp. etc.	1.020$60
Na Administração	210$00
Total	402.643$02

Donativos desde 15$00

Maria José Bragança — Sabugal, 20$00; Plácido Pinho — Brasil, 22$50; António Machado — Prado, 20$00; Distrib. em Belém — Lisboa, 60$00; Albina Tavares — Murtosa, 50$00; Manuel Crisólogo Gomes — Lourenço Marques, 40$00; Maria Saldanha e Cruz — Tavarede, 15$00; Maria José Bugalho — Elvas, 50$00; Catarina Bugalho — Elvas, 50$00; Maria Joana Bugalho — Elvas, 50$00; P. António dos Santos — Anciães, 50$00; Maria Almeida — Mirandela, 15$00; João Custódio — Moledo, 30$00; Duarte de Oliveira — Alenquer, 20$00; Rita Brum — Biscoitos, 30$00; Alzira Penha — Granjal, 15$00; José Alves — Califórnia, 25$50; Manuel Martins — Califórnia, 25$50; José dos Santos — Gavinhas, 20$00; Clotilde Raposo — Alenquer, 20$00; Custódio Fernandes — S. Eulália, 20$00; Custódio Peres — S. Eulália, 20$00; P.e Joaquim Teixeira — S. Eulália, 50$00; Domingos Ferreira — Foz do Douro, 20$00; Distrib. na Capela de S. António — Foz do Douro 270$00; *Colégio Nobrega — Brasil, 1.000$00;* Assinantes do Recife — Brasil, 140$00; esmolas do Recife — Brasil, 60$00; P.e Adelino José Alves — Vela, 15$00; Francisca da Natividade — Vela, 15$00; António Palmeira — P. de Cavaleiros, 15$00; Capelão de S. Crispim — Pôrto, 15$00; Luciano Augusto Rosa — Lisboa, 100$00; Manuel Ortigais — Brasil, 30$00; José Souto — Brasil, 20$00; Sr. Bispo do Funchal, 438$75; Carmelina Meneses — Larinho, 15$00; Faustino António Xavier — Hong Kong, 340$00; Francisco Costa e Ornelas — Rio de Moinhos, 20$00; António Apolinário — Carviçais, 20$00; António A. Taborda — Carviçais, 20$00; Emília de Oliveira — Lousa, 50$00; Alzira Teixeira — Gaia, 20$00; Distrib. em Ilhavo — Joana Serena, 170$00; Carmen Ramalheira — Ilhavo, 15$00; *P.es António e Joaquim Roliz — China, 800$00;* Maria Pratas — Alpiarça, 20$00; Manuel Tavares — Furadouro, 15$00; P.e Joaquim Peralta — Niza, 15$00; Catarina Peralta — Niza, 20$00; P.e António A. Ribeiro — Amendoa, 30$00; P.e Domingos Fragoso — Brasil, 100$00; Maria Deolinda — Açores, 15$00; Distrib. em Almodovar (M.e da Ponte), 125$90; Maria Brandão — Veiros, 20$00; Leonardo Baião — Viana do Alentejo, 20$00; Januário Ferreira — Merceana, 20$00; Francisco Viçoso — Merceana, 15$00; Leonor Monteiro — Pôrto, 20$00; Silvina Alexandre — Lisboa, 15$00; Alda Ribeiro — Lisboa, 15$00; Abrão Alexandre — Lisboa, 15$00; José Francisco — Giesta, 35$00; Condessa da Figueira — Lisboa, 20$00; Maria Castelo Branco — Lisboa, 20$00; Maria Vidal — Agueda, 82$50; José Henriques — Tondela, 15$00; José Augusto Rodrigues — Vilarinho, 36$00.

Culto de N. S. de Fátima em Campinas – Brasil

«Encerraram-se ontem, as solenes festividades do corrente mês, no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, no bairro do Botafogo, em homenagem à Virgem da Fátima.

As comemorações dêste culto revestem sempre no mês de Maio o seu máximo esplendor, já por ser o mês de Maria, já por ser a data do aniversário da 1.ª aparição da Virgem aos pastorinhos da Cova de Iria, em Fátima (Portugal), onde as aparições de 13 de Maio reúnem sempre uma multidão de... 250.000 a 300.000 pessôas.

A Liga dos Devotos de N.ª S.ª da Fátima da paróquia do Botafogo tem difundido de tal modo êste culto no meio católico de Campinas, que as solenidades que acabam de realizar-se tiveram realmente o cunho de uma verdadeira apoteose.

Na 6.ª feira passada, dia 12, teve lugar, como estava determinado, o impressionante desfilar da grande procissão das velas, de significação tanto mais expressiva e eloqüente, quanto a verdade é que se efectuou debaixo de chuva, a qual começou ainda antes do anoitecer, trazendo a quási todos os que tencionavam incorporar-se na procissão a convicção de que esta já se não realizaria o que reduziu manifestamente muitíssimo o número de pessôas que compareceram. Pois apesar disto, e de estar chovendo precisamente quando a procissão saía da igreja, esta realizou-se, cumprindo à risca todo o itinerário anteriormente marcado, concorrência enorme de fiéis, onde havia gente de todas as classes sociais, desde as mais pobres e humildes até às de mais elevada posição e fortuna, e tanto de operários e trabalhadores manuais de diversos ofícios como de intelectuais, irmanados todos sob essa poderosíssima fôrça espiritual que é a fé cristã.

Saíu a procissão do Santuário pouco depois das 20 horas, sendo o número de homens que se incorporaram, sensivelmente igual ao de Senhoras e sendo a afluência tão grande, apesar da chuva, que o cortejo chegou a ocupar quási tôda a extensão da rua Andrade Neves. O andor de N. S. da Fátima foi conduzido por turnos, por muitas senhoras que se disputavam a honra do transportar. Como oficiante, ia o Rev.mo Cónego Oscar de Oliveira, sob o pálio, a cujas varas pegavam os srs. Fernando Nogueira Filho, dr. Silvio de Morais Sales, dr. Arruda Camargo. O. Neto, dr. Falcão de Miranda e dr. Manuel Dias da Silva. Todas as pessôas que acompanhavam a procissão levavam, segundo o costume da Fátima, velas protegidas pelos fachos próprios. Lindamente vestidas de anjos acompanhavam o andor da Virgem as meninas Maria do Carmo Soares de Morais, Celia Alves Ferreira, Maria Rosa Sequeira e Leonor Marcos Guimarães.

Depois de recolher a procissão, subiu ao púlpito o Rev.mo Cónego dr. Emílio José Salim, que pronunciou um magnífico sermão sôbre os acontecimentos já históricos da Fátima.

Ontem, houve no Santuário missa ás 6 1/2 da manhã, rezada no altar de N. S. da Fátima pelo vigário da paróquia Monsenhor Jerónimo Bagio, que fêz distribuição de lembranças às pessôas que comungaram; e depois, às 8 horas, missa solene no altar mór, sendo celebrante Monsenhor Luís Gonzaga de Moura, vigário geral da diocese, acolitado por mais 2 sacerdotes, e estando a orquestra e coros sob a regência do Maestro Brandemburgo.

À noite, às 18,30, houve oração solene com os cânticos da Fátima acompanhados pela mesma orquestra e prègando Monsenhor Jerónimo Bagio, a cuja diligência como vigário da Paróquia se deve uma grande parte do êxito brilhante das solenidades.

A decoração belíssima do andor que transportava na procisão a imagem da Virgem da Fátima merece também ser citada pelo seu bom gôsto.»

Andor que conduziu a imagem de Nossa Senhora de Fátima, na procissão das velas realizada em Campinas (S. Paulo — Brasil), na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, na noite de 12 de Maio de 1933.

Peregrinação de Guimarães a Fafe

Debaixo da presidência de Monsenhor Arcipreste de Guimarães esteve na Fátima uma numerosa peregrinação de Guimarães e Fafe.

Vieram de combóio no dia 17 chegando a Leiria onde tomaram carros que os conduziram ao Santuário.

Depois da entrada solene, fizeram a procissão das velas e adoração nocturna dirigida pelo bom P.e Domingos, da meia noite às 3 horas da manhã do dia 18.

Começaram então as Missas celebradas pelos Revs. Sacerdotes que acompanhavam os peregrinos. Os peregrinos comungaram notando-se em todos êles uma sólida piedade e devoção para com Nossa Senhora.

Terminadas as suas devoções, voltaram pelo Mosteiro da Batalha, Leiria onde tomaram de novo o combóio que os levou, contentes e edificados, a suas terras.

Passavam de 300 os peregrinos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Tuberculose óssea

Meu irmão, David Ferreira Lamy, havia já mais dum ano que tinha uma infecção na boca. Devido a isso já os médicos por várias vezes lhe tinham tirado alguns dentes, e dado 5 golpes na cara, sofrendo, noite e dia, dores horríveis, e deitando sempre muito pús das feridas.

Algumas vezes se julgou curado, mas não tardava que as feridas tornassem a rebentar por outro lado, chegando por vezes a aparecer por baixo do queixo, concluindo o médico que se tratava duma tuberculose óssea, muito perigosa, por se encontrar perto da região pulmonar.

Fiquei assustadíssimo, quando o médico me declarou isto.

E assim num doloroso sofrimento se passou muito tempo.

Em 13 de Maio de 1931, tive o prazer de ir visitar Nossa Senhora da Fátima, à Cova da Iria, e aí junto à Mãe do Céu, lhe pedi cheia de fé, que curasse o meu irmão; pois se me concedesse essa graça publicá-la-ia no Jornalzinho «Voz da Fátima».

Trouxe-lhe da Fátima uma medalha de Nossa Senhora para trazer com êle, e água milagrosa para começar a lavar as feridas.

Depois de várias lavagens, as feridas começaram a sarar e pouco depois achava-se completamente curado, e até hoje, decorridos mais de dois anos sem vestígio algum do seu sofrimento, tem continuado sempre bem.

Nestas palavras, embora simples mas cheias de fé, eu quero testemunhar mais uma das inúmeras graças que a Mãe do Céu tem dispensado e julgo cumprida a minha pobre promessa.

Armação de Pera, 21-12-932.

Aida Ferreira Pereira

Nevrite

«Josefina Moura Correia, moradora na freguesia de S. José de Godim, concelho de Pêso da Régua, sofria de uma nevrite na perna.

Quando no dia 12 de Setembro de 1932 viu partir a peregrinação da diocese de Vila Real, para Fátima, sentiu um profundo desgôsto por não a poder acompanhar.

Recorreu com tôda a confiança a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe algumas promessas. Sentiu rápidas melhoras da sua doença o por êste meio vem cumprir a sua promessa.

Godim — Régua.

P.e Daniel Jurqueiro

Graças diversas

Virginia Ferreira Salvador — de Almada, teve sua filha Odete desenganada pelos médicos do Instituto Câmara Pestana, de Lisboa, onde esteve alguns meses atacada do garrotilho. Sua mãe fêz por ela duas novenas a N.ª Senhora da Fátima sem resultados sensíveis, mas depois de uma terceira novena a doente sentiu-se muito melhor. De então em diante suas melhoras têm aumentado de dia para dia, favor que agradece a Nossa Senhora.

— *Maria do Carmo Lima Lopes* — de Vila do Conde, por intermédio de Nossa Senhora obteve a cura de um seu filho que sofria sérios incómodos de saúde. Invocou Nossa Senhora por meio de uma novena que fêz em sua honra.

— *Maria de Jesus R. Lopes* — de Azurára, vem agradecer a Nossa Senhora o ter-lhe restituído o vigor no seu pulso que, devido a um desastre, havia inutilizado.

— *Deodato A. Cabral de Melo* — do Seminário de Angra, diz o seguinte: «em cumprimento de uma promessa, agradeço publicamente a Nossa Senhora da Fátima, verdadeiramente consoladora dos Aflitos, uma grande graça que se dignou conceder à minha família».

— *Clementina Moreira* — de Pernambuco — Recife, vem muito reconhecida agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter curado sua sobrinha Clarice que, por incómodos provenientes dum parto, se julgou que iria morrer dentro em poucos momentos.

— *Maria Benedicta Torres Ferrão* — de Alenquer, deseja agradecer aqui a Nossa Senhora da Fátima uma grande graça que se dignou conceder a sua filha numa operação a que teve de sujeitar-se e na qual, contra tôda a esperança, foi extraordinàriamente feliz.

— *Helena da Paixão Ramos* — agradece a Nossa Senhora o ter passado sem ser operada numa vista, operação que pelos médicos foi julgada indispensável. Por favor de Nossa Senhora obteve a saúde sem que a operação fôsse feita. Hoje, diz, sente-se completamente bem.

— *Júlia da Silva Guerra* — de Santarém, vem agradecer a Nossa Senhora a cura de sua filha Maria.

— *José Fernandes* — de Lisboa, havia muito tempo que era torturado por dois quistos rebeldes a todos os remédios.

Desaminado já nos remédios da terra começou a lavá-lo com a água do Santuário que em pouco tempo os fêz desaparecer. Agradece a Nossa Senhora a consecução desta graça.

— *Julieta Valente Alves* — de Alpedrinha, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de um abcesso na bôca sem que fôsse necessária a intervenção cirúrgica, que se supunha indispensável. Depois duma novena feita em sua honra e de prometer ser assinante do jornalzinho, a Virgem Santíssima alcançou-lhe a graça que lhe era pedida.

Graças de N. S. da Fátima no Brasil

(Continuação)

Falta de vista

Uma religiosa das Irmãzinhas dos pobres de S. Catarina de Sena — Irmã Diamira, mestra de Noviças no Colégio da Providência, na Baía, há tempo já que vinha sofrendo uma série de complicações cuja origem fôra uma forte constipação apanhada numa viagem por mar. As dores de cabeça eram contínuas e até a vista lhe atacou, a ponto de perder a visão de um dos olhos e continuar afectando também o outro.

Lutava o médico contra a doença procurando com o maior empenho sustar a sua marcha, sem ver porém o fruto dos seus esforços. Já quási desanimado receitava o último remédio que dizia ter para receitar, dizendo ao mesmo tempo à doente e à Superiora que, se não sentisse o desejado efeito, inevitável lhe seria a cegueira completa. E a verdade é que, de facto, nulo foi o seu resultado. Foi nesta altura que a doente resolveu entregar o caso a Nossa Senhora da Fátima começando-lhe um tríduo e tomando ao mesmo tempo umas gotinhas da água do seu Santuário.

Melhor sucedida não podia ser, pois já ao 2.º dia ela se sentiu inteiramente livre das antigas dôres e a vista recuperou sua antiga clareza, insigne favor de que a piedosa Irmã se confessa devedora à Mãe benditíssima que lá da longínqua Fátima estende a sua benéfica influência até estas Terras de Santa Cruz.

Indisposição geral

Oscar Cardoso, aluno do Colégio Ant.º Vieira — Baía, havia anos já que por incómodos habituais se via forçado a manter o mais escrupuloso regimen alimentício, do qual, por pouco que saísse, logo sentia os nefastos efeitos. Se ainda com êle o seu mal-estar era tão notável..., quanto mais quando imprudentemente dêle se afastava?! Chegou a ir passar uma temporada numa clínica, a ver se com um tratamento mais esmerado conseguia melhorar; porém tudo foi inútil.

Lembra-se um dia de confiar o caso a Nossa Senhora da Fátima. Invoca-a com fervor e confiança nesse sentido, tomando conjuntamente umas gotinhas da água da fonte milagrosa; e, se é ou não milagrosa, êle o verificou aos poucos dias, que bem poucos foram necessários para ficar de tal maneira bom que, abandonando o regimen particular, come de tudo como os demais e nada já lhe faz mal, maravilhosa conseqüência do eficaz recurso a Nossa Senhora da Fátima.

Paralisia

O Sr. Dr. Metódio Coelho, residente no Campo da Pólvora, n.º 9, foi inesperadamente acometido de uma congestão de que resultou a paralisia de todo um lado.

Alarmada tôda a família, procuraram-se tôdas as providências que o caso requeria, senão quando uma menina de casa tem a feliz ideia de correr a buscar um frasquinho de água da Fátima que um seu irmãozito trouxera do nosso Colégio.

Asperge com ela o Pai, e ei-lo que sem demora volta si, recupera todos os movimentos e sem defeito nem embaraço de espécie alguma continua suas lides com as mesmas disposições de sempre, confessando-se por isso êle e tôda a família sumamente devedores a Nossa Senhora da Fátima, a quem fizeram celebrar uma Missa em acção de graças, ornamentando de luzes e flores o seu lindo altar.

Arteriosclerose

Joaquim Pedro dos Santos, de 92 anos de idade, do interior da Baía (Canavieiras) há tempo já vem sofrendo de artérioesclerose que até o cérebro lhe tinha já atacado. Complicando-se cada vez mais o seu estado, que por todos era tido como desesperado, bem quizera a família que êle se preparasse para a morte. Êle, porém, pertinazmente repelia qualquer sugestão de sa-

cramentos. Absolutamente desenganado pelo médico, dissera êste à família que nada mais havia a fazer senão deixar a doença seguir seu curso e que o caso estaria por pouco. Acrescentou que, sobretudo, tivessem grande cuidado em evitar-lhe qualquer queda, que, por mínima que fôsse, lhe seria irremediàvelmente fatal.

Receosa a família de o ver acabar sem fazer a paz com Deus, por indicação de uma sobrinha, Filha de Maria no Nosso Colégio, confiou o caso a Nossa Senhora da Fátima, fazendo nesse sentido uma novena e dando ao doente de quando em quando umas gotinhas da água do Santuário.

Ao mesmo tempo comunicam ao Vigário o parecer do médico. Não se faz esperar o dito Vigário, antes corre junto do doente para uma suposta visita de simples amizade, terminando sem outra insinuação por oferecer ao doente os seus préstimos.

Êste, que até ali tenaz e a remente repelia qualquer longínqua alusão a Sacramentos, ouvido o oferecimento do Vigário, diz com inesperada e notória ponderação: *«os seus préstimos! ... e é precisamente dêles que eu mais preciso!...»* e sem mais delongas, não só aceita mas pede espontâneamente a confissão que faz nas melhores disposições recebendo em seguida com notável piedade e plena lucidez de espírito os restantes sacramentos.

* * *

O principal, quanto ao espírito, estava feito. E quanto ao corpo?

Apesar da recomendação do médico de se lhe evitar qualquer mínima queda, no seu próprio quarto deu o doente uma tão desastrada que chegou a abrir o crâneo, caso que todos tiveram na conta de infalivelmente fatal.

Tal foi também o sentir do médico que deu por inútil qualquer intervenção, achando que brevíssimo seria o tempo que lhe podia restar de vida.

É que êle não sabia estar o doente entregue a Nossa Senhora da Fátima, que mais uma vez quiz patentear o seu poder.

A família continua a invocá-la e a dar ao doente umas gotinhas da água da Fátima. O resultado foi surpreendente a mais não poder ser, a tal ponto que, logo na manhã seguinte, quando o médico se apresenta, pensava êle, para verificar o óbito, com assombro seu e de todos, verificou que o doente estava melhor do que dantes, até mesmo enquanto ao desarranjo que a artériosclorose lhe tinha já produzido no cérebro. Da mesma fráctura do crâneo, que é sempre grave (muito mais naquele conjunto de circunstâncias) sem a mínima complicação em pouco tempo se curou, favor que atribuem e agradecem a Nossa Senhora da Fátima.

Explosão

José Gusmão Pereira, aluno do nosso Colégio António Vieira, durante as férias de S. João passadas em casa com sua família, foi vítima da explosão de uma bomba de clorato de potassio, que lhe despedaçou o dedo maior e que foi mister amputar. A primeira lembrança do jovem logo após o acidente foi recorrer a Nossa Senhora da Fátima pedindo ao pai para escrever imediatamente ao Director do Colégio para que lhe mandasse por um portador que indicava, um frasquinho da água do Santuário. Sucedeu porém que a carta chegou ao Colégio depois de o portador já ter partido, tornando-se assim impossível satisfazer-lhe o desejo. No entanto o jovem com tôda a fé suplicava a Nossa Senhora não houvesse mais complicação alguma. E à real protecção de Nossa Senhora atribue êle e todos os seus a cicatrização do dedo amputado em bem pouco tempo sem pús de espécie alguma e sem a mínima inflamação. Isto, ao entrar na portaria, de volta para o Colégio, me contava o jovem com alvoróço e os olhos rasos de lágrimas, dizendo: — «Padre;—mais uma grande graça de Nossa Senhora da Fátima!...» e me narrava com viveza e devoção o que acima fica referido.

Agradecimento

Aqui mesmo na Baía, a própria beneficiada acaba de me participar uma graça bem extraordinária.

Diz-me o seguinte: «Júlia Hasselmann, da Avenida Joana Angélica, agradece de todo o coração a Nossa Senhora da Fátima a graça de ter ficado completamente curada de uma alteração nos nervos e no ôsso do queixo de que já vinha sofrendo há um ano. Era uma contracção tão forte que me impedia de falar, de comer, e um simples bocejo bastava para determinar um estalo que afligia qualquer que estivesse junto de mim. Tendo já recorrido ao médico sem resultado algum, ciente dos grandes prodígios de Nossa Senhora da Fátima, fiz uma novena, aplicando ao mesmo tempo no queixo a água do Santuário, e em poucos dias me vi completamente curada com grande admiração de todos os que conheciam o meu estado.

Aqui fica o testemunho da minha gratidão cuja publicação peço para honra de Maria Santíssima».

(Continua)

P.e J. Miranda S. J.

Diocese de Leiria

Peregrinação diocesana ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima nos dias 12 e 13 de Agosto de 1933.

Caros diocesanos:

A iniciativa do Santo Padre, publicando um *Ano Santo* comemorativo do Centenário da Redenção do Género Humano encheu o mundo católico de um entusiásmo que vai aumentando de dia para dia.

As festas celebradas em Roma presididas pelo próprio Sumo Pontífice são de tal forma grandiosas que não têm similares com as quais se possam comparar.

Embora a nossa diocese seja pequenina, não devemos deixar de contribuír para o esplendor do Ano Santo.

Êste o motivo porque vos convidei a vir a Leiria, séde da nossa Catedral, manifestar a nossa crença e amor a Jesus Sacramentado, encorporando-vos na procissão magnífica, no dia do Sagrado Corpo de Deus.

A correspondência ao apêlo do vosso Bispo foi de tal maneira espontânea e imponente que a festa do Corpo de Deus realizada no dia 15 de Junho passado, marca, de certo, uma das páginas mais brilhantes da história da nossa Diocese.

Nunca se viu tanto povo nesta cidade, e sobretudo com uma unção e piedade tão profunda que me comoveu até às lágrimas e a todos causou a maior impressão.

Quero, pois, patentear-vos, queridos Filhos no Senhor, o meu reconhecimento sincero e profundo, nestas palavras, que me brotam espontâneamente do coração, e com que os nossos antepassados se costumavam saüdar:

Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!

* * *

Queridos diocesanos:

Nas homenagens colectivas da Diocese nêste Ano Santo não podemos esquecer a nossa Mãe Santíssima.

Efectivamente, foi nas dôres cruciantes do Calvário que Nossa Senhora nos gerou, ficando nós seus verdadeiros filhos.

Pregado na Cruz, antes de morrer, «como Jesus visse a Mãe e ao pé o discípulo que amava, disse a Sua Mãe: eis o teu filho. Depois disse ao discípulo: eis a tua Mãe. E dêsde aquela hora o discípulo recebeu-a como sua» (S. João XIX, 25 a 27).

S. João representava-nos a todos. Somos filhos de Maria Santíssima. Ela é nossa Mãe.

Esta maternidade está pois aliada à morte do Divino Redentor.

Maria, segundo o pensamento dum grande Santo e teólogo — S. Tomás — mergulha no infínito divino; nunca se penetrará até ao fundo das suas glórias e grandezas pois tem parte nos mistérios da Incarnação e Redenção que os Anjos jàmais poderão sondar.

A maternidade espiritual de Nossa Senhora tornou-A corredentora na distribuição dos dons sobrenaturais que recebemos de Jesus e, portanto, a Medianeira de tôdas as graças que a Bondade do Senhor tão liberalmente nos concede.

O Anjo S. Gabriel saüdou-a «cheia de graça, bendita entre tôdas as mulheres» (S. Lucas 5,28) e «tôdas as gerações A proclamam bem-aventurada» (S. Lucas 5,48).

Se todos os povos cristãos, reconhecidos às graças que têm recebido de tão boa Mãe, A amam, A veneram, levantam para Ela as suas mãos humildes, em preces fervorosas, no lar, nos templos, nas peregrinações, nós — os portuguêses — filhos desta Pátria que os nossos avós Lhe consagraram — terra de Santa Maria — e cuja protecção se manifestou nos momentos mais difíceis da nossa longa história, temos obrigação de não nos deixarmos vencer por nenhuns outros povos nas nossas homenagens à bendita Mãe do Céu.

Nossa Senhora escolheu a nossa Diocese para nos últimos tempos manifestar o Seu amor entranhado de mãe dos portuguêses nas Aparições da Fátima, donde se segue que os diocesanos de Leiria têm uma obrigação muito especial de Lhe serem reconhecidos.

Quantas graças a Virgem Santíssima da Fátima tem alcançado do Seu Divino Filho?!...

Curas físicas e sobretudo conversões morais...

O nome de Portugal anda espalhado por tôdas as nações da terra pois difícilmente se apontará um país que, mais ou menos, desconheça as benções maternais de Nossa Senhora da Fátima...

Eis porque, meus bons Filhos em Nosso Senhor, vos venho convidar para colectivamente tomardes parte com o vosso Bispo na peregrinação de 12 e 13 de agosto à Fátima como homenagem à Nossa Mãe do Céu, corredentora do Género Humano.

* * *

E como N.ª S.ª é a Raínha do Clero, e êste ano se celebra também o centenário da instituição por Nosso Senhor Jesus Cristo do Sacerdócio Católico serão aí conferidas ordens a alguns alunos do nosso seminário.

Tereis todos ocasião de ver o cuidado com que a Santa Igreja escolhe os seus ministros, a alta dignidade a que são elevados, as tremendas responsabilidades que sôbre êles pesam e o respeito que lhes é devido.

À Fátima, pois.

Esta carta será lida e explicada aos fiéis pelos Rev.os Párocos e Capelães e cada um organizará na respectiva freguesia a peregrinação à Fátima nos citados dias 12 e 13 de agosto de modo que resulte a maior glória para Deus, Nosso Senhor, e para a Santíssima Virgem, nossa querida Mãe do Céu e também a santificação e salvação para as nossas almas.

Leiria, 10 de Julho de 1933

† *JOSE, Bispo de Leiria*

Ano Santo

Peregrinação da Diocese de Leiria ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, celebrando o Centenário da sua Maternidade espiritual, nos dias 12 e 13 de Agosto de 1933.

PROGRAMA

Dia 12 — Chegada das peregrinações que logo entrarão dentro do Santuário fazendo as suas devoções.

À tardinha reunem-se todos agrupados por freguesias junto do portão principal, fazendo a entrada solene, presidida pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Leiria.

Às 22 horas (10 da noite) Têrço em comum, seguido da procissão das velas.

À meia noite — Exposição do Santíssimo Sacramento. Adoração nocturna com prègação.

Dia 13— Às 6 horas — Missa e Comunhão geral.

Às 7 horas — Missa e Comunhão aos doentinhos albergados.

Às 8 e meia horas — Missa de Pontifical e Ordenação.

Às 11 horas e meia — Têrço em comum na Capelinha das Aparições e procissão com a imagem de Nossa Senhora.

Ao meio dia — Missa, alocução e bênção com o Santíssimo aos doentes e peregrinos. Consagração da Diocese a Nossa Senhora.

Observações: As pessoas que tomarem parte na peregrinação devem:

1.º Confessar-se antes, lembrando-se que, sendo domingo o dia 13, haverá na Fátima menos sacerdotes para os atender;

2.º Dar com antecedência os nomes aos Rev. Párocos cujas indicações seguirão;

3.º Durante o caminho rezar o Rosário, entoar cânticos, visitar o Santíssimo Sacramento, passando por alguma igreja e, os que seguirem a estrada que tem os Cruzeiros, fazer a Via Sacra;

4.º Os filhos devem acompanhar os seus pais, não praticando actos que possam escandalizar os fiéis ou ofender a Nosso Senhor.

SANTUÁRIO DA FÁTIMA
Exercícios espirituais ao Clero de Portugal

Desde o dia 3 a 7 de Julho esteve S. Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Domingos, venerando Bispo de Portalegre, em exercícios espirituais no Santuário de Fátima com 83 eclesiásticos da sua Diocese.

Os Revs. Padres ficaram penhorados com o Seu Prelado por lhes ter proporcionado aqueles dias de meditação e retiro naquele lugar santificado pelas Aparições de Nossa Senhora prometendo voltar no próximo ano.

Porque razão teria N. Senhora aparecido no dia 13?

Seis vezes seguidas apareceu a augusta Raínha do Rosário, no ano de 1917, aos três piedosos pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta. A aparição realizou-se sempre nos dias 13, excepto no mês de Agosto em que o administrador de Vila Nova de Ourém, maçon graduado, impediu astuciosamente o encontro dos pastorinhos com N.ª Senhora.

Porque é que as aparições se teriam realizado sempre nos dias 13? O dia 13 é, no conceito popular, um dia aziago, um dia mensageiro de desgraça e de infelicidade. Daí o não haver nos hoteis quarto com êsse número. O número 13 é, em geral, substituido por 12,A ou então passa imediatamente para 14.

É essa mesma superstição que leva os moradores das cidades a não quererem habitar casas com tal número. Quando a uma mêsa se sentam 13 pessoas, uma delas, segundo a crendice popular, morrerá infalivelmente dentro em pouco.

Várias vezes tem sido formulada a pregunta: — porque razão teria Nossa Senhora aparecido sempre nos dias 13? Seria, talvez, para combater a arreigada superstição popular acêrca de tais dias? pode ser, mas não me parece que N.ª Senhora se ocupe de semelhantes ninharias.

Porque seria então?

A pregunta é um tanto ou quanto difícil.

Quem se abalançará a perscrutar os secretos designios da Raínha dos Céus e da Terra? Quem ousará penetrar os mais recônditos mistérios da «Séde da Sabedoria»?

Que saibamos ninguém, até hoje, se atreveu a responder à pregunta em questão.

Iremos nós, pois, tentar dar-lhe uma resposta satisfatória.

Todos os actos de N.ª Senhora, ainda os mais simples na aparência, têm sempre uma profunda significação mística.

E, para termo de comparação, recordemos em rápidas palavras, as aparições de N. Senhora no decurso do século XIX.

Em Lourdes apareceu a Imaculada Conceição dezoito vezes. A primeira, foi em 11 de Fevereiro de 1858, e a última, em 16 de Julho dêsse mesmo ano, no dia da festa de N. Senhora do Carmo.

Parece não existir na escolha do dia qualquer simbolismo especial.

Em La Salette apareceu N. Senhora apenas uma vez, em 19 de Setembro de 1846, para, com lágrimas nos olhos, exortar o mundo à penitência e à oração. Foi no sabado de têmporas, véspera da festa das Sete Dores de Nossa Senhora.

Também em Pontmain Nossa Senhora apareceu uma só vez, em 17 de Janeiro de 1871.

Muito tempo antes de Lourdes tinha a Imaculada Conceição aparecido, em Paris, à beata Catarina Labouré para a exortar à propaganda da «Medalha Milagrosa» que, mais tarde, tão célebre se havia de tornar. A primeira aparição realizou-se em 27 de Novembro de 1830, não se sabendo, ao certo, o dia das outras aparições.

As aparições a que acabamos de nos referir, foram declaradas autênticas pela autoridade eclesiástica competente.

Porém pelo que diz respeito à de Locherboden (1871), e às três realizadas durante o Kulturkampf em Mettenbuch (1876), Marpingen (1876 e 1877) e Dietrichswalde (1877) limitamo-nos apenas a registá-las aqui sem contudo lhes atribuirmos qualquer valor histórico ou nos pronunciarmos sôbre o seu carácter sobrenatural.

Não nos parece que resulte também qualquer simbolismo do dia em que se realizaram.

Digna de menção especial é a aparição de N. Senhora em Filippsdorf, na Bohemia, no dia 13 de Janeiro de 1886. Extraordinário é também o facto de ter sido subitamente curada a moribunda Maria Kade depois das seguintes palavras de N. Senhora: «Minha filha, a partir dêste momento estás curada».

Todavia Fátima sôbreleva a tôdas as outras pela regularidade das aparições. Esta regularidade não foi casual mas sim propositada, o que lhe dá uma significação especial, um sentido misterioso e oculto.

O que quereria, pois, N.ª Senhora significar-nos com estas aparições realizadas sempre nos dias 13? Ao que nos consta, a aparição nada revelou aos pastorinhos a êsse respeito.

Não ha livro nenhum que nos faça penetrar tão íntima e profundamente no pensamento e no coração de Maria como a obra admirável «A cidade espiritual de Deus», que tanto tem concorrido para afervorar imensas almas, sobretudo de sacerdotes, no amor e na veneração por N. Senhora.

A sua inspirada autora, Maria de Agreda, tão horrivelmente caluniada pelos teólogos do liberalismo, descreve-nos nêste livro não só a assombrosa vida de N. Senhora mas também a sua sublime e gloriosa morte. Diz o seguinte sôbre a morte de Maria: «A gloriosa morte da Raínha do mundo teve lugar numa 6.ª feira pelas 3 horas da tarde, hora a que morreu também o seu Santíssimo Filho. Foi a 13 do mês de Agosto. A 15 do dito mês, à semelhança do seu Divino Filho, subiu gloriosamente ao Céu depois de ter permanecido no túmulo durante três dias».

O que a grande cantora de Maria nos diz no mencionado livro sôbre a sua gloriosa morte não é uma verdade de fé, nem sequer uma verdade històricamente comprovada ou que possa vir a comprovar-se.

Mas se nós festejamos êste ano, segundo determinação de Pio XI o Ano Santo, muito embora — como S. Santidade expressamente o declara — não esteja científicamente provado que N. Senhor tivesse morrido no ano 33, e isto sòmente para que da comemoração da morte do Redentor resultem para a humanidade maiores frutos de salvação, porque não nos ha-de pois, ser lícito a nós fazer reverter em nosso proveito espiritual as revelações de Maria de Agreda?

Examinemos, por um momento, a linda oração que N. S.ª do Rosário de Fátima ensinou aos três pastorinhos e que, segundo a sua vontade, deve ser recitada depois de cada mistério. «Meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e aliviai as almas do purgatório, especialmente as mais abandonadas».

As palavras «livrai-nos do fogo do inferno» não são mais do que a antiga súplica da Igreja a Maria para que nos conceda uma santa e abençoada morte: «rogai por nós pecadores agora e na hora da nossa morte».

Não terá hoje esta súplica, no tempo dos suícidios e dos fornos crematórios, mais actualidade do que nunca, em que tantos e tantos católicos morrem consciente e propositadamente como autênticos pagãos?

Não terá o dia 13, segundo os desígnios de N. Senhora, precisamente o fim de comemorar a sua própria morte e ao mesmo tempo de pedirmos para nós e para o nosso próximo, sobretudo por aqueles cuja salvação eterna está em perigo, uma boa e santa morte? Como a morte seria fácil, se durante a vida, pensássemos mais a sério nela! Mas mais fácil seria ainda se nos compenetrássemos do pensamento consolador que temos em Maria uma boa e santa Mãi. Abandonará porventura esta Mãi amantíssima os seus filhos na maior e mais tremenda de tôdas as necessidades? Não será precisamente então que Ela acorrerá pressurosa, em nosso auxílio? Sim, mas muito especialmente daqueles que nos dias 13 tiverem implorado o seu auxílio para a hora da morte.

Parece-nos ser esta a profunda e misteriosa significação dos dias 13.

Dr. L. Fischer

Não haja esquècimento

Mandar sempre o número da assinatura quando fôr necessário fazer nela qualquer mudança.

Sem isso não podereis ser atendidos.

Últimos conselhos de um pai cristão

Um venerável ancião, católico prático e chefe duma numerosa família, próximo a morrer, fêz reunir em volta do seu leito todos os seus filhos, e deu-lhes como última recordação os seguintes conselho:

«Filhos, notei sempre estas cinco coisas que quero deixar-vos em lembrança:

1.ª — que quem trabalha e falta à missa ao domingo nunca chega a enriquecer;

2.ª — que a fazenda mal adquirida nunca aproveitou a alguém;

3.ª — que a esmola nunca fêz mais pobre aquele que a deu;

4.ª — que a oração da manhã e da noite nunca atrasou os trabalhos nem prejudicou os negócios;

5.ª — que um filho rebelde nunca chegou a ser feliz».

Foi a experiência de longos anos que ditou estes conselhos.

Quem nos dera que êles fôssem ouvidos e postos em prática por todos quantos se dizem católicos.

Ano XI — Leiria, 13 de Setembro de 1933 — N.º 132

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 19-Lisboa Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

FÁTIMA — sacrosanto paládio da Pátria

A grande peregrinação diocesana de Leiria

«Da cumeada da serra de Aire, o olhar amoroso e triste da Virgem Santíssima — amando-nos como Mãe, embora triste pelas nossas faltas, — vai-se espalhando por tôda a terra, levantando os corações e avivando a Fé.»

(Da Carta Pastoral A Providência Divina *do Ex.mo e Rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria).*

Apostolado e reparação

O augusto Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima, obra-prima do amor misericordioso do Imaculado Coração da Rainha dos Anjos pelos seus filhos queridos de Portugal, nascida e criada sob o manto da sua carinhosa protecção maternal, é, no mais genuino significado da palavra, o sacrosanto *paládio* da Pátria.

No cume da montanha sagrada, foco prodigioso de luz e calor que ilumina e aquece o mundo espiritual, a gloriosa Mãe de Deus e Mãe nossa fundou uma nova e divina escola, aquela de que as almas transviadas mais careciam para se converterem e salvarem: a escola do apostolado e da reparação.

Corria o ano da graça de 1917.

A privilegiada terra de Santa Maria, berço fecundo de heróis e de santos, atravessava uma das crises mais angustiosas e mais terriveis da sua maravilhosa e incomparável história oito vezes secular.

Sobretudo nas regiões do centro e sul do país, uma propaganda deletéria, *soi-disante* anti-clerical, mas verdadeiramente anti-cristã e anti-religiosa, exercida por meio da imprensa e dos comícios, tinha descristianizado não só os grandes como os pequenos centros de população, semeando por tôda a parte a impiedade, a descrença e a indiferença em matéria religiosa.

Já durante o regimen deposto, a falta de clero tanto regular como secular era enorme, a vida cristã, e mais ainda a vida de piedade, definhava e desaparecia a olhos vistos em muitas paróquias, as romarias e as festas de Igreja revestiam um carácter acentuadamente profano, a imoralidade dos costumes aumentava assustadoramente, numa palavra, a nação portuguesa, outrora tão fiel a Cristo e à sua lei, caminhava a passos de gigante para a sua paganização total.

Os primeiros governos do novo regimen, implantado em virtude do triunfo duma revolução de origem maçónica, que subverteu por completo os mais sólidos esteios de tôda a vitalidade religiosa, que são incontestávelmente as Ordens e as Congregações religiosas, elevaram ao maior grau de acuidade, com os seus decretos tirânicos e com as suas medidas violentas e brutais, os males consideráveis existentes de longa data e sem cessar agravados pela fôrça das circunstâncias.

Portugal, a nação fidelíssima, que por disposição providencial, dilatando a fé e o império, dera novos mundos a Deus, oferecia agora ao mundo civilizado um espectáculo sobremaneira confrangedor sob o triplice ponto de vista religioso, moral e de ordem pública.

As múltiplas exigências da acção católica e da acção social cristã, cada vez mais urgentes, não eram atendidas e satisfeitas. O futuro apresentava-se como um céu toldado de nuvens negras e ameaçadoras, onde não despontava o mais pequeno rio de luz que incutisse ao menos uma vaga esperança.

Foi então que a Virgem bendita, aparecendo, benigna e compassiva, sob as invocações do Rosário, das Dores e do Carmo, pousada em dulcíssima Visão na copa da árvore sagrada da Cova da Iria, fêz brilhar com o mais vivo fulgor o sol portentoso de Fátima, abrindo no alto da serra de Aire entre urzes e azinheiras bravas, uma altíssima escola de apostolado e reparação.

Presentes de facto ou transportadas pelo pensamento à Cova da Iria, junto da santa Capela das Aparições, aos pés da Rainha dos Apóstolos e das Virgens, rezando, meditando e vivendo o Rosário, essas almas, discípulas generosas e heroicas da Mestra Divina, reflectem longamente nas salutares verdades da Fé,

Procissão de Nossa Senhora da Fátima em Kowloon-Tong (China) em que tomaram parte 8 Bispos sagrados e 3 eleitos pelo Santo Padre

É alí, naquela escola única e incomparável, sob os raios suavíssimos do sol divino da Eucaristia, que as almas mais nobres e mais belas se purificam das suas máculas e se vão unindo com Deus por meio dum trabalho aturado e incessante de vida interior, transformando-se nele, de tal maneira que o amor em que se abrasam na contemplação, — amor ardente, generoso, ávido de sacrifícios,—as impele a fazer, ao mesmo tempo, o ofício de Maria e o ofício de Marta, vivendo uma vida intensa de apostolado e de reparação para darem Deus às almas e as almas a Deus.

A Santíssima Virgem desceu do Céu aos páramos desertos e áridos de Fátima para ser a grande apóstola de Portugal e do mundo inteiro.

Mas ela quere associar à sua missão admirável, a êsse apostolado de misericórdia e de amor, um sem número de almas de eleição.

estudam e meditam os dois sublimes modêlos, divino e humano, de tôdas as virtudes, Jesus e Maria, absortas nos altíssimos mistérios da contemplação adquirida e infusa, aprendem a conhecer nas perfeições inefáveis de Deus e na dolorosa Paixão de Jesus a santidade infinita do Senhor, a gravidade e malícia do pecado, o valor inestimável das almas e a necessidade imperiosa e imprescindível da vida interor como fonte e alimento duma vida intensa e perene de reparação e apostolado.

Bendita seja a augusta Rainha do Céu que, num rasgo estupendo de bondade e amor, apareceu, radiosa e bela, sôbre a azinheira sagada da Cova da Iria, para dar Deus a Portugal e Portugal a Deus, mais ainda, para dar o mundo a Deus e Deus ao mundo!

A diocese de Leiria em Fátima

Foi durante o mês de Agosto, nos dias 12 e 13, que se efectuou, com uma concorrência que excedeu tôda a expectativa, a peregrinação anual da diocese de Leiria ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima.

Cêrca de cincoenta mil pessoas de ambos os sexos e de tôdas as idades e condições sociais, pertencentes à mais pequena e porventura mais religiosa de tôdas as dioceses do país, foram depôr aos pés da gloriosa Senhora Aparecida o singelo mas fervoroso tributo da sua devoção e do seu amor filial.

Em carta pastoral dirigida aos seus queridos diocesanos, o nobre Prelado de Leiria tinha-os convidado «para colectivamente tomarem parte com o seu Bispo na peregrinação de 12 e 13 de Agosto a Fátima como homenagem à nossa Mãe do Céu, Co-redentora do género humano».

O venerando Antístite, honra e lustre do episcopado português, quis que «a sua diocese, a-pesar-de pequenina, não deixasse de contribuir, na medida das suas fôrças, para o explendor do Ano Santo que a benignidade de Sua Santidade o Papa Pio XI, felizmente reinante, se dignou conceder a todo o mundo católico, em comemoração do Centenário da Redenção do género humano». Êle quis, dum modo especial, que «nas homenagens colectivas da diocese durante o Ano Santo não fôsse esquècida a Santíssima Virgem».

A maternidade espiritual de Nossa Senhora adquirida junto à Cruz de seu Divino Filho, no cimo do Calvário, a sua excelsa dignidade de Co-redentora, a sua nobilíssima função de Medianeira de tôdas as graças, a protecção singular que ela nos tem dispensado nos momentos mais difíceis da nossa história nacional, e, dum modo particular, a escolha que se dignou fazer da diocese de Leiria para nos últimos tempos manifestar o seu amor entranhado de Mãe dos portugueses nas aparições de Fátima, com as suas inúmeras graças, com as suas curas físicas e, sobretudo, com as suas conversões morais, eis as razões poderosas que levaram o grande apóstolo das glórias e fiel executor dos desígnios maternais de Nossa Senhora de Fátima a promover a peregrinação diocesana à Lourdes portuguesa nos dias 12 e 13 de Agosto «de modo que dela resultasse a maior glória para Deus e para sua Mãe Santíssima e também a santificação e salvação para as almas dos que tomassem parte nessa grandiosa manifestação de fé e piedade».

Sua Excelência Reverendíssima teve um alto e formoso pensamento, cuja execução deu à peregrinação diocesana um significado e um realce extraordinários.

«Como Nossa Senhora é a Rainha do Clero e êste ano se celebra também o centenário da instituição por Nosso Senhor Jesus Cristo do Sacerdócio Católico», conferiu ordens sacras, entre as quais o presbiterado, a alguns alunos do Seminário Episcopal de Leiria. Quis o ilustre Prelado por esta forma que «todos tivessem ocasião de vêr o cuidado com que a Santa Igreja escolhe os seus ministros, a sublime dignidade a que são elevados, as tremendas responsabilidades que sôbre êles pesam e o respeito que lhes é devido».

A correspondência a êste caloroso apêlo do seu augusto Chefe espiritual por parte dos diocesanos de Leiria foi de tal maneira espontâneo e imponente que, como o venerando Prelado diz da festa do Corpo de Deus realizada no dia 15 de Junho último na formosa princesa do Lis, «marca de-certo, uma das páginas mais brilhantes da história da Diocese Leiriense».

Bem haja o apóstolo máximo de Nossa Senhora de Fátima que, no Coração Imaculado daquela que é justamente chamada pela Santa Igreja a *Séde da Sabedoria*, aprendeu, como executor supremo dos seus desígnios maternais, o segrêdo maravilhoso de fazer da Lourdes portuguesa a magna escola de reparação e apostolado nos tempos modernos!

Chegada dos peregrinos

O venerando Prelado de Leiria tinha ordenado a todos os párocos da sua diocese que organizassem nas respectivas freguesias a peregrinação a Fátima nos dias 12 e 13.

O seu apêlo foi grata e jubilosamente atendido pelos seus fiéis e dedicados cooperadores.

Efectivamente, as cincoênta e duas freguesias do Bispado estavam tôdas representadas, sendo as respectivas bandeiras, em número superior a setenta, acompanhadas pelo povo de cada freguesia. Os párocos não compareceram todos por causa das missas que no dia 13, domingo, tinham de celebrar nas suas freguesias.

As peregrinações, à medida que iam chegando à Cova da Iria, entravam logo no recinto do Santuário, fazendo as suas devoções.

A *tardinha*, cêrca do pôr do sol, os peregrinos reuniram-se todos, agrupados por freguesias, junto do portão principal, efectuando a sua entrada solene, presidida pelo Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria, no vasto anfiteatro do local das aparições.

Eram quási vinte horas.

O primeiro acto de piedade colectivo e oficial da peregrinação foi a recitação do terço do Rosário, diante da branca e bela estátua da excelsa Rainha de Fátima, na santa Capela das Aparições.

A procissão das velas e a adoração nocturna

Rezado o terço, organizou-se a procissão das velas, que correu bem, porque o tempo estava sereno. Era grande a profusão de lumes, o que produzia um efeito magnífico e deslumbrante. Raras vezes o número de pessoas que tomam parte na procissão das velas tem sido mais elevado.

À meia noite, depois de cantado o *Credo* em côro, foi feita a exposição de Jesus-Hóstia no altar colocado à entrada da Basílica. Começou então a doce e encantadora cerimónia da Hora Santa. A primeira hora, da meia-noite à uma, foi destinada, como sempre, à adoração e reparação nacional.

Durante essa hora, o rev.do dr. Luis Gouzaga da Fonseca, professor no Pontifício Instituto Bíblico de Roma e autor do precioso livro intitulado «As Maravilhas de Fátima», explicou os mistérios gloriosos do Rosário, relacionando as suas considerações com a comemoração do Ano Santo. Seguiram-se depois, até às cinco horas e meia, outros turnos de adoração feitos sucessivamente por diversos grupos de freguesias a um dos quais se juntou a peregrinação da freguesia de Santa Maria, de Setúbal, composta de 283 pessoas.

As missas: a dos servitas, a da comunhão geral e a de Pontifical

Durante a adoração nocturna, a partir das três horas, celebraram-se numerosas missas nos diversos altares do Santuário. Às cinco horas e meia, na capela das Confissões, houve a missa dos servitas celebrada pelo rev.do dr. Joaquim Carreira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria, à qual comungaram os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário.

Embora a distribuição da Sagrada Comunhão tivesse começado mais cêdo, a Comunhão Geral efectuou-se à missa das seis horas celebrada em frente da Basílica pelo rev.do dr. Luís Gonzaga da Fonseca. Uns doze sacerdotes distribuíram aos fiéis o Pão dos Anjos, tendo-se aproximado da mesa eucarística cêrca de treze mil pessoas.

Às oito horas e meia, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria celebrou missa de Pontifical, sendo presbítero assistente o rev.do Faustino Jacinto de Almeida, pároco da Freixianda e vigário da vara de Ourém, diácono da missa o rev.do dr. Joaquim Carreira, subdiácono o rev.do Joaquim da Silva, e diácono e sub-diácono assistentes os rev.dos Manuel do Carmo Goes e Joaquim Lourenço.

Dirigiu com proficiência consumada as numerosas e complicadas cerimónias do Pontifical o rev.do Augusto de Sousa Maia, secretário do Senhor Bispo de Leiria. Comemorando o centenário da instituição do Sacerdócio Católico, o venerando Prelado conferiu a sagrada ordem de presbítero ao seminarista rev.do José Pereira Rito, natural do lugar das Brancas, concelho da Batalha, e a de sub-diácono ao seminarista Amilcar Martins Fontes, natural de Minde.

Durante as ordenações, o rev.do dr. José Galamba de Oliveira, professor de Teologia no Seminário, explicou junto do microfone à multidão imensa dos fiéis as respectivas orações e cerimónias litúrgicas.

A missa e bênção dos doentes

São onze horas e meia. A essa hora, como de costume, principia a recitação pública do terço do Rosário na santa Capela das Aparições. Depois do terço, a linda Imagem de Nossa Senhora de Fátima é conduzida aos ombros dos servitas, sob uma chuva incessante de flores e no meio de grandes manifestações de piedoso entusiasmo, para o pavilhão dos doentes. Estes estão já nas bancadas que lhes foram destinadas na vasta esplanada ao fundo da escadaria da Basílica do Rosário.

É meio-dia. Celebra a missa dos doentes o rev.do Agostinho Vieira, missionário de Cabo Verde, prègando ao Evangelho o rev.do dr. Luis Gonzaga da Fonseca, cujo sermão o presente número da «Voz da Fátima» insere noutro lugar.

Falou sôbre o Ano Santo, ano cheio de graças e de bênçãos, e do modo como todos o devemos comemorar, os devotos de Nossa Senhora e em especial os povos da diocese de Leiria, diocese privilegiada com graças especiais da Rainha do Céu.

Deu a bênção aos doentes, que eram cêrca de cento e cincoenta, e a todo o povo, com o Santíssimo Sacramento o novo levita ordenado de presbítero à missa de Pontifical, rev.do José Francisco Pereira Rito.

É um momento solene em que há scenas comoventes.

Na ausência do rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, que foi em peregrinação à Terra Santa, dirigiu as invocações o rev.do Manuel do Carmo Goes, pároco da Barreira.

A Imagem de Nossa Senhora de Fátima, erguida sôbre o seu andor, é voltada de frente para o povo. O Senhor Bispo de Leira lê então junto do microfone a consagração da diocese de Leiria à Santíssima Virgem.

A veneranda Imagem é de novo conduzida para a Capela das Aparições. Rezam-se as últimas preces e entoam-se os últimos cânticos. Está terminada a procissão do *adeus* à Virgem e com ela terminaram os actos oficiais da peregrinação. A multidão dos peregrinos, afervorados na sua fé e na sua piedade, e com a alma a trasbordar de júbilo, vão debandando pouco a pouco e, em breve, na Cova da Iria, só reinam o doce mistério e a paz tranquila e suavíssima dos santuários de montanha, como é o augusto Santuário de Fátima.

O Heroi-Santo em Fátima

Fátima, que fazia parte do feudo de D. Nuno Álvares Pereira, o Heroi-Santo, Conde de Ourêm, não podia deixar passar despercebido o dia 14 de Agosto, em que se comemora um dos feitos mais grandiosos da História Pátria, a batalha de Aljubarrota, ganha pelo exército português mercê do génio militar e do heroísmo guerreiro e cristão daquele que Oliveira Martins cognominou de a mais pura conbstanciação da alma nacional.

Foi Mons. Francisco Esteves, o zeloso prior de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, que, tendo organizado por sua iniciativa uma peregrinação da sua freguesia a Fátima e à Batalha, presidiu, nêsse dia, nas duas históricas povoações, às cerimónias religiosas comemorativas da grande data de Aljubarrota.

Na manhã de 14, Mons. Francisco Esteves rezou missa na igreja da Penitenciaria. Comungaram todos os peregrinos e o digno sacerdote fêz uma breve prática sôbre a comemoração religiosa e patriótica do dia, evocando a grande figura de Nuno Alvares, recordando as suas virtudes e a sua devoção à Virgem Santíssima, e exortando todos a seguirem os exemplos do famoso cabo de guerra, modêlo de cristãos e de portugueses.

Em seguida houve missa solene, cantada primorosamente pela *Schola Cantorum*, de S. Vicente de Fóra, sob a proficiente direcção de Mons. Esteves.

Às 11 horas, os peregrinos partiram para a Batalha, em cujo templo monumental foi cantado o *Te-Deum* e em cujo claustro, defronte da sala do Capítulo onde repousam os restos mortais do soldado desconhecido, se improvizou uma pequena sessão patriótica, em que o notável jornalista e escritor católico Zuzarte de Mendonça proferiu um breve mas entusiástico discurso, exaltando a memória do Santo Condestável e recordando o alto significado daquela despretenciosa mas justa e comovida homenagem ao imortal vencedor de Aljubarrota.

À mesmo hora em que no grandioso e magnífico templo da Batalha, próximo da campa raza onde jazem os restos mortais do soldado desconhecido, se prestava êste singelo tributo de veneração e reconhecimento ao Herói-Santo, numerosos contigentes de todos os corpos da guarnição militar de Lisboa desfilavam em continência perante as ossadas do Santo Condestável colocadas sôbre um andor à porta da igreja do Carmo, rendendo assim o preito de veneração e reconhecimento da Pátria àquele que foi o maior de todos os portugueses.

Um cântico sublime

A singela crónica de Fátima fecha êste mês com chave de ouro, inserindo como remate um cântico de piedade, um hino de amor: a linda e encantadora invocação à Santíssima Virgem composta por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria.

Foi o ilustre e venerando Prelado que, não contente de ter produzido essa magnífica obra-prima sob o tríplice aspecto literário, piedoso e sentimental, quís recitá-la pessoalmente, o que êle fêz junto do microfone, imediatamente antes de começar a tocante procissão do *adeus*.

Como os leitores da «Voz da Fátima» teem o subido prazer espiritual de verificar, não se trata duma invocação como tantas outras simples e vulgar, mas dum verdadeiro poema em prosa, ditado por uma alma de grande poeta e inspirado por um coração palpitante de devoção e ternura para com a nossa gloriosa Mãe do Céu.

Cada uma das estrofes dêsse maravilhoso hino de piedade filial é um grito do coração, uma súplica veemente, um suspiro, um gemido, um soluço, que comove até às fibras mais íntimas do nosso ser humano, fazendo-nos simultâneamente rezar, chorar e cantar.

Essa invocação, tão bela, tão sentida, tão sublime, que parece ter sido inspirada pelo Céu ao Anjo da Diocese de Leiria, é uma autêntica e preciosa joia literária, feita de vida e sentimento, que deslumbra e encanta, empolgando os olhos, a alma e o coração.

Poucas orações à Virgem Santíssima haverá tão perfeitas e tão formosas como esta súplica comovida e vibrante do seu ardente e dedicado apóstolo em que a elevação das ideias se alia dum modo admirável com a beleza da forma e a pureza e candura do sentimento se casa perfeitamente com o fervor intenso da devoção e da piedade filial.

O venerando Antístite, objecto da predilecção da Ranha dos Anjos, e, mercê da sua valiosíssima intercessão, favorecido, ao mesmo tempo que a sua querida diocese, com a abundância das graças celestes, deixou trasbordar da sua alma a gratidão de que estava cheia e traduziu êsse vivo e delicado sentimento numa invocação sublime, cujos períodos são pérolas do mais fino quilate, com que formou a corôa de glória que pôs sôbre a cabeça da Raínha de Fátima, ao consagrar-lhe dum modo solene a sua querida Diocese, em testemunho de veneração reconhecimento e amor filial.

Invocação à SS. Virgem feita no fim da bênção do Santíssimo Sacramento aos peregrinos

Virgem Santíssima da Fátima! Neste Ano Santo — centenário da Redenção que Jesus Cristo Nosso Senhor nos alcançou — vimos — os peregrinos da Diocese de Leiria e das outras Dioceses aqui presentes — manifestar-Vos a nossa gratidão pelas inúmeras graças que a vossa bondade nos tem dispensado.

Foi nas Dôres cruciantes do Calvário que nos gerastes, aceitando ser nossa Mãe!...

Graças, muitas graças vos devemos, ó Mãe de Deus e Mãe nossa!...

E, se todos os povos vos devem gratidão imensa, maior é a nossa, porque esta pátria, nascida sob a Vossa protecção maternal, tem vivido e realizado a sua esplêndida missão através dos séculos, só com o vosso auxílio e amparo.

Graças, muitas graças vos devemos, ó Senhora da terra de Santa Maria!

Nos tempos calamitosos que atravessamos, a-pesar das nossas infidelidades, dignaste-Vos, ó gloriosa Mãe do Céu, descer a êste lugar para nos recordar os nossos deveres.

Graças, muitas graças, a Nossa Senhora do Rosário de Fátima!

Senhora!

O Vosso Filho, na sua infinita caridade, quis que as graças da Redenção chegassem até nós, instituindo o Santo Sacramento da Ordem.

Fostes Vós, Senhora, que no Calvário oferecestes ao Eterno Pai o vosso Filho Jesus. Fostes Vós o centro dos Apóstolos no Cenáculo como preparação para o Pentecostes.

Sois, com razão, a Rainha do Clero.

Depois de assistir às cerimónias da Ordenação, vimos, Senhora, pedir-Vos pelo Papa, vigário de Jesus Cristo na terra, pelos Bispos e Sacerdotes de todo o mundo, especialmente pelos de Portugal e pelos que acabam de ser ordenados.

Abençoai, Senhora, os Seminários, fazendo dêle alfobres de Santos Sacerdotes, concedei-nos boas e puras vocações, protegei as ordens religiosas e as missões, trazei ao redil da verdadeira Igreja católica as almas extraviadas pelo êrro e pelas paixões de modo que em breve não haja senão um só rebanho e um só Pastor.

Rainha do Céu, rogai por nós!

Augusta Senhora do Céu e da terra, atrai tôdas as almas para Vós, prendei-as ao vosso coração virginal pelos laços fortes do amor, alimentai-nos, Senhora, com o Pão Eucarístico — corpo e sangue do Vosso Divino Filho — que nos dá a fôrça de caminhar através do deserto da vida, até à montanha de Deus.

Ó Maria, vós sois minha Mãe, a Senhora do meu coração, sois os meus amores, a minha vida, o meu tudo.

Queremos ser vossos escravos de amor, abandonar-nos sem restrição ao vosso carinho maternal, ocupar-nos em Vos servir, em Vos glorificar, em Vos amar com tôdas as fôrças das nossas pobres almas.

Nós Vos amamos, boa Mãe, mas aumentai o nosso amor, agora, neste vale de lágrimas e, depois, nos esplendores da eterna glória. Assim seja.

VISCONDE DE MONTELO

O CULTO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO BRASIL

Da interessante revista «O Apostólico» que se publica no Baturité, no Ceará, transcrevemos o seguinte:

Sereno e alegre surgiu-nos também o dia 13 de maio, dia em que se celebra a primeira aparição de N. Senhora em Fátima.

Fátima é hoje um nome que sôa melodioso aos ouvidos dos sinceros devotos de Maria Santíssima e nos transporta em espírito àquela região privilegiada de Portugal a qual mereceu ser visitada pela Mãe de Deus.

Por isso sonoros cânticos exprimiram o contentamento que sentimos em celebrar tão gloriosa data, pedindo à nossa querida Mãe do céu que abençoe também o nosso querido Brasil. «Teu olhar nos envia de Fátima, Nossa terra abençoa também!»

S. Paulo

No célebre Santuário de Sumaré, na capital federal de S. Paulo, foi canònicamente erecta a Confraria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, dirigida pelos Reverendos Padres Regulares de S. Francisco de Assis.

Instalou-se desde o início com muitos confrades que vão sempre aumentando.

Na Ilha de S. Tomé

Graças aos esforços e generosidade do Rev. Dr. Martinho Freitas da Rocha, Pároco da freguesia de Santo Amaro, na ilha de S. Tomé, foi inaugurada nesta Igreja uma imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Durante as solenidades que o R. Dr. Rocha promoveu para celebrar a inauguração, destacou-se uma devota comunhão solene em que tomaram parte muitas crianças indígenas — Nossa Senhora da Fátima as proteja.

Nossa Senhora da Fátima na Austrià

Publicamos a seguinte interessante carta dirigida ao Sr. Dr. Fischer de S.t Margarethem, na Burgenland (fronteira hungara da Austria).

St. Margarethen, 6-6-933

Ex.mo Snr. Professor:

Só hoje me é possvel responder à carta de V. Rev.a

Na minha qualidade de lavrador vejo-me obrigado a trabalhar todo o santo dia e, para me dedicar à acção católica, só tenho de meu as noites e os domingos. Além disso a representação da paixão de N. Senhora absorve-me de tal forma os escassos momentos livres que mal tenho tempo para escrever.

Desde a Quaresma, até agora, temo-la representado todos os domingos e dias santos, sempre com grande concorrência.

A nossa sala de festas que é, aliás, bastante espaçosa, tem-se mostrado acanhada, em demasia, p ra conter todos os espectadores.

Até hoje já assistiram para cima de 5.000 pessoas, algumas vindas de bastante longe.

Estas representações exercem sempre uma salutar influência sôbre o povo.

Entre os assistentes não é raro verem-se sacerdotes e religiosos e até o próprio Vigário Geral da Burgenlândia nos deu já a honra da sua presença.

Eu aproveito sempre esta oportunidade para destribuir imagens e o «Mensageiro de Fátima».

O 13 de Maio dêste ano foi por nós especialmente festejado. Quizemos fazer a procissão das velas no dia 12, à noite, mas infelizmente, o tempo não no-lo permitiu, visto ter chovido continuamente. Tivemos que nos limitar a fazer a procissão dentro da Igreja. Ainda assim foi tudo muito lindo.

Em seguida à festa da Igreja houve uma sessão solene em honra de N. Senhora de Fátima no edifício da nossa associação, que decorreu com o máximo brilhantismo.

Muitos habitantes das freguesias limítrofes tencionavam vir assistir a esta solenidade mas não o puderam fazer por causa do mau tempo.

A devoção a N. Senhora de Fátima vai aumentando dia a dia.

E agora permita V. Rev.a que lhe transmita um pedido do meu pároco e lhe comunique, ao mesmo tempo, uma notícia bastante agradável.

Era, de há muito, nossa preocupação constante o lugar onde haviamos de colocar a Imagem de N. Senhora de Fátima logo que ela chegasse de Portugal. E, creio que foi inspiração divina, chegámos ambos, separadamente, à mesma conclusão: Ao lado da nossa Igreja paroquial existe uma velha capela, por certo o mais antigo monumento cristão de tôda a Burgenlândia.

Quando, há cêrca de mil anos, os nossos antepassados vieram da Baviera estabelecer-se nesta região, erigiram, como seu primeiro santuário, uma capela que dedicaram a Santa Margarida, mártir.

Em volta da capela era o cemitério onde os seus mortos dormiam o sono eterno. Com o decorrer do tempo foi a freguesia aumentando, vendo-se por isso obrigados, aí por volta do século XVII, a ampliá-lo e a transferi-lo para outro local.

Ao lado da dita capela construiu-se, então, uma pequena Igreja, já duas vezes ampliada, que comporta actualmente umas 700 a 800 pessoas.

A antiga capela, depois da construção da Igreja, ficou servindo de arrecadação de coisas velhas e inúteis, se assim é lícito exprimir-me.

Foi então que nos veio à mente a ideia de abrir de novo ao culto esta veneranda reliquia da fé dos nossos antepassados e de a destinar a um santuário dedicado a N. Senhora da Fátima.

O nosso projecto consiste em restaurar interiormente êste belo edifício e construir um altar, com o seu respectivo Tabernáculo, destinado à Imagem de N. Senhora do Rosário da Fátima. Este templosinho deve comportar de 50 a 80 pessoas.

Na nossa freguesia não existe ainda monumento algum aos mortos da guerra, visto o nosso pároco se ter oposto sempre à construção dum monumentos que não tivesse ao mesmo tempo carácter religioso.

Pensámos, pois, que essa capela poderia servir para os dois fins, isto é, de monumento aos mortos da guerra — cujos nomes seriam gravados em placas de mármore dos dois lados do altar — e de capela expiatória onde, nas noites de 5.a para a primeira 6.a feira de cada mês e nas de 12 para 13, fosse, por turnos, feita a Hora Santa.

Na parte superior da capela será colocada uma cruz comemorativa do «Ano Santo de 1933», a qual será iluminada a luz electrica durante estas santas noites de oração e de penitência.

Eu creio que V. Rev.a se dignirá aprovar êste nosso projecto.

Antes de terminar ouso pedir-lhe ainda o obséquio de se pôr em comunicação com S. Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria, por causa da Imagem de N. Senhora da Fátima.

É imprescindível que ela esteja aqui por todo o mês de Setembro. Além disso é desejo do Snr. Prior que ela seja benzida em Fátima, no próprio local das aparições, e em seguida tocada na Imagem de N. Senhora que ali se venera. A parte tocada deve ser marcada com com uma pequena cruz para que os fiéis a possam beijar nesse sítio.

Pedimos também a V. Rev.a nos queira marcar o dia em que poderá vir aqui. É conveniente sabê-lo o mais cedo possível para podermos marcar o dia da festa.

Bom seria que V. Rev.a viesse a um domingo ou então no dia 13 de Outubro. Para a referida festa iremos convidar também S. Eminência o Cardial Arcebispo de Viena. Queira, pois, V. Rev.a enviar-nos uma resposta urgente.

Emmerich Unger

DENTRO DO SANTUÁRIO

Misas novas

Os Reverendos P.e José Maria Valente Ribeiro e P.e Raul Domingos da Cruz vieram celebrar no Santuário de Fátima as suas primeiras Missas.

Pertencem ambos à Diocese do Pôrto.

Acompanhavam-os as pessoas de suas famílias e amigos íntimos aos quais se juntaram outras pessoas de Fátima.

Que a Virgem Santíssima, Raínha do Clero, abençoe o seu Apostolado.

Movimento do Santuário

Todos os dias teem sido celebradas Missas pelos sacerdotes do Santuário e por outros de diferentes pontos do país que aqui têm vindo em peregrinação.

Têm sido também muitos os peregrinos que têm vindo satisfazer as suas promessas, receber Sagrada Comunhão e rogar à bemdita Mãe do Céu sua protecção.

AOS INCAUTOS

Novamente avisamos de que não tomamos a responsabilidade por quaisquer subscrições, peditórios, rifas ou outra forma de extorquir dinheiro que não é para o Santuário mas para os seus promotores.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Sermão prègado pelo Rev. Sr. Dr. Luís Gonzaga Aires da Fonseca, em 13 de Agosto último, em Fátima

Estamos em meio do Ano Santo da Redenção; e esta grandiosa peregrinação, em que predomina a diocese de Leiria, estes cultos tão magestosos, tão espontâneos, tão sentidos, tão filiais que acabais de prestar à Virgem Senhora de Fátima nêste santuário bendito, tinham por fim principal comemorar e agradecer a Deus, autor de todos os bens, um dos maiores benefícios da Redenção: o ter-nos dado Maria SS. por Mãe.

Que imenso benefício êste, meus irmãos, que imenso benefício! Só no céu o poderemos avaliar! Só no céu, e por tôda a eternidade, o poderemos agradecer convenientemente!

Como na vida natural devemos tanto a nossas mães, que nunca lhes poderemos pagar, nem ainda agradecer bastante, assim e infinitamente mais na vida sobrenatural é tanto, tanto o que devemos à Mãe SS., que só a luz da glória nos poderá revelar a imensidade da nossa dívida, e só a eternidade nos dará prazo suficiente não para nos desempenharmos, mas para desafogarmos a nossa gratidão. Só no céu! na terra não! nunca!

Mas se em algum ponto da terra se pode fazer uma ideia aproximada do que é, do que significa, dos bens que nos traz o termos Maria SS. por Mãe, é aqui em Fátima. Aqui nêste cantinho do céu na terra, aqui nêste Santuário de graças e milagres, aqui nesta fonte manancial de misericórdias de Maria. Só aqui, como em nenhuma outra parte.

Olhai. Um dos maiores benefícios que a divina liberalidade faz ao mundo em nossos dias é precisamente êste Ano Santo da Redenção. Disse-o expressamente o Santo Padre, PIO XI, quando em documento público declarou, que foi por especial inspiração de Deus, que êle — quási contra sua vontade — se decidiu a proclamar êste jubileu, e quando depois afirmou repetidas vezes, que ao fim dêste Ano Santo o mundo estará muito melhor.

E porquê? Porque são tantas, tão singulares, tão eficazes as graças do céu que dia a dia vão chovendo sobre a terra, que não tem comparação não só nos anos ordinários, mas nem ainda nos mais jubileus.

Nós vivemos na *Lei da Graça*. E pensamos nós, pensastes vós nunca a sério o que quer dizer: viver na Lei da Graça? Quer dizer: viver sob uma chuva contínua, densa, torrencial de graças de Deus, todos os anos, todos os dias todas as horas da nossa vida. Graças temporais e espirituais, para bem do corpo e para bem da alma, para a vida temporal e para a eterna; Graças de conversão, de santificação, de perseverança; Graças obtidas com os sacramentos, com a oração, com as obras de piedade, com a prègação da palavra de Deus, até com as acções ordinárias, devidamente feitas; graças todas elas preciosíssimas, porque valem o sangue de Jesus e tendem a assegurar-nos o céu.

Ora se é assim em todos os anos da Lei da Grança, nêste Ano Santo bem podemos dizer que rebentaram as fontes do abismo e se abriram as cataratas do céu sôbre a Igreja e sôbre todos os fiéis, não só inundado-os, mas afogando-os em dilúvios de graças de Deus.

Graças de *conversão* e *remissão de pecados*. É a propriedade característica de todos os jubileus: todos êles são um convite materno da Igreja à conversão, à penitência, à mudança de vida; todos oferecem a possibilidade de obter o perdão de todos os pecados, e não só da culpa, senão também da pena. Mas êste jubileu de modo especialíssimo e eficacíssimo: não só pelos especiais poderes concedidos o todos os confessores, e pelas indulgências extraordinárias que se podem lucrar, — mas porque nos põe diante dos olhos a Jesus penitente! ao Redentor divino que chora as nossas culpas a lágrimas de sangue! E nós vendo-o chorar e satisfazer assim pelos pecados nossos, como não mover-nos a detestá-los e a satisfazer por êles?

Graças de *renovação da vida cristã* e de *fervor no serviço de Deus;* é a segunda fonte de divinas misericórdias, de que mais nos fala o Sumo Pontífice em numerosos documentos. Foram os mistérios da Redenção que ren varam o mundo, foi na sua meditação que se acendeu o fervor de todos os servos de Deus, desde o simples fiel que se santificou no cumprimento dos deveres domésticos, até ao grande Apóstolo que contemplando a Jesus crucificado podia dizer: já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim, — até ao seráfico S. Francisco, que na mesma contemplação se transformou em imagem viva do crucifixo. Por isso diz-nos o Santo Padre — que todos os fiéis que celebram êste Ano Santo devem sair dele completamente renovados, fiéis católicos em tôda a fôrça da palavra, cristãos não só de fé mas de mandamentos, que se gloriem da sua fé e a vivam, não só no segrêdo das paredes domésticas, nem só no recinto do templo, mas em meio da sociedade e do mundo, para que a luz do seu bom exemplo brilhe aos olhos dos homens e os force a glorificar a Deus e a fazerem-se melhores.

Meios eficacíssimos para obter esta renovação profunda e completa da vida cristã, oferece-os o Ano Santo nas outras duas fontes principais de graças que nêle correm, e o fazem ano *de oração*, e ano *de Vida eucarística*. A divina Eucaristia como Sacrifício e como Comunhão, Jesus presente em meio de nós, Jesus imolando-se por nós continuamente sobre os nossos altares, Jesus dando-se todo a nós em alimento das nossas almas, — eis a mais prodigiosa invenção da caridade infinita do Redentor, eis o memorial perene e o compêndio divino da Redenção, eis o meio mais eficaz para conservar e desenvolver em nós a vida da graça, para vivermos nós em Jesus e Jesus em nós durante os dias poucos e maus dêste destêrro, com penhor certo de sermos por Êle ressuscitados no último dia, para com Êle e d'Êle vivermos na eternidade.

Os frutos maravilhosos de todas estas graças de Deus vemo-los brotar por tôda a parte desde o princípio do Ano Santo, temo-los visto particularmente em Roma nas multidões de peregrinos que ali têm acudido de todo o mundo, para ganharem o jubileu e se retemperarem na fé junto do sepulcro de S. Pedro e ao pé do trono do Vigário de Cristo.

O Rev. Dr. Luis Gonzaga da Fonseca, professor do Instituto Biblico de Roma, prègando na peregrinação de Fátima

* * *

Ora bem, meus Irmãos: tudo isto, tôdas estas torrentes de graças, todos estes dilúvios de misericórdias divinas que oferece ao mundo êste Ano Santo extraordinário, oferece-os todos os dias e todos os anos a Virgem SS. nêste seu Santuário de Fátima. Fátima é um Ano Santo da Redenção, continuado, não por dôze mêses, mas por todos os mêses e todos os anos.

Também aqui temos correndo com abundância inexcedível as mesmas torrentes de graças: Graças de conversão e penitência. Não foi essa a primeira e mais instante exortação da Mãe SS.? Exortação a fugir do pecado, a não ofender mais a Jesus, porque demais o ofendem os homens, exortação a mudar de vida, a chorar os pecados cometidos, a pedir o perdão dêles, perdão da culpa para nós, e remissão da pena para as almas do Purgatório, especialmente para as mais bandonadas?

Graças de fervor no serviço de Deus para levar uma vida verdadeiramente cristã, conforme em tudo à Lei do Senhor, qual convém a filhos dovotos de Maria SS., que por nada quereriam desgostar a sua Mãe e mostrar-se maus filhos.

Foco onde se acende êste fervor é primeiramente a oração e meditação do Santo Rosário, que N. Senhora de Fátima tantas vezes e tão insistentemente nos recomendou, como quem só conhece bem a sua divina eficácia. O Rosário é como um cinematógrafo celestial que todos os dias nos faz passar diante dos olhos da alma os grandes mistérios da Redenção, os exemplos de todas as virtudes praticadas por Jesus e Maria na vida doméstica, os heroismos de santidade que resplandecem na Paixão dolorosa, as visões de glória e bem-aventurança eterna que nos atraem na vida de Jesus e Maria glorificados.

O Rosário é a cadeia de oiro com que a Mãe SS. nos prende a si, nos ajuda a correr pela senda da virtude, nos livra do inferno, nos sobe ao céu.

Outro grande meio de fervor e santificação que N. Senhora de Fátima aqui nos oferece é a união com Jesus na Eucaristia. Para aí tende todo o culto de Maria em Fátima, todas as graças temporais e espirituais que a Mãe de Misericórdia aqui dispensa, todo os prodigios que opera nos corpos, todos os milagres com que transforma as almas: para nos aproximar de Jesus, para nos dar a Jesus, e para que Jesus se nos dê a nós. Unidos a Êle pela graça e logo pela comunhão e por uma intensa vida eucarística vivemos n'Êle e Êle vive em nós, transformamo-nos n'Êle por semelhança progressiva de pensamentos, de afectos, de vida, para um dia nos transformarmar completa e definitivamente pela participação da sua mesma bemaventurança.

Não são êstes os frutos que vemos brotar por tôda a parte, onde se propaga a devoção a N.ª Senhora de Fátima? e não os vemos nós brotar, há anos, com exuberância inexcedível aqui nêste Santuário bemdito?

* * *

Por isso vós, Fiéis da diocese de Leiria, vós mais que ninguém privilegiados da Virgem, que em meio de vós quiz levantar êste trono das suas misericórdias, na vossa terra fêz rebentar estas fontes mananciais das suas graças, — vós tendes obrigação de lhe ser especialmente devotos; vós deveis ouvir mais atentamente as suas recomendações, vós deveis praticar mais fielmente os seus conselhos, vós deveis dar, ou melhor, deveis continuar dando, como dais já, a todo o Portugal e a todo o mundo católico luminosos exemplos de vida verdadeiramente cristã. Vós viveis num perpétuo Ano Santo. O que é para o mundo todo por mercê de Deus êste Ano Santo, são para vós, por bondade carinhosíssima de N. Senhora de Fátima, todos os meses, todos os anos. Portanto resplandeça na vossa vida o exemplo de uma conversão sincera, a prática de uma vida exemplarmente cristã de uma vida de oração, de uma vida eucarística.

Não haja uma só família que não reze devotamente todos os dias, ao menos o terço do Rosário; não haja ninguém que não se aproxime frequêntemente dos Santos Sacramentos.

Costuma dizer-se que *nobreza obriga:* quem é de nobre linhagem tem obrigação de se assinalar por vida honrada e por grandes feitos. Vós privilegiados da Mãe SS., vós filhos mimosos de Nossa Senhora de Fátima tendes particular obrigação de ouvir e obedecer, de honrar e imitar a vossa Mãe. Se o fizerdes vereis por experiência o que é ser filhos de Maria, e o que é ser Maria vossa Mãe.

* * *

Antes de concluir, ainda uma palavra sôbre o rito sagrado que tanto aumentou a solenidade e santidade dêste dia.

Jesus no ano da Redenção, momentos antes de dar começo à sua Paixão, ordenou os primeiros Sacerdotes da Igreja, que foram os Apóstolos.

Nesta solene comemoração do Ano Santo, o vosso excelentíssimo e queridíssimo Prelado quiz imitar a Jesus, ordenando novos Levitas.

Grande dia para êles, — mas grande dia também para a diocese e para todos os fiéis de Leiria!

A maior graça que Deus póde fazer a uma terra, é dar-lhe um bom Sacerdote; como o maior castigo que lhe pode infligir é privá-la de bons sacerdotes, ou permitir que lhe seja dado um mau.

A primeira graça que N. Senhora de Fátima costuma fazer aos que a invocam é dizer-lhes: *vade, ostende te Sacerdote;* Ide, apresentai-vos aos Sacerdotes!

São êles que vos restituem à graça de Deus. São êles que chamam do céu todos os dias, e vos dão a Jesus.

São êles que vos ensinam o caminho do céu e vos desviam da estrada da perdição.

São êles que vos conselham nas dificuldades, que vos alentam nos trabalhos, que vos consolam nas tribulações.

São êles que vos fizeram filhos de Deus no Baptismo, dando-vos o direito ao céu, êles são os que à hora da morte, quando tudo vos abandona, hão de vir em nome de Deus a assistir-vos, a fortalecer-vos com o Viático da eternidade, até vos dizerem: *«Proficiscere anima christiana!»;* em nome da Trindade Santíssima vai, ó alma cristã, tomar posse do reino que te está preparado dêsde o princípio do mundo.

Numa palavra: êles são os principais instrumentos de que a Mãe SS. se serve para vos fazer a maior parte dos seus benefícios.

Demos pois graças infinitas a Deus, de quem procede todo o bem e todo o dom perfeito por mais esta graça de Deus, — demos graças à Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa, dispenseira universal dos tesoiros de Deus, — congratulemo-nos com o nosso amantíssimo e zelosíssimo Prelado, — demos parabens aos novos Levitas, — e renovemos os nossos propósitos de gratidão e fidelidade à Mãe SS.

Virgem Senhora de Fátima, Mãe nossa amorosíssimo, quanto amor, quanta predilecção tendes tido para connosco...

Prometemos corresponder ao vosso amor, mostrando-nos bons filhos... *Monstra te esse Matrem:* continuai Vós mostrando que sois nossa Mãe,... na vida,... na morte,... na eternidade.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Ataques

Tive uma criada, vai para dois anos, que sofria de ataques frequentes, caindo sem sentidos; e quando voltava a si apoderava-se dela a ideia do suicídio que se tornou obsessão.

Disse-me um dia, por estas ou idênticas palavras — *«A água mete-me cubiça.»* A minha preocupação subia por eu ter uma varanda de vários degraus para o quintal onde havia um pôço.

Com os ataques podia aleijar-se e até morrer de alguma queda, ou atirar-se para dentro do pôço.

Tê-la-ía despedido se não tivesse pena e dó dela e ao mesmo tempo confiança em Nossa Senhora da Fátima.

Comecei com a criada uma novena, sem resultado. Fizemos segunda e os ataques continuavam. Fizemos uma terceira novena e desde então nunca mais tem tido ataque algum perdendo já também a mania do suicídio.

Durante as novenas tomava diàriamente alguns golos de água da Fátima que abençoada por Nossa Senhora nos alcançaram a graça.

Bendita, pois, a Virgem Santíssima da Fátima que se dignou ouvir os meus rogos e os da Eduarda Gertrudes, que, radiante e feliz se afervorou na vida cristã prometendo ser sempre grata à sua Mãe do Céu.

S. Tiago de Cacem.

Angelina Nogueira André

Fígado e intestinos

Maria Alice — R. de Vasques Mesquita — Pôrto, ia sofrendo há bastantes meses de dôres fortíssimas do fígado e intestinos, chegando a ponto de nada poder sustentar no estômago, e estando num tão grande estado de magreza que já se supunha ter uma tuberculose intestinal. Eu então, compadecida pelo estado em que se encontrava a doente recorri a Nossa Senhora da Fátima em seu favor.

Tão boa Mãe do Céu atendeu as minhas súplicas em favor da saúde da doentinha, mas não ficou por aqui a compaixão da Santíssima Virgem. Outra graça muito grande, e esta de ordem espiritual, foi concedida à mesma criatura por intermédio de Nossa Senhora. É que esta doentinha já tinha feito 20 anos e nunca tinha comungado!! Agora, graças à Santíssima Virgem e ao seu Amado Filho entrou de muito livre vontade no Instituto Feminino de Educação e Regeneração, do Bom Pastor. Já fêz a sua primeira Comunhão no dia da Ascensão de Nosso Senhor sentindo desde então grande alegria pela paz da sua alma.

Recorrer a Nossa Senhora é ter mimos cá na terra e quási a certeza de não perder a salvação.

Porto.

Maria Alice da Silva Prata

Meningite tuberculosa

Durante quatro meses, uma amiga minha, sentiu-se doente. Chamado o médico julgou-se que seria apenas uma gripe vulgar. A doença aumenta mais e, chamado outro médico, acordaram em que se tratava duma tifoide. A doente, porém, queixa-se ainda de horríveis dôres de cabeça que não cedem a coisa alguma. Chama-se então outro médico que, depois de alguns dias de observação, disse tratar-se de uma meningite tuberculosa e que a doente estava irremediàvelmente perdida. Tendo-lhe feito ainda a análise ao líquido encefálico, disse que, mesmo no caso de não morrer, ficaria paralítica dos membros inferiores.

Nestas circunstâncias administraram-se-lhe os Santos Sacramentos, pedindo-se ao Sacerdote para se não retirar por julgarmos eminente o fatal desenlace. Mas ninguém perdeu a confiança.

Recorremos a Nossa Senhora da Fátima por meio de diversos Santinhos.

Na 6.ª feira das Dôres, ao ver sair a procissão de Nossa Senhora, encomendámos a doente à sua divina proteção. Na volta da procissão a enferma sentindo tudo, exclamou com tôda a fé e confiança: «Rezemos todos uma Salvé Rainha» e desde aquele momento repentinamente cessaram as dores de cabeça assim como todo o mal estar que sentia. O médico ainda disse que seria necessário sujeitar a doente à aplicação de correntes eléctricas e injeções, mas nada foi necessário para alcançar a sua saúde. É esta tão grande graça que eu hoje venho agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

Puenteareas — Galiza

Rosa Esteves

Graças diversas

— *Henriqueta Augusta Brígida* — Leiria, tendo em 1930 uma exostose numa maxila, foi mandada para os especialistas de Lisboa. Uma sua filha recorreu a Nossa Senhora da Fátima para que não fosse necessária a intervenção cirúrgica. Assim aconteceu, e daí a pouco, contra tôda a espectativa, estava completamente curada.

— *Gertrudes Leonides Gonçalves* — de S. Bartolomeu-Açores, diz o seguinte: «Reconhecida a Nosas Senhora da Fátima por uma tão grande graça que me alcançou numa ocasião em que quási moribunda me sujeitaram a uma operação, venho manifestar o meu maior reconhe mento para com tão boa Mãe».

— *Maria Augusta d'Andrade Neves* — de Lisboa, agradece muito reconhecida a N.ª S.ª o ter-lhe alcançado uma graça de muito valor.

— *Maria dos Reis* — de Lisboa, agradece a N.ª S.ª e a S. Filomena um favor que do céu lhe alcançaram.

— *Maria de Albuquerque Pignatelli*, agradece a N.ª S.ª uma graça temporal obtida depois de uma novena a Nossa Senhora da Fátima.

— *Olinda Mexia Miranda*, achando-se em Loanda, já Sacramentada e com hemóptises, recorreu a Nossa Senhora da Fátima bebendo da sua água e sentindo-se já bem de saúde vem agradecer a Nossa Senhora a sua protecção.

— *Maria Pereira da Silva* — de Leiria, agradece a Nossa S.ª o ter curado uma sua filhinha de 10 mêses que todos tinham como irremediavelmente perdida.

— *Ana Palma Duarte* — de Évora, tendo um dos seus cinco filhos atacado com a varíola e quási já nos transes da morte, pediu a Nossa Senhora que lhe desse saúde e perseverasse os outros do contágio. Obtida a graça vem agradecê-la.

— *Júlia Brandão Melo* — de Coimbra, pede para que aqui seja agradecido a Nossa Senhora um favor por Ela dispensado a uma pessoa de sua família constituída em grave perigo de morte.

— *Maria Ferreira de Sousa* — de Recarei, agradece reconhecida a Nossa Senhora o ter-lhe concedido várias graças a si e a sua família.

— *Ermelinda Pereira de Sousa* — de Viana do Castelo, diz: «Venho pedir a publicação de uma grande graça que Nossa Senhora me fêz, ficando cumprida assim a minha promessa que fiz a Nossa Senhora da Fátima».

— *João António dos Santos* — de Elvas, vem manifestar o seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima por uma graça que lhe foi concedida por intercessão da mesma Senhora.

— *Cacilda Guilhermina Dias* — de Ma-

Um trecho da procissão de Nossa Senhora da Fátima em Kowloon-Tong

Grandiosa festa de inauguração do culto de Nossa Senhora da Fátima na Igreja de Santa Teresa do Menino Jesus em Kowloo-Tong (China)

Os católicos de Kowloon-Tong levantaram, há pouco tempo, uma linda igreja dedicada a Santa Teresa do Menino Jesus, protectora das missões.

Um dos altares da nova igreja foi dedicado a Nossa Senhora da Fátima.

Um benemérito português encomendou em Portugal 2 imagens de Nossa Senhora de Fátima uma maior para estar permanentemente no altar que lhe foi destinado e a outra mais pequena para ser conduzida nas procissões.

Aproveitando a passagem para Roma de 8 Bispos sagrados e 3 que vinham para serem sagrados pelo Santo Padre o Reverendíssimo Bispo Valtorta, Vigário Apostólico de Kowloon convidou-os para tomarem parte na solenidade.

Aceíeram todos.

Foram distribuídos muitos prospectos em inglês convidando todos os católicos a tomarem parte na «Primeira celebração solene da festa da Santíssima Virgem da Fátima para o dia 14 de maio».

A festa foi precedido de uma novena preparatória muito concorrida.

No dia da solenidade houve às 7,30 a Santa Missa e Comunhão geral; às 9,30 Missa do Pontifical e às 5,30 da tarde Procissão, sermão e Bênção com o Santíssimo Sacramento.

Na procissão que percorreu as principais ruas de Kowloon, tomaram parte várias Congregações e entre elas as Filhas de Maria.

Uma extensa fila de rapazes e meninas entoavam cânticos durante todo o trajecto indo também uma banda de música.

Calcularam que só portugueses vindos de diferentes pontos e especialmente do Hong-Kong onde se dedicam ao comércio, estiveram 3 mil.

Depois de recolhida a brilhante procissão, o Snr. Bispo de Hong-Kong subiu ao púlpito e fêz uma entusiástica alocução em inglês.

Disse Sua Excelência Reverendíssima o seguinte:

Assim como a Santíssima Virgem, aparecendo em Lourdes, salvou a França e espalhou pelo mundo inteiro inúmeras graças, a mesma Senhora descendo a Fátima salvou Portugal e vai desenvolvendo por tôda a parte a nossa Religião.

Que se congratulava com a devoção dos portugueses que ali via em tão grande número. Felicitava-os pelas graças que Nossa Senhora de Fátima tem espalhado sôbre Portugal que atravessava uma crise terrível moral e material.

Em Portugal, disse ainda o Senhor Bispo, apesar da campanha que a má imprensa fazia contra a Religião e crença da maioria dos portugueses, campanha por vezes violentíssima e apesar dos esforços dos livres pensadores não conseguiram arrefecer a fé ardente dos portugueses.

Saúdando os portugueses que com tanta devoção assistiram a esta homenagem piedosa e a todos os que tinham ido tomar parte naquela solenidade para glória da nossa Santa Religião, termina pedindo para todos os católicos de Kowloon e Hong Kong uma Bênção da Santíssima Virgem de Fátima.

Esta primeira festa em honra de Nossa Senhora de Fátima realizada na China deixou em todos as melhores impressões e o desejo de a repetirem.

Os portugueses exultavam de alegria por verem a sua Fé e a sua Pátria engrandecida em país estranjeiro.

Pedimos aos presados leitores que nas suas orações à Rainha dos Apóstolos roguem pela conversão dos infiéis e especialmente pelos chineses.

Graças de N. S. da Fátima no Brasil

(Continuação)

Desenganada pelos médicos

D. Marieta Dorca, residente à R. Climério de Oliveira, 23, professora, depois de prolongada doença que não cedia a remédio algum, acabou por ser declarada em verdadeiro perigo de vida.

Isto em Abril de 1931. Vendo-se assim desenganada pelos recursos terrenos voltou-se para os do Alto e por intermédio de Nossa Senhora da Fátima implora com o possível fervor a sua cura. Até que ponto foi ouvida, fàcilmente o verificará quem observar com que vigor e actividade novamente desempenha o seu espinhoso cargo. Na proporção da sua nova energia está o afecto com que sinceramente agradece a tão boa Mãe graça de tal importância e em tais circunstâncias concedida.

Furunculose

Beatriz de Maia Queiroz, residente no Sodré, 58—Baía, agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça que por seu intermédio obteve da cura de uns furunculos que a obrigaram a permanecer dois meses no leito e em estado bem perigoso.

Com o recurso a Nossa Senhora por meio de uma novena e tomando juntamente com grande fé a água do Santuário, rápidas foram as melhoras e hoje acha-se completamente boa, rendendo as mais fervorosas acções de graças a tão boa e carinhosa Mãe.

Sulco no palatino

Luís Alberto, de 4 anos de idade, nascido em Pernambuco e actualmente residente em Botas, arredores de Baía, de nascença tinha o palatino fendido numa profundo sulco desde a urba até ao nariz.

De natural espansivo e conversador, impossível lhe era emitir sons bem articulados, tornando-se portanto difícil compreender o que queria dizer. De há tempos já que uma sua tia, D. Francisca de Assis, tinha implorado sôbre êle a protecção de Nossa Senhora da Fátima, e com maior fervor ainda o fêz desde que o médico resolveu sujeitá-lo a uma operação. Antes de ir para a clínica diversas vezes o trouxe junto de Nossa Senhora inclusivé na véspera da dita operação. Foi esta subdividida em três operações parciais, afectando a 1.ª (a mais difícil e delicada pela posição e natureza) a parte posterior do palatino, a 2.ª daí até ao lábio, e a 3.ª do lábio até à parte inferior do nariz. Tendo o menino osculado antes uma estampa de Nossa Senhora da Fátima ,durante tôda a operação a teve junto de si e é à particular bênção dela que todos atribuem o bom êxito da mesma. Os próprios médicos reconhecem que em tais circunstâncias e com semelhante êxito se deve ter como caso único. Do princípio ao fim nas suas várias fazes, correu ela com tôda a normalidade sem a mínima alteração que lhe embaraçasse o êxito. Reconhecida por tão visível protecção, logo depois da alta que teve da clínica, lá trouxe a piedosa tia o inocentinho aos pés de Nossa Senhora para juntamente com êle lhe render as mais sentidas graças por tão assinalado benefício.

Agradecimento

D. Maria Fraga dos Santos Pereira, residente na Baía, agradece efusivamente a Nossa Senhora da Fátima o feliz êxito de uma bem arriscada operação a que teve de se sujeitar sua filhinha Tereza, de 10 mêses apenas de idade. Era tal o seu estado que diversos médicos davam por inútil qualquer tentativa. Confiada porém na valiosa protecção de Nossa Senhora da Fátima optou a mãi pela operação. Não foram frustradas as suas esperanças, pois o resultado foi prodigiosamente satisfatório e a inocentinha acha-se completamente boa, sem o mínimo incómodo, e sem nada que relembre o antigo perigo em que esteve. Por tão insigne prodígio rende a piedosa mãi a Nossa Senhora da Fátima as mais fervorosas acções de graças, pedindo o obséquio da publicação na «Voz da Fátima».

Pulmão enfraquecido

José Francisco de Sousa, residente na Baía, há um ano que sofria dum pulmão, sentindo-se cada vez mais prostrado e já impossibilitado de entregar-se ao trabalho. Sem recursos, sem pai, nem mãi, nem quem por êle acudisse, limitou-se a ir algum tempo para o interior onde o clima lhe fôsse mais favorável e começou a valer-se da protecção de N.ª Senhora da Fátima fazendo-lhe para isso uma novena com uso juntamente da água milagrosa que uma pessoa amiga lhe forneceu. Que tal lembrança fôsse feliz prova-o o resultado que foi deveras surpreendente.

Ainda mal não era terminada a novena e já, a partir de Outubro do próximo findo ano, começou a experimentar sensíveis melhoras e tão rápidas, a tão curta distância, que já de novo se encontra entregue aos seus labores, sem neles sentir moléstia nem cansaço, pelo que tributa a Nossa Senhora da Fátima as mais sentidas acções de graças.

Pleuresia

D. Carmen de Amorim Araújo começou a sentir os funestos efeitos de uma pertinaz pleuresia, que, zombando de todos os remédios, cada vez a ia fazendo sofrer mais, chegando a passar assim um mês inteiro de crise aguda. Falando-lhe a essa altura uma pessoa amiga dos favores obtidos por intermédio de Nossa Senhora da Fátima e sua água milagrosa, para Ele se voltou, implorando com os demais da família a sua cura, dando com isso princípio a uma novena, com o uso da dita água. Foi de tal maneira abençoada a súplica, que desde então começou a experimentar sensíveis melhoras, as quais daí em diante só fizeram ir-se acentuando cada vez mais, até de todo ficar dentro em breve livre do penoso incómodo que tanto a fizera sofrer, e tão sérios receios a todos inspirara.

Convém relembrar

1.º — *Que a administração de «A Voz da Fátima» não é já em Leiria, mas no Santuário para onde deve ser enviada a correspondência.*

2.º — *que não poderão ser atendidos nas suas reclamações os Srs. Assinantes que junto ao pedido para qualquer mudança nos endereços não mandem o respectivo número da assinatura.*

3.º — *que no Santuário se encontram à venda diversos livros e artigos religiosos sôbre Fátima. É encarregado do Santuário o Sr. António Rodrigues Romeiro que procurará sempre atender os peregrinos e outros devotos o melhor possível.*

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte	402.643$02
Papel, comp. e imp. do n.º 131 (67.000 ex.)	4.589$20
Franquias, embal. transportes	1.658$80
Na Administração	291$10
	409.182$12

Donativos desde 15$00

Prior de Serro Ventoso — P. de Mós, 20$00; N. M.—? 30$00; António Ratalhós —Souzel, 20$00; Manuel Correia—Braga, 20$00; P.e Salvador do Prado — Mafra, 35$00; João Moreira — Tuias, 20$00; Ilda de Sousa — Lisboa, 40$00; Distribuição em Aldeia Grande—Coxial, 30$00; Maria José — Cocujães, 20$00; Distribuição em Manteigas (M.e Rabaça), 138$65; Distribuição em Castelo de Vide (M.e Izábel Russo), 27$00; Joaquim Saraiva — Povoa de S. Iria, 20$00; Imilio Milher — América, 48$00; José Ourém — Coruche, 15$00; António Emidio — Coruche, 15$00; Presbitéria Santiago — Mapuçá, 80$00; Elisa Coutinho — Viseu, 50$00; Emília da Encarnação — Lisboa, 20$00; Albertina Torquato — Pôrto, 15$00; Maria Riquinha — Ovar, 20$00; Ana Torres Ferreira — Beiriz, 200$00; P.e José Tavares — Sever do Vouga, 30$00; P.e Manuel Escobar — Roufe, 20$00; Matilde Cardoso — Roufe, 20$00; Olinda Martins — Roufe, 20$00; Sofia Teixeira — Alenquer, 50$00; Directora da Creche — Vagos, 37$50; Sebastião Henrique — Cortegana, 15$00; Alexandrina Lourenço — Freixial, 20$00; Irmãs de Missão de Cabinda, 80$00; José Cristão — Mossamedes, 15$00; Jouber Valente — L. Marques, 15$00; Alunas do Colégio do Coração de Maria — Brasil, 47$10; Onofre Ferreira — Brasil, 23$55; Maria de Lourdes — Brasil, 23$55; Jerónimo Trigueiros—Moçambique, 40$00; Maria Carolina — Luanda, 16$00; Elisa Amélia Mesquita — Lisboa, 40$00; Gregório Delfim — Funchal, 18$50; Maria Ascenção — Covilhã, 20$00; Assinante de Alandroal, 100$00; José das Dores — Lisboa, 15$00; Filomena Peurry — América, 23$50; Maria Alves — Açores, 23$50; Conceição dos Santos — Ribeirão, 40$00; Josquina Ribeiro — Condeixa, 30$00; António Pinto — Moura, 20$00; Aires da Silva — Caxias, 20$00; P.e António Gonçalves, 243$60; Rosalina Macedo — América, 23$80; Maria Vivo — América, 24$00; Distribuição em Odivelas, 20$00; José Fernandes — França, 64$50; João de Matos — Vila de Rei, 15$00; Emília Rocha — Moçambique, 20$00; Maria Leal — Alvorninha, 20$00; Brigida Martins — Leiria, 20$00; Maria da Costa — Cabeço de Vide, 25$00; Rosalina Canhola — Pardelhas, 30$00; Distribuição em Pedrouços, 70$00; Distribuição em Pardelhas, 200$00; Esmolas em Pardelhas, 60$00; José Luís — Póvoa do Varzim, 30$00; Augusta Ferrão — Cacilhas, 60$00; António de Campos — Peniche de Cima, 15$00; Emília Bonharde — Pôrto, 20$00; Distribuição em Obidos, 25$00; Adélia de Azerede — Livração, 20$00; Maria Monteiro — Vilar Formoso, 50$00; Celestina Reinas — Vilar Formoso, 20$00; Maria de Miranda — Boticas, 15$00; P.e Herculano Mendes — Tabuaço, 30$00; Rosa Mota — Pôrto, 20$00; Distribuição em Viseu (F. Vicente), 25$70; Manuel Antunes — Viseu, 15$00; P.e António Calabote — A. do Sal, 15$00; Joana do E. Santo — Moreira, 15$00; Teodora Neves Amoreira, 15$00; Beatriz Rodrigues da Silva — Agueda, 80$00; P.e Henrique Garcia — Almalaguês, 15$00; Joaquim Lopes — Choupal, 20$00; Maria da P. Dias — Açores, 20$00; Maria Carolina Caetano — Lagares da Beira, 180$65; João Mendes — Chão do Couce, 15$00; Idalinda Maia — Oiã, 120$00; Sebastião de Almeida — Coimbra, 20$00; Joaquim Alves — Cast.e de Pera, 51$00; José da Luz — Cadima, 20$00; Maria Trindade — Tôrres Vedras, 15$00; João Brum da Silva — Pico, 40$00; M.el D. Ferreira — Lisboa, 15$00; Joaquina Gameiro — Brasil, 15$00; Anónimo de Coimbra, 100$00; José Melo — Cantanhede, 20$00; Ovídio Rito — Nazaré, 20$00; Joaquim da Cruz — Cercal, 40$00; Maria Deolinda Elvas — N.ra do Cravo, 55$00; José Lopes Ferreira — Mortágua, 20$00; P.e António J. S. Miguel, 55$00; Asilo dos Desvalidos — Coimbra, 20$00; Clotilde Almeida — Gaia, 40$00; Maria da C. Matias — Carapinhal, 15$00; Dr. António Vitorino — Sernache, 15$00; Emília Veiga — Coimbra, 30$00; Alvaro Mendes — Brasil, 15$00; Isménia Cunha — Broeira, 20$00; Ana Maurício — Monsanto, 50$00; Ana de Oliveira — Evora, 20$00; P.e Manuel Vaz — Sobreira Formosa, 15$00; Angela Albuquerque — Braga, 15$00; Anunciação Rocha — Ilhavo, 98$40; João do Vale — Arganil, 30$00; José Duarte — Amadora, 20$00; Etelvina de Albuquerque — Mangualde, 100$00; Maria dos Remédios — Mértola, 15$00; P.e Manuel Capeleiro — Veiros, 50$00; Justino Alves — Montalegre, 50$00; Maria da C. Pires — Pôrto, 15$00; Firmino Abrantes — Mangualde, 15$00; C.o João A. de Aguiar — Lamego, 20$00; P.e António Fialho — Alc. do Sal, 15$00; D. Maria Ferreira de Figueiredo, 25$00; D. Beatriz Kausem, 20$00; D. Carolina Mendes Pereira, 20$00.

Devemos dar ao próximo, por justiça, o que lhe pertence; por caridade devemos dar-lhe, muitas vezes, até aquilo a que êle não tem direito.

cedo de Cavaleiros, agradece a Nossa Senhora da Fátima um favor que lhe alcançou.

— *Amélia Costa* — da Califórnia, tendo alcançado de Nossa Senhora da Fátima uma graça muito importante vem aqui patentear o seu agradecimento.

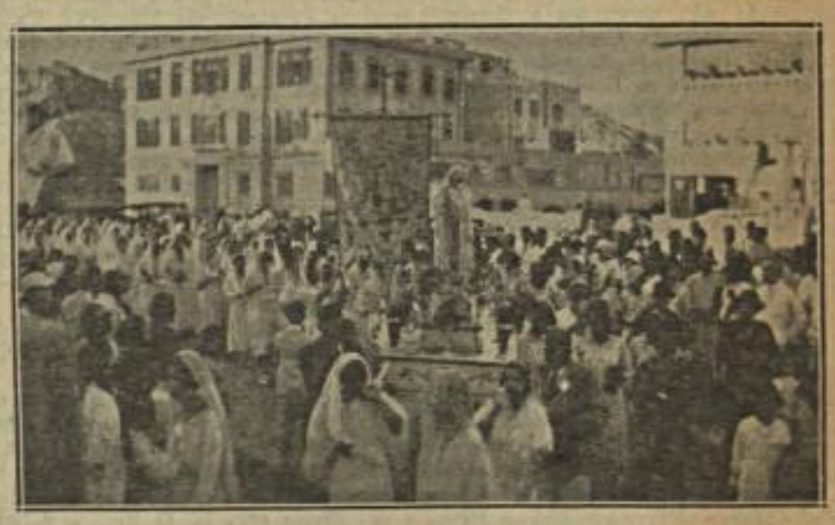
— *Maria dos Reis da Piedade* — de Espite, agradece uma graça que numa doença lhe foi concedida por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *Olga Fernandes* — de Aveiro, diz o seguinte: «No Estado do Ceará — Brasil, uma filha de Maria alcançou uma graça especial por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

A favorecida agradece».

— *Maria Clara Rebelo* — de Ponta Delgada, agradece a cura de sua Mãe por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, bem como diversas outras graças particulares concedidas aos membros da sua família.

— *Maria A. Teixeira—do Pôrto*, cheia de reconhecimento para com N.ª S.ª da Fátima, vem publicar a cura de uma pessoa muito querida e que esteve muito mal.



As filhas de Maria de Kouloon-Tong conduzem na procissão o andor de Nossa Senhora da Fátima

Ano XII — Fátima, 13 de Outubro de 1933 — N.º 133

VOZ DA FÁTIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Proprietário e Editor: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 18-Lisboa Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

FÁTIMA — admirável epopeia de fé

«Virgem Santíssima da Fátima!! Se todos os povos vos devem gratidão imensa, maior é a nossa, porque esta pátria, nascida sob a vossa protecção maternal, tem vivido e realizado a sua explêndida missão através dos séculos, só com o vosso auxílio e amparo.»

(Da tocante invocação à Santíssima Virgem composta pelo veverando Prelado de Leiria e por êle recitada no fim da bênção do Santíssimo Sacramento aos peregrinos por ocasião da grande peregrinação diocesana de Leiria, no dia treze de Agosto de 1933).

Corria o ano de 1917, que devia ficar assinalado como um marco miliário nas páginas gloriosas e imortais da história da Igreja em Portugal.

Aproximava-se o dia treze de Outubro, tão ardentemente desejado por milhões de almas crentes e piedosas.

Dum extremo ao outro do país propalava-se com extraordinária rapidez a boa nova de que a excelsa Padroeira da nação volvera os olhos misericordiosos para os seus vassalos e, num prodígio de bondade e de amor, se dignara aparecer e dirigir a palavra a três humildes e inocentes crianças, fazendo-lhes importantes revelações e misteriosas confidências. À medida que os dias se iam sucedendo, a benévola espectativa convertera-se em intensa e ardente ansiedade.

Só o clero se conservava inteiramente alheio ao que se passava, mostrando uma indiferença absoluta, quando não uma hostilidade manifesta, em face dos acontecimentos que se iam desenrolando na Cova da Iria.

A protagonista das aparições, Lúcia de Jesus, hoje Irmã Maria Lúcia de Jesus, religiosa professa do Instituto de Santa Doroteia, afirmara, com a cândida simplicidade dos seus dez anos, que a Virgem Santíssima tinha prometido fazer no dia da sexta a última aparição um milagre — o *sinal de Deus*, como ela lhe chamava na singeleza da sua linguágem de aldeã rude e ignorante, — para atestar a sinceridade dos videntes e garantir a verdade das suas declarações.

A notícia propaga-se, rápidamente, mas sem ruído, por tôda a parte, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de casal em casal, coada através de narrativas mais ou menos exatas, transmitidas de bôca em bôca, acêrca das aparições e dos sucessos maravilhosos.

E o mistério em que essa notícia se envolve, empolgando as almas seduzidas pelo encanto do sobrenatural, torna mais crível ainda essa notícia a que a imprensa não empresta a luz da publicidade e que nenhuma empresa procura fazer conhecida com sóbrio ou espalhafatoso *réclame*.

O maravilhoso *sinal de Deus* apareceu efectivamente no céu, rasgando as nuvens e assombrando as multidões que caíram de joelhos, chorando e rezando.

O prodígio anunciado pelos videntes realizou-se no dia e hora indicados, e o seu eco foi tão retumbante que se ouviu por tôda a bendita terra de Portugal e para além das fronteiras até aos confins do mundo.

Desde então o caudal das peregrinações cresce e avoluma-se cada vez mais, transformando-se numa torrente impetuosa que despeja sem cessar no recinto sagrado das aparições milhares e milhares de almas impulsionadas por uma fé viva e por uma piedade ardente.

E hoje, a Cova da Iria, que tem sido teatro de tantas scenas admiráveis e de tantas maravilhas divinas, manancial inexgotável de graças e de bênçãos celestes e foco ardente de luz, confôrto e vida sobrenatural, acha-se convertida num lindo cantinho do Céu na terra, onde as almas que sofrem e as almas que choram, as almas que trabalham e as almas que penam, as almas sequiosas de paz, de verdade e amor, vão buscar lenitivo para as suas dores, consolação para as suas lágrimas, alívio para os seus trabalhos, satisfação plena e perfeita de tôdas as suas mais nobres e mais legítimas aspirações.

O dia doze em Fátima

As primeiras horas da manhã do dia doze, já se viam, no recinto sagrado das aparições, numerosos peregrinos. Uns procediam de Fátima e das povoações circunvizinhas, outros vinham de mais longe, e alguns até dos pontos mais distantes do país. Guardas avançadas do inumerável exército de crentes, que no dia seguinte havia de realizar as grandes manobras gerais no campo dos exercícios espirituais de Fátima, êsses piedosos romeiros aproveitavam os momentos de menos ruído e movimento, mais propícios à oração e à meditação, para fazerem tranqüilamente as suas devoções, no meio de maior recolhimento e fervor.

É um facto perfeitamente averiguado que muitas almas amantes do silêncio e da solidão preferem encontrar-se no grande Santuário da Virgem sós ou quási sós para renderem, em paz e sossêgo, longe das vistas indiscretas das multidões, a homenagem da sua veneração, do seu amor filial e do seu reconhecimento, à gloriosa Padroeira e Rainha de Portugal. E assim os romeiros acorrem ininterruptamente a Fátima para fazerem um estágio dalguns dias ou passarem pelo menos algumas horas em doce retiro espiritual, nessa mansão privilegiada do Céu.

Ao cair da tarde, as imediações de Fátima tomam um novo aspecto. São os primeiros contigentes da enorme massa de peregrinos que veem já pressurosos a caminho da Cova da Iria. Nas estradas é um vai-vêm contínuo, circulando nelas a cada instante automóveis e *camionnettes*.

Tudo se prepara para a procissão das velas, primeiro acto colectivo das manifestações de fé e piedade da peregrinação mensal durante o período do ano correspondente ao das aparições.

A noite de véspera

Cêrca das dez horas da noite, começou na capela do pavilhão central a recitação do terço, presidida pelo rev.do Manuel do Carmo Gois, pároco da freguesia da Barreira, Leiria, que para êsse efeito ocupava o púlpito móvel situado do lado da Epístola.

Rezado o terço, efectuou-se a procissão das velas que decorreu com a maior ordem e regularidade, seguindo o percurso do costume e cantando os peregrinos com entusiasmo e fervor o *Avé de Fátima*.

No fim da procissão das velas, a multidão dos peregrinos, reünida de novo no mesmo local donde tinha partido, entoou o *Credo*, dando assim, num côro colossal, testemunho público e solene da sua fé, sincera, viva e ardente.

É meia-noite.

Vai dar-se início à cerimónia, sempre tão piedosa e tão comovente, da adoração nocturna.

As primeiras duas horas são destinadas à adoração e reparação nacional.

O rev.do Manuel Pereira da Silva, secretário da Câmara Eclesiástica de Leiria, faz a exposição do Santíssimo Sacramento. O rev.do Manuel do Carmo Gois preside à recitação do têrço, durante a qual se meditam os mistérios dolorosos do Rosário. O rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria, faz uma prática no intervalo de cada dezena, comentando o respectivo mistério.

O segundo turno da adoração nocturna é formado pela peregrinação de Idanha-a-Nova e por uma numerosa representação do Seminário Patriarcal dos Olivais.

A êste turno seguem-se mais duas horas de adoração, respectivamente das três às quatro e das quatro às cinco: a da peregrinação de S. Julião de Setúbal e a da peregrinação da freguesia da Serra (Tomar).

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que se encontrava no Santuário desde a ante-véspera à noite, assistiu junto do altar até ao fim à cerimónia da adoração nacional.

Seminário dos Olivais

A nota característica da peregrinação de Setembro ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima foi a presença duma numerosa representação do Seminário de Teologia do Patriarcado nos actos religiosos comemorativos da quinta aparição da augusta Rainha do Rosário aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel.

Obra maravilhosa de Sua Em.cia o senhor Cardial Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que pôs na realização dela todo o ardor do seu coração juvenil e todo o fogo da sua alma sacerdotal, cheia de zêlo pela glória de Deus e pela salvação das almas, êsse auspicioso viveiro de futuros levitas do Senhor constitui desde já uma esperança fagueira de melhores dias para a Religião nos vastos domínios do Patriarcado Lisbonense.

A deputação do Seminário Maior da diocese mais representativa do nosso país era composta dalgumas dezenas de alunos e tinha a presidi-la o seu ilustre Reitor Mons. Dr. José Manuel Pereira dos Reis, cónego arcipreste da Santa Sé Patriarcal de Lisboa, figura das mais eminentes entre o clero secular português.

Acompanhavam a deputação dois distintos professores do Curso Teológico, os rev.dos Constant Hillion e Pascal Piriou, e o zeloso e dedicado ecónomo do Seminário rev.do João Nunes Ferreira, antigo assistente eclesiástico do benemérito grupo de Servos de Nossa Senhora de Fátima, de Tôrres Novas.

A presença dos seminaristas dos Olivais, que se distinguiram sempre pelo seu aprumo e correcção e pela sua piedade, e a sua colaboração no canto litúrgico contribuiram em larga escala para imprimir às cerimónias religiosas do dia treze na Cova da Iria o realce e o brilho extraordinários de que foram revestidas.

As missas: duas missas solenes

Os sacerdotes peregrinos principiam a celebrar o Santo Sacrifício da Missa às cinco horas, depois da bênção do Santíssimo, que foi o remate da cerimónia da adoração nocturna.

As missas sucedem-se umas às outras, nos diversos altares do Santuário, sem solução de continuidade, até às dez horas. A esta hora, no altar do pavilhão central, canta-se a missa privativa da deputação do Seminário dos Olivais em que foi celebrante Mons. Pereira dos Reis, tendo como subdiácono o rev.do João Nunes Ferreira e subdiácono o seminarista Serafim Ferreira Marques.

Comungaram a essa missa todos os membros da deputação do Seminário que assim solenizou a sua peregrinação ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima.

Ao meio-dia, depois da recitação do terço do Rosário e da procissão com a veneranda Imagem da Virgem-Aparecida, começou a missa dos doentes, cujo celebrante teve como ajudantes os srs. Tenente-Coronel Pereira dos Reis e Rui Cordovil.

Ao Evangelho sobe novamente ao púlpito o rev.do dr. Galamba de Oliveira que fala da devoção e amor filial que todos os cristãos devem ter a Nossa Senhora e se refere à solenidade do dia seguinte, a Exaltação da Santa Cruz, exortando todos os peregrinos a sofrerem com paciência e resignação à vontade divina as dores e tribulações da vida presente.

O Rev. Tomás Perancho, O. P. prègando na peregrinação de Setembro de 1933 em Fátima

No fim da missa o rev.do Tomás Perancho, membro da ilustre e benemérita Ordem de S. Domingos, de nacionalidade espanhola, que tinha vindo a Fátima pela primeira vez, dirige a palavra aos peregrinos, traduzindo em linguagem viva e entusiástica as impressões que tôda a alma crente sente em Fátima, no local bendito das aparições.

Diz que em Fátima todos se sentem irmãos, porque se reconhecem filhos de Deus e filhos de Maria, que alí se encontra a paz, a verdadeira paz, que o mundo debalde procura alcançar com a fôrça dos seus canhões e com as lucubrações dos seus congressos e, finalmente que, em face das perseguições, de que a Religião Católica é alvo, e que resultam inúteis, como prova a história contemporânea de França e de Portugal e

em breve há-de provar a de Espanha, se verifica a imortalidade da mesma Religião, única verdadeiramente divina.

Chega o momento profundamente tocante da bênção eucarística dos doentes, que é dada por Mons. Pereira dos Reis.

Leva a umbela o dr. Luís Ribeiro Vieira de Castro, médico do Hospital da Lapa, no Pôrto. Os doentes são cêrca de cem. Enquanto a Hóstia Santa, encerrada na Custódia de ouro, paira sôbre as suas cabeças como penhor de graças celestes, muitos dêles, presos de funda comoção, choram e soluçam, aliviados dos seus males e confortados nas suas dores.

Cruz de dor e amor

Um dos doentes, simpático jovem de 15 anos, de Lisboa, parece ser a única nota discordante neste côro elegíaco. Deitado na sua maca, rosto pálido e emaciado pelo sofrimento mas ao mesmo tempo iluminado pelo suave clarão duma grande e doce esperança, olhar vivo e brilhante, sorriso à flor dos lábios, dir-se-ia que se estava preparando para entoar um cântico de júbilo ou um hino de gratidão. Êsse piedoso mancebo queria consagrar a sua vida ao Senhor, no ministério sacerdotal, e, como o seu estado lho não permite, espera confiadamente que êle lhe restitua a saúde para poder oferecer sôbre o altar a Vítima Divina ou faça de todo o seu ser uma hóstia viva, pura e agradável, para a imolar na cruz da doença e dos sofrimentos.

Jovem crente e piedoso, que a Virgem Senhora de Fátima aceite o teu martírio, tão cheio de dor e amor, para o transformar, pela virtude do Altíssimo, numa chuva de graças, que deem a Portugal muitos e santos sacerdotes para que êstes por sua vez deem Portugal a Deus!

A procissão final

Mas já a Imagem da Virgem de Fátima é conduzida entre lágrimas de comoção e cânticos piedosos, para a sagrada capela das aparições. Sôbre a sua veneranda cabeça cai uma chuva incessante de flores. A multidão vibra de santo entusiasmo. Por fim é o *adeus* à Virgem. Hora emocionante como nenhuma outra! Os peregrinos que vão partir rezam, choram e cantam, chelos de funda saüdade, aclamando a Virgem que fica alí, mas que os envolve a todos numa grande e carinhosa bênção que os acompanha para tôda a parte, como penhor seguro das graças mais preciosas e mais escolhidas que lhes reserva nos tesouros do Céu.

E a breve trecho, sôbre o recinto sagrado das aparições, cai pesadamente o véu da noite envolvendo nas suas dobras o quadro magnífico e imponente em que mais uma vez se desenrolaram, como no écran dum cinema, as scenas magníficas e incomparáveis de que só Fátima conhece o sublime e maravilhoso segrêdo...

Visconde de Montelo

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NA ITALIA

Da carta dum aluno leiriense do Colégio português em Roma que com os seus companheiros está a passar as férias em Gubbio, transcrevemos as seguintes consoladores notícias:

Com grande concurso de gente celebrou-se também aqui, como de costume, o dia 13, em comemoração da 4.ª aparição de Nossa Senhora em Fátima. Talvez à mesma hora em que os sacerdotes levavam a Jesus Sacramentado ai atravez da grande multidão, também aqui o mesmo Jesus descia ao peito das suas almas prediletas, que o hossanavam, qual eco longinquo dêste côro de milhares de milhares de peregrinos: Viva Jesus Sacramentado, Viva Jesus que é nosso amor!

E deveras consolador, para nós, sobretudo para quem já poude assistir às grandes peregrinações a Fátima, ouvir cá tão longe, os mesmo hossanas, os mesmos hinos, louvando e bendizendo Aquela que nos veio trazer a celeste mensagem de paz, muito embora êstes hinos não passem dum muito frouxo éco do que se passa nêsse lugar bendito que é Fátima.

Mas nem só aqui em Gubbio Nossa Senhora de Fátima começa a ser celebrada todos os mêses. É já conhecida de V. Ex.cia Rev.ma a propaganda que tem feito o Sacerdote Michelangelo Calcagno na Sicília, cujas cartas têm sido transcritas na «Voz da Fátima». Ainda não há muito tive correspondência dêste sacerdote, onde me dizia ter celebrado, com grande concurso de gente, o dia 13 de Julho. Entre outras coisas dizia também que Nossa Senhora de Fátima começava a prodigalizar as suas graças, não só corporais, mas sobretudo espirituais.

Também de norte da Itália me pedem continuamente livros, imagens e água de Fátima.

Seria necessário começar agora com o Boletim em italiano sôbre as Aparições de Fátima. Sem dúvida que o Sr. P.e Fonseca terá já falado a êste respeito com V. Ex.cia Rev.ma Senão sobrevierem maiores dificuldades, poremos mãos à obra, confiados de que Nossa Senhora nos auxiliará com as suas graças.

Acabo de copiar à máquina a tradução portuguesa do livro do Snr. P.e Fonseca sôbre as aparições.

DENTRO DO SANTUÁRIO

A primeira das notas desta secção, não se passou dentro do Santuário, mas está ligada com êle de tal maneira que julgo dever registá-la aqui. Ei-la:

Uma noite subia de automóvel a estrada do Reguengo do Fétal em direcção a Fátima. Ao avistar um lugarejo conhecido pelo nome de «Val da Seta» vi uma lurinha de azeite a tremeluzir junto do 5º cruzeiro da Via Sacra que está erecta ao longo dessa estrada. Aproximei-me mais do local e ao passar pelo cruzeiro vi um rancho de gente, de joelhos, com o terço nas mãos rezando em voz alta diante daquele cruzeiro.

Que bela gente! que linda oração da noite! O meu companheiro de viagem diz-me então que já por diversas vezes ali passara ao anoitecer e tivera ocasião de ver semelhante espectáculo.

— Deus queira que, ao menos dentro de suas casas, todos os cristãos de Portugal façam o que ali, ao ar livre, faziam aqueles fiéis: — recitem o seu terço devotamente em família, pais e filhos, para atraírem sôbre todos as graças de Nosso Senhor.

* * *

À minha mesa de trabalho, chegou há dias, uma Senhora da alta sociedade, com uma esmola importante para o Santuário. Com sua voz um pouco soluçante e com os olhos avermelhados das lágrimas que junto de Nossa Senhora tinha derramado, pediu-me que lhe celebrasse uma Missa pela conversão duma pessoa de família muito afastada da religião.

Pobre Senhora! quanto sofria! e quão grande era a sua confiança!

— Celebrou-se já o Santo Sacrifício da Missa por essa intenção, e agora a quantos lerem estas notas, ouso pedir que se lembrem nas suas orações da nobre intenção desta Senhora cristã.

Muitas outras intenções têm sido recomendadas a êste Santuário por diversos peregrinos. A todos os devotos de Nossa Senhora eu as recomendo também.

* * *

Numa tarde estava recitando o Breviário diante do Santíssimo na capela das Confissões, quando ouço junto da porta um ruído desusado, um respirar difícil e incerto proveniente do esfôrço de alguém que, quási sem poder, procurava caminho em direcção ao altar mór. Era uma Senhora já vèlhinha e doente, que, amparada dos lados por duas pessoas de família, ia quási de rôjos porque queria ir rezar junto do S.S. Sacramento.

Ao chegar ao último banco senta-se cansada, e passados uns momentos começa a rezar a Jesus e a Maria. Era tal o seu contentamento no meio das suas dores que, encantada com a Divina Providência, não é capaz de rezar em voz baixa. Deixa expandir o seu coração e desabafa com Jesus e Maria com uma eloqüência e um á-vontade tais que chega a comover alguns dos presentes.

Na verdade, é bem evidente que as dores e os sofrimentos fazem reacender a nossa fé diante da grandeza de Deus— o Senhor da saúde e da doença...

— Algum tempo depois, com o mesmo esfôrço com que entrara, sai da Capela e é recebida junto da porta num automóvel que cautelosamente a leva à sua terra. Nossa Senhora a terá acompanhado e olhado para ela com *«os seus olhos Misericordiosos»*.

* * *

A alguém, que já há dias dava edificação no Santuário pelo seu recato e pela maneira como recebia e agradecia a Sagrada Comunhão, ao dar-me uma esmola para Nossa Senhora, eu preguntei se era de longe, se já aqui tinha vindo mais vezes, e se no Santuário se sentia bem espiritualmente.

Quási do extremo de Portugal, diz, viera aqui pela primeira vez nesta ocasião, e sentia-se aqui tão bem que a sua permanência no Santuário, diz ainda, tem sido para si um verdadeiro retiro espiritual! Nunca rezára tão bem... e nunca sentira tanto o contacto de Jesus na Sagrada Comunhão... ia retirar-se com pena e saüdade dêste sossêgo que tanto lhe falara à alma!... Fôra já a Lourdes onde não recebera as luzes e consolações que aqui está recebendo de Nossa Senhora!!...

— Que pena causa que nem todos aqui venham com iguais intenções, — aquecer as almas no regaço de Maria por meio da oração e da Sagrada Comunhão bem feitas!

Alguns, coitadinhos, entram na Capela do Santissimo, olham para tudo, tudo examinam, e não se lembram de Jesus Sacramentado sem o qual o Santuário pouco valor tinha!

— Rezemos por êles, para que voltem aqui à procura do divino de que necessitam, e não como se vai a uma praia passar um pouco de tempo.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Doença na garganta

Já de há muito que vinha sofrendo de anginas na garganta e com muita gravidade.

Bastava constipar-me para ficar logo por alguns dias sem poder alimentar-me, sem poder sequer abrir a boca; foram passando anos sôbre anos, e eu sempre de quando em quando, com êste sofrimento. Fui aconselhada por um distinto clínico a fazer uma operação, pois que sem ela não viveria muito tempo; mas, receando morrer na operação, continuei sofrendo resignando-me com a sorte que Deus quizera dar-me.

Há-de haver aproximádamente 4 meses que uma constipação me fêz aparecer novamente as anginas, e poucos dias depois tinha dois abcessos na garganta. Tinha já sofrido bastante, mas, como desta vez, não me lembro de ter sofrido.

Mandei chamar o médico que, achando-me a garganta em grave estado me mandou ir para o Hospital. Alí, depois de me examinarem, disseram-me que tinha já princípios do tétano. Deram-me uma injecção de sôro antitetânico e mandaram que no dia seguinte fôsse para ser operada. Durante essa noite delirei com a febre. Entretanto, pedi que me dessem água de Nossa Senhora da Fátima.

Depois de pôr o copo à boca imediatamente consegui abrir os lábios que há oito dias quási não podia abrir, e depois de beber a água senti óptima disposição e cessaram desde logo as dores na garganta. Adormeci profundamente até às nove horas do dia seguinte. Quando me dirigi ao Hospital os médicos ficaram admirados, pois que me encontraram completamente curada e, graças a Nossa Senhora da Fátima, nunca mais tive sofrimento algum na garganta, favor êste que nunca deixarei de agradecer a Nossa Senhora.

Av. 5 de outubro — Lisboa

Júlia da Conceição Silva

Flebite

Ermelinda dos Santos — de Chaves, diz o seguinte: «estando meu pai no Hospital Militar onde foi ser operado, oito dias depois da operação sobreveio-lhe uma flebite que muito gravemente o atormentou. Neste momento, cheia de aflição, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima e pedi-lhe a cura de meu Pai. Prometi, se êle se curasse, ir a Fátima com êle e tôda a família agradecer a Nossa Senhora a sua cura e de a publicar também no seu jornal.

Graças à Mãe do Céu, a minha prece foi ouvida e meu pai recuperou a saúde, graça esta que já fomos a Fátima agradecer. Hoje venho agradecer-lhe pùblicamente também por meio do seu jornalzinho».

Chaves

Ermelinda dos Santos

Nefrite Renal

Há doze anos que sofro dos rins. Tenho consultado vários médicos sujeitando-me sempre às suas prescrições embora nunca obtivesse resultados satisfatórios. Sempre muito incomodada ia levando a vida embora com bastante dificuldade, vendo-me obrigada a deixar o meu ofício de costureira. Ultimamente, por um excesso de frio a que me expuz, assaltou-me com tal intensidade a terrível *nefrite renal* que, daí a pouco, tive de recolher à cama onde estive durante dois meses. Mal se pode imaginar quanto sofri! eu e Deus o sabemos! todo o corpo sofria horrívelmente. Ia a ser tomada de paralisia quando me chamaram o médico a tôda a pressa. Até então cuidara de mim um enfermeiro da terra. Êste era de opinião que me fôsse extraído um dos rins. Não foi da mesma opinião o médico que me examinou. Sujeitei-me inteiramente a dieta rigorosa que me propôs e com a valiosa protecção de Nossa Senhora da Fátima a quem me confiei, obtive, senão melhoras completas, ao menos sensíveis melhoras a ponto de poder costurar e auxiliar meus pais nalguns serviços domésticos.

Fica pois aqui o meu vivo e terno agradecimento a Nossa Senhora da Fátima.

Um meu irmão, residente no Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima várias graças que dela alcançou.

Matos

Maria de Jesus da Conceição

Graças diversas

— Rita de Cassia Linhares Brum, de Biscoitos — Açores, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado seu filho Fernando que sofria horrivelmente.

— Tendo obtido por intermédio de Nossa Senhora da Fátima a cura extraordinária duma pessoa da minha família, venho pedir que no jornal «Voz da Fátima» torne pública esta graça que Nossa Senhora me concedeu.

Herminia Grave Rosa — Estoril

— Rosalina Pinheiro Borda — Fão, agradece a Nossa Senhora uma graça que alcançou por sua intercessão.

— Henrique dos Santos Camponês, de Duartina — S. Paulo—Brasil, agradece a Nossa Senhora o tê-lo curado duma doença de que sofreu durante 6 anos. Estava já desenganado pelos médicos, mas sua Mãe recorreu a Nossa Senhora da Fátima e hoje encontra-se bem, favor que agradece a Nossa Senhora.

— Floriana Ferreira Ribeiro — Estado de S. Paulo—Brasil, teve o pulmão direito tão fraco que o médico chegou a dizer que dificilmente se restabeleceria. Neste estado recorreu a Nossa Senhora da Fátima a quem fêz algumas promessas e hoje sente-se bem, graça que vem agradecer a Nossa Senhora.

— Maria Emília dos Prazeres —Caldas de Felgueiras, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe concedeu.

— Inês Lopoldina Alva Horta — Faial -Açôres, agrádece a N.ª Senhora duas graças que concedeu uma a sua filha Maria Teresa e outra a uma sua neta. Ambas obtiveram a cura de seus padecimentos com a aplicação da água do Santuário da Fátima.

— Custódia dos Santos e sua filha, de Senouras, Concelho de Almeida, vêm reconhecidas agradecer a Nossa Senhora diversas graças que lhes têm sido dispensadas.

— José de Sousa—de Oliveira do Bairro, Viseu, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe alcançou—a cura de uma doença intestinal.

— Um sacerdote diz em carta o seguinte: «O P.e Manuel Martins Cêpa, pároco de Alvarães—Viana do Castelo, vem cumprir a promessa de tornar pública na «Voz da Fátima», a sua gratidão para com Nossa Senhora da Fátima pela cura verdadeiramente extraordinária de uma sua irmã, gravemente doente durante alguns meses...

Peço a fineza e esmola da publicação do que fica escrito, no prègador das graças de Maria — «Voz da Fátima».

— Rosa E. Rodrigues— Lamego, agradece a Nossa Senhora a cura que alcançou para um seu sobrinho de 10 meses que julgaram perdido pois que não era possível levá-lo a alimentar-se.

Ao 3.º dia duma novena que por êle fêz começou a aceitar o alimento e daí em diante sentiu-se sempre cada vez melhor. Hoje está completamente bem.

— Tendo alcançado uma graça particular por intercessão de Nossa Senhora da Fátima peço o favor de a publicar na «Voz da Fátima», para honra e glória da Mãe do Céu.

— Maria do Patrocínio de Figueiredo e Castro — Oliveira do Hospital, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe valido em circunstâncias aflitivas da sua vida em que a falta de saúde muito a fazia sofrer. Agradece igual graça concedida a pessoa da sua família.

— Maria Silva — Setúbal, agradece a Nossa Senhora uma graça particular.

— Foi recebida uma carta nesta redacção que dizia o seguinte: «Tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima para que me concedesse uma graça temporal, e tendo sido atendida pela Nossa Mãe Santíssima, venho por êste meio tornar público o meu reconhecmento, como prometi, para que todos a Ela recorram nas circunstâncias difíceis da sua vida.

Ponta Delgada.

Luzia Armando de Medeiros

— Maria de Nazaré Antunes — Azambujeira dos Carros, agradece muito reconhecida a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular que lhe concedeu.

— Da Índia fazem-nos o seguinte pedido: «Alexandre de Noronha, Seminário de Rachol, Gôa, Índia Portuguesa, agradece muito reconhecidamente a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado uma graça particular que pedira a Deus por intercessão da Mãe do Céu.»

— Lucínda Coelho—Lourenço Marques, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça que obteve por sua intercessão.

— Clotilde de Sousa Larcher — Moçambique—Tete, reconhecida a Nossa Senhora da Fátima por uma graça que lhe alcançou, vem depôr o seu reconhecimen- público perante tão boa Mãe.

AOS EX.mos ASSINANTES E DISTRIBUIDORES

Não fica bem que haja quem receba «A Voz da Fátima» todos os meses, e que há 3 anos não tenha dado ao menos para as estampilhas. E dentre êstes há quem receba rolos de 100 e até de 200 exemplares cada mês! Se pedissem uma esmola pelos leitores e no-la enviassem, «A Voz da Fátima» viveria mais desafogadamente e poderia fazer mais propaganda.

VOZ DA FÁTIMA

— DESPESA

Transporte...	409.182$12
Papel, comp. imp. do n.º 132 (65.000 ex.)...	3.227$80
Franquias, embal. transporte etc.	1.307$45
Na administração...	897$65
Total	414.615$02

Donativos desde 15$00

Joana Veiga — Lisboa, 15$00; David Morais — Vila Pouca da Beira, 20$00; Elisa Paulina — Azambuja, 20$00; Joaquim Gomes — América, 4 dolares; Carlos da Fonseca — Malenga, 20 francos; Mary Silveira — América, 23$00; Dr. Mañuel Pombo — Pôrto, 30$00; D. Jamira Bouças — Brasil, 15$00; Inácia de Castro — Brasil, 15$00; Chiquita de Melo — Brasil, 15$00; Henriqueta Gomes — Brasil, 15$00; Ana Mac Dowel — Brasil, 15$00; Maria Soares — Brasil, 15$00; Felicidade da Fonseca — Brasil, 15$00; Leonor Pinto — Brasil, 15$00; Dr. Vicente Galliez — Brasil, 15$00; Sara Martins — Brasil, 15$00; Amancio Alfredo — Brasil, 15$00; Carmen Vieira — Brasil, 15$00; António Marinho — Brasil, 15$00; Beatriz Alves — Brasil, 15$00; Carolina Cardoso — Brasil, 15$00; Luneta de Ouro — Brasil, 15$00; Clemente Moreira — Brasil, 15$00; Hercilia Vieira — Brasil, 15$00; Josefa Tasso — Brasil, 15$00; Júlia Salvini — Brasil, 15$00; Superiora do Colégio de Santa Teresa — Brasil, 15$00; Manuel Tomé — Brasil, 15$00; Manuel Marinho — Brasil, 15$00; Manuel Torres—Brasil, 15$00; Manuel Leite — Brasil, 15$00; Maria J. Xavier — Brasil, 15$00; Miguel Campos — Brasil, 15$00; Noémia Martins—Brasil, 15$00; Bernardo Figueiredo — Brasil, 15$00; Ciníra Bastos — Brasil, 15$00; Constança Barroca — Brasil, 15$00; Constança Machado — Brasil, 15$00; Edith de Barros — Brasil, 15$00; Elisa Castro — Brasil, 15$00; Avelina Almeida — Brasil, 15$00; Fernando Jorge — Brasil, 15$00; Gizelda Melo — Brasil 15$00; Hortencia Cardoso — Brasil, 15$00; P.e José Duarte — Brasil, 15$00; Mons. Rezende — Brasil, 15$00; Mons. José Filipe — Brasil, 15$00; P.e Mário Couto — Brasil, 15$00; Dr. Manuel Moreira — Brasil, 15$00; Clotilde da Rocha — Brasil; 15$00; Maria Matias — Açores, 50$00; José Urbano — P.e da Serra, 30$00; Albano Machado—Açores, 15$00; Clotilde Barcelos — Açores, 142$50; Distribuição em Passos — C. de Bastos, 63$50; P.e Augusto Gomes — Vagos, 30$00; Maria Morais — América, 22$00; Ermelinda Leite — América, 44$00; Maria do C. Pires — Pôrto, 22$50; Carmina Calisto — Ilhavo, 15$00; Maria Duarte — Odiaxere, 20$00; Maria de Paiva Morais — Frazoeira, 40$00; P.e Joaquim M. Simões — Benavila, 130$00; Anónimo de Avis, 100$00; António David — Peniche — 50$00; Maria Miquelina — V.de dos Azeites, 20$00; M.e E. Tiburcio — Açores, 20$00; Maria Xavier Ventura — Lisboa, 20$00; 2 esmolas do Brasil, 20$00; P.e Francisco Rocha — Vilela, 30$00; M.e de J. Marques — S. João da Foz, 15$00; Júlia Braz — Arruda dos Vinhos, 20$00; Ester Pimentel — Brasil, 15$00; Emília Soares—Tomar, 20$00; Josefina Macedo — Pôrto, 15$00; Madalena Folgado — Pôrto, 15$00; P.e Abílio da S. Mendes — Barreiro, 100$00; João da S. Mendes — Brasil, 50$00; Padre José Matias — Abaças, 20$00 Distribuição no Hospital de Penafiel, 37$50; Candido Santos — Lisboa, 20$00; Distribuição em Lagares — P. de Sousa, 29$00; Padre Manuel Garcia — Açores, 20$00; Angelina Rosa — Vila Real, 25$00; Laura Filhó — Loulé 20$00; M. de Quadros Almeida — Ovar, 15$00; M. Mendes — V.e N. da Barónia, 15$00; esmola do Pôrto, 15$00; P.e Alberto Brito — Freamunde, 352$50; M.e do Céu Girão — F. de Algôdres, 50$00; Lucília Dionisio — Granjal, 30$00; Marta Osório — C. Branco, 20$00; José R. Pascoal — Brasil, 65$00; Henriqueta Bazalôco — Freixo, 50$00; Amadeu Rôxo — Pôrto, 20$00; Alexandrina Teixeira — Brasil, 16$00; esmola de Maria Inês Vieira, 50$00; Guilherme Plantier — Lisboa, 20$00; Manuel Fernandes—Valado, 15$00; José Bacelar — Cervães, 20$00; Arminda Pereira — Lisboa, 20$00; Maria Cristina Barata — Covilhã, 100$00; José F. Potes — Évora, 50$00; António V.es Boas — Évora, 50$00; esmola de Manuel Josué — Lavre, 100$00; Lucinda Rodrigues — Lisboa, 24$00; Maria Bacelar — Braga, 20$00; Julia Mendes — Castelo Branco, 20$00; P.e António Calabote — Alcácer do Sal, 15$00; P.e Gerardo de Pina — Moita dos Ferreiros, 143$25; Iria Cardoso — Brasil 15$00; P.es Bacelar — Cervães, 50$00; Maria Brandão — Pôrto, 20$00; Judit Ribeiro — Lourenço Marques, 50$00; Laura da Silva — Lourenço Marques, 15$00; P.e Mother — Transval 50$00; Armando Soares — Porto de Rei, 15$00; Matilde Soares — Lourenço Marques, 18$00; Júlio Assis — Macau, 25$00; Lucinda Pereira — Lourenço Marques, 25$00; Noémia Barata —Lourenço Marques, 15$00; Laura da Costa — Lou-

Graças de N. S. da Fátima no Brasil

(continuação)

Eczema

Uma Senhora já de avançada idade teve na parte posterior do pescoço uma espécie de eczema que, por mais remédios e pomadas que lhe aplicasse, cada vez ia alastrando mais, chegando a tomar um aspecto feio. Ouvindo, providencialmente, falar na prodigiosa eficácia do recurso a N.ª Senhora da Fátima, cheia de fé começa daí em diante a suplicar-lhe a cura, não podendo ser mais bem sucedida, pois poucos dias eram passados e o pescoço lhe estava completamente limpo, nem nunca mais lhe voltou o pertinás e incomodativo eczema.

Ferida num pé

Mais maravilhoso ainda que êste é o caso de uma outra Senhora, também já idosa, que havia 6 meses tinha num pé uma ferida que, por mais remédios que lhe aplicasse, só fazia peorar cada vez mais. Apesar de pobre, que com o seu trabalho e de outra irmã mal tinha para o diário sustento viu-se obrigada a recorrer ao médico, indo procurá-lo em seu consultório. Infelizmente, porém, os novos remédios por êle indicados não sortiram melhor efeito que os anteriores, e a chaga, como dantes, continuou a alastrar a tal ponto que lhe tomou o pé todo, não lhe sendo já por forma alguma possível calçar-se para sair de casa, tornando-se por isso mister daí em diante que o médico lhe viesse a casa, o que, pelos motivos acima, com a previsão das novas despesas, tanto como o próprio incómodo lhe inspirava sérios cuidados.

Era no mês de Maio. No dia 28 do mesmo a outra sua irmã, por providência do Céu, encontrava-se na Nossa Capela durante a devoção do mês de Maria, assistindo portanto à prática que, como as demais, versou sôbre Nossa Senhora da Fátima narrando alguns dos seus prodígios operados em favor de seus devotos. Tanto bastou para ela, cheia de confiança e entusiasmo ir contar tudo a sua irmã, resolvendo as duas obter naquele mesmo dia uma novena e um frasquinho da prodigiosa água, e, sem perda de tempo, começaram a novena. Terminadas as orações da mesma, limpava a doente o melhor que podia o pé ferido e deitava sôbre êle umas gotinhas da água do Santuário da Fátima. O mesmo fêz nos dois dias seguintes, e, tal foi o prémio da sua fé que, no dia 31 (três dias depois!...) com a ferida completamente curada, veio com sua irmã comungar na Nossa Capela em acção de graças em honra de Nossa Senhora da Fátima por tão insigne benefício.

Tumor interno

Agora é a vez de um venerando ancião de 62 anos de idade, que durante 3 meses sofreu cruciantes dores, sem se lhe acertar, com precissão, ao menos, com a verdadeira causa do mal. Vem-se afinal a descobrir que se tratava nada menos que de um tumor interno, e que se tornava urgente uma intervenção cirúrgica. Receosa a família do que poderia acontecer a uma pessoa daquela idade, e, para mais, esgotada com os penosos sofrimentos de bons 3 meses, só veio nisso depois de ter interposto o recurso a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe nêsse sentido uma novena. Dois dias antes de terminada, sentiu-se o doente notàvelmente bem disposto e resoluto a submeter-se à operação. Para maior segurança previne-se com os Sacramentos da Confissão e Comunhão, e assenta-se na operação para o dia seguinte.

Por não sei que imprevisto, porém, só poude ter lugar no outro dia, coincidindo assim exactamente com o último dia da novena. A operação correu sem novidade, sendo o seu êxito o melhor que se podia desejar, o que a família reconhecida não cessa de atribuir à benéfica intervenção de N.ª Senhora da Fátima.

Queimadura

Alvaro de Sousa Cruz Rios, vítima de um incêndio, quando com gazolina preparava uma massa para encerar o pavimento da casa, ficando com horríveis queimaduras no rosto, braços e diversas outras partes do corpo, vendo a ansiedade e aflição da família, foi êle quem a todos serenou, pedindo apenas umas gotinhas da água de Nossa Senhora da Fátima e acrescentando imediatamente: «não há que recear, tomei a água da Fátima, sem dúvida alguma estarei salvo». E a verdade foi que, sem sombras de complicação, o seu restabelecimento foi completo e muito mais rápido do que se poderia esperar, o que todos atribuem a Nossa Senhora da Fátima rendendo-lhe as mais sentidas acções de graças.

Graças diversas, no Brasil

— Armisia Ferreira de Almeida, agradece uma graça alcançada por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— Walter Ferreira de Almeida com a maior sinceridade e reconhecimento agradece a Nossa Senhora da Fátima, a quem especialmente recorreu, o ter ficado sem defeito algum num braço fracturado, bem como o notável alívio das dôres com a simples aplicação da água do Santuário da Fátima.

— Adelia Bonfim—Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma importante graça temporal alcançada por meio de uma novena feita em honra de Nossa Senhora da Fátima.

— Antônio Edwiges de Oliveira — Sítio Novo—Brasil, agradece uma graça especial que por intermédio de Nossa Senhora da Fátima alcançou do Céu.

— Maria José da Costa Bastos,—Cachoeira—Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça alcançada em favor de uma pessoa da sua família.

— Ilda Carneiro — Brasil, agradece uma graça particular que pediu e alcançou com promessa de a publicar no jornalzinho de Nossa Senhora da Fátima.

— Adelia Pereira de Melo—Brasil, rende graças a Nossa Senhora da Fátima, a cuja intercessão atribue o ter alcançado uma graça muito grande sem a qual certamente já teria morrido.

Agradece também a Nossa Senhora da Fátima um importante benefício alcançado em favor de uma sua sobrinha.

— Alvaro Correia Cardim—Oficial do Registo Civil no Distrito da Vitória, na Baía, com o mais profundo reconhecimento agradece uma graça obtida por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

(Continua)

P.e J. Miranda, S. J.

renço Marques, 15$00; Clarice Carvalho — Lourenço Marques, 20$00; Olinda Torres — Lourenço Marques, 20$00; Conceição Pereira — Lourenço Marques, 50$00; Vivelinda Costa — Lourenço Marques, 20$00; Leonilde Valente — Lourenço Marques, 30$00; Alice Muller — Lourenço Marques, 15$00; Olivia Pinto — Lourenço Marques, 15$00; Aurora Nunes —Lourenço Marques, 20$00; Bento Guerra — Lourenço Marques, 25$00; Hortencia Ferreira — Lourenço Marques, 50$00; Berta Pestana — Lourenço Marques, 35$00; Dr. José Alberto — Lourenço Marques, 50$00; P.e Martins — Lourenço Marques, 815$50; Lupo Correia — Guiné Francesa, 15$00; M. Fraga — América — 25 dolares; Francisco Vicente — Viseu, 28$30; Luísa Leão — Louzada, 15$00; M. Sacramento — F. Douro, 20$00; Zulmira de Magalhães — Lisboa, 15$00; Brigida Biscaria — Velosa, 20$00; Julia Ventura — Jafete, 20$00; Raquel Serralha — Tolosa, 20$00; Eugénia Portilheiro — Portalegre, 20$00; Jaime Gomes, 20$00; Dr. Horácio Pereira, 40$00; D. Maria Teixeira Figueiredo, 28$00; D. Gertrudes do Carmo Pinto — Cerimbra, 55$00.

Água da Fátima

Está encarregado de enviar água do Santuário às pessoas que lha pedirem o Sr. António Rodrigues Romeiro — Cova da Iria.

—Para o continente será enviada contra-reembolso.

Fazer sentinela a Jesus

Um missionário passava, certo dia, pelas ruas duma grande cidade indiana, acompanhado dum aluno da missão. Maravilhado de tudo quanto via, o pequeno enfiava perguntas umas após outras, às quais o missionário respondia com muita paciência. Passando em frente do paláclo do Governador e vendo a sentinela, não se conteve que não preguntasse:

— Que faz aquêle homem, acolá, vestido de soldado?

O missionário satisfez, mais uma vez, a curiosidade da criança, dizendo-lhe que os Govêrnos e seus representantes costumam, não só para sua guarda e segurança, mas em sinal de muita honra e grande distinção, ter sentinelas à porta do seu palácio.

Passando algum tempo, ambos regressaram à missão sem falar mais no assunto. À noite o missionário, visitando o dormitório, como de costume, não viu ali o rapazinho. Inquieto, procura-o por tôda a parte, mas em vão! Por fim vai à Igreja e qual não é o seu espanto ao encontrá-lo, todo perfilado, junto ao altar do SS. Sacramento.

— Que estás aí a fazer? preguntou o missionário.

— Faço sentinela a Jesus, respondeu o menino prontamente.

Quantas vezes, nas nossas igrejas, Jesus, o Prisioneiro de Amor, está completamente abandonado! Se quizéssemos, nós também, ser sentinelas de Jesus!...

Não merece Êle mais honras que os reis da terra?...

Incremento da devoção a N. Senhora da Fátima na baixa Baviera

No dia 13 de Abril de 1932 foram 13 pessoas de Reisbach em peregrinação ao lugar de Poxau, distante uma sete quilómetros da sede da freguesia, para ali venerarem a Imagem de N.ª Senhora de Fátima.

Êste lugar era já célebre pelo seu Calvário e Capela dedicada a N. Senhora das Dores. De então para cá tem o número de peregrinos aumentado de mês para mês, sendo hoje sete vezes maior do que era então.

Sino de Nossa Senhora da Fátima

Na Igreja de São Salvador de Reisbach é também exposta à veneração dos fiéis nos dias 13 de cada mês, desde as 10 horas da noite até às 5 da manhã, uma Imagem de N. Senhora de Fátima.

Este aumento de devoção deve-se, sobretudo, à bela e sugéstiva conferência da Snr.ª Dr.ª Grommes, de Munik, feita em Maio do ano passado.

A feliz ideia do Rev. Pároco de Reisbach de dedicar um dos sinos da Igreja paroquial a N. Senhora de Fátima foi entusiásticamente acolhida pelos devotos da freguesia. A origem da promessa é a seguinte: Como se levantassem grandes dificuldades à aquisição do novo sino, o Rerv. Stangl prometeu a N. Senhora de Fátima de lho dedicar se tôdas essas dificuldades fôssem removidas. E, na verdade, contra tôda a espectativa, pôde o sino ser fundido até 13 de Maio de 1932 e benzido logo no dia 13 do mês seguinte. O dito sino, que é o segundo em tamanho, ostenta agora a Imagem de N. Senhora de Fátima com a seguinte legenda:

«Ainda que eu tivesse mil línguas não cessaria jamais de cantar o que os anjos no Céu cantam: Avé, Avé, Avé Maria.»

(Traduzido do «Bote von Fátima» n.º de agosto de 1933).

O BEIJO DO JOÃOSINHO

«O Joãozinho andava impressionado com o lindo sonho que tinha tido e só lhe parecia que tinha sido vial.

— Ó mamã, como eu fiquei consolado quando beijei Jesus no coração!

— Foi um sonho, meu filho, já te disse!

A mãe também andava apreensiva, tanto mais quanto era preciso satisfazer o constante pedido, quási súplica, do Joãozinho de ir novamente à igreja para vêr Jesus.

— Meu filho, depois de amanhã é domingo e iremos à igreja.

Logo que chegou o domingo, Joãozinho acordou cêdo, e correu ao quarto da mãe a chamá-la.

— Vamos, mamã, já estou quási vestido e pronto para irmos vêr Jesus.

Foram. Ao entrar na igreja, Joãosinho fica admirado de vêr tanta gente ajoelhada. Olha logo para o altar onde em sonhos lhe aparecera o Menino Jesus. E, vendo nessa altura um sacerdote, pregunta baixinho:

— Quem é aquele que com vestes tão lindas, está no altar?!

— É o sacerdote, é o ministro de Deus.

— E é ministro e Pastor como o meu paizinho?

— Não. O teu pai é protestante e êste é católico.

— Que faz êle no altar, mamã?

— Diz a Santa Missa. É durante ela que Jesus desce do céu à terra e fica no altar, oculto debaixo das aparências do pão e do vinho.

O pequeno calou-se e muito atento à missa, admirando, parecia esperar o momento de vêr Jesus descer sôbre o altar. Depois segredou:

— Mãezinha, quando Jesus descer ao altar avise-me. Quero vêr se é o mesmo do sonho!

— Mas nós não o veremos descer, meu filho. Veremos só a hóstia branca em que Êle está.

— Por estarmos longe? Cheguemo-nos para mais pertinho... Eu quero vêr Jesus!

— Está caladinho sim? senão, sairemos.

O Joãosinho continuou a estar com atenção. O sacristão toca a campainha e êle quer preguntar à mamã, mas como ela o tinha mandado calar... Eis que o sacerdote ajoelha e levanta a hóstia ao alto. Joãozinho vê a hóstia e de repente esta transformar-se num menino muito formoso, radiante de beleza e de luz, e diz em voz alta:

— Ai que lindo, mamã! Não vê que lindo menino?! Olhe... Olhe!...

— Tu vês, meu filho? Tu vê-lo?...

Tôda a gente se virou para Joãosinho.

— Vejo mamã... estende os bracinhos para nós... Olhe, agora está no altar...

— A mãe, tremendo, começou a chorar. Um leve sussurro se levanta na igreja entre os assistentes.

— Milagre! diziam uns aos outros, está ali um rapazito que viu e vê Jesus no altar! Olhe é aquêle...

Acabada a missa, tôda a gente quer saber quem é o menino, o que viu, de que família é.

E em volta da pobre mãe forma-se uma multidão. Intervem o sacerdote. Chama Joãosinho e a mãe à sacristia e pede aos circunstantes que aguardem o seu inquérito.

— Que viste tu, meu pequeno? preguntou o Prior.

— Vi uma hóstia branca nas suas mãos e a hóstia transformar-se num menino lindo... era Jesus! Então o Sr. não viu?

O sacerdote abriu uma caixa, tirou uma hóstia por consagrar, mostrou-a ao Joãosinho e preguntou-lhe:

— Era esta?

— Não senhor. Parecia-se com esta mas a outra tinha Jesus!

— Quem to disse?

— Vi eu. A minha mãezinha e o meu pai também já me tinham dito que Jesus estava oculto na hóstia, mas eu vi-o, era um menino muito lindo.

E Joãozinho pegou na hóstia que o padre lhe mostrou, mirou-a e por fim deu-lhe um beijo com muita ternura.

— Então tu beijas esta que ainda não está consagrada?

— Beijo sim, para que quando àmanhã Jesus baixar sôbre esta encontre nela o meu beijinho de amor!»

AOS INCAUTOS

Novamente avisamos de que não tomamos a responsabilidades por quaisquer subscrições, peditórios, rifas ou outra forma de extorquir dinheiro que não é para o Santuário mas para os seus promotores.

A pena e a vassoura

Um irmão leigo, que acabava de lêr importante obra de teologia, escrita por ilustre membro da Ordem, encontrando-se com o autor, diz-lhe entusiasmado:

— Padre, haveis de ser um dia altamente recompensado por Deus, pelos belos livros que tendes escrito.

— Meu amigo, respondeu humildemente o religioso, no dia do juízo final os meus livros e a vossa vassoura terão o mesmo valor, e se a vossa intenção, ao varrer, tiver sido melhor do que a minha, ao escrever, o vosso lugar no céu será certamente mais distinto que o meu.

Com efeito, tinha razão o religioso; há no céu muitos Santos que passaram aqui, na terra, uma vida completamente ignorada. É que no servir fielmente ao Senhor tanto faz a vassoura como a pena.

Coïncidências... que parecem castigos

O Colégio das Artes e Ofícios de Madrid, quando da queima dos conventos, tinha uma linda capela e nela uma imagem de S. José. Após a consumação do crime um infeliz operário gloriava-se, no meio de grosseiras e blasfemas galhofas, de haver cortado as mãos à formosa e piedosa estátua. E gritava com ar de grande triunfo: e dizem que os santos castigam os que os maltratam...

E ria, ria, brutalmente.

Dias volvidos, o desventurado operário deixou de freqüentar a associação. Ninguém mais o viu em manifestações jacobinas e revolucionárias.

E um dia, o operário entra num dos hospitais de Madrid, servido por religiosas. Ia pedir remédio às Irmãzinhas que insultava, para uma chaga asquerosa que, em dôres horríveis, lhe comia tôda a mão direita.

O caso era grave, e o padecente foi levado à presença do médico que, após ligeiro exames, declarou que era mister cortar a mão, que estava cheia de gangrena, e já, para não comprometer o braço e vida.

O infeliz curvou a cabeça em gesto de um constrangimento estranho. E chorou, chorou copiosamente.

E, como o médico quizesse inquirir da razão da estranha atitude, o desgraçado, em soluços convulsos, tirou do bolso, onde guardara até então, a outra mão, hirta, seca, sem movimento nem vida, e mostrou ao médico, dizendo com o seu silêncio: veja que desgraça a minha. O médico tomando na sua a mão do operário, exclamou: infeliz! Essa mão deve ser igualmente cortada, se quizer conservar a vida.

E na sala das operações do Hospital, no dia seguinte, eram amputadas as mãos, que haviam cortado as da imagem de S. José.

Simples acaso? Eventual coincidência? Não queremos responder, porque não podemos entrar nos segredos da justiça de Deus.

Mas são já numerosos os casos em Espanha que não nos atrevemos a chamar-lhe meras coincidências.

Um mártir português do sigilo da Confissão

Entre os vários casos heróicos, narrados pela história de sacerdotes católicos que se deixam matar antes que revelar o sigilo da confissão, não ocupa lugar secundário o de um padre português do tempo das invasões francesas.

A um quilómetro ao sul dos Carvalhos, perto do Pôrto, na estrada que segue para Lisboa, no sítio das Barrancas donde se desliga a estrada de Grijó que passa a Corveiros, existe há mais dum século uma ermida chamada das «Alminhas».

Este nome acariciador e terno recorda uma história cheia de fé, de emoção e de patriotismo.

Recorda o fusilamento de Manuel de Sá Rocha, pelos franceses, no dia da Senhora da Hora, a 11 de Maio de 1809; recorda ainda a morte de sua mãe, que caiu fulminada de dôr, ao ver a morte do filho.

A mãe foi trazida por mãos piedosas, para os Carvalhos, aonde chegou quente e talvez com uns restos de vida ainda.

O filho morto foi arrastado até ao Pinheiro das Sete Cruzes, perto da Vergada, e também lá pendurado com um irmão. Esse irmão chamava-se Padre João de Sá Rocha, capelão no Convento de Monchique, onde hoje fica Alfândega do Pôrto. Foi um mártir do segrêdo da confissão aquele Padre.

Vagueava por esta região um herói bem triste de aventuras de roubo e de assassínio, cujos ecos apagados andam ainda na tradição das Barrancas. Chamavam-lhe o Catafula *e era de Olivães, freguesia de Nogueira.*

Um dia, num desfôrço patriótico, matou três soldados franceses dos muitos que passavam pela estrada. Preso com outros, acusados de cumplicidade, foram condenados à morte pelas autoridades militares francesas.

O Catafula *quis confessar-se e mandou chamar o Padre João de Sá Rocha, que tinha vindo à terra. Depois da confissão os franceses exigiram ao Padre a revelação da confissão do* Catafula, *para conhecerem todos os seus cúmplices. O Padre soube cumprir o seu dever — respeitar o segrêdo da confissão.*

Por isso foi morto e pendurado como seu irmão Manuel, como o Catafula *e mais quatro acusados no Pinheiro das Sete Cruzes.*

A capelinha das Sete Cruzes e Capelinha das Barrancas são irmãs, neste sentido; a primeira recorda o martírio do Padre João de Sá Rocha; e a segunda a morte de seu irmão Manuel e da mãe de ambos.

Do «Notícias de Beja»

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na Igreja de Santa Teresinha do Menino Jesus em **Kowloon-Tong** *(China) e cujo culto foi inaugurado em maio de 1933 com a presença de 11 Bispos*

Os Santuários de Lourdes e da Fátima comparados

Com a devida vénia transcrevemos da excelente revista «O Rosário» o seguinte artigo traduzido da revista inglesa «Catholic Revietwo:

Até há relativamente pouco tempo, não havia talvez um católico inglês em cada dez mil, que soubesse ter aparecido Nossa Senhora, de Maio a Outubro do ano 1917, na Cova da Iria, perto da Fátima, logarejo situado no centro de Portugal.

Todos nós conhecemos Lourdes, de nome, pelo menos; mas poucos sabem que existe há dezasseis anos uma segunda Lourdes, com as suas Aparições, as suas numerosas peregrinações, as suas águas milagrosas, curas e inúmeras comunhões.

As últimas notícias dizem-nos que as manifestações de fé crescem ali de dia para dia. Sem dúvida, muito contribuiu para que o caso fôsse desconhecido do mundo, terem sobrevindo as aparições no meio da Grande Guerra: a confusão europeia não deixou que os ecos desses acontecimentos maravilhosos transpuzessem as fronteiras portuguesas. Mais tarde falou-se nisso numa ou duas publicações Católicas, mas que não despertaram muito a atenção do público. Só nestes últimos tempos se divulgou mais o prodígio, pela publicação dum folheto: *Nossa Senhora da Fátima*, por Mrs. Concannon, Doutora de Letras, e dum livro, com o mesmo título, devido à pena do Sr. Zulueta.

Semelhanças

A figura central na história de Lourdes é uma pobre e ignorante camponesa, há pouco tempo erguida por Pio XI às honras dos nossos altares.

É digno de reparo o facto de haver tantas figuras de pastores e pastoras na História da Igreja Católica. Dir-se-ia que o Divino Bom Pastor do Rebanho Cristão, que confiou os seus cordeiros e ovelhas a Pedro e aos seus sucessores, gosta de escolher os humildes que têm como modo de vida apascentar o gado, para lhes dar lugar de destaque na sua Igreja. Os nomes de Joana d'Arc, Pascal Bailão, Vicente de Paulo, João Baptista Vianney (o Cura d'Ars) e Pedro Faber— o primeiro padre Jesuíta — afloram-nos à memória.

Lúcia de Jesus Santos, de dez anos de idade, a mais velha dos videntes da Fátima, era da classe e profissão de Bernardette Soubirous e não recebera educação superior à desta. Os seus dois companheiros e primos, Francisco Marto, de nove anos, e sua irmã Jacinta, de seis, encontravam-se em idêntica situação. Lúcia e Bernardette tinham pouco mais ou menos a mesma idade; e em ambas se verifica o dito S. Paulo: — *que Deus se serve dos fracos e ignorantes para confundir os sábios e os poderosos.*

Pelas fotografias, Lúcia, a mais velha, afigura-se-nos a menos inteligente e a menos simpática das três crianças. Como Bernadette, ela foi a confidente escolhida por Nossa Senhora. Só a ela, a Virgem Maria falou directamente, ainda que os seus outros dois companheiros também vissem a linda *Senhora*, Jacinta ouvia o que Nossa Senhora dizia a Lúcia, porém Francisco apenas sabia que Nossa Senhora falava, pelo movimento dos Seus lábios.

Bernadette fêz-se freira; Lúcia também seguiu o mesmo caminho. Aos pastorinhos portugueses, Nossa Senhora confiou o segrêdo que, ainda como sucedeu com Bernadette, êles não deviam revelar a ninguém. Lúcia não o diz e as duas crianças mais novas, que morreram santamente dentro dos quatro anos que se seguiram às Aparições, também não o divulgaram.

Numa das suas seis aparições, Nossa Senhora mandou que se fizesse ali, na Cova da Iria, uma igreja. E logo o povo por iniciativa própria, ergueu no local uma humilde e despretenciosa capela, chamada «Capela das Aparições», o que despertou a cólera do Govêrno de então extremamente anti-clerical. Alguns perversos sacrílegos, da mais baixa ralé, fizeram prontamente voar o têto da Igreja por meio de bombas; mas as paredes não caíram a-pesar-de terem sido descobertos vários desses destruidores e mortíferos engenhos, ali metidos.

A azinheira que servira como que de pedestal à Visão, também resistiu aos esforços dos ímpios. Contudo, desapareceu depois, mas por causa muito diversa: a avidez popular de obter relíquias. No logar onde se encontrava, existe agora uma coluna comemorativa e está já meio edificada uma grande Basílica cuja construção é financiada apenas pelas ofertas espontâneas dos fiéis.

Como em Lourdes, os sabichões e os scépticos sorriram desdenhosamente da «história de fadas», emquanto os livres pensadores troçavam e blasfemavam. As pobres crianças foram submetidas a maus tratos e a interrogatórios hóstis por parte das autoridades civis — tudo isto se passou muito tempo antes da ditadura do Presidente Carmona. Os agentes da autoridade empregaram todos os seus esforços para impedir a entrada na Cova e pôr termo «à comédia» como lhe chamavam. Tudo em vão. Estas scenas são a repetição das ocorridas em Lourdes no século passado.

Quanto à acção do clero num e noutro caso, também se notam analogias. O veneravel prior de Lourdes, o Cura Peyramale, pouca atenção prestou, de princípio, à história de Bernadette; assim também o clero português conservou-se durante bastante tempo, por ordem dos seus bispos, inteiramente alheio a tudo. Só passados quatro anos depois das Aparições, quando o entusiasmo popular já estava no seu auge e as peregrinações a Fátima eram constantes, é que o clero tomou parte nessas manifestações. Devemos reconhecer que é louvável essa abstenção pois que deve haver, por parte do clero, uma grande reserva em acreditar em visões e milagres. No entanto, as três crianças eram inabaláveis quando contavam o que tinham visto. As narrativas eram sempre as mesmas. Por mais ameaças, interrogatórios e reprimendas a que as submetessem, elas permaneciam firmes.

Êstes acontecimentos provocaram os mesmos comentários de sempre:

—«Bem sabemos, é sempre a mesma coisa: O segrêdo que a ninguém se deve revelar; a visão feita em geral a uma mulher ou criança; os curiosos e os devotos que se aglomeram e que nada veem; os incrédulos que negam; o vidente que persevera nas suas afirmações, sofrendo por isso alguns dissabores. O caso faz falar durante uns nove dias e, depois, ninguém mais se lembra disso».

Êste arguménto da *semelhança* já tem sido mesmo empregado por críticos de um critério superior ao do vulgar, por exemplo, quanto às Actas dos Mártires; mas a sua refutação é fácil.

No caso presente basta preguntar: — «Será por acaso muito surpreendente que Deus, ao tratar com almas simples, mais ou menos da mesma categoria umas das outras, adopte métodos mais ou menos iguais, visto serem os que exercem uma maior influência sôbre elas, ainda que a não exerçam com igual fôrça sôbre as pessoas mais eruditas? Quanto aos nove dias do falatório e à rápida indiferença que, segundo êsses críticos, se lhes segue, isso pode provar apenas que não há qualquer propósito divino para com o mundo em geral, o que não significa que o não haja quanto à pessoa ou pessoas favorecidas pela visão. Pode-se portanto perdoar a quem alcunhe a objecção apresentada, de prova de falta de inteligência.

Contudo, por amor daqueles que possam deixar-se convencer pelo argumento, parece-nos útil apontar aqui que as maravilhas da Fátima, ainda que tendo alguns pontos de contacto com Lourdes, por exemplo, têm, todavia diferenças muito nítidas.

Diferenças

Assim, na Fátima, a água não surgiu espontâneamente do terreno reconhecidamente rochoso e estéril, durante qualquer das Aparições, nem por intervenção da pessoa que teve a visão ou por ordem directa da Virgem — como sucedeu nas Rochas de Massabielle. No caso de que tratamos, só passados quatro anos, em Novembro de 1921, após a primeira missa campal ali cantada, é que apareceu a água. Por êste tempo, as ordens episcopais tinham afrouxado e permitia-se já aos sacerdotes que ministrassem os socorros espirituais aos peregrinos ali aglomerados, confessando-os, dando-lhes a comunhão e oferecendo na sua presença o Santo Sacrifício da Missa, apesar do Bispo ainda não aparecer ali pessoalmente. Logo que rebentou a nascente, o povo improvisou um poço para a recolher; a água corria tão copiosamente que ao meio dia todos a puderam beber.

Mas a nota mais impressionante das Aparições da Fátima é talvez a *familiaridade maternal, a intimidade afectuosa de Nossa Senhora* para com aquelas crianças de espírito singelo, e a liberdade que lhes permitia nas suas relações com Ela.

Em Lourdes, a afirmação feita só depois de muito tempo: «Eu sou a Imaculada Conceição», o brado de «Penitência» várias vezes repetido pela Aparição, e os extasis de Bernadette, tudo isso contribue para criar uma atmosfera de sublime misticismo, que quási por completo falta na Fátima.

Em primeiro logar, Nossa Senhora disse aos pastorinhos assustados, que não fugissem, como desejavam, mas que se aproximassem; louvou-os por rezarem o seu terço, ensinou-lhes palavra por palavra uma curta oração para a dizerem no fim de cada dezena, e combinou com êles uma entrevista junto da azinheira no dia 13 de cada mês, incluindo o dia 13 de Outubro. Por sua parte, Lúcia começou imediatamente a interrogá-la, com tôda a simplicidade e confiança.

— Obteria a salvação eterna? E Francisco? E Jacinta? Donde vinha a Senhora? A esta última pregunta, a resposta foi como às outras singela: «Do Céu». E as preguntas prosseguiam: — Quando acabaria a terrível Guerra? Que sinal daria a Senhora ao povo para que acreditasse que ela tinha realmente aparecido, visto que não haviam notado nenhum. E a Virgem anunciou, para a sua última aparição um sinal que tiraria tôdas as dúvidas.

Quando, Nossa Senhora retardou no mês de Agosto a sua visita, que deveria ter sido do dia 13, se o Governador Civil de Ourém não houvesse retido as crianças, apareceu-lhes num outro logar, fêz causa comum com os seus pobres filhos, que se lhe queixaram dos maus tratos recebidos, e declarou-lhes que, em castigo dessa maldade, o sinal prometido não seria já tão magnífico, prometendo no entanto maiores maravilhas aos seus três devotos privilegiados. E que espantoso e terrível sinal foi dado ver ao povo!

As Aparições de Lourdes alcançaram a aprovação eclesiástica quatro anos depois de se terem dado; as da Cova da Iria, só treze anos depois, quando, a 13 de outubro de 1930, décimo aniversário da última Aparição, Sua Excelência o Senhor Bispo de Leiria, a cuja diocese pertence a freguesia da Fátima, publicou a sua pastoral, declarando que os sucessos eram dignos de crédito, e sancionando oficialmente a devoção a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Outra diferença, há; mas esta diz respeito a Lúcia pessoalmente. Depois das Aparições, a vidente foi mandada para outro sítio de Portugal, onde descançasse da impressão nervosa que ressentira por causa de todos os interrogatórios, — oficiais e particulares — a que tinha sido submetida, e pudesse aprender a lêr em paz e socêgo, obedecendo assim a uma ordem de Nossa Senhora, dada numa das primeiras Aparições. Mais tarde, por sua livre vontade, e com o consentimento de sua mãi viúva, entrou como irmã leiga noviça num Convento de Doroteas, pronunciando os seus primeiros votos ali em Outubro de 1928, com 21 anos.

Como no caso de Bernadette, os reporters foram conservados a distância, sem considerações quanto à sua condição e categoria. Porém, além disso, à comunidade proibiu-se conversar a respeito das Aparições, pelo menos na presença de Lúcia. Mas o que se deu com a pastorinha portuguesa, ao contrário do que sucedeu com a dos Pyreneus, é que a Irmã Maria Lúcia ignora por completo tudo quanto se tem passado de maravilhoso na Fátima: a nova Basílica, as peregrinações imensas, os milagres, etc. — o que nos parece mortificação bem rigorosa, ainda que não tenhamos o direito de criticar essa medida disciplinar. A circunstâncias diferentes, natural é que correspondam regras diferentes.

A Cova gosa sôbre Lourdes da vantagem de ser rodeado por amplos espaços, de todos os lados, o seu vasto recinto. Podem ali reunir-se muitos milhares de pessoas. Pelas várias aberturas deixadas nos muros que limitam a cêrca, imensas multidões conseguem evolucionar fàcilmente entrando e saindo, durante as procissões. Fátima tem também as suas procissões de velas. Os que as viram declaram que o efeito desses milhares de luzes ondeantes oferece um particular encanto, muito seu.

Finalmente, o santuário da Cova é notável pelas inumeráveis comunhões realizadas ali no próprio local,—sem falar nas confissões para as quais foi necessário construir (*) dois edifícios, um para homens, outro para mulheres, contendo numerosos confessionários. Há ocasiões em se veem não menos de vinte padres a dar, desde madrugada até depois do meio dia, e quási ininterruptamente, o Pão da Vida aos peregrinos dos quais chegam a estar ali reünidos, 150.000 a 200.000, vindos de todas as partes de Portugal. Um dos cibórios, que mede quinze polegadas de diâmetro, pode conter 20.000 particulas; outro, 6.000. As confissões, segundo um sacerdote que tem partilhado a árdua tarefa de as ouvir, prolongam-se algumas vezes desde a tarde até de madrugada.

É preciso não se supôr, pelo que fica aqui dito, que o clero e o povo português estejam, por assim dizer, a correr ao desafio, com o santuário mais antigo de *Lourdes*. Pelo contrário, parecem considerar a *Cova da Iria* como sendo um privilégio puramente nacional, ao passo que Lourdes é tida por todos como o logar de reünião universal de todo o mundo *católico*. A situação geográfica e topográfica da Fátima e dos seus arredores, com as suas comunicações difíceis, tende a mantê-la num relativo isolamento. Sem dúvida, quando a sua fama se espalhar mais largamente, os peregrinos virão de outros países, com maior freqüência do que sucede agora.

Quem escreve estas linhas não está encarregado de fazer o reclamo da Fátima; fá-lo apenas para cumprir o dever que recai sôbre todo o Católico, de contribuir com o seu pouco para glorificar a Deus e honrar a Sua Mãe Imaculada. Entretanto, chegam-nos boatos de visões ocorridas em Beauraing, na Bélgica, sôbre as quais é ainda muito cêdo para se formar uma opinião.

Pedidos a fazer a N. S.ª da Fátima por intermédio dos peregrinos

I — Dum pároco da Baviera

1º) Cura duma doença mortal; 2.º) por intenção dum seu paroquiano; 3.º) por um creado de servir também seu paroquiano; 4.º) por uma grave doença física e finalmente para que Deus abençoe o seu apostolado.

II — De Berlim

Pedidos dos diocesanos, do Ex.mo Bispo de Berlim, dr. Christiano Schreiber, para que N. Senhora de Fátima se digne curá-lo duma grave doença de coração de que vem sofrendo ha anos.

III — Da Baviera

Um professor alemão encomenda-se a N. Senhora e aos peregrinos de Fátima 1.º) para que N. Senhora resolva uma situação grave e complicada na sua família; 2.º) para que N. Senhora de Fátima o cure duma grave doença nervosa e psíquica e ainda para que N. Senhora lhe mostre a sua vocação.

IV — De Baden

Para que N. Senhora de Fátima se digne resolver uma situação grave e insuportável que reina no seio duma família — situação que só N.ª Senhora poderá resolver.

V — Da Silésia

Para que N.ª Senhora de Fátima ouça as preces duma mãe aflita e dê a todos os membros de sua família uma fé viva e ardente.

VI — Da Suissa

Para que N.ª Senhora ouça as preces de dois irmãos a-fim-de que N.ª Senhora de Fátima lhes dê a graça da fé e concorra para a solução de dúvidas graves.

VII — Da Suissa

Pedindo a graça duma vida pura e entregue à oração, e ainda para que N. Senhora de Fátima por ocasião das perseguições que se anunciam não nos deixe sem sacerdotes nas nossas freguesias.

* *

Finalmente são ainda recomendadas às orações dos peregrinos de Fátima: 1.º) Duas pessoas gravemente doentes (Hesse); 2.º) Um grave sofrimento de corpo e de espírito (Alta Baviera); 3.º) Uma alma infeliz (Suábia); 4.º Um doente de 86 anos (província renâna); 5.º) Uma pobre viuva (Suissa).

Da *Vestefália:* por uma intenção muito especial. *De Baden:* pela fundação dum convento.

Da região do Ruhr: pela situação económica difícil que esta região está atravessando. *De Treves:* pela fundação dum instituto religioso feminino. *De Hansastads:* por um pároco doente e grande venerador de N. Senhora de Fátima. *Da Alemanha:* por um pai de família constituído em grave necessidade. *Do norte da Baviera:* pela conversão dum livre pensador. *Da Alemanha Ocidental:* por uma menina epilética. *Da Francónia:* por falta do trabalho, pela paz entre irmãos, por uma senhora doente e por uma família infeliz. *Da Suissa:* por um doente, pela conversão dum pecador, por negócios mal encaminhados, por uma santa morte, por um pai dado à embriaguês, por dois jovens transviados, por um casal que quere separar-se, pela paz, pela perseverança na fé, pelo movimento litúrgico na Suissa, por um casamento feliz, por uma pura e santa vida debaixo da protecção de Nossa Senhora e ainda pelas necessidades espirituais e temporais duma família, sobretudo por uma doente. *Da Austria:* por um pai que implora de Deus a graça de suprir tudo aquilo que êle por ignorância ou negligência deixou de fazer em favor de uma família relativamente à sua salvação eterna.

Pelo restabelecimento da saúde do Dr. L. Fischer.

Pela Ir. Maria Boaventura, O. S. B. do Kloster Leiden Christi, na Suissa, para ser curada duma grave doença.

Artigos religiosos

À entrada do portão da Avenida Central do Santuário encontram-se à venda por conta do Santuário artigos religiosos sôbre Fátima.

Também lá são vendidos todos os livros editados em português sôbre Fátima.

Nunca os católicos compreenderão suficientemente o pecado que cometem sustentando os maus jornais e deixando na indigência a boa imprensa.

(Cónego Schorderet.)

Ano XII — Leiria, 13 de Novembro de 1933 — N.º 134

VOZ DA FÁTIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 15-Lisboa Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

FÁTIMA – glória de Portugal

A grande peregrinação nacional de Outubro

Fátima e Lisieux

E em Portugal e na França, países privilegiados do Céu, que existem os dois maiores centros de piedade, os dois focos mais intensos de vida interior e sobrenatural, que a bondade misericordiosa do Altíssimo fez surgir de repente, como que por encanto, sôbre a face da terra, quási ao alvorecer do século vinte, o século do Ano Santo da Redenção.

Fátima e Lisieux — o encantador jardim paradisíaco da augusta Rainha do Santíssimo Rosário e o delicioso oásis espiritual da mística apóstola-mártir, — tão distanciadas sob muitos pontos de vista, aliás dum modo mais aparente do que real, assemelham-se todavia singularmente uma à outra pela identidade da missão sublime que a Providência lhes confiou nos seus desígnios adoráveis de amor e misericórdia para com os homens e pelo carácter perene e universal dessa missão.

A missão de Fátima é conduzir pelas mãos de Maria as almas transviadas aos pés de Jesus, o Filho de Deus humanado, imolado e morto na cruz e aniquilado e oculto na Hóstia Purissima do Sacrifício Eucarístico, por amor de nós, pobres pecadores, para nos redimir e salvar, pelos méritos da sua dolorosa paixão e morte.

A missão de Lisieux é também converter e atrair para Deus pela devoção acrisolada àquela que prometeu passar o seu Céu a espalhar benefícios sôbre a terra e que Sua Santidade o Papa Pio XI, felizmente reinante, chamou Milagre de virtudes e Prodígio de milagres, os que andam longe do caminho da verdade e da virtude, sentados à sombra do êrro e da morte, blasfemando do que ignoram e corrompendo o que sabem.

E uma e outra, a humilde e graciosa povoação da Serra de Aire, onde a Virgem bendita dá Jesus às almas e as almas a Jesus, e a linda e mimosa cidadezinha da Normandia, onde nasceu para o Céu a pequenina flôr do Carmelo, que antes de morrer disse que havia de voltar à terra para fazer amar o Amor que não é amado, — essas duas estâncias de graças e de milagres, projectam sem cessar, ao longe e ao largo, através de tôdas as nações, até aos confins do universo, os raios de luz e calor sobrenatural que irradiam dos focos potentíssimos que o Senhor nelas acendeu para iluminar as inteligências e aquecer os corações.

Mas, se Lisieux foi um dom magnífico para o mundo sem deixar de o ser para a França, que Deus protege, Fátima, sendo igualmente uma dádiva preciosíssima para o mundo, é sobretudo uma graça de especial predilecção do Imaculado Coração da Divina Mãe para a terra que foi, é e sempre há-de ser, a terra de Santa Maria.

Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, a formosa e brilhante estrêla do Carmelo de Lisieux, é a irmã celestial de todos os que neste vale de lágrimas caminham, chorando e gemendo, em direcção à pátria bemaventurada, pela via estreita dos mandamentos, ensinando-os a amar e servir a Deus, sem distinção de raça nem de línguas.

Nossa Senhora de Fátima, sol fulgurante que raiou no extremo-ocidente da Europa para alumiar Portugal e o mundo, aparecendo sob as invocações do Rosário, das Dores e do Carmo, as mais queridas dos portugueses, veio, mais uma vez, num rasgo de bondade do seu Coração terno e compassivo, oferecer-se para salvar a todos, mas, especialmente, aqueles de quem é a excelsa Rainha e a gloriosa e muito amada Padroeira.

E, por isso, Portugal inteiro, de norte a sul e de leste a oeste, se volta, cheio de júbilo e reconhecimento, para o trono de graças da Rainha dos Anjos erguido em Fátima, louvando a Virgem sem mancha e exaltando as suas misericórdias e as suas finezas de amor, e, cada ano que passa, nos grandes dias comemorativos das aparições, realiza essas assombrosas manifestações de fé e piedade, essas apoteoses tão sublimes como tocantes, que nem Lourdes nem Lisieux, com as suas grandezas e magnificências, jàmais lograrão reproduzir.

Em Fátima e em Lisieux, a lição que o Céu dá à terra é a mesma. O caminho da infância espiritual, segrêdo da santidade, que o Divino Mestre ensinou aos seus Apóstolos e que a santa Taumaturga normanda veio recordar ao mundo orgulhoso e egoista, que dêle se havia esquècido, não é diferente do caminho da oração humilde e confiante e da imolação da vontade própria pela penitência que a Virgem Santíssima apontou na Lourdes portuguesa como o único a seguir para chegar ao pôrto da eterna bemaventurança.

As rosas de Fátima e as rosas de Lisieux, caindo das alturas e desfolhando-se por sôbre a terra, transformam-se, por um admirável prodígio, como os da Rainha Santa, no ouro purissimo e flamejante da caridade que eleva as almas para Deus, colocando-as mais longe da terra e mais perto de Deus...

Visconde de Montello

Crónica da Peregrinação

Segredos da Providência

Diante de Deus e na Fátima contam os sacrifícios.

No dia 13, mais do que nunca, ia ser demonstrado.

Já vistes como, em marés de trovoada, das encostas, escorrem, de todos os lados, torrentes, regatos e fios de água que juntando-se arrombam o açude e impetuosamente irrompem arrastando tudo na sua corrente, planície além?

Tal era naquela noite, o mar de luzes formado pouco a pouco com dezenas de milhar de velas, que a calma de uma noite primaveril conserva acesas e uma ordem impecável ia levando através do costumado percurso. É sempre bela essa primeira cena das grandes vigílias de Fátima.

Mas, quando almas em brasa passeiam nas mãos o símbolo da sua fé, sem se ver quási um que não tinha vela acesa, êsse espectáculo deslumbra como uma miragem divina.

O Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Leiria dá a Bênção com o Santissimo Sacramento aos peregrinos. Assistem S. Ex.cia o Senhor Ministro da Guerra e S. Ex.cia o Senhor Almirante D. António da Costa (Mesquitela).

Os dias que o antecederam foram de chuvas torrenciais.

Só uma devoção ardente e uma fé muito viva podia fazer sair de casa, com um tempo assim e sem esperança de, ao menos lá, se ter sequer um telhado para se livrar da chuva. Havia de fazer-se uma selecção. E fêz-se. Chovia a cântaros e quási sem uma aberta. O dia 12 ainda foi assim. Não havia de vir quási ninguém, dizia-se.

No dia 12 de manhã poucas centenas de pessoas tinham chegado ainda.

Mas de tarde o tempo alivia; começam de chegar peregrinos e à noite o recinto sagrado oferecia um aspecto agradável, como o das grandes peregrinações.

Almas de fôgo

Às 10 1/2 juntaram-se em volta do pavilhão dos doentes para rezarem o têrço.

Já vistes como, em marés de trovoada, das encostas, escorrem, de todos os lados, torrentes, regatos e fios de água que juntando-se arrombam o açude e impetuosamente irrompem arrastando tudo na sua corrente, planície além?

Tal era naquela noite, o mar de luzes formado pouco a pouco com dezenas de milhar de velas, que a calma de uma noite primaveril conserva acesas e uma ordem impecável ia levando através do costumado percurso. É sempre bela essa primeira cena das grandes vigílias de Fátima.

Mas, quando almas em brasa passeiam nas mãos o símbolo da sua fé, sem se ver quási um que não tinha vela acesa, êsse espectáculo deslumbra como uma miragem divina.

À meia noite começa a adoração solene ao Santíssimo Sacramento exposto no trono. Milhares de peregrinos vinham de véspera ficar ali.

Grandes aglomerações; era urgente impedir, tanto quanto possível, que surgissem abusos. O «inimicus homo» está sempre alerta.

Foi assim que, em boa hora o Snr. Bispo começou essa reconfortante ocupação que nos põe diante dos olhos a vida cristã dos primeiros séculos, quando uma assembleia inteira de fiéis — a igreja — permanecia do sol pôsto ao nascer do sol em orações e cânticos ao Senhor.

Também agora lá estava Sua Ex.ª Rev.ma o Snr. D. José Alves Correia da Silva.

É êle que preside à Hora de Adoração Nacional. Ràpidamente explica os mistérios do primeiro têrço, que logo reza com todo o povo.

E ao primeiro segue-se o segundo com as explicações prévias que saiem naquela linguagem fluente e cristalina que todos admiram. E, depois o terceiro igualmente precedido de algumas palavras a ilustrar os mistérios gloriosos. Entra-se em cada mistério com um cântico. No fim outras orações. E assim passámos a Hora de Adoração Nacional.

A assistência ia rarcando. Em volta do trono as almas apaixonadas pelo Senhor.

A comunhão geral e as Missas

A seguir à adoração nacional faziam sucessivamente a sua hora de adoração as freguesias de São Miguel e S.ta Estêvam de Alfama, São Mamede de Infesta (Pôrto) e Benfica (Lisboa).

Às 6 horas era a missa da comunhão geral celebrada pelo Rev.do Snr. Cónego Tomás F. Pinto, Dig.mo Vice-Reitor do Seminário de Coimbra. Cêrca de 5.000 pessoas recebem a sagrada comunhão distribuída por uma dezena de sacerdotes emquanto muitos outros atendem os fiéis de confissão na respectiva capela.

Às 8, 8 1/2 e 9 horas tinham a sua missa privativa os peregrinos de Alfama, São Mamede de Infesta e S.ta Isabel.

Antes já no Hospital se havia levado solenemente a sagrada comunhão aos doentinhos que a desejaram receber.

Ao serviço do Rei

Eram 11 horas quando na capela do Albergue dos doentinhos se passa uma cena cheia de encantadora simplicidade e beleza.

Nos bancos a quási totalidade dos servitas mais um ou outro extranho.

Em frente, de joelhos diante do sacrário e do Snr. Bispo de Leiria, 13 Senhoras vestidas de branco proferem com voz firme e pausada a fórmula do juramento de servita. São mais 13 que se comprometeram a, na Fátima se entregarem a serviço do Rei, na pessoa dos seus irmãos, os doentinhos.

A hora de Jesus

É tão eucarística tôda a vida, todo o ambiente da Fátima, que a gente às vezes é levada a crer que se encontra num santuário Eucarístico e não num santuário mariano.

Mas de tôdas as horas, desde a Adoração à Comunhão Geral e à procissão do SS.mo Sacramento, quere-me parecer que a hora mais caracteristicamente própria de Jesus é esta do meio dia.

De todos os lados o povo acorre diante da igreja em construção.

Sob o pórtico o Snr. Bispo sobe os degraus dum altar improvisado a oferecer pelos doentinhos e pelas intenções do Santuário o Santo Sacrifício.

É um segrêdo e silêncio impressionante. Ao Evangelho Sua Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo expõe e comenta a palavra do Senhor e aproveita a ocasião para recomendar aos peregrinos a reza do têrço.

Recorda as perseguições a dinamitação da capela e diz que o Rosário manifestado em Lourdes se confirma na Fátima.

No fim da Missa dá a benção aos doentes com o SS. Sacramento.

Almas mortas, corpos moribundos

agradecem a luz. Tuberculosos, paralíticos, cancerosos adoram a Jesus que passa. E o Divino mestre lá vai derramando bênçãos e graças sôbre todos até o recolherem de novo no seu Sacrário, enquanto a assembleia em pêso como uma só alma e um só coração O invoca com orações e cânticos.

A cerrar Fileiras...

Na quietação da Fátima; aos pés da Mãi bemdita, juntaram-se também nesses dias 11, 12 e 13 um grupo de jornalistas católicos a lançarem as bases duma união mais perfeita entre si e com a Hierarquia Eclesiástica.

Grupo de jornalistas católicos reünidos no dia 12 de outubro no Santuário de Fátima representando 27 jornais.

Que linda ideia!

A união faz a fôrça. A união da imprensa católica sob a protecção de N. Senhora da Fátima que aos pastorinhos viventes ordenara que aprendessem a ler...

Sim, que o Senhor os abençoe e lhes dê novo alento na grande obra de apostolado a que se entregam!

Estavam representados 26 semanários e um diário.

Várias notas

Entre os peregrinos encontravam-se S. Ex.ª o sr Major Luís Alberto de Oliveira ilustre Ministro da Guerra do Govêrno da República Portuguêsa que, da praia de São Martinho do Porto acompanhava sua Ex.ma Esposa D. Fátima, a cumprir uma promessa; O almirante Snr. D. Bernardo da Costa (Mesquitela) que pegou à umbela; Major de Engenharia Snr. D Luís da Costa (Mesquitela) professor da Escola Militar, cujas filhas, um filho e duas sobrinhas vieram de Rio de Moinhos (Abrantes) a pé, em cumprimento duma promessa; o grande poeta Snr. Dr. Afonso Lopes Vieira, Snr. Acácio de Paiva e Snr.ª D. Maria do Carvalho que brilham com luz própria e inconfundível no mundo das letras; o jornalista católico Snr. Dr. António Cristo que, casado no dia 12, veio nesse mesmo dia a pedir a N.ª Senhora as bençãos para o seu lar. Havia espanhóis, brasileiros, francêses, larga rperesentação das nossas ilhas da Madeira e dos Açôres. Com três dias de viagem a pé vieram peregrinos de Abrantes, Tentugal e duas mulherzinhas de São Tiago de Compostela até ao Porto a pé e de lá de comboio.

Dois Padres Holandêses da congregação de S.ta Maria de Montforte e um carmelita espanhol. Havia peregrinações de Benfica, São Miguel e S.to Estêvão de Alfama, São Mamede de Infesta, Carmelitas do Pôrto, Valbom, Estarreja, Oliveira do Conde, Arcias, Alcobaça, Ferreira do Zezere, Ourém e Alfeizerão.

A coroar o sacrifício da viagem tivemos um esplêndido dia 13 soalheiro e calmo a mais não.

Depois da Elevação um aparelho Wickers da escola de aviação militar de Sintra passou sôbre o local deixando cair um ramo de flôres junto de Nossa Senhora.

* *

A benção final com o Santíssimo a todo o pôvo é a «Missio» daquela magnífica reünião.

Recolhe-se o Santíssimo Sacramento.

Os porta-bandeiras pegam nos estandartes, logo seguidos de servitas e do clero.

Atrás do Snr. Bispo, fechando o cortejo, a imagem da Senhora, no opulento andôr de talha doirada que lhe foi oferecido em Maio.

E a multidão de 40 a 50.000 pessôas move-se para junto da capela das Aparições, saúda-a, faz-lhe, entre lágrimas, os últimos pedidos, despede-se com saüdade, e por todos os caminhos e carreiros através da charneca, volta cada qual à sua casa.

A Fátima volta de nôvo a ser a solidão serrana e agreste no alto do monte aonde a Virgem chama pela penitencia os seus filhos queridos de Portugal e tantos outros espalhados por êsse mundo.

G. O.

MISSÕES DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Missão do Moxico

No vasto distrito do Moxico, no interior de Angola, vai fundar-se a Missão de Nossa Senhora de Fátima.

Os Revs. Padres Benedictinos Pio Corquéan, António Baptista Vieira Pinto, Gregório Mendes e auxiliar Francisco Nogueira, depois de se despedirem solenemente dos seus irmãos em Religião, vieram consagrar a futura missão a Nossa Senhora da Fátima.

Passando por Leiria no dia 2 de outubro o Snr. Bispo acompanhou-os ao Santuário. Celebraram a Santa Missa na Capelinha das Aparições e depois partiram.

A Virgem Santíssima os acompanhe e proteja.

Aos devotos de Nossa Senhora pedimos as suas orações e esmolas para esta missão que vai fundar-se num distrito enorme onde há 8 missões protestantes e nem um único Misaionário católico.

Em Ganda

Em 1927 foi fundada a Missão da Ganda, consagrada a Nossa Senhora de Fátima.

A Ganda era uma região completamente pagã.

É admirável a transformação que os Revs. Missionários, sob a protecção de Nossa Senhora, ali realizaram.

Tem actualmente: 1 escola de catequistas com 50 educandas; 210 escolas ou centros de catequese com outras tantas catequistas indígenas, 3200 cristãos (metade adultos, metade crianças) e 4000 catecúmenos. Distribuiram-se neste último ano mais de 32000 comunhões. 500 cristãos fazem as nove primeiras sextas feiras, apesar de alguns estarem distantes da Missão 30, 50, 70 Kilometros e mais.

Desde há um ano encontra-se nesta Missão o Seminário maior de todas as Missões de Angola e Congo. Infelizmente temos, por enquanto só 6 Seminaristas, 3 teólogos e 3 filósofos; o mais adiantado receberá o Subdiaconado em breve das mãos do nosso querido Pastor, Senhor D. Moisés de Pinho.

Funciona aqui, também, um Postulado para Irmãos indígenas; temos uma dúzia de Postulantes.

Não falta, é claro, o que é necessário para a verdadeira formação dos nossos caros pretos, para fazermos deles trabalhadores práticos, úteis; temos oficinas de carpintaria, forja, alfaiataria, sapataria, cerâmica; a agricultura também está muito desenvolvida o que vem ajudar a viver a Missão

O trabalho é intenso e consolador — Deus ajuda, Maria Santíssima proteje.

Continuamos a contar com os fervorosos amigos das Missões.

(Duma carta do Rev. P.e José Breitenstein, da Congregação do Espírito Santo, publicada no «Missionário Católico»).

Cabo Verde

Duma carta do Rev. P.e Lucas Machado, missiondrio em S. Vicente de Cabo Verde, transcrevemos o seguinte:

«Tivemos cá uma linda festa de N.ª Senhora da Fátima com a procissão das velas na noite do dia 13 de maio.

De manhã houve missa cantada e muitas comunhões e às 9 horas da noite saiu a procissão com o andor profusamente iluminado a luz eléctrica, cantando-se com entusiasmo, *Avé Maria — Sobre os ramos da azinheira,* e rezando-se o terço. Iam incorporadas milhares de pessoas de tôdas as classes. Não quis faltar a esta manifestação de fé Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo desta Diocese, D. José Alves Martins.

A procissão no fim do percurso estacionou no largo da Praínha onde, junto ao corêto, foi cantado o Credo de Lourdes por um grupo de cantores e cantoras. Depois de dito com fé o «Deus seja bemdito», falei durante 20 minutos à numerosa assistência cantando as glórias de Maria e sendo escutado com o maior silêncio».

«A Voz da Fátima»

Este jornal, que só vive da caridade dos seus leitores, agradece algumas esmolas que generosamente lhe têm sido enviadas para a sua conservação.

Assinatura anual—10$00 para o continente e ilhas e 15$00 para o estranjeiro.

Agradece-se reconhecidamente qualquer esmola que nos enviem.

O CULTO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NA ALEMANHA

«Sôbre os braços da azinheira»

O lindo canto *«sôbre os braços da azinheira»* da autoria do falecido e benemérito Missionário P.e Vicente do Sacramento, que o nosso povo canta com o maior entusiasmo, está traduzido e publicado em alemão.

A tradução foi feita pela ilustre poetisa Aneilla (Senhora Rosa Hug), grande devota de Nossa Senhora da Fátima e incansável apóstola em Engen Baden.

Esta Senhora já traduziu o Ofício de Nossa Senhora da Fátima e trabalha na composição dum *oratorium* em alemão e 31 meditações também em honra de Nossa Senhora da Fátima

A música portuguesa foi adaptada à letra alemã pelo Rev. Padre beneditino Ambros Schnyder.

A edição é muito elegante.

Causou tanta impressão a primeira vez que se cantou numa igreja que todos choraram, afirma o Sr. Dr Fisher.

NA INDIA INGLESA

O Rev. Missionário J. Martins, S. J., em Cochim, director da Santa Cruz High School dirigiu a S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria uma carta da qual extratamos o seguinte:

«Escrevo hoje, dia 13 de Julho, não *aziago* mas dia de bênçãos por tôda a parte mas sobretudo nas alturas da serra d'Aire. *Beati qui non viderunt et crediderunt.*

Mando por êste mesmo correio o n.º 3 da nossa «Revistazinha» «Our Lady of Fátima» *Cures at Fatima and at Cochim.* Por êle poderá V. Ex.ª ver com consolação que a Raínha de Fátima também começa a reinar aqui na India. Dizem-me que uma Senhora em Bangalor que alcançou uma graça por intercessão de N.ª S.ª de Fátima, deseja ir a Fátima com o marido. Escrevi-lhe ontem pedindo informações.

Se fôr verdade, não deixarei de dar alguma carta de recomendação.

Isto traz-me à ideia que talvez se podesse arranjar uma peregrinação aqui da India para Maio de 1934. Talvez proponha a ideia a Sua Ex.cia Mons Lima...»

Our Lady of Fatima

Foi publicado o n.º 3 desta revistazinha que arquiva algumas graças obtidas por N. Senhora da Fátima principalmente na India.

Esta revista é muito apreciada e difundida, pedindo muitos para que seja regular a sua publicação.

A êste propósito transcrevemos alguns períodos da página 15 e seguintes.

Gratias agamus

«Queridos devotos de Nossa Senhora da Fátima, vinde dar graças a Deus pelos grande favores concedidos por intermédio de Maria.

Nossa Senhora da Fátima pode verdadeiramente ser chamada Nossa Senhora dos Milagres! Tantas curas e algumas na realidade tão admiráveis confirmam o quanto Ela é verdadeiramente Mãe poderosa e misericordiosa...

... ...

...Nossa Senhora apareceu em Fátima como Raínha do Santissimo Rosário e recomendando muito às três criancinhas e por elas a todos nós a sua recitação, leva-nos a tirar a conclusão seguinte: — que Ele deseja muito a difusão de tal devoção. E para que seja mais frutuosa convém que seja recitado da forma que Ela mesma ensinou a S. Domingos— o Rosário meditado.

Enquanto os nossos lábios vão pronunciando os louvores de Nossa Senhora, os nossos corações e espírito meditem em algum dos mistérios da Vida, Paixão ou Ressurreição de Nosso Senhor ou em algum mistério da Vida de Nossa Senhora.

De facto, começamos o Rosário com a meditação do mistério de Nossa Senhora — a Anunciação, e acabamo-lo com a sua coroação no Ceu.

No Rosário Meditado juntamos a oral à oração mental. Por outras palavras: damos os nossos lábios a Maria, o nosso pensamento a Jesus e os nossos corações a ambos.

... ...

Esta devoção (de Nossa Senhora de Fátima) está espalhada por tôda a parte. Muitos dos nossos Cochins têm mandado a água para parentes - amigos em lugares distantes — para Madrasta, Calcutá, Rangoon, Bombaim, Pengalore, etc., e as curas têm-se operado também naqueles lugares. Acabo de receber uma carta que diz: — «Novos favores se deram há pouco por intervenção de Nossa Senhora de Fátima, usando da água bendita do seu Santuário: — um surdo-mudo, um cego e muitos outros foram curados bebendo desta água com fé.

Possa esta devoção ser conhecida longe e largamente em tôda a India, para ganhar almas para Deus por meio dêste *livro de orações* — o Rosário, — o qual pode ser lido por todos, tão temido pelo inimigo das nossas almas e tão eficaz para nos alcançar do céu aquelas sobrenaturais graças de que tanto carecemos.

... ...

Nossos amigos protestantes

Tendo alguns protestantes ouvido a narração de factos e curas maravilhosas também nos pediram a água da Fátima. Não têm Lourdes nem Fátima na Igreja protestante, e nas suas aflições e doenças voltam-se para os nossos Santuários.

Serão sempre bem recebidos. A água não lhes tem sido recusada. No entanto não se iludam, porque é impossivel amar a Deus sem amar a Mãe do mesmo Deus feito homem.

A alguns já respondi: «a água já vos foi despachada, mas como ides fazer a Novena, se vós os protestantes não rezais à Santissima Virgem?! Como haveis de recitar o Rosário se o não tendes e se o combateis?!»

—«Eu tenho fé, dizem êles, e orarei»

«Então estais a meio caminho da verdadeira Igreja... mais um passo... vinde... e sereis bem recebidos.

Deixai-me aqui dizer mais uma vez, que para os não católicos a melhor disposição para assegurar a eficácia das suas petições é a promessa de se juntarem àquela Igreja onde Maria é honrada e venerada. A Igreja Católica é a sua Igreja. — Deixai que o Rosário seja a Cadeia de prata para os trazer para o mesmo rebanho.

... ...

Novos devotos de Maria estão continuamente a juntar-se aos mais antigos que aumentam de fervor de dia para dia, especialmente na devoção do Rosário, e prática duma fervorosa comunhão no dia 13 de cada mês em honra das Aparições em Fátima.

Um escreve no dia 14 de Maio:

«Ontem, eu e tôda a minha família recebemos a Sagrada Comunhão em honra de Nossa Senhora de Fátima».

Um outro diz: — «não podémos ter comunhão no dia 13 de Maio porque o Sacerdote esteve ausente, mas devemos comungar em honra de Nossa Senhora na primeira ocasião que nos seja possivel.»

Possam outros, muitos outros, seguir o seu exemplo. Isto é agradavel a Maria e agradavel também a Jesus.»

(Da Revista «Our Lady of Fatima» do P.e J. Martins S. J. — Cochim)

Devoção a N. Senhora da Fátima no «Orfanato do Menino Jesus», (Rio de Janeiro), dirigido pelas Religiosas do «Sagrado Coração de Maria» de Béziers — França

Há muito tempo já, alimentávamos o desejo de possuir no nosso Orfanato a imagem bendita de Nossa Senhora da Fátima, a Mãe que se compraz entre corações inocentes, a Raínha excelsa do empírio que se dignou aparecer e falar a três humildes pastorinhos.

A história das aparições encantava-nos. Repetida muitas vezes pelas nossas mestras, lida em alta voz pelas colegas maiores, fazia as nossas delícias em muitos dos nossos recreios

As peregrinações notáveis, cujas descrições vivas entusiasmavam nossos corações, as estupendas graças que comoviam nossas almas, tudo isto concorreu para despertar no nosso orfanato uma devoção ternissima para com Nossa Senhora da Fátima.

Desejavamos sua imagem; ela mesma encarregou-se de satisfazer o nosso desejo.

Para realizá-lo começámos a pedir esmolas às pessoas que nos visitavam...

Qual, porém, não foi nossa surpreza quando, numa tarde de Maio, ao voltarmos da Bênção do Santissimo Sacramento, se abriram de par em par as portas da nossa sala e lá, num belo oratório, rodeada de chamas tremeluzentes e de flôres perfumadas, uma imagem sobremaneira bela e perfeita da Rainha do Céu, da Senhora da Fátima, sorria para nós, acolhia-nos com um maternal e complacente olhar.

Olhos extaticamente fitos na aparição inesperada, com uma exclamação de mal contida alegria, acolhemos a Mãe que nos abria os braços: era um presente da nossa boa Superiora.

A convite de nossas mestras entoamos-lhe o nosso primeiro cântico e erguemos-lhe os mais entusásticos vivas.

Desde então sua imagem venerável tem acolhido as nossas preces, presidido aos nossos trabalhos, santificado as nossas alegrias e consolado as nossas penas.

Nos primeiros dias dêste ano, presenteámo-la com um rico resplendor que realça sua formosura celestial.

A coroação foi solenemente feita no último dia do Retiro prègado pelo Reverendíssimo Padre Miranda às Religiosas do Colégio.

Cantámos seus louvores, ouvimos enaltecer sua glória e seu poder pelo relato de prodigiosas graças.

Possa a Santíssima Virgem encontrar no meio de nós o que atraiu sua predileção sôbre os 3 pastorinhos: a pureza, a humildade e a simplicidade.

Possam suas bênçãos fecundar as nossas almas e ajudar-nos a alcançar a glória do Paraiso.

Rio de Janeiro — Copacabana,
10 de Janeiro de 1933.

GRAÇAS DE N. SENHORA DEFÁTIMA

Sofrimento na bexiga

Durante mais de 2 mêses sofri horrivelmente causando-me êste padecimento continuas e atrozes dôres de cabeça. Dois médicos que me trataram não conseguiram dar-me alívio algum, de maneira que, perdidas as esperanças na medicina da terra, encomendei a minha saúde a Nossa Senhora da Fátima. Os únicos remédios com que Nossa Senhora me curou foram diversos terços que lhe rezei e a promessa de publicar a graça da minha cura se ela me fôsse concedida.

Nunca mais quero deixar de amar tão boa Mãe que me tirou tão grandes sofrimentos.

Setúbal.

Carlota Augusta Figueira

Febre tifoide

Encontrava-se em Agosto do ano findo, e encontra-se ainda, em terras de França, como religiosa da Congregação de S. Vicente de Paulo, em Bordeus, a minha filha mais velha que em religião se chama Irmã Céline Leitão.

Era costume escrever-me regularmente no princípio de cada mês. Passara já, porém, todo o mês de Agosto, e estava quási a findar o de Setembro sem chegarem notícias suas.

Como o coração das Mães por vezes adivinha o que acontece aos seus filhos mesmo ausentes, eu não podia descançar por tal motivo, presagiando alguma doença na minha filha; estava, porém, bem longe de pensar que fôsse alguma doença grave que puzesse em risco a sua vida. Eis senão quando me veio ao conhecimento de que ela estava na verdade enferma e tão enferma que estava quási moribunda.

Tal notícia causou-me um verdadeiro martírio. Não comia, não dormia, nada me podia dar consolação e ia definhando ao mesmo tempo que minha filha, sofrendo em meu coração o que lhe atormentava o corpo. Só quem é mãe pode avaliar os tormentos por que então passei.

Desanimar não fica bem aos cristãos que têm fé, e foi por isso que, animada daquela confiança que só a fé sabe inspirar e que por isso mesmo não existe nos pobres descrentes, eu recorri na minha grande aflição à Nossa boa Mãe do Céu, que se dignou aparecr na Cova da Iria para estabelecer alí o trono das suas munificências e prometi publicar na «Voz da Fátima» a graça desejada se me fôsse concedida.

A resposta não se fêz esperar. Poucos dias depois recebi notícias muito animadoras porque minha filha estava livre de perigo e ia a entrar em convalescença.

Passou-se pouco mais dum mês, e ei-la de novo na sua ocupação, absolutamente curada, mais robusta e nutrida do que antes, apta para todos os trabalhos que estão a seu encargo. Já lá vai mais dum ano e ela lá continua sempre trabalhando e de perfeita saúde.

Atribuo esta graça só a Nossa Senhora da Fátima porque antes de lhe entregar a cura da minha filha, esta, apesar de todos os cuidados dos médicos e das Irmãs em religião, encontrava-se cada vez peor julgando-a todos perdida.

Águas — Penamacor.

Maria José Martins Leitão

Agradecimento

Eduarda Gertrudes, criada de servir, sofria de ataques frequentes de origem desconhecida. Pelas circunstâncias que os acompanhavam alguns julgavam-nos de origem diabólica. Tôda a tendência da pobre rapariga era para se suicidar atirando-se para um pôço que havia junto da casa de seus pais.

Intentei fazer com ela uma novena a Nossa Senhora da Fátima. Começámo-la ainda, mas, talvez por causa da doença a rapariga parecia não ter fé alguma em Nossa Senhora.

Fizémos segunda novena e os ataques continuaram. Terceira novena foi feita por nós em seu favor, e então ela, com mais fé e tendo-se confessado e comungado, nunca mais sentiu as tendências para o suicídio nem teve mais ataque algum.

Há quatro anos que se mantem nêste estado, e vive como boa cristã cumprindo os preceitos de Deus e da Igreja.

Como prometi, venho pedir a publicação desta graça da Mãe do Céu, pois estou certa que nele houve a sua maternal e misericodiosa intervenção.

Sant'Iago do Cacem.

Angelina André Nogueira

Quisto

Havia já muito tempo que meu marido tinha um quisto um pouco abaixo do braço esquerdo.

Certa ocasião agravou-se mais e tornou-se muito amarelo.

O médico que fomos consultar disse-nos não ser coisa de graves cuidados, sendo apenas um quisto supuroso. Mandou pôr sôbre êle uma determinada pomada e papas de linhaça a ver se depois lho extraia com uma lanceta. Esta ideia de ser necessária a lanceta encheu de mêdo o meu marido que dali em diante passou a andar sempre cabisbaixo e apreensivo.

Entregamos o caso a Nossa Senhora da Fátima a quem fizemos uma novena pela sua cura e graças a tão boa Mãe, pouco depois o quisto rebentou e desapareceu sem ser necessária qualquer intervenção médica.

Desejaria muito ver publicada esta graça da nossa querida Mãe do Céu que tantas me tem já alcançado e a quem eu desejo sempre amar e venerar como grande auxiliadora do povo cristão que sem Ela mal poderia salvar-se.

Aveiro.

Cacilda Mota Clemente

Ulcera

Há 20 anos, aproximadamente, que vinha sofrendo de graves dôres de estomago, e consultando, por vezes, diferentes médicos, nada consegui com os tratamentos a que me sujeitaram.

O mal, no entanto, ia-se agravando e as dores cada vez mais violentas torturavam-me a cada instante, física e moralmente, deixando-me em tal estado de prostração que sòmente o meu sistema nervoso e a necessidade de trabalhar conseguiam levantar.

A alimentação que podia tomar era fraquíssima, — alguns caldos, farinhas e isto mesmo sem leite nem ovos. Daqui resultou que o organismo se foi depauperando.

Desanimei da medicina que só paleativos me ministrava e por isso deixei de a consultar. O mal, no entanto, avança e mina-me cada vez mais. O ano de 1931 foi para mim de verdadeiro suplício, pois durante êle raros foram os dias que passei sem dores, vomitando tudo quanto comia, e por fim já não conservava no estômago qualquer alimento, por mais leve que êle fôsse.

Era um cadáver em pé!

Os mêses de Novembro e Dezembro foram horrorosos e a violência das dôres enorme. Eu pressentia que alguma coisa de extraordinária gravidade se passava dentro de mim!

Chega o dia de Natal e as dôres redobram de violência, a ponto de o passar quási todo na cama. Passam-se os dias 26 e 27 e as dôres continuam na mesma.

No dia 28, embora as dôres não fôssem muito violentas, sentia, no entanto, um enorme pêso no estômago: — parecia que havia ingerido uma pedra!!

À noite, depois das minhas ocupações, chego a casa para tomar algum alimento, mas debalde tento fazê-lo porque as dôres voltam e com maior violência do que nunca. Deito-me para fazer aplicações de água bem quente para amortecer a dôr, mas esta a nada cede. De repente, pelas 8 horas da noite, sinto uma dôr tão violenta que ia perdendo os sentidos. Com dificuldade chamei a família a quem expus o que acabava de sentir, e que depois de várias aplicações caseiras, sem resultado, resolve ir chamar um médico.

Chegou eram 11 horas. Ouve o que lhe exponho sôbre os antecedentes da minha doença, observa e por fim diz, sòmente a minha família, que eu acabava de sofrer uma **perfuração gástrica** por motivo de úlcera, e era necessário uma intervenção cirúrgica imediata.

* * *

A pedido do médico, resolvo acompanhá-lo ao Hospital para ser sujeito a uma conferência médica e, diz para me não desgostar, se fôsse necessário, fazer uma lavagem ao estômago.

Antes, porém, da chegada do médico e no meio das dôres atrozes que estava sofrendo, levantei o meu pensamento para Nossa Senhora da Fátima a quem, cheio de fé, invoquei sob o título de «Saúde dos Enfermos»; igualmente implorava o auxílio do Coração Santíssimo de Jesus. E lembrando-me que em minha casa existia água de Nossa Senhora da Fátima, pedi um copo dela. Apenas a bebi as dôres abrandaram muito.

Concluida a conferência médica, anunciam-me claramente a necessidade urgente de uma operação. Anuí.

* * *

Começam os preparativos e eu vou entregando tudo nas mãos de Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe interceda por mim perante seu Amado Filho Jesus.

O meu estado de fraqueza era deplorável, e o coração não estava bom.

Eram 51 anos, passados sabe Deus com que tormentos.

A operação, no entanto, graças a Nossa Senhora da Fátima, decorre o melhor possível, embora durante ela, o coração tenha caído quási por completo.

Apoz a operação, contra tôda a expectativa, as melhoras acentuam-se ràpidamente.

A descrença na minha cura era geral entre os parentes, amigos e conhecidos. Sòmente eu confiava na intercessão de Nossa Senhora da Fátima que me havia de curar. O próprio médico que me operou me tem apresentado a diversos colegas seus como um caso raro na sua clínica, tanto pela minha idade como pela gravidade da minha doença.

Hoje, devido à protecção que me dispensou Nossa Senhora da Fátima a quem rendo imensas graças, encontro-me bem, alimento-me normalmente, não sentindo vestígios alguns do mal estar doutros tempos.

R. Silva Carvalho — Lisboa.

Clementino Alves Tourais

Graças diversas

— *Maria Monteiro*, — Jarmelo, Urgueira, tinha um quisto há 8 anos. Os médicos recomendavam uma operação mas a doente receando sujeitar-se a ela entregou-se nas mãos de Nossa Senhora da Fátima lavando o quisto com a água do seu Santuário o pouco depois o quisto desapareceu sem outro qualquer medicamento.

— *Maria Antónia Pereira* — Lisboa, agradece a Nossa Senhora o auxílio prestado a um seu filho ainda de tenra idade e a quem já não julgavam vida. Hoje é uma criança robusta e completamente saúdável.

— *Joaquina Indcio Dias* — Aldeia do Bispo, Guarda, agradece uma graça temporal.

— *Maria Monteiro Lamas* — S. Mamede de Infesta, achando-se gravemente doente e tendo alcançada melhoras por favor de Nossa Senhora da Fátima, vem agradecer-lhe essa graça.

— *Alecha de Dalman* — Liège, Belgique, agradece a Nossa Senhora um favor muito grande que lhe fêz.

— *Elvira do Resgate Ferreira* — Belas, tendo alcançado de Nossa Senhora três graças para si e para pessoas de sua família, vem agradecer-lhas aqui pùblicamente por intermédio do jornalzinho.

— *Maria José Guita P.ª Garcez* — Tête, Inhambane, ficou sem acção na perna esquerda, devido a uma injeção, resultando depois ficar com a planta do pé virada para cima durante dois anos. Foi tratada pelo médico, mas poucas melhoras obteve. A mãe então, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e aplicando a água do Santuário ao pé da criança, obteve dentro de pouco tempo as melhoras desejadas, voltando o pé para a posição normal andando hoje perfeitamente sem defeito.

Os pais vêm agradecer êste extraordinário favor.

— *O P.ª A. da Silva Rêgo* — Missão Portuguesa de Singapura (Malaca) agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça espiritual de lhe ter novamente trazido um cristão que se havia tresmalhado do verdadeiro rebanho de Cristo.

— *Helena Tavares Rebocho* — Setúbal, tendo no peito uns tumôres que muito a faziam sofrer e sendo aconselhada a sujeitar-se a uma operação sem o que, diziam, não alcançaria saúde, durante o mês de Maio obteve de Nossa Senhora da Fátima a sua cura sem que a operação fôsse necessária.

Reconhecida agradece êste favor.

— *Luís Ferreira* — Figueiró, vem agradecer a Nossa Senhora uma graça temporal.

— *Olinda de Jesus de Matos* — Outeiro, também recebeu de Nossa Senhora da Fátima um favor que lhe vem agradecer.

— *Malaquias da Silva* — S. Paulo — Brasil, pede para se tornar público um favor que Nossa Senhora da Fátima lhe concedeu curando uma ferida horrenda que uma filha sua tinha, havia 20 meses. Diversos remédios nada lhe fizeram, mas a intervenção de Nossa Senhora da Fátima, fê-la desaparecer em 12 dias.

PARA O FOGO...

Contaram-me há tempos a seguinte moralizadora história:

Nadavam nas mesmas águas, rio acima, dois peixes. Um já velho, o outro muito novo e inexperiente. Eis que de repente cai-lhes diante uma isca muito apetitosa.

O peixinho ia já direito a ela como uma séta quando o mais velho, astuto e hábil navegador daqueles mundos, o detém dizendo:

— Não toques nisso que te custará a vida. Há nisso oculto um anzol. Por êle te prenderão e te arrastarão contra a tua vontade e, num instante, te verás fóra da água, em terra enxuta. Da terra te passarão ao fogo, do fogo ao prato e por fim à mesa para seres devorado.

— Olá, meu velho! Quem é que lhe contou essa história tôda? Algum peixe assim pescado já cá voltou do fogo contar-lhe o acontecido? Deixe-se dessas coisas!...

E o pobre do orgulhoso, desobediente e incauto peixinho, mordendo a isca, foi-se!

Em um momento ei-lo fora da água, posto sôbre a terra seca e daí a instantes no fogo...

... ...

Assim também acontecerá àqueles que não procuram evitar os perigosos laços armados às almas e por vezes disfarçados em coisas aparentemente boas.

Graças de N. S. da Fátima no Brasil

(RIO E S. PAULO)

(Continuação)

Inflamação na Laringe

Uma religiosa do Colégio do Sagrado Coração de Maria, do Rio de Janeiro, narra uma importante graça alcançada de Nossa Senhora da Fátima, nos termos seguintes:

«Há poucos mêses que principiei a sofrer de uma terrível inflamação na laringe, acompanhada de dôres no peito, mal podendo respirar a ponto de recear morrer abafada.

O médico, temendo que o mal degenerasse em tuberculose, recomendou-me tôda a cautela, proíbindo-me até de falar. Um especialista a quem também consultei foi do mesmo parecer. Com diagnósticos de tal natureza achei que o mais seguro era recorrer a N.ª Senhora da Fátima.

Seguindo além disso o conselho que me deram passei uma fita pelo pescôço de uma sua estátua, colocando-a em seguida no meu. Desde então principiei a experimentar dia a dia sensíveis melhoras, e hoje estou completamente curada.

Não tenho palavras com que possa traduzir todo o meu amôr e gratidão para com N.ª S.ª da Fátima, a quem desejo sejam dadas mil graças e todos os louvôres.»

Rio de Janeiro — Colégio de S. C de Maria

Irmã Amália.

Tumôr interno

Do Rio de Janeiro foi-me enviada uma carta nos seguintes termos:

— «Rev.mo Snr. P.e Miranda: — Em conformidade com a recomendação que, por ocasião da sua visita ao Colégio das Irmãs Doroteas, nos fês de recorrermos sempre a Nossa Senhora da Fátima, já tive ocasião de o fazer e tendo recebido auxílio de tão boa Mãe queria que tão grande favôr fosse publicado.

Um meu irmão levando uma pancada no estômago, disso se lhe originou um tumor interno e chegou ao ponto de perder a fala.

Estava para ser operado. Alguns dias antes daquele que estava marcado para a operação comecei uma novena a Nossa Senhora da Fátima com a promessa de publicar a graça, se ela me fosse concedida. Poucos dias depois tive a satisfação de saber que não era já necessária a operação e que meu irmão se achava quási bom e com grande probabilidade de, muito em breve, ficar completamente restabelecido.

Grata por tão grande favôr venho agradecer a Nossa Senhora da Fátima o grande benefício que nos alcançou».

Rio de Janeiro

Judite Paiva

Agradecimento

Em outra carta recebida de Bebedouro — S. Paulo, comunicam-me o seguinte: «Ivone Godoy Pereira, agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça que lhe concedeu curando a mão direita de seu irmão Pedro, na qual, em consequência de um ferimento, já se havia produzido uma gangrena, ficando perfeitamente curado sem o mais leve vestigio de incidente, depois dos médicos terem dito que era necessário amputar-lhe a mão.

Agradece também o ter conseguido a Confissão e Comunhão de sua mãe. Estas duas graças foram alcançadas durante o tempo em que por estas intenções se fazia a novena a Nossa Senhora da Fátima»

A carta que acompanha a notícia acrescenta que o pai também já prometera imitar o exemplo da mãe enquanto à receção dos Santos Sacramentos da Confissão e Comunhão.

(Continua)

P.e João de Miranda S. J.

Movimento do Santuário

No dia 17 de setembro esteve no Santuário celebrando a Santa Missa o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Frei Sebastião Thomas, O. P., Bispo titular de Plater e Prelado da Conceição do Araguaya (Estado do Pará, no Brasil.)

* * *

No dia 28 de sembro esteve no Santuário o Senhor Doutor Oliveira Salazar. Presidente do Govêrno da República Portuguesa. Sua Excelência acompanhou uma ilustre família que veio cumprir uma promessa a Nossa Senhora da Fátima.

* * *

Acompanhados de algumas pessoas de família, estiveram no Santuário, no dia 9 de outubro, os Ex.mos Srs. Dr. António Gouveia Biscaia Hortas e D. Lúcia Rebelo Menezes Biscaia Hortas, do Alentejo. Celebrava-se nesse dia o 60.º aniversário do seu casamento e quiseram assim solenizá-lo com a Santa Missa e a Sagrada Comunhão no Santuário de Nossa Senhora da Fátima. Que Ela lhes assista ainda muitos anos enquanto viverem na terra e no dia da morte os acompanhe para o céu.

* * *

Uma certa pessoa cujo nome não posso dizer, em cuja alma arde bem viva a chama do zêlo pela glória de Deus e Salvação das almas, levou ao Santuário duas criaturas dos seus 25 a 30 anos para fazerem suas confissões e receberem a Sagrada Comunhão.

Criaturas um tanto instruidas e naturalmente boas haviam sido abandonadas pelos pais no que diz respeito à religião. Uma dessas criaturas confessara-se apenas em criancita; a outra nunca se tinha confessado!... Preparadas agora por essa alma de fôgo que as levou ao Santuário, com que alegria se deram a Jesus!!

Como S. Agostinho só tinham pena de tão tarde terem conhecido as doçuras duma alma onde Deus habita e reina.

Quantas almas não haverá por aí além nas mesmas condições?!

Oxalá houvesse alguém cheio de amor de Deus que lhes desse a mão, as preparasse e as levasse à reconciliação com Deus no Santuário ou em qualquer outra parte onde possam ser atendidas. Dali, depois de lavadas no preciosíssimo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo levariam entronizado no próprio coração aquele mesmo Deus que um dia nos ha-de julgar a todos. Não faltam por aí almas necessitadas e talvez cheias de boa vontade. Então demos-lhe a mão e levemo-las a Jesus.

AOS INCAUTOS

Tornamos a avisar de que não tomamos a responsabilidade por quaisquer subscrições, peditórios, rifas ou outra forma de extorquir dinheiro que não é para o Santuário mas para os seus promotores, que assim conseguem enganar a muitos de boa fé.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte...	409.182$12
Papel, comp. e impr. do n.º 133 (75.000 ex.)... ...	3.889$50
Franquias, embal. transporte etc.	1.219$80
Na administração	368$90
Total... ...	414.660$32

Donativos desde 15$00

P.e José Bartolo — Oleiros, 50$00; Amélia F. Peixoto — Leça de Palmeira, 20$00; Club Lusitano — Hong-Kong, 15$00; Maria Baptista —Montoito, 20$00; C.e Luís Cavalheiro — Moncorvo, 20$00; P.e João Correia — Pôrto, 90$00; Júlia R. Relvas — Pôrto, 20$00; Carmina Vieira — Palhaça, 70$00; P.e José da Cruz — Bragança, 100$00; Alice Mendonça — Guarda, 20$00; José Sampaio — Lousada, 20$00; Guilhermina da Rosa — Macau, 20$00; P.e Joaquim N. Dias — Baltar, 20$00; Júlia de Azevedo — Lisboa, 50$00; Virginia Gomes — Brasil, 50$00; Ana Ferraz — Évora, 20$00; Colégio S. António — Caminha, 55$00; João Viegas —Cocujães, 103$60; Clara Botelho, 20$00; Ermida de Nossa Senhora de Fátima — Açares, 193$00; P.e José de Carvalho — S. Miguel d'Acha, 60$00; Eugénia Pereira — Pernes, 25$00; Teotónia Pamplona — Açores, 40$00; Dr. João Canavarro — Santarém, 20$00; Três Senhoras da India Portuguesa, 37$75; Umbelina Barbosa — Alquerubim, 65$00; Francisca Avila — Lages do Pico, 20$00; Joaquim A. de Araújo — França, 15$00; Maria Rezendes — América, 36$00; Manuel Medeiros — América, 18$00; Leonor Branco — América, 24$00; P.e Augusto Vieira S. Martinho, 25$00; Hermínia Pereira — Niza, 40$00; Luís Sambo — Lobito, 50$00; Alexandre Rodrigues — Lou-

renço Marques, 40$00; Manuel Gaspar — Carriço, 30$00; António Pichel — Celorico da Beira, 20$00; P.e José dos Santos — Pernes, 30$00; Maria F. Morais — S. Tirso, 15$00; Ermelinda Dantas—Moçambique, 20$00; Francisco Tavares—Sardoal, 20$00; P.e David Coelho—Válega, 30$00; Maria Belo — Idanha-a-Nova, 30$00; Maria Silvia — América, 20$50; Maria Rodrigues — América, 20$50; Delfina Cortez — Pôrto, 20$00; João da Costa — Rio de Janeiro 80$00; José A. Loureiro — Castanheira, 15$00; Maria Franco — T. Vedras, 30$00; Carolina Soares — Arcas, 20$00; José Friães — Vila Nova de Gaia, 15$00; Francisco Saramago — Beira, 50$00; Virginia Ferreira—Pôrto, 15$00; Maria Teixeira — Corvaceira, 50$00; Angelina dos Santos — Sabugo, 20$00; Maria do Couto — Gondomar, 20$00; Maria Gago — Lisboa, 30$00; Lidia Braga Lisboa, 100$00; Maria Subtil — Barrio, 20$00; n.e 4225 — Algarve, 20$00; Deolinda dos Reis — Açores, 50$00; Distribuição no Rogel (Joaquina Duarte), 133$00; Maria Saraiva — Figueira da Foz, 23$00; P.e Jacinto Medeiros — Açores, 20$00; Albino Macieira — Lisboa, 20$00; Distribuição em Santos (Abel de Freitas) — Brasil, 706$80; Luísa Ricóca — Ilhavo, 20$00; Maria Ramalheiro — Ilhavo, 100$00; Maria Fernandes Alves — Alagôa, 30$00; Inácio de L. Seixas — Lisboa, 20$00; Maria Miquelina — Sabugal, 20$00; Ana Diniz da Fonseca — Sabugo, 20$00; João de Carvalho — Brasil, 30$00; Herminia Figueiredo — Brasil, 30$00; Sebastião de Castro Rios — Brasil, 30$00; Mariana Afonso — Lisboa, 20$00; Maria R. Macieira — Lisboa, 15$00; Maria Augusta Alves — Lisboa, 20$00; Distribuição na freguesia dos S. Reis — Campo Grande, 90$00; Julieta Zenha — Braga, 60$00; Clementina Cabeça — Carregueira, 20$00; João Alegria — Estarreja, 20$00; Anselmo Borges — P. de Sousa, 130$00; Otil de Calisto — Ilhavo, 20$00; António Saragaço — Fornos, 20$00; José Araújo — Funchal, 20$00; Maria Ribau — Fermentelos, 30$00; António Cesar de Oliveira — Lisboa, 20$00; Candida Neves — Pôrto, 20$00; António Cabral — Lisboa, 30$00; Maria de J. Francisca — Gralheira, 20$00; Domingos Ferreira — Ermezinde, 15$00; António Panelas — Ermezinde, 15$00; Alzira Calado — Juncal, 15$00; P.e Francisco Bonito — Tourigo, 50$00; Manuel Lourenço — Paradela, 20$00; Joaquim Sá Couto — Vale do Vouga, 30$00; Maria P. de Seixas — Gavião, 15$00; João Moutela — Lisboa, 20$00; P.e Manuel Pinto de Almeida — Lamego, 30$00; P.e António Manso — Fratel, 50$00; Adriana Rebelo — Lisboa, 20$00; Francisco Vargas — Santarém, 15$00; Anónimo — Santarém, 20$00; Manuel Marto — Aljustrel, 20$00; Laura J. Silva — Cortes, 30$00; Maria do Patrocínio — Cortes, 30$00; Leonor Moutinho — Ermezinde, 40$00; Anónimo, 36$00; Peregrinação de Ermezinde, 20$00; Tomás de A. Silvares—Gaia, 23$00; E. C. Real—Barcelos, 20$00; Josefina F. Martins — Rebordosa, 214$50; Joaquim Lourenço — Faralhão, 20$00; Maria Carolina — Alvaro, 25$00; Herminia Calheiro — Santarém, 20$00; Directora do Colégio — Barcelos, 25$00; Dr. Eduardo da Camara — Estarreja, 40$00; Carlos Garcia — Mabenga — 20 francos; Ermelinda Leite — América, 2 dolares; Amélia Belindrinha — Borralha, 30$00; Maria Joaquina da Silva — Fornelos, 160$00; Amélia P. Amaro —Moçambique, 100$00; Elisio Tocha — Figueira da Foz, 15$00; Distribuição em Cast. Vide, 50$00; Arminda Coelho — Pôrto, 20$00; Distrib. em Avanca, 200$00; Manuel Lopes — Ovar, 20$00; Joaquim Tosta — Açôres, 15$00; Elvira da C. Neves — Estoril, 25$00; Manuel Jordão —Figueira da Foz, 20$00; Anónimo de Torres Novas, 50$00; D. Juan Badia — Vila Franca del Penades Espanha, 70$00; M. C. Silveira — Califórnia, 45$00; Anónimo — Califórnia, 22$50; Amélia Dias — Califórna, 22$50; Maria Amélia — Crestuma, 20$00; P.e Manuel D.te Neto — Lisboa, 50$00; P.e António F. Calabote —Alc. do Sal, 15$00; Maria Marques Ferreira — Pôrto, 20$00; esmolas do Pôrto, 50$00; Maria Alice Almeida — Faro, 65$00; Sebastião Verissimo — Sobral do Campo, 15$00.

Artigos religiosos

O Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, encarrega-se de enviar água do Santuário, livros ou quaisquer objectos religiosos a quem lho pedir, sendo conveniente virem as direcções bem determinadas para evitar extravios nas encomendas.

Se os pedidos vierem acompanhados das importâncias, melhor será.

Aos Ex.mos Assinantes

Mais uma vez se avisa publicamente que a Administração não se responsabiliza por qualquer mudança nas direcções, se junto ao pedido não vier o respectivo número da assinatura.

Quanto menos vezes exigirdes quaisquer mudanças maior economia será feita a favor do jornal.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO BRASIL

A Oratória «Fátima»

A oratoria — Fátima —, versos do distinto poeta e Servita Snr. **Dr. Afonso Lopes Vieira,** música do conhecido e apreciado compositor **Sr. Ruy Coelho,** teve, há pouco, no Brasil glória semelhante à que lhe foi tributada nas sucessivas audições em Lisboa e Pôrto, onde a emoção entusiástica do público a consagrou como obra prima de arte.

A apresentação da **Oratoria** foi feita ao Congresso Eucarístico **no teatro Guarani** pelo admirável orador e literato que é o **Rev. P. Luis Cabral,** da benemérita Companhia de Jesus.

A propósito do célebre quadro de Rafael — **A Disputa do S. Sacramento** — em que figura a Virgem, o **Rev. P.e Cabral** disse que no brilhante Congresso eucarístico baiano não podia faltar uma homenagem à Senhora que se dignou proteger os nossos torneios de civilização cristã.

Essa homenagem será dada, continuou o ilustre Sacerdote, naquela noite pela obra do grande poeta **Afonso Lopes Vieira** musicada pelo brilhante compositor **Ruy Coelho.**

«Bem podemos proclamar que está de parabens a Baía, nesta Première da — Oratoria da Fátima — levada esta noite no Guarany».

E termina «É tempo que silencie a minha humilde palavra para que o fulgor estético que ela em vão pretendia dar à noite da Arte, possa esta recebê-la, como homenagem condigna à Virgem, Rainha das artes daqueles que vão realizar, com sua execução primorosa, o nome escolhido para designar a sessão do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional reservado para hoje».

No — Diário de Notícias — de 28 de setembro último lia-se o seguinte:

«No Congresso Eucarístico da Baía foi executada a oratoria — *Fátima* — com a assistência do **Cardial Legado, Núncio Apostólico, 53 Bispos, e todas as autoridades civis e militares e numeroso público. O número dos executantes foi de 150.** Despertou tal entusiasmo a oratória que teve de repetir-se no dia seguinte, apezar de tal facto não estar previsto no programa.»

* * *

Ruy Coelho

FATIMA

Oratória

Poema de Afonso Lopes Vieira.

Texte français: M.me Guite de Sousa Lopes.

Partitura de Piano e Canto.

Restam ainda alguns exemplares desta bela Oratória que vendemos ao preço de **vinte escudos,** devendo os pedidos, acompanhados da respectiva importância e ainda 1 escudo para o correio, ser dirigidos à administração da «Voz da Fátima».

A VIDA QUE SE OFERECE

Era um dêsses pobres rapazes como tantos outros, com os quais cruzamos continuamente pelas ruas da cidade, e cujo aspecto move à compaixão...

Rosto pálido com uma ligeira côr rôxa nas faces salientes.

Os olhos brilhantes denunciando febre... As mãos banhadas de um suor frio. O peito abatido.

Todo o esfôrço lhe era penoso.

Falava com dificuldade, a voz entrecortada por freqüentes acessos de uma tosse sêca que lhe oprimia os pulmões.

* * *

Uma noite o pobre rapaz despertou com um gôsto insípido na boca.

Alarmado, acendeu a luz e viu com horror que o seu lenço estava manchado de sangue fresco... e que aquele sangue corria gota a gota...

Era a sua juventude... a vida que mirrava aos poucos...

E, todavia, êle não queria morrer...

* * *

Veio o médico.

À primeira vista julgou a gravidade do caso.

Um candidato mais à morte.

Por consciência profissional auscultou o enfêrmo para saber o que já sabia.

Escutou entre os ombros... sôbre o peito... E disse ao pobre rapaz: «Não é nada, rapaz... necessitas muito de ar e de sol»:

Mas, ao retirar-se, já nos humbrais da porta, disse à família prêsa de enorme anciedade:

—«Não voltarei, pois é um caso perdido...»

— Por Deus, doutor!...

— «Absolutamente perdido».

* * *

Era um pobre rapaz como tantos outros, com os quais cruzamos continuamente pelas ruas da cidade...

Em um corpo qualquer, havia uma alma em plena decomposição.

Pobre alma! Formosa e pura no princípio, havia subjugado pelo maléfico atractivo da fruta proibida.

Tudo o havia tentado... Camaradas... teatros... folhetins... revistas... cinemas...

Havia tropeçado uma vez... duas vezes... três vezes...

E afinal caira no lôdo... rolando de degrau em degrau, fundira-se nos mais baixos antros sociais.

* * *

Lá, como os bacilos que lhe roíam os pulmões, todos os vícios se haviam precipitado sobre aquela alma, instalando-se nela...

Era um fervedouro de germens imundos formigando como sôbre uma fruta estragada.

Aquela alma havia degenerado em infecta podridão, uma putrefação antes da morte total.

Tôdas as manhãs vomitava a si mesma. E tôdas as noites volvia a enchar-car-se no seu próprio vómito.

E isto tinha aparência de querer durar até a catástrofe final.

* * *

E depois!... e depois; «De profundis clamavi»... Do fundo do abismo lançou seus clamores...

Um dia esta alma despertou e recordou-se da sua primavera em flor. Sonhou em reviver... Comparou o passado e o presente.

Sentiu-se invadida pela nostalgia que experimentara outrora o filho pródigo, quando no meio da imundície onde cuidava dos porcos, evocou a visão do pão branco e saboroso e da alegre e risonha casa paterna.

E, como o filho pródigo também disse: «Levantar-me-ei e irei a meu pai»...

* * *

O pobre rapaz levantara-se do abismo da sua podridão.

Erguido sôbre sua abjecção, volveu sôbre si, e foi buscar refúgio em um confessionário, aos pés de um sacerdote desconhecido, mas, ao qual chamou logo: «Pai!...»

E o sacerdote o escutou... e o auscultou...

Como Cristo às bordas do sepulcro de Lázaro, inclinou-se sôbre o cadaver dessa alma oprimida pelos tentáculos dêsses sete polvos que se chamam «pecados capitais».

Reconhece as chagas... feriu-lhe o olfacto o odor da decomposição avançada...

* * *

E o sacerdote disse à alma moribunda:

— Levanta-te... estás salva! ...

— Salva!... Mas, se venho do fundo do abismo...

— Salva, te digo!... Salva em nome dêsse Cristo que carrega sôbre seus ombros todos os pecados do mundo...

* * *

E, na verdade, e do mesmo modo que Lázaro. que ao sair do sepulcro corrompido, bebia com os olhos dilatados a cálida luz do sol que enfim tornára a encontrar, aquela alma, contricta e arrependida, tinha a impressão de que a haviam despojado de todo o pêso da lama que até então lhe envolvera o corpo...

...a impressão de quem respira com liberdade...

Sim!... Salva!...

* * *

E tudo isso porque, purificada pelo arrependimento, voltara a encontrar novamente o seu elemento que é a amisade de Deus...

Perdido!... diz o sacerdote da ciência humana a tantos pobres enfêrmos que correm a êle implorando saúde.

Salva!... diz o sacerdote de Cristo a tôda a alma de boa vontade, seja qual for a sua molestia, a sua decomposição...

Salva!... muitas vezes até a poucos minutos da morte!

* * *

Por isso, quão dignos de compaixão são os que podendo obter o perdão, o desdenharam!... os que, suprema miséria! excomungaram a si mesmos... os que voltam as costas à mão que lhes estende o Padre... e que, ao chegar o júbilo universal da Páscoa, nessa luminosa festa da Ressurreição e da Vida, sentem silenciosamente, no fundo do seu sêr, o pêso dolorido de uma alma que recusa o convite do Senhor... do Senhor Deus!...

Pierre L'Ermite

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Milagre! Milagre!

(Conto)

Com a devida vénia, iniciamos hoje a transcrição do seguinte conto, original do livro «Coisas da Vida» escrito por uma *Servita* de N.a Senhora da Fátima.

«Que dias! que noites! que horas de tormentosa agonia passadas junto daquele filho!

— «Morre!» dizia o médico.

— «E bom será que não viva!»

E a criança salvou-se e viveu! Ah! mas antes voasse para o Céu!

A pobre Mãi em transes angustiosos pedia a Deus que o levasse, aquele filho estremecido. Que tristeza no olhar vago... amortecido ceguinho!... Que estranha expressão a daquele rosto que tão meigo, tão lindo fôra! As narinas dilatadas, a boca aberta quási sempre num «rictus» aparvalhado; as faces deformadas, escureciam; o pescoço em movimentos precipitados, revirava-se horrorosamente; o corpinho, enfesava mirrando-se! Perdera o andar!

Não mais ouviria os passinhos incertos daqueles pesinhos rosados!

Pobre Mãe! Que amargo pranto te sulca as faces cavando nelas o traço fundo das grandes dores!

Quanto não era mais doce vestir ao filho a mortalha branca, as vestes do anjo que voou, para Deus?

Pensava sempre a pobre mãe que não resistiria à perda do filho. E ai dela! Deus mostrava-lhe quanto pode sofrer o coração duma Mãi. Já conhecia dor mais acerba que a própria morte! Sim!

Que peor que a morte, era êste ver o filho morto vivo!

— Oh! Se eu fosse a Fátima com meu filho, eu sinto, eu creio, eu sei que êle se salvava! Que se curava! Que vivia!

Ah! Mas como propor ao marido, um impio feroz, uma ida a Fátima? E passou-se um ano. Os médicos nada podiam; abandonaram a criança. O Pai vivia no extremo da dor, afastando-se da fé ainda mais, com blasfémias e injúrias, depois que o filho adoecera.

Êle nem admitia a Fé da espôsa!

Ah! mas como arrancar-lha?

A dor avivara-lha, e se nos anos de ventura alguma cinza envolvera as brazas incandescentes da sua crença, as horas da aflição varreram os resíduos, e o fogo ateara-se em chamas ardentes, que bem podiam ser a sarça inflamada que nas mãos de Deus incendeasse os corações dos seus! Fátima! Fátima! Era o sonho dela! O seu desejo mais vivo.

E se a Virgem não atendesse os seus rogos?

Nisso não pensava! Nem um momento a dúvida passou pelo seu espírito.

* * *

E no dia treze de Outubro, o grande dia das peregrinações, dia de chuva torrencial, depois de uma viagem tormentosa pela serra d'Aire, escalvada e pedregosa, avistando-se abismos profundos, numa «camionette» onde mais dez pessoas que a lotação se comprimiam, a pobre Senhora lá chegou a Fátima com o filhinho nos braços.

Ia também o marido.

Encaminharam-se para o posto médico.

Os médicos, cercados de doentes, mal se detinham com cada um. Um dos clínicos ocupou-se depois da criancinha, interrogando a mãi e ditando as informações colhidas a uma servita que apontava ràpidamente no livro dos registos as indicações que o médico ia dando.

Conseqüências de uma meningite, paralisia nos membros inferiores, mudez, cegueira...

E o rosto moreno da servita da Virgem, confrangeu-se compassivamente.

Mal terminou de escrever, ergueu-se e aproximou-se da pobre mãi, com um cartãozinho azul que colocou no vestido da criancinha.

Era uma encantadora rapariga, novinha — apenas vinte anos — rosto redondo, boca franca e lindos olhos aveludados. Contemplou o anjinho com uma expressão enternecida, e ela através das suas lágrimas, as mais amargas que brotam dos olhos de uma mãi, viu cair das palpebras, e rolar pelas faces da caridosa rapariga, umas lágrimas grossas, pesadas, que se sucediam, precipitando-se sôbre o rosto desfigurado do doentinho.

Coitadinho! Pobre mãi! Murmurou.

Era um coração de mulher cristã que vibrava perante a dor aguda de uma desventurada! Era uma alma de mulher medindo a extensão de tamanha desdita!

Eram umas entranhas de mulher partilhando e pressentindo o sofrer de uma Mãi!

E aquela, sentindo-se compreendida, apertou ao seio o filhinho elevando para Deus uma prece de caridade cristã.

«Oh! Senhor! Que êstes olhos que hoje choram sôbre a desgraça do meu filho, lágrimas de comiseração, nunca derramem sôbre um filho seu o pranto amargo que vós me vedes chorar pelo meu!

Que o seu coração não conheça o dilacerar pungente das fibras mais intimas, das horas de desdita, em que uma mãe vos pede, como alívio e como esmola, a morte do próprio filho!»

Outros doentes se aproximaram. Os médicos multiplicavam os seus esforços para atender ràpidamente todos os que chegavam.

A pobre mãi encaminhou-se para a porta onde o marido a aguardava.

Saíram sob uma violenta bátega de água. Por meio de lamaçais que dificultavam o caminhar com uma criança nos braços, por entre uma multidão compacta de muitos milhares de pessoas, que apinhando se resguardavam da chuva sob um cerrado docel de guarda-chuvas, conseguiram atingir o pavilhão.

A pobre senhora não sentia as intempéries... mas o marido ateu, contrariado, não calava as censuras e acusações por tudo que se ia passando. O seu aborrecimento revelava-se nas palavras sêcas e sacudidas que pronunciava, nas maneiras bruscas, quási arremessos que acolhiam tudo que ia ocorrendo como dificuldades na passagem, apresentar os bilhetes aos servitas em serviço de fiscalização, procurar lugares...

E a mãi confrangida de dor, resignada na sua cruz, tudo aceitava e sofria para obter, para merecer, para atrair as bênçãos de Deus sôbre a carne deformada e o espírito entorpecido do filho do seu coração.

* * *

Numerosas missas se celebraram constantemente em três altares.

Milhares de comunhões se ministraram na sua presença. Ah! como desejara abeirar-se da Sagrada Mêsa.

Mas a presença do marido era-lhe um tremendo pesadelo!... E Jesus passava... E ela só espiritualmente recebia a visita do Senhor!

As servitas caridosas auxiliaram-na ao dar algumas colheres de leite ao filhinho.

Não são religiosas as servitas. São almas devotadas ao serviço de Maria e de Deus; ha ali mãis de família e donzelas espalhando a caridade de suas almas bemfazejas, sôbre aqueles seres amargurados por grandes dores físicas ou morais. É uma associação fundada para servir e aliviar as torturas e sofrimentos dos que vão a Fátima, doentes da alma e do corpo. E quando Fátima nos tempos vindoiros, for um monumento sumptuoso de Portugal agradecido à Mãi de Deus, quando na grandiosidade de seus hospitais lidarem pressurosas as Irmãs de Caridade, ninguém esquecerá as servitas dedicadas que por uma devoção espontânea, quando Fátima ainda vivia oculta sob o véu da dúvida e da incerteza, acorreram generosas a prestar o seu auxílio desinteressado às multidões!

O futuro bemdirá as servitas de vestes brancas, tão modestas, quási monásticas, de véus simples, coroados de uma estrêla azul, que como pombas brancas adejam no pavilhão em arrulhos de caridade.

* * *

A criancinha soltava uns gemidos quási roucos. O seu rosto tinha uma expressão hedionda. A boca torcida, aberta como que desconjuntada, introduzindo-lhe as mãozinhas em esgares horrorosos, os olhos revirados sem brilho, escorrendo-lhe pelos lábios insensíveis, saliva espumosa que a mãe limpava constantemente.

Deram-lhe umas gotinhas de água de Fátima, e ela continuava no seu estado tornado natural... Um borborinho se levantou sùbitamente. Todos se voltaram para a capela, pequenino berço de Fátima. Em piedoso cortejo, lá se aproximava trasida pelos servitas, Nossa Senhora.

Branca muito branca, tôda modestia e recato, olhar triste fitando a terra, num sorriso magoado. As mãos erguidas para o Céu, dando aos homens exemplo de oração, enquanto pousa na terra os olhos tristes como que dizendo-nos que a mãi vela pelos pobres filhos, olhando-os com ternura e dor nos desvarios e esquecimentos.

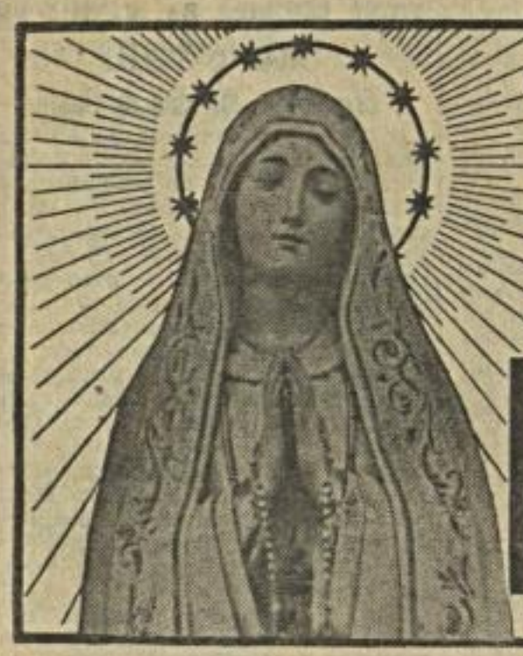
Precedia o andor o grupo de servitas desfolhando as rosas dos seus rosários, espalhando pelo espaço que a imagem da mãi Imaculada devia atravessar, o perfume da mais linda prece, que se dirige à Mãi de Deus, Avé Maria, cheia de graça... Tocou uma campainha indicando aos fiéis que ia celebrar-se a missa dos doentes. Cantou-se o Credo em profissão solene da fé de todos, e a Missa começou no meio da grande ansiedade dos que numa espectativa dilacerante muito esperavam do poder da Virgem.

Emquanto o Sacerdote celebrava os Divinos Mistérios, ia-se rezando o terço do rosário, essa cadeia sublime de Ave-Marias, elos poderosos que prendem as almas da terra ao Céu, que comunicam as graças do Céu à terra. A Missa terminou.

Vai realizar-se a grande cerimónia. O acto mais comovente do culto religioso de Fátima. A Bênção aos doentes.

(Continua)

Ano XII — Fátima, 13 de Dezembro de 1933 — N.º 135



VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

ACÇÃO CATÓLICA PORTUGUESA

Coloca-se sob a protecção de Cristo-Rei e de Nossa Senhora de Fátima

Bases para o organisação da «Acção Católica Portuguesa», aprovadas pelos venerandos Bispos de Portugal:

A)

A União das organizações do laicado católico português que, em colaboração com o apostolado hierárquico, se propõe a difusão, a actuação e a defesa dos princípios católicos na vida individual, familiar e social, constitue a «Acção Católica Portuguesa» (A. C. P.).

B)

A «Acção Católica Portuguesa» tem como princípios de organização os seguintes postulados:

a) coordenação e cooperação de tôdas as associações e obras católicas num plano nacional único, em ordem à efectuação da união católica para a restauração cristã da sociedade;

b) especialização das organizações essenciais da Acção Católica Portuguesa segundo o sexo, a idade e a profissão;

c) quadro hierárquico da Paróquia e da Diocese como base normal de cooperação com a Hierarquia;

d) autonomia de cada um dos organismos católicos, segundo os respectivos estatutos e regulamentos, relativamente aos fins que lhes são próprios.

C)

1) A «Acção Católica Portuguesa» actuará fóra e acima de tôdas as correntes políticas sem que contudo deixe de reivindicar e defender as liberdades da Igreja.

2) Nos organismos da Acção Católica podem entrar todos os católicos, quaisquer que sejam os seus ideais políticos.

3) Dos corpos gerentes de qualquer organização da Acção Católica não podem fazer parte indivíduos que exerçam actividade incompatível com a independência política da Acção Católica Portuguesa

D)

A «Acção Católica Portuguesa», que desenvolverá a sua actividade sob a dependência directa e inteira da Hierarquia, fica sob a alta direcção e inspecção do Episcopado Português que, para o desempenho mais expedito dos seus poderes, os delega no Eminentíssimo Cardial Patriarca de Lisboa.

E)

1) Os católicos portugueses entram na «Acção Católica Portuguesa» inscrevendo-se numa das seguintes organizações nacionais, cujos estatutos serão oportunamente promulgados:

a) Liga dos Homens da Acção Católica (L. H. A. C.)

b) Associação da Juventude Católica Marculina (A. J. C. M.)

c) Liga das Mulheres da Acção Católica (L. M. A. C.)

d) Associação da Juventude Católica Feminina (A. J. C. F.)

2) Promover-se-á também a organização das crianças, em ordem a serem enquadradas na Acção Católica Portuguesa.

3) Cada uma das quatro organizações mencionadas no número 1 da presente Base pode compreender diferentes associações, moldadas nos princípios da Acção Católica Portuguesa, a que se refere a Base B, e nomeadamente os formulados nas alíneas *b)* e *c)*

4) Só se consideram de pleno direito militantes da Acção Católica portuguesa os católicos inscritos em alguma das quatro organizações nacionais, a que se refere o n.º 1 da presente Base.

5) Para a coordenação da L. M. A. C. e da A. J. C. F. e de todas as associações e obras católicas femininas poderá ser criada a «União Católica Feminina» regida por Estatuto especial.

6) Na Paróquia, Diocese e Nação cada uma das organizações essenciais da Acção Católica terá uma direcção própria constituída em harmonia com os respectivos estatutos, e um assistente eclesiástico.

7) Os Presidentes das direcções destas organizações devem, tanto quanto possível, ser leigos nomeados pela autoridade eclesiástica competente.

F)

1) Como orgãos de coordenação e direcção para os fins gerais da «Acção Católica Portuguesa», haverá na Nação uma Junta Central da Acção Católica, na diocese uma Junta Diocesana da Acção Católica e na paróquia um Conselho Paroquial da Acção Católica.

2) A «Junta Central» é, sob a dependência directa e inteira da Hierarquia, o órgão executivo de direcção e coordenação de tôda a Acção Católica e representa a colectividade dos católicos portugueses organizados. Será constituída por um assistente eclesiástico e um presidente, designados pelo Episcopado, um secretário geral e um tesoureiro nomeados pelo Episcopado sob proposta da Presidência, e pelos Presidentes gerais das quatro organizações nacionais a que se refere a Base E). O Assistente Eclesiástico da Junta Central será um Prelado designado pelo Episcopado.

A Junta Central organizará além da sua secretaria geral, os secretariados, comissões, e serviços que julgar convenientes.

3) A «Junta Diocesana», sob a dependência directa e inteira do Prelado Diocesano, representa e dirige tôda a Acção Católica da Diocese, em harmonia com as disposições estatutárias e regulamentares e as directrizes traçadas pela Junta Central. É constituída por um assistente eclesiástico e um presidente, nomeados pelo Prelado, um secretário e um tesoureiro, propostos pela Presidência e confirmados pelo Prelado, e pelos presidentes diocesanos das quatro organizações a que se refere a Base E).

4) O Conselho Paroquial representa a Acção Católica na paróquia e é constituído por um assistente eclesiástico que será o pároco, por um presidente proposto pelo pároco e confirmado pelo Prelado Diocesano, pelos presidentes das associações de Acção Católica da paróquia e por um secretário e um tesoureiro. Nas paroquias onde não haja associação de Acção Católica o Conselho paroquial será

A VIRGEM E O SANTO CONDESTÁVEL

Era chegado o dia de Valverde. O minúsculo exército português arrostava épicamente o choque impetuoso dos troços castelhanos. Mas súbito estremece, vacila e cede ante a superioridade numérica das tropas inimigas. Desde essa hora a derrota das armas lusas afigura-se certa, iminente, inevitável... Todos os olhos procuram como que por instinto o chefe — Nun'Alvares. Mas o Heróí-Santo havia desaparecido. Foram encontrá-lo momentos depois, sòzinho, ajoelhado sôbre uma pedra nua, tranqüilamente a rezar. «Que fazeis aqui, D. Nuno?» — preguntou-lhe com vivacidade, quási increpando-o, um dos seus subalternos. «Não vêdes que as hostes do rei de Castela avançam e nos levam já de vencida?» No auge da aflição, perante a iminência do perigo, o moço oficial tomara a liberdade de falar nestes termos ao Anjo das batalhas. «Ainda não é a ocasião de intervir. Deixai-me rezar!» — foi a resposta do Condestável. Dai a pouco, rôta a linha de combate, as fôrças castelhanas retiravam desbaratadas e Portugal inscrevia mais uma página brilhante no livro de oiro da sua gloriosa história.

A oração do Beato Nuno de Santa Maria, invocando a Virgem, salvara a Pátria!

* * *

Raiou o dia memorável de Aljubarrota. Sôbre os campos da Batalha, um poderoso exército castelhano preparava-se para esmagar a reduzida falange dos soldados portugueses. Nun'Alvares, que a comanda, corre, vôa, atravessa como um relâmpago a Serra de Aire, mas, antes de medir as suas fôrças com as fôrças inimigas, seis vezes mais numerosas, vai prostrar-se de joelhos, na Cova da Iria, a rezar, invocando a Virgem.

Era a vigília da festa da Assunção de Nossa Senhora. Ao cair da tarde, Portugal, salvo por milagre, contava no activo dos seus heróicos empreendimentos guerreiros um dos mais belos feitos de armas de que há memória.

* * *

Passam séculos. A mais horrível de tôdas as tragédias guerreiras, assumindo as proporções duma catástrofe da humanidade, transforma a Europa e o mundo num vasto campo de batalha, ceifando em contínuas hecatombes milhões de preciosas existências e enchendo os povos de lágrimas e de sangue, de desolação e de luto. Milhares de portugueses sucumbem em terra estranjeira, vítimas do mais doloroso dos deveres, deixando espôsa e filhos imersos para sempre na amargura inconsolável da viuvez e da orfandade. No seio da Pátria, a ambição e o ódio atiram irmãos contra irmãos, acumulando ruínas sôbre ruínas, numa luta feroz de exterminio, sem tréguas e sem quartel, que ameaçava eternizar-se. A Igreja tornada alvo de cruel perseguição, o princípio de autoridade profundamente abalado, a ordem e a paz sem cessar perturbadas, uma situação financeira e económica verdadeiramente alarmante, perspectivas de visões apocalíticas num futuro mais ou menos próximo, — tal era o quadro tétrico, o espectáculo angustioso e apavorante, que Portugal oferecia aos olhos de nacionais e estranjeiros.

Então a Santa Igreja, por uma inspiração do Céu, coloca em trono de glória o Condestável, alçando-o às honras dos altares, e os portugueses confiam-lhe outra vez a direcção suprema dos seus destinos históricos. E êle, grande devoto da Virgem, o patriota exímio, o indefectível amigo de Portugal, invoca de novo a excelsa Padroeira da Nação. À súplica d'Aquele que, na fase de Oliveira Martins, é a mais pura consubstanciação da alma nacional, a augusta Rainha do Céu, num rasgo de maternal bondade, desce à Cova da Iria, e da pedra tôsca, bruta e informe, em que o Heróí-Santo ajoelhara outrora, faz brotar um caudal imenso, perene e inexaurível, de graça e de bênçãos que inundam Portugal e transbordam pelo mundo inteiro...

Mais uma vez, o Beato Nuno de Santa Maria salvava a Pátria, invocando a Virgem.

E, graças à Virgem e graças ao Beato Nuno, qual ponte de passagem entre a terra e o Céu, Fátima lá está, alcandorada nas faldas da Serra de Aire, coluna de luz a iluminar as inteligências, coluna de fogo a aquècer os corações, coração vivo da Pátria querida, alma eterna do nosso Portugal!

O Abade beneditino Rev. Joachim Ammann fazendo a consagração da Igreja de Mnero para a Missão de Nossa Senhora da Fátima em Tanganhica em 24 de agosto de 1933

formado por um grupo de paroquianos escolhidos pelo pároco e que terá o carácter de orgão promotor da Acção Católica na Paróquia.

5) A séde da Junta Central será em Lisboa e a de cada uma das Juntas Diocesanas será na séde da respectiva Diocese.

6) O mandato de cada organismo dirigente dura três anos, podendo os seus membros ser reconduzidos.

G)

As obras e associações católicas de formação e acção religiosa, de instrução e educação, de imprensa, de acção social, de assistência e beneficência etc., que não sejam as organizações essenciais da Acção Católica a que se refere a Base E) devem também entrar em íntima colaboração com a Acção Católica para a realização dum plano único de restauração cristã. Criar-se-ão para isso os secretariados que se tornem necessários.

H)

1) A «Acção Católica Portuguesa» coloca-se sob a protecção de Cristo-Rei e de Nossa Senhora de Fátima.

2) O dia da festa de Cristo-Rei será, por excelência, o «Dia da Acção Católica».

I)

A Junta Central, para encontrar as fontes de receita indispensáveis à consecução dos seus fins:

a) criará desde já um organismo que se proponha fazer colecta geral, permanente e metódica, entre os católicos portugueses de tôdas as classes e condições;

b) exigirá que cada organização local pague à Junta Diocesana, e, por meio desta, à Junta Central, uma percentagem a determinar sôbre a cota de cada um dos seus associados.

CRÓNICA DA FÁTIMA

(13 de Novembro)

Acabo de chegar da Fátima, aonde fui na costumada peregrinação de 13 de Novembro. Venho consolado e alegre. Nestes meses frios e húmidos fugiu da Fátima o seu maior inimigo: o grupo dos curiosos.

Sim, porque para alguma gente já se tornou moda ir à Fátima. Santa moda se alí se vai com as devidas disposições de recolhimento e piedade, por espírito de penitência e devoção a Nossa Senhora.

Mas como alguns que vão *por moda* e *à moda* é melhor não ir.

A Fátima é e continua a ser a grande casa de oração de Portugal.

Há-de, por nosso bem, continuar a ser assim de forma que a nuvem de orações que dali sobem ao céu se mudem em benéfica chuva de graças sôbre as nossas pobres almas.

É sobretudo num dia como o de hoje que a Fátima se nos apresenta assim.

O tempo invernoso, os caminhos lamacentos, a apanha da azeitona aqui, a emigração de muitas dezenas de ranchos para fora da diocese, tudo concorreu para que a freqüência fôsse pequena: 3 ou 4:000 pessoas.

Mas nessa pequena multidão, que magníficas disposições: os confessionários sempre ocupados, a mesa da comunhão cheia, a distribuição da Sagrada Eucaristia continua, atentos todos à palavra do Senhor e semblantes alegres e francos até quando partem debaixo daquela tão enfadonha chuva miúdinha!!...

Doentes

Quási os não havia. 18 foram os inscritos dentre os quais sobresaía, pelo dó que causava, uma criancita de 6 meses apenas e já cega, ao colo da mãe cheia de dor.

Quanto aos do corpo.

Dos outros, doentes da alma, só Deus sabe quantos lá estariam, pois d'Ele só são conhecidas as milagrosas curas de almas a quem o Senhor amorosamente se mostra num Tabor de luz e de graça.

E é para êsses afinal, que a nossa querida Mãe do Céu quis fazer da Fátima o seu trono predilecto.

Assim o disse com elegância e sinceridade o Sr. Dr. Leonardo de Castro na homilia à missa dos doentes, celebrada pelo Snr. Dr. José Fernandes de Almeida, afirmando que já no estranjeiro a Fátima era conhecida como a milagrosa terra de cura, sobretudo para os doentes... da alma.

Numa assembleia tão pequena é consolador ver como a nossa gente vai aperfeiçoando a sua devoção à Eucaristia, recebendo-a na sagrada comunhão.

Foram 2.000 as pessoas que comungaram na Fátima neste dia 13.

Ausências

Naquele quási familiar ambiente da Fátima notou-se a falta de três pessoas que são características das peregrinações dos dias 13.

Visconde de Montelo que anda em longínquas peregrinações por outros santuários estranjeiros e que, em breve, virá com a riqueza da sua linguagem repor nesta página o brilho fulgurante da suas tão apreciadas crónicas.

O Snr. Dr. Gens o director do posto de verificação médica que uma perigosa angina teve às portas da morte, de que no-lo livrou o carinho Maternal da Virgem Santissima a quem, de há tanto, vem servindo com devoção.

A Ex.ma Snr.ª D. Maria da Piedade de Lima e Lemos que ao colégio de Nossa Senhora da Fátima que amorosamente dirige rouba, por devoção, o dia 13, a-fim de, na direcção da Associação das Servitas, melhor *servir* a Senhora na pessoa dos queridos doentinhos. É que também a ela quis a Senhora provar com uma bronco-pneumonia a ponto de a chegarem a sacramentar.

Ainda bem que a Mãe Bemdita quis mais uma vez tornar-se crèdora dos nossos agradecimentos, melhorando-a.

Ao partir

Ao partir pareceu-me ver a Senhora sorridente e alegre na sua tão devota imagem.

É assim que ela quere a Fátima: sossegada, calma, silenciosa e recolhida.

É alí que no recolhimento e na oração esperam as almas o momento da graça e da Misericórdia.

É alí que, sob o manto maternal de N. Senhora da Fátima as almas podem com mais perfeição conhecer a Deus e a sua Vontade, e erguer-se a uma vida cristã e apostólica, na conquista da virtude para si e de almas para Deus.

As almas sinceras e sedentas de perfeição não perdem o ensejo de, uma vez por ano, se recolherem num retiro fechado a pensar em si e em Deus.

Na Fátima realizam-se cada ano vários turnos de exercícios espirituais ou retiros.

Leitor amigo, pareceu-me que a Senhora te quere lá êste ano a tí.

Inscreve-te com tempo, não te esqueças. Foi essa a melhor lembrança que trouxe da Fátima neste dia 13.

G. de O.

N. Senhora da Fátima no Território de Tanganhica

(África Oriental)

O Território do Tanganhica, antiga África Oriental alemã, com uma superfície de 945.400 Kl.², uma população de mais de 4 milhões de habitantes, estende-se entre o rio Umba, ao norte, e o rio Rovuma, ao sul. O interior é formado por um vasto planalto coberto de lagos (Vitória, Tanganhica, Niassa etc.) e está confiado pela Sociedade das Nações à administração da Inglaterra, tendo sido outrora português e evangelisado pelos nossos Missionários que aí deixaram vivas tradições.

Duma carta do Rev. Joachim Ammann, da Ordem de S. Bento, transcrevemos o seguinte:

A chegada do Missionário Rev. P.e Edouard Wildhaber, da Ordem de S. Bento, para a fundação da Missão de Nossa Senhora da Fátima é festejada pelos indígenas com cânticos e danças

«Fátima não é um nome desconhecido para os aborígenes desta região. É êste até, nos lugares onde impera o islamismo, o nome dado, de preferência, às islamitas por ter sido o de uma das mulheres de Mahomé.

Onde êle aparece, sabe, por experiência, o missionário que uma barreira quási intransponível lhe embarga a sua acção.

O crescente mussulmano conserva os seus adeptos ferreamente ligados à sua escravidão espiritual.

Fátima é também o nome da favorita do sultão de Nandembo, região situada a 240 milhas do litoral, no distrito de Tunduru, antiga África Oriental alemã. Não houve maneira de convencer êste régulo, que é mussulmano, a que nos seus domínios se estabelecesse uma missão católica, pedida com tanta instância pelos católicos e catecúmenos desta região.

Há já muito que esta pobre gente vinha pedindo, com lágrimas nos olhos, um sacerdote para os catequisar, baptisar e lhes administrar os restantes Sacramentos.

Quando, há dois anos, o Vigário Apostólico para as missões africanas, o Senhor Arcebispo A. Hinsley, foi em visita pastoral a essa região, serviram-se estes cristão dum meio curioso e desesperado para obter um sacerdote. Estava tudo a postos para a continuação da viagem. O Sr. Arcebispo já tinha tomado lugar na caminheta, quando notou que lhe faltava ainda o seu secretário. A palhota que lhes tinha servido de residência, estava cercada duma multidão de homens, mulheres e crianças que exclamavam: «*Tumenhamata hatumwachi tena!*» «Está agarrado e agora não o deixamos ir embora. Senhor, **não nos tireis o padre**, nós, os vossos pobres filhos, vo-lo rogamos!»

S. Ex.ª comoveu-se até às lágrimas e pediu-me para o ajudar a libertar o seu secretário, visto a sua exortação não ter surtido o desejado efeito. A muito custo, consegui a sua libertação, mas só depois da promessa formal de que lhes seria enviado um sacerdote no ano seguinte. Esta promessa fêz correr lágrimas de alegria. Mas que decepção! O ano já decorreu e a promessa ainda não pôde ser cumprida. Sê-lo-á em breve? Deus o queira!

Senhora do Rosário, vinde em seu auxílio e ponde os vossos pés benditos sôbre o crescente mussulmano para que a luz do sol — que é Jesus Cristo — irradie sôbre aquela pobre gente!

Fátima é um nome querido dos mussulmanos, e vós, Senhora, escolhestes também êsse nome para vosso título de glória. Mas que diferença, que contraste entre Fátima nêsse cantinho abençoado de Portugal, e esta Fátima situada nos sertões africanos! Quem estabelecerá a ponte de passagem? Senhora, pedi a vosso divino Filho que é rei dos povos e pedra angular — *rex gentium lapisque angularis, qui facit utraque unum* — que a edifique, a estabeleça unindo a todos na mesma fé.

Em 4 de Julho último tive ensejo de apertar entre as minhas as mãos calosas e negras do sultão islamita Ngaharu, o mesmo que até alí se tinha oposto tenazmente ao estabelecimento de missões católicas nos seus domínios. Que emoção, que ansiedade! O meu pensamento e o meu coração estavam lá ao longe, no Santuário bendito de Fátima. Com a sua intercessão omnipotente tinha a Virgem Santa transformado o coração impedernido do régulo mussulmano.

Apresentou-nos, a mim e ao meu companheiro, P.e Eduardo Willhaber, os seus cumprimentos de boas-vindas e ofereceu-nos logo a sua melhor propriedade, acrescentando: «Edificai, pois, a vossa missão. Entrego-vos os meus filhos e os meus súbditos para que lhes ensineis a vossa fé».

A propriedade oferecida chama-se Nandembo que, em língua do país, significa mata dos elefantes.

— Deus te abençoe, Sultão. A esta missão será dado o nome de N. Senhora de Fátima, e ela te protegerá a ti, ao teu povo e aos missionários.

Ao nome de Fátima o régulo esboçou um riso de íntima satisfação. Êste nome era-lhe, decerto, bastante querido, muito embora desconhecesse ainda a aluvião de graças que dêle iria irradiar sôbre o seu país e a sua tribu. Sabê-lo-á em breve, de sobejo.

A ponte está pois lançada duma Fátima à outra. A graça não se fará esperar.

A nóra do Sultão adoeceu, entretanto, gravemente e pediu o Baptismo sendo-lhe dado o nome de Maria. Assim, pouco a pouco, virão vindo das trevas para a luz, conduzidas pela mão de N. Senhora, não só estas pobres Fátimas mas também os restantes pagãos e islamitas.

Na tarde desse feliz dia ajoelhamos todos, cristãos e catecúmenos, pagãos e mahometanos, e rezamos o terço na nova missão de N. Senhora de Fátima.

O Sultão estava do lado de fóra olhando, benevolente, através da janela para os que estavam a rezar.

As 240 milhas de regresso pareceram-me, desta vez, extremamente curtas. É que o meu coração e o meu pensamento, inundados de alegria, voavam para a vossa Fátima, para aquela mansão de graça onde tanta pobreza e miséria espirituais iriam, em breve, ser transformadas em doçura e suavidade divina.

Nossa Senhora de Fátima operou êste grande milagre. Quem o duvidará? Graças e louvores lhe sejam pois tributados!

E, por hoje, vou terminar, pedindo a todos os leitores do «Bote von Fátima» e da «Voz da Fátima» não só as suas orações, mas também os seus donativos para a nova missão de N. Senhorsa de Fátima, na África Oriental. De todo o coração agradece antecipadamente esses donativos, enviando a sua bênção, o indigno servo de N. Senhora de Fátima.

Joachim Amman O. S. B.
Abade e Ordinário de Ndand

Recomendamos esta nova Missão de Nossa Senhora de Fátima às orações dos devotos da Virgem Santissima e de bom grado faremos chegar aos Revs. Missionários as esmolas que nos entregarem para êste fim tão do agrado da nossa bemdita Mãe do Céu.

Os Missionários beneditinos iniciam a construção da Missão de Nossa Senhora da Fátima em Tanganhica

AVISO

Ainda há à venda no Santuário os livros seguintes sôbre Fátima:

1.º	**Oratória-Fátima**	20$00
2.º	**As grandes Maravilhas da Fátima**	10$00
3.º	**Fátima, o Paraíso na terra**	5$00
4.º	**A pérola de Portugal**... ...	5$00
5.º	**Fátima, a Lourdes Portuguesa**...	5$00
6.º	**Fátima, à Luz da Autoridade Eclesiástica**	5$00

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA EM TRÁS-OS-MONTES

Ermelo — Mondim de Basto

O culto de N. Senhora da Fátima nesta freguesia de Ermelo, foi inaugurado no dia 25 de Setembro de 1932, pelo Rev.mo Senhor P.e Augusto de Sousa Maia, Secretário do Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria, que preparou o povo para essa festa com um tríduo de práticas em que mostrou o amor que a Virgem Santissima tem aos portugueses e nos incitou à prática da virtude para assim atraírmos dum modo especial a protecção da Mãe de Deus.

Nesse dia foi benzida pela Rev. Senhor P.e Augusto de Sousa Maia uma linda imagem de N. Senhora da Fátima, com os pastorinhos.

O Mordomo desta festa foi o Sr. Joaquim Cordeiro Peixoto.

Para comemorar o primeiro aniversário da instituição do culto de N. Senhora da Fátima nesta freguesia, realizou-se uma festa em honra da Mãe Santissima que se dignou aparecer aos pastorinhos lá na Cova da Iria e que tem já no Ermelo um culto muito fervoroso.

A festa foi precedida dum tríduo de práticas preparatórias e, apesar de estarmos em época de plena actividade agrícola, foi sempre grande a concorrência à igreja tanto de manhã como à noite.

No sábado à tardinha organizou-se a procissão das velas; era um espectáculo enternecedor ver a nossa veiga alumiada pelos reflexos de tantas velinhas e ouvir na quebrada dos montes os ecos repercutirem o delicioso cântico: — sôbre os braços da azinheira — que o povo ia entoando com todo o entusiasmo. Depois da procissão fez-se o exercício da Hora Santa com a meditação dos mistérios do Rosário. No domingo de manhã houve missa resada, estando a nossa igreja repleta de fiéis — e foi administrada a comunhão geral, aproximando-se da Mesa Santa cêrca de 400 pessoas — entre as quais se distinguia um grupo de criancinhas que docemente evocava a memória dos felizes pastorinhos da Cova da Iria.

Ao meio dia teve lugar a missa cantada, sendo executada a missa «Régia» por um grupo de senhoras, sob a direcção da Ex.ma Sr.ª D. Beatriz Gonçalves Grilo. E no fim da missa saiu uma linda procissão, sendo a imagem de Nossa Senhora levada num majestoso andor e durante a procissão foi recitado o terço, alternado com cânticos em honra da Mãe de Fátima.

Depois, ao fim da tarde, leiloaram-se as prendas oferecidas a Nossa Senhora da Fátima. Para recolher estas prendas constituiu-se uma comissão composta das Ex.mas Sr.as D. Marília Gonçalves Minhava, Maria Cordeiro, Beatriz Cordeiro, Iracêma Esteves e Amélia da Costa Borges.

Não foram esquecidas as benditas Almas do Purgatório. Como remate a esta festa, na segunda feira de manhã foi celebrada uma missa pelas almas das obrigações de cada um, à qual concorreram os ermelenses como se fôra uma missa de domingo e comungaram umas 150 pessoas.

Para o esplendor e bom êxito desta festa não se pouparam a esforços a incansável zeladora Ex.ma Sr.ª D. Beatriz Gonçalves Grilo e os meretíssimos mordomos Sr. António Pereira e sua esposa Cândida de Almeida Soares.

Ficou nomeada mordoma, no próximo ano, a Ex.ma Sr.ª D. Maria Martins Botelho.

Nova Zelândia

No território tão longínquo da Nova Zelândia e especialmente na cidade de Auclanda, de perto de 200.000 habitantes, é muito querida a devoção de Nossa Senhora da Fátima.

O Rev. James A. Ecleston, Pároco de Santo André, tem sido o apóstolo do culto de Nossa Senhora na Nova Zelândia, auxiliado pelas Irmãs Maristas de Tuakan e pelas boas irmãs da Missão de Puhekohe e pelas Irmãs das Dores e Mercês de Auclanda.

Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. James Michael Liston, Bispo da diocese de Auclanda, em carta dirigida ao Senhor Bispo de Leiria, recomenda-se e as necessidades da sua Diocese, aos peregrinos da Fátima.

Êste número foi visado pela Censura.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Tuberculose pulmonar

Tenho um filho que há quatro anos adoeceu, enfraquecendo por isso sensìvelmente.

Consultou em Lisboa vários médicos e alguns especialistas que classificaram a sua doença de tuberculose pulmonar. Deixou imediatamente todo e qualquer trabalho, retirando-se para a aldeia muito triste e desanimado. De quando em quando consultava vários médicos e todos o davam por perdido porque tinha já hemoptises e era de constituïção muito fraca.

Perdi por completo tôda a esperança de o salvar, visto que dia a dia a terrível doença o ia minando. Então, na maior aflição, lembrando-me que só Nossa Senhora da Fátima lhe poderia valer, cheia de confiança recorri a Ela pedindo me valesse em tão grande desdita, e prometendo agradecer-lhe da forma que eu melhor pudesse.

Nossa Senhora atendeu a minha prece, e eis que meu filho se entregou já ao serviço que tivera de interromper durante quatro anos, encontrando-se completamente curado. Eu e êle atribuímos a sua cura à maternal intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Freixieiro de Soutelo

Maria Emília Afonso

Abcesso na bôca

No dia 15 de Maio adoeceu a minha filhinha Maria de La Salette com um abcesso na boca a tal ponto que já não podia ingerir o simples leite nem tão pouco articular qualquer palavra. Recorreu-se a tudo quanto a terapêutica aconselha em tais casos e não via forma de tal doença lhe desaparecer, pelo que a julgava irremediàvelmente perdida. Não sabendo já o que mais fazer e aflita com a suposição que minha filhinha única não tivesse cura pedi a Nossa Senhora da Fátima que a salvasse, prometendo a publicação desta graça no jornal «A Voz da Fátima». Nossa Senhora dignou-se ouvir os nossos rogos e quando amanheceu o abcesso tinha rebentado e já ela pronunciava algumas palavras e no dia seguinte estava completamente boa.

Venho, portanto, comprir a minha promessa agradecendo à Virgem Nossa Senhora tão grande graça.

Espozende

Silvina da Graça e Costa

Apendicite

O estado de saúde de Avelino Alves Ribeiro, provocado por uma apendicite era tal que a cada momento se esperava o desenlace fatal. Esteve catorze dias coberto de gêlo, sendo sustentado durante êste tempo ùnicamente com injecções; nem tão pouco se podia mover para mudar de posição. Apezar da operação a que foi submetido, como último remédio, o doente continuava cada vez pior.

Já que a ciência humana era incapaz de fazer mais, dirigi a minha súplica a Nossa Senhora da Fátima para que nos valesse.

No dia 13 convidei várias pessoas a resarem o Terço numa capela onde está exposta à veneração a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, precisamente à mesma hora em que na Cova da Iria se celebrava a Missa dos doentes, unindo assim as nossas às orações dos peregrinos que se encontravam no Santuário. Entretanto, graças a Nossa Senhora, o doente começa a sentir sensíveis melhoras.

Durante nove dias continuámos rezando o Terço, e no fim dessa novena o doente estava livre de perigo, quási como se nada tivesse tido, apenas como conseqüência da doença, com um pouco de fraqueza que dentro em pouco desapareceu.

Fiães — Feira

Maria Angela de Oliveira Santos

Doença nos olhos e pneumonia

Há dois anos foi meu Pai acometido por ùma doença nos olhos, doença que lhe roubou por completo a vista, causando-lhe além disso dôres cruciantes. Depois de completamente desenganados pelo médico assistente, lembrámo-nos de recorrer a Nossa Senhora da Fátima a quem fizemos uma novena e prometemos publicar a graça que pediamos se ela nos fôsse concedida.

No fim da novena, o meu pai, que sofria já havia mais de um mês dôres horriveis, recuperou a vista e ficou sem dores algumas nos olhos.

Hoje sente-se completamente bem, apesar da sua idade já um tanto avançada.

Pouco depois uma pneumonia, a terceira já que se lhe declarou, veio prostrá-lo no leito. O médico desesperou de o salvar, atendendo a diversas complicações que tornavam a cura, diziam, humanamente quási impossível.

Mais uma vez, recorremos a Nossa Senhora da Fátima a quem fizemos várias promessas e orações.

A graça não se fêz esperar, pois pouco depois meu pai começou a melhorar sentindo-se já há tempo completamente bem.

Cardielos—Viana do Castelo.

Maria das Dôres Parente

Cegueira

Meu filho Manuel Albino Vieira Guedes, da freguesia de Pedroso, com oito anos de idade, cegou por completo.

Tratou-se com diferentes médicos durante 7 anos, mas inutilmente.

Perdida a esperança na ciência humana entreguei o caso à protecção de Nossa Senhora da Fátima.

Passou-se algum tempo e eis que um dia o pequeno começou a ver: e, diz, a primeira coisa que viu foi a imagem de Nossa Senhora da Fátima. Esta graça foi-lhe concedida a 25 de Julho de 1928. Já passaram mais de cinco anos e a cura tem-se confirmado, graça que desejo agradecer publicamente a Nossa Senhora da Fátima.

Carvalhos — Gaia

Maria do Céu Carvalho Vieira

Graças diversas

— Berta de Brito Brandão — Coimbra, tendo alcançado uma graça especial de Nossa Senhora da Fátima, agradece favor tão singular que nunca mais deseja esquecer.

— António Alves — Chaves, agradece diversas graças espirituais e temporais que prodigiosamente Nossa Senhora lhe alcançou.

— Angela S. Tavares — Lisboa, depois de ter feito uma novena a Nossa Senhora da Fátima alcançou as melhoras desejadas, favor que publicamente vem agradecer na «Voz da Fátima».

— Natália Carrêdo — Vouzela, tendo-lhe Nossa Senhora valido numa grande aflição vem agradecer penhoradíssima o favor que do céu recebeu.

— Maria Peixoto — Campanhã, tendo uma pessoa de família em grave perigo de vida devido a um laborioso parto, recorreu a Nossa Senhora em tão angustioso transe e a sua prece foi ouvida. Agradece ainda diversas graças que Nossa Senhora lhe alcançou, entre elas a cura de uma pessoa de família que estava quási surda.

— Maria Carlota Trigueiros — Fundão, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça que alcançou por sua intercessão depois de, cheia de fé, beber água do Santuário.

— Edite Augusta Freitas e Castro — Fafe, com profundo reconhecimento agradece a Nossa Senhora um especial favor que Ela se dignou conceder-lhe.

— José Jacinto de Castro — Vila Franca do Campo — Açôres, muito reconhecido a Nossa Senhora da Fátima agradece-lhe a cura de D. Armanda Mariana Costa que quási esteve a sucumbir, havendo momentos em que a julgaram defunta.

— Isabel do Carmo Guerreira — Lisboa, recorreu a Nossa Senhora em momentos de aflição e a sua prece foi ouvida e despachada pela Mãe do Céu, pelo que cheia de gratidão, vem testemunhar o seu agradecimento a tão boa e carinhosa Mãe.

— Beatriz da Costa de Almeida Nunes — Abravezes, receando muito uma operação melindrosíssima da qual, contra a esperança dos próprios médicos, obteve bom resultado, agradece a Nossa Senhora cuja protecção invocou.

— Ermelinda dos Santos — Chaves, agradece a cura de sua irmã Isabel dos Santos, para quem os recursos da medicina foram absolutamente ineficazes.

— Quiteria de Jesus — Arrabal—Leiria, agradece muito reconhecida a Nossa Senhora uma graça muito importante concedida a sua família bem como uma outra graça concedida a uma sua afilhada.

— Maria dos Reis Silva Jordão — Setúbal, cheia de reconhecimento para com a Santíssima Virgem agradece-lhe diversas graças espirituais e temporais que por sua intercessão alcançou.

— Estevão Marques da Maia — Rôxo tendo-lhe Nossa Senhora valido em momentos de grande aflição vem por êste meio mostrar o seu reconhecimento para com tão boa mãe.

— Tília Dulce da C. da Silva — Lisboa, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a saúde para uma pessoa de sua família.

— Alzira Teixeira da Cunha — Mafamude — Gaia, há muito que sofria uma infiltração bacilo-pulmonar que a pouco e pouco a impossibilitou de trabalhar. O seu mal estar chegou a ponto tal que receando-se o desenlace recebeu o Sagrado Vático e a Extrema-Unção. Cheia de confiança, invocou Nossa Senhora da Fátima de quem alcançou ràpidamente as melhoras, e hoje ocupa-se dos seus trabalhos domésticos sem cansaço extraordinário e sempre com ótima disposição. Em agradecimento à Santíssima Virgem, cuja glória deseja aumentar, pede seja publicada esta graça que Mãe tão carinhosa lhe dispensou.

— Laurência de Jesus Amado Freitas — Ponta do Sol — Madeira, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima um favor especialíssimo que por sua Maternal intercessão recebeu do Céu.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

Em Belém do Grão Pará

A parte devota da colónia portuguesa celebrou a sua padroeira, assistiu ao tríduo preparatório prègado pelo P.e Leite, e à missa celebrada pelo Sr. Arcebispo, que fêz uma bela prática. A comunhão foi numerosa. O altar estava um primor. Quatro candelabros de metal, oferecidos pela família Alves foram estreados. Iluminam perfeitamente tôda a capela e ornamentam graciosamente o teto.

Ainda a Oratória «Fátima»

A apresentação da Oratória *Fátima*—versos do distinto poeta e servita Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira e música do ilustre e conhecido compositor Sr. Ruy Coelho — teve tal retumbância no Congresso Nacional Eucarístico da Baía que não resistimos a pormenorizar mais a sua execução servindo-nos, com a devida vênia, dos elementos que uma carta do Rev. Mariz, professor de música no Colégio António Vieira, nos oferece.

BAIA, 26-9-33 — *Algumas notas do P.e Mariz sôbre o Congresso Eucarístico celebrado na cidade do Salvador de 2 a 10 de Setembro de 1933.* Ninguém esperava tanto, nem ainda os mais optimistas. Eu, encarregado da récita de gala, com os momentos todos tomados com a grande responsabilidade dos ensaios da «Oratória Fátima» mal pude seguir o desenrolar dos diferentes e grandiosos números do Congresso. Todos os momentos, que me ficaram livres, eram poucos para descansar. Os ensaios da «Oratória» levaram exactamente dois meses e meio. O elenco dos solistas era espléndido. Tinha lançado os meus cálculos para 150 figuras entre orquestra e coros e afinal atingiu-se a cifra de 200! O nosso maestro Rui Coelho viu mais uma vez confirmados os seus créditos de compositor original e profundo. A orquestra era constituída por 40 professores.

Dei à orquestra 20 ensaios de hora e meia cada um; foi mais que suficiente para obter um conjunto espléndido. Os coros eram formados por quási cem vozes femininas e cincoenta masculinas. Cantou admiràvelmente o papel da Virgem uma senhora formada na Alemanha e na França, que é a professora mais conceituada de canto que aqui temos.

A Lúcia foi a discípula mais distinta desta professora. A Virgem ia vestida de seda bordada a oiro. As videntes trajavam à minhota; os pastores vestiam de veludo preto, com a carapuça e a faixa portuguesas. Só o vestido da Virgem ficou por 400 mil réis brasileiros; o cenário magnífico; bastará dizer que só êle absorveu 4 contos de réis! O aluguer do teatro orçou por 3 contos. Todos os gastos da «Oratória» ficaram por uns 10 contos; a-pesar-disso ainda se tiraram perto de meia dúzia de contos de receita. O interêsse que a «Oratória Fátima» despertou foi em parte devido a se terem feito os ensaios com entrada franca. Êste foi o maior rèclame, e o mais barato e eficiente. A procura de bilhetes foi fantástica. Até do Rio de Janeiro cheguei a receber telegramas pedindo camarotes e poltronas reservadas. Às cinco da tarde do dia da récita, mandei colocar o cartaz de «Lotação exgotada». Meia hora depois agiotas desconhecidos vendiam os próprios bilhetes, comprados a 15$000, por 35 e 45 mil réis! À porta do teatro estacionavam centenas de pessoas anciosas de assistir à Oratória. O aspecto do teatro, super-lotado, era deslumbrante. O Em.mo Cardial-Legado, o Senhor Núncio, 53 Senhores Arcebispos e Bispos, o govêrno estadoal, altas patentes do exército e armada, o Corpo consular, a magistratura, o alto comércio etc. etc., davam ao teatro uma grandiosidade invulgar.

No momento da aparição da Virgem houve entusiasmo indescritível. Um protestante alemão confessou-me que, ao ver a azinheira a esgalhar-se para dar lugar à aparição, sentira o calafrio do sublime... e que as lágrimas lhe correram pelas faces. O Histórico e os videntes não deixaram nada a desejar. O povo evolucionou muito bem a-pesar-dos poucos ensaios no teatro. E a procissão final das velas, subindo ao cume da serra da aparição, foi uma apoteose.

A oratória foi levada à cena, no dia 7 de Setembro, dia em que se celebra a independência do Brasil.

O P.e Boubée comentou: «no dia da independência do Brasil, leva-se a oratória «Fátima» da autoria de maestro e poeta portugueses, ensaiada por um português, precedida dum discurso por outro português, com um cenário feito por outro português, num teatro explorado por outro português!! Curiosa coincidência»!!

Além das sessões solenes do estádio do Gracia, que comportava muitos milhares de pessoas, houve ainda de notável a procissão final do congresso, que se desenrolava pela extensão de 3 a 4 quilómetros.

O jornal «Era Nova» de 8 de Setembro relatava o que segue: «Constituiu um acontecimento inédito em a nossa sociedade a «Oratória Fátima», levada ontem à noite no teatro Guarany, e de autoria do maestro Rui Coelho, especialmente cedida para a récita de gala do 1.º Congresso Eucarístico Nacional.

Foi um deslumbrante festival artístico, que a nossa sociedade, no que de mais significativo tem, aplaudiu repetidamente naquele conjunto de 150 figuras, sob a direcção do P.e Luís Gonzaga Aires Mariz S. J.

A Baia no seu escol compareceu e teve a impressão exacta de que estava num dos maiores teatros do mundo.

Mais duma centena de vozes de distintíssimos artistas profissionais e amadores, constituiu os coros.

Ao lado dessa empolgante peça artística, outro deslumbramento emocionou a grande assistência, foi a alocução do notável conferencista do Brasil, Rev. P.e Luís Gonzaga Cabral S. J.

Infelizmente o teatro não comportou o número de pessoas que desejava ver e ouvir o que há de mais sublime em arte teatral. É de esperar que a «Oratória Fátima» volte ao palco para satisfazer a uma grande maioria da nossa melhor sociedade».

•

Ruy Coelho

FÁTIMA

Oratória

Poema de Afonso Lopes Vieira.

Texte français: M.me Guite de Sousa Lopes.

Partitura de Piano e Canto.

Restam ainda aguns exemplares desta bela Oratória que vendemos ao preço de **vinte escudos,** devendo os pedidos, acompanhados da respectiva importância e ainda 1 escudo para o correio, ser dirigidos à administração da «Voz da Fátima».

FÁTIMA EM ITÁLIA

Gubbio

O dia 13 foi sempre festejado com particular devoção, em Gubbio, no ex-convento de S. Jerónimo, à excepção de dois meses, por causa da neve impedir completamente o trânsito. A devoção a Nossa Senhora da Fátima vai no entanto crescendo sempre, como prova a concorrência nestes últimos meses.

Em Agosto, às sete horas da manhã a capela estava já cheia de piedosos peregrinos que da cidade subiram ao monte em devota romagem, rezando o têrço pelo caminho. Iniciou-se a Missa, durante a qual se recitou o terço intercalado com o «Ave da Fátima». À altura da Sagrada comunhão Mons. Reitor, que celebrava a Missa, dirigiu a palavra à numerosa assistência, convidando-a para o banquete divino. É ali, diz o Rev.mo celebrante, é ali que temos a verdadeira vida, que nos conforta no trabalho e agruras desta terra. É a Carne e o Sangue do Cordeiro divino. Só Êle nos pode saciar e fortalecer para cumprirmos os nossos deveres. Porque há tanta crise no mundo? Porque as almas não vão a Jesus. Mas quem nos poderá levar a nós tão miseráveis a Jesus? Aquela que tem algo de divino, que atinge os limites da divindade. É Maria Santíssima, em cujas mãos o Senhor tudo depositou. É Nossa Senhora da Fátima que desceu à Cova da Iria a trazer a Mensagem de penitência, perdão e caridade. Ponhamo-nos nas suas mãos e Ela— nos há-de preparar para recebermos menos indignamente o seu divino Filho, Ela nos fortalecerá, como fortaleceu os três videntes que embora raptados do lar paterno, e submetidos a duras provas, preferiram morrer a descobrir o segrêdo que lhes foi confiado.

À tarde, com numerosa assistência, recitou-se o terço, intercalando-se entre os mistérios o «Ave da Fátima» em italiano, sendo dada, por fim, a bênção solene do Santíssimo Sacramento.

• • •

Em Setembro a concorrência não foi menor do que no mês anterior, a-pezar de ser dia de trabalho.

Como de costume, às 7 horas foi celebrada a Missa da Comunhão geral.

Chegado ao Evangelho o Rev.mo Mons. Vice-Reitor fêz aos fiéis presentes uma eloquente e piedosa prática.

Começa por recordar as impressões que sentira na sua última viagem à Terra Santa, ao ver-se nos próprios lugares onde nasceu Nosso Senhor, por onde passou sofrendo tanto, e finalmente recordou o Calvário onde a Virgem Santíssima nos foi dada por Mãe pelo seu Divino Filho no momento em que ia deixar a terra.

Recorda em seguida, que Maria continua a ser Nossa Mãe extremosa, como o prova a sua vinda a Fátima.

Quando os seus filhos se debatiam em cruéis lutas, eis que Ela aparece qual estrêla de paz a apaziguá-los e conduzi-los a Jesus por meio da oração e penitência que pediu e recomendou.

Finalmente, depois de algumas palavras sôbre a aparição do dia, convida a todos a amarem a Virgem Santíssima, a acederem aos seus pedidos e a propagarem a sua devoção.

Encerrou-se a festa com a recitação do terço e bênção solene do Santíssimo.

• • •

A festa de 13 de Outubro foi mais concorrida do que a dos meses anteriores, apezar do continuo choviscar desde as primeiras horas da manhã.

O altar estava primorosamente ornado, a ponto de oferecer o aspecto dum lindo jardim de flores brotando ao lado e aos pés da Virgem, no meio das quais flores se elevavam muitas velas irradiando luz e calor. Para maior solenidade, a Missa da Comunhão foi cantada pelo Rev.mo Mons. Vice-Reitor. Ao Evangelho, aproxima-se do altar o Rev. P.e Luís Gonzaga da Fonseca, e começa a falar, tomando para tema um versículo, do Evangelho da Missa da festa: «Beati, qui, audiunt verbum Dei et custodiunt illud». Numa breve síntese recorda a Mensagem da Santíssima Virgem no dia 13 de Outubro:

«Eis-nos outra vez, junto de Maria Santíssima para recordar e agradecer a sua visita em Fátima. Nêste dia, estavam milhares de peregrinos, lá no cimo da montanha previligiada esperando a última visita da Raínha do Céu. De facto, à hora aprasada, eis que chega a Virgem Santíssima. Nas aparições precedentes recomendava insistentemente a fuga do pecado, mudança de vida, a oração pelas almas do Purgatório, a recitação do têrço. Desta vez Nossa Senhora novamente insiste para que não continuem a ofender Jesus, e rezem quotidiana e devotamente o Terço, declarando, por fim, que era Nossa Senhora do Rosário.

Mas que argumentos apresenta a Mãe do Céu para provar a realidade das aparições?

O primeiro testemunho dos três inocentes, aos quais Nossa Senhora apareceu: interrogados dizem singelamente o que viram; postos à prova, tentados artificiosamente para cairem em contradição, ameaçados da própria morte, e sempre constantes e concordes. Perante tal argumento é impossível dúvidas da sinceridade dos videntes. Mas não é êste o único argumento. Logo a partir da segunda aparição sinais extraordinários são presenciados por centenares e milhares de pessoas: a luz do sol que diminuiu, a nuvem branca que sôbre o recinto se formava, as flôres que do céu choviam e vinham pousar no local das aparições, o globo luminoso que através da atmosfera passava servindo como que de côche de glória à Mãe Santíssima, todos êstes factos são outros tantos argumentos que provam a realidade das aparições de Nossa Senhora. Finalmente, o milagre solar prometido alguns meses antes.

Para quê todos estes sinais? Para satisfazer apenas a nossa curiosidade? Talvez para fazer mostrar ùnicamente o seu poder? Seria indigno, pensá-lo. Maria Santíssima devia ter um fim em vista digno dela! queria fazer acreditar a sua mensagem divina de misericórdia, queria que nós ouvissemos e fizessemos o que nos vinha pedir: uma vida cristã, e a recitação do Rosário. A primeira parte é o fim, o Rosário é o meio para atingí-lo. E êste um meio não só excelente, mas eficaz quer no campo espiritual, quer mesmo no temporal.

É o Rosário uma oração aprovada por Deus e ensinada por Maria Santíssima. Além disso, por meio dela nos valemos da intercessão de Jesus e Maria, dizendo a cada momento: — «ora por

Uma jóia artística – Banqueta Manuelina – a oferecer por subscrição nacional à Virgem Santíssima da Fátima

A bem conhecida «Ourivesaria Aliança», do Pôrto, expoz, há tempos, uma preciosa *Banqueta manuelina*, que é uma obra prima da ourivesaria portuguesa, à qual nenhuma outra excede ou sequer eguala.

A alguns católicos, devotos de Nossa Senhora de Fátima, pareceu que essa admirável *Banqueta* tinha o seu lugar na igreja da milagrosa Cova da Iria, onde actualmente acorrem milhares de peregrinos nacionais e muitos estranjeiros. Fátima é já hoje um *facto* mundial.

E para que aquele piedoso pensamento possa ter realisação, resolveu-se abrir uma subscrição nacional, que abranja todos os católicos desta linda e bemdita terra de Santa Maria, mesmo os pobres, que poderão ofertar o pequenino óbulo da viúva do Evangelho, tamanho aos olhos de Deus.

A oferenda da lindíssima *Banqueta* — beleza que morre aos pés da Beleza omnipotente e imortal — tem de ser de tôda a nação, como *nacional* é o santuário de Fátima, dedicado àquela sobrenatural Senhora, que quis descer até nós numa hora grave e decisiva da vida da nação portuguesa e a cuja aparição anda indissolùvelmente ligado o nosso esplêndido ressurgimento.

Mais uma vez a Bênção de Maria iluminou a nossa gloriosa história. A glória da Virgem Imaculada e a glória de Portugal nunca se separaram através dos séculos.

É verdadeiramente abençoado aquele logar sagrado e piedoso, onde vamos todos os anos em comovida romagem com os nossos confrades vicentinos, vindos de tôdas as províncias em homenagem à Mãe de Deus, fonte inexaurível do amor do próximo.

São do céu as horas que lá se vivem, é uma atmosfera de sobrenatural, numa exaltação divina, que nos torna apóstolos da causa de Deus e de Portugal.

Êste é constantemente lembrado nas orações que de Fátima sobem até ao seio misericordioso e infinito de Deus.

Ali se corrige de certa maneira a apostasia oficial. Ali se presta o culto nacional que a Deus é devido.

Tem, portanto, de ser nacional esta subscrição, que é lançada no dia em que a Igreja celebra uma das mais altas prerogativas da Virgem—a sua Conceição Imaculada — padroeira da Nação Portuguesa.

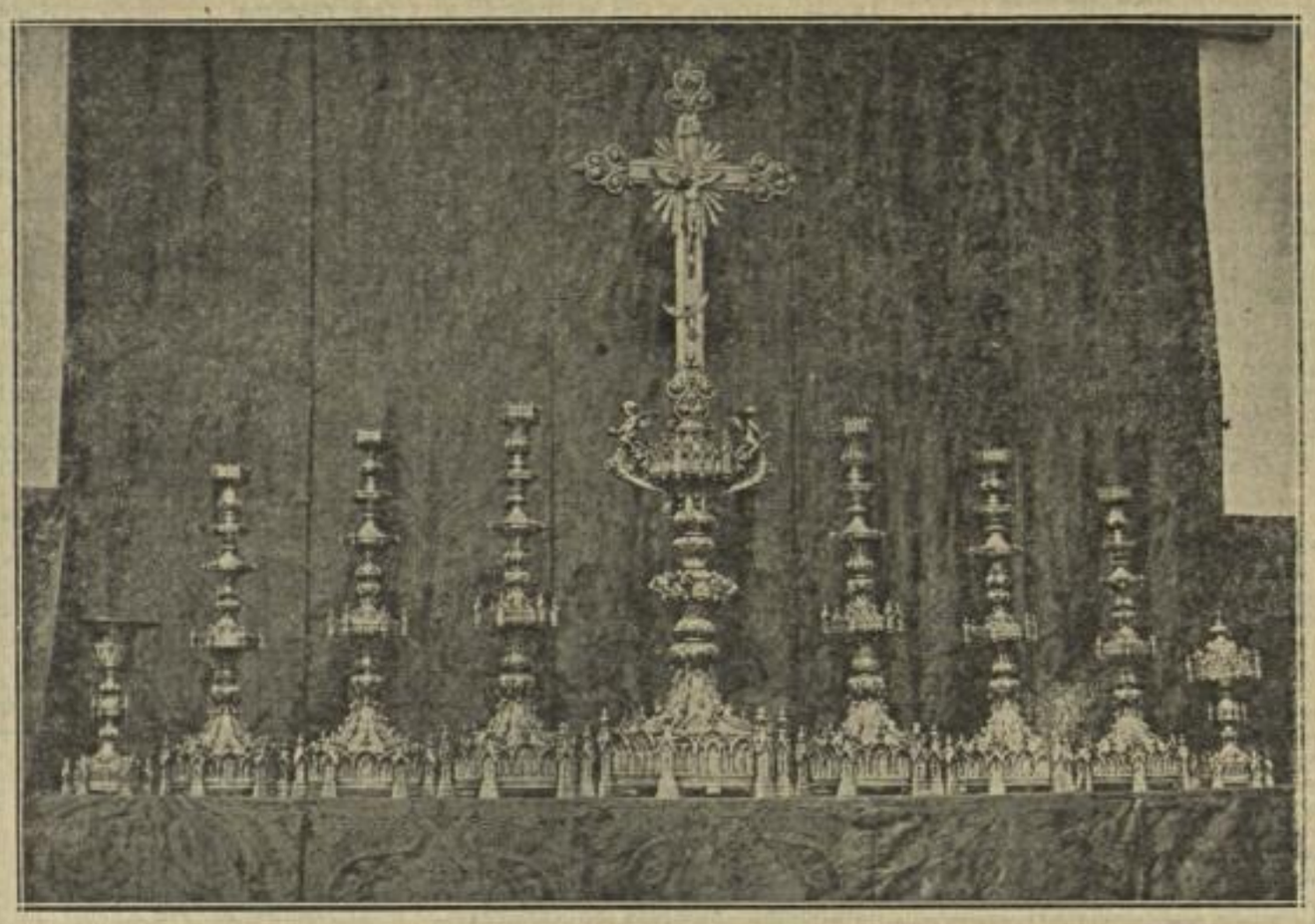
Que ninguém falte a êste modesto mas fervoroso apêlo. Que todos concorram para oferecer a Maria o que é obra do engenho e do trabalho e de artistas e artífices portugueses.

Que tôdas as freguesias do país, concorrendo como poderem, digam o seu amor à Virgem de Fátima, proclamando-A numa explendida unanimidade, Raínha de Portugal.

E mais bençãos descerão sôbre os nossos lares e sôbre êste privilegiado *solar* da Raça, em cuja alma vive imorredouro o culto de Maria.

Pôrto, 8 de dezembro de 1933.

Alberto Pinheiro Torres



Joia manuelina de prata a oferecer por subscrição Nacional para o Santuário de Nossa Senhora da Fátima

Aprovamos a generosa iniciativa do ilustre advogado Snr. Dr. Alberto Pinheiro Torres e pedimos à Santissima Virgem alcance tôdas as graças do Céu para os Snrs. Subscritores.

Leiria, 8 de Dezembro de 1933. JOSÉ, Bispo de Leiria

AVISO — As listas numeradas e com o sêlo branco do Santuário podem ser pedidas à Administração da «Voz da Fátima» assim como recebemos as esmolas que nos queiram entregar.

---

nobis» — rogai por nós. Finalmente o Terço é uma oração perseverante porque repetimos 150 vezes as mesmas invocações. É êste um dos requisitos para sermos atendidos nos nossos pedidos. O próprio Jesus Cristo o disse: — «oportet semper orare», por isso, como para viver é preciso respirar assim a oração não é outra coisa mais do que a respiração da alma.

É ainda o Rosário a oração que, aproveitando tôda a nossa actividade a concentra para o bem, ajudando assim a nossa fraquesa. Qual o cristão que, ao contemplar a vida oculta de Jesus, não irá de encontro a tôdas as dificuldades que se lhe opozerem no caminho da virtude? Quem não será capaz de suportar os mais crueis tormentos ao meditar na dolorosa Paixão de Nosso Senhor apresentada nos mistérios dolorosos? Quem é que, ao ver o Divino Mestre Glorioso e triunfante, não se animará a sofrer tôdas as contrariedades, sabendo que a mesma glória o espera?

Rezai o Rosário e sereis bons cristãos! Não cristãos de piedade egoista, mas de caridade, cristãos de todos os mandamentos, cristãos sempre e em tôda a parte.

Mas para viver bem e cumprir a lei de Deus é necessária, além da graça de Deus sem a qual nada podemos, a nossa correspondência — e tudo isto nos alcança o Rosário. Amemos, pois, o Rosário, propaguemos esta devoção na certeza de que Deus nos concederá as graças de que necessitamos. Oremos sempre, sejamos cristãos de precisão, e lutemos contra êsse vício da piedade egoista e comerciante: — só oram, recorrem aos Santos, ouvem Missas — se estiverem doentes, se correm perigo e se os negócios vão mal; de contrário tudo deixam, não necessitando já de Deus. Não é assim que Nossa Senhora deseja, não é pois assim que devemos fazer.

No fim da Missa, foi celebrada uma outra, à qual assistiu ainda muita gente.

À tarde encerrou-se a festa com a recitação do terço e Bênção solene do Santíssimo Sacramento.

Sicília

Esta ilha continua a ser teatro de propaganda ao culto de Nossa Senhora da Fátima, graças ao ardente zelo do Rev.º P.e Michelangelo Calcagno. Da sua correspondência transcrevo o que segue:

Desejaria que se encontrasse ainda em Roma. Sei, entretanto, que já saiu para Gubbio a passar as férias, o que me causou grande pena. Sabe porquê? É que no próximo dia 30 (de Julho) partirá daqui uma peregrinação para Roma, Lourdes e Terra Santa, dirigida por S. Em.ª o Snr. Cardeal Lavitrano, da qual fazem parte o meu Arcipreste Con. V. Calcagno, Mons. Gragiano, Reitor do Seminário de Palermo e muitos outros meus parentes e conterrâneos. A meu pedido, muitos pensam, durante os quatro dias que estarão em Roma visitar a Virgem Santíssima da Fátima no Colégio Português. Por esta razão desejaria que estivesse no Colégio nesta ocasião. Todavia, já disse ao Rev.mo Arcipreste a hora em que poderiam visitar Nossa Senhora da Fátima. Oxalá possam visitá-la! — Os factos maravilhas da Fátima começam já a interessar pessoas estranhas ao meu lugar, as quais continuamente me pedem imagens, maravilhando-se (e isto seja dito para maior glória de Maria) como é que em Ciminna se chegou ao conhecimento de tão maravilhosos e celestiais acontecimentos.

DENTRO DO SANTUÁRIO

Não há muitos dias ainda tinha já dado o meio dia quando chegaram ao Santuário três pessoas de condição humilde mas de fé esclarecida e robusta.

Tinham percorrido durante tôda a manhã uma distância de muitas léguas atravessando a Serra de Aire que os separa do Santuário.

Vivendo num lugar afastado da Igreja Paroquial da sua freguesia não têm possibilidade, pois vivem da sua jorna diária, de receber todos os dias a Sagrada Comunhão.

Naquele dia, porém, que roubaram à sua jorna para virem ao Santuário não haviam de perder a Sagrada Comunhão. Era necessário um sacrifício para isso, mas não importa. Para poderem receber aquele Jesus que por todos desceu do céu à terra, não duvidam percorrer em jejum a distância que os separa do Santuário. Saem de madrugada, caminham vagarosa e pacientemente e, um pouco depois do meio dia, ei-los junto do bom Deus Sacramentado!

Fazem a sua confissão, recebem a Sagrada Comunhão com uma piedade de edificar os anjos, e, dadas graças a Jesus que dentro dêles residia, tratam então de alimentar o próprio corpo com algum alimento que traziam!

Lindo, não é verdade?

Sem dúvida. Cristãos assim, embora de condição humilde, dão a muitos sábias lições de sólida piedade que por Deus se sabem assim sacrificar.

* * *

Tinha chovido torrencialmente durante tôda a noite.

Depois de amanhecer, ainda um pouco antes do nascer do sol, do lado da Capela das Confissões em direcção à das aparições, vê-se um vulto que, de joelhos, se arrasta por sôbre a terra encharcada.

De quem será tal vulto que de longe se não pode ainda determinar?

— Era, diz êle, um militar que acabava de regressar a casa de seus pais, e que na caserna donde acabava de sair, em sérios perigos morais por causa das más companhias com quem tenia manchar a sua honra nunca até então ofuscada, se entregara a Nossa Senhora da Fátima para que o ajudasse a não ser contaminado no meio de tantos perigos.

Passou-se o seu tempo de caserna, e agora já livre, diz, viera por humildade e agradecimento agradecer a Nossa Senhora a sua maternal protecção e percorrer de joelhos aquela terra enlameada, mas bem menos nojenta do que a lama moral com que esteve em perigo grave de se conspurcar. Atribue a Nossa Senhora a quem rezou todos os dias o Terço, o triunfo que alcançou durante tempo tão perigoso.

Que bela alma! pensei eu.

Se todos os rapazes o imitassem, quantos triunfadores de si próprios não haveria?!

Imitai-o e sereis dignos dos louvôres que a êle aqui tributamos.

O seu nome e morada Deus o conhece agora, e depois, no dia das grandes recompensas o conheceremos todos também.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte...	414.660$32
Papel, comp. e imp. do n.º 134 (55.800 ex.)...	2.855$30
Franquias, embalagem, transporte, etc....	1.269$45
Na administração	156$80
Total	418.941$87

Donativos desde 15$00

Cecilia Martins — Cuba, 20$00; Ana Roldana — Cuba, 15$00; Maria do Céu Valença — Braga, 15$00; Augusto Amaral — Viseu, 20$00; Francisco Vicente — Viseu, 15$00; Albertina Fernandes — Ribeiradio, 15$00 Distribuição em Guilhovai — (António Leite), 200$00, M.ª I. da Rocha — Lisboa, 20$00; Maria Amélia Vieira — Porto, 50$00; M. Silva Vieira — Alpiarça, 20$00; Catarina Caiado — S. Braz de Alportel, 15$00; Maria Emília Fernandes — América, 22$00; P.e Agostinho Nunes — S. Leocadea de Baião, 47$50; P.e Manuel Rodrigues de Carvalho — Sedielos, 155$00; Jóia Padrão — Trofa, 15$00; P.e Rafael Jacinto — Vila do Rei, 50$00; P.e Manuel Feliciano — Outil, 100$00; Maria da S. Peixoto — ?, 20$00; Ermelinda Leite — América, 2 dolares; Olinda C. Moreira — Mira, 40$00; José da Cruz Costa — Coimbra, 35$00; M. Reginaldo Dias — Mormugão, 367$50; José Calvário — Valhascos, 25$00; M.ª do Carmo Rocha — Odivelas, 15$00; Angelina Marçal — Penedono, 20$00; António Honorato—Albufeira, 15$00; António I. Henriques — Lourinhã, 15$00; Ana da Cunha Fontana — Luanda 50$00; P.e Alfredo Almeida — Barrancos, 20$00; Amélia J. Ramada — Pôrto, 15$00; n.º 1466 — Madeira, 15$00; Maria da C. Borges — Bragança, 15$00; P.e Manuel Pontes — Igreja de S. José — Póvoa do Varzim, 135$00; João Goulart — Pico, 20$00; Emília Leite — Barrosas, 25$00; Henriqueta Coelho — Golpelheira, 20$00; P.e Francisco Carlos Nunes — Setúbal, 180$00; M.ª da Luz Aguiar — Vermelho, 15$00 José Painhas — Viana do Castelo, 20$00; Prior da Marinha Grande, 21$00; M. R. M. — ?, 20$00; Francisco Martins — Espinho, 20$00; Corina Batista — Açores, 20$00; Adelaide de Mira — Estoril, 20$00; José Henriques Garcia — Pôrto, 20$00; Aida Figueiredo — Feira, 22$50; M.ª do Carmo Pires — Pôrto, 25$00; Laura Gulpilhares — Portimão, 20$00; M.ª da Costa Russo — Castelo de Vide, 25$00; Laura Miranda — ?, 20$00; Eugénia Nuncio — Alcácer do Sal, 20$00; Hermengarda Lopes — S. Braz, 20$00; Adelaide Braamcamp — Santarém, 20$00; Henrique P. Torres — Ermezinde, 20$00; António Pinto — Lagares, 15$00; P.e José da Rocha — Lagares, 15$00; Diamantino Moreira — Aveiro, 30$00; Hortencia Menezes — Pôrto, 20$00; P.e António de Mesquita — Marco, 20$00; Carlos de Oliveira — Angoche, 50$00; P.e António M.e Lopes — Angoche, 100$00; João Aparicio Pinto — Angoche, 50$00; Emília Vilhena — Faro, 15$00; Francisca R. Branca — Podence, 15$00; Quilhermina Chaves — Peniche, 100$00; Crisante Figueiredo — ?, 20$00; Laura Gouveia — Lisboa, 20$00.

O dia 13 de Maio de 1933 na Missão da Huila

Da excelente revista «Missões de Angola e Congo» arquivamos a seguinte noticia:

Não passou desapercebido nesta nossa Missão da Huila, o dia 13 de maio, caro a quantos amam a Santissima Virgem, e em que na Cova da Iria se juntam tantos e tantos a celebrar o aniversário da aparição da Bôa Mãi.

De manhã houve missa com cânticos, a que assistiram, além dos internos, a quasi totalidade dos nossos cristãos, estabelecidos em volta de nós. Era um gosto intraduzivel ouvir a animação, com que os nossos pretinhos entoavam o conhecido:

Sôbre os ramos da azinheira
Tu vieste, ó Mãi Clemente,
Visitar a lusa gente,
De quem és a Padroeira!

E com que alma respondiam o tradicional:

Avé, avé ...

Em honra da Bôa Mãe houve muitas comunhões.

Foi prolongado e completo o dia 13 pela festa, que promovemos no domingo imediato, 14. Organisou-se uma linda peregrinação de meninos e meninas, das missões, à qual se associaram os cristãos todos e muitos gentios das aldeias circunvisinhas. Começou-se por uma missa soléne, em que houve sermão sôbre as aparições de Nossa Senhora da Fátima. De tarde poz-se em marcha a procissão para um sítio escolhido (e selvagem), aqui dos arredores, em que haviamos colocado uma estátuazinha da mesma Senhora. Era penosa a ascensão. Mas, conforme explicara de manhã o prègador, não fôra uma mensagem de oração e penitência, que nos trouxera a Boa Mãe?

Pelas 14 horas alcançámos o lugar, onde se eleva a estátua. Só quem conhece a Africa, é que pode avaliar o que custa fazer uma ascensão a esta hora. Debaixo da presidência do missionário, resou-se o terço, entermiadas as dezenas pelo cântico da Senhora da Fátima e pela jaculatória: «Meu Jesus, perdoai-nos! Livrai-nos do fogo do inferno! Aliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas!»

Resámos ainda, no final, pelos benfeitores, pelas necessidades das missões e da diocese de Angola e Congo, pelas casas de habilitação missionária, em Portugal, pelo clero indígena e pelos cristãos.

Foi feita, em seguida, à Santissima Virgem, a promessa de celebrarmos do mesmo modo todos os dias 13 de cada mês até outubro, com devoção e em espirito de penitência, em união com os peregrinos da Fátima, pedindo à Boa Mãe se digne abençoar os nossos trabalhos.

P.e João Steinmetz.

Ano XII FATIMA, 13 de Janeiro de 1934 N.º 136

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

Crónica de Fátima
13 de Dezembro

Chuvoso e frio como nunca me recordo de nenhum outro foi êste dia 13 de Dezembro.

A chuva miúdinha e persistente parecia neve a dissolver-se. Uma nortada cortante acabava de tornar impossível a permanência fora da capela das Confissões.

Apenas, em baixo, junto da imagem da Senhora na capela das aparições um grupo de devotos mais resistentes porfiavam em fazer a sua guarda de honra.

Foi o tempo que reduziu muitíssimo a concorrência: 1.500 a 2.000 pessoas quando muito.

As funções

Foram também suprimidas algumas.

Tôda a gente se concentrou na assistência à santa Missa e na recepção dos sacramentos.

Não houve as procissões com a imagem de N. Senhora mas tudo se fêz dentro da Capela das confissões.

Por alma do Senhor Núncio

Às onze horas, como desde manhãzinha estava anunciado, foi celebrada a Santa Missa em sufrágio da alma de S. Ex.cia Rev.ma o Senhor D. João Beda Cardinale, Núncio de Sua Santidade junto do Govêrno Português.

A capela estava repleta.

Todos os peregrinos conservavam ainda viva a lembrança da comovedora piedade de que S. Ex.cia Rev.ma dera provas ao benzer a imagem do Sagrado Coração de Jesus e na bênção do SS.mo Sacramento aos doentes em Maio de 1932.

Um casamento

Após a missa realizara-se diante do altar mór o casamento duns noivos de Santo Tirso de cujos nomes não pude tomar nota.

A-pesar do mau tempo quizeram vir fundar a sua família ali à sombra protectora do Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Bem hajam e que as bençãos da Mãi Santíssima os acompanhe sempre.

A missa dos doentes

Pouco depois começava a Missa dos doentes celebrada pelo Rev. Prior da Marinha Grande.

Ao Evangelho fêz a costumada homília o Rev.do Dr. Galamba de Oliveira que, a propósito da festa da Imaculada Conceição dentro de cuja oitava nos encontravamos, tratou da graça, seu valor, apreço em que a devemos ter, maneira de a aumentar, guardar e readquirir quando perdida, tomando como texto aquela passagem do Evangelho: *Avé oh cheia de graça!*

No fim receberam a bênção dos doentes 3 que com grande sacrifício tinham vindo até ali.

Notas finais

Não poude ainda comparecer o Snr. Dr. Formigão.

Tivemos, pelo contrário, o grande prazer de ver já a prestar serviços o Snr. Dr. Genú que tanto se esforça para que nada falta na assistência aos pobres doentinhos.

Já se encontra perfeitamente restabelecida a Directora das Servitas e do Colégio de N. Senhora da Fátima de Leiria, Ex.ma Senhora D. Maria da Piedade de Lima e Lemos.

* *

Quando às 5 nos retirávamos, a Fátima ficava mergulhada numa escuridão precoce provocada pelo tempo e reduzida ao notável silêncio e recolhimento de sempre, à espera de mais almas que ali vão retemperar as forças numa união mais íntima com Jesus Sacramentado.

G. de O.

FÁTIMA E LOURDES

Corria o ano de 1858. Por tôda a parte, no velho como no novo mundo, em tôdas as nações corroidas pelo virus do laicismo, o orgulho desvairava as inteligências e a imoralidade pervertia os corações. O pendão da sciência era hasteado altivamente num repto formidável e decisivo contra a Igreja, julgada em antinomia flagrante com a causa do progresso e da civilização. Em pleno século vinte, denominado por autonomásia o século das luzes, a impiedade envidava esforços titânicos para apagar as estrêlas do Céu, repudiando os dogmas da Fé e os princípios da moral cristã, que haviam acalentado no berço e saturado de seiva vital as sociedades modernas.

Foi precisamente no centro da Europa descristianizada, nessa nação que pelas suas benemerências para com a Igreja mereceu ser chamada a filha primogénita da mesma Igreja, que a Virgem Santíssima, condoída dos males inúmeros e gravíssimos que assoberbavam a pobre humanidade, veio estabelecer o trono das suas graças no sopé duma montanha perdida na cordilheira dos Pirineus. Ali, naquela estância abençoada do Céu, dezoito vezes a gloriosa Rainha dos Anjos se dignou aparecer a uma pobre e inocente pastorinha, Bernardette Soubirous, que a Santa Igreja acaba de elevar, pela apoteose deslumbrante da canonização, às honras supremas dos altares. A Virgem, nos seus colóquios com a angélica menina, depois de lhe desvendar segrêdos de Deus e de lhe prometer a felicidade eterna, convida, por intermédio da sua ditosa confidente, a humanidade pecadora a regenerar-se pela oração e pela penitência e prepara para a França e para o mundo torrentes de graças e de misericórdia. Desde êsse momento, Lourdes, a mística cidade da Imaculada, convertida na Jerusalém do Ocidente, torna-se um teatro de prodígios assombrosos que fazem calar os ímpios e impõem o sobrenatural ao respeito dos próprios sábios.

Por tôda a parte a Fé aviva-se, a piedade acrisóla-se, as élites cristãs formam-se e multiplicam-se de tal sorte que o prestígio da Santa Igreja cresce extraordinàriamente no mundo inteiro e o espírito religioso avassala um grande número de sectores sociais que até então lhe eram estranhos e até adversos. Que maravilhosa epopeia a da pequenina cidade dos Pireneys com as suas peregrinações e os seus milagres, dessa cidade santa, onde a radiosa Aparição de Bernardette, declarando ser a Imaculada Conceição, respondeu ao oráculo infalível do Pontífice Romano, que tinha proclamado, havia apenas três anos, do alto da sua cátedra infalível, a mais preciosa prerrogativa outorgada Aquela que fôra escolhida para ser a Mãe do Filho Unigénito de Deus segundo a natureza humana que Êle se dignou assumir a-fim-de operar o mistério adorável da Redenção!

Entretanto Bernardette, que abraçara a vida religiosa, morre aureolada com a fama da santidade.

As suas sublimes virtudes e os milagres que Deus operou por sua intercessão escalaram-lhe as honras dos Altares.

Após a sua apoteose sob a cúpula monumental de S. Pedro do Vaticano por entre os raios luminosos da glória de Bernini, a humilde vidente dos escarpados rochedos de Massabielle, modêlo acabado das mais heróicas virtudes, ergue-se magestosa e bela, numa simplicidade encantadora e empolgante, como exemplo a tôdas as almas, sôbre um pedestal de excelsa grandeza que desafia os séculos e perdurará até à eternidade.

Mas eis que, sessenta anos mais tarde, no extremo ocidente da Europa, numa nesga do minúsculo e desconhecido Portugal, a voz da Virgem se faz ouvir de novo, igualmente no alto duma serra, igualmente a pobres e inocentes pastorinhos, igualmente prègando oração e penitência.

E Lúcia de Jesus, a venturosa protagonista das aparições de Fátima, como Bernardette, e, como ela, humilde religiosa, lá está, no seu convento, a atestar a bondade misericordiosa da Virgem que, depois de ter favorecido a França com uma verdadeira graça de predilecção, houve por bem dispensar igual mercê aos seus filhos queridos da terra de Santa Maria.

Fátima é a continuação de Lourdes; é, a poucos anos de distância, um novo apêlo, ao mesmo tempo doce e vibrante, da augusta Mãe de Deus, à oração e à penitência, um convite mais instante ainda dirigido à humanidade transviada para que, cessando de provocar a cólera divina com os seus pecados e as suas iniquidades, regresse sem demora ao caminho da virtude e do dever, o único que a pode conduzir ao Céu, depois lhe assegurar a paz a felicidade sôbre a terra.

Lourdes e Fátima, as duas estâncias privilegiadas da Rainha do Céu, são na verdade dois formosíssimos poemas de luz e de amor, duas epopeias divinas que as almas eleitas leiem e decoram e cujas estrofes sublimes as gerações entoam comovidas pelos séculos em fóra, celebrando os louvores da Virgem sem mancha e exaltando as suas inefáveis misericórdias!

Que Santa Maria Bernardette Soubirous, gloriosa confidente da Imaculada ore no meio dos esplendores do seu trono celeste pela conversão de tantos que ainda hoje desdenham do sobrenatural de Lourdes e que as almas boas e piedosas do nosso Portugal, juntando as suas preces fervorosas às da Irmã Maria Lúcia de Jesus, obtenham por sua intercessão a de tantos outros que fecham obstinadamente os olhos à evidência dos assombrosos acontecimentos de Fátima!

Visconde de Montelo

151 operários que trabalham no Santuário de Nossa Senhora da Fátima e que fizeram o seu retiro fechado nos dias 24, 25 e 26 de novembro de 1933

Exercícios espirituais aos operários do Santuário

Nos dias 24, 25 e 26 de Novembro os operários que trabalham no Santuário, tiveram o seu retiro espiritual dirigido pelo Rev. P.e Gonçalves (S. J.)

Tomaram voluntàriamente parte no retiro 151 operários, seguindo com fervor os diferentes actos de piedade, as prègações e observando rigorosamente o silêncio.

No dia 26 o Senhor Bispo de Leiria foi encerrar o retiro, jantando com os operários num vasto salão da casa anexa ao Albergue e que então foi inaugurado.

Às 11 horas da noite principiou a Hora Santa fazendo o Senhor Bispo a explicação dos mistérios gloriosos do Santo Rosário acomodada aos operários.

À meia noite principiou a S. Missa comungando das mãos do Senhor Bispo todos os operários que mostravam a maior alegria e reconhecimento por tantas graças recebidas naqueles dias.

MOVIMENTO RELIGIOSO E DE DOENTES NO SANTUÁRIO DA FÁTIMA NO ANO DE 1933

Movimento religioso

No decorrer do ano houve cinco turnos de Retiros Espirituais, sendo pelo carnaval para os «Servos de Nossa Senhora da Fátima», pela Semana Santa para Médicos, em Maio para as «Servas de Nossa Senhora da Fátima» depois para o Rev.do Clero da Diocese de Portalegre e finalmente em outubro para os empregados como operários no Santuário.

Nestes Retiros tomaram parte trezentas e onze pessoas.

Missas e Comunhões em dia 13 de cada mês

Janeiro — Missas 12. Comunhões cêrca de 1.300.

Fevereiro — Missas 11. Comunhões cêrca de 1.400.

Março — Missas 9. Comunhões cêrca de 1.600.

Abril — Missas 1 com licença especial por ser quinta feira-Mór. Comunhões cêrca de 2.000.

Maio — Missas cêrca de 180. Comunhões cêrca de 17.000.

Junho — Missas 19. Comunhões cêrca de 9.000

Julho — Missas 82. Comunhões cêrca de 22.000.

Agosto — Missas 52. Comunhões cêrca de 15.000.

Setembro — Missas 46. Comunhões cêrca de 8.000.

Outubro — Missas 120. Comunhões cêrca de 12.000.

Novembro — Missas 9. Comunhões cêrca de 1.800.

Dezembro — Missas 14. Comunhões cêrca de 2.000.

Número aproximado de Missas celebradas em dia 13 — 543.

Número aproximado de Comunhões em dia 13 — 91.800.

Missas e comunhões nos outros dias de cada mês

Além da missa diária celebrada pelo Rev.do Reitor do Santuário, muitas outras foram celebradas chegando nos meses de verão a ser em número avultado por dia.

As Comunhões foram assim distribuídas: Janeiro — 1.305, Fevereiro — 1.102, Março — 1.207, Abril — 1.426, Maio — 6.815, Junho — 2.142, Julho — 2.304, Agosto — 1.846, Setembro — 1.109, Ou-

tubro — 2.427, Novembro — 1.649, Dezembro 845 até ao dia 21.

Número total de comunhões fóra dos dias 13 — 24.177.

Número apóximado de Comunhões em todo o ano — 115:977.

Baptismo

Recebeu a vida da graça pelo baptismo neste Santuário, a 13 de Junho, Maria Angelina de Fátima Cabral Metelo Madeira de Vasconcelos Portas, da Diocese da Guarda (Ass. N.º 53).

Casamentos

Realizaram seus enlaces matrimoniais aos pés da Santíssima Virgem de Fátima neste Santuário a 1 de Janeiro — Agostinho Roque e D. Iria da Ressurreição, professores primários em Vila Nova de Ourém, Diocese de Leiria.

4 de fevereiro — António Pereira de Sousa Dias e D. Maria Emília Galamba de Oliveira, ambos da freguesia do Olival, desta Diocese de Leiria.

9 de fevereiro — Alfredo de Azevedo Mendes Costa e D. Virgínia Nunes Ferreira da Silva, ambos moradores na Vila da Batalha.

25 de fevereiro — José Gil Monteiro Jorge, da Vila da Batalha e D. Alcinda Cordeiro, da freguesia da Calvaria, desta diocese de Leiria.

15 de Maio — João Pires Moreira e D. Maria Dorotêa, da Diocese de Portalegre.

24 de Maio — Dr. Amandio de Oliveira Santos, do Patriarcado e D. Alice Ramos Simões, da Diocese de Portalegre.

22 de Junho — Flausino Nunes Borges, do Patriarcado e D. Maria da Silva Lico, de Minde, desta Diocese de Leiria.

31 de Julho — António Heitor Dias e D. Adriana do Rosário Tropa, ambos da Diocese de Portalegre.

20 de Setembro — António Pereira Guerra e D. Ana Antunes Duarte, desta freguesia de Fátima.

22 de outubro — Alexandre Hugo de Morais Pequeno e D. Zulmira Gonçalves da Silva, ambos da Diocese do Pôrto.

8 de dezembro — Eugénio Lobato Gomes Moita e D. Maria do Rosário Luisa dos Santos, ambos do Patriarcado.

13 de Dezembro — Maurício Magriço de Moura Coutinho e D. Herminia Magriço Coutinho Ferreira, ambos da Diocese do Pôrto.

16 de Dezembro — Dr. João Franco Mesquita de Sá e D. Virginia Maria Monteiro Barbosa, ambos do Patriarcado.

Óbito

Pelas 16 horas do dia 12 de agosto, poucos momentos depois de haver chegado a este Santuário, confortada com os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu Judite Larcher Roxo Vieira, solteira, da cidade de Lisboa.

Havia muito que vinha sofrendo de tuberculose, e, quando já no último grau da doença, manifestou o desejo de vir visitar o Santuário. O seu médico assistente opôs-se terminantemente visto julgar impossível resistir aos incómodos da viagem em tal estado de fraqueza. Sua família, porém, resolveu fazer-lhe a vontade por ela declarar que nessa altura seu maior desejo era vir morrer junto da sua Mãe do Céu, sob cujo manto esperava encontrar seguro abrigo.

Certamente a sua esperança não foi confundida e a protecção da Santíssima Virgem haverá feito com que N. Senhor a haja recebido em Paz.

Foi sepultada no cemitério de Fátima e foi grande o número de peregrinos que em cortêjo acompanharam seus restos mortais à sepultura.

Que Nosso Senhor a tenha no gôso da Eterna Bemaventurança.

Doentes

No posto médico do Santuário foram, no decorrer do ano, abservados mil e noventa e dois doentes sendo em Janeiro 24, em fevereiro 15, em Março 22, em abril 42, em Maio, 277, em Junho 111, em Julho 169, em agosto 141, em setembro 81, em Outubro 174, em Novembro 23 e em dezembro 13.

Dentro estes havia cento e treze que traziam atestados de suas doenças passadas por seus médicos assistentes.

Grande parte foi albergada no hospital do Santuário, onde eram dispensados os cuidados e carinhos dos Servos e Servas de Nossa Senhora de Fátima, superiormente dirigidos pelo Ex.mo Snr. Dr. Pereira Gens, digno Médico do Santuário.

Santuário de Fátima, 21 de Dezembro de 1933.

P.e Manuel de Souza

AVISO

Não podem ser atendidas as reclamações dos Srs. assinantes que não mandarem o número da sua assinatura junto à reclamação.

Expansão mundial do culto de N. S. da Fátima

Em Itália

— Tendo sido chamado, há pouco, a assistir a um moribundo, levei comigo uma imagem e uma pagela com a novena a Nossa Senhora da Fátima, para obter por êste meio a cura do enfermo, pois que a sciência humana nada podia fazer. Voltando a visitar os infelizes pais depois do terrível desenlace, estes recordando-se da imagem que colocara sôbre o peito do moribundo, como que esquecidos da sua amarga dôr, pediram que lhes contasse alguma coisa das maravilhas da Fátima.

Foi isto, sem dúvida, uma graça celeste. Onde entra a Virgem Santíssima Nossa Senhora da Fátima, entra a resignação Cristã mesmo no meio da dôr.

... ...

A festa de 13 de julho, embora um pouco menos concorrida devido aos trabalhos campestres, foi suficiente para honrar Maria.

Espero anciosamente a água da Fátima e as medalhas. Aos fiéis que continuamente acorrem a minha casa, vou dizendo que tenham paciência, fazendo-lhes ver que é grande a distância entre Fátima, Roma e Ciminna.

* *

Não é já raro aparecer na Itália, referências ou narrações dos acontecimentos da Fátima. Entre outras são dignas de mensão a revista dos Padres Dominicanos «Il Rosário» que, no número de Outubro, sob o título: — «Tríticо: Lourdes, Pompeia, Fátima — dava, uma breve mas precisa síntese de todos os fenómenos da Fátima.

— Acaba de ser publicado em Venesa, um opusculo com o título «Epifanie di Maria» no qual são descritas tôdas as manifestações de Nossa Senhora desde Muret até Fátima.

As aparições da Virgem Santíssima na Cova da Iria consagra as últimas páginas descrevendo todos os acontecimentos.

(Duma carta do Rev. Michelangelo Caiagno).

—Com o título «Santuários Marianos de Itália» foi publicado há pouco, pelo beneditino D. Afonso Salvini, um belo volume no prefácio do qual se vê também uma pequena narração das aparições da Fátima aos três pastorinhos de Aljustrel.

Na Alemanha

Bote von Fatima (Mensageiro da Fátima).

Entrou no segundo ano da sua publicação o interessante jornalzinho «Bote von Fatima», destinado a propagar o amor a Nossa Senhora debaixo da denominação de Fátima nos países da língua germânica.

É seu desvelado director o Rev. Dr. Ludwig Fisher, professor da Universidade de Bamberg, e grande apostolo das maravilhas de Fátima.

O «Mensageiro da Fátima» publica-se em Basileia (Suíssa) pelos cuidados de Mgr. Mäder, e é enviado a todos os assinantes da «SCHILDVACHE» (Sentinela), distribuído gratuitamente aos ouvintes das conferências relativas a Nossa Senhora da Fátima, aos devotos que se reûnem em igrejas ou formam peregrinações a diferentes Santuários nos dias 13 de cada mês. Principiou com uma tiragem de 12.000 exemplares e atingiu já os 20.000.

Ao querido «Mensajeiro» «A Voz da Fátima» envia os mais sinceros parabens com os votos pelas suas maiores prosperidades.

A «Bote von Fatima» que se apresenta muito bem redigida e ilustrada sustenta-se com esmolas, mas se alguma pessoa desejar recebê-la pelo correio pode dirigir-se ao Rev. P.e António dos Reis—na Fátima que a enviará mediante 10 escudos por ano.

Grão-ducado de Baden

A linda imagem de Nossa Senhora da Fátima, de 2,m10 de altura, benzida pelo Snr. Bispo de Leiria e que esteve exposta à veneração dos peregrinos na Capela das Confissões, no Santuário, foi despachada para a Alemanha — via Hamburg — nos princípios de dezembro passado.

O Rev. Johann M. Schmitt, pároco de Forst, perto de Bruchsal, arcebispado de Freiburg, ducado de Baden, adquiriu-a para a sua igreja paroquial por intermédio da *Fatima verlag* (propaganda da Fátima), de Munich, dirigida com o maior zêlo e dedicação pela Senhora D. Ida Fisher que já fêz a peregrinação à Fátima.

O Rev. Schmitt quiz que a imagem destinada à sua igreja fôsse tocada na que se venera na Capelinha das Aparições, no nosso Santuário.

Foi em Friburg que o Sr. Dr. L. Fisher fêz magníficas conferências sôbre Fátima no inverno de 1931/32 com assistência de milhares de pessoas e desde então o culto a Nossa Senhora da Fátima tem aumentado prodigiosamente em todo o arcebispado.

O R. P.e Wilhelm Frank, capelão em Manheim, no Grão-ducado de Baden, fêz 23 conferências nesta região sôbre Nossa Senhora de Fátima.

Em LECHHAUSEN, arredores de Augsburg, o R. Dr. L. Fisher e, a seguir, a Senhora Doutora Grommes, ambos grandes entusiastas pela Fátima, fizeram duas conferências, a cada uma das quais assistiram mais de 600 pessoas.

A seguir a essas Conferências foi inaugurado o culto de Nossa Senhora da Fátima na igreja paroquial dedicada a S. Paneratins, aumentando de cada vez mais os devotos.

Altar de Nossa Senhora da Fátima na igreja paroquial de S. Pancrácio em LECHHAUSEN (perto de Augsburg).

Em Munich

Uma das Senhoras que mais propaganda tem feito da Fátima é a Doutora Grommes.

Realisou êste ano Santo uma peregrinação a Roma fazendo o trajecto a pé. Levou-lhe 33 dias. Durante o caminho distribuiu cêrca de 500 postais de Nossa Senhora da Fátima com a seguinte inscrição: *Lembrança da nossa peregrinação de Munich a Fátima em 1933.*

Santuário de Maria Eich

Todos os dias 13 de cada mês se realiza no Santuário de Maria Eich, um dos mais afamados da Baviera, uma peregrinação em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Em Tirol

Na grandiosa igreja de Innsbruck (Tirol) realiza-se no dia 13 de cada mês a devoção de Nossa Senhora da Fátima em união com os peregrinos da Fátima.

O Rev. P.e Husser, de Innsbruck, auxiliado por um dedicado Padre Capuchinho têm feito com maior sucesso conferências sôbre a Fátima, com magnifica concorrência, na Austria.

Conferências na Suíssa

Com aprovação de Mgr. Scheiwiler, Bispo de Saint-Gall, no cantão de St. Gall e Appenzell, da Suissa, o Senhor Dr. Fisher fará uma série de conferências nesta Diocese, de propaganda da Fátima.

Polónia

Por iniciativa de Mgr. Dom. Sciskata, pároco em Radom, na Polónia, vai ser em breve inaugurado o culto de Nossa Senhora da Fátima na sua Igreja Paroquial.

Já foi pedida para Portugal uma estátua de Nossa Senhora da Fátima.

No Brasil

(Belém do Pará)

Numa carta recebida de Belém do Pará (Brasil) leem-se estas seguintes palavras:

«Nossa Senhora da Fátima tem sido generosa e roubadora de corações. Tem verdadeiros devotos, louvado Deus.

Os nossos três altares nos dias 13 funcionam em sua honra e mesmo fora dêses dias.

Lê-se o que se publica a Seu respeito e todas as nossas obras vão a melhor, graças à *Dispensadora de todos as graças*».

(Em Minas Gerais)

O Snr. Bispo de Leiria recebeu a seguinte carta do Sr. Dr. Francisco Pereira Rosa, juíz em Brazopolis — Minas:

Brozopolis, 2 de outubro de 1933.

«Louvado seja N. S. Jesus Cristo!

Desejando mandar uma oferta de 150$000 (moeda brasileira) à N. S. de Fátima, em cumprimento de um voto, faço-o, por intermédio de V. Ex.cia, e venho pedir-lhe respeitosamente, êsse obséquio.

O culto da milagrosa Nossa Senhora da Fátima já é bem conhecido nesta cidade, onde tem muitos devotos. Queira Deus que assim continue, para felicidade de muita gente: — «A Jesus por Maria».

Antecipando-lhe os meus agradecimentos pelo favor e beijando o anel de V. Ex.a, subscrevo-me como humilde servo, em N. S. Jesus Cristo.

Francisco Pereira Rosa

India Inglesa

Apareceu o n.º 4 da revista «Our Lady of Fatima» (Nossa Senhora da Fátima) que se publica em Conchin, dirigida pelo Rev. J. Martins, da Companhia de Jesus.

Esta revistazinha além de artigos doutrinais apresenta uma série de graças concedidas por Nossa Senhora da Fátima aos seus devotos e até protestantes e pagãos que se têm convertido reconhecidos aos benefícios de Nossa Senhora.

No próximo número publicaremos alguns excertos da «Our Lady of Fatima».

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Infecção intestinal

Em Agosto de 1931, adoeceu meu sôgro gravemente com uma infeção intestinal, com graves complicações. Não obstante ter como assistentes dois médicos distintos, sempre incansáveis a ver se debelavam tão grave enfermidade, por êles foi resolvido chamar-se um dos melhores especialistas de doenças infecciosas, já que o estado do doente a todos inspirava sérios cuidados.

Depois de minucioso exame feito pelo especialista, e de uma demorada conferência, deram-no como perdido, dizendo que apenas poderia ter uns cinco dias de vida, quando muito. Desolado, com esta afirmação tão amarga, e vendo que o pobre doente já não tomava alimento algum senão por meio de injecções, não conhecendo já as pessoas que o cercavam, pedi a minha esposa que lhe desse a beber uns golos da água do Santuário da Fátima, o que êle fêz com grande sacrifício, pois quási já não podia ingulir. Com admiração de todos, porém, e dos próprios médicos que melhor que ninguém conheciam o seu grave estado, o doente começou a experimentar sensíveis melhoras, até que a Virgem Santíssima, atendendo as nossas súplicas, permitiu que êle hoje viesse já pessoalmente com sua família agradecer-lhe a grande graça que nos concedeu curando-o, e que eu prometi publicar no seu jornalzinho, para honra e glória de Nossa Senhora da Fátima.

Espinho

Alfredo M. de Oliveira

Ferimentos

Em Setembro de 1932 feri-me levemente na mão esquerda, ferimento de que não fiz grande caso. Passado algum tempo comecei a sentir-me mal da mão, fui examinada por um médico declarando êste ser uma infecção, de tão má qualidade ela foi que durante seis meses não fiz absolutamente coisa alguma senão tratar da minha cura. A ferida foi por várias vezes lancetada e raspada. Passados seis meses de tratamento doloroso aconselharam-me a tirar uma radiografia. Vendo-me, porém, desanimada, sem esperanças de cura e receando perder o braço por ter de ser amputado, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima fazendo-lhe várias promessas para que me alcançasse a cura.

Mil graças sejam sempre dadas a Nossa Senhora da Fátima.

Achando-me completamente curada venho agradecer publicamente a Nossa Senhora da Fátima a grande graça que me alcançou e que nunca mais quero esquecer.

Faial — Açôres

Maria Julia Alvernas

Sofrimento nos intestinos

Havia já muitos anos que sofria dos intestinos. Porém, em março do ano passado, as dôres eram horríveis. Meu marido quis que fôsse ao médico, — o que fiz no dia 27 do mesmo mês. Depois de me examinar, o Sr. Dr. Arnaldo Taveira, de Penajóia, disse tratar-se dum cancro, e que não poderia já ser operada devido à minha idade de 62 anos, aconselhando-me apenas águas de Cambres, que eu não cheguei a tomar.

Desanimada da medicina, recorri à Virgem Nossa Senhora.

Meu marido pediu a pessoas amigas alguma água do Santuário da Fátima. Obtida esta, principiámos uma novena. Em cada dia da novena eu tomava uma colher daquela água, e faziamos algumas orações para alcançar a graça da minha cura.

À medida que ia fazendo a novena e tomando a água, as dôres diminuiam bem como o volume do meu ventre. No fim de 15 dias estava já completamente boa.

Prometi a Nossa Senhora publicar esta graça e ir agradecer-lha à Cova da Iria junto de sua milagrosa Imagem, o que hoje faço de todo o meu coração.

Maria Pinto Teixeira Osório

Cegueira

Não posso deixar de manifestar publicamente uma graça muito grande que alcancei de Nossa Senhora da Fátima, mediante o uso da água do seu Santuário.

Sofrendo de doença no olho esquerdo, recorri durante oito anos a vários médicos e especialistas a ver se alcançava a saúde que tanto desejava.

Nada porém consegui da medicina durante todo êsse tempo. Longe de melhorar sentia-me cada vez peor. Sentindo-me já desanimada, veio ainda aumentar mais o meu desânimo o seguinte aviso do médico: «tenha muito cuidado porque está em grande perigo de ficar sem vista e até sem o olho esquerdo».

Sem esperança nos remédios da terra lembrei-me de começar a fazer uso da água do Santuário da Fátima e entregar a Nossa Senhora o negócio da minha cura.

As bondosas Madres Dominicanas do colégio de Nossa Senhora do Amparo, onde fui aluna, manifestei a minha deliberação. Carinhosamente aprovaram a minha ideia e presentearam-me com um vidrinho da água do Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

Decorridos oito meses desde que não fazia uso de remédio algum, durante nove dias consecutivos pela manhã e à noite deitava três gotas dessa água no ôlho esquerdo rezando na mesma ocasião três Ave-Marias a Nossa Senhora.

Com a maior devoção e fé possíveis prosseguiu a novena e eis que ao terminá-la sentia profundas melhoras! A Nossa boa Mãe do Céu atendeu o meu pedido restituindo por completo a vista.

Afirmo sem a menor sombra de dúvida a minha convicção de que foi a omnipotência Divina quem, pela intercessão de Nossa Senhora da Fátima, operou esta graça, e hoje desejo sinceramente agradecer em público tão grande favor do céu.

Amparo — Brasil

Amélia Catelli

Fibro-Lipomas

Atacada de uma doença nervosa, apareceram-me também dois tumôres a que os médicos deram o nome de fibro-lipomas.

Segundo a opinião dos mesmos médicos a cura era humanamente impossível sem uma operação cirúrgica. No dia seis de Setembro de 1930 passaram-me uma guia para entrar no Hospital, onde no dia 11 do mesmo mês havia de ser operada do lado esquerdo, e daí a mês e meio sê-lo-ia do lado direito.

Durante êsses dias não fiz outra coisa senão chôrar porque tenho grande horror a qualquer operação.

No dia 10 disse a meu marido que em vez de ir para o Hospital para aí ser operada, antes queria ir a Fátima implorar de Nossa Senhora a minha cura. Êle concordou.

Para lá partimos embora com grandes sofrimentos da minha parte porque nem me podia sentar convenientemente.

Chegámos a Fátima um pouco antes da procissão das velas. Durante esta já consegui percorrer com os demais peregrinos o percurso da procissão, o que eu considero já uma graça muito grande porque a minha grande fraqueza já quási me não permitia andar.

No dia 13 assisti às cerimónias religiosas, recebi a bênção dos doentes com a maior fé que me foi possível na presença de Jesus Sacramentado, e desde então comecei a sentir sensíveis melhoras.

Não cheguei a ser operada e agora, graças a Deus e a Nossa Senhora, sinto-me bem. Os médicos dizem que o mal desapareceu por completo, graça esta que nunca posso esquecer. Enquanto puder irei todos os anos ao Santuário agradecer a Nossa Senhora tão grande favor.

R. Barata Salgueiro — Lisboa

Florinda Pio de Paula Ferreira

Grave infecção

Maria do Destêrro Saraiva, de Vila do Conde, pede a publicação duma graça concedida a sua filha Fancisca de Almeida Saraiva Cruz Pinheiro.

Tendo aparecido na perna esquerda desta sua filha uma grave infecção de origem desconhecida, cuja cura era tida por duvidosa pelo médico, lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, prometendo publicar esta graça se por ventura se curasse.

Com tal fé foi feita esta oração que no dia seguinte quando os clínicos apareceram munidos das coisas necessárias para o costumado tratamento, nada já foi necessário porque tinha desaparecido o tumor principal com grande espanto dos presentes, sendo precisos poucos dias para o restabelecimento completo.

Esta devota de Nossa Senhora aproveita êste ensejo para agradecer publicamente a Nossa Senhora da Fátima muitas outras graças que tão carinhosamente lhe têm sido concedidas a si e à sua família.

* *

(Um cartão que acompanhava êste relatório diz o seguinte: «P.e Jorge Maria de Lima Machado, vem atestar pela sua honra sacerdotal que é verdadeiro o fac-

to acima aludido, pelo que também pede a sua publicação para maior glória da Santíssima Virgem»).

Graças diversas

— *Maria do Souto Cabral* — Pico, Açores, agradece a Nossa Senhora a cura de sua mãe que se encontrava gravemente doente e que julgavam não resistiria à doença.

— *Cristina Nunes* — California, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe há um ano curado o seu marido, e agora pede uma nova graça muito importante em benefício do mesmo.

— *Maria do Carmo dos Santos Nascimento Bruno* — Pedrouços, agradece a proteção de Nossa Senhora da Fátima em favor de D. Maria da Piedade da Costa Pestana, de Algés, que teve de se sujeitar a uma melindrosa operação.

— *Ernesto Amaro* — Lisboa, agradece a Nossa Senhora uma graça particular que do céu lhe alcançou.

— *Maria Luísa Aguiar Coelho* — Cete, encontrando-se seu filho mais novo e um sobrinho em perigo de vida, recorreu a Nossa Senhora e obteve a graça da sua cura, graça que reconhecidamente agradece.

— *Rosa Rodrigues Bastos Teixeira* — Lisboa, implorando de Nossa Senhora uma graça muito necessária e tendo-a alcançado, com o maior reconhecimento deseja agradecê-la.

— *Ana Lobo de Vasconcelos Trigueiros* — Alcains, agradece a Nossa Senhora da Fátima diferentes graças espirituais e temporais concedidas a si e a sua família.

— *Teresa Puna* — Cabinda, agradece a Nossa Senhora a concessão de duas graças extraordinárias.

— *Maria de Oliveira Neves* — Guimarães, com a maior alegria e reconhecimento possíveis agradece a Nossa Senhora a cura de seu marido.

— *Maria do Carmo Mendes* — Viseu, tendo uma paralisia que lhe deixou a boca ao lado e uma perna e braço imobilisados, recorreu a Nossa Senhora que em pouco tempo a curou, graça que lhe vem agradecer.

— *Francisco L. Mergulhão* — Navelin, agradece muito reconhecido a Nossa Senhora da Fátima a cura de uma úlcera no estômago.

Depois de vários medicamentos inúteis tomou água do Santuário e ficou bem.

— *Victor Mergulhão* — Navelin, tendo implorado uma graça importante e tendo-a alcançado agradece a Nossa Senhora da Fátima, e com o maior reconhecimento a publica no seu jornal «A Voz da Fátima».

— *António Ribeiro* — Casais da Abadia, agradece a Nossa Senhora duas graças: a cura completa do reumatismo de que sofria havia já 7 anos e a cura duma hernia.

— *Elvira Candido* — Vouzela, muito reconhecida a Nossa Senhora da Fátima agradece o ter-lhe curado um filho que estava em perigo de vida, bem como uma graça espiritual alcançada no mês de Maio por sua Maternal intercessão.

— *Rita da Conceição* — Campanhã, depois de quarenta dias de cama com violentas dores causadas pela queimadura dum pé, vendo que o seu estado de saúde se agravava dia a dia, começou uma novena a Nossa Senhora da Fátima fazendo o curativo do pé com pachos embebidos em água do Santuário. Ao nono dia, depois de dôres violentas, a sua devoção e confança na Santíssima Virgem cresceram ainda mais, e após uma súplica o mais ardente possível, as dôres desapareceram, e o pé desinchou não precisando ser lancetado como estava determinado.

Reconhecida à Santíssima Virgem por tão grande favor agradece de todo o seu coração.

— Perpetua Barradas de Carvalho — Ponte de Sor, teve um dos seus filhos gravemente doente com meningite. Chegou a perder o juízo tornando-se deveras incómodo o estar junto dêle. Sem confiança já na medicina cujas prescrições inutilmente vinha observando, entregou o caso a Nossa Senhora da Fátima obtendo rápidas e completas melhoras.

— Purificação Lopes da Cunha Osório — Celorico da Beira, vem agradecer a cura de sua filha Maria Helena que durante muito tempo sofreu do estômago. Uma novena a Nossa Senhora da Fátima foi o bastante para alcançar a saúde que a medicina não pôde dar.

— Maria Marques da Silva —Pico, Açores, viuva e doente, agradece a Nossa Senhora a sua cura para amparo dos seus 6 filhos tendo o mais velho apenas 12 anos. Foi para êste fim que ela invocou o auxílio de Nossa Senhora da Fátima.

— Matilde Leão Costa Simões — Coimbra, na noite de 12 para 13 de Março de 1921 teve uma de suas filhas em agonia, prestes a expirar. Naquele momento de dôr recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e tendo obtido rápidas melhoras para a sua querida doente, vem agradecer tão grande favor. Os médicos declararam-na já como absolutamente curada.

— Eugénia de Nobrega — Camara dos Lobos, agradece a N.ª Senhora uma graça temporal que dEla alcançou.

Graças de N. S. da Fátima no Brasil

(Continuação)

Difteria

De passagem por S. Carlos do Pinhal (S. Paulo) tive ensejo de ir visitar a S.ta Casa confiada às Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Depois de percorridas as várias dependências do edifício, leva-me a Superiora a visitar também uma nova gruta de Nossa Senhora de Lourdes que no dia seguinte ia ser inaugurada. De caminho ia-lhe eu falando da nossa «*Lourdes Portuguesa*» contando-lhe alguns dos casos mais maravilhosos por Nossa Senhora da Fátima operados cá mesmo no nosso meio.

Tanto bastou para ela me dizer: «Oh! se Ela nos valesse em dois casos graves que presentemente aqui temos!»

— Vamos tentar, lhe repliquei, que nenhum mal daí pode advir. Poucos passos adeante e estavamos junto da janela de um quarto terreo onde, completamente desenganado dos médicos, se estava finando um menino de 7 anos, Milton Talarico, vitima de uma renitente diftería, que em 22 dias, apesar de todos os desvelos de médicos e enfermeiras, o tinha levado áqueles extremos, em que eu o poude observar com a mãe à cabeceira e o pai aos pés do leito, debulhados ambos em lágrimas à espera do desenlace. Procurei confortá-los exortando-os à confiança em Nossa Senhora da Fátima cuja novena com um frasquinho de água prometi mandar-lhes logo que chegasse **a casa.**

Êles e as Irmãs deram logo princípio a uma novena e, mercê de Nossa Senhora, o menino começou a reanimar-se e a melhorar tão ràpidamente que no domingo imediato, já se encontrava em sua casa na mais franca convalescença.

Tifo

O outro caso também grave de que me falava a dita Superiora, dizia respeito a uma religiosa, Irmã Eudoxia, que, tratando de uma outra que pouco antes morrera de tifo, se encontrava já sacramentada e sem esperança alguma de cura.

Desde logo tôda a Comunidade começa uma novena a Nossa Senhora da Fátima, dando conjuntamente à doente umas gotinhas da água do Santuário, e o resultado idêntico ao do menino, foi que a Irmã, já sacramentada e desenganada, venceu a crise, cessou dentro em breve a gravidade de seu estado, nem tardou em manifestar as mais tranquilisadoras melhoras, seguidas muito antes da mais franca convalescença. Bem haja a Virgem Santíssima que assim vai nobilitando também cá no estranjeiro a nova «Lourdes Portuguesa»!

Ataques

Na cidade de S. Carlos — S. Paulo, tive ocasião de fazer uma conferência sôbre Nossa Senhora da Fátima a um numeroso grupo de jovens de uma florescente **Congregação Mariana.**

No fim da Conferência chega-se a mim um dêsses rapazes pedindo uma novena, e, se fôsse possivel, também um frasquinho da água do Santuário, porque, dizia, havia já anos que vinha sofrendo de uns ataques epiléticos que se repetiam com muita freqüência, sem encontrar remédio eficaz, por mais médicos que tinha já consultado em S. Carlos, Campinas e S. Paulo.

Começa por essa ocasião uma novena a N.ª S.ª da Fátima tomando de cada vez umas gotinhas da água do Santuário, e o efeito não podia ser mais satisfatório, pois que nunca mais se lhe repetiram os mencionados ataques. Agora, dá honra e louvor a tão boa Mãe.

Um outro jovem, presidente da referida Congregação, andava em negociações com o pai para o deixar seguir a vida religiosa para que se sentia chamado. O pai, porém, que a princípio se mostrava indeciso, por influência de terceiros, assentou em negar pertinazmente a pedida licença. Vendo assim frustrados os seus desejos, conhecido já o valor da intercessão de N.ª S.ª da Fátima, é para Ela que se volta implorando ardentemente a sua maternal protecção. Vendo perdidas tôdas as esperanças de bom êxito, resolve dar princípio a uma novena a N.ª S.ª, ouvindo Missa e comungando nesse sentido desde o primeiro ao último dia.

O êxito foi o melhor que se podia esperar:—sendo até ali irrevogável a decisão do pai, quando no nono dia o filho ia a entrar em casa vindo da Missa e Comunhão, o pai chama-o e apontando-lhe para a sua mesa de trabalho, diz: — toma aquela carta e lê. Era ela de um seu tio residente em S. Paulo, aliás bem alheio às práticas da religião, e que, informado das intenções do sobrinho, por sua própria iniciativa escreve ao pai do jovem dizendo que de modo algum deve contrariar a vocação do filho para se não arriscar a ser a causa da sua e da infelicidade do filho.

Tanto pêso tiveram perante o pai tão inesperadas ponderações, que sem a menor objeção deu para logo a tão desejada licença. É de notar ainda que o dito tio, na falta de recursos da parte do pai, se prontificava liberalmeste a correr com tôdas as despesas.

Bem se pode imaginar, com tal sucesso, a intensa alegria do piedoso jovem. Aproveitando tão favorável oportunidade, deu pressa aos necessários preparativos e lá está já em Friburgo no Noviciado dos Padres Jesuitas da Província Italiana.

Alegre e feliz na sua nova vida, a N.ª S.ª da Fátima testemunha sua perene gratidão.

Neurastenia

Outro prodígio ainda operado em S. Carlos do Pinhal:

D. Maria Francisca do Amaral, de 71 anos de idade, residente à R. Alexandrina, 101, havia 3 meses que se achava doente, vítima duma cruel neurastenia nervosa que a forçava a guardar o leito, sem poder entregar-se a ocupação de espécie alguma. Neste estado sofria por vezes crises em extremo violentas, que muito lhe intensificavam o sofrimento, fazendo também na devida proporção sofrer os seus. Era esta já a 2.ª vez que tinha dessas crises assim violentas. Informada disso uma sua filha religiosa, manda-lhe uma novena de Nossa Senhora da Fátima para que por meio dela peça o seu restabelecimento, prometendo-lhe que alguns dias depois faria chegar às suas mãos também um frasquinho da água do seu Santuário em Fátima.

Eu mesmo fui o portador dêsse frasquinho. Quando porém, de passagem por S. Carlos, lhe vou fazer uma visita da parte da filha religiosa, acho-a não só melhor mas quási completamente boa, e com o tomar daí em diante a prodigiosa água se foi acentuando cada dia mais o seu restabelecimento, até se sentir, não muito depois, completamente boa, cura tanto mais para admirar quanto é certo tratar-se de uma doença hereditária que já havia vitimado várias pessoas da mesma família.

P.e João de Miranda S. J.

(continua)

— M.ª Francisca Ribeiro — Fortaleza —Ceará, agradece uma graça.

— Maria Franco da Cunha, agradece outra graça.

— Francisca Onofre — Luixadá — Ceará, agradece a N.ª S.ª da Fátima três graças que lhe alcançou.

— Maria da Conceição Martins Moreira e seu marido, de Fanzeres — Gondomar, achando-se ambos muito doentes recorreram a Nossa Senhora da Fátima, e tendo obtido a saúde vêm agradecer a Nossa Senhora o ter-lha alcançado.

— Manuel António Fernandes — Serêlhe, agradece a Nossa Senhora diversas graças espirituais e temporais que da mesma Senhora recebeu.

— Maria do Resgate Marques — S. Vicente da Beira, sofreu dos pulmões durante muito tempo. Injecções, alimentação especial, resguardo, etc. nada lhe dava sensíveis melhoras. Durante nove meses esteve em Lisboa recebendo dum especialista diversos tratamentos. Depois dêsse tempo, desanimada resolveu ir para a sua terra porque, diz, preferia morrer no meio da sua família. Isto deu-se em 1926.

A vida, porém, foi-se conservando, de maneira que, embora no meio de mil dificuldades, resolveu ir ao Santuário da Fátima. Uma vez lá, Nossa Senhora compadeceu-se dela, dando-lhe a saúde de que tanto necessitava. Foi já examinada por 3 médicos que dizem não lhe encontrar vestígios da sua antiga doença.

— Maria José Paiva — Aldeia do Mato, reconhecida a Nossa Senhora por muitas graças que lhe tem alcançado para si e para sua família, vem agradecer publicamente a Nossa Senhora tão valiosos favores.

— Joana Martins Cid — Crato, tendo alcançado de Nossa Senhora da Fátima a cura de uma doença que médicos julgavam incurável, vem agradecer tão grande favor.

— Maria Rosa — Sangalhos, teve um quisto sôbre um ôlho. Receando a operação que lhe fôra aconselhada entregou-se à protecção de Nossa Senhora da Fátima, e obtida a cura que lhe pediu deseja a sua publicação no jornalzinho de N.ª Senhora.

— Amália Conceição Gomes — Monte, Funchal, achando-se quási a morrer no Hospital dos Marmeleiros, agradece a Nossa Senhora da Fátima a grande graça de se encontrar já com perfeita saúde em sua casa junto de sua família.

— Salete Lopes Henriques — Nelas, vendo-se doente recorreu a Nossa Senhora da Fátima e tendo dela alcançado a saúde pedida vem agradecer êsse favor.

Missões de Nossa Senhora da Fátima

ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA (Angola)

Capela de Nossa Senhora da Fátima a 50 quilómetros de Luanda no lugar «Fazenda Tentativa» benzida e inaugurada pelo Senhor Bispo de Angola e Congo

Transcrevemos a seguinte carta de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Moisés, venerando Bispo de Angola e Congo, enviada ao Senhor Bispo de Leiria.

Luanda, 28 de Outubro de 1933

Ex.mo e Rev.mo Senhor,

Regressei há pouco a Luanda, depois de ter andado meses seguidos pelo interior de visita às missões e principais localidades.

Graças à protecção de Maria SS. tudo correu bem. No carro que me transportava havia sido fixado um medalhão com a efigie de N. S. da Fátima e não foi em vão que se invocou a assistência da nossa Mãi do Céu.

A V. Ex.cia Rev.ma interessará particularmente saber que N. S. da Fátima é já muito conhecida e invocada por estas terras de Angola.

No planalto de Benguela uma missão fundada há poucos anos, mas já muito florescente, a missão da Ganda, é consagrada a N. S. da Fátima, e lá estão já iniciadas as obras para uma vasta igreja em sua honra.

Na região do Enclave, ao norte, uma aldeia importante convertida ao cristianismo e dependente da missão de Cabinda, é conhecida pelo nome de «aldeia de N. S. da Fátima», sua Padroeira.

Tem capela provisória, no estilo das casas da terra, mas por ocasião da minha passagem já estava quási pronta de paredes uma ampla igreja de tijolo. Com grande regosijo de todos os cristãos visitei essa aldeia e as obras, ficando logo combinado que iria lá celebrar, quando voltasse de novo ao Enclave.

Nas capelas-escolas do interior e nas casas dos cristãos encontrei freqüentemente quadros e imagens de N. S. da Fátima.

Em várias partes, quando perguntava a alguma pequenita como se chamava, era freqüente receber por resposta: «Maria da Fátima».

Passei o dia 13 de Julho em S. António do Zaire, primeira terra a que aportou Diogo Cam. Durante muitos anos essa vila teve pároco. Hoje nem local lá se encontra para o culto!

Mas, nem por isso passou despercebido o dia 13. Armei o meu altar portatil e celebrei o santo sacrifício ao ar livre, rodeado de numerosa assistência. Não deixei de lembrar o que nesse mesmo dia e a essa mesma hora se estava desenrolando na Cova da Iria e todos orámos em união com tantos milhares de piedosos romeiros, que aí invocavam com fé e confiança a protecção de Maria Santíssima.

A confiança filial em Nossa Senhora manifesta-se duma forma edificante nestes pobres filhos da selva, há pouco baptizados, como por mais de uma vez tive ensejo de constatar.

Assim na visita ao Maiombe ainda se viajou a custo e à antiga, subindo e descendo montanhas abruptas, atravessando rios a vau e ladeando precipícios. Quando em sítios perigosos os carregadores se assustavam e receavam resvalar, em vez de qualquer exclamação vulgar — ai! ou cautela! etc. ouvia-se-lhes simplesmente — Maria!

Domingo passado fui à Fazenda Tentativa, a 50 quil. de Luanda, inaugurar uma bela capela em honra de N. Senhora da Fátima. Depois da missa fui a Cazito, povoação antiga com a sua igreja bem conservada, mas sem pároco há muitos anos, infelizmente.

Durante êste tempo a multidão foi desfilando diante do altar. A certa altura porém houve novidade. Um preto subiu ao altar e abraçou-se à imagem de N. Senhora da Fátima! Foi preciso ter alguém de guarda até à noite para evitar que o caso se repetisse.

Que Maria Santíssima se digne volver um olhar de maternal compaixão para estes pobres angolanos, não permitindo que Portugal católico os esqueça e abandone!

De V. Ex.cia Rev.ma, etc.

† *Moysés*, Bispo de A. e C.

ÁFRICA D'ESTE

No número da «Voz da Fátima» de Dezembro referimo-nos à formação da Missão de Nossa Senhora da Fátima em Tanganica. Hoje descreve-nos o Rev.mo Abade benedictino, Superior da Missão, os

Primeiros mártires da missão «Fátima» na África oriental (Tanganika)

«Louvado seja N. Senhor Jesus Cristo!»

Lágrimas de alegria corriam dos olhos de Lúcio, um zeloso e heróico catequista numa das aldeias mais distantes da missão católica de Fátima. A minha promessa, feita há tempo, foi fielmente cumprida. Fátima, a missão de Naridembo, já foi inaugurada no dia 4 de Julho próximo passado.

Lúcio empreendeu uma viagem de dois dias para nos vir cumprimentar. «Deus seja louvado, exclamou êle, já temos um padre para santificar as nossas almas!»

Estas palavras saíam-lhe do mais intimo do coração.

Ajoelhou em seguida e pediu-nos a bênção para o bom êxito do seu apostolado. O seu trabalho era penoso e difícil (agora já não) entre maometânos impedernidos que o perseguiam e lhe votavam um ódio satânico por causa do seu apostolado. Nunca se queixava destas perseguições, limitando-se apenas a pedir-nos orações para que N. Senhora lhe desse forças para sofrer. As crianças amavam-no como a um pai.

O catequista Lúcio com seus alunos, trazendo ao pescoço um rosário e tocando um instrumento de música.

Esta fotografia é de Julho de 1933.

Foi martirizado pela sua fé, sendo o primeiro mártir da Fátima.

Ore a Deus por nós!..

A aldeia de Mwikande tinha um apóstolo incansável e zeloso.

A 10 de Setembro passado, oito dias antes do meu regresso à Europa, chegou à missão um mensageiro triste e abatido. «Lúcio, diz êle, foi assassinado»! A emoção impediu-o de continuar! Um pouco mais refeito contou-nos o seguinte: Que Lúcio, ao regressar a casa depois da sua visita à missão, fôra encontrar uma sepultura ainda fresca onde repousava a pequena Melânia, sua filha, de idade de 7 anos. Morrera quási subitamente em conseqüência dum envenenamento. A arma de Mahomé é o veneno ministrado subtilmente. A-pesar-de todos os esforços, nenhum govêrno conseguiu até agora extirpar semelhante cancro. Foi esta a primeira vítima imolada a Cristo e a N. Senhora de Fátima.

Ainda o seu lar estava imerso em dor e luto, quando caiu a segunda vítima.

Movidos por ódio satânico, procuraram os mahometanos ferir-lo primeiro no seu amor de pai para, em seguida o assassinarem também, propinando-lhe veneno na comida.

Sete horas durou a agonia do nosso herói, no meio de dores horríveis suportadas com resignação e inteira submissão à vontade de Deus. Foram, pois, êstes os primeiros mártires de Fatima.

Senhora, porque exigireis vós da nossa Missão acabada de fundar tantos e tão grandes sacrifícios!

Mas não será isto uma grande graça de N. Senhora?

† *Joachim Ammann O. S. B.*
Abade de Ndanda

—**—

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	418.941$87
Papel, comp. e imp. do n.º 135, (52.000 ex.)	2.700$60
Franquias, embal. transportes, etc.	918$45
Na Administração	172$30
Soma	422.733$22

Donativos desde 15$00

Quantia entregue em 1932 pelo Snr. P.e António Bernarlo Gonçalves — Seminário de Rachol, 318$00. Quantia entregue em 1933 pelo Snr. P.e António Bernardo Gonçalves — Seminário do Rachol, 680$00; Maria Joana — Toledo, 15$00; Viscondessa de S. João — T. Novas, 40$00; Artur Jorge da Silva — Viseu, 80$00; Maria Rondrigues — S. Tirso, 15$00; José de Morais — Vila Flôr, 15$00; M.a J. da Silva — Aveiro, 65$00; P.e Manuel Alvernaz — Graciosa, 50$00; M.a Soares de Matos — Pedrouços, 70$00; José A. de Sequeira — Açores, 20$00; Ilda de Medeiros — Açores, 15$00; José Veríssimo — Açôres, 20$00; P.e Ant.o F. Campos — Granja, 20$00; Angelina Dias — Amadora, 27$50; Laura da Fonseca — Pôrto, 20$00; Maria X. Vieira — Califomia, 8 dólares; Elvina M. da Fonseca — Lisboa, 70$00; Distrib. em Praia d'Ancora, 15$00; Delfina M. d'Almeida — Fundão, 80$00; Maria Gomes — Lamego, 15$00; Aida Branco — Lourenço Marques, 100$00; «Sanatório Rodg. Semide» — Pôrto, 20$00; Directora do Hosp de Alpedrinha, 120$00; Distrib. em S. André — Estremôz, 130$00; Filipe Lopes — Estremôz, 15$00; Palmira Silva — Lisboa, 20$00; João dos Santos — Lisboa, 15$00; Estefânia Guimarães Macedo — Nampula, 120$00; Bernardino de Oliveira—Bordonhos, 25$00; Aurora C. Parente — Sabroso, 20$00; Bernardino Gomes — Negrelos, 20$00; Distrib. no Cartaxo, 15$20; Rita da Costa — Cartaxo, 15$00; Rosa de Sousa — Lisboa, 15$00; Fr. Bruno de Lima — Zaragoza, 25 pesetas; Ricardo de Faria — Negrelos, 20$00; Maria M. Ferreira — Pedrouços, 90$00; P.e José Pires Coelho — Constância, 15$00; N.o 7099 — Senhora Aparecida, 15$00; Paulino F. Pereira — Pôrto, 20$00; N.o 9318 — Foz do Douro, 15$00; Maria do Amaral — Coímbra, 40$00; José de Sá Couto — França, 19$58; Antonio Dias — Tourencinho, 15$00; M.e Vit.a Cardoso — Marco de Canaveses, 20$00; Distrib. na Capela de Monserrate — Lix.a, 50$00; «Casa de S. Miguel» — Açores, 20$00; Maria Garcez — Parede, 20$00; Joaquim Bettencourt — S. Jorge, 20$00; Mariana Claudio — S. Miguel, 20$00; Clotilde Xavier Gama — Gôa, 114$45; Francisca Pit.a Baptista — Évora, 20$00; Margarida Pit.a Baptista — Évora, 20$00; Maria Joana Baptista — 20$00; Distrib. na Igreja da Graça — Lisboa, 100$00; Ana de Portugal Trigueiros — Alcains, 20$00; Júlia de Sá — Póvoa de Varzim, 60$00; Francisco Pinho — Almada, 15$00; Maria da J. Medeiros — América, 1 dolar; António Moniz — América, 1 dolar; Ana Virginia de Morais — Lisboa, 20$00; M.e de Lourdes Pereira — Gaia, 20$00; Alexandre Milheiro — Sem.o Pôrto, 20$00; M.a Amélia Coutinho — Vouzela, 40$00; José João Nunes — Beira — África Portg.a, 60$00; Distrib. em Vera Cruz — Aveiro, 20$00; Maria Augt.a Gomes — Viana, 20$00; Francisco Vicente — Viseu, 41$55; «Ourivesaria Aliança» — Pôrto, 50$00; M.a Amélia Guimarães — Estremoz, 15$00; M.a Rosa Matos — Extremoz, 25$00; M.a Isabel Russo — C. de Vide, 25$00; Francisco Duarte — Lisboa, 15$00; Ana Madeira Cardoso — Extremoz, 40$00; Joaquim da Costa — Pôrto, 15$00; José Maximiano — Almeirim, 20$00; Alfredo Costa — Lourenço Marques, 20$00; M.a Rib. Silva — Pôrto, 20$00; Brites Andorinha — Setúbal, 15$00· Directora do Col. de S. Ana — Barcelos, 60$00; Maria Cardoso — Estoril, 100$00; Bernardo Fernandes — Lourenço Marques, 30$00; Paulo Nazário — Lourenço Marques, 15$00; Sancha Monteiro — Lourenço Marques, 15$00; Armando da Costa — Lourenço Marques, 20$00; João Natividade — Lourenço Marques, 15$00; Antoninho Sousa — Lourenço Marques, 15$00; Cláudio Carraxo — Lourenço Marques, 15$00; Inês Álvares — Lourenço Marques, 15$00; Miguel Rodrigues — Lourenço Marques, 15$00; João Fernandes — Lourenço Marques, 15$00; Hipólito Gonçalves — Lourenço Marques, 15$00; Lourenço Fernandes — Lourenço Marques, 15$00; Geraldo Andrade — Lourenço Marques, 15$00; Caetano Nazaré — Lourenço Marques, 15$00; Benedito Menezes — Lourenço Marques, 15$00; Maria Santana — Lourenço Marques, 15$00; Lourenço Paulo Pinto, Lourenço Marques, 30$00; Distrib. em Moncarapacho, 94$00; Júlio de Assis — Macau, 100$00; M.el Urbano — Faro, 30$00; Anónimo, 162$50; André Chichôrro — Monforte, 20$00; M.a R. Moura — Pôrto, 15$00; Lucinda Magrîço — S. Tirso, 20$00; José de Oliveira — Quintãs, 15$00; António Estrócio, 1/2 libra; José F. de Jesus — Brasil, 20$00; João Custódio — Moledo, 30$00; «Uma devota» — Montemor, 20$00; Distrib. em Fragoso, 72$50; M.a Barão — Armação de Pera, 28$00.

CONFRARIA DE N.ª SENHORA DA FÁTIMA

Como tem sido feito nos anos anteriores, em Janeiro, também neste vimos perante todos os leitores de «A Voz da Fátima» e duma maneira muito especial, perante os membros da Confraria de Nossa Senhora da Fátima, apresentar as contas do rendimento dos anuais durante o ano de 1933, e mostrar o modo como tal quantia foi empregada.

Durante o ano de 1933 o rendimento total foi de 7.343$85; um poucochinho mais do que o ano anterior, graças a Nossa Senhora e ao zêlo dos bons colectores.

Durante todo o ano, com correspondências e a impressão de 2.000 patentes foi gasta a quantia de 104$60, ficando por conseguinte, um saldo positivo de 7.239$25.

Certamente é já de todos assaz sabido qual a aplicação do produto dos anuais dos confrades: — depois de deduzidas as despesas feitas com a gerência da Confraria, o saldo positivo, se o houver, é dividido em duas partes iguais uma das quais é reservada ao culto de Nossa Senhora da Fátima, e com a outra serão mandadas celebrar Missas por todos os confrades vivos e defuntos.

Os membros da Confraria de Nossa Senhora da Fátima não têm missas individuais depois da morte, mas todos os anos têm parte nas que por todos são celebradas, pelos vivos e pelos defuntos.

No ano de 1932 foram, celebradas por todos 549 missas, como foi publicado em «A Voz da Fátima» em Janeiro de 1933.

Com metade do produto dos anuais dêste último ano de 1933 feram já celebradas algumas missas e vão ser celebradas ainda outras até perfazerem o número de 603 aplicadas todas elas pelos confrades que pagaram os seus anuais durante o ano findo.

Não fica em caixa dinheiro absolutamente algum porque o fim desta confraria é única e exclusivamente promover o culto de Nossa Senhora da Fátima e alcançar graças espirituais para os seus confrades.

Que Nossa Senhora os cumule a todos de bênçãos são os nossos maiores desejos e sinceros votos.

Duma maneira muito especial, queremos agradecer aqui aos bons e dedicados colectores todos os trabalhos que têm tido na sua espinhosa Missão, cujo desempenho exige por vezes um zêlo e uma paciência verdadeiramente heróicas.

Por êles todos pediremos duma maneira especial junto de Nossa Senhora da Fátima.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Notas sôbre a doença e morte de Jacinta Marto, uma das videntes de Fátima

— pelo distinto Médico Dr. EURICO LISBOA

Em meado de janeiro de 1920 fomos à Cova da Iria, por termos resolvido que seria com uma tal viagem que iniciariamos o uso do automóvel que, havia poucos dias, compráramos.

De passagem por Santarém fomos cumprimentar o Rev.º P.e Dr. Formigão, que sabíamos ser quem nos poderia instruir sôbre tudo o que se tinha passado em Fátima, e de que tinha sido testemunha presencial.

O Snr. Dr. Formigão, que só então tivemos o prazer de conhecer, iniciando-se assim a firme amizade que nos liga, teve a gentileza de nos acompanhar a Fátima, sendo por seu intermédio que conhecemos as pequenas videntes Lúcia e Jacinta.

Depois de termos ido à Cova da Iria com a Lúcia, e termos, sob a sua direcção rezado o terço, com uma inesquecível ternura e devoção, regressámos a Fátima, onde estivemos falando com a Jacinta e com as mães das duas videntes.

Disseram-nos então que o pequeno Francisco, também vidente, tinha sido vítima da célebre epidemia de gripe pneumónica, que em tôda a Europa fez grande mortandade, tendo assim ido já ter com Nossa Senhora, o que, desde as aparições, constituia para êle a maior aspiração, recusando-se sempre a aceitar quaisquer auxílios ou ofertas que lhe proporcionavam as pessoas que nos dias das aparições lhe falavam, ambicionando só a morte como a maior ventura.

A pequenita Jacinta estava muito pálida, magrita, andava com dificuldade, dizendo-me a família que ela estava muito doente, o que os não contristava, pois a maior ambição da Jacinta era ir também para Nossa Senhora visto que era esta a vontade da Mãe-Rainha do Céu, que já tinha levado o Francisco.

Censurando-os eu por não empregarem todos os esforços para darem saúde à Jacinta, disseram-me que não valia a pena, porque era desejo de Nossa Senhora levá-la, e que já tinha estado no Hospital de Vila Nova de Ourém durante 2 meses, sem que tivesse obtido quaisquer melhoras.

Repliquei-lhes que a vontade de Nossa Senhora é superior a tôdas as forças humanas, e que, para terem a certeza de que de facto Nossa Senhora a queria levar, deviam esgotar todos os recursos científicos para lhe conservarem a vida.

Excitados por êste meu conselho foram ouvir a opinião do Snr. Dr. Formigão, que estava ali perto, e que reforçou o que eu dissera, ficando logo combinado que viria para Lisboa, onde, num hospital, se entregaria aos cuidados dos melhores clínicos.

Efectivamente poucos dias depois, no dia 2 de fevereiro de 1920, deu entrada no Serviço N.º 1 do Hospital D. Estefânia, ocupando a cama n.º 38, e ficando a ser tratada sob a direcção do Snr. Dr Castro Freire, um dos mais distintos pediatras portugueses, sendo admitida com o diagnóstico: —

«Pleurisia purulenta da grande cavidade esquerda, fistulisada; osteite das 7.as e 8.as costelas do mesmo lado».

Antes de dar entrada no Hospital esteve hospedada, com a mãe, numa casa de pessoas religiosas, dirigida pela Snr.a D. Maria da Purificação, na Rua da Estrêla, 17, junto à Capela dos Milagres.

Aí foi visitada por várias pessoas, entre as quais a Snr.a D. Amélia de Sande e Castro, que ainda recorda a impressão que lhe deixou a forma como a pequenita Jacinta lhe falava. Assim, era a vidente de tais escrúpulos que, tendo-lhe a Snr.a D. Amélia de Sande e Castro pedido para resar pela sua saúde, então abalada, não conseguiu obter da pequenita êsse compromisso, com receio de se esquecer, e não querer dessa forma faltar à sua palavra. Só depois de repetidas vezes ter resado por essa intenção, é que disse o que fizera.

Durante a permanência no Hospital recebeu freqüentemente a visita da Sr.a D. Maria da Purificação, que me procurava ameudadas vezes para me dar notícias do que se ia passando

Fui então informado de que era grande o sofrimento da pequenita, mas que sofria sempre com grande resignação.

Certo dia, 3 ou 4 depois de ter dado entrada no Hospital, contou a pequenita que, quando as dôres eram mais violentas, lhe apareceu Nossa Senhora, a qual lhe revelou várias instruções, falando com freqüência a Jacinta na necessidade de se aperfeiçoar a moral das mulheres, diminuindo o exagêro das modas.

Com a feliz Aparição, ali em plena enfermaria, desapareceram por completo as dôres, apetecendo-lhe então brincar e distrair-se, o que fazia passando pela vista várias estampas religiosas, uma das quais a de Nossa Senhora do Sámeiro — que mais tarde me ofereceram como recordação da Jacinta — e que ela dizia ser a que mais lhe fazia lembrar a Senhora Aparecida.

Várias vezes fui informado de que a pequenita desejava que eu lhe fosse fazer uma visita, porque pretendia revelar-me um segrêdo.

Como as minhas ocupações clínicas eram muitas, e como as notícias que me chegavam eram que a Jacinta estava um pouco melhor, não me apressei e infelizmente não a fui visitar, reservando-me para mais tarde.

Na tarde de 20 de fevereiro, 6.a feira, pelas 6 horas da tarde, a pequenita disse que se sentia mal e que desejava receber os Sacramentos. Foi chamado o digníssimo prior da freguesia dos Anjos, Snr. Dr. Pereira dos Reis, que a ouviu de confissão, cêrca das 8 horas da noite.

Disseram-me que a pequenita insistira para que lhe levassem o Sagrado Viático, com o que não concordou o Sr. Dr. Pereira dos Reis, por a vêr aparentemente bem, prometendo levar-lhe Nosso Senhor no dia seguinte.

A pequenita insistiu em pedir a Comunhão, dizendo que morreria em breve. E efectivamente pelas 10 1/2 da noite faleceu com a maior tranquilidade, sem ter comungado.

Avisado no dia seguinte, de manhã, do que se tinha passado, falei com a Snr.a D. Amélia de Sande e Castro, que diàriamente frequentava o meu consultório, para tratamento de uma doença de olhos de que sofria

Com a maior solicitude foi pedir à falecida Snr.a Marqueza de Rio Maior, e à Snr.a Marqueza do Lavradio, suas Primas, sendo-lhe dado pela primeira destas senhoras um vestidinho de primeira comunhão, que servia a crianças pobres da sua freguesia, e pela segunda roupas brancas e dinheiro para comprar uma fita de seda azul, com o que foi amortalhado o corpinho da Jacinta, que dissera desejar ser amortalhada de branco e azul como Nossa Senhora.

Informadas algumas pessoas do falecimento da Jacinta, ràpidamente apareceram vários donativos para as despezas do funeral, que se fixou para o dia seguinte, domingo, às 12 horas, para ser transportado o corpinho para um dos cemitérios de Lisboa.

Quando o feretro saiu da casa mortuária do Hospital, lembrei-me de que podia haver mais tarde conveniência em depositar o corpinho nalgum sítio especial, caso se confirmassem as Aparições, se desfizesse a quási geral incredulidade nelas, e a Autoridade Eclesiástica desse a sua aprovação e reconhecimento.

Foi então resolvido que o caixão com o corpo da Jacinta fosse depositado na Igreja dos Anjos, até que se resolvesse a sua remoção para algum jazigo.

Fui então procurar o meu querido amigo, Snr. Dr. Pereira dos Reis que mostrou ter dificuldade em receber o depósito na sua Igreja, o que aliás me foi imediatamente facilidade por uns Irmãos do Santíssimo Sacramento que, por acaso, estavam na Sacristia da Igreja, com o que depois concordou o Snr. Dr. Pereira dos Reis.

Pouco depois dava entrada na Sacristia o caixãosinho, ficando muito modestamente colocado em cima de 2 pequenos bancos, num canto da Sacristia.

Conhecido o facto, o que ràpidamente se transmitiu de bôca em bôca, começou a formar-se uma romaria de crentes nos sucessos de Fátima, que iam com terços e imagens para tocar nos vestidos da pequenita e para rezarem junto dela, o que muito torturou o Sr. Dr. Pereira dos Reis, que não desejava que a sua Igreja fosse profanada com o que podia ser uma paganisação, obrigando-o a actos de energia, que muito surpreenderam as pessoas que o conheciam como sacerdote inexcedìvelmente amável, delicado e cortez.

Tendo resolvido que o depósito se fizesse num jazigo em Vila Nova de Ourém, tudo se foi preparando com êsse fim, o que demorou uns 2 dias, fixando-se para 3.a feira, às 4 horas da tarde, o funeral da Igreja dos Anjos para a estação dos Rocio, para seguir num dos primeiro comboios para Vila Nova de Ourém.

Entretanto o corpinho continuava no caixão aberto, o que provocou grande inquietação no Snr. Dr. Pereira dos Reis, que receava a intervenção das autoridades sanitárias, e continuava a ser incomodado com a romaria de visitantes, o que o levou a fechar o caixão no Cartório para evitar essas visitas.

Por fim o Snr. Prior, para se eximir à responsabilidade de se não encerrar definitivamente a urna, e não podendo atender a multidão que desejava vêr a criança, depositou o corpo na Casa do Despacho da Irmandade, por cima da sacristia, fechou a porta e entregou a respectiva chave ao Snr. António Rebelo de Almeida, sócio da firma Almeida & Quintas, agentes funerários, na Rua da Escola Politécnica, 26, que tinham sido encarregados de fazer o funeral.

O Snr. Almeida recorda-se ainda hoje, com grande precisão, de tudo o que então se passou.

Para satisfazer ordeiramente aos inúmeros pedidos que lhe faziam para ver a criança, esteve durante todo o dia 23 de fevereiro na Igreja, e ia acompanhando cada um dos grupos de pessoas que reünia, mas cujo número era muito limitado, para os poder fiscalisar e evitar assim algum desacato, que receava se podesse dar.

Ficou porém admirado do respeito e grande devoção com que acarinhavam e beijavam o corpinho, na face e nas mãos, recordando-se ainda nìtidamente da côr rosada das faces do cadáver, que lhe dava a impressão de estar ainda com vida, e não esquecendo o belo aroma que o corpo exalava.

Finalmente, na 3.a feira, 24 de fevereiro, às 11 horas da manhã, três dias e meio depois do falecimento, foi colocado o corpo dentro dum caixão de chumbo e êste encerrado, tendo assistido a êste acto, além do soldador e do Snr. Almeida, as autoridades e algumas senhoras, entre as quais a Snr.a D. Maria de Jesus de Oriol Pena, falecida há cêrca de um ano, que afirmou a várias pessoas, que ainda hoje o podem testemunhar, que o aroma exalado pelo corpo, no acto do encerramento, era agradável como o de flores, facto muito extranho atendendo à natureza purulenta da doença e ao largo período de tempo que esteve insepulto.

E na tarde dêsse dia realizou-se o funeral a pé, debaixo de chuva e com grande acompanhamento, conservando-se o caixãosinho depositado no jazigo do Snr. Barão de Alvaiázere, em Vila Nova de Ourém.

Por interessante coincidencia realizou-se, no dia do funeral da Jacinta, uma das assembleias gerais anuais das Conferências de S. Vicente de Paulo, a que eu devia assistir.

Na seguinte assembleia geral das mesmas conferências julguei meu dever justificar a minha falta, declarando que uma obra de misericórdia me impedira de comparecer na anterior, e que essa obra tinha sido tratar do funeral de uma das videntes de Fátima

Essa declaração provocou uma gargalhada quási geral da assembleia, em que, como é natural, tomavam parte pessoas muito categorisadas no meio católico do patriarcado, e entre elas alguns membros da família Pinto Coelho, um dos quais, em seguida à última aparição publicara num jornal um artigo mostrando a sua incredulidade em factos então passados, durante a aparição, e que, até jornais profanos, descreveram como inexplicáveis ou sobrenaturais.

A essa gargalhada associou-se Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, D. António Mendes Belo, que presidia à assembléia, e a cuja diocese pertencia então a região de Fátima, antes de criada a nova diocese de Leiria, tendo-se-me porém mais tarde Sua Eminência declarado grande admirador de Fátima e ter todo o desejo de não morrer sem ter celebrado missa no altar da Igreja que se está construindo na Cova da Iria.

É curioso e conveniente recordar estes factos que mostram bem a relutância e resistência que houve em quási todo o clero e católicos portugueses em acreditar nos sucessos de Fátima, sendo raros os precursores na sua credulidade, devendo entre êstes destacar-se o Snr. Dr. Formigão, que assistiu às aparições, testemunhando-as e documentando-as, e o venerando e vèlhinho Dr. Padre Cruz, que tenho visto em Fátima desde as minhas primeiras visitas a êsse lugar, e a quem pela primeira vez ouvi, publicamente numa Igreja de Lisboa, numa exortação para que rezassem a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no tempo em que a generalidade do clero tinha receio de exteriorisar qualquer sentimento de crèdulidade que já podesse ter.

Passados anos, e ainda hoje resta-nos uma grande consolação por termos contribuido para que a pequena Jacinta viesse falecer num Hospital de Lisboa, sob a vigilância e assistência de clínicos, os mais distintos, e de pessoal de enfermagem o mais competente, que talvez não soubessem quem era a pequena doente, por se poder assim, com a maior facilidade, destruir a maldosa calúnia que se tem espalhado, e que já por três vezes ouvi repetir por pessoas dos mais diversos e afastados sítios de Portugal, de que as mortes dos dois videntes, Francisco e Jacinta, foram provocadas pelos católicos para assim evitarem que haja quem contradiga e desminta qualquer afirmação da Lúcia sôbre as Aparições.

Ano XII FATIMA, 13 de Fevereiro de 1934 N.º 137

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

CRÓNICA DE FÁTIMA

FÁTIMA E A ACÇÃO CATÓLICA

No seu último número, publicado em 13 de Dezembro, a «Voz da Fátima», humilde pregoeiro das glórias da Rainha do Céu, inseria, em lugar de honra, as bases para a organização da «Acção Católica Portugusa», aprovadas pelo nosso venerando Episcopado. E com tanta maior satisfação o fêz, quanto é certo que o mesmo venerando Episcopado houve por bem colocar a grande Cruzada dos tempos modernos para a reconquista cristã do mundo, não só sob a protecção de Cristo-Rei, mas ainda sob a protecção de Nossa Senhora de Fátima.

Fátima, o trono mais esplendoroso de amor a Jesus-Hóstia e o centro mais acendrado do culto à Virgem Santíssima na nossa Pátria, fica tendo dora-avante mais um traço de união entre a terra e o Céu, um novo elo de ouro na longa cadeia de amor e reconhecimento com que prende os portugueses ao Coração Imaculado da sua celeste e augusta Padroeira.

Desde a hora bemdita, em que os nobres Prelados de Portugal deram à luz da publicidade êsse importante documento, que marca o início duma nova época na nossa história oito vezes secular, está convocado o numeroso exército dos crentes que a voz de comando de tão augustos chefes chama a tomar parte na guerra santa que há-de reconquistar com as armas incruentas da caridade ardente e do zêlo esclarecido e generoso, os indivíduos, as famílias e tôdas as instituições que a impiedade ou a indiferença afastou dos caminhos de Deus e da sua Igreja.

Os novos Cruzados — cruzados de Deus e cruzados da sua Igreja, que o são também da Pátria — devem, à semelhança de Nunálvares — o Herói-Santo, — ir buscar ao fogo do amor divino, à prática da vida interior, a uma piedade sólida e fervorosa o alimento das suas energias de lutadores, a alma do seu vigoroso e indefesso apostolado e o segrêdo das suas grandes e consoladoras vitórias.

É bem triste e lamentável o espectáculo que nos oferece hoje em dia a sociedade portuguesa, principalmente no centro e sul do país. Sob o verniz duma aparatosa civilização tôda exterior e material, alastra assustadoramente a paganização das almas que, ignorantes ou esquecidas da nobreza da sua origem e dos seus destinos imortais, descem até às últimas degradações do senso moral.

O laicismo, a que o Santo Padre Pio XI, na sua Carta *Quas primas*, de 11 de Dezembro de 1925, chamou a «peste da sociedade moderna», domina as instituições oficiais e a própria estrutura do Estado e procura infiltrar-se por tôda a parte, obscurecendo a Fé, promovendo a ignorância e a indiferença religiosa e provocando conseqüentemente a depravação geral dos costumes.

Acresce que na grande maioria das dioceses do nosso país, mercê sobretudo do enfraquecimento do espírito de Fé, rareiam as vocações para a vida sacerdotal.

Emfim, as condições especiais da sociedade hodierna alheada de Deus e da sua Igreja, tornam impossível que a acção do clero chegue a certas classes de pessoas e penetre em alguns meios refractários.

De tudo se conclui dum modo evidente a necessidade das organizações cujo fim é preparar os leigos para o exercício do apostolado e dirigir as suas actividades para a difusão do Reinado de Cristo.

Sob a égide e as bênçãos do Pai comum dos fiéis, o Pontífice Supremo, Vigário de Cristo na terra, e guiado pelos Pastores das Dioceses da Nação Fidelíssima, o novo exército da Acção Católica — benemérita Cruzada da Igreja e da Pátria —, vai entrar na luta, cheio de confiança e de entusiasmo, para a reconquista cristã da sociedade, dando definitivamente Deus a Portugal e Portugal a Deus.

Visconde de Montelo

As fontes da graça

É um espectáculo sobremaneira consolador e comovente aquele que oferecem, tuário da Lourdes Portuguesa, para agradecer à nobre Padroeira da Nação os inúmeros benefícios de tôda a ordem que, por sua valiosa intercessão, o Altíssimo tem derramado nos últimos tempos sôbre a nossa Pátria e pedir-lhe uma nova efusão de graças e bênçãos celestiais.

Janeiro nos altares dos diversos Santuários da Cova da Iria foram em número de doze. Ao meio dia, o rev.^do^ dr. Marques dos Santos, rezou o terço do Rosário, alternadamente com os fiéis na santa capela das Aparições. Ao meio dia e meia hora, principiou a missa oficial, que foi celebrada pelo rev.^do^ José Augusto Nunes, pároco de Barosa e Parceiros (Leiria). Depois da leitura do Evangelho, subiu ao púlpito o rev.^do^ Manuel Pereira

Peregrinação de 13 de dezembro de 1933 a Nossa Senhora de Fátima no Santuário de Maria Eich, *perto de Munich, na Baviera. Esta peregrinação realiza-se todos os dias 13 de cada mês em união espiritual com os peregrinos de Fátima. A Senhora que está junto à estátua de Nossa Senhora, é a Senhora Doutora Grommes que tem feito muitas conferências em diferentes lugares sôbre a Fátima.*

A concorrência de peregrinos

O dia treze de Janeiro último foi assinalado por uma afluência extraordinária de peregrinos ao recinto sagrado das aparições. O tempo esplêndido, verdadeiramente primaveril, convidava os devotos da gloriosa Rainha do Santíssimo Rosário a visitar em piedosa romaria o seu santuário predilecto. Por isso, desde as primeiras horas da manhã, via-se uma grande multidão, formada na sua grande maioria por pessoas das classes mais humildes da sociedade, quási tôdas do campo, circulando na Cova da Iria em tôdas as direcções para satisfazer as exigências da sua devoção.

Pode afirmar-se com verdade que, há dezasseis anos a esta parte, isto é, desde a época memorável das aparições, nunca, no dia treze de Janeiro, a Cova da Iria reüniu um número tão elevado de peregrinos como no corrente ano.

Praza a Deus que êste facto seja o prenúncio auspicioso de que, durante o ano de 1934, as multidões acorrerão, ainda mais numerosas e mais fervorosas do que nos outros anos, ao venerando Santo dia treze de cada mês os piedosos romeiros de Fátima aproximando-se com as disposições mais edificantes dos santos Sacramentos da Confissão e da Comunhão. No dia treze de Janeiro, porém, a-pesar-do número avultado de sacerdotes que estavam à disposição dos fiéis, a muitos dêstes não foi possível recorrer ao Sagrado Tribunal da Penitência, em virtude da afluência desusada de penitentes. O serviço de confissões prolongou-se até às últimas horas da tarde, tendo havido pessoas que só às dezassete horas puderam receber o Pão dos Anjos.

As fontes da graça, abertas em Fátima pela mão piedosa e compassiva da Virgem Santíssima, Refúgio dos pecadores e Mãe de misericórdia, estão patentes a tôdas as almas sinceras e de boa vontade como outras tantas piscinas de Siloé, em cujas águas salutares se purificam das suas máculas, recebendo ao mesmo tempo as fôrças necessárias para praticar o bem e evitar o mal.

A Missa oficial

As missas celebradas no dia treze de da Silva Gonçalves, que falou sôbre a família, aproveitando o ensejo da oitava da festa da Sagrada Família e o Evangelho da Missa do dia catorze, em que o escritor sagrado descreve o episódio comovente do milagre da conversão da água em vinho que Jesus operou por ocasião das bôdas de Caná de Galileia.

A bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes foi dada pelo celebrante da missa oficial.

Os doentes

Os doentes, como costuma suceder nos meses de Inverno, eram pouco numerosos. Mas todos davam testemunho duma piedade edificante e duma perfeita conformidade com a santa vontade de Deus. Entre êles via-se uma senhora de Sesimbra, de nome Encarnação Rodrigues Vieira, de quarenta e oito anos de idade, que estava gravemente doente com um apêrto no esófago e que havia oito dias que não podia engulir nenhuma espécie de alimento. Em seguida à missa dos doentes esta senhora sentiu-se melhor, tendo conseguido beber água e um caldo.

O adeus à Virgem

A longa série dos actos religiosos oficiais terminou, como de costume, com a tocante cerimónia do «Adeus à Virgem». Depois da devota procissão em que a linda estátua de Nossa Senhora de Fátima foi reconduzida ao seu altar na capela comemorativa dos sucessos maravilhosos de 1917, no meio de preces, cânticos, flores e aclamações, a multidão reünida em tôrno do Santuário rezou em côro as últimas súplicas e fêz as suas despedidas à augusta Rainha de Fátima. E, pouco a pouco, os devotos romeiros foram partindo para os seus lares distantes, com a sua fé mais robustecida e com a sua piedade mais acrisolada, cheios de saüdade das horas inolvidáveis passadas naquele doce cantinho do Céu, que é e será sempre a Cova da Iria.

DENTRO DO SANTUÁRIO

Uma bela manhã, dentro do Santuário, via-se um venerando velhinho de longas barbas e já embranquecidas pelos anos e pelos trabalhos.

A sua simplicidade e simpatia chamava a atenção de quem o via.

Aproximei-me dêle, e fazendo-lhe algumas perguntas, obtive sempre resposta franca e alegre. Era, disse, um português que trabalhou em S. Paulo — Brasil durante muitos anos.

A sua honradez merecera-lhe dos antigos patrões uma reforma de que vivia agora com sua esposa já velhinha também. Os filhos que tivera, lá estavam também casados já, honrando com seu procedimento sempre leal as cãs de seus velhos pais.

Viera, disse ainda, a Portugal sòmente para visitar o Santuário de N.ª S.ª da Fátima a quem devia muitos favores que desejava aqui agradecer.

Levou uma medalha para cada uma das pessoas de sua família e, beijando uma delas, ao despedir-se de mim, dizia chorando estas comoventes palavras: «Nossa Senhora da Fátima me acompanhe até chegar junto de minha mulher, e depois, já morrerei socegado».

Estas palavras fizeram-me recordar as dum outro velhinho — Semeão, quando teve em seus braços Jesus Menino no dia da Purificação. Certamente não passaram despercebidas a N.ª Senhora da Fátima, e aquele santo velhinho já hoje estará no Brasil servindo de Apóstolo a Nossa Senhora da Fátima.

• •

Poucos dias depois teve Nossa Senhora da Fátima a visita dum outro peregrino vindo de longe também.

Igual motivo,—o agradecer favores a Nossa Senhora—o trouxera de Macau ao Santuário da Fátima!

Concluídas suas fervorosas orações já parte satisfeito em direcção ao seu lar que lhe ficára tão longe e onde deixára sua família.

• •

Foi num dia 12, à tarde, e caía uma chuva que, fustigada pelo vento frio e rijo atormentava grandemente.

Não obstante, pela Avenida Central do Santuário, duas mulheres desciam devagarinho sem trazerem sequer um guarda-chuva aberto. Vinham a rezar e uma delas vinha de joelhos por cima do lamaçal!

Eram das regiões de Leiria. A que vinha de joelhos estava para partir para o estranjeiro onde está já seu marido, mas antes de partir para lá quizera fazer êste sacrifício em honra de Nossa Senhora da Fátima em agradecimento de algumas graças que dEla já recebera e pedindo-lhe protecção para o resto de sua vida.

Nossa Senhora da Fátima no Brasil

Para edificação dos nossos leitores vamos transcrever, com a devida vénia, do magnífico livro «Os Esplendores de Fátima» do Missionário Cordimariano Rev. P.e Valentim Armas o capítulo XVII com dados interessantes sôbre o desenvolvimento do culto a Nossa Senhora de Fátima no Brasil:

O sol que despontou em Fátima no dia 17 de Maio de 1917 ilumina com os seus raios bemfazejos os dois hemisférios do globo terrestre. Sim, o culto a Nossa Senhora, sob a doce e simpática advocação do Rosário de Fátima, que nasceu, pode-se dizer ontem, já está a envolver o mundo num manto de luz sobrenatural.

Transpondo as fronteiras de Portugal, a Terra de Santa Maria, escolhida por Deus para ser o teatro dos maravilhosos sucessos, derramou-se a sua fama por quási tôdas as nações do mundo civilizado.

Devottissimo, qual nenhuma outra nação, de Nossa Senhora, o Brasil não podia ficar de fora nesse concerto universal de amor e glorificação a Nossa Senhora de Fátima.

Brasil que se ufana de ter recebido de Portugal, com a luz da civilização e da fé, o amor inegualável a Maria Santissima e que continua, ainda hoje, ligado à Mãe-Pátria com laços indestrutíveis de tradição, fé e língua, vem acompanhando desde o seu berço com vivo interêsse as deslumbrantes manifestações do poder real de Maria, evidenciado há quinze anos na Cova da Iria.

Actualmente são já diversos os centros, nesta Terra de Santa Cruz, onde a Santissima Virgem é cultuada pùblicamente sob essa mimosa invocação de Nossa Senhora de Fátima.

E essas públicas demonstrações de fé e amor por parte do povo brasileiro a Nossa Senhora de Fátima vêem-se, não raro, seguidas ou acompanhadas de graças e favores assinalados, confirmação pública e eloqüente da carinhosa e especial protecção da Rainha de Fátima sôbre a terra do Cruzeiro do Sul.

FÁTIMA EM PERNAMBUCO

Entre os apóstolos da devoção a Nossa Senhora de Fátima, em terras do Brasil, tem pleno direito a figurar em primeira linha um sacerdote português da Companhia de Jesus, residente no Colégio Nobrega, em Recife, de nome João de Miranda.

Este ardoroso e entusiasta pregoeiro das glórias de Nossa Senhora de Fátima iniciou a cruzada de propaganda, distribuindo aos centenares por entre o povo, santinhos e medalhas e sôbre tudo numerosos exemplares de «A Voz da Fátima» e o precioso livro «As Maravilhas de Fátima» do Visconde de Montelo.

Logo mais, por iniciativa do mesmo Padre Miranda, na Capela do Colégio era exposta à pública veneração uma linda imagem de Nossa Senhora de Fátima perante a qual os numerosos devotos cumprem suas promessas e trazem-lhe suas oferendas.

Na revista «Maria» que se publica mensalmente em Recife sob a direcção do erudito Cónego Xavier Pedrosa, vem à luz pública, na secção de súplicas, uma lista notável de graças e favores com que a Rainha da misericórdia corresponde aos numerosos devotos de Pernambuco e de todo o Brasil.

Não é só êsse órgão da imprensa mariana o que assumiu no Brasil a grata tarefa de espalhar por todos os ângulos do país a fama das aparições e maravilhosos acontecimentos de Fátima.

Há outras publicações que merecem ser assinaladas, tais como «Avè Maria» de São Paulo, «Mensageiro do Rosário» de Uberaba, «A Cruz» do Rio, o «Mensageiro do Coração de Jesus», etc. etc.

FÁTIMA EM S. PAULO

Na cidade de Campinas

No dia 13 de Outubro de 1931, inaugurou-se no Santuário do S. Coração de Jesus, de Campinas, um belissimo altar de mármore dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

Precedeu a festa de inauguração um solene tríduo preparatório celebrado nos dias 10, 11 e 12.

Em harmonia com o programa das solenidades, houve no dia da festa, missa oficiada pelo Vigário Geral, Monsenhor Luís de Moura, no novo altar, prègando ao Evangelho o panegírico de Nossa Senhora de Fátima o ilustrado sacerdote português, Padre Francisco da Cruz, Vigário de São Pedro de Piracicaba.

O Vigário da paróquia do Sagrado Coração de Jesus, Padre Dr. José Emílio Salim, não poupou esforços para o brilhantismo das solenidades.

À tardinha, efectuou-se, logo após o terço, a instalação oficial da Liga dos devotos de Nossa Senhora de Fátima. Por essa ocasião distribuiram-se entre os numerosos fiéis, como lembrança da festa de Nossa Senhora de Fátima, santinhos, novenas, etc.

A ideia inicial de se fundar em Campinas o culto a N.ª Senhora de Fátima, deve-se ao Sr. Antônio B. Miranda, o primeiro a sugerir pela imprensa local alvitres tendentes à veneração da imagem da milagrosa Santa nalguma das igrejas da cidade.

A ideia foi acolhida com entusiasmo e para logo, tomou corpo, organizando-se entre os elementos proeminentes da colónia portuguesa uma comissão, na qual figuravam além do autor do alvitre, o conceituado clínico Dr. Falcão de Miranda e sua esposa D. Isabel Falcão de Miranda os quais não tem poupado esforços, com a mira de intensificar e propagar o culto a N.ª Senhora de Fátima, que tem alcançado êxitos admiráveis. O altar foi executado nas oficinas do Sr. O Papais e a imagem, pelo escultor Sr. Wilmo Rosa.

A festa comemorativa da 1.ª aparição, que se celebra annualmente no Santuário no dia 13 de maio, tem extraordinário realce.

É preparada por um tríduo solene e no dia 12, às 20 horas, realiza-se a imponente procissão das velas.

O movimento, sempre crescente, do culto a N.ª Senhora de Fátima, em Campinas, muito deve ao zêlo e operosidade incansáveis do Rev.mo P.e Dr. José Emílio Salim e de Monsenhor Jeronymo Baggio, actual Vigário do Santuário.

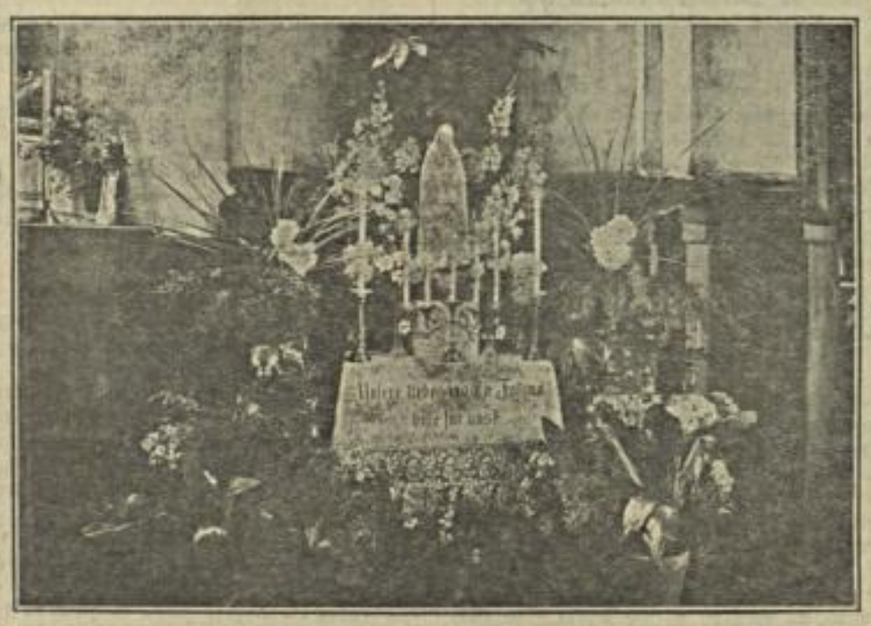
Na Catedral de Santos

Em maio do ano transacto, 1931, foi exposta à pública veneração, na Catedral de Santos, uma bem executada imagem de Nossa Senhora de Fátima. A imagem ofertada por pessoa devota, foi conduzida processionalmente do Santuário do Coração de Jesus até o novo altar preparado na Catedral, cantando-se durante o trajecto lindos e afinados cânticos.

(Continua)

AVISO

Não poderão ser atendidas as reclamações dos Srs. assinantes que não mandarem o número da sua assinatura junto à reclamação.



Altar de Nossa Senhora da Fátima em Insbruk.

Os piedosos devotos de Nossa Senhora de Fátima em Insbruck (Austria) ornamentam nos dias 13 de cada mês com grande profusão de plantas e flores o altar de Nossa Senhora.
Fotografia do altar em 13 de agosto de 1933.

Exercícios Espirituais

Na altura em que êste jornalzinho chega junto de seus amáveis leitores, encontram-se no Santuário os Servitas e alguns Vicentinos, junto de Nossa Senhora fazendo os seus Exercícios Espirituais que terminarão no dia 14 pela imposição das Cinzas, Missa e Comunhão Geral.

Roguemos a Nossa Senhora que abençoe as resoluções ali tomadas para que aqueles cristãos se tornem verdadeiros apóstolos da Acção Católica em suas casas e nas suas freguesias.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NA INDIA

(Carta dirigida a S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Gurza, auxiliar de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Patriarca de Goa)

Ex.mo e Rev.mo Senhor

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.cia Rev.ma que há uns dois dias acabei de receber pelo vapor de carreira de Honavar a Imagem de N. S.ª de Fátima enviada por V. Ex.cia Rev.ma por via do Rev Vigário de Mormugão. A Imagem chegou cá em bom estado não tendo sofrido até aqui alteração alguma. É linda e os que até aqui a teem visto têm gostado imenso. Agradecemos muito a V Ex.cia Rev.ma eu e os fiéis de Molcod a cuja Capela teve V. Ex.cia Rev.ma a gentileza de oferecer essa linda Imagem.

Esperamos por intercessão de N. S.ª de Fátima obter de Deus Omnipotente muitas graças como até aqui teem vindo obtendo abundantemente em Fátima os que a Ela teem recorrido. E parece-me que N. S.ª de Fátima já concedeu uma graça porque depois de a Imagem ter chegado ao Posto de Alfândegas de Honavar ficou aí parada por uns dois dias e entretanto foi aí o meu portador para entender-se com os empregados de Alfândegas a respeito da arrecadação da Imagem e aí êste meu portador explicou aos circunstantes que a Imagem era de N. S.ª de Fátima, enviada por S. Excelência o Senhor Bispo e que a Sr.ª de Fátima fazia muitos milagres. Então um hindú, guarda da Alfândega, que há muito tempo desejava sua transferência para Korvar, sua terra, depois de ouvir ao portador àcêrca de milagres de N.ª Sr.ª de Fátima, concebeu a idea de recorrer a Ela e como de facto recorreu e no segundo dia quando eu fui ao Posto de Alfândegas para arrecadar a Imagem o homem recebia ordens superiores de que estava transferido para Korvar e promovido para lugar superior. Reconhece a graça de N.ª Sr.ª de Fátima e dá acção de graças a Ela. O homem merecia pequena gratificação minha pelos serviços da viagem da Imagem, mas não aceitou por causa da graça que êle obteve de N.ª Sr.ª de Fátima. — O Rev. Vigário desta está em Goa.

De joelhos peço bênção a V. Ex.cia Rev.ma e S. Excelência Senhor Patriarca.

Com muita consideração e respeito

De V. Ex.cia Rev.ma
M.to at.o ven.or servo em J. C.

Honavar, 3/12/33.

P.e Amarinho Gracias

FÁTIMA NA ITÁLIA

Monfalcone

Da correspondência do Rev.mo Mons. Dottor Giovanni Mazzi, Proton. Apostólico e Arcipreste de Monfalcone, Arquidiocese de Gorizia, Trieste — Itália, transcrevo as linhas seguintes:

«A palavra Fátima, corre de boca em boca em Monfalcone e todos conhecem a história das Aparições de Nossa Senhora da Fátima.

Durante o mês de Outubro último, fiz todos os dias uma prática, na Igreja do Rosário em Monfalcone, sôbre as aparições de Nossa Senhora em Fátima, seguindo o livro do Rev.mo P.e Fonseca, exaltando a grandeza, poder e bondade de Nossa Senhora, demonstrada em tantas e tão impressionantes graças concedidas pelo Senhor pela intercessão da Santíssima Virgem, e exortando por fim os fiéis à recitação do Rosário, segundo a intenção expressa por Nossa Senhora aos três pastorinhos de Aljustrel.

Como continuação doemês de Outubro, fiz também um oitavário pelos defuntos, chamando sempre a atenção dos ouvintes para a recitação do Rosário pelas almas mais abandonadas, como Nossa Senhora da Fátima ensinou e deseja.

Encontrei sempre uma correspondência inesperada de fiéis; já distribuí 900 pagelas com a novena em honra de Nossa Senhora da Fátima, e outras tantas imagens. Continuo a propaganda nas escolas onde sou professor. Por meio das crianças faço propaganda nas famílias.

Ao distribuir as novenas e imagens tenho recebido algumas esmolas que expedirei para Fátima.

Alcançámos já algumas graças com a recitação das Novenas.

A presidente das Jovens Católicas tendo sido atacada de úlceras, via que êste mal ia aumentando; mas apenas começou uma novena o seu mal-estar cessou imediatamente; continuou a novena até ao fim e actualmente não sente mal-estar algum.

Continuarei êste nobilíssimo apostolado em honra de Nossa Senhora da Fátima, esperando que a Santíssima Virgem se recordará também de mim».

Dottor Mazzi

FÁTIMA EM LANDANA

A Irmã Missionária, — M.ª Estanislau de Jesus, em carta de 22 de Novembro de 1933, diz, em resumo, o seguinte: — No dia 13 de cada mês festejamos aqui com a maior alegria e felicidade a Nossa Senhora da Fátima. Há sempre Missa e cânticos a Nossa Senhora, no seu altar, que adornamos para tal fim com as mais lindas flôres que fôr possível encontrar.

Há já alguns meses que de dia e de noite arde continuamente uma lampada junto da imagem de Nossa Senhora, com grande contentamento dos cristãos.

* *

Nossa Senhora da Fátima já se dignou alcançar-nos do Céu muitos favores, e ainda não há muito tempo curou uma das nossas irmãs gravemente doente do olho esquerdo. Estava para ser sujeita a uma operação que tinha de ser feita em Luanda.

Antes que ela partisse para lá, resolvemos fazer por ela uma novena a Nossa Senhora da Fátima, e durante êsses nove dias, à noite, punhamos sôbre a pálpebra do olho doente pachos de água do Santuário da Fátima.

Não foi necessário outro remédio para que ela recuperasse a saúde! — Passados poucos dias estava completamente boa sem que a operação fôsse para isso necessária.

ÁFRICA DO SUL

Missão de Nossa Senhora da Fátima da Zululândia

O Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Thomas Spreiter, O. S. B., zelosíssimo Vigário Apostólico da Zululandia, escreveu uma interessante carta ao Senhor Bispo de Leiria, dando-lhe notícias da Missão que foi fundada em Inkamana, no país dos Zúlus, sob a protecção de Nossa Senhora da Fátima.

Sua Ex.cia o Senhor Bispo tem dedicado tôda a sua atenção a esta Missão lutando, porém, com falta de meios aumentada com a esterilidade e doenças que teem flagelado aquele país.

A Missão está a construir uma casa para as Religiosas e uma grande escola-externato para os indígenas.

NOTA — Agradecemos qualquer esmola que nos seja enviada para as Missões colocadas debaixo do patrocinio de Nossa Senhora da Fátima e as faremos chegar ao seu destino.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Reumatismo e Lesão

Um dos meus filhos aos 10 anos de idade foi atacado de reumatismo e lesão cardíaca, doença que, dizem os médicos, ser quási sempre incurável.

Sofreu durante três anos durante os quais teve de estar de cama alguns meses. Em 1929, estando êle ainda doente, levei-o a Fátima implorar a sua cura diante da imagem de Nossa Senhora ali aparecida. A-pesar da minha indignidade, a bondosa Mãe do Céu quis atender-me obtendo para meu pobre filho a graça que lhe pedi. Desde então, tão terríveis doenças não mais voltaram a incomodá-lo, fineza que não posso esquecer.

Paranhos — Pôrto

Maria Moreira dos Santos

Doença Nervosa

Há três anos que sofria não se chegando por vezes a compreender o meu mal. Tinha dias em que, sofrendo horrivelmente quási não sabia de que me queixar. Não podia sair de casa nem ouvir barulho algum. De vez em quando era acometida de ataques que me deixavam como morta, não podendo por isso andar só. Enfim, era um sofrimento esquisito e um sofrer horrível.

Quási desanimada, resolvi pedir muito a Nossa Senhora da Fátima a minha cura, o que fiz por meio de uma novena de Missas e Comunhões em honra de Nossa Senhora. Durante cada um dos dias da novena bebia água do Santuário e rezava nove «Avé-Marias» a Nossa Senhora da Fátima.

Foi então que as melhoras começaram a tornar-se sensíveis, e, graças a Nossa Senhora e ao seu Divino Filho, a minha doença desapareceu já sentindo-me hoje completamente bem.

É esta a graça que venho agradecer a Nossa Senhora da Fátima no seu estimado jornalzinho.

Évora

Maria Rosa Rola Madeira

Angina Diftérica

Em 15 de Dezembro de 1931 encontrou-se minha filha Adelina, gravemente atacada de angina diftérica, que dias antes lhe principiara. Não sabendo que doença seria aquela, por falta de médico, fiz-lhe um tratamento que só a prejudicou.

Vendo-a tão mal recorremos logo a Nossa Senhora da Fátima e demos-lhe a beber algumas gotas da água do seu Santuário. Nesse mesmo dia chegou o médico—o Sr. Dr. Manuel Joaquim dos Santos.

Examinada a criança, declarou êste tratar-se de uma angina diftérica, e empregou todos os seus esforços para salvar a criança aplicando-lhe injecções de sôro antidiftérico. Todavia, não se lhe notaram melhoras algumas. O seu estado causava dó e desespêro às pessoas presentes. Durante algum tempo só rezavamos e fazíamos promessas a Nossa Senhora da Fátima.

As sete horas da noite a criança parecia prestes a dar o último suspiro, queria falar mas não podia fazê-lo. O seu olhar vagueava em volta do quarto e a criança ficava mais assustada quando via alguém a chorar. Um dos assistentes foi de opinião que chamasse novamente o médico enquanto os demais rezavam a Nossa Senhora. Assim se fêz, e instantes depois chega o médico dizendo que havia já feito tudo quanto lhe parecia dever fazer-se em doenças como aquela, no entanto iria fazer ainda uma experiência.

Nem coragem tive para assistir ao tratamento que o médico lhe ia fazer porque tinha já perdido tôdas as esperanças na medicina, e já quási desanimava como se a SS. Virgem da Fátima me recusasse a grande graça que só a Ela pedia ardentemente.

Momentos depois de lhe terem sido tiradas algumas membranas que lhe tapavam a garganta sentimos a criança a dizer: — «Já chega».

Dali em diante começou a sossegar, graças a Nossa Senhora.

As melhoras foram rápidas causando admiração e alegria a tôda a família.

Hoje a criança continua bem como dantes, favor que não posso deixar de atribuir a Nossa Senhora da Fátima.

Cabinda — África

Adelaide Euldlia de Abreu Ramos

Doença na vista

Havia já muito tempo que sofria da vista. Tinha já recorrido à medicina e vários médicos me tinham dito que não poderia dar-se a minha cura completa sem uma operação cirúrgica. Resolvera já sujeitar-me a ela indo para isso à presença do Sr. Dr. Zagalo. Disse-me porém êste médico que não tomava sôbre si a responsabilidade de operação tão melindrosa, aconselhando-me um especialista.

Meu Pai desanimou de me alcançar a saúde por meio da medicina e, em vez dela, recorreu à protecção Divina, dizendo-me: «só a Santíssima Virgem te há-de curar».

Resolvi então fazer uma novena e durante os seus nove dias fui sempre receber a Sagrada Comunhão à Igreja Paroquial. No dia em que terminei a novena, à noite, estando para me deitar, senti qualquer coisa de diferente no olho de que sofria.

Pensei a sós comigo — talvez isto fôsse o sinal da minha cura.

No dia seguinte, logo de manhã, fui experimentar a minha vista, e efectivamente não senti já vestígio algum da minha doença!

Como meu Pai e Madrinha se encontravam ausentes não me foi possível o seguir logo para Fátima na peregrinação do dia 13, como era meu desejo, tendo por isso de adiar para agora essa viagem de agradecimento a tão boa Mãe.

Com esta são já quatro vezes que aí tenho ido agradecer favores recebidos. Bendita seja tão liberal Mãe!

Acompanham-me meu Pai e minha Madrinha e mais algumas pessoas de família que obtiveram também diversas graças de Nossa Senhora a quem todos vêm prestar os seus agradecimentos.

Magueja — Lamego

Virgínia Pereira

Hernia

Aos oito anos de idade comecei a ter graves sofrimentos causados por uma hernia. Consultei vários médicos que me aconselharam uma funda, que usei até aos onze anos. Não me sentindo ainda bem, minha Mãe resolveu levar-me ao Hospital de S. Marta onde fui observada por um mé-

dico que, julgando-me melhor me dispensou do uso da funda. Pu-la, pois, de parte, mas passadas poucas horas fui obrigada a tomá-la de novo porque comecei a passar pessimamente.

Fui segunda vez ao Hospital de S. Marta onde cinco médicos me observaram e concordaram em que era indispensável que fôsse operada. Mas, ái! nervosa como eu era, a-pesar dos choros e das promessas da minha mãe, não conseguiram fazer-me aceitar a operação.

Tendo conhecimento disto umas vizinhas disseram a minha Mãe: «deixe a Maria de Lourdes; entregue-a a Nossa Senhora, que nós a levaremos a Fátima». Benditas palavras, e benditas as horas em que as disseram e as puseram em prática em meu favor!...

Em 13 de Março, depois de minha Mãe ter feito uma novena e várias promessas a Nossa Senhora, fui com as minhas vizinhas a Fátima, e em Maio tirei a funda por me causar incómodo. Ao saber isto minha mãe, zangou-se comigo dizendo: «daqui a pouco tu a virás pôr»!

Mas, felizmente, tal não aconteceu, e como passasse muito tempo sem eu me queixar nem tornar a pôr a funda que abandonára, minha mãe novamente me levou ao médico que, depois de me observar minuciosamente disse estas consoladoras palavras: «*Está curada*».

Calcule-se a satisfação da minha mãe ao ver que Nossa Senhora me tinha favorecido com esta tão grande graça! Hoje, passados seis anos, não mais tornei a sentir o mais ligeiro sintoma da hernia.

Minha querida mãezinha faleceu já e nos seus últimos momentos pediu para se publicar esta graça porque o tinha prometido a Nossa Senhora da Fátima, a quem fizera mais outras promessas que já procurámos cumprir.

Agradeço também a Nossa Senhora uma outra graça muito importante que por sua maternal intercessão Deus Nosso Senhor se dignou conceder-me.

R. D. Estefania — Lisboa

Maria de Lourdes Mendes Campos

Angina fleugmonosa

A Esposa do Sr. Dr. Pereira Gens, médico do Santuário, pede para publicamente aqui ser agradecida a Nossa Senhora a cura de seu marido que esteve gravemente doente.

No momento mais crítico da doença, vendo-o prestes a expirar, ela colocara-lhe sôbre a garganta uma medalha de S. Terezinha molhada na água do Santuário da Fátima, dizendo-lhe com a maior fé e confiança possíveis — «Senhora da Fátima... tendo Vós alcançado a saúde para tantos doentes que em Vós confiam, porque não a alcançais também para êste que no Vosso Santuário tem cuidado de tantos outros?!»

Embora não sem intervenção e assistência médica a doença foi desaparecendo sem deixar vestígio algum a não ser a costumada fraqueza que sensivelmente vai desaparecendo, favor êste que ela agradece a Nossa Senhora da Fátima sem cuja bênção a medicina pouco poder tem.

Agradecimento

Tendo adoecido uma minha filha de 22 anos, e atingido temperaturas altíssimas, achava-se num abatimento profundo sem falar e só querendo estar só e às escuras. O médico que a tratava, a-pesar de todo o seu zêlo, não podia descobrir a causa de tão alta febre, dizendo apenas que talvez fôsse tifo. Vendo a minha aflição pediu uma conferência médica para o dia seguinte. A minha aflição, porém, aumentou mais ainda.

Assim que o médico se ausentou, recolhi-me num quarto e banhada em lágrimas pedi fervorosamente a N.ª Senhora da Fátima que curasse minha filha e a livrasse daquela doença grave, prometendo-lhe ao mesmo tempo uma missa cantada e a publicação da graça na Voz da Fátima. Nossa Senhora dignou-se atender-me, pois nessa noite a febre diminuiu consideràvelmente e de manhã a doente sentia-se muito melhor. A febre continuou descendo sempre e ao cabo de poucos dias minha filha estava bem.

Penhoradíssima, venho agradecer publicamente a Nossa Senhora esta graça que obtive por sua valiosa intercessão junto de Deus.

P. das Flôres — Pôrto

Dolores Castro Morais

Graças diversas

— Ismael Ferreira de Almeida e Matos — Pôrto, sofria dos pulmões a ponto tal que chegou a estar desenganado pelos médicos. Tendo alcançado a saúde, aqui manifesta o seu agradecimento.

— Ricardina Pinho e Monteiro — Candolina — Gôa, tendo alcançado curas muito importantes, pela intercessão de Nossa Senhora da Fátima, de doenças graves porque pasaram seu marido e filha cumpre hoje parte do seu voto com a publicação destas linhas.

— Rosa Maria da Silva —Campo Grande, deseja que seja publicada aqui uma graça que recebeu de Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe desaparecer um tumor que há dez meses muito a fazia sofrer.

— Alice Maria Cerqueira — Formariz, tendo estado gravemente doente vem agradecer a Nossa S.ª da Fátima a protecção que lhe dispensou alcançando-lhe a cura completa.

— Virginia Gonzalez — Covelo, pede para ser publicado em espanhol o seguinte: «Tuve una hija muy enferma durante tres meses y tan grave que no haba esperanzas de salvarla. Recurri a la Virgen de Fátima para que hiciese un milagro y al poco tiempo se vio fuera de peligro y ahora buena completamente; y en agradecimento deseo publicarlo en su periodico».

Virginia Gonzalez

— Maria Joaquina Araújo — Braga, agradece a N.ª S.ª da Fátima diversas graças, mas sobretudo o ter livrado seu marido de freqüentes ataques que o deixavam prostrado.

— Celeste Coelho — Macau, manifesta o seu reconhecimento por uma graça que Nossa Senhora lhe obteve para uma sobrinha.

— *Vitória de Jesus Ferreira* — Vilar — Aveiro, esteve prestes a morrer com um tetano. Invocada em seu favor a intercessão de N.ª Senhora da Fátima e recuperada a saúde vem agradecer-lhe tão grande favor.

— *Teresa Alves Meira* — Anha — Viana do Castelo, teve um ataque violento.

Com a casa cheia de povo foi considerada como morta pelo sacerdote que lhe levava os últimos sacramentos.

Dando pouco depois um leve sinal de vida invocaram todos em seu favor a protecção de Nossa Senhora da Fátima, e passadas duas horas começou a falar encontrando-se desde então sempre perfeitamente bem disposta.

— *Ilda Figueira da Silva* — Lisboa, durante três meses esteve em grave perigo de vida em conseqüência de uma tuberculose galopante. Sua família fêz por ela uma novena de comunhões começando a sentir-se um pouco melhor logo no primeiro dia da novena. Concluída esta a doente estava livre de perigo. Passaram já três anos durante os quais sempre se tem sentido completamente bem. Sua Mãe, Maria Alice Roquete, vem aqui agradecer publicamente esta graça e uma outra particular que Nossa Senhora lhe alcançou.

— *Joaquim Soares* — Zambujal—Condeixa, vem agradecer a cura que sua mulher, tendo dado uma queda grave, alcançou por intermédio de Nossa Senhora da Fátima. Água e terra do Santuário aplicado com fé no poder de Maria bastaram para a curar.

— *Maria Rodrigues da Silva* — Vila Nova de Gaia, cumpre a promessa de agradecer a N.ª Senhora da Fátima a graça, fervorosamente implorada, de melhorar de um grave incómodo, sem recorrer a uma delicada operação que a medicina lhe indicava.

Prometeu publicar esta graça e vir pessoalmente ao Santuário agradecê-la aos pés de N.ª Senhora da Fátima.

— *Zeferino Miranda* — S. Pedro da Cova, por diversas vezes sofreu de horríveis cólicas. Diferentes medicamentos que tomou de nada lhe valeram, até que resolveu entregar-se nas mãos de Nossa Senhora da Fátima. Como único remédio bebia água do seu Santuário.

O resultado não se fêz esperar; as dôres desapareceram por completo sentindo-se já há muito tempo completamente bem.

— *Antônio Barbosa Esperança* — Vila Nova de Gaia, sofrendo incómodos graves provocados por uma úlcera que tinha no estômago, e tendo alcançado a cura dêsses incómodos por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, pede a publicação dêste favor para maior honra e glória de Nossa Senhora da Fátima.

— *Berta da Conceição Cardoso de Vilhena Carvalho* — Almeida, diz o seguinte: «encontrando-se minha filha Maria Teresa bastante doente com febre tifoide, e já com pouca confiança na sciência médica, recorri a Nossa Senhora da Fátima implorando-lhe a cura. A minha súplica foi ouvida; e tendo prometido publicar a graça na Voz da Fátima, se ela me fôsse concedida, venho fazê-lo cheia de grande reconhecimento e alegria».

— *Maria Aurora* — Pias, Lousada, estando já sem esperanças de melhorar de uma grave enfermidade que os médicos não conseguiram debelar, e tendo alcançado a saúde mediante a intercessão de Nossa Senhora da Fátima a quem se entregou, vem reconhecida agradecer-lhe tão grande graça.

— *Aida da Costa Branco* — Lourenço Marques, diz: «encontrando-me há tempos doente pedi a Nossa Senhora da Fátima que me desse saúde para poder continuar a trabalhar.

Prometi agradecer no seu jornalzinho a cura se ela me fôsse concedida.

Como me sinto muito melhor, peço o favor dessa publicação».

— *Manuel Ferreira Mateus* — Coimbra, tendo recebido uma grande graça temporal por intermédio de Nossa Senhora da Fátima deseja publicamente mostrar o seu reconhecimento a tão boa e Misericordiosa Mãe.

— *M. A. Monteiro* — India Portuguesa, alcançou de Nossa Senhora de Fátima a cura de um seu filho que estava muito doente. Deseja agradecer aqui a Nossa Senhora êsse favor que lhe alcançou.

NOTA — Pelo Rev. P.e Manuel Azevedo Mendes, foram-nos enviados do Recife—Pernambuco, os relatórios seguintes:

— *Maria Júlia Baptista* — Pirpirituba — Brasil, achando-se muito doente foi preciso submeter-se a uma operação que os médicos julgavam simples.

Quando se achavam, porém, com o trabalho bem adiantado, entrou um outro médico que tomando o pulso à doente notou que êste não dava sinais de vida. Certificando-se disto todos os médicos foi suspensa a operação e dada à doente uma injecção para ver se conseguiam reanimá-la. Neste estado melindroso em que se encontrava, recorreu com sua família a N.ª Senhora da Fátima e obteve dela as melhoras.

Um médico afirmou ser isto um dos grandes milagres de N.ª Senhora da Fátima atendendo à gravidade da doente e ao seu rápido restabelecimento. Como prova de gratidão promete propagar o mais possível a devoção a N.ª Senhora da Fátima.

— *Manuel de Oliveira* — Recife — Brasil, agredece a cura de graves sofrimentos de diabetes, cura que obteve mediante uma novena e uma visita a Nossa Senhora da Fátima.

— *Francisca de Oliveira Vanderlei* — Brasil, agredece uma graça temporal que Nossa Senhora lhe alcançou.

— *Maria Lino de Oliveira Costa* —Cabo — Brasil, vem testemunhar a sua gratidão a N.ª Senhora da Fátima por ter dela alcançado o perfeito restabelecimento de uma grave doença de que sofreu durante o longo período de 8 anos.

— Uma pessoa espirita achava-se gravemente enferma e prestes a morrer. Zombava da Confissão e de todos os Sacramentos. Implorou-se de N.ª Senhora da Fátima a sua conversão, prometendo que se mandaria publicar a graça, uma vez que fôsse obtida. Com espanto de todos os seus amigos o pobre transviado pediu um Sacerdote, confessou-se, comungou, foi ungido, e depois de tudo recomendou aos parentes e amigos que venerassem sempre a Virgem Maria.

Cheio daquela alegria que só a paz com Deus consegue estampar no rosto dos moribundos expirou, tendo, ao que me parece, a morte de um verdadeiro justo.

Graça de Nossa Senhora de Fátima em favor da filha dum Médico em França

Estando gravemente doente e em estado desesperado a filhinha do Sr. Dr. Regis Breysse, médico do Convento do Sagrado Coração de Maria, em Vallon (Ardèche) onde há uma Religiosa portuguesa, esta vendo a aflição do médico e reconhecida aos serviços que lhe tem prestado, fês uma novena a Nossa Senhora da Fátima obtendo a saúde da pequenina.

Mas deixemos o pai contar e atestar a cura.

RÉGIS BREYSSE
DOCTEUR EN MÉDECINE
VALLON (ARDÈCHE)
TÉLÉPHONE 15

Vallon le 9 décembre 1933

Je soussigné Breysse Régis, Docteur en médecine à Vallon (Ardèche); certifie, ainsi que me confirme qui l'ont voiguée que notre enfant andrée agée de 5 ans, était atteinte de coqueluche grave avec complications pulmonaires et péritonéales Broncho-pneumonie réaction péritonéale

le 10 Juillet mon état était désespéré l'enfant avait le délire

Lorsque une soeur religieuse au couvent du sacré Coeur de marie à Vallon commença une neuvaine à Notre-Dame de Fatime une amélioration se fit sentir à la fin de cette dernière et la guérison fut complète après une deuxième neuvaine

Breys

(TRADUÇÃO)

Regis Brysse Doutor em Medicina

Vallon, 9 de dezembro de 1933

Eu abaixo assinado Breysse Regis, Doutor formado em Medicina, de Vallon — Ardèche:

Certifico assim como os meus colegas que trataram a minha filha Andrée, *de idade de cinco anos — que esta foi acometida dum ataque de coqueluche grave com complicações pulmonares e peritonais broncho-pneumonia reacção peritoneal.*

A 10 de julho o seu estado era desesperado; minha filha entrava em delirio. Foi então que uma irmã religiosa do Convento do Sagrado Coração de Maria, de Vallon começou uma novena a Nossa Senhora da Fátima e ao fim desta novena fizeram-se sentir melhoras. A cura foi completa após uma segunda novena.

Breyssi

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte	422.733$22
Papel, comp. e imp. do n.º 136 (52.000 ex.)	2.671$75
Franquias, embalagem, transporte, etc.	1.084$90
Na administração	99$60
Soma ...	426.589$47

Donativos desde 15$00

Leonor Viterbo — Lagos, 15$00; Feliciana Caupers — Lisboa, 20$00; Luís de Almeida — Évora, 20$00; Izaura Nunes — Praia do Ribatejo, 25$00; Maria Bettencourt — Pico, 30$00; Angela Taveira — Matozinhos, 15$00; Olinda Gonçalves — Pôrto, 25$00; Maria Jorge — Pocariça, 15$00; Augusto Macedo — Lisboa, 20$00; P.e António Prêda — Louzada, 15$00; Elmira Côrte—Madeira, 150$00; P.e Xavier Madruga — Pico, 120$00; José Júlio Ribeiro — Viana do Castelo, 20$00; M.a Otilia Amaral — Açores, 20$00; Ermelinda Leite — América, 2 dolares; Paz de Gouveia — ?, 20$00; Olga Nunes P.e — S. Cruz, 114$00; Izabel Vasconcelos — América, 20$00; Maria Rita — Açores, 20$00; Guilhermina Lemos — Gaia, 20$00; Inês Sequeira — Mapuçá, 20$00; António Silveira — Faial, 25$00; Directora da Creche de Vagos, 378$50; Maria Moreira—Abrantes ,15$00; Apostolado da Oração—Vila Viçosa, 160$00; A. Lage — China, 15$00; Hermínia Pimentão — Evoramonte, 20$00; Maria Ferreira — Azambujeira dos Carros, 35$80; Maria Terencio — Alf.a da Fé, 25$00; João Baptista Júnior — Elvas, 20$00; Eduarda Santiago — Canas de Senhorim, 15$00; Maria Adriana — Canas de Senhorim, 15$00; Gracinda de Sousa — Canas de Senhorim, 15$00; Amélia do Céu — Canas de Senhorim, 15$00; Ana Correia — Canas de Senhorim, 15$00; Maria Salgado — Ferreira do Alentejo, 15$00; Aida Azambuja — Nova Gôa, 15$00; Mariana Azambuja — Nova Gôa, 20$00; Maria Pires — Pôrto, 17$60; Anónima do Pôrto, 20$00; Maria Vasconcelos — Fermil de B.stos, 15$00; Luís Cipriano — Meca, 15$00; Maria das Dôres Lopes — V.a N.a de Fozcôa, 20$00; Margarida Lopes — Espozende, 26$50; Manuel Quintino — Covilhã, 20$00; José Valente — Almofala, 36$00; António Mendonça — Mirandela, 100$00; Amadeu Simões —Mafra, 15$00; António Duarte — Mafra, 15$00; Maria do Paço — Mafra, 15$00; António Valente — Mafra, 15$00; Elvira Pimentel — Braga, 20$00; Dionísio Ruaff — Lisboa, 20$00; Benedita Neves — Avanca, 82$00; Ana Neves — Avanca, 78$00; Fernanda de Melo — Pôrto, 20$00; Elvira Malheiro — Foz, 50$00; P.e Joaquim Grave — Arronches, 50$00; Lucinda Dias — S. Pedro do Sul, 20$00; Laura do SS. Coração — Cabinda, 50$00; Beatriz Cardoso — Vista Alegre, 20$00; Maria Dutra — Açôres, 20$00; Clotilde Almeida — Candal, 40$00; Sara Costa — Paiol, 20$00; Luísa Almeida — Paiol, 15$00; Adelino Oliveira — P.e de Lanhoso, 83$50; P. J. Lourdes — Nova Gôa, 40$00; Maria Berneaud — Lisboa, 20$00; P.e André Avelino — Faial, 132$00; Maria Caramonete — Ilhavo, 110$00; António de Campos — Peniche, 15$00; M. A. C. J. — Guimarães, 84$00; D. M. B. — Guimarães, 55$00; N.o 3573 — Guimarães, 20$00; António Falagueiro — Lisboa, 20$00; Rosa Vieira — Fronteira, 20$00; Brites Andorinha — Setubal, 50$00; Maria Maldonado — Pôrto, 50$00; Maria Iz. Vasconcelos — Pôrto, 50$00; Manuel S. Marques—Oeiras, 72$00; Distrib. na Igreja de Belém — Lisboa, 70$00; Margarida dos Santos — Lagares, 29$70; Condessa de Margaride — Guimarães, 20$00; Teresa Gonçalves — Angola, 15$00; José Govêrno — C. João Dias, 15$00; Manuel Bernardino —Brasil, 15$00; Manuel Gomes — Brasil, 15$00; Fortunata Rabaça — Montemor-o-Novo, 15$00; Elisa Ogando — Lisboa, 20$00; Margarida Abreu — Penafiel, 30$00; Deodata A. Malato — Portalegre, 50$00; Maria Pólvora — Evora, 20$00; Joaquina da G. Carneiro — Pôrto, 25$00; Anónimo — Freamunde, 60$00; Afonso de Albuquerque — Lisboa, 15$00; Maria M. Vieira — Matozinhos, 40$00; José Baeto — Torreira, 30$00; Ana da Costa—Pôrto, 20$00; José M. Neves—Covilhã, 50$00; Ermínia Adelaide Pinto — Sabrosa, 50$00; Etelvina Bento — Lourosa, 20$00; Francisca Marques — Benavente, 20$00; Francisco Madeira — Pegões, 20$00; Amélia Brochado — Amarante, 20$00; Distrib. no Pôrto (Maximina Mota), 30$00; Caridade Resende — Nog.a do Cravo, 20$00; P.e José Simões — Ovar, 20$00; Maria Leiria — V.a R. de S. Ant.a, 15$00; Ana Navarro— V.a Real de S. Ant. 15$00; Maria Clotilde Azevedo — S. Cruz do Douro, 20$00; Joaquina Novais—Tourão, 20$00; Maria Isabel — Cabeço de Vide, 25$00; Guilherminha Ribeiro — S. Torcato, 50$00; Florinda Pio de Paula Ferreira — Lisboa, 20$00.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Bibliografia de Fátima

Os Esplendores de Fátima

É já vasta a literatura tanto portuguesa como estranjeira sôbre a Fátima.

Livros mais ou menos extensos têm sido publicados em muitas línguas tornando conhecidas das almas as maravilhas que a Santissima Virgem tem realizado entre nós e no mundo inteiro.

Últimamente o Missionário Cordimariano, Rev. P.e Valentim Armas aumentou os bons livros sôbre a Fátima com a publicação de «Os Esplendores de Fátima» edição magnífica da bela revista «Avé-Maria» da grande cidade de S. Paulo (Brasil).

O trabalho do erudito religioso é digno do maior elogio.

Além de revelar conhecimentos largos e precisos da história das graças concedidas por Nossa Senhora da Fátima, o abalisado Autor escreve em português correcto e elegante.

Por tôda a sua obra prepassa a sua devoção à Mãe do Céu e ainda um carinho enternecedor por Portugal.

Eis algumas transcrições do prólogo:

«Terra de Santa Maria»

Salvé, nobre Padroeira,
Do povo, teu protegido;
Entre todos escolhido
Para povo do Senhor!

Portugal é sem contestação, entre tôdas as nações do orbe católico, uma das que pode, com ufania, ostentar o título de «Terra de Santa Maria».

Portugal, nação mariana entre tôdas as que mais o sejam, tem marchado sempre na vanguarda dos povos civilisados que mais férvido culto souberam tributar à Mãe de Deus.

Não há na história do povo lusitano situação grave, afirma um historiador moderno, nem lance angustioso em que lhe não tenha valido o socorro e a protecção da sua nobre Padroeira, Maria Santissima. Quando nos dias turbulentos do alvorecer da sua nacionalidade, as hostes portuguesas entravam por terras da mourama, o grito de guerra era «SANTA MARIA».

A gratidão do primeiro rei de Portugal mandou edificar o grandioso monumento mariano da Alcobaça, e outro rei, em testemunho igualmente de gratidão e reconhecimento à excelsa Advogada pela vitória de Aljubarrota, construiu a esbelta Basílica de Nossa Senhora da Vitória e o célebre mosteiro da Batalha.

Afonso Henriques o conquistador, primeiro rei de Portugal, logo após de fundada a monarquia, ofereceu com particylar devoção o seu reino a Nossa Senhora, em sinal de feudo e vassalagem.

Dom Manuel o Venturoso, instituiu nas «Ordenações do Reino» uma procissão obrigatória em honra da Mãe de Deus.

Dom João IV.º ratificou solenemente o acto de Afonso Henriques e ofereceu de novo o Reino e colónias a Nossa Senhora, jurando com o príncipe e Estado, confessar e defender sempre, até dar a vida sendo necessário, o dogma da Imaculada Conceição.

Dom João V mandou celebrar com tôda a pompa, em todo o reino, a festa da Imaculada.

Antes de se fazerem aos mares ignotos, os marinheiros portugueses iam à ermida de Nossa Senhora do Restêlo pedir à Estrêla dos Mares que lhes alumiasse a arriscada rota.

E sob tão alta protecção, a bandeira das quinas portuguesas flutuou nas selvas virgens do Brasil, nos castros adustos do Moghreb nas praias viridentes do Oceano Indico.

Reconhecido sua excelsa Padroeira, Portugal ergueu um monumental poema em pedra que é Santa Maria de Belém.

Maria Santissima foi sempre tida e aclamada como Rainha de Portugal — Regnum Lusitaniæ Regnum Mariæ — pois, desde que o primeiro rei bragantino colocou o reino e a dinastia sob a protecção de Nossa Senhora, os reis portugueses deixaram de usar a coroa real, oferecida à excelsa Rainha dos Anjos e Imperatriz do universo.

Não é só o reino mas a inteligência de Portugal ficou sendo também feudatária da Santissima Virgem, pois a Universidade de Coimbra se colocou debaixo da protecção da Imaculada.

«Terra de Santa Maria»

Com esta sugestiva denominação de «Terra de Santa Maria» chamou Portugal os primeiros territórios portugueses arrancados ao poder dos mouros.

As vetustas catedrais como as humildes igrejas e matrizes de aldeia, consagradas estão na sua maioria em Portugal, à augusta Mãe de Deus.

Do Minho ao Algarve, quási não há cêrro, onde não alveje uma ermidinha verde sob a invocação de Nossa Senhora.

Não é só sob o ponto de vista político; Portugal, pela voz dos seus literatos e artistas, não tem deixado de pagar a Nossa Senhora o tributo de seu carinho e vassalagem.

Para ver plenamente justificado êsse asserto, bastaria percorrer as páginas da «História do culto de Nossa Senhora em Portugal», da autoria de Alberto Pimentel.

«Não houve, diz êsse abalisado historiador, à página 198 da obra citada, não tem havido em Portugal homem ilustre, ainda dos mais abalisados para além da craveira vulgar, em qualquer classe ou estado, que se recusasse a render a Maria Santissima a homenagem da sua fé e devoção».

A estrêla duma nova ressurreição em Portugal

Negros e ameaçadores nubarrões toldavam o céu de Portugal em 1917.

A Pátria dos Lusíadas jazia à beira dum espantoso abismo. Por tôda a parte reinava o desânimo; a ruína parécia inevitável. Parecia, mas não era!

Era essa justamente a hora de Deus e a hora também de Nossa Senhora.

Sôbre o firmamento enegrecido da Pátria raiou a luz duma nova estrêla, prenunciadora duma nova e gloriosa aurora.

Apareceu Fátima.

Condoendo-se a celestial Senhora das desgraças que oprimiam a alma de Portugal, dignou-se baixar e pôr em contacto místico o seu Imaculado Coração, com o coração, a sangrar de dor, da Pátria, transfundindo-lhe novo vigor e nova vida e prometendo-lhe remédio e salvação.

Portugal deve certamente sua salvação a Nossa Senhora de Fátima.

São assaz eloqüentes as seguintes palavras que transcrevemos da «Voz da Fátima» de 13 de março do corrente ano de 1932.

«Basta volver um olhar retrospectivo sôbre a situação religiosa do nosso país antes das aparições e cotejá-la com o seu estado actual para se conhecer desde logo a mudança profunda, radical, operada na sociedade portuguesa, em cujo seio existe hoje uma élite católica mais saturada de espírito cristão, mais esclarecida e fervorosa na sua piedade, mais unida entre si e mais perfeitamente sujeita à hierárquia.

A-pesar-da tremenda crise religiosa, moral e económica em que o mundo presentemente se debate, provocando a instabilidade das instituições políticas e sociais e agitando e convulsionando os povos, Portugal, a nação fidelíssima, terra de Santa Maria, olha com serenidade o futuro, pondo uma confiança inabaldável e ilimitada no poder e na bondade da sua excelsa Padroeira que, vindo a Fátima, mais uma vez o protegeu e salvou.

Desde então, a gloriosa terra de Santa Maria, saindo do profundo letargo em que jazia, havia quási cem anos, sem esperança de humano remédio, foi caminhando, com passos seguros e firmes, numa marcha verdadeiramente prodigiosa, até à face presente de intensa vitalidade e pujança religiosa de que numerosos e consoladores episódios são ao mesmo tempo o sintoma e o expoente.

Não foi debalde que a Rainha do Céu baixou à Cova da Iria e pousou os seus pés virginais na copa da azinheira sagrada».

* * *

Fátima! Nossa Senhora de Fátima, a gloriosa Lourdes portuguesa! Quem é que a não conhece ou ao menos dela não tem ouvido falar?

Desde os maravilhosos sucessos do dia 13 de Maio de 1917, desenrolados na Cova da Iria, em pleno coração de Portugal, o nome bemdito de Fátima está a correr de boca em boca, despertando a curiosidade de uns e atraindo o respeito e a veneração de todos.

Transpondo as fronteiras de Portugal, para logo tornou-se êsse nome conhecido em tôdas as nações da velha Europa e daí, carregado nas azas da glória, atravessou os mares e espalhou-se pelas cinco partes do globo.

O nome de Fátima, como o de Lourdes, não se acha mais circunscrito ao país que lhe serviu de berço, êle abrange, num imenso raio de luz e calor, o mundo inteiro.

Nação privilegiada a de Portugal!

Nossa Senhora escolhe o cantinho humilde duma nação que ostenta com ufania o título de «Terra de Santa Maria», para daí irradiar, não só sôbre Portugal mas sôbre a vastidão do planeta, os esplendores de seu poder, de sua bondade e de sua misericórdia.

Há três lustros apenas Fátima não passava de um logarejo quási completamente desconhecido, a tal ponto que não se registava em nenhuma carta geográfica e nenhum «Guia do viajante» lhe fazia a menor referência.

Hoje o nome de Fátima constitui uma verdadeira epopeia e é, no dizer do autor de «Fátima, a Lourdes portuguesa», um dos acontecimentos religiosos mais notáveis, senão o mais notável da actualidade.

Qual a causa dessa prodigiosa celebridade?

As maravilhosas aparições de Nossa Senhora a três humildes pastorinhos, ocorridas na Cova da Iria a pouco mais de dois quilómetros da localidade assim denominada de Fátima e os prodígios inumeros que nesse recinto abençoado se vêm operando a partir do dia 13 de Maio de 1917.

Tornar pois mais conhecidos no Brasil êsses factos maravilhosos de Fátima, para que o conhecimento dos mesmos sirva de despertar em nossos corações sentimentos cada vez mais acendrados de amor e devotamento para com a augusta Mãe de Deus e ternissima Mãe dos homens; eis o objectivo principal que nos moveu a dar à publicidade uma pequena série de modestos e despretenciosos artigos, enfeixados em volume, àcêrca dos sucessos de Fátima.

Sem pretensões literárias de espécie alguma, aspira no entanto o a. à glória de poder juntar sua voz, com quanto humilde e apagada, a êsse esplendido coral de cantores e pregoeiros que, àlém e àquém dos mares, exalçam em tôdas as linguas as glórias e maravilhas de Nossa Senhora de Fátima.

Dar-se-ia por suficientemente pago se, como recompensa, merecesse a suprema honra de ser contado no número daqueles a quem são dirigidas as palavras do sagrada texto:

Qui elucidant me vitam æternam habebunt. *Todos aqueles que me glorificarem durante a vida, obterão a eterna bemaventurança.* (Eccli. 24. 31.)

Ao desejo de contribuir por meio dêste humilde e despretencioso trabalho para que seja conhecido e apreciado o dom inefável de amor e misericórdia que do céu nos trouxe a Senhora do Rosário de Fátima, vem unir também seu débil tributo de homenagem filial à mesma celestial Senhora e Rainha no augusto mistério de sua Maternidade espiritual realizado ao pé da Cruz e da Sua Corredenção a serem solenemente comemorados no decorrer dêste Ano Santo da Paixão de J. C. e das Dores de Nossa Senhora.

33-34 1933-1934

A Voz da Fátima agradece o exemplar com que foi brindada e faz os melhores votos pela divulgação de tão interessante livro.

Ainda há à venda no Santuário os livros seguintes, sôbre Fátima:

1.º — **Oratória-Fátima**	20$00
2.º — **As grandes Maravilhas da Fátima**	10$00
3.º — **Fátima, o Paraíso na terra**	5$00
4.º — **A pérola de Portugal**... ...	5$00
5.º — **Fátima, a Lourdes Portuguesa**	5$00
6.º — **Fátima, à Luz da Autoridade Eclesiástica**	5$00

Mandam-se à cobrança ou a quem enviar a respectiva importância junta ao pedido.

NOBRE GESTO DUM MINISTRO

O nobre General Vangain, Ministro da Defesa Nacional da República da Áustria, houve por bem dar a seguinte ordem regimental:

«Tôdas as bandeiras regimentais ostentarão doravante a imagem da Virgem Santíssima, Padroeira da Áustria.

E como os nossos soldados são camponeses pacíficos, cuja vida de família se desenvolve à volta do Crucifixo que honra os seus lares, *ordeno que em tôdas as casernas regimentais seja colocado um Crucifixo.*

Os soldados saberão assim, olhando para êste símbolo augusto, que o seu dever de soldado para com a Pátria, não é senão uma modalidade do seu dever de cidadãos para com Deus».

Gesto tão nobre leve-nos a admirar e louvar quem o teve e a pedir ao céu a mesma graça para as demais Nações.

Uma jóia artística – Banqueta Manuelina – a oferecer por subscrição nacional à Virgem Santíssima da Fátima

As três sentinelas do Coração

Guardai cuidadosamente o vosso coração, porque dêle procede a vida.

Por estas palavras, faz-nos compreender o Espírito Santo que a vigilância sôbre o coração é uma questão de vida ou de morte, e que dela depende a verdadeira devoção. E como havemos de exercer essa vigilância?

Sendo o nosso coração o palácio onde vem habitar Jesus — o Rei do Amor, coloquemos-lhe às portas vigilantes sentinelas, como estão às portas dos palácios riais. O coração tem três portas — os ouvidos, os olhos e a bôca.

A sentinela que guarda os ouvidos chama-se prudência; a sentinela que guarda os olhos chama-se modéstia; a sentinela que guarda a bôca chama-se silêncio. A tudo quando possa desagradar, ainda que levemente, ao Rei do Amor, devem estas três sentinelas bradar: — Alto! é proïbida a entrada.

1.ª sentinela — A prudência. — Esta sentinela cerra os ouvidos a tôda a palavra inútil ou pouco modesta. As palavras inúteis dissipam e distraem o coração; as palavras deshonestas mancham-no e corrompem-no. «Não há nada que mais corrompa os bons costumes, diz S. Paulo, do que as más conversações».

Evitai cuidadosamente, tôda a conversação fútil, e, principalmente, pouco caridosa, ou pouco decente; uma só palavra, imprudentemente escutada, basta para nos fazer perder a fé, a caridade e a inocência.

2.ª sentinela — A modéstia dos olhos. — Esta sentinela cerra os olhos a todo o objecto ou livro perigoso. «Todo aquele que, diz o Espírito Santo, fechando os ouvidos a tôda a palavra perigosa, fecha os olhos a todo o objecto mau, conservará o seu coração puro, habitará antecipadamente as regiões celestiais, saciar-se-á do pão dos anjos e, sentindo-se inundado de suavissimas consolações, poderá contemplar o Rei do Amor na plenitude dos seus encantos, vendo a terra de muito alto.» (Isaías, XXXIII)

Eis as inefáveis recompensas da modéstia dos olhos; guardêmo-la sempre e por tôda a parte.

Bastou um olhar imprudente para perder David, que tinha vencido Golias, fazendo-lhe cometer dois crimes dos maiores da terra.

Quantas almas se não têm pervertido por um só olhar desacautelado, uma só leitura imprudente!

3.ª sentinela — O silêncio. — «Meu Deus, dizia o profeta, ponde uma guarda de circunspeção nos meus lábios; que o silêncio encadeie a minha língua, senão estou perdido (ps. 140)».

«Aquêle que não peca pela língua é perfeito (Jac. 3)».

«Não nos venha falar de devoção aquêle que não sabe pôr um freio à sua língua; não tem da devoção nenhuma sombra, e de religião tem apenas um fantasma (Jac. 1)»

«Do modo como tivermos falado depende a nossa salvação ou condenação eterna, pois que tôda a palavra inútil será rigorosamente julgada, e receberá o seu castigo (Mat. 13)».

Que será, pois, daqueles que pronunciarem palavras más ou criminosas?... Ah! que justo motivo de temor há neste ponto!

Examinemo-nos sèriamente sôbre um ponto tão importante. Se a palavra é de prata, o silêncio é de oiro. Nunca nos arrependemos de estar calados e muitas vezes nos arrependemos de ter falado.

Aquêle que adquiriu grande conhecimento e não sabe calar-se, nada sabe; aquêle, porém, que pouco sabe, mas sabe calar-se na ocasião devida, sabe tudo.

(Boletim Mensal)

Joia manuelina de prata a oferecer por subscrição nacional para o Santuário de Nossa Senhora da Fátima

Aprovamos a generosa iniciativa do ilustre advogado Snr. Dr. Alberto Pinheiro Torres e pedimos à Santissima Virgem alcance tôdas as graças do Céu para os Snr. Subscritores.

Leiria, 8 de Dezembro de 1933. † JOSÉ, *Bispo de Leiria*

AVISO — As listas numeradas e com o sêlo branco do Santuário podem ser pedidas à Administração da «Voz da Fátima» assim como recebemos as esmolas que nos queiram entregar.

Ano XII — Fátima, 13 de Março de 1934 — N.º 138

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Fevereiro)

Fátima e a Reparação

O sublime conceito místico de reparação, tão simples e tão acessível, nas suas linhas gerais, a tôdas as inteligências, ainda as mais rudimentares, mas profundo e complexo na sua compreensão lógica, está històricamente ligado, dum modo íntimo e maravilhoso, à grande e incomparável Obra de Nossa Senhora de Fátima.

Quando Portugal atravessava o período mais grave e mais delicado da sua existência como nação livre e autónoma, a excelsa Raínha dos Anjos dignou-se pousar os pés virginais sôbre a copa duma pequenina azinheira num recesso da Serra de Aire e aparecer a três humildes e inocentes crianças para lhes comunicar os seus desígnios de bondade e misericórdia a respeito da terra que se ufana com razão de ser chamada a terra de Santa Maria.

A mensagem da Virgem, que nas suas aparições tinha o rosto formosíssimo como que anuviado por uma leve sombra de tristeza, pode sintetizar-se apenas em duas palavras: *oração e penitência*.

Quando, dois anos mais tarde, em colóquios íntimos e misteriosos com Jacinta Marto, a mais nova das videntes, pouco antes do seu ditoso trânsito, lhe explicava o sentido dêsse díptico, a idea da reparação, já claramente focada nas comunicações feitas durante as aparições, tornou-se mais precisa e mais clara ainda, aparecendo como a razão de ser de tôda a trama dos sucessos maravilhosos que, de Maio a Outubro de 1917, se desenrolaram no histórico recinto que a voz do povo chamava e chama ainda a Cova da Iria.

As culpas individuais e as iniquidades colectivas clamavam vingança ao Céu e a Virgem Santíssima a custo sustinha o braço de seu bemdito Filho prestes a descarregar os golpes da justiça divina sôbre tantos que desafiavam sem rebuço e sem temor a cólera do Altíssimo.

Saído do brazeiro horrível da grande guerra sem ter ficado, por mercê de Deus, com as suas energias vitais comprometidas, Portugal caminhava a passos largos para uma situação social criada pela conjuração das diversas fôrças anti-cristãs *em* que ruínas de tôda a ordem alastrariam pelo seu solo convertido em teatro de cenas verdadeiramente apocalíticas.

Foi então que um punhado de almas eleitas se ofereceu generosamente ao Senhor pelas mãos da augusta Raínha dos Anjos para aplacar com as suas imolações compensadoras a cólera celeste provocada pelos pecados dos homens, passando a sua vida em oração e penitência, como vítimas de explação sacrificadas continuamente sôbre o altar em união com a Vítima Divina.

E desde então a paz foi descendo pouco a pouco a esta terra tantas vezes convulsionada nos últimos tempos por lutas intestinas e com a paz começaram a florescer a ordem, a disciplina social e a prosperidade pública.

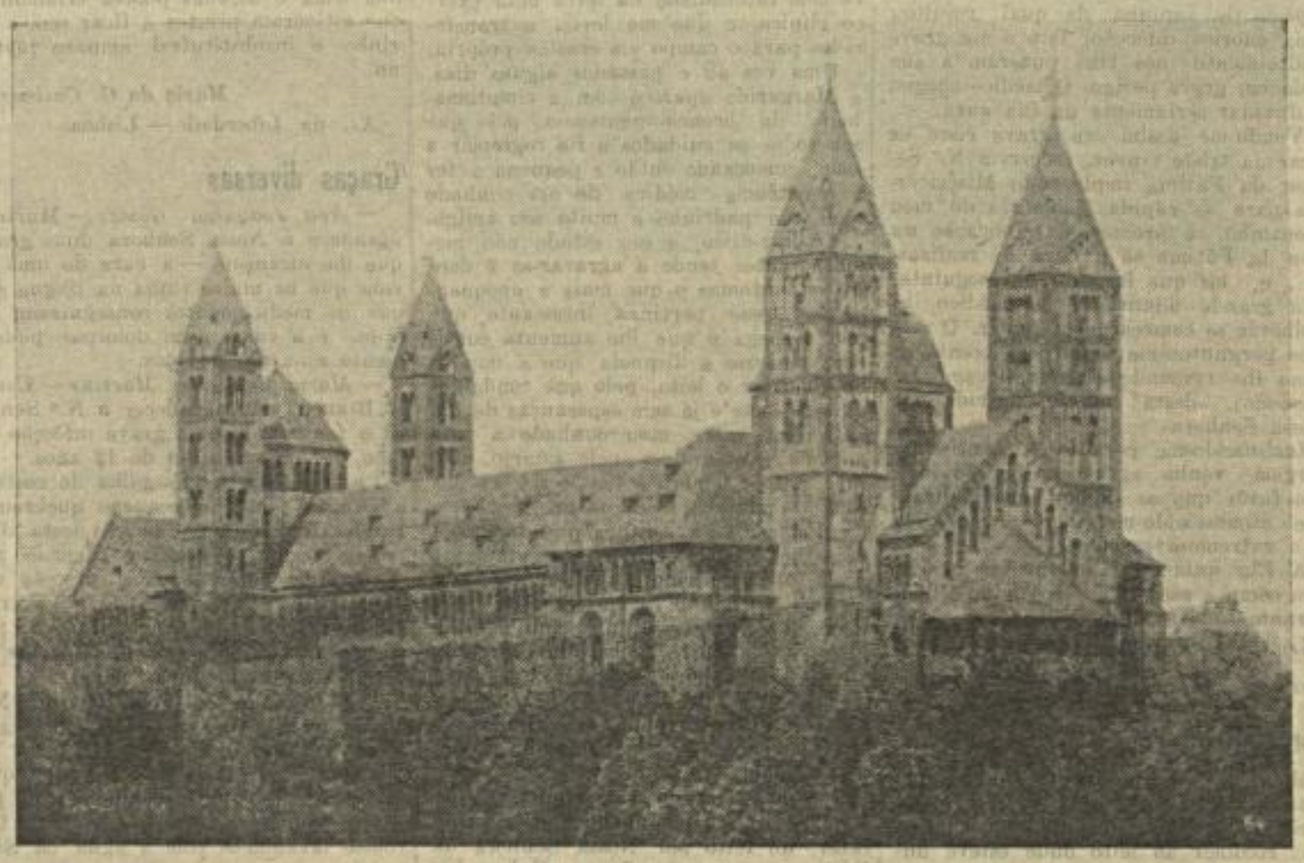
A Pátria decadente levantou-se como por milagre do profundo abatimento em que jazia, havia longos anos, e as nações estranhas, que a tratavam com menosprezo e desdém, olham-na hoje cheias de admiração e respeito.

Mas ai dela, ai dos pobres filhos de Portugal, se as mãos que hoje se erguem suplicantes para o Alto, implorando clemência e perdão, se vissem forçadas a descair pela maldade ou inconsciência dos homens.

É mister, é urgente, que novos núcleos de almas vítimas, colocadas como outros tantos pára-raios nas diversas dioceses do país, desviem os golpes da cólera divina e assegurem, como Moisés, orando fervorosamente no alto do monte, a vitória do exército dos crentes, o triunfo e a salvação da Pátria querida.

Praza a Deus que os desígnios maternais da augusta Raínha do Céu não sejam embargados na sua realização pelas maquinações das criaturas, para que nesta terra de heróis e de santos, nesta gloriosa terra de Santa Maria, as hordas bárbaras do comunismo moscovita não subvertam as instituições cristãs, aniquilando vidas e poluindo almas, e não transformem Portugal inteiro num lago imenso de sangue e de lama, num vasto e horrendo campo de destroços e ruínas fumegantes!

Visconde de Montelo



Catedral de Spira, *na Baviera, fundada em 1030 pelo imperador Conrado 2.º, dedicada a Nossa Senhora, onde, segundo a tradição, S. Bernardo teve a inspiração de acrescentar à «Salvé Rainha» as palavras — Ó Clemente, ó piedosa, ó Virgem Maria. Pertence a esta diocese a paróquia de* **Schifferstadt** *cujo pároco Rev. Pedro Maria Veilmann é um dos mais activos propagandistas da devoção de Nossa Senhora de Fátima. Nessa igreja fez o Rev. Dr. Fischer uma conferência sôbre Fátima com projecções luminosas a um auditório de 1200 homens e no dia 13 a senhoras em número aproximado de 2000. Esta paróquia tem um grande movimento piedoso.*

As primeiras horas da manhã

São sete horas. A essa hora tão matinal, o recinto sagrado das aparições encontra-se ainda quási completamente deserto. Densas nuvens negras, que ameaçam chuva, perpassam no firmamento, impelidas por uma leve e fria aragem. O venerando Prelado de Leiria, em provisão publicada no último número da «Voz do Domingo» ordenara preces *ad petendam Pluviam*. E já desde a véspera que as fontes do céu tinham principiado a abrir-se, despejando sôbre a terra as prímicias da linfa preciosa por que suspiravam os campos ressequidos, cujas entranhas a enxada e a charrua não eram capazes de rasgar.

Vão chegando pouco a pouco os peregrinos, na sua grande maioria homens e mulheres do povo, habitantes das povoações circunvizinhas. Ainda não eram dez horas e já a Capela das Confissões regorgitava de fiéis que esperavam a sua vez de se aproximarem do santo tribunal da Penitência. As missas sucedem-se umas às outras, abeirando-se entretanto da mesa eucarística muitos peregrinos para receberem o Pão dos Anjos. Por tôda a parte, mesmo ao ar livre, reina um silêncio religioso que ajuda as almas piedosas a prepararem-se convenientemente, pelo recolhimento e pela oração fervorosa, para colherem com abundância os frutos preciosos da sua romagem ao Santuário de Fátima.

As metamorfoses da Cova da Iria

Pode dizer-se com verdade que, de mês para mês, muda sensivelmente o aspecto exterior do vasto e grandioso anfiteatro das aparições. É que, lenta e seguramente, se vão realizando as diversas partes do plano monumental.

Entre os edifícios que povoam o recinto da Cova da Iria, ainda há poucos anos inteiramente deserto, avulta a *Casa dos retiros*, recentemente construída e ainda não definitivamente acabada.

Esta magnífica iniciativa, destinada a beneficiar espiritualmente, em larga escala, não só a privilegiada diocese que teve a honra de receber a visita da Raínha do Céu, mas o país inteiro, torna, só por si, o venerando Prelado de Leiria crèdor da estima e gratidão de todos os católicos portugueses, que não podem deixar de reconhecer na obra dos exercícios espirituais em Fátima uma fonte perene de glória para Deus e um penhor seguro de santificação e salvação para muitos habitantes desta beindita terra de Santa Maria. Como Deus é capaz de fazer das pedras filhos de Abraão, segundo a amplificação da frase bíblica, o Anjo da Diocese de Leiria, seu representante e seu instrumento, mercê do poder que dêle recebeu, está levantando na Lourdes Portuguesa, com grande espírito sobrenatural, com superior elevação de vistas e com extremado carinho, um santuário invisível, incomparàvelmente mais grandioso e mais belo do que aquêle que extasia os olhos de quantos têm a dita de visitar a Cova da Iria e de contemplar os seus monumentos.

Os actos oficiais do culto

Na forma do costume, ao meio dia principiou a recitação pública do terço do rosário na capela comemorativa das aparições. Terminado êsse piedoso exercício, que a Santíssima Virgem nas suas aparições recomendou com tanta insistência aos videntes e por intermédio deles a todos nós, realizou-se a primeira procissão, em que a estátua de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida para junto do altar do Pavilhão dos doentes. A estação da missa, acolitada por dois servitas, prègou o rev.do António Alves da Cruz, S. J., que discorreu eloqüente e piedosamente sôbre o culto das cinco chagas, solenidade do dia litúrgico e festa genuinamente portuguesa, e sôbre a devoção a Nossa Senhora. Depois da missa, foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento primeiro aos enfermos individualmente e depois em geral a todos os fiéis, tendo feito as invocações do costume, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão-director dos Servitas. Por fim foi reconduzida a estátua de Nossa Senhora para a capela das aparições, terminando as cerimónias oficiais com o comovente *adeus* à Virgem Santíssima.

Retiro Espiritual

Como tinha sido oportunamente anunciado, começou no dia dez de Fevereiro, à tarde, um turno de exercícios espirituais no Santuário de Fátima, destinado dum modo especial aos Servos de Nossa Senhora do Rosário, mais conhecidos pela designação popular de *servitas*. A êstes juntaram-se alguns membros das Conferências de S. Vicente de Paulo, sendo de trinta e seis o número total dos exercitantes.

Dirigiu o retiro o rev.do António Alves da Cruz, S. J., ilustrado e piedoso sacerdote que propagou o culto da Senhora da Fátima entre os árabes da Síria cuja língua conhece, fez as meditações e conferências do costume, empregando no desempenho da sua missão o zêlo, o saber e a competência que caracterizam o espírito do seu apostolado.

No dia dôze à tarde chegou a Fátima o rev.do Arnaldo de Magalhães, S. J., zelosíssimo director espiritual do Seminário de Leiria, afim-de o ajudar a confessar os exercitantes. O santo retiro, que, realizado sob os auspícios de Nossa Senhora de Fátima, foi de-certo fértil em graças e bênçãos de tôda a ordem para os Servitas e Vicentinos que tiveram a ventura de o fazer, terminou no dia catorze de manhã pela imposição das cinzas, missa e comunhão geral.

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José, Bispo de Leiria, dignou-se ir expressamente a Fátima para honrar com a sua presença e coroar com as suas bênçãos de Pastor amantíssimo o encerramento do santo retiro.

Hóstia pro Hóstia

Quem estas linhas escreve falou no dia treze de Setembro do ano passado em Fátima com um jôvem de quinze anos, gravemente enfêrmo, que tinha vindo de Lisboa em piedosa romagem, afim-de assistir aos actos religiosos oficiais daquêle dia. Nascido no mês de Outubro de 1917, o mês da última aparição da Santíssima Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel, dir-se-ia que a augusta Raínha dos Anjos esperava apenas que êsse jóvem de angélicas virtudes lhe fôsse prestar a derradeira homenagem da sua devoção filial para dar àquela bela alma purificada por uma longa e pertinaz doença o prémio reservado aos justos na mansão celestial. Efectivamente, no dia vinte e quatro de Setembro, onze dias apenas depois da sua dolorosa peregrinação a Lourdes Portuguesa, Fernando Correia de Lacerda, que assim se chamava aquêle anjo em forma humana, exalava o último suspiro, exclamando, como num êxtase, com os olhos volvidos para o alto e o coração querendo saltar-lhe do peito: «Minha Mãe do Céu! Meu Deus, meu Rei de amor!»

São testemunho bem eloqüente da grandeza da sua virtude e da solidez da sua piedade as palavras orais e escritas que mãos amigas recolheram e deram à estampa numa folha com o seu retrato em que se lê êste pequeno autógrafo de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, a propósito do ditoso trânsito daquele em que se realizou a promessa de Jesus a Guido de Fontgalland, seu irmão

de alma — Não serás padre, quero fazer de ti meu anjo: «Conheci o Fernando no leito onde o prostrara a doença e a sua bela alma se acabou de purificar. Declarou que só queria que se fizesse a Vontade de Deus; e, se devia morrer, oferecia de bom grado a sua vida para que, em vez dele, o Senhor enviasse ao Seminário muitas e santas vocações. Como deve ser belo o Senhor, para assim formar e enamorar dÊle almas virgens e generosas como a do Fernando!»

Fátima na Itália

O número de onze de Fevereiro último do semanário *Squilli di Risurrezione*, órgão da Juventude Feminina de Acção Católica Italiana, com uma tiragem superior a duzentos e vinte mil exemplares, publica a tôda a largura da sua terceira página um magnífico artigo subordinado à epígrafe «As aparições de Fátima», em que descreve, a traços largos mas fiéis e sugestivos, a história das manifestações sobrenaturais da Lourdes Portuguesa de 1917. Nesse artigo estão intercaladas quatro esplêndidas gravuras, respectivamente acompanhadas das seguintes legendas: 1.º Os três videntes, Lúcia, Francisco e Jacinta em 1917. 2.º Uma tuberculosa em último grau curada instantâneamente. 3.º Estátua de Nossa Senhora de Fátima benzida por Sua Santidade o Papa Pio XI. 4.º Peregrinação nacional de 13 de Maio de 1931.

Esta página de *Squilli di Risurrezione* contribuirá incontestàvelmente para tornar mais conhecidas as grandes maravilhas de Nossa Senhora de Fátima em tôda a Itália, que tão devota é da Santíssima Virgem, inspirando em muitos corações um grande amor para com ela e uma confiança cada vez maior na sua onipotência suplicante e na sua bondade maternal.

Visconde de Montelo

Exercícios Espirituais

Também êste ano haverá no Santuário um turno de Exercícios Espirituais para os Ex.mos Médicos que para êles se queiram inscrever.

Podem também assistir enfermeiros e farmacêuticos.

Os Exercícios começarão no dia **24 de Março, à noite**, e terminarão **no dia 28 pela manhã.**

Era grande favor mandarem os **nomes ao Rev.mo Reitor do Santuário para serem inscritos, com alguns dias de antecedência.**

Ainda há à venda no Santuário os livros seguintes, sôbre Fátima:

1.º — **Oratória-Fátima**	20$09
2.º — **As grandes Maravilhas da Fátima**	10$00
3.º — **Fátima, o Paraíso na terra**	5$00
4.º — **A pérola de Portugal**... ...	5$00
5.º — **Fátima, a Lourdes Portuguesa**	5$00
6.º — **Fátima, à Luz da Autoridade Eclesiástica**	5$00

Mandam-se à cobrança ou a quem enviar a respectiva importância junta ao pedido.

N. B. — Há também aqui alguns exemplares de «Os esplendores da Fátima»» a que e referiu o n.º 137 da «Voz da Fátima».

Custam apenas 7$50!

MISSÃO DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA EM TANGANHICA

(África Oriental)

O Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Joachim Ammann, Abbade *nullius* de Ndanda, fundador da Missão católica em Tanganhica que colocou debaixo da protecção de Nossa Senhora da Fátima (v. «Voz da Fátima» n.os 135 e 136) foi elevado pelo Santo Padre Pio XI ao Episcopado com o título de Ptenelissense, na Pamphilia.

Apresentamos a S. Ex.cia Rev.ma os nossos cumprimentos e pedimos à Santíssima Virgem lhe conceda e à sua querida Missão tôdas as graças e Bênçãos do Céu.

NOSSA S.ª DE FÁTIMA NA SUÍSSA

O Mensageiro da Fatima «Bote von Fatima»

Debaixo da direcção do Rev. Dr. Fischer, professor da Universidade de Bamberg, na Baviera, e pelos cuidados de Monsenhor Mäder publica-se em Basileia um jornalzinho intitulado «Mensageiro de Fatima» em lingua alemã e destinado a levar aos países germânicos o conhecimento das maravilhas que Nossa Senhora tem realizado entre nós e em todo o mundo.

O «Mensageiro de Fátima», magnificamente redigido e copiosamente ilustrado fala muito em Portugal, na sua história, usos e costumes pelo que é crédor do nosso reconhecimento não só como católicos mas também como portugueses.

A tiragem do «Bote von Fatima» já atingiu 16.000 exemplares por número e tem ido num aumento consolador.

Apresentamos ao nosso querido Colega os mais sinceros parabens pelo seu aniversário e pedimos à Santissima Virgem lhe obtenha as maiores graças do Céu.

No Mosteiro Leiden Christi

Na encosta da montanha Saentis, a 2.500 metros de altura, está o convento Leiden Christi (Paixão de Cristo) no cantão de Appenzell, fundado pela venerável Religiosa Iohanna Baettig cuja biografia edificante o Rev. Dr. L. Fischer vai publicar.

Neste convento está estabelecida a adoração perpétua do Santíssimo Sacramento (dia e noite) e num dos altares da linda e espaçosa igreja venera-se a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Na noite de 12 a 13 de cada mês reúnem-se ali muitas pessoas, além da Comunidade, em união com os peregrinos de Fátima prestando as suas homenagens e implorando a protecção de Nossa Senhora de Fátima.

O canto predilecto dos devotos de Nossa Senhora da Fátima é o belo hino do saüdoso P.e Vicente «Sôbre os braços da azinheira» traduzido para alemão.

Foi o Rev. P.e Ambroise Schnyder, director espiritual deste mosteiro, quem fêz o acompanhamento deste lindo cântico.

É neste convento que o dedicado Apostolo Rev. Dr. Fischer costuma passar as suas férias.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Trajectos fistulosos no peito

Em 1915, minha esposa, principiou a sentir dôres no peito; 6 meses depois, êste rebentou para dar saída a grande quantidade de puz. O médico aconselhou banhos de mar, e, para antes, receitou um preparado pomoso com o qual, após dois mêses, a fístula fechou. Passados, porém, três mêses voltou a abrir para daí a uns 80 dias voltar a fechar, e assim sucessivamente até ao dia 8 de Outubro de 1926 em que deu entrada no Hospital onde foi operada em 16 do mesmo mês: — abertura, raspagem do ôsso e cauterisação.

Desde então a ferida não mais fechou. Daí por deante, curativos diários e dor constante, até 13 de Maio de 1931.

Era minha esposa já devota de N.ª Senhora da Fátima, e já cansada de tanto sofrer, confiada, havia resolvido e foi nesse dia visitar a imagem da Virgem da Fátima, no local da sua Aparição para em fervorosa súplica lhe pedir a sua cura.

Uma vez lá ocorreu-lhe a idea de trazer alguma água do pôço, ali existente.

Apenas chegou a casa, posto de parte o éter, principiaram os curativos com pensos embebidos sòmente na água pura da Fátima. Dez dias após, a dôr tinha desaparecido! e em outubro do mesmo ano, depois de saírem alguns fragmentos de uma das vértebras a abertura fechou, e, sem dôr, assim se conserva ainda.

Minha esposa e eu, eternamente reconhecidos e desejando agradecer pùblicamente a N.ª S.ª de Fátima a graça que nos alcançou, pedimos a inserção desta notícia na Voz da Fátima, para honra e Glória de tão boa Mãe.

Pôrto — R. Rodrigues Machado

Henrique Ferreira

Infecção e rins

A meu marido Bento José de Moura Guerra, depois de alguns anos em África e sempre com boa saúde, apareceu-lhe em 26 de Outubro no rosto uma espécie de espinha da qual resultou uma enorme infecção. Isto e um grave padecimento nos rins puzeram a sua vida em grave perigo. O médico chegou a duvidar sèriamente da sua cura.

Vendo-me assim em grave risco de ficar na triste viuvez, recorri a N.ª Senhor da Fátima implorando Misericórdia para as rápidas melhoras do meu doentinho, e prometi a publicação na Voz da Fátima se a cura se realizasse... e, eis que logo no dia seguinte, com grande admiração do médico, as melhoras se começaram a sentir. O médico perguntou-me se eu era crente, e como lhe respondesse afirmativamente, disse-me: «desta vez foi ouvida por Nossa Senhora».

Inclinando-me perante a Santíssima Virgem, venho agradecer-lhe tão insigne favôr que se dignou prodigalizar-me mimoseando-me com a cura do meu extremoso marido.

A Ela quero dar louvores e graças bem como a seu Amado e Divino Filho, durante tôda a minha vida.

Lourenço Marques

Maria da Natividade Borges Guerra

Dor ciática

Meu pai, Domingos da Cunha Fortunato, de 58 anos de idade, teve em Maio do ano passado uma dôr que o fêz recolher ao leito onde esteve durante 60 dias sem se poder mover porque a dor que se espalhava por tôda a perna esquerda lhe impedira qualquer movimento do corpo. Muitas vezes eu e minha mãe, à volta dêle procurávamos ver se nos braços conseguiamos virá-lo, mas era impossível, porque mesmo sem lhe tocar dava gritos lancinantes de dor.

Foram consultados três médicos por mais de uma vez, receitando-lhe todos os medicamentos diferentes, mas todos sem o mínimo resultado aparentemente satisfatório As dôres continuavam sem intermitência.

Condoído por ver o meu pai em tão grande martírio e pela aflição de minha mãe, nas minhas orações pedi a N.ª Senhora da Fátima se dignasse abençoar os remédios que eram aplicados a meu pai para o aliviar de tão grande martírio. Julgavamos a cura já tão difícil que só podiamos a N.ª Senhora que alcançasse para meu pai a graça de se poder sentar na cama e alimentar-se por suas próprias mãos, porque era necessário meter-lhe o alimento na boca como a uma criancinha de poucos mêses. A Virgem Santíssima porém, alcançou-nos muito mais do que o que lhe pedimos! — Ao cabo de poucos dias, meu pai já se movia na cama e já comia por suas próprias mãos. Pouco a pouco foi conseguindo sentar-se e passados poucos mêses já percorria a distância de 3 quilómetros, sentindo-se actualmente bem, sem incómodo e trabalhando como dantes, com admiração de quantos conheciam a sua doença.

Só da Virgem Nossa Senhora da Fátima é que veio tão grande graça para meu pai e descanso para tôda a família.

A Ela seja sempre dada honra e glória na terra como o é no Céu.

Alvaro da Cunha Oliveira
Moreira de Cónegos.

Coqueluche

Embora bastante tardiamente venho dar público testemunho de uma graça que obtive de N.ª Sr.ª da Fátima. Já lá vão 5 anos em que meus dois filhos Joaquim Manuel e Margarida, adoeceram com coqueluche, que então passava com intensidade na terra onde exerço clínica, o que me levou a transferi-los para o campo em ocasião própria.

Uma vez ali e passados alguns dias, a Margarida aparece com a simptomalogia da bronco-pneumonia, pelo que sob todos os cuidados a fiz regressar a casa, começando então a pequena a ter a assistência médica de um cunhado meu, seu padrinho e muito seu amigo.

A-pesar-disso, o seu estado não melhora, antes tende a agravar-se e dentre os sintomas o que mais a apoquenta é a tosse pertinaz, incessante, que não despega e que lhe aumenta consideràvelmente a dispneia, que a impede de guardar o leito, pelo que condoídos da sua sorte e já sem esperanças de lhe podermos valer, meu cunhado a traz ao colo passeando-a pelo quarto. Minha mulher lembra-se então de lhe dar uma colherzinha de água do Santuário da Fátima e a criança que havia já dois dias não socegava absolutamente nada, teve um sono tranqüilo de 3 a 4 horas. Acordando, a mesma tosse pertinaz a persegue e é então minha filha quem pede outra colherinha de água de Nossa Senhora, e duma vez para sempre a tosse, a dispneia e a febre desapareceram, entrando a criança em convalescença, e restabelecendo-se em breve tempo.

Não me envergonho de confessar que o que eu e meu cunhado não podemos fazer, foi feito por Nossa Senhora da Fátima, a quem rendo as minhas homenagens.

Alexandrino Lopes Russo

Médico em Cabeço de Vide.

Infecção num pulmão

Em 1931 uma das minhas irmãs encontrava-se gravemente doente: — fraqueza geral, dôres no peito, escarros de sangue, etc... tudo indicava o perigo em que se encontrava.

Aumentava ôs seus cuidados o facto de ter três criancinhas ainda pequenas e que assim não podia tratar. Sentindo-se tão mal, foi ao médico que, depois de a auscultar recomendou todo o cuidado com ela e com as criancitas, não fôsse caso que o mal da mãe viesse a contagiar também as filhas.

Compreendendo assim o perigo em que ela estava, começamos em seu favôr uma novena em honra de N.ª S.ª da Fátima a quem fizemos algumas promessas. O primeiro dia da novena, foi o último em que minha irmã escarrou sangue, e nesse mesmo dia as dôres diminuiram muito.

A notícia da morte repentina de uma sua cunhada causou a minha irmã doente um sofrimento muito violento no terceiro dia da novena. Passadas, porém, algumas horas, começou a sentir-se sensivelmente melhor, e isto aumentava de dia para dia.

No oitavo dia da novena foi novamente ao médico que tendo-a auscultado cuidadosamente declarou ter encontrado o pulmão completamente curado, recomendando a-pesar-disso muita cautela ainda, porque minha irmã estava muito fraca.

Não obstante tão grande fraqueza, pouco tempo foi necessário para recuperar sua antiga robustez. Teve já uma outra filhinha que vai alimentando de si mesma sem que isso a tenha debilitado mais do que o que vulgarmente acontece às outras mães no período de aleitarem seus filhos

Fomos já a Fátima agradecer a Nossa Senhora êste favôr, e agora com a sua publicação no seu jornalzinho fica cumprida a última das nossas promessas feitas a Nossa Senhora da Fátima a quem ficaremos para sempre agradecidas por tão grande favôr feito a minha irmã e às suas pobres criancinhas que estiveram prestes a ficar sem o carinho e insubstituível amparo materno.

Maria da C. Casimiro

A. da Liberdade — Lisboa.

Graças diversas

— *Ana Joaquina Gomes* — Murtosa, agradece a Nossa Senhora duas graças que lhe alcançou, — a cura de uma ferida que há muito tinha na língua sem que os medicamentos conseguissem curá-la, e a cura dum doloroso padecimento num dos ouvidos.

— *Maria de Jesus Martins* — Castelo Branco, vem agradecer a N.ª Senhora o ter curado uma grave infecção na mão de um seu filho de 12 anos.

Picando com uma agulha de costura a própria mão, o pequeno quebrou a agulha ficando uma parte desta dentro da carne. A-pesar-dos diversos medicamentos empregados a infecção não desapareceu emquanto não recorreram a Nossa Senhora da Fátima que no primeiro dia atendeu o pedido que lhe fizeram da cura daquele mal.

—Os pais de Maria de Lourdes Moniz Barreto — Lagôa — Algarve, agradecem sinceramente a N.ª S.ª o ter alcançado a cura desta sua filha que, depois de ter tido sarampo, ficou por muito tempo a sofrer dos olhos Curou-se lavando-os com a água do Santuário.

—*Henriqueta da Piedade Pezar* — Misericórdia de Lisboa, sofria horrivelmente dos pulmões a ponto de não poder descansar nem tão pouco na cama.

Feita uma promessa a N.ª S.ª da Fátima para dEla alcançar a cura, obteve o favor pedido sentindo-se já completamente boa podendo trabalhar e descansar como se não tivesse tido padecimento algum.

—Uma carta vinda do Ramalhão—Penela, diz o seguinte: «Maria de Jesus Neves, vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima, porque tendo sido acometida por uma doença perigosa a pontos de se achar às portas da morte, recorreu fervorosamente a Nossa Senhora da Fátima para que lhe desse as melhoras de que tanto necessitava. Nossa Senhora da Fátima ouviu-me, favôr êste que lhe venho agradecer de todo o meu coração.

Maria Neves-Ramalhão».

— *João Venâncio Dias* — Cadeia Nacional de Lisboa, pede para aqui ser publicado o seu reconhecimento a Nossa Senhora por lhe ter restituído os movimentos e fortalecido um de seus braços que tendo sido deslocado ficára defeituoso, não conseguindo até então movê-lo bem. Agora, sente-se como se nada nele tivesse sofrido.

Os Protestantes e o Rosário

Da revista «Our Lady of Fatima» que se publica na India inglesa traduzimos o seguinte artigo para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores:

Eles são meus amigos, amigos de N. Senhora da Fátima, devotos da sua água e por êsse motivo têm direito a ser mencionados na nossa Revista. Um casal de entre êles que não tem filhos pediu-me água da Fátima para obter a bênção dum filho. E porque não! Exponhamos agora as nossas ideias. É um facto histórico que quando os homens se afastam de Maria se afastam também de Deus. Foi o que sucedeu aos Protestantes. Afastaram-se da devoção a Maria e dos Santos como dum Acto de Idolatria e pouco a pouco afastaram-se também de Deus pois muitos entre êles chegam a negar a Divindade de Jesus Cristo!...

Ficaram com o Padre Nosso mas excluíram a Avé Maria.

Por outro lado outros estão-se aproximando de Maria e portanto de Deus. Cantam a «Magnificat», rezam o Rosário e incovam a Mãe do Céu. Estão fazendo o possível por se aproximar de Deus, Tendo o que êles chamam Missa nos seus templos, professando devoção ao Sagrado Coração de Jesus e tendo até o Apostolado da Oração.

São peregrinos pressurosos no seu caminho para Roma onde mais tarde ou mais cêdo hão de enfim chegar.

Vou confirmar com estes dois exemplos. Uma Senhora protestante que toma parte na Missão de Iowa tendo ouvido louvar muito a devoção ao Rosário e não tendo rosário pegou em ervilhas, fez com elas umas contas e começou a praticar assim a devoção do Rosário.

O resultado foi que alguns dias depois veio pedir a um dos Padres que fariam a Missão para ser admitida na verdadeira Igreja.

O Senhor Tukwell nasceu na Ilha Maurícia de pais protestantes. Quando tinha seis anos ouviu rezar a alguém a «Avé Maria», e ficou com ela na memória. A sua mãe ouvindo-o repeti-la muitas vezes, repreendeu-o severamente. Mas a criança, muito bem instruída, respondeu-lhe que tinha sido o Arcanjo S. Gabriel quem primeiro a tinha recitado. Quando tinha 13 anos ouviu alguns protestantes prègarem contra o culto de Maria. Então o rapazinho, tomando a Bíblia, leu alto êste versículo do Cântico «Magnificat»: «Tôdas as nações me proclamarão bem-aventurada». Como era pois possível censurar aqueles que louvavam Maria! A mãe muito zangada exclamou: tenho a certeza que êste meu filho ainda há-de ser um dia Católico. E assim sucedeu. Logo que chegou à maioridade entrou para a Verdadeira Igreja e tornou-se um fervoroso Católico. Tal é o poder do Rosário.

Queridos Protestantes! Se algum dia êste livrinho vos cair nas mãos não tomeis isso como um simples acaso mas sim como uma graça da Divina Providência que vos convida a estudar um pouco a Verdadeira Religião. Não queremos que venhais com os olhos fechados mas sim com êles bem abertos. Porque seria que Lord Casement na Irlanda abjurou o protestantismo antes da sua execução? De novo, há alguns anos apenas, aqui na India, os sargentos Maurício e Pearson, acusados de homicídio, chamaram um Padre Jesuíta para os instruir na Religião Católica que êles abraçaram antes de serem executados. Porque seria isso?

Se viver como protestante é bom, porque não será bom também morrer assim?...

Convido-vos pois o procurar a verdade pedindo a luz e repetindo com o grande Cardial Neurnau:

Guia-me amável luz e no meio das sombras que me rodeiam sê tu o meu Guia.

Santa Cruz High School — Cochim

J. Martins S. J.

Uma anedota encantadora

B. uma inocente criança de 8 anos apenas, que tinha uma terna devoção a N. Senhora, veio ter comigo um dia cheio de alegria e com um sorriso angélico contou-me um novo favor de N. Senhora.

Padre, disse-me êle, tinha perdido a chave da minha mala e dentro de ela estavam tôdas as minhas coisas. Procurei em todos os cantos sem a poder encontrar. Fiquei tão triste! Chorei tanto!

Por fim rezei muito a N. Senhora, deitei Água da Fátima dentro da fechadura, caiu e a mala abriu-se. A chave estava dentro.

Confesso que recebi esta confidência com um sorriso incrédulo, mas depois os pais confirmaram a verdade desta história.

Vieram-me então ao pensamento as palavras de N. Senhor: Para estes é o Reino dos Céus.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

O que é um Retiro

«Terminara com distinção e brilho a sua formatura e ia dar começo à carreira onde já o esperava a glória...

Talentoso e trabalhador, bondoso e afável, tornara-se querido na família e influente no seu meio...

Neste conjunto de dotes naturais e de virtudes herdadas, apenas faltava a fé...

* * *

Uma tarde, num grupo de amigos, falou-se num «retiro para homens» e êle, que nunca ouvira falar em retiros, nem sabia o que isso fôsse, teve curiosidade de saber o que isso seria.

Um dos presentes respondeu-lhe:

— O que é um retiro?... só o saberás se lá fôres.

Era já tarde quando recolheu ao seu quarto de hotel, numa estância de águas, onde fôra por conselho médico para distrair-se mas onde dia a dia sentia crescer o aborrecimento... aborrecido, a-pesar-dos divertimentos contínuos no hotel e Casino; aborrecido, a-pesar-de adulado pelo meio feminino que nele via um bom partido.

E naquela noite, ao fechar o interruptor da lâmpada eléctrica, soavam-lhe ao ouvido as palavras do amigo, sôbre o retiro:

— «O que é um retiro?... só o saberás se lá fôres»

Dá outra meia volta ao interruptor para acender a lâmpada, e marca no despertador as seis da manhã para se levantar.

* * *

Às sete em ponto estava na estação para embarcar para X.

Avistou-o o amigo, que disse:

— Por aqui tão cedo?

— Sigo contigo; morro de aborrecimento neste hotel, e depois... sempre quero saber o que é um retiro.

* * *

Passaram-se os dias do retiro sem nada que chamasse a atenção. O novo retirado notava-se pela sua atenção às práticas e pela assiduidade com que seguia o regulamento, guardando recolhimento e silêncio.

Apenas nos primeiros dias os olhares dos que o conheciam poderiam ter notado que as duas vincazinhas do sôbre-ôlho se lhe acentuavam mais, traduzindo lutas íntimas... mas depois, a serenidade interior espelhava-se-lhe no rosto... e o aborrecimento abrira-se em novíssima alegria.

Estranhavam-no os companheiros, sabendo que desde criança deixara de praticar a fé e todos anciavam inquirir da mudança produzida.

Terminou o retiro com um jubiloso «Deo Gratias».

* * *

Partiram para a estação, e junto à bilheteira fêz ao amigo que o convidara esta inesperada despedida e recomendação:

— «Dize aos meus, que Deus me chamou para o Convento... Lá espero a sua visita... vou escrever-lhes de lá... Saudades e adeus».

E o amigo, dissimulando num sorriso a sua enorme comoção, diz:

— Já sabes, então, o que é um retiro?

— Mercê de Deus, sei.

«Um retiro é Deus a comunicar-se às almas sem intermedidrios.

É fazer silêncio à volta de nós para nos falar Êle e nós podermos ouvi-lO... ouvi-O e apressar-me a cumprir as suas ordens.

Dito isto, abraçaram-se, e partiu para o Convento.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte	426.589$47
Papel, Comp. e imp. do n.º 137 (53.000 ex.)	2.712$95
Franquias, embalag. transp., etc	1.252$05
Na administração	4$10
Soma	430.558$57

Donativos desde 15$00

Maria de Lourdes e Sá — Abrunhosa, 20$00; Distrib. em S. Bartolomeu—Borba, 60$00; Maria da Rocha — Odivelas, 15$20; P.e Manuel Malça — Moimenta da Beira, 160$00; Maria Georgina Mota — Pôrto, 20$00; P.e António Joaquim Ferreira — Olival, 80$00; Maria Gouveia Osório — Castendo, 50$00; Joaquim Martins — América, 21$75 Maria Dias — América, 21$75; João P. Silva — Alvorninha, 25$00; P.e Celestino Ferreira — Anta, 100$00; Maria Júlia Albuquerque — Lisboa, 30$00; Maria Galhardo — Penamacor, 90$00; Distrib. na Igreja do Beato — Lisboa, 85$00; Isabel do Amaral — Açores, 15$00; Lucinda Guerra — Açoreira, 20$00; Teresa Abreu — Açoreira, 15$00; Filomena Fernandes — Açoreira, 15$00; Deolinda Guerra — Poiares, 15$00; Júlia Amália Castro — Sertã, 20$00; Maria do L.to Sobrinho — Torres Novas, 20$00; Alcino Coelho — Baltar, 90$00; Maria do Céu — Pôrto, 15$00; Maria de Almeida Garrett — Castelo Branco, 20$00; Distrib. na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 116$50; João de Freitas — Guimarães, 30$00; Inácia da Costa — Coimbra, 20$00; P.e José Moreira da Cunha — Covilhã, 155$00; Maria Madruga — Açores, 20$00; Belmira Robelo — América, 3 dólares; José T. Catarino — Lourenço Marques, 20$00; Maria Capelo — S. Gabriel, 15$00; João Bernardo — S. Gabriel, 15$00; Angelina C. Rosa — Vila Real, 20$00; Maria Barros Alexandre — Povoa da Galega, 15$00; Manuel da Lage — Arruda dos Vinhos, 20$00; Conceição Marqus — Pôrto, 15$00; Aristides Mendes — Bélgica, 15$00; Lídia Leal — Penafiel, 50$00; Distrib. em Pardêlhas, 142$00; Maria Leonor Coutinho — Viana, 20$00; Distrib. em S. Tomé de Covelas, 80$00; Distrib. em Castelo de Vide, 40$00; Maria Augusta de Oliv.a — Soure, 20$00; Maria de Freitas — Soure, 15$00; João M. de Matos — Vila de Rei, 20$00; Maria Clementina — Lisboa, 15$00; José F. Melo — América, 1 dólar; C.e José Barroca — Calçada, 20$00; Distrib. na Igreja da Misericórdia — Vila Flor, 15$00; José Laurentino — Cadaval, 15$00; Ester Pestana — Setúbal, 60$00; Manuel Lourenço — Vala, 25$00; Maria Goulart — Pico, 25$00; P.e João Campos — Canas de Senhorim, 20$00; Silvério Simões — Canas de Senhorim, 20$00; Arnaldo Mendes — Praia da Vitória, 20$00; Amélia Fer.a Dias — Pôrto, 20$00; P.e Evarista Correia — Rib.a Grande, 100$00; Nicolau de Almeida — Covilhã, 15$00; Manuel S. Rodrigues — Califórnia, 21$60; Manuel P. Félix, Califórnia, 21$60; E. D. Fontes — Califórnia, 21$60; Conceição Sales — Flores, 100$00; Lúcia Cunha — Faial, 30$00; Filipa Eugénia — Faro, 20$00; Rosária de Magalhães — Pôrto, 20$00; Cândida Cardoso — Pôrto; 20$00; Maria Coelho — Lisboa, 15$00; Palmira Faria — Figueira, 20$00; Maria Olivia Neto — Cercal, 15$00; Martins & Irmãos — Capareiros, 15$00; Maria Eugénia Reis—Estoril, 50$00; José Joaq. Henriques — Brasil, 25$00; Prior de S. Domingos — Lisboa, 30$00; Baronesa de Almeirim, 20$00; P.e Domingos Fernandes — Fafe, 50$00; Augusto Tristão — ? 20$00; Esmola por intermédio do Sr. Visconde de Montelo, 280$00; Mons. Gonçalo Nogueira — Belem, 20$00; Francisco Vicente — Viseu, 28$50; Cândida Monteiro — Vila P.a da Beira, 20$00; esmola, do Pôrto, 15$00; Cândida Mota — Tramagal, 20$00; Artur Rodrigues de Matos — ?, 20$00; P.e Vitorino de Pinho — Lousada, 30$00; Amélia do Val — Tondela, 30$00; P.e António Calabote — Alcácer do Sal, 15$00; Maria do Aug. Neto — Viseu, 50-00; Maria Elisa Cabral — Bailão, 20$00; P.e José de Castro — Mértola, 20$00; Mariana da Luz — Niza, 20$00; José Luís — Adão Lobo, 20$00.

AVISO

Não poderão ser atendidas as reclamações dos Srs. assinantes que não mandarem o número da sua assinatura junto à reclamação.

UM BOM CONSELHO

«Queres ter um amigo sincero, leal e permanente? Ei-lo: é o Evangelho.

O livro dos Santos Evangelhos é, a bem dizer, o compêndio da única escola da verdade — aquela que foi por Deus estabelecida à sombra da Cruz.

Quem não freqüenta esta escola não sabe amar a Jesus!

Mártires, Confessores, Virgens, Anacoretas, Penitentes, todos os Santos foi onde todos encontraram desvendado o enigma da virtude e do heroismo.

Livro admirável!...

Garantido e explicado pela Autoridade Divina e Magistério infalível da Igreja Católica, *é sem dúvida êle o melhor de todos os livros.*

Enleva-se quem o lê; torna-se sábio quem o estuda; é puro e santo quem na verdade o ama.

Cada página sua, explicada é um manto de arminho que se desdobra para nosso agasalho nas noites invernosas tão freqüentes na vida humana; um escudo que se opõe em nossa defesa contra os dardos incendidrios; é a luz sem véu que ilumina os olhos da nossa alma descortinando-nos o etéreo azul dessa amplidão infinita da Bondade imensa de Deus.

De tão Santo livro, cada frase bem assimilada é para nossa mente um volume bem estudado e melhor e sempre melhor compreendido na vasta sciência do amor sublime; é para o coração uma chama que se ateia no fogo misterioso e santo da Caridade Divina.

Quando a dúvida te perturbar, — toma-o e lê; quando a dôr te acabrunhar, — toma-o e lê; quando penosa te fôr a vida, — toma-o e lê: pois que, na dúvida, na dôr e na lida, ser-te-á luz, remédio mais guarida.

Que à noite teus olhos só se fechem depois de o haveres lido e terás um semblante risonho e puro como a criança que adormece tranquila no colo da mãe depois de haver dela recebido a carícia de um beijo.

Toma, pois, o Evangelho e encontrarás naquelas lições emanadas dos lábios do Bom Jesus a voz suave e benéfica do mais verdadeiro Amigo.

Toma-o e, como Santa Terezinha, faze dêle o teu tesouro.

Toma-o e, como a Virgem Santa Cecília, guarda-o bem, guarda-o constantemente em teu coração.

Assim aos orvalhos do Evangelho, teu coração, como um perene manhã primaveril, terá três lindas flôres celestiais, no frescor do seu desabrochar, a exalarem finíssimos odôres gratos ao próprio Deus: — a Rosa do Amor, o Lírio da Pureza e a Violeta da humildade».

Fr. Angelo Maria

(frade Capuchinho)

Cristo Rei e a Raínha do Rosário

Portugal e o mundo inteiro podem ver aqui donde irradia a luz que ilumina as trevas.

Luiz Maria, Bispo de Moguncia

Logo que, com o dia 13 de Outubro, terminam as grandes peregrinações estivais à Cova da Iria, transforma-se Fátima numa mansão de paz e silêncio. O inverno faz, em seguida, a sua entrada solene na montanha. Daí em diante apenas um ou outro grupo isolado de peregrinos sobe à serra d'Aire para homenagear N. Senhora. Nunca, ainda mesmo no pino do inverno, deixa, ali, de haver devotos. Depois, quando, na primavera, a natureza desperta de novo, começa também a encher-se de nova seiva a vida das peregrinações.

Mas antes que chegasse o inverno devia o triste e sombrio Novembro trazer a todos os amigos de Fátima uma nova mensagem de alegria, mais uma prova de amor da autoridade eclesiástica pelo Santuário, que constituísse como que um fecho brilhante e condigno do Ano Santo de 1933.

O Excelentíssimo Episcopado português resolveu, na sua última Conferência anual, enviar à Santa Sé, para aprovação, as *Bases* para a organização da Acção Católica Portuguesa. S. Santidade dignou-se aprová-las, tendo sido publicadas em Novembro de 1933. Essas *Bases* contêm, entre outras, as seguintes disposições:

A Acção Católica Portuguesa coloca-se sob a protecção de Cristo-Rei e de N. Senhora de Fátima.

Quando, em 1917, acorriam à Fátima milhares e milhares de pessoas afim-de presenciar os acontecimentos extraordinários que ali se desenrolavam, começou também a falar-se em aparições de N. Senhora noutros pontos do país.

Era uma autêntica epidemia, uma verdadeira febre de «visões», como ainda há pouco sucedeu na Bélgica e em Ezquioga, na Espanha! (1) Só a autoridade eclesiástica mostrava uma extraordinária reserva. Talvez não haja um só caso na moderna história da Igreja que fôsse tratado com tanta lentidão e prudência como o de Fátima.

E ainda, para cúmulo, parece que tôdas as portas do inferno se escancararam para devorar nas suas fauces hiantes o novo Santuário. Ouçamos o Visconde de Montelo... Os atentados sucediam-se uns aos outros para destruir a obra dAquela que tinha esmagado com os seus pés a cabeça da serpente infernal. Por exemplo: a prisão dos pastorinhos, a destruição por meio de dinamite da capelinha das aparições, a sacrílega imitação das cerimónias do culto católico, infames calúnias, artigos injuriosos e de ataque, proibição das peregrinações por parte da autoridade civil, reuniões promovidas por organismos liberais e maçónicos, e, finalmente, o emprêgo de companhias de infantaria e de esquadrões de cavalaria para afastar violentamente a multidão de fiéis.

Por isso, tanto maior é hoje a vitória de Maria.

* * *

Cristo-Rei e Raínha do Rosário! Isto não é mero acaso nem brincadeira de mau gosto — é a *fórmula do futuro*, é a imagem e a inscrição do novo lábaro, é a gloriosa bandeira com que a vitória de Maria há-de ser ganha na formidável peleja do bem contra o mal.

Cristo-Rei e Raínha do Rosário! Esta aliança entre filho e mãe será eterna nos Céus e na terra. Mas não será porventura digno de admiração que ela seja proclamada precisamente num país que tem no seu activo tantos e tais horrores?

Foram, de facto, anos de horror os que a Terra de Santa Maria teve que sofrer. Igrejas e conventos foram convertidos num montão de ruínas pelo facho incendiário da revolução. Cinco vezes esteve prêso o Bispo de Fátima e bem assim inúmeros sacerdotes. Desordem, confusão e ruína era o estigma que a jóvem república portuguesa trazia impresso na fronte.

E hoje? Cristo-Rei e Raínha do Rosário. Como são admiráveis as vitórias de Maria!

Depois que Maria se dignou descer à terra na Cova da Iria elevou-se visivelmente o nível moral e religioso, social e económico do país.

Soma: Não há trabalho mais importante, apostolado mais actual e fecundo, maior serviço prestado aos homens de hoje do que mostrar-lhes Maria.

Um grande, um enorme receio, na espectativa do que está para acontecer, pesa sôbre a sociedade actual. Os povos fazem esforços desesperados para se defenderem da derrocada, do caos que vêem aproximar-se mas cujas conseqüências são impotentes para evitar.

É, pois, mais que tempo de exclamarmos bem alto a todo o mundo: Vêde, irmãos, a nossa invencível condutora! Vêde a salvadora dos povos, a Raínha do universo! Vêde a nossa brilhante estrêla da manhã a anunciar-nos já o esplêndido dia de Cristo-Rei.

A noite está prestes a findar.

Eia, pois! mostremos Maria à humanidade e a humanidade será salva. Logo que ela conheça Maria, a Raínha do universo, a Mãe amantíssima, chegará também, por seu intermédio, ao conhecimento de Cristo-Rei. Desconhece um porque ignora o outro.

Amigos: não receeis, ao anunciá-la, nem os escarneos do mundo nem o furor do inferno!

Mostrai, pois, Maria à humanidade e fazei disso a principal ocupação da vossa vida. Ainda mesmo que vivesseis e trabalhasseis cem anos sòmente para Ela, para a vossa gloriosa Raínha, para a vossa Mãe amantíssima nunca passaríeis de servos inúteis e sem valor. *De Maria nunquam satis*, dizia já S. Bernardo. «Segundo o pensamento dum grande Santo e teólogo — S. Tomás — mergulha Maria no infinito divino; nunca se penetrará até ao fundo das suas glórias e grandezas pois tem parte nos mistérios da Incarnação e Redenção que os Anjos jamais poderão sondar». (2)

Eia, pois, amigos, é já tempo de mostrades Maria à humanidade! Salvai o que é possível salvar ainda! Ide por Maria a Jesus e pela Raínha do Rosário a Cristo-Rei!

(1) Longe de nós o pensamento de querer julgar as aparições de Beauring ou de Ezquioga.
O tempo e a autoridade eclesiástica se encarregarão de separar o trigo do joio. O teólogo sábio e experiente está já familiarizado com acontecimentos desta natureza. Êle não ignorava que a velha serpente procura imitar o calcanhar dAquela que lhe esmagou a cabeça. Deus permite estes embustes do demónio para nos mostrar a necessidade da Igreja docente e, sobretudo, para fazer ressaltar com maior esplendor as vitórias de Maria.
(2) Pastoral de S. Ex.a o Sr. Bispo de Leiria de 10 de Julho de 1931.

Dr. L. Fischer

(Traduzido do «Bote von Fatima» Mensageiro de Fátima).

Mosteiro «Leiden Christi» (Paixão de Christo) no Cantão Appenzell, Suissa, onde todos os meses, no dia 13, se fazem devoções a Nossa Senhora de Fátima em união espiritual com os peregrinos do Santuário.

Ao mesmo tempo resolveu o Excelentíssimo Episcopado que a «Voz da Fátima», o conhecido órgão das peregrinações, passasse de futuro, a ser também órgão da Acção Católica. Preconizou-se, além disso, a formação de Cruzadas de Nossa Senhora de Fátima, uma pia união, cujo fim é intensificar a devoção a N. Senhora e a aquisição de meios para manter a Acção Católica. S. Eminência, o Snr. Cardal Patriarca, é o director, e S. Ex.a o Sr. Bispo de Leiria, o assistente eclesiástico das «Cruzadas Fatimitas».

Se se lerem com atenção estas Bases, já aprovadas por S. Santidade, concluir-se-á, sem receio de êrro, que *Fátima é já hoje considerada como o fulcro da Acção Católica portuguesa e como a fonte donde há-de emanar a renovação moral e religiosa do país.*

Não será isto o máximo a que um Santuário pode aspirar?

Todos os leitores da «Schildwache» e do «Bote von Fátima» cantarão, ao ler esta jubilosa notícia, um *Magnificat* em louvor de Cristo-Rei e da Raínha do Rosário — patronos da Acção Católica. Que os dois fiéis companheiros — Schildwache e Bote von Fatima — o primeiro, arauto da realeza de Cristo, e o segundo, mensageiro da Raínha do Rosário, exultem ao receber a grata notícia desta união celestial!

Muito se tem caminhado desde o dia das aparições até ao reconhecimento de Fátima pela suprema autoridade eclesiástica.

A «mascote» do Doutor

Num quarto do hospital está há dias D. Felisbela, recentemente operada. O Dr. Parral realizou nela um dos maiores prodígios da ciência médica.

D. Felisbela é viúva, nova ainda, mas muito piedosa.

Antes da operação D. Felisbela pediu que a empregada lhe trouxesse uma medalha de Nossa Senhora de Fátima.

O Dr. Parral que era ateu, deu uma risadinha significativa e olhou de soslaio para os colegas.

—Acha graça, doutor! — preguntou D. Felisbela.

— Efectivamente, não esperava que a senhora acreditasse nessas patacoadas dos Padres.

Uma senhora instruída é que tem viajado tanto, ainda prêsa a essas bagatelas!...

— Mais admirada estou eu que o doutor, homem de ciência, ignore que o retrato de uma pessoa amiga nos seja alívio nos momentos críticos da vida.

E, se não, diga-me, doutor, não leva no seu automóvel a imagem de S. Cristóvão, padroeiro dos chauffeurs?

— O que eu levo é uma boneca ou um macaquinho que me acompanha noite e dia.

— Agora compreendo a razão porque naquela sua grande viagem de há dias, fêz retroceder o carro depois de ter já andado três quilómetros.

— Efectivamente a «patroa» tinha-se esquecido de colocar a mascotte no carro e eu, sem isso, não dou um passo.

— Ora aí está: o doutor não acha ridícula a protecção de um macaco e tem nela tôda a confiança; eu tenho-a em Maria Santíssima, Mãe de Deus e dos homens.

O doutor ria, se quiser, da minha crença racional e científica, que eu em troca só lhe digo isto: nunca imaginei que a cegueira e fanatismo do doutor chegasse a tal ponto. Crê na protecção de um bicho e descrê da mediação de Nossa Senhora!

V. de F.

(Da revista «Religião e Pátria» de Macau).

Nunca compreendi, diz E. de Guesin, a segurança daqueles que não buscam outra coisa mais que uma boa conduta humana para se apresentarem *diante de Deus*, como se os nossos deveres estivessem encerrados no estreito círculo dêste mundo.

Ser bom filho, bom cidadão, bom irmão não basta para entrar no céu. É necessário também ser *bom cristão*.

CRUZADOS DE FÁTIMA

Pia União dos «Cruzados de Fátima»

PROVISÃO

D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA BISPO DA DIOCESE DE LEIRIA

Aos que esta Nossa Provisão virem, Saúde, Paz e Bênção em Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador

Fazemos saber que, tendo o Venerando Episcopado Português lançado as Bases da organização da Acção Católica em Portugal segundo as normas gerais estabelecidas pelo Santo Padre o Papa Pio XI felizmente reinante, colocada debaixo da protecção de Cristo Rei e de Nossa Senhora de Fátima e criado, como obra auxiliar para êste grande apostolado, os «Cruzados de Fátima» que se propõe, entre outros fins, interceder, junto de Nossa Senhora de Fátima, pelas necessidades da Acção Católica e colaborar, por todos os meios ao seu alcance, com a Acção Católica para a dilatação do Reino de Deus:

Havemos por bem instituir no Santuário de Nossa Senhora de Fátima a «Pia União dos Cruzados de Fátima» a qual, para a sua organização, se regulará pelas seguintes normas práticas até serem aprovados e publicados os respectivos estatutos e regulamento:

1) Em cada paróquia os Cruzados de Fátima devem agrupar-se em pequenos núcleos de treze pessoas denominados «trezenas».

Um dos treze terá as funções de Chefe da Trezena competindo-lhe:

a) *receber mensalmente os números necessários da «Voz da Fátima» (que será o órgão da Pia União e terá uma página especial para os Cruzados) e distribuí-los aos cruzados da respectiva trezena;*

b) *cobrar as cotas mensais (mínima de $20 para os associados ordinários e mínima de $50 para os bemfeitores) dos cruzados da respectiva trezena em troca da Voz de Fátima e enviá-las de quatro em quatro meses por meio do Delegado Paroquial (que poderá ser o pároco ou outra pessoa), em vale, cheque ou por mão própria para o Director Diocesano da Obra;*

c) *escolher, se assim o entender, para facilitar os serviços da trezena, um ou dois sub-chefes denominados colectores de secção que, sob a sua responsabilidade, terão o encargo de distribuir a Voz da Fátima e de cobrar a cota de 3 ou mais cruzados.*

2) Para se constituir uma Trezena basta que alguém queira assumir as funções de chefe e comprometer-se a recrutar doze cruzados.

3) Os chefes de trezena deverão dirigir-se ao Director Diocesano da Obra dos Cruzados de Fátima a pedir o número de exemplares da Voz da Fátima de que carecerem para a sua trezena e a indicar, com tôda a precisão, o seu nome e respectivo endereço e os nomes dos cruzados que estão sob a sua direcção com a indicação das cotas que se comprometem a pagar.

4) A cada chefe de trezena será fornecida uma lista para a inscrição dos cruzados que êle deve preencher em triplicado, ficando com um exemplar e fazendo seguir os outros dois, um para o Director Diocesano e o outro para o Conselho Geral.

5) A cada cruzado será distribuída no acto da inscrição uma patente.

6) O Director Diocesano deverá pedir para a Administração da «Voz da Fátima» os exemplares de que precisar para os diversos «chefes de trezena».

7) Devem pedir-se para o Campo dos Mártires da Pátria, 43 — Lisboa, as patentes, listas de inscrição, etc. e tôdas as informações de que se careça.

Esta Nossa Provisão será publicada no Boletim da Diocese de Leiria e na «Voz de Fátima» para conhecimento de todos.

Leiria, 18 de Fevereiro de 1934.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

A Pia União «Cruzados de Fátima» — obra auxiliar da Acção Católica

Por deferência gentilíssima do Ex.mo e Rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre Bispo de Leiria, e com a aprovação e as bênçãos do venerando Episcopado português, aparece hoje pela primeira vez à luz da publicidade a página «Cruzados de Fátima», como uma espécie de suplemento ao mensário «Voz da Fátima».

Como os nossos presados leitores podem fàcilmente conjecturar, ao repararem no título que lhe foi dado, esta página é destinada a ser o órgão oficial e, por assim dizer, o porta-voz da Pia União do mesmo nome fundada no Santuário da Fátima como obra auxiliar da Acção Católica.

A Acção Católica é sem dúvida uma instituição de índole essencialmente espiritual, que tem por fim, em última análise, a santificação e salvação das almas, mas, devendo organizar-se e actuar no seio da Igreja Militante, sociedade visível e externa, formada não por espíritos puros, mas por seres racionais compostos de alma e de corpo, carece dos recursos materiais indispensáveis a tôda a colectividade humana, que tem de exercer a sua acção em harmonia com a natureza dos seus membros, mesmo quando o objectivo que se propõe atingir transcende a esfera das necessidades e exigências meramente temporais.

Na França, na Espanha, na Bélgica, na Itália, na Alemanha, nos Estados Unidos, em tôdas as nações em que os quadros da Acção Católica se acham devidamente organizados, uma das preocupações fundamentais dos seus corpos dirigentes é a aquisição de fundos para ocorrer às enormes despêzas a fazer com a propaganda e defesa dos princípios cristãos, com a realização de campanhas de interêsse religioso e patriótico e com a fundação e sustentação dum grande número de instituições, obras e serviços, designadamente com a publicação de livros, folhetos e jornais da especialidade, que à Acção Católica compete promover ou auxiliar.

Se o dinheiro constitui muitas vezes um sério obstáculo à salvação da alma, transformando-se em agente do mal, também pode servir para a prática de obras de zêlo, piedade e caridade, convertendo-se, pelo bom uso que dêle se faz, em precioso instrumento da glória de Deus e da santificação das almas.

A Pia União «Cruzados de Fátima», extendendo-se como uma vasta rêde por todo o país e abrangendo nas suas malhas ainda os lugarejos mais insignificantes, onde haja ao menos algumas almas que compreendam a necessidade e urgência da Acção Católica para salvar Portugal, há-de recolher os meios pecuniários que são precisos para que ela possa atingir com eficiência e largueza a sua grandiosa finalidade.

Ao clero, e principalmente ao clero paroquial, incumbe, por tôda a parte, a honrosa e grata tarefa de tecer as malhas dessa rêde, cuja grandeza, unidade e solidez, dependem da boa vontade e do esfôrço de todos, sacerdotes e fiéis, e sobretudo dos sacerdotes que teem cura de almas.

Que dentro de poucos meses não haja em Portugal uma única povoação, por mais pequena que seja, onde, graças ao zêlo do respectivo pároco, não se ache constituída ao menos uma trezena!

Da boa vontade, do trabalho, da cooperação e perseverança de todos, resultará que a Pia União «Cruzados de Fátima» há-de vir a ser uma realidade altamente consoladora, o esteio, a fôrça, o manancial vivificante de tôda a estrutura material do grandioso exército da Acção Católica, contribuindo poderosamente para o incremento da Religião e para o bem da sociedade.

A folha mensal «Cruzados de Fátima», colocada no centro da grande rêde, estendida por todo o país, procurará exercer a função que lhe cabe de órgão propulsor da «Obra das trezenas», transmitindo instruções superiores, estimulando energias, propondo alvitres e sugestões, aplanando e resolvendo dificuldades, recolhendo dados estatísticos, numa palavra, orientando e guiando, passo a passo, a actividade dos reverendos Párocos e dos beneméritos chefes de trezena, para que a Pia União «Cruzados de Fátima» corresponda integralmente ao pensamento e aos desejos do venerando Episcopado que em boa hora a fundou para com o seu auxílio conquistar Portugal para Cristo.

Visconde de Montelo

Cruzados de Fátima, Deus o quere!

Por ocasião da sua última conferência, em Novembro do ano findo, o venerando Episcopado Português, — *o melhor Episcopado do mundo*, na frase do Eminentíssimo Cardial Locatelli, antigo Núncio Apostólico em Lisboa, — ao mesmo tempo que iniciava os trabalhos de lançamento da nova Cruzada por Cristo e pela sua Igreja, *a Acção Católica*, instituía no Santuário Nacional por excelência, sob o patrocínio de Nossa Senhora, uma Pia União com o título de «Cruzados de Fátima».

A «Voz da Fátima», humilde pregoeiro das glórias e das misericórdias da Santíssima Virgem no Santuário da sua predilecção, juntamente com esta página que aparece hoje pela pela primeira vez à luz da publicidade subordinada à epígrafe de «Cruzados de Fátima», fica sendo doravante o órgão da Pia União do mesmo nome que tem como director espiritual Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre Bispo de Leiria.

Noutro lugar desta página, podem os nossos presados leitores tomar conhecimento das normas gerais dos estatutos da Pia União destinada a reünir os fundos necessários ao estabelecimento e expansão da Acção Católica, que é a participação dos leigos católicos no apostolado hierárquico da Igreja e cujo fim é dar Portugal a Deus e Deus a Portugal.

Da leitura dessas normas se depreende claramente a íntima relação que existe, sob vários aspectos, entre a Pia União e a Acção Católica.

Basta frizar que o Cruzado de Fátima, pelo simples facto de inscrever o seu nome na Pia União, se torna realmente um soldado prestimoso da grande milícia espiritual da Acção Católica, alinhando ao lado dos seus quadros organizados e concorrendo em larga escala para a vitalidade e eficiência dêsses quadros com a oração, a esmola e o exemplo sugestivo duma vida exemplarmente cristã. E que série imensa de benefícios de ordem espiritual a Pia União proporciona a todos os seus membros que paguem mensalmente ao menos a cota de vinte centavos, acessível a tôdas as classes de pessoas, mesmo daquelas que, não sendo extremamente pobres, têm, com o dom da Fé e a graça santificante, o desejo sincero de ajudar a dilatar o reinado de Deus nas almas, a comunicar a vida sobrenatural, a vida divina, aos que a não possuem ou a têm pouco ou só aparentemente!

Mas o que, dum modo especial, deve estimular todos os cristãos que amam cordialmente a Igreja e a Pátria a pertencer a esta importante Liga de piedade e caridade é a certeza de que, fazendo-se «Cruzados de Fátima», contribuem eficazmente para a criação e sustentação de obras de formação e acção religiosa, de educação e ensino, de imprensa, sociais e cívicas e de assistência e beneficência.

O Cruzado de Fátima é, portanto, apóstolo da Religião e benemérito da Pátria, para glória de Deus e felicidade de Portugal.

* * *

Cristãos e portugueses!

Os venerandos Prelados, chefes legítimos do exército dos crentes, fizeram ouvir a sua voz de comando! Deram as suas ordens. Tocaram a reünir.

Que ninguém falte à chamada! Que todos obedeçam a esta convocação geral!

Que não haja um só, entre os filhos desta terra de heróis e de santos, que não concorra generosamente, na medida das suas posses, para a bemdita obra de resgate, para a divina cruzada de regeneração e salvação social dos tempos modernos, que é a Acção Católica.

Que todos tomem galhardamente a cruz, como os guerreiros cristãos da Idade-Média, quando partiam para a Terra Santa, afim-de libertar o sepulcro do Redentor do domínio dos infiéis!

Que todos se alistem sem demora na «Cruzada de Fátima», milícia pacífica de cuja cooperação com o exército de apóstolos da Acção Católica, depende a salvação de muitas e muitas almas transviadas!

É pequeno, é insignificante, é quási irrisório, o subsídio que se pede, o donativo que se solicita, o sacrifício que se exige de cada Cruzado.

Mas, se, nessa liga de beneficência, a mais vasta e a mais importante que jámais existiu em Portugal, ingressarem todos os que devem fazê-lo e se todos satisfizerem fiel e pontualmente as suas cotas, as pequenas gotas, juntando-se, unindo-se, aglomerando-se, nas cidades, vilas e aldeias do nosso país, converter-se-ão pouco a pouco num rio caudaloso, cujas águas irão levar a tôda a parte a fertilidade e a vida.

Deus, que é o Amor incriado — *Deus charitas est*—quere que O amemos e que amemos também o nosso próximo como a nós mesmos por amor dEle.

E como é possível amar verdadeiramente a Deus e ao próximo e ao mesmo tempo ficar indiferente perante o espectáculo confrangedor de tantas almas que vivem fora da graça divina e em perigo de serem para sempre infelizes, sepultando-se nas chamas inextinguíveis do Inferno?

São graves, gravíssimos até os males que em nossos dias afligem a sociedade, sob o duplo ponto de vista da Religião e da Moral. As altas classes da sociedade, a burguesia e as massas populares, sobretudo nos grandes centros, paganizam-se a olhos vistos. A luz da Fé afrouxa e chega a desaparecer totalmente de muitas inteligências. A ignorância e a indiferença religiosa alastram assustadoramente. O laicismo dominante nas escolas públicas e nas outras instituições oficiais, aliado com o teatro pornográfico, o cinema imoral e o livro obsceno, destruíu o espírito cristão e a inocência da vida e levou a depravação dos costumes até à atrofia completa do senso moral. É preciso, é urgente, que o clero redobre de zêlo e de actividade no exercício da sua sublime missão, afim-de conquistar uma a uma as ovelhas transviadas para o aprisco do bom Pastor.

Mas é preciso também, é também urgente, que um exército de activos e generosos auxiliares da hierarquia eclesiástica junte os seus esforços aos dos ministros do Senhor, numa organização larga, forte e disciplinada, cooperando assim eficazmente na grande e incomparável obra da conversão e salvação das almas.

Os «Cruzados de Fátima» constituem, digamos assim, o benemérito quadro de serviços da administração militar dêsse exército, tendo por objectivo proporcionar-lhe os recursos de que carece para se manter constantemente em pé de guerra e tornar cada vez mais eficiente e mais poderosa a sua acção.

Cruzados de Fátima, Deus o quere!

Avante, pela Igreja e pela Pátria!

Visconde de Montelo

———**———

«A Acção Católica não é de ordem material, mas espiritual, não é de ordem terrena, mas celeste, nem de ordem política, mas religiosa».

S. Santidade Pio XI, na Carta ao Cardial Bertram.

A sede da Junta Central da Acção Católica Portuguesa é no Campo dos Mártires da Pátria, 43 — Lisboa.

Para conhecer os fins, métodos e organização da Acção Católica, convém adquirir o Manual da Acção Católica, de Mons. Civardi, tradução portuguesa do Dr. Aires Ferreira. À venda na «União Gráfica», Rua de S.ta Marta, 158 — Lisboa. Preço, 10$00; pelo correio, 11$30.

Ano XII — Fátima, 13 de Abril de 1934 — N.º 139

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 19-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 DE MARÇO)

Fátima e a oração

Se existe sôbre a face da terra um santuário que com justo título se possa chamar, por antonomásia, o santuário da oração, em que as almas se elevam quási sem esfôrço, perene e fervorosamente, até ao trono de Deus, é, sem dúvida, o maravilhoso santuário de Nossa Senhora de Fátima.

A excelsa Raínha do Santíssimo Rosário, dignando-se aparecer, há dezassete anos, no cume da Serra de Aire, em pleno coração de Portugal, para salvação da nossa Pátria, quís acender alí, naquela estância mais próxima do Céu, um foco intenso de vida interior, de vida sobrenatural e divina, que irradiasse por tôda a parte, até às fronteiras do território nacional e até aos confins do universo.

Nas suas radiosas aparições, a Virgem sem mancha, de cujas mãos bemditas pendia um rosário, parece não ter tido nada mais a peito do que proclamar altamente, com a sua atitude e com as suas palavras, a necessidade imperiosa da oração como meio de alcançar o perdão das culpas individuais e das iniqüidades colectivas e de atrair as graças e as bênçãos de Deus.

Ela recomenda aos três videntes que rezem o terço do Rosário e propaguem em tôrno de si esta bela e admirável devoção, que é tão cara ao seu coração maternal e tão útil e salutar às almas.

Ela ensina-lhes uma pequena prece, ao mesmo tempo tão breve e tão completa, tão concisa como profunda, que resume e sintetiza as supremas necessidades espirituais do homem no seu estado de viador sôbre a terra e no limiar da eterna bem-aventurança: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e aliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas».

E hoje, nas cidades, vilas e aldeias, quer do nosso país, quer de muitos países estranjeiros, milhões de bôcas piedosas repetem muitas vezes cada dia essa súplica, verdadeiro soluço de alma, intercalada nas dezenas do Saltério Mariano.

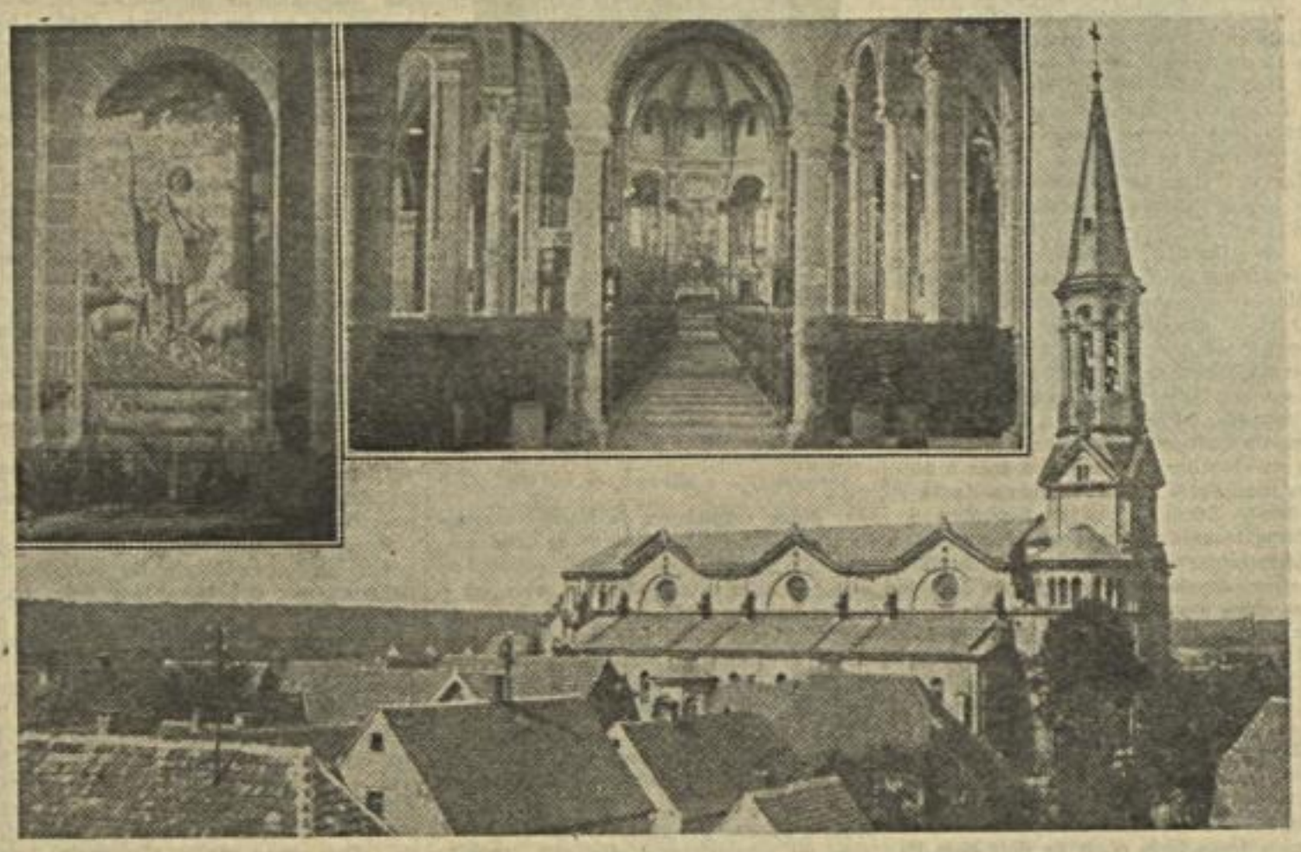
Finalmente, ela assegura à Lúcia e à Jacinta o dom preciosíssimo da predestinação à glória, mas ao mesmo tempo declara que o Francisco só será admitido na mansão dos eleitos, se rezar o terço, vencendo generosamente a tibieza espiritual e intensificando a sua vida de piedade.

E, quando manifesta o desejo de que na Cova da Iria seja edificada uma capela em sua honra, sob a invocação do Santíssimo Rosário, que é que isso significa senão que a gloriosa Mãe de Deus, descendo à terra que se ufana de ser a terra de Santa Maria, quís suscitar em Fátima uma casa de oração fervorosa e incessante — *oportet semper orare et non deficere*, — um templo grandioso e magnífico, em que legiões de almas vindas de tôda a parte elevassem cheias de fé e confiança as suas preces e os seus suspiros para o Céu, um santuário augusto e venerando que fôsse o santuário da oração por excelência?

E são por certo as súplicas ardentes de tantas almas piedosas feitas naquela estância previlegiada da Raínha dos Anjos, as suas penitências, os seus sacrifícios e as suas imolações compensadoras, que explicam por que é que o Santuário de Fátima merece o título que lhe foi dado de Santuário dos milagres morais, isto é, das curas espirituais, das ressurreições de alma, das assombrosas conversões de grandes e inúmeros pecadores. Mas não bastam as orações individuais, mesmo quotidianas, nem sequer as súplicas colectivas periòdicamente dirigidas a Deus em grandiosas e comoventes manifestações de fé e piedade para que a Lourdes portuguesa cumpra a sua altíssima missão, realizando plenamente os desígnios adoráveis da Providência àcêrca da nossa Pátria.

Nessa morada encantandora do Rei e da Raínha de Fátima, nessa Betânia querida de Jesus-Hóstia e de Nossa Senhora do Rosário, urge colocar verdadeiros pára-raios, que dum modo permanente afastem de Portugal os golpes de Justiça divina que o ameaçam por causa dos crimes de muitos dos seus filhos, urge estabelecer núcleos de almas escolhidas que com o ouro da sua caridade, o incenso das suas orações e a mirra das suas penitências e das suas reparações, aplaquem e tornem propício o Céu, atraindo sôbre esta terra, que foi outrora terra de heróis e de santos, e sôbre o mundo inteiro, torrentes de graças e caudais de misericórdia...

Visconde de Montelo



Igreja de Forst, perto de Bruchsal, Baden, arcebispado de Friburg (Alemanha) cujo Pároco Rev. Iohann Schmitt adquiriu e expôs à veneração dos fiéis a imagem de Nossa Senhora de Fátima do escultor português Thedim.
Foi benzida pelo Sr. Bispo de Leiria e esteve na capela das Confissões do Santuário de Fátima.
Nesta freguesia o Rev. Dr. Fischer fêz no inverno de 1931/32 três conferências sôbre a Fátima com auditório de 2.800 pessoas

O dia 13 de Março em Fátima

A-pesar-da inclemência do tempo, triste, agreste e chuvoso, o concurso de peregrinos ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima, no dia treze de Março último, foi bastante numeroso e até superior a tôda a espectativa. Logo às primeiras horas da manhã, o vasto templo da Penitenciaria se encheu de fiéis de ambos os sexos, ansiosos de se reconciliarem com Deus por meio duma confissão fervorosa, para o poderem receber escondido no seu Sacramento de Amor, a uma das missas do dia, celebradas naquela estância privilegiada pela Augusta Raínha dos Anjos com tôda a sorte de graças e bênçãos celestes.

Como estava decorrendo o santo tempo da Quaresma, quadra litúrgica destinada pela Santa Igreja ao cumprimento do duplo preceito da confissão anual e da comunhão pascal, o número de penitentes que desejavam fazer a *desobriga* era assaz elevado, não tendo os sacerdotes podido confessar senão homens durante tôda a manhã e sendo preciso administrar o Pão dos Anjos a muitas pessoas ainda depois das quatro horas da tarde.

Sem embargo das bátegas de água, que de vez em quando caíam com violência, inundando o vasto anfiteatro da Cova da Iria, realizaram-se os actos oficiais do culto na forma costumada, incluindo as duas procissões com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Ao meio-dia e meia hora, depois de rezado o terço do rosário na capela comemorativa das aparições, celebrou-se a missa dos doentes, que foi acolitada pelos srs. tenente-coronel Pereira dos Reis, e dr. Carlos de Azevedo Mendes, advogado e provedor da Misericórdia de Tôrres Novas.

Ao Evangelho, subiu ao púlpito o rev.mo Dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão-director dos Servitas, que, durante mais de meia hora, prègou sôbre penitência e a confissão sacramental, exortando os seus ouvintes ao arrependimento dos pecados e à prática duma vida verdadeiramente cristã.

Os doentes, que nesse dia eram em número muito reduzido, receberam a bênção com o Santíssimo Sacramento, alinhados no átrio do Pavilhão, do lado do Evangelho.

O «Adeus à Virgem» efectuou-se, como de costume, com um fervor e um entusiasmo indescritíveis e no meio da comoção geral.

No fim da missa dos doentes, foram anunciados o retiro para os médicos, farmacêuticos e enfermeiros, que tinha sido marcado para o princípio da semana santa, e o retiro dos Ex.mos Prelados Portugueses, que deve realizar-se na segunda quinzena do corrente mês de Abril.

Um grande devoto de Nossa Senhora de Fátima

No dia vinte e quatro de Fevereiro, às cinco horas da manhã, na sua residência de Lisboa, chamava o Senhor à sua divina presença, na avançada idade de oitenta e quatro anos, a alma eleita do distinto médico e abastado proprietário, dr. Francisco da Costa Falcão.

Chefe exemplar duma família profundamente cristã, espôso amantíssimo e pai extremoso e desvelado, carácter diamantino, de antes quebrar que torcer, a nobre figura, que ora desapareceu da scena do mundo, era um modêlo vivo e acabado das mais raras e preclaras virtudes cívicas e morais, que o impunha ao respeito e veneração de todos quantos tinham a ventura de o conhecer e de com êle tratar intimamente. A sua casa era, em todo o rigor da expressão, a casa dos pobres. Não havia miséria que êsse homem de coração generoso e compassivo não procurasse aliviar, não havia dores que não se esforçasse por mitigar, não havia lágrimas que não tentasse enxugar, e a sua bôlsa abria-se larga e munificente para acudir às necessidades da Santa Igreja, privada dos seus bens materiais pela chamada lei da separação, e subsidiar inúmeras obras de caridade e beneficência na capital e fora dela.

Um dia em que, à tarde, após o jantar, passeava, em companhia de seu filho mais novo, que era então o estudante mais classificado do seu curso no Instituto Superior de Agronomia e que é hoje aluno distintíssimo do Seminário Maior do Patriarcado com sede nos Olivais, como para se desculpar de satisfazer os contínuos pedidos de auxílio dos pobres que, conhecedores da sua inesgotável generosidade, a cada passo se lhe dirigiam, disse que, do mesmo modo que um célebre escritor francês protestava que não havia de deixar passar um dia sem escrever ao menos algumas linhas — *nulla dies sine linea* — também êle não queria que passasse um só dia sem dar uma esmola, exprimindo o seu pensamento na língua de Cícero, como bom latinista que era: *«nulla dies sine eleemosyna»*.

Eram admiráveis a sua delicadeza de consciência e a sua pureza de intenção. Revestia um encanto especial a sua piedade, ao mesmo tempo sólida e profunda. Todos os dias assistia devotamente ao Santo Sacrifício da Missa e recebia a Sagrada Comunhão com um fervor edificante. Tinha uma grande devoção a Nossa Senhora de Fátima, o que o levou a solicitar da competente autoridade eclesiástica que a capela do seu palacete, uma das mais lindas de Lisboa, onde se conservava dum modo permanente Jesus Sacramentado, que êle amava com ternura e visitava freqüentes vezes durante o dia, fôsse colocada sob a sua invocação e a adquirir para expôr ao culto no altar-mór uma formosa e artística estátua da celeste Aparição, feita pelo célebre escultor Tedim, de Santo Tirso de Coronado.

Possuía, como poucas pessoas, mesmo das mais piedosas, uma compreensão exacta e nítida da importância e necessidade do espírito e das obras de reparação e expiação para satisfazer os direitos e exigências da justiça divina, ofendida pelos pecados dos homens, e fazer descer sôbre a terra torrentes de graça e de misericórdia.

Encarou sem temor, com uma serenidade e uma confiança extraordinárias na bondade de Deus, a aproximação dos últimos momentos. Êle próprio pediu expontâneamente os Santos Sacramentos, recebendo-os com as mais admiráveis disposições.

A sua morte foi verdadeiramente a morte dum justo.

Rico como era, mas fazendo tão belo uso dos bens da fortuna com que a Providência o favoreceu, quís que os seus despojos mortais, amortalhados no humilde hábito de S. Francisco e encerrados num pobre caixão, descessem a uma campa rasa, num funeral em que as únicas pompas eram as lágrimas dos pobres e as manifestações de pesar e saüdade dos amigos.

Que descanse em paz, no seio misericordioso de Deus, entre os esplendores da luz perpétua, o espírito formosíssimo do grande homem de bem e modêlo de cristãos que foi o dr. Francisco da Costa Falcão!

«Fátima, im Lichte der kirchlichen Autorität»

Sob êste sugestivo título que, trasladado para vernáculo, quere dizer «Fátima à luz da autoridade eclesiástica», acaba de sair à luz da publicidade, em segunda edição, o último livro do rev.mo dr. Luís Fischer, professor de História Eclesiástica na Universidade de Bamberg (Alemanha).

Quando apareceu a primeira edição, a «Voz da Fátima» deu-se pressa em fazer-lhe uma larga e merecida referência, indicando as epígrafes dos capítulos e aludindo aos assuntos neles versados. Desta edição publicou em 1932, o rev.^do^ dr. Sebastião da Costa Brites, ilustrado e zeloso pároco da Sé Catedral de Leiria, uma tradução esmerada, de que se fêz uma tiragem de cinco mil exemplares quási esgotados.

No ante-prefácio que para ela se dignou expressamente escrever, o venerando Prelado de Leiria declara que, aprovando-a, tem em vista:

1.º Mostrar o carinho da Padroeira dos portugueses por esta terra que é sua, tornando o nosso país conhecido e amado em todo o mundo; e

2.º demonstrar mais uma vez que Fátima ou é uma obra sobrenatural ou não tem razão de ser.

A nova edição desta obra, em que o seu ilustre autor oferece aos católicos de língua alemã a narração documentada e eloqüente das maravilhas que a Santíssima Virgem tem operado em Fátima, é, como a primeira, enriquecida com esplêndidas gravuras de página e dedicada a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, de quem insere um primoroso retrato.

O volume «*Fátima im Lichte der kirchlichen Autorität*», magnificamente apresentado nesta segunda edição, ainda mais que na anterior, foi acrescido de trinta e três páginas e teve uma tiragem de três mil exemplares.

Ao grande e querido apóstolo das glórias e das misericórdias da excelsa Raínha de Fátima entre os povos da língua alemã agradece profundamente reconhecido o autor destas notas a cativante oferta dum exemplar de tão precioso livro, assim como a amável e afectuosa dedicatória que a sua sincera e nunca desmentida amizade nele houve por bem exarar.

Visconde de Montelo

O Patriarca S. José e Dom José, Bispo de Leiria, no «Bote von Fátima»

O último número do «Bote von Fátima (Mensageiro de Fátima)», suplemento do importante mensário «Die Schildwache (A Sentinela), de Basileia, Suissa, correspondente ao mês de Março findo, publica, juntamente com algumas esplêndidas gravuras, quatro artigos magistrais sôbre o glorioso Patriarca S. José, chefe da Sagrada Família e Padroeiro da Igreja Universal.

Êsses artigos, um dos quais pelo menos é devido à pena vigorosa, colorida e scintilante, do rev.^do^ dr. Luís Fischer, o grande apóstolo de Fátima nos países de língua alemã, focam particularmente as relações do maior de todos os santos com o santuário da Lourdes portuguesa e com a missão confiada pelo Céu ao venerando Prelado de Leiria, cujo nome de baptismo é precisamente o do augusto Pai nutrício do Divino Redentor.

O presente número da «Voz da Fátima» insere a tradução portuguesa dos quatro referidos artigos, verdadeiras jóias literárias, que sem dúvida serão devidamente apreciadas pelos nossos leitores.

Dum modo especial chamamos a atenção dêstes para os artigos subordinados respectivamente aos títulos «*S. José em Fátima*» e «*Beatus vir — Um homem feliz*», êste último assinado pelo distinto professor da Universidade de Bamberg que, consagrando o número de Março do «Bote von Fátima» a S. José e, honrando dêste modo o glorioso Patriarca, quis prestar ao mesmo tempo uma gentil e delicada homenagem de consideração e estima a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

Certamente no espírito de muitas pessoas causará funda impressão a notícia do papel que S. José foi chamado a desempenhar nas aparições de Fátima e que o autor do artigo «S. José em Fátima» põe justamente em relêvo, com brilho de exposição e rigor de lógica, graças à robustez da sua inteligência, à delicadeza da sua piedade e aos recursos inexgotáveis da sua profunda e vasta erudição.

São José a Dom José

Os alunos do Seminário Episcopal de Leiria, no intuito de festejar o onomástico do seu venerando Prelado, que os considera e estima como as pupilas dos seus olhos, resolveram realizar, no dia 19 de Março findo, uma academia literário-musical em honra do glorioso Patriarca S. José.

Nessa festa encantadora, a que se dignou presidir Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo e que foi revestida dum brilho extraordinário, os alunos do curso de inglês dirigiram-lhe na língua de Shakespeare e de Milton um veemente apêlo, que é um autêntico mimo literário, cujo traslado em vernáculo não resistimos à tentação de reproduzir, porque sempre dá uma idea, embora pálida, da sua singeleza, graça e originalidade.

Apêlo de S. José a S. Ex.^cia^ Rev.^ma^ o nosso querido Bispo de Leiria

«Visto que sou o seu patrono, dirijo-me a Vossa Excelência Reverendíssima na pessoa dum dos seus seminaristas, no dia da minha festa, afim-de lhe pedir que eu não seja esquecido na estância bemdita de Fátima onde a Santíssima Virgem, minha Esposa, é tão glorificada.

O Senhor Deus Onipotente confiou aos meus cuidados sua Mãi e seu Filho emquanto viveram sôbre a terra e depois colocou-me ao pé deles no Céu.

Sou o Padroeiro da Igreja Universal e amigo muito particular de Portugal.

Portugal, que honra em tão alto grau Maria Santíssima, não pode agradar-lhe inteiramente se não me der um cantinho em Fátima. Coloque-se a minha estátua ou a minha imagem ao pé da de minha Esposa Maria numa das capelas do Santuário e eu prometo com Maria e nosso Divino Filho não esquecermos Vossa Excelência Reverendíssima, as suas grandes obras pela salvação das almas, os seus bons padres, o seu excelente e querido Seminário e a diocese em geral, visto que o meu nome é o de Vossa Excelência, muito respeitado e estimado Dom José, Bispo de Leiria».

Como era de esperar, o nobre Prelado de muito boa vontade respondeu afirmativamente, acrescentando que esperava em breve realizar os desejos do seu Santo Patrono que tanto venerava e a quem tanto devia.

O autor destas linhas há já alguns anos ouviu Sua Excelência Reverendíssima manifestar a intenção que tinha de reservar para o Santo Patriarca um lugar condigno no vasto anfiteatro do recinto das aparições.

O apêlo graciosamente feito pelos seminaristas em nome de S. José vem, pois, ao encontro dêsse ardente anelo, dêsse projecto tão acarinhado, tornando-o ainda mais vivo, se é possível, e apressando porventura a sua efectivação.

Visconde de Montelo

S. José em Fátima

De tôdas as criaturas nenhuma está mais próxima da bemdita Mãi de Deus que o seu casto Esposo S. José, que foi durante a vida seu fiel sustentador e protector, bem como do seu divino Filho. S. José partilhou as alegrias e as dores de Maria. Indissoluvelmente se encontrou ligado à sua Esposa e Raínha até que a morte os separou.

As aparições do bemaventurado José são raras. Assim como durante a vida fugiu da notoriedade, — se bem que a parte que tomou na Obra da Redenção fôsse tão importante, assim na história da Igreja raras vezes aparece no primeiro plano.

Fátima pode gloriar-se de ser também um lugar de aparições e graças de S. José.

Na verdade, assim devia ser: Onde sua Santíssima Esposa aparece, alí se deve encontrar também S. José.

Os devotos do benignísimo Santo lerão, pois, com especial alegria de coração, as seguintes linhas. Ouçamos:

Estava-se em Agosto de 1917. Os três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta, haviam regressado a casa dos pais, da prisão para onde no dia 13 dêsse mês, antes da hora em que costuma verificar-se a aparição da Virgem, tinham sido levados pelo administrador de Vila Nova de Ourém, o maçon Artur de Oliveira Santos. Tinha-lhes êste proïbido que voltassem à Cova da Iria. Por isso, no dia 19 de Agosto, depois da Missa, — era um Domingo, — levaram êles o gado para o campo, a um lugar chamado Valinhos. Sem demora apareceu-lhes alí a Mãi de Deus que disse à Lúcia, a mais vélha das crianças: «Quero avisar-te de que deves voltar à Cova da Iria. Se te não tivessem levado à vila (Vila Nova de Ourém), o milagre tornar-se-ia mais conhecido. Viria também S. José com o Menino dar a paz ao mundo».

O rapto dos pastorinhos tinha não só frustrado a aparição da Mãi de Deus, mas também a de S. José, a qual, Maria na sua bondade tinha planeado. Todavia, na aparição de Setembro, a Mãi de Deus prometia aos pastorinhos: «No último dia (13 de Outubro) S. José virá com o Menino para dar a paz ao mundo.» Assim o declarou Lúcia a 15 de Setembro no interrogatório do pároco de Fátima.

Efectivamente, no dia 13 de Outubro de 1917, depois de a aparição da Mãi de Deus sôbre a azinheira se ter apagado, de novo apareceu à direita do sol a Raínha do Rosário e, do lado esquerdo do sol, S. José com o Menino Divino, de forma que o Menino,—o Sol da humanidade, — se encontrava entre Maria e José.

Maria trazia nessa aparição um vestido branco e um manto azul e S. José e o Menino vestiam de vermelho.

Segundo o parecer dos pastorinhos o Menino Jesus teria cêrca de dois anos de idade. Tendo S. José pôsto o Menino sôbre o braço esquerdo, abençoou o mundo repetidas vezes com o direito, fazendo com êle três ou quatro cruzes. Até aqui a narrativa dos pastorinhos.

Que nos diz a aparição do bemaventurado José em Fátima? «*S. José virá com o Menino Jesus dar a paz ao mundo.*» Assim anunciou a Raínha do Rosário a aparição de S. José.

Onde S. José estiver, aí estará a paz.

É uma verdade incontroversa, uma verdade que a vida do Santo com tôda a clareza atesta. Paz não sòmente na tranquila casinha e na íntima família de Nazaré, paz não só na felicidade de Belém, paz mesmo na dolorosa fuga para o Egipto, paz na pobreza e nas dificuldades, paz também na hora iluminada da sua morte bemdita.

S. José dará, portanto, paz a todos aquêles que o procurem, «tôdos os de boa vontade».

Não a paz do mundo, mas a paz do seu Filho adoptivo. O próprio Jesus mostrou nos Apóstolos a grande diferença que há entre a sua paz e a paz do mundo. «Deixo-vos a minha paz, dou-vos a minha paz. Não uma paz como o mundo vos dá, vo-la dou eu.» O mundo não dá de facto paz alguma. Mas na devoção a S. José e aos Apóstolos encontram a paz os homens que vivem em Jesus Cristo, ainda que em volta dêles rujam tempestades.

Não é esta mensagem de paz íntima, da paz do homem unido a Deus, tal como nos vem de Fátima, uma extraordinária e consoladora mensagem nos tempos maus que justamente atravessamos?

O culto de Nossa Senhora de Fátima na Alemanha

Imagem de Santa Maria no Santuário de Eich, perto de Munich, na Baviera, onde todos os meses no dia 13 se faz uma peregrinação a Nossa Senhora em união com os peregrinos de Fátima. Em 13 de Março estiveram 85 peregrinos que escreveram ao Sr. Bispo de Leiria felicitando-o pelo dia de S. José, seu onomástico.

O pobre carpinteiro de Nazaré mostra-nos que, mesmo nas épocas de crise económica, no meio de grandes provações, pode reinar a mais profunda paz. José é o homem que fêz a sua propriedade: rezou e ganhou o seu pão quotidiano, deixando o resto confiadamente à Providência Divina. José e sua família eram pobres, mas não sofreram necessidades.

Hoje os cuidados no que é temporal tornaram-se tão grandes! Os pecados do mundo trouxeram tanta maldição sôbre as coisas materiais! S. José não apareceu em Fátima por causa dos que se afundam no mundanismo, dos que consideram o temporal o último fim da vida. Apareceu por amor de tantos cercados pelas dificuldades da vida, que, apesar dos seus esforços conscienciosos, lhes não corre favorável, afim de ganharem o sustento de modo recto e honrado.

Não é S. José em Fátima para essas pobres criaturas justamente o mensageiro seguro da Divina Providência?

S. José é o provedor das necessidades temporais do Deus Menino.

Confiemo-nos inteiramente à sua benigna direcção. Foi o fiel sustentador e protector de Jesus e Maria ainda nos dias de maior provação. Será também o nosso sustentador e protector ainda que em volta de nós com a permissão de Deus, o Inferno ruja e estrondeie.

Os «dias são maus». Deus experimenta a humanidade extraviada para lhe mostrar o caminho do seu Senhor e Criador, o caminho da casa paterna.

Dar-nos um sustentador e protector para os dias de castigo de Deus, foi a intenção da misericordiosa Mãi que em Fátima nos mostrou S. José.

(Do «Mensageiro de Fátima»)

S. José, socorrei-nos

Um caso estranho ocorrido na Terra Santa

(Comunicação do Dr. P. Benedikt Stolz, O. S. B., Dormitio, Jerusalém).

O nosso caro amigo e colaborador, Rev.^do^ Dr. P. Benedikt Stolz, O. S. B., manda-nos para o mês de S. José êste mimo que decerto não despertará menos grato interêsse nos nossos leitores que o do «Milagre do Rosário na Palestina», publicado no n.º 14 do «*Bote von Fátima*».

A direcção

A Associação das Irmãs do Rosário na Palestina compõe-se ùnicamente de membros indígenas. É, portanto, muito pobre, visto não receber qualquer auxílio do exterior.

A fundadora, Irmã Alfonsina Danêl Ghattas, viveu alguns anos com uma jovem religiosa de nome Francisca num pequenino convento em Belém. Do pouco que tinham davam ainda aos pobres e mantinham no modestíssimo estabelecimento seis orfãs. E, todavia, eram felizes por levarem vida de pobres, alí, onde o Deus Menino, num estábulo, nascera duma Virgem pobre.

Como S. José outrora cuidou da Sagrada Família, assim cuidava também daquelas pobres irmãs, que na milagrosa protecção do Santo Patriarca encontraram refúgio, quando a fome e a necessidade as tinham querido assaltar.

Na semana anterior à festa de S. José de 1904, não havendo, a bem dizer, que dar de comer às orfãzinhas, começaram as irmãs uma novena em honra das sete dores e das sete alegrias de S. José.

Chegou-se à véspera da festa e à conclusão da novena sem que socorro algum tivesse sido recebido. Gastas as últimas provisões, não haveria no dia seguinte absolutamente nada que comer. Contudo a Superiora confiava no poderoso pai adoptivo de Jesus. «S. José não nos abandonará; S. José virá em nosso auxílio,» dizia ela.

Chegara a noite e chovia torrencialmente. Então ouviram as duas religiosas um leve bater na porta da entrada. Apressaram-se a abrir. Que surpresa! — Diante delas estava um desconhecido com um grande fardo às costas, que lhes dizia com afabilidade: «Isto é para as vossas orfãzinhas!»

Quando tal ouviram, as irmãs ganharam coragem e abriram a porta de par em par, afim-de dar entrada ao desconhecido e ao seu volumoso fardo. Nesse momento chovia com tanta fôrça que as irmãs ficaram tôdas molhadas. Então tiraram o volume dos costas do desconhecido e verificaram que era uma *abaije* (grande capa beduína) cheia de fruta e hortaliça. — Coisa maravilhosa! Tudo isso, bem como a *abaije* e o *kumbas*, a longa túnica do desconhecido, não tinha sido tocado pela chuva, emquanto as irmãs, só de terem chegado à porta, estavam alagadas!

Seguiu-se uma enfiada de preguntas ao amável desconhecido: «Quem te mandou cá? Talvez os religiosos de Tantur?» — «Não sei». «Ou as irmãs de Hortas?» — «Não sei». «Ou Abuna Schukri, o pároco de Betschala?» — Sempre a mesma resposta vaga: «Não sei».

Ofereceram as religiosas uma cadeira ao desconhecido para que descansasse um pouco, mas êle não quis sentar-se.

Entretanto apareceram as orfãs que admiraram a qualidade da hortaliça e da fruta que o homem lhes tinha trazido. Havia cenouras, nabos, alfaces, espinafres e muitas outras coisas. Pegaram as crianças no tesoiro preciosíssimo e, acompanhadas da irmã Francisca, seguiram para a cozinha.

Depois de tudo desembrulhado, a irmã dobrou a *abaije*, notando a sua beleza e perfeito estado de conservação. Era dum amarelo doirado, absolutamente nova; nem sequer a borda estava desfiada. «Que pena» pensou ela consigo, «meter hortaliça num pano desta qualidade e em tão bom estado! Contudo a *abaije* não estava suja, porque a fruta e a hortaliça se encontravam no maior asseio.

Madre Maria Alfonsina tinha ficado ao pé do desconhecido sem trocar com êle uma palavra. Olhava impressionada aquêle homem alto e magro com uma fisionomia tão suave. Não parecia árabe, porque a sua tez era de notável alvura. O *kumbas*, branco de neve, com reflexos azulados, era cingido por um cinto azul celeste.

Voltou a irmã Francisca com a *abaije* e entregou-a ao desconhecido. Êste não a pôs aos ombros, como seria de esperar com tão mau tempo, mas passou-a sôbre o braço. Preguntando-lhe as religiosas se lhe deviam pagar alguma coisa, respondeu: «Não, obrigado». Saüdou-as afàvelmente bem como às crianças, e desapareceu na noite escura e chuvosa.

Assim que a porta se fechou sôbre êle, olharam-se as irmãs admiradas e exclamaram simultâneamente: «Era S. José!» Quanto lamentavam agora não lhe terem preguntado o nome para obterem a certeza! Mas, não! Não podia haver dúvida de que fôra S. José quem viera socorrê-las naquela necessidade. No dia seguinte inquiriram contudo as irmãs se alguns dos seus protectores lhes teria mandado tão valioso presente, mas todos responderam negativamente.

Durante uma semana inteira sustentaram-se as irmãs e as orfãs da excelente dádiva de S. José, e por essa razão dizia muitas vezes a Madre Maria Alfonsina às crianças: «Comei, minhas filhas, dos frutos do Paraíso que S. José nos trouxe». Quanto à irmã Francisca, tinha encontrado entre os frutos miraculosos uma qualidade que não era própria da Palestina, que ela nunca tinha visto e que nunca mais tornou a ver. Eram uns frutos verdes com a forma de batata e gôsto muito açucarado. Crús ou cozidos foram saboreados com delícia.

Mais uma vez se provou que a Santa Igreja com tôda a razão nos estimula a recorrer a S. José.

Ite ad Joseph! — Ide a José!

(Do «Mensageiro de Fátima»).

Beatus vir — Um homem feliz

Quem nos censurará, se todos os anos, ao aproximar-se a festa de S. José, o pensamento nos voar para muito longe, até à hospitaleira residência do Bispo de Leiria, até ao bondoso Bispo D. José, cuja personalidade produz inesquècível impressão em todo o peregrino de Fátima?

Damos na gravura de hoje S. Ex.^cia^ Rev.^ma^ D. José, cercado pela multidão jubilosa.

Na sua fisionomia, em todo o seu aspecto, está impressa a imensa felicidade do seu coração. Pois não será invejável felicidade para um Bispo possuir na sua diocese um Santuário como Fátima?

O Santuário é obra *sua*. Poderíamos repetir neste lugar o que já no prefácio da 2.ª edição do nosso livro «Fátima à luz da autoridade eclesiástica» escrevemos: «Na sua visita de estudo a Portugal, em Setembro e Outubro de 1932, teve o autor a oportunidade de, das hospitaleiras salas da residência episcopal de Leiria, lançar um olhar sôbre a *Oficina Mariana universal* dêsse Bispo, na qual êle não sòmente honra os seus antecessores na História da Igreja, mas onde, desde os Prelados até qualquer devoto do orbe católico que tenha conhecimento de Fátima, todos alí contemplam, com cordial alegria e sincera admiração, não só uma extraordinária graça da Mãe de Deus, còmo também o primeirvo guia do movimento Mariano, um Prelado que na interpretação das intenções de Nossa Senhora colheu preciosa experiência».

O que aqui afirmamos é a convicção de todo o clero da Diocese de Leiria.

No dia 16 de Maio de 1933 reunirá D. José o clero da sua diocese afim-de deliberar sôbre a comemoração do Ano Santo a dentro da diocese. Com a habitual e eloqüente mestria expôs o Bispo os seus magníficos pensamentos. O Ano Santo encerra um duplo jubileu: o jubileu da instituïção do Santo Sacrifício e do sacramento da penitência e o jubileu das dôres de Nossa Senhora, que na diocese é venerada dum modo tão extraordinário depois da preferência que por ela Maria se dignou mostrar. Continuando, falou Sua Excelência Reverendíssima da expansão de Fátima, do movimento que dalí tem irradiado para todo o mundo e da necessidade de desenvolver ainda o culto de Nossa Senhora...

O Vigário-Geral da diocese, Rev.^do^ P.^e^ João Quaresma, proferiu por essa ocasião as notáveis palavras que seguem: «*A diocese tem uma grande e dupla dívida a pagar: uma dívida de gratidão para com Deus pelo grande Bispo que nos concedeu e uma dívida de gratidão para com Nossa Senhora que se dignou aparecer na nossa actual diocese*».

Quem conhece bem o assunto sabe com que verdade falou o Rev.^do^ Vigário Geral.

Como poderia ser doutro modo? Só um homem poderia levantar um lugar de peregrinação tão importante como Fátima: «Aquele que colheu experiência abundante na interpretação dos desígnios de Nossa Senhora». Nós sabemos da própria bôca de S. Ex.^cia^ Rev.^ma^ quão vivos cuidados e quantas noites em claro Fátima lhe tem custado. Se hoje o Santo Padre em Roma declarou Nossa Senhora da Fátima Padroeira da Acção Católica em todo o Portugal, se hoje Fátima é oficialmente o foco da Acção Católica do País, a fonte donde brota o ressurgimento católico e moral — o que de facto é, — se hoje o mundo inteiro corre para Fátima, o mérito é — humanamente visto e dito — do «Bispo de Fátima».

O Céu serve-se do instrumento humano para levar a efeito os seus desígnios.

De que serviriam as aparições Marianas, se lhes falhasse a cooperação do homem para lhes dar o valor? A mensagem é enviada do Céu. Ao homem compete reconhecê-la, torná-la produtiva e desenvolvê-la.

Recebeu já D. José neste mundo a magnífica recompensa da Mãe do Céu pelas numerosas peregrinações que como professor de História Eclesiástica no Pôrto e já como Bispo fêz às estâncias

de graça da sua pátria e doutros países, onde aprendeu, observou, experimentou e investigou a história dos lugares de peregrinações e a sua vida religiosa para fazer uma para seu uso, sem suspeitar o fim para o qual a boa Mãe o guiava de Santuário para Santuário.

Contudo, se preguntássemos a D. José: — Quem fêz tudo isto? Estes edifícios em Fátima? Esta afluência das multidões? Esta fé e penitência dos peregrinos? — D. José responder-nos-ia o que já um olhar sôbre o seu retrato nos diz, traindo-o «Não fui eu que o fiz. *Isto é obra da Mãe*. Fui apenas o seu instrumento».

«Como é prodigioso o poder da Virgem Santíssima que arrasta as multidões para uma montanha escalvada e em poucos anos transforma um local sem vida num centro magnífico de piedade, no mais espantoso milagre da vida religiosa do nosso tempo!...

(Pastoral de D. José, de 13 de Outubro de 1930).

Dr. L. F.

(Do «Mensageiro de Fátima»).

O ilustre Bispo de Fátima

No seu interessante livrinho «A minha peregrinação a Fátima», recentemente publicado pela Emprêsa Editora «Fátima», de Bamberg, dá-nos o Reverendo Pároco Ludwig Waldmüller uma excelente descrição do vulto notável do «Ilustre Bispo de Fátima», que nas amarguras da revolução portuguesa soube tomar serenamente a sua parte, dominando a mais difícil situação com consumada perícia.

A Direcção

«Com a maior amabilidade e depois duma cordial saudação, fui recebido pelo Prelado de Leiria, D. José Alves Correia da Silva. Encontrava-me diante dum Príncipe da Igreja, de aspecto juvenil e robusto, a-pesar-dos seus sessenta anos de idade.

Logo de começo aprendi a estimá-lo e a apreciá-lo, não só devido à sua grande amabilidade e afabilidade, mas ainda ao seu trato naturalmente simples, absolutamente despretencioso. Todavia, é um homem de espírito, um prègador de talento, um zeloso pastor dos seus fiéis, que todos os Domingos lhes faz uma prática na sua Catedral e que em Fátima, por ocasião das grandes peregrinações, fala freqüentemente quatro e cinco vezes. É amado pelos seus diocesanos que rezam incessantemente pelas suas prosperidades e venerado pelo clero como o Bispo eleito por Deus para a sua diocese ao tempo das aparições de Maria em Fátima...

Duma benéfica singeleza, como todo o arranjo da casa do distinto hospedeiro, era a mesa de jantar com o seu excelente serviço, inteiramente regional.

Quem suporia que o bondoso Prelado fôsse também um bravo e bélico campeão quando as coisas de Deus o exigissem? Como redactor do grande jornal português «A Palavra», que circulou no Porto até à sua suspensão pelo govêrno maçónico, foi S. Ex.ª Rev.ma prêso cinco vezes, por ocasião das revoluções, durante períodos de cinco horas a seis meses.

Uma vez tinha ido o jornalista Dr. Alves Correia da Silva a certa localidade nos arredores do Pôrto como prègador auxiliar. Na sacristia esperava-o o sacristão que lhe diz, enfiado: «Tinha uma coisa a dizer a V. Rev.da,... mas, não me atrevo».

«Então que há?» «É que, saiba V. Rev.da» — gaguejou o sacristão», — que estão lá fora na igreja uns polícias que vão prendê-lo depois do sermão. Êste comunicado não podia ser de forma alguma um preparativo agradável para a prédica. Mas já uma certa malícia brilhava no olhar do Professor (S. Ex.cia Rev.ma, antes de ser eleito para a Sé de Leiria, era professor de história eclesiástica no Seminário Episcopal do Pôrto). Como tema do sermão — sermão quaresmal — tinha êle escolhido os pecados e suas desgraçadas conseqüências.

Contudo, pôs o assunto de parte, deu algumas voltas na sacristia pensativo, subiu então ao púlpito e começou a prègar sôbre a prisão de Jesus. Quem eram na verdade os homens que levaram a Jesus prisioneiro? Uns velhacos como Judas, uns cobardes como os judeus, uma turba ingrata como era o povo de Jerusalém. Cêrca de meia hora falou o professor de todos êsses homens maus que se tinham coadjuvado para prender Jesus, emquanto lá em baixo, na nave, os esbirros escutavam com atenção extrema. Quando o prègador desceu do púlpito, a multidão saiu da igreja, retirando também os polícias. Nenhum quís assemelhar-se aos velhacos de Jerusalém...

No rápido do meio dia seguimos em direcção ao Pôrto. Continuamos entretendo-nos esplendidamente com S. Ex.cia Rev.ma Então chegou a hora em que a despedida distila sempre a sua gota amarga.

O Prelado de Leiria confiou-me ainda várias mensagens para o professor Dr Fischer, de Bamberg. Em frente do Pôrto despediu-se Sua Excelência de mim com um afectuoso abraço paternal. No meu coração a memória dêsse nobilíssimo Príncipe da Igreja, com a minha mais profunda gratidão, subsistirá indelèvelmente...

(Do «Mensageiro de Fátima»).

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Pleurisia

Em Abril de 1932 adoeci com uma pleurisia chegando a um estado de fraqueza tal que quási me não segurava em pé.

A continuar assim não poderia já viver muito tempo.

Vendo-me tão doente e não encontrando alivio nos medicamentos que me receitavam, recorri a Nossa Senhora da Fátima em cuja honra comecei uma novena de Comunhões. No quinto dia da Novena, sentindo-me já muito bem, fui tirar uma radiografia, e notou-se que todo o mal havia já desaparecido!

As fôrças voltaram ràpidamente, aumentou o pêso e, passado pouco tempo, retomava o meu trabalho, sentindo-me até agora completamente bem.

Agradeço também a Nossa Senhora ter alcançado a saúde para meu marido que esteve prestes a morrer com uma doença interior.

Isabel M.ª Pereira Ferreira

R. Bartolomeu Dias — Lisboa.

Carbúnculo maligno

No dia 8 de fevereiro apareceu-me na cara um tumor. Amedrontada com êle, imediatamente fui consultar o médico, que, depois de me examinar a cara disse que o tumor tinha muito má aparência. Nêsse mesmo dia foi queimado mas continuou a desenvolver-se dilatando-se para os lados, a ponto de ter de ser tratado diàriamente pelo médico. Levei algumas injecções de sôro anti-carbunculoso, mas a febre cada vez era mais alta.

Cheguei a um ponto tal de fraqueza que já não podia com os tratamentos. O médico perdeu também a esperança de me curar. Foi então chamado outro Médico, com autorização do primeiro. Conferenciando àcêrca do meu estado deram-me como perdida, dizendo que só por milagre me poderia salvar.

Foi então, em hora de tão grande tristeza, que eu, minha família e algumas pessoas amigas recorremos a Nossa Senhora da Fátima encomendando-lhe a minha cura.

Comecei também a beber de vez em quando água do Santuário, e a febre foi baixando sensivelmente até que desapareceu por completo. A ferida que o tumor produziu na cara cicatrizou já, encontrando-me hoje completamente curada graças a Nossa Senhora da Fátima.

Maria Rosa Alfaiate

Rexaldia.

Cegueira, paralisia e eczema

Em 1925 tive três doenças, tôdas de gravidade.

A primeira delas foi a cegueira. Três meses depois tive uma paralisia ficando entrevada de pés e mãos, estado que se prolongou durante onze meses.

Ao fim dêsse tempo tive um eczema sifilítico que me encheu de chagas deitando abundante e nojento puz. O meu estado era tal que o médico aconselhou-me a entrada no Hospital a ver se lá conseguiam curar-me.

Entrei no Hospital de S. José onde estive dez meses. Fui aí tratada pelo Sr. Dr. Simões Ferreira, que empregou todos os esforços para me salvar.

Eu, porém, sentia-me cada vez pior.

Um dia em que me encontrava pior, chegou-se junto de minha cama uma senhora dizendo-me que me entregasse com fé à Virgem Nossa Senhora da Fátima, que lhe rezasse muito, porque Ela que fazia muitos milagres talvez se compadecesse de mim também. Mas eu que não sabia rezar, só lhe pedi que me curasse e prometi-lhe que, se a minha cura se realizasse, iria pedir uma esmola para poder ir visitá-la ao seu Santuário da Fátima.

No dia seguinte comecei a sentir-me melhorzita, e daí a poucos dias comecei a levantar-me.

Logo que o médico me viu mandou-me embora, porque, dizia, a minha cura era impossível.

Em seguida fui ao Hospital de S. Marta. Aí recomendaram-me muitos banhos para o eczema, mas nada me fazia bem. Fizeram-me análises diversas, mas nada mostrou qual seria para mim o remédio eficaz.

Por fim disseram-me que nada mais tinham a fazer-me, pois haviam já experimentado tudo quanto julgavam eficaz.

Vendo-me assim perdida, mais uma vez recorri a Nossa Senhora da Fátima, e no dia 12 de Maio de 1927, com o Sr. António Cabral Pinto, membro da Conferência de S. Vicente de Paulo, e com a Sr.ª D. Maria de Figueiredo, parti para Fátima.

Chegados lá, levaram-me para a Capelinha das Aparições onde fiquei tôda a noite. Às onze horas da noite trouxeram-me alguma água do Santuário com a qual me lavei algumas vezes durante a noite.

No outro dia fui receber a bênção dos doentes e, imediatamente me senti muito melhor, graças à Virgem Nossa Senhora da Fátima. As melhoras aumentavam de dia para dia encontrando-me há muito tempo já completamente curada.

Já visitei 13 vezes a Virgem Santíssima no seu Santuário da Fátima, onde espero voltar tôdas as vezes que isso me seja possível, sempre em acção de graças pelo extraordinário favor que me alcançou do Céu.

Beco de S. Luís — Lisboa.

Escolástica Nunes

Graças diversas

— *Amélia P.ª Borges* — Lisboa, tendo recebido por intercessão de N.ª Senhora da Fátima diversas graças particulares, deseja agradecê-las por meio da Voz da Fátima, conforme prometeu ao fazer os seus pedidos a tão carinhosa mãe.

— *Albertina Ferreira* — Lisboa, depois de, sem resultado, ter recorrido a diversos médicos, por fim, desenganada pelos mesmos, recorreu a Nossa Senhora para que a livrasse de seus crueis sofrimentos, e tendo obtido a cura vem agradecê-la à Nossa Senhora, do íntimo do seu coração.

— *António José da Cunha* — Cabeceiras de Basto, agradece a Nossa Senhora o ter despachado o seu pedido em favor de um seu filhinho de 5 meses que estava gravemente doente.

— *Perpétua Cândida Rodrigues* — Gonjoim, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal.

— *Leonor F. Ávila* — Açôres, diz o seguinte: «Muito reconhecida para com Nossa Senhora da Fátima agradeço, como prometi, no seu jornalzinho, diversas graças que por tão boa mãe me foram concedidas do Céu.

— *Berta Osório Amador* — Vilar do Dão, cheia de reconhecimento a N.ª S.ª pela cura de uma sua filha gravemente donte, pede lhe seja permitido manifestar aqui o seu agradecimento a tão valiosa intercessora que todos temos no Céu.

— *Dr. Manuel da Mota Cardoso* — Médico em N'Cuto-Angola, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça espiritual.

— *Joaquina P. Gil* — Benquerença, sofreu muito e durante muito tempo com um pequeno tumor que lhe apareceu numa das faces. Diversos medicamentos foram aplicados, mas sem resultados sensìvelmente satisfatórios. Por fim, confiou a sua cura a Nossa Senhora da Fátima, obtendo em pouco tempo a saúde que desejava.

— *Maria Leonarda Vaz Figueiredo* — Tavira, sofreu durante tanto tempo e tão gravemente que os médicos desenganaram-na da cura. Nêsse estado tão grave, a doente e diversas pessoas de família e amigos recorreram a N.ª Senhora da Fátima em seu favôr alcançando a cura que pediam.

— *Américo Pinheiro dos Santos* — Pôrto, tinha o coração dilatado causando-lhe graves e dolorosos sofrimentos. Da medicina nada conseguira que a libertasse de seus sofrimentos; mas por meio de uma novena a Nossa Senhora da Fátima, obteve do Céu a cura do seu mal.

— *Rosa de Viterbo Lopes Varela* — Aviz, agradece a N.ª S.ª da Fátima a cura de seu neto José Lopes. Esteve muito perigoso com uma pneumonia com outras complicações. Com alguma água da Fátima que bebeu e uma novena a Nossa Senhora obteve a sua cura.

— *Maria Florinda Nunes S. Guedes* — Alto da Vila, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça muito grande que de suas maternas mãos acaba de receber.

— *Carminda S. Cruz* — Chaves, agradece uma graça particular.

—⁂—

AVISO

Quando enviardes quaisquer quantias para «Voz da Fátima» ou para o Santuário, *é favor não virem com valor declarado*, aliás obrigar-nos-eis a ir levantá-las a uma distância de 13 quilómetros, pelo menos, o que nem sempre é fácil nem económico.

Podeis enviar as vossas esmolas em carta registada, ou melhor ainda, em vale do correio pagável em Vila Nova de Ourém.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM BADEN

Excerto duma carta endereçada ao Sr. Dr. Luís Fischer pelo pároco de Forst (Baden), a propósito da chegada à sua freguesia duma Imagem de N. Senhora de Fátima, executada em Portugal.

«Na alfandega tudo correu bem. Não foi necessário desencaixotar a Imagem e pudemos colocá-la logo no automóvel que a havia de conduzir à Igreja. Quatro homens ajudaram-me, com todo o cuidado, a pô-la sôbre o altar. Dir-te-ei aqui, muito em segrêdo que, quando durante alguns instantes, estive a sós com Ela na alfandega, me apressei a apresentar-lhe os meus cumprimentos de boas-vindas. Sinto-me intimamente feliz por ter sido eu o primeiro a saudá-la.

Os jornais, mesmo aqueles que não são favoráveis à nossa causa, escreveram artigos laudatórios sôbre N. Senhora. Eu já contava com isso, mas a realidade excedeu tôda a minha expectativa. Numa palavra, foi um verdadeiro acontecimento para a nossa freguesia. Uma santa impaciência se tinha apoderado de todos. O caso era contado e comentado nos estabelecimentos e nas ruas, fazendo isso nascer, em todos, um grande desejo de a ver. Daí um nunca acabar de mulheres com seus filhinhos ao colo, de rapazes, homens e raparigas.

No primeiro momento lançavam sôbre a Imagem apenas um olhar de curiosidade mas, logo em seguida, ajoelhavam com tanto fervor e devoção que parecia não poderem mais desprender-se daquele lugar. Há na Imagem qualquer coisa de extraordinário que nos prende e nos atrai — comentava uma mulherzinha do povo.

Até já de bastante longe vem gente para a visitar. Recebi também, há dias, uma carta em que se dizia: «Desejaria mudar a minha residência para Forst para estar sempre aos pés de N. Senhora de Fátima.

Os meus paroquianos querem, por meio das suas orações, obrigar N. Senhora a converter-se numa fonte de graças para a nossa freguesia e para a nossa pátria.

Na verdade, todos nós temos em mente um grande plano — é fundar aqui por intermédio de Fátima uma verdadeira Schönstatt. (1)

Beato Nuno de Santa Maria

Estátua segundo o modêlo da falecida escultora Maria do Carmo dos Santos Pereira de Vasconcelos, discípula do Sr. Teixeira Lopes e oferecida ao Santuário pelos Irmãos Dr. Francisco, Maria Isabel e Maria José de Vasconcelos.

Foi benzida pelo Sr. Bispo de Leiria e colocada na Capela das confissões dedicada a Nossa Senhora do Carmo.

(1) Designa-se Schönstatt um movimento religioso fundado na Alemanha por sacerdotes e leigos sob o patrocínio da «Mater Admirabilis».

A felicidade e a desgraça, a alegria e a tristeza alternam-se na vida, como o sol, e a chuva na natureza. Cada prazer é o precurso de uma desventura.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	430.558$57
Papel, comp. e imp. do n.º 138 (53.600 ex.)	2.747$32
Franq., embal. transp. etc.	1.220$55
Na Administração	34$80
Soma	434.561$24

Donativos desde 15$00

Dulce Martins — Caldas da Rainha, 15$00; Manuel de Oliveira — América, 20$60; Norberto de Sá—América, 20$60; Maria P. Rosa — América, 20$60; Maria Rezendes — América, 20$60; António Rocha — América, 20$60; Francisco Santos — América, 20$60; Carolina Rego — América, 20$60; Maria Macedo — América, 20$60; Cristiana da Silva — Cascais, 20$00; Alzira Teixeira — Mafamude, 20$00; Ermelinda Leite — América, 2 dólares; Alberto Quita — Alc. do Sal, 20$00; Delmira Cobra — Alc. do Sal, 20$00; Firmiano Alves — Moura, 20$00; Francisco J. Camêlo — Estremoz, 20$00; Alfredo Pacheco—Coimbra, 15$00; Maria Isabel Russo — C. de Vide, 25$00; P.e Augusto Firmino — Almada, 20$00; Distrib. em Almada, 50$00; Elisa do Resgate — Belas, 15$00; Amélia Bettencourt — Gaula, 20$00; Joaquim Aug. Borges — Lagôa, 20$00; João Melo — Lagôa, 20$00; Manuel da Ponte — Lagôa, 20$00; João Pimental — Lagôa, 20$00; Margarida Almeida — Geraldes, 20$00; João Severino — Açôres, 20$00; António Cabral Pinto — Lisboa, 110$00; Plácido da Fonseca — Brasil, 20$00; Eduardo Monteiro — Brasil, 20$00; P.e José Leonardo — Açôres, 20$00; Ana de Carvalho — Tôrre de D. Chama, 20$00; Felisbela Loureiro — Nelas, 15$00; N.º 7778 — Açôres, 20$00; Aurélia Val — Lisboa, 20$00; Maria da Boa Hora — Turcifal, 20$00; Bonaventura Pinto — Recarei, 20$00; António Martins — Recarei, 20$00; Isabel Almeida — Lisboa, 20$00; Maria Ventura — Lousã, 88$00; Maria da Ascenção — Boidobra, 20$00; António Rodrigues — Lisboa, 20$00; Albertina Queiroz — Matozinhos, 20$00; Filomena Leoni — Belas, 20$00; P.e José da Cruz — Oleiros, 30$00; Berta Delgado — Hotel Lusitano, 20$00; Maria de J. P.ª—Penedono, 20$00; P.e António M. Alberto — Lobito, 50$00; P.e Asdrúbal Cast. Branco — América, 46 dólares; Rosa Serra Afonso — Gaia, 20$00; Joaquim Ramalho — Lisboa, 20$00; Gertrudes Pinto — Estoril, 20$00; Ester Guimarães — Lisboa, 20$00; Benjamim Ferreira — Borba, 20$00; Paulo F. Pereira — Damão, 15$00; Miguel Fialho — Moura, 20$00; Maria Gomes — França, 15$00; Felia F.ª Alves — Açôres, 20$00; Associação de N.ª S.ª da Fátima — Vila Viçosa, 100$00; Maria Patrício — Coruche, 20$00; Laura Teixeira — Coruche, 20$00; P.e Luciano Cutileiro — Lavre, 120$00; Maria Luiza Rocha — Parede, 15$00; Luiza Dias Fontes — América, 2 dólares; Augusto da Costa — Brasil, 30$00; Maria Graça de Oliveira — Lisboa, 36$00; Elvira Duarte — Lisboa, 36$00; Luiz da Costa — Brasil, 15$00; Conceição Povoas — Rio Tinto, 15$00; José Ferreira — Viseu, 100$00; Saturnina Meireles — Figueira da Foz, 20$00; Celeste M.ª de Sousa — At.ª da Baleia, 120$00; Albino Ribeiro — Brasil, 15$00; Albino de Deus — Brasil, 15$00; João Baptista — Brasil, 15$00; António Portuguêz — Brasil, 15$00; Benedito Peregrine — Brasil, 20$00; José Lourenço — Brasil, 15$00; António Patudo — Brasil, 15$00; Abílio Dias — Alfena, 20$00; Perpétua Barradas — Ponte do Sôr, 20$00; Maria Tinoco — Galizes, 20$00; Instituto de N.ª S.ª da Fátima — Damão, 36$50; Cassiano Leal — Pôrto, 50$00; Vitorino Coelho — Fiães, 20$00; José Domingues — Brasil, 15$00; Assinante, por intermédio de Ant. D. Silva — Açôres, 20$00; José Mendonça — Loriga, 20$00; Georgina Lopes—Azurara, 20$00; Izaura Areias — Braga, 15$00 P.e Manuel M. Cêpa — Alvarães, 100$00; M.ª S. de Matos — Pedrouços, 80$00; N.º 3558 — ?, 20$00; N.º 9012 — ?, 20$00; Ant.º F. Lourenço—Sertã, 60$00; Virgínia Trigo — Carnazeda, 20$00; Augusto Jorge Moreira — Lisboa, 100$00; M.e Ferr.ª Marques — Pôrto, 25$00; Helena Carneiro — Pôrto, 15$00; M.e Guimarães Cunha — P. de Coura, 20$00; Joana E. de Faure — Pôrto, 15$00; anónimo de Paredes de Coura, 50$00.

UM PEDIDO

1.º — *Não esquecer* que só podem ser atendidas as reclamações dos Srs. Assinantes que junto a elas nos enviarem o número da sua assinatura. Sem isso serão inatendíveis as vossas reclamações.

2.º — Quando escreverdes para a «Voz da Fátima», sôbre qualquer assunto, assinai a vossa carta ou o vosso postal *exactamente* com o nome e sobrenomes que vão no endereço do jornal que recebeis.

CRUZADOS DE FÁTIMA

LUGAR PARA TODOS

Uma caixa de fósforos por mês

A organização dos *Cruzados de Fátima* vem satisfazer uma aspiração de muitas centenas de milhares de almas, que amam a Deus e amam a sua Igreja e desejavam, mas não viam, maneira de servir a Deus e à Igreja, melhor do que na prática ordinária da sua vida religiosa.

Orar — já todos o podiam fazer.

Trabalhar — nem todos porque nem todos podiam talhar nas suas ocupações obrigatórias ordinárias um pouco de tempo para o consagrarem a qualquer obra de acção católica.

Agora todos, absolutamente todos podem trabalhar!

Porque numa guerra não trabalham só os generais traçando planos, os oficiais transmitindo-os aos soldados e os soldados em frente do inimigo nas primeiras linhas!

Quando um país mobiliza tôdas as suas fôrças para repelir uma agressão pelas armas, trabalham também os que contribuíram para a guerra com o nervo dela, que é o dinheiro. Trabalham todos os contribuintes, porque as munições e mantimentos que tornam possível a luta nas linhas de fogo, não é lá que se preparam, é em todo o país com as contribuições de todos.

Declara-se guerra de morte à Igreja, guerra a Deus, que se pretende arrancar do coração dos crentes, como a sua imagem se arrancou dos edifícios públicos e o seu nome dos livros com que nas escolas se ensinam as crianças. E a essa guerra ofensiva temos de responder com tôdas as armas que os nossos inimigos empregam. Soou em Portugal a hora da mobilização geral dos católicos para essa guerra defensiva, para defesa da sua fé, da sua moral, dos seus costumes, ameaçados com êsses ataques a tudo quanto constitui a essência da civilização cristã.

Pois nessa guerra há lugar para todos, todos devem e todos podem tomar parte nela.

E é esse o programa dos *Cruzados de Fátima!*

Todos podem orar, como até aqui têm orado, pelo triunfo dos que em todos os campos são os defensores dos direitos de Deus na sociedade e da liberdade para a sua Igreja, para que ela no meio das convul-ões que agitam a sociedade, possa exercer a sua acção benéfica e fecunda.

Mas hoje abre-se um campo novo de acção em que podem e devem trabalhar todos. Todos!

Porque se trata das provisões e munições e a quota que se pede a cada *Cruzado* que não pode correr às primeiras linhas a combater é tão pequena, que não há ninguém absolutamente ninguém que não possa alistar-se e trabalhar sem sair de sua casa, quer viva numa cidade, quer viva na mais remota aldeia das nossas planícies ou montanhas!

Vinte centavos por mês!

O preço de uma caixa de fósforos!

E pensar que cem, duzentas, quinhentas mil quotas dessas — que cada um que a paga não sente sair do bôlso, que até um mendigo pode pagar! — pensar que cem, duzentas, quinhentas mil quotas de 20 centavos representarão dentro de pouco tempo, não umas dezenas de fósforos de luz de pouca dura, mas centenas, milhares, milhões de fôlhas soltas, de brochuras, de jornais, que irão levar a luz de Cristo a tantas almas, que só por andarem imersas nas trevas do êrro, desconhecem, desprezam ou odeiam a Deus e à sua Igreja, que é hoje, como foi sempre, o refúgio e a salvação da humanidade nas horas mais graves da história!

Que nem um só católico português deixe de dar, para dissipar essas trevas, a sua quota mínima de *Cruzado de Fátima* — o preço de uma caixa de fósforos: vinte centavos!

UM SINAL, NÃO!

Por todo o país está-se já organizando a grande massa dos *Cruzados de Fátima!* Com as suas orações e as suas quotas — tão pequeninas que ninguém pode alegar, para as não dar, o pretexto de falta de recursos — os *Cruzados de Fátima* serão a maior fôrça activa organizada em Portugal, para o bem, e poucas semanas bastarão para que suplantem em número e fôrça o número as fôrças activas organizadas para o mal.

Há poucos anos um maioral bolchevista enviado a Portugal para estudar o nosso meio, partiu desconsolado, afirmando que por muito tempo ainda não seria possível fazer de Portugal um «paraíso bolchevista», porque a grande massa dos seus habitantes é crente e detesta essa «civilização» sem Deus que da Rússia se pretende impôr ao mundo. E as organizações avançadas portuguesas, por confissão dos seus, não contavam nos melhores tempos nas suas filas nem uma centena de milhar de afiliados activos!

Pois mais do que isso se vê tantas vezes em Fátima!

Que nos falta? Que sejamos activos! Que essas massas profundas despertem, se organizem e compreendam a fôrça imensa que representam, fôrça benéfica, fôrça de *paz*, fôrça a que só se dá o nome guerreiro de *exército*, porque realmente do outro lado se não procura por meios pacíficos esclarecer-nos, se estamos em êrro, mas se declara guerra, e guerra atroz e sem quartel, às nossas crenças, à nossa Igreja, ao nosso Deus!

Somos uma fôrça imensa e só não temos feito valer essa fôrça, porque não temos consciência dela!

Temos de recordar, mais uma vez, o que sucedeu um dia no Senado Romano. A civilização romana assentava na existência dos escravos; os escravos eram os operários daquele tempo, eram *coisas* não eram *pessoas*, pertenciam em domínio absoluto, aos senhores, que pagavam direitos alfandegários por êles como por gado e outros objectos—e a multidão dos escravos era enorme. Havia senhores opulentos que tinham tantos escravos, como êsses milhares de operários que hoje se aglomeram em tôrno das grandes fábricas.

Pois bem: um dia no Senado romano lembrou-se um senador de propôr, que para se diferençarem os homens livres dos escravos, êstes ostentassem um distintivo!

— Um sinal, não! foi, em resumo, o resultado da proposta. — Um sinal, não, porque no dia em que os escravos virem quantos são e compararem o seu número com o nosso, seremos por êles esmagados!

Ostentemos nós com orgulho o nosso distintivo de *Cruzados de Fátima!* Não queremos esmagar ninguém, antes queremos ver surgir mais amor, mais harmonia, mais fraternidade no meio da sociedade portuguesa, retalhada por tantas discórdias, por tantos ódios. Não queremos esmagar ninguém! Mas também não queremos ser esmagados!

E porque somos o número, e porque unidos somos a fôrça, conheçamo-nos pelo nosso distintivo, unamo-nos e contemo-nos pela quota insignificante, que representa o nosso laço material nas filas dos *Cruzados* — e não só não seremos esmagados, mas faremos raiar sôbre a nossa pátria dias de mais bonança, de mais alegria, de mais bem estar.

Nunca portuguêses temeram, em lutas que abundam na nossa história, defrontar-se com inimigos superiores em número! Seremos nós portuguêses tão degenerados que receemos nestas lutas incruentas defrontar-nos com inimigos, que por mais que façam serão sempre, comparados connosco, ínfima minoria!

Um sinal, sim! Um sinal, um distintivo de *cruzado* para cada português católico, que sente que é chegada a hora de empregar novos meios, mais poderosos meios, para contrabater dentro das nossas fronteiras essa propaganda que vem soprada da Rússia, propaganda de ateus que tendo acumulado misérias na sua terra, querem ainda produzi-las na terra alheia!

Se há poucos anos êsse maioral bolchevista foi de cá desconsolado — unamo-nos, contemo-nos, organizemo-nos para o trabalho e dentro de poucos anos uma verdadeira inundação de luz terá iluminado os que infelizmente já se deixaram arrastar para as falanges do mal.

Avante! Que dentro em breve a direcção dos *Cruzados de Fátima* possa anunciar que distribuiu o seu centésimo milésimo distintivo!

NOTÍCIAS DOS CRUZADOS

ORGANIZAÇÃO

Iniciou-se já a organização dos «Cruzados de Fátima» em várias dioceses. Por emquanto vai à testa a arquidiocese de Braga onde estão organizadas até ao presente 94 trezenas, num total de 1.222 Cruzados.

Há três pessoas que se remiram com a quantia de 200$00.

Trabalha-se também activamente nas dioceses do Porto, Évora, Beja, Portalegre, Faro e Bragança.

Já se gastaram os primeiros cinco milhares de patentes.

Directores diocesanos

Em Braga: Director diocesano P.e Domingos Gonçalves.

No Pôrto: Director Diocesano P.e António Brandão, secretário P.e Angelino Soares Lema. (Rua do Triunfo n.º 286 — Pôrto).

Em Braga: Director Diocesano P.e Domingos Gonçalves (Oficina de S José Guimarães); secretário P.e José Ferreira; tesoureiro P.e Manuel Novais Varela (Seminário Conciliar — Braga).

Em Portalegre: P.e José Bento Correia (Paço Episcopal — Portalegre).

Em Évora: Director Diocesano Cónego Joaquim Maria Rosa Palma; secretário Dr. Francisco Maria da Silva (Paço Arquiepiscopal — Évora).

Em Bragança: Dr. António Maldonado Pires (Seminário — Bragança).

Retiro espiritual dos Servitas e Vicentinos no Santuário de Fátima de 10 a 14 de fevereiro de 1934.

A OBRA DAS TREZENAS

Como os nossos presados leitores podem vêr noutro lugar desta Página, onde se publica uma notícia do que se tem feito em ordem à organização dos «Cruzados de Fátima», os progressos que esta benemérita obra auxiliar da Acção Católica realizou até hoje são sobremaneira consoladores.

O toque a reünir do venerando Episcopado, quando êle, em boa hora, soltou o pregão da Cruzada Nacional da Acção Católica, suscitou por tôda a parte admiráveis boas vontades, generosas dedicações, santos e salutares entusiasmos. Nas regiões do norte, centro e sul do país, apóstolos fervorosos da boa causa rivalizam em zêlo e esfôrço para lançarem em bases sólidas a grande obra das Trezenas. Estão já constituídas centenas delas, e, por isso, neste momento, os Cruzados de Fátima, nobres e dedicados pioneiros da causa de Deus e da Pátria, formam já uma legião dalguns milhares de soldados.

São as regiões do norte, onde a densidade da população é maior, a fé mais viva e a piedade mais ardente, que caminham em maior número na vanguarda dêste movimento.

É a Guimarães, o bêrço da nossa nacionalidade, que cabem, como sempre, quando se trata da glória de Deus e do bem das almas, os louros invejáveis da primazia. O trabalho de organização, de sua natureza difícil e moroso, sobretudo nestes tempos de crise económica que vamos atravessando, continua a fazer-se lenta mas seguramente, em tôdas as dioceses. Os reverendos Párocos são, por direito de nobreza e por dever do seu cargo, os criadores da obra das trezenas nas suas respectivas freguesias e os impulsionadores e animadores da actividade dos chefes de trezena. É a êles, os representantes directos dos venerandos Prelados, que compete manter e alimentar o espírito sobrenatural que inspirou a fundação desta obra auxiliar da Acção Católica e que a há-de informar até à medula. São êles que devem conservar sempre viva e sempre pura a chama sagrada do zêlo que inflama os leigos de boa vontade e os estimula a auxiliar o clero na propaganda e difusão das trezenas.

Se o entusiasmo ardente dos primeiros tempos não esfriar e se todos os párocos sem excepção, não obstante o pessimismo que em certos meios bastante ingratos não pode deixar de os tentar, trabalharem com zêlo e perseverança, sem desfalecimentos nem desânimos, na medida ao seu alcance, dentro de pouco tempo Portugal, país pobre e pequenino, mas de grande alma e de grande coração, será sem dúvida o país onde a Cruzada da Acção Católica disporá proporcionalmente de mais abundantes recursos materiais para a realização e manutenção das numerosas obras que lhe incumbe criar e auxiliar para dar Deus às almas e as almas a Deus.

Que Nossa Senhora de Fátima abençôe e ajude e se digne recompensar com as graças mais preciosas e mais escolhidas do seu Coração maternal todos aqueles que se empenham nesta tarefa, tão bela como salutar, que, se interessa profundamente ao bem da Igreja, não interessa menos ao bem da nossa Pátria, diante da qual se abrem agora, mercê de Deus, horisontes desanuviados e prometedores de dias felizes e gloriosos como os doutras eras da nossa história oito vezes seculares.

Visconde de Montelo

PIA UNIÃO dos CRUZADOS DE FATIMA

Que é?

Uma associação auxiliar da «Acção Católica Portuguesa».

Que pretende?

1.º — Promover a santificação dos Cruzados de Fátima;

2.º — Interceder junto de Nossa Senhora de Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;

3.º — Colaborar, especialmente pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;

4.º — Orar pelos Cruzados de Fátima e pelas almas do Purgatório, especialmente dos Cruzados falecidos; pela conversão dos pecadores, pelos doentes e por tôdas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora de Fátima; pelas missões entre cristãos e infiéis, especialmente nas colónias portuguesas.

Para conhecer os fins, métodos e organização da Acção Católica, convém adquirir o Manual da Acção Católica, de Mons. Civardi, tradução portuguesa do Dr. Aires Ferreira. À venda na «União Gráfica», Rua de S.ta Marta, 158 — Lisboa. Preço, 10$00; pelo correio, 11$30

Ano XII — Fátima, 13 de Maio de 1934 — N.º 140

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica„ R. Santa Marta, 158 — Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

FÁTIMA, coração de Portugal e trono da Mãe de Deus

(13 de ABRIL)

«Aqui, em Portugal, na época agitada que atravessamos, Nossa Senhora dignou-se aparecer entre nós para atrair as almas a Jesus-Eucaristia e combater os vícios, sobretudo a sensualidde, que perde um tão grande número delas».

(D. José, Bispo de Leiria, no prefácio de *Fatima, le nouveau Lourdes*)

Se ao nome augusto e sobrenaturalmente prestigioso de Fátima estão ligadas, dum modo indissolúvel, desde a época inolvidável das aparições, as ideias místicas de oração e desagravo, de-certo não lhe anda menos unido o conceito cristianíssimo de penitência. Deus, que criou o homem sem a sua cooperação e quere que êle se salve, determinou, no plano insondável da Providência, não o salvar sem essa cooperação. Decaída a natureza humana do estado de inocência original e decretada pela misericórdia do Altíssimo a obra da Redenção como conseqüência de tão lastimosa queda, a participação da criatura pecadora nessa obra passou a revestir, por exigência imperiosa da justiça eterna, um carácter nitidamente penitencial.

«Se não fizerdes penitência, todos perecereis igualmente», exclamava o Príncipe dos Apóstolos, dirigindo-se aos cristãos dos primeiros tempos da Igreja.

Pode afirmar-se com verdade que, se Cristo inocente quis propôr-se, em tôda a sua vida mortal e especialmente durante a sua paixão, como modêlo acabado de penitência, nenhum fiel tem o direito de se eximir ao cumprimento dessa lei geral, que abrange a própria Virgem Santíssima, em virtude da sua missão de co-redentora do género humano, posto que ela seja a mais pura, a mais perfeita e a mais santa de tôdas as simples criaturas.

Por isso, logo desde o alvorecer do cristianismo a doutrina teológica da penitência é activamente propagada por tôda a parte, constituindo, com o ensino das verdades dogmáticas e morais, se assim é lícito dizer, *o substractum*, o fundo substancial do magistério eclesiástico nas suas múltiplas e diversas modalidades e principalmente sob a forma corrente da prègação apostólica.

Em uníssono com o humilde pescador da Galileia, escolhido pelo próprio Cristo para seu Vigário na terra depois da tríplice negativa e da correspondente reparação, os apologetas do segundo século, os Santos Padres, os doutores da Igreja, os missionários e em geral os prègadores da fé, proclamam unânimemente a necessidade da penitência para a salvação e procuram formar as almas na perfeição cristã sôbre a base sólida e inconcussa dessa virtude.

Desde o regímen da penitência pública dos primeiros séculos até às obras penitenciais que condicionam as indulgências dispensadas dos tesouros da Igreja pela munificência dos Sumos Pontífices nos últimos tempos, tudo mostra ser a ideia de penitência a fôrça motriz de tôda a vitalidade religiosa em ordem à aplicação dos méritos de Cristo e à salvação eterna das almas, assim como à glória extrínseca e acidental de Deus, fim supremo da Redenção.

E a própria augusta Mãi de Deus, sempre que se digna descer à terra para transmitir alguma celeste mensagem, não deixa de recordar esta lei universal, sem cuja observância a ninguém é possível santificar-se segundo o seu estado e salvar a sua alma.

Penitência! — é o brado suavíssimo, mas imperioso e vibrante, da excelsa Mãi de Deus que soou um dia aos ouvidos de Maximino e Melânia e que o eco sempre vivo das montanhas de la Salette parece repercutir angustiadamente e sem cessar através dos séculos.

Penitência! — ordena a Virgem Imaculada, aparecendo em pleno coração da Europa, por entre os cumes nevados dos Pirineus, na visão sublime dos rochedos de Massabielle, à pastorinha humilde e inocente, cuja vida angélica foi tôda cruz e martírio e que hoje se ergue sôbre os altares nimbada de glória e venerada pelos crentes com o nome de Santa Bernadette, evocador de tantas maravilhas do poder e da bondade de Maria.

Penitência! — é a voz portentosa que, galgando as fronteiras das nações e transpondo os oceanos, arrasta aos páramos sagrados de Fátima multidões de almas que alí se regeneram ou se purificam ainda mais pela dôr espiritual da consciência e pela mortificação expiadora dos seus invólucros materiais.

Deus, dignando-se, na sua infinita misericórdia, instituir o Sacramento da Penitência, em que são aplicados superabundantemente os frutos da Redenção, proporcionou ao homem decaído um meio fácil e suave de se regenerar e de satisfazer ao mesmo tempo as exigências imprescritíveis da sua justiça infinita.

A confissão sacramental é, por assim dizer, o eixo central, necessário e indispensável, em tôrno do qual gira incessantemente e girará até à consumação dos séculos, dum modo assombroso, o delicado e austero maquinismo espiritual da penitência cristã. Sem arrependimento sincero, isto é, sem a atrição em grau suficiente juntamente com a absolvição sacramental, sem propósito firme e eficaz de emenda e

(Continua na 2.ª página)

Pia União dos «Cruzados de Fátima»

PROVISÃO

D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA BISPO DA DIOCESE DE LEIRIA.

Aos que esta Nossa Provisão virem, Saúde, Paz e Bênção em Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador

Tendo os Ex.mos Prelados Portugueses, debaixo da presidência de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, concedido ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima a grande honra de aí se reünirem para assentarem em medidas que interessam à Nossa Santa Religião em Portugal, aprovaram os seguintes Estatutos da Pia União dos Cruzados da Fátima para serem adoptados em tôdas as Dioceses portuguesas.

Estabelecida Canònicamente esta «Pia União» no Glorioso Santuário de Nossa Senhora da Fátima tão querido em Portugal e em todo o mundo onde a Santissima Virgem tem espalhado abundantemente as suas graças de Mãe Carinhosa, esperamos que os Nossos caros diocesanos acorram a inscrever-se nesta «Pia União», para, mediante a pequena quota que lhes é exigida, manifestarem a sua gratidão e amor à Santissima Virgem que se dignou vir até nós para nos chamar ao cumprimento dos nossos deveres e levar-nos para Jesus, o Salvador das nossas almas.

Para boa execução dos Estatutos adeante publicados fazemos as seguintes nomeações:

Director Diocesano: *Rev.do Doutor Manuel Marques dos Santos, Vice-Reitor do Seminário de Leiria.*

Conselho Diocesano: *Rev.do Doutor José Galamba de Oliveira, Professor do Seminário de Leiria e director da «Voz do Domingo». Rev.do P.e António dos Reis, administrador da Voz da Fátima, no Santuário.*

Secretários: *Rev.do P.e José Francisco Pereira Rino, coadjutor em Ourem. Rev.do P.e Manuel Pereira da Silva.*

Do zêlo dos nossos Reverendos Párocos e restante Rev. Clero confiamos que esta «Pia União» auxiliar da «Acção Católica» se propague na nossa Diocese arregimentando todos os devotos de Nossa boa Mãe do Céu.

Esta Nossa Provisão será publicada na «Voz da Fátima» e no Boletim Diocesano, lida e explicada aos Fiéis pelos Rev.dos Párocos e Capelães.

Dada em Fátima, aos 20 de Abril de 1934.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

Estatutos da Pia União «CRUZADOS DE N.ª S.ª DA FÁTIMA»

CAPITULO I

Instituição, fins e meios

Art.º 1.º — É instituída no Santuário da Fátima uma Pia União intitulada «Cruzados de Nossa Senhora da Fátima».

§ único — Esta Pia União é uma associação auxiliar da Acção Católica em Portugal e tem como órgão oficial o jornal «Voz da Fátima».

Art.º 2.º — A Pia União tem por fim:

1.º — promover a santificação dos próprios membros;

2.º — interceder junto de Nossa Senhora da Fatima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;

3.º — colaborar, especialmente, pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;

4.º — orar pelos associados; pelas almas do Purgatório, especialmente dos associados falecidos; pela conversão dos pecadores; pelos doentes e por tôdas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora da Fátima; pelas missões entre cristãos e infiéis, especialmente nas colónias portuguesas.

Art.º 3.º — Para conseguir os seus fins, a Pia União:

I — *Exige dos seus membros:*

a) que procurem viver cristãmente;

b) que paguem por uma só vez a soma a que alude a alínea *a)* do art.º 5.º, ou contribuam com as cotas mínimas a que se referem as alíneas *b)* e *c)* do mesmo artigo.

II — *Aconselha aos seus membros:*

a) a recitar todos os dias, sendo possível em público ou em família, o Terço de Nossa Senhora e aplicá-lo pelas intenções da Pia União constantes do art.º 2.º;

b) a comungar freqüentemente, pelo menos, se lhes fôr possível, todos os meses, e a assistir ao Santo Sacrifício da Missa no dia 13 de cada mês, em união com os peregrinos da Fátima;

c) a trazer consigo o distintivo próprio dos «Cruzados da Fatima».

III — *Proporciona aos seus membros:*

A) O direito de receberem a «Voz da Fátima»

B) a participação.

1.º numa missa que diàriamente se celebra no Santuário da Fátima pelas intenções constantes do art.º 2.º;

2.º nas missas mandadas celebrar em cada Diocese, em harmonia com o disposto no art.º 13 § único;

3.º em todos os actos de piedade e caridade realizados por intermédio da Pia União;

4.º nas orações especiais que pelos associados se farão em todas as peregrinações do dia 13 de cada mês.

C) Além dos privilégios e indulgências que venham a ser concedidos pela Santa Sé, 300 dias de indulgências cada vez que recitem qualquer destas jaculatórias:

— «Nossa Senhora de Fátima protegei o Santo Padre».

(Continua na 3.ª página)

Sob a presidência de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa reüniram-se em conferência e fizeram exercícios espirituais desde o dia 18 de abril a 25 de abril os Ex.mos Prelados portugueses, faltando por doença os Ex.mos Bispos de Lamego e por afazeres o Ex.mo Sr. D. João de Lima Vidal, Arcebispo director dos Colégios das Missões.

Os Rev.os Priores dos Milagres, Maceira, Albergaria dos Dôze e Rev. Manuel de Sousa, Capelão do Santuário conduziram nos seus automóveis os Ex.mos Prelados.

sem a acusação humilde e integral das culpas graves a um sacerdote munido da competente jurisdição, não há e não pode haver remissão dos pecados nem nesta vida nem na outra. E, ainda quando o pecador, movido por considerações de ordem mais elevada como a da bondade divina e a da paixão e morte de Jesus, se arrepende de ter ofendido o Pai, que está no Céu, essa contrição não lhe obterá directamente de Deus o perdão dos pecados, se não fôr acompanhada do propósito ao menos implícito de os submeter oportunamente às chaves da Igreja por meio da acusação deles feita ao representante do mesmo Deus no santo tribunal da penitência.

São êstes os preciosos ensinamentos da Igreja que importa tornar bem conhecidos, para que muitos cristãos transviados do caminho que conduz ao Céu possam aproveitar os meios da graça que o Senhor pôs ao alcance de todos, porque quere que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, como diz o Apóstolo.

É, pois, uma verdade irrefragável que todos devem fazer penitência, os justos e os pecadores; êstes, porque sem ela não podem recuperar a graça santificante que os torna filhos adoptivos de Deus e herdeiros do Paraíso, aquêles para que, inocentes ou purificados, ajudem a completar o que falta à paixão de Cristo, expiando os pecados próprios já perdoados e alcançando para as ovelhas desgarradas a graça de voltarem, arrependidas e felizes, para o redil do Bom Pastor.

É necessário e urgente que, no seio da sociedade de novo paganizada mercê da terrível peste do laicismo, se juntem mais que nunca às outras formas da acção católica o apostolado da oração e o apostolado da penitência.

Promover e intensificar êste duplo apostolado, conquistar para êle as inteligências e os corações de *élite*, é atrair sôbre as almas as mais copiosas bênçãos do Céu, é preparar para a nossa Pátria e para o mundo a nova conversão das gentes ao Cristianismo, é, enfim, compreender integralmente a piedosa mensagem que a Rainha do Céu trouxe a Fátima e cooperar dum modo eficaz na realização dos seus desígnios misericordiosos de Mãi dos homens e de Padroeira dos portugueses.

Visconde de Montelo

Uma peregrinação de Lisboa

Após muitos dias de frio intenso e de chuva contínua e abundante, em que o tempo dava a impressão de que se vivia em pleno coração da quadra invernosa, o dia treze de Abril apresentou-se enxuto e ameno, como que anunciando o regresso definitivo da Primavera.

Na véspera, às 5.h30 da tarde, tinha chegado ao local das aparições, como de costume nos anos anteriores, a peregrinação da freguesia do Socorro, de Lisboa, organizada e superiormente dirigida pelo rev.do João Filipe dos Reis, zeloso pároco daquela freguesia.

A peregrinação compunha-se de 78 pessoas, das quais uma cega e duas gravemente enfermas.

Os piedosos romeiros fizeram às 11.h30 da noite a procissão das velas, que foi seguida de adoração ao Santíssimo Sacramento da meia-noite às cinco horas.

A essa hora o rev.do Pároco celebrou a missa oficial da peregrinação, à qual assistiram e comungaram quási todos os peregrinos, além de muitos outros fiéis.

Durante a missa, acompanhada a *harmonium*, um grupo de cantoras da freguesia executou primorosamente diversos canticos piedosos.

Os actos religiosos oficiais do dia treze

Desde as sete horas da manhã até ao meio dia solar, foram celebradas algumas missas nos altares dos diversos santuários da Cova da Iria. Entretanto numerosos sacerdotes atendiam nos confessionários da Igreja da Penitenciaria os fiéis que desejavam receber o Santo Sacramento da Penitência.

À uma hora oficial rezou-se o terço do Rosário na capela das aparições, efectuando-se imediatamente depois a primeira procissão com a estátua de Nossa Senhora de Fátima, terminada a qual começou a missa dos doentes que eram em número de cincoenta e três

Ao Evangelho subiu ao púlpito o rev.do Carlos Pereira Gens, pároco da freguesia de Ourém, que falou durante meia hora sôbre a devoção à Santíssima Virgem.

A missa foi acompanhada a *harmonium* e cânticos executados com esmero por um grupo de alunos do Seminário de Leiria.

Concluído o Santo Sacrifício, cantou-se o *Tantum-ergo* e deu-se a bênção com o Santíssimo Sacramento primeiro a cada um dos doentes e depois a todo o povo.

Realizou-se por fim a segunda procissão com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que foi reconduzida para o seu altar na santa capela das aparições, onde os actos religiosos oficiais do dia treze tiveram por remate a tocante cerimónia do «Adeus à Virgem», dispersando-se e retirando-se em seguida os peregrinos.

Dois peregrinos da India

Entre os peregrinos do dia treze de Abril ao Santuário Nacional de Fátima merecem especial referência um sacerdote da India portuguesa e uma sua irmã doente, que veio pedir a Nossa Senhora naquela estância de graças e prodígios a cura da doença de que padece há mais de cinco anos e que os médicos declararam humanamente incurável. Faziam ambos parte da última peregrinação da India a Roma, realizada por motivo do Ano Santo da Redenção, e resolveram demorar-se mais tempo na Europa, renunciando a acompanhar o grosso da peregrinação, no seu regresso, para poderem visitar a Lourdes portuguesa.

O venerando sacerdote, que representava ali a importante e longínqua colónia portuguesa da Asia, chama-se Lourenço Xavier Fernandes e pertence à diocese de Meliapor, que faz parte do nosso Padroado.

Já tinha vindo a Portugal, quando o venerando e saúdoso D. António Barroso, o grande Bispo missionário, foi transferido da India para a diocese do Pôrto, acompanhando-o na viagem e passando então três meses no nosso país. Por essa ocasião percorreu vários países da Europa, angariando donativos para um orfanato que fundou e dirige na cidade de Meliapor.

Mais um livro sôbre Fátima

Publicado pela Empreza Editora «Fátima», de Bamberg, Alemanha, apareceu há pouco um novo livro, em língua alemã, ácêrca da Lourdes portuguesa, intitulado «A minha peregrinação a Fátima», da autoria do rev.do Luís Waldmüller.

É uma obra de pequeno tomo, pois consta apenas de noventa páginas, mas a sua execução gráfica é excelente e primorosa, à altura dos créditos de que goza a imprensa de Além-Reno. Aumentam o seu mérito as numerosas e esplêndidas gravuras que ilustram e enriquecem as suas páginas. A capa, na parte anterior, apresenta, só por si, sete gravuras, lindas e sugestivas, e artisticamente dispostas, que representam, àlém da Imagem de Nossa Senhora, vários e interessantes aspectos das manifestações de fé e piedade realizadas na Cova da Iria, entre as quais a peregrinação de 13 de Maio de 1932, em que tomaram parte quási todos os venerandos Prelados portugueses.

Compõe-se a obra de dez capítulos em que o ilustre autor descreve com traços vigorosos e scintilantes as fundas impressões da sua peregrinação solitária a Fátima efectuada em 13 de Julho de 1932. Entre êsses capítulos, todos muito interessantes e bem escritos, merece especial menção aquêle que, sob a epígrafe «No Pôrto, o Parny-le-Monial português» se ocupa de Sóror Maria do Divino Coração, condessa de Droste Vischering, superiora do Recolhimento do Bom Pastor, do Pôrto, falecida em odor de santidade a 8 de Julho de 1889.

Quem subscreve estas linhas agradece penhorado ao grande apóstolo de Fátima, o dr. Luiz Fischer, a gentil oferta dum exemplar do precioso livro, assim como a afectuosa e cativante dedicatória de que se dignou fazê-la acompanhar.

A sciência médica e o pôsto de verificações

O fascículo número 36, correspondente ao mês de Março último, do «Bulletin de l'Association Médicale Internationale de Notre Dame de Lourdes», órgão oficial dos médicos do Pôsto das verificações e de que é director o dr. Vallet, médico em chefe do referido Pôsto, publica a conferência feita por êsse ilustre homem de sciência na reünião anual organizada pela Associação de Nossa Senhora da Saúde sob a presidência de Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Gerlier, Bispo de Lourdes.

Seja-nos lícito reproduzir nas colunas da «Voz da Fátima» um pequeno trecho dessa magnífica conferência em que se faz uma breve alusão à Lourdes Portuguesa e ao seu Pôsto de verificações médicas.

Cumpre frisar a importância da justa homenagem prestada dêsse modo por uma autoridade competente e categorizada à honestidade e rigor de processos empregados pelos distintos clínicos que durante o ano no dia 13 de cada mês tomam a seu cargo com o maior desinterêsse e solicitude os serviços de verificação e estudo das doenças e curas dos enfermos que vão a Fátima implorar o socorro dAquela que é a Saúde dos enfermos e a Mãe de misericórdia.

Dum modo especial permitimo-nos felicitar calorosamente o ilustre director do Pôsto das verificações médicas de Fátima, cujo zêlo e dedicação no desempenho do cargo de tanta importância e responsabilidade, que em boa hora lhe foi confiado pelo venerando Bispo de Leria, são superiores a todo o elogio.

Segue a transcrição: «Como observava o jornal médico, *Velho Bisturi*, é graças aos estudos do Pôsto das verificações médicas de Lourdes, o qual soube pôr em relêvo as caraterísticas tão especiais que acreditam as curas de Lourdes, que a negação do Facto de Lourdes pertence hoje ao número das coisas desaparecidas, cabendo o mérito disso àquêle que foi o seu incomparável animador durante 25 anos, o dr. Boissarie.

A nossa Associação Médica Internacional de Nossa Senhora de Lourdes completou a sua obra, modernizou-a e propagou-a no estranjeiro, porque, hoje, ela conta 2:000 membros de 20 nações diferentes, de tal sorte que o Pôsto de Lourdes tem actualmente duas filiais cujos métodos de trabalho são decalcados sôbre os seus: o de Fátima em Portugal, desde 1931, e o do México, desde o ano passado, onde, sob as invocações de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora de Guadalupe, a Virgem Maria, Mãe de Deus, é glorificada pelos seus benefícios, como o é nas margens do Gaves».

Visconde de Montelo

NA FÁTIMA

120 raparigas católicas, alunas das nossas três Universidades aos pés de N. Senhora da Fátima

Foi gloriosa, verdadeiramente triunfal a magnífica jornada que as 120 raparigas católicas universitárias de Lisboa, Pôrto e Coimbra viveram, na Fátima, no passado dia 15.

Temos assistido a muitas peregrinações à Fátima, temos tomado parte em várias reüniões: nenhuma se pode comparar à peregrinação da Juc (Juventude Universitária Católica) à Fátima.

Houve ali a vida quente de peregrinação, o entusiasmo fremente do congresso, o aconchêgo da reünião familiar.

Ao vê-las, dir-se-ia que aquela centena de raparigas eram velhas amizades, já de há muito separadas; tal era o à vontade com que se tratavam!

Não foi uma recepção fria de salão elegante mas uma reünião de família anciosamente esperada e sofregamente realizada pelas que nela tomaram parte.

Como ali se via claramente a verdade daquilo da Escritura: Quam pulchrum et jucundum habitare fratres in unum! Como é belo e agradável ver os irmãos unidos!

A alegria gárrula duma juventude sã, a cultura, a piedade, a modéstia do traje e do porte, a elegância no vestir o trato franco daquelas raparigas, a tranqüilidade do ambiente e formosura dum dia verdadeiramente primaveril cheio de luz e de côr, tudo concorria para dar àquela reünião um caracter de singular solenidade.

Sua Eminência dignou-se falar antes de cada dezena do têrço, explicando como era necessário que elas, raparigas católicas dessem às outras a vida Divina que em suas almas recebiam pelos sacramentos.

Um grupo de alunas do Conservatório cantou nos intervalos.

À bênção seguiu-se a missa de Sua Eminência a que comungou a quási totalidade das peregrinas.

Depois foram descansar no Albergue, no Abrigo e na Casa dos Retiros.

Às 8 horas era a hora de levantar, para às 8 ½ tomarem o café.

Mas, já muito antes dessa hora, grupos de raparigas, visitavam o SS.mo Sacramento e a imagem de N. Senhora e se lançavam a bêber a largos haustos o ar puro da serra e o encanto daquela manhã de Abril de céu azul e horisontes limpidos como só os têm as aldeias de Portugal.

Às 10 ½ o Snr. Dr. Carneiro de Mesquita, Assistente Geral da J. C. F., acolitado pelos Rev.dos P.e Augusto de Sousa Maia, Dig.mo Secretário do Snr. Bispo de Leiria e Dr. Galamba de Oliveira, celebrava a missa cantada solene, cujas partes fixas as raparigas executaram com gôsto.

Às procissões de condução da imagem para o refeitório da casa dos retiros, onde se realizou uma sessão solene, e de recondução para a Capelinha das aparições, souberam elas dar todo o calor da sua piedade e do seu amor.

Antes, tiraram a fotografia das peregrinas com o Sr. Cardial Patriarca e o Snr. Bispo de Leiria e vários grupos.

Junto da imagem da Senhora, Sua Eminência benzeu as florinhas, que elas levavam por recordação da Fátima e daquela jornada e, com uma admirável expontaneidade abraçaram-se afectuosamente para demonstrar a união íntima de ideais, de corações, de organização e acção que ali se cimentara.

É que, na homília, que, com tanto carinho, o Sr. Bispo juntara aos elevados conceitos de Sua Eminência na véspera, quiz S. Ex.cia Rev.ma dar-lhes duas recordações da Fátima: que fôssem sempre unidas de maneira a formarem uma verdadeira Universidade Católica Feminina Portuguesa (aut unum sint!); que cultivassem em si as virtudes pequeninas de cada dia, semelhantes àquelas florinhas que, ali na serra, por entre as pedras, conseguiam contudo desabrochar cheias de frescura e de encanto.

E que as levassem para si e para as companheiras que não haviam podido vir.

De joelhos, após o regresso da imagem, num comovedor recolhimento, aquela centena de raparigas consagrava-se e a tôdas as companheiras da Juc, a Nossa Senhora para, com uma vida de trabalho, de piedade e de acção conquistarem para Cristo as suas irmãs que não têm fé.

Deus lhes conserve o fervor dessas horas bemditas!...

As Universitárias chegaram de véspera, primeiro as de Coimbra e do Pôrto, depois as de Lisboa.

Para presidir à reünião veio também Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca e Sua Excelência Reverendíssima o Snr. Bispo de Leiria.

Estavam presentes sete raparigas da Juventude Católica Feminina de Leiria que ali foram para servir as suas irmãs — as raparigas da Juc — e com tão boa disposição de espírito o fizeram, que tôdas levaram delas as mais queridas e saüdosas recordações.

A vida

daqueles dias passou-se assim:

Depois de jantarem, já tarde, e de terem marcado o programa de trabalhos para o dia seguinte, fizeram com muito entusiasmo a procissão das velas e, em seguida, uma boa hora de adoração a N. Senhor Sacramentado, exposto à boca do Sacrário.

A sessão solene

foi o fécho. O Rev.do Dr. Maurício dos Santos S. J., com o seu conhecido ardor, explica e comenta os estatutos da Juc.

As presidentes dos três grupos da Juc de Lisboa, Coimbra e Pôrto dizem, com brilho e elevação, da importância da acção católica da Juventude Universitária e absoluta adesão das raparigas da Juc à direcção do Episcopado, da necessidade suprema da vida interior para uma frutuosa e verdadeira Acção Católica Jocista, da alegria com que tôdas vieram e da saüdade com que partem.

Os brindes que encerraram o almôço, logo a seguir, vieram uma vez ainda dar a essas almas ardentes de raparigas católicas a certeza da confiança que a Igreja nelas deposita e das maravilhosas possibilidades de apostolado que diante delas se abre.

Por si prometeram trabalhar para que no ano que vem se reunam ali 500.

Deus queira!

Que elas sejam, como lhes dizia «o **Cardial da Juventude,**» «a glória de Cristo» *como já hoje são* «a luz da esperança de Jesus e a esperança da Igreja em Portugal.

Galamba de Oliveira

Grupo de Meninas Universitárias das Universidades de Coimbra, Lisboa e Pôrto que nos dias 14 e 15 de abril fizeram a sua peregrinação a Fátima sob a presidência de S. Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa e assistindo o Senhor Bispo de Leiria.

A assinatura da «Voz da Fátima», jornal mensal, e órgão da Acção Católica Portuguesa, custa em cada ano — 10$00, para o continente e Ilhas e 15$00 para o estranjeiro.

A administração é no Santuário da Fátima.

Retiro espiritual para Senhoras no Santuário da Fátima

Começam no dia 19 de maio, à tarde, e terminam no dia 23, de manhã do mesmo mês, os exercícios espirituais no Santuário da Fátima para senhoras servitas, podendo ser admitidas outras, havendo lugar.

As senhoras que queiram aproveitar-se desta graça devem avisar o Rev. António dos Reis — Fátima, que lhes dará tôdas as informações.

Recordai-vos do seguinte:

1.º — Quando escreverdes para a «Voz da Fátima», sôbre qualquer assunto que diga respeito à vossa assinatura, *assinai sempre* a vossa carta ou o vosso postal *exactamente* com o mesmo nome e sobrenomes que vão no endereço do jornal ou rôlo que recebeis.

2.º — Quaisquer mudanças que pedirdes nas vossas direcções, *só poderão ser executadas se enviardes ao mesmo tempo o número da vossa assinatura.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura

ESTATUTOS DA PIA UNIÃO «CRUZADOS DE N.ª S.ª DA FÁTIMA»

(Continuação da 1.ª página)

gei o nosso Episcopado e o nosso Clero».

— «Nossa Senhora de Fátima protegei a Acção Católica».

IV — Procurará contribuir, por meio dos organismos da Acção Católica, para a criação, sustentação e federação de:

a) obras de formação e acção religiosas;

b) obras de educação e ensino;

c) obras de imprensa;

d) obras sociais;

e) obras de assistência e beneficência.

CAPITULO II

Associados, suas categorias e agrupamentos, direitos e deveres

Art.º 4.º — Podem ser associados da Pia União tôdas as pessoas que o desejem e cumpram as disposições canónicas aplicáveis e as dêstes estatutos.

§ 1.º — Os admitidos serão inscritos no Registo da Pia União em harmonia com o respectivo regulamento.

§ 2.º — Para efeito de participarem das vantagens espirituais enumeradas no n.º III alínea *B)* do art.º 3.º, poderão também ser inscritos nos registos da Associação os nomes das pessoas falecidas, contanto que alguém por elas satisfaça às exigências declaradas no n.º I do mesmo artigo, alínea *b)*.

Art.º 5.º — Os associados terão a designação de «Cruzados de Fátima» e dividem-se em três categorias:

a) remidos, isto é, os que dão por uma só vez ao menos 200$00;

b) bemfeitores, isto é, os que contribuem com a cota mensal mínima de 50 centavos;

c) ordinários, isto é, os que contribuem com a cota mensal mínima de 20 centavos.

Art.º 6.º — Os Cruzados de cada Paróquia serão divididos em grupos de treze denominados «Trezenas de Fátima».

§ 1.º Os Cruzados, qualquer que seja a sua categoria, têm direito, em harmonia com o art.º 3.º n.º III, alínea *A)*, a receber dos respectivos colectores locais a «Voz da Fátima».

§ 2.º As cotas dos Cruzados serão recolhidas por colectores locais e em tempo oportuno enviadas ao Conselho Diocesano, em harmonia com o respectivo Regulamento.

Art.º 7.º — Os principais direitos e deveres dos associados são os que se encontram especificados no art.º 3.º.

§ único — Os associados que não satisfaçam durante oito mêses consecutivos as respectivas cotas serão eliminados dos registos da associação.

CAPITULO III

Direcção e administração

Art.º 8.º — A Pia União será superiormente dirigida por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria.

Art.º 9.º — A Pia União terá, sobretudo para efeitos de execução e administração, uma Comissão Nacional Executiva.

Art.º 10.º — Em cada Diocese haverá um Director e um Conselho Diocesano que o assista, nomeados e destituídos pelo respectivo Prelado.

§ único — De acôrdo com o Ex.mo Ordinário, o Director Diocesano fará a organização, a administração e a propaganda da Pia União na Diocese, tendo em vista os Estatutos e os Regulamentos da Pia União.

Art.º 11.º — Poderá haver em cada Arciprestado, assim como em cada freguesia, um Delegado da Pia União, respectivamente concelhio e paroquial, nomeado pelo Ex.mo Prelado, cujas atribuições constarão dos respectivos Regulamentos desta Associação.

Art.º 12.º — Em cada freguesia haverá um ou mais colectores, nomeados pela autoridade competente.

§ 1.º — À frente de cada uma das trezenas a que se refere o art.º 6.º estará um colector com o título de «Chefe de trezena» competindo-lhe principalmente:

1.º — receber mensalmente os números necessários da Voz da Fátima e distribuí-los aos Cruzados da respectiva trezena;

2.º — cobrar as cotas mensais e enviá-las de quatro em quatro meses, por si ou por meio do Delegado Paroquial, ao Director Diocesano da Pia União.

Art.º 13.º — Em cada Diocese, ficará metade do produto das cotas cobradas no respectivo território e a outra metade será remetida à Comissão Nacional Executiva a que se refere o art.º 9.º.

§ 1.º Das quantias que ficarem em poder de cada Diocese serão deduzidos 10%, que serão sempre empregados na celebração de missas pelas intenções constantes do art.º 2.º e o restante será entregue à Junta Diocesana da Acção Católica para os fins consignados no artigo 3.º n.º V.

§ 2.º Das quantias recolhidas pela Comissão Nacional Executiva serão deduzidas as despesas gerais da sua administração, e o restante será entregue à Junta Central da Acção Católica para os fins consignados no art.º 3.º n.º III alínea *B)* 1.º e N.º IV.

Art.º 14.º — Os Conselhos Diocesanos, depois de terem prestado todos os anos contas da própria administração ao seu Ex.mo Prelado, enviarão à Comissão Nacional Executiva um balancete de receita e despêsa da sua gerência.

Art.º 15.º — A Comissão Nacional Executiva prestará também todos os anos contas ao Ex.mo Senhor Bispo de Leiria do modo como foram administradas e distribuídas as quantias recebidas.

CAPITULO IV

Disposições gerais

Art.º 16.º — A Pia União poderá estender a sua organização e actividade específica a tôdas as Dioceses do Continente e Ilhas adjacentes.

Art.º 17.º — A Pia União não poderá ser extinta nem os seus Estatutos modificados sem a prévia anuência de todos os Ex.mos Prelados Diocesanos do Continente e Ilhas.

Art.º 18.º — Em nenhuma Diocese do Continente e Ilhas adjacentes, poderá ser fundada outra obra análoga à Pia União, «Cruzados de Nossa Senhora da Fátima» que tenha o mesmo título, fim ou instituto.

Art.º 19.º — As associações que, ao presente, existirem nas Dioceses do País e tenham por objecto a devoção a Nossa Senhora de Fátima serão dentro de dois anos integradas nesta Pia União.

Art.º 20.º — Os associados da «Confraria de Nossa Senhora da Fátima» passam para a Pia União «Cruzados de Nossa Senhora da Fátima» e os remidos ficam gozando de tôdas as graças e privilégios desta.

§ único — Os estranjeiros com residência fora do território nacional podem formar núcleos sujeitos a um regimen particular devidamente aprovado gozando todavia de tôdas as graças e privilégios desta Pia União.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte	434 561$24
Papel, comp. e imp. do n.º 139 (55.000 ex.)	2.810$50
Franquias, embal. transp. etc.	1.351$45
Na Administração	83$00
Soma	438 806$19

Donativos desde 15$00:

Arminda Azevedo — V.ª N.ª de Famalicão, 16$65; Manuel Araújo Correia — Matozinhos, 100$00; Maria Isabel Russo — Cab. de Vide, 25$20; Dr. Roberto Monteiro — Calheta, 20$00; M.ª Pires Vicente — Lisboa, 20$00; *P.e M.el Azevedo Mendes — Brasil, 550$00;* Casa de Trabalho de S. José — Laveiras, 50$00; M.ª José Gomes — Recarei, 50$00; Distrib. em Vila Nova de Foscôa, 30$00; Dr. José Malheiro — Madeira, 20$00; esmolas por intermédio de Cassiano Leal, 70$00; P.e José A. Vieira — Pinheiro, 25$00; Narcisa Ant. Vieira — Vieira do Minho, 100$00; Celeste Baptista — N.º 7061, 20$00; António V. Ramos — n.º 8410, 20$00; Henriqueta Tadeu — Almeida, 15$00; Francisca Borges Freitas — Coimbra, 20$00; Clória Esquível — Mourão, 25$00; Leopoldina Curado — Óbidos, 25$00; Distrib. na Igreja da Misericórdia — P. do Varsim, 173$00; Distrib. na Igreja de Terroso, 62$00; Glória Costa — P. do Varzim, 15$00; *Sr. Bispo do Funchal,* 568$20; Maria R. Ramalho — Monforte, 20$00; Porfírio Gonçalves — Lisboa, 15$00; Distrib. em Criação Velha — Pico, 120$00; Maria Macedo — S. Bento, 20$00; Distrib. em S. Domingos, 23$20; Elvira Ramos — Terceira, 30$00; Clara da Fonseca Correia — Varziela, 100$00; *P.e Mel António Dourado — Lubango,* 540$00; Deolinda Pinto — Avintes, 20$00; Manuel Pinto — Avintes, 15$00; Maria Odine — Pôrto, 20$00; Luís V. Pacheco — Coimbra, 15$00; José Coelho Cachola — Patã, 30$00; José Agostinho — Boliqueime, 20$00; Carmelita Trindade — Funchal, 15$00; Narcisa Pinheiro — Pôrto, 20$00; José Andrade — Coimbra, 20$00; Elias Machado — Guimarães, 50$00; Duarte de Oliveira — Alemquer, 20$00; António Emídio — Moita dos Ferreiros, 20$00; Francisca Brum — Açores, 20$00; Júlia Bulcão — California, 15$00; Glória Grilo — Mondim de Basto, 30$00; assinante da California (por intermédio de Palmira Mesquita — Açôres), 1 dolar; M.ª Leal Piedade — Vila do Conde, 20$00; Germano Salgado, esc. 200$00; Distrib. no Ramalhal, 30$00; Distrib. em Válega, 197$50; Anónimo de Ovar, 20$00; Distrib. no Azilo de S. Isabel — Faro, 70$00; P.e Raúl Camacho — Macau, 35$65; Francisco Camacho — Bandeiras, 35$65; Evelina Lima — Açôres, 35$65; P.e Domingos Fragoso — Brasil, 200$00; Distrib. em Avanca, 100$00; Ester Rodrigues — Lagoa, 20$00; Maria Adelaide — Pôrto, 50$00; Distrib em Arganil, 110$00; M.ª Augusta Baldo — América, 41$60; João Angeja — Vagos, 64$80; *Distrib. na freg.ª do Socôrro — Lisboa,* 600$00; Marcolino Jacinto — Lisboa, 20$00; Emília da Silva — Proença-a-Velha, 20$00; Henriqueta Morais — Lisboa, 15$00; Domingos António — Brasil, 20$00; Josefa de Jesus — Casais Robustos, 120$00; Joaquina Alves — Cast. de Pera, 32$50; Guilherme Pacheco — Vila Flôr, 20$00; Rosa Herdeira de Jesus — S. Vic.te de Pereira, 105$20; M.ª Filomena Miranda — S. Tirso, 15$00; Distrib. em S. Sebastião da Pedreira, 39$00; Margarida M.ª Pereira — Pôrto, 20$00; Teresa Veigas — Gouveia, 20$00; M.el dos Santos Júnior — Lisboa, 50$00; M.ª do Rosário Cunha — Viseu, 20$00; Ant.º Martins Almeida — Arganil, 20$00; António Rodrigues — Monção, 15$00; José Barreto Garcia — Tôrres Vedras 100$00; Distrib. em Alcácer do Sal, 25$00; Soledade Silva — California, 2 dolares; Directora do Hospital de Alpedrinha, 100$00; M.ª Brito e Cunha — Lisboa, 15$00; Filomeno Francisco — Damão, 30$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 25$00; Álvaro Guimarães — Angola, 15$00; P.e Bernardino Ribeiro, — 40$00; M.ª Amélia Zuzarte — Veiros, 20$00; Distrib. em Estremoz, 83$50; Francisco Louro — S. Suzana, 20$00; Ana Gomes — Fornos d'Algôdres, 15$00; Eloísa Miramon — Estremoz, 50$00; Almerina Aleu — M.te Estoril, 30$00; Emília Lopes Marinho — Castelo, 40$00; Emília Polónia — Pôrto, 20$00; P. Ant.º Campos — Ega, 15$00; Distrib. em Paião, 135$00; Candida Meireles, — Gaia; 50$00; Izabel Vieira — Assenta, 30$00; António Nogueira — Casconha, 20$00; Distrib. em Monforte, 20$00.

AVISO

De novo avisamos os devotos de Nossa Senhora de Fátima que não deem atenção nem se deixem ludibriar por escrocs que fazem subscrições ou aliciam sócios para hoteis, sociedades, etc. a estabelecer em Fátima.

Ainda que exibam pretendidos títulos nobiliárquicos, não acreditem neles.

As únicas subscrições até aqui autorizadas são as: da Capela monumento das Aparições, as da banqueta manuelina e as dos Cruzados, levando as listas o selo branco do Santuário.

Artigos religiosos

Os peregrinos da Fátima encontrarão à entrada da Avenida Central, já dentro do recinto murado, duas casitas onde podem comprar artigos religiosos que ali estão à venda por conta do Santuário.

*

O Sr. António Rodrigues Romeiro é a pessoa encarregada pelo Santuário de mandar pelo correio os pedidos de artigos religiosos, livros sôbre Fátima ou água do Santuário.

LIVROS EM PORTUGUÊS SOBRE FÁTIMA

Podeis comprar no Santuário os seguintes livros:

1.º — Oratória-Fátima	20$00
2.º — As grandes Maravilhas de Fátima	10$00
3.º — Fátima, o Paraíso na terra...	5$00
4.º — A pérola de Portugal...	5$00
5.º — Fátima, a Lourdes Portuguesa	5$00
6.º — Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica ...	5$00
7.º — Manual do Peregrino...	3$00

N. B. Mandam-se pelo correio a quem junto ao pedido enviar a respectiva importância, enviando-se também à cobrança a quem assim o desejar.

GRAÇAS DE N. SENHORA DA FÁTIMA

Tumor

Depois de alguns anos de longo sofrimento, pois sofri graves hemorragias e grande dificuldade na respiração, recorri a alguns médicos do Pôrto sem todavia ter obtido resultado algum sensível. Esta cruel situação prolongou-se por muito tempo fazendo-me desanimar muito.

A certa altura apareceu-me um tumor nas fossas nazais. Consultei alguns médicos da terra e por fim parti para Braga a ver se lá consegia a cura desejada. Consultei lá vários médicos que, sentindo-se impotentes para me darem o remédio eficaz opinaram que, sem demora, devia partir para Lisboa. Chegada lá, entrei no Instituto do Cancro onde, por meio de vários tratamentos obtive algumas melhoras, podendo voltar à minha terra daí a algum tempo.

Aproximadamente dois anos depois o mal tornou a agravar-se, mas achando-me impossibilitada de ir a Lisboa por causa doutros sofrimentos recorri a Nossa Senhora da Fátima fazendo em sua honra duas novenas e tomando todos os dias uma gotinha de água do seu Santuário.

O auxílio da Boa Mãe do Céu não se fêz esperar, pois ao terminar a segunda novena senti-me bem, não sentindo mais até agora vestigio algum de tão grandes sofrimentos!

Joane — Famalicão.

Gracinda Lopes de Campos

Tuberculose

Há cêrca de três anos adoeceu gravemente meu marido Narciso Cordeiro. Durante nove meses andou em tratamento com um médico, mas não obteve resultado algum apreciável. Consultando mais dois médicos, um do Bombarral e outro de Alcobaça recebeu dos dois o desanimador desengano de que não valia a pena voltar lá, de que podia comer de tudo, mas, que me acautelasse eu muito e que apartasse tôdas as louças e roupas de que meu marido se servisse.

Vendo-nos assim tão desanimados, fizemos a promessa de irmos a Fátima todos os meses durante um ano e de mandar publicar a graça da cura se Nosso Senhor se dignasse conceder-no-la por intercessão da Mãe do Céu.

Sem outros remédios além da intercessão de Nossa Senhora, pois deixámos todos os medicamentos, meu marido começou logo a experimentar sensíveis melhoras, e hoje, graças a Nossa Senhora da Fátima, encontra-se completamente bem sem outros medicamentos além da virtude celeste da intercessão a Nossa Senhora da Fátima.

Pôrto de Mós — Corredoura

Maria José Silva

Dores de estômago

Havia dez anos que vinha sofrendo dores horríveis no estômago sem que a medicina, cuja eficácia procurei conseguisse aliviar-me de tão torturante martírio.

Entretanto tive a felicidade de ler na «Voz da Fátima» a descrição de algumas graças alcançadas por intercessão de Nossa Senhora em doenças semelhantes à minha. Lembrei-me então de recorrer também eu a Nossa Senhora da Fátima que talvez me curasse a-pezar-da minha indignidade. Neste sentido principiei uma novena em sua honra e em cada um dos dias dessa novena bebia um pouco da água do Santuário.

Por mercê de Deus e protecção de Nossa Senhora, a minha súplica foi ouvida, pois ao terminar a novena cessaram as dores de estômago que tanto me haviam atormentado.

Passaram já quási dois anos após a concessão desta graça sem que nunca mais semelhante mal voltasse a incomodar-me.

Rio Meão

Maria Ferreira de Barros

Graças diversas

— *Sara de Jesus Costa* — Geraldes, deseja agradecer a cura de uma sua irmã. Esta, depois de em sua terra ter sofrido muito da vista, foi para Lisboa a ver se conseguia a cura. Esteve lá três mêses, mas o mal, longe de diminuir, aumentava cada vez mais. Sem esperança já de alcançar a sua cura por meio da ciência humana, resolveram fazer uma novena a N.ª S.ª da Fátima em seu favor.

O resultado porém foi muito superior ao que se esperava, — dois dias antes de terminada a novena chega a casa essa irmã já completamente bem!, favor que não podemos atribuir senão à intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *Ema Barata* — Gondra, diz ter tido uma tal fraqueza cerebral que, a continuar assim, em pouco tempo a levaria à demência. Não podia tolerar companhia alguma procurando só o isolamento, o que enchia de mágua seu marido e seus filhos. Invocando em seu favor o auxílio de N.ª Sr.ª da Fátima, alcançou a libertação do tão triste mal.

— *Joaquim Luís dos Reis* — Viseu, agradece a Nossa Senhora o tê-lo libertado de um grave sofrimento de estômago. Rebelde a todos os medicamentos desapareceu depois da intercessão a Nossa Senhora da Fátima.

— *Aurora da Conceição Formigo Antunes* — Alhandra, pede para aqui ser publicada uma graça extraordinária concedida a sua prima Maria das Dores Formigo Costa.

Um tumor no peito causou-lhe sofrimentos horríveis, exalando do tumor um cheiro nauseabundo. Êste estado manteve-se durante muito tempo. Por fim, cansada de sofrer e desanimada da medicina, fizera com pessoas amigas uma novena a Nossa Senhora da Fátima alcançando a cura completa ainda antes de terminar a novena.

— *Consuela Dias* — (Espanhola) e residente no Pôrto, diz o seguinte: Há 21 anos que estou em Portugal, e há 16 que sofria duma hérnia. Usei funda durante muito tempo. Os médicos diziam que era indispensável uma operação para obter a cura. Ainda fui ao Hospital de S. António — Pôrto, para ser operada, mas, não o podendo ser na ocasião, encomendei a minha cura a Nossa Senhora da Fátima, e passados alguns dias, os médicos declararam-me curada, sem que a operação tivesse sido feita! Mil louvores sejam dados a Nossa Senhora da Fátima.

— *Sara Sebrosa Reis* — Alcantara, tendo alcançado por intermédio de Nossa Senhora da Fátima a cura de uma doença impertinente que molestava uma sua irmã, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima o favor da cura alcançada.

— *Maria José Alves da Silva* — Ribaldeira, vem agradecer a cura de seu marido. Os médicos não dando com a doença de que êste sofria, desenganaram-no de que pudesse alcançar a cura. Fizeram então diversas promessas a Nossa Senhora da Fátima e, no espaço de pouco tempo, obtiveram a cura desejada.

— *Conceição Valada* — Sobreiro, veio ao Santuário cumprir uma promessa em acção de graças a Nossa Senhora da Fátima. Em conseqüência dum ataque que teve em 1930 ficou tolhida da parte direita e depois duma promessa feita por sua irmã a Nossa Senhora da Fátima obteve ràpidamente o regular funcionamento de todo o seu corpo.

— *Manuel P. da Rosa* — California, diz o seguinte: «Olivia Costa da Rosa, teve seu marido gravemente doente. Era assistido por quatro médicos sendo todos de opinião de que a doença era incurável, e que êle poucos dias de vida poderia já ter. No meio de tal aflição, lá da longinqua California voltou-se para Nossa Senhora da Fátima obtendo no mesmo dia um frasquinho com água do Santuário, e, apenas a começou a tomar começou a sentir-se melhor!

Passou já mais dum ano, e as melhoras têm-se confirmado, sentindo-se já completamente bem.

Banqueta manuelina de prata

a oferecer a Nossa Senhora da Fátima como homenagem de Portugal

Foram constituídas as seguintes Comissões:

Em Lisboa — com aprovação e Bênção de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca:

Ex.mas Snr.as Duqueza de Palmela, Condessa de Sabugosa e Murça, D. Teresa Lobo de Almeida de Vilhena, Condessa de S. Tiago, D. Maria Luísa de Vilhena Magalhães Coutinho da Câmara.

No Pôrto — Ex.mas Sr.as: Viscondessa de S. João da Pesqueira, Condessa de Alpendurada, Condessa de Aurora, Condessa de Campo Bello, Condessa das Devesas, Condessa de Lumbrales, D. Albertina de Lemos Peixoto, D. Inês van Zeller Guedes Pereira Cabral, D. Margarida Pinto de Mesquita, D. Maria Ana de Melo Vaz de Sampaio, D. Maria Beatriz do Vale Cabral, D. Maria Cecília Reis de Miranda Castro Guimarães, D. Maria das Dores Ribeiro de Faria Leite Ferreira Pinto, D. Maria Inês da Silva da Fonseca de Melo Vaz de Sampaio, D. Maria Isabel de Figueiredo Cabral Pinheiro Tôrres, D. Maria José Guimarães Pestana Leão, D. Maria José van Zeller Guedes Albuquerque.

(Os donativos devem ser enviados à Ex.ma Sr.ª D. Margarida Pinto de Mesquita — R. dos Mártires da Liberdade, 308 — Pôrto.

CRUZADOS DE FÁTIMA

Para os primeiros cem mil!

Uma onda de entusiasmo se sente já de um extremo ao outro do país agitar a consciência católica! Por tôda a parte, à voz de reünir, despertam energias, surgem dedicações, formam-se numerosos grupos de trezenas de *Cruzados de Fátima* que nos fazem esperar, que não tardará o dia em que possamos festejar o alistamento do 100.000.º *Cruzado!*

Êste número da *Voz da Fátima* será distribuído naquele local bemdito, quando lá estiver reünida a massa imponente dos peregrinos, que em maio sobretudo costuma atingir proporções colossais. Que boa ocasião para que nem um só dos peregrinos de Fátima deixe de meditar um pouco, por uns instantes, no que será a Acção Católica em Portugal, quando uma massa assim de católicos souber unir-se, não só num dia de festa, mas permanentemente, para atestar duma maneira prática, contínua, fecunda, aquilo mesmo que ali vai afirmar num dia de peregrinação: o seu amor de Deus, a sua devoção à Virgem, a sua fidelidade à fé, a sua dedicação à Igreja!

É contemplar êste mar humano que em 13 de maio encherá a *Cova da Iria* do estrugir dos seus cânticos!

Serão cem mil almas, mais ainda, a vibrar uníssonas, movidas pela mesma fôrça interior, dominadas pelos mesmos sentimentos, irmanadas na mesma fé! Para irem ali, para formarem por poucas horas, essas massas profundas, que sacrifícios, que despesas, que riscos, em viagens, algumas bem longas!

Pois bem: que todos os peregrinos que em Fátima, no dia 13 de maio próximo, sentirem a sua alma consolada por aquêle espectáculo de fé, pela aglomeração de tantos milhares de pessoas junto do altar de Fátima, espectáculo que a tantos olhos leva, como temos visto, lágrimas de santa consolação, — que todos lá pensem... nos que lá não estão, nos que ainda vivem longe das nossas manifestações de fé, porque lha deixámos perder, porque não soubemos a tempo opôr propaganda a propaganda, porque os deixámos sem amparo quando por todos os meios os inimigos de Deus, com o *Vintém das Escolas*, andaram por tôda a parte juntando os meios com que espalharam de graça jornais, folhetos e livros de combate às nossas crenças!

Era um *vintém* — no tempo dos *vintens!* Era uma cota ridícula, mas o mal foi grande, o mal foi imenso, porque muitos milhares de vintens, transformados em muitos milhares de folhas sôltas arrancaram a Deus muitos milhares de almas!

Pensem todos os peregrinos de Fátima em Fátima, quando formarem a imensa multidão, que é também ridícula a cota que hoje lhe pedem os *Cruzados* para a reconquista dessas almas! Hoje não há vintens, não há nada que custe um vintém!

Mas que são hoje os vinte centavos da cota mínima dum *Cruzado?* Nada, comparado com o que se dispende cada dia em coisas frívolas, que se podem dispensar.

Mas que será uma união permanente só dos **primeiros cem mil** «Cruzados», quando êsses cem mil 20 centavos se transformarem, por todos os meios — organizações, folhas, folhetos e jornais — em armas para o bom combate, em instrumentos de apostolado, para tornar a trazer à vida da fé tantas almas abandonadas, que vivem como se Deus não tivesse direito a um lugar na sua vida!

E depois... pensem também que êsses cem mil, duzentos mil católicos juntos em Fátima, são uma parcela mínima dos que por todo o país, nas cidades, vilas e aldeias, entram cada domingo nas igrejas a dizer a Deus que o amam, que querem seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu!

Qual é a vontade de Deus na terra senão reinar nos corações? E que fazemos todos nós, que vamos às igrejas, para que êle reine nos corações donde outros, com pequeninas cotas para obras más, O expulsaram?! Nada, se formos egoístas, se formos inactivos, se só pensarmos em nós, se não formos, todos, apóstolos, cada um como lhe fôr possível na situação em que decorre a sua vida.

Mas seja qual fôr essa situação, há hoje êste apostolado da cota mínima, que está ao alcance de todos! Não faz missão em África com os nossos Missionários, quem os sustenta com as suas esmolas? Pois também fará apostolado em fábricas, em escolas, nas cidades, nos campos, quem sustentar as nossas obras com a sua cota de *Cruzado!*

Avante, pois, para **os primeiros cem mil!** Pensem os cem mil que estiverem em Fátima nos muitos mais que lá não forem e saiam de lá com o propósito firme de alistar novos *Cruzados*, de formar novas trezenas, nas suas terras, para que a Acção Católica, bem provida de meios possa ir levar Deus às almas que na sua grande maioria O não odeiam e só O não amam, porque O não conhecem!

Que dóravante nem um único católico, qualquer que seja a sua situação na vida, deixe de interrogar a sua consciência cada mês, dizendo: já contribui com a minha cota mensal mínima, ao menos, de *Cruzado*, para a reconquista das almas para Deus? E ninguém, por muito modesta que seja a sua bôlsa, poderá sentir a consciência sossegada, ninguém poderá sentir a alegria do dever cumprido, se não puder dizer que em tudo quanto fizer a Acção Católica haverá essa parcela mínima do seu contributo mensal!

Juremos em Fátima em 13 de maio:—**Avante! Pelos primeiros cem mil!**

A Pia União dos Cruzados de Fátima não é uma Associação simplesmente boa, como tantas outras: é a mais oportuna e a mais recomendada pelos Senhores Bispos de Portugal e precioso auxiliar da Acção Católica.

PERSEVERANÇA NO TRABALHO

(AOS CHEFES DE TREZENA)

A Pia União *Cruzados de Fátima*, obra auxiliar da Acção Católica Portuguesa, destinada a ser o seu nervo vital, é uma obra que demanda da parte dos seus membros e principalmente dos chefes de trezena, um esfôrço de certo relativamente pequeno, mas contínuo, metódico e persistente.

Todos os empreendimentos dêste mundo, quere os de grande vulto, quere os de somenos importância, reclamam, além da competência e dedicação daqueles que os criam e dirigem superiormente, uma acção maior ou menor, mas sem solução de continuidade, de todos quantos neles colaboram, mesmo exercendo cargos de caracter secundário, em ordem à consecução dos seus objectivos. E até a competência e a dedicação dos chefes, com funções superiores de direcção, por maiores que fôssem, resultariam inuteis, se êsses colaboradores, modestos e obscuros, mas necessários e indispensáveis, deixassem de prestar os seus serviços na medida em que são precisos e reclamados ou os prestassem só com falhas e intermitências.

Como poderia, por exemplo, conseguir os seus fins, desenvolver-se e prosperar, uma fábrica, uma empreza mineira ou uma companhia de caminhos de ferro, se os seus operários e empregados fizessem o trabalho de que estão incumbidos só quando lhes aprouvesse ou então frouxa e morosamente?

Sem dúvida, nestas emprêsas e noutras análogas há um elemento importante que dispõi a vontade a dispender a energia suficiente para a acção exterior exigida. É o salário do trabalhador, é o ordenado do funcionário. É, por outras palavras, o interêsse material. Mas nos Cruzados e sobretudo nos chefes de trezena, ou colectores e colectoras, que devem ser todos pessoas de fé viva e zelosas do bem da Igreja e do bem da Pátria, o interêsse espiritual, tanto próprio como alheio, não há-de ser incomparàvelmente mais eficaz que o interêsse material, de ordem muito inferior, no operário ou no empregado?

Em geral, porém, nas obras católicas, não é a falta de boa vontade, de zêlo e dedicação, que obsta a que elas lancem raizes, progridam e atinjam um alto grau de prosperidade, como, infelizmente, tantas vezes entre nós tem sucedido.

É antes a falta de método e de perseverança que tem como causa o nosso temperamento de meridionais exacerbado pelo sangue árabe que parece ter destilado nêle algumas gotas de indolência e de pèssimismo fatalista.

Urge, pois, que os colectores ou chefes de trezena, encarando a sua função como ela realmente é—uma missão sagrada, avivem a sua fé, excitem o seu zêlo e, reagindo incessantemente contra o defeito inato do nosso temperamento, cumpram os deveres inerentes ao seu cargo com a mais escrupulosa fidelidade e exactidão.

Assim é preciso, porque, embora o esfôrço de cada chefe de trezena, considerado isoladamente, seja insignificante e até mínimo, se assim lhe quiserem chamar, tem contudo uma importância extraordinária, porque, junto aos dos outros chefes de trezena espalhados, aos milhares, às dezenas de milhar, por tôdas as cidades, vilas e aldeias do nosso país, como ténue fio de água unido a muitos outros fios de água igualmente ténues, constituirá, a breve trecho, o grande e caudaloso rio cuja corrente há-de fazer vogar o magestoso navio da Acção Católica Portuguesa.

E, como há-de ser com os recursos materiais fornecidos pela Obra das trezenas que a Acção Católica logrará efectivar o seu maravilhoso plano de acção recristianizador da nossa sociedade tão decadente sob o ponto de vista moral e religioso, dando Deus a Portugal e Portugal a Deus, não pode deixar de atingir elevadas proporções a recompensa concedida na terra e sobretudo no Céu ao esfôrço mínimo de cada chefe de trezena, que contribui com a sua quota parte para uma obra máxima, por Aquêle que prometeu cem por um e a vida eterna a quem desse um simples copo de água por seu amor...

Visconde de Montelo

Todos os dias é celebrada uma missa no Santuário de Fátima pelas intenções dos «Cruzados».

Grupo dos Ex.mos Médicos da Associação Católica dos Médicos Portugueses que tomaram parte nos exercícios espirituais no Santuário da Fátima principiando na tarde do dia 24 de março e terminando na manhã do dia 28 do mesmo mês. Ao encerramento onde foram discutidas teses médico-morais e apresentado o relatório da Associação dos Médicos pelo Secretário Sr. Dr. Henrique Gonçalves, presidiu o Senhor Bispo de Leiria que em seguida celebrou a Santa Missa por alma do Dr. Thomaz de Mello Breyner, 4.º conde de Mafra, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e Presidente da Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

COMO SE ORGANIZAM OS CRUZADOS

1) Em cada paróquia os Cruzados de Fátima devem agrupar-se em pequenos núcleos de treze pessoas denominados «trezenas».

Um dos 13 terá as funções de Chefe da Trezena competindo-lhe:

a) receber mensalmente os números necessários da «Voz da Fátima» (que será o órgão da Pia União e terá uma página especial para os Cruzados) e distribui-los aos cruzados da respectiva trezena;

b) cobrar as cotas mensais (mínima de $20 para os associados ordinários e mínima de $50 para os bemfeitores) dos cruzados da respectiva trezena em troca da «Voz da Fátima» e enviá-las de quatro em quatro meses por meio do Delegado Paroquial (que poderá ser o pároco ou outra pessoa), em vale, cheque ou por mão própria para o Director Diocesano da Obra;

c) escolher, se assim o entender, para facilitar os serviços da trezena, ou ou dois sub-chefes denominados colectores de secção que, sob a sua responsabilidade, terão o encargo de distribuir a «Voz da Fátima» e de cobrar a cota de 3 ou mais cruzados;

2) Para se constituir uma Trezena basta que alguém queira assumir as funções de chefe e comprometer-se a recrutar doze cruzados.

3) Os chefes de trezena deverão dirigir-se ao Director Diocesano da Obra dos Cruzados de Fátima a pedir o número de exemplares da «Voz da Fátima» de que carecem para a sua trezena e indicar, com tôda a precisão, o seu nome e respectivo endereço e os nomes dos cruzados que estão sob a sua direcção com a indicação das cotas que se comprometem a pagar.

4) A cada chefe de trezena será fornecida uma lista para a inscrição dos cruzados que êle deve preencher em triplicado, ficando com um exemplar e fazendo seguir os outros dois, para o Director Diocesano.

5) A cada cruzado será distribuída no acto da inscrição uma patente.

Notícias dos Cruzados

Nos trabalhos de propaganda e organização da Acção Católica realizados no mês passado no Pôrto e em Braga, não foi esquecida a obra dos Cruzados de Fátima que está destinada a ser o mais precioso auxiliar daquele movimento. Em ambas as localidades foram expostas perante auditórios numerosos a necessidade do seu desenvolvimento e a simplicidade da sua organização. Foi grande o interêsse que a obra despertou e começam já a fazer-se sentir os benéficos efeitos da propaganda feita.

A arquidiocese de Braga continua na vanguarda, tendo atingido já o número de 300 trezenas organizadas, com um total de perto de 4.000 cruzados.

A diocese do Algarve tem 16 trezenas com 208 cruzados e mais duas pessoas que se remiram com a quantia de 200$00. Évora tem 11 trezenas com 143 cruzados. Portalegre 4 trezenas com 52 cruzados.

Sobe já a muitos milhares o número de patentes que têm sido requisitadas das várias dioceses.

• • •

Foram nomeados directores diocesanos: Em Coimbra: Dr. Manuel Trindade Salgueiro — Sé Nova — Coimbra.

No Algarve: P.e José Gomes da Encarnação — Rua do Município, 23 — Faro.

Em Beja e Vila Real são os próprios Prelados Diocesanos que directamente se ocupam da organização dos Cruzados.

Ano XII — Fátima, 13 de Junho de 1934 — N.º 141

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica„ R. Santa Marta, 158 — Lisboa Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima„

FÁTIMA, íman das almas e dos corações

(13 DE MAIO)

«Consideremos a humanidade sem as lágrimas de la Salette, sem o sorriso de Lourdes, sem os conselhos de Fátima, por exemplo... Da fé que é que restaria?

Por isso, nada mais natural do que a fúria com que o Inferno procura combater e aniquilar por todos os meios a crença nas aparições.»

(Dr. Luis Wilmet, no seu livro «Beaurain», pag. 270).

O TRIUNFO DA VIRGEM

Magnificat! *Mais uma vez, sôbre o planalto sagrado da Serra de Aire, no augusto santuário nacional de Fátima, que tem por pavimento a charneca estéril e sem fim e por cúpula a amplidão da abóbada celeste, a gloriosa Rainha dos Anjos foi aclamada por centenas de milhar de bôcas, em assombrosas manifestações de fé e piedade, em apoteoses delirantes de amor filial e de santo e ardente entusiasmo...*

Maria vence, Maria reina, Maria impera!

Há dezassete anos, no vasto anfiteatro da Cova da Iria, só se viam a urze agreste e a azinheira brava, sequiosas, enfezadas, raquíticas, brotando a custo por entre os interstícios das rochas, num terreno pedregoso e duro que as geadas do inverno enregelavam e que o sol tisnava na estação calmosa.

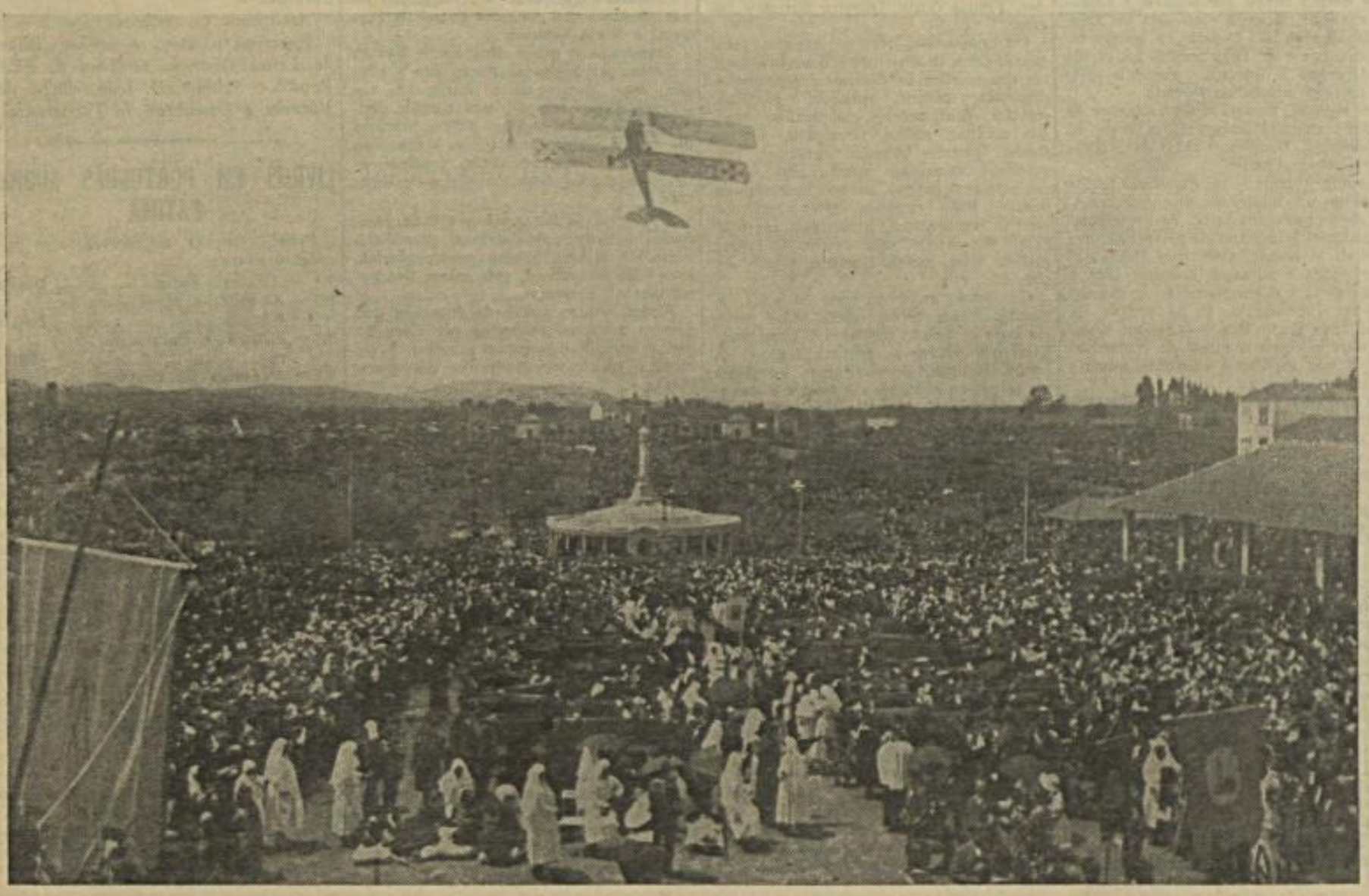
Nem uma só modesta habitação humana com as suas paredes brancas quebrava a monotonia árida e triste da solidão, nem uma só árvore gigantesca erguia para as alturas a sua copa elegante e magestosa, nem um ténue fio de água dessedentava as ervas e os arbustos que aqui e acolá surgiam a medo à superfície da terra, e era raro ouvir-se a voz grave do pegureiro conduzindo o seu rebanho às pastagens ou o canto melodioso das avezinhas pondo uma nota suave de idílio na paisagem áspera e intercalando a estrofe vibrante dum hino de júbilo na toada melancólica e plangente da serra — a elegia eterna dos páramos desertos.

Hoje, como por encanto, o scenário está completamente mudado. Por tôda a parte se elevam edifícios grandiosos e belos, todos os dias e a tôdas as horas os peregrinos acorrem aos pés da Rainha de Fátima para lhe render as suas homenagens, para lhe tributar os seus louvores, para lhe dirigir as suas súplicas, para lhe agradecer as graças impetradas, e, em volta da cidade divina, a cidade das aparições, outra cidade se levanta, como que a defendê-la e a acarinhá-la, dilatando-se e engrandecendo-se para glória de Deus, honra da Virgem, santificação das almas e salvação de Portugal. Ao lado da cidade material e visível está a cidade espiritual e invisível das almas, a Betânia onde Jesus-Eucaristia dá as suas audiências divinas, o Cenáculo onde Maria Santíssima acolhe maternalmente os filhos que a visitam para lhes comunicar o fogo da caridade e do zêlo. São as almas que louvam, adoram e desagravam. São as almas que cantam em hinos de júbilo, são as almas que agradecem em êxtases de amor, são as almas que se mortificam, expiando imoladas sôbre o altar com a Hóstia Divina, os pecados, os grandes e inúmeros pecados de Portugal. Fátima, o maior Santuário do mundo na actualidade, é verdadeiramente o coração da nossa Pátria. É a mística cidade do Rosário, onde a augusta Mãe de Deus concentrou as mais poderosas energias da vida sobrenatural, para que dali irradiassem por tôda a sorte de canais para todos os pontos da terra de Santa Maria e para as diversas partes do mundo.

A fé aviva-se, a piedade propaga-se e acrisola-se, os pecadores convertem-se, os tíbios afervoram-se, os justos santificam-se ainda mais, e, sôbre a face da terra, mercê das orações, penitências e desagravos pedidos pela Virgem e sem cessar oferecidos ao Senhor numa oblação humilde e piedosa, descem a flux, em torrentes incessantes, as mais preciosas graças do Céu, produzindo frutos abundantes e perenes de santificação e salvação.

Maria vence, Maria reina, Maria impera!

VISCONDE DE MONTELO



Um avião militar com a Cruz de Cristo paira sôbre o Santuario e os peregrinos no dia 13 de Maio de 1934

A Grande Romagem

250.000 peregrinos

Todos os anos, nos dias doze e treze de cada mês, desde Maio a Outubro, época correspondente à das aparições, o Portugal crente e piedoso movimenta-se de norte a sul e de leste a oeste, prêso duma atracção poderosa e irresistível, procurando, por assim dizer, o foco da sua vida sobrenatural, o centro da sua vitalidade religiosa, a sua alma e o seu coração — o augusto santuário de Fátima.

Nesses dias é verdadeiramente assombrosa a afluência de peregrinos ao local bemdito das aparições, se a cotejarmos com a dos mais famosos logares de peregrinação do mundo, tendo em linha de conta a dificuldade de acesso a êsse local e a exigüidade da população do nosso país.

Mas, em Maio, nos dias doze e treze, a grande romagem atinge foros de acontecimento, já não só religioso, mas nacional.

Foi o que se verificou mais uma vez no dia treze de Maio último, dia em que o número de fiéis, segundo os cálculos mais exactos, se elevou a cêrca de duzentos e cincoenta mil. Eram pessoas de diversas classes e condições sociais, que se deslocavam de todos os pontos do território pátrio e até do estranjeiro, individualmente, em pequenos grupos ou em peregrinações oficialmente organizadas, e que se faziam conduzir até à Lourdes portuguesa em tôda a sorte de meios de transporte, desde a bicicleta até ao automóvel, desde o combóio até ao avião.

Talvez por coincidirem as datas da peregrinação com dias de sábado e Domingo, teve desta vez a Cova da Iria a maior das concorrências que alí, até agora, se tem presenciado. E isto, a-pesar-da chuva que, durante a manhã e nas primeiras horas da tarde de sábado, caiu repetidas vezes em bátegas fortes e demoradas, entre o fuzilar dos relâmpagos e o ribombar dos trovões, que ecoavam assustadoramente nas cumiadas da serra.

Ao fim da tarde de sábado, começaram a chegar ao local das aparições milhares e milhares de peregrinos. As imediações do recinto sagrado ficaram a breve trecho atulhadas de veículos de todos os géneros, em número que dificilmente se poderia calcular, mas que foi de-certo superior ao dos anos anteriores.

As peregrinações diocesanas de Évora, Beja e Algarve, que eram presididas pelos respectivos Prelados, entraram processionalmente na Cova da Iria.

Depois de rezarem em comum as primeiras orações, dirigiram-se para o interior da grande Basílica em construção, onde Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Beja lhes fez uma eloqüente e tocante alocução.

Juntamente com as peregrinações iam chegando numerosos doentes que os servitas acompanhavam ou conduziam em macas para o Albergue, onde eram acolhidos e tratados com inexcedível dedicação e carinho.

A procissão das velas

Quando as primeiras sombras da noite desciam sôbre a terra, a Cova da Iria era um vasto anfiteatro cheio de movimento e de vida, onde uma multidão enorme circulava em tôdas as direcções, concentrando-se principalmente em frente do Pavilhão dos doentes e da capela das aparições.

Às vinte e duas horas, junto dum microfone, o rev.do dr. Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão-director dos servitas, inicia e dirige a recitação do terço do Rosário que

é feita pelos peregrinos em massa. Seguiu-se a procissão das velas que constituiu uma grandiosa manifestação de fé, duma imponência e deslumbramento indescritíveis. O vasto recinto das aparições converteu-se num lago imenso de luz, num mar fantástico de fogo. Mais de cem mil velas se acenderam de-repente como por encanto e ao mesmo tempo o «Avé de Fátima» saiu de outras tantas bôcas, subindo no espaço e enchendo com a sua melodia suave e piedosa a vasta extensão do recinto sagrado.

O interminável e majestoso cortejo seguiu o itinerário do costume, deslocando-se os fiéis com bastante dificuldade pelas avenidas central e laterais, em virtude do seu número extraordinário. Realizado o longo percurso, as diferentes peregrinações, que levavam à sua frente os respectivos estandartes, regressaram ao Pavilhão dos doentes, junto da igreja da Penitenciaria.

É então que o côro imenso dos peregrinos canta com um entusiasmo fremente, o símbolo da sua Fé, o *Credo*, como uma ária triunfal, como um cântico de vitória, vibrante, sublime, indescritível.

Espectáculo admirável e empolgante que comove até às fibras mais íntimas da alma, mas que só pode compreender e sentir quem tem a ventura de o presenciar!

A adoração nocturna

Já se desvaneceram por completo os ecos dos últimos acordes do Símbolo dos Apóstolos. Principia agora a adoração nocturna. Cerimónia imponente e tocante na sua simplicidade encantadora, em que Jesus, o Divino Rei de Amor, oculto na Hóstia pura, santa e imaculada do Sacrifício Eucarístico, vê humilde e devotamente prostrada a seus pés uma multidão imensa que o ama sincera e enternecidamente, que lhe expõe o longo rosário das suas necessidades espirituais e temporais e que cheia de confiança implora da bondade infinita do seu Santíssimo Coração um sem número de graças, de bênçãos e de misericórdias.

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo de Évora preside ao turno da adoração nacional, que dura desde a meia-noite até às duas horas da madrugada. Assiste também o ilustre e venerando Prelado de Leiria. O rev.do dr. Manuel Marques dos Santos dirige, por intermédio dos megafónios, a recitação em comum do têrço do Rosário.

O venerando metropolita Eborense, antes de cada dezena, explicou ao numeroso auditório o respectivo mistério.

O primeiro mistério glorioso, a ressurreição de Nosso Senhor, constituiu um mistério de glória, e de glória imortal.

O mundo e o inferno cantavam vitória sôbre a sepultura de Jesus, coberta de pesada lousa; então, segundo o que prometera, o Divino Mestre, ressuscitou glorioso e triunfante. Agora também os ímpios riscam o seu nome do livro das leis, expulsam-no das escolas, arrancam-no do coração das crianças e, por fim, tripudiam ao som dum canto de vitória. Mas, depois das vitórias de dezanove séculos, Cristo triunfará mais uma vez.

Ao explicar o segundo mistério glorioso, o Senhor Arcebispo começou por dizer que Jesus, depois de ressuscitar e antes de subir ao Céu, prometeu aos seus Apóstolos a sua protecção e assistência até ao fim dos séculos. Com a alegria do momento, os Apóstolos ficaram inertes, olhando para o Céu, onde se lhes sumira o Mestre, sendo preciso que um Anjo os mandasse a Jerusalém para receberem os dons do Paráclito. Hoje, como então, disse Sua Ex.cia Rev.ma, o Senhor mostra-nos, sorridente, o caminho do Céu... Chama-nos, não para a quietude, para o ócio, mas para a luta, para o sacrifício, para a imolação para a confiança operosa, para realizarmos, com as suas bênçãos, a continuação do seu apostolado na terra. Evocando o quadro da Ascensão, exortou Sua Ex.cia Rev.ma todos os presentes a encherem-se de santo ardor na luta pelos princípios da Acção Católica, em colaboração e sob a dependência da Jerarquia.

O Senhor Arcebispo de Évora começou a explicação do terceiro mistério, historiando a transformação que nos Apóstolos se efectuou após a vinda do Espírito Santo, que os transfigurou e lhes deu um novo ser. A Igreja principiou logo a patentear-se em largos frutos de apostolado. Animados duma fôrça divina, os discípulos levantaram em todo o mundo o pregão da sua fé, de que davam público testemunho. Hoje, como sempre, paira ainda sôbre a Igreja o mesmo sôpro divino. — E, como damos nós testemunho da fé do nosso Mestre? Aqui, neste Cenáculo, convidados por Maria, estão muitos milhares de crentes. Urge, porém, que todos se preparem para a luta pela recristianização de Portugal.

Um dos meios principais de defesa e de ataque é a imprensa, voz que incendeia, facho que inflama.

— E assinais vós o jornal católico, expungindo a vossa casa dos jornais de meias tintas complacentes com as maiores baixezas? Esses focos de imoralidade, boqueirões do Inferno, vivem desafogadamente por vezes à custa do dinheiro dos católicos...

O Senhor Arcebispo de Évora, falando do quarto mistério, afirmou que a morte de Maria Santíssima foi apenas um fechar de olhos às cousas da terra para os abrir às belezas do Céu.

Da sua vida, afirmou Sua Ex.cia Rev.ma, tiramos nós os moldes da nossa, sempre em perfeita conformidade com a vontade de Deus.

O Senhor Arcebispo explicou ainda o significado do quinto mistério — prémio imarcescível da sua vida inteira.

Do seu trono de glória, a Santíssima Virgem exulta com as homenagens que aqui se prestam ao seu Filho. E pregunta-vos: ao partirdes daqui lembrar-vos-eis de mim e do meu Jesus? A vossa resposta será de filial confiança e de promessa fiel. Saiamos daqui a vibrar de entusiasmo, com a alma retemperada para o trabalho por Jesus.

Que esta Hora Santa — da terra e do Céu — marque na nossa vida como que um marco miliário, o início duma nova actividade.

O Senhor Arcebispo de Évora concluiu com um acto de súplica e de reparação. No fim, o rev.do dr. Marques dos Santos, acompanhado pelos fiéis, rezou pelo Sumo Pontífice, pelo Episcopado, pelos Bispos presentes, pela Acção Católica, pelos doentes e pelas intenções dos peregrinos presentes e de todos os que de longe acompanharam, em espírito, os actos da peregrinação.

Ao mesmo tempo que se fazia a adoração nacional na vasta esplanada em frente da Basílica do Rosário, a peregrinação da diocese de Beja assistia na capela do Albergue à adoração presidida pelo seu zeloso e apostólico Prelado.

Em seguida, fizeram diversos turnos de adoração algumas peregrinações, como as de Sesimbra, Bemfica, Caldas da Rainha e Louriçal do Campo.

Durante a noite e no dia seguinte até ao pôr do sol, numerosos sacerdotes ouviram de confissão, na igreja de Penitenciaria, milhares e milhares de peregrinos, ansiosos de se reconciliarem com Deus.

Terminada a adoração nocturna com a bênção geral e o encerramento do Santíssimo no Tabernáculo, já ao romper da manhã, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria celebrou a missa da comunhão geral a que assistiram duzentos servitas de ambos os sexos.

Ao *Communio* receberam o Pão dos Anjos cêrca de vinte e dois mil peregrinos com uma piedade e um recolhimento sobremaneira edificantes.

O número das missas celebradas no dia treze nos diversos altares do Santuário e que principiaram ao romper de alva foi superior a cem.

Os Cruzados de Fátima

Como os leitores da «Voz da Fátima» já sabem pela página dos Cruzados, o venerando Episcopado português fundou há poucos meses uma obra de meios auxiliar da Acção Católica chamada «Pia União dos Cruzados de Fátima».

É uma liga de piedade e de beneficência, destinada, mediante um pequeno sacrifício pecuniário mensal dos fiéis, a subministrar os fundos necessários para fazer face às despesas com as obras importantíssimas da Acção Católica, cujo fim é recristianizar a nossa sociedade paganizada mercê da peste do laicismo, dando Deus a Portugal e Portugal a Deus.

Durante a romagem de Fátima, nos dias doze e treze, um numeroso grupo de *scouts* católicos de Lisboa distribuíram pelos peregrinos pagelas de propaganda da Pia União dos Cruzados de Fátima.

Numa das dependências do Albergue estava instalada uma secção de Chefes de Cruzados que receberam milhares de inscrições.

PEREGRINAÇÃO DE 12 E 13 DE MAIO DE 1934

Os Ex.mos e Rev.mos Srs. Arcebispo de Évora, Bispo de Algarve, Portalegre, Beja e Leiria abençoam a multidão

Os doentes peregrinos

São de-certo os doentinhos, que com tantos incómodos e sacrifícios se deslocam até Fátima, conformados com a santa vontade de Deus, que sabe melhor do que nós o que mais nos convém, se a saúde ou a doença, e cheios de confiança no poder e na bondade maternal da Rainha do Céu, os mimosos, os predilectos, os privilegiados da Virgem bendita, socorro dos enfermos e consolação dos aflitos, no Santuário das suas graças e das suas bênçãos mais preciosas e mais escolhidas. Foi extraordinária a afluência dêsses pobresinhos que, muitos deles desenganados da sciência dos homens, só esperavam o remédio dos seus males ou o doce bálsamo do confôrto e da resignação cristã do poder de Deus e da piedade de sua Mãi Santíssima.

No Posto das verificações médicas prestaram serviço, criteriosa e desveladamente, àlém do director, sr. dr. Pereira Gens, os srs. drs. Luz Preto, Gregório Lages, Vaz Serra, Avezedo Antunes, Casimiro Dias, Weiss de Oliveira, Eurico Lisboa, Pereira Coutinho, Augusto Mendes, Freitas Costa, Oliveira Barros e outros.

Do respectivo livro de registos constavam cêrca de duzentos e quarenta doentes que sofriam de diversas enfermidades: dispepsia, cancro, epilepsia, paralisia, sciática, psico-nevrose, tuberculose, sinusite maxilar, sistite, nevropatia, artrite, flebite, gastrite ulcerosa, cataratas, reumatismo, anquilose, insuficiência cardíaca, cólicas hepáticas, surdez, bronco-pneumonia, lesão cardíaca, artério-esclerose, nevrite reumatismal, hemorragia cerebral, apoplexia, osteíte, osteo-artrite do joelho, mal de Pott, ascite, hepatite, bóssio, astite, etc., etc.

Um pouco antes do meio-dia solar, os doentes foram transportados pelos servitas para o recinto fronteiro à larga escadaria que conduz ao pórtico principal da futura Basílica, onde ficaram instalados em macas ou sentados em bancos e defendidos dos raios solares por pequenas cobertas de lona.

A essa hora, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se venera na santa capela das aparições, foi levada precessionalmente para o altar campal armado em frente da Basílica.

Tomaram parte na procissão muitas peregrinações com as suas bandeiras e estandartes, entre as quais as de Bemfica, Alfama, Santos-o-Velho, Tôrres Novas, Pucariça, Águim, Arieiro, de Coimbra, Louriçal de Campo, Pôrto de Mós, Coruche, Faro, J. C. F. de Faro, S. Estevão de Pussos, Casal Velho de Alfaizerão, S. Pedro do Rêgo, da Moita, Emprêsa de Cimentos de Leiria, Ribamar, Vila Nova de Miranda do Corvo, Arega, Alcobertas, Vimeiro de Alcobaça, Paranhos, do Pôrto, Santa Marinha dos Olivais, Filhas de Maria da Póvoa de Lanhoso, Farminhão, Sesimbra, Misericórdia do Pôrto, Carapinheira do Campo, Portalegre, S. Estevam de Alfama, Albergaria dos Doze, Tôrres Vedras, Matozinhos, etc.

Na vasta esplanada que se estende em frente da escadaria da Basílica do Rosário aglomerava-se uma multidão enorme de peregrinos, num total aproximado de duzentos e cincoenta mil.

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo do Algarve celebrou a missa dos doentes.

A *Schola cantorum* do Seminário Episcopal de Leiria, proficientemente ensaiada, cantou a primor, acompanhada pelos peregrinos a bela e piedosa missa «de Angelis».

Ao Evangelho Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Beja dirigiu aos fiéis uma eloqüente alocução.

Há dezassete anos, princípiou o venerando Prelado, que o logar bendito de Fátima foi visitado por Nosso Senhora. Desde então, sôbre Portugal inteiro, tem caído um Pentecostes de graças e de bênçãos. Por tôdas essas dádivas, a gratidão dos portugueses para com a Mãi do Céu tem-se acentuado num *crescendo* admirável. Assim não há em Portugal uma igreja sem um altar de homenagem à Virgem.

Nossa Senhora quere firmar em Portugal a sua realeza. Que ela continue a estender o seu manto de protectora sôbre esta terra que é sua.

O ilustre Prelado referiu-se depois à evolução que a vida religiosa está atravessando, na preparação do movimento que dará a Portugal uma fé sentida e vivida por meio da Acção Católica. Exortou os fiéis presentes a tomar logar nas milícias de Cristo, explicando a organização e finalidade da Pia União «Cruzados de Fátima».

Concluiu renovando a consagração da sua diocese e das restantes do sul de Portugal a Nossa Senhora.

Terminada a missa, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo de Évora deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes. Como sempre, esta tocante cerimónia fêz chorar aquêles pobres mártires de tantos sofrimentos físicos e comoveu igualmente os circunstantes, vendo-se os olhos de muitos deles marejados de lágrimas.

As invocações feitas pelo rev.do dr. Marques dos Santos, emquanto se procedia à cerimónia da bênção, eram acompanhadas, num côro formidável, pela massa dos peregrinos ali presentes.

Vieram quatro aviões da Amadora que fizeram graciosas evoluções por cima do recinto sagrado e lançaram ramos de flores sôbre o padrão comemorativo das aparições.

Concluindo a cerimónia, o venerando Prelado deu a bênção eucarística a todos os peregrinos.

Realizou-se depois a procissão final, rematada com o «Adeus à Virgem», apoteótica manifestação de fé, espectáculo indescritível de piedade e beleza inexcedíveis.

Efectua-se então a debandada geral.

Os peregrinos, saüdosos dos dois dias de maravilha passados naquele lindo cantinho do Céu que é a Cova da Iria e com as suas almas cheias de suaves e santas emoções, regressam uns após outros, a pé, a cavalo, em carro, pelo caminho de ferro, de automóvel ou *camionnette*, utilizando todos os meios de transporte antigos e modernos, aos seus lares distantes, onde vão transmitir àqueles que não puderam ir a Fátima as novas ansiosamente esperadas da terra sagrada da Virgem, terra de graças e de milagres, e as impressões gratíssimas e inolvidáveis das imponentes manifestações de fé e piedade da grande peregrinação nacional.

Notas várias

Na última quinzena de Abril realizou-se no Santuário de Fátima o retiro espiritual dos venerandos Prelados portugueses, faltando apenas os de Lamego por doença e o de Ossirinco por motivo de serviço urgente e inadiável.

Nesse mesmo mês, e precisamente por ocasião do retiro dos Ex.mos Prelados, visitou a Lourdes portuguesa Mons. Aires Franklin de Sá, cónego da Sé de Goa e Guardião oficial do Corpo de S. Francisco Xavier, o grande apóstolo das Índias.

Entre muitas altas personalidades que no dia treze estiveram na Cova da Iria, notou-se Sua Ex.cia o Senhor Ministro do Interior em viagem particular e na companhia apenas de sua Espôsa e de seus filhos.

Nos dias doze e treze o serviço de trânsito foi dirigido por uma fôrça da G. N. R., comandada pelo tenente sr. Francisco Varela, que há muitos anos regula admiràvelmente êsse serviço que é tão delicado como difícil pelas condições especiais em que se realiza.

Como medida de segurança contra os gatunos que costumam praticar as suas proezas durante as peregrinações a Fátima, e especialmente na Cova da Iria, foram requisitados alguns agentes da P. I. C., que prenderam em flagrante oito cadastrados, que foram conduzidos para o Pôrto, onde deram entrada no Aljube.

Visconde de Montelo

VISITA ILUSTRE

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Madrid-Alcalá

De regresso de Lisboa aonde fôra assistir ao 1.º Congresso Nacional da J. C. F. Portuguesa esteve na Fátima e em Leiria hóspede de S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo de Leiria o Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Leopoldo Eijo y Garay, Venerando Bispo de Madrid-Alcalá.

S. Ex.cia que é um dos melhores oradores de Espanha e dotado de vastíssima cultura retirou-se maravilhado com o gôsto e beleza das obras da Fátima principalmente da igreja prometendo vir brevemente em peregrinação com um grupo de peregrinos Madrilenos.

Acompanhava o Snr. Bispo de Madrid o seu secretário Rev.º Cónego D. Amador Vasquez Cambón.

Seguiram de automóvel no dia 21 em direcção à fronteira de Valença.

RETIRO ÀS SENHORAS SERVITAS

A principiar no dia 19 de maio, terminando a 23, realizou-se no Santuário o costumado retiro às Senhoras Servitas.

Assistiram 52 senhoras.

Encerrou o retiro o Senhor Bispo de Leiria asistindo também S. Ex.cia Rev.ma o Senhor D. João, Bispo de Vatarba e Coadjutor do Patriarcado.

LIVROS EM PORTUGUÊS SOBRE FÁTIMA

Podeis comprar no Santuário os seguintes livros:

1.º — Oratória-Fátima	20$00
2.º — As grandes Maravilhas de Fátima	10$00
3.º — Fátima, o Paraíso na terra	5$00
4.º — A pérola de Portugal ...	5$00
5.º — Fátima, a Lourdes Portuguesa	5$00
6.º — Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica	5$00
7.º — Manual do Peregrino ...	3$00
8.º — Nossa Senhora da Fátima	10$00

N. B. Mandam-se pelo correio a quem junto ao pedido enviar a respectiva importância, enviando-se também à cobrança a quem assim o desejar.

Artigos religiosos

Os peregrinos da Fátima encontrarão à entrada da Avenida Central do Santuário, já dentro do recinto murado, duas casitas onde podem comprar artigos religiosos que ali estão à venda em favor do Santuário.

•

O Sr. António Rodrigues Romeiro é a pessoa encarregada pelo Santuário de mandar pelo correio os pedidos de artigos religiosos, livros sôbre Fátima ou água do Santuário.

GRAÇAS DE N. SENHORA DA FÁTIMA

Escarlatina

(Uma carta dirigida à Voz da Fátima diz o seguinte:

«A nossa Senhora da Fátima o meu eterno agradecimento, pela cura de *Escarlatina aguda*, graça concedida mediante a água do Santuário de Nossa Senhora da Fátima, agua que tomei durante nove dias. Excluindo totalmente os meios da medicina, até ali observados, ùnicamente devo atribuir a minha cura à intervenção de N.ª Senhora a quem recorri devotamente, depositando nela a máxima confiança, como em nossa Mãe que o é.

Rogo o favôr da publicação desta graça no jornal intitulado «Voz da Fátima.»

Varatôjo — Tôrres Vedras

Daniel da Cruz Santos Costa

Meningite

(Em carta de 1 de Agosto, dizem-nos do Funchal o seguinte:)

«O ano passado pelo mês de Março adoeceu uma minha filhinha de apenas 6 mêses de idade. Consultei um médico que declarou ser uma interite e prescreveu o tratamento costumado contra tal doença.

Mas, a-pezar-de tratarmos a querida doentinha com todo o desvêlo, a doença agravava-se gradualmente a ponto tal de julgarmos a todo o instante que minha filha estava prestes a morrer. Consultámos um outro médico, e êste declarou tratar-se duma *meningite* e que não havia já cura possivel atendendo ao adeantado da doença e à tenra idade da criança que, se escapasse ficaria pelo menos defeituosa.

Vendo assim a minha filhinha condenada à morte, recorri a Nossa Senhora da Fátima prometendo que se minha filha melhorasse o seu primeiro passeio seria à Capelinha de Fátima edificada aqui na Madeira há poucos anos ainda, e que publicaria esta graça no seu jornalzinho.

Passados alguns dias, lembrei-me de pedir água do Santuário da Fátima. Indaguei quem a teria, até que consegui descobrir quem me cedeu alguma. Dei uma colherzinha dela a beber à minha querida doente deitando-lhes também algumas gotas sôbre a cabêça, fazendo isto várias vezes, sobretudo quando lhe davam os ataques.

No fim de algum tempo, com grande admiração de todos e do próprio médico, a minha Maria de Lourdes começou a melhorar até que ficou completamente curada e sem que nela se note haver defeito algum!

Já fui à nossa Fátima Madeirense cumprir a minha promessa faltando-me publicar na *Voz de Fátima* esta graça imensa que a Virgem Santíssima se dignou conceder-me e que nunca esquecerei em tôda a minha vida.»

Funchal.

Ermelinda Maria Martins

Graças diversas

— *Joaquim António Roque* e sua espôsa, de Aveiras de Cima, agradecem a Nossa Senhora da Fátima diversas graças que alcançaram do Céu por intermédio de tão bôa Mãe.

— *Judith Fernandes*, do Alandroal, diz o seguinte: «venho publicamente testemunhar a gratidão de que sou devedora a Nossa Senhora da Fátima por graças grandes que alcancei para mim e minha família por sua maternal intercessão.»

— *P.e António Joaquim Terêncio* — Olival, pede para que aqui seja testemunhada a gratidão de uma sua paroquiana que por intermédio de Nossa Senhora da Fátima alcançou um favor do céu.

— *Maria Pia da Cunha* — R. das Janelas Verdes—Lisboa, agradece a Nossa Senhora da Fátima o tê-la curado dum mal muito grave que durante muito tempo a molestou.

— *Izabel de Jesus*, da Guarda, diz o seguinte: «peço a publicação de mais uma graça que N. Senhora da Fátima acaba de alcançar em benefício de uma minha amiga que sofria de diversas doenças».

— *António Garrett D. de Freitas* — Lubango, deseja agradecer aqui a Nossa Senhora da Fátima uma graça temporal que por sua intercessão alcançou.

— *José Filipe*, de Maceira, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a saúde para um seu filho que durante muito tempo esteve gravemente doente.

António Rodrigues Antunes — Lisboa, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal concedida a uma pessoa de sua amizade.

— *Maria da Assunção Reis* — Pampilhosa da Serra, diz: « tendo pedido uma graça a Nossa Senhora da Fátima com a promessa de a publicar, e tendo-me sido concedido o que pedi, venho agradecer à Santíssima Virgem tão grande favor.

— *Maria e António Sousa* — Mapuçá — Gôa, intimamente reconhecidos agradecem a Nossa Senhora o ter-lhes alcançado saúde para sua mãe que esteve prestes a morrer sofrendo dores horríveis.

— *Maria Carolina Correia Mendes*, diz ter estado gravemente doente no Hospital de Luanda, e que só obteve a saúde depois de se ter entregado à maternal intercessão de Nossa Senhora da Fátima, a quem agora deseja publicamente agradecer.

— *José Pereira Novo* — Tôrre, agradece a Nossa Senhora da Fátima algumas graças que lhe foram concedidas.

—*Mariana Almeida*, dos Estados Unidos da América do Norte, esteve cêrca de sete anos impossibilitada de andar, devido a uma descomunal inchação nos membros inferiores. Desenganada pelos médicos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima rezando e lavando-se todos os dias com a água do Santuário, e assim alcançou a cura que humanamente já não esperava.

P.e Salvador Pedro do Prado — S. Izidoro — Mafra, em nome de uma sua paroquiana, mãe de cinco filhinhos, pede para que aqui seja notificado o favor feito pelo Céu a essa pobre família. A mãe estava gravemente mal mas, mediante a intercessão a Nossa Senhora da Fátima alcançou, obteve a saúde de que tanto necessitava para si e para amparo dos seus filhinhos.

— *Amélia M. da Silva*, de Lisboa, teve uma sua neta perigosamente doente com febre intestinal. Durante algum tempo se andou com a doente em tratamento médico, até que, não sentindo melhoras animadoras entregaram a sua cura a Nossa Senhora da Fátima em cuja honra se fizeram uma novena e algumas promessas.

A cura não se fêz esperar, e aquela que então estava gràvemente mal sente-se hoje optimamente bem, favor devido única e exclusivamente a Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria Aurora Ferreira de Nobrega* — Funchal, suportou durante algum tempo os incómodos de uma bronco-pneumonia dupla. Invocado o auxílio de N.ª S.ª da Fátima em favor desta doente em breve recuperou a saúde tão desejada. Reconhecida a N.ª S.ª da Fátima vem agradecer-lhe êste favor.

— *Maria Fernandes dos Santos* — Anadia, sofrendo de uma bronquite pulmonar e desenganada dos médicos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima em ocasião duma peregrinação, e tendo obtido a saúde de que necessitava vem agradecer essa graça.

— *Guilhermina Clara* — Serra do Pôrto d'Irso—Monte Real, chegando a ter uma anemia profunda durante quási um ano, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e, achando-se já boa, vem agradecer a graça da própria cura.

— *Conceição Maria dos Santos* — Ribeirão, tinha um irmão que vivia indiferente à prática da Lei Divina.

Por diversas vezes havia já tentado mudar-lhe as ideas contrárias à sã doutrina, mas sempre sem resultado. Entretanto veio-lhe uma doença grave, aumentando por isso os esforços e apreensões da pobre irmã em favor daquela alma. Em seu favor é celebrada uma novena de Missas em honra de Nossa Senhora da Fátima e, graças a Deus e a N.ª Senhora, a graça foi concedida, pois o doente morreu é verdade, mas partiu para a Eternidade depois de ter recebido com boas disposições todos os socorros espirituais que Deus deixou na S. Igreja para auxílio dos moribundos.

— *Rosa Felgueiras* — Mirandela, tinha um filho em quem a tuberculose havia já feito sérios estragos. A-pesar-do período já avançado da doença recorreu-se a Nossa S.ª da Fátima em favor dêste doente que alcançou a saúde que humanamente já não podia esperar.

A mesma senhora, assaltada freqüentes vezes por violentos ataques nervosos, foi livre de tão incómodo sofrimento mediante a intervenção de N.ª S.ª da Fátima.

Alcançou ainda uma graça espiritual em favor de um pecador escandaloso que teve a grande felicidade de morrer reconciliado com Deus, e de receber os últimos Sacramentos com sinais extraordinários de arrependimento e de confiança. Tão grande graça é atribuída à maternal intercessão de N. S.ª da Fátima.

— *Irmã Maria Isabel* — portuguesa, residente em Paris, agradece a N.ª S.ª da Fátima a proteção que desde há muitos anos lhe tem dispensado na terra estranjeira, sobretudo em bens espirituais.

— *Peter Borges Cabral Neves* — Nelas, alcançou para um dos seus filhos uma graça por intermédio de N.ª S.ª da Fátima a quem deseja agradecer tal favor.

— *Manuel Nunes Salvador* — Abadia, Ceissa, esteve gravemente doente esperando-se dentro em breve o desenlace fatal. O seu avô, José Nunes Salvador, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, a quem fês algumas promessas, e desde logo a criança começou a sentir rápidas e esperançosas melhoras. Hoje encontra-se bem, graças a Nossa Senhora da Fátima.

— *A S.ª Condessa da Figueira*, obteve de N.ª Sª. uma graça temporal importante cuja concessão deseja aqui seja publicada, como prometeu.

— *Maria José Carolina dos Santos* — Foz do Douro, sofreu muito nos pulmões e tendo obtido a saúde mediante o recurso a N.ª S.ª da Fátima, vem agradecer-lhe tão grande graça.

Agradece também um favor muito importante concedido a uma sua filha.

— *Maria da Conceição Alves de Miranda* — Boticas, teve sua mãe, de 93 anos já, prestes a exalar o último suspiro com umas dores violentíssimas que muito a fizeram sofrer.

Não conseguindo com os medicamentos extinguir tão crueis dores, seus filhos e netos que muito a estimam, voltam-se para Nossa Senhora da Fátima e, graças ao seu valimento as dores desaparecem por completo conservando-se desde então até hoje completamente isenta de tão atrozes sofrimentos.

— *Rosa Ferreira da Silva* — Pardilhó, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça obtida por intercessão da mesma Senhora e que prometeu publicar.

Dr. Eusébio José Ferreira, juíz em Vila Viçosa, e sua Ex.ma Espôsa, agradecem reconhecidamente a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhes alcançado a saúde para um seu filhinho que a havia perdido.

Peregrinação a Fatima nos dias 12 e 13 de Maio de 1934. — *Os doentinhos acompanhados dos dedicados Servitas oram com todo o fervor e piedade.*

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte...	438.806$19
Papel, comp. e imp. do n.º 140 (75.520 ex.)	3.494$00
Franquias, embalagem, transporte, etc.	1.573$75
Na Administração	131$05
Soma...	444.004$99

Donativos desde 15$00

Ermelinda Leite — América, 2 dólares; Leonilde Belo — Aldeia da Mata, 15$00; Laurinda Marques — Lisboa, 20$00; Maria Ramalho Curva — Vaiamonte, 30$00; Sancia Moreira — Calçada, 15$00; Florinda Rosa — Pôrto, 15$00; Aurora Avelar — América, 21$21; Manuel Costa — América, 21$21; Guilhermina Gonçalves — América, 21$21; António Lima — América; 42$42; Narcisa Nunes — Souzela, 50$00; Ernesto Cardoso — Mesão-frio; 40$00; Manuel Mendes — Brasil, 20$00; José V. Pita — C. de Lobos, 30$00; Francisco Rodrigues — Açores, 20$00; Irene Santos — Tougues, 50$00; Ema Mendes — Odivelas, 20$00; Francisco da Silva — Amieira, 15$00; Maria Maia — Aveiro, 20$00; Manuel da Rocha — Amonde, 20$00; André Peixoto — Braga, 20$00; Delfina Vasconcelos — Brasil, 15$00; Adelaide Diniz — Lisboa, 20$00; Amélia Fonseca — Merceana, 50$00; Maria Carmen Garcia — Açores, 47$00; P.e António Avelar — Açores, 30$00; Luísa Fagundes — Açores, 24$00; Clotilde Raposo Açores, 20$00; Maria Augusta Fernandes — Parede, 20$00; Maria do Carmo Penalva — Lisboa, 20$00; Dr. Luís Baldoque Guimarães — Pôrto, 50$00; António Andrade — América, 21$10; Maria do Carmo Viegas — América, 24$00; Henrique Elias — Coimbra, 50$00; Carmen Pousá — Barcelona, 50$00; Maria Menezes Taveira — Penagião, 50$00; Cândida Lemos — Póvoa de Varzim, 15$00; Maria Augusta Soares — América, 1 dólar; Manuel Velez Tavares — Carreiras, 60$00; Ana Cabrera — Lisboa, 20$00; António Cerqueira — Viana do Castelo, 20$00; Helena Moreira — França, 15$00; Helena da Silva — França, 15$00; P.e A. Gonçalves — Singapura, 20$00; Laura Quaresma — Pôrto, 15$00; Clotilde de Jesus Barcelos — Açores, 187$50; Manuel Duarte — Pôrto, 15$00; Maria Martins Silva — Recarei, 20$00; Miquelina Fazendeiro— Aveiras, 20$00; Josefina Marques — Ramalde, 15$00; Beatriz Pereira — Lisboa, 30$00; Distrib. na Capela de Monsarrete — Lisboa, 50$00; Alda Sepúlveda — Pôrto, 20$00; António Cavaleiro — Coimbra, 15$00; José F. da Silva — França, 42$30; Maria das Mercês Gonçalves — Angra, 145$00; José Teixeira — Lisboa 30$00; Manuel Antunes — Casal do Azeite, 20$00; Laura Gulpilhares — Portimão, 40$20; Maria Azevedo — Viseu, 15$00; Distrib. na Igreja dos Terceiros — Viseu, 50$70; P.e Francisco Lucas — Fuzeta, 30$90; Manuel Martins Ribeiro — Malhapão, 20$00; Duarte Figueiredo — Satam, 30$00; Piedade Primavera — Feliteira, 20$00; António Lobão — Sande, 20$00; Lucinda Carvalho — Coimbra, 20$00; Ana Barreto — Pedrogão Grande, 30$00; Custódio Lopes — Pôrto, 15$00; José F. de Almeida — Vimeiro, 15$00; Rosalina Jorge — Lisboa, 15$00; Sebastião Henriques — Cortegana, 15$00; Marquês do Rio Maior, 100$00; Albergue de Nossa Senhora da Fátima, 100$00; Cecília de Castro — Lisboa, 20$00; Pompeu Vidal — Lisboa, 30$00; Sindazunda Ribeiro — Pinheiro, 20$00; Narciso André — Espinho, 20$00; Distrib. em Marinhas, 125$00; Manuel da Silva Matias — Aveiro, 109$00; Hirminia Oliveira — Gondomar, 20$00; Distrib. em Gondomar, 110$00; Maria do Carmo Tavares — Lisboa, 15$00; Manuel Fernandes — Gondomar, 15$00; Severino Martins — Envendos, 15$00; Eugénia Clímaco—Lisboa, 40$00; Emília Gomes — Ovar, 35$00; António Serra — Vouzela, 30$00; Ana Patrício Neves — Lisboa, 120$00; Abel Gonçalves — Brasil, 15$00; José dos Santos Barata — Fundão, 20$00; Distrib. em Paço de Sousa, 100$00; Joaquim Castelo Branco — Cantanhede, 20$00; esmola de Braga, 50$00; Distrib. em Cete, 50$00; Pároco de Belinho, 105$50; Professor de Antas — Espozende, 50$00; Dr. Weiss de Oliveira — Lisboa, 20$00; António Farinha — Lisboa, 15$00; Maria d'Ourey — Lisboa, 20$00; Maria Jorge Fialho — Évora, 15$00; Francisco Bruscky — Cascais, 20$00; Maria Barrento — Cascais, 50$00; António Alexandre — Cela, 15$00; Distrib. em Maxial, 15$00; Joaquim C. Pulido — Niza, 20$00; Duarte Teixeira — Almeida, 20$00; P.e Francisco Andrade — Cascais, 25$00; M.e da E. Pinto — Cascais, 20$00; Prior das Caldas da Raínha, 40$00; Olimpio Rebelo — P. do Lanhoso, 15$00; P.e António Nogueira — Fão, 15$00; Sara Lopes — Fão, 15$00; Zulmira Borda — Fão, 15$00; Albertina Morais — Fão, 15$00; Rosa Veiga — Fão, 15$00; Ana Sá — Barcelos, 15$00; Mercês Fiuza — Barcelos, 15$00; *José J. Antunes Lôpo — Portalegre, 800$00;* Ana Clemência — Campêlhos, 21$55; Distrib. em Coruche e Salvaterra de Magos, 55$50; Ana Azevedo — Tôrres Vedras, 15$00; Guilhermina Estorninho — Carregado, 180$00; Maria Gertrudes — Atouguia da Baleia, 20$00; P.e António F. de Sousa — Recarei, 50$00; P.e Manuel R. Pinto — Esmoriz, 67$00; José da Cunha — Chaves, 15$00; Elisa Mesquita — Lisboa, 40$00; Maria do Carmo Pires — Pôrto, 41$60; P.e Edgard B. Castelo Branco — Lisboa, 548$00; José Mendes — Alpedrinha, 50$00; M.e da P. Cerejo — Zibreira, 20$00; Rita Barbosa — Rio Maior, 15$00; P.e Augusto da Trindade — Viseu, 60$00; Prior de S. Maria — Bragança, 50$00; P.e Santos Andrade — Cardigos, 54$00; Distrib. em Castelo de Vide, 25$50; Alfredo Camilo — Funchal, 25$00; P.e João Laginhas — Leonil, 20$00; P.e António Calabote — Alcácer do Sal, 15$00; Guilhermina Sampaio — Lisboa, 15$00; Gertrudes do Carmo Pinto — Sezimbra, 80$00; Margarida L. de Almeida—Lisboa, 20$00; Laura Gouveia — Lisboa, 20$00; Uma devota, 20$00.

Uma grande graça de Nossa Senhora a um sábio em Roma

O R. P.e Gianfranceschi é um sábio de nomeada universal. Foi escolhido pelo Govêrno italiano para acompanhar a célebre expedição ao Polo norte e é o director do Posto Rádio do Vaticano, um dos mais perfeitos do mundo, montado pessoalmente por Marconi que desta forma quiz homenagear o Santo Padre.

Estava o Rev. P.e Gianfranceschi perigosamente doente com uma afecção da garganta, temendo-se uma catástrofe eminente.

O Rev. P.e Picantet mandou-lhe água de Fátima, mas com certo receio de que o sábio não a quizesse tomar.

A esta observação respondeu o grande homem de ciência, depois de a começar a beber:

«Diga ao P.e Picantet que tenho mais fé nesta água de que nos médicos».

Tomou-a tôda (1 quarto de litro) na manhã em que a recebeu e dentro de poucos dias estava livre de perigo.

Graças sejam dadas a Nossa Senhora de Fátima!...

Graça a uma Senhora do Alentejo

A Senhora D. Cristina Pontes Abraços, de Serpa, tendo um grande abcesso na garganta julgando-se inevitável uma operação, recorreu a Nossa Senhora de Fátima prometendo uma esmola para o Santuário. Em poucos dias ficou curada sem ser necessária a operação.

MISSÕES DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Na Missão do Bié (Província de Angola, na África Ocidental portuguesa) foi, há pouco, inaugurada uma linda imagem de Nossa Senhora de Fátima que logo atraíu as atenções dos cristãos brancos e pretos.

As 15 escolas da Missão foram tôdas consagradas a Nossa Senhora, cantando-se por tôda a parte o lindo cântico «Sôbre os braços de azinheira».

NUNCA ESQUEÇAIS O SEGUINTE:

1.º — Quando escreverdes para a «Voz da Fátima», sôbre qualquer assunto que diga respeito à vossa assinatura, *assinai sempre* a vossa carta ou o vosso postal *exactamente* com o mesmo nome e sobrenomes que vão no enderêço do jornal ou rôlo que recebeis.

Isto refere-se também aos rolos que vão para as pessoas encarregadas dos «Cruzados de Fátima».

2.º — Quaisquer mudanças que pedirdes nas vossas direcções, *só poderão ser executadas se enviardes ao mesmo tempo o número da vossa assinatura.*

Peregrinação à Fatima da diocese do Algarve nos dias 12 e 13 de Maio de 1934. — *A peregrinação do Algarve presidida por Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Marcelino, Bispo do Algarve.*

CRUZADOS DE FÁTIMA

Um sôpro a valer

Leiam e meditem

Em 20 de maio passado um jornalista que é insuspeito de parcialidade, porque não se recusou a reconhecer os méritos do Marquês de Pombal, embora censurasse o espírito com que se fêz e inaugurou o seu monumento na Rotunda em Lisboa — êsse jornaista imparcial escreveu isto, em 20 de maio passado, referindo-se à inauguração do monumento:

«Na Rotunda estavam 4 ou 5 mil livres pensadores, maçons e *libarais*, e para ali se juntarem nenhum deles se incomodou, nem gastou mais de dez tostões no carro eléctrico. Só os movia o Ódio...

«Àquela mesma hora e naquele mesmo dia 13 de maio, estavam em Fátima 200 mil crentes de todo o Portugal. Para lá chegarem sofreram incómodos, perderam a noite e gastou cada um deles o mínimo de cem escudos. Só os movia a Fé... **Se êste formidável exército de crentes resolvesse dar um sôpro a valer, os 5 mil reviralhistas da Rotunda iriam parar a... Cacilhas!»**

Meditem bem nestas palavras os *Cruzados de Fátima* — os que já o são, para trazerem às suas filas os católicos que ainda o não são!

Nós, **querendo**, podemos ser, não um exército formidável de 200 mil crentes, mas de duas, três cinco vezes mais! Cinco vezes mais, sim senhores! Um milhão! Ou julgarão talvez que aos Domingos não entram nas igrejas portuguesas, desde Melgaço a Sagres e desde o mar à raia sêca, um milhão de portugueses? Só pode duvidar disso quem não viajou pelo país!

Porque se há zonas onde infelizmente longos anos de influências várias deixaram esmorecer, e até desaparecer a vida religiosa, outras há onde ela não só se mantém vigorosa mas até se intensificou por natural reacção contra os estúpidos propósitos de destruição com que no princípio da República alguns dos seus homens a comprometeram, apresentando-a como inimiga das crenças da grande maioria dos portugueses.

Mas voltemos à Rotunda, e a Fátima!

Foi bem feliz o confronto do jornalista. No mesmo dia, 13 de maio, numa cidade com centenas e centenas de milhares de habitantes, onde a deslocação custaria uns escassos dez tostões, acorreram àquela inauguração feita em espírito anti-católico umas escassas cinco mil pessoas organizadas (e já é demais supôr que estejam realmente *organizadas)* para servir êsse espírito anti-católico; — e no mesmo dia, em Fátima num descampado de difícil acesso, situado no centro do país, vieram de todos os pontos dele, com enorme despesa muitos, com graves incómodos todos êsses 200 mil crentes... — e êsses é que nós temos a certeza de que *não estão organizados para servir êsse espírito de Fé* com que se moveram a formar na Cova da Iria êsse exército formidável que, **se quisesse**, com um sôpro a valer, varreria para Cacilhas os 5.000 da Rotunda!

Vamos, católicos de Portugal! **Queiramos!** já que só o que nos falta é *vontade* firme e esclarecida de varrer diante de nós todos os nossos inimigos — que são os inimigos de Deus, da Virgem, da Igreja, das obras que a Fé católica inspira para alívio de tôdas as misérias da humanidade e que, pela nossa falta de organização deixamos de vez em quando cair nas mãos dêsses inimigos!

Somos o número, somos a fôrça — e não temos vergonha de nos deixarmos espêsinhar, vexar, roubar, por êsses escassos milhares de inimigos organizados! Nós não queremos servir-nos do nosso número, da nossa fôrça, para impôr crenças a ninguém. Crenças não se impõem! Mas queremos organizar essa fôrça invencível para soprar a valer para longe de nós e da nossa pátria todo êsse lixo de leis e excepções vexatórias que ainda existem em Portugal, contra os direitos da grande maioria dos seus habitantes!

Católicos de Portugal, oiçam bem isto: — Nós nunca poderemos perante o mundo civilizado erguer a fronte sem còrar de vergonha emquanto na Constituição portuguesa e na pátria não fôr um facto, imposto à fôrça se preciso fôr, isto:

Nenhum cidadão português pode na sua pátria ser privado de qualquer direito que nela seja reconhecido a cidadãos estranjeiros ou que a êle seja reconhecido em qualquer outro país civilizado.

Entenderam bem, católicos de Portugal?

Quero dizer isto: que é uma vergonha que os Inglezinhos **tenham o direito** de andar por Lisboa com hábitos talares, bem notáveis pela estola vermelha, e que essa regalia de indumentária **seja tolerada** aos portugueses!

Quero dizer que é uma vergonha que para um padre, um frade ou uma freira, sendo portugueses, poderem andar, com pleno direito e não pôr tolerância, com os seus hábitos talares pelas ruas... tenham de passar a fronteira da sua pátria!

Isto é uma autêntica vergonha!

E esta autêntica vergonha toleram-na seis milhões de pessoas católicas ou não, mas que, em todo caso, se não confundem nem solidarizam com essas escassas centenas de milhares de *libarais* organizados para impôr à maioria essas vergonhas e êsses vexames!

Organizemo-nos, pois, Cruzados de Fátima! E com um sôpro potente não tardará o dia em que todos êsses vexames desaparecerão porque aquêles que os impõem terão **sentido a nossa fôrça!**

NOTICIAS DOS CRUZADOS

No dia 13 do mês passado, por ocasião da grande peregrinação anual ao Santuário de Fátima efectuou-se ali por iniciativa da Junta Central da A. C. e com a aprovação de S. Ex.cia Rev.ma o Sr. Bispo de Leiria, uma intensa propaganda dos Cruzados de Fátima.

Mais de sessenta propagandistas idos de Lisboa distribuiram milhares e milhares de prospectos de propaganda e alguns sacerdotes fizeram várias alocuções ao povo sôbre o mesmo assunto. No recinto do Santuário funcionou um Secretariado de inscrição de novos Cruzados, subindo a alguns milhares o número dos que se inscreveram. A cada diocese foi depois enviada nota dos inscritos que lhe pertenciam.

Embora, por circunstâncias estranhas à vontade dos que organizaram êste serviço, o número de inscrições não fôse tão elevado como seria para desejar, deve ser de benéficos efeitos a grande propaganda que se fêz.

* * *

Continua em diferentes dioceses, com notável intensidade, o trabalho de organização dos Cruzados.

Àquelas a que já nos números anteriores fizemos referência temos a acrescentar as de Angra, Guarda e Leiria.

Aproxima-se já de 90.000 o número de patentes até agora enviadas para as diversas dioceses.

Foram feitas as seguintes nomeações de directores diocesanos:

Leiria: Dr. Manuel Marques dos Santos.

Angra: P.e Francisco Fernandes da Silva

Distintivo dos Cruzados

Como consta dos Estatutos que publicámos no último número dêste jornal, Art.º 3.º — II—c), o Venerando Episcopado resolveu que a medalha a que se refere a patente até agora distribuída, seja substituída por um distintivo próprio. A Comissão Nacional está a tratar de adquirir êsses distintivos para em seguida os fornecer a todos os Cruzados que os desejem.

Oração dos Cruzados

Tendo alguns directores diocesanos manifestado o desejo de que houvesse uma oração própria para ser recitada pelos Cruzados de Fátima, o Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria compôs a seguinte que publicamos para conhecimento de todos:

ORAÇÃO

Santíssima Virgem, que Vos dignastes manifestar na Fátima a três humildes pastorinhos as ternuras do vosso Coração maternal e a Vossa aflição pelas nossas ofensas a Deus, tantas e tão graves, alcançai o perdão dos nossos pecados e ajudai-nos a ser exactos na observância dos mandamentos da Lei de Deus e da Santa Igreja e bons Cruzados—apóstolos de Jesus Cristo, vosso divino Filho.

Assim seja!

Oiçam mais esta

Em 1915, pouco depois de 14 de Maio, encontrava-me no Pôrto. Num domingo, à saída da missa mais concorrida da Trindade, entre os muitos milhares de fiéis que dispersaram do imenso templo, vi com surpresa... um democrático!

Cumprimentámo-nos e, conversando, descemos à Praça Nova. Por delicadeza não lhe tinha eu tocado na surpresa de o ver, a êle democrático, sair da missa. Mas foi êle mesmo que ao pé dos Congregados, ao vermos outra multidão sair de outra missa, me disse inesperadamente:

— Deves ter ficado surpreendido por me veres sair da missa!

— Confesso...

— Mas porquê? Eu não percebi ainda em que está a incompatibilidade entre as minhas ideias políticas e as minhas crenças religiosas?

Repliquei:

— E a tua consciência não te diz que não devias dar fôrça, com a tua adessão, a um partido que encarna entre nós a hostilidade à Igreja?

E êle, depois de me olhar alguns momentos em silêncio:

— E todos estes milhares de católicos que viste lá em cima na Trindade e estás vendo aqui a sair da missa, e que podes imaginar hoje a sair de tôdas as igrejas e capelas de Portugal, que lhes diz a êles a consciência? Não são êles que dão a fôrça aos inimigos organizados... porque se não organizam?

Garanto-te que se os católicos se organizassem a valer não queriam outros aliados... os democráticos! Assim, meu caro — e afastou-se a sorrir — assim os queixumes dos católicos fazem-me lembrar um desafio de murro entre uma criança de cinco anos — que é a República nascida em 1910 — e êsse enorme Santa Camarão que é o povo católico português, que tem mais de oito séculos, porque já existia antes da monarquia. Quem é que há-de tomar a sério, em semelhante combate, que se queixe dos beliscos da criança o gigante Santa Camarão?

...é o mesmo que dizia o nosso jornalista. Tomemos consciência da nossa fôrça, organizemo-nos, e, com um sôpro a valer, os nossos inimigos voarão!

Por Deus e pela Igreja!

A «Pia União dos Cruzados de Fátima», vulgarmente conhecida pela singela designação de «Obra das trezenas», surgiu dum modo providencial no noso país, quando a Acção Católica, fundada em boa hora pelo nosso venerando Episcopado, ensaiava, por assim dizer, os primeiros passos sob a sua égide auspiciosa.

Essa benemérita instituïção destinada a ser a obra de meios, a obra auxiliar da Acção Católica, foi acolhida por tôda a parte, desde o seu início, com um interêsse, uma simpatia e um entusiasmo, que ultrapassaram a expectativa mais optimista.

É mister, é absolutamente indispensável, que êsse acolhimento tão favorável, de que raras vezes se ufanam mesmo as melhores e mais grandiosas iniciativas, continue a ser dispensado a uma obra que pode justamente considerar-se em relação à Acção Católica como o nervo da guerra para um exército em campanha, como a coluna vertebral para o organismo humano ou como a trave mestra para um edifício de avantajadas proporções.

O temperamento dos portugueses, sendo, como já tivemos ensejo de frizar noutro artigo, um temperamento vincadamente meridional, e por isso assaz versátil e volúvel, está pela sua própria natureza, adstrito a numerosas intercadências, a freqüentes oscilações, colapsos e esmorecimentos, que o temperamento dos povos do norte da Europa quási desconhece por completo.

A inconstância nas resoluções tomadas de bom grado e com santo ardor, a falta de continuïdade na execução dos planos mais admiràvelmente delineados, o desânimo perante os obstáculos e as contrariedades que surgem a cada passo e o tédio e a fadiga produzidos pela monotonia no trabalho conduzem muitas vezes ao definhamento e a uma total ruína os mais belos empreendimentos lançados por almas bem intencionadas e cheias de generosidade com as mais sólidas probabilidades e até com as mais seguras garantias de êxito próspero.

Importa, pois, reagir vigorosamente contra as tendências defeituosas da nossa índole nacional pa obviar com eficácia aos múltiplos e variados inconvenientes de que elas são a origem.

O zêlo da glória de Deus e da salvação das almas, o amor, o amor esclarecido e ardente, e a dedicação indefessa à causa da Santa Igreja e, emfim, a compreensão cada vez mais exacta dos deveres que na hora presente incumbem a todos os católicos dignos dêste nome hão-de convencer as almas de boa vontade — e, graças ao Céu, elas constituem já uma enorme legião — da necessidade que cada uma tem de realizar a pequena e humilde tarefa que lhe foi distribuída, na grande cruzada da Acção Católica, como se do seu esfôrço, e só dele, dependesse a vitória, a que está ligada a sorte dos mais sagrados interêsses da causa da Igreja e da Pátria, duplamente cara a todos os bons portugueses.

Que cada chefe de trezena se considere como um dos oficiais inferiores do exército pacífico e altamente benemérito da «Pia União dos Cruzados de Fátima», empregando sem cessar o maior zêlo e a maior solicitude no cumprimento da sua missão!

Que cada um dos Cruzados, soldados humildes mas prestimosos dêsse glorioso corpo de tropas auxiliares da Acção Católica, ocupe fielmente o seu pôsto, contribuindo cada mês com o minúsculo sacrifício pecuniário que lhe é imposto e que será de-certo abençoado por Deus, como o foi o óbulo insignificante que a viúva do Evangelho deitou com tanto espírito de fé e com tanta generosidade no gozofilácio do templo.

Assim, e só assim, o nosso querido Portugal, em grande parte paganizado pela terrível peste do laicismo, que há quási um século lhe corrói descaroàvelmente as entranhas, logrará erguer-se da apatia religiosa e moral em que se debate, reatando em tôda a plenitude os elos da sua tradição cristã e reassumindo no concêrto dos povos o exercício integral e perfeito dos direitos e prerogativas que a sua missão histórica de nação fidelíssima lhe confere, em ordem à realização dos seus sublimes e gloriosos destinos.

Visconde de Montelo

As características da Juventude de Acção Católica

Pureza nos costumes, fortaleza de ânimo e cultura profundamente religiosa unidas a uma Fé verdadeiramente sentida, devem ser as verdadeiras características da juventude organizada na Acção Católica.

(S. Ex.cia Rev.ma Mons. Santin aos jovens de Fiume, em Dezembro de 1933).

Que é o apostolado

O apostolado é um dos maiores dons que o Senhor concede, porque êle enche a alma de graça que deve comunicar-se às outras almas. A vocação do apostolado é sem dúvida uma altíssima vocação, mas pecisamente por isso ela traz consigo sérias responsabilidades.

Que é que constitui um apóstolo? S. Paulo, defendendo-se dos adversários que o acusavam de não ser apóstolo, respondeu: «Porventura não vi eu Jesus Cristo?»

Apóstolo é, pois, aquêle que viu Jesus e depois foi enviado por Êle.

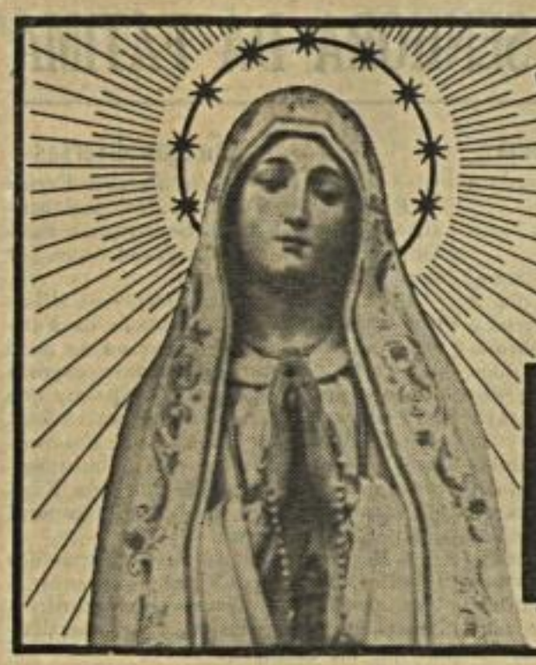
Para ser apóstolo é necessário ver Nosso Senhor Jesus Cristo. É necessário vê-lo antes de mais nada com a vida interior.

Eis a razão por que a Acção Católica e sobretudo a Juventude Feminina renova as paróquias, porque o seu espírito é espírito de vida interior. Os meios para intensificar esta vida interior são o estudo do catecismo, o estudo do missal, o estudo dos Sacramentos e da Igreja.

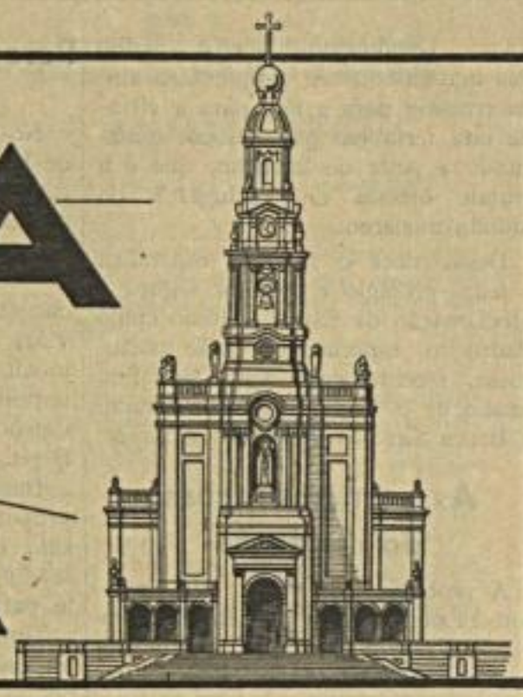
(Sua Eminência o Cardial Shuster, falando às dirigentes da Juventude Feminina em Milão, em Dezembro de 1933).

VISADO PELA CENSURA

Ano XII — Fátima, 13 de Julho de 1934 — N.º 142



VOZ DA FATIMA



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ R. Santa Marta, 158 — Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuario da Fátima„

FÁTIMA -- dom do Coração de Jesus pelas mãos de Maria

«O Divino Rei de Amor amou tanto os portugueses que lhes enviou com o seu doce sorriso de Mãe, Nossa Senhora de Fátima».

(Do apêlo do rev.do P. Matéo aos adoradores nocturnos do lar em Portugal no mês de Maio de 1933).

Mês de Junho, mês consagrado pela Santa Igreja a honrar dum modo especial o Coração Santissimo do Divino Rei de Amor, mês de promessas e de esperanças, mês de júbilo e de consolações, mês de bênçãos e de graças.

Precisamente no centro do teatro augusto de tão assombrosas e tão comoventes manifestações de fé e piedade e de tantas e tão grandes maravilhas divinas, que é o local cinco vezes santificado pela presença da gloriosa Rainha do Céu, a Cova da Iria, ergue-se sôbre o capitel de alta e graciosa coluna de mármore, a veneranda estátua do Sagrado Coração de Jesus, de braços abertos, como que a convidar Portugal inteiro e tôdas as nações da terra a procurar naquele foco ardente e inexgotável de amor, de bondade e de graça, o remédio para os males que afligem o mundo contemporâneo, a paz entre os povos, o bem dos individuos, das famílias e da sociedade.

A humanidade, no quadrante da história incerto e agitado que ora atravessa, encontra-se no periodo agudo duma grave crise económica, que a assoberba e convulsiona, e duma crise ainda mais grave e de conseqüências mais temerosas, a crise de moralidade e de religião. Estadistas geniais e bem intencionados procuram com os seus diversos sistemas de renovação politica e social, como outros tantos elixires de salvação pública, curar as nações enfêrmas e restituir-lhes a paz, a ordem e a prosperidade.

Mas tôdas as suas tentativas resultarão improficuas, todos os seus esforços serão completamente inúteis, se no espirito e no coração dos homens públicos e dos simples cidadãos não fôr reconhecida e assegurada aos valores morais e espirituais a primazia a que têm jus e se esta primazia não se traduzir, duma forma bem ostensiva, nas diversas manifestações da vida individual, da vida de família e da vida social.

Numa palavra, impõe-se, dum modo urgente e inadivel, afim-de conjurar o cataclismo que impende ameaçador sôbre a humanidade qual outra espada de Damocles, o regresso puro e simples à profissão integral dos princípios cristãos e à prática fiel das virtudes que constituem o património da civilização latina e que só a Igreja Católica sabe inspirar e fazer amar.

No Sagrado Coração de Jesus, oceano infinito de amor e misericórdia, fonte inexaurivel de pureza e santidade, deparam felizmente os individuos e os povos um asilo seguro contra tôdas as desgraças e calamidades que os ameaçam e um penhor de paz tranqüila e duradoura e de felicidade verdadeira e perene.

Seja timbre de todos os devotos de Nossa Senhora de Fátima professar um grande amor Àquêle que, não contente de padecer e morrer numa cruz de ignomínia para nos salvar, operando o adorável mistério da Redenção do género humano, quis ainda, num excesso de amor e de misericórdia, patentear nos últimos tempos as riquezas infinitas do seu amantíssimo Coração para reconduzir o mundo transviado ao caminho do Céu.

Lembrem-se todos de que a maneira de honrar o Sagrado Coração de Jesus, que lhe é mais agradável e que é mais útil para nós, consiste em imitar as suas virtudes, aquelas virtudes de que Êle nos deu tão sublimes e tão admiráveis exemplos, tanto durante a sua vida oculta como durante a sua vida pública.

E que o glorioso taumaturgo português, Santo António de Lisboa, padroeiro principal da paróquia de Fátima, que foi um dos mais extraordinários precursores da devoção oficial ao Sagrado Coração de Jesus, cuja doutrina soube tão bem compreender e ensinar como guiado por uma inspiração verdadeiramente divina, se digne conduzir pelas mãos de Maria Santíssima ao Sagrado Coração de seu Divino Filho as almas de todos os filhos de Portugal, para que o Divino Rei de Amor reine nesta terra que é sua um reinado perene de amor e de misericórdia!

Visconde de Montelo

«O Santo de todo o mundo»

Mês do Sagrado Coração de Jesus e mês de Santo António de Lisboa, o Santo português por excelência e ao mesmo tempo o Santo de todo o mundo, na expressão lapidar de Sua Santidade o Papa Leão XIII, de venerada e saüdosa memória. O glorioso filho espiritual do Seráfico Patriarca de Assis foi, durante tôda a sua vida, um anjo de pureza e de inocência, tão puro e tão inocente que o Divino Rei de Amor se dignou vir mais que uma vez reclinar-se nos seus braços sob a figura dum gracioso menino. O zêlo ardente, que o consumia, da glória de Deus e da salvação das almas, fruto do amor imenso que lhe consagrava e que o elevou até às culminâncias da santidade, fêz que êle alcançasse o dom da sabedoria e o dom dos milagres, que cingiram a sua fronte duma auréola de extraordinário prestígio e lhe grangearam uma celebridade universal e única no tempo e no espaço.

O admirável taumaturgo, ainda mais com os olhos presagos do coração estuante de amor divino do que com o poder de intuição da sua inteligência privilegiada, soube prescrutar as riquezas inefáveis da caridade de Cristo e pressentir o incremento assombroso que alguns séculos mais tarde havia de ter em todo o mundo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, cujos fundamentos doutrinais e razão de ser teológica êle, consumado teólogo e grande luminar da Igreja, abarcava e compreendia na sua larga extensão e no seu justo valor.

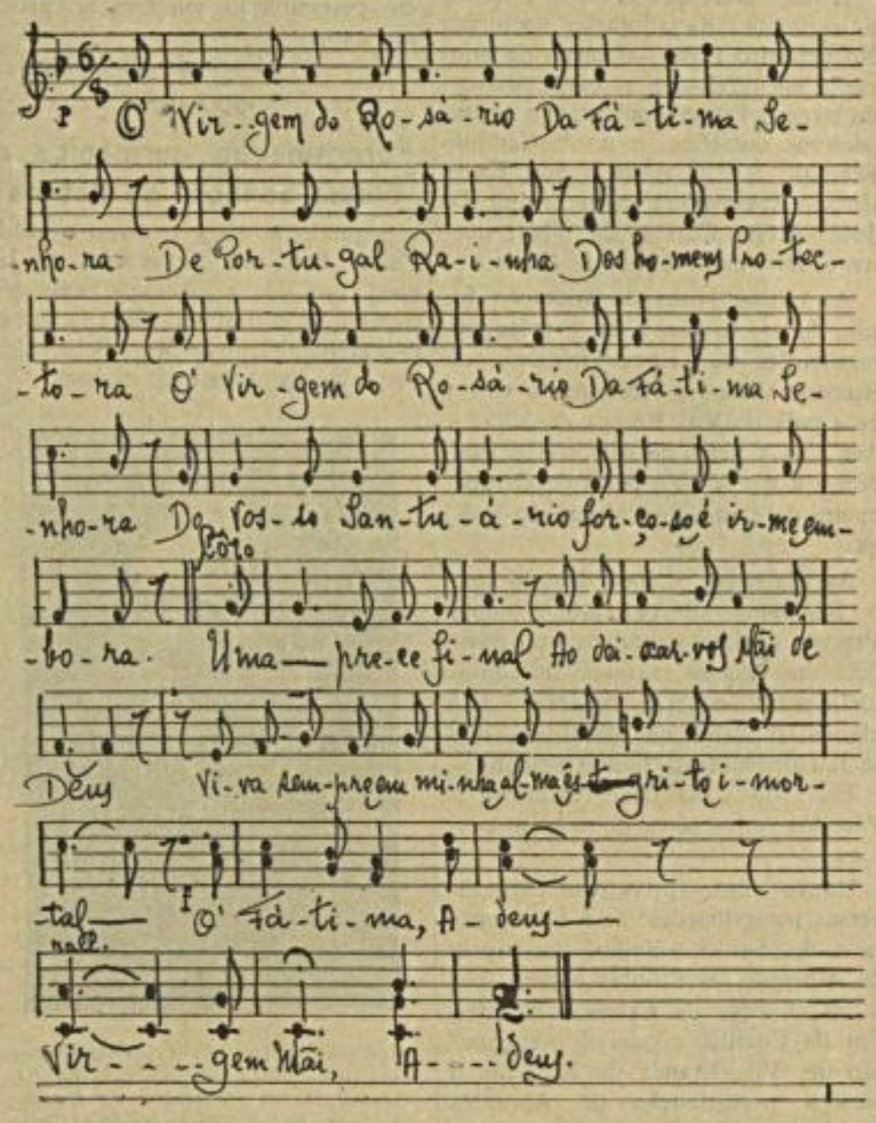
Não foi com certeza por mera coincidência, mas por designio verdadeiramente providencial que, para a celebração da festa primária e universal em honra de Santo António de Lisboa, foi assinalado um dos dias do mês de Junho, o mês do Sagrado Coração de Jesus.

Coincidência também providencial é a da sua ocorrência exactamente no dia treze, dia comemorativo da segunda aparição de Nossa Senhora aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel. Coincidência providencial ainda o facto de a privilegiada frèguesia de Fátima ter como seu Padroeiro litúrgico o admirável Santo, honra e lustre da grande e benemérita Ordem Seráfica, de que é um dos mais célebres e gloriosos membros.

Neste dia, aniversário do nascimento do seu amado Patrono para o Céu, os piedosos habitantes das quarenta aldeias que formam a frèguesia de Fátima, tendo transferido de acôrdo com o seu pároco para o Domingo imediato as solenidades religiosas comemorativas dêsse sucesso, absteem-se de trabalhos servís afim de poderem juntar os seus cultos em honra da augusta Raínha do Santíssimo Rosário aos das numerosas legiões de peregrinos que de tôda a parte do nosso país acorrem ao maior Santuário Mariano.

Consubstanciação perfeita da alma nacional, expoente máximo das glórias da Pátria, o grande Santo, cuja

O ADEUS FINAL



I

Ó Virgem do Rosário,
Da Fátima Senhora,
De Portugal Raínha,
Dos homens protectora;
Ó Virgem do Rosário,
Da Fátima Senhora,
Do vosso santuário
Forçoso é ir-me embora.

Côro

Uma prece final
Ao deixar-vos, Mãi de Deus.
Viva sempre em minh'alma
êste grito imortal:
Ó Fátima, adeus!
Virgem Mãi, adeus!

II

De Vós me aparto, ó Virgem
Eis o grito de dor.
Que sôlta ao despedir-se
O pobre pecador.
De Vós me aparto, ó Virgem,
Eis o grito de dor...
Acolhe, Mãe bondosa
Êste último clamor.

III

De Vós me aparto, ó Virgem
Dêste local bemdito
Onde a saúde e a paz
Sois do enfêrmo e aflito.
De Vós me aparto, ó Virgem,
Dêste local bemdito
Onde encontra perdão
O coração contrito.

IV

De Vós me aparto, ó Virgem,
Desta montanha santa
Onde Jesus é querido
Onde a piedade é tanta.
De Vós me aparto, ó Virgem,
Desta montanha santa
Que o coração nos prende
Que a nossa alma encanta.

V

De Vós me aparto, ó Virgem
O pranto aos olhos vem
Mas sente-se feliz
Quem vossa bênção tem.
De Vós me aparto, ó Virgem
O pranto aos olhos vem
Adeus repito e choro
Adeus saüdosa Mãi.

língua bemdita foi poderoso malho das heresias do seu tempo, fará ainda renascer para a fé e para a virtude esta terra em que nasceu, esmagando a peste do laicismo, que é a grande heresia de Portugal e do mundo moderno.

Dessa doce e fagueira esperança é feliz preságio e penhor seguro a proclamação de Santo António como Padroeiro especial da nação portuguesa recentemente feita por Sua Santidade o Papa Pio XI mediante o Breve *Sanctae Romanae Eclesiae*.

As comemorações do dia treze

A procissão das velas, que começou às dez horas e meia na véspera à noite, depois de se recitar pùblicamente o terço do Rosário em frente da santa capela das aparições, foi revestida dum brilho e imponência invulgares, graças ao tempo esplêndido que fazia e à boa ordem com que decorreu. Incorporaram-se nela diversas peregrinações organizadas que tinham chegado durante a tarde.

À meia noite deu-se início à tocante cerimónia da adoração nocturna. No primeiro turno—o turno da adoração nacional—fez as cinco práticas do terço doloroso, comentando os respectivos mistérios, o rev.^do Cândido Ferreira, S. J. Assistiu Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

As outras horas de adoração foram feitas, a das 2 às 3 pelas peregrinações de Lisboa (frèguesia de Santos-o-Velho) e Abrantes, a das 3 às 4 pela de Vila Franca de Xira, a das 4 às 5 pelas de Almoster e Sandim e a das 5 às 6 pelas de Carapinheira do Campo e Valongo do Vouga.

Às seis horas, dada a bênção com o Santíssimo Sacramento, o nobre Prelado de Leiria celebrou, no pavilhão dos doentes, a missa de comunhão geral, em que tomaram parte alguns milhares de peregrinos, que se tinham confessado prèviamente.

Em todo o dia treze receberam o Pão dos Anjos cêrca de seis mil pessoas.

Houve missas privativas para diversas peregrinações: às 8 horas, para a de Santos-o-Velho, na capela do Albergue, às 8 horas e meia, para as crianças da Cruzada Eucarística da Covilhã e para a peregrinação de Vila Franca de Xira, às 9 para a peregrinação de Abrantes (missa cantada), às 9 e meia para a de Almoster, às 10 para a de Espite, às 10 e meia para a de Sandim e às 11 para a do Barreiro.

Durante a manhã celebraram-se cêrca de oitenta missas.

Ao meio dia oficial, começou a recitação do terço em comum. Rezado o terço, efectuou-se a primeira procissão com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se venera na capela das aparições. Em seguida o rev.^do Cónego Dr. Francisco dos Santos, abade da Sé do Pôrto, celebrou a missa oficial.

Ao Evangelho o rev.^do Luís de Sousa, da Ordem Seráfica, prègou sôbre a devoção de Santo António de Lisboa a Nossa Senhora.

A missa oficial foi celebrada no altar erecto em frente da Basílica em construção, por ser grande o número dos peregrinos presentes.

A Bênção dos doentes com o S.S. Sacramento foi dada pelo Sr. Bispo de Leiria.

Terminada a bênção dos doentes, efectuou-se a procissão final, sendo reconduzida a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para a sua capela e realizando-se em seguida a cerimónia do «Adeus», após a qual principiou a debandada dos peregrinos.

Peregrinação dum grupo de Noelistas

No dia vinte e seis de Maio partiu de Lisboa um grupo de Noëlistas da capital e arredores em peregrinação ao Santuário Nacional de Fátima. Era já sol pôsto quando chegaram ao local das aparições. Após a sua chegada realizou-se a procissão das velas. Começou em seguida a cerimónia da adoração nocturna, que terminou às seis horas da manhã. Celebrou-se então a primeira missa. Depois efectuou-se a procissão com a Imagem de Nossa Senhora a que presidiu Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria, que se dignou ir a Fátima expressamente para abençoar as Noëlistas.

Terminada a segunda missa, que foi celebrada pelo venerando Prelado, as Noëlistas partiram para Tomar em visita de confraternização às Noëlistas daquela cidade, que estão a organizar um núcleo.

Tôdas regressaram a Lisboa no dia seguinte, Domingo, à noite, cheias das melhores impressões e resolvidas a ir novamente a Fátima em peregrinação colectiva no próximo ano.

Visconde de Montelo.

Peregrinação germânica a Nossa Senhora de Fátima

Segundo anuncia o nosso prezado Colega *Bote von Fatima* (n.° de Junho) está em organização uma peregrinação a Fátima sôbre a presidência honorária de Mgr. Scheiwiler, Bispo de Saint-Gall, na Suissa.

Mgr. Scheiwiler (Alois), nascido em Gossau em 1872, sagrado pelo Em.^mo Cardial Paceli (Secretário de Estado do Santo Padre), Bispo de Saint-Gall, na Suissa, autor de obras notáveis sôbre história eclesiástica e profana, sociologia, propaganda popular, Presidente de honra da peregrinação germânica à Fátima.

AVISO

Aos Senhores distribuïdores da «Voz da Fátima»

Sendo a «Voz da Fátima» distribuïda gratuitamente pelos Associados da «Pia União Cruzados de Nossa Senhora da Fátima», *prevenimos as pessoas ou entidades a quem mandavamos o jornal para propaganda, que cessa essa distribuição com êste número.*

Os Snrs. Assinantes e Bemfeitores continuam a receber o jornalzinho como até aqui, rogando-lhes a caridade de aumentarem as suas esmolas para glória de Nossa Senhora e benefício da Acção Católica em Portugal.

Agradecemos aos nossos bons distribuïdores todo o zêlo e actividade que têm desenvolvido na propaganda da «Voz da Fátima».

A única fonte de receita para fazer face às despesas dêste jornalzinho são as esmolas de seus Bemfeitores e as quotas dos seus Assinantes.

POR UM TERÇO

Em uma Revista Missionária, li há tempos um caso edificante, escrito pelo Missionário J. M. Thomás, e que, em parte, vou transcrever. Ei-lo:

«... Durante uma das minhas excursões apostólicas, em que haviamos costeado, cêrca de cinco horas, as margens do Rio Rukva e atravessado outros dois infestados de crocodilos, tinhamos parado para estabelecermos o acampamento.

Armada a minha tenda, os meus auxiliares reconfortaram-se um pouco, e depois vão repousar sob alguns arbustos mirrados, única vegetação daquelas pobres paragens.

O calor era sufocante!

Emquanto enxugava o suor abundante que corria da minha fronte, noto que o carregador da minha capela, Miguel Kaniki, tinha um ar preocupado e triste.

Eis alí um que não está contente com o serviço marcado, pensei eu.

De-repente, o meu homem levanta-se, e vem ter comigo.

— Estás doente, Miguel?

— Não, Padre; mas esqueci o meu terço no lugar onde acampámos ontem; volto para procurá-lo.

— Tu sonhas, Miguel! Deves andar 60 quilómetros para lá chegar..., durante a noite..., e amanhã as tuas pernas estarão incapazes de andar...! Depois, os leões que infestam a floresta..., os crocodilos que ainda esta manhã vimos mergulhar nos rios que atravessámos...! É uma loucura expores-te assim à morte.

Trata de descansar; àmanhã a caminhada será penosa: oito horas sem uma gota de água sequer. Farei o possível para te arranjar um outro terço quando voltarmos à Missão.

— Não, Padre, eu volto procurar o meu terço. Quero a todo o custo achá-lo. É o terço do meu Baptismo.

A Virgem Santíssima, o Anjo da Guarda, proteger-me-ão. Antes da noite estarei de volta.

Dito isto, partiu como uma flecha, e não poude fazer mais que recomendá-lo do fundo da alma à Divina Providência.

• •

Durante tôda a tarde sou devorado de incertezas pensando no meu querido Miguel.

Mais de vinte vezes, olho, assesto o meu binóculo para o ponto onde êle desapareceu, prescrutando em vão o horizonte.

O sol já se ocultou e cai a noite; nem alma viva, porém. Rezo então com a minha comitiva as orações da noite e acrescento um *Padre Nosso e Avé Maria* pelo ausente.

Apenas terminavamos a oração, aparece o Miguel com o seu terço ao pescoço. Depois de ter respirado um pouco, o nosso herói narra a sua viagem, — viagem que êle teve de alongar de uma dezena de quilómetros, porque, para evitar os crocodilos teve a prudência de ir atravessar os rios muito além do lugar costumado. Fora isso, nenhum mau encontro...

No campo, uma malta de hyenas disputavam os ossos da caça abatida na véspera. Pôr êsses animais em fuga, com boas bordoadas, foi coisa de um momento.

Depois achou o seu têrço, deu meia volta e refez a estrada com o mesmo passo até aqui.

Bravo, Miguel!!!

Que podia afinal valer o seu têrço? — *Alguns tostões*, quando novo: mas, sem se importar com o seu valor pecuniário, considerava-o como um precioso *labarum*, símbolo da proteoção da nossa boa Mãe do Céu; e era-lhe, por isso, mais caro que a vida.»

Deus queira que os devotos de N.^a S.^a da Fátima assim estimem e usem o próprio terço.

Nunca esqueçais o seguinte:

1.° — Quando escreverdes para a «Voz da Fátima», sôbre qualquer assunto que diga respeito à vossa assinatura, *assinai sempre* a vossa carta ou o vosso postal *exactamente* com o mesmo nome e sobrenome que vão no endereço do jornal ou rôlo que recebeis.

Isto refere-se também aos rolos que vão para as pessoas encarregadas dos «Cruzados de Fátima».

2.° — Quaisquer mudanças que pedirdes nas vossas direcções, *só poderão ser executadas se enviardes ao mesmo tempo o número da vossa assinatura.*

Artigos religiosos

Os peregrinos da Fátima encontrarão à entrada da Avenida Central do Santuário, já dentro do recinto murado, duas casitas onde podem comprar artigos religiosos, que ali estão à venda em favor do Santuário.

• • •

O Sr. António Rodrigues Romeiro — Fátima, é a pessoa encarregada pelo Santuário de mandar pelo correio os pedidos de artigos religiosos, livros sôbre Fátima ou água do Santuário.

GRAÇAS DE N. SENHORA DA FÁTIMA

Pneumonia

(Em carta de 25 de Agosto, enviada a esta Redacção, diz-se o seguinte):

«...No ano passado, meu pai foi atacado duma forte pneumonia.

O mal agravava-se cada vez mais, causando crises assustadoras; no dia 3 de Dezembro, logo pela manhã, foi meu pai acometido dum violento e demorado ataque ficando em agonia até às duas horas da tarde. Neste transe bem doloroso em que tôda a família o julgava completamente perdido, esperando de momento a momento o terrível desenlace, na minha profunda dôr e aflição dirigi-me a Nossa Senhora da Fátima — Saúde dos enfêrmos e Consoladora dos aflitos e pedi-lhe assim: «Minha Mãe do Céu; eu sei que todos os esforços humanos para salvar o meu pai são inúteis sem Vós, mas se Vós quizerdes êle será salvo, e desde já vos prometo muito reconhecida, mandar publicar na Voz da Fátima a graça que espero me alcançareis em favor de meu pai.» Passado pouco tempo meu Pai começa a melhorar e hoje, graças a Deus e a Nossa Senhora, encontra-se completamente bem.

Se peço a publicação desta humilde carta não é sòmente para cumprir a minha promessa e testemunhar publicamente a Nossa Senhora, o meu profundo reconhecimento, mas ainda para que esta notícia seja uma florinha que se vá engastar na já florida corôa de rosas que nimba a celestial fronte de Nossa Senhora de Fátima.»

S. Eulália — Alentejo

Cremilde Gonçalves Carneiro

Anemia cerebral

Em Outubro de 1930 fui acometida dum ataque de loucura que me fez cometer alguns disparates um pouco extravagantes até.

Depois de socegar, estando com a lucidez precisa para avaliar a minha desgraça, recorri a Nossa Senhora da Fátima a quem fiz uma novena tomando durante a mesma umas gotas da água bemdita do Santuário e prometendo publicar neste jornal a grande graça obtida se nunca mais tivesse algum ataque semelhante ao primeiro.

Tendo consultado o médico foi dito tratar-se duma anemia cerebral muito adeantada já. Por espaço dum ano ainda tive alguns ataques sempre, porém, mais benignos. Passado êsse ano tenho-me sentido sempre muito bem, favor êste que nunca deixarei de agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cujo intercessão julgo devê-lo.

Santarém.

Elisa Rocha Madeira

Otite bilateral

Havia mais de dois anos que eu sofria duma otite bilateral. Consultei vários médicos aplicando sempre os medicamentos que me prescreviam, nunca porém com resultados sensivelmente animadores. Finalmente consultei um médico distinto que me disse ser inútil gastar mais dinheiro em consultas e remédios porque tinha a certeza quási absoluta de que o meu mal seria incurável. Eu não desanimei, pedi-lhe que me fizesse o tratamento devido e deixasse o resto por minha conta.

Neste mesmo dia fiz diversas promessas a Nossa Senhora, entre elas a de publicar a minha cura e de assinar a *Voz da Fátima* durante tôda a minha vida, se Nossa Senhora se dignasse alcançar a minha cura.

Graças a Deus fui atendido, encontrando-me hoje perfeitamente bem. Aqui fica, pois, o meu sincero agradecimento a Nossa Senhora da Fátima que tantas graças tem alcançado do céu em favor dos que sofrem desde que apareceu no bemdito Santuário da Fátima.

David José de Freitas

Reumatismo

António Costa — Maçussa, sofreu de reumatismo durante mais de oito anos sucessivos, mas, em 1931 aumentaram tanto os seus padecimentos, diz sua mulher Maria Janeiro Costa, que pela violência das dôres perdeu o uso das faculdades mentais.

O médico disse ter-lhe já feito tudo quanto a ciência aconselhava em semelhantes casos, de maneira que não havia mais nada a fazer senão entregar o caso ao poder e misericórdia de Deus.

Foi o que fizeram: — o Sagrado Coração de Jesus foi o médico e Nossa Senhora da Fátima a enfermeira, e tão bem se houveram no desempenho daquela Missão, que pouco depois os sofrimentos abandonaram êste pobre homem que havia mais de oito anos os suportava, e desde então até ao presente não mais voltaram a incomodar aquêle que se abandonara aos corações misericordiosos de Jesus e de Maria sob o título de Nossa Senhora da Fátima.

(Duma carta de D. Maria Janeiro Costa — Maçussa.)

Graças diversas

— *D. Albertina Sofia Pereira Freizo* — Figueira da Foz, agradece à Santíssima Virgem — Nossa Senhora da Fátima, uma graça muito grande que por sua intercessão alcançou.

— *D. Conceição Monteiro* — Califórnia, agradece a Nossa Senhora da Fátima o auxílio que lhe dispensou no meio de graves perigos a que esteve exposta durante uma viagem arriscadíssima que teve necessidade de fazer de automóvel.

— *D. Maria da Conceição R. dos Santos Ferreira* — Lisboa, vem pùblicamente agradecer a Nossa Senhora da Fátima e a S. António uma graça temporal que por êles alcançou.

— *D. Esperança de Jesus Fernandes Pires* — Granja, pede para que aqui se torne público o seu reconhecimento a Nossa Senhora por uma graça particular que lhe alcançou.

— *Alvaro António Pompeia Xavier* — Viseu, tendo recebido do Céu uma graça por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, vem pùblicamente agradecer-lhe tal favor.

— *D. Isabel Inácia de Meneses e D. Justiniana Ferraz* — Agualva, agradecem a Nossa Senhora da Fátima: a primeira, a cura de um seu filhinho, e a segunda uma graça espiritual que julga de grande importância.

D. Francisca Nunes do Couto — Ribeirinha, Açores, sofreu de cólicas renais durante muitos anos sem que a medicina conseguisse minorar-lhe os padecimentos. Cansada de tanto sofrer resolveu fazer uma novena a Nossa Senhora da Fátima a ver se assim alcançava do Céu as melhoras que na terra lhe não sabiam dar. Durante os dias da novena recebeu a Sagrada Comunhão e bebeu da água do Santuário da Fátima fazendo algumas orações em seguida em honra de Nossa Senhora. Nada mais foi necessário para que a Mãe do Céu lhe alcançasse os alívios de que necessitava. Desde então para cá, e já lá vão 27 meses, não mais teve o mais leve ameaço sequer de seus antigos padecimentos.

— *R. Borges* — Luanda, agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça que lhe alcançou obtendo-lhe a cura de uma forte anemia que a impossibilitara de fazer qualquer trabalho.

— *D. Maria Clara* — Pôrto, diz ter tido uma doença na pele, da qual não conseguira a cura a-pesar-de ter consultado diversos médicos àcêrca de tal doença.

Foi ao Santuário e lá diante da Imagem de N.^a Senhora alcançou a sua cura que se tem confirmado.

— *D. Maria Elvira Tibúrcio de Oliveira* — Ribeira Grande, Açores, tem uma irmã que num dos olhos teve sofrimentos horríveis durante muito tempo. Tais sofrimentos só desapareceram depois da doente ter sido confiada à maternal protecção de Nossa Senhora da Fátima.

Requisições da «VOZ DA FÁTIMA»

Com a devida autorização, previnem-se os Ex.^mos Directores Diocesanos da Pia União dos Cruzados da Fátima, que é **absolutamente necessário** que façam as suas requisições da «Voz da Fátima» pelo menos até ao dia 2 de cada mês.

Os que forem requisitados depois dêsse dia só no mês seguinte poderão ser expedidos, porque sendo a «Voz da Fátima» o jornal de maior tiragem em Portugal e sendo a sua Administração na Fátima e a impressão e expedição em Lisboa, não nos podemos responsabilizar pela imediata execução dos pedidos dos últimos 10 dias anteriores ao dia 13.

Tratei-o e Deus curou-o

Ao inaugurar-se a sala das operações de um hospital de Würzburg, pronunciou o célebre cirurgião, professor Schönborn, entre outras palavras sensatas, o seguinte:

«1.° que todo o doente, dando aqui entrada, traga a esperança e a fé de que o Deus da graça e da caridade pode e há-de curar os sofrimentos que o afligem.

2.° que o operador, ao empunhar o bisturi, tenha sempre na mente a responsabilidade que sôbre os ombros lhe pesa, e, quando lhe couber a alegria de ouvir de algum curado manifestações de agradecimento, repita, como resposta, as palavras do cirurgião do Rei de França, o luzeiro da Moderna Cirurgia — Ambrósio Paré: — «tratei-o e Deus curou-o».

N. Senhora da Fátima

NO CONGO PORTUGUÊS

Também nestas terras longinquas do Congo Português vai lavrando com muita intensidade a devoção à nossa Mãe do Céu, aparecida na Fátima. Para esta propaganda muito tem contribuído a leitura da «Voz da Fátima» assinado por várias pessoas e lida por muitos cristãos, devido sobretudo ao zêlo ardente das Irmãs de S. José, residentes em Lândana a Cabinda.

Esta devoção praticada com muita simplicidade pelos católicos destas terras, manifesta-se por muitas formas.

Os cantos sôbre Nossa Senhora da Fátima são sabidos por tôda a gente e cantados com um entusiasmo que extasia quem os ouvir. Tôdas as famílias ao trazerem as crianças a baptizar querem a todo o custo que o menino e sobretudo a menina junte ao nome do baptismo, o da terra abençoada onde apareceu Nossa Senhora.

Tôdas as escolas rurais e postos de catequistas querem ter nas suas capelas, muitas vezes tão pobrezinhas, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. E muitas, não se contentando só com a imagem, mandam vir estátuas segundo as suas posses.

Por estas razões é que a melhor recompensa que o missionário pode dar aos catequistas mais exemplares, aos cristãos mais bem comportados, aos alunos mais aplicados e mesmo aos seminaristas mais estudiosos é uma imagem de Nossa Senhora da Fátima ou algum livro que fale das suas aparições e graças concedidas aos devotos.

* * *

E a nossa Mãe do Céu, para mostrar como lhe agrada a devoção que lhe consagram os nossos pretinhos, vem muitas vezes consolá-los nas suas aflições, alcançando-lhes do seu Divino Filho as graças pedidas por sua intercessão.

Aí vai um caso como prova do que fica dito. É o interessado que fala e porisso reproduzimos textualmente as palavras dêle:

«Sendo minha sobrinha, criança de 13 meses, atacada de fortes dores no baço, durante todo o mês de Janeiro, recorremos a todos os remédios para combater a doença, mas nada conseguimos. Como as dores aumentassem cada vez mais a ponto da criança ficar debilitada em extremo, recorremos então com muita confiança a Nossa Senhora da Fátima e começámos a fazer uma novena por esta intenção e com promessa de publicarmos a graça se Nossa Senhora fôsse servida conceder-no-la. Logo no segundo dia da novena as dores diminuíram sensivelmente e continuaram sempre a diminuir nos restantes dias da novena de maneira que no fim a criança aparecia completamente restabelecida e hoje é a alegria de tôda a família porque se encontra sã e forte como antes da doença. Muitas graças, portanto sejam dadas a Nossa Senhora da Fátima que assim consola os que em Si confiam».

Indcio

Seminarista de Lândana

* * *

Casos idênticos a êste, muitos se poderiam registar, mas desta vez não queremos tomar mais espaço ao jornalzinho.

Oxalá Nossa Senhora da Fátima lance seus olhares misericordiosos sôbre as nossas cristandades afim de que a idolatria e demais erros cedam o lugar à doutrina salutar de seu bemdito Filho.

Missão Católica de Lândana, 1 de Maio de 1934.

P.e Adriano da Rocha

Missionário no Congo Português

Culto de N. Senhora da Fátima

EM CARANGOLA, ESTADO DE MINAS, BRASIL

Revestiram-se de excepcional esplendor e encanto as homenagens prestadas pela população da cidade de Carangola a Nossa Senhora do Rosário de Fátima nos dias 12 e 13 do corrente mês de Maio.

Nesse dia memorável inaugurou-se com tôda a pompa do cerimonial litúrgico na Igreja Matriz local, o culto de Nossa Senhora da Fátima.

No dia 10 teve início um tríduo solene preparatório com prègação sôbre a história das maravilhosas Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, em Portugal.

Essas interessantes conferências foram feitas pelo Vigário da Paróquia, P.e Valentim Armas, grande devoto de N.a Sr.a da Fátima e autor do livro — «Esplendores de Fátima».

DIA 12

Às 19 horas, o vasto recinto da Igreja Matriz achava-se literalmente regorgitando de fiéis pertencentes a todas as camadas sociais.

Aqui, médicos e advogados, ali, representantes do alto comércio e das autoridades civis e militares; mais além, colégios, associações e defronte do altar mór, elementos representativos da briosa e progressista colónia portuguesa; tudo em fim que Carangola possue de maior evidência e destaque social, lá estava a realçar com sua fé e amor a Maria, o brilho daquelas cerimónias em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Ao centro da capela mór, emergia, por entre variada e caprichosa profusão de flores e luzes, o trono da nova imagem doada à Matriz por D. Maria Pinheiro do Nascimento.

O Vigário da Paróquia, P.e Valentim Armas, assistido por três sacerdotes e ladeado dos paraninfos, benzeu com tôda a solenidade do cerimonial litúrgico a encantadora imagem.

Hinos e preces se fizeram ouvir, logo após, pelo interior do templo, como preito das primeiras homenagens religiosas à Raínha do Rosário de Fátima.

Assomou ao púlpito o P.e Valentim, que discorreu sôbre o tema das Aparições e prodígios da nova *Lourdes Portuguesa*.

Em seguida, organizou-se a empolgante procissão das velas de Nossa Senhora. Era simplesmente fantástico o efeito produzido por essa bela manifestação de fé e amor a Maria, dos católicos carangolenses.

O andor da nova imagem, cercado de vistoso cortejo de anjos, era carregado por distintos médicos e advogados da cidade.

Ao recolher da procissão, efectuou-se a comovedora cerimónia da coroação da nova imagem de Fátima, pelas meninas Glorinha Lima e Neuza Pinheiro.

Foi a chave de ouro que fechou as primeiras homenagens prestadas pela cidade de Carangola à Raínha do Rosário de Fátima.

Todos êsses actos religiosos em louvor de Nossa Senhora de Fátima foram realçados pela presença de paraninfos, Pia União das Filhas de Maria, Anjos, Virgens, Comissões de todas as Associações e pela briosa colónia portuguesa aqui domiciliada.

A nossa «Banda Paroquial» sob a proficiente direcção do Cap. Virgílio Ferreira, fez sua estreia oficial nessas tocantes solenidades de Nossa Senhora de Fátima.

DIA 13

O dia 13, décimo sétimo aniversário das célebres aparições de Nossa Senhora de Fátima, foi consagrado de modo especial às comemorações da «Fátima Milagrosa».

Houve de manhã, às 8 horas, missa festiva e comunhão geral dos devotos de Nossa Senhora da Fátima. Às 10 horas Missa Cantada pela Liga Católica, acompanhada pela orquestra e coral da Matriz.

E às 19 horas, recitação do Santo Rosário, ladainha cantada, hino de Nossa Senhora de Fátima, conferência religiosa sôbre os acontecimentos de Fátima, bênção do Santíssimo Sacramento, e finalmente beijamento de Nossa Senhora.

Imagem de Nossa Senhora de Fátima, sôbre o artístico andor que a conduziu na deslumbrante procissão das velas, realizada pela 1.a vez na cidade de Carangola, E. de Minas, Brasil

Era um espectáculo comovedor, contemplar aquela onda de povo a chegar-se aos pés do trono da nova Imagem para oscular-lhe a fita que pendia das sua mãos e numa homenagem de fé ardente, confiança e amor filial, apresentar-lhe seus pedidos e formular as suas promessas.

Por essa ocasião foram distribuídos santinhos, novenas e medalhas de N.a S.a de Fátima, que eram arrebatados pelo povo como os mais preciosos tesouros.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte...	444.004$99
Papel, comp. e imp. do n.º 141 (87.400 ex.)...	4.212$28
Franquias, embal. transporte etc....	2.108$15
Na Administração...	505$40
Total...	450.830$82

Donativos desde 15$00

Palmira Sabino — Fuzeta, 30$00; Carlota Teixeira — Cabo Verde, 1 dólar; António B. Tavares — Figueira da Foz, 25$00; Acácio Vieira — Pôrto, 20$00; Irmãos de S. José de Cluny — Lândana, 140$00; M.e P. Ribeiro — Adão Lobo, 30$00; Alzira Calado — Juncal, 15$00; Celestino Leite — Cab. de Basto, 20$00; M.e N. da Ponte — Foz do Douro, 20$00; Distrib. em Midões, 50$00; Dr. Augusto da Silva — Lisboa, 40$00; J. Pais — Gran Bretanha, 107$97; José Xavier — Vila de Rei, 40$00; Dr. Ângelo Tavares — Redondo, 20$00; Distrib. em Ilhavo (J. Serena), 170$00; Augusto Sinde Pinto — Pôrto, 20$00; Vitória Sinde Pinto — Coja, 15$00; Silvina Pires — Lisboa, 15$00; Alda Ribeiro — Lisboa, 15$00; Alberto Abranches — Lisboa, 15$00; Florinda da Conceição — C. de Bésteiros, 47$00; António M. Pereira — Varzielas, 38$00; Mariana Arruda — Vila do Pôrto, 15$00; João Calheiros Cruz — Pôrto, 20$00; Elisa da Cunha — Foz do Douro, 30$00; M.a da C. Duarte — S. Mart. de Mouros, 50$00; António Alves — Rio de Janeiro, 15$00; Beatriz Azevedo — Rio de Janeiro, 15$00; Carolina Fonte — Rio de Janeiro, 15$00; «Luneta d'Oiro» Rio de Janeiro, 15$00; Clemente Moreira — Rio de Janeiro, 15$00; Manuel Leite — Rio de Janeiro, 15$00; Hercília Vieira — Rio de Janeiro, 15$00; Josefa Tasso — Rio de Janeiro, 15$00; Júlia Salvini — Rio de Janeiro, 15$00; Superiora do C. de S. Teresa — Rio de Janeiro, 15$00; Manuel Tomé — Rio de Janeiro, 15$00; Manuel Marinho — Rio de Janeiro, 15$00; Maria Xavier — Rio de Janeiro, 15$00; Miguel Campos — Rio de Janeiro, 15$00; Noémia Martins — Rio de Janeiro, 15$00; Bernardo Figueiredo — Rio de Janeiro, 15$00; Cynira Bastos — Rio de Janeiro, 15$00; Constança Barroca — Rio de Janeiro, 15$00; Constança Carneiro — Rio de Janeiro, 15$00; Edith de Barros — Rio de Janeiro, 15$00; Henrique A. Ribeiro — Califórnia 20 dólares; Giselda de Melo — Rio de Janeiro, 15$00; Hortencia Cardoso — Sul de Minas, 15$00; Mons. Rezende — Rio de Janeiro, 15$00; P.e Mário Couto — Rio de Janeiro, 15$00; Clotilde Rocha — Rio de Janeiro, 15$00; Leonor Pinto — Rio de Janeiro, 15$00; Vicente Galliez — Rio de Janeiro, 15$00; Sara Martins — Rio de Janeiro, 15$00; Amâncio Alfredo — Rio de Janeiro, 15$00; D. Janira Coelho — Rio de Janeiro, 15$00; Inácia Monteiro — Rio de Janeiro, 15$00; Leonor Rodrigues — Braga, 20$00; Distrib. no Seminário do Pôrto, 21$00; P.e Abílio Mendes — Barreiro, 100$00; Distrib. em Fiães — Feira, 165$00; Tereza Barroso — Braga, 20$00; Emília Rosa — Braga, 20$00; Dr. Manuel Pinto Nunes — Tábua, 20$00; Ana de Deus — Guarda, 20$00; Mariana Vilar — Vale de Santarém, 15$00 Júlia de C. e Cunha — Tondela, 20$00; M.a da Enc. Rocha — Lisboa, 20$00; Elise Marie — Chile, 15$00; esmolas do Pôrto, 37$00; M.a Biscaia — Crato, 30$00; Maria Xavier — Bragança 20$00; P.e António S. Miguel — Pudentes, 100$00; Maria I. Sampaio — Lordelo, 70$00; Maria O. Sampaio — S. Adrião, 20$00; António Morgado — Pr.-a-Nova, 20$00; Deolinda Charters — Lisboa, 50$00; Josefina Manso — Pombal, 20$00; M.a Zuzarte — Lisboa, 20$00; P.e António M. Correia — Brasil, 50$00; José Nepomuceno — Lisboa, 15$00; Germana da Rocha — Pôrto, 30$00; Antónia Romão — Pera, 20$00; P.e Valentim Armas — Brasil, 120$00; José Mendes — Telhal, 20$00; Alvaro Machado — Ponta Delgada, 15$00 Maria Machado — Ponta Delgada, 15$00; Elvina da Fonseca — Lisboa, 70$00; António P. da Costa — Pôrto, 20$00; M.a Peixoto de Oliveira — Barcelos, 20$00; Maria E. Sarmento — Foz do Douro, 20$00; Etelvina Cascalho — Lavre, 20$00; Bela Pulido — Moura 20$00; M.a Piedras Albas — Moura, 15$00; Alzira Machado — Granjal, 15$00; José H. da Eira — P. do Vouga, 20$00; Ana Vicência — Figueiró dos Vinhos, 22$00; Maria Zélia — Macedo de Cavaleiros, 15$00; Mateus Tôrres — Gondomar 50$00; Maria Augusta Cunha — Pôrto, 20$00; Amélia Rodrigues — P. das Flores, 20$00; Maria A. Roquete — S. de Magos, 20$00; António da Costa — Pôrto, 20$00; anónimo, 17$05; Angelina Lousada, 200$00; Ermelinda da Luz—América, 15$00; Distrib. em Guilhovai, 70$00; Manuel J. Marques — Murtoza, 40$00; Artur Lobo — Gaia, 20$00; Adelino Francisco — Ferreira do Zezere, 15$00; Francelina Borges — Lisboa, 50$00; Distrib. em Grijó, 200$00; P.e Francisco Farinha — S. Eulália, 40$00; Rosa Seabra —Tamengos, 20$00; José C. Ourem — Coruche, 15$00; António Emídio — Coruche, 15$00; Olímpia Valadas — Lisboa, 20$00; Albertina Vaz P.a — Chaves, 50$00; Júlio Cardoso — Lamego, 20$00; António Honorato — Albufeira, 15$00; Distrib. em Maxial, 50$00; Francisco Sílvio—Guimarães 15$00; Maria Amélia Carneiro — Coimbra, 120$00; Amélia Gomes — Mafra, 20$00; Maria Poiares — Escalhão, 20$00; P.e Carlos Dantas — Funchal, 120$00.

❀❀❀❀❀❀❀

Auxiliar a Acção Católica, inscrevendo-te como cruzado de Fátima, é trabalhar como o Papa, Vigário de Jesus Cristo quere que trabalhes.

SCENA TRISTEMENTE INTERESSANTE

Numa cidade Nortenha, ao cair da tarde de há dois ou três dias, estavam os fiéis que enchiam o templo assistindo a uma piedosa novena em honra de Nossa Senhora.

Eis senão quando, pela Igreja dentro, avança um casal de «mirones» que, ao que parece, andavam em excursão e que por curiosidade haviam entrado na casa de Deus.

Ela, não parecia destituida do sentimento cristão, pois foi ajoelhar-se com reverência diante do altar de Nossa Senhora, emquanto o seu companheiro se conservava de pé, hirto mas respeitoso, com o ar interessado de quem admira o valor artístico da imagem que prendera a devoção da companheira.

Ia esta, porém, tão desnudada que um movimento de escândalo e reprovação percorreu desde logo tôda a assistência.

De-repente ergueu-se, cabisbaixa uma devota Senhora e, aproximando-se delicadamente da visitante, deitou-lhe sôbre os ombros despidos um amplo chaile que a resguardava dos olhares escandalizados.

A visitante não se mostrou surpreendida nem esboçou o menor protesto, mas continuou rezando diante da Imagem de Nossa Senhora.

Ele, por seu turno, continuou também imperturbável na sua admiração.

Passados alguns minutos, os visitantes retiraram silenciosamente, depois de haverem entregado delicadamente o chaile à piedosa devota.

* * *

É tristemente actual esta scena.

Haveria da parte da visitante propositada falta de respeito? Cremos que não em virtude da sua atitude humilde.

Mas, quanta ignorância e inconsciência ao entrar na casa do Deus dos Céus e da terra naquele preparo indecente em que a puzera a moda do verão!...

Valeu-lhe a caridade da devota assistente que, por forma correcta e exemplar, atalhou o escândalo e deu à curiosa mundana uma oportuna e necessária lição.

Ela aqui fica, e praza a Deus que a tomem para si muitas que como esta se deixam escravisar pelas modas despudoradas, sobretudo na época do verão.

Guardem respeito ao menos pelos santuários de Deus, tantas que de todo o perderam pelos templos vivos do Espírito Santo que são os seus próprios corpos.

❀❀❀❀❀❀❀

Não saias de Fátima sem te inscreveres como cruzado de Nossa Senhora. Dirige-te ao edifício do Hospital e aí encontrarás letreiros com as palavras «Cruzados de Fátima». Lá estão pessoas que recebem as inscrições.

VISADO PELA CENSURA

CRUZADOS DE FÁTIMA

Uma grande obra

Nascida aínda há poucos meses e lançada imediatamente na organização em todo o país, de norte a sul, do mar à raia de Espanha, a Pia União dos Cruzados de Fátima constitui uma bela iniciativa em marcha, que promete, num curto espaço de tempo, os mais ricos e sazonados frutos.

Obra auxiliar da Acção Católica, a grande Cruzada dos tempos modernos, que tem por fim a reconquista dos indivíduos, das famílias e da sociedade, para Deus e para a Igreja, a sua difusão e o seu progresso dependem sobretudo de dois factores: o conhecimento por parte dos católicos da necessidade da sua existência e da importância das suas conseqüências, e a dedicação dos chefes de trezena.

Portugal é um país essencialmente católico. Contam-se por muitas centenas de milhar os católicos integrais e praticantes, dispersos por todo o território nacional. São em grande número aquêles que contribuem generosamente com os seus donativos para diversas obras de propaganda religiosa de piedade e de caridade cristã. Em regra, porém, na aplicação e distribuição dos recursos pecuniários em favor das instituïções criadas à sombra da Igreja, os fiéis olham mais às preferências do seu coração, impressionado com o espectáculo confrangedor da miséria material, e às necessidades locais das terras em que vivem, do que às exigências das almas e aos interêsses superiores da Religião e da Pátria.

Quantos e quantos se iludem de boa fé por falta duma larga e inteligente visão de conjunto, esquècendo que os males de que enferma a sociedade moderna paganizada pelo laicismo reinante são múltiplos, extensos, e profundos, e ignorando que só uma acção enérgica e incessante, realizada em larga escala e partindo do centro para a periféria, logrará atacar a fundo êsses males e aplicar-lhes o antídoto necessário e eficaz!

Os esforços dispersos, os sacrifícios isolados, os trabalhos e despesas de carácter puramente pessoal, sem subordinação a um plano de conjunto e a directrizes de ordem geral, representando às vezes um dispêndio colossal de fôrças, produzem sempre um rendimento que não está em proporção com o quantitativo da energia empregada.

A Acção Católica, com a sua organização hierárquica elevada na nossa Pátria a um grau excepcional de perfeição por vontade do venerando Episcopado, visa a coordenar e subordinar tôda a actividade no campo do apostolado, para que do trabalho colectivo e devidamente orientado e distribuído resulte maior soma de bens espirituais e temporais para os indivíduos e para a sociedade.

O mesmo sucede com a Pia União dos Cruzados de Fátima. Fundada como órgão auxiliar da Acção Católica e com ela intimamente relacionada, sob o ponto de vista da direcção, fiscalização e aplicação dos fundos obtidos, pois tem por fim fornecer os meios pecuniários destinados à sustentação, desenvolvimento e progresso das suas secções, obras e instituïções, a sua organização igualmente de carácter unitário, geral e hierárquico assegura-lhe desde já uma vitalidade intensa e fecunda e, no futuro, a-pesar-da reduzida cota mínima paga pela grande maioria dos Cruzados, um rendimento valioso.

O segrêdo da importância elevada e crescente dêsse rendimento está principalmente na dedicação persistente dos chefes de trezena, artífices obscuros mas beneméritos e indispensáveis das pequenas malhas da vasta rede da Pia União dos Cruzados de Fátima espalhada por todo o país, afim-de recolher o óbulo dos ricos e dos pobres voluntàriamente oferecido para a manutenção do grande e pacífico exército da Acção Católica em Portugal.

Semeadores e não ceifeiros, cada cruzado e cada chefe de trezena sabem que o que dão e o que recolhem é pouco, mas sabem igualmente que êsse pouco, com o decorrer do tempo e junto a outros, a muitíssimos, será muitíssimo também, para aplicar às obras católicas.

E a certeza de que com um pequenino donativo ou com um pouco de trabalho, dado mensalmente por amor de Deus e pela salvação das almas, se vai contribuir para uma obra de tão largo alcance como é a recristianização da nossa Pátria e a paz e a felicidade mesmo temporal do nosso povo, será durante a vida um poderoso motivo de alegria e consolação e à hora da morte a esperança fundada de inefáveis e eternas recompensas.

Visconde de Montelo

NOTÍCIAS DOS CRUZADOS

Foram feitas as seguintes nomeações de directores diocesanos.

Guarda: Cónego António Pereira de Almeida. Lamego: Cónego António Pereira Pinto.

* * *

Vai iniciar-se brevemente a propaganda e a organização dos Cruzados na diocese de Viseu.

* * *

Na diocese de Angra há já cêrca de 600 trezenas organizadas até ao presente.

Na ilha Terceira calcula-se que já se acham inscritos 10 % dos seus habitantes.

* * *

Publicaram ultimamente instruções oficiais sôbre os Cruzados S.S. Ex.mas Rev.mas os Snrs. Bispo da Guarda e Bispo Coadjutor de Lamego.

Para darmos aos nossos leitores uma ideia do rápido progresso dos Cruzados de Fátima na Arquidiocese de Braga, transcrevemos a última nota fornecida pelo digno Director Diocesano acêrca das trezenas já organizadas em diferentes freguesias:

Gualtar, 17; Dume, 14; Guisande, 4; S. Vicente de Penso, 4; Cunha, 4; Arentim, 11; Ferreiros (Braga), 26; S.ta Marta de Portuzelo, 27; Perre, 22; Areosa, 10; S. Martinho de Sande, 26; Salvador do Souto (Guimarães), 1; S. Romão de Mezão Frio, 13; S. Mamede de Aldão, 4; Gêmeos, 6; Calvos (S. Lourenço), 4; Polvoreira, 13; S. Torquato, 41; Gomilhãis, 8; Vila de Famalicão, 5; Mogege, 25; Gavião, 16; Ribeirão, 28; Sezures, 2; Nine, 5; S. Miguel de Seide, 4; S. Paio de Seide, 9; Louro, 6; S.to Adrião (Famalicão), 22; S.ta Maria de Arnoso, 10; Louzado, 33; Telhado, 12; Vermoim, 6; S. Romão de Arões, 50; S.ta Cristina de Arões, 19; Moreira de Rei, 36; S. Vicente de Passos, 14; S.ta Comba de Fornelos, 11; Medêlo, 8; Serafão, 1; Minhotãis, 13; Fragoso, 20; Aldreu, 5; Alheira, 12; Silveiros, 6; Apúlia, 21; Marinhas, 29; Moure (V.a Verde), 1; Vila de Caminha, 44; Moledo do Minho, 4; Orbacém, 2; Valença do Minho, 6; Arão, 8; Cristelo Côvo, 2; Boivão, 1; Figueiredo (Amares), 9; Amares, 1; Laúndos, 4; S. Gens de Calvos, 8; S.ta Eulália de Fermentões, 13; Ruivãis (Famalicão), 9; Azias (Barca), 4; Cidade de Braga, 130 Lomar, 38; Maximinos, 7; Palmeira, 50; Santa Maria Maior (Viana), 62; Cidade de Guimarães, 119; Gondar, 15; Brito, 39; Lordelo, 45; Silvares (Guimarães), 22 Requião, 2; Jesufrei, 5; Joane, 70; Vila de Fafe, 119; Quinchãis, 16; Bairro, 24; Santa Maria de Ferreiros, 7; Lage, 25; Barbudo, 32; Fontarcada, 27; Santa Maria de Prado, 21; Estela, 25; Pedraça, 22; Fão, 53; Gemezes, 5.

DEVERES, DIREITOS E CONSELHOS

I — Deveres dos Cruzados de Fátima

Dos Cruzados de Fátima exige-se apenas:

1.° — que procurem viver cristãmente;

2.° — que paguem pontualmente a respectiva quota.

II — Direitos dos Cruzados de Fátima

Todo o Cruzado tem direito a:

1.° — receber todos os meses a «Voz da Fátima»;

2.° — participar na missa que diàriamente se celebra em Fátima pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

3.° — participar nas missas que em tôdas as Dioceses se celebrem pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

4.° — participar em todos os actos de piedade e caridade realizados por intermédio da *Pia União;*

5.° — lucrar trezentos dias de indulgência tôdas as vezes que recitar, nas condições requeridas, alguma das seguintes jaculatórias:

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o Santo Padre»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o nosso Episcopado e o nosso clero»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei a Acção Católica».

6.° — Gozar as graças e privilégios que a Santa Sé, já solicitada pelos Prelados portugueses, venha a conceder à Pia União dos Cruzados.

III — Conselhos aos Cruzados de Fátima

É de desejar que todos os Cruzados procurem:

1.° — recitar todos os dias, sendo possível em público ou em família, o têrço de Nossa Senhora e aplicá-lo pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

2.° — Comungar freqüentemente, pelo menos, se lhe fôr possível, todos os meses, e assistir ao Santo Sacrifício no dia 13 de cada mês, em união com os peregrinos de Fátima;

3.° — Trazer o distintivo próprio dos Cruzados.

Se não pudestes inscrever-vos, em Fátima, como Cruzados de Nossa Senhora, quando chegardes à vossa paróquia dirigi-vos ao Rev. Pároco e fazei a vossa inscrição e a de vossa família nesta Associação abençoada.

A voz do Episcopado

Do Sr. Bispo de Leiria:

«Estabelecida canònicamente esta Pia União no Glorioso Santuário de N. Senhora da Fátima tão querido em Portugal e em todo o mundo onde a Santíssima Virgem tem espalhado abundantemente as suas graças de Mãe Carinhosa, esperamos que os Nossos caros diocesanos acorram a inscrever-se nesta «Pia União, para, mediante a pequena quota que lhes é exigida, manifestarem a sua gratidão e amor à Santíssima Virgem que se dignou vir até nós para nos chamar ao cumprimento dos nossos deveres e levar-nos para Jesus, o Salvador das nosssas almas».

Do Sr. Bispo de Coimbra:

«Caríssimos filhos: quem poderá recusar a sua inscrição nesta bemdita Cruzada de que depende a reconquista cristã de Portugal? quem não poderá dar mensalmente 50 centavos ou ao menos 20? E, dando essa quantia, recebe gratuitamente o número mensal da «Voz da Fátima»! E também não faltarão almas generosas que se prestem a ser chefes de trezenas. Assim o espero, assim o peço ardentemente.

... ...

Dirijo-me a todos: aos Rev.mos Cónegos, aos Rev.mos Párocos e mais Sacerdotes, dirijo-me aos Seminaristas, dirijo-me a todos os leigos de ambos os sexos, a todos os colégios, congregações e corporações religiosas, a tôdas as obras de zêlo e a todos digo: levantai-vos, trabalhai, formai trezenas.

Que nenhuma freguesia ou corporação fique estranha a êste movimento bemdito. *Adveniat regnum tuum.*»

Do Sr. Bispo do Pôrto:

«Nós aprovamos e erigimos esta Pia União dos Cruzados de Fátima» nesta diocese do Pôrto onde tão consoladoramente se nota uma intensa vida cristã. Esperamos confiadamente do zêlo de todos os Rev.mos Párocos e mais sacerdotes, tanto seculares como regulares, bem como da actividade de tôdas as associações católicas, o maior incremento dêste organismo que se propõe fazer colecta geral entre os católicos portugueses de tôdas as classes e condições a favor da Acção Católica.

... ...

De modo especial recomendamos aos «Cruzados de Fátima» a oração perseverante a Nossa Senhora para que se estenda e se firme o Reinado de Cristo, Senhor Nosso.»

A Imprensa e os Cruzados de Fátima

Da «Voz de Lamego» transcrevemos o seguinte artigo sôbre a obra dos Cruzados de N.ª S.ª de Fátima:

«Todos os católicos de Portugal conhecem já a esta hora a instituïção que tem o nome de «Cruzados de Fátima» que os Ex.mos Prelados portugueses criaram e abençoaram e cujo programa oficial publicamos hoje na «Voz de Lamego». Os seus fins constam dos mesmos estatutos.

É supérfluo insistir nas vantagens de tôda a espécie que esta Pia União vem trazer à alma católica dos portugueses.

Ninguém há aí que, dizendo-se católico, não queira intensificar em si mesmo a vida católica, tornando-se melhor, e ao mesmo tempo expandir essa vida, comunicando-a ao seu semelhante, na proporção e grande intensidade em que a deseja para si próprio. Viver a Caridade Cristã não é desejar ao próximo só os bens temporais e fazê-lo participante dêstes bens. Antes disso e mais do que isso é torná-lo participante dos dons de Deus, dons sobrenaturais, que —desgraçadamente!!! — para tantos homens é como que não existam.

A Acção Católica, que — mercê de Deus — está a expandir-se em Portugal, pode dizer-se prodigiosamente, pretende realizar e vai já realizando êsse fim cristão de levar Jesus Cristo às almas, tornando-o delas conhecido e amado. A sua eficácia depende, é certo, mais da graça de Deus do que do esfôrço humano; mas como Deus quis que a sua Igreja fôsse sustentada por êste esfôrço, os católicos não poderão deixar de prestar o auxílio necessário para a realização dêste desígnio da Providência.

As obras sociais e católicas exigem trabalho, obreiros que a ela se dediquem e que, livres de tudo mais, a elas só se dêem. Propaganda, enfim.

A Obra de meios era indispensável. Os Ex.mos Prelados de Portugal, cuja unidade de vistas e de esfôrço é admirável, que entre si teem como divisa *«um só coração e uma só alma»* e que ardentemente desejam que todos os católicos portugueses como êles pensem, viram bem que esta *unidade de alma e coração* não podia ter melhor eficácia do que colocando-se e a todos os portugueses com êles, sob a invocação, protecção e auxílio de Nossa Senhora de Fátima.

Há três anos, todos êles consagraram na Cova da Iria os portugueses à Excelsa Soberana de Portugal; agora veem com Portugal inteiro, sob a invocação dela, conquistar os meios para a Acção Católica portuguesa.

Que nenhum católico falte à chamada. Que nenhum pároco, sobretudo, deixe de organizar urgentemente esta Pia União na sua frèguesia.

Muito brevemente serão enviados todos os esclarecimentos indispensáveis aos Reverendos Párocos, afim de quanto antes organizarem nas suas freguesias a Pia União local».

Na crise moral do mundo o remédio é: a «Acção Católica»

Depois de ter enumerado os males que afligem o mundo: nacionalismo exagerado, crise de liberdade, de disciplina, individualismo entre os católicos, ***êle diz que o remédio*** *se apresenta bem claro:* ***é a Acção Católica.***

A Acção Católica tem em vista êstes objectivos:

1.° — *A formação das consciências, condição* sine qua non *para realizar os outros objectivos. Formação sobretudo da juventude, devendo as energias amadurecidas dos homens ser consagradas principalmente às obras de apostolado;*

2.° *intensificação da vida cristã em tôda a sua plenitude, em tôda a sua essência de comunidade;*

3.° *a coordenação das fôrças, que* ***se actua na paróquia*** *com o Conselho Paroquial e depois gradual e hierarquicamente até à Junta Central;*

4.° *a subordinação à Hierarquia. Subordinação, reconhecendo nela o seu centro regulador, participando no apostolado, associando-se e reünindo-se sob a direcção da mesma Hierarquia. Portanto, subordinação não passiva e inerte, mas com colaboração activa.*

(Sua Eminência o Cardial Vidal y Barraquer na VII Semana Social de Madrid).

Ano XII — Fátima, 13 de Agosto de 1934 — N. 143

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" R. Santa Marta, 158 — Lisboa Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração "Santuário da Fátima"

FÁTIMA -- íman das almas e dos corações

«Fátima, a humilde povoação, quási desconhecida ainda há poucos anos, tornou-se um poderoso íman dos corações, polo para o qual se voltam irresistivelmente as almas sequiosas de paz, de luz e de amor».

(Do livro «Fátima, le nouveau Lourdes», edição da Abadia de Averbode, Bélgica, 1933).

O FIM DAS PEREGRINAÇÕES

O templo, a igreja, a casa de Deus, é casa de oração.

A gloriosa Rainha do Céu, dignando-se aparecer, na Cova da Iria, aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel, comunicou-lhes a sua vontade de que naquele local abençoado se construisse uma capela em sua honra.

Ela quis, irrecusàvelmente, consagrar, por essa forma, o recinto das aparições como um logar especial de oração. Mas, não contente com isso e empenhada, por assim dizer, em frizar dum modo bem claro, a característica essencial do novo Santuário, destinado a ser, dentro de poucos anos, o Santuário nacional por excelência, teve sempre o rosário, durante as aparições, pendente das suas mãos puríssimas, ensinou aos videntes uma pequena súplica, pediu-lhes que levassem dois andores numa procissão da sua freguesia e acedeu aos pedidos que a Lúcia lhe fêz de converter alguns pecadores do seu conhecimento.

Maria Santíssima desceu do Céu à solidão da Cova da Iria, para estabelecer ali o seu trono de graças e assim atrir àquêle logar bemdito as almas pecadoras para as converter e salvar.

E é pelas orações dos fiéis que acorrem a Fátima em piedosa romagem que ela quere que isso se consiga.

Como era bela a oração das três crianças quando, de joelhos, junto da azinheira sagrada, invocavam a celeste Padroeira de Portugal, implorando a sua intercessão a favor das almas transviadas!

E com que piedade e fervor os peregrinos rezam, durante as cerimónias litúrgicas, que se efectuam no dia treze de cada mês, naquela atmosfera saturada de sobrenatural que envolve o vasto anfiteatro do recinto das aparições!

E quantas vezes, êsse tocante espectáculo impressiona e abala os indiferentes e os curiosos, e até os impios, fazendo-os cair de joelhos, a rezar também e a soluçar! Sobretudo as noites de doze para treze oferecem, sob êste ponto de vista, scenas altamente comoventes e empolgantes. Na procissão das velas e durante as longas horas de adoração nocturna, ao ar livre, sob a abóbada celeste estrelada, os coros dos peregrinos repetem sem cessar os louvores da Rainha dos Anjos diante do trono de misericórdia que Ela escolheu.

No fundo dessas preces e dêsses cânticos, que comunicam esplendores inefáveis de alegria às cerimónias santas e às solenes procissões, encontra-se sempre, juntamente com a súplica pelos que sofrem, a oração fervorosa pela conversão dos pecadores.

E, ao deixarem, cheios de saüdade, as paragens sagradas da Lourdes portuguesa, os piedosos romeiros não cessam de orar.

Durante a viagem, nos automóveis, nas camionnettes, *nos combóios, nos veículos de tôda a espécie em que se fazem transportar, ou emquanto percorem a pé léguas e léguas para chegar aos seus lares distantes, através das cidades e dos campos, nos átalhos e nas grandes estradas, êles enchem tudo com os acentos suaves das suas preces e dos seus cânticos.*

De regresso a suas casas, rezam com um novo e dobrado fervor e o seu espírito de oração reanima por tôda a parte a fé, a esperança e o amor, restaura a vida cristã nos indivíduos e nas famílias e faz triunfar o reino de Deus nas almas e nos corações.

Por meio do Santo Rosário, cuja devoção a Virgem Santíssima tantas vezes recomendou aos videntes, e por intermédio deles, a todos os fiéis, invoquemos fervorosamente o auxílio do Céu, entre as provações e as esperanças dos dias que passam, nesta fase angustiosa e cheia de incertezas que o mundo actualmente está atravessando.

Oremos por nós, pelas nossas famílias, pela nossa prátria; oremos para desagravar a Deus pelos nossos pecados e para obter a conversão dos pecadores que inundam a face da terra.

As culpas individuais e as iniqüidades colectivas são a verdadeira causa de todos os males que nos oprimem ou que nos ameaçam.

Oremos pelos tiranos e pelos preseguidores. Oremos sobretudo pelas vítimas dos pecados do mundo, por todos os oprimidos, pelo Vigário de Cristo, pela Igreja, pelo clero, pelos religiosos, pelas crianças a quem se pretende roubar a fé e a inocência, pelas almas que tantos demónios em carne procuram seduzir e perder.

Oremos e façamos penitência. Dêste modo, pela renovação e intensificação da vida interior, que é a vida de união íntima com Deus, realizaremos o programa de Fátima, preparação prévia e indispensável para efectivação do magnífico programa da Acção Católica, que tem por fim a recristianização da sociedade paganizada pelas doutrinas e práticas dissolventes de laicismo, a grande e funesta heresia dos tempos modernos.

Visconde de Montelo

As comemorações

13 DE JULHO

Os actos religiosos comemorativos do décimo sétimo aniversário da terceira aparição da Santíssima Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel tiveram um atractivo e um encanto inteiramente particulares, graças à atmosfera de piedade e recolhimento extraordinários em que todos êles foram ralizados.

Mas a peregrinação mais importante foi incontestàvelmente a do Arciprestado de Ancião, efecuada com a aprovação dos Ex.mos e Rev.mos Prelados de Coimbra.

O seu programa, organizado em harmonia com o programa oficial do Santuário, foi cumprido com a mais edificante exactidão e pontualidade.

Altar mór da Catedral de Monfalcone, Itália, na festa de Nossa Senhora da Fátima em 13 de maio de 1934

Numerosas, importantes e bem organizadas foram as peregrinações que acorreram a Fátima para tomar parte nas comemorações dêsse dia, merecendo especial referência as do Arciprestado de Ancião, de Belém (Lisboa), Santíssimo Sacramento (Pôrto), Setúbal, Tôrres Vedras, Águeda e Carcavelos.

No dia 12, às 10 h. 30, houve, como de costume, a recitação do terço em frente da capela das aparições, seguida da procissão das velas.

Da meia-noite às duas horas realizou-se a cerimónia da adoração nacional, tendo prègado sôbre os mistérios dolorosos o Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria. As outras horas de adoração foram distribuídas pelas freguesias do Arciprestado de Ancião segundo a ordem seguinte:

Das 2 às 3, freguesias da Aguda e Maçãs de D. Maria; das 3 às 4, freguesias de Chão de Couce, Pousaflores e Avelar; das 4 às 5, Ancião, Tôrre e Lagarteira, e das 5 às 6, Alvorge e S. Tiago da Guarda.

A peregrinação de Setúbal teve a sua hora de adoração das 2 às 3 e as de Tôrres Vedras, Águeda e Carcavelos, das 5 às 6.

As missas privativas das diversas peregrinações foram rezadas às horas que seguem: às 8,30, a de Tôrres Vedras; às 9, a do Santíssimo Sacramento (Pôrto); às 9,30 a de Setúbal; às 10, a do Arciprestado de Ancião, e às 10,30, a de Águeda. As 6 horas, celebrou-se a misa da comunhão geral, tendo recebido o Pão dos Anjos cêrca de quatro mil pessoas.

Ao meio-dia, depois da recitação do terço do Rosário e da procissão de Nosso Senhora, houve a missa oficial, seguida da bênção dos doentes.

Celebrou a missa o rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria e membro da Junta Geral do Distrito. Êste distinto e piedoso sacerdote comemorava nesse dia o aniversário da sua primeira missa, também celebrada no Santuário de Fátima.

No fim do Santo Sacrifício prègou o ilustre e venerando Prelado de Leiria.

Os actos colectivos oficiais tiveram o seu remate com a última procissão de Nossa Senhora e com a toconte cerimónia do Adeus.

As peregrinações de Setúbal, Belém e Santíssimo Sacramento, feitas em auto-carros, visitaram, aquelas no dia 12 e esta no dia 15, a igreja do Santíssimo Milagre em Santarém, onde adoraram a Hóstia do grande milagre eucarístico do século treze.

Para conhecimento das peregrinações interessadas em ver e oscular aquela sacrosanta relíquia, convém lembrar que, para êsse fim, é necessário prevenir com alguns dias de antecedência o capelão da referida igreja.

Peregrinação do Pôrto

No dia 16 de Julho, às 14, h. 40, partiu da estação de S. Bento (Pôrto) para Fátima, em combóio especial, a peregrinação promovida pela Sociedade «Os Amigos de Santo António».

Os peregrinos, que eram em número de trezentos e cincoenta, foram presididos pelo rev.do Manuel Nédio de Sousa, Reitor do Seminário do Coração de Jesus, em Gaia, tendo sido também acompanhados pelos rev.dos abades de Ramalde, Lordelo do Ouro e Formelo, Vila do Conde, e coadjutor de Campanhã.

Na peregrinação tomaram parte numerosas colectividades católicas portuenses com os seus estandartes.

Os actos religiosos colectivos, realizados pelos peregrinos em Fátima, foram os que constam do programa das cerimónias oficiais para o dia treze de cada mês.

Peregrinação da Batalha

No dia 24 de Julho, por iniciativa do seu zeloso pároco, o rev.^do Manuel Pereira da Silva Gonçalves, a freguesia da Batalha realizou a sua peregrinação anual colectiva ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Tomaram parte nela muitas centenas de pessoas.

Às 15 horas reüniu-se o povo na igreja do Convento da Batalha para receber a bênção do Santíssimo Sacramento.

Em seguida a peregrinação partiu a pé em direcção a Fátima, acompanhada pelo seu rev.^do Pároco. Pelo caminho não se conversava, sòmente se cantava e rezava o terço em voz alta.

Fêz-se a devoção da Via-Sacra, havendo uma prática junto de cada cruzeiro. Os peregrinos chegaram a Fátima um pouco antes do sol pôsto. Depois, até ao outro dia, à hora da partida, o que houve foi o que costuma haver no dia treze de cada mês: procissão das velas, exposição do Santíssimo Sacramento e adoração nocturna, rezando-se ao princípio o terço com práticas apropriadas nos intervalos das dezenas sôbre os mistérios gloriosos do Rosário feitas pelo rev.^do dr. Galamba de Oliveira, que aproveitou o ensejo para instruir os seus ouvintes àcêrca da natureza e fins da Acção Católica e do dever que incumbe a todos os fiéis de cooperar nessa importante e urgente Cruzada de Salvação dos tempos modernos. De manhã houve missa rezada, comunhão geral, procissão com a Imagem de Nossa Senhora, missa cantada, bênção dos doentes, recondução da Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições e a tocante cerimónia do *Adeus*.

Os sacrifícios que os piedosos habitantes da Batalha tiveram de fazer, tomando parte nesta fervorosa romagem, de-certo serão compensados pelas graças e bênçãos que o Céu fará descer sôbre aquela edificante grei e sôbre o seu zeloso e dedicado Pastor e que hão-de produzir frutos abundantes de santificação e salvação.

A diocese de Leiria em Fátima

Foi nos dias doze e treze de Agosto de 1932 que se realizou a primeira peregrinação diocesana, pròpriamente dita e oficialmente organizada, ao grande Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima. Como *noblesse oblige*, coube à diocese de Leiria, a diocese priviligiada pela Augusta Mãi de Deus com o dom magnífico das suas celestes aparições, a glória dessa bela e fecunda iniciativa. Desde então, todos os anos, no mês de Agosto, escolhido pelo venerando Prelado para êsse fim, a mais pequena das dioceses de Portugal compraz-se em ir depôr, solene e piedosamente, aos pés de Nossa Senhora, no santuário da sua predilecção, a homenagem da sua veneração, o tributo do seu reconhecimento e o preito do seu amor filial.

O ano passado, por motivo da comemoração mundial da Maternidade espiritual da Santíssima Virgem, Co-redentora do género humano e Medianeira de tôdas as graças, Sua Ex.^cia Rev.^ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva dirigiu um apêlo vibrante e sentido aos seus diocesanos, convidando-os a tomar parte colectiva na peregrinação de doze e treze de Agosto a Fátima em honra da augusta Mãi de Deus e dos homens.

Êsse apêlo, o nobre e ilustre Prelado renova-o êste ano com todo o ardor e veemência da sua alma de apóstolo e com tôda a ternura do seu coração paternal.

Êle deseja com razão vêr alí, a seu lado, naquela estância abençoada, que a Raínha dos Anjos se dignou escolher para trono das suas graças, a querida grei que o Senhor lhe confiou, afim de agradacer com ela o dom precioso concedido à sua diocese e implorar novas graças e novas bençãos para santificação e salvação das almas.

É o pagamento duma enorme dívida de gratidão, é um rigoroso e imprescindível dever de reconhecimento e de amor filial para com a Virgem bemdita, a romagem anual da diocese de Leiria ao Santuário da Lourdes portuguesa.

Praza a Deus que o apêlo do venerando Antístite seja atendido por todos os seus diocesanos que estejam em condições de o poder fazer, para que a peregrinação dêste ano, pelo elevado número dos seus membros e pela grandiosidade e imponência dos seus actos colectivos, constitua uma empolgante manifestação de fé e piedade, uma autêntica e esplêndida apoteose, de que redunde grande glória para Deus, grande honra para a Virgem Santíssima e grande proveito para as almas, especialmente para as da diocese predilecta da augusta Raínha do Céu!

Um novo livro sôbre Fátima

Há cêrca de quinze anos, num pobre catre do hospital de D. Estefânia, em Lisboa, após uma longa e dolorosa enfermidade, suportada com paciência e resignação heróicas, a alma angélica de Jacinta Marto, uma das priviligiadas videntes de Fátima, desprendia-se suavemente dos frágeis liames do seu corpo virginal e voava, serena e feliz, para o seio amantíssimo de Deus. Tinha então pouco mais de dez anos de idade. Era no dia 20 de Fevereiro de 1920.

No ano anterior, a 5 de Abril, adormecia tranqüilamente no Senhor outro vidente, Francisco Marto, irmão da Jacinta, depois de se ter confessado e de ter recebido o Sagrado Viático com os mais edificantes sentimentos de piedade.

Essas duas crianças, humildes e inocentes, precocemente feridas de morte pelo terrível flagelo da bronco-pneumonia, passaram sôbre a terra quási com a rapidez brusca e fulminante dum silencioso e fugaz meteoro.

As condições do meio em que se encontravam, no cume duma serra, a simplicidade do seu viver próprio de camponeses, a sua tenra idade, que não deixava incidir detidamente sôbre as pessoas e os actos dos videntes as atenções alheias e emfim a circunstância de não se prevêr que o facto assombroso de que foram testemunhas viria a ter, a breve trecho, uma retumbância não só nacional mas universal, obstaram a que se recolhessem, a tempo e horas, úteis e valiosas informações para um retrato, tanto quanto possível, completo, da sua fisionomia moral e para um relato pormenorisado das suas palavras e dos seus actos, ao menos desde a época das aparições até à data do seu ditoso passamento.

A glória de ter superado êsses obstáculos, que pareciam humanamente invencíveis, pelo que diz respeito à mais nova das videntes, cabe ao apóstolo de Fátima par antonomásia, o rev.^do dr. Luís Fischer, sábio lente de História Eclesiástica na Universidade de Bamberg e ilustre autor de numerosos e importantes livros sôbre a Lourdes portuguesa.

Publicado pela «Fátima-Editora» daquela cidade bávara, acaba de ser pôsto à venda no original alemão o livro «Jacinta, a pequena flor de Fátima», que é uma biografia tão interessante como encantadora da pequenina e humilde vidente de Aljustrel.

Subordinando, por assim dizer, o seu precioso trabalho a um alto pensamento filosófico e religioso, o doutíssimo escritor de Além-Rheno encara certos traços mais salientes da existência aliás tão curta da Jacinta e julga ver nessa criança uma grande priviligiada do Céu, a quem a augusta Virgem do Rosário se dignou confiar uma missão sublime, intimamente relacionada com os deveres que as circunstâncias dos tempos presentes impõem a todos os católicos em face da Acção Católica, que procura reconquistar a sociedade paganizada para a profissão da fé e prática da vida cristã com meios de apostolado modernos, não menos idóneos que eficazes.

Pode afirmar-se com verdade que o livro do rev.^do dr. Fischer é um comentário scientífico, feito com inteligência e coração, destas quatro ideias fundamentais que resumem e sintetizam a vida da feliz confidente da Mãi de Deus: a santificação própria, a santificação da família, a santificação em volta de nós e a santificação da vocação.

Na sua carta-prefácio da versão francesa do livro «As Grandes Maravilhas de Fátima» (édition du Pelican, Rue Dussoubs, Paris, 2^ème), Sua Ex.^cia Rev.^ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, escreve o seguinte: «Por tôda a parte, nas suas aparições, a Santíssima Virgem, repetindo as palavras de Nosso Senhor, convida-nos a fazer penitência (si poenitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis, Luc., XIII, 5), a vigiar e orar (vigilate et orate, Mat., XVI, 41) para irmos a Jesus (ad Jesum per Mariam)». E acrescenta imediatamente: «Em Fátima faz-se penitência, vigia-se e ora-se».

É esta a missão providencial em que a augusta Raínha do Rosário investiu o glorioso santuário nacional da Lourdes portuguesa.

Fátima é Acção Católica. Fátima é apostolado. É Acção Católica, mas Acção Católica integral, isto é, actividade exterior alimentada pela chama sempre pura e sempre ardente da vida interior. É apostolado da oração e apostolado da acção.

A essência do cristianismo cifra-se no sacrifício e no amor. São êles a dupla fonte, perene e inexgotável, da Acção Católica. Constituem ambos o programa consolador do facto divino de Fátima. Pelo amor de Deus e do próximo e pelo sofrimento resignadamente aceite, a Jacinta ficou sendo, como diz o rev.^do dr. Fischer, modêlo infatigável de acção católica, amável modêlo para o mundo infantil. E pode-se acrescentar: para tôdas as classes de pessoas, em tôdas as condições da sua vida sôbre a terra.

Mas, dum modo especial, como fríza ainda o ilustre professor, a vocação da Jacinta foi, através duma dolorosa doença, que ela até ao último suspiro suportou com admirável resignação, fazer penitência pelos pecados dos outros, expiá-los, repará-los.

Oxalá o público católico português, que tem acohido com tanto favor as publicações do sábio escritor alemão, possa ter em breve o delicioso prazer espiritual de ler, trasladado a vernáculo, o seu último e valiosíssimo trabalho «Jacinta, a pequena flor de Fátima», que teve a honra de ser prefaciado pelo venerando Senhor Bispo de Mainz, Dom Luís Maria Hugo.

Visconde de Montelo

Artigos religiosos

Os peregrinos da Fátima encontrarão à entrada da Avenida Central do Santuário, já dentro do recinto murado, duas casitas onde podem comprar artigos religiosos que alí estão à venda em favor do Santuário.

* * *

O Sr. António Rodrigues Romeiro — Fátima, é a pessoa encarregada pelo Santuário de mandar pelo correio os pedidos de artigos religiosos, livros sôbre Fátima ou água do Santuário.

UM NOVO LIVRO SOBRE A FÁTIMA

A florinha de Fátima

O Ex.^mo e Rev.^mo Sr. D. Luís Maria Hugo, Bispo de Mayence, o mais zeloso propagandista da comunhão das criancinhas em tôda a Alemanha, que criou na

Ex.^mo e Rev.^mo Sr. D. Luís Maria Hugo, Bispo de Mayence (Mainz) Hesse, que prefaciou o novo livro em publicação do Rev. dr. L. Fischer «A florinha de Fátima»

sua diocese o «Secretariado da Comunhão das pequeninos» e presidiu à grande peregrinação das criancinhas a Roma, escreveu para o livro do Rev. dr. Fischer o seguinte *Prefácio:*

Desde que a Comunhão precoce atingiu aquela amplitude que, por vezes nos causa assombro, observamos, não raro, em certas crianças uma ânsia enorme e heróica de perfeição — ânsia muitas vezes coroada por graças extraordinárias do Céu.

Estas crianças têm, de-certo, uma missão apostólica a cumprir junto dos adultos.

É por isso que lemos com prazer e entusiasmo o que êste livrinho nos conta sôbre a pequena Jacinta, de idade apenas de 7 anos, falecida em Lisboa, em 1920, depois de longo sofrimento suportado com heróica resignação.

Este livrinho, devido à pena do dr. Luís Fischer, profesor da Universidade de Bamberg, está escrito com unção e entusiasmo.

Jacinta era uma das três crianças a quem N. Senhora se dignou aparecer na Cova da Iria.

O livrinho está, de antemão, destinado a comover e a elevar a alma do leitor e a incutir-lhe, ao mesmo tempo, um grande amor e confiança em N. Senhora de Fátima, por cuja intercessão junto de seu divino Filho grandes e sublimes coisas virão a realizar-se ainda em nossos dias.

Mogância, 4 de Abril de 1934

† Luís Maria, *Bispo de Mogância*

Notícias do Santuário

RETIROS

— A maior parte do Rev. Clero de Leiria fêz o seu retiro espiritual no Santuário desde o dia 16 de julho a 21.

Assistiu também o sr. Bispo.

Funcionou pela primeira vez o 2.º andar da casa dos exercícios.

PEREGRINAÇÕES

IRMÃS DE S. VICENTE DE PAULO

Nos dias 3 e 4 de julho esteve no santuário um grupo de Religiosas de S. Vicente de Paulo dirigidas pelo Rev. Monê, superior da Igreja de S. Luís dos Franceses, em Lisboa.

Fizeram a sua peregrinação no maior recolhimento e piedade parecendo com os seus hábitos um bando de pombinhas brancas a cantar os louvores a Nossa Senhora.

A Virgem Santíssima proteja o seu Instituto e obras.

OS AMIGOS DE SANTO ANTÓNIO

Promovida pela benemérita Associação — Amigos de Santo António — do Pôrto, esteve na Fátima uma numerosa peregrinação presedida pelo Rev.^do Professor P.^e Nédio e Sousa.

Eram perto de 400. Vieram em combóio especial até Leiria e seguiram para o Santuário em camionnettes.

Gente bôa foram dos que mais se dedicaram à fundação do Círculo Católico dos Operários do Pôrto que é a honra e orgulho dos operários católicos do Pôrto.

PEREGRINAÇÃO DE BRAGA

Dirigida por Monsenhor Pereira Júnior, de Braga, com a colaboração de outros ilustrados sacerdotes esteve em Fátima uma peregrinação nos dias 17 e 18. Realizaram com muita piedade os actos dos peregrinos.

SEMANA PREPARATÓRIA DA ACÇÃO CATÓLICA

Principiou no dia 3 de agosto a semana preparatória dos dirigentes da Acção Católica da diocese de Leiria da qual daremos notícias mais desenvolvidas no próximo número.

Santo António proclamado Santo Padroeiro de Portugal

S.^to António de Pádua (conhecido em Portugal como S.^to António de Lisboa) foi proclamado Santo Padroeiro de Portugal por um Breve Apostólico, Sanctae Romanae Ecclesiae.

S.^to António nasceu em Lisboa e passou a maior parte da sua vida em Portugal. Em Pádua só viveu por um curto espaço de tempo. O Breve declara que o Papa concorda com o desejo do Cardial Patriarca de Lisboa e da Hierarquia Portuguesa que S.^to António seja proclamado Padroeiro da sua nação.

Isto lembra que o Santo era português, que foi educado em Portugal e ali recebeu a sua formação religiosa e que a sua grande virtude produziu fruto naquela nação antes que passasse a outras nações da Europa.

Com justiça, diz o Breve, podem os Portugueses honrar êste santo como celestial Padroeiro da sua nação.

(The Universe, jornal católico inglês)

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	450.830$82
Papel, comp. e im. do n.º 142 (123.500 ex)...	7.056$75
Na Administração	192$55
Franquias, emb. transportes, etc.	1.909$85
Total	459.989$97

Donativos desde 15$00

Distrib. em Vila Nova de Fozcoa, 40$00; Distrib. em Bougado — Trofa, 300$00; Jorge Vareta — Tua, 20$00 Joana Veiga — Lisboa, 20$00; Lucinda Valente — Coimbra, 15$00; Alberto Mendes — Coimbra, 20$00; José Augusto Pires — Mangualde, 20$00; P.e Lourenço — Sobrado de Paiva, 20$00; Olinda Ferreira — Jardinopolis, 30$00; *António dos Santos Vieira — Oriândia, 1.000$00;* Distrib. em Silva Escura, 25$00; Irmã Laura — Cabinda, 90$00; Abertina Torquato — Pôrto, 15$00; Leonardo Baião — Viana do Alentejo, 20$00; Emília de Oliveira — Vilarinho da Lousã, 50$00; Distrib. em Castelo Branco — Açores, 435$00; M.a Celeste Leitão — Espozende, 40$00; Distrib. em Lourinha — Moledo, 30$00; Firmino Abrantes — Mangualde, 15$00; José do Esp. Santo — Amoreira, 15$00; Teodoro das Neves — Amoreira, 15$00; *P.e António Maria Alves — Macau, 1.062$10;* Ana de Almeida Santiago, 30$00; Maria Brito — Alportel, 15$00; M.a Silva Santos — Lisboa, 20$00; Eponina Teixeira — Brazil, 20$00; Claudina Sampaio — Mesão Frio, 20$00; Lourenço Machado — Braga, 27$00; Adelaide Bastos — Lisbon, 15$00; M.a do Carmo Rocha — Odivelas, 20$00; António de Azevedo — Azurara, 20$00; Clotilde Antunes — Tondela, 20$00; Guilhermina Freitas — Famalicão, 20$00; Ana Tôrres Ferreira — Beiriz, 200$00; António Tinoco — Pôrto, 20$00; Distrib. em Paderne, 102$00; Anónimas de Candelária, 20$00; Alcina Neves — Infesta, 20$00; José M. Lopes — Lagares, 20$00; M.a Franco Antunes—Leiria, 20$00; Distrib. por M.a do C. Pires—Pôrto, 17$00; Julieta Fortuna — Pôrto, 15$00; Rosa Mota — Pôrto, 20$00; Ana Paulino, M.a Serpa, e Emília Gomes — Flores, 40$00; Manuel Freitas Lúcio — Lages, 20$00; P.e Augusto Teixeira — Açores, 20$00; Sebastiana Nogueira — V.a Chã de Ourique, 30$00; P.e Henrique Garcia — Almalaguez, 15$00; José Sobreira — Caldas da Raínha, 30$00; António Simões da Cunha — Adões, 50$00; Virginia Madeira — Adões, 50$00; António J. Cunha — Pedralva, 30$00; Iria Cardoso — Rio de Janeiro, 15$00; Frei António Hel-

Continúa na 3.ª página

Graças de N. Senhora de Fátima

DILATAÇÃO DOS OSSOS

— *D. Maria Deolinda Vieira do Carmo* — S. Miguel, Açores, diz o seguinte: «Há alguns anos que o meu neto Luís Eduardo Vieira de Andrade sofria de uma dilatação nos ossos nasais que lhe causava um grande sofrimento, impedindo-o muitas vezes de dormir e deixando-o extremamente nervoso em virtude da dificuldade de respiração.

Por várias vezes se consultaram os médicos, sendo todos de opinião que o doente só obteria a cura submetendo-se mais tarde a uma operação cirúrgica.

No dia 4 de Junho, contava meu neto quási seis anos de idade, comecei a lavar-lhe o nariz com água do Santuário da Fátima fazendo ao mesmo tempo uma novena em honra de Nossa Senhora.

A-pesar-da minha indignidade, o resultado foi o seguinte: desde o primeiro dia em que lhe fiz a aplicação da água do Santuário até agora nunca mais o meu neto sentiu o mais pequenino incómodo nem a mais leve dificuldade de respiração.

Felizmente, todos o julgamos curado, pois há mais dum ano que deixou de sofrer passando sempre admiràvelmente bem desde então para cá, favor êste que não podemos atribuir senão à Maternal protecção de Nossa Senhora da Fátima».

FEBRE INTESTINAL

—Minha espôsa, Maria Ferreira do Rosário, foi fortemente atacada pela febre intestinal. Elevou-se tanto que por algum tempo lhe transtornou por completo o juízo, levando-a a pedir-me instantemente que a matasse com um revólver, ou então que se matava ela ingerindo uma pedra de sulfato!

Vendo-me assim tão desgostoso e desanimado dos remédios da terra, pedi, com a maior confiança possível, a Nossa Senhora da Fátima que curasse a minha mulher, e prometi ir com ela a Fátima agradecer à Santíssima Virgem o grande benefício da cura se esta lhe fôsse concedida. E, oh! poder divino! desde então não tornou mais a ter a mínima aflição nervosa no cérebro, e hoje todos quantos então a consideravam doida para sempre, a têm já por completamente sã, favor impagável que Nossa Senhora da Fátima se dignou fazer a tôda a minha família.

Brunhido

Augusto Dias Ferreira

NEURASTENIA

— *O Rev. P.e Joaquim A. dos Reis* — Igreja de N.ª S.ª da Conceição — Pôrto, diz em carta o seguinte:

«Para edificação dos devotos de Nossa Senhora e em honra e glória da Mãe do Céu, e ainda a pedido da família directamente interessada, venho narrar o seguinte caso, de que sou testemunha ocular:

Bernardino José de Oliveira, ancião de cêrca de 80 anos, empregado nesta Igreja, viu-se acometido duma neurastenia aguda que em breve o levou à loucura. Tratado por dois médicos sucessivamente, um declarou que «era relógio com a corda gasta» e o outro aconselhou a família a recolhê-lo a um hospício adequado. A família, porém, que sentia a ausência embora temporária do seu chefe querido, recorreu a Nossa Senhora da Fátima que é a Saúde dos Enfêrmos, a quem fêz os seus votos. Em breve o doente, ainda sob o delírio, dizia ver Nossa Senhora da Fátima; mas, em breve, foram-se-lhe normalizando as faculdades mentais, estando já perfeitamente bem. Êle e sua família agradecem pùblicamente a Nossa Senhora o benefício recebido, e de muito boa vontade pagam as suas promessas numa romagem de piedade filial aos pés de Nossa Senhora da Fátima a doce Raínha de Portugal».

GRAÇAS DIVERSAS

— *Maria Azevedo Maia* — Vila do Conde, agradece uma graça particular que recebeu do Sag. Coração de Jesus por intermédio de N. Senhora da Fátima e de S. Terezinha do Menino Jesus.

— *Emília Cândida de Almeida e Silva* — Alenquer, tendo obtido por intermédio de N.ª Senhora da Fátima a cura de sua mãe que estava desenganada pelos médicos, vem cheia de gratidão agradecer-lhe graça tão consoladora.

— *António Valente da C. Júnior*—Pôrto de Tonce, não conseguindo com a medicina alcançar a saúde que havia perdido, confiou-se a Nossa Senhora da Fátima, de quem depois de algumas promessas, obteve a cura tão desejada.

— *Clotilde Raposo de Sousa de Alte* — Alenquer, diz: «venho pedir o favor de publicar no seu jornal «Voz da Fátima» o meu reconhecimento a Nossa Senhora, por uma graça muito grande que recebi do Céu por sua maternal intercessão junto de Deus».

— *Maria Isabel* — Lisboa, agradece a Nossa Senhora duas graças temporais que se dignou alcançar-lhe por sua maternal bondade.

N. Senhora de Fátima

EM JERUSALÉM

Quiz a divina Providência e o carinho maternal de Maria que eu, no princípio do Ano Santo de 1933, fôsse apresentado, em Basileia, por Mons. Maeder, director da Sentinela, ao Dr. Luís Fischer, o arauto alemão de Nosso Senhora de Fátima.

A primeira pregunta que o Dr. Fischer fêz ao peregrino da Terra Santa foi a seguinte:

— Sabe a razão porque Nossa Senhora de Fátima apareceu sempre nos dias 13?

— Porque Nossa Senhora morreu no dia 13 de Agosto, respondi eu alegre e sorridente.

Era, talvez, uma afirmação ousada a minha, mas o Dr. Fischer partilhava também da mesma opinião, como o prova o seu artigo de 13 de Agosto de 1933, publicado no Mensageiro de Fátima.

Abadia da Dormição de Nossa Senhora levantada pelos Benedictinos em Jerusalém para comemorar a morte da Virgem Santíssima

Se N.ª Senhora pelas suas aparições nos dias 13 nos queria dar a conhecer o dia certo da sua morte, então, é fora de dúvida que existe uma relação muito íntima entre as duas vezes milenária Abadia da «Dormição», em Jerusalém, e o novo Santuário da Raínha do Rosário, na longínqua Fátima. Para tentar esclarecer êste caso foram escritas as linhas que se seguem.

O passamento de Maria, a sua Assunção ao Céu é a mais antiga de tôdas as festas de Nossa Senhora. Foi sempre preocupação da santa Igreja comemorar festivamente o dia da morte dos mártires e, um pouco mais tarde, também a dos outros santos. Estas festas chamavam-se *Natale* ou *Natalitiae* isto é, nascimento para o Céu. Por esta mesma razão começou o passamento de Maria a ser festejado desde muito cedo. A primeira notícia duma festa dedicada a Maria encontramo-la nós nos conventos dos monges da Palestina. Já no séc. V era ali festejado um dia comemorativo da Mãe de Deus.

Na opinião de Henrique Kellner (1) trata-se aqui, segundo tôdas as probabilidades, da festa do passamento de Maria. O que, porém, não oferece dúvida é que no séc. VII já os cristãos dos Lugares Santos conheciam uma festa da morte de Maria a que chamavam *Koimâsis*, tendo, sôbre êsse assunto, chegado até nós alguns sermões, como o do Patriarca Modesto de Jerusalém († 634), os de Andreas Cretensis († 720) e os de Germano de Constantinopla († 733).

A festa tinha a princípio, de harmonia com a designação grega, os nomes de *Dormitio, Pausatio, Depositio B. M. V.* — Dormição, Passamento e deposição de N. Senhora.

Nos mais antigos evangeliários latinos encontra-se muitas vezes a palavra *Natale* com essa significação. O nome de Assunção, ou melhor, acolhimento, recepção de Nossa Senhora no Céu, aparece, pela primeira vez, no séc. VIII, mas foi de tal forma prevalecendo que a palavra «Dormição» desapareceu quási por completo.

Qual seria, pois, o objecto dessa festa?

Como as palavras indicam, o seu fim primário era festejar o santo passamento de N. Senhora, e os secundários a admissão da sua alma à contemplação da visão beatífica e a subida do seu santíssimo corpo ao Céu, segundo é crença firme e constante desde os primeiros séculos da Igreja. Esta subida do corpo de Nossa Senhora ao Céu foi designada pelo nome de Assunção.

Não se trata, porém, de demonstrar aqui a Assunção de Nossa Senhora ao Céu. A convicção dêste sublime privilégio da Mãi do Salvador existe de tal modo viva e radical na consciência e no coração dos fiéis que êstes com extremos de amor filial, envidam, em todo o mundo, os maiores esforços para se obter da S. Sé a definição dogmática da sua Assunção ao Céu. Segundo tôdas as probabilidades, não virá longe o dia em que seja oficialmente reconhecido a Maria o que, há já séculos, foi reconhecido pelo coração de todos os seus filhos.

Mas, quanto mais se for radicando na Igreja e na consciência dos fiéis a convicção da subida do corpo de N. Senhora ao Céu, tanto mais distinto se irá tornando êste mistério do mistério da sua santa morte. Uma vez definido como dogma êste altíssimo previlégio de Maria, será necessário dedicar-lhe uma festa própria e exclusiva, a qual não poderá ser outra senão a actual festa da Assunção. E se é certo que a festa da Assunção encerra já em si a morte e a transfiguração da alma de Maria, e se em séculos idos era a sua morte que, de preferência, se queria realçar — hoje, pelo contrário, a maioria dos católicos liga a esta palavra apenas a idea da subida do seu corpo ao Céu.

Por esta excessiva acentuação da subida ao Céu poderia o pensamento da santa morte de N. Senhora ser relegado para plano secundário o que, de-certo, nenhumas vantagens traria, antes pelo contrário. O mistério da morte de Maria, tão venerado pelos antigos cristãos, merece que lhe dediquemos uma atenção muito especial. Se a ressurreição do seu corpo é a imagem do que nos espera no fim do mundo, a sua santa morte é o símbolo daquilo que nos há-de acontecer no fim da vida.

A separação da alma do seu invólucro mortal e a transfiguração do nosso corpo no juízo final existem, no pensamento e no tempo, muito distanciadas uma da outra. Portanto, para nosso proveito espiritual, seria incomparàvelmente melhor que os dois mistérios da vida da nossa Mãe celestial fôssem festejados com festas distintas.

Deverá a morte de N. Senhora ser festejada a 15 de Agosto ou antes dêsse dia? No caso de dever ser festejada antes, quais os dias que para isso poderiam ser tomados em consideração?

Na resposta a esta pregunta não podemos socorrer-nos da história visto ser de todo impossível provar se a escolha do dia 15 de Agosto para a festa de N. Senhora tem alguma base ou fundamento histórico.

Outrora, entre os Coptos e os Árabes, realizava-se a festa no dia 16 de Janeiro e, entre os Visigodos, a 18 do mesmo mês. Mas desde que o imperador grego Maurício (588-602) transferiu, por decreto, a festa da morte de Maria para o dia 15 de Agosto, tornou-se esta data a predominante.

Foi em virtude dêsse decreto que, nos últimos tempo, os católicos da Guatemala, na América Central, concluíram, erradamente, que Maria morrera, de facto, em 15 de Agosto, começando desde então a festejar com autorização de Roma a Coroação de Maria no da 18 do dito mês.

Como, por um lado, é impossível provar à luz da história a data da morte de Maria e, pelo outro, predomina actualmente a opinião da Assunção de Nossa Senhora ao Céu no dia 15 de Agosto, é evidente que a morte de Maria deve ser festejada antes do dia 15. Para se calcular o dia exacto seria necessário, primeiro que tudo, saber quantos dias depois da sua morte o seu santíssimo corpo se uniu de novo à sua alma. Uns, com santa Brígida, dizem que esta união se operou catorze dias depois; outros, com santa Isabel de Schönau, quarenta, e ainda outros, com Maria de Agreda e Catarina Emmrich, três.

Esta última opinião está de perfeito acôrdo com as mais antigas tradições gregas e latinas, como se prova pela história Euthymiana, reforçada pela autoridade de S. João Damasceno e do Breviário Romano. Na dita história encontra-se o seguinte, que reproduzimos nos seus passos principais.

Desejando a imperatriz Pulchéria (453) e seu marido, o imperador Marciano, guardar a relíquias de N. Senhora numa Igreja por êle construída em Constantinopla, foi-lhes respondido pelo Patriarca Juvenal de Jerusalém, o seguinte:

Nos santos e inspirados Evangelhos nda se contém na verdade, àcêrca da morte de Nossa Senhora, mas, segundo uma antiga e veneranda tradição, sabe-se que os Apóstolos, ao tempo da sua gloriosa morte, percorriam o mundo na propagação de fé. Mas, num momento, foram todos conduzidos pelo ar a Jerusalém e quando ali chegaram tinha Maria um rosto de anjo, ouvindo-se ao mesmo tempo um côro divino cantado pelas potestades celestes. Assim entregou, ao som dêsses coros, a sua santa alma a Deus. Aquêle corpo bemdito, que trouxera Deus no seu seio, foi sepultado no Gethsemani e desceu ao sepulcro por entre cânticos e hinos de ouvor dos Anjos e dos Apóstolos. Êstes cânticos não cessaram durante três dias e quando, ao terceiro, deixaram de se ouvir, acorreram todos ao túmulo — já então em companhia de Tomé que só chegara depois da morte de Nossa Senhora — abriram-no, mas o seu santíssimo corpo já ali não estava. Encontraram apenas os panos em que Ela fôra envolvida e dos quais recendia um ador suavíssimo.

Fecharam-no outra vez e cheios de admiração e assombro à vista de tão estupendo milagre, concluíram que aprouvera Aquêle que se dignou tomar carne, nascer e fazer-se homem nas suas puríssimas entranhas, ficando Ela sempre pura e imaculada, honrar também essa pureza ainda depois da morte, tornando o seu corpo incorruptível, subtraindo-o assim à ressurreição comum no juízo final (2).

No Horológio da Igreja grega diz-se que os Apóstolos, ao terceiro dia, depois da morte e deposição de Maria viram, por sôbre as suas cabeças, quando se encontravam reünidos, a Mãi de Deus rodeada dum resplandecente côro de Anjos, a qual lhes disse: «A paz seja convosco. Eu estarei sempre no meio de vós». Saúdou-os e consolou-os empregando as palavras de seu próprio Filho. Êstes, ao vê-la, exclamaram: «Santa Mãi de Deus, protegei-nos!»

Em seguida dirigiram-se ao lugar onde N. Senhora fôra sepultada e não encontrando ali os seus restos mortais concluíram que Ela, à semelhança do seu divino Filho, tinha ressurgido dos mortos e subido ao Céu onde reinaria com Cristo por tôda a eternidade (3).

De harmonia com esta tradição, celebram as Clarissas de Lisboa, desde o séc. 18, a festa da Boa-Morte no dia 13 de Agosto. Por um decreto da S. C. dos Ritos de 5 de Dezembro de 1917, foi esta festa estendida a todos os conventos franciscanos de Portugal.

Foi, pois, Portugal, durante muito tempo, o único país que comemorou no dia 13 de Agosto a festa litúrgica da morte de Maria. Se, portanto, Maria distinguiu êste país com as miraculosas aparições dos dias 13, em Fátima, não será esta uma prova clara e evidente de quanto lhe é agradável a comemoração da sua santa morte e que, em atenção a ela, desejaria dispensar-nos a todos grandes graças para obtermos uma morte santa e feliz?

Segundo alusões feitas por Maria nos últimos decénios, por ocasião de aparições suas, chegamos a um tempo em que os maus podem dar largas aos seus instintos e paixões, de maneira que a morte não tardará a fazer uma boa colheita. *Todo o nosso século vai ao encontra duma morte violenta e terrível.*

Por êsse motivo, não parece despropositado festejar e contemplar, agora mais do que nunca, a morte de Maria para que a nossa súplica quotidiana «rogai por nós agora e na hora da nossa morte» se torne cada vez mais viva e eficaz.

Ninguém rejubilaria mais que os habitantes da «Dormição» se a santa Igreja, em atenção a Fátima, instituísse uma festa da morte de Maria, no dia 13 de Agosto. Uma missa própria da sua morte foi já permitida à «Dormição» no ano jubilar de 1925. Esta linda missa pode ser celebrada em todos os dias do ano, excepto no Natal, Páscoa, Pentecostes e 15 de Agosto por ser o dia da festa titular do convento da «Dormição».

Como se vê, no dia 15 de Agosto, que outrora tinha o nome de «Festa da Dormição» já não é permitido, nem sequer no seu próprio convento, celebrar a missa dêsse nome, mas sòmente a da Assunção de Nossa Senhora. Isto prova como no decorrer dos séculos, se alterou a litúrgia do dia 15 de Agosto.

Como a missa da Assunção foi fixada para êsse dia, ficou a festa e missa da «Dormição» de Nossa Senhora sem dia próprio. Era pois necessário destinar-lhe outro. Qual? Eis senão quando, em Fátima, nos vem em auxílio a própria Raínha do Céu. Os dias 13 de cada mês, especialmente o dia 13 de Agosto devem ser dedicados ao mistério do seu bem-aventurado passamento para que Ela nos assista a todos na hora tremenda e incerta da nossa morte.

Fátima procura uma explicação para os dias 13, e a «Dormição» dá-lha; a «Dormição» procura um dia de festa, e Fátima oferece-lho.

Que Roma nos dê a sua bênção para o conseguirmos.

Que Nossa Senhora nos ajude naquilo que Ela e nós tanto desejamos!

Crypta da Igreja da Dormição onde se venera Nossa Senhora em Jerusalém

Dr. Benedito Stolz, da Abadia do Passamento de Maria, em Jerusalém.

(Tradução do alemão)

(1) Heortologia ou o ano eclesiástico e as festas dos santos na sua evolução histórica, Friburgo, 1911.
(2) Euthymii hist. lib. III. Cap. 4.
(3) Nilles, kalendarium manuale utriusque ecclesiae orientalis et occidentalis, Innsbruck, 1896.

VISADO PELA CENSURA

VOZ DA FÁTIMA

Continuação da 2.ª página

vetia — S. Paulo, 156$00; Maria Gamito — Lisboa, 20$00; Augusto Payzinho — Carcavelos, 50$00; José D. Beleza — Matozinhos, 20$00; António C. Bernardino — Brasil, 15$00; Beatriz Rodrigues da Silva — Águeda, 100$00; Cónego Nogueira — Coimbra, 20$00; Joubert Valente — Lourenço Marques, 20$00; P.e Joaquim dos Reis — Pôrto, 100$00; António F. Moreira — Leça de Palmeira, 20$00; Silvânia da Silva — Leça de Palmeira, 20$00; José da C. Sampaio — Lousada, 20$00; Ana Augusta de Oliveira — Évora, 50$00; Maria Vahia Trigueiros — Fundão, 20$00; Olímpia Teixeira — Brasil, 20$00; Ilda Pedrosa — Braga, 25$50; João Frazão — Pernes, 40$00; Distrib. em Cabêço de Vide, 50$00; Inês Macehi — Milano, 15$00; P.e António Rodrigues — Vermoil, 20$00; José Leite — Braga, 15$00; Distrib. na Igreja dos Terceiros — Viseu, 28$25; P.e Francisco de Babo — Ermezinde, 21$50; Peregrinação dos Amigos de S. António — Pôrto, 50$00; Distrib. na Igreja de S. Cristóvão — Lisboa, 268$00; Cristina de Lemos — Madeira, 20$00; M.ª Peres de Oliveira — Mação — 15$00; Distrib. em Macieira de Carvoeiro, 21$50; P.e Tomás de El Campio — Mértola, 20$00; Distrib. em Arouca, 45$00.

CRUZADOS DE FÁTIMA

Cruzada bemdita!

O livro, tão interessante como notável, que tem por título «O Povo Português», da autoria do grande jornalista e escritor sr. dr. Bento Carqueja, cita o número 99.8 como percentagem que o censo de 1900 marca sôbre a população religiosa portuguesa.

«Em 1900, diz textualmente o ilustre professor universitário e director do *Comércio do Pôrto*, 99,8 por cento seguia a Religião Católica».

Hoje, trinta e quatro anos depois, a-pesar-da violência da propaganda demagógica desencadeada contra a Igreja na época que precedeu e se seguiu imediatamente à implantação do novo regimen e tendo em linha de conta o intenso ressurgimento religioso que se tem operado nos últimos tempos, essa formidável percentagem, se não aumentou ainda mais, de-certo também não diminuíu dum modo apreciável.

Como foi possível, pois, que os católicos portugueses durante tantos anos, tivessem sido alvo das mais duras e ignóbeis perseguições?

Como se explica que a Santa Igreja se visse humilhada nas pessoas dos seus venerandos Prelados, insultada e caluniada no seu clero secular e regular, oprimida e privada do uso dos seus direitos e das suas liberdades e expoliada dos seus bens temporais?

Como sucede que ainda hoje as Ordens e Congregações religiosas vivam num regimen de mera tolerância, numa situação excepcional de favor, à mercê dum golpe traiçoeiro proveniente de qualquer mutação no scenário da vida política, cujo perigo as ameaça constantemente como uma verdadeira espada de Damocles, a-pesar-das boas e até cordiais relações diplomáticas existentes entre o govêrno português e a Santa Sé e entre o poder civil e os detentores da autoridade eclesiástica e a-pesar-da atmosfera de paz e benevolência social que as envolve, graças em grande parte ao respeito da ordem pública assegurado pela ditadura militar?

É que muitas centenas de milhar e mesmo alguns milhões de católicos, espalhados por todo o território nacional, são católicos apenas de baptismo e de nome, sem convicções íntimas e profundas, ou católicos sem a consciência nítida do seu nome, da sua fôrça e do seu valor, ou ainda católicos ignorantes, tíbios e comodistas.

Mas, ainda que os católicos verdadeiramente dignos dêste nome, católicos de *Credo* e mandamentos, perfeitamente cônscios das suas graves obrigações como indivíduos e como cidadãos, constituam um número elevado em relação à massa total da população, a falta de organização em que se encontram, não lhes permite valorizar os seus esforços e as suas energias e dar-lhes a necessária eficácia, cujo segrêdo consiste na união e cooperação metódica e disciplinada de todos entre si e sob a direcção efectiva dos chefes legítimos.

Tal é precisamente o objecto primário da Acção Católica que é, quanto à sua organização e às suas modalidades, uma cousa inteiramente nova entre nós e que tem por fim ganhar para Deus e para a Igreja a sociedade paganizada, estabelecendo nela o reinado efectivo, teórico e prático, dos princípios e práticas cristãs.

É mister, porém, fornecer à autoridade eclesiástica, que está procedendo à mobilização geral das fôrças católicas em todo o país para a batalha pacífica e incruenta da reconquista cristã, os meios pecuniários de que carece para essa emprêsa colossal e gigantesca, de que depende o futuro político e social da nossa Pátria e a felicidade dos indivíduos e das famílias.

É essa a grande e benemérita tarefa da Pia União dos Cruzados de Fátima que, mercê de Deus, está a expandir-se dum modo extraordinário e quási prodigioso propondo-se, como escreve o ilustre Prelado do Pôrto, «fazer colecta geral entre os católicos portugueses de tôdas as classes e condições a favor da Acção Católica».

Oxalá que todos aquêles que prezam sinceramente a glória de Deus e o bem das almas oiçam o brado veemente, o apêlo vibrante, do venerando Senhor Bispo Conde de Coímbra, alma generosa, ardente e entusiástica de moço em corpo alquebrado de ancião: «A todos me dirijo e a todos digo: levantai-vos, trabalhai, formai trezenas!

Que nenhuma freguesia ou corporação fique estranha a êste movimento bemdito!

Adveniat regnum tuum».

Visconde de Montelo

A Voz do Episcopado

Continuamos a publicar excerptos dos documentos até agora publicados pelos Venerandos Prelados de Portugal acêrca dos Cruzados de Fátima:

Do Sr. Bispo da Guarda:

«É com todo o fervor da nossa alma que suplicamos a todos os nossos amados diocesanos que se empenhem com todo o interêsse na organização da *Pia União dos Cruzados de Fátima*, como uma obra urgente que Deus nos pede e o nosso bem-estar reclama.

Esta diocese tem a glória de solenes afirmações práticas da sua fé, duma obediência exemplar às directivas da Santa Igreja, dum zêlo esclarecido pelos triunfos de Deus.

Por outro lado, ela tem sabido manter a flama do amor para com a Mãi Imaculada, que um dia desceu amorosa e claramente às terras de Fátima, a uma altura e num fervor que ninguém conseguiu ainda exceder. Testemunho dêsse amor ardente são os monumentos que em vários lugares da diocese se levantam como centro de piedosas e impressionantes peregrinações.

Pois bem: trata-se de glorificar a Santíssima Virgem pela forma que lhe é mais querida, que é a glorificação de Jesus pelo seu triunfo nesta Sua terra de Portugal.

Não foi para outra coisa que Nossa Senhora desceu à erma charneca de Fátima, nem outra coisa pediu aos inocentes pastorinhos que tiveram a ventura de ouvir a sua voz celeste e maternal.

Procurai, pois, amados diocesanos, com um denodo que seja a expressão da vossa mesma vida cristã, e com a urgência que reclamam tantos males que é preciso combater, propagar esta cruzada redentora, multiplicando em todas as classes sociais as Trezenas da Pia União.

Os próprios mortos, os vossos queridos defuntos podem ser inscritos, porque também podem partilhar dos preciosos bens espirituais, que a obra confere a todos os que dela fazem parte.

O Clero e os Seminaristas devem ser os primeiros arautos dêste belo movimento em que está empenhada a glória de Deus e a salvação de Portugal. Depois as associações religiosas, as confrarias, os colégios, escolas, todas as obras católicas de não importa que natureza, sexo, idade ou condição, tomem o encargo de trabalhar na organização dos *Cruzados de Fátima* como a primeira obra de apostolado que Deus lhes pede nesta hora.

Nos campos e nos povoados, nas cidades e nas aldeias, nas fábricas e nas oficinas, em tôda a parte, emfim, onde haja almas zelosas da sua salvação e da salvação dos seus irmãos, deve erguer-se esta cruzada magnífica de resgate.

Sem tibiezas e sem desfalecimentos, em nome da caridade, que é feita de sacrifícios e de benemerências, com uma só alma e um só coração, unam-se todos os católicos, para que esta grande causa triunfe nesta Nossa tão querida e amada diocese.

Pedro o Eremita fez um dia erguer na Europa a sua voz inflamada neste brado apostólico: *Deus o quere*. E viram-se então os cruzados avançar, através de todos os perigos, para arrancar às mãos dos infiéis o túmulo de Jesus Cristo.

Há hoje em Portugal milhões de almas que se tornaram, pelo pecado, túmulos de Jesus: é preciso conquistá-las, transformá-las pela graça na morada amorosa do Mestre Divino.

Deus o quere, dizemos Nós também com igual verdade.

Deus quere que homens e mulheres, novos e velhos, ricos e pobres, se deem as mãos para esta nova cruzada, que pretende implantar nas almas e na sociedade a «paz de Cristo no reino de Cristo».

Que a diocese tôda, cheia de fé e de fôrça, trabalhe nesta grande obra, que Deus nos pede para glória Sua e salvação nossa.

Confiamos o seu êxito ao zêlo do Clero e aos fiéis de boa vontade. Com o Santo Padre Pio XI a todos êsses «instantemente exortamos no Senhor a que não se poupem a nenhum trabalho, não se deixem vencer das dificuldades, mas cada vez cobrem maior ânimo e sejam fortes».

E agora repetimos com S. João Crisóstomo. «Amados diocesanos com as vossas esposas, com os vossos filhos e com os vossos servos, partamos para esta santa *expedição*, e arranquemos às garras de Satanás as almas que êle fez prisioneiras. Não abandonemos o trabalho, emquanto não fizermos tudo quanto nos for possível. «Maridos; dizei isto às vossas espôsas; espôsas, dizei-o aos vossos maridos; pais, dizei-o aos vossos filhos; e que os amigos o repitam muitas vezes aos seus amigos».

«Para que em tudo e sobretudo reine e impere Cristo, a quem só seja dada honra, glória e poder por todos os séculos dos séculos». *«Adveniat regnum tuum».*

Do Sr. Bispo de Viseu.

«Foi canònicamente erecta há um mês no Santuário de Nossa Senhora de Fátima por Autoridade e Provisão do prelado Bispo de Leiria a Pia União dos Cruzados de Fátima, a que foram dados Estatutos que mereceram a aprovação de todos os Senhores Bispos Portugueses, uma vez que por sua índole e fins, esta associação pode e pretende atingir com seus benefícios espirituais e acolher benignamente os fiéis de todos os Bispados de Portugal.

A devoção a Nossa Senhora da Fátima, que hoje enche tôda a terra portuguesa, para mais se conformar com a mente da Santa Igreja e não se diminuir, adulterar e perder nas formas individualistas que caracterizam tantas das nossas devoções deve possuir-se do espírito de catolicidade e tornar-se ao mesmo tempo o preito ordenado, permanente e universal da Pátria agradecida à Mãi Celeste que se dignou visitá-la.

As multidões de Fátima e os cultos que por nossas terras se repetem copiosamente nos dias 13, são expressão eloqüente da piedade nacional e da enternecida gratidão dos portugueses para com a Virgem Nossa Senhora.

Mas os Bispos, guardas da fé do povo português e seus cuidadosos guias, viram que era possível sublimar êste movimento-milagre, o mais audacioso desafio que a Providência divina e a Misericórdia de Maria podiam oferecer à impiedade do nosso século e às arremetidas dos inimigos de Deus e perseguidores da sua Igreja na terra cristã de Portugal.

Tornou-se Fátima a piscina probática dos pecados da nossa Nação; e misteriosamente guiados pelas mãos de Maria Santíssima ali correm pecadores sem conto a buscar fé para a inteligência em trevas, e, entre lágrimas, perdão para a consciência em culpa.

Se cada devoto de Fátima, com visão ampla e sobrenatural, quisesse elevar êste culto filial a Nossa Senhora, e, procurando por êle em primeiro lugar a própria santificação, depois se devotasse a suplicar àquela terna Mãi pelos seus irmãos que partilham a mesma devoção, pelos pecadores que ainda não viram nEla o verdadeiro e seguro Refúgio, pelos enfêrmos que lacrimosos a imploram, por todos os necessitados que Lhe choram suas queixas e precisões, e sobretudo pela restauração da vida cristã em nossa Pátria por meio dessa forma excelente de apostolado que é a Acção Católica — assistiríamos em breve ao mais estupendo dos milagres de Fátima — o alinhamento dum exército incontável de almas dispondo da mais valiosa das fôrças, a oração — condição e garantia segura de tôdas as vitórias nos combates do espírito.

Pois não foi outro o pensamento, e é êsse o anseio dos vossos Bispos: convocar e reünir em volta da bandeira de Nossa Senhora de Fátima a grande legião dos seus devotos que devem ser todos os portugueses bem nascidos; formar uma cruzada nacional de oração a que juntaria cada um o minguado sacrifício duma esmola, porque é agradável a Deus sacrificar-Lhe alguma coisa do que é nosso; e desta sorte ter bem acendida em cada terra e em muitos lares a chama colhida no brazeiro de fé, oração e sacrifício que é a Cova da Iria, e com ela atear o apostolado da Acção Católica, que é apostolado também de fé, oração e sacrifício.

Sim, dilectíssimos Filhos, a nossa fé é tímida e hesitante: carece de tomar aquelas formas desenvoltas que fazem esplêndido e comovente o espectáculo das grandes jornadas de Fátima. Quando se tornar sincera e ardente, enchendo de graça e luz todos os actos da nossa vida quotidiana, ela será edificante e há-de atrair ao Reino de Deus almas errantes, talvez bem próximas de nós, sequiosas de um amor que é o nosso amor a Cristo, sonhadoras duma felicidade misteriosa, que é a nossa felicidade e paz em Cristo.

Sim, dilectíssimos Filhos, a nossa oração, talvez confinada e por demasia terrena nas aspirações, verbalista na expressão, pobre de sinceridade e de vida, precisa de ser tôda confiança na bondade do Pai Celeste, termo dos nossos cultos como é cheia de confiança em Maria Santíssima quando ajoelhamos na terra abençoada de Fátima.

Temos necessidade de fazer da oração veemente e perseverante a arma da nossa defesa, a garantia de êxito de nossas emprêsas, e por ela elevar-nos à grande glória de sermos os mediadores, associados a Jesus Cristo, na obra de salvação de nossos irmãos. Que hoje um filho da Igreja, no meio das contradições que o cercam, não pode pensar em salvar-se só; sente, porque lhe pede o seu amor a Jesus Cristo e às almas, a necessidade de trabalhar orando e orar trabalhando pela salvação do próximo.

É urgente transportar aos nossos lares e aos nossos templos aquêle fervor sobrenatural que em Fátima nos eleva acima dêste mundo para mais nos aproximar de Deus.

Sim, dilectíssimos Filhos, contrasta milagrosamente com o horror doentio a todo o sacrifício e privação, a soma de penitências em que se purificam e elevam os peregrinos de Fátima.

A carne humana ulcerada de sensualidade, só se resgata e sara pela mortificação; o tormento de ambição e gozos incontinentes tempera-se e corrige-se pela privação voluntária do que é nosso, oferecido e imolado à glória de Deus e em lucro das almas.

Pelas nossas penitências seremos salvadores, pelas nossas oblações ajudaremos a Igreja espoliada e pobre a dilatar o seu apostolado, que em todos os tempos se exerceu ao preço dos sacrifícios da multidão fiel.

Abraçando êste programa os «Cruzados de Fátima» hão-de levar a Portugal inteiro aquêle fogo sagrado que crepita na terra bemdita das aparições.

Como não ambicionará o Nosso Coração de Pastor ver os seus Filhos espirituais a ingressarem às legiões nesse movimento de restauração cristã?

Por isso, como a defender causa de suma valia, exortamos os Sacerdotes Nossos muito queridos cooperadores à prègação desta Santa Cruzada.

Falando dela aos fiéis colherão azado motivo de congregar os elementos aproveitáveis que existem dispersos pelas freguesias e lugares do Bispado, com que hajam de estabelecer um ou outro dos organismos da Acção Católica.

Quando a fé parece emigrar de nossas terras, ao mesmo tempo que muitas almas escolhidas tem ânsia de alimentar uma vida cristã mais intensa, olhamos desolados as fileiras dizimadas do Nosso Clero. É temerosa a desproporção entre a imensidade da seara diocesana de almas a colher para Jesus Cristo e o número apoucado de obreiros por vocação lançados na santa tarefa.

A convocação dos filhos da Igreja que reúnem as qualidades precisas para darem ao seu Bispo na Diocese e ao seu Pároco na freguesia cooperação leal e efectiva, nunca foi mais oportuna.

Estamos persuadido de que o apostolado humilde, quási imponderável porque é sobretudo de auxílio espiritual da «Cruzada de Fátima», vai fazer despontar uma floração de boas vontades que dando à Igreja acção e sacrifícios, serão com o pouco Clero que com-Nosco coopera, os reconstrutores da vida cristã em muitas freguesias, os reorganizadores da ordem paroquial em ruínas e na Diocese os fortes elementos de coesão e de disciplina a apontarem aos fiéis menos esclarecidos, na hierarquia no Sacerdócio a fonte imediata da vida sobrenatural, e no respeito e obediência que lhe são devidos o culto da unidade da mesma Igreja.

Queremos, queridos Filhos, que em Nossa Diocese, esta Pia União seja antes de tudo um forte auxílio de vida sobrenatural; se alguém se lançasse a propagá-la só na mira de, por hábil montagem, avolumar colectas, feitas embora de contribuição parcimoniosa, ganharia a Nossa formal reprovação.

As almas conquistam-se sobretudo pela oração e pelo sacrifício; o Sangue de Jesus foi o seu maior preço.

Há-de ser êste apostolado espiritual dos «Cruzados de Fátima» que afervorará em muitos fiéis o culto da abnegação, do zêlo, da renúncia, virtudes que devem informar as almas dos trabalhadores da Acção Católica.

Mesmo os pequeninos Cruzados, sabendo que, pelo seu óbulo e pela sua oração, são tidos por valores apreciáveis da grande obra da restauração cristã; irão dia a dia ganhando personalidade, e aprendendo que na formosa sociedade das almas, que é a Igreja, é contado e rendoso o esfôrço de grandes e pequenos, alma e coração se lhes hão-de abrir ao cometimento de maiores sacrifícios.

Abençoe a Virgem Nossa Senhora estas nossas esperanças que crescem à medida que se torna visível a Sua predilecção por nossa amada Pátria.

Que o Espírito divino, Amor increado do Pai e do Filho, o autor de todo o dom que desce do céu dê por esta obra à terra portuguesa um Pentecostes de salvação.

Para a propaganda da Pia União dos Cruzados de Fátima, no Bispado de Viseu Havemos por bem determinar o seguinte:

1) — Sejam publicados os Estatutos da mesma Pia União no Boletim da Diocese de Viseu;

2) — Os Reverendos Párocos e Capelães lerão esta Nossa Instrução Pastoral aos Fiéis, conjuntamente com os Estatutos da Pia União, num ou mais domingos em hora de maior ajuntamento, e procurarão explicar-lhes os fins e vantagens da Cruzada, exortando-os a inscreverem-se nela e os membros da família sem exceptuar os mesmos defuntos que podem alcançar o benefício de preciosos sufrágios;

3) — Todos os prègadores ficam obrigados durante o ano corrente a fazerem referências nos sermões à Pia União dos Cruzados de Fátima, exaltando esta obra e salientando os motivos, expostos nesta Instrução, pelos quais desejamos que se propague na Nossa Diocese;

4) — Usando da faculdade que Nos confere o art.º 10.º dos Estatutos Nomeamos para Director diocesano da Pia União dos Cruzados de Fátima o Rev.mo Cónego Crisóstomo Gomes de Almeida e para o Conselho Diocesano os Rev.mos Padres António Augusto Moreira Pinto e Dr. Vasco Rodrigues Serrano».

NOTÍCIAS DOS CRUZADOS

Foram nomeados mais os seguintes directores diocesanos dos Cruzados de Fátima:

Lisboa — Mons. António Joaquim Alberto — C. dos Mártires da Pátria, 45.

Viseu — Cónego João Crisóstomo Gomes de Almeida — Paço Episcopal.

•
• •

S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo da Guarda tem percorrido os arciprestados da sua diocese falando sempre ao clero na necessidade de organizarem em tôdas as freguesias a obra dos cruzados de Fátima. São já numerosas as trezenas organizadas nesta diocese.

•
• •

Começou com grande intensidade o trabalho de organização nas dioceses de Viseu e Lamego.

Ano XII — Fátima, 13 de Setembro de 1934 — N.º 144

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ R. Santa Marta, 158-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração: "Santuário da Fátima"

FÁTIMA -- o Tabor das glórias de Maria

«À vista dos prodígios de Nossa Senhora de Fátima, prostramos a fronte em adoração diante do supremo Senhor das misericórdias, protestamos a nossa vassalagem à Imperatriz augusta do universo, batemos palmas de aplausos e erguemos as mãos em acção de graças: por Maria descem tôdas as graças, por ela subam tôdas as acções de graças».

(Mons. Manuel Marinho no prefácio de «Fátima, o Paraíso na terra»).

As comemorações religiosas

(13 de Agosto)

Peregrinação diocesana de Leiria

O mês de Agosto, mês em que o mundo inteiro celebra festivamente a gloriosa Assunção de Nossa Senhora ao Céu e Portugal comemora jubiloso mais um aniversário da memorável batalha de Aljubarrota e o heroísmo assombroso do Santo Condestável, D. Nuno Álvares Pereira, foi o mês escolhido pelo ilustre e venerando Bispo de Leiria, o senhor D. José Alves Correia da Silva, para a realização da peregrinação anual da sua querida diocese, privilegiada com a graça, incomparável das aparições e com as bênçãos mais carinhosas da excelsa Raínha dos Anjos, ao Santuário de Fátima.

Das cinqüenta e cinco freguesias da diocese predilecta da Virgem bemdita saíram os respectivos grupos de peregrinos sob a direcção dos rev.dos párocos e quási todos se reüniram no dia doze à tarde, no recinto sagrado da Cova da Iria sob a presidência do Ex.mo Prelado diocesano.

O primeiro acto oficial da peregrinação foi a procissão das velas que se efectuou com a mais perfeita ordem e regularidade e revestiu grande imponência.

Durante a hora de adoração nacional, prègou sôbre os mistérios dolorosos do Rosário o rev.do António Pinto de Carvalho, S. J., que em Louvain propagou o culto de Nossa Senhora de Fátima. Fizeram em seguida as suas horas privativas de adoração as peregrinações de Ourém e Setúbal, Ceissa, Coimbra e de Évora de Alcobaça, terminando às seis horas com a bênção do Santíssimo Sacramento.

A missa dos servitas, em que se ministrou a comunhão geral, foi celebrada pelo vigário da vara de Ourém, rev.do Faustino Jacinto de Almeida, pároco da Freixianda. Comungaram cêrca de dez mil pessoas.

Às nove e meia organiza-se um extenso e luzido cortejo a que preside o Senhor Bispo de Leiria e que se dirige da capela do Albergue dos doentes para junto da monumental Basílica do Rosário em construção, onde num altar improvizado o venerando Antístite vai celebrar missa solene de Pontifical.

Depois da missa, cêrca de cem rapazes, propagandistas da Acção Católica diocesana, de pé nos degraus da escadaria da Basílica, voltados para a multidão, cantam com calor e entusiasmo o «Hino de Cristo-Rei» e o cântico «Eu sou Cristão» e por último o «Ave de Fátima», emquanto desfila o cortejo que acompanha o Senhor Bispo de Leiria até à capela do Albergue.

Mais tarde, ao meio-dia solar, inicia-se a procissão destinada a conduzir a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima da capela das aparições para junto da Basílica. A Procissão, em que se encorpora o senhor Bispo, gasta mais duma hora a desfilar, percorrendo as longas avenidas do anfiteatro do local das aparições, apenas se vê um ou outro peregrino retardatário, murmurando as suas últimas preces, prêso ainda da forte emoção das longas horas passadas naquela estância de bênçãos e de graças, de prodígios e maravilhas divinas, em que se está mais longe da terra e em que se vive mais perto do Céu.

Professores, Professoras, alunos e alunas das escolas de Nossa Senhora de Fátima com o seu desvelado director o Rev. Missionário P.e Monteiro no bairro Tamagnini Barbosa, junto das Portas do Cêrco, em Macau. Os alunos e alunas são quási todos chineses, muitos dos quais se têm convertido à religião católica. A escola tem dispensários, consultas médicas e espaçoso terreno para recreios e jogos.

Depois da missa, principia a missa dos doentes, que é celebrada pelo rev.do dr. Manuel Nunes Formigão, capelão-mór das Associações dos Servos e das Servas de Nossa Senhora do Rosário. À missa assistiu no faldistório o Ex.mo Prelado, revestido de hábitos corais.

Ao Evangelho prègou novamente o rev. Pinto de Carvalho, que, em termos eloqüentes e sentidos, se dirigiu aos enfermos presentes, encarecendo a eficácia da oração bem feita e o valor sobrenatural do sofrimento cristãmente suportado.

Terminada a missa, foi dada pelo senhor Bispo, a bênção aos doentes e a todo o povo, com o Santíssimo Sacramento. Por fim, a Imagem de Nossa Senhora foi reconduzida para a «Santa Capela» no meio de aclamações vibrantes e entusiásticas, realizando-se então a tocante cerimónia da despedida e cantando todo o povo o «Adeus à Virgem».

Começa em seguida a debandada dos peregrinos. Pouco a pouco, êles vão-se retirando, alegres mas saüdosos, para as suas terras distantes, com a alma cheia das doces e santas impressões daquele dia inolvidável. Volvendo de longe os olhos para o Santuário bemdito, que os prendeu para sempre com os seus celestes atractivos, rezam e cantam, ao mesmo tempo que no seu coração determinam voltar, logo que possam, àquele foco intenso de fé viva e de piedade ardente, a-fim-de retemperar as fôrças para as lutas da vida e para o cumprimento exacto dos seus deveres de cristãos. E, a breve trecho, no vasto recinto sagrado. Foi a maior que se realizou até hoje.

As bandeiras das associações das diferentes freguesias, as opas azuis e encarnadas dos membros das irmandades e confrarias, os vestidos brancos dos anjos, das virgens e das filhas de Maria, as sobrepelizes dos sacerdotes e seminaristas, emfim todo aquêle scenário formoso e variegado imprime ao longo e interminável cortejo uma graça, um encanto, um esplendor e uma majestade, difíceis de exceder e mesmo de igualar. Rezado o *Credo* pelo clero e pela multidão,

Fátima na América do Norte

A «Voz da Fátima» compraz-se em dar aos seus numerosos leitores a grata notícia de que o apóstolo de Nossa Senhora de Fátima nos Estados Unidos da América do Norte, rev.do José Cacela, vai intensificar extraordinàriamente, entre a população daquele país que fala a língua inglesa, a propaganda dos acontecimentos maravilhosos da Lourdes de Portugal.

Êste respeitável sacerdote, que pertence à diocese de Leiria mas que emigrou há muitos anos para a América do Norte, é o director de dois excelentes jornais, um semanário em português intitulado «O Portugal» e um mensário em inglês com o nome de «St. Anthony's Visitor», que se publicam na cidade de Nova-York.

O semanário é o único jornal português que sái à luz da publicidade na cidade de Nova-York e o mais antigo do respectivo Estado. Inteligente, activo, com um conhecimento profundo da língua inglesa e possuindo decidida vocação para o jornalismo, o rev.do José Cacela, que nos seus jornais já tem publicado numerosos artigos sôbre Fátima, resolveu iniciar em larga escala, a partir do próximo mês de Outubro, por meio de livros, opúsculos e folhas sôltas, um forte movimento de imprensa para tornar a Fátima mais conhecida nos Estados Unidos e espalhar naquele país o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Que o Céu abençôe a generosa iniciativa do piedoso sacerdote que, no meio dos absorventes e interessantes labores do seu ministério sacerdotal e do seu apostolado jornalístico, dê para ainda tempo para se dedicar à tarefa bemdita, ao mesmo tempo religiosa e patriótica, de chamar as atenções dum povo estranjeiro e longínquo para o pequenino Portugal e para o seu Santuário máximo, que é um dos maiores do mundo.

Visconde de Montelo

Exercícios espirituais

No Santuário de Fátima realizaram-se 2 turnos de exercícios.

O primeiro foi duma semana preparatória de Acção Católica em que tomaram parte 93 rapazes dirigidos pelo R. P.e Conceição e Rev. Dr. Galamba.

O segundo foi de 64 terceiros franciscanos dirigidos pelo Rev. Fr. Luís de Sousa.

A Pequena Flor de Fátima

(Pelo professor universitário Dr. Luís Fischer, de Bamberg)

Acaba de aparecer na «Fátima-Editora», de Bamberg o livro, há muito esperado, do nosso colaborador dr. Luís Fischer, professor universitário, «Jacinta, a pequena flor de Fátima», que recomendamos dum modo especial aos prezados leitores da «Sentinela» e do «Mensageiro de Fátima».

Das três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta, os pastorinhos aos quais Nossa Senhora de Fátima tantas vezes apareceu no ano de 1917, morreu a mais nova, Jacinta, tendo apenas dez anos de idade, a 20 de Fevereiro de 1920, no hospital de D. Estefânia, em Lisboa.

Como no Outono de 1930, a convite do dignissimo Bispo de Leiria, me tivesse demorado na estância abençoada da Rainha do Rosário, coube-me a felicidade de ir mais uma vez ao encontro do vulto da pequenina pastora Jacinta. Pareceu-me que, como um fiel Anjo da Guarda, a «Pequena Flor de Fátima» tinha querido acompanhar a minha peregrinação, e como uma amável Beatriz, me havia conduzido ao novo Paraiso da Rainha do Rosário, cujas maravilhas eu devia descrever.

De novo e sempre ouvia falar na Jacinta. Sua Excelência o Senhor Bispo de Leiria não se cansava de elogiar o ardor apostólico da criança: «Prègava como um sacerdote». A Irmã Lúcia das Dôres, a única dos três que ainda vive, informava dos inolvidáveis dias em que ela com a Jacinta e o Francisco tinham tido a felicidade de contemplar a Mãe de Deus. O Barão de Alvaiázere, falava com entusiasmo das graças extraordinárias, impressionantes, da Divina Providência, recebidas por sua família desde que o corpo da Jacinta se encontrava no seu jazigo privativo no cemitério paroquial.

Assim nasceu em mim dum modo absoluto e espontâneamente o interêsse por essa pequenina favorita da Mãe de Deus; o seu vulto, mais nitido, mais vivo, surgia no meu espírito. Logo se apoderou de mim a resolução de escrever a vida da «Criança Santa». A matéria brotava-me sob as mãos, desde que o bondoso Bispo de Leiria e outros amigos portugueses e alemães me forneciam continuas informações e noticias da curta e contudo tão edificante vida da Jacinta. Daí resultou um importante livro, ao qual coube a alta honra dumas palavras de introdução de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Mainz, dr. Luís Maria Hugo.

«Desde que a comunhão feita cedo, escreve o ilustre Prelado, deu ao nosso mundo infantil uma vastidão e grandeza espiritual que muitas vezes tem causado espanto, encontram-se também nas crianças como Pio X de santa memória predisse, não raramente, os meios heróicos do esfôrço tendente a alcançar uma perfeição e graça extraordinárias. Tais crianças têm certamente de cumprir o seu dever apostólico como adultos».

Estas palavras respondem espontâneamente à pregunta: «Que dever apostólico tinha a Jacinta, «a Criança Santa» a cumprir para connosco, adultos?»

É impossivel em poucas palavras e em limitado espaço descrever a vida, rica de virtudes, que esta criança de dez anos apresenta. Mas, se quiséssemos procurar entre as crianças extraordinárias dos tempos mais recentes, segundo os «Quadros da Acção Católica» dificilmente acharíamos melhor que a «Pequena Flor de Fátima».

Acção Católica era dever de todo o católico já antes de essa grandiosa palavra ser consagrada pelo grande Pio XI.

A Acção Católica é para todo o católico verdadeiramente de espírito apostólico, que nada mais conhece, quere e procura, do que o desenvolvimento do reino de Cristo sôbre a terra.

«Prometo viver como bom cristão e esforçar-me por conseguir o triunfo dos direitos de Deus e da Sua Igreja. Acção Católica é a «santificação própria, a santificação da família, a santificação da vocação, a santificação em torno de nós».

Santificação própria. Jacinta bebeu da própria fonte da Santidade. Desde que, aos 8 anos de idade, se aproximou, pela primeira vez, da Mesa do Senhor, floresceu como uma flor eucarística da primavera. Quando ela durante a sua permanência em Lisboa, num orfanato dirigido por piedosas senhoras, teve a felicidade de habitar com Jesus sob o mesmo tecto, era a Santa Comunhão diária o solo frutífero sôbre o qual a sua vida rica de virtudes ràpidamente atingiu plena maturação. — A escola da sua santidade foi o trato confiante com a Mãe celeste. Temos matéria irrefutável para crer que a Rainha do Rosário ainda lhe apareceu algumas vezes depois do ano de 1917. Este afável intercâmbio da criança com a sua Mãe celeste é do mais belo que a História das crianças bem-aventuradas e dos predilectos de Maria nos pode narar. — Na escola de Maria aprendeu Jacinta acima de todos o meio mais importante da santificação: a oração alegre e confiante. Tanto quanto possível, via-se a criança no seu lugar favorito, no côro da capela das Irmãs. Quantas vezes rezou a pequenina, ali em frente do Tabernáculo, o seu Rosário, em cujos mistérios ninguém senão a própria Rainha do Rosário a tinha instruído. Jacinta era uma criança de oração.

Santificação da família. Não é apenas preceito da Igreja de Deus que os Pais conduzam os filhos à perfeição pela autoridade da palavra e do exemplo, é também de preceito que os membros da família se santifiquem mútuamente pelo exemplo calmo da sua vida. Quando os Pais viram que os seus dois filhos, Francisco e Jacinta, depois da primeira aparição, rezavam mais freqüentemente o têrço, fôsse em casa, fôsse no campo, resolveram também rezá-lo diàriamente e em comum. Se essa devoção por qualquer motivo não tinha lugar, a pequena Jacinta, triste, mas com palavras insinuantes, dirigia-se à mãe: «Querida mãe, eu já hoje rezei o terço. E a mãe também já o rezou?»

Santificação em tôrno de nós. Só alguns meios permite o acanhado espaço dum artigo apresentar aqui. As vinte órfãs do estabelecimento, onde Jacinta na doença achou cordial hospitalidade, não procedem sempre de boas famílias, pelo contrário. Contudo a «Pequena Flor de Fátima» exerceu nas suas novas irmãzinhas um singular poder de atracção. O exemplo da sua pureza e obediência foi para as outras crianças de salutar influência. A uma dessas crianças, à qual prodigalizou cuidados extraordinários, ela explicava: «Tu não deves mentir. Tu não deves faltar à verdade. Não deves ser preguiçosa. Deves ser obediente e levar tudo com paciência, se quizeres ir para o céu». Um dia observou Jacinta do seu lugar no côro que lá em baixo, na igreja, estavam umas pessoas, diante do Santissimo, de modo inconveniente. Então disse à Superiora: «Não consintas, Madrinha, que elas estejam a tagarelar na igreja diante de Nosso Senhor. Ali deve-se estar quieto. Se esta pobre gente soubesse o que a espera!»

A impressão que a «Criança Santa» fazia em volta de si era tão profunda que o povo acorreu em bandos à casa onde jazia no caixão o corpo da Jacinta — a melhor prova de que as raras virtudes da pobre aldeãzinha tinham causado em tôrno dela uma santa impressão.

Santificação da vocação. *Os Deveres* de vocação da Jacinta eram múltiplos e pesados, dignos dos ombros de homens feitos. A vocação de Jacinta era, como a Mãe de Deus disse na sua aparição, «difundir o Rosário por todo o mundo». Certamente o mundo da criança não ia muito além da sua aldeia natal. Não é êste o menor merecimento da pequena Jacinta, que na sua vocação viu ter de defender a mensagem da Rainha do Rosário contra um mundo de inimigos, à custa da própria vida. Estava pronta a deixar-se queimar no azeite a ferver pelo administrador mação que a levara prêsa com as outras crianças, para que a mensagem da Rainha do Rosário não fôsse julgada falsa. Quão diferentes teriam sido as conseqüências das muitas aparições de Maria nos tempos modernos, se a sanha do liberalismo tivesse podido quebrar a constância impressionante das abençoadas crianças! Com idêntica e verdadeira vocação também a Jacinta entregou em «mãos fiéis» as preciosas comunicações que a Rainha do Rosário lhe fêz na sua última doença — mensagem cheia do amor do magnânimo coração de Maria para com a humanidade actual. A vocação de Jacinta foi, finalmente, através duma dolorosa doença, que ela até ao último suspiro suportou com resignação admirável, fazer penitência pelos pecados dos outros. «A sua longa e dolorosa doença,» diz o Visconde de Montelo, «foi um verdadeiro martírio para a pobre criança, que expiava no seu corpo inocente as culpas alheias.»

Assim se nos apresenta a terna criança de dez anos, *modêlo infatigável de acção católica* de fiel abandôno a Jesus e Maria, amável modêlo para o mundo infantil.

Fiel, acima de tudo, ao que a sua Mãe do céu lhe ordenou, podemos com bom fundamento dizer, sem, todavia, querer antecipar a sentença da Santa Igreja, que Jacinta foi destinada pela excelsa Rainha do Rosário a ser a alegria do divino Amigo das crianças.

(Traduzido do mensário «Bote von Fatima», de Basileia).

«Bote von Fatima»

«Bote von Fatima» (Mensageiro de Fátima) é o título da gazeta que se publica no dia 13 de cada mês como suplemento ao semanário «Die Schildwach» (A Sentinela) de Basileia, cidade renana, sede do govêrno helvético.

O «Mensageiro de Fátima» suiço representa para os países de lingua alemã o que a tão conhecida e queridissima «Voz da Fátima» é para os que falam português.

Dedicado à expansão do culto de Nossa Senhora de Fátima, o «Mensageiro» saiu à luz da publicidade em Janeiro de 1933.

No seu cabeçalho vê-se à esquerda a azinheira da Aparição e sôbre ela o vulto gentilissimo da Virgem do Rosário, cercada de luminosa auréola.

De joelhos ante a Senhora Aparecida estão os três pastorinhos de Aljustrel (freguesia de Fátima). Francisco empunha na mão direita o seu cajado de pegureiro e, com a esquerda, procura sombrear os olhos, deslumbrados pelo celeste clarão. Algum tanto atrás, mas pouco, as duas rapariguinhas Lúcia e Jacinta, elevam as mãos para a Imaculada: uma tem-nas postas, como quando as juntamos em oração; a outra está de braços abertos, também em atitude de orante.

Logo a seguir desenham-se os graciosos vultos de quatro ovelhinhas. Ao longe uma dobra de terreno descobre a airosa tôrre da igreja paroquial da Fátima.

A grande fotogravura, na 1.ª página do número dêste «Mensageiro», reproduz a scena da Aparição nos Valinhos, a 19 de Agosto de 1917.

Lembram-se de certo os leitores que, no dia 13 de Agosto do ano das Aparições, os pastorinhos estavam detidos em casa do então administrador do Concelho que ardilosamente os raptara.

Ameaçava-os êle de morte se não se retratassem do que haviam dito sôbre os sucessos da Cova da Iria ou, ao menos, lhe revelassem o segrêdo que à Senhora Aparecida haviam ouvido. Por isso não puderam as três crianças ir no dia 13 dêsse mês à Cova referida. Apareceu-lhes, porém, a Virgem seis dias depois no mencionado sitio dos Valinhos.

Claro está que nos Valinhos, a 19 de Agosto de 1917, não andava ninguém que pudesse fotografar o imprevisto prodigio. Mas em 1925 o falecido e benemérito Missionário Padre Vicente do Sacramento recompôs a scena dessa aparição.

Na reprodução fizeram de videntes três pastorinhos, parentes dos três que viram a Virgem. Chamavam-se os pequeninos actores Glória de Jesus, Manuel da Silva e Maria dos Anjos que já morreu.

Na 3.ª página do referido número do «Mensageiro» suiço, outra fotogravura chama a nossa atenção: representa o interior da Basilica do Rosário, actualmente em construção na Cova da Iria.

Dentro do recinto vêem-se Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa e o Senhor Bispo de Leiria a visitar as obras em 12-4-1933.

O mesmo número insere um artigo do Visconde de Montelo intitulado «Fátima e o Ano Santo» e outro artigo do Padre Luis Fischer, sábio lente de Bamberg (Baviera), tão devoto de Nossa Senhora de Fátima e orador eloqüente que nos foi dado ouvir prégar o ano passado, em óptimo português, na Cova da Iria. Este escrito é tradução dum trabalho do rev. P.e João Quaresma, Vigário Geral do Bispado de Leiria, sôbre as «Aparições de Fátima». A continuação da versão será publicada nos números seguintes do «Mensageiro».

Outros artigos e locais, todos dignos de atenta leitura valorizam a boa gazeta suiça.

O culto de Nossa Senhora de Fátima nos países de lingua alemã começou em Basileia, na igreja paroquial do Espirito Santo, e tem-se espalhado tanto, que em Munich (Fátima-Verlag) já se fornece gratuitamente água de Fátima a quem a requisita.

Em Bamberg a «Fátima-Editora» (Fátima-Verlag) fundada com expressa autorização do Senhor Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, vende estampas, estátuas (de madeira, pedra e massa) e medalhas de Nossa Senhora de Fátima, bem como bilhetes postais alusivos às suas Aparições, e as seguintes obras: «Fátima, a Lourdes Portuguesa» e «Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica» do Padre dr. Luis Fischer, ambas já traduzidas em português, e o livro de Rosa Ancilla Hug.

As imagens, livros e outros objectos fatimenses (perdôe-nos o leitor o neologismo), que se vendem em Bamberg, também podem adquirir-se em Munich, na Casa atrás indicada (Schliessfach, I, Fatima-Verlag, Munich) e em Bolzano, Itália, (Via Ospedale, 5).

(Transcrito da magnifica revista dominicana «O Rosário»

N. S. de Fátima no Oriente

13 de Maio de 1934

EM MACAU

Macau foi a primeira terra que no Oriente levantou um trono a N. S.ª de Fátima. Quem diria, ao inaugurar-se aqui esta devoção, que em tão poucos anos atingiria tamanho esplendor! Mas outra coisa não era de esperar dêste povo crente, piedoso. Levantou êle aqui um altar, um trono à Virgem, e para êle se dirigem os olhares de todos os portugueses e não portugueses, suplicando graças e bênçãos, curas do corpo e da alma. A devoção a N. S.ª de Fátima é o centro de atracção de todos os corações portugueses dêste Oriente. Só assim se explica a enorme concorrência à novena e à festa do dia 13 na igreja de S. Domingos, berço desta devoção, onde lhe prestam com ardor o tributo do seu respeito, o testemunho da sua devoção e amor filial. Aqui, neste cantinho do Oriente, repetem-se, como em Fátima, comoventes espectáculos de fé e piedade, manifestados principalmente de 4 a 13 de Maio. Começou a novena no dia 4, havendo, como nos anos anteriores, missa às 7,30 acompanhada a cânticos. De tarde às 5, têrço, prática e bênção do S.S. Prègou a novena o Rev. P.e Elias Marçal, S. J., sendo a parte cantante da novena executada pela Capela de N. Senhora de Fátima.

Capela e escolas da Missão chinesa de N. Senhora de Fátima

As comunhões foram sempre muitas, em geral o dôbro dos anos passados. A igreja esteve sempre repleta de fiéis. Nos confessionários, estiveram sempre sacerdotes atendendo os fiéis. Mas é na véspera que se manifesta dum modo especial o fervor do povo, na adoração do SS.mo que de tarde foi exposto num trono lindamente enfeitado com flores naturais, ficando ali tôda a noite até ao dia seguinte de tarde. A adoração começou logo por turnos de seminaristas, jóvens, donzelas, homens, senhoras, congregados e congregadas da Virgem.

No dia 13 foram numerosíssimas as comunhões, esgotando-se tôdas as Sagradas Hóstias consagradas. Houve várias missas sendo a última o solene pontifical às 10 horas pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. D. José, venerando Bispo de Macau, assistido pelos Revs. Cónegos, Clero e Seminaristas que executaram à Missa «Salve Regina» de Sthele, a 4 vozes. Às 5,30 já se notava um movimento extraordinário, começando pouco depois, às 6, as Vésperas Solenes, presididas por Sua Ex.cia Rev.ma, cantadas pelos seminaristas, como também já o fôra a missa de pontifical. Terminadas estas deu-se a bênção do Santíssimo, pondo-se em movimento a procissão que êste ano percorreu um itinerário novo, bonito. Nela tomou parte a cidade inteira, tendo vindo de fora umas 5.000 pessoas. Dum missionário estranjeiro ouvi: «que coisa soberba, que manifestação de amor à Virgem; nunca imaginei ver em Macau espectáculo de amor a N. Senhora semelhante». O maravilhoso cortejo nocturno, em que ora se canta, ora se reza, pulsando em unísono todos aquêles milhares de peitos, reentra em S. Domingos, levando o Santo Lenho Sua Ex.cia Rev.ma. Finda esta, o novo Director Promotor, Rev. P.e António Maria Alves, S. J., fala com entusiasmo e amor de N. S.ª de Fátima, descrevendo-a como fonte de prodígios, citando de relance vários operados em Macau.

Terminou com um apêlo ao povo Macaense para que continue crescendo no amor a N. S.ª de Fátima, pedindo à Virgem que faça desta Macau o *altar mór* das suas glórias no Oriente. Seguiu-se o Te-Deum, entoado e presidido pelo sr. Bispo. A imagem de Nossa Senhora ficou exposta até às 10 da noite.

Eis em resumo como a cidade de Macau honrou a N. Senhora de Fátima.

Propagou muito esta devoção o Rev. P.e António Rolis, S. J., falecido em Dezembro último. Substituiu-o o Rev. P.e António M. Alves, S. J., igualmente grande cultor da devoção a N. S.ª aqui e nos vários lugares onde tem estado.

Tomaram parte activa na preparação da festa as congregadas de Fátima, incansáveis em promover o seu culto.

A cantoria durante tôda a novena foi desempenhada pela «Capela de N. S.ª de Fátima», executando lindos e variados cânticos.

A igreja de S. Domingos, bem como a gruta e a estátua de N. S.ª de Lourdes na Penha, estavam bem iluminadas, devido ao bom gôsto do grande devoto de N. Sr.ª de Fátima, sr. Artur Tristão Borges. Algumas famílias por onde passou a procissão, iluminaram suas casas. Todos os sábados houve e haverá a missa em S. Domingos pelos bemfeitores, de tarde prática e bênção, bem como no dia 13 de cada mês.

A devoção, pois, a N. Sr.ª de Fátima, continuará, qual facho luminoso, a abrasar os corações no fogo divino, fará como o fermento, levedar os indivíduos, as famílias, os corações de todos os portugueses espalhados por estas longínquas paragens. É com esta devoção que se recuperam as fôrças espirituais, ela dá luz e calor, transforma os corações, dilata o império de Jesus, *ad Jesum per Mariam*. Agradeçamos todos à Virgem o escolher no Oriente esta Macau para teatro das suas glórias. Amemo-lA como bons filhos, imitando-A sobretudo e assim celebraremos com maior esplendor ainda a sua festa no próximo ano.

Macau 22-5-934.

Um devoto de N.ª Senhora de Fátima

EM DAMÃO

(Do Instituto de Nossa Senhora da Fátima — Damão, India Portuguesa, recebi uma esmola para a «Voz da Fátima», e as seguintes consoladoras notícias):

«De tôdas as partes do mundo chegam ecos da devoção a Nossa Senhora da Fátima cujas bênçãos, prometidas na Cova da Iria por intermédio dos três pastorinhos a quem fizer oração e penitência, se têm difundido por todo o mundo.

Também nêste cantinho indo-português Nossa Senhora é amada e invocada sob o novo mas eficaz título de Nossa Senhora da Fátima.

No Instituto de Nossa Senhora de Fátima, de Damão, fundado há cinco anos e dirigido pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas sob a protecção de N.ª S.ª da Fátima, celebra-se em todos os meses o dia 13 com devoções especiais em união com os peregrinos da Fátima, desde a fundação do Instituto. O dia 13 de Outubro, principalmente, é celebrado com muito entusiasmo e brilho, enchendo-se por completo a capela de fiéis que assistem à Missa, ao Sermão e à procissão com o Santíssimo Sacramento em acção de graças pelos favores recebidos da Nossa Mãe do Céu durante o ano todo. Mas, não são só os cristãos que imploram a protecção de N.ª Senhora da Fátima. Os próprios pagãos, não poucas vezes, pedem-nos água da Fátima que amigas de Portugal de lá nos enviam, e dão-nos velas e outras esmolas em cumprimento de suas promessas.

* * *

Há poucos dias, em 11 do corrente, teve lugar a bênção solene duma nova Imagem de Nossa Senhora da Fátima, linda, de um metro de altura, esculpida em Madeira, em Braga, para cuja aquisição muito nos ajudaram alguns devotos com suas esmolas. A cerimónia, realizada às seis e um quarto da manhã, constou da bênção solene da Imagem que depois foi beijada pelos fiéis, de sermão e de procissão. A concorrência foi grande, a-pesar-de ser domingo de Carnaval.

O sermão, prègado pelo Rev.do P.e José dos Remédios, Arcipreste, Vice-Reitor e Prior da Sé de Damão, foi ouvido com muito interêsse afervorando no coração de todos o reconhecimento e amor àquela que se constituíu a advogada de Portugal em todos os tranzes aflitivos da sua vida nacional e religiosa.

A procissão principiava pelas educandas com seus uniformes brancos e faixa azul, enfileiradas em duas alas, e seguidas dos educandos vestidos das mesmas côres.

No meio destas criancinhas assim ordenadas ia o andor que levava a Imagem, todo cheio de flôres e rodeado de 10 criancinhas vestidas de branco a desfolhar rosas pelo caminho.

Tudo isto, e as dezenas de velas a espalhar a sua luz símbolo da fé ardente que cada um levava no coração, davam um todo encantador.

À saída da Capela entoou-se o «Avè de Fátima» emquanto se atravessava a galeria, e à porta principal da casa uma das educandas levantou a Nossa Senhora da Fátima um «Viva» que foi correspondido por todos os assistentes.

No fim da procissão todos em côro cantaram o *«Avè Maris Stela»*.

Emquanto os fiéis beijavam a nova Imagem cantou-se o «Avè de Fátima». Às 8 horas terminou esta simpática festinha deixando em todos as mais gratas recordações. Por fim distribuíram-se alguns objectos religiosos alusivos às aparições da Fátima que foram guardados pelo povo com religioso respeito...»

Maria do Rosário

Damão, 11-2-1934.

— Maria Ester de Sousa, orfã, deste Instituto, agradece a Nossa Senhora da Fátima o tê-la curado de um eczema de péssima aparência. Consultados alguns médicos e aplicados, sem resultado, alguns medicamentos, obteve a saúde desejada com a aplicação da água do Santuário de Fátima e das orações que por ela se fizeram durante uma novena em que aplicou a água de Fátima.

Hoje, encontra-se completamente bem, como se nada tivesse tido.

ANUNCIOS para a «Voz da Fátima»

A «Voz da Fátima» aceita anúncios comerciais a principiar no próximo número de outubro.

Dada a extraordinária tiragem da «Voz da Fátima» os seus anúncios são do maior interêsse para os Srs. anunciantes.

Dêste serviço está encarregado o Sr. Dr. José Galamba de Oliveira, Leiria, que recebe as propostas até ao dia 15 de setembro.

JACINTA

Flor gentil à luz sorria
no lindo jardim de Deus.
Quis tratar dela Maria
e ali foi descer dos céus.
Cuidou dela com ternura,
vertendo em rasgos de amor
lácteas gotas de candura
sôbre aquela meiga flor.

Rebrilha, já orvalhada,
a flor, irmã da cecém,
verdejante na morada
da nossa Rainha e Mãe.
Lírio de encanto profundo,
Rosa bela, áureo lilás,
mal poude admirá-lo o mundo
na sua passagem fugaz.

Foi no canteiro da Iria
que a mimosa flor brotou;
ali a colheu Maria,
com a mão de neve a segou.
Jacinta tudo padece
com tão resignado amor,
que mais e mais se enaltece
ante a face do Senhor.

Jacinta, flor preferida
da nossa divina Mãe,
esparze o rócio da vida
sôbre nós, fértil, também.
Que o teu mérito precioso
irradie lá do Céu
e o nosso espírito ansioso
ajude a igualar-se ao teu!

ROSA ANCILLA HUG

(Traduzido do «Bote von Fatima»).

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	459.989$97
Papel, Comp e impr. do n.º 143 (122.000 ex.)	5.924$20
Franquias, embal, e transporte, etc.	3.393$08
Na administração	161$00
Total	469.468$25

Donativos desde 15$00

P.e José Cacela—New Iork, 42$70; Francisco Saramago — Beira, 50$00; Marta Pinho Barreto — Vernã-India, 400$00; Carlota de Jesus — Funchal, 20$00; Maria Morteiros — Açôres, 21$00; Alfredo Barreiro — Lisboa, 20$00; Maria Am. Gonçalves — Vila Nova, 20$00; n.º 5865 — Dois Portos, 20$00; Ermelinda Leão — P. de Ferreira, 40$00; Sebastião de Rezende — Milheirós, 56$50; P.e Rufino Almeida — Arrifana, 53$50; M.e Augusta Pinto — Vila Verde, 20$00; Maria Pedroso, 20$00; Beatriz Almeida — Chaveiral, 20$00; Augusta Ferreira — Chaveiral, 20$00; Distrib. em Fornos — Feira, 110$00; M.e da C. Rêgo — Braga, 20$00; P.e Salvador P. do Prado — S. Izidoro, 35$00; M.e Xavier Coutinho — P. da Bemposta, 25$00; Salazar Xavier, 25$00; Antónia J. Marmeleiro — Pôrto, 20$00; Ana E. Machado — Lisboa, 20$00; Maria J. Fernandes — Barcelos, 20$; Guilhermina Estorninho — Carregado, 20$00; Mariana de Borja — Palmela, 15$00; José G. Mourão — Lourenço Marques, 50$00; Luís da S. Ribeiro — Caldas da Rainha, 20$00; António Duarte — Califórnia, 1 dólar; Júlio de Assis — Macau, 15$00; Engrácia Cordeiro — Macau, 100$00; Maria L. Cordes — Almodovar, 100$00; Purificação Carneiro — Cast.-Branco, 15$; Amélia de Albuquerque — Meda, 30$; P.e António Mendes Correia — Brazil, 85$00; M.e Carmo Ferreira — Mirandela, 100$00; A. O. P. — Cartaxo, 20$00; Rosa dos P. Favaios—Chaves, 150$00; Distrib. em Pedrouços — Lisboa, 100$00; Júlia Braz — Arruda dos Vinhos, 20$00; José Marques — Brasil, 15$00; Capitão Pedro Correia — Lisboa, — 20$00; Marina Almeida — Moim. da Beira, 20$00; Distrib. em Pardelhas, 175$00; Rosalina Martins — Ovar, 20$00; Francisco Ventura — Ovar, 30$00; Dr. Luis Andrade — V.a N.a de Ourém, 20$00; José Mourujão — Figueirosa, 15$00; Dr. João Canavarro — Lisboa, 40$00; Carolina Coelho da Silva — Alcobaça, 116$20; Joaquim Guedes — Crestuma, 20$00; Júlia Leitão — S. Miguel d'Acha, 15$00; Adelaide Canada — Rio Maior, 15$00; John Souto — América, 15$00; António M. Caixeiro — América, 15$00; João Germano — Portalegre, 20$00; Maria da Visitação — Santarém, 20$00; Delfina Oliveira — Travessô, 20$00; José M.a Teix.a Fanzeres, 50$00; Anunciação Rocha — Ilhavo, 80$00; M.a de Quadros Almeida — P. da Bemposta, 20$00; P.e António Joaquim Figueira — Madeira, 400$00; José Porfírio — Madeira, 20$00; João N. Fernandes — Madeira, 20$00; Cândida Sanches — Valdanta, 20$00; Helena Pacheco Vaz — Lisboa, 40$00; M.a Helena Pacheco — Lisboa, 40$00; Emília Bonhard — Pôrto, 20$00; Rosa Machado — Pôrto, 20$00; Laura Gulpilhares — Portimão, 27$00; Francisco F. Vicoso — Merceana, 15$00; Maria J. Vicoso — Merceana, 20$00; Distrib. em Vila Cova — Lixa, 90$00; Guilhermina Rosa — Macau, 20$00; Carmina Calisto — Ilhavo, 20$00.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

— Na Matriz do S. Cristo dos Milagres — Rio de Janeiro, teve lugar a sumptuosa festa em louvor de Nossa Senhora da Fátima, promovida pela Congregação Mariana. Não faltou também alí a comovente procissão das velas que impressionou muito os fiéis.

Mas não é só na capital federal que o culto a N. Senhora do Rosário da Fátima vai merecendo dos brasileiros a justiça devida. Em S. Paulo, em Santos, em Campinas, em Minas Gerais, as manifestações religiosas, em louvor da Virgem de Fátima, são contínuas. Em todo o território brasileiro êsse culto avança ganhando o coração do povo dêste grande país. Fátima é um nome que no campo católico brasileiro, ganha terreno.

Passeava eu a cavalo ao largo da povoação de Caldas, já em território mineiro, quando encontrei no caminho uma capelinha muito branca. E teria seguido para diante, se não tivesse notado que no interior do templosinho qualquer coisa brilhava com um brilho particular. Há sempre capelinhas, no interior de Minas Gerais, servindo de abrigo a cruzes de madeira. E não é uma capelinha que, naturalmente, vai fazer parar um cavaleiro. Mas aquela tinha qualquer coisa de notável.

Desci e tomei a direcção do templosinho que se encontrava meio escondido, entre o verde tropical da mata-virgem. E qual não é o meu espanto ao dar com os olhos numa medalha de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Alguém naturalmente tinha dependurado na cruz aquela medalha da Virgem da Fátima. — Um devoto de Nossa Senhora do Rosário da Fátima era o que dizia a parede onde alguém tinha escrito várias palavras misteriosas.

Simplesmente quem conhece o logar é que poderá avaliar a importância de tão simples facto, porque se trata de um templosinho perdido entre altas montanhas, numa região quási deserta, onde a vista se perde, olhando um horizonte de serras que não têm fim.

S. Paulo.

P.e Ramos Paiva

LUXO

O luxo é um defeito da alma tão grave como a inveja, e sendo pecado de graves conseqüências, deve haver todo o cuidado em evitá-lo ou corrigi-lo.

O luxo obriga a gastos imoderados, e tem por isso causado a ruína de muitas famílias.

Quantas donzelas, fascinadas pelo luxo, se não têm deixado fascinar pela sedução, e trocado assim a linda corôa da virgindade pelo lôdo da corrução!

Quantas casadas não têm sacrificado os seus deveres para brilhar aos olhos dos mundanos, como se o brilho do mais fino esmalte não fôsse o da fidelidade conjugal e o crear legitimamente herdeiros para o Reino do Céu e para a Pátria!

Quantos mancebos se não têm arruinado para sustentar o maldito luxo, e depois, quais filhos pródigos, não têm já uma migalha de pão com que matar a fome!

O luxo é um dos poderosos agentes do vício e do crime.

No interêsse, pois, do que nos é mais caro, — a honra, abominemos o luxo que corrompe quem o usa e quem o vê usar; sejam honestos e decentes os nossos trajes; isto nos basta, não cresceremos nem desceremos em dignidade; guardemos o nosso dinheiro para ser empregado em coisas mais úteis.

Não sejamos tão nescios que vamos dá-lo para com êle comprar a nossa perdição.

GRAÇAS DE N. SENHORA DA FÁTIMA

António de Araújo — Telhadas — Pecegueiro, teve seu pai gravemente doente do estômago e intestinos. Consultaram sucessivamente por diversas vezes dois médicos, mas só alcançaram a saúde depois de se entragarem por completo só à intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria Ribeira* — S. Tiago da Guarda, esteve gravemente doente, esperando-se a cada passo o desenlace. Uma vez, depois de no leito ter recebido os últimos socorros da Religião prestados aos moribundos, estava rodeada por seus filhos que prometeram ir com ela ao Santuário da Fátima, se de Nossa Senhora alcançassem a saúde para sua Mãe então moribunda e que não queriam tão cedo perder.

A prece foi atendida, e, passado algum tempo, Mãe e filhos foram ao Santuário, a pé e descalços, numa viagem de três dias, agradecer a Nossa Senhora a graça que lhe alcançou.

— *António Vaz dos Santos* — Portela, Figueira da Foz, durante algum tempo esteve de tal maneira surdo, que não conseguia ouvir quási nada. Procurou remédios na medicina, mas só conseguiu a cura do seu estado depois de a confiar a Nossa Senhora da Fátima, a quem fêz alguns votos que de boa vontade vai pagar.

— *Maria do Carmo Augusta Madeira* — Nogueira do Cravo, agradece a Nossa Senhora o ter valido a sua filha numa circunstância perigosíssima da sua vida em que estava para ser mãe.

— *Patrocínio Cortez* — Lisboa, tinha uma sua filha gravemente doente, e tendo obtido a cura por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, vem agradecer êsse favor.

— *Adelaide Rebelo* — Terceira—Açôres, muito reconhecida agradece a Nossa Senhora o restabelecimento duma pessoa de família confiada à protecção de Nossa Senhora da Fátima.

— *Izaltina de Jesus* — Abrantes, teve um quisto no ventre. Depois de vários tratamentos perdidas as esperanças da cura, obteve-a fàcilmente por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria Eufrásia* — Gaeiras, Óbidos, diz ter sofrido durante muitos anos de uma doença grave nos rins. Tratada por diversos clínicos só obteve a saúde depois de ter confiado a sua cura à maternal intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *António Ferreira* — Mata de Torres Novas, agradece reconhecidíssimo a Nossa Senhora a cura de sua mulher Brigida Rosa. Sofria há muito do estômago a ponto tal que só se alimentava de caldos e leite. Os médicos não conseguiram receitar-lhe remédios que a curassem, de maneira que no dia 13 de julho resolveram ir a Fátima implorar a sua cura aos pés de Nossa Senhora.

Nêsse mesmo dia, a doente que havia tanto tempo nada podia comer, depois dos actos religiosos da peregrinação, comeu com sua família do farnel que levaram, e desde então continuou comendo de tudo sem que nada lhe tenha feito mal. Graças a Nossa S.a da Fátima, sente-se completamente bem trabalhando e comendo como antes de ter a doença.

— *Maria José e Manuel Marques* — Lisboa, pedem para que aqui seja manifestado o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima por diversas graças espirituais e temporais que do Céu por seu intermédio lhe têm sido concedidas.

— *Manuel Brites* — Sobral da Serra, deseja manifestar o seu agradecimento a N.a Senhora da Fátima por tê-lo curado de uma apendicite sem ser operado, dizendo os médicos que sem a operação a cura seria humanamente impossível.

— *Maria O. Pinto da Rocha* — Viana do Castelo, agradece a Nossa Senhora graças diversas de ordem temporal.

— *Joaquim António Roque* — Aveiras de Cima, pede para em seu nome e no de sua mulher aqui serem publicados diversos favores que tem alcançado de Deus por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— *Alvina Tavares* — Murtosa, teve um abcesso em cada um dos pulsos. Depois de vários exames médicos resolveu-se que fôsse operada. Foi-o, mas era opinião dum dos médicos que a mão direita ficaria sem acção. Invocou então em seu favor o auxílio de N.a S.a da Fátima e a sua súplica foi atendida. Passado pouco tempo recuperou todos os movimentos encontrando-se perfeitamente bem.

— *Manuel da Conceição Rocha* — Braga, diz o seguinte: «tendo minha querida Mãe sido atacada duma paralisia, que lhe afectou o braço e perna esquerdos, e dando o seu estado sérios cuidados, prometi a Nossa Senhora da Fátima, se Ela alcançasse a cura para minha Mãe, mandar publicar esta graça logo que ela se levantasse. Tendo já saído do seu leito e sentindo de dia para dia extraordinárias melhoras venho hoje pedir o cumprimento desta minha promessa».

— *Julieta Marques*—Pernambuco, Brasil, teve uma doença interior muito grave cuja cura só alcançou depois de se entregar ao maternal valimento de Nossa Senhora da Fátima.

— *Helena da Estrada* — Barcelos, teve seu marido durante alguns meses sem se poder mover, com dores na espinha. Suas filhas ouviram a S. Missa e comungaram por êle no dia 13 de Maio em honra de Nossa Senhora da Fátima, e nêsse mesmo dia conseguiu levantar-se tendo continuado sempre bem desde então até ao presente.

A fôrça do Coração

Um jornal dado a curiosidades fisiológicas comparou o coração humano a uma bomba aspirante-premente que funciona 70 vezes por minuto, 4.200 por hora, 100.800 por dia, e 36.792.000 por ano.

A cada pulsação lança, em média, cêrca de cem gramas de sangue em circulação pelo corpo, 7 quilogramas por minuto, 420 por hora e 10 toneladas por dia. Todo o sangue do corpo, que são no máximo 25 litros, passa pelo coração no espaço de poucos minutos. Segundo estes cálculos, conclue-se que o coração humano desenvolve num só dia a fôrça capaz de levantar a um metro de altura um peso de 46 toneladas!!

São na verdade curiosos e admiráveis os resultados dêstes cálculos fisiológicos. Mas, como êles ficam longe a perder de vista, quando se comparam com a fôrça espiritual que um só coração é capaz de desenvolver e deslocar!!!

— O sangue é na vida física, o que o amor é na vida espiritual. Um e outro partem do coração e por êle são agitados e reanimados.

Mas, se compararmos a fôrça de que um e outro são capazes, as 46 toneladas desenvolvidas pelo sangue humano são nada em comparação da fôrça desenvolvida pelas explosões do verdadeiro amor quando sobrenaturalizado pela graça. Por isso bem se pode dizer com verdade que muito pode quem muito ama, e que não há impossíveis quando o amor é sincero.

Pena é, que às vezes esta fôrça prodigiosa do coração humano seja empregada na luta contra Jesus Cristo e não em louvá-lo por tão grandes maravilhas feitas à ingrata humanidade.

EXPEDIÇÃO da «Voz da Fátima»

Continuamente estão chegando queixas à Administração da «Voz da Fátima», dizendo que êste jornal não é expedido a tempo de ser recebido antes do dia 13.

Todos gostaríamos muito de poder remediar tal inconveniente, mas não podemos esquecer-nos também que a expedição de 130.000 jornais, aproximadamente, leva alguns dias a fazer, e que alguns têm de ser os últimos. No entanto, far-se-ão todos os esforços para que a expedição se faça com a maior antecedência possível.

IMPORTA ATENDER AO SEGUINTE:

1.º — Quando escreverdes para a «Voz da Fátima», sôbre qualquer assunto que diga respeito à vossa assinatura, *assinai sempre* a vossa carta ou o vosso postal *exactamente* com o mesmo nome e sobrenome que vão no endereço do jornal ou rôlo que recebeis.

Isto refere-se também aos rolos que vão para as pessoas encarregadas dos «Cruzados de Fátima».

2.º — Quaisquer mudanças que pedirdes nas vossas direcções, *só poderão ser executadas se enviardes ao mesmo tempo o número da vossa assinatura.*

LIVROS EM PORTUGUÊS SOBRE FÁTIMA

Podeis comprar no Santuário os seguintes livros:

1.a — Oratória-Fátima	20$00
2.º — As grandes Maravilhas de Fátima	10$00
3.º — Fátima, o Paraíso na terra	5$00
4.º — A pérola de Portugal ...	5$00
5.º — Fátima, a Lourdes Portuguesa	5$00
6.º — Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica	5$00
7.º — Manual do Peregrino ...	3$00
8.º — Nossa Senhora da Fátima	7$50

N. B. Mandam-se pelo correio a quem junto ao pedido enviar a respectiva importância, enviando-se também à cobrança a quem assim o desejar.

CRUZADOS DE FÁTIMA

Até os mortos!

Muitos católicos, que vivem em terras onde a vida religiosa não sofreu com a incúria, no passado, dos crentes e com a propaganda, no presente, dos descrentes activos, não fazem idea da extensão que atingiu o mal nalgumas localidades.

E é preciso dizer-lho com tôda a franqueza, para que sintam na alma um frémito de entusiasmo pela acção intensa da reconquista das almas.

É preciso dizer aos católicos que vivem nas terras onde as igrejas aos domingos se enchem ainda de gente, que há terras neste país, que já foi missionário por todo o mundo, onde as igrejas aos domingos estão ainda quási desertas, onde até, felizmente em poucas, nem igrejas há já, porque caíram em ruínas, ou as destruíram, ou destinaram a outros fins nos dias da fúria revolucionária.

É preciso dizer-lhes que há terras onde vão crescendo crianças a quem nas escolas não ensinam nem sequer o nome de Deus e que em casa o não ouvem também, porque já os pais, numa geração de abandono, o esqueceram também.

É preciso dizer-lhes que é nessa nova geração que os inimigos da sociedade contam recrutar os elementos para tôdas as desordens com que ameaçam fazer da nossa pátria uma Rússia do ocidente.

E que isto assim é, podem verificá-lo os que viajam por certas zonas do país, comparando a população de certas terras com a gente que vêem ao domingo nas respectivas igrejas! Podem verificá-lo, como mais duma vez tem feito quem escreve estas linhas, acercando-se duma criança que brinca na rua e preguntando-lhe se sabe fazer o sinal da cruz!

Não se verificam êstes factos sem sentir na alma um doloroso espinho, o pungir do remorso!

Do remorso, sim, porque a nós todos os que hoje somos adultos, cabe-nos uma parte de responsabilidade nesse descalabro, nesse quási aniquilamento a que, aqui e além, chegou a vida religiosa em Portugal.

Tremendas são, porém, as responsabilidades de todos os que há dez, vinte, trinta, quarenta anos, não ouviram os apêlos da Igreja para se *ir ao povo*, para se organizar a luta no terreno onde pelos nossos inimigos nos era oferecida!

Por isso compreendo muito bem a resolução que em certa localidade tomou uma alma ardente de amor de Deus! Tão pobre de vida religiosa está hoje essa terra, que não lhe seria possível encher uma lista de 13 nomes de católicos com a compreensão e o desejo de apostolado. Pois bem — disse — completarei a minha trezena com os nomes de alguns dos meus mortos!

Que bela idea e que natural numa alma cheia de fé!

Foram os nossos pais, que já não são dêste mundo, os que nos legaram a vida católica no estado em que a encontramos. Pecaram por omissão! Não cumpriram o seu dever e pelo seu abandono contribuíram para êsse arrefecimento, para essa morte da fé em tantas almas. Por êles daremos o nosso contributo para a reconquista! Cada um de nós pode dar a sua cota mínima por si, e dobrá-la, triplicá-la por um, dois parentes mortos, certo de que êsse modo de os comemorar é agradável a Deus e aos queridos extintos, que já não podem voltar ao mundo a reparar as omissões do tempo em que viveram e com elas nos prepararam as tristes circunstâncias em que vivemos nós.

Que confôrto para uma alma crente saber que dêste modo não trabalha só: trabalha de colaboração com os que amou e de algum modo revivem e trabalham na grande reconquista das almas!

Vinte centavos dados em comemoração de um morto, à *Acção Católica* numa trezena de *cruzados*, transformam-se em vida para outros mortos que vivem em volta de nós: mortos para a vida religiosa, para a verdadeira vida que se prolonga para além das sepulturas.

E já ninguém poderá dizer que não encontra com que completar a sua trezena, porque todos temos os nossos mortos, parentes e amigos, que desejaríamos ver trabalhar connosco! E já, sobretudo, não poderá dizer que não tem feitio para colector de trezena, fora de sua casa, quem tem meios para em sua própria casa a encher comemorando os que lhe foram caros, que morreram mas vivem nas recordações da sua saüdade!

Se esta generosa idea encontrar imitadores, como será fácil cobrir o *déficit*, que há-de haver, de tantos católicos que permaneçam inactivos ainda diante dêste movimento, que se inicia, dêste despertar das energias católicas para a preparação de um futuro melhor, que o presente que tantos, como êles agora, inactivos nos deixaram.

Pelos vivos que não trabalham, trabalharão *até os mortos!*

Um Cruzado

Católicos!

Qualquer que seja a vossa idade ou condição, se tendes a peito a restituição de Portugal a Cristo e de Cristo a Portugal, inscrevei-vos nos Cruzados de N. Senhora de Fátima! Prestareis assim a melhor cooperação à Acção Católica Portuguesa, cruzada bemdita de reconquista cristã da nossa Pátria.

Para compreenderdes que assim é, basta lerdes as seguintes indicações:

Que é a Pia União dos Cruzados?

Uma associação auxiliar da «Acção Católica Portuguesa».

Que pretende?

1.º — Promover a santificação dos Cruzados de Fátima;

2.º — Interceder junto de Nossa Senhora de Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;

3.º — Colaborar, especialmente pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;

4.º — Orar pelos Cruzados de Fátima e pelas almas do Purgatório, especialmente dos Cruzados falecidos; pela conversão dos pecadores, pelos doentes e por tôdas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora de Fátima; pelas missões entre cristãos e infiéis, especialmente nas colónias portuguesas.

Que custa ser «Cruzado»?

Custa apenas o sacrifício de 20 centavos (dois tostões) cada mês, menos de um centavo cada dia!

Para que serve ser «Cruzado»?

Serve para promover poderosamente:

a) a salvação própria.

b) a salvação do próximo.

c) o triunfo da Igreja.

d) a glória de Deus,

e) a prosperidade da família e da Pátria.

Espécies de «Cruzados»

a) remidos os que dão uma só vez 200 escudos;

b) bemfeitores os que contribuem com a quota mensal mínima de 50 centavos;

c) ordinários os que contribuem com a quota mensal mínima de 20 centavos.

Dos Cruzados de Fátima exige-se apenas:

1.º — que procurem viver cristãmente;

2.º — que paguem pontualmente a respectiva quota.

Todo o Cruzado tem direito a:

1.º — receber todos os meses a «Voz da Fátima».

2.º — participar na missa que diàriamente se celebra em Fátima pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

3.º — participar nas missas que em tôdas as Dioceses se celebrem pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

4.º — participar em todos os actos de piedade e caridade realizados por intermédio da *Pia União;*

5.º — lucrar trezentos dias de indulgência tôdas as vezes que recitar, nas condições requeridas, alguma das seguintes jaculatórias:

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o Santo Padre»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o nosso Episcopado e o nosso clero»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei a Acção Católica».

6.º — Gozar as graças e privilégios que a Santa Sé, já solicitada pelos Prelados portugueses, venha a conceder à Pia União dos Cruzados.

CARTA DA MÃE DUM SACERDOTE

«Querida amiga:

Abençoa comigo o bom Deus porque sou Mãe dum Sacerdote!

Escrevi-te há 25 anos quando o Céu me fez presente dêste filho.

Lembro-me ainda; o meu coração estava radiante de alegria. Sentia meu filho viver perto de mim, beijava-o, abraçava-o como para garantir-me que era minha aquela jóia.

* *

Mas, que diferença entre aquelas alegrias e as que hoje inundam a minha alma! A criancinha que então me encantava como filho, hoje é Sacerdote!... Sou a mãe dum Ministro do Altíssimo!...

Aquelas mãos tão pequeninas, que eu beijava há 25 anos, estão hoje consagradas para os divinos ministérios!...

Aqueles dedinhos tão diminutos, tão delicados, agora sustentam o Deus que lançou os mundos no espaço!...

Aquela inteligência que eu procurei iluminar com clarões de luz celestial, é hoje depositária da divina sciência e está destinada a ser a luz do mundo diante dos homens!...

Aquele corpo, cujos cuidados me fizeram passar tantas noites de insónia e angustias quando o protegia contra as enfermidades, está todo consagrado ao Senhor!...

Aquele coração puro, que não quis estreitar outro coração que não fôsse o coração de sua Mãe, está consagrado a ser dora-avante o tabernáculo vivo de Jesus Sacramentado!... Sim, sou a Mãe dum Sacerdote, dum verdadeiro Ministro de Deus!!!

* *

Que te poderei contar, minha querida amiga, da cerimónia de ontem?!...

Eu estava perto da balaustrada, no meu lugar de honra; não via porém, mais do que êle, o meu filho; via-o ajoelhado, via-o prostrado ante o altar, via-o erguer-se radiante, via-o acolhido pelas mãos augustas do Sr. Bispo, impondo-as sôbre a cabeça de meu filho já sacerdote!!

* *

Hoje de manhã disse sua segunda Missa. Tôda a pompa consistiu num silêncio misterioso; como único ornato, poucas velas e algumas flores; tinha por ajudante seu irmão mais novo, e como assistentes, eu e alguns amigos íntimos.

Se eu desejasse pintar a felicidade do Céu, bastar-me-ia dizer, que é a felicidade que experimenta uma mãe quando o seu filho pronunciando as palavras da consagração, vê descer à hóstia e ao cálix o Deus do Céu e da terra. Essa mãe, abismando-se numa adoração profundíssima que lhe faz esquecer o mundo, a vida e o passado, não contempla mais do que dois seres: — Deus e seu filho sacerdote... Estava êle no altar. Eu estava ali perto, o mais pertinho possível dêle, extática, com tôdos os meus sentidos em dôce e íntima contemplação. De joelhos ante a Hóstia Santa recém-consagrada, não rezava, ou melhor, não sei como se chama essa oração, êxtase duma Mãe Cristã.

* *

Chegou o momento da Comunhão, e eu dirijo-me ao altar.

Quando o ajudante, meu filho também, me viu, rezou o **«Confiteor».**

Vira-se o celebrante, levanta sua mão direita, e o filho deixa cair sôbre sua Mãe a sua primeira absolvição!... o meu querido filho soluça... duas lágrimas ardorosas sulcam suas faces...

Toma em suas mãos a píxide e chega-se a mim; é Deus quem vem nas mãos de meu filho!...

* *

Momento consolador! Celestial unido!— Deus, meu filho seu Ministro, e eu... eis o que tanto desejou meu pobre coração!...

Uma paz desconhecida inebriou todo o meu ser; os meus olhos converteram-se em duas fontes de lágrimas de alegria, e os meus lábios pronunciaram estas palavras: — «Meu Deus! — Meu filho!... Sim; para quem é Mãe, eu creio que isto é rezar.

Tive já muitos dias felizes na minha vida, mas êste é o mais feliz de todos.

Adeus, minha boa amiga, que Deus te conceda algum dia a felicidade que experimenta hoje a alma e o coração da tua amiguinha — N. N.»

(Da «Ave Maria», com pequenas modificações).

Conversando no Adro

Disse-te eu na semana passada que a «Pia União dos Cruzados de Fátima» era uma obra facílima de arranjar. É uma pessoa que se encarrega de distribuir mensalmente a «Voz da Fátima» aos cruzados da trezena e a cobrar a sua quota que é de 2 tostões.

— Sim, isso, na verdade, é simplicíssimo.

— Mas verás que por isso mesmo que é tão simples, há muita gente que não faz caso disso. Nós os portugueses, somos assim; só gostamos de coisas complicadas. E todavia, conforme te ia dizendo, por esta simples coisa, vê tu lá quantas graças são concedidas.

Queres ouvir?

— Com todo o gôsto.

— Ora vai ouvindo.

Com os simples dois tostões que tu dás por mês.

1.º — recebes a «Voz da Fátima», jornal que em qualquer parte se venderia por três tostões;

2.º — participas numa missa que diàriamente se celebra em Fátima por intenção de todos os associados;

3.º — participas nas missas que em tôdas as dioceses se celebram pela mesma intenção;

4.º participas em todos os actos de piedade e caridade realizados pela «Pia União»;

5.º — lucras 300 dias de indulgências tôdas as vezes que recitares nas condições requeridas as seguintes jaculatórias:

«Nossa Senhora de Fátima, protegei o Santo Padre;»

«Nossa Senhora de Fátima, protegei o nosso Episcopado e o nosso Clero;»

«Nossa Senhora de Fátima, protegei a Acção Católica;»

6.º — gozas as graças privilegiadas que a Santa Sé venha a conceder à «Pia União dos Cruzados», a pedido dos Bispos Portugueses.

Achas pouco?

— Não, compadre. Acho bem. Só a gente receber o jornalzinho já paga os dois tostões, quanto mais ter direito a essas graças tôdas.

— E a graça maior é saber-se que desta forma nós concorremos para difundir e engrandecer a obra da Acção Católica, não é verdade?

— Pois com certeza. Olha, eu já cá estive a fazer as contas. A minha trezena já está feita. Eu, minha mulher e quatro filhos que lá tenho, somos seis; minha irmã meu cunhado, e dois filhos, faz dez; meu pai, que Deus tenha, onze; a minha Angélica que morreu o ano passado doze; e a criada, que também me disse que por fôrça queria entrar, treze.

— Está muito bem.

— São dois mil e seiscentos por mês, não quebra osso a ninguém.

— Isso é verdade.

— E quere saber? Tive cá uma idea.

— Que é?

Os jornais que vieram para minha mulher, para meus filhos, e para meu pai e para a Angélica, vou distribuí-los por pessoas que eu sei que não têm fé ou que não têm posses para pagar sua quota.

— E olha que é muito boa idea.

— Assim como assim, nem só dar pão é esmola.

A esmola do espírito às vezes pode valer mais que a do corpo.

— E tens tôda a razão.

(Do semanário «Amigo da Verdade»)

Despertou em todo o país enorme simpatia a Pia União dos Cruzados de Fátima, que tem já muitos milhares de Associados. Será a maior associação de Portugal.

* * *

Mediante a pequenina quota de 2 tostões por mês receberás gratuitamente, como cruzado, a «Voz da Fátima» e abundantíssimas graças espirituais.

A expedição da «Voz da Fátima»

A extraordinária inscrição dos «Cruzados» ocasionou algumas deficiências e irregularidades na distribuïção da «Voz da Fátima» cuja publicidade é a maior que há e tem havido em Portugal. Do solícito distribuïdor do jornalzinho recebemos a seguinte carta que publicamos como resposta a algumas queixas que temos recebido.

«Respondemos ao cartão de V. Rev.ª de ontem, o qual acompanhava uma carta de Bragança, outra de Guimarães e dois postais, sendo um de Évora e outro de Portalegre, que junto devolvemos.

Podemos garantir que o serviço de expedição é feito com o máximo cuidado.

Para Bragança foram 260 exemplares; são os que estão registados. Para Guimarães, pároco de Alvarães, foram 600, que eram os indicados; emendou-se para 650. O pároco de Monserrate tem registados 436 que também seguiram. O mesmo dizemos de Évora. De Portalegre não encontrámos, por não vir a indicação do nome igual àquele em que os jornais são enviados.

O motivo das reclamações são principalmente por os jornais não poderem ir todos no mesmo dia e acontece, por exemplo, que quem recebe 320 jornais, recebe um rôlo de 20 no dia 12 ou no dia 14, e no dia 15 ou 16, 3 rolos de 100. Como não recebeu tudo no mesmo dia supõe que ó se enviaram os 20. Agora já todos devem ter recebido tudo.

Para atender às reclamações é absolutamente indispensável que estas sejam feitas indicando o nome com que realmente recebem os jornais. Se um reclama com o seu próprio nome e recebe os jornais com Pároco de..., não se encontra. Se outro recebe os jornais com Pároco de... e depois reclama assinando Abade ou Vigário, também se não encontra. É indispensável um aviso nesse sentido.

Receberem todos no dia 13 o jornal é impossível, pois a tiragem leva alguns dias e vão sendo expedidos à medida que são impressos.

Estes serviços hão-de ter sempre irregularidades, pois passam tantas mãos desde os Cruzados até aqui que é natural que algum cometa um engano.

Com a boa vontade de todos tudo se há-de ir aperfeiçoando.

Vemos que a tiragem vai aumentando sempre e quanto mais aumentar mais demora a impressão e mais tarde chega o jornal ao seu destino.

Procura-se remediar êste mal, mas até lá tem que ser assim.»

VISADO PELA CENSURA

Ano XIII — Fátima, 13 de Outubro de 1934 — N.º 145

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ R. Santa Marta, 158-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração: "Santuário da Fátima"

A VOZ DA FÁTIMA

O pequeno jornalsinho «Voz da Fátima» entra no XIII ano com uma tiragem de 142.000 exemplares bem superior à de qualquer outra publicação em Portugal.

Principiou com 3000 exemplares.

Percorrendo os números do querido mensário vemos que cada um dêles canta as glórias da Mãe do Céu que tão misericordiosa e boa tem sido para com os seus filhos.

Com a publicação e expedição da «Voz da Fátima» gastaram-se perto de quinhentos contos generosamente oferecidos pelos devotos de Nossa Senhora de Fátima.

A expansão dêste jornalsinho não é só em Portugal, mas percorre quási tôdas as nações e como havia muitas pessoas no estranjeiro que queriam conhecer Fátima mas era-lhes obstáculo a lingua, nasceram já dois filhos muito estimados da «Voz da Fátima» que são Bote von Fatima — *em alemão que se publica na Suissa e* Our Lady of Fatima, *revista que aparece à luz na India inglesa.*

Na Pastoral em que se reconhecem como dignas de crédito as visões das crianças na Cova de Iria e se permite oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima, lê-se:

«Muitos de vós conheceram o lugar da Cova da Iria, como, árido, sem vida. Tendes visto também as construções que ali se estão a fazer, que naturalmente exigem muito dinheiro.

Pois bem: até hoje não se abriu uma subscrição, não se pediu uma esmola, não se fêz um apêlo, ou público ou particular, à caridade dos fiéis.

As esmolas são oferecidas espontâneamente, quási tôdas anónimas.

Como é grande a fôrça da fé!»

Não se poderá dizer o mesmo da «Voz da Fátima» principiando tão pequenina e começando o seu XIII ano com a tiragem formidável de 142.000 exemplares!

Que Nossa Senhora de Fátima alcance as maiores graças e Bênçãos do Céu para os Bemfeitores e leitores da «Voz da Fátima».

Leiria, 1 de outubro de 1934.

† JOSÉ, *Bispo de Leiria*

FÁTIMA -- sublime epopeia Mariana

«Nossa Senhora desceu do Céu à Terra de Santa Maria, sôbre a montanha bemdita de Fátima, e foi-se — Missionária de Deus — por êsse Portugal em fora, batendo a tôdas as portas, convidando-se para todos os lares».

(Do livro «Nossa Senhora de Fátima», Pôrto, 1934, pelo rev.do dr. Luís Gonzaga da Fonseca, S. J. professor no Instituto Bíblico de Roma).

evocador de tantas maravilhas celestes e de tantas provas de bondade da Mãi de Deus, é acarinhado por milhões de bôcas, como um prenúncio de paz, como uma promessa de perdão, como um penhor, uma garantia segura de felicidade para a terra e para o Céu.

A Augusta Raínha dos Anjos descera sôbre a montanha sagrada de Fátima e fizera duma pequena azinheira o trono perene das suas graças e das suas misericórdias.

Mais uma vez, como noutras conjunturas igualmente delicadas e dolorosas da nossa história, a celeste Padroeira da nação fidelíssima se dignara patentear aos filhos dilectos os tesouros salutares e inexgotáveis da sua ternura maternal.

Ela recomenda-lhes instantemente que não continuem a ofender a Deus, que lhe peçam perdão dos seus pecados, que se emendem dêles e rezem o têrço do Rosário, a mais perfeita e a mais bela fórmula de oração.

Oração e penitência: eis o remédio para os males que afligem a humanidade, o antídoto contra os venenos que intoxicam as almas, o meio seguro e eficaz de aplacar a cólera do Altíssimo, de o tornar propício e de alcançar perdão, graças e bênçãos de sua clemência infinita.

No dia treze de Outubro de 1917 — faz hoje precisamente dezassete anos — a Virgem Santíssima, proclamando-se a Senhora do Rosário e prometendo a sua valiosa protecção, converteu Fátima numa nova Lourdes para salvação dos seus filhos.

O recinto sagrado da Cova da Iria, com as suas peregrinações vindas de todos os pontos do país, com as suas dezenas de milhar de confissões e comunhões, com a procissão das velas, a de Nossa Senhora e a do Santíssimo Sacramento, com a adoração nocturna soleníssima de Jesus-Hóstia, com a Missa e bênção dos doentes, com as penitências e ex-votos, com os retiros espirituais e com tôdas as demais manifestações de fé e piedade de que é teatro, é hoje um lindo cantinho do Céu, o polo de atracção dos corações, um foco intenso de luz e de fogo que ilumina as inteligências e abrasa as almas, purificando-as, esclarecendo-as e dirigindo-as pelo caminho que conduz à eterna bemaventurança. Fátima é uma das graças maiores e mais preciosas que Deus podia conceder e concedeu realmente à nossa pátria pelas mãos virginais de Maria.

É mister que os portugueses, para corresponderem, como devem, a êste dom magnífico da magnificência do Senhor, lhe rendam as mais fervorosas acções de graças e cumpram fielmente as recomendações da Raínha dos Anjos, fugindo do pecado e praticando a virtude.

Só assim as promessas divinas surtirão efeito, conjurando-se justos castigos e preparando-se para Portugal e para o mundo uma nova era de paz, de prosperidade e de glória.

Visconde de Montelo

Homenagem e agradecimento ao zeloso e dedicado pessoal que trabalha na confecção e expedição da «Voz da Fátima»

A compaixão da Virgem

Corria o ano de 1917. A grande guerra, desencadeada havia três anos, levava a tôda a parte o seu lúgubre cortejo de dores, de lágrimas e de sangue, cobrindo de luto e desolação as cinco partes do mundo. Portugal, o pequeno mas glorioso Portugal, forçado pelas circunstâncias, entrara um ano antes na imensa fogueira acesa pela ambição das grandes potências e via, dia a dia, hora a hora, as chamas dessa fogueira devorando a flor generosa da sua juventude e o oiro precioso do seu erário. Foi então que, dum extrêmo ao outro da terra privilegiada de Santa Maria, soou de repente um grito de esperança e de júbilo, cujo eco transpôs as fronteiras e se propagou até aos confins do orbe. E o nome bemdito de Fátima,

As comemorações do dia 13

O dia treze de Setembro último, em que ocorria o décimo sétimo aniversário da penúltima aparição aos humildes videntes de Aljustrel, amanheceu cheio de luz e com o céu azul e limpo de nuvens. Na véspera à tarde tinham chegado numerosas peregrinações, procedentes de quási tôdas as dioceses do país e presididas pelos respectivos párocos. A procissão das velas, que principiou a desenrolar-se pelas avenidas do recinto dos santuários pouco depois das dez horas da noite, teve um brilho extraordinário pela boa ordem com que decorreu e pela piedade dos que nela tomaram parte, rezando devotamente o têrço do Rosário, e cantando com entusiasmo o Avé de Fátima.

À meia noite começou a tocante cerimónia da adoração nocturna, sob a presidência do Ex.mo e Rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria.

Durante a recitação do têrço, nos intervalos das dezenas, explicou os mistérios gloriosos do Rosário o Rev. Manuel Freitas Leite.

Depois da adoração nacional, da meia noite às duas horas da madrugada, fizeram a sua adoração privativa as seguintes peregrinações: de Setúbal, frèguesia da Anunciada e de Alcácer do Sal, das 2 às 3 h., da Serra de Tomar, das 3 às 4, de Penamacor, das 4 às 5, da Póvoa de Rio de Moínhos, das 5 às 6 e de Viseu das 6 às 7. Como no dia treze de manhã terminara um retiro de dez dias dado na casa dos Exercícios Espirituais de Fátima pelo rev.do dr. Ferreira Fontes a algumas dezenas de eclesiásticos pertencentes na sua maioria à diocese de Beja, e quási todos tivessem ficado para assistir às cerimónias comemorativas das aparições, houve um número considerável de missas e não faltaram sacerdotes para atender os fiéis no santo tribunal da penitência.

Algumas peregrinações tiveram missas privativas: as de Alcácer do Sal e Serra de Tomar às 8,30, a de Póvoa de Rio de Moínhos às 9, a de Viseu às 9,30 a de Setúbal às 10, a de Penamacor às 10,30 e a de Albergaria-a-Velha às 11,30.

Emprêsa editora católica

A casa mais importante e de maior movimento de artigos religiosos. Tudo quanto é necessário para Igrejas, Seminários, Colégios e catequeses.

UNIÃO GRÁFICA

RUA DE SANTA MARTA, 158—LISBOA

Grande existência de Livros nacionais e estranjeiros, sôbre todos os assuntos.

Terços, estampas, crucifixos, placas, imagens, paramentos etc.

Tudo aos melhores preços e qualidade.

Aproximaram-se da Sagrada Mesa cêrca de cinco mil pessoas.

A peregrinação, que veio êste mês de mais longe, em *camiounettes*, sujeitando-se a grandes incómodos e gastando bastante tempo na viagem, foi a peregrinação de Bragança, composta de setenta pessoas sob a direcção de quatro sacerdotes.

De Viseu vieram cêrca de cincoenta meninas dum asilo e as suas directoras.

Pouco depois do meio dia desabou sôbre a Serra de Aire uma formidável trovoada que durou mais de meia hora, inundando o local das aparições com uma chuva torrencial, que fez debandar momentâneamente os peregrinos, muitos dos quais já tinham tomado posições para assistir à missa e à bênção dos doentes.

Como se receasse que sobreviesse entretanto nova trovoada, aquêles dois actos, dos mais importantes e mais solenes do dia treze, realizaram-se no Pavilhão dos doentes e não na esplanada em frente de Basílica, como estava projectado.

A missa oficial foi celebrada pelo rev.^do dr. Manuel Nunes Formigão, secretário de Sua Ex.^cia Rev.^ma o Senhor D. Luís António de Almeida, Bispo de Bragança e Miranda, e professor de Sagrada Teologia no respectivo Seminário diocesano.

Assistiram ao Santo Sacrifício, junto do altar, os Ex.^mos e Rev.^mos Senhores Bispos de Leiria e de Beja.

Ao Evangelho prègou o rev.^do Manuel Freitas Leite, professor no Seminário de Serpa.

Deu a bênção aos doentes Sua Ex.^cia Rev.^ma o Senhor Bispo de Beja.

Faziam parte da numerosa assistência, entre outros eclesiásticos categorizados, os Ex.^mos Mons. dr. Manuel Jorge da Fonseca, antigo Reitor do Colégio Português em Roma, e dr. António Maria de Figueiredo, cónego da Sé Patriarcal de Lisboa e pároco da frèguesia de S. Nicolau, da mesma cidade. Assistiram também às cerimónias do dia treze as crianças do Asilo dos Milagres, de Lisboa, com a sua regente D. Maria da Purificação Godinho, a «madrinha» de Jacinta Marto, a mais nova dos videntes de Fátima.

O apóstolo de Fátima

Duma carta do grande amigo e propagandista da causa de Nossa Senhora de Fátima para sua Ex.^cia Rev.^ma o Senhor Bispo de Leiria, datada de 31 de Agosto último, transcrevem-se as seguintes passagens:

«Agradeço com o mais vivo reconhecimento as orações que V. Ex.^cia Rev.^ma se digna fazer por mim e peço-lhe a fineza de me recomendar com empenho às orações dos peregrinos de Fátima.

Não pude aceitar o convite para ir a Fátima por causa do meu estado de saúde, que é bastante precário. O meu médico assistente diz que o meu coração não funciona bem.

Teria sido para mim uma grande alegria tornar a vêr V. Ex.^cia Rev.^ma, meu amigo paternal, êsses bons padres da sua diocese com quem tive a honra de travar conhecimento e o Santuário muito amado. É um grande sacrifício renunciar a todos êsses grandes prazeres e alegrias espirituais, mas tenho esperança de que no próximo ano Nossa Senhora de Fátima me chamará ao seu Santuário e ao convívio de V. Ex.^cia Rev.^ma, seu servo fiel, com melhor saúde que no presente.

O primeiro meio de a melhorar seria trabalhar menos, mas o meu apostolado pela causa de Fátima aumenta de dia para dia. E o mesmo sucede a minha irmã.

O apostolado do Rosário caminha bem, mercê de Deus. O meu bom amigo, rev.^do Benedito Holz, de Jerusalém, comunica-me que se celebrou pela primeira vez a santa missa solenemente na igreja da Dormição em treze de Agosto, como dia aniversário da morte de Nossa Senhora, estando o templo repleto de fiéis.

O rev.^do Abade da Dormição resolveu que houvesse lá dora-avante missa solene cada dia treze e está preparando o texto dum ofício da Dormição, para o qual tenciona pedir a aprovação da Sagrada Congregação dos Ritos.

As Clarissas de Lisboa e os Franciscanos em todo o Portugal têm uma festa a treze de Agosto, em honra de «Maria da boa morte».

Em Forst passam-se coisas admiráveis. O meu amigo o pároco de Schcendt escreve-me dizendo que não tem tempo para fazer a viagem a Fátima por causa da peregrinação que se realiza a Nossa Senhora de Fátima em Forst, porque, sublinha êle, *«eu estou já em Fátima»*.

O operoso e infatigável escritor alemão conclui a sua carta anunciando a série de livros que tem em preparação e que espera publicar brevemente, se Deus lhe der a saúde de que precisa.

Visconde de Montelo

Era uma vez...

Mas... valerá a pena contar a história? é sempre a mesma. Nasceu o bébé —

Meses depois falta o leite da mamã —

Vizinhas solícitas indicam a farinha X, porque é barata —

Bébé definha —

Alarme da mamã — Consulta o médico — Êste, receita sem dúvida, a

FARINHA LACTEA NESTLÉ

que é da sua confiança — Pouco depois, bébé torna-se um dos

Lindos Bébés Nestlé

Jacinta a florinha de Fátima

Como se disse na última crónica da «Voz da Fátima», saíu à luz da publicidade, ainda há poucas semanas, um novo livro do rev.^do dr. Luís Fischer com o título de «Jacinta, a pequena flor de Fátima». Depois do prefácio, da autoria do Ex.^mo e Rev.^mo Senhor D. Luís Mario Hugo, Bispo de Mogúncia, insere uma introdução sôbre a época e as circunstâncias em que o autor colheu os elementos para a sua obra e sôbre as pessoas que lhos forneceram.

Os títulos dos capítulos são como seguem: «História das aparições — Em casa dos pais da Jacinta — No túmulo da criança santa — Participação da Jacinta nas aparições de Fátima — Os acontecimentos de 13 de Maio a 13 de Outubro — O mano Francisco parte para junto da Mãizinha — Na «Casa de Nossa Senhora de Fátima» — Na Cruz — Ao apêlo da santidade (sofrimentos e morte da Jacinta) — Um grato espírito protector».

Entre o prefácio e a introdução encontra-se uma linda e mimosa poesia, devida à pena da distinta poetisa, D. Rosa Ancilla Hug, e intitulada «Jacinta», que no fim do livro aparece novamente adaptada a uma antiga melodia alemã com acompanhamento de piano ou órgão pelo rev.^do Ambrósio Schnyder, O. S. B.

Ilustram o texto doze esplêndidas gravuras de página com as seguintes epígrafes:

«Jacinta, a pequena flor de Fátima — O nosso grupo de peregrinos em 13 de Outubro de 1932 — Um fiel e fervoroso devoto de Nossa Senhora de Fátima (rev.^do Vicente do Sacramento) — Na sepultura do seu benjamim (a mãi do Francisco junto da sepultura do filho) — O jazigo do Barão de Alvaiázere em Vila Nova de Ourém — A casa da família Marto — Jacinta levada pela multidão (13 de Outubro de 1917) — Os pais Marto rodeados de sua família — Na «Casa de Nossa Senhora de Fátima» — Capela de Nossa Senhora dos Milagres em Lisboa — Hospital de D. Estefânia — Enfermaria onde morreu a Jacinta e onde repetidas vezes lhe apareceu Nossa Senhora».

UM ARTISTA GENIAL

Não é artista quem quere.

Os artistas nascem.

Artistas cristãos são ainda mais raros.

É por isso que, quando aparece um de valor real incontestável, todos ficamos de parabéns.

Ora é realmente um dêsses artistas que sentem as suas criações e dão às suas imagens tôda a beleza de arte e tôda a graça da piedade o artista que fêz a imagem de NOSSA SENHORA DE FÁTIMA que se venera na capela das Aparições na Fátima.

É êle o Sr. José Ferreira Tedim de Coronado — SANTO TIRSO.

Olhos que tiveram a dita de ver Maria

(A propósito do dia 8 de Dezembro de 1933)

Havia mais de seis semanas que os empregados de S. Pedro se ocupavam da ornamentação da maior Basílica do mundo, para uma daquelas festas que representam a máxima honra que a Igreja Católica pode tributar a um mortal.

Tratava-se da canonização de Bernadette Soubirous, a pastorinha de Lourdes, a qual se realizou no dia 8 de Dezembro de 1933.

O 8 de Dezembro foi sempre um dia de intenso júbilo para os devotos de Maria mas, duma maneira muito especial, o dia 8 de Dezembro do ano jubilar de 1933. Êste dia foi o complemento e a coroa duma grande obra de N. Senhora.

Para todos os que tiveram a dita de vêr Maria face a face, têm aplicação aquelas palavras do cântico Magnificat *que Ela proferiu acêrca de si mesma: «De hoje em diante tôdas as gerações me chamarão bem-aventurada».*

E, de facto, se contemplarmos, em Lourdes, a casa paterna da pobre pastorinha e, em Roma, o imponente espectáculo da sua canonização mal poderemos compreender semelhante paradoxo.

Porque se prestarão a esta criança tantas e tão grandes honras? Porque a Igreja confirmou as suas virtudes heróicas e milagres operados por sua intercessão.

Nunca os olhos do mundo católico se teriam voltado para esta humilde pastorinha de Lourdes se, antes disso, outros olhos misericordiosos se não tivessem dignado olhar para êste modesto lírio dos campos.

O dia 11 de Fevereiro de 1858 foi pois, a antevisão do dia 8 de Dezembro de 1933 e o início duma glória da qual é lícito dizer: «Nunca olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem em coração algum humana penetrou jamais o que Maria reserva aos seus eleitos».

Um dia, mergulhada em profundo êxtase, teve Bernadette a dita de ver, na sua presença, a Imaculada Conceição aureolada de luz e de beleza indescritíveis. Quando, mais tarde, lhe mostraram a primeira estátua de N. Senhora feita segundo as suas indicações, exclamou ela desiludida: Oh! Não, não é Ela, N. Senhora era incomparàvelmente mais linda!

Êste facto lembra-nos uma cena passada há mais de 60 anos, na Alemanha, por ocasião do Kulturkampf. Os católicos batiam-se, então, galhardamente em prol da sua fé. Aqui e além começava a falar-se em aparições de N. Senhora.

Não nos compete a nós examinar se estas pretensas aparições eram ou não verdadeiras. A competente autoridade eclesiástica, até hoje, não se pronunciou ainda a respeito da maior parte delas.

Os conhecimentos que em longos anos de estudo e oração adquirimos àcêrca de Nossa Senhora, levam-nos a concluir que Ela acorre sempre pressurosa em auxílio dos filhos seus, quando êstes nas suas aflições de todo o coração a invocam.

Um facto, porém, avulta ao nosso espírito ao rememorarmos estas coisas do passado. Depois destas verdadeiras ou pretensas aparições, mostraram a uma criança, que ainda não tinha dez anos e segundo as indicações da qual tinham feito uma estátua de N. Senhora, se a achava parecida com o original ao que ela respondeu no seu alemão popular: «Nem por sombras! N. Senhora era muito mais linda!» Esta manifestação expontânea da alma infantil é para nós um poderoso argumento em favor da autenticidade da aparição.

Este caso assemelha-se muito ao dos pastorinhos de Fátima.

A visão inteligente do Prelado que Nossa Senhora escolheu para guarda e protector do seu Santuário, não poderia descobrir em todo o Portugal — aliás nada pobre em artistas — um escultor mais hábil e piedoso do que aquêle a quem foi confiada a execução da estátua de N. Senhora de Fátima. Visitámos por diversas vezes a oficina dêste insigne artista, tendo até a felicidade de possuir, devido à munificência do Sr. Bispo de Leiria, duas Imagens de N. Senhora, da sua autoria.

Em face do exposto, é nossa convicção íntima que S. Ex.ª não poderia, em parte alguma, encontrar melhor e mais fiel intérprete da beleza sobrenatural de N. Senhora. E, todavia, aconteceu a êste artista o mesmo que já tinha acontecido aos seus predecessores.

Quando mostraram a Lúcia a estátua de N. Senhora de Fátima, feita segundo as suas indicações e as dos seus companheiros, também ela exclamou: «Oh! Não é Ela, N. Senhora era muito mais linda!»

Que grande lição para nós!

Nenhum pintor, ainda que fôsse um santo como o Beato Angélico, nos poderia reproduzir, em tôda a sua plenitude, a celestial beleza de Maria. Essa dita só nos será permitida no Céu ao contemplarmos face a face a obra prima do Espírito Santo, a mais bela alma que Deus criou depois da de N. Senhor Jesus Cristo.

Por isso bem-aventurados aquêles a quem é dado vê-la já nêste mundo, a quem é dado contemplar com os olhos do corpo mortal a bemdita entre tôdas as mulheres!

Crianças e sempre crianças são aquêles a quem Maria aparece, isto é, almas puras tanto pela inocência como pela idade.

Ficará, porventura, esta suprema felicidade reservada apenas a êste número restrito de eleitos? Ficaremos nós que a amamos tanto, que lhe temos consagrado tôda a nossa vida de trabalhos e sofrimentos, privados de a ver ainda nêste mundo?

Não vem escrito em nenhum tratado de dogmática, mas é nossa convicção íntima que Maria aparecerá aos que a amam, na maior necessidade da vida, na hora tremenda da morte, cheia de compaixão e amor. Parece-nos ser esta, a-par-de muitas outras, a recompensa que Ela reserva aos seus servos e apóstolos. E não será isto recompensa condigna? Só assim poderemos explicar o brilho e o júbilo que irradia dos olhos de certos moribundos que dedicaram tôda a vida ao seu serviço. É a Mãi piedosa e clemente que se abeira do leito do moribundo para o guiar através da escura porta da morte e o conduzir ao lugar que o seu amor maternal de ante-mão lhe preparou.

É opinião confirmada pelos santos dos últimos tempos que o futuro da Igreja está em N. Senhora.

Que ela exercerá ainda grandes coisas no reino de Deus por meio de fracos instrumentos, assim como Deus, por seu intermédio, exerceu o maior milagre do mundo.

Esforcemo-nos, pois, por confirmar esta convicção procurando almas santas e justas cuja suprema felicidade consista em dedicar-se inteiramente ao serviço de Maria e de seu divino Filho — Jesus.

Ela, pois, advogada nossa! e na hora da nossa morte volvei para nós os vossos olhos misericordiosos e mostrai-nos a Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria!

Dr. Fischer

(Tradução do «Bote von Fatima» que se publica em Basileia, na Suissa).

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos científicos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P. B. X. 2 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO

Telefone 4193

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Enterocolite aguda

Lúcia Leote de Sousa, de Pedrouços—Lisboa, diz em carta o seguinte: —

«A-fim-de manifestar à Santíssima Virgem a minha gratidão pela graça que me dispensou curando-me de uma «Enterocolite aguda» doença de que sofri desde muito nova até aos 58 anos e que os médicos haviam declarado crónica, venho pedir a publicação destas linhas que escrevo, repassada de reconhecimento à Mãe do Céu a quem quero servir e amar cada vez mais».

Schizophrenia

Teotónio Ferreira Lopes, português, natural da freguesia de S. Catarina, e residente com seus pais no Brasil, sdoeceu gravemente em 1931. Durante seis mêses esteve sem movimentos, parecendo dormir ininterruptamente. Não podia abrir os olhos nem a bôca estando de tal maneira impossibilitado que tinha de ser alimentado pelo nariz por meio duma sonda. Durante 45 dias o médico visitou-o 40 vezes, dizendo por fim que, se não aparecessem outras complicações julgava salvá-lo, mas que provàvelmente ficaria desarranjado das faculdades mentais.

Já quási desanimados de esperar tanto tempo, resolvemos desde então entregar a sua cura à maternal protecção de Nossa Senhora de Fátima, e então, deante duma sua estampa que uma pessoa de família nos tinha enviado de Portugal fizemos os nossos pedidos e as nossas promessas em favor do pobre doente. Entretanto, êle conseguiu abrir os olhos e mover um pouco os dedos das mãos!

Desde então, de dia para dia as melhoras foram progredindo até que, em Agosto pôde começar já a fazer certos trabalhos mais leves. Entretanto as melhoras foram-se firmando cada vez mais de tal modo que hoje trabalha como se não tivesse estado doente dirigindo a sua vida sem que nele se note o mais leve sinal do desarranjo nas suas faculdades mentais.

Orlândia — Brasil.

António P.ª Lopes e Luísa de Jesus

Graças diversas

— *Rosalina de Lima Costa* (Guimarães), vem por êste meio tornar público o seu reconhecimento para com a Virgem de Fátima, da cura de uma filhinha de 5 anos que sofria de uma febre intestinal, e com o uso da água de Fátima se encontrou completamente curada; outrosim agradece outras graças espirituais e temporais obtidas por meio da intercessão da mesma Senhora.

— *Rosa Serra Afonso* — Vila Nova de Gaia, gradece a N. Senhora da Fátima diversas graças espirituais e temporais que lhe tem concedido a si, e também a cura dum netinho que esteve em perigo de vida.

— *D. Olímpia Lopes Cabral de Quadros* — Lisboa, tendo recebido do Sagrado Coração de Jesus por intercessão de Nossa Senhora de Fátima um favor de grande importância pede aqui seja tornado público o seu profundo agradecimento pelo favor recebido.

— *José Ferreira* — Lisboa, teve sua mãe prestes a morrer. Desenganada pelos médicos preparou-se para a morte com os socorros da Santa Religião.

Entretanto, as pessoas da família, dando a beber à doente algumas gotas da água do Santuário, recorreram a Nossa Senhora de Fátima a quem fizeram algumas promessas. E, graças à sua maternal intercessão junto de Deus, sem se esperar humanamente falando, a doente começou a sentir-se melhor e pouco tempo depois, com surpreza do próprio médico, estava muito melhor, sentindo-se já perfeitamente bem.

— *D. Maria da Luz Simões* — Condeixa-a-Nova, esteve cinco meses no Hospital do Pôrto, para onde foi quási desenganada pelos médicos.

Fôra uma infecção intestinal que lhe provocou diversas complicações interiores. Estava para ser operada, mas confiando-se a N.ª Senhora de Fátima algum tempo antes da operação, obteve ràpidamente a sua cura que hoje aqui vem agradecer.

— *José Pacedónio de Sousa* — Pinhal Fanheiro—Bárrio, diz ter tido uma neta de oito anos quási completamente perdida. Os médicos desenganaram por completo a família, de maneira que a cada passo se esperava o desenlace. Entretanto, a criança pediu uma estampa de Nossa Senhora de Fátima, dizendo que não queria morrer sem beijar a sua Mãe do Céu. Apenas beijou a estampa começou a sentir alguns alívios que foram aumentando a ponto de hoje se encontrar completamente bem, vivendo alegre e feliz na companhia de seu avô.

— *Sabino Duarte* — Monte Bom — S. Isidoro, agradece a Nossa Senhora a cura de sua filha Maria da Circuncisão, que durante alguns meses sofreu com gânglios no fígado. Curou-se tomando água do Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

— *D. Marta Osório Barata* — Castelo Branco, tendo recebido por intercessão de Nossa Senhora de Fátima duas graças temporais, vem agradecer-lhe êsses favores.

— *D. Rosa Carolina da Cruz* — Viana do Castelo, vem agradecer a Nossa Senhora de Fátima a cura de seu filho José Pereira de Amorim. Êste regressara do Brasil, com um dos pulmões quási por completo deteriorado.

Veio como doente receber a Bênção do Santíssimo Sacramento no dia 13 de Agosto ao Santuário de Fátima e desde então começou a sentir-se bem julgando-se já livre de perigo e quási por completo restabelecido.

— *D. Maria Rodrigues Tôrres*—Pôrto, agradece a Nossa Senhora da Fátima diversas graças que por sua intercessão tem alcançado, duma maneira especial o ter recuperado os movimentos do braço esquerdo de que não podia fazer uso algum.

— *D. Angela Gonçalves Lopes*—Aradas—Aveiro, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu Pai que sofreu de hepatite, periepatite e gastrite. Depois de consultar alguns médicos recorreu a Nossa Senhora de Fátima e hoje encontra-se curado.

— *D. Angelina Pereira Vieira* — Olival, agradece a Nossa Senhora a cura de seu marido e de sua filha mais velha. A seu marido já não esperavam salvar, no entanto, Nossa Senhora atendeu os pedidos da família e hoje encontra-se bem, graças a N.ª Senhora de Fátima.

PELO SANTUÁRIO

Exercícios espirituais em Fátima

Desde o dia 4 de setembro até ao dia 12 estiveram no Santuário de Fátima 35 sacerdotes na sua quási totalidade da Diocese de Beja em exercícios espirituais sob a presidência do Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Beja tomando quási todos parte na peregrinação.

— Desde o dia 24 a 29 do mesmo mês de setembro reuniram-se na Fátima perto de 100 sacerdotes da diocese de Portalegre, com o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Domingos, venerando Bispo daquela Diocese.

UMA LINDA JÓIA

Todos os que visitaram a Exposição Colonial do Pôrto são unânimes em afirmar que uma das coisas mais formosas senão a mais formosa de quantas ali estiveram era a célebre BANQUETA MANUELINA destinada ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

Nem outra coisa era de esperar pois a banqueta é apenas uma de tantas jóias de arte que continuamente saem da magnífica OURIVESARIA ALIANÇA do PÔRTO

VISADO PELA CENSURA

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	469.468$25
Papel, comp. e imp. do n.º 144 (142.000 ex.)	6.624$60
Franquias, emb. transp. etc.	2.443$33
Na Administração	337$25
Total	478.873$43

Donativos desde 15 escudos

Maria Roiz — Câmara de Lobos, 20$00; Ermida da Fátima — Câmara de Lobos, 50$00; Eugénia de Nobrega — Câmara de Lobos, 50$00; Artur da S. Gante — Lisboa, 60$00; Distrib. em Armação de Pera, 20$00; Henriqueta Rodrigues — Tarouca, 20$00; Distrib. em Belém e Jerónimos, 100$00; M.ª Amorim Pinto — Pôrto, 15$00; Maria Almendra — Candoso, 20$00; M.ª J. de Sousa — Ponte Garça, 20$00; José M. Tavares — Dakar, 15$00; Dr. Daniel Corte Real — Shanghai, 219$60; Joana Serena — Ilhavo, 45$00; Leonor de Carvalho — Argentina, 15$00; Joaquim Duarte de Oliveira — Lisboa, 200$00; M.ª Alice Almeida — Faro, 44$00; M.ª Conceição P.ª — Carvoeira, 20$00; Distrib. em Mafra, 80$00; Maria C. Pessoa — Pombal, 20$00; Maria C. Pires — Pôrto, 22$70; Augusta Nogueira — S. Mamede de Infesta, 20$00; Ana X. de Melo — Lisboa, 30$00; José M.ª Faria — Funchal, 40$00; Henriqueta Bazalôco — Freixo de Esp. à Cinta, 50$00; Alzira da Costa Brito — Freamunde, 355$00; M.ª Eugénia Verríssimo — Turcifal, 20$00; José Raimundo J.or — S. Romão, 50$00; Carmen Pousá — Barcelona, 20$00; Leopoldina Curado — Óbidos, 25$00; Ant.º Dias Frade — Sardoal, 20$00; P. Martim Forner—Brasil, 15$00; Serra Coudis — Oristono, 32$80; Catarina Peralta — Niza, 20$00; M.ª Portilheiro — Portalegre, 20$00; Joana Rosseti — Cachoeira, 15$00; Mons. José Soares Machado — V. Nova de Famalicão, 45$00; Ir. Francisca Romana — Penafiel, 30$00; M.ª Gomes Sousa — Lisboa, 20$00; Distrib. em Paio Pires, 91$20; Sara Fialho Reis e Silva — Nova Gôa, 79$43; Joana Segurado — Vila Alva, 20$00; Sara Augusta Cerejo — Pôrto, 15$00; Leonor de C. Costa — Pôrto, 20$00; Beatriz de Castro Valente — Pôrto, 150$00; P.ª Joaquim Peralta — Niza, 20$00; Nazaré Ventura — Folques, 20$00; M.ª Catalão Espiga — Covilhã, 20$00; P.ª António Palhares — Vila Mou. 30$00; Distrib. na Igreja da Misericórdia — P. de Varzim, 66$30; Glória Costa—Póvoa de Varzim, 15$00; Virginia Almeida — Póvoa de Varzim, 20$00; Branca Josefina — Póvoa de Varzim, 15$00; Distrib. na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 56$10; P.ª António Prego Calabote — Alcácer do Sal, 15$00; Cecília Sequeira Nunes — 20$00; Clotilde de Almeida — Candal, 25$00; M.ª de Jesus Vidal — Águeda, 50$50; Prior do Turcifal, 50$00; Distrib na Igreja da Lousã, 90$00; Henrique Louro — Setúbal, 30$00; C.º Vergílio Pita — Coruche, 20$00; Distrit. na Igrefja de S. Julião — Setúbal, 120$00; Tereza Toste — Setúbal, 20$00; Júlia Reto — Pôrto, 20$00; Dr. Armando Ferreira — Soeima, 20$00; P.ª Francisco C. Nunes — Setúbal, 103$00; José Bastos — Lisboa, 40$00; Marcolino Jacinto — Lisboa, 20$00; M.ª da Purificação Lapa — Lisboa, 20$00; M.ª Izabel Baptista—Montoita, 20$00; M.ª José Leandro — Lavre, 20$00; Sebastião Dias — Brasil, 90$00; Maria Claro — Valadares, 20$00; Club Lusitano — Hongkong, 15$00; Júlia Padrão — Bougado, 15$00; M.ª Carvalho — Covilhã, 40$00; Maria da Conceição — Olhalvo, 15$00.

A Banqueta Manuelina

Tem estado na Exposição Colonial do Pôrto a belíssima banqueta manuelina a oferecer ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima e que tem sido muito admirada.

As pessoas que ainda conservam listas de subscrição devem quanto antes fazê-las chegar a seu destino com as ofertas recebidas.

PHOENIX

Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

«A PÁTRIA»

SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS

SEDE EM EVORA (EM SUA PROPRIEDADE)

Delegações:

Lisboa — Pôrto — Coimbra — Covilhã — Faro e Elvas

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

Efectua seguros de Incêndio, D. no Trabalho, Vida, etc.

Reservas em 1933

Esc.: 3.877.536$52

DOIS LIVROS SOBRE O ROSÁRIO

Editados pela St. Josephsverlag, de Reimlorigen, acabam de ser postos à venda dois interessantes livrinhos da autoriá do Rev. Dr. Stolz, O. S. B., intitulados, respectivamente, «Pérolas do Rosário» e «Pensamentos sôbre o Rosário».

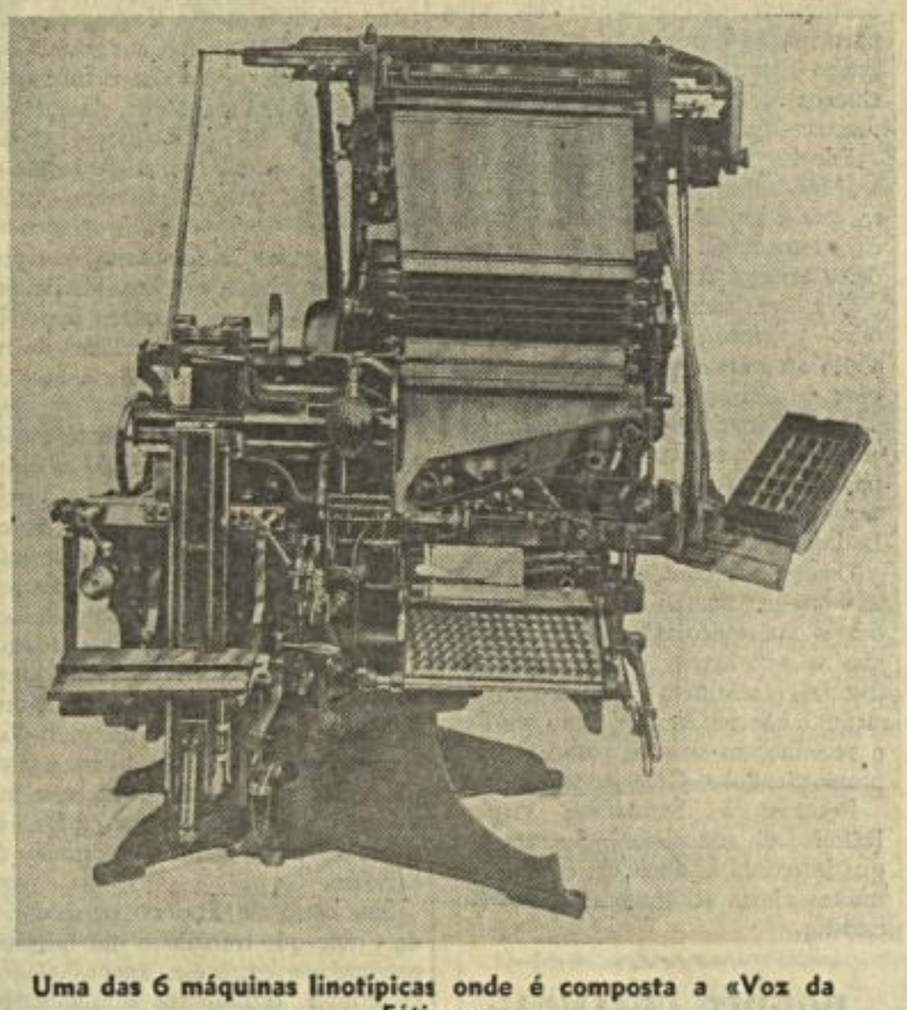
Destina-se, o primeiro, a tornar a recitação do Rosário uma prática atraente e agradável e a evitar que, pela repetição constante dos mesmos pensamentos, a monotonia e o tédio invadam a alma dos fiéis.

Uma grande parte das obras dêste género enfermam do grave defeito de se moverem sempre dentro do mesmo círculo de ideias, tornando, a breve trecho, enfadonha e pouco proveitosa para as almas, esta santa e utilíssima devoção.

Foi a êste inconveniente que o autor quiz obviar, procurando, como êle próprio se exprime, fazer realçar o tesouro de pérolas que vogam no vasto e misterioso oceano do Rosário. E, então, lança-se pacientemente à sua procura pelos domínios da Bíblia, da tradição e da História, amontoando verdadeiros tesoiros que põe diante dos olhos embevecidos do leitor, levando-o a ganhar amor ao Rosário e a fazer com fruto o que até aí talvez fizesse distraídamente e por hábito.

Nos «Pensamentos sôbre o Rosário», depois de descrever a largos traços as aparições de Fátima, exorta os fiéis à recitação do Rosário consoante o desejo manifestado por N. Senhora aos pastorinhos.

«Agora, mais do que nunca, deseja Maria a recitação do Rosário e para obtemperar a êste desejo foi escrito o presente livrinho que, oxalá, conquiste novas almas para o Rosário e torne mais firmes e zelosas aquelas que já se entregavam a esta santa prática».



Uma das 6 máquinas linotípicas onde é composta a «Voz da Fátima»

Tudo, nêstes dois excelentes livrinhos, é de molde a prender o espírito, a tornar mais frutuosa a contemplação dos santos mistérios, mais firmes as resoluções tomadas e mais profunda a vida interior.

Pena é que a leitura das obras do douto beneditino seja apenas acessível a um restrito número de pessoas, por falta de versão portuguesa.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NA ALEMANHA

Está à veneração dos fiéis de *Forst*, em Alemanha, uma estátua encomendada em Portugal.

Escreve o Rev. Pároco Schmitt:

«As peregrinações a Forst a Nossa Senhora de Fátima multiplicam-se extraordinàriamente. Os povos vêm em massa, dando-me a impressão que estamos em Fátima».

A diocese de Vila Real

A Diocese de Vila Real cujo Bispo o Ex.mo e Rev.mo Snr. D. António Valente tem sido incansável na propaganda da Cruzada de Fátima, tem inscritos nesta **Pia União** *27.000 cruzados, isto é, dez por cento da sua população!*

Leia com atenção!!!

Uma pintura artística, económica e duradoura, só se obtém com o uso de BRANCO DE TITANE. Vende-se em tôdas as drogarias. Distribuem-se amostras e folhetos grátis.

Depositários gerais: — DROGARIA MOURA

Largo de S. Domingos, 101 — PORTO

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

■ ■ ■ ■ ■ PÔRTO RAMOS - PINTO ■ ■ ■ ■ ■

CRUZADOS DE FÁTIMA

Os Cruzados e o XXXII Congresso Eucarístico Internacional

Os Cruzados de Fátima que, como todos os católicos portugueses verdadeiramente dignos dêste nome, se prezam de ser dovotos do Santíssimo Sacramento, gostarão de ter uma participação especial no grande Congresso Eucarístico que se realiza em Buenos Aires no corrente mês de Outubro.

Por isso devem oferecer as suas orações, sacrifícios e boas obras, para que a grande manifestação católica internacional redunde num verdadeiro triunfo para o Rei do universo.

Orações, sacrifícios, boas obras: ouro precioso, mirra escolhida, incenso aromático que atraírão as bênçãos do Céu.

Jesus-Eucaristia espera homenagens cordiais: unamo-nos aos felizes que puderam atravessar o oceano e ir fazer-lhe guarda de honra na América Latina.

Unamo-nos com o coração e com a vontade, unamo-nos com ardente desejo apostólico. Que todos aquêles que o aclamarem à sua passagem triunfal, o aclamem sempre no seu coração, o honrem sempre como seu Rei, o reconheçam sempre como seu Supremo Senhor e Guia da sua vida.

Peçamos à Santíssima Virgem, Raínha do Santíssimo Sacramento, que interceda e abençôe, conduzindo muitas almas ao trono de Jesus-Eucaristia.

POBRES CRIANÇAS

Pensamos porventura nas inumeráveis crianças que são descaroàvelmente abandonadas pelos pais nos longínquos países de missão?

E pensamos especialmente naquelas que, se não forem socorridas pelos Missionários, morrerão sem receber o Santo Baptismo?

O Missionário encontra-se muitíssimas vezes perante casos profundamente confrangedores. Mas, se lhe faltam os recursos necessários, como poderá auxiliar tantos infelizes?

Pensemos no modo de oferecer, de boa vontade e generosamente, o nosso óbulo para as obras de propagação da Fé, e em particular, para a Obra de Santa Infância.

Que o grande Dia Missionário mundial de 21 de Outubro nos encontre preparados com a oração e com o Sacrifício!

AOS CRUZADOS DE FÁTIMA

20 de outubro: o dia Missionário

Apêlo de Monsenhor Salotti

Monsenhor Salotti, presidente da Obra Pontifícia da Propagação da Fé, dirigiu há pouco um instante e confrangedor apêlo aos católicos de todo o mundo, para que, na jornada missionária do próximo dia 21 de Outubro, deem generosamente os seus óbulos para as Missões Católicas.

Há 214:000 missionários que precisam das nossas orações, dos nossos auxílios, do nosso socorro material, para o resgate de mil milhões de infiéis que ainda ensombram a face da terra.

No seu tocante e veemente apêlo, Monsenhor Salotti, depois de recordar as conquistas admiráveis da Igreja que, durante dezanove séculos, levou com a Fé cristã a luz da civilização a tantos povos e ainda hoje avança vitoriosa nos vastos continentes de África e Ásia e nos arquipélagos oceânicos, chama a atenção do mundo católico para o espectáculo sobremaneira confrangedor de multidões inumeráveis que estão além e fora da esfera missionária. Perdem-se milhões e milhões de almas, para as quais se torna inútil o sacrifício do calvário.

São cêrca de 214:000 os soldados de Cristo que trabalham nas missões, contando-se entre êles apenas 18.000 sacerdotes estranjeiros e indígenas. Esse exército é bem pouca coisa para o vastíssimo mundo missionário. É preciso alistar novos missionários estranjeiros, é preciso preparar sacerdotes indígenas, é preciso fornecer aos operários evangélicos o pão de cada dia e os recursos indispensáveis para o seu apostolado. Importa manter as obras de fé, de cultura e de assistência já existentes e promover a fundação de outras, de muitas outras.

Acresce que os terramotos, os ciclones e tufões, as cheias dos grandes rios, as guerras, as secas, as epidemias e emfim a carestia da vida, criam necessidades extraordinárias a que os pregoeiros do Evangelho têm de atender.

A entidade que faz face às necessidades ordinárias e extraordinárias das missões é a Obra Pontifícia da Propagação da Fé, que se tornou o órgão da própria Sé Apostólica para a colheita em tôdas as regiões do globo das ofertas dos fiéis e para a distribuição delas a tôdas as missões católicas. O futuro das missões só está garantido se êste órgão vital fôr alimentado perenemente pelas ofertas generosas dos fiéis.

Mas, infelizmente, essas ofertas têm diminuido consideràvelmente nos últimos anos, mercê, em grande parte, da carestia da vida, descendo de 66:383:863 liras italianas em 1930 para 38.210.000 em 1933. Monsenhor Salotti dirige-se ao clero regular e secular, conjurando-o a compenetrar-se bem da importância da obra, ao menos da jornada missionária, e a instruir o povo, por tôda a parte, sôbre o estado e sôbre as necessidades das missões. Aponta o exemplo de pequenas paróquias de cêrca de mil habitantes, os quais, pelo zêlo dum pároco ou dum propagandista activo, chegaram a recolher num ano 2:000 e mesmo 3:000 liras italianas, isto é, duas ou três liras por cada habitante.

Por último o ilustre presidente da Obra Pontifícia da Propagação da Fé friza as altas e graves responsabilidades de todos os católicos, exortando-os a orar e trabalhar pelo bom êxito da jornada missionária, a inscrever-se na Obra da Propagação da Fé, a suscitar com a sua propaganda o dever de generosidade, mesmo nas almas tépidas, indiferentes ou estranhas, e a fazer tudo isso por amor de Cristo e em memória dêsse sangue divino que, derramado no alto do Calvário, foi o preço do resgate de todos os povos.

Visconde de Montelo

CRUZADOS DE FÁTIMA A POSTOS!

Preparemo-nos para a jornada Missionária de 20 de outubro

Na impossibilidade de reproduzirmos por extenso o vibrante e apostólico apêlo de Mons. Salotti a todo o mundo católico em favor da próxima Jornada Missionária que se realiza no próximo dia vinte e um de Outubro, publicamos, noutro lugar desta *Página* um breve resumo dêsse apêlo. O ilustre Presidente da Obra da Propagação da Fé faz sentir aos católicos a sêde de Jesus, a sêde abrazadora que Êle tem da salvação das almas, pelas quais derramou o seu sangue e deu a sua vida. São centenas de milhar de irmãos nossos — sacerdotes e leigos, religiosos e religiosas, mestres e catequistas — que trabalham e sofrem, em climas inhóspitos e no meio dum sem número de perigos e dificuldades, pela glória de Deus e pela conversão dos infiéis. São mil milhões de pagãos que vivem nas sombras do êrro e da morte e que esperam a luz vivificante do Evangelho e a água lustral do Santo Baptismo.

Nós, Cruzados da augusta Raínha de Fátima, nós, soldados auxiliares do prestimoso exército da Acção Católica, nós, pela misericórdia do Senhor, filhos da verdade e da luz, ergamo-nos para auxiliar, cada um na medida das suas fôrças, estoutra Cruzada bemdita, a Cruzada Missionária! Ouçamos o brado angustioso do grande Papa Pio XI, lançado da altura apostólica da famosa alocução de Pentecostes do ano de 1922: «Que nem uma só alma se perca pela nossa indolência, pela nossa falta de generosidade; que nem um só missionário tenha de parar porque lhe faltam os meios que nós lhe recusássemos: seria uma grande responsabilidade na qual, porventura, não teremos frequentemente pensado no decurso da nossa vida».

Sejamos generosos nas orações, nas comunhões e nas horas eucarísticas que, no Domingo, 21 de Outubro, serão oferecidas, dum modo especial, ao Senhor, em todo o mundo, pela grande Obra das Missões Católicas!

Que nenhum de nós, neste país, que é, mercê dum privilégio especial do Altíssimo, o país missionário por excelência, deixe de contribuír com o seu donativo, elevado ou diminuto, segundo as suas posses, para a propagação da Fé e dilatação do reino de Deus nas inhóspitas terras missionárias!

Cor Jesu, adveniat regnum tuum!

Visconde de Montelo

Rapazes da Diocese de Leiria que tomaram parte na semana preparatória da Acção Católica no Santuário da Fátima nos dias 4 a 13 de Agosto de 1934

Vinho de Missa

Genuíno, garantido, óptimo paladar

Peçam-no já em barris ou garrafões a

António de Oliveira — ALDEIA NOVA — Norte

Requisições de rolos para os chefes de trezenas

— Novamente recordamos o que por mais duma vez já foi avisado aqui e nas «Novidades»:

As requisições de novos rolos ou mudanças nos antigos que não estiverem na Administração — Santuário da Fátima, **até ao dia 2 de cada mês, SÓ NO MÊS SEGUINTE PODERÃO SER EXECUTADAS.**

IMPORTA ATENDER AO SEGUINTE:

1.º — Quando escreverdes para a «Voz da Fátima», sôbre qualquer assunto que diga respeito à vossa assinatura, *assinai sempre* a vossa carta ou o vosso postal *exactamente* com o mesmo nome e sobrenome que vão no endereço do jornal ou rôlo que recebeis.

Isto refere-se também aos rolos que vão para as pessoas encarregadas dos «Cruzados de Fátima».

2.º — Quaisquer mudanças que pedirdes nas vossas direcções, *só poderão ser executadas se enviardes ao mesmo tempo o número da vossa assinatura.*

LIVROS EM PORTUGUES SOBRE FÁTIMA

Podeis comprar no Santuário os seguintes livros:

1.ª — Oratória-Fátima	20$00
2.º — As grandes Maravilhas de Fátima	10$00
3.º — Fátima, o Paraíso na terra	5$00
4.º — A pérola de Portugal ...	5$00
5.º — Fátima, a Lourdes Portuguesa	5$00
6.º — Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica	5$00
7.º — Manual do Peregrino ...	3$00
8.º — Nossa Senhora da Fátima	7$50

N. B. Mandam-se pelo correio a quem junto ao pedido enviar a respectiva importância, enviando-se também à cobrança a quem assim o desejar.

CONSELHOS AOS CRUZADOS

É de desejar que todos os Cruzados procurem:

1.º — recitar todos os dias, sendo possível em público ou em família, o têrço de Nossa Senhora e aplicá-lo pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

2.º — Comungar freqüentemente, pelo menos, se lhe fôr possível, todos os meses, e assistir ao Santo Sacrifício no dia 13 de cada mês, em união com os peregrinos de Fátima;

3.º — Trazer uma medalha que tenha numa das faces a imagem do Sagrado Coração e na outra a de Nossa Senhora de Fátima.

A melhor homenagem que podes prestar à Virgem Santíssima é inscrever-te hoje mesmo como Cruzado de Fátima, resolvido a viver sempre como bom cristão.

* * *

Quereis que os vossos mortos queridos sejam piedosamente lembrados nas orações de muitos milhares de pessoas? Inscrevei-os na Pia União dos Cruzados de Fátima.

Fábrica de Tecidos de Seda

ESPECIALIDADE EM DAMASCO PARA PARAMENTOS

SANTOS & LIMA

Rua Costa Cabral, 358

Telefone 2134

PÔRTO

Agência em Lisboa:

GASPAR LUÍS DE ALMEIDA

T. NOVA DE S. DOMINGOS, 9, 2.º

CIMENTO TEJO

Premiado com as mais elevadas classificações. Aconselhado para obras hidráulicas e de cimento armado. — Acusando as mais altas resistências nas análises oficiais

Pedidos à Companhia Cimento Tejo

PÔRTO — Av. dos Aliados 20, 3.º

• Drogaria de Adelino Costa, Lt. •

Importação directa de todos os artigos para fábricas.
Produtos químicos e farmacêuticos.
Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxôfre, cimento, etc., etc.
Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras.
PULVERIZADORES DE TODAS AS QUALIDADES
77, Largo de S. Domingos, 79
Telefone 366 — PÔRTO

Ano XIII — Fátima, 13 de Novembro de 1934 — N.º 146

VOZ DA FÁTIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ R. Santa Marta, 158-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA -- sublime apoteose do saltério de Maria

A grande peregrinação nacional de treze de Outubro

Venite, gentes, carpite
ex iis rosas mysteriis
et pulchri amoris inclyte
Matri coronas nectite.

(Do hino de 2.as Vésperas da festa do SS.mo Rosário).

Vinde, ó almas, pressurosas
colhei dos santos mistérios
as lindas, místicas, rosas,
cujos aromas etérios
sobem aos pés do Senhor,
e, ao canto dos vossos hinos,
num êxtase de alegria,
vibrando mil sons divinos,
tecei corôas a Maria,
à Mãe do Formoso Amor.

A oração dos videntes

Lúcia, Francisco e Jacinta, os humildes pastorinhos de Aljustrel, que a augusta Mãe de Deus se dignou privilegiar com a graça incomparável das suas celestiais aparições, eram simples como as pombas, inocentes como os anjos e piedosos no grau em que o podem ser, na sua idade, as crianças, rudes e ignorantes duma aldeia cristã.

Aljustrel, situada à distância de dois quilómetros, a nascente, do lindo cantinho do Céu que se chama a Cova da Iria, é uma das quarenta pequenas povoações que formam a vastíssima freguesia de Fátima.

Os seus habitantes, como os de tôda aquela abençoada região, tiveram sempre e têm ainda hoje uma devoção acrisolada à Santíssima Virgem, que se comprazem em honrar dum modo especial sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário.

Rara, raríssima, é a família, que todos os dias, à noite, depois da labuta nos campos, não reza em comum, o santo têrço, como homenagem filial Aquela que, sendo Mãe de Deus e Raínha do Céu, é também Raínha da terra e nossa Mãe.

Os videntes costumavam levar o seu minúsculo rebanho de ovelhas para as imediações da Cova da Iria, onde os pais da Lúcia possuíam uma pequena propriedade.

Por volta do meio dia solar, as crianças interrompendo as suas inocentes conversas ou os seus inocentes brinquedos, pagavam à Raínha dos Anjos o tributo da sua piedade, desfiando as contas do têrço e meditando, como sabiam e podiam, os respectivos mistérios.

Por ventura, para recompensar a sua fidelidade em praticar aquela devoção tão querida do Céu, Ela escolhe-as para testemunhas das suas aparições, confidentes dos seus segredos e portadoras das suas mensagens.

A Imagem de Nossa Senhora da Fátima processionalmente no meio dos doentes

Como em Lourdes, quando apareceu a Santa Bernadette, nos rochedos de Massabielle, a Virgem bemdita, pousando, durante as seis aparições de Fátima, os pés imaculados sôbre a copa da azinheira sagrada, traz pendente das mãos puríssimas o Santo Rosário.

Numa das aparições recomenda-lhes que rezem o têrço e que propaguem esta devoção, acrescentando que era preciso o arrependimento, a reparação e a emenda dos pecados, para desarmar a justiça de seu Divino Filho, ultrajada e irritada com as culpas individuais e as iniqüidades colectivas.

A Lúcia pregunta à celeste Visão se ela e os primos iriam para o Céu e a Virgem responde afirmativamente, mas frizando que o Francisco tinha de praticar primeiro a devoção do Santo Rosário.

O inocente zagalete, rapaz como era, afastava-se às vezes da irmã e da prima e ia brincar com os rapazes da sua idade, esquècendo-se ou descuidando-se de acompanhar na recitação do têrço à hora habitual e deixando até passar dias e dias sem o rezar.

Mas, desde que a radiosa Aparição lhe deu aquêle maternal aviso, nunca mais omitiu a piedosa prática, chegando a rezar sete e oito terços por dia, com receio de não ir para o Céu, e, já prostrado no seu leito de morte, pedia e instava com a mãe para que rezasse o têrço mesmo pelos caminhos, quando não tivesse ocasião ou vagar de o rezar em casa.

E, sempre que desfiava as contas do Saltério Mariano, repetindo cinqüenta vezes a saüdação angélica e intercalando em cada dezena de Avè Marias um mistério particular, gozoso, doloroso ou glorioso, proferia no fim da dezena, como faziam também a irmã e a prima, a pequenina oração jaculatória que Nossa Senhora lhes tinha ensinado e em que piedosamente se sufragam as almas do Purgatório, cuja devoção a Santa Igreja recomenda dum modo especial, juntamente com a devoção aos Santos, durante o corrente mês de Novembro, o mês dos Santos e dos finados: «Ó meu Jesus, misericórdia, perdoai-nos os nossos pecados, livrai-nos do fogo do inferno e aliviai as almas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas».

Visconde de Montelo

Irmã Lúcia de Jesus

FESTA ENCANTADORA

Tivemos ocasião de assistir no dia 3 de Outubro passado a uma cerimónia comovente que nos encheu a alma de alegria.

Na capela das Irmãs Doroteas, Espanha, o Senhor Bispo de Leiria recebeu os votos perpétuos da Irmã Lúcia de Jesus, que teve a felicidade de receber as confidências de Nossa Senhora de Fátima. Dos 3 videntes é a única que sobrevive.

A cerimónia principiou às 7 horas da manhã pela tomada de hábito de algumas futuras religiosas, a quem o Senhor Bispo de Leiria fêz uma calorosa alocução.

Seguiu-se a Missa acompanhada a lindos cânticos. Antes da S. Comunhão o Senhor Bispo dirigiu-se às Religiosas que queriam fazer os seus votos perpétuos, mostrando-lhes quanto Nosso Senhor as ama tendo-as arrancado ao mundo para virem para Êle. A êsse amor deviam corresponder — entregando-se tôdas ao Bom Jesus — as suas inteligências, vontades e corações.

Cada uma das Religiosas leu a sua Consagração ajoelhada diante da Hóstia Santa que depois recebia na Sagrada Comunhão.

Tomaram o hábito e fizeram a sua profissão 45 religiosas — portuguesas, espanholas, francesas e suíssas.

O Prelado de Leiria foi hóspede do Senhor Bispo que o cumulou de atenções, contente por ter na sua Diocese a Irmã Lúcia de Jesus.

A Mãe e Irmãs foram da Fátima assistir à cerimónia.

As comemorações do dia 13

Como, durante os últimos anos, a extraordinária afluência de peregrinos ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima, nos meses de Junho, Julho e Agosto, provocou o descongestionamento do dia treze de Outubro, dia da segunda grande peregrinação nacio-

Emprêsa editora católica

A casa mais importante e de maior movimento de artigos religiosos. Tudo quanto é necessário para Igrejas, Seminários, Colégios e catequeses.

UNIÃO GRÁFICA

RUA DE SANTA MARTA, 158—LISBOA

Grande existência de Livros nacionais e estranjeiros, sôbre todos os assuntos.

Terços, estampas, crucifixos, placas, imagens, paramentos, etc.

Tudo aos melhores preços e qualidade.

nal, assim sucedeu no corrente ano o que não impediu, porém, que chegassem a reunir-se nesse dia, na vasta esplanada do recinto sagrado das aparições, muitas dezenas de milhar de fiéis, de tôdas as classes e condições sociais, vindos dos mais diversos pontos do país.

Na véspera, às dez horas da noite, depois de se rezar pùblicamente o têrço do Rosário, efectuou-se a procissão das velas que favorecida pela amenidade do tempo, verdadeiramente primaveril, constituiu um lindo e deslumbrante espectáculo, deleite para os olhos e encanto para a alma.

À meia noite começou a piedosa cerimónia da adoração nocturna do Santíssimo Sacramento, rezando-se novamente o têrço do Rosário e fazendo nos intervalos das dezenas, a meditação dos mistérios dolorosos Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

Após a adoração nacional, que se realizou como de costume, da meia noite às duas horas, fizeram a sua adoração privativa as peregrinações seguintes: as de Alfama e da Capela dos Anjos, das 2 às 3 horas, a de Extremoz, das 3 às 4, as das Caldas da Raínha e de Carapinheira do Campo, das 4 às 5, e as de Viseu e Carvide, das 5 às 6. Às 6 horas, celebrou a missa da comunhão geral o rev. Dr. Mário Raimundo Lopes de Carvalho, pároco de Alcanena. Receberam o Pão dos Anjos cêrca de oito mil pessoas, devidamente preparadas para êsse acto pela confissão sacramental.

Às 10 horas, dois aeroplanos da nossa aviação militar passaram sucessivamente sôbre a Cova da Iria, em homenagem à gloriosa Padroeira de Portugal.

A missa oficial da peregrinação, a missa dos doentes, foi celebrada pelo rev. Dr. José Galamba de Oliveira, distinto professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria. Os doentes eram em grande número, vendo-se cheios todos os bancos que costumam ser-lhes destinados.

Ao Evangelho subiu ao púlpito o venerando Prelado da diocese, que proferiu uma brilhante alocução sôbre a grande Cruzada dos tempos modernos, a Acção Católica. Foi também Sua Ex.ª Rev.ma que deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes, acolitado pelos revs. José Simões Maio, Arcipreste de Carapinheira do Campo, diocese de Coimbra, e Cónego dr. Manuel Luís Martins, professor no Seminário e liceu de Viseu.

Pouco antes do meio dia, cumpridas prèviamente tôdas as formalidades exigidas pelas leis eclesiásticas, foi administrado o santo sacramento do Baptismo à neófita Maria Cândida Augusta, das Caldas da Rainha, que recebeu em seguida a Sagrada Comunhão com vivos sentimentos de piedade.

Entre outras muitas peregrinações, vieram a Fátima nesta ocasião as de Alfama (Lisboa), Pôrto, Estremôs, Portalegre, Gondemaria (Olival), Palmá, Travanca (Lagos), Carvide, Canidelo (Gaia), Vila Nova (Miranda do Corvo), Carapinheira do Campo, Viseu, Caldas da Raínha e Setúbal. A de Viseu trouxe à Cova da Iria mais de duzentas pessoas da cidade e de várias freguesias circunvizinhas: Forninhos, Mangualde, Boaldeia, Cartelos, Aguiar da Beira, etc.

Estava também presente um grupo de trinta e quatro meninas do Asilo Distrital de Castelo Branco.

Depois da procissão do «Adeus», a multidão dos peregrinos debandou pouco a pouco, tendo ficado completamente deserto, ainda antes do pôr do sol, o vasto recinto das Aparições, teatro de tantas e tão grandes maravilhas divinas.

Notas—O ilustre escritor sr. Antero de Figueiredo que prepara um trabalho literário sôbre a Fátima, acompanhou com a umbela o Santíssimo Sacramento durante a Bênção aos doentes.

—Muitos Médicos e servitas (homens e senhoras) trataram os doentinhos.

— Um Pastor protestante inglês assistiu às cerimónias da peregrinação.

Drogaria de Adelino Costa, Lt.

Importação directa de todos os artigos para fábricas.
Produtos químicos e farmacêuticos.
Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxófre, cimento, etc., etc.
Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras
PULVERIZADORES DE TODAS AS QUALIDADES
77, Largo de S. Domingos, 79
Telefone 366 — PÔRTO

Um congresso de confraternização cristã

Assim se pode chamar com verdade o tocante espectáculo de sessenta mil ex-combatentes da grande guerra, vindos de quinze nações amigas ou inimigas, fraternalmente juntos a rezar, nos dias 22, 23 e 24 de Setembro último, em Lourdes, ao pé da gruta das Aparições.

Eram ex-combatentes da Alemanha, Áustria, Bélgica, Canadá, Checo-Eslováquia, Estados-Unidos, França, Hungria, Irlanda, Inglaterra, Itália, Jugo-Eslávia, Letónia, Luxemburgo, Polónia, Portugal, etc.

Acorrendo ao veemente apêlo de Mons. Gerlier, Bispo de Tarbes e Lourdes, foram ali à mística cidade da Imaculada, sufragar as almas de seus irmãos mortos em combate e, segundo a frase expressiva do grande orador francês, o Rev.do P.e Gerlier, fazer com um *mesmo* coração, a *mesma* prece ao *mesmo* Deus pela *mesma* Paz.

Por desejo expresso do Sumo Pontífice, todos os turnos de adoração de dia e de noite foram constituídos por antigos oficiais e soldados das diversas nacionalidades.

Procedeu-se do mesmo modo nos ofícios religiosos.

A missa solene por alma de Alberto I, rei dos belgas, foi cantada por um sacerdote alemão, acolitado por um inglês e por um belga.

Na missa solene para alcançar de Deus a graça da paz para o mundo foram oficiantes três Prelados, antigos combatentes, um belga, outro francês, e outro alemão.

Na terceira e última missa solene, que foi celebrada pelo Arcebispo de Birmingham, oficiaram cinco Prelados de nações diversas, que tinham tomado parte nos grandes combates dos quatro anos da guerra.

Esta peregrinação internacional dos antigos combatentes católicos, reünidos aos pés de Nossa Senhora de Lourdes, sob a presidência de Sua Eminência o Cardial Lienart, Bispo de Lille, constituiu uma grandiosa manifestação de caracter exclusivamente espiritual, única nos anais da cidade da Imaculada, que teve por fim implorar de Deus, por intercessão da Santíssima Virgem, para tôdas as nações, e especialmente para aqueles que teem a missão de dirigir os seus destinos, as graças e as luzes capazes de assegurar para sempre aos homens a Paz, a Justiça e a Caridade.

Mais uma vez os espíritos despidos de preconceitos tiveram ocasião de verificar que só a Igreja pode conciliar o amor da Pátria e o amor da humanidade e que há um único internacionalismo útil e fecundo: o internacionalismo católico.

Praza a Deus que um dia, muito em breve, logremos ver, reünidos aos pés da Virgem de Fátima, no seu glorioso santuário, os antigos combatentes católicos de Portugal e seus filhos, em peregrinação nacional, a implorar com uma só alma e um só coração, a paz para o mundo e a prosperidade para a nossa Pátria.

O Sr. Bispo de Leiria rodeado pelo Sr. Almirante Bernardo Mesquitela e Sr. Antero de Figueiredo assiste à Missa dos doentes

Peregrinação Vicentina

No dia 6 do corrente, em comboios especiais que partiram das estações do Rocio Lisboa, e de S. Bento, Porto, efectuou-se a peregrinação dos Confrades Vicentinos do Norte, Centro e Sul do País, ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima, para comemorarem na Cova da Iria as bodas de diamante da fundação da Primeira Conferência de S. Vicente de Paulo em Portugal.

No dia 7 os piedosos romeiros realizaram os actos habituais das peregrinações e fizeram a consagração da benemérita Sociedade de que são membros a Nossa Senhora.

Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria dignou-se ir expressamente a Fátima para tomar parte nos actos colectivos da peregrinação.

Depois de ter celebrado o Santo Sacrifício da Missa e de ter ministrado a Comunhão geral, o ilustre e venerando Prelado presidiu à assembleia nacional dos Vicentinos, que alí se realizou com a assistência dos representantes das Conferencias do País, tendo falado, entre outros o sr. desembargador Fernando Urculú, presidente do Conselho Superior de Portugal e o sr. dr. Ramos, professor do liceu do Pôrto. Os venturosos peregrinos, que passaram horas de verdadeiro encanto espiritual no lugar das aparições, deixaram de lágrimas nos olhos e cheios da mais viva saüdade a deliciosa estância da Fátima.

Leia com atenção!!!

Uma pintura artística, económica e duradoura, só se obtém com o uso de BRANCO DE TITANE. Vende-se em tôdas as drogarias. Distribuem-se amostras e folhetos grátis.

Depositários gerais: — DROGARIA MOURA

Largo de S. Domingos, 101 — PÔRTO

Nossa Senhora de Fátima na Guyana inglesa

Da cidade de Georgetown na Guyana inglêsa, (América) e assinada pelo Rev. Nazareth, S. J. recebemos uma carta interessante da qual respigamos as seguintes notícias:

Como V.ª Rev.ma tanto se interessa pelas coisas da Fátima, vou dar-lhe algumas notícias de que há-de gostar.

Primeiramente já temos uma bonita estátua de N. Senhora da Fátima na igreja, oferecida por uma Senhora de Demerara que esteve em Portugal e na Madeira. Ficou encantada com a grande devoção que há na Madeira a N. Senhora da Fátima e bem quisera que aqui se ateasse esta devoção. Para isso manda dizer uma Missa no dia 13 de cada mês, ornando com flores a estátua.

Também me deu uma mais pequena muito linda, que tenho no meu altar particular, ornada com flores. Todos os dias rezo o têrço diante dela, e já tenho alcançado bastantes graças. Uma delas foi a cura do meu enfermeiro que estava quási entrevado com um terrível ataque de reumatismo. Fiz com êle uma novena e prometi mandar alguma coisa para a basílica que se está edificando. Aí mando 2 dólares e mais 5 que deu uma senhora em acção de graças pelo bom resultado de uma operação melindrosa.

Tinha ela um tumor no pescoço que ia crescendo e já lhe impedia a respiração. Como era idosa e o sítio tão perigoso, com muito mêdo fêz a operação, encomendando-se muito a Nossa Senhora da Fátima.

Mando incluso um vale do correio e também mando um folheto sôbre a devoção a N. Senhora da Fátima de que há-de gostar.

Tudo o mais vai por aqui sem novidade.

A única coisa digna de nota é um movimento de conversões. Hoje mesmo vou baptisar uma criança já grandinha cuja mãe também se quere baptisar. Mais notável ainda é a conversão duma donzela protestante. Há anos estando ela doente com tifo, fui assisti-la. No quarto vi uma estampa do Sagrado Coração de Jesus com uma lamparina acesa.

Pedi então que o Sagrado Coração, a convertesse.

Êste ano pelo Natal recebi um lindo bilhete de Boas-festas em que me agradecia o bem que tinha feito por ela. Os pais, não sei porquê, tinham-na mandado para um colégio de Religiosas na Bélgica e lá se converteu. Voltou a Demerara e agora confessa-se todos os sábados e ouve missa e comunga todos os dias. Aconteceu que emquanto estava na Bélgica, uma irmã mais nova adoeceu gravemente a tal ponto que três dos melhores médicos disseram que só por milagre se podia curar. A Superiora das freiras que ensinam nas nossas escolas, veio-me pedir para ir visitar a doente. Com sacrifício lá fui e dei-lhe a bênção, porque não sendo católica não lhe podia dar os sacramentos. Estava a ver se me pedia o baptismo, mas não pediu. Encomendei-a a Deus nas minhas orações. Desde aquêle dia começou a sentir-se melhor e agora está quási boa. O que sinto é que não pede para ser instruída e baptisada; mas espero que mais tarde ou mais cedo o fará. Peça a N. Senhor que tôda a família se converta. O pai é dentista e veio mais de uma vez ao meu aposento atender-me aos dentes, não querendo aceitar nada pelo trabalho. Tem bons sentimentos mas é aferrado ao seu protestantismo, dando contudo liberdade aos filhos para seguirem a religião que quiserem.

UMA LINDA JÓIA

Todos os que visitaram a Exposição Colonial do Pôrto são unânimes em afirmar que uma das coisas mais formosas senão a mais formosa de quantas alí estiveram era a célebre BANQUETA MANUELINA destinada ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

Nem outra coisa era de esperar pois a banqueta é apenas uma de tantas jóias de arte que continuamente saem da magnífica OURIVESARIA ALIANÇA do PÔRTO

VISADO PELA CENSURA

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	478.873$43
Papel, Comp. e imp. do n.º 145 (169.100 ex.)	7.852$75
Franquias, emb. transp. etc.	2.961$22
Na administração	7$20
Total	489.694$60

Donativos desde 15$00

Luísa Leão—Lousada, 15$00; Maria da C. Vieira — Agualva de Cima, 20$; Aida de Aguiar — Palhaça, 52$00; Leopoldina Ferreira — Palhaça, 75$00; Carmina Vieira — Palhaça, 60$50; Distrib. no Sanatório de Paredes, 100$; Felicidade de Jesus — Lagos, 20$00; Maria Romeira — Luz de Tavira, 20$; Júlia Pinto — Faro, 20$00; Maria Louro — Faro, 20$00; Júlia Monteiro, — Luz de Tavira, 20$00; Adelaide Raminhos — Faro, 20$00; Mariana Mendonça — Açôres, 15$00; Ermelinda Leite — América, 2 dólares; José Bento — Cabo Verde, 15$00; Olímpio Cortes — Arcos, 20$00; Cesaltina Reinas — Vilar Formoso, 15$0; M.ª Izabel Reinas — Vilar Formoso, 50$00; P.e Manuel M. Ferreira — Proença, 20$00; P.e Manuel Ribeiro — Castelo Branco, 30$00; Amélia Belindriosa — Águeda, 40$00; Joaquim A. Rio — Lagos, 20$; Alice de La Roque — Rio de Janeiro, 30$00; Francisco Amaro — Telhal, 20$; Rosa F. da Silva — Pardilhó, 20$00; Distribuição em S. Tomé de Covelas, 79$10; Distribuição em Pedrouços—Lisboa, 166$00; Jerónimo Trigueiros — Moçambique, 15$00; Silvano Abranches — Lisboa; 20$00; Elvina Nunes Fonseca — Lisboa, 150$00; M.ª Pinto Osório — Penajoia, 50$00; Celestina Ventura — Belver, 30$00; M.ª V. Vivo — Califórnia, 22$10; Filomena Peurry — América, 21$90; M.ª dos Praz. Lacerda — Penela, 40$00; Elvira C. Real — Açôres, 20$00; Álvaro Mendes — Brazil, 20$00; Manuel Monteiro — Brazil, 15$00; Francisco Barata — Lisboa, 15$00; M.ª Luísa Gonçalves — Longra, 20$00; Ana da Conc. Neves — Avanca, 80$00; M.ª Matias Lima — Carapinal, 15$00; Virginia Serra — S. Martinho da Cortiça, 15$00; José Antunes J.er — Rib.ª Velha, 20$00; Flaurence Farias — América, 60$00; Jesmina Rodrigues — América, 15$00; Distrib. em Fermentelos, 25$10; Ana dos Santos — Vila Meã; 20$00; Maria do Carmo — Tôrres Vedras, 40$00; Micas Pina — ?, 20$00; Anónimo — Tabonço, 67$50; Piedade de Jesus — Lisboa, 25$00; M.ª do Céu Barata — Covilhã, 60$00; M.ª Cristina — Covilhã, 15$00; Ant.º Vilas Boas — Evora, 20$00; José Ant.º Potes — Evora, 50$00; Luísa Teix.ª Borges — Lisboa, 40$00; M.el Josué de Mira — Lavre, 100$00; Ex.mo Prelado de Leiria, 300$00; Luís L. Abegão — Tramagal, 20$00; M.ª Amélia Rib.ª — Campia, 30$00; Maria Pimentel — América, 22$00; Eugénia Margarida — Usseira, 20$00; Maria Gonçalves — San.ª Semide, 20$00; Viscondessa de S. Gião, 20$00; P.e Serafim Leite da Silva — Brazil, 1.000$00.

ERA UMA VEZ...

Mas... valerá a pena contar a história? é sempre a mesma. Nasceu o bébé —

Meses depois falta o leite da mamã —

Vizinhas solícitas indicam a farinha X, porque é barata —

Bébé definha —

Alarme da mamã — Consulta o médico — Este, receita sem dúvida, a

FARINHA LÁCTEA NESTLÉ

que é da sua confiança — Pouco depois, bébé torna-se um dos

Lindos Bébés Nestlé

OS MELHORES

VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

Fábrica de Tecidos de Seda

ESPECIALIDADE EM DAMASCO PARA PARAMENTOS

SANTOS & LIMA

Rua Costa Cabral, 358

Telefone 2134

PÔRTO

Agência em Lisboa:

GASPAR LUÍS DE ALMEIDA

T. NOVA DE S. DOMINGOS, 9, 2.º

GRAÇAS DE N. SENHORA DA FÁTIMA

EM PORTUGAL

Queda e fractura

No dia 9 de Agosto passado minha netinha Maria do Rosário de Fátima, brincando numa varanda caiu da altura duns três metros batendo com a fronte no solo.

Ficou como morta sem todavia mostrar qualquer ferimento no frontal; apenas um fio de sangue lhe escorria da bôca.

Chamado com urgência o médico, decidiu que tendo-se dado a fractura do crâneo, era necessária uma operação imediata.

Na enfermaria do Compromisso Marítimo de Portimão, dois médicos em junta declararam a meu genro que a menina não escaparia, fôsse ou não operada, pois que de 5 anos apenas, e débil, não resistiria à dolorosa operação.

Que fazer em tal situação?

Confiados em N. S.ª de Fátima optamos pela operação. Então, todos os nossos pensamentos se dirigiram à Cova da Iria a implorar por intermédio de Nossa Senhora e de S. Teresinha a perícia para os operadores e a resistência para a pequenita.

Felizmente resistiu à operação, mas desgraçadamente ficou sem a noção do que se passava em volta de si. Não ouvia, não via nem falava! Assim se passaram 8 dias.

Os médicos diziam que tínhamos de levar a pequena a Lisboa para ali receber tratamento especial. Isto aumentou a nossa tristeza mas também o nosso fervôr na impetração da sua cura junto de N.ª Senhora de Fátima e de S. Teresinha. Hora a hora ministravam à pequenita algumas gôtas da água do Santuário.

Entretanto os médicos insistiam em que era necessário partir para Lisboa, e quási já estávamos de partida, quando a menina, pelas 6 horas da tarde do dia 16, abre os olhos, fala com a lucidez própria da sua idade, conhece as pessoas, pede de comer e deseja regressar a casa.

Os médicos constatam a cura que nos parece extraordinária e dizem: «são milagres que os homens fazem com o auxílio de Deus».

Quatro dias depois estávamos em nossa casa com a menina cheia de saúde, e sem defeito algum. Brevemente irá ao Santuário agradecer a N.ª Senhora tão grande graça.

Praia do Burgau — Lagos.

Hermenegildo Costa

Dores no estômago e figado

Havia oito mêses que me encontrava com dores horríveis no estômago, não podendo tomar alimento algum a não ser uma pequena porção de leite. Cheio de fraqueza pela falta do alimento necessário tive de entrar no Hospital. Aí estive algum tempo recebendo melhor tratamento do que em minha casa, mas as dôres não me deixavam. Era necessário ser submetido a uma operação porque todos os remédios receitados até ali tinham sido inúteis.

Entretanto, por uma Senhora que costumava vir visitar os enfermos, foi-me entregue um jornal — Voz da Fátima, onde li o relatório de graças que a diversos enfermos haviam sido concedidas. Não tendo obtido as melhoras até então, resolvi pedir para sair do Hospital e recorrer sòmente a Nossa Senhora de Fátima confiando-lhe a minha cura.

Apenas saí, com a maior fé possível, comecei a fazer uso da água do Santuário pedindo sempre a Nossa Senhora que se compadecesse de mim. Assim foi. Com grande alegria e admiração notei que logo desde o princípio comecei a sentir sensíveis melhoras e desde então tenho passado sempre perfeitamente bem, graças à intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Braga.

Manuel Ferreira

Ferida na garganta

Havia um ano que tinha uma ferida na garganta. Já por diversas vezes os médicos me tinham dito que a minha cura seria muito difícil.

No entanto, no dia 28 de Abril fui ao Especialista dr. Teixeira Lopes cuja opinião foi que eu não teria mais cura.

A-pesar-de tudo o que de desanimador me diziam, no dia seguinte com a maior fé e confiança fiz algumas promessas a Nossa Senhora de Fátima acompanhando-as do pedido da minha cura. Como, não sei, mas o que sei é que daí a dois dias, sentindo-me bem, voltei ao médico que disse encontrar-me completamente curada. Cheia de reconhecimento venho hoje agradecer tão grande graça que Nossa Senhora de Fátima me alcançou.

Válega.

Maria de Jesus de Almeida.

Merece crédito o exposto e é digna de fé a signatária.

O Pároco *David Fernandes Coelho*

Uma família em oração

NA ITÁLIA

Monfalcone, 11-3.º-1934.

Rino Pin, de 4 anos de idade, natural de Monfalcone (Itália) havia vários dias que permanecia na cama sempre com febre elevadíssima.

O médico, Dr. Tirone, visitava-o diàriamente.

A pobre criancinha lamentava-se de contínuo, dizendo: «Mamã, estou tão mal... ajude-me!» A mãe, senhora muito piedosa, quereria dar o próprio sangue para que o filhinho não sofresse, e sua frágil existência não fôsse consumida pela febre.

No dia 22 de Fevereiro, uma tia da criancinha pediu ao Pároco uma estampa de Nossa Senhora da Fátima.

Deu-lha bem como um pouco de água do Santuário. Meia hora depois, pois moravam perto, volta de novo a casa do Pároco, dizendo, com as lágrimas nos olhos, o seguinte: «demos a estampa de Nossa Senhora da Fátima ao menino para que a beijasse, e demos-lhe também a beber uma colher da água do Santuário. O doentinho bebeu-a e com as gôtas que ficaram na colher fez o sinal da cruz sôbre si, dizendo à mãe que fizesse o mesmo. Instantes depois o menino exclamava: «minha mãe, já não estou doente! já tenho fome!!» O pai estava ausente, e ao entrar em casa disse-lhe o menino mostrando-lhe a estampa: «Papá, já não tenho mal algum! esta Senhora curou-me!!»

Os pais e tôda a família, comovidos até às lágrimas, põem-lhe o termómetro e verificam que ràpidamente a febre descera de 40 a 36 gráus! e tudo isto com os únicos remédios — a água e a virtude de N.ª S.ª da Fátima!

O Coadjutor, ao ter conhecimento do facto, dirigiu-se a casa do doentinho e encontra-o a dormir. O médico, chamado no dia seguinte, depois de um minucioso exame, declara que o menino está curado não sendo já necessária a intervenção médica.

Dias depois, o pequenino Rino foi a casa do Pároco agradecer a estampa e a água de que Nossa Senhora se serviu para o curar. Freqüenta assiduamente a Missa Paroquial e pertence à *Acção Católica*, à secção dos pequenos entre os quais se inscreveu. A todos quantos lhe perguntam quem o curou, responde sempre: «foi Nossa Senhora da Fátima».

• •

No dia 28 de Fevereiro, Mons. Mazzi, pároco de Monfalcone, encontra-se, com o Sr. Mortarini, Secretário Político de Monfalcone. Este, chorando, dá-lhe a notícia de que um seu filhinho, de um ano apenas, estava às portas da morte, vitima duma *pneumonia dupla*, e que só um milagre lhe poderia restituir a saúde.

O Pároco anima-o dizendo-lhe que tivesse confiança em Nossa S.ª da Fátima. Fala-lhe das graças por Ela operadas e diz-lhe que mande alguém a sua casa buscar uma estampa com a Novena de N.ª S.ª da Fátima e água do Santuário.

Na tarde daquele mesmo dia, os pais ajoelhados junto do leito da criancinha moribunda começam a novena. Entretanto o Pároco recomenda ao menino Rino, há pouco curado por Nossa S.ª da Fátima, que reze por seu amiguinho Mortarini.

No dia 1 de Março o Pároco soube que o doentinho começava a melhorar, e no dia 5 do mesmo mês recebe uma carta do L. Mortarini do teor seguinte: *«o meu filho está livre de todo o perigo; creio firmemente que a divina bondade foi quem resolveu definitivamente, a causa em nosso favor».*

Quem mais se alegra com as glórias de Nossa Senhora da Fátima é o Pároco que espera ver multiplicarem-se as graças de Nossa Senhora em Monfalcone, e que dentro em breve poderá contar uma graça que espera alcançar de tão boa mãe.

Mons. Dott. Giovanni Mazzi

Prot. Apost.

• •

— *Doras Fata*, empregada numa empresa de construções, estava a pontos de perder o seu emprêgo por falta de trabalho. Recomendou-se esta necessidade a Nossa Senhora da Fátima, prometendo-se a sua publicação se ela fôsse concedida. Foi-o rápida e abundantemente, pois dentro em pouco veio tanto trabalho que chegara para lhe garantir o pão durante três anos.

• •

Uma comunidade religiosa e muito devota de Nossa Senhora da Fátima, vendo-se um dia numa grande aflição por causa dum grave impedimento num negócio importante, recorreu imediatamente à intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Alcançada esta e outras graças importantes por intermédio de Nossa Senhora, vem reconhecidamente agradecer-lhe em público tão grandes favores.

A. Borges

NA ÁFRICA

Doença no ventre

(Em carta de Nova Lisboa—Africa Ocidental, dizem-nos, em resumo, o seguinte):

No dia 27 de Fevereiro de 1931 adoeceu uma minha amiga chamada Augusta Saque. Esteve 9 meses e meio de cama e durante êsse tempo extraíram-lhe do ventre 252 litros de água. Durante a doença esteve sempre desempregado o seu marido, sendo por isso socorridos por pessoas caridosas de Nova Lisboa.

No fim dos 4 primeiros meses da sua doença, tendo recebido os Santos Sacramentos mandou chamar as pessoas mais amigas e despediu-se delas pedindo-lhes ao mesmo tempo que se lembrassem com misericórdia dos três filhinhos que em breve iria deixar.

Todas as vezes que isso me era possível, ia com minha mãe visitá-la dizendo-lhe sempre que tivesse confiança em Nossa Senhora de Fátima que bem a podia curar.

Um dia chegam junto de mim os seus dois filhos mais novos a chorar e dizendo que a mãe ia morrer e por isso pedíssemos a N.ª S.ª de Fátima a ver se lhes salvava ainda a mãezinha.

Foi então que com tôda a *fé* que nos foi possível nos juntámos e fizemos algumas promessas pedindo a Nossa Senhora de Fátima que se compadecesse daquela pobre família. Como era de esperar, fomos atendidas, pois é já decorrido muito tempo durante o qual esta senhora sempre tem sentido perfeita saúde, vivendo como se tal doença nunca a tivesse atingido.

Aqui fica o nosso agradecimento por êste e diversos outros favores que de Nossa Senhora de Fátima temos recebido.

Nova Lisboa — *Africa Ocidental.*

Adelaide Augusta de Azevedo.

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Aguas soberanas no tratamento das doenças do figado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação de C.º de Ferro própria (Monte Rial)

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — OESTE.

PÔRTO RAMOS--PINTO

CRUZADOS DE FÁTIMA

A palavra e a acção

Quem quere, vai; quem não quere, manda

Num dos últimos dias da primeira quinzena do passado mês de Setembro, encontrava-me casualmente a conversar com o rev.^do P.^e Angelino Lema, inteligente e activo director diocesano dos «Cruzados de Fátima», na diocese do Pôrto, no seu gabinete de trabalho do Paço Episcopal, quando entrou pela porta dentro, vivo e açodado, um venerando Abade duma das freguesias dos arredores da cidade, que ia alí requisitar pagelas e boletins de inscrição.

Era um sacerdote entre os cinqüenta e sessenta anos, alto, magro, de temperamento de fogo, que denunciava, nas palavras, no gesto e em tôda a sua atitude, uma grande fôrça de vontade e o zêlo apostólico que ardia na sua alma.

Encarregado de pastorear uma freguesia do campo, de gente rude, mas boa, entregava-se, com todo o seu zêlo e dedicação, à cura espiritual da grei que o Senhor lhe havia confiado.

Tendo precisado de ir ao Pôrto, fôra alí, de fugida, àquela repartição dos serviços administrativos do Paço. Convidado a sentar-se, recusa, alegando a pressa com que estava, mas, a-pesar-disso, aínda poude contar, em breves palavras, um episódio da vida da sua paróquia, que pedimos licença para apresentar, a título de exemplo e de incentivo, a todos os chefes de trezena.

«Já por várias vezes, nas minhas práticas e instruções, dizia o digníssimo Abade, tinha falado aos meus paroquianos, que enchiam a igreja, sôbre a natureza e fins da Cruzada de Fátima e sôbre a necessidade de organizar um bom número de trezenas na freguesia.

Um dos pontos em que mais freqüentemente insistia era o convite às pessoas que pudessem e quizessem para que se prestassem a ser chefes de trezena, apresentando-se para êsse fim no meu cartório paroquial.

Os dias, porém, iam decorrendo, uns após outros, e, com grande surpreza e mágoa da minha parte, não via aparecer ninguém.

Interroguei então alguns paroquianos de mais confiança sôbre o efeito das minhas instruções no espírito dos fiéis, manifestando-lhes a minha estranheza, e vim a saber, confidencialmente, que, ao sair do templo, muitos olhavam uns para outros e comentavam perplexos e indecisos: «Eu sempre desejava ajudar, porque a obra é de grande importância para o bem da Igreja, como diz o sr. Abade, mas, francamente, mesmo com as explicações que êle nos deu, não sei como se fazem essas coisas...»

Resolvi, por isso, pôr-me um dia a percorrer os lugares da freguesia e, em tão boa hora o fiz, que, à noite, já tinha organizado mais de cinqüenta trezenas. E tenho esperança segura de que hei-de arranjar muitas mais...».

Assim falou aquêle zeloso pastor duma das frèguesias mais pequenas e mais pobres da diocese do Pôrto.

Donde se conclui que é bem verdadeiro o rifão popular: «Quem quere vai; quem não quere, manda».

Visconde de Montelo

Vinho de Missa

Genuíno, garantido, óptimo paladar

Peçam-no já em barris ou garrafões a

António de Oliveira — ALDEIA NOVA — Norte

CIMENTO TEJO

Premiado com as mais elevadas classificações. Aconselhado para obras hidráulicas e de cimento armado. — Acusando as mais altas resistências nas análises oficiais

Pedidos à Companhia Cimento Tejo

PÔRTO — Av. dos Aliados 20, 3.

Nossa Senhora de Fátima em Jerusalém

Como confirmação dos artigos que a «Voz da Fátima» tem publicado sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima em Jerusalém transcrevemos das «Novidades» as notas dum ilustre sacerdote da peregrinação presidida por S. Ex.^cia Rev.^ma o Senhor D. Ernesto, Arcebispo de Mitilene:

«...Em tempos antigos, foi grande a generosidade portuguesa para com os lugares Santos. Os melhores paramentos que existem no Santo Sepulcro vieram de Portugal; portuguesa é a imagem de Nossa Senhora das Dores que se encontra no Calvário; português é também o quadro de Santa Maria Madalena que vemos no respectivo altar, também no Santo Sepulcro.

Nem tenho elementos nem ocasião, para elaborar a lista completa das dádivas que os nossos maiores fizeram aos santuários da Terra Santa.

É necessário aumentar essa lista com mais uma dádiva. Sinto a necessidade de manifestar êste desejo e de o transformar em apêlo caloroso aos católicos portugueses. Eu conto.

Visitámos no dia 26, domingo, a Igreja da Dormição, mesmo encostada ao Cenáculo, no logar em que ocorreram muitos dos maiores acontecimentos da Redenção humana, operada por Jesus Cristo: a instituïção da S. S. Eucaristia e do Sacerdócio, a descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos, o princípio da Igreja, a morte de Maria Santíssima, se é que ela morreu, porque é tradição veneranda que Nossa Senhora apenas adormeceu (dormitio, donde o nome da Igreja, Dormição) e assim foi levada ao céu pelos anjos. Está esta igreja tão importante confiada aos beneditinos alemães de Beron. Manda a justiça que se diga que os ilustrados monges receberam os portugueses com provas de excepcional carinho. Tinham convidado S. Ex.^cia Rev.^ma o Senhor Arcebispo de Mitilene para celebrar um pontifical no dia referido. Foi um acto majestoso e uma eloqüente demonstração da beleza da Liturgia.

No fim, emquanto nos serviam gentilmente o primeiro almôço, principiaram a interrogar-nos, com minúcia, sôbre Fátima, sôbre tudo o que se relaciona com o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Ficámos surpreendidos e contentes! A actual igreja da Dormição não está ainda acabada. Quer na cripta, quer na igreja pròpriamente dita, há muitos altares ainda incompletos.

Diversas nações quizeram estar representadas naquele santuário importantíssimo e conseguiram que lhes fôsse cedido um altar, que concluiram à sua custa, em lindos mosaicos, de acôrdo com as linhas gerais da igreja. Lá está, entre outros, o altar de Nossa Senhora, Rainha da Hungria. À volta da Virgem, os principais santos da nação: Santa Isabel, etc.

Pois sabem o que os beneditinos da Igreja da Dormição nos propuseram? Que conseguissemos dedicar um daqueles altares à Senhora de Fátima.

Fiquei entusiasmado com a proposta! Que lindo seria ver ali, no lugar em que Nossa Senhora adormeceu suavemente para subir ao Céu, no lugar em que foi instituído o S. S. Sacramento, que lindo seria ver ali a imagem da Mãe Santíssima de Fátima, rodeada dos santos de Portugal.

Todos os peregrinos da Terra Santa ficariam a conhecer como Nossa Senhora é amiga da nossa terra, como Portugal é, na verdade, Terra de Santa Maria!

É possível. Não é muito difícil. Os monges dar-nos-hão tôdas as facilidades, êles que salientam a circunstância de Nossa Senhora haver aparecido em Fátima no dia 13 isto é, no dia em que morreu, êles que cantaram uma missa no passado dia 13 (foi o primeiro ano que houve missa cantada nêsse dia) em honra de Nossa Senhora de Fátima.

É, sem dúvida, necessário bastante dinheiro. Mas Nossa Senhora de Fátima tem muitos devotos e talvez estejam lendo estas linhas alguns que desejem honrar a Mãe Purissima prestando-lhe essa grande homenagem.

Nada me custa a acreditar que os católicos alemães residentes em Portugal e os numerosos devotos de Nossa Senhora de Fátima espalhados pela Alemanha queiram associar-se aos católicos portugueses, concorrendo para a realização desta linda ideia. Parece-me que os beneditinos da nossa terra prestarão também à iniciativa todo o seu valioso concurso. Vamos à obra? Deus dê incremento ao apêlo que sai do fundo do meu coração de sacerdote português.

O Rev. Abade beneditino D. Benedict Stolz celebrou com tôda a solenidade a festa de N. S. de Fátima no dia 13 de Agosto passado na Abadia da Dormição, em Jerusalém, estando o lindo templo cheio de fiéis e visitantes de muitos países.

NOTA — A «Voz da Fátima» encarrega-se de fazer chegar ao seu destino qualquer esmola que quisesse oferecer para o altar de Nossa Senhora de Fátima na Igreja da «Dormição», em Jerusalém.

POBRES CRIANÇAS!

Também para estas outras infelizes chamamos a atenção dos «Cruzados de Fátima». Bem precisam elas, coitaditas! das nossas orações e boas obras. Baptizadas talvez, tôdas, ou quási tôdas, a espantosa revolta dos inimigos de Deus, da pátria e da sociedade, em Espanha, privou-as de pais e mães e, a muitas, até de vista. Ao que dizem os jornais, vinte dessas desventuradas vieram para Madrid, a-fim-de darem entrada em casas de beneficência. Vieram céguinhas.

Roguemos ao Senhor por elas, e imploremos fervorosamente da Divina Misericórdia que se compadeça de tôda essa pobre infância espanhola, centenas, milhares de crianças dum e doutro sexo, às quais se ensina a odiar Deus, a Igreja e o semelhante. Quantas dessas desgraçadinhas, agora órfãs, e quantas das suas companheiras com os pais nas cadeias, serão amanhã outras tantas rebeldes, outras tantas revoltadas, capazes de tôdas as vinganças e de todos os ódios, se as não educarem nos bons princípios, no amor de Deus, no temor da justiça divina? O mundo atravessa uma hora gravíssima, e parece que todas as potências do inferno se unem para uma guerra feroz à verdade e ao bem. Façamos violência à misericórdia do Senhor com os nossos actos de piedade e boas obras e fervorosas preces. E alcancemos da Santíssima Virgem, a feliz e abençoada Mãe de Jesus, pelas santas alegrias da casa de Nazaré e do encontro do Menino no Templo, que a juventude e a infância espanholas se não percam, que lhes não falte a educação religiosa, que as suas almas sejam formadas no amor e temor de Deus. Lembremo-nos delas, sim, e, olhos fitos na querida imagem da Senhora de Fátima, fervorosamente lhe supliquemos:

— Virgem Santa, Mãe dos pecadores, raínha do Céu e da terra, fazei boas, cristãs e católicas as crianças de Espanha — Salvai-as da desgraça e do inferno!

A «Pia União dos Cruzados de Fátima»

Vai progredindo, mercê de Deus, a «Pia União dos Cruzados». Auxiliar da Acção Católica e também acção católica, tem de progredir continuamente, para atingir o seu fim de santificação das almas, pela criação e sustentação de obras de acção profundamente educativas — piedade, imprensa, ensino, beneficência e tantas outras, que serão meio de dilatar o reinado de Deus nas almas.

Por essas dioceses fora vai-se trabalhando afanosamente. São prova disso os números consoladores que vão enriquecendo as estatísticas cuidadosamente elaboradas na «Pia União».

Que êsses trabalhos não abrandem, antes pelo contrário, se vão tornando cada vez mais intensos para serem mais frutuosos.

• •

Os pedidos de impressos que se referem à organização dos Cruzados devem ser feitos ao Secretariado central da Pia União dos Cruzados de Fátima, Campo dos Mártires da Pátria, 43. O Secretariado está aberto das 9 1/2 às 12 e das 14 às 19. Satisfazem-se os pedidos feitos pelo correio.

Aos Senhores assinantes da «Voz da Fátima»

Como a assinatura da Voz da Fátima **é tão barata, não mandamos fazer a cobrança pelo correio. Aos Senhores assinantes atrazados pedimos-lhes o favor de mandarem directamente a importância das suas assinaturas para a Administração da** «Voz da Fátima» — **Fátima — para não lhes ser interrompida a expedição do jornal.**

Agradecemos, penhorados, êste obséquio.

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.° — LISBOA

Telefone P. B. X. 2 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.° — PÔRTO

Telefone 4193

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

ESCULTURA RELIGIOSA EM PORTUGAL

(A casa mais importante no género, com oficinas próprias)

Maias, Irmãos — ESCULTORES

Cidadelha — Castelo da Maia — PORTO (PORTUGAL)

É-nos grato informar que as imagens desta importante casa, são sempre estudadas segundo a iconografia Sacra, e executadas com todo o esmero e correcção, em todos os pormenores, por reputados e competentes artistas. São de uma expressão mística, interpretando em tôda a sua plenitude sentimentos meramente religiosos. É sem dúvida esta casa a que mais vantagens oferece em tudo que diz respeito a imagens, Andores, Altares, Castiçais, etc. Fornecemos grátis todos os orçamentos e esclarecimentos que nos sejam pedidos.

UM ARTISTA GENIAL

Não é artista quem quere.

Os artistas nascem.

Artistas cristãos são ainda mais raros.

É por isso que, quando aparece um de valor real incontestável, todos ficamos de parabéns.

Ora é realmente um dêsses artistas que sentem as suas criações e dão às suas imagens tôda a beleza de arte e tôda a graça da piedade o artista que fêz a imagem de NOSSA SENHORA DE FÁTIMA que se venera na capela das Aparições na Fátima.

É êle o Sr. José Ferreira Tedim, de Coronado — SANTO TIRSO.

«A PÁTRIA»

SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS

SEDE EM ÉVORA (EM SUA PROPRIEDADE)

Delegações:

Lisboa — Pôrto — Coimbra — Covilhã — Faro e Elvas

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

Efectua seguros de Incêndio, D. no Trabalho, Vida, etc.

Reservas em 1933

Esc.: 3.877.536$52

PHOENIX

Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Ano XIII — Fátima, 13 de Dezembro de 1934 — N.º 147

VOZ DA FÁTIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ R. Santa Marta, 158-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração: "Seminario de Leiria„

A «Voz da Fátima» tirou 188.500 exemplares em novembro

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 DE NOVEMBRO)

AS AVE-MARIAS

Quando, no dia 13 de Maio de 1917, a excelsa Rainha do Céu se dignou aparecer pela primeira vez aos humildes pastorinhos de Aljustrel, que apascentavam o seu minúsculo rebanho de ovelhas na estância deserta da Cova da Iria, tinham êles acabado de desfiar devotamente, como de costume, as contas dos seus terços. As três inocentes crianças faziam sempre essa piedosa prática, tão querida da população de Fátima, àquela hora, a hora do meio dia, a hora do Angelus *ou das Ave-Marias.*

E, depois, nos meses seguintes até Outubro, a augusta Virgem desceu sôbre a copa da azinheira sagrada no mesmo dia e à mesma hora, a hora mística do contacto entre o Céu e a terra, em que milhões de almas volvem o seu pensamento para as alturas e saúdam Aquela a quem o Arcanjo anunciou que seria Mãe de Deus feito homem e que as gerações, dum pólo ao outro do mundo, não cessam de proclamar Bem-aventurada. E foi ainda a essa hora bemdita, quando o sol, num movimento prodigioso, rasgando bruscamente as nuvens, que vomitavam caudais de água, apareceu em pleno zenite, revestido de todo o seu esplendor, que a radiosa Visão, declarando-se a Rainha do Rosário, designou o futuro Santuário de Fátima como sendo o seu Santuário predilecto, trono das suas graças e das suas misericórdias, nesta ditosa terra de Portugal, de que Ela é a gloriosa e sempre amada Padroeira.

Faz no dia 4 de Dezembro de 1934 seiscentos anos que morria em Avinhão o grande Papa João XXII, o Papa do Angelus, *o Papa das Ave-Marias. Aquela cidade festejou há pouco com a maior pompa o sexto centenário daquele ilustre Pontífice, a quem se deve o triplice toque quotidiano dos sinos das igrejas em honra do mistério da Encarnação do Verbo Eterno e la Maternidade divina de Nossa Senhora. Milhares de sinos, depois dos de Avinhão, onde aquêle toque foi inaugurado, anunciaram e continuam a anunciar em tôda a face do mundo a grande nova, trazida aos homens pelo Arcanjo S. Gabriel. Milhares de vozes repetem desde então, como um hino de júbilo e de reconhecimento perene, o fiat venturoso que foi o princípio da redenção do género humano. Que tristeza nas terras e que mágoa nos lares, quando se não faz ouvir, ao longe e ao largo, o som argentino do campanário, tocando pela manhã, ao meio-dia e ao pôr do sol, as Ave-Marias!*

E que luto nas almas, purificadas no santo baptismo pelo sangue de Jesus, quando, desinteressando-se do fiat *Mariano, perdem de todo as ressonâncias da misteriosa anunciação do Anjo! Sem êsses celestes acordes, sem essas harmonias divinas, as pobres almas são como igrejas sem sinos ou como sinos que emmudecessem, sepultados num álgido silêncio de morte. A triplice voz do bronze, que tange as Ave-Marias, relembra a todos a boa nova da vinda de Deus à terra.*

E o cristão, que o fiat Mariano nobilitou e engrandeceu, exornando-o com a graça santificante e tornando-o semelhante a Deus, ouve no fundo do seu coração o eco portentoso do Magnificat *e rompe em fervorosa acção de graças pela vinda de Deus à sua alma. Nos sinos que tocam e nas almas que cantam, a Ave-Maria é a ária querida, é o estribilho predilecto.*

Ária jubilosa, alegre estribilho, porque pela Ave-Maria sobem ao Céu as nossas súplicas para se desentranharem por sôbre a terra em chuva copiosa e vivificante de graças preciosas e de bênçãos escolhidas!

Visconde de Montelo

Em Oração

(Fátima)

Comemoração do dia 13

O dia 13 de Novembro foi, em todo o vasto planalto de Fátima, um rigoroso dia de inverno. Relâmpagos, trovões, vento, chuva e granizo, principalmente de manhã, impediram o acesso de muitos fiéis ao local das aparições.

A-pesar, porém, do mau estado do tempo, a Missa oficial foi celebrada no altar do Pavilhão dos doentes. Celebrou-a o rev. dr. José Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria. Foi êsse mesmo sacerdote que, à estação do Evangelho, subiu ao púlpito, falando pelo espaço de vinte minutos, sôbre a devoção às bemditas almas do Purgatório, que a Santa Igreja recomenda instantemente a todos os fiéis, sobretudo durante o mês de Novembro, destinado pela liturgia cristã a sufragá-las dum modo especial. O distinto orador sagrado frisou que a vontade de Deus a êste respeito coincidia exactamente com a vontade da Santa Igreja.

Bastava recordar que na oração jaculatória que a Santíssima Virgem, numa das suas aparições, ensinou aos videntes, para a intercalarem nas dezenas do Rosário, se suplica o alívio e refrigério das almas que padecem naquele lugar de tormentos, a-fim-de expiarem as penas temporais devidas pelos seus pecados e satisfazerem assim inteiramente as exigências da Justiça Divina. Assistiu à Missa oficial Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Manuel Mendes da Conceição Santos, venerando Arcebispo de Évora, que no fim deu a bênção com o Santíssimo Sacramento ao pequeno número de enfermos que estavam presentes. Durante as Missas que se celebraram nos diversos altares do Santuário, aproximaram-se da Sagrada Mesa muitas centenas de peregrinos. Os fiéis, que neste dia acorreram à Cova da Iria, não obstante o mau tempo, eram em número dalguns milhares.

Santuário de N.ª S.ª de Fátima em Santos (Brasil)

Por iniciativa da Colónia Portuguesa de Santos, vai ser construída brevemente naquela importante cidade brasileira uma sumptuosa igreja em honra de Nossa Senhora de Fátima. O novo Santuário, obedecendo a um plano vincadamente artístico, que lhe dá uns longes do templo monumental da Batalha, revestirá grandiosas proporções e será uma das igrejas mais vastas e mais belas da nação irmã. Para realizar essa simpática e louvável iniciativa, constituíu-se em Santos uma comissão composta dos srs. dr. Artur de Vasconcelos, presidente de honra, António J. Monteiro Morgado, presidente efectivo, Benjamim dos Santos, secretário geral, e D. Luís Gonzaga Barbosa, tesoureiro. A sede da comissão é no mosteiro de S. Bento, em Santos.

O terreno em que o Santuário vai ser edificado, na Vila Maria, foi oferecido pelos srs. Pompeu Augusto dos Santos, dr. Paulo Menano e demais membros da herança do saüdoso João Antunes dos Santos. A primeira pedra do novo Santuário, que ficará sendo um formoso padrão das glórias e das misericórdias da Augusta Raínha de Fátima em terras do Cruzeiro do Sul, foi benzida solenemente pelo Em.mo Senhor Cardial Patriarca de Lisboa por ocasião da sua visita à cidade de Santos, no regresso do 32.º Congresso Eucarístico Internacional, em Buenos Aires. Acompanhado da planta do Santuário foi publicado e largamente difundido o seguinte apêlo: «Portugueses: aqui tendes uma nova página da História em que deveis escrever o vosso sentimento de religiosidade e patriotismo: a oferta ao Brasil dum Santuário de Nossa Senhora de Fátima, cuja aparição e cujos milagres em Portugal assombram o mundo inteiro, conduzindo à Fé a humanidade transviada. O Santuário tem por fundador, digno do maior tributo, Sua Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Dig.mo Cardial Patriarca de Lisboa que, para comemorar a sua visita oficial às Terras de Santa Cruz, dentre tôdas as comemorações, não podia ter uma

Emprêsa editora católica

A casa mais importante e de maior movimento de artigos religiosos. Tudo quanto é necessário para Igrejas, Seminários, Colégios e catequeses.

UNIÃO GRÁFICA

RUA DE SANTA MARTA, 158—LISBOA

Grande existência de Livros nacionais e estranjeiros, sôbre todos os assuntos.

Terços, estampas, crucifixos, placas, imagens, paramentos, etc.

Tudo aos melhores preços e qualidade.

mais duradoura e mais alta e de maior significado que a da data fundamental dêste Santuário que ides construir, desde o pequeno óbulo à mais elevada das dádivas, desde a vossa mais modesta oração à Ave-Maria mais piedosa. É o coração português que vos pede, é a alma lusitana que vos desperta, são as glórias tradicionais da nossa Pátria que êste espírito de religiosidade vos recorda.

Portugueses! Contribuí com o que quiserdes. O Santuário de Nossa Senhora de Fátima há-de ser um monumento digno do vosso trabalho, de amor e de patriotismo, na Vila de Santa Maria, onde o destino vo-lo vai oferecer à vossa contemplação; aí ficará a atestar às gerações vindouras o vosso valoroso esfôrço, como já ficará assinalado à posteridade o alto cunho de diplomacia Cardinalícia Lusitana no mais solene dos abraços da paz e da amizade Luso-Brasileira. Portugueses! Construí o Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Todo e qualquer óbulo ou oferta de serviços e materiais deve ser endereçada ou comunicada ao Snr. D. Luís Gonzaga, Mosteiro de S. Bento, Santos».

Visconde de Montelo

AOS EX.mos ASSINANTES

Ultimamente têm sido pagas diversas assinaturas, algumas já em atrazo. Penhorados agradecemos todos os pagamentos efectuados.

Mas, há ainda tantas assinaturas em divida desde alguns anos já!

Quando vos fôr possivel lembrai-vos da pobre «Voz da Fátima» que só vive da caridade dos seus leitores e assinantes e custa mais de dez contos *cada mês.*

CASA NUN'ÁLVARES

DE

ANTÓNIO PACHECO

Rua Santa Catarina, 628 — Pôrto.

Telefone, 2586

Paramentos

Executam-se aos melhores preços.
Venda avulsa de damascos, galões, franjas, ouro para bordar, etc.

Artigos religiosos

Sortido completo de terços, medalhas, estampas, placas, pias de água benta, imagens, crucifixos.

Livros

Religiosos, literários, litúrgicos e escolares.
Executam-se todos os

Trabalhos tipográficos

Tudo o que à igreja se destina e é necessário ao clero e associações de piedade, encontra-se à venda nesta casa.

Consultem os nossos preços

O culto de Nossa Senhora de Fátima em todo o mundo

Na Itália

Os alunos do Colégio Português que freqüentam a Universidade de Roma, foram passar as férias grandes na praia de San Benedetto del Tronto (Marche), hospedando-se no Instituto Técnico S. Filippo Neri.

Não se esqueceram de levar àquela região o conhecimento das maravilhas que Nossa Senhora da Fátima tem operado entre nós.

Das cartas do aluno António Antunes Borges dirigidas ao Senhor Bispo de Leiria tiramos as seguintes notícias:

Festa de 13 de Setembro. A festa de Nossa Senhora da Fátima, foi êste mês celebrada com um brilho desusado, talvez a maior festa e mais concorrida que já se fêz em Itália. Como V.ª Ex.ª Rev.ma poderá ver pelo programa, foi precedida duma solenissima novena, havendo prática todos os dias feita pelo Rev. Sr. P. Fonseca, professor da Universidade Romana. O povo ao ver os programas afixados nos diversas igrejas, e ao deparar com um lindo quadro artisticamente ornado por piedosas senhoras, acorreu com grande entusiasmo e em grande número, notando-se um contínuo crescer de fiéis. Durante a novena houve cêrca de 2.000 comunhões; — só no dia 13 foram 350.

Celebrou a Missa da Comunhão geral Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo desta Diocese, Mgr. Ferri, Bispo de Montalto e Ripatransone (Província de Ascoli Picono — na Itália Central). Assistiu também à Missa solene em vestes episcopais e à tarde deu a bênção com o Santíssimo. A-pesar-de Sua Ex.ª Rev.ma estar 16 quilómetros distante daqui, prontificou-se de boamente a vir assistir à festa. Partiu para casa às 8 da tarde contentíssimo por ter assistido e por ver como o povo, a-pesar-de ser dia de trabalho, acorreu em tão grande número.

O povo acolheu a nova das Aparições de Nossa Senhora em Fátima com grande interêsse e entusiasmo. Todos queriam levar para casa uma recordação, uma estampa «desta bela Nossa Senhora que quanto mais se olhava, mais vontade dava de a continuar a fixar», — como diziam por aqui.

Foram distribuídas cêrca de 3.000 estampas e novenas, sendo grande parte vendidas; os livros, fotografias e estampas grandes eram procuradíssimas. Algumas senhoras ofereceram-se para vender à porta da igreja êstes objectos; — em poucos momentos tudo se esgotou. Fui obrigado a mandar vir por meio dum telegrama nova remessa de livros e estampas. Foi já tudo vendido e esperam ainda por mais.

Estamos agora a ver se se pode mandar vir de Roma as chapas das projecções para fazer uma ou duas conferências.

A igreja onde foi feita a novena, antigo cinema transformado em igreja, devido à crise financeira, está em perigo de ser vendida e transformada de novo em cinema. O povo encomendou o caso a Nossa Senhora da Fátima e várias pessoas se prontificaram a acender continuamente uma lampada diante de Nossa Senhora da Fátima que aqui permanecerá se a igreja não fechar. Uma outra senhora dizia-me: — tenho quási a certeza que Nossa Senhora nos fará a graça, porque nós não conhecíamos esta sua devoção e se agora, nesta ocasião, tivemos a fortuna de a conhecer, é porque Nossa Senhora nos quere fazer esta grande graça.

Festas de Outubro. Dia 7. Em S. Benedetto ficou Nossa Senhora da Fátima entronizada para atender os pedidos dos seus muitos devotos que continuamente a Ela recorrem. A Nossa Senhora da Fátima atribuem a graça de continuar aberta ao culto a igreja de S. Filipe, onde se fêz a festa de Setembro. Condenada a ser fechada no fim de Outubro, temia-se até que caísse em mãos de leigos para ser transformada em cinema como fôra anos antes. O povo recorreu a Nossa Senhora da Fátima e com grande alegria recebeu a notícia, pouco depois da festa, de que a igreja continuava aberta ao culto. Imediatamente propuseram que se arranjasse um quadro e se expusesse ao público. Com a autorização de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo da Diocese, no dia 7 de Outubro, Mons. Reitor do Colégio, antes de celebrar a Missa, benzeu solenemente um lindo quadro, que desde êsse dia ficou exposto à veneração. Ao Evangelho Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo, Mgr. Ferri, fêz uma linda prática explicando aos fiéis a significação do acto que antes realizara, incitando a todos a recorrer confiados a Nossa Senhora da Fátima.

Nessa mesma semana o Snr. P. Fonseca, professor da Universidade, fêz duas conferências com projecções sôbre Nossa Senhora da Fátima. Em ambas se notou grande entusiasmo e interêsse.

Dia 13 de Outubro. — O dia 13 de Outubro embora estivesse completamente ocupado mesmo da parte dos alunos do Colégio, por estarem convidados para cantar na festa do orago da povoação, não passou despercebido. De manhã a Missa da Comunidade foi celebrada na Igreja de S. Filipe cantando-se durante o S. Sacrifício os louvores de Nossa Senhora. À tarde, depois das Vésperas solenes cantadas na igreja de «S. Benedetto», foi dada ainda a bênção solene na Igreja de S. Filipe terminando-se a festa com o hino de Nossa Senhora da Fátima cantado por tôda a gente.

À festa de «S. Benedetto» assistiu também Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo.

Em Ripatranson (cidade da Itália Central). Ouvindo falar das conferências feitas em honra de Nossa Senhora da Fátima, o Ex.mo Senhor Bispo convidou imediatamente o Snr. P. Fonseca para ir fazer uma a Ripatransone na sede Episcopal, a 16 quiómetros de «S. Benedetto». Embora estivéssemos na véspera de partir para Roma, o Snr. P. Fonseca acedeu ao pedido e no dia seguinte, 14, para lá se dirigiu. O enorme salão estava completamente cheio. Mais de 500 pessoas. Assistiu também Sua Ex.ª Rev.ma. Como se tratava de coisas desconhecidas para a quási totalidade, notava-se um silêncio apenas cortado de quando em quando por exclamações de admiração. No fim da conferência, mal deixei ver uma estampa de Nossa Senhora da Fátima, caíu sôbre mim tamanha multidão que por pouco me não esmagavam. Chegámos a casa às 8,30 da noite. No dia seguinte às 3,30 horas da madrugada começaram as missas, e às 6 horas partimos para Roma em camionete.

Em Roma. Aqui uma quarta conferência sôbre Nossa Senhora da Fátima devia ser feita logo no dia seguinte. Tratava-se duma festa promovida pelas Irmãs da Caridade de uma «Maternidade», em honra da Superiora, que é portuguesa. Depois de executados os primeiros números do programa veio por fim a conferência. Além das religiosas estavam presentes famílias vizinhas.

Em Fano. Do Seminário Regional de Fano, cidade sôbre o Mar Adriático, (muito interessante pelas suas igrejas que são verdadeiros museus com trabalhos dos mais célebres pintores como Dominiquino, G. Santi, Perugino, Rafael, etc.), recebeu já o Snr. P. Fonseca um convite para ir fazer uma conferência sôbre Nossa Senhora da Fátima. Será feita talvez pelo Natal.

Em Veneza. No último número da Revista «Mater Dei» publicada em Veneza, vem um grande artigo, ilustrado com 6 gravuras, no qual se narram tôdas as aparições em Fátima.

Itália Meridional. De Acerno, província de Salemo, recebi uma carta duma religiosa em que dizia que de há dois anos comemorava o dia 13 de cada mês e que êste ano desejava celebrar a festa de Outubro com Missa solene. Pedia que recomendasse a todos duas graças que desejava alcançar por intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Na mesma carta enviava uma súplica a Nossa Senhora da Fátima para ser colocada aos pés da SS.ª Virgem no Santuário. Digne-se V.ª Ex.ª Rev.ma fazê-la chegar ao seu destino e queira desculpar êste meu atrevimento.

— Duma outra cidade, *Martano,* (província de Lecce), uma Duquesa, por intermédio da criada — portuguesa — pedia estampas e livros para distribuir no dia 13 de Outubro e participava que a capela particular será dentro em breve dedicada a Nossa Senhora da Fátima.

Na Sicília. De Catânia um major do Exército Real pedia também que lhe enviasse estampas de Nossa Senhora da Fátima.

Acabo agora mesmo de receber notícias da Sicília em que me participam como tinham celebrado a festa de Outubro.

Continuamente me pedem água de Fátima, vendo-me por isso obrigado a praticar a arte de carpinteiro para fazer as caixas para expedir pelo correio. Nossa Senhora vai conquistando por tôda a parte novos apóstolos da sua devoção.

Na Índia

O Rev. Fernandes, descendente dos antigos cristãos convertidos pelos Missionários portugueses, Pároco de St. Francis Xavier's Church — Fallavaran, Madrasta, está a traduzir para a língua tamul que é a mais falada no sul da India, o livro «Nossa Senhora de Fátima» do ilustre professor da Universidade de Roma, e membro da Companhia de Jesus P.e Luís G. Fonseca.

Conta-nos o referido sacerdote, que tivemos o gôsto de conhecer quando veio em peregrinação à Fátima, que no regresso era acompanhado por 25 peregrinos do Ceilão.

Durante a longa viagem por mar leram juntos a tradução em inglês do livro do Sr. P.e Fonseca, promoveram entre os passageiros actos de piedade em honra de Nossa Senhora da Fátima e no dia 13 de maio comungaram todos e tiveram missa solene cantada no vapor em que viajavam.

Os peregrinos, que não tinham vindo à Fátima, lamentavam-se de não terem visitado êste Santuário.

De Espanha

Uma importante igreja de Espanha, acaba de encomendar à considerada Ourivesaria Aliança, do Pôrto, um opulento lampadário.

A carta de encomenda contém primorosas referências aos trabalhos executados nas oficinas daquela notável casa, cuja fama passou além fronteiras.

Convém, a propósito, recordar que na última Exposição Internacional realizada em Sevilha, a Ourivesaria Aliança foi convidada a tomar parte no juri de julgamento final, sendo-lhe conferido um honrosissimo «Hors Concours».

É bem digno do nosso aplauso o notável estabelecimento que, pelos primores dos seus trabalhos e rigor de estilos com que são executados, se tem imposto à consideração de nacionais e estranjeiros.

PHOENIX

Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P. B. X. 2 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PORTO

Telefone 4193

AGENCIAS EM TODO O PAÍS

ESCULTURA RELIGIOSA EM PORTUGAL

(A casa mais importante no género, com oficinas próprias)

Maias, Irmãos — ESCULTORES

Cidadelha — Castelo da Maia — PORTO (PORTUGAL)

É-nos grato informar que as imagens desta importante casa, são sempre estudadas segundo a iconografia Sacra, e executadas com todo o esmero e correcção, em todos os pormenores, por reputados e competentes artistas. São de uma expressão mistica, interpretando em tôda a sua plenitude sentimentos meramente religiosos. É sem dúvida esta casa a que mais vantagens oferece em tudo que diz respeito a imagens, Andores, Altares, Castiçais, etc. Fornecemos grátis todos os orçamentos e esclarecimentos que nos sejam pedidos.

GRAÇAS DE N. SENHORA DA FÁTIMA

Graças diversas

— *Carolina Augusta Moreira Rangel* — Ermezinde, agradecida a N.ª Senhora de Fátima por diversas graças que por sua intercessão alcançou, veio ao seu Santuário cumprir os seus votos e oferecer as suas esmolas.

— *Manuel António da Paula*, de 71 anos, de Boleiros — Fátima, e morador na Trav. de S. Mamede, 76, 2.º Lisboa, sofreu muito de uma doença na bexiga. Chegou a fazer uma operação recorrendo ao mesmo tempo a Nossa Senhora de Fátima a quem atribue o ótimo resultado que dela tirou.

— Uma carta vinda de Guimarães diz o seguinte: — «*Rosalina de Lima*, vem por êste meio agradecer a N.ª S.ª de Fátima a graça da cura de uma sua filha, que andando mais de um ano com uma febre intestinal e não encontrando alívio recorreu confiadamente a N.ª Senhora, e com dar a sua filha a água da Fátima para logo a encontrou melhor».

Também testemunha que só com a aplicação da mesma água tem encontrado melhoras nos seus grandes sofrimentos.

— *Cornélio Vaz* — Assolná, India, pede a publicação duma graça obtida por intercessão de Nossa S.ª de Fátima.

— *D. Maria Guiomar Leal* — Pangim, agradece a N.ª S.ª de Fátima um insigne favor recebido por sua intercessão.

— *José Inácio de Carvalho* — Orlem, India, cumpre um voto publicando uma grande graça concedida pelo Sagrado Coração de Jesus por intercessão de Nossa Senhora de Fátima.

— *D. Joaquina Martins* — América, vem manifestar o seu reconhecimento a Nossa Senhora de Fátima por duas graças que por sua interecessão alcançou em favor de seu marido.

— *D. Fausta Boaventura Guerreiro*, Penedones, agradece a Nossa Senhora de Fátima o tê-la libertado duns ataques que freqüentemente a amarguravam.

O único remédio que a curou foi a intercessão de N.ª S.ª de Fátima a quem se confiou durante o mês de Maio.

— *D. Rosa Barbosa* — Senhora da Hora, vem agradecer a Nossa Senhora de Fátima uma graça muito importante que por seu valimento lhe foi concedida.

— *Serafim Silva* — Pôrto, sofreu muito na bexiga de cujos sofrimentos só conseguiu a cura por intermédio de Nossa Senhora de Fátima.

— *D. Teotónia Pamplona Brum* — Ponta Delgada, pede para agradecer aqui a Nossa Senhora de Fátima a graça das melhoras dum seu empregado que julgava já perdido. Depois de recorrer a Nossa Senhora de Fátima o doente sentiu rápidas melhoras que ainda hoje goza.

— *Joaquim dos Santos Rigota* — Gafanha, agradece a Nossa Senhora o ter feito com que um dos seus filhos que já há tempo estava completamente paralítico recuperasse a possibilidade de andar.

— *D. Rosa de Almeida* — Válega, 4 anos depois de ter sido operada no interior, do lado direito, pelo sr. dr. Abel Pacheco, foi aconselhada a sê-lo novamente o mais brevemente possível também do lado esquerdo. Por motivo de certas complicações da parte da doente esta operação tornou-se perigosíssima e por isso temida pelos operadores e pela operanda.

Esta, entrega-se a Nossa Senhora de Fátima a quem faz suas promessas e pedidos.

Assim se passou um mês, depois do qual volta ao médico para novo exame. Examinada minuciosamente verifica-se que o mal desaparecera não sendo já necessária a operação que tanto receavam.

Reconhecida por tão insigne favor, deseja que aqui seja publicado para honra e glória de Nossa Senhora de Fátima.

— *D. Maria Marques Salgueira* — Freixianda, Fárrio, diz o seguinte: «há cêrca de 11 anos que sofria de uma anemia e fraqueza geral que me impedia de fazer qualquer coisa.

Exgotados que foram os recursos médicos recorri aos meios sobrenaturais. Pedi a todas as pessoas da minha família que juntamente comigo fizessem uma novena de comunhões, prometendo publicar na «Voz da Fátima» a graça da minha cura se ela me fôsse concedida.

Principiada a novena comecei também a sentir-me melhor.

É certo que não estou completamente curada mas, graças a Deus, já posso trabalhar.

Venho, pois, por êste meio, como prometi, agradecer a Nossa Senhora de Fátima êste grande favor que por sua maternal intercessão me foi concedido do Céu.

— *Mariana de Castro e Santos Vilar* — Santarém, tendo recebido diversas graças por intercessão de N.ª S.ª da Fátima, vem manifestar por isso o seu grande agradecimento.

— *Manuel P.ª Calças* — Lins, Brasil, havia já muito tempo que sofria do estomago para cuja doença tinha tomado diversos preparados médicos. A cura, porém, só a obteve com novenas e devoções feitas em honra de Nossa Senhora da Fátima.

— *Domingos dos Santos Pato* — Covão Lobo, diz ter sofrido muito no estômago e que não conseguindo a sua cura por meio da medicina da terra, a obtivera rápida e completamente mediante a intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— *D. Arcelina Câmara Silva* — R. D. Vital 341 — Pernambuco, Recife, diz o seguinte: «Profundamente reconhecida trago por meio da Voz da Fátima o testemunho da minha gratidão a Nossa Senhora da Fátima, a quem recorri em favôr da minha filha Lígia Constantino da Silva. Poderei provar a veracidade do que digo a quem assim o desejar».

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	489.694$60
Comp., Papel, Impr. de n.º 146 (188.500 ex.) ...	9.887$50
Franq. emb., transp. etc.	2.464$00
Na Administração	62$00
Total	502.108$10

Donativos desde 15$00

Ana Sousa — Évora, 20$00; Carolina Soares — Arcas, 20$00; P.e António José — Outeiro, 15$00; Francisco Teodosio—Santarém, 20$00; Uma esmola, 30$00; M.ª Filomena Miranda — S. Tirso, 15$00; Baroneza de Almeirim, 20$00; Dr. João Canavarro — Lisboa, 20$00; João Goulart — Terra do Pão, 20$00; Graciano Palhas — Cortegana, 20$00; Alexandrina Lourenço — Freixial do Meio, 20$00; Luciana Joaquina — Arouca, 40$00; Luciano Rosa e Esposa — Vila Real, 40$00; M.ª Moutinho Ascensão — Maia, 26$50; Guilhermina Chaves — Peniche, 120$00; Dr. Abílio de Carvalho — P. do Varzim, 100$00; Maria da Glória — Carregadouro, 20$00; Inácio Dias — Lourenço Marques, 20$00; M.ª Amélia Guimarães — Extremôs, 51$00; M.ª Rosa Teles — Extremôs, 20$00; P.e António Rodrigues — Vilar, 30$00; Joaquim Henriques — Togeira, 20$00; António Henriques — Vila de Rei, 30$00; Elvira da Conceição — S. Pedro do Estoril, 25$20; P.e António Ferreira — Carvalhos, 60$00; M.ª Máxima Ataíde — Lisboa, 20$00; P.e Carlos Jorge Castro — S. Roque — Madeira, 400$00; Viscondessa de Reboredo, 20$00; Francisca Angélica — Lages do Pico, 16$00; Distrib. no Rogel—Mafra, 134$50; Ana da Graça — Niza, 30$00; Maria Borges — A. dos Cunhados, 20$00; Ester Pimentel — Brasil, 15$00; M.ª Costa Lopes — Brasil, 15$00; Esmolas da Maçussa, 20$00; Carlos Miranda — França, 36$25; Lúcia Barata — França, 36$25; P.e Abílio J. Ferreira — Calvão, 140$40; Ana Magessi — Gáfete, 100$00; Sara Leal — Paiol, 20$00; Luísa d'Almeida — Paiol, 18$00; P.e Abílio Mendes, — Barreiro, 50$00; Manuel Jordão — Carritos, 20$00; Belmira Rebelo — América, 1 dólar; Joaquim Machado — Ald.ª da Mata, 70$; Zulmira Seabra — Lisboa, 15$00; Sofia Regalão — Abrunheira, 15$00; Cecília Simões — Cuba, 20$00; Etelvina Bento — Lourosa, 20$00; Maria Ferreira Figueiredo — Lisboa, 70$00; freguesia de Matacães, 80$00; Maria Rosa Pires — Lisboa, 17$50; Cristina Maria dos Santos Campos — Lisboa, 30$00; Gertrudes do Carmo Pinto — Cesimbra, 90$00; Cecília da Conceição Medina — Outão, 30$00.

Terceiros franciscanos em exercícios espirituais na Fátima dirigidos pelo R. Fr. Luís de Sousa O. F. M. desde o dia 6 de novembro a 10, indo encerrá-los o Snr. Bispo de Leiria.

NA ÍNDIA

Da interessante revista «Our Lady» of Fatima que se publica na India, traduzimos o seguinte:

Cura de um Bébé

Cochim 18-7-933

Rev.mo Senhor:

Escrevo-lhe para o informar de que minha filhinha Beatriz adoeceu há três semanas com febre muito alta inchando-lhe muito todo o corpo. Estávamos apoquentadíssimos com o seu estado pois chorava sem cessar durante alguns dias.

No entanto cheia de confiança em N. Senhora da Fátima além dos remédios dei-lhe também algumas gotas da Água Milagrosa pondo-lhe ao pescoço uma medalha com a Imagem da Nossa Mãe do Céu, e pedindo-Lhe fervorosamente que curasse a minha filhinha.

Tenho agora a grande alegria de lhe participar que as minhas preces foram atendidas e que logo que recorri a N. Senhora da Fátima minha filhinha melhorou súbitamente. Está já de perfeita saúde graças à bondade infinita da Santíssima Virgem.

Que Nossa Senhora de Fátima seja sempre honrada e conhecida como a «Saúde dos Enfermos».

D. L. Mathew

Um Caso de Asma crónica durante 19 anos e agora curada

Cochim, 1-8-1933

Costumava sempre ter asma, de que sofria imenso, sobretudo quando tinha os ataques depois de estar deitado; ficava sem poder respirar e parecia que ia morrer. Tinha que passar tôda a noite sentado na cama sem poder dormir e era muincómodo levantar-me na manhã seguinte e ter de ir trabalhar. Os remédios não faziam efeito. Recorri a tôda a espécie de tratamentos, até a injecções, sem obter resultado nenhum. Cada ataque parecia pior que o precedente e sofri assim durante dezanove anos.

Por fim tomei a resolução de não fazer mais tratamentos e comecei uma novena a N. Senhora da Fátima, tomando também a água milagrosa que V. Rev.ª me enviou.

Tenho a satisfação de lhe dizer que estou curado e que já lá vão seis meses desde que tive o último ataque.

Agradeço a Nossa Senhora da Fátima do fundo do meu coração.

Norberto Pereira

Requisições de rolos para os chefes de trezenas de Cruzados

Só no mês seguinte serão executadas às requisições de novos rolos bem como as mudanças nos já inscritos, DESDE QUE TAIS PEDIDOS NÃO ESTEJAM NA ADMINISTRAÇÃO — SANTUARIO DE FÁTIMA — NO DIA 2 DE CADA MES.

A correspondência deve ser dirigida directamente para Fátima, sem passar por Leiria, — **o que a faria atrazar um dia, — que neste caso equivaleria a um mês.**

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Águas soberanas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação de C.º de Ferro própria (Monte Rial)

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — OESTE.

Migalhas de Doutrina

O Matrimónio é um dos 7 Sacramentos cujas propriedades fundamentais são a unidade e a indissolubilidade, isto é, um homem só pode ter uma mulher e vice-versa.

Então a Igreja não permite a separação dos cônjuges?

Permite, havendo razões graves que o justifiquem. O que não pode é conceder o divórcio.

A Igreja não pode alterar o número nem a essência dos sacramentos e, por isso, não pode dissolver matrimónios.

Apenas tem o poder para o declarar nulo quando foi celebrado não atendendo aos impedimentos do direito natural, ou divino ou eclesiástico.

Fora dêstes casos a Igreja não pode permitir anular os matrimónios válidos e consumados.

UM ARTISTA GENIAL

Não é artista quem quere.

Os artistas nascem.

Artistas cristãos são ainda mais raros.

É por isso que, quando aparece um de valor real incontestável, todos ficamos de parabéns.

Ora é realmente um dêsses artistas que sentem as suas criações e dão às suas imagens tôda a beleza de arte e tôda a graça da piedade o artista que fêz a imagem de NOSSA SENHORA DE FÁTIMA que se venera na capela das Aparições na Fátima.

É êle o Sr. José Ferreira Tedim, de Coronado — SANTO TIRSO.

Quatro números para a sorte grande

— Padre, pedia uma pessoa ao Beato Crispim, indique-me três números bons para a lotaria; mas bons, que sejam lá do seu palpite.

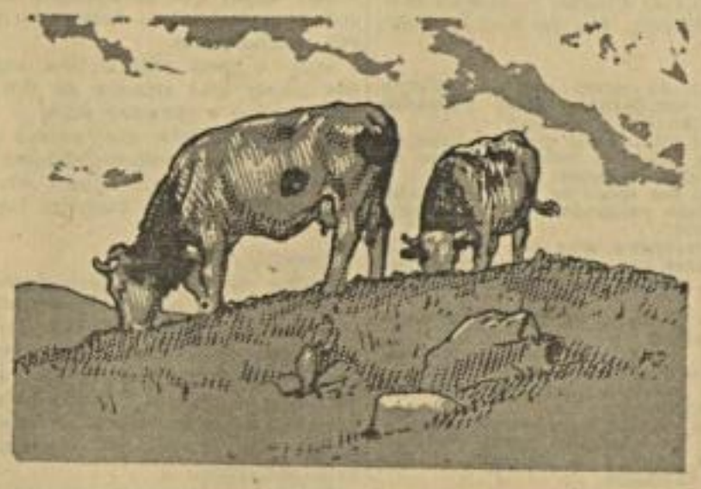
— Pois sim, filho; até te dou quatro que me fazem palpitar muito e são seguríssimos. Ora, aponta lá e nunca os esqueças; Morte, Juízo, Inferno e Paraíso. Combina-os bem e terás a sorte grande!

Leite em pó

fórmula

Nestogéno

NESTLÉ



O ALIMENTO IDEAL das CRIANÇAS na falta do leite materno

É UM PRODUTO DE CONFIANÇA

CRUZADOS DE FÁTIMA

Honremos N. Senhora da Conceição

Estamos em Dezembro — um mês que para todos os católicos e até para os que «jazem nas sombras da morte» que é a descrença, tem sempre encantos especiais.

É a festa tão bela, tão portuguesa da Virgem-Padroeira da nossa querida Terra!

A Imaculada Conceição de Maria, o seu privilégio augusto, tão nobre, *único* entre todas as criaturas! Quem como a nossa Mãe do Céu pode gabar-se de, nem por um instante, trazer na alma a mancha do pecado original?! Quem, senão Ela, logrou estar **sempre** na plena amizade de Deus, e **sempre** liberta da escravidão ignominiosa de Satanaz?!

Em hora extremamente grave da vida nacional, Portugal, gigante que se tornara paralítico tutelado por um país estranjeiro, soube reagir e recuperar a sua independência. E então, em 1640, o Monarca Restaurador proclamou a Excelsa Mãe de Deus, sob a invocação, que lhe é tão grata, da sua Conceição Imaculada — Padroeira de Portugal.

A Coroa real, que dora-avante só pertenceria à Raínha de todos os Portugueses, nunca mais voltou a exornar a fronte de nenhum soberano desta Pátria linda, que os antigos cognominaram de *Terra de Santa Maria!*

Na nossa gloriosa Universidade os novos doutores, antes de receberem os seus graus académicos, juravam defender que Maria fôra concebida sem a mancha do pecado original — dois séculos antes que o Vigário de Cristo, numa das mais grandiosas solenidades que o mundo tem visto, definisse o respectivo dogma.

8 de Dezembro: dia de festa, de gala nacional! Catedrais e ermidas, repicam os sinos. Reboam pelas naves dos templos as estrofes inspiradas do *Salvé, nobre Padroeira!*

E à noite, no remanso dos lares, as famílias reünem-se em afectuoso banquete, para comemorar em tranqüila alegria a *Senhora da Conceição*, que é Madrinha de tantas crianças portuguesas...

Mas... nem tudo são rosas e esperanças fagueiras! E, nêsse dia festivo, milhares e milhares de fiéis, invocarão:

Virgem Imaculada, nossa Celestial Padroeira, livrai Portugal, salvai Portugal! Quanto mais culpado êle é, mais carece da Vossa Protecção; dizei uma Palavra a Vosso Filho — e Portugal será salvo!

O nosso povo costuma dizer que Deus disse: *Faze da tua parte, e Eu te ajudarei!*

A Virgem Imaculada não está obrigada a atender as nossas preces para que os males, que ameaçam o mundo, se desfaçam — se não nos esforçarmos por os combater.

Faze da tua parte, e Eu te ajudarei!

Se Deus deferisse as nossas súplicas, dispensando o nosso esfôrço — o mundo tornar-se-ia um estendal de preguiçosos.

Foi, salvo êrro, o espírito genial de Santo Inácio de Loiola que escreveu: *Quando tentamos qualquer emprêsa, devemos orar como se o resultado dependesse só de Deus, e trabalhar como se êle dependesse apenas do nosso esfôrço!*

Admirável fórmula que, crentes e descrentes, tantas vezes esquecem!

Não a queiramos nós também esquecer!

E nêste mês, pois, da Virgem Imaculada e do Nascimento do Redentor dos homens — oremos com fervor para que a *Acção Católica* livre Portugal dos horrores que vão por êsse mundo, e que, ainda há dias, assolaram, em horas dantescas, infernais, a nação vizinha, a católica Espanha!

Mas... não esqueçamos que a preguiça é um dos sete pecados capitais. Diz até a Sagrada Escritura, que ela é a mãe de todos os vícios...

Trabalhemos, pois, com dobrado zêlo, neste mês da mais bela de todas as Mães e do mais enternecedor de todos os Filhos — para que a *União dos Cruzados de Fátima* aumente, se dilate por todo o país, sem faltar o seu grandioso Império Colonial!

Devotos de Maria, que possamos todos, no final do mês, depôr sôbre o Seu altar o precioso ramalhete de muitos milhares de novos Cruzados.

E êles serão, com as suas esmolas e orações, paladinos de Maria, glorificadores do Seu Nome, propagandistas do Seu culto!

Estamos no mês da Virgem Imaculada.

Avante, pois, pela *União dos Cruzados de Fátima!*

Pela Senhora da Conceição, nossa Excelsa Padroeira!

Por um Portugal melhor!

Pelágio

Cristo impera!

UM ASSOMBRO DE FÉ!

«O Congresso de Buenos Aires prova que o nome de Cristo é o mais notável do mundo: como se fôsse vivo ainda na terra, Cristo apaixona os homens!»

(Duma entrevista do Em. Senhor Cardial Patriarca).

Da entrevista que o Em.mo Sr. Cardial Cerejeira concedeu às *Novidades*, quando desembarcou, reproduzimos mais o seguinte trecho, que vale por muitos sermões. E não esqueçamos que a República Argentina é um dos países mais *modernos* do mundo, cheia de progresso material, de higiene e de deslumbramento:

— «O Congresso de Buenos Atres, começou o Sr. Cardial, foi um assombro: de-certo, o mais grandioso de quantos se têm realizado. Quantas pessoas, gente de todo o mundo? Ouvi, pelos altos-falantes, dizer dois milhões.

Se tiver de imaginar número suficiente para cobrir, como vi cobertas, as 6 avenidas enormes que convergem na rotunda de Palermo, onde a grande Cruz dominava tudo, deviam ser dois milhões.

A nós, importa a nota portuguesa naquela apoteose colossal: por deferência para com os Cardiais presentes, o *speacker* aclamou várias vezes as nações dêsses Prelados. E os meus ouvidos ouviram, como os meus olhos a chorar, êsses milhões, em unisono gritar: Viva Portugal!

Minuto de prazer espiritual indizível.

Que lhe direi mais? Scenas da idade média em plena cidade moderna, metrópole brilhantissima.

— A mais frisante, Sr. Cardial?

— Refiro-lhe esta: a da adoração nocturna na praça de Maio. Assisti da varanda de um Palácio ao lado do Presidente Justo e do Govêrno. Disseram-me serem 200.000 homens, só homens.

A praça vêm dar duas grandes avenidas. Por uma deviam entrar os homens e sair pela outra, parando na praça. Pois não foi possivel à multidão de uma das avenidas romper até à outra. O que se viu, santo Deus! Das ruas fizeram-se igrejas. Ministros, oficiais do exército, magistrados confessaram-se em plena rua, «en la calle», como êles disseram. Mais de 200 sacerdotes distribuiram a comunhão nessa noite, pelas ruas, até no *metro*».

«Espectáculo de fé, admirável!»

O CAMINHO DO TRIUNFO

Recém-chegado da América onde fôra tomar parte no colossal Congresso Eucarístico de Buenos Aires, o Em.mo Cardial Gonçalves Cerejeira disse às *Novidades:*

...«E a comunhão dos oficiais do exército?

Eu dei a Sagrada Hóstia a muitos Generais...

A consagração da Argentina feita pelo Presidente Justo: que nobreza, de desassombro de fé!

A comunhão do exército, o desfile de honra de milhares de soldados, perante a imagem da Virgem de Lujan.

...E o Estado... o seu Chefe, o Govêrno todo, o Exército, os expoentes mais altos da sua vitalidade nacional!»

Palavras memoráveis que não podem deixar de provocar uma legítima inveja!

Em Portugal não seria exequível uma tal manifestação religiosa, com um caracter tão acentuadamente *oficial!*

Será Portugal um país de menos tradições católicas que a Argentina?!

Qualquer aluno das escolas primárias repeliria tal absurdo!

Quando a Fé Católica chegou à Argentina, já nós, como portugueses, a professávamos há mais de 300 anos. E não devemos omitir que descendemos dos visigodos que se tinham convertido a Cristo seis séculos antes.

Será o nível religioso dos argentinos dos nossos dias superior ao dos portugueses? Não o queremos supor...

E, todavia, entre nós, mesmo dirigentes de maiores responsabilidades católicas, que o Presidente Justo, da República Argentina, não ousariam fazer tanto.

Porquê?!...

Porque os católicos portugueses — a maioria do país — ainda não estão unidos, organizados, disciplinados para proclamar bem alto os seus direitos de cidadãos livres e beneméritos, a sua fôrça moral, a energia indomável da Crença, que professam. Diante de espectáculos como o de Buenos Aires, importa tomar uma resolução.

É preciso, é urgente que os cristãos da nossa Terra, se unam, se organizem, se aperfeiçoem — para que Cristo reine, e Portugal prossiga na senda de renascimento, que, por graça de Deus, vai trilhando.

Mas, para isso, são indispensáveis *meios: sobrenaturais*, que a oração facultará;

e *naturais*, entre os quais avulta a inegável *mola real* que é o dinheiro.

Portanto — todos o terão já compreendido! — vamos alistar sem demora nem descanço, mais Cruzados de Fátima, muitos Cruzados de Fátima, que dêem à *Acção Católica* as suas orações e a sua esmola!

Portugal — *Terra de Santa Maria* — não pode continuar a permitir que, no culto do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora, outros países lhe passem à frente!

F. O.

Para as coisas de Deus – quanto mais melhor

Por se ter dito e repetido que a quota mínima dum Cruzado de Fátima é 20 centavos ou 200 reis — o preço duma caixa de fósforos! — parece que várias pessoas se desinteressaram de que elas fôssem superiores a essa quantia.

Ora tal procedimento é estranhável, e causa grandes prejuízos.

Evidentemente, ninguém recusará um Cruzado *que* absolutamente *não possa (ou* irredutivelmente *não queira) dar mais que... o preço duma caixa de fósforos. Mas todos os restantes — e são a grande maioria — podem ir mais longe, sem que por isso, tenham de abrir falência. Ao menos o preço dum jornal: 30 centavos.*

Melhor seria que se respeitasse esta fórmula gongórica, curiosa: cada Cruzado pagar um cruzado *— ou sejam os antigos 400 reis!...*

Seria interessante e fácil de fixar: cada Cruzado pagar pelo menos um cruzado!

Escusado será dizer que as quotas não têm limite máximo!...

Insistimos: *era ilógico e até desumano regeitar alguém só por causa duma questão duns centavos. Lá diz o povo que tudo o que vem, é ganho e que* mais vale pouco que nada!

Mas, por amor de Deus, pensemos em tôda a grandiosa obra (imprensa, escolas, acção operária, bom teatro, e bom cinema, etc. etc.) que é preciso — e urgente — realizar.

E digam-nos depois onde teremos de ficar, parados, *se a maioria dos Cruzados se limitarem... à caixinha dos fósforos! E fósforos de pau, porque, se fôssem de cera, custaria mais cara...*

Arranjem quem ore pelos nossos trabalhos, e nos faculte dinheiro — e grandes coisas, com a ajuda de Deus, havemos de levar a cabo.

De quem dependem essas realizações?

Dependem de todos *e* **de cada um,** *a começar por ti, confrade e leitor.*

Sim, **por ti!** *Se já és chefe de alguma trezena,* **organiza depressa mais algumas.**

Se ainda não és, vai ter com o teu Pároco — **e mãos à obra!**

«Buenos Aires viu multidões de todo o mundo a adorar, a confessar, a comungar Nosso Senhor Jesus Cristo!»

Duma entrevista do Em.mo Senhor Cardial Patriarca

Vinho de Missa

Genuíno, garantido, óptimo paladar

Peçam-no já em barris ou garrafões a

António de Oliveira — **ALDEIA NOVA — Norte**

Emquanto nós dormimos, o inimigo avança!

P.e Gratry

UMA QUEIXA SEM FUNDAMENTO

Chegam até nós queixas de vários chefes de trezena, que nos dizem: alguns Cruzados não querem pagar, sem ter recebido primeiro o jornal.

Ora êste procedimento de alguns Cruzados revela falta de conhecimento da finalidade da obra em que se inscreveram.

Não foi para êles receberem o jornal que se criou a Pia União mas criou-se a Pia União para que os cruzados mediante algumas regalias sobretudo de ordem espiritual, auxiliassem a Acção Católica, cruzada da reconquista de Portugal para Cristo. De resto, todos hão-de receber o jornal, uns dias mais tarde ou uns dias mais cedo: irregularidades que só poderá estranhar quem não fizer ideia do que é compor, imprimir e expedir uma publicação que atinje — seja Deus louvado — uma tiragem elevadíssima e que chega aos recantos mais escondidos do país.

Mas não supomos que haja algum Cruzado que, se lhe explicarem bem os intuitos nobilíssimos desta agremiação, não responda prontamente: — Ora essa! mesmo que eu não tirasse de ser Cruzado nenhumas vantagens, com o maior prazer pagaria a minha mensalidade, que só tenho pena de não poder elevar!

Acontece ainda que os Cruzados *têm, além do direito a receber, sem mais encargos, a* Voz da Fátima, *— grandes vantagens espirituais, que passamos a resumir:*

Participar na missa que diàriamente se celebra em Fátima pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

Participar nas missas que em tôdas as Dioceses se celebrem pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

Participar em todos os actos de piedade e caridade realizados por intermédio da *Pia União;*

Lucrar trezentos dias de indulgência tôdas as vezes que recitar, nas condições requeridas, alguma das seguintes jaculatórias:

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o Santo Padre»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o nosso Episcopado e o nosso clero»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei a Acção Católica».

Gozar as graças e privilégios que a Santa Sé, já solicitada pelos Prelados portugueses, venha a conceder à Pia União dos Cruzados.

Que ninguém, pois, volte a dizer que só pagará quando lhe entregarem o jornal!

Na prática das virtudes é preciso preferir aquela que é mais conforme com o nosso dever à que é mais conforme com o nosso gôsto.

S. FRANCISCO DE SALES

Visado pela censura

OS MELHORES

VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PORTO

Drogaria de Adelino Costa, Lt.

Importação directa de todos os artigos para fábricas.
Produtos químicos e farmacêuticos.
Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxôfre, cimento, etc., etc.

Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras

PULVERIZADORES DE TÔDAS AS QUALIDADES

77, Largo de S. Domingos, 79

Telefone 366 — PORTO

Os que não auxiliam a Acção Católica *são* parasitas: *pois gozam dos benefícios da civilização cristã, e não a querem defender dos seus encarniçados inimigos.*

PÔRTO RAMOS-PINTO

Ano XIII — Fátima, 13 de Janeiro de 1935 — N.º 148

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 136-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

A tiragem do número de Dezembro da "VOZ DA FATIMA,, foi de duzentos e catorze mil exemplares

Crónica de Fátima

(13 de Dezembro)

«Que Nossa Senhora da Conceição — que também é da Fátima — continue a ser, como é hoje talvez mais que nunca, a doce e milagrosa Padroeira de Portugal!»

(Do grande poeta Correia de Oliveira.)

Fátima
e os seus encantos

Estância bemdita de paz, de luz e de graça, onde os doentes recuperam a saúde, os pecadores se voltam para Deus e as almas inquietas e ansiosas saciam a fome de amor e matam a sêde de felicidade, Fátima é, sem contestação, depois de Jerusalém e de Roma, e a par de Lourdes, a cidade santa da cristandade.

No vasto anfiteatro do Cabeço das aparições, aonde todos os meses acorrem dos diferentes pontos de Portugal numerosas legiões de peregrinos, não se vê um só que não sinta a doce e viva impressão de que se encontra na sua terra, junto do campanário da sua igreja, em contacto com os seus vizinhos, no meio de pessoas que se conhecem; que se prezam e que se estimam como amigos e, mais do que amigos, como irmãos.

Ali se formam e se estreitam amizades santas entre desconhecidos da véspera que muitas vezes não tinham nada de comum senão a profissão da mesma fé e a prática da piedade cristã.

Fátima é uma estância de beleza espiritual. Não é ela, porventura, a terra predilecta da augusta Mãe de Deus?

Há dez anos, um dos nossos maiores escritores, glória do jornalismo e das letras pátrias, que tinha visitado os mais célebres santuários Marianos da Europa e conhecia Portugal inteiro dum ao outro extrêmo, exclamou maravilhado ao contemplar pela primeira vez o imenso recinto da Cova da Iria: «Nossa Senhora não podia ter escolhido um lugar ao mesmo tempo mais espaçoso e mais próprio para conter as massas imponentes das grandes peregrinações!»

Naquela nesga da Serra de Aire, qual águia pousada sôbre a eminência dum rochedo e coroando-a de poesia e de mistério, ergue-se para as alturas a monumental Basílica do Rosário, símbolo da prece incessante das multidões de peregrinos que veem de tôda a parte com as almas estuantes de fé viva e de piedade ardente.

Ao lado, a pequena distância, como que sentada à sua sombra protectora e canalizando as graças da oração, avulta, em seu delicado perfil, a linda igreja das Confissões, cadinho espiritual, onde as almas se purificam e se transfiguram sob a mão portentosa do sacerdote e onde os corpos, verdadeiros farrapos humanos, recobram a saúde e a vida, à passagem de Jesus, oculto na Hóstia Santa.

E, mais ao longe, graciosa na sua encantadora singeleza, destaca-se a santa capela das aparições, edificada no lugar onde, há dezassete anos, a gloriosa Raínha dos Anjos apareceu, em radiosa visão de Paraíso, a três humildes e inocentes criancinhas, proferindo dulcíssimas palavras de paz e fazendo generosas promessas de perdão.

Quantas vezes aquêle tríplice padrão das misericórdias da Virgem foi teatro de scenas tocantes de piedade ou de penitência, confidente de dôres amarríssimas e desabafos pungentes e testemunha muda da alegria e da ventura de tantas almas, cujas súplicas a branca Raínha do Rosário houve por bem acolher e despachar benignamente!

Fátima é uma terra de bondade. Lá se encontra, entre a multidão anónima, que enxameia nos seus largos e nas suas avenidas, o fervor dos fiéis dos primeiros séculos do cristianismo.

Reina alí uma fraternidade verdadeiramente evangélica, cheia de solicitude e dedicação, que só a graça inspira e só o Céu pode galardoar. Nêsse jardim paradisíaco, em que se ostentam, perfumadas e belas, as flores peregrinas e encantadoras da paz e da caridade, os ressentimentos desvanecem-se, os preconceitos caem, as divergências anulam-se e a natureza humana deixa transparecer apenas o que nela há de mais belo, de mais nobre e de mais perfeito.

Terra de graça e de milagre, Fátima é teatro dos prodígios mais estupendos da misericórdia divina que abrem olhos ansiosos por descobrir a verdade e orientam e fortificam vontades empenhadas em abraçar a virtude e o bem.

Há dezassete anos que o mundo contempla atónito um testemunho tão eloqüente e tão empolgante da existência do sobrenatural. Êle arrosta triunfante tanto a negação grosseira e brutal que insulta, como a negação elegante e subtil que sorri com desdém.

Êle está ao alcance de tôdas as almas bem intencionadas, das pessoas cultas e das pessoas sem cultura, emfim de todos aquêles que tenham olhos para ver e humildade para crer.

*

Ide, romeiros da fé e da piedade, ide a Fátima, à cidade santa da cristandade, em busca dessa beleza divina que encanta e deslumbra, dessa bondade que enternece e cativa, dêsse ambiente saturado de sobrenatural, em que a alma e o coração desprendidos das vaidades do mundo, pairam nas regiões luminosas e serenas, onde se crê, espera e se ama, e onde se vive, como vivem os santos, mais longe da terra e mais perto do Céu!

Visconde de Montelo

Nossa Senhora falando e instruindo os pastorinhos na Fátima.

As comemorações do dia treze

O dia treze de Dezembro foi, em tôda a Serra de Aire, um verdadeiro e rigoroso dia de Inverno, em que a chuva, miudinha e impertinente, não cessou de cair, desde os primeiros alvores da madrugada até ao fechar da noite. Apesar disso os peregrinos acorreram em grande número à Cova da Iria, impulsionados pela sua devoção acrisolada à Virgem Santíssima e pela atracção irresistível que exerce sôbre as almas crentes e piedosas a lembrança das celestes aparições e dos sucessos admiráveis de que tem sido teatro aquêle lindo cantinho do Céu.

Pouco antes do meio-dia solar, a vasta capela da Penitenciaria regorgitava de fiéis que esperavam ansiosamente o momento em que o sacerdote havia de subir ao altar para celebrar a missa oficial. À hora habitual, o rev.mo dr. José Galamba de Oliveira, professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Leiria, começou o Santo Sacrifício, a que os peregrinos presentes, em que se viam pessoas das diversas classes e condições sociais, assistiram guardando o mais profundo silêncio e dando demonstrações inequívocas de fé viva e de piedade ardente. Ao Evangelho, fez a respectiva homilia o rev.mo dr. José Fernandes de Almeida, zeloso pároco de duas

(Continua na 2.ª página)

A "Voz da Fátima,,

A «*Voz da Fátima*» aparece hoje com novo aspecto e de maior formato.

Nasceu pobrezinha, pobre tem vivido e apesar de tudo, é a publicação de maior tiragem em Portugal.

O NATAL DA CLEMENTINA

«Mato-o!... Mato... Se o encontro a geito mato-o.

Malandro! Ladrão!... Cinco contos... A minha fortuna e dos meus filhos que tanta penca de suor me custou... E perdê-los assim... num instante! Ter de os dar por êle...

Não pode ser!...

Perco-me. Vou para o infeg... no mas mato-o.

Deus queira que êle me não apareça diante.»

Ao ouvi-lo falar assim a mulher tremia. É que o João António parecia uma fera. Os olhos faiscavam num rosto sêco e enérgico, lívido pelo nervoso e pela ira. Parecia louco. Uma palavra e teríamos uma explosão de ódio.

A mulher tinha razão para temer. Calou-se com prudência e elevava a alma a Deus, pedindo-Lhe um pouco de calma e paciência para o marido. E lá ia curtindo em silêncio o receio de que tudo isto lhe trouxesse desgraça ainda maior. Ao marido porém nem uma palavra.

Não parecia a mesma. Quem a vira e quem a via quási a não reconhecia de tão triste e preocupada.

* * *

A Clementina fôra em solteira uma das mais lindas raparigas da sua terra. Musculara o corpo nos trabalhos rudes do campo e, à fôrça de muito cansaço, imprimira-lhe uma agilidade e elegância que a faziam sobressair entre as suas amigas e companheiras que reprimiam, vencidas, uma pontinha de despeito nascido daquela inegável supremacia.

Forte, côrada, bem proporcionada, alegre a mais não, conversadeira como nenhuma outra, viva e desenvolta de maneiras: era a flor da mocidade do seu tempo.

Onde a Clementina parasse no Domingo era logo uma roda a ouvi-la.

Nos trabalhos em que ela andasse não havia tristeza nem cansaço.

Porisso não tinha braços a medir. Todos a queriam no próprio serviço e até havia quem lhe aumentasse a jorna.

Atrevido ou engraçado que a procurasse com um dichote não levava a melhor porque o retrôco era rápido numa «*saneira*» sonora que lhe saltava ligeira dos lábios.

Achavam-lhe nisso tanta graça que de propósito lhe puxavam pela língua só pela ouvir.

* * *

Como as raparigas da sua idade, a Clementina encontrou entre os rapazes da terra o eleito do seu amor.

Casou, abafando em muito dum coração a simpatia forte que a sua graça, a sua vida fizera nascer. Mas se o grupo de rapazes que a requestavam se desfazia, continuava quási na mesma o número de simpatias.

É que, casada, a Clementina era a mesma de sempre.

Se ela sabia que lhe achavam graça... Era natural. Um pouco de vaidade, o hábito em que estava, o meio em que continuava a viver, tudo a convidava a usar a mesma linguagem de até ali: viva, scintilante como a luz do céu e a nitidez dos horizontes largos da sua terra levantada entre uma série de longos e profundos vales.

* * *

Certo dia, de-repente a Clementina aparece mudada.

Havia um tríduo na igreja. Foi até lá. Prendeu-a o modo como o prègador falava: simples, claro mas cheio de calor e convicção.

Ouvindo o sermão, a graça divina tocara-a. Resolveu não tornar a dizer «*saneiras*».

E não tornou.

Mas o costume estava tão arraigado que um ano depois confidenciava a uma sua amiga.

— *Ó Maria, tenho saudades do tempo em que eu dizia «saneiras».*

Já lá vão dezoito anos.

A alegria não a perdeu antes a aumentou e muito.

De então para cá comunga todos os dias a não ser que a doença a impeça de ir à igreja.

Quanto no resto continuou na mesma.

Não há língua eloqüente como a dela. Ai daquele que se atrever a desconsiderar diante dela os sacramentos, a Igreja, as coisas de Deus.

Oh! É ouvi-la então.

As palavras vêm em catadupas. Parece que nem ela sabe como. Mas tão acertadas, tão a tempo, tão vivas, tão em cheio que o adversário encolhese, retira-se e esgueira-se sem dizer mais uma sequer.

Ah! É que a Clementina ama com ardor. Não serve a Deus por moda, porque era moda comungar só uma vez por ano quando ela o fazia todos os dias.

Quere conhecer e amar cada vez mais o seu Deus. Para melhor estudar a doutrina, aprendeu a ler.

Na igreja, de olhos pregados no púlpito bebe o sermão quási sem pestanejar.

O Senhor gosta de provar as suas almas predilectas. E foi

(Continua na 2.ª página)

Os operários do Santuário de Nossa Senhora de Fátima em exercícios espirituais. Fotografia tirada às 10 horas e meia da noite no último dia dos exercícios na escadaria em frente da igreja em construção.

Uma recente conversão feita pelo Têrço

Vida de miséria

Sidónia, ou Sido (como lhe chamavam vulgarmente), não tinha boa fama na vizinhança. E como havia de ser doutra forma se a pobre tinha sido criada sem sombra de direcção para o espírito nem freio para o coração? Os barcos sem govêrno vão descendo ao capricho da água batendo contra todos os escolhos até ao naufrágio final.

Era esta a história e também a desculpa de Sido. Andava aí pelos trinta, tendo corrido tôdas as aventuras, com um pequenito de sete anos nos braços e a saúde arruinada.

Por onde quer que ela passa o seu porte e o seu modo causam escândalo.

Por fim uma pleurisia purulenta atira-a a uma cama de hospital onde ela sofre atrozmente.

As primeiras luzes

A sua vizinha da cama do lado é uma apóstola, que, no meio das suas dores, passa o tempo, a recitar o seu rosário pela salvação das almas.

«Sido (diz ela um dia à sua desamparada companheira, desanimada com o seu mal) se eu estivesse no seu logar experimentava a água de Lourdes.

— E para que me serve isso? Eu não acredito nessas coisas!

— Deixá-lo. Experimente.

— ...

— Deixe cá ver o seu lenço que eu deito-lhe umas gotas de água de Lourdes e deite-o depois em cima da ferida».

A Virgem, infinitamente misericordiosa, permitiu que a compressa aliviasse a doente. Às dores sucedeu uma impressão de bem estar e Sido sentia-se outra.

Este resultado inclina-a a atender ao que a sua caridosa vizinha lhe dizia da Mãe do Céu.

«Sim, não é só isto. Já que sofre tanto, minha pobre Sido, deve aprender a rezar o seu têrço. Se soubesse quanto isto consola!»

Desta vez Sido não se fêz surda. Deixou-se convencer, aceitou um têrço, aprendeu a rezá-lo e até achava gôsto nisso.

A sua apóstola, feliz com o resultado, fala-lhe do «rosário perpétuo». Quando ela compreende o que é, córa e pregunta: «mas também eu posso pertencer, eu?...

Dizem-lhe que sim. «Não é Maria o refúgio dos pecadores?»

Sido toma o hábito de recitar o seu têrço.

A Santíssima Virgem instala-se na sua miserável vida.

Que isto ainda não quere dizer uma conversão definitiva. Umas melhoras permitem-lhe saídas e a liberdade é perigosa...

A caminho de Lourdes

Mas Maria vela pela pobre criatura que reza o melhor que lho permite o seu coração manchado. Uma outra graça ainda! Sido obtém ir a Lourdes: embarca com a peregrinação da sua diocese. Diante da gruta desfaz-se em lágrimas. O servita que a ajuda fica cheio de compaixão, interroga-a e ela confia-lhe as suas dificuldades. Lá de longe a sua apóstola não esquece a pobre doente e ajuda-a o melhor possível.

Em Janeiro de 1934 estava Sido no hospital. Desta vez, sem esperança.

Mais que nunca ela tem amor ao têrço. Não é só uma vez por mês que faz a hora de guarda, mas todos os dias. Quando tocava o meio dia, Sido dizia para as vizinhas: «agora estejam caladinhas que eu vou rezar o meu têrço».

E as outras diziam: «agora vamos ter paz porque Sido vai rezar o seu têrço».

É que Sido, ainda que muito doente, não perdeu o seu feitio palrador e brincalhão.

A graça vai exercendo a sua acção. Maria vai moldando esta alma, que, no fundo da sua miséria se acorrenta a ela pela bendita cadeia do têrço.

À luz da eternidade

A 4 de março recebe a Extrema-Unção. Parece então que na sua alma purificada acordam ao mesmo tempo todos os sentidos espirituais. Em um momento compreende todo o horror da sua vida passada e a misericórdia sem limites do Divino Salvador. Chora os seus pecados, quere expiá-los, oferece em reparação, tudo quanto sofre. Juntamente com o amor de Deus desperta nela um sentimento que vai aumentando: o amor das almas e o zêlo pela sua salvação.

Manda chamar as vizinhas, pede-lhes perdão da sua vida passada, dos seus maus exemplos, e pede-lhes que se voltem para Deus.

São sobretudo fervorosas as súplicas para obter de Nossa Senhora que o seu filho venha a ter uma educação cristã.

Um dia pede que lho tragam para o abraçar pela última vez. Preparou para êle um têrço e uns dôces de chocolate.

Trouxeram o pequeno ao pátio do hospital, mas, êle, cheio de mêdo, não quere entrar. Sido sabe que êle está lá e chama-o com tôda a ternura duma mãe moribunda: «menino, menino, vem cá». E o pequeno cheio de mêdo e a esbravejar nega-se a não entrar.

«Menino, menino!...» É tão lancinante o chamo da mãe moribunda que em tôdas as camas da sala se ouve chorar...

Emfim, à fôrça, lá veio a criança. Cobre a cara e foi só um pulso que a mãe conseguiu cobrir de beijos.

São êstes os adeuses de mãe... é duro...

Oferece a Deus êste sacrifício, oferece-lhe *tudo*, as angústias do seu coração e os sofrimentos que fazem de seu corpo um esqueleto, e faz isto com um amor sempre crescente, com uma generosidade que não se desmente nem um minuto.

Não tendo já fôrça para rezar o seu têrço vai-lhe meditando os mistérios.

A Mãe do Céu pesa êste martírio.

A 25 de março uma carta anuncia à doentinha que o seu filho foi admitido num orfanato onde lhe será subministrada a educação cristã que ela tão ardentemente deseja.

No mesmo dia o caritativo servita que a ajudou em Lourdes anuncia a sua visita. Vem expressamente de Paris para levar o pequeno. «*Vocemecê no Céu e eu cá na terra, trabalharemos para fazer dêle um bom cristão!*»

Sido desfaz-se em reconhecimento e acção de graças.

A sua generosidade redobra.

A alma de apóstola

Agora pode ela viver unida a Nosso Senhor na cruz, não tendo outro pensamento senão o de arrancar almas à lama do pecado, donde a tirou também Maria por um milagre da graça.

Recomendam-lhe um moribundo afastado de Deus. Ela cansa-se a rezar por êle e depois, ansiosa, pregunta: «êle confessou-se, confessou-se?»

— Sim, Sido, confessou-se.

E ela fica com a alma inundada de paz.

Crê no Amor d'Aquêle que a resgatou com o seu sangue e abandona-se a Êle com esta confiança de criança perdoada que tanto toca o Seu coração.

O sofrimento sobe, a vida baixa. Sido sente a morte próxima. Manda a uma amiga como última lembrança os seus boletins do rosário, preciosamente conservados e recomenda que a enterrem com o têrço e a insígnia de peregrinação a Lourdes.

Estão a chegar os dias da semana santa em que se revive a paixão redentora do Salvador.

Por uma delicadeza infinita, Jesus escolhe para chamar a Êle a pecadora purificada, a sexta-feira santa, o dia em que Êle deixou ouvir ao ladrão arrependido que misturava a agonia à sua, a divina promessa: *hoje mesmo estarás comigo no paraíso!*

(Revue du Rosaire)

ESCULTURA RELIGIOSA EM PORTUGAL

(A casa mais importante no género, com oficinas próprias)

Maias, Irmãos – ESCULTORES

Cidadelha — Castelo da Maia — PORTO (PORTUGAL)

É-nos grato informar que as imagens desta importante casa, são sempre estudadas segundo a iconografia Sacra, e executadas com todo o esmero e correcção, em todos os pormenores, por reputados e competentes artistas. São de uma expressão mística, interpretando em tôda a sua plenitude sentimentos verdadeiramente religiosos. E sem dúvida esta casa a que mais vantagens oferece em tudo que diz respeito a imagens, Andores, Castiçais, etc. Fornecem grátis todos os orçamentos e esclarecimentos que nos sejam pedidos.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Febre Tifóide

Estando meu irmão, Joaquim Manuel Pacheco, de 10 anos de idade, com uma febre tifóide e tendo o médico declarado, que muito dificilmente se salvaria, estando minha família aflitíssima pelo perigo em que meu irmão se encontrava, resolvi, sem dizer coisa alguma a alguém, fazer todos os dias pela manhã na Igreja Paroquial e junto do altar de Nossa Senhora a novena em honra da Virgem Santíssima sob o título de Nossa Senhora da Fátima cuja imagem lá está à veneração dos fiéis. Fiz-lhe também algumas promessas, entre elas a da publicação da sua cura se esta fôsse obtida.

Qual não foi o meu contentamento ao ver que ainda não tinha concluído a novena quando meu irmão se encontrava já muito melhor e no 3.º dia da novena estava livre de perigo tendo-se levantado dois dias depois.

Desejo patentear publicamente aqui o meu eterno reconhecimento para com tão misericordiosa Mãe que do Céu sempre nos ouve.

Cabeça Gorda

Francisco Manuel Pacheco

Pleurisia

D. Matilde Jorge Monteiro Coimbra, — de Lisboa, diz em carta o seguinte: — «com uma pleurisia adoeceu a treze de Fevereiro a minha irmã Maria Teresa. Devido à extrema fraqueza em que se encontrava e à origem tuberculosa da pleurisia, os médicos temiam que a tuberculose se desenvolvesse.

Recorri então a Nossa Senhora da Fátima para que do Céu se compadecesse de minha pobre irmã.

Em todos os remédios que ela tomava comecei a misturar-lhe um pouco da água do Santuário invocando ao mesmo tempo a poderosa intercessão de Nossa Senhora da Fátima. E, graças a Ela, as melhoras foram rápidas e progressivas encontrando-se já restabelecida».

Ferida Maligna

Estava bastante preocupada com uma ferida que eu calculo fôsse maligna, pois me parecia um Cancróide, situada na parte externa do nariz, exactamente em sítio egual àquele onde meu Pae e um meu tio haviam tido uma repugnante e incurável chaga.

A minha preocupação crescia à medida que a ferida tomava maior vulto. No meio de tão angustiosa situação e recordando os muitos favores que Nossa Senhora da Fátima havia concedido e que eu frequentemente lia no seu Jornalzinho, lembrei-me de lhe fazer uma novena a ver se por sua intercessão alcançava a minha cura. Resignada, porém, com a vontade de Deus, pedia a Nossa Senhora que, ao menos me fôsse deslocada a ferida para outra parte do corpo, pois me lembrava ainda do desgôsto que meu Pae tivera com o seu rosto sempre ensanguentado por causa da ferida que tinha e que purgava continuamente.

Decorreram os oito primeiros dias da novena e nada de novo se havia operado em mim. Não obstante, eu de dia para dia redobrava no fervor para com tão boa Mãe. No último dia levantei-me cedo e no espelho vi mais uma vez a ferida e o seu hediondo estado. Eram seis horas da manhã. Fui para a Igreja onde costumava fazer a Novena para aí a concluir. Concluída que foi a oração palpei o local da ferida e pareceu-me que ela se havia extinguido. Olhando-me ao espêlho tive a grande consolação de ver que ela havia realmente desaparecido. Cheia de gratidão para com tão boa Mãe procurei já em particular render-lhe infinitas acções de graças. Hoje, venho pedir o favor da publicação desta insigne graça para honra da Mãe do Céu, aumento das suas glórias e aumento também da confiança de seus filhos que sofrem.

Montalegre

Josefa Gonçalves de Moura

Agradecimento

Uma minha filha de 11 anos, chamada Angelina, perdeu inesperadamente a fala aos 23 de Abril. Assim continuou, apesar de eu consultar vários médicos, até 16 de Junho. Nêsse dia realizou-se na Igreja Paroquial uma festa em cuja procissão se incorporaram as meninas da Cruzada Eucarística. Minha filha, apesar de doente, tomou também parte na procissão, mas chorava por não poder cantar com suas companheiras. Chocou-me a sua tristeza, e com a maior confiança possível, prometi a Nossa Senhora da Fátima percorrer a freguesia a pedir uma esmola para o seu Santuário se minha filha recuperasse a fala. Por ter sido atendido, pois minha filha já nêsse dia falou e cantou com suas companheiras, apresso-me a enviar as esmolas pedidas e a proclamar a graça extraordinária que Nossa Senhora da Fátima me alcançou.

Figueiró — Paços de Ferreira

Joaquim da Costa

Graças diversas

— *Elpídio Marques Maia* — Roxo, diz que sua mulher sofreu dores horríveis na bexiga durante uns 7 meses. Chegou a ser determinado pelo médico que era absolutamente necessário sujeitar-se a uma operação cirúrgica. Ao ouvir isto confiaram-se à protecção de N.ª S.ª da Fátima, fazendo-lhe algumas promessas que cumpririam alegremente se a operação não fôsse necessária.

Pouco depois os sofrimentos começaram a desaparecer e há mais de um ano que não mais lhe causaram o mínimo incómodo.

— *Julieta da Gama* — Pangim Goa, agradece reconhecidamente a N.ª S.ª da Fátima uma graça que dela obteve em favor de sua mãe que se encontrava doente.

— *Virgínia Augusta Moreira* — Lisboa, agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça de lhe ter alcançado a vista que quási havia perdido, bem como duas graças concedidas a dois sobrinhos seus.

— *Luís Domingues Ribeiro* — Arrotéia de Pombal, pede a publicação dum favor concedido a sua filha Maria que sofreu durante alguns anos dum mal no sangue.

— *Maria Dias* — América do Norte, sofreu dos intestinos durante algum tempo. Tendo obtido a sua cura por intercessão de N.ª S.ª da Fátima vem agradecer tal favor, bem como duas graças temporais concedidas à sua família.

— *Hermínia da Luz Pereira* — Monte Claro, diz o seguinte:

«Venho pedir a publicação de uma grande graça que N.ª S.ª me alcançou.»

— *Ana Miquelina Gonçalves* — Freixianda, diz o seguinte:

«Encontrando-me muito mal em virtude de paralização dos rins chegando a inspirar sérios cuidados a minha vida, recorri com muita fé a N.ª S.ª da Fátima e obtive completas melhoras, pelo que aos seus pés eu venho render muitas graças».

— *Maria do Céu Neto* — Guia, Algarve, agradece a Nossa Senhora o tê-la curado duma doença grave que muito a atormentava.

— *Carlos Borges e Pinho* — Válega-Ovar, em 1926 achou-se doente dos pulmões; esteve no Caramulo e Guarda; julgando-se perdido, pediu a sua cura a N.ª S.ª da Fátima prometendo ir ao seu Santuário, a pé, agradecer-lhe a cura se a obtivesse. Veio cumprir a sua promessa, porque os médicos já o declararam curado.

— *Manuel Franco Fernandes* — de Vilarinho-Chaves, sofreu 5 anos do fígado. Esteve desenganado dos médicos. Os remédios nada lhe faziam. Depois tomou água da Fátima, por conselho de sua espôsa, e desde então não mais sentiu mal estar algum, comendo de tudo sem nada lhe fazer mal. Até então nada se lhe conservava no estômago.

— *Maria Ferraz Pereira* — Pôrto, sofreu do fígado, e dizendo-lhe os médicos que era necessário uma operação, recorreu a N.ª S.ª e obteve a cura sem outro qualquer tratamento.

— *Manuel Alves Borges* — Vila de Rei, durante o espaço de um ano, diz ter tido uma dor interna em tôda a região esquerda desde a cabeça ao joelho. Tão atroz sofrimento só desapareceu depois de recorrer a N.ª S.ª da Fátima.

— *Indício de Lemos de Seixas* — Castelo Branco, tendo sofrido uma grave operação e recorrido a N.ª S.ª da Fátima, vem com sua família agradecer cheio de reconhecimento, a graça de o ter salvo e recuperado a saúde.

— *Maria Augusta Nunes* — de Santos, S. Paulo, Brasil, teve um de seus filhos entrevado durante algum tempo com um forte ataque de reumatismo. Recorrendo a N.ª S.ª da Fátima e a S. Antonio obteve para seu filho a cura tão desejada.

— *José Gonçalves* — Anadia, Aveiro, agradece a N.ª S.ª graças especiais que lhe foram concedidas e a sua família.

— *Emília Teixeira Mota* — Marco de Canaveses, sofreu 4 anos de reumatismo, chegando a perder os sentidos. A medicina foi impotente para lhe alcançar a saúde que recuperou por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— *Maria do Céu Branco Vaz* — Certã, agradece a N.ª S.ª o ter-lhe curado seu marido vítima dum desastre grave de automóvel.

— *Elvira Laborinho Eusébio* — Nazaré, diz, em carta o seguinte: «Venho agradecer a Nossa Senhora de Fátima a grande graça que me fêz pela cura do meu marido que devido a uma queda fracturou o nariz ficando muito mal.

Na grande aflição voltei-me para N.ª S.ª da Fátima e pedi-lhe que me valesse.

Prometi vir com êle agradecer-lhe e publicar no seu jornalzinho o grande milagre que me fêz.

Graças à Mãe do Céu, a minha prece foi ouvida e meu marido está completamente curado.

— *Maria do Carmo Mendes* — Certã, freguesia do Castêlo, vem cumprir a promessa que fez a Nossa Senhora da Fátima, de publicar no jornal as melhoras de sua mãe que sofreu, há 9 anos, do estômago e apendicite e que indo fazer uma melindrosa operação a Lisboa se encontra boa causando admiração dos próprios médicos que a operaram.

— *Celeste Beatriz* — Pôrto, agradece a Nossa Senhora uma graça particular que por sua intercessão alcançou.

— *José António* — Gaiola, teve sua mulher Maria do Rosário prestes a morrer. Invocada em seu auxílio Nossa Senhora da Fátima, alcançou a cura, favor que agradece reconhecidamente.

— *Hermínia Calheiros* — Santarém, agradece as melhoras concedidas a D. Maria da Glória Pereira.

— *Maria José Mendes* — Pôrto, agradece a Nossa Senhora da Fátima, uma graça que do Céu foi concedida a sua irmã Ambrosina Mendes.

— *João da Purificação de Morais* — Vinhais, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça temporal concedida a um membro da sua família.

— *Soror Maria Domingas Mota* — Saravil, Tuy, diz o seguinte: «A Superiora Geral das Religiosas Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, imensamente reconhecida agradece a Nossa Senhora da Fátima as muitas graças espirituais e temporais que por Sua valiosa e infalível intercessão tem obtido. Ao seu maternal e celeste patrocínio confia os destinos da sua amada Congregação e a santificação de tôdas as suas religiosas.»

— *José Dias de Sousa* — Aldeia Nova, Oliveira, estando entrevado e cheio de dores, num joelho, durante algum tempo, recorreu a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas e de quem alcançou a cura que com a família foi agradecer a Nossa Senhora no seu Santuário da Fátima.

— *Júlia de Freitas Dias* — Ilha do Corvo, pede para aqui se publicar o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima por uma graça que por sua intercessão alcançou.

— *Lucília Inês Pereira da Graça e Lídia da Luz P.ª da Graça* — Faro, agradecem publicamente a Nossa Senhora da Fátima algumas graças que a Santíssima Virgem se dignou conceder-lhes.

— *Angelina de Sousa Marçal* — Póvoa, diz ter sofrido horrivelmente do estômago durante algum tempo.

Consultara inútilmente vários médicos, mas só obtivera a saúde com a aplicação da água do Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

— *João Goulart Garcia* — Terra do Pão, Açores, diz ter tido um cunhado gravemente doente. Rebelde à medicina até então, a doença deixou-o depois de tomar um pouco de água do Santuário e de ter feito algumas promessas a Nossa Senhora de Fátima.

— *Maria de La Salette A. e Sousa* — C. Branco, Fatal, diz o seguinte: — «Venho por êste meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter-me concedido uma graça que tanto desejei alcançar, e isto depois de ter prometido que se tal graça me fôsse concedida o tornaria público no seu Jornalzinho.»

— *Marieta Fernandes de Carvalho* — Ceará Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu Pai.

— *José Hélio Ramos* — Ceará, Brasil, seminarista, agradece a Nossa Senhora uma graça particular que do céu alcançou por sua maternal intercessão.

N.ª S.ra de Fátima

Com êste título acaba de saír à luz da publicidade uma primorosa jóia literária engastada em cuidada e elegante edição da benemérita emprêsa do Apostolado da Imprensa, da cidade do Pôrto. Essa obra, que é honrada com um prefácio do Ex.mo sr. D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, verso, como o próprio título indica, sôbre o nosso maior Santuário Mariano e é devido à pena vernácula e erudita do rev.mo dr. Luís Gonzaga Aires da Fonseca, lente do Pontifício Instituto Bíblico, de Roma, e director espiritual do Colégio Português da mesma cidade. Escrita com o pensamento e com o coração, ela corresponde cabalmente aos créditos já bem firmados do abalisado escritor que, pelos dotes singulares da sua inteligência privilegiada e pelo seu profundo e vasto saber, grangeou a honra subida e rara de ocupar uma cátedra de grande responsabilidade num dos mais célebres Institutos de altos estudos que existem no orbe católico. Longe da pátria estremecida, sofrendo por amor dela e da santa Igreja as agruras dum já longo exílio, o ilustre sacerdote, deixa perceber, através das páginas encantadoras dessa história assombrosa da Lourdes portuguesa, que na sua alma palpita intensamente o amor da terra que lhe deu o berço e que o seu coração vibra de entusiasmo, de gratidão e de júbilo ao considerar os extremos de misericórdia de que a Augusta Rainha dos Anjos se dignou usar para com ela. Quando se folheia êste livro tão substancioso e tão belo no fundo como impecável na forma, sente-se, por assim dizer, perpassar de novo diante dos olhos maravilhados, como outras visões formosíssimas de Paraíso, as scenas incomparáveis dos dias treze na Cova da Iria, essas assombrosas manifestações de fé e de piedade que sobremodo encantam e comovem os peregrinos que ali acorrem de todos os pontos do país. Dir-se-ia que o sábio professor auscultou como um psicólogo de génio a alma nacional e patriótica, e depois traduziu fielmente num verdadeiro poema em prosa as estrofes sublimes que lhe ouviu cantar, na eclosão formidável do seu amor a Jesus Sacramentado e do seu culto à Virgem gloriosa, bem-amada Padroeira da Nação. O livro «Nossa Senhora de Fátima» trasladado correcto e acrescido de «Meraviglia di Fatima», de que o rev.mo dr. Luís Gonzaga da Fonseca publicou duas edições na Itália, que contribuiram em larga escala para a difusão do culto da Virgem de Fátima naquêle país, contém cento e vinte páginas, nitidamente impressas, e está dividido em nove capítulos, cujas epígrafes são as seguintes: A terra privilegiada de Maria, As primeiras aparições, O exame dos videntes, Sexta e última aparição, Repercussão dos acontecimentos em Portugal, A sorte dos três vindentes, Intervenção da autoridade eclesiástica, Incremento do culto de Nossa Senhora de Fátima e «*Salus Infirmorum*».

Em apêndice, insere a novena e um hino de Nossa Senhora de Fátima, letra e música. Este valiosíssimo trabalho do ilustre professor é uma apologia bem ordenada do facto prodigioso de Fátima que satisfaz os espíritos mais exigentes e não deixa neles sombras de dúvida acêrca da origem sobrenatural dêsse facto, cuja luz é tão viva e tão fulgurante que empolga as inteligências e prende os corações. Praza a Deus que as edições do novo livro acêrca da Lourdes Portuguesa se sucedam rápidamente umas às outras, promovendo por tôda a parte, em tantas almas famintas de verdade, de paz e de ventura, o renascimento da fé e o avigoramento da piedade com a abundância dos seus frutos preciosos de santificação e de salvação!

Visconde da Montelo

CONFRARIA — de Nossa Senhora de Fátima

Como nos anos anteriores, também nêste, no mês de Janeiro, vimos prestar contas da receita e despêsa da antiga Confraria de Nossa Senhora da Fátima durante o ano de 1934, para que todos os seus confrades fiquem a conhecer a maneira como é gasto todo o produto dos seus anuais entregues aos zelosos Colectores.

É, sem dúvida alguma, já do conhecimento de todos, que com a fundação da Pia União dos Cruzados da Fátima em tôdas as dioceses de Portugal pelo Venerando Episcopado Português, foi extinta a Confraria de Nossa Senhora da Fátima cujos membros são convidados a alistarem-se na Pia União dos Cruzados da Fátima, sem que com tal mudança aumentem suas obrigações nem diminuam e até aumentem os seus privilégios que se encontram exarados nas patentes de admissão para a mesma Pia União.

Os seus estatutos publicados na Voz da Fátima de 13 de Maio de 1934 e transcritos nalguns jornais do País, em breve se tornaram conhecidos e levaram muitos fiéis a alistarem-se no exército voluntário dos Cruzados de N.ª Senhora da Fátima. Entre os soldados voluntários dêste nobre exército dos cristãos de Portugal estão já alistados muitos dos antigos confrades de Nossa Senhora da Fátima, razão esta que nos dá a explicação porque a receita da antiga confraria durante o ano de 1934 foi sensivelmente menor do que a dos anos anteriores. Tal circunstância longe de ser um indício de falta de amor do povo português para com Nossa Senhora da Fátima, é antes um sinal da docilidade de tal povo às prescrições dos seus Prelados que, ao fundarem a Pia União dos Cruzados da Fátima tiveram a consolação de encontrar em cada um dos antigos confrades de Nossa Senhora um cruzado voluntário e dócil às determinações do seu Pastor, e em cada um dos antigos colectores um dedicado e zeloso chefe de Trezenas. Bem hajam todos êles, por tanta docilidade e tão grande dedicação!

Durante o ano de 1934, a receita da antiga Confraria de Nossa Senhora da Fátima foi de 4.791$25 e a despêsa foi de 36$825 ficando por conseguinte um saldo de 4.755$00.

Segundo os estatutos, o saldo deve ser dividido em duas partes iguais devendo uma delas ser gasta no culto de Nossa Senhora da Fátima e a outra na celebração de Missas pelos confrades vivos e defuntos cujos anuais tenham sido pagos. Foi o que se fez também em 1934: — entregue: 2.877$50 ao Rev.mo Reitor do Santuário e com igual quantia foram celebradas 598 Missas por todos os confrades que pagaram os seus anuais. Que N.ª S.ª da Fátima os cumule das bênçãos de Deus são os nossos sinceros votos.

Obras pias... danças de caridade

Com aprovação do Santo Padre Bento XV, a Sagrada Congregação Consistorial proibiu ao Clero promover, favorecer ou animar reuniões que terminassem em dansas, embora com o fim de angariar esmolas para obras pias (31 de março de 1916).

Aos 10 de dezembro de 1917, a mesma S. Congregação declarou que nesta proibição e reprovação estavam incluídas as supraditas dansas, mesmo quando as fizessem de dia, que fôssem curtas ou em banquetes, ou, ainda, um simples pic-nic.

O Concílio plenário português (C. 117 § 1.º) «declara não sòmente perigosas, mas até inteiramente más as dansas que se têm introduzido nêstes últimos tempos (dansas modernas); às quais não é lícito assistir e muito menos tomar parte nelas».

Os Clerigos de ordens sacras que assistam a bailes públicos ou particulares incorrem em excomunhão *ipso facto* (c. 30 § 2.º).

O mesmo Concílio proíbe que por ocasião de festas se realizem no adro ou junto à igreja bailes ou espectáculos, o que a maior parte das vezes faz graves injúrias a Deus Nosso Senhor. (C. 325).

Novos livros

A «Fátima-verlage», de Bamberg, publicou pelo Natal 2 livros interessantes em alemão: «Minha peregrinação a Fátima» por Hutler e Madre Alfonsina do Rosário por B. Stolz (O. S. B.) do mosteiro da Dormição em Jerusalém.

Faremos uma referência mais desenvolvida a estes 2 livros.

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientíficos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P. B. X. 2 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO

Telefone 4193

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

OS MELHORES

VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

Impressões da Fátima

Por falta de espaço só hoje publicamos o seguinte interessante artigo aparecido na Revolução Nacional *de Lisboa em 16-5-1934. É um grito comovido duma alma aos pés de Nossa Senhora.*

Regresso de Fátima, completamente esmagado... Aquêle espectáculo inolvidável de tôdas as províncias de Portugal ajoelhadas aos pés da sua Eterna Padroeira; aquelas multidões formidáveis que rezam alto, se arrastam na lama e nos pedregais cumprindo promessas e implorando a protecção divina; todo aquêle imenso oceano de velas acesas num fluxo e refluxo de luzinhas sob a cúpula negríssima do firmamento; as cerimónias religiosas, a bênção comoventíssima dos doentes e o côro desgarrador das jaculatórias, das implorações chorosas e religiosíssimas de tantos desgraçadinhos — cegos, coxos, aleijados, tôda a gama infinita da humana miséria! Êste espectáculo, repito, é grande demais para mim!... Sou um católico praticante, um católico sincero cuja ambição, a tal respeito, se resume nisto, que é tudo aliás!... — ser cada vez mais católico, mais entregue e abandonado às mãos de Nosso Senhor!... Mas, digo-o com um soluço que me sobe do coração aos lábios: sou uma alma muito ordinária!... Sou aquilo a que Teófilo Gautier se referia: um homem para quem o mundo exterior existe: o mundo interior, êsse tem sido muito reduzido em mim, e é isso que me causa uma indizível, uma inarrável angústia...

Rezo, de mãos postas, perante um Deus que sei me está vendo e escutando na sua infinita misericórdia... Mas, como eu desejaria, meu Deus, meu Pai, meu Senhor e meu Amigo amorabilíssimo! — como eu desejaria ter a fé ardente e cega que anima tantos e tantos daqueles humildes que ali vi, congregados na Cova da Iria!

* * *

Perante aquêle oceano imenso de luzinhas que se move em correntes, em ondas, subindo os vários níveis do terreno, desenhando a fogo todos os contornos, iluminando pelo seu reflexo a capelinha das aparições, os pórticos, a capela das confissões, a Basílica, fontes com a imagem do divino Coração, as escadarias; as avenidas — perante aquelas dezenas de milhar de velas acesas que não cessam de peregrinar por entre um côro formidável de cânticos à celestial Aparição, a gente estaca, surpresa: um grito sai-nos da bôca, irresistìvelmente, um grito de pasmo, uma pregunta aonde vai tôda a nossa fé, a consoladora certeza da eternidade das nossas crenças:

— Senhor, Senhor!... E dizer que há desgraçados que querem lutar contra isto!... Como se fôsse justo lutar contra Vós que sois Deus!... Meu Senhor: Vós que sois Pai, Vós que sois a própria bondade, tende compaixão dos desgraçados que Vos negam e repelem!... Tende compaixão, Senhor dos que lutam contra Vós!...

* * *

Também eu fui a Fátima, numa enorme caravana organizada por êsse espírito de apóstolo que é o Padre Francisco da Silva, prior de Benfica... E regresso esmagado, confundido, espantado da minha miséria... É que conhecendo muitos santuários marianos espalhados por êste meu Portugal cada vez mais querido, de nenhum sei que se aproxime sequer em espiritualidade desta Fátima bendita!... Ali, sim: é um lugar de penitência, de culto e adoração, um lugar aonde sopra o vento do Espírito... Não há ali mundanidade não há ali almas a exibirem conveniências de ocasião, ou a obediência à moda em coisas espirituais: há a fé que vem dos corações; há a humana miséria, implorando o olhar misericordiosíssimo da arqui-angélica Mãe de Jesus; há a consciência plena da nossa pequenez e da imensidade do amor divino!... Fátima é um brasseiro extraordinário aonde se depuram as almas na sua ascenção para Deus... Fátima, é a própria fé secular de Portugal cantada pelas centenas e centenas de milhar de portugueses que ali acorrem. Fátima é a nossa terra bendita aos pés da Sua santíssima e abençoada Padroeira!...

* * *

... Também eu fui, Senhor, aos ásperos, selváticos e duros lugares aonde enviastes a vossa Mãe!... Trago de lá o coração humilhado e contricto... Eu vo-lo entrego, os olhos rasos de lágrimas e de confusão — eu vo-lo entrego para que o façais melhor e mais vosso... Tomai-o Senhor! Mau e mesquinho como êle é, eu não tenho — ai de mim! — nada melhor para Vos oferecer. Lançai sôbre êle a Vossa misericórdia, purificai-o e apossai-Vos dêle para sempre!

... E que nunca, nunca mais o meu coração fuja das Vossas mãos, meu querido Mestre, Pai, Guia e Senhor!

Secção catequística ou Questionário catequístico

(Sôbre o baptismo)

1. Porque é que a S.ta Igreja recomenda com tanto empenho aos pais que levem quanto antes as crianças ao Baptismo e é pecado grave demorarem êste sacramento muito tempo?

R—Porque expõem a criança ao perigo de morrer sem êste Sacramento, necessário para a salvação pois a experiência mostra que muitos morrem em tenra idade.

2. Porque é que se põe o nome de um santo à criança que é baptizada?

R—Para que tenha no céu um protector que a ajude a alcançar a salvação. Não devem escolher nomes arrevesados para não haver dificuldades futuras.

3. Porque é que se recomenda que levem para a pia baptismal uma toalha ou lenço branco para cobrir a criança?

R — Para conservarem essa prenda como símbolo da pureza em que ficou a alma depois do Baptismo, e os pais possam lembrar a todo o tempo aos filhos a recomendação da Santa Madre Igreja: «Guarda esta pureza com que agora ficas, até te apresentares no tribunal divino na hora da morte, e com ela entrarás no céu».

4. Porque é que os Párocos não admitem algumas pessoas para padrinhos?

R—Porque os padrinhos foram admitidos pela Santa Igreja no Baptismo para ficarem responsáveis pela educação cristã dos afilhados, sobretudo se viessem a faltar os pais, e porque devem ser modelos de virtude para os seus afilhados.

Segundo a lei da Igreja (Cânone 765) os padrinhos devem:

a) Ser baptizados,

b) Ter 14 anos,

c) Ter intenção de desempenhar a sua obrigação,

d) Não ser herege nem excomungado expressamente,

e) Não ser pai, mãe ou espôso do baptizado,

f) Tocar a criança por si ou por um procurador no momento em que o Ministro pronuncia a fórmula do Baptismo.

g) Ser de bons costumes,

h) Ter conhecimento da Doutrina Cristã,

i) Ter licença do Ordinário ou Superior da Ordem religiosa se fôr eclesiástico ou religioso.

5. Porque é que os padrinhos não podem contrair matrimónio com os afilhados?

R—Porque com o Sacramento do Baptismo os padrinhos contracta um parentesco espiritual, que é um dos impedimentos para o casamento.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	502.108$10
Papel, comp. e impressão do n.º 147 (214.000 exemplares)	11.174$75
Franquias, embalagem e transporte etc.	4.351$73
Total ...	517.634$58

Donativos desde 15$00

Augusto José da Silva — Lisboa, 100$00; Filipe da Encarnação — Esgueiros, 15$00; Manuel Gonçalves — Fermarias, 20$00; Quintino H. de Gouveia — Madeira, 20$00; Angela V. Taveira — Matozinhos, 20$00; Manuel Ortigão — Brasil, 15$00; José Ortigão — Brasil, 15$00; José Souto — Brasil, 15$00; Manuel Pinto — Brasil, 15$00; Amélia Braglo — Madeira, 20$00; António Assis — Veiros, 15$00; António Antunes Pires—Queluz, 40$00; Distrib. na Igreja do Beato — Lisboa, 40$00; M.ª Carolina Melo — Gaia, 15$00; M.ª Generosa Menezes — Estarreja, 15$00; Ana Pereira — Calliérais, 21$00; Esperança da Anunciada — Soasel, 20$00; José Painhos — Outeiro, 20$00; Hipolito Miranda — Salreie, 15$00; P.e José Napolesim — Vila F. de Xira, 105$00; Alberto B. Matos — Brasil, 75$00; P.e Ant.º B. Gonçalves — Goa, 538$30; Maria Especiosa — Goa, 41$00; Silvano Coelho — Goa, 41$00; Anita Monteiro — Goa, 41$00; Directora do Colégio de N. S.ª do Amparo — Brasil, 30$00; Cordulina Pires — Praia de Ancora, 20$00; Nicolau de Almeida — Coelhã, 15$00; *Maria dos Anjos e Marlos, e outras Ex.mas Senhoras de S. Ant.º do Monte — Murtosa, 1.750$00*; Ilda Lima — Pôrto, 20$00; Maria Joana Cruz — Lisboa, 20$00; P.e Joaquim Barroso — Senhora Aparecida, 15$00; Manuel de Jesus Rib.ro — Lourenço Marques, 20$00; Ant.º Farinha L.ª — Bertiã, 30$00; Maria Celestina Machado — Pôrto, 30$00; Manuel Lourenço — Poço Barreto, 15$00; M.e J. Rodrigues — América, 22$00; M.e Amélia V. de Carvalho — Pôrto, 100$00; Eduarda de Santiago — C. de Senhorim, 15$00; M.e Several Ribeiro, C. da Senhorim, 15$00; Clementina Esteves — C. de Senhorim, 15$00; Ana Correia — C. de Senhorim, 15$00; José Morais Sarmento — Chaves 40$00; P.e Basílio Morgado — Praia de Mira, 30$00; Lucrécia Calixto — Praia de Mira, 60$00; M.e J. Lacerda — Régua, 20$00; Rosa de Sousa — Lisboa, 20$00; Ant.º Miranda Azevedo — C. de Senhorim, 20$00; Ana Leite Machado — Serzedo, 30$00; Gertrudes Camões — Cabeço de Vide, 15$00; Maria Isabel Russo — Cabeço de Vide, 15$00; João Agostinho Faria — Madeira, 20$00; M.e Glória Soares — Ovar, 20$00; M.e Emília Rêgo Baptista — Rio de Janeiro, 100$00; Emília Braga — Rio de Janeiro, 20$00; Fr. Bruno da Lima — Zaragoza, 15$00; Distrib. em Avanca, 120$00; esmola dos Açores, 20$00; M.e Henriqueta Leal — V. N. de Famalicão, 20$00; Abel Gonçalves de Freitas — Brasil, 1688$00; Francisco Pinto — Brasil, 15$00; José Teixeira dos Santos — Brasil, 22$50; Manuel do Vale — Brasil, 15$00; João Gregório — Brasil, 15$00; Domingos Ribeiro — Brasil, 22$50; António Gouveia — Brasil, 22$50; José Gonçalves — Brasil, 15$00; António Cristovão — Brasil, 15$00; António Ferreira — Brasil, 15$00; Miguel Amado — Brasil, 15$00; José António Dias — Brasil, 15$00; David Duarte — Brasil, 22$50; José A. dos Reis — Lisboa, 20$00; José Andrade — Brasil, 15$00; Manuel Peixoto — Brasil, 30$00; António Ribeiro — Brasil, 22$50; Hermínia Figueiredo — Brasil, 30$00; José Ribeiro — Brasil, 15$00; Maria Sataiva—Brasil, 15$00; Maria Carvalho — Brasil, 15$00; José Nóbrega — Brasil, 15$00; Manuel Silva — Brasil, 15$00; Pedro Santiago — Brasil, 15$00; M.e Silvina — Madeira, 30$00; Berta Madeira — Évora, 15$00; Ana Virginia — Lisboa, 20$00; João Ribeiro — Lisboa 20$00; Maria Nicolina — Penedono, 20$00; Ant.º M. Simões — Tondela, 20$00; M.e Clementina da Silva — Lisboa, 30$00; M.e de Jesus Leal — Barbacena, 20$00; José H. de Abreu —Figueira da Foz, 20$00; Inácio da Cunha — Felgueiras, 20$00; M.e Monteiro — Felgueiras, 20$00; Manuel Narciso — Paredes de Coura, 20$00; Manuel Belbante — Lisboa, 20$00; Carolina Chaves — Brasil, 20$00; José Calado — Gavião, 15$00; Maria A. Reinão — Sintães, 30$00; Joaquim M. Castro — Fafe, 20$00.

Termas de Monte Real

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Águas soberanas no tratamento das doenças do fígado, vias e intestinos. Bons Hotéis e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação do C.º de Ferro própria (Monte Real).

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE REAL — OESTE.

As comemorações do dia 13

(Continuação da 1.ª página)

freguesias de Aljubarrota, que falou durante cêrca de vinte minutos acêrca da devoção a Nossa Senhora, tomando para tema as palavras com que o Arcanjo S. Gabriel saüdou a Santíssima Virgem, ao anunciar-lhe o adorável mistério da Incarnação do Verbo Divino, tirando excelentes e lindas conclusões e fazendo utilíssimas aplicações práticas. Os doentes que se tinham feito inscrever préviamente no competente registo do Pôsto das verificações médicas para terem o direito de receber a bênção particular eram em número bastante diminuto, comparado com o do mês anterior. Depois da Missa, expõe-se o Santíssimo Sacramento, cantou-se o *Tantum ergo* e o rev.do celebrante da Missa oficial deu primeiro a bênção individual a cada um dos enfermos e em seguida a bênção geral à numerosa assistência que a recebeu no meio do mais profundo silêncio e recolhimento.

Por causa do mau tempo não se efectuaram as costumadas procissões com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, nem se realizou a comovente cerimónia do Adeus junto da santa capela das aparições. Foram muitos os fiéis de ambos os sexos que aproveitaram o ensejo para receber o sacramento da Penitência, vendo-se ainda algumas dêles junto dos confessionários depois das três horas da tarde, aguardando resignadamente a sua vez de se confessar. Assistiram aos actos oficiais dêste dia peregrinos vindos de longes terras, entre os quais alguns do Pôrto e de Vila Nova de Gaia. Assim se voltou, nos gloriosos anais do Santuário da Lourdes Portuguesa, mais uma página brilhantíssima do ciclo litúrgico comemorativo das aparições e dos sucessos maravilhosos, deixando após si um traço fulgurante de luz e de graça que iluminou tantas inteligências e purificou tantos corações, inebriando as almas de santas e suaves delícias e enchendo-as de vida, amor e paz.

PHOENIX

Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

A MÁQUINA DE ESCREVER

"UNDERWOOD"

DOMINA POR COMPLETO O MERCADO MUNDIAL

Agentes: **Dunkel & Antunes, L.da — R. Augusta, 56 - Lisboa - Telef. 2 423**

O NATAL da Clementina

(Continuação da 1.ª página)

assim que sôbre ela caíra, há anos, aquêle pesadêlo.

Todos os dias rezava pelo irmão e pelo marido.

«*Mas ela fôra tão rabiosa. Quem sabe? Talvez Deus a não ouvisse. Certamente não o merecia. Ia orando, contudo, e cada vez com mais fervor.*»

* * *

Uma tarde, dia de Natal, o marido aproxima-se dela e diz-lhe:

—«*Sempre tenho que perdoar ao teu irmão. E depois temos de ir à Fátima a pé para lá comungar.*»

A mulher nem queria compreender. Era lá possível!?

O marido perdoar ao irmão? Parecia-lhe um sonho.

* * *

Perdido pela paixão, o João António prometera um dia que se conseguisse pôr tôda a dívida, sem lhe entrar doença em casa, perdoaria ao cunhado e iriam êle e a mulher, comungar à Fátima.

Pagara o resto. Queria cumprir. E cumpriu naquela semana.

* * *

Foi assim que ao resto da Clementina voltou aquela alegria que parecera perdida durante algum tempo. Mas o melhor é que, desde esse dia — um dos mais felizes da sua vida — são quatro de sua casa a ir todos os dias à sagrada mesa: ela, o marido, um filho de 10 anos e uma pequena de 14.

Sempre vale a pena comungar todos os dias...

Quando o quere provar, a Clementina conta com alegria a história daquele dia de Natal.

Galamba de Oliveira

Concurso LITERARIO

A «Voz da Fátima» aceita contos para serem publicados nêste jornal com as seguintes condições:

1.º O assunto será moral, religioso e, de preferência, marial;

2.º o português puro, correcto, claro, popular;

3.º o diálogo vivo, animado;

4.º original;

5.º escrito à máquina ou, pelo menos, com boa caligrafia;

6.º à redacção reserva-se o direito de o publicar ou não e em caso algum restituir os originais;

7.º Ocupar uma coluna do jornal;

8.º O autor do conto publicado tem direito a uma gratificação de cinquenta escudos **(50$00) a receber passado um mês. Se durante êsse tempo alguém descobrir que o conto não é original, o autor não recebe nada e quem descobriu recebe trinta escudos (30$00).**

A correspondência deve ser dirigida à Redacção da «Voz da Fátima» — Fátima.

214.000 exemplares em dezembro

Humilde auxiliar da Acção Católica, órgão dos Cruzados de Nossa Senhora da Fátima e do Santuário — monumento de gratidão das almas pelas graças abundantes que do Céu temos recebido — a «Voz da Fátima» aspira a levar a todos os recantos de Portugal e espalhar pelo mundo a doutrina santa de Jesus que a Santíssima Virgem, com falas de Mãe, nos veio recordar.

Da alto da Cruz o Senhor, antes de morrer, exclamou: «Tenho sêde».

A sêde de almas abraza o Coração de Jesus.

Vamos: — *Levar por Maria a Jesus!*

"Bote von Fátima,,

É do conhecimento dos antigos leitores da «Voz da Fátima» que em Basileia (Suissa) se publica um jornalzinho «Bote von Fátima» (Mensageiro da Fátima) destinado a levar ao conhecimento dos povos que falam ou compreendem a língua alemã, as maravilhas que Nossa Senhora tem realizado entre nós.

Esse jornalzinho vai progredindo e aumentando extraordinàriamente a sua tiragem tendo atingido perto de 20000.

Publicava-se até agora e era distribuido aos leitores de «Die Schildwache» (a Sentinela) órgão da Acção Católica em Basileia dirigido por Mgr. Maëder, zelosíssimo Pároco em Basileia.

Devido ao aumento que «Bote von Fatima» tem tomado entendeu o sr. dr. L. Fisher de acôrdo com Mgr. Maëder que embora continuasse na tipografia de «Die Schildwache» era preferível ter vida própria.

Aqueles pessoas que o quizerem receber podem dirigir-se ao R. António dos Reis, (Santuário de Fátima) que o enviará sendo a assinatura anual a módica quantia de 10 escudos.

Desejamos ao mesmo prezado Colega tôdas as prosperidades.

Migalhas de doutrina

Uma das acusações à Santa Igreja é de que permite casamentos ou concede dispensa para o matrimónio desde que os nubentes paguem a quantia que lhes impõe.

Ora isto é falso. A Igreja não concede dispensa nem com dinheiro nem sem dinheiro nos impedimentos de *direito natural* como são a falta de consentimento, a impotência, a consanguinidade em linha recta ou primeiro grau da linha colateral, nem nos de *direito Divino* como o do casamento consumado estando os 2 cônjuges ainda vivos.

Nos de *direito eclesiástico* há uns cuja dispensa dificilmente concede como são os de religião mixta (se o cônjuge católico se propõe casar com um herege ou infiel), ordem de presbítero, crime (adultério e homicídio juntos), consanguinidade —(1.º e 2.º grau—tio e sobrinha ou vice versa) etc. Há outros que dispensa mais fàcilmente desde que haja motivo ou causa justa para a conceder.

Neste caso a Igreja tanto dispensa o rico como o pobre que a ela recorrem, mas ao que tem ou espera vir a ter bens, impõe, como penitência, pagar uma certa quantia para obras pias como são: as Missões, asilos, hospitais, seminários etc.

Nada mais racional e honesto — A Igreja estabeleceu os impedimentos para bem dos fiéis, dos filhos e da sociedade. Por isso só com causa jurídica os dispensa; não com dinheiro.

Se os cônjuges tentam casar omitindo algum impedimento dirimente do direito natural, divino ou positivo o matrimónio ficou nulo.

Devem, pois, para seu próprio benefício expôr claramente ao R. Pároco qualquer impedimento que tenham ou julguem ter para fundarem um lar cristão abençoado por Deus e onde cultivem as flores do seu amor que são os seus filhos.

Movimento religioso e de doentes no Santuário de Fátima em 1934

Exercícios espirituais

Durante o ano realisaram-se cinco turnos de Exercícios Espirituais, sendo:

— pelo Carnaval para os Servitas e Vicentinos;

— pela Semana Santa para médicos;

— em Abril para o Ex.mo Episcopado português;

— em Junho para as Sr.as Servitas;

— em Julho para o Clero da Diocese de Leiria;

— em Agosto para os jóvens da Acção Católica da Diocese de Leiria;

— em Setembro para o Clero da Diocese de Beja, e depois, no mesmo mês para o Clero da Diocese de Portalegre;

— em Outubro para as Irmãs Terceiras Franciscanas;

— em Novembro para as Irmãos Terceiros Franciscanos; e finalmente, ainda em Novembro, para o pessoal empregado nas obras do Santuário. Nestes Exercícios tomaram parte 641 pessoas.

Missas e comunhões em dia 13 de cada mês

Janeiro — Missas 11. Comunhões cêrca de 1.200. Fevereiro — Missas 8. Comunhões cêrca de 1.400. Março — Missas 9. Comunhões cêrca de 2.000. Abril — Missas 24. Comunhões cêrca de 3.000. Maio — Missas 158. Comunhões cêrca de 18.000. Junho — Missas 28. Comunhões cêrca de 12.000. Julho — Missas 45. Comunhões cêrca de 14.000. Agôsto — Missas 76. Comunhões cêrca de 15.000. Setembro — Missas 37. Comunhões cêrca de 5.000. Outubro — Missas 84. Comunhões cêrca de 16.000. Novembro — Missas 15. Comunhões cêrca de 1.200. Dezembro — Missas 12. Comunhões cêrca de 800.

Número de Missas em dia 13 — 507.

Número aproximado de Comunhões em dia 13 — 89.500.

Missas e Comunhões nos outros dias de cada mês

Houve diàriamente a Missa do Rev. Reitor do Santuário e muitas outras que foram celebradas por Sacerdotes peregrinos ou visitantes o que nos meses de verão foram em grande número.

As comunhões foram assim distribuidas:

Janeiro — 1945. Fevereiro — 1662. Março — 1837. Abril — 2095. Maio — 7420. Junho — 2735. Julho — 2904. Agôsto — 2438. Setembro — 1717. Outubro — 3045. Novembro — 2250. Dezembro — 1445 (até ao dia 19).

Número total das Comunhões fora do dia 13 = 31.394.

Número aproximado de Comunhões em todo o ano = 120.894.

Baptismos

Durante o ano de 1934 três creancinhas foram trazidas ao Santuário onde renunciaram solenemente ao demónio, às suas pompas e vaidades, e receberam a vida da graça com o Santo Sacramento do Baptismo.

Foram elas: a 23 de Abril, um filhinho do Manuel Madeira e de D. Silvina Freire Madeira da freguesia de Sousa, Diocese de Coimbra e que tomou o nome de Manuel Madeira. (Termo n.º 35);

A 14 de Julho, uma filhinha de Domingos Dias e de D. Cacilda de Jesus Matos Silva, da freguesia de Sernache do Bonjardim, Diocese de Portalegre, e que tomou o nome de Maria Helena de Jesus Silva Dias. (Termo n.º 58).

A 15 de Setembro, um filhinho do Alfredo Loureiro de D. Guilhermina Julieta de Lima Barradas Loureiro, da freguesia de S. Ildefonso, Diocese do Pôrto, e que tomou o nome de António Carlos. (Termo n.º 69).

Casamentos

Onze consortes houveram por bem escolher o Santuário da Fátima, para lá, aos pés da Virgem Santíssima contraírem o Santo Sacramento do Matrimónio e receberem da Mãe do Céu as graças necessárias para cumprirem santamente as obrigações do seu novo estado. Foram os seguintes:

A 31 de Janeiro — Ildefonso Lopes e D. Adélia do Nascimento Gomes, ambos da freguesia de Santa Eufémia, da Patriarcado de Lisboa. (Termo n.º 2);

A 5 de Fevereiro — Joaquim da Silva, da freguesia de Parceiros Diocese de Leiria, e D. Emília Vitória Carvalho, da freguesia de Reguenga do Ribal, Diocese de Leiria. (Termo n.º 4);

A 16 de Maio — Manuel Pereira, e D. Maria dos Reis, ambos da freguesia de Ourém, Diocese de Leiria. (Termo n.º 11);

A 10 de Junho — Francisco Fernandes, da freguesia de S. Marcos, Arquidiocese de Evora, e D. Maria dos Prazeres Brito Ramos, da freguesia de Paranhos, Diocese do Pôrto. (Termo n.º 13);

A 15 de Agôsto — Joaquim Alberto Vaz da Silva, da freguesia de Villela, Arquidiocese de Braga, e D. Maria Virginia Mendes Marques, da freguesia de Gondomar, Arquidiocese de Braga. (Termo n.º 18);

A 8 de Setembro — Mário Figueiredo da Costa e D. Maria de Nazaré de Figueiredo e Silva, ambos da freguesia de Oculental, Diocese de Viseu. (Termo n.º 20);

A 17 de Setembro — Joaquim António da Costa Leitão, da freguesia da Vila da Feira, Diocese do Pôrto, e D. Alcide Octávia Nogueira da Cruz Vaz, da freguesia de Nossa Senhora da Assunção, de Elvas — Arquidiocese de Évora. (Termo n.º 23);

A 17 de Setembro — Manuel da Silva Menezes, da freguesia de S. João Baptista da Pôrto de Mós, Diocese de Leiria, e D. Ema Neves, da Mesa Confraria, da freguesia de S. Pedro de Pôrto de Mós, Diocese de Leiria. (Termo n.º 24);

A 25 de Outubro — Joaquim de Sousa e D. Adelaide Cerveira Pedrosa, ambos da freguesia do Souto da Carpalhosa, Diocese de Leiria. (Termo n.º 29);

A 27 de Outubro — Ramiro Capêlo Ribeiro Cabral e D. Maria José de Barros e Sá Pereira, ambos da freguesia de Vila Nova de Ourém, Diocese de Leiria. (Termo n.º 32);

A 15 de Novembro — Manuel Albino e D. Violante de Jesus, ambos da freguesia da Batalha, Diocese de Leiria. (Termo n.º 36).

Doentes

Foram no decorrer do ano observados no pôsto-médico do Santuário, 1099 doentes tendo grande parte dêles recebido pensão no Banco e 121 apresentado atestados de seus médicos assistentes.

Grande parte também foi albergada no Hospital do Santuário onde lhes foram dispensados os cuidados e carinhos dos Servos e Servas da N.ª S.ª da Fátima, superiormente dirigidos pelo Ex.mo sr. dr. Gens médico do Santuário e D. Maria da Piedade Lima e Lemos chefe das Servas da N.ª S.ª da Fátima.

Santuário da Fátima, 19 de Dezembro de 1934.

O Reitor—P.e Manuel de Sousa.

Vinho de Missa

Genuino, garantido, óptimo paladar

Peçam-no já em barris ou garrafões a

António de Oliveira — ALDEIA NOVA — Norte

AOS EX.mos ASSINANTES

Ultimamente têm sido pagas diversas assinaturas, algumas já em atrazo. Penhorados agradecemos todos os pagamentos efectuados.

Mas, há ainda tantas assinaturas em dívida desde alguns anos já!

Quando vos fôr possível lembrai-vos da pobre «Voz da Fátima» que só vive da caridade dos seus leitores e assinantes e custa mais de trêze contos cada mês.

Precisando de livros nacionais ou estranjeiros, consultai sempre a «União Gráfica».

* *

Livros sôbre Fátima: todos à venda na «União Gráfica».

UM ARTISTA GENIAL

Não é artista quem quere.

Os artistas nascem.

Artistas cristão são ainda mais raros.

É por isso que, quando aparece um de valor real incontestável, todos ficamos de parabéns.

Ora é realmente um dêsses artistas que sentem as suas criações e dão às suas imagens tôda a beleza do arte e tôda a graça da piedade o artista que fêz a imagem de NOSSA SENHORA DE FATIMA que se venera na capela das Aparições na Fátima.

É êle o Sr. José Ferreira Tedim, de Coronado — SANTO TIRSO.

Drogaria de Adelino Costa, Lt. ■ ■ ■

Importação directa de todos os artigos para fábricas, Produtos químicos e farmacêuticos.

Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxôfre, cimento, etc., etc,

Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras

PULVERIZADORES DE TODAS AS QUALIDADES

77, Largo de S. Domingos, 79

Telefone 366 — PÔRTO

PÔRTO RAMOS-PINTO

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

Portugal e o Brasil

Um filho que dá lições ao pai...

O Brasil — há 450 anos — era um matagal povoado por selvagens.

Em 1500 Pedro Álvares Cabral descobriu-o, chamando-lhe Terra de Santa Cruz.

Os antigos Portugueses levaram-lhe a Fé e os benefícios incalculáveis da civilização cristã.

Hoje — embora contenha ainda regiões por civilizar — é um dos países mais próperos, mais desenvolvidos do mundo, pela sua instrução, pela sua indústria, pelo seu comércio, pelo seu esplendor. As suas cidades principais são duma beleza rara.

Também lá os inimigos de Deus, os perseguidores da Sua Igreja davam leis há ainda poucos anos. Mas o bom senso triunfou, e a Verdade foi respeitada.

A nova Constituição do Brasil invoca nobremente o Nome santíssimo de Deus.

E nós, que lhe levámos a Fé Cristã, temos de olhar envergonhados para a nossa Constituição, se a compararmos com a do Brasil.

A Constituição brasileira tem afirmações notáveis, que nos causam inveja, tais como a que faculta o ensino religioso nas escolas públicas.

A nossa é tristemente, completamente laica. Deus, «a Ideia grande do mundo, a Razão eterna, a fôrça, a poesia e a nobreza de alma», segundo um grande literato português — anda sempre na fala do bom povo das nossas aldeias.

Vá com Deus! Fique com Deus! Isto vai por Deus! Valha-me Deus! Se Deus quiser! Deus o sabe! Em nome de Deus seja!

O nome bemdito de Deus é a cada instante repetido, até pelas pessoas menos religiosas.

Pois na Constituição Portuguesa, Deus... não teve licença de entrar. *Não houve lugar para êle*, como diz o Evangelho.

Um país onde a cada passo se encontram, nas coisas e nas almas, sinais de Crença tradicional, afirmações de espírito cristão — é regido por uma Constituição que faria supôr que Deus não existe, e que Jesus Cristo ainda não veiu ao mundo!

E o Brasil, filho da gente da nossa terra, «Eucaristia de Portugal», como lhe chamou um poeta — passa-nos à frente, e dá-nos lições!...

O remédio para corrigir estes e outros males é a *Acção Católica* que restitua a Deus Nosso Senhor e Pai, o lugar a que tem direito um qualquer país, — e, com mais forte razão — neste povo que foi e quere ser o *Portugal Fidelíssimo, a Terra de Santa Maria!*

Queremos Deus que é nosso Rei
Queremos Deus que é nosso Pai!

como se canta com entusiasmo nas nossas festas.

Vamos, pois, *todos e cada um* trabalhar na *Acção Católica*, âncora providencial que o Santo Padre Pio XI oferece aos povos que não querem afundar-se, como a Rússia e o México, na devassidão e no crime!

Cruzados de Fátima, trabalhemos sem descanso para que a *Pia União* aumente, cresça, depressa e o mais possível!

Só teremos o direito de repousar, quando... apenas faltar inscrever nesta falange benemérita o pequeno número de portugueses que à viva fôrça não quiserem ser filhos da mais doce de tôdas as mães!

Os católicos portugueses devem côrar de vergonha, vendo um país que êles arrancaram da vida selvagem, que êles fizeram uma nação civilizada — a passar-lhes à frente, a dar-lhes lições!

Avante, pois, com ardor!

Por Nossa Senhora da Fátima! Por Santo António! Pelo Santo Condestável! Por Todos os Santos Portugueses!

Trabalhemos, quanto pudermos para que em Portugal,

Todos adorem, todos sigam a Jesus Cristo, Rei dos Reis!

Peldgio

Sem dinheiro quasi nada se pode fazer!

Deram brado as notáveis conferências realizadas num teatro de Lisboa pelo insigne Presidente da *Acção Católica Espanhola*, Doutor D. Angel Herrera, que tem sido, ao mesmo tempo, um notável pensador e um verdadeiro homem de acção.

Deu uma entrevista às *Novidades*, da qual reproduzimos uma frase.

Que a meditem devidamente todos os que jurgam sinceramente o progresso da *Acção Católica* em Portugal.

Chamamos especialmente a atenção dos Cruzados de Fátima, e mais ainda, se é possível, dos respectivos *chefes de tercena*.

— *«Como se arranjam os fundos?*

— *Pela subscrição, pela quota de cada um.*

Cada inscrito nos quadros da A. C. tem o seu cartão e nele o quantum da sua contribuição para o fundo da sua organização: esta vai de uma peseta até mil pesetas ou sejam três contos.

— *Mil pesetas?!*

— *Sim. Há milhares de subscritores cujo cartão menciona a quota de mil pesetas. Não têm os senhores em Portugal católicos ricos?*

Dissemos a D. Angel, que sim, que havia em Portugal católicos ricos.

— *Pois então, o dinheiro, como a virtude, é preciso pô-lo ao serviço de Deus!»*

Boa resposta

Numa reünião, um sujeito dispunha-se a contar histórias indecentes, dizendo: — Não estão aqui senhoras...

—Perdão — retorquiu um, do grupo — não há senhoras mas há cavalheiros!

Casa Nun'Alvares
DE
ANTÓNIO PACHECO

Rua Santa Catarina, 628 — Pôrto
Telefone, 2586

Paramentos
Executam-se aos melhores preços.
Venda avulsa de damasco, galões, franjas, ouro para bordar, etc.

Artigos religiosos
Sortido completo de terços, medalhas, placas, pias de água benta, imagens, crucifixos.

Livros
Religiosos, literários, litúrgicos e escolares.
Executam-se todos os

Trabalhos tipográficos
Tudo o que a Igreja se destina e é necessário no clero e associações de piedade, encontra-os à venda nesta casa.

Consultem os nossos preços

Num país protestante
Como Roosevelt trata os católicos

O govêrno americano, para obviar aos males da falta de trabalho, criou os «campos de conservação civil», onde, durante 2 anos, se dará trabalho à mocidade desempregada. Encontrando-se, nêsses campos, 86.000 jóvens católicos, o govêrno americano espontâneamente escolheu sacerdotes para, à *custa do Estado*, ministrar a assistência religiosa. Sabe ter atitudes dignas, o Presidente Roosevelt.

Dignas, sobretudo de imitação.

E convém não esquecer que os Estados Unidos são um país que segue *oficialmente* a religião protestante, inimiga do Catolicismo.

Pois apesar disso, é o que se está vendo...

A escola sem religião não presta para nada

«A um bom cidadão, para o ser, é mister um certo equipamento espiritual; quem tem o grande dever de o compôr é a escola. Impossível, porém, que esta o faça à margem da Religião.

A importância da Religião na educação é hoje uma verdade incontroversa. Autoridades locais, Universidades, institutos de cultura social estão hoje de acôrdo neste ponto.

Isto não é recortado das *Novidades*, mas sim dum dos maiores jornais inglêses: o *Times*.

Católicos de... Café com leite

Diz-se que Thiers foi um dia interrogado pelos seus amigos sôbre o que pensava a respeito de Deus.

— Eu, respondeu, não sou da côrte do bom Deus..., mas também não sou da oposição.

Muitos católicos nos nossos dias, merecem igualmente, esta definição.

Não são da oposição: baptisados, educados religiosamente, tendo recebido os sacramentos e contraído matrimónio à face da Igreja, nunca admitiriam a ideia de morrerem e de serem sepultados sem a assistência dum padre; mas não são também da côrte do Rei dos Céus, porque não Lhe rendem as honras que Êle pede e a que tem direito.

Não devemos procurar êstes católicos na Missa do domingo; quando muito, reconhecê-los-emos na Igreja, entre a multidão, pelo Natal ou pela Páscoa. Também aí se podem encontrar, talvez, em quarta-feira de cinzas, para tomar parte na cerimónia litúrgica dêste dia, ou em sexta-feira santa, para beijarem o crucifixo; é que para estas coisas não é preciso o estado de graça. Todavia não tentemos encontrar no confessionário ou na mesa eucarística êstes católicos simplesmente... honorários.. E a-pesar-de tudo, receberam a confirmação que os constituiu soldados de Cristo. Mas quando se trata de prestar honra, de fazer côrte ao Rei cujo palácio são as igrejas e cujo trono é o Sacrário, êstes vassalos, êstes soldados não vão..., fazem-se representar.

— «Eu não tenho tempo de ir à Igreja, de me confessar e ouvir Missa — dizia-me, há tempos, um dêstes semi-católicos, mas a minha mulher e as filhas vão quando querem, porque eu não as estorvo.

E por êste tom que se exprimem tantos que nós chamaremos católicos de café com leite.

E, a propósito, conta-se, que nas Antilhas e noutras regiões, os indivíduos da raça prêta teem grande antipatia pelos mulatos cuja côr, como se sabe, não é branca nem preta, mas participa duma e doutra.

Um missionário quiz um dia saber as causas desta antipatia e interrogou um preto: — «Eu compreendo que tu não gostes dos brancos que teem uma côr contrária à tua, mas os mulatos que possuem uma côr muito parecida, porque razão é que os não podes tolerar?

— «Padre, respondeu o preto, o Pai do céu criou o café... e criou o leite, mas não criou o café com leite».

Também queremos dizer aos católicos honorários: «dêde café ou sêde leite, mas não sejais café com leite, ou, para me exprimir com palavras da Bíblia: *sêde quentes ou sêde frios, mas não sejais mórnos!*»

* * *

Católicos de café com leite são aquêles que se contentam com acreditar, mas não apresentam obras, esquecendo-se de que: *«fé sem obras é morta»*.

Católicos de café com leite são também aquêles que, ao contrário dos precedentes, só se ocupam de obras sem as assentar em bases duma sólida crença. As obras sem fé são um edifício na areia, são um castelo de cartas que a menor ventania fará cair. Católicos de café com leite são aqueles que só pensam em si e na própria salvação, não se lembrando da multidão dos que se perdem e que poderiam ajudar a salvar. Isso pertence só aos padres, dizem êles. Sim, pertence aos padres, mas êstes são poucos, não chegam para tudo, e é necessário que os leigos os ajudem na missão de salvar almas.

É preciso levar aos nossos irmãos o conhecimento da verdade e procurar inflamá-los na caridade.

O exército onde todos actuam cada um no seu logar, e onde obedecem uns aos seus chefes e estes aos deveres — são exércitos que acabarão por alcançar vitória!...

(De *La Rosière de la Libre-Pensée*).

Adaptado de E. Duplessy

— Padre, respondeu o negro, o bom Deus criou o café.., criou o leite... mas não criou o café com leite!

De Espanha

Uma importante igreja de Espanha, acaba de encomendar à considerada Ourivesaria Aliança, do Pôrto, um opulento lampadário.

A carta de encomenda contém primorosas referências aos trabalhos executados nas oficinas daquela notável casa, cuja fama passou além fronteiras.

Convèm, a propósito, recordar que na última Exposição Internacional realizada em Sevilha, a Ourivesaria Aliança foi convidada a tomar parte no júri de julgamento final, sendo-lhe conferido um honorosíssimo «Hors Concours».

É bem digno do nosso aplauso o notável estabelecimento que, pelos primores dos seus trabalhos e rigor de estilos com que são executados, se tem imposto à consideração do nacionais e estranhos.

E nós o que somos?!

«O fogo é de sua natureza comunicativo. Ninguém pode aproximar-se-lhe sem se queimar. Quanto mais vivo êle fôr, maior é o calor e a luz que espalha.

Há, porém, tão poucas almas ardentes! Uma alma ardente faz mais do que uma multidão de almas vulgares».

(M. Gonçalves Cerejeira nas Cartas aos Novos)

Preguntemos sèriamente a nós próprios: somos almas ardentes, abrasadas de amor de Deus, — ou pertencemos pelo contrário à legião dos católicos de águas mornas?!

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se êles as não trazem, é porque não lhas pedem.

"A escola sem Deus é a lepra dos tempos modernos„

Reuniram, há dois meses, os directores das universidades e outros estabelecimentos de ensino oficial, da Inglaterra, que emitiram o parecer que inscrimos mais adiante.

É possível que algum dos nossos professores de instrução primária, ao ler a notícia, exclame indignado: — Muito atrasados estão ainda os *coitgas da obscura Inglaterra!*...

Diz assim o parecer, que merecia ser decorado, nêste país que o liberalismo encheu de ruínas, e onde tantos esquecem ou escondem o renascimento religioso que vai por êste mundo:

«Nós devemos aconselhar o govêrno a introduzir imediatamente em todos os programas liceais e universitários o ensino da Religião.

O homem, o cidadão saído das nossas escolas sem nunca ter sido obrigado a pensar sôbre o seu último destino, e sem conhecer o caminho seguro que lá o leva, será ámanhã a ruina da Inglaterra. Na luta religiosa que o mundo hoje conhece, no problema há que tomar uma posição pró ou contra.

Contra? Vejamos os exemplos da Rússia, da Espanha, e da própria Alemanha.

Se a Inglaterra quere salvar-se do ataque ao seu prestígio que a América e o Japão lhe estão a fazer, tem de fazer crentes antes de construir aviões.»

O Cruzado da Fátima, se puder assinar um jornal diário, deve preferir as «Novidades».

Electricidade e... Fé

Houve em Lisboa uma exposição, deveras interessante das várias e maravilhosas aplicações da electricidade: luz, aquecimento, telefonia, terapêutica, etc.

É curioso notar que a electricidade é uma forma de energia, cujos prodigiosos efeitos todos utilizamos — sem que ninguém saiba ao certo a sua natureza.

É também é significativo outro facto. Se não tivessem existido uma meia dúzia de homens, haveria hoje de electricidade o que havia aqui há 200 anos: nada ou quási nada!

Com efeito, dos seus grandes inventores; Galvany era terceiro franciscano, Volta ensinava o Catecismo às criancinhas (que grande exemplo para nós!), Ampère recava e comungava com o maior fervor!

Sem êstes três homens, a electricidade estaria, ainda no tempo do pauzinho de lacre esfregado num pedaço de lã. Se fizermos essa experiência, veremos que o lacre fica electrizado e, por isso, capaz de atrair pedacinhos de papel.

Ora experimentem, com um pauzinho de lacre ou com uma vareta de vidro.

E quando estivermos a ouvir pela telefonia, por exemplo, as substanciosas palestras de Mons. Fino Beja, lembremo-nos de que ela é devida a Branly e a Marconi, dois católicos de muito nome.

Donde se vê que a Religião, só os ignorantes a tomam a sério!...

Se os católicos pedirem as «Novidades» aos vendedores, muitos que as não trazem tê-las-ão sempre a-fim-de satisfazerem os pedidos.

A VOZ DE ROMA

«Quem reflectir atentamente, vê que os próprios sacramentos do Baptismo e Confirmação incluem, entre os respectivos deveres também o zêlo apostólico, isto é, o desejo de ir em socorro espiritual do prôximo

De facto, pela Confirmação tornamo-nos soldados de Cristo. E quem não vê que todo o soldado deve trabalhar e combater, não tanto pelo seu bem, quanto pelo bem dos outros?

Este mesmo dever também é apontado pelo sacramento do Baptismo, embora para os profanos de modo menos evidente. Com efeito, por êle nos tornamos membros da Igreja, ou seja, do corpo místico de Cristo.

Ora êstes, como os membros de um corpo qualquer, assim como participam da mesma vida, assim têm necessàriamente de procurar e alcançar bens e proveitos comuns.

«Multi unum corpus sumus in Christo, singuli autem alter alterius membra» (Rom. XII, 5). Portanto, é mister que um membro auxilie o outro, e nenhum permaneça inactivo; mas que todos dêem na medida em que recebem.

Como todos os cristãos recebem a vida sobrenatural que circula nas veias do corpo místico de Cristo, aquela vida abundante que o próprio Cristo disse ter vindo trazer à terra: «veni, ut vitam habeant; et abundantius habeant» (S. João, X 10), assim também a devem comunicar aos que, ou a não possuem, ou a têm pouco, ou só aparentemente».

(Da Carta de S. S. Pio XI ao Exmo Cardial Patriarca de Lisboa).

Que os Cruzados nunca esqueçam estas palavras de ressurreição e de Vida!

Conversando...

Cruzados de menos de «cruzado»...
Donde vem a palavra «Cruzado»

Já tinha emendado os *ditados*. Ia agora rever as *contas*, quando — truz! truz! — lhe bateram à porta.

— Pode entrar!... Ah! és tu, João! Senta-te, rapaz. Que te traz hoje a esta tua casa?...

— O *sôr* professor há de desculpar, mas o *sôr* abade veio esta manhã cá à aldeia, e esteve a fazer propaganda duma coisa nova que há agora: a *Pia União dos Cruzados de Fátima!* Confesso que gostei da explicação que êle deu...

—E nem podias deixar de gostar, rapaz! O seu fim é conseguir orações e esmolas para os trabalhos de *Acção Católica*. E a *Acção Católica*, se a soubermos desenvolver, impedirá que o nosso povo que tem vivido com tanta paz, caia nas mãos dos que querem roubar-te a tua igreja, a tua fazenda, a tua família, a tua liberdade...

— Sim, eu bem sei o que têm feito lá na Rússia!

— Não é preciso ir tão longe. Lembra-te dos horrores praticados aqui ao lado, em Espanha, nos dias trágicos da última revolução. Tu já deves saber...

«A *Acção Católica* fará os operários mais cumpridores e os patrões mais humanos, menos apegados ao dinheiro, mais zelosos do bem-estar das famílias dos seus operários, sem os quais os seus bens pouco produziriam.

— Mas, ó sôr professor, o que *me deu no gôto*, foi os tais *Cruzados!* Eu até supús que era por se pagar um *cruzado!* Mas diz que não, que o menos que se pode dar, são dois tostões...

«Que eu cá, hei de dar, pelo menos, um *cruzadito!* E estou convencido que cá na terra, ninguém durá menos que um *cruzado* para uma coisa tão boa e tão precisa!...

— Dizes bem, João. Os inimigos da Religião e da Pátria não se poupam, sacrificam-se muito, até a própria vida, pelos seus ideais inspirados pelo demónio. Alguns chegam a passar fome.

E nós havemos de estar a regatear o nosso óbulo para impedir que êles desmoralizem os nossos filhos e façam dos nossos filhos, salteadores?!

«Se todos, por êsse país além, falarem como tu, a *Acção Católica* irá longe. Sim, e tu, bem sei que não és rico. Vives quási só do teu trabalho, e tens mulher, mãe e quatro filhos a sustentar...

— Mas ainda me não disse donde é que veem os tais *Cruzados*, que me fazem confusão.

— Olha, rapaz, a conversa já foi longa, eu ainda tenho de ver muitos cadernos para amanhã. E o inspector deve estar a aparecer por aí. Tens de voltar noutro dia, e então te contarei coisas muito interessantes a êsse respeito.

Verás como foi bem escolhida esta designação.

«No entanto, não quero que vás em branco. Os turcos, os *mouros* como vocês os conhecem, tinham-se apoderado das terras onde Nosso Senhor Jesus Cristo viveu, prègou a Sua doutrina sublime, padeceu e morreu para nos resgatar dos nossos pecados.

«Tudo tinha ido parar às mãos dêles, inclusivé o próprio sepulcro onde o Corpo do Senhor repousou três dias.

«Uma onda de indignação dominou os cristãos, que organizaram uns exércitos para irem pôr termo aos sacrilégios que aquêles herejes lá cometiam.

E como o distintivo era uma cruz, daí veio o nome de cruzados para os soldados, e de Cruzadas para estas expedições!

«Por hoje, temos de ficar por aqui, porque tenho ainda muito que fazer.

— Obrigado, *sôr* professor, até à primeira!

X.

PARA RIR

Dois provincianos disputavam num tribunal a posse dum riacho.

O juiz censurou-os: — «Terem-se agredido, por uma coisa de tão pouco valor...

Diz-lhe o escrivão, que estava ao lado: — É que V. Ex.ª não sabe que êles são negociantes de vinho...»

* * *

Um sujeito que vivera mal, estava a fazer testamento:

— Deixo a minha alma a Deus,

E o tabelião, entre-dentes:

— Não me parece que êle aceite o legado!

* * *

Num hotel, um hóspede pede a outro o saleiro.

— O sr. julga que eu sou algum criado?!

— Perdão. Julgava que fôsse um cavalheiro!

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

O ALMOÇO

Que toma V. Ex.ª
ao seu primeiro almoço?
O café com leite, leva muito tempo a preparar... e porisso nem sempre está pronto a horas.
Prove o

NESCAO

sádio, substancial, saboroso e económico, preparado num instante com água ou leite quente.
O **NESCAO** agrada, sustenta, fortalece. É um excelente alimento, leve, nutritivo e saboroso.

O NESCAO É UM PRODUTO NESTLÉ

Ano XIII — Fátima, 13 de Fevereiro de 1935 — N.º 149

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 150-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

A Raínha do Céu em FÁTIMA

«Fátima é um brasido extraordinário onde se deparam as almas na sua ascensão para Deus... Fátima é a própria fé secular de Portugal cantada pelas crentezas e crenteses de milhar de portugueses que ali acorrem. Fátima é o nosso terra bendita aos pés da sua soalheira e abençoada Padroeira!...»

(Do Revolução Nacional, de Lisboa, em 16-V-934).

Realizando insondáveis e misericordiosos designios do Altíssimo, a augusta Mãe de Deus dignou-se baixar da mansão da glória a esta pobre terra de Portugal para estabelecer num planalto árido e estéril da Serra de Aire o trono magnífico e resplandecente da sua beleza, do seu poder e da sua bondade.

Formosa como a lua, eleita como o sol, mais brilhante que as estrêlas — escabelo de seus pés imaculados — não há escultor que seja capaz de traduzir no mármore a sua beleza, não há pintor que a logre reproduzir na tela, não há poeta que tenha o condão de a celebrar condignamente em versos de piedosa e sublime inspiração.

Pelo privilégio inefável da sua conceição sem mancha, a natureza humana encontra-se nela restaurada na sua integridade perfeita, com o harmonioso equilíbrio que possuia no estado de justiça original e que a culpa de nossos primeiros pais lhe roubou.

Tôda bela, *tota pulchra*, como lhe chama o Antigo Testamento pela voz do Espôso dos Cantares, cheia de graça, *gratia plena*, como a proclama o Arcanjo S. Gabriel no início da Nova Lei, Ela é a obra-prima das mãos do Criador e o objecto das suas complacências.

Ela é o Jardim fechado, *hortus conclusus* em que florescem tôdas as virtudes, desde as mais singelas às mais excelsas, perante as quais as gerações se ajoelharam sempre cheias de admiração e de respeito.

E esta formosura peregrina desceu à nossa terra de Portugal, tocou com os seus pés virginais a humilde azinheira da Cova da Iria e apareceu aos videntes mais bela que tôda a beleza, deslumbrando-lhes os olhos, transfigurando-lhes as almas e seduzindo-lhes os corações.

E, embora já não nos reste senão o reflexo dessa beleza sobrehumana, somos testemunhas de maravilhas semelhantes que se renovam, a cada momento, nesse lindo cantinho do Céu, que é a Cova da Iria, onde

anos pastores e Virgem Maria
quis rasgar dos mistérios o véu.

Aquela que no seu colóquio com o mensageiro celeste, que lhe anunciava o adorável mistério da Encarnação do Verbo Divino, manifestou o seu desejo de recusar a sublime dignidade de Mãe de Deus, se, para a possuir, tivesse de sacrificar a sua virgindade e a sua angélica pureza, e que no cântico inspirado do *Magnificat* se proclamou grande, porque o Senhor se dignou olhar para a humildade da sua serva, estabeleceu em Fátima o trono do seu poder sempre em acção contra os inimigos eternos da glória de seu Filho e da salvação das almas: o orgulho e a sensualidade.

A nossa época, impregnada de racionalismo e de agnosticismo e elevada de laicismo até à medula, pretende divinizar a razão, a sciência e o homem.

São estes os deuses da hora presente. Fátima lança-lhes em rosto um repto solene e permanente.

Afirma contra êles as realidades de ordem sobrenatural e coloca-as, por assim dizer, ao alcance das suas mãos.

Por mais que neguem, por mais que zombem, por mais que tentem desnaturar os factos, os orgulhosos pseudo-sábios passam e desaparecem como sombras vãs, emquanto o Credo das multidões cada vez mais compactas se reforça e se amplifica na esplanada imensa do recinto sagrado das aparições.

Mãe por natureza do Filho de Deus incarnado, Mãe dos homens por adopção feita aos pés da Cruz no alto do Calvário, Maria é cheia de bondade e é-o, dum modo muito particular, na estância bemdita de Fátima.

Ali, naquele teatro divino de graças e de prodígios, Ela prodigaliza as provas da sua ternura maternal às misérias físicas que minora sempre e que às vezes se compraz em curar.

Mas são sobretudo as misérias morais que lá encontram lenitivo e remédio em proporção muito mais larga.

Após a missa solene do meio-dia, ressoam na esplanada da Basílica as invocações plangentes da ladainha dos enfêrmos.

Elas suplicam ressurreições corporais. Mas é incontestável que provocam com maior freqüência milagres muito mais assombrosos, pôsto que invisíveis, de ressurreição espiritual.

E êste ministério de bondade que a Raínha do Céu exerce no seu santuário predilecto suscita numerosos imitadores.

Fátima é, verdadeiramente, o reino da bondade, do amor e da caridade fraterna.

Que tôdas as almas devotas de Maria Santíssima vão em piedosa romagem ao augusto Santuário Nacional de Fátima para aprenderem, naquela divina escola dos máis santos e sublimes ensinamentos, as maravilhas da beleza, do poder e da bondade da excelsa Raínha do Santíssimo Rosário!

Visconde de Montelo

O SANTO PADRE PIO XI

No dia 6 de fevereiro comemorou-se a eleição do Santo Padre Pio XI e no dia 12 o aniversário da Coroação

«Deus o conserve, e o defenda dos seus inimigos»

Respeitemos os Sacerdotes

Não há nada que mostre melhor se um homem é ou não bom cristão do que a sua atitude com os Sacerdotes.

Sabemos pela nossa santa Fé que N. Senhor Jesus Cristo viveu na terra muito pouco tempo e ocupou-a pouco nas suas necessidades espirituais. Nasceu na Judeia, insignificante província do Império Romano, um cantinho do mundo então conhecido. Ali viveu uns 30 anos e percorreu a pé a Palestina, pregando, ensinando e chamando para junto de si dos Apóstolos. Curou os doentes e perdoou os pecados; mas não entrou no plano de seu Eterno Pai que Êle convertesse o mundo. Estabeleceu a Santa Igreja e deu aos seus Apóstolos grandes poderes espirituais. Entre outros concedeu-lhes o poder de ordenar sacerdotes, poder que transmitiram aos seus sucessores, — os Bispos da Santa Igreja, — de sorte que até ao fim do mundo haverá homens na terra que terão de N. S. Jesus Cristo o ofício sacerdotal de ajudar a salvar, em seu nome, as almas.

Quando um homem é ordenado sacerdote, recebe em sua alma um carácter espiritual e é investido de poderes espirituais que o tornam, por assim dizer, um outro Jesus Cristo. Fica assim embaixador de Jesus Cristo. As suas palavras são palavras de Jesus Cristo quando êle fala conforme as instruções do mesmo Senhor, fala em nome de Jesus Cristo. Êle tem o poder de perdoar os pecados no sacramento da Confissão, e o poder de oferecer o sacrifício da Missa, no qual Deus transforma o pão e o vinho no corpo e sangue do seu Divino Filho.

Estão todos um carácter sagrado, completamente independente do seu carácter pessoal.

Os poderes do sacerdote não dependem da sua santidade individual

O sacerdote mais indigno da terra pode perdoar os pecados com a mesma eficácia que o sacerdote mais santo que haja no mundo. O maior dos pecadores mesmo leigo pode baptizar tão validamente como o católico mais piedoso. Assim na administração dos sacramentos, o ofício sacerdotal não recebe a sua eficácia da virtude pessoal do sacerdote. As acções sacerdotais são acções de Jesus Cristo e é o poder do mesmo Senhor que os faz poderosos para salvar as almas dos homens.

Seja pois qual fôr o carácter da personalidade do pobre ser humano que é sacerdote, o seu carácter, como embaixador de Jesus Cristo, é sempre santo e deve ser respeitado por todos os católicos. Quanto mais viva, fôr a fé dos católicos, tanto maior reverência terão pelo sacerdote. Êles não olham nem consideram elemento humano no carácter sacerdotal, para prestarem reverência à dignidade que Jesus Cristo lhes deu.

Uma comparação ilustrará esta doutrina. Quando ajoelhamos à Bênção solene do Santíssimo e adoramos a sagrada Hóstia, não devemos prestar atenção ao valor da custódia em que Ela é apresentada à veneração. Seria ridículo empregar o tempo em apreciar o valor da custódia, que ela fôsse de oiro puro ou de prata, obra de arte ou sem valor artístico. Nós não reverenciamos a custódia onde se acha a Sagrada Hóstia. É Nosso Senhor Jesus Cristo o objecto da nossa reverência. A Êle nos inclinamos, ajoelhamos e curvamos a cabeça, adoramo-Lo e amamo-Lo: e até algumas vezes podemos sentir uma devoção mais terna quando a custódia é simples, sem adornos e pobre, do que quando é uma obra de arte e adornada com pedras preciosas.

Da mesma forma ganhamos mais mérito e mostramos a nossa fé e amor a Nosso Senhor mais sinceramente, quando prestamos a nossa reverência ao carácter sacerdotal a pesar da indignidade pessoal de alguns sacerdotes indignos. Desde que um homem recebeu o sacramento da Ordem não perde mais o carácter sacerdotal.

Êle leva consigo para onde quer que fôr, a embaixada de Jesus Cristo, podendo usar dos seus poderes enquanto a Santa Igreja o conserva nos ministérios sacerdotais. As bocas que se inibstam ao embaixador, de uma nação amiga, não são dirigidas à pessoa, por maiores que sejam os seus merecimentos próprios, mas ao país que representa. O mesmo sucede com o sacerdote.

Os cuidados da Igreja

A Igreja é extremamente cuidadosa na escolha que faz dos que ordena como embaixadores de Jesus Cristo. Não admite ninguém nos seus seminários que não apresente atestado de bom comportamento e não possua as qualidades requeridas para o bom desempenho dos encargos sacerdotais. Aos que dão sinais de vocação sacerdotal, ela manda dar uma esmerada educação nas letras e virtudes.

São bem estudados o carácter e demais qualidades dos seminaristas e, se algum não mostra os dotes requeridos, é obrigação dos superiores do seminário despedi-lo com tôda a caridade.

Assim a Santa Igreja faz tudo o possível para prover o povo cristão de bons sacerdotes e, tendo em vista o trabalho difícil que o sacerdote tem a seu cargo e dificuldade com que deve atender a todos, os sacrifícios sobrehumanos que têm de fazer, não admira que o clero católico seja a classe de maior respeito e mais edificante de todo o mundo, embora possa haver um ou outro que pela miséria humana não seja o que devia ser.

O bom católico, porém, presta a maior atenção que pode, aos deveres dêsses sacerdotes e trata-os o melhor que puder, do mesmo modo que uma nação não põe os olhos nos delitos pessoais do embaixador do país amigo e presta-lhe as honras e considerações devidas à entidade que representa.

Os católicos e o sacerdote

Há católicos que criticam os sacerdotes. Que proveito tiram para si ou para os outros com essas críticas? Não tem êste encargo. A simples discussão das faltas dos sacerdotes, o criticar as suas acções e os comentários dos seus trabalhos prejudicam-te a ti e às pessoas com quem falas. E quási sempre enganas-te ao julgar que fazes. O que critica será uma falta, quantas vezes não é uma virtude?

O carácter, a boa reputação, a estima dos outros é uma flor muito delicada que um vento agreste pode facilmente fazer secar. É uma coisa lamentável e vergonhosa roubar a boa reputação de qualquer pessoa, mas é um crime tuar o bom nome e a um sacerdote ou diminuir a estima em que êle era tido por outros, porque êle sagrou dessa estima e reputação

(Continua na 3.ª página)

Nossa Senhora de Fátima na matriz de Vila Tibério, Cidade de Ribeirão Preto — Estado de São Paulo (Brasil)

As comemorações do dia treze

Peregrinos ilustres

O dia treze de Janeiro foi um dia explêndido de sol, mas caracterizado, sobretudo durante tôda a manhã, por uma aragem fria e aspera que soprava do norte, fustigando o rosto e as mãos dos peregrinos e entregelando-os. Às 7 horas celebraram, um após outro, o augusto Sacrifício da Missa, na Santa Capela das Aparições, dois missionários das colónias portuguesas da África, um dos quais de naturalidade alemã.

Visitou também nêste dia o Santuário da Lourdes portuguesa o ilustre governador de Moçâmedes, sr. José Pereira Sabrosa, católico praticante e fervoroso que, tendo vindo à metrópole em gôzo de licença, não quis regressar à África a-fim-de reassumir o seu alto cargo sem se despedir de Nossa Senhora de Fátima, Padroeira dos portugueses, visitando-a pela segunda vez no local privilegiado que ela se dignou escolher para trono das suas graças e das suas misericórdias na terra que se ufana de ser a Terra de Santa Maria.

Visita dos escuteiros espanhóis

A nota mais saliente do dia treze, nota viva, alegre e simpática, foi a visita que fizeram à Cova da Iria oitenta alunos espanhóis do Colégio da Curia, representantes de tôdas as províncias espanholas, acompanhados pelo seu venerando director, o rev.mo P.e Ramon Calvo. Incorporaram-se na romagem ao grande Santuário nacional português, a-fim-de implorarem a protecção de Nossa Senhora de Fátima para a sua querida pátria. Tendo chegado ao local das aparições por volta das dez horas, ouviram pouco depois a missa celebrada pelo seu director no altar do pavilhão dos doentes.

A missa, incluindo o cânon, foi dialogada com tôda a perfeição pelos estudantes espanhóis que deram eloqüente testemunho dos acendrados sentimentos de piedade que animavam as suas almas juvenis. À elevação, um terno de clarins fêz o toque de continência como já tinha feito à chegada, em honra de Nossa Senhora, e como tornou a fazer à última missa, a missa dos doentes, a que os piedosos e simpáticos peregrinos estranjeiros também assistiram. A comunhão, todos se aproximaram da mesa eucarística, recebendo o Pão dos Anjos com a devoção mais fervorosa e mais edificante.

Por ordem de Sua Ex.ma Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, foi-lhes dado o café depois da comunhão e mais tarde uma ligeira refeição, pouco antes da partida para Leiria, no regresso ao Colégio da Curia.

Envergavam todos com elegância e garbo a vistosa farda de escuteiros, empunhando muitos dêles bandeiras e gallhardetes. Não obstante o dia treze coincidir nêste mês com um domingo, em que os sacerdotes não podem ir fàcilmente a Fátima por causa da obrigação que têm de celebrar nas suas paróquias e capelanias, houve ao todo sete missas no Santuário, sendo a última a missa dos doentes rezada pelo rev.mo dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria, o qual no fim deu a bênção aos enfermos presentes que eram em pequeno número, como sucede geralmente nos meses de inverno.

Antes da missa dos doentes, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão das associações dos Servos e das Servas de Nossa Senhora do Rosário, subiu ao púlpito e, dando em certo modo as boas vindas aos peregrinos estranjeiros, convidou todos os fiéis presentes a orarem pelas necessidades espirituais e temporais da Espanha.

O sermão oficial

Ao evangelho, o rev.mo Calvo, fêz uma fervorosa alocução, breve mas eloqüente e vibrante, em que agradeceu a saüdação feita pelo capelão-director dos Servitas, frisando que, se havia baliças ou fronteiras materiais entre os dois povos da Península, não as havia de ordem moral, e mostrando que ambos têm sido felizes ou infelizes conforme a vida cristã cresce ou diminue no seu seio. «Nossa Senhora de Saragoça, concluiu o ilustre orador, num repto de oratória, de Covadonga, de Pilar, do Sameiro, e de Fátima, de todos é mãe comum e por isso somos irmãos e como irmãos nos devemos tratar.

Durante as procissões, levaram o andor de Nossa Senhora oito escuteiros espanhóis. Os fiéis que acorreram à Cova da Iria para assistir às comemorações religiosas do dia treze eram em número dalguns milhares. Comungaram às missas cêrca de mil e quinhentas pessoas.

Orações pela pátria

O rev.mo dr. Marques dos Santos, entre outras numerosas intenções, recomendou dum modo especial aos peregrinos que pedissem a Deus por intercessão de Nossa Senhora de Fátima que se dignasse inspirar os poderes públicos de maneira que governassem e administrassem o nosso país com justiça e acêrto. Eram quási dezasseis horas quando os estudantes espanhóis deixaram o local das aparições. Em Leiria apearam-se diante do Hotel Lis e todos formados, rufando os tambores e tocando as clarins, dirigiram-se ao Paço Episcopal a-fim-de cumprimentarem Sua Ex.cia Rev.ma o venerando Prelado diocesano que os acolheu com paternal e cativante bondade.

Visconde de Montelo

Exercícios espirituais

No Santuário de Fátima há-de haver exercícios espirituais para homens — servitas e vicentinos, — podendo ser admitidos outros, se houver lugar.

Principiam no dia 2 de março e terminam no dia 6, de manhã.

Quem pretender inscrever-se, e deve fazê-lo a tempo, queira dirigir-se ao Rev. Capelão do Santuário da Fátima ou ao Rev. dr. Marques dos Santos, no Seminário de Leiria.

"Voz da Fátima"

A tiragem da «Voz da Fátima» no mês de Janeiro foi de

222.000 exemplares

distribuidos da seguinte forma:

Algarve	2.845
Angra	10.991
Beja	1.905
Braga	51.577
Bragança	4.638
Coimbra	10.087
Évora	2.700
Funchal	13.570
Guarda	25.068
Lamego	2.678
Leiria	7.723
Lisboa	3.260
Portalegre	5.360
Pôrto	29.116
Vila Real	28.408
Viseu	6.206
	206.132
Para o estranjeiro	3.455

Os restantes — 12.413 — foram distribuidos pelas cadeias, pobres e no Santuário

Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa no Brasil

DEVOÇÃO DE PORTUGAL Á SANTÍSSIMA VIRGEM

O recente Congresso Eucarístico, realizado em Buenos Aires, foi motivo para a agradável visita, ao Brasil, de diversos dignitários da Igreja católica, cada um mais representativo do que o outro. Entretanto dentre êsses pontífices, máximos pelas suas virtudes e qualidades, um se destaca e distingue, por uma circunstância do relevante apreço: afinidade de raça e de sentimentalidade.

O Em. sr. Cardial dr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, além de tôdas as altas virtudes que exornam a personalidade ilustre dos seus irmãos de episcopado, tem para nós, a mais, a qualidade de ser o embaixador da religiosidade portuguesa, na expressão perfeita e lídima do têrmo. Sua Em.ª encarna, neste momento, a ancestralidade da raça que numa rajada de audácia memorável, galgou os mares, arrancando do ignoto novos mundos para integrá-los na civilização e na crença. O Brasil, florão esplendente dessa série magnífica de gloriosos feitos marítimos, tem, para os lusitanos, uma impressão que assombra e orgulha, porque desde que se aproximam do seu litoral imenso, os descendentes dos heróicos lusíadas, reviventes, por momentos, os anseios que pulsavam nos peitos dêsses titans, que venceram e dominaram em todas as latitudes, deixando como característica do seu domínio, o símbolo sagrado da Cruz. Argonautas descobridores, eram impulsionados pela chama ardente do amor da pátria e a dilatação da fé. E no cumprimento dêsses preceitos ei-los, avante, subindo os mares, vencendo os abismos, dominando as intempéries e implantando na Ásia, na África e na América a civilização cristã. Ao lado dos marinheiros conquistadores, vinham os humildes missionários da sublime doutrina do evangelho, para selarem, com o seu sangue generoso, a obra fecunda que Portugal ia iniciar nas selvas brasílicas.

Graças a êsses humildes roupetas, franciscanos, dominicanos, beneditinos, carmelitas, filhos de Santo Inácio e outros, é que o Brasil recebeu o seu baptismo religioso. País essencialmente católico, arrotcado pela palavra quente, pacífica e evangelizadora dos Nóbregas e dos Anchietas, recebe jubiloso o embaixador da cristandade que a êste abençoado mundo deu tudo que podia dar: a língua e o sentimento.

É uma honra insigne para todos nós a visita de S. Em.ª e então para a mocidade êste prazer deve ser duplo e significativo porque o sr. Patriarca de Lisboa, é ainda e sempre o professor ilustre e querido da Faculdade de Letras da velha Universidade de Coimbra. Quero dizer que o seu coração há-de bater de intensa alegria quando se defrontar com êsses moços estudantes e cheios de vida, que exalam o largo vôo da inteligência nos amplos claustros da nossas academias e escolas. Mestre da verdade, a sua palavra cheia de bolsas e fulgor vai ser bálsamo consolador a dilatar-se na alma crente e juvenil da mocidade patrícia. E ninguém melhor do que S. Em.ª conhece o coração dos moços com os quais conviveu intimamente, largos anos, como director espiritual do Centro da Democracia Cristã, da Academia Católica da Universidade de Coimbra.

Nas suas «Cartas aos Noivos», recentemente publicadas, quantas directrizes não são magistralmente traçadas, com aquela sábia orientação que lhe dá o conhecimento integral da Verdade Divina.

A sua palavra cheia de fé e de patriotismo está sempre ao serviço das grandes causas, desde o «Meu Primeiro Sermão», prègado em 8 de Dezembro de 1911, até às suas últimas frases proferidas no Rio de Janeiro.

Na nossa raça não há que fazer distinção entre criança e patriotismo, tal a simbiose em que vivem e se desenvolvem desde os primeiros tempos da fundação da nacionalidade. Por isso, é que S. Em.ª pôde dizer: «Êste Portugal que é a nossa pátria querida e o nosso maior amor» — é um vasto templo dedicado a Nossa Senhora. Seu nome: Terra de Santa Maria; altares: Jerónimos, onde a alma portuguesa voou ao céu num arrôubo místico em visões de luz, e a Batalha, que é uma lápide à epopeia da fé e patriotismo; Aljubarrota, que foi quási um milagre, e Montes Claros, um triunfo — os troféus; a nossa fé patriótica é o lampadário a arder diante do tabernáculo sagrado da pátria; naufrágios?... jazem por aí dispersos, num sólo que relembra epopeias sublimes de sublimes heroísmos, fazanhas de lenda, contos de heróis, ou em manchéus riquíssimos em que a arte bríncou lavranterias e a piedade depôs gemas e uma cruz.

Que importa que nos roubem as igrejas?!

Êste sólo bendito da Pátria já o beijou o sangue dos heróis e as pisadas dos santos; faremos dêle o pavimento de uma vasta igreja que terá por tecto o firmamento e por lúmes as estrêlas... e quando o último sacerdote cristão cair, vítima heróica do seu dever, no campo da honra, ah! a alma cristã, sem padre nem altar, purificará aí tendo a harmonia das esferas por sequestra, e subirá ao céu, rompendo num hino:

Glória a Deus! Eis aberto o livro imenso
O livro do Infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escrito!

E prosseguindo na sua formosa oração, lembrando-se dos jovens, que hão-de formar a sociedade de amanhã, diz-lhes, em frases cheias de doçura e beleza: «Mocidade que vais pela vida fora a rir e a sonhar por um caminho juncado de rosas e alumiado de estrêlas; irmã da graça e das manhãs puras do Abril, dos anjos e do luar; filha de Deus que teus pais puseram na terra florir a vida; gaia de ideal num diamante de pureza: Sursum Corda! eleva para o alto o teu coração, oxigénio do ideal a tua alma: que o teu olhar ao fixar o céu, sonda nêle constelações de estrêlas: tem um ideal e sacrifica-te: sê generosa; crê!

E Oliveira Martins foi surpreendido de-certo pela aparição no céu, pouco depois que se despedira d'Ela, na terra, saudando-a pela última vez, amparado à espôsa: Ave-Maria, cheia de graça...

As multidões nunca se cansaram de A amar. E que no amor como na oração não pode haver excesso, disse Vitor Hugo, e, pelos séculos em fora, elas têm tido acolhedor-es sob o seu olhar milagroso.

A História portuguesa é a apoteose de um nome — Maria. Nesse longo arranco de esforço e fé que é a nossa história, reúne como um grito de vitória o verso de João de Lemos:

Ave-Maria que és nossa
Padroeira, crença e mãe,
Portugal outra não tem
Mais bela, nem que mais possa.

Que as almas puras e cheias de fé, prestem a Sua Eminência as homenagens a que tem direito o Mensageiro da cristandade portuguesa, como representante dos ancestrais que um dia, em terras virgens de Piratininga, implantaram com o lábaro augusto da Cruz o gérmen fecundo de civilização e de patriotismo, que se derramou de quebrada em quebrada por tôda a terra bendita do Cruzeiro.

Norberto Jorge

De «O Estado de S. Paulo».

E vós Estrêla polar dos navegantes, salvai
Senhora, a nossa Pátria erra também na bruma cerrado da incerteza.
Ruge temporal desfeito sôbre ela. Salvai-a, Senhora!
Senhora! Não fomos nós que vos expulsámos da vossa terra—
«Jardim da Europa à beira-mar plantado
de loiros e acácias cheirosas;
de fontes e arvoredo serpeado,
onde em cedro espontão e requintado
ressoa por brandas alterosas,
se casam em festões, jasmins e rosas,
balsa virente da eternal magia
onde as aves gorgeiam noite e dia:
tôda confessamos, Senhora a vossa realeza, nós queremos que vós Senhora, sejais
hoje e sempre a Padroeira de Portugal. Salvai-o, Senhora!

Devoto da Virgem, como todo o bom português, o seu júbilo extasia-se na contemplação mística das obras de arte que no país irmão afirmam a fé e a dedicação à gloriosa mãe de Deus, e esclarece o sentido dêsse culto, que nada tem de banal ou de fetichista, citando o depoimento de vários escritores contemporâneos, que de maneira sincera, em momento de solene inspiração, deixaram algumas verdades. Em obras primas, a alma portuguesa deixou eternamente vincado o seu amor a Maria. Construiu-as de joelhos, com lágrimas — as lágrimas de amor e inspiração.

Ah! não se diga que o culto de Nossa Senhora é uma superstição grosseira. Ela é a glória do género humano, e o seu culto a satisfação sublime das mais caras aspirações do coração do homem. Como seria triste o céu do pecador, se, ao elevar até êle os olhos chorosos, não encontrasse o olhar terno e compungido de uma mãe, aquecendo-o ao pobre que tirita, consolando-o no infeliz que sofre?... foi assim, consoladora meiga das almas, que, num sonho todo feito de incertezas, Quental viu o seu olhar de piedade, e (mais que piedade) de tristeza, e que, num arrôubo tocante, a desgraçada lhe suplicou:

Ó visão, triste e pisalosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Nossa Senhora de Fátima no estranjeiro

Festa em honra de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Matriz de Vila Tibério — Cidade de Ribeirão Preto — Estado de S. Paulo (BRASIL)

A colónia portuguesa domiciliada nesta próspera cidade paulista, de ha muito vinha cogitando no melhor modo de prestar honras públicas a N. S. do Rosário de Fátima, concorrendo assim para a intensificação do louvabilíssimo culto à Raínha do Rosário que se dignou espalhar uma chuva de bênçãos sôbre o berço querido — Portugal. Para isso, organizou-se uma comissão composta dos senhores: D. Isaura dos Santos Souto e esposo, Manuel Duarte Ortigoso e esposa, Manuel Picão e esposa e António F. Vieira e esposa, a cargo da qual ficou o angariar donativos para a aquisição de uma rica Imagem de N. S. de Fátima e a organização dos festejos projectados. Conseguidos os donativos necessários, oferecidos por portugueses e brasileiros irmanados no veemente desejo de honrarem muito à Virgem Santíssima de Fátima, adquiriu-se a imagem que foi entregue à Igreja Matriz de Vila Tibério. A sua bênção teve lugar no dia 10 de outubro findo, celebrando-se tridno nesse dia e nos dias 11 e 12. Foi convidado o senhor Cónego dr. Assis Barros, digníssimo cura da Igreja Catedral desta cidade, que muito amàvelmente acedeu ao convite, para prègar durante o tríduo. A assistência era numerosíssima. No dia 12 à noite, houve a procissão das velas, com extraordinária afluência de povo, durante a qual foram distribuídos impressos com a estampa da Virgem do Rosário de Fátima e com orações para sua novena. A rica Imagem foi durante a procissão transportada em belíssimo andor, acompanhada por inúmeros estandartes das associações pias da paróquia. No dia 13, às oito horas da manhã, foi celebrada missa cantada, tendo como oficiante o rev.mo P.e Missionário Vítor Artabe I. C. M., muito digno vigário da paróquia, o qual subiu à tribuna sacra, produzindo emocionante sermão alusivo à Virgem Santíssima festejada. E assim se encerraram os festejos a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A imagem foi colocada num dos altares laterais da supra citada igreja e entregue ao patrocínio da Liga de Acção Católica «Jesus, Maria, José». Actualmente está-se confeccionando magnífico estandarte com a imagem de N. S. de Fátima, dos pastorinhos e ovelhinhas, reprodução do local das aparições. Dòravante todos os dias treze de cada mês, haverá missa celebrada no altar de Nossa Senhora de Fátima, em honra da mesma. E assim o Brasil, êste imenso país, católico na absoluta maioria de seu povo, vai a passos gigantescos, prestando culto a N. S.ª de Fátima, fazendo assim jus à participação nas bênçãos de que foi inundada a velha nação irmã — PORTUGAL.

Inauguração do Culto de Nossa Senhora de Fátima em Freiburg

Ansiedade com que é esperada a imagem de Nossa Senhora de Fátima feita em Portugal — Chega a 13 de Novembro — Admiração causada no povo — Criancinhas e pobres dão as suas esmolas para a compra da imagem — A primeira esmola de um marco (cêrca de 9 escudos) é dada por um protestante — Lindos episódios — Carta do sr. Presidente da Ordem alemã dos Cavaleiros de Maria ao Sr. Bispo de Leiria

Quando em Março do ano passado nos resolvemos a mandar vir de Fátima uma imagem grande e bonita de Nossa Senhora, para a colocarmos, com a competente permissão das autoridades superiores da Igreja, à veneração pública na nova igreja de S. Conrado, não pensávamos que ela demorasse tanto a chegar até nós. E como quanto mais tempo a Mãe se demora fora de sua casa, tanto mais a sua chegada é esperada com ansiedade pelos filhos, o mesmo se deu connosco. À semelhança dos bons filhos que combinam entre si como hão de dignamente receber sua Mãe, quais as pequeninas atenções e presentes infantis com que lhe hão-de demonstrar a sua grande alegria, também nós procurámos primeiro que tudo preparar as almas para a chegada da Raínha do Santíssimo Rosário na Sua imagem. Zelosos devotos de Maria conseguiram recrutar pouco a pouco para cima de 3.000 pessoas, homens e mulheres que rezassem todos os meses, durante algum tempo, um rosário na intenção de que a Raínha do Santíssimo Rosário trouxesse consigo uma chuva de graças e para que o amor e veneração à mesma Senhora criasse raízes cada vez mais fundas nos corações dos católicos de Breisgau.

Quando, pois, nos fins de Setembro recebemos do Ex.mo Senhor Bispo de Leiria, sincero amigo da Alemanha, a notícia de que a imagem destinada a Freiburg, provocava a admiração geral na Exposição Colonial do Pôrto devido à sua perfeição artística; que ainda nessa mesma semana a benzeria e a tocaria na imagem que está em Fátima e que então a enviaria de navio para Hamburgo, a nossa alegria foi completa.

Porém ainda mais uma vez tínhamos de refrear o nosso amor e o nosso entusiasmo, pois só depois de seis semanas, a 5 de Novembro, recebemos de Hamburgo a comunicação de que a imagem tinha chegado e que ela-la-iam conviar. Num dia 13, 13 de Novembro, chegou ela pelo caminho de ferro aqui a Freiburg, e num sábado, 17 de Novembro, podemos finalmente saudar pela primeira vez a imagem de Nossa Mãe do Céu tão ansiosamente esperada. A longa prova de paciência e de espectativa foi riquissimamente recompensada. Uma admiração geral nos emmudeceu quando caiu a cobertura que escondia a imagem. Que amor à nossa Augusta Raínha devia ter animado o abençoado artista quando entre cada dedo da mão! Até na perfeição das mais pequeninas minúcias e delicadezas se manifesta a aspiração de fazer a imagem da Mãe de Deus o melhor e o mais bela possível e por êste meio servi-la com todo o seu saber.

Por isso o amor e enlêvo com que esta imagem foi feita, nos comoveu a todos profundamente.

Também os nossos pensamentos voaram ao mesmo tempo até ao grande Santuário Mariano do londoso Bispo a quem tantíssimo devemos agradecer o nosso novo Tesouro. Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria aparecia tanto o trabalho e espírito alemão que todos os anos se fornece com milhares de artigos alemães para o Santuário de Fátima, tornando-se assim um verdadeiro elo nas relações económicas entre Portugal e a Alemanha. O dia 25 de Novembro, dia em que a igreja de S. Conrado festeja o seu Patrono, foi destinado para a entrada solene de Nossa Senhora. Cheios de esperança se aprestavam para a igreja todos os paroquianos e muitos devotos de Fátima, para saudarem pela primeira vez a Senhora. Um silêncio solene reinava no recinto espaçoso quando a admirável imagem da Raínha do Rosário se mostrou à luz dos projectores aos olhares maravilhados. E quando o prègador falou acêrca das três mensagens: a da *pénitência*, a de *amor* e a da *oração*, tornou-se evidente para muitos, que Fátima dirige essas palavras aos homens de hoje e especialmente aos homens de amanhã. A festa foi abrilhantada com cânticos a várias vozes pelo côro da igreja, e com cânticos a Nossa Senhora por todos os devotos. Sôbre todos sobressaía o clarim Ex. Mariam (abençoai-nos oh! Maria). Quando rezou o último verso — «Abençoai todos os irmãos, abençoai todos os lares», sentíamos que Nossa Senhora espalhava lá do Céu as Suas bênçãos sôbre nós.

E agora Ela ali está! Para nós, «Cavaleiros de Maria de Freiburg», começa um santo preito de amor junto da imagem da Nossa Senhora e Raínha. Nós queremos amá-LA a Ela, cuja magnífica imagem veio até nós! Queremos cada vez mais ganhar o amor dos homens para com Ela! Todos nós queremos ir até junto dÊla, da Raínha do Santíssimo Rosário, da Medianeira de tôdas as graças! Como Ela tem generosa e magnificamente recompensado a nossa confiança! Não nos tem Ela revelado amorosamente o que espantosa e largamente gastámos com a sua imagem! Como Ela comoveu duma maneira especial os corações dos pequeninos e dos pobres que com as suas esmolinhas quiseram contribuir para a imagem da Mãe de Deus!

Não nos tem Ela demonstrado claramente por meio de varios acontecimentos que se entrelaçam como uma grinalda de alegres flores à volta da nossa acção mariana, quanto lhe é agradável o zêlo dos seus filhos na ex-

Manifestação dos fiéis da paróquia de S. Conrado (Freiburg) à chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima ida de Portugal

pansão do reino de Maria? O primeiro marco para a imagem de Nossa Senhora foi dado expontâneamente por um jóvem protestante. Um outro jóvem, protestante também, mandou uma enorme quantidade de belos ciclamens brancos para adornarmos a imagem de nossa Mãe. Muito antes da imagem chegar, senhoras piedosas distribuiram as velas que se deviam acender à chegada da santa imagem. Uma velhinha de 80 anos que anda com dificuldade encostada às suas muletas são se cançou de subir e descer escadas para recrutar os seus conhecidos para o rosário mensal. O seu zêlo crescia à medida que ela notava, cheia de espanto e gratidão para com a Mãe celestial, que os seus pés inflamavam de tal modo que hoje põe de parte as muletas, o que, há algumas semanas, lhe parecia impossível. Já se têm verificado graças extraordinárias que não relatamos neste momento para não tornar mais longa esta notícia, mas fá-lo-emos no próximo número de Fevereiro.

Não se passa um minuto do dia em que encontremos junto da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima na nova igreja de S. Conrado, piedosos devotos de perto e de longe. Vamos a Maria nossa Mãe! Contemos-Lhe todos os nossos cuidados grandes ou pequenos! Peçamos-Lhe à Poderosa junto do Trono de Deus, que do Céu Ela nos abençoe, que Ela seja a nossa Protectora nos dias vindouros e que estenda o Seu manto sôbre o nosso querido Freiburg, e sôbre tôda a nossa querida Pátria!

(Tradução do «Bote von Fátima» número de Janeiro).

Carta do Ex.mo Presidente da Ordem alemã dos Cavaleiros de Maria ao Sr. Bispo de Leiria

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Leiria.

Permita Vossa Excelência, que eu em nome da Ordem Alemã dos Cavaleiros de Maria de Freiburg lhe agradeça a linda imagem de Nossa Senhora que daí recebemos. Eu não sou competente para apreciar devidamente uma tão bela obra de arte. Peço a Vossa Excelência queira transmitir ao abençoado artista o meu agradecimento. O que acima de tudo me alegra é que o artista na sua inspiração procurou executar o melhor possível a imagem da Celestial Mãe de Deus, preocupando-se com as mais pequeninas minúcias e delicadezas a manifestando o seu amor e sentimento profundamente religioso.

Certamente o Altíssimo lhe dirigiu o trabalho, pois uma imagem de tão sublime beleza e artística perfeição não podia ter sido feita só com o poder terreno. Que a Virgem Puríssima o recompense do que êle nos dá, dando-nos a Sua imagem.

A Vós, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor, queremos dar a certeza de que nos empenharemos em aumentar o amor e veneração a Nossa Senhora de Fátima nêstes lugares, e pedimos a Vossa Excelência se digne depôr aos pés da Misericordiosa Mãe de Fátima esta nossa intenção para que a nossa sublime Padroeira nos conceda a Sua bênção celestial.

Profundamente agradecido e com a maior consideração,

Sou de V. Ex.ª
R. Johan Josef Faeh

Nossa Senhora na Liturgia

Dum interessante estudo — O culto de Nossa Senhora e a Liturgia — por Justino, em vias de publicação, damos o seguinte excerto:

Festa dos Esponsais de Nossa Senhora na Liturgia Bracarense

A augusta Liturgia canta no Ofício próprio: «Celebremos com toda a devoção os Esponsais da Beatíssima Virgem Maria, para que ela interceda por nós ao Senhor Jesus Cristo».

O Evangelho da Missa diz que «Após os esponsais de Maria com José, e antes de viverem juntos, pareceu que ela trazia no seio o fruto concebido do Espírito Santo. José, seu esposo, como homem justo que era, e decidido a não a difamar, pensava em a abandonar discretamente. Ora, quando êle pensava nisto, um Anjo do Senhor apareceu-lhe e disse-lhe: —José, filho de David, não receies receber em casa a Maria, tua esposa, porque o fruto que ela concebeu foi produzido nela por obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem chamarás Jesus, Salvador, porque êle salvará o seu povo do pecados.

É dificultosa a compreensão dêste trecho do Evangelho a quem não conhecer os usos matrimoniais entre os judeus; estudêmo-los resumidamente, com o auxílio seguro de Leroy.

Os judeus distinguiam nêste acto importante da vida — a *promessa*, os *esponsais* e o *casamento*. A promessa precedia os esponsais, e fazia-se depois dos primeiros encontros. Depois da promessa vinham os esponsais: o jovém enviava à donzela um anel de ouro ou qualquer presente de valor, e às vezes um simples escrito assinado por sua mão, pelo qual se comprometia a casar com ela. Em geral, o casamento celebrava-se um ano depois, e durante êste tempo preparava a noiva o seu enxoval, juntando o preciso para garantir a prosperidade da família.

A celebração do casamento tinha lugar, e só então os esposos passavam a viver na mesma casa em comum; o esposo era dispensado do serviço militar durante um ano.

Os usos matrimoniais diferiam muito dos nossos, e as palavras que se traduzem por *promessa, esponsais, casamento*, tinham na sua língua significação diferente da que teem na nossa.

O acto que os judeus chamavam *promessa*, era o que nós chamamos *esponsais;* o compromisso que êles designavam com o nome de *esponsais*, era o casamento propriamente dito: e o que êles chamavam *casamento*, era apenas a solenidade externa, uma *formalidade legal*.

Pela promessa, os jovens empenhavam a sua palavra um para com o outro, mas, perante a lei, não contraíam nenhuma obrigação, podendo essa promessa ser anulada só pela vontade de um, sem formalidades legais.

Apliquemos agora êstes dados ao caso de Maria e S. José. No momento da Anunciação, eram noivos no sentido judáico, isto é, verdadeiramente casados. Só faltava a celebração solene do casamento, que se realizou em seguida à aparição do Anjo a José, narrada por S. Mateus.

Eis a razão porque S. José não acompanhou Nossa Senhora na sua visita a S.ta Isabel e Zacarias; enquanto o seu casamento não fôsse celebrado públicamente, o costume proibia-lho.

Desta forma se compreende a ignorância de S. José acêrca da Imarnação; vivendo separada de seu esposo, Maria não tinha obrigação de lhe falar, antes tinha muitas razões para guardar silêncio.

Que provas poderia ela aduzir de tal maravilha, até aí sem exemplo? A sua humildade repugnava confessar a uma criatura, mesmo a S. José, a incomparável dignidade de Mãe de Deus, a que acabava de ser elevada.

Finalmente, sendo a empresa tôda divina, e parecendo que Deus a reservava tôda para si, Maria deixou-lhe a direcção e os cuidados dela, guardando por isso completo silêncio; confiou em Deus, e esperou que Êle falasse a José, como falara a Zacarias e Isabel.

Assim se explica a dúvida de S. José, expressa no Evangelho de S. Mateus, e a resolução que tomou de abandonar Maria discretamente, resolução que pôs de parte logo que Deus o esclareceu por um Anjo.

Igreja dos Congregados

Uma obra de arte

Dum nosso prezado colega do Pôrto transcrevemos com a devida vénia a seguinte notícia:

«A notícia andava no ar. O repórter farejou-a, confirmou, manobrou habilmente o botão do aparelho receptor e deixou a onda.

Disse-se que um grupo de amigos da Confraria de Santo António dos Congregados resolvera dotar aquêle grandioso templo com um melhoramento importante.

Nesta época de renovação, em que a palavra «melhoramentos» soa por tôda a parte, aticaram-nos a curiosidade, o desejo de saber de que se tratava.

Um melhoramento numa igreja! grandes obras de reparo, de transformação, ou quê?

—Trata-se dum novo Sacrário, disse-nos alguém.

É uma imponente, de grande estilo e destina-se ao altar-mór.»

Como esta notícia provocou um certo movimento de curiosidade em nosso meio artístico, procurámos colher informações, conseguindo averiguar que o novo Sacrário destina-se ao altar-mór da igreja dos Congregados, e que vai ser oferecido à Confraria de Santo António por um grupo de benfeitores, está sendo executado, de facto, nas oficinas da Ourivesaria Aliança, como o dá a perceber a notícia transcrita.

Tanto basta para se poder afirmar que se trata duma autêntica, duma preciosa obra de arte.

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefones P. B. X. 2 2331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO

Telefone 4193

AGENCIAS EM TODO O PAIS

Drogaria de Adelino Costa, Lt.

Importação directa de todos os artigos para fábricas, Produtos químicos e farmacêuticos.

Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxófre, cimento, etc., etc.

Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras

PULVERIZADORES DE TÔDAS AS QUALIDADES

77, Largo de S. Domingos, 79

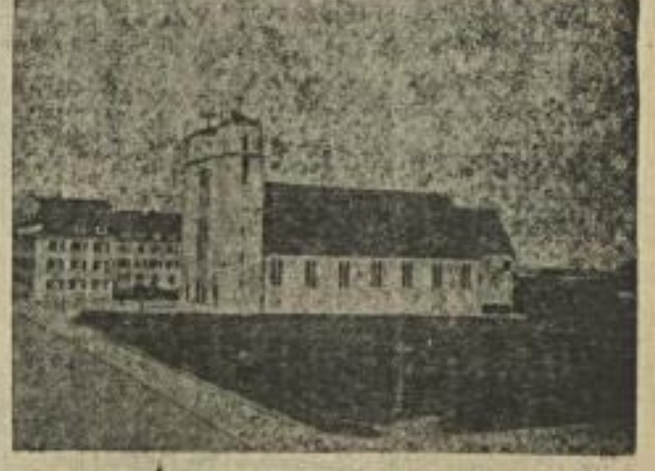
Telefone 366 — PÔRTO

Artigos religiosos

Os peregrinos da Fátima encontrarão a entrada da Avenida Central, já dentro do recinto murado, duas casitas onde podem comprar artigos religiosos que ali estão à venda por conta do Santuário.

* * *

O Sr. António Rodrigues Romeiro é a pessoa encarregada pelo Santuário de mandar pelo correio os pedidos de artigos religiosos, livros sôbre Fátima ou ágna do Santuário.



Igreja de S. Conrado, em Breisgau, junto a Freiburg, onde foi inaugurado com licença do Senhor Arcebispo o culto de Nossa Senhora de Fátima

PÔRTO RAMOS-PINTO

Migalhas de doutrina

O DIVÓRCIO

Desde que o casamento religioso se realizou vàlidamente, isto é, sem impedimento que o anulasse, e está consumado, ninguém, nem mesmo o Santo Padre, pode permitir o divórcio. O laço matrimonial à face da Igreja é indissolúvel; só a morte duma dos cônjuges o pode quebrar.

Tôdas as razões de interêsse material, incompatibilidade de génios ou outras, anulam-se diante da ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo: *o que Deus uniu, o homem não separe*, como se lê no Evangelho de S. Mateus, cap. 19, v. 6.

Devem, por isso, os noivos pensar bem no acto solene que vão realizar, no sacramento que S. Paulo chama «grande», (Epístola aos Efésios, cap. 5, vrs. 32), que vão receber, nas responsabilidades que assumem um para com o outro e suas famílias e sobretudo nas obrigações que contraem para com os filhos que Deus lhes conceder.

O divórcio é a maior calamidade que pode existir numa família, um mau exemplo para a sociedade.

E não vão os desgraçados que se divorciam e contraem novas uniões, embora assinadas pelo registo civil, esperançados em que a morte do cônjuge verdadeiro virá deixá-lo livre para se matrimoniarem à face da Igreja, porque, além de ser pecado desejar a morte do próximo, ninguém tem a vida segura e não pode realizar o casamento sem obter dispensa do novo impedimento chamado: impedimento crime.

Procurem, pois, os casados auxiliarem-se mútuamente a levar a sua cruz, pedir a Deus que os ajude a guardar a fidelidade que se prometeram e viverão felizes, amando-se e pela educação, cuidada dos filhos prepararão a continuação da sua família.

Três preguntas distintas
e
Uma só resposta necessária

1.ª — Quares apoderar todo o fruto moral das tuas comunhões?
—Lê e observa as regras e as orações afectuosas do precioso livrinho intitulado:

«A Minha Comunhão Diária»
(Preços 2$50 e 3$00 pelo correio)

* * *

2.ª — Quares anotar os melhores acontecimentos da tua vida e registar as graças particulares que a Divina Providência te faz?
—Usarás então o livrinho:

«Memórias Breves da minha breve vida»
(Preços 2$50 e 3$00 pelo correio)

* * *

3.ª — Quares instruir-te e progredir no amor apaixonado a Jesus Cristo?
—Meditarás a Paixão no livrinho em verso e prosa:

«Via-Sacra Reparadora»
(Preço, 1$50)

Estes livros devem pedir-se:
ou
à Comissão Cultural
ou
ao P.e Alberto Gomes, de Travassos (Póvoa de Lanhoso)

Concurso LITERARIO

A «Voz da Fátima» aceita contos para serem publicados nêste jornal com as seguintes condições:

1.º O assunto será moral, religioso e, de preferência, marial;

2.º o português puro, correcto, claro, popular;

3.º o diálogo vivo, animado;

4.º original;

5.º escrito à máquina ou, pelo menos, com boa caligrafia;

6.º A redacção reserva-se o direito de o publicar ou não e em caso algum restituir os originais;

7.º Ocupar uma coluna do jornal;

8.º O autor do conto publicado tem direito a uma gratificação de cinqüenta escudos **(50$00) a receber passado um mês. Se durante êsse tempo alguém descobrir que o conto não é original, o autor não recebe nada e quem descobriu recebe trinta escudos (30$00).**

A correspondência deve ser dirigida à Redacção da «Voz da Fátima» — Fátima.

Até na Alemanha...

Uma das coisas que maior curiosidade despertou nos visitantes da última Exposição Colonial do Pôrto foi a maneira de fazer uma imagem.

Era primeiro um tronco grosso, informe.

Pouco a pouco foi-se afeitando e já parecia o que depois veio a ser: uma linda imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Cheios de interêsse, preguntámos para quem era.

— Para uma igreja da Alemanha.

E não admira, pois que o seu autor é o conhecido artista

José Ferreira Tedim

Cucanado — Santo Tirso

que até na Alemanha conta já inúmeros clientes.

Aos srs. Chefes de Trezenas dos Cruzados de Fátima

Para evitar atrasos e despesas inúteis em correspondências erradas, não devem esquecer que tôdas as requisições de novos rolos de jornais ou mudanças nos que já recebiam, DEVEM SER DIRIGIDAS AOS REV. DIRECTORES DIOCESANOS DE CADA DIOCESE, e não à Administração do Jornal nem à «União Gráfica».

PHOENIX
Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

PARA IMAGENS DE SANTOS, Altares, pinturas, douramentos,
Escreva a:
MAIAS, IRMÃOS — Escultores
Cidadelha — Cartelo da Maia

Nestogéno

LEITE EM PÓ NESTLÉ

ALIMENTO IDEAL DAS CRIANÇAS
NA FALTA DE LEITE MATERNO
NA INTOLERANCIA DO LEITE DE VACA E COMO SUPERALIMENTO.

PUREZA BACTERIOLÓGICA
CONSERVAÇÃO PERFEITA
PRODUTO DE CONFIANÇA

PREPARADO PELA
SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS
CONCESSIONÁRIA EXCLUSIVA DOS
PRODUTOS NESTLÉ

PORTO AVANCA LISBOA

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Hemorragia

Irmã Maria do Amparo — Directora do Hospital de Amarante, enviou o relatório seguinte:

«Venho tornar pública no jornalzinho *«Voz da Fátima»* — pois assim o prometi, — uma graça assinalada que a Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima me alcançou.

Tendo tido subitamente uma hemorragia de sangue pelo nariz, imediatamente foi chamado um dos médicos do Hospital que a custo estancou o sangue. Passadas poucas horas, novamente o sangue irrompe assustadoramente. Assim passaram cinco dias destas intermitências da hemorragia que muito dificilmente cedia aos meios terapêuticos.

No dia 13, porém, atingiu tais proporções o esgotamento de sangue que me vi obrigada a recorrer a um especialista do Pôrto, para onde parti imediatamente.

Pelas aplicações eléctricas de diatermia conseguiu o especialista que o sangue estancasse. Passadas três horas, o sangue de novo me saía teimosa e abundantemente pelo nariz. Atormentada assim tão horrorosamente, voltei-me para a medicina do Céu recorrendo Aquela a quem a Igreja invoca como *saúde dos Enfermos*. Esta querida Mãe valeu-me na minha aflição: — a hemorragia cessou deixando-me apenas fraca como era natural.

A Virgem Nossa Senhora da Fátima devo a graça de me ter socorrido em tão aflitivo transe, pelo que lhe venho render publicamente a homenagem da minha profunda gratidão.

Louvor, glória e amor a Nossa Senhora da Fátima».

Infecção

Tendo o meu filhinho José dado uma pequena queda no dia 10 de Outubro, resultou-lhe daí um leve ferimento quási imperceptível na testa, sem inspirar cuidado algum. Dois dias depois começou a infeccionar alterando a temperatura de meu filho e tirando-lhe todo o apetite de se alimentar.

Fui consultar o médico que, depois de minuciosa análise declara tratar-se duma infecção um pouco grave.

A ferida continua a agravar-se cada vez mais deitando grande quantidade de pús. Passam-se alguns dias sem o menor sinal de qualquer alívio, a ponto de o médico determinar que lhe fôsse tirada uma radiografia. O meu coração de mãe estremece porque, além da gravidade que a ferida apresentava, via-o enfraquecer sensivelmente. Volto-me então com a maior fé que me foi possível para Nossa Senhora da Fátima implorando o seu auxílio em favor da cura do meu querido filho. Começo a dar-lhe a beber e a banhar-lhe a fronte com a água do Santuário, prometendo à publicação da sua cura no jornal *«Voz da Fátima»* se o meu pedido fôsse despachado. Para minha extrema consolação, quiz Deus que por intermédio de sua Mãe Maria Santíssima, no dia imediato àquele em que meu filho devia ser radiografado, o médico ao vê-lo, admirado me disse que meu filho estava muitíssimo melhor da ferida que há pouco inspirava sérios cuidados.

Hoje está completamente curado. Tão grata figue para com Nossa Senhora da Fátima, que venho hoje cumprir a minha promessa de lhe agradecer aqui publicamente tão grande favor.

Ahrantes

Maria das Dôres B. Heitor

Cancro?

Clotilde Xavier da Gama, escreve da Pangim, — Góa, dizendo o seguinte: «tendo eu adoecido gravemente em Maio com um ataque de gripe com bronco-pneumonia, passado algum tempo obtive algumas melhoras, continuando todavia bastante fraca e com temperaturas. Como a fraqueza e as temperaturas continuassem, foi chamado um médico-cirurgião bastante distinto para me examinar. Depois de vários exames o médico declarou que na região abdominal perto dos intestinos me encontrava uma parte dura, que recearia fôsse um tumor maligno ou cancro.

Muito aflitas com tal diagnóstico, minha filha e eu recorremos sem demora à N.ª S.ª da Fátima pedindo-lhe com fervor que se me livrasse de tão grande mal mandaríamos uma oferta ao Santuário e fariamos publicar na «Voz da Fátima» de que somos assinantes a graça da minha cura. Fizemos uma novena, durante a qual durante todos os dias tomei uma colher de água da Fátima. Dignou-se Nossa Senhora ouvir as nossas preces, pois tendo consultado em Setembro um cirurgião dos mais distintos, depois dum minucioso exame declarou não ter encontrado na região abdominal vestígio algum de qualquer cancro ou tumor maligno.

Desde então para cá tenho sempre tido boa saúde podendo já entregar-me às minhas antigas ocupações.

Cheias de reconhecimento e gratidão para com Nossa Senhora da Fátima, enviamos uma pequena esmola para o seu Santuário, e para que a nossa promessa seja calmamente cumprida pedimos seja publicada esta graça bem como o nosso reconhecimento por tôdas as outras que nos têm sido concedidas por intercessão de tão boa Mãe a quem pedimos nos proteja sempre bem como a todos os demais cristãos.

Sofrimento uterino

D. Júlia Loureiro Maio, — Póvoa de Varzim, escreveu para a Redacção da «Voz da Fátima» dizendo o seguinte:

«Sofrendo há já quatro meses dum gravíssimo mal uterino, sofrimento que longe de desaparecer antes tendia a agravar-se cada vez mais, a ponto de necessitar de sofrer uma operação cirúrgica, no auge da minha dôr apelei com todo o fervor da minha alma para a protecção de Nossa Senhora da Fátima usando durante alguns dias da água do Santuário da Cova da Iria e fazendo com minha família algumas promessas e uma novena à Nossa Boa Mãe do Céu e depois disso fiquei livre de tôdas as dôres. Pouco depois sofri-lhe um pouco melhor não tardando em recuperar a saúde de que tanto necessitava, favor que como prova do amor de minha dôr peço seja publicado no Jornal de Nossa Senhora da Fátima.

Quisto

Maria da Fonseca, — Vila Verde — Felgueiras, sòbria, diz, há muito de um quisto.

Por conselho do médico recorreu ao Hospital da Misericórdia, do Pôrto, para que por meio duma operação lhe fôsse extraído o quisto. Receando tal operação encomendou-se a Nossa Senhora da Fátima fazendo-lhe uma novena e prometendo ir visitá-la em peregrinação ao seu Santuário da Cova da Iria se o mal desaparecesse. Graças a tão poderosa Mãe, depois de uma dôr um pouco mais aguda o quisto desapareceu.

Agora pede a publicação dêste favor que Nossa Senhora lhe alcançou para assim dar testemunho público da tão valiosa protecção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Meningite

Em carta enviada pelo Sr. Artur Jorge da Silva — Viseu, diz-se o seguinte: — «Palmira da Fonseca de Reris, tendo uma filha quási morta com um ataque de meningite, deu-lhe a beber água da Fátima, prometendo ao mesmo tempo publicar a graça da cura se esta lhe fôsse concedida. Em breves momentos a menina começou a encontrar-se bastante melhor, gozando hoje uma óptima saúde».

No Recife, Pernambuco, Brasil

— Vítima de terrível desastre de automóvel ficou em perigo de vida quem estas linhas escreve. Todos os médicos diagnosticaram que, caso não morresse, ficaria aleijado.

Recorreu-se então à protecção de Nossa Senhora da Fátima a quem se dirigiram repetidas preces, empregando-se ao mesmo tempo a bendita água da fonte do Santuário. Depois de 60 dias de ansiosa espectativa, quis Nossa Senhora que, depois de tão grande perigo ficasse sem o mínimo aleijame quem nela tanto confiou.

Dr. Apolinio de Sôra

* * *

D. Antónia Maria, sofrendo frequentemente de umas cólicas que a impediam de entrar na vida religiosa, recorreu confiada a Nossa Senhora da Fátima, com a promessa de publicar a graça se lhe fôsse concedida.

Sentindo-se curada por uma bênção especial de Nossa Senhora, vem agradecer-lhe tão estimável benefício.

* * *

— Estando gravemente doente e dizendo o médico que talvez fôsse precisa uma operação, comecei com tôda a confiança a novena a Nossa Senhora da Fátima suplicando-lhe a graça de me curar sem que fôsse necessária a intervenção cirúrgica. Tendo alcançado tal graça venho com júbilo e gratidão torná-la conhecida dos devotos de Nossa Senhora da Fátima.

Laura Temporal

* * *

— Estando em risco de perder as minhas propriedades que ao achavam com o prazo da hipoteca esgotado, pedi à Virgem da Fátima que me socorresse e deparasse um meio de não perder o que tantos anos me tinha levado a ganhar. Prometi enviar para as obras do Santuário da Fátima uma boa esmola e publicar a graça se fôsse atendida. Valeu-me palpàvelmente a intervenção de Nossa Senhora, pois, passados dias, o govêrno publicava um decreto determinando que as hipotecas fôssem pagáveis em dez anos e em parcelas. Protegida por êste decreto venho agradecer a Nossa Senhora, pagando-lhe a minha promessa da melhor boa vontade.

Silvina Miranda Leal

* * *

— *Elisa B. Araújo*, vendo sua nota doente decorrer cheia de fé e confiança a Nossa Senhora da Fátima fazendo sua valiosíssima novena para obter para a enferma a saúde tão desejada, e, como foi atendida, cumpre sua promessa tornando pública a intercessão de Maria em seu favor.

* * *

— *Maria Adelgina Ferreira da Cunha* agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças alcançadas por sua maternal intercessão.

Na Alemanha

1. Uma pessoa doente precisava sempre de remédios muito caros. A família é pobre e é-lhe difícil por isso adquirir estes medicamentos tão caros. Cheios de confiança fizeram uma peregrinação à Mãe de Misericórdia que a curou tão radicalmente que os remédios nunca mais foram precisos.

2. A 13 de Junho de 1934 adoeceu o meu filho com uma febre elevadíssima que o mergulhava numa grande prostração. Recomendei-o à Mãe de Deus de Fonte prometendo publicar a mercê recebida, em acção de graças. Esperava-se já que a criança piorasse. Mas depois desta promessa ela caiu num sono profundo e quando acordou estava livre da febre.

O meu mais profundo reconhecimento pois, à Senhora de Fátima em Fonte.

3. Havia seis anos que o pai estava sem trabalho. Como a família vivia cheia de necessidades! Cheios de confiança fazem uma peregrinação à Senhora de Fátima em Fonte. Em breve lhe concedida a graça e com o primeiro salário recebido mandaram dizer uma Missa em acção de graças.

4. Segundo instruções do médico eu devia ir para o hospital para fazer uma operação. Na minha aflição fui à igreja pedir a Nossa Senhora. Quando voltei a casa do médico, êste ficou admirado, pois viu que a operação já não era necessária. O meu mais profundo reconhecimento a N.ª Senhora da Fátima.

5. Envio dois Marcos para uma Missa em honra de Nossa Senhora de Fátima. Adquiri um bom lugar e é a Ela que o agradeço. Uma vendedeira.

6. O meu filho teve um desastre. A perda duma das mãos parecia inevitável. A criança começou a fazer diàriamente três visitas a Nossa Senhora, a Quem eu pedia também tão fervorosamente. Em breve vieram melhoras. O médico e as Irmãs ficaram admiradíssimas como tudo se curou tão depressa e tão bem. Graças a Vós ó misericordiosíssima Mãe de Deus!

7. Sôbre o altar estava hoje uma folha de papel com as seguintes palavras: «Maria concedeu o seu auxílio numa grande necessidade». Nós gostaríamos de ser o anjo invisível que, como cronista de Nossa Senhora de Fonte, fielmente apontasse tôdas as graças concedidas, que a Misericordiosa Rainha do Rosário espalha naquele lugar abençoado sôbre os Seus filhos que invocam o seu poder.

Nós, todos os veneradores de Nossa Senhora da Fátima e principalmente os leitores do «Bote», em união com os felizes habitantes de Fonte, agradecemos com grato e filial amor todos os testemunhos da Sua Misericórdia.

(Bote non Fatima (número de Dezembro de 1934).

Voz da Fátima

DESPESA

Transporte	527.632$58
Papel, comp. e imp. do n.º 148 (122.000 ex.)	13.004$90
Franquias, emb. transporte, etc.	5.910$37
Na Administração	92$75
Total ...	536.639$60

Donativos desde 1$80

Adelaide M. Breyner — Santarém, 20$00; Maria Almeida — Lamas de Orelhão, 20$00; Devotos, de Lamas de Orelhão, 30$00; esmola de Moscarapacho, 21$40; José António Mendes — Felgueiras, 20$00; Joaquina da Silva — Lourosa, 20$00; Margarida Gomes — Aviz, 15$00; C.e Luis Cavalheiro — Monsoevo, 20$00; Natália Casado — Vouzela, 20$00; António Lopes da Silva — Brasil, 30$00; Joaquim Moreira — Cruz de Lever, 20$00; Ana Reinão — Covelas, 20$00; Maria Otília Amaral — Açores, 20$00; João Severino Gago — Açores, 20$00; Maria Alv. Marques — Pôrto, 20$00; Perpétua de Jesus — Ponte de Sôr, 20$00; Laura Teixeira — S. Tirso, 20$00; Condessa de Margaride — Guimarães, 20$00; M.ª Elv. Garcês — Parede, 20$00; M.ª do Carmo Rodrigues — Faro, 20$00; Dr. Henrique Artur Cardoso — Estoril, 40$00; José Júlio Ribeiro — Viana do Castelo, 20$00; José Joaquim Gonçalves — P. do Varzim, 20$00; Maria Isabel Russo — Cab. de Vide, 25$00; Maria Sat. Barriga — Figueira da Foz, 20$00; Maria das Dôres Lopes — Foscôa, 20$00; Júlia Pais Falcão — Collos, 40$00; P.e Claudio do Rosário — Lourenço Marques, 30$00; Leonor Manuel — Cascais, 20$00; William Joung — Macau, 15$00; M.ª Henriqueta da Silva, — Mogadouro, 26$30; Dr. Manuel Pinto Nunes — Tábua, 20$00; Maria Júlia Fer.ª — Pôrto, 20$00; esmolas do Pôrto, 13$00; José Vinardell — Espanha, 10 francos; Margarida Abreu — Penafiel, 15$00; Coronel José Lemos — Lisboa, 20$00; Manuel P.e Calças — Brasil, 30$00; Henrique de Campos — Brasil, 15$00; Júlio Marques — Brasil, 15$00; Judit Rabaça — Manteigas, 15$00; Lucinda Magrigo — Alvarelhos, 15$00; Elvira do C. de Jesus — Vilar, 20$00; Elvina Abreu Falcão — Pôrto, 50$00; Manuel J. Quintêiro — Covilhã, 20$00; M. C. C. — Guimarães, 84$00; N.º 3573 — Guimarães, 20$00; N.º 2439 — Guimarães, 15$00; Elaira Pimenta — Beja, 20$00; Maria Odete Fernandes — Ponte do Lima, 30$00; P.e Manuel Estevão Ferreira — Pôrto, 30$00; M.ª da Conceição — Mafra, 15$00; António Canas — Mafra, 15$00; Amadeu Simões — Mafra 15$00; António Valbom — Mafra, 15$00; Guilhermina Lemos — Mafra, 20$00; Ana J. Romano — Covilhã, 20$00; M.ª J. Fontão — Covilhã, 20$00; Adelaide Bastos — Lisboa, 20$00; Laura Legas — Lisboa, 15$00; M.ª Teixeira Bernaud — Lisboa, 20$00; António Lima — California, 44$00; João de Medeiros — Açores, 20$00; Teotónia Brum — Açores, 20$00; António Patudo — Brasil, 15$00; António Santos — Brasil, 15$00; Ezequiel Gonçalves — Brasil, 15$00; António Gois — Brasil, 15$00; Luís Reis — Brasil, 15$00; P.e João Ligaline — Brasil, 15$00; António Dias — Brasil, 15$00; M.ª Rosa Borges — Açores, 20$00; Beatriz Silva—?, 50$00; Teresa Gonçalves — Luanda, 15$00; P.e Joaquim Dias Menezes — Açores, 20$00; Rosa B. Martins — Pôrto, 20$00 M.ª Braz Teixeira — Pombal, 20$00; P.e Domingos Fragoso—Brasil, 400$00; P.e Jacinto Ant. Lopes—Souto, 20$00; José Alves — Moledo do Minho, 20$00; esmola do Brasil por intermédio de D. Maria da C. Martins — Braga, 30$00; Inácio Francisco — Brasil, 15$00; José J. Henriques — Brasil, 15$00; Distrib. em Lagares — P. de Sousa, 37$00; Celeste Coelho — Hong-kong, 29$50; Rosa Pais Vieira — Frmeiria, 20$00; P.e João Cruz Teixeira — Bouçais, 60$00; Elisa Ogando Sequeira — Lisboa, 20$00; esmolas, de Cimo da Vila — Chaves, 25$00; André Chicharro — Monforte, 20$00; Francisca Marques — Benavente, 20$00; Herminia Lobato — Evoramonte, 20$00; José dos Reis — Lisboa, 20$00; Crisante Mascarenhas — Algôz, 18$00; Armínda Pereira — Lisboa, 20$00; Olinda Eugénia — Pôrto, 20$00; Maria J. Minhava — ?, 40$00; Glória Gonçalves Grilo — ?, 50$00; Joaquim Grilo — Pôrto, 200$00; Distrib. em Castelo de Vide, 25$00; M.ª Francisca Pires — Salir, 20$00; Beatriz Wurneck — Deutrite, 40$00; Filomena Rivar — Evora, 20$00; Margarida Vieira — Feira, 15$00; Elísio Costa — Pôrto, 20$00; Joaquim Martins — Pôrto, 20$00; Francisco Muños — Covilhã, 20$00; Plato Abel — Franco, 15$00; Ana Francisca de Jesus — Pôrto, 30$00; António Falagueiro — Lisboa, 20$00; Distrib. em Cresto Velha — Açores, 76$00; P.e Moisés da Silva — Cascais, 20$00; esmola do Gondomar, 20$00.

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Águas soberanas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensão — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação do C.F. do Foro própria (Monte Real).

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — OESTE.

Indultos Pontifícios

É no mês de Janeiro que os fiéis devem tomar os Indultos Pontifícios por 2 motivos:

1.º — porque as graças concedidas aos Indultos do ano passado terminam neste mês e

2.º — é preciso deixar os Rev. Párocos livres para a prègação e confissões na Quaresma.

* * *

Pelos Indultos a Santa Sé concede muitas graças como são: indulgências, absolvição de casos reservados, comutação de votos, dispensa de abstinência e jejum em certos dias, etc.

A esmola que cada um dá, segundo as suas posses, é destinada a auxiliar os Seminários que, como todos sabem, são o grande pobre da Diocese, os Colégios das Missões onde se preparam os futuros Missionários que levarão aos infiéis do Império português ainda imersos nas trevas da idolatria, a luz da fé e da civilização.

Destinam-se também a prover as igrejas pobres de paramentos condignos do culto, a construir e reparar os templos.

A esmola que representa um sacrifício muito pequeno para cada um, tem, pois, um alto fim cristão e social.

Nenhum católico deixe de tomar os Indultos que são distribuídos pelos Revs. Párocos da sua freguesia.

Respeitemos os Sacerdotes

(Continuação da 1.ª página)

ção não para seu proveito, mas para as almas de Jesus Cristo.

Há certas famílias que se dizem católicas e passam os seus serões a criticar os sacerdotes. Homens e mulheres que não fazem idéia dos trabalhos do sacerdote, dos obstáculos que encontra, dos desgostos que passa, atrevem-se a censurá-los. Quando assim procedem, animam a outros a tomar uma atitude de censura, e, como um fogo em palha sêca, êste espírito de crítica corre por tôda a freguesia. Um bom católico não só deve evitar a crítica dos sacerdotes, mas deve mostrar-se sentido e desfazer essa atitude nos outros.

Algumas vezes quem cuve criticar, pode arredar essa pena, se em lugar de tomar interêsse nesses comentários der à pessoa que critica uma boa lição. As pessoas faltas de caridade e de mau feitio são geralmente tímidas. Um pequeno desânimo fá-las retirar logo. Tôda a responsabilidade destas críticas é nossa, se as animamos ouvindo-as com gôsto.

Todos seremos muito mais felizes na nossa santa religião e mais livres das censuras da consciência, se com todo o cuidado prestarmos honra a todos os sacerdotes como embaixadores de Cristo. Sem dúvida gastaremos mais de uma do que outros. Talvez nos pareça que alguns colhem mais frutos do que outros, mas não nos toca julgar a nenhum. Como bons católicos honremo-los como ministros de Jesus Cristo, tratando-os com respeito e amor, e prestando-lhes um cordeal auxílio quando o precisarem.

Assim honraremos os representantes de Nosso Senhor Jesus Cristo,

E. GARESCHÉ S. J.

(Tradução do Messageiro do Coração de Jesus, da Nova Iorque).

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Máquina de escrever
"UNDERWOOD"
Domina por completo o mercado Mundial

Agentes: Dunbel & Antunes, L.da - R. Augusta, 56 - Lisboa - Telef. 3 4251

Questionário catequístico

Sôbre a Confirmação ou Crisma

1.) — Porque é que se não deve descuidar de receber êste Sacramento, e os pais e superiores estão obrigados a fazer com que seus filhos e súbditos o recebam?

R.) — Porque é um grande auxílio para os cristãos vencerem as tentações e más inclinações; e por isso está mandado que se receba logo que se chega ao uso da razão, isto é, aos 7 anos.

2.) — Porque é que o sr. Bispo faz uma cruz na testa com o Santo Crisma?

R.) — Para que o crismado não só se não envergonhe de se mostrar cristão, mas defenda a Fé que professou no baptismo por meio dos Padrinhos.

3.) — Quais são as disposições que deve ter o cristão quando se vai crismar?

R.) — Deve: 1.º saber os principais mistérios da nossa Religião, isto é, os mistérios da Santíssima Trindade, Encarnação e Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo; 2.º estar na graça de Deus, e por isso se deve confessar antes; pois comete um sacrilégio se se crisma em pecado mortal.

4.) — E não se pode receber antes dos 7 anos o sacramento da confirmação?

R.) — Pode, sim, se a criança está em perigo de vida, ou se houver justas e graves razões aprovadas pelo sr. Bispo.

5.) — O sacramento da confirmação é de absoluta necessidade para a salvação?

R.) — Não é; mas é pecado deixá-lo por desprêzo.

6.) — Porque é que na Confirmação há padrinhos e madrinhas?

R.) — Para que êles ajudem o crismado com as suas palavras e exemplos a seguir o caminho da salvação.

7.) — Que condições se requerem no padrinho ou madrinha?

R.) — As mesmas que no Baptismo e além disso deverá já ter recebido o crisma.

8.) — Basta um padrinho para as crianças do sexo masculino e madrinha para as do feminino?

R.) — Assim é costume entre nós, aprovado pela Santa Igreja.

9.) — Pode-se mudar o nome do Baptismo por ocasião de receber o crisma?

R.) — Pode e deve, quando o nome do Baptismo não é de nenhum Santo.

10.) — Contraem os padrinhos e madrinhas com o crismado parentesco como no Baptismo?

R.) — Contraem o mesmo parentesco espiritual, mas não é impedimento matrimonial, como no Baptismo.

O Cristão deve-se lembrar que é soldado de Jesus Cristo e pertence à Igreja militante; e por isso deve defender a doutrina cristã quando a vir atacada pelos inimigos da Igreja. Ponde pois de parte todo o mêdo e falso temor, deve professar a sua Fé por palavras e obras e ter como uma honra sofrer perseguições e injúrias por tão nobre e santa causa.

VELAS DE CARDIGOS
PURA CERA DE ABELHAS.
MÁXIMA DURAÇÃO E RESISTÊNCIA.
NÃO FAZEM FUMO, NÃO SUJAM OS ALTARES.
PAVIO ACENDEDOR — FABRICO ESPECIAL
PEDIDOS AOS FABRICANTES
J. D'OLIVEIRA TAVARES, FILHOS
CARDIGOS — (PORTUGAL)

SENHOR PADRE:
Quere VINHO bom para a Santa Missa?
Peça preços a: António de Oliveira
Aldeia Nova — NORTE

«A CAMPONEZA»
MANUEL PORTELA — Vila Nova de Famalicão
Fábrica Produtora de:
Colmeias e todos os acessórios para tratar das abelhas;
Galinheiros e Coelheiras e tudo o que é preciso para criação de galinhas e coelhos;
Semeadores e Sachadores, Tarares, Charruas, Descarroladores de milho, etc. Tôdas as máquinas para agricultura em geral;
Materiais para **Adegas,** Engarrafadores, Prensas, Bombas de trasfega, Batoques, etc.
O mais moderno, perfeito e bárato.
Ex-aluno Fundador e Gerente da «Lavoura» e agora da Fábrica «A Camponesa».
FAMALICÃO

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

A hora é de acção!

Católicos de Portugal, não vos iludais, nem vos deixeis dormir à sombra de alguns triunfos conquistados!

Não esqueçais que, **por todo o mundo,** os *sem Deus* e os *contra Deus* não afrouxam na sua propaganda. E vão sobretudo infiltrar as suas doutrinas de morte entre as classes operárias, que não têm preparação para lhes responder, e entre a mocidade das escolas, valendo-se da sua inexperiência, e apelando para a sua generosidade, que a leva a expôr-se até à própria morte!

Lembrai-vos sempre de que por trás dos divertimentos e das modas, estão mãos sinistras promovendo hàbilmente a corrução da mulher, procurando *libertá-la* (como êles dizem) do pudor e da virtude. «Desmoralizemos a mulher, e teremos vibrado no seio da Igreja um golpe fatal» — escreveu já uma pena maçónica!

Pensemos nos milhares de crianças, que são educadas (se é que a isso se pode chamar *educar*), no lar e na escola — *sem Deus* ou *contra Deus*, e que amanhã, poderão ser, na sociedade, elementos de desordem e de crime!

Fixemos o elevado número de famílias, que, diàriamente, se vão dissolvendo, lançando para uma *orfandade*, mais dura e mais funesta do que a verdadeira, centenas e centenas de inocentes!

Recordemos que os inimigos não desarmam, e, emquanto nós dormirmos, êles avançarão!

Pensemos... Êle há tantas coisas em que devemos meditar, quando alguma nesga de céu azul nos vier dizer que o horizonte não é tão carregado como o pintam — e que a descristianização do nosso país não foi tão longe como dizem e escrevem...

Nunca o mundo viu, como hoje grandes organizações internacionais apostadas em roubar à alma ingénua e boa do povo não já as práticas piedosas, mas a mais elementar crença em Deus e na vida futura.

E como êles sabem servir-se dos livros, dos jornais, e da inconsciência e frouxidão de tantos que deviam ser dos melhores!

Avante, pois, sempre com maior entusiasmo, pelo progresso da *Acção Católica!*

Nem todos sabem infelizmente a grande importância das pequenas coisas.

Façamos, pois, todos, esta coisa tão pequena, tão fácil — *e tão necessária* — que é inscrever novos *Cruzados* de *Fátima*, muitos *Cruzados*, aconselhando-os a que sejam generosos ao fixar a sua quota mensal.

Não deixemos de lhes lembrar que o dinheiro vale hoje 25 a 30 vezes menos do que valia há vinte anos!

Se a *Pia União dos Cruzados de Fátima* continuar a desenvolver-se, e se tornar ràpidamente, uma legião colossal de filhos de Maria e de salvadores de Portugal — grandes obras se poderão levar a cabo, para bem de todos nós!

Peldgio

UM FILHO GLORIOSO DE LISBOA

BEATO JOÃO DE BRITO

Pagem do Rei D. Pedro II

(Um quadro de Henrique Franco)

A Santa Sé acaba de estender a tôdas as dioceses portuguesas a festa do grande missionário que foi o P.e João de Brito, da benemérita Companhia de Jesus.

Nascido na capital, trocou os esplendores da côrte pela missão árdua e nobre de ganhar almas para Jesus, tendo sido martirizado pelos infiéis.

Que o seu exemplo nos anime a restaurar o reino de Deus na querida Terra Portuguesa, sem esquecermos os vastos domínios do Império Colonial.

Os grandes benefícios da Igreja

OS MONTES DE PIEDADE

No século XV, a Itália estava entregue à rapacidade dos Judeus, que emprestavam com elevadas juros, e, que, à luz do sol, exerciam o ofício que certos praticavam à entrada duma floresta quando a noite chegava.

Um pobre monge franciscano, chamado Bernabé, resolveu ir em auxílio dos irmãos. Subiu ao púlpito, em Perúsa, pelos fins do século quinze, e propôs que se fizesse na cidade um peditório geral, cujo produto seria empregado em fundar um banco que viria em auxílio dos indigentes. Logo que desceu do púlpito, toda a cidade correspondeu ao seu apêlo, e trouxe jóias, pedras preciosas, ouro e prata em abundância, para constituir os primeiros fundos desta caritativa instituição cuja feliz idéia partira dum humilde franciscano.

Então o operário estava de ser obrigado a dirigir-se aos judeus em momentos de penúria; quando não tinha com que se sustentar, ou com que sustentar a sua família, trazia o que tinha de mais precioso em casa, o seu cordão de prata, o seu anel de casamento, o seu vestuário de domingo e recebia em troca uma quantia em dinheiro que era obrigado a restituir dentro de curto prazo, mas sem nenhum juro mais que uma soma mínima, um por cento, para as despesas de administração. Deu-se a esta casa o nome de Montes de Piedade; os fundos do banco não consistiam sempre em dinheiro, mas muitas vezes em legumes, em especiarias de tôda a espécie.

Logo outras cidades de Itália seguiram o exemplo de Perúsa; Savona, uma das primeiras, teve o seu Monte de Piedade, e Santa Sé incitava, nas suas bulas, a criação desta preciosa instituição de Fr. Barnabé.

Era necessário organizar estes estabelecimentos de caridade.

Conservamos apenas notícias muito imperfeitas sôbre os elementos constitutivos dos primeiros bancos da Providência em Itália.

Em Mântua, o Monte de Piedade era administrado por dois directores, dois notários, dois jurisconsultos ou médicos, dois comerciantes e dois lavradores. Como a idéia dêstes bancos pertencia aos claustros, quási por tôda a parte se nomearam os monges directores vitalícios dos estabelecimentos, ao passo que os leigos só eram nomeados durante dois anos.

O púlpito cristão não cessava de excitar o zêlo das povoações em favor dos Montes de Piedade. Os franciscanos obtinham verdadeiros milagres; diz-se-ia que voltara o tempo das cruzadas: as senhoras despojavam-se das suas jóias para fundar novos bancos; o ouro dos judeus gemia inútil nos seus cofres fortes. A caridade, tão engenhosa como ardente, constituíra-se banqueira dos operários; emprestava aos infelizes trabalhadores e quási sempre sem juro algum. Os judeus, amaldiçoados por tôdas as classes da sociedade, cessaram a Itália e iam levar a outros pontos a sua indústria.

Nesta luta contra os usurários, um franciscano, chamado Bernardino Thomitano, nascido em Feltro em mil quinhentos e trinta e nove, distinguiu-se sobretudo pelos seus sucessos. O povo seguia-o em multidão e escutava arrebatado as suas imprecações contra os homens que êle chamava os vendedores de lágrimas. Por tôda a parte onde um monge punha pé organizava-se um Monte de Piedade. Fundaram-se muitos em Parma, em Montefiore, em Assis, em Rimini, em Montagnana, em Chiusi, em Narni, e em Luca. Se acontecia, como em Campo Santo Pietro, que um judeu recusasse dar caução aos cristãos, expulsavam-no da vila.

É verdade que estes usurários não tinham piedade alguma para com os cristãos infiéis. Em Parma tinham 21 casas de penhores onde emprestavam a 30 por cento; o sucesso da palavra do monge explica-se pois facilmente.

Passando a Pádua, Bernardino de Feltro destruiu tôdas as suas casas de penhores, estabelecidas à custa das lágrimas do povo; e a cidade, graças à piedade de alguns homens ricos, viu bem depressa organizar-se um banco, onde o pobre podia ir tomar dinheiro por empréstimo, sôbre penhor, a 2 por cento.

A usura teve um momento de descanso, depois da morte do bem-aventurado Bernardino, ocorrida em 1494. Nunca religioso algum foi mais amargamente chorado; o povo considerava-o como um enviado do céu; três mil crianças, vestidas de brânco, assistiram aos seus funerais, levando cada qual um pendão onde estavam bordados o nome de Jesus e a imagem dum Monte de Piedade.

C. B.

UM MOVIMENTO EM MARCHA

Há meio ano que foi lançada a Pia União dos Cruzados de Fátima, e já em todo o Portugal tem um grande desenvolvimento, pois há já cêrca de 250.000 Cruzados que, com a sua humilde cota, estão contribuindo para a recristianização da nossa Pátria.

Na Diocese de Portalegre, são cêrca de metade as freguesias que já têm trezenas constituídas, a saber:

Abrantes (S. João), 7. S. Facundo, 12. Constância, 9. Rossio, 2. Ponte de Sôr, 1. Alcaina, 20. Cafede, 4. Lardosa, 7. Sobral do Campo; 3. Alter do Chão, 3. Castelo Branco, 15. Cebolais de Cima, 2. Monforte da Beira, 12. Retaxo, 1. Tojeiras, 1. Castelo de Vide (S. Tiago), 1. Aramenha, 13. S. João, 3. Alegrete, 3. Flôr da Rosa, 1. Vale de Peso, 1. Belver, 2. Gavião, 3. Aldeia de Sta Margarida, 6. Medelim, 6. Monsanto, 4. Abobreira, 3. Montalvão, 2. Niza, 3. Tolosa, 1. Estreito, 4. Isna, 2. Oleiros, 1. Orvalho, 5. Portalegre (Sé), 14. Portalegre (S. Lourenço), 11. Ribeira de Niza, 1. Alvito, 4. Peral, 4. Alcaravela, 18. Mouriscas, 44. Montalegre, 9. Sardoal, 15. Souto, 1. Cumeada, 3. Nesperal, 3. Palhais, 9. Sernache do Bonjardim, 18. Sertã, 19. Fundada, 17. Vila de Rei, 66. Fratel, 2. Sarnadas de Ródam, 2. V. Velha de Ródam, 6. — São 423 trezenas, num total de 5.500 cruzados.

As Bôdas de Canaã

Faltando o vinho nas bodas de Canaã, e vendo a mágoa do noivo, ante as gentes todas, transformou em vinho a água.

Mas, mais tarde, feito rei dos Judeus, na Ceia, exangue, dando vinho aos seus — ebebei! lhes brada — que é o meu sangue»!

GOMES LEAL

A Imprensa
O Cinema
A Rádio

Três grandes fôrças modernas pelas quais se conquista o mundo.

Três grandes problemas que os católicos têm de resolver.

Três grandes pontos do programa da Acção Católica Portuguesa.

Conversando

O Papa vai anular um casamento?!...

— Saberá o sôr professor que, depois de ter estado a caturrar aqui com o Francisco (êle, lá no fundo, não é mau rapaz, mas não perde ocasião de meter a chôpa!...) por causa duma coisa que vem nos jornais. Diz que o Papa vai anular o casamento...

— Sim, senhor, vem lá com tôdas as letras. E já não é o primeiro. Pois tu não te lembras de que até na História de Portugal, há casos dêsses?

E andam vocês a prègar contra o divórcio: *O que Deus uniu, não tente o homem desunir...*

— Êsses jornais! Êstes jornais, que os católicos — até tu João! — ajudam com o seu dinheiro e os seus anúncios a desorientar o povo, a fazerem às almas todo o mal que podem, sempre muito *imparciais*, muito *correctos*, procurando apenas *informar*, dentro da maior *neutralidade*. São, afinal, os que fazem maior mal porque são lobos vestidos de cordeiros. Devem ser mais temidos — e combatidos — do que os que, francamente, se apresentam como nossos inimigos.

Quando é que nos convencermos de que uma das nossas maiores necessidades é ajudar a imprensa geminamente católica, angariando-lhe assinantes e anúncios?!

Mas é uma tristeza. Entre pessoas piedosas, trata-se de tudo, pensa-se em tudo, mas da imprensa, sem a qual, como dizia Pio X, tudo irá por água abaixo, quási ninguém se lembra...

Mas tu não vieste cá para ouvir sermões, dum professor!

É que êsses jornais, quando tratam de coisas religiosas, umas vezes por ignorância, outras por malícia, perdem sempre aquêles tiques de exactidão que tanto apregoam.

Já houve um diário que disse que era belo ver o Papa quando leva a *sedia gestatória* na cabeça!!...

Nisso, de ignorâncias religiosas, também os chamados grandes escritores largam às vezes cada uma...

Lembro-me de que Camilo diz num livro que o diabo leva para o inferno todos os que não são baptizados, e três quartas partes dos que são. E nosso sítio afirma que os parentes do Marquês de Pombal devem estar muito convencidos de que êle está no inferno, porque ainda hoje fazem celebrar missas por sua alma!!

— Ih! Jesus! Que chorrilho de asneiras!

— Pois são desta fôrça os tais srs. homens orientadores da opinião pública. Em Portugal tôda a gente é: médico, engenheiro e teólogo...

Estás doente? Todos te receitam. Se alguém quere fazer uma casa, traça logo o projecto. E, então, em religião, todos são *doutores de capêlo*: todos sabem, criticam, tiram umas coisas e acrescentam outras, como se isto fôsse lista de casa de pasto.

— Mas afinal, o Papa anula ou não os casamentos?

— Como é terrível a fôrça da imprensa! Bem dizia, há dias, o Santo Padre que ela é a maior potência do mundo. Até tu João, já te vais a deixar levar pelas patranhas dos jornais.

— Alto lá, sr. professor! o João que anda sempre debaixo das batinas dos padres, não saberá, mas eu, que me prezo de ser um espírito livre, já tenho lido livros...

— Tens lido o quê?! Se tu, perçorrendo a história, me agarrares um matrimónio anulado por um Pontífice —eu dou-te tudo o que tu pedires!

— Hom'essa! O sr. professor não force demais a nota. Não queira estar a deitar poeira nos olhos da gente. A mim, nunca o Papa anularia o casamento, porque sou um pelintra, mas, se eu fôsse milionário, outro galo me cantara...

— Ora deixa-te de cantigas, e ouve lá.

Um matrimónio só se considera válido e consumado desde que se realizem certas condições que não são segrêdo para ninguém. Todos as podem lêr em qualquer catecismo um pouco desenvolvido ou em qualquer manual de teologia moral.

Se, porém, as condições prescritas não foram respeitadas, o casamento não foi válido — e êles estão, portanto, solteiros.

E, note-se que as causas da nulidade podem resultar de ignorância ou de malícia dos nubentes.

— Mas, um exemplo...

— Olhe êste caso: um dia reconhece-se que... *marido* e *mulher* não passaram afinal de *irmão* e *irmã!* Matrimónio que não foi válido — é claro.

Suponhamos que eram primos em 1.º ou 2.º grau, sem o saberem, e que, portanto, não requereram nem obtiveram a necessária dispensa. Continuam solteiros, também!

— Quem pode pagar, sempre se provará...

— Tu és muito velhaco, Francisco. As decisões da Igreja assentam num meticuloso, cuidadoso exame da questão, da organização dum processo, num tribunal próprio.

E é raríssimo provar-se que houve nulidade. Vocês calculam que em Roma hão-de aparecer centenas de casos de todo o mundo. Pois em média, o respectivo Tribunal reconhece por ano, a nulidade apenas duma *dúzia* de matrimónios. Ao passo que só em Lisboa, são realizados, por ano, alguns centos de divórcios! É de pôr os cabêlos em pé!

E toma lá nota, meu abelhudo, que muitas decisões de nulidade, às vezes a maioria, são de processos gratuitos, de gente pobre!

Todo vem afinal a dar na mesma: não há divórcio, mas há anulações...

— Tu és impossível de convencer. Já te disse que não há anulação, porque, para *anular*, seria preciso que houvesse *realmente* casamento! O que há é o reconhecimento de que êle nunca verdadeiramente existiu.

Ou, mudemos de assunto,.. Que te parece esta libra, de ouro.

— Uh! É falsa como Judas!

— Não digas isso outra vez que te mando meter na cadeia...

— O sr. professor está a caçoar comigo...

— Se a Igreja examinando um casamento *falso*, o *anula* quando diz que êle é *falso* — também tu chamando falsa a uma moeda que o é, não passas dum falsificador!...

Ou a lógica é uma batata!

— Bem achado, boa piada!

— E o caso é que com a história dos casamentos, não chegámos a falar do assunto que estava marcado: os Cruzados!

— Para a outra vez será!! Largos dias têm cem anos!

X.

A redenção do povo...

Ocorreu, há pouco, o aniversário da revolução bolchevista. Os soviétes de Moscovo celebraram êste acontecimento com um faustoso e deslumbrante baile de gala, dado nos salões dourados do Kremlin.

Compareceram o Corpo Diplomático, envergando as vistosas fardas, ilustres damas ostentando sedas ricas, toiletes luxuosas, peles caras, uniformes dourados dos oficiais da Guarda Vermelha. Staline pessoalmente recebia os convidados, que iam chegando em carruagens, as mesmas que conduziram outrora os súbditos do Czar, os titulares da velha fidalguia imperial.

Staline, o imperador daquela vasta necrópole de miséria operária, com as turbas apertou vestido de linho de ganga, envergava camisa, talhada pelo último figurino de Paris. Começou a festa: baixelas caras, luzes em orgia, música estonteante, uma orquestra de Viena, um estonteamento, uma embriaguez, uma loucura.

Pelos stepes frios da Rússia, à mesma hora, milhares de operários morriam na penúria mais espantosa...

Recorda-se? A revolução bolchevista estalou como um protesto contra os gastos e os escândalos dos bailes, que, no mesmo Kremlin, dava o Czar das Rússias. O bolchevismo veio, para abater os privilégios, igualando os operários nos festins da civilização.

Pobre povo!...

Quando é que certa gente deixará cair as escamas que lhe não deixam ver que a lêria russa é essa ridícula caricatura do paraíso operário não passam dum engodo que só aos papalvos atraía?

(De *O Trabalhador*)

MUITO IMPORTANTE

Pedimos aos chefes de trezena e aos Rev.mos Párocos que não esqueçam o que dizem os Estatutos dos «Cruzados de Fátima» no art.º 6.º, § 2: as cotas dos Cruzados serão recolhidas por colectores locais e em tempo oportuno **enviadas ao Conselho Diocesano, em harmonia com o respectivo Regulamento.**

Pelo Regulamento foi determinado que as contas fôssem enviadas de 4 em 4 meses, isto é, até 10 de Maio, ou 10 de Setembro, ou 10 de Janeiro, incluindo todos os meses até essa data.

Só assim é que tudo poderá andar em ordem, como é indispensável.

BOA RESPOSTA

Aqui há uns 16 anos, um aluno e uma aluna discutiam temas religiosos num corredor da Faculdade de Letras, de Lisboa.

—Não acredito que V., um rapaz inteligente, tome a sério a confissão! Olhe... Ali vem o Pelejão, vai ouvir o que êle diz!

O Cr. Francisco da Graça Pelejão, que era o aluno mais cassilhoado do curso, distinguia-se também como um católico exemplar, num tempo em que isso era muito raro — entre rapazes e não rapazes...

—Oh, Pelejão, o que é que você, que não é pêco, pensa da confissão?

Pelejão sorriu e respondeu: — Tem graça, ainda ontem me confessei!

Assim é que é responder, sem respeitos humanos! E não esqueçamos que, nesse tempo, quási todos em Lisboa receavam afirmar-se católicos — e sobretudo numa escola onde havia professores, que, em matéria de Religião, eram... de respeito.

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se êles as não trazem, é porque não lhas pedem.

HORA DE GRAÇA

Passara naturalmente pelo adro da Igreja, da freguesia; era o seu caminho.

Tocara o sino alegremente os repiques festivos dos grandes dias!... Para êle, todos os dias eram iguais! Pobre alma adormecida!

Viu um bando de crianças, inocentes pombas brancas, que entraram recolhidas para a casa do Senhor...

Iam tôdas de igual na «toilette» encantadora da primeira Comunhão!... E pensava indiferente:

— «Para que me serviu?... Mas... também não me fêz mal!...» Insensivelmente foi-se aproximando da porta de igreja. Aquela visão cheia de piedoso encanto, tinha-o atraído... Seguia as criancinhas como que magnetisado... e, sem dar por isso, encontrou-se dentro do templo — êle, o avançado, que proibira há muito entre muros e gritos que a mulher e a filha, entrassem na igreja!

Olhou... Surpreendeu-o a ornamentação do altar, a profusão de luzes e flores; o recolhimento fervoroso do povo de aldeia para quem a primeira Comunhão das crianças da freguesia é a festa mais solene...

É que o povo sente... o povo na sua humilde condição e ignorância apreende os grandes mistérios e profunda-os na singeleza do seu sentir, dando-lhes todo o sabor!...

Por isso, que admira que esta festa tão tocante, tão grandiosa na sua realidade dogmática, seja a predilecta dos pais e mães, que vêem ali os seus filhos ornados com os atavios simbólicos da inocência e pureza das suas almas?

Uns quantos fortes momentos sublimes, da principal festa da vida dos seus filhos — outros recordam com saudade, o dia em que, anos atraz, os seus se encantaram, puros como anjos, até à mesa do festim que Jesus lhes preparara — e aquêles que protegem a seu lado filhos pequeninos, para quem ainda não soou a hora de serem admitidos ao banquete real, projectam antecipadamente a felicidade que há-de vir, por que Jesus não falta... e as mães sobretudo já gozam antecipadamente a sensação alegre e impressionante de acompanhar os seus filhos à festa das suas almas!...

Por isso que admira que seja mais rica, mais vistosa nêste dia, a ornamentação da igreja? Que vizasem da cidade os músicos e cantores?

O povo é sempre generoso para dar brilho e esplendor à festa que é de todos por ser a dos filhos da aldeia!...

Mas o pobre Joaquim António andava longe de tudo... só sabia e lhe interessava o serviço do Grémio, da política das alianças, daquela que repele Deus, porque Êle é um travão para o espírito do bom povo a quem O querem tirar...

E assim, foi grande a sua surpresa ao deparar com tão grande profusão de luzes e de flores, de lindas colgaduras que engalanavam as paredes do templo; a música externecera-o, e quando entrara seguindo as crianças, sentira uma tão grande comoção que... se detivera lá e foi avançando, avançando...

Estava junto da fila de crianças que se prolongava em todo o comprimento da nave.

Olhou... conheceu algumas... lá estava a do José da Rosa... a do Machado... a do Manuel sapateiro... mais além a do fidalgo da Ribeira e estavam tôdas juntas... as ricas e as pobres... tôdas de igual... nos mesmos bancos...

Joaquim António estranhou...

Teve pena da sua Joaninha... também ela podia estar ali... alegre, feliz... E a mulher?... Como teria pena de nunca assistir a estas festas tão lindas!...

— «Que afinal» — pensava êste não fez mal a ninguém!...»

Começara a Missa sem êle dar por isso. Extasiara-se contemplando aquelas noivas pequeninas de Jesus Menino.

No céu os cantores e a orquestra iam executando a Missa, aquêles cânticos incompreensíveis para êle embalavam-no numa emoção que o dominava sem que procurasse resistir.

Entregue a sensações novas, sentindo o seu coração palpitar de comoção, ouviu uma voz que se elevava junto do altar...

Era o pior, de quem êle era feroz inimigo.

Deseu do céu para onde o haviam transportado as místicas surpresas da festa.

O padre era para êle motivo de ódio, e a sua voz fêz nascer-lhe naquele espírito o furor contra a religião que uns momentos antes o encanto da festa amortecera. Quis ouvir com atenção as palavras do pároco, esperando agora levar dali uma arma poderosa contra a Igreja e os seus ministros...

Comovido, o celebrante dirigia-se aos pequeninos e singelamente, tocando aquêles coraçõezinhos inocentes, falando-lhes com muita piedade, explicava-lhes a sua alegria, pela felicidade dêste dia.

E como outrora escrevera o abade Perreyve disse-lhes:

— «É uma festa para mim duplamente querida. É a festa mais solene, o dia mais feliz da vossa vida, meus meninos, e é meu grande desejo ver-vos sempre felizes.

— Desejai êste dia há muito; para êle adornastes as vossas almas com o manto de virtudes que Jesus requere, mas é também a festa de Jesus, escola que Êle tanto deseja: visitar as almas...

E como Ministro dum tão grande, tão sábio, tão clementíssimo Senhor, sinto-me feliz acima de tudo, porque sei que Jesus está desejando sintá-las mais que vós, visitar os vossos corações pequeninos, mas tão grandes, que Êle sendo imenso, pode e quere alojar-se nêles!

Jesus, quere-vos grandes, meus filhinhos, para viver sempre convosco... mas grandes na virtude. Com almas de crianças, grandes no amor! São a inocência e o amor que hão-de engrandecer-vos para Jesus, assim como a Jesus o amor levá a fazer-se pequenino, para descer até às vossas almas...

Vinde, criancinhas, receber o pão dos Anjos, o alimento dos Santos, a fôrça de tôdas as virtudes.

E o alimento da Fé! E sem Fé — convencei-vos pais que me escutais, — não é sólida a virtude dos vossos filhos...»

Joaquim António sorriu!

— «Ora!» — pensava êle — «Tão bom é o minha Joaninha, cada vez melhor, mais obediente, não precisa disto para ser boa...»

— «Trazei-os a Jesus» continuara o orador — se terão filhos obedientes e respeitadores... só Êle é Mestre das virtudes, porque Êle é o Caminho, a Verdade e a Vida!»

Joaquim António estava comovido. Aquelas palavras eram tão diferentes das que costumava ouvir ou ler nos jornais!...

«Mas a sua Joaninha era afinal muito respeitadora mesmo sem ir à igreja...»

Mergulhado nêstes pensamentos, admirando no íntimo do coração a filha que era o enlêvo e consolação da sua vida, não notou que a prática terminara, tendo o sacerdote indicado às crianças que procurassem seus pais, para que lhes pedissem perdão e bênção, que devia acompanhá-las aos braços amorosos e meigos do Menino Jesus.

Tôdas as crianças se desviaram do seu logar e foram ao encontro de seus pais e mães que entregando doces lágrimas ocultavam os filhinhos tímidos e comovidos que se lançavam confiadamente de encontro ao peito acolhedor do pai ou da mãe.

Joaquim António, chorava agora como as crianças...

Parecia-lhe que sonhava... que eram multidões de anjos que descendo do céu traziam consolações, paz e sorrisos a tôdas aquelas famílias...

Era tão pouco da terra aquêle espectáculo tão simples...

— «São anjos!... São anjos» — murmurava soluçante.

— «Que aquêles que não têm pais, recorram ao Coração Santíssimo de Jesus, e Nêle encontrarão carícias paternais!» — exclamava o rev.º pároco.

Joaquim António olhou para os bancos vasios, e viu só uma pequenita que envolta no seu véu branco soluçava, a inocente.

— «Tão só... não terá pais!...» — pensou êle.

Teve dó!... Ficou-o... aquêle vulto..., lembrava a sua Joaninha... a filha...

Deu uns passos... a um ligeiro movimento julgou reconhecê-la. Seu saber como encontrou-se junto da criança... tomou-a nos braços... não se iludira...

Era ela! a Joaninha! A filha... a menina dos seus olhos!

Beijou-a, afagou-a, confundindo as suas lágrimas com as da filha...

A pequenita, na confiança inocente que Jesus nos quere, disse-lhe:

— «Trouxeste a Mãe? Eu bem sabia que virias... tenho pedido muito para vires... e já pensava que o Menino Jesus não tinha feito caso...»

O pai não respondeu; apertou mais a pequena cândida e simples, encantadora na sua certeza de Deus, e sem poder formular uma resposta aparou-se dela para que a cerimónia continuasse e Jesus fôsse visitar uma a uma tôdas aquelas almas que O esperavam.

Também para êle um anjo havia trazido do céu uma felicidade nova, cheia de paz e lágrimas de alegria!...

Seguiu com respeito e ansiedade todos os movimentos da filha e agora recordava a veracidade das afirmações do sacerdote! A bondade da filha que era o seu orgulho, era então fruto da Fé, da Religião, que êle tanto perseguia e calunjava?!

Que feliz se sentia por a mulher não fazer caso dos seus furores e educar a filha pelos meios mais seguros do respeito e do cumprimento dos deveres!

A saída tomou nos braços a Joaninha e disse-lhe com ternura:

— «Meu anjo, vamos à mãe!»

Lá foram...

A pobre Maria José, ao avistar o homem com a filha, ficou estarrecida no limiar da porta... trémia, de olhos estrogalhados, amparando-se à parede...

Não podia falar!...

Pálida como a morte, esperava o desconhecido dono (ou antes dona) tamanha ousadia!

— «Será formoso, meu Deus!! Virgem Santíssima, Senhora do Carmo, valei-me!» — clamava o seu coração de crente sempre fiel, no meio dos maiores sacrifícios e dificuldades!

Ainda nessa manhã, na missa de alva a que assistia sempre à volta das compras, quando pedira ao Coração de Jesus a tolerância para o marido e a sua conversão!

— «Ai! Mas que iria passar-se! Se a criança pedira tanto! Há tanto tempo! Como contrariá-la mais, no que era o dever!!...»

«Oh! Mulher! Tu ficarás em casa! Anda! Dá-me o meu fato, e vem daí, Maria!»

— «Para onde Joaquim?»

— «Para a quinta do fidalgo».

A Joaninha até a casa informara o pai de que todo aquêle rancho infantil ia para o solar da Ribeira onde lhes seria oferecido o almôço para solenisar a primeira Comunhão da fidalguinha.

A boa Maria José duvidava do que via e ouvia... Mas seria possível?!

Tomou coragem. Como sonâmbula foi à arca tirar o fatinho posto vingado e lembrou que o seu Joaquim vestira no dia do casamento. Também ela se preparou com os seus melhores arranjos... e pouco depois lá iam a caminho da quinta do fidalgo, todos três — a filha ao meio — emparando-os, ela que tinha sido com as suas orações cheias de confiança o traço de união que devia unir-los na Fé depois dêste dia.

Uma Mãe cristã

(Do livro *Coisas da Vida*, cuja leitura é recomendável aos conhecedores do mundo).

VISADO PELA CENSURA

Ano XII. Fátima, 13 de Março de 1935 N.º 150

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 156-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário de Fátima»

As comemorações do dia treze

O sol ainda não tinha subido acima do horizonte, no firmamento àquela hora da madrugada completamente limpo de nuvens, quando os primeiros peregrinos transpuseram os largos portais do recinto sagrado das aparições. O frio, que um álgido vento norte tornava áspero, era bastante intenso e a geada, que durante a noite caíra com abundância, cobria os campos, ao longe e ao largo, com o seu formoso manto de arminho. O rigor excessivo da estação invernosa, longe de intimidar os devotos de Nossa Senhora de Fátima, parecia ao invés animá-los a empreenderem a dura e penosa viagem ao seu santuário predilecto. À medida que vão chegando ao vasto anfiteatro da Cova da Iria, êles dirigem-se, impulsionados pela sua fé viva e pela sua ardente piedade, para as diversas capelas do Santuário e, especialmente, para a das Confissões, onde muitos se conservam em longa e fervorosa oração diante de Jesus Sacramentado e muitos outros se preparam, por meio dum cuidadoso exame de consciência, para purificar a alma no santo tribunal da Penitência e receber depois com as devidas disposições o Pão dos Anjos. Durante tôda a manhã, os fiéis repartem o seu tempo entre a oração, a confissão e a comunhão, cumprem promessas feitas em horas de amargura ou visitam dotidamente as simples mas higiénicas e confortáveis instalações do Albergue dos peregrinos. Os dois estabelecimentos, situados um de cada lado do grande portão de entrada do recinto das aparições, onde se vendem por conta do Santuário livros e vários objectos de piedade, são sem cessar frequentados por numerosos fiéis, que desejam adquirir singelas recordações da sua romagem a Fátima para as guardarem religiosamente nos seus lares distantes ou para as distribuirem pelas pessoas da sua amizade ou das suas relações que não puderam visitar aquela estância bendita de graça e de milagre.

O têrço e a missa dos doentes

Era quási meio-dia solar, quando o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e director das Associações dos Servos e Servas de Nossa Senhora do Rosário, principiou a recitação do têrço, alternadamente com o povo, diante do altar da capela das aparições. Efectuou-se em seguida a primeira procissão com a linda e devota estátua de Nossa Senhora, que se acha exposta dum modo permanente à veneração dos fiéis, na Santa Capela. A veneranda Imagem foi conduzida entre alas de povo, no meio de preces, cânticos e aclamações entusiásticas, até à capela exterior do Pavilhão dos doentes. Celebrou a missa oficial o rev. José da Cruz Penteado, pároco da freguesia da Marinha Grande, que no fim deu a bênção aos doentes inscritos, cujo número era pouco elevado, como costuma suceder nos meses de Inverno. A missa, correspondente à solenidade do dia, segundo o calendário eclesiástico próprio de Portugal, foi a missa das Cinco Chagas de Nosso Senhor. O rev. dr. José Galamba de Oliveira, professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Leiria, que, à estação da missa, subiu ao púlpito, comentando o evangelho do dia e referindo-se dum modo especial ao *Sitio* (tenho sêde) do texto sagrado, falou da sêde ardente que Jesus tem da salvação das almas pelas quais deu generosamente o sangue e a vida. Frizando a obrigação que nos incumbe de matar essa sêde na parte que, pessoalmente, diz respeito a cada um de nós, exortou todos os seus ouvintes a tornarem-se apóstolos fervorosos para a reconquista de tantas almas transviadas do caminho do Céu, integrando-se assim no grande exército da Acção Católica, que deve ser um verdadeiro exército de salvação.

O piedoso e ilustre orador concluiu o seu discurso, dizendo que a nossa nação era a única entre tôdas as nações do mundo que possuia a honra insigne de ter gravadas na sua bandeira as quinas, lembrança piedosa e perene das sacrossantas Chagas do Divino Redentor inscrita no símbolo augusto da Pátria.

O concurso de peregrinos

Grande, extraordinàriamente grande até por ser em pleno coração da quadra invernosa, foi o número de peregrinos que neste dia acorreram ao glorioso Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Não foi inferior ao do dia correspondente nos últimos dois meses e talvez fôsse até mais elevado. Como nêsses dois meses, também no mês de Fevereiro a grande maioria dos peregrinos provinha dos diferentes lugares da freguesia de Fátima e das freguesias circunvizinhas. Houve cêrca de vinte missas e aproximaram-se da mesa eucarística mais de duas mil pessoas.

Depois da última missa, ainda se distribuiu uma píxide cheia de Sagradas Partículas. Entretanto os fiéis que não tinham podido confessar-se mais cedo foram-se acercando do tribunal da Penitência até quási ao pôr do sol.

O "Adeus à Virgem,,

Após a bênção geral com o Santíssimo Sacramento, efectuou-se a segunda procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que foi reconduzida em triunfo, por entre vivas e aclamações, até ao seu altar na Santa Capela. Aí, o rev. dr. Marques dos Santos rezou as últimas orações e fez a consagração de todos à Santíssima Virgem, encerrando assim o ciclo das habituais comemorações religiosas. Por fim, a multidão cantou com entusiasmo o «Adeus à Virgem», entre suspiros de infinda saudade e lágrimas de íntima alegria e do mais vivo reconhecimento. Ao sol pôsto, no vasto anfiteatro do local das aparições, sôbre o qual desciam ràpidamente as sombras da noite, apenas se via um ou outro grupo de peregrinos retardatários que a muito custo logravam arrancar-se daquela estância bendita, onde a Rainha do Céu prende e cativa com suaves e irresistíveis encantos as almas e os corações dos seus filhos de Portugal.

Visconde de Montelo

"Voz da Fátima"

«A Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Janeiro tirou 222.000 exemplares e em Fevereiro 234.800, assim distribuidos:

	Jan.	Fev.
Algarve. ...	2.845	2.962
Angra	10.991	14.058
Beja	1.905	2.571
Braga	51.577	54.974
Bragança ...	4.638	5.080
Coimbra. ...	10.087	13.218
Évora	2.700	2.500
Funchal.. ...	13.570	13.859
Guarda. ...	25.068	16.438
Lamego. ...	2.678	3.026
Leiria	7.723	9.273
Lisboa	3.260	4.146
Portalegre...	5.360	5.497
Pôrto	29.116	32.106
Vila Real...	28.408	30.439
Viseu	6.206	7.238
	206.132	217.385
Estranjeiro..	3.455	3.445
Diversos. ...	12.413	13.870
Total. ...	222.000	234.800

A rubrica diversos abrange os exemplares enviados a assinantes pobres, cadeias e distribuição no Santuário.

Altar a Nossa Senhora de Fátima na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em CAMPINAS, Estado de S. Paulo, nos Estados Unidos do Brasil — visitada por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, na sua viagem ao Brasil.

Romagem Nacional

Consagração de Portugal à Senhora da Conceição no Santuário de Vila Viçosa

É já do conhecimento do público a grande romagem da Nação lusa aos pés da Padroeira, para renovar a consagração devota e fervorosa feita por D. João IV, numa hora bem trágica, à Senhora da Conceição perante a imagem que o Beato Nuno Álvares Pereira entronizara num Santuário construído a expensas suas, em Vila Viçosa.

A grande imprensa e a pequena imprensa, tanto católica como indiferente, deu já ao facto o devido relêvo, considerando-o acontecimento nacional, que de facto é, mas a «Voz da Fátima», pregoeira das glórias de Maria, em homenagem à Excelsa Senhora, quere convidar (e fá-lo por êste meio), os seus leitores e devotos da Imaculada, a unirem-se pessoalmente ou, ao menos, em espírito, aos milhares de portugueses que, de tôda a Nação, vão acorrer a Vila-Viçosa para, no seu Santuário, de novo a aclamarem, em união mística com as gloriosas gerações de antanho «Senhora da Conceição, sois a nossa Padroeira.»

Como sapientemente disse o Venerando Antistite Eborense, na Proclamação de 18 de janeiro de 1935, esta romagem é a paga duma dívida que está para ser saldada, de há três séculos, da parte de Portugal Católico. São frementes de entusiasmo as palavras da Proclamação a êste propósito: «Evocatum-se os dias trépidos e longínquos em que a Nação, representada pelas suas côrtes, aclamara por Padroeira de Portugal a Senhora da Conceição no seu santuário de Vila Viçosa; e um frémito religioso e patriótico ao mesmo tempo fez estremecer a alma de Portugal, acordou saudades de antigas grandezas e fez surgir esperanças de tempos melhores e mais tranquilos.

Acudiu então ao espírito de muitos a ideia de que estava ainda por pagar uma dívida nacional: a Padroeira aceitara o padroado, abençoara os heróicos esforços do povo que despedaçava os grilhões da escravidão, e com maternal carinho lhe consolidara a independência; e a Nação não viera ainda em massa ao seu Santuário, a proclamar num preito grandioso o seu filial reconhecimento. O solar da Padroeira estava como que esquecido; guardado embora carinhosamente pelo povo dos arredores, dir-se-ia ignorado do resto do País, que aliás continuava a render vassalagem de culto e amor à Senhora da Conceição. Urgia reparar esta falta e convocar Portugal inteiro para o Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Padroeira de Portugal.

Foi proposto o alvitre ao venerando Episcopado Português, reunido em sessão plenária, no mês de Abril do ano passado, junto ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, e com júbilo se verificou que foi unânimemente aprovado, ficando desde logo resolvido realizar-se uma peregrinação nacional ao solar da Padroeira em Vila Viçosa, no dia 28 de Abril do ano corrente.

Não é necessário evocar o passado para lembrar aos portugueses os benefícios recebidos das mãos puríssimas de Maria. Mas, como os velhinhos recordam com enlêvo os afagos maternais e sentem crepitar-lhes no coração a flama dum amor agradecido, assim nós, gente lusa, embora ainda actualmente mimoseados pelas carícias da Mãe do Céu dispensadas em Fátima, recordamos com afecto e guardamos com amor as aras sagradas que são também testemunho do muito que à Virgem devemos. E a história da protecção de Maria anda sobremaneira ligada a Vila Viçosa. Recorde-se a seguinte passagem da Pastoral de 29 de Outubro de 1933 com que o Venerando Arcebispo de Évora convocava os seus diocesanos para a solene romagem de Dezembro do mesmo ano:

«Alcobaça, Batalha, Belém são, como alguém disse, os Lusíadas de pedra, a cantar através as idades a grandeza de um povo que atravessou os séculos e galgou os espaços de olhos fitos na estrêla bendita que é a Virgem Maria. E porque ela o guiou sempre a pôrto de salvamento e o envolveu sempre na sua luz meiga e confortadora, êste povo sente a necessidade de exteriorizar o seu reconhecimento, ao mesmo tempo que nos benefícios passados aprende a esperar novos benefícios e a confiar no futuro, que antevê alumiado pela mesma estrêla de bênção. E nunca a sua esperança foi iludida, e graças sôbre graças vieram bastas vezes provar-lhe que nunca se invoca em vão tão amorável Protectora.

As igrejas sumptuosas e as pobres ermidas, a branquejar nos vales ou alcandoradas nos montes, são testemunhas vivas de uma devoção que o perpassar dos tempos não amortece e de uma gratidão que os favores multiplicados dia a dia tornam mais obrigatória. Que lindo poema a devoção filial do povo português pela Rainha do céu, e que cântico de amor a assistência desvelada que ela sempre lhe tem dispensado!

E Vila Viçosa!

Eis um nome que acorda as mais doces reminiscências e que bem se pode chamar uma das mais vibrantes estrofes do lindo poema a que atrás nos referimos. A Vila Viçosa está indissolùvelmente ligada a epopeia da devoção portuguesa a Nossa Senhora; e muito embora o templo de Nossa Senhora da Conceição ali erecto, por quanto majestoso, não possa comparar-se em magnificência nem em beleza arquitectónica aos monumentos portentosos de Alcobaça, Batalha e Belém, forma todavia com êles um dos vértices do que chamaríamos o quadrilátero estratégico desta invencível defesa espiritual que, no meio de vicissitudes sem

(Continua na 3.ª página)

NOSSA SENHORA NA LITERATURA PORTUGUESA

Uma canção à Virgem

EXCERPTOS: *De Sá de Miranda*

Virgem formosa que achaste a graça
Perdida antes por Eva, onde não chega
O fraco entendimento, chegue a fé.
Cuitada desta nossa vista cega
Que anda apalpando pela névoa baça
E busca o que, ante si tendo, não vê
Sem saber atinar como ou por que
Entrei polos perigos,
Rodeado de inimigos:
Por piedade a vós venho, e por mercê:
Vós que nos destes claro a tanto escuro,
Remédio a tanta mingua,
Me dareis língua e coração seguro.

Virgem toda sem mágoa inteira e pura
Sem sombra nem d'aquela culpa erdada
Por todos até o fim des o começo
Craridade do sol nunca turbada,
Santíssima e perfeita criatura.
Ante quem de mim fujo e me aborreço,
Hei medo e quanto fiz, sei que mereço
Dos meus erros me espanto
Que me aprouverão tanto,
E agora é só lembrança desfaleço,
Mas lembra me porem que vós fizestes
Paz entre Deus e nos
E a quem por vos chamou sempre a mão destes.

Virgem, do mar estrela, neste lago
E nesta noite um faro que nos guie,
Pera o porto seguro um certo norte:
Quem sem vos alinar, quem poderia
Abrir sòmente os olhos vendo o estrago
Que atrás olhando deixa feito a morte?
Quem pros me daria com que corte
Por tam brava tormenta?
De toda a parte venta
De toda espanta o tempo feo e forte,
Mas tudo que será? Com vossa ajuda
Nevoa que foge ao vento
Que num momento s'alevanta e muda.

Virgem, nossa esperança um alto poço,
De vivas aguas, donde a graça corre
Em que se matão pera sempre as sedes.

. . . . . .

Virgem celestial ja anelando aqui
E em corpo trespassada ao ceo imperio
Sem ser cá vista mais de olhos humanos
Espelho craro, puríssimo lirio
Que tam suave odor lanças de si.
Dada por só remedio de nossos danos
Contra os demonios, vejão meridianos,
Vejão de noite escura,
Esperança segura;
Contra tais forças, contra tais enganos
Com vosso esforço por terra e por mar
Não digo eu haver medo
Mas sair todo ao campo e pelejar.

Esta vida, mesmo que decorra favorável à realização das aspirações mais caras, nunca satisfaz por completo os imensos sonhos de ventura de qualquer dos mortais. A chamada «felicidade terrestre» nem sempre contenta o homem. Então, inadaptados ao mundo, e caminhando hesitantemente nêste «vale de lágrimas» da existência, levantamos, de vez em quando, o olhar para o Céu. Esta atitude mística surge frequentemente nas literaturas cristãs do Ocidente, nomeadamente na portuguesa, como aqui mostrarei. E *seja* a primeira prova do que digo a linda «Canção» à Virgem, escrita há uns quatro séculos por Sá de Miranda, grande Cristão, que nascera em Coimbra, mas que passou os anos mais ditosos da vida numa velha quinta do Minho, deliciosamente rodeada de vales umbrosos e de colinas vestidas de relva. Este homem, talvez mais ilustre por suas virtudes do que pelas letras, menosprezou o esplendor pagão da cidade e da côrte. Cêdo compreendeu que a vida simples, pura, desinteressada e humilde, traz ao homem maior contentamento do que os espaventos da civilização.

Um dia, tão cristianíssimo poeta, não se sabe bem porque motivo, foi cruelmente assediado pela amargura. Se procurou na terra remédio para seu mal, é certo que confiava mais na protecção do Céu. E, por isso mesmo, em versos de índole mística e piedosa, implorou humildemente o auxílio da Virgem. Foi então que escreveu aquela famosa poesia: *Canção a Nossa Senhora.*

Vê-se que a mãe de Jesus era muito da devoção do nosso escritor. Louva-a com acendrado fervor religioso e qualifica-a de *Virgem formosa* e de *Rico ramo do tronco de Jessé.* Também lhe chama, encantadoramente, *fonte de graça* e ainda *Santíssima e perfeita criatura.* Esforça-se por bem focar a alma sublime de Nossa Senhora, e, em obediência a tal propósito, apelida-a de *Virgem tôda sem mágoa, inteira e pura.* Sim, ela é a mulher *sem mágoa,* isto é, *sem mácula de pecado.*

Busca entre as flores da terra e na abóbada celeste os elementos para retratar a Virgem, e dêste proceder resulta que ora lhe chama *puríssimo lírio,* ora a contempla *vestida de sol e coroada de estrêlas.*

Sá de Miranda solicita o amparo dela, porque, bem religiosamente, a crê compassiva e sensível ao sofrimento humano. Sente-se junto duma mãe cheia de ternura e amor. Chama-a, esperançada em que ela o atenderá, e diz-lhe com robusta confiança:

a quem por vós chamou sempre a mão destes.

No mesmo tom confiante e optimista, escreve, dirigindo-se à mãe de Jesus: *valei-me* no meu infortúnio, *a vós bradando por piedade venho, socorro espero.*

Acontece ainda, nesta Canção, que para melhor exprimir a condição de mortal necessitado de auxílio divino, Sá de Miranda recorre a «imagens marítimas». E tanto assim que se julga um náufrago quási perdido nêste pélago tempestuoso da vida. *Vento* com violência, o *tempo está feio e forte* e vislumbram-se sinais de *brava tormenta.* Em hora tão infeliz só lhe poderá assistir Nossa Senhora, a quem chama, metafòricamente, *porto seguro* e *estrêla do mar.*

O piedoso lírico vê-se já bastante vergastado pela procela marítima, declara ter já lutado muito contra os ventos contrários, e deseja salvar-se, nadando para terra.

A prece poética dêste escritor, sem nada de convencional, é predominantemente sincera e convicta. O corpo está na terra, mas o pensamento voa-lhe para o Céu.

Rompam os meus suspiros o alto céu,
E a vós cheguem, Senhora,

exclama êle, quási ao findar tão bonita Canção. E acaba, tomando a deliberação de pôr os joelhos em terra para rezar.

Feliciano Ramos

A "VOZ DA FÁTIMA,,

é o jornal de maior tiragem em Portugal

Alguns números curiosos

Acabamos de receber o número a «Voz da Fátima» correspondente ao mês de Fevereiro, já impresso em máquina rotativa, com grande formato, consideràvelmente melhorado em tôdas as suas secções. É êste actualmente o jornal de maior tiragem que se publica em Portugal. E nenhum outro alcançou até hoje a expansão dêste mensário.

A tiragem dêste número foi de 232 mil exemplares, mais 10 mil do que em Janeiro. Consumiu 24 bobines de papel, de 275 quilos cada uma, ou sejam 6 toneladas e meia. Cada bobine tem 6.500 metros, ou seja o total de 156 quilómetros, mais que a distância de Lisboa a Fátima.

Se a tiragem não aumentasse — e aumenta aos milhares de número para número, — o papel gasto num ano na «Voz da Fátima» teria a extensão de mais de 1.900 quilómetros, ou seja, a distância de Lisboa a Paris. Desdobrado em tôda a nossa fronteira terrestre e marítima envolveria num abraço Portugal inteiro.

Dos «Novidades»

CONTO REAL

Um golpe no coração...

O Senhor Prior acabara de rezar o breviário e, depois de passar ao longo da varanda que lhe encima a casa, descansava, na contemplação do imenso vale, a vista enjoada com as misérias humanas.

Recatadamente disfrutada lá de cima, onde ninguém o enxergava, aquela vista lembraria uma gelosia de velho solar mourisco, se a luz não entrasse a jorros, invadindo a casa por todos os lados. Encostara-se à janela a ruminar uma passagem do salmo que acabara de recitar e, com o olhar vago, quedava-se ante o panorama que os seus olhos, encantados, mais uma vez descortinavam com sofreguidão.

Não é largo o vale mas farto de mimos que a Natureza, pródiga como a Fortuna, ali despejou a esmo.

Numa dobra da montanha abre a terra o seio e lança amorosamente de si o formoso rio que engrinalda de verdura a campina, enche as casas de frutos e a cantar e a gemer vai descendo ora lesto ora preguiçoso poucas léguas até ao mar.

É de ver que terra assim regada mais semelha perene jardim de maravilhas que terra habitada de simples mortais.

Quando a água já não chega e a terra se enxuga, começa a vinha a cobri-la tôda pela encosta até que, não podendo mais com o ingreme da subida, ou com o fragoso da serrania, abre caminho à oliveira modesta e serviçal.

Lugares e casais branquinhos de neve põem no ambiente um tom de alegria que nunca mais esquece.

•

Tal é o vale cheio de côr e de vida, forte de poesia e de beleza que todos sentem e muitos cantam e ninguém se cansa de olhar, pois o matiz do colorido, os cambiantes de verdura, a variedade e a graça ressaltam de tôdas as coisas.

Alma de artista que, na beleza das coisas criadas, sabe ver como em espelho a Beleza Infinita, o prior enchia voluptuosamente a alma, quando duas pancadas sêcas na porta, e, logo, a voz da criada o obrigam a cortar o suave enleio em que todo se deixara embeber.

— *Senhor Prior, a Menina Maria Lina e a mãe que lhe desejam falar.*

— *Está bem, lá vou já.*

E fechando por três vezes os olhos embriagados da luz suave que invadira a casa e o vale ao findar da tarde, desceu a atender as visitas.

•

A Maria Lina era uma rapariga boa, por temperamento e lidou-la vincadamente autoritária, muito ponderada e prudente. Forte de corpo e de saúde e de alma bem formada. Sentia como tôdas, mais duma vez, certa inclinação amorosa por um ou outro dos rapazes das cercanias mas, amor verdadeiro nunca o deixara crescer livremente senão por um rapaz já duro, mais forte do que ela, cheio de vida e de fôrça e querido de tôda a gente.

Sabia-o o snr. Prior e, ao vê-las, perguntou sorridente:

— *Então daqui a oito dias temos bodas, hein?!*

— *Senhor Prior, como está? Passou bem? Faz favor de nos deitar a ma bênção.*

— *O Senhor as abençoe.*

— *O Senhor Prior também está sempre com graças.*

— *Foi o que me disseram.*

— *Daqui até lá...*

— *Ora essa, são dois dias.*

— *Quem sabe?*

— *Não tem o casamento tratado com o Manuel Alves, do Casal de Cinza, pois não? Pelo menos já lá os proclamas.*

Resoluta e mimada a Maria Lina queria responder mas não sabia o quê.

Foi então a mãe que para a livrar de embaraços, atalhou:

— *Olhe, Senhor Prior, é por causa disso que nós cá vimos, é.*

— *Para marcar o dia ao certo?...*

— *Não senhor!* responde altiva a Maria Lina.

E começa a história.

«Eu fui doida em começar um namôro sem primeiro saber bem que peça era o menino que me vinha falar.

E eu que tinha sido sempre tão acautelada...

Mas o coração é doido.

Gostei dêle. Tôda a gente gostava e dizia bem dêle e... vai eu aceitei namôro e queríamos casar daqui a oito dias.

— *Lá me parecia.*

— *Agora vêm dizer-me que dle que se não confessa.*

— ...

— *Eu venho pedir-lhe por tudo quanto há que me diga a verdade. Isto não é segrêdo. É do rol de confessados. Vá lá, Senhor Prior, e diga-mo já. Estou a ferver, creia.*

— *Não é preciso ir ver o rol.*

— *Mas vá... podia enganar-se.*

O Prior atravessou o corredor, entrou no cartório e pegou do livro.

— *Não há dúvida.* «Manuel Alves, do Casal de Cinza, solteiro». *Está em aberto há 4 anos.*

— *Há 4 anos?*

— *Sim senhor. Quere ver?*

— *E como é que isso se não sabe numa terra tão pequena como a nossa? Parece impossível.*

— *Pode ser que se tenha confessado noutro sítio mas aqui não consta.*

— *É quanto basta. Não preciso de mais.*

A Maria Lina ficara congestionada e com os lábios bastante arqueados. O coração batia apressado e fazia arfar todo o peito. Nervosa, termina a conversa:

— *Era só isto, Snr. Prior, Muito obrigada!* E saíram.

Nesse mesmo dia enviava ao noivo o seguinte bilhete:

Manuel

Peço-te que venhas falar-me amanhã sem falta.

Maria Lina

•

Estranhou o noivo a letra e o estilo mas atribuiu-o a qualquer pequena crise de nervos e ficou radiante por, mais uma vez, ir estar com a querida do seu coração.

O casamento já de há tempo estava combinado para daí a cinco dias. Padrinhos falados, convites feitos, enxoval bordado, tudo pronto. Que seria? Um simples capricho? Talvez.

Pelo sim pelo não, no dia seguinte logo de manhã, lá partiu a ver de que se tratava.

A Maria Lina não dormira. Mal o sentiu veio à janela para não acordar os pais.

— *Tenho uma coisa muito grave a tratar contigo.*

— *O que é?*

— *É verdade que não te tens confessado?*

O noivo sorriu-se vagamente doente de tal pergunta feita assim à queima roupa.

— *Eu espero da tua lealdade uma resposta e resposta verdadeira,* insistiu ela.

— *Para quê? É realmente verdade que me não confessei há já uns 3 ou 4 anos. Mas isso não quere dizer nada. Agora posso tornar a ir.*

— *Porque me não disseste, há mais tempo?*

— *Porque nunca me preguntaste. Mas vou lá quando quiseres,* — *disse lá.*

— *Não, eu não mando em ti. Do hoje por diante ficam cortadas para sempre tôdas as nossas combinações.*

— *Não te exaltes.*

— *Não. Pensei muito, antes de dar êste passo.*

— *Com tudo marcado, enxoval pronto...*

— *Não importa.*

— *É uma vergonha para mim.*

— *A culpa não é minha.*

— *Olha lá que já passaste dos 25. Não exageres tanto.*

— *Para mim não há 25 nem mais 25. Não estou fatalmente obrigada a casar. Só hei-de casar com quem eu quiser.*

Casar com um homem que não sente comigo a infinita beleza da Religião Católica, que não é piedoso, nem sequer cumpre o essencial, tornar-me escrava dum homem cuja alma nunca sentirá unida à minha, isso nunca!...

— *O passado, passado.*

— *Não, o passado é penhor do futuro.*

— *Não queres então casar comigo? Não me tens amor?*

— *Amei-te deveras e queria casar contigo porque te supunha outra coisa.*

Assim não!

E fechou a janela.

Ao ver o noivo subir a encosta, caiu mergulhada num chorar convulsivo.

Só Deus sabia quanto heroísmo e fôrça de vontade lôra precisa para realizar aquêle corte.

É que o coração estava agarradito. Foi ela que um dia mo contou.

Se se pensasse com tempo e resolvesse com prudência quantas desgraças e arrependimentos se não evitariam.

•

Deus não se esquece.

Deparou há pouco um noivo crente e piedoso a essa alma diamantina de rapariga católica.

Um dia dêstes ao encontrar o snr. Prior foi ela que lhe disse cheia de satisfação:

— *Agora é que lhe vou dar um bolo, Senhor Prior.*

E os olhos do prior sorriram antevendo na sua freguesia mais um lar profundamente cristão e piedoso de que a Igreja tanto precisa no nosso tempo. Deus os faça felizes que bem o merecem ambos!

Oh! se tôdas as raparigas católicas fôssem como a Maria Lina!...

Janeiro de 1935

Galamba de Oliveira

NOTA — No próximo número começaremos a publicação dos contos aprovados pela comissão encarregada de os rever.

Porto - Amadeu

N.ª Senhora na Liturgia

Anunciação da Virgem Maria a 25 de Março

A festa do Natal de Jesus relaciona-se com a da Anunciação, da qual depende: na verdade, à data de 25 de Março corresponde a de 25 de Dezembro, nove meses depois.

Maria vive na sua casinha de Nazaré, depois dos esponsais com S. José; tinha então 14 ou 15 anos.

A cidade de Nazaré pertence à Galileia, província setentrional da Palestina; está situada a 25 léguas ao norte de Jerusalém, a igual distância do lago de Tiberíades a leste e do Mediterrâneo e oeste.

S. Jerónimo chama a Nazaré uma *rosa abrindo a sua corola para o céu.* Deliciosamente reclinada nas primeiras ondulações de uma alta colina, abrigada dos ventos norte e nordeste, a pequenina cidade descansa os pés num tapete de relva que se dobra pelo vale; delicia os olhos no quadro harmoniosamente matizado de tons e côres, que outras colinas mais baixas, cobertas de arvoredo, campos e prados, estendem diante dela; e quási escondo as suas casas branquinhas nos maciços de figueiras, romanzeiras e catos, que brilham à lua do Oriente, como pérolas de nácar e cristal, engastadas no meio da verdura e das flores.

Lugar de calma e de silêncio, solidão bendita, onde, longe do olhar dos homens, desabrochava na sombra a flor virginal que devia dar ao mundo um fruto divino...

O Arcanjo Gabriel revela a Maria o cumprimento dos altos desígnios de Deus: *Eu vos saúdo, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.* E perante a turbação da humilde Virgem, o Anjo anuncia: *Maria, não temais; ganhastes a complacência de Deus. Ides conceber no vosso seio e dareis à luz um filho a quem porei o nome de Jesus. Êle será grande, chamar-se-á o Filho do Altíssimo, e o Senhor lhe dará o trono de David, seu avô. Reinará sôbre a casa de Jacob por tôda a eternidade; e o seu reino não terá fim.*

E Maria, com os olhos perlados de doces lágrimas, observa: *Resolvi ficar virgem; como se cumprirá a vossa palavra?*

O Anjo respondeu: *O Espírito Santo descerá sôbre vós, e o poder do Altíssimo envolver-vos-á na sua sombra. É por isto que o Fruto que nascer de vós, será Santidade e chamar-se-á o Filho de Deus.* E acrescenta: *A vossa prima Isabel também concebeu, e está agora no sexto mês, ela que se dizia estéril.*

Eu sou a serva do Senhor, responde por fim Maria, *faça-se em mim segundo a vossa palavra.*

E o Anjo afastou-se, levando ao céu a boa nova. O Verbo divino *fêz-se carne.* Temos um Deus por irmão!

Porto - Amadeu

Três preguntas distintas

e

Uma só resposta necessária

1.º — Quares aproveitar todo o fruto moral das tuas comunhões?

— Lê e observa as regras e as orações efectivosas do precioso livrinho intitulado:

«A Minha Comunhão Diária»

(Preços 2$50 e 3$00 pelo correio)

• • •

2.º — Queres amar as melhores agradecimentos da tua vida e registar as graças particulares que a Divina Providência te fez?

— Usarás então o livrinho:

«Memórias Breves da minha breve vida»

(Preços 2$50 e 3$00 pelo correio)

• • •

3.º — Queres instruir-te e progredir no amor apaixonado a Jesus Cristo?

— Meditarás o Prisão no livrinho em verso e prosa:

«Via-Sacra Reparadora»

(Preço, 1$50)

Estes livros devem pedir-se:

ou

à Comissão Cultual

ou

ao P.e Alberto Gomes, da Travassos (Póvoa de Lanhoso)

Nossa Senhora de Fátima no estranjeiro

NO BRASIL

Em Campinas

S. Em.ma o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa na sua visita ao Brasil foi a Campinas, onde tôda a população o recebeu festivamente com o elemento oficial.

A convite da Liga dos devotos de Nossa Senhora de Fátima S. Em.ma foi visitar o lindo altar da sua Padroeira, erigido na Igreja do S. Coração de Jesus.

Embora de data recente, a devoção a Nossa Senhora de Fátima em Campinas teve tomado um grande incremento.

Foi o Sr. António Bernardo Miranda quem em 17 de maio de 1930 lançou no periódico «A Tribuna» a idéia de se expôr à veneração dos fiéis a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Organizou-se logo uma comissão dos elementos mais em destaque na cidade, composta além do dedicado autor do alvitre, seu filho o Sr. Dr. Falcão de Miranda, ilustre Médico, a Espôsa dêste Sr.º D. Isabel Domingues Falcão de Miranda que tem sido dum zêlo e dedicação acima de todo o elogio; as Senhoras D. Maria Estrelinda Lourenço Coelho e D. Lucinda Silva Lourenço.

Mgr. Campos Barreto, Bispo de Campinas, autorisou esta devoção e designou a igreja do S. Coração de Jesus para ser canonicamente erecta a «Liga dos devotos de Nossa Senhora de Fátima» cujas grátimas aprovou.

Igreja de São Conrado em Friburgo, onde se venera a imagem de Nossa Senhora da Fátima ida de Portugal

Em 13 de outubro de 1931 foi inaugurado o altar, com grande solenidade, presidindo o representante do Sr. Bispo diocesano.

Nossa Senhora tem concedido muitas graças aos seus fiéis devotos.

Vinda a Portugal, a Snr.ª D. Isabel Domingues Falcão de Miranda esteve no Santuário de Fátima e por tôda a parte falou com o maior entusiasmo de Nossa Senhora.

Que a Virgem Santíssima, a quem somos devedores de tantas graças, continue a espalhar as suas Bênçãos sôbre o Brasil e especialmente sôbre Campinas.

NA ALEMANHA

Em Forst

Estava exposta no Santuário de Fátima uma linda imagem de Nossa Senhora que ali foi benzida pelo Sr. Bispo de Leiria e adquirida pelo R. Pároco de Forst, Baden, Alemanha. Exposta à veneração dos fiéis, em breve a igreja de Forst tornou-se um centro de peregrinações realisando-se ali as cerimónias de Fátima com uma grande concorrência de peregrinos e graças de Nossa Senhora.

Ela o artigo traduzido da «Bote von Fatima».

A chuva de bênçãos que emana do novo logar abençoado da Nossa Senhora de Fátima em Forst (junto de Bruchsal, Baden) é sempre assombrosa. Em 13 de Novembro, apesar do tempo chuvoso e desagradável, foram cêrca de 2.000 peregrinos em romagem à Mãe de Misericórdia em Forst. Quantas Missas de petição e de acção de graças ali foram celebradas? Seria difícil saber-lhe o número. (Que pena que tanta gente não comunique as graças recebidas pela Mãe de Deus! Isso edificaria o próximo e levá-lo-ia a ter mais confiança. A gratidão para com Nossa Senhora corresponde Ela com novas graças. Como se alegrou o Salvador quando um dos leprosos voltou para lhe agradecer dizem de tôda a multidão! (Die Schriftleitung).

Das cartas de agradecimento, que nos chegam, das comunicações orais, depreende-se as grandes e diversas necessidades do povo crente, e ao mesmo tempo a sua ilimitada confiança na Rainha do Rosário, nos grandes e pequenos cuidados de todos os dias. Mas quanto mais ricas, variadas e inesgotáveis do que tôdas as necessidades, não são as indizíveis graças de Maria nossa Mãe.

Em Constança

O culto de Nossa Senhora da Fátima entrou também no antigo bispado de Constança. Constança na Idade Média era a maior das dioceses alemãs. Abrangia Würtemberg, parte de Baden e Suábia bávara e uma grande parte da Suiça alemã. Sob a administração do Vigário Geral Inácio de Wessemberg (falecido em 1860) o espírito religioso diminuiu muito na diocese.

Wessemberg era um inimigo do espírito católico, um sacerdócio adversário do Santo Padre. Queria fundar uma Igreja nacional alemã. Os costumes religiosos populares, principalmente, as romarias e o Rosário, eram-lhe odiosos. Todavia não conseguiu arrancar do coração do povo as crenças e costumes profundamente enraizados dos antepassados. A sua sepultura na Catedral de Constança assim como os seus decretos e escritos contra Roma estão hoje esquecidos.

Em como começou nesta diocese o culto de Nossa Senhora da Fátima:

«Três devotas de Nossa Senhora resolveram pela primeira vez em 13 de Junho de 1933 ir em peregrinação à capela do Loreto situada a três quartos de hora de distância da Constança sôbre um outeiro junto ao lago Constança em honra da Rainha do Santíssimo Rosário. No caminho rezaram-se mais cinco pessoas.

Atravessáram parte duma floresta e tiveram tempo de rezar em comum e em voz alta dois rosários. Na Capela da peregrinação rezou-se a ladainha e entoou-se o clássico de Fátima. Reáimos ainda outras orações apropriadas à ocasião entremeadas com cânticos a Nossa Senhora.

De volta a casa reúnimo-nos de novo em comum o rosário até ao ponto de partida — Friedrichshank junto à floresta do Loreto que ficou, desde então, o nosso ponto de reunião.

A 13 de Julho estamos 22 peregrinos e no último mês o número subiu a 45. Com o tempo adquirimos uma linda imagem de N.ª S.ª do Rosário de Fátima, que agora está adorada e aluminada no dia 13 de cada mês, cinco duas velas. No fim da devoção distribui-se a todos os peregrinos o «Bote von Fatima». Que a Mãe de Deus conceda a todos e às nossas modestas obras da Acção Católica, as suas bençãos!»

Em Munich

Munich tem finalmente o seu santuário de Fátima! Demoram bastante

NA POLÓNIA

Tem feito grandes progressos o culto de Nossa Senhora de Fátima na Polónia.

Mgr. Dom. Sciskala, de Radcon (cidade de 2500 habitantes, industrial, pertencente antes da guerra à Rússia e hoje faz parte da Polónia) e o Rev. J. Plasciate, professor do Gymnasium (liceu) em Tlumacz, perto do Stalislau ou Stanislawow, distrito de Lwow encomendaram 2 estátuas de Nossa Senhora de Fátima, mas querem que sejam feitas e benzidas em Portugal e tocadas na imagem do Santuário.

Projecta-se a fundação duma casa de propaganda de Fátima na Polónia protegida por Mons. Sfarneckia, Bispo Católico-rutheno (isto é, que segue o rito católico russo) e debaixo da direcção do Rev. Plasciate.

NA IUGOSLAVIA

A magnífica revista «Zivot» (Vida) que se publica em Zagreb (Sarajevo), na Iugoslávia, publicou dois notáveis artigos do Rev. P.e Bock (S. J.) sôbre Nossa Senhora de Fátima, intitulados:

«Renascença espiritual de Portugal devida a Nossa Senhora de Fátima» e

«Eco dos acontecimentos de Fátima na Lusitania entre os católicos, sectários, na Hierarquia e na Bênção do Céu».

Estes artigos foram publicados em volume separado e têm sido muito espalhados naquele país para o qual desejamos todas as Bênçãos do Céu.

Porto - Amadeu

VELAS DE CARDIGOS

PURA CERA DE ABELHAS.
MAXIMA DURAÇÃO E RESISTÊNCIA.
NÃO FAZEM FUMO, NÃO SUJAM OS ALTARES.

PAVIO ACENDEDOR — FABRICO ESPECIAL

PEDIDOS AOS FABRICANTES

J. D'OLIVEIRA TAVARES, FILHOS
CARDIGOS - (PORTUGAL)

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Escreva a:
MAIAS, IRMÃOS - Editores
Cidadella — Castelo da Maia

BATATAS DE SEMENTE ESTRANGEIRAS
ADUBOS
União Portuense, Limitada
RUA TRINDADE COELHO-1-C, 2.º DIREITO
PÔRTO

Os Vinhos do Porto
"CARVALHO-MACÊDO"
existem desde 1861.

Voz da Fátima

DESPESA

Transporte	330.639$00
Papel, comp. e imp. do n.º 149 (234.800 ex.).	13.077$20
Franquias, embalagem, transporte etc.	4.410$53
Na administração	580$75
Total	354.708$08

Donativos desde 15$00

Margarida Vieira — Vila da Feira, 15$00; António Rodrigues — Barcelos, 20$00; Beatriz da Assunção — Vista Alegre, 20$00; esmola de Sequeiro, 20$00; Ir. M.ª Ex. de S. José — Damão, 40$50; M.ª Aug.ta de Oliveira — Soure, 20$00; M.ª Leonor de Oliv.ª — Soure, 15$00; Ester Lopes — Lisboa, 15$00; Colégio de N.ª S.ª da Conceição — Viseu, 20$00; Eugénia Alice Jorge — Rinchideira, 20$00; esmola dos Açores, 20$20; Ana da Costa — Pôrto, 20$00; Elvira de Carvalho — Lisboa, 50$00; Acácio dos Santos — Junqueira, 20$00; M.ª Zulmira Galhardo — Penamacôr, 46$20 P.e Jaime Ferreira — Fig.ª da Foz, 20$00; Augusto Macedo — Lisboa, 20$00; Maria Herculana — Turcifal, 20$00; P.e Ant.º Nunes Alberto — Lobito, 50$00; P.e José Dias — Olivais, 15$00; M.ª E. Acciaioli — Braga, 30$00; M.ª Anite Aufrere — França, 15$00; Epolina Teixeira — Baía — Brasil, 50$00; Eduardo Gomes de Oliv.ª — Funchal, 30$00; Vítor de Sousa — Vila do Pôrto, 20$00; Albertina da Silv.ra Albuquerque — Lisboa, 20$00; Irmãs de S. José de Cluny — Cabinda, 200 francos; M.ª da Conc. Baptista — Gamelas, 20$00; Rita Pero Moniz — Cadaval, 20$00; Manuel Felix — Califórnia 22$50; J. R. Rodrigues — Califórnia, 22$50; Mons. Fontes — Califórnia, 22$50; Mrs. M. Martins — Califórnia, 45$20; M.ª das Dôres Guicharel — Tabuaço, 20$00; Angela Albuq. de Oliv.ª — Braga, 20$00; M.ª Júlia de Oliv.ª — Africa, 50$00; M.ª Chaparro Silva — Monchique, 20$00; M.ª da Conc. Henriques — Encarnação, 50$00; Gertrudes Oliv.ª Santos — Estoril, 20$00; Teodora Rebôcho — Evora, 20$00; Plácido da Fonseca — Brasil, 20$00; Ernesto Monteiro — Brasil, 20$00; M.ª Leonor Coutinho — V.ª do Castelo, 20$00; Abílio Bandeira Dias — Alfena, 30$00; Emília de C. Frazão — Vales, 20$00; Ana Albertina Rebêlo — Tabuaço, 20$00; Conceição Marques — Pôrto, 15$00; Josefina do Vale — Portimão 15$00; M.ª F. Malheiros — Murça, 20$00; Maria Silveira — América, 22$45; P.e Joaquim Mendes — Coimbra, 20$00; M.ª José Neves — Guimarães, 15$00; Joaquim J. da Costa — Pôrto, 15$00; M.ª Isabel da Rocha — Lisboa, 25$20; José João Nunes — Africa, 20$00; M.ª da Piedade B. da Cunha — Pôrto, 50$00; António Loureiro — Pôrto, 15$00; Alice dos Reis — Nova Gôa, 40$10; Francisco José Lopes — Argentina, 130$00; Emília Oliveira — Polares, 19$00; Virgínio Ferreira — Pôrto, 15$00; José Francisco Santiago — Arieiro, 20$00; Angelina C. Roca — Vila Real, 20$00; M.ª Isabel da C. Russo — C. de Vide, 25$00; Manuel Almeida — França, 15$00; Artur Rodrigues — Douro, 20$00; Joaquim da Costa — Telhal, 20$00; M.ª Ana Galvão — Beringel, 20$00; Isabel Fulcão — Lisboa, 20$00; M.ª Aguiar Leal — Alcorninha, 20$00; Distrib. em Pardelhas, 43$00; Rosalina da Glória — Pardelhas, 20$00; António Ribeiro — Cristóvão, 200 francos; Jesulina Rodrigues — Loures, 15$20; Bernardino Gomes — Negrelos, 20$00; José do P. Bacelar — Braga, 16$00.

ROMAGEM NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

conto, tem assegurado miraculosamente a existência da pátria portuguesa.

Escreveu-se em volta dêste templo uma página de história que perdura ainda, nêle se concretizou a vassalagem de Portugal à sua celeste Rainha. Foi em hora angustiada e incerta, quando a pátria fazia apêlo a todas as energias da raça e a todos os recursos da fé para salvaguardar a própria independência, que as Côrtes Gerais da nação, num arranco de fé e de inabalável confiança, buscando no céu um amparo que a terra parecia negar-lhes, aclamaram a Virgem Senhora da Conceição por Padroeira de Portugal, e o Rei se declarou seu vassalo obrigando-se a pagar perpètuamente um avultado tributo ao seu santuário de Vila Viçosa.

E desde então êste santuário ficou sendo como o baluarte espiritual de Portugal, o alcaçar da Rainha amorosa e potente a quem êle pertencia por doação irrefragável. Guardava-se ali, e ali se conserva ainda a veneranda imagem que o Condestável santo doara à histórica vila erguendo-lhe um trono na capela do seu castelo, que lá está, vèlhinho e solitário, como pregoeiro da vetusta homenagem e velando como sentinela junto do templo que ao primitivo oratório sucedeu, Imagem veneranda pela vetustez, veneranda pelo doador, mais veneranda ainda pelo que representa, tem visto passar por diante do seu altar muitas gerações de crentes e em volta dela palpita a alma de Portugal numa evocação de glória e de infindo reconhecimento. Se é para o povo crente motivo de justa ufania o ter como Padroeira a Rainha Imaculada, é impossível recordar semelhante padroado sem recordar ao mesmo tempo o santuário onde êle se proclamou e que Vila Viçosa guarda com filial carinho.

Meditando estas razões o nosso Venerando Episcopado resolveu reünir em Vila Viçosa as côrtes gerais da Nação para repetir o juramento e o pacto das Côrtes de 1646. Lá estará todo o Episcopado com o Em.mo Cardial Patriarca à frente; lá estará naturalmente o Núncio de Sua Santidade; lá estará o clero com a nobreza e o povo, militares e civis, grandes e pequenos, todos os que conservem na alma uma centelha da fé antiga e do patriotismo dos Restauradores, como diz a Proclamação.

Tudo nos leva a crêr que a romagem de 28 de Abril vai ficar gravada a letras de oiro nos anais das glórias de Maria entre a gente lusa.

Vivamos, pois, a hora que Portugal vai passar de joelhos aos pés de Maria em Vila Viçosa; e, se lá não pudermos estar pessoalmente, vamos em espírito, nêsse dia, ao Santuário da Padroeira, depôr nas suas mãos sagradas uma prece pelo ressurgimento espiritual da nossa Pátria e do Alentejo.

Organização da Peregrinação

1) Em Evora está organizada uma Comissão Central, presidida por Mons. Silveira Barradas, que desde já pode dar todos os esclarecimentos. Esta Comissão tem várias secções: de secretaria, de alojamentos, de recepção de Prelados, de propaganda, de música, etc.

2) Em tôdas as Dioceses há um delegado desta Comissão com quem os fiéis se devem entender para assuntos da Peregrinação.

3) Estão em organização vários combóios especiais, partindo um da Beira-Baixa, outro do Pôrto, outro de Coimbra, um do Douro e outro do Algarve.

É de tôda a conveniência que desde já se inscrevam as pessoas que desejem tomar parte na Peregrinação para evitar as dificuldades da última hora.

4) A organização está a ser feita de modo que a todos os peregrinos seja aberta faculdade de visitar Evora, a «Cidade-Museu».

Até na Alemanha...

Uma das coisas que maior curiosidade despertou nos visitantes da última Exposição Colonial do Pôrto foi a maneira de fazer uma imagem.

Era primeiro um tronco grosso, informe.

Pouco a pouco foi-se ajeitando e já parecia o que depois veio a ser: uma linda imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Cheios de interêsse, preguntámos para quem era.

— Para uma igreja da Alemanha.

E não admira, pois que o seu autor é o conhecido artista

José Ferreira Tedim

Cavando — Santa Terra

que até na Alemanha conta já inúmeras clientes.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Gangrena

Em Setembro do ano meu Pai — Luís Gonçalves Matos começou a sentir-se inesperadamente mal. No dedo polegar do pé esquerdo apareceu-lhe uma mancha preta que pouco a pouco foi tomando o dedo e depois todo o pé.

Seguidamente foram chamados cinco médicos sendo todos concordes em afirmar que se tratava já de uma gangrena. A unha do dedo polegar já tinha desaparecido e meu Pai sofria horrivelmente. Com exceção dum médico que aconselhava a amputação da perna todos diziam que nada tinham a fazer. — «Ou a natureza reage ou meu Pai morrerá». No fim de Dezembro ficou a assim estave todo o mês de janeiro. No meio de tanta aflição, já perdida a esperança nos socorros dêste mundo, ainda me restava uma esperança que nunca perdi, — obter o salvamento de meu Pai, por intermédio da Nossa Senhora da Fátima.

Fiz várias promessas que já cumpri, devendo ainda a de publicar a graça da cura de meu Pai, caso ela fôsse alcançada por intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Quando nenhuma esperança humana havia já de melhorar, em Fevereiro, inesperadamente sentiu-se melhor, estando pouco depois livre de perigo. Até hoje nada mais teve do terrível mal que o ameaçou, eu porque, com o meu agradecimento à Mãe do Céu, me apresso a vir proclamar as misericórdias de Maria para comigo e para com os meus por ter livrado meu Pai da morte que em breve sofreria.

Reade — Longra.

Maria da Conceição Gonçalves Faria

Doença no fígado

D. Filomena Zulmira Dutra e D. Francisca Isabel de Mendonça — Cedros, Faial — Açores, em carta colectiva dizem-nos o seguinte: — «É o brado sentido e de agradecimento de uma esposa e de uma mãe aflitas que, vendo seu marido e filho António Furtado Mendonça minado por uma terrível e pertinaz doença de fígado, recorreram com muita fé a Nossa Senhora da Fátima pedindo as melhoras do doente para alegria das mesmas e para guarda e amparo de algumas criancinhas inocentes que são o encanto do seu lar, prometendo publicar a graça alcançada e enviar uma esmola para auxiliar o culto de Nossa Senhora da Fátima na estância bemdita da Cova da Iria.

A Virgem da Fátima dignou-se acolher a humilde súplica despachando-a tão benignamente que o doente começou logo a experimentar sensíveis melhoras achando-se a caminho de um completo restabelecimento, pelo que vimos hoje proclamar as misericórdias da Mãe de Deus e enviar uma esmola para o seu culto».

Graças diversas

Na Redacção dêste Jornal foi recebida uma carta dizendo o seguinte: — «Maria Eulália Mendes Barata, residente no Porto, vendo sua casa, Amélia Correia da Silva, do Louro, gravemente doente, invocou Nossa Senhora da Fátima prometendo publicar a graça da cura e dar uma esmola para o Santuário, e sendo prontamente atendida, vem cumprir a sua promessa manifestando o seu reconhecimento.»

— *José João Nunes* — Beira, Africa Oriental, com a aplicação de algumas gotas da água do Santuário da Nossa Senhora da Fátima numa região do seu corpo em que sofria obteve por intercessão de Nossa Senhora a cura que tanto desejava pedindo-o aqui seja publicada.

— *Henrique Ligeiro das Neves* — Maiorca, Figueira da Foz, teve seu filho Manuel em grave perigo de vida, porque com o pescoço excessivamente inchado a custo podia respirar. Aflito pela dificuldade da respiração não podia dormir havia já algumas noites, o que aumentava o seu sofrimento e a sua prostração. Seus pais, a ver se alcançavam para o filho a saúde de que tanto carecia, recorreram à medicina. Vendo sem eficácia tantos esforços e despesas, resolveram entregar a cura do seu filho à maternal protecção de Nossa Senhora da Fátima, a quem fizeram algumas promessas dando também a beber à criança algumas gotas da água do Santuário.

A eficácia de tal resolução não se fez esperar, pois que, pouco depois, o mal foi desaparecendo encontrando-se hoje a criança completamente bem, com suma alegria para seus Pais e para os seus outros irmãos.

— *D. Palmira de Morais Ferreira* — Porto, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça material que por sua intercessão recebeu.

— *D. Maria Eliza Garcês* — Paredes, tendo recebido duas graças particulares por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, deseja agradecer aqui publicamente êsses favores.

— *D. Maria Vitória de Albuquerque Cardoso* — Vila Boa de Quires, vem agradecer publicamente duas graças que alcançou do céu por intercessão de Nossa Senhora da Fátima e do S.S. Coração de Jesus.

— *D. M.ª dos Santos Silva, D. M.ª A. N. S. Silva* — de Lisboa, cheias de alegria por diversos favores que para sua mãe alcançaram por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, manifestam aqui a sua gratidão para com tão extremosa Mãe.

— *D. Emília Dias do Espírito Santo* — Amadosa, durante muito tempo teve a cabeça numa chaga viva, exalando um cheiro nauseabundo e sofredor horríveis dores. Depois de várias consultas médicas sem resultado, obteve a saúde por intercessão da N.ª S.ª da Fátima a quem publicamente aqui vem agradecer.

— *D. Maria J. X. Vieira* — S. Francisco, Califórnia, pede seja aqui publicada uma cura rápida que por intercessão de N.ª S.ª da Fátima alcançou do céu em favor de um seu filho que, no último mês dos seus estudos se achou doente. Por favor especial de Nossa Senhora da Fátima co-teve rápidas melhoras podendo assim com bom êxito concluir os seus estudos.

— *D. Idalina Abrantes* — Santos, Brasil, depois de duas operações a que teve de se sujeitar, encontrou-se também mal dum pulmão. Recorreu com sua família à intercessão de Nossa Senhora da Fátima e, tendo alcançado a saúde, vêm publicamente agradecer tal favor.

— *Alexandrino do Espírito Santo* — Brasil, alcançou por intercessão de N.ª S.ª da Fátima uma graça temporal, favor que aqui deseja proclamar.

— *D. Leonor Constança* — Santos, Brasil, agradece a cura de sua irmã Ana, que sofreu da garganta a ponto de ser desenganada dos médicos. Feita uma novena a N.ª S.ª da Fátima obteve a cura que desejava.

— *D. Maria da Cunha* — Lisboa, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça temporal concedida a um seu filho que fôra vítima dum engano ou mal entendido.

— *D. Ana Melo Borges* — Lisboa, diz o seguinte: — «tendo alcançado de Nossa Senhora da Fátima diversas graças espirituais e temporais venho muito reconhecida patentear o meu agradecimento por intermédio da «Voz da Fátima.»

— *D. Palmira Silva* — Lisboa, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça particular que do céu alcançou por seu valimento.

— *D. Crisante Fig.ª Marreiros Leite* — Algoz, alcançando para seu marido uma graça por intermédio de N.ª S.ª da Fátima, vem agradecer êsse favor.

— *D. Eugénia Brites de Fig.ª Graça* — Vila do Conde, alcançou por intercessão de N.ª S.ª da Fátima a cura da sua vista. Cheia de gratidão, pede aqui seja publicado tão insigne favor.

— *D. Maria Amélia da Cruz* — Aldeia de João Pires, vem muito agradecida render as homenagens do seu reconhecimento à Virgem N.ª S.ª da Fátima, por cuja intercessão foi curada de hemoptises que tinha havia já cêrca de doze anos.

— *D. Belisanda de Jesus Miranda* — Brasil, alcançou diversas graças por intercessão de N.ª S.ª da Fátima a quem aqui proclama como sua maternal benfeitora.

— *D. Maria da Conceição* — Campêlos, tendo um seu cunhado preste a ficar cego, fez a Nossa Senhora da Fátima uma novena e diferentes promessas a favor do mesmo, e tendo alcançado para êle a cura, vem agradecer tal favor.

— *D. Maria Teixeira* — Quintãs, Boticas, pede para aqui serem publicados diversos favores concedidos a várias pessoas da sua família por intercessão de N.ª S.ª da Fátima.

— *D. Eugénia Marreiros Núncio* — Alcácer do Sal, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça particular que lhe foi concedida por sua intervenção.

— *D. Luiza da Graça* — Várzea da Battareira, obteve para diferentes pessoas da sua família diversas graças especiais que deseja aqui sejam agradecidas.

— *D. Maria Vitória* — S. Catarina, agradece a N.ª N.ª da Fátima o grande benefício de a ter livrado duma dôr aguda que tinha na mão direita e que até então a impedia por completo de trabalhar.

— *Renato da Silva* — de Lisboa, diz em carta o seguinte: — «Venho pedir o favor de publicar na Voz da Fátima o meu agradecimento à Santíssima Virgem por várias graças temporais que por sua intercessão me foram concedidas por Deus.»

— *D. Maria Cândida da Purificação Dias* — Açores, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de uma ferida que teve no rôsto, cura que obteve depois duma novena que fêz a Nossa Senhora da Fátima.

— *D. Elisa Amarilis de S.ª Cristo* — Açores, tem uma filha que sofria duma doença contagiosa e renitente aos tratamentos preceituados pelos médicos. Tendo obtido a sua cura por intercessão de N.ª S.ª da Fátima vem agradecer êsse favor.

— *Manuel Saraiva de Carvalho* — da Covilhã, diz: «tendo recebido uma graça muito grande por intercessão de N.ª S.ª da Fátima venho publicamente agradecer-lha em cumprimento duma promessa por mim feita à mesma Senhora.»

— *D. Beatriz Augusta* — de Coimbra, agradece a N.ª S.ª o ter-lhe alcançado a cura de freqüentes ataques que atormentavam a atormentavam.

— *D. Henrique Camacho* — de Lisboa, sofreu uma prolongada e cruel aflição no coração. Com a intervenção de N.ª S.ª da Fátima obteve rápidas melhoras, favor êste que pode aqui seja publicado, como prometeu.

— *António Vieira da Silva Júnior* — de Vilar do Paraíso, agradece a cura de sua filha que, doente a pontos de ser desenganada pelo seu médico assistente, recuperou plena saúde depois de ter tomado a água do Santuário da Fátima a cuja Senhora fez orações e algumas promessas.

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Concurso LITERARIO

A «Voz da Fátima» aceita contos para serem publicados nêste jornal com as seguintes condições:

1.º O assunto será moral, religioso e, de preferência, marial;

2.º o português puro, correcto, claro, popular;

3.º o diálogo vivo, animado;

4.º original;

5.º escrito à máquina ou, pelo menos, com boa caligrafia;

6.º A redacção reserva-se o direito de o publicar ou não e em caso algum restituir os originais;

7.º Ocupar uma coluna do jornal;

8.º O autor do conto publicado tem direito a uma gratificação de cinquenta escudos (50$00) a receber passado um mês. Se durante êsse tempo alguém descobrir que o conto não é original, o autor não recebe nada e quem descobriu recebe trinta escudos (30$00).

A correspondência deve ser dirigida à Redacção da «Voz da Fátima» — Fátima.

Igreja dos Congregados

Uma obra de arte

Dum nosso prezado colega do Pôrto transcrevemos com a devida vénia a seguinte notícia:

«A notícia andava no ar. O mistério fabuloso, sentura, mantinha habilmente o botão do aparelho receptor e estava à conta.

Dizia-se que um grupo de amigos da Confraria de Santo António dos Congregados resolvera dotar aquêle grandioso templo com um melhoramento importante.

Nesta época de renovação, em que a palavra «melhoramento» cai por tôda a parte, acicatou-nos a curiosidade, o desejo de saber de que se tratava.

Um melhoramento numa igreja: grandes obras de reparo, de transformação, ou quê?

—Trata-se dum novo Santuário, disse-nos alguém.

E obra imponente, de grande custo e destina-se ao altar-mor.

Como esta notícia provocou um certo movimento de curiosidade em nosso meio artístico, procurámos colher informações, conseguindo averiguar que o novo santuário destinado ao altar-mor da igreja dos Congregados, e que vai ser oferecido à Confraria de Santo António por um grupo de benfeitores, está sendo executado, de facto, nas oficinas da Ourivesaria Aliança, como o dá a perceber a notícia transcrita.

Tanto basta para se poder afirmar que se trata duma autêntica, duma preciosa obra de arte.

Eis a escrava do Senhor faça-se em mim segundo a sua palavra. (S. Luc. I, 38).

A CAMPONEZA

MANUEL PORTELA — Vila Nova de Famalicão

Fábrica Produtora de:

Colmeias e todos os acessórios para tratar das abelhas;
Galinheiros e Coelheiras e tudo o que é preciso para criação de galinhas e coelhos;
Semeadores e Sachadores, Tarares, Charruas, Descarroladores de milho, etc. Todas as máquinas para agricultura em geral;
Material para Adegas, Esmagadores, Prensas, Bombas de trasfega, Balsoques, etc.

O mais moderno, perfeito e barato.

Ex-sócio Fundador e Gerente da «Lavoura» e agora da Fábrica «A Camponeza».

FAMALICÃO

PHOENIX

Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

O homem que se não conhece a si próprio é capaz de fazer mais mal ao Bem, do que os seus mais temíveis adversários. Palau

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Aguas sulfuradas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensão — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação do C.º de Ferro próprio (Monte Rial).

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — OESTE.

SENHOR PADRE:

Quere VINHO bom para a **Santa Missa?**

Peça preços a: **António de Oliveira**

Aldeia Nova — NORTE

Impressões da Fátima

Pela Ex.ma Sr.ª D. Maria Bastos — Braga, foi enviada à Redacção da *Voz da Fátima* com pedido de publicação a carta seguinte que transcrevemos quási na íntegra:

Fátima — palavra santa, que só de pronunciá-la nos sentimos como que desprendidos de mesquinhas ambições, de fúteis cuidados, de mortíferas tristezas que tanto nos afligem e acabrunham e que, pouco depois, se transformam nos mais puros e nobres sentimentos, nas mais santas e sublimes aspirações.

Se só o pronunciar esta palavra opera prodígios tão admiráveis, que fará então a visita a êsse lugar privilegiado, a sua contemplação e, principalmente a meditação de tudo quanto de maravilhoso aí se passa!?...

E se não, é ver que, de tantos milhares de pessoas que têm a dita de ir a Fátima poucas serão as que não desejam ardentemente ali voltar. E porquê? Pela beleza natural do sítio? — Não por certo, pois não o enfeitam vetustas e frondosas árvores como ao Bom Jesus do Monte ou como ao Bussaco, nem o seu horizonte é vasto como o do Sameiro, S. Luzia e tantos outros lugares lindos dêste tão lindo Portugal. Contudo, enquanto a mão do homem o vai lentamente transformando, a natureza lá o vai em seu tempo esmaltando de singelas e encantadoras florinhas.

Que será então o que aí atrai essa interminável multidão de peregrinos? — Apenas a sua muita fé, a sua muita piedade, pois nem comodidades aí podem fruir, visto o Albergue e penatas que já lá existem e que nos dias ordinários satisfazem plenamente serão impotentes para acolher essa ingente multidão que a Fátima acorre nos dias 12 e 13 de cada mês, principalmente nos meses de Maio a Outubro.

* * *

Foi nos primeiros dias de Maio que me foi dado realizar essa piedosa romagem acompanhada dalgumas pessoas de família e duma amiga, e todas nos sentimos animadas duma intensa fé e dum ardente desejo de nos prostrarmos aos pés da Virgem da Fátima para implorar a sua protecção.

Minha irmã que já há bastante tempo passava mal de saúde e que ainda na véspera da partida se sentiu tão mal disposta que julgou não poder ir, levantou-se de madrugada sem grande custo, passou muito bem todo o tempo da viagem, e em Fátima pôde ter a mesma vida que nós, isto é, passar quási todo o tempo, durante os três dias que na Cova da Iria nos demorámos, junto da Virgem, nessa tão pequenina, tão branca e tão linda Capela onde Ela parece sorrir-nos e apiedar-se de nós; ou então percorrendo o terreno que a cerca, e onde nos comprazíamos em admirar e colher as singelas e encantadoras florinhas que tão profusamente o revestiam, não deixando também de ir orar à Capela das Confissões e de admirar as já adeantadas obras da grande Igreja em construção.

Que santa a vida que passámos durante os poucos dias que em Fátima estivemos e como a todas custou o ter de abandonar tão santo lugar!

Resta-nos como a tantos outros que tiveram sorte igual à nossa, a esperança de podermos lá voltar, e emquanto tão ardente desejo se não realiza, continuaremos a implorar a Vossa poderosíssima protecção e a bendizer-vos, Mãe Santíssima, por todos os benefícios recebidos, e muito particularmente por terdes alcançado a saúde para minha Mãe, provando mais uma vez que não abandonais os que a Vós recorrem com fervor e confiança.

Maria Basto

Questionário catequístico

Sacramento da Comunhão

1.) — *Como se conserva e aumenta a graça recebida no Baptismo e acrescentada na confirmação?*

R.) — No Baptismo recebendo a graça santificante, a prenda mais rica que o homem possue, que lhe dá direito a entrar no céu.

Na Confirmação robustece-se essa graça com os dons do Espírito Santo.

A sagrada Comunhão conserva e desenvolve a vida sobrenatural, assim como o alimento produz idêntico efeito no corpo.

E por isso é que quem mais vezes receber a Nosso Senhor com as devidas disposições mais fôrça espiritual adquire para praticar o bem e fugir do mal.

2.) — *Será a comunhão uma vez por ano suficiente para nos conservar na graça de Deus?*

R.) — De ordinário não é. Por isso recomenda a Santa Igreja que se receba o Senhor mais vezes.

Nosso Senhor também o indicou quando nas revelações a Santa Margarida Maria, prometeu o céu aos que fizessem uma novena de comunhões nas primeiras sextas-feiras de nove meses seguidos. É um convite à comunhão mensal.

3.) — *Qual é então o desejo da Santa Igreja a respeito da comunhão?*

R.) — O desejo da Santa Igreja é o de Nosso Senhor: expresso naquelas palavras: *A não ser que comais o meu corpo e bebais o meu sangue, não tereis a vida em vós. S. João Cap. VI.*

4.) — *Quais são os efeitos duma boa comunhão?*

R.) — Conserva a inocência baptismal; enfreia a soberba, avareza, luxúria, ira e demais paixões; cura tôdas as chagas que os pecados veniais nos deixam todos os dias na alma, e é o melhor preservativo do pecado mortal.

5.) — *Se a comunhão freqüente produz tão belos resultados, porque é que se não vê mais gente à mesa eucarística?*

R.) — Porque muitos não o sabem, outros não vão por respeitos humanos, e ainda outros cuidam que é preciso confessar-se sempre antes da comunhão; quando uma confissão pode bastar para muitas comunhões, conforme o confessor indicar.

Cinco minutos ao cavaco

Aqui há gato!

— Então, compadre Borromeu, já foste à desobriga, ou não?

— Não fui nem faço tenção de ir, compadre Barnabé.

— Muito me contas, compadre! Então não és cristão? Não te lembras do que diz o Catecismo: *Confessar-se ao menos uma vez cada ano?*

— Lá falta de memória não tenho eu, compadre. O que tenho é falta de crença nessas coisas. Estou convencido de que os padres é que inventaram a Confissão.

— És um herói, compadre! É preciso mandar levantar-te uma estátua! Pois estamos a levantar estátuas a quem descobriu o Brasil, a India, a Cochinchina, a ilha de Ceilão, agora só falta uma estátua ao descobridor Borromeu Cancela! Tantos guerreiros têm já gasto pólvora e balas para atirar abaixo a confissão e deram todos *com o nariz num sedeiro:* morreram e a confissão cá ficou. Mas desta vai! O Borromeu descobriu-lhe os pés de barro, agora não fica pedra sôbre pedra!

Se a confissão é obra dos padres, mais ninguém se confessa, compadre!

— Desculpa, compadre Barnabé, mas tu estás a apertar-me bastante os calos. Eu não estou a brincar: falo a sério. E se não é como eu digo, prova-me o contrário.

— Bem, compadre. Queres falar a sério, não me rio mais. Mas olha que quem faz uma afirmação é que tem de a provar. Disseste que os padres é que inventaram a Confissão, precisas de o provar, porque é da boa Filosofia que *homem de juízo nada afirma que não prove.*

— Olha, compadre Barnabé. Eu falo pela boca de muita gente.

Não fui eu que fiz a descoberta: o que eu ouço por aí a cada esquina é que os padres querem obrigar tôda a gente a confessar-se, para saberem o que vai por casa alheia e para terem o povo na mão.

— Ó compadre, dize-me uma coisa: a quem ouves barregar contra a confissão, é à gente séria ou ao lixo da sociedade?

— De tudo, compadre.

— Perdão. Ouves clamar contra a confissão aos ladrões, aos bêbedos, aos libertinos, aos casados mal comportados, aos amigos de ruas *e rambóias*, aos caloteiros, aos velhacos e em geral a todos os tratantes. São êstes os inimigos da confissão. Gente séria, bem comportada, que passa a vida no trabalho honrado — êsses não falam contra a confissão, não!

— Não é tanto assim, compadre! Conheço pessoas de bem e até de bota engraixada que dizem o mesmo!

— Ah! agora fazes-me rir! Então, para ti, um homem de bem é um tipo de colarinho à Teles e sapato de polimento? Ainda vais perto, compadre! Esses às vezes são os piores! E ainda quando pareçam criaturas de bem, se berram muito contra a Igreja, contra os padres e contra a confissão, aí há-de haver *gato*, como dizia o outro! Por alguma coisa é, compadre! Quem lhes estudasse a vida, havia de encontrar o *gato!* O qual está quási sempre no 6.º ou no 7.º Mandamento!... Percebes? Se Cristo tirasse à Religião êstes 2 preceitos, todo o mundo se confessava, compadre! Se os padres não obrigassem a ser liso nos contratos, a restituir os bens mal havidos, a ser puro nos pensamentos, nas palavras e nas obras, já a Confissão não tinha sido inventada pelos padres! Assim... que queres, compadre? Cada um é que sabe onde a bota lhe aperta! Aqui é que bate o ponto!

— Ó compadre, desculpa que te diga, mas estás a ofender-me. Então eu, por não me confessar sou mau homem, mal comportado ou gatuno? Fazes de mim êsse conceito?

— Perdão, se te ofendi, compadre Borromeu! Eu não quero meter-te no rol! Faço-te a justiça de que não és um vicioso, mas sim um iludido por qualquer má companhia. Deixaste-te embalar pelas cantigas de taberna ou de barbearia! Mas precisamente porque faço de ti bom conceito, é que estranho o que disseste.

Um homem de bem, como tu és, não deve deixar-se arrastar por falsos amigos de taseo ou de esquina. Não te metas no rol dos inimigos da Confissão.

É nesse rol que estão todos os tratantes do mundo.

Se queres estar na companhia de gente boa e séria, vai à desobriga, abandona essas dúvidas, e verás que só a Religião nos pode fazer felizes e satisfeitos, até neste mundo.

Angelo

QUANDO PENSAR ADQUIRIR ALGUMA MAQUINA DE ESCREVER

COMPRE A

"UNDERWOOD"

Agentes: Daniel & Antunes, L.da - R. Augusta, 96 - Lisboa - Telef. 2 4731

Drogaria de Adelino Costa, Lt.

Importação directa de todos os artigos para fábricas, Produtos químicos e farmacêuticos.
Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxôfre, cimento, etc., etc.
Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras
PULVERIZADORES DE TODAS AS QUALIDADES
77, Largo de S. Domingos, 79
Telefone 366 — PÔRTO

Alimento completo...

... especialmente preparado para crianças, rico em leite e vitaminas, cuidadosamente malteado, é

Farinha Lactea NESTLÉ

protege o bébé, vela pela sua saúde, dá-lhe alegria, desenvolve-o e transforma-o num ente são, esperto e corajoso para a vida

PEDIR AMOSTRAS GRÁTIS À Sociedade de Produtos Lacteos RUA IVENS, 11-13-A — LISBOA

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientíficos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico
120.000 toneladas de produção anual
11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Telefone P. B. X. 2 1331
Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO
Telefone 4193
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

A MAQUINA DE ESCREVER

MERCEDES

DOMINA PELAS SUAS VANTAGENS E APERFEIÇOAMENTOS

J. GONÇALVES

LISBOA — Calç. do Carmo, 10
PORTO — R. Sampaio Bruno, 12

PÔRTO RAMOS-PINTO

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

PARA MEIO MILHÃO

Deve ficar êste mês muito perto de duzentos e cinqüenta mil o número da tiragem da *Voz de Fátima!* Passa já dêsse número o número de Cruzados que há nas filas da reconquista cristã, porque muitos contribuem com a sua quota, mas não podem ler o jornal porque infelizmente não sabem ler, e assim é maior o número de *Cruzados* que o número de jornais que actualmente já se espalham cada mês pelo país.

Até que enfim! Até que enfim o mundo sabe que a maior tiragem da imprensa portuguesa é esta fôlha, que indica o despertar da consciência católica.

Andávamos sempre dizendo que éramos a maioria da população do país, nós, os católicos, mas não o mostrávamos apresentando ao mundo uma união qualquer activa e permanente das nossas massas profundas. Agora, sim! Agora estamos tomando consciência da nossa fôrça!

Citavam-nos exemplos de fora, de países como os *Estados Unidos*, onde agremiações como a do *Holy Name* (Santo Nome) contavam mais de um milhão de associados. E nós não passávamos do vêlho tipo da nossa associaçãozinha local, com umas escassas centenas, ou um ou dois milhares de agregados. Pois bem: agora já se sabe lá fora — porque as publicações católicas o levam ao conhecimento de todo o mundo, que a maior tiragem da imprensa portuguesa é esta fôlha popular católica. É seguramente, dada a nossa tradicional rebeldia à orgânização, um dos grandes milagres de Nossa Senhora de Fátima!

Hoje, com o nosso *quarto de milhão de Cruzados* já inscritos, podemos erguer a fronte sem vergonha perante os próprios Estados Unidos, nação de mais de 100 milhões de habitantes. Porque Portugal tem 7 milhões e um quarto de milhão de Cruzados — e feita a proporção podemos afirmar que a união dos Cruzados de Fátima é, relativamente à população do país, a mais poderosa união católica activa de todo o mundo.

Activa!

Porque a nossa união é activa, porque a quota, tão pequenina, de cada Cruzado, é uma fôrça que se soma e trabalha em tôdas as secções da acção católica portuguesa. Cada um de nós, quando dá os seus vinte centavos mensais — o prêço duma caixa de fósforos! — sabe que essa pequenissima parcela torna já, e tornará cada vez mais, possíveis, todos os trabalhos de acção católica que ainda há um ano pareciam impossíveis.

Quem visitar na Alemanha um certo sítio da chamada Floresta Negra, onde nasce um fiozinho de água, que parece destinado, a perder-se na relva próxima mal pode imaginar que a muitas centenas de quilómetros dali essas gôtas de água lá vão desembocar no Mar Negro, formando a massa imponente das águas do Danúbio, o rio que atravessa quási tôda a Europa!

Agora... para o meio milhão!

Que outro meio ano de trabalho ardoroso e entusiástico nos faça celebrar a inscrição do último cruzado que falte para completar **meio milhão** de portugueses que com uma só voz potente clamem cada mês, soltando o seu fiozinho de água para o rio caudaloso que fecundará todos os campos da acção católica: **Queremos Deus, que é nosso Rei! Queremos Deus, que é nosso Pai!**

Quem não há-de sentir já êsse ardor e êsse entusiasmo?

Sentimos que somos arrastados para esta luta pacífica pelo reinado de Deus na nossa Pátria, por aquela que há séculos era a sua Padroeira!

Ela tinha no Sul o seu solar em Vila Viçosa, onde está a imagem que àquele santuário ofereceu o Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira — e êste ano, no próximo mês de abril, realiza-se a primeira peregrinação nacional ao solar da Padroeira!

Ela tinha no Norte o seu Monte Sagrado, no Sameiro, onde no princípio da nossa renascença cristã, em 1904, como um prenúncio dela, se viu a maior afluência de católicos de que havia memória, aquêles trezentos mil peregrinos que, segundo jornais insuspeitos do Pôrto, ali foram celebrar o cinqüentenário da definição dogmática da Imaculada Conceição!

Mas Vila Viçosa e o Sameiro eram já as duas alas do exército activo que ia partir para a reconquista. E a Virgem preparou o Centro, aparecendo no Centro do país e precisamente no condado do Santo Condestável, como que a indicar-nos que era chegada a hora de aliar, como nos tempos do Guerreiro e Monge, a acção à oração, como o próprio nome árabe do local privilegiado parece ter querido recordar-nos que era verdadeiramente uma nova reconquista cristã, como a que noutras eras começou nas Astúrias e durou séculos até à queda do último rei moiro de Granada.

Avante! Pelo meio milhão! Norte, Centro e Sul, em massas profundas de meio milhão de crentes organizados, a clamar à Virgem Padroeira de Portugal: **enquanto houver portugueses, Tu serás o nosso amor!**

O senhor também!...

O sr. major esteve em França, na Grande Guerra.

E portou-se como um herói em várias refregas!

Ficou ferido duas vezes. Foi louvado e condecorado! Ofereceu-se para desempenhar várias missões delicadas.

O seu peito destemido está consteiado de medalhas e de fitas como uma bandeira de filarmónica!

É um militar de antes quebrar que torcer... um verdadeiro cultor da honra militar!

E, a-pesar disso..., cuvi...

* * *

Na Quaresma do ano passado, assistiu na sua paróquia a um retiro para homens.

Em primeiro lugar... porque é um cristão convicto, embora não seja muito praticante.

Em segundo lugar, porque o retiro foi prègado por um padre, que também esteve na Guerra, homem de grande acção e que, no *front* e cá fora, tem uma linguagem, uma convicção a que dificilmente se resiste.

Sim, o nosso major foi de muito boa vontade no retiro, e até lá levou dois colegas.

E quando chegasse à Páscoa, devia, lògicamente, fazer a sua desobriga, iria fazê-la, até com a mulher e com os filhos!

E assim estava decidido até o momento em que a esposa teve de dar à cozinheira, as ordens para o dia seguinte.

A cozinheira é verdadeiramente uma especialista, mas é levada da breca...

—Oh Júlia, amanhã, só tomarmos o café às 9... por causa da Missa!

—Está bem, minha senhora. O senhor também?

—Sim. O senhor também!

E lá diz o nosso povo *Do prato à bôca se perde a sopa...*

* * *

A Júlia saiu com um sorriso trocista... — O senhor também!

São Pedro, o primeiro Papa também viu uma criada rir assim, no pátio do pretório...

Aquêle sorriso da Júlia significava... o padeiro... o carniceiro... o merceeiro... o taberneiro... e todas as cozinheiras, porteiras e criadas que fôssem ao mercado...

—O senhor também!?... Sim... O senhor!

Então... o major... teve... uma dôr de cabeça!...

Deixou-se ficar preguiçosamente na cama enquanto a mulher e os filhos iam para a Missa das 8.

Enroupado até aos olhos, ficou nessa manhã em casa...

E, por um excesso de prudência, levantou-se, tocou a campainha, e disse à Júlia, tôda triunfante, que lhe trouxesse o café!...

E enquanto esta, com ar de troça e de desprêzo, saboreava a vitória...

Ele... ouvia os sinos a chamá-lo, tão comoventes, com um timbre que lhe recordava os dias saudosos da infância, a sua querida mãe... e sentia-se corar...

E enquanto a enxaqueca ia aumentando, ia repetindo:

—Ora eu que andei em cargas cerradas, como um valente... Eu que me expus, sem tremer, às balas e aos obuses!...

«Eu que teria morrido pela pátria, se fôsse preciso, com um sorriso nos lábios...

«Um homem como eu... fiz esta tristíssima figura de urso... e deixei-me vencer por uma sopeira!...

* * *

Mas esta última frase foi dita com o ar de quem volta a ter energia...

Júlia, não julgue que ganhou a batalha!

A sua vitória vai transformar-se em derrota.

O sr. major sente-se indigno do seu procedimento, e vai desobrigar-se...

Talvez lá para o Domingo do Espírito Santo!... Mas mais vale tarde que nunca!

Vai desobrigar-se êste ano — digo-lho eu.

Sim, o senhor também!

Imitado de *Pour ses beaux yeux*, de Urbain Milly)

Dez e cinco fazem... dez!...

— Senhor prior, a fé diz-nos que nos salvaremos, se praticarmos os Mandamentos. Havia já os dez Mandamentos da Lei de Deus... Chega a Igreja, e o que faz ela?...

Acrescenta-lhe cinco!... Ora se quinze quilos pesam mais do que dez, quinze preceitos custam mais a levar do que dez...

— Não é bem assim, quinze quilos nem sempre custam mais a levar do que dez...

— Nem sempre!?

— Ora supõe tu que um pedreiro tem de deslocar duas lages pesadas. Tem de fazer um esfôrço grande e penoso. Mas se êle for buscar um carrinho de mão, já transporta as lages, com uma perna às costas, como se costuma dizer.... E, todavia lages e carrinho é um pêso maior do que só as lages!

— É que o carrinho *ajuda* a levar as lages, a realizar o trabalho.

— Isso mesmo! A palavra é tua: *ajuda a realizar*, ajuda a cumprir...

— Pois sim, mas nos Mandamentos da Igreja não há... nenhum carrinho de mão!

— É o que vamos ver. Com efeito, a Igreja, criando os seus preceitos, não fez mais do que *ajudar*-nos a cumprir os dez Mandamentos da Lei de Deus!

— Não vejo bem como...

— Vejamos um exemplo. Há um mandamento da Lei de Deus, que nos manda santificar o domingo. Muito bem, como é que êle deve ser santificado?

— É bem simples: basta ir...

— Já sei o que vais dizer: que basta ir à Missa. Mas supuhamos que a Igreja não o tinha dito, que não havia os tais preceitos da Igreja — como tu querias — e que nos encontrávamos para o simplesmente em presença do 3.º Mandamento da Lei de Deus. Como é que tu santificavas o domingo?

— Em primeiro lugar, não trabalhava em trabalhos servis...

— Sim, isso é a parte negativa, a abstenção. Mas o que farias de *positivo*. Quanto tempo consagrarias à oração para dar a êsse dia uma consagração suficiente?

— Isso é difícil de marcar... Poderamos duas horas: já não é muito pouco.

— Duas horas, para vinte e quatro que tem o domingo!... Não faltaria quem achasse pouco.

— Sejam três.

— Está bem. Vês, portanto: se a Igreja nada dissesse, achas — sem ficar perfeitamente sossegado de consciência — que bastariam três horas de oração para santificar o domingo?

«Mas, atenção, nesta altura a Igreja intervém e diz: Basta assistir a uma Missa, e tereis feito aquilo a que sois rigorosamente obrigados... Francamente, Sebastião, qual das duas interpretações é mais severa: a da Igreja ou a tua?...

— Realmente, êste preceito da Igreja é uma interpretação e não um agravamento do preceito de Deus... Mas ainda há mais quatro!

— Fica certo de que também, nêles, a Igreja não fez mais do que interpretar com *benevolência* os Mandamentos de Deus. Lembras-te do primeiro?

— De Deus ou da Igreja?

— De Deus.

— «*Amar a Deus sôbre tôdas as coisas*».

— Isso mesmo... Ora, é evidente que nós devemos dar a Deus provas dêste amor que Ele nos pede. Tu és muito amigo da tua mãe, e como é que lho mostras?

— De muitos modos. Por exemplo, no dia dos seus anos faz-se-lhe uma festa...

— E fazes bem. Ora a Igreja obriga-nos a celebrar algumas festas em honra do bom Deus: são *os dias santos*. E, diz-me cá, nunca deste nenhum desgôsto à tua Mãe?

— Mas peço-lhe logo perdão, ou não fôsse eu tão amigo dela.

— Já vês que não teríamos amor a Deus, se não lhe pedissemos perdão das faltas cometidas recorrendo ao meio que Jesus Cristo instituiu para isso.

— Está bem. É a confissão. Mas ainda falta a comunhão, o jejum, a abstinência...

— Foi Cristo quem impôs a obrigação de comungar.

(Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós. — disse o Mestre.) A Igreja veio, interpretou esta lei, com benevolência, dizendo-nos que *cumprissemos*, desde que comunguemos pela Páscoa.

«Nosso Senhor impôs-nos a obrigação de fazer penitência. *Se não fizerdes penitência, morrereis todos!* — são as palavras do Redentor. E a Igreja, benèvolamente, interpretou indicando vários dias de jejum e de abstinência...

— Tem realmente razão, o sr. prior.

— A Igreja fêz, como se dissesse:

Aqui estão algumas regras: aprendei-as e observai-as, que elas vos guiarão no cumprimento dos preceitos divinos, e tornarão êste cumprimento mais fácil.

— Então, os preceitos da Igreja não ajuntam nada às ordens de Deus?

— Nada, a não ser a precisão, o rigor... Por isso, se pode dizer que a matemática, neste caso, falha, pois que, quando somarmos os preceitos de Deus e os da Igreja: *dez e cinco fazem... dez!*

—E um carrinho de mão!...

(Adaptado de *E. Duplessy*)

Condições do Apostolado

Para conseguirmos no apostolado uma actividade com resultados satisfatórios devemos imitar os Apóstolos.

Tendo sido os primeiros chamados a seguir a Cristo responderam sem hesitar e da melhor vontade a êsse apêlo. Dedicaram-se por completo ao apostolado e nêsse apostolado fizeram mais tarde uma bela colheita de almas, colheita que não tornou a ser igualada. Não poderíamos encontrar melhores modelos.

Para triunfarmos como êles, vamos mostrar os meios de que se serviram:

ORAÇÃO

Em primeiro lugar rezaram. Guiados pelos ensinamentos e pelos exemplos de Cristo, que foi por assim dizer o Primeiro Apóstolo, êles bem sabiam que para converter os homens é preciso a ajuda da graça divina, e que a graça é filha da oração.

Assim, os Apóstolos foram antes de mais nada *homens de oração*.

Rezar foi a sua primeira obra apostólica, como se pode verificar nas Sagradas Escrituras: «Entregar-nos-emos inteiramente à oração e ao ministério da palavra».

Repare-se nesta pequena diferença: rezar em primeiro lugar e depois trabalhar, depois a acção que não vem interromper a reza mas sim continuá-la duma outra maneira. Está nisto, sem dúvida nenhuma, a razão principal e maior do grande zêlo dos Apóstolos pelas almas.

Queremos que os nossos esforços sejam tão bem sucedidos como foram os dos Apóstolos? Rezemos! rezemos sempre, rezemos pedindo a Cristo que nos dê uma santa actividade, para que inspire as nossas palavras e tentativas, para que esclareça os corações e faça entrar neles a graça e a salvação. Assim aconselhava S. Paulo aos fiéis: «Antes de tudo vos peço que rezem, que supliquem, que roguem por todos os homens... afim de que tenhamos uma vida tranqüila e socegada na piedade e na pureza. Seremos agradáveis aos olhos de Deus, do nosso Salvador que quere a salvação de todos os homens e que todos êles cheguem ao conhecimento da verdade». (I Tim., II, 1-5). E o Papa Pio XI, que tem sido um homem muitíssimo activo, também dá o mesmo conselho. Quere que a nossa acção comece pela reza, pela oração. «O vosso apostolado, — dizia êle num discurso à mocidade de todos os países, no dia 19 de setembro de 1925, — o vosso apostolado deve ser, antes de mais nada, o apostolado da oração. Porque, no campo em que trabalhais, nada é possível sem a oração. O divino Mestre assim disse: Sem mim nada podeis fazer. E como observou alguém, é preciso notar que Jesus não afirmou: podeis fazer alguma coisa, mas sim: *não podeis fazer nada*, **nada** *sem mim*.»

Mas não basta orar. Importa também, como veremos, *agir*.

H. M.

Conversando

O PAPA, O CASAMENTO E OUTRAS COISAS MAIS

—Então, o homem foi convencido? Já não voltará a dizer que o Papa anula casamentos?!

—Sim, êle diz que as coisas não são como êle pensava...

E deixa-me acrescentar-lhe um ponto, que é bom que tu lhe repitas, para êle ficar sabendo. Se o Papa anulasse casamentos, se na Igreja houvesse divórcio — tinham-se evitado graves perturbações, que a História regista. Ora ouve:

«Tinha começado pouco antes o protestantismo, que ia alastrando terrivelmente sôbre grande parte da Europa. A nova heresia ajudada pelos maus padres e pelos fidalgos, que, abrançando-a, se apoderavam dos bens dos bispados, dos conventos e dos hospitais, avançava rapidamente, causando ao Santo Padre e aos fiéis despostos profundíssimos e grandes apreensões. Passou-se isto por altura do reinado de D. Manuel I, o Venturoso.

«E é consolador verificar que na hora em que a verdadeira Religião perdia tantos filhos na Europa os portugueses descobriam novos mundos para converter a Cristo, como o Brasil, ou o caminho mais fácil e rápido para chegar às vastas e populosas regiões do Oriente.

Quere dizer: Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e os portugueses de então foram instrumentos da Providência para compensar a Igreja dos filhos que o protestantismo lhe roubara...

—Nunca tinha pensado nisso! Nem sabia mesmo essas coisas! Se o nosso país fêz tanto, não pode agora deixar de tratar muito a sério de mandar missionários, ao menos para as nossas colónias!

Até fico mais contente por ter sido uma das pessoas que mais trabalharam para que o filho do Chico-Moleiro fosse para o seminário das Missões...

—Assim é que se trabalha, rapaz. Ser patriota não é só dizer-se que o é, andar a apregoar patriotismo, a fazer discursos. O patriotismo é amor da Pátria; e o amor prova-se com actos.

Já Nosso Senhor dizia:

—Se me tendes algum amor, praticai os Meus Mandamentos!

Ser patriota é ser ordeiro, não arruinar a saúde, não gastar na taberna, faltando ao sustento dos filhos... Se não cuidarmos da prole como deve ser, daremos a Portugal uma geração de raquíticos que, nem poderão ser ser sequer para tratar da sua vida.

«Ser patriota é trabalhar diligentemente, contribuindo para que todos tenham mais abundância e mais felicidade. Resumindo: onde estiver um bom católico, estará também um excelente português...

—Só temos, na igreja, a imagem do Santo Condestável...

—...A dizer-nos que ser santo e patriota são coisas muito fáceis de juntar, dizes bem.

«Não sabia que te tinhas interessado tanto pela ida do pequeno para o Varatojo, mas só é caso para te dar os parabéns.

E não quero passar adiante sem te fazer notar: os verdadeiros amigos de Portugal ainda que não tenham a felicidade de ser crentes, devem ajudar a Acção Católica.

—Está claro! A Religião é a base do respeito, da ordem...

—Não é só por isso. Quanto mais fraca for a vida cristã, de piedade, em Portugal, tanto menos missionários para as colónias.

Se os pais não forem piedosos, dificilmente os filhos quererão ser missionários. E colónias sem Missionários portugueses, e com missionários estranjeiros, são colónias que, a pouco e pouco irão perdendo o caracter nacional, até que acabarão... por levantar vôo para os ninhos de outros países.

*«Por isso, **todos os bons portugueses, católicos ou não, devem auxiliar a Acção Católica, ao menos com os seus donativos!** É uma grande verdade, fácil, como vês, de demonstrar e de aceitar, que os Cruzados de Fátima, e, dum modo especial, os chefes de trezena, não devem nunca esquecer!*

«Mas voltando ao divórcio (que isto, as palavras são como as cerejas...) quando o protestantismo ia alastrando pela Europa como um incêndio infernal — o chefe dum dos estados mais poderosos lembrou-se de pedir ao Papa a anulação do seu casamento: foi Henrique VIII, rei da Inglaterra.

«E como o papa—é claro—não lho anulou, e o seu matrimónio não fôra nulo — êle rebelou-se contra a Santa Sé, e levou o parlamento inglês a proclamá-lo Protector e Chefe Supremo da Igreja de Inglaterra.

«Estás a ver que se o Romano Pontífice pudesse anular casamentos, teria todo o empenho em evitar mais esta perseguição numa época tão tormentosa para a Fé, e tão ruinosa para as almas.

«Mais de 70.000 ingleses pagaram com a vida, às ordens dêste monarca devasso e brutal, a sua fidelidade a Roma.

«Entre os primeiros executados, figuravam o bispo Fischer e o chanceler Tomás Morus, que foram degolados, há precisamente 400 anos, em 1535!

—Nosso Senhor tem tido sempre quem o ame a ponto de antes querer morrer do que fazer-lhe uma traição! Ainda há pouco, na Espanha, no México, na Rússia...

—E volta e meia, estão os jornais a contar as torturas infligidas na China, por exemplo, a missionários, que lá andam evangelizando.

Jesus Cristo está continuamente a despertar almas — e das mais nobres — que o amem com paixão.

«Gostaria de saber quem se importará daqui a duzentos anos com os inimigos de Cristo, que vivem hoje!... E Nosso Senhor veio a êste mundo há mais de 1900 anos!!

—São realmente coisas que fazem pensar, não há dúvida.

—Mas... não tardam aí uns pequenos a quem tenho de dar umas explicações; temos de pôr ponto na conversa. Vá lá um episódio digno de se meditar, e de ser contado.

Tomás Morus estava preso na Tôrre de Londres.

A mulher foi visitá-lo aconselhando-o a que obedecesse ao rei para escapar à morte.

—Olha lá — preguntou-lhe êle — se eu renunciar à minha fé, para recuperar os meus bens e o meu cargo, quanto tempo te parece que terei ainda para os gozar?

—Ainda podes viver bem uns vinte anos!

—«Vinte anos?! E tu queres que por vinte anos de vida, eu perca a minha alma por tôda a eternidade?!...

X.

Respigando

Passaram-se *ultimamente em Portugal vários factos que merecem nesta Página, especialmente interessada nas coisas da Acção Católica, duas palavras de referência.*

Assim, *no extremo norte do país, em Braga, realizaram-se Cursos de Acção Católica, para sacerdotes e para leigos, que tiveram uma concorrência enorme sem exagêro.*

No pólo oposto, *em Faro, celebrou-se também um congresso, verdadeiramente notável em que os problemas da Acção Católica foram estudados com proficiência e entusiasmo.*

Uma nota também de consolador efeito foram as solenissimas festas comemorativas das bodas de prata sacerdotais do Senhor Bispo de Viseu, que movimentaram, segundo o testemunho de jornais insuspeitos, mais de 20.000 pessoas. Uma comunhão geral de mais de 6.000 fiéis. Um cortêjo que levou duas horas a desfilar, etc.

Também *teve um especial significado a ordenação presidida em S. Domingos de Lisboa, pelo Em.mo Senhor Cardial Patriarca.*

É realmente impressionante ver dois médicos, um advogado, e dois alunos de escolas superiores deixarem o mundo com todos os seus atractivos para seguir o Senhor e compartilhar das agruras do Seu sacerdócio: viver uma vida de sacrifício pelo bem dos outros, e receber a cada passo, grosserias e calúnias.

E acrescentemos que alguns dos novos sacerdotes eram, há mais ou menos anos, indiferentes em matéria religiosa, e alguns foram até, pode dizer-se, adversários de Cristo.

Outros, souberam renunciar aos prazeres, mesmo legítimos, que os seus bens de fortuna lhes podiam proporcionar.

Entre nós, estes casos vão-se tornando um tanto frequentes. É-nos fácil recordar, neste momento, uma dúzia de rapazes que abandonaram a profissão liberal que exerciam, os bancos da universidade, ou o solar nobre, da sua família, para ingressarem no seminário ou no convento.

Nos outros países, isto é frequente. O Seminário de S. Sulpício, em Paris, chegou a estar cheio de oficiais que estiveram na Guerra.

E na Alemanha, vêem-se muitos padres que são duques ou marqueses, e possuidores de bens avultados.

Demos graças a Deus por todos estes factos, que nos fazem esperar melhores dias — se todos os soubermos preparar!

R.

Aos Cruzados e Rev.dos Párocos

Fazemos nosso o pedido do zelosíssimo Director Arquidiocesano de Braga que transcrevemos do «Diário do Minho».

Queremos pedir a todos os Rev.dos Párocos que não entregaram as esmolas colhidas até 31 de Dezembro passado (e faltam várias ainda), a fineza de o fazerem sem demora, pois que precisamos de fechar as contas do período transacto e cometer à Junta Central a percentagem respectiva, e sem isso não podemos efectuá-lo.

Duas grandes condições se impõem, para que vingue e surta o devido efeito a nossa Cruzada de Salvação: — a perseverança e fidelidade inquebrantável de todos os Cruzados inscritos e a mais perfeita regularidade e escrúpulo na cobrança mensal das quotas e da sua remessa à Direcção, no fim de cada quadrimestre.

Uma e outra coisa esperamos do zêlo apostólico dos nossos amados colegas em Jesus Cristo.

Adveniat!...

Para rir

Napoleão acabava de ganhar vitoriosa numa cidade de Itália. A irmandade duma igreja veio-lhe pedir que tomasse sob a sua protecção as estátuas, de prata maciça, dos doze Apóstolos.

— Sim senhor, e até os quero ajudar a cumprir a sua missão de apóstolos, percorrendo o mundo...

E dai a pouco, os doze Apóstolos partiram para a Casa da Moeda de Paris!

* * *

Um sujeito, pálido, magro, como um esqueleto, fôra visitar a campa dum amigo. Demorou-se de mais, e, quando ia sair — ... já lusco-fusco — estava o empregado a fechar o portão do cemitério.

Bateu-lhe no ombro. O homem, vendo aquêle... cadáver ambulante, assustou-se, e gritou-lhe:

— Oh, homem? Deixe-se de fitas, e volte lá para a sua cova!...

Pia União dos Cruzados na Arquidiocese de Braga

Conta já perto de 7.000 Trezenas, cêrca de 90.000 Cruzados alistados, a Arquidiocese Primaz, além de 30 Associados Perpétuos, que se remiram com a oferta de duzentos escudos cada um.

Em oito meses de propaganda e organização, é bem um verdadeiro milagre da excelsa Rainha do Céu e Padroeira de Portugal.

Nossa Senhora de Fátima, proteja e abençoe a Acção Católica Portuguesa!

Este número foi visado pela Censura

Ano XIII — Fátima, 13 de Abril de 1935 — N.º 151

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 136-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

Crónica de Fátima

Retiro espiritual

Como tinha anunciado o último número da «Voz da Fátima», nos três dias de Carnaval, 3, 4 e 5 de Março, cêrca de sessenta homens e rapazes realizaram, com as disposições mais edificantes, na Casa de Retiros da Cova da Iria, os santos exercícios espirituais.

Foi êste o primeiro turno de exercícios que se efectuou no decurso do ano corrente.

Tomaram parte nele Servos de Nossa Senhora do Rosário, sócios das Conferências de S. Vicente de Paulo e apóstolos da Acção Católica.

Na quarta-feira de manhã, S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, dignou-se presidir ao encerramento do santo retiro, tendo ido expressamente da sua cidade episcopal a Fátima para êsse fim, o que deixou sobremodo penhorados os bons e piedosos exercitantes.

Concluiu o retiro com uma prática adequada às circunstâncias, proferida pelo insigne Prelado, e a bênção do Santíssimo Sacramento, dada na capela do Albergue dos doentes.

Os exercitantes retiraram do abençoado local das aparições com a alma a trasbordar de alegria e com saüdade infinda dos dias felizes passados naquele lindo cantinho do Céu em santo recolhimento e na meditação das grandes e salutares verdades da nossa Fé.

As comemorações do dia 13

A-pesar-de não ter ainda chegado ao seu termo a quadra invernosa, o dia treze de Março apresentou-se formoso e ameno na região montanhosa da Serra de Aire, tendo o astro-rei iluminado com a sua luz tépida e suave os actos religiosos que se efectuaram no recinto sagrado das aparições.

O número de peregrinos que acorreram àquele local a-fim-de tomar parte nas comemorações habituais e que pertenciam, na sua grande maioria, ao lugar de Fátima e às povoações limítrofes, era quási igual, se não sensivelmente superior, ao do mês precedente.

Entre os peregrinos encontravam-se dezanove pessoas dos Arcos-de-Valdevês que tinham feito a viagem de *camionnette* e chegado à Cova da Iria na véspera, depois do pôr do sol.

Os doentes que se inscreveram no Pôsto das verificações médicas, instalado no edifício do Albergue, eram poucos, como costuma suceder durante a quadra do frio e das chuvas.

Houve, em tôda a manhã, nos diversos altares do Santuário, cêrca de quinze missas.

Ao meio-dia oficial, o rev. dr. Marques dos Santos dirigiu-se à capela das aparições e rezou, conjuntamente com a multidão dos fiéis, o têrço do Santo Rosário. Em seguida realizou-se a procissão em que a veneranda Imagem de Nossa Senhora foi conduzida aos hombros dos Servitas, por entre alas compactas de povo, para a capela do pavilhão dos doentes.

Ao evangelho subiu ao púlpito o rev. dr. José Fernandes de Almeida, zeloso pároco de Aljubarrota, que prègou sôbre a necessidade da penitência e da mortificação cristã e sôbre o dever que incumbe a todo o cristão de conformar as actos da sua vida com os princípios da fé e os preceitos da religião que professa. Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção aos enfermos e a tôda a multidão, organizou-se a segunda e última procissão que reconduziu a Imagem de Nossa Senhora à Santa Capela, onde terminaram as comemorações oficiais com o acto de consagração do costume e a tocante cerimónia do «Adeús à Virgem».

Visconde de Montelo.

Nas vésperas do dia 28

Nos dias 25, 26 e 27 adoração nocturna, das 10 à meia-noite. No 1.º dia pela província eclesiástica Eborense, no 2.º pela Bracarense e no 3.º pela Lisbonense.

Na noite de 27, antes da adoração nocturna, procissão de velas à acompanhar Nossa Senhora do seu santuário para os Agostinhos.

Monumentos históricos a visitar

1.º) Igreja de Nossa Senhora da Conceição, mandada erigir pelo Beato Nuno Alvares Pereira, com o altar de prata, pesnha da Padroeira;

2) Igreja dos Agostinhos: panteão dos Duques de Bragança, onde D. Manuel II desejou ser sepultado;

3.º) Igreja de S. Bartolomeu, na praça central da vila;

4.º) O Palácio dos Duques de Bragança. Entra-se nêste palácio por meio de bilhetes.

5.º) Nos arredores, o campo onde se travou a batalha de Montes-Claros.

Em Évora

Todos os combóios, excepto os de Lisboa, param em Évora tempo suficiente para os peregrinos visitarem a artística cidade.

* * *

Para qualquer esclarecimento os peregrinos podem dirigir-se à Comissão Central que funciona com as suas diversas sub-comissões, na residência paroquial de Sé, na Rua de S. Manços, 3.

* * *

Todos os peregrinos devem comprar o «*Guia do Peregrino*», livrinho muito elucidativo.

Cruzados de Fátima, não deis ouvidos aos que pregam a linguagem do desalento ou que apreciam com menos caridade os vossos esforços!

As batalhas são ganhas pelos que lutam, e não pelos que criticam!

Peregrinação Nacional a Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa

O Alentejo, no próximo dia 28, vai viver o maior dia da sua história religiosa: Vila-Viçosa será, nêsse dia, o palco duma grandiosíssima apoteose em honra da Padroeira de Portugal. Milhares de portugueses, de todas as províncias do País, lá estarão para pagar o tributo da sua vassalagem à Padroeira.

Em Vila Viçosa

A instalação eléctrica é dirigida pelo sr. Eugénio Joaquim F. Alvares, especializado em motivos ornamentais. A vila apresentará um aspecto surpreendente

Estão a ser montados também aparelhos radiofónicos destinados a amplificar as cerimónias religiosas.

No Terreiro do Paço

No vasto terreiro do Paço, postado ao Palácio dos Duques de Bragança, no mesmo lugar onde se realisou a cerimónia religiosa na peregrinação diocesana de Évora em 1933, está já um enorme palco, que é destinado ao Pontifical que o Em.mo Senhor Cardial Patriarca de Lisboa lá celebrará, pelas 11 horas da manhã do dia 28.

Cerimónias em Vila Viçosa

No dia 28

As 11 horas da manhã, solene Pontifical celebrado pelo Em.mo e Rev.mo Senhor Cardial Patriarca, com a assistência dos Ex.mos e Rev.mos Senhores Bispos de Portugal e de altas personalidades da Nação.

A seguir solene Consagração a Nossa Senhora e uma breve alocução transmitida através dos alto-falantes.

As 4 da tarde grandiosa procissão que sairá da igreja dos Agostinhos a acompanhar a histórica e piedosa imagem de Nossa Senhora da Conceição até ao seu santuário.

Côrtes Gerais de Portugal Católico, em Vila Viçosa

Teve o Senhor Bispo de Leiria a gentileza de me oferecer um cantinho da *Voz de Fátima*, para que eu nêle escrevesse umas palavras a propósito da projectada Peregrinação Nacional a Vila Viçosa. Correspondendo gostosamente a tão delicado oferecimento, subo por uns momentos a esta tribuna de onde a voz se faz ouvir até aos últimos recantos do país, e venho dizer aos católicos de Portugal o pensamento que inspirou aquela manifestação, de certo imponente e bela, em honra de Maria Santíssima.

Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa

Não se pense que a romagem a Vila Viçosa vem fazer sombra às formidáveis peregrinações de Fátima ou que é lançada intempestivamente, agora que para Fátima se polarizam as atenções do país inteiro e para ali acorrem em chusma, atraídos pelo nome e pelo sorriso da Virgem, os fiéis de tôdas as províncias. Não: Vila Viçosa não pode fazer concorrência a Fátima: conceber semelhante idéia seria um contrasenso. Muito ao contrário, a peregrinação a Vila Viçosa é única e simplesmente um corolário de Fátima.

Descendo a êsse rincão, hoje tão célebre, a Virgem veio dizer a Portugal que ainda o não havia esquecido, que era de direito e de facto a sua Padroeira, e veio lembrar-nos também o dever sagrado de corresponder-mos à Sua protecção tão benévola e carinhosa. E bem necessário era êste aviso, pois em hora aziaga e triste o Estado português quebrara todos os compromissos, aliás bem solenes, tomados para com Deus e para com a Sua Igreja, e passara uma esponja sacrílega sôbre aquêle documento tão cional a Vila Viçosa. Correspondendo gostosamente a tão delicado oferecimento, subo por uns momentos a esta tribuna de onde a voz se faz ouvir até aos últimos recantos do país, e venho dizer aos católicos de Portugal o pensamento que inspirou aquela manifestação, de certo imponente e bela, em honra de Maria Santíssima.

Não se pense que a romagem a Vila Viçosa vem fazer sombra às formidáveis peregrinações de Fátima ou que é lançada intempestivamente, agora que para Fátima se polarizam as atenções do país inteiro e para ali acorrem em chusma, atraídos pelo nome e pelo sorriso da Virgem, os fiéis de tôdas as províncias. Não: Vila Viçosa não pode fazer concorrência a Fátima: conceber semelhante idéia seria um contrasenso. Muito ao contrário, a peregrinação a Vila Viçosa é única e simplesmente um corolário de Fátima.

Descendo a êsse rincão, hoje tão célebre, a Virgem veio dizer a Portugal que ainda o não havia esquecido, que era de direito e de facto a sua Padroeira, e veio lembrar-nos também o dever sagrado de corresponder-mos à Sua protecção tão benévola e carinhosa. E bem necessário era êste aviso, pois em hora aziaga e triste o Estado português quebrara todos os compromissos, aliás bem solenes, tomados para com Deus e para com a Sua Igreja, e passara uma esponja sacrílega sôbre aquêle documento tão tiça. A alma portuguesa não acompanhou o gesto sacrílego dos governantes, amaldiçoou-o até no seu íntimo, mas o ultrage estava feito e a reparação impunha-se.

A mostrar que um poder amorável e benfazejo se interpunha para que sôbre a apóstasia oficial não caísse o flagelo de Deus, surge na Cova da Iria a aparição celeste, e a voz meiga da Virgem vem dizer a Portugal que a esperança não está perdida, que novos dias de glória podem despontar, mas que urge voltar para Cristo e que a reparação se impõe. Escusado é encarecer quão fundo calou êste apêlo e quão caudalosa tem sido a torrente dos peregrinos que há dezoito anos a esta parte têm afluído ao lugar das aparições: as colunas da *Voz da Fátima* falam bem alto para dispensar qualquer outra informação.

Entretanto ainda não houve um acto colectivo que tendesse pròpriamente a reparar a ofensa feita à Santíssima Virgem pela quebra do pacto sagrado que a Nação representada pelo Rei e pelas Côrtes solenemente jurou, comprometendo-se a reconhecer e venerar a Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal.

É oportuno recordar aqui os termos da histórica Provisão (carta de lei), datada de 25 de Março de 1646.

«...Estando ora junto em Côrtes, são palavras do citado documento, com os Trez Estados do Reino, lhes fiz propôr a obrigação que tínhamos de renovar e continuar esta promessa... e n'elas, com parecer de todos, assentamos de tomar por Padroeira dos nossos Reinos e Senhorios a Santíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição... E lhe offereço de novo, em meu nome, e do Príncipe Dom Teodozio, meu sobre todos muito amado e prezado Filho, e de todos os meus Descendentes, Successores, Reinos, Senhorios e Vassallos, à Sua Santa Casa da Conceição sita em Vila Viçosa, por ser a primeira que houve em Espanha d'esta invocação, cincoenta cruzados de ouro em cada um anno, em signal de tributo e vassallagem».

Não será tempo de levantarmos piedosamente do pó e de agitarmos com denodo à luz do sol, como um pendão de glória, êste venerando documento? Não será tempo de proclamarmos bem alto que a honra portuguesa é sagrada e que a promessa uma vez feita se não atraiçoa? Fátima diz-nos que sim, faz-nos sentir a oportunidade de um grande acto de reparação, e foi precisamente em Fátima que o Episcopado resolveu dar corpo a esta ideia e convidar todo o Portugal Católico para renovar solenemente o grande acto de vassalagem que o ódio do inferno quisera obliterar. De Fátima brotou a inspiração, de Fátima partiu também a ordem de comando.

Em Vila Viçosa se fixou a sede do Padroado, em Vila Viçosa tem a Padroeira o seu solar, para Vila Viçosa se voltaram os olhares da nação angustiada e das suas Côrtes, ao Santuário de Vila Viçosa se fêz tributário o povo português: em Vila Viçosa portanto se deve reatar o fio de oiro da tradição quebrada, em Vila Viçosa se devem reünir novamente

D. Manuel Mendes da Conceição Santos
Venerando Arcebispo de Évora

as Côrtes Gerais de Portugal Católico. Clero, nobreza e povo num frémito de entusiasmo, revivendo dias de grandeza épica e de fé inquebrantável, irão protestar, em união com todos os heróis que fizeram grande esta Pátria, a sua indefectível fidelidade à potente Padroeira que êles elegeram e aclamaram.

Vai ser belo o dia 28 de Abril, vai ser um dia de glória para o céu e de esperança para a terra. Diante da imagem da Padroeira rebentarão cânticos, restrugirão aplausos, ciciarão preces, correrão lágrimas também, e tudo isto será um cântico de amor, eco da piedade ancestral, penhor de misericórdias futuras e de consoladoras bênçãos.

E assim findará o Ano Santo em Portugal, aos pés da Virgem, numa expansão de afecto e num canto de esperança ao triunfo.

† Manuel, Arcebispo de Évora

Atenção AOS CRUZADOS E CHEFES DE TREZENAS.

Os Cruzados têm obrigação de pagar a sua quota mensal quando o seu Chefe a pede e o Chefe da trezena não deixe atrazar as quotas que estão a seu cargo. Cobre-as todos os meses. Logo que as receba, entregue-as ao Rev. Pároco da freguesia ou mande-as directamente ao Rev. Director diocesano.

Não devem demorar na sua mão o produto das quotas, porque êsse dinheiro não lhes pertence e é necessário para as despesas da Acção Católica a que é destinado e para sustentação da «Voz da Fátima» que, sendo a publicação de maior tiragem em Portugal, tem, por isso mesmo, muitos encargos.

Contas do Pôrto — dá cá, toma lá.

Lembramos de novo que estando a obra dos Cruzados organizada por dioceses, tôdas as inscrições, mudanças de nomes ou residências e reclamações devem ser feitas ao Rev. Director diocesano que dará as devidas providências.

NOSSA SENHORA NA LITERATURA PORTUGUESA

Um soneto a Nossa Senhora

de Nicolau Tolentino

Se a febre atraiçoada em fim declina,
E se se esconde a aberta sepultura,
Ao vosso rogo o devo, ó Virgem pura,
Por quem me quiz livrar a mão divina:

Sem Vós debalde a experta medicina
Traça, e apparelha a desejada cura;
Sem Vós o índio adusto em vão procura
A amarga casca da saudavel quina.

Quando em lucta co'a morte me contemplo,
Sem haver já no mundo quem me valha,
Do vosso grão poder, que grande exemplo!

Vencestes; e em memoria da batalha
Penduro nas paredes d'este templo,
Rasgando, um novo Lazaro, a mortalha.

O poeta que escreveu êste soneto veio ao mundo em meados do século XVIII, e como nasceu precisamente no dia de S. Nicolau Tolentino, os pais, muito piedosos, deram-lhe o nome daquele santo da Igreja.

A educação católica, que Tolentino recebera sob os tetos da casa paterna, acompanhou-o sempre através da existência. E é muito para notar que isso tivesse acontecido, pois, no decorrer da vida dêste escritor, Portugal é muito invadido por ideias heterodoxas vindas da França. É nessa época que começam a romper-se os laços de solidariedade que há séculos faziam gravitar a literatura portuguesa na órbita da fé católica. As arremetidas heréticas de certos pensadores e homens de letras do século XVIII não lograram contaminar a alma religiosa de Tolentino.

Se no campo das ideias manteve a sua fidelidade a Jesus, nem sempre foi irrepreensível quando teve de resistir às tentações do mundo. Foi um permanente descontente e um ambicioso de situações rendosas e lucrativas. Na sua obra poética transparece, de quando em quando, essa inclinação mesquinha e utilitária. Lança-se, humildemente, aos pés dos grandes para melhor realizar seus intentos materialistas. Êle, que foi poeta satírico, e meteu a ridículo algumas anormalidades da sociedade lisboeta, também não deve levar a mal que a posteridade verbere o seu temperamento interesseiro...

Apesar de todos os seus queixumes, viu deferidas muitas das suas pretensões e gozou de grande prestígio na sua época, inclusivamente entre graduados elementos da classe eclesiástica. O padre Francisco José Freire e o padre Joaquim de Foyos reputavam-no poeta de grande categoria e apreciariam, naturalmente, bastante o soneto (acima reproduzido) *A Nossa Senhora*.

Em certa ocasião, Tolentino caíra vitimado por doença grave e esteve às portas da morte. Nessa embaraçosa conjuntura, não solicitou, como costumava, o auxílio dos grandes e poderosos da terra... Isso de nada lhe valeria. Também não podia esperar muito do patrocínio da medicina. Esta não tinha ainda atingido os progressos de hoje. Havia mesmo poetas, como Bocage nos epigramas, que ostentavam a respeito dos médicos o mais franco cepticismo. Quási inteiramente desprotegido, Tolentino não perdeu a confiança em Deus e pediu a Nossa Senhora que lhe valesse. E a mãe de Deus ouviu a prece dêste poeta católico e salvou-o da morte.

Nesta linda poesia, êle conta então a graça que recebeu da Virgem e fecha, belamente, o soneto com uma alusão ao milagre da ressurreição de Lázaro operado por Jesus.

Feliciano Ramos

A SANTIDADE DO LAR

Conta-se que um monge rezava para que Deus lhe desse a conhecer se havia ainda no mundo igual em santidade à de S. Antonio do Deserto. O Senhor deferiu o pedido do seu servo e permitiu que o anjo da Guarda do monge o levasse através de muitas cidades, até que o conduziu a uma casa de aparência humilde, onde lhe mostrou uma mãe de seis filhos, atarefada com muitas coisas, fazendo tudo por amor de Deus.

Esta mulher era tão santa diante de Deus como o grande santo.

Fazia isto: com pureza de intenção cumpria o humilde dever de prover a seus filhos com o pão de cada dia, olhando para que tudo corresse bem em casa, transformando êsses afazeres em actos meritórios, que aumentam a graça.

Na verdade a missão de pai e de mãe é o que há de mais sublime no mundo, depois do sacerdócio.

A "VOZ DA FÁTIMA" aumenta assombrosamente de tiragem

Já aqui publicámos alguns números curiosos sôbre a expansão da «Voz da Fátima». A sua tiragem aumenta maravilhosamente de mês para mês: em Janeiro 227.000 exemplares; em Fevereiro, 234.800; em Março corrente, 259.000. As dioceses em que se registaram maiores aumentos para o número dêste mês são as seguintes: Angra, com mais de 1.500 exemplares; Braga, com mais de 3.500; Funchal, com mais de 2.500; Guarda, com mais de 10.000; Pôrto, com mais de 2.000. É de esperar que, ainda êste ano, a tiragem se aproxime de meio milhão por mês.

(Das «Novidades»)

Voz da Fátima

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Fevereiro tirou 234.800 exemp. e em Março 259.760, assim distribuidos:

	Fev.	Mar.
Algarve ...	2.962	3.157
Angra.... ...	14.058	15.966
Beja	2.571	3.205
Braga... ...	54.974	58.817
Bragança...	5.080	5.658
Coimbra. ...	13.218	11.675
Évora... ...	2.500	2.900
Funchal. ...	13.859	16.490
Guarda.. ...	16.438	26.710
Lamego. ...	3.026	3.978
Leiria... ...	9.273	9.090
Lisboa... ...	4.146	4.608
Portalegre...	5.497	6.298
Pôrto	32.106	34.543
Vila Real ...	30.439	30.482
Viseu... ...	7.238	7.917
	217.385	241.494
Estranjeiro..	3.445	3.552
Diversos. ...	13.870	14.714
Total. ...	234.800	259.760

A rubrica diversos abrange os exemplares enviados a assinantes pobres, cadeias e distribuição no Santuário.

OS NOSSOS CONTOS

O CHAMAMENTO DE DEUS...

UMA CONVERSÃO

— Então, meus filhos, não quis hora de nos pormos a caminho... Angelina, vai acabar de te arranjar, a tua Mãe está quási pronta.

E enquanto o Sr. Fonseca, animado, e bem disposto, fazia com seu futuro genro, os últimos preparativos da viagem, Angelina, no seu quarto de vestir, exclamava a sós consigo:

— Para Fátima!... Desta vez é que é certo...

«Ó minha querida Mãe do Céu, concedei-lhe a graça duma grande fé... Ele é tão bom... tão bom, e eu seria tão feliz depois...» Tenho a convicção que desta vez, levando-o mesmo até lá, Nossa Senhora há-de ouvir as minhas preces...; mas tenho-as tenho... as minhas luvas?... a minha bôlsa... Que mais preciso eu de levar?... Este «broche-colo»? Talvez... por causa da noite... ai, com certeza que já estão à minha espera...

... ...

Ao anos apenas cheios de graça e de encantos, mocidade sã e alegre, que o ar pestilencial da época não estragara ainda, porte gracioso e gentil, tipo moreno de portuguesa autêntica não era para admirar que o José de Sousa e Costa, pela convivência moderada que os costumes sérios e sagrados da família permitiam, lhe criasse uma afeição profunda, e o resolvesse um dia a manifestar-lhe o desejo de a tornar sua mulher...

Ao ouvir-lhe, surpresa, a doce confidência, Angelina, no alvoroço natural, que o desabrochar do primeiro amor lhe produzia, disseram-lhe imediatamente que sim... e só depois quando seus Pais lhe censuraram a precipitação, ela pensou no perigo em que a sua felicidade ia incorrer, ligando tôda a sua vida à vida dum rapaz descrente...

Como, porém, infelizmente acontece na maioria dos casos, os Pais, confiados na integridade perfeita do carácter de José de Sousa, e cativados, no brilhantismo da sua posição social — pois completara nêsse mesmo ano o curso superior de letras — coleram, e acabaram por dar o seu consentimento...

Todavia, pela alma da Angelina, passava de vez em quando, a núvem sombria da imatisfação...

No decorrer dos primeiros dias e meses do seu noivado, nem sempre as suas almas vibravam em uníssono...

Muitas vezes acontecia, — ao ouvi-lo discorrer sôbre as coisas mais vulgares, ela surpreender-lhe um sentido estranho e desconhecido, que lhe deixava na alma um vácuo imenso, e ao pobre coração — tão cedo amargurado! — a mais acerba e cruciante dor...

Ah!... porque o amava tanto... porquê?...

* * *

Alta noite, as horas de adoração sucedem-se, numa continuação meritória e fecunda...

As pessoas que, em massa compacta, mais de perto circundavam Nosso Senhor sacramentado, suportavam em espírito de reparação e penitência, o martírio aflitivo da posição incómoda, e do cansaço da noitada...

Aqui e acolá, debaixo duma árvore, ou encostados a uma pedra, muitos peregrinos descansavam das fadigas da viagem para melhor poderem seguir as solenidades do dia seguinte...

Um pouco afastado de todos, iluminados apenas pela débil chamazinha das velas de cera, está um pequeno grupo de peregrinos, seguindo com a maior devoção os cânticos, e as orações, que alternadamente, os sacerdotes vão dirigindo com o povo, a Jesus exposto no Sacramento do altar.

É Angelina e seus Pais.

Pelas faces pálidas da rapariga, correm dois fios de lágrimas..., e do seu coração amargurado, pela ausência daquele, que repentinamente deixara de ver a seu lado, parte uma prece ardentíssima:

— *Mãezinha do Céu, ilumina-o, protege-o, salva-o!!!...*

Entretanto a mãe indagava:

— *Vamo-nos embora, minha filha; estás muito impressionada e cansada; não queres ir descansar um pouco?*

— *Oh! não, minha mãe, deixe-me continuar a rezar pelo José... não vê como êle precisa das minhas graças?... Se nem sequer consegui ainda que ajoelhasse a meu lado..., ide pôr...*

E cheia da confiança que aquêle lugar santificado inspira, os Pais de Angelina afastaram-se.

A rapariga, olhou em volta de si, aconchegou a manta em que sua mãe a tinha envolvido, puxou mais para o rosto a mantilha preta de rendas, e dispunha-se a mergulhar a sua alma numa oração, mais profunda, e mais intensa do que nunca, quando vê passar na sua frente, possuído por uma grande e visível comoção, o seu noivo acompanhado de um sacerdote vilhinho. Ao vê-los, Angelina, surpresa, pôs-se imediatamente de pé, no intuito de se lhe dirigir, e de o interrogar, sôbre a causa da sua comoção, mas o noivo parece que nem sequer notara a sua presença ali. Olhara-a — mas que estranho e distante olhar o seu!... — e Angelina perplexa e indecisa, vê-os desaparecer por entre a multidão imensa, em direcção à capela das confissões.

Subitamente, o seu corpo frágil e cansado, sente-se vergar sob o pêso de não sei que estranho pressentimento.

Oh! aquele olhar alheio e distante, encerrava para ela, um abismo de graça e de mistério...

* * *

Tinha decorrido um mês. Na confortável salinha de estar do Snr. Fonseca, Angelina e José de Sousa conversavam.

— *Mas, diz-me José, o que há entre nós,... e porque estás tão diferente... diz-me seja o que fôr. Para mim não pode haver nada de mais doloroso do que êste mistério em que te envolves e me não deixas penetrar...*

— *Angelina!... Ah! pede a N. Senhor que me dê...*

José hesitava...

— *Que te dê o quê, meu amigo... que mais precisamos nós para sermos felizes?... Pois não te dou fé já a maior dom que existe, a fé..... essa graça única da tua conversão?... Oh! como foi profunda a comoção que me desta vez nesta madrugada bendita... Vinha a nascer o sol, quando me apareceste transfigurado pela luz sobrenatural da divina graça... e cuidar como tudo se passou... Que remorso...; que alvorecer aquele, José!...*

E Angelina comovia-se até às lágrimas.

Scenas como esta, repetiam-se quási todos os dias, e na inquietação dolorosa do mistério que as envolvia, o pressentimento que na Fátima, atravessava o espírito de Angelina, tomava de dia para dia a proporção gigantesca da realidade.

— Deus *louvo-me!* exclamara finalmente. *Ah! vou preguntar-lhe logo se não é isto...*

Nessa noite José não apareceu.

Passara a hora em que êle costumava chegar. A Angelina cansada pelo sofrimento cada vez maior daqueles últimos tempos, sentara-se numa sofá pequenino, junto de sua mãe que trabalhava.

Entretanto ouve-se tocar a campainha da entrada. Ah! não era, não, a sua maneira de tocar,... ela conhecia-a bem!...

Momentos depois, entra o criado da casa com uma carta.

— *Minha Senhora, vem da parte do Snr. Doutor.*

Pelo olhar limpido de Angelina passou a expressão dum sofrimento muito grande. Todavia, serena, e resignada, principiou a leitura daquela carta, que imediatamente compreendeu dever ser a última:

Minha Amiga.

Adeus! não tive fôrças para to dizer directamente, mas é fôrça que o faça: A voz do Senhor chama por mim, vou consagrar-Lhe a minha vida inteira. Devo entrar para o seminário qualquer dia. Suporta com alegria a dôr, que, sem querer te vou fazer sofrer... Deste-me Jesus, mas Jesus não é meu, eu é que sou dêle... Sentí isto na Fátima, no próprio momento da minha conversão e foi por cada vez se tornar mais vivo e mais imperioso êste sentimento, na minha alma, que, a pouco e pouco, fui deixando de ser para ti o mesmo que era dantes, até chegar a isto, de não poder ser para ti coisa nenhuma...

Adeus!... não chores... agradece. -Lhe comigo a graça infinita que por teu intermédio Êle me concedeu... e louvemos os Seus admiráveis e altíssimos desígnios!...

Laus tibi Domine!... — José

M. I. T.

Nota da Redacção — **É êste o primeiro dos contos aprovados pela Comissão de censura.**

Se dentro de trinta dias a contar de hoje, 13 de Abril, alguém demonstrar que o conto foi copiado recebe trinta escudos.

Nossa Senhora de Fátima no estranjeiro

A Espanha em Fátima

Mão amiga teve a delicada lembrança que muito penhoradamente agradecemos de nos remeter pelo correio um exemplar do número de 24 de Fevereiro último do grande diário católico de Madrid «El Debate».

Ocupando uma página inteira dêsse número, insere o autorizado órgão da imprensa periódica do país vizinho, em suplemento extraordinário, o resumo consciencioso, cheio de vida e colorido da história das aparições e fenómenos maravilhosos da Lourdes portuguesa.

Esse artigo, que honra sobremaneira o seu autor, pelas extraordinárias qualidades de observação e análise que revela, é devido à pena de D. Nicolau Gonzales Ruiz, distinto redactor de «El Debate».

O ilustre jornalista foi um dos companheiros de D. Angel Herrera, presidente da Comissão Central da Acção Católica em Espanha, na sua viagem ao nosso país, a convite do venerando Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, para fazer conferências na capital, no Pôrto e em Coimbra, sôbre a finalidade e os métodos da grande Cruzada dos tempos modernos, que se propõe reconquistar o mundo paganizado para Cristo e para a sua Igreja.

Foi durante essa viagem que D. Gonzalez Ruiz teve ensejo de ir a Fátima e escrever o artigo que a seguir publicamos.

Fátima, centro da devoção portuguesa, está em plena actividade construtiva. Espanha deve unir-se a Portugal, nas grandes manifestações de Fé no lugar da Fátima.

Numa região da Diocese de Leiria, e sôbre uma encosta a cujos pés dorme o seu sono de pureza e de esquecimento o Mosteiro da Batalha, desceu num dia de suave primavera portuguesa de 1917 a SS.ma Virgem Nossa Mãe.

Seis vezes, no mesmo lugar e no mesmo ano, apareceu a Rainha dos Céus. Contemplaram-na três criancinhas, escutando a sua voz. A Santa Igreja testemunhou a verdade do milagre. A Fé de centenas de milhares de peregrinos semeou de orações aquela colina, como de pétalas perfumadas. Nossa Senhora do Rosário da Fátima é luz de esperança inextinguível do povo português. Despida de graças naturais, a humilde e pequena montanha, entre as muitas que ondulam o suave panorama de Portugal, é hoje trono de honras celestiais, o centro da devoção do país irmão. A piedade levanta ali edifícios e monumentos.

As virtudes teologais reuniram-se naquela altura. Importa que nós, os espanhóis, o saibamos bem. Não é em vão que a Península Ibérica, é formada por duas nações independentes, cheias do mesmo espírito universal.

O caminho

O viajante que percorra o caminho de Coimbra a Lisboa, sente-se atraído pelo sossêgo de Leiria. É uma bonita cidade de província, cheia de luz, que convida ao descanso. Sossegada e agradável não lhe faltam as galas da antiguidade, queridas de qualquer espírito grave que tenha proposto, pelo menos uma vez na vida, o problema da sua passagem pelo mundo. Não lhe faltam também, em discreta união com aquelas graças, alguns galas dos tempos modernos.

... ...

E presentemente, tem acima de todos estes atractivos, mais um: — Fátima pertence-lhe, é da sua Diocese e das suas vizinhanças. Provàvelmente o viajante é um devoto da S.S.ma Virgem. Mais uma razão.

Segue-se desde Leiria a estrada nacional em direcção a Lisboa e dai a pouco, mesmo à beira do caminho, detem o visitante a serena e alada majestade do Mosteiro da Batalha, o melhor monumento gótico de Portugal, erigido em memória de Aljubarrota. Despido e oficialmente frio, o templo destaca-se pela magnífica beleza de suas linhas e guarda os cadáveres de alguns reis portugueses. Marca também duma maneira inesquecível o ponto de partida para a ascensão ao planalto da Fátima que ali mesmo começa a levantar-se, esmaltado de verdes prados.

Até lá acima a estrada vai serpenteando pela serra. Cruzes simples de pedra marcam a Via Sacra pelo trajecto. A paisagem vai-se despojando das belezas materiais e adquirindo, pouco a pouco, uma majestosa serenidade. Torna-se austera sem perder a suavidade e fica mais sêca e mais pobre. Assim devia ser. Assim convinha. Doutro modo Lúcia, Francisco e Jacinta não teriam ido até ali em busca de pastos para os gados e de solidão para as suas almas simples. Êste lugar e êles foram os escolhidos para a graça suprema do milagre.

Quando se rasga aos nossos olhos o vasto planalto, sente-se vontade de andar de joelhos. Um dia, de tôda aquela amplitude, pôde ser notada por milhares de testemunhas, com um silêncio no ambiente e uma escuridade no sol que o mostraram claramente, a presença dum fenómeno sobrenatural: — A S.S.ma Virgem estava ali, as crianças viam-na; um estremecimento infinito apoderava-se dos corações e o sol... não perdera a luz própria, mas tinha-se inflamado de um esplendor mil e mil vezes mais forte, mas sem ferir a vista.

Foi neste lugar

Vezes sem conta foram narrados o milagre e a tradição da Fátima. Tôda a gente sabe a razão porque àquela imagem da Virgem do Rosário cristianíssima e portuguesíssima se junta o nome mussulmano de Fátima, que faz lembrar coisas tão diversas. Emquanto ao milagre em si mesmo era natural que Nossa Senhora do Rosário aparecesse em Portugal, terra de devoção mariana como a nossa e onde o perfume do Santíssimo Rosário se espalha em muitas regiões por todos os lares, a ponto de não ficar casa, pobre ou rica, onde se não reze diàriamente.

É também sabido que das três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta que viram Nossa Senhora, apenas a primeira vive ainda e é religiosa na Galiza.

A característica impressionante dêste milagre está na sua repetição desde Maio a Outubro do ano de 1917. Desde a primeira aparição em que, precedida por suave resplendor, Nossa Senhora se mostra sôbre os ramos duma azinheira, tudo concorre por assim dizer, a propósito, numa sucessão de factos estarrecedores para a incredulidade.

As crianças narram o que viram e ouviram. Os incrédulos lançam mão de tôda a espécie de meios para «demonstrar» que tudo aquilo se reduz a visões doentias. Mas... para quê tanta ansiedade? Não declarou a S.S.ma Virgem que voltará no mês seguinte? Não torna ela a dar novo sinal no outro mês? As crianças vão lá e nas sucessivas datas memoradas cada vez acorrem mais pessoas.

As crianças vêem repetidas vezes a Senhora. As testemunhas presentes, a quem essa dita não é concedida, notam fenómenos estranhos no momento exacto da aparição.

As crianças é feita uma promessa: — A salvação eterna. Francisco, o zagalinho, *precisa de rezar ainda muitos rosários* — São os termos singulares da promessa, no que respeita ao pequeno. Debalde se procura desmentir milagre tão evidente.

Jacinta e Francisco, chegada a hora da partida, morrem exemplarmente, com deliciosa confiança na promessa recebida e correm com inefável alegria para a Mãe do Céu que lhes aparecera.

A impiedade uiva e desespera-se. A árvore milagrosa e a capelinha levantada pelo povo não vitimas das chamas e só fica um pequeno despojo. Não importa. Aquêle lugar será o largo oceano para onde se dirigem as correntes de piedade de milhares e milhares de corações. Ali irão os peregrinos a chorar e de joelhos. E para que se veja que indo ali, nada lhes faltará, contra tôdas as previsões geológicas, brota uma fonte abundante de água cristalina, pura, naquela serra que parecia morada de completa aridez.

Franqueemos a entrada que aí se levantou para cenário de tantas maravilhas. Mais adiante falaremos do que a piedade portuguesa edifica e constrói neste lugar. O autor destas linhas andou um dia pelas pisadas das três ditosas crianças que tiveram o privilégio de contemplar a Virgem Santíssima, e foi prostrar-se no mesmo lugar humilde que a Consoladora dos Aflitos e o Refúgio dos Pecadores encheu da pureza imortal do seu brilho. Quanta alegria reverente passa no coração dos homens, apoiados na Fé e na razão! Aqui, aqui mesmo, neste lugar, esteve a Virgem Santíssima. A Igreja o reconheceu. Para o católico é quanto basta. E o incrédulo... que uma vez medite com serenidade na narração dos factos, nas afirmações dos testemunhos e na pontual repetição dos fenómenos e suba também nesta tarde amena até à privilegiada estância, há-de estremecer-lhe o coração, os joelhos hão-de dobrar-se e não resistirá ao impulso de beijar aquela terra bemdita.

Um pouco adiante onde me ajoelhei a rezar à Virgem de Fátima, num dia calmo do outono português, ajoelhava um mendigo andrajoso. No final da prece, de face inclinada, abeirou-se da caixa onde se recolhem as esmolas para a construção do templo e do hospital e ali deitou algumas moedas. — Como te invejo, desde então, bom mendigo errante! Quem sabe se as esmolas de um dia inteiro, o que precisavas para o pão, o deixaste na Fátima em homenagem à Virgem Santíssima! Quanto não teríamos de fazer, eu e muitos outros, para te imitar! Como será bela a tua recompensa!

A obra grandiosa da Piedade

Fátima é já hoje um acontecimento importante na vida portuguesa e nós desejamos contribuir com estas linhas para que os espanhóis o adoptem também como seu.

Não podemos repudiar a ideia de que esta recente aparição da Santíssima Virgem não seja destinada a tôda a Península. Sabemos quanto é forte o laço da Fé e da piedade que une estes países. Fátima pode ser um grande centro de confraternização espanho-portuguesa oferecida, como a melhor homenagem colectiva destes povos de predilecção, à Virgem Nossa Senhora.

Mais de duzentos mil peregrinos passaram por Fátima o ano passado. Ali se vê um Hospital já concluído e uma igreja em construção cujos alicerces, escadaria e o primeiro corpo se apresentam à vista do visitante. Um monumento ao Sagrado Coração de Jesus a encimar a fonte milagrosa, várias capelas, numa palavra, uma série de obras que tornam aquêle lugar próprio para as grandes peregrinações e que mostram o esfôrço grandioso que a piedade portuguesa está realizando.

Médicos especialistas dão testemunho de curas milagrosas operadas na Fátima. Este farol de esperança que brilha sempre de qualquer parte que o olhar e o coração procurem a Virgem Santíssima, é o remate esplendoroso desta montanha. Para ali correm os tristes, os aflitos, os que estão presos pelas garras do sofrimento e da miséria, a implorar a saúde aos pés de Maria. É facto positivo e certo, confirmado pela sciência, que a SS.ma Virgem baixou os olhos de misericórdia sôbre muitos enfermos e os curou.

Do fundo dos vales que cercam Leiria, levada nas asas da brisa fagueira, sobe até àquela milagrosa estância uma súplica imensa: — Mãe Dulcíssima, ouve-nos! Ouve-nos!

Como nós, os espanhóis, estamos todos precisados de ir com esta prece nos lábios até essa milagrosa colina da Fátima!...

Nicolás Gonzalez Ruiz

Porto - Amadeu

Os Vinhos do Porto

"Carvalho-Macedo"

existem desde 1861.

"Voz da Fátima"

DESPESA

Transporte	554.708$08
Papel, comp. e imp. do n.º 150 (239.760 ex.)	15.043$60
Franquias, embal. transporte etc.	4.286$02
Na administração	614$00
Total...	575.252$30

Donativos desde 13$00

Maria Dias — América, 1 dólar; Isabel Vasconcelos — América 1 dólar; Joaquina Martins — América, 1 dólar; Maria Peters — América, 1 dólar; Filomena Joseph — América, 1 dólar; Fr. J. Loureiro — Moçambique, 15$00; Maria Malheiro Reimão — P. de Coura, 20$00; José G. Gaita — Inhambane, 40$00; Manuel de Oliveira — América, 21$80; Norberto de Sá — América, 21$80; M.ª P. Rosa — América, 21$80; Maria Resende — América, 21$80; António Rocha — América, 21$80; Francisco Santos — América, 21$80; Carolina Rego — América, 21$80; M.ª I. Macedo — América, 21$80; P.ª Adriano Marques — Deão, 40$00; Álvaro Soares Correia — Cadaval, 50$00; Manuel Domingos Lage — Arruda dos Vinhos, 20$00; Virgínia Fernandes Falcão — Mora, 50$00; Rita de Araújo — Arcos de Val de Ver, 20$00; Maria da C. Fernandes — Rápido, 20$00; Adelaide P.ª Almeida — Pôrto, 20$00; Maria Augusta Ramalho — Marco de Canaveses, 20$00; Distrib. em Santo Espírito — Açôres, 32$40; Distrib. em Candelária — Açôres, 64$00; Maria da Livramento Teixeira — Tôrres Novas, 20$00; Manuel Nunes do Prado — Costa do Valado, 30$00; Elisa do Resgate — Belas, 15$00; Distrib. em Praia da Vitória — Açôres, 147$00; esmola por intermédio da Corina Baptista, 20$00; Corina Baptista — Açôres, 20$00; Duarte José Oliveira — Alenquer, 20$00; Joana Abrantes Silva — Lisboa, 20$00; P.ª Augusto Teixeira Soares — Açôres, 40$00; Jovina Sarmento — Açôres, 20$00; João Teixeira Vieira — Açôres, 20$00; Antônio Sarmento Baptista — Açôres, 20$00; Maria Júlia Oliveira — Évora, 20$00; Maria José Martins — Padrão da Légua, 30$00; Distrib. em Furcha, 13$00; Joaquina Miranda — Braçal, 20$00; C.ª Manuel das Neves — Luanda, 30$00; Manuel Lopes Martins — Satam, 30$00; António Ferreira do Nascimento — Sanjam, 50$00; António M.ª Correia — América, 2 dólares; Maria G. Medeiros — América, 1 dólar; Aristides Mendes — Antuérpia, 20$00; Filomena Leoni — Belas, 20$00; Manuel Botelho — Vilamarim, 20$00; Luísa Mad. Albuquerque — Lisboa, 20$00; Isabel Costa Pereira—Lisboa, 20$00; Jorge Leite Vareta — Tua, 20$00; M.ª do Pilar Mesquita — Valdigem, 15$00; esmolas por intermédio de Clemência Gouveia — Hong-Kong, 321$00; Joaquim Alvaro P.ª — Rio de Moinhos, 20$00; Mariana Pires — Algés, 15$00; Joaquim Henriq. da Costa — C. de Besteiros, 40$00; Ana Ferreira de Meireles — Carção, 30$00; Lucinda Guerra — Agoreira, 20$00; Teresa de Jesus Abreu — Agoreira, 15$00; Filomena Fernandes — Agoreira, 15$00; Declinda Leal — Polares, 15$00; Eduardo Mascarenhas — Carregal do Sal, 20$00; M.ª do Céu Moura — Covas, 20$00; M.ª dos Anjos Maia—Verdemilho, 20$00; Armanda Bessone Amorim — Açôres, 20$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 25$00; Distrib. em Castelo Branco — Açôres, 25$00; M.ª J. Patrício — Coruche, 20$00; Laura Teixeira Correia — Coruche, 20$00; Amélia de Mendonça — Coruche, 15$00; José M.ª Tavares — Macau, 30$00; Manuel Pinto Sampaio — Longra, 20$00; Vitorino Coelho — Filas, 15$00; M.ª Braga Reis — Estoril, 20$00; José Júlio Pinto — Pôrto, 20$00; Manuel Gonçalves Almeida — França, 15$00; Catarina Bagulho — Elvas, 40$00; Dr. António Taborda — Carviçais, 20$00; António Apolinário — Carviçais, 20$00; Manuel Joaquim Gomes — Crato, 50$00; Teresa Velhinho — Aveiro, 20$00; Rita Malato do Rio — Portalegre, 15$00; Henriqua da Conceição — Bragança, 20$00; M.ª Rocha Ferreira — Parede, 15$00; assinantes a cargo de D. Maria José Gomes da Silva — S. Tiago de Custoias, 200$00; M.ª José e Celeste Infante 20$00.

É bom lembrar

que

O "Nestogéno"

é um produto de confiança.

É o leite, em pó, da riquíssima região de Avanca.

Alimento perfeito, cientificamente preparado, indispensável à criança sempre que lhe falte o leite materno.

É esta a opinião geral dos médicos portugueses.

Pedidos à

SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS

Rua Ivens, 11 a 15 A

LISBOA

ALTAR DE PRATA

Sabemos que um grande número de devotos e amigos da igreja dos Congregados, do Pôrto, resolveu ofertar-lhe, para o seu altar-mór, um rico frontal de prata, cuja encomenda, expontaneamente, foi entregue à conhecida e considerada Ourivesaria Aliança, daquela cidade.

Somos vélhos amigos do sr. Celestino da Mota Mesquita, director proprietário daquele estabelecimento por tantos títulos notável; acompanhamos, atentamente, há longos anos, a evolução metódica e admirável da Ourivesaria Aliança; e, bem compenetrados do que significa, em consideração e crédito, o facto que relatamos, não podemos deixar de felicitar vivamente aquêle nosso amigo por êste novo e nítido triunfo da sua querida casa.

Livros sôbre Fátima: todos à venda na «União Gráfica».

Porto - Amadeu

SENHOR PADRE:

Quere VINHO bom para a **Santa Missa?**

Peça preços a: **António de Oliveira**

Aldeia Nova — NORTE

OS MELHORES

VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

Paramentos, alfaias e todos os objectos necessários para o culto: pedir sempre à «União Gráfica».

Quem procura sempre encontra

Era à tardinha. Na pequena igreja da freguesia acabava de fazer-se a inauguração duma bela imagem. Contemplei-a por alguns momentos, observando os seus pormenores e reconheci logo que a modelara a alma dum grande artista.

Não havia dúvida; tinha encontrado finalmente o escultor de arte sacra que há tanto procurava.

Fiz a encomenda e não me enganei: — a imagem saída da Oficina do

Sr. José Ferreira Tedim

Coronado — Santo Tirso

satisfaz os mais exigentes.

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P. B. X. n 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PORTO

Telefone 4793

AGENCIAS EM TODO O PAIS

USEM

HERPETOL

PARA AS DOENÇAS DA PELE

A COMICHÃO desaparece imediatamente logo a seguir à aplicação dêste excelente medicamento.

A acção do HERPETOL é eficaz; a afirmá-lo temos inúmeros atestados. A acção do HERPETOL é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germens que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para limpar a pele da espinhas, erupções, mordeduras de insectos, eczemas húmido e sêco e crostas duras.

Não hesite e compre um frasco de HERPETOL, um dos melhores remédios que até hoje tem aparecido. À venda em tôdas as farmácias e drogarias e no depósito em Lisboa, Rua da Prata, 251, 1.º — No Pôrto, Rua das Flores, 153.

Porto - Amadeu

Tu vês que o mundo é tão pecador — e não te decides a ser santo?!...

Palau

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Graça temporal

António Estrácio Martins, Lourenço Marques, diz em carta o seguinte:

Por ocasião da construção da linha telegráfica entre Canhambiro e Carinde no distrito de Tete, fui de Camionette até Carinde, estudar o local por onde a linha devia atravessar o rio Zambeze.

De regresso com alguns companheiros para o atampamento de Chimuse, na altura do posto de Magué, quási ao pôr do sol, o carro parou num lugar ermo e povoado de feras.

Como sabíamos que os leões atacam os carros, tratámos de empurrar o nosso com tôdas as nossas fôrças. Depois de estarmos fatigadíssimos, numa pequena descida o carro começou a trabalhar. Andou quando muito uns quatro quilómetros, desviando-se um pouco da estrada por causa da luz fraca dos faróis, e ali ficou. Era perigoso permanecer naquele sítio àquela hora, e a povoação mais próxima ficava a oito quilómetros do lugar onde nos encontrávamos então. No entanto, o pernoitar ali era perigosíssimo.

Resolvemos, por isso, deixar o carro e seguir para o atampamento que ficava a onze quilómetros do lugar onde deixávamos a camionete. Nunca tive mêdo no mato, contudo era perigoso àquela hora caminhar às escuras numa estrada cercada de florestas virgens onde as feras andam à caça e à procura de água.

Trazia comigo uma arma e alguns cartuchos, mas com uma noite tão escura quási para nada ela servia. Encomendámo-nos a N.ª S.ª de Fátima e marchámos.

Depois de percorrermos uns dois quilómetros, ouviu-se um estalido próximo no mato; desconfiámos de que fôsse alguma fera. Virei-me para todos os lados mas nada vi. Disparei então a arma que trazia comigo a ver se afugentava qualquer animal que estivesse perto.

Percorridos mais três quilómetros disparei novo tiro, e continuámos conversando. A uns cinco quilómetros, talvez, antes de chegarmos ao acampamento, ouviu-se novo estalido, mas desta vez muito mais forte.

Implorámos mais uma vez o auxílio de Deus e de N.ª Sr.ª da Fátima e confiados no seu poder e misericórdia continuámos a viagem. Só depois de caminharmos mais uma boa hora chegámos ao acampamento, cansados e cheios de sêde.

No dia seguinte quando o chauffeur foi com uns colonos buscar o carro, verificou-se que eramos perseguidos por dois leões, talvez um casal, pois viam-se os vestígios das patas destas feras pelo mesmo caminho que nós tínhamos seguido. Sem dúvida que fomos guardados por Deus e por Nossa Senhora da Fátima.

Mal de Pott

Em carta enviada a esta Redacção em Dezembro de 1933 dizia o seguinte:

«Ermelinda Berta Gonçalves Ferreira Lino, moradora na freguesia de Sandim, concelho de Olg. Venho cheia de reconhecimento agradecer à Nossa Senhora da Fátima a cura extraordinária do meu filho Ilídio, de quatro anos de idade, o qual começando no dia 14 de Agosto a achar-se muito mal, sem poder conservar-se de pé, foi radiografado no dia 31 do mesmo mês averiguando-se que tinha o mal de Pott pelo que teria de ficar imobilizado uns três meses.

Depois de me confessar e comungar, elevei o meu pensamento ao Céu, pedi a Nossa Senhora da Fátima a cura de meu filhinho prometendo mandar pregar um sermão no dia 13 de Outubro se a cura fôsse obtida.

A protecção da Nossa Mãe do Céu não se fêz esperar, pois logo no dia seguinte o menino se levantou são e salvo, muito contente a dizer que Nossa Senhora da Fátima o tinha curado. Assim foi realmente; e por isso eu, cheia de gratidão e alegria cumpri já as minhas promessas, e venho agora publicamente manifestar o meu reconhecimento à Nossa Boa Mãe Nossa Senhora da Fátima que me alcançou uma graça tão insigne.

Sandim.

Ermelinda Berta Gonçalves Ferreira Lino

Confirmo a declaração Supra

O Pároco de Sandim

Artur da Assunção Seabra

Antrax

Achando-me em perigo de vida por me ter aparecido um antrax que, como se sabe, é uma complicação gravíssima de diabetes, doença de que sofro há anos, recorri à Santíssima Virgem para obter a minha cura com a promessa de enviar uma esmola para o seu Santuário da Fátima e de publicar a graça, se a obtivesse.

Como estou completamente curado, venho, profundamente reconhecido à Mãe do Céu cumprir a minha promessa enviando a esmola junta e pedindo a publicação destas linhas.

Nordestinho-Açôres

P.e Alípio Feliz Machado

Abcesso

Lê-se o seguinte, numa carta enviada a esta Redacção pela Ex.ma sr.ª D. Maria Fernandes Gomes Fragueiro — Alqueidinha:

«Nos princípios de outubro, meu marido Manuel Fernandes Fragueiro, adoeceu com um abcesso na língua a ponto de não poder comer absolutamente nada. O seu médico assistente aconselhou-o a que fôsse sem demora para Lisboa para aí ser operado.

Nêste momento tão aflitivo, eu com minha cunhada Ausenda e sua família pedimos muito a Nossa Senhora da Fátima que nos valesse neste desgôsto, e começámos em seguida uma novena em sua honra.

Feitos os preparativos seguimos para Lisboa, mas, graças a Nossa Senhora da Fátima, antes de chegarmos ao Entroncamento o abcesso rebentou!

Chegámos a Lisboa, fomos a um especialista ao Hospital de S. António dos Capuchos. Depois de examinar e desinfectar convenientemente a bôca do meu marido, disse-nos o especialista que o julgava livre de perigo e que passado pouco tempo poderia já alimentar-se como de costume. Graças a Deus e a N.ª S.ª da Fátima, meu marido sentiu-se pouco depois realmente curado não sentindo de então até hoje vestígio algum daquele antigo sofrimento.

Algedrinha

Maria Fernandes Gomes Fragueiro

Tuberculose pulmonar

Américo H. S. Ferreira, R. da Penha de França, 214 — Lisboa, diz em carta o seguinte:

«No dia 13 de Março de 1933 comecei a deitar sangue pela bôca e assim estive durante três dias até que resolvi ir ao médico. Este, depois de examinar o meu estado, declarou que eu tinha uma tuberculose pulmonar; que o meu estado era melindroso; que tinha de observar uma dieta rigorosa com muito boa alimentação e muito descanço. Por falta de meios não lhe dei o rigor e que o médico prescreveu, e por isso o mal progredia.

No período mais grave da minha doença lembrei-me de fazer uma novena a S. Teresinha a quem ofereci duas velas da minha altura e durante a qual todos os dias rezei o têrço em honra de N.ª S.ª da Fátima.

A 21 de Dezembro, o meu segundo médico assistente — Ex.mo sr. dr. Forte de Lemos, declarou que eu estava curado. Para confirmação do que êle julgava e acabava de afirmar, fui radiografado e pelo exame à radiografia viu-se que a minha cura se havia realmente dado. A cura tem-se mantido, graças a Deus, favor que atribuo à intercessão de S. Terezinha e de Nossa Senhora da Fátima.

Dor na espinha

Em 1934 fui atacado de violentas dores na espinha que se transmitiam também aos braços. Para ver se conseguia alguns alívios recorri à medicina. Fui tratado com bastante cuidado sem sentir o menor alívio. O meu desânimo era profundo.

Numa ocasião em que estava muito aflito lembrei-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima a quem fiz a promessa de me confessar e comungar num dia 13, de dar uma esmola ao Sagrado Coração de Jesus, e publicar a graça da minha cura na Voz da Fátima. Qual não foi a minha alegria quando no outro dia ao levantar-me notei que já articulava bem os braços sem com isso sentir as costumadas dores. De então até hoje tenho vivido sem o menor vestígio de tão cruel sofrimento, graças a N.ª S.ª da Fátima.

Chão de Codes — Mação

António Cordeiro

Gastro enterite

Em Setembro de 1932 adoeceu meu filho Manuel de 14 meses de idade. Como Pai que muito ama seus filhos, dirigi-me com a criança ao médico que lhe fez a competente receita. Porém, a pesar de todos os seus esforços, o pequeno continuava sempre mal. Levei-o ainda a outro médico constatando êste que o pequeno se encontrava num estado desesperado. No entanto tentou tudo quanto era possível fazer-se. A doença porém continuou e as fôrças do pequeno iam diminuindo a olhos vistos.

Uma noite em que eu julguei ser a última da sua vida, retirei-me para um aposento da minha casa à espera que ali fôssem levar-me a notícia da sua morte. No entanto, sem de todo desanimar, passei quási tôda a noite a pedir a N.ª S.ª da Fátima as melhoras do meu filho prometendo ir com êle e a demais família ao Santuário agradecer tal favor que mandaria publicar no jornal de N.ª Senhora. Qual não foi o meu contentamento quando nessa manhã deparo com meu filho muito bem disposto e realmente muito melhor.

Não posso com verdade atribuir tão rápida mudança senão à intercessão de Nossa Senhora da Fátima a quem aqui deixo o sentimento do meu mais profundo reconhecimento.

Souto Maior

Luís Maria Faceira

Abcesso no fígado

(A carta seguinte, que transcrevemos na íntegra, foi enviada a esta Redacção e vem autenticada com o sêlo branco da Paróquia de S. Pedro — Pardilhó).

«Carmen Maria da Costa, da freguesia de Pardilhó — Estarreja vem por êste meio tornar pública — como prometeu — uma graça que obteve por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Tinha ela um filho gravemente enfêrmo com um abcesso no fígado e tão gravemente enfêrmo que, receando-se a sua morte, foram-lhe administrados os últimos Sacramentos.

Os médicos eram de opinião que se recorresse a uma operação cirúrgica como único remédio para salvar o doente.

Era isto por alturas de 13 do Maio. Os sentimentos de nossos corações voltaram-se e foram até Fátima; e, ao começarmos uma novena em honra de N.ª S.ª fizemos-lhe a promessa de irmos em Outubro ao seu Santuário visitá-la e agradecer-lhe a graça que lhe pedíamos agora com tanta fé e confiança.

Passado pouco tempo, a dor no fígado desapareceu, continuando, porém, a febre com repetidos ataques de tosse, o que fazia recear a existência de algum mal nos pulmões. Entretanto tudo foi diminuindo até que desapareceu por completo. Hoje, aquêle que então era tão doente, encontra-se completamente curado da sua antiga enfermidade, estando os médicos maravilhados diante duma tal cura.

Foi uma verdadeira graça de Nossa Senhora da Fátima».

Doença no estômago

Cheia de reconhecimento para com a Mãe Santíssima e para sua maior glória, venho públicamente dizer que achando-me gravemente doente do estômago e depois de ter feito uso dos remédios indicados sem conseguir resultado algum, fiz uma novena a Nossa Senhora da Fátima bebendo também da água bendita do seu Santuário que me deu cura radical logo no segundo dia da novena. Minha família havia perdido tôda a esperança da minha cura devido a um dos médicos que me examinou conscienciosamente ter dito que era doença cancerosa. Todos os sintomas assim indicavam, mas, graças à Virgem Santíssima, depois de alguns meses que já lá vão, posso afirmar que me sinto bem julgando-me absolutamente curada da grave doença de que vinha sofrendo havia bastante tempo.

Louvores mil à nossa querida Mãe Nossa Senhora da Fátima, e à maravilhosa água do seu Santuário.

Funchal — Madeira.

Amélia Brazão Machado

Empastamento

Tendo-me aparecido um grande empastamento sob o braço direito, atemorizado, consultei o médico que por duas vezes me fez cinco incisões, que afinal não deram resultado.

Consultei um outro médico que me aplicou uma vacina que deu bom resultado.

Passados alguns dias, igual sofrimento se me declarou sob o braço esquerdo. Aplicada igual vacina, não obtive desta vez resultado algum. Sofri muito e durante muito tempo. Por fim, desanimada, e sem saber já o que fazer recorri a Nossa Senhora de Fátima, aplicando na parte doente panos embebidos em água do Santuário e fazendo com a mesma água todos os curativos. Ao mesmo tempo ia fazendo uma novena em honra de Nossa Senhora de Fátima para que me valesse em tão grande aflição porque sofria tanto que já me não podia vestir. Por fim prometi ainda a Nossa Senhora, que se Ela me alcançasse a cura publicaria no querido jornal «Voz da Fátima» tão apreciável favor. Nossa Senhora de Fátima atendeu-me, pelo que aqui desejo manifestar-lhe o meu eterno reconhecimento por esta e por outras graças espirituais e temporais que por sua maternal intercessão tenho recebido do Céu.

Portimão

Maria do Rosário

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS

Escrever a:

MAIAS, IRMÃOS - Limitada

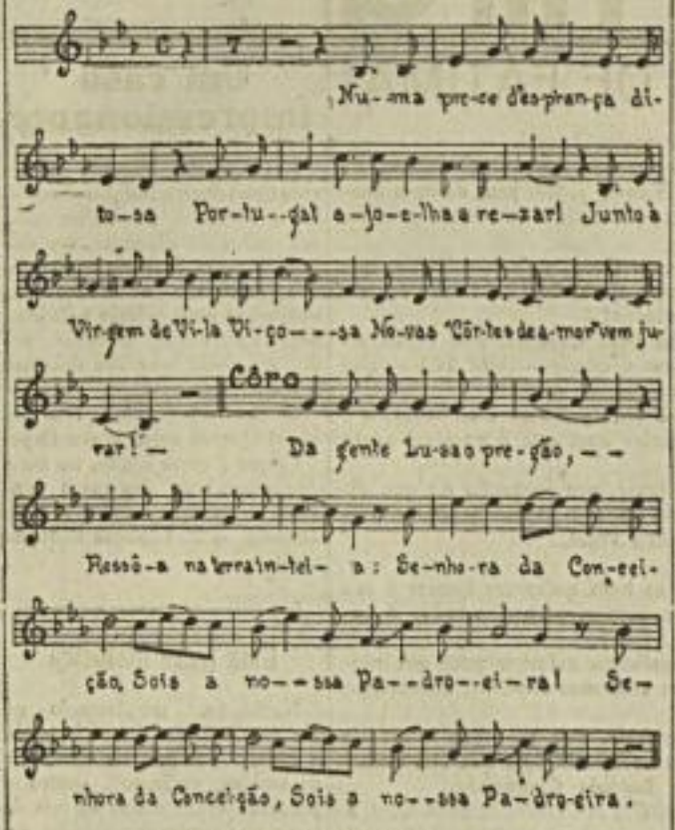
Cidadelha — Castelo da Maia

Que importa que dês a Deus determinada coisa se outra é a que Êle te pede?

Procura averiguar o que Deus exige de ti... depois de o descobrires fá-lo, e desta sorte darás maior satisfação à tua alma do que se fizesses a coisa para a qual te sentias inclinado.

(S. João da Cruz — Aforismos)

Hino a N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa



Com ternura cantemos Maria,
Nesta hora tão grata ao Senhor,
Em que vimos render-lhe, à porfia,
Nossos preitos de fé e de amor!

Côro: Da gente Lusa o pregão, ale,

Terra linda de Fé e de glória,
O seu lema bendito faz lei!
Sempre foi, na romagem da História,
De Maria, êste Povo, esta Grei!

Côro: Da gente Lusa o pregão...

Desde o Minho florido até Sagres,
Terra verde, que é sua, por bem,
Portugal só lhe deve milagres,
Como nunca os deveu a ninguém!

Côro: Da gente Lusa o pregão...

Dos milagres da excelsa Senhora
Nossa Pátria é inefável Padrão!
Montes-Claros que falem nesta hora,
Ante as Côrtes Gerais da Nação!

Côro: Da gente Lusa...

Se Frei Nuno de Santa Maria
Lhe doou pensamento e vontade,
Dom João quarto lhe fêz, certo dia,
Juramento de fidelidade.

Côro: Da gente Lusa o pregão...

De Jesus o mais firme soldado
— Olhos postos na linda Bandeira,
Surge, emfim, Portugal renovado,
A saudar a imortal Padroeira!

Côro: Da gente Lusa...

Drogaria de Adelino Costa, Lt.

Importação directa de todos os artigos para fábricas, Produtos químicos e farmacêuticos.
Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxófre, cimento, etc., etc.
Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras
PULVERIZADORES DE TODAS AS QUALIDADES
77, Largo de S. Domingos, 79
Telefone 388 — PÔRTO

Cartas Camponesas

dedicadas à J. A. C.

(Juventude Agrária Católica)

Vale-Verde, 8 de Abril

Meu Tio

Muito estimo que esta minha mal notada carta o vá encontrar de uma perfeita saúde na companhia da tia e dias primas que tanto eu como a sua sobrinha e os cachopitos vai tudo rijo graças a Deus.

Meu tio venho participar-lhe que já estou de posse do casal que herdei do meu padrinho que Deus haja e já lá vivo com a família pois já passei a quitança da latoaria que eu lá tinha na Vila.

Já me têm dito que eu que dei um mau passo mas o negócio das latas também está a deixar pouco e eu mal ganhava para pagar a renda da casa e sustentar a família e as crianças não logravam lá saúde e dizia o médico que era de estarem sempre encafuadas em casa.

Meu tio, como vocemecê sabe a minha vida foi ser sempre latoeiro e por isso não sei nada cá dos amanhos das terras nem da criação de gados. A minha Florência desde garota que veiu servir p'ra Vila e também se não lembra como isto é e vai eu lembrei-me de pedir ao meu tio o favor de cá vir passar uns dias em nossa casa para me ensinar com os seus conselhos e dizer-me que sementeiras hei-de eu fazer agora.

Quando vier faça favôr de trazer os seus alfôrges para levar um regador e um cabaço de lata que eu cá tenho para lhe dar.

Com isto não o enfado mais aceite muitas lembranças nossas p'ra tia e p'ras primas e o meu tio recêba um apêrto de mão dêste seu sobrinho que a benção lhe pede

António Temoito

* * *

Carrasqueira-de-Cima, 10-4-935

Sobrinho António

Estimo que estas duas regras te vão achar de feliz saúde e mais a sobrinha Florência e os teus filhos que a gente por cá vai indo conforme Deus é servido.

Sobrinho António cá recebi a tua carta e nela vi tudo o que me mandaste dizer.

Mandaste-me dizer que estás a viver no casal que era de teu padrinho que Deus tem; pois dou-te os meus parabens porque é um bom casal e se tu o amanhares bem dá-te comer à farta para ti e p'rá família e como é farto de água pódes criar bons gados se não fores desmaselado e a tua Florencia te ajudar.

Também me mandaste dizer que fôsse eu lá pra te o ensinar a amanhar que me dava um cabaço e um regador. Pois muito te agradeço a lembrança mas agora calha-me muito mal lá ir porque ando cá de volta das sementeiras e a minha égua tem andado coxa e ainda não está bôa de tôdo e eu não posso andar muito à pé porque já tenho quase um moio na pêle e os anos não se passam de balde.

Mas por eu lá não poder ir agora não te dê cuidado porque eu mesmo por cartas te irei dizendo o que hás-de fazer todos os meses:

Se o abril correr como diz o ditado: *em abril águas mil* bem vai tudo tanto os sequeiros como as pastagens e os prados. *No campo* — Se as cearas se mostrarem amarelas espalha-se por cima salitre (nitrato de sódio).

É bom misturá-lo com uma pouca de areia fina e enxuta para o ajudar a espalhar melhor; mas isto só se pode fazer em tempo de chuva miudinha.

— Mondam-se os trigos e outros cereais que estejam muito invadidos pelas ervas ruins.

— Nos prados que se mostrarem fracos adubam-se com salitre (nitrato de sódio) em cobertura. Se o tempo correr sêco regam-se com moderação.

— Nas terras enxutas mas que possam ser regadas semeia-se milho, feijão e aboboras.

Vinhas — Acaba-se de enxertar, sulfata-se e enxofra-se.

Hortas — Semeia-se feijão de trepar e anão para comer em seco.

— Semeia-se também batatas de regadio, melões, melancias, pepepinos, aboboras e betarraba para gado.

Gados — Desmamem-se os cabritos e cordeiros. Tosquiem-se as ovélhas e outros animais.

— Criem-se bacorinhos com o almêrce dos queijos.

— Criem-se bezerros, poldros, mulinhas e outros animais.

— Deitem-se galinhas e patos.

Adeus António, dá lá muitas lembranças nossas á tua mulher e beijos aos teus meninos que as minhas para com tigo só á vista terão fim. Dêste teu tio que se assina

Bernardo Alves

Cinco minutos ao cavaco

Aleluia! Aleluia!

— Então, compadre, tu que contas?

— *Linhas quebradas*, tudo são penas, compadre Raul!

— Pois eu conto que estamos em vésperas da grande festa da Páscoa, a mais linda de todo o ano.

— É verdade, ocompadre; mas êste ano custou-lhe a vir!

— Em todo o caso, compadre, quem vem tarde não falta, como diz o outro. E nota, ainda podia ser mais tarde.

— Mais tarde? Só se ficasse para o tempo das cerejas!

— Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, compadre; mas quem chegar a 1943, daqui a 8 anos, há-de festejar a Páscoa em 25 de Abril.

— O compadre, afinal de contas, a que regra obedece a data da Páscoa?

— É no domingo a seguir à primeira lua cheia da Primavera. Pode variar entre 22 de Março e 25 de Abril. Nem antes nem depois.

— Ah! por isso diz o povo que não há Entrudo sem lua nova, nem Páscoa sem lua cheia!

— Outra coisa, compadre: ouvi dizer que lá na tua freguesia não sala a visita pascal. É verdade?

— Parece-me que sim. O Padre não quere...

— Não acredito. O sr. Padre, com certeza, há-de querer. O que haverá, serão outras dificuldades. Sabes?

— Sei. Êle não quere tirar o compasso, mas não quere entrar em tôdas as casas; o juiz da Cruz diz que se há-de entrar a eito... e aí estão pegados! Puxa para o mar, puxa para a terra, e nós, com certeza, ficamos a apitar... E tudo por causa da teimosia do Padre.

— Alto lá, compadre! Não sejas injusto! O prior há-de ter as suas razões. Já é sabido há muito tempo que a visita pascal não pode entrar nas casas que estejam fora das leis da Igreja. E o dever do juiz, é obedecer ao seu pároco. Não obedecendo, não é digno sequer de pôr as mãos na Cruz, porque não sabe ser católico! Mas vamos ao caso: porque é que o prior não quere entrar em tôda a parte?

— É porque há lá uns amancebados na freguesia e principalmente um figurão que se divorciou e tornou a casar pelo civil.

— Ora aí está, compadre! Essa gente é rebelde às leis da Igreja e quere a Igreja em casa, no dia de Páscoa?

— Mas eu entendo, compadre, que o compasso devia entrar em tôda a parte. Todos são paroquianos.

— Perdão, compadre. Todos são paroquianos mas, estando fora das leis da Igreja, não têm direito aos benefícios e às honras da Igreja, enquanto não mudarem de vida. Isto mete-se pelos olhos dentro, só quem for cego é que não vê, compadre! O vosso prior tem tôda a razão. Agora o que me custa a perceber é como fica uma freguesia inteira sem a linda e encantadora visita, por causa de duas ou três ovelhas ranhosas e pela teimosia dum juiz.

— Ah! mas é que um dêles é um ricaço, tem muitos caseiros, jornaleiros, parentes e amigos, que são capazes de fazerem uma *desfeita* à Cruz e ao prior! De mais a mais, o juiz é compadre dêsse Fulano!

— Nisto não há compadrio nem amizades! Ninguém deve pôr-se ao lado dos mal comportados. A obrigação da freguesia é colocar-se ao lado do seu pastor, defendê-lo, se for preciso, dizer sem receio que êsses indivíduos não têm razão! Quem defende gente mal comportada, escandalosos e divorciados... é tão bom como êles, desculpa que to diga!

— Verdade, verdadinha, compadre Raul: eu tenho muita pêna de não sair lá o compasso. Foguetes a estalar em tôdas as igrejas ao redor, sinos a repicar, campainhas a tocar, opas de seda a brilhar, as casas caiadas e lavadas para receber a visita de Nosso Senhor, os caminhos tapetados de flores, e só nós é que não temos compasso!

— Está claro! Não há festa como a da Páscoa! É a alegria das crianças, com os seus vestidinhos novos, a saltar, à espera do sr. prior, é a alegria das famílias, que se reúnem para honrar o Senhor Ressuscitado, é a alegria dos corações e das almas! Já reparaste, compadre? A Páscoa é o símbolo de 3 ressurreições: a ressurreição de Cristo, ressurreição das almas pela Confissão e Comunhão pascal, e até a ressurreição da natureza inteira, que se veste de flores e de verdura, após as tristezas do Inverno.

— Realmente, compadre Raul, não há festa tão cheia de encantos como a Páscoa. Basta ouvir o que tantas vezes repete o prior pela freguesia: aleluia, aleluia!

— Sabes o que significa isso, compadre?

— Não, compadre Raul; nem umas outras coisas que êle diz em latim.

— Aleluia quere dizer: *louvai ao Senhor!* E ao entrar nas casas diz assim: *Pax huic domui*. Quere dizer: *a paz seja nesta casa!* Depois asperge com água benta a família ajoelhada, dizendo: *Haec dies quam fecit Dominus, exultemus et laetemur in ea*. Quere dizer: *êste o dia que fez o Senhor; exultemos hoje de alegria!*

— Ó compadre, mas o Senhor não é que fez os dias todos?

— Foi, sim, compadre; mas aquelas palavras têm mais aplicação ao dia de Páscoa. A sexta-feira santa foi o dia dos homens, porque deram a morte ao seu Deus; o domingo de Páscoa foi o dia do Senhor, porque, ressuscitando, triunfou dos seus inimigos e assim começou a sua glória. A 6.ª feira santa foi obra do homens e dos malvados; o domingo de Páscoa foi obra do Senhor.

— Ó compadre, o que é que representa a visita pascal?

— É para glorificar Nosso Senhor, em reparação dos ultrages que sofreu na sua Paixão e Morte.

Quando O condenaram à morte, quando O arrastaram ao Calvário, quando O crucificaram, Nosso Senhor foi desprezado, foi humilhado, como um criminoso da pior espécie. Justo é, pois, que todo o joelho se dobre diante dêle, todos os lábios o beijem piedosamente, todos os corações se alegrem pelo seu triunfo, tôdas as almas se abram à visita da sua graça, numa palavra, todos os cristãos O adorem e O amem!

— E porque vai êle visitar-nos em nossas casas? Nós é que tinhamos obrigação de O ir visitar a Êle, na Igreja, não é assim, compadre?

— A obrigação é nossa, é, compadre, porque Deus não precisa de pôs para coisa alguma. Mas olha: êle procura-nos em nossas casas, como outrora procurou Maria Santíssima, Madalena, os Apóstolos e as Santas Mulheres, após a sua ressurreição. É como um pai carinhoso, que não espera que seus filhos o visitem: vai Êle visitá-los. Além disso, a visita pascal, em rigor, é uma bênção das casas, que os livros da Igreja trazem para esta ocasião.

O folar que tôdo o bom paroquiano deve oferecer ao seu pároco, é um sinal do respeito e do carinho que lhe consagram, por ir a sua casa levar os cumprimentos e a bênção do Senhor Ressuscitado.

— Pêna é, compadre, que nem tôdas as freguesias do Portugal possam gozar as alegrias da Páscoa! Páscoa sem compasso, é como um dia sem sol ou como noite sem luar e sem estrêlas!

— É verdade, compadre. Por isso devem remover-se tôdas as dificuldades. Quem não está em condições de merecer a visita, ponha-se em condições disso. Ou ao menos vá dar um passeio nesse dia e não incomode quem cumpre o seu dever.

Há dezenas e centenas de freguesias que bem desejariam ter o lindo compasso, mas não o têm por falta de clero. Oxalá que dentro em breves anos, tôdas as paróquias possam gozar o benefício de terem o seu pastor!

ANGELO

A MAIOR FABRICA DO MUNDO DE MÁQUINAS DE ESCREVER É A

"UNDERWOOD"

Agentes: Dunbel & Antunes, L.da - R. Augusta, 56 - Lisboa - Telef. 2 4281

Mata sarna

Uma a duas fricções com

«NARSA»

Cura radicalmente a Sarna ou qualquer comichão do corpo

Preparação do Laboratório de

Roque dos Reis Branco

Farmacêutico pela Universidade de Coimbra

Registado na D. G. de Saúde Pública sob o N.º 874

Vila Nova do Ceira — PORTUGAL

PREÇO 12$00

PHOENIX

Companhia Inglesa de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Águas soberanas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação da C.ª de Ferro própria (Monte Rial).

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — OESTE.

DOENÇAS DO ESTOMAGO — USEM:

«FOSFOLACTODIONINA»

TRATAMENTO DAS DOENÇAS DO ESTOMAGO E INTESTINOS

Dores, Acidez, más Digestões, Dilatação do estômago e Gastrites

Alivia logo às primeiras doses que se toma

Preparado pelo farmacêutico R. dos Reis Branco

Registado na D. G. Saúde sob o n.º 874

Vila Nova do Ceira — PORTUGAL

Preço 10$00

PÔRTO RAMOS-PINTO

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

Ainda muito longe da meta

Lentamente, mais lentamente até do que é corrente, a *Pia União dos Cruzados de Fátima* vai aumentando os seus efectivos, pela chegada de novos contingentes.

E, porém, evidente que esta grande organização nacional destinada a coadjuvar os trabalhos da *Acção Católica* não encontrou ainda todo o ardor de propaganda de que ela é digna, e que as circunstâncias actuais reclamam.

A sociedade dos nossos dias, mercê sobretudo de vários erros que envenenaram as inteligências das últimas gerações, sente ainda, dum modo bem frisante os efeitos duma grande desorientação dos espíritos.

Religião, Família, Ordem Social, Propriedade Individual — continuam a ser, por todo o mundo, impiedosamente atacadas, nuns pontos com brutalidade, noutros com mais diplomacia, porventura, mas não menor tenacidade.

E os ataques serenos, suaves, disfarçados são os mais temíveis — é bom não o esquecer!

Lentamente, mas sem cessar, os parasitas da madeira vão roendo o travejamento, e, quando menos se espera, o mais grandioso palácio fica reduzido a um montão de ruínas. Os ataques mais para temer são os que actuam, a ocultas, *como quem não quere a coisa*, na expressão do nosso povo.

Para desanuviar o mundo dos males que o ameaçam, o Santo Padre chama os católicos e enquadra-os na *Acção Católica*.

Ora é evidente que os trabalhos da *Acção Católica*, vastos e complexos, não podem pôr-se em execução... *com ar*. São indispensáveis meios materiais — e com abundância.

Angariá-los é uma das principais funções — e nobre função essa! — dos *Cruzados de Fátima!*

Urge, portanto, que esta benemérita instituição chegue a todos os recantos de Portugal, sem excluir os domínios longínquos do nosso gigantesco Império Colonial.

Que a organização se desenvolva *em todas as freguesias* — **e abundantemente.** Raríssimas serão as paróquias portuguesas, se é que alguma há nessas condições, que possam considerar-se desobrigadas porque possuem já *uma trezena!*

Se houver verdadeiro empenho na difusão da *Pia União dos Cruzados*, se as pessoas que fizerem a sua propaganda, souberem, com linguagem verdadeiramente convicta e convincente, *prègar*, de porta em porta, de lar em lar, as vantagens e a utilidade da *União*, dentro em pouco, o número de *Cruzados* terá dobrado.

Uma trezena — *13 cruzados* — conseguir-se-á em cada uma de elevado número de famílias portuguesas — e muitas há já nesse caso — porque, não o esqueçamos nunca, *os mortos também podem ser inscritos*.

E, se o forem, passarão a compartilhar, como sufrágio, das vantagens espirituais de que gozam os *Cruzados* — entre as quais avulta a Missa que, por intenção de todos os *Cruzados* se celebra diàriamente em Fátima.

Portugal tem — números redondos — seis milhões de habitantes. Não será exagêro supôr que a quarta parte da população portuguesa não terá dúvida em se inscrever, desde que para isso seja convidada com poder de persuasão e tenacidade.

Imaginemos agora que cada *Cruzado* faz inscrever um dos seus mortos — e digam-nos se os 250.000 *Cruzados* já existentes não estão ainda muito àquem do que é lícito esperar dum país como Portugal.

Porque todos o sabem, se a maioria não é de católicos perfeitamente cônscios de todos os seus deveres, quási todos os portugueses guardam na alma uma centelha de Fé, que lança os seus fulgores, sobretudo nas horas de sofrimento.

Importa, pois,—ninguém pensará o contrário — intensificar sem demora o recrutamento dos *Cruzados*.

E temos de reconhecer que, se nalgumas regiões se tem trabalhado com ardor, noutras pode dizer-se que o movimento ainda não começou.

Olhando a estatística da tiragem da *Voz da Fátima*, publicada no último número, vê-se que, em zonas aliás importantes de Portugal, a organização dos *Cruzados* ainda não passou, pode dizer-se, da fase embrionária.

Estamos em plena Quaresma, tempo de penitência e de afervoramento, em que o nível religioso das nossas freguesias sofre sempre uma elevação. Aproveitemos esta quadra santa para renovarmos os nossos esforços, em prol da Igreja e de Portugal.

Os Párocos, divididos pelos múltiplos afazeres do seu ministério, nem sempre poderão *directamente*, ocupar-se dêste alistamento de importância verdadeiramente primacial.

Mas poderão iniciar nêle, lançar com entusiasmo, os melhores elementos da sua paróquia, e, dum modo especial, a juventude, de ambos os sexos.

A plantação duma árvore, e os cuidados que a sua infância requere, exigem trabalho, mas, desde que ela *pegou*, como se diz em gíria agrícola — vai-nos dando os seus frutos, quási sem outro incómodo que não seja o de os colher.

Inscrever mais um, dez, cem *Cruzados de Fátima* exige, evidentemente, um certo esforço e a prática de alguns actos de humildade e amor de Deus... Num sempre, a-pesar-de tôda a diplomacia usada, se ouvem respostas agradáveis.

Mas, depois, automàticamente quási, os novos *Cruzados* vão recebendo o seu jornal e pagando a sua quota — gotas minúsculas de que se há de formar o rio caudaloso que tornará férteis os trabalhos, cada vez mais necessários, da *Acção Católica Portuguesa!*

Redobremos, pois, de esforços e Nossa Senhora de Fátima, Padroeira da Nossa Terra, olhar-nos-á como filhos de eleição!

Pelágio

CRUZADOS DE FÁTIMA!

Estamos no tempo do Preceito Pascal.

Jesus convida-nos a lavarmo-nos das nossas culpas, no Santo Tribunal da Penitência. Vamos todos, **sem demora confessar com simplicidade e arrependimento os nossos pecados ao ministro do Senhor.**

E, purificados, de bem com Deus, pela absolvição, que recebemos, alimentemos as nossas almas com o Pão dos Fortes, que as guardará para a vida eterna!

Que o Coração da Nossa Mãe Celestial não tenha de entristecer-se, porque houve um Cruzado — **UM SÓ! — que faltou ao cumprimento do seu dever de cristão.**

O confessor receber-nos-á com palavras carinhosas, e a nossa consciência gozará do maior bem que é possível neste mundo: a Paz!

Se alguém o não quiser fazer, por vergonha do que dirão os outros, lembre-se de que também Nosso Senhor se envergonhará dêle, no dia do Juízo Final...

Os Cruzados de Fátima, **se bem quiserem honrar a sua Excelsa Padroeira, devem ser** apóstolos **para que todos A conheçam e amem como Mãe.**

Empreguemos, pois, os melhores esforços para que ninguém **fique sem se desobrigar: saibamos lembrar, aconselhar, entusiasmar...**

Pensemos no espectáculo belo, que por todo o mundo nos dão os novos, e entre êles os estudantes, que aos milhares vão ao templo receber a Sagrada Comunhão.

NADA LHES METE MEDO... Afirmam, serenamente, a sua Fé, o seu amor.

SEREMOS NÓS MENOS DO QUE ELES?!

Um caso impressionante

Em Oviedo, quando os revolucionários decidiram dinamitar o Instituto, pondo-lhe dois mil quilos de dinamite, um dos que estavam fazendo essa infâmia, prevendo os efeitos das explosões num colégio próximo, onde estavam 25 crianças, pediu ao chefe que lhe deixasse ir avisá-las.

O chefe respondeu: Não senhor! Que as salve o seu Deus!

O que é certo é que, no meio dos escombros das casas vizinhas, o pequeno colégio onde estavam as 25 crianças ficou intacto.

Uma frase histórica

Napoleão, percorrendo no dia seguinte ao duma batalha, o campo juncado de mortos e de feridos, exclamou, contra si próprio: — «Se todos os reis da terra pudessem contemplar êste espectáculo, seriam menos ávidos de guerras e de conquistas!»

Avizinha-se a grande jornada

Avizinha-se o dia — é já a 28 dêste mês — em que, de todos os recantos de Portugal abalarão peregrinos para Vila Viçosa.

E aí, perante a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, que os nossos antepassados veneravam no momento em que escolheram a Excelsa Padroeira Nacional — Portugal inteiro consagrar-se-á novamente à Rainha dos Céus, invocando as suas bênçãos de redenção e de esperança.

O culto de Nossa Senhora é inseparável da História de Portugal: o Seu Nome, as Suas Festas andam ligadas a tôdas as horas de triunfo ou de renascimento da *Terra de Santa Maria!*

Uma onda de piedade e de fervor vai novamente galvanizar a alma portuguesa, levando a Vila Viçosa o coração e o pensamento dos que não puderem pôr-se a caminho...

Prostremo-nos aos pés da Virgem, como escreveu o Venerando Senhor Arcebispo de Évora, com a nossa consciência purificada, dispostos a emendarmo-nos dos nossos pecados e a praticar com mais coragem e fidelidade os nossos deveres para com Deus e para com o próximo!

Preparemos essa grande Festa — e para mais, estamos em tempo de penitência — com as nossas orações, esmolas e sacrifícios.

Os campos, que circundam aquela histórica e privilegiada Vila estarão de-certo matizados de flores verdadeiramente primaveris... Mais formosas e mais gratas ao Coração de Maria serão, porém, as *flores de alma* que os Seus filhos lhe ofertarem.

São as boas obras, são as resistências ao mal, são as vitórias contra as tentações, são os esforços para trazer os outros ao bom caminho, para os tornar mais dóceis à Vontade de Deus... São estas as flores que a Imaculada mais apreciará.

Nesta hora em que tantos A desconhecem, resolvamos firmemente trabalhar para ganhar para o Seu Amor os corações de tantos que jazem nas trevas da morte!

E como penhor dêsse nobre propósito — que todos possamos oferecer a Nossa Senhora na grande peregrinação nacional do dia 28, um grande ramalhete (chamemos-lhe assim) de novos *Cruzados de Fátima!*

E a Virgem abençoar-nos-á sorridente, e salvará uma vez mais a Pátria querida!

P.

Os cristãos tristes descreditam a Nosso Senhor Jesus Cristo que no Evangelho nos diz freqüentemente:

BEM-AVENTURADOS SOIS VÓS!...

ALEGRAI-VOS E EXULTAI PORQUE O VOSSO GALARDÃO SERÁ COPIOSO NOS CEUS!

A «Voz da Fátima» é a publicação portuguesa que tem maior expansão no estrangeiro.

Se cada um varrer a sua testada...

«Vou-me desobrigar ou não?...» Há muitos cristãos que não fazem esta pergunta.

São os lógicos.

Estão convencidos... não só de que 4 e 4 fazem 8 mas de que, se 4 e 4 fazem 8, não podem proceder como se fizessem 7.

Por outras palavras, crentes em teoria, êles querem sê-lo também na prática... Põem a sua conduta em conformidade com a sua fé...

Irão portanto desobrigar-se, por esta razão tão simples:

Deus quere que êles o façam, e êles não têm nenhuma razão para desobedecer a Deus!

* * *

Mas há outros cristãos, — infelizmente numerosos também! — para os quais aquela interrogação se não levanta, ou melhor, que não fazem aquela interrogação..., por esta simples razão de que já responderam pela negativa.

Para êstes, se, em teoria 4 e 4 fazem 8, na prática... e há muito tempo, 4 e 4 fazem 7, desde que se trate dos seus deveres religiosos.

São talvez credores exigentes para quem, de bom grado, 4 e 4 fariam 9... Mas são devedores pirróticos... pelo menos quando se trata das suas dívidas para com Deus: 4 e 4 fazem 7, e a unidade que êles comem, é precisamente o cumprimento do dever pascal: confissão e comunhão!...

Para êstes, a questão está resolvida... pelo menos por êste ano: concedem a si próprios uma moratória...

Será ao menos para o ano?... «Veremos!» — como dizia o cego.

Entre estas duas classes de devedores decididos, uns a pagar a sua dívida, outros a negá-la, ou, pelo menos, a adiar — há ainda uma terceira.

É composta pelos hesitantes: são aqueles para quem se põe, lancinante, aflitiva e urgente, a interrogação: «Êste ano, irei desobrigar-me?»

É a estes que eu me dirijo.

E tomo a liberdade de responder por êles:

— Sim, vós ireis desobrigar-vos!

* * *

Em primeiro lugar, porque é o vosso dever.

Homens de negócios, operários, empregados de escritório — vós sois homens do dever!

Aos vossos fregueses, aos vossos superiores, aos vossos patrões, aos vossos credores — vós pagais o que lhes é devido, quer em dinheiro quer em trabalho...

Não há na vossa carteira uma única nota que reclame o seu dono, porque o seu legítimo dono sois vós.

Ora vós tendes um Superior, um Patrão, um Credor — que é Deus.

Ides, por acaso, deixá-lo ficar para trás de todos os outros, Êle que tem direito ao primeiro lugar?...

Não querereis de-certo fazer isso!

É o vosso dever: cumpri-lo-eis!

E a vossa dívida. Pagá-la-eis!

* * *

Mas há ainda uma outra razão e varrer o passeio — não o do vizinho, mas apenas o que lhe pertence —, se dêle levar para a estrumeira todo o lixo que juntar na pá: então, sim, tôda a rua ficará limpa!

As nossas ruas — as de nós — não estão muito limpas. Queixamo-nos todos disso — e com razão.

Vemos tantas coisas lamentáveis, encontramos tantas pessoas que não procurariam sendo feridas e magoadas — e que as não procurariam, se se desobrigassem.

Quem melhorará tudo isto? Quem nos salvará? — pergunta-se de todos os lados.

Começai, meus amigos, por varrer a vossa testada...

Se todos o fizerem, a rua em breve estará limpa.

Ide desobrigar-vos!

(Adaptado de E. Duplessy)

Debaixo da cinza

Como é consolador o espectáculo a que estamos assistindo do renascimento católico em Portugal!

Mentia-se quando se nos fazia crer que a fé estava apagada de todo em muitas terras da nossa pátria.

Queremos contar dois factos que se passaram numa destas aldeias mortas dos arredores de Lisboa, onde era o pior mal. Foi no Domingo, 17 de fevereiro passado.

Numa freguesia, pequena e pobre, de uma escassa centena de fogos, não havia pároco há mais de vinte anos. Apenas uma missa, que por alma de seu pai uma senhora ali mandava celebrar uma vez por ano!

No dia de Todos os Santos recomeçou ali o culto; já tem missa aos domingos e para a trezena e asseguraram a decência do templo e do culto, fazem todos os Domingos um peditório pela freguesia.

Pois no Domingo, 17 de fevereiro, quando o encarregado de recolher essas esmolas andava de porta em porta, numa casa iam para pagar alguma coisa «por conta» na mercearia. Assim que viu o servo da Igreja, o modesto chefe de família retirou dêse «por conta» 50 centavos para a Igreja, dizendo que era melhor ficar a dever êsse pouquinho mais ou tenha, que faltar à quota comum para o serviço de Deus!

Mais adiante ia já a caminho um pequenito doutra casa, buscar à loja um litro de vinho. O pai via também surgir o servo da Igreja, chamou o pequeno e retirou-lhe os poucos centavos da sua modesta esmola e disse-lhe singelamente: Traz só meio litro!

Traz só meio litro!

Não se pode meditar nesta singelíssima ordem, sem sentir a alma comovida! Que sorriso deve ter florescido no rosto de Deus, quando na escrita celeste o Anjo da Guarda daquele homem lhe creditou na conta o valor do meio litro de vinho, que havia de animar o seu parco repasto do corpo e êle desviou para assegurar o alimento da sua alma!

E quantas, quantas senhoras cristãs hesitariam em sacrificar assim a Deus, para seu serviço, meio decilitro dum frasquinho de perfume caro!

Não, não, e não! A fé não está apagada de todo em muitas centenas de milhares de almas de portuguesas! Está ainda muito fogo de amor de Deus lateate debaixo da cinza!

Cruzados! Avante, para que um sôpro forte de apostolado remova a cinza e avive essas brasas, que por abandono se iam apagando. Que a geração nova, seja uma geração ardente de fé, como aquelas crianchinhas da mesma aldeia, que logo no Dia de Todos os Santos, ao recolherem, como é costume, o «pão por Deus», que são uns centavos que pedem para bolos, foram a correr, jubilosas e heróicas, depôr nas mãos do senhor padre os 38$50, destinados a bolos, da colecta infantil, para o serviço da Igreja!!!

AOS CHEFES DE TREZENA

Como é do Regulamento, as quotas referentes aos meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 1935, devem ser entregues até ao dia 10 de maio.

Para bom andamento de todos os serviços, urge que a entrega seja feita dentro do prazo regulamentar.

Não se descuidem pois os chefes de trezena!

Conversando

Se todas as freguesias forem assim...

Então como vai a organização dos Cruzados na freguesia? Eu cá por mim, já arranjei seis trezenas...

— Vai muito bem, graças a Deus. A-pesar-de ainda não termos pároco residente, êle recomendou muito esta obra, e temos-se adiantado bastante.

«Como sabiam que o sôr professor se interessava muito, e também arranjou Cruzados, ainda se entusiasmaram mais.

«Mas quem tem levado a palma são as raparigas: a Felícia, a Maria José, a Marcelina e a Claudina do Outeiro têm dado volta à freguesia. E ninguém é capaz de lhes escapar, porque elas têm um tal palavriado, que ninguém tem cara para lhes dizer que não.

— Também estou convencido disso: as mulheres, e dum modo especial as raparigas, podem ser — e hão de querer ser — as grandes obreiras do desenvolvimento desta instituição religiosa e social, tão nobre e tão necessária.

Nós estamos, aliás, no século das mulheres. Entramos nas universidades: vemos alunas por todos os lados. Nos jornais, lê-se a cada passo: discursou a sr.ª D. Fulana, presidiu a sr.ª D. Cicrana. Vai-se ao Parlamento, lá estão também.

«É preciso, pois, que elas correspondam a tantas honrarias, trabalhando para o bem comum, com ardor e tenacidade.

«A União dos Cruzados, em honra da mais santa e gloriosa de todas as mulheres, está naturalmente indicada ao sexo feminino para que êste a propague por tôda a parte.

E assim, como é por intercessão de Nossa Senhora, que nós recebemos tôdas as graças — assim também as mulheres, que promoverem a inscrição de Cruzados, darão ensejo aos novos filiados a que recebam muitas graças de Deus.

«Porque é bom não esquecermos que a União tem grandes vantagens espirituais.

— Há muita gente que se não lembra disso...

— Bastava esta: todos os dias, em Fátima, naquele lugar bendito onde a Senhora apareceu para nos resgatar, se celebra uma Missa pelos Cruzados, vivos ou mortos. Todos os dias — note-se bem. E ainda há outras vantagens: mais Missas, muitas indulgências, etc.

— Mas ainda estamos a fazer má figura. Uma freguesia, como a nossa, precisa de apresentar uma lista muito maior.

Ora imagine o sôr professor que a freguesia tem umas mil almas. Disse-me ontem a Elisa que já havia seis centos Cruzados vivos, e duzentos mortos.

«Ora isto é já alguma coisa, mas ainda está longe do que deve ser.

Enquanto não houver novecentos ou mil vivos, a freguesia que é piedosa, bem afamada, não pode descansar.

«Já me esquecia dizer uma coisa que também honra a terra: os senhores do Vinhedo remiram por uma só vez as suas quotas, e o José do Largo, o mercieiro, também. Cinco do Vinhedo, com o mercieiro, seis: a 200$00 cada um, foi 1.200$00 que se arranjou, duma assentada, para a Acção Católica.

E o que lhe disse: quando as raparigas se lhes mete uma coisa na cabeça, depressa chegam ao fim, e bem!

— Estás hoje um grande falador. Se te entusiasmas assim tanto com estas remissões de quotas, podes acrescentar mais um: também eu vou fazer o mesmo.

«E, realmente, é bem pensado. Quando a gente fechar os olhos, os nossos descendentes ou herdeiros continuarão a pagar a nossa quota, se pagarem... Quem é que se pode fiar no que fardo os seus herdeiros!

E assim, remindo as suas quotas, enquanto a União dos Cruzados existir (e de-certo que, como a Igreja de que é filha, ela perdurará até à consumação dos séculos!) lá se apanhará no Purgatório aquela refrescadela diária, até que chegue o dia de voar para junto de Deus, no Céu.

— Se me dá licença, fiquei de estar às 3 horas na vila, e não quero chegar tarde. Para a outra vez, falaremos na tal significação dos Cruzados — se o sôr professor estiver para me aturar...

— Dás sempre pôsto, rapaz. Até à primeira!

X.

Um grande meio de propaganda

É preciso prègar sempre!

Lacordaire

Não devemos desperdiçar uma migalha, sequer, dêste dom precioso que é o tempo.

Quanto maior for a soma de Bem que nós praticarmos cá neste mundo, mais glória daremos a Deus (dê quem tudo recebemos), e maior será o nosso grau de felicidade na bem-aventurança eterna!

E sabemos nós, por acaso, mesmo os mais novos, quanto tempo andaremos ainda sôbre a terra, a glorificar a Deus e a merecer para a Eternidade?!

O grau do mérito que, perante Deus, havemos de atingir, ficará completo no momento em que a morte nos cerrar os olhos. Depois, já não podemos fazer nada para valer mais aos olhos do Senhor.

Se pensássemos bem nestas coisas, compreenderíamos o alto valor desta enorme riqueza que é o tempo, e do grande crime que pratica quem o não sabe aproveitar.

Compreenderíamos porque é que santos, como S. Afonso Maria de Ligório, fizeram voto de não perder um minuto.

Os ingleses costumam dizer que o tempo é dinheiro, e nós podemos emendar que êle vale infinitamente mais. Com dinheiro, compramos as coisas desta vida, que são tôdas mortais, de pouca dura, pois não passam de luxo que, como diz o Evangelho, a ferrugem gasta e os ladrões nos roubam...

Com o bom emprêgo do tempo, porém, não podemos comprar, decerto, glória para Deus e mais felicidade para nós — pois esta nossa dúzia de desenganados dias que passamos neste vale de lágrimas — mas no Céu, e para sempre!

Devemos, pois praticar sempre o Bem, sem perder um minuto!

Eu sei que muitos pensarão: não há ocasiões na vida em que nos é impossível falar ou realizar qualquer trabalho. São bocados que perdemos numa loja de barbeiro ou num consultório, à espera de vez; são horas forçosamente gastas numa viagem de comboio, nas voltas que damos diàriamente, de eléctrico, na cidade, etc.

Pois eu digo-lhes que há um meio muito fácil de nessas ocasiões, tão frequentes, nós sermos grandes prègadores, sem precisar sequer de dizer palavra!

Como?! Dum modo muito simples: lendo nessas ocasiões um jornal católico, ou uma revista católica, um livro de boa doutrina. E quando não os lermos, tenhamo-los ao lado ou sôbre os joelhos para que os outros os vejam.

A fôrça de verem os nossos livros e jornais, êles terão também curiosidade de os ler. E assim, sem precisarmos de abrir bico, como uma diz o nosso povo, nós teremos sido propagandistas das boas leituras, no que seguiremos o exemplo de muitos dos maiores Santos.

Não se diz, por exemplo, que os jornais católicos, ninguém os lê, porque só nas mãos dos que tinham obrigação de dar melhor exemplo, só se vêem os jornais que, com mais ou menos habilidades vão arrancando à fé da alma do povo.

E não esqueçamos que as maiores alegrias são as mais escapoladas.

Ainda há povo um dizer que passa por não ser dos piores, duma notícia duma actriz que tinha abraçado a vida religiosa em termos tais que parecia que os conventos estavam cheios de gente doida.

Temos de nos convencer de que, como dizia o grande Cardial Mercier, Deus nada pedirá se para fundar um jornal católico fôsse preciso fechar uma igreja.

Neste final do Ano Santo, prometamos ao Senhor, que, ao menos, não deixaremos de fazer esta propaganda muda a que me referi, da imprensa que O serve, como êle quere ser servido!

R.

Para rir

Um avarento encontrava-se muito mal, e quando estava a discutir o preço duma operação que talvez o salvaria, desmaiou.

Deram-no como morto, e fê-se o funeral.

Já à beira da sepultura, voltou a si e vendo o médico ao lado do caixão, preguntou-lhe quanto custava.

— Dose contos, respondeu o cirurgião.

E o morto, voltando-se para o coveiro:

— Pode seguir!

VISADO PELA CENSURA

Um jornal católico nunca se deita fora. Não faltam pessoas a quem se possa emprestar ou oferecer e que, pela sua leitura, se tornarão mais agradáveis aos olhos de Deus.

E aos que não souberem ler, deve-se-lhes explicar.

As tardes de verão e os serões de inverno são tão longos...

Ano XIII — Fátima, 13 de Maio de 1934 — N.º 152

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

Nossa Senhora de Fátima, Raínha da Paz, rogai por nós

A peregrinação de maio terá como intenção especial pedir a Deus, por intermédio da Santíssima Virgem, a paz entre as nações e as classes da sociedade

Crónica de Fátima

(13 de Abril)

As comemorações oficiais

No fim do passado mês de Abril, encerrou-se definitivamente o ciclo menos movimentado e menos ruidoso das peregrinações ao local seis vezes santificado pela presença da augusta Raínha do Céu.

Com o mês de Maio, o mês das flores, o mês de Maria, inicia-se um novo ciclo — o ciclo das grandes romagens — que enchem de animação e de vida a Cova da Iria, graças ao número assombroso de peregrinos que acorrem, durante a Primavera e o Estio, aos pés da nobre Padroeira da Nação, para lhe testemunharem a sua devoção filial e tomarem parte nas solenes e imponentes manifestações de fé e piedade que em cada dia treze se realizam naquela estância privilegiada e bendita.

O mês de Maio é, sem dúvida, o mês preferido pelas almas que se entusiasmam e se comovem perante o espectáculo das grandes multidões e sentem a sua fé robustecer-se e a sua piedade acrisolar-se naquela atmosfera saturada de sobrenatural e aquecida ao rubro pela crença viva e pela oração fervorosa de dezenas e centenas de milhar de crentes.

Maio rememora o primeiro mês em que, há precisamente dezóito anos, a Virgem Santíssima se dignou pousar os seus pés imaculados sôbre a copa da azinheira sagrada e fazer celestes comunicações aos humildes e inocentes pastorinhos, convertendo desde êsse ditoso momento a pobre charneca árida e escalvada da Cova da Iria numa verdadeira ante-câmara do Céu.

As pedras dos seus monumentos, que se erguem para as alturas como portadores das mensagens dos fiéis, dos seus louvores e das suas súplicas, traduzem, em linguagem muda, mas assaz eloqüente, os sentimentos de veneração, reconhecimento e confiança, dos portugueses para com Aquela que é a sua nobre e gloriosa Padroeira.

Fátima é um poema de luz e de amor, inspirado pela Raínha dos Anjos e escrito com a pena de ouro da piedade de milhões de almas no livro portentoso das grandezas e das glórias de Portugal.

* * *

Como nos anos anteriores, a nota mais característica das comemorações do dia treze de Abril foi de-certo a presença da peregrinação da freguesia do Socorro, de Lisboa.

Essa peregrinação compunha-se de 52 pessoas e era presidida pelo rev.mo João Filipe dos Reis, zeloso pároco daquela freguesia.

Assistiram também às cerimónias religiosas 34 alunos do Instituto de Santo António, de Castelo Branco, que vinham acompanhados pelo seu director e por alguns dos seus professores.

Acompanhavam igualmente o grupo dos alunos dois sacerdotes, um dos quais, o rev.mo Raúl Aparício, celebrou por volta das duas horas, no altar do Pavilhão dos doentes, a missa solene de Nossa Senhora, cujas partes móveis foram cantadas pelos referidos alunos e pelo povo, tendo o celebrante feito uma prática apropriada ao piedoso acto.

O grupo aproveitou o ensejo da sua peregrinação para visitar, no longo percurso que realizou até chegar aos domínios da Lourdes portuguesa, diversas terras mais importantes, como Tomar, Batalha, Leiria, Marinha Grande, Maceira, Nazaré, Alcobaça, S. Martinho e Caldas da Raínha.

A missa dos doentes foi celebrada pelo rev.mo dr. José Galamba de Oliveira, tendo prègado, à estação do Evangelho, sôbre as Dores de Nossa Senhora, cuja solenidade se efectuara no dia anterior, o rev.mo José Fernandes Pereira Rino, coadjutor da freguesia de Ourém.

Ajudaram à missa os srs. dr. Carlos de Azevedo Mendes, procurador das Misericórdias à Câmara Corporativa, e Tenente-coronel Joaquim Pereira dos Reis.

Realizaram-se, na forma do costume, as duas procissões com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que está habitualmente exposta à veneração dos fiéis na santa capela das aparições.

Depois da tocante cerimónia do «Adeus à Virgem», os peregrinos, que eram em número dalguns milhares, foram debandando pouco a pouco, levando consigo gratíssimas e indeléveis recordações daquele dia santamente passado aos pés da celeste Raínha de Fátima, no Santuário da sua predilecção.

Visconde de Montelo

Prográma das Peregrinações

Ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima durante os meses de Maio a Outubro.

Dias 12 — *Durante o dia* — Entrada das peregrinações à hora que quiserem e confissões.

— À tarde — Recepção dos doentinhos no Hospital depois de observados pelos Senhores Médicos.

— *Às 22 horas (10 horas da noite)* — Têrço do Rosário seguido da Procissão das Velas.

Dias 13 — *Da meia noite até às 2 horas da manhã* — Adoração do SS.mo Sacramento com práticas adequadas e em seguida horas de adoração presididas pelas peregrinações que o pedirem.

— *Às 6 horas* — Missa e comunhão geral e, em seguida, missas, confissões e comunhões.

— *Às 12 horas (meio dia oficial)* — Têrço junto da Capelinha das Aparições seguido da Procissão de Nossa Senhora, Missa dos doentes com alocução, bênção do SS.mo Sacramento aos doentes e a todo o povo e procissão para reconduzir a imagem de Nossa Senhora.

Observações: 1.ª — Os Rev.mos Sacerdotes peregrinos têm no Santuário da Fátima as licenças e jurisdições de que gozam nas suas dioceses, rogando-se-lhes o favor de, quando não sejam conhecidos, trazerem e mostrarem os seus documentos e de atenderem quanto puderem os penitentes.

2.ª — As Peregrinações podem organizar o seu programa especial dentro do programa geral mas devem submetê-lo com antecedência à aprovação do Rev.mo dr. Manuel Marques dos Santos — *Seminário de* **Leiria.**

Nossa Senhora de Fátima

Imagem que se venera na Capelinha das Aparições

COISAS QUE EU PENSO

"1. Eu tenho cá a minha religião,,

Participo ao respeitável público — Olá, respeitável! Quási trezentos mil leitores é um público respeitável, até só pelo número — pois participo ao respeitável público que, atendendo ao caro que está tudo, descobri um divertimento barato!

E que todos podem ter!

E que poucos aproveitam!!

E não me ponho aqui com arcas encouradas e digo já o que é: é o divertimento de pensar!

Todos concordam já comigo que, realmente, o pensar deve ficar barato; mas há-de haver muitos que me negarão que seja divertido! *«Tôda a vida tenho pensado,* dirá êste, *e nunca achei nisso um prazer por aí além!» «Dizem-me que houve gente* dirá outro, *que de muito pensar acabou em Rilhafoles, o que é fraco divertimento!»*

Bom! Aquilo de «tôda a vida ter pensado» — cebolório! Uma coisa é tôda a vida ter tido «cabeça», e outra coisa é ter tido «pensamento». Um poeta inglês deixou um verso que diz: *quantos há que nunca pensaram e que pensam que pensam!* E outro, italiano, (e bastante tonto!) deixou outros versos em que diz que *mil pensamentos juntos — não têm o pêso dum só pensamento — quando é só.* Ora nós temos realmente cada dia uma fartura de coisas a que chamamos *pensamentos.* Basta logo de manhã o jornal, que por 3 tostões é um armazém de «pensamentos» ideias, notícias... São os tais *mil pensamentos*... que não pesam juntos o que pesa *um só pensamento,* quando é só, quando é nosso.

Preguntem a um professor da língua e verão como êle lhes diz que *pensar* e *pesar* são a mesma palavra!

E não é um prazer a gente *pesar* o que nos vem da loja e verificar que o merceeiro ou nos roubou no pêso ou nos serviu conscienciosamente! Neste último caso, há o prazer de se sentir bem servido e no primeiro caso o de providenciar para se deixar de ser comido!

E — meu Deus! — como somos pouco cuidadosos em verificar o *pêso* das ideias, que nos servem nos jornais, nos cafés, nas ruas, nos combóios! *Verificar o pêso* das ideias é pensar e pensar é ter o prazer de descobrir se nos servem bem ou se nos comem no pêso!

No pêso e na qualidade, que ainda é pior!

Costuma-se dizer que a alguém lhe serviram *gato por lebre!* Isso é mau na alimentação do corpo; mas enfim, quem tiver muita fome, ainda assim antes quererá um bom quilo de gato que cem gramas de lebre! Mas na alimentação do espírito já não é o mesmo. O espírito não tem estômago e as suas fomes não se saciam com o muito, é com o bom. *Um grande êrro* faz-lhe mais mal que uma *pequena verdade,* que é o seu alimento natural. O êrro é como uma chave que não serve na fechadura e que se quere lá meter à fôrça. Quanto mais se teimar, mais se estraga a fechadura. É o que já tem acontecido, de facto, a pensadores que foram acabar a Rilhafoles, como as fechaduras forçadas vão parar aos ferros-velhos. Mas uma pequena verdade não faz grande mal ao espírito. É como um aperitivo, que *abre* o apetite e só faz mal se aberto o apetite não há que lhe dar!

Mais: nêsse servir gato por lebre, na alimentação do espírito, o que faz mais mal é precisamente a mistura de lebre e de gato, de verdade e de êrro. Porque já se notou que todo o êrro encerra ordinàriamente uns bocados de vérdade e que um êrro é tanto mais perigoso quantos mais bocados de verdade contém.

Ora, meus caros leitores, vou daqui em diante neste cantinho da *Voz da Fátima,* arrear uma balança de *pensamento de ideias.* Já acima lhes disse que *pensamento* e *pesamento* são uma e a mesma palavra em que levou sumiço uma letra.

Correm por aí certas ideias, que ninguém se lembra de pesar, antes de as receber. Pois vamos nós aqui ter o prazer de pesar essas ideias, a ver se... valem quanto pesam ou se pesam quanto dizem que valem!

Uma delas — e será a primeira — é a que lá pus em cima com o número 1: **Eu tenho cá a minha religião!**

Parece uma ideia bem pesada. Há muito boa gente que se satisfaz com o seu pêso. O que é preciso, dizem, é um homem ter religião. Isso sim. Um homem tem de ter religião. E **eu tenho cá a minha religião!**

Está à mostra os pedaços de lebre: *é preciso um homem ter religião. Eu tenho religião.* No próximo número inauguramos a pesagem cá no estabelecimento, mostrando onde está o *gato* e em que proporção nesta ideia há gato e lebre!

B. A. Lança

«VOZ DA FÁTIMA»

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Março tirou 259.760 e em Abril 274.610 assim distribuídos:

	Mar.	Abril
Algarve. ...	3.157	3.279
Angra	15.966	15820
Beja	3.205	3.681
Braga... ...	58.817	61.275
Bragança ...	5.658	6.705
Coimbra ...	11.675	13.298
Évora... ...	2.900	3.500
Funchal. ...	16.490	17.644
Guarda.. ...	26.710	28.527
Lamego. ...	3.978	4.286
Leiria... ...	9.090	9.856
Lisboa... ...	4.608	6.165
Portalegre...	6.298	2.628
Pôrto	34.543	35.907
Vila Real...	30.482	31.053
Viseu... ...	7.9137	8.167
	241.494	255.791
Estranjeiro..	3.552	3.602
Diversos ...	14.714	15.277
Total. ...	259.760	274.610

A rubrica diversos, abrange os exemplares enviados a assinantes pobres, cadeias e distribuição no Santuário.

No Santuário da Fátima

A instalação de novos alto-falantes no recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Quando mal começava a dar os primeiros passos a invenção dos altofalantes, S. Ex.cia Rev.ma o Sr. D. José Alves Correia da Silva, com o fim de facilitar aos fiéis o tomar parte nas grandes funções religiosas que nos dias 13 de cada mês se celebram no Santuário da Fátima, mandou proceder à instalação dum grupo de poderosos altofalantes.

De então para cá a sciência aperfeiçoou muito êsse invento e resolveu-se por isso fazer uma nova instalação com o que de mais perfeito se fabrica hoje.

A inauguração dêsses novos altofalantes é feita na peregrinação dos dias 12 e 13 de Maio dêste ano, precedida de *Bênção* por um Ex.mo Prelado, às 22 horas, do dia 12 de maio, após a procissão das velas.

VISADO PELA CENSURA

E eu, sr. Padre?

Domingo de manhã cedo. A igreja regorgita. Parece uma colmeia.

Na capela-mór, só homens, muitos homens. Uns altos, como eucaliptos, outros atarracados, como Zaqueus. Há-os já vèlhinhos, a cabeça formando quási ângulo recto com o tronco, cabeça branca de neve, onde caiu o orvalho de muita desilusão, e há-os moços, garbosos, fartas cabeleiras ondeadas. Mais próximo ao altar, a mitidez, dos 7 aos 14, a geração de amanhã.

No corpo da igreja, esbordando pela porta do fundo, as filhas de Eva, de tôdas as idades e condições, umas de vestido e chapéu, outras de lenço e chale. Não há duas vestidas da mesma côr. Mas não importa: são tôdas irmãs em Cristo.

O sr. Padre da freguesia, alma ardente de apóstolo, lá vai celebrando os Santos Mistérios, sob as bênçãos do Senhor e o respeito das suas ovelhinhas. Após o Evangelho, como sempre, temos prática. 10 minutos, e não mais, para não maçar.

Desta vez é sôbre a *Acção Católica:*

—Meus caros paroquianos: a Acção Católica é levar Cristo às almas e as almas a Cristo. É ajudar o Senhor a conquistar o mundo. É povoar o Céu de habitantes, é dar irmãos aos Anjos.

Conheceis uma ovelhinha transmalhada? Esforçai-vos por trazê-la ao doce redil do bom Pastor. Pelos vossos bons conselhos, pelo bom exemplo, pela caridade corporal e espiritual, pela propaganda escrita e falada — por todos os meios se pode fazer Acção Católica! E sobretudo pela Oração! Suplicar ao pai de famílias que mande muitos trabalhadores para a sua vinha! Que bata à porta das almas duras, até que se abra! Todos podem fazer Acção Católica, todos, sem excepção, cada um no meio em que vive, entre os seus conhecidos, entre os colegas da mesma profissão! Que houra para nós, ajudarmos a encher o Céu de almas, arrancar vítimas ao Inferno, auxiliar a bendita missão dos sacerdotes, que tão poucos são e que não podem chegar aonde chegam os outros! Ninguém fique ocioso em casa: todos a trabalhar no campo do Senhor!

... ...

Fim da Missa. A entrada da sacristia, uma bicha humana.

— *Como hei-de fazer Acção Católica? Eu, que passo os dias amarrado à enxada, no meio dos campos?*

—Muito fàcilmente.

Se no bando se entrar a cortar a casaco ao próximo, muda a conversa. Se algum desbocado leva o assunto para a porcaria, para a malícia, reprende-o, se podes, e se não podes, ao menos mostra-te contrariado e avisa amigàvelmente o delinqüente. Quando ouvires falar contra a Religião, defende-a ou convida o palrador a calar-se e a respeitar as crenças dos outros. Se conheceres um vizinho que não vai ou não manda a família à Missa, a Confissão, etc., vê se consegues convertê-lo, por bons modos. E assim por diante...

— *E eu, sr. Padre, que trabalho na fábrica toda a semana, numa oficina?*

—Leva para lá bons jornais, empresta-os aos companheiros. Defende também a Religião e não apoies conversas inconvenientes, por mísero respeito humano.

—*E eu, sr. Padre,* uma *pobre operária da fábrica?*

—Oh! muito podes trabalhar. Faze propaganda dos bons jornais e almanaques católicos; quando deres fé de livros protestantes que por lá apareçam, aconselha a queimá-los; dize a tôdas o que é bom; quando notares que uma rapariga está a ser desencaminhada por algum lobo devorador, vê se a salvas!

—*E eu, sr. Padre,* que sou uma *simples costureira?*

—Desvia as tuas freguesas de usarem modas indecentes e não consintas que a tua casa se transforme em soalheiro da freguesia.

—*E eu, sr. Padre,* todo o dia *prego lá na minha loja?*

—Oh! tu és o que melhor Acção Católica podes fazer. Não admitas na loja conversas contra a Religião, contra a Moral ou ofensivas da reputação de ninguém. Não tenhas a porta aberta de noite nem durante os actos de culto, ao menos os principais, por exemplo, a Missa, as prègações, a Adoração. Como a tua casa vão ter os bons e os maus, e êstes em maior escala, sabes muito bem quem falta à Missa na freguesia, quais os que não se descobrigam, quem são os casados ou jovens que se não portam bem. Oh! quanto podes tu fazer! Exorta-os a cumprirem os seus deveres, mostra-lhes como a Religião é necessária a todo o indivíduo, às famílias e à sociedade. Lê-lhes livros e depois, sempre que possas meter o bedelho, vá, uma palavrinha, um conselho, um esclarecimento, uma conversa edificante, assim, como quem não quere a coisa.

—*E eu também poderei fazer Acção Católica, eu, que não tenho mais de 10 anos e que passo o tempo na Escola e a brincar?*

—Também tu, meu menino. Não conheces por lá crianças que não vêem à Catequese, e à Missa, ou que falam mal? Dize-lhes que venham, porque o Senhor é bom e quere dar o Céu a todos. Dize-lhes que não falem mal, porque é pecado. Dize-lhes que na igreja todos são bem tratados, como se fôssem irmãos.

... ...

...E aquelas almitas, afeiçoadas a Cristo, lá partiram para casa, para o mundo, resolvidas a levar outras almas para o seu Deus e convencidas de que quem conseguiu a salvação dum irmão, garantiu a sua própria salvação.

Oxalá que aparecessem mela dúzia de apóstolos em cada freguesia! Portugal cristão estaria salvo!

ANGELO

ATENÇÃO

Aos Cruzados e Chefes de trezenas

Os Cruzados têm obrigação de pagar a sua quota mensal quando o seu Chefe a pede e o Chefe da trezena não deixe atrazar as quotas que estão a seu cargo.

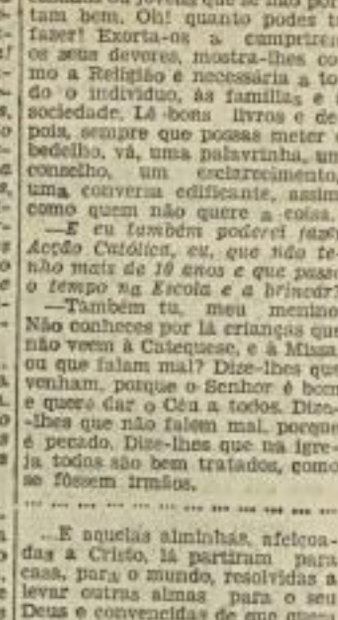
Cobre-as todos os meses.

Logo que as receba, entregue-as ao Rev Pároco da freguesia ou mande-as directamente ao Rev. Director diocesano.

Não devem demorar na sua mão o produto das quotas, porque êsse dinheiro não lhes pertence e é necessário para as despesas da Acção Católica a que é destinado e para sustentação da «Voz da Fátima» que, sendo a publicação de maior tiragem em Portugal, tem, por isso mesmo, muitos encargos.

Contas do Pôrto — dá cá, toma lá.

Lembramos de novo que estando a obra dos Cruzados orgnizada por dioceses, tôdas as incrições, mudanças de nomes ou residências e reclamações devem ser feitas ao Rev. Director diocesano até ao dia 20 do mês anterior, que dará as devidas providências



Sua Ex.cia Rev.ma Mgr. D. Leopoldo Eijo Garay Bispo de Madrid-Alcalá

Homenagem da «Voz da Fátima» pela sua peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima em 1934

OS NOSSOS CONTOS

A melhor oferta

Era o encerramento do mês de Maria na igreja paroquial.

De todos os lugares vinham pequeninas procissões em que as crianças, de ofertas à cabeça, eram os festeiros e juízes.

O sol, o tempo, a natureza nesta quadra da primavera, juntaram-se todos para fazer dêste dia uma grande festa.

Podia lá haver tristeza!

E havia...

Num canto da igreja, ao fundo, envolvida na penumbra, está uma mulher dobrada sôbre uma criança que aconchega ao seio.

Ninguém dela por ela...

As lágrimas vão-na silenciosamente orvalhando.

... ...

Chegada a hora, o Senhor Prior dá ordem de entrar e tôda a pequenada que enche o adro se põe em movimento.

Formam-se alas, dão-se beliscos e encontrões; há ameaças sérias e caras que se esforçam por parecer feias, mas tudo acalma logo com a graça e donaire do porte das pequeninas oferteiras e seus irmãozitos.

Duas a duas ajoelham-se devotamente e cantam com voz trémula que um grupo do lado reforça e agiganta.

Aqui tendes ó Maria
Esta oferta de flores
Recompensa vos pedimos
Consagrão dos pecadores.

Pouco a pouco, bancos, cadeiras, o fregues do altar desaparecem.

É um mar de ofertas bizarras tôdas floridas, fruto de muito cuidado e da profunda devoção que, com o leite, aquelas pequeninas vão bebendo no exemplo, no carinho e na educação maternal.

A multidão encheu a igreja.

À frente as pequenitas que receberam em troca uma linda medalha ou santinho.

Depois, a emoldurar o quadro formosíssimo, o grupo enorme de mulheres que se enobrecem e honram com a altíssima missão de mães a que Deus se dignou na vida matrimonial.

Ao fundo, ao cimo junto do altar mór, e no côro, é um cacho de homens e rapazes.

Em frente do altar, do outro lado, o grupo de raparigas cantoras.

Como é lindo o altar!

De alto a baixo tudo são luzes e flores.

Nem o côro da falta se percebe de sombras.

Do alto do trono florido em que os degraus são na alma dos seus devotos a Virgem parece agradecer com sorrisos, consolações e bênçãos.

Começa a oração.

Os mistérios do terço do rosário seguem-se entremeados de cânticos em que as raparigas põem todo o encanto das vozes frescas e a multidão, em côro, a afirmação sôbre da sua fé e profunda devoção à Virgem Santíssima.

No fim da ladainha cantada o Sr. Reitor agradeceu comovido mais essa admirável prova da devoção da boa gente da sua freguesia e, com as lágrimas nos olhos, pediu a Nossa Senhora que abençoasse as criancitas que ali vinham com a sua inocência perfumada aformosear a conclusão do seu mês.

Depois deu-lhes a bênção do SS.mo Sacramento e, a terminar a consagração à Nossa Senhora, cantaram com unção o *Adeus á Virgem*.

* * *

Quando pela igreja iam morrendo as últimas notas do côro final, feita a genuflexão a Jesus Sacramentado, saíam de rebôlico.

A pequenada precisava de ar fresco.

A sua devoção quere actos mais pequeninos, menos demorados.

No adro fervilhavam as cabeçadas, as despedidas.

A igreja ficava vazia e daí a pouco o adro também.

* * *

Vazia não, que lá ao fundo, num recanto, agora mais iluminada pela claridade que o sol lançava da janela do côro, estava ainda uma mulher com uma criança ao peito.

Ninguém a vira...

Ninguém dela por ela...

Nem admira. Vestida de preto, colada com a parede naquele recanto escuro...

Assistiu a tudo.

Cânticos e lágrimas ecoavam-lhe no peito fundindo-se numa tristeza imensa.

Rezava também.

Nova ainda, o rosto formoso demonstrava em sulcos precoces a dor recente que lhe pungira a alma.

Perdera o marido haveria dois meses...

Tinham-lho matado sem saber porquê.

Do seu noivado fugaz conservara na alma a saudade imensa que lhe subia ao rosto e o botão de rosa que apertava ao peito.

Bens não os tinha mais que os da alma.

Não queria contudo privar-se da consolação inefável daquela criancita em que a sua alma de criança e de rapariga se encherá de piedade e devoção, e recebera tantas bênçãos de Maria.

Agora, mulher, mãe e viúva, podia acaso separar-se da sua Mãe Celestial?

E veio...

Rezou, cobrindo de lágrimas o seio ressequido e o rosto do filhito que amamentava e, quando temia que alguém a reconhecesse, corria o rosto com o do filho beijando-se mais.

* * *

Só na igreja e no mundo, sentia invadir-lhe a alma uma tristeza enorme.

Soergueu-se e, cheia de ânimo, achegou-se ao altar.

Tôda aquela gente apresentava a sua oferta: só ela não oferecia nada?

Não podia ser.

O sol quási a esconder-se entrava agora pela porta escancarada e dava a todo o conjunto um colorido fantástico.

Passos, fitas, velas e flores, a própria imagem: tudo parecia que, de repente, se transformara em oiro para que o oferecesse a pobre da viúva ajoelhada diante do altar. O Sr. Prior pedira as bênçãos de Maria para as crianças que traziam ofertas. Mas o seu não trouxera nada. Ia ela então remediar a falta. Que oferecer?

De olhos cravados na imagem, como em êxtase, levanta o filho à altura do rosto e, diz, cheia de confiança:

«*Tôda a minha riqueza, o meu tesouro é êste filhito, Senhora! Eu vo-lo dou e consagro e quero que seja vosso e para sempre.*

Mais não tenho.

Cerrada pelo último raio do sol poente, pensando que filho iria já para o céu caiu num choro convulsivo.

Beijou-o sôfregamente, como se fôsse a última vez, e saiu.

A Virgem aceitou a oferta.

* * *

Vinte e quatro anos depois, no último dia do mês de Maio, a igreja estava à cunha, de manhãzinha.

Um rancho de crianças ia fazer a sua primeira comunhão.

Subia os degraus do altar para cantar a sua primeira missa um novo sacerdote.

Já não tinha pai, não tinha irmãos. A piedade, a virtude que nele resplandecia tornavam-no querido de tôda a gente.

A mãe?

Essa era aquela pobre viúva que atrás conhecemos.

Agora era de alegria incomparável que o rosto se orvalhava de lágrimas.

Das flores e luzes que enchiam o trono e o altar 24 anos antes, nem a mais leve sombra.

De tudo isso só ficara a sua oferta.

Desabrochara, florira e ia agora desentranhar-se em frutos admiráveis de graça e de bênção o botãozito de rosa que oferecera à Virgem naquela tarde da conclusão do mês de Maria.

A Virgem sorria-lhe contente.

Oh! sim, a sua oferta fôra a melhor...

Pombalinho (Braga) Abril de 1933.

Galinha de Oliveira

Para fazer sarar Queimaduras

QUEIMADURA EM 3º GRAU

QUEIMADURA SARADA

Um trabalhador foi atingido, numa garage, por uma explosão de gazolina, ficando com um extenso ferimento. Conduzido para o hospital foi-lhe aplicado um penso de Neolo, tirando-lhe logo a dor terrível que lhe arrancava gritos. Nessa mesma noite dormiu sossegado. Renovado diàriamente o penso, deram-lhe alta pouco tempo depois.

O Neolo, graças à sua propriedade de libertar oxigénio nascente ozonizado, produz rápidamente a cura das queimaduras.

O frasco pequeno vende-se por 8$00 nas principais farmácias.

Grátis. — A brochura detalhada explicando as inúmeras indicações do Neolo, com várias receitas que constituem uma pequena enciclopédia caseira e cujo valor é de 1$50 é enviada grátis a todo o leitor dêste jornal que a requisitar ao Depósito do Neolo (serviço V. F. 200), 88, rua da Assunção, Lisboa.

Estudantes em exercícios espirituais na Casa de exercícios de Nossa Senhora da Fátima na Ucrânia

Porto - Amadeu

Se os católicos pedirem as «Novidades» aos vendedores, muitos que as não trazem vê-las-ão sempre a fim de satisfazerem os pedidos.

Nossa Senhora de Fátima no Estranjeiro

NA ITÁLIA

«O Arauto da Fátima» tal é o título dum suplemento do periódico Mensal «Maria in famiglia» que vê a luz da publicidade na Itália.

O Arauto da Fátima quere ser o eco das triunfais demonstrações de fé e piedade de que a terra bendita da Fátima vem sendo teatro de há anos para cá desde que a Virgem Santíssima ali chamou as almas por meio das maravilhas realizadas por sua intercessão.

Além disso o pequenino jornal tem em vista arquivar o desenvolvimento contínuo da devoção a N. Senhora da Fátima na Itália e no estranjeiro e tornar cada vez mais conhecido o nome querido dessa terra pequenina e ilustre que se chama Fátima.

Bemvindo seja!

Com o seu aspecto gracioso e elegante, bem disposto, bem impresso e ornado de óptimas gravuras encimado por um formoso cabeçalho de sabor clássico em que o rosto ternissimo de Maria aparece emmoldurado de rosas e ramos de oliveira, o Arauto dá-nos a certeza de vir a ser, como o nome diz, o precoeiro das glórias de Maria em terras de Itália.

Tais são os nossos votos muito sinceros.

NA ALEMANHA

O culto de Nossa Senhora da Fátima na igreja paroquial de S. Komar tem feito progressos admiráveis.

Não só comemoram os dias 13 de cada mês com comunhões e prègação a S. Maria mas fazem uma preparação a começar no dia 5 de cada mês com grande assistência de povo que todo canta entusiasticamente a bela composição do saudoso P.e Vicente do Sacramento: *Sôbre os braços da azinheira;* (Lieder).

A Visita de Maria

Zelosas associadas da Congregação Mariana «Visitação de Maria» em F. tiveram uma idéia magnífica com a qual todos nós, devotos de N. Senhora da Fátima, nos regozijamos do fundo do coração.

Estas nobres jovens têm-se cotizado para poderem mandar vir de Munchen uma linda imagem de N. Senhora de Fátima que deverá ser benzida pelo seu Director.

No dia 13 de cada mês deverá esta imagem ir para casa duma das associadas. A família indicada deve colocar a imagem no lugar de honra todo ornamentado.

O dia da visita da Mãi de Deus deve ser festejado solenemente e todo o trabalho diário da família executado no espírito de Maria será entregue pelas suas mãos benditas ao Seu divino Filho. A noite todos os membros se reunirão a rezar o terço à volta da imagem de N. S.ª de Fátima. A noite será abençoada pela presença da imagem de Maria até que na manhã seguinte será levada para outra família.

... ...

«A presença espiritual da Mãi do Céu realiza nas famílias verdadeiros milagres». As pequeninas atenções de que suas filhas A rodeiam e lhe provam o seu amor por ocasião da visita mensal, recompensa-as Maria com a plenitude das Suas graças. Com que ansiedade não será esperado o dia em que N. S.ª de Fátima virá albergar-se em sua casa. Feliz a família à qual a Mediadora de todas as graças possa dizer:

«Vêde, hoje estou convosco todo o dia».

Em Burghausen

«Lá em cima ergue-se a capela que olha silenciosa sôbre o vale». Sim, lá em cima ergue-se a Capela das angústias, cercada de escuros abetos e interiormente ornamentada de muitos quadros votivos que piedosos peregrinos ali colocaram como expressão da sua gratidão à Mãi de Deus. A encantadora capela olha para baixo para a terra alemã, olha para o alto para os Alpes e para a terra austríaca e mantém uma protectora vigilância sôbre a nossa linda cidade no vale de Salzach, sôbre a nossa Burghausen.

Desde Março de 1934 em todos os dias 13 caminham peregrinos em grande número para êste santuário de Maria, para ali celebrarem a hora de Fátima. A Senhora dr. Grommes de Munchen, fez-nos em Fevereiro uma entusiástica conferência com projecções sôbre Fátima, tendo conseguintado por êste meio um número consideravel de devotos de Fátima.

Um dia belo e festivo foi o dia 13 de Outubro, dia em que foi benzida a nova imagem de Nossa Senhora da Fátima. Estava um dia cinzento e o vento áspero assobiava pelas ruas. Grossas gotas de água caíam sôbre os peregrinos que a-pesar-do mau tempo acorriam em grande número à capelinha. A chuva e ao vento estavam muitos peregrinos porque já não tinham lugar dentro da pequenina igreja. Sôbre o altar via-se ornamentada de lindas flores e abetos a simples mas bela imagem de N.ª S.ª de Fátima. Dentre as luzes brilhantes que a rodeiam, a Mãe do Céu olha amorosa e ternamente para os seus devotos. Donzelas vestidas de branco, com grinaldas brancas na cabeça e de velas acesas na mão, formam a guarda de honra da puríssima Virgem. A volta da Capela, cá fora, sibila o vento agudo e frio, mas há calor nos corações. O côro de 25 cantores e cantoras entoa jubilosos cânticos de N.ª Senhora ecoando magicamente, como se lôsse a própria voz de Maria, nos corações dos que oram e suplicam. Infelizmente não se pôde fazer a procissão das velas. Fá-la-emos por isso a 13 de Maio para levarmos à Rainha do Céu as nossas adorações e homenagens.

Nós, devotos de Burghausen regozijamo-nos em todos os dias 13, pois ajoelhamos, em espírito, no santuário de Fátima e confiamos a N. Senhora do Rosário os nossos cuidados e pedidos. Nesses momentos a Mãe do Céu está duma maneira especial mais perto de nós, pois o que o Salvador disse de Si próprio, ousamos nós dizer também a respeito da Mãe de Deus. «*Onde se reunem dois ou três em meu nome, Eu estarei no meio deles.*» A nossa Mãe do Céu está lá, intercede por nós e dá-nos a sua bênção maternal...

Cantores em exercícios espirituais na Casa de exercícios de Nossa Senhora da Fátima na Ucrânia

— Obs. No rito grego que os católicos da Ucrânia seguem não se admitem instrumentos músicos, sendo os cânticos todos a duas vozes

NA UCRÂNIA

O Rev. Johann Piawiuck dirige em Tiumen, na Ucrânia, um Colégio de instrução secundária que colocou debaixo da protecção de Nossa Senhora Senhora de Fátima.

Este Colégio tem espalhado muito na Ucrânia o culto da Santíssima Virgem de Fátima.

A população dêste país é de 6 milhões, sendo 4 milhões de católicos que seguem o rito grego e 2 milhões de cismáticos. Têm língua própria e na escrita usam dos caracteres cirílicos.

Em breve inaugurarão com a protecção do sr. Bipo Mgr. Chomyszyn de Stanislawola uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que querem seja de Portugal e tocada na imagem do Nosso Santuário.

Mr. Piawienk deseja fundar no seu país uma Fátima-veriag, isto é, um centro de propaganda do culto de Nossa Senhora de Fátima. As fotografias que publicamos nesta secção são de grupos de exercitantes na Casa de exercícios de Nossa Senhora da Fátima em Stumaca (Ucrânia — antiga província da Polónia russa junto ao Dentêper).

Raparigas da J. C. F. em exercícios na casa de Nossa Senhora da Fátima na Ucrânia

Porto - Amadeu

Onde houver mais miséria que caridade, triunfará o inferno.

(De *A Exaltação do século XX*)

Frontal de prata

Ainda temos na memória a visualidade satisfeita da impecância decorativa que revestia o Altar-Mór da recente e grandiosa festividade a Nossa Senhora das Dôres, nos Congregados, do Pôrto.

Visão de encantamento e magnificência, vincada no faiscar das luzes, na beleza das flores, nos reverberos reluzentes das pratas.

Naquele tesouro de oiro e sedas destacava-se, poderosamente, o imponente e novo frontal de prata que um grupo de devotos do venerado Templo ofereceu em tocante homenagem de amor e fé.

Esse frontal é uma joia de Arte Sacra executada com uma elevada interpretação litúrgica. Um primor artístico e uma prova mais do merecimento da Ourivesaria Aliança, do Pôrto, que soube erguer na prata fria um baixo relêvo primoroso — honra insigne dos artistas e lavrantes que o conceberam e realizaram.

As nossas felicitações à Ourivesaria Aliança.

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

Drogaria de Adelino Costa, Lt.

Importação directa de todos os artigos para fábricas, Produtos químicos e farmacêuticos.
Todos os artigos para pirotecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxôfre, cimento, etc., etc.
Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras

PULVERIZADORES DE TODAS AS QUALIDADES

77, Largo de S. Domingos, 79

Telefone 366 — PÔRTO

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Escreva a:
MAIAS, IRMÃOS - Limitada
Cidadelha — Castelo da Maia

Porto - Amadeu

A Virgem de Galileia

DE GOMES LEAL

Extratos

Era uma vez uma Virgem
em Nazareth, branca aldeia,
que tinha um noivo da origem
dos vélhos reis da Judeia.

De rastos seus pés beijavam
as plantas, como às Rainhas.
No seu telhado adejavam
as asas das andorinhas.

Vinham as pombas, em bando,
sôbre as suas mãos pousar,
quando fiava, cantando,
sentada à porta do lar,

O mar que se ri da sonda
Dizia com tom estranho:
— Quem me dera uma só onda
do seu cabelo castanho!
Tôda a tarde, um rouxinol
cantava à flor do espinheiro:
— Que lindo rosto trigueiro!
Que cantos cheios de sol!

Ora uma vez que fiava,
cantando ao pé do espinheiro,
à porta do lar pousava
um singular mensageiro.

Então, com voz grave, cheia
de uma inefável poesia,
à Virgem de Galileia
Saudou-a: «Avè Maria!

Ave, ó lírio impoluto!
cheia de graça ante os Céus,
Bento no ventre é teu fruto.
Convosco é o senhor Deus!»

Mas ela, com humildade,
como a rasteirinha herva:
— «Faça-se a vossa vontade,
Senhor, eis a vossa serva!»

A Virgem de Galileia, poesia de grande encanto e simplicidade, foi certamente escrita nos princípios do último quartel do século XIX. Nesse momento, uma falange aguerrida de espíritos aplicara-se, ingènuamente, a apagar das consciências esta sânsia de divinos que afinal acompanha o homem desde o berço até ao túmulo.

Gomes Leal foi demasiadamente homem do seu tempo para não escutar essas vozes perturbantes da época. Contudo, no seu espírito viveram sempre, mais ou menos ocultos, os sentimentos religiosos que, na infância, a mãe lhe implantara na alma. E um dia veio em que êsse eco do passado se afirmou tão possantemente que o poeta se decidiu a elaborar a *História de Jesus*, obra poética de alto valor.

A *Virgem de Galileia*, uma das primeiras poesias dêsse memorável livro, é uma das manifestações mais cativantes de espiritualidade, e figura ao lado de outras peças poéticas onde se surpreende a presença de santas mulheres da Bíblia.

Esta orientação já de encontro a certas predilecções da literatura realista, onde, em páginas de discutível equilíbrio mental, se apresenta, variadas vezes, a mulher à luz dum critério indiscreto e irrespeitoso.

O naturalismo germânico, depois de se infiltrar em França, caíra a fundo sôbre uma grande parte dos escritores portugueses. Nestas condições, era de crer que a nossa mentalidade tanto se encaminhasse para o materialismo e a literatura dêsse provecta representação a certos imperativos pecaminosos do instinto.

Na *História de Jesus*, Gomes Leal desviou-se dessa senda da materialidade e, pensando na formação moral de «criancinhas», cantou a vida do fundador da Igreja Católica, sentiu a divina verdade da sua doutrina e foi, durante um momento, excelente apóstolo da causa do espírito. A ideologia dominante faria vergar os homens para as sombras da terra, mas Gomes Leal, em obediência à verdade e à fuga para o Infinito que permanentemente se patenteou na sua alma de religioso, teve o bom gôsto de algumas vezes, no seu belo livro, nos descrever Jesus na mística atitude de olhar com saudade para o céu.

Esta transitória incompatibilidade do lírico com o materialismo do tempo, fulge intensamente em *A Virgem de Galileia*. Desviemos o pensamento para a bacia oriental do Mediterrâneo, e, uma vez lá, para a terra onde Jesus veio ao mundo.

E agora vamos seguir de perto o voltear da imaginação de Gomes Leal.

Era na branca aldeia de Nazaré. Aí vivia a Virgem Maria em casa de aspecto jovial. As andorinhas voavam sôbre o telhado dessa linda e humilde vivenda. As pombas, de quando em vez, também concorriam para animar aquêle lugar sagrado. Aparecam e iam pousar sôbre as mãos de Nossa Senhora.

Reinava a felicidade naquela morada. A Virgem, sob o impulso da alegria interior que se lhe escondia na alma, cantava, e ao mesmo tempo ia fiando junto dum espinheiro em flor.

Verifica o poeta que ela aliava a formosura moral à beleza física. Não se encontraria quem tão bem soubesse consolar a alheia mágoa. Tinha um temperamento predominantemente compassivo, e suavizava, com doçura, as dores dos que sofriam. Generosa e dócil mulher, sempre mostrou seu bom coração.

Fisicamente, também a natureza lhe concedera previlégios e dons especiais. Na pintura dos traços físicos dela, Gomes Leal guia-se pelo testemunho de S. Lucas, e assim diz que a mãe de Jesus era morena e tinha os cabelos castanhos.

Ainda, seguindo a fantasia do poeta, a beleza externa da Virgem estonteou as flores, impressionou o mar e fascinou certa ave de canto harmonioso. A «branca açucena», em conversa com o «rosmaninho», exprimiu a sua admiração pela formosura de tal mulher, e o mar admirou o cabelo castanho que tão lindamente lhe engrinaldava a fronte. As tardes, um rouxinol, postado entre as flores do espinheiro, exaltecia o «lindo rosto trigueiro» de Nossa Senhora e os maravilhosos cânticos que ela entoava à porta do seu casal de Nazaré.

Um dia, ao cair do dia, estava ela fiando ao pé do espinheiro, apareceu um anjo com uma mensagem de Deus. Vinha dar-lhe a nova de que seria, dentro de pouco, mãe de Jesus. E a Virgem obedeceu ao mandato divino.

Eis os aspectos fundamentais da peça lírica *A Virgem de Galileia*.

Gomes Leal acompanha, essencialmente, a verdade histórica, mas segue-se poèticamente disposto a adorná-la com certos elementos decorativos criados sob a influência da sua imaginação de poeta. É uma das vezes em que a fantasia embeleza a realidade sem a desfigurar.

A energia espiritual, que fez surgir a poesia de que acabamos de falar, não se manteve sempre e veio a atenuar-se e a enfraquecer. E tanto assim que, logo depois da publicação da *História de Jesus*, Gomes Leal sucumbiu sob a pressão da noite da descrença.

Esse destêrro moral não foi, porém, definitivo. Mais tarde, o poeta, percorreu a senda de Damasco e regressou felizmente ao seio de Deus.

Heliziana Ramos

Graças de Nossa Senhora de Fátima

7 condições propostas pelo dr. Thomaz Colvin, K. S. G., (associação de S. Gregório), médico com 42 anos de prática, e aprovadas, depois de longa discussão, por uma grande associação de médicos e cirurgiões católicos, em Glasgow na Inglaterra.

Quando poderá uma cura considerar-se milagrosa?

1.ª A cura deve ser instantânea. Uma doença, como a tuberculose, pode tornar-se imperceptível em condições favoráveis, e de novo reviver em condições desfavoráveis. Por isso, se a cura não foi instantânea mas gradual, então pode ser devida ao processo natural da reparação dos tecidos.

2.ª A cura deve ser permanente.

O factor do tempo é exigido nos milagres de Lourdes, porque os milagrados têm de se apresentar ao menos durante um ano, depois do suposto milagre, ou ainda mais vezes.

3.ª A cura deve ser duma doença com sinais objectivos, bem como com sintomas do doente.

Este deve ter sido observado, auscultado por um médico, ou fotografado pelo raio X, ou análise química.

4.ª Deve ser uma cura que não possa ser explicada por um processo natural de cura inerente a todo o tecido vivo.

Inspecção médica

5.ª A cura suposta deve ter sido examinada imediatamente antes e imediatamente depois da cura por um médico ou cirurgião, ou por testemunhas ou testemunhas dignas de crédito.

Uma das objecções levantadas contra o famoso milagre de Pierre de Rudder, que era uma grande ferida aberta na perna do milagrado durante sete anos (resultado duma fractura composta) foi o não ter sido examinado durante 3 meses por algum médico, antes da cura instantânea da chaga purulenta.

Como o falecido professor Wylie F. R. S. (Fellow of Royal Surgeons), sàbiamente notou: «Cada um no seu ofício».

6.ª A cura não deve ser tal que se possa equiparar com outra semelhante onde não houve suspeita de milagre.

Doenças nervosas

7.ª Numa cura de doença nervosa deve haver evidência objectiva duma lesão orgânica tal que exclua perfeitamente doenças de funções como a «histeria».

É digno de notar-se o que em 1747, o Papa Bento XIV, nas suas direcções para a identificação dos servos de Deus» pôs como regra, que as curas associadas com sintoma nervoso não devem ser consideradas como curas para a canonização dos Santos.

N. DA R. — Tradazimos para o conhecimento dos leitores da «Voz da Fátima» a opinião do dr. T. Colvin observando:

1.º que para um facto se julgar maravilhoso tem de ser examinado segundo as leis da S. Igreja que obrigam a um processo rigorosíssimo em que as opiniões dos Médicos são devidamente consideradas mas insuficientes só por si.

2.º Embora uma cura não seja considerada um verdadeiro milagre, não deixa muita vez de ser uma graça especial obtida directamente de Deus por intermédio da Santíssima Virgem como muitas das que são publicadas na «Voz da Fátima».

Tuberculose pulmonar

Ex.mo sr. Director do «A Voz da Fátima»

No último número do jornal que V. Ex.ª muito superiormente dirige, vem inserta uma carta do Ex.mo sr. Américo H. S. Ferreira, R. da Penha de França, 114, Lisboa, onde o meu nome vem citado como tendo eu verificado a cura clínica e radiológica duma tuberculose pulmonar de que êste sr. sofria.

É verdadeiro êste facto, mas há na carta do sr. Ferreira uma omissão que me proponho corrigir: êste sr. foi tratado com ultra-linfa durante aproximadamente 9 meses, primeiramente por outro colega e depois por mim, dando-o eu por curado em 13-XII-933, cura que felizmente ainda se mantém.

Feita esta correcção que me parece indispensável, em apelo para o sr. Ferreira, pedindo-lhe que nas suas manifestações de fé — dignas aliás de todo o respeito — não esqueça os nomes daqueles que tão carinhosa e desinteressadamente o trataram durante a sua grave doença.

Por mim dou-me por suficientemente pago com essa recompensa.

Agradecendo a publicação desta carta no mesmo local e subordinada ao mesmo título da do sr. Ferreira, subscrevo-me com tôda a consideração

de V. Ex.ª At.º V.or

18-IV-935

Forte de Lemos

Fractura

No dia 26 de Julho de 1928, das 17 para as 18 horas, no Castelo de S. Jorge, freguesia de S. Cruz — Lisboa, caiu um carro do esquadrão de caçadores 7 sôbre meu filho António P.ª da Silva Belo, que então tinha 5 anos de idade. Ficou meu filho muito maltratado com fractura na base do crâneo dando em seguida entrada no Hospital de S. José. Os médicos declararam-no como perdido. Eu então, prometi a Nossa Senhora da Fátima que, se meu filho ficasse sem defeito, publicaria tal graça, o que faço agora com o maior prazer, agradecendo a tão boa Mãe êste insigne favor, pois meu filho escapou e ficou sem defeito algum.

Minha filha Idalina também esteve muito doente em 1932, e eu recorri a Nossa Senhora da Fátima que lhe alcançou a cura cuja publicação faço também como prometi.

Santarém

Libânia Ferreira da Silva

Sofrimento no estômago e intestinos

Tenho minha mãe há muitos anos um grave sofrimento no estômago e intestinos, sofrimento que a obrigava a uma contínua e rigorosa dieta, sentindo-se a-pesar-de tudo cada vez pior, chegou nestes últimos tempos a não se poder alimentar com coisa alguma.

Julgando-a já completamente perdida, recorri a Nossa Senhora de Fátima, e com a maior fé que me foi possível dirigi-lhe fervorosas súplicas pedindo-lhe que melhorasse minha mãe a pontos de poder alimentar-se para poder viver mais algum tempo.

Enquanto eu assim recorria ao Céu, meu pai aconselhado pelo médico, resolve que minha mãe seja radiografada para em seguida ser hospitalizada e, possìvelmente, operada se isso oferecesse algumas esperanças. Mas, oh! Divina Providência!! — às 3 horas da madrugada do dia em que devia ser radiografada, minha mãe sentiu em si tal transformação para melhor, que não pôde conter-se de alegria, e chamando todos os filhos para junto de si, disse que tinha sentido grande transformação em si, que lhe parecia estar-se bem.

Aquela hora, todos em côro agradecemos a Nossa Senhora o grande favor que acabava de nos conceder.

Meu pai, contudo, não desistiu de que minha mãe fôsse radiografada como estava combinado com o médico. Graças a Deus, viu-se que minha mãe estava muito melhor e, sem auxílio de medicamento algum começou a poder alimentar-se, coisa que até ali lhe era impossível fazer.

Pedindo a publicação desta graça, como prometi, e para honra de Nossa Senhora da Fátima, agradeço reconhecida.

Maria Rosa Guedes de Sá — do Pôrto.

NA INDIA INGLESA

Da preciosa revista «*Our Lady of Fatima*» (Nossa Senhora da Fátima) que se publica em Cochim pelos cuidados do Rev. Missionário P.ª Martins S. J. transcrevemos algumas das muitas graças que Nossa Senhora tem alcançado para os bons índios:

Cura de tuberculose

Numa carta muito longa Mr. F. A. Dias descreve a cura do seu irmão dum ataque de tuberculose. Principia assim. «Não encontro palavras para mostrar a nossa gratidão a N.ª S.ª da Fátima pelo grande favor que dEla recebemos.

O meu Irmão teve um ataque de tuberculose ficando a vomitar sangue durante várias dias. Foi imediatamente levado para o hospital e o médico assistente declarou que êle morreria antes da madrugada. Depois duma novena à N.ª S.ª da Fátima em que o doente comeu todos os dias algumas gotas de água milagrosa, o médico declarou que só a um grande milagre se poderia atribuir cura tão rápida duma doença tão grave. O Conselho médico, depois de ter examinado o doente, declarou que estava completamente curado e em estado de retomar as suas antigas obrigações.

Graças a N.ª Senhora tornou a arranjar o seu lugar e trabalha até presentemente. V. Rev.ª acredite que recebi de N.ª Senhora os maiores favores e nada menos do que um grande milagre. Como prova de gratidão prometi espalhar a sua devoção por tôda a parte e estou cumprindo a minha promessa.

F. M. A. Dias,

Uma cura extraordinária em Cruakulam

A notícia desta cura extraordinária foi trazida para Cochim por um juiz muito conhecido ali antes que eu tivesse tido conhecimento do caso.

O Dr. Nishimara, (um convertido) esteve há perto dum ano duma grande infecção venenosa nos dedos. Tinha consultado várias médicos e experimentado diferentes tratamentos sem nunca encontrar alívio. Mudou para Cormor mas a mafanga não lhe fêz também nenhum bem, dizendo-se até que já tinha gasto perto de Rs. 1000 sem poder encontrar melhoras. Tendo aplicado a água milagrosa da Fátima cedo-se dentro de muito pouco dias.

Cura notável, assim considerada pelo médico

Zellitherry 19-4-34

É com os mais profundos sentimentos de gratidão e agradecimento que vos escrevo esta carta para vos informar da cura milagrosa do meu Irmão Mr. C. H. Pereira, proprietário do «Cochim Argus» em Cochim.

O meu Irmão adoeceu com uma «febre tifóide» em 11 de Janeiro, encontrando-se muito doente e sendo o seu estado considerado desesperado pelos médicos. Não podia tomar o mais leve alimento, não conhecia ninguém, e recebeu enfim os últimos Sacramentos.

Tendo ouvido falar nas curas milagrosas alcançadas por Nossa Senhora da Fátima, escrevi à minha Irmã de Cochim no dia 9 de Março pedindo-lhe que me obtivesse algumas gotas da água milagrosa da Fátima para as dar a beber a meu Irmão. Tendo ela arranjado a água da Fátima, deu algumas gotas ao doente que continuava inconsciente, começando ao mesmo tempo uma «Novena» em honra de Nossa Senhora.

Nêse mesmo dia pôde já tomar algum alimento e começou a falar pedindo tudo de que precisava.

Havia quinze dias que estava inconsciente sem poder engolir nada e só a um milagre se pode atribuir uma cura tão rápida. Não pode ser atribuída a sugestão, visto o doente estar inconsciente e nem dar sequer pelo que se lhe tinha feito.

V. Ex.ª e Rev.ma pode publicar este facto no seu livro sôbre as curas milagrosas de N.ª S.ª da Fátima.

Também me encontrava muito doente com o que pensava ser uma «apendicite»; receando imenso ter de sofrer uma operação comecei a tomar todos os dias algumas gotas de água da Fátima fazendo ao mesmo tempo uma novena à Virgem Santíssima e nêse mesmo dia me senti curado.

A minha mulher e a minha filha que sofriam imenso de «asma» tomando a água da Fátima sentiram também sensível melhora dos seus padecimentos.

Agradeço imenso a V. Rev.ª a «água» que nos fornecen e envio incluso uma oferta de gratidão para N.ª S.ª da Fátima.

L. W. P.

NA ALEMANHA

Das muitas graças concedidas por N. S. da Fátima na Alemanha, da «*Bote von Fatima*» transcrevemos as seguintes:

14 de fevereiro de 1935 — A minha netinha, uma menina de seis anos, estava na clínica gravemente doente com uma pleurisia. Tinha as costas tôdas cheias de pús e os médicos tinham já perdido a esperança de a salvar. No entanto eu pedia cheia de confiança a N. S.ª da Fátima que a curasse. Na sexta feira, 11 de janeiro quando na igreja de S. Conrado se estava a fazer uma novena pela criança, esta vomitou bem meio litro de pús, facto que os médicos não puderam naturalmente explicar. A 3 de fevereiro por ocasião da segunda novena a N. S.ª da Fátima, a menina saiu da clínica e de então para cá tem gozado de perfeita saúde. Agradeço a N. S.ª da Fátima a cura milagrosa.

Friburg *(Brisgau) 3 de março de 1935* — O meu genro tinha abandonado a igreja. Por intenção dêle fiz uma novena à N. S.ª da Fátima. Ao nono dia caiu gravemente doente e foi levado para a clínica. Durante a noite fêz uma confissão geral e recebeu os últimos sacramentos. A conversão tem permanecido. Graças pois a N. S.ª da Fátima.

Graças diversas

— *D. Vitalina Calaffa Espatuel* — Santos, Brasil, agradece a N. S.ª da Fátima as graças que por sua intercessão obteve em favor do seu filho Evaristo, perigosamente doente. À mesma bendita Senhora agradece também uma outra graça temporal.

— *D. Leticia Barbosa das Chagas e Silva* — Pondá-índia, obteve por intercessão de N.ª Senhora da Fátima a cura do seu marido, — médico, que se encontrava muito doente.

— *D. Maria Amália F. Martins e Carvalho* — Pondá-índia, obteve recorrendo a Nossa Senhora da Fátima, a cura duma pessoa das suas relações que se achava em estado grave.

— *D. Inês de M. Sequeira Coelho* — Mapuçá-índia, tendo recorrido a N.ª Senhora da Fátima obteve a cura de seu irmão Virgilio que desde pequeno sofria de asma encontrando-se, já há mais de um ano, bom.

— *Alvaro da Costa Guimarães* — Novo Redondo, com a maior sinceridade, diz, agradece a Nossa Senhora da Fátima — a quem especialmente pertence, uma importante graça temporal que lhe foi concedida.

Cinco minutos ao cavaco

Um homem é um homem e um gato é um bicho!

— Psi! Ó compadre Silvério? Guarda lá o dinheiro e fala para a gente!

— Desculpa, compadre Simplício, nem te via!

— Donde vens já, tão cedo? E com uma pressa que nem vês ninguém? Parece que tens a casa a arder ou o gado no milho!

— Venho do Mês de Maria. O pior faz tudo de manhãzinha cedo, para o povo não perder o seu trabalho. Costuma-se dizer que dois proveitos não cabem num saco, mas assim cabem. Ao nascer do sol já se tem ouvido Missa, comungado e pedido a Nossa Senhora as suas bênçãos para os trabalhos da vida. Depois, todos podem ainda ganhar o seu dia.

São dois lucros: para a alma, que é por onde sempre devemos começar, e para o corpo.

— Ó compadre Silvério, mas então êle sempre será verdade que nós temos alma? Isso da alma não será uma *história da carochinha*, que os padres inventaram.

— O que dizes, compadre Simplício? Falas a sério ou a brincar?

— A sério, compadre! Conta-me a compreender essa história. Dizem que temos alma: mas eu nunca a vi, nunca a ouvi, nunca a apalpei...

— Então tu só acreditas no que vês, no que ouves e no que apalpas? É caso para te dizer como o outro: Então não acreditas no teu próprio juizo, porque nunca o viste nem ouviste nem apalpaste! Mas há tantas coisas que não se vêem e a-pesar disso existem!

— Venham lá alguns exemplos, compadre Silvério!

— Deus não se vê e existe; os anjos não se vêem, e existem; a electricidade, que passa ali nos fios da Companhia, não se vê e existe; o vento não se vê e existe...

— Perdão, compadre, o vento vê-se nas árvores!

— É falso, compadre. O que se vê não é o próprio vento: vêem-se as folhas a bulir, isso sim! E olha: pregunta aos soldados que andaram na guerra se êles viam os gazes asfixiantes: nem a vista mais apurada era capaz de os distinguir. Mas ai daquele que os respirasse! Era duma vez um fôlego vivo!

— Mas isso que prova, compadre Silvério?

— Prova que há muita coisa que se não vê, mas que existe. A alma não se vê, porque é um espírito e os espíritos não se vêem nem se podem tocar.

— Mas como provas que temos alma, compadre?

— Com muita facilidade, compadre e amigo Simplício. Provo-to com um gato e um relógio de sala.

— Vamos lá a ver como é isso, compadre! Mas é preciso ir à casa buscar o gato e o relógio?

— Não é preciso! Fazes a experiência logo!

Põe diante do relógio o teu gato. Explica-lhe que aquêle relógio é para marcar o tempo, que os ponteiros servem para dizer as horas e os minutos, e explica-lhe para que serve o pêndulo. Emprega nessa explicação uma hora, um dia, um ano, até êle perceber de que se trata.

— O compadre, bem morro eu e mais o gato, sem que êle chegue a perceber patavina! Estás a mangar comigo...

— Não estou, não, compadre! Leva à presença do mesmo relógio o meu afilhado, que tem 8 anos, e dá-lhe as mesmas explicações.

— Ah! êsse já conhece as horas! Não é por ser meu filho nem teu afilhado, mas olha que é esperto como um alho! À primeira, não, mas à 2.ª vez que lhe expliquei para que serve o relógio, ficou a conhecer tudo!

— Agora pregunto eu: porque é que a criança entendeu e o gato não entendeu?

— Ora bolas, compadre! Então queres comparar o pequeno com um animal? Um homem é um homem, e um gato é um bicho!

— Agora raciocina, compadre. Uma criança não se pode comparar a um animal, porquê?

A criança viu o relógio, o gato também viu; a criança ouve-o dar as horas, o gato igualmente; a criança observa o movimento dos ponteiros e do pêndulo, o gato, a mesma coisa. O que tem a criança mais que o animal?

— A criança é gente!

— Não sabes, compadre. Mas eu digo-to. A criança tem uma alma racional, o gato não. Aqui é que está tudo! A criança raciocina, reflecte, medita, faz comparações, tira da cabeça, como se costuma dizer, porque tem alma.

— Ó compadre Silvério, mas se ela tira da cabeça, não é da alma! O nosso pensamento não são os miolos?

— Isso agora é que é uma história pior que a da Carochinha, compadre Simplício! Se a inteligência vinsse do cérebro, (ou dos miolos, como tu dizes) então um boi e um jumento, com licença do compadre, haviam de ter uma inteligência muito superior à nossa, visto que têm mais miolos! E um elefante devia ser um talento como nenhum outro, porque tem uma cabeça enorme! Ora não consta que os burros ou os elefantes fôssem os que inventaram a pólvora, a electricidade, o telefone e o rádio! Portanto, meu caro, o raciocínio, o génio, o talento não são do cérebro, mas sim da alma. Entendidos, compadre?

— Na verdade... lá para que digamos... nestes negócios principalmente...

— Não tens que retrucar, compadre Simplício. Eu podia-te citar muitos exemplos, mas basta mais um. Pões um filho na escola: aprende mal, não estuda, tanto sabe hoje como daqui a 3 meses. Mas um dia prometes-lhe um fato novo e um quebra-nos para a Páscoa, se êle se aplicar e fizer exame. O rapaz tira-se da sua preguiça e resolve-se a estudar. Quando se sente cansado ou tentado para a brincadeira, diz lá com os seus botões: quero estudar a valer! quero fazer exame! quero ficar bem! E ficou. Agora pregunto eu: Porque é que êle aprendeu e triunfou?

— Já se vê! É porque ganhou vontade, com a mira no que lhe prometi.

— Muito bem. E com que é que êle ganhou vontade? Com o corpo não, porque o corpo tendia para a preguiça e para a brincadeira. Foi com a alma! É a alma que diz «*quero*» e nos faz vencer as dificuldades.

— Já estou a ver aonde queres chegar, compadre. A alma é que nos dá o valor e, se não tivéssemos alma com raciocínio, éramos como os bichos do monte.

— Nem mais nem menos, compadre. Se alguém te preguntar, pois, porque é que temos alma, responde:

— *A alma não se vê, porque é um espírito. Mas temos alma, porque temos raciocínio e o raciocínio não é do corpo, é da alma.*

Temos alma, porque temos o pensamento e o pensamento não é do corpo, é da alma.

Temos alma porque compreendemos e o compreender não é do corpo, é da alma.

Temos alma porque não é com o corpo que dizemos «quero», é com a alma.

E é a alma que vence o corpo, quando nós sabemos querer.

ANGELO

PHILCO-RÁDIO

Garante recepção Plena, Clara, Magnífica, tanto em ondas extra-curtas como em médias.

Concessionários:

Arnaldo Trindade & C.ª L.da

RUA ALEXANDRE BRAGA — 66

PORTO

"Voz da Fátima,,

DESPESA

Transporte	575.252$30
Papel, comp. e imp. do n.º 151 (274.610 ex.)	15.232$60
Transp. emb. franquias, etc.	5.483$24
Na Administração	154$70
Total	596.221$84

Donativos desde 15$60

Manuel Cotta — Califórnia, 15$00; Tertuliana de Jesus — Lisboa, 20$00; António D. Silva — Açôres, 20$00; Maria Dias Mor.ª — Arroteia, 20$00; Alice Ramos — Portalegre, 20$00; Henrique Tadeu — Almeida, 15$00; Dr. José M.ª Malheiro — Madeira, 20$00; Alexandrina Rodrigues Maio — P.ª de Varzim, 40$00; Maria Alódia da Silveira — Arrifana, 20$00; Irene da Purif. Rocha — Fig.ª de C. Rodrigo, 20$00; Lídia de Medeiros Fer.r — Porto, 20$00; J. M. Alves — Macau, 65$15; Club Lusitano — Macau, 100$00; Maria Eng.ª Ferr.ª — Turcifal, 20$00; Marcelo Victor — Calheta, 20$; Marquês de Rio Maior, 100$00; Albergue de N.ª S.ª da Fátima, 100$00; P.ª Guilherme Cabral — Açôres, 20$00; José Urbano de Andrade — Açôres, 50$00; M.ª da Conc. Campos — Lisboa, esc. 15$00; Manuel C. Godinho — Alvito, 15$00; Manuel Mendes Matos — Brasil, 30$00; Maria das Dôres — Paris, 50 francos; Antigos assinantes, de Moncão, 151$00; Alice Costa — Vila Verde, 20$00; José da Graça J.r — Estremoz, 20$00; Victória Aug.ta Graça — Estremoz, 20$00; Cândida Mota — Tramagal, 20$00; Cândida Ferreira — Vila Pouca da Beira, 50$00; António P.ª Pichel — Celorico da Beira, 20$00; Delfina de J. Baptista — Celorico da Beira, 40$00; Glória Esquível — Mourão, 20$00; Emília da Encarnação — Lisboa, 20$00; José Joaquim Alves — Pinho, 15$00; Porfírio Gonçalves — Lisboa, 15$00; Inês Jacob — Lisboa, 20$00; José Aug.to César — Rezende, 20$00; Prior do Barreiro, 50$00; M.ª Cândida C. Mendes — Fronteira, 100$00; Laura da S. Esmoriz — Matozinhos, 20$00; José Gil — Cadima, 20$00; Albino da Silva — Telheiro, 20$00; Emília S. Queiroz — Faro, 20$00; Emília C. Nunes — Maracana, 20$00; Alexandre P.ª Rodrigues — Lourenço Marques, 50$00; Filipa Serrão — Faro, 20$00; Henrique da Conceição — Bragança, esc. 20$00; Marcolino Jacinto — Lisboa, 20$00; António Mota Andrade — Coimbra, 20$00; Verina Alves Feixoto — Braga, 20$00; M.ª do Carmo Pitter — Macau, 60$00; Jaime Cunha — Estoril, 15$00; Emídio P.ª Serra — Lisboa, 15$00; José d'Oliv.ª Lagoa — Brasil, 30$00; António Antunes de Sousa — Brasil, esc. 30$00; Manuel Machado d'Oliv.ª — Braga, 50$00; M.ª Costa Carvalho — Ribalonga, 50$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 26$00; M.ª Ana Camilo — Lisboa, 50$00.

DR. FORTE DE LEMOS

Tratamento da tuberculose

(CLÍNICA GERAL)

Rua Ivens-57-2.º

LISBOA

AINDA DUVIDA?

— Bons dias! Como estás, colega?

— Vamos indo, com a graça de Deus.

— Olha, vinha consultar-te...

— A mim? A que respeito?

— Queria comprar uma imagem da Senhora da Fátima e outra de Santo António...

— Ah!... Queres saber qual o artista a que deves dirigir-te, não?

— Ora... isso mesmo!

— Pois nem se pregunta, escreve imediatamente a José Ferreira Tedim, Coronado — Santo Tirso.

A MAIOR REVOLUÇÃO NA INDÚSTRIA FARMACEUTICA

Os Laboratórios Lux — lançaram no mercado diversos produtos de reconhecido mérito scientifico e hoje receitados por milhares de médicos, quer nacionais, quer estranjeiros; eis alguns:

Neurogenina «Lux» — Cura radicalmente o desarranjo dos nervos, anemia, tuberculose, fraqueza geral, artrite-esclerose, falta de apetite, esgotamentos cerebrais, falta de memória, etc.

Fortifical «Lux» — Rei dos tónicos, é o melhor fortificante e aperitivo conhecido. É de preço acessível a tôdas as bôlsas.

Para curar peladas, eczemas, empigens, herpes, caspa, infecções da barba, comichões, etc. use a loção *Trichophytine «Lux»* e ficará curada do seu mal.

À venda em tôdas as boas Farmácias, Drogarias e nos Laboratórios «Lux» — Coimbra-Portugal.

O MUNDO INTEIRO ESCREVE NA MÁQUINA

"UNDERWOOD"

Agentes: Duchel & Antunes, L.da - R. Augusta, 58 - Lisboa - Telef. 2 4321

SENHOR PADRE:

Quere VINHO bom para a **Santa Missa?**

Peça preços a: **António de Oliveira**

Aldeia Nova — NORTE

Os Vinhos do Porto

"Carvalho-Macedo"

existem desde 1861.

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos científicos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P. B. X. n 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO

Telefone 4193

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

É bom lembrar que

O "Nestogéno,,

é um produto de confiança.

É o leite, em pó, da riquíssima região do Avanca.

Alimento perfeito, cientificamente preparado, indispensável à criança sempre que lhe falte o leite materno.

É esta a opinião geral dos médicos portugueses.

Pedidos à

SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS

Rua Ivens, 11 a 15 A

LISBOA

Olha que o teu anjo da Guarda nem sempre te move o apetite à acção ainda que sempre te dá luz à razão; por conseguinte, para alcançares as virtudes não esperes até que te venha o gôsto delas, porque a razão e o entendimento te devem bastar para te decidir. — **S. João da Cruz.**

* * *

Vós, Senhor, levantais com alegria e amor aquêles que vos ofendem; e eu nem levanto nem sou capaz de honrar aquêle que me irrita mesmo sem me ofender. — **S. João da Cruz.**

PHOENIX

Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Águas sobremaneira no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação do C.º do Pôrto própria (Monte Rial).

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — CELTE.

PÔRTO RAMOS-PINTO

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se êles as não trazem, é porque não lhas pedem.

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

O poder da união dos pequenos esforços

Uma quota mensal de uns pobres 20 centavos — o mínimo — que poderá fazer? Atendam.

As pessoas de meia idade recordam ainda decerto uma organização que houve em Portugal chamada o *Vintém das Escolas*. Era um vintém só, mas a obra era hostil ao ensino da doutrina cristã nas escolas e com aquela propaganda se criou o ambiente que permitiu esta coisa vergonhosa no país «fidelíssimo»: o ensino da lei de Deus, foi por lei dos homens, banido das nossas escolas oficiais. Era só um vintém!...

Quantos dêsses infelizes, desnorteados mais tarde por falsas doutrinas e hoje arregimentados nas hostes da desordem, começaram a sua perversão na própria escola primária, porque tudo procuraram ensinar-lhes menos a lei de Deus!

Triunfou a união de milhares de pequeninos esforços para o mal, e agora... olhamos apavorados para o mal que daí resultou!

Felizmente estão hoje despertando os católicos e adquirindo consciência do que podem unidos os pequeninos esforços. Há hoje em torno da *Voz de Fátima* já uns 300.000 católicos que começam a ver as maravilhas que podem realizar as suas insignificantes quotazinhas reünidas.

Que são êsses 20 centavos mensais que até pode dar um pobre de pedir? Nada! Mas se queremos ver a Acção Católica fecunda e pujante em todos os seus ramos, o meio de o conseguirmos não é outro: é criar e empregar a fôrça colossal que êsses trezentos mil esforços reünidos representam.

Temos precisão, por exemplo, de educar e formar homens, que actualmente empregam a sua actividade nesta ou naquela ocupação, mas que fazem falta nos quadros da organização católica, porque Deus os dotou com especiais aptidões. A organização precisa dêles, precisa de utilizar essas aptidões. Mas como, se não tiver meios para os arrancar ao seu actual ganha-pão para que passem, nessas mesmas ou em melhores condições, a servir a causa de Deus?

Isso só é possível dispondo a Acção Católica de abundantes meios. Onde ir buscá-los? A bôlsa, já bastante sacrificada **de poucos?** Não. Mas **ao** esforço pequenino, que mal se sente, **de muitos,** de muitíssimos, dêsses 300.000, e dentro em pouco meio milhão de católicos, que, consciente cada um do que podem os seus 20 centavos mensais — o preço duma caixa de fósforos! — os dão pontualmente.

Outro exemplo.

É sabido que uma obra qualquer, que um homem inicia, se êle tem qualidades correspondentes aos seus bons desejos, tem mais ou menos assegurada a existência enquanto êle viver. Êle que a criou e viu crescer e amparou, nunca lhe faltará com a sua assistência. Mas não há homens eternos! Um dia êle morre; essa obra foi criada num meio pequeno (estamos pensando em várias ao escrever isto!...) e nesse meio pequeno, é natural, não existe outro homem como êle! É preciso substituí-lo — ou a obra fatalmente morrerá.

Mas como, se não há naquele pequeno meio quem o substitua? Deslocando para lá outro dotado do mesmo espírito católico e da mesma competência! Mas como fazer essa deslocação e substituição, se a Acção Católica não dispuser de meios para educar, cá dentro, e no estrangeiro, os homens necessários para todos os ramos da nossa actividade? Hoje o *Cruzado* ao dar mensalmente os seus 20 centavos, tem a satisfação de poder pensar que êles vão engrossar a torrente fecundadora de todo o campo da acção católica. **Isolados nada podiam, unidos podem tudo!**

É esta **consciência do poder da fôrça que a união cria,** que insistentemente devemos formar no espírito de cada cruzado.

Sem noivo e sem dinheiro...

Mariana não é o seu verdadeiro nome — ela não me perdoava se eu o dissesse — mas êste fica-lhe bastante a matar...

Não tem nada a espêto delicado de certas meninas da cidade, passarinhos educados numa gaiola. Coitada... para regalo dos gatos. Pelo contrário e, ou antes, era uma bela rapariga do campo, forte e saudável, mas inteligente bastante ingénua para querer vir tentar a luta pela vida no meio falso e complicado da capital...

Para que teria ela deixado a sua aldeia do Minho tão bonita e tão fresca entre a verdura dos campos?

Para que teria trocado pelo movimento febril de Lisboa a sua vida calma e sossegada que era feita bem para ela e para a sua saúde de bisnetada?

Quem pode saber o que pensa uma rapariga da aldeia, e que sonhos se agitam por detrás daquêles olhos risonhos? Quem? Nem ela mesma talvez saiba dizê-lo.

* * *

Tinha conseguido finalmente encontrar um bom lugar numa agitada casa de gente burguesa, uma casa que deitava para uma avenida pacata e de aparência quasi provinciana.

Havia tempo que as raparigas do género dela, simples nos seus gostos, dedicadas e robustas, eram muito procuradas para o serviço. Se disso precisa ensinavam-lhes a ser um pouco menos simplórias.

Deram-lhes duzentos e noventa trezentos escudos, por um trabalho que não se sabia quando acabava...

...Deviam ser sérias para todo o serviço desde que amanhecia até altas horas da noite e às vezes até à madrugada seguinte... quando a Senhora ou o Senhor recebiam os seus amigos!...

É claro que tudo isto tinha as suas compensações além dos salários habituais e dos vestidos usados em patroa... Eram a ilusão do luxo na casa dos outros... uma alimentação variada e saborosa... depois das refeições dos Senhores... e o ginja e a novidade das saídas uma vez por semana...

Não era pouco mais para seduzir uma pobre aldeã...

* * *

Os patrões da Mariana eram bons, excelentes pessoas que tinham a todos os seus criados uma certa liberdade de acção e de coisas religiosas... Para êles só o serviço é que contava.

Chegaram até a apreciar as informações duma directora de Asilo ou duma prior de aldeia porque tôdas as precauções eram poucas para garantir as virtudes que os seus serviçais teriam de praticar na sua casa...

Mas as virtudes criadas... não deviam alterar o serviço. Quere dizer que era com grande sacrifício que se conseguia arranjar tempo de ir à Missa ao domingo, que a «obrigação» dos sextas-feiras, não podia guardada pelos patrões, também não o podia ser pelos criados... que os sábados do quinto andar deixavam muito a desejar debaixo do ponto de vista higiénico... que se jantava instantâneamente à hora das costuméias da Quaresma... e que era quando se acendiam as luzes dos teatros e cinemas que os criados tinham uns momentos livres para sair...

Para disto podiam dispôr do seu tempo como quisessem!

* * *

A excitação das «festas» sonde não se cobiçava mas que se podiam espreitar, a celebridade daquelas saídas tão tarde, o bolamiento duma Mariazita no meio da rua, a atracção das luzes e da música...

Como se podia resistir; porque se havia de resistir e o que diria Deus para resistir?...

E depois a Mariana tinha trocado conhecimento com um rapaz lindo como um Apolo... um Apolo muito ondulado e perfumado... que era cabeleireiro ali no bairro e que tinha livres passamentos às mesmas horas que ela tinha, um rapaz que ainda por cima dançava na perfeição...

Como era agradável sentir-se levada ao som duma música animada por um par tão distinto que era excessivamente o contrário daqueles desgraçados rapazes lá da aldeia, — e, que pannos lhe ptavam os pés bem calçados...

Para que se havia de resistir a êste ambiente tentador? Não tinha mal nenhum...

Cismava o que desta sonhar a Marianinha quando entrava à noite no seu quarto do sótão depois de ter passado aquelas horas tão doces e cheias de luz, de música e de alegria doida!...

* * *

E os vélhos pais que ficaram na aldeia, também-êles felizes a-pesar-de tudo, a-pesar-de estarem longe da filha querida...

Não ainda essa filha a tratar de *fazer a sua vida*?

Não é verdade que ela ganha muito dinheiro... e facilmente arranjará o trabalho duns anitos a ser bem duro? Os filhos devem pensar pelas horrorosas provações que os pais? Não têm o direito de fugir a isso?

E depois a Mariana já está para casar.

O Bolvo quere abrir uma loja de trabalheiro... logo que tenha bastante dinheiro para isso. Ambos recolhem juntar as suas economiazinhas, e os velhotes adiantarão algumas notas tiradas no seu pé de meia.

Como os noivos são igualmente simpáticos e atenciosos não-de ter tenda clientela...

Pode supôr-se tudo quanto há de melhor...

E todas as semanas as cartas trazem novas notícias.

* * *

A Mariana confiou, pelo do seu Apolo tôdas as suas economias e ainda as quatro notas mandadas da aldeia. Aquilo continuou-se entre duas danças, no bufete duma quermesse

qualquer. Tinha o seu dinheiro guardado na carteira encarnada, que nunca saía da algibeira do casaco.

E todo êsse dinheiro representava ao mesmo tempo um passado de sacrifícios, de trabalho e privações e... o futuro risonho e côr de rosa...

A Mariana deu tudo aquilo «simplesmente com plena confiança, sem outras garantias..., que não fôssem os sorrisos do rapaz, e seis ou três cartas além das suas promessas...

* * *

Adivinham talvez o que aconteceu. O Apolo, que tinha sido despedido pelo patrão, andava à procura doutro lugar... Há três semanas desaparecera, e não dá notícias: o seu antigo patrão não sabe o que êle tencionava fazer...

Não deixou a direcção no quanto ao que devia proceder imediatamente.

E o comissário de polícia ao ouvir esta história banal que a pobre Mariana lhe conta a soluçar desamparadamente, não pode reprimir um sorriso diante de tamanha ingenuidade.

A Mariana, coitada, teve de contar o seu lugar a uma Judia que chegara, fugida há poucos dias, da Alemanha.

Escrevo, pois, estas linhas, para que me ajudem a arranjar outro lugar para uma pobre Marianinha sem dinheiro e sem abrigo, que se encheu de tristeza e de vergonha e que não se atreve a aparecer assim na sua terra.

Mas também e sobretudo para dizer às raparigas portuguesas das aldeias: «Não abandonem a sua pároquia, e nas suas relações, se essa for a vida do campo fiem e sedie, e o futuro é leal companheiro de demanda, para virem aumentar o número, infelizmente grande, de tôdas as Marianas que arrastam o seu fardo de misérias e muitas vezes de vergonha, nas ruas perigosas da cidade!

(Adaptado de URBAIN MILLY)

PARA SALVAR OS OUTROS

Oremos e apostolizemos

Os doze Apóstolos rezaram e trabalharam também.

Porque sabiam que se a oração é necessária à obra apostólica, sòzinha, geralmente não é bastante; que para entrar nas almas e aí produzir os seus frutos ela precisa de conquistar essas almas pelo caminho do sacrifício e das fadigas do zêlo apostólico.

Para se convencerem desta verdade bastava-lhes olhar para Cristo, que passava as noites a rezar e os dias a procurar os transviados, os pecadores, a pregar o Reino de Deus, a aproveitar a mais pequena ocasião para lançar a semente da «Boa Nova».

Foi assim que êles fizeram também. Rezavam sem parar, e sem parar o seu zêlo encontrava na oração um novo ardor que levava-os a fundar novas obras, a conduzir para novas terras, e para além de novos mares, o nome sagrado e adorado de Cristo.

Não exagero. Leiam as epístolas de S. Paulo e lá verão que é nisto que está o segrêdo dos triunfos extraordinários dos primeiros Apóstolos.

Não é só na oração, não é na acção isolada, é na união duma e doutra: melhor, na acção inspirada pela oração; melhor ainda, na acção consequência duma vida intensa de oração.

Seguindo os exemplos de Cristo e dos Apóstolos não deixemos nunca de juntar a oração à acção.

A Igreja, que nos lembra o dever duma, não quere que esqueçamos o grande dever da outra.

Muito a propósito Leão XIII insiste nesta verdade: que a fé, graça verdadeiramente graça, tem contudo necessidade do auxílio dos Apóstolos para conseguir entrar nas almas.

«É claro que a fé, como virtude, é um dom precioso da graça e da bondade divinas; mas as coisas a que ela deve destinar-se não podem ser conhecidas senão pela pregação: «como é que os homens hão-de acreditar naquilo que não conhecem? Como hão-de ouvir se ninguém lhes fala? A fé vem portanto por meio do ouvido, e aquilo que se ouve vem da palavra de Cristo. Ora como a fé é indispensável à salvação, conclui-se necessàriamente que a palavra de Cristo tem de ser pregada». *(Sapientiae christianae).*

Os que procuram a Luz... e os que trabalham nas trevas.

Foram deveras consoladoras as numerosas comunhões pascais de estudantes, operários, etc. que se realizaram em Lisboa, Pôrto, Coimbra e em vários outros pontos do país.

A mocidade de ambos os sexos e de tôdas as classes, formou, às centenas, em torno do Cordeiro Imaculado, uma verdadeira coroa de glória, que nos consola de tantas coisas tristes do nosso tempo!

* * *

«Também não podemos deixar de nos referir à lei que foi votada pela Assembleia Nacional e destinada a impedir a maléfica acção das associações secretas, e, em especial, da nefasta Maçonaria.

Foram notáveis os discursos proferidos no Parlamento, quando se discutiu o projecto, apresentado pelo sr. dr. José Cabral.

A nova lei procura impedir os manejos criminosos dos que vivem na sombra.

Já há dezenas de anos que as leis portuguesas proíbem a existência de associações secretas.

E, a-pesar disso, elas continuaram a prestar os seus «bons» serviços e a dar leis ao país...

Fumos lembrar um escalracho sempre pronto a minar, — até quando se supõe que a terra foi regada com um desinfectante.

Portugal, combatendo uma vez mais a Maçonaria, segue o exemplo dos países mais prósperos da actualidade.

R.

"O TRABALHADOR,,

Completou no dia 15 de abril, um ano de vida O TRABALHADOR, quinzenário defensor do operariado, com orientação cristã.

Não é um aniversário banal o desta folha vigorosa, que no coração da capital arvorou o estandarte das justas reivindicações das classes trabalhadoras, que os agitadores de profissão, aproveitando a emissão interesseira que as oprime por defeito da organização social, procuram arrastar para a desordem. O TRABALHADOR, abre os olhos a tôdos quantos vivem do seu trabalho, é o porta-voz das suas aspirações e ideais as Coutinhas sociais da Igreja, claramente, em contrário do que afirmam os caluniadores do movimento social cristão, que o seu programa não se cinge em apresentar como remédio a caridade, mas proclama as exigências estritas da justiça.

Bem haja êste grupo de homens, que em volta do simpático jornal se agrupam para instruir e defender as classes trabalhadoras. Que estas palavras de homenagem e agradecimento pelo seu desinteresse, estampadas no jornal de maior tiragem que há em Portugal, provoquem uma expansão cada vez maior do TRABALHADOR. Jornal dos humildes, o seu preço, a-pesar-de formato grande, da riqueza da leitura e da qualidade do papel, é apenas de **5 escudos** por ano, para operários e empregados, de **10 escudos** para os protectores de tão necessária publicação. Todo o trabalhador deve destinar no seu modesto orçamento familiar êstes 100 centavos por trimestre para receber em casa o paladino cristão das classes trabalhadoras. E aquêles a quem Deus favoreceu com mais fartos recursos, pensem na perversão que outras fôlhas estão fazendo dos meios trabalhadores para a derrocada social em que mais perderam os que mais têm que perder, e não recusem mandar a sua assinatura protectora, ou qualquer subsídio de propaganda, ao valoroso TRABALHADOR. A redacção é em Lisboa, Rua de S. Tiago, 18.

E que no segundo ano de vida o TRABALHADOR atinja as filas da organização operária católica o dôbro dos milhares de trabalhadores que já o recebem e propagam é o que muito cordialmente lhe desejamos.

Um postal precioso

Tôda a gente deve adquirir um dos lindos postais ilustrados e numerados que a Editora «Lux», Rua de S. Julião, 142-1.º, Lisboa, editou.

Porquê? Porque cada postal tem uma engraçada anedota ilustrada e tôdas são absolutamente limpas.

Porque a pessoa que tem um postal dêstes vê tôdas as semanas, **durante um ano,** se o número que levá impresso cada postal, vem na lista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa com o 1.º prémio (ou com alguma das duas aproximações) e se vier manda o postal **em carta registada à Lux,** e recebe para uma das lotarias seguintes **um décimo** com o qual, se a sorte quiser, pode ter um prémio que poderá ser até de **6 contos** e êsse prémio é distribuído assim: **2 contos** para o postal que tiuha o número da Sorte Grande e **4 contos** para cada postal com os números das 2 aproximações! Mais: se o décimo não ganhar nenhum prémio, o possuidor de cada um dos 2 postais receberá como **prémio de consolação o primeiro ano** completo da engraçadíssima revista alegre Vil Lil Rif que contém mais de 1.000 anedotas, gravuras e contos alegres, e tudo limpo, porque esta revista criou-se para combater as porcarias que a pretexto de graça corrompem quem as lê.

E cada postal **custa só 10 centavos e dura um ano,** desde fim de maio de 1935 ao fim de maio de 1936! Por **10 centavos** vive-se um ano todo na esperança de apanhar umas dezenas de contos ou uma verdadeira mina de alegria aí.

Como a quantia é tão pequenina convém que várias pessoas se juntem e uma só faça o pedido, que se manda à cobrança, se não vier acompanhado da respectiva importância. Mínimo que se pode pedir **5 postais:** 5$00; cada um a mais, mais 50 centavos. Para revendedores, **um cento:** 40$00.

Ninguém deixe de comprar para si ou para brindar amigos êste precioso postal dirigindo os pedidos à

Editora «Lux»
Rua de S. Julião, 142-1.º — Lisboa

A ORGANIZAÇÃO DOS "CRUZADOS DA FÁTIMA,, VAI PROGREDINDO

O último n.º do *Boletim da Diocese da Guarda*, que temos presente, mostra-nos que nesta vasta diocese, estão já constituídas mais de 2.200 tercenas.

Registemos os nomes das paróquias com mais de 30 tercenas constituídas: Aldeia da Ponte (43), Ruivina (68), Almeida (37), Louriçal do Campo (34), Vale de Prazeres (40), Celorico da Beira (3 freguesias, 53), Conceição, da Covilhã (140), Erada (53), S. Martinho, da Covilhã (71), S. Pedro, idem (38), Tuizoo (46), Unhais da Serra (31), Fundão (53), Sé, da Guarda (97), St.ª Maria, de Montelgas (52), Vale de Lobo (46), Fornos de (39), Rochoso (45), Cazegas (43), Trancoso (2 freguesias, 47).

Que o movimento se propague, com intensidade proporcional, por todo o país, e sem demoras!

Assim o exige a glória de Deus e a salvação das almas, nesta hora em que tantos trabalham enraivecidamente contra estes inegualáveis objectivos!

Para as senhoras lerem

QUEM FAZ AS MODAS?...

Hoje em dia já não são as princesas nem as mulheres elegantes quem cria a Moda.

Esta dominou em que a mulher outrora era ràpida subjugada quási inteiramente à sua influência.

Reünem-se uns homens de negócio cuja principal preocupação é o lucro, o dinheiro, embora tenham de sacrificar-lhes o bom gôsto, a modéstia e o pudor mais elementar, procurando do mesmo passo satisfazer os caprichos duvidosos de certa categoria de mulheres e... criam a **Moda!**

Não se preocupam com a beleza da mulher; nem intimamente da estética e da decência; o dinheiro, o lucro imediato é o seu objectivo, é o segrêdo da Moda.

Feita a escolha, criado o modêlo, urge lançá-lo em público. Como? Uma actriz, ou uma semi-mundana, ou mesmo uma mulher pública aparece num teatro elegante, numas corridas, num concurso hípico, num casamento de pública decência ou de burguesas endinheiradas, numa palavra, aparece nem dêsses lugares onde a mulher vai para ver e sobretudo vai para ser vista.

No dia seguinte, os seus dos jornais, as fôlhas dos boulevards, as revistas da actualidade reproduzem o modêlo e as conversas dos salões comentam o acontecimento ou melhor o sucesso de Madame X ou de Mademoiselle Y, descrevendo a inovação como a última e mais perfeita manifestação do bom gôsto. E logo, a mulher fascinada, seduzida pelo desejo arrebatador do chique, da originalidade, do dar nas vistas, corre sem pestanejar, a rebuque de qualquer Madame ou Mademoiselle galante e inundam que por sua vez trabalhou ao serviço dos costureiros e dos negociantes.

Esta a origem da Moda contemporânea. Mas não é tudo... A Moda não é apenas um negócio, uma especulação em alta escala; serve maravilhosamente de instrumento de desmoralização. Os inventores da Moda trabalham ordinàriamente às ordens dum poder oculto que se propõe a emancipação completa e integral da mulher. É um artigo do programa maçónico. Há mais de um século que a palavra de ordem dada pela Maçonaria é promover a corrupção da mulher. Que um depoimento insuspeito.—«Não empreendemos a corrupção em grande escala que deve conduzir-nos a encontrar a Igreja num tômbolo. Há tempos, um dos nossos amigos ria-se dêste projecto dizia: «para acabar com o Catolicismo é necessário suprimir a mulher». Estas palavras encerram a verdade, mas, já que não podemos suprimir a mulher, corrompamo-la... Não deixemos de fomentar a corrupção. Tertuliano dizia com razão: «que o sangue dos mártires era semente de cristãos»; nada, portanto, de perseguições, não façamos mártires, popularizemos o vício nas multidões. Que o respirem pelos cinco sentidos, que o bebam, que se saturem dêle. Corrompei os corações e não haverá mais católicos».

É para que tais projectos tivessem realização, compreenderam que não havia veículo mais adequado, agente mais eficaz do que a Moda.

Eis a razão por que a Moda, de ano para ano, se torna mais atrevida e impúdica.

De mais, tôda a gente medianamente culta sabe que Lenine preconizou a destruição da família pela abolição das fronteiras dos sexos e que aconselhou a destruição da tida «indumentária sinistra, que na civilização cristã veste as almas e os corpos, como o meio mais seguro de qualquer e organização social...

(Duma das conferências que Mons. Pino Bello realiza às 5.ª feiras, à noite, no pôrto radiofónico de Radio Cidade Portuguesa).

CONVERSANDO

Viveiros de cidadãos úteis ou fábricas de fadistas?

— Ora muitos parabéns, sôr professor! É a hora de se dar parabéns a todos os verdadeiros educadores. Já se ficou sabendo que a moral que se deve ensinar nas escolas, é a moral cristã...

— Ah! também lá te chegou? Foi um decreto que honrou verdadeiramente a Assembleia Nacional. E todas as mães portuguesas deveriam fixar o nome da Mulher ilustre que apresentou essa proposta, e que é Reitora do principal liceu feminino do país: a dr.ª D. Maria Guardiola.

Com a sua proposta, ela continuou a acção verdadeiramente patriótica de tantas notáveis figuras de mulher que enaltecem as páginas da nossa História.

E veio mostrar-nos mais uma vez... o que ainda na nossa última conversa tínhamos dito: que o ressurgimento do nosso querido Portugal há-de ser em grande parte obra das mulheres portuguesas.

— Não há dúvida. Elas, quando querem, podem muito!

— Parece-me que era o Napoleão que dizia que os braços das mulheres, sendo tão fracos, sustentam os destinos do mundo.

E se as coisas têm corrido tão mal, foi em grandíssima parte, porque muitas mulheres esqueceram os seus deveres de educadoras, e deixaram de vigiar e orientar a educação dos seus filhos.

Deixa-me contar-te, a propósito, uma frase cheia de verdade. Li, há pouco, um livro dum grande escritor francês que dizia uma coisa... que tôda a gente sabe, afinal.

É isto: que muitos dos que na vida pública, nada querem com a Religião, quando se trata de educar os filhos, e sobretudo as filhas, vão entregá-las a colégios congreganistas.

Dizia o tal escritor: «Quem tem encargos de família e a responsabilidade de educar os filhos, tem em regra o bom senso de se deixar de escolas sem Deus nem Religião».

E o mal da França — concluia — é ser governada por homens sem família!

— Eu até me lembro dum prègador que uma vez disse: Uma das melhores receitas que Deus usa para dar juízo aos que o não têm, é o nascimento do primeiro filho.

— Mas, retomando o fio, num regímen que quere fazer *política de verdade*, aquêle esclarecimento não se podia dispensar.

O professor — mandava a lei — devia cuidar da educação moral dos seus alunos. Mas que *moral*, preguntar-se-ia?!

A moral dos mouros ou a dos bolchevistas que também dão o nome de moral às suas imoralidades?!

Mas isso seria no campo da educação da mocidade, fazer *tudo contra a nação*, contra as nossas tradições. Porque é preciso não esquecermos que Portugal foi grande, abraçado à Cruz, enquanto andou, como escreveu Camões, a dilatar no mundo a *Fé* e o *Império*.

Poderia lá admitir-se que na *Terra de Santa Maria* se ensinasse nas escolas outra moral diferente da que prègou Nosso Senhor Jesus Cristo?!

— Está claro! Até parecia que já nem éramos portugueses!

— Portugal viveu sempre unido à Fé Católica. É uma coisa que se está continuamente a ver, nas páginas da nossa História, nas pedras dos nossos monumentos, no velame das nossas caravelas, que descobriram o mundo, nos padrões que os nossos navegadores erigiram pelas costas da África, da Ásia e da América. Portugal, meu rapaz, não se contentou com ser católico para si. Fêz mais, fês aquilo a que todo o católico está aliás obrigado: foi apóstolo, foi missionário, fêz baptizar milhões de pretos e de índios...

— Ensinar nas escolas uma moral diferente da cristã seria um contrassenso, era um crime!

— E seria mais um atentado contra a liberdade, dos muitos que se têm praticado em Portugal. Seria uma afronta ao sentir da grande maioria dos pais portugueses, que têm o direito, natural, de educar os filhos segundo as suas idéias.—

— Quem manda nos meus filhos, sou eu — está claro. Venham cá à aldeia prègar-nos que não é aos pais que pertence dizer como há-de ser a educação dos filhos — e verão o piparote que apanham!...

— Além disso, a escola sem moral cristã não dá nada, esta falida! Ainda há pouco um professor da universidade me dizia que a Igreja só poderia deixar de educar as crianças e o povo, se se arranjasse uma outra coisa qualquer para pôr no lugar dela. «Mas — atrevo-me até das palavras que êle empregou — que diabo é que havia de ser! Sim, o que havia de ser?!»

Lá disse o nosso grande Poeta António Correia de Oliveira que uma escola é comparável a uma lâmpada: pode ser de ouro e prata, e estar cravejada de pérolas e brilhantes... Mas, *se lhe faltar o óleo religioso, será uma lâmpada apagada...*

Tu gostas de cantigas, pois aí vai uma dum poeta notável:

Desta escola a uma prisão
Vai um caminho agoireiro:
A escola produz o grão
De que a enxovia é o celeiro.

Escolas sem moral cristã são, como disse o poeta que não era nenhum beato, fábricas de criminosos. Pelo menos, são escolas onde se não aplica às gerações novas a vacina que as impedirá de resvalar para o crime e para a devassidão.

Sem moral cristã, que vacina é que se lhe há-de aplicar?!

Quando em França se discutiam estas coisas, o deputado socialista (nota bem: *socialista*) Maurício Allard gritou em pleno Parlamento: «*Que produz a escola sem religião e sem moral?*

— **Produz fadistas!**

— Bem metida!

— E olha que não é preciso sair de Portugal para se avaliar bem tristemente como esta frase foi justa!

— E assim se vai endireitando a educação da mocidade, e ao mesmo tempo satisfazendo as reclamações dos católicos, que são a maioria do país!

— Não exageres. Vamos devagar. O que se fêz, é alguma coisa a bem da nação, mas está ainda longe do que deve ser, do que é preciso que seja, ao que fazem já muitos países, dos mais civilizados.

Havemos de voltar ao assunto.

X.

Um grande meio de propaganda

Então já tomaste a resolução de pôr em prática o que a Voz da Fátima aconselhava, no último número?

Dizia que todos os católicos deviam ler em público os bons jornais, para que as outras pessoas, vendo-os, se interessassem também por êles.

Ninguém poderá ler as publicações católicas, e beneficiar portanto da sua leitura, se não souber primeiro que elas existem...

É uma coisa que se mete pelos olhos dentro e que nunca deveremos esquecer.

Portanto, vamos a aplicar a receita: **LER SEMPRE OS JORNAIS CATÓLICOS EM LUGARES ONDE OUTRAS PESSOAS OS POSSAM VER!**

Pia União dos "Cruzados de Nossa Senhora de Fátima,,

Que é?

Uma associação auxiliar da Acção Católica Portuguesa.

Que pretende?

1.º — Promover a santificação dos Cruzados de Fátima;

2.º — Interceder junto de Nossa Senhora de Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;

3.º — Colaborar, especialmente pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;

4.º — Orar pelos Cruzados de Fátima e pelas almas do Purgatório, especialmente dos Cruzados falecidos; pela conversão dos pecadores, pelos doentes e por tôdas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora de Fátima; pelas missões entre cristãos e infiéis, especialmente nas colónias portuguesas.

Que custa ser «Cruzado»?

Custa apenas o sacrifício de 20 centavos (dois tostões) cada mês, menos de um centavo cada dia!

Para que serve ser «Cruzado»?

Serve para promover poderosamente:

a) a salvação própria,
b) a salvação do próximo,
c) o triunfo da Igreja,
d) a glória de Deus,
e) a prosperidade da família e da Pátria.

Espécies de «Cruzados»

a) remidos os que dão uma só vez 500 escudos;

b) bemfeitores os que contribuem com a quota mensal mínima de 30 centavos;

c) ordinários os que contribuem com a quota mensal mínima de 20 centavos.

DEVERES E DIREITOS

I — Deveres dos Cruzados de Fátima

Dos Cruzados de Fátima exige-se apenas:

1.º — que procurem viver cristãmente;

2.º — que paguem pontualmente a respectiva quota.

II — Direitos dos Cruzados de Fátima

Todo o Cruzado tem direito a:

1.º — Receber todos os meses a *Voz da Fátima*;

2.º — Participar na missa que cìclicamente se celebra em Fátima pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

3.º — Participar nas missas que em tôdas as Dioceses se celebrem pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

4.º — Participar em todos os actos de piedade e caridade realizados por intermédio da Pia União;

5.º — Lucrar trezentos dias de indulgência tôdas as vezes que recitar, nas condições requeridas, alguma das seguintes jaculatórias:

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o Santo Padre»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o nosso Episcopado e o nosso clero»

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei a Acção Católica».

6.º — Gozar as graças e privilégios que a Santa Sé, já solicitada pelos Prelados portugueses, venha a conceder à Pia União dos Cruzados.

A «Voz da Fátima» está espalhada em tôdas as freguesias de Portugal.

Uma profecia

que deu num fiasco

Há cem anos, em Paris, e nas grandes cidades da França, as classes mais elevadas não ligavam importância nenhuma à Religião.

Nas universidades, os professores falavam das Crenças como duma coisa que estava a acabar.

Os estudantes eram, em regra, inimigos da Idéia Religiosa.

Um romancista do século passado, falando da catedral de Paris escreveu que não tardará que ela tenha desaparecido, e com ela a Igreja Católica...

Fêz agora cem anos que o grande prègador dominicano Lacordaire começou na citada Sé de Paris as suas conferências — que deram brado.

Haviam sido promovidas por um pequeno grupo de estudantes, à frente dos quais se achava Ozanam, o grande fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo. A propósito, lembremos mais uma vez que é desejo ardente de S. S. Pio XI que em cada paróquia haja pelo menos uma Conferência Vicentina. Não esquecer...

Pois foi muito festejado em Paris o 1.º centenário das notáveis conferências de Lacordaire.

A catedral apinhou-se com a fina flor dos senhores doutores (como diz o nosso povo) e uma brilhante representação da agremiação literária e scientífica mais importante da França, que é a Academia Francesa.

Os tais Profetas que anunciavam a morte próxima do Catolicismo — ficaram mais uma vez comidos...

Dizia-o grande escritor católico Montalembert que, nêsses tempos, a presença dum rapaz na igreja causava tanta surpresa como a dum viajante cristão numa mesquita dos mouros.

Havemos de reconhecer que, mesmo em Portugal, o mundo hoje faz um bocadinho de diferença...

Quereis um bom jornal para crianças? Assinai

O PAPAGAIO

Além das secções usuais nas publicações infantis, insere lições humorísticas de francês e inglês.

Em poucas horas venderam-se milhares de exemplares do 1.º número!!

Sai às 5.as feiras, e custa só 1 escudo!

Condições de assinatura: 10 números, 10$00; 20 números, 20$00; semestre, 26$00; ano, 50$00.

Dirigir-se à Redacção — Rua Capelo, 5 — 2.º E — Lisboa (Telef. 23380).

Ano XIII — Fátima, 13 de Junho de 1935 — N.º 153

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário de Fátima»

Fátima, maravilhosa epopeia de Fé

Portugal aos pés de Maria

«Fátima, local bendito, onde não há desordens, sem armas, nem discussões, sem discordâncias, nem distinção de classes, mas um só povo, unido no pensamento e com só amor: Deus por intermédio de Nossa Senhora.

(Câmara Manuel de Mello, no seu belo livro *A luz duma ideal*).

Mais uma vez, no já longo decurso de dezóito anos, o planalto sagrado de Fátima, que a celeste Padroeira dos portugueses seis vezes santificou com a sua presença e mil vezes com as suas graças e as suas bênçãos de Mãi carinhosa, foi teatro dum dos espectáculos mais belos e mais comoventes que é possível contemplar sôbre a terra e que constitui, nas proporções colossais da sua grandeza de maravilha, o expoente máximo da fé e da vitalidade religiosa dum povo.

Com razão, o indefesso arauto de Cristo-Rei, P.e Matéo Crawley, apalpando a poderosa e benéfica influência de Fátima nos indivíduos e nações até aos confins do orbe, abarcou, com a intuição profunda dum génio, a sua incomparável magnitude de facto religioso divinamente transcendente, e exclamou: *«O Santíssimo Coração de Jesus amou tanto Portugal que lhe enviou, com o seu doce sorriso de Mãe, Nossa Senhora de Fátima».*

É, na verdade, aquela estância de graças e de prodígios é hoje, mais que nunca, uma coluna gigantesca de luz e de fogo que ilumina as almas e aquece e abrasa os corações, desprendendo-os dos liames da terra e elevando-os santamente para o Céu.

Portugal é mais nobre e mais belo, possui novos encantos e novos esplendores, tem mais pureza e virtude, depois que a augusta Rainha dos Anjos quís ungí-lo com o perfume da sua graça e do seu amor, dignando-se pousar os pés virginais e imaculados na copa da humilde azinheira da Cova da Iria.

Uma forte rajada de sobrenatural sopreu sôbre esta privilegiada terra de Santa Maria e fêz cair, dum extremo ao outro, em tôda a vasta extensão do seu império, uma chuva copiosa e preciosíssima de graças que a santificam, redimindo numa eternidade de glória, a alma cristianíssima de Portugal, de tantas culpas individuais e de tantas iniqüidades colectivas.

Hoje em dia, Fátima é, na realidade, mercê dos eflúvios celestes e portentosos que dela emanam e que actuam por tôda a parte com a sua energia espiritual e redentora, vigorosa e irresistível, o polo magnético das almas, e o centro de atracção dos corações.

E a torrente das peregrinações continua de ano para ano, formidável e impetuosa, catrapeando já, nas suas últimas vagas, elementos importantes pela qualidade e pelo número, procedentes doutros povos e doutras línguas.

O venerando Santuário da Lourdes portuguesa, santuário nacional por excelência e escrínio precioso da Pátria, começou já a revestir, para glória de Deus e honra da Virgem, o carácter do seu irmão mais vélho de além-Pirineus: o carácter de santuário internacional.

No dia treze de Maio, espanhóis e franceses deram-se mútuamente as mãos e confraternizaram com os filhos de Portugal, no novo solar da Padroeira por Ela própria escolhido, inspirados pela mesma fé e impulsionados pelo mesmo amor ardente e filial para com a excelsa Rainha do Céu.

O pènalto bemdito de Fátima ergue-se agora, sob a mão prodigiosa da nobre Padroeira da Nação, à mesma altura espiritual e mística em que se encontram os cabeços agrestes da Serra do Pilar e os cumes nevados dos Altos Pirineus.

Fátima, inefável jardim de encantos, florido de graça e de milagre, delicioso cantinho do Céu, portentosamente engastado no coração da Pátria lusa, estância santificada pelo martírio incruento e voluntário de mil almas que se inolam pela salvação de Portugal e do mundo, salve, mil vezes salve!

Felizes, mil vezes felizes, aquêles que têm a sorte de poder ajoelhar no limiar do teu Santuário augusto e oscular o teu solo empapado de lágrimas e de sangue, de tantas lágrimas puras e de tanto sangue generoso!

Longe de ti, na terra do exílio..., como o exílio na terra parece ainda mais triste e mais duro ao peregrino que, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas e de misérias, vai em demanda da Pátria querida, a caminho da Fátima celeste!

Visconde de Montelo.

A GRANDE PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE MAIO

A caminho de Fátima

Como nos anos anteriores, a preparação da grande romagem nacional do dia treze de Maio ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima começou a efectuar-se com alguns meses de antecedência. Sob a direcção dos respectivos pastores de almas, por tôda a parte, de norte a sul, nas cidades, vilas e aldeias, desta boa e cristianíssima terra de Santa Maria, organizam-se grupos de peregrinos, alugam-se automóveis e camionetas ou fazem-se inscrições para a viagem em caminho de ferro.

Diversos factos concorrem poderosamente para que a data de treze de Maio seja assinalada no corrente ano por uma afluência extraordinária de fiéis à estância privilegiada da Cova da Iria.

Vai-se comemorar o décimo oitavo aniversário da primeira aparição da augusta Rainha do Rosário aos três humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel.

A Juventude Católica Feminina, escol de almas generosas iluminadas pela luz duma fé viva e impulsionadas pelo mais acendrado amor de Deus e da Virgem, promove para essa ocasião a sua primeira peregrinação nacional à Lourdes portuguesa, Santuário augusto em que vibra a alma e palpita o coração de Portugal.

A pé, percorrendo dezenas de léguas, a cavalo, em bicicleta, de automóvel ou *camionette*, pelo caminho de ferro, emfim, utilizando os mais heterogéneos meios de locomoção e transporte, os romeiros enchem as estradas de lés a lés, formando um caudal permanente, uma torrente colossal de pessoas de tôdas as classes e condições sociais, que desagua sem cessar no mar imenso do recinto das aparições.

O trânsito nas estradas às últimas horas da tarde, é difícil e tornar-se-ia impossível, se não fôsse dirigido, com elevado critério e extrema paciência e dedicação, pelo comandante das fôrças da Guarda Nacional, auxiliado pelo pessoal da Junta Autónoma das Estradas.

Foi preciso improvisar, nas imediações do Santuário, novos parques de estacionamento para comportar o sem número de veículos que transportavam os peregrinos.

Com êstes vieram também os nobres Prelados de Evora, Beja, Algarve, Viseu e Leiria, assim como o ilustre e venerando Senhor Bispo de Madrid.

Quási ao pôr do sol, o céu, até então nublado e triste, desanuviou-se por completo e o vento, que era frio e agreste, cessou de soprar.

Numerosos devotos cumpriam promessas, arrastando-se de joelhos sôbre a terra nua até à santa capela das aparições.

Em frente da branca Imagem da Virgem do Rosário, erguida no seu pedestal de glória, ardem constantemente centenas e centenas de cirios e velas, frisante símbolo da fé viva e da piedade ardente dos portugueses e testemunho bem sugestivo do poder e da bondade da sua muito amada Padroeira.

Os Ex.mos e Rev.mos Senhores Arcebispos e Bispos de Portugal em exercícios espirituais na Fátima de 2 a 8 de Maio.

Por falta de saúde, não assistiram Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca e os Ex.mos e Rev.mos Senhores Bispo Conde e Bispo de Vatarba

A Espanha, a nobre e cavalheiresca nação vizinha, da nossa Península, promete enviar luzidos contingentes da sua briosa Juventude Católica Feminina à Cova da Iria, presididos pelo próprio Bispo de Madrid-Alcalá, — grande alma e grande coração de Prelado, — a-fim-de deporem junto do trono da gloriosa Senhora Aparecida o sentido preito da sua veneração e do seu amor e confraternizarem durante algumas horas com as suas irmãs na fé do outro lado da Península.

Anuncia-se a visita de grupos de católicos franceses e belgas que vêm orar pela primeira vez no Santuário mais importante e mais belo que a Rainha do Céu fêz surgir sôbre a face da terra no primeiro quartel do século vinte.

Por isso, de todos os recantos do país, ainda os mais longínquos, multidões numerosas se dirigem para Fátima, ansiosas por assistir à nova e incomparável apoteose da Virgem bendita, que deve revestir uma solenidade e um esplendor nunca vistos e que será realizada pela fé e piedade de trezentas mil almas reünidas em volta do seu trono de graças e de misericórdia.

Mas é, sobretudo, no dia doze, desde os primeiros alvores da madrugada, que o movimento de peregrinos se intensifica, de hora para hora, num raio de muitos quilómetros, em volta do Santuário.

O encontro das duas Juventudes

As jóvens católicas de Portugal levaram a Fátima o fervor da sua fé e o fogo do seu entusiasmo. Eram em número superior a duas mil. Estavam representados, entre outros, os núcleos de Lisboa, Pôrto, Santarém, Bragança, Mangualde, Viana do Castelo, Oeiras, Faro, Estremôz, Leiria, Alpedrinha, Melo, Portalegre, Castelo Branco, Fornos de Algodres, Coimbra, Coriche, Tôrres Novas, Arraiolos, Viseu, Paredes de Coura, etc., etc.

Viam-se, ao todo, quarenta e seis bandeiras.

A anunciada concentração da Juventude Católica Feminina realizou-se, às dezóito horas, em frente do pórtico lateral direito, da parte de dentro do recinto.

Entretanto chegaram as delegadas da Juventude Católica Feminina espanhola que vieram juntar-se, com a sua bandeira, ao grupo português, sendo acolhidas com inequívocas demonstrações de simpatia e carinho.

Num dos lados da bandeira, grande, de seda branca, bordada a matiz, a Imagem da Virgem de Almodena, Padroeira de Madrid, está rodeada de 132 estrêlas, que representam os centros da J. C. F. existentes na diocese. Do lado oposto, em ponto grande, a insígnia da J. C. F. de Madrid. Da haste pendem fitas oferecidas por diferentes núcleos diocesanos.

O desfile do cortejo

Às 19.25 horas, começa o desfile do cortejo das Juventudes por entre alas compactas de povo, em direcção à Basílica do Rosário. O serviço de ordem é feito pelas «Guias de Portugal», que compareceram em efectivo numeroso, dirigidas pela comissária nacional, senhora D. Fernanda de Orey. À frente caminham o Senhor Bispo de Madrid-Alcalá, que chegara momentos antes de automóvel, e o Senhor Bispo de Leiria. Na esplanada ondeia já um mar imenso de cabeças humanas.

No recinto interior da Basílica, os venerandos Senhores Arcebispo de Évora e Bispo de Viseu aguardam a chegada do cortejo.

O Senhor Bispo de Leiria saúda os peregrinos. Recorda que S. Francisco de Sales, quando entrava num santuário dedicado a Nossa Senhora, costumava dizer que estava em sua casa. Fazendo a aplicação apropriada, acrescenta o ilustre Prelado, também êle afirma que as peregrinas, portuguesas e espanholas, da J. C. F., estão em sua casa e tôdas nela são irmãs na realização do seu lema «cor unum et anima una».

Fálou em seguida a presidente nacional da J. C. F. portuguesa, D. Maria Amélia Lemos Santos.

Principiou assim:

— Apenas duas palavras, para saüdar, com um bocado muito grande do coração, as nossas irmãs espanholas que aqui vêm pedir para o seu país as bênçãos de Nossa Senhora.

Estamos atravessando um momento serissimo, e, — digamo-lo com brio e galhardia, — de-

(Continua na 2.ª página)

AVISO

Aos srs. Directores das peregrinações ao Santuário de Fátima

Para que as peregrinações ao Santuário de Fátima sejam consideradas como tais, gozando dos privilégios que lhes são concedidos, precisam de autorisação, por escrito, do Ex.mo Prelado da respectiva Diocese.

O despacho do Ex.mo Prelado deve ser enviado, com a devida antecipação, ao Rev. dr. Marques dos Santos, Vice-Reitor do Seminário de Leiria, superiormente encarregado de dirigir as peregrinações.

As peregrinações serão presididas por um Rev. Sacerdote autorizado pelo seu Ex.mo Prelado para êsse fim e para cada caso.

UMA PEREGRINAÇÃO

da Diocese da Guarda à Fátima

Promovida por Suas Excelências Rev.mas o sr. Bispo da Guarda e seu Auxiliar realiza-se no dia 23 de Setembro uma grande peregrinação Diocesana da Guarda.

Essa peregrinação deve constituir uma especial homenagem daquela Diocese a Nossa Senhora de Fátima e para isso se iniciou já por tôdas as freguesias e no jornal *A Guarda* uma intensa propaganda.

«VOZ DA FÁTIMA»

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Abril tirou 274.610 e em Maio 287.169 assim distribuídos:

	Abril	Maio
Algarve ...	3.279	3.569
Angra.. ...	15.820	15.805
Beja... ...	3.681	4.128
Braga... ...	61.275	62.671
Bragança...	6.705	7.520
Coimbra ...	13.298	13.676
Évora... ...	3.500	3.500
Funchal ...	17.644	18.215
Guarda.. ...	28.527	28.959
Lamego. ...	4.286	4.769
Leiria	9.856	9.813
Lisboa.. ...	6.165	6.616
Portalegre..	6.628	6.975
Pôrto... ...	35.907	36.649
Vila Real ...	31.053	31.688
Viseu... ...	8.167	8.521
	255.791	263.074
Estranjeiro	3.602	3.585
Diversos ...	15.217	20.510
Total...	274.610	287.169

Atenção

Aos Cruzados e Chefes de trezenas

Os Cruzados têm obrigação de pagar a sua quota mensal quando o seu Chefe a pede e o Chefe da trezena não deixe atrazar as quotas que estão a seu cargo.

Cobre-as todos os meses.

Logo que as receba, entregue-as ao Rev. Pároco da freguesia ou mande-as directamente ao Rev. Director diocesano.

Não devem demorar na sua mão o produto das quotas, porque êsse dinheiro não lhes pertence e é necessário para as despesas da Acção Católica a que é destinado e para sustentação da «Voz da Fátima» que, sendo a publicação de maior tiragem em Portugal, tem, por isso mesmo, muitos encargos.

Contas do Pôrto — dá cá, toma lá.

Lembramos de novo que estando a obra dos Cruzados organizada por dioceses, tôdas as inscrições, mudanças de nomes ou residências e reclamações devem ser feitas, até ao dia 20 do mês anterior, ao Rev. Director diocesano que dará as devidas providências.

O Poeta Correia de Oliveira e Nossa Senhora de Fátima

«A Nossa Senhora de Fátima, do poético destino, ofereço a mando pôr aos seus pés, Pátria Nostra no dia 13 de Maio de 1935. António Correia de Oliveira (De Belinho), em sábado, dia 11».

Com estas devotíssimas palavras de oferta e dedicatória enviou o ilustre poeta António Correia de Oliveira um exemplar do seu último livro «**Pátria Nostra**» magnífica oração patriótica em verso, proferida no Congresso da União Nacional e agora editada pelo Secretariado da Propaganda Nacional.

Pedia o autor que o livro fôsse pôsto aos pés de Nossa Senhora de Fátima como preito de homenagem e devoção.

Que Nossa Senhora de Fátima lhe pague o lindo gesto com abundantíssima chuva de bênçãos para o autor e para todos os seus.

Grupo de raparigas espanholas e portuguesas com suas bandeiras em peregrinação à Fátima nos dias 12 e 13 de Maio de 1935.

Sua Excelência Reverendissima o Senhor Bispo de Madrid dá a bênção com o Santissimo aos docentinhos, pegando na umbela o sr. Governador Civil de Santarém.

PORTUGAL AOS PÉS DE MARIA

(Continuação da 1.ª página)

pende em grande parte de nós, mulheres, a recristianização da sociedade em que vivemos.

É preciso que tôdas, pelo exemplo, possamos provar que somos cristãs. Que a nossa alma seja um espêlho de Deus; que sejamos luz a irradiar Deus! É preciso que sejamos aquilo que Deus quere e a Igreja espera de nós.

Começamos aqui a nossa peregrinação. Juntas vamos pedir, por intermédio da Virgem, as graças do Céu para as nossas pátrias. É preciso que a nossa passagem seja para todos um exemplo. É preciso que saiamos daqui mais fortes para a luta nesta nova redenção.

A oradora, que foi a alma do trabalho de preparação e organização da grandiosa romagem, concluiu o seu discurso, dizendo que estreitava tôdas as suas companheiras num grande abraço fraternal.

Falou depois a secretária da J. C. F. espanhola, D. Concepcion Cano. Representava a presidente nacional, D. Maria Madariaga, e, na sua ausência, proferiu a seguinte alocução:

«Irmãs da J. C. F. portuguesas!

Do mais pequeno, do mais baixo, do mais pobre, do mais ínfimo se serve o Senhor para fazer as suas obras. «Porque fui pequena, agradei ao Altíssimo».

Êle me trouxe até vós, a palhinha lançada pelo vento, recolhida entre milhares de companheiras de tôda a Espanha.

Falo em nome da Espanha e da nossa presidente nacional, da minha irmã maior, que me deu para vós a sua saudação fraternal.

Portugal e Espanha somos um, com o mesmo passado de glória e grandeza, o mesmo porvir de promessas e entusiasmos; e hoje, apóstolas de Espanha e Portugal, braços abertos da mesma cruz, e aos pés de Cristo que nos deu a mesma mãe.

Assim como Deus inspirou ao justo Noé a construção da Arca, para salvação da sociedade corrompida pelos vícios, assim agora Deus, com a mesma Providência e misericórdia, inspirou ao Vigário de Cristo na terra, pai da grande família cristã, a organização actual da Acção Católica, que será como uma nova Arca que, encerrando dentro de si os valores morais e o escol de homens e mulheres católicos, possa, quando a sociedade actual, quási paganizada com seus princípios e costumes, ruir em cacos, fazer reviver êsses valores e estender por tôda a terra a verdadeira sociedade que se fundamenta nos princípios da razão e da fé.

E terminou assim:

— Que sublime, que divino trabalho temos a realizar, nós jóvens católicas, propagandistas do Evangelho, semeadoras do Bem, amigas sinceras e leais da paz do mundo e da salvação das almas; nós, a velar pela integridade dos costumes, pela moralidade dos espectáculos, pelo equilíbrio das consciências; nós a infundir nas nossas companheiras de Juventude o esfôrço, o valor necessário, até onde a Religião o exija, até onde o peçam os mandamentos; nós a levantar na Península Ibérica o madeiro da Cruz sôbre a apatia e egoísmo do mundo, sôbre a inacção de muitos católicos, de maneira que ninguém possa negar a combustibilidade dêste lenho capaz, em todos os instantes, de levantar potentes labaredas de amor e caridade sôbre o género humano!»

A oradora, que se exprimiu com extraordinário calor e entusiasmo, foi vivamente aplaudida.

Fez-se depois profundo silêncio. Todos os ouvidos estão atentos. Os olhos das pessoas presentes voltam-se para a simpática figura de D. Leopoldo Eijo, Bispo de Madrid-Alcalá, que vai falar.

Começa nestes termos:

— A primeira vez que tive a honra e a felicidade de estar entre vós, falei-vos com carinho das minhas filhas, de Espanha, e disse-vos que as trazia no coração.

A segunda vez trouxe-as comigo para lhes dar o vosso alento, nesta hora trágica que a Espanha atravessa. Como irmãs aos pés da mesma mãe pediremos pelas nossas pátrias, para que Deus lhes dê um futuro melhor.

Depois de afirmar que Cristo tem direito à servidão das nações, o apostólico Prelado concluiu exortando as peregrinas a colher, nesta romagem, maior brio e fôlego para a peleja ao lado de Jesus.

Repetiram-se os aplausos e aclamações entusiásticas. Por último os Prelados abençoaram as peregrinas, que cantaram em côro o *Credo*.

Alocução de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Évora no dia 12

Encontrais-vos em Fátima para tomardes parte na grande peregrinação que, de todos os pontos de Portugal, amanhã virá aos pés de Nossa Senhora de Fátima.

Nem tôdas as pessoas que tomam parte numa peregrinação compreendem o sentido e o alcance duma peregrinação. Vir a Fátima, sair de sua casa, palmilhando léguas e léguas, para chegar a êste recanto, onde a Mãe de Deus esteve alguns momentos, a êste logar ainda perfumado pelo sorriso e pelas palavras da Mãe de Deus e que parece perfumar as nossas também—praza a Deus que assim seja — vir a Fátima é bom, mas não basta. É preciso que a alma acompanhe o corpo, que ela sobretudo se aproxime da Mãe de Deus. Já S. Jerónimo, há quinze ou dezasseis séculos, dizia aos fiéis, que no seu tempo, como hoje, iam a Jerusalém visitar os logares santos onde Nosso Senhor padeceu e morreu: não basta vir a Jerusalém, o que importa é viver bem em Jerusalém.

Para que a nossa peregrinação seja agradável à Mãe de Deus, tratemos primeiro que tudo de purificar as nossas almas por uma confissão bem feita, uma confissão cheia de dor.

Conta-se que um certo devoto de Maria, depois dalguns anos duma vida de piedade, chegou a viver uma vida pecaminosa. Contudo, no meio dos seus desvarios, nunca se esqueceu de orar à Santíssima Virgem e queixava-se amargamente de que Maria não atendia as suas orações. Uma vez em sonhos ou numa visão, sentiu-se cheio de fome e viu Nossa Senhora aproximar-se dêle e oferecer-lhe um manjar deliciosíssimo, mas numa tigela muito suja. Cheio de fome como estava, lançou-se àvidamente para o belo manjar, mas, ao ver a tigela que o continha, sentiu uma tal repugnância que não ousou tocar-lhe. Então a Santíssima Virgem disse-lhe: «Meu filho, as orações que me diriges são boas, mas a tua alma está tão suja...». Se queremos que as nossas orações agradem à Mãe de Deus, ofereçamos-lhas num vaso bem puro, com a alma purificada e limpa de tôdas as manchas do pecado.

Ordinàriamente vem-se aqui pedir graças a Nossa Senhora. Está bem, mas não nos contentemos com pedir, demos também. E dar o quê?

Demos o nosso coração, a nossa boa vontade, a emenda da nossa vida. É preciso que, aqui, aos pés da Mãe de Deus, façamos propósitos sérios de nos tornarmos melhores.

Como esta peregrinação seria agradável à Santíssima Virgem e proveitosa, se cada um de nós, enchendo-se aqui de Deus, o fôsse levar por êsse Portugal fora, junto dos nossos e de todos aquêles com quem convivemos! Vindes aqui para vos aproximardes da Mãe de Deus e quem mais se aproxima dela é quem mais a ama e sabe traduzir o seu amor numa vida de Fé prática e intensa.

A procissão das velas

Às 22 horas, o Senhor Bispo de Leiria procede à bênção e inauguração da nova instalação de megafónios, que são o que há de mais moderno e de mais perfeito no género. Principia logo depois a recitação do têrço do Rosário. Segue-se a procissão das velas, a que presidem os venerandos Prelados e em que se encorporam as duas Juventudes com os seus vistosos estandartes.

É impossível descrever êste espectáculo, grandiosa manifestação de fé e piedade, em que tomam parte cêrca de duzentas mil pessoas. Realizado sob um céu de estrêlas, em noite serena e linda, constitui um espectáculo sublime e deslumbrante, que impressiona, arrebata e encanta, e faz derramar lágrimas de comoção e de gôzo!

À meia-noite, cantado o *Credo*, principia a adoração nacional, que dura até às duas horas. Prègou o Senhor Bispo de Viseu, que, ao meditar os mistérios gozosos do Rosário, fêz justas e oportunas considerações da maior actualidade em harmonia com as circunstâncias do nosso tempo e da nossa sociedade.

Após a adoração nacional, várias peregrinações fizeram a sua adoração privativa, como as de Lamego, Pocariça, Sesimbra, Miragaia, Vila Franca de Xira, Idanha-a-Nova e Portalegre. Entretanto, realizaram-se na capela do Albergue de Nossa Senhora do Rosário, as adorações privativas da peregrinação da diocese de Beja, da J. C. F. espanhola e da J. C. F. portuguesa, prègando respectivamente o Senhor Bispo de Beja, o rev. D. Juan José Santander, assistente da J. C. F. de Madrid, e o rev. Mariano Pinho, S. J.

Às 6 horas, o venerando Prelado de Leiria celebrou a missa da Comunhão geral, em que foi distribuído o Pão dos Anjos por trinta sacerdotes a mais de trinta mil pessoas. Os sacerdotes peregrinos iam celebrando, uns após outros, nos diferentes altares do Santuário. Às 8 horas, o Senhor Bispo de Viseu disse missa para os peregrinos da sua diocese.

Sessão solene da J. C. F.

Às 10 horas, no vasto salão da Casa dos Retiros, efectuou-se uma sessão solene, em que tomaram parte as jóvens católicas de Portugal, de Madrid e de Vigo.

Estavam presentes, além do Senhor Bispo de Madrid-Alcalá, os venerandos Prelados de Évora, Leiria e Viseu, que foram recebidos com grandes manifestações de entusiasmo.

Repetem-se os vivas e as aclamações. No recinto encontram-se também o rev. D. Juan José Santander e o rev. cónego dr. Avelino Gonçalves, secretário geral da Acção Católica portuguesa. Volta a ouvir-se a presidente nacional da J. C. F.

Fala a presidente nacional

Falou, em primeiro lugar, a senhora D. Maria Amélia Lemos Santos, presidente nacional da J. C. F.

Começou por dizer do seu prazer em ver reünidas, numa festa íntima, familiar, as J. C. F. portuguesa e espanhola, para que tôdas vivam com maior realidade o lema «Cor unum et anima una».

Agradeceu a presença dos Prelados, e lamentou que o Senhor Cardial não pudesse assistir também.

— Faltando Sua Eminência disse, falta um dos nossos maiores e melhores Prelados.

Falando para as dirigentes, lembrou que a Acção Católica não é fácil, exige grande trabalho e espírito de sacrifício. Não se podem separar o corpo da alma, o espírito da organização; de contrário a Acção Católica será um cadáver ambulante. Lembrou, ainda, as responsabilidades especiais que impendem sôbre as associadas da J. C. F., e a necessidade da oração e do espírito de sacrifício, indispensáveis para levar a bom termo a sua missão: levar Jesus às almas e as almas a Jesus.

Terminou propondo que se enviasse um telegrama a Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, a exprimir o sentimento comum pela sua ausência e os votos de todos pelas suas melhoras.

As últimas palavras da oradora foram coroadas por uma entusiástica ovação.

Fala a presidente geral da J. A. C.

Tomou depois a palavra a senhora D. Belarmina Franco, presidente geral da J. A. C., que, saüdando as jacistas espanholas, manifestou a sua satisfação por êste encontro se realizar em Fátima. Saüdou também as suas irmãs vindas das aldeias, recomendando que não saíssem de Fátima sem o propósito firme de levarem Cristo a reinar em todos os corações e em todos os lares do povo português.

Palavras da presidente geral da J. O. C.

Em seguida, a sr.ª D. Ermelinda, presidente geral da J. O. C., leu um discurso de saüdação às jocistas, lembrando-lhes a recomendação que a Virgem Santíssima fêz em Fátima: penitência e oração. O exercício dessas virtudes, deviam elas fazê-lo não só ali, mas no seio das suas famílias e no meio em que desenvolvem a sua actividade. Pediu, por fim, às jocistas espanholas que levassem o abraço fraternal de irmãs da mesma Fé, do mesmo ideal, num só coração e numa só alma, na missão de cristianizar o mundo.

Discurso da representante da J. U. C.

Em nome da presidente geral da J. U. C., senhora D. Aida da Conceição Coelho, falou a sr.ª D. Maria Constança Mórias, presidente do núcleo da Faculdade de Letras. Transmitiu a recomendação geral: amor à Juventude e união entre tôdas.

Unidas entre nós — disse — integramo-nos no espírito da Acção Católica, para que, em comunhão com a Igreja e com os leigos de acção, especialmente com a J. C. F., de que somos um organismo especializado, possamos sentir a fôrça da união de todos os que trabalham sob a mesma bandeira, pelo mesmo ideal. Saüdou também as jocistas espanholas.

O discurso das Jecistas

Uma das jecistas presentes leu depois algumas palavras da sua presidente geral, que não pôde comparecer. Essas palavras traduziam o pesar de não estar presente a esta reünião e o seu desejo cada vez maior de *servir*.

Fala a presidente das Benjaminas

Falou seguidamente a senhora D. Maria Teresa Pereira da Cunha cujo discurso foi várias vezes interrompido pelos aplausos da assistência. Dirigindo-se às raparigas espanholas, disse: «Em vós vemos nós, as portuguesas, não apenas o escol da mocidade feminina do vosso país, mas tôda a Espanha Católica, perseguida e martirizada, a Espanha que chora os seus conventos incendiados e as suas liberdades espezinhadas, e também a Espanha em que se multiplicam assombrosamente heroínas, émulos dos primeiros tempos da Igreja, a Espanha em que desponta já a alvorada da vitória. Quando uma Igreja sofre, sofrem as outras com ela! Durei, pois, às Benjaminas de Espanha que as suas irmãs de Portugal estão com elas». Recomendou depois às Benjaminas portuguesas que trabalhassem em extensão e em profundidade, dizendo que deviam ser elas os melhores instrumentos de conquista de tôdas as crianças que ainda não pertencem à Acção Católica.

Por entre os aplausos da assistência, uma jacista do Pôrto entregou à sr.ª D. Maria Inês de Melo, presidente diocesana do Pôrto, um emblema da J. C. F., em ouro, oferta do referido núcleo.

Fala o venerando Prelado de Madrid

Falou, por último, o venerando prelado de Madrid-Alcalá.

Começou por afirmar ser o menos indicado para encerrar uma festa de juventude. Todavia, tendo cãs no cabelo, tem o coração rejuvenescido.

Agradeceu as palavras carinhosas endereçadas à J. C. F. espanhola e fêz votos por que desta reünião saia uma cooperação mais íntima.

A Santíssima Virgem que estará no meio de nós unir-nos-á na defesa do mesmo ideal.

E acrescentou:

— Pobre humanidade em que estão injectando ódios, venenos de soberba e fratricídio...

Lembro a todos que somos irmãos, como filhos dum Pai comum. E não descanseis na luta, como acaba de dizer a «simpática revolucionária» presidente das Benjaminas. Há milhares de raparigas que estão longe das vossas fileiras. Não podemos contar com tôdas, mas sejamos o fermento intenso que há-de estender-se por tôda a massa.

Que a vossa vida seja uma religião de bondade, de amor e sacrifício. Sabei fazer simpática a religião. Não semeeis nos corações o veneno de ódios, mas sim a bondade, a ternura, a acção.

Renovai-vos dia a dia na Sagrada Comunhão e sorri serena e luminosamente perante as dificuldades. Vereis o triunfo, com o reinado, em Portugal e em Espanha, de Cristo e de Maria.

O Senhor Bispo de Madrid fala às raparigas espanholas e portuguesas da J. C. F. à chegada da peregrinação ao Santuário no dia 12 de Maio de 1935

A missa dos doentes

É o venerando Senhor Bispo do Algarve, D. Marcelino António Franco, que celebra a missa dos doentes, no altar exterior da Basílica, em frente da vasta esplanada sobranceira à Cova da Iria.

Em logar de honra, ao lado do altar, assistem todos os Prelados presentes em Fátima. A multidão, orientada, através dos megafónios, pelo grupo coral do Seminário de Leiria, canta a missa «De Angelis».

Durante o acto religioso, vários aviões, civis e militares, voam por cima do recinto, deixando cair ramos de flores.

Ao Evangelho, sobe ao púlpito o Senhor Bispo de Madrid-Alcalá e profere diante do microfone, uma formosa alocução, eloqüente e arrebatadora. Pediu à Virgem que abençoasse os peregrinos e, em especial, os doentes da alma e do corpo, que ali tinham ido, cheios de confiança no seu poder de intercessão e na sua bondade misericordiosa. Implora também a protecção da Rainha de Fátima em favor de Portugal e da Espanha, para que tornem a ser, como outrora, seus fiéis e valorosos defensores.

Terminado o Santo Sacrifício da Missa, o ilustre Prelado espanhol deu a bênção a cada um dos tivos para a procissão e missa dos doentes.

A procissão do Rosário

É quási meio-dia solar. A multidão, atenta e recolhida, reza devotamente, em côro, o têrço do Rosário. Entretanto, organiza-se a primeira procissão. É um dos espectáculos mais belos e mais imponentes que se desenrolam na estância das aparições e dos milagres. A Imagem da Virgem, nimbada de glória, coroada de esplendores, assoma, aos ombros dos Servitas, no fundo da esplanada, junto da Santa Capela. É tão bela, tão meiga, tão majestosa, que dir-se-ia uma doce visão do Paraíso. Rodeia o seu andor um oceano de cabeças. Mais de trezentas mil pessoas, presas de funda comoção, e dum entusiasmo delirante, rompem em vivas e aclamações, num côro grandioso e colossal, cujas vozes se repercutem, ao longe e ao largo, nos recôncavos da Serra. Milhares de lenços saúdam a augusta Rainha de Fátima. Dir-se-ia um bando inumerável de pombas brancas batendo as asas e preparando o vôo para as alturas. De muitos olhos brotam lágrimas de alegria, de comoção e de reconhecimento. O enorme cortejo principia a desfilar.

Lá seguem as bandeiras das peregrinações desfraldadas ao vento, faiscando aos raios do sol em tons de ouro e pórpura. São dezenas, são centenas talvez... Como guarda de honra, lá vão, depois, em coluna cerrada e brilhante, na mais perfeita ordem e disciplina, os membros das duas Juventudes, portuguesa e espanhola. Uma chuva abundante de flores cai sôbre o andor da Virgem, sem cessar arrenessadas, através do percurso, por mãos gentis de mulheres piedosas de todos os pontos de Portugal.

O andor avança lentamente, em marcha triunfal, e chega, finalmente, ao cimo da escadaria da Basílica, redobrando então as aclamações de vibração e entusiasmo.

Vai começar agora a missa oficial. A alma da Pátria, ali representada, naquele momento único e indiscritível, por centenas de milhar de corações crentes e piedosos, ajoelha verdadeiramente, cheia de fé e devoção, na Cova da Iria, e une-se e prende-se a Jesus pelas mãos de Maria.

Lamentou que não estivesse presente na grande inteligência, o grande coração, o grande Bispo e grande Português, Cardial Cerejeira.

— Soubera abraçá-lo aqui!

Faço votos para que a sua doença passe breve e o Senhor no-lo conserve para felicidade por muitos anos de Portugal.

As aclamações e aplausos foram longos e entusiásticos. Repetiram-se os vivas à Acção Católica, ao Papa, ao Senhor Cardial, aos Prelados presentes, à J. C. F., ao Cónego Avelino Gonçalves representante da Junta Central da Acção Católica, etc.

As raparigas católicas dispersaram, e começaram os preparativos para a procissão e missa dos doentes e a bênção geral a todo o povo.

O rev.mo dr. Marques dos Santos, ao microfone, faz as aclamações que o povo repete, como repete, em côro comovente, os votos que no fim dêle formula pela Igreja, pela Acção Católica, por Portugal e Espanha, pelos peregrinos e suas famílias. No seu pequenino trono, a custódia de ouro, levada pelas mãos ungidas do venerando Prelado de Madrid, Jesus, o Rei de Fátima, passa lentamente por entre as filas dos doentes, deixando cair sôbre cada um dêles a sua bênção. Por último, o Senhor Bispo de Leiria, faz a consagração da J. C. F. a Nossa Senhora, repetida com entusiasmo e calor por milhares de raparigas.

O adeus à Virgem

É chegado o momento doloroso da despedida.

Entre alas compactas de povo, no meio de aclamações entusiásticas, a veneranda Imagem da Rainha do Rosário é conduzida aos ombros de sacerdotes para o seu altar na santa capela das aparições.

O abraço fraternal

Antes da Imagem de Nossa Senhora ser colocada na humilde capelinha, o Sr. Bispo de Leiria relembrando que a Espanha e Portugal tinham combatido juntos para expulsar da Península o Crescente maometano e nas suas descobertas gloriosas levavam a Cruz de Cristo a tôda a terra, lembrou às jovens peregrinas das duas nações irmãs que deviam trabalhar unidas para a recristianização da Península Ibérica e de todo o mundo.

Iam dar o abraço de união, amigo, diante da imagem de Nossa Senhora e convidar o Senhor Bispo de Madrid e o Sr. Arcebispo de Évora a abençoá-las.

Passou-se então uma scena que não deixou olhos enxutos.

Emquanto as raparigas espanholas e portuguesas se abraçavam fraternalmente e o povo aclamava entusiasmado, os dois venerandos Prelados abençoavam essas raparigas generosas que saíram da Fátima ainda mais animadas a trabalhar pela salvação das suas pátrias, levando pelas mãos de Maria Deus às almas e as almas a Deus.

A debandada

Horas depois, o vasto recinto da Cova da Iria recupera o seu carácter, momentâneamente perdido, de logar solitário e deserto, onde estão perenemente de joelhos, silenciosas e invisíveis, milhares de almas, a orar e a expiar, pelos pecados do mundo.

E, nas estradas de Portugal, as multidões que regressam saüdo-

(Continua na 3.ª página)

PHOENIX

Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Termas de Monte Rial

Estância dos arthriticos e dos gastro-intestinais

Aguas soberanas no tratamento das doenças do figado, rins e intestinos. Bom Hotél e pensões — Cinema magnifico — Capella — Garage — Estação do C.º de Ferro própria (Monte Rial).

Pedir informações e folhetos á gerencia das Termas MONTE RIAL — OESTE.

SENHOR PADRE:
Quere VINHO bom para a **Santa Missa?**
Peça preços a: **António de Oliveira**
Aldeia Nova — NORTE

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69
PORTO

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares da

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de todas as fases do fabrico
120.000 toneladas de produção anual
11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Telefone P. B. X. n 1351

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PORTO
Telefone 4193

AGENCIAS EM TODO O PAIS

Porto - Amadeu

Os Vinhos do Porto
«Carvalho-Macedo»
crearam desde 1861.

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Dirigir a
MAIAS, IRMÃOS - Fundição
Cidadelha — Castelo da Maia

Coisas que eu penso

2.—A MINHA RELIGIAO...

A minha religião! Eu cá tenho a minha religião!

Prometi mostrar que nestas palavras há gato e lebre, êrro e verdade. *A minha religião* pode exprimir uma verdade e pode exprimir um êrro.

Pesemos bem o valor daquele pronome: *minha!*

Talvez nunca reparassem numa coisa em que reparam... certos pretos! É que nós empregamos os pronomes, a que chamamos possessivos: *meu minha, teu tua, nosso nossa*, etc. — em dois casos que são absolutamente diferentes, porque em cada um dêles aquêles pronomes significam relações muito diferentes entre o sujeito chamado possuidor e o objecto que se diz possuido.

Ora reparem: quando digo: o *meu chapéu* — que quero eu dizer com o pronome meu? Quero dizer que o chapéu me pertence, que sou eu o dono do chapéu, que posso, por conseguinte, fazer dêle o que quiser; dá-lo, vendê-lo, destruí-lo...

Mas quando eu digo: o *meu pai* — que quero eu dizer com o pronome *meu*? Quererei dizer que meu pai me pertence? que sou o dono de meu pai? que, por conseguinte, posso dar, vender ou destruir meu pai?

É evidente que não. Como posso eu ser dono de meu pai, se eu dependia dêle para existir?

Como estão vendo, as nossas línguas, neste caso, chamam abusivamente *possessivos* aos pronomes quando êles não significam *posse*. Pois há uma língua de África — a dos mandingas — que fêz essa distinção fina, e emprega dois pronomes diferentes: um quando quere exprimir a posse (o meu chapéu) e outro quando quere dizer: *meu pai*, em que o *meu* não significa *posse*, no mesmo sentido em que há a posse do chapéu.

Agora apliquemos o caso à religião e veremos que enorme gato nos servem por lebre os que dizem: eu tenho cá *a minha* religião.

Posso eu ser dono duma coisa de que eu próprio dependia para existir?

Que é a religião?

É a relação entre Deus e o homem. E o modo como Deus, que me criou, quere ser servido por mim sua criatura. E êsse modo existia antes de mim? evidentemente. Que eu, eu! Segredo, segredo, tenta, oitenta quilos (faço votos por que nenhum dos meus leitores dobre a parada!...) de carne e ossos, vivificados por uma alma, que Deus criou para o eu amar e servir neste mundo e gozar depois no outro.

E êste embrulho de pele não existia há poucas dezenas de anos e deixará de existir dentro de outras poucas dezenas. Mas as minhas relações com Deus, o modo como Êle quere ser servido pelo homem, a religião, em suma, já existia antes de eu vir ao mundo.

Poderei eu dizer: *a minha religião*, com a mesma fôrça de significação com que digo: *o meu chapéu*? Poderei eu fabricar uma religião a meu modo, decretando eu, para meu uso, o modo como Deus quere que O sirva?

É claro que não.

Uma coisa é certa: é que tendo Deus criado o homem, há-de haver um modo como Êle quere ser servido pelo homem, uma religião que seja o verdadeiro modo de servir a Deus. E como é também certissimo que já havia Deus e homens antes de mim, certissimo é também que não posso ser eu o legislador do modo de servir a Deus, o autor e dono da religião.

Porisso afirmei e fica provado que na frase *eu tenho cá a minha religião* — há gato e lebre, há êrro e verdade, conforme eu entender a palavra *minha*. Se descobrimos a religião verdadeira, e a seguimos, então podemos dizer, com verdade: *a nossa religião*. Mas se inventamos nós uma religião para nosso uso, e dizemos: *eu tenho cá a minha religião*, dizemos um disparate, porque nós não podemos ser os donos de coisas de que dependemos para existirmos e que não dependiam de nós para existirem e que já existiam muito antes de nós.

E vejam como são as coisas: na frase que se tornou tão vulgar: *eu tenho cá a minha religião*, quis o destino que metêssemos aquele *cá* — advérbio de lugar, que alí, realmente, na intenção de quem o diz, não significa pròpriamente lugar, como o outro, *lá*, quando dizemos: *eu quero lá saber disso!* — também não significa pròpriamente nenhum lugar.

Mas pesem, já agora, aquêle *cá!*... Dêem-lhe a fôrça própria, dêle: *cá* — neste mundo! Imaginem que cada um de nós forjava *cá* a sua religião, a que mais lhe convivesse, a que menos obrigações e sacrifícios impusesse e mais largas desse à nossa natureza, que sempre puxa, como é sabido, para o arrocho! famos vivendo muito descansados, *cá*, com a *nossa* religião.

Mas depois, em fechando os olhos do corpo neste mundo para os abrir no outro, aparecia-nos Deus e dizia-nos:

— Ah! Tu tiveste *lá* a *tua* religião e fizeste o que te apeteceu! Mas como essa não era *a minha* (Êle sim, que pode empregar os pronomes possessivos sem receio da confusão que os pretos evitam!) vai-te embora, que te não quero *cá!*

Conclusão: Deus criou o homem e a religião é o modo como o homem deve servir a Deus. Juiz dêsse modo não pode ser o próprio homem e o homem que diz: *eu tenho cá a minha religião* diz um disparate, que pode ser cómodo nêste mundo mas é uma espiga no outro!

Mas êle há tantas religiões! — dirão.

Isso é outro par de botas. Temos de as comparar e ver de qual é que podemos dizer: o dedo de Deus está aqui!

Para isso é que abrimos esta loja, com a balança de pesar ideias.

B. A. Lança

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	596.221884
Papel, comp. e imp. do n.º 152 (237.269) ...	15.479895
Franquias, emb. transporte etc.	5.222835
Na administração	287830
Total	617.221843

Donativos desde 11$00

M.ª Luisa Aguiar — Ceia, 15$00; Dr. Reis Tergal — Lisboa, 20$00; Ant.º Marques P.º — Varzielas, 25$00; Gervásia Costa — Afd. de João Pires, 40$00; Adelaide Dias — América, 1 dólar; Ilda de Sousa — Lisboa, 40$00; N.º 3532 — Madeira, 22$00; Maria Mornjão — S.ª da Hora, 20$00; Elias da Silva Machado — Covas, 50$00; Manuel Ramos — Guarda, 20$00; Distrib. em Guarda — Gare, 35$00; Ernesto C. dos Reis — C. do Pombo, 90$00; F.º A. Gonçalves — Singapura, 1/2 libra; José de Melo — América, 1 dólar; Barreto & Gonçalves — Lisboa, 20$00; M.ª Pacheco Teles — Tondela, 40$00; Adelina Mendes — Santiago de Besteiros, 20$00; Francisco F.º Mendes — Lima, 15$00; Henrique Campos — Lima 15$00; Ant.º F.º da Costa — Elra, 20$00; M.ª do Carmo Almeida — Vila Real, 20$00; Antonina Garrafalo — América, 140$00; M.ª Isabel Vasconcelos — Pôrto, 20$00; M.ª Maldonado P.º — Pôrto, 20$00; Joaquim de Sá Couto — S. Paio de Oleiros, 50$00; Maria José Bandeira — Estarreja, 35$00; M.ª Mendonça Amaral — América, 1 dólar; Esmeralda Leite — América, 5 dólares; M.ª do Rosário Cunha — Alvelos, 20$00; Celestino Leite — Cab. de Basto, 20$00; Henrique Elias — Coimbra, 100$00; A. B. Bett.º — Horta, 30$00; M.ª Fer.ª Marques — Pôrto, 25$00; Helena Carneiro — Pôrto, 15$00; M.ª Guimarães — Paredes de Coura, 20$00; Joana de Fátre C. Branco — Oliveirinha, 15$00; M.ª Sales Geade — Albufeira, 15$00; António Simões — Cantão, 100$00; Júlia A. de Assis — Macau, 100$00; Emília Vilhena — Faro, 20$00; Isabel Melo Trigueiros — Moçambique, 85$00; Malaquias da Silva — Brasil, 15$25; Manuel de Abreu — Brasil, 15$25; Maria Aug.ª Vigario — Brasil, 15$25; Joaquim Carvalheiro — Brasil, 15$25; António Martinho — Brasil, 15$25; José Marques Dias — Brasil, 15$25; Arnaldo Pavretto — Brasil, 15$25; Manuel Martinho — Brasil, 15$25; P.º José Castanheira — Brasil, 15$25; Amélia Mazeri — Brasil, 15$25; António Pinto — Brasil, 15$25; Dr. José Antunes — Coimbra; 110$00; P.º M.el Medeiros Guerreiro — Açôres, 40$00; Hortense de Barros — Lisboa, 20$00; Rita e Sá — Rio Maior, 15$00; Estelvina Carvalho — Lavre, 40$00; Francisco X. Bettencourt — Açôres, 15$00; Alda Sepúlveda — Pôrto, 20$00; Artur d'Almeida d'Eça — Pôrto, 15$00; Caridade Resende — Nog.ª do Cravo, 20$00; Joaquim Pinheiro — Travassô, 15$00; Cristina Franco — Esteiro, 20$00; Ana Fer.ª de Magalhães — Livração, 25$00; P.º Adriano Vieira — Livração, 25$00; Adélia Pinto — Covilhã, 20$00; José Aug.º Pires — Mangualde, 20$00; Laurinda do Carmo — Granja Nova, 20$00; João Au.º J. d'Oliveira — V.ª N.ª de Famalicão, 20$00; Manuel da Silva — Felgueira, 20$00; Idalina Maia — Oiã, 47$40; António Beirão — Lamegal, 20$00; Elísio Tocha — Fig.ª da Foz, 20$00; M.el Roque Gonçalves — Gonçalbocas, 20$00; Joaquina de Sousa Frieas — Retôcha, 20$00; José Santos — Monte da Barca, 30$00; Alcíria Maria — Biscainho, 20$00; Alvaro Martins — Póvoa do Varzim, 20$00; António Farinha — Lisboa, 20$00; Maria Dorey Coutinho — Campolide, 30$00; F.º Eduardo Melo — Bustos, 25$00; M.ª da C. Oliv.ª — S. Martinho de Sande, 20$00; Amélia Tunas — Meda, 20$00; Jerónimo de Carvalho — Sintins, 20$00; Custódio Lopes — Pôrto, 15$00; M.ª da C. Borges — Lousada, 15$00; Elvina M. Fonseca — Lisboa, 36$00; Dr. Manuel Rosa — Coimbra, 20$00; José Mendes — Tribal, 20$00; Manuel Macieira — Sobral do Montagraço, 20$00; Ana Patrocínio Neves — Lisboa, 100$00; Manuel Vilarinho — Cantêlo, 20$00; M.ª do C.º Tavares — Lisboa, 15$00; José H. da Eira — Pecegueiro do Vouga, 15$00; P.º Ant.º de S. Duarte — Vendas Novas, 20$00; João Gonçalves — Alcanena, 30$00; Manuel Carneiro — Armamar, 20$00; Américo Queiroz — Pôrto, 20$00; Francisco Aug.º Miranda — Espinho, 20$00; N.º 7647 — Buenos Aires 26$00; Adelaide Cazadas — Rio Maior, 20$00; M.ª da C. Oliv.ª — S. Martinho de Sande, 20$00; P.º Alberto H. Mendes — Resende, 20$00; Cecília de Castro — Lisboa, 20$00; Pompeu Portela — Lisboa, 30$00; M.ª Joaquina Araújo — Braga, 100$00; António Palhares — Lanheses, 20$00; Mariana Afonso — Lisboa, 1 $00; Emília Moreira — Gaia, 15$00; J. J. L. — Carrascal, 50$00; David de Paiva — Verdemilho, 30$00; P.º Daniel Rama — Aradas, 178$50; Adelaide Freire — Pôrto, 20$00; Laurinda M. Maia — Pôrto, 25$00; Joaquim Patrão — Igreja, 21$50; Duarte Figueiredo — Satam, 20$00; Augusta Lopes — Avis, 20$00; Odette Tavares — Estarreja, 20$00; M.ª Alice Roquete — Salv.ª de Vagos, 2$00; M.ª L. Castro — Lisboa, 20$00; M.ª C. Mendonça — Alvaro, 17$00; António Guedes — Pereninho, 20$00; Luís Filipe — Casais do Famalicão, 20$00; Cristina Guila di Grandi — África Oriental, 10 shillings; Augusta Gerdo—Coimbra, 15$00; Leonilde Ribeiro — Aldeia da Mata, 15$00; Maria Amorim Pinto — Pôrto, 15$00.

Graças de Nossa Senhora de Fátima

Graça concedida por Nossa Senhora de Fátima ao Senhor Cónego Cardyn

Acompanhado pelo Rev.mo sr. dr. Manuel Rocha esteve 2 dias na Fátima, o sr. Cónego Cardyn.

Vinha visitar o Santuário e agradecer a Nossa Senhora uma grande graça.

Como presidente nacional dos jóvens operários católicos belgas que há 2 anos realizaram a grande manifestação em que tomaram parte cem mil, o sr. Cónego Cardyn desejava possuir para os seus jocistas um grande prédio em Bruxelas, onde podiam ser instaladas as numerosas secções dessa obra.

Vendia-se, mas custava quinze milhões de francos, isto é, quinze mil contos, pouco mais ou menos.

Convidado a fazer uma série de conferências em Portugal sôbre a Acção Católica, o sr. Cónego Cardyn foi à Fátima e expôs o seu desejo a Nossa Senhora.

Voltou para a Bélgica.

No dia seguinte ao da sua chegada, uma pessoa desconhecida preguntou-lhe pelo telefone se o podia receber.

Respondendo afirmativamente, dai a pouco recebeu essa visita que o convidava a ir ver o prédio, se servia para sede dos Jocistas.

Respondeu que já o conhecia, mas o pior é que não tinha o dinheiro nem possibilidade de o conseguir.

Ao outro dia recebeu de novo a visita do tal desconhecido que lhe entregou os quinze mil contos com que comprou o prédio, hoje sede dos Jocistas.

Foi esta graça que o sr. Cónego Cardyn atribue à intercessão de Nossa Senhora de Fátima e que lhe veio agradecer no seu Santuário, devendo ser colocada em lugar de honra no prédio de Bruxelas a imagem da Virgem Santissima.

Graças diversas

— *Noivos de Melo* — S. Miguel das Aves, Negrelos, diz o seguinte: «Tendo obtido, por intermédio de N.ª S.ª de Fátima duas importantes graças, venho pedir se digne publicá-las, como prometi, para honra e glória de N.ª S.ª e cumprimento da minha promessa.

(NA INDIA INGLESA)

Cura rápida

Alleppey, 27-2-34

Quando a minha Irmã (Mrs Marsland) esteve doente no ano passado, eu prometi a N.ª S.ª da Fátima se vivesse a minha Irmã restabelecida publicar essa graça e enviar uma Rupia em acção de graças.

O Rev. Padre Fr. Ribeiro teve a caridade de me fornecer alguma água de Fátima e uma Novena que enviei a minha Irmã.

Envio a carta da minha Irmã com todos os detalhes:

Os meus mais gratos agradecimentos a N.ª S.ª de Fátima pela minha cura. O meu médico e a enfermeira receavam complicações e por êsse motivo fiz uma novena a Nossa Senhora bebendo algumas gotas de água tôdas as noites. Quando as doze rezeavam, bebia um pouco mais. O trabalho durou 20 horas e o meu estado era serissimo, mas eu tinha a certeza que Nossa Senhora me ajudaria e bebia sempre mais água. Daí a meia hora nasceu o meu bebé sem mais complicações. Incluso vão duas rupias, uma minha e outra da minha Irmã como lembrança de gratidão a N.ª Senhora de Fátima e com o ardente desejo que Nossa Senhora continue a ajudar-nos em nossas necessidades.

Os meus mais sinceros agradecimentos a N.ª Senhora por ter ajudado a minha Irmã.

Miss Gamberg

Cura de febre tifóide

Cochim, 21 de abril de 1934

Envio-lhe os seguintes detalhes sôbre favores especiais obtidos por intermédio de N.ª S.ª da Fátima que peço a V. Rev.ª para publicar no Livro de Fátima.

Antes de terminar uma novena que fizemos a N. Senhora de Fátima o meu genro apanhou uma febre tifóide e a-pesar-de tôdas as precauções tomadas, com grande desgôsto de todos nós, mais 5 pessoas de casa adoeceram também, incluindo a minha segunda filha. Esta ao todo seis enfermos e a casa parecia um verdadeiro hospital. O médico assistente estava com imenso cuidado em minha filha que era considerada a mais fraca de todos. Pouco depois a minha mulher adoeceu também ficando só eu e a minha filha mais velha a tratar dos doentes. Uma Senhora teve a caridade de nos vir auxiliar e todos pusemos a nossa esperança em N. Senhora de Fátima invocando-a com o maior fervor e confiança, sendo maravilhosos os resultados. A minha filha foi a primeira a melhorar deixando-a a febre em 21 dias. Convalesceu rapidamente ganhando em pouco tempo o seu pêso normal. Todos melhoraram pouco a pouco, embora o meu filho ficasse sem se poder mover devido a uma fraqueza interior. Minha filha tem óptima aparência e não mostra nenhuns sinais de fraqueza, embora não possamos saber com certeza se está verdadeiramente curada.

Protestamos aqui a nossa maior gratidão ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora de Fátima.

Mais uma graça

Em Janeiro de 1933 foi despedido do meu lugar na Polícia sem que tenhamos feito tiveram dado muito para isso. Queixei-me às autoridades superiores e o meu caso foi enviado para o Govêrno de Bombaim.

No entretanto escreveu-me a minha Mãe recomendando-me que recorresse a Nossa Senhora de Fátima e enviando-me água e algumas orações. Segui as suas recomendações e comecei uma Novena em honra da Santissima Virgem enquanto estive em Bombaim. Fui reintegrado no meu lugar no dia 1 de Fevereiro de 1934. As minhas orações foram enviadas por N. S. de Fátima e foi por sua intercessão que alcancei o que desejava. Que Ela seja para sempre louvada.

Sou um antigo aluno da Escola Superior de Santa Cruz tendo estudado ali até ao fechar da Escola em 1922. O meu Pai é um médico reformado Dr. J. L. D'Costo que está praticando em Palliatthi.

Incluso vai uma «oferta» que prometi a Nossa Senhora de Fátima Peço-lhe que publique no seu livrinho êste grande favor concedido por Nossa Senhora.

Sergeant S. L. Coutts,
Bleschara Police Station,
Said Police Kanchi.

S. Coutts

PHILCO-RÁDIO

O INSTRUMENTO MUSICAL DE QUALIDADE

Concessionários:

Arnaldo Trindade & C.ª L.da

RUA ALEXANDRE BRAGA — 66

PÔRTO

Portugal aos pés de Maria

(Continuação da 2.ª página)

sas de Fátima a caminho dos seus lares distantes, vão cantando os louvores e as misericórdias da augusta Padroeira da Nação e preparam-se para descrever àqueles que ficaram as scenas grandiosas e empolgantes de que foram testemunhas, repetindo com o poeta que

aos pastores a Virgem Maria
quis revelar dos mistérios o véu
e, hoje em Fátima, a Cova da Iria
é um lindo cantinho do Céu!

VISCONDE DE MONTELO

Efemérides do Santuário

Durante o mês de Abril visitaram o Santuário de Nossa Senhora de Fátima diversas excursões, entre as quais as das alunas de dois colégios, um espanhol e outro francês, distinguindo-se, porém, pelo número dos elementos que a compunham, a dos estudantes do Colégio das Missões de Sernache do Bomjardim, que eram acompanhados por Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo de Ossirinco, D. João Evangelista de Lima Vidal.

23 e 24 de Abril. — Realizou-se a peregrinação das Noélistas, sob a direcção do rev.do Augusto de Araújo, O. F. M.

Estavam presentes grupos de Lisboa, Pôrto, Coimbra e Estoril, e algumas Noélistas doutras localidades.

No dia 23, à noite, depois do jantar na Casa dos Retiros, fizeram a procissão das velas. Em seguida expôs-se o Santíssimo Sacramento que continuou exposto durante tôda a noite, sendo a adoração feita por alguns grupos de Noélistas que se revezavam para poderem descansar algum tempo.

No dia 24, de manhã, depois da bênção e reposição do Santíssimo, efectuou-se a procissão de Nossa Senhora, da capela das aparições para a capela das confissões. Houve Missa, Comunhão, prática e nova procissão para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições. Seguiu-se o almôço retirando-se tôdas alegres e satisfeitas.

29 de Abril. — Estiveram de passagem em Fátima os peregrinos da diocese do Pôrto, de regresso de Vila Viçosa, acompanhados por alguns peregrinos doutras dioceses, especialmente de Bragança e Lamego. Com os peregrinos vinham também os veneranda Prelados do Pôrto e Coadjutor de Lamego.

12 de Maio. — Recebeu nêste dia o Santo Sacramento do Baptismo o Sr. Francisco Cândido Vieira de Sousa Lereno, filho do Coronel Sr. Francisco Cândido de Sousa Lereno, já falecido, e da Sr.ª D. Cristina da Luz de Faria Lopes Lereno. Serviu de madrinha a Virgem Nossa Senhora de Fátima. Depois do seu baptismo, foi muito cumprimentado por numerosas pessoas que assistiram a tão santo e solene acto. Em seguida assistiu ao Santo Sacrifício da Missa, durante o qual recebeu a Sagrada Comunhão com os mais vivos sentimentos de alegria e devoção.

A Jec de Lisboa no Santuário de Fátima

Já de há tempo que os estudantes da Juventude Escolar Católica (Jec) de Lisboa desejavam fazer uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, êsse desejo foi agora realizado.

No dia 18 chegaram à Fátima em dois auto-carros 48 membros da Jec que, acompanhados pelo seu Rev.do Assistente Eclesiástico P.e Eugénio Jalhay fizeram uma hora de adoração ao SS.mo Sacramento.

No dia 19 de manhã assistiram à Santa Missa e comungaram.

Pouco depois chegava Sua Ex.cia Rev.ma o Sr. Bispo de Leiria que almoçou com êles.

Às 3 ½ chegaram a Vila Nova de Ourém a cumprimentar cêrca de 700 rapazes da Acção Católica que ali estavam reunidos numa das suas grandes assembleias periódicas.

Foi enorme o entusiasmo de parte a parte.

O Presidente da Jec de Lisboa saüdou os rapazes de Leiria, agradecendo-lhe o Secretário da Jec de Leiria em nome dos Jecistas e o Presidente da Conferência em nome de todos os outros. Em seguida na igreja todos receberam a bênção do SS.mo Sacramento.

Uns e outros ficaram com as melhores impressões dêsse encontro.

"UNDERWOOD"

MÁQUINA DE ESCREVER

É A GARANTIA PERMANENTE DO CAPITAL DESEMBOLSADO

Agentes: Dunkel & Antunes, L.da — R. Augusta, 58 a 62 — Lisboa — Telef. 2 4258

TELEFUNKEN

A GRANDE MARCA EUROPEIA DE

APARELHOS DE T. S. F.

Instalações de microfones, amplificadores e alto falantes para igrejas, transmissões ao ar livre de discursos, sermões, música de órgão, etc.

Ultimamente foi montada em

FATIMA

uma grande instalação electro-acústica moderna.

Representante para Portugal:

AEG Lusitana de Electricidade

LISBOA — R. dos Fanqueiros 12/16

PORTO — R. Sá da Bandeira, 209

A Voz do Pároco

pelo Padre José da Cruz Curado

2.º VOLUME COM 18 SERMÕES

(Está esgotada a edição do primeiro volume) — À venda em todo o país.

Caixa Depositária — R. Arco do Bandeira, 23
LISBOA

Preço 15$00

Precisando de livros nacionais ou estrangeiros, consultai sempre a «União Gráfica».

DR. FORTE DE LEMOS

Tratamento da tuberculose

CLÍNICA GERAL

Rua Ivens-57-2.º

LISBOA

ARCEBISPO DE OSSIRINCO

S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. João de Lima Vidal, Arcebispo de Ossirinco, que é um notável escritor, visitou a Castiçaria Aliança, do Pôrto, demorando-se largo tempo na sala das Exposições.

Naturalmente o seu fino e educado espírito de artista, porque o é, fê-lo analisar com agrado a opulenta Banqueta de Fátima e quando foi deixar no Livro de Honra as suas impressões, o glorioso missionário português escreveu uma brilhante página da qual, com a devida vénia, transcrevemos estes períodos:

«Qual seria a catedral do mundo, por mais sumptuosa que nós a pudéssemos imaginar, que não invejaria para si aquela banqueta de Fátima? Até parece uma coisa já de outros tempos, quando a fé não conhecia limites às inspirações do seu amor nem aos arrojos do seu voo».

E mais adiante:

«A Castiçaria Aliança não é simplesmente um balcão, embora de filigrana, ela é sobretudo uma escola, uma arte».

Atenção!...

Quereis fortalecer-vos com um bom medicamento e curar a vossa *neurastenia*, nervos, esgotamentos ou tuberculose incipiente?... Tomai **NEUROGENINA «LUX»** e ficareis curados.

Para curar *pelagras*, eczemas, herpes, empigens, comichões, queda do cabelo, caspa, etc., etc... Use **TRICHOPHYTINA «LUX»** Experimentar, é curar.

Senhoras e cavalheiros de bom gôsto preferem os produtos **BEM-ME-QUERES.**

À venda em tôdas as boas Farmácias e Drogarias e no Laboratório Lux—Coimbra—Portugal.

Perdeu-se

Em Nossa Senhora de Fátima, na noite de 12 para 13 de Maio, perto do Alpendre das Adorações nocturnas:

Um têrço dos crúzeos, preto, com o crucifixo do perdão, uma medalha grande, em relêvo, do Sagrado Coração de Jesus com a cruz, uma medalha de Nossa Senhora de Lourdes e uma medalha com Santa Cecília e Santa Ignes.

Dão-se boas alviçaras a quem o enviar, registado, a MARIA DO NASCIMENTO MATTOS RATO DE MELLO E CASTRO, COVILHÃ (Beira-Baixa).

Uma maravilha

A freqüência na igreja era desusada, as visitas repetiam-se a todo o momento. Dir-se-ia que cada visitante era a chamariz para dezenas dêles.

Intrigados com o caso e atraídos pela curiosidade, fomos também e descobrimos a chave do mistério.

Havia poucos dias chegara a nova imagem do Coração de Jesus, mais uma obra do genial artista cristão: Sr. José Ferreira Tedim, do Coronado — Santo Tirso.

Bébés

Saüdáveis,

Robustos

e alegres

só com

Farinha Lactea Nestlé

PÔRTO RAMOS-PINTO

Voz da Fátima — Página dos CRUZADOS

Uma lição inesperada

PARA TODOS MEDITARMOS

Donde menos se espera sai as vezes uma lição proveitosa.

A local publicada no número de maio da *Voz da Fátima*, em que se anunciava a venda de um postal ilustrado com direito a prémios semanais, provocou, e era de esperar, dada a tiragem da *Voz da Fátima* que é hoje a maior de Portugal, muita correspondência.

Entre essa correspondência foram-nos mostradas 11 cartas e bilhetes postais, que diziam, umas nuns termos, outras noutros, naturalmente, porque vinham de pontos muito diferentes do país, isto: para vermos se algum dos nossos postais tem prémio onde havemos de consultar a lista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa? *Na nossa terra o único jornal que se lê é a «Voz da Fátima»!!!*

Quem escreve estas linhas não sabe como responder — o que de-certo fará a empresa editora dos postais. Mas aquelas palavras, escritas de onze localidades diversas de Portugal, encerram uma lição que todos os católicos portugueses devem meditar e que muitos à primeira vista, nem sequer compreenderão!

Há quem tenha chegado a desesperar da sorte do nosso país, por crer que o mal avançou já demais e não tem cura. Resignam-se à ideia de que temos de passar pelos supremos males para depois surgir, como reacção, um bem duradouro.

É uma ideia pessimista, que devemos repelir.

E duas observações queremos fazer para a repelir. A primeira é que veio há anos a Portugal um delegado qualquer das organizações russas, dos sovietes sem Deus, para estudar a situação portuguesa. Nesse tempo dizia-se que a mais forte e avançada organização que havia em Portugal contava cêrca de 90.000 associados. A nós pareceu-nos muito: mais o tal delegado foi-se embora dizendo que o povo português não estava maduro para bolchevismos. Aquela base de 90.000 filiados numa federação de trabalhadores não lhe parecia suficiente para aventuras.

E não era. E mais êle não sabia de que qualidade eram muitos dêsses 90.000 — honestos trabalhadores incapazes de se transformarem em feras como as das Astúrias, que em outubro passado, emquanto os soldados da ordem a defendiam com as armas na mão em combate frente a frente, iam a casa dêles cobardemente assassinar-lhes as mulheres e arrancar os olhos aos filhinhos inocentes.

Sim. Quem escreve estas linhas viu muitas vezes um dêsses «filiados», iludido na sua boa fé, que por intermédio da associação das quatro artes da construção civil a que pertencia, pertencia também, sem o saber, à organização anti-cristã — viu-o muitas vezes ajudar à missa, como bom católico que era numa capela particular da sua freguesia.

Primeira lição que se deve tirar: é preciso que nunca mais haja dêstes iludidos, que sem o saberem contribuíam com uma parte da quota paga à sua associação operária local... para se fazerem bombas em Lisboa ou para se publicarem jornais em que as suas crenças religiosas eram combatidas! É preciso que a nossa imprensa — diária, semanal, mensal, para operários, estudantes, homens e mulheres de tôdas as condições — vá a tôda a parte esclarecer a todos para que nunca mais sejam vítimas destas explorações da sua ingenuidade.

E agora a segunda observação: *na nossa terra o único jornal que se lê é a «Voz da Fátima»!* Que mundo de ideias estas poucas palavras sugerem! E vêm de onze localidades diferentes! De onze terras onde há portugueses, que ainda na paz invejável das suas aldeias moirejam de sol a sol sem serem tocados pela corrupção que a má imprensa, correndo como lava de vulcões das capitais, das cidades e das vilas, vai queimar, destruir, com as crenças a santa paz dos campos onde ainda se conhece e goza a alegria de viver!

Nessas terras o único jornal que lá entra é a *Voz da Fátima* — o jornal que hoje uma vez por mês vai como as inundações fecundantes do Nilo, beneficiar a vasta seara das almas, fomentar a germinação das sementes da educação cristã, assegurar a continuação, em larga escala, das qualidades que no passado fizeram grande entre as grandes a nossa raça.

Eu não sei que maior motivo de orgulho, de tanto orgulho, possa haver para um Cruzado, do que êste: saber que a tiragem do seu jornal é já hoje a maior, em língua portuguesa; saber que há terras onde nenhum outro jornal ainda entra e a *Voz da Fátima* é já como um cordão sanitário que os não deixará entrar; que já se pode dizer que a «*Voz da Fátima* tem já hoje tamanha tiragem que ainda que houvesse em cada concelho de Portugal um semanário e cada semanário com 1000 leitores — só a *Voz da Fátima* suplanta todos êsses semanários somados, com os seus 300.000 exemplares, e de-certo cada exemplar é lido por mais do que uma pessoa!

Avante! Avante, pois, com redobrado ardor, com redobrado entusiasmo. Somos 300.000? Vamos para 500.000! Que cada cruzado, onde ainda é possível, seja um conquistador e traga mais um soldado a êste exército de paz! A nossa pequenina quota — 20 centavos por mês! — há-de ser a fôrça potente, irresistível com que marcharemos à conquista, para Deus, das vilas e das cidades onde a má imprensa tem apagado a fé e semeado preconceitos nas almas de tantos nossos irmãos!

Mãos à obra!

Preparemos a Festa da Boa Imprensa!

Por feliz tradição, o dia 29 de Junho, Festa dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, é o *Dia da Boa Imprensa*.

Vários sacerdotes lembram aos fiéis dois deveres que uns ignoram e a grande maioria esqueceu: o de não lerem jornais e publicações que a autoridade eclesiástica não assinalou com o carácter inconfundível e glorioso de *católicos*.

E o dever de ajudarem, *por todos os meios*, os que o são: assinando-os, fazendo publicar neles os seus anúncios e participações, angariando-lhes muitos leitores e assinantes, fazendo, numa palavra, a sua máxima propaganda.

Êstes deveres têm sido — parece-nos — pouco recomendados e pouco cumpridos.

Pessoas até que pareceriam integralmente católicas, verdadeiramente piedosas, desconhecem a imprensa católica, e deixam invadir a sua casa por jornais e ilustrações dos chamados *incolores*, ou *neutros*, que os inimigos de Deus manejam com tôda a habilidade — até quando publicam notícias e gravuras que os crentes lêem com grande consolação espiritual, cheios de alegria por ver êstes *sinais dos tempos*..., que não souberam ser ricos, e a católicos que não souberam ser católicos»?!

Há tanto disso também em Portugal...

Terá soado a hora de, por meio da imprensa, trabalharmos para que Jesus Cristo reine na sociedade portuguesa, para que os direitos da Justiça e as normas da Caridade sejam por todos respeitados?!

Será em vão que construiremos igrejas, fundaremos asilos, abriremos escolas... Se não tivermos uma imprensa forte e perfeita, os inimigos tudo nos arrebatarão!

Esta advertência não somos nós que a fazemos: vem de mais alto, do alto do Vaticano: foi Pio X, de santa memória quem assim falou.

Em Portugal, havia em 1910, ordens religiosas, asilos, colégios, e templos sem conta, com muitas novenas e festividades...

Mas a imprensa — na sua quási totalidade — se não obedecia aos poderes das trevas, era da tal imprensa *incolor* que os nossos cristãos acham simpática e inocente...

...E todos sabem o que aconteceu em 1910, nos conventos, nas escolas, em tôda a vida nacional!

Compreendemos e sentimos bem a exclamação do grande pensador e grande Prelado que foi o Cardial Mercier:

Nada perderia a Religião, se para criar mais um jornal católico, ticéssemos de ficar com um templo a menos!

Postas estas considerações gerais — e porque estamos em tempo de evitar *palavreados* e praticar *acções* — vamos propôr para o mês da Boa Imprensa um pequenino programa de realizações.

Tão pequenino que, se nos vierem dizer que êle é impossível de pôr em prática, nós, que conhecemos um pouco o mundo, não acreditaremos.

O programa é êste. Há em Lisboa um diário e uma ilustração, católicos: *Novidades* e *Renascença*.

Portugal tem — números redondos — 4.000 paróquias. Se em cada uma se angariar, durante o mês de Junho, mais uma assinatura, muito teremos feito.

Dois assinantes a mais em cada freguesia, para um diário, trar-lhe-ia um aumento ilíquido de receita, *de um conto e duzentos* **por dia:** *o suficiente para meter mais tipógrafos, mais secções, mais gravuras — numa palavra, para o fazer progredir muito!*

Um assinante a mais, por freguesia, para *Renascença*, dar-lhe ia um acréscimo, *por cada número*, **de uns 6 contos** — e com êles poderia elevar-se a revista ao nível artístico e literário a que precisa ascender!

Fascinador plano êste! Não se poderá levá-lo a cabo?!

Será fácil a execução se os sacerdotes e os seminaristas, os Cruzados de Fátima, as Filhas de Maria, as Noëlistas, os Vicentinos, e todos os filiados na *Acção Católica* **o quiserem,** *de verdade*.

Será possível que o não queiram?!

* * *

Informamos, a propósito, de que as pessoas que enviarem uma lista de 10 assinantes certos para *Renascença*, terão direito a receber a ilustração gratuitamente.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Padroeiro de Portugal

Devotíssimo de Maria, inflamado do mais ardente zêlo pela difusão do Reino de Deus — Santo António é um modêlo que os Cruzados, filhos, como êle, de Portugal, se devem esforçar por imitar.

A história dum chapéu...

Pegou no chapéu, pequenino, e com êle na mão mirou-o e remirou-o de todos os lados, afastando tanto o braço para poder ver o efeito...

De frente... de lado... de trás... Ia ficar um encanto um verdadeiro apetite! Um grito aqui... outro ali... uma pena engraçada e... pronto! estava o chapéu feito.

Que bonito! Vale a pena ver-se. E se não o quiserem aceitar como modêlo então não há nada a fazer, porque aquilo é mais do que um simples trabalho de costura, de profissão; é uma verdadeira obra de arte!

Para melhor a apreciar, Maria Luísa deixa a mesa de costura, vai para defronte do espêlho e tira o *abat-jour* do candeeiro para dar mais luz ao quarto. Alisa o cabêlo com as mãos, e num gesto seguro põe graciosamente o chapéu na cabeça e olha-se ao espêlho, sorrindo satisfeita...

A-pesar-de tão pálida e de ter os olhos pisados, como lhe fica bem aquêle chapeluho sôbre os seus loiros cabelos! Uma coisa de nada afinal: um gorro de astrakan, uma pena — e eis tudo.

Sim; mas há também elegância fina, gôsto apurado...

Durante dois ou três minutos mais, a costureirinha continuou a observar-se: primeiro como profissional, reparando uma costura, endireitando a pena! depois como artista e finalmente com uma certa vaidade — que no sábado havia de confessar ao bom do senhor prior...

Era tão lindo um caracol loiro ao pé duma peliça preta!

Maria Luísa, Maria Luísa, tem juízo...

E contudo não me parece que o senhor prior se vá zangar muito.

Quando uma pessoa se levanta às 5 da manhã e se deita à meia-noite, e está todo o dia a trabalhar num *atelier*, apanhando encontrões das outras empregadas superiores, esquecida pela dona da casa, desobedecida das freguesas, e quando ainda à noite vai casa num quartito frio e desconfortável procura arranjar maneira de aumentar o *fato* insignificante — não há, não há razão para que o padre seja severo.

Além disso a pobre rapariga anda sempre numa aselhama para não atrasar a sua tarefa; e que não basta arranjar um chapéu, é preciso ainda coisá-lo, acabá-lo, alinhar a mil pequenos nadas que têm muita importância.

— ...E meia-noite? Posso trabalhar mais uma hora... E a agulha vai andando... Mais esta fita, mais esta prega... mais outro ponto...

E o petróleo gasta-se, e a agulha voa e os olhos cansam-se de tanto coser, até que a Maria Luísa dá consigo a dormitar com o nariz em cima do chapéu, e sente uma enorme vontade de se ir meter na cama.

* * *

Alguns dias depois, numa bela manhã de novembro. Fazia um frio sêco que deveria trazer algum sangue à cara descorada de Maria Luísa se ela ainda tivesse sangue nas veias, a pobre.

A costureirita tinha saído, muito chic, e vendo-a passar no seu vestido azul escuro levemente vaporoso de cambraia branca ninguém imaginaria que ela não fôsse uma senhora da sociedade.

Maria Luísa sente o coração a bater com muita fôrça e as mãos húmidas de suor dentro das luvas pretas; mas deixá-lo, há-de ir apresentar o seu chapéu como modêlo à famosa casa X, grande loja de modas. E nela que está a única esperança que ainda pode ter de aumentar o seu pobre pé de meia.

Por isso é preciso que a recebam. E porque não? Ela conhece lindamente o género e a freguesia daquela casa e preparou-se bem para o que der e vier.

E do caminho vai decorando o que há-de dizer; calcula as dificuldades que hão-de aparecer, prepara as suas respostas...

E ao próprio patrão de casa que ela quere falar; à primeira empregada é que de maneira nenhuma... A mulher é terrível para a mulher! Aqui está a casa... já. E na soleirinha. Tem um instante de hesitação, uma vontade doida de voltar para trás. Mas não. Bate à porta, olha de relance para o espêlho a ver se está realmente bem. Não está mal. Pelo menos tão bem como outra qualquer: — Santo António, quero fazer-vos uma promessa... — E entra.

* * *

Uma rica e luxuosa casa de modas.

Por aqui e por ali há raparigas a mostrar os chapéus, a atender as freguesas, a fazer provas.

Maria Luísa não tem sorte. Dá de cara com a tal empregada antipática e logo as outras se sorriem entre si, e fazem umas às outras sinais significativos, adivinhando o que se irá passar.

— Minha senhora, queria mostrar-lhe um chapéu «modêlo» — começa humildemente Maria Luísa.

— Não precisamos de nenhum, tenho muita pena, — responde a empregada.

— Mas dá-me ao menos licença para o desembrulhar? Podia vê-lo...

— É que estou com imensa pressa... Bem, vá lá...

E Maria Luísa atrapalhada pelos olhares de desprêzo procura desatar os cordéis...

— Não é alguma coisa muito fora de moda?

— Não... é um gorro... e parece-me que é muito bonito... muito elegante.

— Naturalmente.

Maria Luísa tira da caixa o pequeno gorro gracioso e complicado. A empregada olha para êle com ar indiferente, depois com uma certa atenção e finalmente — bom sinal — resolve-se a provar o chapéu e a examiná-lo de perto.

— É talvez um pouco pesado de mais... Não está mal de todo, mas não é o nosso género... Impossível ficarmos com êle... tenho muita pena...

E torna a sentar-se indiferente e distraída.

— Então?... Maria Luísa está aflita.

— Enfim, se quere 25 mil reis...

— 25 mil reis?! Mas só os enfeites, custaram-me 18 escudos!

— Quere 25? É pegar ou largar. E olhe que estou com pressa.

— É que... — e Maria Luísa sentiu que lhe vinham lágrimas aos olhos — trabalhei tanto nisto.

— Pode ser... mas vamos, vamos, resolva-se, não posso demorar-me mais aqui, retruca.

Maria Luísa, de cabeça perdida, berra:

— 25 mil reis aquêle mimo de pelica cetim... aquêle trabalho de duas noites. Não era possível. Mas que havia de fazer?

Sim; o quê? Teria coragem de ir a uma outra casa para agentar as mesmas e inúteis aflições?

E assim estava diante daquele pequeno chapéu que ela julgava ser o seu melhor trabalho.

Tôda a gente olhava para ela.

— Vamos, decidam-se, gritou a outra num tom de voz bastante sêco.

Então com um gesto cantado como o faria um artista ao separar-se da sua obra, ou antes, como alguém que se afoga e se sente sem fôrças para lutar:

— Pois bem... fique com êle...

* * *

E quando Maria Luísa saiu a empregada desatou a rir.

— Que pateta esta rapariga! E sacudindo os ombros: Natália, dá cá um suporte de chapéus e põe êste gorro bem à vista: é lindíssimo! Em dois dias está vendido.

— E que preço marco?

— Isso... espere lá...

E a empregada teve o mesmo gesto que Maria Luísa naquela sua noite de vigília: gorro na mão, a distância.

— E um chapéu que vale um dinheirão! Ponha lá... 300 mil reis! Nem menos um real!...

Adaptado
de
Pierre l'Ermite

SONETO

Acorda cedo como os passarinhos
E vem logo correr à minha cama;
Rasteja-me com jeito, por mim chama
E abre-me os olhos com os seus dedinhos.

Espreguiça-se, range-me «Bezinhos»,
Não quere bezinhos's com voz d'ouro exclama,
Da minha ira empalidece e chama,
E acariciando-a, pago os seus carinhos.

Senhor! que amor de filha tu me deste!
Dá-lhe um caminho brando e sem abrolhos!
Dá-lhe a virtude por amparo e guia;

E destina também, ó Pai celeste,
Que a mão com que ela agora me alise os olhos,
Seja a que há-de fechar-mos algum dia!

Eugénio de Castro

UMA POESIA

de JOÃO DE DEUS

Minha mãe, quem é aquêle
pregado naquela cruz?
— Aquêle, filho, é Jesus...
É a santa imagem dêle.
— E quem é Jesús? — É Deus!
— E quem é Deus? — Quem nos cria.
Quem nos manda a luz do dia
E fêz a terra e os céus;
E veio ensinar à gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmãmente;
Todo amor, tôda bondade!
— E morreu? — Para mostrar
Que a gente pela verdade
Se deve expor a matar.

Morreu o mais antigo operador de apendicite

Faleceu, há dias, na América do Norte, o dr. Abraham Groce, que fez em 1883 a primeira operação de apendicite a um doente.

VISADO PELA CENSURA

Um postal precioso

Tem tido imensa procura êste postal, que custando só *50 centavos* dá direito durante um ano — de maio de 1935 a maio de 1936 — aos prémios semanais, conforme anunciámos no número de maio da *Voz da Fátima*.

Como muitos compradores preguntaram onde haviam de saber quais os postais premiados, visto na sua terra só entrar a *Voz da Fátima*, respondemos que a partir de junho publicaremos aqui todos os meses os 12 ou 15 números dos 12 ou 15 postais premiados no mês anterior. Assim ficam satisfeitos todos.

Os postais podem ser pedidos — (mínimo 6 — por 3$00 e $50 por cada um a mais; um cento, para revendedores, 40$) e são enviados à cobrança para qualquer ponto do país, (convindo indicar a estação mais próxima) à

Editora Lux
Rua de S. Julião, 142-1.º
Lisboa

QUEM DÁ NO MUNDO MAIS TRABALHO AOS CORREIOS?

Sabeis qual é a pessoa que recebe todos os dias maior número de cartas?

É Sua Santidade o Papa.

Como morrem os grandes homens

Morreu há pouco o grande marechal Pilsudski, benéfico restaurador da independência da Polónia.

Na sua proclamação, Moscicki, o Presidente da República Polaca, disse que êle foi «o maior homem da história da Polónia».

Êste valente, que nunca tremeu perante os exércitos inimigos, também não foi cobarde, como infelizmente acontece com tantos, diante da morte.

E assim, em perfeita lucidez de espírito, recebeu os últimos sacramentos, que lhe foram ministrados pelo P.e Kornilowicz.

Quási todos os homens que se distinguiram na Grande Guerra, têm morrido com o conforto dos Santos Sacramentos da Igreja.

Acontece em Portugal, esta coisa escandalosa: pessoas que escolhem os alimentos que comem, não escolhem o alimento do espírito e pouco a pouco começam a pensar pelo jornal que lêem, deixando insensivelmente corromper a sua mentalidade. Ora a prudência é virtude que deve entrar em tôdas as outras virtudes, porque as outras sem ela não são nada.

Repito que o jornal católico é indispensável para sustentar as outras obras, para as defender, para as fazer prosperar. Aos jornalistas católicos quero deixar esta consoladora esperança: Não virá longe o dia em que os católicos hão-de amar a sua Imprensa, compreender a sua obrigação, abrir os seus cofres — Porque, se não quizerem abrir por suas mãos o cofre para ajudar a Boa Imprensa, alguém virá abrir-lho à fôrça, mais cedo ou mais tarde...

(Dum discurso recente do Senhor Bispo de Vila Real, numa festa de Boa-Imprensa)

Constituição de um grande povo

A propósito da morte do grande marechal e antigo Presidente Pilsudski, recordemos que, depois de 150 anos de dominação russa, a Polónia renasceu, há 16 anos, à sua independência.

Pois são dignas de referência — e causam-nos mesmo, a nós, filhos do *Portugal Fidelíssimo*, da *Terra de Santa Maria*, uma desculpável inveja — as palavras com que abre a Constituição da Polónia nova.

São estas, nada mais, nada menos: *Em Nome de Deus Todo-Poderoso; Nós, Povo Polaco, em agradecimento à Providência por nos ter libertado dum cativeiro que durou século e meio...*

Um rei que não esquece o Rei dos reis

Há 25 anos que subiu ao trono o rei Jorge V, de Inglaterra.

Houve, por êsse motivo em Londres e em todo o país, grandes festas de regozijo, verdadeiramente brilhantes e cheias de entusiasmo. O povo associou-se calorosamente.

Ora é edificante notar que Jorge V, chefe dum dos estados mais importantes e de maior progresso material — nos vários discursos, que pronunciou, nunca se esqueceu de manifestar a sua viva gratidão a Deus por todos os benefícios recebidos.

Procedimento nobre que louva e leva de aplaudir.

COMO FALAM OS SANTOS

Ouçamos Santa Terezinha

«Gostara de ser missionária, não por alguns anos apenas, mas desde o princípio do mundo até à consumação dos séculos... Queria esclarecer as almas como fazem os profetas e os doutores... Queria andar pela terra a pregar o vosso Nome e a levantar nos países infiéis a vossa Cruz gloriosa, ó meu Bem-Amado!... Mas uma missão só não me bastava; gostara ao mesmo tempo de pregar o Evangelho em tôda a parte do mundo, nas ilhas mais afastadas...»

Dizia também: «Só há uma coisa a fazer emquanto dura o único dia ou antes a única noite que é esta vida: é Amar, amar Jesus com tôdas as fôrças do nosso coração e dar-lhe almas que O amem».

Acrescentava, ainda: «A única coisa que desejo é saber Deus amado, o confesso que, se no Céu não pudesse trabalhar nada para isso, preferia ficar no exílio a ir para a minha Pátria».

PARA RIR

Em Paris inaugurou-se há tempos um monumento a Wilbur Wright recordando os seus primeiros vôos em França.

Wilbur Wright era tímido e de poucas palavras.

Um dia, as autoridades de Pau, ofereceram em sua honra um banquete, fizeram-se os brindes e lembraram a Wright o dever de agradecer.

O aviador levantou-se contrariado, pensou um momento e disse como que falando consigo próprio:

— Para quê falar?... De tôdas as artes, o papagaio é o que melhor fala, no entanto é o que pior voa.

* * *

Três amigos viajavam juntos: um sapateiro careca, um barbeiro e um alfaiate.

O alfaiate, numa hospedaria, disse à criada que o viesse acordar às 6 da manhã.

O barbeiro, por partida, de noite foi e cortou o cabelo do alfaiate à escovinha.

Quando de madrugada o vieram chamar, êle rentou-se na cama, e, olhando para o espêlho, exclamou: — Olha que estúpida a criada. Em vez de me acordar a mim, foi acordar o alfaiate.

* * *

Dois espanhóis conversam.

— No meu escritório, o movimento é tanto que gasto seis contos por ano só em tinta de escrever...

— Olha a grande coisa! No meu armazém, comecei a poupar cinquenta mil réis por dia desde que disse aos empregados que não punctuem os pontos nos ii.

APAGAR AS ESTRELAS...

Viviani foi um político francês cheio de ódio à Religião. Acabou por endoidecer, com a mania de que era padre.

Um dia, no Parlamento, combatendo o ensino religioso nas escolas, gritou que não descansaria *enquanto se não apagassem as estrêlas do Céu*...

Passaram-se anos, e houve grandes inundações. Viviani era ministro, e andava a visitar os bairros alagados.

Nisto, grita alguém lá duma janela:

— Olhe lá, o senhor Ministro que já foi apagar as estrêlas, não podia voltar lá acima para fechar as torneiras?...

Gargalhada Geral.

Ano XIII — Fátima, 13 de Julho de 1935 — N.º 154

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

CRÓNICA DE FÁTIMA

13 de Junho

Quem tivesse contemplado o espectáculo inolvidável da ingente multidão de fiéis, vindos de todos os pontos do país, que enchiam o vasto anfiteatro do local das aparições, no dia 13 de Maio findo, e reflectisse no número assombroso de pessoas que as festas da cidade de Lisboa atraíram à capital, concluiria necessàriamente que devia ser em extremo reduzida a afluência de peregrinos à Cova da Iria em idêntico dia do passado mês de Junho.

Pois essa conclusão tirada dentro dos preceitos mais rigorosos da lógica, cairia inteiramente pela base em face da realidade sobremaneira consoladora que naquela estância bemdita se ofereceu aos olhos de todos no dia consagrado ao glorioso taumaturgo, Padroeiro de Portugal e Padroeiro particular da freguesia de Fátima.

Para se poder fazer um cálculo aproximado do enorme concurso de devotos basta frisar que mais de dez mil pessoas se acercaram da mesa eucarística para receber o Pão dos Anjos.

Nas procissões, tanto na procissão das velas como nas de Nossa Senhora, iam hasteadas cêrca de vinte e cinco bandeiras.

De Setúbal foi a Fátima um grupo de 36 terceiros carmelitas, sob a direcção do rev. Joaquim António Fortuna, antigo professor do Seminário Patriarcal de Santarém e comissário da respectiva Ordem.

A freguesia de Casével enviou ao Santuário da Lourdes portuguesa uma peregrinação muito bem organizada composta de 400 pessoas, entre as quais setenta crianças, de ambos os sexos, da Cruzada Eucarística.

Esta peregrinação teve missa privativa às dez horas, celebrada pelo zeloso pároco da freguesia, rev. António Mendes, de cujas mãos todos os peregrinos receberam a Sagrada Comunhão, com sentimentos da mais viva piedade.

São ainda dignas de menção especial as peregrinações de Coimbra *(13 camionnettes)* do Arciprestado da Alvaiázere e de Mação, esta última com 90 crianças da Cruzada Eucarística.

Estas três peregrinações tiveram a sua Hora de adoração das 5 às 6 horas da manhã, presidindo o rev. Cónego Júlio dos Santos, director espiritual do Seminário de Coimbra.

Das 2 às 3 horas fizeram a adoração as peregrinações de Belém (Lisboa), Covilhã, Sintra e Carnaxide. Das 3 às 4 a de Sernache do Bom Jardim. Das 4 às 5 a da freguesia da Sé do Pôrto, presidida pelo pároco, rev. Cónego dr. Francisco dos Santos.

Durante a adoração nacional, da meia-noite às 2 horas, prègou o rev. Armando Setúbal Lopes, S. J.

Celebrou a missa do meio-dia Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria, que deu também a bênção aos doentes com o Santíssimo Sacramento.

Antes da procissão do «Adeus» prègou o célebre orador sagrado rev. dr. Luís Gonzaga Cabral, S. J., que, prestes a regressar ao Brasil, não o quis fazer sem primeiro se despedir de Nossa Senhora de Fátima, num formoso discurso cujo resumo damos noutra parte.

Durante a cerimónia da bênção dos doentes, o rev.º Prelado de Leiria era assistido pelos revs. cónegos drs. Tomás Fernandes Pinto, vice-reitor do Seminário de Coimbra, e Francisco dos Santos, pároco da Sé do Pôrto. Pegava à umbela o sr. dr. Santos, médico em Aveiro.

Os doentes que se inscreveram nos registos do pôsto das verificações médicas e receberam a bênção eucarística eram em grande número.

Assistiu a todos os actos oficiais, vestida de servita e, como tal prestando os seus serviços aos doentes, a miraculada de Maio passado que tinha ido a Fátima, não pròpriamente pedir a sua cura, mas pôr os seus três filhos, um menino e duas meninas sob a protecção da Santíssima Virgem, e que, encontrando-se ali moribunda, chegou a receber a extrema unção.

Acompanhava-a um médico que, a-pesar-de não ser o seu médico assistente, conhecia perfeitamente o caso de que se tratava e que declarou que, na melhor das hipóteses, a sua cura, dentro dos recursos naturais, não podia realizar-se num prazo inferior a dois anos.

Estava igualmente presente uma das mais notáveis miraculadas de Fátima, a moribunda de Gondomar curada repentinamente, por ocasião da bênção, duma doença antiga e gravíssima, considerada incurável.

Peregrinação alemã

A nota sensacional dêsse dia foi a presença duma peregrinação da Alemanha, composta de dois sacerdotes e quinze senhoras.

Tiveram a sua hora de adoração na Capela do Albergue dos doentes e missa própria na capela do Pavilhão, acompanhada a cânticos em língua alemã.

As peregrinas seguiram atrás do andor de Nossa Senhora na procissão do «Adeus», chorando de comoção.

Algumas das peregrinas eram da terra de Teresa Neumann que, segundo disseram, continua no mesmo estado, verificando-se sempre os mesmos fenómenos que têm enchido o mundo de assombro.

Assistiram ainda à cerimónia do dia 13 dois sacerdotes holandeses os revs. J. Limpens e J. Theunissen, professores do Seminário de Vila Real.

Visconde de Montelo

Programa das Peregrinações

Ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, durante os meses de Maio a Outubro

DIAS 12 — *Durante o dia* — Entrada das peregrinações à hora que quiserem e confissões — A tarde — Recepção dos doentinhos no Hospital depois de observados pelos Senhores Médicos.

— *As 22 horas (10 horas da noite)* — Têrço do Rosário seguido da Procissão das Velas.

DIAS 13 — *Da meia noite até às 2 horas da manhã* — Adoração do SS.mo Sacramento com práticas adequadas e, em seguida, horas de adoração presididas pelas peregrinações que o pedirem.

— *As 6 horas* — Missa e comunhão geral e, em seguida, missas, confissões e comunhões.

— *Às 12 horas (meio dia oficial)* — Têrço junto da Capelinha das Aparições seguido da Procissão de Nossa Senhora, Mista dos doentes com alocução, bênção do SS.mo Sacramento aos doentes e a todo o povo e procissão para reconduzir a imagem de Nossa Senhora.

OBSERVAÇÕES: 1.ª — Os Rev.mos Sacerdotes e peregrinos têm no Santuário de Fátima as licenças e jurisdições de que gozam nas suas dioceses, rogando-se-lhes o favor de, quando não sejam conhecidos, trazerem os seus documentos e de atenderem quanto puderem os penitentes.

2.ª — As Peregrinações podem organizar o seu programa especial dentro do programa geral, mas devem submetê-lo com antecedência à aprovação do Rev.mo dr. Manuel Marques dos Santos — *Seminário de Leiria.*

Efemérides de Fátima

25 e 26 de Maio — De todos os pontos do país afluíram a Fátima os beneméritos «membros das Conferências de S. Vicente de Paulo.

Do Pôrto foi um numeroso grupo de vicentinos acompanhados do presidente do Conselho Superior.

De Lisboa partiu um comboio especial com cêrca de 300 peregrinos, presidido pelo Ex.mo e Rev.mo Senhor Arcebispo de Mitilene.

A diocese de Leiria também forneceu um notável contingente.

A peregrinação vicentina realizou as cerimónias habituais.

O Rev.mo Prelado de Leiria, durante a Hora Santa, fêz a meditação dos mistérios gloriosos do Rosário.

No salão da Casa dos Retiros efectuou-se a assembleia nacional dos vicentinos, em que falaram diversos vicentinos.

26 de Maio — O Santuário recebeu nêste dia a visita da peregrinação da freguesia dos Riachos (Tôrres Novas), composta de 250 pessoas e presidida pelo rev. Pároco, António Paulo Marques. Entre os peregrinos destacava-se um grupo de crianças da Cruzada Eucarística. Assim que chegaram rezaram o têrço, cantaram e fizeram outras orações na capela das aparições, dirigindo-se em seguida para a capela das confissões. Depois de terem tomado um pouco de descanso fizeram a Hora Santa diante do Santíssimo Sacramento exposto.

De manhã tiveram missa, prática, comunhão, bênção do Santíssimo e procissão para a capela das aparições, onde rezaram o têrço e dirigiram os seus últimos pedidos a N. Senhora.

O fim principal da peregrinação foi impetrar de Nossa Senhora a coragem e o auxílio necessários para construírem uma nova igreja paroquial, porque a que possuem actualmente não chega para o movimento religioso da freguesia. Cada um dos peregrinos levou consigo do local do Santuário uma pequena pedra para ser lançada nos alicerces da sua nova igreja paroquial.

Alegres e satisfeitos partiram cantando, percorrendo grande parte dêles a pé, o caminho para a sua terra, que dista de Fátima cêrca de 30 quilómetros.

30 de Maio (Quinta-Feira da Ascensão). — Êste ano foi a quarta vez que, em igual dia, o dia da Ascensão, a freguesia de Santa Catarina da Serra (Leiria) foi ao Santuário em peregrinação organizada e presidida pelo seu rev. pároco, rev. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves que foi o sacerdote que teve a dita de ser o celebrante da primeira missa que houve no local das aparições. Chegaram cêrca do meio-dia. Na peregrinação vinham encorporadas as crianças de ambos os sexos, da Cruzada Eucarística, em número aproximado de 100. Deviam ser ao todo umas 900 pessoas. Logo que chegaram, assistiram à missa no pavilhão dos doentes. Ao Evangelho, o rev. pároco dissertou pôbre os fins da peregrinação dêste ano: alcançarem o perdão dos pecados próprios, o tempo necessário para os expiarem nêste mundo e um vivo desejo do Céu para não tornarem a ofender a Deus.

Depois da missa, foram tomar o alimento que tinham trazido e descansar um pouco. Em seguida fizeram duas procissões, uma com o Santíssimo Sacramento e a outra com a imagem de Nossa Senhora, regressando à sua freguesia, depois de terem recebido a bênção do Santíssimo.

13 de Junho — O sr. António Lopes Ferreira e suas filhas, Margarida Maria Lopes Ferreira e Maria do Carmo Lopes Ferreira, de Sequeirô de Sejães (Oliveira de Frades), chegaram hoje a Fátima, após uma jornada de 200 quilómetros feitos a pé.

13 de Junho — *A chegada da procissão ao recinto dos doentes*

COISAS QUE EU PENSO

3.—Há tantas religiões!...

Não há dúvida! Há muitas religiões por êsse mundo. Mas se não fôsse realmente um disparate a frase que pesámos no último número dêste jornal *(eu tenho cá a minha religião!)* ainda haveria muitas mais! Se o mundo tem para cima de mil e quinhentos milhões de habitantes, haveria, pouco mais ou menos, mil e quinhentos milhões de religiões!

Cada um criaria a sua!

Se lhes parece! A religião é um conjunto de preceitos que regulam os nossos deveres para com Deus, para com o próximo e para com nós mesmos. Êsses deveres, é evidente, nem sempre são agradáveis à nossa natureza, que mesmo quando vê o bem segue muitas vezes o mal. Se cada um dêsses a si mesmo fazes deveres, podem calcular! Cada um arranjava logo com jeitinho a sua religião! Mais: o mesmo indivíduo arranjaria até duas: uma para certa idade, em que as paixões reclamam certas condescendências, e outra para a idade em que as paixões se vão acalmando.

É o que o nosso povo exprime comicamente quando diz que depois de certa idade: contas e borracha!

Uma coisa vimos nós lá: é que os autores e donos da religião não podemos ser nós mesmos. Mete-se pelos olhos! Vão lá dizer às companhias do gás, da água e da electricidade, que nos fornecem essas coisas sem selarem elas os seus contadores!

Ora, os contadores são muitos e vários — mas o que cada companhia quere é que o seu selo seja o mesmo, e inviolável. As religiões são várias; mas Deus não pode deixar de ter na sua o seu selo, e inviolável.

Podemos nós, só com a nossa fraca razão, conhecer com infalível segurança o sêlo de Deus naquuma das religiões da terra?

A mesma razão e a história da humanidade dizem-nos que não. A razão — porque precisamente se há tantas religiões é porque o sêlo de Deus em sua não é tão evidente que exclua completamente tôda a incerteza. A história — porque ela nos diz que até os maiores filósofos pagãos da antiguidade andaram às aranhas e não puderam senão entrever algumas verdades das mais corneirinhas e ainda essas imperfeitamente.

E então? Que devemos concluir? Que devemos fazer? Desistir de encontrar a verdadeira religião?

O que devemos fazer é... pesar também esta idéia: *há tantas religiões!*

Vejamos. Se há tantas religiões, e umas se opõem às outras, devemos concluir imediatamente que não podem ser tôdas verdadeiras. Isto nem se discute! Se a religião é o modo como Deus quere ser servido pela sua criatura, é evidente que não pode querer ser servido aqui de um modo... e ali do modo contrário! Dizer que tôdas as religiões são boas é disparate, digno de figurar ao pé do outro: *eu tenho cá a minha religião! E até o mesmo disparate*, expresso por outras palavras.

E contrariam-se realmente as religiões umas às outras? Também não resta a menor dúvida. A luta entre as religiões enche tôda a história da humanidade. Tôda a gente o sabe.

Mas então estará a pobre humanidade condenada a nunca descansar na posse do conhecimento do modo como Deus quere ser servido? por outras palavras: estará condenada a nunca poder conhecer entre as várias religiões qual é a verdadeira?

Admitir semelhante idéia seria o mesmo que admitir êste absurdo: Deus teria criado o homem e sendo omnipotente e bom, e sabendo que o homem não se estaria sujeito às paixões, mas sim dotado duma razão limitada, fraca e susceptível de errar nos seus juízos, teria deixado essa criatura das suas mãos desamparada e vagueando sua tenras, perpètuamente à procura da luz!

E nêste caso de duas uma: ou Deus se não teria importado com o modo como queria ser servido pela sua criatura — e então não teria agora direito de lhe exigir êsse serviço; ou quis exigir-lhe êsse serviço e então não teria o direito depois de o condenar por ter errado no modo de o servir. Pois não é êle omnipotente e bom? E não conhecia êle a nossa miserável condição de sujeitos a erros do entendimento e a impulsos das paixões?

Mas nós não podemos admi-

(Continua na 2.ª página)

«VOZ DA FÁTIMA»

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Maio tirou 287.169 e em Junho 293.767 assim distribuídos:

	Maio	Junho
Algarve ...	3.569	3.894
Angra... ...	15.805	16.028
Beja... ...	4.128	4.216
Braga... ...	62.671	65.309
Bragança...	7.520	8.141
Coimbra ...	13.676	14.362
Évora... ...	3.500	3.700
Funchal ...	18.215	18.826
Guarda... ...	28.959	29.522
Lamego. ...	4.769	5.630
Leiria... ...	9.813	10.076
Lisboa... ...	6.616	7.131
Portalegre..	6.975	7.276
Pôrto... ...	36.649	38.903
Vila Real ...	31.688	32.031
Viseu	8.521	9.047
	263.074	274.092
Estranjeiro.	3.585	3.610
Diversos ...	20.510	16.065
Total ...	287.169	293.767

Fátima Ante a Basílica em construção.

Peregrinação de 13-6-1935

O Adeus Final

Texto: «Adeus saudosa Mãe»! (Verso final do hino «Adeus» a N.ª S.ª de Fátima).

Exórdio: Ex.mos e Rev.mos Senhor — Meus amados *Irmãos* em Maria Santíssima!

Como é expressiva esta palavra *«Irmãos»*, nêste lugar e nêste *momento!* Se há uma terra no mundo, na qual a *Fraternidade*, êsse sentimento eminentemente cristão, ainda mal que tão profanado, seja prática e fervorosamente exercitado, essa terra é Fátima! Fátima, onde a presença da nossa Mãe do céu nos faz sentir mais comoventemente que a Mãe de Jesus é nossa Mãe e que, sendo Jesus o nosso irmão mais velho, todos somos Irmãos uns dos outros! *a fraternidade cristã!* Fátima, hoje verdadeiro coração de Portugal, onde todos os que somos portugueses nos sentimos mais irmãos, como filhos da verdadeira Mãe de Portugal: *a fraternidade patriótica!* Fátima, outrora apenas conhecida, cujo nome, até dentro dos limites de Portugal, de poucos era sabido, e hoje centro atractivo de tôdas as nações fiéis, onde acodem, numerosos e fervidos os mesmos fiéis, que nos é grato acolher, não com a frieza de estranhos, mas com o afecto fraterno de quem sabe *ser* Deus o Pai de nós todos e Maria a nossa Mãe: *a fraternidade universal ou católica.*

E esta palavra *fraternidade*, tão expressiva nêste lugar, Fátima, parece ser ainda mais comovedora nêste *momento:* a despedida.

Foi para esta que a benevolência do vosso bondoso Prelado, benevolência tão desmedidamente superior a meus humildes méritos, se dignou convidar-me. Quero, pois, associando-me ao vosso *Adeus*, ponderar convosco:

o *quê*, o *quando* e o *até quando* do mesmo Adeus.

O quê. — Que vem a ser o *Adeus?*

Quanto mais as expressões se tornam usuais e frequentes, tanto maior é o perigo de se tornarem rotineiras e lhe esquecermos pouco e pouco o verdadeiro valor, passando elas a serem quási meros sonidos. Ora sabemos o que seja esta palavra *Adeus*, tanta vez por nós repetida. Em primeiro lugar, quero desde já corrigir esta expressão *palavra;* visto que *Adeus*, a bem dizer, não é uma palavra, mas duas: a Deus; ou mais exactamente: uma frase inteira, à qual se subentende o verbo: *a Deus te confio; a Deus te entrego!* A uniformidade das línguas novi-latinas em empregarem para a despedida esta fórmula: *addio!* (italianos), *adieu!* (franceses), *adios!* (castelhanos), *adeus!* (portugueses), poderia fazer crer que a terminologia é latina. Mas não é assim. A fórmula latina, muito menos sublime, muito mais reduzida, implicava apenas o voto da saúde: *vale! valete!* Não! o *Adeus* é, em todas estas nacionalidades muito mais *cristão*, do que latino!

E o adeus de Fátima? — (Este A-Deus é duplo e recíproco: O nosso *A Deus* a *Maria* e um indicativo que traduz um Parabém: *A Deus* pertenceis, ó Maria! A Deus honrais! A Deus possuis! — *Gratia plena — Dominus tecum!* O *A Deus* de Maria a nós é um optativo, que traduz um desejo, um auxílio, um voto de ventura: *A Deus vos entrego! A Deus vos confio! A Deus vos uno num estreito abraço.*) — Êste duplo Adeus de Fátima, de cada um de nós a Maria, e de Maria a cada um de nós é uma formosa aplicação do dualismo e reciprocidade da verdadeira oração. (A verdadeira oração não é só *falar a Deus;* é também *ouvir o Deus.* Na síntese fecunda de uma só expressão portuguesa, é *falar com Deus*).

Estudemos o quando êste nosso A Deus. Vejamos primeiro em que dia: no dia 13. É ainda uma lição maternal.

Quando o mundo se embrulha em estúpidas crendices e superstições a respeito do dia 13, que vê a Senhora tornã-lo o seu dia. E não é por acaso, senão de propósito, que a Senhora aparece todos os meses a seguir no dia 13.

O dia 13 é agora um dia consagrado à nossa Mãe do céu.

Vêde que dobrado encanto não tira o nosso *A Deus* do *quando.*

Há em cada semana um dia consagrado a Maria — o sábado.

Em cada mês, em Portugal, o dia 13; entre êles com particular razão os 13 de Maio e Outubro, nos quais se encerra o ciclo glorioso das aparições.

Mas o 13 de Junho em que nos encontramos, tem um significado particular. É o mês do Coração de Jesus e o dia do Padroeiro de Portugal.

Consideremos agora o *Até quando.*

Ao despedirmo-nos, quem sabe até quando será. Pode ser para sempre e para nunca mais nos tornarmos a ver. Mas o nosso *a Deus* não há-de ser assim. Há-de ser novamente até aqui à Fátima, onde nos tornaremos a encontrar.

Pois não está isso nos desejos de todos? Não será essa a nossa vontade, rever a Senhora e encontrarmo-nos de novo aqui a seus pés?

Até quando?

Sinónimas do nosso *A Deus* há nêste sentido do *até quando* outras expressões portuguesas mais claras, que nos darão muita luz no momento presente. *A Deus — Até à vista — Até mais ver!*

Oh! Há sempre no nosso A Deus essa esperança latente de tarde ou cêdo nos tornarmos a ver.

Mas há uma vista bem mais perspicaz do que a dos olhos; é a do coração.

Iremos para longe, muito longe?

Não tornaremos a contemplar a Fátima com os olhos do corpo?

Nem por isso deixaremos de ter a Fátima diante dos olhos do coração.

Aqui é Fátima ante os olhos; depois pela vida fora é Fátima no coração. Aqui é Fátima na Fátima! depois Fátima longe da Fátima, na saüdade e na recordação da vida inteira.

Fátima, Adeus! — Adeus mas até mais ver.

Quando lá fora se fala e ouve falar de Fátima e da nossa terra então melhor se compreende o sentido profundo dêste *Adeus.*

O *até quando. A Deus, até à vista, até mais ver!* Há uma vista mais perspicaz que a dos olhos; é a do coração. (Fátima ante os olhos; Fátima ante o coração. *«Fátima em Fátima»* e *«Fátima longe de Fátima»*. — *Fátima, Adeus! A Deus!* mas *até mais ver!* Fátima no estranjeiro para os que amam Portugal, Fátima no Brasil, ó Senhora de Fátima! o meu *A Deus* é de Fátima para Fátima! de Fátima na Serra d'Aire, para Fátima — na Baía: aqui e lá é a vossa glória que me cativa.

Oh! quanto gostaria de voltar ainda, à Fátima! O que mais importa, porém, é a Fátima do Céu. Lá não faltaremos. Esse é o principal *até quando* do nosso *Adeus; êsse* o melhor *até à vista; até à vista de Deus! até à visão beatífica!* em companhia da Senhora de Fátima, para sempre! para sempre! êsse é o verdadeiro *A Deus;* a posse de Deus para as Eternidades das Eternidades. — O fruto principal do nosso *A Deus* desta tarde há-de ser assegurar o *A Deus eterno*, não de despedida mas de plena posse, está em que a nossa união com Deus pela graça nos assegure, pela constante conservação da mesma graça a eterna posse de Deus pela glória.

Oh! meus irmãos, uma resolução hemos de levar daqui hoje. A de trabalhar com todo o afinco por conservarmos sempre a graça de Deus, a-fim de que nenhum de nós falte lá no Céu ao Eterno *A Deus da Bem-aventurança.*

AVISO

Aos srs. Directores das peregrinações ao Santuário de Fátima

Para que as peregrinações ao Santuário de Fátima sejam consideradas como tais, gozando dos privilégios que lhes são concedidos, precisam de autorização, por escrito, do Ex.mo Prelado da respectiva Diocese.

O despacho do Ex.mo Prelado deve ser enviado, com a devida antecipação, ao Rev. dr. Marques dos Santos, Vice-Reitor do Seminário de Leiria, superiormente encarregado de dirigir as peregrinações.

As peregrinações serão presididas por um Rev. Sacerdote autorizado pelo seu Ex.mo Prelado para êsse fim e para cada caso.

VISADO PELA CENSURA

Falecimento de três grandes amigos de Fátima

Bispos de Berlim e Mogúncia e Rev.^do P.^e Ambrósio da Suíça

I

Bispo de Berlim (Alemanha)

No dia um de Março, próximo passado, faleceu S. Ex.ª Rev.^ma o Sr. D. Nicolau Bares, Doutor em Sagrada Teologia e Bispo de Berlim. Em 1931, quando ainda Bispo de Hildesheim, e sob a ameaça da onda bolchevista que então pairava sôbre a sua Diocese, escreveu S. Ex.ª à propósito do livro do dr. Fischer, «Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica», as seguintes memorandas palavras: «O seu livrinho, que é dum fôlego, comoveu-me profundamente e despertou em mim o desejo de ver N. Senhora aparecer-Se também nas nossas misérias e socorrer-nos nas nossas necessidades. Há-de haver 30 anos que visitei La Salette e Lourdes, tendo lido também a história dêsses Santuários. O que para mim é estarrecedor, é que, em todos êstes casos, o sujeito das Aparições sejam sempre crianças simples e ignorantes e que a mensagem de N. Senhora seja também invariàvelmente a mesma. Quem, mais do que o nosso país, teria necessidade de regressar à fé e à prática antigas, sobretudo nesta época em que a miséria material e moral se dão tão mutuamente as mãos, servidas ainda por uma crítica atéia e soberba que tantos e tão graves estragos vai causando às almas?

Oxalá que Deus abençoe os seus trabalhos e que N. Senhora da Fátima proteja o seu regresso à Alemanha.»

Também o Sr. Bispo de Berlim contempla já, face a face, a Rainha do Rosário que êle tanto amou na terra, e reconhecerá agora, à luz da claridade celeste, o inefável amor de N. Senhora para com todos os filhos seus, sem excepção daqueles que neste mundo estavam confiados à sua guarda.

II

Bispo de Mogúncia (Mainz)

No dia 30 de Março, do corrente ano, faleceu também S. Ex.ª Rév.^ma o dr. Luis Maria Hugo, Bispo de Mogúncia. Foi dos primeiros a reconhecer a boa-nova de Fátima para todo o mundo católico.

Fátima era, em seu dizer, um programa sublime vindo do Céu. O livrinho «Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica» forneceu-lhe ensejo para escrever as seguintes linhas: «A história da evolução dêsse Santuário ao qual acorrem formidáveis multidões é, neste livrinho, exposta com precisão e clareza até ao momento da sua aprovação pelo Prelado Diocesano. Roma já falou também, não por meio de uma aprovação formal, mas pela concessão de privilégios e indulgências. O próprio Papa Pio XI benzeu a linda estátua de N. Senhora da Fátima que se venera na Capela do Colégio Português, em Roma. A-pesar da abundante documentação contida no livrinho, faz-se ressaltar ainda a circunstância da evolução, por assim dizer, natural e espontânea do Santuário, sem qualquer espécie de intervenção tanto do Prelado como do clero.

O leitor, ainda o menos entusiasta, deve ver aqui o dedo de Deus. Fé simples e veneração profunda manifestam-se ali com fôrça natural e irresistível. É uma enorme multidão que agradece, louva, confia, ama e venera a Nosso Senhor Sacramentado e a sua Mãi Celestial. Por fim, termina o livrinho com um capítulo empolgante no qual se descreve a formidável peregrinação de 13 de Maio de 1931 em que o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, com a assistência de todo o episcopado, consagrou de novo Portugal a N. Senhora.

Portugal e o mundo inteiro podem ser aqui de que lado provém a luz que ilumina as trevas.

Quando, no verão de 1934, apareceu o livrinho «Jacinta, a florinha de Fátima» endereçou êle ao autor as seguintes palavras:

«Agradeço-lhe, de todo o coração, a oferta do livrinho de Jacinta que me alegrou e satisfez mais do que uma centena de tratados sôbre problemas da actualidade».

Sua Ex.ª tinha já antes escrito um amável prefácio para êste livrinho em que se descreve a vida da mais nova dos pastorinhos de Fátima. Êste prefácio, um dos seus últimos trabalhos, é como que o testamento espiritual do ilustre e piedoso Prelado, cujo maior cuidado do seu múnus pastoral era a comunhão precoce das mais pequeninas das suas ovelhas.

III

Reverendo Ambrósio (Suiça)

Ao lado da piedosa Catarina Kopfmiller, de Frankenthal (Palatinado), ferverosa propagandista do «Boten», mencionaremos o santo P.^e Ambrósio Schnyder, director espiritual do convento de Appenzell (Suiça).

Se a sua vida foi modelar e edificante, não o foi menos a sua morte. Sofreu, como êle próprio confessa, uma *terrível* decepção ao vencer, no dia de Todos os Santos de 1934, uma grave crise cardíaca que todos supunham mortal.

Há muito que êle ansiava pela grande viagem da eternidade e esperava que essa síncope fôsse, emfim, a ponte que o uniria para sempre a Deus. Bem-aventurados os que em presença da morte podem assim falar!

O P.^e Ambrósio, que era um organista exímio, compos, êle mesmo, o admirável acompanhamento para os cânticos da Fátima e de Jacinta. Quando, nos dias 13, o septuagenário se sentava ao órgão do convento para tocar o seu cântico de Fátima, todos os achaques e fraquezas da idade desapareciam como que por encanto. Era tal o entusiasmo juvenil, a mestria e o sentimento que imprimia a tase cântico que tôda a assistência se sentia profundamente comovida. Depois da devoção a N. Senhora de Fátima o seu corpo doente e alquebrado ressentia-se, como é natural, do esfôrço dispendido, mas o espírito, êsse, permanecia dias e dias sob o influxo que o admirável e inesquecível cântico deixava impresso no seu coração. Agora então o P.^e Ambrósio, lá no Céu, os seus cânticos à Rainha do Rosário.

Deus lhes dê o eterno descanso!

(Da «Bote von Fátima»)

Nossa Senhora da Fátima no estranjeiro

EM ROMA

No *Colégio Português*, em Roma, está exposta à veneração uma estátua de Nossa Senhora de Fátima, esculpida em Portugal, e que o Santo Padre Pio XI benzeu.

No dia 13 de maio é a sua grande festa que êste ano foi ainda mais concorrida do que nos anos anteriores.

A linda e vasta capela do Colégio estava, então de manhã como de tarde, literalmente cheia. Assistiram o Sr. Ministro de Portugal junto a Santa Sé dr. Alberto de Oliveira com sua Esposa e o sr. Conselheiro Fernando de Sousa e pessoas de família.

De «S. Benedetto del Trentos cujo os alunos do Colégio passaram as férias e propagaram a devoção a Nossa Senhora de Fátima, vieram 9 pessoas assistir à festa. Uma das senhoras que fazia parte do grupo, reconhecida e muitas graças concedidas por Nossa Senhora de Fátima, ofereceu uma linda coroa de ouro que foi logo colocada na estátua.

Nos dias seguintes continuou a romaria à Capela do Colégio de pessoas de Roma e Congregações religiosas trazendo algumas grandes ramos de flores que depunham aos pés de Nossa Senhora.

Bem hajam!

Saüdades dum peregrino italiano

Do Rev.^mo Sr. Cónego Torelli que com o sr. dr. Battaglia veio em peregrinação ao Santuário da Fátima, recebeu Sua Ex.^cia Rev.^ma o Sr. Bispo a seguinte carta que publicamos. O dr. Batalha é o Presidente Diocesano da A. C. da Juventude, na Diocese de Mondovi — Itália.

Ex.^mo e Rev.^mo Senhor

De volta, após a nossa longa viagem, temos agora mais vivas do que nunca e presentes ao espírito e no coração as suaves e santas consolações experimentadas durante a breve permanência na Fátima.

Lá voltámos em espírito ao meio da devota multidão que naquele recinto sagrado se reuniu a invocar Nossa Senhora do Rosário da Fátima e a agradecer-lhe os favores recebidos.

Ligada às inefáveis alegrias que lá sentimos é às dores vividas daqueles dias temos a viva lembrança da vossa bondade.

Recordamos a agradável surpresa de ter encontrado em Leiria um centro comum, a senhoril generosidade do Senhor Reitor, a amável delicadeza dos Padres do Seminário, a afável companhia do querido dr. Venâncio que, sem olhar a sacrifícios nos serviu de intérprete e quis como amigo inseparável levar-nos a gozar tôda a beleza sobrenatural do ambiente da Fátima.

Deo gratias!

De certo que nunca mais nos esqueceremos da Diocese de Leiria, da Fátima e do magnânimo coração do seu santo Bispo.

Agradeço também em nome do dr. Battaglia, de Mondovi,

Agradecendo a todos na pessoa de V. Ex.^cia Rev.^ma, limito-me por agora a certificar V. Ex.^cia de que Nossa Senhora de Fátima começa também aqui a ser conhecida e invocada.

De V. Ex.^cia Rev.^ma

servo obedientíssimo e m.^to ded.^o no Senhor

Ceva (Provincia de Cúneo) Itália, 14 de Maio de 1935.

Cónego João Torelli

NO BRASIL

Uma igreja em honra de Nossa Senhora da Fátima

Em terreno oferecido pôr um devoto ao Em. Cardeal D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro e por Sua Eminência entregue ao Instituto D. Orione, vai ser levantado um templo grandioso que satisfaça a piedade e devoção dos fluminenses e portugueses do Rio de Janeiro. Para isso vão iniciar uma grande propaganda no Rio por meio dum boletim que está prestes a sair.

Um novo arauto de Nossa Senhora da Fátima

— «Vozes do Santuário do Sumaré — (Orgão da Confraria de N. S. da Fátima)

Com êste título começou a publicar-se no dia 13 de Maio p. p. em São Paulo (Brasil) uma nova fôlha mensal que se propõe propagar o culto de Nossa Senhora da Fátima naquele florescente estado do Brasil.

Apresenta-se com bom aspecto gráfico. Entre as notícias avulta a larga reportagem da visita de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca ao Santuário de N. S. da Fátima do Sumaré.

Larga vida e mil prosperidades ao novo colega da imprensa!

EM PARIS

Nos Domingos 9 e 16 de Junho realizaram-se na igreja de Sainte Geneviève des Grandes Carrières duas reuniões dos portugueses residentes em Paris em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Às 3 horas da tarde houve sermão em português pelo Rev.^do sr. P.^e Bernardo Coutinho e bênção do SS.^mo Sacramento.

NO ANNAM

Um livro novo

Ao país de *Annam* (Indo-China ocidental), de 6 milhões de habitantes imersos em grande parte nas trevas do paganismo, mas onde também há católicos descendentes dos antigos cristãos convertidos por S. Francisco Xavier e outros missionários, chegou o conhecimento das maravilhosas aparições de Nossa Senhora de Fátima.

Foi publicado um livro que se intitula:

KE Tich Buc BA Rat THANH Van coi Hienra TAI LANC Fatima TRong

e é uma narração dos acontecimentos de Fátima que tanto se tem espalhado pelo mundo inteiro.

A língua anamita é monossilábica como a chinês distinguindo-se dêste pela sua fonética e pelo seu vocabulário, mas não pela construção.

Nota — Não reproduzimos o título do livro com a devida acentuação por não possuirmos êsses caracteres tipográficos.

Indo-China Inglesa

Terras do Padroado

Em Singapura

(V. Boletim de Macau — março de 1935 p. 926

Da magnífica revista *Boletim da Diocese de Macau* que se publica naquela nossa província ultramarina extraimos (resumindo-a muito) a notícia da festa da inauguração do culto de Nossa Senhora da Fátima.

Desejavam os cristãos de Singapura construir um grande altar de mármore em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Para isso já tinham muito adiantadas as subscrições; a imagem era oferecida por um devoto natural de Goa, e uma grande devota de N. Senhora da Fátima oferecia um lindo mosaico com a scena da aparição.

Infelizmente reconheceu-se que não havia lugar para o altar e inauguraram então solenemente um altar mais pequeno em sítio bem visível da igreja.

A festa realisou-se no dia 10 de Fevereiro com a igreja apinhada de fiéis que tinham previamente sido avisados e preparados com uma série de práticas sôbre os acontecimentos da Fátima.

No dia da festa houve missa solene com acompanhamento de orquestra e sermão de Nossa Senhora da Fátima.

Aos fiéis foi distribuido no fim um santinho com a imagem de N. Senhora da Fátima enquanto em sua honra os cantores executavam um lindo cântico.

A tarde houve têrço.

Deve ter-se alí realisado em Maio a festa principal de que ainda não temos notícia.

As graças começam já a chover sôbre os devotos de Singapura.

Que Nossa Senhora da Fátima se derrame com abundância sôbre êsses seus filhos tão amigos de Portugal por quem receberam as luzes da fé!...

Impressões duma peregrinação alemã

Em companhia de 15 raparigas, fui, no dia 12 de Junho, em peregrinação ao Santuário de N. Senhora de Fátima. Pelas 7 horas da tarde, depois de um dia quási inteiro de viagem, avistámos, finalmente, o primeiro cruzeiro e começámos a rezar. Apoderou-se então de mim uma grande ansiedade de ver Fátima onde N. Senhora manifestou o desejo de que se lhe construisse uma capelinha que seria muito visitada pelos fiéis. E há verdade muita gente alí vai para rezar, para procurar consolação para as suas dores ou para obter a cura das suas doenças. O Santuário, ainda incompleto, é separado da estrada por meio dum grande pórtico. Tudo o que é negócio e mundanismo deve ficar fora do sagrado recinto. A estátua do S. C. de Jesus, brilhante como o ouro, acolhe com bondade todos os que entram. Por debaixo dessa estátua fica situada a fonte miraculosa, cuja água N. Senhora fez brotar. Numerosos peregrinos vão entrando pelo largo pórtico entoando o Ave! de Fátima. O som dêsse cântico ficou-me impresso para sempre na alma. À esquerda, no local onde apareceu N. Senhora, existe uma pequena capela. Como eu amo essa capelinha! A imagem de N. Senhora está alí exposta à veneração dos fiéis. É numerosa a multidão que alí se aglomera para pedir ou agradecer benefícios recebidos. Um pouco mais longe fica a capela das confissões sempre repleta de fiéis que esperam a ocasião de se purificarem dos seus pecados no tribunal da penitência. Conservei-me alí uma hora, e ao sair, milhares e milhares de luzes, semelhando estrêlas, brilhavam em honra de N. Senhora. Era a procissão das velas.

É meia noite. O S. S. Sacramento está exposto sôbre o altar. Como eu o amo e me sinto feliz e tranquila na sua presença! Para a hora de adoração franqueou-nos, gentilmente, um sacerdote, a entrada para a capela do Hospital. Também no dia seguinte nos foram concedidas tôdas as facilidades para assistir às missas, sobretudo à missa dos doentes junto da Basílica em construção. Ao fundo da vasta escadaria é o lugar reservado aos doentes. Como desejariam ser curados por N. Senhora! O calor é na verdade asfixiante mas, não obstante, o tempo alí passado não me pareceu nada longo. Com o coração cheio de saüdade tive que deixar o Santuário mas com a firme esperança de voltar mais uma vez ainda. Comoveu-nos profundamente a gentileza do sr. Bispo pedindo aos peregrinos para orarem pela Alemanha e pela paz. Também nos pediremos à Mãe de Deus que retribua a Portugal o bem que nos tem feito e o carinho que nos tem manifestado.

Com a alma a transbordar de alegria e reconhecimento entoámos em alemão, língua da nossa pátria, um cântico de despedida e voltámos para Lisboa onde o nosso dever nos chamava.

Crezenz Vöhl

Um grupo de peregrinas alemãs

Questionário Catequístico

Sacramento da Comunhão

(Continuação)

I. Qual será a melhor preparação para a comunhão?

Além das disposições necessárias:

Na alma

Graça de Deus e recta intenção ou desejo de se tornar melhor.

No corpo

Jejum natural desde a meia noite e compostura reverente; quem se quiser dispôr ainda melhor procurará excitar na alma as disposições que o Senhor cultivou nos Apóstolos:

Acto de fé

Acto de fé ou acreditar nas suas palavras omnipotentes que transformam o pão e o vinho no seu Corpo e Sangue Santíssimos.

Actos de humildade, pureza e caridade

Actos de humildade, pureza e caridade que o Senhor cultivou com o lavar os pés aos Apóstolos.

II. Qual será a melhor acção de graças?

Acto de adoração

Chamando tôdas as faculdades da alma e do corpo a prestar as suas homenagens a um Senhor tão grande e tão amigo dos homens que nos veio visitar.

Acto de gratidão

Excitando no seu coração os sentimentos que Nossa Senhora manifestou no seu canto da «Magnificat».

Acto de contrição

Pedindo perdão pelas ingratidões passadas.

Acto de reparação

Propondo uma vida melhor para o futuro na guarda dos Mandamentos de Deus e da Igreja.

Acto de confiança

Confiando só na sua graça ou auxílio divino que nos há-de ajudar a curar tanta miséria e doenças na alma.

Acto de petição

Pedindo tudo o que necessitarmos para bem nosso espiritual e corporal, e para bem de nossos irmãos, superiores, iguais e inferiores.

E depois, como fazem os pobrezinhos cristãos à porta dos ricos, começar a rezar ou uma Estação ou a Via-Sacra ou outro oração de que mais gostemos até completar o tempo disponível para estar com Nosso Senhor.

III. Quanto tempo nos devemos demorar na acção de graças?

1. Sendo a Comunhão à missa é preciso demorar-nos pelo menos até ao fim da missa.

2. Sendo fora da missa deve-se demorar de 7 minutos a um quarto de hora.

Sair logo que o Sacerdote dá a bênção é muito feio e sinal de má educação religiosa. Ninguem que vai cumprimentar ou tomar alguma coisa em casa alheia faz essa figura.

3. Quem pelos seus afazeres tiver pouco tempo para se preparar e dar depois graças, combine com o seu Director espiritual como é bem que faça.

Arte religiosa

Após a decadência clássica, foi a Religião a grande renovadora da Arte.

A arquitectura, a escultura, a pintura, quando o mundo romano foi invadido e dominado pelos bárbaros, refugiaram-se nas igrejas e nas catedrais, fazendo em novas formas de estilo cujo motivo inspirativo era o sentimento religioso legando à posteridade as grandes obras de arte e os notáveis monumentos românicos e góticos, que são ainda o assombro das gerações de hoje.

O mesmo sucedeu com a ourivesaria artística, a qual se criou, desenvolveu e prosperou à sombra da Religião, sendo os seus mais notáveis trabalhos destinados a objectos de culto. Os mares e templos portugueses conservam o que de mais belo e admirável nesse ramo de actividade se tem até hoje produzido, e é ainda a Religião que, nesta época de materialismo grosseiro, continua auxiliando esta nobre indústria nacional.

Basta atentar nos maravilhosos trabalhos de motivo religioso realizados pela Ourivesaria Aliança, do Pôrto, como o Sacrário da Igreja dos Congregados, o Cálice da Sé da Guarda, a Banqueta de Nossa Senhora de Fátima e tantos outros, para nos convencermos desta indiscutível verdade.

Seja prudente!...

Se precisa de adquirir uma imagem, em que a arte acompanhe a piedade cristã, não compre sem consultar a Casa Tedim.

Aí encontrará o que há de melhor no género.

As mais belas estátuas de Nossa Senhora da Fátima têm saído das suas oficinas.

Peça preços a:

José Ferreira Tedim, Coronado — Santo Tirso.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	617.211$47
Papel, comp. e imp. do n.º 153 (293.700 ex.) ...	15.786$33
Franquia embal. transp. etc.	6.094$60
Na Administração	110$40
Total	639.211$40

Donativos desde 1$00

Maria Simões — Crespo, 20$00; Maria Leiria — V.ª Real de S.ª António, 15$00; Joana do Esp. Santo — Amoreira, 15$00; Angelina Soares de Melos — Loulosa, 67$50; M.ª Olivia Neto — Pinto, 20$00; Ambrosina do Carmo Alves, 50$00; N.ª 2380, 25$00; N.ª 4078, 25$00; Manuel de Barros — Pica, 20$00; Celina Pais — Podence, 20$00; José Macedo — Calidónia, 22$40; António Maciel — América, 15$00; António Andrade — Almeira, 15$00; Ermelinda da Luz — América, 15$00; Conceição Povoas — Rio Tinto, 20$00; Alva Lima — Foz do Douro, 20$00; José J. Rodrigues — Garfe, 15$00; Benta Ferreira — Paredes, 16$00; Leonor Serrão Chitas — Cabeção, 40$00; J. S. Baptista — Aceiras, 50$00; Guilhermina Plantier — Lisboa, 20$00; Amélia Cabral — Mangualde, 25$00; Alfredo Cabral Amaral — Coimbra, 15$00; Henrique Alv. Mendes — C. de Paiva, 20$00; Rosalina Jorge — Lisboa, 15$00; Mariana Vilar — Vale de Santarém, 15$00; Ramada de Avis, 40$00; Porfirio Martins Pontes — Miranda-la, 30$00; Jorge Lopes — Alvega, 20$00; Viscondessa da Sanchosa de Borna, 40$00; Josefina M. Preto — M.^to-o-Velho, 20$00; H. H. Xavier — Hongkong, 22$05; M.ª S. Xavier — Kowloon, 22$05; C. C. Baptista, José da Graça, J. M. Rosário, N. C. Sales, Artur A. Alves, Alda Figueiredo, J. M. Almeida, E. Bisaia, G. A. Carvalho, F. M. Pereira, H. da Luz, J. F. Sousa, B. M. Cunha, Clemência Gonçalves, M. F. Figueiredo, J. Baptista, Eulália d'Eça, C. M. Ribeiro, José M. Alves, José M.ª Fonseca, M.ª Eulália P.ª, Ant.ª Malaquias, Josefina Rodrigues e B. M. Rosário, todos de Hongkong, cada 22$05; Padre Emilio Gonzalez — Vigo, 22$05; Esmola de Beiriz, 100$00; Maria Isabel Baptista — Ribeiradia, 20$00; Sofia Rêgalão — Abrunheira, 15$00; José Simpaio — Levanda, 20$00; P.ª Antonio José das Neves — Carvalhal, 50$00; Maximina de J. Oliveira — Almeida, 20$00; Esmolas de Teixeira — Amarante, 30$00; M. Henriques Dias — Ponte da Barca, 15$00; José Maria de Amorim — Pombal, 40$00; José da Cunha — Tôrre de Ervededo, 15$00; M.ª Ant.ª Queirôga — Evora, 20$00; Albino Teixeira — Pinho, 20$00; M.ª Rosão Amaral — S. João do Estoril, 40$00; Distrito, em C. de Vide, 26$00; M.ª Enc. Mendes — Funchal, 15$00; Ant.ª Baptista — Cun.ª da Cabeça, 20$00; Alfredo Rib.ª Matos Viegas — Moleirinhos, 100$00; José Francisco — Brasil, 15$00; Dr. Sebastião de Almeida — Coimbra, 20$00; M.ª do Sacr.^to de Melo — S. Cruz do Douro, 40$00; Camilna de Melo — Pôrto, 20$00; Luisa Bicoes — Ilhavo, 20$00; Júlio A. Cardoso — Lamego, 20$00; P.ª Ant.ª S. Miguel — Podentes, 33$00; M.ª da S. Fernandes — Lisboa, 20$00; Manuel Marieira — Sobral do M.^te Agraço, 20$00; José Rib. Vicente — Sintra, 20$00; Felisbela Loureiro — Belas, 15$00; Rosa Campina — Costa do Valado, 25$00; Leticia Barbosa Chagas — Pondá, 20$00; M. Amália Carvalho — Pondá, 20$00; M.ª Fr.^co Sequeira — Pondá, 45$00; Rosalina Fernandes — Pondá, 45$00; Inês Sequeira Coelho — Pondá, 33$00; Esmolas e assinaturas recebidas por M.^el de Oliveira Borges — Corpo Santo — Lisboa — 318$50.

VOZ DA FÁTIMA

A assinatura dêste Jornal custa por ano:

Continente e Ilhas	**10$00**
Colónias Portuguesas	**12$50**
Países Estranjeiros...	**15$00**

O pagamento das assinaturas deve ser enviado para a Fátima, em vale de correio ou estampilhas postais, em qualquer época do ano.

Atenção!...

Queres fortalecer-vos com um bom medicamento e curar a vossa *neurastenia, nêrvos, esgotamentos* ou *tuberculose* incipiente?... Tomai **NEUROGENINA «LUX»** e ficareis curados.

Para curar *peladas, eczemas, herpes, empigens, comichões, queda do cabelo, caspa*, etc., etc... Use **TRICHOPHYTINA «LUX»** Experimentar, é curar.

Senhoras e cavalheiros de bom gôsto preferem os produtos **BEM-ME-QUERES.**

A venda em tôdas as boas Farmácias e Drogarias e no Laboratório Lux—Coimbra—Portugal.

PHOENIX

C.ª Inglesa de Seguros.

Máxima garantia às melhores taxas.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais

Águas sitenicas no tratamento das doenças do fígado, vias e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação da C.ª de Fôrça eléctrica (Monte Real).

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — OESTE.

Fotografias naturais e cheias de vida...

VERICHROME — Pelicula exclusivamente fabricada pela Companhia Kodak — caracterisa-se por uma extraordinária latitude de exposição. Uma dupla camáda de emulsões especiais é aplicáda sôbre esta Pelicula: uma emulsão impéde a falta de exposição á luz fraca, a outra o excesso de exposição á luz forte. E' portanto uma garantia, usar

«VERICHROME»

(Pelicula de Kodak)

As Películas Kodak assim como todos os artigos Kodak, só se encontram á venda nas boas casas de artigos fotográficos do mundo inteiro.

Kodak Ltd.-33, Rua Garrett-Lisboa

SENHOR PADRE:

Quere VINHO bom para a Santa Missa?

Peça preços a: António de Oliveira

Aldeia Nova — NORTE

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

130.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P. B. X. n 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PORTO

Telefone 4193

AGÊNCIAS EM TODO O PAIS

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PORTO

Nossa Senhora na Literatura Portuguesa

Soneto de Rui de Vouga

Maria

Maria já é Mãe. A madrugada
Corre na paz de Deus, serenamente.
Apenas um rumor, piedoso e ardente,
Num misticismo puro de alvorada.

Maria já é Mãe. Arrebatada,
Pregunta uma estrelinha, humildemente,
Que Mãe é aquela, que tão docemente
Adora aquêle filho, ajoelhada!

Curvam-se reis perante o pobre ninho.
Rezam. De além, das sombras do caminho,
Chegam dois gritos de rancor profundo.

E a jumentinha, num divino anseio:
Como lhe cabe bem naquêle seio
Aquêle filho que é maior que o mundo!...

* * *

O conhecido poeta, Rui do Vouga, acaba de lançar no mercado um livro de poesias de inspiração bíblica: *Mulheres da Bíblia*. Há nessa obra peças poéticas de certo relêvo artístico e versos de ritmo impecável. O lindo soneto, acima transcrito, é o segundo duma série de cinco que o lírico consagra à Nossa Senhora. No primeiro põe em destaque a formosura da Virgem e faz uma alusão carinhosa ao porte airoso e lindo daquela santíssima mulher.

Logo no soneto seguinte, como se pode verificar, expõe à nossa admiração a Virgem Maria na situação de Mãe, isto é, precisamente, na altura em que nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo.

A natureza, no dizer do poeta, acolhe amigamente a chegada de Jesus a êste mundo. Então, a madrugada estava serena e apenas se sentia a toada harmoniosa dum rumor santo e vago. O ambiente de paz que acompanha o nascimento do filho de Deus é ùnicamente perturbado por «dois gritos de rancor profundo» que surgem entre as «sombras do caminho». Êsses gritos simbolizam, possìvelmente, o espírito do mal que se havia de opôr, embora em vão, ao triunfo da doutrina cristã e à tranqüilidade de Jesus na terra.

A humildade e a pobreza não afastaram o recém-nascido dos grandes do mundo. Estes haviam de dobrar-se perante Êle em todos os tempos. Essa romagem de louvor começa logo, ao nascer, pela adoração daqueles reis do Oriente, de que fala a Bíblia, os quais se curvaram «perante o pobre ninho».

Também Maria, encantada com seu divino filho, ajoelha, respeitosa, diante dêle: tal atitude causou pasmo a certa estrêla do firmamento, a qual admirava o amor com que aquela Mãe adorava o seu querido filho. Rui do Vouga, neste passo do seu soneto, manifesta uma tendência que remonta à antiguidade clássica e consiste na *humanização* das coisas inanimadas, atribuindo-lhes sentimentos peculiares a sêres humanos.

Na mesma ordem de ideias, uma jumentinha adquire, provisòriamente, o dom de usar a linguagem humana e, nessas condições, um tão inofensivo e inocente quadrúpede declara não compreender como, no pequenino seio da Virgem, «cabe bem» o menino Jesus, êsse «filho que é maior que o mundo!...». Neste facto de pôr um irracional a falar, Rui do Vouga, acompanha uma tradição literária que vem desde a nossa literatura medieval.

Pelo exposto se vê que o presente soneto é uma poesia onde muito sobressai a doçura piedosa e o carinho maternal de Nossa Senhora. Merece ser lembrado na história da literatura mariana em Portugal.

FELICIANO RAMOS

Graças de Nossa Senhora de Fátima

Hemorragia nasal

(Na redacção dêste jornal foi recebida uma carta que diz o seguinte):

«Na madrugada do dia 14 de Fevereiro, acordei a deitar sangue pela narina esquerda. Pouco depois comecei estancá-lo.

De tarde, nêsse mesmo dia, voltou a sair sangue por várias vezes, continuando assim pela noite adiante.

Depois das 2 horas da madrugada, foram chamar o médico, que compareceu sem demora, fazendo logo o tratamento que a medicina recomenda em tais casos. Apliquei-me um penso na narina esquerda, mas o sangue começou a sair pela direita e pela bôca. Passado tempo, consegui-se estancá-lo.

O resto daquele dia e o dia 16 passei-os na cama.

Como a perda de sangue se fizesse já sentir bastante, e vendo que os recursos da medicina eram incompetentes para fazer estancar o sangue, recorri ao grande poder da Divina Providência, recebendo em seguida a prova da sua Infinita Bondade.

No dia 12, ao começo da noite, depois de ter pedido a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Nossa Mãe Santíssima, Nossa Senhora de Fátima, o alívio para os incómodos, comecei a sentir-me um pouco melhor disposto, nascendo-me logo a esperança de rápidas melhoras. Pouco depois, como que por encanto, a artéria que estava sangrando, e que era tôda a causa dos meus incómodos, fechou por completo até à data em que escrevo.

Não sei como agradecer a Deus Nosso Senhor e a minha Mãe Maria Santíssima, as melhoras que se dignaram conceder-me para minha própria alegria e amparo da minha espôsa e filhos».

Queluz

António Manuel da Ressurreição Guerra

Doença do fígado

D. Ana da S. Santos — Almeirim, dia em carta o seguinte: «Minha Mãe encontrava-se longe de casa quando uma grave doença de fígado a acometeu. Consultados alguns especialistas, êstes afirmaram ser o seu estado bastante grave, não se responsabilizando pela operação a que, provàvelmente, teria de sujeitar-se. Ela encontrava-me completamente só, vivendo, longe da família, hóras angustiosas. Humanamente, o seu estado não inspirava esperança alguma.

Porém, havia ainda uma esperança naquela Mãe do Céu que nunca me havia desamparado. Comecei então uma novena em honra de N.ª S.ª de Fátima, comungando todos os dias e fazendo entre várias promessas a de mandar publicar no seu jornal a graça da minha cura se esta me fôsse concedida. Passados poucos dias, minha mãe começava a sentir sensíveis melhoras que foram progredindo de tal forma que, voltando ao nosso país, são já passados dois anos depois que minha mãe se encontra sem o mínimo incómodo.

Hoje venho cumprir a minha promessa da publicação dêste favor, pelo qual quero render graças e louvores à N.ª S.ª de Fátima.»

Ana da S. Santos

Almeirim

Graça espiritual

Cumpre-me agradecer à Mãe Santíssima, — N.ª S.ª de Fátima — a graça singular que, mediante Ela e a interferência do P.e Miguel Pro, S. J., mártir mexicano, e de S. Teresinha, foi concedida a uma pessoa da minha família, residente na capital do Estado do Ceará (Brasil); esta pessoa, desde alguns meses às portas da morte, recusava quási obstinadamente confessar-se alegando que pelo facto de ter já sofrido muito, estava por isso isenta de qualquer obrigação nêste particular.

Pôsto que isto fôsse em parte devido ao estado de desiquilíbrio ocasionado do sistema nervoso, era evidentemente manifesto estratagema do inimigo das almas para a perder.

A Imaculada Virgem de Fátima sendo, todavia, de alcançar a vitória do Divino Coração de Jesus, reconduzindo aquela alma à amizade de Deus.

Bendita e exaltada seja a poderosa intercessão da Mãe de Deus!

Oxalá, quantos esta notícia lerem, encontrem motivos de crescerem mais e mais em confiança para com Aquela que sôbre ser Medianeira de todas as graças é Refúgio dos Pecadores.

Heráclito Coelho, S. J.

Guimarães

Lesão cardíaca

(D. Irene Victorina dos Santos, de Tougues, escreve dizendo o seguinte):

«Não devo deixar passar mais tempo sem pedir a fineza de publicar no jornal de N.ª S.ª de Fátima as graças que Ela se dignou conceder à minha querida Mãe, senhora de 75 anos de idade, por intermédio da água do seu Santuário.

Atacada por crises agudíssimas de bronquite e pela adiantada lesão cardíaca que desde há anos a vinha minando, tais sofrimentos, bem de leve cediam aos muitos e variados tratamentos indicados por alguns médicos. Por ter lido na Voz da Fátima algumas das inúmeras graças obtidas pelo uso da água do Santuário, cheia de fé, confiança e amor, sempre que a Mártir Velhinha se sentia atacada comecei também a lançar mão de tal água dando à padecente uma colherinha dela durante os dias das trezenas que em honra de N.ª S.ª de Fátima fazíamos, rezando a própria doente 13 Avé-Marias com algumas invocações à mesma Senhora, no momento de beber a água. Nunca se terminou uma trezena sem que durante ela se experimentasse algum auxílio.

Presentemente, minha Mãe encontra-se com uma respiração tão calma e normal que anima a todos quantos a viram em tão terríveis crises.

Por meio da água de Fátima foi também concedida uma graça à minha criada. A pobre rapariga, banhada em lágrimas, suplicava a Nossa Senhora lhe valesse em tão grande aflição, pois, com dores atrozes que sentia numa perna que havia já sido inundada por duas vezes, via-se impossibilitada de ganhar o pão. Em seu favor fiz-se uma trezena, e, ao findar da mesma, desapareceu o mal».

Eu fui uma criatura que confiava pouco nas curas por meio da água do Santuário! (que Deus me perdoe tal descrença). Hoje, em face das graças concedidas à vista dos meus olhos, acredito plenamente e guardo dessa água uma relíquia de devoção. Que Nossa Senhora de Fátima seja para sempre louvada por todos os seus filhos!!»

Irene Vitorina dos Santos

Tougues

Hemorragia uterina

No último dia do ano de 1933 fui vítima de uma hemorragia uterina, com dôres atrozes e abundante perda de sangue, donde se seguiu uma fraqueza extrema. Com a violência das dôres e o excesso de fraqueza cheguei a perder os sentidos.

Veio o médico que, por meio de lavagens e injecções conseguiu abrandar-me um pouco as dôres e fazer-me recuperar os sentidos. Assim, foi-me possível receber os Sacramentos da Confissão, Viático e Extrema Unção com perfeito conhecimento e resignação na vontade de Deus a meu respeito. Ia melhorando um pouco, com muita alegria para tôda a família, quando no 12.º dia da minha doença peorei de novo. O médico animou-me sempre na minha presença, mas aos outros dizia que dificilmente me restabeleceria, visto o meu estado de prostração proveniente da extrema fraqueza em que me encontrava que nem sequer me podia mover sòzinha na cama. Pensavam já em me levar para Coimbra, e se o não fizeram foi por recearem que não aguentasse a viagem. Ao ter conhecimento disto, com a maior fé que me foi possível, voltei-me para Nossa S.ª da Fátima a quem, com o meu marido junto de mim, fiz as promessas de mandar celebrar uma Missa no seu Santuário, de publicar a minha cura na Voz da Fátima e de guardar com a família durante tôda a minha vida os dias 13 de todos os meses como guardamos os domingos e dias santificados.

Passadas duas hóras as dôres haviam desaparecido, e desde então em diante as melhoras começaram a acentuar-se de dia para dia. Comecei a mover-me sòzinha, a poder comer alguma coisa, e hoje, graças a N.ª S.ª da Fátima encontro-me perfeitamente bem como se nada tivesse tido, favor êste que atribuo e agradeço a N.ª S.ª da Fátima.

Fátima

Rosária de Jesus Reis

Graças diversas

— *D. Mariana P. da Azambuja e Pegado* — Nova Gôa, diz: «Tendo obtido por intermédio de Nossa Senhora da Fátima a cura completa de uma de minhas netas que durante 6 meses esteve gravemente doente, venho pedir que no jornal «Voz da Fátima» torne pública esta graça que N.ª Senhora da Fátima me concedeu».

— *D. Alda Azambuja* — Nova Gôa, agradece a Nossa Senhora da Fátima um favor muito grande que por sua intercessão alcançou com a promessa de ser publicado na «Voz da Fátima».

— *D. Georgina Mestas Silva*, — Fôrto de Muge, agradece à Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado do céu as melhoras de seu filho Maximiano que estêve gravemente doente.

— *D. Maria Teresa Simões* — Vila Nova de Poiares, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular que por sua intercessão alcançou.

— *D. Maria Angelina de Couto Garcia* — Guimarães, cheia de reconhecimento para com a Santíssima Virgem, agradece diversas graças que por sua intercessão alcançou, com a promessa de as publicar na «Voz da Fátima».

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Dirija-se à
MAIAS, IRMÃOS - Estátuas
Cidadelha — Castelo da Maia

Porto - Amadeu

Os Vinhos do Porto
"Carvalho-Macedo"
existem desde 1861.

PHILCO-RÁDIO
A MARAVILHA DAS EXTRA-CURTAS
RECEPTORES PARA CORRENTE E BATERIAS
Concessionários:
Arnaldo Trindade & C.ª L.da
RUA ALEXANDRE BRAGA — 66
PORTO

Cinco minutos ao cavaco

— O compadre Bonifácio, estimei mais vê-lo agora do que ter cem mil réis na carteira!

— Então porquê, compadre Pamerácio? Eu só valerei cem mil réis?...

— Perdão, o compadre, não há dinheiro que o pague; mas êste encontro é que valeu dinheiro. Como o compadre sabe de tudo e tem sempre resposta para tudo na ponta da língua, há-de resolver-me um problema.

— Mas eu não sou nenhum *fura-temas*, compadre! Que problema é êsse? A côr do cavalo branco de Napoleão?

— Não, compadre Bonifácio, isso já está resolvido há muito tempo: dizem que era preto! O que eu queria preguntar é muito mais complicado!

— Diga lá, compadre Pancrácio.

— O problema é êste: para *que servem os padres?* Os padres nada produzem, não lavram a terra, não adeantam as indústrias, passam uma vida flanada, a comer e beber bem e dormir por cima... Não me dirá o compadre para que foram inventados os padres?

— O compadre sempre me saiu um *Pancrácio!*... Olhe cá; o compadre com certeza não vem só...

— Então com quem venho?

— Com o da vide...

— Bêbado, eu? Nunca na vida apanhei a carraspana; o compadre faz de mim êsse conceito, agora depois de vêlho?

— Credo! Não quero desfazer no compadre; mas como os bêbados é que costumam dizer aquelas coisas contra os padres e contra a Religião...

— Pois eu falo a sério, compadre Bonifácio. Para que servem os padres?

— Para que servem? Para salvar as almas! E olhe que têm bem que fazer. Para tratar do corpo temos no mundo infinitas profissões e empregos: pedreiros, carpinteiros, alfaiates, comerciantes, fabricantes, jornaleiros, médicos, farmacêuticos, advogados, etc., etc. Tudo isto é preciso por causa do corpo, para a vida dêste mundo; e o compadre acha demais que haja uma classe que se ocupe sòmente a tratar das almas? Tanta coisa por causa desta vida, que são dois dias, e tão pouca pela outra vida, que não tem fim?

— Cantiga, compadre! O que eu queria era ver os padres a trabalhar como os outros!

— Ah! o compadre julga que só cavar terra ou roçar mato é que é trabalhar? Não sabe que há o trabalho do corpo e o do espírito? E que o do espírito ainda é mais custoso e fatigante que o do corpo? E que cansar o espírito ainda prejudica mais a saúde que a fadiga corporal?

— Está tudo muito bem, compadre, mas os padres só servem para dizer missa; de resto, descuipe que lhe diga, mas passam a vida a *lazurar*...

— Olhe, compadre Pancrácio: quem muito berra contra a ociosidade dos sacerdotes, é a gente que menos trabalha: são os bêbados, são os *polidores de esquina*, são os *apanhadores da sombra*, são os *limpadores de vitrines*, são os vagabundos, os taloteiros e outros da mesma sucata. Mas quere o compadre que lhe explique para que servem os padres?

— Vamos a isso, compadre!

— Olhe, compadre Pancrácio: um dia, numa das cadeias de Paris, dizia um condenado à morte, convertido sinceramente por um livro de piedade: *Ah! senhor padre! se eu soubesse há mais tempo o que está escrito neste livro e se tivesse aprendido mais cedo o que o senhor me prégou, nem fizera o que fiz nem estaria onde estou!* Ouviu? Para que serve o padre? Para salvar o mundo, se o mundo quizer olhar para o que êle diz! Serve para dizer aos filhos: *respeitai e amai os vossos pais!* Serve para dizer aos pais: *educai os vossos filhos! Não os mateis antes de nascer! Criai-os para Deus e para serem úteis à sociedade!* Serve para dizer aos ricos: *amai os pobres, que são vossos irmãos! Pagai o justo salário a quem trabalha! Não abuseis da fraqueza do pobre!* Serve para dizer aos pobres: *Deixai-vos de revoluções, de ódios, de greves, de bombas, de crimes! Trabalhai honestamente, reclamai os vossos direitos, sim, mas lembrai-vos sempre de que tendes uma alma para salvar!* E o padre que diz à espôsa: *Respeita o teu marido!* E ao marido: *respeita e ama a tua espôsa!* O padre é o homem que sacrifica a vida pelos seus irmãos; renuncia à sua própria família, para poder pertencer a todos: êle pertence aos pobres, aos pequeninos, aos doentes, aos que choram, aos que não têm outros amigos nem outra esperança nêste mundo. Quantos desesperos consolados pelo sacerdote! Quantas almas angustiadas lhe devem o alívio! E todavia o mundo escarnece muitas vezes do padre. Que crime, que ingratidão!

— Mas, ó compadre, porque razão é que há tanto quem escarneça dos padres?

— Por uma razão muito simples: é porque êles condenam os vícios, o mau procedimento, o roubo, a mentira, a fraude, o crime, qualquer que seja, e os que se sentem culpados daquilo que os padres condenam, barafustam contra êles! Aí é que a bota lhes aperta, compadre! De resto, a sociedade é muito ingrata: ela deve mais serviços aos sacerdotes do que a tôdas as outras profissões juntas. As famílias, se *regularem* os seus conselhos, viverão em paz e felizes; as freguesias, se se deixarem guiar pelos seus párocos zelosos, serão um cantinho do céu; as nações, se não esquecessem a doutrina dos sacerdotes, que é a da Igreja, não seriam esmagadas por tantas lutas e dificuldades: não haveria ódio de guerras, nem de saltedores, nem de tôdas essas quadrilhas de malfeitores que assolam o mundo. Sem padres não haveria Religião. E sem Religião, o mundo é pior que um covil de feras. Para terminar, compadre: quem julga que a vida do padre é um passa-tempo contínuo e regalado, mostra ter pouco senso. Um padre tem obrigações gravíssimas a cumprir. Não é só dizer missa: é confessar e administrar os outros Sacramentos, é prègar, no púlpito e no altar, é catequizar as crianças, é lembrar a todos os seus deveres, é corrigir os que se desmandam, é aconselhar, é amparar os fracos, é dirigir obras de assistência aos pobres, associações, Acção Católica, é estudar (tem obrigação de estudar tôda a vida), é orar constantemente pelos que lhe estão confiados, é uma multidão de deveres que o absorvem, que o consomem. Note o compadre que há muito poucos padres que morrem de vêlhos. Sobretudo nos dias que correm, de desvairamento quási geral, a missão do padre é difícil e trabalhosa.

Quem escarnece dos sacerdotes ou diz mal deles, é um ímpio, um ingrato, um inimigo de Cristo!

ANGELO

"UNDERWOOD"
A MAQUINA DE ESCREVER QUE ACABARÁ POR COMPRAR
Agentes: Daniel de Antunes, L.da - R. Augusta, 76 - Lisboa - Telef. 2 4211

Coisas que eu penso

(Continuação da 1.ª página)

tir nêm um nem outro dêsses absurdos!

Podemos lá admitir que Deus tenha criado o mundo, e tantos milhões e milhões de mundos, que giram no espaço ordenadamente, seguindo obedientes o caminho que lhes traçou, e só ao homem não tivesse traçado caminho nenhum? E podemos lá admitir que querendo Deus que o homem, para O bem servir, seguisse um caminho, não o tivesse indicado e lhe viesse depois pedir contas por não o ter seguido?

Conclusão: há várias religiões — mas isso mesmo nos deve gravar bem no espírito a obrigação que temos de procurar entre elas qual é a verdadeira, que não pode ser senão uma. E, por outro lado, temos de partir à procura da verdadeira religião com a certeza antecipada de que Deus a deve ter revelado.

E então sim, com essa certeza antecipada e consoladora, poderemos ir examinando os selos de vários «contadores» das almas, para ver em qual dêles descobrimos o sêlo de Deus.

Para isso é que temos nesta via a nossa balança.

B. A. Lançe

Alguns dos aforismos de S. João da Cruz

A vontade de Deus não é que a alma se perturbe, seja do que fôr, nem que sofra provações; se ela as sofre nas circunstâncias adversas do mundo é pela fraqueza da própria virtude; porque a alma do perfeito alegra-se com o que entristece a alma imperfeita. — **S. João da Cruz.**

* * *

Aquêle que quisesse caminhar só, sem o auxílio dum director e guia, seria semelhante a uma árvore sem dono que se encontre sòzinha num campo; por mais numerosos que sejam seus frutos serão colhidos pelos que passarem junto dela e nenhum chegará a amadurecer. — **S. João da Cruz.**

* * *

Um só pensamento do homem vale mais do que todo o mundo; por isso, nada estranho a Deus, é digno de ocupar o nosso pensamento. — **S. João da Cruz.**

A Voz do Pároco
pelo P.e José da Cruz Curado, de Lisboa.
Colecção de 18 sermões, cinco dos quais em louvor de N.ª S.ª de Fátima.
À venda em tôdas as livrarias. Também recebe pedidos o autor, R. Mestre António Taborda, 22-2.º Lisboa.
Preço 15$00

RADIO Receptores **SIERA**
Receptores **INTEROCEAN**
Reparações em aparelhos de tôdas as marcas
Radio Europa, L.da
Rua Augusta, 75, 1.º — LISBOA

ENFRAQUECIDOS

Já não posso mais...
Não me tenho em pé...

Coisas que se ouvem a cada passo, na agitada vida moderna.

O cérebro parece vasio; cada movimento exige um esfôrço.

Para estes organismos gastos ou cansados, nada melhor do que

NESCAO

que lhe fornece o meio de reparar êsse cansaço, de recuperar as fôrças perdidas.

O **NESCAO** faz com que se trabalhe com mais entusiasmo, com mais vigôr, com mais satisfação.

O **NESCAO** não é um excitante apenas; dá fôrça, dá energia: É o alimento perfeito para os cansados, exgotados e enfraquecidos.

O NESCAO É UM PRODUTO NESTLÉ

UMA PEREGRINAÇÃO

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos; há sempre grande variedade na «União Gráfica».

PÔRTO RAMOS-PINTO

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

Uma nação sem ossos

Que sucederia a um corpo humano se, de repente, os seus ossos se desfizessem?

Ficaria reduzido a um monte de carnes moles, nervos retorcidos, pêles e pó dos ossos. Não poderia manter a posição vertical, porque é a armatura do esqueleto que o sustenta em pé — e cai-fria.

Foi isso mesmo o que sucedeu às nações modernas, com as revoluções dos últimos tempos: desfizeram-lhe os ossos e caíram reduzidas a um montão de carnes moles, que os corvos devoram...

Os corvos são os inimigos da nação viva e forte que nada pode com ela enquanto se mantém viva, forte, sustentada em pé pela sua armatura natural.

Expliquemo-nos melhor.

Uma nação é um conjunto de seres habitados pelo mesmo povo, que fala a mesma língua, tem os mesmos costumes e a mesma religião. Isto é o que uma nação é, em geral. Há casos, raros, em que uma nação é formada por dois ou mais povos de língua diferente e de diferente religião. Mas em geral é assim: o mesmo povo, a mesma língua, os mesmos costumes, a mesma religião.

A nação—Portugal, por exemplo — tem, pois, várias terras, províncias e distritos, com cidades, vilas e aldeias onde vive a sua gente, o seu povo. Tem de haver quem governe, quem governe e bem, no centro da nação, na sua capital, e quem faça executar as ordens do govêrno nas outras terras todas do país. No estado actual da humanidade, tem de ser assim, e nunca mais voltará, nos povos civilizados, ou chamados civilizados, o tempo em que a gente estava dividida em pequenos grupos, que tinham o seu chefe, como chefe, por assim dizer, numa família mais numerosa, e mais nada.

Hoje só vivem assim os habitantes dalgumas ilhas perdidas no meio dos mares, como naquela ilhazinha de *Tristão da Cunha*, onde umas cento e tantas pessoas vivem «sem rei nem roque», livres de impostos, de polícia, de zaragatas e até... de notícias do resto do mundo, pois parece que se passam seis meses e às vezes mais sem por lá passar nenhum navio!

Mas cá no mundo civilizado é assim: milhões de homens, mulheres e crianças em vida comum e dependendo uns dos outros para gozarem os benefícios da civilização.

—A que propósito virá isto tudo, aqui, na *Voz da Fátima*? — dirão muitos dos meus leitores.

E eu respondo:

— Vem a propósito... sempre do mesmo: de sermos já mais de 325.000 *Cruzados*!...

É preciso que nem um só número da *Voz da Fátima* saia sem se dar mais uma martelada nesta prego, que tem de se cravar muito bem na cabeça de todos. Somos já mais de 325.000 Cruzados. Isto é: somos uma força!

Ou melhor: somos *um grande número*, a que é preciso dar consciência de si próprio para se transformar *numa grande força*.

Por outras palavras: somos os ossos, a armatura forte com que é preciso contar para se manter viva, em pé e pujante de vida, a nação portuguesa!

Meditem comigo todos os *Cruzados*, que me estão lendo.

O que é que fizeram, há mais de um século, dêste Portugal em que noutros tempos havia *unidade moral* da nação, em que até as freguesias rurais tinham os seus «*homens das falas*», como lhes chamavam nalguns pontos do país, que eram os encarregados de *falar* em defesa dos seus interêsses?

E com que fôrça os defendiam!

As freguesias defendiam os seus interêsses, os municípios defendiam os seus interêsses, as províncias defendiam os seus interêsses — e o govêrno em Lisboa tinha de os respeitar e respeitava-os. Porque então, a-pesar-de se chamarem tempos de absolutismo, não havia ainda essa bonita coisa chamada *partidos políticos*, que sucederam ao absolutismo para porem e disporem de tudo o que era do povo como senhores absolutos.

A nação retalhada pelos partidos é precisamente o contrário da nação forte e una, com todo o seu povo de pé e unido, consciente dos seus deveres e dos seus direitos. E quando desossaram a nação, quando as revoluções modernas destruíram as corporações antigas de artes e ofícios, quando foram cerceando as liberdades municipais, quando emfim, fizeram do povo uma imensa manada de bois mansos, de boa carne e de bom leite, que era apetitoso comer e sugar, a nação ficou reduzida a um montão de carnes moles sôbre o qual caíram os bandos de corvos famintos das organizações dos partidos, que por causa da comida crocitavam de raiva uns contra os outros e armavam as revoluções com que nos deram em triste espectáculo a todo o mundo.

Partido é o contrário de *inteiro e unido*. Por isso, *partido* é o contrário de nação forte e unida.

E não só nos sugavam o sangue e nos comiam a carne, mas ultrajavam ainda por cima as vítimas da sua voracidade. Os nossos pais, os nossos avós, tinham criado igrejas e dotado o clero com bens para viver prestando ao povo os serviços religiosos. Esses corvos, de várias côres, porque houve corvos monárquicos e corvos republicanos, atiraram-se aos bens que nossos pais tinham dado à Igreja, e devoraram tudo: o povo se não quere viver como animais por essas aldeias, que pague outra vez o que já tinha sido pago, durante séculos, por seus maiores! E tomaram edifícios, e venderam alfaias e paramentos, e chegaram até em certos lugares e em certas ocasiões, a proibir as livres manifestações da fé!

Era tudo isto possível se os católicos em vez de serem milhões de inconscientes desorganizados tivessem sido umas centenas de milhares bem organizados, como eram êsses partidos, que não podiam uns com os outros, que tinham de se unir para se combaterem uns aos outros, mas que todos eram suficientemente «*fortes*» para fazerem gato sapato dos milhões de «bovinos» sem consciência da sua fôrça?

Uma nação sem ossos, foi o que nós fomos, e porisso fomos espezinhados, roubados, ultrajados, tendo na nossa própria terra menos direitos do que nas alheias!...

Pois é isto que nunca mais terá de ser, e não será, se todos soubermos aproveitar êste instrumento poderoso que é um jornal que já circula no país com mais de 300.000 exemplares de tiragem!

Êle deve cada mês repisar a mesma ideia — a ideia da fôrça que temos e queremos utilizar para bem da nação.

Nós não queremos ser uma fôrça unida para a desordem; queremos ser uma fôrça unida e consciente, para que todo o govêrno honesto e patriótico conte com ela, para que as minorias dos bandos audaciosos encontrem pela frente uma nação com ossos — um povo que sabe o que quere.

CONSOLAÇÕES da Fé cristã

O cristianismo fêz tudo para nós, para o corpo, para o espírito e para o coração.

A arte cristã fala uma língua que eu posso compreender, oferece-me consolações que eu posso gozar. Foi para mim que fundou catedrais; êsses palácios de Deus são meus palácios, e a terra não vê levantá-los mais magníficos.

Não passam sôbre dias sem que a Religião me dê uma festa cheia de ilações e esperanças sublimes. Desde a véspera, os alegres repiques do sino anunciam-me o dia do repouso e da liberdade. Vou à igreja com minha mulher, com meus filhos, com meus vizinhos com meus patrões, ou antes, eu nêsse dia não tenho patrões. Deus não recebe em sua casa senão iguais.

Falam-me, falam-nos a todos de virtude, de caridade, de glória; e não sòmente não invejo a sorte dos poderosos da terra, mas aprendo mesmo a prefezir a minha.

Se o caminho em que a Providência me colocou, parece o mais áspero, é também o mais seguro para chegar ao céu.

Se sou pobre, se sou humilde, vejo o meu Deus no presépio, vejo-O açoitado e coroado de espinhos, vejo-O sôbre a cruz.

Do alto da cruz, mais aflito do que eu o posso estar, Êle, o Justo, chamando-me Seu irmão e Seu filho, lançando-me ternos olhares, e abrindo-me seus braços, diz-me: *Felizes os que choram!*

E de meu coração, a oração e o amor expandem-se, mais suaves que o incenso queimado diante dos altares.

Esta doçura de Deus segue-me por tôda a parte. Monumentos, palmeiras, imagens — a arte cristã não escreve uma página que não seja o eco das promessas celestes.

Aqui os combates e as vitórias dos santos, além o amável sorrir e a soberana assistência da bondosíssima Virgem; por tôda a parte a admirável imagem do Redentor, do Homem-Deus, do Pai dos pobres, sempre humilde, sempre bondoso, sempre misericordioso, terrível só para os maus, e na sua severidade não lhes pedindo para os amar senão que se amem a si próprios e se arrependam.

Luis Veuillot

BEM-AVENTURANÇAS...

O Ti' Francisco nasceu dum pai de quem herdou boas músculos, e duma mãe cristã, que lhe legou a sua fé.

Jornaleiro nas herdades, de manhã e à noite, êle só pedia ao Senhor o pão de cada dia.

Quando vasava as *Malhas*, implorava coragem, às *Ave-Marias* do meio dia, implorava fôrça, e às *Trindades* implorava repouso.

Foi talvez o Ti' Francisco que Millet encontrou, e fixou num dos seus belos quadros...

Só foi infiel ao Padre Nosso em algumas vezes pensar um pouco, na ante-véspera, nos merendeiros do domingo.

Acolheu os rebentos com que Deus honrou o seu lar, um pouco como os Reis de França acolhiam os delfins.

Quando êle abalou dêste mundo, ficaram cá doze.

E, como morreu de velho, pôde, graças aos primeiros filhos, sentar-se à beira da casa, antes que caísse a noite, antes de dizer na sua última oração: «O pão nosso da eternidade nos dai hoje!...»

Contava-se na aldeia que o Ti' Francisco fêz um milagre depois de morto.

A neta, a Felicidade, que acabava de comungar, viu um dedo a escrever na parede com luz tirada das candeias que alumiavam o morto:

Bem-aventurados os pobres, porque o reino do Céu é para êles.

J. D.

ACÇÃO CATOLICA

O balanço do primeiro ano

Um ano decorreu já desde o dia (que há-de ficar escrito com letras de ouro na História de Portugal) — em que se começou a organização da Acção Católica Portuguesa.

Sob as normas do nosso Venerando Episcopado, e com a aprovação e bênção de S. S. Pio XI, iniciaram-se os trabalhos destinados a aumentar o reino de Cristo nesta grande Pátria, que abraçada à Cruz, viveu os seus dias de glória!

A paz de Cristo no reino de Cristo! — foi a divisa escolhida por Sua Santidade, um dos mais notáveis Pontífices de todos os tempos, e, de-certo, uma das maiores figuras do século XX.

E para gozarmos dêsses supremos bens que os nossos Bispos organizaram a *Acção Católica*.

Um ano volvido após as primeiras horas—de incertezas e de esperanças, — demos graças a Deus por todo o caminho percorrido.

Do Boletim da A. C. — fundado também há um ano — extraímos um breve resumo dos trabalhos realizados:

Merecem, em primeiro lugar, especial menção, os cinco Cursos de Acção Católica, para o clero, que se efectuaram nas dioceses de Braga, Lisboa, Guarda, Évora, Angra, Portalegre, Funchal e o Algarve e as conferências que para o mesmo fim se deram lugar no Porto, em Viseu e em Leiria.

A estes trabalhos assistiram cêrca de 600 seminaristas e numerosos seminaristas, nos quais foram expostos, com suficiente clareza, os grandes princípios da Acção Católica, e dadas instruções práticas sôbre a maneira de lançar e dirigir a sua organização.

A formação dos leigos também não foi descurada. Além dos dois cursos regulares que se efectuaram em Braga e Lisboa, foram-lhes dedicadas conferências particulares e públicas em Lisboa, Portalegre, Pôrto, Castelo Branco, Braga, Viseu, Ponta Delgada, Faro, Funchal, Angra, Évora, etc., tanto por elementos da Junta Central como por duas ilustres figuras da Acção Católica no estrangeiro — o sr. D. Angel Herrera e o Rev. Cónego Cardijn — que, a convite da Junta Central, vieram até nós comunicar-nos o seu saber de experiências feito.

No mesmo sentido foram também criados muitos círculos de estudo que por todo o país vem funcionando com prometedores resultados.

Na segunda parte do programa trabalhou-se também muito.

Estão plenamente constituídas as duas ramas femininas da Acção Católica, isto é, a Liga da Acção Católica Feminina para as senhoras e a Juventude Católica Feminina para as raparigas, tendo-se aproveitado para isso as secções da antiga Liga de Acção Social Cristã. A ambas elas e aos seus organismos especializados foram dados estatutos que se enquadram no plano geral da Acção Católica Portuguesa, e direcções constituídas por pessoas que estão a trabalhar, com todo o empenho, pelo seu desenvolvimento.

Seguindo o mesmo critério de se aproveitar e aperfeiçoar o que houvesse, reorganizaram-se também as associações dos médicos e dos jurisconsultos católicos que a seu tempo virão a ser incluídos na organização dos Homens da Acção Católica.

Não se descurou igualmente a criação dos novos organismos previstos no terceiro ponto do programa.

Foram assim publicadas as Bases segundo as quais devia ser feita a organização dos dois ramos masculinos da Acção Católica Portuguesa, oficiosamente genéricas para nelas poderem vir a caber as situações criadas e as experiências feitas, bastante claras para servirem de norma a todos aqueles que receberem o encargo de trabalhar nestes dois ramos e francamente inspiradas, como convinha, no cuidado principal da unidade e da especialização.

De harmonia com elas, foram elaborados e publicados os estatutos dos mais importantes organismos especializados da juventude masculina, segundo a idade dos quais foram enquadrados na Acção Católica os núcleos já existentes e criados muitos outros em várias localidades do país.

Constituiu-se ainda o Secretariado Económico-Social que desenvolveu intensa actividade na preparação de elementos urgentes para as futuras obras sociais, no estudo das bases em que deverão assentar tais obras e na publicação do jornal «O Trabalhador», e o Secretariado da Escola que se ocupou da realização de dois inquéritos cujas conclusões servirão para orientar a sua futura actividade em matéria escolar.

A Organização dos "Cruzados"

Onde porém mais se trabalhou foi na propaganda e organização da obra angariar dos Cruzados de Fátima. Até ao presente distribuiram-se 200.000 folhas de propaganda, imprimiram-se 194.249 listas de inscrição de trezenas e 577.176 patentes, e a situação da obra nas diversas dioceses é a seguinte: Algarve: 253 trezenas com 3.029 cruzados; Angra: 1.812 trezenas com 23.816 cruzados; Braga: 8.045 trezenas com 104.885 cruzados; Beja 263 trezenas com 3.445 cruzados; Coimbra: 723 trezenas com 9.399 cruzados; Évora: 311 trezenas com 4.643 cruzados; Funchal: 2.365 trezenas com 30.745 cruzados; Guarda: 3.166 trezenas com 41.158 cruzados; Leiria: 681 trezenas com 8.854 cruzados; Lisboa: 960 trezenas com 7.280 cruzados; Portalegre: 542 trezenas com 7.059 cruzados; Porto: 3.000 trezenas com 39.000 cruzados; Vila Real: 2.307 trezenas com 29.991 cruzados; Viseu: 1.064 trezenas com 12.038 cruzados. Total: 25.008 trezenas e 325.494 cruzados.

* * *

Ao olhar agora para o caminho percorrido se falta a certeza de se ter feito muito, tem-se no entanto a consciência de se ter feito tudo quanto foi possível, dentro do condicionalismo das circunstâncias e dificuldades em que, obras desta natureza costumam começar, sobretudo num país onde os hábitos de organização quási não existem.

Foi pouco? Talvez!

Foi todavia muito do que a Junta Central prometera no programa mínimo de realizações que muitos julgaram irrealizável!

PELOS SEUS BONITOS OLHOS...

Na altura em que deixou de trabalhar já era tarde demais...

Havia muito tempo que passava bastante mal: uma tosse cavernosa e funda sacudia-lhe cada vez mais o peito doente.

Quando levantava um saco de areia, ou lhe acontecia amassar o argamasso um pouco mais do-gresso que de costume; a qualquer pequeno esfôrço que fizesse, êle, que se julgava ainda valente e rijo como poucos, sentia faltarem-lhe as fôrças e ficava logo a transpirar.

Emmagrecia a olhos vistos, a ponto da roupa lhe descair no corpo quási esquelético.

Mas, como se julgava com muita sorte por não lhe faltar o trabalho que tantos dos seus companheiros procuravam inùtilmente, só quando se sentiu na última é que se resolveu a largar a ferramenta da mão.

* * *

E agora que não podia fazer nada estava bem arranjado da sua vida...

Desde que a mulher lhe morrera e que a filha se tinha casado, vivia sòzinho numa miserável água-furtada que nem lareira tinha.

Ninguém cuidava dêle; a porteira era a única pessoa que lhe entrava em casa, e mesmo assim não tanta mais do que levar-lhe o café de manhã, e à noite um magro caldo sem graça nenhuma.

Com tão sólida alimentação, bem podia perder a esperança de engordar; aquela maldita tosse não havia meio de desaparecer, e mal o deixava respirar.

Cada vez ia a pior; percebia isso perfeitamente e estava a ver que tinha de morrer como um cão, abandonado para ali, sem carinho fôsse de quem fôsse...

* * *

— Tio João, dizia-lhe a porteira tôdas as vezes que lá ia ao quarto, não deve continuar assim, deve tratar-se.

— Isso é muito bom de dizer, é, mas quem é que se importa com o velhote? Estou para aqui abrolhado... Se ainda fôsse um rapaz... mas não passo dum velho pedreiro e ninguém vem cá pelos meus bonitos olhos.

A porteira, que tinha lá a sua idéia, depois de varias hesitações decidiu-se a aparecer um dia em casa do tio João com uma irmã de caridade.

O João coitado espantou-se — uma irmã?

Valha-me Deus!

— Sim, senhor, uma irmã.

— E então para quê? Não tenho cinabre para lhe pagar.

— Ninguém lhe pede cinabre.

— Eu não sou nada dessa gente... religiosa...

— Deixe lá, venho só para tratar de si.

— E que...

— Bem, não se apoquente, fica tudo por minha conta.

Não era preciso para meias medidas a tal irmã.

Afinal se os mais importantes do partido, os ministros socialistas e outros que tais, também não desprezaram os serviços das irmãs de caridade, porque é que êle?... A falar a verdade custava-lhe um pouco; o João, um socialista vermelho, ferrenho, a aceitar favores duma religiosa... E tinha de ser.

— Vá lá, mais uma ventosa, tio João.

— É demais, resmungava êle.

As coisas continuaram assim.

A irmã veio muita vezes e transformou por completo a pobre mansarda. As suas mãos finas e brancas não fugiam a uma tarefa mais grosseira, pegava na vassoura como fazia qualquer criado, arranjava o fogão, que nunca tinha trabalhado tanto como agora. Chegou mesmo a pôr roupa limpa na cama, e lavou numa jarra, em cima da mala.

* * *

Como era um pobre doente, o senhor João achava que lhe deviam desculpar os maus modos que quási sempre mostrava a boa religiosa; que queram? esse gente do asfalto, não era verdadeiramente o seu feitio. E por isso era tão malcriado com essa irmã a quem só devia carinhos e atenções.

Depois de cada visita nem já esperava que a irmã voltasse, e afinal ela continuava sempre a vir, à mesma hora, com o seu doce sorriso e a sua malinha de remédios.

Um dia o João perguntou à irmã, vendo-a rezar o têrço enquanto esperava que o caldo ao lume acabasse de ferver.

— Está a rezar por mim?

— Estou, sim, tio João.

— E o que é que pede a Deus?

— ...que o torne um pouco mais manso...

— Malcriado para si, não é verdade?

A irmã não respondeu, e sorriu com um sorriso que queria dizer muito...

* * *

O João está muito melhor, já se levanta e já come de tudo.

Não precisa de levar tantas remoas, mas a-pesar disso a irmã ainda vem fazer-lhe a sua comida e arrumar-lhe o quarto como dantes.

Ela o que quere é tirar todo o proveito das suas últimas visitas e acabar a sua obra de dedicação deixando atrás de si um rasto de Amor e de Esperança, qualquer coisa de divino.

— Senhor João gostava muito de o ter tratado melhor ainda do que o tratei e sobretudo... sobretudo de lhe ter ensinado a ser paciente e a amar a Nosso Senhor Jesus Cristo...

Disse isto a correr e ficou à espera da resposta...

— Ora, minha irmã, disse lá que não sou tão mau como parece. Acredito em Nosso Senhor e também lhe faço as minhas orações... cá a meu modo.

«E quando a irmã tratava de mim com tanto cuidado que até me fazia lembrar a minha santa mãe, eu estava sempre a olhar para aquela medalha de Nosso Senhor que traz ai ao peito...

«Queria que eu gostasse de Nosso Senhor? Já gosto, já gosto. Eu digo-lhe com os meus botões: João, não penses que esta senhora tem sido tão boa para ti só por causa dos teus bonitos olhos...

E então percebi que era por Nosso Senhor que fazia tudo isto, e tinha todos êstes trabalhos comigo e vai daí agradeci-lhe a Êle...

* * *

E o bom religioso, quando se foi embora, compreendeu que os melhores sermões deste mundo podem fazer muito bem, mas que muito mais pode a caridade de Cristo e as suas palavras: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei».

Adaptado de Urbain Mills

O primeiro dever dos Cruzados é a generosidade!

Insistimos: a quota mensal de 20 centavos é, apenas, para os Cruzados que absolutamente não possam (ou não queiram) pagar mais!

Se pensarmos um pouco em todos os contra-venenos que é necessário opôr à propaganda dos maus — quem ficará com a sua consciência tranqüila, dando apenas para a direcção superior de todos êsses trabalhos, uma misera... caixa de fósforos — e dos mais ordinários?!

Os nossos irmãos de Espanha oferecem-nos admiráveis exemplos de generosidade: chega a haver pessoas que concorrem todos os meses, para a Acção Católica com mais de 200 escudos!

Façamos, pois, todos, a diligência para que os Cruzados se inscrevam com uma quota generosa. Demos a Deus um poucochinho do muito, do... tudo, que Êle nos tem dado!

Recomendamos especialmente o caso aos presentes ou futuros chefes de trezena.

E quanto aos Cruzados, já inscritos — é claro que não há nenhuma lei que lhes proíba aumentar o seu donativo mensal...

Seria tão bom, se cada Cruzado pagasse pelo menos um cruzado...

Dêem-nos dinheiro, e grandes coisas faremos!

Portugal é hoje um país que oficialmente desconhece a Deus.

Que vergonha! Até o Brasil, que nós civilizámos, nos passou já à frente!

Pois havemos de voltar a ser a Nação do Santíssimo Sacramento!

Portugal, que dilatou pelo mundo o reino de Cristo, está hoje cheio de pagãos, que nem sequer são baptizados!

Não podemos continuar assim! A nossa Pátria, havemos de tranformá-la novamente em Terra de Santa Maria

Mas é indispensável, para isso, que os Cruzados o queiram, com orações, esmolas, trabalho apostólico, e sacrifícios — e não, ùnicamente, com as tais boas intenções de que o Inferno está cheio!...

O PEOR VENENO

Uma medida que se impõe

Dizia o nosso João de Deus que há um inimigo a que nenhum povo resiste, pois a todos é capaz de vencer: é a *imoralidade!*

Ora uma das formas mais prejudiciais da imoralidade é o alcoolismo.

O alcoólico para satisfazer a sua gula, sobretudo num país onde, em regra, os salários são baixos, corás, como diz o povo, no pão dos filhos, e na alimentação da espôsa, que, muitas vezes, está amamentando um nocentinho.

Prega-se muito por aí contra a tuberculose — e está bem! Põem-se cartazes nas paredes e fazem-se peditórios — mas é sempre mau govêrno deixar espalhar-se um mal para depois o combater.

O que verdadeiramente importa é cortar os males pela raiz: e, portanto, impedir êsses bailaricos que são fábricas de resfriamentos por onde entra a tuberculose, e evitar que os chefes de família vão queimar na taberna o sustento dos filhinhos, que amanhã baixarão à sepultura, se não forem bem alimentados.

O mais são cantigas e *fracos remedeios!*

Mas o bêbedo não prejudica só os que com êle vivem.

A embriaguês é um envenenamento que lhe vai dando cabo do coração, dos nervos, da inteligência, da memória, da vista, do fígado.

O vinho, sendo demais, em pouco tempo inutiliza um homem que era um trabalhador válido e robusto, e o transforma num farrapo trémulo e demente, emquanto o não atira, ainda novo, para a cova — e, o que é pior ainda, para o Tribunal de Deus. Aí só há duas sentenças: *Céu ou Inferno* — **e para sempre!**

Entremos num manicómio, e saberemos que muitos doidos que lá se encontram (alguns até parecem animais, repugnantes ou ferozes!...), enlouqueceram por causa da bebida.

E quantos foram parar à prisão, e à costa de Africa, por causa do vinho ou da aguardente!

A uns, embruteceu-os o alcool; outros, praticam o crime quando estavam embriagados...

E, ainda para maior horror, os filhos dos alcoólicos nascem fracos, raquíticos, doidos, com ataques!

Sendo tudo isto infelizmente tão verdadeiro, é realmente lamentável que fechando todos os estabelecimentos ao domingo, as tabernas, não fechem.

Fecha quem vende o pão e não fecham aquelas lojas onde tantos se vão envenenar.

Se alguém duvida dos efeitos, dê um passeio ao domingo, à tarde, de automóvel, por algumas das nossas vilas e aldeias. E mesmo nas cidades, muito terá também que ver...

Mas ainda há talvez pior. Em dando as 9 horas da noite, todo o comércio fecha: os borrachões podem estar até à meia noite ou mais, a deslitrar.

E há uma coisa que nem todos saberão: é que é ainda mais prejudicial para a saúde o hábito de beber volta e meia um copinho, do que uma bebedeira apanhada de tempos a tempos.

Um cortunês, alarmado, dizia-nos, numa carta: Por que motivo são concedidas tais licenças para abrir as tabernas ao domingo, e para as fechar só à meia noite, nos dias de semana?

«Parece-nos que todos concordarão em que seria um grande bem — para a ordem e para a saúde públicas, e para defesa da Raça — que as tabernas deixassem de gozar de tão escandalosas facilidades!

O.

UM CASO

como podem repetir-se muitos

Há em França uma comuna (estas divisões administrativas francesas não têm nada que ver com o comunismo...) que tem só 330 habitantes.

Estes não queriam que rapazes e raparigas estivessem misturados na escola — o que, em linguagem pedagógica, se chama co-educação, que é uma fonte de imoralidade.

Fizeram um abaixo assinado ao govêrno, que foi assinado pelos 70 chefes de família da circunscrição.

Como a democracia é o govêrno das maiorias — esta petição que era, não da maioria, mas... da totalidade, não foi atendida.

Então fundou-se um colégio particular, e, no dia seguinte, apenas três crianças apareciam na escola oficial!

Assim é que se protesta: com actos, sempre que possível, colectivos, e não com palavrados, que o vento leva.

No México perseguido

Como Deus confunde os seus inimigos!

Ainda há poucas semanas a situação dos católicos no México parecia desesperada! Os governos que se sucederam a essa figura sinistra do presidente Plutarco Calles, foram todos uns piores que os outros. A perseguição atingiu proporções espantosas e os católicos mexicanos foram indicados às orações dos fiéis de todo o mundo como objecto das preces a Deus para que cessasse o seu martírio.

O martírio dos católicos mexicanos nesta primeira metade do século XX ficará na história da Igreja, como uma página tardia dos anais da Igreja, nossa era, banhados do sangue de tantos confessores. Homens, mulheres e até crianças espantaram o mundo pelo heroísmo da sua fé. Alguns dêsses mártires, como o Padre Pró, da Companhia de Jesus, são já invocados como santos, pelo povo que assistiu à heroicidade com que deram a sua vida pela fé de Jesus Cristo.

Pois bem: as últimas notícias, que chegam do México, parece que deixam ver os arrebóis duma aurora de vitória, que humanamente se não esperava tão cedo. Em meados de junho formou novo govêrno, depois de uma grave crise, o general Cardenas, e êsse govêrno tomou conta do México apoiando-se fortemente nos católicos!

Continuemos todos a pedir a Deus que confunda os seus inimigos e que uma aurora de paz e liberdade raie quanto antes para os nossos irmãos mexicanos, justo prémio da sua constância, da sua virilidade, do seu heroísmo digno dos antigos mártires da Igreja!

SANTO ANTONIO E OS POBRES!

Os diários de Lisboa de 16 do mês passado, no dia seguinte ao da lotaria de Santo António, não deixaram de notar uma coisa que desejamos assinalar aqui.

É sabido que duas vezes no ano a lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa é extraordinária: tem dois prémios talados — a chamada lotaria do Natal: 6.000 contos e a Lotaria de Santo António 3.000.

Indefectìvelmente, com a lotaria quási sempre acontece o que o povo diz: a água corre para o mar! Isto é: sai a sorte a quem já tem e menos precisava.

E é natural.

A nossa lotaria — os jornais já muitas vezes o têm feito notar — está mal organizada, o seu plano não é lógico, não é, pelo menos, o que devia ser. Está bem que se façam lotarias, para obras de caridade, como a de Lisboa, que aplica todos os anos os milhares de contos dos seus lucros a hospitais, asilos, etc. Afinal, que é uma lotaria: uma venda de *esperanças* a muitos milhares de pessoas, cada uma das quais *espera* com o preço do seu bilhete ganhar uma parte do que milhares de outros perderam — e o resto vai para as obras de caridade.

Está bem — mas estava melhor se vendessem mais barato esta *esperança*, para que todos a possam ter! Mas como os bilhetes hoje são caros, que acontece? Acontece que a sorte, em geral, só sai... a quem pode comprar os bilhetes, isto é, só sai a quem já tem e menos precisa! Não vimos nós o ano passado sair a sorte grande a um rico, a quem já tinha saído uma vez e tornou a sair logo depois outra vez?

Entendem os jornais — e assim se faz lá fora, onde há lotarias — que os bilhetes deviam ser muito mais baratos, embora se aumentasse a numeração diminuindo as probabilidades. Assim, podiam *comprar esperança* os que mais precisam de um bafejo da sorte! Quem é o modesto chefe de família que pode arriscar 25 escudos num número entre 10.500? Mas se os números fôssem dez vezes mais e o preço dez vezes menor — todos podiam arriscar 250 em 105.000 números, porque não saindo nada todos diriam com o nosso bom humor: Nunca o demo mais leve!

Pois bem: o que os jornais de 16 de junho fizeram notar foi que êste ano Santo António, natural de Lisboa, parece que quis dar um ar da sua graça aos seus conterrâneos! Êle, o grande Santo, não deve gostar muito dos bailaricos em que a propósito da sua festa muitos ofendem a Deus! Mas o povo de Lisboa não é só o povo que baila — e Santo António tem entre os lisboetas grande devoção e basta ir, como nós fomos ver a sua igreja, junto da Sé, a qualquer hora do dia e em qualquer dia!

E como êste ano foi incluída uma parte antoniana nas *Festas de Lisboa*, o Santo, de-certo, lembrou-se dos tantos pobres, que sem dinheiro para comprarem um bilhete compram nesta ocasião uma castelinha bizarra...—e ou lêste o Santo ou não, o certo é que os 3.000 contos saíram todos em cautelas! Isto é: foram distribuídos em 40 lotes de 75.000$00! E como a maior parte das vezes, em cada uma dessas cautelas estão interessadas várias pessoas que se juntam para êsse fim, pode imaginar-se a alegria que foi em muitas mais dezenas de famílias onde foram cair em chuva miúda êsses 3.000 contos da lotaria de Santo António!

Foi isto o que os jornais do dia 17 e da manhã do dia 18 notaram com satisfação. E só Deus e o Santo sabem quantas mãos se ergueram até a tarde de ansiar a roda, com tôda a esperança posta naquele número **8879**, que foi o felizardo que se riu, como nuvem de chuva fecundante, sôbre tanta terra sequinha, na distribuição dos 3 milhões de escudos! Que êsses agora pensem, ao menos, que mais se honra o grande Santo com peças do que com bailaricos em que tantas vezes se ofende ao Deus que diz tão ternamente amou e serviu!

Ano XIII — Fátima, 13 de Agosto de 1935 — N.º 155

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 156-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

A tiragem da "Voz da Fátima„ ultrapassou tresentos mil exemplares e vai a caminho dos 400 mil! Avante! Por Deus e Santa Maria!...

Crónica de Fátima

(13 DE JULHO)

Na tarde do dia 12 de Julho e durante quási tôda a noite de 12 para 13, o vento soprou com desusada violência e o frio fez-se sentir com alguma intensidade, sem embargo de já ter começado há muito tempo tranquila e amena quadra estival.

A-pesar-disso, a procissão das velas pôde desenrolar-se na forma do costume, com a mais perfeita regularidade e revestindo até extraordinária imponência.

Durante a cerimónia da adoração nacional, que se prolongou desde a meia-noite até às duas horas da madrugada — hora oficial, prègou o rev. P.e Jacinto Alves de Magalhães, abade de Mafamede, Gaia.

Nas horas seguintes, fizeram a adoração as peregrinações procedentes de Barcelos, Meadela, Lourinhã, Setúbal, Tôrres Vedras, S. Mamede da Ventosa e Aveiro. Destas a mais numerosa era a de Barcelos que se compunha de 175 pessoas.

Além doutros, vieram grupos de peregrinos de Macieira de Cambra, de Ceira e de Vila Nova de Gaia. Os peregrinos de Ceira eram em número de 365.

Celebrou a Missa da Comunhão geral, às 6 horas, o rev.do João Pinto Rachão, pároco da freguesia de Nossa Senhora da Glória, de Aveiro, depois de ter presidido ao último turno de adoração.

Foi Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria que celebrou a Missa oficial, ao meio-dia, no altar armado em frente da grande Basílica de Nossa Senhora de Fátima em construção.

Ao Evangelho, subiu ao púlpito o rev.do Augusto de Campos Pinto, abade de Vila Nova de Gaia, que fez uma bela alocução adequada às circunstâncias do dia e do lugar.

A concorrência de fiéis ao local das aparições para assistirem às cerimónias oficiais comemorativas do dia 13 foi sensivelmente inferior à do mês precedente. Todavia, o número das comunhões elevou-se a cêrca de cinco mil.

A peregrinação de Setúbal levou à estância bendita das aparições, acompanhada por seu marido, a miraculada de 13 de Julho de 1928, Fernanda de Jesus Nogueira, que sofreu durante mais de onze anos, de muitas e graves doenças súbitamente desaparecidas, como que por encanto, na Santa Capela das aparições.

A «Voz da Fátima», no seu número de 13 de Outubro de 1928, páginas 3 e 4, insere a interessante narração desta cura, de que faz parte o longo e consciencioso atestado-relatório do célebre médico, há pouco falecido, dr. Francisco de Paula Borba, então director do Hospital da Misericórdia de Setúbal.

A «Crónica de Fátima» do dia 13 de Julho de 1928, publicada no número da «Voz da Fátima» do mês seguinte, refere-se a êsse caso nêstes termos:

«Quando a peregrinação de Setúbal fazia os últimos preparativos para o regresso, uma doente trazida por essa peregrinação, de nome Fernanda de Jesus, que se achava paralítica havia sete anos, quis que a levassem novamente à capela das aparições para se despedir de Nossa Senhora. Tendo entrado no Santuário, ela, que de modo nenhum era capaz de se mover, levanta-se de repente e abraça-se à Imagem da Virgem, chorando de alegria e comoção. Não se pode descrever o que então se passou no recinto sagrado. O entusiasmo da multidão atingiu as raias do delírio e foi no meio dum cortejo de milhares de pessoas e do estrondear duma ovação formidável à Rainha do Céu que a feliz peregrina se dirigiu ao Pôsto das verificações médicas para a constatação da sua cura.»

As bandeiras das peregrinações eram vinte, quási tôdas vistosas, ricas e lindas, sendo duas da peregrinação da Lourinhã.

A peregrinação de Barcelos ofereceu a sua ao Santuário, oferecendo-lhe também um dos seus membros, o sr. Joaquim Ferreira, um têrço de prata dourada.

Do Patronato de Nossa Senhora de Fátima, da freguesia de Codofeita, Pôrto, foram à Lourdes portuguesa 13 alunas, que representavam as 80 que frequentam aquela benemérita instituição.

Da peregrinação de Barcelos fazia parte um sacerdote espanhol o rev.do Antôdio de Carrocera, religioso capuchinho, que envergava o humilde hábito franciscano.

Um dos membros da peregrinação de Aveiro, o sr. Augusto de Almeida, ofereceu ao Santuário uma esmola em testemunho do seu reconhecimento para com Nossa Senhora, por se ter dignado curá-lo duma grave doença dos olhos.

Visconde de Montelo

Um apóstolo de N. S.a da Fátima

Partiu para a Inglaterra o Rev. P.e Arnaldo de Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria e que tantos serviços tem prestado aos penitentes na Fátima ouvindo-os de confissão durante dias e noites inteiras.

O Rev. P.e Magalhães aproveita as férias para fazer uma série de conferências sôbre a Fátima em diferentes pontos de Inglaterra.

A primeira conferência será aos Religiosos da Companhia de Jesus no grande colégio Manresa House — em Rochamptou.

Pedimos aos nossos queridos leitores para acompanharem o Rev. P.e Magalhães com as suas orações para que a boa nova da Fátima ilumine as almas afastadas da Igreja e afervore de cada vez mais os católicos.

FÁTIMA — 13 de Julho — Alguns membros do clero assistindo à missa dos doentes

FÁTIMA — Um aspecto do recinto com a capela das confissões, o pavilhão dos doentes, o monumento ao Sagrado Coração de Jesus e o pórtico de entrada.

COISAS QUE EU PENSO

4.—Antes de examinar os selos!

Continuando as nossas conversas a respeito das várias religiões, segue-se agora começarmos a examinar os sêlos de cada uma delas!

De cada uma delas? Está bem! Tínhamos para anos, numa publicação que só sai uma vez por mês! Elas não tantas!

Tenho diante de mim um livro, que se intitula precisamente: *Busca da verdadeira religião*, publicado em França, em 1928 — há sete anos! Só examina as principais. Pois ainda assim são umas boas quinhentas e cinquenta páginas! E já depois de publicado êsse livro entrou a dar que falar outra religião, que, como tantas outras, que a precederam, parece disposta a cantar o *Requiescat in pace* no túmulo da Igreja católica! É a *religião de raça*, — na Alemanha.

Coitadas!

Há bons 400 anos vivia, também na Alemanha, outro «coveiro» do catolicismo, que lhe não dava mais que poucos anos de vida. Era Lutero, o fundador do protestantismo. Êle era a *morte* do catolicismo!

Oiçam como êle falava, ou melhor, leiam o que êle escrevia:

«Visto que não posso rezar, pelo menos posso amaldiçoar.

Em vez de dizer: «Santificado seja o Seu nome!» direi: amaldiçoado, danado e envergonhado seja o nome dos papistas! Em vez de repetir: «Venha a nós o teu reino!» direi: Que o Papado seja amaldiçoado, danado, exterminado! E de facto é assim que eu rezo todo o dia sem descanso, quer com os lábios quer com o coração».

E em 1537 — daqui a dois anos haverá 4 séculos—, durante uma doença que esteve para o levar, fêz Lutero o seu testamento, em que dizia: «Depois da minha morte, conservem de mim isto apenas: o ódio contra o papa de Roma». E o seu último escrito, em 1545, intitula-se: «contra o papado, fundado em Roma pelo diabo». E na véspera de morrer escreveu com gis na parede êste verso latino:

«Pestis eram vivens; moriens, ero mors tua, papa» — que quere dizer: fui para ti, enquanto vivia, uma peste! morrendo, serei a tua morte, ó papa!

Que diria êle agora, se pudesse vir à sua Alemanha assistir às profecias de exterminio que fazem novos Luteros, não só do catolicismo, mas também das inúmeras seitas em que o protestantismo se dividiu! Êle, que já em 1522 escrevia: «A-pesar de tôdas as fôrças do inferno, e de tôdas as potências do ar, da terra e do mar, os meus dogmas ficarão e o papa cairá. Deus verá, quem sucumbirá primeiro, se é o papa ou Lutero!» — talvez lhes dissesse em bom alemão: *Tenham juizo!*

É que êle teve tudo quanto quis para destruir o catolicismo! E passou e o catolicismo vive e viverá, porque não há fôrças humanas que o possam destruir. O que há agora é protestantes de quinhentas côres que andam aí pela nossa terra a caçar ingénuos, quando já nas suas se não entendem uns aos outros!

Notem isto: em 1920 fundou-se na América do Norte uma grande Federação, que votou cem milhões de dólares para essas chamadas «missões estranjeiras», destinadas a estrangular o catolicismo na França, na Bélgica, na Itália e sobretudo em Roma. A Federação diz que representa 200 milhões de protestantes, que, como é sabido não se entendem uns aos outros senão num ponto: em querer convencer os católicos das verdades sôbre as quais êles já se não entendem!

Não sou eu que o digo. Confessam-no êles! Um teólogo protestante, Ernesto Troëltsch, proclamou-o em 1914, num congresso em Manheim, na Alemanha: «Hoje, em matéria de doutrina, (os protestantes) só sabem seguramente e exactamente uma coisa: é que não são católicos». E W. Wallace, que se converteu ao catolicismo, conta no seu livro *Do evangelho ao catolicismo*, que sendo ainda ministro protestante viu na Irlanda dois pobres pedirem-lhe esmola, e que lhe disseram, para o dispormem bem: — Somos protestantes!

— E que entendeis por ser protestantes?

A resposta veio pronta:

— Ora essa! É não ser católico!

Aqui está um selinho, pelo qual os protestantes conhecem os seus, e que não vale dois caracóis!

E vejam a ironia das coisas! Quando na Grande Guerra os alemães entraram em França, apontaram os canhões contra a famosa catedral de Reims, deixando-a quási destruida. Hoje a catedral está restaurada, e o livrinho da *Busca da verdadeira religião* é escrito precisamente pelo vigário geral de Reims, monsenhor Cauly!

Este é que é um bom sêlo, pelo qual reconhecemos que o catolicismo é a Igreja de Deus. Passou Lutero, hão-de passar os 200 milhões de dólares da Federação americana, há-de passar a *religião do racismo*, como passaram ou estão passando todas as outras — e a Igreja Católica há-de continuar a recolher de todas elas os espíritos melhores, que desiludidos lhe caem nos braços.

Também da Rússia sopram ventos de destruição. A sôldo dos bolchevistas queimaram em Espanha dezenas de igrejas e conventos. A Espanha ergueu-se para a reacção e enquanto restaura os edifícios incendiados recebe como seu defensor um Matorras, que ainda há pouco era secretário geral da juventude comunista e hoje é militante do sindicalismo cristão!

Entretanto, Paris, a grande capital da França, tem em volta de si a chamada «cintura vermelha». São os arrabaldes, onde faltavam igrejas e medrou o comunismo. Pois noticiaram os jornais, há dias, que já estão abertas ao culto mais de 50 igrejas novas das 70 que o Cardial Arcebispo de Paris está construindo na *cintura vermelha!*

Entremos, pois, confiados no exame dos sêlos das várias religiões, e começaremos por examinar bem o da nossa. Mas antes, agradeçamos a Deus a graça de os manter inquebrantáveis, apesar das nossas infidelidades, e descobrindo a fragilidade dos sêlos das outras, não constatemos a injustiça de crer, que nelas não há gente sincera e até heróica, de que podemos receber lições.

Assim, riremos o nosso bocado, quando nos aparecer no turbanismo o Zancarrão.

Sabem o que é o Zancarrão? Crêem os muçulmanos que a uma perna do seu Maomé. Quando êste lhes fêz crêr que subia ao céu em corpo e alma, diz-se que os seus discípulos se lhe penduraram duma perna, a ponto de lha despegarem; e conservam-na guardada em Meca. Pois é sabido que muitos peregrinos lá vão cada ano venerar a perna do Profeta (que parece ser um êsso de camêlo)! e com tanta sinceridade que muitos vão nús e descalços e no seu tempo dizia o nosso Padre Manuel Bernardes que muitos, depois que viram o Zancarrão vasam os olhos, «dizendo que não é bem vejam outra coisa mais dêste mundo».

Oremos com fervor, nós que temos a ventura de estar no grémio da Igreja verdadeira, aprendendo dêstes e doutros exemplos a não recuar diante de nenhum sacrifício, que se nos peça, para iluminar em volta de nós, e nas longínquas missões, os que vivem longe da luz da verdadeira fé.

B. A. LANÇA

Agradecimento

(Uma carta do Doutor Fischer)

Um cordial «Deus lhes pague» digo aqui em nome de N.a S.a de Fátima a todos os amigos, e conhecidos de perto e de longe que rezaram por mim durante a minha grave doença, da qual já estou curado por intercessão de Maria Santíssima. Não só da pátria alemã, mas também de quási todas as partes do mundo, recebi cartas cheias de interêsse com a segurança de sinceras orações. Em primeiro lugar agradeço também aqui ao nosso Ex.mo e Rev.mo Amigo, o Sr. Dom José, Bispo de Leiria, a sua oração e a dos peregrinos no Santuário de N.a S.a de Fátima. Tive um gosto especial ao notar que o Apostolado da Virgem Santíssima é também nos dias de doença uma grande consolação, pelo amor que desperta nos corações.

O amor da Mãe Celestial une os homens, ainda que os mares os separem. O que mais profundamente me consoveu foi a oração dos simples do povo. Diziam-me numa das cartas: «Estou a principiar uma novena a N.a S.a de Fátima. Ela não desprezará a súplica duma pobre viúva pelo seu apostolo». Peço também me desculpem se não respondi a todas as muitas e bondosas cartas. Queira a clementíssima Virgem do Rosário recompensar com cento por um, a caridade das suas orações que me ajudaram a dedicar-me de novo ao meu belo apostolado em honra da Rainha do Santíssimo Rosário de Fátima.

Dr. Luis Fischer, Bamberg

Sermão da Montanha

Homens, não cuideis só da vinha e do celeiro:
Cuidai da salvação, cuidai da alma primeiro!

Vosso maior empenho é ter gado e pão:
Pois fôra bem melhor, loucos, ter coração!

Tendes pomar viçoso e de frutos coberto,
Mas vossa alma é mais triste e nua, que um deserto!

Que importa que o trigal prospere e a vinha aumente,
Se em vós nada floriu, além da má semente!
Vêde as aves do céu tão felizes, tão belas...
Foi Deus que semeou e lavrou para elas!

Não têm lagar, nem vinha, ou seara opulenta...
Foi Deus que lhe deu vida e é Deus que lh'a sustenta!

Em vez de, como vós, ceifar, enceleirar,
Vão à busca de Deus, voando pelo ar!...

E emquanto vós cuidais da ceifa e da vindima,
Seu vôo, sem cessar, de Deus as aproxima!

Oh! gente louca e vã, que um medo vão consome,
Se vos assusta o frio e vos inquieta a fome!

Ter que vestir na arca e crias na manada
É ter tudo, dizeis, e eu digo: é não ter nada!

O que fiais na roca e no tear teceis
Não encobre de Deus os males que fazeis!

Não há sêda que esconda ou véu que dê abrigo
Aos que a mão do Senhor marcou para o castigo!

Oh! gente louca, é vã, vêde os lírios do val
Vestidos de brantura e graça matinal...

Salomão não trajou veludos nem setins
Como os vêdes trajar as rosas dos jardins...

Que rocas lh'os fiou, que tear lh'os teceu?
Fiou-lh'os o Senhor, teceram-se no céu.

Imitai, gente vã, teimosos pecadores,
O descuido da ave, o descuido das flores...

Sabe Deus, mais que vós, o que vos é preciso:
Não penseis em viver — Pensai no Paraíso!

ALBERTO DE OLIVEIRA

(Embaixador de Portugal junto da Santa Sé)

«VOZ DA FÁTIMA»

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Junho tirou 293.767 e em Julho 304.474 assim distribuidos:

	Junho	Julho
Algarve ...	3.894	4.128
Angra... ...	16.028	17.047
Beja... ...	4.216	4.059
Braga... ...	65.309	67.211
Bragança...	8.141	8.678
Coimbra ...	14.362	14.905
Évora... ...	3.700	3.700
Funchal ...	18.826	18.826
Guarda... ...	29.522	30.492
Lamego. ...	5.630	6.292
Leiria.. ...	10.076	10.712
Lisboa.. ...	7.131	7.606
Portalegre..	7.276	7.418
Pôrto... ...	38.903	41.158
Vila Real...	32.031	32.352
Viseu... ...	9.047	9.404
	274.092	283.988
Estranjeiro.	3.610	3.610
Diversos ...	16.065	16.876
Total ...	293.767	304.474

PROGRAMA DAS PEREGRINAÇÕES

Ao Santuário de N. S.a de Fátima, durante os meses de Maio a Outubro

DIAS 12 — *Durante o dia* — Entrada das peregrinações à hora que quiserem e confissões. — *À tarde* — Recepção dos doentinhos no Hospital depois de observados pelos Senhores Médicos.

— *Às 22 horas (10 horas da noite)* — Têrço do Rosário seguido da Procissão das Velas.

DIAS 13 — *Da meia noite até às 3 horas da manhã* — Adoração do SS.mo Sacramento com práticas adequadas e, em seguida, horas de adoração presididas pelas peregrinações que o pedirem.

— *Às 6 horas* — Missa e comunhão geral e, em seguida, missas, confissões e comunhões.

— *Às 12 horas (meio dia oficial)* — Têrço junto da Capelinha das Aparições seguido da Procissão de Nossa Senhora, Missa dos doentes com alocução, bênção do SS.mo Sacramento aos doentes e a todo o povo e procissão para reconduzir a imagem de Nossa Senhora.

OBSERVAÇÕES: 1.º — Os Rev.dos Sacerdotes e peregrinos têm no Santuário de Fátima as licenças e jurisdições de que gozam nas suas dioceses, rogando-se-lhes o favor de, quando não sejam conhecidos, trazerem os seus documentos e de atenderem quanto puderem os penitentes.

2.º — As Peregrinações podem organizar o seu programa especial dentro do programa geral, mas devem submetê-lo com antecedência à aprovação do Rev.mo dr. Manuel Marques dos Santos — *Seminário da Leiria.*

Impressões dum peregrino

Do livro «A minha romagem a Fátima» por Luis Waldemüller

Vamos ao Seminário de N.a Sr.a de Fátima! Há milhões que seguem êste chamamento na realidade e em espírito. Um sem número de peregrinos vão à Cova da Iria buscar e achar ali alguma coisa que talvez não se encontre em nenhum outro lugar do mundo. Um dêles descreve dum modo comovente as suas impressões dali:

«Houve um movimento na multidão que contava milhares de pessoas. Formou-se a procissão atrás das bandeiras despregadas. Tiraram a imagem de N.a S.a do alpendre da capelinha dos milagres. Vi então a estátua branca como lírios e deixei-me levar pela corrente oradora: Salvai, Senhor, o vosso povo! Parecia-me estar ali como único representante da minha Pátria alemã. Clamai, supliquei e orei por todos! Em espírito vi os muitos necessitados: povo e Govêrno, clero e leigos, sãos e doentes, grandes e pequenos. Não pude senão exclamar: Maria, nossa Mãe, vinde em nosso auxílio! Jesus, Filho de David, Filho de Maria, Filho de Deus, tende compaixão de nós! Eu espírito fui ao Vaticano a orar pelo Santo Padre, pelos Cardiais e Bispos de tôda a terra. Enquanto seguia a procissão com os olhos, permanecia a minha alma na eternidade com a lembrança dos já falecidos, em especial daqueles de quem ninguém se lembra.... Voltei para a terra e

(Continua na 2.ª página)

GRAÇAS
de Nossa Senhora de Fátima

Graças diversas

— *D. M.ª da Conc. Martins Moreira* — Fanzeres, Gondomar, diz ter sofrido do estômago fígado e intestinos a ponto tal que não podia alimentar-se de coisa alguma que não lhe causasse horríveis dores. Mediante a intercessão de N. S. da Fátima obteve melhoras sensíveis a ponto de poder já alimentar-se convenientemente sem que os alimentos lhe provoquem qualquer dôr.

— *António do Nascimento Novo*, e sua mulher, agradecem a N. S.ª da Fátima duas graças que lhe foram concedidas.

— De Creatuma dizem-nos em carta o seguinte: «Tendo há tempo pedido a N. S.ª da Fátima o concessão duma graça com a promessa de publicá-la no jornal «Voz da Fátima» no caso de ser atendida, e tendo-o sido, vi-lho dar cumprimento ao meu voto. Rogo, pois, a subida fineza de publicar que Maria do Céu A. C. Moura, residente em Creatuma, Gaia, vem agradecer muito penhorada a N.ª S.ª da Fátima uma graça importante que lhe havia pedido e que lhe foi liberalmente concedida.

— *D. Maria Emília Tibério d'Oliveira* — Ribeira Grande, Açores, diz em carta o seguinte: «Uma das minhas irmãs esteve algum tempo muito doente dos intestinos. Sigado e dum rim. Não desejando que ela tivesse de se sujeitar a uma operação disse a N.ª S.ª que se minha irmã melhorasse sem isso ser necessário publicaria tal graça e daria a esmola que envio para o seu culto. Graças infinitas a esta querida Mãe de bondade, minha irmã está muito melhor comendo já com apetite e sem as dôres que costumava ter. Para cumprimento da minha promessa rogo a publicação deste favor no jornal de «N.ª S.ª da Fátima».

— *D. Maria Adelina de S. Garcia*, — Pico, Açores, pelo em nome de uma pessoa amiga aqui seja manifestado o seu reconhecimento por diversos favores que lhe foram concedidos.

— *D. Maria Ernestina Moreira*, — Espinho, diz: «Agradeço a N.ª S.ª da Fátima, uma grande graça que por sua intercessão obtive e que prometi fosse publicada na «Voz da Fátima».

— *D. Conceição Branco Bovião*, — Meadela, diz o seguinte: «tendo meu filho Alfredo sido gravemente atropelado por um automóvel, prometi a Nossa Senhora da Fátima, se êle não morresse e ficasse sem defeito, publicaria na «Voz da Fátima» tão grande e apreciável favor. Meu filho encontra-se já perfeitamente bem, e por isso, venho agradecer publicamente a Nossa S.ª da Fátima o maternal auxílio que nos dispensou.

— Tinha em minha companhia uma sobrinha de seis anos que foi acometida de um violento ataque que se repetiu por várias vezes chegando o médico a dizer que não sabia o resultado que aquilo viria a dar e que por isso era melhor contar tudo aos pais da pequena.

Depois de ter informações, desanuladas da Medicina da terra, encomendou a N.ª S.ª da Fátima que se dignou curá-la em pouco tempo. Hoje encontra-se bem, favor êste que peço seja publicado no jornal de N.ª S.ª da Fátima.

— *D. Maria de Lourdes Trindade*, — Urgueira, deseja agradecer publicamente a N.ª S.ª da Fátima a cura de um Mês que durante algum tempo sofreu de sarganta a ponto tal que nada podia ingerir.

— *D. Maria Carlota de Vasconcelos*, — Pôrto, obteve por intercessão de N.ª S.ª da Fátima o alívio de uma violenta dor que a torturava. Em agradecimento de tal favor pede a sua publicação.

NA AMÉRICA

— *Manuel d'Oliveira*, — América do Norte, manifesta o seu agradecimento pela cura de um seu filho, que durante 12 anos sofreu gravemente duma perna. No espaço de 19 meses teve de sofrer sete tais operações sem resultados satisfatórios. Desanimado já da eficácia da medicina, fiz com tôda a família uma novena a N.ª S.ª da Fátima ao fim da qual, segundo diz, se sentiu sem dôres. De então até hoje não mais voltaram os antigos sofrimentos.

— *D. Elvira N. Lopes*, — Pará, Brasil, escreve para esta Redacção dizendo o seguinte: «doente de asma durante sete anos, sem esperanças de cura, recorri a Nossa S.ª da Fátima a quem pedi a graça do meu restabelecimento. Hoje, completamente curada, e isto pouco tempo depois do apêlo que fiz a N.ª Senhora, venho cumprir a minha promessa comunicando-vos mais esta graça para a expansão cada vês maior do culto de N.ª Senhora da Fátima».

VISADO PELA CENSURA

A Sacra Oficina, Rua Luciano Cordeiro, 93-1.º Esq.º Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massa.

PHOENIX
C.ª Inglesa de Seguros.
Máxima garantia
às melhores taxas.
20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Nossa Senhora de Fátima no Estranjeiro

NA ITALIA — ROMA

Formosa imagem da Virgem de Fátima

Em 13 de maio de 1934, achava-me em Roma, por convite do digno Reitor do Colégio Português, hoje meu zeloso e prestigioso Prior, Monsenhor Porfírio Cordeiro; assisti à festa de N. Senhora de Fátima na linda capela do Colégio que pela primeira vez via instalada no andar nobre do palácio que fôra habitado pelo Eminentíssimo Cardial Bisletti.

Encontrei ali o meu querido amigo, hoje de tão saudosa memória, Dr. Trindade Coelho, ao tempo nosso ministro (e porque não embaixador?!) de Portugal junto da Santa Sé, sua virtuosa espôsa, o seu secretário e a espôsa, dr. Brandeiro. Celebravam sacerdotes portugueses; elevava-se ardente um côro de vozes portuguesas.

Estava sôbre o altar uma preciosíssima imagem, bastante grande, da Virgem Imaculada, tal qual os videntes da Fátima a descreveram.

A fidelidade na reprodução alia-se a um cunho de piedade rara na expressão triste e bondosa do rosto, que exterioriza a misericórdia, a dor do coração virginal, que os pecados da humanidade afligem.

Não vi até hoje escultura igualmente bela da Senhora da Conceição de Fátima. É bem a *Virgo clemens*, a *Consolatrix afflictorum*, a *Auxilium christianorum*.

Com que abandono filial a invocámos num cantinho de Portugal, rodeada de almas portuguesas irmanadas na mesma devoção filial, perante a reprodução fiel e tão artística da forma por que se manifestou na terra, hoje sagrada de Fátima, a Virgem!

No dia seguinte admirava igual imagem, da mesma beleza comovente, obra do mesmo escultor Thedim, com que a profunda piedade de Trindade Coelho dotara a nossa linda igreja de Santo António dos Portugueses, outro cantinho abençoado de Portugal em Roma.

Este ano, na mesma data vim-me de novo em igual festa na capela do Colégio, a tomar parte no culto prestado à Virgem de Fátima.

Era já outro o Reitor, Mons. Gouveia. Trindade Coelho, cuja bela alma partira prematuramente dêste mundo, estava substituído por um prestigioso diplomata e homem de letras, cristãmente considerado, dr. Alberto de Oliveira, continuador da sua piedosa tradição.

Pesado luto me ensombrou o coração.

Com dobrado fervor invoquei N. Senhora de Fátima, pedindo a sua protecção para Portugal e os esplendores da glória celeste para as duas queridas almas de eleição que desde a minha visita anterior tinham partido para o seio paternal do Senhor.

A mesma atmosfera, tão portuguesa, de piedade encontrava ali. As orações dos novos comdadãos, que em Roma ornam o espírito e completam a sua formação sacerdotal, juntavam-se vozes de irmãos espanhóis e brasileiros. E assim se gravou mais fundo no coração essa bela obra de arte posta no serviço da piedade na *Urbs aeterna*.

FERNANDO DE SOUSA

NA FRANÇA

Fátima na Exposição Católica de Marselha

Inaugurou-se na cidade de Marselha (França) em maio passado uma interessante exposição católica debaixo da direcção de S. Ex.ª Mgr. Dubourg, Bispo daquela Diocese, na qual Fátima teve uma parte importante.

Os R. Padres dominicanos foram encarregados do chamado Stand do Rosário, para mostrar duma maneira viva e moderna, como lhes recomendou o Sr. Bispo, a história desta devoção através dos séculos.

Numa série de 7 dioramas de cores vivas, artísticos, iluminados, aparecia diante das numerosas pessoas que visitaram aquela exposição, a epopeia do Santo Rosário.

Os quadros eram os seguintes:

1.º A instituição do Rosário;

2.º A restauração do Rosário;

3.º A vitória de Lepanto alcançada pela recitação do Rosário recomendada pelo Papa Pio V.

4.º A tomada de La Rochelle, reconquistada por Luís XIII, atribuída às orações do Rosário de todo o povo francês levantando em acção de graças a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, o maior centro de piedade em Paris, ainda hoje.

5.º O grande apóstolo do Rosário, Beato Luís Maria Grignon de Montfort.

6.º Lourdes.

7.º Nossa Senhora de Fátima.

Este último quadro era o remate dos célebres dioramas e aquêle que mais atraía as atenções de todos. Tinha a seguinte inscrição: «*Sou Nossa Senhora do Rosário* (13 de outubro de 1917.)

É natural que esta exposição se repita noutras dioceses francesas levando por tôda a parte o conhecimento das maravilhas de Nossa Senhora de Fátima.

(V. *Revue du Rosaire — Julho de 1935*)

NA ALEMANHA

Fátima na diocese de Eichstätt

O rev.º Pároco Luís Waldmüller, o autor do belo livro de peregrinação: «A minha romagem à Fátima». (Fátima — Verlag Bamberg 1934) que já só esteve duas vezes, enviou ao «Boto vos Fátima» uma linda carta sôbre a devoção a N.ª Sr.ª de Fátima na diocese de Eichstätt, que com a devida vénia gostosamente transcrevemos.

Rev.mos Senhor

Antes de tudo desculpa V.ª Rev.ª a demora! Tive um desastre com a moto. Quebrou-se-me uma peça dianteira e caí numa curva da rua. O ter ocupado relativamente pouco maltratado devo-o a N.ª S.ª do Rosário de Fátima. Estava a rezar o 13.º mistério do Rosário.

Temos na nossa diocese magníficos santuários de N.ª Senhora: Habsberg, Trautmannshofen, Freystatt, Rutzhausen, Neumarkt, Berching, Plankstätten, Linden, Gaimersheim, Ingolstadt. Por isso pode-se dizer que a devoção a N.ª Sr.ª tem nesta diocese a sua morada, e por isso encontros aqui especial agrado a celebração dos dias 13. A paróquia Wachensell perto de Eichstätt vai em romaria cada dia 13 para o Frauenberg. Em Sehellförf (perto de Ingolstadt) tem havido desde o dia 13 de Dezembro de 1934 todos os meses uma solenidade com sermão. A-pesar-do frio do inverno, a concorrência do povo tem sido enorme para as devoções da tarde.

Também em Böhmfeld (perto de Ingolstadt) se faz na igreja desde o dia 13 de Dezembro de 1934, todos os dias 13, uma hora de adoração à tarde, na qual se reza sempre o Rosário inteiro. (3 Têrços). A devoção a Maria Santíssima floresce naquela região, para o que concorre muito a romaria à Gaimersheim e as grandes graças que N.ª Sr.ª ali dispensa.

Até em Eichstätt houve uma peregrinação no dia 13 de Fevereiro às 8 horas da noite para o Frauenberg com 800 homens. As mulheres em número quási igual fizeram a sua romaria às 3 horas da tarde. No dia 13 de Março foram 700 homens em grupos para a montanha; no dia 13 de Abril iam uns 900 e no dia 13 de Maio mais de mil.

No dia 5 de Maio, por ocasião do nono centenário do Mosteiro S.ta Walburga, veio uma peregrinação de Ausburgo para Eichstätt. Os peregrinos trouxeram consigo uma imagem de N.ª Senhora de Fátima, de altura de uns 70cm, e orando, levaram-na em procissão para o Frauenberg. Os assistentes eram uns 300. Eu mesmo com um irmão meu, curado duma doença grave, tomámos parte na romagem. O Rev. Capelão da Sé, P.e Harrer, fêz um discurso calorosa sôbre N.ª S.ª de Fátima sôbre o tema: Maria tras-nos uma saudação católica, uma saudação celestial e uma saudação temporal.

Os peregrinos cantaram com entusiasmo o *Cântico da Fátima*, o *Avé de Fátima*, o *Magnificat* e outros em honra da N. Senhor Sacramentado e da Mãe de Deus. Foi a Fátima em miniatura!

No dia 7 de Maio levei as mulheres e raparigas da minha freguesia, que em camionetas e carros tinham vindo à peregrinação de S.ta Walburga, à tarde para o Frauenberg. Verificaram que a nossa imagem de Nossa Senhora de Fátima era mais bonita que a de Eichstätt, e contudo esta é escultura e aquela só de massa. O que seria, se vissem a imagem de N.ª Senhora na Fátima!

Peço as mais ricas bênçãos de Deus e de N.ª Senhora para a obra sôbre as aparições de N.ª Senhora de Fátima! (A obra fundamental do Professor dr. Fischer sôbre as aparições de Fátima aparecerá sem falta na «Fátima-Verlag, Bamberg» no mês do Rosário. Também nós esperamos, como todos os devotos de Fátima, com interêsse esta obra, que será com certeza na actualidade, um dos livros mais belos e profundos sôbre Maria Santíssima. — A Redacção).

Com respeitosos cumprimentos em N.ª Senhora de Fátima

L. Waldmüller, Pároco

EM MACAU

Bibliografia de Fátima

Nova publicação

Com aprovação de S. Ex.ª Rev.mo o senhor Bispo de Macau, foi publicado um novo livrinho sôbre a Fátima em inglês.

Intitula-se *Devotions to our Lady of Fátima*.

Além da história resumida das Aparições, contém uma novena, orações e cânticos em honra da Santíssima Virgem e enumera algumas graças concedidas aos doentinhos sobretudo na India.

13 DE JULHO — Reconduzindo a imagem de Nossa Senhora para a Capela das Aparições

Assunção de Nossa Senhora, com Oitava, a 15 de Agosto

É fora de dúvida que no fim do século VII se celebrava solenemente a Assunção da Mãe de Deus no Oriente e no Ocidente, o que nos permite celebrar a instituição desta festa pelos fins do século V.

Quanto à origem dela é muito verosímil que nascesse junto do túmulo da Virgem em Gethsemani, em consequência das peregrinações dos fiéis a êste lugar.

A Assunção é a festa do triunfo de Maria e a corôa de tôda a sua vida. É por excelência a primeira de tôdas as solenidades da Virgem. Vem lògicamente depois da Ascensão de Jesus, e tem por objecto a morte ou sono da Mãe de Deus, a sua ressurreição e glorificação no céu.

Depois de Jesus, como Homem, é Maria a mais perfeita das criaturas, e constitue a mais gloriosa vitória que o Redentor teve sôbre o demónio. Em previsão dos méritos do Salvador, a alma da Virgem foi preservada do pecado original; ajudada pela graça de Cristo, não cometeu nenhum pecado actual. O triunfo de Jesus foi ainda mais longe, porque, em virtude da sua ressurreição preservou o corpo de Sua Santa Mãe da corrupção, ressuscitando-a, e, em virtude da sua ascensão fê-la penetrar no Céu.

Vinde, — canta a Liturgia no Invitatório do Ofício, — *adoremos o Rei dos reis, que elevou ao céu neste dia a Virgem sua Mãe.*

Maria foi elevada ao céu, — canta a primeira Antífona de Laudes, — *os Anjos estão em alegria; louvam e bendizem ao Senhor.*

Hoje a Virgem Maria subiu ao céu, — diz a Antífona da *Magnificat*; — *alegrai-vos porque ela reina com Cristo por tôda a eternidade.*

E o Introito da Missa: *Regozijai-vos todos no Senhor, celebrando neste dia a festa em honra da Bem-aventurada Virgem Maria; os Anjos cantam a sua Assunção e louvam o Filho de Deus.*

Predestinados, como diz S. Paulo aos Efésios *para louvar a glória da graça de Cristo, e marcados com o sêlo do Espírito Santo para o elogio desta glória*, cantemos hoje com a Santa Igreja do céu e com a da terra um hino de glorificação ao Filho de Deus de quem Maria recebeu todos os maravilhosos privilégios que a fazem na terra e nos céus a mulher bendita entre tôdas as mulheres.

É ela justamente figurada por essa outra mulher, que tendo o mesmo nome, se conservava em Betânia aos pés do Mestre, e de quem Jesus diz: *Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.* Esta parte tem-na ela no céu, para sempre, junto do seu divino Filho. Escreve S. João Damasceno na 6.ª lição do Ofício: *Se Jesus Cristo, a vida e a verdade, disse: «Aonde eu estiver, estará também o meu servo», com quanta mais fôrça razão deverá sua Mãe estar com êle?*

Portanto, ela realiza plenamente esta dupla beatitude de que fala o Evangelho da Vigília da Assunção: *Bem-aventurado o seio que te trouxe e os peitos que te alimentaram! Antes felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática.*

Ela hospedou outrora corporalmente a Jesus na terra e alimentou-o com o seu leite maternal; Jesus hospeda-a agora corporalmente no céu e alimenta-a com as delícias do banquete celeste, que é êle mesmo, verdade divina, alimento substancial e eterno.

Nós somos na terra Marta que trabalha; ela é no céu Maria que contempla. E voltando-nos para o Mestre, rogamos-lhe: *Senhor, dizei-lhe que me ajude.* E Maria nos auxilia pela sua poderosa intercessão.

Canta ainda o *Postcommunio* da Missa: *Que a oração da Mãe de Deus venha em auxílio do nosso povo, Senhor; sabemos que ela deixou êste mundo, pagando o tributo da nossa carne mortal; mas fazei que sintamos que junto de vós, na glória celeste, ela interceda por nós, pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo.*

A festa da Assunção da Santíssima Virgem é muito querida a todos os corações cristãos. A vida tão santa e tão dolorosa de Maria, Mãe de Deus, reclamava um triunfo proporcionado aos seus méritos e grandezas.

Logo após a sua morte, ao contrário das outras criaturas, foi *em corpo e alma transportada* ao céu pelos Anjos. Esta elevação triunfal e esta entrada na glória, é o objecto como dissemos da gloriosa e doce festa da Assunção, a festa de Santa Maria.

Sôbre um *trono* bem próximo do trono de Deus, a divina Mãe doravante *reina* com Jesus Cristo, coroada com um diadema de doze estrêlas. É ela a bendita Soberana dos anjos e dos homens, ao mesmo tempo que a mãe tôda bela e tôda boa que do alto da sua morada de glória estende a sua solicitude maternal até ao mais pequenino de seus filhos.

Impressões dum peregrino

(Continuação da 1.ª pág.)

lembrai-me de todos os sacerdotes, Religiosos, Religiosas e Missionários. Como um relampago passaram na minha memória tôdas as missões, cada uma com os seus sacerdotes, religiosos e religiosas. Se o meu coração palpitou por todos sem excepção, pareceu-me contudo que devia ter uma lembrança especial dos alemães, meus conterrâneos. (Luís Waldemüller: Minha romaria a Itália).

Assim descreve um peregrino de Fátima as suas impressões no regar da graças...

Aos peregrinos bem dispostos invade em Fátima o espírito de oração em união com Maria! Os seus corações encontram ali o amor de Mãe para com todos os seus filhos, aonde quer que estejam. Sentem no peito os seus corações de filho católico, palpitar, desejar, orar, suplicar, interceder por todos!

Aqui na missão da África Meridional, nos comoveu tanto esta passagem, que desejamos dar em alta voz graças ao peregrino pela sua oração, pois que tanto à necessitamos, nós como os nossos protegidos.

Também nos visitamos em espírito a sua Pátria e a Lourdes portuguesa em cada dia do mês. Oxalá que a Mãe de todos nós nos faça participar no espírito de Fátima, no espírito de oração mariana: em caridade, providência, súplica, compaixão e simpatia com os seus, de perto e de longe, com todas as almas na terra!

Um Africano do Sul.

Peregrinação da Diocese de Leiria ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima

Nos dias 12 e 13 de Agosto de 1935

Dia 12 — Chegada das peregrinações que logo entrarão no Santuário, cantando e rezando as suas orações.

A tardinha — Reúnem-se tôdas, agrupadas por freguesias, junto do portão principal do Santuário, fazendo a entrada solene presidida por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria.

As 22 horas (10 da noite) — Têrço em comum, seguido da procissão das velas.

A meia noite — Exposição do Santíssimo Sacramento. Adoração nocturna com prègação.

Dia 13 — Às 6 horas — Missa e Comunhão geral.

Às 9 horas — Missa de Pontifical.

Às 12 horas — Têrço em comum na Capelinha das Aparições e procissão com a imagem de Nossa Senhora.

Às 23 horas — Missa, alocução e Bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes e peregrinos. Consagração a Nossa Senhora.

Observações — As pessoas que tomam parte na peregrinação devem:

1.º — Confessar-se nas suas freguesias, pois na Fátima não haverá tempo nem Confessores para atender a todos;

2.º — Dar com antecedência os nomes aos Rev.os Párocos cujas indicações seguirão.

3.º — Durante o caminho, rezar o Rosário, entoar cânticos, e, passando por alguma igreja, visitar o Santíssimo Sacramento e os que seguirem pela estrada que tem os Cruzeiros, fazer a Via Sacra.

4.º — Os filhos e filhas devem acompanhar os seus pais, não praticando actos que possam ofender a Nosso Senhor, sem escandalisar os filhos.

A Fátima, nos dias 12 e 13 de Agosto!

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Os estrangeiros pelam-se pelas Sardinhas de Conserva Portuguesas

Com pão e manteiga é o melhor petisco que há.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	659.211$43
Papel, comp. e imp. do n.º 154 (304.474 ex.)	16.775$25
Franquias, embalagem, transportes etc. ...	7.430$35
Na administração ...	808$30
Total	684.205$33

Donativos desde 15$00

—M.e d'Oliv.a Pires — Amendoa, 22$50; Irmãs de Cabinda — Congo Português, 20$00; Purificação Carneiro — C. Branco, 15$00; P.e António Maria Alves — Macau, 280$75; Rosa S. Sousa — Barcelos, 26$00; Algemira Magalhães, — Chinguar, 20$00; José Moreira Lopes — Lagares, 20$00; Ana Magalhães — Paredes, 20$00; Distrib. em Lufrei, 130$40; Ir. de S. José de Cluny — Landana, 393$50; Augusto Simão Pinto — Porto, 20$00; Lourenço Paulo Pinto — — Bangalor, 40$00; Manuel Medeiro — América, 15$00; Clotilde Raposo — Açôres, 20$00; M.me Aufrère — França, 49$00; Mariana Serpa — Palmela, 15$00; Condessa de Paço de Vitorino, 30$00; José A. Antão — Vimioso, 20$00; Margarida de Almeida — Lisboa, 20$00; M.a Brito e Cunha — Lisboa, 20$00; P.e Manuel Maria — Guimarei, 20$00; Maria Graziola — Rio de Moinhos, 20$00; João H. de Lima — Funchal, 30$00; M.a Amélia Vieira — Pôrto, 20$00; Carmina Azevedo — Califórnia, 22$25; P.e José Miguel Duarte — Arcozelo, 100$00; José Alves Sequeira — Açôres, 50$00; António de Miranda — S. do Extremo, 20$00; Ana Lima — Tendais, 20$00; Regina Laugreia — Beja, 20$00; P.e Henrique Garcia — Almalaguez, 20$00; P.e Manuel Poças — Porto de Mós, 20$00; Maria de Lourdes — Gaia, 20$00; Amélia Soares — Lisboa, 20$00; esmolas por intermédio do M.e da Costa Lopes — Vera Cruz — Brazil, 330$00; Francisco Basta — Vilarinho, 30$00; Rosalina Martins — Barcelinhos, 20$00; Aurora Avelar — América, 22$15; Filomena Peurey — América, 22$15; Guilhermina Rosa — Macau, 25$00; M.a Elisa Alves — Cinco Vilas, 15$00; Esmolas em Cabeço do Vide, 20$00; Ana Aug.ta d'Oliveira — Evora, 50$00; Anl.o Simões Santos — Leiria, 30$00; Luís V. dos Santos — Aveiro, 20$00; M. Marques — Califórnia, 1 dolar; Manuel Sabino Marques — Geires, 10$00.

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico
120.000 toneladas de produção anual
11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Telefone P. B. X. n 2331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO
Telefone 4193

AGÊNCIAS EM TODO O PAIS

SENHOR PADRE:
Quere VINHO bom para a Santa Missa?
Peça preços a: António de Oliveira
Aldeia Nova — NORTE

Quantas vêzes no decurso das vossas viagens em Portugal, vos encontrais, a súbitas, frente a qualquer dos nossos encantadores monumentos, padrões da fé e de heroismo, como a Batalha, Guimarães, etc....

Mas a hora, ou a posição do sol, dizeis, não vos permitem obter, como tanto desejaríeis, mais essa fotografia para o vosso Album Kodak...

A culpa é vossa!... Para que usar uma película qualquer quando

«VERICHROME»

a Película que só Kodak póde fabricar, vos permite boas fotografias com qualquer luz, a qualquer hora, com qualquer tempo, dadas as suas inimitaveis e excelentes qualidades?

Alem de que «VERICHROME» não é mais caro do que tantas outras películas e é para vós uma garantia segura contra insucessos.

«Verichrome» é recomendada por todos os cursos de artigos fotográficos que teem verdadeiro interesse em que as vossas fotografias sejam de uma impecável qualidade.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett-Lisboa

OS MELHORES
VINHOS
Companhia Velha
FUNDADA EM 1756
RUA DAS FLORES, 69
PÔRTO

Consagração de Diocese de Bragança a Nossa Senhora

D. LUIS ANTONIO DE ALMEIDA, POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA, BISPO DE BRAGANÇA E MIRANDA, ETC.

Saúde, Paz e Bênção em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Nosso Redentor e Salvador.

AOS NOSSOS AMADOS COOPERADORES E QUERIDOS DIOCESANOS

O primeiro ano do Nosso episcopado coincidiu com o quinquagésimo aniversário da consagração desta Diocese ao Divino Coração de Jesus. Recordámos essa consagração, no dia 13 de Junho de 1933, e manifestámos que em tôdas as freguesias se prestasse a mesma homenagem de piedade e gratidão ao Sagrado Coração de Jesus, a quem todos os corações devêm ficar unidos pelos laços mais estreitos do amor, vivendo da sua vida divina.

As festas promovidas na cidade de Bragança e principalmente a solenissima procissão eucarística, em que tomaram parte as ilustres autoridades civis e militares, as Associações religiosas e um enorme concurso de povo, estão ainda bem vivas na memória de todos pela expansão de entusiasmo e pelos abundantes frutos de santificação que produziram nas almas.

Renovou-se de modo tão solene a consagração da Diocese ao Coração Amantíssimo do Verbo Encarnado, sem que alguma coisa lhe faltasse, como seu complemento, como sua honra e tenaz inabalável.

Per Mariam ad Jesum.

É por Maria Santíssima, Mãe de Jesus e nossa Mãe, que se vai a Jesus, Divino Salvador. Ela é, merce de um incomparável dignidade e de afeição ardentíssima que desempenha no plano sobrenatural da Redenção, a Corredentora do género humano, a Mediatriz de tôdas as graças e a Rainha do Céu e da terra.

Se Jesus é Rei, porque é Deus, Maria Santíssima é Rainha, porque é a Mãe de Deus.

Pelas mãos da Rainha das Mães, mais o Omnipotente distribuir aos homens as preciosas riquezas dos tesouros celestiais e há vinte séculos que a Santíssima Virgem vem cumprindo fiel e catolicamente esta missão de bondade.

Foi por intermédio de Maria Santíssima que Deus nos deu o seu Unigénito Filho e é também pela sua mediação que as nossas orações e súplicas sobem confiadamente ao trono da sua misericórdia.

Impõe-se, portanto, como obrigação gratíssima que, havendo sido consagrada a Diocese ao Divino Coração de Jesus, o seja igualmente, a Nossa Senhora, sob a Rainha e nossa Mãe.

Mas, além dos motivos alegados, há uma razão sobremodo ponderosa, que, quando outras não houvesse, bastaria, só por si para Nos obrigar a render a Nossa Senhora, à nossa querida Mãe, êste acto de vassalagem, êste tributo de piedade e amor filiais.

Velvê, amados cooperadores e queridos diocesanos, os vossos olhares por todo o território desta vasta Diocese, e vereis por tôda a parte, nas cidades, nas vilas e nas aldeias, assinaladas no fundo dos vales ou alcandoradas no cume dos montes, numerosas e elegantes testemunhos da devoção acrisolada dos vossos antepassados para com a Virgem Santíssima.

Muitas destas igrejas, santuários e ermidas, padrões imorredouros da crença fervorosa que abrasava os vossos maiores, foram durante muitos séculos centros piedosos de cultismo e célebres peregrinações.

Impulsionados por uma fé viva e por uma devoção acendrada e esclarecida, os vossos antepassados iam a êsses templos, dedicados à Virgem Santíssima para depôr a seus pés o preito sentido da sua veneração afectuosa, fazer penitência dos seus pecados, agradecer favores recebidos, implorar novas graças, e voltar de lá, alegres e satisfeitos, com a consciência tranquila, com o coração mais dilatado dos prazeres do mundo e com a vontade mais decidida à prática da virtude e ao cumprimento dos deveres morais e religiosos.

Com que extremos de ternura a Virgem bendita acolhia semelhantes homenagens e derramava sôbre êstes peregrinos fiéis e romeiros piedosos torrentes de graças e de bênçãos!

Em nossos dias, porém, que é que sucede?

As romarias, desvirtuadas, profanadas por divertimentos mundanos e convertidas em pretexto incansável de bailes e arraiais, concorrem poderosamente para a desmoralização dos costumes e para a ruina e perdição das almas, e, em vez de atrair as graças e as bonanças do Senhor, provocam a sua justiça e os seus castigos.

Urge, pois, restituir às festividades e romarias o seu carácter primitivo de religião e piedade. É indispensável que elas tornem a ser o que foram antigamente e o que são hoje as peregrinações a Lourdes, a Fátima, ao Sameiro e a tantos outros santuários nacionais e estrangeiros.

Apraz-Nos referir aqui, com justa e merecida louvores, um exemplo mobilíssimo que honra, deve ser edificante, a Nossa Diocese.

É o da freguesia de Vilas Boas, no concelho de Vila Flor, onde se ergue um dos monumentos marianos mais notáveis e mais venerandos da região transmontana.

No ano passado, os habitantes daquela importante e populosa freguesia, dócis aos Nossos conselhos e exortações, e com o esforço do seu zeloso Pároco, eliminaram da grande romaria que lá se celebra anualmente em honra de Nossa Senhora da Assunção, a 15 de Agosto, tudo quanto tinha remalhos do paganismo ou de dissipação mundana.

Resolveram fazer uma festa essencialmente religiosa e cumpriram esta resolução, não obstante as dificuldades a vencer e os hábitos inveterados a corrigir. Bem hajam por isso!

Um dos nossos escritores contemporâneos mais conceituados, falando de Fátima a Lourdes portuguesa, chamou-lhe «local bendito onde não há arraiais, nem divertimentos, nem discordâncias, nem distinção de classes, mas um só povo, com um só amor a Deus por intermédio de Nossa Senhora».

O Santuário de Nossa Senhora da Assunção de Vilas Boas começa a ser, mercê de Deus e do Rev.º Pároco e da fé e docilidade do povo, uma miniatura de Fátima e uma auspiciosa esperança de bênçãos e consoladoras realizações.

Os milhares de fiéis de tôdas as idades, classes e condições sociais, que no ano passado acorreram àquela montanha santa, pondo de parte músicas e foguetes, arraiais, bailes e demandas profanas, fizeram a sua peregrinação e a sua romaria, compenetrados do espírito religioso, e com sentimentos de profunda piedade e devoção.

A lição colectiva, o canto dos hinos sagrados, as confissões e comunhões, a assistência às missas e às prégações, a recitação do terço do Santíssimo Rosário, foram os actos religiosos com que êles, na sua quási totalidade, se empenharam em glorificar a Virgem Santíssima e por meio d'Ela, a Nosso Senhor Jesus Cristo Sacramentado.

Honra lhes seja pelo edificante exemplo que deram e pelo protesto que lavraram contra tôdas as festas profanadas...

E, para que a Mãi de Deus e Nossa Mãi se digne conceder-nos de novo as suas graças, os seus dons e os seus benefícios, é indispensável que naquele santuário, e em todos os outros da Nossa Diocese, as romarias tenham sempre as características das autênticas peregrinações, isto é, sejam actos legítimos do culto católico para a glória de Deus, honra e louvor da sua Mãi Santíssima e proveito espiritual dos fiéis.

Porisso exortamos os Nossos amados cooperadores a empregarem todos os esforços a fim de fazerem compreender aos fiéis a necessidade de não misturar o religioso com o profano, não consentindo que se gastem em divertimentos as esmolas dos oferentes.

Querendo dar um público testemunho da Nossa satisfação pela atitude de reverente e piedosa do povo de Vilas Boas e de quanto Nos seria agradável que todos assim procedessem, determinamos que a peregrinação do dia 14 de Agosto do ano corrente ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção de Vilas Boas, à qual tencionamos presidir, seja considerada diocesana, convidando a tomar parte nela os Nossos amados cooperadores e queridos diocesanos.

A peregrinação partirá da igreja de Vilas Boas, às 9 horas (hora oficial), e muito desejamos e pedimos que nela se encorporem os Rev.mos Párocos com as associações religiosas das suas freguesias que seja possível comparecerem, ainda que com sacrifício.

Como Nossos delegados, encarregamos os Rev.mos Srs. Arcipestes de promoverem desde já reuniões com o Rev. Cleto, a fim de combinarem e resolverem a melhor forma de tornar a peregrinação mais concorrida e animada de verdadeiro espírito de piedade.

Nesse dia, à hora que será oportunamente designada, recitaremos o acto de consagração da Diocese a Nossa Senhora, o qual formulamos a repetir no dia 15, após a missa solene de pontifical que esperamos celebrar no Santuário. Êste acto de consagração, que a seguir publicamos, deve também ser recitado em tôdas as igrejas da Diocese, no dia 15, ou num dos domingos imediatos, havendo-se previamente explicação ao povo a sua significação, convindo precedê-lo da reza do terço do Rosário e concluindo com a Bênção do SS.mo Sacramento.

ACTO DE CONSAGRAÇÃO a Nossa Senhora

Virgem Santíssima, Mãi de Deus e nossa Mãi, dignai-Vos aceitar a consagração desta Diocese da Bragança (ou desta freguesia de... da Diocese de Bragança), que, prostrada a Vossos pés, vem implorar a Vossa misericórdia e protestar-Vos o seu amor.

Queremos retribuir com a maior gratidão os benefícios recebidos e reparar com o nosso arrependimento as faltas com que Vos temos desgostado, transgredindo a lei do Senhor e profanando as Vossas festas.

Perdoai-nos, Mãi clemente, e volvei os Vossos olhares compassivos para esta Diocese, cujos habitantes foram sempre Vossos devotos, erguendo templos e altares em Vossa honra, proclamando as Vossas grandezas e promovendo em Vossa glória piedosas e imponentes romagens e peregrinações aos Vossos santuários mais venerandos.

Como nossa Mãi carinhosa, atendei e remediai as necessidades religiosas de tantas freguesias sem Pároco e suscitai verdadeiras e sólidas vocações, dando-nos muitos e santos sacerdotes, abrasados no zêlo da glória de Deus e da salvação das almas.

Derramai sôbre o clero, Santuários e fiéis, as torrentes das Vossas graças e os caudais das Vossas luzes, e inflamai todos os corações no fogo da devoção e no ardente e sincero desejo de imitar as Vossas virtudes e seguir os Vossos exemplos.

Fazei compreender aos pais a obrigação gratíssima de dar boa educação aos filhos, e aos filhos o amor, obediência e respeito aos pais; exigi — aos esposos o cumprimento dos deveres conjugais e a santidade do lar cristão, — aos jóvens e donzelas os encantos da virtude e o horror dos vícios, — aos ricos a caridade para com os pobres; inspirai aos doentes a dor que sofrem a paciência e resignação, e a tôdas as almas, enfim, o amor à oração, à frequência dos sacramentos e a guarda e observância dos preceitos de Deus e da Igreja e dos decretos do próprio estado.

Virgem Santíssima, nossa terna e carinhosa Mãi, estendei sôbre os Vossos filhos o manto da Vossa maternal protecção, livrai-nos dos assaltos dos nossos inimigos, e assistei-nos na vida e sobretudo na morte, para que, em transportes de júbilo, possamos ir cantar as Vossas misericórdias neste dia e os do Vosso Divino Filho, por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

Esta Nossa Exortação pastoral será lida e comentada aos fiéis, chamando-lhes a atenção duma modo especial para dois pontos principais: a consagração a Nossa Senhora e a necessidade de combater e proibir os arraiais e divertimentos profanos nas romarias.

Bragança, 25 de Março de 1935.

† LUIS, *Bispo de Bragança e Miranda*

AVISO

Aos srs. Directores das peregrinações ao Santuário de Fátima

Para que as peregrinações ao Santuário de Fátima sejam consideradas como tais, gozando dos privilégios que lhes são concedidos, precisam de autorização, por escrito, do Ex.mo Prelado da respectiva Diocese.

O despacho do Ex.mo Prelado deve ser enviado, com a devida antecipação, ao Rev. dr. Marques dos Santos, Vice-Reitor do Seminário de Leiria, superiormente encarregado de dirigir as peregrinações.

As peregrinações serão presididas por um Rev. Sacerdote autorizado pelo seu Ex.mo Prelado para êste fim e para cada caso.

Linha recta

Quem entra no Salão Nobre da Ourivesaria Aliança do Pôrto não pode deixar de analisar, com interêsse e agrado, os esplêndidos trabalhos ali expostos.

Ficam os olhos longamente presos, contemplando essas maravilhas de arte em que não sabemos o que mais admirar, se a fecundia dos motivos, se o esmêro primoroso da execução.

Pormenores valiosos privativos e lavrantes de alto mérito, bem se pode dizer que a Ourivesaria Aliança é um conjunto de importantes oficinas, o que tem uma ante-câmara de exposição.

Esta ante-câmara é a Ourivesaria Aliança que pouca ao público o trabalho de ir comprar, directamente ao local do fabrico, isto é, às próprias e afamadas oficinas.

Queres um conselho?...

É de facto um conselho de amigo o que venho dar-te.

¡Quantas vezes somos mal servidos porque não encontramos quem nos indicasse uma casa, onde podêssemos fazer com segurança as nossas compras!

Para te não acontecer o mesmo, previno-te de que deves dirigir-te a José Ferreira Tedim — Coronado — Santo Tirso — sempre que precises de comprar uma imagem religiosa.

Inúmeras estatuas, tanto em Portugal como no estrangeiro, atestam incontestàvelmente o valor dêste artista.

EFEMÉRIDES do Santuário de Fátima

Retiro espiritual às raparigas da Acção Católica da Diocese de Leiria

Principiou no dia 20 de Julho o retiro espiritual às raparigas da J. C. F., de Leiria.

Fizeram o retiro 133 raparigas de diferentes freguesias da diocese.

O retiro foi dirigido pelo Rev. P.e Serafim Leite, e dr. Calazans de Oliveira.

No dia 24, à noite, houve uma sessão de estudo presidida pelo Sr. Bispo, apresentando-se as raparigas muito animadas.

Hino

de Nossa Senhora de Fátima

Letra de António de Almeida Jerónimo; música do Rev. P.e António Parente

O Rev. P.e António Parente, da diocese da Guarda, autor de vários cânticos religiosos espalhados por todo o Portugal, publicou mais um hino de Nossa Senhora de Fátima editado pela Casa Sassetti & C.ª — Editores, R. do Carmo, 58 — Lisboa.

Acêrca dêste hino diz o Ex. Bispo de Leiria: «Aprovamos e abençoamos o Hino do Rev. P.e António Parente em honra de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e autorizamos a sua execução nas peregrinações».

Êste hino está à venda no Santuário de Fátima.

Porto - Amadeu

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Escreva a
MAIAS, IRMÃOS, Limitada
Cidadelha — Castelo da Maia

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se êles as não trazem, é porque não lhas pedem.

¿¿ quere ???
quere comer boas
SARDINHAS DE CONSERVA?
Compre
SAGRÁLIA
e gostará!
Quando nos dão Sagrália é costume repetir — dá-me mais, dá-me mais.

Precisando de livros nacionais ou estrangeiros, consultai sempre a «União Gráfica».

Neurogenina "Lux"

O melhor reconstituinte do sistema nervoso central. SURMENAGE, CANSAÇO CEREBRAL, falta de memória, TUBERCULOSE, anémia, etc.

Vende-se em tôdas as boas Farmácias e no
Laboratório «Lux» — Coimbra
onde se prepara a TRICHOPHYTINA «Lux» para doenças de pele.

PHILCO-RÁDIO

CONCESSIONÁRIOS:
ARNALDO TRINDADE & C.ª L.da
Rua Alexandre Braga, 66
PORTO

CASA ESPECIALIZADA EM
RÁDIO-AMPLIFICAÇÃO SONORA-CINEMA

Cinco minutos ao cavaco

A Religião e... os gatos!

— O compadre Lírio, donde vem a esta hora, todo enfarpelado?

— Venho da igreja, compadre Carloto!

— Boa vai ela! Hoje não é domingo!

— Mas é a 1.ª sexta-feira do mês!

— A tais horas, o compadre foi-se confessar...

— E com muito gôsto, compadre Carloto. Fui cêdo e cêdo venho, para aproveitar o dia. Nêste tempo há muito que fazer, como sabe.

— Pois desculpe que lho diga: o compadre dá a demonstrar que não tem muito que fazer... Se tivesse, não andava a correr para a igreja!

— O compadre, se eu andasse devagar, é que mostrava ter pouco que fazer! Quem corre é porque tem pressa!

— Pois eu cá não vou feito com essas beatices! Mando a mulher e os filhos. Concordo que a Religião é boa para as mulheres e para educar as crianças. Agora cá nós, os barbados, não precisamos de gastar muito disso!

— Muito me conta, compadre e amigo Carloto! Com que então, as barbas dispensam a Religião? E êsse o motivo por que os gatos não rezam, não vão à Missa nem se confessam? É pelas barbas de respeito que têm na cara?

— O compadre está a rir-se, mas a verdade é esta: eu vou à Missa lá por festas de ano, Natal, Fiéis de Deus, 7.º dia por algum amigo e... quando não tenho que fazer! E até hoje, olhe que tenho comido bem!

— Assim falaria também o meu *Nero*, se tivesse fala...

— Mau! O compadre está-me ofendendo!

— Perdão, compadre Carloto! Não fui eu que o meti no rol... Ora diga-me uma coisa: as Missas do Natal, Fiéis Defuntos e 7.º dia não serão iguais às dos outros dias? De duas, uma: ou o compadre acredita no valor dessas poucas missas a que vai ou não acredita. Se acredita, porque não vai então todos os domingos e dias santos, como é obrigação do cristão? E se não acredita, para que vai lá em alguns dias? É impostor nesses dias...

— O compadre está-me chegando a roupa ao pêlo... Eu sempre fui liso como uma pedra mármore! E a prova é que, se eu não remo, mando rezar a família; se não vou à Missa, vai a mulher, filhos e criados; se não me confesso, obrigo o pessoal a confessar-se; se frequento pouco as igrejas, a minha gente não falta a um têrço, a uma Adoração, a uma Procissão e ao mais que é preciso.

— Essa agora não está má, compadre Carloto; é preciso para os outros e não é preciso para si! Boa filosofia, compadre! Ora diga-me outra coisa: a sua família vai à igreja, quando o compadre manda?

— Olarila! Atrás da porta, tenho lá 2 marmeleiros novos, que *trabalham* quando as circunstâncias o reclamam! Pois canté! Se um quebrar, canta o outro!

— Bela educação, compadre Carloto! Pode limpar as mãos à parede, com sua licença! Para levar os filhos à igreja, emprega o mesmo processo que usa para levar os porcos à feira ou os bois à bouça!

— Então eu não hei-de castigar os filhos quando for preciso?

— De acôrdo, compadre! Tem obrigação de os repreender, de os castigar, de os *tosar*, quando seja necessário. Mas primeiro é preciso educá-los com o exemplo. Só arrôcho, vale pouco ou nada. De que serve dizer: *ide!* se êles podem responder: o pai *também não vai!?*

— O compadre Lírio está muito enganado! Desgraçadinho do que me respondesse uma coisa dessas! Punha-lhe os ossos num feixe! Ali tudo obedece à *minha pala!*

— Parece incrível como o compadre, que tão inteligente quer ser, não vê mais longe um bocadinho! Os filhos obedecem, mas não é ao pai: é ao pai! Lá dentro vão ruminando: *Quando eu for grande, hei-de fazer como o pai... Agora chateia-me: mas deixe-me chegar aos 21 anos... O que é bom para nós, os pequenos, porque não é bom também para os grandes?*

— Isso não é bem assim, compadre Lírio. Se êles ficarem na carreira de seguir a Religião, desde pequenos, depois nunca a perdem!

— Ora cebolório, compadre! Quantas vezes os catraios, que vão à igreja pela mão da mãe, mas que vêm o pai ficar sempre em casa, preguntam assim: *O mamã, quando é que eu hei-de ser grande como o papá, para não precisar de ir à Missa nem de me confessar? Em que idade é que a gente não tem de se tornar a confessar?*

— Ora isso é um caso raro! As crianças não sabem fazer tal raciocínio!

— Não sabem? São mais espertas do que se imagina. Vêm tudo. Ouvem tudo. Observam tudo. Aproveitam tudo. Fazem raciocínios sôbre tudo. E quando praticam a Religião só obrigadas, sem verem os pais fazerem aquilo que lhes mandam a elas, então a Religião não chega a entrar no fundo da alma. Logo que brilham os primeiros raios de liberdade, deixam tudo, para seguirem o exemplo do pai. Senão diga-me: porque motivo é que o compadre não pratica a Religião como deve? Foi por falta de ensino?

— Não, não foi. Minha mãe, que Deus tenha em bom lugar, obrigava-nos a ir adeante dela para a Missa, para o têrço, para tudo quanto havia na igreja.

— E o seu pai?

— Meu pai, a falar a verdade, lá para que digamos, não era lá muito religioso, não. Mas mandava-nos.

— Ora aí tem o compadre. Seu pai não era religioso, mas mandava os filhos. Sua mãe era religiosa e levava-os adeante dela. Mas os filhos cresceram e... seguiram o exemplo do pai, e sempre assim. Ainda que a mãe seja uma santa, as filhas poderão seguir o exemplo dela; mas os filhos, êsses, saem sempre ou quási sempre ao pai. As excepções são poucas.

Pode a pobre da mulher prègar, que prèga no deserto!

— Que demónio! O compadre está hoje a apertar muito o torniquete...

— É isto compadre. Aqui não há fugir-lhe. O pai do compadre não era religioso, o compadre também não é, seus filhos também não hão-de ser, seus netos irão pelo mesmo caminho, seus bisnetos idem, e assim sempre, sem parar: através de quantas gerações! Já vê, pois, o compadre Carloto a tremenda responsabilidade que pesa sôbre um pai, que não dá bons exemplos a seus filhos. Um pai não vai sòzinho para o Céu ou para o Inferno. São filhos e netos e bisnetos, são gerações inteiras que vão seguindo sempre o mesmo rumo.

Por isso, um pai sem religião, há-de estar no Inferno, e os seus pecados cá no mundo a multiplicar-se, na pessoa dos seus descendentes!

— Palavra de honra, compadre Lírio, que nunca tinha pensado nesse problema! Mas deixe estar, que vou para casa matutar no assunto e daqui por deante hei-de ser dos da frente. Venha à nossa igreja e há-de-me ver lá sempre *reute!*

— Se assim for, compadre, dou-lhe os meus parabens. Salve o barco, enquanto é tempo!

Angelo

"UNDERWOOD"

ACELERA O COMERCIO MUNDIAL

Agentes: Duchsel & Antunes, L.da - R. Augusta, 56 - Lisboa - Telef. 2 4251

GRANDE CONCURSO DE BÉBÉS NESTLÉ

JULHO - DEZEMBRO 1935

300 PREMIOS NO VALOR DE ESC. 15.000$00

1.º PREMIO	ESC.	5.000$00
2.º "	"	1.500$00
3.º "	"	500$00
4.º "	"	300$00
5.º "	"	200$00

5 PREMIOS ESC. 7.500$00 EM DINHEIRO

200 DIPLOMAS D'HONRA

300 PREMIOS NO VALOR DE ESC. 15.000$00

5 PREMIOS A	ESC.	250 -	1.250$00
5 "	"	200 -	1.000$00
5 "	"	150 -	750$00
10 "	"	100 -	1.000$00
70 "	"	50 -	3.500$00

95 PREMIOS ESC. 7.500$00 EM CHOCOLATES

CONDIÇOES do CONCURSO

Podem entrar no Grande Concurso de Bébés Nestlé tôdas as crianças que:

1. em 31 de Dezembro de 1935 tiverem completado a idade mínima de seis meses ou máxima de cinco anos.

2. que tenham sido ou estejam sendo alimentadas com Farinha lactea Nestlé, leite em pó «Nestogéno» ou leite condensado «Moça».

3. cujos pais enviem à SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS, Rua Ivens, 11-13 — LISBOA, até 15 de Dezembro de 1935, uma fotografia dos bébés nas condições acima, acompanhada de cinco rótulos exteriores de um dos produtos Nestlé acima mencionados e bem assim do questionário devidamente preenchido.

Qual será o mais lindo bébé Nestlé

As fotografias e os questionários que nos forem enviados serão classificados por um júri neutro, composto de um médico, um fotógrafo e um jornalista.

Na classificação respectiva o júri terá em consideração especial o grau de robustez, perfeição e de beleza das crianças.

A SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS reserva-se o direito de publicar os nomes e as fotografias das crianças premiadas e de rejeitar tôdas aquelas que não estiverem nas condições estipuladas.

Os prémios serão entregues de 15 a 31 de Janeiro de 1936.

QUESTIONÁRIO

(a preencher, assinar e enviar juntamente com 5 rótulos de produtos Nestlé e a fotografia do bébé à SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS, R. Ivens, 11-13 — LISBOA).

Nome da criança _____

Idade _____

Nome dos pais _____

Morada exacta _____

O signatário dêste questionário declara que a criança acima foi alimentada com produtos Nestlé e que tirou óptimos resultados.

Autoriza a publicação, pela SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS, da fotografia junta.

Assinatura _____

IMPORTANTE: — Tôdas as fotografias devem ser assinadas nas costas pelo signatário do questionário.

Se os católicos pedirem as «Novidades» aos vendedores, muitos que as não trazem tê-las-ão sempre a fim de lhes serem os pedidos.

As emissões em onda curta do Vaticano

São ouvidas com grande agrado, em Portugal, as emissões do Vaticano em ondas curtas.

Os aparelhos Siera Rádio que representa a

Soc. Trom Electrica Rádio Europa, Ld.ª
Rua Augusta, 78 - LISBOA

são sem dúvida os que maior facilidade tem na captação destas ondas.

Livros sôbre Fátima: todos à venda na «União Gráfica».

O Cruzado de Fátima, se puder assinar um jornal diário, deve preferir as «Novidades».

SACRISTÃO
Oferece-se no Pôrto.
Dá referências.
Resposta à Redacção Voz da Fátima às iniciais: S. N.

Sementes
de tôdas as qualidades
Pedir catálogos à
Horticola Aveirense,
de Martins Pereira
R. de S. Sebastião, 13 — AVEIRO

Termas de Monte Rial
Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais
Águas soberanas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação do C.º de Ferro própria (Monte Rial).
Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL.

PÔRTO RAMOS-PINTO

Voz da Fátima — Página dos CRUZADOS

Pensando nos baldios...

Voltamos a ocupar-nos de um assunto que já aqui foi tratado — mas de leve. E é um dos mais importantes hoje para a Igreja em Portugal!

Há por tôda a parte um renascimento religioso; é certo, e louvemos ao Senhor! Mas precisamente porque há mais movimento de almas para a religião, mais grave se torna a falta de clero, que nas últimas dezenas de anos, por dois principais motivos, se agravou: primeiro, porque nos anos que se seguiram à implantação da República se criaram dificuldades de tôda a ordem ao recrutamento e cultivo das vocações eclesiásticas; — e depois, porque a mortandade com a pneumónica, a emigração forçada com a mudança de regime, e os excessos de trabalho com acumulações, fizeram rarear as fileiras do clero existente.

E hoje que a vida religiosa se intensifica, há centenas de freguesias, sobretudo no centro e no sul do país, onde não há párocos para corresponderem às necessidades dêsse renascimento e para mais o promoverem.

E se é um facto consolador que já estão afluindo aos seminários mais numerosas vocações, se até estamos vendo homens feitos, médicos, advogados, estudantes de cursos superiores, deixarem tudo para se fazerem sacerdotes de Jesus Cristo — não é menos certo que o maior número das vocações é recrutado nas classes mais modestas da sociedade, e tôda a formação da grande maioria dos seminaristas — que são uns dez anos de estudos — pesa sôbre os Seminários, que precisam de recursos para os sustentar.

Só um grande movimento de convictos da grande necessidade do clero pode resolver êsse problema angustioso. Nós vemos nos jornais católicos, graças a Deus, que vão aparecendo, mesmo nas dioceses que ainda ontem eram as menos fervorosas, famílias abastadas que tomam à sua conta as despesas de um seminarista, dando para isso, pouco mais ou menos, dois mil escudos por ano!

Mas quantos podem fazer isso? Quantas famílias podem hoje fazer um donativo dêsses todos os anos? Poucas!

Mas quantos poderíam talhar nas suas despêsas domésticas um quinhãozito para recrutar, formar e armar a milícia do Senhor!

E quem melhor que os *Cruzados* pode resolver o problema? Somos de entem — mas já somos 300.000! Ah! se em vez de nos contentarmos, a maior parte, com o donativo mínimo de 20 centavos, nos habituássemos a pensar tôdas as semanas, à missa na nossa frèguesia, em tantas centenas de frèguesias onde não há missa porque não há padres, ou onde há missa alternadamente de quinze em quinze dias, de três em três semanas, porque um só sacerdote tem de atender, abreviando os seus dias com excesso de trabalho, a duas, três e mais frèguesias — se tôdas as semanas, no Domingo, à missa, nos habituássemos a lembrar-nos dos nossos irmãos, que nesta terra de Portugal estão abandonados religiosamente como se vivessem em África — como nos sentiríamos afervorados para dobrar a nossa contribuição mensal!

E sabem o que seriam, com destino aos Seminários, mais *trezentos mil vezes cinte centavos por mês*? Façam a conta e verão que seriam **3.600** contos por ano — quere dizer: à média de 2 contos por ano com as despesas de um seminarista poderíamos pagar a formação de 1800 sacerdotes!

Ah! quando nós quisermos, o que nós podemos fazer, por sermos 300.000! Mas para o querermos temos de ser **300.000 conscientes!** E se uns realmente não podem dobrar — e pagar um *cruzado* — para serem verdadeiramente *Cruzados!* — quantos milhares há que poderiam sem nenhum custo, pagar cinco e dez vezes mais!

Atendam: no dia 14 de julho passado, na frèguesia de Azentis, no concelho de Tôrres Novas, o sr. Cardial Patriarca ordenou, ao ar livre, dois sacerdotes! Duas gôtas de água para as terras sêcas do Patriarcado, onde há 1 milhão e duzentas mil almas e metade das frèguesias não têm pároco próprio! Pois no mesmo dia, numa diocese mais pequena, em Metz, na Alsácia, o bispo de lá ordenou 33 sacerdotes — e no mesmo dia foram também lá ordenados mais 11 para as missões, numa Ordem religiosa!

Que grande motivo de santo orgulho para nós, *Cruzados* de Portugal, se começando já a formar nas nossas legiões de 300.000 os *voluntários do clero* — dentro de alguns anos pudermos ver que à custa dos nossos pequeninos donativos mensais reforçados, no mesmo dia os senhores Bispos de Portugal ordenam e mandam cem sacerdotes para cem frèguesias que estejam sem pastor!

Poucos de nós poderíamos formar um. Mas 300.000 poderíamos, sem o sentirmos, formar cem!

Eduquemo-nos, que é o que nos falta! Não nos desvaneçamos com o número atingido, que ainda não é muito: 300.000 em 7 milhões de habitantes! Sejamos generosos e prátices e, dentro da grande massa dos *Cruzados*, surjamos os mais ardorosos para uma contribuição maior, destinada a cultivar os baldios das terras do Senhor!

E quantos como êle?

Em Espanha causou sensação a conversão de Maiorras.

Quem era?

Era ainda há pouco secretário da juventude comunista espanhola.

E que é agora?

Militante nas fileiras do sindicalismo católico, pois se converteu ao catolicismo.

Que se passou?

Que se fêz luz naquele espírito e passou das hostes do diabo para as hostes de Deus.

Quantos haverá como êle, desnorteados, em busca de luz?

Temos obrigação de pedir a Deus que ilumine todos os desnorteados, para que se convertam e vivam.

Por isso: oração e propaganda pelas obras.

E para as obras... união de pequeninos esforços que sendo muitos farão grandes obras.

O mais pequenino esforço que se pede ao maior número, em Portugal, é o dos Cruzados. A quantos não leva já luz o nosso jornal?

Postais da sorte

Damos, como prometemos, a lista dos postais ilustrados que já foram premiados, nos meses de maio, junho e julho (até ao dia 20):

Em maio: 8942 — 8945 — 8947; — 10.254 — 10253 — 10256; — 4091 — 4090 — 4092; — 3149 — 3148 — 3150.

Em junho: 9080 — 9329 — 9361; — 4079 — 4078 — 4080; — 4990 — 4995 — 4997; — 6148 — 6147 — 6149.

Em julho: 907 — 908 — 909; — 905 — 904 — 906; — 510 — 509 — 511.

Quem tiver algum dêstes postais deve envia-lo em carta registada à Editora Luz — Rua de S. Julião, 142 — Lisboa, para receber o prémio.

Já estão à venda postais válidos até ao fim de junho de 1936, nas mesmas condições; mínimo que se pode pedir (em simples bilhete postal) 6 postais: 3$00. Para maior quantidade e para revendedores: um cento: 10$00; meio cento — 20$00; vinte e cinco 12$00. Seja qual fôr a remessa, mais 50 centavos para despesa de cobrança.

Tôda a gente deve adquirir dêstes postais, para si e para amigos, pois só com 50 centavos que custa cada postal **está um ano inteiro** habilitado, se a sorte quiser, a um prémio que pode ir até 22 contos nas lotarias semanais e nas lotarias do Natal e de Santo António a centenas de contos!

Daqui em diante cada remessa é acompanhada dum prospecto explicativo. Dirigir todos os pedidos, indicando a estação do correio mais próxima à

Editora Luz — Rua de S. Julião, 142 — Lisboa.

A felicidade existe,
mas nós não a alcançamos...
porque sempre à procuramos
onde a pomos,
e não a pomos
onde nós estamos.

O Cruzado da Fátima, se puder assinar um jornal diário, deve preferir as «Novidades».

A GRANDE CRUZADA DOS NOSSOS DIAS!

Nenhum católico se deve considerar desobrigado do seu dever de sustentar a Acção Católica, enquanto não fizer inscrever na Pia União dos Cruzados de Fátima, tôdas as pessoas — mas TODAS! — que lhe for possível.

Aproveitemos as nossas conversas, à saída da Missa, na rua, nas visitas que fizermos.

São Domingos de Gusmão dizia que só sabia falar: com Deus, ou de Deus.

Entreguemo-nos nós também (passe o termo) a esta santa mania de inscrever muitos Cruzados para Nossa Senhora de Fátima.

Façamos ver os grandes males do nosso tempo. O remédio está na Acção Católica, que não pode viver de ar, mas sim de ORAÇÕES, TRABALHO e DINHEIRO.

Lembremos que os Cruzados, vivos ou mortos, comparticipam de inúmeros actos de piedade entre os quais avulta a Santa Missa, que, por sua intenção, se celebra em Fátima, TODOS OS DIAS, junto do local bendito onde a Senhora apareceu.

E pagando uma quota mínima de dois tostões, recebem um jornal — A Voz da Fátima — com mais e melhor leitura do que muitos que se vendem por três.

Vamos, pois, de porta em porta, prègar esta nossa cruzada. Empreguemos, com inteligência, todos os esforços, para convencer às pessoas a quem nos dirigirmos.

As mulheres saibam valer-se do respeito que o seu sexo merece: ninguém tem cara para lhes dizer que não.

A mocidade, masculina e feminina, mostre verdadeiramente que o é, e lance-se com entusiasmo nesta campanha de salvação de Portugal!

Repetimos: só poderemos parar, quando já não virmos ninguém, nem nos recordarmos de nenhum morto, que não possam ser inscritos.

E mais uma vez lembramos que a quota de 20 centavos é só para quem não pode (ou não quere) dar mais.

Daí para cima, a quantia é livre...

Um fidalgo e engenheiro que se fez franciscano

Celebrou, há dias, a sua 1.ª Missa o sr. D. José de Lancastre Alcáçovas (em religião Frei José de Montalverne) que, depois de ter concluído brilhantemente o seu curso de engenharia, entrara no noviciado da Ordem Franciscana. É um dos 14 filhos dos nobres Condes das Alcáçovas.

Vai aumentando entre nós o número dos sacerdotes que resolveram ser ministros do Senhor depois de terem conquistado um título universitário.

Lá fora, estes casos são frequentes. O Seminário de S. Sulpício, em Paris, chegou a estar cheio de alunos nestas condições, que, na maioria, tinham tomado parte na Grande Guerra.

O número dos nossos eclesiásticos *de sangue azul* vai também subindo, embora devagarinho.

Louvemos a Deus e à Celeste Padroeira que querem salvar Portugal mais uma vez!

Para rir

Um avarento ralhava com o filho:
— Sempre a mexer! Que maçada! Anda a estragar as botas.

O pequeno sentou-se.
— Agora estás a gastar o fato!

*

Outro avarento acabava de dar um jantar... de fome.
— Quando quiserem jantar nesta sua casa, dão-me muito gôsto!

Responde um dos convidados, mais atrevido:
— Ora essa, vamos já a isso!...

*

Ainda outro avarento dera um jantar... dos tais. E exclamava:
— Como vêem não se fez cerimónia...

E logo um dos convivas:
— Um bocadinho de cerimónia também não fez mal a ninguém...

*

Um homem muito viajado dava esta receita para se ver se um estrangeiro é francês, inglês ou russo.

Põe-se, diante deles, três copos de cerveja com uma mosca em cada um.

O francês atira fora a cerveja, e a mosca.

O inglês tira a mosca, e bebe a cerveja.

O russo bebe a cerveja, e engole a mosca.

Na hora dos valores morais

O EXEMPLO DUMA REPÚBLICA AMERICANA

Segundo uma lei promulgada há dias, o ensino religioso passa a ser obrigatório em todas as escolas e colégios da República do Perú.

Serão dedicadas ao ensino da Religião pelo menos duas horas por semana.

O ensino será ministrado por sacerdotes ingressados pelos respectivos Bispos dessa importante função.

O Perú (cuja população é duns 5 milhões de habitantes), tem edificado um todo de alguns dos Estados mais progressivos do mundo.

Uma legislação assim, neste momento de primeira importância para o futuro da Civilização, não pode deixar de nos causar uma grande e justificada inveja.

E o Perú, que os Europeus civilizaram há quatro séculos, não tem as tradições cristãs do nosso país, que nasceu, cresceu e tem vivido à sombra salutar do Cristianismo.

OS BANHOS DE SOL FAZEM BEM OU MAL?

Conforme. Ninguém poderá negar as vantagens da helioterápia — verdadeira aplicação de raios ultra-violetas naturais.

Mas pode ter também grandes inconvenientes, senão for receitada por médico competente, e êste não for acompanhando o doente, e fazendo as suas observações.

Os banhos de sol tomados sem as devidas precauções podem produzir grandes estragos na pele e no interior das pessoas que os tomam.

Há pouco ainda êste assunto foi estudado na Academia de Medicina de Paris.

E quando há dias uma excursão de médicos visitou na Costa do Sol, o Solário da Pedra Alta, o dr. Marques da Mota, seu ilustre director, aproveitou a ocasião para lembrar aos seus colegas as grandes verdades que acabamos de resumir — e que êle está a observar todos os dias.

E combateu a toleima — ou como se diz agora, o snobismo — com que muitas senhoras, misturadas com mulheres de mau nome, se expõem às graves afecções que os banhos de sol, tomados à tôa, lhes podem provocar.

FILMES CONDENÁVEIS E FILMES QUE SE PODEM VER

Pregunta-nos uma leitora se haverá algum meio de saber quais são, dos filmes que por aí se exibem, os que podem ser vistos por quem ainda não perdeu a moral... e a vergonha.

Desconhece, pelo visto, a nossa prezada leitora, que o diário católico de Lisboa — *Novidades* — (Rua de Santa Marta, 136 — Lisboa), vai publicando a crítica das *fitas*, à medida que elas se vão exibindo na capital. Poderá, pois, orientar-se pelas informações que aí são fornecidas.

Também a Instrução católica *Renascença* (R. Capelo — 1-2.º) costuma inserir a lista dos filmes da quinzena, devidamente classificados à luz da moral.

Damos a seguir, uma série de fitas, que, durante a época findа, se estrearam na capital; não figuram na lista os filmes meramente documentários ou *jornais*.

* assinala as películas *toleráveis* para adultos, com sólida formação cristã.

E * * designa os filmes absolutamente condenáveis.

As Pupilas do Senhor Reitor — O Cavalo * — Uma noite de réveillon * * — Noite de Maio * — A intrusa * — A volta de Rafles * — Na boca do lobo — Canção de Amor — Zingaros — O coração manda * — Apaixonado da música — O nosso amigo, o cão — Princesa das Czardas * * — A amazona do meu noivo * * — Os homens da minha branca * * — Não há amor como o segundo * * — O capitão dos Cossacos * — O expresso aéreo Berlim-Roma — Céu de outono—Meio milhão e uma noiva — A Grande Jaula * — Quando uma mulher ama * — Urso e abelhas — Romarias — Quando o inverno acaba — O Homem Invisível — Uma boa acção de Mickey — Hino à Primavera — Lago do Amor * * — Recordar é viver * — Uma noite de amor * Casar por azar *.

A ninfa constante — Segredo — Ao longo do cais * — Dias Felizes * — O deserto em fogo — Identidade desconhecida * * — A casa é séria * — A morte em férias.

O Rebelde — Cynara * — Sejamos optimistas * * — O Mestre-escola — O Mistério de Mr. X * — O Az dos Repórteres * * — Fedra * — Correio Aéreo — O Irresistível * — Em plenas nuvens * * — O Doutor Louco — Suite Arlesienne — O Gato e o Violino * — Nana * * — O Rei dos Fretes * * — Violino Encantado * — A Imperatriz Vermelha * — D. Juan * * — Cine Variedades — Canção de uma Noite. — O Sinal da Cruz — Ditosos pobres — A vida é um sonho * * — Filigranas de oiro — Aquela noite — Nevoeiro em Londres — Dize-me por música — Os dois amores de Diana— Os dois charlatães — O Destino dos homens ** — Só quero viver contigo * — Idólos da Selva — O grande naufrágio — Amor em uniforme — Noites moscovitas — Pai Natal — Escândalos Romanos ** — Cleópatra ** Cerveja e Amor — Perdidos no Paríso * — Jantar às 8 * * — O Ladrão * *

(Conclue no próximo n.º)

Bem-aventuranças...

Naquêle tempo — tempos bem mansos! — o P.e Isidoro Mendes, pároco duma grande aldeia, era um bom pastor, sempre ocupado em chamar as ovelhas desgarradas.

Estava em condições pior que o rebanho de que fala Nosso Senhor no Evangelho: porque de cem ovelhas só uma se conservava fiel, e era preciso salvar as restantes noventa e nove.

Alguns colegas, cardíacos, riam-se um pouco da sua ingenuidade. — O que poderá êle conseguir, sem a ajuda do govêrno e dos grandes?

A-pesar-disso o bom do abade não desanimava.

Mas, nos sermões, tão claros e todos cheios de belos exemplos, só via — calcule! — as velhotas da freguesia que cabeceavam, começando a sesta às 10 horas...

Fazia-se criança com as criancinhas mais pequeninas, e dava-lhes as melhores frutas da sua horta.

Um colega da vizinhança, amigo de boas pândegas, dizia que êste só aparecia ao chefre das sweetas.

Mas acabou por acontecer que, para a catequese e até para o mês de Maria, muitos faltavam ao jôgo da bola, e que várias cachopas das que eram mais marotinhas por dansar abandonavam o baile para vir cantar à igreja.

A alma, tôda doçura, do P.e Isidoro, sabia sorrir e mesmo rir. Os rapazes acabaram por esquecer-se de que ao princípio tinham tido medo da sua batina negra. Um arriscou-se a entrar no patronato, depois foi outro, e a seguir entraram muitos.

Quanto aos homens, começaram a respeitar êste bom homem, depois aquêle homem tão bom, e por fim aquêle santo homem, que a pouco e pouco tinha entrado na sua vida, e logo a seguir, nos seus corações.

Quando morreu, não houve exéquias, nem discursos, nem flores, nem coroas.

Mas tôdas as famílias acompanharam, chorando, ao cemitério aquêle velho sem família que ficou sepultado ao centro, aos pés do Calvário, como se continuasse a ser ainda o bom pastor dos mortos...

E um dos padres presentes, que há anos tinha captado com êle, depois de rezar um *De Profundis*, murmurou, num soluço *sêres-orientados* os manacs, *porque êles possuirão a terra.*

J. D.

Trabalha pelas multidões, remedeia os seus males, e elas aceitarão as verdades que lhes propões.

Palau

Os primeiros e imediatos apóstolos dos operários devem ser operários; os apóstolos dos artistas e comerciantes devem sair dentre êles.

PIO XI

AS FORMIGAS

Nunca viram um formigueiro a trabalhar?

Vale a pena.

A formiga foi em todos os tempos apontada como pequenino exemplo de grande trabalho...

Parem a observar o cordão de formigas que sai de um formigueiro e se estende às vezes por muitos metros até ao sítio onde vão buscar as provisões, que levam para o celeiro...

Vão em bicha e voltam carregando às vezes com uma carga maior que o corpo delas. E quando se encontram, em sentido inverso, as que vão e as que vêm, parece que por momentos param a dizer algum segrêdo ou a trocar alguma saudação.

Pois não acreditava se o não visse escrito num livro sôbre formigas. O que as formiguinhas de um formigueiro conseguem juntar nos seus esconderijos subterrâneos é tanto, que em certos países as leis civis previram o caso de se dar com o celeiro de um formigueiro, numa propriedade rural, para se saber a quem pertencerá tanto, trigo ali acumulado!

Sim: porque não sei se sabem que um formigueiro se compõe de milhares e milhares de formigas, e que milhares e milhares de formigas, a trabalharem incansàvelmente, levando cada uma por dia um baguinho de trigo, e isto durante dias, semanas, meses, é obra!

E porisso a lei prevê o caso de o celeiro de um formigueiro estar por baixo do solo de uma propriedade, mas ter vindo o trigo transportado por elas, do celeiro de outro proprietário — e é a êste, evidentemente que pertencem aqueles milhões de baguinhos de trigo...

Os Cruzados são as formiguinhas do Senhor!

Cada Cruzado, quando vir uma formiga carregada com um bago maior que ela, nos tombos, aqui cuio além me levanto, até ao buraquinho de entrada do formigueiro, deve pensar: — o bago da minha cotazinha mensal de 20, 40, 50 centavos ou um escudo, não é nada! É muito menos do que aquilo com que uma formiga carrega, em proporção com o corpo dela e com o meu! Mas quanto não podem os pequeninos esforços dêsse imenso formigueiro que são já hoje os *Cruzados!*

Somos de entem — mas já somos a maior fôrça católica! Somos as formigas que andamos a carrear o trigo necessário para alimentar tôdas as obras católicas! É preciso reconquistar para Deus o lugar nas almas de tantos que O esquêceram ou que ainda não chegaram a conhecê-lo. E tudo isso — jornais, conferências, organizações — tudo isso precisa de muitos milhares de escudos... que nenhum de nós pode dar! Mas a formiga que leva aos solavancos o seu diminuto grão de trigo é quem forma o montão e o montão é tão importante que a lei civil se ocupa dêle... E como se não ocupará do nosso montão, Deus, que do céu vê as nossas obras boas e más?!

HINO da Juventude Operária Católica

Vai realizar-se em Bruxelas um grandioso congresso das Juventudes Operárias Católicas, ao qual devem assistir 100.000 Jocistas.

Também lá irão os representantes do nosso país.

Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca foi convidado a assistir — e dignou-se de aceitar.

Publicamos o *Hino Jocista*, da autoria do dr. Artur Bivar, um dos espíritos mais cultos e originais dêste meio intelectual português.

Sempre! A voz de Cristo, exemplo!
Jocista, eis frente e seu temor!
Responde em côro a voz potente:
Contigo, ó Deus Trabalhador!

CORO

Do monte erguida e dando as mãos
Alegres, irmãos como irmãos,
Jocista, em paz, com Deus! Jocista em paz,
Alegre, alegre, sempre!

CORO

A Cruz de Cristo é boa raça
Guerra e cripada uniu com fé,
A sombra Cruz agora esteja
Do nosso trigo o verde pé.

CORO

O arado, a rêde, a serra, o malho,
As nossas nobres armas são.
Heróis serenos no trabalho,
Contigo, ó Cruz da Redenção!

CORO

A Cruz erguida nos irmana
Da raça rêde ao litoral.
Da foz do Minho à do Guadiana
Trabalha em paz, meu Portugal.

CORO

Forcente Minho, Transmontanos
Durienses, vós lados Beirões,
Extremadura, Alentejanos,
Algarve — unir ao coração!

CORO

Madeira, Açores, sobre as vagas
Juntai à nossa a vossa voz!
Se o mar separa as almas pagas,
Um mesmo amor nos une a nós!

CORO

Unidos, prontos, firmes, puros,
Lutando em terra e sôbre o mar,
Com Deus não há trabalhos duros,
Com Deus connosco a trabalhar.

CORO

Tem alma forte e fibra o braço
Quem vive à luz da fé cristã;
Sermos duros como o aço,
Do corpo são e d'alma sã.

CORO

A luz da fé por vós perdida,
Irmãos, connosco encontrareis
Ao ver de Cristo a Cruz erguida,
A Cristo um dia voltareis!

CORO

E sois, é ternas companheiras,
No lar, no templo e no labor,
De nossa vida guardadoras;
Não profanaremos jamais o amor!

Na Cintura Vermelha

Sabem o que é a cintura vermelha?

Chama-se em França a *cintura vermelha* de Paris a zona em volta da capital, onde a população se foi desenvolvendo, com muitas centenas de milhares de operários e empregados que trabalham na grande cidade ou nas fábricas dos arrabaldes... Essa população não tinha suficiente assistência religiosa, porque nem igrejas havia para tanta gente. E sem cultura religiosa, aí encontraram bom terreno as ideias revolucionárias — e por isso se chama a essa zona a *cintura vermelha* de Paris...

Mas a Igreja veia por todos os homens, quere salvar todos os homens, quere levar a luz a todos os espíritos que se perdem nas trevas do êrro. E o cardial arcebispo de Paris concebeu o projecto de erigir nada menos de umas setenta igrejas na cintura vermelha de Paris. E não ficou a ideia só em projecto: Lemos nos jornais, a propósito da inauguração duma delas, que já estão prontas mais de cinquenta!

Cinquenta novas igrejas em volta da grande cidade, que está hoje sendo outra vez um vulcão, donde podem surgir lavas devastadoras, como há século e meio, quando foi a célebre Revolução Francesa! Poucos dias depois de inaugurada essa igreja, Paris presenciou um espectáculo impressionante: em dois pontos diferentes da grande cidade organizaram-se duas manifestações monstros: cada uma delas reuniu centenas de milhares de pessoas; numa, formaram legiões da esquerda, isto é: dos que querem criar uma sociedade nova precipitando esta na desordem sangrenta; na outra, formaram legiões da direita, isto é: dos que querem uma França nova, em que desapareçam as causas da inquietação actual. E foi preciso o govêrno tomar extraordinárias precauções, quási pôr a cidade em pé de guerra, para evitar o choque das duas correntes.

Entretanto a Igreja prossegue sem descanso a sua obra, que ataca o mal na raiz: levar ao maior número possível de almas a consciência dos direitos e dos deveres cristãos — e criar em volta de Paris os seus setenta templos, onde desaparecem tôdas as desigualdades sociais e onde a todos indistintamente se pregam os direitos de Deus, garantia indispensável dos direitos do homem.

Tudo o mais — a concentração de fôrças materiais, — não logrará destruir o mal pela raiz. Quando na sociedade se ateiam as lutas, que afinal se originam num esquecimento das eternas verdades religiosas quanto às relações entre os homens — a fôrça material pode retardar, mas não suprimir as consequências do mal. E o mesmo que pretender acabar com um incêndio limitando o âmbito das labaredas ou canalizando o fumo, mas deixando o fogo a lavrar no edifício em chamas.

Também as nossas duas grandes cidades — Pôrto e Lisboa — têm as suas cinturas vermelhas e também para elas a Igreja volve os seus olhos maternais... Quantas necessidades, para dar com urgência, templos e sacerdotes a tantas almas que já foram, ou estão em risco de ser, fácil presa dos doutrinadores perversos, que não vêem outro meio de reforma social senão a violência!

Se pensarmos no que representa de generosidade a edificação de setenta igrejas na cintura vermelha de Paris, saberemos ser generosos também para tudo que seja levar a acção salutar da Igreja a essas zonas onde há milhares e milhares de almas que vivem junto de templos em ruínas ou desertos, porque ainda não há clero para êles! Que os *Cruzados* pensem sempre nessas cinturas, quando pagam a sua quotazinha mensal para a grande *cruzada* da reconquista!

A Acção Católica na gloriosa República Argentina conta já 26.713 associados, dos quais 10.718 do sexo masculino.

Antigamente...

Uma grande festa de Cristo e dos trabalhadores

Nos séculos passados, a festa do Corpo de Deus, em Lisboa, era não só municipal, mas principalmente corporativa, a ela concorrendo, todos os ofícios e mesteres com suas *festas e invenções*, isto é, com as suas insignias, os *coleiros* (hastes polìgas terminadas em maçaneta entalhada) e bandeiras que representam os diversos agrupamentos corporativos, e com as invenções, que vinham a ser uns carros alegóricos que na mesma procissão se incorporavam.

Tôdas estas insignias e distintivos, que se contavam por centenas, eram, sobretudo as bandeiras, variadas e ricas, sendo umas de damasco, outras de brocado e muitas de bordadura de fio: sôbre o mesmo oiro, representavam em preciosos lavores e cinzelos de oiro as imagens dos santos que na vida escolheram os seus ofícios mecânicos, ou de outros santos a quem escolheu a sua devoção para seus singulares protectores. Nessas famosas procissões, figuravam as bandeiras e representações dos oleiros, telheiros e vidreiros, mercadores, especieiros e boticários, correeiros, surradores, alfaiates, carpinteiros, cordoeiros, espadeiros, pedreiros, cerieiros, picheleiros, ourives da prata e do oiro, correctores, moedeiros, tabeliães, mercadores, etc. Todos êstes mesteres e várias outras, como os alfaiates, alfaiminas, caruncieiros, almoreiros, traziam a sua representação, correspondente ao seu ofício ou mester, socialmente distinto e organizado. A religião era, como se vê, a alma da sua vida corporativa: a corporação do ofício ou mester vivia à volta do Corpo de Deus, centro de unidade ao mesmo tempo espiritual, social e profissional. Era o Senado e câmara, onde estão representados a nobreza e os mesteres, os letrados e os mecânicos, que tomava à sua conta promover o luzimento exterior da solenidade, as ornamentações das ruas, as coberturas com toldos, o esgalho por tôdas elas de flores, de alecrim, ou de espadana.

E a grandeza da solenidade que — note-se êste dizer da consulta — devia fazer exemplo não só no reino, mas a todo o mundo, era afinal o símbolo da união de todas as classes, clero, nobreza e povo, à volta do Corpo de Deus, da fé na mesma realidade augusta e divina, da qual tiravam alma e vida tôdas as outras realidades sociais e nacionais.

Não ha, na verdade, explicações naturalistas que logrem afugar da nossa história e do nosso génio nacional esta realidade viva: a fé foi a grande fôrça aglutinadora da nacionalidade e o maior factor das suas glórias e conquistas, materiais e espirituais. E, porque assim é, temos de considerar tôda a política descristianizadora, prosseguida desde há um século, perfeitamente *anti-nacional e socialmente criminosa.*

Canção das varinas

Ó freguesia da janela
Venha abaixo, ao patamar,
Se quer sardinha da Costa,
Se quer vivinha a saltar!

O meu amor foi à pesca
Numa barca de marfim;
Ouviu cantar as sereias
Já se não lembra de mim!

Não te rales porque pescas,
E és humilde, meu amor;
São Pedro chegou a Papa,
E também foi pescador

O QUE É O DIVÓRCIO

Pelo divórcio, a família torna-se uma espécie de barraca de feira, onde se entra e sai por capricho fácil e barato; — a entrada e a saída são guardadas pelo oficial do registo civil e pelo juiz, os quais se prescreve um regulamento fácil e de malhas largas para não afugentar os fregueses. O espectáculo é por sessões... como no cinematógrafo!

Xavier Cordeiro

Vinde a Mim todos os que trabalhais e estais sobrecarregados — e Eu vos aliviarei!

Palavras de N. S. Jesus Cristo

Ano XIII — Fátima, 13 de Setembro de 1935 — N.º 156

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Maria, 136-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

Crónica de Fátima

13 DE AGOSTO

O dia 12 de Agosto, seguramente pela primeira vez desde a época das aparições, foi assinalado pela tristeza dum céu coberto de nuvens e pela impertinência da chuva miudinha e contínua que principiou a cair nas primeiras horas. Depois do sol pôsto e não cessou senão pela manhã do dia 13. Por êste motivo, a procissão das velas, espectáculo sempre grandioso e sempre comovente, não teve o brilho e o encanto que costuma revestir essa encantadora manifestação de piedade em honra da Mãe de Deus.

Como nos anos anteriores, o dia 13, que se apresentou claro e cheio de sol, foi reservado de modo especial para a grande peregrinação diocesana de Leiria. Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva dignou-se presidir a todos os actos colectivos da peregrinação realizados no recinto sagrado das aparições.

Foi também o augusto e querido Chefe da feliz diocese que a Santíssima Virgem houve por bem favorecer com as suas graças de predilecção quem prègou durante as duas horas destinadas à adoração nacional. No intervalo das dezenas do têrço doloroso do Rosário recitado em côro pela multidão, o ilustre e venerando Prelado falou sôbre a família, necessidade e modo da sua santificação, aludindo a propósito ao facto de ter aparecido aos videntes tôda a Sagrada Família, modêlo perfeitíssimo das famílias cristãs.

Concluiu dizendo que já existiam, havia muito tempo, no local das aparições, o monumento ao Santíssimo Coração de Jesus e a Imagem de Nossa Senhora, faltando apenas a estátua de S. José que desde agora se encontra exposta à veneração dos fiéis na capela das aparições.

Além da peregrinação diocesana de Leiria, efectuaram-se, entre outras, as peregrinações do Pôrto, de Guimarães, Setúbal, Paialvo, Murtosa, Carapinheira do Campo, Mata Mourisca, Tentúgal e S. Mamede de Infesta.

Tôdas elas foram devidamente autorizadas pelos Ex.mos Prelados das respectivas dioceses, em harmonia com as instruções publicadas a êsse respeito na «Voz da Fátima».

Das duas às três horas foi a hora de adoração da peregrinação de Setúbal e das peregrinações da parte sul da diocese de Leiria: Minde, Mira, Serra de Santo António, Alcaria e Alvados.

Seguiu-se imediatamente a hora de adoração das peregrinações do Pôrto, Guimarães e Paialvo.

Fizeram depois a sua hora de adoração as peregrinações da Murtosa e de Mata Mourisca.

A última hora de adoração, das cinco às seis horas, foi feita pelas peregrinações de S. Mamede de Infesta, Tentúgal e Carapinheira do Campo, tendo sido presidida pelo pároco de Carapinheira do Campo, rev. José Simões Maio, que deu a bênção do Santíssimo Sacramento e celebrou a missa da comunhão geral, em que receberam o Pão dos Anjos cêrca de dez mil pessoas e que foi ministrada por vinte sacerdotes.

Respectivamente às 7.30, 8, 8.30, 9, 9.30 10 e 10,30 horas, tiveram a sua missa privativa as peregrinações de Carapinheira do Campo, Pôrto, Setúbal, Alcácer do Sal, Murtosa, Paialvo e S. Mamede de Infesta.

O Pontifical

As 9 horas, começou a Missa de Pontifical celebrada pelo venerando Prelado de Leiria que teve como presbítero assistente o seu Vigário Geral, rev. João Francisco Quaresma, e como diáconos assistentes o seu secretário particular, rev. Augusto de Sousa Maia, e o vigário da vara de Ourém, rev. Faustino Jacinto de Almeida. Ao altar serviu de diácono o rev. Higino Lopes Duarte e de sub-diácono o rev. António da Silva Bonifácio, ambos prefeitos e professores no Seminário Episcopal de Leiria.

O canto litúrgico foi primorosamente executado pelo povo e sobretudo pelos rapazes membros da Acção Católica que, em número superior à cento e cinquenta, se encontravam, desde o dia 6 do corrente, na Cova da Iria, a fazer um retiro espiritual dirigido pelo rev. Domingos Gonçalves, director das Oficinas de S. José em Guimarães e Assistente Geral da Acção Católica na Arquidiocese de Braga, e pelo rev. dr. José Galamba de Oliveira, professor de Ciências Eclesiásticas no Seminário de Leiria.

A êstes rapazes vieram juntar-se no dia 12 muitos outros de tôda a diocese que durante a Missa de Pontifical se agrupavam ao fundo da escadaria do lado direito, ficando alguns cêntos de raparigas da Acção Católica reünidas do lado esquerdo.

A um e outro lado da escadaria, estavam mais de quarenta bandeiras que representavam quási tôdas as freguesias da diocese e junto delas os respectivos párocos.

Por três vezes, a grande peregrinação de Agosto constituiu um espectáculo verdadeiramente deslumbrante: no momento da chegada e recepção oficial das peregrinações, em conjunto, no dia 12 à tarde, durante as cerimónias do meio dia entre as duas procissões de Nossa Senhora e por ocasião da Missa de Pontifical assistida por uma multidão inumerável de pessoas de tôdas as classes e condições sociais que em massas compactas se acumulavam na escadaria e no terreiro que lhe fica em frente.

Depois do «Credo», subiu ao pélpito o rev. dr. Luís Fischer, professor da Universidade de Bamberg, que em português proferiu uma bela e substanciosa alocução publicada noutro local da *Voz da Fátima*.

É a terceira vez que o ilustre historiador de Nossa Senhora de Fátima vem a Portugal e só lugar bendito das aparições, acompanhando-o desta vez mais quatro pessoas, entre as quais dois sacerdotes.

Além dos cinco alemães, estavam presentes muitos espanhóis procedentes da Figueira da Foz, onde se encontram a veranear.

Mercê da sua fé e do seu temperamento, êstes últimos não podiam ocultar a satisfação e o entusiasmo, de que deram testemunho bem eloqüente, assim como do seu reconhecimento para com Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria que se dignou cumprí-los de atenções e gentilezas.

A peregrinação do dia 13 de Agosto foi sem dúvida a maior depois da do dia 13 de Maio, embora o número de veículos que transportaram os peregrinos não fôsse tão elevado como nêste último dia.

Após a bênção dos doentes, dada pelo venerando Senhor Bispo de Leiria, e a última procissão de Nossa Senhora, a procissão do «Adeus», os peregrinos começaram a retirar-se daquele lugar bendito a caminho das suas terras distantes, levando consigo as mais gratas impressões dum grande e belo dia, cheio de graças e de bênçãos, passado sob o manto protector da gloriosa Rainha do Céu no seu Santuário predilecto, o augusto e venerando Santuário da Lourdes portuguesa.

Visconde de Montelo

Aos peregrinos de Fátima no dia 13 de Setembro de 1935

Dispensamos, dentro do território da Nossa Diocese, da lei da abstinência no dia 13 de setembro de 1935 os peregrinos de Nossa Senhora de Fátima.

Leiria, 25 de Agosto de 1935.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

Peregrinação da Diocese da Guarda ao Santuário de N. Senhora de Fátima

Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José, venerando Bispo da Guarda, promotor da peregrinação da sua Diocese ao Santuário de Fátima nos dias 12 e 13 de setembro de 1935

PROGRAMA

Dias 12 e 13 de Setembro de 1935

Dia 12 — Chegada dos grupos de peregrinos que logo entram no Santuário, cantando e fazendo as suas orações.

A tardinha — Reünem-se todos os peregrinos junto do portão principal do Santuário, fazendo a entrada solene presidida por Suas Ex.as Rev.mas os Senhores Bispos, dirigindo-se à frente da Igreja em construção onde recebêrão a Bênção Episcopal.

As 22 horas (18 da noite) — Têrço em comum, seguido da procissão das velas.

A meia noite — Exposição do Santíssimo Sacramento. Adoração nocturna com prègação.

Dia 13 — As 6 horas — Missa e Comunhão Geral.

As 9 horas — Missa de Pontifical, alocução por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo da Guarda, seguida da Consagração da Diocese a Nossa Senhora.

As 12 horas — Têrço em comum na Capelinha das Aparições e procissão com a imagem de Nossa Senhora.

As 13 horas — Missa, alocução e Bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes e peregrinos. Recondução da Imagem de Nossa Senhora à sua Capela.

OBSERVAÇÕES: — As pessoas que tomam parte na peregrinação devem:

1.º — Confessar-se nas suas freguesias, pois na Fátima não haverá tempo nem confessores para atender a todos. Na Fátima os homens podem confessar-se de dia e de noite, as mulheres só de dia.

2.º — Durante o caminho, rezar o Rosário, entoar cânticos, e, passando por alguma igreja, visitar o Santíssimo Sacramento.

3.º — Sendo as peregrinações à Fátima peregrinações de penitência, como Nossa Senhora recomendou, devem os peregrinos sofrer com paciência qualquer contrariedade ou incómodo e nunca praticar actos que possam ofender a Deus ou escandalizar os fiéis.

Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. João, Titular de Aurelianópolis, Bispo Auxiliar, Vigário Geral e Presidente da Comissão executiva da peregrinação da Guarda.

Pela conversão da Inglaterra

A pedido de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo de Leicester (Inglaterra) D. John Francis Mc. Nulty publicamos a seguinte oração, rogando aos nossos l.es es e peregrinos de Fátima que a rezem com todo o fervor.

Virgem Santíssima, Mãe de Deus e nossa querida Rainha e Mãe, lançai os vossos olhos de misericórdia sôbre a Inglaterra, que é o vosso Dote (Dowry-daurê) e sôbre nós todos que depositamos em Vós tôda a nossa esperança e confiança. Foi por meio de Vós que Jesus, Nosso Salvador e nossa Esperança, foi dado ao mundo; e Êle entregou-nos aos vossos cuidados para que a nossa esperança seja maior. Rogai por nós, vossos filhos, que por tais nos recebestes e aceitastes aos pés da Cruz, Mãe coroada. Intercedei por nossos irmãos que se separaram de nós, para que unidos connosco, num só rebanho possam ser governados pelo Pastor dos Pastores, o Vigário de vosso Filho na terra. Pedi por nós todos, querida Mãe, para que por meio de uma fé cheia de boas obras possamos ver e louvar a Deus convosco na pátria celeste. Amen.

"Voz da Fátima,,

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Julho tirou 304.474 e em Agôsto 309.278 exemplares assim distribuídos:

	Julho	Agôsto
Algarve ...	4.128	4.128
Angra.. ...	17.047	16.810
Beja... ...	4.059	3.986
Braga... ...	67.211	68.359
Bragança...	8.678	9.149
Coimbra ...	14.905	15.184
Évora... ...	3.700	4.000
Funchal ...	18.826	18.826
Guarda... ...	30.492	30.990
Lamego. ...	6.292	6.467
Leiria.. ...	10.712	10.931
Lisboa.. ...	7.606	7.871
Portalegre..	7.418	7.687
Pôrto... ...	41.158	42.466
Vila Real...	32.352	32.604
Viseu... ...	9.404	9.615
	283.988	289.073
Estranjeiro.	3.610	3.598
Diversos ...	16.876	16.607
Total ...	304.474	309.278

MISSAS

pelos Cruzados da «Pia União de Nossa Senhora de Fátima»

Rezaram-se, no primeiro ano da Pia União, trezentas e sessenta e cinco Missas pelos Cruzados, segundo as disposições dos estatutos.

Além destas, celebraram-se nas respectivas dioceses, Missas cujo número é equivalente à esmola de 10 % do rendimento de cada uma.

Aos pés da Virgem

no Santuário de Fátima

Não é só nos dias 12 e 13 de cada mês que no Santuário de Fátima se vivem horas de profunda devoção e piedade.

Nas últimas semanas o Santuário tem abrigado falanges de almas generosas e dedicadas que ali vão retemperar as fôrças abaladas e encher-se de novo alento para as batalhas diárias em prol de Cristo Nosso Senhor e da Sua Igreja.

O primeiro dêstes grupos constituiu o

Retiro das raparigas da Acção Católica da Diocese de Leiria

Cento e cinqüenta e três raparigas escolhidas dentre as melhores das várias freguesias, tomaram parte nessa reünião.

— *Qual era o fim do retiro?* — Preparar essas raparigas pela oração, reflexão e estudo, para uma vida intensa de apostolado na conquista das almas para Deus.

— *Meios?* — A oração, a vida de piedade, o bom exemplo, o conselho e a acção directa junto das interessadas.

Prègou o retiro o sr. P.e Serafim Leite.

As conferências, ensaios de canto, explicações de liturgia etc. estavam à cargo de outros sacerdotes aos quais presidia cheio de interêsse e de atenção, o rev. sr. P.e Augusto de Sousa Maia, Dig.mo Secretário particular o sr. Bispo de Leiria e Assistente Diocesano dos organismos femininos de Acção Católica.

A encerrar o retiro que começara no dia 20 de Julho veio no dia 25 à tarde Sua Ex.ª Rev.ma o sr. D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria.

Na manhã de 26, após a adoração nocturna e Comunhão ge-

(Continua na 2.ª página)

Por que motivo apareceu N.ª S.ª de Fátima no dia 13?

Alocução proferida pelo Professor Doutor Ludwig Fischer, na Fátima, no dia 13 de Agosto de 1935

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo

Nossa Senhora de Fátima, rogai por nós

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria

Rev.mos Colegas

Caros peregrinos

Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi: In domum Domini ibimus.

«Eu alegrei-me, quando me disseram: Iremos para casa do Senhor!»

Com estas mesmas palavras do psalmista, repletas de anstedade e de impaciência pelo momento de chegar à cidade Santa, alva da sua peregrinação, empreendemos nós hoje também, um pequeno grupo de Alemães, uma peregrinação ao Santuário de Fátima.

Por especial benevolência de sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria, o protector escolhido por Maria para guarda do seu Santuário, foi-nos possível empreender a longa viagem da Alemanha até Fátima.

Quando, ao chegar a Leiria, S.ª Ex.ª Rev.ma me concedeu a grande honra de prègar hoje aqui, aceitei essa árdua missão com redobrado prazer e alegria, porquanto me via ser dado o grato ensejo de agradecer e publicamente a todos os meus amigos pessoais, e ainda aos amigos da acção Alemã, as preces fervorosas elevadas aqui, deste augusto Santuário, até o trono de Nossa Senhora, pela minha saúde e pelas intenções de todos os alemães em comunhão com Fátima.

Os Rev.mos Senhores Doutor Ludwig Fischer grande devoto e propagandista do culto de Nossa Senhora de Fátima e Doutor Jorge Köhler Assistente da Juventude Católica Masculina da Diocese de Bamberg.

Oxalá que Nossa Senhora do Rosário que tantos devotos conta na minha Pátria, se digne derramar as suas bênçãos sôbre a vossa e a minha nação tão intimamente unidas uma à outra pelo amor e veneração que consagram a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Quando, há três anos, tive pela primeira vez, a honra de prègar neste Santuário santificado pelas aparições de Maria e pelas suas infinitas graças e milagres, tive ocasião de falar aos meus piedosos ouvintes sôbre uma lei sublime da história — lei pela qual a divina Providência marca a cada povo, no decurso da sua existência, uma missão especial.

Não foi só ao povo Alemão, ao Francês e ao Italiano a quem Deus conferiu tais missões; conferiu-as também, e dum modo eminente, ao povo português.

Duas destas missões pertenceram, como disse então, ao domínio do passado, mas a terceira, essa, pertence ao presente.

As missões providenciais de Portugal

A primeira missão do povo português consistiu em expulsar os mouros do território nacional e entregar o «Terra de Santa Maria» a Cristo-Rei.

A segunda missão foi a descoberta de novos mundos para além do oceano, e a sua conquista para o Evangelho e para Cristo.

A terceira missão do povo Português, é uma missão essencialmente Mariana. *Fátima representa uma nova época, a terceira época na história de Portugal.* Pela sua descida à terra, aqui, na Cova da Iria, revelou Nossa Senhora, pessoalmente, ao povo Português, a sua missão Mariana.

A aparição de Nossa Senhora de Fátima encontrou, logo a seguir, eco em todo o mundo, e o que Maria disse, há dezóito anos, aos três simples e humildes pastorinhos na solidão desta Cova da Iria, tornou-se pouco depois pertença do orbe católico.

Fátima é hoje uma era católica, uma cúria católica, um sínodo universal.

A Boa-Nova de Nossa Senhora do Rosário de Fátima é extraordinàriamente misteriosa, profunda e vasta. E certo que se pode escrever em poucas páginas o que Maria disse aos pastorinhos, mas, não obstante isso, teólogo algum, por mais sábio e argúto que seja, será capaz de concluir que desvendou o mistério destas aparições em tôda a sua extensão e profundeza.

Hoje, ocupar-nos-emos apenas dum aspecto desta transcendente questão.

O que caracteriza e distingue as aparições de Fátima, de tôdas as outras até agora conhecidas, é a sua sistemática regularidade.

Os três pastorinhos foram advertidos, logo de princípio, que deviam comparecer pontualmente nos dias treze na Cova da Iria durante seis meses seguidos. Houve, portanto, nesta regularidade um plano sublime de Nossa Senhora.

E agora é altura de preguntar:

Por que é que Nossa Senhora escolheu precisamente o dia treze para as suas aparições?

Segundo as máximas do mundo, o dia treze é um dia aziago, um dia mensageiro de infelicidade!

Ora, seria loucura concluir que Nossa Senhora apareceu no dia treze para combater essa superstição ridícula e infantil do nosso tempo. Nossa Senhora é demasiado grande e sublime para se ocupar de tais miúdezas e misérias.

Porque escolheria então Maria o dia treze para as suas aparições?

Eu bem sei que é ousadia abalançar-se alguém a investigar as mais secretas intenções da Rainha do Mundo e a querer penetrar os mais profundos mistérios da «Sede da Sabedoria». E por isso que ninguém ousou, até hoje, responder cabalmente a esta pregunta.

Pois bem; irei eu fazer uma modesta tentativa nesse sentido e procurar dar-lhe uma resposta satisfatória.

Se consultarmos os arquivos e bibliotecas de Portugal, faremos uma descoberta curiosa e interessante. Vemos então que se festejava outrora, em Portugal, o dia *treze de Agosto* em *honra da morte de Maria*.

Esta festa intitulada «Festa da Boa Morte da Santíssima Virgem» durou séculos em Portugal. Em parte alguma do mundo se encontram vestígios de semelhante festa. Parece pois que, por um designio especial da providência, se conservou no país de Nossa Senhora do Rosário da Fátima um pedaço da antiga tradição cristã sôbre o dia da morte de Maria. A circunstância da festa da boa morte de Nossa Senhora ser comemorada precisamente no dia treze de Agosto, prova que Nossa Senhora faleceu, de facto, nesse dia, emquanto que o dia quinze de Agosto é o dia da sua Assunção ao Céu.

O que acabamos de dizer é-nos também confirmado pela piedosa Maria de Agreda, a qual no seu livro a «Cidade Espiritual de Deus», diz o seguinte acêrca da morte de Maria: «A gloriosa morte da grande Rainha do mundo deu-se às três horas da tarde, isto é, à mesma hora em que faleceu seu divino Filho. *Este facto passou-se a treze de Agosto.*

O que Maria de Agreda nos refere sôbre a morte de Maria não constitue é verdade, nenhum artigo de fé, mas relacionando tudo isto com os documentos encontrados nos Arquivos e nas bibliotecas Portuguesas, passa esta afirmação a ter fôrça de verdade histórica perfeitamente documentada.

Enquanto a mim, estou certo que ainda um dia investigações históricas sàbiamente orientadas poderão cientificamente que *Maria faleceu no dia treze de Agosto.*

Se Nossa Senhora faleceu, de facto, no dia treze de Agosto, facilmente compreenderemos o motivo pelo qual Ela escolheu o dia treze para realizar as suas gloriosas aparições — indicar-nos o dia certo da sua morte.

O dia treze — preparação para uma boa morte

A morte de Maria foi voluntária porque sendo ela concebida sem pecado e tendo vivido sem mancha não estava sujeita à lei geral da morte. E se Maria, a-pesar-de tudo, se quis sujeitar a esta lei geral, fê-lo unicamente para conseguir para a humanidade graças especiais para uma boa morte.

A morte é tudo quanto há de mais importante na vida do homem, porque decide do seu eterno destino. Maria deseja por isso que a nossa morte seja santa, como santa foi também a Sua. E daí o exortar-nos a *festejar* condignamente os dias treze de cada mês como preparação

para uma boa morte. Se tivermos a felicidade de morrer nos braços de Maria será essa hora a mais bela e feliz da nossa existência, porque levados pela sua piedosa mão contemplar, pela primeira vez, a majestade infinita de Deus.

Segundo a vontade de Maria deve a morte de seus verdadeiros filhos *ser santa, deliciosa e feliz.*

Mas quantas almas não vivem hoje longe, imensamente longe dêste ideal preconisado por Maria! Por isso é dever de todos os «Cruzados de Fátima» chamar essas almas transviadas para Deus e pedir de todo o coração a Maria a graça de obter para êsses infelizes uma boa e santa morte.

A comemoração dos dias treze parece ser, à primeira vista, uma coisa perfeitamente moderna. Mas se a encararmos à luz da história vemos que é coisa antiquíssima. Os Apóstolos que foram testemunhas da santa morte de Nossa Senhora nunca mais puderam esquecer êste dia da transfiguração e de triunfo, transmitindo-o depois aos seus discípulos. É por isso que a lembrança da gloriosa morte de Nossa Senhora estava indelèvelmente impressa no coração dos primeiros cristãos.

Mas, se no decorrer dos séculos, se foi obliterando por tôda a parte a tradição da gloriosa morte de Nossa Senhora, o mesmo não aconteceu na «Terra de Santa Maria».

A Rainha do rosário a quem pedimos em cada Ave Maria auxílio para a hora da morte, digna-se descer à terra neste rincão abençoado de Fátima para lembrar aos seus filhos, espalhados por todo o mundo, a mais bela hora da sua vida.

A comemoração dos dias treze abraça já o mundo inteiro. Em imensas freguesias é êste o dia destinado à renovação espiritual das almas.

E para terminar, deixai-me fazer uma afirmação que, muito embora possa ser posta em dúvida por muitos, eu desejo imprimir-lhe todo o calor e tôda a convicção da minha alma: *É que os dias treze ressoarão o sinal e que Fátima há-de vir a ser, um dia, o maior Santuário da Cristandade.*

Peçamos hoje, neste dia treze de Agosto, de uma forma muito especial, a Nossa Senhora de Fátima se digne fazer-nos conhecer o fim da sua Mensagem aos pastorinhos para a abraçarmos de todo o nosso coração e de tôda a nossa alma, e finalmente, se digne conservar — para bem de todo o mundo católico — a preciosa vida do bom e santo Pastor que Nossa Senhora pôs à frente do seu Santuário.

FRONTAL DE PRATA

Com destino ao altar-mor da igreja dos Congregados, e por encomenda dum grupo de católicos foi executado nas oficinas da Ourivesaria Aliança do Pôrto um precioso frontal de prata duma realização iminente.

Não há muito que a mesma Irmandade mandou executar na mesma conhecida Casa um monumental Sacrário que é uma verdadeira Jóia de arte litúrgica.

Queres um conselho?...

E de facto um conselho de amigo o que venho dar-te.

¡Quantas vezes somos mal servidos porque não encontrámos quem nos indicasse uma casa, onde pudéssemos fazer com segurança as nossas compras!

Para te não acontecer o mesmo, previne-te de que deves dirigir-te a José Ferreira Tedim — Coronado — Santo Tirso — sempre que precises de comprar uma imagem religiosa.

Inúmeras estátuas, tanto em Portugal como no estrangeiro, atestam incontestàvelmente o valor dêste artista.

Nossa S.ª de Fátima madrinha de baptismo de quinze militares em Luanda (Angola)

Ao culto e devoção de N. Senhora de Fátima que mais e mais se vão espalhando por tôda a parte, têm dado especial e edificante acolhimento os pretinhos das missões. Agora foram quinze militares (cinco cabos e dez soldados) que, indo lavar a sua alma nas águas do santo Baptismo, escolheram a excelsa Rainha de Fátima para sua madrinha.

Eram êles da cidade de Luanda (Angola) freguesia de N. Senhora da Conceição, que tem à sua frente o zeloso e dedicado missionário Rev. Abílio Reis Lima que por tôda a parte, por onde tem passado, na sua ainda curta carreira de sacerdote, tem deixado as maiores simpatias e grande a Nossa Senhora de Fátima, os nossos quinze soldados, não quiseram ter outra madrinha. Todos à uma a escolheram como sua protectora e testemunha do seu baptismo. Escolheram bem: madrinha melhor não podiam encontrar.

Parabéns pela escolha!

Para padrinho quiseram escolher um seu superior — o sr. Tenente Leite Vélho.

Terminando a prática que à Santa Missa fêz aos neófitos, o Rev. P.e Reis Lima dirigiu, numa alocução repassada de fé e patriotismo, estas palavras aos soldados:

«Até aqui éreis sòmente soldados da pátria; daqui para o futuro sereis também soldados de Cristo». «Honrai a vossa farda, defendei heròicamente a pátria quando estiver em perigo, honrai da mesma maneira o nome bendito de cristãos e defendei a vossa religião e os seus ministros quando forem atacados ou perseguidos». E concluiu pedindo a N. Senhora de Fátima a bênção para os seus afilhados.

A hora da comunhão, os assistentes tomados de comoção vêem abeirar-se da Sagrada Mesa, pela primeira vez, aquelas almas a nadar num mar de contentamento e alegria.

Como se haviam de sentir felizes!

Finda a Missa, o sr. Tenente Leite Vélho, com outras pessoas generosas, ofereceu aos seus afilhados e mais neófitos uma deliciosa refeição.

Foram também distribuídas recordações várias para que jàmais esquecessem tão grande dia.

Ó Maria, Rainha dos Apóstolos socorrei os missionários e convertei os infiéis!!!...

15 soldados da Companhia Indígena de Luanda, baptizados na Páscoa de 1935 pelo Missionário P.e A. Reis Lima. Foi Madrinha N.ª S.ª de Fátima e Padrinho o Senhor Tenente Leite Vélho que se vê ao centro.

as mais gratas recordações. As terras que foram campo da sua acção apostolizadora o podem dizer!

Apóstolo fervoroso, o seu zêlo também tem sido recompensado do Céu com consolações espirituais. Em pouco mais de seis meses de missões já abriu as portas do Céu a perto de cento e cinqüenta infiéis — só no dia do Espírito Santo (1935) baptizou êle cento e quatro — já antes disso, no domingo de Páscoa, tinha baptizado trinta e cinco.

Ora eram dêste número os 15 soldados de que atrás falámos.

Com um dom especial para abrilhantar qualquer festa o Rev. Reis Lima procurou dar ao baptismo dos trinta e cinco catecúmenos tôda a solenidade possível. Fotógrafos, jornalistas, curiosos e uma multidão de fiéis, tudo acorreu a observar as cerimónias lindas e comoventes com que a Igreja Católica sabe ornar tão sagrado acto. — A igreja estava repleta a mais não poder ser.

Com uma devoção muito

PARA RIR

Agoiro no meio duma congregação — comenta um sujeito. O médico viu logo que a pneumonia era dupla. Mas o pior é que se foi tornando cada vez mais dupla, cada vez mais dupla — e o homem foi-se embora!

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se êles as não trazem, é porque não lhas pedem.

SENHOR PADRE:
Quere VINHO bom para a Santa Missa?
Peça preços a: António de Oliveira
Aldeia Nova — NORTE

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	604.208633
Papel, comp. e imp. do n.º 135 (309.278 ex.) ...	16.274405
Franq., emb. transp. etc.	7.115810
Na administração...	230440
Total	627.829608

Donativos desde 11$00

Leonilde Valente — Lourenço Marques, 50$00; Aurora Valente — Lourenço Marques, 30$00; Evandra Ferreira — Lourenço Marques, 25$00; Hortência Ferreira — Lourenço Marques, 100$00; Olívia Pinto — Lourenço Marques, 13$00; dr. José Alberto — Lourenço Marques, 50$00; Olive Van der Müler — Lourenço Marques, 50$00; Berta Pestana — Lourenço Marques, 50$00; Maria Leão Fontes — Lourenço Marques, 75$00; Inês Alves — Lourenço Marques, 20$00; Mariazinha Pinto — Lourenço Marques, 20$00; Conceição Camila — Lourenço Marques, 50$00; Bento de Moura — Lourenço Marques, 50$00; M.ª dos P. Balthazar — Lourenço Marques, 100$00; **Distrib. a porta da Igreja de Lourenço Marques**, 1.004$00; Grupo da Tracção Eléctrica — Braga, 20$00; M.ª da Costa — Mamodeiro, 30$00; Luís Vasques — Atalaia, 15$00; Sebastião Henriques — Cortegana, 15$00; Graciano Palhas — Cortegana, 20$00; M.ª E. Rocha — Monte da Caparica, 20$00; M.ª C. Furtado — América, 1 dólar; Juan Furnel — Barcelona, 18$25; José Carreira — S. Paulo, 20$80; Joaquim Amado — S. Paulo, 17$35; Carlos T. da Costa — S. Paulo, 19$40; Perpétua Barradas — Ponte de Sôr, 20$00; Armanda Almas — Maceió, 20$00; Francisco Viçoso — Mercosana, 12$00; M.ª J. Viçoso — Mercosana, 20$00; dr. Jorge Silvio — Coimbra, 20$00; Emília da Silveira — Ribeira Sêca, 40$00; P.e José Ballão — Manteigas, 20$00; António C. Melícias — Boliqueira, 20$00; Jacinto C. Melícias — Boliqueira, 20$00; P.e José Aug. Costa — S. João da Ribeira, 30$00; Ermelinda C. Leite — América, 2 dólares; P.e Manuel Mor.s Neto — Paredes, 15$00; Manuel Carreira — Braga, 20$00; João S. Barjona — Oeiras, 25$00; Aurea Saraiva — Vila do Conde, 30$00; M.ª Madalena Santos — Lisboa, 20$00; Joaquim da C. Nunes — Arganil, 20$00; Laura Quaresma — Pêro, 13$00; Maria Neto — Anadia, 20$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 26$00.

Aos pés da Virgem no Santuário de Fátima

(Continuação da 1.ª página)

ral à missa que se lhe seguiu, tôdas saíram cheias de entusiasmo e de saúdade.

De 6 a 12 foi a vez da

Retiro dos rapazes

que, em número de 131 ali estiveram, como já no ano anterior os 92.

Diz-se inobvidável que deixaram em todos as melhores impressões e de cuja importância se pode avaliar pelos frutos do retiro do ano passado na organização das conferências de São Vicente de Paulo e das Juventudes de Acção Católica.

Com sossêgo foram amadurando nas suas almas viris os propósitos e planos de acção, para, intimamente unidos com a Hierarquia, aperfeiçoarem a organização dos quadros da Acção Católica.

No dia 12, ao meio dia, chegou o sr. Bispo que, nas capelas das Aparições e do Hospital e depois numa pequena sessão na Casa dos exercícios encerrou o retiro. Pregaram o retiro os Revs. P.es Domingos Gonçalves e Galamba de Oliveira.

Cêrca de 100 Terceiras Franciscanas

vindas de várias terras de Portugal fizeram também na Fátima o seu retiro anual. Durou de 17 a 21 de Agosto. Pregou-o o sr. Frei Luís de Sousa.

O sr. Bispo de Leiria dignou-se ir encerrá-lo solenemente na tarde de 20 e manhã de 21.

De ano para ano cresce o número de retiros e o número de exercitantes que ali os vêm fazer.

Não sei que atracção exerce nas almas naquele Santuário a intercessão de Maria que só o entrar no santuário é já meio retiro feito.

No dia 13 foi a

1.ª Reünião plenária da Juventude da Acção Católica de Leiria

Na igreja em construção, ao alto, em duas secções, rapazes e raparigas em número de algumas centenas entre cânticos triunfais e com um entusiasmo indescritível vão-se juntando e ouvem do assistente eclesiástico da Juventude Católica Masculina dr. Galamba de Oliveira uma exortação ao cumprimento do programa elaborado no decorrer dos dois retiros.

A reünião foi encerrada pelo sr. Bispo de Leiria que, rodeado de muitos sacerdotes, presidiu e falou incitando os militantes da Acção Católica a uma união perfeitíssima entre si e com a Autoridade Eclesiástica.

No fim, recebida a bênção Episcopal retiraram-se, cantando com ardor vários hinos religiosos.

Peregrinos estrangeiros

visitaram a Fátima no passado dia 13.

De Badajoz (Espanha) vieram alguns aos quais se juntaram outros espanhóis vindos da Figueira da Foz.

Esteve ali também uns dias o ilustre Professor Universitário e grande devoto de Nossa Senhora de Fátima na Alemanha sr. doutor Luís Fischer acompanhado doutros peregrinos alemães.

Já depois do dia 13 chegava um grupo de 4 estudantes e uma senhora todos alemães.

A *Voz da Fátima* vai chegando ao longe.

NOTA — As despesas com os retiros dos Rapazes e Raparigas da Acção Católica foram custeadas pela Diocese de Leiria.

Impressões da Fátima pelo dr. Jorge Köhler, de Nurembergue Baviera, (Alemanha).

Foi sempre timbre do povo alemão o amor e a devoção à Mãe de Deus.

Daí resulta que, onde quer que se lhe depare uma Imagem de Maria, essa Imagem desperta sempre nêle sentimentos nacionais.

Terreno de Maria é, pois, um pedaço de terreno pátrio.

Durante a minha longa viagem através de cinco países, tive ensejo de observar coisas grandes e majestosas e detive-me até diante delas, com admiração e respeito. Todavia, não me falavam nem ao coração nem à alma. Quando cheguei a Fátima e me postei ante a Imagem de Maria, senti palpitar dentro de mim sentimentos da minha terra. E se a minha sensibilidade de alemão mo não dissesse, ter-mo-iam dito a fé e o coração: «Tu estás junto de tua Mãe».

Centenas, milhares de rostos de mulher na Itália, na França, na Espanha, na África e em Portugal, despertaram em mim apenas esta sensação: «Mães da sua raça»!

Mas, a Imagem miraculosa, em Fátima, trouxe-me expontâneamente à memória aquelas palavras do Nosso Senhor na Cruz: *«Ecce Mater tua — Eis aí a tua Mãe.»* E então, pensei de mim para mim: «Foi-me dado, finalmente, o ensejo de sondar minha Mãe em terra estranha».

* * *

Na manhã do dia treze de Agosto celebrei a Santa Missa no Pavilhão dos doentes. Eu não falo a língua portuguesa e só com dificuldade me posso fazer compreender. Mas, quando recitava as orações do Introito, ouvi daquela gente — que em geral me respondia com um menear negativo de cabeça — a primeira resposta compreensível. Um admirável contacto se tinha estabelecido subitamente entre nós. Ao dizer o «Dominus vobiscum» encontrei logo eco no —«Et cum spíritu tuo». Depois, voltei-me para os fiéis e, ao dizer o «Orate fratres», êles compreenderam a minha exortação e oraram a Deus pela aceitação do meu Sacrifício. No meio da maior concentração e respeito foi prosseguindo a Santa Missa.

Entre os milhares de assistentes havia espanhóis, holandeses e franceses. Todas estas nações estavam ali representadas quando eu, na Sagrada Comunhão distribui o Pão da Vida.

Durante o dia trouxeram-me terços e medalhas para benzer e indulgenciar e muitos pediram-me até para os ouvir de confissão.

Outra maravilha... a que me foi dado assistir, em Fátima, foi a da unidade e universalidade da nossa santa Igreja. A mesma Fé, o mesmo Sacrifício e a mesma língua une os católicos de todo o mundo e transforma-os num só, ainda mesmo onde a raça e a côr imprimem exteriormente um fundo traço de separação. Perante Deus somos todos irmãos, por que todos nós fomos resgatados e redimidos no preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor J. Cristo.

* * *

Enquanto eu celebrava a S.ta Missa foram-se juntando aos milhares de fiéis que já ali estavam desde a tarde do dia 12, outros milhares ainda que iam chegando continuamente ao sagrado local.

Os terrenos em volta do vasto recinto do Santuário, transformaram-se num enorme acampamento. Automóveis e carros, cavalos e jumentos estacionavam ali, esperando o regresso de seus piedosos donos. Apesar da chuva intensa e do vento agreste da montanha, passaram os peregrinos a noite inteira ao ar livre. Muitos deles gastaram a caminho de Fátima horas e até dias inteiros, imprimindo às estradas por onde passavam uma nota típica e característica.

Melões e peras, pão e um pouco de carne constituíam a sua parca alimentação.

* * *

Qual será a causa, o motivo que impele esta gente a fazer

(Continua na 3.ª página)

A Sacra Oficina, Rua Luciano Cordeiro, 93-1.º Esq.º Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massa.

CIMENTO «LIZ»
Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de
MACEIRA—LIZ
Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico
120.000 toneladas de produção anual
11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS
EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA
Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Telefone P. B. X. 1331
Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO
Telefone 4193
AGÊNCIAS EM TODO O PAIS

A FIRMA
ARNALDO TRINDADE & C.ª L.da
CONCESSIONÁRIOS DO
PHILCO-RÁDIO
MUDOU AS SUAS INSTALAÇÕES
Para a RUA FORMOSA, 307-Pôrto

Diga: SAGRÁLIA
Repita: SAGRÁLIA
Compre: SAGRÁLIA
e repetirá a compra. SAGRÁLIA é uma rica marca de SARDINHAS DE CONSERVA de conserva... dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais.
FÁBRICA DE CONSERVAS "SAGRADA FAMÍLIA" MATOSINHOS
DISTRIBUIDORES GERAIS NO NORTE
A. XAVIER & C.ª L.da
Rua Mousinho de Silveira, 148 - Porto
TELEF.: CINCO TRÊS QUATRO

Pensão Liz
A melhor de Lisboa
Magnífica situação — Todo o conforto
A preferida pelas famílias de Lisboa
176, Av. da Liberdade, 180
(Junto ao Cinema TIVOLI)
Telefone n.º 4 1115

PHOENIX
C.ª Inglesa de Seguros.
Máxima garantia às melhores taxas.
20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Termas de Monte Rial
Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais
Águas soberanas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação da C.ª de Ferro própria (Monte Rial).
Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL —

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Escreva a:
MAIAS, IRMÃOS. Escultores
Cidadelha — Castelo da Maia

Quere o seu nome
ou qualquer outro, para guarnições, cadeiras, malas, armários, coleiras, arquivos, plantas, etc., gravado em chapas de alumínio, sempre resistente? Cada chapa, da largura de 12 milímetros, tipo de letra de 6 milímetros, até 25 letras 1$50, cada letra a mais 0$10. Remetem-se franco de porte a quem enviar a sua importância em vale do correio ou estampilhas, a J. Pratas, Rua do Oliveal, 84, 1.º Lisboa. Escrever bem claros os nomes que se desejam em cada chapa.

Asmáticos
Preferi sempre o Pó Fumigatório Pinheiro, que rivalisa em absoluto com todos os seus congéneres. A venda nas principais farmácias e drogarias. Depósito: Farmácia Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16. Enviam-se amostras a quem as pedir.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira
Na data costumada recebemos o 4.º tomo da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira que continua a manter os seus créditos de grande obra de erudição e de consulta, constituindo assim como está, o que de melhor se tem feito em Portugal. É notável neste tomo o desenvolvimento dado à palavra Açores.
E-nos grato, também, frisar a pontualidade rara com que os temos nos visitam.

Livraria Lopes da Silva
101, Rua Chã, 103
Tel.f. 675
PORTO
Livros nacionais, estrangeiros e antiquários.
Artigos de Papelaria. Fornecimento a colégios e revendedores, aos melhores preços.
A MELHOR CASA DO GÊNERO

GRANDE CONCURSO DE BÉBÉS NESTLÉ
JULHO-DEZEMBRO 1935
300 PREMIOS NO VALOR DE ESC. 15.000$00
1.º PREMIO ESC. 5.000$00
2.º " " " 1.500$00
3.º " " " 500$00
4.º " " " 300$00
5.º " " " 200$00
5 PREMIOS ESC. 7.500$00 EM DINHEIRO
200 DIPLOMAS D'HONRA
300 PREMIOS NO VALOR DE ESC. 15.000$00
5 PREMIOS A ESC. 250 - 1.250$00
5 " " " 200 - 1.000$00
5 " " " 150 - 750$00
10 " " " 100 - 1.000$00
70 " " " 50 - 3.500$00
95 PREMIOS ESC. 7.500$00 EM CHOCOLATES

CONDIÇÕES do CONCURSO
Podem entrar no Grande Concurso de Bébés Nestlé tôdas as crianças que:
1. em 31 de Dezembro de 1935 tiverem completado a idade mínima de seis meses ou máxima de cinco anos.
2. que tenham sido ou estejam sendo alimentadas com Farinha lactea Nestlé, leite em pó «Nestogéno» ou leite condensado «Moça».
3. cujos pais enviem à SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS, Rua Ivens, 11-13 — LISBOA, até 15 de Dezembro de 1935, uma fotografia dos bébés nas condições acima, acompanhada de cinco rótulos exteriores de um dos produtos Nestlé acima mencionados e bem assim do questionário devidamente preenchido.

Qual será o mais lindo bébé Nestlé
As fotografias e os questionários que nos forem enviados serão classificados por um júri neutro, composto de um médico, um fotógrafo e um jornalista.
Na classificação respectiva o júri terá em consideração especial o grau de robustez, perfeição e de beleza das crianças.
A SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS reserva-se o direito de publicar os nomes e as fotografias das crianças premiadas e de rejeitar tôdas aquelas que não estiverem nas condições estipuladas.
Os prémios serão entregues de 15 a 31 de Janeiro de 1936.

QUESTIONARIO
(a preencher, assinar e enviar juntamente com 5 rótulos de produtos Nestlé e a fotografia do bébé à SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS, R. Ivens, 11-13 — LISBOA).
Nome da criança _____
Idade _____
Nome dos pais _____
Morada exacta _____
O signatário dêste questionário declara que a criança acima foi alimentada com produtos Nestlé e que tirou óptimos resultados.
Autoriza a publicação, pela SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS, da fotografia junta.
Assinatura _____
IMPORTANTE: — Tôdas as fotografias devem ser assinadas nas costas pelo signatário do questionário.

PÔRTO RAMOS-PINTO

Impressões da Fátima pelo dr. Jorge Kohler, de Kurembergue, Baviera (Alemanha)

(Continuação da 2.ª página)

tantos e tão grandes sacrifícios? Obrigá-los-ia alguém? Terão em mira algum benefício de ordem material? Não, ninguém os obrigou e só a Fé os impulsiona e move. É Nossa Senhora que os atrai com aquela força suave e irresistível com que o filho se sente atraído para os braços de sua mãe.

* * *

Em volta da Capela das Aparições, comprimia-se uma enorme multidão. Orações e cânticos ecoam incessantemente pelo vasto recinto do Santuário. Vê-de! Lá sai agora a Imagem de Maria da sua capela! O povo prepara-se para tomar parte na procissão. O imponente cortejo, com imensas bandeiras, vai desenvolver um largo círculo em direcção à Basílica do Rosário onde o Prelado celebrará de Pontifical.

Que significará esta procissão que, no seu género — considerada mesmo debaixo do seu aspecto externo — constitui o mais grandioso espectáculo da Fátima? Que pensamento, que ideia fundamental presidirá a tudo isto? — O mesmo que pela sua sublimidade e grandeza preside a tôdas as festas de Maria. Qual será êle então? Ei-lo! — «Per Mariam ad Jesum — Por Maria a Jesus».

Depois de todas as homenagens tributadas à Mãe de Deus — as quais não principiaram somente na manhã do dia 13, mas durante tôda a noite precedente e que atingiram o auge, à meia-noite, na procissão das velas — conduz Maria, por sua vez, as almas para o seu Divino Filho. O sentido transcendental da maternidade de Maria consiste em oferecer Cristo ao mundo. Portanto, o oferecimento de Cristo por meio de Maria parece constituir a maior lei na ordem da graça. Quem ama a Maria com amor verdadeiramente filial não tardará também a amar a Eucaristia. A êste respeito é Fátima não só um símbolo, mas também uma grandiosa realidade.

* * *

Este espectáculo grandioso e único atinge o seu auge, quando o Prelado com o SS. Sacramento desce a escadaria da Basílica para abençoar solenemente os enfermos que, cheios de Fé e Confiança, vieram a Fátima para implorar de Nossa Senhora a cura de seus males físicos e morais.

Não é a imagem miraculosa que se approxima dos doentes — essa fica lá em cima, em lugar visível, ao lado do altar da Basílica — mas sim a Custódia com Nosso Senhor Eucarístico. Maria implora e Cristo compadece-se. Que admirável encarnação do dogma Mariano! Na nossa devoção a Maria não paramos junto da Mãe — Ela é apenas uma criatura ainda que a mais sublime entre tôdas as criaturas — mas por Ela caminhamos além, sempre mais além até o trono de seu divino Filho.

* * *

O entusiasmo ultrapassa, porém, todos os limites quando, no fim da cerimónia, Maria é reconduzida da Basílica para a Capela das Aparições. A alegria e o júbilo daquela imensa multidão são indescritíveis. A estátua já não é madeira, parece ter-se transformado em carne e sangue. Quantos os milhares de pessoas que enchem o vasto recinto, tantos os milhares de lenços que acenam freneticamente ao som do «Avé de Fátima» até que a Imagem da Senhora se tenha ocultado de todos os olhos dos filhos seus.

Ao triunfo da Eucaristia junta-se o triunfo da divina Mãe — e tão grande, tão grande — como, de-certo, não será dado a olhos humanos ver igual em parte alguma.

Dos sentimentos do povo para com a Sagrada Eucaristia e para com a SS. Virgem se pode aquilatar também dos sentimentos do povo para com os seus sacerdotes. E para a maior parte dos estranjeiros acontecimento sensacional o ver com que respeito e amor, vélhos e novos, se abeiram do seu Bispo e dos Sacerdotes. Não há ninguém que não ajoelhe ao beijar o anel do Prelado e que não deixe de manifestar com isso uma franca e sincera alegria.

Os jovens da «Acção Católica» da Diocese de Leiria, que em 13 de Agosto se encontravam em Fátima, deram, a êste respeito, um testemunho impressionante e admirável. Portugal possue um clero que é, não só guia seguro, mas também amigo dedicado do povo. E como não deveria ser assim se o próprio Bispo é o primeiro a dar o exemplo de Pai e Pastor, como Fátima o demonstra à saciedade? É mister ter sido observador imparcial para o compreender devidamente.

* * *

Quando, a qualquer estranjeiro, se ouve pronunciar o nome de Portugal é, em geral, para o apresentar como protótipo de revoluções. Ainda no navio que me conduziu a Portugal, eu ouvi êste e outros comentários. Pelo que diz respeito a Lisboa e ao sul de Portugal é possível que haja aqui alguma parcela de verdade. Porém, na sua grande maioria, é o povo português gente boa, dócil, simples e piedosa. Se a observação quotidiana mo não tivesse demonstrado bastaria Fátima para mo provar. Um povo que faz com fé tão viva os seus exercícios de piedade em volta da Capela das Aparições e que se comove, até às lágrimas, ao receber a bênção do SS. Sacramento; um povo que bebe, cheio de confiança, a água da fonte miraculosa e que toca com as suas recordações nos pés da Imagem de Nossa Senhora, não é, nem pode ser, um povo revolucionário. De uma coisa, porém, estou eu convencido: — é que nem o troar do canhão, nem o ruído das metralhadoras conseguirão jámais arrancar do íntimo dêstes corações as verdades augustas da fé, ali profundamente arreigadas. O sentimento religioso do povo português é a base mais segura para uma tranquila, florescente e ordenada vida pública e social.

Fátima é um Santuário Nacional onde sobem ao Céu súplicas não só de interêsse particular, mas também de interêsse patriótico.

Quem teve a dita de ouvir o entusiasmo com que ali se reza dizendo:

«Nossa Senhora do Rosário de Fátima, convertei os pecadores! Nossa Senhora do Rosário de Fátima, salvai-nos e salvai Portugal — ficará com a certeza de que Portugal se curará por meio de Fátima.

* * *

Como que em sonho de maravilha transformou-se-me a Imagem da Rainha do Rosário de Fátima numa Mãe de Deus com o Menino Jesus nos Braços, ennegrecida pelo fumo e pelo tempo. A sermânica, a bávara Altötting estava diante dos meus olhos, e uni-me às orações do povo e enviei uma prece ardente ao Céu pela minha terra e pela minha pátria.

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Graças de Nossa Senhora de Fátima

Tuberculose pulmonar

Eu, abaixo assinada, Nair Estrêla Brito, de 21 anos de idade, solteira, — R. Antero de Quental, n.º 535 — Pôrto, profundamente reconhecida e cheia de alegria e contentamento, venho publicar a grande graça que alcancei por intercessão da Nossa Mãe do Céu, a Virgem N.ª S.ª de Fátima, curando-me de-repente da terrível tuberculose de que vinha sofrendo há mais de um ano.

Tendo sido tratada pelo sr. dr. Francisco Coimbra e examinada pelo sr. dr. Cardoso do Carmo, e tendo-me sido feita a análise das expectorações em 3 de Julho com resultado positivo, continuando cada vez pior a ponto de não me poder levantar da cama, — tal era o meu estado de fraqueza, resolvi em último recurso apelar para Nossa Senhora de Fátima, e fi-lo com tal confiança que resolvi incorporar-me na peregrinação que a 12 de Outubro passado partiu da Capela de N.ª S.ª dos Anjos sob a direcção do Rev. P.e Artur da Assunção Saúde, abade de Sandim.

Feito o trajecto com relativa facilidade devido à grande fé que me animava, fui em Fátima transportada numa maca, da camioneta para o Hospital, onde fui carinhosamente tratada pelos Ex.mos Médicos e Servitas.

No dia seguinte, inscrita com o n.º 53 fui colocada na ala dos pobres enfermos para aí receber a bênção de Nosso Senhor que se dignou ouvir os rogos de sua Mãe Santíssima em meu favor.

Com efeito, por ocasião da bênção do S.S. Sacramento, senti não sei que transformação em mim, que intimamente me julguei curada. Já não mais necessitei de amparo para caminhar, cessou a tosse, comecei a comer com apetite e tomei parte em todos os actos que os peregrinos praticaram no regresso. Entre êstes correu logo a fama de que eu tinha sido miraculada e que se tornava necessário publicar sem demora esta grande graça. O Rev. Director da nossa peregrinação opôs-se a isso impondo a espera de três meses, pelo menos, e nova consulta aos médicos que me haviam tratado antes da cura.

Feita tal consulta, foi-me dito pelos referidos Médicos, que podia bem levantar as mãos em acção de graças, pois que não viam em mim vestígio algum da doença que me levaria em breve espaço de tempo à sepultura.

Graças pois sejam dadas hoje e para todo o sempre ao Divino Coração de Jesus e a Sua e Nossa Mãe, Nossa Senhora de Fátima.

Nair Estrêla Brito

Pôrto

Confirmo como testemunha presencial tudo quanto a menina Nair Estrêla Brito declara na sua narrativa, desde o início até ao regresso da peregrinação. Com efeito, na ida, o seu aspecto de moribunda e a sua prostração eram tais que se receiava qualquer acontecimento grave, mas após a bênção do S.S. Sacramento tudo mudou como acima se diz.

O Pároco de Sandim

Artur da Assunção Saúde.

Sofrimento uterino

Sofrendo, durante anos, terríveis dores no abdómen, consultei vários médicos, que me receitaram muitos remédios e vários tratamentos, mas sem resultado satisfatório, antes pelo contrário me faziam ver que me esperava a sorte de minha mãe, falecida com um cancro uterino; mas nunca desanimei, pois sempre esperei na protecção de N.ª S.ª que com razão é chamada a «saúde dos enfermos».

Em 9 de Abril de 1933 consultei novamente a minha médica assistente, dr.ª Ester Vieira.

Novo tratamento e nova aflição. Então formei o propósito de ir pessoalmente à Fátima visitar Nossa Senhora e pedir-lhe a minha cura, o que fiz em 13 de Maio de 1933; no regresso apresentei-me à Ex.ma Médica, que, depois dum exame rigoroso verificou com espanto que estava completamente curada. São passados dois anos, sem durante êste tempo ter tido dores, a-pesar-de não ter aplicado mais algum remédio, período êste que julgo suficiente para confirmar a minha cura, pelo que venho, hoje, testemunhar o meu público reconhecimento a N.ª S.ª para estímulo de todos os aflitos, para que não desanimem nas suas doenças ou aflições e se voltem para Aquela que com razão é chamada — a Saúde dos enfermos — a Consoladora dos Aflitos.

Braga

Ana Bento Gonçalves Sampaio

Sofrimento nos intestinos

(Do sr. Sebastião de Oliveira, R. do Farol, 98 — Foz do Douro, foi recebida nesta Redacção a carta que a seguir transcrevemos.)

«... Comunico-lhes para que lhe dêm a publicidade que entenderem a grandiosa graça feita por Nossa Senhora de Fátima, conforme passo a narrar:

Havia 6 anos que eu sofria horrivelmente dos intestinos e estômago, a-pesar de ter consultado vários especialistas e tomado já uma farmácia de medicamentos...

Um dia, em 10 de Maio de 1933, a conselho de minha mulher e duma senhoras devotas de N.ª S.ª de Fátima, fui confessar-me, o que já não fazia há 20 anos, tendo já feito algumas novenas em honra de N.ª Senhora. Em 12 dêsse mesmo mês seguia em peregrinação à Fátima onde recebi a Sagrada Comunhão. Era tão grande a minha fé que, quando cheguei à Cova da Iria e presenciei o que ali se passava fui obrigado a chorar de comoção, não obstante ter mais 53 anos de idade.

Nessa ocasião notei que não tinha dores — o que para mim era já uma graça apreciável, e assim durante todo o tempo da minha peregrinação comi e bebi como os que tinham saúde, o que, como disse, já há 6 anos não podia fazer.

Desde êsse momento a minha fé aumentou, de maneira que todos os dias rezava e pensava em Nossa Senhora a quem pedia me curasse porque os médicos não conseguiam fazer-me bem algum.

Minha mulher e filhos novamente fizeram uma novena a N.ª S.ª de Fátima. Já havia alguns dias que eu vomitava tudo quanto comia sendo por isso difícil a minha subsistência.

Aconteceu vir visitar-me um amigo que, vendo-me em tal estado, resolveu por sua própria conta chamar telefónicamente o Ex.mo sr. dr. Abel Pacheco que prontamente se apresentou, verificando que uma operação imediata talvez ainda fôsse a tempo. Três dias depois recolhi à casa de saúde do mesmo senhor; porém, era tal o meu estado de fraqueza que foi preciso estar oito dias a tomar injecções. Pois não foi possível chegar a ter as condições necessárias para ser operado. Foi então resolvido fazê-la mesmo naquele estado. Já há 14 dias que eu não comia nem bebia, mas sempre cheio de fé e coragem... No momento da operação e já na sala de operações gritei aos médicos: — A Sr.ª de Fátima venha em vosso auxílio e vos mande um anjo de luz para que acerteis com o meu mal, e Jesus seja comigo. Neste momento nada mais vi nem ouvi; pois já a máscara do éter estava colocada. Tudo correu como eu pedi a N.ª S.ª de Fátima e eu fui melhorando, mas aos cito dias de operado apareceu-me uma bronco-pneumonia pelo que fui logo julgado sem cura pois era já impossível resistir. Porém, nunca pela minha idea me passou que morria. Apesar-dos meus 40 graus de febre não me esqueci de rezar e pedir à Senhora de Fátima e a Jesus que me valessem; e, quando todos esperavam a minha morte, Nossa Senhora não quis que eu morresse. Ainda êste ano aí não posso ir por me achar ainda muito fraco, porém, completamente curado da bronco-pneumonia e operação, pelo que minha mulher aí vai com minha filha em peregrinação levando uma lembrança em agradecimento a N.ª S.ª de Fátima. Peço para que a notícia desta grande graça seja publicada na «Voz da Fátima», pois é aqui conhecida já por muita gente. Deus e N.ª Senhora sejam sempre por nós.

Foz do Douro

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA

Úlcera no estômago

Margarida de Sousa, solteira, criada de servir, residente em Freixieiro — Campêlo-Balão, diz ter tido uma úlcera no estômago que muito a fez sofrer. Durante muito tempo procurou na medicina a cura de que necessitava. Desanimada por quási nada ter conseguido entregou-se a N.ª S.ª de Fátima a cujo Santuário foi receber a bênção dos doentes em Outubro de 1929 e por cuja intercessão obteve a sua cura, confirmada pelo Ex.mo médico que a tratou.

(Segue o atestado médico)

«Mário de Miranda delegado de saúde de Balão. — Declaro que Margarida de Sousa, solteira, criada de servir, residente em Freixieiro, freguesia de Campêlo, dêste concelho, sofreu durante alguns meses de uma úlcera no estômago, confirmada

Margarida de Sousa
Freixieiro — Campêlo — Balão

pela radiografia, tendo frequentes vómitos hemoptoicos e obtendo resultados medíocres com o tratamento médico. Segundo a doente afirma depois de uma peregrinação a Fátima em Outubro de 1929 sentiu-se muito melhor tendo depois disso apenas uma crise gástrica com saliva ensanguentada durante dois ou três dias, melhoras que se foram acentuando considerando-se actualmente em estado de cura.

Balão, 20 de Março de 1931

a) Mário de Miranda

Graças diversas

D. Irene Machado Santana — R. Ferreira Magalhães — Lisboa, de 30 anos, diz ter sofrido violentos ataques desde os 14 anos de idade. Por vezes êsses ataques eram de tal maneira violentos que, diz, chegou a deslocar o braço esquerdo que, só com grande dificuldade e graves dores conseguiam repôr no seu lugar.

Depois de ter recorrido sem resultado a vários médicos, fêz uma novena a Nossa Senhora de Fátima durante a qual fêz uso da água do Santuário. Obteve assim sensíveis melhoras que vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima.

— Venho rogar o favor de publicar na «Voz da Fátima» multíssimas graças que por intermédio de N.ª S.ª da Fátima me têm sido concedidas. — *Sebastião Nogueira.*

— Rogo a publicação do seguinte, na «Voz da Fátima»: «Maria do Rosário Guimarães — Moscão, agradece a N.ª Senhora da Fátima uma importante graça temporal que por sua maternal intercessão alcançou do Céu».

— Numa carta vinda de Vagos, diz-se, em resumo, o seguinte: Emília Rosa de Jesus — Vagos, transportava à cabeça um pêso apreciável de adubos para suas terras quando deu uma grave queda que lhe motivou a deslocação de alguns ossos. Levados de novo ao seu lugar à custa de grande dores, diz-lhe-lhe ter sido ordenado pelo médico que deveria permanecer de cama durante uns seis meses pouco mais ou menos.

Não se resignando, porém, com tal ordem, pois é pobre e necessita de trabalhar para seu sustento, recorreu a N.ª S.ª da Fátima a quem confiou a sua cura.

No 2.º dia, diz, conseguiu já levantar-se, e 15 dias depois, sentindo-se já bem, foi para o seu trabalho numa fábrica da Vista Alegre.

— *D. Maria de Jesus* — Cumieira, teve seu filho Joaquim prestes a morrer duma grave queimadura no rosto e no peito. Tendo recorrido a N.ª S.ª da Fátima e tendo obtido a cura desejada, vem agradecer tal favor.

— *D. Joaquina Gil.* — Loivia, escreve dizendo o seguinte: «Francisco Gil, dos Moinhos de Carvidi, encontrando-se gravemente doente foi a Coimbra consultar um especialista que declarou encontrar-lhe principios de tuberculose. Uma sua irmã, vendo que o mal aumentava de dia para dia, recorreu a N.ª S.ª da Fátima a quem implorou para que do Céu viesse o remédio que na terra não encontrava. Feita uma novena por tôda a família, após a qual o doente se encontrou melhor, prometeu publicar a graça logo que obtivesse total restabelecimento. Foi de novo ao médico que lhe encontrou já vestígios alguns da tuberculose. Hoje encontra-se perfeitamente bem como se nada tivesse tido».

— *D. Helena Andrade C. Ferraz.* — Algés, tendo implorado de N.ª S.ª da Fátima a cura de sua sobrinha Aida A. de Araújo que tinha um eczema na cabeça, alcançou a graça que desejava, favor que vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima.

— *D. Maria da Purificação*, — Escandarão, teve sua mãe prestes a morrer. Invocada em seu favor a protecção de N.ª S.ª da Fátima, obteve a graça que desejava e que aqui vem agradecer.

— *Irmã Maria da Purificação Godinho.* — Lisboa, quere que aqui seja anunciada uma graça espiritual que N.ª S.ª da Fátima alcançou para um pobre doente internado num hospital de Lisboa e que blasfemava de Deus e das coisas santas. Passado algum tempo, mediante algumas orações à N.ª S.ª da Fátima feitas por pessoas dedicadas recuperou a saúde da alma e a do corpo.

OS NOSSOS CONTOS

Uma alma vitíma

Eu conheci a Maria de Lourdes à porta da igreja de..., com o seu vestidinho preto modesto, e um véu sôbre os cabelos de um louro dourado. Baixinha, pequenina, mas em zêlo muito grande... não deixando passar ninguém sem que a sua vozinha se não fizesse ouvir: «Cruzados da Fátima! Não deseja entrar para os Cruzados da Fátima?»

E lá ficava explicando... e eu saía. Um dia travei conversa com ela, a propósito dos cruzados e ainda lhe arranjei quási uma trezena, pelo que ficou muito grata a sua alma de zeladora sincera.

Daí vieram as nossas conversas... conversas de almas já desprendidas do mundo, dêste mundo que promete muito e que pouco ou nada nos pode dar.

Notei um dia, com mágoa, que ela interrompia muitas vezes as palavras que dizia para tossir, tossir, e que os seus olhos claros, tão meigos, se humedeciam de lágrimas; e... um dia disse-me ter os pulmões doentes. Depois em confidência mais íntima lastima-se muito ao de leve que a maior parte das pessoas, quando sabiam a sua doença, se afastavam com receio do contágio.

Eu senti tanta pena dessa alma sequiosa de espiritualidade e que tão bem me compreendia, que resolvi não fugir dela nem que me assaltasse o maior receio; fiz e cumpri.

* * *

Passaram-se uns tempos... Um dia notei ao sair da igreja que ela não estava lá. Indaguei e soube que adoecera e num momento resolvi ir vê-la. Tinha notado a morada, e nessa manhã fui lá. Encontrei-a risonha, assentada na sua cadeirinha de vêrga, tôda embrulhada numa manta.

Levei-lhe um punhado de rosas frescas, pois sabia que ela gostava de rosas... lancei-lhas no regaço e disse sorrindo: até parece a Teresinha com tantas rosas... Ela riu e eu ri também.

Depois, ouvi, com a alma mergulhada de profunda tristeza:

—*Sabe? Ontem tive muitas sufocações, deitei mais sangue... e aqui estou amarrada a êste cadeiro.*

Indiquei-lhe o Crucifixo e disse: *Crucificada... Não O ama a Êle? Êle é um Esposo Crucificado. Ai mesmo sem trabalhar pode ser útil!...*

Olhe: É preciso amarmos a Nosso Senhor, nos tempos que não correndo duplamente, por nós e pelos outros... que nem se lembram dÊle...

Se chegarmos a essa janela não vemos dezenas de almas que estão entregues aos seus negócios e interêsses, e às vezes pior do que isso... aos seus vícios e paixões! Sem se lembrarem ani momento sequer que por êles morreu pregado no madeiro da Cruz, o nosso Amado Redentor.

Conversámos, mais um pouco e, então lembrei-lhe se ela queria ir comigo a um médico, meu conhecido e amigo para lhe fazer o tratamento do pneumo-torax que lhe poderia dar a cura.

Ela olhou-me com ternura e respondeu: *Não me quero curar, tenho médo de perder esta paz que tenho cá dentro: sou tão feliz!*

Olhe!-a com ternura e admiração! Pois sim. Seja então alma vitima, ofereça-se em oblação ao Deus de Amor, por esta miséra humanidade!

Que seriamos nós, se não houvesse almas como a sua! São tão necessárias almas vitimas!... Nosso Senhor é tão ofendido!

Êle chama-nos todos à santidade, mas poucos sentem coragem...

Façamos o possível e o impossível para alcançá-la. É difícil... é agreste, é dolorosa a subida para lá, quantos desfalecimentos... quantas angústias intimas...

Olhe: apesar dêsse título de «mestra» que me dá, sou um pobre bébé vacilante, que cai a cada momento por não ter fôrça para andar.

Porém... vontade não falta e o Senhor ajuda sempre a quem tem boa vontade.

Nós que somos pequenitas, façamo-nos os contra-pêsos dessas almas grandes! — heróicas de virtude e santidade!

E assim, creia, passaremos a nossa vida a atirar almas lá para cima, para o Céu!

Páscoa, 1935.

Um pequeno soldado de Cristo Rei.

AS MÁQUINAS DE ESCREVER PODEM-SE ASSEMELHAR MUITO NA CONSTRUÇÃO, MAS OS SEUS RESULTADOS SÃO MUITO DIFERENTES

POR ISSO PREFIRA A

"UNDERWOOD"

QUE SERVIU DE MODÊLO À MAIORIA DAS SUAS CONCORRENTES!

Agentes: Dunbel & Antunes, L.da - R. Augusta, 38 - Lisboa - Telef. 3 4281

Como o vosso Bébé é lindo!...

no entanto, essa graça e gentileza, que o fazem tão adorável, transformar-se-hão, à medida que os anos forem passando!...

Mas... porque não compra agóra mesmo um

«Kodak Junior 620»

para obter com ele lindas fotografias que serão, no futuro, outras tantas recordações do vosso filhinho?

É bom porém usar sómente

«VERICHROME»

a Película exclusiva da Kodak e que pelas suas excelentes qualidades inimitáveis vos impede de perder essas, para vós, tão valiosas fotografias.

Só as boas casas de artigos fotográficos vendem Artigos «Kodak».

Kodak Limited, 33, Rua Garrett-Lisboa

não é todo o pó d'arroz que convem para a vossa pele

só

L.T.PIVER

tem um pó especial para cada pele

DIRIJA-SE AO «SERVIÇO DE CONSULTAS DE BELEZA», RUA SARAIVA DE CARVALHO Nº 207 - 2.º LISBOA - ONDE SERÃO FORNECIDAS TODAS AS INFORMAÇÕES PELA VOLTA DO CORREIO.

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PORTO

Quando abrimos uma lata de apetitosas Sardinhas de Conserva o que acontece?

O que acontece às cerejas; atrás duma vão tôdas.

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

UM EXEMPLO PARA OS CRUZADOS

Nem todos os leitores saberão que em França — um país de cujas imoralidades se fala tanto — há cinco universidades que não custam cinco reis ao Estado.

São as Universidades Católicas, sustentadas pelos peditórios que em certos domingos se fazem nas igrejas, e por donativos e legados.

Essas universidades têm os seus laboratórios, as suas bibliotecas, os seus hospitais, as suas maternidades. E estuda-se nelas para sacerdote, médico, advogado, engenheiro, professor dos liceus ou das escolas superiores, jornalista, comercialista, etc.

Alguns dos maiores nomes da ciência recrutam-se entre os professores das Universidades Católicas de França. Citemos, por exemplo, Lapparent, Rousselot, Meunier, Branly que é um dos inventores da *telegrafia sem fios*, etc.

A mais completa das U. C. Francesas é a de Lille — devida principalmente aos dois cristãos generosíssimos que foram o médico Camille Féron e o industrial Philibert Vrau.

Era urgente livrar a juventude das universidades do Estado e do seu ensino maçonizado, liberal.

Os dois homens de Deus meteram mãos à obra. Só Deus sabe as dificuldades com que lutaram, e a guerra que os maus lhes fizeram.

Desenvolveu-se uma grande campanha pedindo a todos, ricos e pobres, grandes ou pequenos, a sua esmola.

Os católicos franceses souberam corresponder, e o dinheiro começou a aparecer de todos os lados.

Só o clero do norte da França concorreu com uma soma que hoje valeria bem **6.000** contos.

Os católicos leigos subscreveram com quantia não inferior a **25.000** contos da nossa moeda actual. Tudo isto passou-se há uns 60 anos.

Quando os católicos compreendem assim os seus deveres de contribuir para a Causa de Deus, os Seus inimigos pouco lograrão conseguir.

Notemos ainda que nesses tempos, tão distantes ainda do bolchevismo e da falta de vergonha dos nossos dias — poucos se convenciam de que guerrear a Igreja é cavar a ruina da própria Nação.

Pois, apesar disso, a Universidade de Lille fundou-se, e, com ela, mais quatro universidades.

Sabendo dêstes exemplos de generosidade, haverá algum português que se recuse a ser Cruzado, para honra de Deus, e salvação de Portugal?!

O que nós comemos aos outros

Uma pessoa de 70 anos comeu durante tôda a vida alimentos com o pêso de cem mil quilos, ou seja a carga completa dum comboio de mercadorias. Em média os alimentos ingeridos até aos 70 anos pesam 1400 vezes mais do que a pessoa que os comeu.

É interessante ver ainda a lista dos pêrios alimentos:

Pão	22.500 Kg.
Carne	18.900 Kg.
Ovos	12.900
Sal	1.750 Kg.
Agua, ... ou vinho	25.000 l
Couves, etc.	um camião.

Etc., etc.

Pensando um pouco na grande mercê que nos faz Deus Nosso Senhor, dando-nos tanto sustento...

E lembremo-nos também de quanto suor e quanta canseira não causou a tantos homens, a alimentação de um só!

Teremos ainda coragem para ser mandriões?!

Todo aquêle que não quere trabalhar, passa a vida a sobrecarregar o trabalho dos homens, seus irmãos — e não lhes dá, sem pode dar, nenhuma compensação.

Temos todos obrigação de trabalhar.

O homem mais rico dêste mundo, que é o americano Rockfeller tinha tanta obrigação de trabalhar como o mais pobre dos nossos ganhões — se êle não tivesse já como tem, 96 anos...

«Se algum não quere trabalhar, não coma!» — são as palavras fortes do Apóstolo S. Paulo numa das suas tão notáveis Epístolas.

E acrescenta aos cristãos que se afastem dos preguiçosos, para que êles se envergonhem e emendem.

É preciso que ninguém ignore que a preguiça é um dos sete pecados capitais, e que é também a mãe de todos os vícios.

O ocioso é como as sanguessugas ou bichas: está neste mundo só para chupar o sangue dos outros...

Horrível pecado, vergonhoso vício — o da preguiça!

Mais estúpidos que os ratos!...

Um dia, o célebre apóstolo dos Alemães de Viena do Austria, que foi o P.e Abel, disse no sermão: «Vós sois mais estúpidos que os ratos!»

Uns ficaram mal dispostos; outros tiveram vontade de rir.

«Já o vou mostrar — continuou o prègador. Põem-se aos ratos bolos envenenados; êles comem-nos, e morrem.

É preciso que os ratos sejam muito burros para comer assim o veneno que lhes apresentam.

«Ora a vós, meus senhores, também vos apresentam veneno, não em pílulas, mas em jornais e em livros... Vós engoli-los, e morreis envenenados.

«E ainda por cima, comprais o veneno com o vosso dinheiro!

«Ora os ratos fizeram melhor figura: por isso vós sois mais estúpidos do que êles!»

Pia União dos «Cruzados de Nossa Senhora de Fátima»

Que é?

Uma associação auxiliar da «Acção Católica Portuguesa».

Que pretende?

1.º — Promover a santificação dos Cruzados de Fátima;

2.º — Interceder junto de Nossa Senhora de Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;

3.º — Orar, especialmente pela oração e pela escola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;

4.º — Orar pelos Cruzados de Fátima e pelas almas do Purgatório, especialmente dos Cruzados falecidos; pela conversão dos pecadores, pelos doentes e por tôdas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora de Fátima; pelas missões entre cristãos e infiéis, especialmente nas colónias portuguesas.

Que custa ser «Cruzado»?

Custa apenas o sacrifício de 30 centavos (dois tostões) cada mês, menos de um centavo cada dia!

Para que serve ser «Cruzado»?

Serve para promover poderosamente:

a) a salvação própria,
b) a salvação do próximo,
c) o triunfo da Igreja,
d) a glória de Deus,
e) a prosperidade da família e da Pátria.

Espécies de «Cruzados»

a) remidos os que dão uma só vez 300 escudos;

b) beneditinos os que contribuem com a quota mensal mínima de 50 centavos;

c) ordinários os que contribuem com a quota mensal mínima de 20 centavos.

Deveres e direitos

I — Deveres dos Cruzados de Fátima

Dos Cruzados de Fátima exige-se apenas:

1.º — que procurem viver cristãmente;

2.º — que paguem pontualmente a respectiva quota.

II — Direitos dos Cruzados de Fátima

Todo o Cruzado tem direito a:

1.º — Receber, todos os meses a «Voz da Fátima»;

2.º — Participar na missa que diàriamente se celebra em Fátima pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

3.º — Participar nas missas que em tôdas as Dioceses se celebrem pelas intenções da Pia União dos Cruzados;

Por determinação estatutária, a décima parte das receitas da Pia União serão aplicadas na celebração de Missas por intenção dos Cruzados.

4.º — Participar em todos os actos de piedade e caridade realizados por intermédio da Pia União;

5.º — Lucrar trezentos dias de indulgência tôdas as vezes que recitar, nas condições requeridas, alguma das seguintes jaculatórias:

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o Santo Padre».

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei o nosso Episcopado e o nosso clero».

— «Nossa Senhora de Fátima, protegei a Acção Católica».

6.º — Gozar as graças e privilégios que a Santa Sé já concedeu pelos Prelados portugueses, vagos a conceder à Pia União dos Cruzados.

As pessoas já falecidas poderão também ser inscritas, desde que alguém pague por elas a respectiva quota.

É um excelente meio de sufragar as almas dos mortos. Inscrevêmos na Pia União, pois assim lhes proporcionamos a comparticipação em inúmeras missas, celebrando-se uma todos os dias no Santuário de Fátima.

"Vem e segue-me!..."

No mesmo dia de Julho deste ano, receberam o Santo Sacramento da Ordem, ou, como diz o nosso povo, foram feitos padres:

Em Lisboa, um fidalgo-engenheiro português, que é frade franciscano.

Em Paris, um sobrinho do Presidente da República, sr. Lebrun e um filho do antigo ministro da Justiça, sr. Pernot.

Em Lille (França) um rapaz rico de Marrocos, antigo aluno da Universidade de Paris.

Em Bruges (Bélgica) o antigo presidente do ministério da China, que é também frade beneditino.

Cristo vence! Cristo reina! Cristo impera!

Notemos, a propósito, que o número de frades beneditinos no mundo é hoje mais de dez vezes maior do que era há cem anos.

Há cem anos, os professores da Universidade de Paris diziam que o Cristianismo estava na agonia...

Quem quiser fazer profecias, sem correr o risco de se enganar, pode dizer: «A Igreja será perseguida mas nunca vencida».

O gesto praticado pelos Apóstolos, que deixaram as suas redes para seguir o Divino Mestre — será sempre repetido no mundo, pelas melhores inteligências e pelos corações mais generosos!

Um apóstolo

Frederico Ozanam, um dos mais admiráveis católicos de acção. Aos 20 anos, fundou as Conferências de São Vicente de Paulo.

Trabalhemos, sem demora, para realizar o desejo expresso do Santo Padre Pio XI: não haver uma só paróquia, que não possua, pelo menos, uma Conferência Vicentina.

Recomendamos o caso ao Rev.mo Clero e a todos os católicos de verdade.

As Conferências *são escolas admiráveis para formação de elementos (masculinos e femininos) para a Acção Católica.*

Pensemos em Deus e nos pobres — e não nos deixemos ficar a dormir...

Digamos como o santo Frederico Ozanam:

«Faz-se muito mal no mundo; façamos nós algum bem!»

Dois anéis

O P.e José Barto fôra eleito bispo de Mântua. Veio mais tarde a sentar-se no trono de S. Pedro, com o nome glorioso de Pio X, de santa memória.

Na primeira vez que viu sua mãe, disse-lhe, mostrando o anel pastoral: — Olhe, mãe, que lindo anel que me deram!

A santa velhinha, com os olhos cheios de lágrimas, retorquiu-lhe: — Sim, meu filho, mas sem êste, tu não tertas êsse!

E mostrou-lhe a sua aliança de casamento.

São as famílias cristãs, não as mães piedosas que dão bons padres à Igreja!

Os Filmes do ano

Concluimos hoje a publicação dos filmes da época ligada.

* assinala as películas interessantes para adultos, com sólida formação cristã.

E * * designa os filmes absolutamente condenáveis.

O Ladrão * * — Uma estrêla de cinema — Jorge e Georgina. * — Vôo tiberino — Tarzan e a companheira * Amantes fugitivos — As mulheres e o amor — O Tio Canibal — O banho de Suzana — O Judeu Suss * — Harold maxemário * — Eu fui uma espia — Touradas no México. — Vaticano, (O Ano Santo) — A Virgem Alegre * — O mundo em marcha * * — Ultima hora — O preço de uma vida * * — Jane Eyre * — O Rei dos Mendigos — Chamada de socorro — Drama de Lourdes — Quem conhece esta mulher? — O Favorito da Rainha * — Loucura americana — O homem sombra * — Férias na Montanha — O ajudante de campo * — Em ma companhia * — O tango em Broadway * — O Rei dos Campos Elísios — Atribulações dum chauffeur — Gólgota — As Pupilas do Senhor Reitor — Ouve o meu coração — Do fundo Azul * — Aniaschak, o Pretor do Inferno — Escola de Amor * * — A profissão de Ana Craven * — Rebate Falso — A Camilha do Cinema * — Sem família — Dedé & C.ª Limitada * * — O rei do circo — Musica e Juventude * * — Quinta do Mar * — Piel su seu amor * * Casa Internacional — Ascensão à Barbaria — A única mulher — O Fantasma de Crestwood — As de Espadas — O Rosário Quebrado — Amores de Schubert * — Viva Villa — Paganini — Cavalheiros de Indústria * — Não sou um anjo * * — Segunda lua de mel — História dum Colfendugo — Otto — Sabeis assobiar, Joana? * * — O Favorito da Rainha * — Uma vida para ti — O corcunda.

David Golder * * — O homem e o mar — O espectro do Amor * * — Marquês... à força — O novo constituido — Se eu fôsse o patrão * — O inimigo público n.º 1 — Escândalo * — Uma mulher para dois * * — Ali-Babá e os quarenta ladrões — O Pugilista de Chicago — O Clube da Meia Noite * — Amar e Cantar * * — Milionária por um dia — Mademoiselle Zaza — A Dama das Camélias * * — O Abade Constantino — Vozes para Hollywood * — A Idade Perigosa * — Sinfonia Húngara * — Tuxedo. Princesa da China * — O sr. dr e o seu marido * * — Senhoras de Paris * — O último milionário — Telha rústica — Uma noite no Grande Hotel * — A volta ao mundo em 80 minutos — A nota de mil * * Século XX — Manequins da Nova-Iorque * * O Principe João * * — O Príncipe da Meia Noite — F. 1 responde — Serenata de Amor — Carlito Chan em Londres, etc.

VISADO PELA CENSURA

Plantemos árvores de fruto

Os médicos descobriram há muito que umas substâncias chamadas vitaminas são indispensáveis para se ter boa saúde — e algumas até para se poder viver.

Muitas crianças não se desenvolvem bem, porque não tomam vitaminas em quantidade bastante; outras são raquíticas — e raquíticas ficarão tôda a vida, pelo mesmo motivo.

As vitaminas encontram-se principalmente nas hortaliças, no bacalhau, na carne, nos ovos, nas frutas, nas sementes e no leite.

Mas o pior é que quando se está a cozinhar, o calor destrói muitas.

Se pudéssemos comer só coisas cruas — era uma beleza, por causa das vitaminas. Ninguém se perderia, se não tivéssemos de recorrer à lareira.

Tôda a gente está a ver, portanto, que devemos comer muita fruta, muita alface, muito pepino, muitos tomates, etc., e tudo isto cru, para lhe aproveitar bem as vitaminas.

As crianças, principalmente, para se desenvolverem bem, para gozarem boa saúde — devem comer muita fruta, se a sua idade já o permitir.

Mas, para se comer fruta é preciso, antes de mais nada... que a haja!

Os agricultores devem, portanto, plantar com entusiasmo o maior número de árvores de fruto. E não se devem demorar, porque uma árvore, como sabem, leva muitos anos a crescer.

Quem planta uma árvore frutífera — é um benemérito que trabalha para a felicidade dos outros e para o vigor da Raça.

Os que transformaram dois bons pés, onde as frutas medravam viçosas, num grandioso pomar — não pode deixar de ser louvado como um verdadeiro patriota.

E não perde o seu tempo, porque as frutas, frescas, ideas ou em compota, constituem um excelente negócio.

Até faz doer o coração a carestia da fruta em Lisboa, e em quási todo o país, afinal.

Aos seminaristas em férias

Os seminaristas têm maior obrigação de trabalhar pelo Reino de Deus do que qualquer outro leigo.

Aspirantes ao sacerdócio, devem procurar suprir pelo seu zêlo, o tempo, que as exigências do estudo e da idade lhes fazem, iamos a dizer... perder **para o apostolado do Rei de Amor.**

Além disso, se desde já forem trabalhando na vinha do Senhor, vão adquirindo excelente prática.

Poderá tomar-se a sério a vocação sacerdotal dum rapaz que quere ser padre — e se desinteressa dos progressos da Acção Católica, da Boa Imprensa, das Conferências de S. Vicente de Paulo...?!

Mas há duas obras que lhes estão especialmente indicadas. A primeira é a organização que é a base sobrenatural e financeira da Acção Católica Portuguesa — o instrumento providencial da salvação da nossa querida Pátria.

Há em Portugal, e no seu vasto Império Colonial, uns 3.500 seminaristas.

Se êstes o forem todos de verdade, **e cada um organizar uma trezena de** Cruzados, **passará a haver mais** 45.500 Cruzados.

O aumento de receita será, no pior dos casos, de NOVE CONTOS por mês.

Mas os seminaristas devem também compreender que espalhar a imprensa católica e angariar-lhe novas receitas — é uma das maiores necessidades dos nossos dias.

Um grande bispo não hesitou em escrever: Se fôsse preciso fechar uma igreja para fundar um jornal católico, eu não hesitaria, e a Religião nada perderia com isso!

Os nossos seminaristas têm, pois, um excelente campo de acção para as férias presentes: angariar novos assinantes para o diário católico de Lisboa Novidades **e para as publicações também católicas a** Renascença e Papagaio.

Novidades (**Calçada do Sacramento, Lisboa**) **é o grande órgão católico português.**

Interessa a tôdas as pessoas e a tôdas as classes pela diversidade das suas secções. Custa 18$00 cada dois meses.

Renascença **é uma interessante ilustração, que sai duas vezes por mês. Custa 9$00 por trimestre.**

Papagaio **é um semanário que está fazendo as delícias da pequenada. Tem muitas côres, histórias, anedotas, adivinhas, etc., com o** Pai Paulino, **o** Sabichão em calças pardas, **etc. Cada número custa só 1$00!**

A administração de Renascença **e** Papagaio **é na R. Capêlo, 5, 2.º, em Lisboa.**

Se pedirem a qualquer das empresas um exemplar para propaganda, recebê-lo-ão sem demora.

Quem angariar 10 assinantes certos **para** Papagaio **ou** Renascença, **terá direito a uma assinatura de graça, da respectiva publicação.**

Pode-se proceder de dois modos:

1.º — Procurar as pessoas, persuadi-las com habilidade do seu interêsse (e do seu dever) em assinar o jornal ou a revista.

Tendo-lhe apanhado o sim, escrever à administração, dando os nomes e as moradas.

2.º — Escrever para a administração, enviando listas de pessoas, e suas moradas, que têm alguma probabilidade de ficar assinantes, se de cá lhes mandarem a publicação.

Escusado será dizer que o nome da pessoa que enviou a lista ficará no mais absoluto segrêdo.

E, agora, em nome de Deus, mãos à obra!

Para glória da Igreja, para salvação de Portugal, não desanimemos!

Costuma dizer um ardoroso paladino da Boa-Imprensa na nossa terra que «quem não trabalha para a imprensa católica, não vai para o Céu!»

Uma santa verdadeiramente "católica"

Nem todos sabem que a palavra católico quere dizer universal, isto é, que diz respeito a todo o mundo.

Ora, como prova de que assim é, acabamos de saber que a admirável História de uma Alma escrita por esta menina tão simples e tão extraordinária, que foi Santa Teresinha do Menino Jesus — está traduzida em nada menos de 31 línguas!

Nêste livro, que se lê com o maior encanto, Santa Teresinha conta-nos a sua vida, para obedecer a uma ordem que, no convento, lhe dera a madre superiora.

Estão publicados 781.909 exemplares.

Em português, há duas edições. Bendita seja a Igreja Católica: é comparável a um jardim onde desabrocham as mais belas flores da terra!

E depois, no Céu, elas ficam sendo, junto de Deus, os nossos modelos e as nossas protectoras.

POSTAIS premiados

Foram premiados, segundo as loterias desde 20 de julho a 10 de agosto, mais os seguintes postais ilustrados da Editora «Luz»:

10.095 — 10.094 e 10.096; — 2369 — 2368 e 2370; — 3137 — 3136 e 3138; — 8576 — 8575 e 8577.

Leiam a notícia publicada na Voz da Fátima de agosto e dirijam-se os pedidos, nas condições indicadas, para a Editora «Luz» — Rua de S. Justo, 142 — Lisboa.

O vestido encarnado

1 de dezembro.

A senhora D. Maria Luisa quere um vestido e está no seu direito.

Mas, de que côr há-de ser?

É um problema difícil, isto de escolher côres.

Ora vejam. Pode-se ir buscar uma que não diga bem com o tom da pele; que já não esteja na moda ou... quási; que vá destoar dos chapéus, ou que já tenha sido escolhida por aquela antipática da D. Amélia, que só tem gôsto para isso e para mais... nada.

Que série de desastres é preciso evitar!

Mas julgam que é tudo?

Estão muito enganados!

Temos ainda o feitio, o enfeite, o fôrro, etc., etc.

A respeito de preço... isso é com o marido.

* * *

Queria então um vestido a D. Maria Luisa.

3 de dezembro. Salda à Baixa para ver bem o que se usa.

5 de dezembro. O Ramiro Leão.

7 de dezembro. A Casa Africana.

9 de dezembro. Primeira visita à modista do Ribeiro da Costa.

11 de dezembro. Outra visita à antiga modista da rua da Prata, que não concorda com as ideas da modista do Ribeiro da Costa.

13 de dezembro. Indecisões.

Faz-se o vestido em tafetá verde-mar ou encarnado?

15 de dezembro. Depois duma noite de insónia toma-se uma resolução. O vestido será encarnado, feitio princesa, enfeitado com tule. E pronto.

A D. Maria Luisa já não pode mais.

16 de dezembro. O marido zanga-se, acha muito caro. A D. Maria Luisa teima que só quere aquela qualidade de seda, para o vestido, mas... vá lá, pode comprar um fôrro mais barato. Aquêle marido!... se fôsse para comprar um automóvel não regateava. Mas como são coisas para ela, é o que se vê.

17 de dezembro. Faz-se a encomenda com certo ar autoritário; a D. Maria Luisa está nervosíssima. É preciso que o vestido esteja pronto no dia 23.

É preciso... Senão... vai-se a outro lado... Percebem?

* * *

18 de dezembro. A modista que tinha recebido onze encomendas nas mesmas condições, chamou as costureiritas do *atelier*, pobres raparigas magras e pálidas, com mãos de fada e aspecto de tuberculosas.

— Meninas, costumam fazer serão até às 8 horas. Hoje têm de serour até às 10.

— Mas eu moro para o Alto do Pina...

— E eu em Santos!...

— E eu no Campo Grande!...

— Pobres pequenas! Mas o que se há-de fazer?

Assim tem de ser, a isso me obrigam.

* * *

20 de dezembro. Os vestidos vão andando mas devagarinho...

Depois, com a pressa de acabar, cortaram-se demais as cavas das mangas e lá teve de se fazer novo corpo.

— Meninas, têm de trabalhar até às 11 horas.

— Mas a que horas vou eu chegar a casa?

— Que querem? Se vocês não estão contentes, não imaginem que a mim me diverte estar a gastar tanta electricidade.

A D. Maria Luisa veio provar o vestido. Que horror! Está um verdadeiro saco sem feitio! Descosa aqui! Aperte ali! Não acachape tanto o tule! Faça as coisas com mais leveza, com mais elegância, mais *chic!*

Parece que já não trabalham tão bem!

E veja lá, preciso do vestido depois de amanhã sem falta!

— Minhas pobres raparigas, hoje o serão é até às 2 horas. Tenho muita pena mas põem-me entre a espada e a parede!

— Até às 2? Temos de voltar a pé para casa!

— ...

— Não bastaram os serões... Nem o domingo todo.

No *atelier* trabalha-se febrilmente.

Não se pode perder aquela freguesa! E ela tem um génio-zinho!... levava atraz de si umas poucas!

Nova noite de serão.

Mas lá para as 3 horas as pobres costureiras já esgotadas adormeceram com a cabeça em cima do tafetá encarnado, que lhes estraga a vista.

Deixam-nas então dormir ali mesmo, nas suas cadeiras, durante uma hora. Então, sacodem-nas, acordam-nas, dão-lhes café bem forte para as animar.

— Vá, pequena! Não pregues êsse tule assim. Leveza, elegância é que se quere.

* * *

E como a D. Maria Luisa, numa reunião elegante, entre várias senhoras suas conhecidas se gabasse de lhe terem feito o vestido em tão pouco tempo:

— Vêem êste vestido? dizia ela muito satisfeita tocando na seda encarnada. Reparem bem. Tem imenso trabalho e está muito bem feito. Pois não levaram mais de cinco dias a fazê-lo: de sexta-feira até quarta. Mas o que eu batalhei com a modista!

— Então não me admiro que seja tão encarnado, o seu vestido!

— Como? Não percebo.

— Mas é muito fácil perceber. Se torcesse êste vestido vermelho êle devia destingir-se sangue, e sangue das pobres costureiras!...

— E quem é a senhora, para me falar assim? grita a outra, levantando-se, furiosa.

— ...Quem sou?... respondeu a dona de casa, vagarosamente: Sou mulher, sou mãe... e sou cristã!...

PIERRE L'ERMITE

Bem-aventurameças...

Foi no tempo da Guerra.

A Joana Silva tinha lá três filhos — que o mesmo é dizer, a sua corte e a sua fazenda — que os rapazes tinham tornado um mimo.

Lá ficaram os três. Eram todos muito amigos da mãe, que sabia como poucas criar bons filhos e pela casa.

Antes de êles morrerem, ela fartou-se de chorar, de sofrer, morrendo nos dias em que o correio passava sem trazer notícias, e esperava ao passar pela porta: «Amanhã será!»

Depois, chorou do desespêro desde que um dia o regedor lhe entrou em casa comovido, e começou por exclamar: «Pobre mulher!...»

Quási morreu do desgôsto.

Um santo sacerdote fê-la compreender um dia que lá no Céu os mártires andam vestidos de branco, e que as lágrimas das mães caem como pérolas sôbre as suas coroas gloriosas.

Ensinou-lhe a recitar todos os dias o *Stabat Mater* diante duma imagem muito antiga de N. Senhora das Dores.

Em seguida explicou-lhe que no sacrifício da Missa, como no da cruz, como em todos os sacrifícios e em todas as cruzes, deita-se um pouco de água no cálice, antes de oferecer o sangue...

Quando aquêle homem de Deus se foi embora, a mulher, envolta no seu luto pesado, estava um pouco menos pálida.

E murmurou lentamente: — *Bem-aventurados os que choram, porque êles serão consolados!*

J. B.

A FRANÇA A DAR-NOS LIÇÕES

Em França, frequentam os seminários teológicos 10.000 alunos.

Segundo esta proporção, em Portugal devia haver 1.750 seminaristas-teólogos.

Ora devemos estar muito aquem desta cifra, pois que o total dos seminaristas portugueses é de 2.760, que na sua grande maioria frequentam ainda os preparatórios.

Se os católicos pedirem as «Novidades» aos vendedores, muitos que as não trazem têlas-ão sempre a-fim-de satisfazerem os pe...

Uma frase do Príncipe Otão

Fala-se agora muito na subida do príncipe Otão ao trono da Austria.

Há treze anos estava êle na Ilha da Madeira com seu pai, o imperador Carlos.

«Fiel a Deus e ao seu povo», Carlos da Austria tinha procurado defender os seus súbditos, e, especialmente, as crianças e as escolas, da acção maléfica das lojas maçónicas.

Como os leitores se devem recordar, o imperador Carlos adoeceu na Madeira, e aí morreu piedosamente, como um bom cristão, e um mártir pela sua pátria.

Uma manhã de 1922, um padre novo e um pequeno dos seus meninos encaminhavam-se para o santuário de Nossa Senhora do Monte, perto do Funchal, e, pelo caminho iam rezando o têrço em voz alta.

O pequeno — via-se que estava dominado por uma grande dor. Era o príncipe Otão, e o sacerdote era o seu preceptor.

Não se esqueceu do que seu pai costumava dizer: «A gente não se deve queixar. Quando acontece o contrário do bom Deus e o aceita, tudo é pelo melhor!

Mas isso não impede que esteja muito apoquentado, como é natural.

A boa gente da região saúda à passagem o eclesiástico e o seu discípulo, duma família que tôda a gente se acostumara já a venerar.

Feita a oração, descem de novo à cidade — o sempre recitando o têrço.

Várias pessoas se lhes dirigem, a pedir notícias do enfêrmo.

O padre diz que será melhor parar com a reza. Então o principezinho Otão responde: — *Que nos interessam os pobres, estando pois a rezar!*

Admirável exemplo de fé no poder da oração, e de filial confiança em Nossa Senhora — o desta criança, que, amanhã porventura, será imperador da Austria!

Ano XIII — Fátima, 13 de Outubro de 1935 — N.º 157

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Maria, 128-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário de Fátima»

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Setembro)

A peregrinação diocesana da Guarda

Dois factos, ambos importantes, mas de índole completamente diferente, tornaram assaz assinalado o dia 13 de Setembro dêste ano: a grande peregrinação oficial da diocese da Guarda e a piedosa trasladação dos restos mortais de Jacinta de Jesus Marto, uma das três testemunhas das aparições, para o cemitério paroquial de Fátima.

Os peregrinos da nobre diocese egitaniense, que eram em número superior a cinco mil, seguiram para a Lourdes portuguesa, parte dêles, no dia 12 de madrugada, em três combóios especiais, pela linha de Oeste, até Leiria, e a outra parte, na tarde do dia 11, em centenas de automóveis e camionnettes.

O organizador desta grandiosa e imponente manifestação de piedade em honra da augusta Rainha de Fátima, delegado para êsse efeito por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Alves Matoso, ilustre e venerando Bispo da Guarda, foi Mons. Cónego António Pereira de Almeida, Vigário Geral Substituto e Secretário particular do mesmo Ex.mo Prelado, que não se poupou a trabalhos e fadigas para que ela fôsse coroada do mais lisonjeiro êxito, como realmente foi.

O primeiro combóio, formado em Celorico da Beira com mais de oitocentos peregrinos daquela região, era presidido por êste distinto sacerdote.

O segundo combóio, também com cêrca de oitocentos peregrinos, partiu directamente da Guarda sob a presidência do virtuoso Prelado, que era acompanhado pelos revs. Cónego dr. João Gomes de Carvalho, Juiz prosinodal, e P. Alfeu dos Santos Pires e P. Adelino Alves Genro, respectivamente vice-reitor e professor do Seminário Maior.

No terceiro combóio, que transportava ainda maior número de peregrinos, veio a presidir Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. João de Oliveira Matos, venerando Bispo Auxiliar.

Os dois primeiros combóios da peregrinação diocesana da Guarda chegaram a Leiria às primeiras horas da tarde, tendo sido os peregrinos imediatamente conduzidos em camionnettes para a Cova da Iria. O último chegou muito mais tarde, já de noite, e com grande atraso.

Durante a noite

Antes de se iniciar a recitação do têrço do Rosário que costuma preceder a procissão das velas, todos os peregrinos, excepto os do último combóio, que só chegaram ao local das aparições cêrca das duas horas da madrugada, se reuniram na grande escadaria da Basílica, onde Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Alves Matoso lhes deu a bênção.

A procissão das velas, que decorreu na melhor ordem, constituiu um espectáculo extraordinàriamente deslumbrante e encantador. Para isso concorreu também o tempo, porque o vento, que até então soprara com certa violência, amainou entretanto e a lua iluminava com o seu pálido e suave clarão o vasto recinto sagrado.

Tinha-se incumbido de fazer a prègação do têrço do Rosário, durante a cerimónia da adoração nacional, o ilustre Senhor Bispo Auxiliar da Guarda, mas, devido ao atraso do combóio em que vinha, não pode cumprir êsse encargo, em que foi substituído pelo ilustre e venerando Prelado de Leiria.

Celebrou a missa da comunhão geral, às seis horas, o rev. P.e Manuel Antunes, sobrinho de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. António Antunes, Bispo titular de Ritima e Coadjutor de Coimbra.

Cêrca de vinte sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola, distribuíram pelos fiéis, durante longo tempo, o Pão dos Anjos.

Comungaram umas dez mil pessoas.

Pouco depois das nove horas, celebrou missa de Pontifical, no altar exterior da Basílica, o nobre Prelado da Guarda.

A missa dos doentes foi celebrada pelo seu dedicado e incansável Coadjutor.

Deu a bênção aos doentes com o Santíssimo Sacramento Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

Celebraram-se ao todo, nos vinte e dois altares do Santuário, aproximadamente trezentas missas.

Ao evangelho da missa dos doentes, prègou em língua portuguesa um sacerdote inglês que tinha feito os seus estudos no Colégio dos Ingleses, em Lisboa, e é actualmente pároco de Leicester.

A alocução então proferida vai publicada noutro local.

A assistência

Assistiram aos actos religiosos vários grupos de estranjeiros, entre os quais havia franceses, alemães, ingleses, espanhóis e holandeses.

Tomaram parte nas procissões do costume cêrca de cem bandeiras, quási tôdas pertencentes à peregrinação da diocese da Guarda.

Entre elas estava também a das criadas de servir, sócias da O. P. F. C. daquela cidade, que tiveram na Fátima a sua primeira reünião colectiva.

Ao grupo das criadas de servir da Guarda em número de quarenta e seis, vieram juntar-se muitas outras da Figueira, de Leiria, Évora e doutras terras, que perfaziam com aquelas um total de cento e cinqüenta raparigas.

Viam-se entre os peregrinos várias religiosas de diversos Institutos revestidas de seus hábitos.

Uma cura?

Depois da bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes, um paralítico levantou-se da maca em que jazia, e no meio dum grupo de servitas que o acompanhavam, subiu com desembaraço os degraus da escadaria da Basílica, dirigindo-se para junto da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, a-fim-de lhe agradecer a sua cura.

Um protestante do Pôrto, que tinha ido à Fátima em serviço, converteu-se, abraçando a fé católica.

O Apóstolo de Fátima

Assistiu a esta piedosa cerimónia, assim como a todos os actos religiosos comemorativos do dia treze, o rev. dr. Luis Fischer professor de História Eclesiástica na Universidade de Bamberg (Baviera-Alemanha).

O piedoso sacerdote e sábio professor, que com a sua pena de ouro tem enriquecido a já vasta bibliografia de Fátima de numerosas obras de profunda erudição e alto relêvo literário, é, como se sabe, o autor duma interessante biografia, em língua alemã, de Jacinta Marto, cuja tradução portuguesa brevemente será dada à estampa.

Ao grande amigo de Fátima desejamos a continuação das suas melhoras e uma feliz viagem de regresso ao seu país, pedindo-lhe ao mesmo tempo que, de futuro, todos os anos nos proporcione o prazer de o vermos durante alguns dias entre nós, na terra sagrada da Fátima — a terra dos seus e nossos encantos.

Visconde de Montelo

O túmulo dos pequenos videntes Francisco e Jacinta no cemitério paroquial de Fátima

Jacinta, a "Florinha de Fátima,,

Oferecia um aspecto deveras singular o cortejo que, pouco depois do meio dia de 12 de Setembro, atravessava, para as bandas de oeste, as ruas de Vila Nova de Ourem, em direcção às montanhas de Fátima.

Os aldeões que se dirigiam para o mercado semanal da vila, paravam, admirados, os seus veículos e olhavam cheios de curiosidade os quatro automóveis que, sem a habitual velocidade, mas lenta e solenemente, passavam a seu lado.

Que significaria aquilo?

No parte posterior do primeiro carro ia atravessado o que fôsse, coberto com ricas e preciosas colchas de seda.

O dito carro era guiado por um cavalheiro de aparência distinta e, a seu lado, ia sentado um menino dos seus cinco anos, que segurava nas mãos um grande e lindo ramo de flores.

No segundo carro iam dois sacerdotes de sobrepeliz e estola branca, no terceiro algumas senhoras, e, no quarto, dois modestos camponeses.

O cavalheiro de aparência distinta que guiava o primeiro carro, era o Barão de Alvaiázere. A criança sentada ao lado era seu filhinho Luis Miguel. O que o Barão conduzia debaixo de ricas colchas era o tesouro de sua família, o invólucro mortal de Jacinta Marto, a mais nova dos três pastorinhos aos quais N.ª Senhora se dignou aparecer, em Fátima, no ano de 1917.

O caixão que encerrava os restos mortais da Jacinta fôra préviamente enfeitado e adornado, com extremos de carinho, pelo Barão e sua família que seguia no terceiro carro.

No segundo carro, seguiam, o cadáver dois sacerdotes. Ao lado do seu distinto e fiel intérprete, dr. João Venâncio, sentava-se cabisbaixo e pensativo o «P.e Fischer» bem conhecido de todos os amigos do Santuário, o biógrafo da «Florinha de Fátima», encarregado por S. Ex.ª Rev.ma o sr. Bispo de Leiria, de presidir à trasladação do cadáver.

Como são admiráveis os designios da Providência que o chamou da sua Pátria distante a êste país para, com meticulosidade germânica, examinar os vestígios mal apagados da «Santa Criança»!

O que se está passando é já o cumprimento da predição que Jacinta fêz poucas semanas antes da sua morte.

«Ex voluerat para Fátima, mas sòmente depois da minha morte». A predição da criança, feita há 15 anos, realizou-se plenamente, pois o seu corpo acaba de ser sepultado no tranquilo cemitério de Fátima.

Que significará o facto extraordinário de se encontrarem, a-quando da abertura do caixão, perfeitamente incorruptos a cabeça, o tronco, os olhos, a boca e as orelhas da criança? Porque será que os seus traços fisionómicos estão ainda claramente reconhecíveis, a-pesar-da criança ter morrido com uma pleurezia purulenta e de o cadáver ter sido coberto com cal abundante?

Não será isto o princípio da glorificação da criança que passou a sua curta existência na pobreza e no esquecimento? Que significa a coluna que, por tôda a parte, se tem levantado acêrca desta humilde pastorinha? Não será isto a confirmação das suas virtudes e graças?

No último dos quatro automóveis iam os pais da Jacinta. A senhora Olímpia Marto levava os olhos inundados de lágrimas e o coração a sangrar pela renovação da sua dor. Esta criança era a sua filha predilecta não só por causa da grande graça com que foi distinguida por N.ª Senhora, mas também por causa dos sofrimentos que a sua missão celeste atraiu sôbre toda a sua família.

A seu lado sentava-se o marido, Manuel Pedro Mário, o inteligente aldeão que, com olhos penetrantes, julgou os acontecimentos de 1917, e que viu nas aparições de Fátima o dedo de Deus numa época em que tôda a gente os encarava ainda com scepticismo.

Não será já isto uma parcela da recompensa divina pelos momentos de amargura que sofreram êstes pobres pais, ao permanecer, qual rocha altaneira, firmes e inabaláveis na sua fé e na sua crença, no meio da resaca das opiniões?

O cortejo ia subindo lentamente pela estrada alcantilada da Serra d'Aire. Eram cêrca de treze horas e meia quando os automóveis entraram na Cova da Iria. No Santuário de N.ª Senhora do Rosário de Fátima, estavam prestes a terminar os exercícios espirituais do clero da Arquidiocese de Évora e Diocese de Beja. Era, além disso, véspera do dia 13 de Setembro. Por êsse facto fôi o cadáver da criança transportado, no meio de grande concurso de clero e povo, para a capela das confissões, onde S. Ex.ª Rev.ma o sr. Arcebispo de Évora reza missa de corpo presente.

Era comovente e arrebatador o cântico dos psalmos. «Quis ascendet in montem Domini aut quis stabit in loco sancto ejus? Innocens manibus et mundo corde. — Quem subirá ao monte do Senhor ou quem estará no seu santo lugar? O inocente de mãos e o limpo de coração».

Passado algum tempo, procedeu-se à condução do cadáver para o cemitério paroquial de Fátima. Entretanto, foram chegando numerosos peregrinos que tiveram a felicidade de assistir a êste singular espectáculo. Logo que souberam que se tratava do corpo da Jacinta, comprimiam-se, respeitosamente, à volta do caixão, beijavam-no e tocavam-no com os seus terços.

No frontispício dêste modesto cemitério de aldeia estão escritas as seguintes palavras:

Nós ossos que aqui estamos,
Pelos vossos esperamos.

Quem teria jamais pensado que o seu pórtão seria um dia transposto por um Arcebispo, alguns Monsenhores e numerosos sacerdotes para sepultar os restos mortais de dois pequenos e pobres pastorinhos? Para êstes eleitos de Maria, mandou S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria construir um singelo monumento. Que flagrante contraste entre as outras sepulturas rasas e o sepulcro dos dois pastorinhos! «Exaltavit humiles — exaltou os humildes».

Logo que o caixão da Jacinta e a urna que continha as cinzas de seu irmão foram colocados e fechados nos respectivos gavetões, pegou o Barão de Alvaiázere no lindo ramo que trouxera e distribuiu-o pelas circunstantes. Todos, desde o Senhor Arcebispo até ao último camponês, receberam uma flor como recordação da «Florinha de Fátima».

Isto não foi um entêrro vulgar, uma triste separação em presença da morte. Radiantes de alegria, saíram todos dali na convicção de terem assistido a um acontecimento extraordinário, a um espectáculo que há-de constituir um marco miliário na história da «Santa Criança», quando, um dia, as suas virtudes e sofrimentos, a sua missão celestial e as altíssimas graças de que foi cumulada se tornarem conhecidas e fizerem o circuito do mundo inteiro.

Coisas que eu penso

Vamos hoje, como prometemos, examinar os selos da nossa religião, a ver se descobrimos nela alguma nota que se não encontre nas outras.

Em primeiro lugar, notamos isto: que a religião católica é a única, entre tantas, que se encontra em tôdas as partes do mundo — e sempre a mesma.

Vimos que há centenas de seitas protestantes, que não estão de acôrdo umas com as outras, nas nações chamadas protestantes, porque a maioria dos seus habitantes professam o protestantismo, divididos por essa centenza de seitas. Mas essas seitas, quem poderá dizer que se encontram por tôda a terra, como o catolicismo? Algumas nem conseguem desenvolver-se nas próprias nações onde nasceram, e têm escasso número de aderentes.

Os católicos são cêrca de trezentos milhões, não há região do mundo onde os não haja e invadem as próprias nações protestantes. Assim, para citar um exemplo só, na Alemanha, onde nasceu o protestantismo, de 60 milhões de habitantes, mais de 20 milhões são católicos.

Há religiões, como o budismo, que têm centenas de milhões de aderentes; mas onde se encontram? Em determinadas terras do mundo, como na Índia, no Japão. Mas quem encontra essa religião em tôdas as outras terras, como encontra o catolicismo?

Mas há mais e muito mais curioso.

O catolicismo, entre tôdas as religiões, é a única que conquista aderentes em grande quantidade a tôdas as outras!

É notem muito bem isto: quando digo que o catolicismo conquista aderentes a tôdas as outras religiões, não me refiro propriamente aos missionários. Com efeito, podiam dizer-me: — Que admiração! Os missionários vão para o meio dos budistas, ou dos pretos e selvagens, prestam-lhes serviços e ensinam-lhes a doutrina, não admira que convertam alguns e mesmo muitos.

Não. Não é isso o que mais importa considerar.

Estejam atentos: publicou-se êste ano na Alemanha um livro muito interessante. Chama-se êle: *Homens que deram para a Igreja*. E quem são êsses homens?

O autor do livro recolheu as declarações de 42 convertidos, todos gente culta e todos da actualidade, homens e mulheres de nossos dias, que contam porque foi que deixaram as suas religiões e se fizeram católicos.

Pois bem: êsses homens e essas mulheres pertenciam às mais diferentes religiões, uns eram protestantes, outros budistas, outros judeus, outros mações, outros não eram nada, viviam sem fé nenhuma bem determinada — e todos foram acabar, quási todos depois de longas lutas consigo mesmos e com as famílias, no seio da nossa Igreja Católica! E não eram pretos ou selvagens caçados nos sertões com presentes ou serviços dos missionários.

Eram pessoas cultas: êste era médico e professor de universidade, aquêle era um poeta de fama, aqueloutro um aspirante de marinha, que é hoje contra-almirante da marinha japonesa, e ainda outro era sectário ilustre duma religião da Índia, depois perdeu a fé nessa religião e andou percorrendo insatisfeito muitos erros que se ensinaram na Europa — e lá foi cair nos braços amoráveis da Igreja católica, e fêz-se padre, e jesuíta, e hoje é professor numa Universidade católica de Roma!

As vezes há conversões que dão brado. Não há muitos anos, em Inglaterra, surgiu uma comunidade de «frades» protestantes... pois acabaram por se passar com armas e bagagens para o catolicismo, até com o jornal que tinham!

Estas coisas sabe-as tôda a gente que lê; mas a êste respeito, é claro, êsses protestantes que aparecem cá pela nossa terra a pescar ingénuos, não dizem nem uma palavra.

Ora agora pergunto eu: haverá qualquer outra religião, que possa apresentar um livro como aquêle a que me refiro?

Há alguma religião que vá pelo mundo todo conquistando assim a tôdas as outras, elementos dejas e dos melhores?

Não há. E notem que isto que se passa agora é o mesmo que sempre foi! A Igreja católica, em todos os tempos, em todos os povos e através de tôdas as perseguições e lutas, nunca deixou de ser isto mesmo: o grande foco de luz que buscaram os melhores espíritos de tôdas as outras

(Continua na 2.ª pág.)

VOZ DA FATIMA

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em agosto tirou 309.278 e em setembro 314.633 exemplares assim distribuidos:

	Agosto	Setemb.
Algarve ...	4.128	4.193
Angra... ...	16.810	17.160
Beja... ...	3.986	3.986
Braga... ...	68.359	68.741
Bragança...	9.149	9.093
Coimbra ...	15.184	15.487
Évora... ...	4.000	4.000
Funchal ...	18.826	18.893
Guarda... ...	30.990	31.027
Lamego. ...	6.467	6.804
Leiria... ...	10.931	11.770
Lisboa... ...	7.871	8.047
Portalegre..	7.687	7.748
Pôrto... ...	42.466	43.268
Vila Real...	32.604	32.942
Viseu... ...	9.615	9.864
	289.073	293.023
Estranjeiro.	3.598	3.598
Diversos ...	16.607	18.012
Total ...	309.278	314.633

Aos Ex.mos Assinantes

A «Voz da Fátima» tem tantas centenas de assinantes que nunca pagaram as suas assinaturas que, com regularidade, recebem já há anos!!!

É certo que a «Voz da Fátima» não faz cobrança pelo correio, mas conta com a generosidade dos seus amáveis assinantes.

Consagração da Diocese da Guarda a N.ª S.ª do Rosário de Fátima

Eis ao Vossos pés, ó gloriosa Senhora e carinhosa Mãe, a diocese da Guarda, que humilde e confiadamente a Vós se consagra neste lugar bendito, onde vos dignastes aparecer.

Virgem Santa, Senhora do Rosário de Fátima, volvei um meigo olhar de amor a estes vossos filhos, que vieram de tão longe, desde a cidade mais alta de Portugal, dessa Beira, onde se erguem altaneiros os Montes Herminios, e onde labuta e sofre uma população laboriosa e crente, e a todos, aos que vieram e aos que ficaram, mas nos acompanham em espírito, fazei sentir o benéfico influxo da Vossa maternal protecção.

Aqui tendes, Senhora, a diocese inteira, — os seus Prelados e os Sacerdotes, muitas das suas corporações, os seus patrões e os seus operários, as diversas classes da sociedade, pais e filhos, jovens e anciãos, até mesmo as criancinhas, que em côro unissono Vos aclamam e Vos querem por sua Rainha.

Prostrados, pois, a Vossos pés neste santuário, que Vós escolhestes e abençoastes, a Vós nos consagramos todos, — Pastores e fiéis da diocese da Guarda, que dora-avante será mais Vossa ainda; a Vós nos entregamos com tudo o que nos pertence, e pedimo-Vos que nos tomeis para todo o sempre debaixo da Vossa especial protecção. Vêde-nos a todos, Senhora, mesmo aos ausentes que a nós se unem em espírito, fazendo acto de vassalagem, e erguendo para Vós os olhos, — quantos marejados de lágrimas! — numa súplica humilde e confiante, num arranco sincero de filial amor.

Queremos englobar ainda nesta consagração aquêles que não têm a dita de Vos amar, e que talvez em desvairo insano se revoltam contra Vós: são nossos irmãos, são Vossos filhos, ó Mãe bondosa: em seu nome Vos invocamos, e para êles pedimos também um olhar de misericórdia e ternura.

Eis-nos, pois, todos sem excepção, unidos num só coração e numa só alma, a vibrar de amor, proclamando à face do céu e da terra que Vossos somos, e Vossos queremos ser.

Aceitai, Senhora, a nossa filial consagração, e sêde para nós e para os vindouros a Mãe e a Rainha que o Senhor nos deu, e que os nossos corações elegeram e aclamam para sempre.

Assim seja.

De como a fé católica penetrou no Anam pela acção dos Portugueses

A propósito do Vere anamita KÊ Tich Buc BA Rat THANH Van est Hienra TAI LANG Fátima TRung sôbre as Aparições de Fátima, de que demos notícia no nosso número de 13 de Julho transcrevemos hoje com a devida vénia uma interessantíssima passagem da conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa por Sua Ex.ª Rev.ma o sr. D. José da Costa Nunes, Venerando Bispo de Macau, sôbre o Padroado Português no Oriente.

* * *

Em 1516 foi enviado a Cantão Fernão Peres de Andrade para celebrar um tratado de comércio com o império chinês. A nau comandada por Duarte Coelho, companheiro de Peres de Andrade, acossada por uma tempestade, foi parar a Sião, onde hibernou. Duarte Coelho relacionou-se com gente da terra, servindo esta circunstância para, dois anos depois, ser enviado como embaixador ao rei de Sião, a fim de celebrar um tratado de amizade. Em memória dêste facto, Duarte Coelho levantou na capital de Sião uma cruz, onde estavam esculpidas as armas de Portugal. Em 1533, Duarte Coelho é encarregado de idêntica missão, mas desta vez ao Tonkim ou Anam. O país estava em guerra civil. Dois partidos — *Mac e Lê* — chefiados por príncipes com pretensões ao trono, digladiavam-se ferozmente, numa guerra de extermínio, o que impediu Duarte Coelho de levar a efeito a sua embaixada. Todavia, lá deixou no Tonkim, erguida, uma Cruz — primeiro sinal de cristianismo aparecido em sólo anamita. Trinta e três anos depois, o nosso incorrigível *faiseur errante*, Fernão Mendes Pinto, ia descobrir êsse monumento religioso, numa das suas peregrinações pelo Tonkim.

Os dois partidos Mac e Lê, conhecedores da valentia dos portugueses e da riqueza do seu comércio, procuravam atrair-nos aos portos tonquinenses, datando dessa época as nossas relações com êsse povo irrequieto.

Como a propaganda evangélica andava intimamente ligada à propaganda dos interêsses portugueses, os anamitas julgaram ver na religião dos homens do Ocidente a origem da sua civilização e do seu poder.

Daí, as frequentes embaixadas a D. Belchior Carneiro, primeiro bispo de Macau, pedindo missionários. O bispo, por falta de pessoal, não podia atender os instantes pedidos feitos pelo rei, até que um dia êste, já cansado de esperar, queixou-se aos portugueses, que por lá andavam, nestes termos: «O vosso bispo de Macau é um homem sem palavra. Já lhe mandei quatro cartas pedindo missionários para pregarem aqui o Evangelho. Êle prometeu-mos, mas até à data ainda não cumpriu a sua promessa. Se ao sexto pedido pode o bispo de Macau enviar dois missionários: o dr. Afonso da Costa e João Gonçalves de Sá.

Governava então o reino a princesa Champa, durante a menoridade política de seu irmão Lê-Tê-Tong. A chegada dos missionários à côrte anamita foi celebrada com grandes festejos. Pouco depois, rebentava nova guerra civil. O Padre dr. Afonso da Costa aconselhou o exército real a levar a cruz desenhada em tôdas as bandeiras.

Trava-se a batalha, invocando êsse símbolo religioso. Sai-se vitorioso, e, após o triunfo, realiza-se na capital de Tonkim uma solene procissão em honra da Cruz. Estes factos deram grande prestígio aos dois missionários, prestígio que êles procuraram aproveitar em favor da religião. Sucedeu, porém, que Lê-Tê-Tong, tendo chegado à maioridade, começou a perseguir os missionários, estimulado pelo prefeito do palácio, que via com maus olhos a influência que êles tinham na côrte.

Banidos, ultrajados, impedidos mesmo da celebração da missa e reduzidos à extrema miséria, viram todos os seus sacros completamente inutilizados.

É então que chega ao Tonkim o célebre padre Cevalos, que vem representar um papel importante na história da evangelização anamita.

A princesa Champa ouvira falar dele com grande admiração pela sua inteligência e pelo seu porte altivo e digno, perante as exigências dos mandarins e do próprio rei, a quem recusara fazer as três prostrações, segundo o rito anamita. Desejosa de o conhecer, convidou-o para uma audiência no seu palácio, e o resultado foi que se apaixonou por êle.

— És de sangue real? — perguntou-lhe.

— Não.

— De família de governadores de província?

— Não.

— De família de magistrados municipais?

— Sim. (De facto, assim era).

— És casado?

— Não. Os padres não se podem casar. Não sou casado, nem penso sê-lo.

— É má a tua lei.

E levantou-se.

Seguiram-se novas entrevistas, em que o missionário lhe falava de religião, e ela, ouvindo e discutindo, deixava transparecer os sentimentos que, dia a dia, a dominavam cada vez mais. Revelava-se, porém, nessas audiências, um espírito penetrante e uma alma delicadamente impressionável e dotada de nobres qualidades.

A religião começa a trabalhá-la, e o virtuoso missionário, prevendo os grandes benefícios que resultariam, da conversão da princesa, para a propagação do Evangelho no Tonkim, foi ilhando e purificando, nos elevados princípios da moral cristã, o sentimento que emocionava o coração da princesa.

Mas o romance continuava. Um dia ela revelou-se claramente, oferecendo a sua mão. O missionário, evidentemente, declinou as honras de ser príncipe anamita. Ficou muito contrariada. Chorou, mas não desistiu. Sabendo que o chefe da Igreja residia em Roma, preparou uma embaixada, que não chegou a realizar-se, a fim de ir solicitar do Papa licença para o Padre Cevalos casar com ela. No meio, porém, dos seus devaneios e idealismos, a princesa sentia uma atracção especial pela Religião Católica, que dava fôrças a um homem para manter tão grande integridade moral.

«Sonhei — diz ela ao Padre Cevalos — que tu derramavas água sôbre mim e me dizias: «Maria, Deus seja contigo; que êste grande nome te assista e te torne boa». «Eu chorava abundantemente. Sonhei tantas coisas, que, para não as esquecer e para verificar as que se realizariam, mandei escrevê-las imediatamente pelo meu pagem.

«Apesar das propostas brilhantes que te fiz, tu recusaste a minha mão, para não desobedeceres à tua lei, renunciando assim ao cetro dum reino e à possibilidade de converter à tua fé a população anamita. A tua religião é a única que inspira tão nobres desinteresses. Assim, eu disse a mim mesma: se eu devo ser cristã, não é bom que te faça transgredir a lei e que desejo tornar-me. Peço, portanto, que sejas forte na tua lei. Por ti tenho muita estima, e se, sem ferir a justiça, podes ser meu marido, tu o serás. Se não, eu não quero que peramos o céu».

Chega, finalmente, o dia em que a graça tocou aquela alma de eleição.

— Alteza — pergunta o Padre Cevales — acreditais em tôdas as verdades da fé cristã?

— Sim, permanecerei firme nesta crença, sem a qual não poderei salvar-me.

— Quereis ser baptisada?

— Sim, e peço-te que me baptises antes de surgirem outras dificuldades.

— Como quereis chamar-vos?

— Maria.

— Maria, quereis ser cristã?

— Sim.

— Então é necessário que acrediteis em tudo o que a nossa santa Madre Igreja acredita.

— Sim, creio.

— Depois de serdes baptisada, trocaríeis a vossa fé pelo mundo inteiro?

— Nunca; antes a morte!

E a água lustral do baptismo correu pela cabeça da princesa Champa, que ia ser uma das mais zelosas e activas propagandistas do cristianismo, no reino do Tonkim.

De facto, a princesa faz-se religiosa, funda o convento da Imaculada Conceição, converte o pessoal da sua côrte, e, até à hora da morte, foi uma verdadeira missionária, que tantos serviços prestou à obra da evangelização anamita.

N. S. de Fátima nas Missões

Morte dum apóstolo de N.ª S.ª de Fátima

O culto de Nossa Senhora de Fátima na Prelazia de Moçambique data do alvorecer das grandes aparições, mas teve notável incremento depois duma circular oficiosa emanada uns três anos depois, em que se recomendava o culto a Nossa Senhora de Fátima e a comemoração do dia treze em união com os peregrinos que ali se dirigiam naquele dia; começou-se mais a sério com a propaganda do culto e com maior entusiasmo e fé após a Pastoral de S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria, a discreta das aparições, em que se apresentavam as bases do culto de Nossa Senhora de Fátima. Lourenço-Marques deu o exemplo e ainda hoje se distingue pelo esplendor do culto, festas e procissões em honra a Nossa Senhora de Fátima. Em tôdas as Missões e Paróquias da Prelazia está bem viva esta devoção; por tôda a parte se tem espalhado e cedo até não haverá loja escola alguma indígena onde se não cante pelo menos o hino a Nossa Senhora de Fátima. As lindas imagens que se têm adquirido para a Prelazia têm sido um grande móvel dêste culto e muitíssimo apreciadas do indígena, a tão apreciadas que êle próprio, seguindo a inclinação nata da imitação, procura fazer e já apresenta no mercado de capital imagenzinhas de Nossa Senhora de Fátima confeccionadas por êles.

Verdade é que se eu tivesse voto na matéria não autorizaria semelhante indústria, porque sempre desvirtua, e em muito, a arte sacra. Não se pode contudo negar que é êste mais um meio de propaganda continuada até pelos próprios meninos.

Em certa ocasião apresentando-me uma destas imagenzinhas para bazar, perguntei:

— Onde a comprou?

— Na loja de um mouro...

— Até os mouros, hein?

Uma vez, aparei inesperadamente numa missão, na de S. Roque de Matoquine, e fiquei admirado pelo movimento e número de indígenas, tanto mais que ninguém me esperava.

— O que é isto? preguntei.

— É por ser dia de Nossa Senhora de Fátima.

— Ah! sim, é o dia treze, já me não recordava... mas vós aqui sem Missionário?...

— Sim, mas o Senhor Padre recomendou-nos que no primeiro dia de cada mês em honra de Nossa Senhora e que lhe protestássemos todos juntos o nosso amor, cantando os seus hinos e em união com os peregrinos de Fátima.

— Boa ideia, meus meninos, e não vos esqueçais de lhe pedir pela conversão de vossos irmãos...

Não é só naquela missão que se comemora o dia treze, em tôdas elas há a comunhão e a santa Missa e outros exercícios em honra de Nossa Senhora de Fátima. Em mesmo muitas vezes subi aquêle Vasco para ir dizer Missa, confessar e administrar os sacramentos à escola de Nossa Senhora de Fátima.

Que Nossa Senhora de Fátima proteja Portugal sim, e continue com carinho particular a proteger também as nossas queridas Missões e a inspirar-lhes sempre maior fervor por tudo o que se relacionar com o seu culto nesta celestial estância de Fátima.

P.e Miguel
Missionário Franciscano

Africa Oriental Portuguesa — Munhuana
Manifestação em honra de Nossa Senhora de Fátima — Quadro vivo

Pede a publicação da seguinte notícia: «O motivo por que lhe escrevo hoje é o seguinte: acaba de falecer aqui na Residência dos Rev.dos P.es Jesuítas Portugueses, o Rev. P.e José Martins, grande amigo de Nossa Senhora de Fátima e devotado propagador da sua bendita devoção. Teve uma santa morte, como santa e apostólica fôra a sua vida; faleceu quinta às 11 horas da noite; pois às 6 horas da tarde, ao visitá-lo, ainda o encontrei a dizer cartas para várias devotas de N.ª S.ª de Fátima! Bendito seja Deus, que assim!

Quando o Rev. P.e Francisco, S. J. lia as orações da agonia, e estas palavras do Evangelista S. João: «Pai, quero que onde eu estiver estejam comigo aquêles que me destes...» o moribundo levantou os olhos docemente e baixando-os de novo, esperou. Certamente que a última visão sôbre a terra terá sido a da Mãe de Fátima que veio a receber-lo. Peço que transmita esta notícia aos milhares de Portugueses amigos de N.ª S.ª de Fátima por meio do seu jornal, pedindo-lhes que orem à Santíssima Virgem que receba agora entre as P.es Portuguesas que estão na Índia o mais fervoroso apóstolo do seu culto nestas paragens, contemplar da côrte do céu dos infiéis P.e Martins.

A Barra Oficina, Rua Luciano Cordeiro, 93-1.º Esq.º Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, martim e massa.

O culto de N.ª S.ª de Fátima no Estranjeiro

Fátima em Schilingen (Diocese de Trêves)

Schilingen, 26 de Julho de 1933.

Há pouco mais ou menos dois anos que um devoto de N.ª S.ª de Shillingen (Hochwald) arranjou um lugarinho no seu campo perto da aldeia, para aí poder à sua vontade honrar a Maria Santíssima. Foi N.ª S.ª de Fátima que o cativou. Aí na tarde de maio começou com muito trabalho fazer uma cavidade de pouco mais ou menos 4 a 5 metros em quadrado e 1 a 1/2 m. de altura, onde pôs uma pequena cruz uma estátua de N.ª S.ª de Fátima. Fês também uns grandalhões e bancos toscos para pôr diante da imagem com o fim de outras pessoas virem com elo às devoções. Convidou em primeiro lugar os homens e conseguiu que viessem uns vinte a trinta. Com êstes foi no mês de Maio de 1933 todos os Domingos a êste lugar que dista da aldeia uns 20 a 25 minutos.

Muito maior foi a concorrência das mulheres e raparigas. Gostaram da devoção, e o que, no princípio, não estava planeado então para o mês de Maio, continuou-se no de Junho. As peregrinações continuam até hoje. Às 4 horas da tarde, nos domingos, juntam-se os mais devotos, e vão para aquêle lugar rezar o têrço, cuma N.ª S.ª de Fátima deseja.

O homem, João Werner, que lançou a devoção, morreu ao começo do ano que

esta aquisição. Fizeu-se para a inauguração o domingo antes da festa do Corpo de Deus, e adornou-se a gruta com flores e grinaldas. Veio muita gente dos arredores, de maneira que, quando a procissão se pôs em marcha, contava muito mais de mil pessoas que acompanharam a imagem de N.ª S.ª para a sua nova morada. Os homens tiveram a honra de levar o andor com a estátua, pois não podia ser de outro modo. Estavam contentíssimos com esta distinção. Um pequeno fogo de vista com uma grande oração terminou êste dia.

A estátua benzida por S. Ex.ª Rev.ma o sr. Bispo de Leiria é do agrado de todos. Nunca viram uma imagem mais bonita de Nossa Senhora. Foi tocada na que está no sítio das aparições na Fátima. Queira Nossa Senhora de Fátima mostrar a todos que visitam a sua imagem que é ainda hoje nas horas de angústia e em dias de sofrimento o «Auxilium Christianorum».

O pároco Nasbeno.

Friburgo de Brisgovia
(Bade-Alemanha)

De tôdas as partes nos chegaram êste mês cartas de agradecimento por graças alcançadas miraculosamente. Tenho diante de mim a carta duma fervorosa soledora de L. Entre outras coisas diz: «To-

Schillingen — Uma procissão pelo campo

Mas logo se encontrou um sucessor que se encarregou, em lugar do falecido, de servir de guia à multidão dos devotos.

Algum tempo depois despertou nestes devotos o desejo de acabar o de tornar mais digno o lugar da romagem. Também desejavam alcançar uma estátua maior, e esta, já eu vi, só a querem da Portugal, pois devia ser a peregrina. Entretanto principiaram a construir uma gruta maior, trouxeram em carros as pedras de quartzo que havia em grande número nas matas vizinhas e tôdos elas constituiram uma grande gruta, tudo trabalho voluntário. Quando os devotos souberam da chegada da imagem a Hamburgo, foi uma alegria para todos que com as suas esmolas tinham contribuido para esta aquisição. Fizeu-se para a inauguração o domingo antes da festa do Corpo de Deus, e adornou-se a gruta com flores e grinaldas. Veio muita gente dos arredores, de maneira que, quando a procissão se pôs em marcha, contava muito mais de mil pessoas que acompanharam a imagem de N.ª S.ª para a sua nova morada. Os homens tiveram a honra de levar o andor com a estátua, pois não podia ser de outro modo. Estavam contentíssimos com esta distinção. Um pequeno fogo de vista com uma grande oração terminou êste dia.

A estátua benzida por S. Ex.ª Rev.ma o sr. Bispo de Leiria é do agrado de todos. Nunca viram uma imagem mais bonita de Nossa Senhora. Foi tocada na que está no sítio das aparições na Fátima. Queira Nossa Senhora de Fátima mostrar a todos que visitam a sua imagem que é ainda hoje nas horas de angústia e em dias de sofrimento o «Auxilium Christianorum».

O pároco Nasbeno.

Alocução do Rev. P.e Bernard Christian George, Pároco da freguesia de S. Patrício em Licester, Diocese de Nothingham (Inglaterra)

Cunctas haereses sola interemisti in universo mundo: Vós só, Senhora, esmagastes as heresias em todo o mundo.

(Palavras da Santa Igreja dirigidas a N. Senhora.)

Meus Irmãos

Eu não sou português, como estais vendo pela fala; eu sou inglês; mas aqui somos todos irmãos, remidos com o mesmo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e filhos todos desta Mãe Bemdita, a quem Êle nos entregou ao morrer na cruz.

No mês passado veio aqui um sacerdote alemão, grande devoto de Nossa Senhora de Fátima, implorar a sua protecção e unir as suas orações às vossas em bem da sua pátria. Este mês venho eu com a mesma intenção.

A-pesar-de não ser português, sou amigo dos portugueses; porque vivi na vossa terra durante 10 anos. Gozei do vosso lindo sol, contemplei as muitas belezas de Portugal e visitei os vossos belos monumentos que ainda falam da fé dos vossos antepassados. A um dêles deve Inglaterra grandes benefícios.

Muitos jovens ingleses vieram aqui educar-se, e muitos daqui saíram já sacerdotes como eu a ajudar a combater a heresia do Protestantismo que tornou a nossa terra, que era conhecida por Ilha dos Santos, numa terra muito paganizada.

É uma das mais florescentes em progresso material, mas muito pobre de espírito cristão.

Há muitos anos que estamos invocando a Maria Santíssima que nos valha, como fêz a tantas nações; e lembramos-Lhe que Inglaterra é o seu dote, porque eram muitas as igrejas e capelas que lhe estavam dedicadas. E assim como a uma menina, filha de família, quando está para casar o pai dá-lhe uma parte dos seus bens, e isto é o dote dela, assim parece que aquela terra tão rica de amor a Maria foi como que o dote que lhe coube. É o amor de filhos que nos faz assim falar; pois bem sabemos que Ela como a melhor das Mães protege igualmente aos seus filhos. Da mesma forma vós lhe chamais Rainha de Portugal e Ela é Rainha do Céu e da Terra.

Mas Nossa Senhora, embora nos tenha ajudado muito e convertido muitos protestantes e vai crescendo cada vez mais o rebanho de Jesus Cristo, há ainda muitas ovelhas fora da Santa Igreja. Também é verdade que muitos protestantes abandonam as suas crenças; mas não passam para a católica, preferem uma vida indiferente e quási pagã. As riquezas e o bem estar são a sua única ambição neste mundo.

Mas como muito bem sabeis, não é êste o caminho do Céu, o caminho que nos ensinou em tôda a sua vida Nosso Senhor Jesus Cristo, nascendo pobre, vivendo pobre e morrendo pobre.

Temos ido várias vezes à Lourdes implorar a protecção desta Nossa Mãe. Agora, ao saber que Nossa Senhora também vos honrou com a sua visita e vos tem concedido tantos favores no corpo e alma e até ajudado o bom govêrno da Nação, animei-me a vir aqui também suplicar a protecção de Nossa Senhora de Fátima a favor da nossa pátria, a Inglaterra. É a prece que aqui venho fazer — Senhora de Fátima, salvai também a Inglaterra!

Ela valeu ao mundo com as suas preces e vida santa, alcançando de Deus a graça da Redenção — foi por Maria que nos veio Jesus Cristo, foi por Maria que veio a Salvação ao mundo.

Ela valeu a muitas nações, que se viram perdidas com males físicos, como as invasões dos Turcos, pestes, fomes e guerras. E não só valeu em males físicos, mas também nos males morais, como eram as heresias que assolaram tantas nações.

«Cunctas haereses sola interemisti in universo mundo».

Ajudai-nos pois com as vossas orações e penitências a alcançar de Nossa Senhora de Fátima a grande graça de recondução de tantos filhos ao rebanho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Oxalá o nosso império Britânico se pudesse servir da sua influência mundial para bem das almas e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Mãe Maria Santíssima e, assim, contribuir para que haja na terra um só rebanho e um só pastor, o Sumo Pontífice, único Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra.

Assim seja!

PHOENIX
C.ª Inglesa de Seguros.
Máxima garantia às melhores taxas.
20 — Av. dos Aliados — Pôrto

VENDE-SE
Carro para doente
Carta à «VOZ DA FÁTIMA»

Termas de Monte Rial
Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais
Águas soberanas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação do C.º de Ferro próxima (Monte Rial).
Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL —

INFORMAÇÃO ÚTIL
PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Escreva a:
MAIAS, IRMÃOS. Fundadores
Cidadelha — Castelo da Maia

OS MELHORES VINHOS
Companhia Velha
FUNDADA EM 1756
RUA DAS FLORES, 69
PÔRTO

Doentes! 100.000 livros gratis!
Os medicamentos do Cura Heumann
conhecidos e celebres em quasi todos os paises do mundo, devem tambem em Portugal fazer com que cada vez mais doentes consigam melhorar e curar os seus diferentes sofrimentos e males. Do volumoso e ricamente ilustrado livro do Cura Heumann, cada um é informado, duma maneira facilmente compreensivel, sobre o mais importante do corpo são e doente. Fala-se neste livro das doenças mais frequentes e dos medicamentos Heumann, que dão alivio conforme mostram os muitos milhares de experiencias.
O cura Heumann, o grande amigo de todos os doentes

desejou que cada doente bem como cada pessoa sã, receba o seu livro gratis, e a Farmacia Cunha satisfaz este pedido com muito prazer! Por isso escreva V. Ex.ª agora mesmo-e não espere para amanhã-o seu postal e depois receberá imediatamente este valioso livro absolutamente gratis!
CUPÃO N.º 43
A Farmacia Cunha, Rua da Escola Politecnica 16/18
Queira-me gratis e sem mais despesas o livro Heumann «O novo methodo de tratamento e conservar a saude».
Nome _____
Morada _____
Concelho _____

Coisas que eu penso

(Continuação da 1.ª página)

religiões. Livres como aquêle há muitos! Aquêles 42 convertidos estão todos ainda vivos; mas há livros semelhantes que contam conversões de outros homens notáveis mortos há poucos anos — e se quisésemos escrever só os nomes só dos grandes convertidos de todos os séculos, desde o tempo de Nosso Senhor, podem ter a certeza de que não chegavam as quatro páginas do nosso jornal. E algumas eram as maiores inteligências do seu tempo, como Santo Agostinho, cujas obras assombram pela quantidade e pela variedade.

E é dêle esta frase, que todos os grandes convertidos sentiram sempre, como êle: — Fizeste-nos para ti, Senhor, e o nosso coração anda inquieto emquanto não descansa em ti!

Mas agora hão-de dizer-me: Também em todos os tempos houve muitos homens que perderam a fé católica!

É certo. Mas também é certo que a grande maioria dêles viveram sempre longe da fé, longe de Deus, arrastados pelas paixões; mas à hora da morte, ou quando as paixões se apagaram, voltaram para Deus e morreram arrependidos do seu desvario de alguns anos. Não há pároco nenhum que na sua terra não possa apontar casos dêsses filhos pródigos que depois voltaram à casa paterna.

E quanto àqueles que passam para o protestantismo, uns fazem-no porque lhe acenaram com benefícios, outros porque assim se viram livres de certos preceitos incómodos; ao passo que muitíssimos dos conquistados pela Igreja católica deixaram, ao entrar nela, de gozar grandes benefícios e passaram a aceitar voluntàriamente êsses incómodos preceitos.

E depois, regra quási geral; as outras religiões levam do catolicismo o que êle tem de pior; e o catolicismo vai buscar às outras o que elas têm de melhor.

E êste é o primeiro selo, por onde já começamos a ver que o catolicismo se distingue de tôdas as outras religiões. Mas não é único — e para a outra vez o veremos.

B. A. Lanço

Há aniversário?
Há Prendas para aniversário na OURIVESARIA ALIANÇA.
Há baptizado?
Há Presentes para baptizado na OURIVESARIA ALIANÇA.
Há casamento?
Há Presentes para casamento na OURIVESARIA ALIANÇA.
A B C
Aniversários — Baptizados — Casamentos
Ourivesaria Aliança
Rua das Flores, 191
Tel. Um-Cinco-Quatro-Um
PORTO

VINHO BRANCO ESPECIAL PARA
MISSAS
Pedidos a
ANTONIO DE OLIVEIRA
Aldeia Nova — Norte

PÔRTO RAMOS-PINTO

Graças de N. S. de Fátima

Reumatismo

No dia 14 de Agosto de 1933, meu filho Ernesto foi obrigado a recolher à cama por causa dum forte ataque de reumatismo que lhe tolheu o movimento de todos os membros e lhe atacou o coração. Foi chamado o médico que, examinando o doente me disse: — «Vou dar ao doente um remédio contra o reumatismo que lhe deve fazer bem, mas quanto à doença do coração, embora se trate dêle, será tida a vida um doente e nunca mais poderá dedicar-se a trabalhos pesados».

Esta declaração do ilustre clínico arrastou-me de-vezes.

Recorri, então, a Nossa Senhora de Fátima cuja devoção aqui está muito florescente, e comecei a fazer uma novena em honra da mesma Senhora. Prometi confessar-me e comungar, dar uma esmola conforme as minhas posses e publicar na «Voz da Fátima» esta graça, se a obtivesse de Deus por intermédio de Nossa Senhora.

A Santíssima Virgem acudiu-me mais uma vez, concedendo-me a graça de alcançar a cura de meu filho Ernesto. No último dia da novena já êle andava de pé, e tendo de novo examinado pelo médico, não se lhe encontrava já achaque algum no coração.

Tôda a família da casa, temos comungar, como tínhamos prometido, em acção de graças por tão singular favor. Agora, envio a N.ª S.ª de Fátima essa esmolinha e peço o favor da publicação do relatório da minha cura na «Voz da Fátima» que todos os meses leio com grande prazer espiritual.

Natália das Dores Guerra
Vilarinho (Cambra)

Tétano

Maria Cristina do Carmo — Missão de Lindana — Congo Português, — escreve contando que uma mulher duma aldeia cristã tivera um filho que aos 9 anos de idade adoeceu gravemente. Não podia alimentar-se, nem falava já. Consultado o médico, êste teve de opinião de que a criança não mais se curava. Esta pobre família encontrava-se então muito longe da sua terra, de maneira que prometeu que se o doente ainda pudesse chegar vivo a sua terra, mandaria colocar duas velas junto da imagem do S. C. de Jesus em cuja honra comungaria também na 1.ª sexta-feira. A criança continuou mal, vindo a averiguar-se que já sofria a horrível doença do tétano. Começou-se então uma novena em honra de N.ª S.ª de Fátima em cuja honra esta celebrada uma missa no dia 13 de Março em a graça lhe foi alcançada. Durante todos os dias da novena a criança bebia uma pequena quantidade de água de Fátima, começando a sentir-se melhor desde o 2.º dia da novena. Hoje está-se completamente bem, graça que atribuo a N.ª S.ª de Fátima.

Tuberculose óssea

(D. Maria de Lourdes do Sacramento — Lisboa, escreve dizendo o seguinte:)

«Durante mais de dois anos, sofri de uma perna atacada de tuberculose óssea, a-pesar dos esforços empregados por dois distintos médicos. Um após outro, ensaiaram vários medicamentos sem que nenhum deles o resultado desejado. O mal ia aumentando cada vez mais, tendo um aspecto medonho e por vezes um cheiro nauseabundo.

Já cansada de tanto sofrer, recorri a N.ª S.ª de Fátima e à Rainha D. Isabel. Fiz algumas novenas pedindo também a água e a terra do Santuário de Fátima, e, em dois meses e meio a ferida cicatrizou por completo.

Conforme prometi, venho publicar tão grande graça recebida do céu e alcançada pela maternal protecção de Nossa Senhora de Fátima.

Mil louvores sejam sempre dados à Nossa amável e bondosa Mãe do Céu.

Maria de Lourdes do Sacramento
Lisboa

NO BRASIL

Fractura e queimadura

No dia 3 de Abril de 1934 o meu filhinho José Inres, de 4 anos de idade, caindo de uma cama onde brincava, quebrou o braço esquerdo. Constatada a fractura, o médico procedeu ao tratamento exigido mantendo o braço fracturado da criança num aparelho de gesso que lá retirado no dia 23 do mesmo mês.

Ao ser, porém, removido o gesso verificou-se que o braço fracturado perdera todos os movimentos mantendo uma rigidez que impressionava. Foi necessário recorrer-se aos banhos quentes durante 15 minutos, tratando-se 12 vezes seguidas e fazia do braço, todos os dias, a-pesar das lamentosas dores que a criança, aos gritos, manifestava. Em projecto instruído pelo médico, me entreguei a estes cuidados, e todas as tardes o médico procedia a massagens.

No dia 27, quando a água a ferver lá ser despejada na vasilha destinada ao curativo e-lhe-da estar já à temperatura suportável, desnudadamente derramou-se sôbre o braço fracturado da criança que se achava ao lado agarrando o movente esgotou de submeter-se ao tratamento. O quadro que então se desenrolou aos meus olhos foi dos mais horrorosos. E é frases aos gritos, debatia-se com as mais terríveis dores. Segundo os princípio que a queimadura se limitava ao braço, tratei de enquanto aliviar os sofrimentos da pequena. Como porém a criança continuasse a consumir-se e a gritar com dores, verifiquei com mágoa que a extensa queimadura atingira também as vidraças de bolhas enquanto já cobertas de bolhinhas e em alguns pontos manando sangue. A minha primeira súplica foi a N.ª S.ª de Fátima. Em seguida levei a criança ao médico. Feito o tratamento apropriado e feitas curativos a manifestar-se. Na noite desse dia, José Inres estava em perigo de morte! Intranquilo, voltava tudo quanto ingeria, até os próprios medicamentos e a simples água.

No dia 31, seguinte José Inres continuava muito mal e fôssem baldadiços todos os meios empregados para se conseguir que êle suportasse, sem vomitar, os remédios e alimentos, tendo já sofrido várias síncopes, eu ange da minha aflição foi à Casa dos Jesuítas e pedi ao Rev.mo P.e Domingos Fragoso um pouco de água de Fátima, solicitando ao mesmo tempo a êste digno sucessor que se lembrasse de meu filho nas suas orações. Na noite seguinte começamos uma novena a N.ª S.ª de Fátima. O médico, a cuja consulta minho, não se opôs à aplicação de um conta-gotas para fazer baixar a febre, embora o julgasse difícil em vista do estado do pequeno. De volta a casa dei-lhe o comprimido dissolvido em água e junto ao remédio algumas gotas de água de Fátima, suplicando a N.ª S.ª que fizesse com que meu filho recebesse o medicamento sem vomitar.

Nestas linhas, eu quisera reproduzir a maneira como humildemente meu pedido, a maneira como foi atendida e, finalmente, expressar a minha gratidão à infinita bondade de N.ª S.ª de Fátima. Recorram a Ela todos quantos sofrem, que Ela jamais vos faltará, como me não faltou agora a mim apesar da minha infelicidade, pois que desde que se quis meu foi esta a primeira vez que meu filho ingeriu um remédio sem o vomitar!

No dia seguinte, dia 30, o médico veio ver o doentinho e ficou admirado ao saber que êle havia suportado o comprimido.

Outras complicações se seguiram sua conseqüência da queimadura, e sempre a protecção de N.ª S.ª de Fátima por intermédio da água do seu Santuário socorreu o meu pobre filho que hoje se encontra livre de perigo. E, coisa extraordinária, desde a primeira vez que tomou a água de Fátima, José Inres começou a movimentar demoradamente o braço que fôra fracturado e que até então se havia conservado rígido. A maior satisfação que experimentei foi quando pude ir com o meu filho até ao altar de Nossa Senhora de Fátima, na Igreja de [illegible] Rel. agradecer a tão boa Mãe as grandes graças com que nos favoreceu.

Levando José Inres ao consultório dos médicos que o haviam tratado, examinaram-lhe detidamente o braço que havia [illegible] tratando-se de opinião que êste se encontrava já em perfeito estado de funcionamento.

Maria Anunciada de Castro Gottlieb
Fortaleza — Ceará — Brasil.

Hemorragia

Antonio Ribeiro Leal, do Ermêlo, Moselim de Basto, sofrendo duma hemorragia resultante dum desastre ao volver uma pedra, não encontrando remédios que o libertassem dêste tormento, obteve de Nossa Senhora de Fátima esta grande graça que vem publicar na «Voz da Fátima» pedindo aos leitores do jornalzinho o ajudem a agradecer rezando 3 Ave-Marias.

Graça de Nossa Senhora de Fátima em favor da filha dum médico em França

No n.º 137 da «Voz da Fátima» (15 de fevereiro de 1934) publicámos a declaração do sr. Breysal, doutor de Medicina, de Vallon (França) atribuindo a cura de sua filha, já em estado desesperado, a Nossa Senhora de Fátima. Em carta agora recebida sabemos que, a-pesar-de uma constituição delicada, goza de uma boa saúde.

Graças diversas

— *Manuel Pereira Rodrigues* — Argasil, tendo recebido por intercessão de Nossa Senhora de Fátima o favor do desaparecimento dum alcoviço que tinha no pulso, vem agradecer-lhe tal favor.

— *D. Maria da Piedade Soares* Lavrinas, obteve por intermédio de N.ª Senhora de Fátima a cura de sua filha que estava desenganada pelos médicos.

Reconhecida, agradece a N.ª S.ª tão grande favor.

— *D. Amélia Rhosta Alberna de Sequeira*, — Horta, Açores, diz ter tido um seu filhinho preso a morrer com um cobreiro na gôrge para cuja cura se julgava de absoluta necessidade uma operação cirúrgica. Enquanto se faziam os preparativos para a operação, aplicaram-se-lhe no pescoço panos embebidos em água quente a ver se tal tratamento facilitava um pouco a respiração do doente. Misturaram na água quente algumas gotas da água de Fátima, cuja Excelsa Senhora invocaram em favor da doente.

Graças a Ela, diem, a criança até ali aflita e sem pela falta de respiração, começou a sentir-se tão bem que o médico julgou já a operação desnecessária. Pouco tempo depois a criança estava perfeitamente bem, com grande alegria para tôda a família.

— *D. Maria Gomes Magalhães Mendes* — Pôrto, diz ter obtido por intercessão de Nossa Senhora de Fátima a cura de uma doença nervosa que a impedia de descansar e até de tomar o necessário alimento.

Feita uma novena, obteve a cura que, pelo, aqui seja publicada.

— *D. Narcisa da Silveira Pinheiro* — Pôrto, teve, ela, uma sua neta mesmo a morrer com o garrotilho. O médico tirou-lhe já tôdas as esperanças da cura e abandonara-a dizendo ser desnecessário empregar mais medicamentos humanos. Ouvindo isto, a família prostrou-se de joelhos junto do leito da enferma e implorou em seu auxílio a poderosa intercessão de Nossa Senhora de Fátima a quem foram feitas diversas promessas. Graças a Ela, obtiveram a cura que hoje aqui vêm publicamente agradecer.

— *D. Isabel do Casmo* — Lisboa, pede aqui seja publicamente agradecida a cura alcançada do céu em favor de uma sua amiga que esteve prestes a morrer com um quisto nos intestinos e diversas complicações internas. A medicina havia esgotado todos os seus recursos em favor desta doente que, só obteve a cura mediante a intercessão a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

— *Joaquim José Pereira* — Rio de Janeiro, diz ter alcançado por intercessão de N.ª S.ª de Fátima a cura de uma doença nervosa [illegible]

Graças de N. S. de Fátima

Reumatismo

No dia 14 de Agosto de 1933, meu filho Ernesto foi obrigado a recolher à cama por causa dum forte ataque de reumatismo que lhe tolheu o movimento de todos os membros e lhe atacou o coração. Foi chamado o médico que, examinando o doente me disse: — «Vou dar ao doente um remédio contra o reumatismo que lhe deve fazer bem, mas quanto à doença do coração, embora se trate dêle, será tida a vida um doente e nunca mais poderá dedicar-se a trabalhos pesados».

Esta declaração do ilustre clínico arrastou-me de-vezes.

Recorri, então, a Nossa Senhora de Fátima cuja devoção aqui está muito florescente, e comecei a fazer uma novena em honra da mesma Senhora. Prometi confessar-me e comungar, dar uma esmola conforme as minhas posses e publicar na «Voz da Fátima» esta graça, se a obtivesse de Deus por intermédio de Nossa Senhora.

A Santíssima Virgem acudiu-me mais uma vez, concedendo-me a graça de alcançar a cura de meu filho Ernesto. No último dia da novena já êle andava de pé, e tendo de novo examinado pelo médico, não se lhe encontrava já achaque algum no coração.

Tôda a família da casa, temos comungar, como tínhamos prometido, em acção de graças por tão singular favor. Agora, envio a N.ª S.ª de Fátima essa esmolinha e peço o favor da publicação do relatório da minha cura na «Voz da Fátima» que todos os meses leio com grande prazer espiritual.

Natália das Dores Guerra
Vilarinho (Cambra)

Tétano

Maria Cristina do Carmo — Missão de Lindana — Congo Português, — escreve contando que uma mulher duma aldeia cristã tivera um filho que aos 9 anos de idade adoeceu gravemente. Não podia alimentar-se, nem falava já. Consultado o médico, êste teve de opinião de que a criança não mais se curava. Esta pobre família encontrava-se então muito longe da sua terra, de maneira que prometeu que se o doente ainda pudesse chegar vivo a sua terra, mandaria colocar duas velas junto da imagem do S. C. de Jesus em cuja honra comungaria também na 1.ª sexta-feira. A criança continuou mal, vindo a averiguar-se que já sofria a horrível doença do tétano. Começou-se então uma novena em honra de N.ª S.ª de Fátima em cuja honra esta celebrada uma missa no dia 13 de Março em a graça lhe foi alcançada. Durante todos os dias da novena a criança bebia uma pequena quantidade de água de Fátima, começando a sentir-se melhor desde o 2.º dia da novena. Hoje está-se completamente bem, graça que atribuo a N.ª S.ª de Fátima.

Tuberculose óssea

(D. Maria de Lourdes do Sacramento — Lisboa, escreve dizendo o seguinte:)

«Durante mais de dois anos, sofri de uma perna atacada de tuberculose óssea, a-pesar dos esforços empregados por dois distintos médicos. Um após outro, ensaiaram vários medicamentos sem que nenhum deles o resultado desejado. O mal ia aumentando cada vez mais, tendo um aspecto medonho e por vezes um cheiro nauseabundo.

Já cansada de tanto sofrer, recorri a N.ª S.ª de Fátima e à Rainha D. Isabel. Fiz algumas novenas pedindo também a água e a terra do Santuário de Fátima, e, em dois meses e meio a ferida cicatrizou por completo.

Conforme prometi, venho publicar tão grande graça recebida do céu e alcançada pela maternal protecção de Nossa Senhora de Fátima.

Mil louvores sejam sempre dados à Nossa amável e bondosa Mãe do Céu.

Maria de Lourdes do Sacramento
Lisboa

NO BRASIL

Fractura e queimadura

No dia 3 de Abril de 1934 o meu filhinho José Inres, de 4 anos de idade, caindo de uma cama onde brincava, quebrou o braço esquerdo. Constatada a fractura, o médico procedeu ao tratamento exigido mantendo o braço fracturado da criança num aparelho de gesso que lá retirado no dia 23 do mesmo mês.

Ao ser, porém, removido o gesso verificou-se que o braço fracturado perdera todos os movimentos mantendo uma rigidez que impressionava. Foi necessário recorrer-se aos banhos quentes durante 15 minutos, tratando-se 12 vezes seguidas e fazia do braço, todos os dias, a-pesar das lamentosas dores que a criança, aos gritos, manifestava. Em projecto instruído pelo médico, me entreguei a estes cuidados, e todas as tardes o médico procedia a massagens.

No dia 27, quando a água a ferver lá ser despejada na vasilha destinada ao curativo e-lhe-da estar já à temperatura suportável, desnudadamente derramou-se sôbre o braço fracturado da criança que se achava ao lado agarrando o movente esgotou de submeter-se ao tratamento. O quadro que então se desenrolou aos meus olhos foi dos mais horrorosos. E é frases aos gritos, debatia-se com as mais terríveis dores. Segundo os princípio que a queimadura se limitava ao braço, tratei de enquanto aliviar os sofrimentos da pequena. Como porém a criança continuasse a consumir-se e a gritar com dores, verifiquei com mágoa que a extensa queimadura atingira também as vidraças de bolhas enquanto já cobertas de bolhinhas e em alguns pontos manando sangue. A minha primeira súplica foi a N.ª S.ª de Fátima. Em seguida levei a criança ao médico. Feito o tratamento apropriado e feitas curativos a manifestar-se. Na noite desse dia, José Inres estava em perigo de morte! Intranquilo, voltava tudo quanto ingeria, até os próprios medicamentos e a simples água.

No dia 31, seguinte José Inres continuava muito mal e fôssem baldadiços todos os meios empregados para se conseguir que êle suportasse, sem vomitar, os remédios e alimentos, tendo já sofrido várias síncopes, eu ange da minha aflição foi à Casa dos Jesuítas e pedi ao Rev.mo P.e Domingos Fragoso um pouco de água de Fátima, solicitando ao mesmo tempo a êste digno sucessor que se lembrasse de meu filho nas suas orações. Na noite seguinte começamos uma novena a N.ª S.ª de Fátima. O médico, a cuja consulta minho, não se opôs à aplicação de um conta-gotas para fazer baixar a febre, embora o julgasse difícil em vista do estado do pequeno. De volta a casa dei-lhe o comprimido dissolvido em água e junto ao remédio algumas gotas de água de Fátima, suplicando a N.ª S.ª que fizesse com que meu filho recebesse o medicamento sem vomitar.

Nestas linhas, eu quisera reproduzir a maneira como humildemente meu pedido, a maneira como foi atendida e, finalmente, expressar a minha gratidão à infinita bondade de N.ª S.ª de Fátima. Recorram a Ela todos quantos sofrem, que Ela jamais vos faltará, como me não faltou agora a mim apesar da minha infelicidade, pois que desde que se quis meu foi esta a primeira vez que meu filho ingeriu um remédio sem o vomitar!

No dia seguinte, dia 30, o médico veio ver o doentinho e ficou admirado ao saber que êle havia suportado o comprimido.

Outras complicações se seguiram sua conseqüência da queimadura, e sempre a protecção de N.ª S.ª de Fátima por intermédio da água do seu Santuário socorreu o meu pobre filho que hoje se encontra livre de perigo. E, coisa extraordinária, desde a primeira vez que tomou a água de Fátima, José Inres começou a movimentar demoradamente o braço que fôra fracturado e que até então se havia conservado rígido. A maior satisfação que experimentei foi quando pude ir com o meu filho até ao altar de Nossa Senhora de Fátima, na Igreja de [illegible] Rel. agradecer a tão boa Mãe as grandes graças com que nos favoreceu.

Levando José Inres ao consultório dos médicos que o haviam tratado, examinaram-lhe detidamente o braço que havia [illegible] tratando-se de opinião que êste se encontrava já em perfeito estado de funcionamento.

Maria Anunciada de Castro Gottlieb
Fortaleza — Ceará — Brasil.

Hemorragia

Antonio Ribeiro Leal, do Ermêlo, Moselim de Basto, sofrendo duma hemorragia resultante dum desastre ao volver uma pedra, não encontrando remédios que o libertassem dêste tormento, obteve de Nossa Senhora de Fátima esta grande graça que vem publicar na «Voz da Fátima» pedindo aos leitores do jornalzinho o ajudem a agradecer rezando 3 Ave-Marias.

Graça de Nossa Senhora de Fátima em favor da filha dum médico em França

No n.º 137 da «Voz da Fátima» (15 de fevereiro de 1934) publicámos a declaração do sr. Breysal, doutor de Medicina, de Vallon (França) atribuindo a cura de sua filha, já em estado desesperado, a Nossa Senhora de Fátima. Em carta agora recebida sabemos que, a-pesar-de uma constituição delicada, goza de uma boa saúde.

Graças diversas

— *Manuel Pereira Rodrigues* — Argasil, tendo recebido por intercessão de Nossa Senhora de Fátima o favor do desaparecimento dum alcoviço que tinha no pulso, vem agradecer-lhe tal favor.

— *D. Maria da Piedade Soares* Lavrinas, obteve por intermédio de N.ª Senhora de Fátima a cura de sua filha que estava desenganada pelos médicos.

Reconhecida, agradece a N.ª S.ª tão grande favor.

— *D. Amélia Rhosta Alberna de Sequeira*, — Horta, Açores, diz ter tido um seu filhinho preso a morrer com um cobreiro na gôrge para cuja cura se julgava de absoluta necessidade uma operação cirúrgica. Enquanto se faziam os preparativos para a operação, aplicaram-se-lhe no pescoço panos embebidos em água quente a ver se tal tratamento facilitava um pouco a respiração do doente. Misturaram na água quente algumas gotas da água de Fátima, cuja Excelsa Senhora invocaram em favor da doente.

Graças a Ela, diem, a criança até ali aflita e sem pela falta de respiração, começou a sentir-se tão bem que o médico julgou já a operação desnecessária. Pouco tempo depois a criança estava perfeitamente bem, com grande alegria para tôda a família.

— *D. Maria Gomes Magalhães Mendes* — Pôrto, diz ter obtido por intercessão de Nossa Senhora de Fátima a cura de uma doença nervosa que a impedia de descansar e até de tomar o necessário alimento.

Feita uma novena, obteve a cura que, pelo, aqui seja publicada.

— *D. Narcisa da Silveira Pinheiro* — Pôrto, teve, ela, uma sua neta mesmo a morrer com o garrotilho. O médico tirou-lhe já tôdas as esperanças da cura e abandonara-a dizendo ser desnecessário empregar mais medicamentos humanos. Ouvindo isto, a família prostrou-se de joelhos junto do leito da enferma e implorou em seu auxílio a poderosa intercessão de Nossa Senhora de Fátima a quem foram feitas diversas promessas. Graças a Ela, obtiveram a cura que hoje aqui vêm publicamente agradecer.

— *D. Isabel do Casmo* — Lisboa, pede aqui seja publicamente agradecida a cura alcançada do céu em favor de uma sua amiga que esteve prestes a morrer com um quisto nos intestinos e diversas complicações internas. A medicina havia esgotado todos os seus recursos em favor desta doente que, só obteve a cura mediante a intercessão a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

— *Joaquim José Pereira* — Rio de Janeiro, diz ter alcançado por intercessão de N.ª S.ª

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

Aquêles cem mil... e nós

Regressaram de Bruxelas, capital da Bélgica, os representantes da Juventude Operária Católica portuguesa, que de caminho através de Portugal, Espanha e França, foram assistir à festa do 10.º ano da criação da J. O. C. belga, — assim chamada a *Jeunesse Ouvrière Catholique*, tomando as primeiras letras das três palavras: J. O. C.

Vieram encantados.

E o caso não era para menos. E não foi a beleza material dos monumentos que viram o que mais os encantou. Foi a beleza moral do que presenciaram no inolvidável dia 25 de Agosto em Bruxelas.

Foram aquêles cem mil jovens operários belgas que nas ruas da capital, com alegria, entusiasmo e vigor, aclamaram o Divino Trabalhador de Nazaré, Jesus Salvador dos homens e dignificador do trabalho, que na antiguidade era desprezado e reservado aos escravos.

Aquilo nunca mais se pode esquecer. Não são pedras mortas, trabalhadas a pícão e cinzel, que formam um monumento material; são pedras vivas trabalhadas pela fé e pela moral cristã, que servirão para erigir o grandioso monumento da sociedade nova, em que o capital e o trabalho, a inteligência e o braço se moverão numa ambiente de paternidade, vendo todo o homem em todo o homem um filho do mesmo Deus!

Eram três ou quatro, há vinte anos, reünidos à capucha, em volta dêsse admirável padre Cardyn, que já três vezes veio a Portugal atear o mesmo fogo de amor a Jesus Cristo nos meios do trabalho. Eram três ou quatro—e hoje são já mais de cem mil, e o movimento saiu para fora das fronteiras da pequenina Bélgica, onde nasceu e só de França lá foram a Bruxelas, mais de 6.000 jovens operários em combóios especiais!

Ah! mas aquêles cem mil — sejamos sinceros e digamos a verdade, a verdade tôda por mais que nos custe — aquêles cem mil valem muito mais que nós, que os nossos mais de trezentos mil cruzados, a caminho já de quatrocentos mil.

E porquê?

Porque aquêles formam uma organização activa, conquistadora, incendiária, por assim dizer, que se não limita a dar a ridícula quotazinha mínima de 20 centavos por mês como os nossos *Cruzados*.

Ah! não! É preciso vê-los, é preciso conhecer a vida activa dessa rapariada entusiástica, para ver a diferença entre aquêles cem mil jovens e os nossos trezentos mil cruzados, homens e mulheres, novos e vélhos, ricos e pobres!

Êles são verdadeiros apóstolos, almas tomadas do fogo Sagrado da propaganda, que o querem ver ateado nos outros companheiros de trabalho que não recuam diante de nenhum sacrifício para ir levar Cristo a essas almas, para trazer essas almas a Cristo.

E vê-los quando nas grandes e pequenas cidades, nas vilas e nas aldeias, abalam de casa em casa, de rua em rua, a apregoar com entusiasmo os seus jornais!

É preciso que todos nós, os que já demos o primeiro passo para a organização, arregimentando-nos neste grande exército pacífico dos *Cruzados de Fátima*, não caldemos que já fizemos muito! Não fizemos ainda nada, se o compararmos com o que fazem aquêles cem mil operários jovens e ardentes que deixaram assombrada, mais uma vez, a população da sua capital.

Nós demos apenas o *primeiro passo*. Somos trezentos e tantos mil, mas só presos ainda pelo laço fraquinho do mínimo de 20 centavos mensais, para os fundos da Acção Católica. É preciso que entre êstes *trezentos mil* haja dez, vinte, cem mil, que como os cêrcos postos naqueles cem mil de Bruxelas, dêem o segundo passo; que formem uma legião escolhida, de voluntários de 30 ou 40 centavos por mês, para que a nossa organização católica caminhe desafogada e dentro de alguns anos — porque já não se improvisou aquêle movimento como cá se improvisam peregrinações: levou 10 anos! — para que dentro de alguns anos possamos também fazer desfilar diante da população assombrada de Lisboa cem mil jovens trabalhadores portugueses, que afluam à capital de todos os recantos da nossa província!

Sacudamos a nossa indolência, a nossa preguiça, o nosso egoísmo! Restauremos a nossa energia antiga, e se noutros tempos tivemos sempre homens para mandar às fronteiras sacudir espanhóis e mouros e franceses, e às colónias repetir índios e estranjeiros que as tinham tomado, saibamos preparar uma geração de rapazes valentes e instruídos, que se apresentem assim, aos mil e mil, a defender a sua fé cristã e os seus direitos de trabalhadores cristãos contra êsses invasores que vêem da Rússia com ideias contrárias à nossa civilização, aos nossos costumes, à nossa fé.

Criemos entre os nossos trezentos mil, numa palavra, um corpo de cem mil como dos da Bélgica, para por cima das fronteiras da Espanha e da França êles virem um dia a Lisboa, como os nossos foram a Bruxelas, e os recebermos então com orgulho de irmãos dignos de tais irmãos!

O Congresso dos 100.000 jovens operários católicos foi grandioso

São poucas tôdas as palavras que empreguemos para exaltar o colossal congresso *jocista*, que se realizou na Bélgica.

Com a maior ordem, sem um grito de ódio, cem mil rapazes operários afirmaram a sua Fé com entusiasmo, com ardor.

Estiveram presentes jocistas da Suiça, do Canadá, da França, da Holanda, da Espanha, de Portugal. Até se via lá um curioso grupo de pretos.

As Missas, o cortejo, a festa no Estádio, com cem mil rapazes gritando a plenos pulmões o seu amor a Cristo e ao Papa — foram espectáculos que não podem facilmente descrever-se.

Os que tiveram a felicidade de a êles assistir — nunca mais os poderão esquecer!

Na festa do *Estádio*, perguntava o côro:

— Há dez anos, Jocistas, quantos éreis vós?

— Menos de quinhentos, respondia a multidão.

— E hoje?

— Cem mil!

— E amanhã?

— Milhões!... Milhões!...

Recordemos, que em 1920, quando o jocismo começou, muitos, e entre êles vários sacerdotes, se riam da ingenuidade do P.e Cardyn, filho de operários, que esperava conseguir alguma coisa com os seus processos novos.

O Cónego Cardyn, verdadeiro apóstolo da juventude das fábricas dirigiu aos jocistas do Congresso uma saüdação, que reproduzimos. Vale a pêna meditá-la.

O Congresso mundial da J. O. C. não é um fim. É apenas um passo, porque a J. O. C. mundial está prestes a nascer.

Ela espantará o mundo com as suas audácias e com as suas vitórias.

Jocistas de todos os países, vós que viestes a êste primeiro encontro internacional, obrigado! Obrigado pela vossa fé, pela vossa coragem e pela vossa boa vontade. Os sacrifícios que acabais de fazer pelo triunfo dêste dia são penhor seguro das vossas conquistas de amanhã!

Mostrastes hoje que não há no mundo senão uma Juventude Operária Cristã.

Esta Juventude não conhece o ódio, nem a violência, nem o egoísmo, nem a inveja.

Uma coisa apenas a move: o amor desinteressado de todos os jovens trabalhadores e de tôdas as almas, pertençam a que classe pertencerem, tenham nascido seja em que nação fôr.

A tôdas as ameaças de luta ou de guerra a J. O. C. oporá uma vontade inabalável da verdadeira paz, da única paz, da paz de Jesus Cristo!

Jocistas:

Mando-vos para as vossas famílias, para as vossas casas, para as vossas fábricas, para os vossos locais de trabalho, para as vossas organizações, para os vossos países, com a única palavra de ordem:

Conquista!

Conquista de vós mesmos;

Conquista dos vossos camaradas;

Conquista dos meios ambientes do trabalho;

Conquista das vossas famílias de hoje e de amanhã;

Jocistas, sêde a glória de Cristo!

Jocistas, sêde a honra do vosso País!

Jocistas, sêde a esperança do vosso tempo!

Avante!

Quando poderemos realizar em Portugal um congresso como êste?

Mas atentemos no que escreveu *Canta Claro*, com a sua tão notável arte de convencer, no último número de *O Trabalhador*, que é o jornal dos operários católicos portugueses. São verdades como punhos; mas é preciso, para salvação de todos, que deixem de o ser:

Que os 100.000 de Bruxelas, que o número nos não deslumbre nem desoriente. Não é à quantidade que devemos olhar, é à qualidade!

Nós também aqui poderíamos reünir em qualquer praça de Lisboa dez, vinte, quarenta, cinquenta mil rapazes a gritar Viva o Divino Operário! É uma questão de dinheiro, de combóios, de organização, de campanha de imprensa!

E depois?

Depois, como nos dias esplendorosos de Fátima, do Sameiro, de Vila Viçosa, essa multidão dispersaria, e tudo ficaria como dantes. O número teria sido o mesmo, talvez, postos em acção meios proporcionados, seria até maior. A qualidade é que nada teria de comum com a dos cem mil de Bruxelas. Esses dispersaram dessas grandes jornadas, mas lá continuam afanosamente activos dia a dia, hora a hora, naquele imenso aglomerado de fábricas e fábricas agrícolas que é a Bélgica, em contacto continuamente com as fontes de energia para a acção católica social metódica, completa, entusiástica, que cada dia parece renovar o ardor do apostolado.

...Mas não se iludam. Aquilo que viram é a mesma pujante que resulta duma sementeira de longos anos. É um movimento de dentro para fora e não de fora para dentro. Para que uma mesa exista é necessário a sementeira, o enterramento da semente, o tempo da germinação invisível, silenciosa, no seio da terra. O próprio cónego Cardyn não a previa já assim quando há dez anos criava, em modestas conversas, os iniciadores do movimento nas fábricas, como os doze apóstolos em Jerusalém não previam os triunfos a que estamos assistindo dos congressos internacionais eucarísticos em Cartago, em Chicago, em Buenos Aires...

Uma nota: Um jornal socialista belga, a-pesar-da sua má vontade contra o congresso, teve de confessar que se tinham reünido uns 60.000 jocistas.

O que prova que êles não deviam ser menos de 100.000...

* * *

O Em.mo Cardial Patriarca de Lisboa a tôda a gente encantou pelos primores da sua virtude e do seu trato, e pelo brilho da sua inteligência cultíssima. Já o mesmo acontecera em Roma, em Paris, no Brasil, por tôda a parte onde tem passado êste glorioso Embaixador de Portugal!

PREPAREMOS E FESTEJEMOS O DIA DA Acção Católica

Sendo de tôda a conveniência preparar devidamente o «Dia da Acção Católica» que por disposição do nosso Venerando Episcopado é na Festa de Cristo Rei, que êste ano ocorre em 27 de Outubro, a Junta Central dá, para êsse efeito, as seguintes instruções a tôdas as organizações da Acção Católica Portuguesa:

1) O «Dia da Acção Católica» deve ser um dia de oração. Por isso, tôdas as direcções dos organismos já constituídos devem providenciar para que os respectivos associados assistam colectivamente aos actos de culto que na sua localidade se realizem em honra de Cristo-Rei e ofereçam as suas comunhões, orações e demais actos de piedade pelo triunfo da Acção Católica em Portugal.

2) O «Dia da Acção Católica» deve ser também um dia de propaganda e, neste sentido, as direcções dos organismos já constituídos devem esforçar-se por realizar sessões em que sejam expostos os grandes objectivos dêste movimento de restauração cristã e os graves deveres que êle impõe à consciência de todos os católicos.

3) Como o «Dia da Acção Católica» marca o início dum novo ano social, deve ser ainda um dia de reflexão, sendo portanto da maior conveniência que as direcções dos organismos já constituídos reünam para apreciarem o caminho percorrido e as dificuldades encontradas e estabelecerem o programa e os métodos de trabalho para o novo ano.

4) Finalmente devem as direcções superiores tomar as necessárias providências para que se cumpra o que os estatutos determinam quanto ao provimento dos cargos nas diferentes esferas dos seus organismos.

5) A Junta Central exorta também todos os jornais católicos, os diários naquele dia e os semanários na semana imediatamente anterior, a publicarem números especialmente dedicados à propaganda da Acção Católica.

Números apavorantes

Um caso que faz pensar

Número de réus que compareceram nos tribunais portugueses:

Em 1925	9.999
Em 1928	10.570
Em 1931	12.448

Quando começámos verdadeiramente a reagir contra êste descalabro, criando mais escolas católicas, e procurando levar à catequese o maior número possível de crianças?

E o Estado a quem êstes males tanto afligem e preocupam, quando fará o que se faz lá fora: permitir a dentro das suas escolas o ensino religioso, para aquêles que o desejam?

Mal vai o país que não educar a infância. Dizia o grande sociólogo Le Play, em tempos de paz que se não pareciam nada com os tempestuosos dias de hoje: «*Cada geração de crianças é uma nova invasão de bárbaros.*»

É preciso educá-las, livrá-las das suas más inclinações, afeiçoar-lhes o espírito e o coração para que sejam trabalhadoras e honradas, e não venham incomodar os que já cá estavam, com as suas desordens, os seus crimes e as suas bombas.

E agora perguntamos muito em segrêdo: — Haverá em Portugal meio cento de verdadeiros educadores que não olhem a Religião Cristã como uma escola admirável de educação para a infância — e para os adultos?!

Já o notável escritor Haussonville, exclamava, em plena Academia Francesa: — «*Nunca as nações encontrarão educador igual a Jesus Cristo!*»

E o eminente historiador Camille Julian afirmava também, há anos, na mesma Academia: «*Sem Cristo, tendemos tudo incerto e frágil*»

Querem saber um caso passado há pouco na América?

Começou a notar-se que havia uma cidade próxima de Nova-Iorque onde o número de rapazes e raparigas que eram presos por terem praticado algum crime estava a diminuir, era em Port-Chester.

Pelo contrário, nas terras da vizinhança cada vez se tinham de prender mais jovens.

O juiz, Mr. Smith, que, por sinal, era protestante, ficou intrigado com o caso. Porque é que Port-Chester melhorava, quando as outras terras iam de mal a pior?!...

Pôs um inquérito. E viu que a mocidade de Port-Chester estava envolvida por uma verdadeira rêde de obras sociais que os grandes educadores que são os Salesianos, lá tinham fundado.

Eram núcleos de escoteiros, bibliotecas, círculos de estudos, grupos dramáticos, ceiões, etc. — tudo dirigido pelo P.e Fazzi, discípulo dêste santo que trouxe o Céu à Terra: S. João Bosco!

Estava ali o segrêdo da superioridade de Port-Chester.

Educação cristã, ministrada por homens inteiramente consagrados a Deus. E o mesmo, aliás, um dos principais objectivos da *Acção Católica*. E estamos convencidos de que todos os patriotas, embora descrentes, estão de acôrdo com a *Acção Católica* nêste ponto.

Os terão algum sistema educativo que possa dar melhores frutos?...

Uma rainha como deve ser

A morte desoladora da jovem Rainha Astrid, espôsa do Rei da Bélgica, escolheu todo o seu país numa nuvem de tristeza, e entristeceu profundamente o mundo inteiro.

Nosso Senhor Jesus Cristo disse um dia que aquêle que quisesse reinar, se fizesse o servo de todos.

A Rainha Astrid não esqueceu estas palavras do Divino Mestre. Andava no meio do seu povo, vinha para a rua saudar o passageiro dos pavimentos. Visitava os pobres nos seus casos, como fazia o nosso Rei Dom Pedro V), apareceu nas dispensários que os socorrem.

Animou com a sua presença, o seu trabalho ou as suas escolas, muitas obras de caridade.

Fazia festas às crianças dos camponeses e dos operários.

O seu espírito verdadeiramente cristão fazia-a esforçar-se tanto quanto podia, da glória do trono. Por isso, como escreveu Stephanus, cada belga lhe levantava um trono no seu coração.

Fôra educada na protestantismo. Mas acontecia-lhe o que acontece sempre aos protestantes de boa fé: quando conhecem a Religião Católica — que é a única verdadeira — convertem-se. Foi o rápto, o sofrido Rei Alberto I, um dos maiores heróis da Grande Guerra, quem lhe ensinou o Catecismo, que ela estudou profundamente convencida.

No Palácio Real, a oração era feita geralmente por tôda a família reünida. Qual será a família que se encorajará de fazer o mesmo, pensando em exemplos que vêm de tão alto?

«Os que empoleirados nos seus cargos, olham para os outros com desprêzo, e querem que todos os sirvam, esquecendo-se de que lhes têm especial obrigação de servir — não são dignos de ser chefes, nem do nome glorioso de cristãos.

A Rainha Astrid não foi assim.

Por isso, o seu enterro foi uma grandiosa manifestação popular.

É que o povo, em regra, não é ingrato: só maltrata os que o servem, quando outros (verdadeiros criminosos) se valem da sua ignorância, para o desorientar!

Um livrinho que torna o mundo feliz

Garcia Moreno, o grande Presidente da República do Equador assistia um dia ao exame final dum estudante de Direito, que estava fazendo muito boa figura.

Quando acabou, Garcia Moreno disse-lhe:

— Acaba de fazer um exame brilhante. Vamos agora ver se também sabe muito de catecismo. Um funcionário deve também saber muito bem o catecismo, se quere cumprir bem as suas obrigações.

O rapaz deu um grande vexame-se, como dizem os estudantes. E o Presidente informou-o: — Enquanto não souber bem o catecismo, não poderá exercer as suas funções.

E o novo advogado foi aprender Doutrina com os Franciscanos.

Se todos os governantes assim pensassem — não haveria tantos gatunos nas cadeias, nem tantos doentes nos hospitais, nem tantos desempregados cheios de fome.

Até nos faz inveja

Entre a Santa Sé e a Jugoslávia, firmou-se há pouco uma Concordata que faz justa inveja aos católicos de *Portugal Fidelíssimo*.

Por essa Concordata:

Haverá ensino religioso nas escolas oficiais: pago pelo Estado, e ministrado por sacerdotes nomeados pelos Bispos.

O matrimónio católico surte efeitos civis perante o Estado.

A Universidade Católica de Lju-

Quem quere um par de sapatos, tem de pagar... dois pares!

Outro dia precisei dum par de sapatos, e, sem mais aquelas, dirigi-me a uma sapataria.

— Bons dias, rapaz, deixa cá ver um par de sapatos.

— Sim, senhor, respondeu o empregado. E, mostrando-os declarou-me: Olhe que o preço é fixo e paga-se adiantado: são 120$00!

— Está bem!

E sem mais reflexões sôbre o elevado preço do calçado, atirei com os 120$00 para cima do balcão.

— Obrigado, aqui tem os sapatos. E o pagode de S. Crispim deu-mos para a mão.

Neste momento, duas impressões invadiram o meu espírito: o receio de que fossem pequenos... e a certeza de que eram amarelos...

Como é costume, pedi licença para os calçar a ver se me ficariam justos de mais.

Fui a experimentar, e o meu receio transformou-se em certeza: os sapatos eram pequenos, não me serviam.

— Olha, rapaz, estes não servem: são apertados: traz-me outro par maior do que êste; e há ainda outra coisa: é que estes são amarelos, e eu sou viúvo. Bem vês, sapatos amarelos com fato preto — não fica bem.

— Nada mais fácil: é preço fixo... e paga-se adiantado. São 120 escudos...

— O quê?! Então não dei já os 120? Não pus o dinheiro em cima do balcão!

—Perdão, patrão. Pagou o *primeiro* par. Agora tem de pagar o *segundo*.

— Mas eu não levo o *primeiro*; não me servem!...

— Não importa! É *regra da casa*, pagar sempre o primeiro par.

Agora deseja outro par, segundo as suas conveniências... Como sabe, as conveniências pagam-se. Onde iríamos nós parar se tivéssemos de aturar, de graça, os caprichos e as conveniências de cada um?!...

— Mas, ó rapaz, isto não é um capricho! Por nenhum preço, eu posso ficar com uns sapatos que não me servem, e que, ainda por cima, são contrários ao meu estado: não me convem aquela côr... Quero o outro par, ou prefiro!

— Não digo o contrário, nem quero contrariar a sua liberdade de escolher outros!... O que digo é que, se êstes lhe agradam, tem de os pagar!

— Mas você de-certo bebeu de mais ao almôço! Então eu para levar *este* par de sapatos, tenho de pagar **dois** pares?!...

— Eu nada lhe posso fazer. É *a regra da casa!*

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram..., e não falei.

Saí da loja muito aborrecido, e, quando ia a entrar em casa..., acordei.

Porque (tinha-me esquecido de o dizer) tudo isto foi um sonho!

* * *

Mas quantas coisas estúpidas não acontecem na vida real?!...

Esta que eu acabei de contar — digo-o, na verdade, quando temos diante de nós, não um sapateiro mas o Estado, quando se trata, não de sapatos mas de escolas..., quando estão em questão não os nossos pés, mas a inteligência e o coração dos nossos filhos.

O Estado tem as suas escolas. Um cidadão apresenta-se ao Estado, e diz-lhe:

— Quero pôr o meu filho na escola.

— Nada mais fácil — responde-me o Estado pela boca do respectivo funcionário. O senhor, como contribuinte, já pagou adiantadamente: *é a regra da casa.*

Nas suas *décimas* figura, uma parcela destinada à instrução. As suas contas estão, portanto, em dia. Aqui tem, como é de justiça, uma escola ao seu dispôr.

— Mas... há uma dificuldade: esta escola não me convém. Não se fala de Deus aos alunos; a moral assenta em bases menos sólidas do que nas escolas católicas.

Ora, aqui ao lado desta escola do Estado, há uma escola católica; muito antes lá o meu pequeno.

— Nada mais justo — replica-me o funcionário público. O cidadão é livre, absolutamente livre. Deseja uma escola católica? Não será o Estado quem o irá contrariar.

V. Ex.ª usa da sua liberdade, vai à escola católica — mas, é claro, tem de a *pagar!*

— Mas como eu já paguei a minha percentagem para a escola do Estado, e não aproveito os seus serviços, tenho direito a que me entreguem, para poder satisfazer na escola católica...

— Perdão, o senhor pagou para ter uma escola. Esta agora não lhe serve? Deseja outra? Está no seu direito... mas *pague-a*...

— Então eu para me utilizar de uma escola, tenho de pagar a **duas**?!...

— Que quere o cidadão: *é a regra da casa!*

Desta vez, não é um sonho, é uma realidade palpitante!

Pois não é verdade que os católicos portugueses, que desejam dar educação aos seus filhos, têm de pagar **duas** *escolas, para afinal, só se aproveitarem de* **uma**?

Até quando viverão os católicos portugueses (que não a maioria do país) nesta situação injusta, extensiva e humilhante?!

(Adaptado de **E. Duplessy**)

Emquanto muitos preparam a guerra, oremos pela paz!

À hora a que escrevemos, anunciam-se sôbre o mundo novas pesadas... Estaremos nas vésperas duma nova guerra, que dirá aos homens tão esquecidos de Deus uma horrorosa visão do Inferno?

«Pedimos a Deus que confunda as nações que desejam a guerra» — bradou, há poucos dias, Sua Santidade Pio XI.

E falando a 2.000 enfermeiras católicas, de 27 nações, o Santo Padre aconselhou:

«Pedi que a guerra seja afastada, e sejamos poupados aos seus horrores!»

Cruzados de Fátima, ofereçamos as nossas orações e esmolas, as nossas boas obras e os nossos sacrifícios para que Maria, a Rainha da Paz se compadeça de nós,

E para que Deus trate os homens não como merecem os seus pecados, mas sim com a Sua Infinita Misericórdia!

PARA RIR

O professor:

— Se vinte e cinco amigos te fôssem um dia visitar, e só tivessem uma laranja, como é que resolvias o caso.

O aluno:

— Esperava que se fôssem embora, para a comer sòzinho.

Uma vizinha:

— O seu marido hoje madrugou!

— Teve de ir acordar as galinhas, porque comemos cedem o galo.

— A mãe, quando a sua morreu, dormia de camisa preta?

— Não, filha. Que disparate!

— Mas a mãe não tinha tanta pena dela, de noite como de dia?...

O professor:

— O menino está muito mal criado. Só pode estar ao pé de animais... Ora venha já aqui para ao pé de mim!

— O quê, o senhor diz que ha cães mais esperto que os dêmos?

— Sim, senhor. Há muito poucos, bem sei — mas, olhe, eu por exemplo, tenho um.

Um juramento cumprido.

Há uns 20 anos, estava a morrer um pobre operário belga que à custa dos maiores sacrifícios conseguira fazer padre um dos seus filhos. Já falava muito pouco. Recebeu as últimas cerimónias sacras no dia seguinte.

O humilde trabalhador dizia:

— Não-de jurar-me, filho, que nunca te esquecerás de que és filho de operário e de que tôda a tua solicitude pastoral a empregarás em bem da classe operária.

O sacerdote assim fez.

E hoje, êle conseguiu reünir num grande congresso cem mil jovens operários!

Trata-se nada menos que do P.e Cardyn fundador da JOC (Juventude Operária Católica).

O P.e Cardyn quere que toda a mocidade operária tenha trabalho, saúde e alegria, e, sobretudo, a saúde da alma que é a graça de Deus!

QUADRAS

Nunca dances maltratar
os ovos dos passarinhos;
o vício da tua pomar
requere a vida dos ninhos.

* * *

O mar parece que está
a erguer as mãos para o céu
louva a Deus Omnipotente,
no poder que Deus lhe deu.

* * *

O pão da esmola só sabe
se o dierem de boa gente;
se os ricos têm mais pão,
coração tem tôda a gente.

* * *

Nunca deixes que a tristeza
assente em teu coração;
só há razões p'ra alegria
na vida do bem cristão.

(De *Poesias Dispersas*)

D. Bernardo de Vasconcelos

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Bem-aventuranças

O Julião era um rapazote sério como um programa desportivo, cristão... nas ocasiões próprias e sempre muito bonzinho, até ao dormir, calmo e a bossa certas, e até na sua amizade cautelosa, para não ser enganado...

Ora um dia estava a rezar diante do seu crucifixo, onde o corpo de Cristo, branco e pintura, sangra suavemente por algumas rasgões.

De-repente, o Julião sentiu que a sua alma tinha virado, um pouco como tinham as suas. Sentiu-a subir até os olhos. E viu o verdadeiro Cristo, ensanguentado, pisado, estorcendo-se na cruz.

Julgou ouvi-lo arquejar e dizer: — «Tenho sêde!»

Sentiu dentro de si uma voz que murmurava: — Jesus terá sêde até o fim do mundo.

Mas êle, pobre Julião, nem sequer podia oferecer à sêde de Cristo, o fel e o vinagre que lhe deram os judeus.

A sua vida era de pó...

E aquêle rapaz a quem ninguém podia apontar uma falta, teve horror da sua vida.

A sua correcção pareceu-lhe um crime diante daquele deitar-se de amar.

Sentiu desejos pelo seu coração tão amigo do sossêgo que até ali tivera por lema «Quieto», — na presença daquele Coração crucificado pelos homens, cujo lema será sempre: «Ainda é tempo!»

E então, o mancebo lançou-se naquele Coração como num abismo, com a sua loucura, o seu repouso, e todo o seu ser.

«Enquanto houver miséria, enquanto houver injustiça, enquanto houver homens pisos e gente infeliz...

Enquanto os membros do Senhor tiverem sangue, e na Cruz e no altar estiver um Amor insatisfeito — **é preciso que em cada dia nos demos a Ele, um pouco mais!**

Aí de quem dormir aos pés da Cruz como à sombra de qualquer outra árvore, enquanto tiram à sorte a túnica do Mestre.»

Assim falava o Julião a outros rapazes; e alguns compreenderam-no.

Morreu aos 26 anos, devorado pelo zêlo e pela tuberculose.

A celebrante do leito um moço vacerdote repetia: *Bem-aventurado os que têm fome e sêde de justiça porque êles serão fartos!*

J. D.

Exploradores da mocidade

Em França, houve há mês passado graves tumultos em Brest e em Toulon, provocados por operários,

que se tinham deixado desorientar por agitadores comunistas.

E foi impressão notar que de 89 manifestantes que foram presos em Toulon, só 12 tinham mais de 20 anos. Eram quási todos uns criançolas.

Vê-se mais uma vez que êstes inimigos das pátrias se servem da fúria da experiência dos rapazes novos, e os atiram para a frente, expondo-os à prisão e à morte.

Quem não sentirá a necessidade de livrar os novos dêstes abutres que os querem perder, para conseguirem os seus fins, e encherem os seus cofres?

Porque, em regra, êstes defensores dos pobres operários são muito ricos e vivem à grande...

Um dos principais fins da Acção Católica tem de ser evitar que descendentes da profissão andem a enriquecer, à custa do suor e do sangue da mocidade operária, muitas vezes sã cheia de mistério!

Um nobre exemplo

Estava-se realizando uma festa oficial da côrte belga.

A Rainha Astrid, que andava amamentando um filhinho, estava presente durante algum tempo.

Chegada a certa hora, retirou-se, dizendo às pessoas que a rodeavam:

— Tenho de sair. Está o pequenino à espera.

Antes de tudo, e com todos os sacrifícios — a Rainha Astrid era mãe!

Se amássemos a pobreza, a simplicidade de viver, — a vida seria para todos menos dura.

Ano XIII — Fátima, 13 de Novembro de 1935 — N.º 158

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 136-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário de Fátima»

Crónica de Fátima
(13 DE OUTUBRO)

A afluência de peregrinos

Bela e imponente, como nos anos anteriores, foi, êste ano, a peregrinação do dia 13 de Outubro à Cova da Iria, comemorativa da sexta aparição de Nossa Senhora aos três humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel.

O número de peregrinos, se não igualou o do dia 13 de Maio último, assumiu, contudo, proporções extraordinárias, excedendo, em larga escala, o de qualquer dos meses correspondentes ao ciclo das aparições.

Milhares e milhares de pessoas, de tôdas as idades, classes e condições sociais, de diferentes pontos do país, e até do estrangeiro, tomaram parte na grandiosa romagem, utilizando para êsse fim todos os meios de transporte.

Milhares de automóveis e camionnettes estendiam-se ao longo das duas estradas: a que de Leiria sobe para Fátima, passando pela histórica vila da Batalha, e a que do Santuário desce até à estação ferroviária de Chão de Maçãs, ligando depois com a princesa do Nabão, a formosa e pitoresca cidade de Tomar.

Na véspera, sábado, celebraram-se já muitas missas nos diferentes altares do Santuário, tendo sido ministrado o Pão dos Anjos a muitas centenas de fiéis.

Sob a presidência de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, que a Santíssima Virgem escolheu para apóstolo das suas glórias e executor dos seus desígnios maternais, realizaram-se perante enorme multidão as costumadas cerimónias.

A procissão das velas

Às 23 horas, junto da Santa Capela, efectuou-se a procissão das velas, que foi acompanhada por cânticos e invocações piedosas, cujo eco se ouvia a grande distância, por intermédio dos megafónicos.

A noite estava linda, como uma linda noite de verão, e, a-pesar-do luar claro que fazia, o luminoso cortejo teve um brilho extraordinário, como raras vezes costuma ter.

Foi uma manifestação de fé e piedade que encantou e comoveu todos quantos tiveram a ventura de a presenciar, fazendo brotar lágrimas de muitos olhos.

A adoração nocturna

Pouco depois da meia-noite, fêz-se a exposição solene do Santíssimo Sacramento. Por ser o mês de Outubro, o mês do Rosário, durante o turno da adoração nacional, não se rezou apenas o têrço, mas o rosário inteiro, tendo o venerando Prelado de Leiria, antes de cada um dos três têrços, proferido uma brilhante alocução, em que exaltou o culto da Santíssima Virgem e exortou todos os seus ouvintes à prática da virtude.

Os mistérios foram anunciados pelo rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão-director das associções dos Servos e das Servas de Nossa Senhora do Rosário, vulgarmente conhecidos pela designação de «Servitas».

Na Adoração tomou parte a peregrinação espanhola com o docentinho que veio de Madrid, sr. Don Fernando Martin Sánchez Juliá.

Às 2 horas da manhã, começaram a fazer o seu turno de adoração as freguesias de Escalos de Cima, Louzã e outras da diocese de Portalegre. Às 3 horas, principiou o turno de adoração da União Social Católica de Lisboa. Às 4 horas, o das peregrinações de Estarreja e Murtosa, num total de cêrca de 500 pessoas. A última hora de adoração, das 5 às 6 horas, foi feita pela peregrinação de Ovar.

Comunhão Geral

Às 6 horas e meia celebrou a S. Missa da Comunhão Geral o Rev. Ryan, O. P., Provincial da Ordem dominicana na Irlanda, estando também presente o D. Dom. J. Clarkon, O. P., também irlandês.

Em seguida foi distribuída, entre cânticos, a S. Comunhão aos fiéis que se estendiam pela vasta esplanada, comungando mais de 12000.

Fátima e a aviação

Pelas 10 horas o avião comercial — Aguia Branca — pilotado pelo engenheiro sr. Abel Pessoa, faz rápidas e belas evoluções sôbre a Cova da Iria deixando cair um ramo de flores aos pés de Nossa Senhora e espalhando pelo povo o «Aeros» dedicado a Fátima e a que faremos menção noutro ponto da «Voz da Fátima».

Os docentinhos e a Procissão de Nossa Senhora

Pouco depois, os doentes, que eram em grande número e que se tinham feito inscrever prèviamente no competente livro de registo do Pôsto das verificações médicas, foram transportados para o lugar que lhes estava reservado ao fundo da grande escadaria fronteira à Basílica, acompanhados por todo o clero, estudantes, agremiações católicas e muito povo, em nova procissão, que fechava com o andor de Nossa Senhora conduzido aos ombros dos Servitas.

Nesse momento, o entusiasmo da multidão atingiu as raias do delírio.

A missa dos doentes

Foi o venerando Prelado de Leiria que celebrou a missa oficial, ao meio-dia e meia hora, no altar exterior da Basílica, tendo dado em seguida aos doentes a bênção com o Santíssimo Sacramento.

De Madrid veio assistir à grandiosa manifestação de fé e piedade um grupo de 17 espanhóis, dirigentes da Acção Católica. Entre êles encontrava-se o Presidente da Acção Católica e antigo director do «El Debate», D. Angel Herrera, que o ano passado fêz em Lisboa, no Pôrto e em Coimbra, importantes e interessantes conferências sôbre os deveres especiais dos católicos na hora presente. D. Luis Montia, secretário de Estado das Comunicações, D. Anastacio Inchausti, presidente da Frente Nacional do Trabalho, rev. Manuel Graña, redactor principal de «El Debate», e Don Fernando Martin Sánchez, paralítico, Presidente da Associação dos Propagandistas espanhóis.

Após a missa dos doentes, falou aos peregrinos o sacerdote espanhol rev. D. Luis Herrera, S. J., irmão de D. Angel Herrera, que discorreu pelo espaço de 20 minutos acêrca das glórias de Maria e da amizade que deve unir sempre os dois povos da Península, concluindo por se referir à felicidade que teve de assistir a semelhante espectáculo que não se lhe apagará jamais da memória e por agradecer ao venerando Prelado o haver-se dignado proporcionar-lhe a alegria de falar alí.

Em cumprimento de promessas foram a Fátima, a pé, muitos peregrinos de dezenas e dezenas de quilómetros de distância.

Terminaram as cerimónias oficiais com o «Adeus de saüdades», a comovente despedida de Nossa Senhora, feita com o mais vivo entusiasmo pela multidão imensa dos crentes junto do padrão comemorativo dos acontecimentos maravilhosos de Fátima, a Santa Capela das aparições.

Visconde de Montelo

Notas — O Rev. Ryan, O. P., manifestou com o maior entusiasmo as impressões que recebeu na Fátima.

— O diário madrileno «El Debate», o jornal de maior tiragem, em Espanha, publicou artigos devidos à pena de um Redactor Don Manuel Graña, em que descreve as comoções que sentiu em Fátima.

Don Fernando Martin Sánchez Juliá, de Madrid, presidente da Associação dos Propagandistas da Acção Católica espanhola que veio a Fátima implorar a protecção de Nossa Senhora numa grave enfermidade. De joelhos, junto ao doente, Don Angel Herrera, presidente da Acção Católica de Espanha

A intervenção de Nossa Senhora de Fátima na conversão da Rainha Astrid da Bélgica

Entre os peregrinos portugueses e estranjeiros que em certo dia 13 enchiam o recinto sagrado da Cova da Iria, notava-se um venerável sacerdote belga, Cónego da Sé de Malines, distinto e apurnado, e dotado de piedade profunda.

Era o Sr. Cónego Dessain que, acompanhado de dois sobrinhos seminaristas, um dos quais aluno da Universidade de Lovaina, viera a Fátima em peregrinação.

Como chegara até êle a notícia de Fátima?

Lera há pouco, numa revista, a notícia dos factos miraculosos aqui realizados e resolvera vir de longada até ao Santuário que de dia para dia se tornava mais célebre, até no estranjeiro.

Mas a razão íntima da sua viagem só agora acaba de ser descoberta e, por ser muito interessante, queremos desde já dá-la aos nossos leitores.

Era uma graça de Nossa Senhora de Fátima...

A princesa Astrid fôra educada na religião luterana e luterana casara com o príncipe Leopoldo, herdeiro do trono da Bélgica.

Mas, algum tempo depois de chegar a Bruxelas, foi ela em pessoa que, espontâneamente pediu que alguém a instruísse na religião católica.

A escolha recaiu no sr. Cónego Dessain.

As verdades católicas iam abrindo caminho na alma da princesa e pouco faltaria já para abraçar a fé católica.

A notícia transpusera as portas do Paço Real e corria de boca em boca, enchendo de alegria os bons católicos belgas, que viam nessa próxima e tão sincera conversão a certeza de continuar a brilhar no trono do Rei dos Belgas a virtude cristã que tão querida tornava aos seus olhos a figura do rei Alberto e de seu filho e futuro rei, o príncipe Leopoldo.

Mas de-repente

tudo se transforma.

O senhor Cónego deixa de ser convidado a ir ao Paço Real.

Caiu-lhe o coração aos pés a êle e ao Senhor Cardial Mercier muito interessado nesta conversão.

Que se passara?

Ia então continuar para sempre protestante a futura Rainha?

Ficariam desfeitas as esperanças do povo católico belga?

Oh! não podia ser. Acabara de ler as notícias de Fátima.

Recorre a Nossa Senhora pedindo-lhe a conversão da princesa.

Horas depois promete ir em peregrinação ao Santuário de Fátima, se a princesa se convertesse.

Como por encanto

nesse mesmo dia, novo recado da parte da princesa a convidá-lo para continuar a instrui-la.

Passado algum tempo, tôdas as dúvidas se haviam dissipado, a instrução religiosa podia considerar-se mais que suficiente.

A princesa procura o senhor Arcebispo de Malines em cujas mãos faz a retratação da heresia luterana e profissão de fé Católica. Tais são as declarações recentemente feitas em público pelo próprio Senhor Cónego.

Nossa Senhora de Fátima havia trasido à fé a alma formosa e recta da que, já Rainha, um horrível desastre roubou ao amor e carinho do Rei, de seus filhos e dum povo inteiro.

VOZ DA FÁTIMA

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em setembro tirou 314.633 e em outubro 319.571 exemplares assim distribuídos:

	Setemb.	Outub.
Algarve ...	4.193	4.348
Angra.. ...	17.160	17.087
Beja	3.986	3.986
Braga.... ...	68.741	69.224
Bragança...	9.093	9.071
Coimbra ...	15.487	15.561
Évora	4.000	4.000
Funchal ...	18.893	18.893
Guarda... ...	31.027	31.183
Lamego. ...	6.804	7.450
Leiria.... ...	11.770	11.922
Lisboa... ...	8.047	8.120
Portalegre..	7.748	7.870
Pôrto... ...	43.268	44.389
Vila Real...	32.942	32.890
Viseu... ...	9.864	10.068
	293.023	296.062
Estranjeiro.	3.598	3.598
Diversos ...	18.012	19.911
Total ...	314.633	319.571

A aviação
Aos pés de Nossa Senhora

Do jornal «Aeros», número único dedicado à peregrinação de Fátima e distribuído pelo avião comercial «Aguia Branca» no raid efectuado à Cova da Iria, transcrevemos com a devida vénia o artigo do fundo.

Ave! Maria!

Fátima é um nome luminoso na história de Portugal cristão. Três pastorinhos pobres, ingénuos e tímidos, conseguiram mover as almas crentes com as palavras sem artifício, que referiram aos fiéis a mensagem da Mãe de Deus.

Todos os dias 13 de cada mês e principalmente nos dias 13 de Maio e 13 de Outubro, milhares de almas acorrem à peregrinação da Cova da Iria, para render a homenagem duma devoção filial à Virgem 88.ª.

E daquelas almas tôdas, ergue-se um hino de confiança e esperança, que é o clamor de Portugal cristão, a expressão viante da Raça para Deus.

Um dia, nos primeiros tempos das grandes peregrinações, fomos à Cova da Iria, num grupo de pessoas piedosas e crentes. Ficámos, de vésperas, na freguesia do Pedrógão de Tôrres Novas. Levantámo-nos de madrugada, às 3 horas, e punemo-nos a caminho de Fátima. Era noite cerrada. Coruscavam as estrêlas no céu distante, como pontinhos de luz, abertos aos milhares, numa abóbada escura. Na paz da noite ouvia-se o cucuritar dos galos nos povoados. O grupo foi subindo a encosta da Serra de Aire. A princípio seríamos uma dúzia de pessoas. Depois, vindos de caminhos transversais, foram-se-nos agregando mais peregrinos. Não os conhecíamos e na escuridão da noite mal nos víamos, mas acolhíamo-nos com uma confiança fraterna, como se desde sempre nos conhecêssemos.

Ao cabo duma hora de caminho, estas afluências de gente, haviam já constituído uma turba numerosa. E tôda ela cantava em côro, na música do Avé de Lourdes:

A treze de Maio
Na Cova da Iria...
... ...
Ave! Ave!
Ave! Maria!

E íamos pensando que aquêle agrupamento sempre crescente de pessoas advindas de tôda a parte, sem se conhecerem e todavia irmanadas na mesma fé e na mesma devoção mariana, era a imagem do renascimento de Portugal cristão operado por intervenção de Maria, por intervenção da Senhora de Fátima.

De facto hoje por tôda a parte se nota um renascimento de fé que rompe de Fátima e dali irradia por todo o país e até pelo estranjeiro. Cheias de fé nova e nova esperança, as almas erguem-se para Deus, clamando a saüdação mariana:

Ave! Ave!
Ave! Maria!

CORREIA MARQUES

Coisas que eu penso

Há outro sêlo, que se encontra na Igreja católica e que se não encontra igual em mais nenhuma.

É uma marca divina, que ela teve sempre e que em todos os tempos deu nas vistas até dos seus próprios inimigos.

É o do amor do próximo.

Todos nós sabemos que os mandamentos da lei de Deus são dez e que dêsses dez os três primeiros se referem à honra de Deus e os outros sete ao proveito do próximo.

Não podemos negar que nas outras religiões cristãs se encontra também o amor do próximo e até em religiões não cristãs. Mas na Igreja católica êsse amor do próximo encontra-se tanto à vista, e em tão numerosas obras, que os próprios inimigos do catolicismo são obrigados a reconhecer que nenhuma outra religião pode competir com a nossa em obras de proveito do próximo.

Logo no princípio do cristianismo os cristãos deram tais exemplos de caridade, chegando a pôr em comum os seus bens para acudir aos pobres, que os pagãos exclamavam: Vêde como êles se amam uns aos outros!

E tão longe foram nesse caminho, que os socialistas e comunistas dos nossos dias não tiveram dificuldade em apanhar aqui e além algumas palavras do Novo Testamento e de alguns Santos Padres dos primeiros tempos para tentarem provar com essas palavras, que os primeiros cristãos eram socialistas e comunistas.

Mas há mais: todos nós conhecemos agora e empregamos a palavra *caridade*, em portuguêsa, e com algumas variantes nas outras línguas derivadas do latim. E sabemos todos o que é a caridade, o que são casas de caridade e Irmãs da Caridade e o que são as Misericórdias e o que é a misericórdia, que nos leva a exercer a caridade em tôdas essas obras.

Pois bem: se agora renascessem e viessem pára um país cristão alguns dêsses grandes homens que viveram antes de Cristo e conhecessem a grandeza da chamada civilização romana pagã, êsses homens não compreenderiam essa palavra caridade derivada da língua que êles então falavam! E porquê? Porque em latim *caritas* significava outra coisa e foi com a grande revolução nos costumes, feita pelo cristianismo, que ela passou a significar o que hoje significa! Uma coisa que então não havia!

E efectivamente, pensem nisto: vai-se a uma cidade qualquer cristã, e sobretudo católica, e não é preciso ser cidade: basta qualquer vila — e é frequentíssimo que aí não haja alguma obra de caridade, nascida do amor do próximo inspirado às almas pelo amor de Deus, que a religião impõe, porque ensina que todos somos filhos do mesmo Pai que está nos céus. Uma misericórdia, um asilo, um hospital, ao menos uma caixa de Esmolas para os pobres, existem sempre em qualquer terra onde à sombra duma cruz haja uma casa de Deus.

Quem é que poderia meter num número inteiro da *Voz de Fátima*, em letra da mais miudinha, só os nomes de tôdas as obras de caridade, grandes e pequenas que há só cá em Portugal, nas cidade, vilas e aldeias até?

Agora ponham o pensamento por aí fora a percorrer todo o mundo, tôdas as nações e imaginem, se podem, o que é em tôda a terra essa seara imensa do amor do próximo a produzir frutos variadíssimos de caridade, para doentes, crianças, velhos pobres, loucos, selvagens...

Porque caridade não é só o rico e o remediado tirarem do seu muito ou do seu pouco, sem ninguém os obrigar, uma parte para os pobres e doentes, etc., porque Deus assim o manda; é também caridade — e que caridade! — isso que vemos cada dia em todo o mundo: homens e mulheres nascidos no meio da civilização da Europa, muitos e muitas no regaço da riqueza, deixarem tudo, família, bens, confortos da civilização — e vestirem a roupeta de missionários e os hábitos de missionárias, e partirem para as regiões ardentes da África, para as regiões perigosas da China infestada por bandidos, ou para as regiões geladas das regiões polares, para ensinarem a doutrina a selvagens, a tratar doentes, a morrerem por lá em perseguições, ou tratando leprosos ou sucumbindo em pouco anos aos estragos de alguns climas...

Que outra religião pode medir-se com a católica neste campo da caridade?

Dirão que também há missões protestantes! Há, há! Se não fôsse a questão de verdade ou êrro, isto é: se eu não fôsse católico e não reconhecesse os erros do protestantismo, quem me dera ir para uma missão protestante, inglêsa ou americana, com a madama e os meninos, bem pago em libras libras! É muito diferente a sorte dos missionários católicos, que vivem de esmolas, sabe Deus como! e partem sós, com os seus companheiros, para uma vida de sacrifícios, e não como colonos bem providos de tudo, que entre outras coisas vão ensinar religião.

Mas se tôda a gente reconhece que, apesar dos meios de que dispõem as missões protestantes, as missões católicas são manifestação muito mais sublimes de caridade cristã, que diremos dos outros inimigos do catolicismo dos livre-pensadores, dos maçons, dos socialistas e comunistas? Êles também dizem que amam o próximo. Mas onde estão as obras que provem êsse amor?

Percorram o nosso país todo e preguntem em cada cidade, vila ou aldeia, onde estão os asilos, os hospitais, as Misericórdias, as casas de doidos, as caixas de esmolas para Sopas dos Pobres, etc. — criadas e sustentadas pelos maçons, pelos livres-pensadores, pelos inimigos da Igreja católica!

Nenhumas obras dessas encontram ou apenas uma ou outra, em tão ridículo número, que é melhor nem falar nisso!

O que se encontra — isso sim! — são muitíssimas casas de caridade, criadas pelos católicos, e que recebem esmolas até de pessoas dessas, ou sem religião, ou desorientadas, que não gostam da religião católica, mas que assim praticamente, são obrigadas a reconhecer que para obras de caridade não há como os católicos!...

Isso sim, que se vê a cada passo!

E é o que eu digo: é outro sêlo divino que distingue a religião católica de tôdas as outras! Até os indiferentes, até os seus inimigos, são obrigados, hoje como no tempo dos primitivos cristãos, a reconhecer que em amor do próximo não ha nenhuma religião que vença a religião católica apostólica romana...

E se Deus existe, como a razão nos prova, não nos dia também a mesma razão que Êle não deixaria esta religião, se fôsse falsa, vencer no exercício da caridade de qualquer outra que fôsse verdadeira, mas não apresenta estas provas da sinceridade da sua fé?!

B. A. LANÇA

Rev. P.e Herrera que discursou à multidão dos peregrinos no fim da Missa dos doentes

Grupo dos propagandistas da Acção Católica de Espanha com o Sr. Bispo de Leiria e o sr. Rino, presidente da Juventude Universitária portuguesa, — na peregrinação de 12 e 13 de outubro.

Saüdades do Lar

Como um motorista conta a sua conversão operada na Fátima no dia 13 do mês passado.

Eram oito horas da manhã quando cheguei a Fátima.

Depois de tomar alguma coisa abanquei a trabalhar até cêrca das cinco da tarde e retirei-me, cansado do trabalho do dia que se viera juntar ao dos dias anteriores.

Mal tive tempo de saüdar Nossa Senhora e contemplar, de fugida, a procissão que conduzia a imagem da capelinha das aparições.

Garrida de bandeiras desfraldadas ao vento e iluminadas por um sol quente e claro, a procissão adquiria tal côr que os olhos ficavam-se-nos pregados naquela maravilhosa visão de piedade e fervor.

Estava sentado na casa dos correios. Foi ali que me veio encontrar um amigo intimo.

Convidei-o a sentar-se e, quási distraído, comecei a olhar a procissão.

As bandeiras haviam subido tôdas a encosta da nova igreja.

A imagem encobria-se-me agora também.

Estendi os olhos e voltei-me para o amigo.

— *Desculpa! Ia tão linda a procissão! Por mais que a veja nunca é gente se cansa.*

— *Isso é verdade. Há gente que vem aqui só para ver as procissões.*

— *Faz tanto bem à alma a contemplação tranquila dêste espectáculo deslumbrante...*

— *Se faz... Até aos descrentes.*

— *A êstes não sei... Eu falo de mim. Desculpa e admiração em que fiquei, ao entrares.*

— *Pois eu falo dos outros. Todos os meses aqui se convertem. Coitados, alguns bem lutam contra a corrente sua, no fim, a verdade sempre vence.*

— *Muito gostava eu de encontrar uma destas almas que regressam a Deus.*

—*Que pena! Se soubesse, tenta-te sua que hoje se converteu aqui a sua querida falei há pedaço.*

— *O quê!?*

— *É verdade.*

— *Conta lá! Como foi isso?*

* * *

A imagem chegara ao altar. A multidão trompera no canto do **Credo** e a afirmação **una** do Céu encontra chegara ao fim.

«Et Unam, Sanctam, Catholicam et Apostolicam Ecclesiam!»

«Creio na Santa Igreja, una, santa, Católica e Apostólica»

E o meu amigo começava a narrativa do seu encontro com o *chauffeur*. Não me atrevi a interrompê-lo.

Encontrei-o como por acaso a falar e quis falar-lhe a sós.

— *O Senhor é dos jornais?*

— *Não sou, mas gostava de saber como é que o senhor se converteu.*

— *Olhe, senhor, se tem vindo nunca cedo tinha-me subido ali. Estava a contar uns milagres.*

— *Que pena!*

— *Não tem mal. Eu ainda não perdi a vez.*

— *Muito obrigado!...*

— *Eu era católico. Fui na religião católica que meus pais me educaram e eu vivi, durante muitos anos. Mas um dia encontrei uma rapariga de quem gostei, comecei a namorá-la e vim a casar com ela.*

— *E não era?*

— *Eu lhe conto. A rapariga era filha dum pastor protestante. Eu queria a rapariga. Ele não me dava a filha sendo eu católico. E vai que fiz eu! Comecei a ir às reuniões à casa protestante e casei-me. Já segundo o rito dêles.*

— *Mas chegou a renegar publicamente da fé católica?*

—*Abandonei tudo, como lhe disse.*

— *E ficou sossegado?*

— *Pois aí é que me eu calei. Fiquei cheio de remorsos. Eu não acreditava em nada daquilo.*

Nem dêus. É uma intriguice pegada... Êles andam lá, só por dinheiro... E só a interêsse...

Comecei a dizer à mulher que não andava contente, que aquilo não tinha jeito.

— *E ela?*

— *Tantas coisas ouvia e leu, que hoje já é católica também.*

— *E o senhor porque se não converteu há mais tempo?*

— *Olhe, eu já há muito que andava com esta idea, já. Mas, que quere?*

— *Sim, já percebo, era medo...*

— *Medo, não!*

— *... Respeito humano...*

— *Isso que é?*

— *É assim... a gente não fazer o bem, ou fazer o mal, por causa dos outros.*

— *Ora, era isso mesmo. Imagine que vim aqui, de propósito, outra vez..., e não tive coragem. Não sei o que era que me não deixava confessar. Mas hoje não quis saber. Disse cá com os meus botões: «Hoje é que tem de ser! Dê para onde der, Hei-de me confessar!».*

E confessei-me. Oh! Como estou contente.

Agora sim que sou feliz. Sou católico outra vez. Já tenho a religião de meu pai e minha mãe, a religião em que fui criado, a única religião verdadeira.

Vou casar-me catòlicamente. E aí está como eu me converti.

* * *

Não lhe perguntaste o que é que lhe tinha feito maior impressão para se converter?

— Não.

— Pois hasta de ser interessante. Vamos até lá cima?

— Eu estou muito cansado, mas vamos lá.

Peguei num jornal. Pedi a porta e subimos até ao recinto dos fiéis. A bênção estava a terminar.

Sôbre a cabeça cala um sol abrasador.

A pé firme uma enorme multidão de peregrinos seguia os vários passos.

Dos alto-falantes despejava-se sôbre a massa o pelas quebradas da serra um formoso pregão:

— *Nossa Senhora de Fátima converteu a Alemanha!*

— *Nossa Senhora de Fátima converteu a Inglaterra!*

E o eco repetia ao longe.

Ali, aos pé, da multidão dos fiéis em prece ardente e fervorosa subia ao trono da Virgem Santíssima!

Adeus à Virgem de Fátima

Impressões de D. Manuel Graña, redactor de « El Debate »

O ilustre redactor e director do «El Debate» D. Manuel Graña, tendo tomado parte na peregrinação de 12 e 13 de Outubro passado, a Fátima, deu-lhe exaradas no seu grande jornal — o de maior circulação em Espanha — as suas impressões, em três números sucessivos. Na impossibilidade de transcrevermos todos os seus artigos, não podemos resistir a dar conhecimento aos nossos leitores, do último.

Acabamos de chegar da nossa peregrinação ao santuário de N.ª S.ª de Fátima. Com a imaginação cheia daquelas scenas inolvidáveis e a alma ainda sacudida por tão intensas emoções, vamos dar conta da nossa despedida da «Lourdes portuguesa». Não podíamos supor, quando dávamos notícia aos leitores do «El Debate» em fins de Abril de 1929, que a Igreja havia declarado dignas de fé as aparições, que nós mesmos havíamos de ser testemunha das maravilhas, dos prodígios de fé que então relatávamos.

Vimos com os nossos próprios olhos e trazemos a convicção intima de que começa uma nova época mariana na história religiosa da Península, e mais concretamente em Portugal.

Aquelas multidões bivacando debaixo das árvores e nas penedias, arrastando-se de joelhos na terra, no pó, nos espinhos e nos pedregulhos; dormindo ao relento na terra húmida em duras lages e debaixo de choças improvisadas, só para vir rezar e fazer penitência quási todos, e alguns para curar as suas enfermidades; aquêles vastos edifícios, a futura e grandiosa basílica, os milagres que se vão realizando, tornando conhecido em todo o mundo aquêle lugar; a fé ardente do povo português que desperta impulsionada por uma fôrça divina, nova; a organização admirável que, partindo do facto de Lourdes, supera-o em espírito de sacrifício e devoção grandiosa; tudo isso nos fez pensar que, com efeito, surge na nossa Península um fôco de devoção mariana que irá influir enormemente na consciência religiosa dos dois povos irmãos. Trezentas mil pessoas «de França» nunca se reuniram em Lourdes; trezentos mil portugueses reuniram-se em Fátima, em Outubro de 1929.

Também faltava entre as grandes festas da Virgem, uma dedicada a celebrar a sua morte, que, segundo o Venerável Agreda e a antiga tradição, foi no dia 13 de Agosto; e daí, a razão de se celebrar a Assunção a 15. Esta devoção foi particularíssima de Portugal durante dois ou três séculos, e quando parecia que o laicismo e a impiedade iam destruí-la juntamente com outras práticas religiosas da nação lusitana, a Virgem Santíssima apareceu durante seis meses em cada dia 13 e no último, 13 de Outubro de 1917, fê-lo com assombrosos prodígios no sol, à vista de milhares de pessoas. Os seus mensageiros são três pastorinhos, dos quais dois já morreram, mas esta ainda viva a principal protagonista, Lúcia das Dores, hoje religiosa num convento de Pontevedra. Eclipsou-se, mas a sua mensagem, ou melhor, a mensagem da Virgem ressoa por todo o mundo e congrega, no vale da sua aldeia, multidões inumeráveis, formadas por individuos de todas as classes sociais.

Fátima é uma pequena freguesia da Diocese de Leiria, perdida num dos vales da serra de Aire. O seu nome árabe, como o da filha de Mafoma, foi-lhe imposto por uma lenda cavaleiresca.

Uma nobre donzela, filha do Vali de Alcácer, convertida ao cristianismo, espôsa dum cavaleiro português, morta com a grinalda de noiva e enterrada numa pequena ermida ou convento consagrado a Nossa Senhora. Desde então, isto por 1184, o lugar tomou o poético nome da espôsa de D. Gonzalo Ermingues, o célebre «traga-mouros».

E eis como o nome duma donzela árabe foi associado ao santuário moderno mais célebre da Mãe de Deus na Península Ibérica.

A Diocese de Leiria, restaurada em 1918, tem como Bispo actual D. José Alves Correia da Silva, a quem devemos tantas e tão afectuosas atenções. Comprou o actual local das aparições, chamado cova da Iria e previu com tufuição sobrenatural o futuro engrandecimento do lugar Santo.

Em pouco tempo, será formosa realidade a grandiosa basílica que alberga já bom número de peregrinos. Sôbre as pedras amontoadas e espalhadas em redor, acampavam, embrulhados em seus capotes e chailes, grupos de peregrinos na fria noite de sábado, à espera da Missa do domingo.

A direita, fora do recinto de 124.000 metros quadrados, levanta-se o Hospital, com enfermarias, sala de verificações médicas, enfermeiras, etc.

Um pouco mais além, a Casa dos Exercícios; nela têm lugar os retiros, em que tomam parte numerosos médicos, sacerdotes, jóvens católicos e outros grupos. O lugar não pode ser mais apropriado. A corrente sobrenatural que invade aquelas paragens é, de si, o melhor instrumento de santificação.

Com êle a Diocese de Leiria recebeu da Celestial Dispensadora das graças um tesouro imenso de bens sobrenaturais e materiais. Bem o compreendem o seu zeloso Prelado e os sacerdotes e fiéis.

Para auxiliar as peregrinações surgiu a «Pia União de Servitas de N.ª S.ª de Fátima». Dividida em secções de sacerdotes, médicos, maqueiros e enfermeiras, todos rivalizam em trabalho abnegado, servindo gratuitamente os enfermos e devotos; e nêles a Virgem SS.ma que quis fazer de Fátima o santuário mais notável de Portugal. Nós mesmo recebemos também os seus bons serviços e vimos a amabilidade com que atendem sãos e enfermos.

O seu órgão oficial a «Voz de Fátima» é distribuido gratuitamente aos peregrinos; mas chegam-se a espalhar em todo o país mais de trezentos mil exemplares.

* * *

Depois de nos despedirmos do Senhor Bispo, com demonstrações mútuas da mais sincera estima, fomos dizer o «Adeus» a Nossa Senhora. Não obstante os peregrinos terem passado noite e dia em dura vigília e oração contínua, encontrava-se ainda um grupo de fiéis diante da imagem de Nossa Senhora. Nunca mais seguramente, deixará de haver devotos na Fátima, sobretudo quando a Basílica estiver concluida. Não é fácil concretizar os factos e emoções daquele momento. Uns levam medalhas, terços e pequenas estátuas; outros, água da fonte milagrosa; outros, ramos de oliveira que se encontram dentro do terreno que podemos chamar sagrado.

Da azinheira onde apareceu Nossa Senhora, não restam senão as raizes debaixo da terra que é guardada por uma grade de ferro. O que levamos todos é uma lembrança inesquecível de termos vivido uma horas de intensa vida sobrenatural, e visto o «grande milagre de Fátima» nestes tempos de refinada incredulidade e de materialismo grosseiro.

Ao dobrar, pela última vez, os nossos joelhos no pó do vale, santificado pela presença da Rainha do Céu, sentiamos ainda humilhado o orgulho das nossas preocupações económicas. A Virgem não tinha multiplicado os pães para a multidão, e no entanto, todos voltavam alegres para as suas terras, cheios de consolação e esperança; se se não tinha realizado aí o milagre, levavam a certeza de que se realizaria em suas casas.

O nosso «auto-car» conduz-nos agora pela lindíssima estrada, feita há pouco, para unir a cidade episcopal de Leiria a Fátima. O sol já se escondeu por detrás dos pinaraos da serra de Aire, e o vale e a paisagem povoam-se de silêncios misteriosos. Passamos pelo famoso Mosteiro da Batalha, monumento que comemora a independência de Portugal em Aljubarrota. Aos espanhóis de agora não nos sugere nenhum pensamento hostil contra a nação irmã; como irmãos nos receberam e trataram. Em pouco tempo chegamos a Leiria, junto do seu poético rio «Lis»; passeamos por seus aprazíveis e assedados jardins e ainda contemplamos as ruinas do seu castelo medieval, cujas ameias se destacam no azul-escuro do céu, iluminadas por um projector eléctrico, e poetizadas com a claridade fantástica da lua. Mas, ao passar pelas avenidas silenciosas, vimos ainda grupos de peregrinos que voltavam de Fátima com seus jumentos; e alguns penitentes, descalços a-pesar-de dois dias de viagem. E no místico silêncio da noite, rezam e cantam ainda; cantam a sua fé, a sua esperança e amor à Virgem de Fátima.

Manuel Graña

INFORMAÇÃO UTIL

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS

Escreva a:

MAIAS, IRMÃOS - Fundadores

Cidadelha — Castelo da Maia

Se V. Ex.ª precisa plantar FRUTEIRAS-ROSEIRAS-ARVORES PARA ESTRADAS, não hesite, pois as nossas são da maior confiança e desinfectadas pelo gaz cianídrico.

Cada molho ou furdo leva o sêlo de garantia do Estado.

MOREIRA DA SILVA & FILHOS

R. Triunfo, 5 — Pôrto

Catálogo 67 — grátis.

Na Alemanha de hoje

As notícias que nos chegam do estranjeiro são sempre recebidas com ansiedade.

Nesta proximidade da guerra o interêsse aumenta.

E então se as notícias dizem respeito a Portugal?

Pois é uma dessas notícias que hoje, com todo o gôsto, vimos dar aos nossos leitores.

Trata-se, nem mais nem menos, dum monopólio concedido pela Alemanha a um súbdito português.

De que se trata?

Os católicos alemães que tanto têm crescido em devoção para com Nossa Senhora de Fátima, só querem receber imagens idas de Portugal e feitas pelo notável escultor: José Ferreira Tedim — do Coronado — Santo Tirso.

— *Nossa Senhora de Fátima converteu a Alemanha!*

— *Nossa Senhora de Fátima converteu a Inglaterra!*

Perdi-me do amigo...

Joelhei diante do Santíssimo Sacramento que passava, adorei-o e fiquei-me a pensar se não queriria a Senhora de Fátima mostrar-nos aquela conversão a fonte de maravilhas operadas pelo seu Coração Maternal a favor dos nossos irmãos transviados — os pobres protestantes.

Oh! Deus traga, em breve, ao seio da Igreja Católica êsses milhões de filhos pródigos que *longe da casa paterna perdem de miséria e de fome!*

Oremos e trabalhemos por isso!

Leiria, Setembro de 1933.

Columba de Oliveira

Graças de Nossa Senhora de Fátima

Úlcera no estômago

Francisco Pacheco — S. do Campo Alegre — Pôrto, diz o seguinte, em carta de 13-6-1934.

«...Há anos que sofria horrivelmente do fígado e estômago não podendo comer nem trabalhar, Cheguei a ser radiografado, e do exame feito à radiografia os médicos concluiram que tinha principios de uma úlcera no estômago.

Vendo-me nesse estado dirigi as minhas preces a N. Senhora de Fátima prometendo ir ao seu Santuário no mês de Maio e dar-lhe uma esmola, se Ela motivasse do Céu a minha cura. Passados apenas 3 dias após as minhas súplicas, comecei a melhorar rápidamente sem ficar com qualquer vestígio da doença.

A uma Mãe tão liberal e poderosa como N. Senhora de Fátima, e que derrama tantas graças por êstes filhos tão pecadores, eu não podia deixar de vir patentear a minha gratidão e a minha homenagem de servo e filho ainda que indigno.

Tuberculose

António Gomes Ferreira — S. Romão de Fonte Coberta — Barcelos, em carta de 13-3-1934, diz, em resumo, o seguinte:

"Achando-se minha mulher gravemente doente com uma tuberculose juntamente com vários ataques nervosos e desfalecimento no coração, procurei na medicina da terra a sua saúde consultando quatro médicos que julgava sabedores, porém sem ter obtido resultado algum apreciável.

Vendo que da medicina da terra nada conseguia e considerando que havia já seis anos que minha mulher se encontrava atacada daquele terrível mal, voltei-me para a medicina do Céu, prometendo a N. Senhora de Fátima que assistiria ao mês de Maria com o fim de alcançar do Céu as melhoras para a minha doente.

Passou-se, porém, o mês de Maio sem que a doente obtivesse melhoras sensíveis; mas, nem por isso desanimei. Passados três meses tôda a família fêz uma novena a N. Senhora de Fátima pedindo com todo o empenho a saúde para a nossa doente. Foi então que ela começou a sentir-se melhor, e hoje sente-se já bastante bem, graça esta que atribuimos e agradecemos a Nossa Senhora de Fátima.

Tumor

D. Piedade Mendes Carapinha — Leiria, em carta de Julho, diz o seguinte: — «Tendo sido vítima de várias hemorragias uterinas, resolvi consultar em Março de 1933 o Ex.mo Sr. dr. Luís Raposo que me aconselhou uma operação visto ter-me encontrado um tumor donde, segundo disse, poderia resultar um cancro.

Não podendo conformar-me com esta idéia, resolvi impôrar o auxílio da Boa Mãe do Céu pedindo-lhe, não tanto que me curasse, como que evitasse o eu ser operada e prometendo, finda uma novena, ir a Fátima renovar o meu pedido ou publicar esta graça no seu jornal, caso me tivesse sido concedida.

Ainda a novena se não tinha acabado começava a ver menos inchado até que cessaram por completo começando eu a sentir-me bem.

O ano passado fui de novo consultar o mesmo Clínico que, bastante admirado, me disse que eu não carecia já da operação que me havia aconselhado; no entanto, como eu falasse na publicação desta graça citando o seu nome para maior glória de Nossa Senhora, mandou-me esperar mais algum tempo não fôsse caso que as melhoras fôssem apenas passageiras.

Como até agora continuasse sempre a passar bem, voltei a Coimbra e sendo de novo observada, o Ex.mo Sr. dr. Luís Raposo, não teve dúvida alguma em fazer a declaração que junto envio; agradeço assim a Maria Santíssima o ter-me alcançado tão grande graça.

Que o seu Nome seja para sempre louvado e glorificado na terra.»

(*Segue a declaração do Médico:*

«Declaro que tendo observado em 6 de Março de 1933 a Ex.ma Sr.ª D. Piedade Mendes Carapinha, verifiquei que sofria de miomas intersticiais volumosos, complicados de hemorragias. Observada em 1 de Dezembro de 1934 e observada hoje pude verificar que os miomas se reduziram bastante de volume, tendo desaparecido por completo as perdas sanguíneas.

Daqui resultou tornar-se dispensável a operação que lhe aconselhara quando do primeiro exame.

Coimbra, 29-V-935

Luiz Raposo

Artério-esclerose

O Rev. P.e Manuel Ferreira de Brito, Capelão das Irmãzinhas dos Pobres, no Pôrto, agradece a Nossa Senhora de Fátima a cura da artério-esclerose, desaparecendo-lhe as tonturas da cabeça e vertigens, tendo prometido publicar na «Voz da Fátima» esta graça.

Graças diversas

— *D. Maria de Lourdes Dargent*, —Paredes, diz o seguinte: «Em Agosto de 1931, uma minha filhinha foi atacada de tosse convulsa e em seguida de uma pleurisia purulenta. Dois médicos declararam-na também como tuberculosa e já perdida.

Recorri então a Nossa Senhora de Fátima e prometi, se os salvasse, publicar no seu jornalzinho a sua cura.

Hoje encontra-se completamente bem, favor que devo e quero agradecer aqui publicamente a Nossa Senhora de Fátima.

— *D. Maria Joana Marques*, — Reguengos de Monsaraz, muito reconhecida agradece a graça que N.ª S.ª de Fátima lhe alcançou, curando-a em 15 dias a sua filhinha de oito meses, de umas graves queimaduras, sem que ficasse com defeito algum.

— *Augusto Luiz Teixeira*—Sonim, Val Passos, agradece uma graça temporal que alcançou por intercessão de N.ª S.ª de Fátima.

— *D. Josefina Teles Grilo*, — Lisboa, vem agradecer a Nossa S.ª de Fátima a cura de sua sua sobrinha.

— *D. Rosa da Cunha Mendonça* — Terceira, Açores, agradece a Nossa S.ª de Fátima diversas graças temporais que obteve por sua maternal intercessão.

Manuel Freire — Ponte, Celsa, em carta de 16 de Março de 1934, diz o seguinte: No dia 11 de Janeiro de 1932 fui acometido de *febre tifóide* que me prostrou por completo. Fui tratado por três médicos, os mais celebres que então conhecia. Contudo não experimentava alivio algum. Sobreveio-me ainda uma apendicite que me tolheu o movimento a uma das pernas de modo a não poder estendê-la. Mais uma vez recorri à sciência humana, mas mais uma vez também vi baldados todos os esforços. Foi então que, com a maior confiança possível, com outras pessoas da minha família, recorri ao Céu, implorando o auxílio de N. Senhora de Fátima. Prometi ir ao Seu Santuário tôdas as vezes que me fôsse possível e ai comungar tôdas as vezes que o pudesse fazer. Estava completamente convencido que por intercessão de Nossa Senhora recuperaria a saúde. Com efeito, volvidos poucos dias a febre desapareceu consideràvelmente.

A convalescença foi rápida, e as fôrças voltaram dentro em breve.

Em suma, decorridos dois meses estava completamente restabelecido. Por isso eu queria ao menos aqui, pois em outra parte me não permitem os meus recursos, firmar o meu agradecimento bem sincero a Nossa Senhora de Fátima por graça tão importante que me foi concedida por sua maternal intercessão.»

NA INGLATERRA

O Rev. P.e Zalusta, S. J., autor do livro — Our Lady of Fatima—(Nossa Senhora de Fátima) cuja segunda edição prepara, pede-nos a publicação da seguinte graça:

Uma piedosa senhora católica, Ignes Grant, de Londres, que estava entrevada havia muitos anos, com reumatismo artrítico, suportando os seus padecimentos com muita paciência e mostrando-se muito bondosa com todos os que a rodeavam, perdera a vista de um dos olhos e, a-pesar-dos esforços médicos, o outro ôlho estava já terrivelmente atacado de glaucoma.

Um sacerdote recomendou-lhe, então, uma novena a Nossa Senhora de Fátima e que usasse da água do Santuário e que trouxesse consigo uma medalha de Nossa Senhora.

Começou a fazer o que lhe aconselhavam de aconselhar, sem contudo ter obtido resultados sensíveis de cura.

Fêz-se uma segunda novena algumas semanas antes da sua morte, depois da qual um bom especialista de Londres declarou que havia verificado, antes da morte de Ignes Grant, que nela não existiam já vestígios da antiga doença. Na véspera da sua morte, ocorrida a 24 de Abril de 1934, pôde ler quási sem dificuldade algumas orações num livro de letra bem pequena. Tinha-lhe Nossa Senhora obtido a graça da vista corporal para se despedir dos que a amavam, pouco antes que a sua bela alma pudesse contemplar alegremente e sem véu o Senhor Jesus que recebera como Viático na véspera da sua morte.

Na India Inglesa

«Her wonders in India» n.º 8

Cura duma hérnia

Cullen Road West, Alleppey, **8 Fev.** 1933.

O meu pai, na avançada idade de 74 anos, diz A. J. D'Cruz, sofria duma hérnia. Esta agravou-se de repente na noite de 10 de Janeiro, em razão da descida dos intestinos. Ainda que não faltou a assistência médica com todo o cuidado possível, não conseguiu o médico recolher os intestinos no seu lugar e julgou indispensável uma operação para evitar a estrangulação. A pedido de um meu amigo demos-lhe a beber algumas gotas de água de Fátima e também se Deu deitou uma pouca sôbre a parte lesada.

Com surpresa de todos os presentes, o doente sentiu alivio mais hora depois. O médico que voltou imediatamente com intenção de levar o doente para o hospital para o operar, ficou surpreendido quando o viu curado.

E depois de o ter examinado mais uma vez, declarou que já não precisava de operação.

Alivio numa paralisia

30 Main Road, Royapuram

Madraste, 14 Dezembro 1934

Sou médico de profissão, diz o dr. E. Stevenage. A 26 de Novembro 1933 acordei pela manhã com um ataque de paralisia no lado direito. Minha irmã, Madre Inês, religiosa do convento de Ernakulam, mandou-me um livro com graças de Nossa Senhora de Fátima, oferadas algumas com a água do seu Santuário.

Por meio de minha irmã obtive uma pouca dessa água. Depois de a usar, sinto-me melhor; graças a Nossa Senhora pelo alivio que me deu. Tomei a água, rezei o Têrço e outras orações durante uma novena.

VINHO BRANCO ESPECIAL PARA MISSAS

Pedidos a

ANTONIO DE OLIVEIRA

Aldeia Nova — Norte

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	713.873889
papel, comp. e imp. do n.º 137 (319.871 ex.) ...	17.484932
franq.os sinbal. transp. etc.	8.370800
Na administração	180840
Total	740.518813

Donativos desde 1/8/33

Cândida Cardoso — Pôrto, 20800; M.ª Leopoldina Nogueira — C. da Rainha, 20800; M.ª P.ª Subtil — Barrô, 20800; José J. Fraga — América, 44800; Francisca Pereira — Evora, 30900; Armando Ribeiro Baptista — Evora, 40900; P.e A. José J.os—Cuteiro, 15820; António Rodrigues — Lisboa, 20800; M.ª J. Miranda — Açôres, 20800; Guilhermina Gonçalves — América, 22833; Manuel Costa — América, 22820; Raimundo Monteiro — Dakar, 15800; Quintino Dias Gouveia — Madeira, 20800; Mariavelliano José de Almeida—Lourenço Marques, 405800; Custódio Balbosa — Candemil, 20800; Maria Mendonça — Lisboa, 20820; Anl.ª M. Coutinho — Açôres, 20800; M.ª C. Lopes — Fig.ª de C. Rodrigo, 20800; M.ª Bed. da Castro—Murtosa, 20800; M.ª Ag. Leal — Alvorninha, 20800; Esmolas em Fotaires do Sul, 30400; João dos Reis J.r — Lafoeiro, 20800; Dulce Soares de Matos — Pedrouços, 15800; Grupo de Cabeceirenses em Setúbal, 201035; M.ª Marg. Castro — Lisboa, 20800; Mateus Miragaia — Arrifana, 15800; José Cardoso — Bristol, 15800; Alfredo Dias — Mampula, (50800 Angolares); Instituto feminino da Beia, 20800; M.ª S.ª Vieira — Alpalhão, 20800; Emilio Gomes—Lisboa, 20800; Ana T. dos Santos — Lordelo, 20800; Joaquina da Silva—Carregado, 20800; Viscondessa de S. Otão — T. Novas, 20800; M.ª Trind. Alveu — Serra da Vila, 15800; M.ª Júlia Fig.ª — Funchal, 20850; Gertrudes, Pires — Alter do Chão, 20800; n.º 1408 — Câmara de Lobos, 15800; Perpétua Furtado — Lisboa, 20800; M.ª Inês Vieira — Lisboa, 15800; Distrib. na Estrêla — Lisboa, 20800; Manuel da Silva Jordão — Carrito, 20800; M.ª Rodg. Madeira — Lisboa, 15800; A. dos Anjos — Cast. Rodrigo, 20800; João Coelho Reis — Lisboa, 30800; John Souto — América, 15800; Fernando de Vilhena — Lisboa, 20800; Leonor Branco — América, 15800; Manuel Pedro Pires—Rabaçal, 30800; Baronesa do Seixo — Pôrto, 30800; Ana Garcia Pulido Almeida — Vidigueira, 150800; Manuel Dias Rosa — Montagnia, 20800; Isabel Gomes da Silva — Portalegre, 30800; Delfim B. Rocha — Oliv. de Azemeis, 30800; Distrib. feita por Ana Patrocinio Neves — Lix.ª 100800; Manuel José d Mira — Lavre, 100800; Casarina da Piedade — Lisboa, 20800; José M.ª Nunes — Lisboa, 22850; Estevão da Mata — Lorvão, 20800; Esmola de Ovar, 115800; M.ª Enz. Portelinho — Portalegre, 20800; Asilo da Sag. Familia — Vilega, 20800; M.ª Costa Coelho — ?, 15800; Alexandrino de Carvalho — Brasil, 15800; Manuel Cunha Moura — Caldo, 21800; Luiz P.ª de Lemsaire — Torres Vedras, 30800; M.ª Isabel Figueiredo — Seia, 20800; Francelina Borges — Lisboa, 15800; Rosa Herdeira de Jesus — Ovar, 12800; Carlos Taveres Almeida — Brasil, 30800; Ernestinda Leite — América, 2 dolares; Maria Camarinha — Brasil, 12800; Carolina F. Rodrigues—Capuchos, 20800; Leonor Carmo — Vila do Conde, 20800; Ana C. Sousa — Evora, 20800; Alzira Vieira — Boaldeia, 20800; Margarida Cartelhas — Matozinhos, 30800; Distrib. em Cabeço de Vide, 52800; Joaquina Pulido — Niza, 15800.

A Escola Oficina, Rua Luciano Cordeiro, 93-1.º Esq.º Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massa.

Não compre ao acaso...

As fotos do vosso Bébé, são muito preciosas...

A PELICULA VERICHROME exclusivamente fabricada por Kodak, tem qualidades que a tornam insubstituivel, nas fotografias do vosso encantador Bébé: Rapidez, latitude de exposição, perfeita reprodução das côres...

Mesmo se estiver escuro, ou se o vosso Bébé dormir tranquilo sob a capota do seu carrinho, tereis a certeza de obter uma bôa fotografia se usardes VERICHROME.

Para que este resultado fôsse possivel, Kodak fabricou esta sua Pelicula, com uma dupla camada de emulsões, suas exclusivas, que vos salvaguardam das diferenças de luz. Ao sol como á sombra tereis sempre boas fotografias com

«VERICHROME»

(Pelicula de Kodak)

Kodak Ltd.-33, R. Garrett Lisboa

Garantimos

PARA

missas o vinho branco consumo

CENÁCULO

DA

COMPANHIA VELHA

fundada em 1756

Rua das Flores, n.º 69 — PÔRTO

L. T. Piver

apresenta:

Nome .....

Morada .....

Côr desejada .....

Preencher êste cupão e mandar a **L. T. Piver** — Rua Saraiva de Carvalho, 207-R. — LISBOA

O Pó de Arroz «Rêve d'Or», extraordinàriamente fino, quási impalpável. Adere à pele, dando-lhe o aveludado da mocidade.

A titulo de propaganda e para que as qualidades incomparáveis deste Pó de Arroz possam ser devidamente apreciadas, oferecemos gratuitamente uma amostra a todas as leitoras que nos enviem preenchido o cupão ao lado.

PÔRTO RAMOS-PINTO

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

CINCO MINUTOS AO CAVACO

Galinhas, Bruxas & C.ª

— Então, comadre Patrícia, que vai de novo lá pela sua parvónia?

— Mosquitos por cordas, comadre Dionísia. A gente nunca pode andar tranquila da sua vida, por causa da ladroagem! O mundo cada vez está mais roto!

— Mas que foi, comadre Patrícia? Roubaram-lhe alguma coisa?

— A comadre, deveras, não sabe? Duas galinhas pedreses, oito frangas e um galo, lindo como um rei, que cantava à meia noite e às 5 da madrugada, um galo que era mesmo um galão! E as galinhas? Tive uma pena, que até chorei, comadre! Sempre ouvir dizer aos antigos: Galinha pedrês, nem a vendas nem a dês. E vêm aqueles demónios roubar-mas!

Oxalá que, quem ma roubou, ainda venha a acabar a pedir uma esmola!

— Mau! não comece já a rogar pragas! Isso não se diz, comadre! Peça mas é a Deus que perdoe ao ladrão e o converta. Porque realmente, comadre Patrícia, a falta de temor de Deus é que faz isto.

Se todos tivessem consciência e temor de Deus, não eram precisas chaves nem trancas nas portas.

— Pois sim, comadre; mas a consciência de certa gente, aonde vai ela, se corresse sempre? De mais a mais, isto cá para nós, há criaturas muito religiosas, de consciência larga, como um esto rôto.

— Criaturas muito religiosas, isso virgula, comadre Patrícia! Pode haver um ou outro hipócrita, mas não vamos agora medir tudo pela mesma rasa! Lá por um burro dar um coice, com licença da comadre...

— Pois quem me apanhou as galinhas é dêsses tais santeiros de pau caruncheito, por fora cordas de viola, por dentro pão bolorento...

— Descobriu-o, comadre?

— Eu... não vi; mas dei cá umas voltinhas e o tipo está apanhado.

— Foram voltas de joelhos, comadre Patrícia?

— Aí está a comadre a fazer pouco!

— Perdão, comadre, até estou a interessar-me! Quem foi o gatuno e por que artes ou por que voltas o apanhou?

— Não foi outro senão o meu vizinho da Carriça... Aquele barbaças...

— O quê? O tio Zacarias?

— Esse, todo chapadinho!

— Não acredito, comadre. Tenha paciência. Esse individuo foi tôda a vida um homem sério, trabalhador honrado, nunca quis dez réis de ninguém. Esteve a servir em casa de meus pais, que Deus haja, e sempre disseram que o Zacarias nunca pegou no valor duma aresta!

— Então foi esta a primeira!

— Mas quem lho disse, comadre Patrícia?

— Quem mo disse, sabia mais do que nós, comadre Dionísia.

— E não se pode saber quem foi?

— Já que a comadre está a querer tirar nabos do púcaro, vou despejar tudo. Olhe: eu e lá o meu Bernardino dávamos voltas ao juízo, examinámos as pegadas, penávamos num e penávamos noutro, queríamos a todo o pano descobrir o gabirú: não era tanto pelo roubo, como pela desfeita.

Vai depois a Brígida da Maruca e diz-me: *Se fôsse eu a ti, dava umas voltas... Conheço pessoa muito entendida no assunto... Bota umas cartinhas... mais umas rezas, alhos e bagalhos e bichas cadelas... e pronto! o ladrão aparece, é fatal!*

— E a comadre que fez?

— Consultei uma mulherzinha de virtude, muito inteligente, que me mandou levar-lhe terra do meu quintal, dois ovos frescos, penas das galinhas e palhas alhas.

— E depois?

— Depois tornei lá com aquilo tudo, fez-me muitas preguntas, fez umas rezas e umas papas, botou as cartas e no fim rasgou o mistério.

— Então quem disse que foi?

— Que fôra um vizinho dos mais chegados ao pé da porta, muito amigo com o meu homem, tendo um filho para além das águas salgadas e que precisou das galinhas para uma jantarada.

— Mas afinal de contas, a bruxa não disse que foi o Zacarias?

— Só não declarou o nome: de resto, levou as mesmas voltas, porque tudo quanto ela dizia, tudo calhava no mesmo: o tio Zacarias, com o meu Bernardino, eram que nem a unha à carne; o vizinho mais chegado, já se sabe que é êle, só se mete um caminho ao meio: tem um filho no Brasil; e no outro dia casou-lhe a filha mais nova a Bastilissa, aonde fez uma boda, que até os cães comeram bifes!

— E ossos de galinha, comadre Patrícia!

— Daqui não há fugir-lhe, comadre Dionísia. Foi êle e não foi outro!

— Agora então falo eu, comadre.

Primeiro, a comadre fez mal, e muito mal, em dar crédito a essas cinceiras, que por tudo e por nada, apontam para a bruxa ou para os pesfeiros. São más conselheiras. Precisavam duma carga de marmeleiro.

— Mas, quem se vê com os seus males, procura, comadre Dionísia!

— Procura, sim, por meios lícitos. Mas o que deve procurar, antes de tudo, é ter juízo! Quem anda por casa dessa gente, fiado em que lhe adivinhe isto ou aquilo, francamente: não tem os cinco inteirados! Pois se essa gente tivesse o poder de adivinhar, tirava a sorte grande em todas as lotarias! A comadre é de bom tempo!

Depois, a comadre fez uns poucos de pecados: acreditou no que lhe disse a adivinhadeira; suspeitou num homem sério, coitado, que teve a infelicidade de morar no pé da sua porta, mas que nunca foi capaz de bolir no que está quieto; levantou-lhe uma calúnia perante o público; deu escândalo em andar a correr para a bruxa, todo o povo o soube, com certeza; fez talvez nascer ódios e inimizades da parte dêle ou da família. Vê, comadre? E tudo por você ser uma supersticiosa!

— Mas a mulher acertou em tudo o que disse!

— Como sabe que acertou?

— Porque era tudo a calhar!

— Isso é por acaso! Se lá morasse no pé de si outro qualquer, passava com as culpas, da mesma forma! Se lá morasse eu, por exemplo, a comadre punha-me a carapuça em mim, porque também tenho filhos no Brasil, fiz um jantar no outro dia e até tenho feito o jantar todos os dias e além disso somos amigas, como o tio Zacarias era do seu homem!

Já vê a comadre que as bruxas, têm sempre a mesma cantiga! Dizem o que lhes apetece, aqui calha, acolá não calha, mas os tolos vêm de lá convencidos! Outras vezes têm agentes espalhados por essas terras, que informam quem são as pessoas que lá vão, quais os seus vizinhos, etc. Essa gente, que anda a intrigar a humanidade, a apanhar dinheiro aos papalvos, precisava de que as autoridades não trouxessem os olhos fechados. A sombra! Só aí era o seu lugar. De mais a mais, tais criaturas levantam falsos testemunhos, são a causa de inimizades sem conta, levam muita alminha ao inferno. E olhe, comadre, tão culpadas são elas como quem lá vai; porque, se não tivessem fregueses, fechavam a porta e cuidavam doutro modo de vida.

Comadre Patrícia: fez mal. Deu escândalo. Roubou o bom nome ao pobre do velhote, que de mais a mais já não é homem que possa avançar muros dos quintais. Agora o seu papel é pedir-lhe desculpa, dizer perante o público que não acredita que fôsse êle o ladrão das galinhas e continuar a investigar, se quiser e puder, a ver se descobre alguma coisa. Mas pelo caminho das adivinhadeiras e botadeiras de cartas, não chega lá, nem que ande sempre.

ANGELO

E' feio *esquecer o A B C*

A
universitários
B
baptizados
C
casamentos

sem a infinidade de objectos próprios para PRESENTES expostos e em venda na grande e afamada

OURIVESARIA ALIANÇA

da Rua dos Flores, 296-Pôrto
Telef., Cin. Cinco, Quatro, Um.

E' feio *esquecer o A B C*

Efectivamente as Sardinhas «Angrinhas», da moderna e higiénica Fábrica de Conservas «Angra», são dignas de recomendação!

Que paladar delicioso sabor! Como são agradáveis as Sardinhas de Conserva «Angra»! Abrimos uma lata e todas as sardinhas sabem a pouco. Finíssimas, agradáveis, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais.

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Conversões notáveis à religião católica

Saiu há pouco um livro da Casa Pustet em que o seu autor, P.e Severino Lamping da Ordem Franciscana, transcrevia quarenta e duas declarações de ilustres personagens dos nossos dias que, depois de aturados estudos e com a graça do Senhor, abraçaram a Fé Católica. São nomes bem conhecidos de Monges, diplomatas, poetas, professores, banqueiros, oficiais, atletas, que se sucedem nestas páginas, e que pertencem aos mais variados países da Europa e doutros Continentes, como Alemanha, Áustria, Hungria, Suiça, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega, Inglaterra, Escócia, Irlanda, França, Espanha, Rússia, Estados Unidos da América do Norte, Japão, China, Índia, África do Sul.

Cada um destes convertidos expõe por seu próprio punho as causas determinantes da sua conversão, e entre os motivos que levaram êstes insignes pensadores à verdadeira Fé, encontramos factos e razões variadíssimas. Como são misteriosos os caminhos do Senhor!

Um médico de Berlim, o dr. Eduardo Schaeffer, aprofundou-se no estudo da natureza, encontrou-se durante a guerra com alguns piedosos sacerdotes franceses, leu livros de Apologética, aprendeu o Catecismo com um jóvem Capelão do exército alemão e encontrou o Caminho de Roma; há catorze anos vive feliz na Religião Católica. O seu trabalho espiritual foi longo e árduo; nas suas Declarações mostra bem quanto foi extenuante a luta contra os inveterados preconceitos do protestantismo.

Diz êle, depois de Catarina Emerich, que os pagãos entram na Basílica de S. Pedro pelas portas abertas, ao passo que os protestantes têm de atravessar as paredes.

Uma senhora holandesa, Francisca van Loer, de família judaica, depois duma vida cheia de aventuras, que a arrastou até ao comunismo e ao cárcere, deve à fascinação da Eucaristia a sua conversão.

Henrique Matorras, secretário geral da «Juventude vermelha» da Espanha, voltou através do comunismo e do espiritismo, à Igreja paroquial da sua primeira Comunhão e à fé da sua infância, única fonte, dizia, da «justiça social».

O Cônsul norueguês, Einar Berrum, fêz-se católico três anos depois de ter chegado ao grau máximo da maçonaria, de que fazia parte. Inquieto na investigação da verdade religiosa, tinha frequentado as igrejas de várias seitas protestantes e anglicanas, encontrando maior conforto naquelas que tinham uma liturgia mais rica. Levado pela mulher, que também ansiava por satisfações espirituais, foi assistir às práticas dum sacerdote católico na igreja de S. Brígida em Fredrikstad. Sentiu logo o influxo das palavras quentes do orador, mas só depois de longa resistência, se entregou ao estudo da história norueguesa e da doutrina católica, e se persuadiu das incoerências do protestantismo, e de quanto é lógico o ensinamento católico.

O obstáculo maior que teve a superar foi o pertencer à maçonaria. E só o venceu quando sua mulher se converteu, ao catolicismo. Tinha dirigido insistentemente a Nosso Senhor aquela oração do introito da primeira domingo do Advento: «Vias tuas Domine demonstra mihi et semitas tuas edoce me» — mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos — e o Senhor ouviu-o.

Um campião de corridas, o preto Ralph H. Metcalfe, e um Campião de pugilismo Knute Rockne exaltam a superioridade dos prazeres espirituais da verdadeira Fé, sôbre todos os triunfos em partidas desportivas. O exemplo dos companheiros católicos das universidades que frequentaram, conquistou-os para a Religião Católica.

O professor russo, dr. Ivan Puryna, aproximou-se do catolicismo, impressionado com a ruína da «Igreja do Estado» do Czarismo. Em Berlim teve ocasião de estudar a doutrina católica. Soube dos fenómenos inexplicáveis da vida de Teresa Neumann, interessou-se pela vida de S. Teresinha do Menino Jesus, e atribue à intercessão desta Santa a sua conversão à Fé Católica.

O professor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, L. M. Balasubrahmaniam S. J., nascido no indulamo, percorreu todos os graus do racionalismo, para alcançar os cumes da filosofia católica.

O ilustre jesuíta compara precisamente a sua conversão a uma extenuante mas consoladora ascensão alpina. A sêde da verdade e da justiça foi o guia da sua ascensão.

Os exemplos, poder-se-iam multiplicar, diz o autor, mas esta pequena galeria de retratos típicos de «homens convertidos à Igreja» ajudará a confortar os crentes, a dar coragem aos indecisos, faz ver aos que procuram honestamente a verdade.

— Ah!... que se as sardinhas, quando as pesco, já viessem assim... em conserva, prontinhas e gostosas...

Sob a protecção de Nossa Senhora de Fátima

Retiros do Clero

Como já no ano passado, também êste ano se reuniram em Fátima a fazer o seu retiro espiritual grupos de sacerdotes das Dioceses do Alentejo.

Os da Arquidiocese de Évora e da Diocese de Beja estiveram ali desde o dia 3 até ao dia 12 de Setembro. Eram em número de cinqüenta e cinco sacerdotes a que presidia a figura veneranda do sr. Arcebispo de Évora.

Os de Portalegre estiveram divididos em dois turnos num total de cêrca de 100, não tendo vindo o senhor Bispo de Portalegre por falta de saúde.

Que Nosso Senhor abençoe os seus sacerdotes!

Retiro dos Irmãos Terceiros Franciscanos.

Iniciados o ano passado no Santuário de Fátima os retiros para Terceiros Franciscanos, e tendo deixado ficar as melhores recordações e bons frutos, quiseram os organizadores que êste ano se repetissem.

Combinada com o sr. Bispo de Leiria a data mais conveniente, realizou-se em Agosto o das Irmãs, e ficou marcado para Novembro o dos Irmãos de 15 a 19.

As condições são as do ano passado.

Para a inscrição e informações, dirigir-se a D. Maria José Monteiro — Leiria.

Retiro dos operários do Santuário

De 21 a 24 de Novembro estarão os operários que trabalham no Santuário, em número de 140, em retiro espiritual.

APOLOGÉTICA POPULAR

A conversão de dois escritores portugueses

No dia 8 de agosto passado foi solenemente colocada no prédio onde faleceu Ramalho Ortigão uma lápida, um medalhão do extinto escritor.

Guerra Junqueiro na «*Velhice do Padre Eterno*» e Ramalho Ortigão nas «*Farpas*», com a sua crítica mordaz e superficial, procuravam demolir a crença do povo e abater a obra gigantesca de Jesus e da sua Igreja.

Afinal reconheceram o caminho errado que tinham seguido. Ambos morreram abraçados à Cruz. Guerra Junqueiro quis ser amortalhado no hábito franciscano e que no seu caixão fôsse bem patente um Crucifixo. Ramalho Ortigão voltou, antes da sua morte, à crença que o embalara — pequenino —, recebeu conscientemente e a seu pedido os Santos Sacramentos e na hora suprema os seus lábios ressequidos oscularam piedosamente a Cruz onde morreu por todos o Divino Salvador.

PHILCO RÁDIO

Novos Modelos 1936

Para corrente e baterias

Tôdas as ondas

CONCESSIONÁRIOS:

Arnaldo Trindade & C.ª L.da

Rua Formosa, 307 — PORTO

Nossa Senhora de Fátima no Estrangeiro

Vão partir, depois de serem benzidas no Santuário e tocadas na Imagem da Capelinha das Aparições, as seguintes estátuas de Nossa Senhora de Fátima, que foram encomendadas:

SUIÇA — para a Igreja do Mosteiro da Paixão de Cristo (Kloster Leiden Christi), Gonton, no cantão d'Appenzell, encomendada pela Madre Superiora.

ALEMANHA — para a igreja de Gummersdorf, ducado de Baden, a pedido do Rev. Karl Ehrler.

— Outra para a igreja de Untergriesbach em Passau, encomenda do Rev. Joseph Fritsch.

POLÓNIA — Para Tarnow-Stanislau, encomenda do Mgr. Dom Szkala.

INGLATERRA — Antilhas inglesas na América Central.

Da Ilha da Trindade (Trinidad Island) foi requisitada uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, pelo Rev. M. T. O'Niel O. P. para ser exposta à veneração dos fiéis na Igreja de S. Patrício (Saint Patrick Church — New Town) a expensas da Família Gouveia que ali habita.

No Congo Belga

Nossa Senhora de Fátima — A Colónia Portuguesa de Matadi (Congo Belga) convidou o Senhor Bispo de Angola a ir àquela cidade inaugurar o culto de Nossa Senhora de Fátima e pregar.

Em Fribourg (Breisgau)

O «Bote von Fatima» que se publica em Alemão na cidade de Basileia (Suiça) e cuja missão é tornar conhecidas entre os países de língua germânica as maravilhas de Nossa Senhora sob a invocação de «Fátima», descreve no número de 13 de outubro a peregrinação à igreja de S. Konrad, em Fribourg, onde se venera uma estátua ida de Portugal.

Foram mais de mil pessoas de tôdas as idades e classes, que juntas rezaram o rosário em honra de N.ª S.ª de Fátima, e que depois escutaram cheias de devoção as palavras do prègador que a todos que tinham vindo inflamou no amor e na veneração à augusta Rainha. Viam-se correr lágrimas de comoção e de alegria e todos sentiam que mais uma vez estavam com a sua Mãe. Durante a procissão na Igreja, com o ventiladores, que acompanhavam com lírios meninas vestidas de branco, cantaram todos cheios de amor o lindo cântico de Fátima. Sôbre os braços da azinheira que é aqui muito popular.

Projecto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima a levantar em Cochin (India inglesa)

Nota — As inscrições na fachada dizem: Refúgio dos pecadores, rogai por nós — Nossa Senhora do Rosário de Fátima, rogai por nós.

PHOENIX

C.ª Inglesa de Seguros.

Máxima garantia às melhores taxas.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Aos Ex.mos Assinantes

A «Voz da Fátima» tem tantas centenas de assinantes que nunca pagaram as suas assinaturas que, com regularidade, recebem já há anos!!!

É certo que a «Voz da Fátima» não faz cobrança pelo correio, mas conta com a generosidade dos seus amáveis assinantes.

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico

120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P. B. X. n 1332

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PORTO

Telefone 4193

AGENCIAS EM TODO O PAIS

J. A. C. F.

No mercado

Tinham acabado de soar 12 badaladas no relógio da igreja matriz, quando Teresa viu chegar ao lugar vizinho a Ti'Ana da sua aldeia acompanhada duma filha, bela rapariga sadia, alegre e trabalhadeira.

Já tinham vendido os ovos e as galinhas e agora forneciam-se dos géneros precisos para govêrno, durante a semana.

— «*Bom dia, Tia Rosa*».

— «*Deus a guarde, Ti'Ana; então que novidades há lá pela nossa aldeia?*»

— «*Ora deixe-me cá, Tia Rosa! Comprei a semana passada uma coelha tão linda para fazer criação, não sei que mal lhe deu... morreu-me ontem... O Manel Luís tinha a jumenta à nora, vai o animal prendeu-se a perna ao engenho... quebrou-a mesmo aqui no quadril. Salvo, salvo seja!*» *Depois de narrar minuciosamente mais alguns acontecimentos notáveis, pergunta:* «*A Teresa já lhe contou a grande novidade?*»

— «*Isto é uma boca sagrada! Diga lá vocemecê, senhorã*».

— «*Então não sabe?! A sr.ª D. Luisinha, filha da senhora Condessa vai casar!*»

— «*Ah! Santo nome de Jesus! Palavra?! Se não fora a Ti'Ana eu não queria crer! Uma menina tão amiga das coisas da Igreja.*

— «*Olhe lá, atalhou a Maria, a quem impacientaram as exclamações e espantos da Tia Rosa. «Vocemecê não se casou?... não teve tanta pressa em casar a sua Francisca?*»

— «*Pim... mas... mas...*»

— «*Eu também sou da Juventude e as me aparecer um rapaz de feição, bom e trabalhador que pense cá no meu modo também me caso. E mesmo a Teresa, que ficou a tomar conta da gente até a sr.ª D. Mafalda sair do colégio, é capaz de ser uma boa dona de casa?*»

— «*Mas, ó meninas, o que é lá isso de Juventudes? No nosso tempo vivia-se sem essas coisas e a gente era melhor. Não se estam os desaforos que se vêem hoje*».

— «*É por, no seu tempo, não terem pensado em Juventudes que existem hoje êsses desaforos! Vocemecê nasceu... viveu... sem se importar que outras raparigas precisassem de uma palavra, um conselho... nunca pensou que, a êste mundo, viemos fazer qualquer coisa... casou-se sem procurar saber o que era nem se preparar para êsse acto tão importante... creou os filhos sem saber para quê... deixou a nossa aldeia por uma vila com tanto pouco sem pensar nos perigos que aí os esperavam e agora lamenta-se porque não teve mãe nem nada.*»

— «*Mas o que vinham os Juventudes remediar as minhas desgraças? Se o meu homem fôsse vivo já nada disto seria assim!*» *E a Tia Rosa limpava, com a ponta do avental, uma lagrima de saudade.*

— «*Olha, senhora. Foi por os rapazes e raparigas de agora não serem como os dos nossos tempos, e por se verem muitas desgraças que a Igreja, com carinho de Mãe, lançou mão da Acção Católica, de que faz parte a Juventude Católica Feminina, para que os seus netos e os que hão-de ser nossos filhos encontrem melhor futuro.*

«*Se Deus cria o trigo e o milho para dar pão, o linho para as roupas, os animais para o trabalho, a nós que temos uma alma não nos criou para vivermos como os brutos. Deu-nos compreensão para vermos as coisas. E nós nas reuniões habituamo-nos a pensar, mas a pensar bem.*

«*Eu não quero viver como as eras que se prendem às carvalhas e vivem do suco delas. Nós devemos, primeiro na família e depois no nosso povo, ajudarmo-nos uns aos outros com caridade e é nossa vantagem pois na ocasião que precisarmos também teremos quem nos ajude.*

— «*Bravo, Teresinha, falas já quási como o senhor Abade!*» *disse uma voz atraz dela. Era o regedor que se recusara a deixar entrar a filha mais velha para um grupo jacista que se estava organizando na vila dizendo que não gostava de novidades.*

— «*Então é isto que vocês vão aprender à reunião?... Olha lá!... Se tu fôsses capaz de me ensinar a minha Margarida a ter o teu pensar... estava capaz de a deixar entrar para a associação...*»

— «*A Margarida e a Antoninha também...*» *arriscou a Maria.*

— «*Ah! essa tem 11 anos só!*»

— «*Mas, senhor regedor, também há para as mais novinhas as Benjaminas, para se irem habituando*», *disse a Teresa um pouco a medo.*

— «*O sr. Abade já me cuçou o rapaz para a Juventude masculina... Disse lá — também me quereis levar a mim e a patroa?!*»

— «*Também lá tinham o seu lugar... a Igreja não esqueceu ninguém.*»

— «*Ainda hei-de ver vocemecê na Liga dos Homens de Acção Católica e a sua Senhora na Liga de Acção Católica Feminina?*» *etc. de lá a Maria.*

— «*Bom, bom, contentem-se desta feita com as cachopas*».

— «*Para a próxima é o sr. Pereira!*»

Todos se riram e o Regedor concluiu: «*Quem se mete com raparigas...*»

«*Com as jacistas não se leva a melhor!*».

Mafalda de S. Gens

Cantares Jacistas

"Venha a nós o Vosso Reino"

I

«Venha a nós o Vosso Reino»
Nós Vos queremos Senhor!
Sem Vós não somos Jacistas,
Sem Vós não temos valor!

II

«Venha a nós o Vosso Reino»
Venha Ele ao nosso lar;
Transforme o nosso trabalho,
Num coração a rezar!

III

Reinai Senhor alarado,
Nos nossos campos também...
Reinai no pão amassado,
Por cada grão, loja sem!...

IV

«Venha a nós o Vosso Reino»
Reine em tudo o Vosso Amor!
Vós sois o Senhor da terra,
A terra é Vossa, Senhor!!!

Viana do Castelo 20-X-936

Maria das Dores Fonseca (do)

A's armas... por Cristo-Rei

Jacistas! Um novo ano de trabalhos!

Avante à conquista das nossas irmãs! O nosso campo de batalha é o meio agrário? Que nos não escape um eira, nem vinha, nem outeiro, nem aldeia uma só rapariga! Uma só alma! Um só coração que não pertença a Cristo!

— Mas espera, jacista! Vais armada?

Um combate, uma conquista não se empreendem ao acaso. Tudo quere preparação.

Arma-te de oração: no teu trabalho, nas tuas penas, nas tuas alegrias levanta o teu pensar a Deus e oferece-lhos, por Cristo ao Pai do Céu.

Arma-te de bom exemplo: em casa, no trabalho, na tua aldeia que ninguém note em ti menos caridade, menos perfeição no trabalho.

Arma-te ainda de generosidade incondicional: dá, pela mesma medida que recebeste do Senhor, com amor, com caridade, com o entusiasmo de rapariga.

O inimigo espreita!
De quem será a vitória?!
As armas!... por Cristo-Rei!

Assim como a mósca que se deixou pegar ao mel não consegue já voar, assim a alma que procura as consolações sensíveis não tem a liberdade de espírito nem consegue servir a Deus em verdadeira contemplação. — **S. João da Cruz.**

CRUZADOS de Fátima

Quando puder ser!

Cresce cada mês o número dos que dão o seu nome e a sua quota para os *Cruzados de Fátima*. Somos já a maior associação que existe em Portugal — e nunca houve até nenhuma outra união com tão grande número de associados.

Mas isto não é o **fim** para que existem os Cruzados de Fátima! Se fôsse, francamente, quási não valia a pena. Porque é certo que já é muito que haja uma fôlha de papel, cheia de boas e belas ideias, que cada mês visite centenas de milhares de casas portuguesas!

Mas não nos iludamos: isto não é o nosso **fim.** Isto é apenas um **meio,** para se fazer coisa melhor.

Pensemos um bocadinho: quem são êsses trezentos e tantos mil que já estão recebendo o jornal? São todos, mais ou menos, já católicos; são mais numerosos nas vilas do que nas cidades e nos campos do que nas aldeias.

E onde está o mal que desejamos combater? Onde estão mais numerosos os que vivem longe da fé e, portanto, do amor a Deus, a favor dos quais é mais urgente esta Cruzada? Estão mais nas cidades, que nas vilas, mais nas aldeias do que nos campos.

De maneira que êsses que não recebem — nem talvez, ainda agora, o quisessem receber, nem talvez seja êste o jornal de que êles precisam — êsses é que são o *fim* que nós queremos atingir. A nossa quotazinha é o *meio* para chegarmos a êsse fim.

É porisso que todos quantos pudermos temos o dever de pensar ao mesmo tempo em nós e nesses.

Temos de pensar em nós ao receber o jornal, e dizer, que se o que damos é só o mínimo, só os 20 centavos mensais, já no papel do jornal se gasta connosco uma boa parte dessa quota. Temos de pensar nos outros e dizer: que é preciso **dar** a êsses outros jornais mais fortes que vençam a sua frieza em face da religião, e conferências, e livros, e tudo que os possa conquistar — e tudo isso, que é o verdadeiro e grande fim que todo o Cruzado se deve propor, só se fará **quando puder ser!**

E só poderá ser, em grande escala — porque alguma coisa disso já se faz — quando do meio da grande massa dos cruzados forem surgindo os voluntários de quota maior: os de Cruzado!

Um de Cruzado

Uma boa notícia para os lavradores

Numa notável entrevista que o sr. dr. Oliveira Salazar deu, há pouco, o grande estadista prometeu que brevemente os pequenos lavradores poderão conseguir dinheiro emprestado, a juros baixos, sem ter de cair nas mãos dos usurários, que lhes levam couro e cabelo.

Registemos as palavras do chefe do Govêrno:

Penso, portanto, facilitar a pequena lavoura, duma forma prática, sem grandes dispêndios de tempo e de dinheiro, empréstimos de três ordens: Para sementeiras, a pagar na época das colheitas; para alfaias e gados, a curtos prazos; e, finalmente, empréstimos a longos prazos, para a compra de propriedades, melhoramentos, repovoações, etc.

Êsses empréstimos serão feitos pela Caixa Geral de Depósitos, a juros muito baixos, podendo as Casas do Povo vir a servir como intermediárias para efeito de identificação, avaliações, etc.

Já estou a rodear-me de pessoas capazes de me auxiliarem a realizar êste empreendimento que espero não demore muito.

É uma excelente notícia, esta — e que vai diminuir a amargura dos cidadãos mais pacíficos, mais trabalhadores, mais beneméritos e que (digamos a verdade tôda) até aqui têm sido menos apreciados.

No dia em que os lavradores se arruinassem — o que havíamos de comer?

O Govêrno procurando libertar os agricultores pobres — e porque não também os ricos? — das garras dos usurários, presta à Nação um enorme serviço.

A usura, isto é, o empréstimo de dinheiro com juros exagerados, é um verdadeiro crime.

Se eu emprestar a 20%, sabendo que o meu devedor não poderá tirar dêsse dinheiro um rendimento superior a 15% — eu, não contente por me encher com o suor do desgraçado, ainda o vou obrigar a arranjar por outro modo, dinheiro para me pagar os juros.

Não será isto um autêntico roubo?

Era cómodo, realmente, ficar em casa, à lareira, de perna estendida, e tirar do meu capital maior rendimento do que se andasse debaixo da torreira do sol, ou da frialdade da chuva, a administrá-lo por minha conta...

Os usurários são dos *exploradores* mais vis que há no mundo.

A Santa Igreja combateu sempre a usura, principalmente contra os judeus, que tinham fama.

Alguns santos distinguiram-se muito pelos seus sermões contra os usurários.

No século XV, o franciscano Frei Barnabé fundou o primeiro *Monte de Piedade*, uma espécie de Caixa Geral de Depósitos, destinado a inutilizar a acção dos judeus de Itália, que sugavam o sangue dos pobres.

E o Santo Pedro Leão XIII, o fervoroso devoto do Rosário, e o grande defensor dos operários, também fêz guerra com tôda a energia a êsses parasitas, que não querem trabalhar, nem que os outros depois de mourejarem o dia inteiro tirem do seu trabalho algum proveito.

Uma riqueza que tem sido desprezada. -- Plantemos árvores de fruto

Na última *Página* recomendámos aos lavradores portugueses que plantassem árvores de fruto, muitas árvores de fruto. Sem fruta não se pode gozar boa saúde. É constitui também um excelente negócio.

Dias depois, a *Página Agrícola* das *Novidades* brilhantemente dirigida pelo eng. agrónomo dr. Júlio Eduardo dos Santos (que é também o director da ilustração católica *Renascença*), publicava um artigo sôbre o mesmo assunto, que passamos a transcrever:

Estamos convencidos que a nossa riqueza agrícola melhoraria imenso, se algumas regiões, mais próprias para tal, se intensificassem certas culturas destinadas à exportação. As vezes uma cultura que à primeira vista parece de pequena importância e até improdutiva, pode transformar-se numa fonte imensa de riquezas e dar lucros importantíssimos.

Quem há uns trinta anos passasse pela costa italiana, que vai de Ventimiglia até perto de Génova, tinha a sensação de atravessar uma região inculta e de poucos frutos económicos. Um dia, começaram ali a cultivar flores, em larga escala. A cultura deu resultados tais e tantos que a exportação de rosas, cravos e outras flores para países do norte carreia para a Itália vários milhões de liras. E a região hoje é lindíssima e opulenta.

Coisa idêntica se passa com a região levantina da Espanha que tem o seu centro em Valência. Ali é a cultura da fruta, mormente da laranja, que atrai imenso ouro estrangeiro para a região.

Era a cultura em larga escala da fruta que se podia tentar com êxito entre nós. Ela já se começou ao norte de Lisboa, e os resultados são bastante apreciáveis e cheios de prometedoras esperanças.

Porque não alargá-la e intensificá-la nas regiões próprias para essa cultura?

As frutas portuguesas exportadas gozam já do grande crédito no mercado de Londres e há pouco tempo ainda que ali são conhecidas. No ano passado, venderam-se para lá nada menos de 5.000 caixas. Este ano a sua venda atinge o montante de 50.000 caixas. É um comércio tão importante êste de exportação de frutas que só numa semana, Vila Franca de Xira conseguiu receber do produto da venda as moças a soma de 800 contos.

E mesmo cá dentro, o comércio de frutas é importante e compensador. O valor mensal da fruta consumida na cidade de Lisboa, preços por grosso, orça por 2.500 contos mensais, cêrca de 30.000 contos por ano.

Êste comércio não é ainda tão grande como o dos produtos hortícolas. A venda anual dêstes deve orçar, na capital, entre 50 a 60 mil contos.

Mas pode bem dizer-se que Lisboa é o grande mercado e seguro mercado do país inteiro. Procuramos, porém, focar nestas poucas palavras, a exportação para o estrangeiro.

Já melhorámos muito as nossas embalagens. Mas podemos ir ainda mais longe.

Quando o inverno conseguido sejamos dado um grande passo para a prosperidade económica da nossa terra.

Aqui temos uma voz autorizada a confirmar o que tínhamos escrito.

Lavradores de Portugal: plantai árvores de fruto, muitas árvores de fruto!

Se assim fizerdes, os vossos filhos serão mais sãdios, e a vossa carteira andará mais bem recheada...

Os pomares tornarão Portugal mais belo, e a sua gente mais forte, e mais feliz!

Outra cultura muito importante também, é a das hortaliças, que em Lisboa se vendem ainda carissimas — para ruína dos desgraçados que têm de as comprar.

Postais com prémio

Quem ainda não comprou êstes postais compre-os agora, que é a melhor ocasião! Cada postal custa **só 16 centavos, vale por um ano,** e em cada sábado pode, imbuído pela lotaria de Lisboa, receber um prémio, que pode ser de muitos contos de réis. Se se servem encomendas, pedidas à cobrança, de 6 postais para cima (3$00). Cada encomenda leva um prospecto que explica tudo. É o melhor postal de boas-festas e compra-o agora aproveitando as lotarias do Natal e de Santo António, porque **vale por um ano.**

Mais postais premiados desde agosto: 2919 — 2036 — 1024 — 3061 — 2796 — 2101 — e todos os que tiverem número imediatamente antes e depois de qualquer dêstes.

Dirigir os pedidos à **Editora «Lux»** — Rua de S. Julião, 144 — LISBOA.

Lições e explicações

Professores secundários diplomados, católicos, com 15 anos de prática e óptimos atestados. Escrever: R. das Casas de Trabalho 141, 2.º, D. — Lisboa.

O Cruzado da Fátima, se puder assinar um jornal diário, deve preferir as «Novidades».

Novembro, mês das almas

«Lembrai-vos de mim, vós que fostes meus amigos, porque pesa sôbre mim a Mão de Deus» — é o grito dos nossos parentes, amigos, bemfeitores que nas trevas do Purgatório anseiam por entrar no Céu.

Nós podemos com as nossas orações, esmolas e boas obras apressar a entrada no Céu dessas almas. E elas serão junto de Deus nossas protectoras e advogadas.

Ora um dos meios mais eficazes de sufragar as bemditas Almas do Purgatório é inscrevê-las na Pia União dos Cruzados de Fátima.

A décima parte das receitas são aplicadas na celebração de Missas por intenção dos Cruzados, **vivos ou mortos.**

Todos os dias se celebra em Fátima uma Missa pela mesma intenção.

Vamos, pois, sempre, com maior zêlo!

Estamos no princípio de novo ano de trabalhos. Inscrevamos na Pia União **todos os nossos mortos, e façamos que todos façam o mesmo!**

Que no fim dêste mês de Novembro — o mês dos Mortos — tenhamos conseguido inscrever nesta cruzada de salvação muitas dezenas de milhares de mortos!

Que ninguém se escuse! Todos têm igual obrigação de trabalhar!

É a glória de Deus que o exige!

Reclama-o a redenção de Portugal!

Pedem-no suplicantes as almas dos nossos pais, dos nossos filhos, dos nossos parentes e amigos. Não os quereremos atender?

Já esquecemos a amizade que nos dedicaram, e os favores que lhes ficámos devendo?...

Mãos à obra, portanto!

Deus o quere!

UMA PARÓQUIA MODÊLO

Na província portuguesa mais descristianizada, há, entre outras, uma freguesia, duns 3.500 habitantes, onde a devastação anti-religiosa mais fortemente se fêz sentir.

A maçonaria agiu com ardor nessa povoação, cujas igrejas foram encerradas violentamente, e quási tôdas secularizadas.

Assim se mantiveram uns dez anos.

Esteve durante vinte anos, pode dizer-se, sem pároco.

Há quatro anos, foi-lhe dado um, que só encontrou ignorância religiosa, muito mêdo e uma oposição nada para desprezar... Aos domingos, via na Missa apenas cinco pessoas.

O moço sacerdote é zeloso, tem conseguido melhorar um pouco o ambiente, a-pesar-da pouca simpatia de que os intelectuais da terra envolvem a sua acção...

¿Pois serão os leitores capazes de adivinhar quantas trezenas de Cruzados **estão já constituídas nêste terreno inculto e cheio de cardos?...** Nada menos de 7 trezenas, ou sejam 91 cruzados!...

E digam-nos agora quantas trezenas se poderão fundar na maior parte das freguesias de Portugal cristão.

Não esqueçamos que o exemplo apontado é duma das terras mais afastadas do bom caminho.

E, não obstante, conta já 7 trezenas.

O que se poderá conseguir por êsse país fora, se houver verdadeira vontade de trabalhar!

Está nisso, afinal, o segrêdo do triunfo!

Uma receita contra o divórcio

O célebre estadista alemão, Windthorst foi um dia procurado, no tribunal, por uma mulher que se queria divorciar.

O marido entrava bêbedo tôdas as noites em casa, e ralhava como um doido; ela não o podia aturar mais tempo.

Windthorst preguntou-lhe: E o que é que você faz nessas ocasiões?

— A gente não é santa... Naturalmente respondo-lhe.

— Parece-me que lhe falta lá em casa um móvel...

— Que móvel?...

— Olhe, arranje um oratoriozinho, e quando o seu marido vier embriagado e fizer questão — em vez de falar com êle, fale antes com Deus!

A pobre mulher seguiu a receita, e contou mais tarde que dera um resultadão.

Muitos divórcios não iriam avante, se não houvesse advogador, que, em lugar de *deitar água na fervura*, — agravam logo a irritação do seu cliente, cubiçosos do dinheiro que vão ganhar.

Os que assim procedem, são verdadeiros criminosos, inimigos da sociedade.

Mas aqui está um dos muitos casos que mostram quanto é necessário na vida ter espírito cristão.

Um advogado que não creia em Deus, nos Seus prémios e nos Seus castigos, que não tenha sido educado catòlicamente, quando vir o cliente diante de si, esquece-se com facilidade dos seus deveres de bom conselheiro, e só pensa nos interêsses da sua algibeira.

Para resistir ao dinheiro, e proceder com rectidão, é preciso ter frequentado a escola da virtude e do sacrifício onde o Mestre é Nosso Senhor Crucificado!

Livros sôbre Fátima: todos à venda na «União Gráfica».

No meio do mundo mas junto de Deus

O dr. Pedro Paço d'Arcos acaba de publicar uma sentida e literária biografia de seu ilustre Irmão, o saudoso dr. Carlos Eugénio Correia da Silva (Paço d'Arcos), falecido há quatro anos.

Êste rapaz, que a morte nos levou com 27 anos de idade, foi uma inteligência como há poucas, e um católico como há raros, infelizmente.

Foi o único aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que se formou (em 24 anos de existência da Faculdade) com *20 valores!*

Foi ainda professor da mesma Faculdade, e estava convidado para Lente da Universidade de Coimbra.

O seu extraordinário saber revela-se nos valiosos livros com que enriqueceu a nossa literatura.

O dr. Carlos Eugénio compreendeu, como poucos, que uma das primeiras necessidades da *Acção Católica* é a imprensa: quem tiver a imprensa por si, será senhor do mundo! Amou, pois, com paixão, as *Novidades* para as quais trabalhou com dedicação, entusiasmo e verdadeiro sacrifício. Quem se não lembra dos seus belos artigos e da notável *Página Literária*, que dirigiu?

Mas se êste rapaz, filho de Lisboa, tanto sobressaiu pelos dotes de inteligência que o Senhor lhe concedeu, e pelo bom uso que dêles fez num trabalho de beneditino, de tôdas as horas, que decerto lhe abreviou a vida — é ainda mais notável pelas suas virtudes.

Era impressionante vê-lo, tanto a miúdo, confessar-se e comungar com uma devoção que não era a de uma criança, porque subia mais alto: era a'dum anjo!

Sofreu muito na vida. Um defeito numa perna tornava-lhe difícil o andar. Pois, a-pesar-disso, quando alguém estranhava a caminhada que teria de fazer para, depois de um dia de trabalho, se ir confessar, respondia:

— «Deixe lá. Primeiro está a saúde da alma que a do corpo».

Muitas vezes ia a pé para poder mais largamente socorrer os seus pobrezinhos.

Foi um dos membros mais activos das admiráveis *Conferências de S. Vicente de Paulo*. E ao passo que tantos que lá deviam comparecer, não aparecem — pediu licença para poder assistir às reuniões do Conselho Particular das *Conferências* onde, dizia êle, se aprendia a ser bom cristão.

Carlos Eugénio a todos encantava com a doçura do seu trato, e muitas vezes se prejudicou para favorecer os outros.

No meio da sua longa e tormentosa doença, exclamou um dia numa das suas maiores aflições: — *Ah! é tão bom sofrer muito para têrmos alguma coisa que oferecer a Nosso Senhor!*

Seu irmão conta-nos quanto êle era caritativo, e nós sabemos bem que era assim:

Se pessoas amigas lhe lembravam que andava com pouco luxo, «porque gastava tudo com os pobres» dizia: «Deixe andar rôto, esfarrapadinho como S. Francisco de Assis».

«Entendia que a caridade devia ser feita duma maneira útil e inteligente. Ajudava por tôdas as formas ao seu alcance as obras sociais católicas, sentindo, em especial, uma grande ternura pelas que se dedicam à educação da infância desprotegida da sorte, como as *Florinhas da Rua* e as *Oficinas de S. José*, tendo uma grande veneração pela figura de S. João Bosco.

Ainda hoje o seu nome é recordado com veneração e saüdade em muitas casas e filhas pobres do bairro da Estrêla.

Não tendo fortuna, dando lições para custear as suas despesas, se algumas vezes, por fadiga ou falta de tempo, não podia dar tôdas as explicações que desejava, interrompia as que lhe eram pagas e conservava, se lhe era possível, as gratuitas.

Visitava frequentemente as pessoas de idade, em suas casas ou mesmo em asilos e hospitais; acompanhava-as nas suas enfermidades, lia-lhes muitas vezes para as distrair, e, durante umas férias, que passou em Castelo de Vide, lá tôdas as tardes fazer umas horas de leitura aos cegos do Asilo.»

Nada mais será necessário dizer de quem tanto soube honrar a sua qualidade de fidalgo numa época em que nem todos o sabem.

Todos reconhecerão que êle é uma das maiores glórias da *Juventude Católica Portuguesa*.

Que êste santo rapaz, piedoso, casto como Nun'Alvares, seja imitado pela mocidade, para bem de Portugal, e maior glória de Deus!

Z. G.

O livro a que nos referimos, intitula-se *A vida heróica de Carlos Eugénio*.

Dos livros que o malogrado escritor nos legou, salientamos, as obras: *Jornada duma Criança*, *Vida Heróica* (não confundir com a biografia atrás citada), *Vinho Imperfeito* dum *Peregrino Cristão* (sonetos) e *Atitude do tuberculoso perante a Vida*.

Aforismos de S. João da Cruz

Aquêle que desperdiça a ocasião de fazer o bem é semelhante ao que tendo na mão uma ave a deixa escapar,—não a encontrará mais.

* * *

Qualquer obra boa, por mais pequenina que seja, feita em segrêdo e sem que se aspire a que seja conhecida, agrada mais a Deus do que mil outras que sejam feitas com o desejo de que sejam conhecidas dos homens, porque aquêle que com purissimo amor trabalha para Deus, não se preocupa se sim ou não é visto dos homens nem tão pouco trabalha para que o próprio Deus o saiba. Um tal homem, ainda que Deus nunca o soubesse, não deixaria de lhe render as mesmas homenagens com a mesma alegria e a mesma pureza de amor.

* * *

O homem não sabe alegrar-se nem entristecer-se como convém porque não compreende bem a diferença objectiva que existe entre o bem e o mal.

(Por isso) Não te entristeças demasiado com as adversidades do mundo porque não sabes o bem que elas trazem com elas, bem que foi previsto por Deus para glória dos eleitos.

(Por isso) Não te regozijes demasiado com as prosperidades temporais porque não sabes com certeza se elas te asseguram a vida eterna.

(E então): — Na tribulação recorre imediatamente a Deus com confiança e serás fortalecido, instruído e esclarecido...

Nas alegrias e prazeres recorre também imediatamente a Deus com temor e confiança e não serás enganado, nem a vaidade te vencerá.

ACÇÃO CATÓLICA

CONQUISTAR

«Vai, caminha com coragem!

«As tuas Missões são Roma e as grandes capitais. As tuas Indias são ainda Roma, Paris, Viena, Praga, Madrid ou Buenos-Aires.

«Vai, anuncia por toda a parte a palavra de Deus!»

Foi êste angustioso mas veemente apêlo lançado por Sua Santidade Pio XI à Acção Católica de todo o mundo, ao ilustrar detida e minuciosamente a humanidade, obra do Criador... onde os erros mais torpes parecem querer imperar; onde a irreligião tenta arrasar e destruir o Bem e a Verdade, mascarando-se em sistemas ou partidos... onde o único Deus é o seus dominador e tirânico; e única fôrça: as armas, o fogo e a série monstruosa de invenções, a chamada siderurgia química. Por tôda a parte, livre e despòticamente, reinam: o orgulho, a ambição, a mentira, o ódio... a blasfémia, ao lado da «prova presente». (1)

Cada Organismo Especializado e Auxiliante, que na sua todo, formam a J. C. F. o organismo da Acção Católica Portuguesa para a mocidade feminina, vai na direcção justa de Cristo-Rei, romper bricosamente num bloco único, constante e audaz, à conquista das almas... perteça de Cristo.

CONQUISTAR será a sua missão no novo apo-social.

Sim... a tua própria alma a conquistar!

...a tua família, o teu emprêgo a conquistar!

...Portugal, o seu povo a conquistar...

...todo o universo... a conquistar para Cristo!

Militante, apostola da J. C. F.!

Antes de te lançares na batalha, detem-te por um instante, atenta, cônsia tens almas, ansiando o terreno das almas a CONQUISTAR. A tua própria alma, esta será a primeira, aquela que, voluntário-te a ti mesma, levarás à Cristo numa dinação generosa. Então poderás repetir como o Apóstolo: «já não eu eu vivo... é Cristo (que) vive em mim».

Convicção que te fará confiante, audaciosa... heróica.

Sentes-te fraca, incompetente, hesitante... miserável para tal empreendimento? Confia... ora eu que *tu escolhi* (2) para que vás e dês fruto...

Escolhi-te, mas não para uma generalidade medíocre que nada suporta, que não é mais que um simples passa-tempo...

Escolhi-te, não para uma subalternização que se confunda com mêdo ou acomodamento...

Escolhi-te porque te tinha amor, para partilhares do método apostólico da Igreja: a conquista das almas, das almas tuas irmãs... orgulhosas da fé, perdidas no turbilhão...

Peço-te que correspondas ao Seu amor e aceites a cruz do apostolado, isto é, o sacrifício das tuas ânsias, das tuas comodidades, dos teus prazeres, das tuas horas de silêncio e de descanso. O sacrifício de ti mesma, num verdadeiro espírito de caridade cristã, num constante zêlo de conquista... ilimitável desejo do apostolo «Servir, dilatar almas...»

Atira-te a essa Cruz acreditando a generosidade. Não estou sofrendo todos os dias até à consumação dos séculos. (3)

Recolheram-te val... numa agremiação, mensageira militante da J. C. F...

Val... conquista o teu ambiente. Pensa que Jesus está ali, mas desconhecido da maior parte, escondido, como que sepultado dentro daquelas almas que não conhecem a Sua Lei, os tesouros do Seu Coração... revela-os!

Val... aproxima-te de todos, de todos que em Portugal vivem debaixo do mesmo sol e falam a mesma língua. Descobre-lhes Jesus. O ignorado, O ofendido não só pelos descrentes mas ainda pelos crentes que não vivem a Cristo...

Val... a tua oração de conquista estender-se-há numa caridade universal, a tôdas as nossas irmãs da Rússia, da Espanha, da Alemanha, do México, da Itália... do Brasil!

Maria Amélia de Lêdos Simões
Presidente nacional da J. C. F.

(1) S. Santidade Pio XI
(2) Palavras de N. S. a Sta. Margarida Maria
(3) S. Matheus XXVIII. 20.

Vida jacista através de Portugal

Transcrevemos ao iniciar a publicação da nossa fôlha mensal, dar neste primeiro número, um quadro onde se pudessem medir as fôrças de que dispomos no começo do novo ano. Com êste fim lançamos um inquérito mas, por ter sido já muito próximo das férias, nem tôdas as Direcções Diocesanas da J. A. C. F. o devolveram a tempo para êste fim, o que lamentamos. Pedimos, pois, a tôdas as Presidentes Locais da J. A. C. F. que ainda o não tenham feito, o queiram remeter sem demora para as respectivas Secretariais Diocesanas a-fim-de podermos apresentar o nosso mapa de estatística completo no próximo mês.

Limitamo-nos a apontar apenas os nomes das dentes locais criadas e chegados ao conhecimento da Direcção Geral.

Patriarcado de Lisboa

1 Alcamena — 2 Aldeia Gavinha — 3 Alguber — 4 Caldas da Rainha (arredores) — 5 Figueiros — 6 Matacães — 7 Painho — 8 Petrogam — 9 Pero — 10 Sanguinhal — 11 Santarém.

Diocese da Guarda

1 Algodrinha — 2 Cortiço da Serra — 3 Meio — 4 Perozinho.

Diocese de Leiria

1 Coimbrão — 2 Pousos.

Diocese de Coimbra

1 Cadima — 2 Tavarede.

Arquidiocese de Braga

1 Anha (Viana do Castelo)—2 Apúlia — 3 Barreiros — 4 Bico (Paredes de Coura) — 5 Brandara — 6 Caparezos — Barroso — 7 Esta (S. Mamede) — 8 Fonte da Arcada (Póvoa de Lanhoso)—9 Forneiras (Coura) — 10 Fragoso (Barroselas) — 11 Garfe (Póvoa de Lanhoso)—12 Guimarães — 13 Meadela (Viana do Castelo) — 14 Mesão Frio e Aldão — 15 Paredes de Coura — 16 Prado de Santa Maria — 17 Vila de Punhe.

Diocese do Pôrto

1 Caide — 2 Fontoura Libração — 3 Freixo — Marco — 4 Grijó — Carvalhos — Gaia — 5 Moreira da Maia — 6 Paredes de Viadores — 7 S. João da Folhada — Marco — 8 S. Mamede do Coronado — 9 S. Paio de Oleiros — Lousada — 10 Tuias — Marco.

Diocese de Vila Real

1 Alijó — 2 Carrazedo de Montenegro — 3 Eiras — 4 Ermelo — Mondim de Basto — 5 Fafões — Chaves — 6 Pedras Salgadas — 7 Poiares — 8 Régua — 9 Reudufe — 10 Sumaídos — 11 Santo Estêvão — Chaves — 12 S. Pedro de Agostem — 13 Telões.

Arquidiocese de Evora

1 Coruche — 2 Elvas.

Diocese do Algarve

1 Estraguão — 2 Loulé — 3 Salvação — 3 Marmeleira — 4 Paiã — Bolhaverme — 5 Quelfes.

Eis que reaparece a Nossa querida «Fé e Trabalho», órgão da Juventude Agrária Católica Feminina.

Tôdas as jacistas estarão ansiosas pela visita do seu jornal pequenino.

Mas que importa ser pequeno?

Pequenino é o grão de trigo que o lavrador lança à terra, e no entanto, transforma-se na seara linda que dará o pão que se transubstanciará no próprio corpo do Senhor, nos nossos altares!... «Fé e Trabalho», embora pequeno de dimensões, será grande pelo ideal que o inspira, pela causa que serve, pela missão que se impõe de orientar, ensinar e unir as jacistas portuguesas, — E eis-lo que nos aparece em tão boa companhia!...

Esta nova característica do nosso jornalinho, patenteia-nos bem a predilecção maternal de Nossa Senhora de Fátima pela nossa J. A. C. F. — Tornemo-nos, pois, dignas do seu amor tão terno, consagremo-nos a Ela; confiemos-lhe os nossos projectos e desejos de apostolado. Mãe de Jesus e Mãe Nossa, guiar-nos-há até Seu divino Filho; revelar-nos-há os segredos do Seu Coração.

Vamos, pois, jacistas, por Maria a Jesus! Ela nos ajudará a realizar a nossa divisa:

Venha a nós o Vosso Reino!

A nossa casa! Por pequenina e modesta que seja, deve merecer-nos sempre muito interêsse e cuidado.

A nós, raparigas, compete o velarmos pelo seu asseio e arranjo; a troco de alguns sacrifícios e canseiras conseguiremos torná-la agradável e atraente aos nossos Pais e irmãos e contribuir assim para a felicidade da Família.

Eu bem sei que geralmente as nossas casas são pobres e tristes, mas nós podemos enriquecê-las com a graça do nosso arranjo, e torná-las alegres e acolhedoras com a nossa mocidade.

E se não, Jacistas, nisso nos empenharmos, não é só a nossa casinha que transformaremos, mas em conjunto, tôda a Aldeia.

Vou procurar ajudar-vos nessa tarefa, e por isso, nesse cantinho de «Fé e Trabalho», dar-vos-ei todos os meses alguns conselhos práticos sôbre higiene, arranjo e economia doméstica. Assim iremos falando na melhor maneira de cuidar o nosso lar, de cultivar os nossos quintais e hortas e da criação e cuidados a dispensar aos animais, e se alguma vez quiserdes consultar a minha velha experiência, fazei-o sem cerimónia que aqui fica às vossas ordens.

Maria d'Astra

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se êles as não trazem, é porque não lhas pedem

Precisando de livros nacionais ou estrangeiros, consultai sempre a «União Gráfica».

Ano XIII — Fátima, 13 de Dezembro de 1935 — N.º 15

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

Director e Proprietário
Dr. Manuel Marques dos Santos

Empresa Editora
«União Gráfica» R. Santa Maria, 136-Lisboa

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Administrador
P. António dos Reis

Redacção e Administração
«Santuário da Fátima» — Sede em Leiria

Crónica de Fátima

(13 DE NOVEMBRO)

O tempo e a afluência de peregrinos

Os dias que precederam imediatamente o dia 13 de Novembro foram dias de frio intenso, de nevoeiros e chuvas intermitentes. Apesar disso, o concurso de peregrinos foi bastante elevado, podendo comparar-se ao do dia 13 de qualquer dos outros meses de Inverno.

Com o penúltimo mês do ano civil principia o ciclo menos movimentado das peregrinações anuais, aquêle em que a alma se concentra e recolhe mais fàcilmente, em união íntima com Deus, no local bendito das aparições tão propício à oração, e à meditação das cousas do Céu.

É esta a quadra que muitos fiéis preferem para fazer a sua peregrinação ao ver rando Santuário de Nossa Senhora de Fátima, longe do *brouhaha* das grandes multidões que acorrem a êste Santuário nos meses do Verão, afim de tomarem parte nas manifestações de fé e piedade de que êle é teatro e que então revestem extraordinário esplendor e imponência.

A procissão das velas

Foi sobremodo encantadora pela piedade e extrema singeleza que a caracterizaram a linda procissão das velas que se efectuou, na Véspera à noite, no recinto sagrado. Imprimiu-lhe particular realce a presença de dezenas de crianças da «Cruzada Eucarística» da freguesia de São Vicente de Fora, da cidade de Lisboa, que o seu zeloso e dedicado pároco, Monsº Francisco Esteves de Jesus, conduziu aos domínios da Lourdes Portuguesa na caminheta que há pouco adquiriu para o serviço das Obras paroquiais e a que deu o belo e sugestivo nome de «Mensageira de Fátima». O minúsculo mas gra... so e edificante cortejo desfilou com a maior compostura e gravidade pelas avenidas da Cova da Iria, rezando e cantando, depois da recitação do têrço do Rosário em frente da santa capela das aparições.

A missa oficial

Ao meio-dia em ponto, o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, Vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão-director das associações de Servos e Servas de Nossa Senhora do Rosário, iniciou, na forma do costume, a reza em comum do têrço.

Seguiu-se a procissão da augusta Imagem de Nossa Senhora de Fátima que foi transportada aos ombros dos Servitas para junto do altar do Pavilhão dos doentes. Êstes não excediam o número de quatro a cinco dezenas e ostentavam ao peito a senha de ingresso no recinto que lhes era reservado.

Antes, o dr. José Maria Pereira Gens, distinto facultativo municipal da Batalha e desvelado director do Pôsto das verificações médicas, tinha-os examinado um por um e mandado proceder ao registo dos seus nomes no livro respectivo.

Ao meio-dia e meia hora, subiu ao altar o Rev. Cónego dr. Manuel Nunes Formigão Júnior, sacerdote incumbido de celebrar a missa oficial que é acompanhada a harmonium e cânticos. Depois do evangelho, no pùlpito, o rev. dr. José Fernandes de Almeida, pároco de Aljubarrota, fala, durante cêrca de vinte minutos, sôbre os privilégios de Nossa Senhora, a confiança que devemos ter no seu poderoso valimento e a necessidade de imitar as virtudes de que nos deu tão admiráveis exemplos durante a sua vida mortal.

A bênção dos doentes

Após o santo sacrifício da missa, é exposto na custódia, colocado sôbre o altar e incensado o Santíssimo Sacramento.

O rev.º dr. Marques dos Santos faz as piedosas e comoventes invocações habituais que são repetidas em côro pela multidão espalhada no vasto terreiro adjacente.

Cada um dos enfermos, de mãos postas e olhos fitos na Hóstia Santa, recebe a bênção de Jesus que passa junto dêles, oculto no Sacramento do seu amor, confortando e consolando as pobres vítimas de tão grandes misérias físicas e de tantos sofrimentos morais. Entre êles vê-se uma piedosa senhora, já de avançada idade, atacada de hemotísia. É a veneranda mãi do rev.mo dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria e director diocesano da Acção Católica que, satisfazendo um ardente anelo da sua piedade filial, quis levá-la àquela terra de graça e de milagre para a colocar de modo especial sob a protecção misericordiosa da Virgem Santíssima.

Cantado o *Tantum ergo*, o oficiante dá a bênção geral com a Sagrada Custódia a todo o povo, terminando assim a empolgante cerimónia da bênção dos doentes que comove sempre profundamente todos os circunstantes, arrancando de muitos olhos lágrimas a fio.

Orações por alma duma Servita

O rev.mo dr. Marques dos Santos, antes de iniciar as invocações, pediu aos fiéis que rezassem um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria* por alma de D. Maria Filomena Morais de Miranda, natural e moradora em Santo Tirso, falecida na véspera na sua terra natal e cujo entêrro se devia realizar no dia seguinte. Esta virtuosíssima senhora, dotada de piedade invulgar e muito devota de Nossa Senhora de Fátima, foi uma das primeiras que teve a honra de ser admitida na Associação das Servitas.

Que a sua bela alma, ornada de tantas e tão peregrinas virtudes, descanse na paz do Senhor, entre os esplendores da luz perpétua!

O «Adeus à Virgem de Fátima»

São cêrca de três horas da tarde. Já se realizou a segunda procissão destinada a reconduzir ao seu altar a bela Imagem de Nossa Senhora de Fátima, exposta à veneração dos fiéis no Pavilhão durante a missa oficial e a bênção dos doentes. Em volta do padrão comemorativo das aparições aglomeram-se os peregrinos na sua quási totalidade para saudarem pela última vez a augusta Rainha dos Anjos na terna e encantadora cerimónia do «Adeus». O sacerdote que preside dirige, do alto do pùlpito, em nome da multidão, as derradeiras súplicas à Virgem do Rosário. Termina o piedoso e comovente acto com a consagração de tôdas as pessoas presentes à Santíssima Virgem. Os devotos romeiros vão-se dispersando pouco a pouco. A breve trecho, por tôda a parte, no vasto anfiteatro da Cova da Iria, reinam apenas o silêncio e a solidão, enquanto as primeiras sombras da noite descem lentamente sôbre aquela estância abençoada que a Mãi de Deus se dignou consagrar com a sua presença, com as suas graças e com os seus milagres, fazendo dela o trono admirável das suas glórias e das suas misericórdias, nêste cantinho privilegiado do extremo ocidente da Europa que se ufana de ter o belo nome de «Terra de Santa Maria».

Visconde de Montelo

Deus mora nas almas puras

Os maometanos cativaram um menino cristão e ameaçavam-no com a morte, se não apostatava da sua Religião. — Nunca. Jàmais, respondeu êle. Eu não renegarei do meu Deus.

— Onde está o teu Deus? preguntaram os soldados. — No céu e no meu coração, respondeu o jovem cristão. — Aqueles bárbaros ouvindo isto, mataram-no e abriram-lhe o coração. Diz a lenda, que viram sair, dêsse coração angélico, uma pomba branca.

Lenda graciosa e símbolo duma grande realidade: Deus tem a sua morada nas almas puras.

No interior, no Largo em frente e suas imediações era a fama do costume: criticar os professores que são umas feras, discutir tal nôta que é uma injustiça, apreciar as simpatias dêste e daquele, uma troça, uma discussão, algazarra e berraria e tudo se cifrava nisto.

Tudo, não.

Sob o ponto de vista religioso, a bitola do Liceu era muito baixa.

Pela primeira vez, de muitos anos para trás, um estudante ajudava à missa de capa e batina.

A quási totalidade não tinha religião nenhuma.

Os rapazes católicos eram perseguidos, oprimidos pelos outros.

Foi então que, entre os do 6.º e 7.º, surgiu um grupo disposto a usar de todos os meios lícitos e aconselháveis para a conquista da sua tão apetecida carta de alforria.

A discussão surgia, a cada passo e, quási sempre, como acontece entre rapazes, o último argumento, para o adversário renitente em abraçar a verdade, era o murro que se jogava com valor.

Formavam círculo como os bois em baixio, na lezíria, e deixavam os dois socar-se até ao fim.

Na posse da verdade, no ardor da luta, no desejo de razoável liberdade, na fôrça do músculo emergiam, vencendo quási sempre, os católicos, entre os quais se destacavam dois latagões, muito amigos, muito generosos e decididos a ir até ao fim.

E obtiveram a vitória.

Já no Liceu se podia ser católico...

Um muito, às vezes...

* * *

Aconteceu nesse tempo heróico de lutas e conquistas, surgir um rapazinho, franzino, muito branquinho muito delicado, muito sensível, muito anseminado, que nunca saía de junto aos pais e conservava ainda a penugem do ninho.

Entregue aos cuidados de duas senhoras amigas que o aconselhavam e encaminhavam, lá, às vezes, à missa e... mais nada.

Toda a sua formação de alma boa, ficara por ali.

Como Deus é bom!...

O João Maria começava a ver o pequeno mundo em que o haviam metido e do qual a princípio, parecera nitidamente querer viver afastado.

Mas a acção franca, sincera e ardente dêsse grupo de rapazes decidida, abertamente católica impressionou-o.

Haviam já pensado nele, queriam-no afervorar: na primeira oportunidade...

Um dia foi ter com um e disse-lhe a mêdo:

— Olhe cá, como é que você pode ser tão alegre e brincalhão e, ao mesmo tempo bom estudante e católico prático?

— Mas que tem uma coisa com a outra? Então tu cuidas que a gente para ser católico prático, precisa de andar macambúzio?

Ná, tristezas não pagam dívidas.

— Mas como é isso?

— Eh pá, quando é para estudar estuda-se, quando é para rir e brincar, vamos a isso, e, nem riz, nem brincar, nem estudar é coisa que cheire a pecado. Melhor que ninguém os bons católicos podem ser alegres.

E se não acreditas...

— Acredito sim... mas...

— Olha, entras para a Associação Nun'Alvares e verás o que é alegria.

— Conto contigo, pois?

— Conto.

* * *

Alma cândida, que o Senhor guardava pura e inocente, começava agora a desabrochar para a vida como o botão de rosa aos primeiros raios de sol primaveril.

Surgia-lhe na frente o jardineiro que a mão de Deus, sempre liberal, lhe enviara amorosamente.

Oh! Que de cuidados lhe não custou!...

Num momento viu tudo.

O João Maria crescera, subira, voou e apareceu-lhe diante como um óptimo elemento para a causa santa pela qual êle tanto lutava e cuja vitória lhe estava a peito.

Ou seria uma alma vulgar, atascada na lama como tantas outras ou, apaixonado pela Verdade, cheio de Luz, iria enfileirar ao lado dos grandes defensores da verdade cristã.

Dependia dêle. Daí por diante não perdeu um momento: queria fazer dêsse rapaz um apóstolo.

O João Maria era dócil e acarinhava, de bom grado, a amizade amorosa com que topara, como por acaso, numa volta da vida.

Entrou na Congregação Mariana e foi dos corpos gerentes.

Começou a ler, a estudar, a conversar com os amigos sôbre os pontos que mais lhe interessavam.

Leu muito. Todo o dinheiro que podia forrar, era para livros que lhe aumentavam os conhecimentos religiosos.

Já na Universidade a paixão de aprofundar as verdades católicas, de nelas se mergulhar, foi crescendo.

Tem hoje uma pequena mas escolhida biblioteca aonde vai haurir a luz para a sua inteligência.

É quintanista. Comunga com frequência, até pela semana adiante, e não deixa, por isso, de ser um aluno distinto.

* * *

Na posse da Vida quis dá-la aos pais,

meu amigo X e de tantos rapazes da J. E. C. e da J. U. C.

O que um rapaz católico pode fazer quando tem alma de apóstolo!...

Depois... continuem a dizer que a Acção Católica... não serve para nada.

À conquista de almas

POR GALAMBA DE OLIVEIRA

Santarém era já, naquele tempo, uma cidade de estudantes.

Quatrocentos e tantos frequentavam o Liceu e espalhavam por tôda a terra a ruidosa alegria da sua mocidade, por vezes imprudente, mas sempre garrula e expansiva.

O Largo do Seminário é as ruas que, entre apertadas filas de casas, conduzem às Portas do Sol, com paragem nas imediações do Colégio Andaluz, eram o campo habitual das suas preocupações.

Havia um ou outro que, descendo às margens do Tejo, ia até às Ómias ou se embrenhava nos salgueirais a ler os poetas.

Grupos numerosos realizavam ceias bem regadas e entregavam-se a lamentáveis excessos.

Mas a grande maioria ficava ali.

E, pouco a pouco, com uma acção prudente, mas perseverante, trouxe-os à prática da religião de que, muitos anos antes, se haviam afastado.

O pai confessara-se pela última vez havia vinte anos!...

E hoje é uma família cristã.

O João Maria entrou na J. U. C. onde tem trabalhado com denôdo e tenacidade.

Numa palavra: é um dos melhores elementos do seu meio, um dos rapazes mais queridos, entre os estudantes, e uma das firmes esperanças, das consoladoras realidades, com quem a Santa Igreja em Portugal pode contar.

Desculpem! Isto não é um conto.

É a história apagada, descolorida duma vida linda — a do

Fátima — Grupo dos rapazes da Acção Católica da Diocese de Leiria no encerramento do retiro em 13 de Agosto

VOZ DA FÁTIMA

Em outubro tirou 319.571 e em Novembro 318.773 exemplares assim distribuídos:

	Outub.	Novemb.
Algarve ...	4.348	4.348
Angra... ...	17.087	17.247
Beja	3.986	4.108
Braga... ...	69.224	69.866
Bragança ...	9.071	9.577
Coimbra ...	15.561	15.637
Évora	4.000	4.000
Funchal. ...	18.893	19.908
Guarda.. ...	31.183	31.258
Lamego. ...	7.450	7.765
Leiria... ...	11.922	12.629
Lisboa.. ...	8.120	8.291
Portalegre..	7.870	7.953
Pôrto... ...	44.389	45.546
Vila Real...	32.890	32.774
Viseu... ...	10.068	10.199
	296.062	301.106
Estrangeiro.	3.598	4.651
Diversos ...	19.911	13.016
Total ...	319.571	318.773

NOTA — A irregular tiragem a um milhar. A diferença que se nota é devida à distribuição na rubrica **Diversos** em virtude de em 13 de Novembro e nos seguintes meses de inverno se efectuarem os Cursos muito poucos irmãos de que nos meses de verão.

É adorado pelos pastores

E na mesma região
Existiam uns Pastores
Que em campo aberto moravam
E nas vigílias da noite
O seu rebanho guardavam.

E eis que um Anjo do Senhor
Próximo a êles parou.
E a claridade de Deus
A sua volta brilhou.
E um formidável temor
Da alma dêles se apossou.

E disse-lhes o Anjo assim:
Não precisais de temer;
Eu trago-vos a notícia
Dum imenso regozijo
Que o povo todo vai ter.

Porquanto no dia de hoje,
Nasceu-vos um Salvador,
Na cidade de David,
Que é o Cristo Senhor.
E êste sinal vos é dado:
Encontrareis um menino
Envolto em panos, e numa
Manjedoira colocado.

E logo se reúnia
Com o Anjo a multidão
Duma milícia celeste,
Que em louvor de Deus dizia:
Glória a Deus nos altos Céus,
E paz na terra aos que homens
De boa vontade são.

E veio a acontecer
Que dêles se ausentaram
Os Anjos ao Céu voltando,
E os Pastores começaram
Uns aos outros a dizer:
Passemos até Belém,
E vejamos êste caso,
Que vejo a realizar-se
E que o Senhor nos fêz ver.

Foram em passo apressado;
E encontraram Maria
E José, com o menino
Na manjedoira deitado.

E depois de o terem visto
Vieram a compreender
O que daquele menino
Tinham ouvido dizer.

E todos os mais que ouviram
Maravilhados ficaram
Das coisas que a êles mesmos
Pelos Pastores constaram.

Mas no entretanto Maria
Guardava estas coisas tôdas
Dentro do seu coração
E entre elas as conferia.—

E os Pastores regressaram,
Sendo Deus glorificado
Por si e louvado em tudo
O que ouviram, e o que viram,
Como lhes foi declarado.

Do livro «Vida de Jesus», por Dr. Guerra Ribeiro

COISAS QUE EU PENSO

Temos visto que não é um só o sêlo divino que se encontra na religião católica — e só nela, em mais nenhuma.

Vamos hoje ver outro — e dos mais impressionantes.

É a maneira como a religião cristã foi fundada.

Sopesemos que a qualquer homem moderno se lhe mete em cabeça fundar uma religião e vejamos o que faria, segundo a prudência humana.

A primeira preocupação que teria seria a de arranjar muitos discípulos para a sua nova doutrina. Procuraria, naturalmente, estudar os gôstos da maioria da gente no meio da qual pretendesse fundar a nova religião, para arranjar as coisas de modo que os preceitos da nova religião não só não contrariassem os gôstos dessa gente, mas antes se casassem com êles.

Numa sociedade de devassos, ladrões, cruéis e orgulhosos, um profeta que aparecesse a pregar que a vida degravada por tôdas essas misérias é que era a vida religiosa, tinha tôdas as probabilidades de se ver logo rodeado de numerosos discípulos.

Depois, procuraria, para começar, por conquistar alguns discípulos de importância social, sábios, ricos, poderosos, para que com o seu exemplo arrastassem as massas populares.

Se já houvesse uma religião estabelecida, e entre os sacerdotes e seguidores dessa religião houvesse alguns que pela sua má conduta oferecessem um meio bom para caçar os primeiros discípulos para a sua nova religião, seria entre êles que faria a sua primeira caça, procurando lisonjeá-los e atraí-los, mostrando a concordância da sua conduta com os preceitos da nova religião.

E se a sua pátria estivesse dominada por algum poder estrangeiro, de duas uma: ou procuraria exaltar o seu povo contra o estrangeiro, se a dominação estrangeira fôsse odiada, ou procuraria pôr-se do lado dos dominadores, se visse que os seus compatriotas mais influentes se davam bem com os grilhões da escravidão.

Por fim, prometeria aos seus discípulos uma vida regalada, domínio, poder, riquezas e honras, e uma morte descansada e gloriosa.

Isto era o que faria qualquer homem, que pretendesse entre os do seu tempo criar uma nova religião. Estudaria todos os meios de reunir o mais depressa possível em tôrno de si o maior número possível de discípulos. Era isto o que Nosso Senhor Jesus Cristo teria feito, se fôsse só homem.

Vejamos agora o que fêz.

Em vez de procurar muitos discípulos, escolheu primeiro doze — os doze apóstolos — e depois, poucas dessas dôze que se juntaram aos apóstolos. Doze! E foram êsses doze apóstolos, dir-me-ás a história, que conquistaram o mundo!

E que lhes pregou Nosso Senhor? Procurou Êle pregar-lhes uma doutrina que não contrariasse, antes estivesse de acôrdo, com os vícios dominantes na sociedade do seu tempo?

Nada disso. Disse-lhes que deixassem a sua vida para O seguirem, e para O seguirem numa vida de mortificação, de renúncia, de heroísmo na virtude, de combate a tôdas as tendências que no mundo em que viviam eram naturais, seguidas e aplaudidas.

Aos devassos pregou a pureza, aos ricos os ladrões, exaltou contra os crimes os manjares e outras coisas que tanto apetecem a humanidade.

E para isso, em vez de ir procurar os grandes do mundo, os influentes, os ricos, os sábios, os investidos de autoridade, procurou dum homens de condição humilde, duns pobres pescadores da província, absolutamente ignorados até na capital do seu país, um pequeno rebanho conquistado pelos romanos, quanto mais do resto do império romano que era preciso conquistar!

Havia no seu tempo uma religião estabelecida e não faltavam entre os sacerdotes e fora dessa religião elementos mais onde podia, pregando a gôsto dêles, recrutar numerosos discípulos. Em vez disso, tanto se pôs contra êles pela novidade das suas doutrinas, que foram êles próprios que o entregaram às autoridades civis para o sacrificarem no Calvário!

Dominavam na Palestina os romanos, e entre os dois meios que tiveram de lograr popularidade — segrar no instante de revolta contra o dominador estrangeiro ou bandear-se com os que aceitavam a sujeição. Nosso Senhor não quis empregar nenhum e quando os seus inimigos quiseram perversamente colocá-lo na alternativa de se manifestar por um ou por outro, contentou-os com a cena da moeda cunhada com a figura do imperador romano e disse-lhes: *Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César* — e não esqueçamos que os Césares dêsse tempo se arrogavam direitos que só a Deus pertencem!

Por último, em vez de prometer aos seus discípulos vida regalada, domínio, poder, riquezas e honras, profetizou-lhes que teriam de passar provações, ser presos, perseguidos e injuriados por sua causa!

E feito isto foi preso, julgado, condenado à morte e crucificado!

Era mais que suficiente para que os ingénuos e rudes apóstolos, vendo tal fim da aventura do Mestre, perdessem a fé e voltassem para as suas redes e outras ocupações lamentando o tempo perdido atrás de um louco bem intencionado, mas que assim acabara pregado numa cruz entre ladrões.

Pois em vez desse debandada de desiludidos todos os apóstolos — excepto o que o traiu e ficou através os tempos sendo um símbolo de infâmia — abraçaram a «loucura da cruz» e partiram para todo o mundo conhecido a pregar a nova doutrina que se opunha às doutrinas e às práticas daquele mundo pagão, e a sofrer as provações e perseguições que lhes haviam sido profetizadas e, por fim, a dar a gôrja contentes pelo divino Mestre.

Em resumo: se a um louco, a um homem sem uso de razão lhe tivessem encomendado que pretendesse alcançar um triunfo empregando todos os meios mais certos de acabar miseràvelmente sem o alcançar, não teria cumprido melhor o programa do que Êle Nosso Senhor Jesus Cristo. Sinal de contradição em vida acabou num patíbulo!

Pois em vez de ser o cristianismo na história apenas a recordação da aventura de um louco, vão corridos vinte séculos, dois mil anos — e ruiu o império romano, surgiram e ruíram outros impérios, e o *sinal de contradição* continua através dos tempos e a sua doutrina é seguida pelo que a humanidade tem de melhor.

Não há mal que se não alie contra Êle — não há bem que da sua doutrina não provenha!

Hoje, na Rússia, no México, nas Missões, continuam a dar a vida por Êle os seus verdadeiros discípulos, como a deram pelo mundo fora logo no tempo os apóstolos que o viram morrer crucificado na cruz da ignomínia!

Alguma outra religião, que tenha empregado os mesmos meios alcançou os mesmos triunfos? Alguma outra apresenta êste sêlo divino? O

(Continua na 3.ª página)

ACÇÃO CATÓLICA

O NOSSO LEMA E A NOSSA SENHA

«A Messe na verdade é grande mas são poucos os operários». (S. Lucas, X. 2). Assim falava Cristo da seara de espigas já maduras, mas o seu pensamento ia mais longe, ia até às almas...

Às almas ávidas de conhecerem Deus!

Às almas ávidas de amarem Deus!

Às almas ávidas de O servirem!

Mas os obreiros faltam ainda, os obreiros de que nos fala o Evangelho.

Faltam na Ásia, na China, na África e na Europa, na planície e nas montanhas, e também, vós o sabeis, nas aldeias do nosso Portugal.

Quantas de vós, jacistas, não podeis ter a ventura de receber todos os dias em vosso peito a Cristo, porque na vossa aldeia falta o Ministro do Senhor?!

Jacistas, minhas irmãs, roguemos ao Senhor da Messe que envie segadores em abundância para a Messe imensa das almas; e correspondamos à mesmas ao chamamento que nos é feito. Sim, a Igreja chama-nos também a nós, simples raparigas, a esse apostolado bendito das almas, no campo da A. C.; Compensemos um pouco com a generosidade e fervor do nosso zêlo, a escassês de Sacerdotes de que sofre a nossa terra. Se nos não é permitido abrir a porta dos tabernáculos para dar a Hóstia santa às almas, demos-lhe a conhecer Jesus e a Sua doutrina.

Mas sobretudo demos-lh'O pelo nosso exemplo, pela irradiação da nossa vida de cristãs!...

«Cristo vive em mim». É o lema que nos foi dado para o novo ano social. Programa sublime que deve encher tôda a nossa vida.

Cristo vive em nós pela graça, mas é preciso que Êle viva intensamente, perfeita e absolutamente.

A juventude dá-nos os meios de o conseguirmos, desenvolvendo a nossa inteligência para melhor O conhecermos, e enriquecendo o nosso espírito com a Sua doutrina nas reuniões de estudo; formando o nosso coração, nas reuniões de piedade e de apostolado.

Jacistas, aproveitai as graças do Senhor! Sêde dóceis, humildes, cumpridoras dos vossos deveres associativos. Fazei generosa e alegremente os sacrifícios que vos forem exigidos. Pagai pontualmente a vossa quota tão pequenina, ela é necessária à vida da vossa associação, que vive do esforço de todos e de cada um dos seus membros.

Jacistas, apóstolas do meio rural, a hora é nossa e é de conquista.

Não hesitemos, demo-nos generosamente, vamos com galhardia ocupar o nosso lugar de combate: a vanguarda. Sabeis? a nossa senha é «conquistar».

P'ra bem, começando pela nossa própria alma, vamos depois conquistar a dos outros! Alma por alma, lar por lar, aldeia por aldeia, conquistaremos para Cristo o nosso Portugal!

M. B. F. de C. B.
Pr. geral da J. A. C. F.

Ecos da aldeia

Naquela manhã, ao entregarem-me o correio, reconheci logo a letra da Margarida, uma das jacistas da minha aldeia.

«Venha depressa, minha senhora, dizia ela. Cá continuamos com a nossa tarefa, mas é preciso que me case primeiro a mim, pois há muita coisa que eu não sei explicar às minhas discípulas. — Discípulas?!... então a tal Margarida é professora?! me perguntareis vós. — Nada disso, a humilde raparigata, do que vos falo falando, tem só 16 anos, não pensa nem ambiciona diplomas, e apenas uma apostola de Nosso Senhor, o que lhe tôda a sua glória. Tem a felicidade de pertencer a uma família católica de convicções e de práticas, e na catequese, que frequentou regularmente durante alguns anos foi-se abrindo a sua alma para a piedade.

Há já alguns tempo que estou pela a juventude, e o de ver o amor que dedica à associação, e a influência que com o seu exemplo exerce sôbre as companheiras. Mas o seu apostolado mais interessante é feito a favor das vizinhas da sua tapada, umas pequenitas que vivem sempre ao campo, longe da aldeia, e que por isso muitas vezes podem ver à catequese. São elas as suas discípulas; duas a três vezes por semana recebem as lições da sua improvisada professora.

Logo de manhãzinha, a Margarida parte a jantar-se às pequeninas. Ao ar livre, no silêncio calmo do campo, apenas interrompido pelo chilrear dos passarinhos, a Rosa, a Celeste, a Teresa e a Beatriz, rodeiam à Margarida, e de joelhos, recitam em comum as orações da manhã. Depois, o catecismo começa...

Gracioso quadro campestre, cheio de simplicidade e de piedade que encanta... A Margarida, com tôda a gravidade, vai explicando o sacramento da Eucaristia, o Mistério da Redenção, etc., e as crianças não se cansam de a ouvir, pois ela sabe histórias bonitas apropriadas a cada lição: —Mas... são 8 horas, é preciso ajudar os pais na lida constante da lavoura...

Margarida dá a lição por terminada. O pequeno grupo dispersa-se, cada uma há vai para o seu trabalho...

Ao meio dia, quando toca a Trindades, reúnem-se novamente para saudarem a SS.ma Virgem: «O Anjo do Senhor anunciou a Maria»... principia Margarida, e as outras respondem... Almoçam juntas, e de tarde reúnem o têrço. À noitinha lá regressa feliz, pois todo o dia foi passado a amar e fazer amar Nosso Senhor...

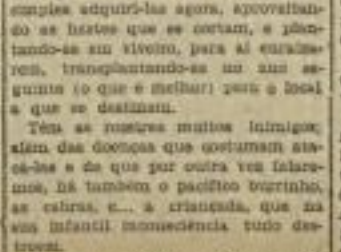
— E não achais interessante esta jacista? Pois eu digo-vos: ela pode servir de modêlo!

Ah! se vós a tivésseis visto ao trabalho, o ano passado, certamente que vos teria edificado. Com que perseverança e com que tacto não conseguiu ela modificar a terrível Julia, que as catequeses era o flagelo das companheiras e das catequistas, e que este ano foi a primeira no catecismo da comunhão solene!... E melhor ainda, quando andou por dias em casa do Bernardo das Poldras, mostrou-se tão activa no trabalho, tão boa para todos, que o homem encantado acabou por deixar a filha entrar para a juventude, na esperança de que ela se tornasse boa, trabalhadora e obediente como a Margarida.

— Socega, querida companheira, querida jacista, Nosso Senhor é que é o bom Mestre, Êle te guiará, sempre e em tudo!... Mas brevemente voltarei à paz da nossa aldeia, e então, eu irei contigo, e falaremos as duas de Jesus e da SS.ma Virgem às crianças. Que prazer nesses passeios através dos campos! Oh! incutamos-lhes também o gôsto pela Natureza que Deus criou tão harmoniosa; juntemos a instrução e a poesia à piedade, revelando-lhes os atractivos do campo e da sua, dos passarinhos e das flores... Que felicidade cativar as almas, para as conduzir ao verdadeiro ideal: Deus!

Sim, Margarida, continua a fazer o bem, mostra às tuas companheiras como uma jacista, na sua pequenina aldeia, pode ajudar a santa Igreja a fazer verdadeira Acção Católica.

Uma jacista



Como vos disse no número anterior da «Fé e Trabalho», deve a nossa casa merecer-nos todo o cuidado e carinho.

Procurar torná-la atraente no meio da sua rudeza e rusticidade, deve ser a nossa solicitude.

Vamos pois empreender essa agradável tarefa. — Comecemos pelo exterior — Dilere êste muito de região para região, e assim o vemos irmanado e alegre nas aldeias do Minho, Alentejo e Algarve, enquanto nas dos Beiras e Trás-os-Montes é triste e severo, porque o céu não cobre a granito, contudo nas suas elementares cores, de que elas são construídas.

Mas quem as paredes da nossa casinha tenham já a beleza da côr branca, ou sejam tristes e sombrias como a pedra de que são feitas, não podemos torná-las mais alegres e lindas, revestindo-as de trepadeiras.

Já reparastes na graça duma roseira de trepar, ou duma eglantina, que indiscreta espreita pela janela do nosso lar?

Crede-me, por pobre e modesta que seja a nossa habitação, revestida assim de flôres, toma logo um aspecto risonho e acolhedor, e afinal sem nenhuma despêsa, apenas em troca dum pouco de trabalho, e algum cuidado.

— Estamos na época das plantações e da poda das roseiras. É pois fácil e simples adquiri-las agora, aproveitando as hastes que se cortam, e plantando-as em vivelro, para aí enraizarem, transplantando-as no ano seguinte (o que é melhor) para o local a que se destinam.

Têm as roseiras muitos inimigos, além das doenças que costumam atacá-las e de que por outra vez falaremos, há também o pacífico burrinho, as cabras, e... a criançada, que na sua infantil inconsciência tudo destroem.

Precisamos cercar grande vigilância sôbre todos estes criminosos e seus queridos garotinhos, devemos promover despertar e cultivar nos pequeninos corações um grande amor e interesse pelas lindas flores.

Façamos-lhes compreender que são elas um generoso e magnífico presente do Bom Deus, e transformemo-las-emos em alicerces na protecção às nossas plantas.

E êste o conselho que hoje vos dá a

Maria d'Aldeia

Campanha de Orações da J. C. F.

Dezembro

Para que o Natal seja santificado nas famílias.

A fisionomia de Cristo

segundo o Antigo Testamento

A Bíblia é o livro por excelência do cristão. Compõe-se de duas partes: Antigo Testamento e Novo Testamento.

A figura central de um e outro é Nosso Senhor Jesus Cristo. No Antigo Testamento vemos a Jesus Cristo anunciado; os santos Patriarcas e Profetas predizem que Êle há-de vir e como há-de vir. No Novo Testamento vemo-lo já a realizar a forma como se tinha dito que viria.

Quando foi então anunciado? Desde sempre. Logo no começo do mundo, depois de Adão e Eva serem expulsos do Paraíso Terreal, Deus acenou-lhes com uma esperança magnífica:

Duma mulher nasceria um Salvador que destruiria o inimigo.

Esta promessa inicial vai-se esclarecendo pouco a pouco até se determinarem com precisão os contornos do Messias prometido.

Cristo é Homem-Deus. Como tal é Rei Universal; mas êste reino, de que é herdeiro legítimo, há-de conquistá-lo também com o seu sangue, entre dôres e opróbrios. Opróbrios devidos ao pecado; dôres porque tomou a si o resgatar os pecados dos homens. O profeta Isaías vai seguindo com maravilhosa exactidão, quási passo por passo, o que Jesus havia de sofrer mais tarde: calúnias, falsos testemunhos, perseguições dos seus compatriotas, acusações dos príncipes dos sacerdotes, condenações das mais autoridades de então; levado à morte como um cordeirinho ao talho — Jesus Cristo desceu assim tão baixo, para ser mais alto o triunfo da ressurreição!... E aqui temos a Cristo em todo o seu esplendor: Rei dos reis e Senhor dos que dominam. Muitos profetas o descrevem. Contudo onde surge com maior majestade e com todos os atributos da sua realeza eterna é nos salmos de David. Nêstes salmos, ora se nos revela Cristo, Beleza Incriada, como esposo da nossa alma fecundando-a para a vida da graça; ora se nos apresenta Invencível nos dois grandes quadros do salmo 2: Dum lado, Cristo, Rei universal; do outro, a Humanidade.

Os merecimentos de Cristo, máximos; os da Humanidade, nenhuns. E diante de tôda a Humanidade revôlta, Cristo só!

Esta imagem de Cristo é um pouco à imagem da nossa própria vida. O mundo como pode fazer sofrer a Cristo nos seus membros, cuida que o pode aniquilar. Ora o mundo desmorona-se e Cristo permanece.

Não nos inspirará confiança êste chefe, chefe imortal?

Esperemos a nossa fé e sobretudo tenhamos esta persuasão infalível: que se Cristo é assim tão amável e belo nas promessas do antigo testamento, a realidade superá tudo isso.

Jesus Cristo é mil vezes mais belo na sua realidade humano divina, mais puro, mais dominador dos corações—êstes corações que Êle precisamente veio à terra consolar e que quere atrair e fixar eternamente no seu próprio Coração!

S. L.

VIDA JACISTA ATRAVÉS DE PORTUGAL

Arquidiocese de Braga

Viana do Castelo — Realizou-se no dia 11 de Agosto o dia Regional da J. C. F. em Viana do Castelo no qual tomaram parte cinco Centros de J. A. C. F.

Cantando a Missa dos Anjos, acompanharam a Missa rezada por S. Ex.ª Rev.mo o Senhor Arcebispo Primaz, e na altura da Comunhão, inúmeras jacistas se aproximaram da Sagrada-Mesa. Acabada a Missa e tomado o pequeno almôço na mais franca confraternização entre as jacistas dos diferentes centros, S. Ex.ª Rev.ma ministrou o Santo Sacramento do Crisma. Um grande número de jacistas recebeu na sua plenitude os Dons do Espírito Santo, ficando armadas verdadeiros soldados de Cristo Rei.

S. Ex.ª Rev.ma antes e depois de ministrar o Santo Sacramento, falou-lhes como seu Pai e Pastor, mostrando e explicando o que era o Santo Sacramento da Confirmação. A seguir S. Ex.ª o Senhor Arcebispo benzeu grande quantidade de emblemas, que muitas jacistas receberam encomendas. Às 4 h. da tarde reuniram-se estes cinco centros de jacistas em grande entusiasmo, à porta do teatro em de Miranda onde se realizou a sessão solene.

Na parede do fundo do palco, viu-se um grande emblema da J. C. F. sôbre colchas vermelhas, as bandeiras da Juventude, e um grupo de jacistas da Meadela vestindo o seu trajo à Vianesa. À direita S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo, Revs. Párocos Assistentes Eclesiásticos, as nossas queridas Presidentes Nacional e Diocesana. À esquerda algumas presidentes, as raparigas que liam os relatórios e recitavam poesias. Houve dois relatórios da Jacf. O de Brandara, lido pela sua presidente, e o de Anha e Meadela, lidos pela secretária da Meadela. A presidente de Brandara leu o seu relatório muito bem feito, respondendo-lhe todos com muitos vivas e palmas. A secretária da Meadela vestia o seu trajo à vianesa e ostentava sôbre o peito o seu querido emblema, recebido de manhã. Começara por presidir às suas irmãs qual era a sua divisa, ao que tôdas respondiam com entusiasmo «Venha a nós o Vosso Reino». Seguia-se depois que aquelas dois centros jacistas se uniam, eram só coração e numa só alma e vinham naquele dia trazer aos pés do seu Ex.mo Prelado, com as primícias dos seus campos, o seu trabalho, dizer qual foi a sua vida dentro da J. C. F. Prosseguia dizendo qual a sua vida de jacistas, mostrando humildemente o seu espírito de sacrifício, dedicação e entusiasmo pela Juventude. Pedia finalmente uma bênção muito grande, para elas, para as suas famílias, para os seus campos. Termina dizendo: «E na língueta dos seus campos as Senhas vêem subindo ao Céu nesta oração.

«Venha a nós o Vosso Reino
Reine em tudo o Vosso amor!
Vós sois o Senhor da terra,
A terra é Vossa Senhoria»

Terminada a leitura do relatório, enquanto as palmas ecoam por todo o teatro, esta jacista que vestia de vermelho, e uma outra que vestia de azul, depunham aos pés do seu Ex.mo Prelado as primícias dos seus campos, A de vermelho leva um cestinho de duas asas de formato regional mas pequenino, levando dentro um par de frangos pedrezes, presos com uma fita de lã côr de rosa. A de azul, um cestinho igualmente pequeno mas de arco, forrado com um penínho regional, contendo pêcegos, peras, maçãs e uvas. Esta surpresa foi acolhida com a maior simpatia, e aplausos e vivas se fizeram ouvir. Cantaram-se com todo o entusiasmo os hinos do Santo Padre, do Sr. Arcebispo, e o lindo hino da J. C. F. que fez vibrar todos os corações. Muito entusiasmo, muitos vivas, muitas palmas e depois do despedidas afectuosas, estes cinco Centros de jacistas tomaram o caminho das casinhas brancas da sua aldeia, levando no coração uma saudade desse dia, que nunca mais pode esquecer! Durante o caminho de regresso, subiam aos ares os hinos e os vivas. Assim terminou aquele dia, deixando no coração de cada uma, mais amor, mais entusiasmo, mais dedicação pela Juventude Católica Feminina!!

Maria das Dores Vasconcelos
Pres. Local da J. A. C. F. de Meadela

Diocese da Guarda

Correio da Serra — A folha de Cristo-Rei e da Acção Católica tem nesta freguesia um carácter de grande intimidade.

No entanto não passou despercebida a grande solenidade do C.A. É consolador o entusiasmo notado tanto nas jacistas como nas raparigas da nossa pequenina aldeia pela bendita cruzada da A. C. a que pertencem.

De manhã houve comunhão geral tomando parte nela todas as raparigas e raparigas jacistas.

À tarde houve adoração. Nessa mesma altura foi feita a imposição dos emblemas às raparigas da J. A. C. F., sendo lido pela Presidente o acto de consagração.

Houve ainda, à noite, uma sessão de propaganda da A. C. na qual foram recitadas algumas poesias e tratados os seguintes temas: «A A. C. e a educação cristã da juventude». — «A A. C. e a vida interior». — «A A. C., seu fim e funcionamento».

A sessão terminou com uma recitazinha dada pelas jacistas.

Além das suas reuniões de piedade e estudo a J. A. C. F. tem os seus serões às 2.as, 4.as e sábados procurando formar-se para melhor servir ao Senhor.

Virgínia Varanda
Presidente Local

Ferro — No dia de Cristo-Rei fundou-se nesta freguesia (S. Sebastião) um centro paroquial da J. A. C. F. É um pequeno grupo de raparigas, cheias de boa vontade, que vem alistar-se nas fileiras da Acção Católica.

Naquele dia reuniram-se todas na Igreja paroquial para assistirem à missa e fazerem a sua comunhão colectiva. O Rev. Pároco, que é também o Assistente, fêz uma prática adequada. Seguiu-se a bênção do Santíssimo. Cantou-se, antes da Comunhão o hino de Cristo-Rei, e depois da bênção o hino da Juventude.

Todas as raparigas estavam comovidas e se ofereceram a N. Senhor.

Que esta pobre oblação Lhe seja agradável e Ela se digne abençoá-la.

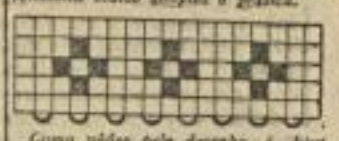
Como o Rev. Pároco tinha de se ausentar durante todo o resto do dia, houve, no domingo anterior, uma reunião presidida por êle. Falou às raparigas sôbre os seus deveres, dizendo-lhes também a satisfação que sentia pela formação, na sua paróquia, de um grupo de apostolas, suas auxiliares.

Houve vivas à Igreja, à Acção Católica, à J. A. C. F., etc.

Raparigas de Portugal! — Avante por Cristo-Rei!

AO SERÃO

Depois dum dia calmoso e escorregadio campos, que bem cedo a seiva à roda da lareira muitas camisolas quentinhas e frias de inverno!

Para alindar os rompes que com tanto cuidado guardam nos gavetões deixo hoje o amostra duma rendinha muito simples e prática.

Como vêdes pelo desenho, é bem fácil, e as tiverem paciência para a fazer com linha fina, verão o bonito efeito que fica.

Imaculada Conceição

8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, a Padroeira bendita dos portugueses! Jacistas, filhas predilectas da Mãe do Senhor, preparai-vos para o Seu feito.

Que pelo mundo durante a noitada, nenhuma de vós deixe de depôr a Seus pés a grinalda de rosas do Santo rosário, Ave Maria, cheia de graça! chamamento amoroso que inspiremos ao Coração Imaculado, Virginal e Maternal de Maria; terna carícia de filha confiante para com sua Mãe...

O têrço acaba a primeira legião em Fátima. As Ave Marias, recitadas por milhares de vozes, lá na Cova da Iria, dominam todas as demais invocações, da multidão não encontram fórmula que exprima melhor o seu amor e confiança, que mais agrade a Maria, a Virgem do Rosário de Fátima, que com mais segurança faça entrega ao Seu Coração, Tenhamos pois uma grande confiança no Têrço, «Recitai-o muitas vezes» disse Leão XIII, «É de que eu vos aconselho».

M. B. F. de C. B.

Secção Recreativa

Adivinhas

1

Qual é coisa, qual é ela
Que mesmo dentro de casa
Está sempre fóra dela?

2

São muitos irmãos unidos
Uns nuidos que mais não,
e de camisas vestidos.
Sem estarem d'armas munidos,
mal se pode pôr-lhes a mão
Vivem juntinhos em têrra
onde têm seus aposentos;
donde só fogem aos centos
se lhes dão tratos violentos,
de que afinal poucos morrem.

«VOZ DA FATIMA»

DESPESA

Transporte	700.518$18
Papel, compr. e impr. do n.º 308 (318.775 ex) ...	17.970$15
Franquias, emb. transporte etc.	7.342$12
Na administração	132$20
Total	726.027$65

Donativos desde 15$00

Maria Gamoeta — Olhalvo, 15$00; Carolina Soares — Arcos, 20$00; Congr. de N.ª S.ª de Fátima — Vila Viçosa, 100$00; Luisa da Silva — Moselo Filo, 30$00; P.e Manuel Coutinho — Quinta do Selinho, 150$00; De vários anónimos, 22$70; Por intermédio de D. Raquel de Paiva 20$00; Por intermédio de D. Augusta Tristão, 20$00; Por intermédio de D. Maria Aguiar, 50$00; Várias assinaturas por intermédio da Ex.ma Sr.ª D. Maria Elisa Fetz Cruz Fleira — Braga, 1.ª$00; Teresa Ferreira — Santarém, 15$00; Baronesa de Almeirim — Lisboa, 20$00; P.e Francisco Gouda — Lisboa, 20$00; Branca Batalha — Santarém, 20$00; Sirita C. Real — Açores, 20$00; M.ª Palmira Jorge — P. Delgada, 50$00; Palmira J. Euzébio — P. Delgada, 50$00; Maria Leal Carvoeira, 20$00; Lídia Ribeiro — Adão Lobo, 20$00; Aurora Macedo — S. Mig. de Penaguião, 20$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 20$00; M. Cunha — Lisboa, 100$00; por intermédio de D. Lauriada Sousa — Condomar, 55$00; Maria Gertrudes — Unetim, 15$00; José Dantas — Las Rosas, 15$00; M.ª I. Henriques — Funchal, 20$00; José Bravo — Silves, 20$00; António Besende — Almada, 10$00; Luiz Ribeiro — A-dos-Francos — 20$00; M.ª Alice Reis — Nova Oda, 22$00; Júlia de Assis — Macau, 100$; António Cristóvão — S. Paulo — Brasil, 15$00; Antonio S. Dias — S. Paulo — Brasil, 10$00; José Rodrigues — S. Paulo — Brasil, 15$00; José Gonçalves — S. Paulo — Brasil, 15$00; Francisco Ferreira — S. Paulo — Brasil, 15$00; David Lôbo — S. Paulo — Brasil, 15$00; Manuel Peixoto — S. Paulo — Brasil, 20$00; Anibal Caetano — S. Paulo — Brasil, 15$00; António Ferreira — S. Paulo — Brasil, 15$00; António Moreira — S. Paulo — Brasil, 15$00; António Pacheco — S. Paulo — Brasil, 15$00; Miguel Amado — S. Paulo — Brasil 15$00; António Ribeiro — S. Paulo — Brasil, 15$00; Manuel da Via — S. Paulo — Brasil, 15$00; Manuel Figueiredo — S. Paulo — Brasil 15$00; Elvira Paiva — S. Paulo — Brasil, 15$00; José Teixeira — S. Paulo — Brasil, 15$00; José Felício — S. Paulo — Brasil, 15$00; José Andrade — S. Paulo — Brasil, 15$00; Lode Barbosa — S. Paulo — Brasil, 15$00; Diversos — S. Paulo — Brasil, 61$00; José Ribeiro — S. Paulo — Brasil, 24$00; José Nóbrega — S. Paulo — Brasil, 15$00; Manuel da Silva — S. Paulo — Brasil, 15$00; Abel Gonçalves de Freitas — S. Paulo — Brasil, 531$70; Maria do Prados — Madeira, 24$00; António I. Henriques — Lourinhã, 20$00; M.ª Teixeira Gaivão — Carvoeiro, 50$00; M.ª Francisca Lima — Pôrto, 30$00; Emília Leite Faria — Idães, 25$00; Isaura Vicente — Cabeça Boa, 40$00; Anónimo de Vimieiro, 50$00; António L. Silva — S. Paulo — Brasil, 30$00; Ausélia Rio Henriques — Lisboa, 20$00; Maria Pereira — Souto, 15$00; P.e João Lacerda — Soute, 15$00; Elvira Neves Ferreira — Estoril, 25$00; João M. de Matos — Ruivo, 20$00; Nazaré Cardoso — Ruivo, 20$00; Joaquina Ribeiro — Condeixa, 20$00; Júlia Padrão — Tuías, 15$00; António Rodrigues — Amares, 20$00; Dr. Angelo Tavares — Redondo, 20$00; Júlia Moura Castro — Sepil, 20$00; João Goulart — Açores, 20$00.

Padaria Lamecense

(Antigo Forno da Alegria)
Largo dos Aviadores — Régua — Telefone N.º 13.

Esta acreditada casa, fabrica com higiene, asseio e esmêro, tôda a qualidade de pão de trigo, fino e de famílias, artigos de pastelaria e doces finos. Tudo com produtos de 1.ª qualidade.

A nossa divisa é servir bem para servir sempre.

Hino de N. S.ª de Fátima

Aprovado e abençoado pela Autoridade Eclesiástica, temos à venda, ao preço de 4$00, o belo e formoso hino do Snr. P.e António Parente, do qual se venderam já cêrca de trezentos exemplares.

Todos devem possuí-lo

Não compre ao acaso...

As fotos do vosso Bébé, são muito preciosas...

A PELICULA VERICHROME exclusivamente fabricada por Kodak, tem qualidades que a tornam insubstituível, nas fotografias do vosso encantador Bébé: Rapidez, latitude de exposição, perfeita reprodução das côres...

Mesmo se estiver escuro, ou se o vosso Bébé dormir tranquilo sob a capota do seu carrinho, tereis a certeza de obter uma bôa fotografia se usardes VERICHROME.

Para que este resultado fôsse possível, Kodak fabricou esta sua Película, com uma dupla camada de emulsões, suas exclusivas, que vos salvaguardam das diferenças de luz. Ao sol como á sombra tereis sempre boas fotografias com

«VERICHROME»
(Película de Kodak)

Kodak Ltd.-33, R. Garrett-Lisboa

Se V. Ex.ª deseja fazer plantações de Roseiras, Fruteiras, Árvores para estradas,

não hesite. Dirija-se aos viveiristas Moreira da Silva & Filhos que possuem as maiores culturas da Península

Moreira da Silva & Filhos

R. Tibaldi, 1 — Porto
Catálogo 67 gratis

¿ ?

Que melhor presente do que um presente em prata da

Ourivesaria Aliança?

É um presente que não se come, nem se bebe.
É um presente sempre PRESENTE à nossa recordação.
Tenha presente a

Ourivesaria Aliança

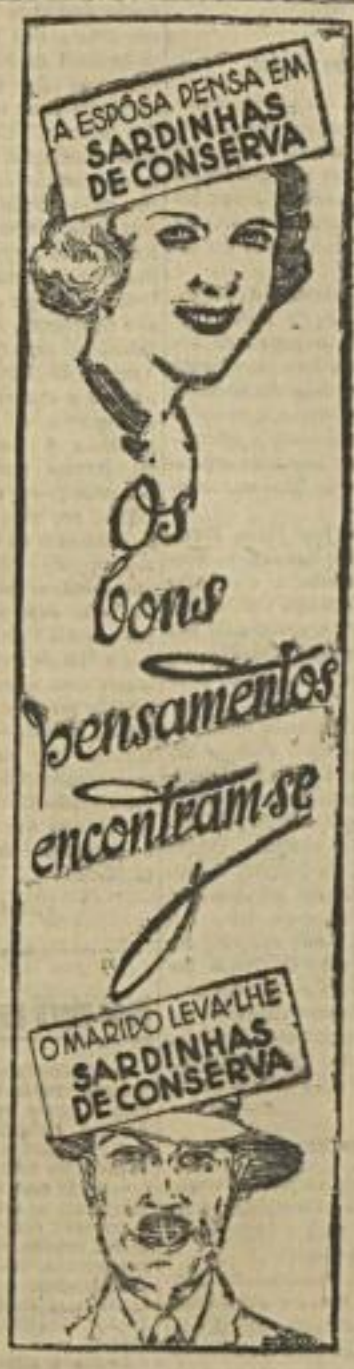
Rua das Flores
PORTO

PHOENIX

C.ª Inglesa de Seguros.

Máxima garantia às melhores taxas.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto



Graças de N.ª S.ª de Fátima

Cura duma pneumonia

É com a maior gratidão para com Nossa Senhora de Fátima, diz A. J. Peter, de Cochim, que peço a publicação desta graça.

O meu primo E. M. Angelim, aluno do 5.º ano, adoeceu de uma pneumonia. A febre subiu a 103° F. e o doente estava tão fraco que se receava que não pudesse resistir. Vendo que a medicina lhe não aproveitava, deitámos duas gotas de água de Fátima em todos os remédios e começámos uma novena à Senhora de Fátima.

Não tardaram as melhoras, e depois de algumas horas estava outra vez normal a temperatura; e passados quinze dias pôde tornar a frequentar as aulas.

Duas curas

The Bel. Lavem.

Kayangulam, 21 Janeiro 1935.

Mando duas rupias para Nossa Senhora da Fátima por dois favores recebidos. O primeiro foi ter Ela ajudado a curar a minha Mãi. O segundo foi a cura dum meu sobrinhito. A criança esteve num estado crítico e tínhamos muito poucas esperanças do seu restabelecimento. Mas, graças à N. S. de Fátima, depois de muitas rogações e de lhe dar a beber água do santuário, a criancinha voltou a si milagrosamente. Amada e bendita seja em tôda a parte a nossa querida Mãe do Céu.

Abcesso na bexiga

Hallard Estate. — Godalur P. O. Nilgiris, 18 Novembro 1934.

Com o maior prazer, diz P. S. D'Costa, envio três rupias, em cumprimento da minha promessa a N. S. de Fátima pela minha cura milagrosa.

Eu sofria dum abcesso na bexiga e por isso fui obrigado a ficar de cama alguns meses. Os médicos declararam com tôda a franqueza que o meu caso era perigoso, e sofri a operação com risco da minha vida. A minha irmã, que é religiosa carmelita em Santa Teresa, mandou-me um folheto com a novena de Nossa Senhora de Fátima.

Graças à Mãi do Céu, a operação correu admiràvelmente e estou agora em franca e segura convalescença.

Angina de mau carácter

11 Sullivan Street — S. Tomé, Madrasta, 28 Janeiro 1935.

Eu sofria do meu habitual incómodo, diz a menina E. D'Rosário, duma angina, desde 3 de Janeiro de 1935. Experimentei todos os remédios sem proveito.

Por acaso encontrei uma revista de Nossa Senhora de Fátima sôbre a mesa de uma pessoa amiga. Li e encontrei muitas curas alcançadas por intercessão de Nossa Senhora de Fátima. No dia seguinte comecei-lhe uma novena e rezei o têrço, porque não tinha outras orações. Não tinha água nem estampa de Nossa Senhora de Fátima, mas pedi-lhe que me curasse desta incómoda sem ser preciso mais nenhum remédio. No dia 8.º e 9.º da novena pareceu-me que estava mais e senti-me dominada. Eu tentei tornar ao meu trabalho com uma tosse tão incómoda. Continuei a pedir e suplicar a Nossa Senhora de Fátima que me alcançasse a minha cura e ouvisse as minhas pobres orações. Sinto-me agora muito melhor. A tosse é pouca, e estou certa de que breve estarei curada.

Prometi publicar a graça e apresso-me a fazê-lo, hoje, 26 de Janeiro, o último dia da novena. Sinto-me cada vez melhor. Seja Nossa Senhora de Fátima conhecida e amada em tôda a parte.

Inchação

Havia quási um ano que me atrasava impossibilitado de caminhar devido a uma inchação comum numa das partes mais sensíveis do corpo.

A mesma como me arrastava, encostado a uma muleta, a todos causava dó. O meu médico disse-me que era necessário que eu fôsse a Coimbra e sujeitar-me aí a uma operação, o que me era difícilmo devido ao meu triste estado.

No dia 13 de Março de 1934 as minhas duas filhas, depois de rezarem o têrço, como costumam sempre, disseram-me: — Olhe, pai; em vez de consultarmos mais médicos, vamos rezar outro têrço a N.ª S.ª de Fátima para que Ela o cure. Se assim acontecer, iremos ao Santuário de Fátima, e mandaremos celebrar uma festa com sermão e Missa Cantada em honra do SS. Sacramento e de N.ª Senhora. Feitas estas promessas ajoelhou o têrço e todos os dias esperávamos com confiança algumas melhoras vindas por intermédio de N.ª S.ª de Fátima.

As nossas esperanças não foram baldadas, pois, graças à Misericordiosíssima Mãi do Céu, passados 8 dias eu estava completamente bem; há já um ano que não tornei a sentir o menor incómodo. A minha filha mais velha já foi ao Santuário bendito de N.ª S.ª de Fátima agradecer a minha cura a N.ª Senhora; a mais nova irá lá também brevemente. Já mandámos celebrar a festa prometida e fizemo-lo com o maior prazer.

Peço o favor de publicarem no progresso da Mãi do Céu «A Voz de Fátima» tão importante graça que a Virgem Santíssima me alcançou para consôlo e alegria na minha velhice.

Vilar Maior

João Nunes

Ataque e paralisia

(Foi dirigida à Redacção da «Voz de Fátima», uma carta que, além de outras coisas diz o seguinte:) — «Rosa Ávila, residente na freguesia da Praia do Almoxarife — Faial-Açores, vem por êste meio, muito reconhecida, agradecer a N.ª S.ª de Fátima e publicar no seu jornal conforme prometeu uma graça obtida por intermédio de tão Bon Mãi. Tendo sido acometida há cêrca de dois anos por um ataque de que resultou a paralisia do lado esquerdo, em tão grande aflição, recorri Àquela que é a «Saúde dos enfermos» e apesar da minha indignidade fui atendida na minha humilde súplica a nossa carinhosa Mãi do Céu, pois que já sou destros cêrca de 3 anos desde que me encontro bem, sem os incómodos que costumava ter. Igual êste que desejo aqui agradecer publicamente a N.ª S.ª de Fátima.

Rosa Ávila

Graças diversas

— A cura de uma criancinha que estava em convulsões com uma temperatura de 104° F., depois de ter colocado sôbre ela a imagem de Nossa Senhora de Fátima e ter feito para êsse fim algumas orações.

No Continente

— *A Ex.ma S.ª Marqueza do Lavradio.* — Costa do Castelo, agradece duas graças temporais que foram concedidas à dela filhos numa em ocasião que muito careciam da protecção da N.ª Senhora de Fátima.

— *D. Emília Tavares Bessa* — R. D. Estefânia, 41 — Lisboa, agradece a N.ª S.ª de Fátima o tê-la curado duma grave doença de que sofreu durante muito tempo. Chegara a ter os bacilos da tuberculose, mas, por intercessão de N.ª S.ª de Fátima obteve a cura completa.

— *D. Josefina Martins Moreira,* — Fanzeres, agradece a N.ª Senhora de Fátima uma graça particular que por sua maternal intercessão recebeu do Céu.

— *D. Maria Laura Mourato* — R. Luciano Cordeiro, 92 — Lisboa, diz: «Venho publicamente agradecer a N.ª Senhora de Fátima, muitas graças que dEla tenho recebido por intermédio do S. Teresinha do Menino Jesus e de S. Rita de Cássia.

— *D. Judite Rosa de Jesus,* — Pereiro, em casta de 10-VI-1934, diz o seguinte: — «Adoeci com mal de Pott e dei entrada no Sanatório de Santa Ana em Paredes. Depois de lá estar bastante tempo, veio-me o desejo de pedir a minha cura por intercessão de N.ª Senhora de Fátima, Graças a Deus, a nossa boa Mãi do Céu ouviu-me, e por isso, com muita alegria e reconhecimento venho manifestar a minha gratidão para com tão boa Mãi que nunca nos esquece apesar dos nossos pecados.

— *Joaquim Quintas da Fonseca,* — Furjães, Esposende, sofreu durante muito tempo a ponto tal que foi desenganado pelos médicos de que não mais recuperaria a saúde.

Depois de haver experimentado números medicamentos, recorreu a N.ª S.ª de Fátima alcançando assim a cura que já não contava alcançar, favor êste que reconhecidamente aqui vem agradecer.

— *D. Maria Augusta Gonçalves Chamoise,* — Terras de Bouro, teve uma filha de nove meses gravemente doente. Tendo alcançado a sua cura por intercessão de N.ª S.ª de Fátima, vem agradecer-lhe tão insigne favor.

— *D. Ana Magro Folgado Rodrigues,* S. Leonardo—Mourão, teve seu Pai gravemente doente do estômago. Aconselharam-lhe como indispensável o sujeitar-se a uma operação. Receosa com esta exigência da medicina, recorreu a N.ª S.ª de Fátima por cuja intercessão alcançou a cura rápida e radical de seu querido doente.

— *António José Gomes de Campos,* — Cristelo, Barcelos, pede aqui seja publicada uma graça concedida por intercessão de N.ª S.ª de Fátima em favor de Ana Maria Linhares que, desenganada já pelos médicos se encontrava prestes a morrer.

Invocada N.ª S.ª de Fátima em favor desta moribunda, as melhoras começaram a tornar-se sensíveis, e hoje encontra-se completamente bem.

Nos Açores

— *D. Ana Adelina Brum* da Costa Nunes, Horta — Açores, agradece a N.ª S.ª de Fátima uma graça concedida a seu filho José, que sofria muito dos intestinos.

— *D. Maria Dolores Ávila de Melo,* — Açores, diz ter recebido por intermédio de N.ª S.ª de Fátima uma grande graça de ordem temporal. Tendo prometido publicá-la vem agora cumprir a sua promessa agradecendo aqui tão apreciável favor.

— *D. Mariana Rufina Alves,* — Topo, Açores, agradece duas graças que obteve por intercessão de Nossa Senhora de Fátima, sendo uma delas em favor de uma sua filha e a outra em favor de uma sua amiga que sofria horrivelmente de reumatismo e de tique a ponto de ter de se sujeitar a duas operações muito difíceis e melindrosas, mas que, por favor que atribue a N.ª Senhora de Fátima, correram muitíssimo bem.

Eu tinha uma dúvida...

Trazia eu há muito no pensamento um desejo grande, e ia percorrendo o país à procura do local onde conseguir satisfazê-lo.

Mas... deve esclarecer-se, caro leitor, eu era muito exigente no modo de o realizar e daí o procurar em vão durante tanto tempo. Cheguei a desanimar e tinha a minha dúvida se conseguiria alguma vez aquilo que tanto desejava.

Um dia, porém, quando menos o pensara, entrei numa casa humilde. A fama das suas obras, sem que eu o soubesse, transbordara já para além das fronteiras do nosso meigo Portugal.

Entre... a paz e as obras de arte que meus olhos contemplaram, desvaneceu-se, como por encanto, a minha dúvida.

Estava escolhida a oficina onde ia mandar fazer uma imagem de N.ª S.ª de Fátima.

Passados meses recebi do sr. José Ferreira Tedim—do Coronado—Santo Tirso a imagem que ficou a alegrar mais uma vez os créditos desta casa de estatuária religiosa.

A Santa Oficina, Rua Luciano Cordeiro, 83-1.º Esq.º Lisboa, fabrica e vende diretamente ao público imagens em madeira, mármor e metal.

O culto de Nossa Senhora de Fátima

Em Portugal

Dificilmente se encontrará hoje em Portugal alguma igreja sem a Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Desejaríamos dar notícia de tôdas as festas, mas não é possível porque nos falta o espaço.

Estimaríamos que às festividades de Nossa Senhora de Fátima assim como às do Sagrado Coração de Jesus se lhes desse mais um carácter de piedade do que aparato externo.

Para exemplo citaremos as seguintes:

FAFE

Na freguesia de Queimadela, concelho de Fafe, organisou-se a Congregação das Filhas de Maria que tomou como padroeira Nossa Senhora de Fátima.

Realisaram a sua festa no dia 10 de Novembro precedida de um tríduo pregado pelo rev. Frei Luís de Sousa que nos disse: *outros de lá muito edificado com a piedade e fervor religioso daquela boa gente.*

ILHA DO CORVO

Comunica-nos o sr. Angelo Valadão que se inaugurou no dia 12 de Outubro o culto a Nossa Senhora de Fátima. A imagem, adquirida pelo sr. Pedro da Rocha, foi, à noite, conduzida da sua residência para a capela em linda procissão de velas, a primeira que se organizou nesta ilha.

Prègou à chegada à igreja o rev. Vigário Manuel Silveira Pereira.

No dia 13 comungaram mais de 300 pessoas, houve missa cantada e, à tarde, uma bela procissão conduzindo a imagem para a igreja matriz onde ficou à veneração do povo que ali acorre todos os dias.

No estranjeiro

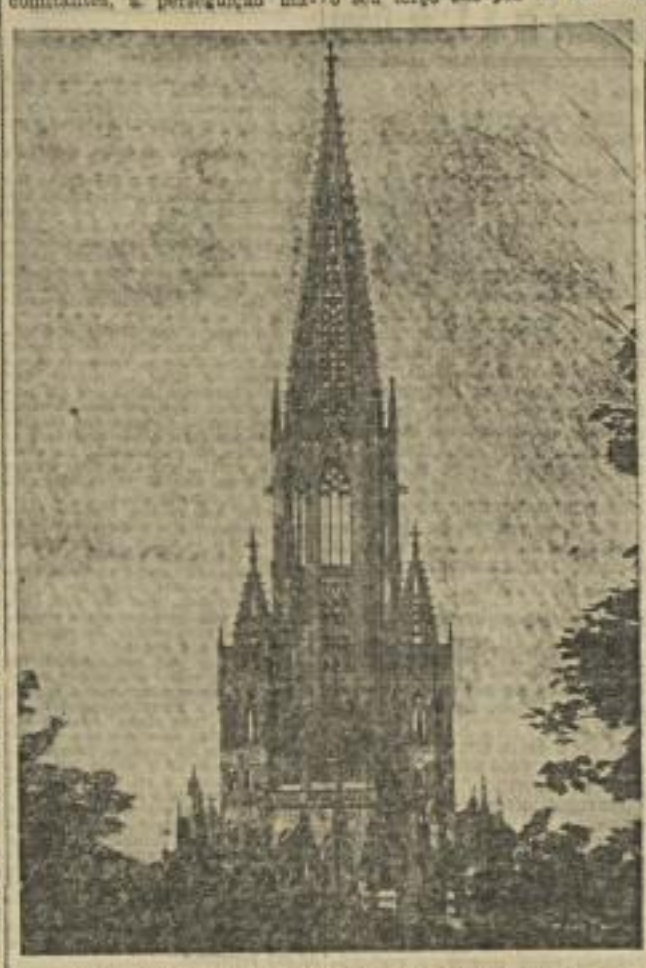
Na Inglaterra

Editado pela «Catholic Truth Society» de Londres, o rev. P. M. de Zulueta, S. J., publicou o livrinho «Our Lady of Fatima» (Nossa Senhora de Fátima).

A-pesar-de ser grande a tiragem, esgotou-se rápidamente a primeira edição.

A instâncias da emprêsa editora, o rev. Zulueta acaba de publicar a segunda edição, correcta e aumentada.

Fazemos votos para que o conhecimento das maravilhas e ensinamentos de Nossa Senhora de Fátima levem a luz às almas e atraiam para o seio da Santa Igreja os nossos irmãos imersos nos erros das seitas protestantes.



Arte gótica, construção medieval — **A Catedral**

Dentro dêsses limites podemos com tôda a sinceridade apresentar ao autor os nossos parabéns muito sinceros.

As aparições e prodígios concomitantes, a perseguição ateia contra a Igreja, as curas, o Santuário, o carácter especial das suas peregrinações, o culto de Nossa Senhora no Brasil, a sua primeira igreja erecta no Recife, tudo isso constitui numa série de quadros encantadores a admirável *Visão da Fátima.*

Os que a quiserem, podem pedi-la ao Santuário de Fátima, onde se encontra à venda.

Na Itália

Impressões de viagem

Numa série de três longos e excelentes artigos devidos à pena dum peregrino italiano piedoso e culto que, em Setembro passado, visitou o nosso Santuário, publica o jornal «L'Intone Mourégaise» de Mondovì —Itália as impressões de viagem em Portugal e as notas da visita a Fátima.

Os artigos, nervosos, vivos, elogiosos para a nossa terra e para a nossa gente, impregnados de originalidade na maneira de encarar as coisas, são acompanhados de óptimas fotografias de Leiria, Fátima, Batalha e Lisbon.

Na Alemanha

Em Friburgo de Brisgóvia

O que há um ano nos parecia impossível, tornou-se hoje numa feliz realidade. No dia 13 de Novembro faz um ano que entrou em S. Conrado a magnífica estátua de N.ª S.ª de Fátima. O que então quási nos não atrevíamos a esperar, cumpriu-se hoje magnificamente. N.ª S.ª de Fátima apoderou-se de todos os corações. Cheios de reconhecimento olhamos hoje para o passado ano, sobretudo quando vemos as centenas de devotos rezarem todos os dias o seu têrço aos pés da Mãi do Céu. Como uma Mãi amante, Maria Santíssima reuniu os seus filhos junto de Si e milhares se alistam com gôsto ao número dos seus devotos.

São sobretudo as novenas mensais de 5 a 13 de cada mês que muito agradam. A conclusão da novena de 5 a 13 de Outubro foi esplendida. Convidou-se todo o povo para a festividade da tarde do Domingo. Contra tôda a expectativa vieram umas 1200 pessoas de todos os lados de Briegóvia, uns a pé, outros em autos montanheses, e mais no caminho de ferro, para oferecerem a N.ª S.ª de Fátima as suas homenagens. Ao comovente sermão sôbre Fátima, pelo pároco, seguiu-se o têrço, a bênção e a procissão na igreja. Cantaram com entusiasmo o cântico de Fátima. A gente de fora juntaram-se umas 300 pessoas da cidade, de maneira que a grande igreja de S. Conrado estava cheia. Contentíssimos e com pena, os peregrinos separaram-se da linda imagem de N.ª S.ª de Fátima. Mal tinham saído da igreja os últimos visitantes, da função da tarde, chegaram novos peregrinos em multidão para assistir à conclusão festiva da cidade, marcada para as 6 horas da tarde. Tomaram parte nela uns 1500 fiéis. Viu-se gente de fora assistir às duas funções. Depois de se extinguirem os últimos sons do Ave de Fátima, cantado com grande entusiasmo, todos os assistentes se despediram da imagem milagrosa com a convicção de terem presenciado neste 13 de Outubro uma Fátima em miniatura. A Nossa Senhora de Fátima vêm todos os oprimidos por algum sofrimento, e põem as suas súplicas cheias de confiança aos pés da Rainha do Santíssimo Rosário. Ninguém sai de ao pé dEla sem alívio. O coração materno benigníssimo tem uma consolação para cada um dos seu filhos. E o que testificam as muitas cartas de agradecimento que todos os dias chegam.

Arte moderna — **Igreja de S. Conrado**

No Brasil

A Visão da Fátima

por Lourindo Silva

Envolto em capa moderna e impresso e disposto com graça, pequeno, muito legível, muito claro e em lídima linguagem portuguesa, acaba de sair dos prelos do *Diário da Manhã* — do Recife, um livro a que com razão foi posto o nome de *A visão da Fátima.*

Na verdade, quem, cedendo aos atractivos do livro passa a vista pelas suas 115 páginas, tem num momento uma visão de Fátima, tal qual lá ao longe se pode figurá-la sem nunca se ter pisado êsse recanto bendito da terra portuguesa.

A Visão da Fátima não pretende ser um estudo profundo, exaustivo, dos factos ali ocorridos: é apenas uma obra de vulgarização e propaganda.

Coisas que eu penso

(Continuação da 1.ª pág.)

protestantismo, o budismo, o maometismo têm milhões de adeptos — mas estão divididos em seitas, não empregam os meios humanamente contrários à sua difusão e não está com êles a parte melhor da humanidade...

Ou então, se não admitimos isto, teremos a coragem de proclamar que esta civilização de que nos orgulhamos e que nasceu à sombra da cruz de Jesus Cristo não é a verdadeira civilização... a verdadeira civilização é a dos bárbaros!

B. A. LANÇA

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

PHILCO-RÁDIO

Para Baterias
Para Corrente
Para tôdas as ondas

Concessionários:

Arnaldo Trindade & C.ª L.da

Rua Formosa, 307 — PÔRTO

Cinco minutos ao Cavaco

Catecismo Novo!

— O compadre Euclides, sabe dizer-me quantos são os Mandamentos da lei de Deus e os da Santa Madre Igreja?

— O compadre Crispim vem a sonhar, com tôda a certeza! Então êle haverá algum cristão debaixo do sol que não saiba os Mandamentos!

— Mas eu sabe, diga, compadre, faz o favor!

—No meu tempo eram 10 os da lei de Deus e 5 os da Santa Madre Igreja. Era isto o que dizia o Catecismo.

— Pois tenho uma grande novidade a contar ao compadre. Antigamente era assim, era; mas agora há mais um Mandamento! Com esta é que o compadre Euclides não contava!

— Mas então que descoberta foi essa? O compadre Crispim anda a fazer alguma Cartilha nova?

— Não anda, não, compadre, que o meu ofício de sapateiro só me dá direito a deitar tachas e meias solas; mas, segundo li num jornal, há agora mais o Mandamento da Acção Católica! E êste mandamento que não se encontrava nos catecismos antigos!

— Pois encontrava tal, compadre Crispim. Anda sempre com descobertas, mas ao fazer desta fica mal: o mandamento da Acção Católica já está descoberto desde os primeiros tempos da Igreja, ou melhor, desde Jesus Cristo!

— Cada vez percebo menos, compadre! Em outros tempos, ninguém falava em Acção Católica. Agora, pelo que se lê nos jornais e se ouve nas prègações, receita-se Acção Católica como se médicos receitam injecções. É questão de moda, compadre. A Igreja condena as modas de Paris, mas também manda as suas modas de Roma.

— Tape lá essas levadas, compadre Crispim! O compadre já sabe que, abrindo a boca para discutir religião, ou entra mosca ou sai asneira!

— Mas eu queria que me respondesse a duas preguntas: A Acção Católica é ou não é uma coisa nova? E ou não é um novo Mandamento que o Santo Padre quere acrescentar aos outros?

— Resposta às duas preguntas: Não, senhor. E vou mostrá-lo ao compadre Crispim, se me dispensa a sua muito esclarecida atenção.

Mas antes de mais nada, comecemos pelo princípio: o compadre sabe bem o que é a Acção Católica?

— Se quere que lhe diga, estou como o outro que ouvia cantar o galo mas não sabia onde êle estava...

— Já me queria parecer... Olhe a Acção Católica consiste nisto: nós, os leigos, ajudamos os padres a espalhar o Evangelho. É uma ajuda, uma colaboração, uma participação no apostolado da Igreja. Em certos casos, os leigos podem fazer mais até do que os sacerdotes: vão aonde êstes não podem ir, ouvem o que êstes não ouvem, vêem o que os padres não vêem, falam com quem êles não falam, convivem com certos elementos que fogem do padre, e assim se pode fazer muito, para o bem como para o mal.

— Mas isso é que é Acção Católica?

— Sim, compadre. Fazer Acção Católica é aproveitar todos os meios para fazer bem às almas; é ajudar a Igreja a converter o mundo; é levar Cristo às almas e as almas a Cristo. E para melhor se conseguirem êstes fins, mandou o Santo Padre instituir associações organizadas: Juventudes Masculinas e Femininas, Ligas de Homens e Mulheres casados, associações operárias, etc.

— Mas isso não será uma questão de moda, compadre Euclides?

— Qual moda, nem qual cabeça!

A Igreja não é governada por venteinhas! Se o Santo Padre resolveu promover, mais do que nunca, estas organizações de conquista, foi levado a isso pela necessidade. É que os maus, os bolchevistas, os maçons, os sem-Deus têm organizado, com zelo satânico, as suas associações: a Igreja precisa de ter as suas, para se defender. O mundo está cheio de propagandistas do ódio a Igreja tem que mandar pelo mundo os propagandistas da verdade.

— Mas os propagandistas da Igreja não são os Bispos e os padres?

— Mas caro compadre, são os Bispos e os padres, para prègarem aquelas que entram na igreja; mas os que ficam fora? Os que não querem ouvir os padres? Para êsses são precisos apóstolos leigos, homens para os homens, mulheres para as mulheres, rapazes para os rapazes, raparigas para as raparigas, lavradores para os lavradores, operários para os operários, estudantes para os estudantes...

— Está certo, compadre Euclides; mas sempre há-de concordar que isso é uma coisa nova...

— Está enganado, compadre Crispim. Já no Evangelho se lê que o Divino Mestre, antes de ir prègar a qualquer terra, mandou muitas vezes discípulos leigos, *ainda não ordenados de padre,* a prepararem o terreno.

— Preparar o terreno, como? Abrindo estradas, como os soldados italianos nas montanhas da Etiópia?

— Temos brincadeira, compadre! O que êles iam era dispor o povo, pelejando-lhe, a fim de que depois recebesse bem o Senhor e a sua doutrina.

— Já estou percebendo: assim como Cristo mandava os seus propagandistas a preparar a sua missão, assim agora a Igreja quere que os propagandistas da Acção Católica preparem a missão dela no mundo.

— Graças a Deus! Até que enfim o compadre deu uma acertada! Bem se vê que só não entende, quando não quere... Como aquele surdo, que só não ouvia, quando lhe não lavia cousa...

— Já o compadre está vendo que a cabeça não nos foi dada só para criar cabelo, ou coisa pior...

— Bem. Como ia dizendo, Nosso Senhor empregou leigos no apostolado. Os Apóstolos foram o mesmo. S. Paulo, por exemplo, nas suas Epístolas, fala de muitos homens e mulheres que o ajudavam na sua missão evangelizadora, nas diferentes terras.

— Mas seriam padres, compadre?

— Muitos eram padres por êle ordenados; mas outros não eram. Eram homens leigos e também mulheres. Nas Epístolas vem o nome de muitas delas. Já vê o compadre que as senhoras da Acção Católica não são de agora. Os Apóstolos instituíram até as diaconisas, espécie de associação que muito auxiliou a dilatação do Evangelho, nos primeiros tempos.

E daí para cá, sempre se considerou uma obrigação dos leigos trabalhar na convenção um dos outros. Diz S. Agostinho: *Salvaste uma alma? Predestinaste a ti!* S. Basílio comparava os que nada faziam pela salvação dos seus irmãos, àqueles que deixavam morrer os pobres à fome. Chamava-lhes assassinos.

S. Crisóstomo diz que cada cristão não está encarregado só de salvar a sua alma: tem que ajudar os outros a salvar a sua e será julgado por isso no dia das contas. A opinião da Igreja em todos os tempos foi muito bem resumida por um escritor moderno: *O cristão é um homem a quem Deus confiou a salvação do mundo!*

Isto não é mais que o eco doutra palavra da Escritura: *A cada um encarregou Deus do seu próximo.*

— Bem, compadre, para não ficarmos aqui hoje, quere dizer que a Acção Católica é tão velha como o vento norte! Mas como se explica que antigamente ninguém falava nisto?

— Compadre: isso prova que o nome é que é novo. Mas o nome pouco importa, porque o mundo não vive de nomes, vive de realidades. Ora a obrigação de ajudar a salvar os outros, é tão antiga como o homem. Nova é o nome, nova a organização que lhe deu o Santo Padre, novos os meios de apostolado e propaganda, porque a organização e os processos têm de se acomodar aos tempos e às necessidades. Nova é também a intensidade com que por tôda a parte se procura estender a rede benéfica da Acção Católica, porque hoje, mais que nunca, é necessário trabalhar por Deus e pela sua Igreja. São tantos os inimigos de Cristo e tanto trabalham em destruir a sua obra que, quem não for por Êle, é contra Êle. Quem não for apóstolo, ao lado da Igreja, é quási um apóstata, contra ela.

— O compadre, só mais uma pregunta. Onde é que estava metido até agora o mandamento da Acção Católica?

— Estava metido no preceito de amar o próximo, como a nós mesmos. Amar o próximo é desejar-lhe bem e fazer-lhe bem. Ora, se somos obrigados a fazer-lhe bem ao corpo, muito mais à alma. Se somos obrigados a livrá-lo duma desgraça, podendo, muito mais da desgraça eterna, o Inferno.

Estava metido ainda nas Obras de misericórdia espirituais: 1.º Dar bom conselho e correcção fraterna; 2.º Ensinar os ignorantes. Estava metido ainda nas frequentes recomendações dos Papas, dos Santos, dos Doutores da Igreja. Por isso não é preciso converter-lo nos Mandamentos.

Já lá está. A conclusão a que chegamos é esta, compadre Crispim: A Acção Católica deve ser considerada pelos pastores como uma parte necessária do seu ministério e pelos fiéis como um dever de vida cristã.

São palavras de Sua Santidade Pio XI.

ANGELO

Distintivos para os Cruzados de Fátima

Já se encontram à venda os distintivos para os Cruzados de Fátima.

O seu preço é de 1$00 cada um.

Podem ser pedidos aos Rev.mos Directores Diocesanos.

CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações modelares de

MACEIRA—LIZ

Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico
120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Telefone P. B. X. n 1331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO
Telefone 4193

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

Garantimos

PARA

missas o vinho branco consumo

CENÁCULO

DA

COMPANHIA VELHA

fundada em 1756

Rua das Flores, n.º 69 — PÔRTO

INFORMAÇÃO ÚTIL

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS

Dirigir a:

MAIAS, IRMÃOS. — Irmãos

Cidadelha — Castelo da Maia

VINHO BRANCO ESPECIAL PARA

MISSAS

Pertence a

ANTÓNIO DE OLIVEIRA

Aldeia Nova — Norte

PÔRTO RAMOS-PINTO

CRUZADOS de Fátima

A Exposição em Roma...

Vai realizar-se em 1936 em Roma, no palácio do Vaticano, onde vive Sua Santidade o Papa, representante de Cristo na terra, uma exposição internacional da imprensa católica. Já foram convidados todos os jornais católicos do mundo para se fazerem representar nessa exposição, em que se verá não só o que essa imprensa é agora, mas também o que foi desde o princípio e os progressos que fez até chegar a ser o que hoje é.

A Voz da Fátima também lá estará, na exposição de Roma na sala destinada a Portugal, e não será sem admiração que os estranjeiros hão-de ver indicada a tiragem do nosso jornal: já hoje mais de 300.000 exemplares, e decerto ao abrir-se a exposição deve andar por perto de meio milhão, em abril de 1936.

É certamente motivo para nós de regozijo; mas não basta isso ao nosso sentimento de católicos para nos fazer esquecer outros motivos de tristeza, que essa sala oferecerá aos visitantes estranjeiros.

É que se a tiragem da *Voz da Fátima*, uma vez por mês, é imponente; se temos hoje felizmente, o que no passado nunca tinha havido, semanários pequenos populares católicos, com tiragens importantes que deixam a perder de vista as maiores de jornais semanais não católicos, — também é certo que temos outros jornais semanais de província, e muito bem feitos, que não atingem ainda o número de assinantes que deviam ter. E pior ainda: é um facto bem triste, mas bem verdadeiro, que a nossa imprensa diária fica muito abaixo das tiragens dos grandes jornais — tendo aliás muito boa informação e muito boas penas que dão valor às suas páginas.

Em suma: em Roma faremos muito boa figura, no que respeita à pequena imprensa, no meio de outras nações — mas ficaremos em muito pouco agradável lugar na escala dos povos católicos que possuem imprensa diária.

É certo que o nosso país é pequeno e que há ainda, infelizmente, muita gente que não sabe ler e não assina jornais; as tiragens dos grandes jornais portugueses não católicos, também só são *grandes* cá, porque afinal são poucos e comparada a soma da tiragem de todos com a população de outros países também pequenos onde há mais jornais, essas tiragens não são muito grandes.

Mas não importa: o que é um facto, real e triste, é que nós católicos portugueses, embora haja em Portugal muitos analfabetos e a proporção em que todos nos dizemos católicos — os católicos portugueses não poderão dizer diante do mundo que compreendem a importância da imprensa católica e o dever que temos todos de a difundir, emquanto não pudermos mostrar pelo menos dois diários — um no sul e outro no norte, que entrem cada um todos os dias, pelo menos, em 50.000 lares portugueses.

Lelam bem! Não há ainda em Portugal 100.000 famílias que recebam **todos os dias** em casa um dêsses beneméritos combatentes de todos os dias que são os jornais católicos diários.

Esta mancha da nossa vida católica, estamos certos disso, serão os *Cruzados de Fátima* quem com o tempo a há-de limpar!

Com as suas quotazinhas mensais, os Cruzados farão desenvolver tôdas as obras de Acção Católica — e com o desenvolvimento dessas obras irá aumentando neste país o nome dos católicos práticos que dirão sempre ao fazer o orçamento da despesa de cada dia: um escudo para isto, dois escudos para aquilo, três escudos para aqueloutro — e mais 3 míseros tostões para o **nosso amigo de papel**, para o nosso jornal católico, que precisa de entrar em muitos mais milhares de casas, para ser cada vez mais rijo soldado na defesa da doutrina cristã e dos direitos da Igreja.

Lá estará em Roma a nossa *Voz da Fátima* — o Santo Padre sabe já que somos mais de 300.000 os seus leitores. É preciso que quanto antes êle veja que dêsses trezentos mil esforços pequeninos saiu uma Acção Católica mais vigorosa, e sobretudo uma imprensa católica mais forte e espalhada pelos lares portugueses.

POSTAIS COM PRÉMIO

Mais postais premiados, desde novembro: 3057 (3056 e 3058); 6775 (6774 e 6776); 6379 (6378 e 6380); 7084 (7083 e 7085). Quem os tiver deve mandá-los em carta registada à Editora «Luz», Rua de S. Julião, 144, Lisboa.

Este anúncio **vale sempre**. Cada postal custa **só 50 centavos e vale por um ano**, desde o dia em que se compra e pode, na lotaria de cada sábado, dar direito a um prémio, que se a sorte quiser pode ser até de 30 contos.

Comprando até 20 de dezembro ainda entram na lotaria do Natal, que é de 6.000 contos. Só se podem expedir **de 4 postais para cima**, à cobrança e para ser mais ràpidamente servidos podem enviar a importância directamente — 50 centavos para cada postal — à Editora «Luz» — Rua de S. Julião, 144, Lisboa.

Aos chefes de trezenas

Não esquecer que nos primeiros dias de Janeiro têm de entregar a terceira prestação das quotas de 1935.

A cobrança deve ser feita todos os meses. Entrega-se a *Voz da Fátima*, e recebe-se o dinheiro.

Deixar juntar quotas, dá lugar a que uns não paguem e a que outros esmoreçam.

PIA UNIÃO DOS

Cruzados de N. S.ª de Fátima

Que é?

Uma associação auxiliar da «Acção Católica Portuguesa».

Que pretende?

1.º — Promover a santificação dos Cruzados de Fátima;

2.º — Interceder junto de Nossa Senhora de Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;

3.º — Colaborar, especialmente pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;

4.º — Orar pelos Cruzados de Fátima e pelas almas do Purgatório, especialmente dos Cruzados falecidos, pela conversão dos pecadores, pelos doentes e por tôdas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora de Fátima; pelas missões entre cristãos e infiéis, especialmente nas colónias portuguesas.

Que custa ser «Cruzado»?

Custa apenas o sacrifício de 20 centavos (dois tostões) cada mês, menos de um centavo cá, lá ela! Para quem não puder dar mais?...

O ideal seria que cada *Cruzado* pagasse, pelo menos, um cruzado por mês!

Portugal afastou-se muito de Cristo.

Há muito que trabalhar e que lutar para o trazer de novo ao bom caminho.

Todo o dinheiro, é pouco.

Para que serve ser «Cruzado»?

Serve para promover poderosamente:

a) a salvação própria,

b) a salvação do próximo e

c) o triunfo da Igreja em Portugal.

UM EXEMPLO A IMITAR

Conversando com um dos católicos franceses, que estiveram há pouco em Portugal, admirei-me do dinheiro que a Igreja em França consegue juntar para as suas obras, sustentando por exemplo, cinco universidades que não recebem cinco reis do Estado.

E logo um dêles me descobriu o segrêdo: — **É que os católicos franceses, mesmo os que freqüentam pouco as igrejas — quando se trata de dar dinheiro para o culto, para a boa imprensa, para as escolas católicas, para a propaganda são generosos! Abrem de boa vontade os cordões à bôlsa...**

Ficámos edificados, e pensámos que entre nós, às vezes, são os que mais freqüentam a igreja, os que menos dão...

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Quebra-pinhões

Indo-se para o Natal, a quem resolver as seguintes problemas:

1.º — Por que razão há tantos que se dizem católicos e não vão à Missa sem se confessar, sabendo que são os dois primeiros preceitos da Igreja Católica?

Terão razão quo a Igreja lhes mija em cima?

2.º — Por que bulas é que outros vão às Missas de Ioia, 1.º dia e 5 de Novembro e não pisam lá os pés aos domingos e dias santos de guarda? De duas uma: ou acreditam no valor da Missa ou não; se acreditam, porque não vão sempre? Se não acreditam, porque vão lá fazer a *fita* naquele dias? Ou as Missas não terão tôdas iguais em valor?

3.º — Porque é que tantos católicos, sabendo que temos obrigação de amar a Deus sôbre tôdas as coisas, O amam só depois de tôdas as coisas? Por exemplo: trocam a Missa por um passeio, por uma feira, por uma romaria, por uma partida de caça, por uma visita, por um negócio, por uma hora de cama (ela é tão gostosinha!), por umas vacas a vigiar... Como se Deus fôsse o último a ser servido, já no fundo da mesa ou no fim da bicha!

4.º — Por que motivo, estando todos fartos de saber que a alma vale mais que o corpo, se perde tantas vezes a alma por causa do corpo?

5.º — Porque é que, gastando tantos dias e tantas horas com os afazeres desta vida, que são dois dias, não temos uma hora por dia e um dia por semana para cuidar da outra vida, o Céu, que é eterno?

6.º — Por que má sorte somos tão diligentes em todos os negócios e tão pesos nos importamos com o negócio da salvação, o único necessário?

7.º — Por que razão, estando tão fartos de saber que havemos de dar contas a Deus de todos os nossos pensamentos, palavras e obras, passamos a vida a meter o sol de mistério de todos os tamanhos e feitios?

8.º — Por que é que nos, que não somos capazes de praticar uma acção má diante duma pessoa de respeito, nos atrevemos a praticá-las diante de Deus que está em todo o lugar, que tudo vê, tudo ouve e tudo conhece? Pensaremos que Deus é cego ou surdo ou esquecido?

9.º — Porque é que tantos acreditam que há Céu e Inferno e vivem como se os não houvesse?

10.º — Porque é que ninguém quere ir para o Inferno e se corre tanto para êle?

11.º — Porque é que muita gente se diz religiosa, mas recolhe da Religião só o que lhe apetece, deixando o que lhe não agrada? Deus Nosso Senhor terá pela cartilha dos caprichos de cada um?

12.º — Porque é que há tanto quem julga a Religião boa para os outros e não a pratica?

Ingelo

— Dia de anos —

Com que então caiu na asneira
De fazer 5a quinta-feira
Vinte e seis anos! que tolice!
Ainda se os dividisse...
Mas isso-los não parece
De quem tem muito miolo!

Não sei quem foi que me disse
Que fez a mesma tolice
Aqui o ano passado...
Agora o que vem, sposio,
Como lhe tomou o gôsto,
Que faz o mesmo? Coitado!

Não faça tal; porque os anos
Que nos trazem? Desenganos
Que fazem a gente velho;
Para outra coisa, que em suma
Não fazer coisa nenhuma,
Também não lhe acrescento.

Mas anos, não cola nessa!
Olhe que a gente começa
Às vezes por brincadeira,
Mas depois, se se habitua,
Já não tem remédio cura,
E lá-los, vosmicê os não quitta!

João de Deus

O professor: — O que fazem os voadores?
O aluno: — Voam.
O professor: — E os aviadores?
O aluno: — Caem.

Um movimento triunfal

Grandes progressos em Braga

São já 114.000 os Cruzados inscritos da gloriosa Arquidiocese de Braga. Formidável Legião, que em tão pouco tempo se formou, à sombra benéfica do belo estandarte da Padroeira dos Portugueses! E faltam 200 freguesias da Arquidiocese Primaz, onde se não organizou ainda esta Cruzada de salvação; é necessário que ela se difunda e floresça por todos os recantos do Minho e de Portugal.

Para entusiasmar a multidão dos Cruzados bracarenses, bastaria saber-se que até hoje foram já celebradas *2.154 Missas*, só pelos associados da Arquidiocese, vivos e falecidos. Isto além do muito diário que é oferecido no Santuário de Fátima, por todos os Cruzados da Nação.

Prestigioso e inexgotável Tesouro! Qual será a alma que ficará retida longamente no Purgatório, desde que pertença a esta Pia-União e nela se conserve até à morte, com tantas missas celebradas quotidianamente pela sua intenção! De mais razões não haverá para serem todos os crentes fiéis Cruzados até morrer, esta lotaria por si só.

Cruzados! Sêde firmes no vosso posto, contribui todos para a formação de novas Trezenas, e que haja a maior pontualidade na entrega das quotas mensais aos vossos Chefes. Além disso, não deixeis passar um único dia sem implorar da Santíssima Virgem o título do Seu Divino Filho, pela Acção Católica Portuguesa, o grandioso exército de Cristo-Rei.

E Ele há-de reinar!...

Um caso impressionante

Absolutamente verdadeiro. Faleceu há pouco em Lisboa um homem muito rico, que não perdia ocasião de fazer troça da Religião.

Notemos, antes de mais, que os maiores inimigos da Igreja se encontram entre os que morrem de fome e os que apodrecem de ricos.

Os primeiros, porque lhes notam na cabeça que os padres estão aliados com os senhores do dinheiro que lhes não acodem, na sua desgraça.

E os segundos, porque não perdoam aos padres estarem sempre a prègar-lhes os seus deveres de socorrer os pobres. Muitos também, porque sabem que a voz da Igreja é a única que condena os processos mais ou menos sujos por que enriqueceram, e reprova o seu egoísmo, e as devassidões onde consomem o dinheiro que podia converter-se em pão para tantos desgraçados.

Mas... deixemos as considerações, e vamos ao caso.

Há um ano, o tal cavalheiro, passando diante dum crucifixo, encontra-se à cruz, de braços abertos, a imitar Nosso Senhor — e, em seguida voltando-se para a cruz, fê uma careta, deitando a língua de fora.

Um dos amigos pegou na máquina, e tirou-lhe o retrato.

Um ano depois, dia por dia, o *herói* da façanha, morria com sofrimento horrível, causado por um cancro na cabeça e na boca. A língua tinha-lhe caído a pouco e pouco, aos pedaços, apodrecida...

Há, na verdade, castigos que não parecem acasos...

Lembremo-nos sempre do que diz o Apocalipse:

Com Deus não se brinca! Deus não ilude-se!

Dois pensamentos iguais

O conto, que a seguir inserimos, reproduz um caso que se deu na realidade.

Muitas vezes, o nosso apostolado peca por falta de desembaraço.

Contava um padre francês que um operário doente que andava, já há tempos, a procurar trazer ao bom caminho, acabou um dia por exclamar: — Mas, o sr. padre, é que o que está à espera para me confessar?!

Em todo o caso, muitas vezes não se perde por ir devagarinho...

Emquanto há vida há esperança, disse o doutor ao descer a escada de granito; mas eu devo dizer-lhe, sr. Ribeiro, que o estado de seu filho é muito melindroso. Tôda a cautela é pouca. Nada de visitas. Até logo.

O automóvel deslizou, dobrou uma esquina e sumiu-se.

O velho lavrador voltou para dentro e foi encontrar sua espôsa a chorar.

Uma idéia a preocupava: fazer com que o filho recebesse os sacramentos.

¿Como falar-lhe nisso? Desde que fôra para Coimbra, poucas vezes se tinha confessado, e os pais desconfiavam mesmo que êle tivesse perdido a fé no sacramento da penitência.

—Não se lhe pode falar nêsse assunto, dizia o sr. Ribeiro. Tu bem vês os nervos dêle, e aquêle coração, no dizer do médico, pode falhar à menor emoção. Vê bem, falar-lhe em confissão é abreviar-lhe a vida.

—Tenho um pensar diverso do teu, Francisco. O nosso António é um crente. Pode ter-se descuidado por influência dos companheiros, mas não desgostaria de se confessar, e até, (quem sabe?) ficaria mais tranquilo e aliviado.

—Em todo o caso, falar nêsse assunto ao António, é dar-lhe a conhecer que o seu estado é grave. ¿E não te parece que vale mais deixá-lo na ilusão de que vai melhorar?

—Eu fico na minha: a confissão seria um alívio para o rapaz.

—Seria, remateu Francisco Ribeiro com energia, mas hoje, de modo nenhum. Amanhã veremos.

A pobre senhora foi até ao quarto do filho, que teve para ela um sorriso contrafeito. E nêste sorriso adivinhou o coração da mãi o que na alma do filho se passava. António conhecia perfeitamente o perigo em que se encontrava; bem via a gravidade do seu mal. Mas era filhó único; os pais estremeciam-no. E o bom do filho, julgando que êles o não sabiam tão mal, queria prolongar-lhes o mais possível a esperança de o salvarem.

Por isso não se queixava, e respondia que estava um pouco melhor, e procurava sorrir.

Lá por dentro uma idéia o torturava. Queria confessar-se, receber a sagrada comunhão. ¿Mas como? Se falasse nisso aos pais, pensava êle, talveg os assustasse. E, no silêncio do seu coração ia pedindo ao Senhor lhe valesse naquela dificuldade.

A mãi tinha lido tudo isso no rôsto do filho, e estava perplexa perante a recusa formal de Francisco Ribeiro, homem bom e cristão, mas enfermo do velho preconceito de a confissão fazer mal aos doentes.

E assim viviam aquelas almas, a da mãi e a do filho, querendo ambas a mesma coisa, mas sem ousarem descobrir uma a outra o seu desejo.

Ouviu-se um toque já conhecido na campainha. Mãi e filho mais uma vez tiveram o mesmo pensamento.

Era o sr. Prior que chegava. Precisava dos bois da quinta para transportar uma dúzia de tábuas para as obras da igreja, e vinha ter com o sr. Ribeiro. Preguntando pelo Antoninho, quis vê-lo. O sr. Ribeiro tinha saído para a quinta. Boa ocasião, pensou a mãi, emquanto lançava um olhar de súplica à imagem da Virgem, suspensa na parede.

—Minha mãi, disse o António, vem aí o sr. Prior, aproveito a ocasião. Já me não confesso há tanto tempo! Deite-me a sua bênção.

—Deus te abençoe, meu filho.

Beijou-o na fronte e saiu a ocultar as lágrimas.

Ao outro dia de manhã o povo cantava o Benedito pela rua da igreja, e daí a pouco o Antoninho recebia comovidamente o corpo de Cristo, a quem generosamente se entregava de alma e corpo.

Depois da primeira comunhão, era o dia mais feliz da sua vida.

Augusto Nunes Pereira

ACÇÃO CATÓLICA

O Arado

Orgão mensal da J. A. C.

Todos por cada um e Cada um por todos

Redacção: Campo dos Mártires da Pátria, 43 — LISBOA-N.

O nosso jornalzinho

Pobrezinho ainda, aparece pela primeira vez o jornalzito jacista. Mas, a-pesar-do pobre, ainda há-de ser um dia o grande animador do poderoso movimento agrícola cristão, dêste movimento de Acção Católica que há-de fazer da classe agrícola, uma classe, unida, forte, instruída e cristã.

Classe unida! que saudades daqueles tempos, em que a gente dos campos vivia unida cristãmente, como irmãos se ajudavam e mùtuamente se amparavam nas horas difíceis de sofrimento moral e material! Ainda hoje se vêem, aqui e além, restos dessa vida cristã, modelarmente cristã, que era o nosso amparo e a maior alegria da vida agrícola.

Hoje, como é diferente tudo! A desconfiança, o egoísmo, os ódios, separam e dividem os lavradores. Parece que já não são irmãos. Parece que a vida cristã, a verdadeira vida cristã já não é conhecida nos nossos campos. Unamo-nos, jovens lavradores, jovens trabalhadores da terra, para restaurarmos nas nossas famílias a verdadeira vida cristã, a vida prègada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Classe forte! A população agrícola do nosso país é a mais numerosa de tôdas. E, porém, a mais fraca, a mais abandonada. Porquê? Porque não há união cristã, porque não há colaboração de todos. Lembrai-vos da parábola dos vimes.

Emquanto estiverem juntos, não houve poder nenhum que fôsse capaz de os quebrar. Uma vez separados, até um moribundo os pode partir em pedaços. Sem organização não pode haver fôrça. Na reconquista das massas agrícolas para Cristo, é necessário, sobretudo, que tenhamos fôrça.

Classe instruída! Como seria diferente a vida do campo, a nossa própria vida nacional, se a classe agrícola fôsse verdadeiramente instruída! A ignorância, a que ainda hoje está presa a maioria dos agricultores, é uma das maiores dificuldades à expansão da vida cristã nos meios agrícolas. A instrução é irradiação da Sabedoria Divina. Uma classe instruída é mais fácil de dirigir e de conquistar.

Classe cristã! Acima de tudo o Jacismo há-de fazer da classe agrícola uma classe cristã!

Quando todos os jovens agricultores compreenderem a sublimidade da vida cristã, quando um dia aquêles que ainda vivem afastados da Igreja, compreenderem que só na religião católica encontrarão a verdadeira felicidade, tanto moral, como espiritual, então a classe agrícola será uma das mais elevadas e das mais prósperas de Portugal.

* * *

O nosso jornal, jacistas, aparece para isto, para tudo isto. Não reparei na sua modéstia, nem na sua pobreza. Êle quere irmanar-se convosco, sentir e viver a vossa vida de trabalho e de sofrimento, para vos elevar, para santificar a vossa vida, para a tornar digna da nobreza da vossa profissão.

Lede-o! Meditai-o! E tende confiança nêle.

O movimento agrícola no mundo

O movimento de Acção Católica nos meios agrícolas está hoje espalhado por todo o mundo. Na maior parte dos países da Europa tem-se trabalhado afincadamente na organização dos jóvens agricultores, para que a vida religiosa nos campos se intensifique e alcance aquêle fervor que foi uma das suas maiores glórias no passado.

A vida corrompida das cidades tem arrastado para a perdição muitos jovens das aldeias que, atraídos pela vida movimentada dos grandes centros, se deixam dominar pelos aparentes encantos daquela vida mundana e fogem para as cidades.

Por outro lado, os maus exemplos levados às aldeias pelos veraneantes da cidade, corrompem também os meios agrícolas.

Urge pôr um dique a esta torrente de mal.

Que as classes altas profundamente minadas e desmoralizadas se percam, a culpa é delas. Mas, se se perderem, se recusarem regenerar-se, que se percam sòzinhas. A barreira a opor aos maus exemplos vindos das cidades tem de ser alta e forte.

As aldeias têm de ser inundadas, se queremos salvar ainda a civilização cristã.

Não foram as virtudes do povo, do bom povo dos campos e já estariam as nações há muito perdidas.

Por isso o Jacismo é olhado com especial carinho por todos os que se interessam pela prosperidade espiritual e mesmo material das Nações.

Trabalha-se, por tôda a parte, com afinco no Jacismo. Porque não havemos de trabalhar também nós?

Rapazes, avante! Uni-vos à volta dos vossos párocos para vos salvardes e salvardes os vossos companheiros. Tereis assim, talvez, salvado o mundo!

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se êles as não trazem, é porque não lhas pedem.

Respeitemo-nos

Terá a Igreja necessidade de vós, rapazes? Tem! Se não tivesse, não procuraria reünir numa organização os melhores dentre vós.

A Igreja tem necessidade de vós para que A ajudeis a conquistar as almas dos vossos companheiros de trabalho.

Mas podereis fazer qualquer coisa, tornar-vos úteis? Podeis.

Mas não sereis vós demasiado rudes, pertencentes a uma classe demasiado baixa? Não!

Não vos deixeis vencer pelo desânimo. Vós podeis fazer muito. Vós pertenceis a uma das mais nobres classes de homens.

A primeira condição para que vos possais tornar úteis, é ter confiança em vós mesmos.

Confiança em vós, porque sois homens, dotados de uma alma imortal e inteligente, remidos com o Sangue de Cristo e destinados à glória imortal do Céu.

Confiança em vós mesmos, porque pertenceis a uma das classes mais necessárias ao mundo, a uma classe que N. Senhor Jesus Cristo não se cansou de honrar, durante a Sua vida no mundo.

É ao produto das vossas mãos que o mundo deve a sua vida: o pão, o vinho, a roupa. Sem vós, morreria. Vêde, agricultores, trabalhadores da terra, quão nobre é a vossa missão neste mundo. Colaborais com Deus, na sustentação dos homens. Classe humilde, classe baixa, vós? Não, mil vezes não!

É ao produto das vossas mãos — o pão e o vinho — que N. Senhor foi buscar a matéria que transforma, por intermédio dos Sacerdotes, no Seu Corpo e no Seu Sangue. Classe baixa a vossa? Não, mil vezes não!

Se Jesus Cristo quis ser operário e não agricultor, nem por isso deixou de honrar a profissão agrícola, como não honrou nenhuma outra.

Foi à vida dos campos, à vossa vida, que Êle foi buscar os exemplos para as Suas divinas Parábolas, para a exposição da Sua própria Doutrina: «Meu Pai é um lavrador. Eu sou a videira e vós sois os ramos». As searas, as vinhas, o trigo, os celeiros, tôda, emfim, que se prende com a vida dos campos, as próprias ervas dos montes, serviram de exemplos à prègação de N. Senhor.

Nenhuma outra classe prendeu a atenção do Divino Mestre, como a classe agrícola.

Nem a Sua própria classe operária mereceu ter as honras que teve a vossa, rapazes dos campos.

Classe humilde, classe baixa, a vossa? Não, mil vezes não!

Aprendei nestes exemplos a respeitar a vossa tão nobre profissão. Aprendei a terdes orgulho de serdes trabalhadores da terra e, pouco a pouco, começareis a compreender que o vosso destino no mundo é grande, é muito grande.

E assim começareis a ganhar amor ao vosso trabalho, à vossa profissão. E assim começareis a compreender que podeis fazer muito pela Igreja, pelo triunfo de N. Senhor no mundo.

E quando um dia, reconhecendo a vossa dignidade e grandeza, vos respeitardes a vós mesmos, vós tereis preparado para a vossa profissão um futuro risonho.

A situação em que viveis de verdadeira inferioridade desaparecerá e será substituída por uma era de prosperidade, de felicidade e de virtude.

Respeitai-vos, portanto, queridos Jacistas. Sêde dignos da vossa nobre missão na terra. Tornai-vos dignos dos caminhos com que N. Senhor honrou a vida dos campos. Ter-vos-eis assim preparado para serdes dignos do glorioso nome de Jacistas e de Apóstolos do Evangelho.

REZAI

Nós não somos animais. Temos uma alma resgatada por Cristo que é destinada a ir para o Céu.

A Deus devemos tudo! O sol que permite as sementeiras lançadas à terra, a chuva que fecunda as sementeiras, a saúde que nos permite trabalhar, até os nossos próprios campos.

Por isso a Deus devemos honrar.

Rezemos!

Para agradecer os benefícios recebidos. Para pedir maiores benefícios ainda.

Não vos envergonheis de rezar, rapazes Jacistas. Quantos não entram em casa só depois de a mãi ter rezado o têrço com os mais miúdos!... Então os miúdos precisam de rezar, êles que são inocentes e vós que — sabe Deus! — sois não precisais?

Também os bois e os carneiros não rezam.

Não queirais assemelhar-vos a êles.

Rezai!

A CULPA

Tudo vai mal! O pão está barato, o vinho não se vende, os adubos custam caro, as contribuições pesadas, etc. etc. Isto vai mal!

E vai. Mas isto vai mal, há dez anos, há vinte anos, há cinquenta anos, há um século.

E há mais de um século continuam os queixumes. Todos atiram as culpas para cima dos outros. O Govêrno devia ajudar-nos; as contribuições deviam ser mais baratas; os preços da venda deviam ser regulados; o comércio devia ter uma tabela, etc. etc.

Isto vai mal! A culpa é dos outros.

Pois eu, queridos rapazes, não vos dou razão. A culpa nem é do Govêrno, nem dos comerciantes, nem dos outros. A culpa é nossa e só nossa. Olhai; em lugar de atirardes as culpas para cima dos outros, em lugar de vos pordes à espera de que os outros vos venham ajudar, uni-vos.

Se não vos salvardes vós mesmos, ninguém vos poderá salvar!

Uni-vos! Organizai-vos!

Quando a agricultura de todo o país estiver unida, quem poderá evitar o vosso triunfo!

Procurai primeiro o reino de Deus e tudo o resto virá com êle.

Organizai-vos na JAC e vereis que tudo começa a melhorar. Até o pão será vendido mais caro e o vinho dará mais dinheiro.

Porquê? Porque se estiverdes unidos todos, como um só homem, vós mandareis.

Não vos parece que tenho razão?

Ora deixai-vos de lamúrias e toca a trabalhar na organização.

Tomai como lema: *nem um só dos meus companheiros deixará de pertencer à JAC».*

E eu aposto, dobrado contra singelo, que daqui a alguns anos, até o pão vos dará mais dinheiro.

Valeu?

Colaboradores

Todos aquêles que desejarem colaborar em «O Arado», órgão mensal da Juventude Agrícola Católica, podem dirigir os seus artigos para a nossa Redacção — Campo dos Mártires da Pátria, 43, Lisboa-N.

Como o espaço é pequeno, pedimos que os artigos sejam também pequenos.

Muito gostaríamos de receber artigos, embora mal feitos, dos nossos queridos jacistas. Que os vão mandando. Nós faremos aqui como se faz às videiras. Quando tiverem letras de mais, podá-los-emos, para ficar mais proveitoso.

Jacistas, não tenhais mêdo. Escrevei uns artiguitos.

«O Arado» é para vós que sabeis manejar com êle. Vamos! Ponde as mãos nas rabiças e toca a lavrar as almas.

O Jacismo

O que é o jacismo ou a JAC?

Quantos de vós que me ledes não ficareis de bôca aberta, como um boi a olhar para um palácio, sem saber do que se trata! Mas eu explico.

O Jacismo ou a J. A. C. é uma organização de rapazes dos campos, católicos, que se juntam para aprenderem a ser bons trabalhadores e para conquistar para a Igreja os companheiros que não cumprem ou cumprem mal os seus deveres de cristãos.

A palavra JAC é composta com as iniciais das três palavras: Juventude Agrária Católica. E, quando, àquela palavra juntamos o sufixo «ismo», temos esta outra palavra «Jacismo» que vem a ser o mesmo que JAC.

Pois a JAC é um dos ramos da Juventude Católica. Nesta temos: os agricultores (JAC), os estudantes (JEC); os ricos, isto é, os que têm vida independente (JIC); os operários (JOC) e os estudantes das universidades (JUC). Todos êstes ramos formam a Juventude Católica.

Portanto, não estais sós no movimento de Acção Católica entre os rapazes. Vós estais encarregados da conquista na vossa classe. Quereis ficar atrás?

Pelo contrário, marchai à frente!